AGOSTO 18. 1849. NUMERO 3.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Publica-se hs todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, nos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 3; e Carvalho ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 430. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 40 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

EDUCAÇÃO.

A educação dos adolescentes é um dos principaes objectos que deve chamar a attenção do Governo, e de todos aquelles em quem pesar tão alta responsabilidade. Paes, parentes, amigos, ou tutores, olhae bem para os meios que é mister empregar, para formar o espirito dos vossos menores. A's mães, ás mães cumpre em primeiro logar o desempenho de tão sagrado, e gostoso dever.

Desde a infancia deve começar-se a formar o espirito, e elevar-se este á medida que o corpo vae crescendo; não obrigando a estudos improprios dos primeiros annos; mas com o exemplo, com a palavra, com suaves contos moraes que as creanças entendam; e se for compativel com as vossas forças physicas, principiae a dispôr o animo de vossos filhos nutrindo-os no seio materno, com o doce alimento que a provida natureza vos confiou; para que elles comecem a amar em vós não só aquelle ente em cujas entranhas habitaram (o que é nada quando a mãe depois deste acto involuntario, e forçoso, esquece, e abandona os deveres de mãe) mas a sua bemfeitora, a sua mais terna, mais verdadeira amiga!

Não concedendo mesmo que o leite influa no espirito, não haverá quem duvide do quanto influe no physico; e que os filhos creados por suas mães, não só as estimam com muito mais extremo, mas não participam de estranhos humores, o que muitas vezes, é causa de futuros damnos de saude; sendo certo que por mais debil que seja a mãe, dá melhor creação a seu filho do que uma ama.

Poderiamos a este respeito citar muitos exemplos; mas contentar-me-hei de referir alguns mais recentes, nomeando pessoas assás conhecidas, e respeitaveis, e que honram a natureza em tempos em que na maioria as Senhoras parece que se envergonham de saber ser mães; creando seus filhos, o que a seu vêr lhes desarranja os enfeites, e as incommoda roubando-lhes o descanço do somno, que não querem interrompido com os cuidados em seus filhos, nem privar-se dos divertimentos; e não conhecem ellas que nunca uma esposa é mais interessante nos olhos de seu esposo do que quando ella tem ao peito o fructo de seus amores, nutrindo-o com o mesmo sangue com que foi gerado, e dando-lhe uma prova indubitavel da sua virtude, e do affecto que tem ao filho, e ao páe, não consentindo que outrem guarde o

precioso deposito que Deos lhe confiou!

Exceptuamos aquellas Damas que tendo alhàs as mais distinctas virtudes ou não tem forças para crear seus filhos, e em tal caso primeiro está a vida de uma boa mãi, ou não tem tempo, porque occupe logo; culpamos sómente aquellas que por *moda*, ou *grandeza* entendem o não dar de mamar a seus filhos.

Nomearemos pois as Ex.mas Condessa de Tavarede, e Viscondessa da Ponte da Barca, jovens, delicadas, ricas e nobres. Estas duas Senhoras dotadas das mais sublimes virtudes honram o nosso sexo! Interessantes e formosas, ellas ainda se tornaram mais dignas da adoração de seus consortes, e da estima e respeito de todos, creando a seus peitos, e com o maior desvello os seus filhos!

Tivemos a ventura de conhecer, e estimar a Viscondessa da Ponte da Barca, ainda antes d'ella casar; era uma joven de uma compleição a mais delicada e nervosa; soffria tanto que esteve por vezes á morte, tratada pelo Ill.mo Sr. Antonio Henriques da Silveira, sabio facultativo assás conhecido, e que póde attestar por verdadeiro este facto: casou esta Senhora, e tendo uma menina esteve no maior perigo de vida n'aquelle difficil trance; escapando em fim á morte, teve a coragem de crear a sua menina! Tremeu o honrado e extremoso consorte, a sua terna mãi, carinhosas irmãs, e as suas amigas!.. Tremeram todos que a estimavam, e julgaram vêl-a succumbir! Mas o que succedeu? Um milagre da natureza, que parece quiz premiar tão virtuosa acção! A filha creou-se forte e perfeita; a mãe ficou desfructando a mais vigorosa saude. A condessa de Tavarede, filha do nobre Duque de Saldanha, teve o seu primogenito; seu desvellado esposo, seu extremoso páe, sua carinhosa mãe, e todos os que a amavam desejaram poupar-lhe os incommodos, e a saude, mas esta joven que tantas graças em si reune, que havia adquirido o nome de filha exemplar, tambem quiz tornar-se digna do nome de uma verdadeira mãe; animou-se e se resolveu a crear o seu filho, que é um robustissimo infante!

O desenho, a musica, o bordado, artes que primorosamente exercia, os seus innocentes divertimentos, foram substituidos pelo extremoso cuidado em crear o seu filhinho, que ella trata e pensa com o maior interesse!

As senhoras estrangeiras eriam todas os seus filhos; e nós tivemos uma Infanta, a Senhora D. Maria Isabel, Rainha de Hespanha, que deu de mamar a sua filha, e filha de Fernando 7.º — não obstante ser uma senhora que soffria terriveis accidentes, de que morreu.

Desejariamos ter noticia de outras Damas na classe mais nobre que servissem de exemplo; mas citamos duas que muito de perto conhecemos, e que devem ser modello das outras mães da sua jerarchia; porque na classe menos distincta em nascimento muitas mães virtuosas temos que não criam seus filhos, como erradamente se crê só por habito, ou precisão, mas por amor, por virtude; pois até nas classes mais infimas vêmos grassar a mania de darem os filhos a crear para se livrarem de incommodos!

As creanças creadas e educadas por suas mães attendem suas palavras como evangelicas; e assim começamos nós a fazel-os amar a virtude, e detestar o vicio.

Até aos sete annos estão os meninos unicamente ao nosso cuidado: convém mesmo tratal-os como meninas; isto é, com o mesmo recato, as mesmas leis de honestidade, e modestia. D'alli em diante, sem que jámais desviemos d'elles a nossa attenção, façamos boa escolha de mestres a quem os entregaremos para aperfeiçoar o espirito, que felizmente bem disposto abraçará facilmente os dictames da sãa moral.

Os nossos jovens portuguezes tem

as melhores escolas, e meios de obterem uma educação illustrada; nos primeiros annos do systema liberal, tinhamos a sentir um quasi abandono de religião nos collegios; mas dolorosa experiencia tem mostrado o quanto a Religião é precisa, e conveniente a todos os governos, e que sem este poderoso vinculo não póde haver sociedade. Hoje nos collegios começa a usar-se livros moraes, e religiosos: quizeramos ainda vêr mais!

Viamos outr'ora subir os mais elevados postos militares, e logares de alta consideração, e responsabilidade homens que em vez de ler soletravam e mal sabiam formar a tosca, e ininelligivel assignatura; de modo que eram obrigados a depender sempre ou de um sargento, ou de outro que estivesse debaixo da sua jurisdicção, para preencher o seu logar! Que horrores não praticaria um homem sem conhecimentos e com podêr, se uma força occulta e superior o não contivesse? E que força era esta? Era a Religião que seus paes lhe ensinavam; era essa religião que elles aprendiam com seus mestres pouco illustrados, porém homens moraes.

Illustrem-se pois os homens para brilhar na sociedade; moralizem-se pois os homens para honrar e felicitar a sociedade; e moral sem Religião é zero.

Sentimos por tanto que se houvesse tirado do Collegio Militar, por exemplo, o Cathecismo, o Velho e Novo Testamento, etc., que nos primeiros estudos ensinavam os meninos a conhecer e amar a Religião que professam, e que em sua bandeira juram, e devem defender; e os livros de Religião não se reformam; devem ser os mesmos sempre.

Dado pois que se aperfeiçôe nos collegios a moral um pouco mais, e se illustre a mocidade no conhecimento da verdadeira crença, não teremos mais a desejar ácerca da educação de nossos jovens patricios.

Vamos pois á classe ainda esquecida!.. abandonada!.. As meninas!..

Longo tem sido este discurso; longo será aquelle que tratar de tão melindroso assumpto: reservamol-o para outro numero.

Dos Attributos de Deos.

Deos é Ente perfeitissimo.

Logo que Deos é Ente perfeitissimo, segue-se necessariamente que não é ente composto, mas ente simples.

Porque se fosse composto, as partes de que elle fosse composto necessariamente existiriam primeiro que elle, e assim teria Deos principio de sua existencia, e não existiria por si mesmo.

Como é Ente simples, não póde ser corpo, porque tudo o que é corpo não póde existir sem partes, e extensão.

Logo é espirito.

Como é espirito, é substancia intelligente.

Como é ente perfeitissimo, é infinitamente intelligente, sapientissimo, poderoso, previsto, justo, misericordioso, senhor de sua vontade, verdadeiro, e bom.

Como Deos existe por si mesmo, necessariamente é eterno, e independente.

Como não póde augmentar, ou diminuir, é infinito.

Como é infinito, segue-se que é incomprehensivel, immenso, e só um.

Como Deus é infinito, nossa alma limitada, não o póde comprehender. Logo é incomprehensivel.

E por ser infinito não tem limites. Logo é immenso.

E como não tem limites. Logo Deos é um só.

J. R. de Figueiredo.

DOIS MYSTERIOS.

ROMANCE.

O CANTO NOCTURNO.

A sombra amena de uma noite do outono do anno de 1835 abrangia a nobre e opulenta cidade de Lisboa. O ceo offerecia a nossos olhos o quadro maravilhoso da immensidade dos planetas, e estrellas fixas que douram seu lustroso manto azul! Uma suave brisa agitava brandamente os arvoredos, e extrahia das flôres o precioso atôma com que perfumava a terra! Nem uma nuvem offusca o firmamento!

O sino do Convento Novo do SS. Coração

de Jesus annuncia aos mortaes que a noite ha tocado em meio do seu gyro!

O ruido das seges, o trotar dos cavallos cessou! Cessou tambem a funebre vista dos finados cujos restos vão descançar no campo dos Prazeres, e que de continuo entristecem aquelles logares, levando aos vivos a memoria fatal do seu inevitavel termo! Só de quando em quando as aves nocturnas cruzando o cemiterio dos inglezes, a grimpa das torres, e as ruinas do zimborio do Convento, com seus descompassados pios despertavam os échos da solidão!.. Mas não eram só os échos funebres das aves da morte que interrompiam aquelle magestoso silencio! Um som menos rouco, um som triste, mas tão pungente, e interessante parecia commover os rochedos!.. Os échos o repetiam claro, intelligivel quanto ás vozes, quanto ao sentir mysterioso!.. Eu o ouvi, e o interesse que em minha alma despertou moveu o ardente desejo de sondar um arcano talvez impenetravel!

A voz de uma infeliz mulher se ouvia interrompida por intimos ais!

Entoava uma canção harmoniosa onde a paixão respirava com toda a sua força!

A pequena distancia da praça do Convento Novo do SS. Coração de Jesus (vulgò largo da Estrella) era situada uma simples casa cuja apparencia não chamava a attenção do caminhante, mas onde a imaginação do poeta attentára se antever podesse o quadro interessante que alli se offerecia!

Uma fraca luz tremulando deixava perceber atravez de uma janella meia aberta a cantora nocturna, e mysteriosa.

Era uma Senhora ainda jovem, ao que parecia, de fórma regular, cujas feições não pude differençar; mas de côr alva, e cabellos pretos.

Assentada junto de uma banca aonde tinha um tinteiro, papeis, e alguns livros, ella reclinava a face consternada em uma das mãos, e cantava com musica sentimental os versos que pude decorar, porque mais de uma vez os ouvi, pronunciados com a verdadeira expressão do amor, e da afflicção! Eil-os:

Quando no roxo horizonte
Nivea aurora despontar,
E o meigo canto das aves
Do somno te despertar;
Lembra-te que á mesma hora
Pensa em ti quem mais te adora!

Quando a planicie gyrares,
Quando subires ao monte,
Essa brisa que sentires
Volticar-te a airosa fronte,
Vâe levar-te um pensamento,
Despertar-te um sentimento!

Quando o perfume gozares
D'esse espinhoso rosal,
No botão que desabroxa
Vê retratado o meu mal!..
Um sentimento a florir....
Os receios a pungir!..

E quando mais pensativo
Buscares a solidão,
Quando ás alturas levares
A voz, a imaginação;
Lá no espaço has de encontrar
Meu pensamento a gyrar!

O canto que aos ceos ergueres,
Que os Anjos hão de entoar;
Inda que a amor não votares,
Ha de sempre amor soar...
Guarda então viva lembrança
De quem te ama, e sem esp'rança!..

Sem esp'rança, e sem ventura!..
Que em silencio ha de carpir
Um amor, o amor mais puro
Que o mortal póde sentir!
Triste amor que só respira
Quando geme ao som da lyra!

Quem será a desgraçada, e extraordinaria mulher que assim canta, que assim ama?! Quem será o objecto de tão singular paixão? Ainda ha uma que sacrifique o coração a um dever! E que dever poderá subjugar a força de um amor tão poderoso qual em seus versos descanta! Nada sei, e a minha curiosidade pela primeira vez se desenvolveu. Protestei indagar quem era a infeliz que habitava aquella casa.

Seus olhos se inundaram de lagrimas que não vi correr, mas que vi enxugar.

A aurora assomava no horizonte pura, e risonha. Os innocentes passarinhos já saiam de seus ninhos trinando saudações ao dia, quando a triste Dama se apercebeu que a noite em suas sombras deixava de a proteger; que forçoso era suffocar no peito a sua magoa, o seu amor que só ás trevas confiava, e que as trevas me revelaram!

Ergueu-se, fechou a janella, e eu tomando bem sentido na casa, me retirei dizendo a sós: Quem será o objecto de suas affeições! Conhecel-o-hei? Talvez!..

(*Continúa.*)

D. A. G. Pusich.

POESIA.

Ha males que vem por bens!

Noite medonha circumda
A nobre, altiva Lisboa!
Acorda o Tejo bramindo!
Negra tempestade sôa!
Nem uma estrella apparece;
E a humanidade emmudece!

Ninguem vaga pelas ruas,
Não pia o mocho agoureiro;
(Era no anno trinta e sete,
Era no mez de Janeiro)
Toca da manhã um'hora,
E a tormenta não minora!

Eis de nocturna assembléa
Nobre Cortezão saía;
Ao sair, sente um gemido
Que sepulchral parecia!
Horror lhe inspira, e ternura!
Incompr'ensivel mistura!

Tenta recuar; não póde!...
Um occulto sentimento
O punge; e escutar o obriga
Aquelle triste lamento.
Oh! divina Providencia,
Tu vélas pela innocencia!

Vai ver: a pouca distancia
Joven mulher baqueava!
Tentando erguer-se da terra
Debalde a triste luctava;
E em som cada vez mais terno
Implora o auxilio superno!

Ergue-a o Fidalgo, e a mesquinha
Lhe brada: » poupa-me a vida! »
Elle a socega; e nos braços
Conduzindo a desvalida,
Do palacio bate á porta:
Vem luzes... Deos!.. está morta!

Ao vêl-a assim o Fidalgo
Sentiu tão viva agonia,
Que por quem ha muito amára
Dôr maior não sentiria!
Em pranto amargo desfeito
Sai-lhe o coração do peito!

» Quem diria quanto soffro
» Por esta, que nem conheço!
» Nunca senti o que sinto!
» Deos!.. e immovel permaneço?..
» Soccorro vamos buscar-lhe;
» Talvez possa aproveitar-lhe! »

» Talvez um desmaio seja! »
Diz; e a toda a pressa vôa;
Em tal noite!.. e áquella hora
Busca um Medico em Lisboa!..
Todos se negam; sómente
Encontra um, pouco exp'riente.

Não ha muito se formára;
Era joven, e animoso;
Vai prompto; mas as pistollas
Levou, sempre cauteloso:
Adiantou-se o Cavalheiro,
E á porta chega primeiro.

Antes que esta se lhe abrisse
Sente um braço que o segura:
Volve, e encara um inimigo
Que a vida arrancar-lhe jura,
Pois o tinha perseguido
Por diff'renças de partido.

O golpe descarregava...
Eis o Doutor que o suspende!..
Assim livre o Cavalheiro
Do contrario se defende;
Este foge: elles bradaram;
E só rastos encontraram!

Os sentidos recobrado
Havia em tanto a Donzella:
Annos dezoito contava,
Era meiga, quanto bella;
Quem é teu páe! ella chora!..
» Nem páe, nem mãe tenho agora! »

Diz; e conta que nascêra
De uma Senhora mui nobre;
Mas honrando-lhe a memoria,
O nome seu não descobre,
Senão a quem a salvára;
E ao Cavalheiro o declara!..

Era filha do Fidalgo;
Filha que elle desprezára,
Porque o rito sacrosanto
O seu amor não c'roára!..
Esquece a propria nobreza,
Calca as leis da natureza!

A mãe era virtuosa,
Fraqueou porque era humana;
Por isso a vital carreira
Lhe acaba a dôr mais tyranna;
E em miserima orphandade
Deixa a filha em tenra idade.

Da mãe seguindo os dictames
A's sociedades fugia;
Mas de soccorros privada

Já na indigencia gemia;
Tanto és sup'rior, e cara,
Oh! virtude, quanto és rara!

Saira a pedir esmola,
Sem temer a tempestade!
Deos! a que excéssos obriga
A dura necessidade!
Mas caiu, pois sem alento
Não póde ter movimento.

Arrependido o Fidalgo,
Reconhece a cara filha;
Que da virtude o reflexo
N'aquelle peito inda brilha;
As sacras leis inda preza
Da moral, da natureza!

Mas quantos ha que ostentando
Vãos talentos, e opulencia,
Consentem que os filhos gemam
Entre as garras da indigencia!
Vís algozes da virtude,
Escravos do vicio rude!

Porém tanto elles conhecem
Sua condição damnada,
Que por isso a propria raça
Tem ao desprezo votada!..
Não se envergonha do crime
Quem dos deveres se exime!

Mas encontram quasi sempre
No seu delicto o castigo!..
No ser que á desgraça lançam
Dão o ser a um inimigo!..
Crime occulto o Omnipotente
Pune com braço evidente!

Maldição! desprezo aos ímpios!..
E vós ide prosperando
Páes, e amigos verdadeiros,
Da moral as leis honrando:
Sois dos homens tão queridos
Quanto do ceo protegidos.

D. A. G. Pusich.

AS CASTELLÃS DE ROUSSILLONT.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

A' entrada do Atrio, Galliot se apeou, e correu á segurar no estribo á condessa sua mulher, a qual avançou magestosamente por baixo do arco de triumpho, e se sentou sobre o pequeno throno de veludo encarnado, que lhe tinha sido preparado. Apenas tinha esta senhora viatê e seis annos, e com tudo parecia ter mais; sua physionomia era nobre e severa, o feitio do seu rosto era um perfeito oval, sua fronte larga, e pura, parecia feita para cingir o diadema, suas feições muito pronunciadas eram com tudo graciosas, ainda que o labio inferior pendesse de uma maneira pouco agradavel, o que junto aos sobrolhos demaziado espessos lhe davam um certo ar desdenhoso, e duro que nem seus dentes de uma alvura admiravel, e sua figura summamente bem talhada, eram capazes de compensar. Francisca Yzarn de Grezes, desde a manhã deste mesmo dia condessa de Rousillont de Biron pelo seu casamento com o joven Galliot, era unica herdeira do ramo primogenito da familia Yzarn cujo chefe tinha sido Pachá de tres caudas no reinado de Bajacet 2.º Trazia esta senhora em dote a seu marido, consideraveis riquezas, e uma reputação intacta.

Logo que ella se sentou, e que as damas, e donzellas que a acompanhavam tomaram os logares a seu lado, que lhe competiam, um mancebo, e uma joven cantaram alternadamente coplas de um epithalamio em lingua d'oc, repetindo o estribilho em coro todos os seus companheiros no fim Quando estes acabaram foram aos pés dos dois esposos depositar os presentes que traziam, e a chusma repetiu em altos gritos: « Viva o nosso bom senhor, longa vida e prosperidade á nossa condessa: » esta tirando então do seu cinto o bolsinho de veludo carmezim bordado de oiro que alli trazia seguro, lançou todo o seu contheudo a este povo, o qual redobrou suas acclamações. A este tempo Marçal por ordem de seu amo impôz silencio á multidão, e fez dar logar a um homem de pequena estatura vestido de preto, e tendo na cabeça um gorro da mesma côr, o qual subindo a um banco, e desenrolando vagarosamente um pergaminho, que lhe entregou o conde, leu com emphase o escripto, pelo qual, o mui alto, e mui poderoso senhor Galliot Vuchat de Biron, pela graça de Deos, conde de Rousillont, senhor de Bause e outros logares, pela occasião de seu consorcio com a muito alta, e muito graciosa Dona Francis-Yzarn de Grezes, sua muito amada Esposa, isemptava aos seus vassallos por um anno, do pagamento de todos os seus foros, censos, e direitos.

Apenas estas palavras se ouviram, gritos de alegria ressoaram com estrondo nos ares por toda a parte; todos forcejavam por se aproximarem do nobre conde, para lhe beijarem seus vestidos, e contemplarem seu meigo rosto. Os transportes desta pobre gente,

commoveram deliciosamente o coração de Gilliot; um raio de felicidade illuminou o seu semblante, elle pegou na mão de Francisca, e lha beijou. No mesmo instante, uma mulher alta, magra, e macilenta que ninguem até alli tinha visto (por ter estado acocorada a um canto do atilho), se apresentou repentinamente diante do conde, o qual empallideceu á sua vista, e deixou cair a mão que tinha apertada nas suas. O trajar desta mulher não era á feição do Querey, seu vestuario era celebre, e lugubre como a sua pessoa; ella fixou em Gilliot seu olhar firme, no qual se divisava ao mesmo tempo uma dôr profunda, e a vingança satisfeita.

(*Continúa.*)

D. Maria d'Arrabida da Costa Sousa e Macedo.

No seguinte n.º daremos ao Público uma noticia circumstanciada ácerca do auctor do Conto moral — *A Innocencia Triumphante* — que no presente publicamos; diremos agora sómente que é um joven de 14 para 15 annos, a quem infortunios politicos privaram dos meios de ter mais do que a instrucção primaria; mas cujo talento, e indole virtuosa dá as mais bem fundadas esperanças de grandes resultados.

A INNOCENCIA TRIUMPHANTE. [*]

(CONTO MORAL.)

—

A INVEJA.

Entre as notaveis, e mais nobres familias que em Portugal tem existido é contada a de Duarte de Lemos, já por seu elevado nascimento, e já por sua reconhecida honra, e capacidade. Este illustre mancebo era casado com D. Palmira d'Araujo, pertencente á familia em nada inferior á de Duarte, e tinham um unico filho, por nome Ernesto d'Araujo e Lemos. Desde que este nasceu sempre foi educado moralmente, e com os bons principios que seus avôs a seus pães haviam ensinado; e sempre o joven Ernesto, assim que foi tendo algum entendimento, teve a seu lado pessoas de probidade que o instruiam da maneira porque havia d'entrar no mundo, e de como se devia comportar em todos os sentidos com honra. Elle ia crescendo, e conhecia-se-lhe ser dotado dos melhores, e mais nobres sentimentos. Foi para um collegio que Duarte julgou ser conforme com os seus desejos, lá aprendeu os ensinos primarios, e quando os soube saiu delle, tendo então 15 annos completos.

Tinha Duarte de Lemos mui intima amizade com Guilherme de Menezes, pessoa igualmente de alta jerarchia, e dotado do maior saber. Guilherme ia amiudadas vezes visitar Duarte, e Duarte tambem muitas vezes ia visitar Guilherme. Este estimava o mais possivel Ernesto, e n'elle experimentava o maior talento, e que se fosse cultivado viria a produzir para o futuro um litterato como poucos o igualassem. Vendo Guilherme que Ernesto saira do collegio, por ter completado o fim para que entrára que foi aprender as principaes cousas que o homem deve saber, e vendo quanto elle desejava applicar-se n'aquelle ramo, para que elle Guilherme se havia inclinado, n'isto pensou com attenção, e foi fallar ao seu amigo Duarte, e lhe disse da maneira seguinte.

— Meu amigo, vosso filho no estado de estudos em que se acha, dizei-me, que tenção tendes agora a seu respeito?

Duarte respondeu-lhe:

— Tenciono com os principios que já tem, applical-o no ramo de que elle mais gosta, uma vez que eu veja que poderá dar-lhe aquelle rendimento que preciso é.

— Então qual é esse ramo no qual vosso filho é inclinado?

— Ao mesmo que vós sois.

— A' Litteratura?

— Sim, Senhor.

— E vós estaes disposto a que elle siga essa carreira?

— E que conselho me daes, que approve ou não a vontade que elle disso tem?

Guilherme considerou um pouco e depois disse.

— O que vos dou de parecer é que approveis, e que desde já o encaminheis em tão brilhante carreira. Para este fim é applical-o aos estudos convenientes, e eu offereço-me, se da vossa vontade for, a instruil-o, indo para minha casa ás horas que lhe não for necessario estudar, e eu mesmo o poderei ensinar em varias cousas sem que despendaes.

Duarte ouvindo o modo de pensar de Guilherme lhe respondeu:

— Pois meu caro amigo, visto o que me dizeis, delibero-me a applicar Ernesto, e então utilizo-me do vosso offerecimento, que muito vos agradeço.

— Então, amigo Duarte, quando quizerdes, estou ás vossas ordens.

D. Palmira que tambem se achava presen-

(*) O inventor d'este limitado conto, pede uma desculpa geral da fraqueza de seu talento, mas pretende de mostrar ao público que nada copiou de obra alguma, nem consultou outra cousa mais do que a sua imaginação, e por isso espera ser desculpado, e porque mais não permitte a sua idade de 14 annos.

te agradeceu summamente a Guilherme o seu offerecimento, e Guilherme estando mais um bocado na companhia delles, se retirou.

Guilherme era viuvo ha annos bastantes, e tinha um unico filho de idade de 20 annos, porém este tinha sido creado d'uma maneira muito differente d'aquella que Duarte creou o seu; Frederico (este era o nome do filho de Guilherme) havia perdido a mãe desde tenra idade, e seu pae não póde tirar d'elle partido algum, apezar dos mais energicos meios que empregára. Frederico chegou a estes annos com sentimentos nada agradaveis, e que bem desgostavam Guilherme, o qual fatigado de seus inuteis exforsos havia quasi abandonado suas pertenções ácerca dos progressos litterarios de seu filho.

Na tarde em que Guilherme tinha saído para casa de Duarte, e em que houve esta conversa, ficou Frederico em casa, e quando Guilherme veio lhe perguntou:

— Esteve em casa de Duarte de Lemos?

— De lá venho.

Tornou a perguntar-lhe Frederico:

— Como está elle, e a familia?

Guilherme respondeu-lhe com a maior sinceridade

— Estão bons, e segundo a conversa que lá tivemos, vou eu agora auxiliar Ernesto para que elle trilhe a carreira litteraria, do que mostra ter grandes desejos.

(*Continúa.*)

José Geraldes d'Almeida Pinto de Queiroz.

CHARADAS.

No regato — 1
Na pintura — 1
Sentimento
De alma dura. } Todo.

N.

O melhor é o do campo 1
Gozando-o sem te sentir. 1
O todo sinto no peito,
E' de amor... não sei mentir.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE D. MARIA II.

Domingo 19 do corrente — O Templo de Salomão.

THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO.

Sabbado 18 de Agosto, em beneficio de Rosalina Cassano. A 1.ª representação da comedia em 1 acto — O Granadeiro Prussiano — ornada de musica: composição do Sr. Casimiro Junior. — A Walia — Romance em francez, cantado pela Beneficiada. — A' Porta da Rua — comedia em 1 acto. — A Aria do Dominó — pela Beneficiada. — A Bofetada — comedia em 1 acto.

Domingo 19, o mesmo espectaculo.

Publicações Litterarias.

Publicou se a allocução do SS. Padre o Papa Pio IX, no Consistorio secreto celebrado em Gaeta. — Traducção de M. J. Cabral. — Vende-se na loja de Lavado, Rua Augusta n.º 8.

O Crime, ou Vinte annos de remorsos — Drama original portuguez por J. M. Affonso; approvado pelo Conservatorio. — 8.º br. 360 rs.

Ramalhete de Anecdotas e Bernardices, epitaphios, letreiros celebres, charadas, rasticos, ditos galantes, tiroteios, epigrammas, etc. — 8.º br. 100 rs.

O Livro dos Sonhos, ou explicação clara e facil das visões e inspirações nocturnas; segundo os mais famosos cabalistas, gregos, arabes, egypcios, e persas. — 8.º br. 120 rs.

A Filha da Charidade, romance original portuguez, por J. J. de S. Telles; ornado com duas lindas estampas. — 2 vol. 8.º br. 960 rs.

Vendem-se na Rua Augusta n.os 1, 2, 3, 37 A, e 183.

Explicação da Charada do n.º antecedente.

Torcato.

Annuncio.

Na Travessa do Rosario, ao chafariz da Alegria n.º 24 se diz quem faz os seguintes negocios: — Emprestimos sobre predios rusticos, e urbanos, e sobre toda a qualidade de penhores de valor conhecido, desde menores até maiores quantias. — Adiantamentos de rendas certas — Descontos de Letras de firmas acreditadas — Adiantamentos de juros de inscripções, e apolices — e finalmente ha quem se encarregue de demandas. Todos os dias das 8 ás 9 horas da manhãa, e das 3 e meia da tarde em diante se achará alli pessoa para tratar destes negocios.

Na Typ. de C. M. Martins,
Rua dos Capellistas n.º 62, 1.º andar.

1195

AGOSTO 25. 1849. NUMERO 4.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar se ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 81; e Carvalho ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1$760. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

EDUCAÇÃO.

Em o nosso número antecedente tratámos em geral d'este importante assumpto; hoje occupar-nos-hemos particularmente da educação das meninas.

Dissémos que os collegios de instrucção de nossos jovens patricios haviam melhorado consideravelmente, e que admittindo mais algum estudo de religião, e moral, não tinhamos mais a desejar ácerca da instrucção dos meninos; e dissémos tambem que lamentavamos que se houvesse tirado do Collegio Militar, por exemplo, o Catheciamo, e o Velho e Novo Testamento. Melhor informadas sabemos hoje que o Catheciamo não se tirou, e que o Velho e Novo Testamento se acha substituido pela selecta. Estamos pois de acôrdo, e entendemos que em presença de livros tão escolhidos, e tão benemeritos superiores que dirigem aquelle estabelecimento, os nossos jovens militares devem unir á illustração a moral, e honrar a classe a que vão pertencer.

Os mestres são igualmente muito escolhidos, e capazes. Nos outros collegios do Estado, e ainda nas escolas particulares igual esmero se vae tendo com a instrucção dos meninos, e honra seja feita aos professores, e directores d'esses collegios. Mas as meninas!.. As meninas imploram a attenção do governo, e de todas as pessoas que nutrem sentimentos de humanidade, e desejos de ver prosperar a sua patria!

Quando trato da educação das meninas, entenda-se que é relativamente ás de uma classe media, ou inferior, que são as que mais avultam na sociedade; porque as meninas que nasceram de páes nobres, ou ricos, essas tem por certo uma excellente educação. As nossas fidalgas esmeram-se em aperfeiçoar o espirito de suas filhas; e poderiamos citar como exemplos muitas familias em a nossa aristocracia, aonde as mães dão a suas filhas os mais nobres exemplos de virtude, e a mais bella educação.

O collegio das Inglezinhas offerece um sem numero de meninas a educar no melhor methodo, e quem as protege! A Marqueza do Fayal, herdeira das sublimes virtudes da nobre Duqueza de Palmella. As Duquezas da Terceira, Saldanha, Ficalho, as Marquezas de Ponta Delgada, Lavradio, Valadas, Condessas da Ribeira Grande, Rio Maior, Alcaçovas, Minas, Belmonte; a Sr.ª D. Maria Michelina Guedes, e outras que poderiamos no-

mear, se o pequeno espaço de um jornal o permittisse, se desvelam por auxiliar a educação de tantas infelizes meninas, que sem o piedoso auxilio d'estas virtuosas senhoras, seriam entes inuteis, e prejudiciaes á sociedade que ainda poderão felicitar.

Tratemos pois da maioria.

Os nossos antigos e honrados portuguezes temiam até ensinar suas filhas a ler e escrever, receiando que lessem livros perigosos, ou escrevessem a seus amantes, sem se lembrarem que em quanto aos livros perigosos tinham os meios de lhos prohibirem, antes que o espirito esteja formado, porque depois nenhum mal lhes poderão fazer; em quanto ao escrever aos seus amantes, é menos temivel, contentar-se uma rapariga de escrever uma, ou mais cartas, com que nutre ás vezes longos tempos uma inclinação que ou morre sem fructo, ou termina em casamento, porque o namorado se tenha apaixonado deveras, e conhecido que só por aquelle meio póde conseguir seus fins; mesmo (sejamos francas) é mais facil resistir ao combate de sentimentos sustentado por meio da escripta, do que ao assalto de uma entrevista?... E não se lembravam estes páes que a donzella inexperiente, sem os precisos conhecimentos que a façam antever o risco a que expõe a sua virtude, que lhe façam mesmo não confiar cegamente na força que imagina ter de coração, não sabendo responder a uma carta, muitas vezes para não dar o seu braço a torcer pedindo a uma amiga que responda por ella; ou porque ame o mysterio (alma do amor) se precipite a buscar os meios de fallar ao seu amante? Além de que, o sabermos ler dá logar a aprendermos em livros que formem o nosso espirito.

Posto que esteja ao presente vencido este prejuizo em quasi todo o reino, o methodo que empregam para o ensino de suas filhas é terrivel, confiando-as a mulheres com poucos ou nenhuns estudos.

Em quanto em nossa terra as mulheres não tiverem a precisa instrucção litteraria, ensinem a coser, marcar, bordar, musica, etc., porém a ler, escrever, contar, etc., não; e ainda menos outros estudos, que mal póde ensinar alguem o que mal sabe.

Poucas senhoras sabem escrever bem; não digo só do bem lançado, ou da bonita fórma da letra; mas da orthographia, e mais circumstancias precisas; poucas senhoras sabem fallar o patrio idioma, porque não aprenderam grammatica. E como hão de ensinar os outros? Como papagaios, e assim aprendem as meninas tudo á superficie. Apparecem n'uma sociedade, ostentam uma brilhante conversação, fazem uma elegante figura... encantam os espectadores... seduzem... adquirem nomeada, estudam todas essas apparencias phosforicas; vae um sabio entrar com ellas em discurso... onde está o espirito d'essas fascinadoras beldades?.. Evaporou-se! Nem sabem dar uma razão do que dizem!..

Algumas senhoras temos muito instruidas, mas ou por sua posição social não estão no caso de ser mestras, ou como excepções não podem entrar em regra.

Devem pois ser homens que por agora ensinem ás meninas a ler, escrever, Arithmetica, Grammatica, Historia, Geographia, Desenho, etc., e estas a quem elles hoje ensinam sejam as que ámanhãa os succedam.

Temem os páes que os homens sejam mestres de suas filhas? Um homem de probidade não abusa jámais da confiança que nelle depozitam; ao passo que muitas vezes a ignorancia de algumas mulheres causa a perdição de tantas donzellas! São ellas que ás vezes despertam nos innocentes corações sentimentos que melhor fôra nunca experimentassem! Se a nosso pezar não nos podemos eximir de os conhecer um dia, bom é que ninguem nos anticipe o soffrimento. A mania de algumas mulheres inconsideradas de fallarem nos

seus amores em presença das meninas, é imperdoavel. Mas que direi que a experiencia não mostre todos os dias? Páes, e mães, aproveitae a experiencia; meditae bem na sorte de vossas innocentes filhas; não consintaes que á sua vista se falle em tudo... affastáe d'ellas pessoas que não saibam conservar o preciso recato perante os innocentes, tanto em suas acções, como em suas palavras, que muitas vezes são peiores que suas acções; porque a ignorancia lhes faz ter por galardão a miseria!.. Affastae-lhe esses perigosos romances, e dramas licenciosos, onde parece que seus auctores se engolfam na devassidão! Escolhei bem as companhias que daes a vossas filhas, até as creadas. Velae, páes, e mães, velae incessantes no espirito de vossos filhos, não como oppressores, ou carcereiros de seu espirito; mas como amigas sentinellas que os defendam de seus inimigos; como o pharol que deve guial-as. Conheçam os innocentes que em seus páes ou mestres tem os seus maiores amigos, e não os seus tyrannos.

Depende muito do Governo a educação moral, e instrucção de um sexo que tanto tem influido, e póde influir na sociedade, até pró, ou contra o mesmo Governo! Hajam escolas proprias, e privativas d'este sexo; mestres escolhidos por seu saber, e probidade. Animem-se, protejam-se. Mandem recolher a algum pio estabelecimento onde subjuguem, e ensinem essas rapárigas infelizes que andam atulhando as ruas da capital, offerecendo quadros escandalosos á vista das meninas honestas; e arruinando-se tantas desgraçadas que poderiam ser uteis a si, e aos outros! Imponha-se mesmo uma pena ás mães, páes, ou parentes a quem pertençam, e que não as mandem educar; pois neste caso já não tem por desculpa a dar a falta de meios, o abandono das auctoridades; sendo certo que os asylos de infancia que temos não são bastantes; e quasi que por empenho é que uma pobre mãe consegue que alli lhe acceitem suas filhas; e isso admittido só estão até á idade de nove ou dez annos, no fim dos quaes vão para a rua! na idade mais perigosa!..

N'esses mesmos asylos, ou mestres regios, convem muito affastar as meninas innocentes da companhia das menos innocentes... Hajam companhias, geraes, ou como lhe queiram chamar, da maneira que se pratica nos collegios dos meninos, e a melhor escolha nas suas directoras.

A doutrina, quem melhor a ensinaria do que as freiras!.. Entes mortos no meio dos vivos!.. Em moral, em Religião, quem melhor do que ellas escreveria! Ensinem pois essa Religião pura, e santa que abraçaram; sejam destinadas a doutrinar as suas jovens compatriotas; e as que tiverem maior gráu de intelligencia escrevam em assumptos de Religião, e moral. Defendam a virtude no mundo que abandonaram, e que não as deve esquecer; e com os espiritos elevados ao ceo, de lá d'esse recinto sagrado mostrem neste importante serviço que são seus dias consagrados á fé. Assim não serão inuteis, mas sim muito proveitosas, muito veneraveis na sociedade.

Desejariamos ver de uma vez para sempre banido da sociedade o methodo só usado por ignorantes, e crueis, de castigar com pancadas, arruinando a saude, e o espirito dos adolescentes, que assim acostumados zombam da palavra, e não fazem caso da pancada. Temos muitos castigos proporcionados ao erro que se commette; e se essas penas não bastam, ai d'elles que nunca serão bons, e terão de entrar no vergonhoso numero dos proscriptos da sociedade; e desde a infancia devem ser banidos da companhia dos bons aquelles que manifestarem uma indole má. A educação moral tem alcançado ainda nestes casos a vantagem de abrandar os genios mais duros, e mudar muitas vezes, ou pelo menos modificar as mais ferinas e miseraveis condições.

Eduquem-se pois, instruam-se convenientemente as meninas, aproveitem-se as excellentes disposições do espirito de nossas jovens compatriotas, e as gerações futuras serão mais felices que a presente.

Em o nosso N.º antecedente nomeámos como typo do amor maternal uma princeza, e senhoras illustres da nossa terra, que a seus peitos crearam, e criam seus filhos. A nossa Collaboradora D. A. L. Cabral Pontes pede-nos citemos mais uma — a Ex.ma Baroneza da Luz. — Ignoravamos esta circumstancia, aliás não a teriamos omittido.

Esta estimavel senhora cria a seus peitos a sua menina, pensando-a, e privando-se de sair a divertir-se, ou passear, por não querer deixar sua filha um instante sem os carinhos, e o trato de tão extremosa mãe!

Folgamos de ter ainda outros exemplos a offerecer do verdadeiro amor maternal.

Sabemos tambem que a Ex.ma Viscondessa d'Asseca tem creado os seus filhos; e tambem as Ex.mas D. Marianna Coutinho, e D. Maria da Arrabida, nossa illustre Collaboradora. Quanto nos é grato o ter de offerecer estes exemplos de virtude, e amor materno, para convencer aquellas que se julgam mais senhoras, tendo uma ama!.. Que a nossa Collaboradora sabia ser mãe, e mãe extremosa, conheciamos nós; mas ignoravamos que houvesse feito um tão grande sacrificio, tendo tantos filhos, e com pequenos intervallos de uns aos outros!

Só por obedecer a uma expressa determinação da nossa illustre Collaboradora a Ex.ma Snr.ª D. Antonia Luisa Cabral Pontes, consentimos que se publicasse o seguinte discurso da mesma Sr.ª na parte que diz respeito á Redactora d'este jornal; em tudo o mais muito o approvamos, e louvamos.

A Redactora é em extremo reconhecida ás expressões de louvor que lhe prodigaliza a amizade da referida sua prima, e distincta Collaboradora d'este jornal: a Redactora conhece que não merece tão alto louvor; e todavia elle a anima cada vez mais na gloriosa empreza que tentou, e da qual não receia um resultado fatal, tendo a seu lado uma tão nobre, intrepida, e illustrada companheira, as outras Damas de alto merito que a coadjuvam, e a protecção de tão sabios cavalheiros.

A Redactora desejára tecer os devidos elogios ao merito da illustre Collaboradora; prende-a porém o receio de a tornar suspeita a intima amizade, que lhe consagra, e os vinculos do sangue que as une. Appellâmos para o tempo que irá mostrando os progressos d'aquelle espirito bemfadado; e os vindouros, se não os presentes, renderão justiça áquellas que primeiro ergueram o brado da liberdade intellectual, e o pendão da illustração feminil, que tremulará sobranceiro aos seculos, espancando até os ultimos vestigios das sombras da ignorancia. Nossas phalanges vão engrossando prodigiosamente; porque nossas armas são as mais fortes — razão — verdade — justiça —, o nosso escudo Religião, e moral! Nossos alliados são os melhores. Impavidas ergueremos as laureadas frontes, e encarando o mais brilhante porvir, proclamaremos — Liberdade intellectual no sexo feminino — Paz e amizade aos homens bons, e sensatos — Desprezo aos nescios, guerra aos máos.

A Assembléa Litteraria, jornal redigido pelo espirito feminil, que a sociedade tem deixado enervar, e por assim dizer, privado dos meios necessarios para o seu desenvolvimento, posto que recemnascido, já tem adquirido o acatamento dos cavalheiros illustrados; o sabio de certo que não refusará elogios á sua illustre Redactora, que espancando as trevas em que pertendem submergir a illustração feminil, surge atravez de innumeras difficuldades a levantar seu brado a favor da nossa liberdade intellectual; não direi mais nada ácerca deste genio sublime, por modestia, porque tenho a satisfação de me achar ligada a esta senhora pelos fortes laços de sangue, e de amizade, mas o público a conhece, e este se não eclipsar a brilhante esphera da sua imaginação, admirando seu nome, lhe tecerá os elogios de que é digna.

A Assembléa Litteraria demostra por tal modo as vantagens que a humanidade colhe da nossa illustração, que pouco mais terei a

dizer; o desejo porém de me não conservar neutra em materia tão importante para o nosso sexo, me anima a acompanhar a cruzada litteraria, e em defeza da liberdade intellectual, nossa legenda, expôr o que entendo a respeito de taes vantagens.

A mulher illustrada, a meu vêr, é incontestavel que se torna um dos entes mais uteis á sociedade, porque cabendo á mulher a primeira educação do homem, se ella não for estupida, poderão seus filhos no regaço materno, a coberto dos máus exemplos que se observam em algumas escholas, e máu methodo com que ensinam, receber a educação primaria, aprendendo ao mesmo tempo o amor ás letras, não pequena vantagem; e estas mulheres que poucas vezes deixam de ser boas mães, preencherão tambem os deveres de esposas, enchendo de delicias a existencia d'aquelle que a ellas se ligar, e o homem a quem couber por sorte tal companheira, não poderá julgar-se completamente desgraçado, embora a desventura forceje por tortural-o, elle busca assiduo terminar a fadiga de suas obrigações, para voar ao seio da sua familia, aonde no coração da esposa encontra o cofre, em que costuma depositar metade dos seus tormentos, alli a encontra como sempre, desvelada em confortal-o, e amenizar-lhe os males, para cujo fim lhe facilita o seu espirito sobejos recursos (o que não succede á estupida) abraça seus filhos, nos quaes vê desenvolver os talentos, e a docilidade da desvelada mãe, e bemdiz a sorte por haver trocado com elle a felicidade domestica, pelos bens da fortuna, abraça a consorte com quem dividiu seus males, ou com quem d'elles se esqueceu; e a ella reconhecendo que deveu tantos prazeres, torna tambem venturosa, e este quadro venturoso apparece todos os dias. Mas ai! da mulher illustrada se lhe couber por sorte um homem que a não comprehenda! Ai! d'elle mesmo que não vive bem! ambos se contrafazem, ambos se lamentam, e ambos são effectivamente desgraçados; separemos estas fezes do ouro, e seja rigorosa a monda do trigo, para que lhe não fique, nem sequer um joio, e os nescios que fujam de nós, já que nos não sabem avaliar, nem conceber que os nossos espiritos carecem tanto de alimento como os nossos corpos; abandonem a sociedade que lhes é pezada, durmam, comam, e gozem nos deboxes, os prazeres concedidos á sua ignorancia; pugnemos pela nossa liberdade, e pelos sagrados direitos que a sociedade nos tolhe, para nos reduzir á humilhante posição de só dos homens podermos haver os meios de subsistencia. Porque não será licito a uma senhora ter um escriptorio? Quantos tabelliães não ha em Portugal, em cujos desempenhos se poderiam collocar senhoras, que muitas se achariam em melhores circumstancias de preencher estas funcções? Porque nesses armazens das ruas dos Capellistas, Retrozeiros e Fanqueiros, não havemos de vêr senão homens? Homens vendendo chailes, homens vendendo fitas, e enfeites para as damas; até já temos homens floristas!! Braços fortes, e robustos paralysados sobre um balcão, roubando-nos assim os meios decentes com os quaes poderiamos subsistir? e as sciencias desanimadas, as artes morrendo, a agricultura parada, e a desmoralisação marchando a passos de gigante, muitas vezes por estes mesmos erros que a sociedade alimenta, como empenhada em conservar; parece que houve algum anathema para a classe fina das mulheres, porque para estas o unico recurso é casar, quando de seus páes não houveram riquezas. A'vante, Assembléa Litteraria, o Agricultor Michaelense irá ao teu lado, illustres cavalheiros te prestam auxilio, e todas as damas de espirito acompanharão esta cruzada; nada de ferros ao espirito em paiz de liberdade; da natureza houvemos estes dotes, humanas forças não poderão enuvear o que Deos fez resplandecente: se os ignorantes receiosos que possamos alcançar a nossa emancipação, pertenderem envenenar nossos intentos, desprezemos dicterios a que ninguem presuma de escapar, e digamos como D. Ruy Pereira disse ao Mestre de Aviz: «Quando eu cuidava do meu casamento todo o mundo se occupava d'isto, e uns nos outros demandavam como eu tinha podido conceber a intenção de esposar Violante Lopes, porém mal concluido o desposorio ninguem mais se occupou de nós.» Eis o que nos succederá: nada de esmorecer, a empreza é justa, porfiemos pois, que a victoria tanto mais difficil, mais decantada é.

D. Antonia L. Cabral Pontes.

Estavamos concluindo o nosso artigo de fundo, quando trouxeram fechados e sobrescriptados á Redactora da Assembléa Litteraria os lindos versos que em seguida publicamos. Não temos a satisfação de conhecer o seu auctor; deve ser dotado dos mais bellos sentimentos quem produz versos que tanto agradam, e sensibilizam! Hoje mesmo nos informaremos da sua morada para lhe remettermos a folha, que desde já lhe fica pertencendo como Collaborador deste Jornal: entretanto na duvida de acertar com a morada do nosso novo Collaborador, muito nos obrigaria

tendo a bondade de deixar declarado no escriptorio d'esta redacção, rua, e n.º de sua casa; e pedimos continue a mimosear-nos com presentes tão ricos de sua imaginação; protestando a nossa fiel gratidão por tão attenciosa lembrança.

A Virgem, e o Anjo.

Sobre a pédra d'um sepulcro
Vi linda Virgem, carpindo,
Finas per'las transparentes
Sobre a louza, vi cahindo.

Sobre a louza, vi cahindo,
Que na pédra se rolavam;
Como o Pai qu'ella chorava,
A seus olhos se finavam.

A seus olhos se finavam
Lagrimas da sua dôr;
Mas subiam suas preces
'Té ao throno do Senhor.

'Té ao throno do Senhor
Humildes preces subiam,
E sobre a Virgem, chorosa,
Graças, e benções desciam.

Graças, e benções desciam,
E tambem um Cherubim,
Que pousando sobre a louza,
A' Virgem fallava assim:

» Innocente, enxuga o pranto,
» Não terás mais que chorar:
» Deixa a terra, vem p'r'o ceo,
» Vem co'os anjos habitar.

» Vem co'os anjos habitar,
» Pois um anjo és tu tambem,
» Vem co'os anjos habitar,
» Acharás lá Páe, e Mãe.

» Acharás lá Páe, e Mãe,
» Vem trazer a Deos louvor,
» Cantarás, com elles junta,
» Santos hymnos ao Senhor. »

. . . . . .

Santos hymnos ao Senhor,
Os anjinhos vão cantando,
A alma da Virgem pura,
Lá p'r'o ceo acompanhando.

E ficou só, cá, na terra,
Sobre a louza sepulcral,
Seu corpo — frio cadaver —
Mas su'alma era immortal.

J. Romano.

Um intelligente, e honrado habitante da Provincia do Douro nos envia o seguinte Soneto, que, por verdadeiro e engraçado, julgámos dever publicar, não obstante a sem ceremonia do ultimo verso. — Não será linguagem muito poetica, mas é muito portugueza; e demais, a desesperação, e mesmo a verdade não escolhem frases.

Que leve o diabo taes patifarias.

Soneto.

Quem viu outr'ora este paiz do Douro,
Cuidou a terra ver da Promissão;
Que elle entre os portuguezes era então
Manancial d'abundancia, aureo thesouro.

Mas que causas, que fado, ou negro agouro
Hoje o fazem paiz de proscripção,
Que o transformam em brenhas de sertão,
Dos nossos tempos vil, fatal desdouro?

Seu commercio expirou: a agricultura
Vai acabar tambem; e em breves dias
Só resta a emigração, e a fome dura.

Se d'este mal são causa as utopias,
(Segundo muita gente conjectura)
Que leve o diabo taes patifarias.

F.

A' lyra que não tem esperança.

Seis cordas a lyra tem,
A lyra que sôa bem,
A lyra que d'alma vem
Não póde menos suas dar,
Seis cordas que ha de vibrar,
Que hão de no peito echoar,
Até a morte chegar,
Até a vida perder.

Podem cinco arrefecer
Só para a outra ferver,
Sentimos n'alma crescer
A esp'rança co'a desventura,
Vemos n'acerba tortura
Que a esp'rança meiga fulgura,
Qu'espalha sua doçura
Até na morte ao mortal.

Que até á hora final
E' este alivio o do mal,
A tua lyra ideal
Não é sincera, é ficção;
Ou tu não sentes paixão,
Ou tu não tens coração,
Ou nunca tens afflicção,
Qu'então a esp'rança viria;

Que fagueira te dizia
Lá tens um Deos que vigia,
O teu auxilio seria,
O teu escudo, e vigor,
Não ter esp'rança no amor
Não cabe em mente d'ardor:
Sem fé d'extinguir-se a dôr
Todo o mortal succumbia.

D. Antonia L. Cabral de Teive Pontes.

Resposta.

A' lyra toda esperança.

Que buscas, lyra engenhosa,
Que buscas saber de mim!
Não vês que mysteriosa
Eu devo cantar assim!..
Não prosigas rigorosa...

Que não tenho coração!..
E podéste assim dizêl-o?
Não conhecera affeição
Se est'alma fôra de gêlo;
De gêlo a imaginação!..

Que não tenho coração!..
Talvez!.. talvez meu não seja...
Mas quando é nobre a paixão,
Se a esperança não viceja,
Não desfallece a affeição.

Seis cordas a lyra tem...
Podem cinco arrefecer...
Disseste!.. e disseste bem!
Póde amor eterno ser,
E a esp'rança não se mantem
Sem uma causa a mover.

Sim, espero!.. e espero tanto!..
Não de um amor lisongeiro;
Não de amor que é todo encanto;
Mas nem sempre o verdadeiro,
Hoje riso, ámanhã pranto!

Só o amor de Deos não cança,
Não é paixão ideal!
Só d'este é eterna a esperança;
Só este é amor sempre igual
Na tormenta, ou na bonança!

A. G. Pusich.

Pedimos á illustre Cantora, que move a questão do amor, e da esperança, mude de assumpto, aliás ficaremos eternamente a esperar, e a desesperar. Por mim declaro que estou prompta a condescender com as suas razões, e vontade. Quer que espere? Pois esperarei, e protesto que sem a menor violencia.....

CONSERVATORIO.

Desejámos ter noticias exactas do Conservatorio, para podermos dizer alguma cousa sobre aquelle tão util estabelecimento, que deve merecer a attenção de todas as pessoas que amam o progresso das artes, e das sciencias:

Fomos assistir a todos os exames da Escola de Musica, e em resultado colhemos o perfeito conhecimento das immensas vantagens que á nação resultam d'aquelle estabelecimento onde tantos meninos, e tantas meninas privados dos meios de aprender a arte mais sublime — a Musica — vão alli instruir-se, e habilitar-se a adquirir os meios de subsistencia; sendo innegavel que d'alli sahem professores e professoras de musica, tendo estudos profundos, e por methodo novo, e especial.

Os professores são muito intelligentes e zelosos no cumprimento de suas obrigações.

O Sr. José Theodoro, professor da aula dos rudimentos do sexo feminino, e Sr. Francisco Gazul, dito da aula dos rudimentos do sexo masculino, além de seu grande saber, tem excellente methodo de ensinar, e fazer comprehender tão difficil estudo a gente tão nova.

O Sr. Porto, professor da aula de canto do sexo masculino possue igualmente muito bom methodo de ensinar, e grandes conhecimentos da arte.

O Sr. Laureti é tão conhecido que basta o seu nome para lhe tecer os devidos elogios; entre tanto nós não deixaremos de tributar-lhe a homenagem devida ao talento, confessando que todo o elogio é pequeno em comparação do seu merito artistico. Ao collocar as mãos no pianno dir-se-ha que não só as teclas exprimem o sentimento, mas que os Cherubins o acompanham!

O Sr. Migoni é legitimo genio da harmonia! Não é só eximio professor de piano, mas tambem excellente compositor. A sua excessiva modestia, e o mal que em nossa terra se avalia o merito faz que o seu nome não tenha ainda a devida publicidade, mas os vindouros hão de ter a gloria de vêr o nome de um portuguez — Xavier Migoni — col-

locado na brilhante lista que em paginas de ouro a Historia destina aos mais celebres compositores. E não se presuma exaggerado este elogio! Nós os presentes esperamos em breve ter occasião de tributar-lhe os mais altos, e justos louvores.

Foi muito bem escolhido para dirigir aquelle proveitoso estabelecimento, pois ás qualidades de um genio sublime, une as mais bellas virtudes moraes, e um comportamento exemplar.

Os Srs. Jordani, José Gazul, Masoni, e Santos Pinto tem igualmente jús á nossa consideração e louvor.

Em seguida publicamos um resumo do resultado dos exames da Escola de Musica, para maior esclarecimento.

Observamos que além das discipulas mencionadas, approvadas com distincção, cujos nomes vão declarados na lista dos alumnos, existe a Sr.ª Gaião que é uma das melhores discipulas do Conservatorio, e tem uma bella voz.

Resumo do resultado dos exames da Escola de Musica no anno lectivo de 1848 a 1849.

Aula de rudimentos do sexo feminino — Professor *José Theodoro Hygino da Silva.*

1.ª Classe.	Approvada com distincção 1
Approvadas 2	(M. J. Gomes.)
2.ª Classe.	3.ª Classe.
Reprovada 1	Approv.as na maior parte 2
Approv.as na maior parte 2	Approvadas 2
Approvadas 4	

Aula de rudimentos do sexo masculino — Professor *Francisco Gazul.*

1.ª Classe	Approvados plenamente 4
Reprovados . . . 10	3.ª Classe.
Approvados . . . 13	Approv.os na maior parte 3
Approvados plenamente 6	Approvados 3
2.ª Classe.	Approvados plenamente 3
Reprovados 3	
Approvados 4	

Alcançou o 1.º premio honorifico o alumno Caetano José Xavier de Sousa — o 1.º accessit o alumno J. G. da Costa Leal.

Aula de Canto do sexo feminino — Professor *Domingos Laureti.*

Approv.as na maior parte 3	Approvada com distincção 1
Approvadas 3	(P. A. P.ª Lisbon.)

Aula de Canto do sexo masculino — Professor *Antonio Porto.*

Approvado 1

Aula de Piano de ambos os sexos — Professor *Francisco Xavier Migoni.*

Approv.os na maior parte 6	Approvados 5
	Appr.os plenamente 5

Distinguiram-se os alumnos — Gertrudes Magna de Souza e Oliveira, e Eugenio Masoni.

Aula de Rebeca — Professor *Vicente Tito Masoni.*

Approv.os na maior parte 6	Approvado 1

Aula de Rebecão — Professor *J. Jordani.*

Approv.º na maior parte 1	Approvado 1
	Appr.º plenamente 1

Aula de Flauta — Professor *José Gazul.*

Approvados na maior parte 2

Aula d'Instrumentos de latão — Professor *F. N. dos Santos Pinto.*

Approvados na maior parte 4

Aula de Harmonia — Professor *Francisco Xavier Migoni.*

Approvados no 1.º anno 2
Approvados no 2.º anno 3
Approvado com distincção no 2.º anno 1
(J. M. de Souza.)
Fizeram exame 109
Não compareceram a exame . . 16
Perderam o anno 29

Total . . . 154

Exercicios publicos da Escola hão de ter logar em a noute de 29 do corrente mez, em uma das salas do Conservatorio.

GYMNASIO.

O Theatro do Gymnasio vae indo muito bem. Sabemos que vão offerecer ao publico algumas comedias novas: uma que se está ensaiando — Vamos ao Jardim? — uma farça — Os quatro cães a um osso — ambas do Sr. Braz Martins, artista e auctor de grande merito. Tambem vão dar á scena um drama em 3 actos intitulado — Constança — E' muito louvavel a união e o desvelo com que aquella companhia se empenha em agradar ao publico, e o publico sabe compensar-lhe com a sua concorrencia nunca interrompida, os seus justos applausos.

Explicação das Charadas do n.º antecedente.
A 1.ª Rancor. — A 2.ª Ardor.

Na Typ. de G. M. Martins,
Rua dos Capellistas n.º 62, 1.º andar.

SETEMBRO 1. 1849. NUMERO 5.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 8; e Carvalho ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1$760. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas a Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 a Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

A LITTERATURA.

As continuas dissensões politicas em nossa terra, além de innumeros, e tão conhecidos males, que todos mais ou menos experimentamos, são fataes á moralisação dos povos, impedindo o progresso das luzes, que n'um horisonte de paz despontam com o mais puro brilhantismo.

Parece que o genio do mal se tem opposto á gloria de Portugal, este paiz abençoado por Deos, que podendo elevar-se, não tem até ao presente conseguido nivelar-se ás outras nações illustradas!

Temos em nossa terra genios superiores como os que brilham na litteratura Allemã, Italiana, Franceza, Ingleza, etc., mas falta-nos ainda um estimulo que nos anime, uma auctoridade que nos proteja.

Dados á politica, os grandes não curam promover a cultura das lettras, (um Saldanha, um Palmella são honrosas excepções) encorajando com o exemplo, e convidando á arena tantos espiritos que, faltando-lhe um espaço onde ostentar-se, morrem abafados na escuridão, ou damnados na politica!

Não acontece assim nas outras nações illustradas; as contendas internas ou externas começam, e acabam, sem que por isso jámais se interrompa o progresso da litteratura, que através das negras sombras de um horisonte de guerra, luz com o favor dos grandes; e estes estendem a sombra benefica de sua protecção ao genio superior em todos os partidos. Lamartine viu ao acaso, uma poesia — O Anjo e o Menino — de João Reboul, padeiro em Nimes: Lamartine o busca no seu retiro, e lhe offerece a sua mais decidida protecção, não se desdenhando encorajal-o com os versos dos mais altos louvores que lhe dirigiu; e tratando do mesmo Reboul, cujo nome elle arrancou das ruinas de Nimes para o fazer brilhar no Mundo Litterario, diz Lamartine:

« *L'égalité des intelligences lorsque la nature et Dieu les ont faites égales, se manifestant dans les lettres. Les nobles études appelant tous à tout, élevant le niveau commun, confondant les classes, faisant vivre du même pain intellectuel tous ceux qui vivent du même pain du jour, et réalisant dans le domaine de la pensée cette république des intelligences où les droits ne sont que des dons de Dieu, où les fonctions ne sont que des services, où la dictature n'est que du génie, etc.* »

Ao mesmo poeta Reboul diz Ale-

xandre Dumas indo visital-o a Nimes: (um constitucional a um realista!)

« *Le domaine de la poésie s'est agrandi du champ de la politique: les révolutions l'ont labouré avec l'epée, nos pères l'ont engraissé avec leur sang. Semons-y la parole, et les croyances y repousseront.* »

Succede isto por ventura em Portugal? Tem o poeta, o escriptor público a protecção das auctoridades, ou dos grandes? Não lhe é forçoso mendigar como por esmola de uma e outra pessoa em particular a sua assignatura para auxiliar a impressão de suas obras, que muitas vezes lhes deixa mais prejuiso do que interesse! não perecerá elle victima da indigencia se não possuir outros meios de subsistencia além do seu talento, (a maior das riquezas que Deos confere á humanidade) ou não se verá tantas vezes impellido por circumstancias violentas para sustentar a vida de sua mulher, seus filhos, sua mãe, e mesmo a sua; damnar as melhores inclinações de um genio superior entranhando-se na politica, que em Portugal não é por certo o campo onde a poesia engrandeça!..

Eis ahi um homem que podéra ser util a seu paiz, ser muitas vezes o instrumento da sua ruina, exaltando com doutrinas revolucionarias os povos que devia e podia moralizar, e semeando de cadaveres, regando de sangue e lagrimas os campos que podia tornar ferteis, e viçosos, animando com seus escriptos a agricultura! e eis ahi o escriptor público tornado um general, ou antes um monarcha, dando leis (sem se expôr) ao povo que por ignorante lhe obedece; e despedaçando as entranhas da mãe que lhe deu o ser!.. A sua patria, porque na patria seus talentos não acharam a devida protecção!

O Governo cuidando em sustentar-se com as armas, e outras providencias que encara como poderosos meios da sua conservação, esquece, abandona o mais facil, e mais forte quiçá!.. A litteratura moral! Os povos illustrados conhecem melhor as suas conveniencias, e um Governo bom deve estimar que o povo não ignore o bem, para não seguir o mal; o nosso povo é dotado das melhores intenções, convém aproveital-as, e não desprezal-as!... E' bem sabido que nos governos representativos a imprensa é auctoridade superior a que as armas obedecem, da mesma sorte que os braços obedecem á cabeça. — Ha toda a liberdade para o escriptor politico, haja toda a protecção para o escriptor moral, e não queira o governo que vivam sómente meia duzia de escriptores que advoguem a sua causa, obrigando tantos genios grandes que abandona á miseria, a ir engrossar as fileiras inimigas do mesmo Governo. As avultadas sommas que despende com os jornaes que lhe sustentam a sua politica, sejam repartidas em proteger, em premiar os escriptores moraes, dando-lhes algum pequeno subsidio para que possam escrever; e premiando mesmo aquelles que se distinguirem mais por suas proveitosas doutrinas; sendo certo que um bom Governo póde escusar mais de um jornal que advogue a sua causa; porque procedendo elle com rectidão, os escriptores moraes, e scientificos, esses mesmos recommendarão a devida obediencia e respeito ao Governo, e um brado universal acclamará os bons actos d'esse Governo que premiar o merito em geral, e quizer achar no seu povo filhos, e não escravos; e ai do Governo que imaginasse poder firmar-se com as armas sómente; e com as espadas cortar as pennas!... Não o conseguiria jámais, porque os braços empregados nas imprensas seriam tantos braços que se armariam contra quem os privasse do pão que a litteratura fornece a tantos infelices; e ao genio tambem não faltaria espaço! A illustração já não póde retrogradar. O Governo que proclamou a liberdade a um povo, não póde preparar-lhe os ferros que elle mesmo Governo ensinou

a despedaçar.... O meio efficaz de sua conservação é a boa administração, e um dos principaes artigos é a moralização do povo. Torne-se a avivar a crença unica, e verdadeira. — A Religião do Crucificado que em tantas almas jaz esmorecida, e quasi perdida com exemplos fataes!... Espalhe-se a moral pelos povos escripta por habeis pennas, proteja-as o Governo; e não despreze aquelles que em continuas vigilias se encanecem, e consomem a vida fazendo á patria o mais importante serviço.

Não ficariamos só em campo, dissemos no primeiro N.º deste jornal. Temos a gloria de ver esta esperança, que então nos animou, realizada hoje de um modo o mais satisfatorio. Todos os dias á Assembléa Litteraria se unem Collaboradores novos de ambos os sexos; tendo até a satisfação de ver ainda algumas meninas, que pareciam totalmente oppostas ás lettras, e inhabeis a qualquer applicação litteraria, desvelarem-se em procurar uma ou outra obra moral para traduzir, e enviar ás columnas d'este jornal; empregando em publica utilidade gostosas o tempo, que tão longo e enfadonho lhes parecia em outros divertimentos; e desenvolverem nos conhecimentos de cousas uteis o espirito, que parécia alli não existir! Vae neste numero uma traducção assignada com as iniciaes D. M. J. O. de M. de uma menina de 15 annos, pertencente a uma illustre, e digna familia. — Esperamos que em breve nos permitta declarar o seu nome por inteiro em novas, e maiores producções da sua applicação: entretanto louvamos a escolha da sua traducção. A traducção religião e moral que se publicou no 1.º N.º, e se continuará em havendo menos affluencia de originaes, e as charadas que vão assignadas com a lettra N. são producções tambem de duas jovens irmãs pertencentes a uma familia das mais nobres da nossa aristocracia; e outras producções publicaremos de senhoras que tem a bondade de condjuvar a nossa tentativa litteraria. A Sr.ª Stockler é dotada de um talento poetico superior, herança de seu benemerito pái o Barão de Villa da Praia, cujo nome vive eterno em seus escriptos: e da Sr.ª a quem amizade, e parentesco nos une, tem deixado desfallecer na obscuridade o seu genio, que aliás podia ter enriquecido a nossa litteratura de joias preciosas, cedendo a nossos rogos, tambem se resolve a apparecer em campo, auxiliando a nossa cruzada.

Pedindo a protecção dos litteratos já acreditados, tambem franqueámos as columnas d'este jornal aos ainda não conhecidos; dos quaes daremos em ordem a publico algumas producções poeticas; estimando ver entre estes apparecerem alguns jovens militares, que bem mostram o quanto as armas vão presando as lettras, sem as quaes seu brilhantismo seria similhante á luz do raio, cuja força só se conhece nos estragos! Por muito extensos não podemos ainda publicar alguns artigos que nos enviaram das Provincias; e tambem um longo, e acertado discurso sobre as vantagens da illustração feminil. Tambem pedimos desculpa aos Srs. Cabral, Figueiredo, e Albuquerque, de não ter publicado as producções que nos enviaram, o que faremos em havendo algum espaço na folha, sem prejudicar outras obras, que não podemos deixar de contemplar com alguma preferencia, por serem de senhoras, que estão sempre em primeiro logar.

Acabavamos de escrever estas ultimas linhas quando nos envia uma joven de 18 annos a traducção — *Sentença Memoratel.* — O nome da traductora vae assignado na mesma traducção; e accrescentamos que é uma menina de muito juizo, e reflexão; nós em extremo lhe agradecemos a attenção que prestou a nossos discursos, e presamos muito a sua collaboração.

Recebemos e agradecemos a poesia — *O homem, e a morte* — de um anonymo, assim como as poesias do Sr. Mascarenhas Bastos, que publicaremos com a brevidade possivel.

Distico

Feito ao cypreste por mim semeado e depois plantado no meu jardim no anno de 1846.

Verde, e funebre cypreste,
Arvore á dôr consagrada,
Tu serás o distinctivo
Da minha pobre morada.

Neste pequeno recinto,
Por minhas mãos collocado,
Além da minha existencia
Farás meu nome lembrado!

Despedida

Feita ao mesmo meu jardim em 1847.

Meu jardim, que em cultivar-te
Soffri tão penosas lidas!

Cyprestes por mim plantados!
Minhas flôres tão queridas!

Minha sorte avara, e dura
Me condemna a vos deixar!
Nesta ausencia tão sentida
Meu pranto vos vae regar!

Sobre o chão que vos sustenta
Minhas lagrimas correndo,
De meu affecto um tributo
Ides de mim recebendo!

Producto de meus trabalhos,
Filhas dos cuidados meus,
Distracção de meus pezares,
Acceitae meu triste adeus!

Perpetuas, cravos, baunilhas,
Saudades, martyrios, rosas,
Tristes, lindas violetas,
E vós, arvores frondosas!

Benigno o ceo vos defenda
De ásperas mãos desabridas!
Vezes mil o sol vos veja
De almo viço revestidas!

Ficae-vos, gozae da vida,
Que aos meus desvelos votei!
Saudosa e terna lembrança
Me dáe, como eu vos darei!

D. Maria Margarida Stockler Pusich.

Justificação.

Zefina ingrata,
Ouve a razão:
E' teu sómente
Meu coração.

Receios vãos
De ti desterra,
Nova belleza
Não te faz guerra.

Indifferente
Não sou tambem;
E quem te póde
Mostrar desdem?!

Da sociedade
Me ausento, sim,
Inda que a furto
Olhes p'ra mim.

Procuro o bosque,
Lá vou scismar;
Eu te asseguro,
E' por te amar.

Eu ali gozo
Os mimos teus,
Que tu juraste
Serem só meus:

Do rouxinol
No gorgear
O canto teu
Julgo escutar.

Se folhas sêccas
Rolam no chão,
Rumor das folhas...
Teus passos são.

Da fresca fonte
O borbotinho
E' brando arfar
De teu peitinho.

Na minha fronte
A leve aragem
De teus carinhos
Me traz a imagem.

Mas isto mesmo
Te faz ciume?..
Razão não tens
No teu queixume.

Se ver-me queres
Sempre a teu lado,
Sitio busquemos
Mais apartado.

Onde ninguem
Te goze um riso
Dos que só ha
No Paraizo.

Onde jámais
Estranho peito
Do teu olhar
Affague o effeito.

Onde a teus pés
P'ra ti sómente
Viver quizera
Eternamente...

Vê pois, Zefina,
Se tens razão,
Quando é só teu
Meu coração.

L. A.

A Assembléa Litteraria recebe agradecida o suave perfume de — *Uma Rosa* — poesia que lhe offerece o Sr. Antonio Mendes Leal.

Este nome revela uma das glorias da nossa litteratura, o Sr. José da Silva Mendes Leal, cujo talento dramatico honra a nossa terra; e que não menos tem aformoseado o viçoso jardim d'onde se colhe o laurel da poesia.

Pela idéa que formamos do nosso joven poeta o Sr. Antonio Mendes Leal, esperamos ver em breve reverdecida esta rosa, e unida a muitas outras preciosas flôres que a fertil imaginação do seu auctor ha de produzir, formarem a brilhante corôa que deve cingir-lhe a fronte.

Cada litterato que se une á nossa Assembléa é uma nova palma que recebemos, uma prova indubitavel de que o genio é por nós! E' tudo!.. pois no genio toda a força se encerra!

Uma Rosa.

N'um arbusto pequenino
Uma rosinha colhi,
Enlevei-me em seu perfume,
Em seu perfume vivi!

Amor qu'eu lhe dedicava
Era quasi adoração,
Trazia-a sempre comigo
Bem junta ao coração.

Ai de mim! Cruel desgraça
D'ella mesmo me brotou;
Quando eu qu'ria idolatral-a,
Pobresinha, ella murchou!

Antonio Mendes Leal.

DOIS MYSTERIOS.

(*Continuação.*)

Cheguei a casa: poucas horas pude ter de descanço, que o meu espirito velava pensando na cantora mysteriosa, que na vespera havia tão singularmente attraido a minha attenção. Pelas seis horas da tarde sahi, e fui ao sitio da Estrella. Aquella terrivel calçada, que antes me havia custado tanto a subir, não me assustou! Passei junto ao logar aonde vi, e ouvi aquella infeliz creatura que tanto me interessava já! Parecia que as mais intimas relações de amizade nos ligavam ha muito! Quanto póde a compaixão em almas sensiveis!

Guardando um inviolavel segredo ácerca do motivo da minha curiosidade, pretextei um negocio para indagar quem era aquella senhora.

Ha no principio do largo da Estrella uma casa ou taberna de um homem chamado Pedro, mesmo defronte do Hospital Militar. Alli passei, e vendo Anacleta á porta (era a mulher do Pedro) perguntei-lhe se me sabia dar noticias de uma senhora que havia mudado a sua residencia, segundo me affirmavam, para aquella casa que estava situada no logar mais solitario da travessa do SS. Coração de Jesus, a que vulgarmente se chama do Sarmento?

— Sim, senhora, disse Anacleta, para alli se mudou este semestre uma senhora viuva, com seus dois filhinhos: é estrangeira, e bem se vê, pelo animo que teve de ir habitar uma casa que ha tantos annos tem estado entregue aos ratos!

— E porque! — perguntei.

— Porque dizem que apparecem lá cousas más.

— Como se chama a senhora?

— Ninguem sabe, nem mesmo o cabo de segurança sabe dizer-nos o seu nome, que é muito esquisito. Não se visita com pessoa alguma do sitio; mas vão lá ás vezes algumas senhoras, e homens visital-a.

E' quanto pude colher de minhas indagações, nas quaes embalde prosegui, pois nada mais pude alcançar; e nem ver aquella mulher senão raras vezes por dentro da janella, ora com uma creança nos braços, ora com outra pela mão; porém apenas percebia que a observava alguem tinha o cuidado de o evitar.

Alguns passos dei por alli a ver se o acaso me deparava quem me informasse com mais exactidão, e tudo foi em vão.

Chegado que foi o dia 25 de Novembro, vi escriptos nas casas!.. Esperei ainda os fins de Dezembro para ver se via sair os trastes, e se seguia os fretes; porém tinha mais a fazer, e tornava-se impraticavel o andar todos os dias caminho da Estrella, cuja calçada seria bastante a fazer-me adquirir uma tisica em castigo da minha curiosidade.

Quando pouco antes do Natal fui á Estrella, vi fechadas as janellas!.. Esmoreceu-me o coração!.. Inquiri a causa, e soube que a viuva se havia retirado d'aquelles logares!

— Para onde!

— Embarcou para Inglaterra!

Vão lá buscar agulha em celeiro!..

Indaguei quem haviam sido os passageiros que foram para Inglaterra, mostraram-me a lista; mas como eu ignorava o nome da nossa heroina, fiquei como d'antes!

Em tempos mais felices tinha eu residido na freguezia de Santa Isabel, e um honrado galego, por nome Agostinho, foi muitos annos o meu aguadeiro. Procurei o bom velho, que havia militado na guerra da Peninsula, e tinha um juizo claro. Pedi-lhe se informasse de seus companheiros quem teria conduzido a bagagem d'aquella senhora para bordo, e se sabiam para que navio?

Não poupou diligencias o pobre Agostinho, e passados dias veio dizer-me que os trastes haviam ido para casa de um bolaxeiro á rua do Arsenal, e explicou-me quem era; mas ainda alli não me deram novas da tal senhora, e o bolaxeiro negou que tivessem taes moveis ido para sua casa.

Entendi melhor não proseguir em taes indagações, até porque me tinha dito alguem que motivos politicos obrigaram aquella senhora a evadir-se; e um galego dissera a Agostinho que ella partira para Genova! Entendam lá este enredo! Pareceu-me prudente abandonar tão difficil empreza, que me ia fazendo uma terrivel confusão no cerebro, ouvindo de *cada cabeça sua sentença*, e tornando-se já muito notavel a minha curiosidade...

Deixal-a! E' mais um mysterio que a meus fracos olhos occulta uma interessante realidade! Não hei de por isso maldizer a Providencia, que talvez me poupasse a dôr de ver penar uma infeliz sem lhe poder valer. Imaginei que a ausencia seria causa da tristeza d'aquella mulher!.. Imaginei tudo, e nunca mais me esqueceu!

Volveram tempos, e sempre que eu passava pela Estrella se renovava o desejo de saber antes de morrer quem era a desconhecida. Aonde estará ella? Se terá ido ver o seu amante!.. O seu marido hoje talvez!.. Oh! sim! Ella estará mais feliz.

Com estas gratas idéas procurava eu afastar um pensamento que me affligia, e desgostos tinha eu de sobra.. Assim um anno decorreu. Nova aventura!..

(*Continúa.*)

D. A. G. Punch.

O REMORSO PUNINDO O CRIME.

ROMANCE ORIGINAL.

Oh! do negro remorso enorme peso
Consequencia fatal d'horriveis damnos.

Duas horas depois da meia noite haviam echoado no relogio das Necessidades; era 23 de Maio, o silencio da morte reinava na rua de..... que poucas vezes menos silenciosa era; grossas nuvens negras cobriam com seu medonho manto o brilhantismo das estrellas e o azul celeste do ceo, que só se devisava por intervallos para nos opprimir de saudades; não me assustava o rouco som da trovoada que mal se percebia ao longe, mas os relampagos quebrando-se de encontro ás vidraças allumiavam o meu quarto com uma luz phosforica que me enchia de terror: de espaço a espaço se ouviam sumidos gritos das sentinellas gritando á lerta, e o continuo latir dos cães augmentava o susto que se havia apoderado da minha mente; só o cantar dos gallos me alegrava, porque parecia dizer-me: d'aqui a tres horas o sol espalhando seus ardentes raios de sobre esse horisonte tão carregado agora, te indemnisará dos horrores d'esta noite, mas era invencivel á infernal vigilia que me perseguia em toda aquella noite; levantei-me pois, e como para encher minha alma de todos os horrores que a natureza apresentava, fui-me collocar á janella; dois segundos talvez se não teriam passado, quando nos meus ovidos echoaram dolorosos gritos que pareceram de algum assassinato: meu Deos! exclamei eu; que incomprehensiveis são os teus mysterios! Certamente a minha insomnia foi mandada pela tua clemencia para soccorrer algum desgraçado! Não percamos tempo; e a compaixão, sentimento nato do coração da mulher, deu-me forças e coragem; eu já não era aquella mulher timida que estremecia á vista dos relampagos: resoluta a encarar todos os perigos peguei na minha capa, e já me dispunha a sahir só quando uma senhora que eu tinha de muitos annos por minha companheira, despertando ás vozes desconcertadas que eu soltava, me segurou pelo braço bradando-me: Aonde ides, senhora, a estas deshoras e só? Deixai-me obedecer a Deos: miseravel d'aquelle que só serve para si, e maldição sobre o ente que se não presta em soccorro da humanidade. Contei á infeliz o que tinha ouvido, que sem me dizer nem mais uma palavra, seguiu os meus passos, estremecendo de quando em quando, ao estrondo da trovoada que já se tinha aproximado.

(*Continúa.*)

D. Antonia Luiza Cabral de Teive.

A Moral em acção.

A vingança é indigna do Homem e ainda mais d'um Principe.

Não é sómente nos principes que o perdão das injurias é grandeza; nos acontecimentos penosos, quando nos sobrevem alguma cousa que nos separa do mundo, bem longe de nos affligir, devemos louvar a Deos; é a mesma graça que se fossemos postos fóra de um logar infestado de contagio.

(*Traduzido por D. M. J. O. de M.*)

SENTENÇA MEMORAVEL.

(Traducção.)

Encontrou-se em uma antiga edição latina, n'uma viagem a Pekin, por J. B. Peteao, d'Orleans, impressa em casa de Moretus em Anvers, em 1770, a anecdota seguinte.

Um rico inspector de manufacturas da China, estando para fazer uma longa viagem, deu um governante a seus dois filhos, dos quaes o mais velho apenas contava nove annos, e ambos mostravam felices disposições. Apenas o pae partiu, que o mestre, abusando da auctoridade que lhe tinha sido confiada, se tornou o tyranno da casa. Affastou as pessoas honradas que poderiam observar o seu proceder, e fez despedir d'entre os criados os que tinham mais a peito os interesses de seu amo ausente. Quando o instruiram d'esta desordem, elle não quiz acreditar, porque sendo dotado de uma bella alma, não imaginava que se podessem praticar taes acções. Isto era apenas meio mal se este perverso pedagogo tivesse podido ensinar a seus educandos algumas virtudes e talentos: mas elle não as tinha, fez cses meninos grosseiros, imperiosos, falsos, crueis, libertinos, e ignorantes. Depois de cinco annos de ausencia, o inspector voltou, e conheceu, mas já muito tarde, a verdade, e sem de outra maneira castigar a serpente que tinha alimentado em seu seio, se contentou em o despedir. Este monstro teve a impudencia de citar seu amo ao tribunal de um

mandarim para que lhe pagasse a pensão que lhe tinha promettido.

Eu pagaria de boa vontade, e mesmo o dobro, respondeu elle em presença do juiz, se este desgraçado tivesse educado meus filhos como eu naturalmente devia esperar. Eil-os-aqui, proseguiu elle dirigindo-se ao magistrado, examinai-os, e pronunciae.» Com effeito depois de os ter interrogado, e ouvido todas as suas inepcias, o mandarim deu esta memoravel sentença: «Condemno este mestre á morte, como homicida de seus discipulos, e a seu páe, a condemnação de tres arrateis de pó de oiro, não por ter escolhido mal, porque todos se podem enganar, mas por ter a fraqueza de o conservar tanto tempo. E' necessario, accrescentou elle reflectindo, que o homem tenha a energia de reprehender outro quando o merece, e muito mais se o bem de muitos o exige.

D. J. C. Casassa.

Constando-nos que se tem imaginado que a Redactora d'este jornal tem parte na Revista de Lisboa, inserida no mesmo, declaramos que não é exacta essa idéa. O Revisteiro, intitulado *Fr. Anastacio*, é a nosso ver um ente indefinivel, e a seu tempo elle mesmo se patenteará. *Nós* presamos muito a sua collaboração, não só pelos talentos do intelligente escriptor; mas pela utilidade que d'ahi nos resulta. Uma senhora não havia andar pesquizando noticias pela capital para nos informar, e devia ser pessoa em quem podessemos confiar. A nossa posição social, o nosso sexo nos impossibilitavam de exercer essa missão; e uma Revista além de interessante, não devia faltar n'um jornal, que espera fazer mais do que prometteu! Somos tão franca, que não duvidamos declarar que em alguns pontos differe o nosso modo de ver as cousas, do modo por que *Fr. Anastacio* as observa; e com tudo não queremos privar o publico do gosto de ler suas interessantes noticias, e a *Fr. Anastacio* a liberdade de as referir com toda a franqueza, o que nós de certo não fariamos, porque da nossa parte a critica é arma de que nunca usaremos senão como defensiva.

Julgamos ter dado as devidas satisfações, e guardaremos segredo ácerca do verdadeiro nome do Revisteiro, porque nos presamos de desmentir a injusta idéa que vulgarmente se faz das mulheres, quanto á qualidade de guardar segredo. *Fr. Anastacio* continuará a ser *Fr. Anastacio* em quanto se não casar.

Revista de Lisboa.

Prometti voltar na semana seguinte áquella em que tive a honra de ser introduzido na illustre Assembléa, e faltei como um negro. Não foi culpa minha. O cardeal Bellarmino dizia que mais facilmente acreditava que um jumento voasse para o ar do que um catholico mentisse, e eu não quero chanças com o illustre author *De nuccnsione mentis in Deum*.

Para satisfazer a illustre Redactora larguei o breviario, puz de lado as contas, limpei os oculos, e fui em cata de noticias. Porém quando voltei estava a Assembléa tão cheia, que nem o meu estreito cantinho deixaram para eu d'alli tambem dar á taramela. Paciencia, como frade, já estou affeito a ver saias nos recintos monachaes.

Lisboa está em crise, o Sol entrou no dia 23 do passado em casa da Virgem (não é a da Polonia), e dirige-se para a casa da Balança (não é a do Campo de Santa Anna), onde deve chegar a 23 do corrente Setembro. Em quanto pelo Zodiaco se passam estas, e outras que taes cousas, as mimosas filhas de Lisibona, ou Lissipona, segundo a melhor origem, folheam com avidez as paginas do Jardim das Damas, e barbarizam os *peregrinos* termos com que seus Redactores enriquecem a lingua de Camões e Fr. Luiz de Sousa, para ordenarem ás suas modistas como lhes devem fazer as *japonás* e *berthas*, e tudo o que acaba em *ates* e *etes*.

A emigração de Lisboa é espantosa, e quasi californica. Pedroiços, Paço d'Arcos, Oeiras, o Lumiar, Poço do Bispo, e Cintra tem-se convertido em centros de civilização, formosura, poesia, e janotismo. Os arrebaldes da Capital estão bucolicos até mais não. Nós, sem egualarmos o nosso collega o P. M. Fr. Gerundio, que depois de uma viagem de cinco legoas, escreveu a historia patria desde D. Pedro II até ao barbeiro que faz barbas e concerta relogios, com o chistoso episodio do inglez ptisico que deu com o chinelo em sua mulher (do inglez, se entende); tambem temos feito nossas passeiatas, tendo em uma d'ellas tido o gosto de visitar a quinta e theatro do Sr. Conde do Farrobo, onde o Ciceroni nos disse apontando para o tecto: estas pinturas são muito ricas, porque são do tempo do *Viurio!*

A morte não tem poupado a existencia dos mais illustres e illustrados jornaes. A mortandade tem sido tal que a Paternidade do Padre Fr. Gerundio ergueu á sua porta modestos tumulos onde repousam as cinzas do judeu Zacuto, da Filha do Barão d'Alfenim, do humilde Baratissimo, e do bom Especta-

dor. Depois de tantas desgraças podemos dizer:

N'um só dia, cruel sorte,
Tudo a morte nos roubou.

No theatro de D. Maria II continua a ser applaudido o drama intitulado — *Templo de Salomão.* — Merece ser visto pelo muito apparato e riqueza que em todo elle se ostenta. Em quanto ao merito litterario fallaremos de outra vez. O Sr. Mendes Leal tem recebido do Cagliostro, e outros amigos, esmeraldas, saphiras, perolas, e topazios para a sua corôa de poeta. Se assim continua, dentro em pouco o sabio poeta tem na cabeça a oitava maravilha do mundo. Queriamos antes que os escriptores fizessem boa critica do que pedras das Mil e uma noites.

Está ensaiando-se uma peça, que irá depois do Templo, intitulada — *A Mendiga.* — O titulo é modesto, se tal Sr.ª não for como muitas pobres resmungonas que se levantam com o santo e com a esmola.

O Gymnasio vai bem. E' um Theatrinho com que sympathizâmos, porque o merece. Vai ensaiar-se uma composição do Sr. Braz Martins, auctor da — Mendiga — Quatro cães a um osso — O titulo não nos espanta, porque hoje os ossos são poucos, e os cães aos milhares, graças á indolencia da Camara que, com grave damno da alma, e das canellas dos viandantes, lhes poupa a vida. Ensaia-se tambem a — Constança. — Por em quanto sabemos que Constança é uma mãe, e que tem uma filha; o mais vel-o-hemos. Assistimos á primeira representação da comedia do Sr. Braz Martins — Não foi ao Jardim? — E' pequenina, bonita, chistosa, e bem desempenhada. Uma das principaes circumstancias que a tornam agradavel é o ter sido escripta expressamente para os actores que a desempenham. A Sr.ª Massey, o Sr. Braz Martins, e sobre tudo o Sr. Marques entram perfeitamente.

Mr. Charles continúa a ter o quartel general da bicharia na Rua Larga de S. Roque. D'esta vez mostra ao respeitavel publico, mediante 120 rs., serpentes (irracionaes) monos, monas, e um elephante macho.

O Theatro da Rua dos Fanqueiros, que nos dizem se chamará de D. Fernando, vai quasi concluido. Em quanto algumas *almas* pias lamentam ver o templo convertido em casa de espectaculo, as igrejas de S. Nicoláu, e de S. Julião vão quasi acabadas, e devem ficar muito boas. Bom é que medrem as artes e a religião.

Prepara-se a exposição dos productos da Industria Nacional, na Casa do risco do Arsenal. Lembramos que, aproveitando a existencia d'um batalhão n'aquelle local, se diligenceie a permanencia d'uma banda de musica no local da sala, e que a abertura e exposição, que é uma festa toda nacional, se não faça o mais reles do que o mais ordinario arraial de Santo Antonio.

Dizem-nos que a Academia das Bellas Artes faz este anno a sua exposição, seja bem vinda, que já tardava. Será este o meio de vermos algumas daquellas aulas, que parecem umas tavernas, no devido arranjo. A seu tempo fallaremos.

No Conservatorio brevemente terão logar os exercicios publicos. Iremos lá, se nos deixarem entrar, e se não vier uma mulher pôr-nos na rua, como já nos aconteceu; advirta-se que iamos por um corredor em direcção a uma aula, tão calados e modestos como um inglez beato. Havemos dizer duas cousas a respeito do methodo d'ensino, e regulamento d'este util estabelecimento.

A'manhã (Domingo 2 de Setembro) haverá muitas funçanatas. Decididamente o povo quer *panem et circenses.* No Lumiar arraial e fogo do ar. Na Piedade outro tanto. No Salitre os interminaveis arlequins; toiros, theatros, tudo quanto Martha fiou.

Fizemos todos os exforços para ser noticiosos, e por isso não deixaremos de mencionar um livro utilissimo que vae sahir á luz. Tem por titulo — Bellas artes em Portugal sob a sabia protecção da Camara Municipal de 1849. — Apressamo-nos em publicar os titulos d'alguns capitulos.

1.º Chafariz *fumulo e collosso* do Largo da Pampulha. — 2.º Chafariz das carrancas, pelo systema do habil artista Lata, discipulo de Canova, maior do que a Praça de S. Paulo, onde deve ficar. — 3.º O *assucareiro* do Passeio Publico, transformado em lago de Salomão, e o pipo de uma seringa elevado á cathegoria de repuxo. — 4.º As duas frentes de um Passeio das quaes uma é feiamente grande, e a outra grandemente ridicula. — 5.º D'um candieiro de rua, que foi alvorado em monumento, para perpetuar a gloria d'uma Camara Municipal.

Rogamos ao Collega do burlesco que vá tomando nota d'estes Capitulos.

Fr. Anastacio.

CHARADA.

Denoto o superior 1
Apalpando por costume 2
O dia são minhas trevas,
Vejo só com o negrume.

Mascarenhas Bastos.

Na Typ. de G. M. Martins,
Rua dos Capellistas n.º 62, 1.º andar.

SETEMBRO 8. 1849. NUMERO 6.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 8; e Carvalho ao Chiado. — Preços, por mez 100. Trimestre 450. Semestre 900. Anno 1$760. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

ARTES.

Em o nosso N.º antecedente discorremos assás sobre o abandono em que jazem as lettras em nossa terra, não por escacez de genios, que em numero, e qualidade não cedem aos estrangeiros, mas pela falta de protecção do governo, e dos grandes em favor da litteratura, que é sem questão uma das maiores glorias nacionaes: são as luzes, e sem ellas não ha fulgôr. Hoje diremos alguma cousa ácerca das Artes, não menos attendiveis, não menos desanimadas!

Por artistas entendemos todos os que exercem qualquer officio, profissão ou industria; e assim comprehenderemos em nosso discurso tudo quanto respeita ás Artes.

A Inglaterra tem prosperado, e por que? Porque as Artes são alli em extremo apreciadas; e bem assim nas outras nações civilizadas aonde o artista merece toda a attenção do governo; animam-se, premeam se os inventos; mas aqui se alguem tem cabeça para inventar, ha de apresentar como estranha a sua obra se quizer que ella lhe renda dinheiro; mas se for zeloso do seu bom nome, da sua gloria, ai! d'elle!... o menos que lhe acontece é vêr inutilisados todos os esforsos da sua imaginação: leve para Inglaterra ou França a sua obra, vel-a-ha premiada.... e ainda mais!... Vel-a-ha depois vender-se em Portugal como estrangeira, e ter a melhor extracção pelo simples facto de ter ído beber as protectoras aguas do Taimes, ou do Sena (*). Ora isto envolve até falta de patriotismo! perdoem-nos a nossa franqueza, aquelles que tem ao seu alcance o evitar as razões com que nos queixamos! Nós não escrevemos um jornal de partido.... nós escrevemos um jornal de instrucção cuja linguagem é e será sempre a pura linguagem da verdade, franca, e independente como o caracter de quem o escreve. Sem offender pessoas, guardando todas as devidas attenções a todos, não podemos todavia deixar de referir factos tão conhecidos para remontar á origem dos males, e concorrer da nossa parte com um pequeno contingente em favor da terra que prezamos como propria. Tornemos a tomar o fio da nossa oração.

(*) Um florista portuguez não tendo fortuna de vender bem as suas flôres em Portugal, foi para Paris; lá está estabelecido, fazendo as flôres que vem para Portugal, e que á preferencia se compram por se julgarem francezas.

Vêmos em Lisboa alas de lojas estrangeiras em quasi todas as ruas — fazendas, modistas, perfumarias, cabelleireiros, etc., etc. — Vemos que alli acode mais gente a comprar, e preferem quasi todas as fazendas, e drogas estrangeiras ás nossas! Será que a falta de patriotismo haja contaminado todos os corações! Não. E' que a pessoa que vae gastar o seu dinheiro quer vêl-o bem empregado, e comprar o melhor mais barato. De quem pois é a culpa! Dos fabricantes, que não acabaram a sua obra com perfeição tendo para isso os sufficientes recursos? Tambem não é; é de quem manda que não dá o exemplo, não anima, não premêa os inventos, e obras nacionaes; mas antes carrega de horriveis onus qualquer officio, e faz perder o gosto de o exercer, conhecendo quanto é custosa a venda de seus generos, pela preferencia que se dá aos estrangeiros.

E' esta a causa da falta de esmero no aperfeiçoamento de qualquer obra em Portugal. Anime o governo as fabricas, dê-lhes privilegios, augmente nos direitos aos estrangeiros o que diminuir nos nacionaes (outro tanto fazem elles) e ver-se-hão trabalhar os portuguezes com todo o primor, ver-se-hão novos inventos dignos do nome portuguez, que aos portuguezes não falta nem genio nem actividade, falta-lhes fortuna!... falta-lhes quem lhes dê valor ao seu merito real.

Da mesma sorte vêmos preferidos aos nacionaes os professores estrangeiros de qualquer arte. Vão a essas nações civilisadas que nos servem de modello, e vejam se por maior que seja o merito do artista estrangeiro, é este nunca tão estimado, e attendido como os seus!... Vejam em Inglaterra, França, e outros paizes da Europa quantas lojas portuguezas, quantos artistas portuguezes alli se acham! Façamos nós outro tanto; imitemos neste ponto essencial as nações civilisadas que nos teem (por desgraça e não culpa nossa) imposto tantas vezes a lei! E são estas nações que reprehendem com seus actos a pouca attenção que as nossas auctoridades prestam á gloria, á prosperidade d'este paiz!...

Que tristes exemplos poderamos offerecer d'esta fatal verdade! Mas quem a ignora?... Quem se atreverá a desmentir com um só facto esta justissima accusação? Se lançarmos a luva não haverá quem ouse levantal-a!...

Não ha muito vimos uma infeliz mulher já idosa implorando o soccorro das almas pias, e generosas; mas que dignidade reflectia em todas as suas maneiras atravéz os humildes andrajos da pobreza! Quem era pois essa desgraçada que tanto nos interessou, e commoveu pela sua idade, e decente maneira de pedir? Era a filha de Joaquim Machado de Castro, auctor da Memoria *Estatua Equestre* do Sr. Rei Dom José I!... Tinha uma pensão que o Estado lhe dava, esta foi por vezes cortada, e por fim reduzida a zero, porque esse quasi nada que lhe deixaram não se paga!

Como este muitos exemplos todos os dias estamos vendo que assás comprovam o que dissemos, porém mencionámos esta muito de proposito, por isso que a sua idade, e misera situação a tem privado de toda a protecção.

Joaquim Machado de Castro, além do grande invento da Estatua, fez outros serviços importantes, e era em extremo apaixonado pelo desenho, e pela poesia: recommendamos ainda hoje a leitura de um folheto que elle escreveu aos 84 annos de sua idade, intitulado — Carta que um affeiçoado ás Artes do desenho escreve a um alumno da esculptura, para o animar á perseverança no seu estudo, etc. — Nós possuimos este escripto que nos offereceu a mesma sua filha, penhorada pela compaixão que d'ella tivemos: como aqui mencionámos este artista digno de melhor sorte no seu paiz (tendo renunciado premios em nações estra-

nhas) publicaremos tambem neste numero uma Ode que elle fez ao Senhor Rei D. João VI, quando principe — a fim de que se avalie agora o que elle então era, visto que só depois da morte é que se costuma fazer justiça ao merito!

A Estatua Equestre vive, e vivirá sobranceira aos seculos; mas do seu auctor quem lembra o nome?... Ainda em raros peitos, ainda a compaixão!

Eis-ahi como são avaliados em nossa terra os grandes engenhos!... E a culpa, repito, não é dos particulares.

Portugal é na verdade um torrão escolhido por Deos para ser entre as nações o paraiso terrestre, assim os homens o soubessem apreciar! da mesma sorte que o clima é ameno, fertil e excellente em suas producções, são dotados de genio e boas inclinações os seus habitantes (geralmente fallando). Poderão accusal-os de indolentes? Não o são: a sua indolencia nasce da falta de protecção, e acolhimento que seus trabalhos encontram. Quanto daria o governo inglez para ter a fortuna de possuir terra e gentes como as nossas!...

Quem isto escreve não teve a dita de nascer em Portugal, nem de pae portuguez tem a sua origem, e por isso não póde ser suspeita; entretanto é já nossa esta ditosa terra, e nossos compatriotas os portuguezes; em favor d'elles ergueremos a voz implorando aos que mandam que pondo termo aos males que de ha tanto soffremos, por sua propria conveniencia, dêem toda a sua protecção ás Sciencias, ás Artes, ao Commercio, á Agricultura — que todos esses importantissimos ramos jazem amortecidos: ao governo cumpre reanimal-os, e fazel-os florecer, e elles produzirão o preciosissimo fructo da paz, abundancia, prosperidade, e independencia nacional.

(Continuar-se-ha)

AS CASTELLÃS DE ROUSSILLONT.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

Senhor, (disse ella) eu vos restituo o que vos pertence. E a velha matrona depôz aos pés do noivo um assafate de junco artisticamente elaborado, no qual carpia uma criança de incantadora belleza.

Parecia ter dezoito ou vinte mezes; um tecido de cassa ligeiro cubria apenas seus membros roliços e nutridos, os aneis de seus loiros cabellos fluctuavam em torno do seu rosto branco, e rosado, os olhos eram da côr do ceo; sobre o seu peito nú pendia uma pequena reliquia suspensa a uma cadeia de ouro.

Elle estendeu seus tenros braços para Francisca, a qual inclinando-se para elle, o admirou perturbada em quanto Galliot não podia conter sua emoção. Que significa esta scena, e quem é esta criança? perguntou a condessa com um modo imperioso. Sabereis tudo, senhora, respondeu Galliot em meia voz, e voltando-se para o lado da velha com um relance supplicante lhe disse, tornae a levar este menino, os vossos cuidados lhe são ainda necessarios.

E todas as vossas promessas? replicou ella com um riso cheio de amargura. Eu as cumpritei quando for tempo, respondeu o mancebo em voz baixa, eu vol-o juro novamente.

Fóra d'aqui, velha feiticeira, gritou com voz de stentor o visconde de Vaillac, tio materno, e tutor de Galliot, aos bons offícios do qual o joven conde devia o seu casamento com a rica herdeira: que a lancem nos subterraneos, se não quer sahir de boa vontade! E juntando o gesto á palavra, deu signal a Marçal, que se apoderasse d'esta grande mulher.

Ninguem se atreva a pôr as mãos sobre ella! exclamou Galliot, com mais firmeza do que costumava mostrar ordinariamente. Depois inclinando-se para a orgulhosa creatura a quem as ameaças de Vaillac não tinham podido intimidar:

Gertrudes, lhe disse elle ao ouvido, em nome d'aquella que nós choramos, não prolongueis esta scena, ámanhãa eu vos tornarei a ver. Gertrudes lançou-lhe um olhar de reprehensão, e pegando no assafate desappareceu por entre a chusma. O senhor de Vaillac aproximou-se então da nova esposada e offereceu-lhe a mão para a conduzir á grande sala, aonde o banquete nupcial estava servido. Seguindo o seu exemplo, os convidados tomaram assento á roda da immen-

sa meza sobre a qual estavam amontoados manjares de todas as especies: o capellão rezou em alta voz o *benedicite*, e o festim começou. Uma impressão de tristeza se tinha apoderado dos dois esposos; Francisca estava silenciosa e pensativa, e Galliot não se atrevia a levantar os olhos sobre ella, tanto elle receiava encontrar suas vistas indagadoras e severas.

O constrangimento em que se achavam ambos, não escapou á curiosidade dos convivas, os quaes se communicavam mil conjecturas mais ou menos verosimeis sobre o assafate mysterioso que elles tinham apenas entrevisto. O senhor de Vaillac mesmo não parecia estar á sua vontade; elle seguia com um olhar inquieto o modo constrangido de Galliot, e deixava perceber o seu máu humor, apezar dos esforços que fazia para parecer alegre.

Assim que o banquete terminou, elle propôz á senhora de Roussillont de irem ver jantar os aldeãos, para os quaes se tinham posto mezas no atrio. Todos os convidados se levantaram immediatamente, e o velho senhor passando por seu sobrinho, pôde dizer-lhe ao ouvido: Tendes-vos conduzido como uma criança, procurae tornar-vos homem para o futuro.

Era um golpe de vista que alegrava a alma, vêr este povo atavindo de seus mais bellos adornos, alumiado por mil tochas, comendo com robusto apetite, os manjares suculentos que naquelle dia supriam o milás (*) e o farz (**) seu sustento ordinario.

(*Continúa.*)

D. Maria d'Arrabida da Costa Sousa e Macedo.

DOIS MYSTERIOS.

(*Continuação.*)

UM PASSEIO A CHELLAS.

Uma brilhante manhãa despontava promettendo um dia formoso! Era nos principios de Agosto de 1836. Eu aproveitei esta linda manhãa para ir de passeio a casa de Francisco Dias, fazendeiro muito honrado, que outr'ora foi meu caseiro na quinta de Santa Catharina em Chellas; e era mesmo por esses sitios que elle habitava hoje em fazenda sua, rendeiro das commendadeiras de Santos. Quiz depois de tantos annos ir vêr aquelle ameno valle de tão gratas e saudosas recordações!...

Ao passar a Fundição vi um joven de interessante aspecto; muito claro, olhos castanhos, cabellos louros, barba loura crescida, que lhe embellezava muito a physionomia meiga e delicada, mas muito melancolica. Era elle de estatura regular. Estava assentado em um dos assentos de pedra, e olhava tristemente para o mar, sustendo a fronte com uma das mãos. Parecia engolfado em seus pensamentos; e quando passei junto d'elle, á voz de um de meus filhinhos que me acompanhava, volveu machinalmente as vistas, fixou-as em mim, soltou um ai que exprimia a dôr, e a surpreza, ergueu-se, e depois de reconhecer o seu engano caiu sobre o assento de pedra confuso, abatido, e na maior consternação!

Poude a compaixão mais do que a civilidade, e do que outras considerações proprias do meu sexo, e sem me lembrar mesmo que iria vexar quem buscava occultar a sua dôr, me aproximei do joven, e lhe perguntei se sentia algum incommodo, e se lhe podiamos ser uteis!

— Muito obrigado — respondeu perturbadissimo — desculpe-me V. Ex.ª, nada preciso....

Ainda uma vez eu, e meus filhos lhe perguntámos se queria tomar alguma cousa, e lhe offereci o meu fraco prestimo; mas observei que afastava de mim as vistas, e que a nossa presença o constrangia; por isso continuámos o nosso transito.

Meu Deos, dizia eu comigo, será possivel que a desventura me atráia! Parece que a força occulta de um encanto me conduz aos logares aonde mais um infeliz junte as suas ás minhas dôres e torne infinito o meu padecer! Este joven soffre muito! a perda de uma boa mãe, de uma esposa, ou de um filho, é causa da sua afflicção! Elle estremeceu ao vêr-nos!... ou a minha presença, ou a de meus filhos o commoveu!... Sem dúvida!...

Mais um mysterio! Mais um cuidado!...

O coração verdadeiramente sensivel sente os males alheios como os seus proprios!...

O gôsto com que eu tinha saido para vêr uma familia que eu estimava, e que ha annos não via, desappareceu! E outras tantas idéas differentes, e dolorosas se acumularam para me envenenar o dia! A' proporção que eu me aproximava da estrada dos logares tantas vezes por mim frequentados em companhia de meus adorados páes, e irmãos, pesada mão de gêlo parecia comprimir-me o coração!... Nunca tal passeio me lembrasse!

(*) Milás é um caldo feito de trigo negro, e milho.

(**) O farz compõe-se de farinha, de fermento, de ovos, de pão alvo, de bocados de toicinho, de alhos e salça.

Tentei distrair amarguras, e fui buscar novas amarguras!

Chegámos finalmente a casa do honrado Francisco Dias, e ao entrar na horta a primeira pessoa que vi foi a boa Anna sua mulher, a qual havendo-nos logo reconhecido, correu com os braços abertos, e ergueu-me no ar com um abraço de verdadeira amizade, e saudade! Gritou pelos filhos, pelo marido, pelas filhas; e a alegria d'aquella boa gente ao vêr-nos suavisou a minha mortificação.

Anna estava na melhor disposição; tinha quarenta e tantos annos, e parecia uma rapariga! corada, robusta, os cabellos todos pretos, os dentes muito alvos; finalmente o mesmo trabalho a vigora.

Desviamo-nos um instante do assumpto principal d'este Romance; refresquemos um pouco as idéas cançadas de soffrer e de vêr soffrer dois infelizes, e digamos alguma coisa ácerca d'esta familia, e do campo.

Anna ergue se de madrugada, vai á Praça da Figueira conduzir o jumento com hortaliça, e outros fructos da sua fazenda, lavrada por seu marido, e por seus filhos; volta para casa ás 8 ou nove horas da manhãa; cuida em arranjar o jantar para sua familia, e depois de arranjada a sua casa, vae colher a hortaliça que no dia seguinte ha de levar á Praça; laval-a no tanque, e se preciso é, toma da saxola e vae regar a horta! (isto é verdade pura, não é invenção).

Suas filhas umas lavam, outras cozem e engomam, para casa e para fóra, cuidam em seus irmãos mais pequenos, e gozam todos a mais perfeita saude. O seu comportamento é exemplar.

No campo, no campo se encontram mulheres dignas de todo o louvor! E não se pense que são menos illustradas que as da côrte, ao contrario, como o luxo e a janella não lhes occupa o tempo, ellas estimam aproveitar as poucas horas que tem livres em ler; e seus livros são sempre de moral, e religião: são antigos, mas não lhes escaldam o cerebro, nem envenenam o coração!... Poucas raparigas do campo hoje não sabem ler. Suas mães cuidam muito na sua educação, mandando-as á mestra, que em todos os districtos ha alguma (assim fossem ellas mais illustradas).

Os filhos ajudam o páe nos trabalhos da agricultura, e por isso, por mais filhos que tenham, nenhum se lhes torna pesado; são tantos braços que Deos lhes dá para augmentar o producto da sua lavoura.

Os divertimentos do campo são os mais innocentes; um arraial, uma funcção de igreja; eis tudo para a mocidade do campo, e tudo isto é depois de feitas as suas obrigações domesticas. Um vestido de chita, ou de lãa, um lenço de seda, ou algodão de côr, eis todo enfeite de uma camponeza. Se tem meios empregam o dinheiro em oiro para ornarem seus collos, e suas orelhas, e não o consomem em trapos e modas que a todo o instante devoram tudo quanto os páes, e maridos possam ganhar; e é este flagello a causa da perdição de tantas casas, e de tantas raparigas!...

Anna se apressou a apromptar-nos um excellente jantar campestre. A' tarde fomos todos passeiar á horta. Fez-nos o pobre Francisco derramar copiosas lagrimas ao mostrar-nos ainda as pequenas aboboras genovezas em fórma de garrafas, cuja semente meu páe mandára vir de Genova; e outros fructos esquisitos que elle ainda conservava em memoria de seu antigo amo. A gratidão d'aquella familia pelos beneficios que recebeu de meus páes, é mais um direito que tem adquirido á minha estima. João, José, Francisco, Maria, e Joanna, me cercavam, e exultavam de alegria. Meus filhos estavam contentissimos.

Levaram-nos á abogaria: Francisco tirou uma das melhores vaccas, e della nos deu leite espumando. Foi o que me agradou; o que me suavisou a agonia que me queimava o peito!

Deixemos em paz essa boa familia gozar as delicias do campo: deixemos os arvoredos a cuja sombra a nossa imaginação repousou; e tornemos no vasto campo dos acontecimentos extraordinarios! (*Continúa.*)

D. A. G. Pusich.

POESIA.

O Adeos.

EPISTOLA.

Risonhas campinas, que o Téjo beija,
Por quem, d'amor, meu coração arqueja,
E vós bosques verdejantes,
Aonde já passei doces instantes,
Adeos.... vou deixar-vos. Meu cruel fado,
Ordena que de vós seja affastado!

Amante Rouxinol melodioso,
Regato que t'estendes preguiçoso,
E vós lêdos Passarinhos,
Que fostes testimunhas dos carinhos
Cõqu'Amor me brindou outr'ora... Oh! Ceos!
Amante Rouxinol, adeos, adeos....

O' Lisboa, ó patria muito amada,
Pelos cruéis filhos teus ensanguentada, (*)
E tu consternada amante,
Que em breve de ti serei distante,
O Fado contra mim os rigores seus
Empregou. — O' Lisboa, adeos, adeos!...

Minha chara Adelle, suspende o pranto,
Vê que meu coração não póde tanto,
Ah! suffoca os ternos ais,
Que são p'ra o peito meu crueis punhaes,
Abaffa um instante os suspiros teus,
O' minha chara Adelle, adeos, adeos!...

Um paiz vou buscar hospitaleiro,
Que azylo dê ao mizero estrangeiro,
Da Patria repulsado,
Aonde foi feliz, e desgraçado!
Do mar vou affrontar os escarceos,
Um paiz vou buscar, adeos, adeos!...

Não esqueças, ó Adelle, por piedade,
Aquelle que por força da saudade
Será em breve extinto,
Que já de te deixar finar-me sinto.
As promessas, e juramentos teus
Não esqueças, ó Adelle... adeos.... adeos!..

18 *de Setembro de* 1847.

José Romano.

Ode Saphica.

Exulta, Lysia: troca o susto em gloria
Oh Providencia! Santa Providencia,
Que os olhos fixas sempre com clemencia
Nos Lusitanos!

Turba-se a Esfera, pronostica damnos,
De Luso os filhos andam aturdidos,
Da nuvem negra outindo os estampidos
Sem ver o raio.

Mas não perdendo o tino em seu desmaio,
As Santas Aras buscam diligentes,
E alli prostrados, supplicas ardentes
Assim proferem:

» Ente Supremo, a nossos peitos ferem
» Pungentes mágoas. Vemos lastimados
» Exposta estar aos Euros indomados
» Nossa Esperança.

» João Augusto.. O'Deos... Ah que lêbrança!
» Unico Resto, doce, e deleitavel
» Unico fructo, que ha da sempre amavel
» Regia Maria.

» Doença audaz, com barbara ousadia.
» Se atreve insana a perturbar-lhe o curso,
» Que os quatro agentes fazem no concurso
» De seu composto.

» De Ourique o Campo diz ainda com gosto
» O que ouviu, quando a Affonso tu fallaste
» Lá desde o Lenho Santo em que salvaste
» O vasto Mundo.

» Impede ao impio, ao blasfemo immundo,
» Se atreva injusto, e cégo com demencia,
» A proferir, que póde ter fallencia
» Tua promessa.

» Não póde, não: não póde. Olha com pressa:
» Vê de Maria Augusta o Genio Pio,
» Seu Regio Peito vê, e'o susto frio,
» E o filho amado.

» Se o Luso Imperio já tens prefilhado,
» A causa é tua. » Oh pasmo! Que diviso?
Rasgar-se o Ceo eu vejo d'improviso
Com resplendores.

Descem chuveiros de fragrantes flôres,
E seus aromas d'immortal virtude,
Ao Alto João restauram a saude
Mais vigorosa.

Lysia feliz! Ah Lysia ventuosa,
Quanto ao Ceo deves! Parabem te seja:
Teus filhos todos, todo o mundo veja.
Nesta alegria.

Porém como esta dita o Ceo te envia,
Ao Ente Eterno todos adoremos,
E em votos puros, gratos lhe entoemos
Te Deum Laudamus.

Em Agosto de 1789.

Por Joaquim Machado de Castro.

(*) Guerra civil em 1847.

Revista de Lisboa.

Decididamente estamos chegados ao hyverno. Em a nossa terra, onde ha muito tempo tudo anda torto, as estações pronunciam-se, e zombam das terminantes prescripções do Borda d'Agua, com a mesma sem ceremonia com que um deputado da direita nega o seu voto ao ministerio. O ceo está toldado, a atmosphera humida, o vento sopra do sul, e a chuva cahe, se não em torrentes, ao menos em quantidade sufficiente para obrigar o pacato burguez a sobraçar o pezado chapéo de chuva, e a puxar dois furos acima os suspensorios.

Poderá ser um rebate falso, e oxalá que o seja, para podermos gozar as hydropathicas scenas do outomno. Com tudo a sciencia lucra com estes aguaceiros; e a Redacção de certo jornal feminino, ou *neutro* por certo não perde. O pluviometro é consultado d'hora a hora, e os boletins meteorologicos não tardarão a ver a luz do mundo, nas columnas respeitaveis da respeitavel filha d'um illustre pae, segundo a expressão do bom tutor da menina.

E quem haverá ahi que se atreva a dizer mal d'aquelles estudos, e a criticar os artigos a que nos referimos? Se o ha que se declare, porém que não venha dizendo que o pluviometro é uma especie de chapéo de chuva, como ha pouco ouvimos a um litterato, que *fazia espirito* no botequim!!

A metempsycose dos Brahmanes que alguem julgou ser a encarnação do espirito de um frade bernardo no corpo de um regedor, ou de um deputado da provincia (em certos paizes) verifica-se entre nós. E' uma descoberta que fez indo caminho de Bemfica, e que póde ser tão luminosa como a de certo physico, que estando no coro reparou mais para as oscillações da alampada, do que para o breviario, porque se não era frade, parecia-o. Eil-o-ahi vai. A janota lisbonense é a prova authentica da theoria de Pythagoras; assim o creio, e por isso o digo em pleno dia. A janota na Primavera é um ente pacifico, tranquillo, domestico, e quasi burguez. Levanta-se ao nascer do sol, veste o seu camizote de riscadinho, vai para o jardim se o tem, ou para a janella vêr passar as saloias, e os empregados publicos, almoça com appetite, coze, borda, faz flôres, janta com enthusiasmo, visita as suas amigas, toca no seu piano, ceia, e dorme com a mais perfeita saude. No Estio a janota adoece; o medico dá voltas á intelligencia, folhea todos os alfarrabios desde Hypocrates até o Esculapio (jornal) e não acerta com a queixa. O pharmacopola tem já combinado todos os simplices desde a innocente *abatina* até á *zedoaria*, pilulas, xaropes, elixires, tudo é insufficiente. A janota tem fastio, fraqueza, está pallida, e frouxa. Vai para o campo, transforma-se em Driade, passeia desde manhãa até ao pôr do sol, esconde-se pelos bosques, reclina-se á sombra das faias, bebe agua de *Canarães*, da *D. Maria* de *Cabeço de Vide*, e de *Entre Rios*; as melhoras são visiveis; recupera as côres, readquire o appetite, é um ente novo; porém preexiste a frouxidão. O Outomno começa; as barcas vem postar-se defronte do Cáes das Columnas; os annuncios de optimos banhos pullulam de todas as esquinas, e a janota reconhece-se debil, fraca, *fragil*, até. E' mister que se lhe encrespe a fibra, que os nervos tomem tom, que os musculos vigorem; a janota consulta o seu medico. Pisca-lhe o olho, pergunta-lhe com desdem, *far-me-hão bem os banhos?* E o esculapino: que não quer perder o partido, confirma a opinião; receita com liberalidade quarenta banhos; a janota converte-se em Naide. Hei de ir á barca ou em bote? pergunta ella ao seu doutor, e indica-lhe com um olhar meigo e expressivo as paragens que demoram ao occidente. De Belem para baixo, responde o medico, que vê escapar-se-lhe a victima até sabe Deos quando. A janota vai para banhos; diverte-se, conquista, e é conquistada; contrahe novos conhecimentos, louva o medico que a pôz em tão bellas circumstancias, e só deixa as margens, que o Téjo banha, quando o thermometro marca quinze gráos acima de zero. O Hyaverno carrancudo, chega, a chuva cahe em torrentes, a madrugada e o crepusculo da tarde quasi que se confundem; os dias são como uma visão que passa e desapparece momentanea; as horas são poucas para o boudoir; as noites, as noites essas sim. Abrem-se os templos de Terpsichore, a janota dorme pouco, come á pressa; consulta todos os jornaes desde o Journal des Dames até ao Jardim das mesmas, dilluc o cerebro de todas as modistas, faz perder a paciencia á cohorte de mandriões, a que a nossa civilisação chama capellistas; põe em movimento desegualmente acelerado as lojas de perfumarias; não deixa morder a pulga no Barão, e dispõe-se para trocar a vida bucolica, e aquatica pela existencia buliçosa e fascinante do theatro, e dos bailes. A janota extasia no ouvir as melodiosas composições de Verdi, admira o talento de Mayerber; agrada-se de Talbert; e enthusiasma-se ao escutar os protentos de Donizzeti.

A musica e os namoros são para ella tudo no camarote de S. Carlos. Só lhe punge um desgosto; é que as palmas e as corôas da actriz lh'as não venham collocar sobre a fronte os janotas de luva branca, que deitam o oculo desde a assignatura, e que lhe rendem finezas ao ouvido, para a mamã não ouvir. A janota vae ainda methamorphosear-se; vae cantar no Club, e tocar á Philarmonica. Agora é a mulher artista; a virgem vaporosa, a visão dos bosques, a .... que sei eu! E' o mytho.

Acaba o hyaverno. O Sr. São Silvestre foi de máu agouro. A janota, cahe no positivo; esvae-se-lhe a existencia, como um sonho; dissipa-se-lhe como as nuvemzinhas que o vento desfaz n'um segundo. A janota fecha-se no seu boudoir, recosta-se no divan, e co-

meça a dar balanço. E' uma simples mulher. Quer contar as finezas que lhe disseram, os rendez-vous que recebeu; porém foram tantos! Lembra-lhe um expediente: conta os vidrinhos de agua ferrea que bebeu, as garrafinhas de agua alcalina que tomou, os banhos, as vezes que foi ao theatro, á assembléa, ao club, e sem auxilio de Euclides, faz um calculo approximado, somma, subtrahe, divide e conclue. E' mathematica.

E que nos importa a nós que a mulher seja um ente mudavel, como qualquer redactor que faz politica por dinheiro? dirá o assignante da Provincia que quer saber o que se passa em Lisboa, cidade que elle idealiza mais rica do que Tyro, mais augusta do que Roma, e mais sabia do que Athenas. Lisboa, respondemos-lhe nós já, foi esta semana o que tinha sido na passada, salvas pequenas alterações. Temos mais dois jornaes — A Lei — e a Emancipação. — São politicos, e por isso fazemos-lhe os nossos respeitos muito de longe. A Lei, segundo dizem, os que julgam que esta palavra significa alguma cousa, é uma transplantação do Estandarte; a Emancipação dá seus ares do Lusitano; desejamos-lhe muitos annos, e bons.

Não se julgue porém que a vertigem politica, e periodical seja a unica que predomina: o amor recebeu esta semana um triplice holocausto. Bom teria sido que os sacrificios do filho de Venus fossem tão folgazões como se cantam nos coros de uma linda opera comica do Sr. Silva Leal, que se ensaia no Gymnasio. Estavamos quasi a denunciar uns lindos versinhos que nella ouvimos, porém respeitamos a propriedade litteraria. Por em quanto saibam só os nossos leitores que um guapo moço alto, corado, de cabellos castanhos, e famosa voz de baixo, desprezado por uma Venus, a quem tributava cultos, endoideceu. Se nos perguntarem o nome dir-lhes-hemos que se chamava Malhão, e que era discipulo do Conservatorio.

Para as bandas da Magdalena, uma rapariga, a quem o namorado declarou em disponibilidade porque outra mais bella lhe roubara a alma, tentou com um canivete romper as veias, e não o conseguindo, lançou-se da janella de um terceiro andar. Felizmente não morreu, fracturou uma perna, contundio a cabeça, porém vive ainda. Se é verdade o que nos dizem, em uma rua proxima a Jesus, outra joven procurou tambem para si a sorte de Dejanira. Admira este amor á morte quando ella se não esquece de nós, e nos vae levando com a rapidez com que roubou a existencia a um bom chefe de familia, o Sr. José Joaquim d'Oliveira, que morava na rua dos Capellistas, e que succumbiu no dia 4 com uma apoplexia fulminante.

Já basta de mortes. Os operarios d'uma fabrica ao Calvario, fizeram no domingo uma procissão por mar, em que conduziram uma veneravel imagem da Mãe de Deos, de Xabregas, para a igreja das Flamengas. O acto dizem-nos que esteve solemne, e religiosamente pomposo. Folgamos sempre que vemos as classes laboriosas darem provas d'estas de religião e piedade.

Chegou a Lisboa o vapôr sardo — Giorto — e o — Mozambano. — A bordo do primeiro vem o barão Solaroli que traz de mandado do rei de Sardanha, uma grão-cruz para Sua M. El-Rei o Sr. D. Fernando; e o segundo conduz o Principe Carignan, que ha de ir buscar ao Porto o corpo do infeliz rei Carlos Alberto. — No vapôr Infante D. Luiz foi o conde de Linhares, camarista de S. M. a Rainha, e o barão de Rilvas, ajudante de campo de S. M. El-Rei para assistirem ás honras funebres.

Fr. Anastacio.

A Redactora d'este Jornal em extremo reconhecida se confessa aos generosos louvores que lhe prodigalisa o Redactor do — Jardim Litterario — jornal com que devéras temos sympathisado pelo merito de suas obras litterarias: muito folgamos de ter merecido a approvação do nosso illustre contemporaneo; e que unisse ao nosso humilde discurso, as suas sabias reflexões em favor do importantissimo assumpto — A Educação de nossos compatriotas.

CHARADA.

Innocencia, talvez pura,
Oppressa comigo habita;
A par de crimes que a lei
Severa punir cogita. } 3

Da escalla descendente
Me poseram no final:
Páu cruzado, negra côr
De mim dão triste signal. } 1

Quem a cifra não souber,
Jámais póde franquear
O segredo com que affasto,
Quem meu dono quer roubar.

B. J. S. França.

Explicação da Charada do n.º antecedente.
Morcego.

Na Typ. de G. M. Martins,
Rua dos Capellistas n.º 62, 1.º andar.

SETEMBRO 15. 1849. NUMERO 7.

A ASSEMBLÊA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publica-se hu todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 5; e Carvalho no Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 430. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 84 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

ARTES.

O systema liberal não melhorou, antes peiorou a sorte dos artistas em Portugal; e não devia assim acontecer, porque o governo representativo tem certa união, e dependencia d'esta classe, indispensaveis! Precisa dos artistas para as eleições, precisa dos artistas para os batalhões, precisa dos artistas para as contribuições; e para muitas outras cousas a que o systema liberal se tem ligado! — Podêmos assegurar que no tempo do absolutismo eram os artistas mais considerados; e que ao presente nenhumas vantagens gozam: nós vamos demonstral-o com factos.

O Senhor D. Pedro Imperador do Brasil, chegando a Portugal abuliu por um decreto a Casa dos Vinte e quatro, e no mesmo decreto recommendou ás municipalidades uma nova organisação: quinze annos tem decorrido e ainda esta *nova* organisação não appareceu!.. Não houve ainda um momento para tratar dos artistas, havendo-se tratado de tantas outras cousas menos dignas da attenção do governo.

Não se conhecem garantias nem para o público se um artista como artista deixa de cumprir o seu dever, nem para o artista. Se alguem dá a fazer uma obra, e que esta lhe fica arruinada por culpa do artista, aonde existe uma auctoridade a quem nos queixemos (sem dar dinheiro ainda em cima) e que mande reparar o prejuizo? Se o artista soffre tambem qualquer transtorno, quem é que advoga a sua causa? Quem é que zela os seus interesses? Será necessario a um e outro recorrer a uma acção judicial aonde vão consumir o dobro do que perderam?!.. Sobre os mesmos aprendizes devia haver uma lei, ou como lhe quizessem chamar, que aos artistas e aos aprendizes marcasse obrigações reciprocas, e nos recrutamentos poupar-se o aprendiz que está prestes a concluir o tempo do seu officio; e que muitas vezes vai ser um pessimo soldado, podendo ser um excellente artista! Ha tantos homens vadios, mandriões que estão a cargo da sociedade, e que é uma fortuna para ella, e para elles o assentar-lhes praça dando-se-lhes assim um meio efficaz de se sustentarem, e de trabalharem, sendo inquestionavel que os ociosos são peste na sociedade, e por isso sobre elles deve cair a espada da lei! Mas acontece o inverso: os vadios fogem, escondem-se durante o tempo marcado para o recrutamento; e as auctorida-

des que *a todo o custo* querem satisfazer as ordens superiores, vão buscar os aprendizes, e causar ao mestre, e ao officio o mais grave prejuizo, porque um bom aprendiz não se faz em dois dias! Temos em nossos discursos fracos de eloquencia, mas fortissimos de razões, offerecido vastissimo assumpto a sabias dissertações; e muito desejamos, e esperamos que os nossos contemporaneos unam os seus a nossos rogos em favor d'esta classe tão importante á prosperidade nacional.

Já se vê que o egoismo não move o nosso discurso em favor dos artistas; mas tão sómente o desejo de prestar algum serviço á patria, e á humanidade.

Pertencemos a uma classe muito diversa: e com tudo a nosso vêr os mesmos militares, ainda os mais distinctos deviam saber um officio com perfeição, porque muitos ha que, perdida a patente militar, ficam expostos a perecer de indigencia, ou tem de sobrecarregar a sociedade com mais um ente inutil; e muitas profissões ha que não ficaria mal o exercel-as até o homem mais nobre; sendo certo que a verdadeira nobreza existe nas boas acções de cada um, e que não é boa acção o ser ocioso, nem é nobreza o não saber grangear os meios de subsistencia com o seu trabalho, e applicação quando seja preciso. O homem diligente não depende senão de Deos, e de si; e todos dependem d'elle; ao passo que todos desprezam e abhorrecem o ocioso que á custa do alheio trabalho quer sustentar não só as suas precisões, mas até seus vicios, e imposturas! E' este sem duvida ridiculo, e abominavel, quanto superior, e estimavel o homem que adquire um nome com o seu trabalho; porque aquelle quer fulgir com a gloria alheia; quer viver com o nome dos defuntos.... este vive do seu nome, resplandece com a sua gloria.

Não se entenda que neste discurso tentamos abater a nobreza de nascimento; nós tambem temos pergaminhos, tambem uma corôa em nosso Brazão d'Armas... e todavia presamos ainda mais do que este presente do acaso (tantas vezes inutil, e até prejudicial) a gloriosa certeza de que aquelle que nos deixou a herança de um nome illustre, não commetteu jámais uma acção pela qual o deslustrasse. O nobre tem obrigação de dar o exemplo; deve por suas acções tornar-se digno do seu nome; e não entender que só pelo nome tem jús ao respeito, e aos sacrificios dos outros: nem se póde julgar mais do que aquelle que embora nasceu em humilde berço, e por suas acções se tem elevado; a gloria d'este é a nosso vêr muito mais brilhante porque luz com luz propria. Quizeramos antes que nossos filhos fossem diligentes artistas, do que fidalgos ociosos, pois é já de antigo proverbio que *a ociosidade é mãe dos vicios*. Não será por certo com o nosso exemplo que elles hão de tornar-se pezados á sociedade...

Quando julgarmos conveniente voltaremos ao mesmo assumpto; por hoje não o podêmos prolongar, que outros assumptos reclamam os espaços da folha.

Madame Andrada, ex-redactora, ou directora do Jornal Francez — *L'Abeille* — tem a bondade de nos offerecer a sua sabia collaboração na — *Assemblêa Litteraria*; — a qual não haviamos solicitado por nos constar que a mesma senhora se achava gravemente enferma. Temos a satisfação de vêr que se acha restabelecida a sua importante saude; mas com um desgosto, um resultado fatal!..

Esta estimavel senhora dirigia sabiamente um collegio de educação de meninas, e como adoecesse ficou privada d'este unico meio de subsistencia que lhe restava! E' sem dúvida lamentavel este acontecimento; e nós imploramos a todos os páes e mães de familia que estiverem nas circumstancias de dar a suas filhas uma sublime educação, hajam de concorrer para a devida reparação d'este gravissimo transtorno. Quizeramos tecer os merecidos elogios a esta senhora; porém tudo quanto podêramos dizer se acha confirma-

do no conceito de um sabio cujo nome será eternamente lembrado, e respeitado.

Transcrevemos o que o fallecido Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira disse, copiando fielmente o annuncio impresso ácerca do collegio que Madame Andrada dirigiu.

EDUCAÇÃO DE MENINAS.

Das pouquissimas casas que em Lisboa temos para a educação feminil, a que se possa dar louvor, uma é a da Sr.ª D. Catharina Alvares d'Andrada. D'alli tem sahido um grande numero de senhoras completas, que hoje estão sendo no trato domestico exemplares; e nas sociedades, ornamentos mui distinctos. Em umas e outras qualidades excede a illustre directora: das suas virtudes familiares, moraes, e intimas é prova o filial affecto e respeito com que as suas alumnas a tratam, e que nunca depois se vem a desmentir ou enfraquecer; dos seus talentos agradaveis e da arte com que os sabe transmittir, são testimunhas quantas pessoas frequentam as salas, em que se reunem companhias escolhidas. A conhecimentos mui variados em litteratura, assim nacional como estrangeira, ajunta a Sr.ª Andrada uma rara perfeição na arte, que de todas é a mais propria do seu sexo, a musica; sendo igualmente destra no piano que na harpa.

A doctrina Christã, a historia sagrada e profana, a geographia, a grammatica geral e particular das linguas portugueza, franceza, e ingleza, a escripta e a arithmetica, são os ramos d'instrucção d'aquelle estabelecimento.

O bom methodo alli adoptado permitte que as meninas, dentro em mui pouco tempo, fallem correntemente, sem esforço nem confusão, pelo uso de umas com outras, as tres linguas sobreditas.

A par d'estes talentos corre a cultura de todas as mais prendas que devem adornar qualquer senhora, nas diversas situações sociaes, e sobretudo as qualidades essenciaes que devem distinguir uma boa mãe de familias.

Os preços da pensão mensal são os seguintes:

Para as despezas geraes . .	12$800 réis.
Musica e desenho	4$800 »
Dança	1$600 »

Attendendo a que algumas mães de familias, até das mais distinctas na ordem social, se não apartam facilmente de suas filhas e preferem, que findas as horas do ensino voltem diariamente á casa materna, admittem-se, mas só com a mais escrupulosa escolha, algumas discipulas externas. Para essas os preços da pensão mensal são os seguintes:

Para as despezas geraes . .	7$200 réis.
Musica e desenho	4$800 »
Dança	1$600 »

O estabelecimento está situado n'um dos bairros mais centraes e saudaveis de Lisboa: Rua direita do Loreto n.º 56.

O interesse, que tomámos no bem publico, nos obriga a recommendarmos este bello estabelecimento a todas as boas mães de familias.

Paga-se sempre um trimestre adiantado.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

O mais vivo enthusiasmo anima a *Assembléa Litteraria* quando em seu gremio vê raiar os primeiros explendores de uma estrella! Participamos da gloria de seus lumes, porque o ponto eleito para annunciar-lhe a apparição no mundo foi este Jornal!

Vêmos realisada a justa idéa que fizemos do novo genio apparecido no orbe poetico — o Sr. Antonio Mendes Leal — joven de 16, ou 17 annos! Publicamos uma das lindas poesias que nos offerece, onde a par de um talento elevado, reflectem a candura da innocencia, e uma alma bem formada.

Recebemos tambem, e muito agradecemos uma linda chanda que nos envia outro joven de 17 annos, o Sr. Albino Antonio de Andrade e Almeida, que em outro numero publicaremos; e muito louvamos o enthusiasmo que na sua attenciosa carta manifesta pela poesia, sendo sem dúvida para lamentar que suas occupações como empregado publico lhe não permittam o preciso tempo de se applicar ás letras; entretanto o desejo póde muito, e não deixará de lhe facultar os meios de aproveitar o seu talento.

Igualmente agradecemos os primeiros ensaios poeticos do Sr. M. F. Corrêa, actor do theatro de D. Maria II, muito joven, e muito habil, e intelligente.

Folgamos ao vêr os nossos artistas começarem a trilhar uma carreira luminosa unindo á arte a sciencia!

Que Portugal abunda em felices engenhos, e que só faltava um espaço onde ostentar-se, dissemos nós em o nosso n.º 3, e vamos justificando.

Temos protestado aos espiritos novos recentemente chegados á *Assembléa Litteraria* nossos agradecimentos pela confiança que depositam em nossos sinceros desejos de fazer justiça ao merito; mas que diremos do nosso

illustrissimo collaborador, auctor das lindissimas, engenhosas charadas, o Sr. B. J. S. França!... tudo quanto podessemos dizer era nada em comparação do nosso reconhecimento, e do merito de suas obras; ellas são o verdadeiro testimunho dos profundos conhecimentos do seu auctor, não carecem maior louvor; mas a nossa gratidão deve ser conhecida, e nós pedimos ao nosso illustre collaborador acredite que em extremo nos penhora a distincção que nos faz concedendo ao nosso Jornal o obsequio ainda a nenhum outro permittido; e ao Ex.mo Sr. J. J. Andrade Nery, seu digno sobrinho, e um dos nossos mais prezados, e constantes assignantes, tributamos infinitos agradecimentos por se haver empenhado em enriquecer esta folha pedindo tão mimosas producções.

POESIA.

Amores d'uma Criança.

Amores d'uma criança
São amores infantis,
Ama no mar a bonança,
E nos campos os jasmis;
Olha alegre para as flôres,
Sem pezares, sem temores,
Qu'ellas são os seus amores,
Os seus brincos juvenis.

Ama a corrente das aguas
Que nos campos vem cahir,
Arrojadas lá das fragoas
Vê-se n'ellas a sorrir,
E no sorriso innocente
Procura na sua mente
Essas causas do que sente
Sem podel-as definir!

Ama as arvores frondosas,
E a sombra que ellas dão,
Ama-lhe as folhas mimosas
Que lhe rojam pelo chão,
Do seu tronco debruçadas
Com as selvas abraçadas
Que depois ficam tisnadas
Pelo sol na solidão.

Ama as aves na ramagem
Alegremente a trinar,
Ama os salgueiros na margem
Na margem do verde mar.
Ama a vaga que espumando
Quando as praias vem beijando
Nos faz ouvir sussurrando
De Deos o santo fallar.

Ama as luzentes estrellas
No firmamento a brilhar,
Lindas, lindas todas ellas
Todas ellas d'encantar!
Ama o celeste annilado
Onde se vê retratado
O poder de Deos sagrado
Que devemos respeitar.

Ama a pallidez da lua,
Quando mostra o rosto cheio,
D'essas nuvens toda nua
Que só vêl-a, é um recreio!
Ai! scisma a todo o momento
No seu curto entendimento
Como póde o firmamento
Sustental-a no seu seio!

Ama tudo que é belleza
Quer da terra quer dos ceos,
Ama toda a natureza,
Ama o seu e nosso Deos.
Ama a noite e ama o dia
O prazer e a alegria,
Ama até a poesia
Que nos dá em beijos seus!

Antonio Mendes Leal.

As minhas queixas.

Escuta da minha lyra,
O fraco, triste vibrar;
Escuta do trovador,
As queixas do seu penar.

P'ra que havias, virgem bella,
Rica, nobre, tudo ser?!
P'ra que havia d'eu tão pobre
Tantos dotes conhecer!

P'ra vêr terriveis angustias
Ralarem-me o coração?
O peito m'estortegar,
E vêr perdida a razão!

Nos meus amargos pezares,
N'este meu cruel viver;
Chamo mil vezes a morte,
P'ra que termine o soffrer!

Nem tu, nem ella, que podem
Minhas angustias findar;
Se commovem com meus rogos
Filhos d'um ardent'amar.

Ah! quando á campa descer,
Em signal de tanta dôr,
Só quero ter uma cruz,

D'onde penda uma só flôr:
E se letreiro couber,
— Morreu — por uma mulher!

15 de Novembro de 1848. *M. F. Corrêa.*

—

Um Lamento.

Meu peito com teu despreso
Tremulo e triste gemeo,
Perco amor, perco a ventura,
Tudo p'ra mim se perdeo:
São tormentos da prejura
E não castigos do ceo.

De tanto amor que me déra
A meu rival o cedeo,
De tanta esp'rança perdida
Meu coração se doeo:
São flagellos d'esta vida
E não castigo do ceo.

E libei o fel da morte
N'um só beijo que me deo,
Quiz fugir-lhe quando o soube,
E ainda amor me prendeo!
Foi má sina que me coube
E não castigo do ceo.

Nem uma lagrima ao menos
Labio falsario bebeo,
Nem do remorso o poder
O coração lhe roeo:
São symptomas do soffrer
E não castigos do ceo.

Tanto amor, extremos tantos
Ninguem no mundo lhe deo,
Chamma de amor como esta
Só o ceo m'a concedeo;
E é a terra o que me resta
E não castigo do ceo.

5 de Setembro de 1849. *J. A. Mascaranhas Bastos.*

DOIS MYSTERIOS.

(Continuação.)

A's quatro horas da tarde fui vêr as minhas freiras de Chellas, amigas antigas, e verdadeiras; e alli n'aquellas grades lembrar mais ao vivo as tardes venturosas que ao lado de meus virtuosos pães, eu e minhas duas irmãs tantas vezes entoámos canticos divinos de que as nossas religiosas tanto gostavam!

Bati na roda, e ao ouvir-me a voz a madre rodeira, exultou de alegria, e foi correndo buscar a chave da grade de cima, e mandar parte á priorera. Subimos, e o jubilo d'aquellas boas almas ao vêr-nos, se diffundiu no meu coração. Depois de ter visto as minhas amigas todas; ter tido tambem o desgosto de saber que duas haviam morrido; e tendo as nossas freiras brindado de excellentes dôces os meus pequeninos, e derramado lagrimas á memoria de minha querida mãe, nos despedimos, vindo todas abraçar-nos á portaria.

Vi aberta a porta da igreja; entrei a fazer oração por alma de minha virtuosa mãe, áquellas mesmas imagens a que outr'ora implorei pela sua preciosa vida, tão cedo cortada!

A igreja parecia deserta; mas observei que a um canto do altar dos Santos Martyres estava uma senhora vestida de luto, com duas crianças a seu lado: estava em profunda meditação. Os meus filhinhos e os d'ella travaram logo amizade, e eu depois que orei ao Santissimo, fui ajoelhar tambem junto da senhora, e orar aos Santos Martyres.

Ao erguer-me saudou-me a senhora e eu lhe correspondi. Saimos juntas, e juntas andámos até á quinta de N. Sr.ª da Conceição.

Pediu-me ella que descançasse, pois estava alli a tomar ares. Era tarde, porém uma irresistivel sympathia me decidiu a subir para conversar com uma pessoa cuja presença melancolica, e affavel mostrava uma alma consternada, e franca.

Pagou-me na mesma moeda, pois disse-me com a maior candura que depois de uma longa serie de infortunios, era a primeira vez que o seu coração sentia prazer ao vêr uma creatura!...

Havia perdido seu marido na tomada de Bilbáu, ficaram-lhe dois filhos; era orfãa, e filha de um italiano!...

— Seu marido era Christino, ou Carlista? perguntei eu.

— Era Miguelista — (respondeu-me). Perdida a sua causa pela convenção de Evora-Monte, tomou as armas a favor de D. Carlos, pugnando pelos mesmos principios de legitimidade.

Que coincidencias!... Que similhantes eram nossos destinos!...

Perguntou a minha morada; disse-lhe que estava por dias morando ao Paraiso, mas que breve iria para as minhas casas á Estrella.

— A' Estrella!... exclamou, como se um raio a fulminára!... — Sitio aonde jurei não tornar!... Um desgosto de morte alli me envenenou para sempre a existencia!... Mas a amizade vencerá esta repugnancia!... Eu irei, sim, eu irei!... Eu preciso uma amiga para

não succumbir; e esta é Deos quem m'a deparou; é o meu coração quem a escolhe!...

— Meu Deos! bradei, foi preciso achar um anjo no vosso templo á tarde, para sentir suavisadas as terriveis impressões do dia!

— Que lhe aconteceu?

— Vi logo ao amanhecer um pobre rapaz encostado á beira do mar, que parecia estalar de afflicção!...

— Que feições tinha?

— Bastante delicadas; claro, louro, olhos castanhos....

— Claro, louro, olhos castanhos?! Estava de luto?

— Não me pareceu, se bem que não fiz reparo senão á sua tristeza que me impressionou!

— Estava muito triste?

— Muitissimo; e ainda ficou mais ao vêr-nos passar; sobresaltou-se....

— Será elle!... ter-lhe-ha morrido a....

— Quem?... lhe perguntei.

— Nada.... é uma lembrança esquisita.... e mudou de conversa.

Pediu-me muito que ficasse com ella aquella noite; não me era possivel, mas prometti alli voltar brevemente.

Sahi, e fui para casa de Francisco; mandei alugar uma sege a Santa Apolonia, e regressei para Lisboa, levando um romance na imaginação!

Quando Irminia (este era o nome da viuva) me disse que havia tido um grande infortunio na Estrella, um raio de luz alluminou as minhas idéas!... As suas mysteriosas palavras ácerca do cavalheiro ainda mais confirmaram as minhas suspeitas não infundadas!... A cantora da Estrella appareceu como n'um sonho á minha imaginação! Será ella?... Seu rosto.... seu trage!... Os meninos!... A sua mysteriosa tristeza.... tudo me faz crer na realidade de minhas suspeitas! E' bem que eu possa distrair meus desgostos pensando nos alheios! Renovaram-se as lembranças da cantora; e não sei porque me dizia o coração, que o joven que vi tão triste era o seu amante!... Será elle casado!... Que fatalidade!...

(*Continúa.*)

D. A. G. Pastich.

DA EDUCAÇÃO.

E' tão despresada n'este nosso Portugal a instrucção primaria de ambos os sexos, que não podêmos deixar de alevantar um brado a favor d'este ramo d'administração pública.

Percorram-se todas as aulas públicas do continente, e difficilmente se ha de encontrar um professor com as habilitações precisas para o magisterio. Já se vê que por em quanto não fallamos no ensino secundario.

E' certo que o estado do paiz não permitte que as côrtes habilitem o governo com grandes sommas para este objecto; mas tambem é certo que as verbas votadas no orçamento podiam ser melhor aproveitadas.

O ordenado de um professor d'ensino primario é apenas de 90$000 réis pagos pelo thesouro e 20$ pela respectiva municipalidade; e podendo considerar-se esta ultima quantia exclusivamente destinada ao aluguel da aula, resta apenas a outra para a subsistencia do professor. Esta mesma soffre os descontos da decima e outros impostos; e no estado lamentavel em que estão atrazados os pagamentos, vêem-se os professores na necessidade de rebater; e lá vai para a agiotagem talvez metade do ordenado, ficando o professor quasi reduzido á miseria se não tiver outros meios de subsistencia.

Neste estado penivel, sendo um dos nossos primeiros deveres o trabalhar para a conservação da nossa existencia, é evidente que o professor se ha de distrahir de suas obrigações sagradas para empregar a maior parte do tempo em outros objectos que lhe ministrem promptos e adequados meios de occorrer ás suas necessidades.

Assim não é possivel, que um professor nestas circumstancias tenha as habilitações e o prestigio necessario para ser o director da mocidade.

Estes logares as mais das vezes só são procurados por estolidos, que os não sabem desempenhar. Um çapateiro conhecemos nós, que largou a tripeça para requerer uma cadeira de ensino primario, e como não houvessem concorrentes, foi provido, e ei-lo com a fórula em vez do atanado. E que resultou?

Resultaram queixas ao conselho d'instrucção do districto em que teve logar este facto, pela ignorancia, deshonestidade, e embriaguez do provido. E ainda assim não foi suspenso nem demittido por não haver outra alguma pessoa que quizesse o logar.

Apontei este facto para exemplo: mais poderiamos apresentar; mas basta a este proposito.

E' nossa opinião pois que a instrucção primaria deve ser entregue aos parochos, que com uma gratificação, além da sua congrua, gostosamente se encarregariam d'este trabalho com vantagens conhecidas para o publico, já maior somma de conhecimentos, que se presumem n'um ministro da religião, já

pelo lado da moralidade, e já pelo maior desenvolvimento da mesma instrucção.

(*Continuar-se-ha.*)

M. J. Cabral.

Revista de Lisboa.

Muitos bons dias, meus senhores, e senhoras; estimo que tenham passado com feliz saude em companhia de tudo quanto lhes diz respeito. Amen; responderão os leitores (assignantes) a quem esta saudação é dirigida. Eu vou passando sem novidade, e o peior de tudo, sem *novidades*. Estou tão pobre de noticias, como qualquer empregado, dos que n'estes ultimos tempos não tem merecido as *honras* de *demissão*. Que lhe hei de eu fazer! Inventar! não posso.... dizer sempre a mesma cousa por differentes palavras! é a regalia exclusiva do redactor em chefe do *Noticiador do Salitre*. Oh! quem me dera n'este momento ser o sultão das Indias e estar ouvindo a formosa scheherazada! que contos tão lindos que eu contara. Pois se tivesse a lampada d'Aladdin! então, adeos Fr. Anastacio! adeos Revista! adeos tudo! vaporizava-me.

Porém descancem, a minha existencia não termina assim, estou como as Belides condemnado a escrever a Revista, que a dizermos a verdade, é uma cousa sem fundo, entendam-me lá como quizerem. Estou quasi resolvido a pôr annuncios para que venha assoldadar-se comigo o alviçareiro do barão d'Alfenim; aquillo sim, não lhe escapava talo d'alface, tudo sabia, e tudo dizia, e sempre agradava. Oxalá que podessemos fazer outro tanto, mas que ha de ser, se em Lisboa tudo vai em retrogresso visivel, inclusive o movimento social; se assim continua, converter-nos-hemos em estatuas ambulantes.

Querem os meus leitores saber uma noticia? dar-lha-hei, porque me pediram muito que a désse; mas declaro já que não juro como testemunha ocular. Ahi para a rua Formosa, que a dizer a verdade só o é no nome, vivia uma rapariga de 18 annos com um rapaz de quem se namorara! Que linda moça que era! mas foi infeliz, porque ao cabo de nove mezes as dores que lhe annunciavam a maternidade, foram-lhe percursoras da morte. No coração que tanto soubera amar, não se extinguira a faisca da fé.

Nos extremos momentos da vida, ou pelo receio que a crença aviva quando já se divisa a eternidade, ou porque então melhor se conhece a futilidade do mundo, quiz apertar para sempre os laços do amor já então não garantido pelo gozo terreno, exigiu os sacramentos; veio da Freguezia d** o Viatico; e a enferma animada pela fé, pediu, tornou a pedir, exigiu com as lagrimas a deslizarem-se-lhe pelas faces moribundas, e as mãos erguidas, a casassem com aquelle com quem illicitamente tinha vivido. Era uma supplica solemne, verdadeiramente catholica. E que responderia o ministro do Senhor, o sal da terra, a luz do mundo? Custa a crêr; mas muita gente ouviu. — *Deixe-se de scismas; não estoja com asneiras.* — Como se poderá justificar este procedimento? Em que moralista encontraria o bom do padre sentença que corrobore o seu procedimento? Que ha de ser se em Lisboa, onde existe uma Sé Patriarchal, um Patriarcha, etc., etc. a unica aula de moral (carunchosa) que existia, se fechou porque o lente, mais carunchoso do que a sciencia, assentou que não devia continuar a exercer o magisterio. Tudo vai bem; e por isso o nosso clero, e o nosso pulpito está como todos sabem.

A imprensa periodica está em braza, e tem ralhado muito por uma mesquinhez da direcção do Theatro de D. Maria II, para com o nosso collega do Patriota. Nós tambem ralhâmos; querem ouvir? Sr.ª do theatro é preciso terem mais prudencia, e mais docilidade; o jornalista, porque tem entrada no theatro, não deve, nem póde vender a sua alma por um cruzado novo. E' livre, deve-o ser sempre em expôr a sua opinião. A arte para progredir, os artistas para se aperfeiçoarem necessitam de ouvir muito, de ouvir sempre, e a todos. Basta que a politica seja escripta por dinheiro; por isso ella vai torta. Se a critica foi mordaz, se a expressão veio ensopada em fel (e creio que sim) responder-lhe com mesquinhez é augmentar-lhe o travo.

Então? digo agora como o letrado *Minhoné*, cuidei que estava no pulpito, e estou n'um cantinho da Assembléa; que por estreito me não deixa mexer; mas eu qualquer d'estes dias peço licença, e vou espanejar-me para as salas, e lá direi o que entendo a respeito do nosso theatro.

O *Estandarte* de terça feira fallou d'objecto que nós tencionavamos tocar; partilhâmos a opinião do articulista ácerca do gaz. Reconhecidamente a illuminação a gaz é cada vez peior. Não só a luz é pouco intensa, mas pelo correr da noite vão fechando cada vez mais os registros de modo que cedo poderemos dizer *tenebrae factae sunt*. Eis o motivo porque todos tem medo de companhias, desde a companhia de Jesus até á da canalisação das aguas. Estes logros vergonhosos que todos os dias nos estão fazendo é que o-

brigaram um *vate incognito* a dizer no Parnaso do Jardim das Damas:

E já de descrido na esperança cospi!!!

Fallando portuguezmente é poesia de cuspo. As Musas, segundo por ahi se diz, estão para pedir tregoas aos vates que se não fartam de beber na fonte Caballina. O genio poetico vai-se generalisando de tal arte que em pouco tempo as crianças pedirão mâma em verso:

Mâma dê cá a maminha
Para metter na boquinha.

Não nos admiramos. O Bibliophilo, que é uma excellente publicação, redigida por dois dos nossos mais estudiosos, e sabios escriptores, e que recommendamos a todas as pessoas, terá de augmentar o preço elevando-o de 160 a 480 réis em semante, se os poetas nascentes, em vez de tomarem vidrinhos de agua Castalia, não passarem a fazer uso d'agua das Caldas. Para prova do que dizemos ahi vão uns titulozinhos para amostra

Ha tres annos. Não ou sim? Sim ou não? Uns olhos. Outros olhos. Os meus tres olhos. (O poeta usava por força de luneta. Nota do Revisteiro.) Tambem me enganaram. (Isto acontece a muitos.)

Para terminarmos até se fazem visitas aos hospitaes em verso. O que nos vale é alguma poesia que de vez em quando apparece linda, inspirada, e sublime como as do Sr. Palmeirim, João de Lemos, Pereira da Cunha, Casal Ribeiro, etc., etc.

Em paga de me aturarem vou levar ao conhecimento dos meus leitores a noticia d'um phenomeno acontecido em Hespanha, na pessoa da Sr.ª Rosalia de Frutos, joven de 23 annos. Estava casada e promettia ao esposo o fructo do matrimonio, quando no dia 14 de Junho, em vez de dar á luz um guapo hespanholito, lançou no mundo um monstro do genero *Sirenomelcos!* E que tal ficaria o pâe quando preparando-se para dar um beijo no filho encontrou um individuo perfeitamente conformado do umbigo para cima; e desprovido de anus, e orgãos de geração, tendo o tronco terminado em uma figura arredondada, e com as pernas substituidas por uma cauda muito grossa, e adelgaçada para a extremidade terminando por uma especie de falange de dedo. Falleceu pouco depois de nascido. Se vos admirais ainda vereis mais uma outra hespanholita, que mora na rua da Comadre em Madrid, deu á luz de um parto quatro meninos, rijos como quatro peras. Diz-se que está á aposta com a Sr.ª Miller, da Pensilvania, que no primeiro parto deu á luz dois meninos, no segundo tres, e no terceiro cinco, todos robustos. Duas d'estas povoavam Mossamedes, e bastava-lhe a ridicula verba que o governo votou para aquella colonia.

Adeos, meus senhores, vou-me vestir para ir vêr a Sr.ª D. Constança, que vai hoje (eu escrevo a Revista á sexta feira) ao Gymnasio. Do que lá se passar darei parte para a semana. *Fr. Anastacio.*

A Redactora d'este Jornal, Auctora do drama original em 3 actos e 4 quadros intitulado — *Constança* — penhorada pelos indulgentes louvores que o generoso publico lhe prodigalisou por occasião da primeira representação do seu referido drama, animando por tal modo os seus primeiros ensaios dramaticos, testemunha os seus eternos agradecimentos ao publico, e aos beneméritos actores do Gymnasio, a cujos desvêlos a Auctora deve os benignos applausos com que foi coroada aquella obra.

A nossos collegas Redactores do Estandarte e do Patriota em extremo reconhecida se protesta a Auctora, por haverem com tanta bondade, e cavalheirismo prevenido o publico em favor do drama, e offertado ao nome da Auctora as palmas precursoras do seu triumpho.

Em o n.º seguinte trataremos especialmente dos actores do Gymnasio.

CHARADAS.

Desde o cume d'alto monte
Desço em liquida corrente,
Não sou rio, nem sou fonte,
De mim foge toda a gente. } 2

Nas montanhas de Castella
Começo minha carreira,
Dou entrada em Portugal,
Passo o Minho, e passo a Beira. } 2

Só existo, e me conservo
Em regato, rio, ou prêza,
Soffro golpes repetidos,
Que me dão para limpeza.

Minha dama junta fios, } 2
Faz novêlo a seu sabor:
Meu senhor com fina folha } 2
Ouro finge em seu lavor.

N'ellas me mettem,
D'ellas me tiram,
Se mãos delicadas
A par de mim giram.

B. J. S. França.

Explicação da Charada do n.º antecedente.
Cadeado.

Na Typ. de G. M. Martins,
Rua dos Capellistas n.º 62, 1.º andar.

SETEMBRO 22. 1849. NUMERO 8.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 81, e Carvalho ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1$760. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuarios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

CONSERVATORIO.

Eschola de Musica.

Erguemos o primeiro brado em favor deste util estabelecimento, e de seus dignos Director, e Professores, a quem consagramos algumas linhas em o nosso n.º 4, implorando a attenção de todas as pessoas que amam o progresso das Artes e Sciencias. Temos a intima satisfação de ver que não escrevemos em vão. SS. MM. quizeram assistir aos exercicios publicos da Eschola de Musica, os quaes tiveram logar em a noite de 15 do corrente.

O edificio estava pomposamente illuminado por fóra e por dentro, e ornado de alcatifas e flôres desde a entrada da porta principal até á sala destinada para os exercicios. Um estrado mui alto, collocado no fundo aonde estava um forte-piano, e os competentes preparos da musica, indicavam o logar onde se exercitariam os alumnos: um festão de escolhidas flôres ornava o caminho que conduzia a um arco da mesma sala, á direita do estrado, ricamente ornado de cortinas de setim bordadas de ouro e matiz. Ao entrar o arco viam-se duas cadeiras com almofadas carmesins, uma destinada ao Rei, outra á Rainha. No corpo da sala estavam muitas cadeiras em ordem, para os socios, e para os convidados: sobre o estrado os alumnos esperavam a entrada de SS. MM., effectuada a qual deram começo a seus exercicios, que não mencionamos circumstanciadamente pelo pequeno espaço da folha; diremos porém que a sala retumbava com os merecidos applausos dos concorrentes, e que os alumnos e alumnas se distinguiram executando seus papeis com a maior attenção!

A Sr.ª D. Marianna Adelaide da Silva Gaião cantou primorosamente, e tem uma excellente voz. A Sr.ª D. Emilia Adelaide Pereira Lisboa cantou muito bem, e sua voz não é forte, mas é muito doce, e entoada. O Sr. Hermogenio Hermogenes Pereira Lisboa arrebatou os ouvintes com a sua voz de baritono, muito boa, clara, e entoada: é alumno que muito honra o Conservatorio. O Sr. Antonio Dias da Costa, bello tenor, muito afinado, cantou com todo o primor, e tambem é alumno que dá gloria a seus professores. A Sr.ª Oliveira executou uma grante fantasia para piano, composição de Rossellem, com toda a perfeição. O Sr. Mazoni (alumno) fez retumbar de inumeros applausos as abobadas do

Conservatorio na excellente execução da grande fantasia que tocou no piano, composição de M. Prudent. Os Srs. Machado, e Almeida, alumnos da aula de piano, tocaram muito bem.

Os Srs. Caggiani, e Almeida, alumnos da aula de rebeca, executaram perfeitamente a symfonia concertante de duas rebecas, com acompanhamento de orchestra, sendo este executado pelos alumnos das aulas de instrumentos. Os Srs. Gourlade, alumno da aula de violoncello, e Lambertini, alumno da aula de piano, tocaram soffrivelmente.

O Sr. Ferreira tocou menos mal na corneta de chaves a Polaca com acompanhamento de orchestra, executado pelos alumnos das aulas de instrumentos. O Sr. Garcia tocou muito, e muito bem a fantasia que executou na rebeca, com acompanhamento de piano.

E' sem duvida uma gloria, e grande satisfação para aquelles que trabalharam por aperfeiçoá-los. Como em o nosso n.° 4 nomeámos os professores, entendemos de justiça nomear os alumnos que mais se distinguiram.

Serviu-se um mimoso e abundante refresco.

Quando se ultimaram os exercicios praticou o Senhor D. Fernando uma acção digna de se publicar com os devidos louvores, que nós muito estimamos tributar-lhe. Ergueu-se, e se dirigiu aos alumnos, e ás alumnas que se haviam distinguido, e com o agrado que lhe é natural (nobre distinctivo da Magestade) louvou o bem que haviam executado os seus exercicios de musica; e volvendo-se para o Director manifestou o quanto estava satisfeito, revestindo suas expressões de uma affabilidade que lhe tem grangeado a sympathia dos portuguezes de todos os partidos; pois é bem certo que o povo paga-se de todos os sacrificios que faz por um Rei, quando este mostra, ao menos, que é seu amigo.... Louvamos muito o exemplo de cortezia e bondade para com o povo que este Senhor dá a seus Filhos, os quaes levam uma bellissima educação.

Os Principes se retiraram mais cedo; e El-Rei pareceu-nos que ainda continuaria a informar-se melhor ácerca d'aquelle estabelecimento se Sua Augusta Esposa se não tivesse erguido, por incommodada talvez.

El-Rei deu do seu bolsinho quantia igual á que estava destinada aos premios, ficando por isso duplicados estes. Sabemos que o primeiro tocou ao Sr. Manzoni, com muita razão: não nos parece que na distribuição dos outros se exerceu a mesma justiça....

Muito deveras estimamos, e louvamos que SS. MM. começassem a visitar o Conservatorio, e por conseguinte a proteger aquelle utilissimo estabelecimento, que é indispensavel, e até uma das grandes vantagens nacionaes.

Uma semsaboria ouvimos nós a uma senhora.... quereis admirar o que é logica?.. ouvi: Disse uma senhora que o Conservatorio era immoral!.. E porque?.. porque alli as meninas aprendem para o Theatro!!! Haverá quem possa conter o riso a tal disparate?.. A nós afflige-nos porque antipathisamos com despropositos. Que immoralidade tão util ao menos seria esta? e que moral é a de se expôr uma desgraçada rapariga pobre, e sem ter pessoa de tino que olhe por ella, a perder-se nas ruas da capital, sem estudos, sem sugeição!.. não conhecendo o amor do bello; e por conseguinte estragando os sentimentos nas mais abjectas e repugnantes propensões! — Colherá a sociedade algum proveito desses entes miseraveis, ou serão elles o verdadeiro cancro da sociedade que tantas ruinas occasiona? Se a tivessem posto no Conservatorio a aprender ainda mesmo a dança, não viria ella a ser ao menos uma mulher util aos divertimentos publicos, sem escandalo? não consummiria a vida esfalfando-se a dançar para agradar ao publico nas horas em que o espirito fatigado busca algu-

ma distracção? Será melhor que se arruinem a si, e aos outros?.. Não adquirem até as bellas fórmas do corpo que a vida ociosa, desprezivel lhes destroe?.. Não civilizam o espirito que essa mesma vida rasteira lhes embrutece?

Isto é quanto ás dançarinas; por quanto as outras (nem mesmo estas) tem precisão de irem para o Theatro; mas quando o fossem, que mal d'ahi resultava? Não são os theatros precisos na sociedade, não só como casa de publico, innocente recreio, mas como eschola de moral, sempre que haja quem os saiba dirigir na escolha das representações? As meninas que tiverem outros recursos voltam para casa de seus paes, ou parentes ensinadas, sem que lhes tivesse servido de objecção a falta de meios de suas familias; recebem assim do Estado o precioso presente das prendas que de outro modo não teriam jámais, e nada valeriam. Se querem ir para o theatro deixá-las ir; vão ser uteis a si, e aos outros, exercer uma profissão muito attendivel, por quanto o bom artista é um ente muito util, e muito digno da attenção e protecção do publico; pois para lhe agradar não poupa nem desvelos, nem vida, que se esváe em continuas vigilias, e esforços de corpo e espirito que não podem deixar de enfraquecer-lhes a saude.

Além de quanto havemos dito, note-se a circumstancia de haverem naquelle estabelecimento professores muito bem comportados, tanto os da dança, como os da musica, principiando pelo Director, e finalizando no ultimo dos empregados, merecem-nos a melhor opinião de homens exemplares.

Ha uma Sr.ª tambem que rege, e acompanha as meninas, de quem é inseparavel: sua conducta, seu pensar, sua vigilancia e desvelo pelas alumnas são muito louvaveis; e por certo as mães e páes que alli tiverem suas filhas podem estar descançados na probidade dos professores e da regente.

Ouvimos queixar-se alguem de não serem publicas as aulas!.. Mais uma prova de moralidade naquelle estabelecimento! Se fossem só rapazes que alli aprendessem, podiam e deviam ser publicas as aulas; mas não ha separação na entrada do edificio; e ainda que fossem publicas só as aulas dos homens, iriam na passagem distrahir as meninas, e expôl-as a mil cousas desagradaveis. Muito estimariamos que todos fizessem justiça a quem o merece; mas isto é tão difficil que nos contentaremos em pedir á maioria sensata dos portuguezes a devida attenção em favor do Conservatorio Real de Lisboa, e ao Governo a sua protecção a este, como a todos os estabelecimentos, a favor dos quaes estarão sempre dispostas as paginas deste jornal consagrado á instrucção e ao bem geral.

Em seguida vamos dar uma indubitavel prova na carta que transcrevemos de um nosso illustre Collaborador em favor do Asylo de Mendicidade: este nobre pensamento é o mais alto elogio do seu auctor.

Ill.mos e Ex.mos Sr.s — A perfectibilidade espontanea, essa faisca divina que distingue o homem dos outros animaes, é o mais nobre e o mais energico movel das nossas acções. O instincto da conservação physica é apenas uma lei da materia, em quanto que a perfectibilidade espontanea, ou a tendencia a approximar-se das idéas eternas, é uma lei do espirito, uma lei que nos faz conceber na causa das causas, ou em Deos, um Ser infinitamente bom, sabio e poderoso.

Possuidos d'esta verdade viemos (eu e o meu amigo o Sr. Thomaz José d'Aquino Soares) visitar o Asylo de Mendicidade de Lisboa, e tendo a ventura de sermos recebidos com toda a affabilidade pelo dignissimo director de tão pio estabelecimento o Sr. Peregrino José Montez, podémos observar em companhia do mesmo Sr., com toda a miudeza possivel n'uma visita d'algumas horas, uma ordem, um aceio, uma economia que nos fez nascer a doce convicção de que em Portugal ha uma boa semente para a grande obra do melhoramento da sorte dos nossos irmãos desvalidos.

Excellentissimos Senhores, permitti-me que vos repita o que já sabeis. — Não é a gran-

deza, a riqueza, ou a multidão de individuos, que torna monumental um estabelecimento, é a harmonia, isto é, a combinação dos diversos meios com o fim unico. Esta harmonia, nós a encontrámos aqui n'um grão muito subido attendendo aos poucos meios d'este estabelecimento, e á difficuldade de formar uma boa machina de peças deterioradas, e vindas de outras machinas tão differentes. Aqui houve o grande pensamento de fazer d'este asylo não uma reunião convencional de individuos estranhos uns aos outros, mas sim uma familia de irmãos trabalhando todos em favor da casa commum, com uma diligencia amical, voluntaria!

Não venho, Ex.mos Sr.s, louvar banalmente este philantropico estabelecimento, mas venho offerecer-me para concorrer para o melhoramento d'elle por todos os modos ao meu alcance.

Para conseguir um fim deve-se comprehender bem esse fim; estudar todos os meios possiveis de o alcançar, escolher os melhores, e applicar esses meios escolhidos ao fim proposto.

O fim d'este estabelecimento não é só dar pão áquelle que já o não póde haver por si, ou pelos seus, mas é dar-lhe uma familia que o chore, é dar-lhe o pão da intelligencia e do amor na hora da adversidade. Antes do homem ser homem é animal, por isso o que lembra logo ao vêr um pobre é dar-lhe abrigo e sustento, mas suppridas as primeiras necessidades ou temos de supprir as outras, ou degradaremos a esmola; é necessario pois dar instrucção aos pobres do Asylo; mas uma instrucção para invalidos será a mesma que deveria ser dada a pessoas sadias? Não, affirmal-o seria absurdo, mas ha uma instrucção que tem um mixto de intellectual, moral e religiosa, que se faz beber por meio de conversações faceis, amicaes, e agradaveis, que se exemplifica com objectos sensiveis para aquelles em quem as propensões organicas, ou o habito prolongado dos actos machinaes da vida á mingua da educação do espirito, têem embotado o acumen da concepção das verdades em abstracto. Estas conversações devem ser feitas por pessoas costumadas a fallar a todas as capacidades, e que alcancem a confiança dos infelizes á força de paciencia, dedicação, e clareza.

Quanto seria bello vêr grupos de asylados ouvindo uns differentes leituras instructivas e recreativas, outros discutindo com uma logica facil os pontos de moral d'uma applicação quotidiana! Será isto um typo ideal não realizavel? Eu julgo que não, e fundo-me no seguinte. Sabe-se pelo raciocinio que a razão é capaz de se desenvolver em todos os tempos e em todos os logares, e pela observação feita d'ha muito em asylos-modelos que é possivel educar idiotas e maniacos furiosos, e mais facilmente outros individuos que pareciam incorrigiveis por fraqueza de vontade.

Venham pois aqui os litteratos dar a sua esmola de sciencia, venham os artistas dar a sua esmola de artefactos, venham os proprietarios dar a sua esmola pecuniaria ou de fazenda, venham os philantropos dar o seu zelo, e vêr-se-hão em breve augmentar os meios, poder-se-hão escolher os melhores, e vós, Ex.mos Senhores, sem perderdes o direito irrecusavel de Fundadores deste Asylo, sereis o digno centro das luzes e da philanthropia applicadas a este estabelecimento, e a todos aquelles que tiverem com este relações de parentesco; porque, sem querer estabelecer aristocracias de estabelecimentos, todos devem entender que o asylo onde tiver sido possivel fazer de invalidos membros uteis para si e para a sociedade é o asylo onde se tocou a meta da economia e da moralisação, e por isso o primeiro dos asylos.

Em vista do expendido venho offerecer-me para fazer alguns ensaios de palestras com os asylados, formando para isso uma escolha de discipulos ordinarios, e deixando entrar na aula como ouvintes aquelles que nella couberem. Para que não haja emulação plausivel escolherei primeiro para ordinarios os de mais aptidão intellectual e melhor nota no estabelecimento. Trarei em cada lição um resumo do que hei de dizer, o qual resumo darei á Commissão Administrativa do Asylo, e desenvolverei este programma conforme as objecções ou perguntas dos ordinarios, ou d'outra qualquer pessoa que esteja auctorisada pela Commissão Administrativa para verificar a bondade das prelecções. Se uma lição não ficar duda n'um dia, continuarei a dal-a nos seguintes. Exigirei sómente dos alumnos o silencio e a attenção, e conversarei com elles com toda a affabilidade que me for possivel.

As lições não posso promettel-as regulares.

Neste trabalho serei coadjuvado pelo meu amigo o Sr. Thomaz José d'Aquino Soares, ou por outro que professe a mesma doutrina que eu professo, apresentando eu previamente estes amigos á Commissão Administrativa do Asylo.

Uma hora até duas de lição.

As minhas lições versarão mais que tudo sobre as virtudes domesticas do homem, e sobre os conhecimentos mais necessarios á vi-

da, sendo os aphorismos tirados dos melhores auctores.

Eis o mappa do caminho que principiarei a percorrer apenas possa, se V. Ex.as na sua sabia e philanthropica consideração entenderem que podem a isso auctorisar-me.

Deos guarde a V. Ex.as

Ill.mos e Ex.mos Sr.s Membros da Commissão Administrativa do Asylo de Mendicidade de Lisboa.

Lisboa 4 de Setembro de 1849. *Eduardo Napoleão Silva.*

Convite ás Damas.

A falta do devido aceio, que se observa nos altares de nossos Templos, e nas alfaias, que servem ao mais augusto dos sacrificios, e objecto para que muito se deveria olhar; porque, na verdade, ha o maior desleixo a este respeito, da parte de *quem* está incumbido do arranjo e aceio das Igrejas.

E' muito para lamentar, que, ao passo, que se preparam, com o maior luxo, e esmero, os palacios e habitações dos grandes da terra, se consinta que os altares do Senhor dos céos e terra se achem no ultimo estado de sordidêz, como tem observado, quem estas linhas escreve, não só por fóra de Lisboa, porém, mesmo em algumas Igrejas da Capital. — Não se allegue, como escusa, a falta de meios, porque, nas Igrejas das freiras, que são as mais pobres, reina o maior aceio em tudo quanto diz respeito ao Culto Divino; e, por tanto, só á falta de zelo poderemos attribuir a sordidêz em que se encontram, por alguns Templos, os altares, e alfaias sagradas.

No reinado da Sr.ª D. Maria I.ª, havia em Lisboa uma boa pretinha, chamada Luiza, que pertencêra á familia dos duques de Aveiro, esta devota preta tinha tomado a si o louvavel cuidado de fiscalizar o estado de aceio em que se achavam as Igrejas; ella se encarregava de engommar, lavar e cozer as toalhas dos altares, e mais objectos pertencentes ao Culto Divino, e, neste louvavel empenho, era ajudada por muitas senhoras, e alguns cavalheiros da nossa velha côrte; o ultimo marquez das Minas e seu irmão forneciam á boa pretinha o carvão de que necessitava para os engommados, e ella, com graça, lhe chamava os seus *carvoeiros*.

E não haverá hoje quem imite o zelo da preta Luiza?.. Recusarão as senhoras da nossa côrte formar uma nova cruzada, não digo para a conquista dos Logares Santos de Jerusalém, mas, para que se conserve a devida decencia nos nossos templos de Portugal, não menos tantos do que aquelles logares? Sirva pois d'estimulo aos presentes, para a imitação, o exemplo da preta Luiza, e das senhoras da côrte da Sr.ª D. Maria I.ª, e forme-se uma cruzada, para que a Casa de Deos se conserve com a devida decencia e aceio.

Uma princeza conheci eu, digna do maior respeito pelas suas virtudes, que muito se occupava, lavrando por suas proprias mãos, e mandando lavrar por suas damas, e açafatas, cortinas para sacrarios, frontaes, véos de calices, etc., para differentes Igrejas de Portugal, que precisavam d'estas alfaias.

Esta princeza era a Sr.ª D. Maria Benedicta.

Ah! que estes exemplos são bem dignos de imitar-se, não só pelas princezas, mas pelas senhoras devotas de qualquer classe!

Haja uma que levante o grito, e todas, por certo, hão de acudir. Estamos no tempo dos *pronunciamentos*, e porque não haverá um, em favor dos altares santos?

Um Catholico.

DOIS MYSTERIOS.

(*Continuação.*)

REVELAÇÃO DO PRIMEIRO MYSTERIO.

Mudei com effeito a minha residencia temporaria do Paraizo, para a minha choupana da Estrella, e já não desistia eu do empenho de ir a Chellas ver a minha nova amiga: não me foi preciso, que no dia 8 de Agosto, em que por antigo costume se faz em Chellas uma solemne procissão dos Santos Martyres, veio a minha creada logo ao amanhecer annunciar-me a visita de uma Senhora, vestida de preto, com dois meninos. Corri a ella!.. Um reciproco abraço, um transporte de verdadeiro jubilo exprimiu a igualdade de nossas affeições!

— Será possivel que eu tenha uma amiga! disse a infeliz Irminia, derramando muitas lagrimas, e unindo-me ao seu peito, cuja visivel agitação manifestava a horrivel tormenta que elle encerrava!

— Sim, de certo a encontrará em mim! — respondi, conduzindo-a a almoçar comigo; nem consenti que me deixasse aquelle dia. As creanças foram passear com a creada, e nós ficámos a conversar. Ao passar uma sala da qual se avistava a casa solitaria onde ouvi cantar a mysteriosa canção nocturna, disse eu a Irminia: — Vê aquella casinha?.. é poetica...

— Poetica, respondeu Irminia descorando!.. Como?..

— Testemunhei alli um caso que muito deveras me enterneceu!..

— Alli!.. torna ella estremecendo... quando?.. o que viu?..

— Uma joven Senhora derramando bastantes lagrimas, uma noite, depois da meia noite, em que eu vinha de casa de umas minhas parentas que assistiam á Lapa.

— Conhece-a?

— Não, mas fiquei desde logo estimando-a, porque era infeliz!.. Soffria tanto, e tanto sentia quanto deixam ver uns versos que ella entoou com musica a mais sentimental; e que eu decorei, e escrevi: — são assim....

Repeti os versos; mas não os pude acabar, que Irminia suffocada em lagrimas lançou-se no meu pescoço, e exclamou!..

— Por isso Deos m'a deparou!.. por isso o meu coração a amou tanto!.. E' a Senhora do meu fatal segredo!.. Mas ah! nunca me pergunte o seu nome!.. é um mysterio que jurei levar á sepultura!

— Socegue, minha querida amiga, que não o exigirei.

Cuidei de a distrahir, tirando-a da janella, e descendo com ella ao quintal.

Contou-me que tendo visto um joven das mais bellas qualidades moraes, o seu coração se sentiu captivar pouco a pouco pelas virtudes d'aquella alma que Deos havia formado tão pura, mas não para ella!.. Que attendendo ao seu estado de viuva ainda recente, e mesmo prendendo-a certas considerações proprias da dignidade do nosso sexo, se exforçou por occultar nas fórmas de uma sincera amizade a paixão que a seu pezar a dominava: que lhe parecia conhecer naquelle interessante joven uma estima particular por ella; mas não amor. Se o tivesse quem lhe impediria o declaral-o! a elle...um homem a quem não é desairoso, como é a uma Senhora, o dar a conhecer que ama, antes de saber com certeza que é amada? e ainda assim feliz da que pode occultar ao menos metade do amor que tiver por qualquer homem!

— A's vezes, lhe disse eu, o mesmo amor quando é verdadeiro infunde esta irresolução pelo temor de um desprézo... pela idéa de ser mal interpretado o seu sentimento... e até porque o homem quanto mais ama uma Senhora, mais a sabe respeitar.

— Oh! replicou Irminia, se assim fôra!.. mas não!.. Eu vivia feliz, nutrindo a lisongeira esperança de um futuro incerto e ditoso!.. Eu o via... eu não era amada, pelo menos não sabia se o era, e podia esperar sêl-o ainda!.. Eu o via... eu o podia amar sem remorsos!.. Eu o amava!.. ah! sim!.. eu o adorava!.. De improviso um raio desfechou sobre a minha fronte, e o meu coração!.. feriu-me!.. reduziu a cinzas todas as minhas esperanças!..

O acaso me fez saber que se dizia que elle amava outra! Se amou, como creio, minha boa amiga, póde julgar do effeito que esta nova produziu em mim!.. Estremeci!.. e todavia não acreditei!.. Pareceu-me ser uma das muitas invenções d'aquelles que se divertem fallando das pessoas que melhor se comportam; aquelle joven tinha uma conducta excellente; a inveja perseguil-o-ia.

Dias se passaram, e nas minhas tristes meditações, em horas em que todos descansavam, e que só a minha dôr velava, é que ouviu aquelles versos!.. Quem me diria que n'um deserto só frequentado dos mochos, e das corujas, á noite, e em horas taes, me ouviria uma pessoa que um anno depois havia ser a unica depozitaria do meu segredo!..

— Do seu segredo não; da metade do seu segredo, lhe tornei. Irminia suspirou, e me disse:

— O seu nome!.. sim... o seu nome é tudo... mas esse nunca... nem aos échos o tenho dito com receio de que o repitam!.. Não é um nome criminoso, bem sei; mas eu não posso proferil-o!.. Não devo!..

(*Continúa.*)

D. A. G. Punch.

Revista de Lisboa.

Já uma vez achei materia bastante para fazer a historia da semana. Lisboa não deveria estar constantemente em modorra; o estado em que estava era assustador, pressagiava grande catastrophe, parecia percursor de horrivel tempestade. O necrologio do mez d'Agosto deu mate a essa insulsa quadra tão insipida como elle. O mez de Setembro, que viu as barbas do visinho a arderem, pôz as suas de môlho. O movimento tem sido incrivel, extraordinario, burlesco quanto póde ser.

O camelo e o elefante são por toda a parte o objecto das mais sérias discussões; as giboias, e o mestre Jacques não lhe ficam atraz. O primeiro d'estes animaes deixou-se contaminar pelas idéas democraticas, affligiu-se com a lembrança de que o palco era superior á platéa, enfastiou-se das hoaras a que o tinham elevado, e assentou de si para si que devia seguir as *maiorias*... Democratizou-se, saltou por sobre a orchestra no theatro de D. Maria, quebrou, estropeou, e veio confru-

ternizar com os espectadores, que disfructavam a vista do deserto. Este successo, que pareceu indifferente, dizem-nos ser um protesto solemne do animal contra a aristocracia do elephante de Mr. Charles, que se preparava para ir passar um dia ao Paço, como de facto foi no dia dezesete. Fosse qual fosse o motivo do pronunciamento do animal, serviu de episodio ao Templo de Salomão, que continua a ser applaudido, e vituperado sem alma nem consciencia. Pela nossa parte, salvas pequenas faltas, merece elogio. Quando outro merecimento não tivesse, bastava o papel que faz a Sr.ª Soller para o tornar recommendavel. Folgamos sempre que ouvimos os applausos enthusiasticos, e quasi phreneticos que expontaneamente liberalizam os espectadores á virgem profanada, e á mãi afflicta, que sente no intimo a mais cruel das luctas que póde soffrer o coração da mulher. E' mister ser uma actriz, como a Sr.ª Soller, sentir como ella sente, e exprimir-se d'aquelle modo, para produzir o effeito que produz. A Sr.ª Soller nem se perde no exaggerado das paixões que convertem o actor em momo, nem se limita a repetir as expressões do poeta, desacompanhadas do sentimento, que é a essencia da arte. Parece incrivel que possa possuir-se do seu papel a ponto de modificar as feições, e dar tal expressão ás palavras que chega a enternecer o espectador distrahido pelo apparato do mise en scene. Em quanto a nós a Sr.ª Soller não desmerece no Templo de Salomão o credito que conseguiu no Casal das Giestas. Continue assim que virá a ser a melhor das nossas actrizes.

Decididamente as Artes em Portugal vão todas a flux. Lisboa vai convertendo-se em uma philarmonica universal. A guitarra classica do barbeiro morreu no concurso dos instrumentos aristocraticos, e o cégo da rebeca já não soffre competencia com os Orpheus, que, percorrendo as ruas, arrastam após si quantos vadios entulham as praças. Kontski é o genio que enthusiasma as assembléas, e arrebata pelo sublime da inspiração; porém Kontski toca um só instrumento, e é o musico das salas. Deixal-o; o povo tambem tem o seu Kontski, porém popular, e multiplice. E' um italiano que percorre as ruas tocando, *elle só*, e ao mesmo tempo, cinco instrumentos. E' uma philarmonica em miniatura. E não se cuide que é uma cousa horripilante ou desenxabida; tem mais graça do que o asperrimo sólo de violoncello, que o Jury do Conservatorio *premiou!!!*

A proposito; vou transportar o leitor ao ex-convento dos Caetanos; aqui tem um bilhete, e com elle podemos ir ver os exercicios publicos dos alumnos. Entremos por aqui. Para que se demora? Para que está a tir ás gargalhadas? Ah! já sei, é por ver uma illuminação ridicula, e caricata! Então, meu amigo, que se lhe ha de fazer, se tudo nesta terra é liliputiano? A entrada parece mais propria do Circo da rua do Vigario do que do Conservatorio; mas entre, vamos para a sala. Então que quer dizer essa gargalhada? Cuidava ir para o salão e encontra-se n'um corredor? Tenha paciencia, é melhor isto do que nada. Para que se vai embora? Quem lhe ralhou? Não se escandalize, o Sr. Seixas está brincando; aquillo não é porque elle seja grosseiro, *quer parecel-o*. Sempre se retira? Faz mal; ao menos ouça o hymno, quando chegarem Suas Magestades. E então? Foi-se o meu amigo, e fiquei eu só.

Pois bem, sempre ouvi dizer que por causa d'um alho se não desmancha uma alhada. Direi, sem dialogar, o mais que vi e ouvi. Entraram a Rainha, o Rei, o Principe Real, e o Sr. Infante D. Luiz, porém hymno vistel-o! Começaram logo os exercicios. Ouverture, qual historia? Em geral tudo correo muito bem, menos o que correu mal. Ora esta está bonita, dirá agora alguem? Sim, Sr.ª; o solo de violoncello foi aspero como uma nortada, e pareceu-nos até que com alguns saltinhos, para lhes não chamar saltos mortaes. A *polka* para corneta de chaves, fria, e desenxabida como um monologo da Sr.ª Talassi. Os coros horriveis, e dissonantes como musica dos carvões na taberna de S. Marcel. Mas em compensação deleitou-nos a *grande Fantasia para piano*, pela menina Sousa e Oliveira; enthusiasmou-nos a *Romanza* = *Oh tu dei miseri*, pela menina C. A. P. Lisboa; bem como a scena, e aria = *In quei giorni ognor ramenta* = pela menina Silva Gaião. O Sr. Soromenho executou optimamente um solo de flauta, trinta mil vezes mais bonito do que o appellido do executante. O Sr. Eugenio José Masoni obteve um triumpho no piano; e o Sr. Lisboa cantou sempre com mimo, e expressão. Era mais de meia noite quando se terminaram os exercicios. S. M. El-Rei, que uma deveras e protege as artes, não só prestou toda a attenção ás diversas peças de musica, como entendedor que é, mas conversou amigavelmente com os Professores, e Alumnos, animou-os a continuarem, e duplicou-lhe do seu bolsinho os premios. O Sr. D. Fernando em todos os actos da sua vida publica vai cada dia grangeando novas sympathias. Por mim confesso-o, e mais não sou realista, nem sei lisongear os Reis. O jury, que adjudicou os

premios, terminou a sua votação muito tarde; consta-nos que estiveram dormindo, e que fizeram a distribuição meios estremunhados. Valha-lhe esta circumstancia, senão... haviamos-lhe dizer quatro cousas. Basta de Conservatorio, estamos n'uma quadra em que é perigoso fallar o que se entende. A intelligencia vai cedendo visivelmente ao poder da força, e como as razões não fazem sopas, o escriptor tem de largar a penna e empunhar o cacete ou a espada para resolver as questões. Maldito exemplo que nos deu Alexandre. Um folhetenista espirituoso, e um poeta de merecimento deram espectaculo ao público nos *desertos* do Estandarte, e da Emancipação; pareciam duas peixeiras de lingua bem afiada a jogarem objurgatorias vergonhosas. Descompozeram-se solemnemente, e no cabo desafiaram-se. O duello foi em logar proprio, no Alto de S. João; pouco incommodo daria o que ficasse pelas custas. Porém não houve morte, ficou só o Sr. Latino Coelho (*Lente da Polytechnica*) ferido; o Sr. Pereira da Cunha, (*Deputado*), cedeu logo que viu o sangue do seu rival. Serio, serio, se por estas vamos, haverá mais facilidade em entrar n'um prostibulo do que em ler certos jornaes. A imprensa vai-se convertendo em uma sentina asquerosa; para ella é que nós queriamos quarentenas, e cordões sanitarios.

Uma innocente menina morreu, ha poucos dias, na horta do Hospital, victima de uma brincadeira. Trepou á borda de um poço, faltou-lhe o equilibrio, cahiu, e morreu.

Os theatros tem estado muito concorridos; no theatro de D. Maria o beneficio do Asylo de Mendicidade teve uma concorrencia immensa; Kontski enthusiasmou o auditorio, e contribuiu sem duvida para que mais uma vez as lagrimas dos desvalidos se convertessem em um hymno de jubilo. Teve tambem logar no Domingo, na Praça do Campo de Santa Anna, uma corrida de touros a beneficio do Asylo; assistiram SS. MM., o Principe, e os Infantes, a concorrencia foi numerosa; porém dizem-nos que o gado não correspondeu á expectativa. As corridas de touros é um divertimento barbaro; comtudo agradou-nos a lembrança de o sanctificar dando-lhe tão util destino. A Camara devia expiar as continuas pequices que sanecciona fazendo reverter a bem do Asylo algumas rendas, que poderia haver sem vexame, nem difficuldade. Isto immortalizava-a mais do que o padrão estupido que mandou escrever no topo do rocio; é uma nova sandice, menos insupportavel um pouco do que quatro catarras loquazes, o empertigados que nos cercaram no Gymnasio, Sexta feira passada, e que não nos deixaram ouvir nada do Drama, senão as palmas, que foram bastantes. A elles devem os leitores o eu não lhe contar o que lá ouvi, porque só escutava a estupidez que jorrava como de quatro bicas do Chafariz d'El-Rei. Vou ver a feira de Belém, que começou Domingo.

Fr. Anastacio.

Declaramos que cedendo a instancias de pessoas que nos merecem muita consideração, consentimos que Fr. Anastacio passasse esta semana um tanto além do recinto que temos marcado á sua revista. Conhecemos que as opiniões são livres, e livres devem manifestar-se, mas quando se trata de louvar, ou criticar, estimamos que este jornal se distingua, antes por demasiado indulgente, do que severo. O nosso artigo de fundo comprova esta verdade, differindo tanto da Revista de Fr. Anastacio, quanto o coração da mulher differe do coração do homem!.. Por falta de espaço não vae poesia alguma neste N.º; no seguinte repararemos esta falta desculpavel, por havermos preferido assumptos de publica utilidade. Contamos com a indulgencia de nossos leitores.

Epigramma.

Minha divisa é não crer
Em mais nenhuns Ministerios;
Mas ficar sempre bem firme
Da Fé nos santos Mysterios:

Já d'isto ninguem me tira,
Seja mal, ou seja bem:
Por minha fé, assim juro
Para todo o sempre, Amen.

M. F. G.
Habitante da Provincia do Douro.

CHARADA.

Já tive honras de divino, 1
Já dispuz de grande somma 2
Derribei muitos monarchas,
Fiz a grandeza de Roma.

Por uma Menina.

Explicação das Charadas do n.º antecedente.
1.ª Lavadouro. — 2.ª Dobadoura.

Na Typ. de G. M. Martins,
Rua dos Capellistas n.º 62, 1.º andar.

SETEMBRO 29. 1849. NUMERO 9.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publica-se ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 8; e Carvalho ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

Dando a devida preferencia a assumptos de publica utilidade, não podémos offerecer a nossos leitores em o nosso Numero antecedente obra alguma poetica, ou litteraria; por isso reparamos esta falta publicando neste as poesias que deveriam ter sido divididas por dois Numeros.

Trovas e Cantares de um Codice do XIV seculo: os antes mui provavelmente o livro das cantigas do Conde de Barcellos. — Madrid 1849. — 8.º (*com dois fac-similes.*)

Entre os escriptores modernos um dos que mais serviços tem prestado á nossa litteratura é sem duvida o Sr. F. Adolpho de Varnhagen — possuindo muitos e variados conhecimentos philologicos e historicos — revestido de talentos e aturada applicação conseguiu o Sr. Varnhagen publicar em Madrid uma segunda edição do chamado Cancioneiro do Collegio dos Nobres, que em 1823 fôra publicado por Lord Stuart. Além de muitas trovas ineditas, o Sr. Varnhagen enriquece esta obra com uma introducção que divide em quatro partes. I. Titulo e auctor deste livro. — II. Noticia do Codice e desta edição. — III Apreciações destas poesias. — IV. Sua linguagem. — Não necessitamos dizer quanto se torna interessante esta publicação; para a recommendar bastam os acertados juizos criticos que sobre ella já deram eximios litteratos. Com tudo não nos é possivel encerrar este artigo sem reproduzirmos aqui o lindo Romance, que é da propria lavra do editor. Contém a historia dos amores do Conde de Barcellos, motivo que inspirou aquellas venerandas poesias.

F. X. L.

Romance do Conde de Barcellos.

I.

Um anno cumpria
Que el rei D. Diniz,
Chamado por Deus,
Finado se havia;

Por isso pedia
A boa Isabel,
A santa Rainha,
Por sua alma pia.

Tambem rezaria
Magoado seu filho,
O rei D. Affonso,
E s'arrependia

Das guerras impias,
Com que assolára
Do pai os dominios,
Por dias e dias.

Tambem o carpia
Com grande fervor,
Com dôr mui profunda;
Que a alma feria,

A que parecia
Mais bella e mais moça;
Seu avô chorava
A Infanta Maria

Que muito queria
A ayó que a criava,
A santa Isabel,
Que santa seria.

E a Deus rogava
Seu pai fizesse
Rei tão leal:
E supplicava
Que o reino désse
De Portugal,
Que tanto amava,
De bens larga messe
Livrando-o do mal.

Mui de perto a via
O Conde D. Pedro:
Treze annos contava
A Infanta Maria.

. . . . . .

II.

Fugira a alegria
Do rosto do Conde:
Nem póde explicar
A dôr que sentia.

E tanto soffreu,
Até que um dia
Um brado soltou,
Que já não podia
Mais tempo abafar
A dôr que sentia.

E aos brados seguia
Tão ternos, tão meigos,
Cadentes rimadas,
Que bem se sabia

Que tal poesia
Tão nobre e sentida,
Do fundo lá d'alma
Nascer-lhe devia.

E quanto dizia
Ao seu Cancioneiro
E a ella cantando
Tambem transmittia:
E assim descubria
A dôr que sentia.

D. Pedro é o amante,
A quem o condado
Da forte Barcellos
Fôra antes doado

Por seu pai e rei,
Diniz o finado,
Que sempre o tivera
Por filho prezado.

E assim o fizera,
No tempo passado,
Alferes maior,
E o tinha a seu lado.

E agora queria
Da irmãa ser criado
Para ver della a filha,
A Infanta Maria.

E o nome que havia
Da Infanta no peito
Não póde calar,
Porém repetia:

Só não decidia,
Por fino disfarce,
Se era Joanna,
Ou Sancha, ou Maria.

Mas tinha porfia
Por sua belleza
C'os mais trovadores,
Que na corte via.

III.

E já o queria
Por tanta ternura,
E provas d'affecto
A Infanta Maria.

Mas certo máu dia
Dos Paços a porta
Estranho enviado
Das andas descia.

O que pretendia
Perguntam anciosos
Da corte os Senhores
De mais galhardia:

Um só o sabia.....
Ninguem lh'o dissera,
Mas seu coração
Máu grado o previa...

Sabeis quem seria!
O amante da Infanta,
Que nella pensava
De noite e de dia.

D'el rei de Castella
E' o tal enviado,
Que a mão da Infanta
Pedir vem bom grado.

Ninguem ainda o disse
E o conde, coitado
Demais já o sabe,
E, está lacerado.

E mais todavia,
Bem credes, ficou
Quando ella lhe disse
Que el rei consentia.

Com que barbaria
Assim dois amantes
Separas tão cedo,
Cruel sorte impia!

O Conde carpia
Seu mal, e chorava
Ao ver novas terras
P'ra onde partia;

Mas nada valia
A tranquillizal-o:
Cansado d'ausencia
Ao reino volvia.

IV.

E ella se ia
A' raia casar-se
C'o rei D. Alonso,
O da monteria.

Logo elle a seguia
No seu palafrem,
C'os ricos jaezes
De mais louçania.

E se despedia,
Ai triste! chorando...
» Seu lume e seu bem »
Tambem chorara.

Em tanto soffria
Tal dôr de a não ver,
Que d'ir a Castella
Porém resolvia.

E já se partia
Correndo a cavallo;
E foi a Barcellos,
E viu a Faria;

Mais terras veria
Té ver a Segovia;
E lá no alcacer
A quem mais queria.

No alcacer a via,
Ali lhe fallava;
E já o bom rei
De tal desconfia,

E a ella o dizia;
Mas ella negava,
Que ao proprio marido
Só tal se atrevia,

E o zelo crescia,
Até que a rainha
Ao Conde em má hora
Assim referia.

» Amigo, a porfia
Convem terminar;
Já vêdes que Alonso
De nós desconfia. »

E quem o diria!
O rei que inconstante
Da bella rainha
Nem caso fazia.

Só o divertia
Leonor de Gusmão,
Que o seu coração
Roubava a Maria.

A pobre que ia
Ao pai, a correr,
Mostrar como ao esposo
Soccorros devia!

V.

E o Conde gemia
Ao ter que apartar-se;
Mas era obrigado....
E já a não via.

Por mar recolhia
A' terra natal:
E a bella rainha
Que tal ficaria!

Ao convento elle ia
Morrer de Tarouca,
Que o mundo habitar,
Já mais não podia.

De noite e de dia
Trovava, pensando,
Até que morreu,
Na Infanta Maria.

Nem mesmo esqueceu
No seu testamento,
Que quando foi morto
Por onde s'abria.

E neste se lia:
» As minhas cantigas
Deixo ao rei esposo
Da bella Maria. »

Mas já não vivia
El rei de Castella,
Que é morto da peste
Tres dias havia.

Viuva partia
A pobre rainha;
E em Portugal
Tambem succumbia.

E o conto dizia
Que só por amores
D'Hespanha fugira,
E o pai a não quiria...
E ella morria!

A Noite.

Noite amiga, vem serena
Estes campos animar!..
Vem com tua amena brisa
Minha mente refrescar!

Com teu orvalho alimentas
Estas plantas innocentes;
Com tuas sombras escondes
Minhas lagrimas ardentes!

Silencio mysterioso
Quanto és grato ao infeliz!
E's a imagem de um futuro
Que o termo a seu mal prediz!..

Noite amiga, és a sob'rana
Que aos tristes dás liberdade;
Que os queixumes soltar deixas
A' opprimida humanidade!

Tu lhes franquêas benigna
Livre o espaço a seu clamor;
Tu calas os seus segredos,
Seus suspiros, sua dôr!

Protegendo os desgraçados,
Supêas os venturosos,
Em ledos divertimentos,
Ou em sonhos venturosos!

Em teu seio adormecidos
Os échos da solidão,
Despertam de quando em quando
Aos gemidos da afflicção!

Fosse eterno o teu reinado
Noite amiga, bemfazeja!..
Mas ai!.. da manhãa a estrella
No escuro horisonte alveja!

O Sol murchou lindas flôres;
A Noite a vida lhes deu!
Tambem aos prantos da Aurora
Uma saudade se ergueu!...

D. A. G. Pusich.

20 *de Setembro de* 1849.

A uns olhos pardos.

Deu-te o céo meigos olhos tão bellos,
Lindos olhos que o céo me não deu:
Deu-te graça nos olhos mimosos,
Deu-te um rosto differente do meu.

As madeixas do louro cabello
Lindos olhos te faz reluzir,
E desejos sedentos d'amor,
Faz no peito mortal espargir.

Soledade, teu nome suave
Suaviza meu peito na dôr,
E na mente mofina retratas
De teus olhos formosos a côr.

Que m'importa não serem castanhos
Nem imagem do céo estrellado?
Se os teus olhos são pardos luzentes;
E me deixaram o peito settado!..

Léda brinca a ledice em teus labios,
Lédo amor em meu peito se cria,
E os teus olhos tão lindos, tão meigos
Não se movem a dar-me alegria?

Só a ti estas trovas fizera
A ti Deusa estrella d'aurora,
Mas o fogo lethal de meu peito
Um volver de teus olhos o minora.

A. M. Caldas Aulete.

DOIS MYSTERIOS.

(*Continuação.*)

Tentei afastar Irmina d'aquelle sitio, e das recordações que tanto a affligiam. Peguei-lhe em uma das mãos; estava tremula, e de gêlo!.. Pedi-lhe que reservasse para mais

tarde a triste narração, a sua dôr era mui recente, o mais ligeiro toque faria resaltar o sangue sobre as feridas do seu coração, que o tempo e a razão sanariam...

— Impossivel!.. disse-me ella — Impossivel!.. Oh! nem o tempo, nem a razão.. só a morte!

— Vamos tocar alguma cousa no piano, para distrair esta lembrança; lhe roguei.

— A musica!.. Meu Deos!.. A musica aviva ainda mais a minha saudade!.. requinta a minha dôr; apura todos os meus sentimentos. Os seus sons trazem á minha alma a imagem do anjo que perdi, e que malgrado todos os esforços não posso esquecer.. mas tambem não posso lembrar sem crime!..

— Como, senhora?!.. repeti a Irminia, isto parece uma contradicção! Se elle é como diz, um anjo, será crime lembrar-se d'elle?

— Sim, é um anjo em corpo, e alma; e com tudo eu não devo amal-o com o ardor com que o amo!.. Lei tremenda reprova este amor..

— Entendo... é casado!.. E não o sabia?

— Adivinhou, minha querida. Apenas me constou esta desgraça fugi d'estes sitios; fiz correr a noticia da minha fida para fóra do reino; e sepultei-me no valle de Chellas, aonde vivo, só para meus filhos, e para todas as tardes ir diante dos altares pedir a Deos se digne terminar a minha dôr... o meu amor... ou a minha vida!.. Orar por meus filhos, e por elle que é um anjo! que não tem culpa do meu delirio... que elle nunca promoveu...

— Basta... lhe disse eu, não continue, que me despedaça o coração!

Nossas lagrimas se confundiram; fomos para o meu quarto; e em quanto nossos filhos gozavam o somno da innocencia, velavamos recordando todas as nossas desditas; conteilhe tambem a minha vida, a vêr se comparando os seus com os meus infortunios se julgava menos infeliz!..

Quem sabe, lhe dizia eu, se aquella triste noticia foi exacta! Convem informar-se bem; eu não me atrevo a profundar o seu segredo; mas se me considerasse digna depositaria, eu lhe protesto que iria demandar as mais exactas informações. Irminia me respondeu que muito grata era á minha compaixão; mas que seria profundar-lhe mais a chaga confirmando a noticia, e accrescentando outras circumstancias que acabariam de a matar. Asseguron-me que a pessoa que lhe déra a nova fatal, conhecia muito de perto aquelle joven; que era muito verdadeira, e que nem sonhava a inclinação que ella lhe tinha.

— Não posso duvidar!.. dizia a triste suffocada em lagrimas.

Conheci que era impossivel distrail-a na Estrella. Desde a madrugada que se erguia, até alta noite, seus passos se moviam sem ella querer, para a sala, da qual via a sua antiga casa; e seus olhos a observavam com intima saudade!..

Pediu-me que a tratasse por tu, e que fosse estar com ella uns dias em Chellas; pois eu bem sabia o motivo porque ella só a furto vinha á cidade. — Sei, dizia ella, que se elle souber que eu estou em Lisboa, voará a vêr-me: ignora os meus sentimentos, ou não lhe conhece toda a extensão; e elle parecia considerar-me muito; mas ai!.. poderia eu vêl-o sem me traír!.. sem morrer!.. Vendo a joia que eu perdi, e outra possue! não!.. esta prova é terrivel! é superior ás minhas forças!.. Deixa-me, em quanto posso, conservar o meu nome sem mancha. A minha tristeza tem desculpa; o mundo entende-a por outro modo... chorar a perda de um marido, ainda que fosse máu, é uma virtude; chorar a perda de um amante, ainda que fosse um anjo, seria um crime!.. E de mais, elle não me pertence!.. Elle não me ama!.. Seria o maior abatimento mostrar paixão por quem não se importa do meu amor, porque tem consagrado a outra o seu coração, a sua existencia!..

Era tão pungente a afflicção de Irminia; que eu mesma tratei de retiral-a da Estrella para não mais alli tornar; e decidi em attenção a ella mudar a minha residencia. Disse-lhe que, tambem a vista d'aquelles sitios me affligia, recordando perdas para mim as mais consideraveis; e ambas fomos procurar casas proximo a Chellas. Achei umas boas, e deixando Irminia em sua casa, fui ajustar com o senhorio a renda. Irminia não queria que pessoa alguma a visse, e por isso não era possivel morarmos juntas; no dia que ella vinha passar comigo dava eu ordem á criada de dizer a quem me procurasse, que eu não estava em casa!

(*Continúa.*)

D. A. G. Purich.

O REMORSO PUNINDO O CRIME.

(Continuação.)

Pouco tinha andado, e quasi que ia perdendo a esperança de deparar com o desconhecido que tanto me interessava, tal era o desejo que eu tinha de ser util, ou talvez

de encontrar alguem que no egoismo da minha dôr podesse dizer: este soffre mais do que eu!.. Finalmente, á claridade de um relampago distingui uma janella, e um vulto que girava em casa, com uma luz; é alli, disse eu a Margarida (este era o nome da minha companheira) que se soltam agudos gritos de afflicção, demandemos a causa, e póde ser que o ceo nos enviasse hoje aqui, para evitar grandes crimes; apressei o passo, e batendo á porta, o vulto que eu havia devisado, me perguntou o que pertendia suffocada em pranto: Valer-vos, senhora, lhe disse eu, algum assassinio se commette em vossa casa, dizei em que vos posso ser prestavel! Nada me respondeu, mas abriu-me rapidamente a porta; Margarida me segurou, e debulhando-se em lagrimas exclamou, Ai! de vós, senhora! E ai de mim, que vos sigo!! Em que abysmo nos vai precipitar a vossa irreflectida compaixão! Quem vos assegura que não seja isto logro de alguns salteadores que se abriguem aqui! E'-lhes tão favoravel este sitio... Deixai-me, Margarida, e que ninguem jámais se lembre de dizer-me que eu para preencher os deveres que a Religião me ordena, acarreto comigo no abysmo aquella que tambem por obedecer á Religião, recolho em minha casa faz hoje onze annos. Sabia eu, a vossa capacidade quando vos franquei a minha casa hospitaleira! Bem sabeis que não, e que respeitando o vosso segredo, ainda hoje nem dizer posso com certeza se vos chamais Margarida!.. com tudo ainda me não arrependi de dar-vos o nome de amiga, e de vos apresentar com dignidade a todas as minhas relações. Um suor frio senti que se espalhava pelas mãos da infeliz que apertava com violencia as minhas; e vendo que eu forcejava por soltar-me d'ellas, para subir só; arrojou-se-me ao chão, e bradou em um excésso de desespero, de que eu não podia adivinhar a causa: pizae nos vossos pés, senhora, esta mulher desditosa, e que elles calquem sobre a terra, uma infeliz que assim calcou as leis da natureza! Ai! de mim, senhora! Este dia despertou-me a lembrança de um crime, que engolfada nos prazeres do mundo eu havia esquecido, occultando-o sob uns farrapos de seda, que devo á vossa generosidade; mas este crime vestindo-se com as galas da virtude, tornou-se mais horroroso perante o Ente Supremo que tudo vê, e rege, e já na minha alma começa o castigo, intornando-se n'ella o amargoso calix do remorso!!.. Subamos, senhora, e quando terminares as vossas indagações, eu vos contarei tudo: assim o fiz, rogando á infeliz desculpasse as minhas expressões asperas. No fim da escada nos aguardava a senhora que nos havia aberto a porta, que dando-me a mão, me guiou a um quarto que parecia só ter sido feito, pela sua pequenez, para o doloroso quadro que o enchia. Já vês, me disse então ella, que se não commettem aqui assassinios, é verdade que se lucta com a morte, mas com essa morte inevitavel, que mandada por Deos, não lhes podêmos oppôr outra resistencia além do nosso pranto, e nossas ardentes preces. Não tive forças para indagar mais, á vista do painel de dôr que se offerecia a meus olhos, e porque o coração parecia que me não cabia no peito, eu me retirei satisfeita com a permissão que se me havia dado de voltar.

(Continuar-se-ha.)

D. Antonia L. Cabral de Tâve Pontes.

A INNOCENCIA TRIUMPHANTE.

(Continuação.)

Frederico ao ouvir o que o pae lhe dizia desmaiou, e sentiu no seu interior um espirito de inveja, por vêr o pae dirigir Ernesto. Mas quem teria Guilherme mais vontade de instruir do que seu proprio filho, se isso não fosse um impossivel, por elle aborrecer decididamente tudo quanto era estudar, e applicar-se a qualquer cousa!

Como Guilherme nada conseguia de seu filho, e viu o desejo d'Ernesto, e um modo de pensar o mais louvavel é que se offereceu a encaminhal-o, e aproveitar em beneficio da sociedade as boas inclinações d'aquelle joven.

Frederico d'alli a bocado retirou-se para o seu quarto, onde se demorou hora e meia, e depois saiu, e foi a casa d'um seu amigo que se chamava Henrique da Silva, o qual era com quem elle se aconselhava sobre qualquer intento que tinha. Henrique tinha 32 annos, mas era pessoa de sentimentos iguaes, ou ainda peiores do que Frederico, tanto que Guilherme o prohibiu de ir a sua casa!

A residencia de Henrique distava muito da de Guilherme, e por isso quando Frederico lá chegou era já noite, hora em que rarissimas vezes elle o procurava, e só quando era de maior urgencia o objecto para que lá ia. — Frederico logo que entrou disse-lhe:

— Has de admirar-te d'eu a esta hora cá vir, mas não tive remedio.

— Então para que ó!

— Para tomar comtigo um conselho da maior consideração.

Henrique tornou-lhe:

— Pois eu tenho já que sair, sendo o negocio para esta noite mesmo, farei o sacrificio de ficar em casa, mas podendo esperar para ámanhãa pela manhãa, então eu sáio, e tu escreve-me tudo quanto quizeres, e deixa-me dentro da minha secretária, que eu o examinarei bem, e ámanhãa te deixarei a resposta, e esse papel será rasgado. Agora dize o que queres.

— Póde esperar para ámanhãa, mas o que eu receio é que d'alguma maneira possa mais alguem do que nós vêr o que te escrevo; e assim seria mais conveniente eu ámanhãa vir, dizer-te vocalmente o que é, e tambem vocalmente dares-me o teu parecer.

— Uma vez que o caso póde esperar até ámanhãa, julgo tambem mais seguro (ainda que como eu disse seguro era) o vires pela manhãa.

Acabando de dizer isto sairam ambos, porém cada um para lado opposto. Frederico sentiu algum vento, e indo desprevenido se conheceu um tanto constipado, porém não deu maior attenção a isso. Logo que chegou a casa ceou, e foi para o seu quarto deitar-se.

Pela manhãa quando Frederico acordou achou-se constipadissimo, e com muitas dores de cabeça, que não só se sentiu impossibilitado de ir a casa de Henrique conforme o ajuste, mas até de se levantar da cama.

(*Continúa.*)

José Geraldes d'Almeida Pinto de Queiroz.

Um Artista Portuguez.

Folgamos sempre que temos noticia de que um filho das nossas escholas, é applaudido pelos estrangeiros, quasi sempre depreciadores das nossas cousas, e por isso mais insuspeitos nos seus elogios. O Sr. Ermet Lambertini, que cursou o nosso Conservatorio, e recebeu lições particulares do Professor do mesmo Conservatorio, o Sr. Laureti, tem sido mencionado com elogio nos jornaes hespanhoes, pelo seu muito merito artistico. Ultimamente, achando-se escripturado em Valhadolid, mereceu tanto a estima do infante D. Francisco de Paula, que foi admittido na sua sociedade particular, honra que nenhum outro da companhia recebeu, e foi presenteado na noite do seu beneficio, pelo mesmo infante, com um rico relogio, e grilhão d'ouro. S. M. Catholica, tendo noticia do seu muito talento chamou-o a Santo Ildefonso, em cujo theatro o ouviu cantar, e depois de lhe tecer muitos encomios dignou-se brindal-o com dois botões de ouro, de valor de 2500 reales. Ultimamente foi convidado para ir cantar no theatro d'Oviedo, que se acaba de reconstruir, e onde era esperado com anciedade.

Peza-nos que o Sr. Lambertini, que possue uma excellente voz de baritono, e que tanto enthusiasmo tem feito em Hespanha, não seja escripturado para algum dos nossos theatros. Julgamos seria uma boa acquisição.

Sousa Telles.

Revista de Lisboa.

A semana, que felizmente está quasi a dar os ultimos fios á téia, foi a mais desenxabida, e monotona hebdomada de que ha noticia, referendada nas revistas e folhetins. Para tudo estar carrancudo e aborrecivel até a atmosphera se conservou quasi constantemente coberta de nuvens, e illuminada por fogos electricos, que ameaçando grandes trovoadas, apenas deixaram perceber poucos e pequenos trovões. O revisteiro, pobre de noticias como um franciscano, não despregava os olhos das nuvens, media o espaço, e esperava com ancia que uma porção de electricidade viesse derrubar um edificio, ou penetrar uma chaminé para ter uma noticia fresca, porém o vento zombou sempre dos seus desejos, e dissipou as tormentas, enchendo de jubilo as pobres velhas que rezavam o hymno a Santa Barbara, fazendo fumigações de palma benta. Melhor foi assim. Pelos espaços terrestres limitados pelas portas da cidade marchou tudo em funeral, ainda por mal de peccados tivemos de ouvir o funebre dobrar dos sinos de S. Vicente, e as salvas do Castello em todo um dia, que nos pareceu um anno; foram as exequias do Imperador; a Igreja de S. Vicente foram assistir nos officios funebres SS. MM., e poucos magnates. A novidade mais interessante foi a baixa que desam as notas do banco; desceram a mil e duzentos, e Deos queira que vão indo cada vez a melhor.

A Academia Real das Sciencias, que foi affligida com mil e um requerimentos para o logar de lente de Introducção á Historia Natural, nomeou os Srs. Dr. Costa, e Dr. Pegado, para fazerem o tal curso. Foi uma nomeação acertada, e que faz honra áquella Associação. O que nos parece é que tal-

vez os dois professores terão de leccionar nos animaes que estão pelos almarios, e aos peixinhos, como fez o nosso taumaturgo Santo Antonio.

Dizem-nos que vai a ter logar um combate de morte entre duas altas publicações annuaes. O espectaculo deve ser vistoso. A *Folhinha de porta* e *d'algebéira* acompanhada de todos os cegos de Lisboa, vai jogar as christas com o *Almanack* de 1850 que sahiu á luz ha poucos dias. E' uma lucta entre as antigas formas, e o modernismo, muito para vêr-se, e que terá por arbitros duas reverendissimas. Nós que somos progressistas, recommendamos o *Almanack*.

No Theatro de D. Maria continúa a ir o Templo de Salomão. No Gymnasio continúa a Constança, e uma comedia em um acto, traduzida pelo senhor D. Antonio da Costa Macedo, intitulada — Guardado está o bocado para quem o ha de comer. — Tem agradado. N'este mesmo theatro vai ter logar no dia 5 d'Outubro o beneficio do Sr. Braz Martins. O beneficiado recitará o — Ave Cesar! — poesia á memoria de Carlos Alberto, escripta por um dos nossos mais conhecidos, e talentosos poetas. O nome do beneficiado é recommendação bastante; o publico que lhe tem feito justiça como auctor, e actor, não deixará de ir victorial-o no seu beneficio. Em S. Carlos no primeiro de Outubro terá logar a representação da Adelaide, por uma companhia de curiosos. A nossa primeira actriz a Sr.ª Emilia das Neves, faz parte d'esta companhia, para obsequiar o beneficiado, que nos dizem ser um pai de familia muito necessitado. E' notavel que por em quanto nada se saiba ácerca da nova epocha theatral de S. Carlos; dizem até as más linguas, que Mestre Corradini vai fazer alliança com Mr. Charles, e com o proprietario dos Camellos para converter o theatro lyrico em casa de bichos. O Mestre Vicente tudo póde; veremos.

O Sr. Roza, em consequencia de se lhe aggravar o seu padecimento de garganta, vai para os banhos das Caldas, ficando em seu logar o Sr. Victorino. A sociedade dos Artistas do Theatro de D. Maria, dá um louvavel exemplo de fraternidade no modo por que se comportam com o Sr. Roza. A propozito d'artistas; já nos esquecia um pronunciamento em fórma que fizeram os operarios das serralharias de Lisboa. Como viram que lhe exigiam mais trabalho do que elles julgaram poder fazer, uniram-se, e sahiram ás horas convenientes de quasi todas as fabricas deixando os donos de boca aberta. A imprensa occupou-se d'este assumpto, e os donos das officinas conseguiram remediar tudo.

Fr. Anastacio.

CHARADA.

Planta sou pouco vulgar;
Habitantes lá da China
Estrahindo de mim fios
Fazem tella muito fina (*) } 1

Onde tive o meu invento
Foi na Azia populosa;
Sou de ouro fabricada,
Sou moeda valiosa. (**) } 2

E' meu todo insaciavel,
Sem limites meu desejo
O mortal que a mim se entrega,
Logo esquece honra e pejo.

Antonio Albino de Andrade Almeida.

N. B. As citações apontadas fazem parte da explicação, que daremos no n.º seguinte.

ESPECTACULOS.

Theatro de D. Maria II.

Domingo 30 de Setembro — O Templo de Salomão.

Theatro do Gymnasio.

Domingo 30 de Setembro — A troca dos Vestidos — 1 acto. — O Morgado da Ventoza — 2 actos. — A' Porta da Rua — 1 acto. — O Granadeiro Prussiano. — Principiará ás 8 horas.

Explicação da Charada do n.º antecedente.

Soldado.

Na Typ. de G. M. Martins,
Rua dos Capellistas n.º 62, 1.º andar.

OUTUBRO 6. 1849. NUMERO 10.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 9; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 430. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 30 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

CONFERENCIAS NO TEMPLO DE N. S. DE PARIS,

PELO REVERENDO PADRE LACORDAIRE.

Com este titulo se publica uma obra que deve ser não só recommendada pelos escriptores publicos, mas tambem protegida pelo Governo, e enviada a esses Collegios de educação, onde tanto se precisa arraigar a preciosa Arvore da fé, cujo fructo se colha na Sociedade livre dos enxertos damnosos do fanatismo, ou da licença. Lacordaire falla ao coração humano, que sente a verdade de sua doutrina! Lacordaire, que no meio da Assembléa Nacional ousou apparecer em Paris com suas vestes religiosas, que no meio de uma Republica sabe ostentar a nobre altivez do Christão cuja crença é ameaçada pelo desatinado furor da licença, Lacordaire ousa tambem dizer = O grande privilegio da Igreja neste Mundo é não poder com as armas na mão praticar injustiças! ... = E com estas poderosas expressões que tem a força de um raio exterminador aniquilla as cruzadas, as inquisições, e salva a humanidade dos flagelos da ignorancia, e do fanatismo! Deus não approva uma Religião de sangue! ... Basta que o seu se derramasse para nos dar a liberdade! ... Não nos autorisou a derramar o sangue de nossos semelhantes para os obrigar a crer! ... Dotou-nos do precioso dom da intelligencia, e é por meio dellas que se deve firmar a crença sendo inquestionavel que a Religião do Crucificado é a mais pura, mais Santa, mais conforme ao coração humano, porque é firmada nesta grande base do Direito natural = Não faças aos outros o mal que para ti não quizeras = porque ella é fundada no amor! ... E sendo tambem innegavel que a força vence, mas não convence; e Deus é um Soberano Omnipotente sim, mas tambem é Pai! ... quer chamar as almas para as felicitar em torno do seu Throno, não as quer escravisar ... ama os canticos de amor, e devoção dos fieis, não présa as suas lagrimas, antes com piedosa Mão as enxuga! ... O seu Throno é um Throno de amor e de luz, não é um Throno de sangue e trévas! ... Lacordaire discorre como um verdadeiro philosopho, porque a verdadeira philosophia está na Religião do Crucificado; essa em defeza da qual voluntariamente daremos o nosso sangue, que a heresia, mas não o Christianismo, presará derramar; levando-nos ao sacrificio o amor, e a convicção; jámais a força...

Que as idéas de Lacordaire se es-

palhassem entre nós seria por certo muito util ao nosso paiz em tempos que o Pulpito se acha quasi abandonado; e os povos sequiosos de sabias doutrinas que lhes firmassem nas almas a Santa Crença de seus antepassados; mas livre inteiramente das sombras que lhes escondem a verdadeira luz!... Luz divina, luz immensa que illumina, mas não queima!...

Acha-se quasi abandonado o nosso Pulpito, e porque? Pela falta de instrucção do nosso Clero. Não haverá quem ouse contrariar esta verdade, tão manifesta. A' excepção dos nossos sabios Prégadores os Srs. Malhão, Lima, Nunes da Piedade, Rocha, Beirão, José Fortunato Franco Lopes, os Priores de S. Sebastião, e do Castello, Manoel José d'Oliveira, Cenaculo, Corrêa de Lacerda, e talvez mais alguns de que não temos noticias exactas, e por isso não mencionamos; (poucos mais poderão ser) não vemos hoje outros que do Pulpito ensinem ao povo a verdadeira Religião do seu paiz, porque raros são aquelles que tem os estudos precisos, depois da extincção dos seminarios, que facultavam ao nosso Clero os meios da sua instrucção.

Conhecemos sacerdotes cujos talentos muito respeitamos, e entre estes alguns que tambem já prégaram; mas ao presente estão n'outra posição; entre estes distinguimos o Sr. D. Marcos Pinto Soares Vaz Preto, por seus grandes conhecimentos. Tambem o Sr. José Jacinto Tavares, digno Prior da Freguezia de Santa Isabel, muito sabio, e muito exacto no cumprimento de seus deveres como Parocho, a ponto de se dar ao trabalho de convidar seus pequenos Parochianos a aprender a Doutrina Christãa, em que elle mesmo os instrue; não como vulgarmente se usa entre nós, que as creanças repetem como papagaios o que ouvem; mas instruindo-os na origem das cousas, até animando-os com premios!

O nosso Eminentissimo Cardeal Patriarcha é o primeiro a quem tributamos todo o respeito e veneração, fazendo justiça a seus conhecimentos, e nobres desejos, mas não é delle que depende a sorte do paiz!... Governo... Côrtes... olhai por esta porção de terra escolhida por Deus, e cujo mando vos está hoje commettido! Tornai os Portuguezes dignos da sacrosanta divisa que reluz em sua Bandeira!... Ordenai a instrucção do Clero, e apparecerão em nossa terra dignos Ministros do Altar, que honrem Portugal como Lacordaire honra a França. Sirva-vos ao menos de glorioso estimulo o que vêdes n'um paiz que sendo mais livre que o nosso ainda nos dá exemplos de Religião!... Ainda nos apresenta um Arcebispo de Paris Dinis Auguste Affre, apparecendo no meio das turbas revolucionadas, exhortando-as a amarem-se!... e victima innocente sacrificada ao furor desatinado, soltar com os ultimos alentos estas edificantes palavras — *Que mon sang soit le dernier versè* — e espirar abraçado á Cruz!...

Ainda apparece um Sacerdote sustentando na França Republicana as puras doutrinas do Christianismo!...

(Continúa.)

DOUS MYSTERIOS.

REVELA-SE PARTE DO SEGUNDO MYSTERIO.

(Continuação.)

Ainda estava eu no Estrella quando um dia pela manhãa, era o dia 14 de Agosto, fui ouvir Missa ao Convento Novo do SS. Coraçao de Jesus, e vi junto á Capella de Nossa Senhora da Soledade um homem ainda muito novo, que me pareceo o vivo retrato do Cavalheiro desconhecido que eu havia encontrado á Fundição n'um dos primeiros dias deste mez! Estava elle, como então, submerso n'um mar tempestuoso, tristes pensamentos cuja força parecia opprimil-o tanto, que apoiava a frente na sua bengala como para sustentar o enorme peso de suas ideas! Muito de proposito me ajoelhei ao pé delle; mas apenas percebeo uma mulher aproximar-se

a elle, affastou-se sem me encarar. Observei-o, e reconheci ser o mesmo que eu imaginava. Resta informar-me do seu nome... quem m'o dirá?...

Acabou-se a Missa, e vi sahir da sacristia um Padre, homem respeitavel, que eu desde a minha infancia conhecia: dirigio-se ao mancebo, e apertou-lhe a mão com muita intimidade!... Aproveitei a occasião para sahir, e o Padre, cumprimentando-me, disse ao Cavalheiro quem eu era. O joven perturbou-se, córou, e dirigio-me uma attenciosa cortezia. Perguntou-lhe o Padre senão me conhecia?

— De nome, sim, Senhor; respondeo-lhe; e eu lhe disse:

— Tambem de vista, mas não se lembra por certo... eu já o vi um dia á Fundição...

— Ah! tornou elle como para atalhar a explicação; é verdade!... um raio de luz me aclara as idéas!... e nós tres sahimos. Offereci ao bom Padre, e ao Cavalheiro o descançarem na minha choupana, e teimei para que subissem; que o almoço estava á nossa espera, e eu tinha uma linda poesia para mostrar ao Sr. Padre; este acceitou o convite porque muito gostava das minhas poesias; e instou com o seu amigo Edgard (era o nome do joven) para que subisse; de modo que todos os esforços do infeliz não bastaram a escusal-o, e elle não tinha forças para luctar com teimosos; mas a minha teima não era sem fundamento... Eu estava no empenho de sondar mysterios que não me pertenciam, mas em que o meu coração havia tomado grande parte... Offereci-lhe d'almoçar; Edgard não quiz.

— Anda muito triste ha tempos o meu amigo, disse o Padre, estranho-o muito: homem vossê estará namorado?!...

— Namorado!... disse-lhe eu; então este Senhor não é casado?!...

— Casado!... torna o Padre, só se é ha dias; nunca lhe conheci esposa, nem amores; vive só, isolado, e ha tempos insoportavel, que até dos amigos foge!... Não quer senão conversar com defuntos, com os livros, bem entendido; é bom estudar, mas nem tanto que se mate, e se torne arisco. — Em summa como não quer almoçar, eu de boa vontade acceito o favor; não uso já cerimonias, que esta amisade não é de dois dias; conheci cá a nossa poetisa ainda a brincar com as benecas. — O Padre sempre muito divertido, foi almoçar, e eu chegando-me á janella disse ao joven:

— Este sitio é de tristes recordações! Além dos meus desgostos tenho um motivo alheio, mas que não é para mim hoje estranho! Vê V. S.ª aquella casa?

— Qual?!... Acode sobresaltado Edgard.

— Aquella proxima á travessa do Pinheiro, respondi.

— Aquella?!...

— Sim, Senhor; uma noite ouvi alli, era meia noite, uma voz angelica entoar estes versos: é a poesia que eu queria mostrar.

— Oh! deixe-m'a vêr!... bradou transportado.

Fui buscar os versos que elle devorou com a vista, trémulo, e na maior agitação.

— Oh! que tem V. S.ª?... lhe perguntei. Está exactamente como naquella manhãa em que o vi á Fundição!... Parece-me que um mysterio se envolve em tudo isto!

— Oh! um mysterio, sim, exclama o triste mancebo, mas um mysterio que nem a morte revelará!...

— V. S.ª de certo conhecia aquella Senhora? disse eu a Edgard.

— Não... mas... não sei... não me pergunte coisa alguma, eu lhe supplico... não lhe poderei dizer a verdade...

A estas ultimas palavras de Edgard chegou o Padre que tinha finalisado o seu almoço.

— Ora ahi estão os poetas juntos!... disse o bom ancião, porém arrenego da poesia que faz chorar! Parece-me que o meu Edgard está commôvido bastante? Deixe-me vêr estes versos, se é que não são tão funebres que tambem me enterneçam, farto de encommendar defuntos estou eu. V. Ex.ª gosta muito de poesias tristes. Dê cá...

Tentou vêr os versos, mas Edgard disse-lhe:

— Não lh'os dou sem os copiar primeiro; temo que me fique com elles.

— Forte ambição... faça o que quizer, eu sempre os heide vêr... tornou o Padre sem grande pena, e começou a entreter-se conversando com as creanças em coisas treviaes, porque, dizia elle, bem sabia que os poetas não gostavam que lhes interrompessem as suas sessões, e não queria incorrer no desagrado poetico.

— V. Ex.ª permitte que eu leve estes versos para os copiar, disse-me Edgard, que tinha os admans da mais fina educação, e eu prometto restituil-os ámanhãa, se me der licença.

— Sim, Senhor, lhe respondi; e Edgard, sentindo-se muito agoniado do interior, despedio-se, e o Padre retirou-se com elle, mas tomaram para differentes lados. Observei que Edgard foi pela travessa do SS. Coração de Jesus, e ao chegar junto á casa que foi de Irminia parou, e esteve immovel como uma estatua, até que o ruido de uma carruagem o despertou do seu espasmo, e obrigou a caminhar. Mas caminharia como um somnambulo?..

— Tenho uma grande noticia que dar á minha Irminia! dizia eu commigo. Este jovem conhece-a, e a meu vêr ama-a!... e pelos dados que tenho não receio muito enganar-me suppondo que é o mesmo que ella ama; porém ahi vejo uma só differença, e é a de ser este solteiro!... Emfim verei se descubro este segredo.

(Continúa.) D. A. G. Pusich.

AS CASTELLÃS DE ROUSSILLONT.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

Suas turbulentas acclamações, estregiam os ares, a cada passo dos novos esposos. Galliot rodeado dos seus pagens, e escudeiros parecia cheio de prazer, em quanto que a Condessa apoiada no braço do tio de seu marido conversava com elle em voz baixa, de uma maneira muito animada. Entretanto o som agudo das gaitas de folles retenia nos ares: as danças usadas naquelle tempo, e paiz, que se denominavam bourrée, e furandole se seguiram no festim.

O Senhor de Vaillãe, e a joven esposa aproveitando-se do tumulto da festa, que lhes permittia sahir sem serem notados, foram sentar-se desviados d'alli, debaixo de um caramanchão de Madre-Silva, que havia então no fim do jardim, entre as officinas do castello. Apenas tinham desapparecido que Galliot, chamando o moço Aymar seu collaço, e amigo de infancia, marchou rapidamente pelo bosque de carvalheiras, que se estendia até ao valle; e logo que chegaram á extremidade da esplanada, e que os gritos das chusmas, e os sons dos instrumentos chegavam a seus ouvidos como um motim confuso e incerto, o mancebo parou de repente, lançou-se nos braços do seu companheiro, e chorou amargamente.

— Animo meu bom Senhor, dizia o pagem, apertando a mão de seu amo, Dona Francisca vos ama, e quando ella souber vossas aventuras, será a primeira a vos lamentar, e consolar. Então ouvio-se bulha de passos, era a alegre dança que fazia a volta dó castello.

— Esta manhãa ao amanhecer estae ao pé da collina com o meu melhor cavallo de sella, disse precipitadamente o Conde.

— Onde quereis ir, meu Senhor? perguntou o pagem surprehendido.

— Á ermitagem da Rocha des Ares, para fallar a Gertrudes, e procurar o meio de alliviar a minha consciencia do peso que a acabrunha.

No mesmo instante se ouvio uma pequena bulha no meio do bosquesinho.

— Que é isto? perguntou o Conde, estremecendo contra sua vontade.

— Talvez uma lebre que se esconde nas branhas, respondeo Aymar. E os dois amigos se reuniram aos convidados.

Algumas horas depois tudo descançava no castello, apenas por ordem do Senhor de Vaillãe a ponte levadiça se abaixou para dar passagem a dois homens de armas, encarregados d'uma missão secreta.

Affirma-se que no dia seguinte quando segundo o uso do paiz, o Capellão quiz celebrar o officio funebre pelo descanço dos membros da familia que descançavam no tumulo [1], foram obrigados a esperar muito tempo que chegasse o Conde: este appareceo emfim coberto de suor, e de poeira, os cabellos em desordem, estava tão pallido que podia ser tomado por um dos mesmos finados, por quem se hia orar.

Ao sahir da Capella, teve uma explicação muito animada com o Visconde, depois da qual se sentio tão doente que foi forçado a metter-se na cama. Aymar e o Ca-

[1] No Queroy existe verdadeiramente o costume de celebrar no dia seguinte das nupcias, uma Missa funebre por todos os membros da familia dos dois esposos.

pellão seus dois fieis amigos, o velaram durante vinte noites seguidas.

Emfim a saude de Galliot começou a melhorar, mas ficou triste e pensativo, não achando prazer senão nas conversações do bom Sacerdote, e nas frequentes orações que fazia na Capella.

Logo que se achou inteiramente restabelecido, chamou seus homens de armas, e foi reunir-se a Montlac, e ao exercito do Duque de Enghien.

Nove mezes depois, a Condessa deo á luz um filho, o qual se chamou Galliot, como todos os seus avós.

Foi só no fim de seis annos que este joven pai abraçou pela primeira vez seu filho, e apenas ficou no Roussillont, o tempo necessario para recrutar as suas tropas, porque o Rei Henrique II, que tinha succedido a Francisco I, reclamava os serviços de todos os seus fieis vassallos, contra o Imperador Carlos V. *(Continúa.)*

D. Maria da Arrabida da Costa Sá de Macedo.

POESIAS.

A UMA PALMEIRA.

Pobre palmeira que só,
Fria pedra te circunda,
Nem uma roza ao teu lado,
Nessa triste terra immunda!

Nem um ai! nem um suspiro,
Vai teu ar purificar,
Nem uma alma piedosa
Vai teu ermo visitar!

Nem passa em roda de ti
Solitario passageiro,
Que te diga um triste adeus
Inda sendo o derradeiro!

Nas tuas ásteas despidas
Não se abriga uma ávezinha,
Por fraca a deitas por terra,
Por triste, vês-te sósinha;

Teu tronco já quasi nú,
Se contempla requeimado,
Triste palmeira, não vês,
Ninguem chorar o teu fado?

Mas se alguem chegar-se a ti
Que lhes dirás tu, palmeira?
Que soffres, ou que disfructas,
Na solidão paz inteira?

Se a gosas, ninguem t'o ouve,
Mas sei-te eu avaliar,
Pois nenhum braço ferino,
Vai teu ramo derribar,

Ahi ninguem te interrompe
Teu movimento agitando,
Erguendo as ásteas ao ceu
Curvar pr'a terra apontando,

Mostras o fim dos mortaes,
Seu orgulho, vicio, e luxo;
Na terra, lá lhe nivéla,
Da morte o soberbo influxo.

Feliz, mil vezes feliz,
És na tua solidão;
Feliz, seria eu tambem,
Se não fôra o coração...

D. Antonia L. Carbal de Teive Pontes.

AO MEU COMMANDANTE
O ILL.mo S.r ISIDORO FRANCISCO GUIMARÃES J.r

Vive o nauta solitario
Entre as furias da procella
Pensando na sua bella
Pensando no seu fadario —
Já não ouve o campanario
Que o chama junto della
Tarde tornará a vê-la
Rumo que segue é contrario —

Rugem medonhos os ventos
Sóa estrondoso o trovão
Estremece o coração
Ao pensar em taes tormentos. —
Mas não são os soffrimentos
Que lhe causam susto — não!

Olhando pr'a uma estrella
Que se mostra por instante
Pensa vêr a sua amante
Julga vêr a imagem della
Quanto déra só por vê-la!
E tão linda!! é tão constante!!

A tempestade abrandou
E sopra a brisa fagueira
Voga a embarcação ligeira
O máo tempo já passou —
Só ao nauta ainda ficou
Cruel dôr! a da saudade! —

MIGUEL QUERIOL.

S. Filippe de Benguela
1848. Dezembro.

A CRUZ E O CHRISTÃO.

Dedicada á Ex.ma Sr.a D. E. R. C.

Não falta Deus a quem ora
Nunca faltou ao christão
Eu o sou, valeu-me a cruz
Foi a minha redempção.

Santa cruz, lênho d'amor
Duas vezes resgatou
O pobre filho d'Adão
Que o peccado condemnou.

Abrio-me as portas do Céo
As portas que Adão cerrou,
Hoje aproxima de mim
O que Satan me roubou.

Cruz d'amor, amor me trazes,
Cruz d'amor, d'amor tornais
Minha tristeza em prazer,
Em canto meus tristes ais.

Cruz d'amor! oh minha cruz
Triunfa de Satanaz
Faz-me baixar do p'raiso
O anjo d'amor e de paz.

Eu e elle por devisa
Eu e elle por brazão
Só teremos uma cruz
O signal da redempção.

E depois quando tornados
Formos á cinza em pó,
Uma cruz dirá que fomos
Duas almas n'uma só.

JOÃO EULALIO DA SILVA DE MENDONÇA.

21 de Setembro de 1849.

REVISTA DE LISBOA.

Parecem incriveis as miserias que vão por este cantinho da Europa, a que chamarão Portugal! O revisteiro, que está, como sentinella espertinha, a lubrigar o mais pequenino acontecimento para o trazer para as columnas da Revista, afim de satisfazer a curiosidade do leitor, que quer desforrar-se dos vintens que lhe custou o periodico, esmorece considerando, que, para satisfazer a sua missão lhe é mister escrever todas as semanas um rol de ninharias. Bem haja a Revista Popular, que apeou o pulpito do Fr. Gerundio, para dar lugar a uma peccadora, confessada, ao que parece, de Sua Reverendissima: e para nos dizer que a terra não é plana, nem está sobre o dorso de quatro elephantes, porque o Sr. João Sebastião a passeou em roda, sahindo por uma porta, e entrando por outra. Isto é que se chama dar novidades!! Que importa que todos os alfarrabios digam uma cousa, que é por todos sabida, se ella adressada com meia duzia de phrazes esdruxulas faz vista como um cavallo de cem moedas? Avante, assim é que se adquire popularidade. Vale mais dizer d'aquellas lindezas do que annunciar os *cursos de mathematica* do Sr. Euzebio Candido, e as suas descobertas archeologicas, que vão ser celebradas, e interpretadas pelo Sr. Abbade de Castro. E não cuidem que seja pequena a descoberta. O Rocio, conforme a melhor sentença dos archeologos, foi n'outros tempos uma vasta cozinha. As pedrinhas do Sr. Euzebio, occultam uma preciosidade monumental, quem sabe se uma Pompea? Escavações superficiaes deram lugar a que se encontrassem muitas pedras de cantaria, lavrada; bastante pedra d'alvenaria, bastante carvão, uma almotolia com azeite, e um poço!! A Academia das Sciencias vai reunir-se em sessão plena, e permanente para nos dizer o que indicam tão valiosos achados. A Academia é *cuidadosa*, segundo affirma o seu digno Secretario!!

Afóra este acontecimento, as noticias da semana são insignificantes, e ridiculas como uma carta folhetinistica que um cirurgião *grosso* (elle é que o diz) publicou na Revolução de Septembro, em despique de um artigo em que o Pharmaceutico Tedeschi lhe attribuia as honras de sacrista incensador. Já que to-

cámos em gente que faz unguentos, e cataplasmas, diremos aos nossos leitores uma aventura que nos aconteceo um dos dias da semana, que Deos haja, por que já findou. Passámos pela rua da Mouraria, e vimos que das janellas do Recolhimento, cujo appellido elle usurpou ao sitio em que demora, sahia bastante claridade. Olhámos por uma gradezinha, e vimos um reposteiro com uma giboia pintada, em acção de querer comer a pinhoca de bananas que coroava uma palmeira, em torno da qual o reptil se enroscava. Parámos scismando no que queria aquillo dizer, quando vimos entrar gente, e sahir, com modos de curiosos, a quem era concedido sondar os mysterios d'aquella masmorra, cujo aspecto nos assusta de dia, quanto mais de noite. Que ha alli hoje? perguntamos a um barbeiro, apontando-lhe para a tal carinha. Ha a reunião dos *boticairos*, respondeo-nos o barbeador, com maneiras de cabo de policia; e continuou: va ver, suba, entre, olhe que dizem lá bocadinhos d'ouro. Venci a repugnancia que tinha ao tal edificio, subi uma escadinha, e dei comigo na galeria d'uma sala (ex-ermida) onde falavam soffrivelmente os taes esculapinhos. Não desgostei, estava-se lendo um relatorio ácerca da analyse das aguas das Alcaçarias, noticioso como um chronicon, mas extenso como o arco da velha. Finalisou a leitura, e o Sr., que faria as vezes de Presidente, fechou a sessão com uns tres *somentes* que nos arripiaram. Salva a errada locução do tal Sr. Corrêa, o mais foi bem, tencionámos voltar, e já estamos convidados para ver todo o edificio da Sociedade, que é, segundo nos affirmam, uma das mais uteis de Portugal.

Para que nem tudo, n'aquella noite fosse Pharmacia, e aguas, dirigimo-nos ao Gymnasio; e tivemos a paciencia de ver, e ouvir uma Camedia em um acto = A troca dos vestidos. = É uma das peças mais inferiores, no nosso entender, que alli se tem representado, um pouco immoral, e inverosimil. Em desconto tivemos a Comedia = Guardado está o bocado para quem o hade comer, = e As pequenas Miserias. = Na primeira d'estas o Sr. Romão entra com muita propriedade, e mestria; na segunda o Sr. Moniz sustenta o seu caracter, com a habilidade que todos lhe conhecem, e faz rir os espectadores desde o principio até ao fim. Nós tambem rimos; e mal diriamos, que ao sahir teriamos de lamentar o desapparecimento d'um luminar da nossa litteratura. É no que sempre dão os risos. Disseram-nos que se apagára o *Pharol* mais luminoso, esperto, e atiçado que fulgurava em Portugal. Faltou-lhe o azeite, disse o amigo a quem perguntámos a causa da morte precoce do jornal mais critico, e picante que tem apparecido. Acabou-se-lhe a torcida, veio outro dizendo, com pertenções a engraçado; até que um portugal velho, que se regalára de ler aquellas revistas sempre fulminantes, e *juvenalicas*, cortou os graçejos, dizendo com o sobr'olho franzido: deixem-se de cousas, a politica é quem mata a litteratura; o Pharol foi victima da Emancipação; e continuou: desenganem-se aqui nada, que seja bom, póde medrar.

O certo é que os jornaes em Portugal tem peco, o povo quer ler sem pagar; o dinheiro applica-o para ir ver o Elephante tocar uma campainha, e disparar uma pistola. Os estrangeiros acharam em Portugal a verdadeira California. Desde Kontski, que exige o *foro grande!!!* e o habito da Conceição!!! e que chama estrangeiro ao Sr. Migoni, que nasceo, aprendeo, e tem vivido em Portugal, para elle subir ao lugar de Director do Conservatorio, até ao mais reles cortador inglez, todos aqui vem sacar-nos os poucos pintos que escapam á voracidade do recebedor da Decima. Agora prepara-se uma exposição de animaes ferozes; o governo concedeo á bixaria o que muitas Sociedades scientificas não tem conseguido, deo-lhe casa. Em breve veremos leões, ursos, javalis, tigres, todos os habitantes da Costa d'Africa. Esta vinda foi famosa para os Lentes da Eschola do exercito; estes *conspicuos varões*, ultrajados no seu meiadre por um dos melhores estudantes, que é capaz de dar quinão a todos os Professores da tal Eschola anti-diluviana, não contentes de tomarem a mais vilan das desforras, fazendo-o dimittir do posto de alferes alumno, e riscando-o da Eschola, por elle lhe pintar os retratos ao natural em um folheto que publicou intitulado = Causas da excentricidade dos resultados da Eschola do Exercito no anno lectivo de 1848 e 1849 = tencionam lançal-o ás feras, como se usava nos bons tempos dos tyrannos, que a nossa epocha

recorda a cada instante. O bonito será se se repetir a scena do Daniel no lago dos leões. A revista seguinte hade occupar-se dos taes *tyranninhos*. O nosso paiz vai-se pouco a pouco transformando em uma terra de hotentotes... Da Azambuja grita-nos um assignante que lá alli uma cousa chamada Misericordia, que tendo obrigação de curar os enfermos no seu hospital, de dar alvergue aos mendigos, e de conservar duas Capellas de Missa, come os rendimentos, cura só os doentes que lhe pagam 240 rs., e envia os mais para Lisboa, bem como os engeitados; e cousa de Missa, nem por sonhos; esta arbitrariedade tem sua analogia com as que se praticam no hospital dos doidos em S. José, onde se recebem como doidas, pessoas que tem mais juizo do que quem para lá os manda.

De tudo nos occuparemos em breve.

Fr. Anastacio.

CHARADA.

Mostro d'alma o sentimento,
Dos cegos não conhecida: } 1

Sou util, sou gloriosa
Da virtude precedida } 2

Todo.

Sou um thesouro
D'alto valor,
Se da virtude
Gôso o explendor:

Centro da vida,
Alvo de amor,
Escravo ás vezes
D'impio Senhor.

D. A. G. Peixe.

Recebemos, e lemos com a devida attenção as obras ultimamente publicadas pelo Sr. João Felix Pereira, Alumno do 4.º anno da Eschola Medico-Cirurgica: não podemos deixar de admirar neste joven um grande talento, e nobre desejo de ser util á sua Patria, e de honral-a com seus estudos, que desvela-damente profunda. Felicitamol-o pelo feliz resultado de sua applicação, e desejamos continue sem desanimar, na brilhante carreira das lettras, bem como no seu curso Medico em que quasi sempre tem sido premiado, a fim de conseguir na historia um nome assaz distincto.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

A Cholera-Morbus, artigo cholera da Cyclopedia britanica, traduzido do Inglez por João Felix Pereira, alumno do 4.º anno da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa. — Preço 240 réis.

Compendio da Historia de Portugal, approvado pelo Conselho superior de instrucção publica, para uso das escholas, por João Felix Pereira. — Preço 800 réis.

Chirurgomicroscopiatromachia ou *duello entre um estudante da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, e um doutor em microscopia da faculdade de Medicina em Coimbra*, por João Felix Pereira. — Preço 120 réis.

O Americano em Londres, conto original por João Dias do Quintal. — Preço 100 réis.

Todas estas obras se acham á venda na loja do Sr. João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8.

Explicações do n.º antecedente.

1.ª citação apontada na Charada

(*) É o Copsi tella muito fina fabricada pelos chinezes com os fios da planta Có.

(**) Biça — moeda da Asia, de oiro, que valle 600 cruzados.

CHARADA — Coriça.

TYPOGRAPHIA DE J. B. MORANDO,
RUA DO SOLTEIRO DO TERMO N.º 32.

OUTUBRO 13. 1849. NUMERO 11.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 8; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1$760. Avulso 20 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

CONFERENCIAS NO TEMPLO DE N. S. DE PARIS,

PELO REVERENDO PADRE LACORDAIRE.

(Conclusão.)

Henrique Lacordaire é o homem que está mais habilitado para ser acreditado no seculo presente; porque depois de ter sondado os abysmos do erro, sóbe á immensa altura onde o eleva o poderosissimo influxo da graça Divina; onde inspirado por Deos que na mente lhe revela altos mysterios, d'elle recebe a preciosa luz com que vai illuminando a terra; e vê-se em Lacordaire renovados os prodigios que o Senhor operou na Conversão de S. Paulo, e de Santo Agostinho! Lacordaire era Letrado, e seguio as Doutrinas de Voltaire, e Rossau: Lacordaire sente-se tocado da graça Divina, e arrependido se entrega á unica verdadeira Religião! Toma o habito de Frade, e prégando as puras doutrinas do Christianismo consegue levar apoz o Pendão da Cruz do Redemptor, que elle corajoso arvora, mais nações do que pessoas teria podido desgraçar, se presistisse em seus erros! Sim, porque o sabio sem Religião é similhante ao vulcão que só alumia a terra com as lavas que de si exhala, e as quaes reduzem a ruinas tudo quanto pódem submetter á sua influencia; mas por fim cança-se a materia, o vulcão se apaga, e seus tropheos se reduzem todos á cinzas! Ahi se demonstra em toda a luz a Omnipotencia de Deos! que só deixa correr o homem livre em sua carreira cega, desordenada, para na beira do precipicio o deter com poderosa Mão, e bradar-lhe com voz tremenda — Pára que te abysmas! — E do alto do seu Throno faz descer em Canticos de amor um Anjo de luz, e graça, que o inspira, o guia, o conduz ao fim para que nos creou — a Suprema felicidade! — Ditoso aquelle que alumiado pelo pharol da razão póde seguir direito o caminho da Salvação; mas feliz mil vezes mais, e mil vezes mais louvavel aquelle que depois de errar nas tortuosas veredas do labyrintho da culpa, chega ao verdadeiro caminho que a Mão de Deos lhe aponta, e alcança o grande bem que julgára ter perdido! Este conheceo o mal, este dá mais valor ao bem, e no seu arrependimento digno da Misericordia do Ceo, repara com uteis serviços todo o mal que fez á humanidade.

O sophisma é a linguagem favorita dos impios; a verdade é a pura inalteravel linguagem do Christão;

por isso as erradas doutrinas d'aquelle repulsa-as o coração de quem as escuta; as d'este vão achar écho no mais intimo da consciencia!

Notai ainda outra cousa; e é, que o verdadeiro valor não está no guerreiro, mas sim no christão! Um bom general se vê perdida a sua causa retira-se por prudencia, e saber; mas o bom Christão reanima-se ao ver a sua causa prestes a succumbir; apparece no meio dos maiores perigos; soffre voluntario o martyrio, mas não abandona o campo! Veja-se o Arcebispo Dinis Augusto Affre, e compare-se mesmo a Carlos Alberto!... Qual seria mais valoroso?... qual mais heróe?... qual mais amigo do seu povo?... o que deixa um Throno, uma Patria onde não poude reinar livre, que se ausenta perdida a sua causa, a causa da Liberdade do seu povo; ou o que surge a campo (tendo a faculdade de se poder eximir dos riscos) e vai participar dos perigos da guerra que se accende no povo, e que unido a elle intimamente como pai, e como amigo, com o seu povo quer viver, e com elle morrer, sem jámais abandonar o seu posto?!! Um tem animo de sacrificar um Throno, o outro a propria vida!

Não é que um Carlos Alberto, ou outros não sejam heróes dignos de um nome eterno, e de eternos louvores; mas existe uma grandissima differença, e esta é na causa, e não nos homens. A causa dos homens não póde ser defendida com tanta força como a causa de Deos!

Que lhe importa ao Christão que uma Republica, ou uma Monarchia governem? Não se persiga a lei do Redemptor; acate-a, siga-a, e faça-a seguir qualquer dos governos da terra, que aquelle que professar a lei de Christo, nunca será máo. Deos é o verdadeiro, unico, universal e Supremo Soberano; todas as mais não passam de authoridades suas delegadas na terra com um, ou outro epitheto, que pouco nos deve importar; e este Omnipotente Soberano é sempre justo, sempre bom, sempre reconhecido aos sacrificios que se façam para sustentar a sua lei. Por elle a vida!... Por elle todos os sacrificios!...

Parabens Lacordaire que foste um dos escolhidos do Ceo para ser o Campeão da lei do Crucificado! Parabens oh! França de teres no teu seio um tão digno Sacerdote! Prasa ao Ceo que os nossos possam imital-o! Tempos tivemos nos de não o invejar!... Martyres, e Santos Portuguezes contou a Igreja! Suas missões se admiraram já no Mundo, e ainda em remotos paizes vive a memoria de nossos antigos, e sabios Sacerdotes! Na India... na India se vê ainda o resultado feliz da instrucção do Clero! Até o mais infimo rapaz do povo d'esses que sobem aos coqueiros, a apanhar cocos para vender; que nenhum outro meio, ou emprego tem para sustentar a vida; esses mesmos sabem latim, e tem os restos da instrucção que áquellas terras levaram os nossos antigos Padres! Ainda os modernos mostram que não se esquece alli uma classe tão respeitavel, da qual depende a moral publica. Veja-se o Ex.mo Sr. Bispo de Malaca. Veja-se o Sr. Deputado de Goa Jeremias de Mascarenhas, cujos conhecimentos admiramos ouvindo o seu discurso quando tomou assento na Camara electiva. Vejam-se outros daquellas paragens que vem a Portugal aperfeiçoar seus estudos como se distinguem! Como já de lá trazem os melhores principios!

Nós temos ainda muitos Padres doutos entre os nossos Bispos, e outros; mas esses não são eternos, e não bastam! Carecemos de sabios Prégadores; precisamos assegurar um futuro de Religião a este povo; e é para isso que imploramos a quem póde remediar os males que nos ameaçam ao longe (mas não mui longe...) como devastadora tormenta; que Decrete

com a instrucção do Clero a felicidade do paiz, e a propria segurança de quem manda; porque o Povo sem conhecer o Eterno Soberano, como ha de reconhecer os temporarios!!...

DOIS MYSTERIOS.

REVELA-SE PARTE DO SEGUNDO MYSTERIO.

(Continuação.)

No dia seguinte á tarde veio Edgard, e trouxe-me não só os versos de Irminia, mas tambem outros em resposta, que me pedio os cantasse ao Piano, com uma linda, e sentimental Musica, a qual tambem me entregou. Escusei-me dizendo-lhe que desde o fallecimento de meu Marido eu não cantava, nem tocava; e pedi-lhe cantasse elle: assim o fez; e admirei a sua voz, estilo, e perfeição com que manejava o Piano: não poude todavia ultimar o canto... erguco-se com a voz suffocada, e os olhos inundados em lagrimas, que em baldo tentou esconder, mas que se detinham como gelados nas palpebras! e lhe roubavam a luz!... Oh! essas lagrimas comovem ainda mais do que aquellas que se deixam livremente cair!... É um esforço sobrenatural, é um combate de affectos, são as lagrimas do coração que trasbordando no peito assomam aos olhos, e a que a razão não permitte venham publicar o que se passa no intimo d'alma! — Senhor, disse eu a Edgard, muito me enternece a sua sorte! Se eu podesse remediar alguma coisa!... Ás vezes!... quem sabe!... a amizade, a compaixão podem muito; e eu sou amiga de todos os infelizes.

— É em vão, respondeo-me, ninguem me póde valer!!

— Dê-me esses versos, lhe tornei, e peço-lhe que vá ver-me a Chellas, pois, mudo-me para lá, e nos Domingos é bello ir passear áquellas hortas.

— Prometto ir; é V. Ex.ª a unica pessoa com quem me apraz falar, porque não crimina a minha tristeza!

— Oh! antes desejava poder-lha dissipar! Deos sabe quanto me compadeço da sua situação! Leio o que se passa dentro do seu peito, ignorando a causa que os effeitos denunciam!... V. S.ª ama; e ou a morte lhe roubou a sua querida...

— Ah! Deos me livre, exclama Edgard, antes eu seja victima de meus sentimentos!

— Então, lhe disse eu, foi-lhe ingrata?

— Não, porque nem ella sabe o que eu soffro!...

É original! pois ama com tal excésso, e não o diz á pessoa que adora!?

— Deveres ha tão sagrados, que vale mais morrer do que infringil-os; tornou tristemente Edgard.

— É casada?...

— Ah! por Deos! não falemos mais nisso! É idéa que me mata!... E erguendo-se começou como insensato a passear pela sala.

Infeliz Joven que dó me fez! Que dois mysterios tão celebres! Irminia ama um casado, Edgard ama tambem uma casada! Irminia ama, e o seu querido não o sabe; Edgard ama, e a sua querida tambem o ignora! Ha uma aventura igual! Façamos que estes dois entes tão extraordinarios, tão parecidos se encontrem; deve ser isto curioso! Talvez a igualdade de seus destinos os una, e se amem! Já não imagino ser Irminia a amada de Edgard, porque elle ama uma senhora casada, e Irminia é viuva; nem Edgard tambem é o amado de Irminia: ella ama um casado, e este é solteiro; mas são ambos tão parecidos em sua sorte que de certo hão de estimar-se, resta ver o modo de vencer Irminia a apparecer.

Assim discorria eu só commigo em quanto Edgard passeava como meditando tristes projectos; decidi-me a interrompel-o, e pedi-lhe que no Domingo seguinte viesse ainda á Estrella; assim me prometteo, e retirou-se. Foi então que pude ler os versos que Edgard fez, e que não poude acabar de cantar: são os seguintes.

Se ao raiar manhãa saudosa
Teus prantos aos seus misturas;
Quando a voz harmoniosa
Te echôa lá nas alturas;
Lembra-te que á mesma hora,
Pensa em ti quem mais te adora!

Innocente passarinho
Que scalires revoar,

Que pousando n'um raminho
Quer teu canto acompanhar;
Vai levar-te um pensamento...
Despertar-te um sentimento!...

Vê na flôr que linda, e pura
Desabroxou tão querida,
Que dos súes a sanha escura
Tem já no Solo pendida;
Um sentimento a florir,
Os receios a pungir.

Se além de espaço infinito
Por me fugir te ausentares,
E de innocente proscrito
As memorias evitares;
Lá no espaço hasde encontrar
Meu pensamento a girar.

Por encanto indifinivel
Hãode unir-se os pensamentos,
Qual por força irresistivel
Se ligam os sentimentos.
Guarda então viva lembrança
De quem te ama, e sem esp'rança!

De quem vive em noite immensa,
Sem o luzir d'essa Estrella,
Que de amor em recompensa
Deo-lhe a sorte de perdel-a!
Triste amor que só respira
Quando geme ao som da Lyra!

Quem não diria que estes versos eram consagrados a Irminia!... que eram resposta dos que ella composera!

(Continúa.) D. A. G. Pereira.

AS CANTELLAS DE ROUSSILLONT.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

Vinte e cinco annos tinham passado, e o Conde Galliot achado uma gloriosa morte no campo da batalha, deixando dois filhos de tenra idade, que Francisca educava com todo o amor de uma mãi.

Entretanto o Calvinismo que desolava a França, se introduzio em Montauban, e penetrou dalli em todo o Quercy. Desde então começou entre os Senhores que tinham abraçado a reforma, e aquelles que queriam conservar as suas antigas crenças, guerras civis acompanhadas dos mais horriveis excessos.

Os habitantes de Cahors muito adherentes ao Catholicismo, tendo sabido que os innovadores se juntavam no centro da Cidade, deitaram fogo á casa que lhes servia de templo [1]. Os calvinistas que escaparam a este desastre foram augmentar o numero dos de Montauban, os quaes depois de terem expulsado desta Cidade os Catholicos, não tardaram a sahir a campo.

Debaixo das ordens de Duras, commandante do seu exercito em Guiènne, do Capitão Bessonias, e de Souceyrac, partidista audacioso, e emprehendedor, elles se apoderaram de Lauserte, de Cavlus, de Goudon, destruindo as Igrejas, saqueando as Cidades, profanando as reliquias, e os vasos sagrados, commettendo por toda a parte horriveis excessos; o incendio, e a pilhagem eram os menores dos seus attentados, e o seu furor não respeitava nem idade, nem sexo.

O edicto de pacificação de 1563 suspendeo as hostilidades, mas os protestantes tornaram bem depressa a pegar em armas. O Senhor d'Assier (Crussol de Usès) levou ao Quercy em 1567, tropas do Dauphiné, e da Provence, que obrigaram Montluc a entregar-lhe esta Provincia, aonde os Catholicos apenas conservaram algumas praças fortificadas. Esta guerra tornou-se tão cruel, a animosidade era tão grande, que cada partido se vio obrigado a abandonar as Cidades e Aldêas onde se achava em menor numero, para se refugiar nos lugares onde dominava. Deste modo cada Cidade ou Concelho ficou inteiramente composto ou de protestantes, ou de Catholicos.

A Condessa de Roussillont conservou-se fiel á crença de seus pais, ella parecia mesmo ainda mais aferrada a esta, depois que os seus dogmas tinham mais adversarios. Viamna vigiar com desvello a conducta dos seus vassallos, cumprindo ella mesma com ardor, os exercicios de devoção de que outr'ora se descuidava. Não contente de orar a Deos no seu oratorio, ella fazia muitas vezes longas peregrinações, mortificando seus sentidos com

[1] Um processo verbal da Cidade de Cahors affirma que as victimas tinham provocado os Catholicos.

duras penitencias. Com tudo o socego não parecia habitar na sua alma; uma agitação dolorosa, o remorso talvez, afastava desta as consolações celestes. De resto nada mais puro na apparencia, e mais irreprehensivel do que a vida da Condessa.

Depois da morte de Galliot, ella vivia no retiro mais absoluto, entregue inteiramente á tutella de seus filhos, e ao cuidado de seus negocios, os quaes dirigia com mão firme, e uma rara aptidão.

Dous unicos sentimentos parecia occupar toda a sua vida, o desejo bem legitimo de ver triunfar o partido Catholico, e um amor cégo, e apaixonado por seus filhos; mas o caracter altivo, e orgulhoso da Condessa destruia até as suas mais santas, e naturaes inclinações, sua ternura maternal se mostrava principalmente n'um desejo demasiado de prosperidade, e gloria pela nobre casa de Roussillont, o que explica facilmente sua preferencia bem notavel por Galliot seu unico representante. *(Continúa.)*

D. Maria da Arrabida da Costa Sz.ª Macedo.

POESIAS.

CANTICO DEVOTO

A SANTA THEREZA DE JESUS.

Salve! Estrella feliz que do Carmelo
Nas sublimes alturas resplandeces!
Joia de alto valor! da Mãi do Eterno
O Deadema enriqueces!

Salve, thesouro de saber, e graça,
Dom precioso que do Ceo baixaste
Para gloria do Ceo, do mundo assombro;
Que em Lisia o Berço achaste!

Salve, Thereza, Virgem sábia, e pura,
Tu que da terra as illusões deixando,
A verdadeira luz vais dar ás trevas;
A clausura buscando!

No sepulchro da vida os dons encerras
De magica belleza, e na frescura
Dos annos jovenis, só da virtude
Prézas a formosura!

Pelo Ceo inspirada ao Ceo te elevas
Por entre as sombras de mysterio santo,
A fé te anima; um Deos te illustra a mente
Que só Deos póde tanto!

Ao nome que o Baptismo te concede
O Sacro Nome de Jesus uniste!
E a Deos tambem ligaste immensas almas
Que em trophéo conseguiste!

Qual occulto diamante precioso,
Surge a ostentar no mundo a luz mais pura;
Assim Thereza, o nome teu se eleva,
Do fundo da clausura!

Tal preciosa luz no Orbe difunde!
Astro que as trevas doira da existencia
Nos guia, nos conforta, e patentêa
De um Deos a Omnipotencia!

E atravessando os seculos remotos,
Sem declive chegando á Eternidade,
Multiplicada luz, de lá franquêa
Á mesta humanidade!

Em honra do Senhor deixaste ao mundo
Monumentos ficis de eterna gloria;
E o mundo de teus feitos milagrosos
Santifica a memoria!

Junto ao Cofre precioso
Que encerra Sacro penhor,
Tua Imagem venerada
Ostenta vivo explendor!

Das Ordens que reformaste
Tens culto, e veneração;
E tens de todo o Universo
Especial devoção!

A historia em pagina eterna
Com lettras d'oiro gravou,
O Nome da que Sublime
Tanto a patria sua honrou!

A que por motivos tantos
Tem ao nosso affecto jus:
É de Jesus a escolhida,
É Thereza de Jesus!

Virgem sábia, portentosa,
Que o Ceo tanto distinguio!
Por essa c'roa brilhante
Que Jehova te conferio:

Por aquelle Amor Divino
Que a alma pura te abrasou,
Ora ao Senhor pela terra
Onde teu corpo habitou!

Implora se compadeça
Dos lusos, dos filhos seus!
Sê dos lusos protectora,
Pois tambem são irmãos teus!

A Sacro-Santa promessa
Que no Ourique outr'ora fez,
Guarda n'alma este brioso
Fiel Povo Portuguez.

Dos males que o mundo opprimem
O Ceo nos hade livrar;
Ás mais nações sobranceira
Portugal hade brilhar!

Triumphe em todo o Universo
Da Cruz o excelso Pendão!
E Deos conceda aos humanos
Suave paz, união.

D. A. G. Pessich.

TRIBUTO DE ETERNA SAUDADE Á MEMORIA DE MEU TIO, O EX.mo TENENTE-GENERAL,

JOÃO MANOEL DA SILVA.

Era uma existencia que devia ser poupada ao golpe cruel da Parca... mas não o foi... perfez seu gyro na terra, e succumbio á lei universal dos sêres... o invólucro mortal sumio-se no pó dos tumulos, em quanto o espirito, diffundido nas auras, subia á celeste mansão!... E eu, descuidado com os affans da vida, eu nem pude ao menos imprimir-lhe nas lividas e mirradas faces o derradeiro osculo de respeitoso amor que tantas vezes se dignou acceitar-me!... Quando voei ao seu leito de dôr, só encontrei a orfandade, o luto e o pranto de uma familia desolada!... Dalli, quasi aniquillado por um turbilhão de melancolicos pensamentos, corri ao cemiterio do Alto de S. João... lá o encontrei... lá delirei de saudade... anciei estreital-o no peito... reanimar-lhe o calor extincto... descerrar seus labios... e sentir-lhe o coração palpitar de encontro ao meu... oh meu Deus!... Eu déra por este gôso a minha propria existencia!... inuteis desejos... dolorosa illusão!... Mas elle não pereceo... escondeo-se de nós, para deixar mais vivo, mais explendido, o fulgor de suas heroicas virtudes. Que poderá dizer em seu abono a pompa vaidosa da lagem sepulchral?... Não cabe na estreiteza de um epitaphio a longa historia de seus dias, todos votados aos seus, e á patria. É mister traçar em grossos caracteres seus gloriosos feitos, e elogial-os. — Amigos e parentes que tranzitaes comigo pela espinhosa vereda da vida... se sois sensiveis á falta de um ente querido... pranteai comigo, e eu vos abençoarei. Seu nome e sua idade serão gravados na lousa; e ás suas brilhantes acções consagro eu um harpejo de meu pobre alahúde.

CANÇÃO MORTUARIA.

Dorme, dorme, ancião, teu somno eterno!...
Sobre a tua cabeça veneranda
Pendem trophéos de gloria immarcessivel:
Pende o laurel do justo e do guerreiro,
Ganho em longo correr de arduas fadigas,
Por austéra virtude ungidas todas...
Sobre essa lousa que te esconde avára,
Que enthesoura em seu gélido recinto
Quasi um évo de paginas brilhantes,
Corre o pranto amargoso e refervente
Dos teus, que tanto amas-te, e que orfãos deixas!...

E tu dormes, ancião, tu já não ouves
Seu carpir dolorido!... não escutas
Dos tambores o rufo mortuario,
Nem dos corceis a marcha compassada,
Nem o féro gemido dos peloiros,
Nem dos canhões o lugubre rebombo!...

O coração que arfou de amor sublime
Pela terra natal, ahi jaz immovel!...
A espada que rojou degráus do throno,
Hoje roja no pó... E o braço forte
Que orgulhos abateu, poniu insidias,
Disciplinou legiões, ergueu baluartes,
Derramou bençãos mil na Africa adusta [1],
Jaz descarnado e frio!... Anjo da morte,
Anjo exterminador, que as asas negras
Desprendes a surrir, vibras o golpe,
Arremeças á terra o que é da terra,
E essa luz que emanou do Omnipotente
Escondida no seio, reconduzes
Aos penetraes do Empyreo... não exultes...

[1] Em Moçambique onde foi Capitão-General, e Governador.

Aos arrancos da dôr segue a saudade,
Menos férvida sim, porém mais longa.
Tem prestigios o tumulo, tem flores,
Tem branda mágoa que seduz e enleva.
Dormé, dorme, ancião... Tu não morreste!
Cançaste de soffrer, e repousaste!...

29 d'Agosto 1849.

João Evaristo da Silva de Mendonça.

REVISTA DE LISBOA.

De fóro nem um ovo, diziam os nossos bons velhos, e tinham razão. Por mim avalio bem este axioma, todas as vezes que o negregado batedor de balas me cruza a porta, e me diz com modo altivo: a Revista. Queria antes uma constipação, uma enxaqueca, uma enfermidade, qualquer, do que esta amaldiçoada obrigação de fazer o raboleva semanal da Assembléa, destinado a ser cortado e recortado por quantas thesouras se tem amolado, e hão de amolar nos rebolos da capital, e das provincias. E de mais ter de aturar os caturras que se incommodam por que o revisteiro escreveo que do cume de uma palmeira pendiam bananas; banana me parece quem nem, ao menos, concede ao escriptor a faculdade d'empregar em toda a sua extensão a analage de genero, numero, e pessoa, quando de tal emprego resulta um equivoco, cujo salzinho nem todos percebem. Fiz tenção de desprezar estas ninharias, e heide ser immutavel. O revisteiro deve ficar sempre acima de todas estas pequenezas, e caminhar lepido, e desempenado a colhêr noticias, e a dal-as como eloquente Ciceroni. D'outro modo a Revista fica insipida, e somnifera como a chronica de certo Jornal de traducções, que apparece no dia dez de todos os mezes, e converte-se n'um anasthesico mais poderoso do que o choloroformio.

Nada de dormir! A chuva faz muito ruido, para que se possa conciliar o somno. Benevolo leitor, vou conduzir-vos com todo o respeito a differentes pontos da capital, e indicar-vos o que significam todas as cousas que virdes, e que eu julgar a proposito indicar-vos. Vamos por cima de toda a folha, em linguagem de feiticeira, que as ruas estão intransitaveis; por toda a parte a lama, e a agua atolam o mais cauteloso burguez, que conta as pedrinhas, em que põe os pés desde que sahe até que entra em casa, amaldiçoando mil vezes o Camarista, encarregado do pelouro das calçadas. Alli está o Gymnasio, esse theatrinho pequeno, e sem pertenções, com as suas lanternas muito acezas, convidando-nos a que entremos. Já não ha billhetes! é uma enchente real! e que espectadores! safa! que nunca encontrei aqui tanta gente machucha. É o beneficio do author actor, do pai da Mendiga, do maganão que teve arte de pôr a companhia no palco a confessar as proprias faltas, na comedia = Não foi ao jardim? = Vê aquelle camarote além? n.º 13, está atulhado de litteratos; olhe, repare bem, lá está um que vale por todos, é o author do Camões, da D. Branca, do Alfageme, do Fr. Luiz de Sousa, das Viagens na minha terra, etc. etc.

Basta, bem sei quem é; tinha dito tudo se dissesse que é o Garrett.

Ah! já fala, benevolo leitor; pois volte-se para alli, repare; aquelle grupo é o Gremio litterario quasi em peso. Acolá aquelle mocinho de rosto sympathico, e expressão franca é o nosso Beraager; é o poeta que cantou a Camões.

Oh! o Palmeirim: Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor;
Quem mais do q̃ elle dissera
D'esse fero Adamastor!

Benevolo leitor, deixe os enthusiasmos; alli tem um portuguez ás direitas, na linguagem, e no caracter.

Quem è?

É o Sr. Ramalho e Souza. Mais adiante o nosso Rochester; volte, veja o Fr. Gerundio; attenda, repare para o mordaz Dr. X. Além está quasi o corpo catherdatico d'uma escholla, em que os Lentes são sabios, e o Director um Jan Fernandes.

Basta, não me mostre mais ninguem, senão envergonho-me de ter entrado.

Benevolo leitor, ouça. Que linda poesia, que sublimes inspirações que teve o Mendes Leal; só para merecer uma poesia d'estas eu queria ser Carlos Alberto; é expressiva, sentimental, energica, e enthusiastica: que pena não apparecer o Poeta, queria que elle ouvisse a immensa trovoada de palmas, os continuos, bravo, bravo. Se elle cá estivesse que prazer que teria. E o mais é que o

tal Braz Martins possuio-se tanto do sentimento do author, que ainda foram poucos os applausos.

Vamos embora; ouve aquelles gritos? aquelles gemidos, alli para as bandas da Patriarchal?

Que contraste! o que é aquillo?

— É uma mulher que vai como moribunda para o hospital por que o seu amante se quiz desfazer d'ella, e a deixou como morta, lavada em sangue, cheia de contusões, e feridas.

— E a justiça o que fará?

— Nada, benevolo leitor; olhe para a banda do Rocio; descobre aquella cazinha nas Escadinhas da Barroca, ou antes aquella spelunca? é uma casa que a lei prohibe, e a authoridade consente: lá vem o dono pondo na rua um dos da orgia.

— Santo Deos! não queria sahir, e atirou com uma pedra ao dono da casa, que cahio logo sem vida.

— Deixemos esta scena; como temos a vista fita para esses sitios, approveite, olhe mais para cima, para onde eu lhe aponto, o que vê?

— Um Lente da Eschola Medico-Cirurgica a ler um discurso que põe os Medicos pela rua da amargura, é eloquente, e litterato o tal Magalhães, mas cousa de fazer pazes com os Doutores não entende. Mal sabe o leitor o que se lhe prepara neste momento.

— Alguma conspiração medica, alguma liga revolucionaria, vão conduzil-o a Coimbra, julgal-o em pleno claustro, e mandal-o queimar vivo pelos verdeaes.

— Para melhor sorte o creou Deos, hade ser o mais cruel saião da Universidade; olhe lá se os Medicos se atrevem a abrir bico deante d'elle; nada que ainda se lembram de ter lido o Zacuto.

— Mas então o que o espera? tire-me de cuidados.

— Um esplendido almoço, que os amigos litteratos lhe offereceram no fim da aula; aquillo é que é: sabio e patusco.

— Sr. Revisteiro já que me póz como o diabo cêxo nestas alturas aturo-me. Que vão fazer tantos becas para aquella escada, haverá alli baile forense?

— Qual historia, é a sessão d'abertura da Sociedade dos Advogados, deixemos lá o Sr. Beirão com os Chancelleres ás voltas, diz cousas muito boas, mas de que eu me não occupo.

— Explique-me o que quer dizer aquelle prado artificial á porta do Gremio litterario, será algum curso de agricultura á porta da rua?

— Com que o leitor se occupa; aquillo é herva que tem crescido alli por não passar ninguem aquelles umbraes. Não sabe? o Gremio está convertido n'um perfeito Sahara, parece-me até que o Barão d'Alfenim terá de escrever ás namoradas em vez de se cartear com o auditorio.

— Como são as cousas. No Gremio aquella solidão, e além tanto povo, tanto tropel.

— São cousas nossas. Admira-se? a razão é obvia, o nosso povo não quer sabios, quer ursos, leões, tigres, elephantes, jaquemares, giboias, bixaria, e mais bixaria. Qualquer janota está incommodado para entrar, gratis, no Gremio, para aprender; e sente-se forte, como Hercules, para ir ouvir dous urros do leão.

— Não admira, são parentes... Que tem? porque encobre o rosto com as mãos? está envergonhado?

— Sim, e muito, muitissimo, lêa aquelle cartaz; o salão de S. Carlos vai converter-se em... em... lêa aquelle cartaz.

— É verdade, tem razão, sinto calor nas faces, devo estar vermelho como uma malagueta. Tudo é progresso, fecha-se a Praça da Figueira, e abre-se o salão de S. Carlos.....

Passe bem, leitor paciente, que teve a condescendencia de me aturar; vou ler a Revista Universal, que começa hoje o seu nono volume; esta póde-se ler com prazer, nem é tôla presumida, nem mexeriqueira, nem tem má lingua, é uma menina muito bem criada.

Fr. Anastacio.

Uma linda Charada do nosso illustre Collaborador o Sr. B. J. S. França, compensará no seguinte numero a falta de Charada neste numero.

EXPLICAÇÃO DA CHARADA DO N.º ANTECEDENTE

CORAÇÃO.

TYPOGRAPHIA DE J. B. MORANDO,
RUA DO NORTE DE VENTO N.º 30.

OUTUBRO 20. 1849. NUMERO 12.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 8; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160, Trimestre 480, Semestre 960, Anno 1:760. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

O CLERO.

Quando o turco Solimão, estabelecendo a sede do seu imperio em Nicea, opprimio com sceptro de ferro a Asia-menor, a Syria, e a Palestina, e reduzio á mais lastimavel humiliação a cidade santa, um pobre ermita, veio ao occidente, prostrou-se aos pés do solio d'Urbano II., e obteve licença para ir pela Europa prégar a cruzada. A voz do humilde Pedro d'Amiens fez éco por todas as partes, e exercitos numerosos, capitaneados por principes, e fidalgos partiram para a gloriosa empreza. Estas expedições repetiram-se, e oito vezes os mares foram sulcados por esquadras, que levavam novos combatentes ás plagas orientaes. Estas cruzadas, em que a fé era defendida, e a religião desagravada á custa de torrentes de sangue, derramado a jorros nas bem pelejadas luctas de christãos e descridos, são substituidas no nosso seculo pela evangelica dedicação de uns poucos homens que, exilando-se gostosos, trocam a tranquillidade, e doçura da vida domestica, o amor e carinho das familias, e a amenidade da terra natal pelos trabalhos e perigos da peregrinação, pela ferocidade dos barbaros, pelas tormentas dos mares, e insalubridade de climas estranhos, e muitas vezes inhospitos.

O soldado da cruz vermelha, que embarcava cheio de brio, folgando de ver reluzir sua armadura, e que anhelava por ir embotar a espada no alfange, e ganhar gloria para si, e seus descendentes é hoje representado pelo missionario humilde, que envolvido na pobre roupeta, sobraça o breviario, e se dispõe a ir conquistar almas para o ceo á custa do proprio sangue vertido n'uma lucta ingloria, e desigual, e que folga ao lembrar-se de que o sangue do martyr é sementeira de justos. As cruzadas da meia idade com todo o apparato da guerra, e gloria da fama, não foram por certo tão uteis como as missões da Propaganda, de nossos dias.

Quando nas horas de descanso, n'esses momentos folgados da vida me recordo dos trabalhos, e fadigas que em outro mundo soffrem irmãos nossos, como nós, nascidos nos bellos climas meridionaes, e que se votaram á morte, e soffrimentos para satisfazerem ás obrigações do augusto ministerio, que devem desempenhar sobre a terra; ao ler essas paginas escriptas com tão insinuante singeleza, que deleitam, e compungem, arrependo-me de ter uma ou outra vez lamentado a som-

ma que annualmente vai engrossar os cofres da Sociedade propagadora da fé, e cresce-me o desejo de ver florescer uma tão generosa, e philantropica empreza. Mas se ao terminar a leitura contemplo a nossa terra, a nossa crença, o nosso culto, e o nosso *clero*, confesso ingenuamente que se me aperta o coração, reconhecendo a insufficiencia dos nossos ecclesiasticos, e a decadencia do nosso culto, que se definha, e morre por falta de ministros dignos delle, e do seu fundador.

E' nesses momentos que de novo me convenço que não foi o egoismo, mas antes o amor da minha patria, quem me fez lamentar as quotas que vão auxiliar uma regeneração, que nós, os portuguezes, necessitamos, e não podemos dispensar.

Compunge-nos o espectaculo dessas nações barbaras, que desconhecem a Divindade, que se prostram perante os idolos, que vivem, e se finam victimas das paixões, e dos vícios. Magoa-nos que tantos entes jazam sepultados nas trévas da ignorancia, e que as suas almas, destinadas ao gôzo eterno, hajam de ser victimas de eternos soffrimentos.

São nossos irmãos os que soffrem, tem como nós direito ás doçuras da religião, é mister que contribuamos para a sua renascença, que façamos algum esforço para lhes minorar a miseria. E' verdade... porém nós? nós que vivemos na mesma terra, que fallamos a mesma lingua, que somos governados pelas mesmas leis, em que estado estamos a respeito de crença, de culto, e de clero?... Nos seguintes N.os o diremos.

(Continúa.) Fr. Anastacio.

COLOSSO DE RHODES.

UMA DAS MARAVILHAS DO MUNDO.

Depois de ter feito a admiração dos gregos e dos romanos, depois de ter sido o espanto dos sarracenos, depois de ter sido celebrado pelos poetas e descripto pelos historiadores, o colosso de Rhodes, este prodigio da arte, foi remettido por um historiador italiano[1] para o mundo das chimeras, para os sonhos da mythologia. É certo que as contradicções dos historiadores; a discordancia nas dimensões que elles dão do colosso, e na duração que lhe assignam, pódem lançar alguma sombra na realidade de sua existencia. Mas se aquelle sabio tivesse apreciado a authenticidade do facto com o justo valor da critica, teria, atravez de todas as sombras, divisado uma luz fixa, que, seguida constantemente, o teria guiado ás regiões da verdade. O sceptícismo, que nega tudo que é maravilhoso, fôra bom que não dominasse tanto.

Eu vou contar o que ha de mais interessante e positivo ácerca d'este monumento gigantesco.

A seis leguas das costas da Asia-menor demorava a ilha de Rhodus (hoje Rhodes), assim denominada talvez do aroma de suas rosas, que lhe perfumavam os ares (rhodon, rosa). Seu terreno era tão fertil, seus fructos tão deliciosos, o ceo tão sereno sempre, que os poetas fingiram, que uma chuva de ouro regára esta ilha, e que Apollo ia todos os dias visital-a; e lhe pozeram o nome de *Esposa do Sol*.

As escholas de esculptura da ilha de Rhodus foram as que tiveram maior renome na antiguidade. Aqui affluiam extrangeiros de todas as partes. Diz Aristides, que só n'uma das cidades da ilha havia maior numero de estatuas magnificas do que em toda a Grecia. Mas o monumento de maior celebridade que Rhodus fabricou, foi o seu colosso, uma das sete maravilhas do mundo.

Tres seculos antes de Christo, a cidade de Rhodus (a capital da ilha), sitiada por Demetrio Poliorcetes, resistio tenazmente ás suas armas. Penhorado de tão vigorosa resistencia, Demetrio levantou o cêrco, e lhe fez presente de todas as máquinas que contra ella havia empregado. Os rhodios venderam estas máquinas; e com o dinheiro d'ellas determinaram levantar uma estátua de descommunal grandeza, em honra de Apollo, divindade tutelar da ilha.

Chares, discipulo de Lysippo, e natural da

[1] Muratori.

mesma ilha, deu começo á obra. Mas ainda ella estava em principio, e já o dinheiro se achava consumido. Chares enforcou-se de desesperação. Laches, outro architecto seu conterraneo, tomou o fio da obra, e a concluio em doze annos. Esta estatua servia de pharol, que se accendia por uma escada interior.

O colosso estava á entrada d'um porto, e tinha os pés em dois rochedos, afastados um do outro de maneira, que os navios *daquelle tempo* lhe passavam á vêla por entre as pernas. Era quasi todo de bronze. Tinha mais de doze braças de altura. Para fazer idéa clara de suas dimensões, bastará dizer, que o comprimento dos dedos das mãos excedia a altura das estatuas ordinarias.

Não eram ainda decorridos sessenta annos depois que o colosso fôra erguido, e já um tremor o lançára por terra; e assim esteve deitado perto de mil annos nas praias de Rhodes. Todos respeitavam o cadaver do gigante abatido pela força dos elementos desencadeados. Mas era chegado o tempo em que o mais desenfreado vandalismo violou a santidade das cousas; e o gigante foi tirado de seu somno, para ser submettido a tratos, e o gigante desappareceo da superficie da terra. Foi o caso. No seculo septimo os musulmanos conquistárão Rhodes, e logo, feito em pedaços o colosso, o venderam a um negociante judeo. Só o bronze carregou cem camelos.

Lê-se em Leo Allatius, que o colosso de Rhodes fôra reconstruido, e que o imperador Commodo lhe mandára tirar a cabeça, e pôr outra á similhança da sua. É, porém, evidente o erro de Allatius, que, fundado em Sincello, não leu o que este escreveo. Sincello escreveo *en iera odó*, e Allatius leu *en rhodó*. Sincello fala do colosso de Nero, que Zenodoro construio em Roma, *na rua sagrada*, que é o que quer dizer *en iera odó*

João Felix Pereira

Lente de geographia, chronologia e historia no Lyceo Nacional de Lisboa.

Dous mysterios.

Ainda o segundo mysterio.

(Continuação.)

Escrevi a Irminia pedindo-lhe que viesse ver-me Domingo, que eu tinha a contar-lhe uma grande aventura: não faltou: e eu contei-lhe parte do que se havia passado, mas occultei-lhe a circumstancia dos versos, e o nome do Cavalheiro, porque o meu desejo era surprendel-a.

Irminia pareceo-me sobresaltada, e pediome que sem dizer que ella alli estava lhe mostrasse aquelle joven, ainda que...

— É solteiro... entendo... lhe disse eu.

— É verdade,... não póde ser elle!... tornou Irminia como perdendo a esperança que havia assomado em sua alma ao ouvir-me referir o que passára com Edgard.

Veio finalmente Edgard, e eu fui recebel-o á sala, deixando Irminia no meu Escriptorio. Depois de breves cumprimentos pedi a Edgard cantasse ao piano a modinha mysteriosa: condescendeo; porém ao entoar os ultimos versos, um baque estrondoso nos fez correr ao Escriptorio, e me fez reconhecer a minha imprudencia! Era a infeliz Irminia cahida no chão palida, fria, e sem acordo!...

— É ella!... gritou Edgard fóra de si, erguendo-a apertando-a nos braços com transporte, e cobrindo-lhe as mãos de ardentissimos beijos, e lagrimas!... Já não se detinham ellas nos olhos!... Já livre o coração as deixava correr pelas faces, sem o receio de trair o seu segredo! Oh! n'um lance d' estes qual seria o coração que podesse occultar o seu sentimento?... Seria um coração de fêra, mas não de amante!

— Ah! por compaixão!... clamava Edgard, salve-ma!... algum espirito que a faça recobrar os sentidos!...

Mandei á Botica buscar um anti-spasmodico, e ajudando Edgard a collocal-a em uma marqueza, desapertei-lhe os vestidos que pouco justos estavam, pois Irminia era mui simples em seu vestuario, e não gostava de opprimir o corpo só para agradar aos olhos dos outros: porque, dizia ella, opprimir o espirito para agradar a Deos é uma virtude; mas opprimir o corpo só para agradar aos homens é uma loucura imperdoavel.

Irminia tornou a si passados alguns momentos, e apenas abrio os olhos o primeiro objecto que vio foi Edgard!

— É elle!... meu Deos!... disse, escondendo as faces com as mãos.

Revelou-se o mysterio, disse eu commigo, são elles que se amam! Porém como é isto

de serem casados? outro mysterio, e assim sempre dois mysterios tenho a penetrar! —

Perguntei a Irminia como estava? Disse-me que se sentia melhor; e lidando por disfarçar a sua comoção, assentou-se na marqueza, e voltando-se para Edgard lhe disse: —

— Como é possivel que nos tornassemos a ver neste sitio? Edgard lhe contou que um feliz acaso lhe porporcionou a fortuna de me conhecer, e de a ver; e perguntou-lhe quando tinha chegado de fóra?

— Ah! senhor, lhe respondeo Irminia, motivo occulto, e poderoso me obrigou a esconder-me em Chellas.

— Em Chellas!... Oh! o meu coração advinhava, que só para alli me guiava!... Mas esse motivo terminou? replica Edgard.

— Não,... respondeo Irminia, e ao mesmo tempo lhe perguntou como estava sua Esposa.

— Minha Esposa!... torna-lhe Edgard sorprendido. Não está má pergunta! já esta Senhora me disse o mesmo! Oh! eu não a tenho, nunca a tive, e não sei se merecerei a Deos esta ventura... talvez não!...

— Será certo!... exclama Irminia reanimando-se, pois saiba que me asseguraram que V. S. era casado. —

— Infames!... se eu soubesse quem tal inventou!... Ah!... disse Edgard transportado, e segurando-lhe uma das mãos que unia ao peito com a maior ternura; já sabe o que eu sinto!... em vão tentei disfarçar... sabe tudo!... revelou o meu fatal segredo!... oh! diga-me tambem se foi esta a causa que a obrigou a afastar-se d'aqui?

— Sim!

— Que infortunio!... Um anno de tormentos infernaes por causa de algum malvado que tinha em vistas apartal-a de mim!

— Elle não soubava o que eu sentia; nem é pessoa que se importasse de mim. —

Travava-se este dialogo entre os dois amantes; e eu conheci que da parte de Edgard estava o mysterio revelado: foi uma intriga; mas Irminia era viuva, Edgard nada lhe disse em que mostrasse estar igualmente enganado; e todavia elle me disse que a sua amada era casada! Que significa isto? O tempo o dirá, que eu já não estou para me impacientar com mysterios que se vão multiplicando; e dois mysterios sabe Deos quantos mysterios desenvolverão!

Já se vê que os motivos de Irminia se esconder cessaram, e em vez de eu ir para Chellas, foi ella que veio habitar á Estrella, mas não já na mesma casa poetica, porque estava arruinada pelo tempo, e abandono a que um terror panico do povo a condemnára. Todas as pessoas da amizade de Irminia começaram a visital-a, eu ia frequentes vezes a sua casa; e ella vinha tambem á minha; mas observei que uma profunda tristeza a dominava; e era das mais funestas!... era concentrada no intimo do peito, e o esforço que a triste fazia por mostrar a todos um semblante agradavel, augmentava o seu tormento! Receei que sem desafogo este sentimento a abafasse, ou rebentando improviso como um vulcão occasionasse graves estragos! Resolvi por tanto interrogal-a, e confidencialmente lhe pedi que me dissesse a causa da sua mortificação, pois era sem dúvida estranho que tendo encontrado o seu amante fiel, constante, e livre, ella vivesse tão opprimida!

— Sim minha querida, respondeo-me Irminia; vivo triste, e se não fôra conhecer a falta que faço a meus filhos, desejára antes morrer, do que viver assim!... Que alegria posso eu ter, vendo que Edgard mostra adorar-me, e que me foge!...

— Foge!... Que diabrura é esta? Será fado mão de fugirem um do outro? Este amor é que eu não comprehendo! —

— Pois assim acontece. Rarissimas vezes vem ver-me; e por momentos. Escreve-me as cartas mais apaixonadas, porêm em todas ellas, em todas as suas expressões ainda nssôma um mysterio!... Conheço que elle evita a minha presença!... É que de certo elle está casado clandestinamente!.... Se o não fôra quem lhe obstaria o firmar a nossa união!

Pobre Irminia!... tens razão: deves tentar os meios de descubrir a verdade... mas como!... pedir-lhe que venha fallar-te, e confessar-lhe tu mesmo todos os teus receios ... exigir que te declare a verdade, ou que te deixe...

— Ah! tu fallas bem!... disse-me Irminia interrompendo-me!... discorres assim por que não seates o que eu sinto!.. Se eu me convencer um dia que Edgard me foge por que não me ama... acredita que terei animo de tudo isto, e mais ainda!... Se me

convencer que elle ama outra!... oh! então, minha amiga, não terei só animo de o deixar,... aborrecel-o-hei... mas elle quer-me persuadir que me adora!... repete em suas cartas que sou eu unicamente a senhora absoluta do seu coração!... diz mais... diz que outro laço estranho a mim não lhe prende o coração!... Oh!... mas póde prender-lhe as acções!... Affirma de continuo que me idolatra... que sou eu quem *dirige seus pensamentos, e commanda sua vontade*: e com tudo isto foge da minha vista!... pois não terei animo de lhe fallar, mas heide-lhe escrever. Assim o fez, mas Edgard respondeo-lhe sempre mysterioso. Foi todavia a casa d'ella, um ou dois dias depois d'esta ultima carta. *(Continúa.)*

D. A. G. Peixe.

POESIAS.

Um de nossos Litteratos, dos mais illustres, e tambem nosso Collaborador, permitte-nos a publicação dos seguintes versos — O bom, e o máo Anjos — com a condição de não se publicar o seu nome, nem sequer com as iniciaes, que bastariam a fazel-o conhecer, sendo causa d'esta precaução o cumprimento de um protesto que a si mesmo fez, de não tornar a fazer versos!...

Agradecemos muito a distincção que nos faz de permittir ainda a publicação d'estes; e aguardamos com satisfação a occasião de publicar alguma obra sua em prosa; afim de que o seu nome sem véo, brilhe na lista de nossos Collaboradores, como já resplandece atravez das sombras do mysterio que o encobre; e que não bastará porém a fazer que fique ignorado o Author d'estes versos cujo estilo sublime revela assaz o genio superior que os produzio.

O BOM E O MÁO ANJOS.

Dieu laisse quelque fois échapper de ses mains
Des anges qu'il oublie aux bords de nos chemins,
Pour que le voyageur qu'un trop lourd fardeau lasse,
S'arrête consolé quand devant eux il passe.

A. DUMAS. — CHRISTINE.

Era un ángel talvez; descendió al suelo
Para dejar sobre la tierra impia
Alguna oculta maldicion del cielo
Un reguero de luz y de armonia.

ZORRILLA — EN RECUERDO Y EN SUSPIRO.

I.

Alta ia a noite, — e ³ᴵgoldo eu contemplava,
Sobre o castello de altaroza nave,
Arremessar-se bramidor o Prata
Em grossos vagalhões de fôfa escuma
Contra as margens que o passo lhe estreitavam:
Por sobre nós pairava o negro vulto
De medonho bulcão, — duras rajadas
A face requeimada me agoitavam,
E li ao longe ribombava a espaços
Do celeste cambão — baço estampido.

; Era uma noite medonha,
Qual a busca o scelerado
Para cumprir attentado
Que a humanidade envergonha!

II.

Tão negros como as nuvens da tormenta
Eram meus pensamentos;
Riso infernal aos labios me assomava
Já queimados... sedentos!

Contra o baixel as ondas se quebravam,
E n'essa queda eu via
O desfazer das illusões da infancia
Em amarga ironia.

Eis que fuzil tremendo o espaço rasga,
E um vulto de Gigante
Surge d'entre o bulcão; — nos leves ares
Caminha ávante.

Era asqueroso e feio: — a largos passos
Da nave se acercou;
Com mão de ferro seguros-me a dextra
E d'est'arte falou:

» Venho mostrar-te a senda da Ventura:
» Não crer é ser feliz, — crer é ser louco.
» O amor — essa paixão que o mundo exalta
» A mascara só é do sensualismo;
» A amizade — uma hypocrita manéira
» Que o malvado encontrou para servir-se
» Em pró seu, das virtudes mais sublimes.
» Não creias, — e disfructa alegre a vida,
» Que para gôso do homem foi lançado
» Entre as ondas do espaço o terreo globo.
. . . . . .
Calou, sumio-se
E rouquenho trovão bramio ao longe!

III.

Subito acalma o vento, o mar se aplana,
E no celeste azul que as nuvens rasga
Apparece uma Estrella...
Qual a luz da choupana se apresenta
Ao perigrino transviado e lasso
Em deserta viella.

E segue-o um vulto que alvas roupas troja,
Com ígneas azas, com celeste corôa,
Os ares fende;
Sorriso divinal lhe roça os labios
E com accento de verdade santa
A voz desprende:

» Oh! não creias, me diz falaz linguagem
» D'esse Genio do mal;
» É quem triunfa da terrivel lepra
» Da corrupção geral.

» Se buscas affeição sincera e pura
» Innocente prazer,
» Crê nas palavras, lagrimas e riso
» De uma mulher.

. . . . . .

IV.

E em leve fumo se desfez a imagem
D'aquelle ethereo anjo de bondade,
Em seu lugar um outro vulto assoma
Não já visão — porém realidade:

De uma mulher os ademanes tinha;
Acercou-se com passo mesurado,
Brilhou seu rosto de candura eximia,
E pude-a conhecer... estava a teu lado!...

As mãos para o Ceo
Ergui, — e clamei:
» Já creio, bom anjo...
» Não duvidarei
» Do sêr que na terra
» Tão puro encontrei.

. . . . . .

IRMINIA.

Assoma a risonha aurora
E o matiz das suas côres,
Dando viço as lindas flôres
Dando-lhes vida e calor
Tudo se anima, oh! Irminia,
Tudo sorri de prazer
Só eu me vejo a morrer
Sem alcançar teu amor!

A sós... e sempre chorando
Não encontro lenitivo,
Não achando ao mal abrigo
Que mitigue a minha dor!
Roubaste o bem que eu gozava,
Pois sem esp'rança t'adoro;...
E em balde lamento e chóro
Sem alcançar teu amor.

Em vão anhelo seguir-te
Incansavel, sem repouso
Atraz do brilho formoso
De um encanto seductor!
Tu me desprezas tyranna,
E sem dó de minhas penas
A que eu soffra me condemnas,
Sem alcançar teu amor!

Quanto mais teu rosto eu vejo
Mais recrescem meus tormentos
Ais, suspiros, e lamentos
Faz-me exhalar teu rigor!
Eu t'adoro, e tu me causas
Tormentos ao coração,
Cuja dor pranteio em vão
Sem alcançar teu amor!

Consolem os teus carinhos
Meus desvelos n'amargura!
Suaviza a desventura
Dando tregoa a tanta dor!...
Pondo termo ás tristes queixas
Q'u estás, formosa, escutando!...
Condoe-te ao ver-me penando,
Sem alcançar teu amor.

Outubro 9 de 1849.

J. E. S. Mendonça.

O MAR.

E vereis o mar rôxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado.
Cam. — Cant. II. XLIX.

A MEU PAI.

Eu já vi o mar bramir
Vi-o sim — e vir cahir
Vir cahir desamparado
Sobre a praia — e escorregar.
Mas vi-o depois surrir
E o seu furor — cessar.

O mar manso eu vi tão bem
E manso como um cordeiro
Se as ondas vinhão á praia
Oh! era com um ar fagueiro;
Vi depois o nevoeiro
Vir o espaço tapar
E eu vi o mar bradar
Qual desesp'rado guerreiro.

O mar, sim; quem o entende,
Quem póde compreender
Os arcanos tão profundos,
Que só Deos póde saber!
(E a meu pobre entender)
Eu já vi o mar salgado
Bravio — e encapeletado
E sem dó do desgraçado
Nas aguas — o affundar.

Vi tãobem — triste barquinho
Sem poder luctar com o mar
Ir navegando mansinho
E lá depois se affundar!

Tãobem vi altiva não
Par'cendo o mar desprezar
Como sendo seu escravo
E depois — este a virar,
E a não soberba e altiva
Ante o escravo se curvar!

Não queiraes sondar o mar
Porque ficareis vencidos;
Não queiraes saber arcanos
Arcanos por Deos tecidos.

Julio Cezar Machado.

Declaramos que esta poesia — O Mar — é de um menino de treze annos, pertencente á familia dos Srs. Travassos, e consta-nos ter já composto uma comedia, e feito varias traducções; muito estimaremos poder ainda mencionar como um de nossos primeiros litteratos o genio que mereceo seus primeiros vôos no limitadissimo espaço desta folha.

GYMNASIO.

Tem sido brindado este Theatro com muitas, e boas Comedias ultimamente representadas; entre estas não podemos deixar de louvar com preferencia a linda Opera-Comica intitulada = Qual dos dois? = O nome de seu illustre Author o Sr. Silva Leal, seria o melhor elogio da mesma Comedia, entretanto estimamos ter occasião de reconhecer que além do elevado merito das suas obras alcançarem a geral approvação; tem o nosso presado vate a fortuna de grangear as sympathias de todos que tem a dicta de o conhecer, ou de admirar as suas producções.

A Musica é do Sr. Frondone muito conhecido já pelo seu merecimento como Professor desta Arte sublime; e por certo muito feliz elle foi nesta sua nova composição; pois desde o principio até ao fim cheia de animação, deixa sentir os suaves effeitos da harmonia! E sem duvida uma grande satisfação para o poeta quando encontra um Compositor que tão perfeitamente comprehenda o seu pensamento!

Os actores desempenham bem os seus papeis, distinguindo-se muito a Sr.ª Rosalina, e o Sr. Taborda, que nesta como em todas as outras peças em que representa, obteem os justos applausos com que o publico sabe coroar o seu merito: é sem questão um dos melhores Actores Portuguezes.

A Redactora.

CHARADAS.

Já fui arma poderosa,
Ando em mão da cozinheira,
No celleiro sou uzada,
Pelo rio na bateira. } 1

C'os rapazes na eschola
Muitas vezes assim fiz;
Mesmo agora vou fazendo,
Quando posso, o que ella diz. } 1

Nunca passo da garganta,
Lá me encontras na madeira,
Lá me corta dura espada,
P'ra vencer minha cegueira. } 1

Quando a fresca madrugada,
Roxeando, despontava,
Innocente passarinho
Minha vinda saudava. } 2

Conceito.

Tão notavel é meu canto,
Musica tão singular,
Que qualquer, que tenha brio,
Não gosta de me cantar.

B. J. S. França.

Um de nossos assignantes tem a bondade de nos brindar com a seguinte charada muito linda, muito engenhosa; obra de uma menina, auctora de outra charada que publicámos em o nosso n.º 8. — Muito lhe agradecemos tão delicado mimo; porém muito mais lh'o agradeceriamos se nos permittisse a ventura de conhecer o nome da pessoa cujo talento nós tanto apreciamos: nem um, nem outro devem por certo permanecer na obscuridade.

Sendo eu gentil donzella
Que muitos guardam no peito: } 2

Assim mesmo p'ra casar-me
Foi preciso, força, e geito. } 2

Se me divides, duas damas
Ambas bellas tu verás;
Se reunida me queres,
Bella dama encontrarás.

Por uma Menina.

Tende... Oh! Deos de Piedade
Disse o triste Peccador } 1

Eis no Dia de Natal
Jesus Christo o Redemptor } 2

Quando havia em Portugal
Santo abrigo n'um Convento
Era eu misero servente!
Não me faltava o sustento!

Porém hoje... morro á fome
Vou (descalço!!) a caminhar
E esses frades que eu servia
Vou á mingoa ver findar!

Inda mais — Santas Igrejas
Feitas só p'ra oração
Para *Ursos* e *Theatros*
A estrangeiros já se dão!!

Rezar vou a S. Francisco
Distante de Portugal!!
Onde menos se festeje
Toda a casta d'animal.

Ego sum = qui sum.

A Redactora recebeo umas poesias dos Srs. Andrade e Almeida, Silva Mendonça, e João Baptista de Carvalho, que infinitamente agradece, sentindo porém não poder consentir que sejam publicadas nesta folha, por dizerem respeito á mesma Redactora; entretanto protesta a sua gratidão por tão mimosas producções, quanto emerecidos louvores.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

Historia da Inquisição em Portugal, contendo além de muitos documentos originaes deste Tribunal, os *Actos de Fé* celebrados em Lisboa, Evora, Coimbra, e Goa, e o numero de victimas nos mesmos saliidos: ornada de 9 estampas. — Preço 1:100 réis.

Scenas da Vida Contemporanea, por A. P. Lopes de Mendonça. — Preço 200 réis.

O Americano em Londres, conto original por João Dias do Quintal. — Preço 100 réis.

O Bom Menino, Contos Moraes d'um professor a seus discipulos, publicados por Cesar Cantu, e traduzidos em portuguez. — Preço 240 réis.

Todas estas obras se acham á venda na loja do Sr. João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE D. MARIA II.

Domingo 21. — *O Templo de Salomão.* —

THEATRO DO GYMNASIO.

Domingo 21. — *Qual dos dois?* — Opera comica em 1 acto. — *Um banho na barca.* — Farça original em 1 acto. — *A Bofetada.* — 1 acto. — *Um Tutor de 20 annos.* — 2 actos. — Principia ás 7 horas e meia.

Typographia de J. B. Morando,
rua do Norte n.º 30.

OUTUBRO 27. 1849. NUMERO 13.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 31; J. P. Lavado, na dita n.° 81; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

O TEMPLO DE SALOMÃO.

Correram todos os habitantes desta capital, de seus arredores, e de algumas provincias a ver — O Templo de Salomão — Drama Biblico representado no Theatro de D. Maria II.: era uma novidade que alvoroçava, já pelo pomposo titulo, já pelo explendor; e isto é bem natural; o nosso povo depois que não tem oiro, gosta de ver ao menos luzir o que assemelhe a oiro... já que não tem realidade présa o grande bem da illusão!... Oh! sem ella o que seria esta vida!.. este vale de lagrimas, se um sorriso nos labios (que muitas vezes não chega ao coração) não animasse as faces!... Se o fulgurar de uma luz passageira não alumiasse, inda que por instantes, as trevas que nos circundam! Bem como o viandante adora a Estrella que vem luzir-lhe em noite procellosa, nós adoramos uma illusão que nos doira os horrores da existencia!... De um, ou outro modo, os ricos, os pobres, os sabios, os ignorantes, os grandes e os pequenos, todos tem suas gratas illusões; todos gosam seus sonhos de felicidade na vida!...

E que mais é que um sonho a humana vida!

O povo por tanto gosou tambem uma suave illusão no espaço de um trimestre que durou este sumptuoso Espectaculo! quando outro não tivesse sido o proveito bastou o de haver conseguido entreter o publico tres mezes, sem que desse divertimento resultasse damno algum á Sociedade. Dirão « é acostumar mal o povo, fazer que não dêem valor a peças de simples declamação, onde se aprende a moral » ao que responderei — façam primeiro instruir o povo, sem cuja instrucção elle não saberá dar valor a cousa alguma; o nosso povo é por ora como uma creança que só gosta de rir, ver luzir, dançar, ouvir cantar etc. etc. — As peças que por grande espectaculo não attrahirem ou por comicas não fizerem rir, causarão somno, e aborrecimento a tres partes da platéa... Instruam o povo, se querem que elle conheça o melhor; e não exijam que os Auctores, e os Directores dos Theatros sacrifiquem seus nomes, e seus interesses expondo á scena peças que á segunda, ou terceira representação cahem por que o publico é o Juiz; e ao Juiz falta o preciso conhecimento da causa!...

Tivemos a constancia de nos privarmos de ver o theatro 15 annos, ou 16!... Transtornos politicos na lu-

cta dos dois Reis Irmãos, mortes de pais, e de quasi todos os nossos parentes; desgostos mortaes que nos opprimiam a alma, não nos permittiam nem se quer lembrar os divertimentos!... O tempo este grande Medico, a razão, esta benefica auxiliadora, e acima de tudo Deos de infinita Misericordia confortando-nos tem-nos com a precisa reflexão permittido que, sem jámais se extinguir, nossa dor se modera; e não se tornando já tão precisa a nossos filhinhos a inseparavel companhia, e os assiduos cuidados de uma extremosa mãi (porque elles vão crescendo) temos frequentado ao presente os theatros, como Authora, e como Redactora; e alli observado o gosto da platéa; pesa-nos sobremaneira ter escripto dois Dramas antes de ter tido conhecimento dos theatros de agora; mas se continuarmos na mania de escrever para o theatro, protestamos que se nos lembrar cousa triste que faça chorar algum coração sensivel, havemos contrastar a tristeza de alguma scena com uma vista, ou uma expressão que attráhia, ou faça rir ao mesmo tempo!... O povo gosta destas alternativas de barulho, confusão... Assim o acostumaram... agora... *caldas*. Temos até observado darem-se palmas a ditos indecentes!... a scenas immoraes!... a isso é que muito se devia attender para se proscreverem peças imoraes; ahi é que nós queriamos todo o escrupulo... toda a severidade!

Tivemos a lembrança de offerecer ao publico um Drama muito sentimental, e moral (embora recheado de mil defeitos, o que não se lhe póde negar são estas duas mencionadas qualidades) e confessamos ingenuamente que durante os dois primeiros actos, que são os mais cheios de sentimento, sentiamos o coração opprimir-se-nos no peito, e anciavamos por ver a apparição dos Mascaras no 3.º acto, afim que as vistas, a musica, algum dito jocoso desterrasse as impressões pouco agradaveis que o publico (a maioria) havia recebido nos dois primeiros actos!.. temi, confesso, temi a quéda do meu Drama!... Corteilhe fallas... scenas... e até um quadro, onde o sentimento melhor se desenvolvia!... e reconheço que se não fosse a natural bondade do publico em favor de uma Senhora; a idéa que elle tinha de acolher benigno a primeira sua compatriota que ousou apresentar um Drama; se não fossem os meus bons, e verdadeiros amigos que voaram a prevenir com seus applausos algum funesto resultado; e mais que tudo, se não fosse o cavalheirismo com que os nossos illustres litteratos se portaram, sustentando não só a dignidade da classe, mas animados mesmo de affecto de irmãos, e da mais louvavel indulgencia, e generoso desejo de auxiliar os timidos ensaios de uma tão util, quanto gloriosa empreza; se os nossos contemporaneos não tivessem solicitos, prevenido em nosso favor o publico, em vez das corôas, dos applausos com que nos victoriaram, Constança teria cahido, porque o publico nem todo aprecia o sentimento; quer ver, quer ouvir cousas que o alegrem; ou enthusiasmem; não quer sentir affectos que pungem, e sensibilisam! Eis o que temos colhido observando os theatros; e tendo lido tantos discursos ácerca do Templo de Salomão; nós que não usamos *partir de leve*, e que não nos inquietamos por divertimentos, reservámos ver o Templo de Salomão nas suas ultimas representações; e a um tempo lhe fazemos os nossos primeiros cumprimentos, e ultimas despedidas.

Todos os jornaes fizeram o seu juizo ácerca do Templo de Salomão; juizos tão diversos que se elle hade ser condemnado, ou absolvido o Supremo Tribunal — A Posteridade — o dirá; por que não existindo já senão em memoria eterna o seu Author, a justiça hade ser feita imparcial. Em nossas paginas só Fr. Anastacio dis-

se alguma coisa, porque mais curioso, e mais affoito,... não dissemos bem, mais sem cerimonias do que nós, foi ver o Drama, e confessou o que sentia; porém nós nem ainda haviamos visto o Templo de Salomão, e por isso nada podiamos dizer; e nem mesmo agora diremos coisa alguma que pareça louvor, ou censura; não estamos habilitadas, nem ousariamos aventurar um juizo em respeito ao mesmo Espectaculo na parte litteraria; o que sentimos... o que pensamos ficará sendo sempre um mysterio; e neutraes nos conservaremos, isto quanto á parte historica do Drama, e mais circumstancias em que pretendessemos reflectir; que em quanto á poesia livremente declaramos que é bella; que muito nos agradou, e neste ponto não receiamos aventurar o nosso parecer...

O que não podemos deixar em silencio é o louvor que entendo dever tributar á Direcção do theatro pelo gosto, e magnificencia do scenario! e ao Sr. Epifanio honra seja feita pela perfeição do — Mise en Scene — do mesmo Drama! E' impossivel exceder-se a riqueza, o mimo daquelle apparato; nas vistas, no vestuario; na execução; finalmente em tudo. A vista do primeiro acto fascinou-nos!... aquella Palmeira no fundo tocando com um só dos ramos o escuro da nuvem que a corôa!... aquella Palmeira que parece mover-se como vegetal, que poeticas inspirações produz!... A mão que a pintou deve ufanar-se. A destruição do Templo, o temporal; essas como as mais poeticas muito nos agradaram; conhecendo todavia o bello, e o rico das outras scenas. A Sr.ª Solér torna-se digna dos maiores elogios, pelo bem que desempenha o seu papel; sente... Ah! se ella não sentira não representára assim! O Sr. Epifanio é como sempre — o primeiro de nossos Artistas. —

A Musica é agradavel como todas as composições do Sr. Pinto, cujo merito ninguem ignora. O Baile é bello; e as Sr.as Bussola, e Marsigliani dançam com a maior agilidade, e perfeição.

Sem faltarmos ao nosso proposito diremos que muito nos interessou Misael!... Oh! Deos não realise jámais tão barbaro destino a amor tão puro!

Eis ahi as impressões que nos deixou (além de outras) O Templo de Salomão; cujo apparatoso brilhantismo escurecerá por certo, aquelles Dramas que hajam de lhe succeder, se o publico sensato não reconhecer que o excessivo explendor tambem deslumbra; e que é preciso conservar-se um equilibrio em todas as cousas da vida! Entretanto a Direcção do theatro mostrou que poude tocar a méta do aperfeiçoamento artistico. Deos fade bem os Dramas que succederem ao Templo de Salomão; o que muito de coração desejamos. Amen.

DOUS MYSTERIOS.

A PROSA DO AMOR.

(Continuação.)

Pareceo-me que Irminia estava mais contente depois que vira Edgard; mas passados alguns dias veio procurar-me, pedindo-me que lhe valesse com o meu conselho de amiga; vi que estava realmente afflicta! e fui com ella passear ao quintal: assentâmo-nos á sombra do nosso Bosquesinho de Bananilhas, e Rosas, e lhe pedi que sem reserva me contasse as suas penas.

— Sem reserva!... elle usa muito desta expressão, disse Irminia suspirando, e todavia elle é quem não sabe ser sincero! Antes me désse logo um desengano mortal; era um golpe que terminaria de uma vez o meu amor, ou a minha vida, mas este mysterio mata-me a fogo lento, é a peior das mortes! o peior dos tormentos o receio em que vivo!... Olha minha amiga, Edgard estere commigo; pareceo-me tão meigo, tão apaixonado como nunca o vi! Não tive animo de o accusar da sua ausencia!... dois dias depois escreveo-

me a carta mais apaixonada: aqui a tens olha bem como principia!...

Ditas estas palavras tirou Irminia da sua carteira uma carta que logo em começo dizia assim —

« Uma eternidade me pareceo o dia de hontem porque longe estava daquella que é o unico idolo do meu coração, todavia é forçoso guardar as importunas considerações da sociedade (aqui lhe referia os motivos que lhe obstavam o ir vel-a, e participava que tinha de presidir a uma reunião, mas que depois das duas horas desse mesmo dia voaria a vel-a) em um dos paragrafos da mesma carta dizia « a razão, esse meu valente baluarte jaz de todo aniquilado! » passadas mais algumas linhas tornava « em fim a minha ultima resolução está tomada!... sou teu!... só peço que jámais o vencedor abuse da fraqueza do vencido. » etc.

Parece que Edgard evitava a tua presença disse eu a Irminia, por que luctava ainda por vencer o amor que lhe inspiraste!...

¡ É certo, replicou Irminia; pois admira ainda outra coisa. Sabe que foi ver-me, que me deo as mais evidentes provas de affecto; quasi todos os dias ia estar algumas horas em minha companhia, e parecia não ter forças para se separar de mim!... jurava não poder viver já sem me ver, sem estar commigo a todo o instante!... A sua candura, a sua meiguice, a sua delicadeza encantavam-me! Protestava a cada momento a sua inteira sujeição á minha vontade, de que eu jámais abusaria; mas eu ambicionava tanto a posse daquelle coração, que te confesso que me senti orgulhosa do meu poder! Fantastico poder!... Eu sonhava ser a mais adorada, a mais ditosa das mulheres! Credula que eu fui!... mas para que te heide referir circumstancias que ati pouco, ou nada interessam, e que por minha desgraça estão gravadas no intimo do meu coração! Oh! as expressões que elle me dirigia!... o seu amor ... o seu enthusiasmo, foram a minha felicidade: são hoje o meu supplicio!

— É impossivel!... exclamei com a maior surpreza; tão poucos dias durou depois de felir, de correspondido um amor que permaneceo puro extremoso quando infeliz, quando não correspondido?!.. Por Deos Irminia explica-te, quero ainda aprender a conhecer o coração do homem, não para fugir a algum Edgard, não os temo; mas para escrever alguma coisa com perfeito conhecimento de causa... para ver se tantos exemplos aproveitam ao nosso infeliz sexo; e se consigo salvar algumas victimas, que attrahidas qual por encanto seguem o seu algoz como se fôra o Anjo da sua guarda! Ah! minha Irminia, acabo de crer, não ha que fiar em apparencias!... Se o teu Edgard é máo, terei de desconfiar de todos os homens do mundo; porque até a mim me pareceo elle um Santo! Dize-me o que te aconteceo; não vamos a julgar só por suspeitas, já vês que te enganaste pensando mal do infeliz...

— E agora enganar-me-hei talvez pensando bem, tornou ella, escuta. — Edgard tinha-me dito que iria ver-me hontem: eu estava com umas dores de cabeça tão violentas, que entendi melhor escrever-lhe, e transferir para outro dia a nossa entrevista. — Respondeo-me do modo que verás nesta outra carta!... Ah!... combina-a com a que inda á pouco lês-te!... vê o que eu poderei pensar. Vê se é este o mesmo homem a escrever... a sentir... em tão poucos dias que mudança!...

Com effeito Irminia tinha razão; era uma carta bem diversa da que eu acabára de ler!... Em vez de lhe parecer uma eternidade de angustias os dias em que não a via, elle buscava essa eternidade como unico meio de escapar a um mal que elle não declarava!... Dizia-lhe que não podia ir vel-a no dia que lhe indicava; dizia que nesse dia partia para o campo; e lá se conservaria dois mezes!... e ultimava nestes termos — « necessito descançar; e quem sabe se um terrivel desgosto me lançará no descanso dos tumulos?!... é uma pagina que só o futuro hade abrir; nella está escripto o destino do teu sincero amante — *Edgard.* —

Sincero!... mui pouca sinceridade respira esta carta; e comtudo o que ella deixa ver é uma desesperação concentrada!... mas tu que fizeste Irminia?

— Escrevi-lhe logo, tornou ella, pedi-lhe que fosse vêr-me antes de ir para o campo; escrevi-lhe com muita paixão, expliquei o motivo de haver transferido a nossa entrevista, e por fim mostrei que desconfiava do seu amor...

— E que fez elle?... Veou a ver-te; a tranquilisar-te, assegurando-te a sua fidelidade? a sua inteira sujeição á tua vontade, que unicamente commandavas?... a mostrar o cuidado que lhe merecia a tua saude?...

— Nada disso, minha amiga, escreveo-me antes de partir hoje, esta carta protestando o seu eterno, e verdadeiro amor, jurando ser eu a unica pessoa que elle adorava, e a quem estava ligado; promette voltar a vêr-me!... e dá-me os epithetos de cruel, mil vezes cruel!... injusta!... asperrimo coração!... Oh! a mim!... a mim asperrimo coração!... Eu que tantas provas lhe tenho dado de uma cega paixão!...

— Eis o teu mal, disse eu a Irminia, perdôa, mas attende, não ha homem algum que tenha a generosidade de não abusar da paixão de uma mulher; em quanto duvidam do seu amor, ou quando receiam perdel-o, buscam desvelados os meios de o segurar... mas certos que estejam do seu triumpho!... Oh! fazem-se logo muito graves!... e ainda isto não é o peior!... se elles só se tornassem graves!... mas é que até toda a sua delicadeza usada antes se converte em aspereza, para não dizer outra coisa... todo o seu extremo se converte em desprezo e...

— Pelo amor de Deos, bradou Irminia, não prosigas, pois eu heide acreditar que a moral está perdida n'um sexo que deve aliás dar-nos o exemplo!... guiar-nos... proteger-nos... Oh! se todas as mulheres pensassem como tu!...

— Não teriam nenhum homem por amante, lhe respondi interrompendo-a, mas todos por muito bons, muito honrados amigos.

— Mas tu amaste, e prova que te ligaste aos laços conjugaes, tornou Irminia.

— Ahi vens tu com o estrebilho usado já de longos tempos por todas as candidatas ao Santo Matrimonio! Pois respondo-te, com toda a franqueza que o ter casado uma, ou vinte vêzes, se possivel fosse, não prova que amei; entretanto não quero negar isso; antes direi para dar mais força ao meu discurso que é essa mais uma razão de me ser permittido o discorrer em tal assumpto; sendo certo que ninguem póde ser mestre, sem primeiro ser discipulo; e neste caso tenho-te grande vantagem por que aproveitei as lições que tu esqueceste!... Por isso eu gôso o premio da liberdade, e tu o castigo da escravidão!

— Tu livre!... me disse Irminia, tu que és escrava desses mesmos laços!... Os teus filhos!...

— Os meus filhos sim, porque são innocentes; porque precisam de mim; porque me adoram acima de todos os sêres na terra! Acredita Irminia, eu quero voluntaria escravisar-me; eu não consentirei jámais que me escravisem!... Quero escravisar-me por quem mereça o meu amor, jámais por quem me desprese! Bem vês que esse abatimento degrada qualquer Senhora! e que homem de bem quererá amar uma Senhora que se deixa aviltar!... Nunca será homem de bem o que pertender humilhar a sua amante, ou a sua consorte. Eu no teu caso havia de esperar que Edgard me désse uma satisfação do seu procedimento: que elle faltou a todos os deveres do amor, e até das attenções que lhe merecias, é bem conhecido; todavia ignoramos se uma razão occulta... uma nova intriga talvez... um ciume desesperado... é só a meu vêr o que o poderá desculpar; inda assim adverte que elles muitas vezes para encobrirem suas faltas usam da capa do ciume... recorrem a uma fantastica suspeita... elles que não dão licença a mulher alguma para ter ciumes... querem a todo o instante martyrisar-nos affectando indiscretos zelos... mas não é zelo... é... nem eu sei o que!... é até fazerem mão conceito da Senhora que escolheram... a falta de inteira confiança na pessoa que se estima, é terrivel flagello!... mas elles querem uma lei para si, outra para vós... Dize por exemplo a Edgard que desconfias que elle ama outra; e verás como desespera; ao passo que elle quererá lhe soffras paciente as suas injustas suspeitas.

— Então bradou Irminia, é a lei do escravo, e do senhor? Pois não; esperarei a sua justificação, que a meu vêr já não póde reparar o mal que elle fez com este passo a si mesmo... Sim, por que ainda que o meu coração o queira absolver, a minha razão o crimina! Uma Senhora de bons sentimentos quer antes perdoar ao seu amante uma injustiça, do que soffrer uma desattenção! De hora em diante já não acreditarei em todas as palavras de Edgard; e confesso-te que antes quizera perder o seu amor, do que a boa opinião que delle tenho formado! foi nesta

opinião que se baseou o meu amor: perdida esta boa opinião o amor não póde sustentar-se: hade forçosamente cahir... Será tal a minha desgraça que eu me tivesse illudido tanto!... Senhor aclarai-me a verdade!...

Vi Irminia tão consternada que tratei de a distrahir; mas em vão! Retirou-se, pedindo-me que a fosse vêr, pois sentia-se muito doente; e com effeito assustou-me a palidez do seu rosto! um marmore não era mais frio que suas faces, e suas mãos! Recommendei meus filhos á minha fiel creada, e acompanhei Irminia a sua casa, fazendo que logo se recolhesse ao seu quarto, e obrigando-a a tomar chá bem quente a vêr senão succumbia ao frio mortal que parecia ter-lhe gelado o sangue!... Não a deixei aquelle noite; mas a infeliz passou cruelmente, e apesar disso no dia seguinte ergueo-se; ao assentar-se a escrever algumas linhas deixou cahir a cabeça sobre a meza; estava ardendo em febre!...

(Continúa.)

D. A. G. Pesich.

POESIAS.

NÃO VEDES AQUELLA CRUZ?

Não vedes, filhos, não vedes
N'esse altar aquella cruz?
Olhae bem, olhae, agora,
É o nosso amparo e luz.

Para nos remir a todos
Jesus Christo alli morreu,
E n'ella por santo exemplo
O perdão a todos deu.

Foi por nós martyrisado
Como inda não foi ninguem,
E em paga do mal soffrido
Só nos aconselha ao bem.

Não vedes aquella c'roa,
Que lhe pozeram judeos
Supportou-a resignado
Com o pensamento em Deos.

Aquelle sangue que vertem
Suas feridas com dor
É uma prova santa e vasta
Do seu vasto e santo amor.

Ponde, filhos, n'elle os olhos
E mostrae que sois christãos
E rezae, rezae-lhe muito...
Mas primeiro ponde as mãos.

Agora de mãos erguidas
Rogae por vós e por mim,
Pedi saude e juizo
E pedi pedi-lh'o assim:

» Pae do Ceo, que lá nos vedes,
» Tende dó de todos nós,
» Que nós somos filhos vossos
» E tudo esp'ramos de vós.

» Dae-nos saude e juizo;
» Não esqueçaes nossa mãi
» Olhae bem que vos pedimos
» Lhe deis saude tambem.

Agora com as mãozinhas
Fazei da cruz o signal
E rogae devotamente
Nos livre de todo o mal.

Antonio Mendes Leal.

A POCHE.

I.

Qu' importa á rica... á nobre
Da desgraçada pobre
O soffrer?
Vel-a gemer... coitada
Com o filhinho abraçada
A morrer?!...

Escarneo... despreso
P'ra mãi desgraçada,
Tão pobre... coitada
Que a sorte maldiz!

Escarneo... despreso
P'ra tanto soffrer,
P'ra pobre mulher...
P'ra pobre infeliz!...

De frio tremendo
Debalde ella implora,
P'ro orfão que chora
O misero pão;—

Que a nobre orgulhosa
É rica... abastada,...
E da desgraçada...
Não sente a afflição!...

II.

E debalde gemendo chora a pobre
O pão pedindo para o filho á nobre
Com afflição!
O sentido chôro da desgraçada
O peito não commove da abastada
Á compaixão!...

O qu' importa á nobre
Tão rica... orgulhosa,
A viuva chorosa...
De fome a morrer?!...

Que lh' importa... que a pobre
De fome descore,...
Que gema... que chore
Ao filho abraçada?!...

Se á nobre orgulhosa...
De noute e de dia...
Só lembra a orgia,...
Em que anda engolfada!!...

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

E espira de fome...
Á porta da nobre...
A viuva... tão pobre
C'o filho abraçada!!...

III.

Mas lá se escuta a voz terrivel
Do soffrimento o brado horrivel
Do coração!...
É a quasi extincta voz da pobre...
Quasi expirando, lançando á nobre
A maldição!!..

IV.

Lá se divisa uma cruz
Que piedosa mão ergueu,
Sob a campa que transluz
C'o mago lume do Ceu.

Tem em letras mal traçadas
Estas palavras gravadas:—
É aqui que jaz a pobre...
É na morte igual á nobre!...

Felgueiras Junior.

29 de Setembro 1849.

DESFEZ-SE O ENCANTO!...

Ao sorrir de mimosa ventura
De meus dias a aurora assomou!
Improvisa fatal noite escura
A carreira vital me enluctou!

Horrorosa procella inda avança!..
A seus brados a morte se ergueo!...
De meus dias a gloria, a esperança,
Ternos pais, no sepulchro escondeo!

Do passado memoria pungente
De continuo me arranca mil ais!
Com terrivel semblante o presente
Ao futuro reclama inda mais!...

Submergida na dor, na tristeza
D'alta creança o soccorro invoquei!
Eis n'um sonho com leda surpreza
Estas vozes do ceo escutei!...

— No rigor da mais dura anciedade
Vem o ceo extinguir tua dor! —
Ah! que o sonho é feliz realidade!...
Esta voz era a voz do Senhor!

Esta voz echou no meu peito,
E o sorriso de um Anjo eu bem vi!...
Negro encanto por Deos jaz desfeito!
Já esse Anjo do ceo conheci.

D. A. G. Pestana.

O Sr. CASAL RIBEIRO.

Lêmos na *Revista Universal* de 18 do corrente, uma lindissima poesia do Sr. Casal Ribeiro, consagrada á memoria de seu fallecido pai: é esta uma producção que muitò honra o seu auctor, já mui acreditado por seus talentos; mas quanto é eloquente a expressão de intima dór! Aquelles versos são por certo o mais rico monumento que a saudade, o amor filial poderia exigir, levando á posteridade não só a eterna memoria do illustre finado, mas até o doloroso sentir do coração de seu filho: não podendo ser lidos aquelles versos a rosto enxuto por quem tiver uma alma sensivel, e principalmente por aquelles que assim como nós tambem perderam um virtuoso, e adorado pai!... Acompanhamos bem deveras o illustre poeta no seu justissimo sentimento.

Explicação das Charadas do N.º antecedente.

PALINODIA. — ROZALIA. — DONATO.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

PRECES OU CANTICO DEVOTO, dedicado aos fieis Portuguezes; e approvadas pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha.

OLINDA OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE — Poema original em 5 cantos. — Ambas estas obras são de D. A. G. Pusich.

Vendem-se nas lojas do Srs. Lavado, rua Augusta n.º 8; viuva Henrique, dita rua n.º 1; e Carvalho, aos Martyres.

ANNUNCIO.

Na rua da Barroca n.º 61, 1.º andar, ao Bairro-Alto, se dão Lições de Musica e varios instrumentos; solfejos e canto; e se ensina Dança. Os dias das Lições de Musica são Segundas, Quartas, e Sextas feiras; e os de Dança Terças feiras, e Sabbados. Tambem ha Lições nocturnas das 7 até ás 10 horas da noite, e tambem se dão por casas particulares. Quem pertender algumas das ditas Lições póde dirigir-se á dita casa desde as 8 até ás 11 horas da manhã, e desde as 2 até ás 5 horas da tarde. Os ajustes das Lições fazem-se por mez, por duzia de bilhetes, ou por Lições, conforme se convencionar.

Na mesma casa se vendem boas Peças de Musica para todos os instrumentos, e cordas para rebeca, viola, e outros instrumentos. — Tambem se incumbe de concertar toda a qualidade de instrumento.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE D. MARIA II.

Sabbado 27. — *O Templo de Salomão.*

Domingo 28. — Ultima representação — *O Templo de Salomão.*

Segunda feira 29. — Anniversario natalicio de S. M. El-Rei, a 1.ª representação da comedia original em 5 actos — *A Mendiga.* — A 1.ª representação da comedia em 2 actos — *Os Penitentes Brancos.* — Os intervallos serão preenchidos com bailados. — Em ambas as comedias debutará a Sr.ª Maria da Gloria, discipula do Sr. Epifanio, em caracteres proprios da sua idade, e pouco tempo de estudo que ainda conta.

A Direcção deste Theatro previne o publico que se está ensaiando o drama em 17 quadros — *O Judeo Errante* — e que irá á scena logo que esteja concluida o scenario.

THEATRO DO GYMNASIO.

Sabbado 27 de Outubro. — Em beneficio de Paula Maire — *Um banho na barca*, farça original em 1 acto. — *Um Tutor de 20 annos*, em 2 actos. — *Guardado está o bocado para quem o hade comer*, em 1 acto. — *A Velhice namorada*, opera comica em 1 acto.

Domingo 28. — *Qual dos dois?* opera comica em 1 acto. — *A' Porta da Rua*, 1 acto. — *Eva e o Acó*, 2 actos. — *A Bofetada*, em 1 acto. — Principia ás 7 horas e meia.

TYPOGRAPHIA DE J. B. MORANDO,
RUA DO SOLIDO DE VIUVA N.º 32.

NOVEMBRO 3. 1849. NUMERO 14.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora – D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, nos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 3; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160, Trimestre 480, Semestre 960, Anno 1$760. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

O CLERO.

(Continuação.)

Não ha muito tempo um dos mais illustres Oradores portuguezes dizia do pulpito, e na presença da côrte estas palavras: A immoralidade é o germen destructivo de todas as Associações humanas, e daqui vem a lastimosa ruina de todos os imperios; são precisas novas leis que sustentem a pureza dos costumes, são precisos costumes, que mantenham o vigor das leis. O Orador que assim se expressava já não existe, e comtudo a sua doutrina está confirmada pela experiencia, e sanccionada pelos factos. O periodo glorioso da existencia de Portugal passou; á gloria seguio-se a humiliação; á riqueza a mizeria; á liberdade a escravidão; á crença o indifferentismo, e á religião a immoralidade. O Portugal antigo rico de gloria, orgulhoso pelas suas recordações, respeitado, temido, admirado por todo o mundo foi riscado do catalogo das Nações livres, e condemnado a viver na ignorancia, e na mizeria a mais vergonhosa das vidas.

Do que fomos resta apenas a lembrança, do que somos ficará uma recordação tristissima aos nossos vindouros. Entre o nosso preterito, e presente ha uma antitese perfeita. O Portugal guerreiro, e esforçado exhalou o ultimo suspiro quando o sangue da flor da nossa nobreza alagou os campos d'Alcacerquibir, e um rei envolto na armadura gemeo o derradeiro adeos á Patria, que tanto amava. O Portugal politico finou-se no momento em que o grande Ministro de D. José succumbio delido de pezares, e torturado pelos desgostos; e Portugal religioso que sobreviveo por mais tempo, porque a crença estava arreigada no coração do povo, marcha a passos de gigante para o seu completo aniquilamento.

Esta terra insignificante pela sua população pequenissima pelos seus limites territoriaes, mas assombrosa pelo valor, e caracter de seus filhos cavaram-lhe a sepultura enteados de máo coração que lhe cuspiram na face, e a fizeram preza da sua rapacidade, que a venderam ás nações poderosas, e que estenderam na terra suas bandeiras para que os pés de soldados estrangeiros as viessem pizar no proprio solo da patria. Depois de tal aviltamento a existencia é uma morte lenta, e dolorosissima, poucos annos mais, e sobre a sepultura de tres milhões de habitantes terá a immoralidade escripto o mais vergonhoso dos epitaphios. Nem vos illuda es-

se tal ou qual movimento que ainda parece animar os membros corruptos de uma Nação que se agita, como o cadaver galvanizado. A nacionalidade, e a crença, a politica e a religião são qualidades que caracterizam a vida d'um povo, e Portugal não tem nacionalidade porque lha venderam em hasta aos seus inimigos; não tem crença porque de proposito o querem embrutecer; não tem politica porque é *escravo* das facções; não tem religião porque os ministros do Senhor trocaram as vestes do templo pelos trajos das modistas; o celibato pela orgia; a Igreja pelos theatros; o Evangelho pelos romances; o pulpito pela tribuna; o confessionario pela urna das eleições; o retiro pelas praças, e botequins.

Não tem religião porque o Sacerdocio, em vez de se considerar como um ministerio augusto, se encara como um trafico lucrativo; em vez de ser uma missão celestial está convertido n'um ganha pão vergonhoso.

Esta linguagem parecerá aspera; que importa se os factos a confirmam.

Para salvar um enfermo moribundo não bastam medicinas mediocres. O remedio deve ser energico quando o mal se enraizou profundamente em todos os membros. Gritam todos: reforma, reforma, reconstrucção social; dos angulos das praças, das mezas dos botequins, dos cantos das ruas, e das cadeiras do Parlamento gritam oradores empertigados, que é necessario educar o povo, civilizal-o; crear bons cidadãos; e moralizar a sociedade. A imprensa o tem dito mil vezes, mas o Governo está dormindo como os idolos de Baal. Nem as cifras, e os calculos financeiros; nem os batalhões; nem as escholas como ellas estão montadas, nem a imprensa venal (e só a venal) poderá salvar a Nação de cahir no abismo. O mal nasce do Clero; é elle em grande parte a origem das desgraças que opprimem a nossa terra.

Fr. Anastacio.

Dois mysterios.

PLENA REVELAÇÃO DO SEGUNDO MYSTERIO.

(Continuação.)

Deixemos a triste Irminia entregue aos mais terriveis combates do amor com o orgulho, sentimento nato com os genios superiores, e que prodigiosamente equilibrava a excessiva bondade de coração de que Irminia era dotada: prompta sempre a perdoar a todos; a disfarçar qualquer falta contra ella commettida, como não perdoaria ao seu amante que adorava mais que a propria vida, se uma falta de lembrança... de attenção, (indisculpaveis no amor) não lhe despertassem n'alma aquelle sentimento que em vão o amor pertendia suffocar! Irminia sabia dar o mais subido valor a qualquer demonstração do affecto de Edgard; e é por isso mesmo que ella sabia intimamente sentir ainda a mais leve offensa; e como diz Bocage — *A frouxidão no amor é uma offensa* — Irminia desesperava de ver a frieza com que o seu amante se portou! Deixal-a doente, e cercada de mil cuidados, e suspeitas!... augmentar-lhas sem receio de a desgostar!... de aggravar o seu padecimento fisico!... Elle que antes tão desvelado, e solicito era em demandar noticias da sua saude; em se affligir com o mais leve incommodo de Irminia; já póde estar sem a ver,... sem saber d'ella!... já não receia affligil-a! Oh! se os homens conhecessem o coração da mulher, nunca se exporiam á decisão de taes combates!... Eu não sei qual será mais culpado aos olhos da mulher de sentimentos elevados; se aquelle que tem commettido um excesso no amor, ainda que d'ahi lhe resulte graves damnos; se aquelle que se esquece das attenções devidas á sua amante! Parece-me que é esta a falta que não se perdoa, porque é falta de amor; pois quando pretendem não commettem jámais essas desatenções!.. Excessos de amor perdoam-se facilmente... mas faltas de amor... isso é mais custoso!... E faltas commettidas por quem tanto pensa; e é naturalmente attencioso; tão polido, e tão reflectido!... Eis os dolorosos pensamentos de Irminia!... Deixal-a-hemos velando as noites, amargando os dias, anhelando mesmo a morte para terminar tão ardua lucta, fazendo mil projectos cujo resultado era uma

destruirem os outros; escrevendo muitas cartas, e rasgando-as logo... emfim deixemos entregue á desesperação esta victima do capricho, da inconstancia, ou da crueldade do seu amante!... O maior favor que lhe podemos fazer, julgando-o com excessiva indulgencia é suppol-o alucinado de fantasticos ciumes; ou inexperiente no verdadeiro methodo de firmar o amor de uma Senhora briosa!... Seja o que for; o tempo o absolverá, ou condemnará; nós por agora não lhe podemos perdoar as dores que faz soffrer a uma infeliz que o ama, e que merecia toda a sua contemplação!... Vamos informar o leitor de um novo personagem que vem apparecer em scena quando a ausencia de Edgard tem estimulado o amor proprio de Irminia, e ferido gravemente o seu coração!... É um ente mysterioso, apaixonado por Irminia, desesperado por saber que ella ama outro, que elle pensa conhecer, mas não conhece. Fazendo as maiores finezas, os maiores sacrificios por ella, usando as mais estudadas attenções!... E Irminia insensivel a este, como a todos os mais; e Irminia fiel a um ingrato repulsa o affecto deste joven que perdida já toda a esperança de obter o amor de Irminia vai valer-se de uma amiga della para advogar a sua causa... occultar porém o seu nome que só revelará no momento em que podér ser apresentado a Irminia!... Ah! Edgard!... Olha o castigo da tua imprudencia!... Contempla o raio vingador perpendicular sobre a tua cabeça prestes a desfechar!... Se estás innocente Mão poderosa de Deos o desvie... Se culpado cáhia sobre a tua cervis... perece!... e comtigo possam perecer todos os ingratos!... A morte é a devida punição dos ingratos e traidores... nenhum devia existir senão nos infernos!

Mas triste condição do amor em peito generoso!... Irminia sente um desejo de se desaffrontar, de se vingar mesmo da ingratidão, ou injustiça do seu amante; desejára perder-lhe o amor... deixal-o... ella que não quer ver um amor sublime tornado causa ordinaria!... ella que não sabe amar, que não quer ser amada senão com um amor poetico!... no momento de ter em suas mãos a vingança treme!... horrorisa!... Ah! meu Edgard!... clama ella ao receber uma apaixonadissima carta do Joven mysterioso, terei eu animo de ler... de tocar com as minhas mãos as letras de outro homem que pertende roubar o coração que é só teu! Nunca!... não terei animo de me vingar de um modo tão vil! tão indigno de mim! Reagiste amor!..

Fechando a carta entregou-a á criada, dizendo que a désse a quem fosse buscar-lhe resposta da mesma carta. Assim aconteceo; mas nem por isso o Joven esmoreceo!... Era incansavel em seus desvelos por mover ao menos a curiosidade de Irminia! parece que muito de proposito estudára aquelle mysterio para accender no coração da mulher extraordinaria o desejo de conhecer o ente que a amava, que a pretendia alcançar por modo tão extraordinario!... Os outros fazem-se conhecidos pessoalmente antes de fazer conhecer o seu amor; este quer primeiro ser conhecido, ser amado pelos seus sentimentos, do que pela sua pessoa!... Parece confiar muito nas virtudes de Irminia que prefere as qualidades moraes ás fisicas!... e não conhece que estas mesmas virtudes a defenderão de atraiçoar o seu amado? Confiará este homem talvez demasiadamente em si?... Oh! mas elle não quererá permanecer sempre occulto... Só conhecido por seus escriptos, por seus excessos... revelar-se-ha um dia!... e que verás tu Irminia, um Anjo, ou um Demonio!... Um Demonio já o considera Irminia, porque vem perturbar uma união tão santa! perturbar!... e porque!... nem elle, nem o universo inteiro seria bastante a perturbar a nossa união, se Edgard me fizesse justiça... Se me amasse como eu o amo!... Oh! as forças todas do Mundo, ou do inferno jámais me fariam vacilar!... Eis-ahi como discorria Irminia, e com estas idéas ia desapparecendo o seu resentimento contra o seu amado Edgard; que ella não podia ver atacado sem defendel-o com todas as suas forças! E todavia não sirva de regra este proceder, este sentir de Irminia! Nós aconselhamos a todos os homens que desejam conservar illesa a fidelidade de suas amantes, ou esposas, que não lhes dêem jámais occasião de reconhecer que outro homem as estima, as acata, as considera mais do que o seu amante, ou o seu marido! É certo que uma Senhora virtuosa resiste a todas essas provas; mas tambem é certo que o coração

feminino resente-se muito de qualquer offensa; e não se deve confiar tanto na generosidade de um ente offendido... Nem é prudencia exporem a pessoa que amam, nem é nobreza o reduzirem-se ao estado de carecerem da indulgencia das suas queridas... Nem todas tem a coragem, as idéas... o coração de Irminia. Irminia firme como um rochedo repellio as ondas que assaltavam a sua constancia; e fiel ao seu Edgard esperou o seu regresso a Lisboa, o qual se verificou depois de tres dias contados do dia da sua partida.

Ao chegar Edgard soube que Irminia estivera doente; teve uma agonia extrema, e voára a vêl-a, se lh'o permittissem suas forças prostradas com a violencia daquelle golpe! Poude comtudo traçar algumas linhas, e prevenir Irminia da sua visita; sentio-se reviver a infeliz ao ler a carta de Edgard!... Era Edgard todo amor... todo poesia!... Elle voou a vel-a... não poude conter a sua emoção; e foi então que Irminia conheceo visivelmente que terrivel desconfiança ralava o coração do seu amante... que desesperado fôra entranhar-se no campo, e comtudo o amor, a saudade o trouxeram para junto da sua Irminia! que elle imaginava no gôso de mil distracções, e encontra succumbida ao golpe da sua ausencia! O amor por excessivo causa graves damnos por não haver conhecimento perfeito, do caracter da pessoa que se ama; e porque julgam (com razão) tão imminente a felicidade de uma verdadeira união, e igualdade de sentimentos, que sempre receião o peior. Unidos intimamente pelos laços da mais forte simpathia, Edgard, e Irminia eram um só ente. Edgard mostrou o desejo de terminar de uma vez todas as suas inquietações; e dirigio a Irminia estas palavras —

— Irminia... basta que me assegures que és livre... eu creio mais nas tuas palavras, do que em quantas Certidões me possam apresentar: alguem me disse que teu marido existia...

— Meu Deus, exclama Irminia, é possivel!... e quem ousou dizer-te essa falsidade?

— O Major... torna Edgard.

— Elle!... e foi elle tambem quem me disse que tu eras casado!... elle que me trouxe... espera... ditas estas palavras correo a uma gaveta, e pesquisando-a em vão, bradou

— Roubaram-m'a!... a Certidão de Obito de meu marido, que o Major me trouxe de Hespanha!... Eu a tinha aqui nesta carteira, e elle o sabia!... Oh! Edgard, juro-te que é verdade; juro-te que sou livre, se é que uma Certidão passada com toda a legalidade; se é que todas as noticias não mentem... Agora sim, é que eu receio que um fatal enredo tente separar-nos!... Será esse Major que se interesse pelo mysterioso mancebo!...

— Quem?!... pergunta Edgard convulso.

— Um, torna Irminia, que incessantemente me está mortificando com cartas que nem já leio, e só enganada as recebo.

Ah! comprehendo tudo, minha Irminia! São os mesmos que me tem feito imaginar que tu não eras a mesma Irminia!... que me fizeram pensar que me escrevêras aquella carta transferindo a nossa entrevista por quereres evitar a minha presença para estares em outra companhia!... perdôa!... perdôa a minha alucinação!... nunca mais te deixarei só exposta á mais astuta seducção! nunca mais terão occasião de fazer que duvidemos um do outro! Termine-se de uma vez todas as suas pertenções, e os nossos receios. Seremos tão ligados um ao outro que nem a morte nos hade separar.

— Era o motivo porque fugias de mim, Anjo de virtude!... disse Irminia, n'um transporte de alegria que não póde conter, julgavas-me preza a outros laços!... Não sou senão tua... tua unicamente serei até ao derradeiro suspiro! Maldito seja quem pertender separar-nos. *(Continúa.)*

D. A. G. Pusich.

AS CASTELLÃS DE ROUSSILLONT.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

Ao mesmo tempo o seu ardor religioso levado ao rigorismo o mais exaltado, lhe fazia condemnar, e castigar com uma severidade excessiva as mais leves faltas, como se a religião christã que se gloriava de professar, não fosse toda indulgencia, e amor!

No dia em que começa a historia, que vamos contar, a Condessa de Roussillont, sempre vestida de luto pesado, estava sentada sobre um sofá, passando por entre seus dedos as contas de um rosario, que tinha sido bento sobre o tumulo de Nosso Senhor Jesus Christo. Ella tinha já cincoenta e um annos: seu rosto dava mostras de ter soffrido grave desgosto, seus olhos estavam encovados em suas orbitas abatidas, e pizadas pelas lagrimas, a côr macilenta que cubria todo o seu rosto, annunciava uma debil saude; mas o seu ar magestoso, e a expressão de nobreza, que se percebia em todas as suas feições, faziam experimentar na sua presença, um certo sobresalto de terror, que atemorizava.

No vão da janella estava uma rapariga de desaseis a desaseto annos trabalhando com ardor em camizas de panno tão grosso, que se diria lhe deviam estragar seus lindos dedos. Estava vestida simplesmente com um vestido branco sem guarnição alguma, nem enfeites; sua figura flexivel, e delicada, conservava todo o encanto, e singeleza da infancia, o rosto pouco rosado, era sobre tudo notavel por uma expressão encantadora de doçura, e modestia, seus loiros cabellos sustidos na frente por um fitilho de veludo cahiam dos dois lados em anneis sobre seu pescoço, e hombros. De quando em quando, ella interrompia o seu trabalho, para fitar na Condessa seus grandes olhos azues escuros, parecendo esperar o momento de lhe dirigir a palavra.

Em fim a Senhora de Roussillont benzeo-se, e guardou as suas contas na algibeira.

Minha mãi, disse então a menina com voz carinhosa, tenho a pedir-vos uma graça.

De que se trata Esperie? perguntou a Condessa.

Esperie largou o seu trabalho, correo para sua mãi, e ajoelhou deante della.

O que queres disse esta, dando um beijo na testa de sua filha, a qual via commovida, e trémula.

Esperie animada por esta prova de ternura, que raramente a Condessa lhe dava, cobrou mais algum animo; eu vos peço de admittirdes outra vez Mathurim ao vosso serviço.

— Mathurim Renac? exclamou a Condessa encolorisada, esse miseravel que pez fóra dos meus dominios, por estar gangrenado até aos ossos! mais depressa abriria eu o aprisco dos meus gados aos lobos devoradores, o meu Castello aos empestados; tanto uns, como os outros seriam menos perigosos do que este herege. Como vos atreveis vós a fallar-me de similhante gente menina?

Minha querida mãi, disse Esperie sustendo com esforço as lagrimas que lhe molhavam as palpebras, Mathurim já não é herege. Dais-me licença que vos conte tudo que sei a este respeito?

Fallai disse a mãi.

Logo que vós o despediste com ignominia, o pobre Mathurim...

— Guardai a vossa compaixão para quem seja mais digno della, interrompeo a Condessa.

— Digno, ou não, não era elle bem desgraçado apartando-se de sua mãi?

Francisca commoveo-se da maneira cheia de ternura com que estas palavras foram pronunciadas.

— Continuai minha filha, disse ella com doçura.

A menina continuou.

Elle chegou a Roque, no mesmo dia em que muitas familias Catholicas, fugindo do seu paiz para escaparem ás perseguições dos Protestantes, tinham vindo refugiar-se nesta villa.

Estas pobres gentes reunidas na praça, contavam todas as atrocidades, de que os Huguenotes se tinham tornado culpados em Gourdon, e em outras cidades; o povo os escutava tremulo de raiva, quando Mathurim passou pela Igreja sem tirar o chapéo.

» — Eis alli um dos defensores de satanaz! gritou uma mulher velha alli está um herege!

» Immediatamente cinco, ou seis furiosos se arremeçaram sobre Mathurim, lançaram-no por terra e o pizaram aos pés, e tel-o-iam morto sem misericordia, se o novo Cura de Roque, esse santo homem do qual se contam tão bellas acções, não acudisse a soccorrel-o. Logo que este vio o que se passava precipitou-se entre estes furiosos com risco de sua vida, e tanto fez com seus discursos, e seus rogos, que conseguio subtrahil-o á sua raiva.

— Pois o Cura de Roque fez isso por um herege? disse a Condessa admirada.

— Ainda não é tudo, continuou a menina; como o pobre Mathurim ficasse no chão coberto de sangue, e quasi morto, o Cura car-

regou com elle ás costas, e o levou para o Presbyterio, aonde depois de lhe ter curado as feridas, o tratou durante dois mezes, que durou a sua doença. Mathurim cheio de gratidão para com este digno homem confessou-lhe que tinha sido seduzido pelos hugnenotes; fez-se explicar os dogmas da nossa santa Religião, que apenas conhecia imperfeitamente, e vendo bem depressa que o Calvinismo não era mais do que um ramo separado desta arvore eterna da Igreja, que deve estender-se por toda a terra, como dizia o Padre Antonio; elle abjurou seus erros: e como sua idosa mãi vive ainda no casal aonde nasceo. Mathurim que não tem mais ninguem no mundo senão a ella, vos roga que lhe permittaes voltar para aqui.

Se isso é assim, Mathurim voltará para o lado de sua mãi, disse a Condessa depois de reflectir um pouco.

— E o seu lugar de mensageiro que ainda está vago, não lho tornareis a dar? este lhe é muito preciso para poder sustentar a pobre Mathurina que é tão velha, disse Esperie com a sua mais doce voz.

— Toda a culpa merece castigo respondeo a Condessa com ar sombrio, valle mais fazer penitencia neste mundo do que no outro.

— E minha querida mãi contaes vós por cousa nenhuma o ter sido batido, e depois estar doente durante dois mezes? e além disso, o nosso bom Deos já lhe perdoou, sereis mais severa do que elle?

Francisca franzio os sobrolhos. Sois bem atrevida para uma menina da vossa idade, disse ella; levantai-vos, e tornai para a vossa costura, mais tarde sabereis a minha decisão.

(Continúa.)

D. Maria da Arrabida da Costa Sz.ª Macedo.

POESIAS.

O HOMEM E A MORTE.

Morte, a devassar teu Templo
Homem sensivel se move:
Elle falla, e se é possivel
Larga a fouce, para e ouve:

» Tyranna se ás tuas garras
» Todo o mundo é curta preza,
» Desce uma vez do teu throno,
» Dá suéto á natureza:

» Nasça um dia, e sinta o homem
» Girar seu sangue nas veias
» Sem susto ao ferro que arvoras,
» Sem medo ao fogo que ateias:

» Nestes craneos escalvados
» Cahir deixa o vulto immundo,
» Pois no dia em que descanças
» Não ha lagrimas no mundo:

» A teu lado a atroz doença
» Inerme e frouxa descahia,
» E o sceptro que tu lhe déste,
» Da mão dormente lhe cahia:

» Entre as sombras deste Templo,
» Occiosa sobre os ossos
» Esmureça a dor e a febre
» Nuncios teus, flagellos nossos;

» Possa alegre a natureza
» Que a teus acenos não foje
» Dizer a todos os sêres:
— Existi, não morrais hoje: —

» Junto ao seio a mãi piedosa
» Una o filho que desvela,
» Nem a mãi tema deixal-o
» Nem pense o filho em perdel-a.

» Com celeste enthusiasmo
» O desvelado amador,
» Vá contando horas de vida
» Nas horas que der a amor:

» Consortes que amor ligára
» Affugentando desditas
» Façáo theatro de gloria
» No leito que não visitas:

» Na alegre face da terra
» O lindo povo das flores,
» Vegetando reproduza
» O seu commercio d'amores:

» C'o a presteza d'outros dias
» Dia tão feliz não corra,

» Sim tyranna, e se é possivel
» Tudo exista, e nada morra...

Subito um trovão rebomba,
Um monte d'ossos estalla
Negra cinza o ar condensa
Treme o Templo, a morte falla:

» Mortal, que louco penetras
» Minha estancia oppaca e forte!
» Estremece, e vê que ouzado
» Vens argumentar c'o a morte:

» Daquelle portico escuro
» Da existencia acaba o pleito:
» E se alguem chega a meu throno
» É já em sombras desfeito:

» Mas tu que intrepido entraste
» Com austera face enxuta,
» Sem que sintas meus estragos
» Minha voz tremenda escuta.

» Tu que me chamas tyranna
» Com aspecto audaz sanhudo,
» Não me ultrajas com justiça
» Que eu não sou tyranna em tudo.

» Em quanto os homens raivosos
» Vão ensanguentando a terra,
» Eu socegada em meu throno
» Nem dou leis nem sopro a guerra.

» Os homens em meu lugar
» Vão colhendo os meus tributos,
» E os mesmos que me praguejam
» São meus bravos substitutos.

» Eu não mando á sociedade
» Que entre si furiosa lide;
» Escuza de preceder-me:
» Espere que eu a convide.

» Ao lindo reino das plantas
» Não vai sempre a fouce minha,
» Um Sol benigno as aquece,
» E o mesmo sol as definha!

» Agora por outro lado
» Eu te argumento, e confundo:
» Depois de ser desgraçado
» Que faz o homem no mundo?

» Dizer que lagrimas param
» Quando pára o meu officio!
» Visita escuras masmorras,
» Verás dobrado supplicio:

» Aquelle a quem foje a amada,
» Antes que a auzencia o consuma,
» Se busca a morte em remedio
» Não poupa immensas por uma?

» Quando bebe o fel dos zelos,
» Os seus violentos estragos
» Não arremedam mil vezes
» De meu fel acerbos tragos!

» Quando ao desejo que nutre
» Olha a fortuna contraria,
» Quando quer tel-a e não póde
» Não me julga necessaria?

» A quantos mil nasce o dia
» Com face de noite escura!...
» Existir no mundo em trevas
» É morar na sepultura:

» Tu mesmo contrario á morte
» Por mais que ouzado praguejes,
» Lá virá momento horrivel
» Que te fuja, e que a desejes...»

« Basta ó morte (o homem exclama)
» Ergue a fouce appetecida
» Ao mortal que tens fallado.
» É mais preciza que a vida.

» Contra ti ninguem se ostenta
» Teu poder em vão se offusca
» Quem te odeia, é quem te foge
» Quem te quer, é quem te busca.

» Affouta pódes um dia
» Teus ministros suspender,
» Logo que fallas a tudo
» Ensinas tudo a morrer.

» Tu ergueste o vêo á scena
» Ondo cégo me detive!
» Sou desgraçado, e não devo
» Ter lugar junto a quem vive.

» Não fujas, morte, não fujas
» Por duplicar meu supplicio,

» Com quem louva teus dictames
» Faz em premio o teu officio. »

Disse o triste, e a morte erguendo
Um ferreo livro pesado,
Aponta a pagina escura
O fim que lhe tem marcado...

ANONIMO.

Por falta de espaço não publicamos a *Revista de Lisboa*, o que faremos no n.º seguinte.

A REDACTORA.

O JUDEO ERRANTE.

ROMANCE DE EUGENIO SUE.

De todos os romances do fecundo escriptor Eugenio Sue, os que tem adquirido maior reputação: são = Os MYSTERIOS DE PARIS, e o JUDEO ERRANTE. = Este ultimo pela novidade da sua acção, e pelo desenvolvimento das idéas humanitarias em que abunda, mereceo ser traduzido em quasi todos os paizes, e nesta cidade se fizeram duas edições que tanta extracção tiveram. E brevemente vai ser representado no Theatro de D. Maria II. um drama traduzido do Francez, que o mesmo author extrahio deste romance.

Tão depressa haja um numero sufficiente d'assignaturas, se começará a publicar uma nova traducção desta excellente obra a que achamos desnecessario estar a tecer elogios.

Preço de cada folha com 8 paginas em 8.º francez, excellente papel e typo, *dez réis* pagos no acto da entrega. Sahirão semanalmente uma ou duas folhas.

No fim de cada volume receberão os Srs. Assignantes gratuitamente uma capa impressa.

Os Srs. das Provincias que desejarem assignar para esta obra, o poderão fazer dirigindo-se por carta (franca de porte) ao editor do Judeo Errante, na rua direita de S. Paulo n.º 115, 1.º andar, Lisboa. Remettendo logo 240 réis importe de 24 folhas, que serão enviadas com devida regularidade pelo correio.

Subscreve-se nas lojas do costume, e na rua direita de S. Paulo n.º 115, 1.º andar.

O artigo de Fr. Anastacio ácerca da indispensavel instrucção do nosso Clero não agradará a todos por excessivamente severo talvez; e comtudo elle escreve tão bem, e diz tantas verdades, que não lhe podemos deixar de permittir a devida franqueza nas columnas deste Jornal, que sem esta penna peccaria por excessiva indulgencia (como já temos ouvido até a alguns respeitaveis Ministros do Altar). Entretanto a linguagem das Damas deve sempre ser menos aspera que a dos homens. Sem ter neste momento em vista mais do que a verdade, accrescentaremos ao discurso de Fr. Anastacio os louvores que devemos tributar ao nosso Em.mo Cardeal Patriarcha pelas sabias providencias que tem dado em favor da instrucção futura do nosso Clero; pelo desvelo, e energia com que se tem portado, e pelos conhecimentos, e elevados sentimentos que possue, honrando a Cadeira de que tão digno se torna. Isto é a linguagem da verdade para á qual faltariamos senão fizessemos esta ingenua confissão. Em outro numero, diremos alguma coisa mais a este respeito.

A REDACTORA.

Aos Senhores Assignantes deste Jornal.

Os Srs. Assignantes que tiverem finalizado o tempo de suas assignaturas, e quizerem fazer-nos o favor de continuar, terão a bondade de entregar a importancia de suas assignaturas sómente a quem apresentar os Recibos impressos, que em vez da assignatura por inteiro forem Rubricados de Chancella pela Redactora; o que de ora ávante fica estabelecido nesta Redacção.

Os Srs. que pagam a folha no acto da entrega, não tem Recibo, e por isso não carecem deste aviso.

THEATRO DO GYMNASIO.

Domingo 4 de Novembro — a 1.ª representação da Comedia em 1 acto — *Uma Cadeira para dois.* — *Qual dos dois?* — Opera comica em 1 acto. — *Cada qual no seu officio.* — 2 actos. — *A troca dos Vestidos* — 1 acto. — Principia ás 7 horas e meia.

TYPOGRAPHIA DE J. B. MORANDO,
RUA DO BORRALHO DE TRAS N.º 52.

NOVEMBRO 10. 1849. NUMERO 15.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 8; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 50 réis.
As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

A EXPOSIÇÃO DA INDUSTRIA NACIONAL EM 1849

A exposição dos productos da nossa industria, que se esperava com bastante impaciencia, começou no dia 29 d'Outubro, na vasta Sala do Risco do Arsenal da Marinha, e continúa até ao dia 25 do corrente. Motivos diversos fizeram que esta festa nacional não principiasse tão cedo como se tinha annunciado, e por uma feliz coincidencia, senão de preposito, teve lugar a abertura no Dia Natalicio de Sua Magestade ElRei o Senhor Dom Fernando; Rei, que a outras muitas excellentes qualidades, reune a de ser portuguez de coração, amante das cousas da nossa terra, cultor, e protector da nossa industria.

No momento em que a nação victima de immensos caprichos, e dividida em bandos politicos que lhe cavam a ruina, vai quasi a sumir-se para nunca mais apparecer, definhada pela vergonhosa agiotagem que os Governos tem alimentado e protegido; quando os braços do industrioso desalentam, e descahem por que ninguem ha que auxilie as classes laboriosas, e que as proteja na luta desigual e hedionda do uzurario preguiçoso, e do ministro improvidente; quando os lucros certos, e quasi infaliveis das tranquibernias bafejados pelo *Poder*, dão azo ás accumulações desproporcionaes, e sacrificam um povo todo para engrossar os thesouros de meia duzia; uma exposição industrial, como a nossa, revela que ainda se não extinguio de todo a vida activa das classes uteis, e que o egoismo, e innanimação não conseguirão victoria sobre o amor do trabalho, e sobre a industria que caracteriza as sociedades.

As vantajens das exposições são muitas, e variadas, todas as Nações as tem reconhecido, e Portugal não as ignora. Uma exposição bem determinada, e bem dirigida presta immenso auxilio ao desenvolvimento da industria, em todos os seus ramos; e principalmente em Portugal cuja salvação está, segundo nos parece, nas mãos, e na intelligencia dos productores.

O que tem sido para o paiz a acção dos Governos dizem-no bem alto a nossa agricultura, as nossas estradas, as nossas fabricas, as nossas mattas, a nossa navegação, e o nosso commercio. Deixai o Governo só entregue á sua propria acção, empoleirado nas cadeiras do Parlamento, ou

entrincheirado nas Secretarias, e verificar-se-ha o que disse o Marquez de Pombal; Portugal irá á véla abicar aos portos da Inglaterra.

Se um dia o paiz chamasse a contas os homens do Poder e lhes perguntasse o que tinham feito a seu favor, responder-lhe-iam com as decimas, com os orçamentos, e com os emprestimos. Decididamente a salvação de Portugal não póde ser obra do Governo porque elle a não quer, nem póde, nem talvez sabe realizar. O elemento industrial concentrou em si a vida da nação; preciza manifestal-a em toda a sua plenitude; pôr em movimento todos os orgãos, e vencer os obstaculos; lutar, e lutar muito para conseguir o triumpho.

(Continúa.)

J. J. de Souza Telles.

WALTER SCOTT.

CONTOS BIOGRAFICOS E LITTERARIOS.

LENDA DE SANTO ORAN.

As trevas da idolatria reinavam ainda no reino de Escocia, quando a Irlanda já era christã; essa Irlanda, que atravez de tres seculos de perseguição politica e religiosa, conservou até nossos dias o precioso deposito das doutrinas catholicas. — Foi desta ilha, abençoada pela presença do bemaventurado S. Patricio que pelo anno de 565, Colombo e seus companheiros levaram a luz da fé ao Norte da Grã-Bretanha. Este santo missionario, temendo que as saudades da patria fossem para o seu zelo ardente uma tentação funesta e culpavel, na viagem que ia emprender para augmentar o rebanho de Christo, renunciou a Irlanda por um voto solemne. Abandonou o seu navio ao impeto caprichoso dos mares que o fizeram abordar em Orousay, uma das ilhas Hebridas; mas reconhecendo que do cume dessas montanhas ainda se descobriam ao longe as costas de Innisfail, embarcou immediatamente, e não largou ferro senão nas margens de Iona, onde começou as suas santas prédicas. Um milagre, que se perpetuará até ao fim do mundo, signalou aos insulares a chegada do messageiro da salvação. O batel de Colombo foi arrastado á praia n'um lugar onde o mar arremeçava grande porção de seixos; desde então, a vaga respeitosa cessou de invadir essa superficie; o musgo rebentou expontaneo, e se ostenta hoje uma viçosa vegetação no meio dos aridos penedios que a circundam. — Os bons missionarios foram acolhidos com veneração e temor pelos habitantes de Iona, por Bridius, rei dos Pictas, que se achava então na ilha. O Monarca, e seus conselheiros vieram recebel-os em pleno ar, para se preservarem, segundo elles diziam, da influencia magica desses estrangeiros. O apostolo de Deos, e seus discipulos, romperam em procissão, entoando os psalmos, e arvorando uma Cruz de prata, com a imagem do Crucificado pintada sobre uma folha de bananeira. Colombo exultando por encontrar o povo reunido, ergueo a vor, e impressionou profundamente o seu auditorio com a elequente narração das maravilhas da graça divina.

Celebrado o inexhaurivel Amor de Deos pelas suas creaturas, e a regeneração dos homens por seu filho annunciou que em nome de Christo, que o reino do Ceo estava aberto a todos aquelles que cressem nelle, e predisse em particular a gloria de Iona, destinada a ser o pharol de salvação do imperio do Norte. Deos abençoou as primeiras palavras do seu servo; o rei e muitos membros do collegio dos Druidas renunciaram logo ao espirito da mentira; cada dia augmentava o numero dos neophytos; não houve familia que não ambicionasse a gloria de hospedar esses homens piedosos; concederam-lhes um templo, admiraram-se das cerimonias do seu culto; compararam sua vida tão pura tão austera, tão desinteressada, com a dos sacerdotes pagãos; aprenderam a amar uma religião que se manifestava pelo espirito de doçura e caridade de seus ministros; e a ilha de Iona lhes veio a ser depois consagrada em propriedade por Bridius, para ahi fundar esses estabelecimentos religiosos, d'onde, segundo a predicção de Colombo, a luz do Christianismo se espalhou rapidamente por toda a Europa. Colombo, respeitado e venerado ao longe, por sua sabedoria e virtudes, foi Sagrar por suas proprias mãos o rei Aydanus; e sua authoridade veio a ser tão grande, que nem

os Monarcas, nem os povos, diz Buchanan, emprendiam cousa alguma sem a sua consulta. Proseguindo na sua carreira apostolica, Colombo ausentou-se por intervallos da ilha abençoada. *(Continúa.)*

JOÃO EULALIO DA SILVA DE MENDONÇA.

O REMORSO PUNINDO O CRIME.

(Continuação.)

Debalde procurei o somno, este companheiro da ignorancia quão poucas vezes soccorre o ente que pensa, porque o que pensa sempre soffre, e ao que soffre pensando, difficil lhe é deparar este amigo; as minhas palpebras erguidas, pareciam repugnar, a servirem de abrigo ás minhas pupillas dilatadas, o quadro doloroso que se tinha apresentado aos meus olhos, e as vagas expressões de Margarida, não se affastavam um momento da minha idéa; vamos, disse eu alto, mas só comigo; vamos chorar com os desgraçados, vamos decifrar o mysterio desta mulher que eu tenho enchido de beneficios, desta mulher que á pouco disse que havia calcado aos pés as leis da natureza; eu já lhe não quero tanto; mas é mister saber qual é essa natureza ultrajada pela mulher a quem chamei minha amiga: piedade bradou Margarida. Ah! não amaldiçoeis uma infeliz! Basta o remorso; sobranceiro a este, não existe tormento, nem castigo; vamos á vossa missão, quero acabar de rasgar este peito que abriga um coração deshumano, e quando acabares de enchugar esse pranto que tanto vos commoveo, encaminhai-me para que eu possa remediar o mal que hei feito, gastarei o resto de uma vida infeliz em uma indagação talvez infructuosa, mas cumpre-me fazel-o. Prometti-lhe a minha protecção fosse qual fosse o objecto de suas penas, e ambas nos dirigimos a casa dos nossos visinhos. Todas as portas estavam abertas, e sem deparármos com pessoa alguma, nem ouvirmos ninguem, penetrámos no quarto onde haviamos presenciado a scena mais dolorosa que hei visto em toda a minha vida: huma mulher que teria vinte annos, pálida, e sobre esse palidez, negras olheiras lhe guarneciam grandes olhos pretos, dos quaes as pupillas dilatadas, pareciam não caber nas orbitas; cruzada sobre um leito, sustinha em seus braços um menino que teria tres annos, elle já não soltava aquelles convulsos gritos de morte que me haviam attrahido para alli; mas o roncar agitado do estertor, parecia espedaçar-lhe a garganta, a infeliz era sua mãi, ella não chorava, mas se estivesse deitada exitariam todos em dizer, qual era o moribundo, ou se o eram ambos: apertava o menino contra o peito, e curvando seu corpo sobre o delle, parecia apresentar-se á morte, para que não levasse um só. Duas senhoras estavam defronte della, e a que inculcava ser mais nova, foi a primeira que fallou. Luiza, lhe disse ella, descansa um pouco, entrega-me esse menino, é neto de minha irmã, de tua mãi que te ama tanto!! A pobre viuva desfazendo-se em lagrimas se adiantou para o leito, e estendendo os braços para Luiza lhe bradou. Minha cara filha, deposita o teu filho no meu cóllo, eu tambem sou mãi, e eu lhe queria como a um filho, tu mo confiavas deixa-mo beijar agora. Ai! minha mãi agora é-me impossivel, deixai-me carregar só com este pezo, que não tardará que não vá carregar sobre a terra: dos meus braços para alli, (e apontou para uma meza que lhe ficava defronte) onde collocaram o seu caixão; eu mesma lá o irei pôr, este filho d'alma, só a morte mo poude disputar, escarnecida por aquelle que amei loucamente, e com fé, sem contar com meios alguns, porque em Portugal a fome é o que legam os governos, á viuvez e orphandade, em premio de relevantes serviços que benemeritos prestaram á sua patria, nesta colizão espantosa que amedrontaria outra qualquer, mêsmo assim bem vistes que eu me dispunha a criar um filho alheio, para não abandonar o meu, não me foi preciso descer a um tal abatimento ajudada com a vossa protecção, pude crial-o, reconcentrando nelle todos os meus cuidados e affecto, sei qual foi a sua sorte, não sou por tanto tão infeliz como me julgais, sou mãi, não podia deixar de sentir a sua morte, e mais ainda, porque ilicitamente lhe dei o ser; succumbi ao amor, mas para calar o meu crime, não abandonei esta mais que ametade d'alma; tem o fim que todos hão de ter, queira o ceo que eu lhe não sobreviva... Não pude conter o meu pranto, e adiantando-me para Luiza, imprimi um beijo, não nas suas faces porque horrorisaram; mas nas do mo-

ribundo que ella acabando de falar tinha alagado de lagrimas; digna filha, mãi desvelada, permitti-me a satisfação de vos chamar minha amiga? Ai! Senhora! Se me não houvesses beijado o meu filho, eu diria, que tinhas vindo chincalhar a minha agonia; mas só vos digo que respeiteis a minha situação; deixai-me proseguio ella, quero esgotar só, todo, este calix d'amargura; é o castigo do meu erro, esquecer por um homem um dos Mandamentos de Deos, não podia ficar impune: eu ia para lhe responder; quando me senti presa por Margarida, de quem ninguem notára a dôr. Basta senhora, este dialogo mata-me! Compaixão por uma desgraçada, que mil vezes terá sido amaldiçoada por aquelle mesmo a quem deu o ser; eu fui mãi, e estas mãos sacrilégas, entregaram o fructo da minha maternidade a uma mulher que me acudio, para esta o levar á misericordia, ou melhor fôra dizer, á desgraça e ao abandono; que de vezes talvez eu terei encontrado descalço mendigando alheio pão o fructo de um amor que eu tambem esqueci? Mas a que olvida seus filhos, qual será o dever ou consideração que a possa prender a alguem? Infernal coração se nutre no meu peito, mas talvez que o remorso não viesse tarde, vinde comigo senhora, e ajudada com a vossa protecção, o ceo permittirá que possamos deparar com a minha innocente victima, o meu retrato foi o signal que lhe puz, por elle a poderemos descobrir; e ella me puxava com violencia como se fôra alienada. Despedi-me da familia infeliz que gemia, e eu e Margarida partimos, dirigindo nossos passos para a Santa Casa da Misericordia.

D. Antonia L. Cabral de Teive Portes.

Temos grande satisfação em publicar a seguinte obra da nossa illustre poetisa a Snr.ª D. Maria José da Silva Canuto. Esta producção encerra duas circumstancias para nós muito attendiveis... O Nome do Senhor Dom Fernando que muito presamos, porque as bellissimas qualidades d'Alma deste Principe attrahem nossas simpathias! é um Rei Artista, é um Rei que aprecia mais o amor do povo, do que as aduladoras humiliações!... Oxalá que todos os que cingem a purpura o imitassem!... Nós estimamos ter sempre occasião de mostrar quanto veneramos suas virtudes; quanto lhe somos affeiçoadas pela nobre qualidade de ser tão amigo dos Portuguezes com os quaes se tem identificado, amando as Artes, as Sciencias, e... a verdadeira homenagem que deve servir de gloria aos Principes — a affeição sincera do seu povo, o mais seguro sustentaculo dos Thronos!... e esta homenagem não se alcança com o poder; alcança-se com a bondade que o distinguem, e que é o mais nobre realce da Magestade.

A outra circumstancia que torna esta poesia digna da nossa consideração, é o nome da Auctora. A Snr.ª Canuto já mui conhecida por suas lindas poesias, tem um lugar muito distincto em a nossa litteratura; nós exultamos ao receber o mimo de suas producções; auxiliando-nos assim com suas brilhantes luzes a seguirmos impavidas a difficil carreira que deve conduzir-nos á méta da mais gloriosa empreza! Graças á coragem de nossas Damas, e ao Cavalheirismo de nossos Compatriotas!... O triumpho será completo; e os raios da illustração feminil hãode vencer as trevas que em vão tem pertendido offuscal-os.

A Redactora.

POESIAS.

A ORFÃ NO DIA DE GALA.

Que me importa esse afan, que se prolonga
Desde o alcaçar dos Reis?...
São mais anciãs que a Regia autoridade
Da Natureza as leis!

O homem, sob o docel, ou sob o colmo,
Nasce nú, e a carpir!
Grande, ou pequeno, as fráguas da existencia
A alma lhe vão delir!

Do Rei dos reis o Filho sacrosanto
No Golgotha pendeu!
Ao acúleo da dôr quem fugir póde,
Quando o Immortal soffreu?!

Á vate, que mergulha a lyra em pranto,
Que lhe importa o volver
Dessas pompas quimericas do mundo,
Que a morte ha de esconder?...

A vate não se humilha, não conhece
A vil adulação;
Mas ao Rei, protector das sciencias e artes,
Dá cordeal oblação:

Beija por elle o marmore das campas,
Onde se arvora a Cruz;
Implora bençãos mil para Fernando
Ao Redemptor Jezus.

Oh não te offendas, Principe, se eu ouso,
Em teu regio festim,
Rojar por entre as galas natalicias
Meu manto de lapim!

Essa aurora loução, que te descerra
Mais um dia feliz,
Para mim surge infausta, e me recorda
Um momento infeliz!

Aos ecos festivaes, que solemnisam
Um gôzo maternal,
Responde o arfar do coração desfeito
Em mágua filial!

E em amarga illusão, se me afigura
Que essas pompas Reaes,
Da mãi que hoje no pó baqueou, sumiu-se,
São honras funeraes!...

Hymnos harpejem, de teu Sólio em torno,
Curvados menestreis;
Em quanto eu do alaúde espedaçado
Só tiro sons crueis!

Digno do amor dos lusos, vejas sempre
Este dia raiar;
Riam-se os Filhos teus... mas eu sou orphã...
Eu só posso chorar!...

20 de Outubro 1849.

Maria José da Silva Caeuto.

A CARIDADE.

Curvada ao pezo da senil idade,
Uma infeliz mendiga caminhava
Ao raiar da manhã pela cidade
N'um dia em que invernava:

Os passos a um palacio dirigia
Ao mesmo tempo em que uma personagem
Em aureo coche aproximar se via;
É seguido de um pagem,

O Senhor do Castello, regressando
De um saráu onde a noite andou ligeira;
Os fogosos ginetes espumando
Na rapida carreira;

A triste atropelaram, que fugindo
Sentio dos hombros escapar-se o manto
Calcado aos pés dos brutos; eis sorrindo
Se apêa o nobre em tanto!

A pobre se aproxima, e lhe supplica
Uma esmola por Deos! mas com desprêzo
Lh'a recusa o soberbo: ella replica;
Elle de raiva acceso,

Affastando-a de si, grita aos criados —
« Longe da minha porta esta vil gralha!
» Não quero que me impeste os meus sobrados
» Essa abjecta canalha! »

Do senhor imitando a crueldade
Um servo chega, e maltratando a pobre
Fóra da porta a lança, e sem piedade
De injúrias mil a cobre!

Tremendo se retira a desgraçada;
Vai ao campo!.. eis n'um coche um cavalheiro!..
Foge a pobre temendo ser pizada,
E cahe n'um atoleiro!

O fidalgo a soccorre; ella chorando
A sua gratidão mostrar deseja;
E ante o seu bemfeitor ajoelhando,
Lhe implora que a proteja!

« Já não tenho, lhe diz, um só abrigo!
» Nada tenho na terra além das dôres!...
» Um cantinho na valla por jazigo...
» E hoje os vossos favores! »

De tal desgraça condoeo-se o nobre;
E vendo que a mesquinha estremecia,
Piedoso os descarnados membros cobre
C'o o manto que trazia!

Comsigo a conduzio; dá-lhe aposento,
Cama, e os soccorros todos que preciza;
Restauradas as forças co' o alimento
A infeliz tranquiliza.

Via em sonhos um Anjo que a chamava
Envolto em nivea transparente vêste;
C'o as azas de oiro, mais que o Sol brilhava;
E n'um sorrir celeste:

Lhe diz « vem descansar alma selecta! »
D'um braço a eleva ao Ceo; e na subida
Lhe torna — « volve as vistas, olha a méta
» Das vaidades da vida!

» Em pompa funeral não vês na terra
» Dar-se um corpo a masmorra sepultura?
» Naquelle monumento ora se encerra
» Toda a sua ventura!

» Teve riquezas, ostentou grandeza
» Que o Senhor lhe quiz dar; mas orgulhoso
» Despresou os andrajos da pobreza;
» Foi impio, ambicioso! »

» Morreo... finalisou sua opulencia!
» Sua vaidade inda o sepulchro ostenta!...
» Mas nota além!.. verás a consequencia!...
» É o inferno!... olha attenta!

» Vê-o em chammas arder!.. vê que tormentos!
» Como irado o demonio vem rasgar-lhe
» O manto, a negra carne, e a seus lamentos
» Os tratos redobrar-lhe!

» Este é aquelle que ultrajou teu manto;
» Que as Sacras leis calcou da Caridade!
» Affasta delle as vistas, que outro tanto
» Te fez sua vaidade!

» Olha agora mais alto, além,.. observa
» Elevar-se uma nuvem luminosa,
» Que de Estrellas c'roada em si conserva
» Harmonia pasmosa!

» É o coro dos angelicos cantores
» Sobre a nuvem que vês levando á gloria
» Um grande que plantou viçosas flores
» Na vida transitoria!

» Essas flores regadas co' o piedoso
» Terno pranto que arranca a desventura
» Ao nobre coração, que generoso
» Alhêas mágoas cura!

» São essas flores as acções piedosas,
» Os beneficios que espalhou na vida!
» Foi sensivel ás vozes dolorosas
» Da innocencia opprimida!

» Foi da virtude protector constante:
» As lagrimas de Deos enxugar soube
» No rosto do infeliz!... c'róa brilhante
» Em prémio hoje lhe coube!

» Este é o teu bemfeitor. » Nisto voando
Demandaram dos Ceos a immensidade!
E assim foi, que a mendiga despertando
Se achou na Eternidade!

Os dois nobres morreram de repente
Pouco antes de espirar a pobresinha!...
Qual serpente um se abisma... outro imineute
Se eleva alva pombinha!

Caridade!... Oh! celeste alma virtude!
Com teu divino influxo anima a terra!
Vil egoismo, que os mortaes illude
Do universo desterra!

Impresso na Revista
Recreativa de 1846.

D. A. G. Pereira.

REVISTA DE LISBOA.

Lisboa resuscitou do lethargo profundo em que jazeo durante os compridos mezes do verão. A vida da capital, que apenas se simbolizava nos horripilantes pregões dos aguadeiros, nos tiros do Elephante de Mr. Charles, e nas representações interminaveis do Templo de Salomão, manifesta-se agora por demonstrações palpitantes, e freneticas. Fecharam-se as caldas, vão retirar-se os camelos do palco para os suaves gozos da vida domestica; a rainha de Sabá abandonará em breve a côrte do *immoral* Salomão; terminou a Velhice namorada, com grande jubilo do pobre Paixão, e entre os exultantes transportes dos boticarios velhos; a Bofetada deo os fios á teia; as flores do Jardim das Damas murcharam por falta d'agua (vulgo pintos); o Jornal dos Facultativos Militares foi chorar no limbo a

renitencia incorrigivel dos assignantes, que vão dando cabo de quantos jornaes se publicam; e D. José Serrate annuncia a terminação do seu brinquedo Dominical. O mez d'Outubro foi amargo, porém por uma justa compensação entrou o de Novembro, o mez mais fertil em acontecimentos de quantos compõem o anno. No ceo foi um festim sem igual; chegou a festa a todos os Santos, desde o nosso pai Adão até ao Santo Ligorio; não houve parente pobre. As almas bentas do Purgatorio, voam aos bandos para a mansão dos Anjos; os Padres receberam a esportula de tres Missas n'um só dia; as beatas fartaram-se de ouvir o *Introibo*; e bemdisseram a religiosa intenção do nosso bom Rei D. João V. S. Martinho é applaudido entre as bacchanaes vergonhosas dos freguezes da taberna, e exaltado nos sermões da tasca conjunctamente com o filho de Semele entre libações profundas do bom Carcavellos, e da zurrapa do Termo. Neste mez as festas chegam a todos. Os Janotas esperam a gloriosa Santa Cecilia, para terem o prazer de escutar o instrumental estrondoso d'uma philarmonica ecclesiastica. Em quanto estes sonhos deliciosos se não realizam, a mocidade e a velhice que sente frio pelas ruas, e que se incommoda de andar á chuva nas extensas noites de inverno, precipita-se nos botequins, para matar umas boas horas fazendo politica, e poesia entre os vapores do café de cevada, do ponche, e do comburente cognac. O Patissier, e o Freitas são dois Areopagos em embrião, as grandes questões da vida discutem-se alli com a mesma semcerimonia com que *certos Governos* fazem um ponto. O Marrare vê engrossarem a cada momento as cohortes, que se estendem em atiradores ao longo dos esguios corredores da sua loja afunilada, esperando anciosos que o ponteiro do relogio, no seu movimento curvilinio, passe por sobre as sete horas. É o momento fatidico; meia hora mais, os theatros todos estarão em movimento. Todos os theatros dizemos com emphase: Lisboa na verba theatros não é qualquer coisa; tem cinco, e já não é pouco. Um amigo nosso fazia ha pouco a seguinte classificação dos theatros, que julgamos não ser delle: o theatro de D. Maria ♦ para vêr; S. Carlos para ouvir; o Gymnasio para rir; D. Fernando para sentir; e o Salitre para dormir. Esta classificação tem seus *quases*: D. Maria se continúa com aquella illuminação servirá para cegar; S. Carlos, em quanto o Mestre Corradini for empreezario, não servirá senão para nos recordar dos antigos serralhos em que o Sultão se rodeava de quantas escravas podia haver; para mais não. A prova temol-a na Alzira; o tal Corradini julga que o subsidio que o Governo lhe concede é destinado a manter um Circo Amor da Patria dentro do theatro lyrico; e vai fazendo o que lhe parece. Se é verdade ter elle dito que ia arranjar um corpo de baile, porém que não procuraria boas dançarinas, mas boas *pequenas*; o cargo de emprezario mudou, e converteo-se em officio pouco decente. O Macbeth irá de novo á scena, mas já á luz do *gaz-light*. No theatro de D. Maria representou-se a *Mendiga*, drama em 5 actos e um prologo, pelo Snr. Braz Martins. O Drama agradou muito, e o seu Author foi applaudido enthusiasticamente; além d'outras bellezas, merece elogios pela naturalidade, e bem deduzido da acção. Os ultimos actos com especialidade merecem honrosa menção, e o desfeixo do drama sahe um pouco do commum. O bailado foi bem recebido; porém os *Penitentes brancos* mereceram a hoora do *requiescant*. Quando os salões estiverem fartos de vêr os camelos; continuará a *Mendiga*, e em seguida irá á scena o Judeo Errante, drama em noventa quadros. No Gymnasio continúa *O Tutor de 20 annos*, comedia digna de se vêr não só pelo bem escrito della, como pelo modo por que é desempenhada; a Snr.ª Massei entra nesta comedia primorosamente, a scena em que a *Tatininha* se recosta ao balouço, difficultosamente se poderá desempenhar melhor, a Snr.ª Massei reune a uma bella presença muita naturalidade, e por isso vai bem. O Snr. Taborda merece igualmente elogio. A opera comica *Qual dos dois?* escripta pelo Snr. Silva Leal, e Midosi substituio com vantajem a *Velhice namorada*, e a *Marqueza*; tem sido applaudida, e a Aria do Snr. Taborda por pouco que não gosa o *bis*; até as Senhoras se riem quando elle canta:

A mulher que é coquete e vaidosa
É peior que a bicha cadella.
Eu por mim nada quero com ella,
Quatro figas lhe faço a valer
É bem feito que delles se zombe

Que o desprèzo as ensine a ter cizo
Das que affectam ter muito juizo
Deos me livre pela pròa de as ter.
(E tem razão).

Um banho na barca farça do Snr. Midosi, não teve tanta aceitação como lhe esperavamos; talvez por que o povo aprecia mais o que vê do que aquillo que ouve; tem merito. A comedia *Uma cadeira para dois*, apezar dos esforços dos actores, morreo á nascença, e não deixou saudades, porque era mais insignificante do que a cadeira de S. Gens.

O theatro de D. Fernando, abrio-se no dia 29 d'Outubro com a representação do drama *Adriana Lecouvreur*, e da farça *A mulher da perna de páo*. O theatro está bonito; a companhia, exceptuados a Snr.ª Emilia, e o Snr. Macedo, é pessima; a farça desagradou, bastava-lhe o titulo, quando as pernas de carne e osso nem sempre fazem piacere, uma de páo torna-se intoleravel.

Sahindo dos limites theatraes, os acontecimentos mais notaveis que tem occorrido são a morte do Dr. Silveira Franco, sabio medico, e naturalista, a do Snr. Conde de Lumiar; a da filha do Snr. Conde das Antas; do Snr. Krus, e do Snr. Gomes Ribeiro; a sciencia e a riqueza não são espantalhos para a morte; já o bom Horacio o dizia:

Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas,
Regumque turres. . . . . .

A exposição dos productos da industria nacional começou no dia 29, dia notavel em que o chafariz do largo de S. Paulo principiou a lançar agua, na Sala do Risco do Arsenal da Marinha, a concorrencia dos visitadores tem sido constantemente grande, e é de esperar que assim continue até ao dia 25 do corrente mez em que terminará.

SS. Magestades a Rainha, ElRei o Senhor D. Fernando, o Principe Real, e o Infante D. Luiz foram vèr os productos, e dignaram-se comprar muitos delles. Muitos dos objectos expostos merecem todo o elogio, e tem merecimento, porém bastantes se encontram alli indignos das honras da exposição. É para lamentar que uma grande parte da nossa Industria alli se não ache representada, e que productos extrangeiros occupem o lugar que só deveria ser destinado para artefactos portuguezes.

Em quanto a Sociedade Promotora da Industria se entretem com a exposição, o Conselho da Eschola Polytechnica assiste ao concurso que quatro candidatos fazem para dois lugares de substitutos das cadeiras de Mathematica. Os concorrentes são o Snr. João Braz, Lente da Eschola Naval; o Snr. Amorim, por antonomasia o Newton, o Snr. Serpa Pimentel, excellente Poeta, e Escriptor de reconhecido merito; e o Snr. Macedo mestre dos operarios na Aula nocturna de S. João Nepomuceno. Os concursos não estão ainda terminados, porém o até ao presente o Snr. Amorim e o Snr. Serpa são os que tem melhor satisfeito. O primeiro destes Snrs. deo provas de muito talento, e d'um genio transcendente, o segundo, o Snr. Serpa agradou-nos pela sciencia, boa exposição, e excellente methodo; o Snr. João Braz sabe, porém não o mostra, ou não o póde mostrar, e o Snr. Macedo não soffre a analyse; já lhe ouvimos contar pelos dedos as casas decimaes para exprimir uma centesima milesima.

A Academia das Sciencias abrio a sua aula de Introducção á Historia Natural, de que é professor o Snr. Dr. Costa. É vergonhoso o estado em que a Academia conserva a casa, e os utensilios da aula; outro Professor que não fosse o Snr. Costa eminentemente sabio, e modesto, recusar-se-ia a leccionar n'uma casa, que mais parece um quarto de despejos do que sala d'estudo. Recommendamos este curso pelo excellente methodo que nelle segue o Snr. Costa, sem dúvida um dos homens mais estudiosos, e profundos que conhecemos, e que exerce o magisterio, e pedimos á Academia que, para utilidade dos ouvintes, e commodidade do Professor, faculte os instrumentos, e exemplares de que tanto se carece em lições de tal natureza.

Fr. Anastacio.

THEATRO DO GYMNASIO.

Domingo 11 de Novembro a representação da comedia em 2 actos — *Como se transforma um Caloiro — Qual dos dois?* — Opera comica em 1 acto. — *Uma lição* — em 1 acto. — *A' Porta da rua* — em 1 acto. — Principia ás 7 horas e meia.

TYPOGRAPHIA DE J. B. MORANDO,
RUA DO PRIMO DE MAIO N.º 59.

NOVEMBRO 17. 1849. NUMERO 16.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 8; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1$760. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

A EXPOSIÇÃO DA INDUSTRIA NACIONAL EM 1849.

Dissemos em o numero antecedente que Portugal nada tinha a esperar do Governo, e que o elemento industrial devia, para salvar o paiz da miseria, e anniquilamento a que o tem reduzido, pôr em acção todos os recursos, posto que diminutos, de que podér dispôr. Esta verdade, que a alguem pareceo amarga, confirmou-a o procedimento inqualificavel do Governo. Um estrangeiro, talvez cioso do enthusiasmo com que a nossa Exposição tem sido recebida, pedio ao Governo uma casa para expôr ao Publico artefactos provenientes de Nações estrangeiras. Este facto, pelas circumstancias de tempo, devia logo revelar ao Governo ou uma feia descortezia, ou um acinte ridiculo. No primeiro caso uma benevola advertencia, e no segundo uma negativa formal devia ser a resposta; e tanto mais quanto ao tal estrangeiro restava a liberdade de exigir que os seus productos fossem collocados a par dos nossos, ou mesmo, quando lh'o negassem de expol-os em qualquer local. E que faria o Governo n'um caso, que qualquer idiota saberia resolver? Desceo á baixeza de se constituir padrinho d'um duello desigual, em que um estranho entrou com decidida tenção de minorar a impressão agradavel que tinha produzido a nossa Exposição.

A Exposição dos productos da nossa industria está longe, e muito longe do esplendor, e extensão que podia, e devia ter; todos o conhecemos. A maior parte dos ramos industriaes que começam, ou já vigoram em Portugal não estão alli representados; objectos alli existem que se não podem chamar perfeitos; somos nós os proprios a confessal-o; e mais, qualquer estrangeiro poderia exceder-nos em muitas manufacturas; mas a Exposição em Portugal está longe de ser já o que é nos outros paizes. A Exposição não foi feita para significar o adiantamento, e o optimismo, mas para symbolizar os primeiros esforços das classes laboriosas, e para assignalar o progressivo melhoramento da nossa industria.

Nós, como Nação industrial, existimos ha meia duzia d'annos; temos sido tudo, menos cultores da industria. Em quanto possuimos o Brazil fomos ricos ociosos; depois da sua perca fomos (quem o foi) cartistas, ordeiros, exaltados, moderados, eleitores, elegiveis, deputados, etc. etc.

e engodados com as fantasmagorias das constituições *in nomine*, trocámos o trabalho pela politica, e deixamo-nos adormecer ao som das parodias que nos cantaram os mil jornaes politicos escritos por homens de alma vendida, e que, para encherem o ventre, não duvidaram prostituir-se, disfarçando as agonias da morte lenta d'uma Nação, com phrases mentirosas, e discursos nojentos que o povo, que os não entendia, julgava recheados de erudição, e dictados pela verdade. Essa epocha passou.

A maioria da Nação conheceo, por desgraçada experiencia, que muitos Governos são como os Sacerdotes impostores de Baal, que depositavam as iguarias no templo para as virem de noite furtar, e para se banquetearem no meio da prostituição, e do crime. Sem termos um Daniel, as pegadas dos concussionarios ainda ha pouco se descobriram nas repartições, d'onde o dinheiro, que tanto suor e fadigas custa ao povo foi alienado impunemente. Ainda nos lembram essas associações monstros, essas emprezas gigantescas, essas tranquibérnias illusorias, que deram em resultado a decadencia da mais activa porção da sociedade portugueza, e o engrandecimento dos homens que souberam, e poderam especular com a miseria dos povos.

Que se tem feito ao povo, e pelo povo? que auxilio se tem prestado á industria? que parte tem tomado o Governo no progresso das classes fabris? nenhum. O encerramento da Liga, que poderia vir a ser uma Associação util, caracteriza sobejamente o que tem sido os ministros em Portugal; a Nação só lhes deve a miseria, a ignorancia, e a humiliação.

A Exposição da industria confirma de sobra o que dizemos. Compare-se a solicitude das authoridades, as fadigas do Ministerio, as sommas tiradas dos cofres, e os esforços de todos os generos para vencer uma eleição, com a indifferença, e nenhuma intervenção em promover os interesses materiaes d'um povo que tem a seu favor o clima, o solo, a posição geographica, e a indole, e a quem só falta a acção animadora do Governo.

Em consequencia do que levâmos dito, no que escrevermos ácerca da industria, teremos só em vista consideral-a como um grande passo para o nosso desenvolvimento material, e como uma prova da tendencia da Nação para o seu melhoramento.

(Continúa.)

J. J. de Souza Telles.

DOIS MYSTERIOS.

O CASAMENTO, E A MORTALHA NO CEO SE TALHA.

(Continuação.)

Lembremos o honrado Sacerdote que encontrámos na Igreja do Convento do SS. Coração de Jesus; e que nos fez conhecer Edgard: era o Padre J... A elle se dirigio o apaixonado Joven, e lhe rogou se encarregasse dos arranjos dos papeis para o seu casamento com Irminia de modo que se effectuasse quanto antes a sua união, e sem estrondo: assim o cumprio o seu bom amigo, e passados poucos dias Edgard foi vêr a sua amante, e lhe pedio que elegesse o dia em que deveriam solemnisar ante os Altares a sua união: este dia foi aprasado... chegou em fim! A aurora não despontou risonha!... Era no começo da invernosa estação. Os dois fieis amantes se dirigiram á Igreja. Incomprehensivel commoção que se apoderou de Irminia parecia agourar-lhe grande infortunio!.. Ao aproximar-se a hora da cerimonia ecclesiastica, um negro presagio lhe abafou o coração! Sentio um doloroso gemido que se lhe afigurou sahir de uma sepultura junto á qual ella havia ajoelhado!... Soou finalmente a hora tremenda em que a voz do Sacerdote liga para sempre na terra os destinos de dois entes!... Ah! se elles se amam como estes dictoso laço! podesse a morte jámais cortal-o!... mas se ao contrario só humanas considerações aconselham, obrigam a um acto

em que primeiro o coração deve ser ouvido!... que triste... que insoportavel prisão!... É um sacrificio que Deos não aceita, não approva, não abençoa!... Mas Edgard, e Irminia se adoravam!... Elles iam ser felizes podendo pertencer um ao outro sem incorrerem na censura dos homens!... sem que o Mundo condemnasse uma affeição, que Deos já havia santificado! Suas mãos estavam já unidas, e as ultimas palavras do Ministro do Altar iam proferir-se, quando um homem desesperado rompe por entre os dois amantes, separa-lhes as mãos, e brada — Esta senhora não é livre como crê; seu Marido vive ainda. —

Ao echo destas horriveis palavras; a este acto de desesperação succedeo um silencio profundo! Todos os espectadores pareciam assombrados de um raio!... E Edgard, e Irminia como ficaram!... Poude elle resistir olhando indignado para o homem que acabava de cortar-lhe a felicidade maior, unica da sua vida; e desejára naquelle momento arrancar-lhe o coração da mesma sorte que elle lhe havia arrancado a mão de Irminia!.. Porém será verdade!.. Ella não será livre! E estas idéas continham os transportes do seu furor; porém a desgraçada Irminia reconhecendo o seu perseguidor perdeo a voz, e o movimento; e momentos depois baqueou sobre o degráo de um Altar; fria como um cadaver! E era um cadaver que dois pertendiam!... Edgard a erguia em seus braços, ao mesmo tempo que o seu adversario tentava tambem erguel-a do chão. Oh! nunca... nunca! brada Edgard, não consentirei que outras mãos toquem o seu corpo! Affaste-se, ou... E sacudindo-o com força pedio a um Soldado que alli se achava, fosse logo, logo buscar-lhe uma sege. O Padre para evitar algum desgosto maior chamou o accusador á Sacristia; e alli escutou, e escreveo quanto elle lhe declarou. Entretanto chegára a sege, e Edgard agradecendo ao Soldado, e tomando o seu nome, lhe pedio o fosse procurar a casa de Irminia, que lhe indicou. Ajudado pelo mesmo Soldado, e mais pessoas que alli acudiram, collocou Irminia na sege, e elle entrando tambem a sustevo nos braços, e fechou as cortinas, dirigindo-se a sege a casa da sua querida... alli estavam os amigos, e os filhinhos da infeliz esperando os noivos para os receberem espalhando sobre suas frontes, e na sua passagem as flores que haviam colhido!... Qual a nossa admiração ao ver aproximar-se a sege com as cortinas fechadas!...

Para não fazer tão publico o acto do seu casamento, em attenção a ser Irminia Viuva muito recente, os dois amantes haviam ido a pé, como se fossem a um passeio da manhãa; e por testemunhas escolhêra Edgard dois amigos seus, que não o abandonaram; e chegára logo depois um delles, trazendo um bom Facultativo; em quanto o outro entrando na Sacristia inqueria os motivos do impedimento que houve; afim de ver se eram justificados.

O Facultativo examinando o pulso da infeliz, e depois de inuteis esforços para lhe restituir os sentidos, tirou do estojo a lanceta dizendo — uma sangria já — Meu Deos! ... estará morta! brada Edgard; — Não, porém muito perigosa, torna o Doutor; e sangrou Irminia no braço esquerdo: custou muito a sahir o sangue, e apesar de mui dilatada a sangria, permaneceo Irminia ainda immovel!... Pela noite adiante proferio algumas palavras troncadas: no dia seguinte a apparição de um delirio completo annunciou um estado que nos fez tremer! Não conhecia pessoa alguma; seus olhos espantados pareciam procurar alguma coisa que não podia ver; e de quando em quando horrorisados se fechavam como para evitar a vista de um fantasma em que muito a miudo fallava; apertando as mãos com tanta força que parecia quebrarem-se!... Chamava os filhos; o pai, a mãi; e o seu... Anjo da guarda; repetindo, — não quero dizer o teu nome, que o fantasma póde ouvir, e arrancar-me a tua mão! ... — Nisto se afogava em lagrimas!... A febre augmentava cada vez mais. Passados cinco dias um abatimento mortal succedeo á alienação; não via, não fallava, não sabemos se sentia!...

O seu afflictissimo Edgard chamando o auxilio de todas as forças da sua razão para não succumbir á dôr, em quanto a sua amante carecesse de seus desvelos; não a abandonava nem um momento, mas triste! Este mesmo esforço da razão, e do amor te vão aniquilando a saude!

(Continúa.) D. A. G. Pereira.

O REMORSO PUNINDO O CRIME.

(Conclusão.)

Chegadas que fomos áquelle estabelecimento, Margarida deu as informações necessarias para saber do destino de seu filho; em balde foram todas as diligencias, n'aquelle dia nada se poude colhêr; e o Administrador em sua defeza, pertextava que se teriam perdido os livros dos assentos daquelle anno, visto que já dez vezes depois delle, haviamos soffrido os rigorosos frios de Janeiro; ou que talvez o mesmo houvesse succedido, em consequencia dos acontecimentos politicos de 1833, em que muitos papeis se perderam: animou-nos porém, e convidou-nos a voltar na manhãa seguinte, para que elle naquella tarde, podesse com descanso, mandar rever todos os assentamentos, e então illucidar-nos.

Difficil foi resolver Margarida a que partisse, porque ella queria permanecer alli; até ao alvorecer do dia indicado, mas afinal as minhas instancias a resolveram, e partimos seriam já cinco horas.

Todo o Rapaz que ella encontrava mal trajado, inculcando ter onze annos, o fazia parar, e em um delirio que tudo deixava a recear, lhe perguntava teus pais abandonaram-te? és engeitado? Se lhe diziam que sim, a infeliz não tinha forças para o interrogar, se tinha signal, era mister eu acabar este dialogo, e terminar esta especie de turpor em que ambos permaneciam: consumimos muitas horas nisto, e em tal abstracção, que nos não apercebemos envolvidas no negro manto da noite, senão quando fomos despertadas ao toque de recolher.

Que horas que são, disse eu a Margarida; apressemos o passo, mas ainda assim, só perto das onze horas é que podémos chegar á nossa habitação; como tinhamos de passar primeiro pela casa dos nossos visinhos, bati á porta para saber delles, e então soubemos, que o menino tendo passado desta, a melhor morada, todos immediatamente haviam largado aquella casa, e ninguem me soube dizer para onde tinham ido.

Pouco tempo havia que tinhamos chegado a nossa casa, quando sentimos o tropel de patrulhas de cavallaria, e continuados apitos que distinguimos serem dos nossos visinhos que pediam soccorro para um homem que vimos correr perseguido por outro; o desgraçado cedendo ao cançaço, cahio de joelhos junto da nossa porta, e então, ouvimos dizer ao seu perseguidor.

« Adolpho, favoreceo o ceo a minha vingança, achei-te;.. e posto que velho e abatido, conhece que a justiça nunca envelhece; e que o homem robusto, e poderoso, se torna miseravel, fraco, e abatido perante o seu juiz! Lembras-te, que faz hoje um anno, te fui pedir que recolhesses tua irmãa para a salvares da desgraça a que a sua virtude tinha resistido até alli, mas que eu temia que succumbisse afogada pelas garras da indigencia? Quanto a mim disse-te eu: estenderei a mão aos passageiros até terminar esta vida que tão util foi na guerra peninsular; por que repugnando armar o meu braço, para fazer perecer victima da minha ambição; um pai, um filho, um irmão, ou um protector, em uma dessas guerras civis que tem aniquilado o pobre portugal, me collocaram na posição de inactivo, posto que eu podesse ainda servir; e por conseguinte de mendigo até estalar de fome! Não te imitei, não sei gritar no Rocio Viva o Restaurador.! Ou Viva o Progressista; porque para mim todos tem a mesma legenda Destruição da Patria. Negastes-me porém, o abrigo que implorava para tua irmãa, e a não ser a presença de tantos janotas de quinzenas que vi em tua casa, lá mesmo me vingaria, mas eu jurei fazel-o; tua irmãa morreo afogada em desgostos, estou por tanto solto porque ninguem precisa de mim; cumpre-me pois satisfazer a promessa que te fiz, e que renovei sobre o cadaver de tua infeliz irmãa. Meu pai perdoe-me, e acompanharam estas phrases agudos gritos, que nos deixou perceber que o pobre Adolpho tinha perecido ás mãos do author de seus dias, e este em poucos minutos, o vimos entregue á Municipal que o conduzio preso.

Margarida havia acompanhado aquelles gritos agonisantes, em que se exhalou a vida do pai de seu filho. É morto Adolpho exclamou ella! Pobre Adolpho! Levado pela ambição esqueceste tudo com a politica: mas o ceo armando o braço de teu pai, já te fez receber o castigo merecido dos teus crimes!... O meu não tardará, diz-me o coração: o remorso já começou a punir-me, mas ainda é pouco, por certo que não fica aqui!... Se-

nhora proseguio ella, vamos pedir a Deos que me conserve a vida ao menos até achar o meu filho, e nisto se pôz de joelhos diante de uma imagem de Deos, no que eu a acompanhei, e ambas nos conservámos orando por mais de uma hora, ella foi a primeira que se levantou, e abraçando-me pedio-me que me fosse encostar um pedaço, porque ella me chamaria, obedeci-lhe, tanto porque lhe notei placidez nas suas feições, como por não a querer contrariar; mas logo que o relogio deo nove horas, eu me levantei; e nos despuzemos para sahir; eu quiz alugar uma sege em consequencia do abatimento que notei na minha companheira, mas achei nella contradicção: ide vós senhora, que eu irei a pé. Que, quereriais que eu encontrasse indo de sege, o meu pobre filho descalço e coberto de remendos? Agradeço a vossa piedade, mas em busca da minha victima devo andar a pé. Pois vamos a pé lhe disse eu, e assim o fizemos até que chegámos á Misericordia, aonde soubemos pelo Administrador, que este menino vivia, e que estava servindo em casa de um padeiro na rua de... para lá nos dirigimos, mas antes de chegarmos ao nosso destino, encontrámos ás pedreiras, um rapaz quasi nu e descalço, carregado com um sacco, que era na verdade impropria carga para a sua idade; este infeliz sentou-se a uma porta, sobre a qual o ajudaram a poizar o seu pezado fardo, e aonde tossindo seguramente por mais de um quarto de hora, puxou por um retrato que trazia pendente ao pescoço, e desfazendo-se em lagrimas, lhe ouvimos as seguintes letras, que obrigando-o de mais perto a repetil-as, as guardei na memoria ei-las:

Eu triste coitado dos pais engeitado,
Em tal orphandade não sei o que faça,
Nem sei como heide, sem ter protectores
Salvar-me das garras da negra desgraça;

Salvar-me das garras da negra desgraça,
Não posso sozinho, deserto no Mundo,
Se aquelles que á luz do dia me dirão,
Meu corpo lançarão do abismo no fundo!

Meu corpo lançarão do abismo no fundo,
Meu pai, minha mãi, por causa qu' ignoro,
Mas seja qual for, embora infeliz,
O nome de pais respeito e adoro.
O nome de pais respeito e adoro,
No peito em que geme, oppressa a innocencia,
Nas preces que faço, seus dias que prézo,
A Deos encommendo pedindo clemencia;

A Deos encommendo pedindo clemencia,
As vidas daquelles que ao mundo lançaram,
Um filho infeliz, que é d'alma raiz,
Á fome cruenta sem culpas votaram!

Á fome cruenta sem culpas votaram,
A minha innocencia; no mundo devasso
Eu temo perder-me, que a pobre virtude
Ás vezes succumbe, ao pão que é escasso:

Ás vezes succumbe, ao pão que é escasso
O triste que só, não tem que aguardar,
A fome é tão negra, tão feia a miseria,
Que aos crimes maiores eu temo chegar!..

É elle exclamou Margarida! È a minha pobre victima! Ah! em que abandono te encontrei eu!! Anathema do ceo, cáhia sobre a mãi que abandona o fructo das suas entranhas!! Ella não poude dizer mais, olhando como espavorida para o pobre rapaz que tudo ignorava, e a quem eu fazendo algumas perguntas elle satisfez, contando-me o máo tratamento e escasso alimento que tinha em casa do padeiro; acabando a sua narração, o infeliz começou de novo a tossir, o que terminou deitando golfadas de sangue pela bocca. Margarida despertou deste como spasmo em que se conservava, e olhando para mim como espavorida; senhora me disse ella, encarregai-vos deste desgraçado, amparai a sua innocencia, e protegei-a;... mas não, elle já não preciza de vós, proseguio ella encarando com o filho que estava banhado em sangue; está morto continuou ella, e correndo a abraçar a sua desditosa victima, eu estava bem longe de suppor que ella levava na mão um punhal, com que terminou a carreira infeliz da sua existencia.

Mandei conduzir o seu corpo para a Ermida do cemiterio, aonde satisfeitas todas as ceremonias religiosas, se conservou até ao dia seguinte, no qual foi o seu corpo lançado á terra.

O menino foi para minha casa, mas apezar dos meus desvelos, falleceo um anno depois desta tragica scena, victima segundo o

attestado dos facultativos, de pouco alimento, e excessivos pezos que o obrigavam a carregar. Eis-aqui pois, os graves damnos que resultam de um passo errado. Margarida onze annos viveo mal, porque apezar de poucas vezes se lembrar da sua victima, agora me recordo que ella chorava algumas vezes, e eram por certo os remorsos que lhe mordiam o coração; e por fim terminou seus dias por meio de um suicidio, que por ultimo tornou duvidosa a sua salvação; e o seu cumplice, veio á sua presença receber o seu castigo ás mãos de um pai, pelo crime não só praticado contra este, como contra a inoffensiva existencia de um recemnascido, que trazido por elle á luz do dia, havia sido por elle, condemnado ás trevas. Trema pois a humanidade de para calar um crime, accrescentar-lhe outro.

D. Antonia L. Carral de Teive Pontes.

POESIAS.

AO ILLUSTRE AUTHOR DRAMATICO

O SENHOR MENDES LEAL.

Saudação Lyrica.

Ao bardo, que na dextra poderosa
Ergue, a gloria dramatica, e sustenta
Nunca visto esplendor em luso palco...
Ao bardo que honra a Scena portugueza,
Salve, mil vezes salve!

Ao bardo, que dos seculos nas trevas
Impavido se afoita a lêr arcanos
Do coração do homem, que inda mesmo
Em purpuras sumido, é homem sempre...,
Salve, mil vezes salve!

Ao bardo, que transpoz ethéreas plagas,
E válido rasgando o vêo das nuvens,
Dedilhou harpas de anjos; foi ás fráguas,
D'onde estoira o trovão, rebenta o raio...
Salve, mil vezes salve!

Ao bardo, que pairou pelas encostas
Da recendente, aurifera Solyma,
E aos mortaes atterrados põe patente
De Jehovah o Solio coruscante...
Salve, mil vezes salve!

Ao bardo, cuja fronte magestosa
O fogo divinal da poesia
Cinge de igneo diadema, que dardeja
Os que ousam baba infesta arremeçar-lhe...
Salve, mil vezes salve!

Ao bardo vencedor, que, sem orgulho,
Aos hombros lança o manto roçagante,
E esmaga, sem os vêr, seus inimigos,
Sob as pezadas rodas do triumpho...
Salve, mil vezes salve!

Ao bardo, que enthesoura no proscenio,
Para a sua riquissima corôa,
Mais um florão de lyricos esmaltes;
Ao brado, honra das Artes Portuguezas,
Salve, mil vezes salve!

5 de Novembro 1849.

Maria José da Silva Caeuto.

O GEMER DO TROVADOR.

Nas verdes margens do mar
Vai o trovador com mágua
Seu destino lamentar!
E sentado ao pé da fragua
Seu alaúde vibrando,
Descanta na solidão
Triste, amorosa Canção.

» Oh! que martyrio é gemer
» Sem d'ella ser attendido!
» Vêl-a por outrem viver...
» Ai de mim... o que hei soffrido!
» Premeia ardente paixão
» Negra, atroz ingratidão!

Sentir seu mago fallar,
Essas fallas tão tocantes
Que me fazem delirar...
Seus contornos elegantes...
E ver tanta ingratidão...
Horrenda cruel visão!

Vêl-a assomar feiticeira,
Qual Venus encantadora,
Tão bella, tão prasenteira,
Que tu'alma é seductora!
Ah! voluptuosa illusão,
Que espedaça o coração!...

E vêr-me de dor desfeito
Sem me dar os seus agrados...
Nem dizer-me — « neste peito
Teus votos são incerrados!
Não ha uma pulsação
Em meu favor, não ha! não!...

É acerbo um tal tormento!
É soffrer dura agonia!...
Finde a morte o soffrimento...
Oh meu Deos! — quanto é tardia!
Geme, geme, trovador,
Não inspiras terno amor!...

Outubro 24 de 1848.

J. E. S. Mendonça.

A pedido de pessoa que nos merece a mais alta estima, e especial consideração, publicamos nesta folha a seguinte Poesia, impressa na Revista Recreativa em 1846.

—

CANTICO

DE AMOR E DEVOÇÃO AO GLORIOSO SANCTO ANTONIO.

A mão que o mundo rege omnipotente,
Os Euros infreando
Aos zephyros consente
Folgar hoje na terra em leve bando!
Dá mais perfume ás flores,
Aos campos mais cantores!

Dá mais graça, mais lustre á primavera!...
Do pego doma as iras!
De rosas, myrtho, e d'hera
Infeitam vates as acordes lyras;
E a gloria de Lisboa
O universo apregoa!

A noite!... como vem pura, e serena
Grata sombra trazer-nos!...
Que briza tão amena!...
E a lua? triumphante vem trazer-nos
Seu regaço de estrellas
E reluzir com ellas!

Nem já da torre na elevada grimpa
Ave agoureira pousa:
De vis insectos limpa
No cemiterio alveja fria lousa;
E o que dorme lá dentro,
Dorme da paz no centro!

Nasce o lyrio no deserto,
Ceo aberto
Aos mortaes parece a terra;
Nem da serra
Desce o lobo carniceiro,
E o cordeiro
Vaga os prados docemente
Tão contente!
Os humanos incantados,
Assombrados,
Contemplando o espaço aério,
Tal mysterio
Adoravam; eis brilhante
Triumphante
Desce nuvem luminosa
Que ditosa
Traz no seio luz divina!
Lá se inclina
A uma casa juncto á Sé!
De quem é?!

Era de Antonio, o virtuoso, o Sancto,
A singela escolhida habitação!
O prodigio divino elle adorava
Com sublime humildade, e devoção!

Eis a Antonio, cercado de esplendores,
D'esse gentil Menino!... e era Jesus!
Jesus, que assim na terra acha o repouso
De acerbas ancias que soffreo na Cruz!

Quanto o mundo te deve, que de novo
Vê do Senhor o rosto magestoso!
Quanto a terra te deve onde espalhaste
Da moral o thesouro precioso!

Um só não ha dos angulos da terra
Onde não brilhe de teu nome a gloria!
Foram tuas virtudes, teus milagres
Monumentos fieis de alta memoria!

Throno do Salvador foram teus braços!
Nós um throno tambem te consagramos,
Em nossos corações, e em recompensa
Teu auxilio, e favor te supplicamos!

Lá d'essa altura, d'onde a nós baixas-te
Astro Divino! onde hoje estás brilhando:

Protege a patria tua; a paz lhe outorga,
De Christo a crença em Portugal firmando.

Qual novo manná celeste
Se derrame sobre a terra,
Uma porção das virtudes
Que de Antonio o peito incerra!

E brotará no universo
O fructo da fé mais pura;
Partilharão os humanos,
Do ceo, na terra, a ventura!

D. A. G. Peusich.

MORTE. RESURREIÇÃO.

Seul flambeau qui nous luis dan notre sombre exil!
Si tu ne nous restais, que nous resterait-il?

J. Rezoul.

Densa nuvem cobrio céos, e terra!
Horror... trevas!... Morreste Jesus!
Nossa vida o sepulchro hoje encerra!
O sepulchro escondeo nossa luz!

Concentrada no peito a agonia
O silencio da morte acatou!
Mas no espaço que voz!... que harmonia!
Mas que sol improviso raiou!

Alleluia o universo proclama!
Alleluia!... respondem os ceos!
Luz immensa, que o espirito inflamma,
Já dos erros queimou negros veos!

Alleluia! Jesus resuscita!
Foi seu sangue o Baptismo, o perdão!
Surge!... Arvora lei pura bemdita
Triumphante o sublime perdão.

Ante a Cruz as nações vê prostradas!...
Já vencida a heresia fatal
Morde a terra, das fauces damnadas
Espumando veneno infernal!

Da heresia se o monstro malquisto
Inda erguendo a cervis blasfemar;
Tuas nobres falanges ó Christo,
Hão de o colo maldito aterrar.

1849. D. A. G. Peusich.

Quinta feira 15 do corrente cantou a Sr.ª Landa no Theatro D. Maria II. — foi applaudida com enthusiasmo: e se alguns mal intencionados por espirito de partido quiseram deprimil-a, bem punidos ficaram pela maioria: diremos a este respeito o que presenciámos. Na Galeria superior em frente dos Camarotes de SS. Magestades estavam perto de nós uns sujeitos (aliás de boas familias), e deram pateada! Não nos podémos calar, e alguma coisa dissemos que elles ouviram; e distinctamente lhes entendemos esta disculpa — é verdade que ella tem merecimento, mas não é là das primeiras cantoras; e achamos que não deve enthusiasmar — por isso pateamos!.. De modo que patearam conhecendo que merecia applausos!... só por espirito de contradicção!... mas não foi isto... nós entendemos a causa!... O que é innegavel é que a Sr.ª Landa tem merecimento, e que exercitou muitas agilidades, e difficeis trinados. — A Mendiga é uma composição que honra o seu Author. — O Sr. Braz Martins, cujo merito é já bem conhecido — é um Drama muito moral, e bem desenvolvido: a Sr.ª Tallassi entra perfeitamente; e a Sr.ª Carolina Emilia jámais habituada ao Palco vai adquirindo a maior ventagem dos Actores, que é deixarem-se possuir do sentimento: gostámos muito de a vêr no dialogo com o pai, e no reconhecimento de sua mãi. — Tambem a Sr.ª Maria da Gloria dá grandes esperanças. Nada diremos dos outros Actores por que o publico sabe apreciar-lhes o merito, e os nomes dos Srs. Epifanio, Tasso, Assis, e Theodorico estão já bem acreditados, assim como o da Sr.ª Tallassi. — A Dança foi executada com todo o primor.

O Theatro D. Maria II. vai dispertando as sympathias; seus Directores não poupam meios e desvelos para agradar ao publico, e contamos que hãode triumphar.

SS. Magestades honram com a sua presença muitas vezes este theatro; e nos consta merecer a especial consideração de ElRei o Senhor Dom Fernando, Protector das Artes, e Sciencias, e amigo verdadeiro dos Portuguezes.

Typographia de J. B. Morando,
rua do Poleiro n.º 29.

DEZEMBRO 1. 1849. NUMERO 17.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 81; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 50 réis.
As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

FESTA DE SANTA CECILIA.

No dia 22 do corrente solemnisou-se na Parochial Igreja de Nossa Senhora dos Martyres a Festa annual de Santa Cecilia.

A Meza da Irmandade dispoz tudo na melhor ordem, e decencia: a Musica foi de Cherubini; e mui bem executada; teriamos estimado porém que se houvesse preferido a Missa do Sr. Xavier Migone: tem as maiores sympathias; e é sublime como o genio que a produzio.

Sua Magestade a Rainha não compareceo por incommodada de saude; mas seu Augusto Esposo assistio a esta solemne Festividade, dando sempre as mais evidentes provas do quanto estima promover as honras ao Culto Divino; offerecendo em si o primeiro exemplo de verdadeira devoção; e tornando-se cada vez mais digno de nossas affeições; pois sincera e corajosamente declaramos que nelle veneramos as suas excellentes qualidades d'Alma ainda mais que a Magestade; que se outra circunstancia não tivesse além desta tributar-lhe-hiamos nosso respeito e sugeição, mas nunca a nossa affeição; a qual consagramos especialmente á Sua Pessoa, ás Suas Virtudes, não á sua Purpura; sendo certo porém que o Ser de Principe augmenta o merito de suas acções, mostrando o Senhor D. Fernando que o explendor do Solio não o deslumbra.

Prégou o Sr. Padre Rocha, desenvolvendo como sempre os seus conhecimentos, revestindo todavia seus discursos daquella modestia que é nobre realce dos grandes talentos.

Em o n.° 10 do nosso Jornal deplorando o abandono do Pulpito pela falta de instrucção do nosso Clero, mencionámos o Sr. Rocha como uma das honrosas excepções; e hoje repetimos, que nos merece a melhor opinião; e seriamos felizes se todos os Ministros do Altar desempenhassem com tanto zelo a mais sagrada, mais importante das Missões.

Isto não é *sermão encommendado*, não os acceitamos; nem a nossa razão se deixa allumiar com luz estranha... nunca fallámos ao Sr. Rocha; e bem persuadidas estamos que elle só nos conhece pelo nome, assim como nós a elle por seus Sermões; a verdade porém será sempre a nossa divisa predilecta; embora ella não seja do *grande tom*; nós não gostamos do requinte das modas — embora ella agrade a poucos... a esses poucos é que dese-

jamos agradar; porque esses poucos valem tudo...

Folgaremos em ter muitas occasiões de offertar justos incensos a outros dignos Prégadores; é com o maior constrangimento que deixamos publicar nesta folha alguma censura aliás indispensavel; é sempre com a maior satisfação que louvamos o merito aonde entendemos que existe.

A Redactora.

DUAS PALAVRAS SOBRE A INDUSTRIA NACIONAL.

A experiencia tem demonstrado que a industria é uma das principaes fontes da riqueza de qualquer estado.

No nosso Portugal a industria se tivesse a protecção de que necessita, podia rivalisar com a dos outros paizes; pois neste paiz não faltam homens habeis em todos os ramos de industria: porque ha poucos annos que temos a Sociedade promotora da Industria Nacional, as exposições tem sido mui raras, o nobre sentimento de patriotismo de preferir os objectos nacionaes aos estrangeiros, acha-se extincto; e apesar de tudo isto a nossa industria tem feito rapidos progressos, e em muitos ramos quasi que está ao nivel da estrangeira: pois se os poderes do Estado protegerem a industria nacional quanto for necessario, e da parte da nação houver o nobre sentimento de patriotismo de preferir tudo quanto for nacional ao estrangeiro, em breve tempo estará a nossa industria ao nivel da dos paizes mais illustrados.

Quando visitámos a presente exposição dos productos de industria nacional, o nosso espirito encheo-se de summo prazer á vista de artefactos tão perfeitos e primorosos operados por artifices nossos, que com tanta gloria sua, e da patria que os vio nascer, não poupam fadigas afim de rivalisarem com os estrangeiros. Mas qual foi a nossa indignação quando vimos as producções da nobre, sublime, e divinal arte da Pintura, confundidas com os objectos de industria, tendo nós uma Academia de Bellas-Artes, e uma lei que determina uma exposição de Bellas-Artes de trez em trez annos.

Declaramos que temos algumas producções de Desenho e Pintura, fructo do nosso apoucado talento; mas de maneira alguma as apresentaremos na exposição dos productos de industria; nisto seguimos a opinião das pessoas mais illustradas, e tributamos ás Bellas-Artes a consideração que tem merecido em todos os tempos em todos os paizes civilisados.

J. R. de Figueiredo.

COSTUMES D'AFRICA ORIENTAL.

MOÇAMBIQUE.

Parece incrivel que ainda até hoje nenhum dos muitos portuguezes que tem regressado das nossas possessões ultramarinas se tenha dado ao agradavel trabalho de descrever seus costumes. Excetando pois essa tarefa, traçaremos o quadro da recepção de um novo Capitão-Mór das terras firmes, cujo principal encargo é a manutenção da boa ordem e harmonia entre os differentes régulos, chéques, cabos e mais authoridades do Sertão attender suas queixas, e fazer justiça segundo as leis ou mais propriamente fallando, segundo os costumes dos cafres: o codigo legislativo destas povoações incultas, aliás importante pela extravagancia da sua confecção será publicado nos seguintes numeros.

Os régulos dos differentes pontos do Sertão submissos ao nosso governo, reconhecem sua vassallagem respeitando a bandeira portugueza, e auxiliando-nos mutuamente contra qualquer aggressão de algum dos régulos insubordinados; este auxilio, mais efficaz que nenhum outro, por ser prestado por tropas indigenas, mantem a liberdade do commercio, sem a qual os habitantes da cidade pereceriam á mingoa, por falta de viveres de que só os Sertões a abastecem: (porque a ilha de Moçambique nada produz) qualquer escaramuça que intercepte a communicação com a terra firme é logo seguida pelos terriveis effeitos da fome chegando esta a tal ponto que em 1831 e 1832 em que houve a guerra com o poderoso chéque *Ama-de-Ben-Aly* denominado da Quitangonha (povoação a 6 legoas ao Norte de Moçambique) viram-se os

habitantes reduzidos a alimentarem-se de escaça porção de milho e arroz que por um rasgo da Providencia Divina lhe deparou a arribada da charrua Princeza Real viada de Goa com carga desse genero, o que foi um soccorro inaudito em uma crise, em que quasi toda a população morreu de fome, soffrendo muito maior mortandade os negros escravos, porque os seus senhores faziam monopolio de algum mantimento que podiam obter e o reservavam só para si, deixando-os barbaramente morrer sem alimento!

O dia em que toma o commando geral das terras-firmes, o official superior, nomeado por Sua Magestade Fidelissima, é pois um dia de grande festa para as authoridades cafuaes sugeitas ao governo portuguez as quaes tem sido previamente avisadas para esta solemnidade, vem os cheques da Quitangonha, Sanculo — Cabaceira — Apagafago — Principe d'Ampaze — règulos, e mais subordinados, aos quaes segue o seu estado maior; trajam ricamente á Musulmana, e marcham na sua rectaguarda as mangas de negros, (das suas povoações) formados debaixo de certa ordem guerreira, armados, uns de aljava, settas e arco, outros de zagaya e rodella, e outros finalmente, (os mais civilisados) trazem espingardas que sem ordem manobram; desta maneira armados, e com seus penachos sobre a tez, caudas de tigres, leões, pantheras, e outros animaes ferozes, que mataram nos mattos como tropheos de suas façanhas para attestar sua coragem, cingem sua cintura, e ornam braços e pernas; é pois assim que se apresenta tão luzido sequito (que as mais das vezes excede a seis a oito mil caffres) na villa de Mossuril onde reside o Capitão-Mór. Apenas chegados ao ponto da continencia cessam de tanger suas buzinas que acompanham o monótono bater do batuque, e depois de um bom quarto de hora de silencio, tem lugar o *baturéo*, saudação cafrial, que é executada por meio de uma vozeria geral, finda a qual batem palmas; então vão sahindo da frente das suas mangas os cabos que as dirigem uns apoz outros, fazendo mil tregeitos disformes, dando grandes saltos, como indicando a sua agilidade guerreira, aproximando-se a final ao Capitão-Mór que traja seus uniformes, sentado em grande cadeira de braços debaixo de seu immenso docel, e cercado dos chéques tambem sentados em cadeiras, bancos, esteiras, e no solo etc. conforme as suas dignidades, e posições que occupam, são então reverenciados pelo guerreiro caffre, — o qual em idioma *macúa* lhe faz uma longa descripção dos deveres que elle Capitão-Mór tem a preencher para merecer toda a consideração que a sua dignidade requer, sob pena de ser votado ao desprezo o seu mando, não fazendo justiça recta quando assim for mister. *(Continúa.)*

João Eulalio da Silva de Mendonça.

BREVES NOÇÕES DE HISTORIA NATURAL.

—

INTRODUCÇÃO Á HISTORIA DOS ANIMAES.

Pela denominação de animaes conhecemos aquella classe de sêres dotados da faculdade de mudar de lugar, á qual chamaremos *locomoção*, faculdade á qual lhe é sugeita a sua completa organisação.

Para que se possam distinguir as suas differentes especies, é urgente o conhecimento das suas propriedades particulares, a que denominaremos, *classificação*. Por tanto um numero de especies reunidas fórma o genero ou tribu. As propriedades communs a todos os generos compõem o caracter que distingue um grupo, e se chama *ordem*.

Reunindo as ordens que mais se assemelhão, formaremos uma *classe*; e reunindo todas as classes, obteremos uma divisão superior, a que os naturalistas chamam *reino*.

Nós vivemos (diz certo author), n'um mundo movente d'atomos, em que o sêr animal não é mais do que uma combinação de partes, que harmonizam com o movimento continuo no qual existe, o que se effectua pela respiração da qual procede o meio pelo qual o movimento dos atomos é transferido ao animal, que depois dilata a commoção que recebeo. Porém como a accumulação deste movimento dá lugar a dispersão, a segunda parte do systema animal consiste na acção pela qual as particulas se convertem em substancia pela acção de comer, pelas funcções da digestão e assimilação.

Como os sêres dotados de movimento não tenham raizes pelas quaes estejam fixos ao

solo, os animaes possuem uma cavidade, a que chamamos *estomago*, e que para elles tem a mesma serventia, de que a terra tem para os vegetaes. Os alimentos se reconcentram nesta cavidade, e entretem a existencia da mesma fórma que as raizes suggregam a nutrição aos vegetaes. D'ahi provêm por conseguinte a necessidade continua de comer, ou de encher o espaço do estomago; estas raizes animaes produzem uma substancia chamada *chylo*, que se aggrega ao systema, sendo o restante regeitado.

(Continúa.) J. J. E. S.ª Mendonça.

DRAMAS, COMEDIAS, FARÇAS, PROVERBIOS, ETC. ORIGINAES PORTUGUEZES, E IMITAÇÕES MUITO LIVRES.

(AUTHORES MODERNOS.)

Almeida-Garrett: — Catão, Merope, Gil-Vicente, O Alfageme, Frei Luiz de Sousa, D. Filippa de Vilhena, O Bandarra, O Thio Simplicio, Fallar verdade a mentir, A sobrinha do Marquez, A padeira da Aljubarrota 11

Mendes Leal Junior: — Os dois renegados, O homem da mascara negra, Ausenda, O pagem d'Aljubarrota, A pobre das Ruinas, Alva Estrella, Madresilva, D. Maria d'Alemcastro, Veriatho, Miguel Angelo Buonoroti, Quem porfia mata caça, Quem tudo quer tudo perde, A afilhada do Barão, O Caçador, Os Conspiradores, As tres cidras do Amor, D. Antonio de Portugal, O tributo das cem donzellas, O dote de Suzana, O Templo de Salomão. 20

Cascaes: — O Valido, O Castello de Faria, O Alcaide de Faro, Geraldo sem-sabor, A inauguração da Estatua equestre, O Estrangeirado, O mineiro de Cascaes 7

Abranches: — O Captivo de Fez, O barão de Gallegos 2

Feijó: — O Camões do Rocio, Carlos ou a familia do Avarento, O maltez ou os novos inventos, O Remechido, A morte do Conde Andeiro 5

A. Herculano: — O Fronteiro d'Africa. 1

J. de Lemos: — Maria Paes Ribeira . . 1

Sousa Lobo: — O Emparedado, A Cigana, A Moira. 3

Pereira da Cunha: — As duas filhas, Brazia parda, A herança do Barbadão . . 3

NB. Consta-nós que tem outras muitas ineditas, mas cujos titulos ignoramos.

Lacerda: — A Rainha e a Aventureira. 1

D. Pedro (Mesquitella): — Os dois Campeões 1

Castilho: — A hospedaria da carruagem aéria, As mulheres romanticas, Camões. 3

Castilho e *Perini:* — Filippe Mauvert, Os tres ultimos dias de um sentenciado, Geraldo sem-pavor 3

Perini (só): — O Marquez de Pombal, O poder dos remorsos, A vespora de um desafio, O Conde Andeiro, Uma desgraça de familia, A Conspiração dos Artistas, Paquita de Veneza, O Cigano. 8

Perini e *Silva Leal:* — Roberto do Diabo. 1

Silva Leal (só): — O Intrigante de Veneza, Um par de luvas, O beijo, Um bom homem de outro tempo, Qual dos dois? 5

G. J. Vaz de Carvalho: — A casa de Gonçalo 1

Bordalo (José Maria): — A tomada de Santarem 1

Bordalo (Luiz): — O Judeo, O Arabe em Granada, O monge da Serra de Cintra, O Coreiro de S. Pedro, A orfã e o assassino, O proscripto de Veneza, O ministro realista 7

Bordalo (Francisco): — Ricardo Savage, O Alcaide de Faria, ¿ Rei ou Impostor? O Leprôso, Faz favor do seu fogo? 5

Bandeira (o Braz Tizana): — Um mez de ferias, O sino das duas horas . . . 2

H. G. de Sousa: — Affonso 3.º, ou a Valido d'Elrey 1

Braz-Martins: — Fernando o juramento, Margarida, A Engeitada, O magnetismo, Vou para a California, Era innocente, A Mendiga, Um Episodio da guerra da Peninsula, As costureiras, Não foi ao jardim? Quatro cães a um ôsso, Um casamento, O Çapateiro . . 13

Silva Tullio: — A casa dos bicos 1

Vasconcellos: — A Cruz 1

Midosi: — Um dia de verão em Cintra, Os logros n'uma hospedaria, O noivado em Friélas, Uma scena de nossos dias, O dillema, O medico improvisado. 6

Midosi Junior: — Entre a bigorna e o martelo, Um banho na barca. 2
Campos Osorio: — O Ermitão da Serra de Cintra 1
Liester: — O limpa-candieiros 1
Lopes de Mendonça: — Affronta por affronta, Casar ou metter freira, Como se perde um noivo, Pedro o Artista, Já é tarde 5
F. Xavier: — Um arraial nos salões, A velhice namorada, O medico de nova escolla, A familia original 4
D. João d'Azevedo: — O Conde João . . 1
Almada: — Um hotel sem o ser, Clero nobreza e povo 2
Palmeirim: — Dois casamentos conveniencia 1
Hogan: — Meg. 1
Cervo: — Um conto ao serão, D. Maria Telles, Nem tudo que luz é oiro, Amor com amor se paga. 4
Mousa: — O Trovador, O logro n'uma casa de bilhar 2
Campos e Mattos: — D. Rodrigo 1
Latino Coelho: — A primeira noite de casamento, A opposição systematica. 2
Condeça do Casal: — Branca 1
D. A. G. Pusich: — Jerosalem Amessis, Julia, A Conquista de Tunis, Constança, O Regedor de Parochia, Ashaverus, O Resgate de Placido 7

Somma
41 Authores Peças. . . 148
(Continúa.)

Rogamos a todos os authores de peças ineditas, que nos enviem os titulos das suas composições, afim de os incluirmos nesta collecção, que diligenciamos fazer o mais completa possivel. Agradeceremos igualmente as advertencias que nos façam por alguma inexactidão ou omissão nossa.

A Redacção.

AS CASTELLÃS DE ROUSSILLONT.

(Continuação.)

Deos virá em meu auxilio, disse Esperie comsigo mesma, voltando para o seu logar junto da janella. E pegando de novo no seu trabalho, pensava que ao menos á sua protegida não lhe faltaria roupa, porque era para o pobre Mathurim, que esta donzella trabalhava com tanto ardor. Qual seria a cadêa que occultamente prendia estes dois entes? uma pobre, e enferma tendo já um pé no tumulo, a outra no arrebol da vida ornada de todos os encantos da belleza, e graças reunidas a muitas riquezas? Este vinculo misterioso era a religião christã, que abrange na sua rede de amor a todo o genero humano, era a caridade engenhosa, e fecunda, que abundando no coração desta joven lhe fazia adoptar como seus os interesses dos desgraçados. Este titulo só bastava para excitar a sympathia da donzella de Roussillont. A sua vida inteira era uma serie não interrompida de dedicação, e boas obras. Apenas sahida da infancia, não tinha conhecido senão o prazer de praticar o bem, e não pensava em outro algum; era ella a providencia dos vassallos de sua mãi, adoçava com a sua bondade, e beneficios, o que a justiça severa da Condessa tinha de aspero, e altivo. Sincera, o confiante como se é naquella idade, a sua presença era a unica alegria daquelle castello; perdoavam-se-lhe facilmente os seus pequenos defeitos, em favor das suas graças ingenuas, e os maiores destes defeitos não erão mais do que o excesso das suas boas qualidades.

— Este Cura de Roque é um homem bem extraordinario, disse a Condessa depois de um momento de silencio; não foi elle que se lançou ao Lot no mez de Janeiro para salvar o filho de uma pobre mendiga que tinha desaparecido debaixo do gêlo?

— Elle mesmo mamã, e foi ainda elle que livrou das chammas o bom homem Ricardo que ia ser queimado por feiticeiro, dizem que elle só, o defendeo contra doze robustos aldeões.

— Oh! é um homem de grande coragem.

— Como se chama elle? perguntou a Condessa.

— Chamam-lhe o Padre Affonso, mamã; não sei mais nada.

— Sim, é isso, disse Francisca fallando comsigo mesma: um homem sem nome, de um nascimento obscuro... eu devo perdoar-lhe...

Para explicar o sentido destas palavras, é preciso saber que, Roque des Ares não distava mais de Roussillont que legua e meia,

e que apesar desta Aldêa não depender daquelle condado, comtudo os authoridades do lugar tinhão sempre julgado um dever, irem de tempos a tempos apresentarem os seus respeitos aos Senhores de Roussilloat. O novo Cura era o unico, que até então se tinha abstido de o fazer, e não tinha ainda vindo ao Castello, apesar de haverem oito mezes que habitava naquella Parochia, e o orgulho da Condessa estava interiormente irritado desta negligencia.

— Perdoar-lhe o que? disse sem reflexão Esperie, estranha a todos os sentimentos de altiver, a qual não se assemelhando em cousa alguma ao caracter da Condessa não tinha entendido o sentido das palavras de sua mãi.

Esta resposta inconsiderada lhe teria vallido uma seria reprehensão, porque a senhora de Roussilloat ainda que muito amante de sua filha, era para com ella de uma severidade, que julgava necessaria para manter a dignidade materna, mas a apparição de uma nova personagem veio destrair-lhe as idéas.

Aquelle que se apresentou na sala, era um velho que teria pelo menos sessenta annos, gordo bochechudo, rosto avermelhado, e nariz coberto de berbulhas; as delgadas pernas deste velho, podião apenas com o pezo do seu enorme ventre, o qual sobresahia de meio pé ao resto do corpo. Custará a reconhecer neste retrato o importante Marcial, que nós vimos tão activo no dia do cazamento de seu amo. Este parou á porta, e disse com respeito:

O Cura de Roque dezeja ter a honra de fallar á senhora Condessa; quererá Sua Senhoria recebel-o?

Francisca fez um movimento de espanto que parecia dizer «emfim.»

Esperie bateo as palmas com suas delicadas mãos, em signal de alegria. Qualquer novidade era um acontecimento notavel na vida solitaria desta joven, e além disto o que ella sabia deste homem tinha excitado ao maior auge a sua veneração, e curiosidade.

— Fazei entrar o Senhor Cura de Roque, disse a Condessa endireitando-se na cadeira, e tomando o seu ar de Rainha. Esperie sentai-vos ao pé de mim.

A donzella empurrou o seu banquinho, e veio saltando para o lado de sua mãi.

— O Senhor Cura de Roque, annunciou Marcial.

A curiosidade de Esperie foi superior ás advertencias de sua mãi; levantou a cabeça com viveza para observar o recemchegado, o qual saudou a Condessa com modesta firmeza. As apparencias do Padre Affonso em nada correspondiam á idéa que delle tinham formado estas duas Senhoras. Sua estatura menos que mediana estava longe de indicar a força prodigiosa, que se lhe attribuia; suas feições delicadas, fisionomia intelligente, e maneiras distinctas, erão indicios bem oppostos á opinião que existia da sua baixa origem.

— Senhor, lhe disse a Condessa com altiva amabilidade, vós me vêdes surprehendida, e encantada da vossa visita, e sou obrigada a confessar-vos que lhe dou tanto maior apreço, quanto menos eu esperava, que no fim de tanto tempo me fizesseis esta honra.

— Senhora, disse o Padre um pouco commovido, os trabalhos do sacerdocio deixam-nos pouco lugar para cumprir com os deveres do mundo.

— Os vossos predecessores tinham certamente menos afazeres, respondeo Francisca, com um tom altivo, e quasi de escarneo que lhe era natural, pois que muitas vezes me deram o prazer de os receber.

— Se em qualquer occasião o meu ministerio fôr util no Castello, eu estarei sempre como elles ás vossas ordens Senhora, disse elle sem parecer notar a reprehensão indirecta, que incerravam as palavras da Condessa.

— Agradeço-vos, respondeo esta; depois da morte do Padre Antonio meu capellão, que eu ainda não pude preencher pela falta que ha de sacerdotes, causada pelo furor dos Hoguenotes, que nol-os teem desimado, o Padre José, tem a bondade de vir todos os dias do seu convento dominicano aqui, dizer-nos missa. Elle fez com que todas as crianças dos meus dominios, que tinham completado dez annos, tomassem a sua primeira communhão; porque nós vivemos n'um seculo Senhor, em que é preciso não nos descuidarmos da instrucção religiosa e o tempo está chegado em que todos que possuirem um grão de fé, não devem temer de o expôr á luz, e faze-lo produzir seu fructo.

— Sim, e mormente os fructos da caridade sem os quaes a fé morreria, disse o Cura; e eu a vós Senhora me dirijo na espe-

rança de que a vossa existe em toda a sua força.

— Explicai-vos Senhor; disse ella friamente.

— Eu o farei em poucas palavras. A graça que vos imploro é em favor de um homem, que vos servio com zelo, e que não deseja mais do que tornar-vos a servir ainda do mesmo modo.

— É de Mathurim que fallaes Senhor? ainda não ha um quarto de hora que minha filha me rogava lhe restituisse o seu lugar.

— Vossa filha tem a bondade de se interessar por este pobre homem? disse o Padre levantando pela primeira vez sobre esta joven seus olhos suaves, e penetrantes. Então a causa de Mathurim deve estar ganha. O céo vos recompense menina da vossa compaixão com um desgraçado! Que elle derrame sobre vós suas abundantes benções.

— Assim seja! disse a Condessa subjugada pelo acento fervoroso com que foram ditas estas palavras. Mas que ouço no atrio? não é o trote de um cavallo, e a voz de meu filho?

— É elle, é meu irmão, disse Esperie precipitando-se para a porta cheia de viveza e graça. O Cura de Roque a seguio com um olhar de attenção, e benevolencia.

Um mancebo alto, cujas maneiras e rosto annunciavam a presumpção de um merecimento que com tudo a expressão de sua fisionomia não indicava, appareceo á entrada da porta, elle vinha ainda todo abotoado, e de esporas, coberto de suor e poeira.

— Grande noticia! disse elle empurrando Esperie e avançando para a condessa a quem beijou a mão com respeito; grande noticia minha mãi!

— Começai por vos sentar, e descançar um instante, disse a Condessa limpando com o seu lenço a testa de Galliot.

— Eu vo-lo dizia bem, continuou este com um gesto de importancia, que a moderação da côrte devia esconder algum grande projecto. A Rainha mui bem sabia que os Hoguenotes se preparavam para um golpe decesivo, e que se elles ficassem de cima, p'rigaria até a vida do Rei e da familia real, para se deixar adormecer na ociosidade, e descanço ás bordas de um vulcão sempre prompto a uma irrupção; o seu talento subtil advinhou as tramas dos herejes, e prevenio-lhe os designios; eis-nos agora livres d'elles por muito tempo, eu vo-lo asseguro. *(Continúa.)*

D. Maria da Arrabida da Costa Sa.ª Macedo.

POESIAS.

O OCCASO DE UMA ESTRELLA.

Desce, desce ao teu occaso,
Não retardes o teu gyro;
Que uma Estrella agonisante
É qual o ultimo suspiro!

Antes vagar só nas trevas
Cuidadoso, e apercebido...
Uma luz trémula, e fraca
Faz vacilar o sentido...

Sem luz o cego caminha,
Caminha, e não perde o tino...
Que a razão é quem o guia,
Ou o acaso, ou seu destino!

Que luz tão bella esparzias!
Que funebre é teu declive!
É a sorte dos amores!...
Sorte de tudo o que vive!

D. A. G. Pusich.

O SONHO.

Vou puro e singello
Meu sonho dizer,
Vai nelle encerrado
Da vida um prazer.

Cuidei vêr teu rosto
Ó gentil Armia
Ouvir tua voz
Em quanto dormia.

Os teus negros olhos
Fitaram-se em mim
Teus labios rozados
Abriram-se alfim.

Julguei... doce engano!
Teus labios sentir
Nos meus se poizarem
Com meigo sorrir,

Teus labios de fogo,
Teu doce beijar
Me fazem o peito
D'amor palpitar.

Cingir com meus braços
Procuro a visão.
Oh! fatalidade!
Cruel illusão.

Dos braços me foge
O caro penhor
A quem neste mundo
Só tenho amor.

Acordo... um olhar
Em torno lancei
E só co'a lembrança
Mui triste fiquei.

Foi sonho!... comtudo...
Julguei-o real
A minha ventura
É sempre ideal!

A sorte maldigo;
Maldigo Morpheo!...
Que o sonho quebrou:
Que o sonho me deo!

M. F. Correa.

O CURA.

(TRADUZIDO DE LAMARTINE.)

Ha um homem em cada Freguezia que não tem familia, mas que é das familias de toda a parochia — um homem que é chamado para testemunha — para conselho — para agente em todos os actos os mais solemnes da vida civil sem o qual se não póde nascer nem morrer; que toma o homem do seio de sua mãi — e que só junto ao tumulo o abandona — que abençôa ou consagra o berço — o leito conjugal, o da morte — e o tumulo, um homem a que as creanças se acostumam a amar — a venerar — e a temer — aos pés do qual os christãos vão confessar os seus mais intimos segredos, as suas mais secretas lagrimas — um homem que é o conselho de todas as miserias da alma, e do corpo — o agente encarregado da riqueza, e da indigencia — que vê bater á sua porta ora o rico ora o pobre — o rico para dar a esmola secreta — o pobre para a receber sem córar — que não pertencendo a alguma classe da sociedade — é de todas as classes — das inferiores por seu viver pobre, e muitas vezes pela humildade do nascimento — ás classes elevadas — pela educação — a sciencia — e a elevação de sentimentos que uma religião philantropica inspira e ordena. — Um homem finalmente que tudo sabe e que tem o direito de tudo dizer, e cuja palavra cahe de bem alto sobre as intelligencias e sobre os corações com a authoridade d'uma missão divina. Este homem — é o Cura.

Ninguem no mundo póde fazer tanto bem ou tanto mal aos homens conforme elle cumpre e conhece a sua alta missão.

(Continúa.)

Julio Cesar Machado.

CHARADAS.

Eu sou principio da morte,
E enfermidade não sou } 1
Do bello da Natureza
Fraco testemunho dou. } 2

Todo.

Sou escuro como a noite,
Sou sinistro, sou horrendo,
Com movimentos sem ordem
Ar nocturno vou fendendo.

A rastos por esse chão
Passo vida amargurada; } 1
Além d'imprudente, sou öco, } 1
Vaidade symbolisada.

Por uma Menina.

Em consequencia da repentina doença de garganta, de que foi acommettida a Redactora, não póde publicar-se este n.º no dia determinado.

TYPOGRAPHIA DE J. E. MORANDO,
rua do Ouvidor n. 22.

DEZEMBRO 15. 1849. NUMERO 18.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Larcalo, na dita n.º 81; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160, Trimestre 480, Semestre 960, Anno 1$760. Avulso 50 réis.
As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados do interesse particular 20 réis a linha.

OS PREMIOS DA EXPOSIÇÃO DA INDUSTRIA NACIONAL.

Não podemos deixar de ter grande parte no interesse que anima a imprensa a favor da Exposição da Industria Nacional; porque se em nossas véas não gyra sómente o sangue Portuguez, o nosso coração arde no puro fogo do glorioso amor da Patria que tambem é nossa; e porque estamos intimamente convencidas que é este o unico meio de regeneração que resta ao nosso decadente paiz, exhausto de todos os recursos, e prestes a cahir no abysmo de um completo aniquilamento; consequencia fatal de más Administrações, e guerras civis que o tem dilacerado; mas posto que abatido Portugal ainda tem braços industriosos; movam-se estes, anime-os o Governo, e breve teremos a gloria de nivelar com as Nações mais illustradas, e independentes; temos em nossa terra todos os elementos: temos a riqueza do proprio sólo; faltava-nos uma resolução!... na extrema agonia ella appareceo como um milagre do céo!... é aproveital-a; não desanimar no começo da mais justa empreza; e graças, e parabens á Sociedade Promotora da Industria Nacional que lembrou, que executou uma acção tão nobre, e louvavel, que a historia mostrará em caracteres indeleveis aos vindouros, para gloria dos presentes.

Foi notavel, e digno do mais subido louvor o enthusiasmo do povo que á porfia concorreo a ver a Exposição, e a auxiliar os innocentes, e desvalidos a quem se consagraram alguns dias da mesma Exposição! Despertando de um profundo lethargo o antigo brio nacional assomava em todos os semblantes! a beneficencia que tanto caracterisa os Portuguezes animava todos os corações!

A suavidade do clima deste precioso torrão se transmitte á indole de seus habitantes! O povo Portuguez é digno da melhor sorte! A vós Monarchas Portuguezes cumpre felicital-o! Dai-lhe o que lhe pertence — o vosso Paternal amor, a vossa protecção —

> E julgareis qual é mais excellente,
> Se ser do Mundo Rei se de tal gente!
> (Camões.)

A *Revista Universal* tem escripto ácerca desta Exposição da Industria Nacional tão sabia, e circunstanciadamente, que a nós pertence agora sómente, depois de manifestados os nossos sentimentos, annuir ao nobre convite do nosso collega que deseja

unir ao seu voto o voto de todos os jornaes, para que o Governo prestando a devida attenção, e protecção aos Artistas Portuguezes, dobre o N.° das Medalhas que devem premiar estes primeiros exforços do trabalho nacional.

Temos o Senhor D. Fernando, Rei Artista, e verdadeiro amigo dos Portuguezes; a Elle especialmente dirigimos nossas súpplicas para tão justo fim; e animadas da mais viva confiança em suas virtudes, não duvidamos do bom exito da nossa pertenção; porque é elle o melhor intercessor, e o mais certo protector dos Artistas Portuguezes; mimoseados já com a visita de Suas Magestades á Exposição, e generosa compra de alguns objectos, entre os quaes deve notar-se elegido por El-Rei um Torno; o que prova quanto elle conhece, e préza as Artes.

Esperamos pois que nossos Artistas esmerando-se em promover seus proprios interesses, se tornem cada vez mais dignos da Nação a que tem a honra de pertencer, e que podem com seus braços, e seus talentos elevar ao maior auge de Prosperidade.

A Redactora.

EXPOSIÇÃO DOS PRODUCTOS DA INDUSTRIA NACIONAL.

Os productos da nossa industria, que estiveram patentes ao público na sala da exposição tem sido já mencionados em diversos jornaes, e tanto se tem escripto a seu respeito que desnecessaria parecerá a menção que delles vamos fazer. Menção, dizemos nós, porque nada mais julgamos dever dizer ácerca deste objecto todo da competencia dos jornaes de especialidade, aos quaes compete deduzir da exposição todas as consequencias que scientificamente della se podem tirar.

Entrando na sala do lado direito, estavam sobre uma meza cincoenta e tantos productos chimicos, provenientes de tres fabricas.

Os Srs. Serzedellos apresentaram amostras d'acido borico fundido — acido phosphorico — cloroformio — collodio — nitrato de prata crist. — e fundido — nitrato de barita — cobre ammoniacal — algodão polvora — sulphato de chumbo — acido nitrico de 40° — dito de 43° — ammonia 24° — nitrato de chumbo — nitrato de cobre liquido — nitrato de ferro liquido — nitrato de zinco — chlorureto de cal — bi-carbonato de soda — solimão — sal de La Rochelle — acido tartrico — cremor de tartaro branco — dito escuro — salitre refinado — bi-carbonato de soda — sulphato de zinco — dito de soda — carbonato de soda crist. — vermelhão — tartaro emetico — sal de tartaro — terra folliada crist. — dita em pó — turbith urineral — nitrato de strouciana — oleo de sabina — e oleo d'arruda.

Da fabrica da Verdelha, pertencente ao Sr. Conde de Farrobo, appareceram os — acido chloridryco — nitrico — oxalico — e sulphurico — barrilha — chlorureto de cal — sulphato de cobre — ferro — potassa, e soda.

Da fabrica d'Alcantara, do Sr. Fonseca vieram — mercurio doce — pós de Joannes — oleo de amendoas — nozes — e ricino.

Estes productos, como muito bem disse a *Revista Popular* não foram enviados á exposição como specimens de perfeição, bem longe della estavam alguns. Estimamos, porém, o encontral-os alli como prova de que já se preparam no nosso paiz. Admiramos, e appareceram apenas entre os productos da fabrica dos Srs. Serzedellos duas amostras de oleos essenciaes por ventura os menos usados. Com o clima e terreno que Deos nos concedeo poderiamos ter por preço commodo oleos essenciaes tão bons, ou melhores como os que nos vem do estrangeiro.

J. J. de Souza Telles.

WALTER SCOTT.

—

LENDA DE SANTO ORAN.

(Continuação.)

E muitos de seus discipulos se dispersaram tambem, para derramarem os beneficios da fé por todos os habitantes das ilhas e montanhas do Norte. Outros intimamente dedicados a Jona, foram encarregados do ministerio dos altares, e de dirigir os trabalhos

dos templos christãos que se edificavam com tanta rapidez como magnificencia, em redor do primeiro mosteiro. Entre estes ultimos discipulos, distinguia-se o amigo predilecto do apostolo, um padre por nome Oran, que não recebêra as ordens por ser inda muito jovem, senão depois de chegar ás Hebridas.

Melancólico, amador da solidão, e atormentado por um pezar secreto, Oran era tanto mais caro a Colomba, quanto elle carecia mais de sua consoladora amizade. O Santo o considerava como um vaso de eleição arrancado por elle a Satanaz, porque tinha salvado sua alma de uma tentação fatal.

— Desde a chegada dos missionarios a Jona, o chefe da familia de Mac-Leão teve o privilegio de receber em sua casa o apostolo e seu amigo. Seus cinco filhos muitas vezes renunciavam a caça e a peiça para ouvirem a palavra divina; mas as suas duas filhas, mais que todas recebiam com avidez a nova doutrina. A mais nova tinha quinze annos; e a mais velha só contava mais onze mezes. Seu pai contemplava com jubilo o desenvolvimento e progresso de suas intelligencias; o velho Mac-Leão comprazia-se em se fazer criança ao pé de suas filhas, por sua docil attenção aos preceitos da fé de Christo. Muitas vezes se tem notado, e com razão, que por toda a parte onde o Evangelho se tem prégado entre os pagãos ou os barbaros, as mulheres e os velhos foram os que mais depressa se converteram: as mulheres, tratadas como escravas por uma legislação barbara, pressentiam que as instituições caritativas do christianismo lhes iam restituir sua importancia social; os velhos, membros inuteis desses estados em continua guerra, deviam preferir uma religião que restabelecendo os direitos do poder paternal, cercava de respeito suas cãas, assegurava o repouso ao declinar da sua vida, e lhes promettia um thezoiro de esperanças para além do tumulo.

— Oran gostava de repetir as lições de Colomba a Maria e a Rachel, eram estes os nomes que as duas jovens cathecumenas receberam cóm o Sacramento do baptismo; mas involuntariamente se comprazia em prolongalas, com Maria, cuja ingenuidade, graça, e timidez virginal enfeitiçaram o joven missionario.

Colomba estremeceo pelo perigo que corria Oran; e prevendo que as consequencias da sua paixão iam comprometter o nascente explendor da nova igreja, apressou-se a deter o seu amigo á borda do precipicio. — Oran, lhe disse elle, nós viemos a Jona para ganhar corações a Jesus Christo, e não ao mundo: tu deixaste-te seduzir pelos olhos innocentes de Maria; e talvez sem o saber lhe tenhas votado teu coração; mas esse coração pertence á igreja; e eu, que sou seu ministro, o reclamo em nome della. Tu não deves ter outra esposa, mais que a igreja; o reino do céo não te será concedido, senão fores casto: renuncia pois a Maria; porque eu te declaro da parte de São Patricio, que um só sorrizo de amor profano que tu obtenhas della, te custará a perda da salvação eterna. Eu quero ámanhãa consagrar-te ao altar e receber de ti um voto de castidade.

— Tal era, segundo assegura a lenda, o poder das palavras de Colomba, que Oran submetteo-se sem murmurar ás vontades do Santo; pronunciou o voto que se lhe exigia, e retirou-se a um oratorio situado em uma eminencia, perto do mar; não sahia dalli senão para celebrar o sacrificio da missa. Era tal o rigor do seu voto, que quando atravessava a multidão para ir ao altar, bastava sómente o roçar de um manto de mulher para o fazer impallidecer de medo: e no confessionario não admittia mulheres. Correo até o boato de que á imitação de Origenes, se tinha posto na impossibilidade de violar seu voto: o que parece crivel é que a eloquencia de S. Colomba não teria tão facilmente vencido a paixão de Oran, se este lhe não tivesse revelado, mesmo na vespora de tomar as ordens, que o coração de Maria não era livre, e que um joven caçador, por nome Macphail, que os acompanhára da ilha de Oronsay, tinha obtido della a confissão de um mutuo amor.

CAPITULO II.

« Dark was the night and wild the stern,
And loud the torrent's war;
And loud the sea was heard to dash
Against the distant shore.
Musing on man's haploss state
The lonely hermit lay
When lo! he heard a female voice
Lament int sore dismay. »

(The Hermit of Warkworth.)

A noite estava sombria e a borrasca desencadeada, a torrente fazia um ruido aterrador; o mar quebrava com estrepito suas vagas contra os rochedos da praia.

O ermita sósinho meditava nas miserias da vida humana, quando subito ouvio uma voz de mulher, uma voz supplicante e dolorosa.

(O Ermita de Warkworth.)

Os Pictas, e os Scotos, declararam-se guerra de vingança e exterminação. Colomba correo a encontrar-se com os chefes inimigos, resoluto a exercer sua influencia sobre as almas destes feros guerreiros do Norte, e reduzil-os a concertarem pazes.

— Oran, despedindo-se do seu amigo proximo ás margens do Jona, seguio com a vista o navio que se alongava rapido pelo estreito de Mull; depois voltou oppresso de tristeza para o seu oratorio, e passou o resto do dia em oração. Elle sentia que na auzencia de Colomba lhe era mais precisa a protecção do céo: sentia-se afflicto na solidão, e algumas vezes a seu pesar suspirava lembrando-se do seu voto. Neste dia uma vaga inquietação veio agitar o cenobita; lagrimas involuntarias corriam ao longo de suas faces, pálidas e discarnadas, por severa penitencia.

A seu pesar, deixou a oração, e foi correr sem designio as cellas do seu convento, todas desertas pela auzencia dos missionarios: assentava-se um instante, e ficava estatico occultando o rosto com as mãos; depois estremecia, levantava-se sobresaltado, e como aterrado de interrogar a sua consciencia. Olhava para o céo; e parecia-lhe o dia bem longo: aproximaram-se as sombras da noite, e seu indefinivel terror parecia augmentar com ellas. Subito um furacão de vento impellindo sombrias e pesadas nuvens apressou o complemento das trévas. As aves refugiaram-se mais cedo do que costumavam em seus rochedos inaccessiveis, soltando um grito agudo, e o mocho fez ouvir seu pear melancolico, bem conhecido prognostico dos Hebridas; e o mar empolava-se como arfando assustado da ameaça da tempestade; a areia da praia revolvia-se em turbilhões; e as vagas rolando encapelladas vinham quebrar-se na praia com estampido medonho, ao qual se succedia o duro sibillar do vento.

(Continúa.)

João Evangelista da Silva de Mendonça.

DOUS MYSTERIOS.

DOIS ANNOS DE TREVAS.

(Continuação.)

Uma noite em que Irminia deixou-nos perceber que estava em estado de vêr, e ouvir alguma cousa, o medico mandou que a sacramentassem, desejando aproveitar aquelles momentos de crise para preparar-lhe a alma, que as esperanças da vida lhe iam esvaecendo de dia, em dia: julgou prudente afastar Edgard, e para esse fim pedio que chamassem o honrado padre J... que veio immediatamente. Ao vêl-o Edgard se affligio muito, como receioso que alguma noticia peior lhe agravasse a sua justissima dôr; assim aconteceo. O padre J... contou-lhe que o impedimento fôra justificado, mostrando-se com testemunhas fidedignas, e mais provas que Irminia era ainda casada, e tanto que o mesmo seu marido foi quem lhes dividio as mãos...

— Meu Deos! exclamou Edgard, suffocado em lagrimas, então já não me resta nem uma unica esperança! Até aqui animava-me a esperança de a vêr melhorar com os meus desvelos! agora, ainda que ella resista á cruel enfermidade terei de succumbir á dôr, á desesperação de a vêr nos braços de outro!... Oh! nunca!... nunca meu Deos, permitti antes que ella morra; e eu seguil-a-hei!..

— É seu marido disse o padre interrompendo-o.

— É um homem, torna-lhe Edgard, que me importa se é ou não seu marido? é um homem... um demonio que me rouba a posse de um coração que era meu todo inteiro!.. Ah! isto é mais que morrer!... Oh! minha Irminia.

Ditas estas palavras correo como fóra de si para o leito de Irminia, a qual reconhecendo-o estendeo a mão, dizendo com voz fraquissima estas palavras (que mal se podiam perceber, mas que Edgard distinguio perfeitamente). Meu Edgard...

— Teu!... Sim, brada Edgard, teu sempre... e apertando-a nos braços com um frenetico transporte, caio sem forças e sem secordo. No mesmo instante solta Irminia um grito, o primeiro som de voz claro que se lhe ouvio depois de 8 dias, e ficou pros-

trada no estado espasmodico em que a tivemos; e pareceo-nos impossivel agora restituil-a á vida! O bom do padre J... aproveitando este incidente conduzio o seu amigo em uma sege onde viera; levou-o para sua casa; e ali o tratou desveladamente.

Entretanto Irminia tornando a si, perguntou logo por Edgard; disseram-lhe que estava repousando depois do desmaio que teve, e que precisava tratar-se... é justo, disse ella, tenham com elle todo o cuidado... Ah! que não possa eu ser a sua enfermeira!...

Pareceo animar-se com este desejo. O medico fallou-lhe nos sacramentos, que ella com muita satisfação esperou, entregando-se nas mãos de Deos, e implorando á virgem N. S. das Dores que ou lhe désse vida para viver feliz com Edgard, ou a chamasse desta vida de tormentos para o eterno descanço. Recebeo os sacramentos com a mais fervorosa devoção; chamou seus filhos que abraçou, e abençoou, recommendando-os sempre ás suas verdadeiras amigas, para que na sua falta lhes servissem de mães. Assombrou-nos o animo com que Irminia se assentára na cama para receber o Santissimo; e entendemos ser o que vulgarmente se chama *visita de saude*.

Notámos um caso digno de attenção. Entre as pessoas que acompanharam o Santissimo vinha um joven alto, e de boa presença, que ao encarar Irminia se disfez em lagrimas, dando mostras da mais intima commoção! — Um só dia não passava sem que o mesmo joven viesse duas, ou tres vezes perguntar pelo estado da saude de Irminia; sem dizer jámais o seu nome.

Irminia era naturalmente muito robusta, e muito nervosa; a sua robustez, e a sua ardente imaginação a auxiliaram; de modo que em poucos dias sentio-se com animo de se erguer da cama; perguntava por Edgard, e nós lhe respondiamos que estava em casa do seu amigo o padre J... tratando da sua saude, e que ia melhor.

Por estes tempos recebeo Irminia uma visita de grande consideração, era o Marquez de ..... que vinha annunciar-lhe que seu marido estava diligenciando tirar-lhe seus filhos, e conduzil-os comsigo para Gibraltar; aonde residia.

— Meu marido!... ah! triste de mim!.. agora me lembra!... e julguei eu que era effeito de um delirio na minha doença! mas foi a verdade!... Eu o vi, eu o reconheci, naquelle dia fatal que devia fazer-me a mais feliz das creaturas, e em que me pareceo ouvir um gemido erguer-se do fundo de uma sepultura, e era um espectro que interpoz barreira invensivel entre dois entes que Deos creou um para o outro!.. Onde está elle?.. meu marido...

— Em casa do Major ... diz o Marquez, descance porém que não lhe levará seus filhos... V. Ex.ª tem um bom protector... o tempo lho revelará; fique pois prevenida para não ceder ás instancias d'elle, pois só pertende illudil-a, por fins sinistros a que o levaram as suas más intenções, e os conselhos de um perverso...

— Enlouqueço, brada Irminia... Senhor.. como tudo isso acontece!... pois eu não tive em minha mão uma certidão d'obito que me deo o Major... e meu marido apparece vivo!... Ah! bem pensago foi o coração de Edgard!... Pois attenda a minha firme resolução... Ainda que meu marido tivesse as melhores intenções a meu respeito, eu não tornaria para sua companhia... porque senhor Marquez, nunca o amei, elle foi um verdugo que me flagellou a existencia em quanto estive com elle, e nunca eu disse isto a ninguem!... respeitei a sua memoria quando julguei que Deos me havia resgatado do meu doloroso captiveiro! Abandonou-me com dois innocentes seus filhos, e nunca procurou saber de nós: e pertendia que eu com taes motivos, e crendo-o morto, não amasse, não estimasse ligar-me eternamente a um anjo de virtudes!... Não tornarei a vêr Edgard, paciencia!... mas não posso já perder-lhe o amor!... nunca serei de outro!... Um convento me escoderá como um sepulchro aos olhos do Universo!...

Chorava e soluçava a ponto que o Marquez julgou prudente retirar-se, e lhe pedio que tranquilisasse o seu espirito, que talvez ainda fosse feliz.

Era com effeito o marido de Irminia, que não morreo no campo, mas fôra para o Brasil aonde esteve um anno, e regressou a Gibraltar sem nunca se lembrar de sua esposa, nem de seus filhos. O Major valendo-se da confusão do combate na quéda de Bilbáo, e sabendo que o marido de Irminia fôra

para o Brasil, com tenções de não tornar á Patria, fez acreditar que um dos mortos no combate era o esposo de Irminia, enganando a todos a semelhança que havia entre este, e o morto que se achava despojado de seus uniformes; e por que todos, menos o Major ignoravam a desercção d'aquelle official, marido de Irminia. E qual era o motivo d'esta estrategia! Uma concentrada paixão que o Major nutria por Irminia, e que voltando a Portugal esperava vêr coroada offerecendo-lhe a mão de esposo; que de outro modo a virtude de Irminia destruira todas as suas tentativas. Vio frustrada esta esperança pela paixão de Irminia por Edgard, que elle Major conheceo logo em principio, porque aos vigilantes olhos do ciume não valem disfarçes; tramou em vão para desunir aquelles corações; e sabendo que o marido de Irminia se achava em Gibraltar, tendo até mudado o nome, escreveo-lhe, dando-lhe parte que sua esposa estava vivendo com Edgard, e que fazendo-o passar por morto ia desposar-se. O marido de Irminia por naturesa propenso ao mal, e que só para lhe destruir alguma felicidade se lembrava d'ella, e fazia valer os seus direitos de marido esquecendo aliás os deveres. Veio logo a Lisboa, e esteve em casa do Major até ao momento de separar os dois amantes no acto da sua união; porém nada mais quiz senão levar seus filhos, para desgraçal-os tambem com a pessima educação que teriam á vista do exemplo da conducta irregular de seu pae: eram os conselhos do Major que assanharam ainda mais a sua má indole, pois não podendo de outro modo, o Major o buscava como instrumento da sua vingança. Inuteis foram os esforços do marido de Irminia para arrancar-lhe os filhos, e chamal-a á sua companhia. — Inuteis tambem as diligencias de Irminia para entrar em um convento, deixando seus filhos a meus cuidados, e do honrado padre J... As authoridades não consentiram. Uma occulta, e poderosa mão protegia Irminia sem que ella podesse conhecer quem era o seu protector.

Bem depressa enfadado de requerer em vão, e contente com o mal que fez, o marido de Irminia tornou para Gibraltar, abandonando inteiramente seus projectos acerca da esposa, e dos filhos; e ella entretanto o que faria? chorava noite, e dia, a sua infeliz situação, privada de vêr, e até de ter noticias de Edgard, que lhe asseguravam todos, até o mesmo padre J... que se havia retirado para longe de Lisboa. — Sem me escrever!.. dizia ella, dizer-me um adeus!.. ah! Edgard pensará que o illudi!... que fui uma perversa, elle que só ama a virtude! Deos de immensa justiça, e misericordia, compadecei-vos de mim... justificae-me!... Devo esquecer-me d'elle como amante; conformar-me-hei com a sua indifferença; mas que pense mal de mim é atroz!...

Na mais profunda melancolia a infeliz sentia fugir-lhe a vida, ignorando a sorte de Edgard! Se não fosse o amor por seus filhos, e o cuidado na sua educação, teria succumbido á sua dôr, e insuportavel saudade; mas era mãi; esta missão de que Deos a encarregára era tão sagrada!... devia cumprir-se fielmente para merecer que Deos lhe valesse!... Conhecia a extensão de seus deveres, e suas esperanças por Edgard haviam sido cortadas pela raiz!...

— Não tenho já que esperar do amor de Edgard, mas quizera antes da minha morte saber que elle é feliz, e que não me aborrece!... que soubesse toda a verdade!... Repetia a sós de continuo estas expressões; e tornando a concentrar-se na quinta da Conceição na estrada de Chellas, separada de toda a sociedade, além de seus filhos (que até eu por circumstancias imperiosas tive de me ausentar d'este Reino) via a minha infeliz amiga, privada de todo o conforto, acelerar-se pelos pesares a carreira de seus dias, sem que no espaço de dois annos tivesse um só motivo de alegria, uma só noticia de Edgard! Estava já reduzida a um estado de abatimento em todas as suas feições, outr'ora tão animadas, que só despertava compaixão, aquella cujo espirito inspirava tão vivas simpathias!.. Oh! quem nunca o deixára anniquilar vencido pela força de um sentimento que nascendo é facil de subjugar, mas que avultando se torna superior a todas as forças da razão que não soube prevenir-lhe o excesso!

(Continúa.)

D. A. G. Pereira.

POESIAS.

OS AMORES DE CASTRO.

Vós ó concavos vales que podêstes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouviste
Por muito grande espaço repetiste.

CAMÕES. LUSIAD. CANTO III.

Pensamento que ousado te elevas
A immineencia a que deves fugir!
Pára, pára!... no abysmo das trevas
Pensamento infeliz vaes cahir!

D'alta esphera abandona altos lumes!...
Não tens animo?!... força não tens?!
Da virtude aos suaves perfumes,
Da razão aos clamores não vens?!

Infeliz, tu vacilas!... nem ousas
N'essa esphera de luz adejar!
Nem mais sôbes, nem dêsces, nem pousas!...
Junto a Nuvem fatal vaes pairar!

Ao recinto a teus vôos prescripto
Volver queres, porém sempre em vão!...
Lá te prende no espaço infinito
De uma Estrella a suave attracção!

E essa nuvem cruel não te empede
Do teu Astro esse grato fulgir?!
Não... que a luz a uma sombra não cede!
Mas a sombra não deixa subir!...

Uma nuvem fatal é barreira!...
O que val uma nuvem no ar?...
Uma nuvem falaz, passageira!...
Uma nuvem que póde causar?!

O que póde!... que negra tormenta!...
Quantos raios nos póde trazer!...
E essa nuvem receios augmenta!...
Essa nuvem devias temer!

Pensamento infeliz, porque exitas?
Deixa, deixa esse incanto fatal!...
Se da Estrella o sorrir não evitas,
Não evitas cruel vendaval!...

Tal descantava Ignez em horas tristes,
Horas, que a amor fugindo, a amor só dava!...
Incanto poderoso a tem subjeita!...
Era o seu Pedro!... a Estrella que adorava!

De contrarios affectos lucta horrivel
A mente lhe confunde; esmaga o peito!
Suas almas se entendem!... já ligadas
Amor as tem, dos homens a despeito!

E do mysterio a sombra os protegia!...
Mas a maldade astuta, venenosa,
Revelando este arcano, ergue sedenta
Ferreo punhal na dextra sanguinosa!

Foi victima a infeliz!... Roubam-lhe a vida!
Rasgam-lhe o coração!... mas nunca a sorte
Do seu Principe o amor póde arrancar-lhe!...
Morreo por elle!... foi dictosa a morte.

16 de Novembro de 1849. D. A. G. Pereira.

A NUVEM.

Não vês a nuvem branquinha
Alli nos céos a correr!
Não a vês tão transparente
Vour com tanto prazer!

Assim tu filha tão qu'rida
Vaes a brincar no jardim,
Assim tu meiga açucena
Doudejas — sorris para mim.

Por ora a tua innocencia
Póde sem medo folgar;
Podes livre correr prados
Podes nos campos andar.

Encantas todos e tudo
Nos teus brincos infantis!
Abrem roxas quando folgas,
E jasmins quando sorris!

És uma perla formoza
Cahida dos céos aqui!
Oxalá a Deus não faltes
Que cedo fique sem ti.

Ai! anjinho idolatrado
Contristou-me este pensar,
Morrerei se tu morreres
Não posso sem ti passar.

És parte da minha vida
És vida do coração,
Esta vida adoro eu muito
Vivo desta adoração...

O teu olhar me socega
E tranquillo eu ficarei;
Quem tem de ti um sorriso
É na terra um feliz rei!

Antonio Mendes Leal.

Caso horroroso.

Por cartas recebidas do Além-tejo, consta-nos que um bando de contrabandistas Hespanhoes evadindo as nossas terras assassinaram cruelmente o Fiscal do Contracto do Tabaco de Evora, e dois Guardas, que entraram mortalmente feridos no Hospital do Landroal, para onde disse que os conduzira um carreiro d'Elvas — foi commettido este horrendo crime entre Trena, e a Villa do Landroal; sendo o infeliz Pessanha Fiscal, morto ás facadas e cortado o rosto com a propria espada, em a noite de 30 do mez de Novembro proximo findo! Daremos circumstanciada noticia desta catastrofe, quando a tivermos; e no emtanto rogamos ao Governo as providencias que obstar possam a continuação de taes desgraças; sendo inadmissivel que se consinta impunemente a entrada de estrangeiros armados, com gravissimo prejuiso dos interesses do Contracto do Tabaco, e das vidas de tantos homens que para cumprir fielmente seus deveres, se expõem á morte quasi inevitavel, porque o numero dos Contrabandistas é muito superior ao dos Guardas do Contracto. Imploramos todas as providencias; sendo movidas nossas súpplicas pelo amor da humanidade, em geral, e em particular de uma vida assás cara que tambem lá temos... um filho! —

THEATRO DE D. MARIA II.

Representou-se em a noite de 8 do corrente pela primeira vez neste Theatro a — Filha de Figaro — (Traducção). Esta comedia em 5 Actos une ao merito de um engenhoso enredo, a justa critica á fraqueza de alguns Maridos que se deixam dominar por Mulheres pouco discretas; e a estas que não duvidam por sua leviandade sacrificar aos enfeites do corpo a formosura da Alma, e o credito de seus Maridos...

A Modista Aspacia trouxe á scena a unica joia que faltava á corôa de sublime Artista que orna a fronte da Snr.ª Soler! Difficil será imital-a; excedel-a impossivel! Os outros Actores igualmente se distinguem, como sempre; e a Direcção marcha perfeitamente offerecendo ao publico não só Dramas de sentimento, mas Farças, ou Comedias interessantes, e moraes; as vantagens que deste amalgama resulta ao publico, e ao theatro, é tão visivel que escusado nos parece mencional-as.

A Redacção.

CHARADA.

Não sou praça, nem castello,
Nem aldêa, nem cidade:
Muita gente em mim habita,
Ou por força, ou por vontade. } 2

Cultivada sou mais linda,
Imitada muito engano;
Vivo um dia, vivo um mez,
Tambem vivo todo o anno. } 2

Nobre Duque da Terceira,
Quem dirá, que já fui teu?
O moderno é mor grandeza,
O antigo já esqueceu.

B. J. S. França.

Explicação das Charadas do N.º antecedente.

MORCEGO.—PAVÃO.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

Inter duo litigantes, tertius gaudet. — Proverbio em 1 acto, por A. X. Teixeira Homem. Vende-se nas lojas de Lavado, rua Augusta n.º 8; e Silva em Alcantara. — Preço 100 réis.

TYPOGRAPHIA DE J. B. MORANDO,
rua do Norte n.º 39.

DEZEMBRO 22. 1849. NUMERO 19.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 8; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 60 reis.
As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações Litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

NECROLOGIA.

Desejando nós sempre offertar a devida homenagem ao merito; e sendo esta folha redigida por uma pessoa pertencente ao sexo feminino; e a este especialmente dedicadas as columnas deste Jornal, não será de estranhar, antes sim de louvar, que o nosso artigo de fundo hoje seja consagrado á saudosa memoria da Ex.ma Sr.a Condessa da Ribeira Grande D. Marianna de Almeida, de quem fomos constantes admiradoras, sem jámais a termos lisongeado em vida; sendo nosso invariavel systema — não incommodar senão a nós mesmas — não queimar insensos senão á virtude, e aos talentos — por isso deve a nossa voz ser acreditada por insuspeita. E quem duvidará das verdades que vamos referir; se nossa voz não é mais que um ecco do pregão universal que na maior evidencia os factos tem confirmado?!

A Ex.ma Condessa da Ribeira, D. Marianna, foi uma daquellas raras Estrellas cahidas do céo, para servirem de Farol aos humanos, na difficil carreira vital! Foi exemplar em todas as virtudes que honram a humanidade, mas a beneficencia foi a sua mais presada, e distincta divisa; e sem dúvida é a que mais grata aos olhos de Deus, mais util se torna á sociedade. Sua beneficencia se estendeo em favor de toda a humanidade; o orfão, a viuva, o decrepito, emfim todos os desvalidos eram as suas creaturas amadas, porque ella contemplava os pobres como os validos de Deus, tendo sempre em memoria que as lagrimas semeadas na terra, brotarão alegrias no céo!

Quando despojados os Frades de seus Conventos foram expostos a mendigar, um grande numero de Religiosos encontrou no Palacio da Ex.ma Condessa da Ribeira o abrigo contra todos os rigores da indigencia: as Freiras, e recolhidas, os Asylos da infancia desvalida, e immensas familias soccorridas constantemente por aquella Alma virtuosa, attestam esta verdade com as sentidas lagrimas que derramam na dolorosa perda da sua illustre Bemfeitora! Distincta em nascimento, distincta em virtudes, distincta até no modo porque morreo, dando o ultimo suspiro entoando a Ladainha de Nossa Senhora! E acclamando suas virtudes, pouco dizemos de seu nascimento tão conhecido como suas virtudes?!

Pedindo nós ao Ex.mo Sr. Marquez de Penalva que nos désse alguns esclarecimentos a este respeito, respondeo-nos as seguintes palavras = *A respeito de minha Tia ha tantas grandezas do céo a referir, que me parece deviam callar-se as grandezas da terra, e de terra...* Estas expressões são dignas do Sobrinho da virtuosissima finada, e exaltam ainda mais a sua nobreza! Do mesmo Ex.mo Marquez de Penalva em seguida publicamos algumas noticias ácerca do nascimento e virtudes de sua Ex.ma Tia; e é delle Marquez que não diremos alguma cousa mais, porque a amizade verdadeira que de ha muito lhe consagramos, poder-nos-ia tornar suspeitas, aos olhos daquelles que de perto não o conhecem; diremos porém que as Virtudes Christãas que distinguiram a Ex.ma Condessa da Ribeira reflectem nos corações de seus mais proximos parentes; sendo esta familia tão distincta pela grandeza de seu nascimento, quanto geralmente estimada, e conhecida por suas Virtudes, e Christandade.

Acompanhando todos os parentes da Ex.ma Condessa em sua justissima dôr, offerecemos a seu filho o Ex.mo Conde da Ribeira uma prova de nossos sentimentos no Canto funebre que nesta folha publicamos hoje.

Lisboa 14 de Dezembro de 1849.

As virtudes da Sr.ª Condessa da Ribeira, ainda, em sua vida foram avaliadas, e consideradas geralmente; e, depois do fallecimento desta virtuosa Senhora, quasi todos os jornaes, que annunciaram esta morte (e foram muitos) juntaram ao triste annuncio, um tributo de justos louvores, dedicado á memoria da Sr.ª Condessa.

Parece-me, não só rasoavel, mas até necessario, que a Assembléa Litteraria, dê tambem o seu contingente: este jornal tem por sua principal Redactora, uma Senhora, e julgo-o, mesmo especialmente, dedicado ás Damas Portuguezas. Ha, por tanto, um motivo particular, para que se consignem aqui, algumas palavras, não de lisonja, mas de bem merecido louvor á Sr.ª Condessa.

Nasceo a Sr.ª Condessa da Ribeira D. Marianna d'Almeida, no dia 17 d'Agosto de 1785, e foram seus Pais, os Srs. Marqueses de Lavradio. — O coração desta menina, formado como o de David, pela medida do Coração de Deos, começou a dar provas desde a mais tenra infancia, do que era, e a prognosticar o que seria para o futuro, citarei (para exemplo) que devendo ser castigada, por seu Pai, uma de suas irmãs, por travessura propria de criança, offereceo-se a Sr.ª Condessa (ainda menina) para soffrer o castigo destinado para sua irmã.

Crescendo em idade, cresceo nas virtudes, e dando os exemplos de todas, escolheo, como sua favorita, a da Caridade, que toda a sua vida exerceo em favor dos pobres, e afflictos; não havendo uma só pessoa, que buscando allivio nesta Senhora, sahisse da sua presença desconsolada.

Como Filha, como Esposa, como Mãi, Irmã, e Parenta, foi tudo quanto se póde ser de melhor.

Póde dizer-se, que toda a sua vida foi uma preparação para a morte, porém, nos ultimos tempos redobrou o seu fervor, e piedade. Falleceo no dia 4 do corrente, rezando a Ladainha de Nossa Senhora, e acabando de repetir o ultimo *Agnus Dei*. Jaz no cemiterio das Religiosas da Conceição d'Arroios, conforme os desejos que por humildade, manifestou em sua vida.

MARQUEZ DE PENALVA.

Á SAUDOSA MEMORIA DA VIRTUOSA EX.ma SR.ª CONDESSA DA RIBEIRA GRANDE

D. MARIANNA DE ALMEIDA.

FALLECIDA EM 4 DE DEZEMBRO DE 1849.

—

UM CYPRESTE.

Em funebre cypreste Ave nocturna
Tres vezes adejou!... piou tres veres!...
Era em noite solemne que precede
Ao dia quatro do maior dos Mezes!

Mez em que foi gerada a Mãi do Eterno!...
Que foi do Redemptor o Natalicio!...
Salve!... novo prodigio ao Mundo trazes.
Nos véos da Morte envolto, mas propicio!...

Supremo arcano!... arcano incomprehensivel!
Que o maior bem nos custe acerbas magoas,
Qual a cura efficaz custa aos enfermos!...
Que assim presemos da existencia as fragoas!

Negro, pesado manto a Noite veste!...
De lucto rigoroso era este manto!...
E do Mocho agoureiro á voz sinistra
Ais responderam de sentido pranto!

Era junto a um Palacio onde a grandeza
Co'as angustias da vida se mesclava!...
Misto fatal de nectar, e veneno!...
Que triste quadro alli se divisava!

Ternos filhos, parentes carinhosos,
Servos fieis, e amigos supplicando
Ante um Altar prostrados; e em seus rostos
A dôr, o desalento retratando!...

N'um leito de brocado recostada
Veneravel Matrona agonisava!...
E nem da morte ás ancias, nem ás dores
O espirito sublime se abalava!

Em extase divino contemplando
Dos Anjos a morada luminosa,
A dextra de Jehova sostendo via
Do merito a coróa preciosa!

E a um leve acêno seu erguer-se a Virgem!...
Cantando os serafins a acompanharam!...
Em nuvem de saphiras, e oiro puro
Desceo á terra; e os Astros a saudaram!

Luz portentosa se esparzio no Globo!...
Perfume divinal a terra exhal-a!...
Psalmos então a enferma á Virgem Santa!...
Que a Virgem dos Céos veio acompanhal-a!

Sobe á gloria cantando a Alma ditosa
Que a Virgem Mãi conduz! O Omnipotente
Cinge-lhe a fronte com celeste cr'ôa
Das virtudes que honrou premio eminente!

Na terra os titulos teve
De grande por nascimento;
Mas Ella só da Virtude
Amava o merecimento!

Heroina que assim foste
Exemplar em vida, e morte!
Roga a Deos que nos conceda
Junto a ti ditosa sorte!

O merito que brilhava
Em tu'Alma bemfazeja,
Aos teus legas-te!... por elle
Honrar teus Manes se veja.

Vós que choraes hoje a ausencia
D'esse espirito sublime:
Bem dizei o que Decreta
Essa lei que a morte exprime!

Essa lei que é tão custosa.
Repugnante á Natureza,
Mas que os bons eleva ao seio
Da verdadeira grandeza!

Nobre Conde, que as virtudes
Da Mãi terna herdar podés-te!
De Flores orna o sepulchro.
Que eu lhe consagro um cypreste.

D. A. G. Pusich.

O NATAL.

MEDITAÇÃO.

Gloria in altissimis Deo, et in terra pax hominibus Bonæ voluntatis.
Ev. de S. Lucas.

O nascimento de Jesus de Nasareth, é a mais sublime, e mysteriosa solemnidade do Christianismo.

O crime que o primeiro homem havia commettido, marcando todos os seus descendentes com o ferrete ignominioso do peccado, fez com que no ventre de uma mulher virgem encarnasse o que havia de ser ao cabo de trinta e tres annos, — Salvador do mundo. —

O nascimento de Jesus, executado pelo poder do Pai, — e pela graça do Espirito Santo, realizou-se á meia noite, no centro da pobreza e humildade.

A desobediencia de Adam ao divino per-

ceito, aggravando a justiça do Eterno, tinha fechado as portas da bemaventurança, e sugeitado todos os seus descendentes a uma condemnação, ficando dependente a salvação do mundo de um sacrificio, que satisfizesse á Justiça do Eterno Pai.

E aonde existia esse sobre que se fundavam todas as esperanças de salvação? — Que era o enviado do Pai, e que tantos annos havia sido annunciado pelos Profetas como o Messias?

N'uma choça humilde em Bethelem de Judá, existia pobremente enfachado por sua Mãi o Salvador do mundo, recebendo dos pastores as primeiras adorações.

E não tardou que do Oriente partissem tres Magos para demonstrarem que o filho de Maria era o Rei dos Reis, e o Salvador do mundo.

Meditemos sobre o Evangelho, e alli veremos, que os Magos do Oriente, vieram a Bethelem guiados por uma estrella, e que junto do Presepio prostrados por terra adoraram, e abrindo os seus thesouros offereceram — insenso — e mirra.

Se Cezar Augusto, collocado sobre o Throno, rodeado de cortezãos que lhe executam seus decretos, se considera só na posse das honras e das grandezas, Jesus nascendo n'uma choça humilde, deitado sobre um Presepio, coberto de pobreza, recebe de tres Reis do Oriente, offertas e adorações, como Rei, e como Deos.

Se o povo da Judeia se curva ante o Cezar, e o tem por um Potentado, aquelles que vêem no Presepio o Salvador do mundo, considerão-o como uma folha secca que um sopro de vento faz desapparecer de sobre a terra.

A noticia do nascimento do Messias publicada em toda a Judeia fez com que um decreto mandasse degollar todas as crianças que existiam em Bethelem e seu Termo, até á idade de um anno, para ver se nesse numero se comprehendia o que já era chamado Rei.

Executou-se a ordem decretada por Herodes, as cabeças dos innocentes rolaram pelas ruas. Maria — Jesus — e José, vão para o Egypto e alli começou o Salvador do mundo a sua carreira sobre a terra.

Curta foi a existencia do Messias, mas no pouco tempo que viveo, a sua vida teve por base a humildade e a resignação, foi o compendio da Lei que nos deixou.

Os decretos do Eterno Pai que o mandára á terra, haviam de ser cumpridos.

E a hora do sacrificio caminhava para o cordeiro que havia de ser offerecido a seu Pai, para desagravo de sua justiça offendida.

D'entre os doze que formavam o Apostolado, um, por trinta dinheiros entregou o Mestre ao poder das turbas.

E no cimo de uma montanha escarpada, encravado n'uma Cruz, coberto de affrontas, exposto aos olhos do mundo expirou Jesus — o que havia trinta e tres annos tinha nascido para assim resgatar o mundo do captiveiro da culpa.

O nascimento de JESUS CHRISTO é pois a maior de todas as solemnidades do Christianismo, porque com elle, nasceo a salvação.

Á meia noite os templos são patentes aos fieis em memoria da hora em que Jesus nasceo, e alli, os Ministros da Religião, por entre Solemnes Hosanas, queimam sobre os thuribulos o insenso santo com que thurificam o berço em que está Jesus, e a Cruz em que morreo.

Sobre as aras santas é offerecido o Corpo Sacramentado de Deos vivo como sacrificio immaculado da Religião Catholica.

E os fieis reconhecem que o nascimento de Jesus é a origem da sua salvação eterna.

D. Lobato Q. B. de Faria.

A TENDEIRA DE PLYMOUTH.

Esta Tendeira era singular; na Persia aonde vendem a formosura ao peso, ella teria valido muito dinheiro, pois tinha uma configuração immensa! Podia ter quarenta annos; sem ser bonita, ella possuia olhos e dentes que attrahiam logo a attenção e uma voz tão meiga e tão argentina como a campainha de sua loja. De genio sempre alegre e com expressões affaveis ella agradava a todos sem excepção. Tinha tambem o seu capricho, que era o de ser uma pessoa entendida no negocio, e não deixava de ter razão, visto ser dotada de uma boa cabeça, fazendo bem as suas compras e tendo ordem nos seus livros, assim como no seu armazem, onde cada cousa se achava no seu lugar.

A Tendeira não gostava de chicana e se por desgraça qualquer dos seus numerosos freguezes lhe não pagava no fim de uma semana do crédito, ella não perdia seu tempo nem seu dinheiro em citações, indo ao tribunal, mas fazia simplesmente uma cruz sobre o rol do culpado. Resultava d'ahi que aquelles que davam valor a tanta paciencia compravam na sua casa, com dinheiro na mão, em quanto tomavam a crédito em casa dos seus visinhos, de modo que com o tempo, a Tendeira veio a ser mais rica do que os seus rivaes em mercearia.

Estando um dia a ler uma antiga novella de Fielding que ella achou n'uma porção de papeis velhos que tinha então comprado, entrou no armazem uma mulher mui nova que trazia um singelo chapéo de palha e uma ampla capa escoceza; era visivelmente superior á classe ordinaria das freguezas da Tendeira, ainda que suas compras fossem mui diminutas.

A Tendeira estava apromptando a encommenda quando a joven lhe disse: — Acharme-ha talvez bem ousada, senhora, mas queira conceder-me licença para comer um desses figos, apontando para uma ceira que continha uma porção dessa fructa sêca.

— Com muito gosto, minha menina, respondeo a boa Tendeira olhando rapidamente para a figura de sua freguezo, depois continuou com um sorriso alegre: coma quantos quizer, e logo a joven deitou-se á ceira e comeo da fructa sofregamente.

As compras estavam pesadas e postas sobre o balcão, quando olhando para a sua conta, a joven vio que a logista lhe não levava nada por os figos.

— Não faça caso minha menina, disse a boa Tendeira, estão muito ás suas ordens. Eu bem vejo do que se trata! — Fazendo então um papeliço do resto dos figos ella pedio-lhe que os acceitasse, accrescentando: — Sou muito interesseira e procuro sempre segurarme de uma freguezo. Tal não era a verdade.

— Que bondade, respondeo a joven, em quanto um vivo rubor lhe cobrio as faces desbotadas ao receber este presente. Ella retirou-se commovida pelo agrado da Tendeira, que do seu lado estava tão satisfeita como se tivesse concluido algum bom negocio. Sempre alcançou esta freguezo, tal qual ella era; isto é, mui pobre mas visivelmente de nascimento superior.

D'ahi a dois mezes a velha Davies, freguezo continúa da Tendeira, entrou para comprar uma ninharia e deixou-se ficar para conversar.

— Pois então, como vão os negocios?

— Não me posso fazer pagar dos meus alugueres, disse Davies, o segundo andar não me tem dado um real ha tres semanas.

— Porque não despede os seus inquilinos? observou a Tendeira. Os que não podem pagar uma semana, de certo que não pagarão duas; siga o meu systema.

— Tomára eu, respondeo a velha Davies, mas o caso é que se trata de uma creatura que acaba de dar á luz um filho. É um tanto orgulhosa, porque ainda que muito fina, se se póde accreditar n'aquillo que diz, eu não vejo o seu dinheiro; não sei o que me parece presumpção sem meios.

— Mas que é feito de seu marido? perguntou a Tendeira.

— Só Deos o sabe; em quanto a mim eu nunca vi homem algum pôr pés em casa d'ella. O que me desagrada mais é que não é nada dada; porque, quando me pagava ainda a renda da casa, mostrava-lhe alguma consideração, e julgando que devia estar muito aborrecida, offereci-me para lhe fazer companhia. Mas logo me fez entrar em mim, dizendo que não queria causar incommodo. Ora, não se póde aturar o orgulho!

— Que feições tem? perguntou a Tendeira.

— É tão fraca como senhora: quer que lhe diga, parece-se com uma fidalga, mas com tudo tem mais soberba do que dinheiro.

— Traz ella um chapéo de palha e uma capa escoceza?

— É verdade, disse a velha Davies. Pois conhece-a?

— Foi das minhas freguezas.

— Queira Deos que lhe não deva muito, respondeo a velha, senão hade-lhe custar bem para se fazer pagar.

— Não me deve nada, de mais a mais bem sabe que eu não faço crédito muito tempo.

— Tem razão; assim podesse eu fazer o mesmo. Porém já a despedi e força será que se vá embora, para a semana, sem barulho. Penso que nunca verei o meu dinheiro. Ora

esta, eu aqui e meu homem que espera pela cêa, o que não lhe hade agradar muito; adeos.

(Continúa.)

D. C. A. de Andrade.

Tendo lido algumas poesias do Sr. F. Gomes de Amorim, de que muito gostámos, e tido informações a seu respeito, desejámos conhecer este genio filho legitimo das Musas; este poeta que se eleva á Eternidade sem outro auxilio além da natureza que tanto o distinguio! São estes os genios que mais desejamos elogiar, porque nós presamos mais os titulos que Deos confere, do que aquelles com que os homens pretendem enobrecer os homens!...

Pedimos ao Sr. Amorim uma poesia muito de proposito para termos occasião de offertar louvores ao seu merito.

O genio do Sr. Amorim não é como elle por modestia diz — um cardo — é sim uma planta delicada nascida no deserto, e que sabios cultores devem transportar aos formosos jardins da nossa litteratura; animar, proteger para que a Patria colha preciosos fructos de seus talentos.

O Annel com que nos brinda será um dos annees da cadêa que liga os Socios da Assembléa Litteraria, e fará que de ora em diante como tal consideremos o Sr. Amorim, a quem as Damas da Assembléa Litteraria tecem nestes justos louvores a corôa devida a seus talentos, e que lhe offerecem na sua entrada como nosso Colaborador.

O Annel é uma bella poesia, e muito estimamos vêr o exemplar castigo da infidelidade que segundo o nosso pensar é o mais negro e abominavel dos crimes. O que sentimos é que o delinquente pertença ao nosso sexo; entretanto não seremos por isso mais indulgentes. — Se ella foi culpada soffra, que um tal delicto não tem perdão; a sentença de morte foi muito bem proferida; e melhor ainda a execução...

Ill.ma Ex.ma Sr.a — A falta absoluta de tempo me tem impedido de cumprir as ordens de V. Ex.a que tenho como leis. A Poesia que me mandou escrever para o seu Jornal, aqui vai nesta carta, — pobre folhinha, rasgada do livro da minha vida para ir apparecer entre nomes — cujo menor dote — é talvez a belleza, porque o talento os tem precedido.

O Jornal de V. Ex.a (perdoe-me a digressão) não é só interessante pela intelligencia com que está sendo redigido e colaborado, mas tambem pelo bello sexo dos *colaboradores*: do meio dos seus nomes, vai o meu destacar como um cardo, vegetando em um Jardim, por que a minha Poesia, leva estampado em cada verso, o sello da insignificancia. Rogo a V. Ex.a o favor de publicar esta carta para me servir de salvaguarda, porque se alguma honra me póde caber de tal publicação (da Poesia) é tão sómente a de ser escripta no Jornal de uma Senhora.

Tenho a honra de ser, com a mais alta consideração e respeito

De V. Ex.a

Muito att.o venerador

Lisboa 12 de Dezembro de 1849. F. Gomes de Amorim.

O ANNEL.

Ámanhã damos batalha
Por defender a nação
Vai commandar-nos ao campo
O nosso Rei D. João.

D. João é tão valente
Que não teme de ninguem,
Trema Castella a vaidosa
Com seu soberbo desdem!

Que os plainos d'Aljubarrota
A gloria lhe hão-de roubar,
Os nossos rijos montantes
Vão-lhe a soberba humilhar!

El-Rei D. João primeiro
Quando salte a combater,
Bem sabem quantos o seguem
Que o grande Rei vai vencer.

E eu tambem neste combate
Por Deos que não faltarei!
Hei-de erguer a minha espada
Ao lado do forte Rei!

Dou-te este Annel D. Branca,
Promettes não m'esquecer?
Ou voltarei cavalleiro
Ou não me tornas a ver!

—

Um joven formoso pagem
Que o nome de Mendo tem!
Assim fallava chorando
A quem queria mais bem!

Era uma linda donzella
Filha de nobre senhor,
Que ao namorado mancebo
Pagava amor — com amor.

Dizia Branca em soluços
— « O teu Annel guardarei,
Oh! Mendo, se tu morreres
A mais ninguem quererei!...

» Mas tu não has-de finarte
Falla, dize, não é assim?
— Eu juro — diz elle — amarte
Se tu m'o juras a mim!...

As juras que os dois fizeram
Nem eu as quero contar...
Eram d'amor — tão ardente...
E eu tenho medo de amar! —

—

Foi-se o mancebo p'ra guerra,
Coitado! — mas não voltou!
D. Branca, a linda virgem
Por muito tempo o chorou!

Mas as penas tambem morrem
Como tudo ha-de morrer!
A donzella pouco, a pouco
O pagem ponde esquecer!

E no fim de quatro annos
Até contente casou!...
Pelo pobre pagem Mendo
Um gentil-homem trocou!

—

Era o dia do noivado
A noite vinha a chegar!
D. Branca deixa as danças
Vai-se ás salas passear.

E lembrou-lhe o pobre Mendo
Que lhe tinha inda o Annel!
Lembrou-se das suas juras
E que lhe fôra infiel!

E disse — « Ninguem o sabe,
» Mortos não podem fallar!
Eis que uma voz lhe responde:
— Mas vivos, podem voltar!...

E Mendo junto de Branca
Tremendo fallava assi
— Fui escravo de Castella
— Pude fugir — eis-me aqui!

—

A donzella espavorida
Debalde tenta fugir!
— D. Branca, D. Branca!
— Quero-te as juras cumprir!

— E vou cumpri-las de certo
Porque sempre te adorei!
Dize — que é feito das tuas,
Que é do Annel que te dei?...

— Casaste nobre donzella,
Encanta-me tanto amor!
Sinto prazer em roubar-te
Ao teu pod'roso Senhor!

—

D. Branca de joelhos
Bradava — « Perdão, perdão!...
» Rouba-me a vida que eu tenho
» Porém perder-me — isso não!

— Perder-te — diz-lhe o mancebo
Eu não te quero perder!
Juràmos ser um do outro
Juntos devemos morrer!

—

Quando o Pai de D. Branca
Veio a filha procurar!
Viu-a a ella de joelhos,
E o pagem sem fallar!

Sentado defronte d'ella
Olhos fictos, sem acção,
O fatal Annel das juras
Tinha fechado na mão!

Chamam debalde por elles
Porque nenhum respondeu!
— Estavam mortos — mas como,
É que ninguem entendeu!

N'enhuma esperta visinha
O caso soube contar!
N'enhuma velha advinha
Lhe quiz as cartas deitar!

Nem sequer o Pai de Branca
Conservou a habitação!
Porque sempre á meia noite
Das salas na solidão
Se ouvia a voz da donzella
Gritando = Perdão, perdão!!!

—

Minha avó, quando eu chorava
Este conto me contava,
E não sei se aconteceu!
Lembra-me desde criança
Porque me traz a lembrança
Da minha avó que morreu!

F. Gomes de Amorim.

Á ILLUSTRE REDACTORA.

No regaço da paz se passou
Minha bella, e feliz mocidade,
Nossos dois corações se ligaram
Houve em nós a mais terna amizade.

Esse tempo porêm que lá vai,
Que d'esta alma os prazeres levou;
No meu peito, por tuas virtudes,
Mais o nó d'amizade aperteu.

Hoje pois transtornado em tormento,
Mais sensivel minha alma formou;
És comigo, qual mel do martyrio,
Que uma parte da flor adoçou.

É qual vista da terra pr'o nauta,
Tua liza, e constante amizade,
Foi igual, nossa sorte na dita,
Na desdita conserva igualdade.

Ambas fomos dos Pais as delicias,
Ambas vimos sorrir-se a ventura,
A nós ambas mostrou seus favores
Mas o negro phantasma não dura!!

Destruio-se desfez-se a illusão
Ao mecherem-se as Parcas fataes
Que chegando-se ás vidas paternas
Lhes levou seus alentos vitaes.

Eu vi isto, e tu não, mais feliz
És um pouco inda mais do que eu;
Meus prazeres na terra, são dores
Minha espr'ança de paz, é no céo.

D. Antonia L. Carral de Trive.

APOLLO

SEMANARIO RECREATIVO, CRITICO E THEATRAL.

Com este titulo vamos emprehender a publicação de um jornal, que sahirá á luz tão depressa haja sufficiente porção de assignaturas. — Não faremos vãos promettimentos: na época delles, achâmos escusado augmentar o seu numero: empregaremos todos os esforços para que este Semanario se torne critico e recreativo, contendo alternadamente — romances, poesias, charadas, variedades, e chronica theatral —: é quanto basta de promessa.

Publicar-se-ha todos os sabbados uma folha de quatro paginas, formato de folio, typo miudo, impressa nos prêlos da Imprensa Nacional, com a nitidez propria das edições daquella Officina. — Preço, 10 rêis.

Os Senhores, residentes nas Provincias, que desejarem assignar para este Semanario, poderão faze-lo, dirigindo-se por carta, franca de porte, á Redacção do APOLLO, Rua direita de S. Paulo, n.° 115, 1.° andar, remettendo 240 rêis, importe de vinte e quatro folhas, que lhe serão enviadas, com a devida regularidade, pelo Correio.

Pede-se a restituição deste prospecto, com assignatura, ou sem ella.

THEATRO DE D. MARIA II.

Sabbado 22 do corrente em Beneficio da Sr.ª Landa — O Trapeiro de Pariz. —

A Beneficiada preencherá os intervallos cantando.

Explicação da Charada do N.° antecedente.

VILLA-FLOR.

TYPOGRAPHIA DE J. B. MORANDO,
RUA DO MOURO DE VENTO N.° 39.

DEZEMBRO 20. 1849. NUMERO 20.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lovado, na dita n.° 8; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 50 réis.
As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

O NATAL.

Oh! Reis ajoelhai! Correi Pastores!
Eis a Prole do Eterno! Eis o Messias!
Bocage.

AMOR COM AMOR SE PAGA.

Já de flores viçosas se esmalta
A campina que o gêlo cobrio!
O cordeiro nos prados já salta!
Que é do inverno tão triste, e tão frio.

Que é do horror, que é da morte apparente
Em que oppresso jazeste Bethlem!
Linda Aurora assomou tão lusente
Quanto a Noite lustrosa tambem!

O profundo silencio das trévas
Se converte em cantares!... Oh! lus
Que da noite no seio te elevas!...
Não és Sol... nem Estrella!... És Jesus!

És o Filho do Eterno! O Messias,
Que da Virgem mimosa nasceo!
Eis cumpridas fieis prophecias!...
Nos abysmos o Monstro gemeo!

E os tyrannos da terra se exaltam
Transportados em negro furôr!
De innocentes as vidas assaltam
Corre o sangue co'o pranto!... que dôr!

Oh! martyrio sublime! que as portas
Do ceo abre! Innocencia feliz!
Esses golpes crueis que supportas
Lá redobram do algoz na cerviz!

Em palhinhas... o Infante adorado,
Ante o qual se ajoelham os Reis!?...
Dos Pastores nos hymnos louvado,
O que á terra vem dar sacras leis!

Salve! Noite que as trévas doiraste
Mais brilhante que um dia de Abril!
Quadra agreste, invernosa, accataste
De Jesus o corpinho gentil!...

Natureza, respeitaste
Da natureza o Senhor!
E os humanos ultrajaram
O seu Deos, e Salvador!

O que p'ra felicitar-nos
N'um Presepio quiz nascer;
O que para libertar-nos
Quiz n'um supplicio morrer!

Eis a Cruz junto ao Presepio!...
Eis a Cruz onde espirou!
Olhai fieis... dessas chagas
Quanto sangue derramou!

Essa Cruz, aquelle sangue
São a voz do Redemptor,
Que nos brada a cada instante
— Pagai amor com amor! —

D. A. G. Pusich.

ADORAÇÃO.

Exultai povos da terra!
Exultai! vinde adoremos
A Jesus Filho da Virgem
Que nascido entre nós temos!

Jesus que para salvar-nos
Sua Gloria aniquilou,
Já de Homem o sêr tomando
Dos Céos á terra baixou!

Dos Céos á terra baixou
Por fazer nossa ventura!
Seu Natal maravilhoso
Louve toda a creatura!

Aves, Mar, Bosques, e Flores,
Lua, Estrellas, Firmamento,
Ao Senhor bemdizei todos,
Louvai tão grande portento!

Quanto existe sobre a terra,
Quanto ella produz e cria,
Tudo exalte, adore, e louve
Jesus Filho de Maria.

Vinde pois oh! povos todos,
Correi cheios de prazer,
Vinde adorar reverentes
O Deos de immenso poder!

Os corações offertai-lhe
Com ternura e gratidão,
Não percaes o doce fructo
De tão cara Redempção.

E vós Virgem Soberana
Dos Céos e terra Senhora,
Mãi de Deos, dos homens Mãi,
Sêde nossa intercessora!

Rogai ao Filho Bemdito
De nós tenha compaixão,
E Propicio os olhos fixe
Na Portugueza Nação.

D. M. M. Stockler.

MEDITAÇÃO.

Tres vezes o Gallo cantando nos disse,
O fructo bemdito da Virgem nasceo;
Mas para remir-nos, salvar-nos da culpa,
Ai! quantas torturas! que dôres soffreo!

Do seio da Virgem nas palhas poisou,
A Gloria do Mundo, o nosso Jesus!
Que os homens ingratos, malditos, sem dó,
Em breve chagado pregaram na Cruz!

Tu viste Senhora o fructo bemdito,
Das tuas entranhas ferido e chagado:
No collo o tiveste, e o collo materno,
Do sangue de Christo, tambem foi banhado;

Tu viste seu corpo só negro, e vermelho,
Que o sangue, e torturas, vedava outra côr;
Teu pranto cahio na f'rida ind'aberta
As mãis só que julguem qual foi tua dôr,

Tu viste seu corpo na terra involver-se,
A falta choraste do filho adorado,
Tu sempre o seguiste n'acerba paixão,
Té morto o seguiste a ser sepultado.

Ouviste teu nome nos labios bemditos,
Senhora que dôr tu'alma assaltou!
Que angustias crueis, teu peito opprimiram,
Só quando nos labios a vida espirou!

Tu déstes exemplo, e as mãis que te imitem
Que o teu patrocinio não hade faltar-lhes,
Que sigam seus filhos, trabalhem pr'a elles,
Que a Virgem Maria a mão hade dar-lhes.

D. Antonia L. Cabral e Teive.

NOITES DE YOUNG.

IMITAÇÃO.

Neste instante me acorda a voz rouquenha
Do gallo vigilante!... Foi o Eterno
Quem o pôz de atalaya junto ao homem,
A gritar-lhe de noite: — Álerta! Álerta!
Filho do pó, não durmas! Olha os anjos!
Ergue-te a revezar seus hymnos sacros!
Todo o universo a Deos está patente!...
Elle me vê... mas ah... quão triste e afflicto!...
O pranto em borbotões me innunda as faces!
Resignação, valor, tudo hei perdido!...
E o homem que succumbe acaso é homem?...
Eu, por ventura, ignoro as leis severas
Que nos impõe a mísera existencia?
Mal surgimos á luz, somos ligados
Ao acúleo da dôr!... O unico meio
De mais brandos tornar tantos supplicios,
É sorrirmo-nos quando nos golpeiam!...

(Continúa.) Maria J. S. Canuto.

NATAL.

Il régnera à jamais dans la maison de Jacob:
Et son regne n'aura point de fin.
Ev. de S. Luc.

Salve oh dia venturoso,
Que recordas um mysterio!
Tu revelas a verdade,
Revestida com imperio!

As lagrimas enxugaste
Da mais negra escravidão!
Que resvalavam nas faces,
D'um povo em tribulação!

D'um povo tão puro e crente
Na palavra do Senhor;
Que lhe bradou «é chegado»
A Bethlem o Redemptor.

— Que harmonia tão celeste?!
Lá nasceo o meu Jesus!...
A humildade ensinando
Que em sua vida relus!!...

Sim, nasceo o Rei dos Reis!
Sim, nasceo meu Salvador!
N'uma tão pobre pousada,
Mais pobre que a d'um pastor!!...

Era o Senhor d'Universo,
Que trouxe uma nova Lei!
Para livrarte Israel
D'um colossal atroz Rei!!...

É o Messias promettido,
Á tantos sec'los por Deos!
A quem se entoão os hymnos,
Que altiros sobem aos céos!...

Salve oh dia magestoso,
Que recordas um mysterio!
Revelando uma verdade,
Revestida com imperio!!

J. H. Almeida Blanco.

24 de Dezembro 1849.

A pena que nos impõe a Ex.ma Sr.a D. Maria Margarida Stockler, nossa presadissima amiga, e mana, é tão rigorosa (nada menos que retirar-nos a sua collaboração se lhe desobedecermos) que não podemos deixar de consentir na publicação desta seguinte carta em verso que nos dirige enviando a sua poesia ao Nascimento de Christo. E não se contentou só com a nossa promessa de a publicar, obrigou-nos a ler em voz alta estes louvores filhos da sua amizade! A tudo obedecemos pela razão expendida; não queremos privar esta folha da gloria de ter na lista de suas collaboradoras um genio tão distincto, nem roubar a nossos leitores a satisfação de lerem suas poesias. Attentas estas cousas tão poderosas esperamos se dignem relevar os excessos de bondade da Sr.a Stockler, e da nossa condescendencia.

A Redactora.

CARTA.

Minha boa e antiga Amiga.

Eu sou d'Assembléa
A mais pobrezinha,
Pobre de fortuna,
De saber mesquinha!
Por satisfazerte
Authora sem par
Minha inerte Lyra
Te venho offertar.
Releva seus erros,
Benigna os corrige,
Meus trémulos vôos
Junto aos teus dirige.
Tu és do Parnazo
Muza singular
Quem teu Canto escuta
Não ousa cantar.

Tua Amiga sincera
M. M. Stockler.

DOUS MYSTERIOS.

A DISPETO DELLA NEBIA IL SOL RILUCE [1].

Tendo estado em Inglaterra, França, e Italia, regressei emfim a Portugal. Chegando a Lisboa, não obstante as attribulações que en-

[1] Nas minhas viagens á Italia vi esta legenda no frontespicio de uma pequena estalagem de campo, não longe de Florença.

tão me opprimiam, um de meus primeiros cuidados foi procurar Irminia. Encontrei-a... mas como!... Dez mezes haviam decorrido apenas, e seu rosto parecia ter visto passar dez invernos! Quanto póde o desgosto! Perguntei-lhe por Edgard; um não sei acompanhado de uma torrente de lagrimas foi a sua unica resposta! Arrependi-me de haver magoado as feridas do seu coração, e cuidei em distrahil-a contando-lhe alguma cousa do muito que eu tinha visto, e soffrido!... Esta narração talvez fosse um interessante episodio; mas é circunstancia que pertencendo á historia da minha vida, se torna estranha aos amores de Irminia, assumpto deste Romance; e por tanto delles unicamente vou dar noticias ao leitor.

Ás dez horas da manhãa de um dos primeiros dias do mez de Fevereiro do anno de 1839, uma carruagem parou á porta da Quinta de N. S. da Conceição. Quem será? disse Irminia sobresaltada, e como despertando seu espirito do mortal somno em que seus desgostos a haviam sepultado; — Quem se lembra que vivo ainda! Um occulto presentimento lhe chamou á vida todos os sentidos; mandou saber quem era. Um cavalheiro se apeou, dizendo que precisava muito fallar-lhe; entrou, e logo reconhecemos n'um joven de 24 a 25 annos aquelle que tantas lagrimas derramou quando Irminia se sacramentou!

— Senhora, disse o mancebo, lembra-se de umas cartas, uns versos que n'outro tempo recebeo de um joven mysterioso que a adorava; e pertendia o seu amor?... que protestou revelar o seu nome quando tivesse a ventura de ser admittido á presença de V. Ex.ª pois eil-o... sou eu Augusto ....

— O Senhor?!... brada Irminia erguendo-se, e que pertende de mim?!

— A sua amizade, e que acceite das minhas mãos a sua maior felicidade... o seu resgate... seja eu o primeiro a annunciar-lhe que está livre...

— Eu livre!... como assim!...

— Eis-ahi a verdadeira certidão do obito de seu marido, morto em Gibraltar de uma apoplexia fulminante, não é esta certidão igual á que o Major lhe enviou, e que lhe roubou para não se descobrir a sua maldade. Esta é legal, como vê, reconhecida pelas nossas authoridades.

— Meu Deos!... será crivel!... exclama Irminia derramando porém algumas lagrimas sobre a sorte de seu marido: e V. Ex.ª como ainda se interessa pelo destino de uma infeliz tão proxima ao tumulo!

— Agora é que a minha affeição é verdadeira, pura, desinteressada! Outr'ora era um amor desordenado, uma louca pertenção; a sua virtude, o seu amor por Edgard confundiram-me; enterneceo-me o seu soffrimento! Eu me envergonhei de haver por algum modo pertendido pertubar a sua união!... Sinto converter-se em sentimentos mais nobres todo o meu amor: amizade, compaixão, o intimo desejo de a ver feliz, eis os sentimentos que de ha muito me animam por V. Ex.ª Eu tambem quiz ser heroe; a virtude de V. Ex.ª foi um estimulo que me fez seguir o caminho da honra. Observei todos os passos de seu marido; empenhei em favor de V. Ex.ª todas as authoridades, e meus parentes dos quaes um aqui veio offerecer-lhe seus serviços, o Marquez .... Nunca mais descancei! Apenas seu marido se retirou para Gibraltar escrevi ao Consul portuguez que me désse continuas novas daquelle homem; e eis a carta delle que acabo de receber, e a certidão. Assim podésse eu entregar-lhe a mão que outr'ora desejei aniquilar!...

— Ah! quanta virtude!... aonde estará elle? A estas palavras de Irminia o joven baixou os olhos tristemente.

— Morreria elle, meu Deos! brada Irminia. Ah! por compaixão alma sensivel, e virtuosa, tire-me desta incerteza fatal. O que é feito de Edgard?... casou?... morreo?...

— Não, Senhora; enlouqueceo — responde Augusto.

A estas palavras Irminia se lançou aos pés de Augusto implorando-lhe a conduzisse ao seu amante — Ah! porque me esconderam esta desgraça!... ter-se-hia evitado talvez!

Ergueo-se o mancebo, e tomando-a pelo braço a conduzio á Quinta de Santa Catharina, mesmo defronte da Quinta onde Irminia habitava!

Quando convalescente, e pouco antes de perder o uso da razão, quiz Edgard escolher aquella habitação, lembrando-se talvez que a sua amante voltaria a residir na Quinta da Conceição!... e não o enganou o coração! Poucos dias depois d'alli estar começou a

cismar, tendo perdido o somno e a vontade de comer; evitando toda e qualquer companhia, que parecia aborrecer; buscando a solidão, e terminando emfim em loucura formal que em breve se tornou furiosa! O seu honrado amigo o Padre J .... não o quiz abandonar, nem consentio que o tirassem do lugar que Edgard elegêra. Mandou buscar dois habeis enfermeiros; mas era impossivel conserval-o solto; de modo que foi preciso mandar pôr grades de ferro na sala onde o desgraçado presistia.

Assim encarcerado o foi encontrar Irminia! duvidaram permittir-lhe a entrada; mas ella, e Augusto pediram tanto ao Padre J .... que este consentio finalmente que Irminia entrasse, ficando todos prevenidos para soccorrel-a quando necessario fosse.

Estava o infeliz escrevendo na parede uns versos; o semblante abatido, e magoado; os olhos espantados; a côr palida, os cabellos em desordem, e o vestuario rasgado!... Irminia correo a elle gritando — Edgard, oh! meu Edgard... abraçando-o desfeita em lagrimas. Culparam todos o imprudente transporte do amor de Irminia, receiando que Edgard se enfurecesse; e tivesse a pobre Sr.ª de pagar caro a sua confiança; mas o que aconteceo? O enfermo ao ouvir aquella voz larga o lapis, volta o rosto, encara attento para Irminia, e brada com toda a força da sua voz — Irminia!... E apertando-a nos braços cahe soffocado sobre a marqueza em que dormia, cobrindo-se de um suor frio, e quasi sem alento. Acudiram-lhe com espiritos que lhe animassem os sentidos; e logo que tornou a si todos se retiraram, menos Irminia.

Edgard olha em roda de si, e diz:

— Irminia, Irminia!... És tu, ou a tua visão Anjo adorado!...

— Sou eu, respondeo-lhe ella; a tua amante... a tua Esposa...

— Esposa!... ah!... diz Edgard soltando um horrivel grito de desesperação, e elle? aquelle Dragão infernal que te arrancou de meus braços?... deixaste-o para me acompanhar aqui na sepultura? Sim, deixa-os viver lá no Mundo, e nós aqui no tumulo eternamente unidos!... Agora venha elle... venham todos os exercitos da Russia... não conseguirão dividir-nos!... Acabadas estas palavras unindo-a ao seio cobria-lhe as mãos, e as faces de ardentissimos beijos.

Irminia então lhe pedio que a attendesse; e elle a escutou como se estivesse em perfeito juizo.

Disse-lhe Irminia que ella era já livre; e que elle d'alli havia sahir para sua companhia, para nunca mais se separarem.

— Sim, sim, respondeo Edgard erguendo-se, tomando-a pelo braço, e tentando sahir sem chapéo. Irminia lhe ponderou que precisava licença do Medico.

— Licença!... para que? para ir com minha Esposa!... Ora esta?... dizendo isto pertendia sahir do quarto. Augusto appareceo com os enfermeiros. Edgard enfureceo-se ao ver Augusto, fazendo gestos de desesperação, porém socegou quando Irminia lhe disse que fôra elle quem alli a trouxera. O Padre J... estava satisfeitissimo, e todos esperando que Edgard recobrasse a razão, esperavam anciosos o dia seguinte para consultar o Medico. Irminia passou a noite junto ao seu amante, e este em tal placidez que até os enfermeiros a quem ella brindou com alguns pintos, foram dormir descançados.

Ao amanhecer vieram saber do doente, e trazer-lhe um caldo. Edgard tinha dormido algumas horas, e acordado com as feições mais ao natural.

Augusto, o Padre J..., e o Medico entraram; Edgard ao vel-os se perturbou, e segurou Irminia; esta porém o tranquillisou dizendo que eram amigos. O Medico examinando o doente conheceo que dava toda a esperança de melhora, e consentio em que fosse com a sua amante que era de certo o melhor enfermeiro, e a unica Medicina para tal enfermidade. Irminia pedio a todos que apparecessem; e grata se despedio levando para sua casa o seu amante que em pouco tempo se achou inteiramente bom, e crendo um sonho tudo quanto soffreo! Foi preciso comtudo um tratamento muito delicado para vencer a extrema debilidade em que estava; mas felizmente Deos permittio que os desvelos de Irminia restituissem ao seu amante o que o seu amor lhe havia roubado! A razão!... o maior bem que possuimos na terra!

(Continúa.)

D. A. G. Pusich.

A TENDEIRA DE PLYMOUTH.

(Continuação.)

A Tendeira voltou ás suas occupações de costume, que eram de medir assucar e outros generos, mas não tão dextra como de costume, por se achar preoccupada com o assumpto sobre o qual a velha Davies acabava de conversar, porque ella tinha paixão pela jóven *orgulhosa* e procurava um meio para lhe poder ser util: por conseguinte o seu genio compadecido não lhe deo descanço até ter subido os dois andares da casa aonde morava a joven desconhecida. Batendo levemente á porta, uma triste velha que servia de enfermeira, veio abrir.

— Peço, minha Senhora, queira desculpar a confiança que tomo, disse ella logo, chegando-se para a cama, mas desejava tanto ver o menino.

A joven, que estava encostada em cima da cama, não conheceo quem lhe fallava mas deo signal de consentimento.

— Eu, minha Senhora, sou a Tendeira da esquina, disse a boa creatura, e venho saber da minha fregueza, admirando muito não a ter visto ha tanto tempo, e quando chegou junta ao leito a doente deo-lhe a mão.

— Isto é ter demasiada bondade, respondeo a joven com uma voz fraca, agradeço-lhe muito, e...

— Não falle, não falle, disse a Tendeira, em quanto lhe levantavam uma dobra da coberta para mostrar o menino que dormia. Que bella criança! Oh! que formosura. Não póde fazer idéa, minha senhora, quanto eu gosto destes anjinhos; elles precisam tanto de nós! Quanto o pai deve estar satisfeito.

— Nunca o vio, respondeo a joven; está embarcado, e provavelmente na India nesta occasião.

— Coitada! disse a Tendeira, depois, fallando de vagarinho, mande a enfermeira embora.

A doente obedeceo e a enfermeira sahio do quarto.

— Queira-me perdoar, minha senhora, mas eu tambem fui mãi, e sei por experiencia que um bello menino como aquelle carece de muito alimento. É necessario que coma sufficientemente, ou hade perder a sua saude.

— Bem o sei, respondeo a mãi, mas todos os recursos me faltam. Não recebo dinheiro ha tres mezes e estou atrazada no pagamento da casa — que lhe heide fazer?

— Antes de responder a esta pergunta, observou a Tendeira, eu lhe vou dirigir outra: Quem é a senhora? É realmente casada? Não a quero offender, mas tenciono ser-lhe util, pois não foi uma vã curiosidade que me trouxe aqui.

A joven sorrio-se e respondeo: — A certidão do meu casamento está naquella caixa. Sou a esposa legitima de André Wallace, segundo commandante do navio *Princeza Izabel*, cujo destino foi á India, e meu pai he nobre.

— Vejamos, disse a mulher entendida, quando a joven lhe entregava as suas chaves. Depois de ter examinado o documento com a mais vigilante attenção, tornou-o a pôr no seu lugar, accrescentando: — Estou satisfeita, e agora repetirei o que já disse, isto é, que a Senhora me interessa o mais possivel; atrever-me-hei a perguntar-lhe quanto deve?

— Nada mais do que libra e meio, respondeo a joven.

— Está bom! disse a Tendeira, e depois de ter reflectido um pouco, continuou assim: — Tenha animo, minha menina; eu voltarei ámanhã, e se no intervallo precisa de alguma cousa, póde-o mandar buscar porque lhe farei credito. Não falle, esteja socegada. Ora pois, enfermeira venha tomar conta na sua doente, disse ella á infeliz creatura que estava fóra da porta.

A Tendeira despedio-se da joven mãi, e metteo uma peça de prata na mão da enfermeira que a alumiava pela escada.

Conforme á promessa que tinha feito, ella foi no dia seguinte á casa de sua visinha e lhe disse: — Não acho sr.ª Wallace que esteja tanto á sua vontade neste aposento como eu o desejára, e tenho pensado que lhe poderia arranjar um cantinho na minha casa. Que lhe parece?

— Não tenho dinheiro, respondeo a sr.ª Wallace, senão acceitaria com muito gosto uma offerta tão grata.

— Não tem dinheiro: qual historia! O seu marido é responsavel por tudo, e estou bem certa que elle hade voltar carregado de ouro. Pois dê-me attenção: eu vou pagar tudo, e se o papá não voltar, então ficarei com

o pequenito para saldar as contas; e a excellente mulher ria-se com tanto gosto da sua propria proposição que deo bastante animo á sua protegida para acceitar o contracto.

O negocio ficou bem depressa concluido, e a Tendeira teve tanto cuidado de sua nova hospeda, que ella não tardou a sahir do quarto, indo ter com a jovial dona da casa, cujo genio divertido communicava-se tanto, que a sr.ª Wallace declarou que havia muito que ella não se sentia tão boa e tão feliz como então.

A Tendeira não sómente gostava das boas cousas do mundo, mas tambem tinha muitos meios para as alcançar, e teve grande cuidado que não faltasse nada á sua joven hospeda.

Ainda que suas expressões fossem triviaes, a franqueza e a bondade as faziam realçar, a ponto que quando a joven senhora lhe fallava no que lhe devia, esta excellente creatura lhe respondia sempre, que mui longe de lhe ser obrigada, era ella que tinha lucrado com este arranjo, e que esperava bem ser paga com usura por aquillo que tinha feito. A força de ouvir repetir estas asseverações a joven hospeda persuadia-se que ella fazia uma mercê á sua graciosa dona de casa. Ella não pensava senão que em breve teria o gosto de apresentar seu filho a seu esposo, cuja volta se esperava todos os dias.

— Deos he grande, dizia a Tendeira, e a esperança não deixa de ser uma boa cousa; mas deixa-me lhe dar uma palavra, minha menina; bem se vê que estas mãozinhas nunca se empregaram em obras grosseiras, mas agora que o menino cresce, e que sua saude é mais vigorosa, julgo ter-lhe preparado aquillo que a deve tornar independente. Eu bem vejo o que póde fazer com a agulha e tenho idéa que não ganharia pouco dinheiro, se estivesse disposta para isso.

— Eu farei tudo quanto fôr do meu alcance, para lhe mostrar a minha gratidão, disse a sr.ª Wallace.

— Não se trata disso, minha filha; eu não me occupo agora senão dos seus proprios interesses, e de modo algum dos meus; pois creio que poderá fazer uma quantidade de minharias que se vendem por bom preço.

— Mas eu nada entendo de commercio.

— Peior; quanto mais cedo principiar, mais depressa conhecerá a vantagem que tem. Se soubesse como me deixaram tão só, sem apoio, e como cheia de animo e de energia eu venci todos os obstaculos; olhe para mim agora. Estou á testa de um bom commercio, com um armazem bem recheado, do que não devo nada a ninguem, e demais a mais tenho á porta boas peças de ouro. Faça a obra e eu lha venderei, saiba sempre que he bom ter mais de uma corda no arco; pois então animo.

(Continúa.)

D. C. A. d'Andrada.

AO PUBLICO, E EM ESPECIAL AOS Srs. ASSIGNANTES DESTE JORNAL.

Madame C. d'Andrada, outr'ora Directora do Jornal Francez — L'Abeill — e hoje Collaboradora do Jornal que redigimos; constrangida a viver n'um retiro por suas tristissimas circumstancias na falta de suas Discipulas que se retiraram do Collegio que esta Senhora dirigia, o qual se extinguio por ter cahido gravemente enferma a sua Directora; Madame C. d'Andrada genio superior, dotada de muitas prendas entre as quaes realça a arte sublime da Musica, victima de um acerbo desgosto domestico havia-se deixado possuir tanto do seu sentimento que succumbio, e conservou por muito tempo abatido o seu grande espirito!... Ao brado da Redactora da Assembléa Litteraria invocando á sociedade as Damas de espirito para ornarem com seus escriptos a nossa litteratura, ergue-se este genio e disperta como de um profundo lethargo á voz amiga, que a chama á vida litteraria, á existencia mais gloriosa!... O seu nome torna a apparecer!... e são as columnas do nosso Jornal que tem a satisfação de o recordar ao publico; porque visto este nome o seu merito não hade esquecer. Madame Andrada apparece tambem implorando a protecção dos benemeritos Cavalheiros, e nobres Damas Portuguezas para a auxiliarem na resolução que tomou de offerecer um Concerto com os Auspicios do Nobre Duque de Palmella que teve a generosidade de lhe franquear para esse fim uma de suas salas no seu Palacio ao Calhariz; e dos Ex.mos Srs. Con-

de do Farrobo, Conde de Linhares D. Rodrigo, Visconde da Carreira, e mais Cavalheiros, e Damas que hão de acompanhal-a no mesmo Concerto, assim como o Sr. Casela que tambem executará no seu *Violoncello* algumas Peças. Das Senhoras que terão a satisfação de concorrer a este brilhante Concerto, é a Ex.ma Sr.a Onill cantora sublime uma das que se espera converta com sua voz angelica em paraizo a sala onde terá lugar tão distincta reunião. E nem uma Senhora da qualidade, e do merito de Madame Andrada devia esperar menos da elevação de sentimentos que caracteriza as almas bem formadas.

Nós imploramos ao Publico, e a nossos Assignantes especialmente, a sua protecção em favor desta Senhora tão digna de contemplação. Sendo aliás um dever salvar dos naufragios da vida uma pessoa que por seus talentos póde ser muito util á Sociedade.

O Concerto é a 15 de Janeiro pelas 8 horas da noite. A Redactora.

DESASTRE.

Um caso desastroso ultimamente acontecido nos excita a compaixão, e a supplicarmos todo o cuidado, e vigilancia para prevenir as fataes consequencias que resultam do abuso em que estão algumas mulheres sem outros conhecimentos além daquelles que a prática lhes confere, de irem assistir como Parteiras até em occasião de partos difficeis!

A Ex.ma Sr.a D. Maria Margarida, Consorte do Sr. Diogo Falcão Aranha, teve um Menino de 7 mezes no dia 2 do corrente mez, sendo um successo tão custoso que logo depois foi Sacramentada, e Ungida: o pai do recem-nascido querendo ver seu filho que estava já pensado pela Comadre, e deitado, vio o Menino muito branco, e sem movimento; tomou-o nos braços! e estava o innocente frio, e com os coeiros ensopados em sangue!... foi-se chamar de prompto um Facultativo, porém debalde se empregaram todos os esforços, que a criança faleceo seis horas e meia depois de nascido; e isto por falta de intelligencia, de cuidado, de caridade da Comadre que não lhe atou bem o embigo! A mãi experimenta melhoras.

BIBLIOGRAPHIA.

Apontamentos geraes da Historia do antigo e novo Testamento etc. Por João Tedeschi Lisboa. Preço 120 rs. Vende-se na loja de Lavado, Rua Augusta n.° 8, e em casa do auctor, Rua das Freiras Selesias, em Belem.

Esta obra tão util, e indispensavel á Mocidade merece a attenção de todos os chefes de familia, e mais pessoas encarregadas da instrucção primaria; e o Sr. Tedeschi tem jus aos maiores elogios por este importantissimo serviço que acaba de prestar á Sociedade, offerecendo a nossos innocentes Compatriotas um meio facil de conhecer a Historia que mais convém estudar; pois é aquella que nos instrue na Religião que professamos, e em que se deve buscar, e firmar a moral publica.

Este opusculo deve ser protegido, e recommendado. O pensamento que originou esta publicação revela os nobres sentimentos do seu auctor, que por tantas razões se constitue digno da estima, e consideração do publico.

Jocelyn — Episodio de Mr. de Lamartine, publicado por J. E. da Silva de Mendonça, e traduzido pela Sr.a D. Maria José da Silva Canuto. Vende-se e assigna-se na Rua Augusta n.os 1, 2, 3, 8, e 188.

Preço para os Srs. Assignantes 200 rs. por volume. — Avulso 240 rs. Contém sómente 2 volumes.

O nome do Auctor deixa conhecer o merito da obra; mas o nome da Traductora muito recommendavel a torna aos nossos Compatriotas: é uma Senhora já por seus talentos muito conhecida, e digna de toda a contemplação: uma Senhora que tem consagrado seus dias á educação de Meninas que tem a seu cargo n'um Collegio de que é Directora; e suas noites em vigilias cujo resultado são em honra da nossa litteratura. Por essa razão; e por ser nossa prezada Collaboradora recommendamos especialmente não só esta, mas todas as obras da Sr.a Canuto.

TYPOGRAPHIA DE J. E. MORANDO,
[illegible]

JANEIRO 5. 1850. NUMERO 21.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 8; e Carvalho, no Chiado. — Preços, por mez 160, Trimestre 480, Semestre 960, Anno 1:760, Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

A INSTRUCÇÃO DOS PRINCIPES.

É geralmente conhecido que se a instrucção é conveniente aos povos; aos Reis é indispensavel: os povos devem instruir-se para conhecerem toda a extenção de seus deveres, e suas conveniencias, para saberem obedecer ás leis, amar, e respeitar seus Soberanos; e a estes para cumprirem o sagrado encargo que Deos lhes confiou; para saberem mandar, e fazerem-se amar dos seus subditos. Ai! daquelle que tem de obedecer a quem não sabe mandar!... mas ai tambem do que não conhece os meios de governar a grande familia de que é chefe!... Os encargos deste são os mais graves; sua responsabilidade é tremenda! Obedecer a um mando justo, e suave, é mui facil! O subdito de um bom Rei é mais feliz que o mesmo Rei (quando o vil sentimento de ambição não se oppõe á sua felicidade) a sua sorte é comparada com a sorte de um filho sugeito ao mando de um bom pai que solicito proporciona a seus filhos uma existencia tranquilla, ditosa, livre de responsabilidade! O bom filho ama, deseja a conservação da vida de seu pai; e só o filho cego de ambição anceia por perder seu pai, entendendo ser uma fortuna o mandar, e dispôr da riqueza de que são administradores! Se reflectirmos bem no emblema que distingue os Reis, notaremos que o sceptro prende a dextra que o sustenta!... E o diadema não permitte que se mova livremente a fronte que o cinge!... O Rei é menos livre que o povo: isto é um axioma.

A elevação do Throno, a grandeza dos palacios, corresponde á elevação do Real encargo; á grandeza de suas responsabilidades; e a consciencia sugeita a tão grande pezo tem de soffrer muito para se conservar illesa!

Eis os motivos porque a instrucção nos Principes é indispensavel, para o bem estar da Nação, e do seu Chefe; e com tudo não é tão commum que deixemos de apreciar, e admirar o Rei que dá a seus filhos a melhor instrucção! Louvores por tanto se consagrem aos Principes que no meio de tantas grandezas, e distracções amam a applicação ás Sciencias, e ás Artes; principiam a fazer-se amar do seu povo dando a todos um exemplo efficaz, e esperanças de felicitar um dia a terra que os vio nascer, e cujos destinos o Céo lhes tem confiado. Nós hoje assim o cumprimos!...

Nós que nas columnas deste Jornal não temos duvidado molestar o orgulho aristocrata mostrando a nenhuma con-

sideração que nos merece a nobreza sem instrucção, e sem virtude; e offertando corôas ao merito daquelles que embora nascessem em humilde choça tem-se engrandecido por seus talentos. Nós que na infancia acalentadas em berço de oiro brincámos com os Principes, e junto ao Throno vimos nossos pais, e maridos cobertos de honrosas distincções; e de improviso tambem vimos esvaecerem-se os sonhos de grandeza, e n'um terremoto politico desabar sobre nós o edificio que encerrava toda a nossa fortuna!...

As honras funeraes devidas ao nobre ancião, ao general distincto por mais de meio seculo de gloriosos serviços, vimos substituidos pelo mesto acompanhamento de alguns amigos fieis cujas lagrimas regaram a sepultura daquelle que tendo consagrado seus dias, e seus bens á terra que não era sua, mas que prezou como sua, util a todos, e bom para todos!... perecer victima resignada!...

Ah!... para escrever neste doloroso assumpto... para resistir ao sentimento que esta recordação aviva, é que não temos forças!... Convém lançar um véo de morte sobre o quadro fatal, não dos destroços da nossa fortuna, mas dos ultimos dias do nosso honradissimo pai!

E nós!... sobrevivemos!... não nos deixámos esmagar do pezo das adversidades; e dando á natureza o que é da natureza, lagrimas dolorosas ás cinzas de nossos pais, maridos, e irmãos, que junto a nós succumbiram, erguemos d'entre as ruinas a fronte, e nos sorrimos ao ver substituido o berço de oiro da infancia pelo esquife da Misericordia!

Finalmente resuscitou o nome que embalde os homens injustos tentaram involver no pó revive em nós! Hoje em vez de um palacio temos uma pobre choupana; temos o Céo;... temos o Universo em que vivemos, e a companhia dos grandes, e pequenos! são todos nossos irmãos, e nossos iguaes, são todos nossos amigos!... Sim, porque a philosophia nos torna sobranceiras a todas as quimeras do Mundo, e porque Deos se dignou distinguir-nos com um titulo que só elle póde conferir, e que os homens não podem roubar.

Já se vê que a pessoa que assim pensa não liga a sua razão a terrenas considerações; vive do genio, vive da verdade, e o genio, a verdade respira em todas as suas acções! Por isso mesmo não duvidaremos nunca escrever o que a nossa razão nos dictar, certas de que todos tem direito, e motivo de censurar os defeitos do nosso entendimento; mas duvidar da pureza de nossas intenções sería grande injustiça! Quem usa a franqueza que nós temos por divisa, está ao abrigo de qualquer injusta supposição; e é confiando em nossa propria consciencia que nunca exitamos em dar louvores tanto aos pequenos que se fazem grandes, quanto aos grandes que se elevam além da sua grandeza! Tudo quanto havemos dito é uma satisfação dada a nós mesmas, que o publico não exigia talvez; porém temos a consciencia escrupolosa de mais em certos pontos!... Será o orgulho, talvez, filho do genio, que se revolta com a idéa de que houvesse alguem que interpretasse mal o sentido de nossas expressões; e a um *justo louvor* (só pela circunstancia de ser dirigido a um grande) chamasse *adulação*! Concluamos pois, que é tempo, este discurso, dando a nossos leitores uma agradavel noticia; e offertando em vespera de Reis justos incensos a SS. AA. os Principes D. Pedro, e D. Luiz pelo progresso de seus estudos; e pelo bem que desempenharam os exercicios que fizeram dos conhecimentos adquiridos durante um anno de seus estudos. Os exercicios foram em presença de seus Augustos Pais, para que estes podessem formar um juizo seguro de seu aproveitamento. Versou aquelle exercicio na traduc-

ção de varios auctores latinos, inglezes, e francezes; e na apresentação de themas compostos, ou alli mesmo executados, nas mesmas linguas. Seguiram-se interrogações de Geographia, e de Historia, a que SS. AA. responderam; e terminou o exercicio pela execução de varias peças de musica no piano.

A educação destes Principes é sem dúvida louvavel! Seus Augustos Pais disvelam-se em tornal-os dignos Principes de uma Nação briosa! Religião, e moral tem-lhes formado os espiritos; sciencias, e bellas artes os vão aperfeiçoando. São admiraveis estes Meninos pela sua applicação aos estudos; são respeitosos e submissos a seus Augustos Pais; doceis e attenciosos para com seus Mestres; e cortezes, affaveis para com o povo. A escolha de seus Mestres foi excellente; Cavalheiros todos de reconhecida probidade, e grandes conhecimentos. Ao Sr. Visconde da Carreira cabe a gloria de os dirigir; e merece os mais sinceros elogios pelo disvelo que emprega na instrucção dos Principes.

O Senhor D. Fernando amador das Artes, e Sciencias deseja vel-as prosperar no seio de Sua Real Familia! Honra lhe seja feita! Louvor aos Reis que sabem guiar seus Filhos pela estrada civilisadora da illustração que deve conduzil-os um dia á gloriosa Immortalidade.

D. A. G. Pestch.

Publicamos o seguinte artigo do Sr. Lobato Q. B. de Faria ácerca do Conselho Geral de Beneficencia: escripto que muito agradecemos, e louvamos; por quanto é este um assumpto digno de toda a consideração, e sobre o qual tinhamos tencionado dizer alguma cousa despertando a attenção pública: o Sr. Lobato prevenio nossos desejos, e melhor do que nós o fariamos expende razões que senão podem justamente contrariar.

Confirmamos quanto diz em respeito ao Sr. José Jacinto Tavares. Já em nossos escriptos por vezes temos mencionado o nome do Sr. Tavares com os merecidos elogios a seus talentos, e á dignidade com que se porta como Parocho; agora tambem diremos que foi muito acertada a eleição que delle fizeram para membro do Conselho Geral de Beneficencia; por quanto o Sr. Tavares une a seus grandes conhecimentos, e longa prática, um animo por natureza bemfazejo, activo, zeloso, e previdente; sabemos que são amplissimas as idéas do Sr. Tavares em favor dos indigentes; mas tambem sabemos pelo mesmo Sr. Tavares, e por conhecimento que temos das pessoas de que se compõe o actual Conselho Geral de Beneficencia que merecem toda a confiança, e todo o elogio pelo que tem já feito.

A Commissão nomeada para confeccionar o plano de extincção da mendicidade, é composta dos Membros seguintes

Os Srs.
Conde de Redondo, Vice-Presidente do Conselho.
Conde de Lavradio.
José Izidoro Guedes.
José Lourenço da Luz.
José Jacinto Tavares.

Todos estes nomes são tão conhecidos, e considerados que basta publical-os para justificarmos a confiança que temos na intelligencia, rectidão, e nobres sentimentos de humanidade que distinguem aquelles Cavalheiros. Não lembramos por tanto o que sabemos não lhes esquece!... mas é o nosso coração quem nos move a implorar todo o favor, toda a providencia, a maior urgencia, para salvar das garras da indigencia tantas victimas que perecem como silenciosas ovelhas! Não advogamos a causa dos que sabem pedir... esses estão patentes ás authoridades; estes fazem-se lembrar com suas descompassadas cantilenas pelas ruas; com suas súpplicas importunas; porque ainda tem forças para cantar; tem o costume; tem resolução de apparecer, embora cobertos de andrajos, descalços, ou nús!... Não pedimos por quem sabe pedir; pedimos, sollicitamos a mais séria attenção do Conselho em favor de tantas familias infelizes, e honradas que por mil revezes na vida, exhaustos de meios de subsistencia, vendem aos Ferros-velhos até a ultima cobertura de seus membros!... a cama

onde os laços membros descançavam... e por fins vexadas, e opprimidas de miseria, e de angustia fenecem entre quatro paredes sem um soccorro!.. porque nem animo, nem forças tem de o pedir! Oh! a quantas destas victimas temos prestado nosso fraquissimo apoio!... Quantas vezes esse mesmo Sr. Tavares, e outras almas generosas tem juntado ao nosso insignificante auxilio as suas piedosas esmolas para conservar alguns dias de existencia a pessoas honestas, e recolhidas (e algumas nem são da Freguezia do Sr. Tavares)! Deos nos tem proporcionado as occasiões de ter noticias destas desgraças para advogarmos hoje a causa dos entes mais desvalidos! Quantas pobres creancinhas gemem tremendo de frio, anciando de fraqueza, sepultadas em vida nos lúgubres cubiculos de um subterraneo, ou de uma trapeira! quantas assim morrem, ou quantas espiram até nos peitos, ou nas entranhas de suas mãis, que perdendo as forças com o excesso do trabalho, e falta de alimento succumbem, e com ellas os miseros innocentes, se é que antes não as vêem acabar!...

Este quadro é horrivel, mas não exaggerado! Faça-se em Portugal como nos outros paizes da Europa civilisada faz a policia. Examinem-se com attenção todos os individuos de cada Freguezia; inquira-se quaes são os meios de sua subsistencia; mande-se a casa dos que não comparecerem; e ver-se-ha em cada Freguezia mais de um exemplo destes que apontamos!

Esperamos pois que o Conselho Geral de Beneficencia vele em favor dos infelizes, cumprindo a mais Sagrada Lei que Deos, e a Sociedade nos impõe; sendo aliás indubitavel que os gemidos, e as lagrimas de tantos desgraçados, hão-de forçosamente envenenar as alegrias dos mais ditosos; porque todo aquelle que não tiver uma alma de fêra não poderá ser feliz vendo soffrer o seu semelhante.

A Redactora.

O CONSELHO GERAL DE BENEFICENCIA.

Uma das cousas que directamente concorre para a perfeita organisação das sociedades, é a beneficencia publica.

Entre nós, é objecto, que deve merecer grande attenção, e a que é indispensavel dar incremento.

Com o fim de se satisfazer a esta necessidade, creou-se em 1845, um Conselho Geral de Beneficencia, com attribuições amplas, sugeitando-lhe todos os estabelecimentos de beneficencia do reino e Ilhas adjacentes.

O Conselho Geral de Beneficencia, na primeira época da sua existencia, apresentou-se com o aspecto de se elevar á altura a que o decreto da sua instituição tinha em vista fazel-o chegar, em presença da reconhecida necessidade de se prover de remedio, sobre os grandes males que a miseria acarreta sobre a sociedade.

A actividade com que se apresentou o Conselho, e os serviços que principiou a fazer, foi tudo devido ao zelo verdadeiramente filantropico, que tanto distinguio, um de seus primeiros membros, o Sr. Soares Franco, que até ao fim da sua existencia não deixou de consagrar ao Conselho incessantes cuidados e desvelos.

O Sr. Soares Franco, era só no empenho de ver levantado um edificio á Beneficencia Publica! — Era só, a sua morte infelizmente assim o provou, porque até ha pouco o Conselho jazeu n'um profundo lethargo, do qual só agora começa a dar algum accordo.

A paralisação dos trabalhos importantissimos que por lei estão commettidos ao Conselho, as questões de maxima gravidade que lhe competia discutir, taes como o plano geral para a organisação da beneficencia publica em todo o reino; o modo de fazer desapparecer os mendigos das ruas da capital, e outras cousas inherentes á sua instituição, fez com que até hoje ainda nada disto se tenha tratado.

É sina da nossa terra — as instituições mais importantes, são as que sempre morrem ao abandono!

Porém, apezar da inacção que tem havido em tão importante estabelecimento, alegra-nos em extremo ver, que o Conselho Geral de Beneficencia vai dentro em pouco elevar-se á altura da sua missão.

Um dos membros que ultimamente foram nomeados pelo governo, o Sr. José Jacinto Tavares, comprehendendo bem o fim a que deve chegar o Conselho, revestido (como sem-

pre) das mais puras intenções, e desejoso de ver realisado o pensamento altamente civilisado da beneficencia publica, tem feito a favor do Conselho, tudo quanto tem podido.

O Conselho Geral de Beneficencia deve ao Sr. Tavares a sua resurreição.

As sessões que até á pouco constavam da leitura de uma acta, hoje já se observam cheias de vida, e não tarda vermos em projectos, o que ha muito podia estar realisado.

Oxalá que o exemplo do Sr. Tavares seja seguido, e que o governo coadjuve o Conselho nas medidas que tem a adoptar, porque o interesse comprehende toda a Nação.

Abstemo-nos de emittir a nossa opinião sobre o modo de as levar á pratica, só pedimos ao Conselho que não deixe o caminho que começa a seguir, porque no fim está a gloria que lhe hade recompensar as fadigas.

É a beneficencia publica, que reclama esse serviço.

D. Lobato Q. B. de Faria.

Dois Mysterios.

(Conclusão.)

Perseguida innocencia, envão não gemes!
Sôem ao céo teus écos, são contados
Por Deos os teus lamentos! a hora sôa
Decretada ao castigo!... eia! respira
Oppressa, consternada humanidade!
O céo não deixa sem castigo o vicio,
Nem a virtude sem brilhante cr'oa.

Olinda, ou o Abbadia de Cumnor-Place.
Poema da mesma auctora.

Em quanto Irminia solicita buscava os meios de restabelecer a saude do seu amante; o Padre J... e Augusto cuidavam em firmar a sua tão suspirada quanto contrariada união; tudo em fim se venceo, e o Todo Poderoso permittio que o dia 21 de Setembro de 1839, raiando puro e sereno visse coroada a felicidade d'aquelles dois extremosos amantes, eternisado com o laço conjugal aquelle do mais ardente, e casto amor que ha muito ligára suas almas.

A gratidão dos dois consortes para com o Padre J... e Augusto era infinita, e a cada instante se manifestava; porém Augusto receiava ainda o quer que fosse!... e não se enganava!...

Uma noite de lindissimo luar estavam os quatro amigos passeando no jardim, o Padre J... com Augusto um tanto desviados de Edgard e Irminia que se haviam afastado para junto de um arvoredo contiguo ao quintal de uma casa desabitada; conversavam em voz alta, nem uma brisa agitava as folhas, quando de improviso sentiram moverem-se as ramagens do bosque! Subito receio se apossou do coração de Irminia, e a decidio a volver apressada com Edgard para junto de seus amigos; eis que um tiro rebenta no ar com um grande fracasso, e pareceo-lhes sentir um baque na terra! Traição!... gritaram todos!... Acode gente, mas nada se encontra no jardim! Edgard e Augusto saltam ao proximo quintal, e notam estendido no chão um homem nadando em sangue, com uma espingarda a seu lado!... O homem não fallava, mas revolvia-se na terra como tentando erguer-se! Aos gritos de soccorro vem mais gente com archotes; observa-se a espingarda, era de dois canos; estava rebentada! É um malfeitor bradaram os soldados, e mais pessoas que alli se achavam... É o Major!... grita Augusto!... Com effeito era o Major que tendo-se introduzido naquella casa aguardava a occasião de matar os dois consortes, quando os visse a geito; de muito carregada rebentou a arma, e o monstro, foi a victima e o algoz! Antes de expirar confessou toda a sua perversidade; pedio, e obteve o perdão dos virtuosos amantes; delles teve os ultimos soccorros, e as honras funeraes! Eis como o céo pune o malvado, e premêa a virtude!

Vivem estes fieis extremosos amantes na mais perfeita e ditosa união... Edgard é o verdadeiro nome do amante; se o nome de Irminia é o verdadeiro nome da sua esposa... aonde é actualmente sua residencia... São dois Mysterios que não se me permitte ainda revelar. E comtudo Edgard terá forçosamente de apparecer outra vez em meus escriptos!.. Então ser-me-ha impossivel deixar de o fazer conhecido! Quanto a Irminia ella consente que a esse tempo eu revele o seu verdadeiro nome, e mais circumstancias que aqui se omittem.

FIM.

D. A. G. Pessoa.

A TENDEIRA DE PLYMOUTH.

(Continuação.)

Mais do que satisfeita por ter uma occasião de poder dar provas de sua gratidão, assim como de embolsar a sua senhoria, a joven applicou-se logo ao trabalho, com os conselhos da Tendeira, que tinha perguntado em differentes casas de modas o preço que tinham differentes artigos escolhidos, e empregou todas as suas horas vagas em completar a primeira porção.

A Tendeira não se tinha enganado; dispoz com facilidade dos primeiros artigos e recebeo encommendas para mais do que a sua inquilina podia executar, tal era a perfeição de suas obras. As vendas excederam todas as esperanças concebidas; mas quando a mulher entendida percebeo que seria mais vantajoso distribuir as mercadorias por varios armazens, visto que quanto menos offerecidas mais procuradas eram; quando emfim ella observou que tinha fundado um bom commercio, principiou a augmentar os seus preços, até que chegou a alcançar o dobro d'aquillo que lhe davam havia apenas dois mezes, e a Sr.ª Wallace foi tão feliz no seu negocio que pôde tomar uma criada para o seu filho e tambem pagar o que devia á sua boa senhoria.

A Tendeira não estava em si de contentamento pelo bom exito da sua lembrança, porém não quiz receber commissão alguma de sua protegida, e lhe levou mui pouco pela cama e meza.

— Nada, nada, era a resposta que dava sempre ás vivas instancias da joven; economize, minha menina, a mim não me falta nada, mas desgraçadamente neste triste mundo o dinheiro é o nosso melhor amigo. Sinto muito ter que lhe dizer isto, mas eu o tenho experimentado e o experimento todos os dias. Para quem é pobre e precisa de um jantar, ninguem lho offerece; mas quando se é rico e que não ha necessidade delle, todos nos convidarão.

A Sr.ª Wallace sorrio e não incommodou mais esta verdadeira amiga, mas fez-lhe uma touca que a Tendeira achou bellissima, e obrigou-a a trazel-a.

Passaram-se mais dois ou tres mezes, e a joven mãi não recebia noticias algumas do navio em que existia seu marido. A esperança muito tempo demorada causa angustia, e a tristeza apoderou-se da joven esposa, apezar do genio jovial de sua senhoria, a ponto que a achava muitas vezes banhada em lagrimas, em quanto embalava o seu filho.

— Ora isto não presta, gritava a Tendeira, não hade ser assim de maneira alguma! Já ámanhã irei tomar informações ao arsenal, e peço que enxugue as suas lagrimas, ou senão hade estragar a sua formosura.

A boa mulher entendia pouco de negocios deste genero, porém não temia os obstaculos e tantos foram os seus passos, assim como vivas as suas instancias, que apezar do riso que a sua celebre figura inspirava nos inferiores, importava-se tão pouco com essas graças, que attrahio a attenção de hum dos chefes que prometteo de a avisar logo que chegasse o navio.

A excellente Tendeira não era nada curiosa e por conseguinte nunca indagou o motivo da miseria de que tinha tão generosamente livrado a sua inquilina, mas a Sr.ª Wallace, de sua boa mente, contou-lhe a sua historia, julgando que era do seu dever ser franca para com aquella que tinha sido a sua verdadeira bemfeitora.

Disse que era a filha unica de um rico fidalgo de provincia que lhe fez conhecer Wallace, filho de um de seus intimos amigos de collegio, e ainda que soubesse do seu mutuo affecto, não o approvou nem deixou de approvar, tanto era bondoso e inimigo de tudo quanto estorvasse o seu socego. O joven que pretendia alcançar a mão da menina, declarou-se a seu nobre pai, de quem não recebeo resposta alguma, e em consequencia segurou o objecto do seu affecto por um casamento clandestino, e depois de ter passado alguns mezes de ventura na companhia de sua joven esposa, partio para a India.

Apenas tinha partido, na esperança de augmentar a sua fortuna, a innocente esposa descobrio por sua grande desventura que o pai tinha casado com a sua principal creada, mulher vil e astuciosa que se tinha tornado tão precisa ao ancião, que já a não podia ter fóra de sua vista; mas tão depressa se achou senhora expulsou os antigos servos da casa, e em troco destes collocou creaturas suas.

Logo que se descobrio o estado da joven

esposa, que o não podia já occultar, insistio para que fosse posta fóra de casa, e apezar de ser mui custoso ao ancião separar-se de sua filha, lhe disse: — Maria, forçoso será que sáias a fim que eu goze socego; ahi tens dinheiro, e quando precisares de mais, onde estiveres escreve-me. Teu pai será infeliz se aqui ficares, e não o será menos quando te fores embora. Escreve-me sempre, e eu te amparárei até á vinda de Wallace.

A infeliz foi para Plymouth, porto em que esperava seu marido, escrevendo sempre ao pai, de quem nunca recebia noticias.

— Que crueldade! exclamou a boa Tendeira.

— Não culpo meu pai, continuou a Sr.ª Wallace, porque julgo que ignora a minha posição, tendo minha madrasta interceptado todas as minhas cartas.

A Tendeira achava-se só um dia, por ter a sua inquilina ido dar um grande passeio com o menino e a creada, o que acontecia sempre que o tempo o permittia porque a dona da casa assim o exigia, declarando que era muito bom ganhar dinheiro, mas que a saude valia mais do que a riqueza, e que ella não queria vêl-a matar-se com tarefas. Estava então de todo sósinha em casa quando um proprio do arsenal lhe veio dar parte que a *Princeza Izabel* acabava de chegar.

A excellente mulher ficou tão satisfeita como se esse navio lhe trouxesse tambem um esposo do longiquo Oriente, pagou generosamente ao portador desta noticia, encarregou uma visinha de ficar na loja em seu lugar e partio sem esperar pela joven senhora que não devia voltar tão cedo. *(Continúa.)*

D. C. A. d'Andrada.

POESIAS.

CANTICO AOS SANTOS REIS.

Despertai Reis do Oriente!
Despertai!... Vêde essa lus!
E lus pura de uma Estrella
Que vos guia a ver Jesus!

Essa Estrella tão brilhante
Reflecte lus immortal,
Que dos Céos desceo á terra!...
Teve em Bethlem seu Natal!

Oiro fino, incenso, e mirra
Santos Reis Magos levai
Ao Rei dos Reis!... humilhados
Santos Reis ajoelhai!

N'um Presepio humilde, e pobre
Dos Céos, e terra o Senhor!...
Logo depois n'um supplicio
Do Universo o Redemptor!!

Baixou a viver na terra!...
Ergueo-se a morrer na Cruz!
Humanos, essa humildade
Quantas grandezas traduz!

Meus Santos Reis Magos
Erguei-vos, correi!...
Que é vindo o Messias
A Herodes dizei!...

A lus dessa Estrella
Vos guia a Bethlem!
Assim nossas almas
Dirija tambem!

Pastores, Serranos
Haveis de encontrar;
Ireis todos juntos
Jesus adorar:

Que a Virgem Sobr'ana,
Que o Menino Deus,
Vos querem unidos;
Que sois todos seus:

E querem ligados
Os povos, e os Reis,
Qual Christo co'os doze
A quem deo as leis.

Pois entre os Apost'los
Se um Judas houver;
Far-se-ha conhecido...
Punil-o é mister.

Louvai Reis da terra,
Louvai o Senhor;
Segui seus exemplos;
Exemplos de amor.

D. A. G. Pesich.

OS REIS.

No Oriente tão bella, e formosa
Uma Estrella brilhante fulgiu!
Que nos prados, na relva viçosa,
Sobre a terra o fulgor espargiu!

E aos Reis Magos propicia annuncia
Que é nascido o Senhor Rei dos Ceus,
Dissipando a extremada agonia
Em que estava Israel entre os seus.

Já por vales, por montes, e serras
Corre o povo fiel a Bethlem!
E os Reis Magos de longiquas terras
O Messias adoram tambem!

Oh! Judéa!... tu viste esses Reis
Ante o berço curvados com fé!...
O Menino adorando fieis
Que é da prole real de Jessé!...

Adoraram!... e os dons preciosos
Que lhe offertam com santo fervor,
São a prova de que eram piedosos;
Que eram crentes em Christo Senhor!

Essa crença que existe arraigada,
Foi do Mundo feliz Redempção!
É verdade tão pura, e provada
Que de a crer se compraz a razão!

Dessa fé que plantou em noss'alma
Hade o fructo colher-se nos Ceus!
A virtude terá nobre palma;
Terá cr'oa tecida por Deus!

J. H. Almeida Blanco.

A SAUDADE DO PASSADO!!

O coração porque geme
O labio porque suspira?
Porque resvala uma lagrima
Por entre a corda da lyra?!

Alexandre Herculano.

Porque gemes coração
Sempre, sempre entregue á dôr?!
E minh'alma porque anceias
N'um fogo devorador?!!

Porque na mente agitada,
Ferrem mil os pensamentos?!
Porque devoro em silencio
Todos os meus soffrimentos?!

E porque corre este, pranto
Que sinto, banhar-me o rosto?!
Porque soffro; porque gemo;
Sempre em continuo desgosto?!

Porque não gózo alegria;
Porque não sinto prazer?!
Porque amaldiçôo a vida
E só desejo o morrer?!!

É porque choro o *passado*...
Que nunca mais gozarei
É porque me lembram bem
Venturas que então gozei!!

Se na *terra* ha *felicidade*
Toda; toda, eu disfructei!!
Tive dias de prazer,
Como nunca mais terei!!

Essa illusão, vi findar,
Como uma nuvem, fugir...
E levar apóz *de si*...
A esp'rança do meu provir!...

Esse *Passado* tão *bello*;
Que jámais verei voltar
Fugiu... deixou-m'a *saudade*
Para comigo o *chorar!!*

Minha *saudade* tão *qu'rida*
A ti agora heide amar,
A *elle*, não; que me olvidou
Não devo *nelle* pensar!!...

E hasde morrer a meu lado,
Sempre, a meu peito enlaçada,
Minha *saudade* infeliz
Como eu, tão desgraçada!!...

25 de Novembro 1849.

Leopoldina de Vargas Oliveo.

TYPOGRAPHIA DE J. B. MORANDO,
RUA DA MOEDA DE VENTO N.º 32.

JANEIRO 12. 1850. NUMERO 22.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 3; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 450. Semestre 900. Anno 1$760. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA.

Quando erguemos a voz em favor da illustração feminil, sustentando as columnas deste jornal a liberdade intellectual de que por tantos seculos temos sido barbaramente privadas, e a que temos tão sagrados direitos como os homens; affrontando as mais arduas difficuldades preparámos neste mesmo jornal um campo onde os talentos se podessem livremente exercitar; e tentando derribar as barreiras de antigos errados preconceitos, para a justa, e gloriosa empreza de illustrar, e moralisar o sexo educador do genero humano; aquellas que formando o coração do homem firmam nelle o seu dominio; tem na sociedade a maior influencia; e podem causar bens, e males incalculaveis; implorámos o poderoso auxilio dos Cavalheiros que por seus nobres sentimentos, e por sua instrucção honram a nossa terra. Abençoou Deos os nossos esforços! As Damas tem concorrido a alistar-se neste brilhante exercito; e a illustre cruzada vai sendo auxiliada, e protegida pelos mais distinctos Cavalheiros, á frente dos quaes temos a gloria de vêr Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, Augusto protector das Artes, e Sciencias, que animando os talentos, e a moral, estima vêr florescer com Seus Reaes Auspicios a nossa illustração no Reinado de uma Senhora, que é Sua Augusta Esposa!

Nós a Redactora, as Collaboradoras, e os Collaboradores da Assembléa Litteraria beijamos a benefica Mão de Sua Magestade que Se Digna com tanta bondade, e distincção premiar os nossos esforços, e sinceros serviços que havemos prestado á moral pública, e futuro progresso das lettras; e protestamos não desmerecer jámais tão alta, e benigna protecção. A entrada de Sua Magestade como nosso Excelso Protector, a Assembléa Litteraria entoou o seguinte Hymno.

A SUA MAGESTADE FIDELISSIMA
EL-REI O SENHOR D. FERNANDO.

HYMNO.

Salve ó Rei que bemfazejo
Teu favor nos outorgaste!
Hoje ao Nome teu ganhaste
Um tropheo de puro amor!

Viva o Rei que é das Sciencias
Protector, e nobre amparo!
É Fernando aos luzos caro;
É dos luzos gloria, e amor!

Tu das Artes, e Sciencias
O progresso auxiliando;
Verás Lysia prosperando
Tributarte eterno amor.

Viva o Rei que é das Sciencias
Protector, e nobre amparo!
É Fernando aos luzos caro;
É dos luzos gloria, e amor!

Mostras que és Rei, que és amigo,
Que não queres vassallagem;
Que estimas pura homenagem;
Que o teu imperio é de amor.

Viva o Rei que é das Sciencias
Protector, e nobre amparo!
É Fernando aos luzos caro;
É dos luzos gloria, e amor!

Chora o altivo Macedonio
Apóz de immensas victorias,
Porque a par de tantas glorias
Não teve um hymno d'amor!

Viva o Rei que é das Sciencias
Protector, e nobre amparo!
É Fernando aos luzos caro;
É dos luzos gloria, e amor!

Tua conquista é sublime!...
Nessa marcha que prosegues
Louros mil, tropheos consegues;
Firmas um Throno de amor!

Viva o Rei que é das Sciencias
Protector, e nobre amparo!
É Fernando aos luzos caro;
É dos luzos gloria, e amor!

A Assembléa te consagra
Um Padrão inexpugnavel!
Monumento respeitavel
De gratidão, e de amor.

Viva o Rei que é das Sciencias
Protector, e nobre amparo!
É Fernando aos luzos caro;
É dos luzos gloria, e amor!

D. A. G. Pesich.

DRAMAS, COMEDIAS, FARÇAS, PROVERBIOS, ETC. ORIGINAES PORTUGUEZES, E IMITAÇÕES MUITO LIVRES.

(AUTHORES MODERNOS.)

(Continuado do n.º 17.)

Aguiar de Loureiro: — O Magriço, O Traga-mouros, D. Antonio Prior do Crato, D. Mencia, Zoroasto, O herdeiro de si mesmo. 5

Pizarro: — Lopo de Figueiredo, Diogo Tinoco, O ultimo dia de D. João 2.º, Henriqueta ou o proscripto. 4

J. Freire de Serpa: — D. Sisnando Conde de Coimbra, O Almanzor Aben-Afan, A Actriz, A Judia, D. Sancho 2.º, A bôda em trajos de frasqueira. 6

A. de Serpa: — A eleição de um marido, Os dois provincianos. 2

Rapozo d'Almeida: — O monge da Serra d'Ossa, Luiz de Camões, O destronado, Martim de Freitas. 4

Arriaga: — O crime. 1

J. M. Affonso: — O crime ou vinte annos de remorsos, Fernão Telles ou a primeira expedição a Ceuta, D. Leonor de Portugal ou os mysterios da Serra de Cintra, A valida do Rei 4

R. Camara: — O retrato politico de muitos homens, O Renegado, Um dia de eleições em Lisboa, Torquato Tasso, D. Maria Telles. 5

Tem mais alguns de que não temos ainda noticia exacta.

Teixeira Homem: — Inter duo litigantes tertius gaudet. 1

Isaac: — Miguel de Vasconcellos. . . . 1

Azevedo: — Miguel de Vasconcellos (*outro*) 1

C. A. Silva: — O noivo caçador, O Celibatario. 2

Pereira d'Almeida: — Não ha mal que se não cure. 1

Sá Magalhães: — Maria 1

Brito: — A viuva indiana, A tomada de Evora. 2

A. Monteiro: — Camões 1

Guerra Leal: — O Juramento ou o Cavalleiro de Christo. 1

Santos: — Uns comem os figos, a outros arrebenta-lhes a bôca 1

Romano: — Os dois irmãos, Uma como tantas, Uma fraqueza 3

Tem mais algumas de que não temos ainda noticia exacta.

Silva Vieira: — D. Manoel d'Azevedo. 1

Nogueira: — Alberto. 1

C. Castel-branco: — O Marquez de Torres-Novas, Crê ou morre. 2

Medina: — Amor e patria 1

Candido de Carvalho: — O cambista, A conjuração malograda 2

Lampréa: — Mariana Pinêda 1

A. G. da Silva: — A vingança, A Duqueza de Bragança. 2

Furtado: — Affonso ou sete annos no Castello. Os dois rivaes. 2

Campos: — Os Templarios 1

Bruski, e Silva Leal: — D. João 1.º. . 1

Lobato Pires: — O ultimo arranco do feudalismo, Astolpho ou o usurpador arrependido 2

Aragão: — O cego da fonte de Santa Catharina, O caixeiro, Os amores de D. Pedro e D. Ignez de Castro, e morte desta (!), Emilio de Polonia 5

Tem muitos outros cujos titulos ignoramos.

Felner: — Os empiricos de algum dia, O pai de uma actriz, Calumnia, Quem tem mazela 4

Anonymos: — Elisa, O incognito, O Infante Santo, D. João de Castro, O governo de D. João de Castro na India, Ivanhoé (*ouvimos dizer que é do Sr. Hogan, posto que extrahida do romance de Walter Scott*), Os Castellãos de Abrantes, Um episodio na côrte de D. João 3.º, A Condessa d'Athouguia, Gabriella, Os mysterios do theatro de S. Carlos, Uma demão de patriotismo, Nova Astréa, A doutora, Cid Achin, D. Branca, Luiz de Camões, D. Leonor de Mendonça, Ignez e Constança, A Feiticeira, A mina de Diu, O cura de Santo Aleixo, Os dois nobres, Que importa um Dom? D. Beatriz de Saboya, Á prova de bomba, Casamento originado pelo apetite 27

M. D. Santos: — Alais ou um mysterio historico (drama), Uma Rainha de Inglaterra ou nove dias de Reinado (drama), A noite das nupcias (drama), Á prova de bomba (comedia) 4

A. Ozorio de Campos e Silva: — A morde Sertorio, Uns sobem outros descem, O governo de D. João de Castro na India, ou a defeza de Diu, Que tal está a mania?! O Conde de Oeiras, O Granadeiro sem figados, Um por outro, Os dois Ladrões, Os Mysterios da Russia. 9

NB. Dissemos em o n.º 17 que o Ermitão da Serra de Cintra era deste Sr. Ozorio de Campos; por declaração do mesmo Sr. sabemos que não é composição sua; mas de outro author que se appellida Campos; mas não Campos Ozorio.

Somma

34 Authores Peças 111

Apenas mencionamos os nomes de duas Senhoras como authoras dramaticas; constanos porém que a Sr.ª Condessa do Casal (D. Luzia) tambem compôz duas peças, sendo uma dellas escripta em francez, seguindo desta maneira as pizadas de sua talentoza mãi.

Deixamos concluida a lista dos dramas, comedias, farças, etc. originaes de moderna data — isto é, depois da creação do Conservatorio pelo Sr. Garrett; — em outros numeros, proseguiremos com a relação de authores antigos e titulo de suas composições.

A Redacção.

A TENDEIRA DE PLYMOUTH.

(Conclusão.)

Dirigio-se para o arsenal e foi fallar com o chefe condescente que se tinha interessado no seu negocio.

— Sinto muito encommodal-o, meu senhor, mas peço me queira dizer onde está a *Princeza Izabel*.

— E o que quer da *Princeza Izabel*, perguntou um homem que conversava com o empregado e cuja figura era tão nobre como distincta.

— Queria fallar com um dos officiaes, senhor; respondeo a Tendeira.

— Já se foram ha muito, minha rica.

— Oh! que desgraça é a minha, exclamou a Tendeira.

O empregado sorrio-se, e disse algumas

palavras ao ouvido do sujeito que tinha fallado.

— Eis o capitão da *Princeza Izabel*, e elle lhe poderá talvez dar algumas informações.

— Com todo o gosto, respondeo o capitão; por ventura a gente da minha tripulação lhe teria ficado a dever alguma cousa?

— Não senhor, respondeo a Tendeira, fazendo uma mesura; empenho-me muito em fallar com o segundo commandante cujo nome é Wallace.

— Wallace? e que tem que lhe dizer?

— Eu lho digo, porque conheço que não hade zombar de uma velha. Tenho um recado para lhe dar da parte de sua mulher.

— Como é isso? pois vem da provincia?

— Não senhor, móro aqui ao pé de Plymouth.

— Por certo que se engana com a pessoa, respondeo o capitão.

— Affirmo-lhe que não. Quero dizer o Sr. Wallace da *Princeza Izabel*, esposo legitimo de *Miss Maria Dormer*.

— Deos todo poderoso! gritou o capitão; sou eu mesmo esse Wallace, esposo dessa senhora. Como está ella? e aonde está? como acontece que ella se ache em Plymouth. Terá por acaso morrido seu pai?

Uma pergunta por cada vez, se lhe agrada, meu senhor, disse a Tendeira. Quanto Deos é bom na sua infinita misericordia. Sim, senhor, a senhora Wallace está boa. — Quem lhe diria que seu marido voltaria capitão! Oh! senhor, ella está mais linda que nunca, e tem um formoso menino.

— Partamos sem demora, disse o capitão Wallace; eis uma ventura inesperada. Vamos, minha excellente creatura; tome o meu braço e conversaremos pelo caminho.

O bello capitão agarrou no braço da humilde Tendeira, cuja impaciencia e agitação igualavam á que elle sentia, mas já estava sem alento á força de responder a tantas perguntas, de modo que quando chegou á sua casa, cahio quasi sem sentidos.

Pela sua ordem o capitão foi-se esconder na sala que estava no fundo da loja, e a Tendeira collocou-se á frente da rua.

— Chegou o navio gritou ella logo que avistou a joven senhora; dê-me o menino.

— Vamo-nos já embora, disse a terna esposa; não ha tempo a perder; minutos neste caso são horas.

— Ora, essa é boa! venha descançar um pouco primeiro.

— Minha piedosa amiga, seja boa até ao fim, supplicou a joven, compadeça-se de mim.

— Está bom! faça de conta que elle já aqui está em casa.

— Isso é deveras? exclamou a Senhora Wallace.

— Ahi o tem, respondeo a boa creatura ao ver abrir-se a porta do fundo, quando o capitão apertando nos seus braços a formosa esposa a levou rapidamente para a sala interior.

D'ahi a poucos instantes a joven abrio a porta e com o rosto banhado em lagrimas deleitosas, ella perguntou pelo seu filho. Horas rapidas e venturosas voaram na diminuta sala da Tendeira, no decurso desse dia memoravel, e quando o valente e bello capitão foi informado de sua generosa conducta, elle amarrotou a melhor touca da boa mulher (touca tão célebre por ter sido a obra das delicadas mãos de sua esposa), á força de beijar suas gordas e alegres faces.

A viagem do capitão Wallace o tinha enriquecido e tencionava d'alli em diante ficar em terra, mas antes de tudo tinha que pedir contas a seu sogro. Elle tinha escripto muitas vezes da India e mandado avultadas quantias de dinheiro á sua mulher, a cuja mão nunca chegaram. Este mysterio carecia de explicação.

— Nada precisamos de teu pai, lhe disse elle, mas forçoso é que eu tenha uma explicação, pois se não fosse a nossa divertida amiga, tu já não existias!

Em primeiro lugar foi ter com os seus correspondentes de Londres; achou não sómente que as suas letras tinham sido entregues, mas segundo a apparencia falsificada a assignatura de sua mulher.

Logo tomou cavallos de posta, e em poucas horas se achou na presença do senhor Dormer, cuja mulher tinha ido a uma capella methodista mui visinha que ella protegia ultimamente com grande satisfação do prégador, que jantava muitas vezes com o velho cavalheiro, com grande pesar deste, que não podia soffrer a gritaria de um ente tão igno-

rante; porém elle não tinha animo de o mandar pôr na rua.

O nobre ancião ficou tão gostoso de ver o seu genro como de saber de sua filha, de quem não tinha tido noticias algumas.

— Agora percebo tudo, observou o capitão, as cartas não têem sido entregues.

— Não falle nisso á minha mulher, disse o ancião, ou nunca mais terei descanço. Sou já bastante infeliz, e mais do que castigado pela minha imprudencia.

— Se me não engano, meu pai, parece-me que lhe posso fazer um beneficio verdadeiro; mas acredite, que ainda que eu tome uma justa vingança, heide poupá-lo sempre.

A seu pedido chamaram os creados, e apoz de alguma demora, elles confessaram que tinham recebido cartas em differentes occasiões, e que as tinham sempre dado á senhora Dormer que os ameaçava de serem despedidos se fallassem nisso a seu amo. Elles não sabiam d'onde vinham as cartas, nem a quem eram dirigidas, porque nenhum sabia ler.

O capitão Wallace foi immediatamente ao correio, onde soube que todas as suas cartas vindas da India tinham sido entregues no palacio: não era preciso mais nada. Voltou logo a despedir-se do seu sogro, e tornou para Londres onde consultou um magistrado que lhe recommendou um bom procurador a quem incumbio este negocio tão sério.

A indigna Dormer recebeo bem depressa a visita de um mandado da policia que levava uma ordem de prisão, em virtude da qual elle a levou á presença do magistrado mais proximo, que a enviou á cadêa do condado, afim de ahi esperar que lhe fizessem o processo como falsaria.

Por ceremonia o senhor Dormer tomou um advogado para defender a ré, mas felizmente para o seu descanço as provas eram tão fortes que não deixavam dúvida alguma, assim em poucas semanas a sua digna esposa passou para o clima de Sydney, Nova Galles, onde devia ficar para sempre.

Os jovens esposos foram viver com o velho fidalgo, e a excellente Tendeira trespassou a sua loja, tendo acceito o lugar *sinécure* de dispenseira do palacio, e no tempo devido ella teve o gosto de embalar muitos outros filhos de sua interessante hospeda.

D. Catherina Alvares d'Andrada.

AS CASTELLÃS DE ROUSSILLONT.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

— Então o que aconteceo, exclamou a Condessa, de que se possa esperar um tão feliz resultado?

— Eu vos vou repetir todos os acontecimentos, como hoje mesmo m'os contaram em Cahors, disse o mancebo, encostando-se na sua cadeira: vós sabeis que o Almirante Coligny tendo sido ferido por um assassino, os seus correligionarios pertenderam que este golpe partira da mão do Duque de Guise, os Calvenistas reunidos em Pariz em numero de oito mil homens, romperam em ameaças, não ocultando que estavam dispostos a fazerem-se justiça por suas mãos se o rei lha negasse. Os mais atrevidos fallavam em voz alta de assassinarem o Duque, e a mesma Rainha Mãi, Catharina assustada, reunio immediatamente o seu conselho, persuadio ao Rei que mais valia ficar livre dos Hoguenotes, do que ter de os temer sempre, e sem lhe importar com as formalidades da justiça contra criminosos tão temiveis, os fez condemnar á morte sem fórma alguma de processo. O massacre geral dos protestantes foi decidido para a noite seguinte, vespera de S. Bartholomeo, e o Duque de Guise foi encarregado de executar as ordens da côrte. Tudo correo segundo os seus desejos, Coligny, apunhalado no seu quarto foi precipitado pela janella...

— Que horror! exclamou Esperie escondendo o rosto entre as mãos.

— Os sinos tocaram a rebate por toda a parte, continuou Galliot sem attender á commoção de sua irmã, os soldados, e o povo que só esperavam pelo signal, se espalharam por todos os bairros de Pariz; foram ás casas dos Calvenistas, desancaram, apunhalaram todos os que encontraram; o mesmo Luvre não servio de azylo aos hereges; os senhores Hoguenotes alli foram perseguidos, degolados nas salas, nos pateos, nas galerias, e o mesmo rei de Navarra só pôde escapar á morte abjurando os seus erros.

— O rei de Navarra abjurou! exclamou a Condessa, a qual tinha escutado com olhos inauditos, mas com espanto a narração de tantos crimes.

— Meu Deos, meu Deos, quão máos são os homens! disse Esperie lavada em lagrimas.

— Como! minha irmã, vós choraes o triunfo da boa causa? disse o mancebo encolerisado.

— Eu choro a desgraça de tantas victimas, e os crimes de tantos christãos, respondeo ella indignada.

— Ide pegar na vossa roca disse Galliot com desdem, os golpes de estado não estão ao alcançe da vossa intelligencia.

— Vós sois na verdade muito moça para ajuizar as acções dos reis, disse a ¡Condessa com uma triste gravidade. Este acontecimento não o julgo tão feliz como pareceis acreditál-o, continuou ella voltando-se para seu filho. Quando se fere o tigre este fica furioso, e se torna mais temivel. O que pensais de tudo isto senhor Cura?

Este estremeceo como um homem a quem repentinamente despertam de um profundo letargo. Desde a chegada do joven Conde, o Padre tinha deixado de dar attenção ao que se dizia, com os olhos fictos no retrato de Galliot quarto que estava por cima da cadeira da Condessa. Galliot quinto exclamou com um tom decidido.

— O senhor Cura pensa como eu de certo! socegai minha mãi, o monstro não está só ferido, está moribundo inteiramente; pois que em todas as cidades da França os catholicos authorisados pelas ordens do rei, e excitados além disso com a vista das suas Igrejas arruinadas, e dos seus padres degolados, se julgam bons executores da justiça divina para se vingarem dos autores de tantas mortes, e sacrilegios; por toda a parte se tem feito uma boa carnagem nestes impios, e por muito tempo não poderão levantar cabeça.

— Deos o queira, disse a Condessa.

— O' Deos de Misericordia! exclamou o Padre, tende compaixão de nós todos. A relação de tantos horrores já me tinha chegado aos ouvidos, e com todos os verdadeiros catholicos, eu chorei na presença do Senhor. É impossivel, ó Deos de amor e de paz, continuou elle com exaltação, que homens creados á vossa imagem, remidos com o vosso precioso sangue, se destruam mutuamente em vosso nome? E vós, Divino Jesus, cuja lei sublime se reduz a estes dois mandamentos. « Amar a Deos sobre todas as cousas, e o proximo como a nós mesmo; » vós que não quereis a morte do peccador, mas sim a sua conversão: que conduzis ao aprisco a ovelha desgarrada trazendo-a aos hombros para lhe poupar a fadiga do caminho, com que olhos tendes visto tantos crimes? O' salvai-nos meu Deos dos males terriveis que elles nos tem merecido! Perdoai igualmente aos carrascos e ás victimas! ...

(Continúa.)

D. Maria da Arrabida da Costa Macedo.

POESIAS.

NOITES DE YOUNG.

IMITAÇÃO.

Espirito celeste! Oh cara esposa!
Thesoiro de eloquencia e de virtudes!
Typo da Divindade! Quantas vezes
Meditaste comigo altos assumptos!
Ah... comigo... que, em nó perenne e santo
De candida amizade a ti unido,
Dava culto á moral e á sapiencia!...
Que inefaveis delicias aspirámos,
Co'as meigas virações da primavera,
Junto ás margens de arroyo cristalino!
E, em discussões sublimes engolfados,
As horas fugitivas abbrevinando,
Volvia para nós imperceptivel
A rispida estação das tempestades!
Amizade! Grandioso dom do Empyreo!
És o melhor dos bens fadado á terra!
És mais doce que o nectar delicioso
Que a abelha extrahe do cálice das flores!
Quando a ventura, esse hospede tão raro,
Se digna repousar em nosso alvergue,
Quer sempre reclinar-se em teu sanctuario
Debalde a morte e o tempo te vulneram!
Tu em meu coração... tu sobrevives
Á consorte, que dorme alli na campa!...
Mesmo de lá me inspira intimos gosos...
Amizade, o teu jubilo é eterno!
Consagro ao teu louvor meu alaúde!

(Continúa.)

D. Maria J. S. Canuto.

UMA SAUDADE.

Porque fugiste, p'ra sempre
Bellos sonhos de ventura?!
E me deixaste, sósinha
A carpir sorte tão dura?!

Que mal, vos havia eu feito
Ó minh'esp'rança tão q'rida?!
E porque desamparaste,
Os sonhos da minha vida?!!...

E agora me vejo só,
A carpir a minha sorte,
Sem ventura; sem prazer;
Sem esp'rança qu'me conforte:

Apóz d'esp'rança fugiram,
As illusões do *amor!!*
Tudo perdi; neste mundo
Só me resta a minha dor!!

Só me resta, a minha dor
E com ella «uma saudade»
Qu'dedico, ao curto *tempo*
Em que gozei *F'licidade*!!

23 de Novembro 1849.

D. Leopoldina de Vargas Ollero.

A LYRA.

Minha lyra dá-me um canto,
Um lindo canto d'amor,
Deixa o pesar, deixa o pranto,
Solta risos, deixa a dor.

Não cantes a triste sorte
Da fresca rosa do val,
Quando sopra o vento norte
E a desfolha no rosal.

Deixa o lyrio que na serra
Solitario foi nascer;
Sua vida foi na terra
Um constante padecer.

Deixa a saudade mimosa
Esse emblema do penar:
Encerra dor mysteriosa
Que não deves decifrar.

Torna lyra teus lamentos,
Suaves cantos d'amor,
Deixa pesares, tormentos,
Solta risos, deixa a dor.

Canta os murmurios da fonte
E da brisa o suspirar;
Canta o praser que no monte
Tem a noite de luar.

Canta os bosques, canta os prados,
Canta a natura sem véo,
Canta os serros elevados
Canta as estrellas do Céo.

O terno mez dos amores,
E da aurora o seu fulgir;
Que á primavera e ás flores
Novo brilho vem cingir.

Torna, torna, minha lyra,
Teus cantos em puro amor,
Nunca mais nas cordas fira
Tristes assumptos a dor.

Mas ai! lyra não respondes
Nem um som queres soltar!
Porque assim teus sons escondes?
Porque não queres cantar?

Tu receias pobre lyra,
D'outras lyras o tanger?
E entre cantos de saphira,
Teus fracos cantos erguer?

Ah!... foi louco o meu desejo
Ai! tudo... tudo esqueceia...
Pois que até o proprio pejo
O meu pensar não tolhia.

Entre tantas e tão bellas,
Que pódes tu lá fazer?
Tu a par dessas estrellas,
Nenhum brilho pódes ter!

És filha da soledade;
Tu nasceste entre a agonia
Vive pois na escuridade,
Té que o porvir... te sorria.

Minha lyra torna aos prantos
Nunca mais cantes d'amor,

O fado quer que os teus cantos
Sejam só de pena e dor.

M. F. Correa.

CANÇÃO SENTIMENTAL

Rouxinol pelos bosques d'além
Suas doces canções desdembrando,
De raminho em raminho pulando
Emmudece o seu lindo trinar;
Recordando suaves prazeres
Que gozou lá no tempo passado,
Em seu morbido ninho pousado
Triste agora só quer prantear:

Assim a ventura
Que outr'ora eu fruia
Sentir me fazia
Celeste prazer!
Mas oh! desventura!
Murchou minha gloria,
De Irminia a historia
Não posso esquecer!!!...

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Quando o triste proscripto algemado,
Em baixel vai as ondas sulcando,
Segue rumo que o vai affastando
Lá da patria onde tudo gozou!
Pranteando, recorda o passado,
E soltando suspiro amargoso,
Anceia pelo tempo ditoso
Em que amor a sua alma abrazou!

E o meu pensamento
Pelos Céos voando,
Nas auras vagando
Toldado ficou!
De grandes venturas,
Que a sorte me deo
A flor feneceo,
De todo murchou!...

22 de Novembro 1849.

João Eulalio da Silva Mendonça.

THEATRO DE D. MARIA II.

Foi á scena — O Mineiro de Cascaes — comedia em 1 acto, original do Sr. Cascaes. Ha muito que respeitamos os talentos deste Cavalheiro, e o publico tem justamente coroado com seus applausos o merito de suas obras: por isso não diremos senão que nos agradou muito. — Os actores vão muito bem: os Srs. Epifanio, Theodorico, e Tasso brilham como sempre: e a Sr.ª Delfina vai ganhando de dia em dia mais affeições, e applausos; a graça, a naturalidade com que desempenha os seus papeis são dignos de todo o elogio. Na baixa comedia não tem de certo quem a exceda.

A Dança é bonita; os vestuarios elegantes, e apropriados, e muito bem executada: o Sr. Marsigliani foi feliz na sua invenção. A Musica é muito bonita, maviosa, expressiva, como todas as composições do Sr. Pinto; e análoga á situação. A ultima scena está primorosamente pintada. As vélas daquelles barcos são imitadas o melhor possivel.

Concerto Musico no Palacio do Ex.mo Duque de Palmella, ao Calhariz.

O concerto que se havia effectuar em a noite de 15 do corrente, offerecido por M.me Andrada, como annunciámos em o nosso n.º 20, fica transferido para a noite de 24 do corrente.

CHARADA.

Jaz em carneiro — 1
Não é cavalheiro — 2

Todo.

No sec'lo das luzes
Quem dirá! coitado!
Este porque as tinha
Lá está enforcado.

J. A. C.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

Um passo para a quadratura do circulo, por Henrique Martins Pereira, Tenente-Coronel na 3.ª Secção do Exercito.

TYPOGRAPHIA DE J. B. MORANDO,
RUA DO MOLHO DE VENTO N.º 39.

JANEIRO 19. 1850. NUMERO 23.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 8; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

CONSELHO GERAL DE BENEFICENCIA.

Em resposta aos artigos que publicámos em o n.° 21 deste Jornal ácerca do Conselho Geral de Beneficencia, recebemos a Carta do Ill.^mo Sr. José Jacintho Tavares, que em seguida publicamos sem omittir os benignos encomios que nos prodigalisa, porque S. S.ª nos prohibe occultar o galardão de nossos bons desejos. Rogamos a S. S.ª acceite nossos sinceros agradecimentos.

Estimámos muitissimo que o Sr. Lobato nos désse occasião a tratar de assumpto que deve interessar muito o publico; e com a maior satisfação aguardamos todos os esclarecimentos a tal respeito; e imploramos aos Srs. Tavares, Lobato, e a todos os Cavalheiros que se queiram occupar de tão importante materia auxiliem os serviços que anhelamos prestar á sociedade, offerecendo este Jornal como ponto de reunião para as discussões dos illustres advogados de tão interessante causa. Se em resultado nada podermos conseguir, ao menos restar-nos-ha a consoladora lembrança de havermos trabalhado para um justo fim. A eloquente Carta do Sr. Tavares é já um precioso fructo de nossas diligencias; a questão anima-se!... O grande pensamento resurge; imploramos a attenção do publico, e em especial do Governo.

(CARTA.)

Ill.^ma e Ex.^ma Sr.ª

Recebi na qualidade d'assignante o n.° 21 d'Assembléa Litteraria, desse Jornal que V. Ex.ª com tanta dignidade e intelligencia redige, e que á custa de bastantes sacrificios seus sustenta, não só para gloria de seu nome, e sexo; mas para augmento da nossa Litteratura, concerto da moral publica, e proveito de todas as classes da Sociedade.

Nelle vejo um artigo de meu bom amigo o Sr. Domingos Lobato, precedido d'um outro de V. Ex.ª ácerca do Conselho Geral de Beneficencia, nos quaes venho extremadamente elogiado pelos serviços que, (segundo dizem) tenho feito ao mesmo Conselho, o que muito agradeço, assim a V. Ex.ª como áquelle illustre Cavalheiro.

Com quanto me pareçam ambos os artigos bem lançados, e na maior parte inspirados pelo verdadeiro amor da humanidade afflicta e desvalida; todavia na parte, que me diz respeito, eu os considero dictados pela amizade, com que seus authores me honram, e pelo — *Quod volumus, facile credimus*, com que se illude muita gente boa! Porque nada mais tenho feito ao Conselho do que significar-lhe

meus bons desejos, e animar pelo modo que posso os respeitaveis Membros, que o compõem, para de novo metterem hombros a trabalhos por mais de uma vez encetados com bastante comprehensão e zelo. E que mais poderei eu fazer do que podem pessoas tão conspicuas, em quem sobejam luzes, experiencia, e valia?

Sendo, como na realidade sou, muito menos que todos e cada um de meus collegas, nada mais poderei fazer, que seguil-os e coadjuval-os com todas as forças da minha alma no proseguimento e desempenho da espinhosa e difficilima tarefa de que nos achamos incumbidos.

Não posso deixar de notar a asserção que em seu luminoso artigo faz o Sr. Lobato ácerca do Sr. Soares Franco, dizendo: « que « fôra só este Sr. quem trabalhára por elevar « o Conselho á altura a que o Decreto da sua « instituição tinha em vista fazel-o chegar; « — que fôra elle só quem déra ao Conselho « a energia e actividade que outr'ora apre- « sentára, como bem o tinha provado a sua « morte, porque desde então até ha pouco, « jazêra o Conselho em profundo lethargo. »

Mil perdões peço ao Sr. Lobato, para dizer-lhe: que se engana, assim como eu me havia enganado antes de pertencer ao Conselho, de examinar os livros e mais papeis da respectiva Secretaria; e de ler o *Microcósmo* do Sr. Jacintho José Dias de Carvalho. Posso asseverar a S. S.ª que além do Sr. Soares Franco, outros muitos Cidadãos distinctos, zelosos, e intelligentes concorreram valiosamente para essa vitalidade do Conselho. E igualmente posso asseverar, que a morte do Sr. Soares Franco, com quanto importasse uma grande perda para o Conselho, e como tal fosse lamentada, não produzio com tudo no Conselho essa lethal paralysação que se suppõe. Como provas de uma e outra asserção eu mostrarei documentos indubitaveis, em que se acham consignados trabalhos proveitosos e dignos de toda a consideração, feitos depois da morte de tão abalisado Varão. Eu os farei ver ao Sr. Lobato para com todo o conhecimento de causa nos coadjuve com suas judiciosas reflexões. Eu os levarei por seu turno pela Imprensa ao conhecimento do Publico, se V. Ex.ª tão generosa como tem sido para todos, me ceder algum espaço nas columnas de seu acreditado Jornal, para que a Imprensa tomando conta de um assumpto de tanta importancia como este, auxilie o Conselho com suas luminosas advertencias e lembranças; e mesmo para que outros se não enganem como o Sr. Lobato, e eu nos enganámos, o que assim não acontecêra, se a Imprensa não tivera ha muito tempo deixado de occupar-se de tão transcendente materia.

Dir-se-ha: que esses trabalhos não tiveram resultado algum. E eu direi: que desse argumento nada se conclue contra a existencia dos mesmos trabalhos. Quanto mais que ninguem ignora qual tem sido o estado do nosso paiz; — ninguem ignora a continuação de abalos politicos porque temos passado; e a grande tranquillidade e socego de que tanto se precisa para resolver o maior problema de economia Social que ainda as Nações mais cultas não acabaram de resolver; qual é o da extincção e repressão da mendicidade.

Aproveito esta occasião para com a maior consideração e estima assignar-me

De V. Ex.ª

Justo admirador e attento servo

José Jacintho Tavares.

Lisboa 15 de Janeiro de 1850.

RELIGIÃO.

—

DA NECESSIDADE DE UMA RELIGIÃO DIVINA.

O mundo sem uma Religião Divina seria um cáhos cheio de scenas horrorosas. A força seria sem freio, sem razão, e sem conselho; os homens sem leis justas; o vício sem castigo; e a virtude sem premio; ou ambos postos no mesmo equilibrio. Mas á vista d'uma Religião Divina, toda esta terrivel pintura desapparece, e tudo se ordena.

Demonstrámos nos n.os 1 e 3 deste jornal, a verdade da existencia de um Deos ente perfeitissimo: logo que Deos é ente perfeitissimo e unico, nada ha mais racionavel que acre-

ditarmos, que Elle havia dar-nos uma Religião Santa, com estreita obrigação de a cumprirmos.

Pertender que Deos seja honrado por todas as religiões que ha no mundo, é um tolerantismo absurdo, que ataca a Divindade nos seus attributos, e oppõe-se á recta razão. Não é possivel haver na terra mais d'uma Religião verdadeira, assim como ha só um Deos este perfeitissimo. O Ser Supremo infinitivamente perfeito e justo, não póde approvar cultos que se destróem. O tolerantismo para quem raciocina, é a ruina de toda a Religião.

A Religião Divina não é um systema politico, nem uma sciencia, sobre que se permitta variar; mas sim uma capital obrigação imposta pela Divindade a todos os homens. Desgraçado de quem não segue a verdadeira!

Mas qual será a verdadeira? A que tiver todos os signaes da Divina revelação.

E qual é? A Religião Catholica Apostolica Romana.

E porque? Porque a Religião Catholica Romana, tem por Codigo toda a Escriptura Sagrada em toda a sua pureza. Na Escriptura Sagrada tudo quanto vemos escripto é digno de Deos, e logo descobre e publica a Deos por seu Author. A locução em todos os livros é singella, e muito sublime: o fio da historia é o mais fiel, e exacto; as profecias de cousas altissimas certas, e muito verdadeiras; os mandamentos de viver santissimos, e fundados em argumentos tão fortes, e penetrantes, que traspassam o coração, e mostram seu poder e virtude. A Escriptura Sagrada é antiquissima: a primeira revelação foi no paraiso terrestre, e depois mui sabiamente continuada, até que se completou todo o Codigo em suas partes. Esta mesma Escriptura entre tantas perseguições, e raivas dos tyrannos, e carniçarias dos judeos, e christãos, sempre guardada inteira, e sem lhe faltar nada por tão grande enfiada de successos. Tudo isto prova que todos os signaes da Divina revelação, convém sómente á Escriptura Sagrada. Como a Religião Catholica Apostolica Romana tem por Codigo toda a Escriptura Sagrada em toda a sua pureza: logo a Religião Catholica Apostolica Romana é a verdadeira.

J. R. de Figueiredo.

AS CASTELLÃS DE ROUSSILLONT.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

— Vós me surprehendeis, Senhor, interrompeo Galliot com a sua costumada emphatuação, sem com tudo faltar ao respeito devido ao sacerdocio que o tinha costumado a considerar como um dever desde a infancia. Ignoraes vós que, em todas as guerras civis, os protestantes foram sempre os aggressores, que os seus excessos tem ido alêm de todos os limites? e sem ir buscar exemplos longe, esqueceis vós todos os crimes de que elles se tem tornado culpaveis no nosso pobre Quercy: as cidades de Lauserte, de Cayluz, e tantas outras horrorosamente saqueadas; aquella de Canssade quasi destruida, os sacerdotes do Senhor precipitados dos campanarios abaixo: em Gourdon a Capella dos Franciscanos incendiada, os Padres mortos cruelmente, os vasos sagrados da Igreja de Rocamadour reduzidos a moeda, os catholicos de Montauban opprimidos, açoitados nas praças publicas, as virgens consagradas a Deos expulsas dos mosteiros, e obrigadas a escolher ou a apostasia, ou a deshonra [1]. Recordando-nos de taes delictos, podeis julgar que o massacre de S. Bartholomeo fosse outra cousa mais do que uma vingança natural, e bem merecida?

— Ó Deos, exclamou o Padre, por acaso deixámos nós de ser os discipulos de Jesus, que morreo sobre a Cruz orando pelos seus algozes? Tendes a felicidade de ser catholico mancebo, e fallaes de vingança! Julgaes que o ferro, e o fogo terão o poder de chamar ao gremio da Igreja nossos irmãos perdidos no erro? Não, não, não vos illudaes; estas crueis represalias produzirão outras iguaes; o sangue pede sangue.

— Eu o receio, disse a Condessa em meia voz.

[1] As Religiosas de Santa Clara foram principalmente victimas dos mais indignos tratamentos; tendo-se recusado a renegarem a sua religião, e casarem, foram encerradas em diversas casas particulares, d'onde as conduziam todos os dias carregadas de cestos para levarem terra ás fortificações que se reparavam. Não lhes davam senão pão, e agua por alimento. Por fim cançados de não poderem vencer sua resistencia expulsaram-nas da cidade. Todos os ecclesiasticos tiveram a mesma sorte, e os habitantes que quizeram conservar a sua religião foram presos, e as suas casas saqueadas. (Cathola Cetare.)

— Desgraçados de nós! tres vezes desgraçados! replicou o Padre com voz inspirada; a hydra da heresia se levanta mais terrivel ainda, ella se aproxima para nos devorar, o sangue brota de toda a parte...

Quantos jovens, e anciãos, quantos nobres Senhores succumbem aos seus golpes! Eu os vejo estendidos sobre a terra, sem movimento, e sem vida. Gritos lastimosos se ouvem, é Rachel que chora por seus filhos, e que não quer ser consolada porque estes já não existem!...

Esperie olhava para o Padre com surpreza misturada de terror. A Condessa estava pálida, e trémula. Unicamente Galiot conservava a sua inabalavèl firmeza.

— Senhor Cura, disse elle meniando descuidoso a cruz da sua espada, guardai para vós essas sinistras prophecias. Com a fortuna! Acaso quererão tambem os Calvenistas ter o seu S. Bartholomeo? Achar-se-hão elles com cara de se mecherem? Com todos os Santos! Caro nos pagariam as suas fanfarronices. Attrevam-se nossos bellos Primos de Gourdon, e Vaillac, que estão á testa de todas as suas tramas, attrevam-se sómente a fazer uma visita ao nosso Castello de Roussillont, e verão como nós os recebemos! Eu e os meus archeiros não somos nenhuns monges que nos deixemos degolar sem resistencia.

— Calai-vos meu filho, disse a Condessa, e roguemos a Deos que affaste de nós a sua colera.

— Tranquilizai-vos, Senhora, disse o mancebo, eu vos juro que nada ha já a temer delles, apesar do que diz o Senhor Cura, a lição foi boa, e lhes hade servir. Além disso, sabei que o massacre de S. Bartholomeo não se estendeo sobre a nossa Provincia.

— É verdade, disse o Padre com a sua sonora, e grave voz, e a causa deste bem foi o espirito de intolerancia espalhado no nosso pobre Quercy, todas as cidades são inteiramente catholicas, ou protestantes, as ordens da côrte não poderão ter execução, demais digamol-o em voz alta em honra da humanidade a parte sãa dos catholicos, lamentam estes excessos. O dia de S. Bartholomeo fez derramar lagrimas na mesma côrte de Mediceis[1]. Um bom numero de victimas foram subtrahidas ao furor dos malvados por verdadeiros filhos de Christo. Em Lisieux, os Calvenistas encontraram salvação no Palacio Episcopal, e o digno Bispo João Hennuyer os defendeo felizmente dos seus assassinos. O Arcebispo de Lião foi menos feliz, a populaça sequiosa de sangue forçou o seu Palacio, e todos os esforços reunidos do Clero não conseguiram salvar a vida aos huguenotes que alli se tinham refugiado, mas ao menos resta a estes dignos Pastores a consolação de terem preenchido os seus deveres. Alguns governadores tiveram a coragem de resistir ás ordens da côrte, e affirma-se que o de Bayonne Visconde de Orthez escreveo ao Rei: « Senhor communiquei as cartas de Vossa Magestade aos fieis habitantes, e homens de guerra desta guarnição; encontrei só dignos cidadãos, e firmes soldados, mas nem um só carrasco. » Possam taes exemplos servir de lição a todos os homens, e as orações, e boas obras dos verdadeiros catholicos affastar de nossas cabeças a colera celeste!

— Oraremos meu pai, disse Esperie levantando para o Céo seus olhos lagrimosos.

— E vós obtereis de vossa mãi o perdão de Mathurin, lhe disse o Cura; esta acção vos dará felicidade.

— Mathurin póde voltar quando quizer, disse a Condessa, eu lhe restituo o seu lugar, e a minha confiança.

— Eu me atrevo a affirmar-vos que jámais tereis motivo de vos arrependerdes, replicou o Padre. Agradeço-vos Senhores em nome deste pobre mancebo. O Céo vos abençoe, e vos proteja!

E, saudando com respeito a Condessa, sahio immediatamente.

(Continúa.)

D. Maria da Arrabida da Costa Sá Macedo.

[1] No dia do massacre de S. Bartholomeo a Rainha Isabel não sabendo nada quando se deitou, dormio toda a noite conforme o seu costume, e acordando só pela manhãa contaram-lhe a scena que se passava: « Ah! disse ella, ElRei meu ma- » rido sabe disso? — Sim, Senhora, foi elle mes- » mo que ordenou tudo! — O meu Deos! excla- » mou ella, o que é isto, e que Conselheiros são » esses que lhe dão taes conselhos! Meu Deos! eu » te supplico, e te rogo que lhe perdoeis; porque » se vos não compadecerdes, eu receio muito que » esta offensa lhe não seja perdoada. » E immediatamente pedio o seu livro de reza, e se poz a orar chorando na presença de Deos. (Brantome.)

A pedido de alguns Srs. Assignantes deste Jornal que desejam possuir as nossas poesias já publicadas em differentes Jornaes, mas que nem todos leram, iremos reimprimindo nesta folha as que nos parecerem melhores.

POESIAS.

CANTO FUNEBRE

A' MORTE DA INFELIZ DUQUEZA DE PRASLIN.

O universo, a teus prantos insensivel
Errante vagarás oh! fera horrenda!
Té que brade a trombeta em som terrivel
Do juizo final hora tremenda!
A AUTHORA — *lendo do Judeu Errante.*

Do pacifico Sena as aguas de ouro
Attonitas recuam!
E o leito paternal em que dormiam
Turvadas evacuam!

Pavida treme a terra ao som tremendo
De horroroso trovão!
Chove sangue! inda mais atêa a chamma
De inflammado vulcão!

Os astros não scintilam! negro manto
Envolve o firmamento!
Pia o Mocho agoureiro além no asylo
Da paz, do esquecimento!

Funebre quadro ao Mundo hoje offerece
A brilhante Pariz!
Fatal revolução! és precursora,
De algum caso infeliz!

Annuncias do globo o horrido estrago!
Talvez!... mas oh! que escuto!
Universal clamor! ninguem conserva
De pranto o rosto enxuto!

Vingança! maldição! o povo exclama
Em transportes de horror!
E em toda a terra os écos já repetem
Anathema ao traidor!

E vai negro fantasma além passando
Ricas vestes trajando ensanguentadas!
Tenta embalde esconder odiosas faces
Dos fachos infernaes alumiadas!

É o Duque de Praslin, algoz cruento
Que á mão suicida entrega a propria vida;
Ao delicto não foge, e foge á pena!...
Lá teus no inferno a pena merecida!

Monstro! que ao teu furor sacrificaste
Moral, nobreza; sangue, humanidade!
Á mãi dos filhos teus, á esposa tua
Matas porque te amou! oh! crueldade!

Roubas-lhe a paz, os filhos, e a existencia!
Sua virtude, o amor, tudo esqueceste!
És na historia dos impios, o mais impio!
De Dudley[1] a memoria escureceste!

Soltaste as furias que nutrias n'alma!
Turba qu'em alaridos te acompanha!
«Oh! justiça do céo! que duros tratos!»
Com o teu pranto seu rancor assanha!

Como iradas te arrojam nos abysmos!
E ao teu chegar o inferno as portas feicha!
Teme-te o mesmo inferno! e accesos raios
Sobre a cerviz malvada te desfeicha!

Novo, errante judeu desesperado,
De um polo ao outro vagarás a esphera,
Em continua vigilia; nem descanço,
Nem um jazigo encontrarás, oh! féra!

Cruel! por cada lagrima sentida,
Que fizeste cahir, darás em paga
Milhões de tristes lagrimas sem fructo!...
Nem só nisto se encerra a horrivel praga!

Pois de sangue matar quizeste a sêde,
Vertendo aquelle que adorar devias;
Devore eterna sêde essas entranhas,
Onde os vicios mais torpes escondias!

Da victima innocente que imolaste
Mostre-te negra inveja o gôso eterno!
E ancioso espera o brado que te abysme
Na mais profunda habitação do inferno!

D. A. G. PEREIRA.

Lisboa 14 d'Outubro de 1847.

[1] Lord Roberto Dudley, Conde de Leicester, valido de Isabel, Rainha de Inglaterra, o qual mandou assassinar sua esposa.

O coração porque gemo
O labio porque suspira
Porque resvala uma lagrima
Por entre as cordas da lyra.

ALEXANDRE HERCULANO.

Minh'alma porque estás triste
Porque gemes coração?!...
Porque te opprimem tormentos
Que tarde te aguardarão?!

Porque, a lyra sempre triste
Sempre de pranto banhada?
Olha, talvez seja rouca
Porque esteja enferrujada.

Porque chorar o passado?!
Passado tambem tem mágoas,
Que se o presente tem dôres
Nelle houverão tambem fragoas!...

Elle foi, ah! sim foi elle
Que a saudade me deixou;
Nelle foi, oh! dôr amarga
Que a morte pai me roubou.

Foi nelle qu'eu vi luctar
Seus dias co'a morte dura
Porque chorar esse tempo?!
Tempo de dôr, de tortura:

O passado eu abomino;
Quero o presente acatar
Porque o futuro mais negro
Tenho ai! de mim! d'aguardar:

Venturas s'um dia as tive
Isso foi na mocidade;
Ficou-me turva memoria
Pela espinhosa saudade!...

Que os prazeres são ligeiros!...
Ficam espinhos de dôr
Qu'em nossos peitos se crava
Como cancro roedor.

Sim choro a falta d'um pai
Esta ventura perdida,
É minha mór inimiga
Que m'abre mortal ferida!

Vai-te, não voltes lembrança
Tanto á minh'alma ás pezada,
Sempre és negra, sempre triste,
S'eu sempre fui desgraçada!...

D. ANTONIA L. CABRAL E TRIVE.

A LIGA PORTUGUEZA.

Este Jornal de interesses nacionaes merece a attenção, e cooperação de todos os verdadeiros Portuguezes, por quanto elle se propõe tratar de negocios importantissimos, e só tem em mira a prosperidade, e independencia do paiz: é util mesmo ao Governo que por tal modo se vê auxiliado com os publicos esforços que lhe facilitam os meios de felicitar a nação, livrando-a do seu completo aniquilamento; porque não são as armas que hão-de salvar-nos; as armas sustentem embora a politica, mas a independencia de Portugal só a podem sustentar a industria, o commercio, a agricultura, e estas não se desenvolvem senão com o favor da paz. Já se vê que o grande pensamento da Liga não tende a guerrear o Governo; antes o auxilia, lembrando os meios efficazes de restaurar á Patria as forças que tem perdido com a decadencia da industria, do commercio, e da agricultura! São os Portuguezes que se abraçam, e caminham ao glorioso fim da sua independencia por meios pacificos, e uteis ao Governo, e á nação. Este Jornal segundo nos mostra a nossa razão é util em todos os systemas, e indispensavel ao liberal onde a nação tem parte em todos os negocios do paiz. Louvamos pois o grande pensamento que desejamos ver prosperar animado pelo Governo, e coadjuvado por todos os bons Portuguezes.

D. A. G. PUSICH.

A LIGA PORTUGUEZA.

JORNAL DOS INTERESSES NACIONAES.

Um jornal, cujo assumpto unico sejam os interesses economicos e materiaes do paiz, não póde deixar de ser bem recebido do publico.

A Liga, que era a tribuna donde se fallava á nação, em nome desses interesses, foi

supprimida. É forçoso erguer no campo da imprensa uma outra tribuna que a substitua. E essa nova tribuna será o jornal que, sem tratar de politica, vamos publicar com o titulo de — *Liga Portugueza*.

A necessidade desta publicação é a todos manifesta. A falta d'estradas e vias aquaticas — o onus do deficit annual e accumulado, da enorme divida publica que pésa sobre a nação — uma producção gravada em muitos dos seus ramos por impostos, ou mal lançados ou excessivos — uma agricultura cuja fecundidade nos annos de boa colheita parece ser um castigo, pela depreciação dos generos — uma industria em estado de progresso, mas necessitada ainda, para sua estabilidade e desenvolvimento ulterior, do favor da opinião e do beneficio das leis — uma grande difficuldade na troca e venda dos productos pela escacez da moeda metalica, ou de valores que a representem — um juro altissimo, devido aos obstaculos que encontra a transmissão da propriedade, ás seducções da uzura e dos emprestimos publicos, e á monopolisação do dinheiro em muito poucas mãos — e a necessidade de facilitar a descoberta e exploração dos thesouros mineraes que o reino encerra — vicios na legislação que impedem o augmento da riqueza publica e esterilisam o manancial das fortunas particulares — são pontos cujo exame interessa de tal maneira a todos os cidadãos, que fôra superfluidade justificar a conveniencia de chamar para elles a attenção geral, trazendo-os ao concurso das opiniões.

Com estas questões importantes da economia do continente portuguez, enlaça-se naturalmente a sorte das nossas ilhas, e colonias. Como membros da mesma familia, reclamam ellas o cuidado da metropole: podem ser focos de um grande consumo para os nossos productos fabris e agricolas. Artefactos, vinhos, agoas-ardentes, farinhas e outros artigos do reino podem alli deparar mercados, hoje na maior parte fornecidos pelos brazileiros, americanos do norte, inglezes, e outras nações. A agricultura nacional póde levantar-se do torpor em que jaz, e a nossa marinha mercante tomar as proporções indispensaçães a um commercio continuado e progressivo.

O adiantamento da agricultura, da industria, do commercio, da navegação, das vias maritimas e terrestres, presupõe o estabelecimento da educação professional e o ensino das sciencias, e artes subsidiarias. Tratar, ainda que elementarmente, tão variados ramos dos conhecimentos humanos, não cabe nas forças do nosso jornal; mas nas suas paginas se reservará, sob o titulo de *Instrucção publica*, um espaço destinado, já á parte mais popular do ensino, já quando a occasião o permittir, a considerações sobre os estudos secundarios e superiores.

Para multiplicar os meios de subsistencia, promover o trabalho humano nas suas differentes ramificações; recommendar o ensino publico como instrumento do progresso das artes; ministrar ao povo o pão intellectual como meio de moralisal-o, e de preencher uma das vocações da nossa natureza — não é o fito unico da *Liga Portugueza*. A indicação dos melhores systemas de hygiene publica e particular será como o complemento dos artigos que o nosso jornal hade dedicar á economia nacional, e ao ensino escolar.

Aos interesses geraes e de classe andam estreitamente vinculados outros — os do municipio. Terão estes um lugar distincto no quadro deste jornal. Advogaremos os direitos municipaes como os da nação. Excitaremos para as obras do bem commum o patriotismo das povoações. É da longa cadêa dos sentimentos locaes que se compõe o grande sentimento da nacionalidade: da fortuna dos municipios se fórma a fortuna publica: e estes vinculos particulares de cada terra é que fortificam o vinculo capital da familia portugueza.

Mas a *Liga Portugueza* não póde ver a luz da estampa, sem que um numero sufficiente de assignaturas cubra as despezas da sua publicação. Depende ella por tanto da cooperação do grande numero de pessoas, classes e camaras municipaes, ou representadas na extincta Liga promotora dos interesses materiaes do paiz — ou associadas por sympathia ao seu pensamento. Sendo os interesses do povo de Portugal, os que este jornal se propõe a defender, ao povo de Portugal compete auxilial-o. Auxilio, que seja efficaz, só póde ser obtido por meio de commissões. A's pessoas e corporações influentes pedimos, e é dellas que esperamos as estabeleçam, em ca-

da terra ou freguezia, para que então essas commissões, lendo ou distribuindo pelos povos este impresso, convencendo-os assim das vantagens deste jornal, e fazendo-lhes entrever quantos beneficios podem resultar da sua propagação, sollicitem com mais fundamento as assignaturas necessarias.

São redactores co-proprietarios do jornal, os srs. José Maria Grande, encarregado de quanto interessa á agricultura. — Antonio de Oliveira Marreca, industria e commercio, e ambos, inteiramente, do que respeita a vias de communicação. — João de Lemos Seixas Castello Branco, interesses municipaes. — Claudio Adriano da Costa, estatistica e finanças. — Manoel Maria da Silva Broschy, instrucção publica. — José Tavares de Macedo, colonias. — Francisco Antonio Pereira da Costa, minas. — Candido Albino da Silva Pereira e Cunha, hygiene e pauperismo. — Director co-proprietario, José Maria da Silva Leal. — Preços da assignatura — Por anno 2$600 rs. — Semestre 1$300 rs. — Trimestre 650 rs. — Avulso 50 rs. Sahirá uma vez por semana, logo que haja assignaturas sufficientes. O formato será de quarto grande e de 20 a 24 paginas, contendo gravuras quando fôr necessario. Será impresso em bom papel. As assignaturas são pagas adiantadas.

Este jornal, segundo a lei, não paga porte de correio.

São correspondentes fóra de Lisboa todas as pessoas que o quizerem ser. — Para ser considerado correspondente será preciso enviar pelo menos a importancia de dez assignaturas, á loja de livros do sr. Lavado, em Lisboa, rua Augusta n.º 8, onde se entregarão os recibos assignados pelo administrador F. de P. Soares Brandão. A cada correspondente se dará gratuitamente um numero da *Liga Portugueza*. A remessa para os assignantes não será interrompida, quando o preço da assignatura esteja com antecedencia satisfeito. Toda a correspondencia deverá ser franca de porte, e dirigida ao director da *Liga Portugueza*, no seu escriptorio em Lisboa. *Ayres de Sá Nogueira fundador e proprietario da Liga Portugueza.*

Recebemos d'Elvas uma carta assaz obrigante onde o espirito ardente, e elevado de nossas amadas Elvenses com tanta energia se patentea! É assignada com as iniciaes D. A. B. a Elvense, e suas seis inseparaveis amigas. Temos exitado na sua publicação porque a modestia nos não permittia publicar neste Jornal uma obra tão cheia de espirito, mas tambem de expressões do mais alto louvor aos limitadissimos talentos da Redactora deste Jornal; e todavia conhecemos que é dever nosso condescender na sua publicação para que o publico tenha noticia do effeito que tem produzido as nossas diligencias, e do quanto as portuguezas estimam cultivar o espirito. Em extremo gratas a tão altos favores, protestamos publicar em um dos seguintes n.os a mencionada carta, e as poesias que a acompanham, e imploramos ás illustres Damas que nos escreveram se dignem declararnos seus nomes porque muito desejamos conhecel-os, e saber a quem havemos remeter o Jornal; por quanto desde já com a maior satisfação collocamos na lista de nossas Collaboradoras as mesmas Sr.as — Se exigirem que não publiquemos seus nomes, guardaremos segredo, mas nós precisamos conhecel-os. — Muito felizes nos consideramos em ter podido despertar tão nobre enthusiasmo em nossas compatriotas cujos talentos desejamos ver aproveitados em honra da Religião que professamos, e da moral que prezamos.

Recebemos, e muito agradecemos o obsequioso Soneto que o Sr. José Joaquim Vasques dedica á Redactora desta folha. O Soneto que o Sr. A. A. A. Almeida dedica a Sua Magestade o Senhor D. Fernando não vai neste n.º por haver chegado a tempo de estarem já compostas as paginas deste Jornal, e uma obra tal não devia ir na ultima columna, que era a unica de que podiamos agora dispôr: esta é a razão de não satisfazermos á exigencia da sua publicação neste n.º, o que faremos no immediato.

EXPLICAÇÃO DA CHARADA DO N.º ANTECEDENTE

LAMPEÃO.

TYPOGRAPHIA DE J. E. MORANDO,
RUA DO POÇO DE TRAS N.º 59.

JANEIRO 26. 1850. NUMERO 24.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.° 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; J. P. Lavado, na dita n.° 8; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.° 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

BENEFICENCIA PUBLICA.

O artigo que em seguida publicamos do Sr. D. Lobato Q. B. de Faria é o melhor elogio que podemos tributar ao merito daquelle Cavalheiro, cujos elevados sentimentos se revelam no mesmo artigo, onde respiram eloquencia, e moral, em toda a sua força. Nós escusamos recommendar a nossos leitores a devida attenção a este escripto; sabemos que o seu titulo é bastante para o tornar interessante ás almas nobres que estimam o bem publico; mas em tão importante assumpto não basta sentir; é mister fazer alguma cousa! Façamos quanto está ao nosso alcance, e não é pouco... imploremos a attenção do Governo, das Camaras, do Conselho de Beneficencia, do Publico, e de nossos contemporaneos para que unidos trabalhemos todos para tão justo fim. A imprensa póde muito em taes casos... A voz da imprensa é voz universal que sôa em todos os angulos da terra!... grandes, e pequenos a escutam; grandes, e pequenos a attendem, nem póde deixar de assim ser, porque os eccos desta voz tremenda se estendem á immortalidade, e á immortalidade levam os bons, e os máus feitos!...

Seja pois a imprensa quem advogue constantemente a causa dos desvalidos, e participaremos todos os felizes resultados de nossos esforços.

BENEFICENCIA PUBLICA.

A fundação das escolas de instrucção publica, é de absoluta necessidade no nosso paiz.

Já está evidentemente provado, que a pedra fundamental, sobre que assenta a prosperidade das nações, é a educação, e sem ella todos os meios que se empregarem com o intuito de dar desenvolvimento aos meios de que depende a felicidade dos povos são impossiveis, porque nenhum povo póde ser feliz, sem que desde a infancia, beba as puras agoas de uma educação modellada segundo as maximas da religião, e da moral.

A falta de educação é reconhecida em toda a parte. — E os males que vem desta gravissima falta, são todos os dias sentidos, e cada vez hão-de ser maiores.

As ruas da capital offerecem-nos a cada momento um quadro, aonde se vê o abandono a que está votada a educação da mocidade.

A todos os momentos vemos espalhado pelas ruas um elevado numero de crianças, que passam os melhores dias da mocidade, aquelles dias em que deviam aprender a ser uteis a si, aos seus conterraneos, e ao seu paiz, entregues aos jogos, e a tudo quanto ha de vicioso e desbonesto.

Se as escolas de instrucção publica estivessem organisadas, se os governos olhassem attentamente para esta urgentissima necessidade, e conhecessem que a educação é o primeiro mister das sociedades, não estariam as cadeias da capital cheias de criminosos, e não se perpetrariam todos os dias tantos crimes!!

Na idade em que os corações se prestam a receber uma boa direcção, quando as tendencias se podem encaminhar, e os defeitos se podem corrigir, nesta idade a mais aproveitavel da vida, deixar tantos entes entregues ao abandono, sabendo que no fim de uma vida perdida e desmoralisada os espera o cadafalso!!

E barbaro! mil vezes barbaro.

As nossas esperanças com relação á fundação das escolas de instrucção publica, estão depositadas todas sobre o Conselho Geral de Beneficencia, porque em presença do movimento que tem apresentado, e dos desejos de que se acha animado, esperamos que lhe não hade esquecer de consignar na lei que regular a beneficencia publica — tudo quanto for necessario para se levar ao cabo objecto de tanta monta.

Este assumpto é de sua natureza tão grave, que se torna desnecessario recommendal-o.

Além delle ha ainda outros tão importantes, e que estão nimiamente ligados com a beneficencia publica, e por consequencia com o Conselho Geral de Beneficencia, a que tambem é preciso dar incremento.

A formação de Asylos de Mendicidade que satisfaçam cabalmente a tudo quanto a beneficencia publica nesta parte reclama, e que para a sua estabilidade não careçam do auxilio de subscripções, é de absoluta necessidade.

A realisação do pensamento sublime e imminentemente civilisador da sôpa economica tão necessaria no nosso paiz, e estabelecida ha tanto tempo n'outros que nos vão muito ávante em illustrações, é objecto de que tambem o Conselho se não póde esquecer; embora aquelles que não comprehendem esta civilisadora Instituição lhe chamem optia! — Não sirva isto de embaraço ao Conselho na brilhante carreira que vai seguindo. — A esses ditos miseraveis, o desprezo é a resposta, embora elles venhão dos que tem a sciencia pregada nos diplomas academicos!!... O MAGISTER DICIT — *era tudo n'outros tempos, hoje já não é assim...*

O meio de se evitar que as cadeias sejam gremios de desmoralisação, fazer com que o pensamento que presidio a ellas se realise, isto é, que sejam casas de correcção de crimes, e não escolas de devassidão, aonde se ensinam os differentes modos de roubar, e até a forma de pegar n'um instrumento para matar!! — É tambem objecto que se liga com a beneficencia publica, e o Conselho Geral de Beneficencia tambem não o hade perder de vista.

Quem nos déra ver realisado no nosso paiz, tudo quanto deixamos indicado!

Se tal acontecer, o nosso contentamento será extremo, porque o beneficio que resulta á sociedade é incalculavel.

Não perdemos a esperança. — O Conselho Geral de Beneficencia já não perde tempo, e dentro em pouco veremos o resultado das suas fadigas.

Aproveitamos esta occasião para dizer duas palavras acerca da carta do nosso intimo amigo o Sr. José Jacintho Tavares, publicada no n.º antecedente deste Jornal, na qual S. S.ª nos faz ver, que não fomos exactos quando em um artigo dedicado ao Conselho Geral de Beneficencia, e publicado tambem em o n.º 21 deste Jornal, avançámos a asserção de que o Sr. Soares Franco — «era só no empenho de ver levantado um edificio á beneficencia publica.» —

A falta de conhecimento que existia dos trabalhos do Conselho, porque a imprensa nunca se occupou de semelhante objecto, e o conhecimento que tinhamos dos serviços a elle prestados pelo Sr. Soares Franco, fez com que o julgassemos só empenhado nos meios de fazer com que o Conselho satisfizesse aos salutares fins da sua instituição. Porém o Sr. Tavares fez-nos ver trabalhos organisados já depois do fallecimento do Sr. Soares Franco que na verdade são de muita importancia.

Ha um projecto apresentado á Camara dos Srs. Deputados em sessão de 5 de Junho de 1841 pelo Sr. Luiz Tavares de Carvalho e Costa sobre os meios de se extinguir a mendicidade na capital, e que vem transcripto no *Microcosmo* do Sr. Jacintho José Dias de Carvalho, e mais dois projectos importantis-

simos de regulamento sobre o mesmo objecto, confeccionados pelo Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, e que existiam fechados nos archivos do Conselho, sem que o publico tivesse delles conhecimento.

Sempre que se nos apresenta o nome respeitavel do Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, não podemos deixar de lhe tributar veneração, pelas acrisoladas virtudes que revestiram sempre a sua vida. — Não podemos deixar de deplorar ao mesmo tempo a perda de um Publicista eximio e honrado — d'um cidadão virtuoso — d'um sabio da Europa — e de um dos mais brilhantes ornamentos das sciencias, que legou á sua Patria o fructo do seu saber — junto a uma memoria veneranda, e que pouco antes de succumbir á lei de todos os seres, deixou ao Conselho Geral de Beneficencia dois monumentos do seu grande genio organisador.

Taes são os projectos apresentados ao Conselho pelo Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, nem uma palavra só nos atrevemos a avançar sobre o seu valor.

São fructo daquelle grande talento.

Concordamos pois com o Sr. Tavares, em que além do Sr. Soares Franco, houveram outras pessoas, tambem zelosas pela prosperidade do Conselho, que apresentaram trabalhos; mas apesar disso S. S.ª não póde deixar de conhecer que o Conselho, talvez porque o Governo o não attendia, entregou os projectos e regulamentos aos armarios, e deixando de instar pelo auxilio do Governo como lhe cumpria para levar ao fim os seus planos, entregou-se a um repouso completo, do qual só á pouco começou a mover-se, e honra seja ao Sr. Tavares por ter sido um dos que dispertou o Conselho da lethal paralisação em que jazia.

Para demonstrar o que deixamos dito basta só fazer esta observação. — Se o Conselho possuia todos os trabalhos que deixamos apontados, porque se não tinha já occupado dos objectos que hoje tem a peito levar ao cabo? — Porque o projecto do Sr. Luiz Tavares de Carvalho e Costa apresentado ás Côrtes, não teve effeito — porque os trabalhos do Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira não se puzeram em prática, porque o Governo não attendia o Conselho, e porque houveram commoções politicas estava elle por ventura impossibilitado de trabalhar? — Não podia ter já feito o que agora principia a fazer?

Não é possivel provar o contrario.

Se nesta parte discordamos do nosso particular amigo o Sr. José Jacintho Tavares nem por isso deixamos de confessar solemnemente, que tributamos muita veneração aos seus talentos, e ás sublimes intenções de que se acha animado a respeito dos indigentes — que louvamos a modestia das suas expressões — que lhe agradeceremos em nome da sociedade os serviços que tem feito ao Conselho Geral de Beneficencia — assim como as expressões lisongeiras com que a sua extremada bondade e sympathia, tanto nos honrou.

D. Lobato Q. B. de Faria.

A SANTA CASA DA MISERICORDIA.

Desde que escrevemos neste jornal, que collocámos a nossa mira de modo que podessemos encontrar algum desgraçado a quem podessemos ser uteis, porque nós tambem somos infelizes embora não haja outra desventura somos mulheres... Este sexo desditoso tem sempre a humilhante posição de dependente, ora de pais, ora de maridos, ora de irmãos; e é bastante este pezo a que quasi todas estamos curvadas para não podermos respirar o ar puro e recreativo da felicidade; é elle talvez, que nos tem redicularisado, e até detriorado; condemnando a maior parte das damas a um constante espartilho que tem originado muitas tisicas, e a um quasi diario encarar d'espelho, que muito bem póde ser que a isto se deva a falta de vista que tanto as tem agora torturado, porque me asseguram que o uso constante dos oculos arruina a vista, e o espelho que tambem é de vidro, de certo que lhes ha de ter sido muito prejudicial...

E todos estes males são pelo empenho de agradar aos homens, dos quaes sómente podemos haver os meios de subsistencia porque todos os outros nos são vedados!.. aconselhamos porém o nosso sexo a que tenha maior empenho em evitar uma tisica, e falta de vista, do que em lhes agradar, porque elles são máos de contentar, e quando houverem de ser contentes será com os dotes d'alma, e esses não precisam adornos, nem somos nós que os

havemos de mirar, são os outros; vamos porém ao nosso assumpto do qual nos temos affastado, e oxalá que a nossa voz fraca possa ser ouvida por esses, em cujas mãos estiverem os meios de servir de utilidade aos desvalidos.

A Santa casa da Misericordia foi um estabelecimento criado para evitar que os pobres orfãos de pais vivos fossem completamente desgraçados.

Mas que faz ella? recebe os engeitados lançados na roda, dá-os a criar á primeira mulher que lá se apresenta para os trazer, e depois lá ficam os infelizes sem proteeção alguma, apenas entregues aos cuidados d'essas mulheres que os vão buscar que raras são, as que os tratam bem.

Para que servem esses vezitadores? cumprem elles as suas obrigações? Creio que não: moràmos em sitio em que haviam cinco engeitados, uma unica vez lá appareceram.

Que viram elles e que souberam? Nada, e a um d'esses cinco até os ratos lhe comeram o nariz, e dos outros quatro engeitados, um só era bem tratado; tenha a Misericordia espiões para evitar o mão tratamento dos innocentes, a espionagem neste caso não fará desgraçados como na politica; ao contrario ella será util, observando como os infelizes são tratados; e servirá tambem para obstar a que as mãis engeitem seus filhos para irem buscar os alheios como succede a milhares (algumas conhecemos) porque este procedimento infame rouba os meios que poderiam ser applicados em proveito daquelles que seus pais, por um erro acompanhado de circumstancias particulares, lançaram ao mundo sem que lhes seja possivel acareciarem seus filhos; rogamos pois aos empregados d'esse estabelecimento, que sejam mais desvelados no serviço que prestam em beneficio dos innocentes que até por seus pais são abandonados.

D. Antonia L. Cabral e Teive.

O ISTHMO DE PANAMÁ.

Desejamos offerecer a nossos leitores uma descripção muito interessante do isthmo de Panamá, e por não perdermos tempo em trasladar, quando o ceo nos permittio a faculdade de inventar; encarregámos esta difficil tarefa a uma de nossas presadas collaboradoras, que diligenciando quanto lhe foi possivel o obsequiar-nos, nos envia a seguinte traducção, muito exacta por certo; e conhecendo nós o quanto era custoso a uma Senhora este trabalho, por isso ainda mais gratas lhe somos; e muito louvamos a sua applicação, e paciencia, de que lhe resultará a gloria de ser a primeira pessoa que (segundo nos parece) emprehendeo tão difficil traducção. O sr. Casassa é sem dúvida muito digno de estima, e louvor pelo desvelo com que educa seus filhos, ensinando-os elle mesmo com a paciencia e esmero de um bom pai; de um de seus filhos que apenas conta dez annos de idade publicaremos em outro numero alguma traducção.

O ISTHMO DE PANAMÁ.

—

O ISTHMO DO SUEZ.

(TRADUCÇÃO.)

O isthmo de Panamá, estreito em largura, como se verá, está fóra de proporção no seu comprimento com todos os isthmos do mundo. O Tehuantepec é das margeas do Guasacoalco, ahi confina com a America do norte aonde finalisa o golfo Darien, e se une ao massiço d'America meridional; tem 2,300 kilometros (575 legoas). É com pouca differença, o dobro da distancia de Amesterdão a Lisboa. Os outros isthmos celebres são cincoenta ou cem vezes mais curtos. É por que estão situadas entre dois golfos, entranhados na terra, ou entre um mar e uma bahia; em quanto que o isthmo de Panamá, separa dois mares espaçosos.

Em sua fórma ordinaria, dir-se hia que é uma immensa estrada dirigida em linha recta do oest-noroeste, no oest-sudoeste, e que apresenta do lado que olha para a Europa duas lingoetas: uma assaz espaçosa, que se estivesse situada nas nossas regiões formaria um vasto reino: he a peninsula do Yucatan, a qual juntamente com a Florida, e a Ilha de Cuba, circunda o grande lago chamado o golfo do Mexico, e que tem quasi

as dimenções do Mediterraneo; a outra, fórma um meio circulo, ainda mais extenso é occupada pela confederação da America central. Em sua configuração geral o isthmo se adelgaça á medida que se aproxima d'America do Sul. Deste lado termina por um semi-circulo, sobre o qual está situada a cidade de Panamá, que pelo Occidente é banhada por uma bahia semi-circular, semeada de ilhas e de elegantes archipelagos em miniatura, logares celebres pelas perolas que os hespanhoes alli encontraram.

A' primeira vista, parece necessario explorar minuciosamente sobre cada um dos lados do isthmo, uma costa deste extraordinario comprimento, de 2,300 kilometros; para poder-se descobrir o ponto aonde deveria estar collocado o canal dos dois oceanos; porém por mais imperfeitos que sejam os conhecimentos geographicos na parte deste novo continente, bem depressa se conhece que o numero das localidades, aonde se póde com probabilidade de bom resultado procurar uma passagem, he assaz limitado. Os pontos onde o isthmo se estreita e é natural ir bater para rasgar o terreno; são unicamente cinco. Passemos a descrevellos.

1.° Principiando pelo norte, encontra-se logo o isthmo de Tuantepec, aonde duas correntes, o Guasacoalco, e o Chimalapa, encostados um ao outro, se vão derramar, um no Oceano Atlantico, o outro no pacifico, em linha recta, a distancia é 220 kilometros.

2.° Do outro lado da peninsula do Yucatan, a carta geographica indica que desde o fim da bahia de Honduras, sobre o Atlantico, até ao Oceano pacifico, ha uma distancia assaz curta, perto de 200 kilometros, e mostra que alli proximo existem impetuosas correntes, as quaes tem sua origem a pouca distancia do Oceano pacifico, e vem quasi em linha recta incorporar-se ao Atlantico.

3.° Mais ao Sul, na outra extremidade do diametro do hemicyclo, apresenta na America central, uma bella bacia d'agoa, o lago de Nicaragua, que communica com o Atlantico por um magnifico rio, o S. João de Nicaragua, está situado no meio da terra parecendo uma continuação desse mar, que mostra penetrar assim até dois ou tres myriametros do Oceano pacifico.

4.° Depois apparece o isthmo de Panamá propriamente assim chamado. É ahi que a comprida estrada reune as duas Americas no seu logar mais estreito. Da cidade de Panamá sobre o pacifico, a do Porto-Bello no Atlantico, a distancia em linha recta, he de 65 kilometros. Do mesmo modo entre Panamá e Chagres, aqui é que uma parte do espaço se atravessa por via do rio Chagres, que volve uma grande quantidade d'agoa; do mesmo modo que entre Chagres e a bahia de Chorrera, que está um pouco ao oeste de Panamá. Não é todavia entre o Panamá, ou a bahia de Chorrera, ou Porto-Bello, que o isthmo de Panamá está redusido ha menor estreiteza; um pouco mais ao leste encontra-se, a bahia de Mandinga (ou S. Braz) que parece não ter mais que uns cincoenta kilometros.

5.° Em fim aonde o isthmo acaba, e onde a America do Sul se dilata repentinamente n'uma vasta planicie, se encontra na superficie desta America uma notavel passagem, entre os dois Oceanos. No golfo de Darien que toca ao isthmo pelo Oriente, desagua um magnifico rio, por nome Atrato, do qual alguns regatos affluentes do lado esquerdo, e particularmente o Naipipi, tem as suas nascentes perto do Oceano pacifico, e de que uma das ramificações superiores se aproxima muito ao norte do Novita, por um rio tributario do mar pacifico, que tem, como tantos outros, o venerando nome de S. João. Não me atrevo a certificar qual seja a precisa largura no caminho que se deve seguir, para se poder passar pelo valle do rio Atrato, de um ao outro Oceano. Seria porém um caminho assaz longo. Segundo a ultima carta geographica de Arrovosmith, da embucadura do Atrato, no mar das Antilhas, ao de S. João, no Oceano pacifico, haveria pelo menos 450 kilometros. E pelo Naipipi seria com pouca differença menos de ametade.

Eis-aqui pois cinco localidades em que o isthmo se apresenta favoravelmente em quanto á largura. Mas a que altura será necessario subir? Estará esta na ordem daquellas diante das quaes a arte do engenheiro mais afouto recúa, com medo de se reconhecer vencido? A' primeira vista parece que assim se deve receiar. O novo continente offerece uma cadêa de montanhas, as mais singulares do mundo, pela sua continuação. Do cabo

d'Horn, no promontorio pelo qual a America Meridional, fica voltada para o polo austral, até ás terras geladas que terminam a America do Norte, estende-se a cadêa dos Andes, como uma espinha dorsal do comprimento de quatorze mil kilometros, trinta e cinco vezes mais que os Pyrineos. Em qualquer logar d'America Meridional, seja qual fôr o ponto littoral occidental, o Guayaquil, Lima e Valparaiso, até ao estreito de Magellan, e a Terra-do-Fogo, por toda a parte se encontram neste transito, esses altivos cumes cobertos de eterna neve, separando o valle do rio das Amazonas, aonde dez imperios caberiam á vontade: o de Magdalena, d'Orenoco, e o da Plata, tributarios do Atlantico, correntes que se precipitão no Oceano pacifico. Que das praias do mar se chegue a planura pelo Bogota, no Quito, quero dizer a altura de Canigou, e o pico do meio dia, que tem dobrada altura do Ballon-d'-Alsacia, e que ainda se encontra por cima do seu cume mais soberba, ainda ha diante de si o Cotopaxi e o Chimborazo, nas cavidades do qual se esconderia o Ossa e o Pelion tão gabados. Na America Septentrional, é a mesma cousa. Primeiro encontra-se a planura Mexicana, cuja elevação iguala as mais magestosas montanhas, e que ella mesmo é sobrepujada d'altos cumes, como o pico d'Orizaba, e a Serra Nevada (cordilheira nevosa) do Mexico. Encontram-se depois as montanhas pedregozas, ainda mais altas e mais escarpadas para opporem uma impenetravel barreira á roça emprehendedora dos Estados-Unidos, que nada tinha podido deter. Constantemente, ou atravez das Californias, e das possessões Anglo-Americanas, Britanicas, e Russas, a mesma cordilheira eleva inflexivelmente os seus espigões embranquecidos pela neve, beriçados aqui e alli de pontas conicas, cujo cabeço parece tocar o ceo, e as faldas sumirem-se no Imperio dos mortos, no Reino abrazado de Plutão: pois de uma á outra extremidade estão cobertos de volcões. Em resumo, separando os cumes que a dominam, esta serrania tem uma elevação que nunca é inferior a 2000 metros (meia legoa). Ella é espessa e solida; algumas vezes, como no Mexico, na Nova Granada, e no Perú, ella se desenvolve em uma immensa planura. Tanto na America do norte, como na do Sul, póde considerar-se, pelo menos sobre a vertente do pacifico, como insuperavel por toda e qualquer via de communicação, a não ser por uma estrada ordinaria.

(Continúa.)

D. Ignez Carlota Casassa.

Ill.ma e Ex.ma Sr.a

De V. Ex.a cumprir qualquer desejo, é para mim um dever, é um preceito.

Dignou-se V. Ex.a (Domingo 13) ordenar-me, que fizesse alguma poesia (encargo por ventura muito além das minhas forças) para ser inserida na Assembléa Litteraria: não podendo comtudo desprezar tão grande honra, impossivel me era não fazer os maiores esforços para executar, podendo, as ordens, que me havia transmittido. Se porém os grandes genios carecem de um incentivo qualquer para lhe dispertar as idéas; essa necessidade se dá em muito maior grão naquelles que, de si mesquinhos, não tem a instrucção necessaria

No incluso Soneto só busquei dar expansão aos meus sentimentos, confiando em que o nosso bom Rei, olhando á pureza delles, e não á exiguidade da composição, acolherá benigno as sinceras expressões de um joven portuguez, que o ama, e respeita.

Conhecendo porém a deficiencia dos meus conhecimentos, tão insignificante me considero, que julgo não dispertarei a mordacidade: mas se o contrario succeder, sirvam-me de egide os meus 17 annos, parcos conhecimentos, e sobre tudo os bons desejos.

Peço a V. Ex.a me releve esta importunidade, e creia que sou com particular estima

De V. Ex.a

Constante admirador

Albino Antonio d'Andrade e Almeida.

Se o estro meu sentira co'a cadencia,
Que inspiram lá do Pindo os habitantes,
Votára jubiloso alguns instantes
A assumpto da mais alta transcendencia.

Mas vós, ó Luzos Vates, da Sciencia
Gozando aureos thesouros abundantes,
Cantai, usando as frazes mais brilhantes,
De um Numem bemfazejo a excellencia.

Não mais choreis de Lysia o fado avesso;
Fernando é nosso Rei — protector nosso,
Ás Artes, ás Sciencias dando apreço.

Louvando-o eternizai o metro vosso;
Que eu, estranho á poesia, só lhe offreço
Respeito, amor, constancia; mais não posso.

Uma de nossas Collaboradoras nos pede que publicando os seguintes versos á morte da infeliz Praslin, publiquemos tambem a nossa *declaração sincera*; achamos tão justa, e conveniente esta exigencia que não exitamos um momento em satisfazel-a; antes muito agradecemos a lembrança.

DECLARAÇÃO SINCERA.

Os primeiros versos que fiz á morte da infeliz Duqueza de Praslin, foram dictados tão sómente pela compaixão, e horror que me causou a leitura daquelle deploravel caso; e foram feitos repentinamente em alguns instantes, que aproveitei n'uma das noites mais attribuladas que tive, pela doença de uma innocente filhinha; estes porém que se publicam hoje, foram-me pedidos, e com instancia, e por isso não estão a meu gôsto, porque não gósto de versos exigidos por outrem; mas sim dictados pelo coração; então vôa livre o pensamento, e o resultado é sempre mais feliz.

Declaro isto afim que não se offendam os Cavalheiros das expressões que dirijo contra os homens, em geral: eu não me queixo delles; antes me confesso a todos muito obrigada; talvez porque os tenho por amigos tão sómente; e por isso não tenho razão de queixa: não entro em questão; como amigos acho-os muito honrados; será isto devido ao lugar que me propuz occupar na Sociedade, onde figuro mais de homem que de mulher, ou talvez porque atinei com um segredo muito particular, excellente preservativo contra a peste da ingratidão: este não o pósso descobrir, perdoem-me as Damas, alguma vantagem hei-de reservar em meu favor que possa compensar-me, ao menos em parte, os immensos sacrificios que é mister fazer (sendo mulher) para sustentar um caracter varonil!... Nem quero adquirir inimigos sem motivo, lidem as Damas com o pensamento, até atinarem com a causa, e com o segredo da cura, que eu torno a repetir, eu bem conheço a razão, que este e outros casos mostram em nosso favor (porque na verdade não consta que mulher alguma sem causa matasse um homem, se alguma o tem feito é por vingança, por ser despresada, nunca por ser amada) mas não me queixaria, inda que offendida fosse; vingar-me-ia do que me offendesse; vingar-me-ia até de um modo que lembrasse aos vindouros; mas deixaria em paz os outros que não eram cumplices no delicto: não devem todos pagar o mal que um fez. Tenho dado, e espero acceitem a desculpa, não se queixem de mim, mas sim de quem me pedio os versos, e a sua publicação!

POESIA.

AINDA A' MORTE DA DUQUEZA DE PRASLIN.

Em habitação visinha
Da Cidade de Pariz,
Uma Dama se carpia
Do seu destino infeliz!
Era em noite pavorosa
De tormenta rigorosa!

Com pretexto de negocios
Importantes á Nação;
A havia deixado o esposo
Em fatal consternação!
Sente amor! sente saudade;
E do receio a anciedade!...

«Elle é nobre! é Cavalheiro!...
Mas não sabe se no amor!...»
Em taes combates a triste
Busca lenitivo á dôr!
Vai demandal-o á leitura
De catastrofe a mais dura!

Vai de Praslin desditosa
A tragica sorte ver!...
Mas convulsa, horrorisada
Não póde acabar de ler!
E brada «oh Céos! é possivel
«Outro haver tão insensivel?...»

Sentindo a tempestade que recresce
E a noite que veloz o passo avança,
Vai recostar-se, e ver se alguns instantes
O atribulado espirito descança.

Mal os olhos fechára, quando em sonhos
Se lhe apresenta uma formosa Dama!...
Os cabellos cahidos!... alvas roupas...
E com voz sepulchral d'est'arte exclama!

«A miseranda eu sou, de quem á pouco
«Lês-te a horrivel tragedia lastimosa!
«Meu desgraçado fim te sirva ao menos
«De lição exemplar, e proveitosa!»

E com trémula mão abrindo o seio
Lhe torna «vês o sangue inda fumante
«Destes golpes correr? foi recompensa
«Do mais ardente amor, puro, e constante!

«Nem te imagines menos desditosa!
«No oppresso coração pungir não sentes
«Aggravada ferida? e nem da morte
«Os tormentos, e horrores vês presentes?!...

«Reflecte! olha que muito não differe
«O que adoras, daquelle a quem condemnas!...
«Um expõe, o outro zela a propria vida,
«Um com ferro assassina, o outro com penas!»

Acorda espavorida a triste Dama
De tão funesto sonho atormentada;
Um annuncio do Céo julgando a sombra
Protesta não morrer sem ser vingada!

Nadando no proprio sangue
Uma Dama tão formosa!
Quem seria o teu verdugo?
Quem serás, oh! desditosa?

Quem póde rasgar-te o seio
Com tão féra crueldade?
Foi o mesmo a quem votaste
A mais pura lealdade!

Foi aquelle a quem amaste
Inda mais que a propria vida!
De Praslin tyranno Duque
Esposo teu, e homicida!

Roubou-te os filhos queridos!
Roubou-te a paz, a ventura!
Roubou-te o amor de consorte,
E deu-te morte a mais dura!

Por amor tiveste, oh! triste,
Em recompensa tal sorte!
Céos! quem hade amar constante
Sendo amor crime de morte!

Não desprezeis meigas Damas
A proveitosa lição!
Nem julgueis que o monstro seja
Dos homens uma excepção!

Uma excepção é aquelle
Que no amor é Cavalheiro!...
Que se não sabe ser firme
Seja ao menos verdadeiro!...

Com vil astucia despertam
Os mais ternos sentimentos,
Para depois castigal-os
Com os mais crueis tormentos!

O que não mata com ferro
Com esse Duque tyranno;
Mata-vos o fogo lento!...
Qual será mais inhumano?

Amai pois aos que professam
Da moral as leis sagradas;
Dos outros... acautelai-vos
Senão!... Sereis desgraçadas!

D. A. G. Pereira.

Falta-nos espaço neste n.° para a interessante *Revista de Fr. Anastacio*, que recebemos, e muito agradecemos, e pela mesma razão não publicamos agora o que entendemos ácerca do Drama — A Cruz de S. Luiz — No seguinte n.° repararemos esta falta involuntaria.

TYPOGRAPHIA DE J. B. MORANDO,
RUA DO MOLHO DE VERSO N.° 32.

FEVEREIRO 9. 1850. NUMERO 25.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os Sabbados. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 8: e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 160. Trimestre 480. Semestre 960. Anno 1:760. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

BENEFICENCIA PUBLICA.

A questão verdadeiramente social, que deve hoje occupar a imprensa, é a beneficencia publica.

Esta questão importantissima, que em outras Nações tem merecido grande attenção, começou á pouco a agitar-se no nosso Paiz, e a esperança que temos em que d'ella hão de surgir grandes resultados, está fundada, no auxilio da imprensa, e no Conselho Geral de Beneficencia, porque esta instituição a mais util de todas quantas se tem organisado na nossa terra, trata já de formar um plano geral de beneficencia publica, que comprehenda todos os ramos em que ella se divide.

Um dos objectos de maior necessidade, a que o Conselho deve em primeiro lugar attender, é a extincção, e repressão da mendicidade em todo o Reino, e para conseguir isto, é necessario que consigne no plano geral da beneficencia publica, tudo quanto seja necessario para se conseguir a completa destruição d'este cancro roedor da arvore social. —

Os mendigos que em elevado numero andão espalhados por todo o Reino, são um vihiculo de desmoralisação publica que é indispensavel destruir, empregando-se para este fim meios efficazes, que fação desaparecer completamente das ruas e praças publicas, os tristes espectaculos de miseria que ali a toda a hora se apresentão. —

A cada passo se encontrão miseraveis entrevados rojando pela terra — os cegos atravessando por entre numerosas concurrencias, expostos aos perigos que lhes podem resultar de sua cegueira. — Os infelizes cobertos de chagas apresentando ás vistas de todos o seu estado asqueroso; e em quanto estas scenas de miseria que denotão a nossa falta de organisação social se observão publicamente, ha outras tambem verdadeiramente desgraçadas que se passão no centro de muitas familias, a quem a penuria leva ao desespero, e muitas veses faz com que se quebrem os laços santos da moral que as prendião á sociedade! —

Para se pôr termo a estes males que dilacerão as Nações, é necessario que o Conselho Geral de Beneficencia prosiga na carreira que tem encetado, e que adopte immediatamente como medida indispensavel o alistamento em todo o Reino e Ilhas adjacentes, de todos quantos mendigão, e fazer a precisa separação dos

verdadeiros aos falsos mendicantes.

Para esta classe de ociosos que se alistão ao pauperismo, para a coberto dos andrajos da miseria viverem criminosamente, é absolutamente necessario empregar meios energicos para tornar uteis á sociedade tantos individuos que fogem ao trabalho, e que adoptão o pedir como modo de vida. —

Ora, para se levar ao fim a organisação da beneficencia publica em todo o Reino — tem necessariamente o Conselho Geral de Beneficencia, de encontrar difficuldades que é indispensavel superar; — mas estas difficuldades hão de tornar-se faceis de vencer, pelo auxilio que todas as authoridades lhe hão de prestar, como lhes cumpre pela terminante disposição do art. 3.° do Decreto de 6 de Abril de 1835, concebido nos seguintes termos — « *O Conselho Geral de Beneficencia, corresponde-se immediatamente com o Governo, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, e directamente com quaesquer authoridades, e corpos administrativos, que todos satisfarão com pontualidade as suas requisições, bem como, as das Commissões filiaes, sobre os objectos da sua incumbencia.* »

Em presença deste artigo, está o Conselho, authorisado para solicitar das authoridades competentes tudo quanto entender, para o fim de conseguir a realisação maravilhosa da beneficencia publica em todo o Reino. —

Como são differentes as partes em que a beneficencia publica se divide, o Conselho deve (no nosso entender) adoptar com preferencia a extincção da mendicidade, e a formação dos Asillos. —

Ao Conselho não hão de faltar meios para desempenhar as elevadas funcções que lhe estão incumbidas. — Tem o Decreto da sua instituição que o reveste de authoridade. — Tem o auxilio do Governo. — Tem em si intelligencias superiores, e genios verdadeiramente filantropicos, e por consequencia só lhe resta trabalhar com tenacidade. —

O Conselho Geral de Beneficencia — comprehendeu a sua missão, — já não póde retrogradar; — E a coroa de suas fadigas, é a gloria que lhe ha de caber, por ter realisado a beneficencia publica — um dos mais importantes ramos da organisação social. —

D. Lourenço G. B. de Faria.

O JOVEM LOIRO.

—

I.

THEATRO ITALIANO

Declinava a tarde do dia 6 de Agosto de 1844: o tempo estava chão e bonançoso, e comtudo a cidade do Rio de Janeiro profetisava tempestade para o correr da noute. — Como isso era, estando como de feito estava o Pão d'Assucar com sua cabeça desnublada, e livre da tal carapuça de fumo, com que se agasalha, quando prevê máo tempo, é o que agora mesmo poderião muito bem explicar os habitantes d'esta bella côrte, se não fossem honrosas excepções para um lado, tão esquecidos dos acontecimentos, que se passam em nossa terra, como ás vezes finge sê-lo das contradanças, que prometteo a cavalheiros, que lhe não são do peito, a uma senhora do grande tom.

— Mas pois que, segundo crêmos, o caso em questão não se acha sufficientemente lembrado; justo é, e mesmo para que por tão pouco a ninguem pareça ter cabido honras de profeta, dizer, que se á atmosphera não estava carregada, a antecipação, e o espirito de mesquinho partido haviam exhalado vapores, que condensando-se sobre o animo do publico, deixavam prognosticar uma borrasca moral.

— Ora assim como muitas vezes succede, que rosnão surdamente as nuvens, quando está prestes para rebentar alguma trovoada, assim tambem notava-se, que na tarde de que se falla, ouvia-se um zunido incessante, e do meio d'elle por vezes resaltavam as palavras — theatro .. direita... esquerda... applausos... patenda... — e muitas outras taes, quaes as que derão

lugar á scena seguinte passada em um hotel, que é muito conhecido, e que se acha estabelecido na rua, que por se chamar — direita — effectivamente representa a antithese do proprio nome.

— Dous mancebos acabam de entrar n'esse hotel. Um d'elles que para o diante melhor conheceremos trajava casaca e calças de panno preto, collete de seda de xadrez côr de cana, sobre o qual se deslisava finissima corrente de relogio; gravata tambem de seda de uma bella côr azul, trazia no peito um rico solidario de brilhantes; na mão esquerda suas luvas de pellica côr de carne, na direita uma bengalla de unicornio com bellissimo castão d'ouro; calçava finalmente botins envernisados; esse moço, cuja tez devia ser alva e fina; mas que mostrava ter soffrido por muitos dias os ardores do sol, era alto, e bem apessoado; seu rosto sem ser verdadeiramente bello, causava ainda assim interesse: elle tem os cabellos pretos, os olhos da mesma côr, mas pequenos, e sem fogo; entrou no hotel, como levado á força pelo seu amigo; e sentando-se junto de uma mesa defronte d'elle, tomou um jornal e começou a ler.

— O outro, que nos não deverá o obsequio de ser aqui descripto, estava dando as suas ordens a um servente do hotel, quando ouviu a voz do seu amigo. —

Anna Bolena!.. Bravissimo!.. cahio-me a sopa mel!.. ardia por chegar ao Rio de Janeiro principalmente para ir ao theatro Italiano, e eis que apenas chegado á duas horas, já lêio um annuncio que realisa meus desejos: vou hoje á opera.

— Já tens bilhete?..

— Não; mas saindo d'aqui vou comprar um da assignatura.

— Não ha mais.

— Então não ha remedio... um camarote.

— Estão vendidos todos.

— Oh diabo! irei para a geral.

— Nem um só bilhete resta meu caro.

— Pois deveras o furor é tal?.. paciencia vou encostar-me no camarote de algum amigo.

— Não, que d'esse susto te livro eu: toma lá um bilhete de cadeira.

— E tu?..

— Eu hoje tenho muito que fazer na platéa.

— Acceito, que não sou pobre soberbo; porém que historia é essa!.. oh Antonio, seria possivel que te fizesses cambista?..

— Porque?..

— Vejo-te ahi com um masso de bilhetes que a menos que não seja agora moda dar aos porteiros uma duzia de cada vez, que se entra o theatro...

— Nada... nada... isto é para uns camaradas, que puz de mão para ir comigo á opera.

— Como estás tão rico!.. muitos parabens!..

— Ah! já sei que nada sabes, do que por aqui vai: ha dez mezes fóra do Rio de Janeiro, acabas de entrar na cidade tão simples e bisonho, como um caloiro nas aulas. Ora, dize lá, tu és Candianista, ou Dalmastrista?..

O senhor Antonio fez essa pergunta em voz bastante intellegivel; pois um movimento quasi geral se operou no hotel: os olhos do maior numero dos que ahi se achavam, fitaram-se nos dous falladores: um moço que na mesa fronteira jogava o dominó, ficou com uma peça entre os dedos e a mão no ar, immovel, estatico, como um epileptico: um velho militar que proximo estava, e que para assoar-se já tinha posto o nariz em posição, deixou-se estar com o lenço estendido diante do rosto e preso entre as duas mãos, não desarranjou mesmo a horrivel careta, que se habituara a fazer na acção de limpar-se do monco, e assim como se achava, lançou os olhos por cima dos oculos, e os pregou no mesa da questão.

— Dize-me tu primeiro, o que significa isso, respondeo aquelle, a quem fôra dirigida a pergunta.

— Octavio tornou com muito fogo o Senhor Antonio, pergunto-te, de qual das duas primas és tu partidario, se da Dalmastra, se da Candiani.

— Mas se eu ainda não ouvi a nenhuma, homem!

— Pois faze de conta, que já as ouviste: é preciso decidir-te, e já...

— Essa agora é mais bonita!...

— O Rio de Janeiro em pêso se acha extremado!..

— E isso que me importa?.

— Oh!.. exclamou o Senhor Antonio com voz sepulcral, oh! oh! « quando se diz ácerca dos negocios do estado — que importa — deve-se contar que está perdido!! »

— Ora eis o que se chama uma citação a proposito.

— E' preciso! e justo! e inevitavel!.. deves pertencer á esquerda, ou á direita do theatro; continuou o diletante com enthusiasmo, e sem notar, que se fazia objecto da geral attenção; sim! mas, Octavio, recebe o conselho de um amigo, que não quer

vêr manchada a tua reputação, nada de sentar-te na direita... nada de Candiante escuta: a Delmastro tem por si o prestigio da sciencia, e o voto dos peritos; quem diz Candianista, diz a creança, estouvado, estudante! A Candiani temuma voz... e mais nada: e uma voz... triste... sem bêmoes, nem sustenidos... lamentavel... horrivel... detestavel!.. fulminante... que faz mal aos nervos!..

— Apoiadissimo! gritou o velho concertando os oculos, que com o gosto de ouvir o Delmastrista, lhe haviam cahido do nariz no queixo.

— O moço do dominó á muito tempo que não dava conta do jogo.

— Ora fico-lhe obrigado, disse-lhe o parceiro, aqui está um seis, e o senhor ajunta-lhe um quatro ainda peor, um dous?.. então que é isso?.. um tres?.. outro quatro... um cinco!.. o senhor quer divertir-se á minha custa?.. mas.. o que tem, meu amigo?.. está tremendo... e tão pallido...

Continúa.

S.ª DE MENDONÇA.

POESIA.

O PESCADOR.

Nas ruas da capital
Carpindo vai o seu mal,
Pobre, triste pescador,
A pedir de porta em porta!..
Quantas injurias suporta
Quem pede o pão do Senhor!

Vai coitado... mendigando,
Suas faces vão corando,
De vergonha, de pesar!..
Com as mãos alevantadas
Desde a infancia, acustumadas
Ao trabalho de pescar.

Esse trabalho penoso
Porque elle suspira ancioso,
Antes que o pão esmollar!
As fadigas incessantes
Sobre as ondas arrogantes,
Do vasto, soberbo mar!..

Foi bem triste, e desgraçado
Esse lamentavel fado,
Que o obrigára a existir,
Para sulcar o Oceano,
Que ás vezes iroso insano,
Vem o baixel engulir!..

Coitado!.. Infeliz nasceu!
Era já destino seu,
Suportar a infelicidade!
Soffrendo a furia do vento
Sobre o humido elemento;
Ou pedir pela cidade!..

E lá vai elle esmollando!..,
Mas vão-lhe as faces corando
De vergonha, de pezar!?..,
Lá vai com as mãos erguidas
Nos andrajos envolvidas,
O soccorro... a implorar!?..

Consola-te... e tem esp'rança,
Que a Senhora da Bonança
Véla por ti... pescador!..
Amainando o vendaval,
Não soffrerás esse mal...
Que traz á face o rubor!

Homens que sois poderosos
Lembrai-vos da humanidade,
O pescador soccorrendo;
Que deseja antes sulcar
As salsas ondas do mar,
Que pedir; triste gemendo.

20 de Janeiro 1850.

J. H. ALMEIDA BRANCO.

AS COMADRES.

As Comadres á porta?.. ei-las chegadas,
Saltando de contentes,
Annunciando as dansas, mascaradas,
As festas innocentes,
Annuaes distracções a que nos chama
O alegre carnaval!
Já na corte e na aldêa se derrama
Jubilo universal!
Mas qual em tarde de formoso maio,
Procélla inesperada,
N'um lusido arraial desfecha o raio,
Tal minh'alma assaltada,
De tormentosa idéa, me offerece
Contraste doloroso!..
A' mente em vivas côres aparece
Ledo quadro saudoso!..
O que amei!.. o que fui!.. que sou agora?
Tenra infancia, onde estás?
Templo, cuja saudade me devora,

Nunca mais tornarás!
As azas côr de neve despregáste
Qual sonho encantador;
E o meu prazer levando, me deixaste
A mais pungente dôr
Dos espinhos crueis que em vez de flores,
Cravâste no meu peito!
Morte, morte fatal! em teus horrores
Sepultado, desfeito,
Jaz todo o meu prazer, jaz a ventura
Unica de meus dias!
Confundidas no pó da sepultura
As minhas alegrias,
Minha doce esperança, a paz doirada,
Tudo, oh! Deus, pereceu!
Baquêa tudo no insensivel nada!
Assim se converteu,
Aos olhos meus, um dia de Comadres,
Envolto em luto, em pranto!..
Cantem-lhe as alegrias os Compadres,
Que eu só tristezas canto.

Sobre agreste rochedo habitando,
Onde reina mortal solidão;
Triste môcho nas trevas piando
Jámais ergue sonóra canção.

Sobre as campas de noite carpindo,
Não conhece da vida o prazer;
Ao raiar da manhã vai fugindo
Pois só ama co'as sombras gemer.

Seu pear de continua agonia
Será grato aos ouvidos de alguem;
Tantas aves descantam o dia,
Tenha a noite cantores tambem.

Similhante á nocturna avesinha,
Canções ledas não posso entoar:
Muda em trevas jazendo mesquinha,
Só gemidos se anima a soltar.

D. A. G. Pereira.

O TRISTE.

Qu'importa, no orizonte resplandeça,
O sol, que bemfazejo alenta e cria,
Qu'importa os raios seus na terra espalha,
Se o triste nem deseja a luz do dia?!..

Qu'importa que do prado as lindas flores,
O vento a tantos seu aroma leve,
Se n'olfacto do triste é sempre a morte,
E julga a terra só pr'os mortos serve?!

Qu'importão, gosos d'esse mundo ingrato,
D'esse mundo oppressor do desgraçado;
Que condemna o sorrir quand'alma chora,
Que faz mostrar-se alegre o malfadado?!

Que algema em suas leis um'alma livre,
Carcereiro infernal! E's-me odioso!!..
Deixeite, e nem saudade te consagro,
Nem póde consagrart'a o desditoso.

Amiga solidão, tu sim me és cara
Tu não insultas o tormento meu;
Que teve desfarçar em rizo, o pranto,
E' o tormento maior que manda o ceu!!..

Já não serás oh! lagrima rebelde!
Livre pódes correr, na solidão;
Já não preciso d'affectar no rosto,
A paz que me fugio do coração.

De ti já não preciso, affectação,
Que se ès da mulher o ornamento?
D'este peito alagado em pranto sempre,
E's inimiga cruel, atroz tormento.

D. Antonia L. Carral e Trive.

NOITES DE YOUNG.

(IMITAÇÃO.)

Lucino; sabes tu que amplos thesouros
Um só unico amigo nos franqueia?
Ao côrpo é grato o ocio apoz fadigas;
Tambem, para colher optimo fructo
Do sismar das soidões, carece a alma
Crástino afan de placidos discursos,
Que ermas inspirações lhe fertilisem.
Na solidão o pensamento inculto,
Pairando lá por inaccessos plainos,
Esvoaça, estrebuxa, e desfalece
Em áridas regiões! Mas o discurso,
Com seu doce bafejo o reanima;
O ígneo arrojo subjuga-lhe potente;
Nas métas da razão marca-lhe o giro.
Co'a emulação o espirito refulge,
A lingua se vigora e aperfeiçôa:
Da discussão no embate caloroso
Resaltam da verdade occultos lumes;
De amigos dois diffundem-se no grêmio,
E um chuveiro de innumeras sentelhas
As frontes lhes innunda crepitante.
Lucino; se não tens um confidente,

Que em mutuas relações, intimo enlace,
Em tua alma derrame a acção e a vida,
Estéril murchará teu pensamento!

(Continúa.)

Maria J. S. Canuto.

THEATRO DE D. MARIA II.

—

A CRUZ DE S. LUIZ.

Tem-se representado neste theatro *A Cruz de S. Luiz*, Drama em 3 actos, traducção do Sr. Padre Eleuterio. E' um bello Drama; o enredo é muito bem concebido, e desenvolvido sem que fôsse preciso ao seu auctor subir aos ares, ou descer aos abysmos, invocar o céo, ou o inferno para o ajudarem a chegar ao fim do seu enredo, como em alguns temos notado, tão intricados que o mesmo auctor não sabe por onde, nem como hade sair do seu labyrinto, o que só pode conseguir com recursos sobre naturaes. A accumulação de idéas que fervem na mente imaginativa, e ardente, occasiona a confusão, e muitas vezes queima com seus excessivos raios as melhores obras!.. São os ornamentos mais sublimes de um poema; porém de um Drama!.. não nos parece. E' o que não encontramos na Cruz de S. Luiz, onde todo o enredo é desenvolvido naturalmente, e com muita graça. Acaba tambem sem violencias, por que os contrarios fazem as pazes!.. abraçam-se de coração! Eis ahi uma coisa de que muito deveras gostamos! Enche-nos a alma de praser, e nobre enthusiasmo! Oh! o odio!.. o edio avilta a humanidade! E' um sentir violento que damna a quem o nutre, e a quem o inspira! Paz, e mais paz, e sempre a par de — *Gloria in excelsis Deo, in terra pax ominibus.*

Os actores comprehendem, e desempenham prefeitamente os seus papeis. O Snr. Rosa Duque de Torville morre no 1.º acto, ou prologo, e posto que nos sensibilise muito qualquer morte, com tudo elle distingue-se tanto, e morre tão naturalmente que não podemos deixar de louvar aquella morte pelo bem que o actor a figura. O Snr. Rosa tem muito merito. O Snrs. Epifanio, Theodorico, Tasso, Assis, Carvalho, e finalmente todos entram perfeitissimamente: assim como a Snr.ª Soller que faz um papel muito interessante, e imita muito bem os gestos de um jovem. E a Snr.ª Barbora!! Sobremaneira attrahe a nossa attenção! A graça, e naturalidade; todos os seus gestos fazem triumphar na scena uma actriz que n'uma idade avançada vem ainda cheia de vida, e enthusiasmo receber no palco o remate da sua corôa artistica adquirida em seus annos jovenis! Não a conhecemos então, mas sabemos o que foi, e muito folgamos em ter esta occasião de offertar ao seu merito estes louvores. Foi muito, e justamente applaudida. Honra seja feita ao publico que sobe apreciar o merito real, e não a aparencia. Temos observado que as peças jocosas agradam muito: e na verdade temos durante o dia tantas cousas que nos affiijam, que muito gostamos de ter á noite alguma cousa que nos alegre, e compense as amarguras do dia; mas para que se não verifique o dictado — muito riso pouco siso — e não fiquemos sempre a rir como Democrito; é que recommendamos esse misto agradavel — esse — agro dolci — de uma peça séria, e outra jocosa. Parece-nos que este contraste produzirá bom effeito; e por isso estimariamos que a direcção continuasse e offerecê-lo ao publico.

THEATRO DE S. CARLOS.

—

LINDA DE CHAMOUNIX.

Vimos a *Linda de Chamounix*, Musica do immortal Donisetti. Esta peça tem agradado muito, e com rasão, pois a musica é d'aquellas que se fazem sentir no coração, não é d'essas musicas a que embora os senhores professores da arte chamam sublime pelas difficuldades de sua composição, mas que o publico (o juiz principal) não ama por que atormentando a cabeça, e os ouvidos, não envia uma só nota ao fundo d'alma! Essas musicas com que tanto se tem mortificado a paciencia do publico, estou no caso dos Dramas que acabámos de men-

cionar; são partes de cabeças Vulcanicas, e corações de gêlo. A musica de Donisetti intende a todo o ente sensivel que ao ouvil-a prova as mais suaves sensações; finalmente — explica-se.

Os actores desempenharam perfeitamente os seus papeis. A Snr.ª Gresti (Linda) cuja voz excellente muito já nos agradava, sente o seu papel; e vai maravilhosamente no seu delirio. Nós sinceramente a felicitamos. O Snr. Fieri (Antonio pae de Linda) torna-se digno dos geraes applausos; tem uma bella voz, e comprehende muito bem a sua parte, assim como o Snr. Liverani (Visconde de Sirval) que muito bem cantou; embora um pequeno numero de caprichosos tentasse offuscar-lhe a gloria; nós vimos com satisfação um grande numero de cavalheiros applaudil-o, não só de platéa, mas até dos camarotes; donde mesmo algumas senhoras deram palmas, para o fazerem triumphar da injusta pateada. Custa-nos sempre o vêr negar-se justiça ao merito por mêro capricho; reste-lhe porém a consolação de saber que muitas pessoas sensatas, e a maioria, o applaudem O Snr. Benedetti (Prefecto) recebeu justissimos applausos: a sua bella voz arrebata, e é admiravel o modo como se disfarça occultando seu rosto jovenil, sua longa barba, e elegante figura, e as maneiras mais apropriadas de um velho padre! O seo dueto com o pae de Linda foi cantado o melhor possivel. Finalmente a Snr.ª C. Persoli (Pierotto) vestida de rapaz vai muito bem; tem uma voz suave, e muito entoada. O Snr. Rocco (Marquez de Dois fleury) attrahe a attenção do publico sobre maneira, e com muita naturalidade desempenha o seu gracioso, e interessante papel. Tambem a Snr.ª V. Persoli (Margarida mãi de Linda) e o Snr. Bruni (Intendente) foram bem.

Tiveram todos, até os coros, a felicidade de desempenhar muito bem seus papeis, e por isso folgamos em juntar os nossos aos geraes applausos, porque jâmais negaremos louvor ao merito.

Vimos tambem a opera *D. Bucefalo*; e conformando-nos em tudo com o parecer do folhetinista da *União*, o Snr. M. J. Cabral, aqui transcrevemos deste jornal o seu juizo, com tanto mais praser, quanto tambem o contamos em o numero de nossos collaboradores, não obstante o parecer-nos que este illustrado escriptor já não é o mesmo campeão das senhoras; pois nos tem quasi abandonado nesta cruzada litteraria em favor do nosso sexo. Sirvam estas linhas d'incentivo ao nosso collaborador para que se amostre sempre em nossas paginas, o antigo deffensor das senhoras. —

«Vae-se repetindo todas as semanas a *D. Bucefalo* de Cagnoni; e para os intendedores tem sido esta a opera mais feliz que a empreza tem dado nesta época; na verdade se a musica do *maestro* mostra um talento superior, é tambem força confessar que os artistas lhe comprehenderam todas as suas inspirações.

«Já tivemos occasião de falar nesta opera e na sua execução; porém assim como somos sempre francos e severos com a empresa no que nos não agrada, assim tambem não temos duvida em repetir o louvor merecido.

«A Snr.ª Marinangelli (Rosa) com a frescura e igualdade da sua voz sonora e harmoniosa; com toda aquella graça de camponeza, agrada-nos sempre, e o publico faz justiça ao merito, e os professores reconhecem que é impossivel excedel-a nesta parte. O seu merito artistico porém foi ainda melhor avaliado pela execução da *Luzia*.

«Mas voltando a *D. Bucefalo*, actualmente em scena, e que se repete ámanhã (30) quem não gostará vêr nesta opera o Snr. Rocco, tanto na aria do 2.º acto, como no ensaio do 3.º? E' impossivel a repetição desta opera em S. Carlos com outros artistas; e nós que não desgostamos da variedade, neste caso antes queriamos que a empresa nos désse esta opera em todo o carnaval; porque não nos enfastiariamos em ouvir a bella *Cabaletta* final:

«*D'ineffabile contento*
«*Or brillar il cor mi sento,*
«*Si ridesta in questo instante*
«*Più vivace in me l'amor.*

«Assim provado e reconhecido o talento da senhora Marinangelli, é de esperar que a vejamos em breve n'outra opera. Não exigimos que seja em opera nova; mas lembramos á empresa, que talvez tirasse van-

tagens se pozesse de novo em scena *Os Puritanos*; porque além da senhora Marinangelli a quem esta opera sem duvida estaria muito bem, podiam entrar os senhores Fiori e Benedetti que a desempenhariam com proficiencia.

«Em geral na companhia de canto não temos porque censurar a empresa, antes nos dá sempre motivos para louvor, no que folgamos: porque sempre constrangidos, e só obrigados da imparcialidade que dirigimos quaesquer censuras; e pelo que diz respeito a baile, se o empresario não tem sido feliz no todo, é força confessar que tem feito mais do que aquillo a que é obrigado no seu contracto com o governo.„

Lisboa 29 de Janeiro de 1850.

M. J. Carrat.

Vae á scena *Maria de Roham*, e constanos que para a Paschoa teremos um magestoso expectaculo — *O Profecta*.

No seguinte numero diremos o que intendermos de *Maria de Roham*.

PROSPECTO.

CYROPEDIA DE XENOPHONTE.

Traduzida do grego e annotada por João Felix Pereira, alumno da eschola medico-cirurgica de Lisboa, e lente de geographia, chronologia e história no Lyceo Nacional da mesma Cidade.

Offerecer ao publico em linguagem vernacula os grandes monumentos da litteratura antiga, é sempre cousa util. E esta utilidade se converte em necessidade, num paiz como o nosso, onde os antigos escriptores, e mormente os gregos, não tem, quasi absolutamente, achado interpretes. Similhante lacuna existe, ha muito, na litteratura patria, não por falta de pessoas capazes de preenchel-a, mas pela pouca estima em que é havido, em nossa terra, o idioma de Platão e de Thucydides. Não se pense, porém, que nos ufanâmos de ir encher aquelle vacuo com a traducção da Cyropedia, que ora fazemos sahir a lume: é elle muito profundo para se encher com tão pouco material. Com esta publicação levamos só em mira, estimular a capacidade daquelles, que dotados de talento superior ao nosso, podem, com mais copiosos contingentes e com mais certeza, attingir o fim proposto. D'esta arte, seremos como a pedra de afiar, que por si não corta, mas aguça o ferro para este cortar bem.

São dous pequenos volumes de 8.° Sahe ás folhas, 20 réis cada uma. Assigna-se somente na loja do Sr. J. Paulo Lavado, rua Augusta N.° 8.

Um ataque cerebral repentino que accometeo a Redactora em a noite de 5 do corrente mez, vindo do Theatro de D. Maria, e entrando a porta de sua casa, occasionou a demora da publicação deste numero, o ultimo do 2.° Trimestre; e ficar-se-ha de hora em diante publicando esta folha de quinze em quinze dias; por ser expressamente prohibido pelos Facultativos o excesso de aplicação, que junto a continuas vigilias, e affecções moraes, produsio aquelle incidente, a que tão sujeitas estão as pessoas cujas idéas não descançam.

Por esta occasião a Redactora agradece cordealmente aos Ill.mos Snr.s Fontaura, digno Facultativo; Joaquim Vieira Pereira da Costa, Sá, Sousa Telles; e aos bons visinhos da Redactora (um dos quaes é Cabo de segurança) a humanidade, e disvélo com que se promptificáram a soccorrêl a n'aquello conflicto, em que cercada de 4 innocentes filhos menores, e uma creada fiel que não a podia desamparar; teria por certo succumbido se não lhe valessem tão promptos e eficases auxilios. O Snr. Fontaura (que antes não tinhamos a satisfação de conhecer) não duvidou erguer-se da sua cama á uma hora da noite para acudir a um enfermo; e em noite de Carnaval! fez mais.. não quiz receber um agradecimento!.. Louvamos o seu cavalheirismo: não ha oiro que pague taes serviços!.. mas compensam-se com a mais fiel, e eterna gratidão. Eis o que tributamos a este Cavalheiro; e a todos os que nos valeram buscando incansaveis os meios de enxugar as puras lagrimas de 4 innocentes, restituindo-lhes sua Mãe, e seu unico amparo!

O Senhor felicite os entes sensiveis, que uteis á humanidade sabem sentir como proprios os alheios males. D. A. G. Perem.

TYPOGRAPHIA GRATIDÃO,
Rua da Precissão n.° 73.

FEVEREIRO 23. 1850. NUMERO 26.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUÇÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 3: e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

FALTA D'INSTRUCÇÃO EM PORTUGAL.

É inegavel que o nosso Portugal tem em seo favor a sua posição Geographica, a riqueza do solo, a amenidade do clima, e a excellente indole de seus habitantes; mas tantos dons com que a poderosa mão do Altissimo o distinguio, sam contrastados pela falta de cuidado dos homens na instrucão do povo, cortando-lhe por tal modo a sua prosperridade; dificultando-lhe o brilhante progresso da illustração que constitue a verdadeira independencia das nações!...

Quiz Deus que podessemos observar um dos exemplos lamentaveis que assás comprova a falta que acabâmos de mencionar; e como este muitos outros poderemos citar na continuação das diligencias que empregamos em serviço da Patria; não com a espada, que não temos, nem ambicionamos; mas sim com a penna que em publica utilidade preste muito mais proveitosos serviços; e em vez de louros ensanguentados, e regados com lagrimas de opprimidos humanos, alcance á nossa memoria piedosas orações d'aquelles a quem temos desejado ser prestaveis: se consumida em fadigas, e disgostos a vida nos faltar, como a saude já nos vae faltando; o anathema dos homens não pesará sobre nossa humilde sepultura! Cumprindo pois o sagrado encargo que tomámos — consagrêmos hoje este artigo de fundo aos habitantes da villa de Vendas Novas.

Parece impossivel, mas é verdade, que esta villa distante da Capital 10 leguas sómente, contendo 180, a 200 fogos, 700 a 800 almas, e uns 150 rapazes, não tenha um Mestre Regio!... E todavia assim acontece! acontece mais, e é que outras menores povoações sitas em redor de Vendas Novas que sam — Lavre — Cabrela — Canha &c. — tem todas Mestres Regios; e em balde as auctoridades de Vendas Novas por vezes pediram esta providencia, tão util, tão necessaria, que nunca foi concedida!!.. Como poderão moralisar-se os povos sem instrucção?! Que se poderá esperar de tantos rapazes que vão crescendo como os abrólhos em campo inculto, abandonado?! Que não sirvam senão de fazer mal.

Tivemos occasião de presenciar esta circumstancia assás attendivel que acabamos de referir; e por isso erguemos em favor d'aquelles habitantes nossa debil voz, implorando á Auctoridade competente con-

ceda um Mestre Regio áquelle povo digno de toda a contemplação; e valha áquellas pobres creanças que se perdem na ignorancia, e nos vicios que ella origina; com os quaes podem encomodar a sociedade, porque esta os despresou, faltando-lhes com a sujeição dos estudos convenientes á infancia, e com a instrucção indispensavel á moral, e civilisação do povo. Dir-nos-hão, como já nos disseram.— Não ha quem queira ir para similhantes terras, pobres, e com um insignificante, e mal pago ordenado, qual o que tem os Professores Regios de primeiras lettras. — E nós respondemos — Temos um filho... folgamos em offerecel-o para ser o primeiro Mestre Regio da Villa de Vendas Novas! Não obstante seus verdes annos tem as qualidades precisas: desde a idade de 12 annos consagrou seus dias á Patria, assentando então praça como Aspirante de Marinha; seu enthusiasmo o levou a servir algum tempo em Tropa de linha; e hoje existe empregado no Real Contracto do Tabaco aonde ganha muito mais, e melhor pago do que no lugar de Mestre Regio; e nós presamos vêl-o empregar seus dias em serviço da humanidade, e não exposto a morrer sem gloria ás mãos dos Contrabandistas Hespanhoes, como succedeo ao infeliz Pessanha, fiscal do tabaco em Evora. Não nos desdouramos em ver nosso filho, e neto de um General, de um nobre por nascimento, e acções, assentado na Cadeira de Professor Regio ensinando meninos — não! Envergonhar-nos-hia mos sim, amaldiçoal-o-hia-mos se o vissemos coberto de titulos, riquesas, e distinções tiranisar os seus similhantes!.. Temos bastante philosophia para encarar o Mundo como elle é...

Temos muita satisfação em poder hoje offerecer um serviço á nação dando o primeiro de nossos filhos á instrucção primaria da Villa de Vendas Novas, onde elle é assás conhecido, e estimado; e por isso muito mais estimâmos poder prestar este serviço áquella boa gente; e praza ao Céo que nossos votos em seu favor sejam attendidos; como esperamos.

D. A. G. Pessoa.

AS CASTELLÃAS DE ROSSILLONT.

—

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

Depois da conversação que relatámos, a Senhora de Roussillont ficou ainda mais pensativa do que tinha costume. Quanto ao jovem Conde convencido como estava da completa, e proxima aniquillação do partido protestante, elle crescia de jactancia, e se entregava com ardor aos seus divertimentos ordinarios sobre tudo ao da caça sua occupação predilecta.

Comtudo as previsões do Cura de Roque não tardaram a realisar-se. Os hoguenotes, um momento intimidados, e abatidos, tornaram a levantar-se mais terriveis do que nunca. Os do Quercy tinham escapado ao massacre, mas ardendo por vingarem seus correligionarios, correram ás armas, e apoderaram-se de Bieule, de Seuillac, de Capdenac, levando apoz de si por toda a parte a desvastação, e a morte. Montluc, Governador de Guiènne, lançou um pregão convidando toda a nobresa catholica a reunir-se-lhe em defeza da fé.

O nosso Galliot podia embora ser fanfarrão, e inconsiderado, mas a bravura era hereditaria na sua familia. Apenas teve noticia deste convite, reunio todos os seus vassallos em estado de pegar em armas, e preparou-se a toda a pressa para partir. Ainda que mui pungente fosse a dor desta pobre mãi, com uma tão inesperada nova, não lhe veio á idéa oppor-se aos designios de seu filho. Se a nobreza gosava então immensos previlegios, tinha igualmente grandes deveres a cumprir, e o seu sangue estava sempre prompto a derramar-se quando o Rei, a religião, ou a patria eram ameassados.

Alem disso não era esta a primeira

vez que esse mancebo se afastava dos lares paternos para combater os hoguenotes. Já por diversas vezes tinha tido occasião de mostrar a sua coragem, e duas cicatrizes, uma no peito, e outra na face esquerda atestavam que era em frente, e a pé firme que esperava os seus inimigos. Este valor incontestavel não era a unica qualidade de Galliot, elle herdára de sua mãi um espirito inergico; e se tinha toda a arrogante desfachatez, e desalinho do caracter Gascão, ao menos o espirito de parsimonia destintivo da sua Provincia, era inteiramente alheio aos seus costumes; se o seu genio soberbo, e maneiras altivas lhe grangeavam inimigos entre os seus iguaes, sua liberalidade o tornavam querido d'aquelles a quem commandava.

Quando chegou o dia da partida, o jovem Conde rodeado dos seus archeiros assistiu á missa na Capella do Castello; a alegria marcial brilhava nos seus negros olhos, e o valor guerreiro que o animava dava á sua fisionomia de ordinario insignificante uma expressão de nobreza.

A donzella de Roussillont ajoelhada ao lado de sua mãi, orava fervorosamente; a Condessa ao contrario, affectava maneiras frias, e dignas; mas a palidez mortal que lhe cobria o rosto, o tremor convulsivo de seus lividos beiços, atestavam os esforços que fazia para esconder a sua dôr, debaixo de apparencias de tranquilidade.

Assim que o santo sacrificio da missa acabou, e que o Padre Joca abençôou a bandeira que Esperie tinha bordado para seu Irmão, toda a cometiva saiu da capella. Galliot subio á tribuna, poz um joelho em terra diante da Condessa, e lhe rogou de o abençoar neste solemne momento. A pobre Francisca incapaz de conter por mais tempo a sua afflicção, lançou-se nos braços de seu filho, lavada em lagrimas, a sua dôr tanto tempo reprimida se mostrou agora com violencia, como uma torrente que derruba os diques; soluços, e gritos abafados escapavam de seu peito; a altiva Condessa já não era mais que uma pobre mãi a quem roubam seu filho. Por muito ardente que tivesse sido até então a ternura de Francisca por Golliot nunca lhe tinha dado signaes tão evidentes; o mancebo perturbou-se, e admirou-se de uma fraqueza tão extranha ao caracter da Senhora de Roussillont.

— De que procedem taes transportes, Senhora? disse elle com a voz um pouco aspera, mas com modo affectuoso; acaso é esta a primeira vez que me arrisco nos campos da batalha? Tendes-me em conta de uma criança inexperiente, ou duvidais do meu valor? O anno passado mostraste-me mais confiança, e não sei que o resultado vos fosse desfavoravel. Esquecei-vos que derrotei com a minha tropa a de Bessomias tres vezes mais numerosa, e que apenas me custou algumas arranhaduras?

— Eu não duvido da vossa coragem, meu filho, disse Francisca soluçando; mas vosso pai tambem era bravo, e não era mais velho do que vós quando perdeo a vida nos combates.

— Eu era apenas uma criancinha, Senhora, quando me insinaste, que uma tal morte era gloriosa na presença de Deos, e dos homens.

— E tive razão de vol-o ensinar, meu filho, disse a Condessa depois de um momento de silencio, reprimindo com força os seus transportes inconsiderados, e tomando a sua dignidade habitual, esquecei um instante de fraqueza, e lembrai-vos só dos conselhos de vossa Mãi; elles vos guiarão sempre no caminho da honra.

— Estou convencido d'isso, Senhora, disse Galliot beijando a mão a Francisca; além d'isso não receieis nada; os inimigos que tenho a combater conhecem-me demasiado, para se atreverem a esperarem-me a pé firme; são uns cobardes, que eu não receiaria atacar um contra dez. Duras mesmo, e toda a sua tropa não sustentariam um quarto de hora o fogo dos meus soldados.

— Não faleis assim, Galliot, disse Francisca, que apesar de cega como estava pela sua ternura maternal, não ignorava quão presumpçoso era o jovem Conde, não faleis assim, o partido hoguenote tem demasiados Cavalheiros cuja coragem está a toda a prova. Duras é um defensor de Satanaz, um infame apostata, mas é um valante guerreiro; e o nosso tio de Vaillac, um dos chefes protestantes, tem o corração, e o punho de uma tempera tão dura como qualquer outro no mundo. Acautelai-vos meu filho, juntai a prudencia, e a energia á coragem, porque esta só não faz os grandes homens, é-lhes preciso outras muitas virtudes para serem complectos. Sêde ao mesmo tempo bom, e humano sem fraqueza, generoso, sem prodigalidade, bravo sem temeridade; recordai-vos do que foram os vossos antepassados, e marchai após os seus passos gloriosos. Não vos esqueçais tambem que é pela Santa Religião que ides combater, e mostrai-vos digno partidario de uma tão nobre causa. Evitai a vida desordena-

da dos acampamentos, e subjugai as vossas más paixões, porque é mais facil vencel-as, do que satisfazel-as. E agora, meu amado filho, minha esperança, minha vida, meu tudo; rogo a Deus todo poderoso de vos abençoar, como eu vos abençôo!

—Obrigado, minha Mãi, disse Galliot com vóz commovida.

Neste momento Espetie tornou a entrar na tribuna; o Conde abraçou sua irmãa com mais ternura do que costumava mostrar-lhe ordinariamente, e voltando para sua Mãi, que estava muda, e immovel, como a estatua da dor, a estreitou novamente nos braços, desceo em fim ao atrio.

(Continúa.)

D. M.ª da A. da Costa Sz.ª Macedo.

POESIAS.

JUDEO ERRANTE.

LENDA.

Da cruz o duro pêso sustentando
Ao Golgotha o Senhor se incaminhava,
Nas maltractadas faces gotejando
Frio suor co'o sangue mixturava.

A' força do cançasso e da anciedade
Seo corpo infraquecido succumbido
Cahe por terra; e Ashavero sem piedade
De Christo á queda blasfemava rindo.

Erguendo a mão profana algoz malvado
No divino semblante ousou tocar-lhe...
Mas descendo a Ashavero um anjo irado
O descanço da noite a perturbar-lhe;

» Maldicto — exclama — ficarás no mundo,
» Proscripto das nações, e sem ábrigo;
» E vivo irás ao báratro profundo
» Que nem a terra te-dará jasigo!

» O universo, a teos prantos insensivel,
» Errante vagarás, oh! fera horrenda:
» Té que brade a trombeta em som terrivel
» Do juizo final a hora tremenda.»

Disse! Co'a dextra vingadora e forte,
Onde sustinha fulminante espada,
Desfechou repentino, horrivel corte,
Do Judêo sobre a fronte condemnada.

Um seculo se-acaba, outro começa...
E não morre o Judêo! Vaga, perdido,
O mar, a terra, e de vagar não cêssa,
De nação, em nação, sempre banido!

Um grito universal ouviu na terra...
—Anathema aos Judêos! afronta, morte!—
Viu contra os infieis armar-se em guerra
Da nobre christandade a gente forte!

Contra os Mouros em lucta sanguinosa
Viu dos fieis intrepidas phalanges,
Alçar do Christo a cruz victoriosa
Sobre quebrados infieis alfanges.

Qual tenebroso espectro apparecendo
No meio dos combates mais famosos;
Qual Tigre embravecido combatendo,
Não viu findar seos dias tormentosos.

Mil vezes nos assaltos, estacada
Foi seo corpo á muralha que abatia:
Nas ruinas de tôrre incendiada
Seo cadaver se-achou... e inda existia!

Novo clarim ouviu, eis denodado
Investe a furia do gigante altivo,
Que de raiva espumando o lança irado
A's praias do Oriente... e ficou vivo.

Viu fulgurar nas terras do Oriente
Das lusas quinas a fiel bandeira:
Novos troféos ganhando florescente
De Christo a crença, a crença verdadeira!

Outra vez corre ao campo, mas depressa
Viu a lei de Jesus brilhar no mundo:
Da guerra sanguinosa o estrago cessa;
E Ashavero exhalando um ai profundo,

Em deserto logar de asp'ra montanha,
Vai sumir-se no horror d'uma caverna;
Onde socia insofrivel o-acompanha
De seo longo vivêr a dôr eterna.

Que ha viventes no mundo só conhece
Ao rugir do leão; do mocho aos pios.
Conta as horas, os dias que aborrece,
Mezes, annos, e seculos tardios.

Frio, qual fria pedra, o desgraçado
A figura da morte representa;
E um vulcão nas entranhas concentrado
De dia em dia seo martyrio augmenta.

Sentindo dentro d'alma arder a chamma
Do pungente remorso que o-devóra,
Na escura habitação, ulula, brama,
Qual serpente se-arrasta: e geme, e chóra!

Quando a noite, alongando as negras asas,
Das sombras annuncia o vasto imperio
Abrindo os olhos que flammejam brasas
Vai cevar sua dôr n'um cemiterio.

D'entre os ramos de funebre cypreste
Ave nocturna a seo chegar vozêa;
E só, o impio infractor da lei celeste
Em torno ás campas sem cessar vaguêa.

Das fervidas entranhas arrancado
Fatal gemido em balde o mundo atrôa!
De horrorisados echos repulsado,
A's infernaes abobedas escôa.

Assim dura Ashavero exemplo odioso
De vil ingratidão, negro attentado!
Humanos! acatai ao que piedoso
Por salvar-nos morreu crucificado.

1845.

D. A. G. Pessem.

Agradecêmos infinitamente o mimo que o Snr Pires nos faz da poesia que em seguida publicamos. — Este Joven Militar era Alumno do Real Collegio Militar quando o vimos alli pela primeira vez; e buscando certificar-nos de seu genio poetico que a sua physionomia, e conversação nos revelaram, conhecemos que era dotado de não vulgar talento; já então elle nos dêo (em 46) um quarteto que nós glosamos; e um dia publicaremos; e fomos nós a primeira pessoa que descobrindo este genio démos a seu Ill.^{mo} páe os parabens de ter um filho que tanta gloria lhe deve causar. Hoje com a mais intima satisfação vemos progredir seus talentos, e apparecer seu nome em publico, dando á litteratura gratas esperanças de ser um de seus brilhantes ornamentos. Assim com praser vêmos realisados nossos prognosticos.

—

JULIA.

Pude alfim saber teu nome!
Já minha alma, não consoma
Esse desejo fatal.
Era um misterio... um arcano...
Luctando no mar do engano:
Vi — teu nome — o meu fanal.

Deste mundo no deserto
Vagava por trilho incerto
Sem ter guia... sem ninguem!
Qual, romeiro que não pára,
Perdido pelo Sagara,
Gritando Jerusalem.

Mas vi-te... e ao ver-te, logo
Se accendeu meu estro em fogo.
Da minha alma fos-te a luz.
Nem o romeiro perdido
Teria tanto sentido
No calvario vendo a cruz.

Não podes saber — donzella —
O quanto meu peito anella
Os castos sorrisos teus.
Quem ao vel-os no teu labio,
Pode ser tão pouco sabio,
Que não diga — existe um Deus!

A tua angelica fronte
E' d'amor um horisonte,
Onde os olhos astros são.
Horisonte que a alma córa
Com o pudor, que evapóra
Teu virginal coração.

Serás sonho, nuvem, nada,
Serás tu archanjo, ou fada
Do mais sublime poder...
Oh! que o teu nome tão lindo
Revella-me um goso infindo,
Diz-me — Julia — que és mulher.

P. G. L. Pires.

A QUESTÃO DAS ROSAS.

Renovam-se antigas justas, e os Cavalheiros que entram na arena tem por divisa — uns a rosa encarnada — outros a rosa branca. — Em Inglaterra já uma questão do mesmo titulo teve grandes consequencias; e durou muito; esta nem pode ter consequencias, nem duração; por que na Inglaterra era uma questão de nomes das duas familias Yorks, e Lencastres; mas esta é degenerada em questão de flores; deve ter a duração das flores!.. Havia uma rasão mais além do gosto, que movêo alguns Cavalheiros a apparecer em campo a pugnar pela rosa encarnada, era o sustentarem a opinião de uma senhora, que julgaram dever defender; mas esta rasão termina com a apparição de outra poetisa, já muito respeitada, afagando com suas mimosas producções a rosa branca; assim como a outra afogou a encarnada, e outra Sr.ª louvando tambem a rosa amarella. Como esta contenda é por simples divertimento, não podemos recusar as columnas deste jornal á publicação das muitas poesias que temos recebido, e contamos receber, pró, e contra; mas faltando-nos o espaço neste n.º; e en-

tendendo dever dar preferencia a uma Sr.ª, o que por certo os Cavalheiros louvaram; promettemos em o n.º seguinte publicar as outras umas a favor da rosa encarnada, outras da branca.

Nós conservamos a nossa neutralidade.

D. A. G. Peixe.

—

A UMA ROSA BRANCA.

Desabroxas linda Rosa
Com tão brilhante explendor,
Que exceder-te em formosura
Não póde nenhuma flôr.

O aljofar que te borrifa
Realça a tua belleza:
Na mimosa côr de leite
E's imagem da pureza.

Symbolisada a candura,
A verdade, a singeleza,
A bella e pura innocencia,
E d'amisade a firmeza.

Tu que taes indultos pintas
Com grata e muda expressão.
Inspiras-me um alto apreço
Salutar ao coração.

Tua bellesa me encanta
Teu arôma me embalsêma:
Em ti adoro e bemdigo
A Magestade suprêma!

Satisfeita em ti contemplo
Da naturesa o primôr,
Admiro o poder immenso
De um Deos seu sublime author!

Dediquei-te meus cuidados
Plantei-te por minha mão,
Tu recreias meus sentidos,
E assim cumpres gratidão.

Fazes mais que as creaturas
A quem Deos doou rasão,
Que ao amor, aos beneficios
Correspondem com traição!

De ti não temo máo pago,
Nem offenças que sentir,
Comtigo em paz me intretenho,
D'ellas anhelo fugir.

Quantas vezes a minha alma
De magôas despedaçada,
Distracção, alivio encontra
Na tua vista presada!

Quantas vezes com meu pranto
Tuas folhas orvalhando,
Paresse, que ao recebê-lo
Compaixão me estás votando.

Fazes mais que as creaturas
A quem Deos doou rasão;
De ti canto maravilhas,
D'ellas choro ingratidão!

Minha linda rosa branca,
Minha amiga verdadeira,
Aonde quer que eu exista
Serás minha companheira.

Todo o anno me apresentas
As tuas candidas rosas,
Todo o anno me consolas
Nas horas mais tenebrosas!

Minha linda rosa branca,
Realce do meu jardim,
Fázes mais que as creaturas,
Mostras compaixão de mim!

E' das flôres a cultura
Innocente occupação,
Que adormecendo os pezares
Dá conforto ao coração.

27 de Dezembro de 1849.

D. M. M. Stoxler.

THEATRO DE D. MARIA II.

—

Depois do Carnaval é este n.º o primeiro do nosso Jornal que tem sahido; e por

isso agora sómente podemos dizer que a ultima noite do Carnaval esteve brilhantissima neste theatro; a concurrencia era das maiores que se tem visto; de sorte que muita gente se retirou por não ter lugar; e outros contentavam-se de ver, apinhando-se pelos cantos, e escadas das galerias superiores na platea. Foi o — Estrangeirado, — apresentando novas, e engraçadas mascaras. — O Segredo de minha Mulher — (bonito porque de um cigarro não se póde fazer mais) e — o Diabo a quatro. — A Dança Borlesca — o Boleto — composição do Snr. Marsigliani; mas o assumpto era esteril; por isso não obteve tantos applausos como outras suas composições.

Continua ao presente a ir á scena — O Templo de Salomão — o Mineiro de Cascaes — o Segredo de minha Mulher — &c. Consta-nos que breve a Direcção nos dará um bello Espectaculo.

THEATRO DE S. CARLOS.

—

Pouco, ou nada diremos de — Maria de Roham; porque pouco, ou nada agradou. — O Elixír d'amor tambem apesar da sua bonita, e graciosa musica não agradou, por muito conhecida, e vulgarisada; e todavia os Snr.ˢ Baldança, e Celestino distinguiram-se muito, cantáram muito bem; e o Snr. Fiori contrafazendo o seu natural esmerou-se por agradar, como sempre; mas não são aquelles os papeis que o podem fazer brilhar: o Snr. Baldança executou com tanta naturalidade o papel de simples, que foi aplaudido com enthusiasmo.

No dia 19 do corrente foi a primeira representação da Opera seria em 3 Actos — Torcato Tasso, Muzica do celebre Donizetti: é uma das felices composições d'aquelle genio bem fadado. Parece que se tivesse podido levar á scena esta peça tão difícil, apenas com sete ensaios dos actores, e tres dos coros! Entretanto o Snr. Corradini ancioso por satisfazer o publico offerecendo-lhe um novo e bello Espectaculo, quiz que esta peça fosse impreterivelmente neste dia á scena, e teve a fortuna de ver cumprido o seu desejo; mediante a actividade do genio sublime que a ensaiou, e dirigio; e que sem embargo das immensas dificuldades que se oppunham, quasi por milagre a poude dar prompta em tão curto espaço de tempo! Os Snrs. da Orchestra igualmente merecem muito louvor, pela prompta e boa execução, na melhor combinação; e os actores sem duvida que mostraram a sua intelligencia, disvello no estudo e bons desejos: todos comprehendêram, e executaram perfeitamente os seus papeis. A Snr.ª Marinangeli (Eleonora) distinguio-se; cantou primorosamente; a sua voz é amena, afinada, e trina com a maior agilidade possivel; obteve as sinceras affeições, e applausos do publico sempre propenso a apreciar o merito. O Snr. C. Fiori (Torcato) desempenhou a sua parte tanto ao vivo quanto se podia desejar: a interessante situação do poeta sacrificando ao amor a sua gloria, a sua liberdade, e por fins a sua rasão... não pode deixar de intimamente commover as almas bem formadas que só comprendem aquelle sentir tão raro, mas tão sublime de um genio superior!..

O Snr. Fiori além de uma excellente voz, forte, clara, e sonora, possue-se do enthusiasmo, da expressão, e dos gestos todos das grandes personagens nos lances mais difíceis da vida!

O Snr. Carlos Liverani (Geraldino) foi muito applaudido, e com rasão: cantou com muito saber, e animação, sua voz de tenor é bella, e armoniosa; e tem um estylo muito agradavel: desempenhou o seu papel com muita naturalidade; é um actor de muito merito, e digno de nossos sinceros louvores.

O Snr. Celestino (Duque) apresentou o melhor possivel o caracter do personagem que representou; cantou muito bem, e sua voz vae-nos parecendo cada vez melhor; quem diria que o actor que representa de Duque no Torcato, é o coxo da opera D. Bucefalo?! mostra que tem tanta habilidade para o serio, como para o gracioso.

O Snr. Bruni (Ambrogio) teve uma parte mui pequena; porém assim mesmo merece ser elogiado, por ter cantado bem, e respondendo tanto a tempo ás apressadissimas, e extravagantes perguntas de D. Guerardo. Mui pequena parte teve a Snr.ª Virginia Persoli, (Eleonora de Scandiano) mas comprehendeo-a, e no quinteto, assim como no final do 2.º acto foi sempre muito a tempo, e com muita consonancia.

De proposito reservámos para o fim o Snr. L. Rocco; não porque a nosso ver não tenha um dos primeiros lugares pelo seu merito artistico; mas porque a justiça reclama que ácerca d'este actor digamos alguma cousa mais, além do elogio que lhe

offerecemos pelo bem que se houve no desempenho da sua dificilima parte (D. Gherardo.) O publico o aprecia devidamente, mas o publico não pode fazer mais do que applaudilo constantemente no theatro, e na imprensa louval-o, e recommendal-o á empreza como nós tambem fazemos. Este actor desempenha com a maior graça, e naturalidade os papeis mais dificeis jocosos: figura quasi sempre de velho; figura sempre como uma das mais importantes personagens; contando apenas 22 annos de idade! por isso mesmo o julgamos com direitos a toda a contemplação, porque faz mais do que o permitte a sua pouca idade: mais do que se devia esperar; tem o dom de uma voz de baritono muito boa; bonita presença, e doma-se a qualquer papel que lhe destinem; e o publico sympathisa com elle; estas são recommendações assás valiosas, e esperamos que além das coroas que lhe destinamos, a empresa o anime, e attenda como elle merece..

Dissemos bastante dos actores: agora tornemos á opera. As arias dos Snrs. Rocco, Liverani, e Fiori, e da Snr.ª Marinangeli são bellas, e tambem nos agradaram muito os duetos dos Snrs. Fiori, e Liverani, e da Snr.ª Marinangeli, e Fiori; bem como o quinteto e o final do 2.º acto. — A ultima aria de Torcato com a qual se termina a opera é tocante.

Notaremos um gosto particular; e e que muito bonito, e a proposito achamos aquelle bocadinho em que o Snr. Rocco diz: — *Misericordia* — palavra, e musica tão apropriadas ao tempo Santo em que estamos!.. (A Quaresma bem entendido...)

D. A. G. Pereira.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

Inter duo litigantes, tertius gaudet. — Provorbio em 1 acto, por A. X. Teixeira Homem. — Vende-se nas lojas de Lavado, Rua Augusta n.º 8 — e Silva em Alcantara. — Preço 100 r.s

ANNUNCIO.

Na Calçada de S. Francisco n.º 41.º andar, alugam-se quartos particulares mobilados, por preço commodo — a pessoa que os aluga é de reconhecida capacidade. Quem os pertender dirija-se á mesma casa na Calçada de S. Francisco n.º 4.

N. B. E' a Calçada que fica em frente da Rua dos Retroseiros.

CHARADAS.

Minha patria foi dos sete,
Inimiga dos Troianos,
Não sou Persa, nem sou Indio,
Nem pertenço a Romanos. } duas.

Não sou fonte, nem regato,
Nem sou mar encapellado,
Umas vezes vou de manso,
Outras corro apressado. } duas.

A planta mui conhecida
O meu nome anda ligado;
Summo Chefe da Igreja
No altar sou venerado.

—

Riquezas que em mim se achão,
Para sempre estão perdidas;
Se dou grandes cabedaes,
Tambem tiro muitas vidas. } uma.

Villa sou de Portugal,
Appellido portuguez,
Um fidalgo me intitutula,
Sem ser Duque, nem Marquez. } duas.

Para dar algum prazer,
Sou despido, e bem rallado;
Se não sirvo desta forma,
Lá vou ser esquartejado.

EXPEDIENTE.

Os Snrs. Assignantes das Provincias que nos fizeram o favor de continuar a assignar para este Jornal, terão a bondade de remeter pelo correio o importe das suas assignaturas, francas de porte; e os Snrs. que não quizerem continuar terão a bondade de dirigir pelo correio á esta Redacção a competente declaração.

—

Pedimos desculpa dos muitos erros de imprensa que escaparam a quem se encarregou de rever as provas do n.º antecedente, trabalho este que a mesma Redactora tem a seu cargo, mas que não executou então pelo grave encommodo de saude que soffreu.

TYPOGRAPHIA GRATIDÃO,
Rua da Precisão n.º 78.

MARÇO 9. 1850. NUMERO 27.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 14; J. P. Lavado, na dita n.º 81 e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

O DESENGANO.

MEDITAÇÃO.

I.

A vida passa, como a velocidade do relampago.

A cada momento nos aproximamos do instante em que uma eternidade se segue ao ultimo suspiro da existencia. —

Tudo acaba.

Bem poucos são aquelles que pensam sobre a hora em que hão-de deixar a vida.

O mundo e todos os seus encantos não só fascinam o pensamento, embriagam os sentidos, e afiguram-se aos que vivem rodeados de praseres, com um nunca acabar de delicias. —

E' mister viver na posse de tudo quanto se ambiciona, para se pensar assim. —

E não sei se aquelles que só respiram o ar da felicidade, e que na fruição de tudo quanto desejam, se consideram verdadeiramente venturosos, deixarão de pensar muitas vezes, que essa ventura hade um dia fugir-lhes com a vida.

Todos os seres estão ligados á Lei invariavel da morte. —

A ella succumbem os sceptros — as corôas — as thiaras — o ouro — a felicidade — a esperança — a formosura — e a miseria. —

Tudo obedece a este poder enorme, a esta força illimitada.

O homem a quem a fortuna protegeo, vivendo no centro da abundancia, satisfazendo em tudo os seus apetites, parece-lhe que elles não terão fim. — Emprega todos os seus cuidados em augmentar o fausto e a grandeza, em attrair a admiração de todos, ensoberbe-se da posição a que o ouro o elevou, olha com desdem para os que reputa inferiores, e quando se considera no Apogêo da sua gloria, é conduzido á sepultura, aonde ainda o acompanha a vaidade a que o mundo tanto apreço dá! —

E o que resta pois d'este, a quem a morte separou das felicidades? —

Apenas uma lebrança que se esvae com o passar dos annos. —

Volvendo os olhos para o passado, que serie de quadros se não apresentam ao homem que medita para se convencer que este mundo é uma illusão completa. —

O explendor da soberba Roma, d'esse Imperio colossal que assombrava o Mundo — eclipsada o todo, porque o correr dos tempos lhe fez fugir a gloria! —

Os Monarchas sentados sobre o throno, rodeados de cortesãos que lhes dobravam os joelhos, e executavam seus decretos, possuindo exercitos poderosos que ás suas vozes conquistaram e lhes augmentaram a magestade, julgando-se superiores a tudo, lá veio o momento, em que a morte os igualou ao mais humilde de seus vassallos! —

O Throno que elles julgavam inaccessivel, e aonde só chegavam seus validos, ahi

mesmo a lei de todos os seres lhes emudeceo a voz que era ouvida como oraculo. —

As cabeças que cingiam as corôas pendidas sobre a sepultura!..

Os braços que moviam os sceptros, e as mãos que os empunhavam já não tem acção! —

E os que eram objectos de grandes veneraçõe, já não existem!

Ai!.. tudo se abisma na eternidade!..

Corôas e sceptros reduzidos a pó — monumentos erguidos á memoria de grandes homens derrocados todos. — E edificios gigantes desmoronados. —

Como se reduzem a nada as grandezas d'este mundo? —

Como são effemeras e fementidas. —

A gloria das antigas façanhas — d'esses feitos heroicos que se registaram nas historias das Nações?

De que serve elles serem imitados?

E de que servem tambem tantas paginas onde se veem luzir as espadas que foram objecto de terror e admiração!

Por ventura será eterna a memoria d'estes feitos? —

Não, de certo. —

Nada ha sobre a terra que se possa reputar eterno. —

Tudo teve começo — e por isso tudo ha de ter fim. —

(Continúa.)

D. Lenato G. B. de Faria.

O ISTHMO DE PANAMÁ.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

O Isthmo é do mesmo modo montanhoso. Offerece cumes ingremes e innumeraveis volcões, que frequentemente abalam a terra, e arruinam cidades, e motivaram esse proverbio, sobre a admiravel cidade de Guatimale, construida na mais deliciosa encosta do mundo, mas dominada por terriveis volcões, d'uma altura sem igual, *que ella tinha d'um lado o Céo, e o Inferno do outro.* Porém, o observador que se entranha n'esse labyrintho de montanhas e collinas, reconhece que alli pelo menos a cordilheira é algumas vezes interrompida. Em alguns logares, e com pequenos intervallos, tem o cume inclinado, e deixa lugar não só a estreitar desfiladeiros, mas a algumas planices transversaes, aonde se poderia abrir uma passagem para um canal, ou para um caminho de ferro, talhado em suave declive. Por um feliz acaso, a força subterranea, que posteriormente á formação do continente, ergue a comprida cordilheira dos Andes, se achou diminuida no Isthmo; ella exerce uma acção muito desigual, e produzio grupos montanhosos, distinctos, e separados, e não uma crista inflexivel. Talvez se dividam para applicar uma parte da sua força, a fazer surgir do mar, a alguma distancia d'alli, o Archipelago das Antilhas. No Isthmo encontram-se cumes, que em nada são inferiores ao Monte-Branco, (o Rei dos Alpes) comtudo em varios logares, que são justamente os que á pouco designámos, onde o Isthmo é o mais estreito. A espinha saliente da terra, o alto do dique interposto entre os dois Oceanos, chega com suas ondas a uma elevação superior áquella que se faz dar a um canal ordinario por via de represas.

Não é cousa nova, occupar-se d'uma passagem do Oceano Atlantico, ao grande Oceano, desde os mares que enchem o vasto e profundo leito disposto pela natureza entre a Europa e o continente Americano, até aquelles que banham com sûas aguas as costas da China e do Japão, e o outro littoral d'America. Christovão Colombo, quando embarcou abordo d'esse navio por tanto tempo sollicitado, para a expedição, para sempre memoravel, que nos apresentou um novo mundo, tinha o designio de indicar aos homens uma passagem mais facil para a China. Até então olhava-se como situada ao oriente, e julgava-se que devia encontrar, navegando do oeste para o leste. Colombo tomou pelo contrario o rumo do leste ao oeste que elle suppoz mais curto. Encontrou no seu tranzito, um mundo até alli ignorado! Depois que descobrio estas terras desconhecidas, julgou ter aportado ás Ilhas da Asia, dependentes do dominio do Granel-Khan, que era o nome que se dava ao Imperador da China, e morreu depois d'essas quatro viagens na persuação, que tinha estado na Asia. Comtudo Colombo adquirio

um vago conhecimento do mar, que nós appellidamos o Oceano Pacifico, e da sua proximidade ao Atlantico nas paragens visinhas do Panamá, isto foi na sua quarta e ultima viagem, que precedeo dois annos a sua morte, e durante a qual reconheceo sobre uma grande extenção, o continente Americano ao longe do mesmo Isthmo, e ainda adiante da parte do Sul. Os indigenas lhe certificaram que existia um outro mar não longe d'alli. Confundindo sempre a America com a Asia, designavam a visinhança dos dois mares na provincia do Veragua, onde elle acaba de desembarcar dizendo que certas terras do Ciguare, das quaes julgava estar mui proximo, apenas a dez dias de distancia do Ganges estavam em relação com a costa do Veragua no Atlantico, na mesma situação que o Tortosa no Mediterraneo, a embocadura do E'bro, relativamente a Fontarabia na Biscaya no Oceano. Mas Colombo não vio o Oceano Pacifico. Essa honra foi reservada a Vasco Nunes de Balboa, um dos homens mais admiraveis, que a Hespanha então produzio, tão fertil n'essa época em heroes dignos da admiração e reconhecimento dos povos.

Eu não posso pronunciar o nome de Balboa sem ajuntar a expressão d'uma commiseração profunda. E' um triste exemplo de padecimentos a que se dedicaram quasi todos os homens que figuram na descuberta d'America. Este novo mundo foi verdadeiramente dado á luz, na dôr dos que o apresentaram á civilisação europêa. Colombo em ferros! Cortez abandonado no fim da sua vida, como um obscuro aventureiro! e morren'o devorado pela tristeza, são as grandes figuras d'um painel pouco honroso para a especie humana. Ao lado d'este merece de figurar n'um logar bem visivel o heroico Balboa n'uma foca. Uma pequena colonia se tinha estabelecido a Santa Marinha sobre o Isthmo. Os colonos tinham escolhido Balboa por seu chefe, por ser um homem d'uma intrepidez sem igual, e de uma actividade infatigavel, desejoso de fazer confirmar este titulo pela Côrte de Hespanha. Balboa fez varias incursões nas Tribus visinhas, e deste modo adquirio a certeza da existencia d'um outro Oceano, pouco distante a seis dias de jornada, lhe diziam os Indios, e accrescentavam que d'ahi se ia a um Imperio abundante d'ouro. Querendo designar o Perú, Balboa emprehendeo penetrar n'este mar mysterioso. Sua reputação de valente e de leal, chamou ao seu lado uma quantidade de homens destemidos. Mas a difficuldade do terreno e os continuos ataques dos naturaes retardaram a sua marcha. Em fim o vigessimo quinto dia, 25 de Setembro de 1513 do alto da Serra do Quarenha, onde tinha querido subir sosinho até a sumidade, vio o mar: era o Oceano Pacifico.

(Continúa.)

D. Ignez Carlota Casassa.

AS ROSAS.

O partido das rosas vae-se liberalisando — isto é, vae-se dividindo em tantos partidos com tanta liberalidade, que receamos em breve se reduza a zéro; porque a união faz a força. Duas cores já se repartiram em tres; logo virá quarta, e assim multiplicar-se-hão em tantas cores quantas as que se podem apresentar simples, e compostas! Tal confusão a nosso ver basta o terminar esta guerra, transformando o campo de batalha em Torre de Babel. Se o assumpto fosse mais importante não duvidariamos tambem entrar na arêna: mas será forçôso confessar que nós quando entramos em lide é sempre com a mesma divisa — *Vencer, ou morrer* — e esta legenda só pela patria, só por deveres de honra, por cousa que muito devéras toque o coração, e mova o enthusiasmo, e a nobre ambição de gloria; porém flores!.. nem interessam o coração, nem merecem enthusiasmo; apraz nos o seu arôma; gostamos de as ver, mas de morrer por ellas não. Perdem o brilho, e a côr; murcham ao menor contratempo; — nem todos os esforços da arte lhes tem podido alcançar a duração, que a natureza lhes negou!. Ainda mesmo as fingidas desmaiam, e morrem com o tempo... Cavalheiros!.. quem aspira á immortalidade não combate por flores!.. Louvamos, e muito nos agradaram a este respeito os versos de um Cavalheiro que se assigna com as iniciaes J. M. P. — publicados no Defensor N.° 456 — A Patria! — A Patria quando precisar de vós,

encontre vossos braços armados para salval-a, ou para defendel-a!.. Então.. achar-nos-heis em campo... Sim!.. para vos auxiliar, e não para vos sacrificar!.. Seja este combate das rosas um exercicio apenas.. mas o combate verdadeiro não se realise jámais senão por assumpto sublime. Exercitando vossos talentos poeticos entendemos que deveis continuar a divertir-vos; porque em tal caso é (como não póde deixar de ser) um mero *passatempo*; um galanteio proprio dos tenros annos; não passará de poesias, pois os braços... o enthusiasmo... esses vós os tendes reservados unicamente á patria... a vossos brios... á vossa gloria! Fazemos justiça, a vossos sentimentos.

Admittindo pois, o que na realidade é, que a contenda das rosas não passa de um divertimento, gostamos de ver como se vão desenvolvendo tantos genios poeticos que estavam escondidos! Bem dissemos nós em o nosso n.º 5!.. alli prophetisamos algumas cousas que vão apparecendo em toda a luz!.

Como entretenimento, continuai, jovens amigos, e compatriotas; continuai a juncar de flores a carreira brilhante que vos hade conduzir á immortalidade; e nós attentas observadoras do vosso torneio, juntaremos essas flores mimosas, para com as nossas mãos as entrelaçar nos louros viçosos, e eternos, que devem coroar vossas frontes.

D. A. G. Perich.

POESIAS.

Ex.ma Snr.a — Tendo ha pouco chegado ao meu conhecimento a interessante questão das rosas que o Periodico dos Pobres no Porto tem sustentado, e vendo que uma senhora que defende a rosa encarnada já se vê obrigada a combater por ella com alguns antagonistas seus, acho do meu dever, como amador que sou do bello sexo, e tambem da rosa encarnada, apresentar-me em campo como campeão de uma senhora, e como defensor da minha rosa.

E' n'esta occasião que espero receber de V. Ex.ª o obsequio de fazer inserir no seu muito acreditado jornal, tanto estas duas linhas, como a poesia que as acompanha.

Lisboa 26 de Janeiro de 1850.

De V. Ex.ª

Muito humilde Venerador e obrigado

Lopo Fernandes Pacheco.

Do Ceo puro és a noiva corada
Es só d'elle como elle é só teu!
Rica em trajos, de aromas banhada
A seus beijos te off'rece Hymeneo.

Castilho = Primavera = Canto II.

I.

Quero a rosa colorida,
Por dois vates combatida,
N'este canto memorar.
Quero alçar tambem a espada
Para ser desaffrontada
A linda rosa encarnada,
Que entre as rosas não tem par.

Quero em favor d'uma dama,
Acender mais essa flama
Que a rosa desenvolveo...
Quero que seja essa rosa,
Das flores a mais formosa,
E em tudo a mais primorosa
Que á terra o Ceo concedeo.

Quero que seja essa flor
O rico emblema de amor,
Por que amor no seio occulta.
Quero que seja mais bella
Do que a mais brilhante estrella;
E d'entre as flores, aquella,
Que mais ufana se exulta.

Quero que seja mais pura,
Do que a fonte que murmura
Quando entorna o seu crystal.
Quero que seja mais linda,
Do que a branca rosa ainda,
Do que a amarella, que é vinda,
Com feia côr natural.

II.

E para mais eu dizer
Da rosa que s'injuria,
Oiçam, oiçam com prazer,
Mais da rosa côr do dia:

Vejam a flor d'esse prado
A do jardim cultivado,
Se em nada tem semelhado
A' rosa, só n'alegria:

Vejam a relva florida
Dos campos, na primavera;
Vejam a flor mais erguida,
Que em sobresair s'esmera:
Vejam, vejam qualquer flor,
Da branca rosa o pallor,
Da amarella a fella côr,
Que a encarnada inda impera:

Vejam a flor da campina
Pelas manhãs orvalhada;
Vejam a branca bonina
Só pela briza embalada;
Que aljofares tambem mil,
Nas bellas manhãs d'abril,
Verão na rosa gentil,
N'essa rosa aprimorada.

—

III.

O Creador s'esmerou
Quando esta rosa creou,
Em torna-la pura e bella.
Deo-lhe o aroma que evapora;
Deo-lhe a rubra côr d'aurora;
Deo-lhe encantos, que a namora,
Té cantando a filomela.

Lisboa 26 de Janeiro de 1850.

Luiz Fernandes Pacheco
Um dos doze d'Inglaterra.

A ROSA BRANCA.

Que o valor da minha rosa
Não se póde escarecer.
J. M. Feliano.

Imparcial como sempre,
Quiz as rosas confrontar;
Confrontando os seus encantos,
Que as fazem rivalizar:
E a vermelha achando bella...
Encantou-me a branca ao vê-la!

Encontrando na vermelha
Meiga côr... animação!
Não pude achar-lhe a candura,
Que arrebata o coração!..
E a vermelha achando bella...
Encantou-me a branca ao vê-la!

Se descobri na vermelha
O mais luzido carmim,
Sendo a côr o accidente!..
¿O que vale a côr p'ra mim?
E a vermelha achando bella...
Encantou-me a branca ao vê-la!

Se a vermelha altiva ostenta
A mais linda e rubra côr,
Que importa? — se essa côr muda,
Como muda um vário amor!
E a vermelha achando bella...
Encantou-me a branca ao ve-la!

E fitando a rosa branca,
Que não póde a côr mudar,
Comigo disse — «é quem sabe
Constante amor retratar!»
E a vermelha achando bella...
Encantou-me a branca ao vê-la!

«Não invejes, rosa branca
Da vermelha a linda côr»
Accrescentei eu, p'ra logo,
Dizendo-a: — Rosa d'amor!
E a vermelha achando bella...
Encantou-me a branca ao vê-la!

«Tua côr candida e pura,
Não soffrendo alteração,
Parece dizer ousada:
Já mais houve aqui traição!»
E a vermelha achando bella...
Encantou-me a branca ao vê-la!

«Em quanto que a bella rosa,
Que tem um mago rubor...
Se um sol brilhante a descobre,
Fica pallida e sem côr:»
E a vermelha achando bella...
Encantou-me a branca ao ve-la!

«Empallidece! succumbe!..
Qual a face da mulher...
Que enganando dois amantes,
Um ao outro occultar quer!»
E a vermelha achando bella...
Encantou-me a branca ao vê-la!

Mas a linda rosa branca
Na côr constante, sem par!
Só p'ra o Céo erguendo a fronte,
Nunca póde a côr mudar:
E a vermelha achando bella...
Encantou-me a branca ao vê-la!

E na côr que não se altera,
Parece reprehender —
As damas que sempre varias,
Assim julgam mais m'recer!..

E a vermelha achando bella...
Encantou-me a branca ao vê-la!

. . . . . .

Decidi-me por tanto; p'ra logo
Preferindo a mais formosa;
Exultando jurei firmemente
—Ser cantor da BRANCA ROSA.

Dezembro — 1849.

M. D. SANTOS.

Á SAUDADE.

Sentia n'alma
O influxo teu,
Quem, oh saudade,
Nome te deu!

Tu és retrato,
Mimosa flor,
De um sentimento
Filho de amor.

D'elle e da ausencia,
De impio tormento,
E' oriundo
Tal sentimento.

Por isso o amante
Assim chamou
A' flor mais triste,
Que a selva ornou.

Em tudo iguaias,
E's similhante
Ao desditoso,
Saudoso amante.

Da côr de luto
Sempre vestida,
Mostras a pena
D'alma ferida.

D'alma ferida
De ausencia acerba,
Que mil ciumes
Mais exacerba.

Nutres de esp'ranças
Verde signal,
O amante espera
Fim a seu mal.

Porém se murcham
Tuas esp'ranças,
Verde alcachofra
A' terra lanças.

E se com ella
Morres tambem,
Novas saudades
Nascendo vem.

Qual acontece
Ao desgraçado
Que vive longe
Do bem amado.

Se viver póde,
Tendo paixão,
Saudades tenho
No coração.

F. M. CRUZ E COSTA.

Desejando publicar todas as poesias que se offerecêram á Sr.ª Soller em a noite do seu beneficio, 26 de Janeiro ultimo, temos demorado a publicação dos seguintes versos que lhe dedicámos então; aos quaes seguir se-hão outros muitos, que já possuimos, de auctores illustres; e todos aquelles que podermos alcançar, por quanto nos empenhamos em exaltar o nome d'esta Actriz sublime, que por seu merito já não pode deixar de ser immortal.

—

Á EXIMIA ACTRIZ A SR.ª J. SOLLER, EM A NOITE 26 DE JANEIRO DE 1850.

Ah! suspendei.. fui eu que perjurei.
O Templo de Salomão.

Salve eximia Actriz! acolhe
Novas C'rôas, novas palmas!
Que affeição, que enthusiasmo
Infundes em nossas almas!

Esse pranto que derrâmas,
Essa dôr tão bem sentida,
Esse perjurio louvavel
Que salva do filho a vida;..

São glorias do Iuso Palco,
São incantos da illusão;
São louros com que adornaste
O Templo de Salomão.

D. A. G. PEREIRA

Á DITA ACTRIZ EM A MESMA NOITE.

Pisa ufana esse palco, afoita erguendo
A vóz suave, a fronte Magestosa,
SOLLER, Eximia Actriz! e junta sempre
Mais uma joia á C'rôa preciosa!

Mais uma joia á C'rôa preciosa
O publico te off'rece em cada Scêna,
Em cada movimento, em cada passo,
A cada som de tua vóz amêna.

A cada som de tua vóz amêna
Um écho universal grato responde!..
E' o som de mil applausos que se eleva
Da Eternidade ao sêio, e lá se esconde!

D. A. G. Pinto.

Á MENINA MACEDO NA NOITE DO SEU BENEFICIO.

Surge, artista, sem demora,
Nobre artista, inda em botão,
Vae sahindo d'essa aurora,
Vae abrindo em criação,
Cresce, medra, colhe os louros,
Porque são nobres thesouros,
Porque valem mais que os louros
Os votos do coração.

Colhe os bravos, colhe as palmas,
Colhe sim — teu premio são
Sahido de nossas almas
Dado por nossa razão,
Porque além do teu talento,
Porque além do sentimento,
Que dá vida n'um momento,
Tens a meiga inspiração!

Prosegue, artista sem medo,
Deixa o nome ao teu paiz,
Porque da arte o segredo
O coração lá t'o diz:
'Stás no campo da victoria,
Tu serás da scena a gloria,
Deixarás terna memoria,
Como artista — como actriz.

Mendes Leal (Antonio).

AOS CAVALHEIROS QUE PUBLICARAM ALGUMAS POESIAS EM MEU LOUVOR NO JORNAL — A FONTE. —

De nobre enthusiasmo accêsa a mente
Lá no espaço vaguêa;
N'esse espaço infinito onde a poesia
Altos vôos menea.

Em Sonhos de ventura mago encanto
Nos attráe, nos illude!..
Sonha mil perfeições a alma aquecida
No fogo da virtude.

N'esse espaço tambem vagaes amigos!..
Pintaes na phantasia
Um astro luminoso, um genio raro
De celeste harmonia.

Julgaes vêr alva estrella, e apenas vêdes
Um metheóro, um lume
Que rapido apparece, e vae sumir-se
Em horrido negrume!..

Sonhaes de um Anjo a face rutilante
A terra illuminando!..
Bondosos o sondaes, de lindas flores
Sua estrada juncando!

Sonhaes, sim, tantos dons; visões tão santas
A mente vos figura,
Por que dos bons os sonhos alumia
Da virtude a luz pura.

Não é Anjo nem Estrella
Essa, que vêdes errando
N'este valle tenebroso,
Dos Céos a luz demandando:

E' vate, mas vate humilde
A quem Deos tem inspirado;
A quem Deos doou um'alma
Que o vicio não tem manchado:

Triste vate, que na fronte,
Onde tenue luz reflecte,
Marcado tem o destino
Que aos eleitos Deos comette:

Destino que teve o Christo
De viver moralisando;
De viver em amarguras;
E de morrer perdoando.

Meu nome... não vale tanto
Quanto dizem vossos cantos!
Talvez em breve extinguido
Só mereça vossos prantos!..

Mas não!.. não morre este nome!
Vós lhe daes perênne gloria;
Vossos louvores lhe outorgam
Louros de immortal victoria.

A' vossa compatriota
Erigis um monumento,
Mais firme que o bronze duro;
De mais puro luzimento:

Qual vos deixo neste canto
De gratidão, e amizade,
Um padrão que durar possa
Quanto dure a eternidade.

27 de Fevereiro de 1850.

D. A. G. Peixe.

Recebemos uma carta anonyma pedindo com o maior empenho a publicação da mesma carta, e de uma decima que em seguida transcrevemos assignada por extenso pelo Sr. Stathmiller, primeiro Redactor da Illustração, Jornal que se promette offerecer em breve ao publico.

Não publicamos a carta porque temos protestado não admittir nesta folha personalidades; mas a Decima ahi vai tal qual nos pedem a publiquemos, e pedimos licença ao Auctor da carta para duvidar da sua exactidão; pois muitas pessoas sensatas nos asseguram que o Snr. Stathmiller é até muito eloquente em seus discursos; e acreditamos que não consentirá que se use falsamente do seu nome, e exclarecerá este negocio; o que muito deveras estimamos para castigo dos que ousam deprimir seus talentos; accusando-o de.. nada menos que assassino da poesia, da orthographia, da logica &c. &c.

—

DECIMA.

Ousaste de mim desconfiar!
E sem provas condemnar-me,
Não podendo disculpar-me,
Será justo condemnar.
Amigo, eu sei amar!
Esta é minha defeza,
Só em ti vejo belleza,
Sem perfumes do encenço
De noite em ti penso,
Quando dorme a natureza.

Manoel Stathmiller de Saldanha.

THEATRO DE S. CARLOS.

Sabbado (hoje) 9 de Março, em beneficio dos Snrs. V. T. Mazoni, e Camarotei-ro do mesmo theatro haverá um dos mais bellos espectaculos. O Snr. Mazoni pai, executará na Rebeca uma brilhante Fantezia de bravura; e seu filho, alumno do nosso Conservatorio executará no piano uma grande Fantezia, Composição de M. Prudent.

Esperamos que o publico concorra não só para favorecer, como costuma, os beneficiados, mas tambem para animar e coroar com seus justos applausos o benemerito Alumno, que pela primeira vez apparece em publico honrando o palco, e a Arte sublime a que se dedicou.

Não precisàmos de Kontski, para que o nosso Conservatorio appresente Alumnos que tanta gloria dão aquelle estabelecimento. Honra seja feita ao digno Professor (o Snr. Xavier Migoni, Director da Eschola de Musica, e Professor de Piano) que sabiamente o instruio, e dirigio; e ao Alumno que diligente aproveitou seus estudos, com tão felizes resultados que nos dá esperanças de ser um dos melhores Pianistas do Mundo.

D. A. G. Peixe.

CHARADA.

Sou parte do navio; — 1
Sou parte do credo: — 2

Dissipo pezares
Com doce folguedo.

J. E. S.ª Mendonça.

—

EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS DO NUMERO ANTECEDENTE.

1.ª — *Gregorio.*
2.ª — *Marmello.*

Estas charadas são do III.mo Snr. B. I. S. França.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

COMPENDIO DE HISTORIA NATURAL DOS TRES REINOS.

Obra utilissima para todas as classes da Sociedade, e especialmente consagrada aos meninos e meninas, que frequentam os collegios d'instrucção primaria e secundaria pelo Pharmaceutico João José de Sousa Telles.

Sahirá todas as semanas uma, ou duas folhas. Preço de cada uma 20 réis. Preço das estampas 60 réis.

TYPOGRAPHIA GRAVIDÃO,
Rua da Precisão n.º 78.

MARÇO 23. 1850. NUMERO 28.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 56, nos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 8; e Carvalho, ao Chiado. — Preços: por mez 20 rs. Trimestre 240. Semestre 420. Anno 960. Avulso 50 rs.
As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escripterio, rua da Conceição n.º 64 á Praça da Alegria. Publicações litterarias e annuarios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias, e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

O ESTADO DE PANAMA.

(Continuação.)

Esta vista cahindo de joelhos, agradeceu ao Altissimo o ter lhe reservado a gloria d'uma descoberta tão proveitosa a sua patria; e alguns dias depois chegou á praia, e desembarcou, armado com a sua espada e escudo, tomando posse em nome de seu senhor, e fez juramentos de lh'a conservar.

Elle voltou por outro caminho a Santa Maria, não sem ter frequentemente combatido. A recepção das suas cartas maravilhou a côrte d'Hespanha. Ella pensou ter finalmente, a chave dos thesouros das grandes Indias aonde então se achavam os Portuguezes. Resolveram enviar tropas a Santa Maria, e ás regiões novamente descubertas, a fim de proseguir o que tão felizmente tinha sido principiado; mas os trabalhos d'America, ou das Indias, erão dirigidos por um d'esses entes malfasejos, aquem a gloria do seu proximo se torna insuportavel, e cuja maior felicidade consiste em torturar os mais nobres caracteres, logo que conhecem que a multidão lhe consagra admiração e respeito: raça infaz que envenena a existencia dos homens de genio, sem se inquietarem com o prejuiso que accarretam á causa publica. Eis pois esse Fonseca que temos visto tão astuciosamente encarniçado contra Colombo, mesmo na vida da Rainha Izabel, sua protectora; o mesmo que persegoio com seu perfido odio o illustre Almirante, até nos seus herdeiros, e que para completar os seus infames artificios, se associou em uma conspiração para assassinar Cortez, assim que elle adquirio uma grande fama.

Fonseca, em logar de dar o commando a Balboa, escolheu um homem sem prestigio, Pedro Arias de Avila (conhecido nas chronicas pelo nome de Pedrarias Davila) Um dos primeiros actos de Pedrarias, foi de impor debaixo do pretexto d'algumas irregularidades, praticadas muito tempo antes n'outros sitios, uma grande multa a Balboa, apesar d'este se achar á frente de quatrocentos e cincoenta homens, promptos a seguillo até ao fim mundo se appressou a submetter-se á sua authoridade. Alguns annos depois quando Balboa se distinguio fazendo novas descobertas, preparando-se a navegar para o Perú, aonde ainda não tinha abordado, Pedradrias, que n'es-

se tempo se tinha reconciliado com elle, e até mesmo lhe tinha dado sua filha, o fez prender e condemnar á morte por seus confidentes, e executar apesar das supplicas dos colonos.

Verificada a existencia dos dois Oceanos, ignorava-se se a America formaria um só continente, ou se seria dividida em diversas massas, separadas por estreitos.

Desde os primeiros annos do seculo decimo, sexto n'um intervallo de quinze annos, desde a principal viagem de Colombo, as descobertas tinham portanto progredido prodigiosamente. Não sómente Colombo, na sua terceira viagem, tinha fundeado na embocadura d'Orénoco, como na quarta, tinha descido ao isthmo, da provincia de Veragua; mas, desde 1497, o filho d'um Venezianno estabelecido em Bristol, Sebastião Cabot, enviado pelo governo Inglez, tinha visitado as nubladas e frias praias do Labrador e em 1498, tinha costeado, desde a bahia d'Hudson, que toca o mar Glacial, até á ponta meridional da Florida. Em 1499 e 1500 o Morentino Americo Vespucio, com João de la Cosa, ás ordens de Affonso de Ojeda, tinhão reconhecido o continente d'America meridional, desde o golfo de Darien sobre a costa de Venezuela e da Guyana, e se tinhão aproximado ao Equador, a ponto de estar unicamente distante tres gráos terrestres, ou 350 kilometros. Em 1500 um dos celebres companheiros de Colombo, viajando por sua propria conta, Vicente Yanez Pinzou indo em companhia de Vespucio tinha tomado posse do Cabo de S. Agostinho, e tinha descoberto a embocadura do rio Amazonas. Era a primeira vez que os Hespanhoes penetravão n'America, neste hemisferio austral, onde da parte da Africa desde longo tempo os navegantes Portuguezes, tinhão alargado os seus dominios.

Em 1500 um dos tres Corte real Francez (*) extraordinario pela sua bravura, e mais insigne ainda por sua dedicação fraternal, tinha feito uma viagem de descobrimento do lado da foz de S. Lourenço do Canadá, para o Rei de Portugal. No mesmo anno um Portuguez, Pedro Alvares Cabral, tinha por acaso descoberto o Brazil, indo ás Indias pelo Cabo de Boa-Esperança, e muitos navegantes fôram depois a elle, entre estes Vespucio, que navegava n'esse tempo por conta do Rei de Portugal. Tinhão se feito algumas expedições clandestinas, e tinhão espalhado muitas noções que achamos consignadas nas cartas Geographicas desse tempo. O rumor popular as tinha engradecido. Principiava-se a conhecer que a criação tinha duplicado, como o disse Voltaire em honra de Colombo, e reconhecia-se emfim que os paizes que se tinhão descoberto erão distinctos da India, da China, e do Japão, apezar de Pinzon e Vespucio estarem persuadidos, como o estava o mesmo Colombo, que tinham perlustrado as costas d'Azia contiguas ao Cathayo (era o nome que se dava nesse tempo ao imperio Chinez na Europa)

Um movel que exerce sempre uma grande influencia sobre as acções dos homens, e sobre os acontecimentos da historia, são a rivalidade, o ciume, e a concurrencia, (estes differentes nomes, representam as differentes cores boas ou más d'um mesmo sentimento), fez com que os Hespanhoes avançassem alem do oueste. No intervallo da segunda á terceira viagem de Colombo, mas em uma epoca que se não póde saber na peninsula Iberica, se não depois que o Al-

(*) O autor d'este artigo vendo as cousas atravez do prisma da Nacionalidade, deseja conferir a um seu compatriota a honra de ter navegado até ás regiões do norte d'America, e affirma que os tres Corte-reaes erão francezes, quando todos nós podemos gloriar de os termos por individuos da nossa terra.

[Nota da Traductora.]

mirante se fez á vella pela terceira vez; um dos homens mais illustres que Portugal vio nascer, Vasco da Gama, tinha descoberto o caminho das Indias pelo Cabo de Boa-Esperança. Chegados deste modo á India d'Alexandre o Grande, a populosa região celebre na Europa pelas suas perolas e especiarias, os Portuguezes se tinham coberto de gloria, e tinham feito conquistas d'onde trouxerão grandes riquezas. Até então pelo contrario, em procura d'essas mesmas regiões os navegantes Hespanhoes, tinham descoberto sem duvida territorios sim vastos, mas cuja importancia politica e commercial era então mui diminuta. Tinham a luctar mais contra a naturesa, que contra os homens, e esta lucta lhes parecia sem gloria, apezar de não ser sem perigos. Encontrarão Tribus pouco numerosas, primitivas e sem civilisação, elles ainda não tinham entrado no Imperio de Montezeima, nem no dos Incas. O bom exito da Corte de Lisboa, perturbava o somno de Fernando, e dos seus conselheiros. Entre os homens atrevidos que então abundavão nas duas nações havia a mesma emulação que entre seus soberanos. O gosto das empresas dificeis, e o desejo de fazer uma fortuna repentina, que hoje é tão forte, mas que então era ainda mais ardente, despertava nos espiritos o desejo de se precipitar no paiz das especiarias, onde então se imaginava, que bastava só curvar se para se adquerir fama e thesouros.

[Continúa.]

D. IGNEZ CARLOTA CASASSA.

AS CASTELLÃS DE ROUSSILLONT.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

—Estais promptos! gritou elle á sua pequena tropa, lançando-se sobre um bello cavallo baio, que campeava impaciente.

—Partamos! respondeo todos viva a santa filha, e o nosso valente senhor Galliot 6.º

— Avante meus bravos, e viva Deos, tratemos severamente os inimigos da boa causa.

Os sons da bozina resoárão por toda a parte, todos se lançarão sobre a explanada com Galliot á sua frente; as armas de aço pollido resplandecião com os raios do nascente sol; a bandeira branca bordada com armas dos condes de Roussillont um leão de ouro em campo azul, fluctuava nos ares cheia pela brisa matinal; os passos dos cavallos devoravam o espaço levantando nuvens de poeira. Toda esta tropa rodeou a montanha, e tornou a apparecer bem depressa em boa ordem no caminho da incosta, que nesse tempo conduzia de Roussillont a Cahors. A condessa em pé com os olhos fixos em Galliot, cuja arrogante figura sobrepujava a de todos os seus companheiros, como um soberbo carvalho excede a todas as outras arvores do bosque, seguio por muito tempo sem pestanejar atravez da folhagem a marcha da cohorte guerreira; e quando esta multidão de homens apenas se via como um ponto no horisonte, e que o penacho branco do elmo de seu filho deixou de se ver molemente balancear nos ares, Francisco cahio de joelhos exclamando:

—Meu Deos! Tende piedade de mim!

Neste momento Esperie que acabava de saber que a condessa tinha subido ao torreão, correo ali a reunir-se-lhe. A vista desta menina a senhora de Roussillont ainda lavada em lagrimas, levantou-se, e abafando os suspiros que lhe opprimião o peito, recobrou immediatamente o seu ar impassivel.

—Descei minha filha hide chamar Joanna, e iremos visitar o vosso jardim, que eu não vejo á muito tempo; ireis depois levar alguns soccorros da minha parte á pobre Catisson que é cega, e cujo filho mais velho acompanhou nosso irmão.

A bella joven surrio-se com a ideia de fazer uma boa acção; correo a chamar a criada, e voltou depressa offerecer o braço a sua mãi.

—As vossas flôres são magnificas, minha filha, disse esta com bondade, quando chegárão ao jardim do terraço, que era aquelle de que esta donzella tomava cuidado.

Esperie muito satisfeita colheu um ramo de rosas brancas, e offereceu-o a sua mãi, que o recusou dizendo-lhe:

—Guardai para vós essas rosas emblema da innocencia, lhe disse ella com certa emoção; e dai-me uma saudade, filha da viuvez unica que ainda me pode convir, porque a sua côr é triste como a minha alma.

A menina obedeceo suspirando; estas simples palavras a tornárão triste, tanto érão

moveis suas impressões, e seu coração sempre prompto a tomar parte nos desgostos d'quelle aquem amava. A condesa acceitou a saudade, e dando um beijo na fronte da menina, deo-lhe uma moeda d'ouro dizendo-lhe:

—Hide agora minha filha, dai este dinheiro a Catiscon e dizei-lhe que óre por vosso Irmão; aqui vos espero.

Esperie acompanhada por Joanna afastou-se saltando de alegria, ligeira como um passaro que deixa o seu ninho; e sua mai sentio um momento de felicidade vendo-a tão graciosa, e tão boa. As devotas, mais socegadas e confiadas em Deos, porque a acção caritativa que acabavam de fazer tinha disposto a seu espirito a pensamentos divinos; um momento depois sentindo-se fatigadas sentam-se por acaso debaixo daquella mesma ramagem de madresilva.

(Continua.)

D. M.ª da A. da Costa Sz.ª Macedo.

POESIAS.

PSALMO Á PAIXÃO DO SENHOR.

Cet arbre, abri des patiens,
Où le vieil univers vint suspendre sa chaine
Sera justifié par la science humaine.
Ainsi que le soleil par ses propre rayons.

J. Reboul.

Céos! que terrivel quadro hoje apresenta
A oppressa natureza
Onde estão Primavera as graças tuas
Quem te offusca a belleza?

Que sol, que ingrato sol te seca as flores!
O sol!... (que estranho caso!)
Elle!... se erguido apenas, já seus raios
Precipitou no occaso!

O sol não: foi a horrivel tempestade,
Que os demonios soprarão!
Delictos infernaes, oh! natureza
Tuas leis transtornarão!

Porèm tu mesmo o dizes suspirando!
Tua dôr nos accusa!
Choras pranto de sangue, e a nosso crime.
Não concedes escusa!

Com véo de luto a face nos escondes!...
Que trevas! que tormento!
Onde o teu manto azul, onde os teus lumes
Sumiste, oh! firmamento!

Quer tragar-nos o mar! O Céo fulmina!...
Oh tremendo conflicto!
A terra treme, a nossos pés abrindo
Um abysmo infinito!

E os demonios sorrindo nos esperam!...
E' o castigo evidente!
Devóra o coração, queima as entranhas,
Remorso, o mais pungente!

Por nossas culpas, tu, o author da vida,
N'um supplicio pereces!
Morres Deos!.... mas tu morres perdoando!
Que exemplo nos offerece!

Do infernal captiveiro tu piedoso
O mundo resgataste!
Ah! paguem nossas lagrimas o sangue
Que na cruz derramaste!

Oh! morte que nos déste a eterna vida!
Tua efficaz memoria,
Da vencida serpente o cólo aterre,
De Christo exalte a gloria.

D. A. G. Pusich.

A REDACÇÃO.

Recebemos, e muito agradecemos a traducção em verso que em seguida publicamos, do Illm.º Sr. M. D. Santos, cujo talento e instrucção reconhecemos em suas mimosas producções, não só em verso mas tambem nos Dramas, e Comedias que tem offerecido a differentes Theatros como já annunciamos na lista dos auctores Dramaticos modernos. Temos a maior satisfação em que o Sr. Santos continue a illustrar as paginas d'este Jornal com suas obras; a que sempre gratos daremos todo o apreço.

ÁS DAMAS.

ANACREONTE — ODE 2.ª TRADUCÇÃO DO GREGO.

(em latim e portuguez).

Offerecido a ... D. A. G. Pusich.

...Redactora da ASSEMBLÉA LITTERARIA.

Cornua tauris, equis

ungulas, pernicita-

tem iepocibus; dentatam voraginem leonibus, piscibus natans, avibus alas, hominibusque animi sensum, natura dedit. Muteribusque autem nihil donavit.

Quid igitur dedit?

—Pulchritudinem nempe; proloco clypeorum jaculumque omniam. Quia, si pulchra sit, ferrum et ignem vincit.

Aos touros os *chifres* duros
A natureza doou;
Aos cavallos *cascos* puros
Favoravel outorgou:

A's lebres a *ligeireza*
Providente concedeo:
Aos leões co'a *fortaleza*
Nos dentes engrandeceo:

Aos peixes o *nadar* n'agoa
Generosa consentio;
A's aves *voar* sem frágoa
Dadivosa permittio:

E aos homens finalmente
C'o *juizo* sublimou;
Que das DAMAS tam somente
Amesquinha s'olvidou.

Que lhes deu pois a natura?
Qualidade *primorosa*!
Concedeu-lhes *formosura*,
Do que as armas, mais pod'rosa

Porque o ferro e fogo ainda
Vence a DAMA *sendo linda*.

M. D. Santos.

SONETO.

Feito na tarde de 6 Março de 1850 quando no Tribunal se estava julgando a MATRICIDA, e rebentava a trovoada no seu maior auge.

Lizia... amada Lizia... Oh! que tormento!
Não ouves o trovão que já rebrama?!...
Não vês d'espaço a espaço, ardente chamma
Por sobre ti do Firmamento!!

Escuta... como frado agita o vento
O Tejo, que na praia salta e brama!...
Que horror!! Tudo parece hoje reclama
Da horrivel matricida (!) o julgamento.

A filha mais que todas criminosa,
Os membros maternaes tendo espargido (!)
A' terra, ao Mar, ao Ceo é horrorosa.

Para o crime nunca d'antes commettido
Tremenda explicação a mais penosa
Exige o Mundo attonito e offendido.

A ROZA PRETA.

Tenho sido expectador
D'esse exaltado rancor
De poetas combatentes;
Que em frivolo disputar
Vem ás lanças enristar
Pelas flores innocentes.

Por elles equiparada
A rosa branca e encarnada
Foi no azulado céo;
Em batalha decidida
Travaram lucta renhida;
Envoltos em negro véo.

Tambem eu vou campear...
Protesto que hei-de arvorar
A bandeira vencedora;
Deixar-vos-hei derrotados,
Paladinos esanhados
D'essas damas de uma hora

Rosa branca e encarnada
São flores, não valem nada
No conceito de um guerreiro;
Rosa amarella é na liça
O retrato da preguiça,
Protótypo Brazileiro.

Eis-me aqui mantenedor
Da Roza de negra cor ....
Não combato por chimêras;
A minha Rosa querida
Aspirou auras da vida
Mais de trinta primavéras.

Eia! a luva erguei do chão!
Não ouseis rir da ficção!
Rosa preta é realidade,
Mais digna de vossos cultos
Que esses poderes occultos
Por quem jurais lealdade.

...

Preta Roza, tão presada,
Que na infancia descuidada
Me alimentou carinhosa!
Hei-de votar um tropheu
Ao disvelado amor seu,
Mais puro que a branca rosa.

Este canto é mago e santo,
Como o é da noite o manto,
Que o Creador matisou.
Ao ver pugnar pelas rosas,
Carpi epocas ditosas,
Que o destino anniquilou.

Eulalio de Mendonça.

ROSA BRANCA E ROSA ENCARNADA.

Quem são esses campeões
Da sua vermelha rosa?
Quem são esses que se occultão
Em lide tão affanosa?

Cavalciro que renegas
Esta patria em que naceste,
Cavalciro que assim trocas
O nome que recebeste, —
Não sabes tu Cavalleiro
Que mais feio porte é este?!

Rosa branca diz pureza,
Diz pureza, diz candura,
Rosa branca é formusura,
E da côr da naturesa. —

Quando entre sonhos ballouças
Ai nunca viste a sonhar,
Um Anjo puro de Deus,
Anjo puro sem peccar?!

Ai nunca, nunca uma fada,
Nos seus jardins reclinada,
Viste em sonhos cobertada
D'alva cassa transparente
Sorrir só a brisa innocente?

Em combate aguerrido não posso
Ai não posso campeão t'esmagar;
Que meus annos são só que m'o impedem;
Mas á penna cá estou p'ra te esperar,

Cavaleiro da rosa vermelha
P'ra que encobres teu nome de um véu!
Portuguezes não negam a patria,
Esta patria de limpido Ceu

Cavaleiro da Rosa vermelha
P'ra que tomas um nome passado?
Antes faze que o nome que é teu
Seja igual ao Magriço esforçado.

Cavaleiro se tens em teus brios
Uma Dama por quem pelejar,
Uma Dama tambem eu já tenho
Por quem heide invensivel pugnar.

Cavaleiro da rosa vermelha
Ca'te espero... aqui estou sem temer!
Que heide sempre em combate o mais duro
Rosa branca!.. bradar, té morrer.

J. C. Machado. (14 annos)

A UMA ROSA AMARELLA.

Desabroxas linda rosa
Como o sol da madrugada,
Doirada veste te cinje
E de esmeraldas bordada.

Fulguras no meu jardim,
Como no ceu uma estrella
Leda como ella te ostentas;
E's tão formosa como ella.

Plantei-te, dei-te lugar
No meu jardim n'um recanto,
Para contar-te os meus mules,
Para regar-te com pranto.

Para dizer-te que és bella,
Como a joia apreciada;
Para contar-te as saudades,
Que tenho da patria amada;

Para intreter-me comtigo,
N'essas horas d'anciedade;
Comtigo fiel amiga,
Em quem só vejo amizade;

Escolhi-te entre as mais rosas
Minha grata companheira,
Que tens as cores que vejo,
Na minha patria bandeira,

Tens a cor do grande idolo,
Que venera o mauritano,
Lembras Deus, e a minha patria,
És a melhor não me engano:

Que a vermelha lembra sangue,
Tenho horror á cor que tem,
Tu lembras o sol que amigo,
Bem fadar os campos vem;

Alegras o meu jardim
Como o sol alegra o dia,
Dissipas da minh'alma,
As vezes negra agonia:

Decantar quizera a branca
Que o branco nos lembra paz,
Mas a paz que é d'ella? Foi-se:
Só dor no meu peito jaz;

Que aonde o tormento mora
Haver paz não póde ser;
Vai-te rosa cor de pérola,
Que mais me fazes soffrer:

A cor de rosa é mui linda,
Mas em tantas mãos a vejo,
Que em minha lyra vibral-a
Nem uma só vez desejo,

Vibrar hei-de na lyra,
A minha rosa amarella,
Minha rosa brazileira,
Minha rosa côr d'estrella,

A ti só, que és cor do idolo
Que venera o mauritano,
Lembras Deus, e a patria minha,
És a melhor, não me engano.

D. A. L. Cabral Teive.

A ROSA ENCARNADA.

Quando sorria a Natureza,
Em risonha madrugada,
Um amor fulgura accesa
D'Aurora a face rosada;
Essa angelica belleza,
Da mulher immaculada,
Diz: que nada se semelha
A gentil rosa vermelha.

Minha rubicunda rosa,
Minha odorifera flôr,
Quanto és bella, magestosa
Na fragrancia, no rubor!
Es a bella mais formosa
Na pureza, no candor
Es emblema da ternura,
E da virginal frescura!

És da natura o primôr,
Do vate a electricidade,
E musa do Trovador!
És da candida amizade
Mimoso terno penhôr!
Es minha felicidade!
Tu já vives no meu peito,
E's o meu amor perfeito!

Augusto Pio dos Santos.

Este Jornal tem assaz provado o quanto detestamos a critica, e os sarcasmos: e o quanto estimamos animar os talentos, e ter occasião de fazer justiça ao merito, não poupando louvores, que satisfeitos prodigalisamos a quem os merecer; já se vê que só obrigados por deveres de cevilidade; para evitar que se uze sse falsamente de um nome, embora seja em verso (pois os versos acreditam e descreditam os nomes) é que publicámos a Decima que nos enviaram como obra do Sr. Stathmiller declarando então que não julgavamos ser obra aquella d'este cavaleiro e omittimos a carta que acompanhava a Decima por nos parecer injusta. Em seguida publicaremos a carta do Sr. Stathmiller declarando não ser sua essa Decima; e ao mesmo tempo recebemos o original da mesma Decima em carta selada com o sinete das armas do Sr. Stathmiller, pedindo-se-nos esta publicação, por quanto o auctor da primeira carta a tal respeito resente-se das nossas duvidas!.. Converte-se em polemica este negocio; e por conseguinte declaramos a S. S.ª que este Jornal não é campo de polemicas; carecemos dos pequenos espaços da folha para assumptos de instrucção; desenvolvam lá essa questão como lhes aprouver; que nós não duvidaremos dizer ao Sr. Stathmiller onde está o original da tal Decima que lhe querem attribuir. A cousa em si é tão insignificante que não vale a pena de entreter o publico com isto, quando tantas cousas e tão serias reclamam a nossa attenção! Talvez essa Decima fosse feita por um mero divirtimento, e por isso muito de proposito a fizesse assim o cavaleiro que a assigna, o nem já de tal se lembre! Seja ou não sua, o que entendemos é que o melhor é não dar importancia a bagatellas.

... Sr.ª — Tendo lido o N.º 27 do Jornal de que V... é tão digna Redactora, bem como aquillo a que chamão decima, e satisfazendo ao artigo que sobre tal objecto me diz respeito; devo declarar a V... que é falsissimo, e que o anonymo, nem ao menos sabe as letras com que o meu nome é escripto; pois que o soletrar com *th*, o que assás demonstra o pouco conhecimento que tem de mim.

Rogo a V... queira incerrir no seu numero immediato esta minha declaração, visto ter mandado publicar o meu nome n'um sentido tão pouco honroso.

Aproveito esta occasião para pedir a V... queira dispor do prestimo de quem é
De V... mt.º att.º venerador — Manoel Bathilliler de Sald.ª e Albuquerque — Lx.ª 17 de Março de 1850.

EDUCAÇÃO.

Madame Catharina d'Andrada propõe-se a abrir um curso de inglez e francez, tres vezes por semana alternativamente, para as senhoras que quizerem aproveitar-se deste meio para se aperfeiçoarem no estudo destas duas bellas linguas: o preço ha de ser extremamente modico.

Madame Catharina d'Andrada pela sua longa permanencia em Paris e Londres, julga-se em situação de ser util ás pessoas de distincção que apreciam os estudos litterarios. Recebe tambem pensionistas e dá em sua casa na Rua direita do Loreto N.º 56 lições d'harpa e piano.

Madame Catharina d'Andrada approveita esta occasião para agradecer a todos que lhe prestaram o seu auxilio no seu concerto de 21 de Janeiro, auxilio que será sempre para ella um motivo de reconhecimento profundo.

Em outros numeros desta folha temos implorado ao publico attenção em favor de Madame Catharina d'Andrada, digna por tantos titulos da nossa estima, e consideração: o publico já deo a mais evidente prova de contemplação, e benificencia em favor d'esta Sr.ª, auxiliando-a no concerto que teve lugar em a noite de 21 de Janeiro ultimo; e esperamos que não menos a favoreçam agora na louvavel resolução que tomou de empregar seus dias em honra da illustração.

O Sr. Vicente Bianchi, celebre professor de Rebeca tem offerecido no theatro de S. Carlos varios concertos, e enthusiasmado o publico, recebendo por isso distinctos applausos. É sem duvida eximio na sua arte! Não é possivel de uma Rebeca extrair sons mais doces, mais tocantes ao coração, mais harmoniosos! Exerce grandes difficuldades, imitando muitas e differentes vozes humanas em uma só corda, e tudo com a maior destreza, engenho e naturalidade! Arrebata a suavidade que elle infunde n'aquelle instrumento que dóma, e anima prodigiosamente.

Apresenta-se com a degaidade, e desembaraço de um Artista Cavalheiro, acostumado a tocar em publico nas grandes capitaes da Europa, aonde, assim como nesta côrte, tem sido o seu merito devidamente applaudido.

Consta-nos que se acha em Cadiz, proximo a partir para Lixboa outro igualmente excellente Rebequista e Compositor de Musica, o Sr. D. Bassini.

Os quatro Irmãos Americanos appareceram duas noites a animar o palco em S. Carlos, com os seus jogos Icarios, e Aereos, em que exerceram grandes difficuldades; e com muita graça, augmentada esta pela circunstancia de serem tres dos representantes ainda pequeninos, principalmente o palhaciubo, que apenas conta cinco annos! Foram applaudidos com enthusiasmo. Retiraram-se para o Porto, mas esperamos que voltem a esta capital; segundo as noticias que temos.

(D. A. G. Pusich.)

ANNUNCIOS.

Uma Senhora muito prendada, que sabe bordar d'ouro, prata matiz, e tocar harpa e piano, sabendo perfeitamente musica, por suas circumstancias se propõe a dar lições por modico preço; quem quizer ajustar-se poderá dirigir-se á rua da Prata n.º 202, das 3 horas da tarde até ás 7.

Erratas do n.º antecedente, na poesia — A Rosa Branca — do Illm.º Sr. M. D. Santos.

Na epigraphe em logar de valor, leia-se — alvor. — Na 7.ª estrophe em vez de Tua cor candida, leia-se — Que tua cor candida e pura. — Na ultima quadra onde diz, Exultando jurei firmamento, leia-se — E exultando ju ei firmamente.

Explicação da charada do N.º antecedente. — Recreio.

TYPOGRAPHIA CHARIDADE.
Rua da Precisão n.º 72.

ABRIL 6. **1850.** **NUMERO 29.**

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 81 e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

A PASCOA.

Pascoa quer dizer *passagem*.

Em dia de Pascoa celebra a Egreja a memoria da Resurreição de Jesus Christo, isto é, a sua passagem da morte para a vida.

Na verdade a Pascoa é a festa das festas, a solemnidade das solemnidades, a maior de todas as festas.

Porque no dia da Resurreição de Jesus Christo, consumou-se a grande obra da redempção do genero humano; n'este glorioso dia Jesus Christo triumfou de todos os poderes da morte, e gosou dos troféus de suas gloriosas fadigas.

Jesus Christo desde o seu nascimento até á sua morte passou uma vida toda cheia de fadigas e trabalhos. Sendo Deus, isto é, Senhor Supremo de todo o universo, e Creador de todas as cousas, revestiu se da natureza humana, e nivelou-se com o menor de todos os homens: nasceu n'um pobre e humilde presepio, toda a sua vida viveu pobre, e sujeito a muitas privações; caminhando de cidade em cidade a ensinar os homens a amarem a Deus sobre todas as cousas, e aos outros homens como a si mesmos; tratou egualmente ricos e pobres, mostrando sempre mais agrado aos pobres, e disse que era mais facil entrar um camello pelo fundo d'uma agulha que salvar se um rico — que terrivel sentença para os ricos!

Escolheu para seus apostolos, para principes da sua Egreja, uns pobres e humildes pescadores; aos quaes, na noite da grande Cêa, humildemente lavou os pés; pouco tempo depois d'este acto de humildade, padeceu no horto das oliveiras as mais horriveis agonias, chegando a suar sangue! No mesmo horto foi entregue aos seus inimigos por um de seus apostolos chamado Judas Iscariotes; depois de preso foi conduzido de tribunal em tribunal, sofrendo com a maior paciencia todo o genero de insultos, injurias, e crueis supplicios, finalmente morreu sobre o patibulo da cruz pedindo perdão para os seus proprios inimigos!!! Oh! que admiravel exemplar temos em Jesus Christo nosso Deus, nosso Redemptor, nosso Legislador, nosso Mestre, e verdadeiro Senhor dos Céus e da terra, desgraçado d'aquelle que deseja, ama, e busca o que Jesus Christo despresou.

Ao terceiro dia resuscitou dos mortos, segundo estava vaticinado á muitos seculos.

Appareceu aos seus Apostolos por differentes vezes, e lhes mandou que propagassem a sua Doutrina, e estabelecessem a sua Egreja por toda a terra, não com o ferro, e fogo, mas sim com a prégação e bons exemplos.

Que admiravel obra! Doze pobres e humides pescadores, sem riqueza, sem representação, sem força, sem estudos, confundirem os imperadores, reis, grandes, e philosophos, que com todo o genero de tyrania

e sophismas, queriam sustentar a crença dos falsos deuses.

Em fim a Religião de Jesus Christo triunfou da idolatria, apesar das crueis perseguições dos potentados, e dos sophismas dos philosophos.

E ainda haverá quem duvide da verdade e divindade da Religião de Jesus Christo?

Uma das rasões mais fortes para nos convencer da divindade da Religião Catholica: é a incomprehensibilidade de seus Mysterios.

Outra rasão não menos forte para nos convencer da mesma verdade: é a pureza e austeridade da sua moral. Ella nos impõe as obrigações mais severas, e mais extensas para amarmos a Deus sobre todas as cousas, e aos homens como a nós mesmos.

Ella nos obriga a preferir a Deus a todas as cousas; antes morrer entre crueis supplicios, que quebrar o menor dos seus preceitos. Ella determina que sejamos sóbrios, pimiamente honestos, humildes, agradaveis, officiosos, caritativos, que perdoemos as injurias, e façamos bem aos que nos fizerem mal.

Que moral! Quanto é sublime! Quanto é santa! Contrafazer-se sempre, refrear as paixões, e isto debaixo da pena de ser eternamente desgraçado! Homens poderiam persuadir esta moral aos outros! Não.

Isto não é obra dos homens, só pode ser obra Divina.

J. A. de Figueiredo.

POPE NO TUMULO D'EMMA.

CONTO PHILOSOPHICO POR MR. VILLETERQUE, TRADUZIDO DO FRANCEZ POR M. F. CORREA.

Atravessava este celebre poeta o cemiterio d'uma aldeia, e um tumulo collocado alli de novo lhe deu na vista, pela modestia e singeleza da construcção, porque em nada se assemelhava a esses mausoléos erigidos pelo orgulho, e pela vaidade dos grandes da terra. Considerou-o attentamente, e caiu n'uma profunda melancolia. Enrolava entre os dedos um papel, no qual tinha acabado de escrever os versos mais satyricos da sua Dunciada.

Um momento depois rasgou-os, e deitou os pedaços sobre o tumulo. A vida é muito curta, disse elle, para que a odiemos e nos vinguemos sem remorsos. A satyra é semilhante á flecha que vôa nas trevas, ameaça o perverso, e fere aquelle que o não é.

O odio é a podridão da alma, gasta a vida, e apressa momentos que não se gosam, senão quando se succedem.

Desgraçados d'aquelles a quem este cruel sentimento envenena a existencia: atravessai um cemiterio, parai junto d'um tumulo; o ar que ahi se respira purifica as idéas; ahi, acredita-se no futuro; annos que ainda não existem vos separam d'aquelles a quem aborreceis, é ahi que o pensamento se esclarece, mas de longe. Aqui, dizia Pope, olhando para o tumulo, dentro d'esta sepultura singella repousa um ente semelhante a mim: ante-hontem, respirava, fallava, e pensava, hoje tudo se acabou; o sentimento não animará jamais esse corpo cujas fórmas existem ainda, mas que deixou de existir: é ahi onde tudo se acaba, amor, belleza, suaves prazeres que destruis a vida embellezando-a, ternas affeições, a felecidade de ser amado, tudo... Mas qual é a duração da existencia, para que d'esta sorte nos faça esquecer do seu fim, e faça com que toleremos para a noite de cada dia, este pensamento de cada instante: acabou este dia, esta porção arrebatada á minha vida; acabou como se seculos me separassem d'elle, comtudo é contado no deminuto numero dos que me são destinados, e não se conta com o tempo duas vezes! N'este momento uma joven saiu d'uma casa visinha: era linda como se pode ser aos dezeseis annos, a pallidez do rosto dava á regularidade de suas feições uma certa expressão affavel, e sentimental; sua encantadora cabeça um pouco inclinada para diante, com esse silencio proveniente *da necessidade d'amar, e essa ingenuidade do sentimento que não teve tempo de nascer*: pode-se dizer tudo com uma fisionomia d'estas; as expressões mais vivas de amor occultam-se a maior parte das vezes, com o vêu da innocencia; ainda se não dizem e já se conhecem. Trazia na mão flores que deitou sobre o tumulo.

Pope pensou no seu epigramma rasgado: a homenagem era a mesma: começa-se a amar cessando d'aborrecer. A joven reparou que Pope se aproximava d'ella, olhando para o tumulo: Quereis saber lhe disse ella... e os olhos se lhe enchêrão de lagrimas. Aqui jaz Emma e Lower. Eu vou dizer-vos o que acabo de ouvir neste mesmo instante. Emma e Lower deviam desposar-se ante-hontem: seu consorcio foi adiado para o dia seguinte, mas esta palavra pertence á esperança, e não á vida.

O relogio acabava de dar sete horas, e já se ouvia pelo outro lado do muro do parque os balidos das ovelhas, que os pastores conduziam á aldeia... apressemo-nos, diziam elles, que uma terrivel tempestade se prepara. Emma olhou para o céu, e vio-o coberto de espessas nuvens: o trovão rebomba, a chuva começa e redobra; Emma e Lower não tiveram tempo de chegar a um dos pavilhões do jardim. Os dois amantes estavam então proximos d'uma gruta situada na extremidade do parque, a mais affastada da casa, Lower alli conduziu Emma. Como este dia se passa lentamente! lhe dizia elle, o de ámanhãa não chegará? Ámanhã nós seremos unidos, e cada instante de hoje me parece um seculo decorrido entre nós.

Oh! minha amada! roubemos um dia, um só ao porvir: grinaldas de flores enfeitam o altar que deve ámanhãa receber nossos juramentos, algumas flores de mais, apenas se distinguirão, e algumas de menos o embellezarão mais; offereçamo las hoje ao amor.

Emma inquieta, perturbada, indecisa, queria resistir-lhe, fugir-lhe; mas escutava-o tremendo, comtudo escutava-o, e não fugia. Felizes amantes! collocados ambos á entrada da gruta, que uma espessa folhagem parecia querer occultar ao dia, elles esqueceram as horas... é assim que se goza d'ellas. A chuva cai em torrentes, e não se podia sair. A noite aproximava-se, e a gruta estava já tão escura que se não viam um ao outro, senão quando os relampagos alli faziam penetrar o seu clarão pallido e assustador. Emma tremia, e se abraçava a Lower, e Lower para a animar lhe prodigalisava as mais ternas caricias. Oh! minha mãe! exclamava Emma, que inquietação não deve ser a tua! Cobra animo, lhe dizia Lower, a tempestade vae cessar, eu te conduzirei junto de tua mãe; abraçando-te ella esquecerá os instantes passados sem te ver, e eu, oh! minha amada! jámais os esquecerei. Ámanhãa tua mãe me entregará a minha Emma; ámanhãa os doces cantos do hymineu se unirão aos mais suaves juramentos, e á lembrança do amor; ámanhãa... Um trovão rebomba, o raio rebenta, cahe.

(*Continúa.*)

M. F. Correa.

POESIAS.

Rogamos ao Ill.mo Snr. Augusto Pio dos Santos desculpa de não ter publicado em o n.º antecedente, o seu lindo Soneto á Paixão de Christo, que em seguida hoje publicamos: — a Redactora não redigio o n.º 28, nem lhe deixaram vêr as provas do mesmo, pelo estado em que estava de gravissima enfermidade; e o peor é que até o impressor estragou a folha, segundo agora vêmos! As poesias do Snr. Pio serão sempre muito estimadas por nós, já pelo seu merito, e já por que sabemos ser grata á distincção, que este Cavalheiro faz do nosso jornal dando-nos suas producções poeticas; por quanto S. S.ª tendo além de seus conhecimentos mathematicos, em que muito se distinguio, grande propensão para fazer versos, é um pouco perguiçoso em poetisar; e faz mal, por que deve aproveitar seus talentos; e nós lhe pedimos que se entregue mais assiduamente á encantadora, e suave applicação da poesia, que será o realce das bellas qualidades moraes que distinguem o seu elevado espirito.

D. A. G. Peixe.

Á PAIXÃO DO SENHOR.

SONETO.

Eterno Pai! que horror!.. que pranto corre
No sacro, lacrimoso, infeliz Horto!
Lá jaz o Redemptor... e sem conforto
A Virgem Santa Mãi, q'em vão soccorre!

A guarda (os assassinos) que discorre
Em torno do Sepulchro, onde está morto,
Já pasma horrorizada!.. vendo absorto
O mundo em negras trevas, que precorre!

Mas tu mesquinha, miz'ra, christandade
Não vês, contricta, em luto a Natureza
Cantar de um Deos paterna caridade?!

Ah! quebra esse grilhão da vil fraqueza!
Adora ao Redemptor da humanidade.
Suplantando a immoral fallaz bruteza!!!

Sexta feira 29 de Março de 1850.

Augusto Pio dos Santos.

PAIXÃO, MORTE, RESURREIÇÃO.

Destinado a morrer para salvar-nos
Do infernal captiveiro,
Astro dos astros, em Bethlem raiaste!
Christo! Deus verdadeiro!
Na terra onde nasceste, á paixão tua,
Senhor, principio déste!
Creceste; e a lei Divina proclamando,
Ira insana te investe
Dos tirannos da terra: sempre em balde,
Mas eis a hora terrivel
Sôa escripta, por ti, ao teu suplicio!
Tu, Senhor, invencivel,
Te deixas-te vencer! o osculo impuro
De Judas, suportando,
Discipulo venal, que assim se perde,
Por oiro a alma trocando!
Jesus, meu bom Jesus, tu vês a morte
Dos homens merecida,
E a sofrêl-a te off'reces resignado!
Na final despedida
Sacro penhor deixando á humanidade
De teu amor paterno!
Teu corpo, e o sangue teu, na cêa extrema
Que déste, oh! Rei superno!
Assim purificando os peccadores,
Te entranhaste nas almas!
Assim deixando a terra nos entregas
De teu martyrio as palmas!
Ao Pae Celestial oraste no horto,
Depois da sacra cêa,
Com tanta dôr, que teu suor divino
A terra purpurêa!
Sangue adorado! precursor d'aquelle
Que no Golgotha déste!
De impios judeos te cerca abjecto bando,
Tu, meu Deus, os soffreste!
Tu, meu Deus, que podéras n'um momento
No abismo confundil-os!
Prisão, tratos, e injurias tolerando,
Não, quiseste impedil-os!
De mil tormentos sustentando o peso,
Até a cruz suportas!
Teu supplicio affrontoso condusindo
Saes de Sião as portas.

Ao supplicio Jesus se encaminha,
E na turba que insana o vae ver;
Como geme innocente rolinha,
Voz divina se escuta gemer.

E' a Virgem, a Mãe dolorosa,
Que ao encontro do filho voou!
E' seu rosto gentil fresca rosa,
Que um orvalho nocturno aljofrou!

Lá se avistam! que dôr! que amargura,
Póde a dôr d'esta mãe igualar!
Sangue, e pranto correndo á mistura,
Vão a terra culpada innundar!

Outro pranto! outros ais redobrados!
São as filhas da triste Sião!
«Sobre vós, sobre os filhos culpados,
Diz Jesus, pranteae-i, por mim não.»

Eis o Golgotha! oh! monte Sagrado,
Onde vaes expirar, meu Jesus!
O teu corpo divino, chagado,
Se levanta pregado na Cruz!

Essa c'rôa, que soffres, é emblema
Que aos monarchas do mundo faz vêr
Os espinhos do regio diadema,
Quanto custa o seu pêso suster.

Sêde tens, e os algozes tirannos
Fél amargo em vez de agua te dão!
Tudo soffres a bem dos humanos!
Oh! tormentos! Oh! Cruz! oh! paixão!

Expirando por nós, Deus piedoso,
A Maria por filhos nos dás;
Esse calix bebendo amargoso,
Teu espirito exhalas em paz!

Contra os vivos os mortos se ergueram!
Negra sombra o universo enluctou!
As entranhas da terra gemeram!
Foi n'ess' hora, que um Deus expirou!

Prantêemos, fieis, recordando,
Quanto Christo por nós padeceu!
Nossa dôr, nosso pranto offertando
Ao Senhor que o seu sangue nos deu!

Nossas almas sepulchro sagrado
Nós devemos a Deus preparar:
E por mirra a seu corpo adorado
Da virtude o perfume offertar.

Virgem pura! na tua saudade,
Da soidão no cruel amargor
Ouve, acolhe a fel christandade,
Que te chora, e acompanha na dôr.

O mundo nas trévas:
Na dôr, na agonia!
Morreu a alegria!
Jesus expirou!....

Já frio, sem vida,
Seu corpo adorado
De pranto banhado,
A' terra baixou!

Silencio!... que vejo!...
Que luz portentosa!...
Da campa ditosa
Um astro se ergueu!

Oh! terra, alleluia!
Jesus resuscita!
Oh! morte bemdicta,
Que a vida nos deu!

D. A. G. Pereira.

AO BENEMERITO MARECHAL DUQUE DE SALDANHA.

CULTO AO MERITO.

A ti nobre Saldanha, a ti meus versos!..
A ti que sobranceiro a fronte elevas,
E assomas qual no espaço, astro fulgente
Illuminando as trévas.

Resplandeces em Lisia, as trevas doiras
Dos horrores fataes que nos circundão!..
Anjo de paz!.. dessipa as tempestades
Que o patrio solo inundão!..

Mas que negro vulcão sanguineas lavas
Sobre a honrada cervis despede ousado?!
Tenta crestar-te os louros, e abater-te
O braço denodado!

E' da sorte um revés!.. do inferno as iras!
A inveja aos passos teus raios dardeja;
Mas nem hade impedil-os, nem roubar-te
O laurel que vicêja!

Honrosa estrada segues; o infortunio
Realça a gloria tua, heroe sublime!
Tua resignação quanto é louvavel!..
Quanta grandeza exprime!

Diz que essa intima angustia respeitavel
De que isempta não póde ser tu' alma,
Te alcança tropheus mil!.. é da virtude
A mais brilhante palma!

Tu, q chamado á patria (*) em lucta horrivel,
Aplacaste o furor que não moveste;
E o Throno de Maria sostentando
A paz restab'leces-te!..

N'esse campo onde irmãos em guerra viste
Não venceste co' a espada tão sómente!..
Foi teu braço invencivel; e a bondade
Em teu peito imminente!

Nos contrarios amigos grangeaste
Que te augmenta a desgraça!.. Eia respira!.
Tens da Nação o culto, a dor sublime
Quanto a virtude aspira!

Não só dos teus as affeições acolhe,
Mas tambem de um partido, ao teu contrario
Que não sabe ser vil, e que o heroismo
Ama té no adversario!

Exulta pois! o calix amargoso
Que pacifico esgotas, quando a terra
Do Christo solemnisa os soffrimentos,
Alto misterio encerra!..

Philosopho, e christão! oh! não succumbes!.
Tens voto universal; e a lusa historia
Pagina de oiro ao Nome teu destina
Em perenne memoria.

16 de Março de 1850.

D. A. G. Pereira.

POESIAS INEDITAS,

DEDICADAS Á ESPOSA DO ILL.mo SR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, EM JANEIRO DE 1846, PELO ANNIVERSARIO NATALICIO DO EXIMIO POETA.

I.

Perdoa-me, do bardo espôsa illustre,
Se profanos cuidados
Olvidar me fizeram, conjurados,
Do Nume teu o lustre.

Escrava de severos pesadumes,
No vestibulo sacro
Não depuz das paixões o simulacro,
Não te offertei perfumes!

(*) Em 1846.

Tarde, e bem tarde, vem, damado o pejo,
Em horas esquecidas,
Da vate sob as mãos entorpecidas
Vibrar-se ignoto harpejo!

Se um dia despontasse, em que propicia
Me bafejasse a sorte,
Ver-me-ías honrar de teu consorte
A festa natalicia.

Nove das minhas virgens innocentes,
Côr de neve trajadas,
Donzellas do Permesso figuradas,
Levar-lhe-iam presentes.

Nove beijos de candidas meninas
Jubiloso acceitára;
E a mais gentil na fronte lhe ajustára
Diadema de boninas.

Viste do inverno a catadura fera
Sorrir-te nesse dia;
Seus primores, candor, e louçania,
Vestiu-lhe a primavera.

Quem taes mimos colheu da Natureza
Não carecia o vulto
De estro não já noviço, mas inculto,
Vencido de tibiesa.

Por ti, mãi carinhosa, e diligente,
Cravar eu tenho ousado
No vêo denso do thálamo sagrado
A vista reverente.

Musa do bardo teu, Musa de amores,
Lhe dás prole copiosa;
E's como inspiração deliciosa
De genios crendores.

Que Esse, que a cada homem recem-nado
Quinhoa dons divinos,
Para os filhinhos teus altos destinos
Se digne haver guardado.

Que uma patria feliz, e pais longévos
Lhes doirem a existencia,
Enlaçados a nobre descendencia
De meritos coévos.

II.

Que me importa que os euros rebramem,
Que emudeçam as aves no ar,
Que os coriscos as nuvens inflamem,
Que abra os amplos abysmos o mar?

Tem o inverno tambem seus primores,
Tem seus dias de mago sorrir;
Folga então de brincar c'os amores;
E em redor lhe entra tudo a florir.

Deixa a praia, onde o nauta suspira
Quando a vaga se quebra em cachão,
Leva as redes, e ao largo as atira.
Pescador que não teme o tufão.

Ao murmurio de arroio ignorado
Que rebenta de agreste alcantil,
Passarinho entre os gelos criado,
Seus gorgeios enceta gentil.

Doidejante fugaz borboleta
Lá revôa em viçoso jardim;
Busca a rosa, a perpetua, a violeta,
A assucena, o junquilho, o jasmim.

Tambem eu, como aos deuses de Roma
Dava incensos e culto a Vestal,
Grato ás auras balsamico aroma
Vou colhêr, para um dom ritual.

Surge explendida tu, meiga aurora;
Vem-me a tímida lyra inspirar...
Primavera!.. Oh vem... quero agora
Mimos teus ao teu vate offertar.

Pelas Musas a hora fadada
Nos diáphanos céos resoou
Em que a mãi de prazer enlevada,
Em seus braços, infante, o apertou!

Hoje, adulto, outros braços o cingem,
Outros labios o beijo lhe dão;
Votos mil de ventura lhe attingem,
Em suave amorosa expressão.

Sua mente radiosa, inspirada,
Nos filhinhos se exalta e revê;
E na terra, a seus olhos vedada,
Dos arcanos o livro abre e lê.

Se o que sinto a lyra copiára...
Harmonias da terra e do ceo
Todas eu para ti cobiçára,
E te dera n'um só hymno meu.

M. J. S. Cantto.

ROSA ENCARNADA.

Cavalleiro! tem esperança!
Has-de vencer a pujança
Do defensor d'alva rosa;
Que diz, ser ella purêsa,
Que tem côr da naturêsa,
Que é de todas mais formosa!!..

Cavalleiro! cavalleiro!..
Cavalga no teu fouveiro,
Lida a pro da rubra flor!..
Combate ao antagonista
Deita a luva; a lança enrista
Na arêna do teu amor!..

Defende sim, a tua rosa
Punicea, grata, mimosa,
Emblema d'amores teus!..
Cavalleiro não descora...
Té sempre á extrema hora...
Cumpre co'os deveres seus!..

Cavalleiro! tem valor...
Pugna pela gentil flor...
A linda rosa encarnada!..
Tão fresca, pudica, e bella,
Qual a face de donzella
Em puro amor inflammada!..

Avante! não descoreis...
Eia! os viçosos laureis
Hão-de a tua fronte cingir!..
Combate a pro da innocente,
Tão serena, e recendente,
Das pételas ao abrir!..

Não é somente na alvura,
Que está escripta a candura,
Leda innocencia, e amor...
Não é só a nivea rosa
Que diz «só eu sou formosa»
Porque tenho puro alvor!..

Eia avante! cavalleiro
Esporeia o teu fouveiro,
Não te queiras descobrir!..
Só depois de batalhar...
Só quando o laurel te ornar,
O elmo levanta a sorrir.

Avante! — Eu pobre donsel
Montar vou no meu corsel...
Vou no combate das flores!..
Vou com audacia, e esperança,
Enristar a minha lança
Pela rosa, meus amores!..

Eu sei tambem pelejar,
Sei defender e pugnar
Pela rubra altiva rosa...
Fui, sou da branca descrente,
Trago a purpurea na frente,
Tão soberba, magestosa!..

Linda rosa rubicunda,
Angelica, pudibunda,
Gerada da mão de Deus;
Sou por ti campeador,
Amo-o teu viço, e pudor,
Adoro-os encantos teus!..

23 de Março de 1850.

Almeida Elanco.

A ROSA ENCARNADA.

Rose, dérobons à l'envie
Le doux secret de notre vie.

Béranger.— Chansons.

Tu dois être la plus heureuse,
Comme la plus belle des fleurs.

M. Bernard.— Ouev. comp.

E's tu, ó rosa encarnada,
Uma lagrima chorada
Por fresca aurora d'abril.
E's linda, és bella, és formosa;
E's essa flor primorosa,
Que encerra bellezas mil.

Nenhuma rosa é mais bella;
Nenhuma assim me revela
Graça tanta, e formosura.
Embora venham cantores
Dizer que a dos seus amores,
E' essa rosa d'alvura.

Digam tambem que é mais linda
A rosa amarella ainda,
Do que a rosa minha q'rida...
E digam mais, se quizerem,
Que o goivo á rosa preferem;
Que a morte prefere á vida...

Que eu sempre a rosa que é minha,
Cantarei como rainha
Das flores as mais mimosas:
E direi ser essa flor,
A que só me inspira amor,
Que é a primeira entre as rosas.

Não m'importa que os contrarios
Em campos imaginarios,
Vão minha rosa insultar...
Não m'importa... que a belleza,
Hade em toda a natureza
Um forte escudo encontrar...

21 de Fevereiro de 1850.

Lopo Fernandes Pacheco
Um dos doze d'Inglaterra.

Á SENHORA SOLLER

NA NOITE DE SEU BENEFICIO.

Flor da scéna, o teu perfume
Embriaga nossas almas:
Em paga cresce, ó florinha,
A' sombra das nossas palmas.

Das palmas que hoje te damos...
Dos louros que tu colheste
Quando os affectos maternos
N'um gesto pintar soubeste!

D'um bello... formoso dia
Tu és formosa manhãa!
A' sombra das nossas palmas
Cresce, — cresce, flor louçãa.

F. P.

O estado de grave enfermidade em que a Redactora está desde Março ultimo, foi causa dos muitos erros, e defeitos do numero 23 d'este jornal, que não poude então redigir, nem rever. — Pede portanto desculpa ao publico, promettendo d'ora ávante encarregar do cuidado de dirigir a impressão, e rever as provas, pessoa mais apta, e intelligente, quando a Redactora se achar impossibilitada de se empregar nos trabalhos que tão gostosamente emprehendeo, e que só em caso extremo deixará; mas esta doença foi tão repentina, e inesperada que não lhe deu tempo a providenciar cousa alguma.

Por esta occasião manifesta o seu eterno reconhecimento aos desvelos de tantas pessoas, Damas, e Cavalheiros, que tão cuidadosamente se tem interressado na saude da Redactora; e igualmente ao intelligente Facultativo, o Ill.mo Sr. Venancio, que a tem tratado, e conseguido quase por milagre salval-a de uma suffocação de sangue que improvisamente lhe rebentou pela boca, pelos ouvidos, e nariz; mas a Mão de Deus, a natural robustez da doente, e o saber, e deligencias do Facultativo tem vencido o maior perigo. O Senhor determinará o que for de sua divina vontade.

B. A. G. Pereira.

ANNUNCIO.

—

MODAS DE LINDAS OBRAS DE CABELLO.

Este estabelecimento mudou-se da rua Formosa n.° 6, para a calçada do Combro, (vulgo Paulistas) n.° 41, 2.° andar.

Cordões lizos, elasticos e arrendados, com passadeiras de ouro, ou do mesmo cabello — anneis com dous corações unidos — alfinetes do peito — cruzes — cadeias de relogio com chapa e argolas de ouro — brincos e collares arrendados, ou lizos, de muitos feitios — fitas lizas e lavradas — pulseiras fingindo uma cobra, com a cabeça de ouro, ou do mesmo cabello; ou lizas, arrendadas, e de outros muitos feitios com feixos de ouro, ôu do mesmo cabello — enfeites para medalhas — flores de varias qualidades — e infinitas variedades de enfeites, tudo fabricado com o cabello que trouxerem as pessoas que fizerem as encommendas, no mais sublime apuro, gosto moderno, preços fixos *e d'uma extraordinaria baratexa.*

N. B. As encommendas para as provincias pódem ter logar, vindo uma pequena porção de cabello, e recommendando-se aos correspondentes enviem as obras em caixinhas de lata.

CHARADA.

Pelos ares corro, e giro; — 2
Tambem vou na procissão — 2
Tambem sou em Portugal
Villa sim, Cidade não.

B. J. S. França.

Erratas do numero antecedente na Poesia' de Sr. M. D. Santos. — AS DAMAS —

	Erros.	Emendas.
(Na dedicatoria)	Offerecido	Offerecida
(em latim)	ieporibus	lepiribus,
"	Mulieribusque	Mulieribus
"	proloco	pro loco
"	jacoloumque	jaculorumque
"	omaiam.	omaium.
"	i pulchra	si pulchra
(em portuguez)	concedeo:	concedeo;
"	E os peixes	Aos peixes
"	A mesquinhe	A mesquinha

Do Soneto — A MATRECIDA. —

No ultimo verso do primeiro quarteto — lea-se —
Sobre ti desfechar do firmamento...

Este Soneto é do Sr. A. A. de Andrade e Almeida.

LISBOA — 1850 — OFFICINA TYPOGRAPHICA;
Rua dos Calleyos n.° 47

ABRIL 20. 1850. NUMERO 30.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavallo, na dita n.º 31; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias e communicados de interesse particular 20 réis a linha.

O ISTHMO DE PANAMÁ.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

Uns, inspirados d'um sentimento mais nobre, embarcavão para ir converter Pagãos e arrancar almas ao Inferno, outros ião procurar uma fonte maravilhosa que tinha o dom de remoçar todo aquelle que se mergulhava em suas agoas. A ambição individual, e a altivez nacional, a sede de ouro, o ardor do proselytismo religioso, a paixão pelo maravilhoso, e os frios calculos da politica, estavão de acordo para lançar o que a Hespanha tinha de mais valente para as costas da America, a fim de penetrarem nas Indias, que se suppunha pelo menos estarem mais perto. Para alcançar este fim, bastava, dizião elles, achar o que então se chamava o segredo do estreito, quero dizer entre as diversas terras descobertas por Colombo e seus rivaes, um braço de mar, que permettisse avançar em linha recta do ouest até *al nascimiento de la especeria*. De 1503 a 1507, preparou se para este effeito uma grande expedição na côrte de Hespanha. Que deveria costear de perto a costa do Brazil, a fim de nella descobrir esse estreito tão desejado, e no qual se acreditava, pelo resultado d'essa illusão que nos induz a tomar nossos desejos, por esperanças bem fundadas. A expedição retardou-se algum tempo, e só partiu de S. Lucas a 29 de Junho de 1508. Reconheceu a costa da America meridional desde o Cabo de S. Agostinho, que segundo temos visto, já está no hemispherio austral até ao rio Colorado, que existe cinco grãos (555 kilometros) além do rio *de la Plata*, mas passou diante da embocadura d'este rio, sem o avistarem. Em 1515, dois annos depois que Balboa vira e tocara no Oceano Pacifico, João Dias de Solis, que tinha commandado com Vicente Yanez Pinzon a esquadrilha de 1508, recebeu ordem de fazer-se á vela para o Sul, a fim de penetrar neste Oceano pelo estreito que sempre esperavam encontrar, e de voltar subindo pelo norte, por detraz d'essa, que se chamava a Castella de Ouro, (que he a parte da Colombia actual contigua ao isthmo,) até que chegasse á altura da Ilha de Cuba. Devia examinar se por alli havia alguns estreitos por onde se podesse voltar. O intrepido Dias de Solis desceu effectivamente ao longo das costas do Brazil, e entrou no rio *de la Plata*, que durante uma duzia de annos teve o seu nome (Rio de Solis) ancorou na Ilhota de Martins Garcia, a respeito da qual tem havido questão nestes ultimos tempos, e foi morto cruelmente pelos indigenas com outo pessoas da sua comitiva. Esta expedição servio unicamente para verificar que a costa firme da America meridional, se estendia sem solução de conti-

nuidade até ao rio *de la Plata*, e podia-se inferir pela viagem precedente de Dias de Solis, com Pinzon, que o mesmo acontecia até ao rio Colorado.

Os Portuguezes valentes, e ainda mais emprehendedores que os Hespanhoes, se é possivel, procuravam pela sua parte o segredo do estreito. As duas viagens de Gaspar Corte Real, uma em 1500, outra em 1501 foram dirigidas para o norte, com o intento de descobrir a passagem do noroeste do Oceano Atlantico para o grande Oceano boreal, que á trinta annos os Inglezes tornavam a procurar com prodigios de paciencia, de coragem, e de habilidade. Quando tendo Gaspar morrido n'esses espantosos mares, o segundo Corte Real, Miguel, fez em 1502 uma viagem com o mesmo intento, mas sem melhor resultado. Em fim em 1517 o Portuguez Magalhães foi a Valhadolid, offerecer os seus serviços á Côrte de Hespanha, e lhe certificou que tinha conhecimento d'um estreito, entre o Atlantico e o Pacifico, pelo Sul. Dizia ter visto consignado sobre uma carta Geographica delineada por um famoso Geographo d'aquella época, Martins Behaim de Nuremberg. Comtudo era uma pessima rasão, por que donde poderia saber Behaim a existencia d'esse estreito? Confiaram todavia uma pequena esquadra a Magalhães, partio, e com effeito encontrou nos fins de Outubro de 1520, o estreito que ainda conserva o seu nome, e entrou no grande Oceano a 28 de Novembro do mesmo anno. Mas esta passagem era mui distante para facilitar as communicações com a Asia, e servio unicamente para conquistar o Chili, e o Perú, e depois estes dous paizes foram colonisados. Além d'isto o estreito era perigoso, e por isto quando foi reconhecido o cabo de Horne por Lemaire e Schouten, mandados pelos Hollandezes, anciosos de penetrarem tambem no paiz das especiarias (1616), foi abandonado pelos navegantes que preferiram fazer a volta d'America do Sul até ao fim.

Exactamente na mesma época em que Magalhães descobrio o estreito, que eterniza a sua memoria, Cortez conquistava o Mexico. Durante a sua passageira amisade com Montezuma, elle o interrogou sobre o segredo do estreito que tanto importava a sua côrte, e na possibilidade de encontrar sobre as praias do Atlantico pertencentes ao Mexico, um ancoradouro menos mão que o de Vera Cruz. Segundo um despacho de Cortez a Carlos Quinto, de 30 de Outubro de 1520, o Imperador Mexicano a seu pedido, lhe deo uma Carta Geographica da Costa, onde os pilotos Hespanhoes reconheceram a embocadura d'um grande rio, que Cortez mandou investigar por Diogo Ordaz. Era o Guasacoalco. Conheceo-se bem depressa que não havia estreito n'este logar; mas verificou-se que entre o Guasacoalco e o Tehuantepe, o continente se adelgaça e apresenta um isthmo favoravel para uma communicação rapida e facil d'um mar ao outro, pelo Guasacoalco e o Chimolapa. Grandes estabelecimentos foram feitos no Tehuantepec. Fizeram-se ahi grandes estaleiros de construcção.

(Continúa.)

D. Ignez Carlota Casassa.

POPE NO TUMULO D'EMMA.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

O dia seguinte já não existia para Emma e Lower. A tempestade tinha cessado, o céu estava sereno; algumas nuvens negras, mas divididas por intervallos esbranquiçados, fugiam para as extremidades do horisonte; um vento fresco; e suave agitava brandamente a folhagem das arvores; a lua espalhava sobre todos os objectos essa claridade melancolica, e fraca cujo encanto se juntava ainda áquelle que nasce do silencio, do repouso, d'uma bella noite. Repentinamente as circumvisinhanças da gruta resoavam nomes mil vezes repetidos d'Emma e Lower. Onde ides terna mãe da bella Emma? Tendo procurado por toda a parte sua filha tão querida, e não a encontrando tinha-se lembrado da gruta.

Mãe infeliz! Um presentimento terrivel a agitava, e parecia dar-lhe azas. Muitos criados com archotes a seguiam com bastante custo; ella chega.

Oh! quanto eu a lamento! Os arbustos que rodeavam a entrada da gruta, tocados

pelo raio ardiam ainda. A mãe d'Emma, tremula, a voz extincta, grita, chama, ninguem lhe responde. Quer entrar, seus joelhos vacillam, e cáe desmaiada.

Alguns criados affastam a ramagem incendiada, e entram na gruta onde o silencio da morte tinha succedido aos suaves murmurios do prazer, a essas palavras que expiram sobre os labios, e renascem no coração, a essas effusões da alma, onde a voluptuosidade mais tranquilla descança na felicidade, respirando a duração d'um futuro que a maior parte nos escapa. Emma estava sentada sobre um banco de relva, com uma das mãos á roda do pescoço de Lower e a outra sobre os olhos; Lower, de joelhos, tinha o corpo e a cabeça meia voltada para a entrada da gruta, e os braços estendidos para Emma, como se a quizesse livrar do raio. (*) Foi assim que os dois amantes, feridos do mesmo golpe, passaram no mesmo instante da vida para a morte; coroados do myrto do prazer, entraram juntos no tumulo.

Dizendo estas ultimas palavras a joven se affastou: Pope já não a via, e olhava-a ainda. Seus olhos se fixaram no tumulo. Ah! não os lamentemos, imitemol-os, possamos nós morrer da mesma sorte. Embellezemos cada dia da nossa existencia de tudo que o dia seguinte promette, e não nos dá sempre. O tempo foge, e se escapa destruindo a vida; é sempre tarde quando queremos recuperar as horas perdidas, para melhor gosar d'ellas. Cada um de nós corre para o futuro, como um passaro atraz d'uma espiga de trigo que o vento leva, e não fazendo caso do campo onde acharia muitas outras em abundancia. O tempo ceifa, e nós respigamos. Imitemos Emma e Lower; empreguemos este dia como se fosse o ultimo.

O dia seguinte filho da vigilia, succede em todos os seus direitos ao tempo, mas é muitas vezes desherdado; uma telha que cahe, um accesso de febre, uma veia que se rasga, o dia seguinte morre com a esperança. Os instantes são nossos, não esperemos pelos annos. O de *hoje* é nosso, acautelemo-nos de o perder, se o de *amanhãa* chega, tanto melhor! é preciso tratal-o como um amigo que o céu nos envia, e festejal-o como se devesse partir nessa mesma noite.

M. F. Correa.

(*) Mr. Pope fez o epitaphio d'estes dois amantes mortos pelo raio, isto deu-me a idéa de fazer este pequeno conto. As circumstancias da morte dos dois amantes são as mesmas: é verdade que aquelles que a precederam são differentes. Os dois amantes de Pope são virtuosos: mas quem se atreverá a dizer que Emma e Lower o são menos porque foram felizes! Se o amor é um crime que de culpados a punir! O raio não seria sufficiente.

(O Auctor.)

POESIAS.

—

Termina em fim a contenda das rosas! A' vista da Rosa Mistica, essa que symbolisa a Virgem Mãe do Eterno, qual será o herege, que ouse sustentar as armas, e não curvar-se ante o sublime estandarte de paz, que se ergue fulgurante nas mãos de uma senhora, poetisa, e christã?!

Nós somos as primeiras a declarar que no campo que franqueámos aos campiões das rosas, não podemos admittir outra batalha de rosas, e reconhecemos triumphante — A Rosa Mistica. — Entretanto para que fraternisem como Deus manda ás creaturas; acrescentaremos ao ramalhete das tres rosas escolhidas pela senhora Canuto, igualmente a Amarella, que foi creada pelas mãos de Deus como as outras; e se menos bella, nos conceitos humanos, nem por isso deixa de ter direitos a ornar o pendão da Mistica Rosa. — Não discorremos assim por espirito de partido nas côres; não; por que posto nos conservassemos neutraes, por ser questão mui leve, e nós não usarmos combater senão mui serio, e decididamente, tinhamos porém, inda que occulta a nossa opinião; e sem offensa das outras rosas; por que de todas as flores gostamos, é-nos mais grata aos olhos a encarnada; e tanto que d'ellas temos em nosso jardim um frondoso bosque, ornado tambem de baunilhas, e martyrios, etc.

Sejam pois coroadas por nós as frontes illustres das Damas, e Cavalheiros que n'esta lide entraram; e pertencendo á senhora Canuto a gloria de conduzir o Sagrado Pendão onde resplandece victoriosa — A Rosa

Mistica — marchem todos a depôr as armas aos pés do Altar da Virgem Mãe, e implorar-lhe o seu divino auxilio em outra batalha onde por motivo sagrado o dever nos chamar.

D. A. G. Peixoto.

ROSA MYSTICA.

Quero a purpúrea rosa,
Tão formosa
Como o arrebol matutino;
Lembra-me o sôpro divino,
Derramado
Do cahos atterrado
Nos áditos profundos,
A germinar os mundos.

Quero a rosa fulgente,
Transparente,
Igual á candida téla;
Lembra-me a empyrea e bella
Salvaguarda
Do nosso Anjo da guarda,
Que nos transmitte affavel
Um sorriso ineffavel.

Deixo a rosa amarella,
Que revella
O pallor da inveja occulta;
Lembra-me a soberba inulta,
A erguer prestes
As legiões celestes
Contra a dextra sagrada,
Que as arrancou do nada.

Tu, rosa, côr das trevas,
Que me enlevas
Da morte em santos mystérios,
Surge, vem lá dos cimérios,
Coroar-me:
Não é profano carme
Que me adêja na lyra;
Mais alto amor a inspira.

A' rosa de Iduméa,
Que em Judéa
Rutilou tão pudibunda.
Co'as auras do Céo fecunda,
Enlaçadas,
Hão de ser consagradas
Estas tres escolhidas,
Ufanas de vencidas.

Salve, oh rosa fragrante,
Radiante
Como o diadêma do Eterno!
Ao teu fulgor sempiterno,
Que a penumbra
Dos planetas deslumbra,
Abatem seus morriões
Das rosas os campiões.

Maria Candyd.

O HOMEM-DEOS.

(poesia sacra: — em quinta feira-maior.)

TOMAI — ESTE É O MEU CORPO.

J. C. (*segundo S. Marcos Cap.º 14.º § 22.º*)

Que assombro, christãos! q augusto mysterio!
Que ao sabio deslumbra, offusca a rasão!
De amor infinito — infindo criterio,
Que o justo avalia na p'renne mansão!
. . . . . .
Christãos! que saudade tão viva, tão forte!..
Mais inda — que amor... q amor de Jesus!
Consagra seu corpo, na vesp'ra da morte,
Legando-se áquelles que o cravam na cruz!!

No peito do homem de Deos emanado,
No peito do homem — origem dos céos,
Não póde amor tanto viver occultado!..
Outorga-se aos homens - tal qual - todo Deos!!

E fica vivendo: — no Golgotha morto!
Na hostia sagrada — em mystico ser!
Qual Deos s'anniquila! — p'ra dôce conforto
Nas almas s'infunde — tal é seu poder!!

Que assombro, christãos! q augusto mysterio!
Que ao sabio deslumbra, offusca a rasão!
De amor infinito — infindo criterio,
Que o justo avalia na p'renne mansão!

Invento celeste! por Deos cogitado,
Que aos homens o liga mais facil assim;
Excelso modelo d'amor extremado,
Que ostenta velado — saudade sem fim!..

E que ha hi na terra que possa offertar-se
Em dôce holocausto, humano sentir!..
Ao homem divino, que veio immolar-se
A Deos offendido — p'ra assim nos remir?!..

Que, — amor e saudade, — na cruz expiando
Os crimes dos homens p'ra a vida lhes dar,
Entrando em si mesmo — seu corpo mudando
Na hostia sagrada lhes quer offertar!..

Em Deos se transforma, portento invisivel!
Das formas de CHRISTO — nenhuma mudou!..
Seu corpo divide, qual ser divisivel,
E o HOMEM DIVINO — jámais se alterou!!..

Que assombro, christãos! q augusto mysterio!
Que ao sabio deslumbra, offusca a rasão!
De amor infinito — infindo criterio,
Que o justo avalia na p'renne mansão!

28 de Março de 1850.

M. D. SANTOS.

TEMOS publicado em alguns numeros d'este jornal poesias do Ill.mo Snr. Sebastião Estacio, sem que tenha-mos podido fazer conhecido, e recommendar ao publico este cavalheiro; porque nos obrigamos a guardar segredo ácerca do seu nome verdadeiro, em quanto durasse a contenda das rosas, em que elle foi um dos mais distinctos campiões; hoje porém que uma feliz inspiração da Snr.ª Canuto veio qual Iris da paz fazer depôr as armas aos pés da Virgem Mãe de Deus; e que o Snr. Estacio, verdadeiro christão, não póde deixar de pendurar sua brilhante armadura, não como vencido pelos homens, mas cedendo á invocação de um Nome divino, tal como o de Maria Santissima; é-nos permittido declarar que, o denodado Lopo Fernandes Pacheco da rosa encarnada é o Snr. Estacio auctor da poesia — Adelina — que em seguida publicamos. Joven de 22 annos; sisudo, e muito civilisado, de elevados sentimentos, ardente imaginação, e mui corajoso; a todas estas qualidades que constituem um cavalheiro, une as mais bellas virtudes que herdou de sua digna mãe; é de uma familia do Algarve, assas conhecida por seus infortunios politicos!.. O Snr. Estacio tem muita habilidade, e gosto para a poesia: nós lhe rogamos continue a exercitar seus talentos poeticos, não obstante haver terminado o combate das rosas; por quanto a penna vêla quando as armas repousam; e emudéce despertando as armas.

D. A. G. PEREIRA.

A ADELINA.

Deitou em vós natureza
O summo da perfeição,
Que o que em vós é sanção,
E' em outras gentileza:

Camões.

Move, Adelina teus olhos,
Vem quebrar esses escolhos
Qu'em minh'alma tu lançaste:
Move esses astros brilhantes,
Move esses dois diamantes;
Que ainda que em giro errantes,
Já com elles me assombraste...

Socega est'alma que é tua,
Que de contínuo fluctua
Sobre o mar do despraser:
Socega-a, Adelina q'rida,
Alma e vida d'esta vida;
Não queiras vê-la perdida,
Perdida por te-querer.

Move essas duas estrellas,
Que na terra são mais bellas
Do que essas que estão no céo:
Verás assim vida minha,
Que és tu sómente a rainha
Que em mim governa sosinha,
No coração que foi meu...

Tu és meu astro querido,
Sentido do meu sentido,
Esp'rança do meu porvir:
E's lirio, acuçena, és rosa;
Na terra és flor mui formosa;
No céo centelha amorosa;
N'est'alma és alma a sorrir.

E's tudo no mundo, és tudo;
Do meu amor és escudo,
Escudo que tod'o-attrái.
Estrella minha és fagueira;
Mulher, na terra, a primeira,
Que poude mais sobranceira
Arrancar de mim um ai...

Na terra, Adelina, és anjo;
Lá no céo serás archanjo;
Em minh'alma, alma de amor.
E's alvo dos meus intentos,
Pompa dos meus pensamentos,
Allivio dos meus tormentos...
. . . . . .
E's tudo p'ra o teu cantor!

Lisboa 4 de Março de 1850.

S. P. ESTACIO M. E VERGA.

Ao Ill.mo Sr. José Frederico de Mendonça, joven cavalheiro, a quem a Redactora deve tantas attenções, e cuidados durante a enfermidade que a acometteo, e a quem agradecemos cordealmente estas provas de seus nobres sentimentos, e sublime educação; pedimos desculpa da demora que tem havido na publicação do seu Soneto; o que tem acontecido pelos pequenos espaços da folha, e grande quantidade de obras, cuja publicação não se podia retardar.

SONETO.

OFFERECIDO E DEDICADO Á ILLUSTRISSIMA E EXCELLENTISSIMA SENHORA
D. M. A. B. P.

Se qual a ti amei, a um tigre amara
Com tanta fé, com tanta lealdade...
Despindo a natural ferosidade,
Um tigre, póde ser que m'afagara.

Talvez a fera d'outro modo obrara,
Porque já nos leões se vio piedade
Imitando o dever da humanidade;
Mas no teu sexo, a piedade é rara.

Julguei qu'eras fiel, qu'eras constante,
Delirio vão da minha fantesia;
Tem solidez maior o fumo errante.

Perdi a minha paz, minha alegria
A morte procurando a todo o instante.
Fujo, aborreço a propria luz do dia.

A's 12 da noute de 15 de Fevereiro de 1850.

J. Frederico da S.ª Marques Dantas Mendonça.

A SORTE.

De que servem vans riquezas
Neste mundo possuir?
De que serve o vão fulgir
Do que se chama nobreza?
Por ventura dão certeza
De não ter penas ou dores,
De não soffrerem rigores
D'um destino mais cruel?
De não tragarem o fel,
Em branda taça d'amores?!

Não: que Deos o homem fez,
Para os trabalhos, p'ra dôr;
Pois que até a mesma flor
Tambem partilha o revez!
Não foi feita a regidez
Só para o pobre, coitado,
Pois que o rico, o potentado
Em opulento viver
Tambem lá sente o soffrer,
Que p'ra todos foi creado!

M. F. Correa.

ACROSTICO.

AO EX.mo CONSELHEIRO BERNARDO GORJÃO HENRIQUES.

Quem preza a gratidão não preza o vicio:
O mortal vicioso é sempre ingrato.
Bucage Tomo II.

Bemquista lá nas eras já passadas
Eximia geração de tronco antigo,
Regando já de sangue o campo imigo,
Na paz fazendo as Leis já respeitadas.

Horas dando ás Musas sempre amadas,
Reverente, piedoso e meigo abrigo
Do pobre, da viuva, e do mendigo!
Outras nunca serão mais decantadas.

Gorjões.. sangue d'Heroes! se a Luza Historia
Vosso nome honrou antigamente
Refrindo acções tão dignas de memoria!

Já tem por nova c'roa florescente
O vosso nome dado eterna gloria
No vosso mais excelso descendente.

A. A. de Andrade e Almeida.

Á SENHORA SOLLER

NA NOITE DO SEU BENEFICIO.

Uma mãe não mata seu filho... morre por elle!

Sentiste-o!... e d'alma ao gesto
O pensamento subiu;
Sentiste a dôr... e o protesto
Contra a mãe que não sentiu.
Mas, se em ti ser mãe foi crença,
Não foi a arte que a sentença
Te ensinara a comprehender;
Nunca do estudo o preceito
Assim te accendêra o peito
Se tu não fôras mulher!

Nem o poeta mais pedia,
Nem tu mais podias dar;
Sê mulher... foste-o... devia
Da mulher a mãe brotar;

Tão natural, como a rosa
Brotando em pompa viçosa
Do melindroso botão;
Tão natural, como tudo
Que não vem d'arte ou estudo,
Mas que vem do coração!

J. DE L.

Á DITA ACTRIZ.

Ah! Suspendei!.. fui eu que perjurei!..
Templo de Salomão.

Salve, sublime Actriz! desempenhaste
Nobre papel de Salomão no templo!!
No teu perjurio, ás mãis que o são em nome,
Dos deveres maternos, dás o exemplo!

Salve, gloria do Palco! eu contemplei-te,
Vi teu pranto cahir, sensivel alma!..
Se o Drama é bom, ou máo dizer não ouso;
Mas tu n'elle alcançaste c'roa e palma;

Salve, eximia Soller! meu canto acolhe!
Teu pranto acompanhei!.. Na desventura
A mim coube-me a palma; a ti no palco:
Iguaes são nossas almas na ternura.

D. ANTONIA L. CABRAL E TRIVE.

Á SR.ª MARIETTA MARINANGELI.

Gentil Marinangéli, Prima Dama
Do palco luz brilhante e portentosa,
A tua doce voz harmoniosa
Summo prazer em nós sempre derrama!

Summo prazer em nós sempre derrama
Teu Canto divinal e deleitoso;
Que o Templo da Memoria cobiçoso
Teu Nome concentrou na eterna fama!

22 de Março

A. P. S.

NOTE.

As trinta folhas do livro
Couberão na minha bolsa.

Ai! que vejo espavorido
Nestas paginas de sangue!
Vejo um povo já sumido,
Rojando no chão, exsangue!..
Vejo mais... um rei tyranno
Regosijando-se ufano
D'esse banquete humaniv'ro...
Mais vira... se pela dôr,
Não rasgasse com horror
As trinta folhas do livro.

Sim rasguei... já não podia
Ler essas phrases proscriptas...
Que na mente se accendia
Lembrança d'outras escriptas
Com terrivel maldição!
Mas para recordação,
Que na minh'alma se embolsa,
Guardo esses restos manchados,
Que pela ira espedaçados
Couberão na minha bolsa.

J. H. D'ALMEIDA BLANCO.

SÓ QUERO SER TROVADOR!..

Deixa-o só n'alta rocha meditando,
Não perturbes o canto ao trovador!..
Zaluer. (*Poesias.*)

Eu não quero ser forte guerreiro,
Eu não quero ser gram potentado,
Eu não quero as riquezas da corte,
Nem o sceptro, nem throno elevado!

Eu não quero milhões de vencidos
Ante mim ver por terra prostrados,
Eu não quero dos Reis o poder,
Nem seus ricos palacios dourados!..

Da lisonja eu não quero os encomios
Que não são á virtude votados;
Das formosas da terra não quero
Os falsarios olhares estudados!..

Só quero viver sosinho
Lá no ermo abandonado;
Quero coroar minha fronte,
Com as violetas do prado!..
Só quero ser trovador!..
A' lira minha casado;
E viver a sós com ella
Do mundo inteiro ignorado!..

EULALIO DE MENDONÇA.

THEATRO DE D. MARIA II.

CONTINUA a ir á Scena com muita satisfação do publico, o excellente Drama — Fr. Luis de Sousa — do nosso immortal poeta o Ex.mo Garrett. — tributar-lhe nosso respeitoso culto, e nossa admiração, eis o que fazemos, pois na verdade é esta uma das

mais felizes producções d'aquelle genio sublime, a quem todos os poetas dramaticos da nossa terra devem render homenagem. O publico não podia deixar de aplaudir uma peça que só pelo nome do auctor se torna recommendavel.

O Scenario é bellissimo; e os actores desempenham suas partes com o maior esmero. Aquella ultima scena do 2.º acto em que o Romeiro declara a sua missão a D. Magdalena, é sublime! transporta e extasia! Aquelle Romeiro!.. aquella infeliz Senhora... Aquelle Fr. Jorge transpondo á imaginação os tempos. Retratam ao vivo as verdadeiras personagens que a historia menciona! A Sr.ª Soller. (D. Magdalena) O Sr. Rosa (Romeiro) e o Sr. Theodorico (Fr. Jorge) brilham sobre maneira nesta scena tão bella, e tocante ao coração que sabe sentir, e apreciar os grandes lances da vida! E o Sr. Assis (Manoel, depois Fr. Luis) quando já separado de sua esposa, e de sua filha, paga o ultimo tributo á natureza, chorando esta perda, e succumbindo por momentos ao excesso da sua dor; não se pode exceder, e arrancar lagrimas de verdadeira compaixão! O Sr. Epifanio (Telmo) como sempre, se engrandece pela naturalidade com que desempenha os papeis mais difficeis; e a Sr.ª Maria da Gloria (Maria) na ultima Scena quando apparece em delirio, e vê seus pais no acto de professar, torna-se digna de justissimos applausos, pois sente o seu papel, e o executa perfeitamente. Todos os mais actores entram muito bem, tornando-se cada vez mais dignos do publico louvor. ...

THEATRO DE S. CARLOS.

O Propheta continuará até no fim d'esta empresa: é sem duvida uma grande peça, e os actores geralmente a desempenham com muita perfeição. As vistas são novas e bellissimas; e admiravel a execução do incendio, e a destruição, no fim da peça.

THEATRO DO GYMNASIO.

Sabbado 20 de Abril. — Em Beneficio do Chefe da Orchestra — A Lebre em Coeiros — Os amores de um Soldado — As pequenas Miserias.

CHARADA.

Sou um nome de mulher: — 2
Bem rasteira ervinha sou; — 2
A Medecina me quer.

TODO.

Eu componho-me de partes
Que pela transposição,
Represento varias cousas
Segundo voltas me dão.

J. A. C.

EXPLICAÇÃO DA CHARADA DO NUMERO ANTECEDENTE

Penna-Guido.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

O ORBE LITTERARIO

SEMANARIO D'INSTRUCÇÃO.

Proprietario e Redactor (João Eulalio da Silva de Mendonça.)

A multidão de semanarios, que fazem parte da nossa litteratura, não nos desanima na empresa que vamos encetar; o estylo sublime dos escriptores de alguns desses jornaes poderá offuscar nossa lingoagem; porém escude-nos o desejo ardente de que nos achamos possuidos, que quando nossas producções não sejam de alto merecimento, contentar-nos-hemos que nossos escriptos se tornem de interesse publico, e que a nossa lingoagem seja livre de gallicismos.

Não encheremos as columnas do — Orbe Litterario — com assumptos já expendidos pelos contemporaneos; por quanto os nossos esforços só são tendentes a dar publicações inda não conhecidas sobre os seguintes ramos — Physica — Geographia — Historia Natural — Sciencias e Artes — Romances — Dramas modernos — Poesias, — e maximas dos authores mais celebres.

Assigna-se e vende-se na rua da Procissão n.º 78; Loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.º 8; Sr. Pereira, dita n.º 188; e em todas as mais lojas do costume. Seu formato será de 8 paginas, bom papel, e typo novo, como se verá. Preço 20 réis.

—

Publica-se um — Compendio de Cosmographia, ou Sciencia da Ordem e Movimento do Universo — por um systema accommodado a todas as intelligencias. Por José Rodrigues de Figueiredo. Preço 240 réis. Assigna-se na Loja do Sr. Lavado — rua Augusta n.º 8.

J. A. de Figueiredo.

LISBOA — 1850 — OFFICINA TYPOGRAPHICA,
Rua dos Gallegos n.º 47

MAIO 4. 1850. NUMERO 31.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 8: e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias e communicados de interesse particular 20 réis a linha.

DUAS PALAVRAS

(Sem politica)

SOBRE A LIBERDADE DO PENSAMENTO.

Liber inops servo divite felicior.
Phedro.

A liberdade do pensamento tem sido, é, e será sempre — o alvo da perseguição dos tyrannos!

O que impera, ou governa, não segundo a sua convicção, mas segundo a sua conveniencia, ou *quando muito*, segundo as conveniencias do *seu partido* — não póde a sangue frio supportar, que livre o pensamento de seus subordinados, lhe sejam lançadas em rosto *clara e francamente* todas as suas iniquidades; — não póde supportar a sangue frio, que as suas arbitrariedades sejam patentes a todas as intelligencias, qualquer que seja o paiz a que pertençam. Formúlam portanto *leis*, que dizendo-se sustentaculos da — ordem social — encobrem *sophisticamente* as mólas dos seus interesses individuaes. Denominam-nas — leis moderadoras — porque mal soa a seus ouvidos o nome, que lhes compete de — leis barbaras! — Barbaras de certo!.. porque *toda a lei*, que tende a privar o homem da *livre manifestação* de seus sinceros pensamentos, podêmos firmemente sustentar — que não é *lei*, ou quando muito *lei barbara!*

A verdadeira e sabia lei nunca póde oppor-se ao progresso da illustração; — e a lei, ou leis, que coarctam os limites da liberdade do pensamento, estabelecem uma forte barreira ao progresso da illustração dos póvos; e estreitados os limites d'essa illustração caminha-se *a passos ligeiros* — para o incommensuravel chaos da ignorancia e da barbaridade!.. Todavia *alguem* nos quererá contestar esta verdade, argumentando — «que o pensamento é livre por sua natureza, — e que *ninguem* jamais o poderá privar da sua *inherente* liberdade; agora a voz... a palavra... essa..» — A esses responderemos: —

A faculdade de *pensar* é, como disse Bossuet (1) «um dos tres distinctos *seres*, que constituem a alma humana» — deixaria comtudo de apreciar-se toda a sua *excellencia*, se por ventura não podessem communicar-se os seus actos. Procuraram-se pois vehiculos para essa communicação; — e *as palavras*, os gestos, os sons inarticulados, e outros signaes de combinação abriram um vasto cam-

(1) Discours sur l'histoire universelle: — deuxième partie, de la religion; chapitre IV.

po de communicação. Com quanto porém as nações civilizadas tinham usado *geralmente* de todos elles, — *as palavras* ou pronunciadas, ou escriptas tem incontestavelmente obtido a preferencia a todos os outros, — como o mais generico, o mais amplo, e o mais perfeito de todos elles; — empregando se *quasi* unicamente algum dos outros na falta d'este. Deprehendendo-se portanto, — que privado o homem do mais sublime de todos os meios, que se offerecem *á livre manifestação* de seus pensamentos, consequentemente se evidencêa — a affecção da sua liberdade intellectual (2)!

— Oppresso *o signal* gosará de plena liberdade *a cousa significada?*.. — A razão que responda!..

Prosigamos. —

A liberdade do pensamento, em toda a sua expansão, — é tão racional, tão justa, tão santa — como omnisciente, justissimo, e santo o seu AUCTOR.

A liberdade do pensamento é um — dote sublimado, que o creador outorgára ao homem, formando-o, como diz Moysés (3) « á sua imagem e similhança » — constituindo-o assim *tão livre* em seu pensar, como elle mesmo ente increado, espirito immutavel, Deus em summa!

Se o homem, como disse J. B. Rousseau (4) « não é mais, durante a vida, que um ligeiro vapor, que o sol faz dissipar » — como poderá *lei* alguma fundada sobre *a justiça*, e sobre *a razão* ordenar a esse vapor, que não transpareça, — que exhalando-se, se não dilate no espaço?!..

O homem sem a liberdade — é um *autómato* social, que vive sem viver! — Vive *vida*, que não é vida (5)!

(2) Além de que *logicamente* fallando — a intima connexão, que as palavras tem com as idéas é tal, que se tornam de absoluta necessidade á faculdade de pensar; — são como indissoluvel *flamma*, cuja existencia dos *nexos* depende d'esta mesma connexão.
(3) No Genesis — Cap. I. § 26.
(4) Livre I. des Odes. — ODE VIII.
(5) Ilia, quam tu vivebas, non erat vita: — CICERO.

O homem sem a liberdade é apenas — *um ente*; não um homem! « Não morre o homem quando vive o escravo? » pergunta o nosso litterato Garrett, na sua tragedia — Catão. (6)

E todavia quantas e quantas vezes, *em todas as epochas*, se tem procurado deprimir e sophismar — tão sagrados direitos?!

Quantas vezes o mais probo e mais illustrado homem tem sido victima da sua mesma probidade, — e da sua mesma illustração?!.. Ainda ha bem poucos annos (no seculo passado) Pilinto Elysio (7) foi uma não equivoca victima d'essas scenas de despotica perseguição! E sempre, sempre que a tyrannia impere ha de procurar sollicita basear-se na *phisica* anniquilação — da liberdade intellectual: — « impôr leis á voz, ao gesto... encadear o pensamento » como sensatamente escreveu a Ex.ma Marqueza d'Alorna. (8).

E comtudo por mais oppressivas que sejam essas *leis*, sempre as almas nobres se elevam sobranceiras a tão *systematica* oppressão! — Confirmam-no os seguintes versos da mesma illustrada Marqueza, continuando a fallar — do pensamento *agrilhoado*: —

« Mas este batendo as azas,
Volteja sobre as cadêas,
E vinga-se da baixeza
Co' a elevação das idéas! »

Ao que poderemos accrescentar, — que ao pensamento, por essencia livre, nunca faltam recursos, quando firmemente intenta manifestar se: — Phedro, Esopo, Stesichoro entre os antigos, — e La Fontaine, J. B. Rousseau, Antonio Vieira e outros, entre os modernos, por meio de engenhosas ficções, de engraçadas fabulas, e de diversas allegorias, poderam sem-

(6) Acto 2.º — Scena 2.ª
(7) Vide — *Revista Popular*, Vol. II. — n.º 52.
(8) Contendida entre os poetas portuguezes pelo nome de ALCIPE — Obras poeticas. Tom. II. pg. 214.

pro — *fazer sentir* aos seus contemporaneos as idéas, que os possuiam.

Concluiremos pois: — empreguem-se *sollicita e constantemente* todos os esforços, e a liberdade do pensamento triumphará — *em todos os tempos* — a despeito de todos, e de tudo!

M. D. Santos.

O ISTHMO DE PANAMA.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

A expedição de *Hernando de Grijalva* que se fez á vella para a California em 1533, a fim de descobrir o desejado estreito, e igualmente para conquistar novas terras, saiu de Tehuantepec, e os navios nos quaes Cortez embarcou em Chamella para o mesmo destino, tinham sido construidos do mesmo modo na embocadura do rio Chimalapa, com materiaes vindos pelo rio Guassacoalco.

Bem depressa a esperança de encontrar um estreito visinho do Golfo do Mexico, ou situado nos espaços em que o isthmo se estende, se desvaneceu inteiramente. No emtanto continuaram a procural-o mais ao longe. Tendo os Portuguezes renunciado ás suas explorações ao noroeste, os Inglezes principiaram as suas. No principio do seculo decimo sexto, viu-se apparecer successivamente Davis, Hudson, e Baffin, que deixaram os seus nomes a differentes paragens, que elles tinham descoberto. Mais tarde, ainda tornaram a procurar a passagem para este caminho, não da Europa para a Asia, mas sim da Asia para a Europa. Nos primeiros annos do seculo decimo oitavo o Sueco Behring, navegando por conta da Russia, provou que o Continente Americano era separado do Asiatico, e morreu de miseria na Ilha que conserva o seu nome, ao pé do estreito que tambem o tem. A terceira viagem de Cook foi feita com o intento de passar pelo norte da Asia para a Europa. Mr. Chateaubriand tinha estudado na sua mocidade sobre a passagem do noroeste, e teve occasião de levar a effeito esta idéa quando visitou Washington, e lha communicou com enthusiasmo. E' n'esses mares gelados do noroeste, que em nossos dias se tem illustrado os Parry, os Rossi, e muitos outros navegantes Britanicos. Do lado do Sul depois da descoberta do Cabo d'Horn, as pesquizas deviam ter cessado; com tudo tinham ainda alguma esperança, em 1790 de encontrar uma communicação entre o golfo de S. Jorge, dependencia do Atlantico, situado entre 45 a 47 gráos de latitude austral, quero dizer 700 kilometros áquem do estreito de Magalhães, e os braços do mar da costa do Chili. Uma expedição enviada então pela Côrte de Hespanha, provou que esta idéa era chimerica.

Como a Hespanha era magestosa e bella no seculo decimo sexto! Quanta audacia, que de heroismo e constancia! Nunca se viu tanta energia e actividade; nunca se gosou de tanta felicidade; era uma vontade que não conhecia obstaculos. Um punhado de homens conquistaram imperios sobre numerosas populações, tão valentes como os do Mexico. Suas emprezas materiaes estavam ao nivel de seus gloriosos feitos sobre o campo de batalha, e de suas acções politicas. Nada os detinha, nem rios, nem desertos, nem as montanhas, a que nada se assemelha cá na Europa. Edificavam magnificas cidades, e arrancavam dos bosques as suas n'um abrir e fexar d'olhos. Tinha-se visto Cortez no cêrco do Mexico deitar ao mar desaseis mil embarcações. Dir-se-ia ser um povo de gigantes ou Semi-Deozes. Podia-se pensar que todos os trabalhos proprios a fazer communicar os mares uns com os outros, ia cumprir-se d'esta vez á voz dos Hespanhoes como por encanto; e já que a natureza não tinha feito um estreito no centro d'America, entre o Atlantico e o mar do Sul, pois bem! Melhor para a gloria da especie humana! Supprir-se-ha por meio de communicações artificiaes. Que seria isto para homens taes? D'esta vez estava tudo acabado, nada mais ficava para conquistar, e a terra achar-se-ia pequena para elles.

Na verdade se a Hespanha tivesse continuado a ser o que ella era n'aquelle tempo, ter-se-ia visto ella crear, o que se tinham lisongeado de encontrar feito pela natureza. Teria aberto um, ou mais canaes para substituir esse estreito tão procurado.

Os homens sabios assim lho aconselhavam. Em 1551, Lopes de Gomara, author d'uma historia das Indias, feita diz Mr. Humboldat, com tanto cuidado como erudição propoz a reunião dos dous Oceanos por meio de canaes, em tres logares que são precisamente os mesmos de que se occupam n'este momento, como d'aqui a pouco se verá. 1.º Chagres, 2.º Nicaragua, e 3.º Tehuantepec. Mas o fogo sagrado se apagou de repente na Hespanha A peninsula teve para governar durante um longo reinado, um Principe que fazia consistir a sua gloria em entorpecer os pensamentos, e que desperdiçou um poder immenso em vãos esforços, para o encadear fóra dos seus dominios em toda a Europa. Este foi Fellippe segundo. Desde este momento, a Hespanha entorpecida se tornou estranha ás innovações das sciencias e das artes, pelo meio das quaes as outras nações, e principalmente a Inglaterra e a França desenvolviam a sua grandeza e sua prosperidade. Se contando d'esta época para diante ella fez suas, algumas d'essas innovações que augmentam a força do homem, foi unicamente na arte da guerra, pois a Hespanha conservou até ao fim do Seculo decimo oitavo, um corpo scientifico d'artheiheria, engenheiros militares muitissimo recommendaveis, e baheis marinheiros. Depois que a França deu o exemplo dos canaes como logar de divisão, e que o canal do meio dia mostrou, que se podia assim subir aos cumes em barcos, não parece que o Governo Hespanhol se tenha seriamente querido servir-se d'este processo para estabelecer uma communicação no isthmo, entre o mar das Antilhas e o mar do Sul. O mysterio em que estavam invalvidos as deliberações do conselho das Indias, nem sempre ficou de tal modo guardado, que se não podesse saber o que nelle se tinha passado. Mr. d'Humbolt, a quem o Governo Hespanhol abriu liberalmente a entrada das suas colonias, e o que é mais admiravel dos seus archivos, encontrou nestes ultimos varias memorias, sobre a possibilidade d'uma juncção dos dous Oceanos pelo lago de Nicaragua; mas em nenhum d'aquelles que chegaram ao seu conhecimento, o ponto principal, diz elle, que é a altura do terreno no isthmo, não se acha averiguado; o illustre viajante fez mesmo notar, que essas memorias eram ou Francezas, ou Inglezas.

Depois do dia, glorioso na historia das conquistas da civilisação, em que Balboa atravessou o isthmo do Panamá, o projecto d'um canal entre os dous Oceanos, occupou todos os espiritos. Nas conversações das hospedarias hespanholas entretinham-se disto como de um conto de velhas, e quando por acaso passava um viajante chegado do novo mundo, depois de lhe terem feito contar as maravilhas de Lima, e do Mexico, a morte do Inca Atahualpa, e a sanguinolenta derrota dos bravos Azteques, depois de lhe ter preguntado a sua opinião sobre o Eldorado o interrogavam sobre os dous Oceanos, e sobre o que aconteceria se conseguissem junta-los. Em toda a Europa, servia isto para intreter a imaginação dos estudantes. Unicamente o Governo Hespanhol não fazia caso disso. Haverá vinte annos, ainda era um dos romances do espirito humano; a idéa tinha simples fantesia, e não existia a esse respeito um estudo que o mais modesto de nossos Engenheiros de pontes e calçadas, não julgasse indigno de si.

(Continúa.)

D. Ignez Carlota Casasel.

POESIAS.

QUATRO DE MAIO.

Horrivel no horisonte despontaste
Dia quatro de Maio!
Annos trese enluctado me negaste
De teus lumes um raio!..

De flores coroada a tua aurora
Para mim não sorria!
Teu Sol doirava os campos que vigora
E de mim se escondia!..

Esse cantar tão meigo, e harmonioso
Das aves innocentes,
Grato aos outros; e a mim quão doloroso!
Tinha os sons mais pungentes!

Do pombinho fiel, da rola amante
O gemer de ternura,
Lembrava-me o gemer tão penetrante
De final amargura!...

Os gemidos finaes da Mãe querida
Que extincta hoje deploro!
N'este dia passaste á eterna vida
Espirito que adoro!

Dias quatorze em lagrimas, e dores!..
Mas ao decimo quinto
De meus prantos brotaram lindas flores.
Da morte no recinto!

Eu te invocáva Mãe idolatrada,
Nutrindo o alto desejo
De ser, qual foste, Mãe tão desvelada!..
De improviso... ah!.. que vejo!

Sorriu-se natureza!.. luz brilhante
As trevas desvanece!
E' celeste visão!.. quanto radiante
Junto a mim apparece!

Não é sonho, é feliz realidade!
Entre os véos do misterio
Uma Estrella! fulgor da Divindade?!..
A'quem do espaço aerio?!..

Mas ai! bramam-lhe as nuvens procelosas
E a face amena enluctam!..
Em funebres imagens tão saudosas
A mente me sepultam!..

Murcha a esp'rança que leda florecêra!..
Tal junto ao porto amigo
O nauta vê que o vendaval erguêra
Inaudito perigo!

Eil-a de novo! e assoma triumphante,
Mais sublime, e mais boa!..
Essa Estrella! E á amizade! o amor constante
Não tem azas... não vôa!..

Comtigo vida, e morte em unidade!..
Sem ti me fôra o mundo
Um ermo abominoso, e a eternidade
Um abysmo profundo!..

D. A. G. Pereira.

PRIMAVERA DE UM TRISTE.

> Oh! si je n'avais pas eu la poésie pour me plaindre et la religion pour me consoler, que serais-je devenu, ó mon Dieu!
>
> *J. Reboul.*

Salve! gentil, brilhante primavera!
Como leda appareces!
Como de flores que teu seio géra
Os prados enriqueces!

Que amenas noites, que suaves dias,
Que encantos, que prazeres,
Que vida, que ternura, que alegrias
Dás a todos os seres!
Cedendo aos aquilões os sues esquivos
Bramindo se desviam;
E da campestre flauta os sons festivos
Teu regresso annunciam!
Risonho quadro off'rece a vinda tua!
Que paz, que liberdade,
Gosam a terra, e os ares! como a lua
Despende a claridade!
Nem já seu rosto escondeu vís ciumes
De uma sombra invejosa!..
Todo o esplendor ostenta de seus lumes,
Na alva fronte lustrosa!..
De azul se veste; lucidas estrellas
Bordam seu rico manto,
E o rouxinol já nas olaias bellas
Ergue sonoro canto:
Vendo as margens florir, como sereno
Claro rio serpêa!
O orvalhado chão nu se veste ameno
De rosmaninho, e avêa!
No monte, na planicie, já saltando,
De innocente alegria,
Os mansos cordeirinhos vem saudando
A primavera, o dia!
Alegre abrindo as portas do oriente
A rutilante aurora,
Aos campos vem trazer util presente
Que as plantas lhe vigóra!
Perolas esparzindo dadivosa
Que o sol vem marchetar
De oiro e rubis! ¡ que linda, que viçosa,
No espaçoso pomar,
De odoriferas flores côr de neve
A verde laranjeira
¡ Enfeita os aureos pomos! como leve
Na espinhosa roseira
Pousa subtil, voluvel borboleta!
E o zefiro inconstante
Na rosa, no jasmim, ou na violeta
Imprime um beijo amante...
Lá deixa as finas perfumadas flores
E ás mais agrestes vôa...
Eis volta arrependido!... os seus amores
Jámais a fé coroa!...
Não assim vos succede alvos pombinhos!
Que venturoso par!
Da fé modelo sois! como os seus ninhos
Unidos vão formar!
Trajando galas da maior grandesa
A terra te saúda
Primavera feliz! a naturesa
O pranto em riso muda!
Sómente egual ao funebre cypreste
Companheiro da morte,

Qual me deixaste, achar-me inda podeste,
Nem vens mudar-me a sorte!

Assim triste contemplando
Os encantos, a ternura,
Que a terra estão animando;
As vistas, com amargura
Demorei no espaço undoso,
Do manso Tejo formoso!

E consternada dizia:
« Inda ha pouco enfurecido,
O' Tejo amigo, eu te via
De temporaes combatido:
Hoje gosas venturoso
A paz no leito arenoso! »

« Só d'est'alma a dor se augmenta:
» Dor sem ais, sem esperança:
» Resisto a voraz tormenta
» Mas tormenta sem bonança. »
N'isto um som harmonioso,
Me atrae: mas quão doloroso...

Era um pobre pescador
Que o batel tinha amarrado:
Solitario trovador
Em uma pedra sentado...
Olhando o mar cuidadoso,
Taes versos cantou saudoso:

« Como esta vaga se ergueu
» Se ergueu a minha anciedade:
» Como esta vaga morreu
» Morresse a minha saudade:
» A morte é termo ditoso
» De um mal acerbo, e teimoso: »

O pranto a voz lhe cortou...
Levantou-se de repente
E da praia se ausentou;
Eu triste guardei na mente
Do trovador desditoso
O conceito proveitoso!

Suave paz aguarda minhas penas
Na fria sepultura!
Emquanto ó Deus, a vida me condemnas
A's trevas, á amargura:

Teus decretos divinos adorando,
Cantando em teu louvor,
A lyra que me déste irá buscando
A luz em tanto horror.

D. A. G. Pereira.

A CARIDADE

E OS ENGEITADOS.

(Depois da leitura da poesia — INFANCIA E MISERIA (1) — do meu nobre amigo e ex-condiscipulo A. Lima: offerecida em tributo d'estima ao mesmo Senhor.)

A caridade é a principal das virtudes.
S. Paulo — 1. *Cor.* 13. — 13.

Salve, virtude excelsa! caridade,
De quem só lingoa d'anjos fallar sabe!
Salve, eximio e nobre sentimento!..
Virtude sublimada, que na terra
Benina evidencêas — quanto vales —
Quando prodiga n'alma nos entornas
Delicias divinaes, infindos gôzos,
Que dos ceos, incessantes, se diffundem!

Sem ti, divino ser, sem teus carinhos,
Acaso aspiraria auras da vida
O orphão desvalido, abandonado...
A quem occulta mão ao crime affeita
Recen-nascido apenas exposera,
Não já do rico á porta, *muitas vezes*,
Mas do pobre!.. (2) que rico de virtudes
De ter a quem valer se comprazera!

Quando ao longe nos adros, ou nas praças,
Os vagidos do misero engeitado
Soltando-se ao acaso mansamente
Echoam, té no espaço se perderem, —
Par'cendo por instincto, que deploram
Do infante recen-nato as desventuras,
Aos animos bradando « humanidade! » —
Quem, senão tu, lhe accude alta virtude!!.

Quando os seios paternos se transformam
Em antros hediondos, — quando as almas
Dos pais desnaturados se envergonham
De honrar c'o nome seu áquelles entes,
Que innocentes a vida lhes deveram, —
Quando expostos á *sorte* os abandonam,
P'ra q̃ um crime outro crime occultar possa, —
Quem, senão tu, lhes vale, ó caridade!!

Tu só, divino dom, virtude augusta,
Circumdas c'o teu braço o infante debil, —
Baptisal-o com lagrimas ardentes, —
Exultas e bemdizes n'esse instante
O momento em que a vida lhe salvaras!.. —
E d'um prazer celeste arrebatada
De Deus a providencia magnificas,
Cantando « *Hossana*, *Hossana* nas alturas! »

(1) Vide — Revista Popular de 20 do corrente.
(2) Ainda ha bem poucos annos foi exposta á porta d'um pobre operario, que conhecemos — uma criança recen-nascida, que o mesmo caridosamente acolheu.
O Auctor.

Cada pranto, que em júbilo derramas —
Cada c'roa, que o Eterno te prepara! —
Oscúlas o infante sem abrigo —
Desprendem-se no ceo infindos choros,
Que, angelicos, harmónicos pertendem
A Deus glorificar eternamente! —
Então cá na terra «*Hossana, Hossana*»
E teus echos s'elevam té aos céos!

Salve, pois! ó virtude reflectida
Do seio do Monarcha dos monarchas
Na mais prima das obras da natura!
Salve, pois caridade! salve! salve! —
Imagem do Deus vivo retratada
Nas almas dos humanos — onde ostentas
Ineffavel verdade «a similhança» —
Dos homens co'o Eterno omnipotente!

Abril — 24 — 1850.

M. D. Santos.

A MINHA PRIMA E SENHORA D. C. P. DA C. PELO ANNIVERSARIO DO SEU NATAL. — 19 DE MARÇO DE 1850.

Minha lira porque dormes,
Encostada no peito meu?
Tua fronte tão singella
Porque p'ra terra pendeu!?

Qual a flor do sol crestada
Que a fronte pende... e se morre
Tão sósinha... abandonada...
Se o Eterno a não soccorre.

Teus martyrios... teus tormentos
Oh!... não has de revellar.
Para que? sendo tão pobre...
Quem te iria a consollar?

Tens a coroa do martyrio,
Só nasceste p'ra soffrer!
Mas que importa!? a fronte livre
De novo deves erguer.

Porque não!?.. Já te não lembra
D'este dia a nova luz?
Lembra sim que nos teus labios
Inda um sorriso reluz.

Nos anjos da terra, já crença não tenho
Que os anjos não mentem! Não sabem mentir
E um anjo.. se o era.. perfidia ocultando..
Nas fallas, nos gestos eu vi já surrir.

Sem norte, sem crença perdido eu chorava!
Nas faces ardentes, meu pranto secou!
Foi pranto innocente vertido nas palmas
Da coroa espinhosa que a Lira c'roou.

Mas tu que me escutas, ó anjo dos anjos!
Na crença do Bardo já tens pedestal
Que a rosa innocente, não tem mais pureza
Na face mimosa da côr do coral.

Teu rosto é a imagem da Virgem das virgens!
Em traços profundos o crente o soletra,
Que um traço marcado no rosto por Deus,
Aos olhos do crente revella uma letra.

Tu és pura, mimosa, innocente,
E's o anjo mandado por Deus,
E's a flor que no prado nascente,
Vai surrindo p'ra terra, p'ros ceos.

E á lira do Bardo que sons inspiraste!
Se o Bardo os soubesse na lira exprimir
Mas pobre... coitado... seu canto fenece
Tão meiga harmonia só sabe sentir!

Tu és a esperança de pura saudade
Que a fronte reclina no peito materno
Em somno innocente beijou-te a poesia
De myrtos... de rosas crcou-te o Eterno.

Tu és pura, mimosa, innocente,
E's o anjo enviado por Deus,
E's a flor que no prado nascente
Vai surrindo p'ra terra, p'ros ceos.

A. H.

Á SAUDOSA MEMORIA DA EX.ma SR.a D. ANNA HENRIQUETA DE SOUSA E SILVA, FALECIDA EM VAVIRA A 2 DE FEVEREIRO DE 1850.

Mas o Mundo não era digno d'ella,
Por isso mais na terra não esteve;
Ao Ceo subiu, que já se lhe devia.
Camões. — Soneto 204.

Do mundo s'-ausentou a mãi querida
Do pobre desditoso;
A Deus entregar quiz amor e vida;
No ceo quiz o repouso.

—

E' morta a mãi da pobreza,
Chorem todos com tristeza
Essa perda tão fatal.
Chorem, que o muito chorar,
Faz ás vezes minorar
A dôr que vem affrontar,
O nosso bello ideal.

Já dois gratos alaúdes
Para cantar-lhe as virtudes
Hão vibrado harmoniosos;
E lhe off'recem em saudade
Seus carmes, onde a amisade
Fulgura, qual a verdade
Nos corações mais briosos.

Já lá vai essa estação,
Que dava a meu coração
Amor tanto e poesia!
Já no sepulchro das eras
Se-esconde, quaes essas feras
Que passam as primaveras
A' sombra da serrania.

Essa ferrea mão do tempo,
A dar-nos o contratempo
E' que ha sómente aprendido...
Por isso privar-nos veio
D'esse grande e forte esteio,
Qu'era do pobre o recreio,
E o astro do desvalido.

—

Ao creador do mundo é que devemos
Essa perda tão forte:
Mas a quem deo a vida, não podemos
Lançar em rosto a morte...

Somente nos-é licito chorar-lhe
A sua ausencia eterna;
E sobre a fria campa derramar-lhe
Uma lagrima terna.

3 d'Abril de 1850.

S. P. Estacio M. e Veiga.

O SR. AFFONSECA. E AS FABRICAS NACIONAES.

O nosso Contemporaneo Redactor da Revista Universal tomou a seu cargo defender a industria nacional atacada no parlamento pelo Sr. Deputado Affonseca no seu estranho discurso em que diz: — *isto de fabricas em Portugal é uma historia*; .. *que mesmo aquillo que se diz feito em nossas fabricas, se é bom, é contrabando*! .. Não podia, por certo, a classe honesta e laboriosa achar melhor advogado de seus interesses, e mais nobre defensor; o nosso Contemporaneo da Revista Popular tambem no seu breve e engraçado discurso diz quanto se póde dizer para confundir o Portuguez, que em vez de animar a industria nacional, a deprime! .. Folgamos em ver o modo porque se tem portado a imprensa! .. E nós que tambem prestamos em utilidade publica o nosso contingente, inda que mui fraco porque nossos conhecimentos são limitadissimos, e á vista de tão sabias pennas a nossa é um atomo; todavia nós que não tendo tido a ventura que teve o Sr. Affonseca de nascer neste paiz abençoado por Deus, temos um coração mais portuguez do que o Sr. Affonseca um coração que não se deixou dominar pela influencia athmospherica d'esses paizes por onde o Sr. Affonseca tranzitou; (e onde parece haver-se naturalisado! ..) deixaremos a nossos illustres contemporaneos a ardua tarefa de o convencer — a gloria de o vencer — e contentar-nos-hemos em dirigir ao Sr. Affonseca duas perguntas: — Se Portugal deve ser unicamente um paiz agricola (como diz o Sr. Affonseca) e que deve trocar as producções da terra pelos productos da industria estrangeira; porque rasão o Sr. Affonseca trouxe de França machinas destilatorias para estabelecer na Comarca de Torres Vedras uma fabrica de aguas-ardentes? — (Para a qual tambem se diz que trouxe de França a gente precisa!!!...)

— Quererá o Sr. Deputado que se fechem todas as fabricas do Reino para ser elle o unico fabricante?.. —

(Os anjos nos respondam, que o Sr. Affonseca está a dormir, e por conseguinte a sonhar!...) D. A. G. Pusich.

EXPEDIENTE.

Pedimos ao Ill.mo Sr. Eulalio de Mendonça, nosso distincto Collaborador, desculpa de não havermos publicado o artigo que ha tempos nos enviou com o titulo — *Conservatorio* — Conhecemos que S. S.ª tem rasão de se queixar da demora, mas permitta-nos que não lh'o reenviemos, como agora exige, para ser publicado em outro jornal: nós démos o anno passado toda a importancia ao utilissimo Estabelecimento ácerca do qual S. S.ª discorre; e não deixaremos este anno de dizer o que intendermos pró, ou contra; porque nos presamos ser imparciaes; por isso reservamos a publicação do mesmo artigo em o numero que destinarmos a esta importante questão; desejando porém que S. S.ª consinta algumas modificações no seu artigo — e fique descançado que o publicaremos antes dos exames.

—

Com este numero finda o 1.º volume.

Lisboa — 1850 — Officina Typographica.
Rua dos Gallegos nº 47.

JUNHO 1. 1850. NUMERO 32.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 8: e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

CONSERVATORIO.

ESCHOLA DE MUSICA.

Tencionavamos mais tarde dizer alguma cousa ácerca d'este estabelecimento, e assim o prometemos em o numero antecedente; antecipa-nos porém a casualidade que nos obriga a fazer algumas observações ácerca de um Alumno do Conservatorio; e como não podemos fallar no Alumno, sem nos referirmos á Eschola, principiaremos hoje a tomar contas ao Conservatorio; dando o Sr Garcia assumpto ao começo do nosso discurso, ou de nossas curiosas reflexões, — como queiram. —

Terça feira 28 de Maio ultimo no theatro de D. Maria II ouvimos o Sr. Joaquim Garcia executar no seu violino a Fantesia — Le Rêve — que desempenhou com muito gosto e habilidade, obtendo do público justos applausos. Já tinhamos ouvido o Sr. Garcia tocar por occasião dos exercicios publicos da Eschola de Musica do Conservatorio, o anno passado; e consagramos ao merito d'este Alumno, e de outros, os devidos encomios, em o nosso numero 8, onde bastante dissemos sobre o Conservatorio, e todavia como não somos d'esses *taes e quejandos* que andam por este mundo com figura de gente, e alma de chicharro; que se esquecem hoje do que hontem disseram, ou fizeram (ou fingem esquecer para levar agua ao seu moinho, pensando illudir os mais) diremos agora alguma cousa em referencia ao Sr. Garcia, a quem só conhecemos pelo seu merito artistico, mas é este motivo assás poderoso para nos decidirmos a advogar a sua causa, assim como a de todos aquelles que o nosso programma não exclue...

O Jury que o anno passado julgou dos premios que (duplicados por S. Magestade o Sr D. Fernando) o Conservatorio conferiu aos Alumnos que se distinguíram, excluiu o Sr. Garcia não obstante o haver se elle distinguido sobre maneira n'aquelles exercicios tocando primorosamente!.

O Jury deu por causa — o não ser o Sr. Garcia Discipulo do Conservatorio!

O Ill.mo Sr. Tavares digno Prior de Santa Izabel, e Presidente do mesmo Jury, orou muito em favor d'este Artista; e não se podendo conformar com o voto dos outros Senhores, exigiu que se escrevesse em separado o seu voto em favor do Sr. Garcia, intendendo, como nós intendemos, que foi uma injustiça não se contemplar o Sr. Garcia, senão com

um premio pecuniario, ao menos (e era o mais) com um elogio; porque se não era Discipulo do Conservatorio não o mandassem tocar em unidade com os outros Alumnos, pois é innegavel que elle tornou aquelle acto mais brilhante. Agora annuncia-se que — o Sr. Joaquim Garcia, Discipulo do Conservatorio de Lisboa, tocará etc!..

Então o que é o Sr. Garcia? Não é Alumno para receber premios, e é Alumno para honrar o Conservatorio?!.. Intenda quem poder este dilemma!..

Ora pois, meus Senhores, a quem servir a carapuça, saibam que o toque da sineta não emmudece a imprensa!.. que esta é authoridade suprema..: Seu brado é universal, e seu juizo tremendo!.. Embora os impavidos despresadores da opinião pública lhe chamem *balas de papel* — São balas terriveis que elles tentam evitar mostrando que as despresam, mas se as temem... nós o sabemos!..

A imprensa é um argos a cuja vigilancia não escapa cousa alguma!.. que de nada se esquece... que tudo mencionará, mesmo tudo... quando for tempo!.. Fr. Anastacio está a tomar ares no campo; mas se for preciso tornará a *examinal os* — o que não será necessario talvez, porque nós quando julgamos conveniente sabemos ser severas; porém esperamos que não nos darão este anno o desgosto de nos obrigarem a exercitar uma arma que possuimos, (não se assustem!.. Não dê esta franqueza motivo a que a sineta toque a rebate á nossa apparição!!!.. Não é um punhal... é... se for preciso saber se ha qual é a arma...) mas que por systema não usamos senão em caso extremo. — Confiamos muito no Sr. D. Carlos da Cunha Menezes, que é incansavel e attento observador das Aulas; e não menos no Sr, Director da Eschola de Musica; e em alguns professores, que mencionaremos.

No seguinte numero continuaremos as nossas observações ácerca das escholas de Musica, e Dansa no Conservatorio; e esperamos não soarão em balde nossos brados, porque esta folha é lida por S. Magestade El-Rei, o primeiro de nossos assignantes, e por tres Ministros da Coroa, que tambem o são; não deixarão por certo de attender ás reflexões que a verdade nos dicta — ElRei é constante apreciador e protector das Artes; tem muito em vista este, assim como todos os estabelecimentos uteis; e estamos certas que animando com Seus Reaes Auspicios e mesmo com a sua vista as escholas de Musica, e Dansa, fará que as cousas marchem em melhor ordem, e tornar-se-ha cada vez mais digno da eterna gratidão, e do amor de tantos subditos seus que alli vão demandar os meios de subsistencia, tornando-se por seus estudos uteis a si, e agradaveis á sociedade, que aliás poderiam prejudicar, privados que fossem de tão eficaz recurso.

O artigo do Sr. E. de Mendonça irá no seguinte numero.

(Continúa.)

D. A. G. Pessoa.

Não nos tendo sido possivel assistir á ceremonia da benção das Bandeiras do Regimento de Voluntarios do Commercio de Lisboa, rogámos ao nosso presadissimo Collaborador o Sr. M. D. dos Santos o obsequio de nos dar uma idéa a tal respeito, emittindo a sua opinião sobre o mesmo acto, para ser publicada neste jornal: em seguida pois offerecemos a nossos leitores uma noticia exacta d'aquella festividade, no artigo que o Sr. Santos teve a bondade de nos enviar, e que muito agradecemos.

A BENÇÃO DAS BANDEIRAS.

Domingo 26 de Maio teve logar na parochial egreja de Nossa Senhora dos Martyres — a ceremonia da Benção das Bandei-

tas do Regimento de Voluntarios do Commercio de Lisboa.

Sobre a boa ordem, pompa, e mais accessorios de tão augusto acto confirmaremos apenas a concisa descripção, publicada no Estandarte de 27 do corrente; e só accrescentaremos, com a *imparcialidade* que nos accompanha, que sobremaneira nos agradou o pomposo discurso pronunciado, por essa occasião, pelo nosso particular amigo e eximio orador — o Ill.mo Dr. Francisco da Rocha Martins Furtado: — já pela bella *disposição oratoria* do mesmo discurso; — já pela excellencia das *provas*, que o referido orador produzira a prô do seu assumpto, — as *extrinsecas* baseadas na sua generalidade na historia universal, e mui principalmente na historia portugueza, — as *intrinsecas* na evidencia dos factos que descrevêra, enunciados *todos*, ou quasi *todos* de envolta com algumas d'essas *provas*, que constituiam simultaneamente a sua *confirmação*; — já pela precisa escolha do momento em que déra principio á sua *peroração* que terminára com perfeita dignidade e elegancia *oratoria*; já finalmente pelo bem sustentado da *elocução*, que resplandecêra sempre *apparatosa* e sempre *clara*, — sempre *pura* e sempre *bem collocada* durante todo o decurso da sua oração.

Em conclusão — o illustre orador comprehendeu perfeitamente a sua missão! — soube *mais uma vez* arrebatar os espiritos intelligentes! — Soube engrandecer *sem baixeza* os serviços de tão digno corpo, a quem particularmente importára tão solemne acto, — empregando, entre outros, alguns argumentos *syntethicos*, que não só ennobrecêram tão benemerita corporação, mas ostentaram de uma maneira *incontestavel* — a gloria immortal das Lezas Quinas, levantadas em Ourique ha sete seculos!

Em duas palavras — soube ser *orador*, — e soube *ser politico*! O seu discurso a ninguem *feriu* nas suas particulares convicções; — e a todos *desejou* aquella possivel felicidade e fraternal união, que só pode anhelar aos seus compatriotas — um coração verdadeiramente *religioso*, e verdadeiramente *portuguez*!

Sua Magestade ElRei D. Fernando, Sua Eminencia D. Guilherme I, Suas Excellencias — Duque da Terceira, Marquez de Fronteira, D. Prior de Guimarães, — e muitos outros Cavalheiros de distinção dignaram-se felicitar o sagrado orador no fim do seu discurso.

M. D. Santos.

DOLORES.

DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS.

—

PESSOAS.

Dolores.
A Duqueza de Rivera.
Sancho.
Jacopo Tiepolim.
O Duque de Rivera.
O Contra-regra.
Convidados — Mascaras — Jogadores.

A scena é em Sevilha.

—

PROLOGO.

O auctor d'este drama está ainda nos seus sonhos de infancia — os seus quatorze annos não lhe permittem ser septico — nem descrente — sonhou como infante — e sonhou bem. — Suppoz Dolores — a mulher-typo — o anjo terrestre — o lirio entre os cachopos — a ingenua no theatro.

Suppoz na Duqueza de Rivêra a mãe carinhosa — caminhando atravez das torturas para ver seu filho — para lhe dizer terna e meiga — *sou tua mãe* — em segredo e sem testemunhas, já que á face dos homens o não podia fazer.

Em Sancho suppoz o filho discreto e dedicado á vida e honra de sua mãe — á memoria e vingança de seu pae.

Jacopo Tiepolim é o homem do grande mundo — enfastiado dos prazeres — e cançado dos deboxes do luxo e da opulencia — procurando sensações no mundo em que vive e sem as encontrar, porque a mulher que durante o espaço d'um baile o olha com paixão, e lhe diz atravez das sombras d'um leque — *amo-te* — essa mulher engana-o! — porque a mulher de olhos negros e pisados parecendo fatigada do luxo — e procurando um homem que a comprehenda e que lhe diz: — *achei-o, porque esse homem és tu* — essa mulher engana-o ainda! — e Jacopo tem de ir em demanda d'uma mulher de coração á classe média segundo uns — baixa segundo outros — o theatro, e encontra no theatro a mulher que sonhou, e encontra-a singela — como a sonhou, dedica-

da como a sonhou, fiel como a sonhou!.. O Drama moderno tem necessariamente um traidor, e o auctor sonhou o homem do interesse e das precisões materiaes no Duque de Rivêra — esse personagem sombrio e terrivel.

O Contra regra — é o velho como o velho deve ser.

Se o auctor traçou os caracteres como os sonhou, preencheu o seu fim.

Lisboa 12 de Maio de 1850.

—

ACTO I.

SANCHO.

O theatro figura um camarim n'um dos theatros de Sevilha, é o camarim de Sancho. — Porta no fundo — meza á esquerda com papel — tinteiro e livros, — cadeiras &c. — Sancho ao levantar o panno acha-se repetindo machinalmente o seu papel de D. João de Marana — é noite — uma lampada pende no centro do theatro — sentem-se dentro os ajites do costume.

SCENA I.

Sancho *só (vestido de D. João de Marana.)* « Escoou-se um dia de praser — vamos entrar n'um outro de delicias » — melhor era dizer — escoou-se um dia de martyrio — vamos entrar n'uma noite de tortura — *(longa pausa — levanta-se.)* se ella soubesse... se eu lh'o disesse... se lh'o revelasse... *(pausa)* não, que nunca o saiba, que o não suspeite... que eu lh'o não revelle! — *(pausa)* e tambem para que! — pobre amor!.. não, que o silencio acoberte este segredo — assim como o coração tem acobertado este amor! — nasceu ignorado... viveu ignorado como o senhor do peito em que brotou — que ignorado morra! *(pausa)* pobre amor! que o mundo o não saiba — que o riso o não manche — que os homens o não motejem... pobre do orfão que não tem lagrimas que lhe banhem a fronte... *(depois de pausa tira uma carta do peito, e lê)* « Quando tu contares vinte e um annos, meu filho, será então que te ha de ser communicado o nome de teu pae — e o nome de tua mãe — por emquanto sabe só — que esta só vive por ti — e para ti — tua malfadada mãe. — » *(pausa)* se estas palavras são verdadeiras, se estas são com effeito as letras de minha mãe... hoje... hoje que eu faço vinte e um annos hei de saber o meu nascimento... pobre de mim, talvez, filho do crime!.. *(fica meditando, abre-se a porta lentamente e entra o Contra-regra.)*

SCENA II.

Sancho — O Contra-regra.

Contra-regra. *(sem o ver e fallando comsigo)* Meu Deus... Senhor — para que estou eu no mundo! — *(vendo Sancho)* para ti... — *(com ternura)*

Sancho. Como está agitado! — que tem pae! — que tem!

Contra-regra. O que tenho! — tenho amor e martyrios — e bastantes! só isto me faltava e Satanaz m'o enviou. — Dolores, filho, não se acha por parte alguma! — e são estas horas! — a platéa está cheia! — e a simfonia vai tocar — oh! minha cabeça! minha cabeça!

Sancho. *(com muita dôr e paixão)* Pobre Dolores!..

Contra-regra. E pobre de ti, filho, que bem lastima causas, e pobre de mim, e pobre d'ella, de tua pobre mãe!

Sancho. Falle-me d'ella... falle-me de minha mãe...

Contra-regra. Fallando, ouvido por Deus, com toda a verdade digo que tua mãe era — e é uma santa senhora!

Sancho. E'! — então sabe d'ella... responda... responda... onde está minha mãe!...

Contra-regra. Hoje que tens vinte e um annos, já Deus me não póde levar a mal que eu te conte tudo — ouve pois, filho, que te vou contar uma historia terrivel, de horror e de sangue!...

Sancho. Falle... comece...

Contra-regra. Uma noite de Fevereiro em que chovia e trovejava me disse teu pae, meu senhor e amo D. Fernando Santa Rosa — « Custodio, se eu não voltar até ámanhã, ha de ser-te entregue uma creança... és meu amigo, faze pois, tudo que possas, para que essa creança tenha sempre um pedaço de pão! — Depois apertou-me a mão e partiu! — Dizia-me o coração que o não havia de tornar a ver... — e que essa noite havia de ser fatal — portanto resolvi-me a seguil-o — depois de andarmos muito, chegámos a um palacio, estava uma dama á janella — abriu-se a porta — teu pae entrou, e depois d'algum tempo segui-o. Occultei-me atraz da cortina d'uma janella que ficava entre dois quartos d'uma dama — para onde teu pae entrou — e o de um hospede onde se achava o pae da dama e o dito... hospede!

então conservando-me occulto ouvia o que se dizia n'um e n'outro quarto — pelo que bem collegi que tua mãe assignava n'essa noite as escripturas do seu casamento! — Depois de bastante tempo o hospede veio occultar-se por detraz do reposteiro do quarto de tua mãe... senti dizer-me o coração que para mal ahi estava esse homem, e não me enganei!.. teu pae despediu-se de tua mãe dizendo-lhe — *« Adeos para sempre »* — depois foi beijar uma creança que estava n'um berço, e ouvi-lhe dizer chorando « Pobre filho!

Sancho. *(entre soluços)* Pobre pae!..

Contra-regra. Disse — e partiu — eu nada podia ver destinctamente mas ouvi junto a mim um gemido, parecia o derradeiro, o arranco da vida sem se poder dizer-lhe siquer — *« Adeus »* — á vida — ouvi tambem arrastarem um corpo... era teu pae que fora assassinado!

Sancho. Ah!.. e depois... depois...

Contra-regra. Depois voei ao quarto de tua mãe — disse-lhe quem era, arrebatei o berço — hia n'elle uma creança, e essa creança eras tu! — no dia seguinte recebi uma carta de tua mãe em que me dizia onde lhe dar novas de seu filho, e dentro da qual vinha uma que te dei, e que me dá o direito de tudo te contar aos vinte e um annos. — Quando contavas 18 annos partimos de Madrid para Sevilha e estabeleci-me contra-regra d'este theatro — e sabe bem o meu Deus, que se tu és actor foi porque assim o quizeste, e bem contra minha vontade... mas não eras meu filho... não te podia imperar!

Sancho. Podia — e pode... eu serei sempre seu filho dedicado e respeitoso — assim como sempre tem sido meu pae dedicado e caritativo.

Uma voz. *(dentro)* Senhores, não se achando no theatro a actriz Dolores por motivo que ignoramos; força é mudar de espectaculo, e irá em logar de D. João de Marana o drama em 3 actos — *Marcel el tapinêro.*

(Sente-se um forte ruido, e uma grande pateada — Sancho e o Contra-regra escutam a falla attonitos e estaticos.)

Contra-regra. *(saindo repentinamente)* Oh! meu Deus... vallei-me...

(Continúa.)

Julio Cesar Machado.

POESIAS.

—

O INCENSO DA POESIA. AO SANCTO ESPIRITO.

Oh tu que infundes co'a sciencia a graça,
Alma dos céus! espirito divino!
D'esse throno de luz, onde fulguras,
Baixa á terra n'um vôo repentino!

Os alados cantores, que te cercam;
A gloria, os lumes da celeste esféra;
Deixa um momento, deixa; á terra volve,
Onde, quadro mais raro hoje te espera.

Sobre as ruinas de teu sacro templo,
Vem ver de Christo a cruz de novo erguida,
Vencedora brilhando em todo o mundo,
Fenix das proprias cinzas renascida.

Vem ver em Portugal o anjo das trevas,
Depois de haver discordias acendido,
Mergulhar-se no pego de seus erros,
Luctando em balde, e breve submergido.

E verás a harpa escolhida,
Que a David outr'ora déste,
Em lyras mil repartida;
N'um som unico, celeste,
Teu nome, e gloria louvando;
Paz á terra proclamando!

Verás os validos teus
Em nobre exercito unidos,
Consagrarem-te, meu Deus,
Altos festejos devidos!
Sacros hymnos entoando,
Teus altares rodeando.

Na bandeira lhes reluz
Nivea pombinha, que beija
O cimo de excelsa cruz:
De graça raios dardeja,
E por onde vae passando
Corações vae captivando.

Sustenta a illustre fileira
Lyras em logar de espadas:
Tem de loiro, e de oliveira
Airosas frontes c'roadas:
A eternidade encarando
Vão intrepidos marchando!

Eis as falanges eleitas
A quem as armas doaste!
Senhor, augmenta-lhe as forças
Que em teu serviço creaste!

E a mim que tambem milito
Na tropa tua escolhida,
Dá-me a gloria de servir-te,
E depois... tira-me a vida!

D. A. G. Pinto.

Condescendendo ao nosso pedido o Ill.mo Sr. M. D. Santos consentiu que se publicasse a seguinte poesia, que elle fez sem tenção de a dar ao prélo, por lhe parecer que alguem notaria a qualidade de verso, e a falta de rima; mas por isso mesmo que não é vulgar nos parece bem, e julgando que usou devidamente a liberdade permittida ao poeta, não quizemos privar nossos leitores de uma obra em que encontramos muito merito.

SÓ!..

(meditação. (1))

É nas asas de um sonho que m'elevo,
Acho n'alma confusas as idéas:

Marqueza d'Alorna: Obras Poeticas — Tom. I. pag. 214. (Ode imitada de Hoeder.)

—

O mon Dieu! que la nature est une digne prière pour celui qui t'y cherche, qui t'y découvre sous toutes les formes, et qui comprend quelques syllabes de sa langue muette, mais qui dit tout!

A. Lamartine: Voyage en Orient. — Tom. I. pag. 54.

SÓ!.. e a mim mesmo entregue
Alta noite! (2)
N'um prado, que d'ameno,
Pitoresco,
A muitos encantava
Deleitando,
Nas margens d'um regato
Reclinado,
Nos meus sonhos d'outr'ora
Tão fagueiros,
Tão bellos, tão risonhos
Meditava!..
A lympha que corria
Brandamente,
O sibilar do vento
Sibilando,
As arvores curvando-se
Em seu turno,
Um mocho além piando
Vagaroso,
Tudo em fim... só tristura
M'inspirava!..
E ao passo que meu peito
Comprimir-se
Já sentia! — par'ceu-me
'Star ouvindo
Voz intima fallando;
E assim era!
Era a voz, que em nós falla,
Voz interna,
Vehiculo divino,
Que desperta
A's vezes as mais ternas
Moções d'alma!
Prestei-me então attento;
E p'ra logo,
Que a voz assim fallára,
Me recordo: —

«O' tu, p'ra quem a vida é muitas vezes
Acerba, dolorosa, insupportavel!
De ti olha ao redor... e vê... attende!
Que divisas, mortal, que te circumda?!.
— *Mil bens! que o Ser supremo te concede!*..
Repara pois, repara n'essa lympha,
Que tão suave e branda se desliza!..
N'essa lympha, qu'estrellas mil reflecte,
Se na celeste cupula se engastam!..
N'essa lympha, que a sede te mitiga,
Se apresurado corres a libal-a!
— E no arder, que este liquido attenúa
Com brevidade tanta, não descobres,
Bem como no reflexo, que apresenta,
Nada mais — do que effeitos conhecidos?
— Descobres, sim! E a voz fallando interna
Mentir não póde, não! — q é Deus q falla!..
E Deus não mente, q mentir não pode!!..»

E logo soletrando,
Em silencio,
Na tôna cristallina
Do regato,
Eu li na lingua muda
Da natura: —
Primor's do Ser excelso,
Deus benino!
. . . . . .
E a voz fallando interna
Proseguira: —

«N'essa briza, que agita pura e breve
Das arv'res, das florinhas debeis troncos,
Par'cendo que affagal-as co'a aura branda
Solicita pertende, não descobres. —
Nada mais — que um phenomeno já visto,

(1) O original d'esta poesia foi offerecido, em tributo d'estima, ao seu nobre amigo — o Ill.mo Sr. J. B. C. Klerk.

(2) Lunaque nocturnus alta regebat equos.
Ovid. Eleg. 3.ª Trist. v. 29.

— Descobres sim! ... E nada mais dissera;
Accrescentando eu mesmo
Silencioso: —
Primor's do Eterno amante,
Deus sublime! —
. . . . . .
E o mocho além distante
Ficou mudo,
E ouviu-se meia noite
Nos espaços;
Durante que minh'alma
Respeitosa
Prestar-se á voz attenta
Me par'cia:
E a Lua, casta diva,
Co'os seus raios
De luz argentea e bella,
N'abobada
Cerúlea, altiva ostenta
(Com denôdo)
— Sua brilho, n'este instante;
E a voz branda,
Qu'ha pouco me fallára,
Novamente
D'est'arte brada logo
Exultando: —
« Adora, ó mortal, na phoebea Lua
— O Ser omnipotente, que a criára
Tão bella e rutilante, qual a vedes!
Adora, nos seus raios magestosos,
De Deus — a magestade, tão augusta!! ..
Se o Sol, astro do dia, vivifica
Da natura os tres reinos, orgulhoso,
Na Lua reflectindo um só vislumbre
D'esse facho tão nobre e fulgurante,
Das trévas atravéz os homens guia
Do Sol na dura ausencia, tão sentida! ..
Prostrei-me então absorto,
Contemplando
Do Eterno — na bondade
Infinita!
Nem vendo... nem ouvindo
Por momentos,
Que arrebatado estava
Meditando!
. . . . . .
E a voz alfim calou-se;
SÓ ficando,
No meio d'esta scena
Myst'riosa ..
Minh'alma ao corpo unida! ..
Deus, e o mundo!

19 de Janeiro de 1850.

M. D. Santos.

A ELLA.

Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.
Camões.

Donzella tu és na terra,
Essa estrella que se-encerra
Na mente do teu cantor.
E's a vida dos meus cantos,
O anjo dos meus encantos,
Encantos do meu amor.

A tua imagem formosa
E' qual purpurina rosa
Que a brisa veio embalar,
E' qual um astro brilhante,
Que assoma lá mui distante
N'uma noite sem luar.

E's tão gentil e tão linda,
Que a ti outro igual ainda
Não vi, nem mesmo hei de ver...
E's tão engraçada e bella,
Que não póde outra donzella
N'este mundo te-exceder.

Os olhos teus refulgentes
São dois astros innocentes
Que n'alma vejo a fulgir.
São dois fanaes de bonanças
Que me-promettem esp'ranças
Que fundo no meu porvir...

¿E então tua côr morena! ..
— E' tão linda, tão amena,
Que melhor outra não vi...
Revela-me altos mysterios;
Vale mais que mil imperios;
Vale tudo para mi...

2 de Maio de 1850.

S. P. Estacio M. e Veiga.

Vi-te! .. quem nunca te vira!
Amei-te! .. quem não amára!
Fugi! .. quem o não sentira!
Voltei! .. antes não voltára!
(Alcaide de Faro.)

D'esta vida aborrecido,
Já a morte a Deus pedira;
Porém n'um fatal momento
Vi-te! .. quem nunca te vira!

Vi-te bella, esp'rituosa,
Desde então me foste chara!
Li em teu rosto — simpathia —
Amei-te! .. quem não amára! (!)

Amei-te; mas logo cri,
Sim, que a vista m'illudira;
Premeditei olvidar-te,
Fugi!.. quem o não sentira!

Fugi!.. mas foi de ver-te,
Que a alma eu te entregára!
Hoje só busco os teus olhos;
Voltei!.. quem não voltára?

Lisboa 15 de Maio de 1850.

* * A.

Ha pouco chegou ao nosso conhecimento que na freguezia da Conceição, uma legoa ao L. de Tavira havia falecido uma mulher chamada Cecilia Peres, natural da cidade de Ayamonte com 115 annos de idade; o que nós podemos assegurar, porque muitas vezes lhe ouvimos dizer que pelo terramoto de 1755 já era mulher.

Sendo este um phenomeno que muitas vezes se reproduz, lembrou-nos não o subtrair ao conhecimento do publico. * * *

—

Na Provincia do Minho, logar de Penalva, Freguezia de Ancede, Concelho de Baião, faleceu a Sr.ª D. Anna Barbara, com 110 annos de edade. Morreu no estado de donzella, e foi um exemplo da caridade, e das mais brilhantes virtudes christãs.

ARTUR NAPOLEÃO.

E' impossivel descrever o enthusiasmo que nos inspira o menino Artur Napoleão, que apenas contando 6 annos de edade acaba de arrebatar o publico, apresentando-se no palco de S. Carlos tocando piano com a destreza, gosto e intelligencia que assombram! E' na verdade um d'aquelles raríssimos prodigios com que Deus mimosea a humanidade! Se o Céo lhe conservar a vida terá por certo a gloria de ser o primeiro pianista de nossos dias; e se não nos illudem os traços d'aquella phisionomia — aquelle olhar scintillante, aquella expressão de um espirito tão ardente, e tão grande que não cabe em corpinho tão pequeno; se o seu talento for crescendo com a edade, como é de crer, é natural que venha unir á prenda de feliz execução, o dom sublime da invenção. Seu pae foi o seu mestre, e vê-se que só um pae estuda bem o coração dos filhos, e por conseguinte revelando suas propensões, descobre o genio envolto nas fachas infantis, e lhe desprende os vôos, e eleva á maior eminencia. A cidade do Porto deu o berço a este innocente. Se Portugal tem genios, diga-o mais este exemplo.

CHARADA.

Quer triste ou alegre } 2
Desperto paixões, }
Eu só sou o pae } 1
De mil producções. }

TODO.

Sem fallar promovo bulhas,
Mas de curta duração;
Porque começam e acabam
Por minha authorisação.

Já tive mais vasto imperio,
E posto que mais curto está,
Inda sou obedecido
D'algumas c'roas que ha.

E se as minhas leis
Não são bem cumpridas;
Logo se conhece
Por quem infringidas.

—

Sou caçada, — 2
Sou caçador. — 1

TODO.

Compõe-se de especies varias,
Tem no mercado valor.

J. A. C.

—

EXPLICAÇÃO DA CHARADA DO NUMERO 30.

Anna-Grama.

EXPEDIENTE.

Por motivos attendiveis não se publicou esta folha no dia 18 de Maio. Declaramos aos Srs. Assignantes que o Distribuidor Lucas, já o não é d'este jornal, e por isso pedimos que de ora ávante lhe não entreguem o importe das assignaturas.

LISBOA — 1850 — OFFICINA TYPOGRAPHICA, *Rua dos Calleyros nº 47.*

JUNHO 15. 1850. NUMERO 33.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 81; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

CONSERVATORIO.

No dia 3 do corrente Junho SS. Magestades honraram com a sua presença os exercicios mensaes da eschola de musica no Conservatorio, e mostraram-se satisfeitos do seu progressivo desenvolvimento. Depois dos exercicios a Rainha se retirou com seus Augustos filhos a Infanta D. Maria, e o Infante D. João; e ElRei ficou com os Principes D. Pedro, e D. Luiz, observando attentamente todo o edificio. S. Magestade, sem duvida havia de admirar, e lastimar o estado da Secretaria do nosso Conservatorio, comparando-a ás dos Conservatorios das nações cultas de que tem perfeito conhecimento; e todavia devemos confessar que nenhuma d'aquellas Secretarias, onde se ostenta o brilho da civilisação, tem empregados mais beneméritos; e são estes por certo um contraste da pequenez da casa, e da falta de magnificencia de um estabelecimento, que sustenta uma das maiores glorias nacionaes! Fazemos votos para que o nosso Governo preste a devida attenção a este utilissimo estabelecimento em todas as partes de que se compõe, e que formam um todo importantisssmo, e indispensavel á civilisação do paiz. Poucos são os meios de que o Governo pode dispor; bem conhecemos;— porém pouco tambem se exige. O Sr Conde do Farrobo, e o Sr. D. Carlos da Cunha e Menezes são dignos dos maiores elogios; attenda-os o Governo, e o melhoramento será conhecido; aliás receamos muito que desgostosos com a falta de protecção do Governo, desanimem aquelles Cavalheiros que tantos serviços tem feito, e desejam fazer ao Conservatorio; e este caia de novo no cahos em que ainda ha pouco jazia! Um estabelecimento que tantos esforços custou ao genio superior (o Sr. Garrett) que bafejou a aurora da sua creação, e que tão nobres esperanças nutria de seu futuro engrandecimento! Mas neste nosso Portugal as artes, e as sciencias não florescem porque se algum espirito bemfazejo surge a protegel-as tem de abandonar a empresa, ou luctar em vão contra todos os elementos da destruição, que sem o auxilio de um braço forte, o genio só, a boa vontade só, não podem aniquilar; embora a inteligencia desenrole o seu lucido estandarte, fluctuará em campo deserto! A o Governo unicamente cumpre dar este auxilio, porque sem meios não podem haver fins. De tantas quantias que indevida e inutilmente se despendem uma

só bastaria a melhorar de tão proveitoso estabelecimento; mas é magoa que não haja um só entre tantos dos que mandam que tenha tratado seriamente um tão importante assumpto!!! Será assim que desejam illuminar o paiz? Não, por certo; assim abismar-se-ha nas trevas da ignorancia. Entretanto o Conservatorio tem merecido a especial attenção de Sua Magestade o Sr. D. Fernando, e nós confiamos tanto nas beneficas intensões d'este Principe tão inclinado ás artes, e ás sciencias, que de sua valiosa protecção esperamos felices resultados. Vamos ás escholas de Musica e Dansa

Ao Sr. Conde de Farrobo deve-se o estabelecimento da aula de instrumentos de latão, e muito acertada foi a escolha do Professor que a dirige, o Sr. Pinto, muito conhecido pelo seu merito artistico, e muito estimado pelas suas excellentes qualidades moraes. Contamos que a aula de clarinete que desde a morte do Professor. Canogia se acha extincta, virá tambem a estabelecer-se de novo, pois é bem precisa para o futuro.

Temos já em alguns numeros d'esta folha mencionado os nomes de alguns professores da escola de Musica, (veja-se especialmente o numero 4) e do Sr. Migone digno director da eschola de Musica, professor de piano, e eximio compositor; agora resta nos dizer mais alguma cousa do que dissemos o anno passado á cerca de dois professores, o Sr. Porto, e o Sr. José Theodoro, porque mais de perto os temos observado. O Sr. Porto professor de Canto do sexo masculino une aos profundos conhecimentos da sua arte, a energia que destingue os grandes espiritos. Do Sr. José Theodoro, Professor da aula de rudimentos do sexo feminino diremos que tem as melhores maneiras para ensinar tão difficeis estudos, e fazel-os comprehender a edades tão tenras; diremos que é muito intelligente; diremos em fim que é um dos mais dignos professores da eschola de Musica, e excellente pessoa. Tambem o professor do Italiano merece-nos o melhor conceito.

A Aula de Dansa vai bem; para os proximos exercicios publicos ensaia-se uma Dansa mimica muito bonita intitulada — Oriana, ou o dia de S. João — onde veremos apparecer o celebre Traga Mouros: admiramos como o Sr. Franchi, Professor de mimica tem podido em tão curto espaço de tempo conseguir tão felices resultados de seus desvelos, tendo tido a tarefa de fazer compreender arte assás delicada a meninas destituidas de toda a instrucção!.. Este professor grande, e assás conhecido na sua arte, e servindo ha 55 annos em Portugal merece toda a contemplação! Na edade de 73 annos é admiravel a sua actividade, e o seu zelo; tem uma imaginação ardente, e creadora, e ensina com muito bom methodo; é digno de occupar a cadeira vaga de Professor de mimica; pois o pequeno ordenado de substituto sendo apenas de dez mil e tantos réis mensaes (com o atraso de um anno em seu pagamento) não basta para sustentar a vida, de um ancião que em premio do muito que tem trabalhado para agradar ao publico devia contar com os meios de uma subsistencia mais commoda.

(*Continúa.*)

D. A. G. Pereira.

CONSERVATORIO.

ESCHOLA DE MUSICA.

Antes dos ensaios publicos da Eschola de Musica no Conservatorio de Lisboa o anno proximo findo teve V. a excellente idéa de animar com seus dignos louvores os Professores de Musica esperando que elles assim melhor desempenhassem os sagrados deveres a seu cargo: pouco em seguida V. indemnisou

com seus louvores aos alumnos e alumnas do injusto prejuiso que outros lhes fizerum, e que era mister reparar!... Bom é, que uma Senhora em quem todos nós reconhecemos os mais illimitados sentimentos de bondade e rectidão, reserve para si o encargo de tecer elogios ao merecimento, e de estimular com a energia sublime de suas expressões os menos disvellados em seus estudos; e que nos deixe (aos menos humanos) a restricta necessidade de censurar abusos, provenientes d'uma falta extraordinaria, em que mutuamente, lentes e alumnos, se desviam da senda que a sua missão lhes prescreve.

Seja-nos pois licito (aos imparciaes, e inimigos de paixões personalisadas) antes de começarem os novos exercicios, fazer aquella indispensavel analyse que os mais sagrados deveres prescrevem para que se não repitam as scenas do drama mimico-burlesco — que sobre este expendido assumpto tiveram logar o anno passado com grave prejuiso da mocidade, que em parte desanimou tão intempestiva destinção de merecimentos! A destribuição dos premios foi immerecida para alguns dos contemplados. Menor seria a affronta se acaso, todos os alumnos formassem em concurso á sorte!..

O Sr. Director da Eschola de Musica é um cavalheiro de reconhecida probidade, é meritorio intendedor da sua arte; porém é asperrimo para alguns alumnos, e condescendente em alto grau com algum dos professores!.. Quizeramos ver S. S.ª mais rigoroso com aquelles a quem toca dar o exemplo, e menos aspero com os frageis!.. Desejariamos vêl-o mais zeloso em ministrar a justiça dos seus alumnos! Seria louvavel que uma nação illustrada que quer ampliar as artes, soubesse fazer uma boa escolha dos membros que devem constituir um jury. Nada mais fóra do natural do que n'uma época de exercicios annuaes, precisar um estabelecimento como o nosso Conservatorio que tem muito bons professores (em quanto ao saber) de ir mendigar fóra, extranhos á Eschola de Musica para discutirem assumptos de que talvez — não podessem com jus fazer um juiso exacto, e imparcial, como póde fazer qualquer espectador conscencioso, habituado a presenciar os mais bem desempenhados concertos.

Seria util que na proxima época dos exames, o jury fosse composto de membros, os quaes fossem professores da Eschola, e que houvesse um presidente: esse ministerio deveria ser desempenhado pelo Director; ninguem mais digno de presidir em similhante tribunal como o Sr. Migoni.

(Continúa.)

E. de Mendonça.

O ISTHMO DE PANAMÁ.

Desde 1520 e 1521, Cortez pensava em uma communicação dos dous Oceanos, elle a estabeleceo mesmo, com alguma ignorancia, que era possivel; por meio d'um canal, unir o Chimalapa ao Guasacoalco. No fim do seculo decimo oitavo, quando a Hespanha parecia querer (no reinado de Carlos III) sair do seu lethargo, se tornou a falar muito d'uma communicação navegavel no Mexico por esse mesmo isthmo de Tehuantepec, e no Reino de Guatimala, pelo lago de Nicaragua, mas só se fizeram tanto d'uma como da outra parte, estudos sucintos e defeituosos, depois essa faisca de zelo desappareceo. Envolta do lago de Nicaragua tudo ficou como dantes. Se no isthmo de Tehuantepec, em 1798, abriram uma estrada de 140 kilometros, desde a Cidade de Tehuantepec na confluencia do Saraiva com o Guasacoalco, esta estrada era tão má, e as numerosas mudanças de transporte até a Vera-Cruz, incommodavam de tal modo o commercio, que no anno de 1804 via-se muitas vezes, o que deve subsistir ainda hoje as mercadorias irem de Tehuantepec a Vera-Cruz, pela direcção de Oaxaca em machos. Em quanto durou a guerra entre Napoleão e a Inglaterra, e que a Hespanha se conservou alliada da França' o anil de Guatimala, o mais precioso dos anis conhecidos, veio por esta ultima via ao porto de Vera-Cruz, e d'alli a Europa. O preço do transporte era de trinta pezos duros cada carga (de 130 kilogramas) e os almocreves gastavam tres mezes para fazer um transito que em linha recta é de 320 kilometros. Uzando das nossas medidas francezas, era na proporção de tres

francos quarenta centesimos por mil kilogramas, e por cada kilometros em linha recta. Pelo caminho de Tehuantepec ao porto do Saraiva, se estivesse em bom estado, e pelo Guasacoalco, a despesa achar-se-ia reduzida a tres quartos pelo menos, tanto em dinheiro como no tempo. Sobre um canal bem conservado os preços dos transportes com um direito da portagem variam ordinariamente de 5 a 10 centesimos por mil killogramas, e por cada kilometro percorrido, e em Franca a carretagem ordinaria se contenta com 20 a 25 centesimos.

Nos seculos decimo setimo e decimo oitavo, a Hespanha tinha necessidade de um bom serviço de transportes no isthmo do Panamá. Os thesouros do Perú se expediam para a Europa pela via do Panamá, e atravessando pelo meio do isthmo do Panamá a Porto-Bello, donde os galeões os conduziam. No emtanto entre Panamá e Porto-Bello nunca houve mais do que uma pessima estrada. Algumas vezes enviavam-se mercadorias da Europa para o Panamá fazendo-as chegar a Chagres, donde ellas eram conduzidas em barcos até Cruces; de Cruces ao Panamá, iam em cima de machos, sem que houvesse uma unica pequena estrada que favorecesse esse transito. Por aqui é que os viajantes caminhavam quando iam do Peru ou do Chili á Nova Granada, a Venezuela ou a outras possessões Hespanholas do littoral do Atlantico. As relações menos irregulares que havia entre os dous Oceanos eram, as do porto d'Acapulco a Vera-Cruz pelo Mexico. O transito em linha recta é de 613 kilometros, e com os rodeios de 800 kilometros pelo menos; é necessario muitas vezes subir a alturas consideraveis, para tornar a descer para profundos vales. E' assim que a Hespanha intendia a arte das communicações nos seus dominios do novo mundo, d'onde com um bom systema de transportes ella teria tirado immensos thesouros, porque elles eram tão vastos, que faltaria unicamente um quarto para egualar meia superficie e da Lua, e em fertilidade e riquesa eram ainda mais notaveis do que em extensão.

Tratar obras d'esta sorte por meio das communicações geraes, e pelas relações entre os dois Oceanos que separam a America em particular, era desconhecer os seus interesses, contrariar os da civilisação, e legitimar a sua propria decadencia; porque se nos negocios privados a propriedade invalida o direito de abusar, ou de não usar, não acontece o mesmo nos negocios da civilisação. Aqui subsiste do direito divino, uma lei de confiscação contra as Nações que não sabem tirar partido do talento que o senhor lhes confiou, ou que se servem em sentido contrario a algumas das inclinações as mais invenciveis da civilisação, como é a aproximação dos continentes, e das raças. Este extremo direito está escripto muitas vezes em letras de sangue e de fogo em todas as paginas da historia para que seja possivel duvidar-se. Assim chegámos aos tempos modernos. Para melhor apreciarmos o que se tem feito ou projectado, e o que falta a fazer, assentemos mais explicitamente a questão; demos conta quanto nos for possivel circumstancisadamente das facilidades, e dos obstaculos que o isthmo apresenta a quem procurar os meios de o abrir.

Mas em primeiro lugar, seria um canal ordinario que se precisava? Qual seria mesmo a naturesa da communicação a abrir-se? Deveriamos ficar firmes na idéa de um canal, ou conviria adoptar esses caminhos aperfeiçoados em que o vapor faz resvalar sobre o ferro com extraordinaria rapidez, e uma economia sempre crescente os mais pesados fardos? Se se preferir um canal, quaes deveriam ser as proporções? Afim de responder convenientemente a estas questões, é necessario primeiro averiguar-se com que fim se abriria um caminho no isthmo. As vantagens que se devem esperar d'um Canal atravez do isthmo do Panamá, não são inteiramente as mesmas para os Europeos ou para os povos d'America. Para a Europa, não abreviaria a viagem da China ou das Indias Orientaes, e ainda menos a das Ilhas de Sonda, onde a Hollanda possue admiraveis colonias, e onde se deve suppor que outras nações attraidas pelos acontecimentos dos Nirlandeses, não tardarão a fundar novas. A navegação da Europa para a China e ás Indias, faz-se pelo cabo da Boa-Esperança, e parece que, se ha um isthmo a cortar para abreviar essa longa peregrinação, seria certamente o de Suez. Regra

geral, as viagens que se poderiam abreviar abrindo o isthmo do Panamá são, primeiro, as que se fazem dobrando o cabo de Horn, extremidade da America meridional. Actualmente passa-se pelo Cabo de Horn para ir da Europa ao Peru na costa occidental do Mexico, ou para as possessões pertencentes aos Estados-Unidos, Inglaterra, e mesmo as da Russia. E' pelo cabo de Horn, que se vai a certos logares d'Australia na Nova Zelandia, as Ilhas da Sociedade, e a esses sem numero d'Archipelagos do mar do Sul, que chamam (Maitres) e as Ilhas Sandorich, as quaes mais de uma potencia cobiçam, porque occupam, entre o Occidente d'America do Norte e as regiões da China e do Japão, uma posição comparada a que occupa a de Malta entre a Hespanha, a França e a Italia d'um lado, e a margem do Nilo do outro. Para activar as relações da Europa com esses vastos paizes, para que os enxames das nossas gerações os fossem fecundar, seria muito vantajoso a abertura do isthmo do Panamá.

(Continúa.)

D. Ignez Carlota Cassiá.

POESIAS.

CORPUS CHRISTI.

HUMILDE CANTICO DE FESTA.

Que esplendores de gloria! que ventura
O eterno Ser á humanidade off'rece!
Consagrando-se a nós um Deus piedoso
Do Empyreo á terra desce!

De uma só côr a esféra luminosa!
Mais puro o Sol com seu real diadêma!
Salve! Mundo feliz! Throno do Eterno!
Hoje és do ceu emblema!

Do seu auctor á vinda, como grata
De flores mil se enfeita a primavera!
Calam-se os ventos! a mais leve sombra
Não mancha a azul esfera!

E só da artilheria o som tremendo,
Rebon pelo ar salvas festivas:
Nuvens de fumo, que ligeiras rolam,
Assomam fugitivas!

Quaes os anjos no ceu, na terra os vates
Ao Senhor formam côro tão festivo,
Que se a inveja outra vez nos ceus entrasse
Este fôra o motivo!

Mas que som! as alturas nos respondem
Nossos hymnos fieis acompanhando!...
Querem tambem as aves imitar-nos
A' porfia trinando!...

Monstro infernal que imperas nos abysmos!
Preso ao throno onde bramas furioso,
Tu, misero! tu só gosar não podes
Este quadro assombroso!

Tu misero! tu só a longos tragos
Da pestilente inveja o fel bebendo,
Recordas a ventura dos humanos
Em remorsos ardendo!

As cadeias remordes que te esmagam,
E no ferreo sceptro em brasa os pulsos ligam:
Mas inuteis esforços! São eternas!
E a que dar-te hoje obrigam!

Nem penses, quando livre surgir possas,
Ser qual foste o flagelo dos viventes!
O teu cofre de astucias jaz exhausto!
Todas foram patentes!

Onde te conduzir teu negro intento
Sempre estorvo has-de achar; e não diverso!
Verás da cruz os braços estendidos
Abarcar o universo!

Da terra expulso, buscarás forçado
Um abrigo no báratro profundo,
Onde as rexoluções hão-de opprimir-te
Que accendeste no mundo!

Hão-de soltar-te os que illudir podeste,
E arrastar-te aos tormentos seus eternos:
No emtanto exultaremos sobranceiros
Ás traições dos infernos.

Por tantos dias de amargura, e pranto
Brilhe um dia que toda a luz encerra!
Louvores ao Senhor que nos concede
Paz e gloria na terra!

D. A. G. Pusich.

Ao Ill.mo Sr. Augusto Pio dos Santos, em resposta á poesia que teve a bondade de me dedicar, publicada em o numero 21 do Jardim Litterario.

—

O TRIUMPHO.

Augusto! o nome teu grandesa exprime!
A grandesa maior, grandesa d'alma
Que em teu canto reluz; canto sublime
Onde me outorgas florescente palma!

A mente que entre horrores divagava
Nas ruinas de um templo magestoso;
Da vida humana o emblema contemplava
Nesse quadro fatal misterioso!..

A mente de improviso arrebatada
Voa qual por encanto á excelsa altura!..
Conta os lumes da abobeda estrellada,
Gira os espaços onde o sol fulgura!..

Alfim reagindo os espirito abatido,
Que dor terrivel suffocado havia,
Desperta ao som divino!.. eis renascido
O genio que nas sombras se escondia!

Serena brisa,
Suave, pura,
Minha amargura
Vem dissipar!..

Que voz amiga
Vem despertar-me!..
Vem convidar-me
A triumphar!..

Sim!.. eu te escuto!..
Sim!.. eu te sigo,
Conselho amigo,
Sem vacillar.

Nas vozes tuas
Um Deus me ordena,
Que empunhe a penna
Sem descançar;

Que mova guerra
Ao vicio rude;
E que a virtude
Saiba exaltar.

Sim!.. eu te escuto!..
Sim!.. eu te sigo,
Conselho amigo;
Sem vacillar.

D. A. G. Pussch.

CARACTER DO HOMEM JUSTO,

ou

DECALAGO PARA A FELICIDADE ETERNA.

Versão do 14.º Psalmo de David: — *Domine, quis habitabit in tabernaculo, &c.* — nas duas especies principaes de verso portuguez.

¿Quem no vosso sanctuario,
Grande Deus, habitará?
¿Ou no celeste sacrario
Quem, Senhor, descançará?

—O vivente
Que procede
Justamente,
— E cuja verdade,
— E para lealdade;
— Que males não causára,
— Nem censuras escutára,
— Dos maligno fazia do constante. (1)
— E dos que a Deus adoram sempre amante (2).
— O que não falsea prestando uma jura,
— E nunca aos outros, nunca empresta com usura,
— Nem por peitas os sem culpa opprime com tortura.

O que cumprir taes coisas tão somente
Gosará de descanço eternamente!

Abril — 18 — 1850.

M. D. Santos.

(1) A Vulgata latina diz: — *Ad nihilum deductus est in conspectu ejus malignus*: — intendi porém, para clarear, não dever metrificar a traducção portugueza litteralmente, mas segundo a judiciosa interpretação de Sarmento: e foi por isso que me affastei neste verso do sentido litteral latino.

(2) Na Vulgata latina le-se: (qui) *glorificat* — o honrador; verti porém no termo — amante, por causa da rima. O Auctor.

A SULTANA.

Na minha linda Turquia
Ninguem mais do que eu impera...
Sou mais do que d'antes q'ria,
E mais fôra se o quizera...
Sou a adorada sultana,
Que de ser bella se ufana,
E qu'inda não tem rival...
Sou a mulher mais ditosa,
E talvez... a mais formosa
D'esta terra oriental.

No meu coxim recostada
Austera dictando leis,
Sou alli mais respeitada
Do que no throno esses reis...

Curvam-se lá ante mim
Escravos, donas sem fim,
E a odalisca tambem...
E em troco d'isto... meus braços
Apertam com mil abraços
O meu Sultão... mais ninguem...

Palacios formosos tenho,
Todos por dentro doirados,
Erguidos com mais engenho
Que os de muitos potentados:
N'elles tenho immensas salas.
Ornadas de tantas galas
Que a todos fazem pasmar.
E tenho tambem campinas
Onde o aroma das boninas
Recende intenso no ar.

Lindas cr'ôas tenho d'oiro,
De diamantes cravadas;
Tambem as-tenho de loiro
E de flôres prateadas.
De per'las tenho collares,
De arrecadas tantos pares
Que não podem ser contados;
Palanquins tenho formosos,
E tenho bosques frondosos
De trinta fontes regados.

¿Mas tantas pompas que valem
Quando amores se não tem!
Ou quanto n'est'alma estalem
Mil ciumes do harem!..
Não vale, não, a riqueza;
Antes livre na pobreza
Que escrava em coxins erguidos...
Vale mais um puro amor,
Do que todo este splendor
Que me embriaga os sentidos.

Hoje sou a favorita,
A' manhã deixo de o-ser;
E no harem, como proscripta,
Esquecida irei morrer!
Virá pois uma odalisca
Ser electrica faisca
No peito do gran' sultão...
E este nome que hoje tenho,
Que guardo com tanto empenho,
O-tomará ella então!

22 d'abril de 1850.

S. P. Estacio M. e Veiga.

THEATRO DE D. MARIA II.

O DUENDE.

Esta opera hespanhola traduzida em portuguez pelo Sr. Pinheiro Bordalo, tem agradado muito; e devéras é bonita, e engraçada. Os actores compreendêram os seus papeis. Não era preciso mencionar o Sr. Theodorico para saber-se que se distingue em todas as peças em que entra: o nome deste actor está já assaz acreditado; mas dirêmos sempre—que faltava esta opera para o remate da sua gloria! Que o Sr. Theodorico tem a mais feliz intelligencia, e habilidade para o bom desempenho de qualquer parte não só graciosa, mas seria, digão-o Alcaide de Faro, Fr. Luiz de Sousa etc. etc. mas que elle tambem era habil para o melhor desempenho de um papel em que havia de cantar, foi o Duende quem revelou! O publico sabe recompensar-lhe os esforsos que faz para agradar-lhe, manifestando em continuos aplausos as simpathias que este actor nos merêce. D. Calisto velho rico, avarento (e demais a mais namorado!...) d'esses que entendem dever exercitar sobre os seus uma *contade de ferro*, dirigida sem methodo, nem delicadesa, e não tendo forças para governar as proprias acções, e conter os proprios sentimentos, querem subjugar os alhêios... D. Calisto é a importante personagem que o Sr. Theodorico representa.

O Sr. Tasso figura de D. Carlos — joven extravagante, e pouco sugeito, — he sorteado, e preso para soldado, — luctando entre um amor misterioso que nutre por esse ente incognito (o duende) que é a mesma sua prima que sem a haver já mais visto elle recusára em casamento, e o desejo de se livrar da farda; tem uma parte muito enteressante, e é desempenhada com a maior naturalidade, tornando-se o Sr. Tasso cada vez mais digno do bom acolhimento do publico apreciador do seu grande merito.

A Sr.ª Delfina (D. Sabina velha, rica, e enthusiasmada por devertimentos) é uma das partes principaes da opera. Esta eximia actriz tão estimada do publico pelo seu merito, alcança nesta opera novas, e merecidas palmas. O dueto que ella canta com o Sr. Carvalho é muito bonito, e mui bem executado: é o que mais tem agradado ao publico.

A Sr.ª Radicce (O duende) é a mulher misteriosa que vêlla inconçavel pela segurança d'aquelle de quem deseja, e consegue por meios extraordinarios, alcançar o amor;

e Sr.ª. Radicci entra perfeitamente; a sua vóz é harmoniosa, e clara — e tem muita habilidade para o canto.

A Sr.ª. Elizíaria em peça alguma entra tão bem; sem saber musica ella canta e não desafina jámais, nem se perde; merece nossos sinceros elogios.

O Sr. Carvalho representa a parte de Antonio, criado de D. Carlos — he um papel dificil pela situação — canta dois ductos, e um terceto em que a parte maior é a sua. E' este o primeiro papel importante que se destribue a este joven Actor; mas é a nosso vêr o Diploma que o eléva á cathegoria de um dos melhores actores que hade animar a comedia neste palco; esperamos (se não morrermos) ver esta prophecia realisada. Damos-lhe os devidos parabens, e louvamos o muito bem que desempenha a sua parte.

O Sr. Correa (Coronel D. Diogo joven apaixonado) faz os maiores esforços, e consegue desempenhar bem a sua parte, custosa pelo canto, que não é a sua profissão: O Sr. Correa é um actor de muito merito, e intelligente.

O Sr. Luiz da Costa (Cabo Correa) debutou nesta opera — vai perfeitamente, e mostra ter muita habilidade.

Ha nesta peça um contraste engenhoso em que muito louvamos a idéa do auctor; vem a ser as duas personagens — Emiterio o Estalajadeiro de Alcalá — e o Procurador Venancio. — O Sr. Leal figura o Estalajadeiro. — O typo da indolencia, — a imagem da Preguiça do Brasil; seus passos e suas palavras nem todos os abâlos do Céo, e terra podem accelerar; ao tempo que o Procurador Venancio tem a velocidade de um raio! Esta personagem tam dificil pelo modo porque pisa o palco, escorregando ligeiro, e quase sem se presentirem os passos pela rapidez com que gyra a scena, é desempenhada pelo Sr. Ribeiro — Dançarino — com a maior perfeição, e graça. Obtem sempre muitos aplausos. —

Finalmente os coros vão muito bem; e elogiando os actores que tanto se esmeram por fazer mais do que prometeram, não deixarêmos em silencio o nome do benemerito professor de musica, o Sr. Pinto, que tão habilmente os ensaiou, sem que nenhum d'elles (a excepção da Sr.ª Radicci) soubêsse uma nota!

O Duende é um dos bons Espetaculos que a direcção nos tem apresentado, anciosa por devertir o publico; nós fazemos-lhe ajustiça de acreditar que não poupam despesas, e diligencias para su tentar seus creditos, o que felizmente vão conseguindo; e esperamos mereçam cada vez mais a approvação do publico imparcial.

D. A. G. Pereira.

ARTUR NAPOLEÃO.

Quinta feira 20 do corrente, no theatro de D. Maria 2.ª terá lugar um concerto em Beneficio do Menino Artur Napoleão — Esperamos que o publico bem fasejo concorrerá a auxiliar este genio da harmonia, que animado, e protegido por seus compatriotas, e mais pessoas apreciadoras do merito, virá um dia a honrar com seu talento artistico a terra do seu berço.

THEATRO DO GYMNASIO.

O SR. TABORDA.

Tinhamos lamentado com o maior sentimento a noticia que tivemos da doença do Sr. Taborda, eximio actor que tantas simpathias nos merece; e cuja falta n'aquelle theatro éra irreparavel; sabemos com satisfação que a sua molestia é um encomodo passageiro de que váe melhor; e esperamos vel-o embreve restabelecido animar com a sua presença o palco; o que mui deveras desejamos.

PHENOMENO.

Na Travessa do Secretario de Guerra n.º 16 uma Sr.ª por nome D. Emilia Albina Monteiro de Carvalho, teve nestes ultimos dias um mau successo, e observado pelo Facultativo que a trata o Sr. Esteves Rosa, verificou-se serem treze creanças!!!... A doente vive, e com os disvelos do intelligente Facultativo espera-se que escape á morte.

LISBOA — 1850 — OFFICINA TYPOGRAPHICA, *Rua dos Calheyros* n.º 17.

JUNHO 29. 1850. NUMERO 34.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 81 e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos grafis. Annuncios, Correspondencias e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

CONSERVATORIO.

A missão do escriptor público é a mais sagrada e gloriosa, mas tambem a mais arriscada, se elle a compreende em toda a sua extenção! Moralisar e illustrar os póvos, purificar a sociedade dos erros que a damnam, desterrar os abusos patenteando-os com próvas authenticas: defender o fraco e o innocente contra as oppressões do forte e do perverso; exaltar a virtude, deprimir o vicio; e finalmente desligar-se de todas as terrenas considerações para conservar illeso o seu nome, livre e independente a sua penna; ensurdecer ás vozes do interesse, e até mesmo ás do coração... é sem duvida tremendo encargo!.. E' por certo mui espinhosa e cercada de abismos a vereda, que nos póde conduzir á gloriosa immortalidade! E diremos que em nossa terra o escriptor público tem de luctar com mais difficuldades do que em outros paizes onde o progresso da civilisação offerece ás lettras mais protecção e mais garantias!... Os homens os mais illustrados e animosos tem experimentado esta verdade; e quantos tem succumbido aos manejos vis da intriga, ao odio e á perseguição d'aquelles cujos defeitos foi mister combater!!.. O escriptor público imparcial não adquire fortuna, antes a perde, e os desgostos são infalliveis! Se os homens precisam ter um escudo de diamante, um braço vigoroso, um animo superior e inabalavel; como poderá uma Senhora triumphar em lide tão afanosa?!.. E todavia é mister não vacillar!.. Começada que seja a empresa devemos leval-a ao fim sem desaire! Faltar-nos-hão as forças phisicas, talvez, mas o valor e a rasão sobram-nos; e se em meio da lucta se esvaecer a vida, resta-nos a consciencia das acções que praticamos; resta-nos a gloria d'essas mesmas acções, e a verdadeira gloria é tudo para nós!

Prevemos, não sem grande fundamento, que a questão que encetámos sobre o Conservatorio, para attrairmos as attenções da imprensa e das authoridades sobre este importante Estabelecimento, vai-nos custando cara! Não importa!...uma vez que entrámos na arena recuar seria infamia!

Tratámos especialmente do Conservatorio porque, além do amor ás artes e ás sciencias, moveu-nos o interesse que nos inspirou a sorte de tantos entes desvalidos, que alli vão demandar um auxilio contra a ignorancia e a indigencia, que os ameaça. Pesquisando escrupulosamente

aquelle Estabelecimento tivemos occasião de conhecer Cavalheiros benemeritos, dignos de todo o louvor, e não lh'o recusâmos (Vide os numeros 4 — 8 — 27 — 32 — e 33 d'esta folha) mas encontrámos tambem abusos que não pódiam deixar de ser patenteados no jornal, que tomou a seu cargo examinar o Conservatorio tão despresado e aborrecido actualmente pela maioria dos homens distinctos, sendo este odio quasi geral, procedido d'esses mesmos abusos, que tem tornado o Estabelecimento um onus ao Thesouro inutil á sociedade, e o desdoiro da civilisação !.. Intendemos que se devia melhorar, e não destruir para reedificar; o que além de prejudicar muitas pessoas se tornaria despendioso ao paiz, que de poucos meios póde dispôr; mas para o melhorar seria mister primeiro fazer-se conhecer a enfermidade !. Eis o terrivel escolho !.. Em quanto cantamos louvores, a nossa viagem foi de *rosas*; apenas intentamos sulcar mares *nunca d'antes navegados* — eis que um outro soberbo *Adamastor* surgindo irado.

Horrrivel tempestade nos augura ! !..

Porém nós a quem o raio vingador não intemida, e as ameaças encorajam — nós affeitas a encarar sem susto os mares procellosos, respondemos ao tremebundo Gigante com os seguintes versos do Sr. Corvo, annexos ao seu lindo Romance — Um anno na Corte — publicado na Revista Universal.

Tan soberbio en la paz,
Y tan cobarde en la guerra,
Toda a su fama se incierra
En patarata, no mas.

Miseria ! E' a expressão mais propria que neste instante nos lembra !

Será preciso todavia esclarecermos este ponto, a fim de que evitemos juizos temerarios. — Declaramos que estas nossas expressões não se referem a pessoa alguma do Governo, nem a qualquer auctoridade: pertendemos tão somente prestar um serviço ao Estado e ao paiz, escrevendo com franquesa sobre abusos, que é mister desterrar, promettendo não dizer senão o que souber-mos com certesa, usando sempre da verdade, que nós presâmos ter por distinctivo; e se a tanto nos obrigarem mostraremos ao mundo como em tropheu a mascara da hypocresia rasgada por nossas mãos.

No seguinte numero esperamos offerecer um documento pelo qual mostraremos o importante serviço de indicar ao Thesouro Publico a quantia de 268:500 rs. annuaes, que ha seis annos e perto de dois mezes se acha descaminhada, e continuaria a sel-o, se não prevenissemos as authoridades.

D. A. G. Pessoa.

O EXCELLENTISSIMO

DUQUE DE PALMELLA.

Louvores á Divina Providencia! O nobre Duque de Palmella acha-se livre da grave enfermidade que por espaço de alguns mezes teve em risco a sua preciosa existencia. Foi-nos tão doloroso aquelle seu padecimento, quanto nos é grata a agradavel noticia do seu restabelecimento; — e participamos, muito deveras, o regosijo que anima todas as pessoas que sabem apreciar o elevado merito d'este Cavalheiro verdadeiramente Grande. — O Altissimo dilate, e abençoe os dias ao digno chefe de uma familia exemplar em virtudes; — ao sabio protector, e brilhante ornamento da litteratura; — ao amigo das Artes; — ao benefico amparo dos desvalidos.

O homem que no auge maior da opulencia conserva tão imminentes qualidades, é sempre digno da alta estima e consideração, que sincera e livremente lhe tributâmos.

D. A. G. Pessoa.

MAXIMAS PHILOSOPHICAS:

A PRÓ DOS REIS E DOS POVOS.

(IMITADAS DE M.r DE LA MOTHE-FENELON.)

Todas as nações do mundo constituem apenas differentes familias de uma mesma republica, cujo unico chefe é — Deus.

A lei natural e generica, pela qual ordena — que cada uma d'essas familias se governe, consiste — *na preferencia do bem geral ao interesse particular.*

Se os homens seguissem á risca esta lei da natureza, cada um faria livremente e por amisade o — que só se practica hoje por temor, ou por interesse. Porém... infelizmente, as paixões nos cegam, nos corrompem, e nos privam em summa N de conhecer é de apreciar *tão magnanima* e *tão sabia lei*! —

Tornou-se pois necessario — explical-a, e fazel-a executar por meio de leis civis; e consequentemente — estabelecer uma suprema auctoridade, que fosse difinitivo juiz, e á qual todos os homens podessem recorrer como — *um centro de unidade politica, e de ordem civil*; alias haveriam tantos governos arbitrarios, como humanos espiritos!..

E' por tanto — o amor do povo, — o bem público, — e o interesse geral da sociedade, — *a lei* immutavel e universal dos soberanos: — lei *anterior* a todos os contractos, e que tem por base — a mesma natureza; origem, e regra infallivel de todas as outras leis.

O que impera — deve ser o primeiro e o mais obediente a esta lei primitiva! Elle póde tudo sobre os povos; mas esta lei deve poder tudo sobre elle! —

O auctor do genero humano não lhe confiou seus filhos — senão para os tornar felizes. Apraz-lhe, — que *um* só homem, por sua illustração, seja o instrumento da felicidade de muitos; e não, — que *muitos* homens, por sua inferioridade (pecaniaria, ou mental) sirvam para lisongear o orgulho de um só! —

Não foi para seu engrandecimento — que Deus, ou os *homens* o constituiram rei; mas sim — para ser o defensor dos póvos! E jámais se torna digno de reinar, — quando não esquecer os seus interesses para attender *aos do seu povo!*

O despotismo tirannico dos soberanos — é um attentado contra os direitos de fraternidade humana! E' *lançar por terra* — a sublime e sabia lei da natureza, da qual elles — *só devem ser os conservadores!*

O despotismo da multidão — é um poder louco e cego, que a si mesmo se annihila.

Um povo desordenado por uma liberdade *excessiva* — torna-se o mais insupportavel de todos os tirannos!

A sabedoria pois de um governo, qualquer que elle seja, consiste — em descobrir o *termo medio* entre estes dois horrorósos extremos; — n'uma liberdade moderada pela simples auctoridade das leis. Porém os homens cégos e inimigos do seu bem estar não saberiam regular-se por esta tão justa mediocridade.

— *Triste estado da natureza humana!*

Os soberanos ciosos do seu poder — anhelam sempre engrandecel-o! Os povos apaixonados pela sua liberdade — pertendem sempre augmental-a!

Todavia importa mais *supportar* pela manutenção do socego público — os males inevitaveis em todos os estados, ainda nos mais bem regidos, — do que *sacudir* completamente o jugo das auctoridades, entregando-se continuamente aos furores da multidão, que opéra — *sem regra, e sem lei!*

Quando pois se conferir o poder supremo, por meio de leis fundamentaes, — ou *a um só*, — ou *a poucos*, — ou *a muitos*, — será mister supportar-lhe os abusos, se possivel não for remediar-lh'os por meios compativeis com a boa ordem.

Todas as fórmas de governo — são necessariamente *imperfeitas*; porque só aos *homens* póde conferir-se — a sua suprema auctoridade. Todas as fórmas de governo — são percisamente *boas*, quando os que dirigem o poder seguem a grande lei — *do bem publico*.

Na theoria algumas parecem melhores do que outras; mas na practica — a fraqueza, e depravação dos homens, sujeitos ás mesmas paixões, expoem todos os estados a inconvenientes — *quasi iguaes*. Dois, ou trez homens se *atrahoeam sempre* do monarcha, ou da republica!

Não consistirá pois a felicidade das nações — na mudança — ou na abolição das fórmas já estabelecidas; mas sim — *em fazer ver* aos soberanos, que a segurança do seu reinado depende — da prosperidade de seus subditos: e aos povos — que a sua solida, e verdadeira ventura exige — *a subordinação*!

A liberdade illimitada — é *uma desordem*, que conduz ao despotismo!

A ordem sem a liberdade — é *uma escravidão*, que se perde na anarchia!

De um lado — deve fazer conhecer-se aos

principes, — que o poder sem limites é um *frenesi*, que arruina a sua mesma auctoridade: porque sempre que os soberanos se habituem a não seguir outras leis, além de suas vontades absolutas, — *insensivelmente* destruirão — os alicerces do seu poder; e uma revolução repentina e violenta terá d'erguer-se, *tarde ou cedo*, — que em vez de moderar simplesmente a sua excessiva auctoridade — os desthronará para sempre!..

De outro lado — deve fazer saber-se aos póvos, — que os soberanos achando-se expóstos aos odios, — ás invejas, e aos erros *involuntarios*, que trazem comsigo consequencias terriveis, mas imprevistas — se tornam dignos de commiseração e de desculpa! — Os homens são realmente infelizes — tendo de ser governados por um rei, — que não é mais que um seu *similhante*; bem que seriam necessarios deoses — para bem ordenar os homens! Todavia os reis — não são menos desaffortunados, sendo *entes* humanos; isto é — fracos e imperfeitos, e tendo de governar uma innumeravel multidão de homens — *depravados*, e *falsarios*! —

Attendendo-se pois ás presentes MAXIMAS convenientes a todos os estados, mantendo-se a liberdade dos póvos, e conservando-se a subordinação segundo as dignidades, — se poderá conciliar a liberdade de um povo com a obediencia devida aos soberanos: — e tornar os homens *simultaneamente* bons cidadãos, — fiéis subditos, — submissos sem serem escravos, — e livres sem serem desregrados!

O verdadeiro amor da ordem — é a baze de todas as virtudes politicas; — bem como de todas as virtudes divinas!

— Janeiro de 49. —

M. D. Santos.

POESIAS.

A TORRE DO FATO.

LENDA POPULAR.

Quando o ser campião da lei de Christo
Era dos Cavalleiros lei sagrada;
Quando a fidelidade entre os amantes
Era inviolavel, era respeitada;

D. Jorge, flor dos lusos combatentes,
Que exaltava co'o mérito a nobreza;
A Maria se uniu co' os sanctos laços
Distincta em sangue, em mérito, e belleza.

Foi dever o partir, voar ao campo,
Onde iam pleitear-se a cruz e a lua:
Parte, mas a seu tio entregue deixa
O seu thesoiro e honra, a esposa sua.

Saudades só lá na Africa o devoram!
Mas eis chega uma carta! exulta.....ai triste!
Illudindo a D. Sancho a esposa infame
Co'um amante é fugida: em França existe.

Esta séta de dôr trespassa o peito
Onde africanas sétas resvalaram!
Era em Tanger a guerra: e terminada
Os lusos combatentes regressaram.

No campo vencedor, no amor vencido,
O applauso, a côrte, o mundo o desesperam,
Foge e corre a Bemfica a sepultar-se
Na solidão co'as penas que o laceram.

Chega a noite feliz! a flor das noites,
Noite de S. João! Quantas fogueiras
A dizer, tudo ri, quantos descantes
A fallar de formosas feiticeiras!

Folgam todos! só tu mísero esposo
Não tens quem ames, não conheces riso!
A ventura dos mais teu mal redobra!
Vês inferno onde os mais teem paraíso.

Corria voz então, que d'uma dama
O fantasma infeliz cantar se ouvia
Depois da meia noite: n'um palacio
Onde ha muito habitar ninguem queria:

Diz-se a antiga mansão — Torre do Fato —
Jaz sumida em logar triste, e deserto;
Não longe de Bemfica: aves da morte
Lá teem n'um bosque domicilio certo.

Sente estalar-lhe o coração no peito;
O pobre louco desvairado evita
Os échos do folgar, anhella, busca
Da can:ôra da torre a sombra afflicta!

« E' visinha, como eu é desditosa!
Ah! podesse eu tambem, vagar com ella...
Comsigo diz: chegou, a voz escuta,
Que estes versos descanta a uma janella.

« Noite de amor, e feitiços
« Para todos os viventes!
« Oh! como outr'ora sorrias
« Nos meus jogos innocentes!

« Oh! noite! ao menos levasses
« Em tuas azas meu canto,
« Aos ouvidos de um ingrato,
« Que não sabe ouvir meu pranto!

« De prazeres rodeado
« Talvez! talvez que n'est'hora
« Nem pela idéa te passem!
« Tristezas de quem te adora.

« Que mal te fiz! qual meu crime?
« O ser constante, e extremosa?
« Se a lealdade é delicto.
« Mata-me; sou criminosa!

« Tira-me a vida que é tua
« Mas não te affastes de mim!
« Dá-me o soltal-a em teus labios.....
« Não me abandones assim!

« Curtir, curtir innocente
« Desterro e prisão tão crua!
« S. João! pae da verdade
« Me valha que a noite é sua!

« Ah! D. Jorge! se vencendo
« Estas sombras, este horror,
« Meus lamentos escutasses!.....
« Ver podêsses minha dôr!.....

« Teu peito alfim condoído
« Um suspiro me daria!....
« Um só!.... um só me bastava
« Feliz com elle morria! »

Ao dizer isto um desatado pranto
Lhe afoga o resto da sentida falla,
D. Jorge o sente: é luz do raio; viu-a....
Salta, investe furioso, entrou na sala.

Um vulto femenil em vestes negras
Por terra avista.... já lá rompe o dia...
Reconhece.... E' possivel!... presa! viva!...
Fiel!.... e sua!... a candida Maria!

Qual do rigor do sol pendida e murcha,
Aos prantos da manhã revive a roza,
Tal aos beijos, ás lagrimas do esposo
Torna Maria á vida a ter ditosa.

D. Sancho o velho infame urdira tudo;
Elle com mutuo engano os separava;
Elle escrava a retinha; elle jurára
Ou cedo ou tarde, triumfar da escrava.

Zombou o céu dos seus desejos impios;
Foge atterrado: o bello par de novo
Entra em Bemfica; o jubilo, que os enche.
Dobra na festa os jubilos do povo.

Vem da fonte alegre bando,
Trazem flóridos palmitos;
Nata, queijos, alvos pombos,
Os cordeiros mais bonitos,
Os fructos mais esquesitos.

Gratos ao povo os consortes
Aos festeiros se juntaram;
E em memoria do prodigio
Um altar edificaram
Que a S. João consagraram.

D. A. G. Pessoa.

Domingo 23 de Junho, Madame Bertrande Senges realisou a sua ultima ascenção n'esta Capital. — A' noite esteve no Theatro de D. Maria II, e nós tivemos a satisfação de a comprimentar no seu camarote n.º 18, — gosando alguns momentos a sua agradavel conversação, que será para nós de grata recordação. — Uma Senhora de espirito, e coragem como Madame Bertrande é sempre um objecto digno de louvores, e por isso nós lh'os consagrâmos nos seguintes versos, que o nosso coração dictou, — nem de outro modo os podiamos escrever.

—

A' INTREPIDA AERONAUTA MADAME BERTRANDE SENGES.

UM TROPHEU.

Salve! intrepida aeronauta!
Salve! Bertrande immortal!
Colhe os laureis da victoria,
Que te offr'ece Portugal;
Que nas paginas da historia
Hade erguer-te um pedestal!

Oiro não pode offertar-te,
Nem joias de preço immenso
Que o teu valor merecia!
Em nosso penar intenso
Só podemos da poesia
Consagrar-te o puro incenso.

Tu nos deixas, e demandas
Em mais ditosa paragem
Um venturoso porvir!...
Do Tejo na fresca margem
Não podeste ver sorrir
Da fortuna a leve aragem!...

Mas viste sorrirte agloria!...
Cingiste brilhante cr'oa
Mais que as de oiro preciosa.

E á posteridade voa
Resplandecente, famosa,
Tua ascenção em Lisboa.

A teus pés os reinos viste,
Os palacios, os castellos,
Os edificios mais bellos;
E altiva gyraste a esphera
Onde altivo o sol impera!

Por alcatifa tiveste
As nuvens no céo lusente;
E mais que tudo excellente
Foi-te dádo por condão
Ter dos lusos a affeição.

D. A. G. Pereira.

A' DITA AERONAUTA.

Tens uma crença arraigada,
E essa crença é só em Deus...
No verdor dos annos teus
Já tens a gloria alcançada
Que sonháras,—e que a vês
Revelando a candidez
Da tua viva saudade
Colhida com anciedade
Lá no espaço dos Ceus,
Onde sentiste gravada
A tua crença arraigada!..

De laureis tens uma c'rôa.
No presente, e no porvir,
Que Lysia grata a sorrir
Já p'ra ti, cõ ella vôa
A nome eterno tens jús,
Tens o pensar que reluz
Nos labios da minha terra,
Descobrindo o seu sentir
De que «Senges em Lisboa»
No presente, e no porvir
Colheu immurchavel c'rôa!..

J. H. de Almeida Blasco.

Á SENHORA DELFINA

(NA NOITE DE SEU BENEFICIO.)

Toi qui dans l'art profond comme en un sanctuaire
Entras bien jeune encore pour n'en sortir jamais.

V. Hugo.—Les rayons et les ombres.

Ao teu genio Delfina singella,
Vou um canto da lyra soltar,
De respeito tributo sincero
N'este canto te vou offertar.

Que não tenha a minha lyra
De Petrarcha a inspiração!
E que não possa ella dar-te
Uma gloria; um padrão!

Que m'importa que a França proclame
De Rachel, Dejazet o primor,
Que no reino formoso dos Talmas
Se distinguem no genio e fulgor!

Que m'importa!.. tambem nesta terra
Já fulgura uma estrella sem par,
Se o seu brilho não fulge mais longe
Não provem de o poder igualar.

E' que ao genio, modestia se junta
D'esta filha da nobre Thalia;
Pois n'um gesto, um olhar, uma frase,
Produz n'alma espansiva alegria.

E', Delfina, de graça um portento,
Que na scena da Lusa Nação,
Refulgindo modesta e querida,
Subirá de alta gloria á mansão!

Avante, pois, nobre artista
Até a gloria alcançar,
P'ra teu nome além da campa
Sobre a terra vivo estar.

Mas que podem os cantos singellos
D'esta lyra que é filha d'amor?
Se são pobres.. tão pobres! sentidos
Como as penas do seu trovador!

N'essas c'roas de gloria viçosas
Que em tua fronte eu já vejo ondular,
Vê se escondes meu canto singello;
Vê se o podes p'ra sempre occultar.

M. F. Correa.

A VOLTA DE D. JOÃO I. PARA LISBOA. 1389.

Eram os Castelhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos.

Camões.—Lusiadas. Cant. IV. Est. 47.

Voltava para Lisboa
O nobre rei Dom João,
Que tinha saído ao campo
Em defensa da nação.

Voltava, como em triumpho,
Para o sólo Portuguez;
Pois tinha feito proezas
Que rei algum inda fez.

Trazia na fronte os louros
Que ao Castelhano ganhou;
E tambem trazia as armas
Com que por lá batalhou.

Chegado pois que elle fôra
A seu tão lindo paiz,
Aos pagens e cavalleiros
D'esta sorte assim lhes diz:

« Senhores meus, é já tempo
D'irmos todos descançar;
Na paz gozêmos das glorias
Que ás guerras fômos ganhar.

Deixémos agora as armas
Que nos fizéram valer,
Que aos Castelhanos mostráram
Qual era o nosso poder...

Vamos, vamos em socego,
Descançar de tanta lida,
Que assim respirar podemos
Auras de gloria e de vida.

D'aquí a dias eu mando
Fazer um grande festim,
Levantar mastros de louros,
Queimar incenso e alecrim.

Pois quero que este meu povo
(Nobre como outro não é)
Alegre vá nossos feitos
Festejar co'amor e fé:

E em quanto n'esses festejos
O povo se-demorar,
Podemos nós, bem podemos,
Nossas façanhas cantar.

Que em lembrando Aljubarrota,
E as de Valverde tambem,
Lembrado temos mil glorias
Como as não teve ninguem. »

Era assim que então fallava
O nobre e valente rei,
Que com a espada mantinha
O altar, a patria, e a lei.

Queria ver socegada
Aquella gente leal,
Que com elle batalhará
A pró do seu Portugal.

E quizéra, mais que tudo,
O povo contente ver,
Esse povo que lhe déra
A c'rôa, o throno, o poder.

13 de junho de 1850.

S. P. Estacio M.ª Vasco.

SONETO.

AO ANNIVERSARIO NATALICIO DA EX.ma SENHORA D. M. A. DE F.

Em purpurina gala a Natureza
Lá surge refulgente, e magestosa;
Fulgindo a meiga Aurora cariñosa,
Celeste, divinal, fugaz belleza.

O Orbe terreal em redoudera,
Dos prados, da campina caprichosa,
As plautas, a bonina, a fresca rosa,
Respira tudo léda gentitera:

Tambem no Ethereo Assento aureo alaude,
Em santidade, e honra, deste dia,
Apparelhado em premio da virtude,

Já lá rebumba Angelica harmonia!
O céo festeja com solicitude
Teu annos sublimados ó Maria!

21 de Junho de 1850.

A. Pio dos Santos.

AO MEU AMIGO A. C. DA F.

A SAUDADE...

Félicité passée
Qui ne peut revenir
Tourment de ma pensée,
Douloureux souvenir.
Millevoye.

Que acerba melancolia!
Medonha recordação!
D'outr'ora tanta alegria,
Os encantos que eu frúia
Já não sente o peito, não....

Porque penosa amargura
Vem na minha alma entornar?!
Porque vem negra tristura,
Tam dolorosa, tam dura,
A minha vida enlutar?!...

E' que esses dias d'outr'ora...
Não, não podem já volver...,
Prestes fugiram!... agora
A lembrança me devora
Que os vi cedo.... fenecer!...

Eram tam ledos, formosos,
Tinham vivido fulgor...
Tam alegres, e ditosos,
Vibravam harmoniosos
Na lyra do trovador!...

Mas hoje....essa pobre lyra....
Só vibra terna canção!...
Canção que o amigo inspira,
Porquem o labio suspira,
Porquem geme o coração....

Geme!... Que o amigo saudoso,
De Portugal deixa o sol....
Deixa o Tejo tam famoso,
E vae sobre o mar undoso,
Gosar longinquo arrebol....

Vae nas terras habitar,
Que Noronha descobriu;
Vae ver outro sol raiar,
Outras aves a trinar
Drfferentes das que ouviu....

Parte!... Deixa da saudade
Os espinhos a purgir...,
Deixa em triste soledade
O amigo, com lealdade
A longa ausencia a cupir....

Feliz seja!... Vou aos ceus
Derigir minh'alma ardente;
Vou pedir nos rogos meus,
As venturas, que só Deus
Dar-lhe pode, Omnipotente....

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

A deus amigo saudoso,
Partes.... deixas Portugal....
Deixas o Tejo famoso,
E de Lysia o sou formoso,
Vaes.... adeus.... irmão leal!...

Vae!.... Ledos dias d'outr'ora.
Não...., não podem já volver...,
Prestes fugiram!.... agora
Triste saudade devora
Minha vida a emmurchecer!!...
3 de Março de 1850.

J. H. d'Almeida Blanco.

SOBRE O VINHO.

IMITAÇÃO DO GREGO. (*)

As terras — bebem chuva;
Os mares — bebem ar;
As arv'res — térreo succo;
O sol — extenso mar:
'Té a lua bebe ao sol
— Um magico arrebol.

« Se bebe pois na terra — *todo o ser*
(Outróra disse um vate)
Porque não hei de, amigos, eu beber! »

Março — 1850.

M. D. Santos.

CHARADA.

Não o faz o mandrião, — 3
Sendo d'homem appellido, — 1
Fal-o quem nega a verdade — 2
Oh! que assim tenho apprendido!

M. D. S.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

DOLORES.

Vai publicar-se com este titulo o Drama em 3 actos, que seu auctor J. C. Machado offereceu á = Assembléa Litteraria = Preço 60 rs. o Acto = O Drama avulso 240 rs. = Assigna-se na Loja do Sr. Lavado e nas Lojas do costume.

EXPEDIENTE.

Recebemos e agradecemos infinitamente á Ex.ma Sr.a D. Maria José de Carvalho a sua traducção — *A Existencia de Deus*, que publicaremos com a possivel brevidade.

(*) Anacreonte, poéta grego, *le plus poli et le plus galant*, como o classificou Madame Dacier, entregando-se nimiamente ao vinho, suppõe-se — que escrevêra a 19.ª de suas Odes, que acima imitámos, para com ella responder *politicamente* aos judiciosos conselhos dos seus amigos, que o exhortavam — a que *não bebesse*. *O Auctor.*

LISBOA — 1850 — OFFICINA TYPOGRAPHICA;
Rua dos Calleyros nº 47.

AGOSTO 17. 1850. NUMERO 35.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas, Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 8: e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.

Promettemos no numero antecedente publicar um Documento ácerca de uma descoberta que fizemos no Conservatorio — tendo avultado porém esta questão a ponto de não caber nos limites de um Periodico litterario, por isso prevenimos nossos leitores de como se acha commettida esta questão a nossos contemporaneos politicos, e já publicada na Nação de 2 d'este mez. Patriota de 5 do mesmo — e Revolução de Septembro de 8 do dito. — Por esses jornaes se conhecerá toda a verdade, e quanto ha occorrido.

O SENHOR ALEXANDRE HERCULANO E O CLERO.

Objectos ha, a nosso ver, tão melindrosos que fugimos de lhes tocar. A questão — Eu, e o Clero — O Clero, e o Sr. Alexandre Herculano — é um d'esses pontos que muito respeitâmos. Comtudo não podemos negar as columnas d'este jornal a nossos collaboradores, por isso em seguida vão dois artigos de opiniões differentes, limitando-se um apenas a manifestar a impressão que um e outro d'aquelles escriptos causou ao auctor do mesmo artigo. Conhecêmos que para julgar das obras de um escriptor sublime, tal como o Sr. Herculano era mister possuir uma intelligencia igual á sua; todavia a liberdade concedida na republica litteraria permitte que possa o escriptor, ainda o menos illustrado, emittir a sua opinião sem que se creia por isso que elle pertende constituir-se juiz. Nestas circumstancias nós que sentimos e pensamos; estamos habilitadas a differençar o bem e o mal; omittindo parte de nossa opinião ácerca da assas delicada questão da apparição de Jesus Christo a Affonso Henriques; não podemos deixar em silencio o que entendemos sobre o resentimento do Sr. Herculano pela afronta que, de um logar sagrado algum homem lhe dirigio!!! Este homem era um Sacerdote! — Este homem era o ministro de uma Religião baseada no amor! — O supremo fundador d'esta Sancta Religião morrendo na cruz para livrar os homens, impoz aos mesmos homens a lei (escripta no coração humano) de se amarem reciprocamente. Não se achava perseguido um dogma da Religião; nem Deus quer a lei de — crê ou morre — lei barbara, que homens ou antes feras inventáram para satisfazerem suas ambições, e chegarem á meta de seus desejos, embora fossem nadando em rios de sangue humano, e marchando sobre cadaveres e ruinas; abusan-

do da ignorancia dos póvos — lei do sangue em que os Ministros do altar, eram algozes em vez de serem victimas resignadas — martyres pela fé — prégando aos infieis, mas prégando com amor, como Christo prégou, e prégaram seus Apostolos, atraindo, salvando milhões d'almas, e não as fazendo perder na desesperação, á força de perseguição, e torturas, porque a força vence, mas não convence — he este um axioma, escripto nas columnas d'este mesmo jornal em alguns numeros que tratámos — do *Clero* — das *Conferencias no Templo de Nossa Senhora de Paris pelo Reverendo Padre Lacordaire &c.* foram os n.os 10 — 11 — 12 — e 14. — Alli citámos como exemplos de fé, e caridade, de verdadeiro christianismo o referido Lacordaire, e o martyr Arcebispo Diniz Augusto Affre.

Se considerações politicas prendessem o historiador, cremos que o Sr. Alexandre Herculano ainda não acreditando na apparição de Christo em Ourique passaria por este lance da historia antiga de Portugal sem commentario; cortando porém os innumeros prodigios com que alguns antigos historiadores (Damião por exemplo) convertem a historia em Romance. Passaria, digo, sem commentario aquella apparição em Ourique para não abalar a crença de uma antiga tradicção que bastante influe no animo dos povos, venerando em suas Bandeiras uma dadiva do Redemptor; e por isso, mais do que pelo amor e respeito aos reis, não poderão indifferentes vel-a calcar, e em seu lugar asteada uma bandeira estranha. — Mas o historiador é livre, e livre é a sua opinião, e em tudo que não agrave os dogmas da Religião que professâmos, entendemos que é licito — crer, ou deixar de crer. — O prégador porém se julgasse devel-o contestar, prégasse muito embora, continuando a arraigar nos povos a crença d'essa tradicção proveitosa — perseguisse o escripto, mas não o escriptor, apontando-o com o dedo como para o tornar alvo do odio, e furor popular! Quem assim procede não reconhece nem sequer o direito natural, que incessante brada á consciencia do homem — *Não faças aos outros o mal que para ti não quizeras!*.. Uma das bazes principaes da Religião do Crucificado.

Estamos pois convencidas de que — o Sr. Herculano combate só aquella parte do clero que não comprehendendo a sua missão, se torna por sua immoralidade, e ignorancia odiosa, e despresivel — combate os Sacerdotes que em vez de pastores se fazem lobos sanguinosos.

Os Ministros do Altar que sabem sustentar a sanctidade do Evangelho, e a propria dignidade, merecem o respeito, a estima, e a veneração de todos, e serão sempre acatados, e exaltados pelos escriptores moralisados.

Se algumas expressões do Sr. Herculano, contra quem o agravou, são fortes, é porque o genio superior não é de gêlo — é de fogo — quem não se quer queimar não lhe toque.

Eis a nossa opinião ácerca d'ésta importante questão, que tem atraído todas as attenções; e dado a este assumpto juizos differentes. Accrescentâmos a estas nossas ingenuas, e limitadissimas reflexões, a declaração de que — presamos o Sr. Herculano como uma das mais superiores intelligencias que enobrecem a nossa litteratura.

D. A. G. Pereira.

EU E O CLERO:

E

O CLERO E O SR. ALEXANDRE HERCULANO.

São os titulos de dous escriptos, que ha poucos dias se publicaram na capital.

O primeiro sahido da habil penna do Sr. Herculano — tem por fim desafrontar

o profundo historiador das immerecidas offensas, que *alguem* do Clero entornára do pulpito sobre elle — em Braga, — em Lisboa, — e finalmente na parochia do illustre escriptor; — por haver omittido na sua *Historia de Portugal* « a fabula do apparecimento de Christo em Ourique » como lhe chama o Sr. Herculano; — e haver tambem qualificado as intelligencias de Gregorio VII, e de Innocencio III « corruptas, cobiçosas, e violentas » —

O segundo, producção de outra penna de certo bastante illustrada, deixou em branco (talvez por modestia) o logar onde devêra ostentar-se o nome do seu auctor; e o seu alvo — foi tão sómente responder de passagem *ás invectivas*, que o primeiro produzira contra o Clero. —

Com verdadeiro zelo lêmos, mais de uma vez, *um e outro*.

O primeiro, porque o nome do seu auctor fôra sufficiente incentivo para nos convidar á leitura.

O segundo, com quanto o não escudasse egual nome de uma intelligencia superior, nem mesmo *nome algum*, todavia nem por isso deixou de nos interessar.

Costumados a ajuizar *com as nossas idéas*, e habituados a detestar *os que* (como disse A. Pope) *decidem pelo nome dos auctores, e não pelos escriptos* — prestámos, como nos cumpria, — a mais escrupulosa attenção a ambos elles.

— Algumas horas depois tinhamos formado o nosso juizo; — ou para melhor dizer, haviamos tirado da nossa leitura — *uma consequencia* — talvez bem differente d'aquella, que ha mesma hora, a maioria dos nossos litteratos houvéra colhido.

Menor religiósos do que desejámos, mas mais religiósos do que alguem desejára que fossemos, — impressionou-nos o segundo escripto (talvez por isso) francamente odigamos, ainda mais que o primeiro!..

No primeiro admirámos mais uma vez — os profundos conhecimentos do Sr. Herculano, ostentados nos differentes paragraphos do seu escripto: — no segundo, produzido com mais singeleza e sem *pertenções*, segundo nos pareceu, — encontrámos periodos, que em cada palavra nos revelláram a convicção dos pensamentos que expressavam; em cada fraze — a imparcialidade que os caracterisava; em cada argumento — um *não sei quê* de religioso despido de fanatismo.

Em summa — o primeiro (na nossa humilde opinião) dir-se-ha que falla ao entendimento.

O segundo não póde negar-se — que falla ao coração. —

O primeiro illustra, mas não conforta!

O segundo vivifica em algumas expressões! — e embora as suas formas sejam menos scientificas, a intenção religiosa dos seus argumentos unge á beira do scepticismo — o espirito abatido do crente que se definha!...

E qual será mais proveitoso germinando no seio dos povos?. perguntarmos nós.

— Só Deus o sabe!

Ambos os escriptos merecem ser lidos e meditados!

— Julho 23 —

M. D. Santos.

EU E O CLERO,

OPUSCULO PELO SR. ALEXANDRE HERCULANO.

Publicou-se o opusculo pelo Sr. Alexandre Herculano — *Eu e o Clero* — que tem sido objecto bem fallado. — E' um folheto que orna uma livraria — e basta ser um escripto do Sr. Herculano.

O Christão é um ente de tão santas e solidas doutrinas que mil motejos de mil bocas não bastariam para rebater: — mas o christão por ser christão não se segue que não tenha as idéas limpidas, e admitta todas e quaesquer invenções compostas rude e immediatamente.

O Clero é a classe mais elevada da sociedade, que teve a origem no Ceu, e a quem Jesus Christo deu o ser, e disse por sua santa boca — *Hoc facite in meam commemorationem* — enviando-o ao mundo para que fizesse suas vezes. —

Os grandes — os potentados da terra tiram a origem dos homens — o Sacerdocio esse vai buscal-a ao Deus dos Ceus; — mas grande parte do Clero é como para assim dizer uma arvore degenerada, a que o pêco tem ruido, e estragado anno a anno, seculo a seculo.

E' um homem, diz Lamartine — que toma o christão do berço, e só o abandona no tumulo, — » esse homem é o Clero. —

« O Clero — diz Mariánna — é a figura de Deus na terra dos homens — é o propagador da sua fé — dos seus dogmas — de tudo que diz respeito á Santa Magestade dos Ceus — a benção do Clero dá alegria e ventura ao pobre — e allivia o remorso do criminoso » —

Mal hajão os que abusam do pulpito pa-

ra tratarem de cousas que tão pouco lhe diz respeito. —

O opusculo — *Eu e o Clero* — é um primor litterario, que basta de per si para fazer a refutação d'um escripto: — é severamente escripto com aquella propriedade que todos reconhecem no primeiro sabio de Portugal.

Aconselhamos aos amigos das lettras que leiam e meditem o opusculo *Eu e o Clero* e todo o mais acerrimo será do nosso parecer

J. C. Machado.

POESIAS.

—

JULHO E AGOSTO.

DEDICADA Á MINHA AMIGA D. MARIA CARLOTA TULY DA COSTA NO DIA DE SEUS ANNOS — 15 DE AGOSTO DE 1850.

Bate as igneas, negras azas
Julho fatal!.. Mez d'agouro,
Tu'aurora não tem flores!
Nem teu sol diadema d'oiro!..
Vái... retarda o giro teu;
Deixá livre o peito meu.

De meus agros infortunios
As paginas tu abriste!...
Trocaste um porvir ditoso
Em porvir medonho e triste!..
O explendor que o berço deu
Teu influxo escureceu!..

Sobre a fronte leda e pura!
Que sem nuvens se ostentava;
Dardejaste a tempestade
Que em teu seio se encerrava;
Em ruinas converteu
Quanto o Ceo me concedeu!..

Mas não!.. deixaste-me o genio,
Que affrontal-o não podeste!..
Terrenos bens me usurpaste;
Mas ficou-me o dom celeste
Este dom se engrandeceu
Porque a sorte o combateu!

Inda assim... graças, ó Julho!..
Se não fôras... minha mente
Póde ser jámais nutrira
De glória este amor ardente,
Que em meu peito se accendeu
Quando abatido se creu.

Reagiu!.. altos destinos
A desgraça nos confere;
O poeta se ennobrece
Quando a desventura o fére:
Os louros jámais colheu
Guerreiro que adormeceu.

Para sublime victoria
Quer-se batalha sublime;
Combatido, exercitado
O genio se desopprime.
Com lagrimas floreceu
O laurel que o Ceo me deu.

E apoz Julho eis surge Agosto!...
Salve Agosto! já sorrindo
Vem a aurora; e magestoso,
Vem propicio o sol fulgindo!
Amena brisa fagueira
O espaço gira ligeira;
Com seu sôpro reviveu
O praser que esvaneceu!

Na grimpa d'altiva torre,
Nas lousas do cemiterio,
Já nocturna sentinella
Não solta clamor funerio;
Voou carpindo... gemeo....
E nas brenhas se escondêo!...

O rouxinol já desprende
A canção mysteriosa!..
Sua voz oh! quanto é grata
Em noite silenciosa!...
A seus sons o ecco se ergueu...
Suspirando respondeu!..

Repousa quanto é vivente;
Calam-se os tufões do estio!..
Na esphera azul!.. clara lua
Pratea a montanha, o rio;
E o batel que o mar temeu
Da rocha se desprendeu!..

Quaes notivagos phantasmas
Fogem sonhos tormentosos...
O ceo promette bonança
Aos dias mais tenebrosos!..
A procela emudeceu!
Uma estrella appareceu!...

D. A. G, Pessoa.

UMA RECORDAÇÃO.

Vou, vos pensamento na tortura
D'esse teu insano amor;

Não esperes um dia ter ventura,
Quando tens no peito a dor!
Não olhes, infeliz, p'ra o teu passado,
Que de lá vem o soffrer.
Se o não podes jamais ter olvidado...
Esquece-o, para viver!...
Amaste, como ama o poeta ardente,
Como sente uma só vez,
Foi um sonho — coitado! — que o presente
Para sempre te desfez;

Foi pois um sonho — que a morte
Nas saudades me deixou,
Era bella aquella sorte
Por ser bella, ella murchou;
Era uma vida fagueira,
Que sorria prazenteira,
Que brotava lisongeira
Ao pobre que tanto amou! —

Estás já desenganado,
Desfez-se a venda fatal!
Não podeste ser amado?
Não lamentes esse mal.
Tu encontraste uns thezouros,
Não de joias, nem de ouros,
Mas que valem como os louros
D'este nosso Portugal.

Perdeste-os, que os não merecias,
Era muito para ti,
Levaram-te as alegrias;
Perdi tudo, triste ali!
Não soltei de dor um grito;
Fiquei d'affectos proscripto,
Tamanha, qual infinito,
Tenho a dor guardada aqui!

Guardei pezares e pranto
Dentro aqui no coração,
E tam grandes, tantos, tantos,
Como é grande a inspiração;
Mas não sabe d'isto o mundo,
Que não vê nada profundo,
Se me visse gemebundo
Me diria sem razão!..

Guardo pois nos seios d'alma
Este segredo infeliz,
So me resta a verde palma
De callar o que se diz.
Bate as azas, pensamento,
Nos espaços do tormento
Leva apoz o sentimento
Que foi Deus que assim o quiz.

Não olhes, infeliz, p'ro teu passado
Que de lá vem o soffrer,
Se o não podes jamais ter olvidado...
Esquece-o, para viver! —

23 de Julho de 1850. Mendes Leal (Adv.).

N'UMA NOITE A' *BEIRA-TEJO.*

Corre a noite, jaz muda a natureza;
Os campos solitarios esmorecem;
Mal se ouve ao longe o estrondo da corrente
De quando em quando a lua desmaiada
Mergulha em nuvens, surde, outra vez morre;
E das planicies a extensão geosa
Ora resae e alveja, ora se apaga.
Castilho. Epist. a Primavera.

—

Já não ouço de amor cantigas puras
A' linda filoméla! nem á rola,
Que triste pelo prado vôa e geme
Um languido queixume agora escuto!
Taes áves innocentes ora dormem,
Esperando a manhã risonha e bella
Para em seus puros cantos celebrarem!
Tudo é silencio! Só para o castello,
A' lerta, á lerta os sentinellas gritam:
E mais nada s'escuta; ao longe apenas,
A' lerta, á lerta os eccos lá repetem.

—

Ouvi que deo meia noite
Nos bronzes da antiga sé;
Mas não m'importa, cantêmos,
Cantêmos co'amor e fé;
Que para cantar ás vagas
Ainda tarde não é.

N'esta noite lisongeira,
Sentado á beira do mar,
Na minha lyra saudosa
Hei-de harmonias vibrar:
Embora todos me digam
Que é grande o meu delirar...

N'estas noites é que o bardo,
Entoando mil canções,
Mais tristemente recorda
Suas antigas paixões,
E que n'alma nutre e sente
Sagradas emanações...

N'estas oras de silencio,
De tão grande inspiração,
Quem a nós somente falla
E' o triste coração;
Pois é só elle quem pode
Lembrar-nos nósa paixão...

—

Mas corre tão linda e bella
Esta noite de prazer,
Que o ceo não tem uma estrella
Que amor não 'steja a dizer!
E vôa a brisa ligeira
N'esta ora lisongeira
Pelos bosques e jardins;
Que dando por d'entre as flores,
Faz que exhalem mil odores
Melhores que os dos jasmins.

E o brando clarão da lua,
Que se reflecte no mar,
Já sobre as agoas fluctua
Com mais intenso brilhar!
Até mesmo as proprias vagas
Por estas tão lindas plagas,
Repousadas ora estão!
E a bella e nobre cidade,
Parece olhar com vaidade
A sua grande extensão!

—

Mas é tudo em silencio! A Deos somente
Eu posso recordar em tal mysterio;
E lançar sobre o mundo os olhos d'alma,
E contemplar a natureza inteira!

11 de agosto de 1850.

S. P. Estacio M. e Veiga.

SONETO

AO ANNIVERSÁRIO NATALICIO DA EX.ma SENHORA D. M. A. DE F.

Em purpurina gala a Natureza
Lá surge refulgente, e magestosa;
Fulgindo a meiga Aurora carinhosa,
Celeste, divinal, fugaz belleza.

O Orbe terreal em redondeza,
Dos prados, da campina caprichosa,
As plantas, a bonina, a fresca rosa,
Respira tudo léda gentileza:

Tambem no Ethereo Assento aureo alaude,
Em santidade e honra deste dia,
Apparelhado em premio da virtude,

Já lá retumba angelica harmonia!
O Ceo festeja com solicitude
Teus annos sublimados ó Maria!

21 de Junho de 1850.

A. Pio dos Santos.

THEATRO DE D. MARIA II.

O herdeiro do Czar foi um Drama dos melhores que se tem representado neste theatro; honra o auctor, o traductor, e a direcção que o escolhêo; temos porém grande pesar de ter ido tão poucas vezes á scena, quando o publico o applaudio com enthusiasmo.

Os actores distinguiram-se muito compreendendo os seus papeis — O Sr. Rosa fez a parte principal, e assáz difícil (Pedro Grande Imperador da Russia) com a maior naturalidade, e perfeição, O Sr. Rosa é um dos nossos melhores actores Dramaticos, e tem muito talento; quando já tantas vezes não tivesse merecido grandes applausos, bastaria o importantissimo papel de Pedro Grande para coroar seus triumphos. — O Sr. Assis, e Tasso tambem brilharam; o Sr. Assis, como sempre eximio na sua arte, reune em si todas as qualidades que se exigem para constituir um grande actor. — O Sr. Tasso já tão apreciado pelo bem que tem desempenhado tantas partes difíceis, no herdeiro do Czar augmenta a sua gloria comprehendendo perfeitamente o seu papel; quem dirá que o principe Alexis é o mesmo que representa os papeis mais apaixonados!! — até a phisionomia do Sr. Tasso se transforma completamente, manifestando no olhar desconfiado de um traidor, e em todos os seus gestos uma alma damnada!...

O Sr. José Antonio vai muito bem na sua parte.

A Sr.ª Soller sempre digna das nossas simpathias obtem novas palmas na parte que desempenha da Princesa Carlota, victima da perversidade de seu esposo — e a Sr.ª Gertrudes que tem muito merecimento, boa figura, e boa vóz, merece-nos os mais sinceros elogios pela interessante parte (Maria) que habilmente representa; e muito bem lhe fica o trage de homem. Finalmente o herdeiro de Czar, posto que muito sentimental, suavisou-nos as saudades do Duende, porque atrahia as attenções pelo bem traçado, e bem desenvolvido enrêdo, assim como pelo bom desempenho de todos os Actores. Só nos parece que o Titulo podia sêr outro mais analogo a todo o enredo.

Tem ultimamente hido á scena o Conde de Santa Elena, Drama em 5 actos, e 7 Quadros, Traducção — sentimos não poder dizer deste tudo quanto dissémos do outro. A peça em si não é das melhores, mas tambem não é má; entretanto não nos parecia no caso de merecer a despesa que se fêz com ella para ter o infelis resultado que vemos; todavia os Sr. Epifanio, Theodorico, e Assis salvam-na de peior naufragio, porque seus papeis alem de serem os melhores, são maravilhosamente executados!... As Sr.as Talassi, e Maria da Gloria igualmente se distinguem muitissimo.

A Musica concorre muito para a queda deste Drama — temos pena de nos vermos obrigados a dizêl-o, em consciencia — O Sr. Pinto foi muito infeliz nesta sua compos-

ção!.. quem dirá que o mesmo que inventou a musica do Templo de Salomão, compôz a do Conde de Santa Elena?!. A simphonia de caixas destemperadas atormenta os ouvidos desagradavelmente. — O 1.º acto abre, e fecha trazendo-nos á memoria o penultimo côro do Duende (é que ficou impressionado na mente do Sr. Pinto, como na de todos nós que o ouvimos) A bella vóz da Sr.ª Radicci perde o seu brilho n'uma cantiga de cego!.. e o côro do ultimo bailado parece o cantar de pobres pelas ruas, e de aprendizes de musica, n'aquelle tão repetido, e infadonho ah!.. ah!.. Se não viesse algum bocadinho de musica franceza compensar-nos as faltas de harmonia da outra, chamar-lhe-hia-mos — a desesperação de Judas. — Estimaremos não ter outra occasião de censurar as obras de um professor que tanto já temos elogiado (mesmo porque muito estimamos os nossos ouvidos, e não os desejamos desconcertados) mas em fim são fornadas. — Outro tanto nos succederá a nós em nossas producções em verso, ou prosa, que nem todas agradarão, e este juizo (temerario talvez) será uma das que não mereça todas as simpathias, porem no menos tem o merito de ser franco, e consecencioso — Liberdade poetica. —

Não podemos deixar de confessar, que a orchestra sabiamente dirigida pelo intelligente professor o Sr. José Maria Christiano, e executada por dignos intendedores da arte, suavisou grande parte da aspereza da composição.

Temos saudades do Duende!.. se elle tivesse continuado a ir á scena teria a direcção ganhado mais; com tudo conhecemos que os actores que tão felizmente o desempenharam carecem descanço, mórmente o Sr. Theodorico a quem o seu raro merecimento fazia mal, revelando-nos a sua habilidade de improvisar; e o publico enthusiasmado de ouvil-o esquecia-se que elle não é de ferro, e que o devemos poupar para ter muitas occasiões de o applaudir, assim como á Sr.ª Delfina, e ao Sr. Carvalho no engraçado Dueto — *tipiti — tipitá*... Muito estimariamos porém que ao menos uma vez por semana nos deixassem ver, e ouvir o Duende.

THEATRO DE D. FERNANDO.

A Barcarolla, e os Trabalhos em Vão solemnisão a nova abertura deste theatro: a sociedade tem visto coroados seus louvaveis esforços, por quanto além dos justos applausos com que o publico tem demonstrado a sua approvação, a concurrencia tem sido immensa, e sem interrupção. A Barcarolla é uma linda opera comica — as palavras são de Scrib — traduzidas pelo Sr. Mendes Leal José, com a maior elegancia, e exactidão: — a musica é de Auber — muito harmoniosa e enteressante. — O Sr. Casemiro é o Director da musica; muito bem escolhido, porque o Sr. Casemiro é um excellente professor, e compositor, de muito gosto, e suas composições são animadas de uma graça particular que as caracterisa; e onde quasi sempre reflecte o seu genio jovial, e bom, que lhe tem grangeado muitas simpathias — tem muita habilidade, gosto, e admiravel facilidade em compor — é igualmente muito activo, e diligente nos seus trabalhos — Felicitámos a sociedade por esta acertadissima escolha. O Sr. Doux tão conhecido por grande ensaiador continua a proteger o theatro com sua cooperação, dando todos os dias aula de declamação, de sorte que o theatro de D. Fernando faz mais do que o Conservatorio — tem todos os dias aula de Musica pelo Sr. Casemiro — de declamação pelo Sr. Doux — A Sr.ª Persoli como sempre nos agrada, mas veio alcançar uma corôa tão preciosa quanto inexperada! Na Barcarolla brilha não só pelo canto, mas pela engraçada declamação; provando os ardentes desejos que a animão de agradar ao publico, e de cooperar para o justo fim a que se propoz a nova sociedade empresaria daquelle theatro. — A Sr.ª Anna Cardoso vai desenvolvendo muito bem a sua habilidade para o canto, e principalmente para a declamação. —

O Sr. Sargedas é digno de grandes encomios possue o dom de uma bella voz, muita graça, e naturalidade. —

Os Sr.ª Lisboa, e Rorik, discipulos do Conservatorio desempenham perfeitamente seus papeis. — Suas vozes são excellentes, e seus bons desejos alcançam-lhes as affeições do publico — tornam-se dignos da corôa de artistas que tanto se esforção por merecêr. —

O Sr. Faria causa admiração pelo bem que preenche a sua parte em musica, sem saber uma só nota! tem boa voz, é genio. Os côros vão muito bem, e perfeitamente ensaiados.

Os Trabalhos em Vão é uma linda, e engraçada imitação da Porta da Rua, onde graciosamente se introduz o *celembour* for-

mando uma engenhosa cadêa: dámos os devidos parabens ao Sr. Duarte de Sá.

— Seu auctor, pelo feliz pensamento e pelo seu triumpho; pois esta farça tem merecido grandes applausos. Os actores entram com a maior naturalidade destinguindo-se sobre maneira os Sr.ˢ Sargedas, Vieira, e Pinto.

O Duende em D. Maria II, e a Barcarolla em D. Fernando vão compensando a falta de S. Carlos, que segundo as apparencias passa *ás cásses inactivas*; Deus lhe dê melhor sorte.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

ANATHEMA.

Este Romance do Sr. Camillo Castello Branco, é uma obra original, em todo o sentido, de um merito superior; um estilo inteiramente novo; popular, cheio de graça, e rico de intelligencia — honra o seu author, cujo elevado talento suas producções em prosa e verso, publicadas na = Semana = assás tem revelado. Digno do publico acolhimento saíram já do prelo as tres primeiras folhas. Assigna-se em Lisboa na loja de livros do Sr. Lavado; e nas Provincias em todos os correspondentes do Jornal litterario a = Semana = Preço 20 rs. a folha passada pela hydraulica.

—

LUIZ FILIPPE, EM FEVEREIRO DE 1847.

Relação circumstanciada do quanto lhe succedeu e á sua familia, durante a ultima revolução até á sua chegada a Londres; extrahida do proprio Diario do ex-Rei dos Francezes.

E' uma traducção do Sr. Marianno José Cabral; uma obra interessante, e de muito mérito: Seu author é já muito conhecido, e por isso ha-de ver nesta como nas outras que tem publicado, coroados seus trabalhos philologicos com a benigna protecção do público, da qual este Cavalheiro se torna digno.

Vende-se na loja do Sr. Lavado, e nas mais do costume. = Preço 120 rs.

—

Compendio de chorographia portugueza, para uso das aulas de instrucção primaria e secundaria, por João Felix Pereira, professor de geographia, chronologia e historia no lyceo nacional de Lisboa.

Vende-se somente na loja do sr. Lavado, rua Augusta N.º 8. Preço 240 rs.

—

Resumo da História de Portugal para uso das aulas de instrucção primaria, por João Felix Pereira, Cirurgião e medico da eschola de Lisboa; professor de geographia, chronologia e história no Lyceo nacional da mesma cidade.

Vai publicar-se dentro de poucos dias. Vender-se-ha somente na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.º 8 = Preço 240 rs.

EXPEDIENTE.

Recebemos uma poesia intitulada A = Minha Rosa = assignada com a inicial A. Por ter chegado a tempo de estarem já na imprensa todas as obras que prehenchem esta folha, não a publicamos neste n.º, o que promettemos fazer em attenção não só do auctor, mas porque muito desejamos satisfazer a uma recommendação para nós assás valiosa, do Cavalheiro que nos remetteo esta poesia, —

Recebemos a poesia — Reinaldo — Sendo impossivel ir neste n.º por falta de espaço, promettemos ao Sr. Pacheco, seu author, publical-a no seguinte n.º

A falta de saude da Redactora tem retardado a publicação desta folha; contando com a indulgencia de seus illustres assignantes, que attendendo ao justo motivo relevem alguma falta, nestes mezes em que as aguas ferrias — os banhos, e o campo, roubão muito o tempo a quem escreve, e a quem lê, despovoando, quasi, a Cidade de leitores, e de litteratura. Mas a saude está em primeiro lugar.

O Soneto do Sr. Pio dos Santos publicado nesta folha n.º 34, a qual não podemos rever, levou tantos erros de imprensa, que pedindo a seu illustre author desculpa desta falta nos resolvemos reperal-a reimprimindo o mesmo Soneto. Por esta occasião agradecemos infinitamente a este Cavalheiro os lindos versos que teve a bondade de nos offerecer no Jardim Litterario n.º E' mais uma prova da sua amisade a que seremos eternamente reconhecidas.

D. A. G. Pereira.

LISBOA — 1850 — OFFICINA TYPOGRAPHICA,
Rua dos Calheyros n.º 47.

SEPTEMBRO 7. 1850. NUMERO 36.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Matias, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 81; e Cavalho, ao Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semeste 480. Anno 960. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, na da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

REGRESSO
DE SUA MAGESTADE
A IMPERATRIZ DUQUEZA DE BRAGANÇA
E DE SUA AUGUSTA FILHA

Regressaram a esta Capital Sua Magestade Imperial a Duquesa de Bragança, e sua augusta Filha. Tem ido grande numero de pessoas comprimental a; e todos os dias se augmenta o brilhante concurso de damas, e cavalheiros sem excepção de partidos; porque esta Senhora per seu elevado talento, e sua natural amabilidade tem sabido attrair a sincera affeição e o respeito de todos; fazendo igualmente reflectir no coração de sua jovem Filha, com o exemplo, e a educação, as sublimes virtudes que dão á Magestade os mais sagrados direitos ao amor dos povos.

Nós que ha muito presamos, e acatamos a Senhora Duquesa de Bragança, tendo grande parte no publico regosijo, felicitâmos a mesma Augusta Senhora, e a sua excelsa Filha, pelo seu feliz regresso, e á nação portugueza por ver de novo restituida ao seu solo esta Princesa tao digna de occupar o melhor dos Thronos, que na realidade possue em nossos corações.

D. A. G. Pusich.

DOLORES.

DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS.

(Continuação.)

SCENA III.

SANCHO só — DEPOIS A DUQUESA.

SANCHO. Pobre Dolores!... — pobre Dolores!...

(Logo que Sancho diz estas palavras, abre-se a porta do fundo, e entra uma mulher vestida de preto, — coberta d'um veo, — e com uma lampada na mão, — esta mulher é a Duquesa de Rivêra.)

DUQUESA. Sancho!

SANCHO. *(vendo-a)* Uma mulher! — pode dizer-me, senhora, o que pertende de mim!

DUQUESA. Ver-te filho. *(com muita paixão.)*

SANCHO. Filho!... *(recuando)* diga.. diga... repita...

DUQUESA. *(com muita paixão)* Filho..

SANCHO. *(caindo nos braços de sua mãi)* Oh! minha mãi!.. minha mãi!!!

DUQUESA. *(idem)* Oh! meu filho!!! meu filho!!!

SANCHO. *(depois de pausa)* Sente-se minha mãi — ha de ter, que me dizer, e eu tenho muito, que lhe perguntar; — sente-se....

DUQUESA. *(de pé)* Falla filho — interroga-me, e eu te responderei...

SANCHO. *(depois de pausa)* Agora, minha mãi, — falle-me de meu pai...

DUQUESA. Teu pai, filho, era bom en-

tre os bons; como Deus é poderoso, entre os soberanos — e ainda assim, não o poupou a traição!! Não te digo o nome do seu verdugo, porque a tua vingança arrastaria a tua morte.

Sancho. *(sorrindo amargamente)* A minha morte!.. e a minha vida, mãi, qual tem sido a minha vida?! — que o desgraçado durante a existencia seja feliz no ultimo suspiro, que diga «adeus» a sua mãi, ditoso por ter vingado seu pai.

Duquesa. Nobre coração! — *(pausa)* maldito seja o homem, que se aproveitou das trevas para descarregar o golpe! — maldito seja elle, que lhe não deixou proferir siquer uma palavra, de maldição para elle... de saudade para mim!..

Sancho. Juro pelo nome de meu pai, e pela sua memoria, que o hei de vingar! *(muito solemne.)*

Duquesa. *(com muita dor)* Não podes!

Sancho. Não posso!? — que filho não pode vingar seu pai?!

Duquesa. *(com um sorriso melancolico)* Ainda mesmo quando perca, quando mate sua mãi!..

Sancho. Matal-a! — perdel-a.... que diz?!.. que diz?!!.. matal-a porque?— porque perdel-a?

Duquesa. *(com muita dor)* Porque o assassino de teu pai, é o marido de tua mãi.

Sancho. *(cahindo na cadeira)* Maldito!!

Duquesa. E queres matar tua mãi?!. queres privál-a de te ver, de te ouvir, de te amar... oh! meu Sancho, essa morte arrastaria duas... a minha... a tua...

Sancho *(entre soluços e tomando-lhe a mão)* Bem... bem... minha mãi... eu seria maldito se a matasse, sel-o-hei se deixar impune o assassinato de meu pai.

Duquesa Pois bem, — já que assim o queres... vai... a esse homem, que uma benção do padre uniu a tua mãi, e diz-lhe «eu sou o filho do crime, sou o filho do erro d'essa mulher, a quem a Igreja chamou tua esposa, sou o filho da victima, a quem descarregaste o punhal no centro da escuridão, — e venho vingar essa victima, venho vingar meu pai — depois assassina-o. — Vem á frente dos homens, e diz-lhe — «Eu sou o filho da Duquesa de Rivêra, e d'um homem, não seu marido» — diz-lh'o, diz-lh'o, e á turba tambem «— A Duquesa de Rivêra é uma mulher adultera, — e a mulher adultera... é castigada com a ignominia!

Sancho. Nunca?

Duquesa. Ah! era isso, que eu esperava de ti!

Sancho. *(depois de pausa)* Matarei nas trevas esse homem, como nas trevas elle matou meu pai.

Duquesa. Filho!!!

Sancho. Juro-o. *(solemne)*

(Ficam silenciosos — abre-se a porta do fundo e entra o Duque de Rivêra — pausado e sombrio)

SCENA IV.

Sancho — A Duquesa de Rivêra — O Duque.

Duque *(ao fundo, e á parte)* Não me enganei... está com o seu amante!..

Duquesa. *(vendo-o)* Misericordia!

Sancho. Um homem!!!

Duque. Estranha-vos a minha presença... *(sorrindo)* não admira!.. *(sombrio)* mas não pode o marido penetrar onde sua mulher se introduz?!.. *(baixo á Duqueza — com uma feroz ironia)* ou não pode o ciume levar o marido ao conhecimento do perjurio de sua mulher?! — *(á parte)* estremeceu! *(a ambos)* talvez... porque corações d'amantes não lhes apraz testemunhas... *(terrivel)* mas a mulher perjura, que atraiçoa seu marido da-lhe o direito de ser espionada.

Sancho. Senhor...

Duquesa. *(retendo-o)* Filho...

Sancho. *(dirigindo-se ao Duque com lentidão.)* Descubra-se.

Duque. *(com altivez)* Actor...

Sancho. Descubra-se.

Duque. Ouse...

Sancho. *(fazendo-o descubrir — travando-lhe o braço, e dobrando-o)* Vê essa mulher... pois venere-a, respeite-a, que cumpriu um dever sagrado, vindo aqui... não deve a mãi vir abraçar seu filho?!

Duque *(recuando)* Seu filho!!.

Duquesa *(á parte)* Está perdido...

Duque. *(ainda assombrado)* O senhor é seu filho... a senhora é sua mãi?!.. *(á parte)* se assim fosse...

Duquesa. *(á parte)* Salvemol-o. *(alto)* não o quero enganar, e baldados são os rodeios — vim aqui porque sou culpada, porque amo esse homem, que m'o não merece, porque amo um homem que me repelle, que me repulsa... que me despresa...

Duque *(com feroz alegria)* E' isso verdade...

Duquesa. E' verdade.. por minha desgraça..

Sancho. *(á parte assombrado)* Pobre mãi...

Duqueza. Perdoe-me senhor, perdoe-me que estou arrependida... *(caindo de joelhos)* perdão... perdão...

Duque. Bem... bem... emende-se, e um dia lhe perdoarei... erga-se... e acompanhe-me; se elle a despresa, se a repulsa, se a repelle.. bem vê, que deve esquecel-o.. *(á parte)* ainda assim hão de morrer... a ella o veneno... a elle o punhal.

(A Duqueza sempre de joelhos chorando, — Sancho sempre attonito e immovel, — o Duque sombrio e terrivel. — o panno cae.

(Continúa.)

Julio Cezar Machado.

POESIAS.

—

EMMA E EDGARD.

DEDICADA Á' MINHA AMIGA A EX.ma SR.a D...

Sonha o guerreiro batalhas
Onde possa triumphar;
Sonha o nauta o porto amigo
Onde feliz ancorar.

O lavrador co'as searas:
O cego sonha co'a luz:
O viandante com a estrada
Que ao seu destino o conduz:

Co'a liberdade o mesquinho
Que geme em dura galé:
O doente co'a saude:
O pescador co'a maré:

Sonham todos o que pensam;
O que desejam tambem;
Por isso o poeta sonha
Anjos que a terra não tem!

Assim tu soffrendo Irminia
Das angustias o amargor;
Irminia... tambem sonhaste
Sonhos do mais fino amor!..

Um microscopio tiveste
Na tua imaginação!..
Um athmo engrandeceste!..
Viste o sol na escuridão!..

Sonhaste as flores mais bellas
N'um vasto campo a sorrir!..
Em vez de flores abrolhos
As plantas te hão ferir!..

Mas qual as trevas afasta
Da aurora o lindo arrebol,
Tuas illusões dissipa
Da rasão vivo pharol.

Irminia respira!.. contempla o horisonte!
Ergueu-se uma aurora de brilho sem par!..
Vem c'roa sublime cingir-te na fronte
Em vez dos espinhos que ousaste adorar!.

A luz vem trazer-te!.. q luz tão fulgente...
Que luz percursora do immenso fulgor!..
Observa-lhe os raios!.. misterio eminente!..
Reflectem a gloria, o jubilo, o amor!

N'aquella montanha, que as nuvens tocando
A vista descobre do Tejo inda álem,
Ah!... vê negro vulto sem tino galgando
Que susto o domina!.. persegue-o alguem!?.

Qual ave nocturna que o dia surpreende,
Ou sombra que errante da louza saio,
Aos vivos fugindo sumir-se pertende,
Na brenha mais triste que o sol jamais vio

Reconhece aquelle espectro!..
A visão dos sonhos teus!..
Esse Edgard tão querido
Que na terra crêste um Deus!

E' elle sim, não duvides!..
Era um phantasma, não mais!..
E esses lumes que lhe vias
Eram chammas infernaes!..

Amou-te, e com seus extremos
Aos abismos te arrastou!..
Era um demonio humanado;
Anjo mau que te enganou!

Tinha a masc'ra da virtude!..
A masc'ra viste-a cair!..
Benigno um Deus quiz salvar-te:
Quer-te ao ceo restituir.

Teme Edgard a propria sombra!..
E tem rasão de a temer!..
Quem o persegue?.. o remorso
Em que está contínuo a arder!

O hypocrita ó minha Irminia!
Da humanidade é labéo!
Tem a vil hypocrisia
Maldição da terra e ceo!..

*

Na tua longa cegueira
Deste-lhe alma e coração;
Agora da-lhe o despreso,
A vingança... a maldição.

Concentrada ira o consome!..
Inutil é seu furor;
Insana *ferrea vontade*
E' sujeita ao Creador.

D. A. G. Pereira.

UMA ROSA.

N'um arbusto pequenino
Uma rosinha colhi,
Enlevei-me em seu perfume,
Em seu perfume vivi.

Amôr, qu'eu lhe dedicava,
Era quasi adoração;
Trazia-a sempre comigo
Bem junta ao coração.

Ai de mim! Cruel desgraça
D'ella mesmo me brotou;
Quando eu qu'ria idolatra-la
Pobrezinha ella murchou!

Antonio Mendes Leal.

I.

Em certo tempo da vida,
Era então eu bem menino,
Empreguei os meus desvellos
N'um arbusto pequenino.

Assim como elle cresceu,
Eu a par delle cresci,
Brotou seu primeiro fructo,
Uma rosinha colhi.

Beijos mil nella empreguei,
Sem despertar um ciume,
Gosando seu bello aroma
Enlevei-me em seu perfume.

Cuidei bem em conserva-la;
N'uma redoma a metti,
Dia, e noite, sem cessar,
Em seu perfume vivi.

II.

Sempre alegre, e satisfeito,
Juntinho a ella eu estava,
Era puro, e muito puro
Amôr, qu'eu lhe dedicava.

Era sincera, e sem par,
Mui leal minha affeição,
Meu sentimento por ella
Era quasi adoração.

De ninguem á confiava,
Só eu lhe prestava abrigo.
Quer em caza, quer na rua
Trazia-a sempre comigo.

Local mais proprio escolhendo,
De sua conservação,
Ao pé de mim sempre a tinha
Bem junta ao coração.

III.

Mas oh Ceos! Por que razão
Quereis vós qu'eu tanto faça!...
Porque m'ordenaes que a deixe!..
Ai de mim! Cruel desgraça!

Tanto prazêr, tanta gloria
Negra inveja despertou!
Quanto eu sôffro hoje por ella,
D'ella mesmo me brotou.

Conheceu a feia intriga,
Qu'eu vivia para ama-la,
Procurou pois separar-nos,
Quando eu qu'ria idolatral-a.

Privada assim do carinho,
De quem tanto sempre a amou,
Pouco a pouco definhando,
Pobrezinha ella murchou!

* * *

RINALDO O TROVADOR.

I.

Como passas tua vida,
Trovador, sempre a cantar!
Sempre dos males mofando,
Sempre incuidoso a folgar!

Rio abaixo, rio acima,
Sempre teu barco a vogar,
E nelle, ao som do alaúde;
Risonho sempre a trovar!

Mas teu batel suspendeu-se!
Quem n'o fez assim parar!?
Caiu-te o pobre alaúde,
Cessaste com o teu trovar.

Trovador, lindo Rinaldo,
Já não ris, eis-te a chorar,
Ai de ti, que te enlevaste
Na Castellan d'Avellar!

E lá vaes no rastro della
Rio abaixo a navegar.
Ai de ti, que sendo livre
Te deixaste captivar.

E porque estás noute e dia
Teus queixumes a soltar;
Sempre com o barco parado
Em frente desse Avellar?!

II.

Onde vás, ó Trovador,
Tão risonho, e tão loução
Porque comprimes com força
Os saltos do coração?

Vaes aos pés da bella Elvira
Expressar tua paixão?
Vaes ouvir dos labios della
Doce, e terna confissão?

Os seus olhos côr do ceo
Tem d'amor a expressão;
Mas cautella, que uns taes olhos
Por certo leaes não são.

Quando os labios dizem *sim*,
Diz o peito ás vezes *não*:
Cautella, que D. Elvira
Já dispoz da sua mão.

O noivo de D. Elvira
Tem caldeira, e tem pendão,
Cautella que a bella dama
Perfere o nobre ao peão.

Oh! não vás, ó Trovador,
Ouvir fallas de traição;
Oh! foge d'esse Avellar
Castello de perdição.

III.

Que novas galas reveste
D. Elvira o velho solar?
Porque nos pateos, nas salas
Lumes sem conto a brilhar?

Porque se ouvem mil bardos
Ao som das harpas cantar?
Porque no burgo os vilões
Tão contentes a dançar?

Porque por entre as ogivas
Mil sombras a perpassar!
Porque d'Arnedo o senhor
Sentado d'Elvira a par?

Elvira ao pobre Rinaldo
Foi pelo nobre trocar;
E' já senhora d'Arnedo
A dona d'este alcaçar.

E ás frescas margens do rio
Lá vem um barco abicar;
Lá vai o triste Rinaldo
Caminho d'esse Avellar.

Trovador, pára, que é tempo,
Oh! foge d'este logar:
Oh! foge que D. Elvira
Com outro se foi casar.

E foi Rinaldo ao castello,
E soube a feia traição:
Não deu palavra, e sómente
Levou a dextra ao bulhão.

Occultou p'ra logo o rosto
Nas dobras da capeirão;
Esp'rou d'Arnedo o senhor
Envolto na escuridão.

E lá bem tarde sómente
Viu chegar o castellão;
Roçou-se por junto d'elle,
Cravou-lhe o ferro á traição.

Correram pagens, besteiros
Bradando: *morte ao peão*;
Porém somente encontraram
Dous corpos mortos no chão.

JACINTO PACHECO.

A ESPERANÇA.

Esperança... verdadeira
consolação do desgraçado!
(*N...*)

A' ..... D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

Vem ó tu meiga esperança
Alimentar meu provir,
Oh! vem com doce bonança
Ao meu coração sorrir.

Ja não curio na ventura
Pois ella me abandonou,
Só creio na desventura
Com que a lutar sempre estou.

O meu viver malfadado
Bastante me faz soffrer;
Tenho o corpo defecado
Com a força do gemer.

A Deus peço em oração
Que me tenha na lembrança,
E que mande ao coração
Um só raio de esperança.

P. M. da Silva Costa.

A DONZELLA APAIXONADA.

Viçosa triste saudade
Junto ao cypreste brotava,
Era alli que ia a donzella,
E com seu pranto o regava.

E' pois um pranto de fél
O que no seu peito cria,
Sobre a loisa do'amante
Soluça de noite e dia!

Seu coração é pequeno
Para encerrar tanta dor!
As suas faces rosadas
Da morte tinge o pallor..

E lagrimas crepitantes
A loisa vão orvalhar,
Que fazem d'acerba dor
Fria campa suspirar.

Oh! quem vio tua bellesa
Qual fogo vivo a brilhar! ..
Della resta um só reflexo
Qual tenue luz de luar!

Quem penetrará os arcanos
D'essa alma tão desditoza?
Primeiro aroma da vida
D'aquelle botão de roza!..

Foi viçosa linda flor
D'outra flor tão adorada!..
Mas essa flor fenecendo
Deixou a outra isolada!

Veio depois a borrasca
E o seu viço dissecou,
Ao som de horrendo estampido
Raio ardente a fulminou!

Feneceu junto ao sepulchro
Pendida na lag-m fria;
Dos dias de soffrimento
Foi mais suave este dia!..

E as outras plantinhas
Dos seus carinhos privadas,
Ai — morreram coitadinhas!
Como ella malfadadas!

Jaz erguida uma collumna
No capitel mutilada!..
Com inscripção dolorosa,
A' saudade consagrada.

E' Amelia anjo sem par,
Que pagou tributo ao pó!
A su'alma e a de Henrique
Formam nos ceos uma só.

Eulalio de Mendonça.

O PRIMEIRO TENOR VOLPINI.

Temos nesta Capital o insigne primeiro tenor Sr. Volpini, vindo ha pouco de Hespanha. A satisfação que a sua vinda causou a um grande numero de amigos, que elle deixou em Portugal, tem sido manifestada publicamente. Os jornaes quasi todos tem feito ver quanto a empresa de S. Carlos acertaria com a acquisição d'este distincto artista, com quem o publico sympathisa; mas consta-nos que os srs. empresarios não obstante o manifesto desejo do publico, e de muitas pessoas da mais alta consideração que se interessão verdadeiramente para que o sr. Volpini com a sua voz de Anjo anime o theatro de S. Carlos, alguma duvida oppoem! Esta é inadmissivel! Diz a empresa que o publico deseja companhia nova e que por isso não pode escripturar-se o sr. Volpini! O publico deseja ouvir gente nova para melhorar, e não para peiorar; mas o publico estima, e pede o sr. Volpini: a empresa não encontra por certo outro melhor, portanto satisfaça o publico, e não desprese a occasião de adquirir uma voz conhecida, excellente e tão excellente que nós temos rogado com instancia ao sr. Volpini, que uma d'estas noites nos dê a satisfação de o ouvir em algum dos theatros, onde possa convencer a empresa do seu merecimento e das nossas sympathias. Contamos que o seu triumpho será completo. Já tivemos a satisfação de o ouvir; e no dia 1.º d'este mez cantou em casa do ex.mo sr. Marquez de Fronteira; as pessoas que o ouviram confirmarão uma verdade da qual em breve não haverá quem justamente possa duvidar, pois não obstante um tal ou qual melindre do sr. Volpini em cantar n'outro theatro que não seja o de S. Carlos, elle cede emfim

ás instancias de seus amigos, e esperamos então que desvanecidos os escrupulos da empresa se exceptue quem tão digno é de todas as contemplações. A rasão inspire a nova empresa, e a faça conhecer o seu verdadeiro interesse, que é agradar ao publico. Confiamos que os cavalheiros, que tomaram sobre si o espinhoso encargo de dirigir a empresa, não sejam surdos a nossas vozes, que são o ecco da voz publica, e nos poupem o desgosto de ver em logar de Volpini, outro que nos dê que fazer em sentido contrario!...

THEATRO DE D. MARIA II.

Tem continuado a ir á Scena o interessante Duende que o sr. Theodorico tem immortalisado; — o Mineiro de Cascaes — e o Baile de Creados — igualmente continuam a ser applaudidos. Algumas traducções porém não agradaram, á excepção do — Filho Natural, — drama ensaiado expressamente para se representar pelos discipulos do sr. Epifanio. O sr. Correa fez o papel de protagonista, que desempenhou com a maior naturalidade e perfeição; merecendo os mais justos applausos do publico apreciador do merito d'este actor, que além da sua habilidade como actor dramatico, é muito aplicado ás lettras, tendo já escripto em prosa e verso varias cousas, das quaes neste jornal algumas temos publicado; e tambem feito algumas traduções, mostrando em tudo o seu talento e bons desejos. — As sr.as Gertrudes, e Maria da Gloria muito bem desempenháram suas partes; bem assim os sr.s Carvalho, Lage, Moreira, e Machado.

O sr. Epifanio deve ufanar-se de ter podido apresentar tão bons discipulos. Mestre, e discipulos são dignos de todo o louvor. A estes não fez falta a aula de declamação do Conservatorio!.. Nem por não a haver deixam de ir apparecendo bons actores de muito melhor escola.

THEATRO DE D. FERNANDO.

A Barcarola, — e os Trabalhos em Vão — estão em scena, coroados de incessantes applausos: a sociedade empresaria d'este theatro tem alcançado as sympathias do publico; e vai tocando um dos pontos principaes. — Offerecer em espectaculo algans originaes portuguezes, de mistura com boas traducções. — E' peccado que se não perdoa a um theatro nacional, o não saber, ou não querer fazer uma boa escolha de peças originaes a que se deve dar preferencia, porque anima os auctores, acredita o theatro, e satisfaz o publico. — Entretanto conhecemos que se devem aproveitar as traducções de merito, mórmente em operas comicas, porque temos poucas, e mui poucas do merecimento da Barcarola, Duende, etc

Comtudo vemos que tem merecido as sympathias e applausos geraes — Qual dos dois? — Ensaio da Norma — Fabia — Mineiro de Cascaes — Baile de Creados — a Velhice Namorada, e quantas operas comicas que tem apparecido nossas. Seria conveniente aos theatros não apurarem a paciencia das platéas com uma aluvião de insonsas traducções, cujo resultado será sempre — o que se tem visto — afugentarem o povo, ou atrairem a pateada, que mais facilmente se desfarçam os defeitos de uma peça original, do que os de uma traducção!.. A experiencia o tem mostrado e mostrará sempre que uma traducção que se de ao publico não for sublime.

No dia 9 do corrente é o beneficio do sr. Rorick, joven actor digno do publico acolhimento, por isso esperamos que ha de ter uma brilhante concurrencia. — O espectaculo é um dos melhores. — A Barcarola, — farça Uma Assignatura em branco, ou a Procuração — original portuguez. — Em um dos intervalos o beneficiado, e a sr.a Persolli cantarão o duetto da opera — Marino e Faliero, em caracter.

Sabemos que breve irão á scena duas lindas operas uma é — a Batalha de Montrose — outra é hespanhola — onde cantará o sr. Nicolas Molas, tenor de muito merecimento, que veio ultimamente de Hespanha em companhia do sr. Volpini.

THEATRO DO GYMNASIO.

Continua com as suas engraçadas farças, e

comedias; e com — o Chalet — opera em musica que tem agradado, e onde o sr. Celestino brilha com a sua bella voz, merecendo sempre os sinceros applausos e as affeições do publico.

Breve irá á scena uma linda parodia — da Lucia — do sr. F. Palha. — O nome do auctor basta a tecer-lhe os merecidos louvores. Este theatro pela sua boa direcção e bons actores, merece a protecção do publico, e esperamos que não desanime. Consta-nos que o sr. Romão está quasi livre da sua perigosa doença; muito deveras estimaremos vêl-o restabelecido. D. A. G. Pessoa.

PENSAMENTOS DO CONDE DE OXENSTRIN.

A SOLIDÃO.

(traducção.)

Feliz d'aquelle que apartado do bullicio do mundo gosa dos prazeres d'uma encantadora solidão, e que o seu principal divertimento é uma suave conversação comsigo mesmo. O testemunho de uma boa consciencia lhe faz olhar com despreso as loucuras e vaidade mundanas. Só ambiciona a tranquilidade da sua alma; e não teme nem a inconstancia da virtude, nem os caprichos da sorte; desdenha as riquezas, e despreza as grandezas caducas da terra. Satisfeito com o presente não lhe dá cuidado o futuro. Contente de si nunca incommoda ninguem. Não se vê na penoza necessidade de fallar contra a sua convicção, ou de ter que soffrer obstinada contradicção. Afastado da corte não tem que temer o desagrado do Principe, nem cuidados a tomar para se insinuar nas suas graças. Não se vê obrigado a sujeitar-se a baixas adulações, que os grandes exigem, e está n'uma posição tão feliz, que nunca teme causar damno. Estuda o passado, observa o presente, e limita os seus cuidados a si mesmo, sem se importar com os negocios alheios. Egualmente inaccessivel ao orgulho, e á ambição, a avareza lhe parece uma loucura, o luxo um vergonhoso ridiculo, a inveja uma baixeza, a preguiça um crime. Occupado a louvar o Ente Supremo nunca se entretem em bagatellas.

Não tendo motivo de pezar, nem de colera, vive sempre satisfeito. Entretendo-se com os sublimes escriptores da antiguidade; vê-se felizmente livre dos Philosophos modernos. Sobrio, e frugal na sua refeição, não se expõe a aruinar a sua saude com manjares superfluos. Obtem tudo o que deseja, porque só quer o possivel. Deita-se sem inquietações, dorme tranquilamente, e levanta-se com alegria. Sabe aproveitar-se do tempo; conhece os trabalhos d'esta vida, debaixo de qualquer aspecto que se apresentem. Só se corresponde com o Ceo, aonde os seus pensamentos o transportão sem cessar. Nunca tem desejos pelas cousas d'esta terra, porque lhe conhece a insignificancia. Só suspira pelas divinas, as quaes se lemitão os seus pensamentos. Emfim espera a morte sem a temer, nem a desejar.

D. Inez Carlota Casana.

EXPEDIENTE.

Agradecemos infinitamente as generosas assignaturas das Damas, e Cavalheiros de Castello de Vide e Portalegre, e todas as honras que se dignam fazer a este jornal: a Redactora se confessa extremamente agradecida aos elogios com que os srs. assignantes das provincias se dignam animal-a na mais custosa das empresas.

Tendo-nos sido remettidas de Moura umas lindas charadas, do nosso illustre correspondente o ill.mo sr. J. A. C. — das quaes algumas publicámos, extraviou-se na imprensa a explicação das mesmas charadas, das quaes as ultimas foram em o numero 31 d'esta folha, e por este acontecimento não puzemos no seguinte numero a explicação. Rogamos ao Cavalheiro que teve a bondade de nos fazer aquelle presente, que se dê ao incommodo de nos enviar as explicações das outras charadas que nos restam, e muito nos obrigaria em continuar a alegrar as columnas d'este jornal com as suas mimosas producções.

Agradecemos muitissimo a bonita poesia do ill.mo sr. J. A. de Sousa Junior, que por falta de espaço não vai neste, mas irá no seguinte numero.

Uma semana em claro!!!

Não houve outro remedio!.. Pedimos aos srs. assignantes desculpa, e a sua protecção, aliás muitas d'estas faltas se repetirão, bem a nosso pesar. A Redactora.

Lisboa — 1850 — Typographia de Alexandrina Amelia de Salles.
Rua dos Calleyros n.º 47.

SEPTEMBRO 21. 1850. NUMERO 37.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 81; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

RELIGIOSAS.

Em consequencia da Carta de Lei de 23 de Julho d'este anno pela qual se destina a quantia de doze contos de réis para occorrer á subsistencia das Religiosas necessitadas, pelo Ministerio competente se expediram ordens convenientes ao Ex.mo Arcebispo de Mitylene encarregado interinamente do governo do Patriarchado durante a ausencia do Em.mo Cardeal Patriarcha na visitação da sua diocese, para que procedendo ás mais escrupulosas averiguações informe, interpondo o seu parecer, quaes são as casas religiosas do Patriarchado nas circumstancias de ser, com justiça, contempladas com o beneficio da citada Lei; declarando especificamente: 1.º quaes os rendimentos de cada uma das casas religiosas que tiver por necessitadas; 2.º qual o numero de suas respectivas conventuaes &c. &c. Recommendando-lhe todo o escrupulo nas averiguações a que proceder; por isso que a experiencia, e os esclarecimentos estadisticos que, a respeito dos bens e reditos dos conventos de religiosas, se tem recebido em diversas epochas no Ministerio, mostram, que a penuria de meios de subsistencia de que hoje se queixam alguns dos conventos, não provém tanto da falta de bens, e réditos proprios, como da má administração d'elles etc. —

Levadas tão sómente pelo sentimento de compaixão, que nos causa a dolorosa situação de algumas religiosas, aproveitâmos a occasião para erguer em seu favor nossas vozes, pedindo ao Ex.mo benemerito Prelado toda a sua attenção nos meios que ha de empregar para colher informações exactas a tal respeito!.. Não são as Preladas; não são os Procuradores que podem informar como cumpre!.. As Preladas já não são nomeadas para servir um triennio, por votação conventual!.. As Preladas são agora authoridades vitalicias!.. (pelo menos assim o vemos) as Preladas algumas estão de combinação com os Procuradores. Eis a verdade, eis o que não é já mysterio para a imprensa. Sabemos que alguns Conventos tendo sufficientes rendimentos, e mui poucas religiosas, estão em tão má administração que as infelices Freiras não tem, nem sequer o preciso alimento!.. E' este um facto que podemos demonstrar; e tomaremos o nosso cargo a tremenda missão de advogar a causa das innocentes victimas. Não lhes basta a privação da liberdade!.. Será justo... tolerar-se-ha que pereçam nas garras da in-

digencia tantas creaturas dignas de toda a attenção, e que ahi nessa clausura onde vivem, não como em religiosa communidade, mas em dura prisão... sejam sacrificadas ao bem estar de uma pequena porção de individuos, que não zelam como devem as sagradas obrigações a seu cargo!?.. Pedimos, rogamos, que mesmo em pessoa vá o Prelado... oiça, uma a uma se preciso for em confissão, porque o temor domina aquelles entes fracos por sua natureza, atterradas com o infortunio, e sem o providente auxilio de uma razão illustrada, que as tornasse sobranceiras a quimeras, e ameaças; que sem faltar ao devido respeito á sua Prelada tivessem a coragem de mesmo em sua presença dizer ao seu Prelado a verdade sem o mais leve espirito de intriga, e má vontade. São tão fortes as armas da verdade que sem offender vencem. Estamos certas porém que as mesquinhas não terão animo de se queixarem em publico, receosas de alguma vingança interna; e até porque o maior numero de Religiosas está em avançada idade, e por isso já sem o vigor que a mocidade infunde. — O que fazem muitas é mudar de um para outro Convento, e offerecendo a Deus o seu martyrio esperarem que a seus rogos um milagre se opere!.. Pois não esperaram em vão, porque em Deus confiaram, e é Deus quem inspirou a providencia a que nos referimos; é Deus quem anima nossos corações, e nos inspira a nobre resolução que tomamos de dirigirmos nossos rogos em favor das casas religiosas, onde gemem tantas victimas da má administração, e do egoismo. Confiamos muito na rectidão e bons desejos do nosso Em.^mo Patriarcha, e do Ex.^mo Arcebispo de Mitylene; e que por seus grandes conhecimentos empregarão meios efficazes de saber a verdade, e obstar ao desgoverno, que além de inhumano, é prejudicial ao Estado, que a nosso ver não precisava despender esses doze contos de réis, se os rendimentos de alguns conventos fossem bem administrados. Sabemos de alguns Conventos, cuja despesa é muito menor do que os rendimentos — que morrem Freiras, e nem por ser diminuto o numero das que existem se lhes melhora a sorte, antes vão soffrendo cada vez mais. Citaremos no seguinte numero alguns casos de que temos perfeito conhecimento, e prestando um serviço á humanidade, muito estimaremos concorrer para a elucidação de negocio tão importante.

D. A. G. Pessoa.

CONSERVATORIO.

Os Redactores dos jornaes são entes mysteriosos! Em toda a parte apparecem, tudo sabem, tudo preveem!.. E todavia não são *duendes*.

A noite de 18 era solemne!.. Cheia de encantos musicaes! de celestiaes harmonias!.. E como ouvil-os todas, se Volpini cantava em D. Fernando, e no Conservatorio ao mesmo tempo se executavam os publicos exercicios das Escholas de Musica e Dança?! Pois em ambos os logares nos viram, e a todos os Redactores, nossos presadissimos contemporaneos.

Suas Magestades e Altesas pela segunda vez assistiram a este acto, solemnisando-o com a sua presença, e animando os alumnos que muito bem desempenharam seus exercicios, distinguindo-se sobremaneira os srs. Mazoni (Alumno da Aula de piano) e o sr. Garcia (Alumno da Aula de rebeca) ambos já mui-o conhecidos, e estimados do publico, tendo já sido coroados no palco de justissimos applausos.

Outros Alumnos das diversas Aulas se distinguiram, assim como as Alumnas sr.^as Oliveira (de pianno) Lisboa e Gaião (de canto.)

Foram devidamente distribuidos pelo Jury os premios, que d'esta vez julgou com muita exactidão. Honra lhe seja feita.

As Alumnas da Aula de dança e mimica

foram muito bem na sua dança mimica. — Oriana, — composição muito bonita do sr. Seixas, que privado da luz dos olhos corporaes, possue as preciosas luzes do mais claro entendimento, e elevados conhecimentos.

A Alumna Antonia figurou o papel de — Traga-Mouros — com muita habilidade; e todas as outras mininas desempenharam bem os seus papeis. — foram premiadas conforme o seu merito, até mesmo a pequenina Amelia, de 8 annos de idade. — O premio maior foi concedido justamente a uma menina que sendo surda tem a maior comprehensão, e geito para a dança. — Seus professores os srs. Zenolio, de dança, e Franchi, de mimica, são dignos de todo o louvor. —

Folgâmos em ter que descorrer tão pouco sobre o Conservatorio, visto que outros jornaes que o anno passado se não occupáram d'este objecto, este anno circumstanciadamente o fazem; o que prova que não *clamamos em deserto*.

Fomos nós que chamamos a attenção, áquelle estabelecimento, que livre de alguns defeitos póde, e deve ser muito util á Sociedade; e todavia parece, que as desagradaveis desintelligencias com o sr. Migone, e a descoberta da tal accumulação do sr. Lauretti, tiveram mais força do que os artigos de Kontsk, na Revista Universal; pois á excepção da Assembléa Litteraria, nem um só jornal defendeu então o Conservatorio, e o Director da eschola de musica!.. Muito nos gloria ver o fructo de nossos esforços, e dando por bem pagos alguns passageiros desgostos, recolhemos satisfeitas as palmas da victoria, certas de que:

— Ha males que vem por bem. —

D. A. G. Pessoa.

AS CASTELLÃAS DE ROUSSILLONT.

TRADUCÇÃO.

(Continuação do num. 28.)

Esperie acompanhada de Joanna afastou-se saltando de alegria, ligeira como um passaro que deixou o seu ninho; e sua mãi sentiu um instante de felicidade vendo-a tão graciosa e tão boa. A Condessa deu ainda algumas voltas no jardim mais socegada, e confiada em Deus, porque a acção caritativa que acabava de fazer tinha disposto seu espirito a pensamentos divinos; um momento depois sentindo-se fatigada, sentou-se por acaso debaixo d'aquella mesma ramagem de madresilva, aonde vinte e cinco annos atraz, tivera com o Visconde de Vaillac no mesmo dia do seu casamento uma conversação muito animada; e fosse que a apostasia d'esta Senhora, a affectasse vivamente, ou que a lembrança do que se tinha passado neste mesmo logar acordasse de subito na sua alma uma dor, ou um remorso o seu semblante tomou a expressão do terror e do soffrimento, os olhos banharam-se lhe de lagrimas, e levantando-se arrebatadamente correu para o castello.

Esperie quando voltou procurou debalde sua mãi no jardim esmaltado de flores, e debaixo da sombra das ramadas de jasmins, pervinca, e madresilva, conservadas a grande custo por abundantes regas, e trabalho do jardineiro; depois voltou ao castello, mas a Condessa estava fechada na sua camara, e só appareceu á hora do jantar; a refeição foi triste, e silenciosa, havia um logar vago; e aquelle que o occupava ordinariamente não devia voltar por muito tempo.

Logo que anoiteceu o fiel Marcial acompanhado por quatro archeiros rondou o interior do castello, levantou a ponte levadiça, poz uma sentinella no torreão, e fechando com tres ferrolhos o portão, que era de madeira de carvalho forrada de folha de ferro, veiu entregar as chaves á Senhora de Roussillont, apresentando-lh'a sobre uma salva de prata doirada, destinada para este fim. Depois um joven tocou o sino da torre; os criados e archeiros reuniram-se na capella; as rosas brancas do jardim de Esperie ornavam o altar da Sancta Virgem embalsemando o sanctuario com suaves perfumes. algumas tochas acesas espalhavam uma branda luz, a Condessa e sua filha tomaram os seus logares na tribuna, e na falta de capellão a donzella de Roussillont recitou em voz alta as orações da noite: com os olhos levantados para o ceu, e os sons harmoniosos da sua voz para alli subiam como o perfume do incenço; o seu ar recolhido expremia uma fervorosa e terna devoção, tu-

do nella representava a imagem da innocencia e candura, acabando a oração disse com voz commovida:

— Lembrai-vos, meu Deus, daquelles que combatem pela vossa santa causa, e livrai-os de todos os males.

Todos os assistentes, que pela maior parte tinham visto partir naquella manhãa um parente, um amigo, ou camarada, derramaram lagrimas de ternura.

Duas horas depois d'esta scena todos descançavam no castello, á excepção de duas pessoas, a sentinella que assobiava vigiando no mais alto da torre, e a Condessa, que orava, e gemia aos pés dos altares. Mesmo a quem conhececera bem aquella mulher arrogante e altiva, seria difficil reconhecela a fraca luz de uma pequena alampada de prata que apenas alumiava a capella, humildemente prostrada sobre as frias lages que cubriam a sepultura dos castellãos de Roussillont, vestida com um roupão branco de dormir, palida, com os hombros meios cubertos pelos seus cabellos em desordem, semelhante a uma sombra saída do sepulchro, entregando-se em liberdade a todo o excesso de uma dôr, que não constrangia a presença de importunas testemunhas.

— Meu Deus! meu Deus! affastai para longe de mim estes terriveis presentimentos, exclamou ella, livrai-me d'esta imagem ensanguentada que me persegue até no meu somno. Deus vingador, não bastam desasseis annos de soffrimento e macerações, para acalmar a vossa colera? Será o meu crime tão execrando, que exceda a vossa misericordia? Ainda não terei eu gemido bastante na vossa presença? as offertas que tenho feito ás Igrejas e Mosteiros, não serão bastante ricas!... oh! se assim é, meu Deus, eu vos prometto de reedificar á minha custa o de Santa Ursula, que os huguenotes queimaram o anno passado, se vós me conservardes o meu filho....

E a Condessa levantando-se a estas palavras, começou a enumerar as riquezas com que se propunha dotar os logares santos, esquecendo-se a pobre mulher, que o sacrificio mais agradavel ao Senhor, é o de um coração contricto, e humilhado; e é-nos forçoso convir, que se Francisca procurava á muito tempo, po austeridades e esmolas, fazer calar os gritos de uma consciencia acabrunhada de remorsos, era com o receio do castigo, mas sem aborrecer o crime; as lagrimas do verdadeiro arrependimento ainda não tinham lavado a sua alma, as chammas do divino amor não a tinham ainda purificado; por isso as orações que saiam de seus labios davam apenas um pequeno alivio á sua dôr. Comtudo o projecto que acabava de formar produzio ao menos um bem, qual o de distrair um pouco os seus tristes pensamentos; sentou-se aos pés do altar, e começou a imaginar nos meios de executar a sua promessa.

(*Continúa.*)

D. M. da A. da Costa Macedo.

POESIAS.

—

Por falta de espaço não publicamos no n.° 36 a seguinte obrigante carta, que nos foi remettida com a poesia — Uma Rosa — publicada no mesmo n.°, com aquella a que se refere a mesma carta, de modo que ambas estas poesias são do mesmo auctor, inspiradas pelos Srs. Mendes Leal — José, e Antonio — E' um cavalheiro a quem tributamos alta consideração, e antiga amizade; assás conhecido, e acreditado por seus elevados conhecimentos, e brilhantes qualidades moraes.

A Assembléa Litteraria bemdiz a sua estrella ao vêr tão distincto collaborador animar-nos na mais difficil das empresas. A sua modestia exige porém que se guarde incognito o nome que resplandecendo com todo o fulgor na Jurisprudencia, vem com um reflexo de luz illuminar este pequeno recinto.

—

Ill.ma e Ex.ma Snr.a — Permitta a bondade de V. Ex.a, que eu ponha nas suas mãos, e sujeite á sua apreciadissima censura estas Decimas, que a belleza dos quatro versos, obra do Sr. Mendes Leal (á tempo publicada no Estandarte) teve a força de arrancar a uma penna já ha muito desacostumada, e até esquecida de tão agradavel, quanto sublime passatempo.

Sem ter a vãa pretenção de coadjuvar a

V. Ex.ª na espinhosissima taréfa, que sobre si tomou, e que tão denodadamente vai desempenhando, na illustrada Redacção da — Assembléa Litteraria — ouso esperar, que não levará a mal que eu tome a liberdade, de pôr á sua disposição qualquer trabalho, que, por ventura, minhas apoucadas forças, e afazeres a que estou ligado me permittirem esboçar; e para cuja remessa desde já tem a honra de supplicar o seu consentimento quem com a maior consideração e respeito, é — De V. Ex.ª muito respeitador, e reverente creado. B.

S.C. 1.º de Setembro 1850.

—

Aqui te deixo a saudade,
A saudade triste flôr,
Que planta a mão da amisade,
Que cultiva a mão d'amor.

MENDES LEAL.

Chegou, Tircea, o momento
Da nossa separação,
E o meu terno coração
Já sem força, e sem alento,
No mais cruel soffrimento,
Na maior anciedade
Pede ao Céo, por piedade,
Que lhe queira conceder
O poder-te só dizer —
Aqui te deixo a saudade.

Se acerba dôr penetrante
Trespassar teu peito forte,
Se a dura mesquinha sorte
Em te affligir fôr constante...
Ah Tircéa! um só instante
Não vacile o teu amor,
Revestida de valor,
Sê a tudo sobranceira;
Pois tendes por companheira
A saudade triste flôr.

Mas, Tircéa, o meu temor,
Que tanto assim aconteça,
E' que a final desfaleça
O teu puro, e fido amor;
E que então outro Pastor,
Em mui bella, e fresca idade,
Faça esquecer a saudade
Tua fiel companheira,
E até a sementeira,
Que planta a mão da amisade.

Quando tanto acontecer,
Em vêr-te d'outro nos braços,
Quebrados então os laços,
Que nos deviam prender,
Não cessarei de dizer,
Que um Genio máu, e traidor
Esmagou com seu furor
Nascente prosperidade,
E mesmo a triste saudade,
Que cultiva a mão d'amor.

* * *

JUSTIÇA!... REPARAÇÃO!...

OU 21 DE SEPTEMBRO.

» Já venturoso, e ameno despontando,
» Foste um dia de amor!...
» Hoje!...palido, e funebre assomando
» Es' um dia de horror!...

» O sol esconde a luz!... turvada a esphera
» Annuncia o trovão,
» O raio vingador que uma hora espera
» D'alta reparação!...

» Sim!... essa hora fatal, hora de morte
» Em breve hade soar,
» E a voz — Reparação — Voz justa e forte
» O espaço hade bradar!

» Hade teo negro manto ensanguentado
» Um cadaver cobrir!...
» O delicto nas trevas consummado
» Hade o Céo descobrir!...— »

Em vinte e um de Septembro,
Logo ao despontar da aurora,
Uma voz assim bradava;...
De quem era!...inda se ignora!...
Piava o mocho agoureiro!...
Uivava sinistro cão!...
Eis Cavalheiros, e Damas,
As ruas atravessando
Da cidade de Lisboa,
Em grupo vão-se juntando;
A que ver!.. banhado em sangue
Caír um corpo no chão!

E' de um joven Cavalheiro!...
O semblante éra ferino!...
Tinha no peito cravado
Um punhal de aço o mais fino!...
(A mão que alli o cravára
Tinha forças de Sansão!)
Soltava o gemido extremo!...
Enterrogam-no.... está mudo!...
Do seio o punhal arrancam!...
O punhal explica tudo!...
Vê-se no ferro gravada
Uma tremenda inscripção!

Saltava o sangue em torrentes,
E tão longe que o vestido
Tingio de um pobre mancebo
Que fugia espavorido;
Pois de vêr o horrivel caso
Lhe tremia o coração!
Rompia por entre as turbas
Có as vestes ensanguentadas;
Mas é detido... escoltado.
Das guardas alli postadas.
» Sou innocente!... — dizia —
Deixai-me por compaixão! »

» Sou innocente!... Eu vos juro!... »
Mas não éra acreditado;
Eis da multidão no centro
Improviso se ergue um brado!..
Era uma Dama!... Esclamava —
Justiça!... Reparação!... —
E' do punhal a legenda!
Eu sou... eu sou a culpada!...
Roubou-me a gloria.... mateio-o.
Curvo-me ás leis resignada.
Julgado em fim o processo
El-Rei concede o perdão.....

D. A. G. Pereira.

AO EXIMIO TENOR

O SR. AMBROSIO VOLPINI

AO SEU REGRESSO A LISBOA EM 1850.

UMA COROA.

Volve ao Tejo que saudoso
O teu regresso attendêo!
Vem colher louros mais bellos,
Volpini!.. Celeste Orpheo!

Genio sublime!.. que o genio
Te está na fronte a brilhar!.
E em teus gestos... tuas fallas...
Em teu scintilante olhar!

Mago incanto infundes n'alma
Que te escuta a meiga voz!..
Vóz que tão grata aos ouvidos
Ao peito desce velóz!...

Desce ao peito, e portentosa
Echôa no coração;
Em quanto amente se enlêa
Nos incantos da illusão!..

O passado não tem penas:
Não tem sombras o porvir:
Os pesares adormecem,
Quando te deixas ouvir!

Tu fazes ouvir na terra
Os cantos de um cherubim;
Pois que a terra em Céo converte
Quem sabe cantar assim!..

Prophetica voz te falla!..
Ouve-a sim... é voz do Céo,!.
Que te brada — tens em Lizia
O mais honroso tropheo! —

Quer um Deus, que bem fasejo
Dêo-te essa voz de incantar,
Dos lusos na simpathia
Tua gloria eternisar!...

D. A. G. Pereira.

AO EXIMIO TENOR, O SR.

AMBROSIO VOLPINI.

Vem, artista, sobre o palco
Reinar ainda uma vêz,
Vem receber mais mil palmas
D'este povo portuguez.

Vem... que serás qual estrella
Em linda noite a fulgir,
Servindo de espelho ao mundo,
Cheia de um mago sorrir.

Que este povo, que é tão justo,
Não póde as palmas negar,
A quem com arte e com mérito
As sáiba sempre ganhar.

Vem, artista, sobre o palco
Reinar ainda uma vêz,
Vem receber mais mil palmas
D'este povo portuguez.

S. P. Eutacio M. e Veiga.

THEATRO DE D. MARIA II.

A Taberna do Diabo está em scena! é um drama bonito e moral, principalmente o 3.° acto, onde o sr. Epifanio brilha no seu monologo. Todos os actores comprehendem muito bem os seus papeis, distinguindo-se todavia os srs. Assis, Epifanio, Theodorico, e Carvalho; e as sr.as Delfina, Barbosa, e Maria da Gloria. O sr. Correa, José Antonio; tem papeis de menos circumstancia, mas vão igualmente muito bem. O Scenario é bello, e muito valor dá á

vista das montanhas do primeiro acto quem como nós esteve na America, ou na Africa.

O Bailete fantastico — Hymineo de Tedida o Cloé, — em um acto, e dois quadros, composição do sr. C. Marsigliani é muito bonito — a sr.ª Marsigliani insigne primeira Bailarina, dança com o maior gosto, elegancia, e ligeiresa. A menina Guilhermina, Alumna da Aula de dança do Conservatorio figurou de Cupido; mostra ter muita habilidade. As sr.as Gesualde, Schira, e o sr. Faria igualmente se distinguiram.

O sr. Marsigliani tem sido feliz nas suas composições, e tem excellente methodo de ensinar; é digno de louvor.

THEATRO DE D. FERNANDO.

A Sociedade empresaria offereceu o theatro ao triumpho do Sr. Volpini, o qual cantou nas noites de 16, e 18 do corrente. Foi recebido com enthusiasmo, e o publico deu todas as provas das sympathias que este distincto artista nos merece. As vozes de approvação, e regosijo; as corôas de flores que juncavam o palco, os innocentes pombinhos, e rolinhas que voando dos camarotes iam cair nos pés do artista, as poesias, e finalmente um applauso geral, attestou o alto merecimento do sr. Volpini. Publicaremos, seguudo nos permittir o pequeno espaço d'esta folha, as poesias que se lhe consagraram, principiando pela nossa. —

Foi á scena a Farça — Uma Assignatura em branco, ou a Procuração — onde a sr.ª Pinto, e os srs. Pinto, Sargedas, Vieira, e Francisco Fernandes sustentaram seus papeis com a maior perfeição, e naturalidade. A sr.ª Pinto é digna de todo o elogio porque soffrendo graves encommodos de saude, emprega todos os esforços, para acreditar a Sociedade, e agradar ao publico, o qual reconhecendo os seus bons desejos, sabe dar valor ao seu merito, e d'isto vê as provas nas palmas que recebe nos Trabalhos em vão, na contenda com o sr. Feliciano Pinto, actor de muito merito, e que muito se vai acreditando. —

A batalha de Montereau é bonita; mas o que mais a faz brilhar é a linda musica do sr. Casemiro, unida ao bem ensaiado das manobras militares do exercito das damas, que é elegantissimo, e onde as sr.as Persoli, Macedo, e Anna Caldoso entram perfeitamente. Foram todas as damas muito applaudidas, e com justiça; pois é admiravel a maneira como desempenham os exercicios militares. O sr. Sargedas vestido de mulher tem um papel difficil, e executa-o com a maior naturalidade, merecendo cada vez mais o bom acolhimento do publico, tem ganho a coroa de excellente artista.

O sr. Lisboa cantou muito bem.

O beneficio da sr.ª Macedo é no dia 30 do corrente. — Esta actriz tão joven, e de tanto merito, que na edade de 14 annos, representa com tanta perfeição os papeis mais importantes; é digna da protecção do publico; e esperamos que o seu beneficio terá grande concorrencia. — O espectaculo será novo e dos melhores.

THEATRO DO GYMNASIO.

O Andador das Almas lindissima, engenhosa, e engraçada parodia de Luccia. é mais um padrão de gloria ao merito litterario de seu joven illustre auctor o sr. Francisco Palha tão conhecido por seus talentos, e tão benquisto por suas brilhantes qualidades. E' uma peça em 3. actos toda em verso rithmado, e desenvolvido o enredo com muito graça. — A elegancia — o espirito — em summa um talento superior alli reflectem. — Aquella scena... aquelle *bocadinho de oiro* em que os dois Gallegos apparecem, e um diz ao outro que leva a Bandeira ingleza — a deus Portugal!!... é uma scena em que achamos muito chiste!... A outra em que o sr. Taborda canta a Aria que diz: — *São teus os riscos* — é muito rica de engenho, e arte.

Os actores vão admiravelmente!.. repetimos aqui o que nos disse o sr. Francisco Palha quando lhe demos os parabens dizendo — feliz auctor que teve um tal pensamento — ao que elle nos respondeu — feliz auctor que encontra tão bons actores — E' certo!.. e nós por experiencia propria o sabemos. —

O sr. Taborda ganha nesta opera um triumpho que immortalisa o seu nome! com isso temos dito tudo. — O sr. Celestino além da sua excellente voz agrada muito pela propriedade com que desempenha a sua parte. Os srs. Moniz, e Pereira, como sempre, actores de grande merito ostentão o seu natural gracioso, e a sua habilidade até no canto. A sr.ª Rosalina entra muito bem, e o seu canto agrada-nos. —

Todos os outros actores, posto que em partes pequenas, fazem muito, cantando em córos, e desempenhando perfeitamente a acção.

Junta-se a tudo isto a tão bonita, e tão estimada musica da *Luccia*! —

O *mise en scene* é o melhor possivel, e mais appropriado. — As vistas novas, e a que representa o chafariz do Carmo, e parte do convento, hoje quartel, é muito bem feita.

Foi accolhida com enthusiasmo, e dará grande interesse no theatro.

O sr. Palha, cavalheiro que por tantas rasões presamos *infinitamente*, não carece de nossos louvores para augmentar o seu credito já estabelecido — a sua gloria inextinguivel; — mas nós não podemos deixar de lhe offerecer este culto devido ao seu merito.

THEATRO DE S. CARLOS.

Foi escripturado o primeiro bailarino sr. Luiz Gabriel, joven artista de muito merito, pois além de eximio na arte de dança, possue o dom da poesia. Muito estimamos esta boa acquesição para o theatro; e permitta Deus que o resto da companhia corresponda a esta boa escolha, e nossos bons

UMA NOVA ACTRIZ.

Temos por vezes ouvido cantar a Sr.ª Drusila Mugnaini — joven artista de 19, a 20 annos. A sua voz é excellente, clara, forte, extença e harmoniosa; a sua prezença é bella, e interessante. Digna sem duvida de ser primeira Dama, ella não recusaria ficar por segunda em S. Carlos, porque sendo certo que a fortuna anda quasi sempre arredada do merito, ella não tem sido feliz em Portugal, porque não tem tido quem a proteja, e faça conhecida! Não importa só ter merito, é preciso que alguem o faça valer. Sem relações n'uma paiz estranho, sem desembaraço para demandar protecções, porque a sua pouca edade a prende, ella teria de se retirar de Lisboa quasi ignorada! O acaso porem fêz que a vissem, e ouvissem algumas pessoas que dezejando proteger o merito lhe proporcionam occasião de ser ouvida: cantará na Philarmonica em a noite de 26 do corrente com o Sr. Volpini.

Está escripturada para o Theatro de D. Fernando, o que muito estimamos, já que a empresa de S. Carlos não soube fazer tão proveitosa acquisição; vel-a-hemos brilhar n'outro theatro onde o publico lhe fará justiça.

D. A. G. Peixe.

AVIZO LITTERARIO.

Para satisfazer o dezejo dos sabios, e Amadores da Litteratura Portugueza, vão a ser reimpressas as obras Poeticas, e em Proza de P. A. Correa Garção que agora publica J. M. Stockler de Salema Garção unico Neto em 1.º grau, que existe do Author.

O que se participa ao publico, para o prevenir que continue a ser illudido comprando alguma das duas = chamadas = Novas Edições = huma impressa no Rio de Janeiro em 1812; outra em Lisboa em 1825.

A lista dos Sr.ˢ Assignantes será impressa junto á Biographia do Author; não só por gratidão, mas para mostrar aos Estrangeiros, que os Portuguezes sabem apreciar a Gloria da sua Nação e honrar a Memoria de seus benemeritos Compatriotas.

Esta verdadeira nova Edição hade constar de dois ou tres tomos, cujo preço se annunciará, quando se imprimir.

EXPEDIENTE.

Por mão de um cavalheiro que nos merece toda a consideração, recebemos uma attenciosa carta justificativa do Sr. Francisco Xavier Migone, datada em 6 do corrente, offerecendo-nos satisfatoria declaração garantida com a sua palavra de honra que não podemos deixar de acceitar; e não publicâmos a carta nesta folha, por nos parecer mais proprio publical-a nos jornaes onde explicitamente referimos a nossa questão com o Conservatorio, e onde o publico a verá terminada com o Sr. Migone, de um modo que, honrando-o a elle, dá-nos o triumpho mais complecto.

—

Bem a nosso pesar não vai neste num. a poesia do sr. J. A. Sousa Junior, mas esperamos realisar a nossa promessa no seguinte num. sem falta.

D. A. G. Peixe.

LISBOA — 1850.
TYPOGRAPHIA DE ALEXANDRINA AMELIA DE SALLES.
Rua dos Gallegos n.º 47.

OUTUBRO 5. 1850. NUMERO 38.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 8; e Carvalho, no Chiado. — Preços, por mez 80. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 reis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos gratis. Annuncios, Correspondencias e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

RELIGIOSAS.

Dissemos no antecedente n.º deste jornal, que entendiamos ser por falta de boa administração que algumas Religiosas viviam na mais dolorosa situação, privadas até do preciso alimento!... D'esta verdade alguns exemplos vêmos!... Cital-os-hemos. O Convento de Santa Martha esteve redusido a tal penuria que as Freiras já não tinham mais do que — meio pão, e 20 rs. por dia — para cada uma! As desordens entre si eram tantas que foi preciso entervir a auctoridade, e nomear uma administração composta de pessoas assás acreditadas, a qual tem desempenhado tão escrupulosamente, e com tanto disvelo a obrigação a seu cargo, que actualmente vivem as Freiras senão muito bem, ao menos muito melhor, e livres dos continuados moinos que a miseria occasionava, a ponto que uma pobre Senhora por que reclamava o preciso alimento, e se queixára da pessima administração, depois de soffrer o insulto de uma bofetada, e muitas pancadas foi enviada para o hospital, por doida, mas observada alli os Medicos a julgaram de perfeito juiso, e a recuviaram para o seu Convento, onde apenas entrou alguem lhe disse que o carcere estava concertado!... Soffrer, e calar!... eis a primeira das leis que ás infelices se impoem; senão!...

O Convento de Santa Joanna rende alguns desesete mil crusados para mais, segundo nos consta, tendo herdado as rendas de mais dois antigos conventos; tem muita prata, e de tanto valor que o cofre da sagrada exposição do Santissimo é avaluado em cinco mil crusados, um frontal do altar de S. João Baptista etc. etc. As Freiras são onze, e estas com as mezadas atrazadas não tem senão huma moeda 4800 rs. cada uma por mez!... Que se faz ao resto do rendimento?!...

A actual Prioresa entrou para aquelle convento com a protecção do falecido General Pusich, pae da Redactora deste jornal; já se vê que a conhecemos perfeitamente.. Não duvidamos das suas virtudes, porém não lhe concedemos a precisa inteligencia, e capacidade para administrar um convento, mas sim para ser administrada...

Já de lá tem saido alguma religiosa... e acreditamos que não é o bom tratamento que as afasta...

Nas Grilas existe uma só Freira com algumas creadas, tendo as outras duas que ali estavam hido para o convento do Salvador!... Nas Monicas parece que não reina a maior satisfação, nem abundancia, e assim acontece a muitos outros conventos: entretanto para que escrupulosamente informemos das verdades que chegam ao nosso conhecimento diremos que — as sr.as Commendadeiras de Santos, e da Encarnação, e os conventos de Chellas, Santa Anna, Carnide, SS. Coração de Jezus á Estrella, Albertas, Selezias, Conceição de Arroios, Sacramento, e Franceziuhas — sabemos que tem Prelados

exemplares, dignas de toda a confiança, e consideração, e que se disvelam em administrar bem os seus conventos, vivendo com suas irmãas em religiosa comunidade, e na mais perfeita harmonia.

Dignas da maior contemplação por certo são as Francezinhas, as Albertas, e as do conventinho do Sacramento, pois estas não tem rendimentos alguns, vivem de esmolas que a piedade dos fieis lhes concede: distinguindo-se as Pessoas Reaes, e as fidalgas, que não cessam de soccorrer as religiosas mais infelizes. Um exemplo acabamos de vêr que edifica!... Não o omittiremos porque, se obrigadas pelo dever que nos impoem o nosso sagrado encargo deploramos, e condemnamos abusos com bastante magoa, e constrangimento de nossa alma; é com a mais intima satisfação que publicamos as boas acções de que temos noticia.

As Religiosas Francezinhas soffriam graves privações; o inverno passado não poderam por falta de meios nem se quer mandar que se reparasse o telhado, chovendo-lhe muito em casa. A sr.ª Condessa das Antas foi vizital-as, e observou a sua tristissima situação, lembrou, e conseguio fazer uma Riffa em seu favor; Muitas sr.as de todas as classes tem concorrido com lindas prendas, obras de suas mãos, ás quaes a Condessa juntou outros muitos que ella expressamente fez, e contando já uma consideravel porção de premios effectua-se a Riffa no dia 15 do corrente sendo o producto em favor das Religiosas do Convento das Francezinhas, tendo sido grande o n.º das pessoas que concorrem a auxiliar, e imitar tão nobre acção! E' digno do mais alto louvor este acto de beneficencia, e he mais um titulo que, superior a todos os outros titulos de terrena grandesa, enobrece aquella alma tão bem formada, que nós desde a infancia conhecemos, e apreciamos.

A Mãe que a seus peitos com tanto disvêlo cria seus filhinhos, não pedia deixar de ser sensivel aos alheios males.

O Convento das Religiosas da Villa do Conde rende vinte e quatro mil cruzados; outros conventos estão com poucas Freiras; reunidas todas em alguns dos melhores conventos (poucos bastariam, em vista da determinação de não professarem mais) reunidos os rendimentos, e estes com boas administrações, entendemos que bastaria a sustentar decente e commodamente as Religiosas do Continente do Reino, sem que fosse preciso ao Estado despender mais esses doze contos de réis que nas circumstancias em que está a Nação, hão de forçosamente fazer falta a tantas outras classes uteis á Sociedade, e a quem o estado tem sagrada obrigação de pagar o que deve!...

São apenas reflexões filhas de nossos bons dezejos; o Governo fará o que mais justo, e conveniente lhe parecer.

D. A. G. Pesich.

AS CASTELLÃAS DE ROUSSILLONT.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

Doze horas soárão no relogio do castello. Os gritos das aves noturnas erão os unicos perturbadores do silencio da noite. A Condessa abatida de fadiga, e vigilias, adormeceo sobre a cadeira. Um sonho horrivel se lhe apoderou dos sentidos, parecia-lhe ver abrir-se a campa sepulchral, e a sombra de seu marido apresentar-se lhe ameaçadora, e terrivel, arguindo-a do seu crime. Francisca queria fugir, mas um poder sobrenatural a retinha: abrio a bocca para se justificar mas os seus labios murmuraram apenas palavras ininteligiveis, e a lingua se lhe tornou immovel, e gelada.

De repente mudou a scena, o espectro se sumiu pela terra abaixo, e em seu logar apareceu um cadafalso gigantesco sobre o qual estavam amontoados um numero infinito de caixões rodeados de enormes tochas, e que não obstante davam uma sombria, e vacilante luz. A Capella era forrada de preto; um jovem Padre, que tinha todas as feições do Cura de Roque, celebrava o Santo Sacrificio da Missa, e doze religiosos dominicanos cantavam o officio de defuntos.

Uma velha mui alta e magra, que estava em pé ao lado do cadafalso, fez signal á senhora de Roussillont para se aproximar, e fictando-a com olhos chammejantes, e cheios de alegria escarnecedora lhe apontava para o maior dos esquifes; e o Padre que se as-

semelhava com o Cura de Roque, começou a dizer com vibrante voz:

— Gritos lastimosos se ouvem em Ramá; é Raquel que chora por seus filhos, e que nem quer ser consolada, por elles já não existirem.

Neste momento o grande esquife, que a mulher tinha mostrado com o dedo abrio-se por si mesmo, e Francisca reconheceu o cadaver de seu filho. Um grito pungente lhe escapou do peito, e este grito a acordou repentinamente. A Condessa respirou mais livre reconhecendo, que todos estes horrores eram o delirio da sua imaginação exaltada; mas um pensamento terrivel se apoderou da sua alma «será isto um aviso do Cáo!» disse ella.

E supersticiosa por excesso de ternura, sentio acordada todos os terrores, que tinha sentido durante o seu sonho; um suor frio lhe correu pela fronte, a dor lhe encrespou os membros, e á claridade de uma fraca luz figurou-se-lhe ver ellevar-se na sombra o espectro ameaçador do Conde Galliot seu marido.

Então a pobre mulher tornou a cahir de joelhos sobre a humilde pedra, e o rosto inundado de ardentes lagrimas exclamou:

— Meu Deos! meu Deos! tende piedade do meu filho! se quereis uma victima, eis-me aqui, ferime; mas poupai o meu filho, affastai d'elle os golpes que o ameaçam, e se tendes os seus dias contados, cortai nos meus para lhe acrescentardes nos seus.

— Vós sabeis senhor, que elle é a unica esperança d'uma illustre caza; protegei o unico representante d'uma tão nobre raça. —

Deste modo a reunião estranha mas muito commum n'esta época, da ternura maternal, e do orgulho do nascimento se confundiam n'um unico sentimento, no coração da Condessa. Por muito tempo ficou ella prostrada no Sanctuario, depois subiu á tribuna, sem se atrever a atravessar só, e ás escuras a grande galaria que conduzia aos seus quartos; tanto o seu espirito ordinariamente firme estava abalado pelos terrores d'esta horrivel noite.

Em fim os primeiros raios da aurora penetraram atravez dos coloridos vidros da capella; então sentiram-se uns leves passos na sacristia, a pequena porta se abriu mansamente, e a donsella Roussillont adiantou-se com ar acatado até aos pés do altar da Santa Virgem. A Condessa que estava no escuro contemplou um momento sua filha que orava com fervor, e confiança, um suspiro involuntario lhe escapou do peito, e não querendo que Esperie suspeita-se que ali tinha passado a noite, sahio mui de manso pela pequena porta da galaria, e entrou na sua camara sem ser apercebida de ninguem.

(*Continúa.*)

D. M. da A. da Costa Macedo.

DOLORES.

(Continuação.)

ACTO II.

Jacopo Tiepolini.

Um rico salão de baile illuminado e cheio de mascaras. — A' esquerda uma mesa de jogo, onde se acham varios convidados, uns de dominó — outros mascarados. — A' direita tres mesas de jogo, junto de cada uma acha-se um Banqueiro. — No centro do theatro muitos grupos conversando e riendo. — No fundo porta larga com reposteiro, que ao levantar-se deixa ver uma outra sala de baile. — ouvem-se tocar dentro differentes instrumentos — muitos creados servem refrescos. — Sentem-se rodar carruagens e parar — grande susurro — tudo com opulencia e vivacidade.

SCENA I.

Convidados — Mascaras — Jogadores.

Um Mascara. Bella noite se está passando! — realmente, este caro principe Tiepolim — é a bisaria pura encadernada em principe! —

Outro. Tudo aqui é delicioso, bello jogo, bellas mulheres.

Outro. A respeito de mulheres, não ha razão de queixa, tenho feito esta noite tres conquistas...

Outro. O' diabo estás hoje infeliz, Barão, pois só tres!!!

O Mascara. (*continuando*) Mas, que valem cinco; — a primeira, concedeu-me a honra de lhe apertar a mão, e a segunda o prazer de cheirar um botão de rosa, que tinha no seio... e a terceira...

Todos. Vá lá a terceira..?

O mesmo. A terceira é deliciosa, concedeu-me a honra, — e o prazer de... de me dar um sorriso, que nada val, mas uma estrondosa gargalhada, quando lhe declarei o meu amor.

Todos. *(rindo)* Ah! ah! ah! —

Outro Jogador. Este festejo acorda-me recordações de Venesa;... de Venesa... a bella Venesa... e as suas torres gigantes... e as suas praças silenciosas, e uns olheiros mysteriosos...

Outro. Ora! — em Venesa tudo são mysterios! tudo é mysterio.

Outro. *(báixo)* Com o principe Tiepolim.

Outro. E dizeis bem.

Banqueiro. Joguem, senhores.

Outro. Dizem ser filho d'uma christandade romana, que não teve valor sufficiente para expellir Satanaz, que o tentára, a seduzir não sei que nobre Venesiana...

Outro. Seja quem for — é um bom principe — monta como ninguem.

Outro. Gasta como ninguem.

Outro. Gosa como ninguem.

Outro. E deve como ninguem.

SCENA II.

Jacopo Tiepolim e os ditos.

Jacopo. *(comprimentando)* Boas noites, eu vos saudo, meus senhores!...

Todos *(se inclinão repentinamente)*

Jacopo. A sala do baile nos reclama, — as damas vos esperam, ide... ide...

Todos. *(se inclinam e saem.)*

SCENA III.

Jacopo só.

Jacopo. Ah! *(indo sentar-se.)* suffoca-me já este cheiro de incensos queimados para mim! — enfastiam-me estas damas, que não tem senão attenções para comigo! — não acho praseres neste baile, que acham sumptuoso e magnifico! — quizera, perferira a este luxo real, — uma choupana solitaria, onde sós a sós com a minha Dolores, sentisse durante a noite, vir a vaga escutar as nossas fallas de amor, e recuar admirada de tanta paixão!.. Estou enfastiado dos homens, que são todos traiçoeiros! — das mulheres, que são todas falsas! — e apesar d'isso... apesar de tudo, sinto precisão d'esse ledo gosar, — amor!.. não d'esse amor, que se encontra na mulher de rosto rosado, e olhos asues... mas d'amor pausado e sentido!.. amor como o de Dante, de Petrarca... do Fano!! *(sorrindo amargamente)* mas esse amor não se encontra, a não ser nos divagares do poeta... ou na mente do enthusiasta!!.. *(Vê-se Dolores, que entra por uma porta falsa á esquerda, de dominó preto — tira a mascara, reconhece Jacopo, e vem a elle apressada.)*

(Continúa.)

Julio Cesar Machado.

POESIAS.

O SOLITARIO.

Solitario!.. Eu solitario
No meio da noite escura!
Não: que os céos, e o ar, e o rio,
Tudo me falla ternura.
Castilho. — Amor e Melancolia.

O brilho do Solio augusto
Da Magestade o explendor,
Que os mortaes enche de susto,
Que lhes dá esp'rança, amor,
São cousas que eu não invejo,
De certo, não as desejo,
Dê-as Deus aquem quizer;
Minha ambição é mais nobre,
Na minha cabana pobre
Sosinho quero viver!...

Que assole a infeliz sagunto,
Do Laceo o rival cruel,
Dando vaidoso assumpto,
Da fama ao sacro laurel;
Que nos alpes nova estrada
Até li nunca trilhada
O seu braço faça abrir,
Ganhando sempre victoria,
E deixando por memoria
O seu nome no porvir.

Que o heroe victorioso,
Que em Farsalia combateu,
Sobre o Nilo caudaloso
Voár faça o nome seu;
Que das aguias o estandarte
Abata por toda a parte,
Onde o seu braço chegar,
Que tendo a victoria ao lado,
Vá dos seus accompanhado
Na Galia o pendão cravár.

Que ao corteão que rodêa
O excelso throno, servil
Qual na officina hybelêa
O zangão ocioso, e vil,
Dobre o mis'ro pertendente
O joelho reverente
A fronte incline no chão;
Qu'eu verei com indiff'rença
Esta vil loucura immensa,
Que repugna ao coração.

Nem pois de Mucio quizera
O extremado valor,
Que ao fogo adextra pozera
Ante o nobre Imperador
Nem do Nauta ambicioso,
Que dobrando o tormentoso
Vá novos laureis cingir,
Que sem o temor das vagas
Vá dentre as remotas plagas
Novas terras descobrir.

Nem tão pouco do thesouro,
Que o vil avarento tem,
Eu lhe cobiço o seu ouro,
Ou seus brilhantes tambem;
Pela mesa do opulento,
E do nobre o lusimento,
Ambição nunca terei;
Que em mil gozos desde a infancia
Tem vivido n'abundancia,
Qu'eu já mais ambicionei.

Desejo tranquillemente,
Só na solidão gozar,
Com uma vida innocente,
Um innocente folgar.
E' tudo quanto appeteço
E' sómente o que a Deus peço
Na minha fraca oração,
A' gloria vãa não aspiro,
Por ti sómente suspiro,
O' campestre solidão.

E bem longe da cidade
Na bruta serra viver,
Quero em pobre soledade,
Do campo as flores colhêr;
Que tranquillo e satisfeito
Repousára em pobre leito
O corpo cançado meu.
No campo só, da innocencia
Gosaria a preeminencia,
Que a natureza nos deu.

Meu nome desconhecido
Fôra da tuba loquaz,
Porém tambem escondido
A' vil multidão fallaz:
Eu alli só gosaria
A mais completa alegria:
Da manhãa, ao arrebol,
Ouvindo por entre a selva,
Ou de tarde sobre a relva,
Cantar doce o rouxinol.

Ver da fonte cristalina
Limpidas aguas correr,
Ver dos campos a bonina
Novos aromas trazer:
Nos montes alcantilados,
De verdura matizados
Onde os gados vão pastar:
E na pureza da vida,
Ver tudo que nos convida
A natureza a gosar!

Porque dos homens quizera
Aos seus euganos fugir,
Exolado alli tivera
Ventura de os não ouvir...
Livre de suas maldades
As feias atrocidades,
Tambem as fôra esquecer;
E tão feliz me julgára
Que sómente ambicionára
Bem longe d'elles morrer!...

J. A. de Souza Junior.

ANTES A DUVIDA.

Quem me dera no teu rosto
Eu poder adevinhar,
O que diz teu pensamento,
O que diz teu meigo olhar.

Se esses teus olhos tão negros
Encobrem negra traição
Se tudo quanto me dizem
Parte do teu coração.

Se a caso teus frescos labios
Ensaiam meigo sorrir;
Se fingidas são as phrases
Que sinto delles sahir.

Oh! não quero!... sim, não quero
Ter assim um tal condão.
Se acaso teu rosto mente,
Eu não quero saber, não.

Se teus olhos maviosos,
Quando estão a fulgurar,
Se fingem tanta meiguice,
Só p'ra minha alma enganar;

Se teus labios tão formosos!
Taes phrases sabem fingir;
Que m'importa?... se elles dizem
Mil esp'ranças n'um sorrir.

Se goso dôce ventura;
Se vivo sempre a sonhar:
Para que, cruel verdade
Vir meu sonho dispertar?

Oh! mil vezes, sim, mil vezes!
Viver sempre d'illusão,
Que saber que tu me pagas
Com cruel ingratidão.

Antes sim viver captivo
Na esperança, no temor,
Que d'uma tal desventura
Exp'rimente o dissabor.

M. F. Correa.

À MENINA MACEDO.

[NA NOITE DE SEU BENEFICIO.

PROPHECIA.

Flor mimosa desponta sorrindo
Bafejada co'o sopro do céo!
Vê que as artes os braços abrindo
Te preparam sublime tropheo!

Teu futuro eil-o aqui!... seus arcanos
Minha mente sem sombras os vê!...
Que na fronte de eleitos humanos
O destino estampado se lê!...

— Tu da scena serás ornamento:
A teus pés hão de flores brotar:
Os triumphos verás em augmento
Palmas, c'roas, no teu nome alcançar!..—

D. A. G. Ponsem.

A' MESMA ACTRIZ.

Nasceste; nasceu-te o instincto,
E do instincto o genio a par;
Cresces-te, instincto, e genio
Foste á scena revelar!

Da scena fizeste a patria
Onde só podes viver,
Ahi, uma outra patria,
Vae-te os louros off'recer.

N'essa idade és já rainha;
Tens por throno o coração,
E por c'roa tens o genio,
E por sceptro a inspiração!

E's rainha; assim no palco
Ninguem tão nova reinou, —
Quando Deus te fez mulher,
Logo artista te fadou!...

* * *

Por diserem respeito ao Duende, opera de que muito gostamos, publicamos os seguintes versinhos feitos no theatro de D. Maria estando em scena o Duende. N'essa mesma occasião ouvimos ao auctor destes versos um dito muito a proposito, e que repetiremos — ao passar D. Venancio dissenos — E' veloz como um Ribeiro!... (*)

As Musas tristes coitadas
Tanto lhe dão que fazer!...
Eu não sei como ellas podem
A tanta gente appar'cer!

Qual Venancio é no Duende
São as Musas n'este Mundo!
Já de magras, e cançadas
Não mostrão rosto jucundo!

Até mesmo no theatro
Theodorico (Dom Callisto)
Das Musas auxeliado
E' do povo mais bem quisto.

Andrade e Almeida.

A ROSA.

NO ALBUM DE UMA SENHORA.

Vi uma rosa
Ai! tam mimosa
Que desejei apanhal-a,
Apressado a fui colher
Só para a ter,
P'ra ao meu bem ir offertal-a

Era flor bela
Que o brilho d'ella
Me fez a vista offuscar!...
Admirei a natureza
N'esta belleza
Tam difícil d'igualar.

Todo ufanado
Do meu achado
Fui leval-a ao meu amor;
Ella ao ver tão linda rosa,
Ficou vaidosa
E guardou no seio a flor!...

P. M. da Silva Costa.

PENSAMENTOS DO CONDE DE OXENSTRIN.

A NOBREZA.

A Nobreza foi inventada pelos antigos, para sustentar com mais facilidade a ambição dos particulares. Os Romanos a empregavam em recompensar a virtude, mas os prin-

(*) Appellidase Ribeiro quem figura de D. Venancio, por isso achámos boa a lembrança.)—

cipes modernos fazem d'ella frequentemente um trafico. E' a graça que mais facilmente hoje concedem os Soberanos. Poem menos difficuldade em conceder um titulo de Excellencia, que 20 escudos de renda (16 contos de réis) basta que se contentem com um titulo passado em um pedaço de pergaminho, para com toda a facilidade o poder obter. E' uma grande economia para os cofres dos principes, e a invenção dos brasões e titulos, hoje se tem tornado n'uma especie de thesouro real. Carlos V. para lisonjear o orgulho natural dos Hespanhoes e poupar as finanças concedeu aos Gentishomens (como antigamente se chamavam) o pomposo titulo de Grandes d'Hespanha. A quantidade de Condesd'Italia, Marquezes de França, de Barões d'Allemanha, e Gentis-homens de Inglaterra, faz presumir que para o futuro não haverá mais plebeus. Conheci um Principe na Italia que criava a nobresa com estas palavras: — Te fo conte Marchezze, quel che tu voui bece. — F. Te faço Conde, Marquez, o que tu queres. F... do... E' verdade que esta cerimonia era curta, mas muitas vezes proporcionada ao merecimento. Emfim julgo que em pouco tempo só os plebeus ambicionarão titulos, pois como diz. «C. Andreaus Gayl» A honra mais distincta, perde todo o seu valor, quando é conferida a muitos sem selecção. » Quando a nobresa era a recompensa da virtude parecia-me uma vaidade rasoavel, mas depois que a vendem como os animaes no mercado, perde logo o seu lustre. Emfim todo o homem que a adquiriu por um verdadeiro merecimento, me parece sempre preferivel áquelle que não tem virtude para sustentar a dignidade dos seus antepassados, porque a honra mesmo concedida a varões dignos, torna-se de pouco preço, quando tambem é possuida por muitos que d'ella não são dignos.

Todos de Adão somos filhos,
E' principio demonstrado:
Todos no berço do mundo,
Trabalharam com o arado.

Mas emfim, mudada a scena,
Já cançados de lavrar,
Uns de manhã o largaram,
Outros depois de jantar.

D. Izabel Carlota Caiana.

THEATRO DE D. MARIA II.

O sr. Achilles de Malavasi, excellente professor de flauta, tocará por despedida neste theatro a 10 do corrente: parte para o Porto; merece que o publico concorra a ouvil-o, e faça justiça ao seu inquestionavel merito.

THEATRO DE D. FERNANDO.

Em uma das proximas noites cantará o sr. Jacomo De — Bezzi, tenor. E' um eximio artista, que se dirige a Madrid. Não sabemos porque a empresa de S. Carlos não o escriptura! Para este não pode haver o pretexto que deu o sr. Cambiaggio para não escripturar o sr. Volpini! — O sr. De — Bezzi não é aqui ainda conhecido; e todavia vão-se demandar outros á Italia na incerteza de os achar tão bons como estes que aqui estão!.. *Dios la depare buona.* O publico ouviu o sr. Volpini, ouvirá o sr. Dei — Bezzi, ouvirá os que vierem, e saberá fazer a seu juiso. Nós temos sempre muito pesar em ver menos presado o verdadeiro merito; entretanto auguramos feliz accolhimento em outros theatros da Europa, aos dignos artistas que apreciados do nosso publico a Empreza julga não dever escripturar.

O sr Molas cantou na engraçada opera comica hespanhola intitulada — La venta del Poerto — que foi á scena hontem 4 do corrente. Desempenhou com a maior naturalidade um papel dificilimo, pode se dizer sem exageração que é um grande artista. A sua voz é de tenor, e muito entoada. Obteve muitos, e justos applausos.

O sr. Faria vai ganhando os maiores creditos! Executou perfeitamente o seu papel de contrabanbista hespanhol, cantando com muita graça, e sem a menor affectação.

O sr. Sargedas igualmente foi muito bem assim como a sr.ª Perselli, e os córos. —

A Farça — Um par de mortes — *pelo sr. Duarte de Sá*, foi muito bem accolhida, e é por certo muito bonita. Ao seu digno auctor podemos intitular. — O genio do Calembour. — Os auctores desempenharão com arte seus papeis; e o sr. Faria de gallego distingue-se sobre maneira.

A sociedade continua a acreditar-se, não

poupando despesas, nem diligencias para agradar ao publico, o que tem conseguido, pois a concorrencia é sem enterrupção. Parece este o theatro de D. Fernando do anno passado? Por certo não! O sr. Emilio Doux fez um grande serviço ao Theatro em se dimittir: E' sem duvida um exellente ensaiador na scena: mas não ensaiava o meio de attrair as affeições do publico, antes tinha a habilidade de as affastar.. Julgamos que esta falta era devida á falta de delicadesa, e a delicadesa é indispensavel a todos os que vivem em sociedade, e mormente a quem precisa do publico... O sr. Doux neste ponto não parece francez!...) A sociedade actual tem remediado este mal tornando-se por suas attenções com todos, dignas de todas as attensões; alias teriam de declamar em deserto, como outr'ora lhe acconteceo.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

LEITURA REPENTINA.

METHODO EXPERIMENTADO E EFFICACISSIMO PARA EM POUCAS LIÇÕES, E COM MUITO RECREIO, SE APRENDER A LER IMPRESSOS, MANUSCRIPTOS, E NUMERAÇÃO, &c.

Por Antonio Feliciano de Castilho.

CONTOS JUVENIS E MORAES.

Para uso das crianças; por J. M. S.

Vende-se por 80 réis na rua Augusta n.os 1, 2, 3, 37 A, 98, 132, 133, 195, rua do Ouro n.º 212, á Boa-Vista n.º 31, nos Paulistas n.º 55, em Alcantara n.º 27 A.

E' esta uma obrasinha muito moral e conveniente para uso das creanças, que entretidas com os engraçados cantos vão começando a interessar-se pelo bem, e aborrecer o mal, fazendo-se-lhes vêr quanto as boas qualidades d'alma são apreciadas pelos homens, e premiadas por Deus, e quanto a maldade é detestavel, e punida na terra e no céo. A Religião, a moral, os sentimentos nobres e elevados, se infundem nos tenros corações dos meninos com a leitura d'este livrinho que aproveitará mais do que muitos outros com que se cançam as fracas idéas da infancia, sem que nem sequer sejam comprehendidas por aquelles para quem são escriptos.

ANECDOTA.

Um d'estes dias passados conversavam alguns Cavalheiros no Passeio Publico, em politica, e um d'elles tão enthusiasmado fallava que disse (fieis palavras) *A sorte da Europa esta decidida!.. O Imperador da Russia no Congresso dos Principes fallou-lhes em bom portuguez!!!*

CHARADA.

Esta qualidade má
Algumas senhoras tem } 1

Assim querem ver-se amantes
Quando amor os intretem! } 2

Respiro fama e gloria
Quer no palco quer na historia.

MENDES LEAL (ANTONIO)

EXPEDIENTE.

E' com a maior satisfação que recebemos, e agradecemos uma obrigante carta do Ill.mo Sr. A. F. de Castilho, remettendo-nos o sublime, e proveitoso Livro intitulado — Leitura Repentina — producção de seu elevadissimo engenho. — O artigo de fundo do numero seguinte d'este jornal será consagrado expressamente a assumpto que merece as honras, e attenções de todos; com especialidade da Assembléa Litteraria — Jornal consagrado á illustração do sexo educador do genero humano.

Os sr. assignantes das Provincias que não tem pago as suas assignaturas farão o favor de as remetter pelo correio, alias não poderemos continuar com a remessa do jornal, que bastantes sacrificios nos custa.

D. A. G. PENEN.

LISBOA — 1850.
TYPOGRAPHIA DE ALEXANDRINA AMELIA DE SALLES.
Rua dos Gallegos n.º 47.

OUTUBRO 19. 1850. NUMERO 39.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich.)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 56; nos Paulistas; Viuva Henriques, rua Augusta n.º 14; J. P. Lavado, na dita n.º 82; e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 60. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960. Avulso 50 réis.

As correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias e Communicados de interesse particular 20 réis a linha.



O DUQUE DE PALMELLA.

Falleceu o nobre Duque de Palmella no dia 12 d'este mez pelas cinco horas e meia da tarde! Foi conduzido ao cemiterio dos Prazeres no dia 15 com a pompa, e magnificencia que eram devidas a tão alta Personagem. Além das honras militares, e da côrte, um grande numero de amigos, e respeitadores do Duque acompanharam seus restos mortaes á sua ultima habitação.

Todos os jornaes da Capital noticiam esta morte com todas as circumstancias necrologicas: nós acompanhando em tão justissimo sentimento sua virtuosa familia, que sempre temos estimado e respeitado; agora só diremos que: — As Sciencias, as Artes, perderam o seu maior protector em Portugal — que de luto se deve vestir a litteratura, na falta d'um brilhante ornamento, e digno cultor; e a indigencia perdeu o seu benigno amparo. Deixou uma numerosa familia, grande em nome, em fortuna, e em virtudes. — Exhalou o ultimo suspiro no Palacio da rua da Fabrica das Sedas, morrendo como bom christão. Não diremos cousa alguma de seus feitos politicos, posi o nosso dever nos impõe — louvar suas virtudes como homem seus profundos talentos, e alta erudição como sabio, mas guardar um religioso silencio ácerca de suas acções politicas; porque, repetindo o que judiciosamente escreve o illustre Redactor da Revista Universal — *Estão ainda quentes de sangue esses campos de guerra, que as dissenções do seculo em que vivemos converteram em degraus do throno de Portugal.* — Acrescentaremos — Lá está o nosso sangue!... Lá os nossos despojos!.. Outras pennas mais habeis tocaram esté ponto; nós não podemos... não devemos...

Notámos nesta fatal perda duas coincidencias — falleceu no dia anniversario natalicio do Senhor D. Pedro Duque de Bragança a quem tantos serviços fez! Estando fóra do reino veiu acabar seus dias em Portugal, como aconteceu á sua virtuosa esposa, e no mesmo palacio!...

O Altissimo lhe conceda eterno descanço.

D. A. G. Pusich.

LEITURA REPENTINA.

E' este o titulo da mais proveitosa obra que o engenho humano podia offerecer á nossa terra! O methodo mais efficaz, e mais facil de ministrar a instrucção primaria a um povo que tanto está soffrendo por falta de instrucção!... E' ministrar-lhe o pão intellectual, é uma acção de beneficencia publica a mais nobre, a mais util!

Não é só necessario, não é só conveniente alimentar o corpo; é indispensavel ao bem estar de todos o sustentar-se o espirito que nas trevas da ignorancia se definha, embrutece, e arruina!... Dár luz ao entendimento para que este vêja, e reconheça as suas conveniencias — os seus deveres — instruir, e moralisar os povos — eis o maior serviço que se pratica em honra da Sociedade.

Mas, Portugal que no progresso da illustração move apenas os passos infantis, quando as outras Nações da Europa caminham com passos de gigante, como, e quando venceria a longa, difficil marcha, e tocaria a meta do aperfeiçoamento seguindo lentamente a estrada que nossos antepassados lhe ensinaram?! Para poder collocar-se em poucos annos ao nivel das Nações cultas devia engenho superior fórmar um atalho facil de transitar.

Eis o que o sr. Antonio Feliciano de Castilho imaginou! Eis o que teve a fortuna de realisar na publicação do seu opusculo—Leitura Repentina. Alli podem as creanças com rapido progresso aprender a ler, e contar sem despeza, e sem mestres. As Mães, irmãas, parentes, e qualquer Sr.ª que se interesse pelos innocentes a seu cargo os podem ensinar, e em poucos annos terão estes meninos de agradecer-lhes o maior dos beneficios, reconhecendo que não só curaram na conservação de seus corpos, mas tambem de suas almas, habilitando-os a fazer na Sociedade uma figura decente, podendo aspirar á gloria de um nome que os ignorantes jámais podem alcançar. E as meninas?!... E' em respeito a estas que esta obra mais utilisa. Ao publicar este jornal consagrado á illustração do sexo feminil, basemos n'um axioma o nosso discurso preliminar.

Dissemos que — a mulher é a primeira educadora, a que fórma, a que domina o coração, do homem — por isso a illustração é prerogativa do sexo feminino.

Assás descorremos sobre as consequencias fataes da falta d'instrucção em nossas Damas, demonstrámos as immensas vantagens que resulta da illustração do sexo que tanto influe na Sociedade, porque directa, ou indirectamente são as mulheres que movem as acções dos homens (geralmente fallando) negal-o fora um sophisma inadmissivel, um absurdo intoleravel.

Devem pois os homens solicitar, e promover a instrucção d'aquellas a quem tem sujeitos os seus destinos.... A mesma natureza está mostrando em toda a evidencia esta verdade! O homem nasce da mulher— no seio da mulher se alimenta, e cria. — Nos seus primeiros annos é a mulher o seu guarda, e o seu guia — Logo depois é a sua inseparavel companheira, a Senhora do seu coração e do seu nome, porque infelizmente entende a Sociedade, que as acções da esposa, ou mãe de pouco juiso deslustram o nome do marido e dos filhos, e as más acções do marido, ou dos filhos não deshonram a mulher discreta. Todas essas razões comprovam que, assim como o homem recebe da mulher a vida, o primeiro alimento da vida, os cuidados na infancia, e os destinos do seu nome; é da mulher que o espirito do homem deve receber os primeiros raios de luz.

—Mas como ha de alguem dar o que não tem?

Dir-nos-hão. E' certo, que não póde dar luz, quem não tem luz, e por isso mesmo é que estamos tanto ás escuras; por isso mesmo rogamos aos homens que tenham dó de si, que façam instruir as presentes, para que os futuros possam ser illustrados e felices. Não se fiem só nos milagres da natureza; ella nem sempre está disposta a favorecer o homem; é mister auxilial-a.

Temos tido, e temos grandes genios em nossa terra; mais teriamos se a educação nos franqueasse os thesouros da sciencia. O homem para ser sabio em nossa terra tem de trabalhar muito mais do que em outros paizes onde a civilisação estende o seu imperio; aqui é só o genio; sem outro algum auxilio; sem outro estimulo, quem anima o homem a demandar o seu glorioso porvir. — As difficuldades que elle tem a vencer augmentam o seu triumpho, sem duvida, porém não honram o paiz a que elle pertence; e por tanto trabalhemos todos em honra da nossa Patria. Sabemos que o genio superior é um dom do céo, que a arte deve auxiliar; por isso não queremos dizer que sejam todos sabios. — Suba cada qual até onde poder subir — mas cooperemos todos para a nossa mutua felicidade. Senão tivermos uma nação illustrada, tenhamos ao menos uma nação civilisada.

Folgamos ao ver que não confiamos em vão quando nos primeiros numeros d'este jornal invocámos o nome do nosso illustre Poeta em auxilio d'esta Cruzada. A Leitura Repentina é um reforço providente que nos facilita a mais ardua empresa; é um plano engenhoso que devemos pôr em execução para vencermos a forte barreira que nos difficulta a marcha. Nós lhe agradecemos de coração este efficaz auxilio.

Concorramos todos para que este livrinho se espalhe em todos os Collegios de instrucção primaria, em todas as casas, todas as aldeas e lugares do Reino; recomendemos a todos que o leam, e cada uma de suas paginas valerá um thesouro doado á mais pobre nação!

O nome do sr. Castilho é quanto basta a tornar esta obra recommendavel, e tecer-lhe os mais altos louvores, bem o sabemos, e todavia como usamos sempre dar a rasão do que dizemos, por isso não deixaremos agora de observar o que entendemos sobre a utilidade d'este novo methodo de Leitura, tão facil de ensinar como de comprehender.

O costume de ensinar as creanças, o *ramerram* do Alphabeto seguido como até ao presente se pratica, é atrasador; assim como o dos taes riscos e ligações em que se despende immenso tempo sem adiantamento algum. A maior parte das creanças sabe de cór, e cantando o alphabeto, mas se alguem lhes mostrar em qualquer livro soltas, ou unidas a outras, as mesmas letras que em ordem alphabetica decoráram, não as conhecem já! O modo porque geralmente os ensinam a soletrar é o mais repugnante, e desharmonioso! Todos estes defeitos emenda o novo methodo — Leitura Repentina. Quanto aos taes riscos e ligações parece-nos que tambem se deviam abolir (nós nunca os fizemos, e escrevemos.) A mão que se avesa a riscar, e ligar tarde sabe formar uma letra. Nem nos convence o dizer-se que este uso é para firmar a mão do discipulo, e habitual-a a pegar da penna. Parece-nos que melhor iriam habituando o discipulo a imitar as letras até formal-as com perfeição, adiantariam mais, porque ao mesmo tempo que aprendem a escrever vão conhecendo cada vez mais as letras; vantagem que de certo não encontram nos riscos que se não podem ler.

A Leitura repentina é o methodo que mais de prompto póde habilitar

este povo á civilisação de que tanto carecemos; e julgamos que não deve servir só ás creanças, mas tambem aos adultos, e principalmente a tantas mulheres, que sem saber conhecer nem sequer uma letra chegam a ser mãis, e confia-se-lhes a administração de casa, e a educação de filhos!

O sr. Castilho com este seu trabalho litterario não prova só a elevação do seu sublime engenho; a sua profunda erudição; prova igualmente que possue uma alma dedicada toda inteira ao bem da humanidade —á prosperidade e gloria do seu paiz!

O sr. Castilho prova a sua philanthropia theorica, e praticamente; as escholas que fundou na Ilha de S. Miguel a attestam; attesta-a o Collegio do Portico nesta Capital:

O sr. Castilho fêz com a publicação d'este excellente methodo de Leitura Repentina um grande serviço ás Sciencias, ás Artes, á Moral, á Civilisação, isto é inegavel:

O sr. Castilho..... para que dizer mais, se em tres palavras explicamos tudo!.... E' Sabio, é Poeta, e é Pae!...

Honra lhe seja feita; e nós lhe pedimos acceite nossos ingenuos protestos de eterna gratidão, e especial veneração.

D. A. G. Pusich.

RELIGIOSAS.

As reiteradas instancias, e informações de pessoas fidedignas, a nossa propria consciencia nos obrigam a dizer ainda mais alguma cousa em favor das victimas sepultadas em vida, e que os vivos não devem esquecer! São grossas as paredes do Mausoléo que as encerra, mas os gemidos das infelises são mais fortes, e mais forte a nossa compaixão que as sabe penatrar!

Alem dos casos que mencionámos sabemos outros que merecem todas a attenção! Referiremos agora um que é dos mais tristes

No Convento das Monicas existem duas sr.as Religiosas, unicas d'aquelle Convento: existem mais outras 7, ou 8 Religiosas do extincto Convento da Santa Apolonia, das quaes uma não tendo querido ficar no Convento de Santa Anna, para onde os mandáram, esteve annos cá fora, e por fins lá foi para as Monicas, e é esta a que com o titulo de *Vigaria in Capite* governa as outras Religiosas, sendo de uma ordem diversa, e sendo hospeda n'aquelle Convento!!!... Não pára ahi. Consta-nos que as Freiras sr.as da casa — não tem sido lá muito bem tratadas, e que tendo S. Eminencia determinado que não se dispozêsse cousa alguma sem que as Religiosas Monicas assignassem; a sr.a Religiosa Apolonia por vêr que a Ex.ma Sr.a D. Maria Leonor de Lencastre não quer assignar sem ler o que se lhe apresenta, ou por se queixar justamente, pertende fazel-o passar por louca etc. etc!...

A sr.a Lencastre é uma sr.a de tão reconhecido juiso, e capacidade, que muitas familias distinctas projectaram entregar suas filhas aos cuidados desta Religiosa exemplar; e só o não tem feito pelas desordens actuaes do Convento. A tudo isto junte-se que as pobres sr.as tem apenas duzentos réis cada semana, e tres quartos de pão por dia!... Que até uma propriedade pertencente ao Convento se tem arruinado vendendo-se as mesmas pedras, e lages, sem que do producto desta venda resulte beneficio algum ás Freiras!.. Que as mesmas esmolas que lhes enviam são indevidamente repartidas; e até as esmolas de pão que lhes manda um padeiro por alcunha Fagundes, homem muito bemfazejo, são repartidas por todas as sr.as Religiosas Apolonias, negando se ás Monicas o mesmo pão que a caridade dos fieis lhes fornece!!! Isto parece impossivel, mas é verdade!

Este Convento das Monicas está ainda em bom estado; as Religiosas são apenas duas, poucos os rendimentos; eis ahi uma excellente casa para educação de Meninas, sendo as mesmas Religiosas mestras! Pareciano-nos que o estado lucraria muito mais em converter alguns Conventos em casas de educação, e faria um grande bem á sociedade.

Outra idea. poucas são as Freiras —

muitas estão contra vontade — os Conventos são muitos, e grandes. — As Pensionistas de Estado, Orphãas e Viuvas de benemeritos Officiaes, e Officiaes Generaes do Exercito, e Armada estão soffrendo um horrivel atraso no pagamento de suas pensões, e por conseguinte perecendo nas garras da indigencia, sem terem com que pagar uma barraca em que se abriguem contra o rigor das estações. — O Governo deve-lhes dinheiro e contemplações — pois compense lhe como poder, não se lhes negue tudo! ... Esses Conventos desertos destinem-se a ser morada das infelices Pensionistas, deixando de ser clausura, e reunão-se as Freiras, ou deixem ir as que quizerem para casa de seus parentes, que é mais conforme isto com a vontade de Deus, e com os preceitos da nossa Religião, do que consentir em que vivam desesperadas em continuos tormentos, e desordens, ou morram de mizeria.

Uma observação temos feito, e é que nos recolhimentos ha mais ordem, melhor administração, e harmenia do que nos Conventos de Freiras Professas! Para exemplo offerecemos o Recolhimento de S. Christovão dignamente regido pela sr.ª D. Maria Bazeliza de Passos; este Recolhimento conhecemos perfeitamente; e é admiravel o modo porque as Recolhidas vivem tendo tão escassos meios, e satisfeitissimas! A razão disto é porque a sua Regente é uma sr.ª de grande juizo, prudente, caridosa, e exacta no cumprimento de seus deveres: que sabe conhecer toda a extensão de suas obrigações, e viver como amiga de suas companheiras, não abusando do mando que lhe foi confiado; e tambem porque as sr.ªs que entram para aquella casa entram voluntariamente; não são obrigadas, nem opprimidas. — Outros Recolhimentos temos onde só ha que lamentar a falta de meios porque o Estado não lhes paga as Pensões de que vivem algumas Recolhidas; do resto suas Regentes não as tyranisam, e reconhecem que a administração de uma casa d'aquellas é-lhes confiada para a administrarem, e não para a desorganisarem. — Já que a mocidade do sexo masculino tem sentido tanto a falta dos Seminarios, e dos Conventos de Religiosos onde lhes era permittida uma tal ou qual instrucção; que a sociedade teria ganho muito mais em reduzir, ou reformar os Conventos, do que em extingui-los — remedei-se em parte este grande mal (que na maior parte é já irreparavel) porporcionando ao sexo feminino mais alguns Collegios de educação, onde o Estado não deixe de favorecer as desvalidas, mas onde as que tem meios paguem; sejam as mesmas Religiosas suas Mestras; tenham Alumnas internas, e externas; e o Estado, a Sociedade, as mesmas Religiosas lucrarão mais. Será esta idéa intempestiva?.. extravagante?.. poetica?.. Dêem-lhe o peso, a consideração que quizerem; mas nós sinceramente protestâmos que — é filha de sérias reflexões; dos melhores sentimentos; e que é nossa — puramente nossa — porque para dizer-mos o que entendemos não consultamos jámais a razão alheia; dizemos apenas o que sentimos, sem formulas de eloquencia, mas com verdade, e consciencia erros de entendimento poderemos ter muitos: de vontade nenhum.

Temos Cartas de Freiras que chegam a explicar-se assim. = *Eu se aqui morro não me salvo!* ... =

E de certo é preciso uma força sobre natural para não succumbir, para não se perder a alma no meio das torturas da fome, e de continuas inquietações, e insultos.

No Convento do Salvador tambem este governando uma sr.ª Apolonia.

Consta nos que as sr.ªs Religiosas de Odivelas não consentiram em ser governadas senão conforme os estatutos da sua ordem; e que depois desta nobre resolução vivem perfeitamente.

Todas estas noticias julgamos dever transmittir ao publico por humanidade, e em honra dos que mandam, pois além de cumprir-mos um preceito Evangelico exercendo uma acção de Caridade, em favor das Freiras, pensamos fazer um serviço ao Governo, e ao em.mo sr. Patriarcha fazendo chegar ao seu conhecimento factos de que elles tarde ou nunca teriam noticia, se a imprensa não os relatasse, porque as sr.ªs Preladas os suffocariam a ponto de os converter em intriga conventual. Confiamos muito na rectidão, conhecimentos, e virtudes Christãas de s. em.cia, e por isso esperamos que elle pro-

videncei; e obste a continuação de taes desgraças; e que o Governo preste attenção ás duas idéas que lhe apresentamos, em honra sua, e bem da humanidade.

Declaramos que por equivoco dissemos no antecedente n.º que — nas Grilas havia uma só Freira, e algumas criadas — em vez de Grilas lêa-se Marvilla.

D. A. G. Pessem.

AS CASTELLÃAS DE ROUSSILLONT.

TRADUCÇÃO.

(Continuação.)

A' hora da missa reuniram-se de novo todos os habitantes do Castello. A Condessa occupou o seu lugar costumado; o seu ar era grave, e socegado como de ordinario, e o seu trajar de uma conveniente simplicidade; poder-se-hia mesmo dizer que n'aquelle dia ella se tinha apurado mais no seu penteado, e em todo o seu vestuario. Mas, não obstante todo o cuidado a que a Sr.ª de Roussillont se tinha dado para fazer acreditar que não receiava os azares da guerra, o abatimento da sua fisionomia, e o fogo febril de seus olhos não escaparam á ternura de Esperie.

O temor respeituoso que a Condessa inspirava a todos fez com que sua filha se não atrevesse a fazer-lhe pergunta alguma; mas, redobrando de cuidados, e attenções, fez tudo que estava ao seu alcance para a distrair dos sombrios pensamentos que a atormentavam; umas vezes convidando-a a passear no jardim; outras a incantadora donzella atrevia-se a rogar-lhe de a conduzir á cabana da pobre cega a quem a Condessa continuava a soccorrer; porque sabia por experiencia, que nada consola tanto como a vista daquelles que nos devem a sua felicidade.

Esta menina tambem tinha em si diversos recursos de que sabia uzar com uma prudencia, e descrição admiravel.

Muitas vezes pegava no seu alaude, e cantava acompanhando-se uma chacara mui tocante, como a historia de um cavalheiro de Cruzada que sua Mãy julgava morto, e que voltava cheio de vida, da Terra Santa tendo combatido os sarracenos, e visitado o Santo Sepulchro; outras vezes os queixumes de Francisco primeiro: *Tudo se perdeo menos a honra*; e as mais das vezes um bello cantico á Virgem Maria cheio de amor, e confiança.

Tambem outras vezes pedia a sua Mãy que lhe contasse as proesas dos seus antepassados, as aventuras de Yzarn de Grezes, um de seus avós maternos; a fugida para França do Pachá de Bajazet, sua conversão ao Christianismo, e todas aquellas cousas que Esperie sabia de ha muito, mas, que a Condessa gostava de repetir. Outras entabolava uma conversação animada sobre os altos feitos dos valentes heroes da antiguidade fazendo brilhar para lhe ser agradavel todos os recursos de seu espirito fino, e cultivado; pois esta nobre donzella não era ignorante como muitas do seu seculo. Ella devia ao Padre Antonio, Capellão, e amigo do Conde, Galliot 4.º sua instrucção solida e variada; este lhe tinha ensinado a lingua latina para poder comprehender as orações da Igreja, e os escriptos dos Santos Padres; sabia da historia, e da Geographia tudo quanto se sabia naquelles tempos a sciencia dos brazões, a poesia, e a litteratura não lhe são estranhas, tinha estudado a botanica, e a medecina para poder soccorrer mais efficazmente aos feridos, e doentes.

D. M. da A. da Costa Macedo.

POESIAS.

A EXISTENCIA DE DEOS.

PROVADA PELAS MARAVILHAS DA NATUREZA.

(Fragmento do Canto I. da Religião de J. Racine, traduzido no mesmo numero de versos do original francez)

Tu, ó facho admiravel, bem supremo,
O' astro sempre novo, e sempre o mesmo,
Que surgindo das ondas, sol fecundo,
Dás precursôra aurora e luz ao mundo!
Cada dia eu te espero, e me appareces;
Quem te manda?.. sou eu?.. a mim ob'deces!
— E tu, quem te comprime, mar terrivel?..
Não é mão poderosa e invisivel? —
Que forçando no teu leito tuas vagas,
O seu furor destróe nas tuas plagas!
— Aquelles ambiciosos, que em teu seio
Despresando os perigos sem receio,
Proximos a p'recer a ti adoram,
Não é ao Céo benino a quem imploram? —
A natureza falle em perigo extremo...
Preces faz invocar ao ser supremo;
Homenagem de um peito já rendido
A um Deos até alli tanto esquecido.

Do universo a voz — Deos patenteia! —
« De seus dons, diz a terra, existo eu cheia; —
E produzo eu meus ricos ornamentos,
Ou a mão, que lançou meus fundamentos?
Quem te offerece as minhas producções?..
Sou eu que suppro as tuas precisões? —
Da mão omnipotente cáiem flôres,
Que adornam o meu seio de mil côres.
Quem dá ao lavrador a segurança
No Egypto onde sou árida? a esperança? —
No momento prescrito trasbordando
Vem o Nilo meus campos fert'lisando.
— Em tudo mostra Deos o seu poder!
Contempla a arv're, que eu faço crescer: —
Meu succo na raiz é espalhado;
Do tronco, que o recebe, ao ramo é dado;
A folha o pede ao ramo, elle lh'o entrega;
Prodigo do seu bem — nada lhe nega.
Pelo fructo, que a tua vista encanta,
O' não desprezes nunca a pobre planta! —
Na multidão obscura e sem belleza
Descobres salutifera riqueza; —
Que teus dias prolonga melhorando,
Sua raiz, ou folhas empregando.
— Morrem as plantas, e reproduzindo
Vegétam seus renóvos entreabridd o: —
E no seu germen a fecundidade
Lhes dá penhor da sua posteridade. »
Assim á nossa mente a terra falla;
E nos deixa encantados admiral-a; —
E tão diff'rentes seres encadeados
Para identico fim sempre arrastados,
Para a ordem geral cooperando,
A mão, que sabia os rege, vão mostrando;
E em tão vasta união vejo — grandeza,
E não menos saber, e singeleza.

O' tu, expectador frio, e insensato,
Que aos milagres, que vês, és sempre ingrato,
Que louco fazes o teu Deos do acaso,
Attende, observa, — como em certo prazo
Apparece a andorinha edificando
Seu ninho, a argamassa preparando;
— Como, para elevar sua casinha,
Alto vôo repete esta avezinha! —
E quem lhes deu instincto? ao nascimento
De seus filhos proverem o sustento?!...
Tantos berços nas arv'res suspendidos
De delicado feno guarnecidos!
— O pai vôa, alimento procurando
P'ra a terna companheira, que afagando
De seu amor o fructo, socegada
O espera além na rustica morada;
— Dos viveres, que traz, elle reparte,
Co'os filhinhos! — e vê tambem essa arte,
Com que seus debeis corpos se defendem
Repellindo inimigos que os offendem!...
Pais extremosos... transmittindo amor
Aos seus filhos queridos, e valor. —
Vem do zephiro o sôpro, e no regaço
Do hymineu que os liga em terno laço,
Enchem os ares novos cidadãos,
Não conhecendo avós, pais, ou irmãos. —
O rigor dos invernos evitando,
Refugiam-se em clima dôce e brando. —
Nunca surpr'ende a estação calmosa
Entre nós a sua tropa preguiçosa; —
E o dia p'ra a partida destinado,
Dos chefes em conselho é ordenado;
— Reúnem, partem, e o mais novo olhando,
Onde nasceu, talvez vá perguntando. —
Quando o dia virá que os desterrados
Nos campos paternaes sejam chamados?!..

D. M. J. de Carvalho.

THEATRO DE D. MARIA II.

Esta' em scena — Matheus — comedia em 5 actos, traducção do sr. Mendes Leal Antonio, uma das melhores que tem apparecido n'aquelle theatro. E' muito bem desempenhada; e ao sr. Epifanio toca a parte mais importante, e dificil, em que vai perfeitamente: cresce com os actos o merito da peça, e achamos muito bonito o segundo, e o final. A scena em que no 5.º acto ficam sós os dois fingidos Romeiros (sr.s Epifanio, e Theodorico) produz bastante effeito pela circunstancia de serem dois dos melhores actores iguaes em merito, e em trage; augmenta o interesse quando apparece a sr.ª Delfina, actriz tão digna de nossas simpathias. A sr.ª Barbora, Maria da Gloria, Tasso, José Antonio, e Carvalho, tambem se distinguem — os outros papeis são pequenos. —

Temos apenas a notar um pequenino defeito na peça; e é a facilidade com que o Marquez acceita o conselho de uma creada entrada momentos ha no seu serviço; e sem elle a ter conhecido antes; e sendo esta *idosa*, *e feia* ter podido convencêl-o em duas palavras a, nada menos que, dar vida, liberdade, e dinheiro, ao homem que elle mais temia, e aborrecia, em rasão de ser amado por sua neta que elle Marquez destinava a outro! Pareceu-nos intempestiva, pouco natural esta prompta credulidade, ou cega confiança do Marquez; o mais achámos muito bom.

O scenario é bello; e principalmente nos agrada a vista do ultimo acto, e o Navio que entra muito bem. Se o mar se agitas-

se faria muito melhor effeito: sempre julgamos que no theatro quando se vê o mar figurado proximo á scena deve mover-se; porem muito menos é relevada esta falta quando em scena se declara por boca dos mesmos actores (como succede nesta peça) que o mar está bravo. Livre d'este pequeno defeito aquella vista seria sublime.

Apesar de tantos esforços por agradar ao publico, a concorrencia é mui fraca! o gosto do publico vai-se embotando! A decadencia em que está o Drama não nos agrada; nem parece muito proveitosa á instrução, e moral publica! Haja Musica, não, haverá alma bem formada que não goste de musica; haja musica sim, mas não em tanto excesso que os ouvidos deixem a alma deserta de sentimentos nobres, profundos! Alem deste gravissimo prejuiso ha outro, e é a garganta dos actores de declamação que se inflama e depois nem para canto, nem para declamação, porque todos não são feitos para tudo; entretanto conhecêmos que nem os theatros, nem o publico são os motores destas faltas. Não nos faltará occasião de descorrer neste assumpto.

THEATRO DE D. FERNANDO.

Segunda Feira 21 do corrente é o beneficio da sr.ª Pinto, actriz digna da protecção do publico, por isso muito estimaremo-que a auxiliem como por tantas rasões merece: no dia 29 debuta a sr.ª Drusila Mugnaino na opera — Le Caquet du Couvant — A sr.ª Regina Persolli entra na opera hespanhola — La venta dell Poerto — julgamos que pelos seus bons desejos fará o possivel por agradar.

GYMNASIO.

No dia 26 do corrente é o beneficio do sr. Taborda, insigne actor comico, tão prezado do nosso publico, tão conhecido, e tão digno de protecção que intendemos bastante o annunciar o seu beneficio; porque a concorrencia deve ser infalivel e numerosa: além da circumstancia de ser o beneficiado credor do publico acolhimento, acresce a rasão de ir um dos melhores espectaculos no qual se comprehende uma nova composição do sr. F. Palha.

D. A. G. Peixoto.

NOVIDADES.

A sr.ª Drusila Mugnaini cantou no theatro de D. Fernando em a noite de 11 do corrente; com o sr. De Bezzi. — Foram applaudidos com destincção.

O Tenente da batalha de Monterau (Catharina Persolli) desertou no dia 12 do corrente: são muitas as novidades que a tal respeito se espalham: uns dizem que foi para Constantinopla — Outros que fora para Vienna d'Austria. — Outros emfim que dirigindo-se a Hespanha fora capturada em Elvas, onde se acha doente de susto e fadiga. — A verdade apparecerá; a nós cabe-nos o sentimento que por humanidade nos deve causar uma tão desgraçada cegueira.

ALMANACK POPULAR.

Publica-se o Almanack Popular para o anno de 1851. E' uma obra utilissima, divertida, e economica: instrue e diverte ao mesmo tempo. Litteratura, Poesia, e Moralidades Prophetieas etc. Foi um pensamento que muito honra seus Authores já tão conhecidos, e acreditados os Ill.mos srs. Philippe Folque — Fradesso da Silveira — e Pereira d'Almeida que o escreveram, e Nogueira da Silva que o illustrou. As noticias mais interessantes alli se encontram, e tudo isso por preço mui diminuto em comparação do merito da obra; e do que se despende n'uma rançosa, e esteril folhinha. Vende-se nas lojas do sr. Lavado, e nas mais do costume.

A' ultima hora.

Cartas d'Elvas nos confirmam a prisão da sr.ª C. Persolli, na mesma cidade, onde se acha em estado o mais melindroso de saude!...

LISBOA — 1850.
IMPRENSA DE ALEXANDRINA AMELIA DE SALLES.
Rua dos Calafates n.º 47.

NOVEMBRO 2. 1850. NUMERO 40.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL D'INSTRUCÇÃO.

(Proprietaria, e Redactora — D. A. G. Pusich)

Publicar-se-ha todos os quinze dias. — Assigna-se, e vende-se nas Lojas dos Srs. Martins, Calçada do Combro n.º 55, aos Paulistas; Viuva Heariques, rua Augusta n.º 1; J. P. Lavado, na dita n.º 81 e Carvalho, ao Chiado. — Preços, por mez 30. Trimestre 240. Semestre 480. Anno 960, Avulso 50 réis.

As Correspondencias serão dirigidas á Redactora, e enviadas ao seu Escriptorio, rua da Conceição n.º 64 á Praça d'Alegria. Publicações litterarias e annuncios de Espectaculos *gratis*. Annuncios, Correspondencias e Communicados de interesse particular 20 reis a linha.

RELIGIOSAS.

QUESTÃO SOBRE A ADMINISTRAÇÃO DOS CONVENTOS DE SANTA MARTHA E SANTA JOANNA.

Ao caminhar para o supplicio o Supremo Redemptor, antes de se elevar na Cruz, e d'alli á eminencia dos Ceos, cahiu por terra, mais de uma vez! Parece que neste passo quiz o Senhor mostrar-nos que, o cahir era condição humana, o erguer se acção divina!.. E por certo, na tortuosa vital carreira só por milagre não tropessará, ao menos, impellida pelas proprias ou alheias culpas, a fragil humanidade!

Pensando assim não duvidaremos nunca reparar qualquer erro que houvermos commettido, [illegible] que sinceramente desejamos [illegible]ar; mas é preciso que razões fortes nos convençam, e façam vêr que errámos.

A' vista das ordens expedidas pelo Ministerio de Justiça em consequencia da Lei de 23 de Julho deste anno pelo qual se destina a quantia de doze contos de reis para occorrer á subsistencia das Religiosas necessitadas, julgamos em consciencia dever auxiliar o digno Prelado chamando a sua attenção sobre algumas casas que só por mal administradas soffrem. Apparece hoje em campo *alguem* tomando a defeza do dous Conventos, o de Santa Martha, e Santa Joanna; e nós não podemos guardar silencio porque somos accusadas em publico n'um Jornal — A Nação — pela mesma pessoa que nos pede publiquemos nesta folha a Carta que em seguida transcrevemos, assignada por pessoa que não conhecemos... se contra outra pessoa se escrevesse não acceitariamos a carta sem que fosse reconhecida a assignatura, visto que nenhum conhecimento temos de quem a escreve; mas como é contra nós podemos publical-a sem temer uma responsabilidade.

Eis ahi a Carta, logo irá a nossa resposta.

—

.... Sr.ª Redactora da Assembléa Litteraria.

Tendo lido o n.º 38 do seu Jornal, nelle encontrei um artigo relativo ás Religiosas attribuindo á má administração dos rendimentos dos seus respectivos Conventos o estado, a que geralmente se acham reduzidos. Estou bem convencido, que a Illustre Redactora na melhor boa fé escreveu tudo, quanto contêm o sobredito artigo; mas tendo sido inteiramente falsas, e cavilosas as informações, que lhe deram pelo menos

quanto aos Conventos de Santa Martha, e Santa Joanna desta Cidade de Lisboa, pede a justiça, que illucide a verdade em poucas linhas.

Em quanto ao Convento de Santa Martha.

Ninguem ha, que ignore, que alem da diminuição extrema dos seus rendimentos um Crédor houve, que lhes penhorou o resto desses já tão deffecados rendimentos, sendo por isso inevitavel o estado de penuria, a que se achavam reduzidas, pois hoje apenas tem cada uma Religiosa 70 reis diarios, e nada mais.

Em quanto ao Convento de Santa Joanna.

Consistindo os seus principaes rendimentos em juros de Padrões Reaes, ditos do Senado, em avultada porção de moios de trigo, que recebia pelas Jugadas do Santarem, em 1 por $\frac{8}{9}$ de todo o Carvão, e lenha, peixe fresco, e secco, que entrava nesta Cidade, em foros etc. é certo, que os juros reaes não se pagam, que os do Senado estam em grande atraso, que o trigo das Jugadas, é 1 por $\frac{8}{9}$ da lenha, e peixe cessaram, os fóros são questionados, e não se pagam na maxima parte senão á força de pleitos, e execuções, e eis aqui as verdadeiras causas de decadencia do dito Convento. Todavia dos pequenos rendimentos, que ainda se apuram, se pagam os mensaes de 5$000 reis em metal sonante a cada uma Religiosa, sendo actualmente em numero de 13, alem das pupillas do Côro, Confessor, Capellão, Procurador Geral, Criados, e Criadas, tudo pago em dia regularmente, e só por uma, ou duas vezes, ha annos a esta parte, tem havido atrazo de 5, ou 6 dias. Alem dos ditos mensaes recebem tambem as propinas costumadas, e rações de todos os productos da côrca, e reparte-se igualmente por todos os legados, que pessoas piedosas lhes deixam, sem que o Convento d'alí tenha parte alguma, sendo tudo isto extensivo ás mesmas Religiosas, que estam residindo fóra do Convento.

Despende-se tambem com Medicos, Cirurgiões, chamados á vontade, e escolha de cada uma Religiosa, Botica, Advogados, Agentes de cauzas, e nos costeamentos de pleitos pendentes, jornaes de pedreiros, carpinteiros, trabalhadores, cêra, azeite para luzes da Igreja, e do Convento, e finalmeute para outras cousas mais tendentes ao mesmo. Eis-aqui, em que se gasta o pouco, que existe dos rendimentos outr'ora tão avultados. E' falsa a riqueza, que se attribue em prata, pois tendo sido assaltada a Igreja por ladrões, levaram toda, a que nella existia, e é tambem falso, qne alguma Religiosa d'alli se affastasse por máo tratamento, sendo aliás bem notorias as optimas qualidades, e virtudes da actual Prioresa, a qual com seu exemplo concorre para a melhor harmonia entre todas as Religiosas. O exposto é exacto, e conforme a todas as informações minuciosas, que obtive, e pede a verdade, e a justiça, que seja conhecido para desviar apprehensões menos fundadas; e por isso rogo a V. , se digne de o publicar no seu acreditado Jornal, pelo que muito agradecido lhe ficará.

Lisboa 23 de Outubro de 1850.

Um defensor da verdade.

Luiz Alves de Mattos.

—

A excessiva boa fé em casos graves prova indiscripção, por isso não agradecemos o elogio.

Posto que revestida com todas as fórmas de defesa, e ornada com as phrases delicadas da civilidade a todos devida, e mórmente ás Sr.^{as}, vê-se dirigida á Redactora da Assembléa Litteraria uma accusação em publico!.. Nada menos que de — imprudente, indiscreta, precipitada, e inexacta nas informações que transmittimos ao publico! Por indulgen-

cia não nos accusam perante um Jury!.... Assim parece! Pois ouvinos já que assim quereis! Já que precipitados nos accusasteis nas collumnas de um acreditado Jornal que muito prezamos, e onde tendes visto o nosso nome desaffrontado.

Sabei pois que — A Redactora da Assembléa Litteraria tem por timbre a verdade, e que para não enganar os outros não se deixa enganar facilmente... Quando dizemos alguma cousa é porque podemos provar o que dizemos em qualquer Tribunal; que para nós é juizo assás respeitavel, e tremendo o juiso do publico; não queremos desacreditar o nosso jornal.

Sentimos sempre que se prolonguem questões de consequencias melindrosas; e esta não deixa de o ser na epocha actual; mas nós não costumamos deixar o campo, e entregar as armas senão á rasão. A nossa divisa é nos combates — *Vencer, ou morrer* — mais de uma vez a temos proclamado; mais de uma vez a temos sustentado! mas para não ter aquem deixar o campo, e entregar as armas, buscamos sempre a mesma rasão para nos escudar.

Defezas ha que offendem mais os defendidos, do que os que julgam offensores! Esta é uma! Porque não apparecem as mesmas Preladas dos dois Conventos, Santa Martha, e Santa Joanna, a defender-se? Crêmos que não lhes é prohibido escrever em sua defesa assim como os Padres o fazem; a questão é entre Sr.as, e por Sr.as devia ser sustentada.

Provar-nos-hiam assim a sua intelligencia, e capacidade administrativa. Não podem dizer que ignoram as noticias, porque tivemos o cuidado de remetter a folha a todos os Conventos. Vamos responder ao sr. *Alves*, com quem desejavamos nos acariassem!..

Negareis as desordens de Santa Martha!!.. Negareis que depois de maltratada de pancadas e injurias quizeram fazer passar por doida uma pobre Senhora que enviaram para o hospital, e a quem os Medicos julgaram de perfeito juiso!!. Negareis o que foi tão público, e escandaloso que até cá de fóra acudio gente ao barulho!!.. Negareis que empobrecerão porque essa divida foi contrahida pelo mesmo Procurador!!. Mas este morreu já; respeital-o hemos. Negae tambem que á força de desfeitas da Prelada, a administração que se havia nomeado composta de Cavalheiros honradissimos cujos nomes poderemos publicar, se desonerou d'este encargo, porque ninguem está para soffrer despropositos em paga de beneficios?!. Passemos a Santa Joanna assumpto principal da vossa defesa, pois bem se conhece que só por desfarce tratães do Convento de Santa Martha.

Daes conta do que não recebem?.. pois nós daremos contas do que recebem; e ver-se-ha pouco mais ou menos na Relação em seguida publicada que sabemos alguma cousa do muito que tem esse Convento.

Negaes a sua riqueza em prata?. Nem sequer vos lembra que na Secretaria competente existem relações das pratas, e bem dos Conventos, e que tendo os ladrões entrado na Igreja á mais de 17 annos não penetraram o interior do Convento onde existiam as maiores pieciosidades; que as relações mencionadas são passadas só depois d'esse roubo a que alludís? Para destruir um instante as idéas de nossos leitores, cançadas de imagens pouco agradaveis, referiremos uma anedocta. Quando liamos a Carta do sr. *Alves* estava presente um sujeito muito amigo de gracejar, e contou-nos que, ouvira dizer que na occasião em que se expediram as ordens da extincção dos Conventos o Prior de certo Convento da Capital agarrou na prata que tinha o Convento, vendeu-a e partilhou com

seus irmãos Religiosos etc. Esta anecdota não passa de um conto sem fundamento, nem allusão; e bem se conhece que o sr. *Alves* não está no caso de ser esse Prior, nem se espera que o Convento de Santa Joanna seja extincto; porque se tal acontecesse acreditamos que ás pobres Freiras não caberia nem o menor pedaço do frontal. Ainda o anno passado viram olhos vivos o cofre que mencionamos, da sagrada exposição. Nem ao menos se lembrou o sr. *Alves* que no Convento de Santa Joanna as creadas entram e saem, e não estão ali até morrer, como de costume é em outros Conventos! que essas creadas são testemunhas!.. Diz que nenhuma Religiosa tem saido d'esse convento desgostosa!... Ora sr. *Alves* diga-me a Soror Flores quando foi para as Trinas foi bem tratada?!.. não foi publico o modo porque a Prelada Soror Margarida Maria de Jesus a tratou?!.. Pede-nos a prudencia que a este respeito não digamos mais... Temos em nossas mãos documentos que provam que não vivem todas satisfeitas. E essa carta a que nos referimos no n.° 39 d'este jornal sabeis se é d'ahi?.. Não o perguntei que não vos responderemos, sim ao nosso Prelado, ou a alguma auctoridade; nem nos confessamos ao sr. *Alves*, nem o sr. Alves (cremos nós) é confessor, ou padre...

Já dissemos que não duvidamos das virtudes da Prelada de Santa Joanna; nós muito bem a conhecemos, e é natural que muito antes que o sr. *Alves*... negamos-lhe sim a intelligencia, a capacidade para governar, e dirigir encargo de tão grave responsabilidade. E' o que nós affirmamos; e o sr. *Alves* negando tantas verdades, e elevando esta sr.ª a tão grande altura arrisca-se a precipitar-se nos abysmos da adulação!.

O que deveras nos penalisa é a situação do nosso digno Patriarcha! Contemplamos Sua Em.ª como um pae extremoso, e honrado que desejando ver seus filhos todos virtuosos e felices, sente a cada instante atravessar-lhe o coração uma queixa, um brado contra a conducta de seus filhos, e d'estes alguns que mais o devem imitar e honrar, são os que mais se desviam da estrada de seus deveres; e mais concorrem para as magoas que o laceram! Entretanto sem estes brados que a verdade leva aos ouvidos e ao coração de um pae, o nosso paiz perder-se-hia na immoralidade. Cumprimos a nossa missão. A imprensa é o echo da angustiada voz dos fieis que se ergue ao seu Prelado, invoca, e espera um remedio, que possa curar um grande mal, que damna parte da nação; e evite os horrorres de uma completa dissolução. Confiamos em suas virtudes, e grandes conhecimentos; muitas vezes o temos dito, e folgamos em repetil-o.

D. A. G. Peixe.

—

O Convento de Santa Joanna tem muitos fóros, sem ser preciso letigio para os receber, principalmente nesta cidade; o chão do Convento da Rosa, que é situado na Costa do Castello, e todo está aforado, em que ha muitos predios de casas, e muito bem pagos os fóros destes predios.

O chão do Convento da Annunciada tambem está devidido em casas, e todas foreiras ao Convento de Santa Joanna, e muito bem pagos estes fóros.

O carramachão que serve de praça do Circo de Madrid na rua Oriental do Passeio tambem é foreiro ao mesmo Convento de Santa Joanna, e tambem muito bem pago o dito fôro.

São igualmente senhoras as mesmas Religiosas de Santa Joanna dos predios de casas que pegam com o dito Convento até ao largo de Andaluz.

Do lado opposto da cêrca do dito Convento ha uma grande fazenda de terra de semeadura com muitas Oliveiras, e outras arvores de fructo, tambem foreira ao Convento, e muito bem pago o fôro.

Um predio de casas dentro do Castello desta cidade, tambem das mesmas Religiosas.

Além dos fóros mencionados ha um sem numero de predios na capital foreiros ás ditas Religiosas, e muito bem pagos taes fóros, o que bem se deixa ver serem taes predios foreiros ao dito Convento pelos distichos que todos apresentam por cima dos porticos.

Além dos fóros espendidos, ha outros muitos fóra da cidade e em differentes sitios, a saber:

Ha em Benavente uma herdade que paga de fôro em trigo cada anno 14 meios, fóra cevada e pannos de palha, tudo muito bem pago.

Em Rio-Maior tem as mesmas Religiosas um cazal arrendado em valor de consideração.

Na Mercianna, termo de Torres-Vedras, tambem ha um cazal de consideração.

No logar de Santo Quintino proximo ao Sobral de Monte Agrasso, tambem ha um cazal de consideração.

Em outros muitos sitios ha muitos fóros de trigo, cevada, feijão, grão, galinhas, frangos, e certo numero de arrobas de carne de porco, e dois carneiros.

O Capital que tem as mesmas Religiosas na Junta do Credito Publico é consideravel.

O Capital que igualmente tem pelos Padrões assentes na Camara desta cidade, e antes no antigo Senado é consideravel.

Em quanto ás Religiosas são 11, outra falleceo á dias, por quanto uma é paga pelo Governo por pertencer ao extincto Convento de S. João de Setubal.

As Religiosas, é verdade, que tem cada uma 5$000 réis cada mez, e de perpina cada anno 1$440 réis que não chega nem para uma saia de baeta.

E' verdade que tem Cirurgião, Medico, Botica, mas ha Freira que não gasta destes medicamentos cada anno nem 1$200 réis.

Em quanto á entriga daquelle Convento é bem notoria. No anno antecedente á morte do Patriarcha S. Luiz houve uma eleição que fizeram as Religiosas em cujo acto praticaram taes desproposites, e alaridos em publico contra uma Religiosa, que se viram obrigadas as authoridades a formar um auto contra ellas do tal alarido por causa da desobediencia, cujo auto foi remetido á Secretaria de Sua Emminencia.

Além dos bens descriptos ha a grande quinta chamada cerca, que é cultivada por conta das Religiosas. etc. etc.

POESIAS.

—

Á Ex.ma Sr.a D. J. D. ROOVERS.

I.

PARA QUE CHORAS?..

De que servia este pranto,
Quem m'escuta u nesta dôr?
D. Carolina Castello-Branco: — Lamentos.

O' Julia, gentil donzella,
Linda flôr,
Para que triste e sosinha,
Tão mesquinha,
Prantêas acerba dôr? —

P'ra que em prantos sentidos,
Sem cessar,
Recórdas saudosamente,
Na tua mente,
Os tempos do teu gozar? —

Para quê, donzella, se a vida
E' assim?!...
Se após instantes ditôsos,
Deleitôsos,
Tudo rapido tem fim?!..

Se o tempo ligeiro vôa
A correr! —
Acaso julgas chorando,
Meditando,
Que o passado ha de volver?!...
. . . . . .

II.

ESTA' NO CEO!..

Ne pleurez point son bonheur;
Gresset: — Ode.

Se um paí idolatrado te roubára
A mão de um Deus pod'roso, Deus de amor,
— Foi só p'ra que as virtudes lhe c'roára...
Lá na mansão celeste do Senhor!..

Tam extremôso pai ja não podia
— Na terra *mais amar* os filhos seus!
E como aos céos um roubo assim fazia,
P'ra mais lhes não roubar... o rouba Deus!...

Não chores pois, donzella, enxuga o pranto;
Teu pai não feneceu... mas repousou!
— E junto do seu Deus em dôce canto
Lhe roga pelos filhos, que gerou!
. . . . . .

III.

EXULTA!..

Venite, exultemus Domino;
David: Psalmo XCIV.

Exulta pois, ó virgem,
Sem chorar,
A Deus pedindo affectos
P'ra o amar: —
E quando a voz de Deus por ti chamando,
Ordenando,
Da vida te privar,
— Então, qual anjo excelso, vai cantando,
A Deus eternos cantos entoando!

Outubro 19.

M. D. Santos.

DEUS.

Domini est terra et plenitudo ejus orbis terrarum et universi qui habitant in eo.
David — Psalmus.

Quanto é grande o meu Deus!.. Té onde chega
O seu poder immenso.
A. Herculano.

.... não deixa sem castigo o vicio
Nem a virtude sem brilhante e'rôa.
D. A. G. Punch. — Olinda ou a Abbadia de Cumnor — Plano.

Como é grande e immenso o Senhor meu,
Dizei-o vós ó mares, diz ó terra,
Dizei-o vós ó mui brilhante ceu,
Dizei-o ó tudo quanto o globo encerra.

Ou no dia, ou da noite no véo,
Ou no sol ou na lua tão bella,
Ou no mar ou na terra ou no ceu
Seu poder immortal se revella.

Adora, oh homem, o supremo Ser,
Esse dos Reis o Rei, dos fortes forte,
Esse que p'ra felizes nos fazer
Soffreo martyrios e affrontosa morte.

O fresco ameno rio,
O inverno muito frio,
E a cálida estação,
São provas convincentes,
Do Auctor da Creação.

Dos Cisnes o cantar,
E as areas do mar,
Revoltas do tufão,
São provas convincentes,
Do Auctor da Creação.

As lindas avesinhas,
As mansas ovelhinhas,
E o rispido Leão,
São provas convincentes,
Do Auctor da Creação.

O sol no alto a fulgir,
As estrellas a luzir,
E dos raios o clarão,
São provas convincentes,
Do Auctor da Creação.

O vento a sibillar,
As ondas d'esse mar,
E o bramir do trovão,
São provas convincentes,
Do Auctor da Creação.

Lisboa 6 de Agosto de 1850.

Silveira da Mota (Ignacio.)

O SUSPIRO MENSAGEIRO.

Estas horas vão passando
Para nunca mais voltar,
E o meu coração arqueja
No mais forte palpitar!
Vou carpindo tristemente,
Saudoso, só, e ausente,
Um amor que Deos me deo,
Dentro em meu seio palpita
Constante n'alma se agita
Um sentir puro do Ceo.

E' linda na solidão
Triste saudade a florir,
Suavisa o coração
No mais pungente sentir
Vêl-a só, do rio á margem
Gozar da brisa a aragem,
Co'as aguas a sussurrar,
Que em preguiçosa corrente,
Em calmaria abaffada,
Vem co'a noite desejada
Meu sentido prantear!

Pranto! meu socio amigo!
Nestas faces a correr!
E's signal de que inda vive
Quem nasceo para soffrer!
Lugar de tanta saudade
Quem pranteal-o não ha-de!...
Quem te vira agora aqui!!
O' Cascaes! oh! qu'rida terra,
Onde o meu amor s'encerra,
Donde saudoso parti!

Negras roxas da pombeira,
Annosa grosseira crusta,
E a gruta, despenhadeira,
E o amor da minha Augusta!
Suspiro! se tu chegares
Lá junto d'Augusta nos lares
Na terra onde eu a vi;
Suspiro! diz-lhe que vivo
Que sou um pobre cativo
Que só p'ra ella nasci!

J. E. DE MENDONÇA.

UM SUSPIRO.

Oh que tarde tão triste chuvosa!
Triste tarde p'r'a bardo descrente
Que abraçado co'a lyra chorosa,
Do passado «saudades» só sente:

Cahe a chuva pesada e tão fria,
Densas nuvens negrejam o ceu,
Rijo vento medonho assovia,
Ergue o mar tormentoso escarceu:

Pelo espaço ribomba constante
O estampido do rouco trovão,
Qual na guerra sanguenta, flammante
O tremendo troar do canhão!

Oh que tarde p'r'o bardo descrente
Tão horrenda, que mette pavor!
Oh que tarde p'r'o bardo que sente
Saturada no seio uma dôr!

Dôr acerba... que n'alma ficára...
Das saudades que a infancia deixou,
Lêda infancia que cedo passára,
Que p'ra sempre tão triste acabou...

Minha infancia tão querida morrera...
Seu fulgor momentaneo fulgiu,
Candidez, que eu no berço tivera,
Já o mundo loquaz repelliu...

E morrêra... deixando os espinhos
Das saudades, que sinto pungir,
Dos maternos, tão meigos carinhos,
Que eu sentia no berço sorrir...

Entretanto um consolo no mundo
Inda resta ao meu agro penar,
E' na lyra um suspiro profundo
Abraçado com ella soltar!

Boa Morte 1850.

J. H. ALMEIDA BLANCO.

Vi-te!.. quem nunca te vira!
Amei-te!.. quem não amára!
Fugi!.. quem o não sentira,
Voltei! antes não voltára.
Alcaide de Faro.

Envolto em crueis desgôstos,
Soffrendo da sorte a ira,
Sem que em tal já mais pensasse
Vi-te!... quem nunca te vira!

Vi-te!... sim, eu o confesso,
Vi essa bellêza rara!
E por força do distino
Amei-te!... quem não amara!

Amei-te!... oh Deos com que fé!
Conheci que me illudira,
Procurei remedio ao mal
Fugi!... quem o não sentira!...

Fugi... fugi desses lares,
Justo Deos! quem o pensara!
Por dura lei do máo Fado
Voltei!... antes não voltara!

B...e

THEATRO DE D. MARIA II.

Sabbado 26 de Outubro esteve um brilhante, e numeroso concurso — Domingo 27 igualmente esteve a casa tão cheia que faltavam lugares para as pessoas que alli corriam a despedir-se do — Templo de Salomão — que por ultima vêz, dizem, vai amanhãa 3 de Novembro — Deixa-nos saudades, e terá de lembrar-nos sempre. O theatro não pode sustentar o corpo de Baile; mas depois de terem a costumado o publico aos Bailados, é de crêr que dificilmente se disfarce esta falta, e ao menos por algum tempo ha-de ser sensivel; mas o que a direcção não pode é fazer milagres; sem meios não se ostentão magnificencias. — A 29 foi á scena o Cavalheiro d'Essonne.

THEATRO DE D. FERNANDO.

A 29 Dia de grande Galla debutaram as sr.as Drusilla Mugnaine, e Freira, discipula do nosso Conservatorio. O publico applaudio com justiça a sr.a Drusila — A sr.a Freira tem uma voz clara, e entôada. A peça foi. — Os Mexericos do Convento — Traducção do nosso illustre poeta sr. José Maria Mendes Leal Junior — Musica de Potier. Não é das musicas que mais nos agrada, porém conhecemos que é mûi fina, e tem merecimento.

A sr.a Catharina Persolli apparecêo em scena e recebeo do publico todas as demonstrações de indulgencia, e affeição.

A 4 do corrente é o beneficio do sr. Sargedas a 11 é o beneficio do sr. Pinto. Estimaremos que o publico auxilie estes dignos Artistas que tanto se disvelam por lhe agradar; o que tem conseguido: e por isso esperamos continuem a ser favorecidos com a protecção do publico.

Lemos na Revolução de 22, e no Patriota de 26 do corrente uma noticia á cerca da nossa primeira bailarina a sr.a Emilia Duarte Marsigliani; cuja noticia folgamos de não vêr ainda verificado quanto á parte em que se refere á sua proxima auzencia desta Capital. E' certo que algum projecto ha sobre a ida da sr.a Marsigliani para o Piemonte onde o sr. Fiori diligencia que esta illustre artista seja escripturada, mas nem ella, nem seu marido estão ainda resolvidos a aceitar este partido; e só o farão em caso de não acharem neste Reino um arranjo correspondente ao merito desta insigne artista; pesando infinitamente a terra do seu berço, onde seus compatriotas benignamente a tem accolhido, e corôado dos maiores triumphos; ainda que se augmentaria sua gloria indo apparecer nos paizes onde as bellas artes mais ostentão o seu fulgor; a affeição que nos merece nos faz dezejar que se não realise jámais o prognostico da sua partida; e antes fazemos votos para que fique em Portugal; por quanto daqui mesmo o seu merito fará que o seu nome se estenda até aos confins dessas terras com quem rivalisâmos, aprezentando a sr.a Marsigliani brilhando ao nivel das mais insignes bailarinas do Mundo.

EXPEDIENTE.

No seguinte n.º responderemos, como nos cumpre, á *imperiosa exigencia* da Sr.a D. Maria José de Carvalho, que pertende se reimprima a sua traducção, ou, ao menos, se publiquem como *erratas* algumas indispensaveis emendas que se fizeram na mesma traducção — A existencia de Deus — publicada no n.º 39 deste jornal! Hade ser curiosa uma discussão *litteraria*, e inda mais, *poetica!*... neste nosso paiz tão esteril de litteratas, e de poetizas!... E porque não discutiremos? Não questionam os homens? questionemos nós tambem! Os talentos devem exercitar-se, entrar na arena que os espera ás novas gloriosas justas! Será um torneio sublime! Uma lide famosa! Assim veremos coroados os nossos esforços; e a Sr.a Carvalho tem a prioridade de lançar nos a luva!!! Não admira! Quem ousa emprehender a traducção de uma obra que o nosso Bocage traduziu, mostra que fecha os olhos a todos os perigos, e os affronta sem medo! Nós erguemos a luva; não é necessario que busque outro jornal para se discutirem as *emendas*; este é o campo que nos pertence: disponha-se ao combate a Illustre tradutora, que nós estamos sempre no Campo, com as armas na mão, e em continuo — *Bivac* — o inimigo não nos surprehende.

D. A. G. Pessoa.

CHARADA.

Eu sou, tu és, elle é: — 1
Eu tenho, tu tens, elle tem: — 1

TODO.

Explaner de Christo a fé,
E a moral; o fim que tem.

J. A. C.

LISBOA — 1850.
IMPRENSA DE ALEXANDRINA AMELIA DE SALLES.
Rua dos Gallegos n.º 47.

JANEIRO 5. 1851. NUMERO 6.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publicar-se-ha todas as semanas — Assigna-se e vende-se nas lojas da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1 Lavado, na mesma rua n.° 6, Typographia de Silva, rua dos Douradores n.° 31 T, e na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.° 18. — Preços, por trimestre em 12 numeros 480, por semestre 900, por anno 1:680 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos. No Porto vende-se e assigna-se na loja do sr. J. M. Gonçalves Guimarães nos Caldeireiros n.° 9, e em Ponta Delgada na ilha de S. Miguel em casa de Jacinto Ignacio Cabral, ou pessoas por este authorisadas.

ILHAS DOS AÇORES.

De todas as possessões portuguezas no Ultramar, é, sem duvida, o archipélago açoriano, d'onde Portugal tira maiores vantagens, e resultados mais proficuos. As ilhas descubertas ha mais de quatro seculos por Gonçalo Velho Cabral, povoadas logo por homens intelligentes que souberam aproveitar, e tirar partido da fertilidade d'aquelle sólo benefico, tem prosperado, e chegado a tal grão de illustração e riqueza que alli se dão os costumes das nações mais civilisadas.

Mas se por um lado os Açores apresentam um aspecto tão favoravel como acabamos de indicar, tão bem é verdade que cada pedra d'aquelle paiz, cada palmo de terreno, e cada porto do mar nos estam amostrando a necessidade d'uma legislação especial, que favoreça os seus interesses, e que torne aquelle paiz, um dos mais bellos paizes do mundo.

A população dos Açores, consideravel pelo seo numero, pela sua illustração, e pela sua riqueza, devia merecer aos legisladores alguma attenção mais, mesmo para que o governo pudesse tirar ainda maiores resultados em beneficio do thesouro, fazendo desenvolver o seo commercio e industria, auxiliando a sua agricultura, e evitando a emigração para o Brazil.

O maior dos males que impede o desenvolvimento da agricultura, da industria e do commercio, são os vinculos. Trez quartas partes do terreno alienado, impede e tira os meios á classe media da acquisição da propriedade, o que só pode conseguir-se por meio de afforamentos onerosos; pois alguns dos morgados querem antes ver os seos terrenos incultos, que afforal'-os por um preço rasoavel.

D'aqui a emigração continuada para o Brazil, mesmo de lavradores abastados, que tem perdido a camiza com os afforamentos.

Ninguem dirá que tal estado de coisas deixe de reclamar providencias immediatas. Alguma esperança concebemos quando vimos apresentado ao parlamento um projecto para a extincção dos vinculos; mas essa esperança esvaeceo-se; por que este paiz, é um paiz por excellencia financeiro, e por isso só de finanças se trata, estando nós cada vez mais finados!

A Agricultura nos Açores ainda está subcarregada com os dizimos, não ha estradas alli propriamente ditas, e os portos do mar são perigosissimos. Mas apezar de todos estes males, de todos estes inconvenientes da maior importancia, queremos que nossos leitores formem uma idea aproximada dos rendimentos publicos no districto de Ponta Delgada, que se compõe das ilhas de S. Miguel e Santa Maria.

Os servidores do estado estam pagos em

dia, do cofre de Ponta Delgada se transferem todos os mezes para o de Angra 2:500$ rs., e ficam ainda disponiveis para o Thesouro mais de cem contos de réis em cada anno!!!

Resta observar ainda que pelos rendimentos de S. Miguel se sustenta o tribunal da Relação dos Açores, que faz uma despeza consideravel, o bispo d'Angra, e mais authoridades superiores, sendo ainda para notar que as classes inactivas são alli pagas por inteiro, e em dia dos seos vencimentos e pensões!

¿Pois um districto que dá para tudo isto, e que offerece tantas vantagens ao Thesouro não devia merecer a consideração de se authorisar a feitura d'uma estrada central na ilha de S. Miguel, tantas vezes reclamada pelas Juntas Geraes de Districto, e pelos proprios Governadores Civis?

Pois um districto, o mais importante dos Açores, não merece que se tomem providencias para que as suas communicações com o continente tenham a possivel regularidade, acontecendo-nos o saber com mais antecipação o que se passa na Russia, e outros paizes remotos, que o termos noticias d'aquelle archipelago, que tem os seos interesses interlaçados com os de Portugal?

¿Pois não valeria a pena do thesouro se privar por alguns annos dos remanescentes de todos os districtos dos Açores, sendo applicados aos melhoramentos dos portos e á construcção das docas precisas para a segurança das embarcações, sendo certo que desses mesmos portos e docas se haviam tirar em pouco tempo vantagens muito consideraveis a favor da fazenda publica?

¿Quantos navios se não perdem em cada anno nas costas dos Açores, e quantas vidas tambem por falta dos abrigos convenientes nos portos das diversas ilhas?

Ha pouco ahi acabam de chegar no vapor infante D. Luiz alguns 20 desgraçados, que sahindo na rasca *Onda* da ilha 3.ª obrigados por um temporal, sem que a bordo tivessem ainda o piloto, foram milagrosamente salvos por um brigue napolitano *Due Sorelle*, que lhes salvou as vidas, conduzindo-os a Gibraltar d'onde vieram para Lisboa, e ahi estão sustentados pelo Governo até que haja embarcação para os Açores. Citamos este exemplo por ser o mais recente de que temos noticia; mas quantas desgraças não terão havido este, como nos outros invernos, nos Açores?

E mais nos induz a acreditar que os temporaes, e os levantes terão sido muitos este anno, naquellas paragens; porque da ilha Terceira ha quatro mezes que não vem navio algum, de S. Miguel já vae tambem causando receios a falta de embarcação, e tudo isto se sabe, e nada de providencias!

Ha seis annos que na imprensa periodica temos, bem ou mal, advogado os interesses dos Açorianos, e fal'-o-hemos sempre com aquelle patriotismo filho do amor pela terra que nos deo o berço. Por vezes temo-nos achado sós no campo, e provavelmente não seremos secundados, mas nem por isso os nossos esforços hão de diminuir.

O governo e as cortes já providenciaram para que se conclua a pequena doca do areal de S. Francisco, na ilha de S. Miguel, mas isso só é muito pouco, precisam-se outras providencias em maior escala, e sobre todos os ramos de administração. A divisão judicial tambem não é a melhor pois que os povos da ilha de Santa Maria tem de vir á cabeça de Comarca em Villa Franca do Campo, na ilha de S. Miguel, para de terem justiça nas suas causas, quando ha muito já aquella ilha devia ter formado uma Comarca.

Assim pois o que fica dito é muito apenas um esboço dos objectos de que havemos de fallar separadamente, certos de que nossos leitores não hão de levar a mal que consagremos algumas paginas do nosso jornal a objectos de tão reconhecida utilidade.

M. J. Gabriel.

BENIFICENCIA PUBLICA.

A questão que neste jornal temos tratado, e continuaremos a tratar, relativamente á *Benificencia Publica*, já produzio um resultado lisongeiro.

O nosso particular amigo o Sr. José Jacintho Tavares, membro do conselho Geral de Benificencia, e da Commissão encarregada de confeccionar o plano geral da extincção e repressão da mendicidade em todo o reino, em sessão do mesmo conselho, na

dia 19 do mez passado, depois de fazer ver n'um bello discurso, quaes eram as venturas que a Nação havia de gosar, se o conselho tivesse comprido com os seus deveres, e se a commissão tivesse desempenhado, como lhe cumpria, a missão de que se encarregou, pedio a sua demissão de vogal da dita commissão, e declarou que não voltava ao conselho.

Nós já de ha muito sabiamos — o quanto o Sr. Tavares se interessa na realisação da Benificencia Publica em todo o reino — não só pelo que principiou a fazer no Conselho Geral de Benificencia — mas pelo que a este respeito muitas vezes temos fallado.

O Sr. Tavares é dos Membros do Conselho Geral de Benificencia — talvez o mais competente — e o mais habilitado para tratar da questão da Benificencia Publica — não só porque para tudo quanto é fazer bem está sempre disposto com a melhor vontade, — porque essa tendencia é innata em seu coração, mas tambem, porque sobre esta materia tem-se didicado a um estudo profundo nas obras dos economistas que d'ella tem escripto.

Já que desgraçadamente os serviços que o Sr. Tavares queria prestar á sociedade — trabalhando n'um objecto de que ella absolutamente carece, são despresados — pedimos ao Sr. Tavares, que pela imprensa venha em auxilio da discussão que se vai apresentar sobre os meios de realisar a Benificencia Publica em o nosso Paiz.

D. Lobato Q. B. de Faria.

Reunião em S. Carlos.

Por convite dos emprezarios se reuniram n'uma das salas deste theatro os redactores dos jornaes politicos e litterarios, e alguns escriptores mais, desta capital, no dia 31 de Dezembro ultimo. Em quanto se não publicar o relatorio, que se resolveu a empreza fizesse ao publico, nada diremos para apreciar a situação da mesma empreza; mas devemos desde já testimunhar o nosso affecto a um emprezario, que assim sabe considerar a intelligencia, chamando as capacidades distinctas não só para as consultar, mas ainda sujeitando-se ás suas resoluções.

Quando a imprensa é assim acatada, á mesma imprensa compete tãobem considerar os que lhe prestam a devida homenagem. Não temos relações intimas com os emprezarios de S. Carlos, mas conhecemos-lhes um desejo sincero de bem satisfazer o publico, e a reunião de que tratamos, é um dos testimunhos que vem em abono da verdade, que acabamos de enunciar.

Proceda a empreza sempre com a mesma lealdade, e ha de achar o apoio não só da imprensa, mas de todos os homens sensatos do paiz.

Consta-nos que vae brevemente publicar-se — *Um passeio pela Italia*, pelo nosso illustre collaborador o sr. Barbosa e Silva.

O elevado conceito, que fazemos da intelligencia, talento e saber do Sr. Barbosa, nos faz esperar com anciedade esta publicação, em que o bello da poesia ha de condizer com a verdade da discripção,

---

Em testemunho das sympáthias que nos merece *A Sociedade Philarmonica Michaelense*, publicamos o hymno da mesma sociedade, cuja musica já ouvimos elogiar a alguns intendedores. A letra é d'um mancebo já conhecido com vantagem pelas suas publicações.

A sociedade festejou este anno com a maior pompa a sua padroeira, Santa Cecilia, havendo á noite um lusido baile nos salões da sociedade, aonde tambem se tocou e cantou maravilhosamente, segundo vemos das folhas e cartas particulares que temos daquella ilha.

Fazemos votos para que esta sociedade nascente, prospere como é para esperar.

LITTERATURA.

POESIA.

HYMNO

DA

SOCIEDADE PHILARMONICA MICHAELENSE.

Lettra do sr. Luiz Filippe Leite.
Muzica do sr. Ignacio Joaquim Cabral.

VOZ

Foi das aves o hymno primeiro,
Que na Terra deu gloria ao Senhor;
Prima voz, foi cantar feiticeiro
Pregoando prodigios d'amor.

CHORO

Harmonia, tu doiras a vida
Ès um anjo entre os anjos de Deus.
Suavisas as frágoas da lida,
O' gentil mensageira dos Ceus!

VOZ

Surgem Thebas aos prantos da lyra,
Rudes feras a lyra conduz;
Harpa sancta mil povos inspira,
Cantam anjos em torno da Cruz.

CHORO

Harmonia tu doiras a vida,
Ès um anjo entre os anjos de Deus.
Suavisas as frágoas da lida,
O' gentil mensageira dos Ceus!

VOZ

Quando a patria nos chama aos combates,
Quando a honra nos guia ao dever,
Sacros hymnos que entoam os vates,
Dão esforço que ensina a vencer.

CHORO

Harmonia, tu doiras a vida,
Ès um anjo entre os anjos de Deus.
Suavisas as fragoas da lida,
O' gentil mensageira dos Ceus.

VOZ

Quem alegra na dor ao mais triste?
Quem convida o ditoso a folgar?
Quem nos clama: trabalha e persiste?
Quem celebra o eterno gozar?

CHORO

Harmonia tu doiras a vida,
Ès um anjo entre os anjos de Deus.
Suavisas as fragoas da lida,
O' gentil mensageira dos Ceus.

ROMANCE

DE CINCOENTA FRANCOS DE JOANINHA.

POR

DUCRAY DUMINIL

Capitulo 2.°

A ADOPÇÃO.

(*Continuação.*)

Sem duvida, a Senhora de Eranville rezou a oração dominical ou outra qualquer, por que esteve a fallar em voz baixa. Aquella ocupação generosa ia distrahil-a utilmente das praticas ociosas da superstição, a que até ali se havia entregue; e éra isso o que Eranville deveras dezejava, e adiante veremos que as suas esperanças não foram enganadas.

Logo que m.ª d'Eranville concluio todas as suas orações, entrou no coche acompanhada pelo marido, Briceval e a irmã Emilia... Rosalia tomou a menina entre os joelhos e e entregava-se aos maiores transportes de alegria, vendo em seu poder tão amavel creatura.

Quando chegaram a casa' os nossos amigos introdusiram a irmã Emilia em um magnifico salão, cuja bellesa e sumptuosidade não se cansava de admirar. M.ª de Eranville ordenou immediatamente a Victoria, que fosse comprar vestidos para sua filha adoptiva, em quanto se cortavam outros para tão pequena estatura. Emquanto Victoria desempenhava esta ordem, os dois esposos entretinham-se em fazer fallar a menina, e a irmã Emilia extasiada com a magnificencia daquella casa, o que fazia, era exclamar de vez em quando:

Querida Joanninha! Que felicidade para ti! Esta manhã não queria eu leval-a á igreja de Nossa Senhora, por que o coração ja me advinhava, que ma iam tirar. Porem é para seu bem. Oh! que rica que ha de ser! Quem sabe se se esquecerá da sua Emilia, que a criou e tanto bem lhe quer.

Nunca, nunca, respondeo Rosalia;

não minha irmã, espero que nunca os esquecerá de vós; vireis visital-a frequentemente, não é assim?

Se a senhora o permittir...

Pois não... E comereis com ella.

Sois muito bondosa, minha senhora.

Vela-heis crescer e educar-se de maneira, que podereis dar conta ao estabelecimento do muito que lhe queremos e a estimamos.

Oh! Senhora! a esse respeito o estabelecimento não tem que pedir-vos contas nem tão pouco a mim. Vela-hei só por pura amisade e tambem para apresentar-vos os meus respeitos se o permitirdes.

Podeis vir a esta casa todas as vezes que quiserdes, pois sereis recebida com o maior gosto.

Todos começavam a beijar Joanninha, que alegre e sem mostrar a timidez propria daquella idade, tampouco se assombrava com a mudança da sua situação; pelo contrario ria-se e fazia muita festa a Rosalia, á irmã Emilia e a Mr. de Eranville. Em quanto a Briceval, parecia que tinha medo delle quando se lhe aproximava, o que éra devido á fisionomia deste cavalheiro. Briceval observou a friesa, que lhe demonstrava a filha adoptiva de seus amigos, porem longe de se sentir com isso, sorrio dizendo:

— Eis ahi o effeito que os papás operam nas crianças. Paciencia; se não lhe agrado, espero que não acontecerá o mesmo com meu filho: um menino de seis annos e uma menina de quatro não levam muito tempo a travar amisade.

Entretanto ja Victoria estava de volta carregada de vestidos de todos os feitios. A boa Victoria, que tambem gostava de crianças ajudou asua ama a despir a Joanninha, tirando-lhe o vestido preto e touca, que substituiram por um muito bonito. Em seguida entregaram o fato que lhe haviam tirado á irmã Emilia, que se retirou depois de haver tomado uma refeição, que Rosalia lhe mandára preparar, recomendandolhe esta, que se não esquecesse da promessa, que havia feito de visitar a Joanninha de vez em quando.

A tarde acabou alegremente e Victoria teve ordem de cuidar na menina e tel-a no seu quarto, a fim de lhe acudir com promptidão se alguma cousa lhe succedesse durante a noute.

Capitulo 3.º

(Sentimentos de Joanninha.)

No dia seguinte despertou Rosalia muito cedo e o seu primeiro cuidado foi perguntar por sua filha pois éra esse o nome que ja dava a Joanninha. Victoria que fôra chamada, aproximou-se á sua cama e disse-lhe em voz baixa:

— Ja a vesti: está encantadora; vede-a... ali no vosso quárto...

— Onde?

— Diante do espelho.

Rosalia observou, e vio com effeito a tafulasinha, que se estava revendo toda e pavoneando-se. Não pôde conter uma gargalhada. A menina, que a supunha a dormir, mal entendeo que estava acordada, correo logo para a sua cama exclamando:

— Mamã...

— Chamas me mamã, Joanninha?! Oh tens muita rasão... sou-o deveras, quero sempre sel-o. Repára Victoria quer subir para cima da cama; dama cá, que se está cansando. Ai meu Deos! se cahe...

— Não senhora, está em meus braços e agora nos vossos.

— Amavel criancinha! Vê as festas que me faz... Com que, então, minha queridinha, queres-me bem? Dize-me é por que te dei um vestido bonito?

— Não senhora, é por que tendes boa cara...

— Ouves Victoria. diz que tenho boa cara...

— Sim, e tambem porque me dais

abraços e tambem por que sois minha mamã.

—Sim. minha rica filha, sim.

Eranville entrou no quarto e Joaninha foi tambem objecto das suas caricias. Depois disto deixaram-na correr e brincar no jardim, debaixo da vigilancia de Victoria.

Joaninha tinha um caracter desembaraçado, logo, que deparava com pessoas, que lhe mereciam confiança. Ao meio dia pedio a Victoria, que lhe desse de almoçar.

— De almoçar! respondeu a criada. Já almoçastes hoje duas vezes.

— E' verdade, porém não comi cousa alguma; dei tudo ao cão, que está lá em baixo, que tem mais fome do que eu, porque fazia a diligencia por me tirar o pão.

Victoria sorriu-se, deu-lhe outra vez de almoçar e reprehendeo-a, dizendo-lhe que o cão tinha tudo o que havia mister, e que não lhe daria nada mais se ella deitasse o almoço ao sultão.

Durante muitos dias se observou que Joaninha comia tudo o que lhe punham diante; vigiaram-na e a final veio-se a saber que esta boa menina nunca almoçava, pois todas as manhãs dava a comida a sultão, o que se não attrevia a confessar com medo, que lhe ralhassem. Porém sentia muito, dizia ella ver o modo com que o pobresinho do animal devorava o pão todo, estando certo que mais comeria se lho dessem. Todos admiraram a bondade do seu coração e Victoria determinou que dali por diante almoçasse na sua presença.

(*Continúa.*)

THEATRO DE S. CARLOS.

S. Carlos é o astro fulgurante e bemfasejo, que esparge esperança e luz nesta esphera espessa de semsaboria Lisbonense; — é o degrão gigante da sociedade elegante e illustrada; — o salão do *flâneur*, — o cosmorama das bellezas, — o grémio do erudito, e o deserto ideal do poeta. Ali conversa-se e discute-se, — a poesia sonha, — e o prosaismo dorme; — ha lagrimas e riso — alegria e tristeza — praser e tormento — desdem, despreso, — affecto e desamor; — tudo domina e passa, — flagella e consola, — mata e ressuscita! — são as paixões da alma na alta preponderancia de seus misteres, que sobem e descem ligeiramente na escada mentirosa das vicissitudes de um folgo de vida: são os sentimentos humanos — os mais intimos — que ali reflectem no espelho da illusão as rosas e os espinhos de seus açoites indefenidos... e tantas paixões, e tão grandes sentimentos n'um throno assim mesquinho e apoucado! — mas S. Carlos é sobeja arena, para a paixão e sentimento debater a prepotencia do seu dominio! — passemos. —

Corre a Beatriz de Tenda; — ainda se escuta sem tédio profano, que a deshonre e adultere; — aquella musica tem um indefinido de inspiração, que adormenta e enleva — seduz e sentimentaliza; — a alma de *Bellini* é sempre reproduzida nas passagens mais elevadas e tocantes daquella opera tão rica de impressões; — o poeta, como o artista, retrata-se religiosamente na producção ou no desempenho, — como se o poema daquelle ficásse eternamente sellado no album do seu futuro, e o sentimento deste se não gastasse e enfraquecesse n'um mundo — as mais das vezes — vacuo de espirito e interesse! — muito desinteressado é o coração, do que não faz do seu peito só, um paraiso de imaginação. — A sr.ª Novello é sempre a artista de comprehensão e talento; — a sua resignação angelica naquella morte innocente e affrontosa, faz-nos muitas vezes amaldiçoar d'alma e coração, a frieza feroz do orgulhoso Visconti... as cinzas de Philippe nos perdôem! — A sr.ª Stoltz ainda continua doente; — Lisboa toda se tem devidamente interessado nos seus incommodos; — apraz-nos deveras vermos o respeito anticipado á reputação e ao merito. Se a sr.ª Stoltz não retroceder na sua convalescença, tel-a-hemos em breve na decantada *Semyramis*; — a sr.ª Stoltz apparecerá, — e não seremos nos os primeiros a anticipar já o successo do seu debute; — não será por certo a sociedade Lisbonense, que ha de deixar cahir nem escurecer a mais boça das pedras preciosas,

engastadas na aureola artistica do seu talento Europeo... — vel-a-hemos. —

Janeiro 3. —

J. B. S.

AINDA A ESMERALDA.

Esta dança que tanto tem agradado em S. Carlos, foi descripta e apreciada perfeitamente em o numero antecedente pelo nosso illustre collaborador o sr. Demetrio Ripamonti; mas cumpre-nos ainda hoje dizer que a sua repetição tem grangeado á sr.ª Monticelli, tantos triumphos, quantas tem sido as vezes que tem subido á scena. A sr.ª Monticelli é *bravura* em todos os sentidos, e a sua escola de dança, a sua mimica, a sua agilidade, e a sua graça tem feito com que o publico aprecie muito esta artista. O sr. Gabrielli tem tambem merecido justos applausos, os bailados agradam, o scenario é magnifico, e toda a dança está perfeitamente ensaiada.

THEATRO DE D. FERNANDO.

O *Periodico dos Pobres no Porto*, sem duvida mal informado, escreveu no seu folhetim do dia 28 de Dezembro ultimo, que a sociedade empreza do theatro de D. Fernando ralhava do Macedo, porque *ganha muito, trabalha pouco, e reparte menos!* Sentimos que um collega, por muitos titulos authorisado na imprensa periodica desse ouvidos a intriguinhas de bastidor, que tendem a nada menos que, a desacreditar um homem de bem; e tanto mais estamos nesta persuasão, quanto é verdade, que muitos socios daquella empreza nos asseguraram que o Sr. Macedo nem ao menos toca em dinheiro, senão no que muitas vezes pede aos seus amigos, valendo-se do seu credito pessoal, para acudir ás urgencias do theatro, que estando subcarregadissimo com os ordenados dos escripturados, acontece que a receita não chega para a despeza.

E tanto assim é, que o Sr. Macedo na qualidade de socio, no primeiro do corrente pagou mais de 14$ rs. somma que lhe competio de perda em relação ao mez de Dezembro ultimo. Finalmente só dirá que o Sr. Macedo não trabalha quem não esteja ao facto do que seja dirigir uma sociedade de tal natureza, quanto mais que o Sr. Macedo além da direcção tem tambem os trabalhos scenicos a que nunca se recusa, já fazendo as partes que lhe são distribuidas, e mesfigurando de corista, quando é preciso nas operas comicas.

Temos dito bastante em resposta ao collega do Porto, que não duvidamos terá o cavalheirismo de se confessar mal informado: resta-nos fallar do modo porque em D. Fernando vão correndo os espectaculos.

Tem continuado em scena a *Giralda*, em que a Senhora Drusilla continua a merecer applausos. A farça em musica do Sr. Duarte de Sá — *Uma hora no Cacem* é sempre applaudida e com justiça. Todos os artistas vão muito bem; mas devemos especificar os Srs. Faria, Macedo, Sargedas, e Pinto a quem de certo cabem as honras da execução.

De novo volta á scena a *Batalha de Montereau*, sendo a Senhora Persolli substituida pela Senhora Rafaella Gallindo, artista que vae pisar o tablado de D. Fernando, e em quem temos as maiores esperanças.

Por ultimo, a sociedade de D. Fernando sendo obrigada a trabalhar nos mesmos dias de S. Carlos, luta com grandes difficuldades pela concurrencia do theatro lyrico. A' inspecção geral dos theatros compete remediar este inconveniente, designando-lhe outros dias, e nós não cessaremos de bradar por protecção aos theatros não subsidiados.

O VIOLINISTA AUSTRI.

Chegou ultimamente a esta capital de passagem para Londres o distincto violinista Austri, o qual segundo nos consta tem sido muito elogiado e enthusiasticameute applaudido em Pariz, Vienna, e nas principaes cidades de Italia. Sabemos que o Sr. Austri tenciona antes de partir dar um ou dous *concertos* no theatro de S. Carlos: estimamos de dar esta boa nova aos nossos *dilettanti*, e estamos certos que o talento deste eximio artista ha de ser apreciado e recompensado entre nós como o tem sido nos demais paizes.

D. R.

THEATRO ITALIANO.

Linda de Chamounix.

Esta opera havia agradado muito na companhia passada, era a unica em que os artistas que a compunham se podiam comportar: a Sr.ª Bianchi subiu no desempenho desta peça no conceito do publico como cantora e como actora: na aria do delirio recebeu ella e com justiça repetidos applausos e foi chamada fóra: a Sr.ª Bianchi deu a conhecer toda a extensão da sua voz, fresca, igual e argentina, e por vezes tirou della bastante partido; comprehendeu a parte de Linda; e se nos transportes de alegria ao redobrar a razão não se houve com aquelle arrebatamento que talvez não comporta o seu temperamento de alemã, nada deixou a desejar no delirio de um amor trahido: é que essa paixão se dá com mais valentia n'um caracter frio e considerado.

O sr. Praticco andou soffrivelmente no caracter de pae de Linda, e houve-se magistralmente na execução musical: este artista em cada opera em que entra ganha mais na opinião dos amadores.

A Sr.ª Luiza Baillou satisfez, bem que era para desejar uma voz mais aproximada de contralto: entrou bem em scena, e cantou com afinação.

O Sr. Camboggi continua a agradar pela sua voz e por interessar-se, cantando até com primor algumas das peças: bem que carece de mais estudo, esquecendo por vezes passagens do canto, o que deve remediar-se com ensaiarem-se melhor as operas; este defeito, que algumas vezes tem sido commum á Sr.ª Bianchi, póde remediar-se, fazendo-se menos operas e melhor ensaiadas.

O baixo bufo o Sr. Donadieu nem sabe cantar, nem tem voz, nem é jogral: parece um destes graciosos de companhias de cavallinhos: o empresario aproveitaria, se o dispensasse de nos divertir e escripturasse outro baixo no mesmo genero; a parte de marquez foi aqui mais bem feita, e tanto mais se torna indispensavel outro basso, por isso que as operas a que se comprometteu o demandam.

A comparsaria era numerosa, e reforçada com um côro de rapazes: a harpa fazia falta, e foi supprida no romance com piano: a orchestra estava bem ensaiada, e só o bombo e pratos continuam insupportaveis: estão bem no genero turco.

A Sr.ª Bianchi foi por vezes applaudida, e no fim chamada fóra, o que em a noite de hontem se repetiu. Um ou dous individuos começaram no sabbado a patear o Sr. Baillou, suppõe-se que por o empresario não querer escripturar o Sr. Segri; mas o publico o desafrontou, pois aquelle artista nada tem com isso.

(*Dos Pobres no Porto.*)

EXPEDIENTE.

Este jornal vende-se d'hora avante tambem na loja do Sr. Marrocos Junior na rua da Prata n.º 212.

Pede-nos a Sr. D. Maria José de Carvalho, que declaremos não ter a mesma senhora authorisado pessoa alguma para emendar a sua poesia que vem no numero 39 da primeira serie, conhecendo-se assim, que a boa fé da Sr.ª Pusich foi illudida por quem lhe disse tinha tal authorisação.

ERRATA.

Logo no principio da pagina 36 do numero antecedente, depois do verso — Como para elevar sua casinha — deve acrescentar-se este — Alto vôo repete esta avesinha.

TYPOGRAPHIA DE SILVA.
Rua dos Douradores n.º 31 T.

JANEIRO 12. 1851. NUMERO 7.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publicar-se-ha todos os sabbados — Assigna-se e vende-se nas lojas da Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1 Lavado, na mesma rua n.º 8, Typographia de Silva, rua dos Douradores n.º 31 T, e na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.º 18. — Preços, por trimestre ou 12 numeros 480, por semestre 900, por anno 1$600 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos. No Porto vende-se e assigna-se na loja do sr. J. M. Gonçalves Guimarães nos Caldeireiros n.º 9, e em Ponta Delgada na ilha de S. Miguel em casa de Jacinto Ignacio Cabral, ou pessoas por este authorisadas.

(LISBOA 11 DE JANEIRO.)

THEATRO DE S. CARLOS.

Madame Stoltz e a *Semiramis* são a ordem do dia em toda a Capital. Nos caffés, nas sallas, nas praças e nos passeios não se falla d'outra cousa: é porque madame Stoltz ás suas qualidades insignes de artista, reune as de um coração e d'um espirito verdadeiramente nobre! O enthusiasmo chega a tocar os extremos do delirio.

As ovações de que tem sido objecto são justamente merecidas, e madame Stoltz correspondeo a esse enthusiasmo do povo, concorrendo generosamente com avultada quantia para um dos primeiros estabelecimentos de caridade do nosso paiz.

Tudo quanto escrevessemos de madame Stoltz seria pouco em relação ao seo merecimento; e é esta a razão, porque encontrando na *Revista Universal Lisbonense* os dois artigos seguintes, escriptos com bastante intelligencia e sentimento, entendemos conveniente transcreve-los na nossa folha, prestando ao mesmo tempo homenagem aos escriptores da *Revista*, um dos jornaes mais bem redigidos desta capital.

Os nossos leitores, por certo que não hão-de levar a mal o darmos neste numero a preferencia a este objecto; pois que sendo ao mesmo tempo um testemunho d'admiração ao genio, é tambem uma defferencia para com o publico que com tanto enthusiasmo tem aplaudido a *Semiramis*.

Os artigos da *Revista* são os seguintes:

MADAME STOLTZ.

A parte da vida que se não passa no sanctuario da arte — e que se não consome nos mysterios do coração, não merece, não vale uma unica lembrança. Só a arte e o coração devem deixar memorias na existencia. É mister viver porque todos vivem, mas para não morrer de enfado, convem esquecer, mal que se vae percorrendo essa vida que se não vive para a admiração do genio ou para a felicidade recatada da alma. Gósto de ver descuidado como os dias se convertem rapidamente em annos, e deixo vagar livre o pensamento, poisando sómente na memoria alguma recordação dispersa em dia, que o coração viveu, ou que a arte o dominou com o eterno poder do seu condão.

E são tão poucos e tão breves esses dias,

que se não podem vêr fugir sem os prender pelo menos em uma pagina, que sobreviva á mão que se póde finar mal que lhe traça a ultima linha.

Agora que toda a cidade falla de Madame Stolz, dessa intelligencia superior, que assombra pelo talento, que enternece pela vocação que a fadou para dar fórma ao sentimento da arte, agora que todos sabem — que Lisboa possue uma das maiores celebridades artisticas da nossa era, e que o seu nome é saudado com geral admiração e proferido com a expressão do dezejo de a ouvir, não tractarei de escrever as linhas regulares e pensadas de um artigo de — theatro — nem farei a chronica do triumpho unico e sem memoria no nosso theatro, que a illustre cantora obteve na sua estrea em Portugal. Só escreverei o que me recorda o dia em que pela primeira vez, a ouvi, e as impressões que a sua apparição no theatro me deixaram na mente, como continuação do que nesse dia senti quando me foi revelado o que é a — arte — em uma das suas mais bellas manifestações.

Ouvi Madame Stoltz antes de a ver. — Desapercebida de que a ouviam, ou em um desses sonhos acordados, em que o talento parece querer fugir para uma região superior, soltam-se-lhe da garganta, vindas da alma, não sei que notas dispersas naquella solemne entrada de Arsace.

Eccomi alfine in Babilonia — E' questo
Di Belo il tempio — Qual silenzio augusto...

Entrando na salla, em que era esperada, por um movimento de surpreza deu a conhecer que era passado um dos instantes da sua encantada vida de artista. Comprehendeu que tinha sido ouvida. Todos queriamos corresponder á extrema e delicada affabilidade com que Madame Stoltz acolhe os que se lhe aproximam, e todos tinham a voz presa pela commoção, e a ninguem lembrou uma phrase, ao menos, para trocar pelo gesto gracioso que parecia retribuir a admiração que nos dominava, ou pelo sorriso imperceptivel que era como um raio perdido da luz desses olhos genuinamente arabes, que em um só instante recebem da alma a força de poder cambiar os mais apaixonados e differentes affectos.

Madame Stoltz é uma figura artistica e elegante: o seu rosto volta-se mais para o céu do que para a terra: a inspiração e a dôr são os traços fundamentaes dessa physionomia tão rica de expressões diversas como a mais variada palheta da Italia. Ao pé de ondeados cabellos negros, sobresae a palidez interessante e bella do rosto, que serve de espelhar o coração que soffre pela arte, e o pensamento que se engrandece pela inspiração. Tem presos os labios a graça e o mimo do seu canto facil, mavioso e encantador, e nos olhos tem essa luz divina do genio, que só Deus cria e que só Deus apaga.

Hoje que Madame Stoltz causa um delirio em toda a cidade — que por toda a parte se falla das commoções novas e nunca vistas entre nós, produzidas por duas representações da *Semiramis*, com o theatro cheio de espectadores, é permittido o descrever desassombrado, tudo quanto aquelle genio raro póde sobre a alma. Para quem a ouviu o que se disser parecerá sempre frouxa sombra do que se pode sentir assistindo ao desempenho do papel de Arsace.

Ao cabo de uma conversação larga e variada, todos os que a tinhamos ouvido, ou surprehendido no seu canto espontaneo, nos achavamos callados e admirados ao ouvir fallar Madame Stoltz a proposito de Rossini, do primeiro poeta da harmonia.

Estava sentada em uma poltrona, com a cabeça um tanto pendida sobre o peito, e com os braços quasi abandonados sobre os encostos: a penumbra de uma luz forte, mas coada pelas duvidosas sombras de um transparente, dava á sua figura um aspecto vago e meditativo. O nome de Rossini saiu-lhe dos labios como uma saudade; — fallou na Italia como de uma recordação proxima do seu estudo para passar do canto em francez para o canto italiano. Disse como o velho e gracioso Rossini paternalmente a tractava, premiando o seu estudo, cantando-lhe a celebre e inimitavel aria do *Barbeiro*. Pouco a pouco foi erguendo o rosto, e movendo os braços, e dentro em breves instantes parecia que estavamos ouvindo ler uma das mais formosas paginas de Lamartine perfumadas pela poesia do Oriente, e resplandecentes de candura e de inspiração.

Era Madame Stoltz que fallava de Rossini

— que descrevia o que era, aos olhos da arte, essa primorosa *partitura*, que no conceito acertadissimo da illustre cantora é só pela musica, sem palavras mesmo, uma tragedia completo e sublime, devida ao estro elevado e sentido do grande Rossini. Para Madame Stoltz, a muzica do auctor da *Semiramis*, — são lagrimas que se transformam em flôres, ou se desfazem em perolas, são harmonias tristes como a noite, ou radiosas como os diamantes.

E para nós o seu canto, o seu gesto, são a mais verdadeira, a mais pura expressão dessa musica — são a sua unica significação possivel.

Quando acabou de fallar, ficou meditando e como que a continuar só para si, o que tanto nos havia maravilhado. Ninguem quiz interromper a grande artista naquelles instantes de saudosa recordação, e de sublime poesia. No entanto algumas das pessoas presentes foram obrigadas a retirar-se, por que varios deveres os chamavam fóra daquelle logar. — Foi então que tivemos a maior surpreza: a grande artista passou para uma sala proxima: eramos duas as pessoas que a acompanhavamos: vendo um piano, respirou como se encontrasse a realisação de uma esperança muito desejada.

Soltou livremente a voz. Depois como da tela de um quadro, Urbino sabia ir fasendo surgir Santos, Anjos, a Virgem, e coroando tudo a Gloria que deixava antever o infinito, assim da harmonia que soltava da alma Madame Stoltz, fazia cahir sobre o coração as lagrimas, a esperança e mil flores frescas e lindas, illuminado tudo por essa aureola do genio que lhe parecia cingir a fronte com uma brilhante coroa de tantas joias de harmonia, que lhe sahia dos labios, como de um thesouro de infinito valor. A emoção que então senti, é hoje conhecida pelo publico, é a que tem feito palpitar, apressado os corações de muitos centenares de espectadores, é a que fez misturar os soluços com os bravos, e as lagrimas com a alegria é a que leva aos pés de uma artista a sciencia do sabio, a delicada sensibilidade das senhoras, e a espantosa admiração de todas as classes e edades.

A *Semiramis* tinha-me sido revelada naquelle dia que nunca me esquecerá: mas o que eu tinha imaginado — a figura de que vira o esboço, era ainda assim, apenas uma sombra do poetico Arsace, que ovações novas e sem precedente estão saudando em S. Carlos. Chegando a este ponto não sei escrever — admiro, medito e lembro-me das representações da *Semiramis* como de um prodigio que se comprehende, mas que se não descreve.

Tres nomes faziam respeitavel esta opera *Semiramis*, symbolo de uma era fabulosa e gigantesca, Rossini, expressão do sentimento da arte, da idéa divina e fundamental do bello, e Stoltz, que em uma era nova para a sua carreira artistica, vinha continuar um nome grande e admirado por 7 annos em Pariz, essa patria e centro da civilisação moderna. Arsace representado por Madame Soltz, reune em um só ente, nos mysterios de uma só alma, todas as expressões da arte. — A poesia e o canto lhe sahem do peito em harmonias, que parecem já vir completas sem que a vocalisação as forme: — as posições parecem mais obra do cinzel correcto da Grecia, do que do estudo da scena; — o gesto é sempre tão verdadeiro e proprio como só o souberam reproduzir os maiores pintores do mundo. Vede-a em toda a opera manifestando o pensamento fundamental da tragedia de Voltaire, quando escreveu:

... Il est donc des forfaits
Que le courroux des dieux ne pardonne jamais!
... Apprenez tous du moins
Que les crimes secrets ont des dieux pour témoins.

Estes versos, ainda quando fossem inspirados ao grande poeta pela propria cantora, mal dariam idéa da missão que Arsace, ou, para melhor dizer, da missão que Madame Stoltz soube cumprir na *Semiramis*.

Os que Deos fadou com o dom do talento vão a S. Carlos, vejam a entrada de Arsace, grave como a predestinação que o parece conduzir a Babylonia, para fazer chegar o ultimo dia da criminosa *Semiramis*; ouçam como os cantos, que são as recordações da guerra, se fundem nos ternos e apaixonados transportes do amor, para depois se mudarem na arrogante expressão de um nobre caracter que ás ameaças responde: —

assistam ao juramento, em que Madame Stoltz é mais artistica do que nenhum dos Horacios de David; ouçam Arsace no sanctuario, quando cinge a corôa e cahe assombrado nos braços do sacerdote, que lhe revela o nome de sua mãe, em o nome de um dos assassinos de seu pae: — escutem-lhe as vozes d'alma com que empunha a espada para exclamar: —

Si: vendicate
Il genitore.....

concentrem todas as faculdades na mais attenta observação para assistirem ao grande, ao magnifico dueto em que Arsace, encostando no peito a desfallecida cabeça de sua mãe, só com um gesto de amor de filho, arranca lagrimas a todos os olhos e applausos a todas as mãos; sintam a alma involta em funebre dó, quando antes deste momento supremo, Madame Stoltz, ao cantar,

.....Misera!
Ah tu mi strappi l'anima:
Ti calma per pietà,

une suas lagrimas ás que Rossini deixou para sempre eternas na harmonia que reveste este tristissimo pensamento, e faz com que cada uma das lagrimas, que resvalam sobre as notas, seja mais poetica do que a nobilitada pela penna de Victor Hugo; — vejam, julguem, todos esses prodigios, e depois escrevam, porque eu não posso, não sei senão dizer, que sinto, e que admiro.

REAL THEATRO DE S. CARLOS.

A Semiramis — A Sr.ª Stoltz — A Sr.ª Novello — O Sr. Portehaut e os pateantes.

A obra prima de Rossini, a magistral e admiravel opera *Semiramis*, subiu de novo á scena no theatro de S. Carlos. *Semiramis* é uma dessas composições, em que Rossini unindo a grande e magica fecundidade da sua sublime inspiração, ao profundo conhecimento da sciencia da harmonia, deu á arte italiana um novo caracter elevou-a por caminhos até então desconhecidos, á perfeição em que hoje a admiramos, mostrou a todos os que no mundo cultivavam a musica, os recursos que em si possuia esta arte fascinadora, e concedeu aos artistas, novos e poderosos meios de commoverem e captivarem o coração humano, que até então quasi lhe tinham estado vedados. Rossini ás difficuldades das melodias, que só por artistas de elevado merito podem ser superadas, accrescentou, o que val mais na arte do que a difficuldade, o sentimento, a expressão das mais vivas e encontradas paixões. É desta transformação da musica, concebida e executada por Rossini, e que os mestres mais antigos haviam preparado apenas, que nasceu a arte moderna, com a immensa variedade de estylo, riqueza, e esplendor que a caracterisam. — Não é pois da *Semiramis* que temos a fallar, essa é uma composição conhecida, apreciada por todos: aquillo de que nós desejaramos, mas de que temos por impossivel dar idéa aos leitores, é do modo porque a *Semiramis* é executada, pelas Sr.ªs Stoltz e Novello.

Os prestigios da arte, os encantos arrebatadores da voz humana em suas puras e suaves modulações, a representação ideal das paixões mais nobres e elevadas, a inspiração que, como electricamente, se communica do artista ao espectador, de tudo a Sr.ª Stoltz soube fazer uso para nos arrebatar o espirito, e leval-o ás sublimes regiões da poesia e do sentimento. O homem, cuja alma não é dotada da nobre faculdade de comprender pela sua propria força a arte, se ouvir cantar a Sr.ª Stoltz terá logo a percepção do que a inspiração tem de mais elevado, a poesia de mais perfeito. A'quelle que tiver uma alma de artista, a voz da Sr.ª Stoltz fará uma impressão, que para sempre lhe ficará na memoria, como uma das mais doces recordações da sua vida. Nós, sinceramente o dizemos, bem poucas vezes temos sentido impressões mais profundas do que a que nos causou a primeira aria da Semiramis, quando lha ouvimos: pareceu-nos que se nos abria um mundo novo de poetica harmonia; sentimos o coração commover-se-nos, o espirito

exaltar-se-nos como quando ouvimos o admiravel Liszt.

A voz da Sr.ª Stoltz é tão perfeita, tão suave, tem tal flexibilidade, um timbre tão puro, que, se o seu canto não exprimisse affectos, não vibrasse pelo pranto ou pela alegria, não fizesse sentir a quem a ouve, o amor, o odio, as amarguras da saudade ou a exaltação da gloria, poder-se-se-ia comparar a um instrumento só composto de cristal e de perolas.

As difficuldades do canto são pela Sr.ª Stoltz, vencidas com tal facilidade, é tal a perfeição com que corre as mais rapidas volatas, com que entretece as melodias de Rossini de cadencias e fiorituras, com que reforça um trinado para depois o deixar morrer n'um piannissimo, que mais se adivinha do que se ouve, e com que liga suavemente umas ás outras as notas nos adagios que quem a escuta, embevecido de mais pela expressão com que pronuncia cada phrase musical, deixa passar quasi sem os perceber muitos dos mais bellos daquelles prodigios de arte, e de inspiração. A Sr.ª Stoltz faz mais do que cantar; póde dizer-se sem exageração alguma, que ha uma admiravel eloquencia nos sons que ella desprende dos labios.

Não é só o merito da cantora, que avulta nesta distincta artista; como actriz a Sr.ª Stoltz tem tambem um grandissimo merito. A sua mimica é perfeita; e a maior parte das suas posições em scena, são evidentemente estudadas nos bons modelos de esculptura. A posição do Antinoo, no fim do adagio da primeira aria, a de um dos Gladiadores na aria do segundo acto, e, sobretudo, a de Cupido no conhecido grupo de *Cupido e Psiche*, no ducto com a Sr.ª Novello, todas estas poeticas posições são perfeitamente copiadas pela Sr.ª Stoltz.

A Sr.ª Novello na Semiramis canta com grande perfeição e gosto; a sua voz em extremo sympathica, dá grande relevo a tudo que canta esta artista, cujo merito notavel o publico aprecia devidamente. A musica que na Semiramis canta a Sr.ª Novello, e, sobretudo, o alegro da aria do 1.º acto, é de grande difficuldade, e comtudo a Sr.ª Novello sabe, com a sua flexibilidade de voz, vencel-as sem esforço, dá sobretudo no alegro, a que nos referimos, duas notas agudas, que a Sr.ª Novello atacou com uma bravura, precisão, e pureza, que bem mostram que esta *dama* conhece todos os recursos da sua arte, e tem feito della um estudo assiduo e proficuo.

No duetto que canta com a Sr.ª Stoltz, a Sr.ª Novello faz prodigios de arte, de expressão, e de bom estylo de cantar. Este duetto, cantado como o cantam estas duas artistas, vai por si só uma opera; estamos que em theatro algum, elle foi nunca melhor cantado. O adagio é uma maravilha de sentimento, e executado com incrivel perfeição.

Melhor do que a Sr.ª Stoltz é impossivel cantar; tão bem como a Sr.ª Novello será difficil encontrar artistas que executem a *Semiramis*.

Resta-nos, para fazer um acto de justiça, fallar no modo porque o Sr. Portehaut entra na *Semiramis*. O Sr. Portehaut não é um *baritono* de primeira ordem: mas no theatro de S. Carlos, depois de Colleti e Varesi, ainda não veio nenhum que cantasse melhor do que elle. Na *Semiramis* canta o Sr. Portehaut com muita arte e bastante delicadeza, sobretudo na aria e no duetto do segundo acto. É pois uma injustiça inqualificavel, a desses *dilletanti* ignorantes e de máu gosto que o patearam.

É sobretudo uma grosseria impropria de homens que frequentam os theatros e a boa sociedade patear um artista, ainda que fosse muito inferior ao Sr. Portehaut, estando em scena duas *damas* como as Sr.ª Novello e Stoltz. Para dar valor, e saber apreciar coisas d'arte, não basta calçar uma luva branca, e ir a um theatro: é preciso ter ou uma inteligencia cultivada, ou um coração capaz de sentir. O povo é bem juiz em coisas d'arte, por que tem coração impressionavel; os homens bem educados são bons juizes, por que tem coração impressionavel e razão esclarecida; mas esses a quem o uso vicioso de tal ou qual fortuna estragou o coração, e uma vida desperdiçada nos cafés e nas touradas, deixou sem cultura a intelligencia, e embotou o gosto; esses não podem julgar da arte, porque a não entendem, nem sentem o que nella ha de bello.

Não fallemos, mais nesses homens, porque não vai a pena. A grande maioria do publico faz-lhes justiça; e elles poseram-se a si proprios no logar que lhes pertence, in-

do, como foram, ao theatro de D. Maria II, perseguir, por espirito de mesquinha parcialidade, o Sr. Portehaut, quando ha poucos dias foi cantar áquelle theatro em obsequio de uma dançarina que alli fez um beneficio.

C.

NOVA COMPANHIA.

No dia 7 do corrente teve logar na salla da Associação Mercantil uma reunião de varias pessoas para tratar da formação d'uma companhia transatlantica, sendo eleito presidente o marechal duque de Saldanha, e secretario o sr. Ribeiro de Sá.

O nome do marechal, que representa sem duvida a gloria militar deste paiz, e os seos provados esforços em beneficio da causa publica, serão insufficientes se a classe monetaria não concorrer com os fundos e auxilios precisos para uma empreza de tamanha utilidade.

Ao lado do nome sempre respeitavel do marechal, vemos o do Sr. Ayres de Sá Nogueira, cavalheiro que incessantemente tem trabalhado em favor dos intesses economicos e agricolas de Portugal; mas receamos que os seos esforços não sejam secundados; porque os nossos capitalistas, pouco emprehendedores, só abrem as suas arcas, quando entendem que do seo dinheiro lhe ha de vir um lucro vantajoso, certo e imediato. Não tem a paciencia precisa para esperar d'uma creação desta natureza os lucros provaveis, e oxalá que nos venham a ter por muito máo profeta; mas quasi que nos aventuramos a dizer, que tantos trabalhos e esforços hão de ser baldados; porque se é certo que em SS. EE. ha a melhor vontade; tambem é verdade, que essa boa vontade não basta, e que sem o auxilio de capitaes nada se pode fazer.

Capitães! E como hão de elles ser empregados em proveito do paiz, se todos correm para a agiotagem tão ruinosa e alimentada sempre pelo nosso desgraçado modo de ser?

Mas attendam bem os capitalistas, que se a companhia não vingar, teremos de ver em breves annos a nossa marinha mercante arruinada, o comercio perdido, e a agricultura definhando. Olhem para a Inglaterra e outros paizes, e vejam que á maneira que lá vae diminuindo o preço do dinheiro, se vão creando companhias gigantescas para a navegação, e se não accordarmos a tempo, teremos de ver o comercio portuguez prostado e sem vida.

Noutro nnmero entraremos no desenvolvimento desta materia.

POESIA.

UM RETRATO.

Mimosa pelle,
De rozada côr,
Teus lindos olhos,
Respira amor.

Pequena bocca,
Beiços mui vivos,
É grã primor
Que em ti deviso.

Teus dentes alvos,
Qual um marfim,
Bella tu és,
Toda por fim.

Tua figura,
E gentileza,
São puros dotes,
Da Natureza.

Teu coração,
Tua candura,
Dentro do peito,
Tem sepultura.

Se a morte um dia
Te arrebatar,
Da terra um anjo
Faz desertar.

Mas esta virgem
A quem eu canto,
É um segredo,
Seu puro encanto.

Lisboa 29 de Dezembro de 1850.

José Maria Affonso.

CHRONICA.

A *Giralda* no theatro de D. Maria não tem chamado a attenção, e na verdade depois de vermos esta opera com toda a magnificencia musical nos theatros de D. Fernando e Gymnasio não vale a pena ir ouvir alguns coristas desafinados em D. Maria! Seria o mesmo que n'uma festa de igreja preferir o cantochão estropeado á boa musica de instrumental. — A Sr.ª Druzilla faz segunda feira, 13, o seu beneficio com a opera comica *A Barcarola* em que tão applaudida foi a Persolli, e parece-nos que não hade ficar atraz — A Rafaella foi bem recebida na *Batalha de Monterau!* No Gymnasio representa-se hoje a — Revista do anno. Dizem-nos que alli figuram todos os jornaes litterarios, não esquecendo a *Assemblea*; porém como somos informados que quem lá figura é a antiga e não a nova redacção, ainda desta vez ficamos com as costas livres, e de remissa para o anno que vem, sé daqui até lá não formos para os *prazeres*. o que nos causaria o maior desprazer.

Publicou-se o primeiro numero da *Semana*. O seu director faz-nos saber, que só entra em S. Carlos por dinheiro! Caspite, aquillo é que é independencia e singularidade! Singular e independente só a *Semana*, que nos custou 80 rs. em moeda forte e metalica o primeiro numero, apezar dos annuncios dizerem, que a venda avulsa era a 40 rs. por numero. — Hoje ha uma reunião artistica e litteraria, por convite da empreza de S. Carlos, na rua nova da Trindade n.º 12, 2.º and ar. Havemos lá ir se Deos quizer! — No Porto publicam-se dois jornaes litterarios o *Theatro* e a *Esmeralda*. São bem redigidos e valem a pena. Esta noite ha concerto na Philarmonica, e dizem que vão alli pela primeira vez as senhoras Stoltz e Novello. A concorrencia deve ser grande. Canta-se o *Nabuco de Verdi*.

O Nosso amigo Eduardo de Faria publicou o seu primeiro numero da *Biblioteca Economica*, jornal que parece ser todo dedicado ao romancismo. Neste primeiro numero vem toda a *Genoveva* de Lamartine, que se vende por 110 reis — Mas o que é este mundo! Não querem ver uma camisa lavada a ninguem. Tem apparecido novos prospectos para a mesma coisa com outros titulos só a fim de prejudicarem a empreza do Eduardo! em Lisboa, logo que alguem imagina uma cousa que se veja, pode dar interesse, são tantos os que se atiram, que muitas vezes o autor da idea fica a ver navios e desapontado medrando os outros que lhe embargam o passo.

Alguns jornaes de Madrid tiveram o arrojo de asseverar que a parte da Frezzolini na *Beatriz de Tenda* fôra transportada; mas o *Heraldo*, bastante affeiçoado a esta celebridade artistica diz que é peta sem graça; pois que tudo foi cantado tal e qual o escreveo o *maestro* Bellini.

Alguns jornaes desta capital pertendem que a empreza de S. Carlos, tenha tenores, baixos, e mais artistas todos da mesma força e celebridade da Stoltz e da Novello! Não era máo ter galinha gorda por pouco dinheiro! Como nós cá temos duas damas d'quella ordem, é que eu não

sei! Parece-me um milagre. Exigir ainda mais, é querer o impossivel, é desejar a ruina dos empresarios, que estimamos ganhem muito dinheiro este anno, para na epocha seguinte nos appresentarem então uma companhia de *trus*! Mas assim mesmo apezar das enchentes na *Semiramis*, parece-me que os lucros nesta epoca não hão de ser grande coisa.

O Sr. Libonati está ensaiando uma nova dança *os Guardas marinhas*: a felecidade que teve na *Esmeralda* deve animal'-o a apresentar coisa boa. A Sophia vem de novo vestida de homem, tendo uma parte bellissima, o que não era preciso para todos morrerem de amor por ella; porque bonita, ate alli.

Tinhamos assim concluido a nossa chronica, e preparámo-nos para sahir, sendo a nossa direcção ao theatro do Gymnasio. Representava-se a *Revista do Anno*. A platea, camarotes, e gallarias, tudo estava cheio; e por felecidade encontrámos logar ao pé d'um amigo que nos disse não faltar já senão o terceiro acto. Resignei-me a ficar, e não perdi: porque vi uma scena belissima, como todas as do pincel do nosso artista portuguez o Sr Rocha. Entrou em scena o Sr. Pereira, figurando de *Respeitavel Publico* á espera de ver passar os objectos d'industria que tem d'ir á exposição de Londres, e que se reduziram aos *pipinhos Feijós*. Não gostei da idea; porque é tratar muito de ridiculo a nossa industria, que merece mais alguma consideração.

Apareceo uma menina que se disia *D. Philarmonica* com uma grande rabeca na cabeça; a Sr. Emilia Candida, com uma bota d'immenso tacão figurando de *D. Pateada*, o Baile Nacional, etc., e ao som da musica de Macbeth, depois das bruxas terem cantado o seo *aperite*, veio a Barcarola, a menina Persoli em procura do primo Lúlu, as tres Giraldas, o Chalet, e outras couisas mais; e depois panno em baixo.

Uns davam palmas porque gostaram, outros diziam que era borracheira, e está claro que foi, porque lhes não agradou. Eu não gostei, nem deixei de gostar. Quando a vir toda do principio ao fim direi o que entendo; pois fiquei com bem pezar de não chegar a tempo de ver os jornalistas em scena.

Dalli fomos para a reunião do sr. Conde de Luccote; e entramos exactamente na occasião em que madame Stoltz se apeava da carruagem. A reunião era luzidissima e brilhante: bom serviço de chá, gelados, e o sr. Conde fez as honras da casa com a delicadeza, grandeza, e maneiras que todos reconhecem em S. Ex.ª

Fomos para a Philarmonica ás 11 horas, e ainda ouvimos o terceiro acto do Nabuco. A concurrencia era immensa. Eis como passou a noite o chronista e agora que são horas, vae-se deitar.

— ——

CHARADA.

Sirvo aos homens e sem mim
Não poderiam ter pão, } 1
Em um mappa geographico
Muitas de mim acharão. } 3

Doce illusão passageira
Qual a doce primavera,
Mas acabado este encanto
Ai de mim triste chimera.

———

PUBLICAÇÕES LITERARIAS.

Compendio da Historia de Portugal por Silveira da Motta Junior. — Vende-se por 100 reis nas lojas do costume.

TYPOGRAPHIA DE SILVA.
Rua dos Douradores n.º 31 T.

JANEIRO 19. 1851. NUMERO 8.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publicar-se-ha todas as semanas — Assigna-se e vende-se nas lojas da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1 Lavado, na mesma rua n.° 3, Typographia de Silva, rua dos Douradores n.° 31 T, e na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.° 12. — Preços, por trimestre os 12 numeros 480, por semestre 900, por anno, 1:680 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos. No Porto vende-se e assigna-se na loja do sr. J. M. Gonçalves Guimarães nos Caldeireiros n.° 9, e em Ponta Delgada na ilha de S. Miguel em casa de Jacinto Ignacio Cabral, ou pessoa por este authorisadas.

BENIFICENCIA PUBLICA.

O Conselho Geral de Benificencia, estabelecido ha quinze annos nesta Capital, continua a jazer em profundo socégo.

Os respeitaveis Membros de que elle se compoem, reunem-se todas as semanas, e ao som mavioso da leitura que o Secretario faz da acta da sessão passada, adormecem sobre as poltronas que adornão a sala das reuniões.

A acta é sempre pequena — diz só que estiverão presentes tantos dignos membros, que a sessão se abrio ao meio dia — que se leu a acta da sessão passada, que foi approvada, e que não havendo nada mais a tratar se fechou a sessão ao meio dia e meia hora!

Depois disto o Presidente toca a campainha e fecha a sessão; — e os dignos membros do Conselho despertados pela sensação que lhe causa o som agudo do badalo; esperguição-se — abrem a bôca — esfregão os olhos, e despedem-se das suas poltronas até á semana seguinte.

Eis aqui as sessões do Conselho Geral de Benificencia!!..

Eis aqui como elle ha quinze annos cumpre com o que lhe ordena o Decreto de 6 de Abril de 1835!!

Parece impossivel!!.... Custa á acreditar!!

Nos já disistimos da pertenção de excitar o Conselho a desempenhar os seus deveres. — Ha mais d'um anno que neste jornal temos estigmatisado a inacção em que permanece, mas elle é indifferente a tudo.

Na verdade faz pena ver a mais importante de todas as instituições que se tem formado em Portugal, entregue nas mãos dos que pela maior parte nem a comprehendem!!

O nosso fim é apresentarmos os membro do Conselho Geral de Benificencia — como rêos de leza nacionalidade, por não terem cumprido com o seu dever, privando a sociedade de grandes e incalculaveis vantagens.

Temos muita penna, que do Conselho Geral de Benificencia, não apareça algum de seus membros, para discutir comnosco sobre a injustiça das nossas arguições.

Se isto acontecesse, cabernos-hia alguma gloria.

Com brevidade publicaremos um opusculo — intitulado *o Conselho Geral de Benificencia, e o Decreto da sua Creação: apontamentos para a formação do plano Geral da Benificencia Publica em todo Reino.* — Esperamos demonstrar evidentemente quaes as vantagens que a Nação havia de gozar se o Conselho tivesse desempenhado o seu

dever — e a responsabilidade que lhe cabe pelo não ter feito.

D. Lobato G. B. de Faria.

BIBLIOGRAPHIA.

Agradecemos sinceramente ao sr. conselheiro Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão os exemplares com que nos brindou da sua importante publicação — *A Questão á cerca do fundo especial de amortisação*, sentindo que a natureza desta folha nos não permitta apreciar devidamente tão valioso trabalho em beneficio da causa publica.

Annunciámos em o nosso ultimo numero o *Compendio da historia de Portugal para uzo das escolas pelo senhor Ignacio Francisco Silveira da Motta*, e hoje o recomendamos porque na realidade o merece. Somos sinceramente amigos do senhor Silveira da Motta, mas essas mesmas relações de amisade não nos movem a dar-lhe louvor immerecido.

Todos conhecem e lamentam a falta de livros elementares para as escolas, e tão-bem somos d'opinião d'aquelles, que antes querem lamentar esta falta, a que se faça uso de máos compendios; mas dar-se-ha este caso no compendio do senhor Motta? Entendemos que não, e com franqueza diremos que o quizeramos ver adoptado nos collegios e escolas; por que alli se contem todos os factos notaveis da nossa historia, com que é preciso habilitar a intelligencia dos meninos, para mais tarde entrarem no estudo profundo da historia do paiz, que todo o homem, que se presa de bem educado deve saber; não havendo coisa mais vergonhosa, que a ignorancia da historia patria.

O Compendio do Sr. Motta tem outra vantagem e é, a de por um methodo simplicissimo e claro, ficarem sabendo os factos mais notaveis da historia do paiz, mesmo aquelles que não tiverem os meios precisos para da instrucção primaria passarem á superior. Estamos que o Sr. Motta fez não pequeno serviço ao paiz com a publicação do seo Compendio, e o aconselhamos a que progrida nas suas publicações; pois que se não tirar lucros pecuniarios, o que é difficil neste paiz ingrato ás lettras, e á intelligencia, ao menos deve restar-lhe a satisfação de contribuir com o seu adminiculo a bem da instrucção publica.

A SENHORA KING.

A eximia primeira dançarina, Giovannina King, de quem o nosso publico conserva saudosas recordações, foi escripturada por 3:000 francos pela empreza do Theatro *Argentina* de Roma, para dar alli 20 representações. Tiveram estas principio em uma dança do coreographo, Casati, intitulada a *Roseira* que agradou muito, e na qual Mm.e King, na parte de protagonista, despertou o mais vivo enthusiasmo.

Foi esta a terceira vez que, na sua brilhante carreira theatral, compareceu esta distincta bailarina perante o publico da capital dos estados romanos, onde o seu merito tem obtido sempre um triumpho completo.

Os jornaes de Italia tecem os maiores elogios a Mm.e King, e são unanimes em affirmar que a sua reapparição no theatro de Roma foi festejada com applausos geraes, e espontaneos, e com todas as demonstrações de apreço e sympathia, que enchem de gloria o coração do artista.

Apenas tivessem findado as suas representações em Roma, devia M.e King partir para Triestre, achando-se escripturada para o theatro principal daquella cidade por toda a epocha do carnaval.

LITTERATURA.

POESIAS.

O MENDIGO.

Triste vida a do mendigo,
Vida de tanto soffrer,

Pois não encontra coitado
Quem o queira soccorrer.

Curvado pela velhice,
Pede um bocado de pão,
P'ra mitigar sua fome
Quantas vezes ouve um — não! —

Lastimosas queixas solta
Seu coração opprimido,
Mas o triste geme em vão
Pois que não é soccorrido.

Quando é um pobre a quem pede
Esse, nada póde dar,
Quando é rico, esse não quer
Sua fome mitigar.

Oh! Deos permitte que ainda
Não venha o rico orgulhoso
Pedir aos que lhe pediram,
Com o mesmo ar piedoso.

A vingança então daquelle
Que n'outrora foi mendigo,
Será valer na desgraça
A um irmão, a um amigo.

Isto sirva de lição
A quem tem com que viver;
Nunca desprezem o pobre
Que inda um dia o podem ser!

P. M. da Silva Costa.

POESIAS

Do drama original portuguez, em 5 actos — FERNÃO TELLES, OU A PRIMEIRA EXPEDIÇÃO A CEUTA.

ACTO 1.º

SCENA PRIMEIRA.

Beatriz, Cavalleiros e Donzellas.

BEATRIZ.

Já lá vão tempos de guerra,
Já lá vão os dissabores,
Em nossos festins já temos,
Os nossos queridos amores.

CORO DE DONZELLAS.

Em nossos festins já temos,
Os nossos queridos amores.

CORO DE CAVALLEIROS.

Inimigos da patria vencemos,
Nosso amor, ás donzellas devemos.

BEATRIZ.

Cavalleiro firme, e leal,
Que a patria defendeu,
A donzella hoje defende,
Que o coração lhe rendeu.
Cavalleiro quando ama,
E' de alma, e coração,
Pela Cruz de Christo jura,
Vingança contra traição.

CORO DE CAVALLEIROS.

Pela Cruz de Christo jura,
Vingança contra traição.

BEATRIZ.

As contendas de Castella,
Portugal já as venceu,
O amor em nossos peitos,
Com a paz amanheceu.

CORO DE CAVALLEIROS, E DONZELLAS.

O amor em nossos peitos,
Com a paz amanheceu.

ACTO 3.º

SCENA OUTAVA.

Trova.

Contava já D. Rodrigo,
D. Rodrigo, o scelerado,
O plano atroz, que forjára,
Ser em pouco executado.

Foi traidor, foi assassino,
Por Deos amaldiçoado,

Tudo por qu'rer seduzir,
A 'sposa do assassinado.

Porém agora o perverso,
Tem novo crime traçado,
Ai de ti, que o corpo teu,
Vai ser d'alma separado.

José Maria Affonso.

ROMANCE

OS CINCOENTA FRANCOS DE JOANINHA.

POR

DUCRAY-DUMINIL

Capitulo 3.º

Sentimentos de Joaninha.

(Continuação.)

Retirou-se outra vez do jardim toda assustada tendo os vestidos manchados de sangue. O espanto foi geral. interrogaram-na, e soube-se que tendo desatado o sultão, este perseguira e comera uma galinha. Joaninha tinha corrido para a salvar, e conseguindo com a sua presença que o cão a largasse, rasgou o seu lenço e atou as feridas da galinha, a quem indubitavelmente fez mais prejuizo que bem.

A irmã Emilia foi ver Joaninha oito dias depois da sua adopção, a menina ao vel-a chorou d'alegria, e madame d'Eranville recebeo-a affectuosamente, rogando-lhe que ficasse para almoçar. Despedio-se, acabado o almoço, e a menina quiz que a deixassem ir sósinha até á porta, dispedil-a. Niguem podia advinhar o motivo, e com tudo Joaninha o tinha muito poderoso, que era o entregar-lhe uma porção de doces e bolos, que guardava nas horas da comida.

— Toma, irmã, lhe disse, darás tudo isto ás minhas companheiras Juliana, Maria e Theresa, da-lhes um abraço e dize-lhes, que é da parte da sua antiga amiga, que é muito feliz, mas que se não esquece d'ellas.

—¿ Não vês, meu amigo, disse madame d'Eranville a seo marido contando-lhe isto, o quanto é bondoso aquelle coração de quatro annos? Muito me engano se essa menina não chegar a estimar-nos e a mostrar-se agradecida pelos obsequios que lhe fazemos.

— Não póde ser mais interessante, resdondeo M. de Eranville. e ditoso para ella e para nós foi o dia em que a vimos. Rosalia, é nossa filha e tudo prova que terá bons sentimentos.

Para brincar com ella tinham-lhe dado os dois filhos de Victoria, que eram quasi da mesma idade; mas o menino a quem mais queria e por quem perguntava sem nunca se enfadar com elle, era o filho de Briceval, que ainda que só de seis annos era muito judicioso, dando-se perfeitamente com o caracter de Joaninha, e era para admirar a competencia que havia entre elles sobre qual havia fazer mais presentes um ao outro, e ao contrario do que se observa nas outras creanças sempre acabavam os seos brinquedos tão bem como tinham começado. Tudo entre elles era commum, e o menino principalmente comprazia-se em deixar a Joaninha todos os brincos de que mais gostava.

Os esposos Eranville, assim como o seo amigo Briceval viam com grande satisfação aquella intelligencia precoz, aquellas affeições mutuas, e os meninos faziam a felecidade das duas cazas, aonde alternadamente se reuniam.

Nada já faltava á felecidade de Rosalia. Entregue inteiramente á educação de Joaninha, a quem adorava como a sua propria filha, considerava-se mãi. e preenchia estes deveres. O seu excesso de devoção parecia diminuir de dia para dia, o que não pouco agradava a seo esposo. Para divertir a menina sahiam com frequencia: iam ao campo, ao theatro, e o aborrecimento já não estendia o seo véo sombrio sobre a caza de

Eranville: os jogos e os prazeres tinham-se alli reunido apresentando um aspecto tão alegre como triste havia sido até então. Deste modo a infancia tudo animava, deste modo o quadro da innocencia alegrava o estio da vida.

Uma circunstancia imprevista veio com tudo desenrolar uma nuvem de tristeza sobre aquellas imagens risonhas de paz e de felicidade. Briceval, que parecia sempre consumido por um negro pezar, ignorando-se o motivo, veio um dia com as lagrimas nos olhos annunciar que ia partir, e deixal-os talvez sem esperança de os tornar a ver. Rosalia e seo esposo, surpreendidos, lhe perguntaram o motivo, Briceval, suspirava, dizendo que a ninguem podia confiar as suas desgraças, que estas eram horriveis, e de tal natureza, que deviam unicamente permanecer em seo coração. Disse que era obrigado a partir para conservar a sua honra, a sua reputação, a sua propria vida e a de seu filho; Levar tãobem seu filho! Que desconsolação para Joaninha, que por espaço d'um anno se tinha costumado a viver com seo pequeno marido, segundo lhe chamava! Briceval com muito trabalho se separou dos braços dos seos amigos, que respeitaram o seo segredo, promettendo escrever com frequencia, mas sem dizer para onde ia, nem o que ia fazer vendeo a sua caza e todas as suas propriedades de Pariz sem dizer nada a ninguem, e sahio numa carroagem com seo filho derramando lagrimas de ternura e de pesar.

Que separação tão dolorosa para os bemfeitores de Joaninha! A propria Joaninha lamenta a falta do seu maridinho, chora, grita, e a sua dor augmenta a de seos protectores, que voltam para a salla, tristes, pensativos, e tão isolados como se de repente em seo redór se tivesse formado um immenso vacuo. Já não viam o seo amigo Briceval cujo caracter tanto sympathisava com o delles. Aquelle amigo tão querido tinha-lhes merecido sempre a maior confiança, e todavia tem segredos para elles, segredos que podiam comprometter a sua honra, a sua propria vida! ¿Quaes serião os seos pezares? ¿Quaes os homens que o perseguiam? Mas conservemos por em quanto um veo sobre este misterio, e tornemos a nossos heroes e á sua filha adoptiva.

Joaninha por muito tempo esteve inconsolavel pela ausencia do menino Briceval. Era triste, sombria, já lhe não agradavam os passatempos da sua idade, e como se a razão lhe fizesse já sentir a utilidade das sciencias deo se ao estudo de lêr, escrever, dança e piano que Rosalia tecava perfeitamente, sendo a mestra de Joaninha. Os seus dedos pequeninos apenas podiam tocar o teclado, mas aprendia com gosto e facilidade. Aos cinco annos e meio já era uma mulhersinha que seus bemfeitores mostravam com enthusiasmo, e até com certa especie de orgulho. A'noite faziam-na ler, cantar, dançar e tocar piano, tornando-se cada vez mais digna da amisade de seus bemfeitores. Ah, pobre Joaninha! Este quadro depressa vae mudar, e ainda que tão joven vás experimentar o effeito dos caprichos dos homens e do destino.

Seis mezes depois da partida de Briceval, Eranville voltava numa tarde d'uma caza de campo que tinha comprado perto de Pariz, quando se surprehendeo de ver sua esposa correr para elle, e abraçal-o com uma effusão mais viva que do costume,

— ¿Que tens Rosalia, lhe disse? ¿Donde procede esse excesso da tua alegria? ¿Recebes-te alguma noticia do nosso amigo, que não escreve apezar da sua promessa? Sem duvida tens alguma noticia feliz a communicar-me.

— Oh! sim, meo amigo, feliz, muito feliz! como o destino é caprichoso; Quem o havia acreditar;

— Falla, Rosalia, pois a tua alegria quasi que chega a ser loucura.

— E quem não experimentaria uma verdadeira alegria neste momento feliz? No fim de quatorze annos, e quando já desesperados de alcançar do Ceo o que tanto lhe tinhamos pedido.

— Que oiço? Estás gravida?

— ? Sim, meu amigo, sim: Eisaqui o misterio, estou gravida de mais de tres mezes: estou certa disso. Vou ser Mãi, ¿ Comprehendes agora todo o excesso da nossa felicidade?

— Oh, minha Rosalia! Quanto mais preciosa te tornas agora para mim! Quem o diria! Ao cabo de quatorze annos, como a natureza é caprichosa, e quanto temos, que agradecer-lhe; Mas essa menina que adoptámos, essa Joaninha!.. se tivessemos podido prever!...

— ¿ E que importa? Joaninha ficará comnosco. Eranville, seria um acto de deshumanidade fazer infeliz essa creatura, e diminuir na mais pequena cousa a nossa amisade para com ella. E'preciso que seja educada como o nosso filho. Embora não herde os nossos bens; mas havemos deixar-lhe uma boa fortuna, não é verdade? Havemos casal-a e dotal-a, não esquecendo que talvez á sua adopção deva-mos este beneficio do ceo. Sim, eu tenho a convicção de que Deos quiz premear-nos pelo que fizemos em favor da pobre orphaã.

Eranville sorrio-se e respondeo a sua esposa.

— Deos queira que quando formos pais, em nada deminua a amisade que agora temos a essa minina.

— ? Que dizes, Eranville? Pódes duvidar do meu coração? Eu respondo pelo meu, como posso responder pelo teu.. Joaninha será feliz, e este acontecimento muito pouco ha de influir á cerca da sua situação nesta caza... Mas deixemos todas estas idéas que pertencem ao futuro, e não pensemos mais que na felecidade que Deos nos concedeo. Vou ser mãi, meu amigo,...? Eu propria o quero crear; nem um momento se ha de affastar do meu lado esse filho querido, se for homem, menos perderá Joaninha com o seu nascimento, julgaremos ter um filho e uma filha... Tenho um presentimento feliz que será do sexo masculino.

— Seja o que Deos quizer, de todo o modo havemos querer-lhe muito, ¿ não é verdade, Rosalia?

Oh ¡ Sim, sim, meu querido Eranville!

(Continúa).

CHRONICA.

Madame Stoltz continúa a ser objecto de enthusiamo — nunca apareçe em scena sem que os bravos, as palmas, as flores e as corôas lhe vão mostrar que os portuguezes sabem dar o apreço devido ao seu merecimento. Madame Novello tem chamado nestes ultimos dias o interesse de todos os *dilletanti*. Na récita do dia 15, vio-se que a illustre cantora appareceo em scena, já bastante incomodada, subindo o incomodo a tal ponto, que já não pode acabar o primeiro acto. Centenares de pessoas tomaram interesse pela saude da insigne artista, que felizmente se acha restabelecida, segundo nos consta. A proposito — não seria conveniente que a empreza restabelecesse o antigo uso de ter uma especie de botica volante na caixa, para se acudir de prompto a qualquer caso imprevisto como o da Senhora Novello? — Reflicta a empreza, e parece-me que esta circunstancia deve merecer a sua attenção.

O novo passo a 7 do Sr. Gabrielli é uma prova mais do seo talento coreographico. Que tem gosto e intelligencia, não se lhe póde negar — que o bailado está ricamente vestido e que tem lindos passos, tambem é verdade; mas não é menos certo que o publico recebe sempre com frieza esta qualidade de composições. Eu cá por mim gostei muito, e entendo que a Cagnoli tem bella escola — é bonita — dança com graça — tem muita agilidade e firmeza, e me-

rece tal ou qual distincção entre as suas companheiras.

Ensaia-se a opera *Favorita*.

No theatro *D. Maria* subio á scena um drama original do Sr. D. Antonio da Costa Macedo — *Molière* — E' uma boa nova para os amadores da nossa litteratura. O talento do distincto escripter, e o mesmo drama merecem uma analyse circunstanciada que não é para este logar. Havemos tratar desta producção dramatica convenientemente.

Este acontecimento talvez traga comsigo um bem para aquelle theatro, e é da imprensa se occupar delle em attenção ao author do drama, que na realidade é digno de todo o conceito, mas os Senhores do theatro tem-se portado de tal sorte com os jornalistas, retirando a entrada a uns, não mandando annuncios para outros, como que querendo representar ás escondidas da intelligencia, de modo que percorrendo-se as columnas de todos os jornaes se encontram sempre artigos á cerca de todos os outros theatros e a respeito deste, nada de novo!!

No theatro de *D. Fernando* representou-se *Um baile*, farça do Sr. Netto. Podemos dizer que é muito engraçada, e que agradou tanto, que o seo author foi chamado fóra, merecendo applausos. A *Barcarolla* subio de novo á scena, e a Sr.ª Druzilla causou maior fanatismo ainda que a Sr.ª Persolli. A Sr.ª Rafaella na *Batalha de Montereau* vae muito soffrivelmente.

Continua no *Gymnasio* a *Recista do anno*.

No Porto vae muito mal a empreza do Sr. Lombardi, e vem a proposito transcrever aqui do *Theatro*, jornal que se publica n'aquella cidade, os seguintes periodos para melhor se fazer idea dos ultimos acontecimentos, que alli tiveram logar.

« Os *Foscaris* já tantas vezes repetidos, foram hontem de novo á scena; era uma recita d'assignatura. O publico esperava que a empreza lhe fizesse saber no começo do espectaculo que deligenciava a acquisição d'um baixo profundo, para satisfazer aos seus desejos — mas nada disto se fez — o que se fez foi dar entradas gratis para abafar os signaes de desaprovação, que se esperavam. Correu o espectaculo em silencio, porque os Portuenses de ninguem tomam os preceitos de cavalheirismo e decencia, que em si mesmo teem. No fim da opera, corrido o panno, principiou a pateada á empreza: os marcas que viram a sua impotencia, talvez instigados, recorreram ás vias de facto — um dos cavalheiros pateantes foi atacado *pelas costas* — o aggressor foi logo rodeado por todos os cavalheiros, que estavam na platea, chegando alguns a saltar abaixo dos camarotes; e a não ser a confusão, e prompta intervenção da força, caro pagaria o seu arrojo. — O sr. major Liz, da municipal, acudiu ao tumulto, e com tanta brandura e acerto se houve, que se lhe deve o não haver que lamentar alguma desgraça. Em seguida a pateada foi geral e retumbante, porem, oh caso nunca visto !!! Bem se diz que o sr. Lombardi faz do theatro o que nenhum outro é capaz de fazer!... Levantou-se o panno, e appareceram os coristas e comparsas armados de paus, desafiando o publico!!...

« Uma grande parte das pessoas que estavam na platea, galgaram ao palco denodadamente; porem a immediata intervenção da força e authoridade pôz termo ao conflicto, e o theatro foi evacuado a pedido da respectiva authoridade, que se houve d'um modo digno de louvor, prometendo que o publico teria satisfação do insulto que se lhe fizera.

« Moralizemos agora o facto. E' certo que os empregados da empreza commeteram uma inaudita imprudencia, porem é preciso levar-se-lhe em conta a sua posição de desgraçados, e que o receio de que o theatro, de que depende a sua subsistencia, de suas mulheres e filhos, se feche, ficando assim reduzidos á penuria, os fez surdos á voz da razão, e os impelliu ao desespero, que exclue a prudencia. E procederiam elles assim de sua livre e espontanea resolução?...

« E' somente á empreza a quem se deve fazer cargo deste acontecimento, e dos que similhantes se reproduzirem, pela sua contumacia, e pela desconsideração em que tem a vontade do publico, a quem é tão devedora.

« Foram presos no acto do barulho o carpinteiro, e um dos coristas, que se diz o menos culpado. »

O sr. Lombardi veio depois com uma declaração nos jornaes do que não tivera parte no procedimento dos empregados; mas apezar desta declaração eu julgo que o *Theatro* tem razão; e que o empresario não é isempto de culpa.

Parece que toda a animosidade do publico portuense para com o sr. Lombardi provem de ser pessimo o baixo profundo da companhia e perteuder-se que seja escripturado o sr. Segri, que actualmente alli reside; e por isso o mesmo empresario declara que o não pode escripturar; por que nas operas que tem de dar, o baixo profundo só terá partes muito secundarias!

A companhia da senhora Emilia das Neves tem em scena a *Adriana de Leconvreur* O desempenho é elogiado por alguns jornaes, mas a *Patria* da-lhe uma *tunda* formidavel e creio que tem razão; porque o drama não é para as forças dos artistas que a sr.ª Emilia escripturou.

NOTICIA DIVERSA.

Um facto singularissimo acaba de ter lugar na cidade de Gerona. Entre os trabalhadores da estrada que vae d'aquella cidade ao cemeterio havia um *surdo — mudo* de nascimento. Outro de seos companheiros offereceo-se para o curar e este offerecimento tantas vezes recusado foi aceito finalmente, e todos os trabalhadores concorreram com alguma quantia para as despezas das drogas necessarias a fim de fazer-se o remedio que o surdo mudo tomou, e que lhe occasionou um estado completo de prostração por espaço de tres horas.

Depois de recuperados os sentidos, um de seos companheiros lhe perguntou em ar de mofa — ? Então que tal? Como te achas? E elle repetio as mesmas palavras que acabava de ouvir, pronunciando depois mais alguns termos.

Este acontecimento foi logo presenceado por muitas pessoas, que correram á quelle sitio, e a todos respondeo conforme lhe iam perguntando.

A respeito do seo companheiro, author d'aquella metamarphose: perguntado á cerca deste remedio singular, respondeo que tendo estado alguns annos em Africa, conseguira salvar a vida a um arabe, e que este por agradecimento, em falta d'ouro, lhe communicára aquelle segredo, sendo esta a primeira vez que d'elle fazia uso.

Ao que parece aquelle remedio tem a propriedade de destruir a surdez, que é o que commumente impede a falla. E' indubitavel, que se este acontecimento for comprovado em outras occasiões, ter-se-ha dado um grande passo em proveito da humanidade.

ANEDOCTAS.

Um lavrador vendo passar o arcebispo de Colonia acompanhado de soldados, não pode deixar de rir-se. O arcebispo perguntou-lhe o motivo. E', respondeo o lavrador, porque admiro esse acompanhamento bellico a um pastor da igreja. Não sabes, meo amigo, lhe tornou o arcebispo, que sou principe, e tambem arcebispo? Intendo, respondeo o camponeo, mas dizei-me, quando o Sr. principe for a todos os diabos, que ha de succeder ao Sr. arcebispo?

EXPEDIENTE.

Sentimos não poder inserir neste numero o artigo do sr. J. B. e S. pelo recebermos já depois de paginado o jornal. Ha de sahir impreterivelmente em o n.º seguinte.

Agradecemos o artigo do sr. Taloni, que tambem sahirá com brevidade.

Explicação da charada do numero antecedente — *Mocidade.*

Typographia de Silva.
Rua dos Douradores n.º 31 T.

JANEIRO 26. 1851. NUMERO 9.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publicar-se-ha todas as semanas — Assigna-se e vende-se nas lojas da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1 Lavrado, na mesma rua n.° 3, Typographia de Silva, rua dos Douradores n.° 21 T, e na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.° 18. — Preços, por trimestre ou 12 numeros 400, por semestre 900, por anno. 1:680 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos. No Porto vende-se e assigna-se na loja do sr. J. M. Gonçalves Guimarães nos Caldeireiros n.° 9, e em Ponta Delgada na ilha de S. Miguel em casa de Jacinto Ignacio Cabral, ou pessoas por este authorisadas.

DA MUZICA.

A muzica ou a arte de combinar os sons não foi na sua origem mais que a expressão dos sentimentos tristes ou alegres da alma que se manifestavam pelo canto. A' medida que os povos se civilisam, o canto se aperfeiçoa, e as frazes melodicas se formam. A melodia é de todos os tempos, de todos os paizes. Os musulmanos não teem caracteres para representar os sons; os Chinas alguns possuem, mas tão complicados e extravagantes como os da sua linguagem. Os Gregos serviam-se de letras do seu alphabeto e transmittiram aos Romanos este systema, o qual já modificado por S. Ambrosio, e depois por S. Gregorio, foi reformado no começo do undecimo seculo por um conego italiano chamado Guy d'Arezzo, inventor da solfa. Os pontos collocados sobre linhas parallelas substituiram as letras. Estes pontos ou notas não tiveram no sua primitiva outro fim senão marcar os gráus da entoação; dando-lhe successivamente differentes formas conforme á maior ou menor duração dos sons.

A muzica propriamente dita não se pode classificar como arte senão depois que teve logar a invenção da *harmonia*; ao orgão é que a devemos. Este instrumento, cuja introducção em França data do seculo oitavo, servio desde logo para conservar a harmonia do *cantochão*, apóz do que seguiu-se o desejo de ouvir varios sons ao mesmo tempo; resultando desta confusão um acompanhamento barbaro, que designaram com o nome de *descanto*, mas que todavia gosou d'alguma estima. No seculo decimo sexto recebeo a harmonia notaveis melhoramentos; Palestrina teve o primeiro logar entre os muzicos d'aquelle tempo, introduzindo no genero sagrado uma superioridade de estylo até alli desconhecido. Os instrumentos aperfeiçoarão-se, e os que se tocavam em concerto eram a cithara, a viola, o raberão e o crave.

Já em 1597 se havia representado na Italia uma opera intitulada Dafne. Cincoenta annos depois, os cantores italianos que foram chamados a França, pelo Cardeal Mazarin, introduziram n'aquelle paiz o drama lyrico. E finalmente, no anno de 1671 foi representada em Pariz uma opera Franceza. Lully, que por esse tempo era superintendente da muzica de Luiz 14.° obteve o privilegio deste genero de representações, creando a Academia Real de Muzica. A arte ganhou então novo desenvolvimento nas mãos de Lully, de Hendel, de Carissini, de Stradella, de Scarlati, de Corelli, e de outros grandes *maestros*. Rameau, Gluck, Piccini, Sacchini, Cimarosa, Mozart, Paesiello, Grétry, vierom depois dar á muzica dramatica o accento vivo que lhe faltava. A muzica instrumen-

tal fazia grandes progressos; Haydu escrevia symphonias e traçava o caminho que Beethoven depois trilhou com gloria. Este é o resumo succinto dos desenvolvimentos da arte depois da sua origem até á epocha em que outros compositores celebres, como Cherubini, Méhul, Bertoi, Lesueur, Boieldieu, Rossini, Hérold, Félis, Auber, Meyerbeer, Halévy, apoderando-se alternativamente do sceptro da muzica, chegáram a compor primorosas obras, que em toda a parte recebem applausos.

F. Talone.

O artigo que vai ler-se com algumas reflexões sobre o duelo, é de um mancebo que não conta ainda quinze annos! Podem as suas frases ser incorrectas; pode o seu estylo não ser o melhor; mas o que é verdade, é que as suas observações demonstram intelligencia, capacidade e instrucção.

Sempre promptos a animar os engenhos que começam a desabrochar esperançosos na republica das lettras, nenhuma duvida tivemos em o admittir em nossas columnas.

O DUELO.

Não confundamos o nome sagrado de honra com esse prejuizo feroz, que põe todas as virtudes na ponta de uma espada ou na bocca de uma pistola, e que nos não póde fazer commetter senão crimes.

¿Que honra é essa que não se conforma com a religião, com a moral ou com as leis de povo algum civilisado?!

¿¡Que honra é essa que proclama a mentira como verdade; que repara uma affronta com um crime; que chama honrado e civil ao homem o mais perverso, que finalmente dá honra á deshonra?

¿Os mais celebres heroes da antiguidade, diz João Jacques, sonharam jamais em vingar injurias por combates particulares? ¿Enviou porventura Cesar algum cartel a Catão, ou Pompeo a Cesar?

¿Se os povos os mais florescentes, os mais bravos, os mais virtuosos da terra não usaram desta moda medonha e barbara, que é mais propria de féras do que de homens, para que a usamos nós?

Os homens os mais dados a offender-se e a provocar os outros, são sempre malvados que diligenceiam cobrir seus infames e innumeraveis crimes, com este novo a que chamam *ponto de honra*.

¿¡ E chama-se a isto coragem? chama-se-lhe valor?!...

O homem verdadeiramente corajoso mostra o seu valor nos combates contra os inimigos do seu Deos, da sua patria; nas disputas favorecendo a verdade; espalhando idéas de religião entre os barbaros com perigo de vida; trabalhando muito para adquirir pão para seu sustento e para o daquelles a quem deve sustentar; e finalmente no leito da morte soffrendo acerbas, custosas dores, e morrendo como bom christão.

Este homem é que é verdadeiramente valoroso, esta coragem é que Deos premeia na eternidade.

¿O duelista, porém, que nem tempo tem para o arrependimento de suas culpas, como poderá salvar-se? ¿Se elle não mette intervallo algum entre o crime e a morte como poderá implorar a misericordia divina? ¿Como reconciliar-se com Deos? ¡Ah! elle será irremissivelmente condemnado!

Lisboa 14 de Dezembro de 1850.

Ignacio Francisco Silveira da Motta.

Recebemos uma correspondencia d'um nosso assignante, que nos pergunta o motivo porque a empreza de S. Carlos não tem ainda apresentado ao publico o relatorio a que se comprometeu na reunião que teve logar naquelle theatro dos redactores dos jornaes politicos e litterarios.

Nada podemos dizer ao nosso illustre assignante sobre esta materia, — temos defendido a boa fé e lealdade da empreza, por termos a convicção de que todos os seus desejos são os de bem servir o publico, e continuaremos neste proposito em quanto

não estivermos como não estamos, convencidos do contrario; mas se se der o caso de observar-mos que se trata de illudir o publico com esperanças e promessas sem effeito, pode o nosso correspondente, pode o publico ficar na certeza que não havemos ser dos ultimos em estranhar com severidade qualquer falta desta natureza.

Por agora só nos limitamos a esta advertencia, que se não bastar, nos obrigará então a publicar na sua integra a correspondencia a que alludimos.

MILAGRE FALSO!

Andam por ahi á venda uns taes folhetos com a narração do pertendido milagre, que se diz ter havido na commuua de S. Saturnino, e para desengano das almas demasiadamente crodulas, vamos mostrar o que a tal respeito diz a *Opinion Publique* de 14 do corrente que transcrevemos da *Nação*:

« Antes de falar no milagre de Saint-Saturnin, de que vieram cheios os jornaes durante alguns dias, julgámos que deviamos esperar pela decisão da authoridade ecclesiastica. Em todas estas questões, conformamo-nos com as advertencias de mgr. o arcebispo de Pariz feitas aos jornaes quanto ás cousas do culto e da religião, tomamos como regra invariavel — esperar que os bispos decidam, seguil-os em suas investigações, e referir suas decisões. Ora na *Gazette de Lyon* de 9 achamos o seguinte:

« Acabamos de saber que a commissão nomeada por mgr. o arcebispo de Avignon para examinar o caso do quadro da pequena capella de Saint-Saturnin-les-Apt, decidiu por *unanimidade* que não havia logar para continuar a dar attenção a similhante caso, quanto a consideral-o como de uma ordem sobrenatural.

« Uma carta, que recebemos agora mesmo, de pessoa tão recommendavel por suas luzes, como por sua boa fé, annuncia-nos que tudo quanto parecia miraculoso naquelles phenomenos, não é senão o resultado de uma miseravel intriga, obra de uma pessoa ácerca da qual dão bem tristes informações.

« Muitos de nossos leitores nos perguntaram a causa do nosso silencio sobre um caso que tanto preoccupava os espiritos. Em vista do juizo pronunciado pela commissão nomeada por mgr. o arcebispo de Avignon, julgamos que se comprehenderá e apreciará a nossa reserva»

O VIOLINISTA AUSTRI EM S. CARLOS.

Hontem 24 do corrente compareceu pela primeira vez n'este theatro o celebre rebo quista Austri, que tocou duas peças de muzica de sua composição, a primeira sobre um trecho da *Linda* de *Chamounix*, e a outra *La derniere pensée de Donizetti*, sobre um dos ultimos motivos daquelle insigne maestro. A estrea do sr. Austri entre nós não podia ser mais feliz, e justificou plenamente a reputação artistica que elle gosa nos paizes estrangeiros.

Em um dos ultimos concertos da Academia Melpomenense, havia já este distincto artista dado provas exuberantes do seu merito extraordinario, e nós que hontem tivemos o prazer de o ouvir e admirar, não receamos dizer que o sr. Austri é na nossa opinião superior a muitos respeitos aos violinistas que temos ouvido nesta capital.

A execução das duas peças de musica foi diversas vezes interrompida por applausos geraes e espontaneos, e o artista recebeu depois os cumprimentos de varias pessoas iniciadas nos sublimes mysterios da arte.

Esperamos que o sr. Austri dará ainda alguns concertos antes da sua partida para Londres, e desde já lhe augurámos os mais brilhantes successos.

D. R.

O excesso do mal é muitas vezes o percursor da mudança para o bem, quando supposta a condição indispensavel de que o corpo enfermo, cuja cura se espera, conserve ainda forças.

Thiers.

LITTERATURA.

POESIAS.

OUTRO EU!...

Que nos não podem valer estes momentos?...

Mendes Leal — D. Maria d'Alencastro: acto 1.° — scena 8.ª

Vê no filho — outro eu — a mãe qu'rida,
Se de amor o seu filho nasceu!
Terno pae de seu filho na vida —
Lá descobre... lá vê — outro eu. —

O irmão no irmão que prezára,
O amigo no amigo que amou,
O amante na amante que amára
Noite e dia — outro eu — divisou!...

Sou por tanto, oh meu Deos, bem ditoso!
— Já meus prantos *um anjo* enxugou!
— Que bem d'alma! de um modo extremoso,
— Outro eu!... outro eu! — me chamou!
.....
.....
E um beijo m'imprimindo nesse instante ..
Não sei qual de nós fôra mais amante!

Outubro 2.

M. D. Santos.

No album do Exm.° Barão de Castro Daire.

E' cruel — o não amar,
O amar — é cruel fado;
Mas é muito mais cruel —
Não gozar o *bem* amado.

(Anacreonte.)

Traducção do grego — *M. D. Santos.*

THEATRO.

Semyramis e Rossini. — A sr.ª Stoltz, a sr.ª Novello e o sr. Portehaut.

Tivemos em fim em S. Carlos a opera de Rossini, Simyramis, em que debutou a sr.ª Stoltz.

O publico de Lisboa tinha um vacuo extenso nos seus desejos d'harmonia, — um anhelar intimo do coração por uma muzica tocante, que lhe desse pasto á imaginação tão faminta de fortes impressões. Simyramis era essa muzica favorita e ideal — sublime — magestosa, tão fadada para arrancar até á ultima das pulsações mais sensiveis — dos dobres mais caros e reservados do seio intimo do homem de sentimento. Rossini bebeu todas — até saciar de desprazer — as inspirações elevadas e indefenidas do lindo Céo de Napoles, aonde, — na sua alta preponderancia de Poeta, — subiu ao nivel da natureza, que o abraçava, e poetisou de lá essas torrentes de suavidade, — esses córos celestes e inspirados, esses accordes de melodia angelica, que tem atravessado altivos e desafrontados do veneno da profanação de quasi 30 annos, — e impassiveis ás revoluções musicaes dos *maestros* recentes. Foi lá naquella atmosphera perfumada dos insensos misticos da poesia — que Rossini, o coração predestinado — aquella alma tão ampla como o immenso do sentimento, foi sonhar, na aragem sublime da sua phantasia — o remorso inexoravel de Smyramis, o amor d'Arsace — o ciume d'Assur — os cantos dos Egipcios, e as lamentações de Babylonia! Foi lá, que essa estrella lucida d'enlevos e magia, reunio os bagos d'oiro dispersos e perdidos no seu mar profundo d'harmonia, para com elles colorir a pagina mais brilhante e magestosa da sua vida fulgurante, já sellada no livro indelevel e inaccesivel da posteridade. O homem de genio tem por assim dizer a sua vida real dispersa em tantas partes, quantas são as suas impressões intimas, que idealisa, que descreve e que recorda, como o principio d'uma vida nova — d'uma epocha gigante da sua existencia! E' por isso que o poeta decrepito suspira e se transporta ainda ao reler na mente as fallas d'um pensamento d'alma — todo seu — que expre-

mio por entre a densidade do mysterio, no seu tempo de fogo e de vigor. E' por isso que Simyramis, —a creação mais cara de Rossini,—é a mais sentida das vibrações de sua alma, é a sua musica predilecta em que elle se gastou e copiou naquelles cantos do Céo. Era o debute da sr.ª Stoltz— a expectativa impaciente da artista decantada e eximia—da cantora extraordinaria e arrebatadora, fez que se enchessem os lugares de S. Carlos até o ultimo palmo de vasio, o dezejo instante atropelava de rijo aquelles corações tão sequiosos de commoções agudas e penetrantes; rompeu a orchestra, seguio-se a adoração de Oroe, as offertas dos Babylonenses, e a apparição de Simyramis—retumbaram os applausos, mas faltava o enthusiasmo d'alma que os levasse ao delirio; a impaciencia redobrava— o frenezi—perderia já por aquello desejar palpitante e vivo— de pena — praser de emoção agradavel... a sr.ª Stoltz ia apparecer, não seremos nós rudes e pobres, nestas habas espinhosas e deficeis da litteratura, mesquinhos e apoucados, muito apoucados na verdade, de expressões e engenho, que iremos altivos tecer a grinalda de verdade e encomios, para a irmos depois depositar reverentes, aos pés da sr.ª Stoltz— não seremos nós que levantaremos justos brados d'avaliação, para a irmos retratar na phantasia do que a não ouviu, ou a comprehendeu na alta sublimidade do seu pensamento todo celeste! Não somos nós em fim que vamos lapidar e colorir ainda essa pedra saliente do seu diadema artistico—da sua reputação dignamente europea. Homens de coração—harpas de sentimento e penetração, vinde todos a nosso lado secundar-nos agora neste anciar extremo de transporte e admiração! vinde a nosso lado sonhar tambem comnosco nesta poesia angelical, e soprar um hymno de incenso, que va perder-se com ella no cero dos anjos! A sr.ª Stoltz appareceo—na platea, não havia o menor ciciar de folego ou respiração;—os affans e pensares da terra cubrira-os a mão do espirito com o veo do indifferentismo para as coisas do mundo,— a alma tinha pouca vida para sentir, e a imaginação pouca concepção para avaliar,— as fontes da inteligencia concentraram-se todas n'uma nuvem invisivel de enthusiasmo e admiração, que as transportou á immensidade, estavamos lá...—ouvimos os coros compassados e cadentes dos Cherubins, ouvimos a harmonia do archanjo, que descantava docemente ás portas do mundo celeste,—ouvimos o canto das aves do senhor, que desprendião em fios d'oiro, sons de magia e de enleio,—ouvimos todas as vozes,—todos os suspiros,—todas as articulações que solfejão os Arautos do Paraizo, n'uma só voz, n'uma só aspiração, no sentimento d'uma só alma... na poesia sentimental da sr.ª Stoltz. Não profaneis esta nossa convicção de verdade, senão acreditaes! ide ouvir a S. Carlos o sublime d'aquella *Eccomi alfine in Babilonia*; ide ouvir o canto daquella resolução varonil *si vendicato il genitore*,—ide vel'-a emfim naquelle sentir repassado n'alma, *misera! ah tu mi strappi l'anima*, quando entre o preceito extremo de sombra do Pai insulto, e o amor maternal se veio assentar a dôr o dever e o juramento!... ide,— lá vereis o velho que ainda chora, occultando envergonhado as lagrimas que lhe rebentam espontaneas daquella força intima de sensibilidade! lá vereis outro que se esquece nos enthusiasmos dos estrepitosos bravos, que resoam e redobram prolongados — filhos do frenezi e do delirio, que os transporta;— outros silenciosos e impassiveis — absortos de pasmo na immensidade daquella melodia indefinida,— obtusos e estupidos, como se um canto allucinado e hyperbolico lhes entorpecera de admiração as faculdades da intellectualidade! — ide lá,— sorvei e aspirai bem a doce poesia daquellas impressões, e vinde depois — se as comprehendestes — abraçar-nos e chorar comnosco, e falar-nos com lingoagem do coração, daquillo que só o coração concebe e avalia, mas que a imaginação é fraca, e a penna rude para reproduzir com os coloridos da concepção! — A Sr.ª Stoltz não é só a cantora acabada e distincta,— não tem só a incrivel agilidade da voz e do canto, não tem só a entonação forte e extensa — affinada e sympathica, nem a vibração difficilima e admiravel,— e as cadencias e ligações suaves e despercebidas, das notas graves ás agudas e destas ás sobreagudas;— não tem só aquelles trinos — só seus — prolongados e infinitos — as-

cendentes e descendentes — que arrebatam e prendem a respiração e o folego de uma sala com milhares de pessoas, que temem disturbar aquelle sonho delicado de talento e comprehensão, — a um corpo elegante reuniu a Sr.ª Stoltz o estudo mais incançavel e cuidadoso das attitudes — da firmeza imitavel de posições estatuarias, — que mais parecem inspiradas que estudadas; — no pranto, no riso, no delirio e no furor tem a Sr.ª Stoltz uma expressão do rosto e dos gestos, que falam tanto ou mais que as gesticulações do canto. — E' o beneplacito da natureza com todos os esforços e desvelos da arte ali accumulados e reunidos no poder intrinseco de uma artista só! — Repetimos, — não quizemos retratar a Sr.ª Stoltz, falamos della, porque a consciencia nol-o pedia e obrigava; dissemos francamente o que sentimos — o que experimentámos, conforme as nossas idéas nol o poderam ordenar, não a retratamos; porque os mysterios da magia intima não se abrem senão no coração; — porque a poesia e a inspiração são livres e indefinidas, como os sonhos caprichosos da imaginação juvenil recamada e rica de crenças e sorrisos. — A Sr.ª Novello veio tambem mostrar nesta opera a força do seu grande talento e da sua intelligencia, — já devidamente apreciada na «Beatriz di Tenda» em que debutou, ninguem esperava que tão desvellada e sabiamente se accommodasse assim á musica de Rossini; — a Sr.ª Novello é uma digna companheira para cantar ao lado da Sr.ª Stoltz, — temos dito tudo; — o duetto que cantam ambas no segundo acto, nesta mesma opera, não se esquecerá facilmente, — e constituirá entre nós — para o futuro — um pensamento saudoso de idéas associadas — Stolz e Novello! Ao Sr. Portehaut damos parabens; — com a força e extensão da sua voz ninguem podia fazer mais; canta com muita precisão e methodo, e com verdadeiro sentimento de comprehensão; — é na partitura da «Semiramis» em que mostra bem claramente, que é um cantor de merito, digno de estima e attenção. — A orchestra parece-nos vae o melhor que se podia desejar; — os coros estão religiosamente ensaiados, — o vestuario todo novo e em costume o mais apropriado e proximo áquelle que naquella epocha de trevas se poderia usar. A empresa, que se não poupou a despezas para pôr esta opera em scena com todo o esmero, viu coroado o seu trabalho e esforço com o contentamento publico, e com a saudação universal da litteratura jornalistica.

Tambem nós a congratulamos aqui pelo seu merecido successo.

J. B. S.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS.

Clara Novello.

Os extraordinarios e bem merecidos applausos, que a *prima donna* Clara Novello, tem alcançado em S. Carlos, dispertaram-nos o desejo de colligir alguns esclarecimentos ácerca da sua biographia artistica, os quaes hoje mui gostosamente transmittimos aos nossos leitores, que por certo estimarão conhecer as principaes phases da vida de uma cantora, que a par da Stoltz cuja biographia, resumida, se acha no 1.º numero do 3.º volume da *Revista*, tão grandes triumphos tem alcançado ultimamente entre nós.

Clara Novello nasceu em Londres, e é filha de Vicente Novello, inglez oriundo de uma familia italiana, como por seu appelido se vê. Vicente Novello é um professor mui vantajosamente conhecido em Inglaterra no genero de musica de Egreja, e que no tempo de mr. Fryer dirigiu, por espaço de muitos annos, a musica de Capella na embaixada portugueza estabelecida em *South Street*, Capella muito afamada em Londres n'aquella época.

Clara Novello começou na idade de cinco annos, os seus estudos musicaes na casa paterna; e quando tinha oito annos cantou musica sacra, na qualidadade de primeiro soprano. Os seus primeiros e principaes estudos foram Haudel, Mozart, Palestrina, Marcello, etc.

Sendo ainda muito nova, e por insinuações de Fétis pae, foi solicitada a sua admissão no instituto de musica sacra em Pariz, dirigida pelo celebre Choron; o

por honrosissima excepção, a illustre cantora foi admittida, sem ter de sujeitar-se ao concurso exigido pelos regulamentos, e bastando apenas ter sido ouvida particularmente pelo director do Instituto.

Apezar da grande differença de idade, que havia entre ella e as suas companheiras, Clara Novello, estava sempre a par das que tinham maior merito: mas era ainda tão pequena que na execução de varias peças, para que as vozes estivessem no mesmo nivel de emissão, era mister colloca-la sobre um banco.

Dois annos depois, regressou para Inglaterra, continuou a estudar, e tomou parte em diversos concertos, oratorias e outras funcções muzicaes, com Malibran, Rubini, e Lablache, sendo-lhe de grande vantagem para o seu adiantamento os conselhos de tão abalisados artistas. Passado algum tempo, fez um giro artistico pela Alemanha, e no seu regresso dedicou-se inteiramente a aperfeiçoar-se no canto italiano. Para isto conseguir partiu para Bolonha, apresentou-se ao illustre Rossini, o qual lhe fez o mais cordial acolhimento e a encaminhou para Milão, recommendando-a ao cavalheiro Micheroux, mestre de M.ª Pasta. Clara Novello seguiu assiduamente, por algum tempo, as lições do referido *maestro*; e depois quiz fazer um giro pela Russia; mas o clima deste paiz era tão prejudicial á sua saude, que não pôde levar a cabo os seus projectos.

Em Italia deliberou estrear-se na scena; e em menos de dois annos, que durou o primeiro periodo da sua carreira theatral, cantou, nas principaes estações, em cinco dos primeiros theatros, a saber: Modena, Padua, Bolonha, Roma, e duas vezes em Genova. — No theatro de *Drury Lane*, em Londres, Clara Novello cantou a *Saffo* em inglez, como, no mesmo theatro, já o tinha feito a Malibran.

Quando o immortal Rossini quiz fazer executar em Bolonha o seu famoso *Stabat Mater*, Clara Novello teve a honra de ser escolhida pelo insigne author para tomar parte no grande concerto: e expressamente com este fim partiu para a dita cidade.

Por fins do anno de 1843 abandonou a carreira theatral, desposando-se com o conde *Gigliucci*, de Fermo (cidade dos estados romanos): e em 1849, depois da fatal guerra, que tantas fortunas arruinou em Italia, novamente abraçou a vida artistica, cantando, no carnaval, no theatro *Apollo* de Roma, e na quaresma no *Pergola* de Florença.

Actualmente Clara Novello acha-se em S. Carlos. Dotada de bella presença, esta vantagem é ainda realçada pela naturalidade de suas maneiras, de seus gestos e de todo o seu porte na scena. A sua voz de *soprano sfogato* é de um timbre meigo, insinuante, argentino e de summa belleza, especialmente nos pontos agudos, que poucas vezes temos ouvido atacar com tão justa entoação e grande agilidade. O seu canto é sempre apurado e expressivo. As producções de Rossini, Donizetti e Bellini parece-nos que são as suas predilectas: e com razão, porque além da belleza, reunem todas as condições que mais devem convir ao genero da sua voz.

Emfim, a maneira verdadeiramente maravilhosa porque no desempenho dos difficeis e interessantes papeis de *Beatriz* e *Semiramis* se tem havido Clara Novello, confirmou já entre nós a reputação de consummada actriz e eximia cantora, por ella alcançada no decurso da sua carreira theatral.

(*Rev. Pop.*)

NOTICIA DIVERSA.

N'uma folha ingleza de 17, vimos que a causa da catastrophe da fragata D. Maria 2.ª, em Macau, fôra um artilheiro incorrigivel, que já por vezes tinha sido severamente castigado, e que naquelle mesmo dia fôra reprehendido pelo commandante, accrescentando-se que já allucinado por bebidas espirituosas jurára vingar-se, o que effectuou largando fogo ao paiol.

A tripulação da fragata era de 224 praças das quaes morreram 188, ficando 33 tão gravemente feridas, que só tres sobreviveram. O capitão Assis tambem se presume que morreu, e eis unicamente as pessoas que se salvaram pertencentes áquella embarcação:

O tenente João Maria Celestino.

Innocencio Adolpho Tavares.
Francisco de Assis e Silva.
Herculano de Sá Corrêa, cirurgião.
A. M. N. Velho, commissario.
A. J. de Magalhães.
J. F. Marques, fiel de generos e de artilheria, com 25 marinheiros.

———

O Boletim official de Cabo Verde, transcreve d'um relatorio, os prejuizos ultimamente soffridos na ilha da Boa Vista, que damos em continuação afim de que sejam devidamente avaliados:

E' como se segue:

« Do relatorio, que da sua rigorosa inspecção na referida ilha (Boa Vista), acaba de apresentar o ajudante de ordens de s. ex.ª o sr. governador geral d'esta provincia, o sr. alferes João Augusto de Fontes Pereira de Mello, mandado pelo mesmo exm.º sr. para tomar conhecimento dos desastrosos effeitos do citado temporal; — extrahimos as seguintes particularidades que em seguida apresentamos.

« No porto de Sal-Rei—(principal povoação) houve estrago em oitenta e tres casas cuja perda calculada por peritos, chega a 10:140$000 reis. O quartel militar soffreu um estrago avaliado em 70$000 reis — O forte — Duque de Bragança — egualmente soffreu um estrago avaliado em 400$000 reis. O sal que existia em pilha nas salinas, foi derretido em grande parte pelas cheias — calculando-se terem-se perdido 100 moios, o que equivale a 480$000 reis — donde se conclue — que a perda total na povoação de Sal-Rei monta a 11:090$000 reis.

« Na povoação do Rabil perdeu-se uma igreja, uma capella, parte de duas pontes — 129 casas totalmente, e 118 em parte: — montando a perda a 4:662$000 reis.

« A freguezia de S. João Baptista, que comprehende as tres povoações de leste: — as denominadas — *João Gallego* — *Fundo das Figueiras* — e *Cabeça dos Tarafes*: soffreu o seguinte estrago: uma igreja e 118 casas, das quaes 53 ficaram totalmente destruidas, e 65 em parte; perda total 2:375$000 reis.

Na povoação velha, ao sul da ilha: — ficaram totalmente destruidas 29 casas, e 39 em parte; montando o valor da perda a reis 878$000 reis.

« Recopilando-se: — nesta ilha soffreram estragos duas igrejas — duas capellas — um forte — duas pontes — e 551 casas; das quaes 236 existem em completa ruina, e 279 em parte: — montando a avaliação de taes estragos, a 19:135$000 reis

« Eis em summa, fielmente extraida a parte mais importante do referido relatorio. »

———

EXPEDIENTE.

O proprietario e redactor desta folha, declara que tem em seu poder um recibo passado e assignado do proprio punho da Sr.ª D. Antonia Gertrudes Pusich, por onde se mostra ter satisfeito toda a somma porque houve a cedencia da propriedade e redacção desta folha.

—— Declara mais, que constando-lhe ter um dos distribuidores exigido indevidamente dinheiro de varios dos senhores assignantes obrigou o mesmo distribuidor á restituição, e pede que daqui em diante os senhores assignantes não entreguem quantia alguma que não seja á vista de recibo impresso e assignado pelo proprietario, exceptuando os que pagam á entrega.

—— Não póde ter logar a inserção de um artigo em fórma de carta dirigida á Sr.ª Fabrica, em que se deprime o merito artistico da Sr.ª Stoltz; por isso que cousa alguma deste mundo nos póde obrigar a inserir artigos destituidos de senso, para satisfazer caprichos. — Pela mesma razão não inserimos outro que nos foi remettido contra a Sr.ª Monticelli.

———

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

Sahirá á luz no proximo sabbado: — UM BEIJO E AS MA'S LINGOAS DE LISBOA — Scenas contemporaneas a proposito da ovação da *Sr.ª Stoltz*. E' um pamphleto dedicado ás damas por um moralista encapotado. Preço 40 rs. Vende-se na loja de Lavado, rua Augusta n.º 8.

Typographia de Silva,
Rua dos Douradores n.º 31 *T.*

FEVEREIRO 2. 1851. NUMERO 10.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publicar-se-ha todas as semanas — Assigna-se e vende-se nas lojas da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1 Lavado, na mesma rua n.° 3, Typographia de Silva, rua dos Douradores n.° 31 T, e na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.° 18. — Preços, p.° trimestre em 12 numeros 480, por semestre 900, por anno. 1:680 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos. No Porto vende-se e assigna-se na loja do sr. J. M. Gonçalves Guimarães nos Cabeleireiros n.° 9, e em Ponta Delgada na ilha de S. Miguel em casa de Jacinto Ignacio Cabral, ou pessoas por este authorisadas.

ILHAS DOS AÇORES.

Nenhûa consideração tem merecido aos nossos legisladores a emigração constante dos habitantes do archipelago para o imperio do Brazil, nem o modo porque se leva a effeito, parecendo mais carregação de escravos que sahem d'aquelles portos para a America, que passageiros que vão estabelecer-se nas terras do imperio.

Essa emigração, que tantos braços rouba á industria, á agricultura e ao commercio de Portugal é filha de varias causas, que merecem estudadas, a fim de se desviar não só o mal que ella nos causa, mas ainda pelo amor da humanidade; pois nenhum homem de coração verdadeiramente portuguez, deixará de horrorisar-se ao saber, que os Açoricinos, seus irmãos, vão, como os negros, ser vendidos, nessas terras que já foram de dominio nosso!

Conservam-se em Africa, a custo de despezas enormissimas, fortes estações navaes para impedir a escravidão dos pretos, e deixa-se que dos portos das nossas possessões, vão carregações de homens talvez ser escravos dos proprios pretos!

E sabeis como os conduzem assim á escravidão?

O povo dos Açores, é um povo essencialmente agricola e laborioso; mas ha falta de trabalho para muitos braços, falta de empregos para muitas intelligencias, falta de meios para muita gente que não tem do que viva! Os especuladores aproveitam todas estas circunstancias, seduzem os pobres mancebos com esperanças de avultadas e imaginarias riquezas, mettem-nos a bordo, e depois de lá chegarem, vendem-nos por tanto tempo, quanto é preciso para se pagarem das passagens, e mais despezas, e ahi ficam os nossos irmãos mais escravisados que os proprios escravos!

Isto faz chorar o coração!

Muitos, levam mulher e filhinhos, e quantas seducções? Quantas desgraças!!..

O meio, que achamos mais apropriado para evitar esta emigração, é destruir as causas que a promovem, causas que não são muito difficeis de attingir a quem as estudou e apalpou de perto.

Já em outro artigo dissémos, que os aforamentos, em S. Miguel, dos terrenos vinculados deixavam a muitos lavradores sem camisa, sem trabalho, e sem pão! Neste estado de miseria, e n'uma situação desesperada, essa pobre gente abraça o alvitre da emigração; porque não acha trabalho. Não seria pois conveniente promover com a maior efficacia as obras publicas nos Açores?

Mesquinha e muito, é a verba que se destina no orçamento para este objecto, e já que na tribuna parlamentar não appare-

ce um unico brado a favor dos interesses açorianos, a nossa véz ha de fazer-se sempre ouvir na imprensa. Constantes tem sido os nossos esforços, e hão de continuar a sel-o; porque prezamos do coração a nossa patria, os seus interesses, e a sua prosperidade, interesses e prosperidade, que tambem se acham ligados com os interesses e prosperidade do reino.

¿Quantos braços se não empregarião utilmente com a feitura de uma estrada central na ilha de S. Miguel? — quantos nos melhoramentos dos portos? — quantos se houvesse vontade de levar-se a effeito a doca grande na enseada de Ponta Delgada, e a pequena quasi já feita pela natureza no ilheo de Villa França do Campo?

A cidade de Ponta Delgada, séde da relação dos Açores, não tem uma cadeia decente! Os infelizes para ali conduzidos de todas as comarcas das ilhas, amontoados em pequenos quartos insalubres, sem nenhuma das commodidades que se deviam facilitar á desgraça, soffrem mil incommodos sem que a tanto se tenha pertendido obviar com a construcção de uma nova cadeia. Não fazemos aqui censura a nenhuma das authoridades da ilha, todas, tanto administrativas como judiciaes, tem feito importantes reclamações sobre este objecto, mas essas reclamações morrem nos secretarias; porque no parlamento não ha quem proponha as medidas convenientes.

A cidade de Ponta Delgada, a terceira do reino, em riqueza, população e commercio, não tem um passeio publico! Ha falta urgente destas e de muitas obras publicas, e não se promove a sua feitura, deixando-se que os Açorianos vão procurar trabalho, á custa da escravidão, nas terras do Brazil, quando sem sahirem da sua patria podiam encontrar trabalho e meios para uma honesta subsistencia.

Da classe média tambem ha emigração e não pequena; porque concluidos esses taes ou quaes estudos que ali ha, muito difficientes sem duvida, não tem depois em que decentemente se empreguem, pois que até esses mesmos empregos publicos que ha nas ilhas são pela maior parte exercidos por pessoas do reino! Até se tem provido os logares insignificantes, como de escrivães dos juizos ordinarios em individuos do reino!!

Quiseramos que houvesse uma lei que authorizasse os governadores civis dos districtos dos Açores a proverem em pessoas da terra, devidamente habilitadas, todos os empregos secundarios, mesmo os de justiça, o que seria sem duvida de grande vantagem para a classe média dos Açores. ¿Mas quem ha de propor essa lei? O governo, por certo que não; pois em vez de restringir, quer sempre ampliar as suas attribuições: — os deputados pelas ilhas, se são da maioria, não querem ir contra a vontade do governo, e se forem da minoria não tem força para fazer passar os seus projectos, e assim ficamos sempre na mesma!!! Mas o bem do paiz é para nós superior a todas as considerações, e havemos sempre clamar para que se attenda aos interesses daquella parte importante da monarchia, de que a metropole tira tantas vantagens.

Outra causa ainda da emigração são os recrutamentos. A experiencia tem mostrado que os Açorianos são bons soldados: mas ha uma negação completa para o serviço militar; pela idéa que tem, de que os fazem sair da patria; porque manda-se para ali, como se diz vulgarmente um cesto de batalhão, procede-se ao recrutamento, preenche-se e forma-se o corpo, e depois continente com elle!!

Pela natureza desta folha não podemos ir mais além; porque nos entranhariamos na politica, o que nos é vedado por lei; tratamos estas questões como questões economicas; como questões de interesse para o paiz, como questões administrativas, e nada mais; mas no terreno legal em que nos achamos, cumprimos um dever advogando os interesses dos Açorianos.

M. J. Cabral.

Todos os genios superiores necessitam pessoas, que os comprehendam e obedeçam, nunca porém que os suppram.

Thiers.

LITTERATURA.

POESIA.

O DESTERRADO.

« Ai! Pobre de mim... coitado...
« Aqui só! Ah! Desterrado!...
« Longe da patria querida
« Triste passo a minha vida,
« Sempre a penar, a soffrer;
« Que a vida do exilado,
« É vida bem malfadada,
« É vida bem desgraçada,
« É vida de padecer.

« Tinha uma mãe que adorava;
« Tinha uma esposa querida,
« Vida só da minha vida,
« Mulher que eu idolatrava:
« Tinha um filhinho que amava;
« Tinha um amigo... um amigo...
« Mas tudo lá me ficou!

« Eu era então bem feliz,
« Hoje sou bem desgraçado;
« Porém já que Deos o quiz
« Cumpra-se o meu triste fado. »
Assim disse e descançado
Se deitou a repousar,
Repousou eternamente,
Delicias que foi gosar,
Não o sabe a nossa mente,
Não o póde pois contar.

Ignacio F. S. da Motta.

ROMANCE

OS CINCOENTA FRANCOS DE JOANINHA.

POR

DUCRAY-DUMINIL

Capitulo 3.°

Sentimentos de Joaninha.

(Continuação.)

Desde aquelle momento, Rosalia considerou-se a mais feliz das mulheres. As suas feições e a sua pessoa tomaram um ar de satisfação que assegurou a sua saude alguma coisa vacilante. Pobre Joaninha! Já começas a notar a mudança que a tua sorte vae experimentar. Apenas te dão lições de piano, mas as festas diminuiram, os elogios e até as caricias, e em vez d'isto escutas recados e ralhos.

Pobre Joaninha! Sem advinhar o que isto quer dizer, tens algumas suspeitas e a tua sensibilidade te faz derramar copiosas lagrimas, as primeiras que teos bemfeitores arrancaram de teos olhos; mas submissa, docil e agradecida não te queixas a ninguem, nem ainda á irmãa Emilia, que de vez em quando vem perguntar-te se és feliz, e se estás contente.

— Sou muito feliz, respondes, e o teo coração opprime-se, corres a abraçar tua mãe adoptiva, que ainda te estima, e que talvez bem depressa.....

Continuemos.

Ao concluir o termo da sua gravidez, madame de Eranville a quem seo esposo por uma especie de ternura tinha quasi escravisado, receoso de que lhe acontecesse alguma desgraça, deo á luz não um menino como ella esperava, mas uma menina que se chamou Cecilia de Eranville. Não descreveremos as festas que se celebraram nem os transportes de alegria do pae e da mãe; mas bastará dizer, que Joaninha foi eliminada destas festas, e que apenas nella se pensou. Tinha então 6 annos e já estava em estado de reflexionar: mas demasiado bôa para se queixar, demasiado agradecida para notar se quer a frieza com que era tratada, regosijou-se com todos por um acontecimento que fazia a felecidade de seos bemfeitores.

A irmãe Emilia, que foi vel' a na quella occasião, conheceo todo o mal que o nascimento de Cecilia ia

causar á sua pupila e retirou-se abanando a cabeça.

Capitulo 4.°

Primeiros annos de Cecilia.

Passemos rapidamente os primeiros annos de Cecilia, sua mãe creou-a, e facilmente se advinha que esta occupação bem como o justo sentimento da ternura maternal haviam esfriar pouco a pouco a ternura de madame de Eranville para com Joaninha. Não só foi descuidada a sua educação mas tornou-se creada de Cecilia.

A Deos, formosos vestidos, lindos sintos, e chapeos primorosos! Joaninha, vestida simplesmente como Victoria, não dançava já, nem cantava, tinha esquecido as suas lições de piano e ajudava os creados Ella tinha doso annos e Cecilia 6, esta pois era a joia e o beijinho da casa Faziam na cantar e dançar, ao passo que Joaninha tinha que empregar o tempo em cozer e bordar para adornar a filha da caza.

Todavia o caracter de Joaninha era sempre o mesmo. Boa, sensivel, amavel e terna encantava a todos pela graça da sua figura e pelas qualidades de seo coração. Mr. de Eranville continuava a estimal-a, mas Rosalia era mãe, e nada havia para ella tão formoso e perfeito como sua filha, e a comparação que fazia entre Cecilia e Joaninha redundava sempre em prejuizo desta, não gostando de que houvesse em sua casa outra menina que attrahisse as vistas e os elogios, que julgava se deviam reservar unicamente para sua filha. Com tudo amava Joaninha, era bôa e generosa, mas ao mesmo tempo era mulher, fragil, e mãe!!

Pelo que diz respeito a Cecilia era difficil julgar do seo caracter aos 6 annos. Era muito bonita e annunciava talento assim como bom coração. Cecilia não podia passar sem Joaninha para os seus brincos e distracções; e Joaninha que conhecia isto mesmo, fazia-lhe mil caricias que a mãe agradecia, e procedia desta sorte apezar de já não ser a menina querida da caza, e sómente a primeira creada de Cecilia.

Conhecia a sua posição; mas como sabia pela irmãa Emilia, que não era mais que uma póbre engeitada, recolhida por caridade, considerava a sua sorte muito feliz e superior ao que a fatalidade do seo nascimento lhe reservava.

Assim, pois, á medida que crescia em virtude, madame de Eranville diminuia de dia para dia a sua ternura para com ella. Cecilia absorvia todos os seos carinhos, e é preciso convir que se tornava digna delles; porque tinha disposição para tudo, e o seo talento e bons sentimentos se desenvolviam rapidamente.

Cecilia tinha 10 annos, e Joaninha 16, quando madame de Eranville que desejava que sua filha brilhasse unicamente em sua casa concebeo o projecto de affastar Joaninha e o communicou a seo marido do modo seguinte:

— Meu amigo, disse a Eranville, Joanninha é já grande e apta para tudo, e ser nos-ha mais util no campo que aqui. Tu sabes que a nossa caza de Bagneux está abandonada, para o mez de Maio penso levar para ali minha filha, e se não vae adiante alguma pessoa que a arranje, não poderemos lá entrar. Comprei alfaias, camas e todo o necessario, e ninguem cômo ella nos hade arranjar a casa. ¿Que dizes a isto?

Eranville olhou-a um momento e depois proseguiu:

— Lembras-te, Rosalia, quando na epoca da tua gravidez te annunciei que algum dia te desfarias de Joanninha? " *Respondo pelo meu coração, como pelo teu* „ me disseste...

Nunca se hade separar de nós, ¿que dizes a isto?

— ¿Pertendias que eu educasse Joanninha na grandeza, no luxo e na ociosidade? Querias que a fizesse uma senhora? De que me serviria então ser mãe se não havia de haver differença entre minha filha e a filha de um estranho? Joanninha não tem bens, não póde esperar senão os nossos beneficios, é preciso costumal-a ao trabalho, a uma honesta mediania, é isto o que fiz, e creio não ter faltado para com ella ás leis da delicadeza e da generosidade.

— Não; mas vás pol-a fóra de caza!!

— ¿E é expulsal-a, o mandar que vá algum tempo para o campo, para onde tambem iremos daqui a dois mezes?

— Mas realisar-se-ha esse projecto?

— Indubitavelmeate, e demais se te não agrada este plano, que fique, e não fará mais que embonecrar-se e ver-se de manhã e á noute ao espelho; — é a primeira vez que te oppões á minha vontade — não falemos mais nisto.

Rosalia ia retirar-se; mas Eranville a deteve pela mão:

— Rosalia, interpretas mal os meus sentimentos, o que conheço é que não estimas essa creatura como dantes.

— Sou mãe, Eranville.

— Eu o sei, e por isso te estimo mais; faz o que quizeres; mas não reduzas Joanninha á vil condição de creada.

Eranville retirou-se, e Rosalia mandou chamar Joaninha a quem friamente deu ordem de marchar immediatamente para Bagneux.

O coche já estava prompto e Joanninha partiu com o coração opprimido, não sem ter abraçado a Cecilia, causa ainda que innocente daquella mortificação.

(*Continua.*)

CARLOS 2.° E A LOUCA DE MOULINS.

Fragmentos do desterro de Carlos 2.°, durante a republica de Cromwell, traducção do inglez por uma Senhora.

Capitulo I.

Ouvi uns sons melodiosos, abaixei o postigo, e perguntei ao postilhão d'onde vinham. — E' Maria. — ¿E quem é essa Maria? — E' uma pobre rapariga, que está louca ha um anno, porque o cura lhe suspendeo os banhos nas vesperas do casamento; mas o que é singular, é que ninguem sabe quem lhe deo essa flauta, nem quem lhe ensinou a tocar; porque antes de enlouquecer nada sabia.

Neste momento chegavamos ao pé d'ella, era linda — tinha uma saia branca e corpete azul — os cabellos loiros entrelaçados phantasticamente com um ramo ao lado — os olhos eram azueis, e estavam humedecidos pelas lagrimas.

Saltei da carruagem e corri para ella. Maria! Pobre Maria, como te sentes? — Pareceo-me que a minha presença lhe despertava lembranças d'alguem, e ergueo-se, e então dei por uma pequena ovelha deitada a seos pés — deixou cahir a flauta e me disse — ¿para que me vens atormentar? — para que zombar de mim? —

— Maria, tu não me conheces, é a primeira vez que nos encontramos.

Pareceo admirar-se, e tornou:

— Então, não é elle, — ¿como vos chamaes? — d'onde vindes? — o que pertendeis?

— ¿Que vos importa d'onde venho ou quem sou? interesso-me por vós!

— Por mim! Não sou quem pensaes, mas o vosso nome?

— Carlos.

Sentou-se e pareceo ficar socegada, rol-

tou os olhos para o céo e parecia um bello anjo desterrado na terra. Nunca vi mulher mais linda na minha vida! — Maria, ¿queres que me retire?

— Não se vá. E olhou-me por muito tempo com sentimento e expressão, e continuou pondo a mão no peito.

— Sois bom, não zombaes de mim como os rapazes da aldea, e como elle, — tendes caridade e elle não a tem.

— ¿Então quem é esse perverso que não tem caridade para comtigo?

A cor mais viva lhe animou o semblante, o seo olhar tornou-se altivo e firme, pareceo por um momento ter recobrado a razão e exclamou = Elle é um malvado, é um assassino. — ¿para que quereis saber o seo nome? Se tendes dó da pobre louca, não me perguntеis quem elle é.

— Não sómente dó, mas sympathia, tornei eu com a expressão de um mancebo, ardente como era.

Maria sorrio-se, dizendo, é falso, tambem elle mo dizia e mentia.

— Elle era um falso e desleal, e eu sou franco e leal. Maria, peço-vos que nunca vos esqueça o meu nome — em breve voltarei.

— A Deos, me disse ella, até quando voltardes ou talvez nunca; porque elle tambem me enganou!

— A Deos, Maria, brevemente te mostrarei, que me não pareço com elle. — E affastei-me sem nunca olhar para traz com medo de me deter mais tempo ao pé de tão interessante rapariga; porque negocios mui serios me chamavam para longe. Quando cheguei ao pé da carroagem achei passado o postilhão da minha precipitada sahida do coche, e da minha demora.

II.

Quando voltei, dirigi-me ao logar aonde tinha visto Maria — não estava, perguntei aonde morava e para lá me encaminhei. Encontrei sua mãe, que me fez sentar e disse-me que Maria tinha sahido segundo o seo costume, e perguntou-me quem eu era. — ¿Ella, lhe disse eu, nunca vos fallou de um homem que esteve com ella ha oito dias, chamado Carlos? — Todos os dias, e desde então tem experimentado consideraveis melhoras — já vos espera e diz sempre que não haveis faltar por serdes bom e generoso.

Perguntei á boa mulher a origem da doença de sua filha, ao que me respondeo, ter Maria amado com paixão um mancebo — que n'um dia de feira, na aldea visinha, Marçal lá lhe fora comprar alguns enfeites; mas que desde esse dia o seo amor esfriara para com ella. — No sabbado á noite veio aqui o cura dizer, que o casamento de Maria se não podia effeituar; porque Marçal era judeo, e que nenhuma filha da igreja se podia reunir com um homem d'aquella raça maldita sem attrahir para si e seos filhos a maldição de Deos. Maria soffreo e resignou-se — Uma noite de temporal bateo á porta um correio a pedir hospitalidade, entrou, e partio de madrugada: — quando Maria veio arranjar a caza encontrou uma carta que lhe tinha esquecido — conheceo que a lettra era de Marçal, e por uma curiosidade indiscreta abrio, e leo o que Marçal communicava a um seu amigo, dizendo-lhe que amava Maria, mas que no dia em que fora á feira se namorára de Joanna, rapariga bonita e rica — que se dirigira ao cura a quem deo dinheiro para illudir Maria, dizendo-lhe que o casamento com ella era impossivel por elle ser judeo — que casára com Joanna, estando muito satisfeito com ella e com o seo estratagema que o tornou para sempre feliz.

Maria enlouqueceo, esteve furiosa, mas a morte de seo pae a tornou mais socegada — uma velha amiga lhe ensinou flauta, em que se entretem; mas eu tremo porque os medicos me disseram, que logo que ella recuperasse a razão não tardaria a morte.

A boa mulher levantou-se chorando, e eu tambem me ergui jurando castigar o cura.

— Eu vou recobrar a herança de meos pais, serei justo para quem o merecer e cruel para com os malvados — tomae essa bolça — remedeai-vos, quero ver Maria, ¿ — aonde está?

— Não longe d'aqui ao pé do regato que se avista lá em baixo.

III.

Encontrei Maria debaixo d'uma arvore, affagando a sua pequena ovelha — aproximei-me, chamei por ella — deo um grande grito de surpreza, e brilhou o prazer em seos olhos.

— Com effeito, não faltou á sua palavra, eu o esperava.

— Ainda te lembras do meo nome?

— Sim, está gravado no meo coração, depois da minha desgraça, és o primeiro homem, que me fallas com caridade. Eu to agradeço.

O que ella dizia era acertado, parecia já ter recuperado a razão, tirou do peito um lenço branco, que logo conheci — Aqui está, disse ella, tem uma coroa, e um C.. cahio-lhe quando em outro dia me fallou. *Bibi* (nome da ovelha) foi buscal-o e guardei-o.

Demorei-me um mez em Moulins, todos os dias a via e parecco-me estar em seo juizo, mas de dia para dia fugia o brilho de seos olhos, custava-lhe a andar e comecei a recear, como sua mãe, pela sua vida.

Era impossivel demorar-me mais tempo — negocios importantes me chamavam a Londres — o povo estava disposto a receber-me e era necessario aproveitar. Tremia com a lembrança de deixar Maria, cada vez mais doente, mas assim era preciso, despedi-me della que me disse: — Se voltares, e eu tiver morrido, peço-te que não faças mal ao cura e que protejas minha mãe.

Parti e dentro em pouco voltei a Moulins

IV.

Cheguei, fui a caza de Maria, nem a ella, nem a sua mãe encontrei, a porta estava fechada, e depressa me encaminhei ao logar do repouso, não sem um presentimento triste!

Uma mulher orava em logar aonde se via a terra mechida de novo. Era a mãe de Maria, e o seu olhar, tudo me deu logo a entender.

Maria morreu, me disse ella, outo dias depois de vos retirardes — as suas ultimas palavras foram de perdão para o cura — Carlos — mãe, e expirou. Com a volta do juiro veio a morte!

Prometti o perdão do cura, assegurei uma pensão áquella infeliz mulher, e mandei collocar uma pedra no sepulchro de Maria:

« Aqui repousa Maria. »

Monumento de saudade de Carlos 2.°, rei de Inglaterra.

CHRONICA.

E' sempre com pezar que somos impellidos á censura — não somos dos que dizem mal de tudo e de todos — pelo contrario, pertendemos encontrar sempre razões para a desculpa, e para adoçar a critica sempre no possivel; mas tambem é verdade, que cousa alguma deste mundo terá força de nos abafar a voz da convicção e da verdade. Fazemos estas observações a proposito das representações da *Italiana em Argel*.

Esta opera foi recebida pelo publico com bastante desagrado, e manifestos signaes de reprovação, em parte justissimos, e por outro lado immerecidos — justissimos pelo que diz respeito ao modo porque esta appareceu de novo em scena, e immerecidos quanto á execução artistica. — Foi logo terrivel a impressão da scena ao levantar-se o panno de bocca — o scenario parece do tempo da creação do theatro — tal é o estado de todas as vistas de scena que a empreza nos apresentou na *Italiana em Argel*; e tanto mais se torna reparavel que se apresentasse a opera deste modo, quanto é certo que além dos pintores Rambois e Cinnati, a empreza escripturou um outro, em Italia, que veio fazer sobresahir ainda mais o merito daquelles, o que se conheceu nas scenas da *Semiramis*.

Com a velhice do scenario, fazia um contraste notavel a riqueza, e o primor do vestuario dos artistas.

A Sr.ª Stoltz trajava um vestido custoso, riquissimo, e elegante. A Sr.ª Vianello, a grãa-Sultana tambem se apresentou com fatos bellissimos, e um turbante magnifico, ricamente adornado — a Sr.ª Persolli veio igualmente bem vestida; n'uma palavra, todos os artistas neste ponto se appresentaram com a maior propriedade e riqueza.

A Sr.ª Stoltz não é preciso dizer que foi aplaudida, e chamada ao proscenio. A parte da Sr.ª Vianello nesta opera, não é propria para que uma artista desenvolva todos os seos recursos — mas a dignidade com que se apresentou em scena — a naturalidade com que desempenhou o papel de Sultana — e o modo porque comprehendeo a sua parte tornam-na digna de louvor.

O Sr. Rocco foi aplaudido no duetto com a Sr.ª Stoltz — entrou sempre perfeitamente, como artista intelligente, e com aquella proficiencia que o publico já lhe conheceo n'outra epocha, no D. Bucefalo e outras operas.

Não achamos razão nem motivo justificado para que os Srs. Scola e Portehaut fossem pateados.

Na quinta feira proxima teremos o prazer de ouvir de novo o insigne rabequista Austri. O publico que o escutou e aplaudio no seo primeiro concerto não ha de faltar por certo a este segundo.

Temos aqui tido muitos concertistas deste genero: porem a nosso ver, nenhum com o sentimento, colorido e expressão com que toca o Sr. Austri.

No theatro de *D. Maria*.....

No de *D. Fernando* ensaia-se o *Postilhão*, opera comica em tres actos de Adam. Consta-nos que é posta em scena com toda a riqueza e bom gosto.

No theatro do *Gymnasio* está em scena uma das mais lindas comedias, que temos visto — *Morrer para ter dinheiro*; imitação do italiano pelo Sr. Fidanza.

São uns estudantes da Universidade, que estão a tinir, isto é, sem real de seu. Um delles tem a lembrança de se fingir morto, e um collega vae ter com o tio que cahe com 10 moedas para o enterro! Mas o bom do velho tem a lembrança atrazadora de querer naquelle momento vir dar o ultimo beijo em seu sobrinho. Quando chegou o estudante com as 10 moedas, preparou-se um baile para aquella mesma noite, e o dinheiro não chegava para tudo. Vem o tio, improvisa-se uma ceia, o sobrinho finge-se morto — um dos estudantes vem de medico — outro de boticario — chucham umas moedas mais ao pobre do velho — ha as choradeiras do costume, e quando o velho se retira, entra a rapaziada macha e femea, e começa a folia. Estavam no melhor da festa, quando entra o tio *Beldroega* com o epitafio para a sepultura do sobrinho! Agora o vereis: — ralhou — ralhou — tornou a ralhar, e por fim tudo se accommodou!

Vamos aos theatros do Porto. — A Sr.ª Emilia das Neves continua a ser alli a ordem do dia, e tem-se portado tão mal que tem havido quebras cabeças e prisões por sua causa. A Sr.ª Emilia que de linda não tem nada, fechou as portas do seu theatro á maior parte dos jornalistas do Porto, apenas dá entrada a dois, (por caridade talvez) sem se lembrar que essa tal ou qual reputação artistica de que gosa, á imprensa é que a deve, e se não fosse a imprensa, não seria hoje empresaria. Aqui, *uma mãe não trata seu filho*; — *lá uma filha despreza sua mãe*; e ninguem dirá que a Sr.ª Emilia deixe de ser filha da imprensa, que a acariciou, que lhe deu vida, e que a fez artista.

A este respeito assim com recommendamos um artigo que vem em o numero 32 da *Esmeralda*, reprovamos tambem a linguagem rasteira do folhetinista da Patria.

A companhia Lombardi tem em scena a *Leonor*, e projecta dar o *Macbeth*. As coristas são tão boas que ganham a 2:400 rs. por mez, segundo o *Theatro*, jornal do Porto. Uma corista com quatro vintens por dia, tem o suficiente para gemadas, afim de terem a voz bem clara para o *apperite do Macbeth*.

Aonde seria esta gente recrutada, meu Deos! Coisas do Sr. Lombardi!!

Typographia de Silva.
Rua dos Douradores n.º 31 T.

FEVEREIRO 9. 1851. NUMERO 11.

A ASSEMBLÉA LITTERARIA

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publicar-se-ha todas as semanas — Assigna-se e vende-se nas lojas da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1 Lavado, na mesma rua n.° 2, Typographia de Silva, rua dos Douradores n.° 31 T, e na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.° 18. — Preços, por trimestre os 12 numeros 480, por semestre 900, por anno, 1:680 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos. No Porto vende-se e assigna-se na loja do sr. J. M. Gonçalves Guimarães nos Caldeireiros n.° 9, e em Ponta Delgada na ilha de S. Miguel em casa de Jacinto Ignacio Cabral, as pessoas por este authorisadas.

CONHECIMENTOS UTEIS.

As theorias de Raspail andam por tal forma generalisadas entre o povo, que nos parece será bem acceita a noticia de um anthelmintico, já provado pela experiencia de muitos seculos, e que ainda hoje é usado em certas provincias com reconhecida vantagem.

A herva formigueira chenopodium ambrosioides do nosso Broterio, é uma planta, que alem dos seus caracteres botanicos se distingue pelo cheiro particular, que alguns dizem assemelhar-se ao do acido formico ou de formigas pisadas, donde lhe provem o nome.

As suas qualidades fizeram com que outr'ora fosse apreciada em medicina; porem como esta sciencia só vive do maravilhoso e difficil de alcançar, póla de parte, substituindo-a por drogas exoticas e custosas preparações, chimicas transcendentes etc.

Como já disse, só o povo a emprega em seus remedios caseiros, porem ainda assim é tão limitado o numero de pessoas, que conhece o seu uso, que em seguida o explicaremos.

Logo que a acidez do halito, a dilatação das pupilas, as picadas no estomago, a melancolia, a febre, a tosse e certos pruridos na garganta fazem suppor a existencia de vermes, procurar-se-ha a herva formigueira, colhendo-se a mais viçosa e bem creada, que se encontrar. Depois de lavada e sem raizes, machucala-hão em um gral de pedra, até que fique reduzida a pasta fina, que logo se espremerá, coando o succo por panno de linho. A quantidade, que se toma de cada vez é uma meia chicara de chá, que se acaba de encher com bom vinho branco. O tratamento deve durar tres dias consecutivos, tomando-se duas vezes ao dia. No ultimo emprega-se, se se quer, um laxante, (mamona por exemplo) duas horas depois da ultima dose. As pessoas que não poderem supportar o amargo nauseabundo do remedio, livrar-se-hão enchaguando a boca immediatamente, ou mascando a casca de um limão.

Se esta herva fosse tão vulgar em França como é em Portugal, estamos certos, que Mr. Raspail não a omittiria no catalogo dos seus medicamentos. A experiencia tem mostrado, que a sua acção é tão benefica, que não offende os intestinos; e esta qualidade junta á sua baratesa deve fazel-a preferir ás drogas estrangeiras, que alem de custosas nem sempre são innocentes. A pessoa que escreve este artigo não falla sem experiencia propria; em sua infancia foi curado com a herva formigueira, e, presenceou as maravilhas acontecidas a parentes,

amigos e desconhecidos. No Brazil é tão geral o seu emprego nas provincias do sul, que não ha quintal, onde se não encontre um bom canteiro de Mastruz ou Mestruz como lá lhe chamam. Terminarei este artigo com um facto recente, em abono do que tenho dito. — Em Junho passado, achava-me a tomar ares nos arredores de Lisboa, e nos meus passeios pelo sitio do Rego observei, que uma pobre mulher apesar de ter muitos filhos sempre estava á janella com uma criancinha de quatro annos ao colo, e cuja apparencia causava dó pela magreza e outros profundos signaes de doença.

Indaguei da mãi o que poderia ser, porem esta só se limitou a dizer-me, que o fastio de sua filha era mortal, e que a tosse a apoquentava tão fortemente, que não deixava dormir ninguem, sendo ás vezes taes os accessos, que cahia desfallecida. Dava eu tratos á inteligencia para entrar no conhecimento das causas daquella molestia, quando a propria mãi accrescentou, que já duas vezes acontecêra á pequena, lançar lombrigas pela boca em occasião de grande tosse.

Ficaram logo desfeitas as minhas duvidas. Ia já para lhe aconselhar o uzo de *semencontra*, porem lembrei-me que dois dias antes descobrira em Palma de cima uma bella moita de *herva formigueira*. Fui eu proprio apanha-la, e ensinei-lhe o remedio. Voltando dahi a dois dias pelo mesmo sitio, encontrei já a creancinha a brincar na rua com as irmãas, e então fui informado, que lançara tão grande numero de vermes, que todos ficaram espantados, admirando-se de que tão pequeno corpo podesse sustentar até ali os ataques de tantos e tão asquerosos inimigos.

F.

EXPOSIÇÃO PHILANTROPICA.

A commissão nomeada pelo conselho da presidencia da Sociedade das Casas d'Asylo da Infancia desvalida d'esta capital, para promover donativos de objectos de galanteria, e curiosidades que possam formar parte d'uma exposição d'Industria, e Bellas-Artes, e ao mesmo tempo servir de premios d'uma loteria tirados á sorte em beneficio d'aquelle pio estabelecimento, a exemplo da que teve logar em 1849; dirigiu-se por via de circulares ás senhoras desta capital, das provincias e ilhas a solicitar a sua valiosa cooperação, dignando-se concorrer com seus donativos d'aquelle genero conforme sua eleição, e bom gosto. Mas como pode acontecer que involuntariamente se tenha deixado de fazer este convite a muitas senhoras, que estejam nas circumstancias de contribuir para o explendor da exposição, a commissão pede por este modo desculpa de qualquer omissão d'esta natureza, e aceitará com reconhecimento os objectos que lhe forem remetidos.

Lisboa, 31 de Janeiro de 1851.

Marqueza de Fronteira.
Condessa de Rio Maior.
Condessa de Lavradio.
Duqueza da Terceira.
M. A. Vianna Pedra, Secret.ª

A carta que acabamos de transcrever é um nobre testemunho do zelo, intelligencia e caridade das illustres signatarias, a favor das cazas d'asilo para a infancia desvalida. Estamos que a este convite não haverá alguem com sentimentos de humanidade que deixe de concorrer de bom grado, afim de que os resultados sejam vantajosos para um estabelecimento de tanta utilidade; e seria duvidar de philantropia da nossos leitores se nos demorassemos em recommendar uma coisa que por si se recomenda.

THEATROS.

Vamos levantar um brado contra a injustiça, que entendemos se está commettendo por parte das inspecção geral dos theatros, obrigando os que não são subsidiados a trabalharem em certos e determinados dias.

Entendemos que a arte é uma industria, e que pode ser como qualquer outra exer-

cida livremente, como se acha consignado na lei fundamental da monarchia: — que a auctoridade determine nos theatros subsidiados, entendemos de toda a justiça; pois que o subsidio que recebem, os constitue na obrigação de se sujeitar em tudo ás determinações superiores — que a mesma auctoridade vele tambem, para que em todos os theatros se guardem, nas representações, os principios do decoro e da moral, tambem o entendemos conveniente; mas que designe os dias em que só possam dar representações, não achamos lei alguma que o auctorise, nem conveniencia que o desculpe.

O mais projudicado com isto, é o *Theatro de D. Fernando* a quem obrigam a representar nos mesmos dias de S. Carlos! — ¿Quem ha de trocar a *Semiramis pela Giralda*? — *A Beatriz pela Barcarolla*?

Ja se ve que os homens de gosto hão de correr a S. Carlos; e o theatro de D. Fernando tem perdido muito nestes dois mezes; merecendo pelo contrario a sociedade deste theatro a maior protecção, já por não ter subsidio do governo — já porque paga uma renda de caso excessiva ao proprietario do theatro — já porque está subcarregada com os ordenados dos escripturados — e já finalmente porque não tem poupado esforços para que o publico seja bem servido.

¿E deverá isto assim continuar? A continuação desta situação não é menos que a morte para o theatro de D. Fernando, e a imprensa deve velar, para que tantos artistas de merito, como o são os societarios de D. Fernando, não cheguem ao estado de miseria e de fome que lhes está imminente.

Ao theatro do Gymnasio não serve de estorvo algum o trabalhar nos mesmos dias de D. Maria; porque este não tira concurrencia alguma áquelle; que lhe é a todos os respeitos preferivel.

Ouçam as authoridades os nossos brados — permittam que o theatro de D. Fernando trabalhe nos dias que entender mais conveniente, e darão assim um testemunho de que sabem respeitar a justiça e o direito que assistem aos societarios do theatro de D. Fernando.

LITTERATURA.

POESIA.

A TORRE DOS AMORES.

ROMANCE

Offerecido á Exm.ª Sr.ª D. Carolina Josefa da Costa.

I.

A ESPERA.

Em o cimo da montanha
Torre possante se via,
Quebrados tem os escudos,
Por mouros da serrania;
E lá quando o rei de Ourique,
Em raso campo os batia,
A torre a dar-lhe hospedagem,
As portas então abria,
E recebia em seu seio,
Mui altiva mouraria;
E seus muros gigantescos,
Suas vidas encobria.

—

Já são passados cem annos,
Já christãos a torre via;
E n'uma camara isolada,
Formosa dama carpia.

—

Era noute, e bem escura,
E grossa chuva cahia,
E o silencio dos finados
Em a torre se espargia.
Escudeiros, pagens dormem,
E a tempestade bramia,
Só uma dama velava,
Cheia de melancolia;
Branca, este era seu nome,
Os olhos ao céu volvia,
Inda esp'rar (mas sempre em vão)
E o pranto se desprendia;...
Por seu collo se espalhavam,
Lagrimas que ella vertia,
O peito lhe arqueja forte-
Que tristes magoas sentia!!!
— Ramiro, (diz ella emfim,)
— Quando ao pé de mim o via,
— Em breve d'irmos ao templo,
— Fagueiro me promettia.
A afflicção cresce, e redobra,

De Branca, o peito gemia,
Misera, que sou, ai triste!!
Que em taes frazes me embebia.
Tres horas paulatinadas,
Da torre o sino tangia,
Tres horas, (repete Branca,)
E a janella, então abria.
— O véu da noite rasgou-se,
— Chega prestes o novo dia,
— Ramiro não é chegado,
— Oh! que dor, oh! que agonia.

II.

UM PAE.

N'uma lindissima camara,
Ricamente mobilada,
Era Branca miseranda,
Mui pallida e desgrenhada.
Tambem um velho ali stava,
Ao pé da desventurada;
Carpindo, triste, e choroso,
A sorte da desgraçada.
— Minha filha, (diz o velho,)
— Sempre, sempre amargurada!
— Certo d'idéas horriveis,
— Tens a mente ennuveada.
Esconde-se dôr terrivel,
No peito da malfadada,
São mudos os labios seus,
E su' alma attenuada.
As lindas mimosas mãos,
Leva á fronte desbotada,
A fronte, qual murcha rosa,
Que outr'ora fôra corada.
Uma lagrima lh'escôa,
Pela face tão nevada,
Assim a dôr lh' escoasse...
Mas ai, fica sepultada!!!.
— Filha querida, filha minha;
— Reliquia de mim prezada.
— Não te lembres de Ramiro,
— Por quem foste abandonada.
— Esse traidor, esse infame
— Por quem és enfeitiçada,
— Ao inferno pertendia,
— Fosse tu' alma votada.
— No inferno já cahiu,
— A minha alma apaixonada,
— Vida não póde chamar-se,
— Vida sempre torturada.
— Que dizes! que dizes! filha,
— Quanto estás allucinada,
— Entrega-te a Deos sómente,
— Vejo que és atribulada.
— Oh, se Deus assim quizera,
— Minha alma despedaçada...
— Voaria sem demora
— A' sua santa morada:
— Que importava então q' fosse,
— Pelo mundo desprezada,
— Se na côrte do Eterno,
— Estiveste abençoada.
O pobre velho prantêa,
A filha tendo abraçada,
— Pobre de ti, que tão moça
— Já da vida estás cançada!!!

Lisboa 17 de Janeiro de 1851. (*Continua.*)

José Maria Affonso.

ROMANCE

OS CINCOENTA FRANCOS DE JOANINHA.

POR

DUCRAY-DUMINIL.

Capitulo 4.º

Primeiros annos de Cecilia.

(Continuação.)

O tempo estava nubuloso e frio apezar de ser nos fins de Março — a natureza parecia estar d'acordo com a dor de Joaninha — ella não conhecia a inveja, nem o ciume, paixões baixas que jámais deram entrada n'uma alma pura e carinhosa; mas a sua bemfeitora a quem tanto queria, e a quem por tanto tempo tinha chamado sua mãi, madame de Eranville, já não era mais que sua ama, e a idéa de criada era bastante cruel para quem fora educada na grandeza.

Tudo havia mudado para Joaninha — conhecia, que não era mais que uma pobre injeitada, educada por caridade, que devia pagar com serviços os favores que recebia. Não accusava a mr. de Eranville, nem a Rosalia, não accusava pessoa alguma, mas estava triste, e só se distraia com a irmãa Emilia a quem confiava os seus pensamentos mais reservados; mas aquella boa religiosa que sabia poucas vezes, e não

sem difficuldade, agora só a veria de longe em longe; porque a quinta ficava a duas legoas de distancia.

Joaninha, sosinha na carruagem, ia fazendo todas estas raflexões, rodeada de differentes tapeçarias que devia empregar na mobilia e adornos da caza, e chorava alli sem testemunhas; porque já comprehendia não ser mais que uma simples creada.

Desta sorte chegou a Bagneux, apeando-se na caza de campo em que ia residir. A mulher do porteiro era falladora, invejosa, e má Os subalternos conhecem facilmente o gráu de consideração e attenções, que devem ter para as pessoas, que se envejam. A senhora Dupro, este era o nome da porteira, conhecia o nascimento de Joaninha, e sobre tudo tinha observado a frieza com que madame de Eranville a tratava ha alguns annos, e isto bastava para que se mostrasse senhora com ella.

— O' já! Joaninha, disse com certo ar de importancia, ao ve-l'a chegar, sejaes bem vinda. Muito me alegro com isso; por que precisava d'uma pessoa qne me ajudasse, e a senhora escreveo-me para que dispuzesse de vós no que vos quizer determinar. Aqui, não falta que fazer minha filha, não é como em Pariz aonde em nada te ocupavas desde pela manhãa até á noite, senão ao espelho — aqui não ha tempo para isso — é preciso tomar interesse por nossos amos, e quando se quer servir bem nunca falta trabalho. A senhora conhece me bem e por isso confia em mim.

Joaninha olhou aquella mulher, e não teve valor para responder-lhe, que tamanha foi a indignação que lhe causaram aqueilas expressões.

A Dupré continuou: Quaes são os vossos prestimos? — Talvez coisa nenhuma — ¿Não é assim? Eu vos ensinarei, posso ensinar-vos mil coisas, e se fordes docil e submissa viviremos como duas amigas

— Senhora, eu não tenho o orgulho de ambicionar o titulo de vossa amiga.

— Haveis chegar a sel-o, Joaninha, não o duvido!

Dupré chamou seu marido, dizendo-lhe: — ¿Conheces esta menina? — Tu já a viste em Pariz — não é verdade que está muito crescida? — Diabo! Já não é aquella engeitada que gritava á porta da igreja de Nossa Senhora, pedindo esmola! Que bonita que então era!

Joanninha não pôde deixar de acrescentar suspirando:

— E feliz!

— Feliz! replicou a Dupré. Pois que te falta, minha filha? Creio que os senhores te tratam magnificamente... Mas estamos perdendo tempo em fallar — é preciso arranjar tudo isto — Dupré, vem ajudar-nos.

Dupré, que era um pobre homem, que se deixaxa conduzir por sua mulher, a quem olhava como grande genio, aproximou se para fazer o que ella determinava, e n'um instante tiraram tudo da carroagem, e Picard que tinha conduzido Joanninha, voltou a Pariz, depois de ter saudado a pobre orphãa.

Dupré, que desde o principio quiz dominar Joanninha para evitar que chegasse a apoderar se da authoridade que ella exercia em caza, destinou-lhe um quarto muito pequeno não longe do logar em que eram alojados os creados.

Joanninha, depois de jantar, só, sem testemunhas, deixou correr uma torrente de lagrimas.

— Oh, minha Senhora, exclamou na sua desesperação. Oh! mulher estimavel e adorada! Pois será certo o ter perdido a tua amisade! ¿Que te fiz eu? Dize-me quaes as minhas faltas — quero expial-as a teus pés,

quaesquer que sejam, por mais que as não recorde! Rosalia, boa e sensivel Rosalia, pudestes affastar de teu lado a uma menina a quem em outro tempo tanto estimaste! Pudeste expulsar-me de caza, e expor-me aos insultos da malevolencia! Pobre Joanninha! Ahi está o resultado da fatalidade que presidiu ao meu nascimento! Se eu tivesse paes!.. Ah! elles sempre valem mais que os estranhos! Meu pae! minha mãe! Aonde estão? Aonde se escondem? — Quem m'os descobrirá?

Filha do vicio, da indigencia, ou talvez de um amor desgraçado, tudo devo á commiseração dos homens, que bem caros vendem os seus beneficios, sobretudo aos corações sensiveis; Educada em caza de madame de Eranville como uma pobre engeitada, se eu fosse costumada a trabalhos servis, ter-me-ia resignado a esta sorte, sem duvida, cruel, mas propria da minha situação!... Em vez disto, que fazem de mim? Educam-me como filha de caza, dão-me educação, e depois reduzem-me a este estado, e que estado, meu Deos!

Felizmente para Joanninha, que já começava a lançar os olhos para a simplicidade do seu quarto e da sua mobilia, a sua janella dava para o campo, mesmo defronte de Pariz que via ao longe; chegou-se ali, e o aspecto da natureza augmentando a sua melancolia a tornou mais supportavel. Viu na horta a José, filho do jardineiro, a quem sua mãe abraçava por um pequeno serviço que acabava de fazer-lhe.

— Feliz José! exclamou Joanninha, tu tens mãe, mas eu...

Dizendo isto desatou a chorar até que a voz da Dupré, que a chamava, a tirou da sua meditação—apressou-se a enchugar as lagrimas, e desceu ás ordens daquella mulher que não era a mais a proposito para a consolar.

— Que fazes lá em cima? — estás a dormir? — Julgas que não ha mais que fazer? — Vamos ao trabalho, menina.

Joanninha complacente, submissa e unida fez o que aquella mulher lhe ordenava, e desta maneira passou muitos mezes naquella caza sem que visse chegar a nenhum de seus bemfeitores apezar do magnifico projecto que madame d'Eranville tinha formado de ir alli passar o verão com sua filha. Debalde Joanninha e a Dupré prepararam a caza para receber seus amos, ninguem veio, e Joanninha náo teve ao menos a consoloção de os ir ver a Pariz, porque a Dupré sempre o impediu, indo sómente ella quando era preciso.

Por outro lado Mr. d'Eranville e sua esposa pareciam ter esquecido completamente a sua antiga protegida. O marido era menos culpado, porque negocios da maior importancia lhe absorviam todo o tempo. ¿Mas que desculpa podia allegar sua esposa, por grande que fosse a amisade que tivesse a sua filha, para desprezar e esquecer daquella sorte a uma menina que tinha adoptado á face do ceo, e a quem promettera todo o genero de venturas?

Rosalia era mãe e tinha inveja de Joanninha a quem todos louvavam na sua presença; queria que sómente Cecilia brilhasse nas sociedades, e a ausencia de Joanninha satizfazia a sua vaidade, alegrando-se interiormente de que a Dupré, que favorecia os seus projectos, sem os conhecer fosse sempre sósinha a Pariz sem que se fizesse acompanhar de Joanninha.

Rosalia educava sua filha na grandeza a mais faustosa, e a sua unica occupação era cultivar quanto podia o seu talento.

Eranville continuava no entretanto occupado com um processo ruinoso. Um irmão, que jamais conhecêra, e de quem até ignorava a existencia, tinha voltado das ilhas, reclamando a metade da herança de seus paes, que perdêra ainda no berço. Os seus documentos estavam em forma, pleiteou e ganhou a demanda. Eranville teve que entregar-lhe metade da sua fortuna, assim como dos bens da herança do tio Durand, para cuja posse allegava tantos direitos como elle. Este era o principio das desgraças de Eranville; e mais adiante veremos, como o destino lhe reservava outras maiores.

(*Continua.*)

CHRONICA.

A noticia mais agradavel que temos a dar a nossos leitores é o ter chegado um novo baritono para a companhia lyrica de S. Carlos. Ainda o não vimos, nem lhe sabemos o nome — disseram-nos que veio de Madrid; e como não somos orgão authorisado da empreza, cumpre-nos dizer que a noticia não é official, e por isso nada sabemos do seu merito: — que o homem veio, não ha duvida nenhuma; pois até já nos affirmaram que era bem apessoado e que está na hospedaria do *Luizinho*.

O sr. Austri deo o seu segundo concerto em S. Carlos, e dizem ser o ultimo, o que me descontenta e não pouco: por que gosto de o ouvir. E' artista de merito foi applaudido com enthusiasmo e chamado fóra por vezes. Os seus concertos tem-lhe grangeado muita gloria; e se fosse tão feliz com os *cruzios* como com as palmas não teria de que queixar-se.

Esta semana não houve *Semiramis*, e por isso é de esperar que os amadores se vão indemnisar nas duas noites proximas.

No theatro de D. Fernando sobe á scena o *Postilhão*, e oxalá que a sociedade faça fortuna; por que na verdade tem estado muito em baixo.

O *Patriota* da-nos a noticia de que o De-Bezzi está escripturado para o theatro de D. Fernando. Não o acredito por ora: e tambem sou de opinião que era melhor aproveitado para S. Carlos. A Alboni e o tenor Gardoni deixam o theatro real de Madrid no fim deste mez, por acabarem as suas escripturas. O tal Gardoni agradou muito na capital da Hespanha, e se cá viesse, estou que não desagradaria tambem. Se a empreza de S. Carlos nos quizesse dar esse alegrão, estou que não havia perder!

Vou contar aos meos leitores o modo por que ha poucos dias a joven actriz do theatro das Variedades de Pariz, Mll.e Blouval, adquirio uma fortuna não pequena. Sahia ella do theatro pela porta da guarda-roupa, quando um homem lhe descarregou uma terrivel pancada na cabeça. A actriz cahio no chão ensanguentada. A policia apoderou-se do sujeito, que era pessoa distincta, mr. Cuisinier, que tinha praticado aquelle crime por julgar reconhecer em Mll.e Blouval outra pessoa de quem tinha razões de queixa. O tribunal correccional de Pariz condenou-o a 100 francos de multa e Mr. Cuisinier, por sua parte apressou-se em pedir perdão d'aquelle *qui pró quó* a Mlle. Blouval, enviando-lhe ao mesmo tempo 10:000 francos a titulo de indemnisação! Quantos cidadãos se não darião por contentes em levar uma pancada por 10:000 francos!

Acabam de representar-se em Pariz com grande exito — *Um Misterio* — composição dramatica de Mr. Emilio Souvestre: — *Uma trombeta passando pela rua.* — comedia em um acto por Mr. Miguel Masson — *Os trez pontapés* — vaudeville em dois actos. Tambem foi acolhido com grande enthusiasmo em Pariz o novo drama de Jorge Sand (Mad.e Dudevant) intitulado *Claudia*. No theatro da opera está em scena o *Guilherme Tell* de Rossini, em que se estreou com vantagem o tenor francez Mairalt.

Um jornal francez publica a seguinte curiosa nota das legoas de caminho de ferro já correntes para a circulação que existem na actualidade. Em tudo poderá ser verdadeira, menos no que diz respeito a Portugal. Eis a nota:

« A Inglaterra conta 1585 legoas — a Belgica 110 — a Austria mais de 1017 — A Baviera perto de 100 — A Saxonia mais de 160 — A Prussia 366 — Hanover 130 — Os ducados de Baden, Nassau, o reino de Wertemberg, e a cidade livre de Francfort, 129 — Napoles 11 — Dinamarca 25 — Polonia 92 — Russia 170 A Holanda 29 — Suissa a pequena linha de Bale a S. Luiz — *Portugal a linha de Lisboa ao Porto* — A Sardenha 48 em construcção — Os Estados Unidos 3370 — A ilha de Cuba 25 — e a França com as 355 legoas, que proximamente tem construidas, e as ultimas oito grandes linhas de 718 legoas, que está construindo pela lei de 11 de Julho de 1842, poderá contar dentro de poucos annos 1103 legoas, sem incluir vinte e tantos ramos nas minas independentes das referidas linhas. »

Ora eis aqui como se mente lá por fóra a respeito das nossas coisas! Nós com um caminho de ferro de Lisboa ao Porto! Nós que mandámos embora para sua casa um empresario por lhe não querermos dar mais um por cento, isto é, 6, em vez dos cinco que se lhe offereciam para a construcção dos caminhos de ferro em Portugal! Nós que estamos a depreciar o ouro, com caminhos de ferro!! Ja se vê que fomos incluidos naquella nota, por engano ou mangação!

Segundo um jornal hespanhol, a cidade de Cordova no tempo dos arabes contava 300:000 habitantes, 20:000 casas, 600 mesquitas, 50 hospicios, 80 escolas publicas, e as suas rendas subiam a 500milhões de reales! Mr. Ratel está actualmente trabalhando em Sevilha. A celebre areonauta madame Bertran de Sanges acha-se em Cadiz contrariada em seos projectos pelo máo tempo, que já por duas vezes a impedio de remontar-se ás nuvens.

O celebre pianista Kontsky depois de dar alguns concertos em Breslau, com seo irmão o violinista Apollinario de Kontsky, dirigiram-se a Berlim, e tocaram na presença do rei da Prussia que disse ao sr. Kontsky, nosso conhecido, *que elle o tinha reconciliado com o piano*. Ao que parece S. M. prussiana não gostava muito deste bello instrumento!

Segundo um jornal de Barcelona ha ali certo estudante de uma universidade, que emprega o seu tempo do seguinte modo: — Pela manhãa estuda a lição das cinco ás sete horas — depois occupa-se em accasear coletes para os alfaiates, o que faz com perfeição, de modo que ás dez horas tem ganho os seos quatro reales. (180 rs. pouco mais ou menos). Depois vae para a aula até ao meio dia, vem para casa e faz o jantar, que consta quasi sempre de hervas fervidas com manteiga de porco. Depois do jantar occupa-se em fazer calçado, e até ás quatro da tarde ganha uma boa téca — ás quatro sahe de casa para dar lições de francez até ás seis — das seis ás oito dá lições de piano — das oito ás onze, horas em que se deita, escreve cadernetas para os seos collegas da aula — os dias festivos temnos destinados a cortar callos — de modo que ganha um sallario muito soffrivel, com o qual se propõe a capitalista, porque certamente ignora que os capitalistas não adquirem a sua fortuna com tanto trabalho. Mas de todo o modo é digno de referir-se o trabalho e paciencia deste rapaz para exemplo dos mais e vergonha dos preguiçosos.

Em Vich existe uma familia de macrobios, que faz a admiração daquella gente — José Baxons, que conta 104 annos, e que ganha a sua subsistencia cuidando da conducção de um carro. Tem um irmão chamado Ramon de 108 annos, e uma irmãa de 105, e todos tres tiveram o sentimento de chorar ha dois annos a perda de seo irmão mais velho, que morreo de 108 annos!

Isto é que é viver, e o mais é historia.

EXPEDIENTE.

Ainda hoje não publicamos a correspondencia do Sr. J. F. M. sobre o relatorio da empreza de S. Carlos; porque esperamos que a mesma empreza satisfaça ao que lhe cumpre: pelo que pedimos desculpa a este nosso assignante. — Queremos em tudo ser prudentes não nos precipitando em cousa alguma, e por isso ainda delferimos esta publicação para o numero seguinte.

Typographia de Silva. — Rua dos Douradores, 31, T.

FEVEREIRO 16. 1851. NUMERO 12

A ASSEMBLÉA LITTERARIA

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publicar-se-ha todas as semanas — Assigna-se e vende-se nas lojas da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1 Lavado, na mesma rua n.° 8, Typographia de Silva, rua dos Douradores n.° 21 T, e na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.° 18. — Preços, por trimestre os 12 numeros 400, por semestre 800, por anno 1$600 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos. No Porto vende-se e assigna-se na loja do sr. J. M. Gonçalves Guimarães nas Caldeireiras n.° 9, e em Ponta Delgada na ilha de S. Miguel em casa de Jacinto Ignacio Cabral, ou pessoas por este authorisadas.

SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBONENSES.

Por occasião de celebrar-se o anniversario da instalação desta sociedade, tem-se os jornaes occupado da sua utilidade, que não somos os ultimos a reconhecer, e damos tambem os nossos sinceros parabens a esses artistas que a fundaram, e fizeram prosperar atravez das difficuldades, que se encontram sempre neste paiz para instituições desta ordem.

A sociedade dos artistas lisbonenses, em nosso entender, não só é utilissima pelos fins a que se dirige, como são o soccorro nas enfermidades dos socios, e os auxilios as suas viuvas e filhos; mas ainda, porque sendo publicas as suas sessões, aonde muitas vezes tem de tratar-se materias gravissimas, chama á discussão a inteligencia dos nossos operarios, que se veem na precisão de estudar as questões, para as tratarem, senão com aquella proficiencia que seria para desejar, ao menos com consciencia, e boa fé, o que não póde fazer-se senão por meio do raciocinio, para o que é preciso estudar-se e muito.

D'aqui se ve, que esse estudo muito hade contribuir para a illustração dos socios; e pelos seos discursos que temos visto publicados, acreditamos que muito tem contribuido já para este fim, e que a sociedade dos artistas será um não pequeno vehiculo de civilisação para os operarios de Lisboa.

Eis o como opinamos a respeito desta sociedade, que se póde dizer ainda nascente; mas a justiça tambem nos obriga a dizer que ella não é a primeira no paiz; e que muito antes foi creada uma outra com fins ideoticos, e que hoje lá se vê prosperar n'uma ilha do archipelago.

Quero fallar da sociedade de *Beneficencia e protectora dos artistas michaelenses*, creada se bem me recordo, em 1838, por um distincto artista (marcineiro) de Ponta Delgada, o sr. Henrique José de Medeiros Calumbreiro Góes, de quem os artistas michaelenses se hão de recordar sempre com saudade.

Presamo-nos de consignar este facto nas paginas da *Assemblea*, para mostrar que na ilha de S. Miguel, os povos não estão tão atrazados e falhos de instituições beneficas como por aqui se julga; mas pelo contrario tem levado muita vantagem, e tomado a dianteira em objectos de civilisação ao que se pratica no continente.

Estimamos ter á mão um documento com que possamos provar a prioridade d'aquella associação, é o seguinte:

« *N.° 139. O sr. Marianno José Cabral, desta Cidade, como socio da sociedade insti-*

tulada — Beneficencia, e protectora dos artistas — instalada em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, pagou a quantia de 720 rs. de sua entrada, que fica carregada ao caixa, e lançada no l.° competente. — Ponta Delgada 31 de Janeiro de 1839. — Recebi. — O Presidente — Mello.»

E' para notar que esta associação conta hoje centenares de socios: — tem constantemente prestado auxilios aos artistas e suas familias — tem em cofre fundos sufficientes para que não possa recear-se do seo futuro, e tem sido administrada por pessoas que se tem sempre e constantemente esforçado pela sua prosperidade.

Não queremos com isto diminuir em coisa alguma o conceito elevado que nos merece a sociedade dos *artistas lisbonenses*; o nosso fim foi unicamente dar as honras da primazia, a quem de direito pertencem

Fazemos votos pela prosperidade de uma e d'outra; e por quantas se crearem de novo com o mesmo objecto, por estarmos intimamente convencidos dos immensos beneficios que de taes associações provem sempre á moral e á illustração dos povos.

E na verdade só o espirito de associação pode dar vida ao nosso povo, elevar as classes á altura que lhe compete, firmando as bases da unica e verdadeira aristocracia — a do merito. Estamos persuadidos que só o desenvolvimento da intelligencia; a certeza do trabalho e da subsistencia, podem trazer a ventura ao paiz.

M. J. Cabral.

NOVO INVENTO.

O *Barcelonez* publica um descobrimento feito em Pariz, que a ser certo terá de produzir uma revolução na arte typographica! Eis as suas proprias palavras:

«Um engenheiro francez, depois de 15 annos de trabalhos assiduos acaba de resolver um problema importantissimo, qual, o de descobrir o meio de compôr com muita actividade e pouco custo em caracteres typographicos. A maquina com que se faz esta maravilhosa operação foi admittida pela commissão do departamento do Sena para ser enviada á grande exposição de Londres.

«Esta maquina não se parece em coisa alguma com as que até agora se tem ensaiado, e de que se não tem tirado resultados completamente satisfatorios. Não tem relação com a que tirava á linha continua, nem com o teclado, nem com outro algum systema até agora empregado. Esta maquina reune um distribuidor e um compenedor justificador, que tem cada um comprehendendo os caxotins, 7 centimetros de largo, um metro d'altura, e 20 centimetros de profundidade. Neste espaço contem-se as 64:000 letras, que o compositor precisa no dia.

«Por uma engenhosa disposição da maquina, que mais parece uma caixa, um homem só pode compor com quatro qualidades de tipo ao mesmo tempo, sem desmontar a caixa nem mover-se do seu lugar. A maquina distribue, compõe, justifica e espaceja com uma celeridade de 10:000 letras por hora, e para se comprehender não precisa o official de novas lições; porque o inventor procurou respeitar no possivel a rotina actual, para que se aproveitem com o novo systema todos os elementos que hoje existem nas imprensas. Os preços destas maquinas, segundo annuncia o seu author, são muito modicos.»

BAILE DO SR. MARQUEZ DE VALLADA.

Regosijamo-nos sempre que vemos abrir os salões da antiga aristocracia para receber tambem a do merito. São as idéas antigas que procuram fraternisar com a sociedade de hoje. O sr. Marquez de Vallada é possuidor de um titulo que recorda por mais de uma razão a nossa antiga gloria. Deve-o ás brilhantes acções dos seos maiores, não o adquirio por lisonjas nem baixezas.

Mas, maior que o seo nome é a sua grandeza de alma, o seo coração generoso, e a sua illustração. Para o seo ultimo baile, que esteve explendido e magnifico, convidou as notabilidades scientificas e litterarias.

e não foram só os antigos pergaminhos que tiveram entrada nas suas sallas. Honra ao nobre Marquez pela delicadeza com que a todos recebeo, e pelo bom gosto com que se esmerou para que todos passassem a noite no meio da maior satisfação.

THEATRO DE D. FERNANDO.

Foi este o theatro que começou mais cedo a época do carnaval, levando á scena a opera comica em 3 actos o *Postilhão*, que geralmente foi bem desempenhada. Esta peça foi posta em scena com toda a riqueza de vestuario e adereços, e admira, na verdade, o como a direcção pode fazer taes sacrificios para agradar ao publico.

A sr.ª Druzilla foi devidamente aplaudida em toda a opera, merecendo louvor principalmente na scena comica do 3.º acto, em que se houve perfeitamente.

Depois de mais algumas representações faremos um juizo mais circunstanciado.

Agradecemos ao *Ecco Popular*, jornal do Porto, o haver transcripto na sua integra o nosso artigo do numero 10 em relação as *Ilhas dos Açores*, e aproveitamos a opportunidade para tambem agradecer á *Patria*, jornal da mesma cidade, o ter tomado em consideração o nosso artigo do numero 6, em relação ao mesmo objecto, transcrevendo-o na sua maior parte; pois assim demonstram o interesse que tomam pela prosperidade das nossas ilhas, como é proprio de escriptores que prezam o bem do seo paiz.

Tambem agradecemos ao amigo que nos confiou as Consultas das Juntas Geraes de Districto dos Estados de Goa desde 1840 até 1848, podendo asseverar-lhe, que havemos tratar dos interesses da India Portugueza, com aquelle patriotismo e dedicação que nos merecem as recordações da nossa gloria na Asia.

LITTERATURA.

POESIA.

A TORRE DOS AMORES.

ROMANCE

Offerecido á Exm.ª Sr.ª D. Carolina Josefa da Costa.

III.

O TROVÃO.

(Continuado do n.º antecedente).

Palavras não eram ditas,
Stampido horrivel soou,
E a porta arremeçada,
Em seus gonzes girou.
Bem vestido cavalleiro,
Do xofre na cam'ra entrou,
O seu olhar era incerto.....
Mas logo em Branca o fitou!
Seu corpo todo tremia;
A mão ao peito levou,
Penetrante agudo ferro,
De seu cinto elle tirou.
.....
.....
Branca d'immovel que stava
De seu lethargo accordou;
— Vê Ricardo, Ricardo meu,
— A saudade me finou.
Mas elle nada responde,
E os olhos logo baixou,
Agudissimo suspiro,
Do coração lh'escapou.
— Ricardo, (Branca lhe torna),
— Oh! que dôr me atormenta,
— No meu peito d'amor cheio
— Muito a saudade imperou...
O velho encara Ricardo,
As mãos no rosto levou,
Mas porque s'espantaria?
— E' que o punhal divisou..
— Cavalleiro, lhe diz elle,
— Não sei que pensando estou....
— De punhal vos vejo armado!!
(Ricardo aqui descorou)
— Empalideceis, mancebo?
— Esp'rito mau vos tentou.....
— Haveis de tudo contar-me,
— Por cavalleiro que sou!
Era Branca semi-morta,
Seu corpo no chão rolou....

— Minha filha (diz o velho,)
— Um scelerado a matou!
— Ai de ti (disse Ricardo)
— Que a morte mesmo te dou,
— Com o teu proprio punhal,
(N'isto o ferro lhe arrancou.)
.....
.....
Pallido, immovel, sem tino
O cavalleiro ficou
Eis que um trovão horrivel,
De repente retumbou,
— Foi a maldição de Deus
— Que neste instante echoou,
— Malvado (o ancião diz)
— O trovão por Deus fallou.

EPILOGO.

Brandões de cera amarella,
Na capella já ardião,
Brocados de tella preta,
Nas paredes se erguião.
Lentas pancadas no bronze,
De quando, a quando tangião,
E as orações dos finados,
Na capella já se ouviam.
Duas eças ali se vião,
Dois caixões se levantavão,
Dois finados ali jazião,
— Era Branca, e Ricardo,
Somno da morte dormião.

Lisboa 5 de Fevereiro de 1851.

José Maria Affonso.

ROMANCE

OS CINCOENTA FRANCOS DE JOANINHA.

Capitulo 4.°

Primeiros annos de Cecilia.

(Continuação.)

Diminnido o capital d'Eranville, com a perda da demanda, teve que vender a sua caza de Bagneux. Qualquer acreditaria, que Joaninha havia voltar então a Pariz; mas não aconteceo assim. Rosalia, costumada á sua ausencia, determinou que fosse immediatamente para uma quinta que possuia com caza de recreio nas immediações de Mendon, sobre as alturas de Sevres.

Joaninha obedeceo sem murmurar, e sem passar ao menos por Pariz, se dirigiu áquella caza, aonde encontrou no administrador, o sr. Richard, sua esposa e filho, pessoas mais amaveis que a Dupré e seo marido. Joaninha fôra para alli encarregada de inspeccionar e vigiar tudo; e este era o pretexto que madame d'Eranville allegava para affastar de seo lado a pobre orphãa.

Como o cargo de que Joaninha ia investida lhe dava certa importancia aos olhos do administrador, teve mais attenções da sua familia e viveo mais feliz por alguns annos.

Todavia madame d'Eranville tinha formado um projecto, segundo disia para assegurar a sorte da orphãa. O arrendatario era homem de idade avançada, e sua mulher estava habitualmente doente; mas tinham um filho chamado Pedro, que era um mancebo de boa presença, e cheio de força e de actividade. A sua idade era proporcionada á de Joaninha; pois contava vinte e cinco annos, e esta tinha vinte e dois. Madame d'Eranville tencionava casa-los, e designar outro arranjo a Mr. Richard, ficando a quinta ao cuidado dos jovens esposos.

Rosalia tinha feito com que seu marido conviesse n'isto. Os pais de Pedro olhavam este casamento como uma felicidade para elles. Seu filho sabia-o, e Joaninha era a unica que ignorava todos estes bellos planos. Observava sim ha alguns mezes, que Pedro se mostrava mais solicito para com ella, mas não advinhava o motivo.

Um dia recebe uma carta em que

é convidada a ir a Pariz, jantar com os senhores d'Eranville. Jantar com elles! Isto era coisa que ha muito tempo não tinha succedido a Joaninha! Enfeitou-se com os seus melhores vestidos, e partiu logo. Quando entrou em casa d'Eranville ficou agradavelmente surprehendida ao ver, que sahia a recebe-la uma pessoa encantadora, que longe de se mostrar altiva se lhe lançou nos braços chamando-lhe sua boa amiga. Era Cecilia. Estava já muito crescida e completamente formada: tinha desasseis annos e a sua pessoa mostrava todos os encantos desta idade, unidos á formosura.

—¡Como, lhe disse Joaninha, profundamente commovida, a menina tem a bondade de me reconhecer!

—¿Julgas-me tão ingrata, minha boa Joaninha, que possa esquecer a amiga da minha infancia, a companheira de meus brincos e folgas? Nunca, Joaninha, nunca me esquecerei da minha amiga.

Cecilia abraçou a de novo. Similhante amisade era uma felicidade inaudita para a sensivel Joaninha, e o seu agradecimento foi tão profundo, que derramou abundantes lagrimas, que a boa Cecilia se apressou a enchugar. Naquelle momento entrou mad. d'Eranville, e disse surpreza:

—¿Que quer isto dizer? Que significam essas lagrimas em Cecilia e Joanninha?

—Ah! mamã, ha tanto tempo que não via Joanninha...

—A culpa é tua, minha filha, respendeo madame de Eranville algum tanto offendida, era preciso ir vela a Bagneux, e pois que tanto a estimas; porque não foste para alli viver com ella?

—Perdoa, mamã, julgo que a não offendo em estimar a Joanninha como me ensinaste nos meos primeiros annos, dizendo me que a considerasse como minha irmãa.

—¿Quem te disse, menina, que me tenhas offendido? Julgas que eu não estimo tanto, como tu, a essa rapariga? Mas não choro como uma louca.

Joanninha não prenunciou palavra durante esta scena; soffria menos por si, que por Cecilia, a quem reprehendia-m de uma maneira tão aspera na sua presença. Nem por isso Joanninha queria menos á sua bemfeitora; mas conhecia com bastante sentimento o muito que tinha perdido durante a sua ausencia no coração de Rosalia.

Mr. de Eranville admirando a belleza de Joanninha não pode deixar de dirigir-lhe um cumprimento de que sua esposa se offendeo. O jantar foi bem triste. Eranville estava pensativo, e Rosalia que contava cincoenta annos de idade, tinha-se tornado de caracter frio e reservado o que não escapou á sagacidade de Joanninha. No fim do jantar, madame de Eranville tomou um ar serio que revelava claramente a gravidade e mesmo a repugnancia do objecto que ia a tratar.

—Joanninha, disse Rosalia, se te mandei chamar hoje é para communicar-te um projecto que meo esposo e eu entendemos conveniente para a tua felecidade, e que mais que os meos discursos hade provar a minha filha, que te estimamos, e primeiro que ella te estimavamos. Attende-me.

Joanninha beijou a mão da sua bemfeitora.

—¿Lembras-te Joanninha da época em qne te tiramos de um hospicio para te educar com todos os cuidados paternaes? Então não tinhas mais que quatro annos, e nós estavamos privados da doçura de ter um filho. A tua adopção illudio-nos até ao momento em que Deos, mo-

vido, sem duvida, de meos rogos fervorosos me concedeo a ventura de dar á luz Cecilia. Desde aquelle momento quero confessal'-o ainda que me torne digna de censura, todos os meos affectos se voltaram para aquelle doce fructo do hymineo e do amor. Amo tanto a Cecilia, que reservando-te um logar no meo coração ao lado della, creio dispensar-te um verdadeiro favor... Não me interrompas.

Sendo Cecilia de direito nossa herdeira natural, conheci que tinha commettido uma falta, inspirando-te affeição ao luxo, e dando te uma educação que só pertence á alta sociedade, e que de futuro te era inutil. Procurei emendar o meo erro, porque ainda era tempo, e não te dei mais que a educação necessaria a uma mulher privada de nascimento, de fortuna, e chamada a occupar sómente na sociedade um logar entre os artistas. Conseguí que chegasses a interessar, tal como eu o desejava. Differentes circonstancias me impediram de estabelecer-te até aqui; mas já tens vinte e dois annos, idade mais que sufficiente para ser uma boa esposa. Quero pois casar-te e dar-te-hei duzentas libras de dote.

Joaninha encheo-se de rubor ao ouvir esta proposta, e sentio que as forças a abandonavam, não porque nutrisse paixão alguma em seo peito, não estava namorada de ninguem; mas sempre triste e melancolica não tinha inclinação alguma para o casamento, a solidão e a liberdade, eis o que pertendia. Abaixou pois os olhos e não respondeo.

—¿Calas-te Joaninha, disse mad. d'Eranville admirada? Não me perguntas quem é o homem que escolhi para teu esposo?

—Qualquer que seja senhora, balbuciou Joaninha, não duvido que a vossa escolha fosse dictada pela prudencia e pela razão.

—Indubitavelmente assim foi minha filha. ¿Conheces Pedro Richard?

—¿Pedro Richard, senhora?

—Sim minha filha é esse o que te destino, é muito bom rapaz—muito amavel—trabalhador, não, tem vicio algum—sei que te ama—seu pai retira-se, e eu dou-vos a administração da minha quinta, e serão felizes...¿Que? não dizes uma palavra? não respondes?—Abaixas os olhos?—de que procede isso? Sem duvida de prazer, pois não me atrevo a crer que nasça do orgulho. Não preciso recordar-te o que foste, o que és, e creio que conhecerás tão bem como eu que não podes aspirar a melhor partido, que áquelle que te proponho...

Joaninha levantou-se, e madame d'Eranville lhe disse:—¿Aonde vás.

—Lançar-me a vossos pés, e effectivamente ajoelhou debulhada em lagrimas. Sim senhora, quero regar com minhas lagrimas estes pés, que abraço, para que acrediteis que nenhum motivo de vaidade me obriga a recusar esta ultima prova da vossa estima. Ricardo é um mancebo honrado; e honra-me muito em pedir a minha mão; mas o casamento está bem longe do meu coração para aceitar a sua offerta. Deixae que vos consagre os meus dias, a minha liberdade, toda a minha vida, que eu esteja sempre a vosso lado e serei feliz.

—¿Que quer dizer isso, Joaninha, por ventura amarás tu alguem?

—Sim, senhora, amo e adoro um ser angelico, que cuidou da minha infancia abandonada, que me tirou do abismo da indigencia para me receber em seus braços maternaes, vós sois a quem amo de todo o coração!!

—Levanta-te, e responde com franqueza, não amas outro?

— Não senhora!
— ¿E' verdade que sentes repugnancia para o casamento?
— Irresistivel.
— ¿Queres viver sempre comigo?
— Sempre, oh! Sempre!

Continua.

CHRONICA.

¿*Stoltz* ou *Novello*? *Suprano ou Contralto*? Pois, meus senhores, nem uma coisa nem outra; ou antes somos as duas coisas ao mesmo tempo. Em Madame Stoltz admiramos o genio, a inspiração e a arte; e em madame Novello, o mimo, a expressão, e o sentimento: nem encontramos razão sufficiente para que se estejam ahi a levantar estandartes, a arvorar bandeiras, e a crear partidos differentes! Para que? Para as indispor? E que se ganha com isso? Ora Deos Nosso Senhor nos dê juizo para que sejamos um pouco mais razoaveis!

A doença de madame Stoltz tem-nos privado de ouvir a *Semyramis*, e pela *Fausta* não estar ainda bem ensaiada ficámos sem theatro na sexta feira, o que de certo foi melhor do que se nos desse a *Beatriz*, a fim de se não repetirem as scenas escandalosas da quarta feira, e que tem dado logar a considerar-se o theatro de S. Carlos em peior estado que o antigo Salitre!

Basta de S. Carlos.

No *theatro de D. Maria* houve tambem uma scena escandalosa em outro dia: o sr Theodorico para aquietar uma patuscada poz-se a tocar n'uma campainha com muita força, e disse que era para conjurar a *trovoada*. Os tacões continuaram no exercicio do seu legitimo direito, e então o mesmo senhor com as suas visagens costumadas, dizem se voltára para a platéa, e pedira ao publico que em attenção a elle se accomodasse! Pensa acaso o sr. Theodorico, que o publico lhe deve curvar o joelho? Será isto um desvanecimento innocente? Menos filaucia, meu senhor, mais um bocadinho de modestia, que lhe não faz mal!

Ao theatro de D. Fernando vieram representar uns bespenhoes, que nada tinham de boa educação. O publico poteou-os e elles praticaram acções menos decorosas, que a ser noutro qualquer paiz, em que o publico não é dotado da paciencia e da bondade deste nosso, elles não haviam sahir do palco ás mãos lavadas! A direcção do theatro não teve culpa nenhuma, e boura lhe seja pela deliberação que tomou de lhe fechar as portas, e os não tornar a deixar alli representar.

No theatro do Gymnasio deu-se o *Moinho das Tilias*, opera comica em um acto, que, segundo nos consta não desagradou.

CORRESPONDENCIA.

Amigo

Esta carta não é particular; peço-te que a publiques na tua *Assembléa*: — como amigo e como assignante, julgo me não has-de recusar a sua insercção: e tanto mais que o seu fim é desafrontar a imprensa do escarneo com que é tractada pela empreza de S. Carlos.

Os senhores emprezarios quando se viram em *calças pardas* recorreram aos jornalistas, e convocaram-nos para uma reunião a fim de lhe prestarem auxilio e favor. Porem, estes entenderam, e muito bem que o negocio não era só com elles: mas com o publico a quem todas as considerações são devidas. Assim opinaram, e o resultado foi a empreza comprometter-se a apresentar ao publico um relatorio das difficuldades em que se tinha encontrado para arranjar um tenor que satisfizesse as exigencias dos frequentadores do theatro.

Os jornalistas nesta supposição tem defendido os emprezarios; ¿mas o relatorio? Não tem apparecido, nem me parece que appareça, o que é ter em menos conta a imprensa e o publico. Muitas vezes te disse, sem que tu o quizesses acreditar, que esta empreza não inspirava confiança — os factos agora o vão demonstrando, e tu deves conhecer que eu te não enganava.

Ora vamos, publica esta carta; por que ella é de justiça, afim de que os senhores

emprezarios conheçam que o publico não é desmemoriado, e que exige o cumprimento do que se lhe promette. Tem saude etc.

Lisboa 23 de Janeiro de 1851

Teu amigo.

J. F. M.

Temos demorado a publicação da carta, que acaba de ler-se, na esperança de que a empreza satisfizesse os seus compromissos; e ainda hoje a não publicariamos se de novo não fossemos instados para o fazer; e se a tanto não estivessemos obrigados pelas observações que temos feito a tal respeito em os numeros anteriores. Todavia custa-nos a acreditar que a empreza de S. Carlos não queira satisfazer áquillo a que se comprometteu n'uma reunião respeitavel a que foram presentes os srs. Garret, Rebello da Silva, Jose Estevão, Leonel Tavares, e outros escriptores conspicuos e dignos da maior consideração. Não fazemos comentarios alguns, por que acreditamos ainda, que o cavalheirismo dos emprezarios os hade mover a dar as razões do seu procedimento, e mesmo porque não queremos tambem pela nossa parte, augmentar ainda as difficuldades com que a empreza está a braços.

ANNUNCIO.

MR. D. DE VITRY JUNIOR,

CIRURGIÃO-DENTISTA DE S. M. F.



Continua a fazer os esforços possiveis para augmentar o numero dos seus freguezes, tanto pelas suas recentes importações de Pariz e de Londres, etc., como pelos seus aperfeiçoamentos pessoaes. Os seus novos dentes e dentaduras são de uma applicação tão bella co- mo salutar, e os dentes muito mais superiores aos dentes mineraes de porcelana; do mesmo modo que para chumbar os dentes, todas as pessoas que hoje conhecem o seu processo lhe dão uma preferencia assignalada; com o auxilio do seu methodo capsular os dentes arruinados se tornam tão prestaveis como se nunca tivessem sido atacados pela caria

Tratamento das doenças de dentes e das gengives, com todo o zelo e attenção, que lhe tem adquirido a sua reputação.

Vende-se somente em sua casa a nova preparação *Cresson do Pará camphorado*, poderoso especifico anti-escorbutico, etc., e todos os dentifricos hygienicos de *toilette*.

☞ RUA DO OURO N.° 118, proximo ao ROCIO.

Typographia de Silva.—Rua dos Douradores, 31, T.

FEVEREIRO 23. 1851. NUMERO 13

A ASSEMBLÉA LITTERARIA

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publica-se todos os Domingos — Assigna-se e vende-se unicamente na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.° 18. — Preços, por trimestre ou 12 numeros 480, por semestre 900, por anno, 1:680 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos.

INDIA PORTUGUEZA.

DAMÃO

O paiz aonde os Castros, Albuquerques, Athaydes, e outros portuguezes illustres fizeram temido e respeitado o nome de *Portugal*, encontra-se hoje, para vergonha nossa, na miseria e no abandono!!¿ E por ventura será por que se não encontrem nas nossas possessões da Asia os elementos precisos a desenvolver a riqueza publica? Certamente não, e mais tarde o havemos demonstrar detidamente n'uma serie d'artigos que pertendemos dedicar aos melhoramentos materiaes das nossas possessões da Asia.

Parece-nos que nem sempre tem sido acertadas as nomeações de governadores para aquelles paizes longiquos; e nada mais prejudicial para os habitantes de qualquer paiz, que o serem governados por pessoas indoutas e incapazes de se interessar pelo bem dos povos, confiados á sua administração; e tanto mais estamos persuadidos desta verdade, que tendo á mão as consultas das Juntas Geraes dos Estados de Goa, vemos o que n'uma dessas consultas se diz a respeito da nomeação dos governadores de Damão.

A junta depois de apresentar um quadro lastimoso do estado d'aquella praça, assim se expressa a respeito da necessidade d'um governador intelligente e honrado, que attenda ás necessidades publicas, que as saiba apreciar, e dar-lhes remedio.

Eisaqui alguns periodos da consulta a que nos referimos.

« A Junta pensa por tanto, que para remediar esta miseria, a primeira necessidade de todas as possessões, especialmente de Damão, é a de se lhes dar um governador, que identefique a sua honra e a sua gloria com os interesses materiaes do paiz, que por sua administração suave e por seus modos insinuantes persuada os povos a lançar mão dos meios que mais lhes convem, e que uma vez encetada qualquer empreza ainda por conta dos particulares a não abandone ao zelo só dos gerentes, que sendo aliaz os proprios interessados devem ficar em liberdade, mas que tome frequentemente noticia e conhecimento do seu progresso, remova as difficuldades que sobrevenham, e compulse mesmo os interessados a progredirem, sem todavia ingerir-se no governo e arranjos internos e economicos. Só um governador ou protector que tome tanto interesse pelos seus governados como um pai por seus filhos é que pode dar impulso á tão amortecida agricultura e industria d'aquelle paiz. »

Devemos sempre suppor, que os homens, que compõe as Juntas Geraes, são os mais esclarecidos, distinctos e aptos para apre-

ciarem as necessidades do seu paiz; e é por isto que nos fazem muito pezo todos os pedidos das consultas desta natureza.

Sabemos que está nomeado um novo governador para a praça de Damão, e sem que façamos questão do merito e qualidades do individuo que se acha nomeado, pessoa que não conhecemos, lembramos-lhe que aproveite a occasião de adquirir para si fama e bom nome naquelle governo, estudando as necessidades dos povos e procurando no possivel o remedea-las, aconselhando e promovendo as empreza uteis de modo que se possam tirar vantagens em beneficio do paiz.

O governador d'um estabelecimento desta natureza, tem nas suas mãos o destino d'um povo, e se esse povo se tornar feliz pelo seu governo, o nome do governador hade andar sempre de boca em boca coberto de bençãos, e então será impagavel a satisfação intima de haver concorrido para bem de seus administrados.

Pelo contrario quando uma authoridade qualquer chama sobre si o odioso, a maldição o acompanha por toda a parte, e o odio dos povos não se limita áquella authoridade, vae mais longe, chega ao governo que o nomeou, e á metropole de quem depende.

Attendem bem as nossas authoridades do Ultramar, porque dellas depende a par do seu bom nome, a felicidade dos povos confiados á sua administração, e o bem do paiz.

M. J. Cabral.

DICCIONARIO HESPANHOL.

Julgamos dar uma boa nova a nossos leitores, noticiando-lhes que os redactores da *Revista Del Medio Dia* começaram já a publicação do diccionario das tres linguas franceza, hespanhola e portugueza.

E' uma falta bastante sensivel para os amadores das letras, a que se exprimenta de um diccionario hespanhol. Parece impossivel que dois povos tão irmãos, tão unidos pela natureza, e com tantas outras relações entre si, não tenham uma especie de fraternidade litteraria, que os ligue tambem pela intelligencia.

A publicação pois do diccionario hespanhol é uma necessidade, e os cavalheiros que a emprehendem merecem a nossa gratidão pelo bom serviço que fazem aos dois paizes.

O artigo que vae ler-se é extrahido do *Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias*, redigido pelos srs. José, e Vicente Tedeschi, que tem prestado valiosos serviços á sciencia com uma publicação de tanto interesse, mesmo para os que não são da profissão a que é especialmente dedicado.

Neste jornal pois deparámos com o artigo seguinte, no qual se indicam alguns meios para o tratamento das larangeiras infectadas pelo *coccus hesperidum*, e sendo este um objecto de tanta importancia, não podemos resistir ao desejo de o transcrever, mesmo para que fazendo-se mais notorio em S. Miguel, aonde os proprietarios são altamente interessados na destruição daquelle insecto, se appliquem as receitas alli indicadas a fim de conhecer-se a sua efficacia.

SCIENCIAS NATURAES.

BOTANICA.

Remedio para destruir o Coccus Hesperidum.

Muitas deligencias se tem feito para achar um meio de destruir o *coccus hesperidum*, que tem atacado os pomares d'espinho, na Ilha de S. Miguel; e ainda que nestes ultimos tempos o sr. Dr. Choque descobrio um preparado, que dizem ser efficaz, com tudo ainda julgo poderem ser experimentados os seguintes remedios usados em irrigações com a bomba, como costumam para outros liquidos.

1.° Agua d'alcatrão.
2.° Mixtura de petroleo com agua.
3.° Decocto de fuligem de fumeiro.
4.° Infuso de tabaco de rolo.

As proporções que lembro para começar os ensaios são:

Tres libras dalcatrão para um almude d'agua. Tres ou mais dias de maceração, tendo o cuidado de mecher o liquido algumas veres ao dia, depois decanta-se. Parece-me que o alcatrão pode servir para mais alguma vez.

Doze onças de petroleo para um almude d'agua. Mixture e agite bem antes de usar.

Seis arrateis de fuligem para quatorze canadas d'agua, ferva por pouco tempo, deixe esfriar, e côe ou decante.

Uma libra de tabaco de rolo deitado em um almude d'agua fervendo, que se conserva d'infusão, até esfriar, em vaso tapado, depois côe ou decante.

Lisboa 6 de Janeiro de 1851.

L. A. Correa.

THEATRO DE S. CARLOS.

Fausta — muzica de Donizetti — Os guardas marinhas — dança pelo sr. Libonati.

A *Fausta* subio de novo á scena e foi desempenhada pela sr.ª Novello, e pelos srs. Musich, Portehaut e Reighi.

Temos mostrado nas paginas deste jornal que não somos incensadores de empreza ou sociedade alguma theatral, não temos compromissos com ninguem, nem os queremos, a nossa critica é sempre a linguagem da verdade em relação á nossa intelligencia; podemos enganar-nos; mas sempre que a consciencia nos avisa de que temos cumprido um dever, ficamos completamente satisfeitos.

Declaramos pois com verdade, que quando se annunciou a *Fausta* não esperavamos que tivesse um exito tão regular por parte dos artistas.

A sr.ª Novello (*Fausta*) é sempre a cantora mimosa e expressiva, que sensibilisa, commove, e arrebata. A força e propriedade com que exprime a paixão d'uma mulher terrivel, que tudo pertende sacrificar ao goso dessa mesma paixão, deram-lhe mais uma coroa de gloria na sua carreira artistica, e alcançaram-lhe do publico a repetição dos applausos com que sempre é recebida.

O sr. Musich (*Crispo*) parece não ser o mesmo tenor do *Ernani*. A este respeito escrevemos nós em o numero 3 do *Assemblea*, o seguinte:

«*O sr. Musich, Ernani, estava completamente rouco, e por isso nada delle podemos dizer; por que a imprudencia não nos leva a exercer a censura n'um artista, que não estava no perfeito uso das suas forças vocaes.*

Os factos vieram agora provar que nos não tinhamos enganado, o sr. Musich na *Fausta* vai muito bem: mas as circumstancias especiaes em que se acha este artista, que não duvidamos de qualificar de muito distincto na sua arte, exigem que nos demoremos algum tanto a seu respeito.

O sr. *Musich* comprehende os misterios da arte, tem muita intelligencia, e apresenta-se em scena perfeitamente. Sabe revestir-se do caracter do personagem que representa, e juntando á sua comprehensão uma bellissima figura, dispõe logo o publico em seu favor. Mas não é só isto, que constitue o seu merito. O sr. Musich sabe cantar com excellente methodo e gosto, e a sua mimica dá sempre tanta força ao valor da palavra, que por vezes o cremos inspirado. Naquella situação em que *Fausta* lhe declara um amor criminoso, que elle está bem longe de pensar, quando diz:

«*Io non t'intendo.*»

exprime-se d'um modo que bem faz conhecer a sua alma d'artista. Em todo este dueto com a sr.ª Novello agradou muito e foi applaudido.

Mas ainda aqui não brilha tanto o talento do sr. Musich, como quando injustamente se vê accusado de parricida, no segundo acto, e despresado por seo pae que o repelle, se lhe dirige nos termos seguintes:

«Dove trovar un'anima
«Che al mio dolor si pieghi,
«Se tu, tu stesso..., ahi misero!
«Pietade, amor mi nieghi,
«Se un figlio a eterna infamia
«Condanna il tuo riger, etc.»

Todo este trecho de musica até ao fim foi cantado com proficiencia e gosto, e o sr. Musich foi não só applaudido, mas chamado fora, o que prova o apreço e justiça do publico.

Sentimos que, em nosso entender, o sr. Portehaut, não fosse tão bem na parte do imperador Constantino, mas falta-lhe muito ainda para ter aquella verdadeira expressão artistica, que se requer em partes desta natureza. Do senhor Reighi, (*Maximiano*), bem como das outras partes secundarias nada dizemos.

— *Os guardas marinhas:* —

Vamos começar pelo que mais nos impressionou, que foi a nova scena do jardim pelo sr. Rambois e Cinnati. Nada mais bello e magnifico. O publico applaudio-a e fez justiça. Na dança ha tambem um bello passo a dois em caracter pelo sr. Gabrielli e pela sr.ª Bossola. Por vezes temos elogiado o talento do sr. Gabrielli, e não temos duvida em repetir, que a sua escola é excellente, que dança sempre com muito mimo e graça, e que na composição tem gosto delicado para os passos e attitudes da dança. O sr. Gabrielli torna-se sempre digno dos applausos do publico. A dança, no todo, é muito regular. A sr.ª Sophia que nella tem uma parte importante houve-se sempre com graça e intelligencia, e o sr. Libonati mostra ter gosto para este genero de composições que não é o mais facil.

———

THEATRO DE D. FERNANDO.

Esta em scena o *Postilhão*, linda opera comica em trez actos; esta peça em que a musica e o poema são bellos, torna-se excellente pelo bom desempenho dos actores e pelo vestuario, o qual é todo novo, em caracter e muito rico.

A musica é toda de muito effeito, mas tem alguns bocadinhos arrebatadores, taes como o *rondó* do 1.º acto pelo sr. Rorich, e coros, o dueto do 2.º pelo sr. Rorich, e sr.ª Druzilla.

A sr.ª Druzilla agradou-nos como sempre, pois principalmente nesta opera, brilha não só pelo canto, mas pela engraçada declamação, mormente no 3.º acto, naquella scena tão comica em que vae o melhor possivel.

Os srs. Rorich e Sargedas desempenharam muito bem os seus papeis.

O sr. Simões entra com muita graça e naturalidade, e é dotado de boa voz, e faz todas as deligencias para agradar o que tem conseguido.

O sr. Faria tambem vae perfeitamente, sentimos porem que seja tão pequeno o seu papel.

Finalmente toda a peça é linda; gostámos porem especialmente da ultima scena do 1.º acto, de muito effeito: da do 3.º em que os dois coripheus (Sargedas, e Faria) vem annunciar ao 1.º tenor da grande opera (Rorich, o postilhão) que vae ser inforcado por crime de bigamia, e avisal-'o que fuja; bem como da scena em que a sr.ª Druzila faz de Magdalena e ao mesmo tempo da Marqueza de Courcy.

Felicitamos por esta comedia, assim como pelas outras a empreza e os actores do Theatro de D. Fernando, e muito devéras desejamos que o publico continue a favorecer artistas de tanto merito.

Ignacio F. S. da Motta.

———

POESIA.

RINALDO O TROVADOR.

BALLADA.

I.

Como passas tua vida,
Trovador, sempre a cantar,
Sempre dos males mofando,
Sempre jucundo a folgar!

Rio abaixo, rio acima
Sempre teu barco a vogar,
Ao som do meigo alaude,
Risonho, sempre a trovar!

Mas teu batel suspendeu-se!
Quem n'o fez assim parar?!
Calou-te o pobre alaude,
Cessaste com o teu trovar!

Trovador, lindo Rinaldo,
Já não ris, eis-te a chorar:
Ai de ti! que te enlevaste
Na Castellan d'Avellar.

E lá vaes no rastro della
Rio abaixo a navegar:
Ai de ti! que sendo livre
Te deixaste captivar!

E porque estás noute, e dia
Teus queixumes a soltar?!
Sempre com o barco parado
Em frente desse Avellar?!

II.

Onde vaes, ó Trovador,
Tão risonho, tão loução?
Porque comprimes com força
Os saltos do coração?

Vaes aos pés da bella Elvira
Expressar tua paixão:
Vaes ouvir dos labios della
Doce, e terna confissão.

Os seus olhos côr do ceu
Tem d'amor a expressão;
Mas castella que uns taes olhos
Por certo leaes não são.

Quando os labios disem «sim»
Diz o peito ás vezes «não»
Castella, que D. Elvira
Já dispoz da sua mão.

O noivo de D. Elvira
Tem caldeira, e tem pendão;
Castella, que a bella dama
Prefere o nobre ao peão.

Oh! não vás, ó Trovador,
Ouvir fallas de traição:
Oh! foge desse Avellar,
Castello de perdição.

III.

Que novas gálas reveste
D' Elvira o velho solar!
Porque nos pateos, nas salas
Lumes sem conto a brilhar?!

Porque se ouvem os Bardos
Ao som das harpas cantar?!
Porque no burgo os villões
Contentes estão a dançar?!

Porque lá pelos salões
Mil sombras a perpassar?!
Porque d'Arnedo o senhor
Sentado d'Elvira a par?!

Elvira ao pobre Rinaldo
Foi pelo nobre trocar:
E' já senhora d'Arnedo
A dona deste alcaçar.

E ás frescas margens do rio
Lá vem um barco abicar,
Lá vae o triste Rinaldo
Caminho desse Avellar.

Trovador, pára, que é tempo,
Oh! foge deste lugar:
Oh! foge que D. Elvira
Com outro se foi casar.

IV.

E foi Rinaldo ao Castello,
E soube a feia traição;
Não deu palavra, e sómente
Levou a dextra ao bulhão.

Occultou p'ra logo o resto
Nas dobras do capeirão;
Esperou d'Arnedo o senhor
Envolto na escuridão.

E lá bem tarde sómente
Vio chegar o Castellão,
Roçou-se por junto delle,
Cravou-lhe o ferro á traição.

Correrão pagens, béstteiros,
Bradando «morte ao peão»
Porem sómente encontrarão
Dous corpos mortos no chão.

J. Pacheco.

ROMANCE

OS CINCOENTA FRANCOS DE JOANINHA.

(Continuação.)

Abraça-me, minha filha, não quero forçar a tua inclinação, sinto haver-te causado tanta pena; eu julgava que nisto te dava uma prova d'estima; mas já que te não agrada o que te proponho, não fallemos mais n'isso. Fica na quinta, e para que esta vivenda se te torne mais agradavel, quero dar-te uma companheira, que sem duvida o teu cora-

ção não hade repelir, é minha filha Cecilia.

— ¿Que dizeis, senhora? Terei eu a felecidade?... Oh, minha amiga!

Joaninha pronunciou esta palavra, abraçando Cecilia, e quasi ao mesmo tempo acrescentou:

— Perdoae-me, senhora, esta liberdade, que...

— Chama-lhe tua amiga, disse madame d'Eranville, assim o quero. ¿Eranville não aprovas este projecto para a nossa tranquillidade? O anno de 1788 foi-nos fatal pela perda da demanda. O de 1789 que está a acabar, parece annunciar-nos acontecimentos não menos desagradaveis. Essa revolução que acaba de estalar em toda a França, pôz em combustão a cidade de Pariz, aonde se não pode viver tranquillamente. Concebi a idéa de mandar minha filha para a nossa quinta, e eu mesmo irei passar algum tempo com ella, e tu tambem alli te podias refugiar, em quanto duram os primeiros impetos da effervescencia popular.

— Minha querida; respondeu Eranville, não seria justo nem prudente que abandonasse Pariz no momento em que reclama o apoio e o auxilio de seos habitantes. Ficarei aqui mas aprovo completamente o teu projecto, e conformo-me com elle de todo o meu coração.

— Meu amigo, se ficas ficarei tambem a teu lado, parteciparei de teus perigos ou tratarei de conjura-los, mas pelo que diz respeito a Cecilia; parece-me...

Tens razão, devemos confia-la aos cuidados de Joaninha, que é mais velha e tem capacidade sufficiente para o desempenho da missão melindrosa de que vamos encarrega-la, e esperemos resignados a sorte dos acontecimentos.

Eranville deixou escapar um suspiro, como se presentisse as desgraças que o esperavão. Sua esposa e Cecilia encheram a Joaninha de caricias, que era a primeira vez depois de tanto tempo que encontrava em seus bemfeitores toda a estima que lhe dedicavam na infancia.

Joaninha passou aquella noite em caza, e no dia seguinte partio para a quinta. Querendo Rosalia deixar passar ainda dois mezes antes de mandar sua filha para o campo, residencia sempre triste de inverno, resolveo esperar pela primavera. Pelo que diz respeito a Joaninha, amiga do repouso e da solidão, deixou Pariz sem pezar, naquelle momento em que a cidade estava cheia de tropas, e não se passava dia em que os habitantes não despertassem ao ruido do tambor. Joaninha voltou para a quinta, animada com a esperança de encontrar alli a tranquillidade que se não disfructava na capital da França. Pedro esperava a sua volta com impaciencia; pois sabia o fim para que a pobre orphãa tinha sido chamada a Pariz.

Joanninha bateo á porta da quinta, e o velho administrador correo a abril'-a.

— ¿Quem é, meo pae? exclamou Pedro, que estava trabalhando.

— Pedro, Pedro gritou, Richard, vem depressa, é a menina que vem de Pariz — Então, que ha de novo? — Que se se passa em Pariz? Já se gosa de tranquilidade?

As multiplicadas perguntas de Richard foram interrompidas com a chegada de seo filho, que ajudou Joaninha a conduzir para caza alguns pacotes que vinham na carroagem: — Joaninha respondeo sorrindo que nada entendia do que lhe perguntavam, e seguio Pedro, que pallido e tremulo foi carregado até ao quarto de Joanninha. Alli, só com ella, ficou de pé com os braços cruzados na actitude silenciosa de um homem, que espera um noticia boa,

ou má. Joanninha olhou para elle e calou-se.

— Menina, lhe diz elle, ¿ como está a Senhora?

— Boa.

— ¿ E o Senhor?

— Tambem bom.

— ¿ E a menina Cecilia?

— Todos gosam saude.

— Ah! (*silencio*) só eu é que padeço!

— Tu, Pedro, e que tens?

— ¿ E podeis perguntar-mo, quando me olhaes com uma frieza que me mata?

— Eu! Parece-me que te olho, como de costume.

— Eis ahi precisamente o que me atormenta. ¿ Não vos disseram nada de mim?.... Vejo que vos calaes.

— Perdoa-me, fallaram-me de ti, disseram-me que tinhas a bondade de me estimar..

— ¿ Deveras? Disseram-vos que eu tinha essa bondade? Essa é a bondade que todos tem, porque todos vos estimam, porem eu amo-vos.

— Pedro, empregas mal os teos affectos.

— ¿ Não me amaes?

— Não te aborreço, porem...

— ¿ Que dizeis, menina?

— O amor, e o casamento estam muito longe do meo coração e dos meos votos.

— ¿ Quereis dizer?...

— Lê essa carta, que me deo madame d'Eranville para te entregar.

— ¿ Que me dirá? Meu Deos!

Pedro abre a carta tremendo, e lê, o seguinte:

« Tinha-te promettido, Pedro, fallar por ti a Joanninha, propuz-lhe a tua mão, assegurando-lhe que a amavas. Escutou-me com attenção, mas sinto dizer-te, que me agradeceo, recusando a tua mão, apreciando muito a honra que lhe fazes. Assegurou-me que não ama pessoa alguma, e que só tem um sentimento d'amor para comigo. Resigna-te, e para consolar-te, te darei por esposa, uma de minhas afilhadas, rapariga bonita, duplicando o dote que dava a Joanninha — *Rosalia de Eranville.* »

— Brilhante proposta! Como se todas as afilhadas da Senhora, valessem tanto como vós! Como se todos os dotes do mundo fossem capazes de impedir que vos ame? Sou muito desgraçado!

Joanninha quiz aquietal'-o, mas não o conseguio. Pedro sahio precipitadamente, foi sentar praça, e desamparou a sua familia.

Este acontecimento não fez mais que augmentar a melancolia de Joanninha, que quasi se arrependia de não ter feito a felecidade d'aquelle rapaz que ternamente a adorava, e teria passado o resto do inverno n'uma tristeza continuada, que poderia alterar a sua saude, a não serem as visitas da irmãa Emilia, que algum tanto a distrahiram.

(*Continua*).

VARIEDADES.

MODAS.

E' *moda* o dizer-se mal da academia das sciencias.

E' *moda* o fallar-se na questão monetaria, e muitas vezes sem intender-se o que se diz.

E' *moda* applaudir extraordinariamente a Condessa Novello.

E' *moda* ir a S. Bento em dias que se presume haver gritaria na sala aonde se reunem os representantes do povo.

E' *moda* escrever folhetins, aonde se faça espirito tão sem graça, que parece mesmo uma desgraça!

E' *moda* ir aos bailes, e vir cá para fora dizer mal e dar á lingua do que lá se passa.

E' *moda* fazer folhetins sobre os bailes.

E' *moda* o não ir á missa, mas em todo o caso ir para os adros das igrejas ver sahir as madamas.

E' *moda* ir ao passeio ouvir a musica aos domingos de manhãa.

E' *moda* o discorrer sobre o socialismo sem no entender.

E' *moda* o dar pontapé naquelles que fazem serviços já se sabe depois destes aproveitados!

E' *moda* o fallar das vidas alheias.

E' *moda* o almoçar ao meio dia, e jantar á noite.

E' *moda* ir ao caffè do Vicente, ex-empresario.

E finalmente é *moda* nunca usar de franqueza e verdade nas conversações e no trato intimo.

Alem destas *modas* ainda ha outras *modas*, que tambem são muito da *moda*, mas tudo *modas* muito detestaveis.

NOTICIAS DIVERSAS.

No theatro de D. Fernando agradou muito o *Club*, farça propria do Carnaval. O tenor De-Bezzi foi escripturado para este theatro, e contão-nos que para facilitar á sociedade um meio de variar os seus espectaculos se prestára a entrar na Zarzuella hespanhola — *João o Contrabandista* — que já vimos pelo sr. Mollas. — Tambem se ensaia neste theatro a opera comica — *Um Sonho* —

O sr. Austri, insigne violinista, depois de ter dado alguns concertos nesta corte parece que tenciona ir ao Porto.

A sr.ª Maria Antonia, fez o seu *debut* no theatro do Salitre na comedia magica a — *Rosa Prodigiosa* —, e consta-nos que mereceu applausos.

A sr.ª Bianchi, *prima dona* do theatro lyrico do Porto foi pessoalmente levar ás — *Meninas Desamparadas* —, quinze soberanos, donativo que fez do seu beneficio.

No Porto tem sido extraordinaria a importação dos soberanos. Pelo navio inglez *Dieure* recebeo o sr. Antonio Rodrigues d'Azevedo 10:000, e os srs. Kebe e companhia 1:000. Pelo *Hellen* recebeo tambem a sr.ª D. Antonia A. Ferreira 2:325.

No theatro lyrico do Porto tem-se representado o *Macbeth*, e a *Linda de Chamounix*. As senhoras Devechi e Marigliani tem agradado muito neste theatro. No de Camões tem-se representado pela companhia do sr. João Manoel, o D. Cezar de Bazan, e a companhia de que é emprezaria a sr.ª Emilia das Neves tem representado a *Adelaide*, a *Magdalena* e as *Duas Bengalas*.

CHARADA.

Sou da donzella
Mui desejado
Sendo na Igreja } 1
Legitimado

Deseja a amante
A cada momento
Pois é mais certo } 2
O seo tormento

Quem o meo todo advinhar
Vá a S. Carlos admirar.

J. M. A.

EXPEDIENTE.

São correspondentes deste jornal:

No Porto o sr. José Gonçalves da Silva Guimarães, aos Caldeireiros n.º 9.

Em Coimbra o sr. José Passos d'Almeida Pimentel.

Em Faro, o sr. Antonio Alexandre Pereira Pinto.

Em Ponta Delgada, Jacinto Ignacio Cabral.

Na Ilha da Madeira o sr. Mauricio José Castello-Branco Manoel.

Todos estes correspondentes estam authorisados a receber assignaturas.

Typographia de Silva.
Rua dos Douradores n.º 31 *T.*

MARÇO 2· 1851. NUMERO 14

A ASSEMBLÉA LITTERARIA

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publica-se todos os Domingos — Assigna-se e vende-se unicamente na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.° 18. — Preços, por trimestre os 12 numeros 480, por semestre 900, por anno, 1:680 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos.

EXPOZIÇÃO EM LONDRES.

Quando, em o numero 3 desta folha, fizemos varias observações sobre a exposição dos productos de todas as nações, que vae ter logar proximamente na cidade de Londres, concluimos o nosso artigo do modo seguinte:

« Seja-nos permittido o fazer uma observação aos illustres membros da commissão, e vem a ser, o não se providenciar cousa alguma neste aviso, ácerca dos productos de industria das nossas ilhas dos Açôres e tambem das ilhas da Madeira e Porto Santo.

« As ilhas dos Açores estão no caso de poderem enviar muitos objectos dos que se comprehendem na 1.ª e na 3.ª secção, e não temos duvida em dizer, que os productos das ilhas dos Açôres, em nada haviam envergonhar a mãi patria, se tivessem logar na exposição de Londres.

« Esperamos que a commissão tomando este objecto na devida conta hade providenciar convenientemente. Voltaremos ao assumpto. »

As nossas diligencias porem para que alguma cousa se providenciasse a este respeito, não ficaram sómente em palavras; como nunca ficam quando se trata de protecção e justiça para os interesses materiaes e moraes do archipelago açoriano. Não, que nol'-o não permitte o amor que temos pela terra da nossa naturalidade, e por todas as ilhas dos Açôres, que parece só estarem na lembrança da metropole, quando dellas se pertendem recursos para acudir ás necescidades do thesouro e do serviço publico. Para isto lembram logo os Açores; para os seus interesses proprios ficam sempre no esquecimento!

Procurámos pois, dois membros dos que compõe a illustre commissão encarregada deste objecto, e ambos nos asseveraram que se tinha opportunamente providenciado pelo governo, para que os productos da industria açoriana, fossem directamente remettidos das ilhas para a grande exposição de Londres.

Não tornámos a fallar sobre isto, esperando que das ilhas nos viesse alguma noticia a tal respeito, e com effeito temos agora á vista jornaes e cartas particulares em que se nos assevera que nada alli se providenciou sobre este objecto! Assim o esperavamos pela desconsideração injusta em que são tidas as nossas ilhas!

Este facto dava-nos margem para muitas considerações, que todavia omittimos para dar lugar ás que acabamos de ler na *Revista dos Açores*, jornal que se publica em Ponta Delgada. Para ellas pedimos a attenção de todos os nossos leitores que se interessam pela prosperidade da nossa industria, pois que por aqui póde ver-se, ainda que ao longe, o adiantamento que vae tendo progressivamente a industria na ilha de S. Miguel.

« Do reino mineral podiam os Açores, expor productos, em que abundam: taes, a cal das ilhas de Santa-Maria, e Flores, rival da de Alcantara; o barro das ditas ilhas, de que se fabrica a nossa loiça ver-

melhs; as argamaças e cal hydraulicas, de que nos servimos, e que tem sobre as outras notavel preexcellencia; o tão prestadio telim d'esta ilha: a alumina que fôra facil extrair das Caldeiras da villa da Ribeira-grande; a argila etc. A perfeição dos effeitos derivados destas materias primeiras, podia vir completar a curiosidade d'este quadro: grande margem ficava ao esmero dos obreiros, que primam no preparo de muitos delles. No fabrico da louça temos já visto grandes provas de delicadeza, ingenho, e orginalidade, de muitos oleiros de villa Franca-do-Campo: e não se nos leve isto á conta d'exageração; o que se pode fazer, e o que se tem feito, e muitos tem testimunhado, nada tem que ver com o que se faz, e vem ordinariamente ao mercado, que não sabe pagar esmeros.

« A riqueza dos nossos productos agricolas podia ir nobremente representar na scena do reino vegetal: cereaes, e legumes; fructas seccas, e sementes; adubos, fêculas, licores fermentados, e espiritos distilados, gommas etc. seriam outras tantas provas em abono nosso. Que ensejo para a ilha do Fayal restaurar a antiga reputação de seus vinhos, de confeições tão variadas! — A urzella, e o pastel ainda podiam ir significar a historia de duas industrias, e dois commercios perdidos; e quem sabe se restauraveis?

« Como elementos de fabrico, do reino animal, tinhamos ossos, chifres, unhas, lixas, etc.

« Na segunda secção da classificação ingleza, machinas, devia fazer as honras do primeiro logar o motor directo de movimento continuo, dos srs. Manoel Joaquim Soares, e Joaquim José d'Oliveira, que acabam de obter para a sua invenção privilegio de *exclusivo*, do governo Portuguez. Depois della, moinhos, atafonas, e pequenos machinismos d'usos diversos, que podem talvez servir d'elemento, e despertador de obras mais correctas. A primeira exposição industrial da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, em 1848, revelou alguns de nossos ingenhos mechanicos, que agora teriam boa conjunctura de apparecer, e crescerem.

« Somos chegados á terceira secção, objectos manufacturados, sem contestação aquella a respeito da qual temos inequivoco adiantamento. Os fados e tecidos são um dos nossos primeiros brasões industriaes. As nossas linhas, de consistencia, igualdade, e finura admiravel; e os nossos panos de linho, seja prova do seu merecimento o mercado de todo o Brazil, com quem já commerciámos, em grande, e onde tinham tão alta reputação. A cambraia de villa Franca-do-campo é para admirar e louvar em toda a parte. Temos muitos estofos lizos e lavrados em relevo no tear: têas, pannos grossos, tapetes, as mantas communs, cobertas de cama de grandes lavores, e de maior largura, brins admiravelmente acabados, que a par dos melhores inglezes estabelecem a illusão. Uma grande parte do linho, que empregamos nestas manufacturas, é producção nossa; e já d'algodão produzido nesta ilha vimos obra. Os tecidos de lã dos rebanhos açorianos, manufacturados no archipelago, são importantes; a estamanha, o droguete, o panno da serra, tudo isto a par d'algumas casemiras, que sem mais insinuação, expontaneamente começam a apparecer, perfeitas, vindo já com muita rasão vestir as classes de luxo, provariam, que trabalhamos de vontade em todas as industrias compativeis, e que mais longe iriamos se o tempo não ventasse tão inhospito. — A nossa marcenaria, os embotidos, os moveis de primor, as obras de torno, podem em toda a parte competir com o bom: neste particular professamos. E obras de palha? as esteiras de Santa-Maria, os chapeos finos do Fayal, responderão e bem. E os nossos admiraveis productos, flores de penna? E os nossos bordados? E os primorosos quadros de miolo de figueira, em baixo relevo? — Apertemos, que já vamos passando as marcas das dimenções prescriptas. Cá dentro muito nos fica ainda que dizer, mas o leitor attento, completará por si o nosso multiplice quadro industrial. Concluiremos, apontando uma das glorias maiores da nossa industria: as encadernas-

ções do sr. Fernando do Quental, que por curiosidade nunca assaz louvada, tem cultivado esta arte, com a maior dedicação e desinteresse, e cujas obras em toda a parte do mundo podem ser admiradas. Aqui, ou fora da ilha, o sr. Quental hade ser sempre tido como mestre, onde quer que se conheça o que seja a arte de encadernar.

« Daremos aqui rasão, aos que por ventura possam supor inuteis e pertenciosos de mais estes nossos alvitres, crendo que á exposição de Londres só devem concorrer primores. Não é assim: a exposição tem por fim reunir, comparar, fazer conhecidos, e suscitar melhoramentos futuros, nos productos de todas as nações, e é sobejamente sabido, que nem todas produzem primores. Demais, a Inglaterra convida á sua grande reunião industrial tudo o que por qualquer circumstancia particular se deva fazer conhecido, e exploravel; e neste caso estão muitas das industrias Açorianas, que, antiguidade de processos, e falta de meios mechanicos, não tem ajudado. E se ellas, tratadas tão sem mimo, e com tamanho desfavor, dão de si aquelle effeito, que não foram se dispozessem de meios, e processos adquados, como n'outras partes, a que a industria dá riqueza e nomeada? —E' partindo destas considerações, que muitos dos nossos productos podem ser superiores, e levar dianteira a alguns analogos, mais perfeitos, d'outros paizes, quando se dê o caso, de, a superioridade dos meios de fabrico lâa, e a dificiencia delles cá, não estarem na rasão directa e proporcional dos productos.

« A nudez d'uma fabrica d'oleiro, dista da complicadissima organisação, e mechanismo d'uma boa fabrica de loiça fina, como um pólo do outro pólo. Conservarão os productos a mesma distancia? Não o cremos; e a vantagem será por ventura por nós.

« Que comparação podem ter os nossos simples, e ronceiros teares, com as fabricas de tecidos, onde os recursos d'acção, e a excellencia do machinismo, facilitam necessariamente a perfeição da manufactura? E com tudo com tamanha desporporção entre os elementos geradores, alguns dos linificios do *tear Açoriano*, podem correr justo parêo com outros de *fabricas regulares trasbordando recursos*.

« Na exposição de Londres não se hade julgar da melhoria dos productos, pela sua exclusiva *comparação*: a sua *historia* comparada, será a primeira rasão de decidir. »

Perguntamos agora; se as providencias fossem tomadas a tempo, não haviam os productos dos Açores figurar com vantagem na grande exposição de Londres? E não seria isto de gloria para Portugal?

A sociedade dos *amigos das letras* de S. Miguel já promoveo uma exposição, que foi a todos os respeitos brilhantissima, na cidade de Ponta Delgada, e bastava sómente este facto para fazer ver a quem compete, que os Michaelenses deviam ser os primeiros chamados a figurar na grande exposição. Que outra terra ou provincia do reino tem feito outro tanto?

Não censuramos pessoa alguma do reino por estas faltas tão continuadas para com as ilhas dos Açores, mormente para com a de S. Miguel. Esta ilha, bem como todas as outras, tem aqui os seus representantes, e que tem elles feito a bem de seus constituintes? Coisa nenhuma!!!!

M. J. Cabral.

REFORMA DAS PAUTAS NA RUSSIA.

Os ultimos cinco annos foram fecundos nas reformas das pautas, a que com mais ou menos amplitude se dedicaram os governos dos principaes nações do mundo, todas com tendencia á pratica dos principios liberaes, cuja popularidade se tem desenvolvido em taes proporções, que os economistas distinctos que os sustentaram, não esperarião talvez que se realisassem em tão breve tempo.

A' frente deste movimento liberal marcha a Inglaterra, que no transtorno do seu antigo mecanismo de alfandegas, parece que marca a epoca em que acaba com o reinado das restricções, e dá principio ao novo de liberdade commercial, de frater-

nidade internacional, e podemos dizer que realisando em parte as bellissimas utopias de Sir Robert Peel, figura gigantesca, que se descobre nesta resolução.

Os Estados-Unidos, Hespanha, Portugal, algumas republicas americanas e outros estados desenrolam a mesma bandeira, que a nação commercial, por excellencia, vindo finalmente a Russia a pagar tambem o seu tributo ás boas doctrinas, emprehendendo em 1850 a revisão das suas pautas para facilitar o commercio que faz com a Europa, já por meio de opportunos abatimentos nos direitos elevados que havia para a importação de productos estrangeiros, e já removendo as travas que tornavam inacessiveis as alfandegas russas áquelles que antes não tivessem estudado mui detidamente não só as suas pautas mas ainda um sem numero de condições, que nos tamanhos, pesos, e medidas deviam ter as mercadorias para a sua admissão.

———

SEGURANÇA PUBLICA.

Se é certo que este ramo do serviço publico, sem duvida o mais importante, é feito na capital com tanta regularidade, que só de longe em longe se ouve fallar de um ou outro crime em Lisboa, e da natureza d'quelles que se não podem prevenir, tambem não é menos exacto, que nas provincias do reino não acontece outro tanto.

Os assassinatos commettidos ultimamente em Portel, são de natureza tal, que horrorisam, e mostram claramente que a civilisação ainda está bem longe d'algumas terras do reino aonde se não ve um freio ás paixões mais damnosas á sociedade.

Temos bradado incessantemente para que se ministre aos povos a instrucção se queremos que os vindouros nos não accusem de barbaros para com as gerações futuras: porque estamos intimamente convencidos que sem instrucção, e sem estudo, não ha moral, nem religião que enfrêe as paixões desordenadas, e os odios rancorosos, que por desgraça da humanidade se nutrem os homens uns contra os outros. Eis o como foram os acontecimentos lamentaveis de Portel, extrahidos de uma carta de pessoa que quasi foi delles testemunha ocular.

O sr. Joaquim Antonio Batalha era possuidor de uma tapada em Portel, que ficava defronte do predio de um caldeireiro por nome Antonio Joaquim Pires, seo inimigo pessoal e politico.

O caldeireiro tinha por costume atirar alguns tiros quando passava o senhor Batalha; e este considerando isto como uma provocação, dirigio-se na occasião em que passava, no dia 14, á mulher do referido caldeireiro; dizendo-lhe que prevenisse a seo marido para que o não insultasse d'aquelle modo; porque poderia faltar-lhe a prudencia. O caldeireiro que estava em casa pega da espingarda, e em quanto Batalha fallava com sua mulher, elle e outros amigos que tinha em caza, disparam, e o sr. Batalha cahio morto, fugindo os assassinos.

Os amigos do assassinado percorrem as ruas da villa, pertendendo vingar a morte do Batalha, disparam um tiro contra o juiz ordinario, que julgam inimigo do fallecido, e acabam de matal'-o a punhaladas!!!! Correm depois a traz de um padre, que não era da sua comunhão politica, e nelle fazem mais uma victima, e não contentes ainda com estas mortes arrombaram as portes da cadea e ahi assassinaram barbara e cruelmente o doctor Pedro Joaquim Pereira Derramado, e o bacharel José Hypolito Franco, que alli se tinham ido refugiar com medo dos facinoras, e nem assim escaparam!

Cinco victimas das paixões politicas, e do espirito de partido, segundo dizem!!

E' muito. O governador Civil de Evora partio logo para alli com uma força de cavallaria e infantaria. Deo buscas em todas as cazas e apprehendeo espingardas, pistolas, punhaes, e espadas, formou actos de investigação e conseguio a prisão de dois dos malvados.

Estes acontecimentos horrorosos clamam por medidas preventivas contra a paixão dos partidos, e em nosso entender a mais proficua seria a propagação da instrucção entre o povo das aldeas.

Ficamos por aqui, sem nada querer accrescentar a este quadro horroroso, e estamos certos que este acontecimento ha de despertar as auctoridades para velarem mais de perto pela segurança publica.

EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES.

Diz o proverbio — Tantas vezes vae o cantaro á fonte até que lá fica. » E nós dizemos que tanto tem trabalhado as mulheres dos estados Septentrionaes da União americana, e as do Canadá, para alcançarem o direito de votar e outras prerogativas do sexo barbudo, que a final vão com a sua ávante. A acreditarmos um jornal que temos á vista, acaba de dar-se o primeiro passo no Canadá, aonde se apresentaram ultimamente varias senhoras notaveis a votar na eleição de cathedraticos e outros professores dos institutos d'ensino, sendo admittidos os seos votos sem obstaculo algum.

Já se não hão de queixar tanto as que suspiram pelo momento em que se lhes dê o goso de todas as franquias, direitos e prorogativas do homem. Pelo que diz respeito a este, bom seria, que na presença da tempestade que se alevanta contra a sua soberania se desse pressa a estudar o mecanismo de coser e bordar com a agulha, e outras coisas por este gosto.

Não o sabemos com certeza, mas póde acontecer, e talvez o Canadá tire um premio, se mandar á grande exposição universal, que se ha de celebrar em Londres, na primavéra do presente anno, uma de suas amaveis votantes!

UMA MONTANHA DE PRATA.

Um jornal de Nova York publica alguns extractos bastante chistosos d'uma carta escripta por um francez na cidade do Sacramento (California) e na qual se annuncia o descobrimento d'uma montanha de prata. O tal francez compatriota, sem duvida de Roquelaure, ou baptisado com sal andaluz, diz que o seu grande descobrimento é devido a uma mera casualidade.

Tendo sahido do Sacramento com 14 companheiros, extraviou-se n'uma selva sem fim, pela qual andou errante, e os que o acompanhavam, por trez dias consecutivos, sem poder encontrar nem um atalho por onde sahissem, nem uma gota d'agoa.

A casualidade quiz que finalmente desse com um limpido regato do qual todos se refrescaram com avidez. Depois d'um dia de descanço a companhia formou duas divisões e cada uma dellas tomou differente direcção. A que ia capitaneada pelo francez extraviou-se outra vez, e dois dias depois tornou a encontrar-se ao pé do mesmo regato.

Os incansaveis aventureiros beberam e descansaram, depois do que emprehenderam de novo a marcha e conseguiram chegar á margem da selva. Alli se apresentou a seus olhos um espectaculo magico, e era uma montanhã resplandecente aos raios do sol, que era impossivel o olhal-'s. A carta do correspondente francez observa com ingenuidade que aquelle metal tão brilhante se tomou desde logo por *folha de lata*. Porem um exame mais detido demonstrou fóra de duvida que a montanha era de prata macissa.

Havia sufficiente, diz o correspondente para carregar 25:000 mulas, mas como a pequena divisão só podia dispor de duas, naquella conjunctura, carregou-as com uma parte daquelle metal precioso, e em quanto não chegavam as 24:998 restantes voltou a tomar o caminho do Sacramento. O aventureiro estava alli organisando uma expedição monstro para tornar á montanha de prata, cujo caminho não terá esquecido, e era tal a confiança que tinha de bom exito, que annuncia na sua carta que no mez de Junho chegará aos Estados-Unidos com uma fortuna collossal. « A prata tem a sua montanha, como o ouro tem o seu lago na California!!!

NECROLOGIA.

No dia 24 do corrente, pelas 6 horas da tarde, falleceo o sr. Dr.

Francisco Assiz de Carvalho, deputado da nação portugueza, e lente da Escola Polytecnica de Lisboa. Não deixaremos de dar um vivo testemunho da nossa saudade pelo sabio, que nos honrava com a sua amizade, consignando nas paginas da *Assembléa* uma perda que é sentida por todo o paiz.

O sr. Assiz de Carvalho, na qualidade de deputado da Nação Portugueza, bem vezes deixou ouvir a sua vóz na tribuna parlamentar a bem da patria, e nenhum se interessava com tanto zello pelos seos constituintes como o illustre deputado, que estudava as necessidades publicas, e especialmente as dos povos do Algarve, que nelle tinham confiado, para as expor conscenciosamente ao corpo legislativo, propondo medidas da maior vantagem, e entrando nas discussões com saber e convicção.

Ahi estão em todos os jornaes politicos os extractos das sessões das Camaras, aonde bem se pode ver, o quanto o illustre finado se desvelava por attenuar os males que o paiz está soffrendo.

Se na vida publica do sr. Assiz de Carvalho encontramos muito para louvar; na vida privada foi sempre o modêlo dos esposos, dos pais, e dos amigos.

Lamentamos a morte do justo:— que a sua memoria viva sempre na lembrança dos que sabem prezar a virtude: que a sua vida seja sempre uma copia para as nossas acções, e assim honraremos no tumulo a quem em vida se tornou sempre digno da estima publica e particular, e da gratidão do paiz.

A terra lhe seja leve!

A MULHER.

Que ha mais bello, mais agradavel ao homem que a mulher?

A mulher, esse ente tam bello e tam amavel, esse doce presente do céo que foi creado para adoçar as nossas lagrimas, para emendar nossos erros, para nos fazer felizes e ditosos.

¿! Quem senão ella nos arranca do precipicio nesses momentos de delirio em que o homem totalmente desespera, quem nos faz voltar á razão?!...

Oh! ¡ A mulher é no mundo a melhor obra do creador. Ella foi destinada para assistir a todos os nossos pezares, para nos consolar em todas as adversidades: ella suaviza os asperos costumes do homem, ella o transforma de feroz tigre em manso cordeiro, faz-lhe ter mais apêgo á patria, faz com que preze a vida e roga finalmente por elle a Deos.

A mulher dédica as tres epocas da sua vida ao homem: na primeira, quando jovem, alinda-se para agradar-nos, na segunda, na idade adulta, consome-se, alimentando-nos a seus peitos e destruindo a sua formosura, e finalmente na terceira, já quando velha, ergue as mãos ao céo para rogar por seus paes e por seus filhos.

O' mulher, como tu és tam digna de ser amada!...

Em todas as quadras da nossa vida sempre apparece a mulher: é a amante que nos embriaga d'amor, é a consorte nossa fiel companheira, é finalmente a filha de quem recebemos as ultimas caricias. ¡ Sempre a mulher!...

O amor, diz Madame Stael, é um episodio da vida do homem e a vida inteira da mulher: este sexo foi doado ao mundo para personificar o amor, é verdade que outras paixões dominam em seu coração, mas todas são subordinadas a esta.

Ah! quanto devemos nós a este sexo encantador, como nós desconhecemos a mulher, quam mal lhe pagamos tanto amor, quantos prazeres ella nos faz gosar, que sentimentos que ella em nós agita?!

Ainda nós, que estamos costumados a contemplar a mulher desde que nascemos, que no verdejar da vida assistimos a seus folgares e passatempos, não podemos profundamente comprehender aquella agitação de sensações que receberia o primeiro homem

quando abrindo os olhos somnolentos divisou a mulher.

Sublime e venturoso, diz um nosso escriptor, é o destino do amavel sexo: — viver a par de Deos no coração dos homens, e desapparecer quando elle, no momento em que os homens se desvairam corrompidos.

Coimbra 10 de Janeiro de 1850.

Ignacio F. S. da Motta.

BIBLIOGRAPHIA.

Almanak Rural dos Açores para o anno de 1851, mandado publicar pela sociedade d'Agricultura Michaelense.

Mais um almanak! Bem vindo seja, nem por ser o ultimo que para este anno appareceu na capital deixa de merecer as boas vindas por todos os que se interessam devêras pelo progresso das letras e da instrucção no seu paiz. Bem visto a quinhoar tambem essa porção de gloria que sem duvida cabe ás publicações desta natureza, que ha annos a esta parte tem apparecido, e com tanto mais rasão lhe cabe essa gloria, quanto é certo que em relação a todos os outros lhe leva conhecida vantagem já pela utilidade das materias de que trata; e já por que é especialmente dedicado á classe agricola a quem póde ser de grande provento.

A sociedade d'Agricultura Michaelense, de quem todas as outras sociedades agricolas do reino são um imperfeito arremedo, não contente com a publicação d'um excellente jornal d'agricultura, não contente ainda com a introducção de novas raças d'animaes na ilha de S. Miguel, de que a agricultura, e mesmo a industria tem obtido vantagens consideraveis, não contente com promover por todos os meios ao seu alcance o desenvolvimento agricola, já melhorando os antigos methodos de cultura, já introduzindo novas sementes e novas culturas nos campos d'aquella ilha, offerece agora aos lavradores o seu almanak rural, rechiado de conhecimentos e observações importantissimas de que se pode tirar um lucro real e positivo.

Mas não parou aqui ainda o zello da illustre sociedade. Conhecendo o quanto é difficil ao povo dos campos e das aldeas o curativo de suas enfermidades, addicionou-lhe um tratado de medicina domestica, excellente para accudir ás necessidades do momento.

Alem de outras coisas curiosissimas traz tambem varios mappas sendo o primeiro == Resultados de dez annos de observações meteorologicas feitas em Ponta Delgada desde o primeiro de Janeiro de 1840 até 31 de Dezembro de 1849, dividindo o anno nos tres periodos seguintes: o frio, incluindo os mezes de Janeiro, Fevereiro (28 dias) Março e Dezembro; o temperado, os de Abril, Maio, Outubro e Novembro, e o quente os de Junho, Julho, Agosto e Septembro. O numero de dias completos em que reina cada um dos ventos principaes, com a força de pressão, calculada em libras inglezas, sobre um pé quadrado de superficie e com as seguintes especificações. == 1.ª == O numero medio de dias de 24 horas completas de cada uma especie do Cariz do Ceo; e o numero de dias correntes, em que choveo e quanto: com a quantidade de agoa e de evaporações: == 2.ª == Altura e oscillação do Barometro em pollegadas inglezas; a norma e variação da da temperatura do ar externo pelo Thermometro de Farenheit, e a saturação do mesmo pelo numero de graos d'agoa em cada pé cubico, com o ponto thermometrico necessario para a sua condensação. == 3.ª == Ponto Thermometrico da condesação.

O Mappa n.º 2 traz os caracteristicos geraes dos ventos, no termo medio do anno, tirados do estado meteorologico que os acompanham. Alem destes mappas traz ainda outros muitos respeitantes ao comercio, da ilha, tornando-se no todo um volume de 192 paginas de impressão.

E' pena que este curioso livro se não ache á venda em Portugal; por que de certo havia ter extracção e muita, e lembramos á benemerita sociedade que o fez imprimir, e que se propõe a igual publicação para o anno seguinte, a conveniencia de o publicar antes de Outubro do an-

no corrente, e mandar abundancia d'exemplares para o continente; por que um almanak desta natureza não pode temer a competencia com os que por cá se publicam.

Pela nossa parte cumpre-nos agradecer a offerta do exemplar que nos foi remettido.

NOTICIAS DIVERSAS.

Escrevem-nos de Ponta Delgada em 19 do corrente o seguinte: « Vae tratar-se aqui da instituição de um *asylo de infancia descalida*. José do Canto dá o terreno para a edificação da caza, e diz-se que a sua senhora e outras vão promover uma exposição de productos de bellas artes e de industria michaelense, assim como de objectos de galantarias que serão rifados para se começar a tratar de tão santa obra, á maneira do que se está praticando em Lisboa, ou vae praticar-se sob a direção de algumas fidalgas. »

Idem = « Ha oito dias que estavam no ancoradouro só dez escunas inglezas á espera do fructa, que este anno tem sido pouca e já está a 4:000 réis; agora com esta corda de vento leste, que tem reinado, acham-se no ancoradouro quasi 30 navios inglezes chegados a maior parte ante-hontem e hontem. Estou que lá para Março essa pouca fructa que houver ha de ser levada pelos inglezes a 5:000 réis por caixa. Calculo que se tem exportado até hoje 50:000 caixas de fructa; que a preço, termo medio, de 3:000 réis importam em 150 contos de valor para esta ilha. »

Idem = « Diz-se que o visconde da Praia e o barão das Laranjeiras vão construir uma estrada de sege desde a cidade até ás Furnas, tomando a direcção da costa do Norte por offerecer menos dificuldades o matto do Porto Formoso e Maia: a realisar-se este melhoramento, do que duvido, a concorrencia áquelle valle pictoresco deve augmentar consideravelmente. »

Idem = « A sociedade Philarmonica já começou as suas representações theatraes na presente estação, o drama que sabbado passado, 15, foi á scena tem por titulo = 30 *annos ou a vida de um jogador* = Sahio bem, e os representantes foram muito applaudidos e chamados fora depois de espectaculo. »

Le-se no *Heraldo*: = O escultor barcelonez Borás é um dos concorrentes á colossal estatua-senatoria, que se vae eregir em Lisboa á memoria de D. Pedro IV de Portugal, por ter legado a carta constitucional aos portuguezes. Segundo o plano por aquelle governo publicado para o concurso, esta estatua será uma das de maiores dimensões da Europa. »

Eugenia Tadolini. Esta celebre dama fez em Napoles o mais completo *fiasco* na opera *Folco d'Arles*, do *maestro* de Giesa. Summamente resentida pelos repetidos signaes de desapprovação que recebêra do publico em todo o decurso da opera, aquai aliás agradára, *Eugenia Tadolini* solicitou da empreza a annullação do seu contracto, ao que esta não accedeu.

Theatros: = No de S. Carlos tem-se repetido a *Semyramis* = Ensaia-se a *Favorita*, que segundo consta a empreza tenciona levar á scena no 1.° domingo da quaresma = No domingo 2, e na segunda 4, ha bailes de mascaras. — No de *D. Maria* dá-se a comedia magica = *A Fada do Frith*, que foi pessimamente nas primeiras recitas, e agora um pouco melhor: — Nos de D. Fernando e do Gymnasio preparam-se espectaculos variados para os tres dias do Carnaval, o *Salitre* continua na maior sensaboria.

Explicação da Charada do n.° antecedente = Novello.

Typographia de Silva.
Rua dos Douradores n.° 31 T.

MARÇO 16· 1851. NUMERO 15

A ASSEMBLÉA LITTERARIA

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publica-se todos os Domingos — Assigna-se e vende-se unicamente na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.º 18. — Preços, por trimestre ou 12 numeros 480, por semestre 900, por anno, 1:680 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos.

INDIA PORTUGUEZA.

DAMÃO.

II.

Não havemos abandonar os interesses ultramarinos, quasi que esquecidos e abandonados na metropole; assim o prometemos, e a nossa promessa hade ser cumprida, senão com aquella intelligencia que merecem taes assumptos, por sua natureza importantissimos, ao menos com aquelle zello e boa vontade com que sempre nos temos dedicado na imprensa periodica a advogar a causa do paiz.

Não somos movidos por ambições mesquinhas nem por interesse proprio; pois que todos sabem que desgraçadamente em Portugal, só se apreciam as questões politicas da actualidade; e que é necessaria muita perseverança, e muito sacrificio ao escriptor, que se afastar dessa senda commum, para se dedicar com toda a vontade, com todo o zello, e com todas as suas forças intellectuaes e moraes a trazer para a arena do jornalismo, objectos, que se por sua gravidade merecem toda a consideração, não chamam immediatamente a attenção do leitor; porque nem são recreativos pela amenidade, nem tem um interesse immediato para o individuo, que o obrigue a prestar a sua attenção a materias desta ordem.

Mas longe de nós o individualismo; é preciso bradar e bem alto que se attendam as necessidades publicas; e se a tribuna parlamentar serve mais na actualidade para eco das paixões dos partidos politicos, que para a manifestação das necessidades publicas e dos meios de as remediar, sirva ao menos a imprensa para advogar o bem da patria, concorrendo com quanto possa para o progressivo melhoramento das idéas, para o augmento das commodidades do povo, e para a sua riqueza material e moral; por que quanto maior somma de bens o povo gosar, maior grão de illustração se diffunde por toda a parte, e dessa illustração é que provem necessariamente a pratica da virtude, sem a qual é impossivel a felicidade de povo algum da terra.

E não se diga, que os brados da imprensa são inuteis; não, que isso é desauctorisar a melhor das instituições, e os resultados tem mostrado, que se grandes sacrificios são precisos por parte dos apostolos da imprensa, primeiro que alguma coisa util se consiga; tambem é certo que os homens d'uma razão clara, se vão pouco a pouco compenetrando das verdades que se discutem no jornalismo, que as sabem avaliar, e que muitas vezes a imprensa concorre, para que ainda que seja ao cabo d'annos, se adoptem os alvitres propostos em utilidade publica.

Agua molle em pedra dura tanto bate até que fura. Esta verdade popular, que por ahi anda nas boccas de todos não quer dizer outra coisa que — *perseverança* — E bem perseverantes precisamos ser para que as contrariedades nos não desanimem. Toda-

via ha momentos em que o escriptor se dá por bem pago de todas as suas fadigas e estudos, e nós acabamos de gosar um desses momentos, em que o coração sabe mais sentir o prazer, que descreve-lo. Alegramo-nos, não por nós, que somos despidos de toda a vaidade, mas pelo respeito que se presta á instituição da imprensa; por que só assim é que ella póde estar na altura que lhe compete, só assim é que pode dar em resultado o bem do paiz.

Quando escrevemos o nosso primeiro artigo sobre a *India Portugueza* occupamo-nos sobre a nossa praça de Damão; por que para tanto fomos despertados pela leitura de um trecho da consulta da Junta Geral dos estados de Goa, e que transcrevemos no mesmo artigo. Tratámos alli de fazer conhecer todo o bem e mal que um governador póde fazer aos povos seus administrados; mas não conheciamos, senão de nome, o illustre Governador que para alli se acha nomeado. Este cavalheiro logo que teve conhecimento do artigo mencionado veio procurar-nos, e honrando-nos com a sua visita, enobreceo-se tambem a si pelo testemunho de consideração que prestou á imprensa, e assim consideramos este acto de defferencia que nos presamos de consignar; e não podemos d'outro modo testemunhar-lhe a nossa gratidão, senão insistindo em que antes da sua partida tome em consideração algumas verdades mais que vamos dizer-lhe, para que sollicitando do governo as providencias convenientes vá para o seu destino munido de poderes e faculdades, que o habilitem a fazer todo o bem possivel ao paiz para que se destina.

O primeiro dos objectos que rogamos ao novo governador de Damão tenha na maior consideração é a instrucção publica, que segundo nos consta está alli em atrazo consideravel, e segundo se vê de um documento official do governo de Góa, o rendimento do subsidio litterario, em todos os estados da India é de 33,070 xerafins, gastando-se apenas na instrucção publica 19,210 xerafins, sobrando por conseguinte 13.860, que deveria ser exclusivamente applicado ao augmento de cadeiras d'instrucção primaria, e ao melhoramento deste ramo de administração em toda a India. Se o governador pois procurar saber o estado da instrucção publica em Damão, e se for de cá habilitado com meios para a melhorar e augmentar, já faz um serviço não pequeno ao paiz que vae administrar.

Para outro artigo nos reservamos ainda indicar outras necessidades d'aquella praça, fazendo votos para que sejam profícuos os resultados do nosso estudo e trabalhos sobre as possessões portuguezas do Ultramar.

M. J. Cabral.

EXPOSIÇÃO EM LONDRES.

Vamos dar conta de alguns objectos que sabemos se vão apresentar na grande exposição e continuaremos d'ora ávante em todos os numeros desta folha a dedicar algum espaço a este assumpto.

— Entre os objectos artisticos que a França destina á exposição ha de figurar uma estatua equestre de Guilherme, o conquistador, feita n'uma das fundições mais acreditadas de Paris. O modelo é de Luiz Rochel, e os trabalhos preparatorios foram inaugurados em 21 de Novembro ultimo pelo presidente da republica. Esta estatua parece que ha de ser collocado no meio do palacio da industria, como um tributo pago á gloria da França, e depois será conduzida para a Normandia, aonde será collocada como testemunho perpetuo do progresso nacional.

— O condado de Douglas (*iste of man*) o modelo de um barco de vapor de nova construcção, que offerece mais comodidade e segurança que os conhecidos até hoje com grande economia de combustivel.

— Uma estatua executada por Mr. Swimerton, e algumas flores artificiaes perfeitamente imitadas ao natural, feitas com lãa de Berlim, por uma menina de doze annos.

— E. Hil, mestre de primeiras lettras no condado de Exeter, um quadro com os retratos da rainha de Inglaterra, da prin

ceza real, e do principe de Gales, feitos com tinta e penna.

— O doctor Merry Walter de Ubithi um instrumento para indicar a aproximação das tempestades. Esta maquina ha de occupar um logar de preferencia na exposição, tanto por sua grande utilidade, como para que receba a devida acção atmospherica. Durante a exposição se distribuirá um folheto com a noticia historica deste descubrimento, como testemunho para provar a sua efficacia e um methodo para o seo manejo e applicação.

— Esperam-se das mais remotas regiões da India alguns artigos de grande valor entre elles uma magnifica barraca oriental com estacas douradas — um camapé forrado com os mais exquisitos chailes de cachemira, bordados de ouro e prata — um docel guarnecido de rubins e de diamantes — uma cama explendida, e 6 cadeiras de marfim torneado. Todos estes preciosos objectos são, depois de finda a exposição, offerecidos á rainha de Inglaterra em nome de Nawab-Nazim.

— Bodkir-Shahz, grande senhor de Khukhanodo remette magnificos leques formados com pennas das aves mais raras, com varetas d'ouro e marfim, exquisitamente trabalhados com varios lavores delicados devidos aos indios.

— Remetteram de Aberdeen um trigonometro ou instrumento para resolver as questões de trigonometria esferica.

— Aos objectos mais notaveis da industria ingleza devemos acrescentar um globo gigantesco de uma grandeza immensa com o seo respectivo eixo magnetico em contacto com todo o mecanismo do globo, e disposto de maneira que pode representar todos os fenomenos fisicos da terra, segundo os principios de geologia e magnetismo de Mr. Hopkins. Este eixo que está collocado horisontalmente é sustentado por centros e rodeado de uma plataforma circular, disposta de modo que ao por-se em movimento, appareçam á superficie do globo, os vulcões, a luz da aurora, e todos os fenomenos mais surpenhendentes que tem logar na terra. Este será sem duvida um dos objectos mais interessantes e instructivos.

Segundo as noticias recebidas de França o numero d'expositores d'aquelle paiz até hoje sobe a 1:500 os quaes é de suppor sejam os de maior merecimento; pois que entre elles se contam muitos premeados com a medalha d'ouro e com a de prata.

Para que se faça uma idéa do enthusiasmo com que quasi todas as nações do mundo concorrem a esta exposição, bastará saber-se, que o numero dos expositores na Suissa é já de 316, consideravel para aquelle paiz, e podemos asseverar que os seus productos serão muito curiosos; pois que os Suissos são poderosos rivaes na industria.

A exposição universal, pois, hade proporcionar grande instrucção a todos os productores; será uma lição sobre a importancia da industria, fonte da riqueza e do progresso das nações. O melhor baluarte contra a guerra, é sem duvida, a extensão do comercio.

PENA DE MORTE.

Mr. Anatole de la Forge dirigio á assemblea legislativa de França uma exposição para que aos condemnados á morte se faça a applicação do chloroformio. Este requerimento original, que, segundo o *Bulletim de Paris*, é escripto com profundo sentimento e grande energia, encerra um pensamento moral de elevada transcendencia, sobre o qual será justo reflectir.

A sociedade quando castiga o crime não tem por fim a vingança, mas a punição do culpado, e o exemplo; e sendo possivel que á execução do culpado se não ajunte a dor phisica, será mais um bem para a humanidade, que olha sempre compassiva o soffrimento.

Fazemos votos para que a assemblea franceza se occupe deste melindroso objecto; porque entendemos que a discussão será proveitosa para a sciencia, trazendo resultados beneficos a bem da humanidade.

CONCERTO.

No dia 19 do corrente ha um concerto

nas sallas da *Academia Melpomonense em* beneficio dos *Asylos de educação*, sustentados pelo Padre José Isly.

Consta-nos que neste concerto hão de tomar parte as distinctas cantoras Stoltz e Novello, a sr.ª Vianello, e outros artistas de S. Carlos, bem como o sr. Austri.

Se louvamos os artistas que de boa vontade se prestam a concorrer para um acto de caridade, não podemos tambem deixar de louvar a Academia pela generosidade com que empresta as suas sallas para fim tão conveniente.

Recomendar a nossos leitores deste acto de beneficencia, seria duvidar da sua caridade. Limitamo-nos a annunciar esta opportunidade aos corações bemfazejos para auxiliarem um estabelecimento de tanta vantagem para a educação da mocidade.

ROMANCE

OS CINCOENTA FRANCOS DE JOANINHA.

Capitulo 6.º

Acontecimentos Rapidos.

(Continuação do n.º 13.)

No mez de Março de 1790 foi Joaninha a Pariz, chamada por madame de Eranville, que lhe deo mil demonstrações de amizade e ternura. A desgraça começava a pezar sobre aquella familia, a quem desalmados bandidos, com a apparencia de cohortes populares, tinham saqueado quasi todas as propriedades que havia na provincia. Eranville entregue á mais sombria desesperação não encontrava prazer, nem mesmo na doce companhia de sua esposa e filha; meditava projectos sinistros, e a dor e a tristeza tinham substituido a paz e a serenidade que um pouco antes reinavam na sua alma.

Desejando Rosalia distrahir a seo esposo, tratou de o levar para o campo, mas seos rogos nada conseguiram, e receando deixal'-o só, e exposto ás desordens que agitavam a capital, insistio em ficar a seo lado, e confiar sua filha aos cuidados de Joaninha, cuja innocencia e tranquilidade corriam os maiores perigos no meio de uma cidade, cujos habitantes eram todos soldados. Terror panico, sem duvida, mas desculpavel n'uma mulher como Rosalia, cheia de preoccupações, e em quem os menores acontecimentos augmentavam a exageração de suas ideas misticas.

Recebeo pois Joaninha o encargo de acompanhar Cecilia para a quinta, e ter della cuidado como sua segunda mãe. Que felicidade para Joaninha e Cecilia, tão amigas, e tão meigas, que parecia adorarem-se uma á outra! Entregaram se pois a toda a expansão da sua ternura e tendo abraçado seos paes e bemfeitores partiram alegres e contentes; porque esperavam um futuro mais ditoso.

Quando chegaram á quinta quiseram habitar o mesmo quarto, e não se separaram: quadro interessante de amisade que as unia na vida e que algum dia havia exigir sacrificios mui penosos para a felecidade commum d'aquelles dois corações formados um para o outro!!! Desde então respirou a quinta mais vida e alegria; tudo alli era risonho e amavel e até os mesmos passaros parece que escolheram aquelle sitio como o mais a proposito para seos cantos de felecidade.

Havia n'uma das sallas uma bibliotéca escolhida. Cecilia levou para alli o seo piano, e ambas passavam o tempo em dar alguns passeios pelo jardim ou pelo campo, e em lêr, tocar e cantar. Pobres habitantes de Sevres e de Meudon! Por muito tempo havereis recordar as

visitas hospitaleiras d'aquelles dois anjos de consolação! Vós a quem a miseria e as infermidades retinham no desgraçado leito da pobreza e da morte, ¿ não é verdade que Joaninha e Cecilia vos iam levar o alimento e as drogas precisas para vos curardes? Não havia um só desgraçado nas imediações a quem ellas não tivessem enchugado as lagrimas, nem um indigente a quem não houvessem remedeado com mão prodiga!.....¿ E porque não viveram mais tempo n'aquelle logar aonde eram de tanta utilidade. Porque a fortuna as privou dos meios de praticar o bem.

As nossas duas amigas passaram um anno nestes doces prazeres. Eranville e sua esposa vinham vel'-as com frequencia, e nunca se despediam dellas senão com a maior saudade, começando a ver em Joaninha uma segunda filha.

Entretanto a revolução augmentava, e Eranville que não podia habituar-se ao tumulto tinha concebido tal repugnancia á vida, que teria abreviado os seus dias senão pensasse com frequencia que era esposo e pai. Sua mulher observava o effeito sinistro que os pesares de sua alma faziam sobre o seu fisico. Achava-se quasi arruinado; porque o fogo e as devastações tinham destruido as suas melhores propriedades, e não lhe restava mais que um pequeno rendimento e a sua casa em Pariz.

Para cumulo da desgraça um filho natural do defunto Durand, a favor das novas leis, veio reclamar toda a herança de seu pai que indevidamente tinha passado ás mãos d'um simples sobrinho. Isto deo lugar a outro processo mui longo durante o qual occorreram acontecimentos que não fizeram mais que augmentar a desesperação de Eranville. Logo que acabou o verão quiz sua mulher mudar-se para a quinta, e alli viveo tranquilla alguns mezes ao lado de sua filha; mas em resultado d'uma queda morreo a cabo de doze dias... Que pezar para Eranville! Rosalia a quem tanto amára, aquella Rosalia que era tão necessaria á sua felicidade, a quem em tudo se submettia, que advinhava os seus menores desejos, e lhe dava animo na adversidade, já não existia, e todas as desgraças choviam juntas sobre seo malfadado esposo!..

Mr. d'Eranville teria certamente enlouquecido a não serem os cuidados de Cecilia e de Joaninha que não menos aflictas que elle, tiveram ainda força para dominar a sua dôr, e dulcificar a do mais desafortunado dos homens.

Para distrahir os seus pezares Eranville concebeo o projecto d'ir ás provincias visitar as suas antigas propriedades, a ver se era possivel salvar alguns restos da sua fortuna. Quiz que sua filha o acompanhasse, e Joaninha ficou na caza de Pariz para a governar assim como a caza de Meudon que eram quasi os unicos bens que lhe restavam.

Partio pois com Cecilia, e foram taes as contrariedades da sua viagem, que estiveram mais d'um anno ausentes. E' verdade que Eranville a quem todos os logares eram indifferentes, permanecia n'uma cidade quando alli se dava bem e era tal a sua aversão a Pariz, que retardava quanto podia a sua volta.

Durante a sua ausencia foram-lhe de mal a peior os interesses por causa de se não dedicar a elles. O filho natural de Durand ganhou a demanda por negligencia dos advogados d'Eranville, e este foi condemnado a reststuir-lhe toda a herança de que gosava ha mais de vinte annos; mas como Mr. d'Eranville não houvesse bastante para restituir a totalidade, foi despojado dos poucos

bens que tinha, e Joaninha que administrava a caza em Pariz, vio-se na necessidade de a abandonar para ceder a posse aos agentes da justiça e ao verdadeiro herdeiro. Joaninha não via outro asilo para si e seos amos, mais que a quinta, que felizmente pouco tempo antes Eranville tinha posto em nome d'um amigo, chamado Lefevre, para lhe proporcionar este recurso no caso de perder a demanda. Joaninha escreveo esta triste noticia a Mr. d'Eranville, que estava então na Bretanha, e este golpe causou-lhe tal abalo, que esteve perigosamente doente. Sua filha prodigalisou-lhe tantos cuidados, que conseguio restituir-lhe um pouco a saude, e forças bastantes para voltar a Meudon.

Que entrevista a daquelles desditosos com a sensivel Joaninha! Copiosas lagrimas catam de todos os olhos, já não tinhão terras, nem cazas, nem cavallos, nem carruagens. Joaninha tinha despedido Victoria e seu marido Picard, n'uma palavra eram já pobres. Eranville não pode sobreviver a tanta dôr, tornou a adoecer e em pouco tempo a sua filha e amiga tiveram o pezar de saber que os medicos desesperavam de seus dias.

(*Continua*).

THEATROS.

S. Carlos. Tem-se repetido a *Esmeralda*! Na terça feira não houve récita porque madame Novello está doente, e na quinta deo-se uma especie de concerto que os assignantes foram obrigados a ter como recita ordinaria!! Annunciou-se que madame Stoltz tomava parte neste concerto, cantando *romanzas* em francez, o publico cahio, e depois de ter gasto o seo dinheiro é que ouvio estar affixado no salão um aviso de que esta senhora, por incomodada não podia cantar! Que pacientes que nós somos!

Rompe a symphonia, toca a orquesta, e o sr. Musich que vinha cantar a aria de *Crispus*, na Fausta, apresenta-se rouco. Seguio-se o sr. Portehaut, que cantou a aria de Constantino da mesma opera. — Veio depois o sr. Schira acompanhar, n'um pianno indecente para aquelle theatro, um duetto cantado pelos srs. Rocco e Scola. — *Versatemi del vino.* — Na segunda feira do carnaval deo-nos a empreza a — *Fausta*, e na *quinta feira de passos*, esta e outras peças de musica, jocosas. Que bom senso!!!

Estava annunciada a grande scena e a aria da opera Belisario pelo sr. Musich, mas a rouquidão deste tenor, fez-nos ficar em branco. O sr. Rocco cantou divinamente a aria jocosa de Donizetti — *Vive il matrimonio*, que mereceo as honras do *bis*, bem como o *Fleurette*, romanza franceza composta e cantada pelo senhor Portehaut. Esquecia-nos dizer que os duettos dos srs. Rocco e Scola foram bem cantados e applaudidos. Em cima do pianno appareceram tarde e a más horas dois imundos castiçaes com velas de cebo! Estamos convencidos que os foram buscar aos camarins dos comparsas; pois que nos parece impossivel, que mesmo qualquer segunda bailarina os pudesse conservar, sem vergonha, no seo gabinete de vestir.

Valeo-nos o serem compensadas todas as miserias desta noite com a insigne rabeca do sr. Austri, e tanto a fantesia sobre motivos da opera — *O juramento* — como o *carnaval de Veneza* foram tocadas pelo illustre concertista com proficiencia e sentimento, sendo applaudido e chamado com verdadeiro enthusiasmo.

A empreza poderia aproveitar esta noite para nos appresentar a sr.ª Vianello; mas nem isso lhe lembrou, occupada em mandar arranjar um pianno sem vozes, e um par de castiçaes só proprios da choupana de algum miseravel, de nada mais curdou!

Acredite a empreza, que sempre que virmos taes despropositos haremos censu-

ral'-os com severidade, e assim como nunca duvidamos elogial'-a quando merece, tambem não ficaremos silenciosos, quando virmos assim o publico ludibriado, e os artistas sacrificados.

— *D. Maria.* O theatro em que a nação despendeo uma somma enorme para dar vida á arte dramatica, foi cedido ao senhor Felipe Debarr para nos mostrar o seo gabinete de physica e as suas habilidades! A administração deste theatro parece não ter brio algum com estas coisas. Apresenta-se qualquer charlatão ou arlequim e tudo logo se lhe franquea. Não queremos dizer que o senhor Debarr esteja neste caso; pois se é certo que nos não appresentou novidade alguma, tambem devemos confessar que é perfeito nos seos jogos e experiencias; o que estranhamos, é que lhe fosse cedido o primeiro dos theatros nacionaes para os seos trabalhos.

D. Fernando — A sociedade tem ultimamente enrequecido o seu reportorio com operas comicas e comedias novas que tem agradado. *O Polichinello* — *A jarra quebrada*, — *O Octagenario* — *Mais vale quem Deos ajuda que quem muito madruga* — *e a volta do Cemiterio*; tudo isto foi á scena em tão pouco tempo, que bem mostra os esforços, que esta empreza faz por agradar. *A volta do Cemiterio* foi hontem em beneficio dos srs. Macedo e Vieira. E' uma farça que já se representou em Lisboa, com o titulo de *Dois Papalvos* — e que arranjada agora de novo, e com coros, muito agradou.

O que neste theatro está causando enthusiasmo é a Zarzuella hespanhola, em que entram a sr.ª Rafaela, e o sr. De-Bezzi em lugar da sr.ª Persoli, e do sr. Mollas, e tanto estes dois artistas como os srs. Sarzedas, Faria, e Vieira, são sempre applaudidos, fazendo o publico com que repitam muitas das engraçadas quadras que costumam cantar.

Gymnasio. Ouvimos, que, por ordem da auctoridade, fora retirada da scena uma das melhores comedias que alli se tem dado — *O Valente da Moda*! Não o affiançamos, mas para credito da authoridade, estimaremos que assim não seja!»

NOTICIAS DIVERSAS.

No dia 5 do corrente houve um forte tremor de terra em Milão.

S. S. fez um magnifico presente á rainha de Hespanha, que consistio n'uma preciosa mesa de mosaico de marmore da grande fabrica do Vaticano, em Roma, e bellissimos quadros da escola italiana.

No dia 12 do corrente sahio das agoas do Tejo, com destino a Londres, o vapor de guerra *Infante D. Luiz*, levando a seu bordo o sr. Antonio Valdez, encarregado da conducção dos 91 volumes d'objectos d'industria portugueza que hão de figurar na exposição de Londres.

Acabam de chegar a Madrid, os principes belgas Henri de Lique, e Rodolfo de Crois, juntamente com o conde Paul de Hannoy.

N'uma correspondencia de Londres que transcreve o *Heraldo* de 9 do corrente, e que é datada do 1.º de Março lemos o seguinte:

«Poucos dias depois de ter chegado a noticia da miseravel situação em que se acham as ilhas de Cabo Verde, flageladas pela fome e pelo contagio, sahio do Tamisa para aquelle destino um navio de 500 toneladas carregado de farinha, d'arroz, carne salgada e outros comestiveis, tudo á custa da caridade dos inglezes.»

Este procedimento honra a generosidade da nação britanica. Se os habitantes de Cabo Verde tivessem que esperar os auxilios de Portugal morrerião de desesperação por que objectos desta natureza são sempre tratados neste paiz com a maior morosidade!!!

O Direito E' o titulo d'um jornal que vae publicar-se na cidade do Porto, e que hade unicamente tratar de legislação e jurisprudencia, sendo redigido pelo bacharel Joaquim Marcelino de Mattos.

Incendio Horroroso: Nos Mares da China occorreu ha pouco uma grande catastrophe de que foram victimas milhares de pessoas. Foi um incendio que se ateou nas embarcações ancoradas no rio Kieng, em frente de Ou-Chan-Fou, capital de Hou-Quouang. Arderam para cima de 30:000. barcos, e cada um delles tinha a seu bordo de 50 a 60 pessoas. Os jornaes inglezes, donde tiramos esta noticia dizem que os cadaveres que tem apparecido já desfigurados e mutilados sobem a 60:000 E' o incendio mais destruidor de que se tem noticia em todo o universo!!

———

Emigração: Segundo a *Esmeralda*, jornal do Porto, sahio ha pouco para o Brazil a barca *Tentadora* levando a seu bordo mais de 400 pessoas!!

———

No theatro lyrico do Porto representou-se ultimamente o —*Barbeiro de Sevilha*— e a —*Luiza Miller*.—

———

O sr. bispo do Porto prohibio que a empreza da sr.ª Emilia das Neves repetisse a representação das *Proezas de Richelieu*.

Não obstante vermos esta noticia no *Eco Popular*, ainda o não podemos acreditar. —¿Quem conferio ao sr. bispo authoridade sobre os theatros? Que paiz é este, aonde um prelado da Igreja assume a authoridade d'inspector dos theatros?

Não tem sido as *Proezas* representadas tantas e tantas vezes em Lisboa? Quem se lembrou nunca de as prohibir? Essa gloria estava reservada ao sr. bispo do Porto!! Se eu fosse empresario do theatro, de que Deos me livre, é então que fazia subir diariamente á scena as *Proezas de Rechelieu*!

———

EXPEDIENTE.

A Assembléa Litteraria troca com todos os jornaes portuguezes e estrangeiros que assim o quizerem: actualmente troca e agradece ás redacções que já a tanto se dignaram, e são as seguintes:

FOLHAS ITALIANAS.

Gazeta Piemonteza. — Pirata.

FOLHAS HESPANHOLAS.

Heraldo. — Chronica. — Orden.

JORNAES DE LISBOA.

Estandarte. — Lei. — Revolução. — Patriota. — Nação. — Diario dos Pobres. — Atheneu. — Revista Universal. — Revista Popular. — Rivista del Medio Dia. — Ecco dos Operarios. — Gazeta dos Tribunaes. — Espectador. — Industriador.

JORNAES DO PORTO.

Periodico dos Pobres. — Ecco Popular. — Patria. — Theatro. — Esmeralda.

JORNAES DAS ILHAS.

Açoriano Oriental.
Correio Michaelense.
Revista dos Açores.
Revista Michaelense.
} Ponta Delgada.

Este numero foi retardado uma semana, de que o redactor pede desculpa; mas adverte que os senhores assignantes em nada ficam prejudicados, porque as assignaturas são por numeros e não por mezes.

———

ANNUNCIO.

PASTA PEITORAL DE CARACOES.

E' efficassissima na cura dos catarros, — tisicas — asthmas — rouquidões — toces — e todas as demais molestias do peito.

Em Hespanha —França —Inglaterra etc tem ella um extraordinario uso: realmente possue propriedades que a tornam muito recommendada, e reconhecidamente sobresahe a todos os preparados desta ordem; sendo de resultados ainda mais vantajosos e proficuos, que a tão famigerada pasta de Regnault.

Typographia de Silva.
Rua dos Douradores n.º 31 T.

ABRIL 1· 1851. NUMERO 13

A ASSEMBLÉA LITTERARIA

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publica-se nos dias 1.° e 15 de cada mez. — Assigna-se e vende-se unicamente na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.° 18. — Preços, por trimestre os 12 numeros 480, por semestre 900, por anno, 1:600 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos.

Este jornal publica-se d'hora em diante nos dias 1.° e 15 de cada mez. Os senhores assignantes em nada ficam prejudicados, por isso que as suas assignaturas se contam por numeros e não por mezes. Logo que estejam removidos os obstaculos que dão motivo a esta alteração, continuará a publicação semanalmente.

EXPOZIÇÃO EM LONDRES.

Achamos de tanto interesse o alvitre apresentado pelo sr. Ayres de Sá Nogueira na carta que vae ler-se, que não duvidamos retirar outras materias para lhe dar logar como preferencia em nossas columnas, chamando para este objecto toda a attenção dos nossos leitores.

A exposição em Londres dos productos da industria de todo o mundo, é um facto de tão vasta concepção e de tão elevada magnitude, e deverá ser de tão relevantes resultados, que elle ficará marcado nos annaes do universo industrial, como um dos mais celebres acontecimentos do mundo economico.

Este facto pois, com razão tem attrahido a mais seria consideração de todos os governos, dos homens de genio, e da sciencia, da industria, e do commercio, por que a elle está ligada uma parte muito importante dos interesses futuros de todos os povos.

E se a um bom governo cumpre fazer estudar profundamente aquella exposição no seu complexo, e na probabilidade dos seus resultados, aos homens de genio, da sciencia relativa, da industria pratica, e do commercio, não menos incumbe estudar os diversos ramos das suas especialidades; por que em consequencia de um e outro estudo, as nações poderão conhecer geral e especialmente o que lhes convem mais desinvolver ou restringir, melhorar ou fomentar, remedear, ou crear, nos vastos e importantes ramos do seu respectivo commercio, ou industria, tanto agricola, como fabril, e manufactureira.

Ao governo deixemos, a realisação do que n'esta parte lhe pertence cumprir, mas a nós, os homens intimamente interessados nas diversas especialidades industriaes em que nos empregamos, e das quaes não só tiramos a nossa subsistencia, mas tambem sustentamos por meio d'ellas a fortuna e o bem estar de todo o paiz, cumpre-nos procurar (como é nossa obrigação) por todos os meios ao nosso alcance, poder realisar o que devemos, tanto por interesse proprio, como por patriotismo.

A par deste pensamento, nasceu a idéa, verdadeiramente nacional, de uma expedição portugueza exploradôra da exposição de Londres, que deverá ser formada dos homens de genio, e da sciencia relativa; dos lavradores, fabricantes, commerciantes e artistas. A sua missão comprehende dois grandes fins.

1.° — Que cada uma dessas classes pos-

sa de por si mesma e na parte que lhe é respectiva, ver com a mais seria attenção, meditar e estudar profundamente tudo quanto o merecer, e for relativo a esta mesma classe.

2.° — Formar em resultado deste estudo, um relatorio exacto de tudo quanto tiver encontrado, e que mereça ser relacionado, no que diz respeito a quaesquer conveniencias dessa mesma classe, com o fim de que sendo publicado em portugal, possa aproveitar a todo o paiz

São estes os fins altamente economicos e patrioticos d'esta expedição, conseguidos os quaes, ninguem dirá que Portugal não tenha procurado alcançar da exposição de Londres, d'esse grande facto (n'este genero), unico na historia, todas quantas vantagens d'elle poderem tirar, a sciencia relativa, a agricultura, o commercio, e a industria fabril e manufactureira: e por este esforço patriotico de honra, credito nacional, e dever economico, Portugal não só, e n'este sentido ficará a par de muitas nações que sabem conhecer as suas conveniencias, como tambem excederá a outras muitas

Esta expedição, com os meios que se esperam realisar, será o menos dispendiosa possivel; calcula-se que se poderá demorar em Londres trinta dias, para o estudo a que ella se propõe; e que a despeza pessoal de viagem, residencia e sustento, não deverá exceder cento e vinte mil réis, no praso de trinta dias, e dez para ida e volta.

Ella tem uma direcção a quem incumbe regular quanto lhe respeita, bem como, fazer inscrever os nomes dos representantes das differentes sciencias, e industrias, para este fim nomeados pelas respectivas classes; e aquellas pessoas que determinarem fazer parte d'esta expedição, podem desde já inscrever o seu nome, dirigindo-se para este fim a casa do abaixo assignado, ao Campo de Sant'Anna, no Pateo do Thorel, em todos os dias, até ás dez horas e meia da manhã; para onde se póde tambem dirigir qualquer correspondencia a este respeito.

A direcção será acompanhada de um ou mais secretarios habeis, para recolherem, e coordenarem as observações que as pessoas da expedição (que representarem qualquer industria) exijam se registem, para conhecimento e conveniencia dos diversos ramos que essas pessoas representarem, e com o fim de dar noticia ao paiz, na sua volta a Portugal.

De muitos pontos do reino se espera que muitas pessoas queiram fazer parte d'esta expedição, e para maior commodidade dos que residirem nas provincias do Norte, o barco de vapor que a conduzir, tocará no Porto, para receber as d'quella parte do paiz, quando previamente se hajam feito inscrever, e tenham satisfeito as condições exigidas, que no acto da inscripção serão presentes.

A residencia em Londres será a bordo do mesmo barco que conduzir a expedição, onde se procurará que hajam todas as commodidades possiveis.

O barco deverá estacionar-se quanto for conveniente, em um sitio proximo ao local da exposição.

A prioridade na inscripção dará direito á escolha de acommodação a bordo. Ninguem poderá levar mais do que o que for preciso para o seu serviço.

Como é possivel que alguns artistas habeis, podendo aproveitar muito (em consequencia dos seus talentos ao ramo d'industria a que pertencem), no seu estudo em Londres, não estejam comtudo no caso de fazerem á sua custa a despeza indispensavel, assentou se que, quando aconteça serem elles nomeados para membro d'esta expedição, por qualquer classe d'industria portugueza, d'aquellas que alli devem ser representadas, e quando mostre que os meios pecuniarios dos membros d'essa classe, são tão apoucados e mesquinhos, que cotisando-se entre si, não podem alcançar a quantia necessaria, no todo ou em parte, para a despeza que lhe é relativa, que n'esse caso, essa despeza, no todo ou na parte que faltar, deverá ser gratuitamente satisfeita pela direcção, isto porem quando se tenham alcançado os meios que se esperam conseguir para este fim, e até ao numero das pessoas para que elles possam chegar.

Além daquelles pertencentes ás classes indicadas, a admissão se facilitará tambem a todas as pessoas de intelligencia e probidade, e conforme o numero que concorrer dos homens especiaes: estas pessoas porém, contribuirão com uma quantia um pouco mais elevada, e a maioria destas quantias reverterá tambem em favor dos industriaes que estiverem no caso que acima fica mencionado.

Quando não haja inconveniente, a expedição será levada a effeito, e deverá partir de Lisboa em Junho; e com a antecedencia necessaria, a imprensa indicará o dia da partida.

Tal é o modo como mais facil e commodamente se pensou poder fazer um importante serviço ao paiz e á nossa industria em particular; proporcionando por este modo a visita e o estudo serio e grave da exposição de Londres, a quem de certo, apesar dos mais bem fundados desejos, não teria meios para o poder realisar individualmente.

Esta idéa que já tem as sympathias de todos a quem tem sido communicada, confiamos que merecerá tambem a da imprensa periodica e das classes scientificas; e muito principalmente a dos homens de genio, e da industria, tanto agricola, como fabricante e artistica, por ser a quem (por todas as rasões) mais particularmente interessa.

São portanto convidadas para escolherem os seus representantes, e para em tempo fazerem inscrever o seu nome no numero daquelles que devem compor esta expedição de tanto interesse nacional, não sómente as classes que já ficam mencionadas como tambem muito especialmente e muito em particular — a Associação Promotora da Industria Nacional — as Associações Mercantis do Reino — a Universidade — a Academia das Sciencias — a Polytechnica de Lisboa e do Porto — as Associações Agricolas, e emfim todas as Corporações Scientificas, que mais ou menos tenham relação com o objecto de que se trata. Espera-se da sua benevolencia e obsequio, que hajam de receber este convite como se em particular lhes fosse dirigido.

O abaixo assignado muito attenciosamente pede a toda a imprensa periodica portugueza, para que, quando por ella seja acompanhado na convicção de haver neste pensamento muito interesse e brio nacional, e afim de que elle se torne em uma realidade, o queira coadjuvar nesta empreza, com os poderosos meios que tem ao seu alcance.

Lisboa 12 de Março de 1851.

Ayres de Sá Nogueira.

Relação dos objectos enviados á exposição pelo districto de Evora.

Amostras de minas metallicas de Borba, entre as quaes abunda o chumbo.

Marmores de Estremoz — cinco palmos quadrados, sendo um todo branco, outro branco e amarello, dois branco e azul — e um azul e vermelho com brancos. Este marmore acha-se á superficie da terra em carreiros não pequenos e mui faceis de explorar.

Marmore de Borba! — dois palmos quadrados, azues, mas com sua variedade.

Louza — (vulgo lages) que se encontra em Mourão — um palmo qudrado — jaz em grandes massas em terras escabrosas. Podem extrahir-se pranchas até quarenta palmos de comprido. As de menor comprimento podem ser mui delgadas.

Talco — uma lasca extrahida de uma mina, que ha no termo de Arraiolos, de facil exploração.

Cal hydraulica da villa de Vianna — E' uma cal que com areia ordinaria fórma um cimento impenetravel á agua, e por isso excellente para os tanques.

Agua-ardente — duas garrafas — esta bebida é feita dos resides de erva do Redondo. — Uma das garrafas contem a qualidade simples de 25.° de Beaumé. — A outra é de aguardente composta em 2.ª destillação com uva doce e casca de limas.

Madeira — dois palmos quadrados — um de azinho, outro de sobro. Estas madeiras são apreciadas por sua rijeza, e as pro-

prias para construções dos instrumentos agrarios, para os quaes muitas vezes se encontram nas arvores com as curvas necessarias.

Trigo de Monsaraz — produz até quatroze espigas em uma só cana.

Arroz (com casca) duas qualidades — a 1.ª da semente da Carolina — a outra da semente do paiz.

Rolhes — de cortiça, um porção.

Mel — Um frasco da fabrica no concelho de Evora.

Cera amarella — do Redondo, uma tira.

Cera branqueada de Evora — Um grume.

Bugios — fabricados em Evora — Uma porção.

Cardo penteado — Uma dita.

Um modello das canetas com canga para bois — das uzadas em Evora — e um outro dos carros para moares.

Um modello dos arados do Alemtejo.

O author das seguintes *correcções*, foi tão cavalheiro, que antes de as fazer imprimir as remetteo particularmente ao nosso amigo o sr. Eduardo de Faria, que teve a bondade de nos dar dellas conhecimento: e que de certo nos não levará a mal, d'aqui as reproduzirmos com o fim unico de recomendar aos escriptores o maior escrupulo em objectos desta natureza, importantissimos para quem presa a verdade da historia, e o bom nome d'aquelles que se dedicam ao estudo das coisas patrias.

CORRECÇÕES.

NOVO DICCIONARIO DA LINGOA PORTUGUEZA, REDIGIDO POR EDUARDO DE FARIA: DEDICADO A SUA MAGESTADE EL-REI. SEGUNDA EDIÇÃO,

« Açôres, (geogr.) ilhas do oceano atlantico, debaixo do dominio dos Portuguezes. Por se haver encontrado na do Fayal (quando Vello ali foi a primeira vez) familias flamengas, se-lhe deo o nome de *Insulæ Flandricæ*, e *Açores* pela grande quantidade que n'ellas se criam. Tambem se lhes chamam Terceiras, da principal d'ellas, que se nomeia a Terceira. Antigamente eram sete, e hoje nove, cujos nomes são: Terceira, S. Miguel, Santa Maria, Graciosa, S. Gorge, Pico, Faial, Flores, e Corvo. Tem-se observado que estando um navio ao meridiano dos Açores, a agulha de marear olha direita para o norte, sem variação alguma, ou declinação para o nascente ou poente. Isto deu motivo a Mercator para assignar o primeiro meridiano n'estas ilhas, em vez de que outros o collocam na ilha de Ferro, uma das Canarias. Em 1128 D. Gonçalo Vello commendador de Almouros, partiu de Lisboa para ir reconhecer as ilhas dos Açores, e sómente reconheceo sete, as quaes achou sem habitantes naturaes do paiz, e unicamente umas familias Flamengas que o naufragio, ou outro incidente ignorado levou ali. Na ilha do Corvo se acha uma estatua equestre sobre um pedestral, tudo de uma especie de terra cozida, no qual se observam certos caracteres, que até hoje se não tem podido decifrar. O cavalleiro com a mão erguida para o occidente, parece que indica haver alli terras. A ilha de S. Miguel é celebre pela batalha naval, que o marquez de Santa Cruz ali ganhou em 1582, a D. Antonio Prior de Crato, que disputava a corôa de Portugal a Philippe II, rei de Hespanha. São estas ilhas mui uteis aos negociantes, que alli se estabelecem, porque se acham commodamente situadas para a navegação das Indias orientaes, e do Brazil. Alguns crem serem estas ilhas as *Cassiterides de Plinio.* »

DICCION. cit. — verb. *Açores.*

De homem é o errar: perfeito só Deos!

O *Diccionario da Lingua Portugueza*, do sr. Eduardo de Faria, verb. *Açores*, carece de correcção. O auctor seguiu alli mentores ignorantes, que o informaram mal. Não ha que fiar em noções de historia patria, dadas por estrangeiros, quasi sempre superficiaes, contradictorios, e rivaes de nossas antigas glorias.

Dos Açores, força é confessal-o, nem nacionaes, nem estranhos sabem assaz: é um dos pontos da monarchia portugueza sobre que se não tem feito estudos e investigações, e menos se tem escripto d'elles com verdade, e conhecimento de causa. Não admira por isso, que até escriptores portuguezes claudiquem tanto, quando querem algo dizer do archipelago adjacente.

E' mau apparecer n'um Diccionario *Portuguez*, obra de *Portuguez*, edição feita em *Portugal*, um artigo sobre coisa *Portugueza*, com taes incorreções: — é argumento, que de nós, das nossas coisas, e contra nós mesmo, damos a inimigos.

Estas considerações demovem coração portuguez a fazer as advertencias, que se seguem; das quaes o auctor do Diccionario fará o uso que lhe parecer melhor, e a importancia do objecto aconselhar.

As inexactidões, que o artigo *Açores* traz, manifestam claramente as fontes, a que o auctor foi beber. Reproduz todos os vicios dos diccionarios, e mais obras estrangeiras de geographia, e ainda da moderna collecção *Penny Cyclopedia*, e até a mesma falta de orthographia no nome de Gonçalo Velho, descobridor da ilha de Santa Maria.

Não é este logar para dissertar largamente: só apontaremos de passagem os pontos em que o artigo desdiz da verdade.

I Velho (e não *Vello*, como o *Diccionario* escreve) nunca foi á ilha do Fayal: a descobreta dos grupos central, e occidental dos Açores, não é obra d'elle, que só descobriu a ilha de Santa Maria, e reconheceu a de S. Miguel.

II Nos Açores não se encontraram *familias flamengas*: os portuguezes acharam as ilhas completamente deshabitadas, e até mesmo sem animaes quadrupedes.

III A denominação de *Insulæ Flandricæ*, que alguns (estrangeiros) antigos lhes deram, nasceu de terem vindo a ellas, á cata de estabelecimento e fortuna, familias, e alguns dos muitos aventureiros do norte maximé *Flamengos*, que procuravam então o serviço, e a gloria das armas portuguezas. As capitanias, e cargo das primeiras colonias das ilhas do Fayal, S. George, e Terceira, foram sim dadas a Flamengos; mas nem elles, nem nenhuns outros, que não fossem portuguezes, concorreram directa ou indirectamente para o descobrimento dos Açores.

IV O nome *Açores* veio ao archipelago das aves, que, taes, ou similhantes, se encontraram então nestas ilhas; mas não começou logo a dar-se-lhes: só principia a apparecer depois de já descobertas algumas d'ellas.

V Foram chamadas *Terceiras*, não porque a ilha Terceira fosse a *principal*, mas porque, por seu estado de natural fortificação, defeza, e mór centralidade, foi escolhida para séde do governo episcopal, e depois para a do governo politico.

VI Gonçalo Velho Cabral em 1128 só estava na massa dos possiveis! Foi em 1431 (303 annos depois!) que navegou e descobrio os baixos das Formigas? — no anno seguinte, a ilha de Santa Maria; — e tres annos depois, reconheceo a de S. Miguel, sómente. Não reconheceo sete; reconheceo duas. Das outras, descobridores, e datas de descobrimento, são ainda quasi adivinhações, e objecto de incerteza.

VII *A estatua equestre* da ilha do Corvo, não é mais do que uma fabula maliciosa! O Diccionario diz que a estatua de barro cosido, ainda se acha na ilha; mas Damião de Goes, que primeiro d'ella fallou, ha já tres seculos, diz que estivéra, e era de pedra, saindo massiça de uma lagem. Este ponto, importante para a historia dos Açores, philosophicamente considerado, tem sido esquecido por todos os que pouco e mal hão tratado dos nossos descobrimentos. Uns negam, outros affirmam, tudo porem sem critica, nem fundamento cabal. Entretanto sabemos, que ha, e já vimos uma memoria inédita, sobre o objecto, que tira todas as duvidas, e escrupulos, e convence plenamente da falsidade do monumento, e seus accessorios. Esta estatua é um dos élos da historia fabulosa e ultra romantica, não só dos Açores, mas de todo o mundo.

VIII « São estas ilhas mui uteis aos negociantes... porque se acham commoda-

mente situadas para a navegação das Indias orientaes e do Brazil.» — São....? não, foram! E ainda mal que isso não passa hoje de uma seductora recordação historica!

A' falta de uma historia dos Açores, propriamente dita, elaborada como convem, e é de justiça, póde o auctor do Diccionario consultar as breves noções menos inexactas, que se conteem na *Folhinha da Terceira para o anno de* 1832.

Revista dos Açores

LIÇÃO A'S ORGULHOSAS.

O imperador da Austria deo um baile magnifico no ultimo carnaval, para que convidou os officiaes distinctos do seo exercito. Um delles illustre pelo talento, mas não pelos pergaminhos foi convidar uma fidalga para que dançasse com elle a primeira contradança, e ella em presença do imperador se escuzou com ar arrogante; por isso que o joven militar não era da classe do *sangue azul*.

O imperador foi direito a sua Mãe; a archiduqueza Sophia, e depois de com ella conversar um pouco, dirigio-se ao official, dizendo-lhe que sua mãe o convidava para dançar com ella a primeira contradança, e pegando-lhe do braço o conduzio á archiduqueza!

O orgulho deve ver-se a este espelho!

NOVO METHODO DE EVITAR DELONGAS.

Lê-se n'um jornal de Pariz, que mr. B... director da orquestra d'um dos principaes theatros d'aquella capital, atravessava com grande pressa e precipitadamente a rua de Montmartre, para chegar ao logar do seu destino a horas competentes, levando debaixo do braço a sua rebeca em caixa de madeira. Esta esbarrou na vidraça d'um logista e quebrou o vidro. O dono da loja poz-se a gritar encolerisado, e perguntou quanto custava o vidro.

— Dois francos e meio, respondeo o logista.

— Dê me a demasia, disse mr. B... atirando para cima do mostrador uma moeda de cinco francos.

— O logista demorava-se a procurar o troco nas gavetas, e mr. B... zangado com a demora, quebrou de proposito outro vidro, e continuou o seu caminho, dizendo ao logista: « — *Estamos em paz.* »

ROMANCE

OS CINCOENTA FRANCOS DE JOANINHA.

Capitulo 7.°

Quadros menos sombrios

(Continuação do n.° 15.)

Eranville seguio de perto a Rosalia no sepulcro, deixando na terra as duas meninas creadas na opulencia, e reduzidas ao estado de miseria, no tempo d'uma revolução, em que mais desenvolvidas estavam as paixões funestas á innocencia.

Esta morte pareceo submergir as nossas duas amigas n'um vacuo horroroso, e sós, por assim dizer sobre a terra, olharam-se longo tempo com uma especie de espanto, e como perguntando-se uma á outra, que seria d'ellas.

Este silencio estupido prolongou-se por algum tempo, servindo depois de consolação ás pobres orphãas os bons cuidados de Richard, e os de um amigo que vivia n'aquellas immediações. Era Mr. de Verneuil, de trinta e seis a quarenta annos, e era tão timido como bom e sensivel.

Algum tempo antes da morte de Rosalia e de Eranville, conhecera Joaninha, e ia com frequencia á quinta para a ajudar a cultivar as suas flores ou para a acompanhar no canto com uma guitarra que tocava admiravelmente. Ambos passavam momentos felizes, e a sua virtude de todos conhecida, impedia a calumnia de manchar a sua reputação. E' verdade, que mr. de Verneinl não olhava para Joaninha com indifferença, e mais de vinte vezes esteve tentado a offerecer-lhe a sua mão; mas

nunca soltou uma palavra que pudesse revelar o seu amor, e contentando-se em a adorar em segredo, Joaninha attribuia sómente á estima e amisade o que era obra exclusivamente do amor.

Um dia que mr. Verneuil estava ausente receberam uma ordem que as aterrou, e era para deixarem a quinta que já não lhes pertencia! Que novo golpe para a sua sensibilidade!! Aguardaram com impaciencia a chegada do seu amigo a quem mostraram aquelle papel, e que ao vê-lo exclamou:

— Que perversidade!

— ¿Que é isso, senhor, que significa essa ordem para que deixe-mos esta caza?

— Isto quer dizer, Cecilia, que vosso pai antes de morrer, vendo-se quasi arruinado, fez uma escriptura fingida de venda desta quinta a um tal Lefevre; e este malvado é quem hoje se quer apossar della.

— Monstro!

— Conheceis-l-'o?

— Não, senhor.

— E' um tratante. Mas vosso pai talvez deixasse entre os seus papeis alguma contra escriptura desta venda simulada, procuremos.

Mr. de Verneuil, examinou escrupulosamente todos os papeis do defunto, e nada encontrou. Foi a Pariz, consultou um advogado, tentou uma demanda, mas perdeo-a.

Esta era a ultima prova a que o destino podia submeter as nossas duas amigas, nada já tinham a perder, e era impossivel que a sorte lhe reservasse maiores desgraças. Desprovidas de recursos, de asilo, sem fortuna, sem estado, e até sem forças; por que o excesso da desgraça tinha completamente enervado a sua energia. Para cumulo de infelicidade, o seu amigo Verneuil, foi involvido na proscripção geral, que designou o reinado do terror. O infeliz foi preso e metido n'uma enxovia, e não tendo parentes nem amigos que podessem vigiar por seus interesses nem ainda satisfazer ás suas precisões, Cecilia, e Joaninha, foram as que se encarregaram, de, nesta occasião, lhe prestar os serviços, então perigosos da amisade vigilante e activa. ¿Mas como podiam ellas, não tendo recursos alguns, enviar-lhe soccorros pecuniarios? Um bom coração é superior a todos os sacrificios; Cecilia vendeo as joias de sua mãe, e com o seu producto conseguio sustentar a sua amiga, a si propria, e ao estimavel Verneuil por espaço d'alguns mezes.

Esgotado este recurso, foi preciso crear outros: Cecilia foi quem propoz á sua amiga, o cozerem e bordar para fóra. Joaninha não pode conter as lagrimas ao ver a menina d'Eranville, destinada em outro tempo a uma herança consideravel, reduzida a trabalhar com o agulha para subsistir. As duas amigas pois, reduzindo-se a viver n'uma agoa furtada, se entregaram a um trabalho assiduo, pouco lucrativo, mas sufficiente para acudir ás suas necessidades.

Por outro lado, Mr. de Verneuil já recebia auxilios da sua familia, e não queria ser mais gravoso á amisade; porque posto se não envergonhasse dos beneficios recebidos, experimentava todavia um profundo pezar ao ver os sacrificios que por elle faziam as suas generosas amigas.

Todavia, Cecilia, que tratava Joaninha como se fosse sua irmãa, não se atrevia a descobrir-lhe um segredo que a penalisava. Suspirava, levantava os olhos para o céo, e muitas vezes deixava cair sobre a costura algumas lagrimas, que se apressava a enchugar receando que Joaninha as divisasse. Por muito tempo julgou esta que a melancolia da sua amiga era consequencia natural das suas infelicidades; porém vendo a especie de reserva que tinha com ella, acreditou que o seu pezar provinha de alguma causa que lhe era desconhecida. Excitando isto a sua curiosidade, procurou espial-a com a maior dissimulação, e chegou muitas vezes a surprehendel-a lendo cartas que occultava precipitadamente. Joaninha não se atrevia a pedir a Cecilia que lhe revellasse os seus segredos; mas estava persuadida de que a sua amiga os tinha para com ella, e isto offendia a sua delicadeza.

Finalmente resolveu-se a romper o silencio, e disse a Cecilia.

— Até agora, menina, lisongeava-me de possuir a vossa amisade, e sobretudo de

ter a vossa confiança: mas receio não me haver tornado tão digna della como desejava.

Cecilia olhou-a attentamente, e perguntou-lhe com ar distrahido, por que tinha aquelle receio.

— Perdoae, menina, a minha temeridade, respondeo Joaninha, mas creio que tendes pesares, cuja causa eu ignoro.

— Pesares, Joaninha! se os tenho! ¿Não perdi por ventura, meu pai, minha mãe, e toda a minha fortuna?

— Tendes demasiada philosophia para contar de menos a fortuna; em quanto á perda dos senhores d'Eranville é na realidade irreparavel; mas não passaram já trez annos para mitigar essa pena?

— Joaninha, Joaninha, jámais!

— Se tal é a causa da vossa melancolia, respeita-la-hei, menina, e não vos importunarei mais com as minhas perguntas.

— Importunar-me! E pode uma amiga usar desse termo!

— Todavia parece-me justo; porque conheço o vosso coração, a vossa franqueza, e creio que me occultaes algum segredo. E' tão difficil a dissimulação ás almas grandes!

— Ah! Joaninha, não me interrogues!

— ¿Logo não me enganei menina? Logo é certo que perdi a vossa confiança?

— Joaninha, ha segredos de que só o coração deve ser o depositario, quando a sua publicidade não pode remediar os nossos males, e é sempre humilhante o confessar uma fraqueza.

— Uma fraqueza! Que dizeis, minha amiga; pois sereis capaz de...?

— Joaninha, olha o rubor que me tinge as faces, olha a minha vergonha e deixa-me, deixa-me!

(Continua).

THEATRO DE S. CARLOS.

Agora mesmo acabamos de assistir em S. Carlos á primeira representação da opera — *Favorita*, e sentimos que a composição deste numero esteja já tão adiantada, que nos não permitta fallar d'espaço sobre este objecto. Todavia cumpre-nos dizer, que o triumpho da *Favorita*, foi ainda maior que o da *Semyramis*; porque todos os artistas que entraram na peça se mostraram dignos de cantar a par da Stoltz!

Em o n.° seguinte faremos a analyse desta opera bellissima.

EXPEDIENTE.

Na relação dos jornaes que trocam com a *Assembléa*, esqueceu-nos mencionar, em o ultimo numero, o *Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias*, o *Esculapio*, e o *Jornal de Medecina* da sociedade Emulação Medico-Cirurgica de Lisboa.

Recebemos e agradecemos as publicações seguintes:

— Discurso do sr. Visconde da Carreira, vice-presidente da sociedade promotora da Industria Nacional, lido na sessão da inauguração do busto do duque de Palmella.

— Um relatorio da exposição da industria nacional em 1849.

— O Almanak mensal da Revista Universal Lisbonense.

— Um exemplar da 2.ª edição do compendio da Corographia Portugueza, pelo sr. João Felix Pereira.

ANNUNCIO.

Publicou-se a 2.ª edição do compendio de chorographia portugueza para uso das aulas de instrucção primaria e secundaria por João Felix Pereira, lente de geographia no Lyceo nacional de Lisboa.

Vende-se por 240 reis na loja do sr. Lavado rua Augusta n.° 8

ADVERTENCIA.

No annuncio publicado em o ultimo numero relativo á Pasta Peitoral de Caracoes, esqueceo mencionar, que se vende unicamente na botica da travessa da Victoria n.° 18.

Typographia de Silva.
Rua dos Condes n.° 31

ARBIL 15· 1851. NUMERO 17

A ASSEMBLÉA LITTERARIA

JORNAL DE INSTRUCÇÃO.

(SEGUNDA SERIE)

(PROPRIETARIO E REDACTOR M. J. CABRAL.)

Publica-se nos dias 1.° e 15 de cada mez. — Assigna-se e vende-se unicamente na botica do sr. Monteiro, Travessa da Victoria n.° 18. — Preços, por trimestre os 12 numeros 480, por semestre 900, por anno, 1:600 — Avulso 40 rs. — Os Annuncios e artigos de interesse particular são pagos.

EXPOSIÇÃO DE LONDRES.

Dizem de Londres, que são já em tão grande numero os productos que iam chegando para a exposição, que a comissão regia começa a temer, que não possa cumprir ao pé da lettra o texto do programma, segundo o qual a rainha Victoria deve inaugurar a exposição no dia 15 de Abril.

A comissão ingleza não póde dar começo ao catalogo geral até que todos os productos, ou ao menos as relações das remessas estrangeiras tenham chegado a Londres, e é muito provavel que o referido catalogo não esteja terminado no dia referido. Os inglezes pela sua parte tambem se não apressam muito na remessa dos seos productos para a exposição, julgando, sem duvida, que poucos dias bastarão para os collocar no grandioso edificio de Hyde-Park. Como quer que seja, no fim de Março ultimo finalisou o praso para a admissão.

A proximidade da abertura da exposição é causa de que já se note um movimento extraordinario. Os negocios são consideraveis e grandes as especulações, que se estam realisando, assim na capital do Reino-Unido, como em todas as cidades e portos do mar situados a algumas horas de distancia da capital. Hospedarias grandiosas e vastos estabelecimentos acabam de construir-se como por encanto nas imediações de Hyde-Park, Hensigton-Gardens e Buckingam-Palace. A cidade de Woolwich, situada a nove milhas de Londres, conta receber muitos estrangeiros, assim como todas as povoações visinhas desta capital.

Alguns capitalistas inglezes, reunidos em sociedade, estam em negociações com varios emprezarios da França e da Belgica, para lhe fornecerem diariamente, durante os quatro mezes da exposição, um numero consideravel de provisões de boca, principalmente, leite, ovos, legumes e aves. Pelo que diz respeito á farinha, existe uma quantidade d'ella tão consideravel em todos os mercados britanicos, que a affluencia de estrangeiros não poderá fazer augmentar o preço do pão em Londres.

Os operarios já terminaram os trabalhos interiores, e parte dos adornos do palacio de cristal, sob a direcção de Mr. Paxtow. Tendo-se medido a grande galaria interior conheceo-se ter mais de uma milha de extensão. Parece que se resolvera que o edificio fique depois para outra exposição, que deverá ter logar dentro de cinco annos, servindo entretanto para um grande jardim de inverno.

Entre os objectos mais notaveis que se acabam de receber, merecem mencionar-se os que remetteo a cidade de Sonhenberg na Turinjia, que é muito celebrada pelos seos productos de carvão de pedra. Aquella cidade remetteo á exposição uma festa popular alemãa composta de perto de 400 figuras com os seos trajos nacionaes, e cada figura tem mais de quatro pés d'altura. A paisagem representa as alturas do castello de Rosenau, perto de Coburgo, paiz natal do principe Alberto. Julga-se com funda-

mento que o marido da rainha de Inglaterra comprará esta obra artistica.

Outro objecto mais original ainda é um sofá feito com muita perfeição de um grande boccado de carvão de pedra. Este sofá tem onze pés de largo, contendo trez divisões, e podem nelle sentar-se sete pessoas á vontade. Os braços e as costas representam animaes fabulosos, formados do mesmo carvão.

Cre-se que a parte principal do grande palacio de cristal fique terminada até ao dia 15. Estavam alli ultimamente trabalhando 1:700 operarios, e este numero ia ainda augmentar-se com mais 500. Estes ultimos deviam occupar-se da pintura que já ia em muito progresso. Os mostradores que são de madeira, iam ferrar-se de panno encarnado, e esta côr combinada com o azul do tecto e das galarias, e o amarello claro das columnas, produzirá certamente um effeito muito agradavel.

O interior do edificio apresenta uma scena muito animada. No meio dos operarios vêem-se os differentes membros da commissão executiva dando as suas ordens, attendendo aos pedidos dos expositores, designando o espaço que devem occupar os productos e tomando nota dos objectos. Os empregados da alfandega vigiam os fardos que se descarregam. Os moços do serviço interno cumprem as ordens que lhes são transmittidas com a ordem e precisão das manobras militares. Os *policemen* (1) vigiando até nos angulos mais reconditos do edificio, passeam lentamente, e a sua presença contribue poderosamente para que ninguem esqueça os seus direitos e deveres. Tudo se executa com o silencio o mais profundo, e não se ouve outro ruido que o dos martellos, e dos moços carregados de mercadorias.

Nos ultimos de Fevereiro tinham-se recebido do interior do reino 302 fardos. As colonias tambem tinham feito suas remessas. Do Canadá tinham-se recebido 304 fardos, 23 da Nova Escocia, 15 da Australia do sul, 8 de Guernesey, 2 de Nassau e Nova Providencia. Segundo as ultimas noticias, as remessas do estrangeiro eram as seguintes: — Hespanha 34 — Baviera 45 — Saxonia 185 — Prussia 590 — Belgica 257 — França 503 — Mexico 4 — Suecia 19 — Perú 4 — Estados-Unidos 18 — China 43 — Hollanda 56.

O centro da nave principal do edificio offerecerá um espectaculo magnifico. Os objectos mais raros das quatro secções estarão ali reunidos: estatuas collossaes, grandes fontes, um telescopio gigantesco, columnas de granito, uma cupula de ferro e de cristal de 40 pés de elevação, um grande pedaço de alambre cristalisado. Alguns modelos de pontes. O diamante de Runject-Singh, chamado Kohinsor, diz-se que tambem será exposto nesta galeria.

Os arredores do Hyde-Park estavam inundados ultimamente de mendigos industriosos, que importunavam os viandantes para que lhe comprassem varios objectos que se referem á exposição, taes como vistas lytographicas, tanto do exterior como do interior do edificio em miniatura, copias d'objectos notaveis que devem figurar na exposição etc. Entre estas industrias ao ar livre, havia uma imprensa ambulante que compunha e imprimia em menos d'um quarto d'hora, e na presença dos que o solicitavam, as indicações das suas moradas, bilhetes de visita etc. A policia fez desapparecer aquella legião d'importunos.

Assim como foi preciso inventar novas maquinas para a construcção gigantesca do palacio de christal, foi necessario tambem recorrer a meios extraordinarios para a sua conservação e aceio. Mr. Paxtow inventou uma maquina para varrer de modo tão facil, que o duque de Devonshire, presente ao ensaio, varreo sem esforço e em breve tempo 70 pés de superficie.

(1) Esta palavra será uma das primeiras que se hão-de adoptar na lingua universal, cujo alfabeto e grammatica vão elaborar-se durante a exposição no grande *symporium* do illustre Sover.

O SNR. CARDOZO KLERK.

Esteve a concurso o logar de Director do Banco do hospital de Lisboa, e apparecendo muitos concurrentes, foi provido o sr. Klerk. Não podemos deixar de louvar a preferen-

cia dada a este facultativo, um dos mais acreditados na sciencia por seus conhecimentos. Nesta terra em que o patronato quasi sempre campêa, é grato ao escriptor o consignar um acto de justiça, e folgamos que os nossos collegas da imprensa periodica assim o tenham entendido tambem, o que demonstra, que o merito do sr. Klerk é verdadeiramente apreciado.

BIBLIOGRAPHIA.

Em o numero passado annunciámos a segunda edicção do compendio de *Corographia Portugueza* pelo sr. João Felix Pereira. A brevidade com que se esgotou a primeira é já um argumento a favor deste pequeno opusculo de tanta vantagem para a mocidade portugueza; mas ainda o é mais o reconhecido talento deste nosso amigo, que muitos serviços tem prestado á mocidade estudiosa com publicações desta natureza, que habilitam sempre a intelligencia para estudos mais serios.

O Redactor da Assemblea, e a Empreza de S. Carlos.

E' sempre bem desagradavel ao individuo o fallar de si; mas quando nisso vae a sua propria dignidade, torna-se necessario, que o publico seja esclarecido pela verdadeira apreciação dos factos, que a vileza e a infamia pertendem deturpar. Seremos breves mas havemos por a claro tudo quanto possa concorrer, para que o atrevimento seja castigado pela opinião.

Historiemos. A empreza do Theatro de S. Carlos dirigio-nos dois convites, o 1.° para uma reunião de escriptores no mesmo theatro, e o 2.° para outra reunião artistica e litteraria em casa do sr. conde Laccole, e isto na qualidade de redactor, e de representante da imprensa portugueza. Já se ve, que nos considerava, como fazendo parte da imprensa, nessa epoca em que de rojos vinha pedir o seo auxilio.

A imprensa, isto é, os seos representantes entenderam, que não era só perante os escriptores, que a empresa devia dobrar o joelho, mas perante o publico que paga as suas entradas naquelle theatro, não só na occasião em que assiste aos espectaculos; mas tambem no acto do pagamento das contribuições, pois dellas sahe uma avultada quantia para o cofre dos emprezarios. Estes, então, a tudo se comprometteram, perante homens os mais respeitaveis do paiz, e a tudo faltaram como villões ruins!!

Estigmatisámos esta falta de caracter com energia, e censurámos asperamente um concerto ridiculo com que a empreza mimoseou os seos assignantes; e aquelles sanctos homens, que não tem os ouvidos dispostos a escutar a linguagem da verdade, agoniaram-se, e dizendo que eu tinha uma entrada de *favor*, devia abafar os gritos da consciencia, para só lhes tecer coroas de louvor! Parvos, que não comprehendem o que seja inteireza de caracter! Acostumados ás facilidades das estradas, ás comodidades das carruagens e dos caleches, e á insignificancia de si mesmos, pensaram em avassallar a intelligencia, mas não o conseguiram; pois que este paiz não é o dos *Lazzaroni*; e os escriptores em Portugal tem a independencia necessaria, para olharem altivos os especuladores de emprezas theatraes!

Indignou-nos a audacia dessa gente, considerando o uso de um direito (por elles proprios confessado) como *favor*, e desde logo lhe dirigimos a seguinte carta:

«*Illm.° sr.* — Devolvo a v. s.ª o bilhete de entrada que tinha nas platéas de S. Carlos, como redactor da *Assemblea Litteraria*; por isso que intendendo a empreza que taes entradas são um *favor*, para que o escriptor não possa com imparcialidade emittir os seus juisos ácerca dos espectaculos senão com elogio, declaro muito positivamente, que nunca a minha intelligencia ha-de ser subordinada a circumstancias desta natureza.

«Sempre considerei, e considero ainda, que as entradas nos theatros aos escriptores são meios prestados á intelligencia, para com mais facilidade analisar os especta-

culos com imparcialidade, no que lucram as proprias emprezas, os artistas, e o publico; mas segundo o modo de vêr dos empresarios de S. Carlos, julgando *favor* uma cousa que realmente o não é, não deve o escriptor decente aproveitar-se mais de um direito que o uso tem consagrado.

«Julgando todos os homens bons em quanto não tenho provas do contrario, acreditei na boa fé da empreza de S. Carlos, e por isso a defendi nos primeiros numeros do meu jornal; mas depois da solemne mangação com que a empresa tratou uma reunião respeitavel dos escriptores mais illustrados do paiz, a que tive a honra de tambem concorrer, faltando a todos os compromissos a que ali se obrigou, então entendi que a imprensa não devia ter mais deferencia alguma com quem a escarnecia d'um modo tão pouco considerado. Por vezes fiz no jornal advertencias, que não foram attendidas, o que deo causa á severidade com que foi preciso castigar a audacia, e dizendo-me hontem um agente da empreza, o sr. Henry, que os empresarios consideravam a minha entrada como *favor*, rejeito-a; ficando-me o direito de considerar tambem como *favor* tudo quanto se escrever nos jornaes litterarios, que se utilisarem da entrada por tal modo em obsequio da empreza.

«Esta carta hade ser publicada, para que melhor se possa apreciar, não receando quaesquer comentos, que possam fazer-se-lhe por parte da empreza; para o que estou habilitado a responder com vantagem.

«Deos guarde a v. s.ª Praça de D. Pedro n.º 87, 2.º andar em 4 d'Abril de 1851. Illm.º sr. Onofre Cambiaggio. *Marianno José Cabral.*»

Era isto o que nos cumpria fazer; e nem podiamos deixar d'obrar d'outro modo por nossa propria dignidade, e pela dignidade de toda a imprensa litteraria que deve rejeitar com despreso os *favores* do sr. Cambiaggio. s. s.ª respondeo com esta carta:

«*Sr. redactor.* — No *Estandarte* de hoje vimos uma carta de um chamado Mariano José Cabral. Não respondemos a este senhor, porque o não consideramos como fazendo parte da imprensa, que tem direito á entrada nos espectaculos, direito que de nenhum modo contestamos. A nossa resposta dirige-se unicamente ao publico. O sr. M. J. Cabral, na nossa opinião, não passa d'um d'esses guerrilheiros da imprensa que apparecem unicamente nas occasiões de especular com estes recursos theatraes, aproveitando-se dos receios dos artistas, e arrancando-lhes por este meio assignaturas, que se podem reputar forçadas.

«O sr. M. J. Cabral affirma que dirigio a sua carta transcripta no *Estandarte* a um dos empresarios, O Cambiaggio. E' completamente falso. O. Cambiaggio não recebeo tal carta. Cremos que este facto dispensa commentarios.

«A remessa do bilhete de entrada era perfeitamente inutil, porque já estavam dadas todas as ordens para lhe ser vedada aquella entrada, quando se apresentasse.

«E isto pelos motivos seguintes:

«Porque o sr. M. J. Cabral não estando no caso dos escriptores da verdadeira imprensa portugueza, a sua entrada não podia ser julgada um *direito*; mas simplesmente um *favor*.

«Porque o seu jornal tinha sido ultimamente interrompido, padecendo uma intermittencia que cessava unicamente na epoca das assignaturas.

«Porque finalmente o sr. M. J. Cabral aproveitava a sua entrada para abusar especulando com ella.

«Repetimos que esta declaração é unicamente dirigida ao publico e á imprensa, cujo direito, e independencia nos comprazemos em reconhecer, o que temos provado porque não tendo sido favorecidos pela mesma imprensa, nunca recusámos as entradas a quem ligitimamente pertenciam.

«Pela inserção d'estas linhas ficarão summamente agradecidos os que com toda a consideração teem a honra de assignar-se.

De v. *O. Cambiaggio* & C.ª»

A' vista desta linguagem inaudita, já se vê que não podiamos ficar silenciosos; pois que além de atrevida esta correspondencia,

é calumniosa; e por isso nos foi preciso escrever o seguinte:

«*Sr. Redactor.* — Tambem não é ao sr. Cambiaggio que respondo, é ao publico. Diz aquelle senhor que eu sou um *guerrilheiro* da imprensa, que só appareço em occasiões d'especular. Pergunto eu agora: como é então, que s. s.ª me dirigio duas cartas de convite para eu na qualidade de redactor assistir a duas reuniões de escriptores, uma no theatro de S. Carlos, e outra em casa do sr. Luccote? Foi como *guerrilheiro*, ou como redactor, e representante da imprensa? Não creio que o sr. Cambiaggio faça convites a guerrilheiros. E demais, não é sabido geralmente, que desde que estou em Lisboa (ha 6 para 7 annos) tenho sido constantemente escriptor publico em varias folhas periodicas! E' a primeira vez que se me nega esta qualidade.

«Diz mais, que a minha entrada não podia ser considerada como um direito mas como favor. Se não é de direito, fico sabendo que todos os redactores dos jornaes litterarios acceitam o favor da entrada da empreza. A questão agora é com elles.

«Diz mais, que eu aproveitava a minha entrada para especular com ella. — Digo-lhe sem rodeios, que é uma mentira infame; e como o poderia eu fazer, se o bilhete d'entrada era pessoal; e assim o tinha mesmo sollicitado para que não houvesse aquella presumpção? Todos sabem que os bilhetes d'entrada são dirigidos ás redacções, e que os redactores quando não vão pesssoalmente, se podem fazer substituir, mas eu quiz evitar todas as suspeitas, e em todos os theatros pedi que em vez do bilhete de redacção queria um pessoal, para que se não dissesse que outra pessoa entrava com elle! Provoco o sr. Cambiaggio a que apresente um facto unico destas especulações em que falla.

«Diz o mesmo senhor, que o meu jornal fôra interrompido. E' verdade que tem saido com alguma irregularidade; mas qual será a regularidade do *Espectador*, e da *Semana Theatral*, que apparecem ás vezes com longas interrupções, como o meu jornal nunca teve, e que não obstante tem mais d'uma entrada em S. Carlos; pelos seus artigos laudatorios!

«Diz mais, que a minha carta lhe não foi entregue. Pois que? Tenho eu a culpa de assim acontecer! A carta foi entregue, segundo me disse o portador, ao porteiro da caixa, e se elle a não entregou, o que me custa a acreditar, será isso culpa da minha parte?

«Em conclusão; diz a empreza que não tirou as entradas aos jornaes que tem combatido os despropositos da mesma empresa! Oh! sr. redactor! Qual foi então o motivo verdadeiro de me retirarem a entrada?

«Basta. A empreza está conhecida e apreciada por todos. Dou esta resposta, porque a devo ao publico, e declaro alto e bom som, não só á empreza de S. Carlos; mas a todos as emprezas de todos os theatros, que rejeito todas as entradas que forem consideradas como *favor*; pois ainda que não sou abastado, não preciso de *favores* de theatro algum para lá entrar, pois quando os quizer frequentar sei aonde está o bilheteiro. Pelo direito que me assiste não heide recusar as entradas, por *favor* não quero nenhuma.

Abril 7 de 1851. *Marianno José Cabral.*»

Ahi ficam pois registados esses documentos para melhor se apreciarem; mas resta ainda notar outra infamia do empresario. Logo que appareceo publicada a sua carta, mandei o mesmo portador que fôra incumbido de lhe entregar a minha, a verificar se com effeito elle a tinha recebido. E o sr. Onofre não teve duvida em confessar que lhe tinha sido entregue no sabbado 5, não o sendo no dia 4 por descuido do porteiro! A sua correspondencia foi publicada nos dias 7 e 8 em alguns jornaes, isto é, dias depois, e ainda alli se diz que a minha carta lhe não fôra entregue! «Infamia.»

Sobre este objecto nem mais palavra!

Extracto do discurso do sr deputado Cunha Sotto-Mayor na sessão de 19 de Março ultimo, referindo-se á empreza do theatro de S. Carlos.

« A empreza não serve bem o publico. Na penultima recita em vez de opera, hou-

ve um concerto esdruxulo, que fez rir constantemente a platea pela insignificancia da sua redicularia. Cantaram-se sigadilhas hespanholas; foi uma representação digna do antigo Solitre!

(*Diario do Governo*).

THEATROS NACIONAES.

A empreza do theatro de S. Carlos já deo aos assignantes 54 recitas, faltando por conseguinte unicamente 36 para se completarem as 90, que por seo contrato tem obrigação de dar. Más em virtude desse contrato tem a empreza obrigação de dar quatro operas novas, e até hoje ainda nem uma! Não temos visto senão operas repetidas n'um theatro para que o thesouro publico concorre com a somma de 20:000$ réis! E' demais! E queriam-nos abafar o grito da consciencia, da convicção, e da verdade? Coitados! Não sabem que a intelligencia é uma emanação da divindade, e que se não póde dobrar até ao ponto de sanctificar a mentira, a immoralidade e a vileza!

Repetio-se a *Favorita*, somos justos, foi muito melhor do que se esperava. Madame Stoltz cantou como professora, e representou como artista—Os srs. Portehaut, e Musich satisfiseram cabalmente, merecendo applausos, e o sr. Cornago esforçou-se o mais possivel por agradar. Tambem se repetio o *Elixir d' Amor* em que se estreou o sr. Ludovici, que foi recebido com silencio. Vê-se que é artista principiante, que sabe cantar; mas nem a parte de que foi encarregado era propria para elle, nem a sua voz é para brillhar n'um theatro como o de S. Carlos. Nesta opera foi sómente applaudido o duetto da sr.ª Vianello com o sr. Rocco, sendo estes dois artistas que a sustentaram.

A Semyramis foi de novo á scena. O publico applaudio na ultima noite enthusiasticamente madame Novello, e os applausos foram merecidos, chamaram-na ao palco, veio tres vezes fóra, e como se não permittisse que os applausos continuassem, o publico reservou-se tambem para obstar a que se dessem maiores demonstrações em favor de madame Stoltz. E com razão; pois que nesta opera nenhuma das artistas excede a outra. Houve pois pateada em resultado da imprudencia dos *Stoltistas*, e temos muito a censurar que madame Stoltz, desconhecendo os direitos do publico se apresentasse com aspecto provocador para a platea, como que desafiando os espectadores! E se isto é para censurar n'uma artista, que devia reconhecer que a pateada não era ao seo merito artistico, mas filha de circumstancias, que cada um está no seo direito de apreciar como entender, muito mais escandelisa ainda que os empregados da empreza se fossem postar debaixo da tribuna, espionando os que davam pateada, e provocando por assim dizer, os que manifestavam o seo descontentamento pelo unico modo que é permettido dentro da salla d'um theatro, isto é, pelas pateadas. A insolencia da empreza de S. Carlos tem chegado ao extremo, e não pensem os emprezarios, que os portuguezes hão de soffrer resignadamente os destemperos de especuladores estrangeiros, e temos pena que entre esses especuladores, esteja um portuguez; porque senão, a nossa censura seria ainda com mais força.

A imparcialidade de que nos prezamos nos obriga tambem a dizer que a dança — *O Veo Encantado* — foi perfeitamente, e que tanto o compositor como os sr.ºs Monticelli, Sophia, Bussola e Moreno, como o sr. Gabrielli foram com justiça applaudidos, e chamados.

No theatro de *D. Maria* deo-se a *Viuva inconsolavel* de Méry, comedia engraçada e talvez a unica coisa de senso que este theatro tem apresentado ha tempos a esta parte.

Theatro de D. Fernando Mr. Ratel e a sua companhia tem feito a admiração dos frequentadores deste theatro; e posto não sejamos d'opinião, que taes espectaculos se dêem em theatros de declamação, todavia depois de termos visto que os theatros subsidiados tem aberto as suas portas a quantos charlatães e arlequins por ahi tem apparecido, não achamos digno de censura

que um theatro de segunda ordem admitta os trabalhos d'uma companhia, ainda ha pouco tão victoriada nos principaes theatros de Hespanha. Mr. Ratel tem nome em toda a Europa, e na verdade que o merece; porque os seus trabalhos difficilimos, são executados com perfeição tal, que é impossivel o descrever-se.

Pelo que diz respeito á companhia de canto e de declamação é falso o ter-se dito que os srs. Rerick e Lisboa deixam de pertencer-lhe. A sociedade segundo nos consta reorganisa agora a companhia, e ensaia com assiduidade algumas operas comicas e comedias para a abertura da sua nova época theatral, que começa na proxima paschoa.

O Theatro do Gymnasio tem o seu reportorio enriquecido com comedias de gosto, e a direcção merece louvor tanto pela intelligencia com que dirige os espectaculos, como por sua boa administração. Encontram-se neste theatro artistas de primeira ordem como os srs. Taborda, Moniz, e Celestino, e não querendo quebrar lanças em favor do sr. Romão tão mal considerado n'um jornal litterario da semana passada, sempre diremos que alem de ser bom artista, é o ensaiador a quem se deve o bom resultado dos espectaculos, e que em grande parte tem concorrido para a prosperidade do Gymnasio.

O Theatro do Salitre está tão abaixo da critica, que não vale a pena o occuparmo-nos delle.

OBSERVAÇÕES STATISTICAS SOBRE OS AÇORES.

No districto occidental dos Açores (Fayal, Pico, Flores, e Corvo.) por cada fogo ha 4.7 almas. Na totalidade de sua população os varões estam para as femeas na razão de 5:6. Ha um nascimento por cada 31 almas — um casamento por cada 206 — um obito por cada 67. As Municipalidades administram por cada 78 almas um exposto, que lhe custa 4:603 reis annualmente, termo medio.

No districto central (Terceira, San-George, e Graciosa) por cada fogo ha 4,3 almas. Os varões estão para as femeas na razão de 3:4. Ha um nascimento por cada 30 almas — um casamento por cada 175 — um obito por cada 44. As Municipalidades administram por cada 102 almas um exposto, que lhe custa 8:445 reis annualmente.

No districto oriental (San Miguel, e Santa-Maria) por cada fogo ha 4:16 almas. Os varões estão para as femeas na razão de 11:12. Ha um nascimento por cada 21 almas — um casamento por cada 136 — um obito por cada 41. As Municipalidades administram por cada 83 almas um exposto que lhe custa 9:584 reis annualmente.

Destas observações comparadas se infere, que os fogos são mais povoados no districto occidental: — que, na progressão dos sexos, no districto central ha maior numero de femeas: — que o incremento da população é maior, porque o numero de nascimentos, e casamentos é mais crescido no districto oriental: — que estão n'uma proporção mais benigna os obitos no districto occidental, e os expostos no central; aonde fazem menor despeza, cento por cento de differença da que se faz no districto oriental.

No districto de Ponta-delgada o movimento da instrucção publica dá um alumno de instrucção primaria por cada 105 almas, e um d'instrucção secundaria por cada 818 almas.

(*Revista dos Açores.*)

NOTICIAS DIVERSAS.

Os officios da Semana Santa da presente quaresma na freguezia de S. Nicolau, principiarão na quinta feira de manhã ao meio dia — Officios depois das 8 horas da noite.

Sexta feira — Paixão ás 10 horas, o orador o muito reverendo padre Luiz José da Costa. — Officios depois das 8 horas da noite. — O orador da Soledade, o doutor Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, lente de theologia, na Universidade de Coimbra.

Domingo da Resurreição. — Festa depois das 10 horas da manhã. — O orador o doutor Francisco da Rocha Martins Furtado.

A musica dos officios é do sr. Cazemiro, dirigida por elle, e executada pela academia philarmonica de Lisboa.

A irmandade do Santissimo Sacramento da mesma freguezia, achando-se onerada com uma grande divida de 16:000$000 réis de que está pagando juro, pelo emprestimo que se lhe fez, para o acabamento da sua igreja, não se acha habilitada para fazer estas solemnidades; porém tem-se valido da devoção de seus mui dignos irmãos, comparochianos, e muitas outras pessoas, e muito principalmente, da muito respeitavel academia philarmonica de Lisboa, que tanto dos cavalheiros, como das senhoras que a ella pertencem, muito a tem coadjuvado, encarregando-se da execução do canto e do instrumental, para que a solemnidade seja com a maior pompa que o acto requer.

Tambem não deve esquecer que o mui digno doutor Francisco Antonio Rodriguez de Azevedo, se offereceo a prégar o sermão da Soledade gratuitamente.

A irmandade, alem dos seos encargos geraes para o Culto Divino tem rendimentos separados, com a applicação expressa da caridade, com que soccorre na doença os seus irmãos pobres, com cirurgião, medico, botica e 320 réis diarios, e se morre lhe faz o enterro.

Soccorre igualmente os pobres da sua freguezia, que tenham a rezidencia n'ella pelo menos de duas desobrigas; mas estes, além dos mesmos soccorros, tem só a diaria de 160 réis, etc.

— A exposição de Londres excitou a emulação dos belgas. O rei Leopoldo publicou um decreto determinando que no dia 15 d'Agosto se abra em Bruxellas uma exposição universal de objectos d'arte, devidos ao trabalho dos artistas que actualmente existem.

— Em Sevilha uma pobre mulher deo á luz uma especie de monstro que tinha os olhos na parte mais elevada da cabeça. Debalde se empenharam algumas pessoas em o conservar em espirito de vinho, os pais não o quizeram ceder, envergonhados de que se perpetuasse a memoria de ter produzido uma creatura d'aquella natureza. As muitas pessoas que o viram (nasceo morto) asseguram que a sua fisionomia parecia de gato.

— Recebemos os primeiros dois numeros dos Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional, pertencentes aos mezes de Janeiro e Fevereiro deste anno. Assigna-se para esta publicação na secretaria da sociedade no edificio dos Paulistas.

— A Alboni sahio de Madrid no dia 6, na deligencia de Bayona com direcção a Londres, aonde deve executar a opera, que Auber escreveo expressamente para ella com o titulo — *O Cesto de Laranjas* — durante a proxima expozição da industria universal. Antes da sua partida foi cantar ao Paço na presença da rainha Izabel e familia real, e a soberana dando-lhe o seu magnifico bracelete, lhe disse — « Recebe-o, não pelo seu valor, mas como recordação d'uma admiradora, e d'uma amiga.»

— A rainha de Hespanha sustenta á sua propria custa um jornal litterario, intitulado o *Faro de la ninez*, dedicado á instrucção da mocidade.

PUBLICAÇOES LITTERARIAS.

Tratado da solidão por Zimmermann Traducção de M. J. Cabral.

Vae publicar-se com brevidade, e por isso o traductor roga aos seus amigos, que tiveram a boudade de se encarregar d'alguns prospectos tenham a bondade de lhos devolver. Não se admitem assignaturas ás folhas.

Typographia de Silva.
Rua dos Douradores n.° 31 T

1470

A BENEFICENCIA.

JORNAL DEDICADO Á ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

PROPRIETARIA E REDACTORA — D. A. C. PUSICH.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA R.P.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 80 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8. e as mais do costume. A correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Escriptorio da Redacção, rua da Gloria n.° 18, 1.° andar.

R. 47701

INTRODUCÇÃO.

Aluminosa cruzada Litteraria-Religiosa, vai-lhe mais um combatente fiel! Um operario mais, vai levar seu contingente ao Grandioso Edificio, que se eleva d'entre as ruinas do Templo derrocado!

Abran-se as portas do futuro, ao Jornal que demanda um cantinho na historia onde aspira reflectir, não com a luz propria, que não tem, mas com o brilho da immensa Luz que alumia os Céus e a Terra — Deus a Luz das luzes = a Sciencia das sciencias = o Creador dos seres, e o Senhor da Eternidade!

A Beneficencia, aparece no Mundo litterario, e busca o Estandarte da Cruz, que a despeito dos vãos esforços da incredulidade, se avora triumphante, percorrendo os áridos sertões, e levando a luz intellectual, aos ultimos confins da terra, que é mister civilisar!

Mas se tambem sabios, em sublime Apostolado, propagam as Sagradas Doutrinas do Redemptor, tambem candida phalange de Espiritos Celeste, reluz espargindo mimosas flores, no espinhoso transito vital!... são as damas illustres, das nações mais civilisadas, que vão com exemplar caridade, suavisando os males da oppressa humanidade! Unidas em espirito, já se repartem por diversos ponto do globo, similhantes a bandos de niveos pombinhos, conduzindo verdes ramos da pacifica oliveira, que deve arreigar-se na terra! Desse exercito formoso, uma gloriosa divisão, opéra em Portugal — é a Associação Consoladora dos Afflictos!

São as damas mais distinctas, reunidas nesta capital em lusido congresso, que attraem as attenções, o respeito, e as sympathias de todos aquelles, que não olham com escandalosa indifferença para a sorte dos seus similhantes.

N'um paiz, onde a civilisação começa apenas a raiar, onde as mulheres não encontram nas authoridades a protecção, que em paizes mais civilisados se lhes ministra, facultando lhes os precisos meios d'instrucção e de engrandecimento, por acções, que constituem a gloria de um povo; todos os esforços da intelligencia neste sexo são prodigios, onde o poder divino claro se manifesta.

Grandes — terriveis eram as barreiras, que se antepunham a estorvar a mais sublime das empreza. Grandes, e innumeras, as difficuldades, que obstavam aos meios de as vencer; mas todos os obstaculos da terra, se anniquillam ante a mais bella e edificante virtude. Unidas pelos laços da mais estreita fraternidade, com os olhos da alma fitos no Ceu, marcham affrontando densas trevas, e guiadas pela suprema vontade de Deus, que as vigorêa, chegam estas piedosas damas, ao termo de suas longas fadigas, e conseguem assentar a primeira pedra, no grande alicerce, que deve sustentar o famoso edificio! A Associação Consoladora dos Afflictos, é finalmente installada! — A Cruz é o seu distinctivo! E' a pura Lei do Chris-

tianismo, que professam; as palavras do Christo, que seus labios e seus corações repetem; e nas solidas bazes da Religião Catholica, firmam a nobre Associação Consoladora dos Afflictos.

E' pois a esta Associação, que o jornal — A Beneficencia — dedica seus limitados espaços, e os grandissimos desejos, que animão a sua redactora, anhelante de offertar-lhes seus leaes serviços, em honra de Deus, e proveito do proximo. — A Beneficencia, é o jornal da Associação Consoladora dos Afflictos, é um padrão da sua gloria. O titulo obterá indulegencias aos defeitos da penna, e as virtudes, que tem jus a nossos cultos, transmittir-nos-hão as luzes de que tanto carecemos, resplandecendo nesta folha, quaes fulgentes estrellas em luctuoso espaço!

A Assemblea Litteraria, periodico moral e instructivo, fechando a primeira serie de seus trabalhos, (ultimos da redacção da sua fundadora), deu noticia exacta, da creação desta Associação, vide n.º 41: A Beneficencia, fructo da mesma penna, publicará em ordem os seus estatutos, e mais circumstancias, que farão ver em toda a luz, as vantagens que á Sociedade resultam desta benefica instituição.

Rogamos a collaboração de nossos sabios escriptores moraes, e de todas as pessoas, que justamente aspirem a tão honroso titulo: e para maior prova da nossa gratidão, serão gravados nesta folha com os nossos agradecimentos, os nomes de todas as pessoas que se dignarem auxiliar-nos nesta justa empreza.

D. A. G. Pusich.

CARTA DA REDACTORA DA BENEFICENCIA Á EX.ma PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

Ill.ma e Ex.ma Sr.a — A carta de V. Ex.a, em resposta ao sincero offerecimento que fiz de um jornal dedicado á illustre Associação Consoladora dos Afflictos, que V. Ex.a sabiamente preside, desejando eu que, salvas as despezas desta folha, revertessem os lucros em favor do cofre da Associação; a generosa resolução, tomada a tal respeito pela direcção da mesma Associação, que V. Ex.a teve a bondade de me communicar, penhorando-me sobre maneira, augmenta o ardente desejo, que me inflamma de poder prestar meus serviços á Associação, tão digna dos mais altos louvores! VV. EEx.as acceitam benignamente a dedicação deste jornal, mas querem que os lucros, que possa ter sejam em beneficio da minha innocente familia! Esta acção é tão nobre, tão gradiosa, como o são as almas que a praticam. E porque os infortunios não teem damnado, antes sim purificado a minha alma, eu me apresso a manifestar o meu reconhecimento para com VV. Ex.as, publicando esta folha, que tenho a honra de lhes offerecer, sem embargo de não ter ainda tantas assignaturas, quantas são precisas ao costeamento de um jornal, porque muitas pessoas, que espero o coadjuvem, estão no campo, sendo-me quase impossivel vencer as distancias que esta folha tranporá, e protesto a V. Ex.a, que todos os sacrificios, que eu faça, serão assaz compensados com a gloria de ver meus escriptos accolhidos por VV. Ex.as, e pelo publico sensato. Com o favor de Deos, espero corresponder á generosa confiança, que VV. Ex.as depositam em meus sentimentos, para o fiel desempenho de uma tão gloriosa, como difficil missão.

Sou com a mais alta consideração

Ill.ma e Ex.ma Sr.a D. Maria Michelina Pereira Pinto, Dignissima Presidente da Associação Consoladora dos Afflictos.

Casa de V. Ex.a 15 de Outubro de 1852.

De V. Ex.a

Respeitosa fiel captiva

D. Antonia Gertrudes Pusich.

MANIFESTO DA REDACTORA.

Este jornal não envolve politica de côr alguma: candidas como a virtude a que se dedicam desejamos ostentar suas columnas livres das sombras de odiosas dissenções que, degradam a humanidade. Os bons de todos os partidos são estimados por nós, e de todos os partidos lastimados os máus. Nesta folha onde os nomes das pessoas mais illustres, que actualmente figuram nos primeiros lugares da côrte, apparecem juntos aos de outros cavalheiros de diversas opiniões politicas, ver-se-hião os nomes das mais distinctas notabilidades dos partidos caidos, se suas circumstancias lhes não vedassem os meios de nos auxiliarem! E' sublime, é civilisador este agradavel matiz que a alma do christão sabe apreciar. E' edificante o ver homens, que a politica separa unidos, pelos vinculos da Religião, concorrendo unanimes a honrar um banquete que a beneficencia offerece aos desvalidos! O pasto intellectual é tão preciso á alma, quanto o alimento corporeo á conservação da materia. Nem o nosso genio, nem a nossa missão consentiam que nos prendessem terrenas considerações quando a verdadeira Religião nos chama a triunfarmos de todos esses preconceitos, que ante a verdadeira filosofia não valem mais que *zero*.

O Estandarte da Cruz é a nossa Bandeira; em torno d'elle anhelamos ver unidos todos os homens como irmãos; embora cada qual concentre na alma suas opiniões politicas, não se vive sem crenças! (nós tambem as temos, muito intimas, muito verdadeiras) mas sejam ellas puras convicções, filhas da nossa razão, e do nosso sentir; não de nossas ambições; nem essas differenças de pensar nos levem a fazer mal aos outros porque não pensam como nós! Sempre assim entendemos: sempre assim procedemos, e invariaveis seguiremos o caminho que nossa razão e nosso sentir nos apontam como o mais justo, e conforme á santa Religião que professamos: certas de que nossa linguagem não agradará aos fascinados, ou menos humanos, porém fallará sempre ao coração dos bons, e terá ecco mais ou menos forte, — mais ou menos grato — em todas as consciencias.

As crusadas de sangue acabaram. A illustre crusada a que nos aggregamos é a crusada christã civilisadora — a verdadeira que milita pela santa Lei do Cruxificado — nossas armas são as do raciocinio — o nosso campo é o vasto imperio da intelligencia. Firmes nestes principios, continuaremos nossa espinhosa e sagrada missão, até que o Anjo da morte em seu clarim soe a hora tremenda que chame nossos restos mortaes a descançar no acampamento dos mortos; e nossa alma a implorar na eternidade as bençãos do Creador: como rogamos agora que se derramem sobre nós em torrentes de misericordia; e aos homens em geral pedimos — indulgencia para os erros provenientes da nossa falta de sciencia; e justiça no julgamento de nossas puras intenções.

D. A. G. Pusich.

A' Virgem Santissima Mãi de Deos; Nossa Senhora Consoladora dos Afflictos.

ORAÇÃO.

Mãi de Deos! Virgem Maria!
Astro de immenso fulgor!
De quem geme em agonia
Ouve as preces, o clamor.

Por esse amor tão ardente
Com que adoraste Jesus,
Por essa dor tão pungente
Com que o choraste na Cruz:

Nossas vozes de amargura,
Senhora, Digna-Te ouvir;
Um raio da luz mais pura
Faze na terra fulgir:

Essa luz tão refulgente
Que soccorre na afflicção,
A caridade eminente
Que brilha em Teu coração:

Mostra, que ricos e pobres
São Teus filhos por amor,
Que só com Teu Manto cobres
A quem chora Tua dor:

Que é Teu pranto aquelle pranto
Que um filho Teu derramar,
E que a todos amas tanto
Que é Teu pesar seu penar.

Rainha dos Ceus! desterra
Do mundo os orgulhos vãos;
Faze que os homens na terra
Se amem todos como irmãos.

Da guerra, da peste, e fome
Livra este reino que é Teu;
Protege a terra que ao Nome
De Teu Filho engrandeceu.

Ao Pontifice, e ao monarcha
Na estrada vital conduz;
Auxelia o Patriarcha
Que da luza Igreja é luz.

Sorria a prosperidade
Ao que tanto engrandeceu
Esse asilo que a piedade
Aos pobres offereceu. (1)

E á benigna Presidente, (2)
Da sublime Associação
Que soccorre ao indigente,
Dá vida, e a Tua benção:

Faze compr'ender no mundo
Esse sentir divinal,
Que tão puro, tão profundo
Reflectiu em Portugal:

No coração dessa Dama,
Em virtudes exemplar;
Que á mais nobre empresa chama
Quem do Christo as leis honrar:

Senhora! Auxelia a empresa
Tão digna do Teu favor;
Pois das almas a grandeza
E' da caridade o amor;

E' do natural direito
A baze fundamental;
E' Sacro Santo preceito
Do Codigo Divinal.

E a todos que tem seguido
Tão eficaz devoção,
Outorga o premio devido
De Tua alta protecção.

Rainha dos Ceus! desterra
Os males que o mundo tem.
Gloria nos Ceus! Paz na terra,
Os Anjos digam: — Amem.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

(1) O Exm.° Sr. José Izidoro Guedes.
(2) A Exm.ª Sr.ª D. Maria Michelina Pereira Pinto, Esposa do Exm.° Sr. José Izidoro Guedes, Fundadora e Presidente da Associação Consoladora dos Afflictos.

CIVILIDADE CHRISTÃ.

Semelhantemente vós, mancebos, obedecei aos mais velhos. E inspirai-vos todos a humildade uns aos outros, porque Deos resiste aos soberbos, e dá a sua graça aos humildes.

S. Pedro. Epist. 1.ª Cap. v.

Não podendo afastar-nos do espirito e indole deste jornal, para o qual vamos contribuir com esse bem pequeno cabedal, que possuimos, temos, até onde poderem chegar os nossos sinceros esforços, de espalhar a luz da instrucção pela infancia desvalida, para que mais especialmente escrevemos, fundando sempre a nossa doutrina nos solidos principios da religião do Crucificado, ou na verdade evangelica, e na moral propriamente dita, que não hesitamos chamar-lhe — a *sciencia da virtude.*

Bem claro é que, sendo a religião a principal base da civilisação, não podemos deixar d'insistir sobre o que se chama *civilidade christã*, de que a mocidade não pode abstrair, como principal fonte de educação; e esta recommenda com particulari-

dade — a modestia comsigo, a humildade com os superiores, e a caridade com os iguaes.

E na verdade, quem sobre este mundo, onde apenas vivemos uma vida transitoria e pungida de tantos martyrios, quizer lançar um olhar livremente desapaixonado e penetrante, não descobrirá á luz d'uma sã filosofia, quanto valem todas essas grandesas terrenas, cujas impressões, para aquelles que as possuem, vão encher-lhe o coração de vangloriosa vaidade e d'um orgulho provocante, contra todos os que são victimas do infortunio?

E se nos lembrarmos, que onde ha maior riquesa, existe quasi sempre maior vaidade, não poderemos dizer, que as riquesas terrenas degradam o homem ante a verdadeira filosofia?

Já se vê pois que quem vive, como nós vivemos, n'um mundo todo limitado e de tranzição, onde a inconstancia do coração humano ainda menos duradoiras faz as riquesas da terra, e em que, em summa, a nossa vida é tão curta, as nossas acções tão contrariadas, os nossos proprios costumes tão combatidos por outros novos, que se succedem incessantemente como as vagas do mar; onde as mais grandiosas aspirações da alma morrem abrasadas no ardente fogo da nossa propria imaginação; onde, finalmente, em relação a Deus tudo isto a que nós chamamos grandesa, é infinitamente pequeno, e mais pequeno ainda do que são para nossos olhos todos esses milhões de corpos luminosos, que formam o systema planetario — já se vê, tornamos a repetir, que quem assim vive, como pode abrigar no seu coração a menor soberba, quando as principaes grandezas a que pode aspirar são apenas esses falsos incantos, que este mundo offerece a meia duzia de homens para delles indistinctamente gozarem?

E por ventura, poderemos assim mesmo denominar feliz o homem chamado poderoso? Quantas vezes é o seu proprio poder a principal fonte de sua ruina! Quantas vezes elle se julga o mais desventurado dos homens e mui principalmente quando a par de tanto poder, sente os abrolhos, de que a vida terrena é tão semeada, a macerarem-lhe fibra a fibra o coração?

E se quem neste mundo mais val aos olhos do vulgo é muitas vezes uma victima do infurtunio, o que serão todos esses entes, que se confundem na multidão, sendo todos tão igualmente pequenos? — São como planta rasteira, que pisada do viandante, morre até sem o proprio verdor da sua natureza: são como a adejante mariposa, que attraida pela intensa claridade da luz, tão deslumbrada fica de tanto brilho, que vai nella queimar a debil vida.

Só uma grande riquesa conhecemos verdadeiramente superior a todas as grandezas humanas, porque essa riquesa é a primeira fonte das maiores riquesas, e é tão rara, como desejada de todos aquelles que Deus fadou com a faculdade de melhor pensar, e de saberem desejar: n'uma palavra, essa grande riquesa, a que nos reportamos, é a sabedoria; embora os modernos moralistas lhe chamem apenas uma virtude.

Para conseguirmos ter tão grande riquesa, é que devemos empenhar todos os nossos esforços; pois é ella que nos ensina a acção boa; é ella que pode elevar-nos acima dos outros homens; é ella, finalmente, o primeiro poder moral a que devemos aspirar; porque com ella instruimos com modestia, e apontamos ao homem o mais curto e menos escabroso caminho, que o separa de Deus.

Bem considerado tudo quanto acabamos d'expor, só uma vida modesta e sem orgulho nos ensina a nossa razão que devemos ter.

Em Jesus Christo, redemptor nosso, temos pois o exemplo da maior modestia

Ninguem como elle ainda apreciou as grandezas terrenas, dizendo:

« O que de entre vós é maior, será vosso servo.

Por que aquelle que se exaltar, será humilhado, e o que se humilhar, será exaltado. »

E. V.

(Continúa.)

THEATROS.

Os THEATROS SÃO UMA ESCHOLA DE MORAL e civilisação; por isso não podemos prescendir de tão importante assumpto. Nos seguintes numeros consagrar-lhes-hemos alguns espaços, agora publicaremos em seguida um interessante artigo que assaz revela o talento, e assidua applicação litteraria de um joven cavalheiro que na tenra idade de 14 annos nos mimoseou com suas primeiras producções poeticas, publicadas na Assembléa Litteraria: e que realisando nossas bem fundadas esperanças tem já ornado o Palco e a imprensa com obras que sem duvidam o acreditam, e dei am vêr com toda a evidencia um genio superior. Continuando a favorecer-nos com a sua colaboração poupa-nos a ardua tarefa, e mortificação de commentarmos a primeira representação do nosso *Regedor de Parochia*.

Sentimos não poder neste n.° publicar o mesmo artigo por inteiro, por quanto chegou a tempo de estar composta quasi toda a folha, e nós não podiamos deixar de cumprir o dever de gratidão a que nos compromettemos publicando, com os nossos agradecimentos, os nomes das pessoas que nos querem auxiliar na justa empresa de um jornal consagrado á Beneficencia publica. No segundo n.° irá o que resta, e é natural que tambem digamos alguma cousa sobre o mesmo assumpto.

Por esta occasião manifestamos o nosso profundo reconhecimento para com o publico, sempre indulgente em coroar com seus generosos applausos nossas mais humildes producções, augmentando sobre maneira os ardentes desejos que nos inflammam de poder prestar a esta briosa Nação todos os serviços que estiverem ao alcance de nossas pequenas forças. Possam elles corresponder á bondade do publico, e a nossos sentimentos.

O REGEDOR DE PAROCHIA.

Farça original em 1 acto.

Hoje a critica apresenta-se já debaixo de um aspecto perfeitamente differente d'aquelle com que se appresentava ha algum tempo; hoje os conhecimentos, e as intelligencias, teem inquestionavelmente caminhado d'uma maneira espantosa, e a critica, esse juiz severo, que os tempos modernos teem collocado como especie de guarda-barreira para que não passe gato por lebre, para que se não colloque a par do bom aquillo que não passa de máu, ou quando muito de mediocre, o que é ás vezes ainda peior, a critica tem tambem caminhado por um modo admiravel, e chegou-se já ao ponto de conhecer que era tempo de que as mediocridades fossem esmagadas, e não açoitadas, que o talento occupasse o seu logar, e que o genio occupasse o seu; que não houvesse uma mistura ignobil, e repugnante dos parvos com os intelligentes, das nullidades pretenciosas com as capacidades, e com os engenhos.

A modestia, verdade seja, essa modestia pretendida, e affectada, esse vicio, longe de ser virtude, que se persuade que consiste a verdadeira modestia em fingir-se a gente menos do que é, e humilhar-se vilmente a maior parte das vezes com a ideia de se elevar, vai já conhecendo que lhe deram nas baldas, e que os hipocritas estão já pouco accreditados, assim como dentro em pouco o não hade estar absolutamente nada.

A geração nova, conhecem-no todos, appresenta-se debaixo dos melhores aspectos; a mocidade d'agora é mais leviana, porque não perde tanto o tempo, é mais altiva, porque é mais franca, é mais presumpçosa, porque é menos hipocrita, mas é, não diga ninguem que não, seiscentas vezes mais talentosa, mais intelligente, mais util que a passada: talvez seja porque hoje o talento tem que luctar sós a sós com os mil e mil revezes que sempre se lhe oppoem: talvez seja porque hoje as compadrices estão ba-

nidas, e as protecções, as ligitimas, concedem-se só ao merito; talvez seja porque hoje o homem que quizer ser alguma cousa tem que estremecer cem vezes ao ver a nevoa que lhe obscurece o futuro affannoso, e precisa possuir uma vontade vigorosa, e uma intelligencia potente para que perceba que só com o seu trabalho pode alcançar o zenith dos seus sonhos, e se decida e trabalhe.

O theatro cuja inscripção é *Hic mores hominum castigantur* parece dever sujeitar-se á analyse severa da critica, afim de que seja uma eschola de moral, espelho em que a sociedade e os seus costumes, e vicios, se devem retratar exacta, e francamente.

E no tempo de Eschylo, de Sesostris, de Euripides, o theatro era temido porque ninguem queria ver os seus defeitos na scena, e esse receio servia para que o houvesse tambem o proposito de os evitar.

O theatro e a critica não devem nunca separar-se, são dois vultos grandiosos de que o vicio tem de receiar-se, e a que imperfeição deve temer. O theatro e a critica, Shakspeare, e Arétino. Veja-se a senda quasi miraculosa, que o theatro tem atravessado, e quem haverá que desconheça o poder do progresso?! dos gregos representando com o rosto besuntado de borras de vinho, aos actores entrando nas peças contemporaneas vestidos como os outros homens, não vai por ventura, uma distancia incommensuravel?! já não é Eschylo, é Dumas; já não é Sesostris, é Victor Hugo; já não é Terencio, é Scribe; se esquecermos a originalidade, e a invenção, havemos de confessar que existe uma differença infinita daquelles a estes: eu prefiro os ultimos. Eu respeito Seneca, mas amo Shakspeare; amo Plauto, mas adoro Moliere.

Qual será o barbaro desnaturado que não achará o theatro d'agora, preferivel ao theatro nos seus tempos primitivos?!

O theatro estrangeiro tem inquestionavelmente progredido d'uma maneira espantosa; em França, principalmente, o theatro está elevado a um tal ponto que no *Théatre Français* ergue-se o panno sem symphonia, por isso que lá não ha orchestra, e a salla enche-se sempre para ver ainda representar Mithridate, Tartufe, e L'école des femmes, que com quanto ninguem lhes dispute um merecimento claramente pronunciado, entretanto á força d'estarem vistos parece que já deverão cançar, senão aborrecer. Mas talves o que faz que haja ainda expectativa quando s'escutam aquellas obras é que os actores que as representam são já uns, já outros, e sempre bons: é Beauvalet, é Provost, é Ligier, é Rachel, é Madeleine Brohan, é um sem numero de outros actores d'uma reputação estabelecida, e de creditos os mais justamente cabidos. Em Inglaterra o theatro não está tão estacionado como se quer dizer, representam-se ainda as peças de Shakspeare porque ellas hão de ser sempre as melhores obras de Theatro, que se tem escripto, porque Shakspeare, foi tragico como Corneille, dramatico como Crebillon, comico como Moliere: mas os Inglezes teem já adeantado a scena com bastante talento, e ainda ha pouco elles representaram um drama d'um novo escriptor Sir Henry Love Richard-theblind, e uma lindissima comedia, The mother, and child, are doingwell, de que eu fiz uma imitação que foi representada no nosso theatro do Gymnasio com o titulo de *Qual d'ellas é a mãe*? — A Hespanha tem hoje uma litteratura perfeitamente sua, e se não possue já o genio grandioso de Calderon de la Barca, possue em compensação Zurrilla, Rubi, Spronceda, e tantos outros talentos experimentados: na Hespanha ha uma immensa multidão d'escriptores, e um numero infinito d'obras originaes; não ha uma só das nossas melhores obras dramaticas que não seja compensada na Hespanha por uma tão boa, ou melhor: nós dizemos Frei Luiz de Souza, elles dizem Don Francisco de Quevedo, nós dizemos Um aucto de Gil Vicente, elles dizem Don Juan Tenorio, nós dizemos O Captivo de Fêz, elles accodem Izabel-la-Catholica, nós dizemos O Camões do Rocio, elles respondem De traz de la Cruz el Diablo.

A nossa nação é em litteratura, como talvez em tudo, a mais pobre de todas. Na Italia mesmo achareis senão poetas de muito mais

talento que os nossos, ao menos muito melhores obras que as que nós temos: leiam o Aristodémo, essa rainha das Tragedias modernas, que não tem talvez rival em nenhuma obra moderna daquelle genero, leiam-na e digam depois se não bastaria aquella só obra para illustrar uma epocha.

E' depois de se admirar o gráu de perfeição a que o theatro estrangeiro tem subido, que se deve encarar o estado deploravel em que está o nosso! nem obras, nem actores! — nada para executar, e ninguem que execute! os talentos amortecem-se, definham, extinguem se, aqui! não ha gosto pelas lettras, nem enthusiasmo pelo theatro! somos espectadores indolentes, e raudos, do progresso das nações estranhas, e vemos jazer a nossa na obscuridade sem se nos rallar a alma de pezar, de dor, de comsumpção! A França diz — Moliere, Corneille, Racine Voltaire: a Inglaterra diz — Byron, Shakspeare, Milton, Pópe, Adisson: a Allemanha diz — Shiller, Goethe, Ossian: a Hespanha diz — Calderon, Quevedo, Cervantes: a Italia diz — Dante, Petrarcha, Tasso, Ariosto, e nós só podemos dizer-Camões!

Não possuimos uma verdadeira e pronunciada nacionalidade, nem as nossas obras teem um cunho original! somos uma nação pobre e mesquinha, mas altiva, emproada, rindo-se de tudo, e querendo affectar de despresar as obras dos estrangeiros quando ella, a indolente, não póde fazer mais do que admiral-as!

Tinhamos um genero de litteratura, que era perfeitamente nosso, e teem-no despresado! a farça, a classica farça portugueza, que nem se parecia com o vaudeville francez, nem com a zarsuella hespanhola, tem sido substituida por comedias detestaveis, partos insoffriveis de nullidades pretenciosas, e arremedadoras, que teem transportado para a nossa scena, acompanhadas do impagavel adjectivo-original, toda a casta de imitação, quando não são pessimas traducções de vaudevilles francezes!

(*Continúa*)

Julio Cezar Machado.

SUa Magestade o Senhor D. Fernando, Foi Servido Mandar satisfazer toda a despeza deste 1.° n.°, dando por tal modo benigno impulso e protecção o esta empresa! Honra seja feita a seus sentimentos de philantropia; e nós em extremo reconhecidas agradecemos ao Mesmo Augusto Senhor mais esta prova da Real benevolencia com que Se Digna favorecer nos. — Alem do referido auxilio, concedeu-nos mais 6 assignaturas. Por todas as rasões Será pois O Senhor D. Fernando, alem de Protector, o primeiro Assignante deste jornal.

NOMES DOS SRS. ASSIGNANTES

El-Rei o Senhor D. Fernando	— 6	exemp.
O E.mo Cardeal Patriarcha	— 4	«
Os Ex.mos Srs.		
Nuncio Apostolico	— 4	«
Duque de Saldanha	— 6	«
Rodrigo da Fonseca Magalhães	— 2	«
Antonio Maria Fontes Pereira de Mello	— 2	«
Antonio Aluisio Jervis d'Atouguia	— 1	«
Marquez de Fronteira	— 1	«
Conde de Tavarede	— 2	«
Conde da Louzã	— 1	«
Conde de Barbacena	— 1	«
Visconde de Azurare	— 1	«
Visconde de Sá da Bandeira	— 1	«
Visconde de Castellões	— 1	«
Joaquim José Falcão	— 1	«

(*Continúa.*)

EXPEDIENTE.

Os srs. assignantes que não pagarem no acto da entrega deste 1.° n.°, farão o favor de declarar ao distribuidor por quanto tempo querem assignar, afim de lhes serem remettidos com o 2.° n.° os competentes recibos sellados com a rubrica da Redactora.

IMPRENSA NO ROCIO N.° 100.

A BENEFICENCIA.

JORNAL DEDICADO Á ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

PROPRIETARIA E REDACTORA — D. A. C. POSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume. A correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Escriptorio da Redacção, rua da Gloria n.° 18, 1.° andar.

ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

ESTATUTOS.

DONA MARIA por Graça de Deus, Rainha de Portugal, Algarves e seus dominios. Faço saber aos que esta Minha carta virem que: Attendendo ao que Me foi representado por parte de D. Maria Meclina Pereira Pinto, em seu nome e no de outras, pedindo a licença necessaria para formarem uma Associação de beneficencia, debaixo das bases que indicaram no seu programma; e Tendo em vista a informação da competente auctoridade administrativa, e o parecer do conselheiro procurador geral da corôa, com o qual Fui Servida Conformar-Me: Houve por bem auctorisar, por decreto de vinte e oito de julho ultimo, a instituição da referida Associação de beneficencia, sob o titulo de NOSSA SENHORA CONSOLADORA DOS AFFLICTOS, com as clausulas ou bases seguintes: primeira, que o fim da associação é prestar socorros domiciliarios ás pessoas que delles precisarem; segunda, que poderão compol-a pessoas do sexo feminino, nacionaes ou extrangeiras, sem que seja motivo de exclusão a differença do culto; terceira, que, alem das fundadoras, serão admittidas na associação as de mais que o quizerem, e a respectiva direcção approvar; quarta, que as associadas concorrerão com a prestação de quatrocentos e oitenta réis; quinta, que acceitarão quaesquer donativos de todas as pessoas, mesmo de differente sexo, que queiram concorrer para tão santo fim; sexta, que as associadas poderão pedir esmolas a favor do estabelecimento, do modo em que concordarem, e lhes convier, sem que todavia a direcção as obrigue a isso; setima, que as eleições para os cargos da associação serão feitas por escrutinio: e Houve outro sim por bem declarar, que a mencionada associação fica obrigada a apresentar á Minha Regia Approvação os competentes estatutos; assim como que deve considerar-se sujeita á inspecção e fiscalisação da auctoridade publica, para que sejam cumpridos sem alteração os fins deste beneficio instituto. E Havendo-Me sido presentes por parte da referida associação os estatutos, a cuja formação ella procedera, em cumprimento do que foi determinado no sobredito decreto: Sou Servida Approval-os em todas as suas partes, Conformando-Me com o parecer do conselheiro procurador geral da corôa, que foi ouvido sobre a materia, a fim de que por elles se reja o estabelecimento de que se tracta, sem quebra ou mingoamento: os quaes estatutos, divididos em quinze artigos e escriptos em tres meias folhas de papel, baixam com esta carta e della fazem parte, assignados pelo ministro e secretario de estado dos negocios do reino; e vão rubricados pelo conselheiro Joaquim José Ferreira Pinto da Fonseca Telles, official maior e secretario

geral do ministerio do reino. Pelo que Mando ao governador civil do districto de Lisboa e a todas as auctoridades e pessoas, a quem esta Minha carta for apresentada, e o conhecimento inteiro della pertencer, a cumpram e guardem tão inteiramente como nella se contém. Não pagam direitos de mercê nem de sello, por não os dever. E por firmeza do que dito é, Mandei passar a presente carta, que vai por Mim assignada, e sellada com o sello das Armas Reaes. Dada no paço das Necessidades aos trinta dias de novembro de mil oitocentos quarenta e sete.

A Rainha com Guarda.

Antonio de Azevedo Mello e Carvalho.

Carta pela qual Vossa Magestade, Tendo-Se Dignado de Auctorisar, por decreto de vinte e oito de junho ultimo, a instituição da associação de beneficencia, sob o titulo de *Nossa Senhora Consoladora dos Afflictos*, Ha por bem Approvar os respectivos estatutos, porque ella se ha de reger, ficando sujeita á inspecção e fiscalisação da auctoridade publica: na forma retro declarada.

Para V. Magestade vêr.

Por decreto de 28 de junho de 1847.

Registado a fl. 53 do liv. 11.º de cartas, alvarás e patentes. — Secretaria de estado dos negocios do reino em 11 de dezembro de 1847.

José Carlos Rodrigues Sette.

Agostinho José Maria do Valle a fez

Estatutos a que se refere a carta de 30 de novembro de 1847 da associação denominada «Consoladora dos Afflictos», cuja instituição foi auctorisada por decreto de 28 de junho do mesmo anno.

Artigo 1.º A *Sociedade Consoladora dos Afflictos* estabelecida em Lisboa, é composta exclusivamente de pessoas do sexo femenino, nacionaes e extrangeiras, que com seus esforços e meios reunidos procuram minorar os males d'afflicta humanidade, prestando soccorros domiciliarios ás pessoas honestas, recolhidas e envergonhadas, que delles carecem.

Art. 2.º As pessoas do sexo feminino que quizerem fazer parte desta associação, o farão saber a alguma das já associadas, para as propôr á direcção: e esta approvará todas as que achar em circumstancias de satisfazerem os encargos da sociedade, e que por sua conducta moral se não tornem indignas de serem acceitas.

§ unico. Para as pessoas extrangeiras, a differença de culto não será motivo de exclusão.

Art. 3.º Cada uma das associadas concorrerá mensalmente com a prestação de quatrocentos e oitenta réis em moeda corrente de prata, e com os seus serviços pessoaes, que todavia serão voluntarios e gratuitos; e nada mais lhe poderá, em tempo algum, ser exigido: o que todavia não impõe limites á sua generosidade e caridade.

§ 1.º As filhas familias de qualquer idade, poderão tambem ser associadas. A sua prestação será substituida por uma, ou mais obras de suas mãos, que annualmente apresentarão para se lhes dar o conveniente destino.

§ 2.º Acceitar-se-hão quaesquer donativos, que pessoas estranhas a sociedade, queiram offerecer para os indicados fins, seja qual for o sexo a que pertençam, ou a religião que professem.

Art. 4.º Nos serviços pessoaes voluntarios e gratuitos das associadas, comprehende-se o de pedir esmolas, e sua distribuição; quando isso seja resolvido pela direcção, e do modo que concordarem.

§ unico. Estes serviços quando as associadas se prestarem a elles, nunca poderão ser exercidos por uma só, sem a companhia de outra, ou mais associadas.

Art. 5.º Se alguma das associadas vier a decair de fortuna, de modo que precise dos auxilios da associação, terá a preferencia a qualquer outro necessitado: e a direcção lhe consignará uma prestação adoptada aos meios da sociedade, e ás circums-

tancias da pessoa; mas seja qual for a jerarchia desta a prestação não excederá a quatrocentos e oitenta réis diarios. Esta ultima disposição só poderá ser applicada ás que tiverem contribuido com a sua prestação em dinheiro, e não ás filhas familias.

Art. 6.º Uma direcção composta de cinco associadas, das quaes uma será presidente, outra vice-presidente, outra thesoureira, e duas secretarias, annualmente eleitas por escrutinio secreto, e á pluralidade dos votos das associadas presentes, dirigirá os trabalhos da sociedade.

§ 1.º No caso de empate nos votos para qualquer dos logares, proceder-se-ha a escrutinio forçado, no qual entrarão sómente para cada logar duas das mais votadas; e se ainda assim não obtiverem a pluralidade absoluta, decidir-se-ha pela pluralidade relativa.

§ 2.º Nas votações só podem votar, e ser votadas as maiores de vinte e cinco annos de idade, ou que por seu estado já sejam consideradas maiores perante a lei.

Art. 7.º A direcção se reunirá todas as vezes que for necessario, e ao menos duas vezes cada mez.

Art. 8.º Haverá uma commissão auxiliadora composta de doze accionistas, nomeadas pela direcção. A esta commissão pertence especialmente coadjuvar em tudo os trabalhos da direcção, supprir as vacaturas, ou impedimento das directoras, e promover o augmento e prosperidade da sociedade, segundo lhe for indicado pela direcção, em resolução tomada de accordo com a mesma commissão.

Art. 9.º A assembléa geral da sociedade é composta de todas as associadas, sem distincção alguma, e presidida por qualquer das que fazem parte da direcção, e servirão como secretarias as associadas que a presidente designar.

§ 1.º As associadas serão previamente avisadas quando houverem de se reunir, e nos primeiros dois ou tres annos, a assembléa seja mais ou menos numerosa, nem por isso deixará de ser considerada assembléa geral; ainda mesmo que falte a ella uma grande parte das associadas. Para o futuro, a associação determinará o numero preciso para se julgar constituida a assembléa geral.

§ 2.º Não se admitte ser representada na assembléa geral, nem em acto algum da sociedade, por procuração.

Art. 10.º A assembléa geral se reunirá todos os annos no dia vinte oito de março, e quando este dia for sanctificado, no immediato que o não seja, para se eleger a nova direcção, e serem submettidas ao exame da assembléa as contas da gerencia preterita, as quaes estarão por oito dias patentes a todas as associadas, que as quizerem examinar.

§ 1.º No primeiro anno da sociedade não regula o dia fixado para a assembléa geral que se reunirá quando for possivel: e essa direcção então nomeada servirá todo o tempo que decorrer dahi até vinte oito de março, e desse dia até outro igual do anno seguinte.

§ 2.º Alem desta reunião annual haverá assembléa geral todas as vezes que a direcção o julgar preciso, bem como quando doze associadas a pedirem por escripto á direcção.

§ 3.º Nem nestas, nem n'outras reuniões da assembléa, nem nas particulares da direcção será admittida pessoa alguma estranha á sociedade.

Art. 11.º Todos os empregos subalternos desta associação, que sejam ou venham a ser precisos, serão occupados por pessoas do sexo femenino capazes de bem os exercer, tiradas da classe das que devem ser soccorridas.

Art. 12.º As despezas de livros e mais utensilios, escripturação correspondencia, e todo o expediente sairá do cofre da sociedade; pois nenhuma das socias será obrigada a maiores despezas que as da sua prestação.

Art. 13.º A associação é puramente de caridade não admitte controversia, politica nem parcialidade na distribuição das esmolas. A mais necessitada é a que tem maior habilitação para ser soccorrida.

Art. 14.º No caso da dissolução da sociedade, haverá assembléa geral, para resol-

ver o destino que se deve dar ao dinheiro que houver em cofre, e aos utensilios de uso da mesma Sociedade.

Art 15.° A reforma ou alteração de qualquer dos artigos destes Estatutos não terão effeito nem validade alguma sem approvação expressa do governo.

Paço das Necessidades em trinta de novembro de 1847.

Antonio de Azevedo Mello e Carvalho.

Com o sello das Armas Reaes da mesma secretaria.

Guilherme 1.° Cardeal Patriarcha de Lisboa.

Aos nossos amados subditos saude e paz e benção em Jesus Christo, nosso Senhor e Redemptor.

Constando-nos o zelo, acerto, e caridade christã com que a direcção da Associação Consoladora dos Afflictos tem incessantemente procurado assegurar o fiel e duradouro desempenho das obras de misericordia prescriptas em seus estatutos legalmente approvados, e desejando Nós promover o augmento e prosperidade desta caritativa associação: Concedemos ás senhoras que em cada anno caritativa e fielmente desempenharem as funcções de directoras, visitadoras, propagadoras, ou bemfeitoras com donativos effectivos de dez mil réis, ou mais, um anno de indulgencias; e a todas as mais associadas, que da mesma sorte cumprirem as obrigações communs impostas pelo estatuto, em cada anno cem dias da mesma indulgencia; podendo ganhar-se e applicar-se estas indulgencias concedidas em qualquer dia do respectivo anno, em que as associadas contrictas e confessadas, receberem digna e devotamente a Sagrada Communhão. E Authorisamos a direcção da associação a tirar os exemplares que julgar conveniente d'esta Nossa concessão, para maior conhecimento d'ella.

Dada n'esta Nossa residencia de S. Vicente de Fóra de Lisboa, sob Nosso signal e sello, aos 27 de abril de 1851.

(Lugar do sello.)

O CARDEAL PATRIARCA

Joaquim Moreira Pinto.

Commemoração aos fieis defunctos.

NOVEMBRO 2 DE 1852.

LAMENTAÇÕES.

Oremos pelos finados.

I.

Funereo som de agonia,
Duro bronze nos envia;
Chama os vivos á oração!
E' uma voz do infinito!
Lembrando ao povo contricto
Sacro-santa devoção!

A igreja nos dá o exemplo!
Ao templo, mortaes, ao templo
Vossos passos dirigi!
Enluctada mãe deplora
Os filhos que extinctos chora;
São vossos irmãos. Ouvi!..

Ouvi os echos maguados
Repetir saudosos brados
Que se escutam lá no céu.
De negro vede os altares!
Renovae justos pesares:
Orae por quem já morreu.

Se tendes lá no jazigo
Pae, ou mãe, chorae comigo
Que na orphandade fiquei:
Filhos, irmãos, ou consorte,
Amigos — ah! sim, que a morte
Roubou me os que tanto amei!

Onde estão os meus parentes?
Onde tão queridos entes
Que viviam junto a mim?

Para sempre se ausentaram!
Para sempre!... e me deixaram
Saudades que não tem fim!

Onde estão!... na sepultura!
Na mansão da morte dura
Jazem seus restos mortaes.
Mas as almas?.. ai! são essas
Que lembram nossas promessas!
Oh! não se olvidem jámais!

Olhae, as juras da terra
A eternidade as incerra;
Em vão não jura ninguem!
Da vida as prisões cessaram;
Mas laços que a alma ligaram,
Lá no céu mais força tem.

Laços de fraternidade
Unem toda a humanidade
Em vin ulo perenal.
Hoje orae pelos finados,
Amanhã sereis chegados
Talvez, ao termo fatal!

II.

Entre as plantas que vicejam
Quantas campas óra alvejam,
Quantas guarda a excelsa cruz!
Vivesteis, como vivêmos!
Quaes hoje sois, nós seremos!
Dormi crentes de Jesus!—

Oremos pelos defunctos;
Um dia seremos juntos;
Hade o pó ao pó tornar!
E as almas dos que morrerem,
Hão-de áquelles que viverem
Uma oração implorar!

Uma lagrima sentida
Por quem se ausentou da vida
Cae aos pés do Creador!
Faz brotar linda saudade
Que vive na eternidade
Co'os martyrios do Senhor!

E as oblações são as palmas
Que jehová entrega ás almas
Dos que honraram santas leis.
Orae que a oração conforta;
A igreja nos abre a porta.
Ajoelhae povos, e reis.

Ajoelhae, que a lei da morte
Dos mortaes iguala a sorte;
Lei suprema, sempre igual!
Vede os seculos passando
Milhões de ossadas levando!
Qual vestio manto real?

Ninguem sabe dil'rensal-o,
Que o rei é igual ao vassallo
Em nascimento, e em morrer!
Só grande é quem viveo justo;
Quem olha a morte sem custo;
Quem nobre c'róa vae ter.

Escutae!. lá dobra o sino!
Lá repete ecco divino
Do Omnipotente a alta voz!
Oremos pelos finados;
Vamos dar prantos maguados
A quem vivêo como nós.

Funero som de agonia
Duro bronze nos envia,
Chama os vivos á oração:
E' uma voz do infinito!
Recorda povo contricto
Sacro-santa devoção.

D. A. G. Pasich.

CIVILIDADE CHRISTÃ.

(Continuado do 1.° n.°)

A OBEDIENCIA e humildade com os superiores, provindo da nossa modestia, são deveres sagrados de civilidade christã, e puramente indispensaveis; sem os quaes confundir-se-ia o mestre com o discipulo, o ignorante com o sabio; e tudo seria desordem e confusão.

Em Habrahão e Izaac encontram-se dois modelos de perfeita obediencia.

Habrahão era o homem de fé intima, que contra todas as apparencias cria no que

o Senhor lhe tinha dito, que seria tronco d'uma grandiosa familia, da qual sairia o Messias; e por sua grande fé lhe chamavam o pae dos crentes.

Tanto Habrahão, como Izaac são pois dois modelos de exemplar obediencia; por que, ordenando o Senhor áquelle que fosse sacrificar seu filho Izaac sobre o monte Moria, onde mais tarde se edificou o templo de Jerusalem, surdo a todos os brados da naturesa, e sem nunca duvidar da promessa que Deus lhe tinha feito, de que a sua descendencia seria mais numerosa ainda do que as estrellas do céu, em mais não cuidou que em observar as divinas ordens do Altissimo, sacrificando o filho amado, que devêra ser pae de tão numerosa familia!

Em Izaac, posto que contasse então 37 annos d'idade, nota-se uma outra obediencia cheia d'humildade e repassada de fé, se nos lembrarmos que recebeu com grande quietação a nova da sua morte: e já o golpe tremendo ia cortar-lhe o fio da existencia, quando um anjo sustendo o braço de Habrahão, e mostrando lhe um carneiro que andava embaraçado entre umas ramas, lhe ordenou que o pozesse em logar do filho obediente e servo humilde.

Alem da obediencia de Habrahão e de Izaac, podemos avançar, que sem obediencia não ha ordem, nem união; e sem união e ordem, não ha sociedade possivel.

Jesus Christo é o primeiro modelo de obediencia para com seu pae, quando estando proxima a hora do seu sacrificio, dizia humildemente:

« Pae meu, se este calis não pode passar sem que eu o beba, faça-se tua vontade. »

E o acto do sacrificio do nosso Deus e primeiro profeta, é a mais verdadeira prova de tão santas palavras. (*Continúa.*)

E. da V.

THEATROS.

D. Maria II.

A COMEDIA intitulada — *Batalha de Damas*, traducção, tem agradado; e na verdade é bem escripta; o sr. Rosa sustenta um engraçado papel, no qual muito se distingue, e mostra que o talento superior sabe tirar partido de todas as situações. A sr.ª Gertrudes desempenha perfeitamente a sua parte, e deixa ver que o seu merito não é vulgar. Depois da Prophecia, parece-nos que melhor conviria ao theatro alem de bons dramas, as comedias; preferindo sempre os originaes, o publico muito gosta das representações comicas, onde o espirito encontre no riso o linitivo das fadigas e pensamentos que mais, ou menos, escurecem nossos dias, o publico é portuguez, por isso hade preferir sempre as obras de auctores seus.

Um misto de dramas e comedias, convem sempre á moral — á civilisação — e mesmo aos interesses do theatro. Estimaremos ver este theatro, assim como todos os nacionaes, mais frequentados por aquellas pessoas que devem dar o exemplo. E' mister animar os nossos artistas, e promover a sua conservação, pois não vivem senão da sua arte; sem artes não prosperam as nações civilisadas; sem artistas não podem viver as artes — e os artistas não podem viver sem pão.

Os nossos theatros pedem a protecção dos grandes, porque os pequenos sós não os podem sustentar! Para merecer pois esta protecção, tambem pedimos a este como aos outros theatros portuguezes a melhor escolha nas suas representações, pois desta sorte esperamos que não lhes faltarão brilhantes concursos a animal-os.

Theatro do Gymnasio.

AMANHÃ teremos a primeira representação do nosso theatro o Gymnasio, depois de renovado — a sua abertura é illustrada com uma comedia do nosso distincto poeta sr. Mendes Leal: muito louvamos a idéa nacional que tiveram de escolher uma obra nacional, e de tão illustre auctor.

Theatro da rua dos Condes.

O sr. Carreira devia ter feito o seu beneficio em 13 do corrente mez: motivos

poderosos o obrigaram a transferil o para a noite de 20 deste mez: muito desejamos que o publico o favoreça com a sua concorrencia, pois sabemos que elle não se tem poupado a sacrificios para offerecer a seus compatriotas um espectaculo aparatoso, bastante despendioso, e merecer a benevolencia com que o tem sempre honrado.

Continúa nesta folha um artigo do sr. J. C. Machado, e por isso não trataremos ainda hoje deste theatro, e só diremos alguma cousa em relação ao mencionado artigo.

Os espaços desta folha são mui pequenos, e grandes as obrigações que voluntariamente contraimos e desejamos cumprir, para com o publico, e a associação a quem especialmente a dedicamos; por isso pedimos ao sr. J. C. Machado, desculpa de termos ainda neste numero dividido o seu artigo, que de outro modo não poderiamos publicar. Gostamos de ver cada qual espender judiciosamente suas idéas, aliás não se conhecem, não se exercitam, não se engrandecem os talentos: respeitamos as opiniões alheias: mas salvando as nossas de juisos temerarios, manifestaremos claramente o nosso pensar, sempre que assim convenha para que nossas idéas appareçam taes quaes são, e não como os outros quizerem que sejam; e se alguem as sophismar terá de soffrer uma infeliz derrota com a apparição da verdade.

Refere-se este nosso discurso, a um ponto da primeira parte do artigo do sr. J. C. Machado, publicado no antecedente numero desta folha, e que não devemos deixar sem algumas observações. Um jovem talentoso, como o sr. Machado, escreve com o mesmo ardor com que sente; a sua penna é de fogo, como o são as suas idéas; e para que não queimem é que devemos acudir com as modificantes reflexões proprias da idade madura, em que as cousas se apresentam a nossas vistas taes como são, e não como desejamos que sejam.

Deplora o sr Machado a falta de genios em Portugal! sem ser o nosso jovem litterato, outros já tem commettido esta injustiça, mas não escripta em folha que redigissemos, por isso podiamos guardar silencio, o que de certo agora escrupolisamos fazer.

Os nobres desejos de ver a sua patria acima das nações mais illustradas transportam o seu pensamento a uma tão incommensuravel altura que figurando-se-lhe este paiz mais pobre do que é, não o deixam ouvir as vozes da patria de Camões, que agradecendo esse louvavel enthusiasmo pelas gloriosas cinzas do seu filho dilecto diz: « alem de Camões, ainda tem apparecido genios admiraveis! »

A lista dos poetas antigos da França, da Inglaterra, da Alemanha, da Hespanha, da Italia, e de quantos paizes illustrados tem o mundo é maior que a nossa em numero, porem não é mais nobre! Nós tambem dizemos: Camões, Corte-Real, Pereira, Brandão, Bacelar, Lobo, Filinto, Elizio, Quevedo, Gil Vicente, Pereira de Castro, Fonseca Soares, Menezes, Mascaranhas, Macedos, Diniz, Garção, Bocage, Malhão, &c. que não escreveram tanto como os illustres poetas das citadas nações, porque, ou lhes faltou a vida, ou a protecção de que a poesia sempre tem carecido neste paiz. Falla dos poetas antigos, bem sabemos: e dos poetas antigos fallamos; alliaz conhecemos que diria como dizemos: Garrett, Castilho, Herculano, Costa e Silva, Mendes Leal, João de Lemos, e tantos genios nascentes que promettem a Portugal um futuro de gloria, embora tenham de cumprir a sina de Camões, allumiar os seculos por vir!...

Esta nação não é pobre de engenhos, mas sim de fortuna, porque as ambições e humanas discordias tem ofuscado a rasão dos homens a ponto de esquecerem que a historia de um paiz não pode ter paginas luminosas, sem ter sabios que as illuminem, assim como o firmamento não pode lusir sem Astros. *D. A. G. Pusich.*

O REGEDOR DE PAROCHIA.

Farça original em 1 acto.

(Continuado do n.° antecedente.)

O sr. Cascaes quiz ressuscitar o genero: conseguiu-o com o seu talento profun-

como padrão de eterna memoria; é um tropheu de gloria que alcançámos; pois nos revela o effeito que produzem os artigos d'esta folha no animo de nossos irmãos dissidentes em religião. Rogamos á mesma senhora que tenha a bondade de nos mandar dizer se essas notas ou observações, devem ser publicadas, ou se nos foram enviadas tão sómente para enriquecer o nosso archivo. Se até á publicação do n.º 19 não tivermos resposta alguma, entenderemos que o silencio é um tacito consentimento que nos authorisa á publicação dessas notas, sobre as quaes muito estimaremos descorrer; agradecendo infinitamente a s. ex.ª a obsequiosa offrenda do dito exemplar, que generosamente pagou, para nos recambiar enriquecido com suas *amaveis* lettras; e fertil assumpto a longas e para nós gloriosas disserções.

D. A. G. PUSICH.

AOS SRS. ASSIGNANTES DAS PROVINCIAS

Em consequencia da ultima reforma do Correio Geral, abulindo a lei que exemptava de porte os jornaes Religiosos e Litterarios: e tendo agora que ser pago esse porte, declaramos aos srs. assignantes das Provincias que de ora á vante a assignatura das Provincias compreenderá a paga do porte por conta dos srs. assignantes, pagas adiantadas; por isso que a Redacção tendo de pagar as despezas da imprensa, papel e distribuição, não pode adiantar tantos 5 rs quantas as folhas que tem de remetter, nem devem os srs. assignantes pagar o dobro indo ellas por pagar

---

ERRATAS DO NUMERO 15.

N.º	*Pag.*	*Col.*	*Lin.*	*Erros*	*Emendas*
15	5	1	44	lebanto	levantó
«	«	«	37	o	ó
«	«	«	50	o	ó
«	«	2	13	obeliscas	obeliscos
15	5	2	20	pereça	perezca
«	«	«	22	Y asta	Ybasta
«	«	«	«	a esa	á esa
«	«	«	37	Digo	Dijo
«	«	«	42	yesto	yhesto

ANNUNCIO.

Modas em lindas obras de cabello, Calçada dos Paulistas n.º 41, 2. andar.

Cordões lizos, elasticos e arrendados, com passadeiras de ouro ou do mesmo cabello, aneis com dois corações unidos, alfinetes de peito, cruzes, cadeias de relojo com chapa e argolas de ouro, brincos e colares de contas arrendados ou lizos, de muitos feitios, fitas lizas e lavradas, pulseiras de contas ou fingindo uma cobra, com a cabeça de ouro ou do mesmo cabello; ou lizas, arrendadas e de muitos feitios com feixos de ouro, ou do mesmo cabello, enfeites para medalhas, flôres de varias qualidades, e infinitas variedades de enfeites, tudo fabricado com o cabello que trouxerem as possoas que fizerem as encommendas, no mais sublime apuro, gosto moderno, preços fixos, e de uma extraordinaria baratesa.

CHARADA.

Deve assim viver o sabio
Que este viver lhe convem — 1
Assim diz quem vio n'um livro
Traços da penna d'alguem — 1
Assim fazem os que estimam
Emitar a Deus tambem. — 1

TODO.

Amam-me os sabios e os mochos,
O rouxinol e o christão;
A's vozes do sentimento,
Surdos meus echos não são.

D. A. G. PUSICH.

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 19 — AGOSTO 1.° — 1853.

Com o mais respeitoso e cordial reconhecimento agradecemos a Sua Magestade Imperial a Imperatriz Viuva, Duqueza de Bragança, a mercê com que se Digna honrar este jornal concedendo-lhe a sua benigna protecção, e assignatura; e submissa beijamos a Augusta Benefica Mão que sábia e virtuosa se disvella em sustentar e auxiliar a Religião, a moral, e a verdadeira civilisação.

D. A. G. PUSICH.

O Padroado do Oriente.

A questão do Padroado no Oriente foi publicada e agravada na Camara dos srs. Deputados, na sessão de 20 de Julho proximo findo. Os jornaes politicos tem-se occupado deste importante assumpto, discorrendo cada qual conforme as suas crenças, e todas as pessoas que não olham com estouvada indifferença uma questão da maior transcendencia, esperam anciosas o exito deste negocio, que interessa o futuro deseanço de uma nação inteira. Não pode uma folha Religiosa deixar de lamentar a situação em que nos vemos; todavia com a prudencia que deve guiar o escriptor que segue a causa de Deus, e não dos homens, aguardamos o procedimento dos Ministros da corôa, que esperamos seja rasoavel, e que em paz se termine este negocio; pois o contrario seria uma calamidade a mais fatal! Os horrores d'um scisma fulminariam as maiores desgraças sobre este reino; e aquelles que o promovessem teriam de responder a Deus, e ao mundo pelos damnos causados a este paiz, que sempre tem sido tão obediente e respeitoso para com o chefe da Egreja, e a Santa Religião de seus Avós. Manoel Fernandes Thomaz com toda a sua politica ultra-liberal, disse no congresso de 1820 — que, se quizessem o povo portuguez socegado não lhe tocassem na Religião, etc. — Esse homem cujo saber não se pode contestar, já previa os resultados de tentativas que haviam trazer comsigo os mais tristes resultados. Temos visto a maior tolerancia em admittir neste reino predicas protestantes, e agora tanta exaltação da parte de alguns srs. Deputados contra as disposições do Chefe visivel da Egreja a quem estamos sugeitos! Isto é deploravel!

O Dr. Kaley, Medico protestante, appareceu na Ilha da Madeira, começou por curar os povos gratuitamente, e depois de afagal-os com uma aparente caridade, principiou a sua missão, reunindo em sua casa o povo, lendo-lhe pri-

meiro doutrinas boas, e logo que julgou ter ganho ascendente sobre essa pobre gente, deitou os bracinhos de fora e abertamente contra o Summo Pontifice atacando a nossa crença, nomeando Bispos, Vigarios etc. e um d'estes foi um tal individuo chamado Arcenio, que Dr. Kaley nomeou Bispo da Trindade; e para que fim ?.. escutae. Mandou ir á Madeira uma Galera ingleza, e fez embarcar o seu Bispo Arcenio (que lá morreo) com um grande numero de gente dizendo que fosse pregar, e civilisar aquellas terras; mas o que elle quiz foi povoa-las! Seduzio mais de trez mil pessoas; as Freguezias de S. Antonio da serra, S. Roque, S. Amaro, eram suas; as familias em desordem, o marido separava-se da mulher, os filhos abandonavam e insultavam os pais, as mulheres que o seguiam tambem deixavam seus maridos e pais, outras voltavam de casa do Doutor para a sua casa quebravam os Santos, outros lh'os enviavam a elle para os mandar queimar, e finalmente semeou a maior discordia na Ilha da Madeira. Alguns fieis cançados de soffrer tão inaudito insulto foram surprihender uma grande reunião que elle annunciou, e teve lugar nas casas onde ultimamente esteve a nossa virtuosa, e amada Imperatriz. O Governador parecia proteger o protestante, ou pelo menos temel-o; e mandou defender-lhe a porta com soldados dizia elle que, para evitar desordens.. Mas os soldados de nada valeram porque os nossos fieis Madeirenses romperam por entre os Guardas e entrando a casa espancaram os que alli se achavam, tirando os caixotes de livros prohibidos que o inglez tinha, e lançando-lhes fogo (1) Não sofreo o inglez outra perca; e teve de fugir saltando telhados quasi nu e descalso, e vistindo-se depois com fatos de mulher, e metido em uma rede embarcou. Um dos honrados Catholicos que o espancou foi o infeliz Carlos Telles de Menezes, irmão do benemerito actual Director da Alfandega do Funchal; era um nobre em nascimento e sentimentos; defendeo a causa da sua religião, e o decoro da sua patria, e qual foi a sua sorte? Pasmai!.. foi preso, processado, e condenado pelo juiz de Direito Coelho, que era sogro do apostata Arcenio; e foi acabar seus dias cortido de angustias, victima sacrificada pelos protestantes, ou seus amigos! Quem é que paga a vida d'este portuguez? ninguem, Deus o terá recumpensado no Céo; mas Dr. Kaley exigio por indemnização dos livros queimados, ou algum vidro quebrado, de casa que não era sua, muitos contos de réis; e o nosso Governo, ou a Camara, consta-nos ter-lhe mandado dár seis contos de réis, que agora nos affirmam elle não acceitára por não bastarem a satisfazer suas ambições. Este caso occorrêo em 1846, a 1847.

Tanta indulgencia com Dr. Kaley (e com outros aqui mais perto) e tão exaltado patriotismo, tanta independencia com Sua Santidade!.... Não entendemos. Só diremos agora que, excitar um resentimento que póde ter funestas consequencias não é prodencia; perdoem-nos os srs. que assim praticaram. N'estas coisas de Religião quer-se tacto mais fino do que em politica; os maiores politicos ás vezes deitam esses negocios a perder com os ardores de suas idéas. De um choque electrico rebenta o raio. Essas exaltações não podem remediar os males

(1) No meio daquella desordem houve uma vista curiosa. Uma mulher idosa levando alguns empurrões sahiu bailando, tocando com os dedos as castanholas, e com os braços erguidos gritando «são flores» e os homens repetiam o mesmo quando levavam algum murro; porque Dr. Kaley lhes dizia que os máus tratos que sofressem por sua causa eram flores que Deus sobre elles derrama-a para os salvar!...

que podem causar; e mais tarde veremos quem se engana, se aquelles que se deslumbram com os raios de suas grandes luzes, se a pobre cabeça que apenas tem o auxilio de uma rasão vulgar, e bons desejos, sem pretenções nem ambições.

Jesus Christo vellando pela sua grande obra tenha Mizericordia de todos, até d'aquelles que pertendem no mundo erguer-lhe um novo Calvario. Por nossa parte não desanimaremos jámais, porque a fé vigora nossas crenças, e conhecemos que depois da Paixão vem a Aleluia. Nossos Reis ainda são Fidelissimos, e Fidelissimo é este povo que Deus não abandonará.

D. A. G. PUSICH.

A SUA MAGESTADE IMPERIAL A IMPERATRIZ VIUVA DUQUEZA DE BRAGANÇA, NO DIA 31 DE JULHO DE 1853, SEU NATALICIO.

HOMENAGEM.

Se outr'ora entre galas de purpura e d'oiro
Brilhante este Dia sem nuvens raiou;
Trazendo uma c'roa de rosas e loiro,
Que regio Deadema sublime adornou;

E agora se envolto n'um véo luctuoso
Escuro e preste na fronte sostem;
Se prantos aljofram seu rosto saudozo
Que turvo horisonte mostrar hoje vem:

Mortaes deploremos a dor que motiva
Funesta mudança!.... é dor sem igual!
A luz que fulgia tão linda, tão viva
Eclipsa co'a sombra mais triste e fatal!

E' sombra de morte, que esconde uma Filha
Tão pura, e mimosa qual Anjo do Ceu;
Sem ella esta Aurora aos olhos não brilha
Da Mãe que saudosa seus risos perdeu.

Agora as saudades, as candidas rosas,
E lagrimas ternas convem offertar;
Que os hymnos iriam e as galas vistosas
Acerbas memorias, talvez agravar.

Os hymnos e as galas além nas alturas
Augmentam a gloria da virgem feliz,
Que em jubilo immenso de eternas venturas
A Mãe virtuosa sauda e bem diz.

Augusta senhora! se o mundo te off'rece
A' vista um sepulchro, a angustia, a soidão;
No ceu te festeja quem lá resplandece,
E vem afagar-te, celeste visão.

A Excelsa Princeza, que Filha adorada
Tiveste na terra, no ceu inda tens,
Vellando em teus dias, teu Anjo da Guarda
Te segue, e dedica — leaes parabens.

Se de teus annos o Dia
Viste o mundo festejar,
Lá no ceu com alegria
Se ouve teu Nome entoar;

São de Amelia os puros cantos;
Tem divina inspiração;
Hoje na terra só prantos,
Te mostram nossa affeição:

Onde ha lucto não ha galas;
Onde ha dor não ha prazer;
Digna-te pois minhas fallas
E o meu sentir accolher.

E' culto de lealdade
Gratidão, respeito, amor,
Um martyrio.. uma saudade....
Emblemas da tua dor.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

Muito agradecemos a poesia o — Lavrador — que em seguida publicamos; não temos a satisfação de conhecer pessoalmente sem autor, mas pelo talento que seus versos revellam muito o apreciamos, e offerecemos as collumnas desta folha a todas as suas producções que assim como esta esperamos honrem a moral.

O LAVRADOR.

Já tenho a fronte crestada
Do rigor das estações:
Minha mão 'stá calejada,
Da charrua e da enxada,
Da roçadoira e podões.

Tenho a barba encanecida;
Mas tenho força e vigor:

E' trabalhosa esta vida;
Mas a saude perdida,
Oh! não tem o Lavrador.

Que não vive nas orgias,
Que não o rala a ambição,
Que ao tocar ave-marias,
Tranquilo todos os dias
Se recolhe o aldeão.

E' estranho a essa intriga,
Que a Corte sabe tecer;
E não supporta a fadiga
Das paixões, em cruel briga,
Que faz a muitos gemer.

Não habita ricas salas,
Nem tem lustres de crystal;
Não veste pomposas galas;
Mas sabe e quer despresal-as
Pela paz do seu casal.

Não tem sofás estufados
De fino, e rico setim:
Seus tectos não são doirados,
Nem seus pratos fabricados,
Em Cantão, ou em Pekin.

Mas sentado em tosco pinho,
Mui descançado em seu lar,
Vê fiar a esposa o linho,
Vê brincar tenro filhinho;
Gosa ventura sem par.

Não vê ante si curvado
O servil adulador;
Mas vive mui descançado,
Não teme ser enganado,
Pois não é grande Senhor.

Mas que digo, tenho errado,
Sou nobre, sou Lavrador!...
Abre a terra, ó meu arado!
Fucha, valente, meu gado,
Fucha, á voz do teu pastor!

P'ra ganhar uma victoria,
Marcha sedento de gloria,
O guerreiro a combater;
Com pelouros e metralhas,
Vá demolindo muralhas,
Ponha cidades a arder.

Eu encostado á rabiça,
Sem de glorias ter cubiça,
Irei alegre a cantar:
Abrindo os regos na terra,
Pastando o gado na serra,
Heide os Povos sustentar.

S. P. BORGES.

O Drama Constança que foi representado no Theatro do Gymnasio em Setembro de 1849, alcançou-nos tão sublime triumpho que nos anima a offerecel-o ao publico, em signal da nossa gratidão; pois que tendo merecido, alem de um applauso geral, as honras de ser por todos os nossos contemporaneos immortalisado na imprensa, e chegando um delles a consideral-o como um compendio de moral que o Governo devera premiar mandando que fosse lido nos collegios de educação; nós esperamos que nos seja acceito hoje este offerecimento á nação, que tanto prezamos e tanto nos tem captivado com sua benevolencia. Este Drama foi feito em dois dias, podemos afirmal-o até com testemunhas; por isso hão de forçosamente encontrar-se n'elle alguns defeitos que tivessem escapado no palco; em que por certo faria muito melhor effeito, porque a musica, o baile de Mascaras, o talento e graça do sr. Taborda, fizeram crescer em merito esta peça, onde por nossa parte só aparece a força do amor maternal; e a moral com que desejamos dar algum valor a nossos escriptos, e merecer a estima, e indulgencia d'aquelles que amo como irmãos e compatriotas. Pedimos por tanto desculpa de qualquer erro; esperando ainda poder publicar a — Conquista de Tunes — que talvez nos dê maior gloria; o que faremos naturalmente porque tendo escripto alguns Dramas e Comedias, e todos originaes, nossos theatros não buscam as peças originaes Portuguezas, e preferem a estas as traducções de todo o genero; e assim os auctores que não souberem mendigar protecção para ver uma peça sua em scena, porque entendam não dever baixar da sua dignidade litteraria, terão de as dar ao prélo para não ver as suas producções, e a sua gloria, morreram afogadas em poeira, ou desfeitas pela traça. E será a im-

prensa o unico meio de justificar, que em Portugal temos Autores Dramaticos mas não temos theatros que estimem peças originaes.

CONSTANÇA

Drama original em 3 actos.

Representado no Theatro do Gymnasio em 1849.

DEDICADO Á NAÇÃO PORTUGUEZA

Por sua Auctora

D. Antonia Gertrudes Pusich.

PERSONAGENS.

Constança — viuva
Ernestina — sua filha
Camilla — sua creada
Custodia — dita
Thomaz de Almeida - Pae de Constança
D. Eugenio — Fidalgo Portuguez
Bernardino — seu creado
Estevão — criado de Thomaz de Almeida
Creados, convidados de ambos os sexos, Mascaras

O 1.º e 2.º Actos é em Lisboa e o 3.º em Liorne — 1838 a 84..

ACTO I.

Jardim em casa de Constança.

SCENA I.

D. EUGENIO, E BERNARDINO.

D. Eugenio (observando um vaso de flores).

Que viçosos estão!.. É este o vaso de amores eternos que dei a Constança! Não ha duvida. Estão muito estimados. Assim o fora aquelle cujos sentimentos elles representam.

Bernardino.

Ella estima o original mais que o retrato.

D. Eugenio.

Como te enganas! A filha é o seu desvello, e não é possivel que aquelle coração todo entregue á ternura maternal dê lugar a outro sentimento. Oh! aquella creança rouba-me a minha felicidade; rouba-me o amor de Constança! E todavia eu amo-a, porque é meiga, innocente e muito minha amiga.

Bernardino.

Deixe-se de imaginações. A pobre creança! E' a menina mais linda e interessante que eu conheço.

D. Eugenio.

Sim; mas é ella quem rivalisa o meu amor; por isso convem buscar os meios de a separar de sua mãe.

Bernardino.

Veja em que lenços se mete. Não lhe acho muito geito á sua tentativa. O plano é muito arriscado, e sem resultado certo; emfim um plano mesmo de rapaz namorado, que sempre anda erguendo castellos no ar.

D. Eugenio.

Oh! sim; tu é que és um famoso engenheiro; os teus planos são mais solidos, meu grande general de pé cheio, e cabeça ôca.

Bernardino.

Antes assim do que trazel-a carregada de planos aérios, que me podiam causar, nada menos, que uma hydropesia de ar na cabeça.

D. Eugenio.

Olha, Bernardino, o inferno dos sabios é a companhia dos ignorantes; mas o viver com um ignorante que tem fumos de sabio, é peior inferno.

Bernardino.

Pois então pertencerei ao limbo; não importa, eu aborreço extremos. Antes ser meio sabio do que asneirão inteiro. Fique-se lá com a sua extremada sabença que não sei de que lhe serve; é theoria sem pratica, e cá nestas cousas a pratica vale tudo.

D. Eugenio.

Que sublime elocução!

Bernardino.

Será o que V. Ex.ª quizer; mas em quebrando a cabeça na sua carreira de

extremadas paixões, não venha ter com o charlatão que o cure.

D. Eugenio.

Fallas assim porque não sentes o amor que me abrasa por Constança.

Bernardino.

Nem Deus tal permitta, que eu morra queimado em vida, ou tenha a sorte de pintasilgo em mãos de rapazes.

D. Eugenio (rindo).

Que triste comparação!

Bernardino.

Pois não é disparatada, não senhor. Os rapazes cegam os pobres passarinhos com um prego em braza, para se divertirem a ouvil-os cantar de noite como de dia, o amor dizem que é rapaz, dizem, que eu cá nunca o vi, nem senti: e é tambem por ser rapaz que elle se diverte em marcar os seus escravos cegando-lhes os olhos do entendimento.... Ahi tem a sua senhora (*Mostrando Constança que entra*).

SCENA II.

CONSTANÇA E OS MESMOS.

D. Eugenio (apertando-lhe a mão).

Querida prima....

Constança.

Agora mesmo disse-me Ernestina que o vira no jardim. Chegou ha muito?

D. Eugenio.

Sempre Ernestina (*á parte*). Não, minha prima, cheguei ha poucos momentos: desci ao jardim para não encommodal-a, por me parecer que estava ainda recolhida. Entretinha-me a ver os meus amores eternos. (*Faz signal a Bernardino que se retire.*)

Bernardino.

Já o encommoda um terceiro (*á parte*) Então se V. Ex.ª dá licença retiro-me. (*a D. Eugenio*) O ramalhete lá o dei á senhora Camilla.

Constança.

Jesus!.. nem ainda lhe agradeci! Desculpe-me, primo, não foi por falta de attenção; mas surprendeu-me a noticia de estar aqui. Não o esperava ainda; pensei que Bernardino viera só.

D. Eugenio.

Precedeu-me: não pude deixar de o seguir; invejei a sua sorte; e ainda mais, a do ramalhete de flores que logo ao amanhecer colhi no meu jardim.

Constança.

São muito lindas e raras; mas diga-me, não achou maior porção de martyrios para guarnecel-o?

D. Eugenio.

São o emblema de um soffrimento occulto.

Bernardino.

V. Ex.ª despacha-me? (*a D. Eugenio*) Ora eu aqui feito pau de cabelleira. (*á parte*).

Constança.

Se o primo dá licença estimarei que fique para servir o lanche.

D. Eugenio.

A prima é quem manda o amo e o criado.

Bernardino.

Ainda mais o amo (*á parte*).

Constança.

Obrigadissima (*a D. Eugenio*). Olhe, Bernardino, diga a Camilla que entretenha a menina, e não a deixe descer ao jardim: o ar está frio, receio que lhe faça mal. Não parece este um dia de primavera; em aquecendo mais o sol, virá dar um giro em minha companhia. Quando estiver prompto o lanche, toquem a campainha.

Bernardino.

Será obedecida, minha senhora (*parte*).

(*Continúa.*) D. A. G. PUSICH.

INFLUENCIA DAS MULHERES NAS SOCIEDADES MODERNAS.

A mulher no christianismo cresceo em moralidade, em poder e em dignidade; da classe de serva passou a ser senhora e companheira; romperam-se os la-

ços da degradante dependencia, e estreitarem-se mais os da intima amizade e amor: desde então ennobrecco-se a instituição do matrimonio, tendo já um fim mais elevado e grandioso. Oh! que grandeza ha n'esse laço indissoluvel que formam dous seres, que se encontram no mundo, para sobrelevar os tormentos da vida, e participar das alegrias do coração; porque já nada é individual, tem-se reconcentrado duas vidas n'uma sem deixarem de ser duas existencias, e vivem não só para si, vivem para a honra, vivem para a gloria. Esta companheira da vida, com quem se reparte o sustento, que mitiga os desgostos e afflicções do espirito, que applica aos labios o balsamo no accesso da febre, e cheia de sollicitude, anciosa, espreita os momentos de procurar o teu descanço, e de vencer tuas dores á força de disvellos, esta companheira angelica devemo-la ao christianismo. Substitui outros principios ás suas indestructiveis doutrinas, e vereis converter-se a sociedade conjugal n'um foco de corrupção, de immoralidade e de crimes. Nem o brilho do talento, nem a posse de riquezas, nem o luxo e esplendor das artes, nem ainda mesmo a encantadora prespectiva da formosura indemnisariam jamais da perda d'aquelle amor, que o christianismo prescreve aos seus fieis como corôa e centro de todas as virtudes domesticas e até sociaes. Sem este amor fundado na virtude e abnegação a sociedade conjugal seria um labirinto funesto cercado de espinhos, que magoariam o coração e atormentariam a alma.

Temos indicado de que maneira o christianismo ha exercido a sua influencia sobre o homem, porem não nos temos demorado a examinar de que modo a mulher tem contribuido para a civilisação do mesmo homem; comtudo não é necessario mais do que abrir os olhos para observar as causas d'este feito, que aqui apontamos.

Já considerámos o homem independente e livre de toda a obrigação para com a mulher; agora contemplemo-lo ligado com o vinculo do matrimonio, onde sempre se verá a mulher exercendo sua grande influencia; porque ella é para o marido um talisman, a estrella do seu rumo, o complemento da sua esperança, e domina por uma attracção invencivel, quando é dotada de formosura e de um conjuncto de graças, que chega a enlouquecer os animos capazes de impressionar-se profunda e exaltadamente. N'esta época podemos dizer que a mulher desperta no homem um excesso de força e vigor, que ha de servir-lhe utilmente na carreira da vida, porque aviva e patentea as paixões, tão necessarias para dar impulso a esta massa material, rebelde muitas vezes ás frias determinações do espirito; e como a posse da mulher seja um dos impulsos naturaes do homem, reflexiona que para conseguir este objecto precisa não só cumprir com os deveres que a sociedade conjugal lhe impõe, como tambem torna-se mui digno do galardão e recompensa da que ama; por isso não só trabalha, como se moralisa. Mas não se limita a isto unicamente o seu influxo; é ás vezes mais directo. Essa ternura infinita, essa delicadesa de expressão, essa carinhosa unção do sentimento imprime-se fortemente sobre o grosseiro, desdenhoso e aspero exterior do homem que volve a seu lado mais affavel e terno, não respirando já aquellas idéas de vingança, de ira, ou de colera que albergava contra seus similhantes, porque o impedem os rogos da belleza, as lagrimas da esposa, e talvez o fructo do seu amor.

Se houvessemos de citar exemplos e descrever o que se passa á nossa vista nas choupanas e nas aldeias, diria-

mos que a importancia ou influencia da mulher é assim muito mais sensivel, porque nada ha mais frequente do que ver a mulher cheia de virtudes e de pobreza, ao passo que no homem se devisa uma tendencia para dissipar o que á força de suores vae reunindo, e que sem a previsão e conselhos da mulher se gastaria n'um dia, ou n'uma hora. Este é um caso que qualquer poderá observar entre os povos aonde a corrupção e o luxo não tem fixado o seu imperio, e nas classes aonde a educação não ha penetrado como fôra para desejar.

Não é o essencial explicar as razões que tem podido contribuir para este successo, basta-nos indicar este trecho em comprovação da verdade que tratamos de demonstrar; que é — a influencia da mulher na civilisação humana — e tudo isto sem recorrermos á intervenção do affecto materno, á alimentação, a toda a ternura que uma mãe sabe derramar sobre a vida de seu filho, nem ao grande papel para que Deus a tem destinado n'esta sociedade, e que inspirou a *Aimé-Martin* as eloquentes paginas do seu livro sobre a civilisação da mulher, porque seguramente no seio da familia ha um vasto theatro aonde a mãe, a esposa, a irmã e a filha, que se acham ligadas por um vinculo de sangue, exercem poderoso influxo no porvir da sociedade; ha aqui sem duvida um braço divino, que tem estreitamente unido e harmonisado os affectos d'estes seres queridos, porque successivamente se vão dilatando as relações pela amisade, gratidão, e outros meios que a providencia tem decretado para o augmento e consolidação da sociedade; pois bem n'essa sociedade que nasce do centro da familia, a mulher tem uma esphera tão dilatada que não póde deixar de ser mui importante a sua influencia; e esta é a verdade.

(*Continúa.*)

C. DE M. E BRITO.

THEATRO DE D. MARIA.

Hontem 31 de Julho tornou á scena o grande Drama « *A Profecia* » do nosso illustre poeta o Ex.mo D. José de Almada. Graças a Deus que ao menos no palco o publico vê o triumpho da Religião do Crucificado. Tres pegas onde a moral brilha, e se patenteiam, os horrores do crime, e o castigo que lhes envia a justiça Divina, são proveitosos e agradam sempre e até os actores devem estimal-as porque alli muito mais resplandece o seu merito artistico. O sr. Epifanio em cada recita ganha uma nova corôa. A sra. Soller, o sr. Theodorico, igualmente muito se distinguem. Sentimos não ter podido ver todo o espectaculo porque o estado da nossa saude nos prohibio mas protestamos que nunca por vontade nossa deixaremos de ver a Prophecia.

Tivemos a satisfação de pessoalmente conhecer o nosso correspondente em Aveiro, o sr. Padre José Joaquim de Carvalho e Goes.

Sentimos amargamente, que uma subita doença, que o accommetteu lhe dessipasse a resolução d'ir para o collegio do Bombarral, para ser mestre, do qual havia sido chamado, e onde podia prestar bastantes serviços á causa das missões.

O nosso correspondente sahio desta cidade no dia 19 de Julho, no vapor Vesuvio.

Não podemos deixar de felicitar os Aveirenses por gosarem novamente um patricio, que tanto prezam.

CHARADA.

Do mundo sou uma parte — 1
Nobre appellido tambem sou — 2
Todo. Em suas mãos me susteve
Quem a Christo maltratou.

M. A. V. SERRA.

Explicação da charada do n. antecedente: — *Solidão.*

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez; preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 20 — AGOSTO 15 — 1853.

AS IRMÃS DA CARIDADE.

Temos com a maior satisfação o artigo de fundo do nosso contemporaneo, *O Christianismo*, de 18 de Junho ultimo, escripto pelo sr. J. M. Lopes da Silva Rebello; em favor da sublime instituição das Irmãs da Caridade; e não podemos deixar de formar nas columnas deste jornal um echo fiel a seu justo brado; que deve repetir-se em todo o Uniterso. Ha muito que desejamos tractar circunstanciadamente d'este estabelecimento que é util e honroso á sociedade; e guardavamos uma pagina da *Beneficencia* a este importantissimo assumpto; mas nunca poderia ser por nós tractado com tanto saber como aquelle que o nosso contemporaneo emprega para mover os animos bons a uma resolução a mais nobre e precisa ao bem da sociedade.

Acreditamos que bons e maus conhecem as vantagens que offerece ao mundo a instituição de S. Vicente de Paula, que tantos serviços tem feito á humanidade; mas infelizmente neste nosso paiz tarde, e mui tarde se imitam as boas acções dos estrangeiros, que alias nos apressamos a arremedar em tudo quanto é mau, ou menos preciso. Em Lisboa existe um pequeno hospicio de Irmãs da Caridade, mas qual é a sua sorte? soffrerem as mais duras privações, e até hoje nenhumas considerações, porque se fossem lembradas e protegidas ter-se-hia engrandecido o Estabelecimento, e augmentado o numero das Irmãs da Caridade contariam os desgraçados com os soccorros e o tractamento nas enfermidades e na indigencia.

Quantas pessoas morrem por falta de bom tratamento e cuidado em suas doenças; quantas privadas até das consolações que só da Religião podem receber! E porque? porque ou não tem familia e meios de se tractarem, ou muitas vezes tem familiá que não sabe empregar os meios precisos, e assim perecem tantas pessoas que a Caridade salvaria da morte, ou quando não podesse tanto, procuraria suavisar-lhes os ultimos instantes de uma vida temporal conduzindo ao transito fatal á vida eterna essas almas que terminassem a sua peregrinação! Mizera humanidade! Vaes gastando a existencia consumida em fadigas e desgosto, ou estragada em delirios e desordenadas paixões; e não medes o curto espaço que dista do berço á sepultura! Cada instante que passa não vês que leva comsigo uma faisca do

teu fogo vital?... que bem cedo se enfraquecerão teus membros, e n'um abatimento mortal cahirás no leito e logo depois no sepulchro! As dores do corpo, a desesperação da alma quem modificará? A Religião, a Caridade — e a Religião e a Caridade scintilam nessas devotas creaturas que inspiradas por Deus vivem só para gloria de Deus, e proveito do proximo! Essas para quem o vendaval é briza, os abrolhos são flores, e o relampago é um pharol, quando é mister afrontar os mais arduos perigos para voar em soccorro da humanidade opprimida; tendo por unica recompensa de seus serviços a eterna salvação!

Quizeramos ver auxiliada por todos os poderosos da terra esta grande instituição; que nossos dignos Ecclesiasticos a promovam, que o povo a conheça: quizeramos vêr em todos os estabelecimentos pios empregadas as Irmãs da Caridade; poupando tantos braços de homens que podendo ser uteis na agricultura, commercio, letras ou armas, occupam lugares que não sabem desempenhar com o zelo, a Caridade, e o desinteresse que anima aquellas que servem por dedicação, e não por precisão, ou interesse.

Quizeramos por isso que se lhes destinassem meios bastantes á sua decente sustentação e independencia: e que todas as damas illustres déssem o exemplo mostrando que preferem o honesto manto da Caridade a todos esses vãos ornamentos que o luxo inventa para fascinar os olhos, e damnar as almas. Que tambem fosse moda a Caridade, e aquelles que só para imitar os grandes a seguissem, bem depressa aprenderiam a seguil-a do coração.

O guerreiro ferido na batalha encontrará na Caridade um balsamo vivificador: o enfermo no hospital encontrará na piedosa enfermeira o alivio de seus padecimentos; a mãe, que no leito da morte se vê cercada de innocentes filhos que não sabem, nem podem valer-lhe, será soccorrida por mãos piedosas que virão suavisar seus males, e amparar seus filhos: e finalmente o pobre que em sumida e misera habitação vai findar seus dias atormentado o corpo com privações, e a alma sem consolações, terá tudo quanto for preciso ao descanço do corpo, e á felicidade da alma!

Todos estes bens encontrámos no santo instituto das Irmãs da Caridade; não devemos espaçar por mais tempo esta providencia que chama nossas attenções, e merece que empreguemos para conseguil-a todas as nossas forças; e nos unamos todos para ver estabelecida em todas as nossas Provincias, e augmentada na côrte esta instituição a mais util, a mais santa que se conhece e que eleva a mulher a sustentar com animo varonil as mais sublimes virtudes christãs.

O Ceu acolha nossos votos, e a terra attenda os nossos brados.

(*Continúa.*)

D. A. G. PUSICH.

SANTIFICAÇÃO DOS DOMINGOS E DIAS SANCTOS.

No n.° 16 deste jornal, fizemos algumas reflexões sobre o grande abuso, que á entre nós, a respeito da observancia dos Domingos e dias Sanctificados; e sobre a obrigação e necessidade do poder temporal, fazer cumprir as disposições da Pastoral de S. Eminencia.

Agora com o mais profundo respeito fazemos as seguintes reflexões, para que os Domingos e dias Sanctificados, sejam guardados e sanctificados como convém para gloria de Deus, de sua Sancta Religião, e proveito espiritual, e tambem temporal dos fieis.

A lei religiosa, que em todos os tempos tem prohibido os trabalhos servis, negocios e transações commerciaes nos dias sanctificados, tem por fim, os

fieis estarem livres de todos os cuidados da vida temporal, para poderem sanctificar estes dias, como convém, isto é assistirem com a devida devoção ao Sacrosanto Sacrificio da Missa, e empregarem o mais tempo, em exercicios de Religião e piedade, e instruirem-se nas materias religiosas; porque a instrucção religiosa é, a mais proveitosa e saudavel não só para a vida futura, mas tambem para a presente, e boa ordem social.

Ora observadas pontualmente as disposições da Pastoral de S. Eminencia, ficam os fieis livres de todos os cuidados humanos; mas apezar disso, como pódem sanctificar dividamente estes sanctos dias?

As Igrejas apenas estão abertas durante as horas das Missas, além das Missas celebradas pelos Parochos e os outros Sacerdotes, geralmente não á mais practicas religiosas, e principalmente fóra de Lisboa; a maior parte da gente não possue a sagrada escriptura, e outros livros religiosos e edeficantes, para se applicarem n'estes sanctos dias á leitura e instracção religiosa; entre as classes baixas, e mui principalmente fóra de Lisboa, uma grande parte de gente não sabe ler: pois como hão de empregar sanctamente o tempo nos dias sanctificados? Perguntam muitas pessoas.

Á vista d'isto, seria muito util para o bem espiritual, e tambem temporal dos fieis, que os veneraveis Prelados, se dignem ordenar, que as Igrejas estejam abertas de tarde nos dias sanctificados afim dos fieis, concorrerem lá para orarem, e não se entregarem aos vicios e crimes, e os reverendos Parochos serem obrigados a fazerem de tarde explicação da sagrada Escriptura e Doutrina Christãa ao povo, (pois o nosso povo está muito falto de instrucção religiosa) e os reverendos Parochos, que por suas molestias ou avançada edade não poderem encarreguem d'esta sancta Missão a outro sacerdote instruido e virtuoso.

J. B. DE FIGUEIREDO.

O MERITO, E A PERSEGUIÇÃO.

Mais um facto escandaloso! mais uma injustiça registada na imprensa em desdouro d'este paiz!

O sr. Domingos José de Azevedo Bobonne, mandador graduado da officina de ferraria do Arcenal de Marinha, artista de grande merito, foi premiado com a medalha de presença diploma, e relatorio do jury, na grande Exposição de Industria Universal em Londres; em attenção a varios objectos de sua arte e invenção, que alli appareceram; e pelos quaes alcançou os louvores de Suas Magestades a Rainha de Inglaterra, El-Rei Carlos Alberto; e tambem da Rainha de Portugal, em portaria de 6 de Julho deste corrente anno (assignada pelo Ex.mo Ministro Fontes Fereira de Mello.)

Seu louvor no livro da Fxposição vem a folhas 401 A.

O merito deste artista era já tão conhecido em Portugal que Sua Magestade, lhe havia concedido, além do seu vencimento, a gratificação de 500 rs. diarios, isto em Março de 1851; e sendo-lhe esta suspendida em 30 de Julho do mesmo anno por disposições geraes, foi-lhe dado o vencimento de 800 rs. diarios em portaria de 24 de Janeiro de 1852, declarando a mesma portaria que era concedida esta mercê em attenção ao seu reconhecido mérito pelas differentes obras de sua invenção que tem desempenhado com grande utilidade para o serviço.

Ora vejamos qual foi o abraço fraternal que este distincto artista recebeu de seus compatriotas ao verem coroado o seu merito pelo Jury da Esposição de Londres, e pela Rainha de Portugal. E'

com bastante repugnancia que o dizemos, porém é a verdade que affirmamos. Recebe não só repetidos insultos no Arsenal de Marinha, mas até na imprensa!

(Vide *Revolução de Septembro* n. 3403, de 10 de Agosto de 1851!!)

E' um anonymo que alli escreve pertendendo roubar ao Sr. Bobonne a gloria e a honra, e o Sr. Bobonne pode muito bem desafrontar-se; mas é triste a idéa que se une a uma tal humilhação! Pois um homem de reconhecido merito hade ser attacado traiçoeiramente por algum ridiculo invejoso, e hade soffrer que seu nome seja denegrido, sem poder descubrir o seu adversario, porque a imprensa o cobre com um sygilo, ou hade ser obrigado um pobre artista a gastar o que apenas chega á sostentação de sua familia para chamar ao jury o jornal, onde vem estampada a sua deshonra, na mais torpe calumnia! Isto é barbaro, e todavia é certo. O Sr. Bobonne pedio na Redacção da *Revolução*; o nome do seu accusador, foi-lhe negado, mas tendo rasões de saber quem elle é, procede judicialmente, esperamos que o Sr. Juiz a quem se acha commettido este negocio julgue com a brevidade, e rectidão, que taes casos exigem.

Nós lamentamos devéras taes acontecimentos! Quizeramos que os devidos louvores nas folhas portuguezas animassem o artista que se distingue; e não que o deprimissem calumnias e diatribes em nossas folhas quando os estrangeiros publicamente o honram com justos louvores; sentimos vivamente o atraso de civilisação desta nação, pois uma das maiores provas de ignorancia que embrutece os animos, e ofusca as idéas, é a inveja que nasce em tantas almas e as move a perseguir o merito, em vez do nobre estimulo que disperta as ambições de gloria, o desejo de imitar, e até exceder, aquelles que se elevam por seus merecimentos; mas sentir-se engrandecer com a grandeza da sua patria, amar seus irmãos que a illustrão, querer brilhar com elles, estes sentimentos só os tem almas illustradas, e boas; em quanto as rudes, e más se consomem corrompidas pelo veneno da inveja. Contamos que o nosso Collega, Redactor da *Revolução de Septembro*, dará toda a satisfação ao artista offendido, publicando em sua defeza o que elle artista lhe apresentar; e julgamos que lhe fará justiça, porque o seu agressor só apresenta expressões que atacam não só o artista, mas aquelles que tem premiado cá, e lá, o seu merito, em quanto o calumniado offerece documentos os mais honrosos em seu favor.

Consta-nos mais, que o referido artista se acha suspenso de seu emprego no Arsenal de Marinha, porque tendo soffrido repetidos insultos, que não se providenciaram, foi por ultimo provocado por certo operario a ponto que no maior auge de afflição, o Sr. Bobonne, para se livrar de quem o insultava, disse que — o declarava suspenso por ordem do Ex.mo Ministro da Marinha — parece que devia ter dito á ordem do Sr. Inspector; mas sabemos que desta falta proveniente da sua perturbação pedira perdão ao Sr. Inspector; e que se lhe formou conselho etc. Esperamos que o conselho proceda com a imparcialidade propria da honradez dos cavalheiros que o compõem; e que S. Ex.a o Sr. Ministro da Marinha, providencei como é de esperar de seus conhecimentos; descobrindo a verdadeira causa que move essa perseguição contra o pobre artista, combinado o insulto no Arsenal, com o ataque na imprensa, e mais circunstancias que tornam este caso mais grave do que talvez se pense.

No seguinte numero diremos quaes

foram os objectos premiados na Exposição de Londres, assim como daremos noticia de alguns outros que o mesmo Sr. Bobonne fez e que foram vistos por Suas Magestades, e muito louvados por El-Rei, a quem o artista foi apresentado pelo Ministro de Marinha, e pelo Inspector do Arsenal, como author de todas essas obras.

D. A. G. PUSICH.

UM ARTISTA PORTUGUEZ.

A tenra avesinha do ninho se afasta,
Apenas os vôos errante sustém!...
Dos céus a iminencia, a terra tão vasta,
Admira!... e de vêl-as nem animo tem!

Dos vôos primeiros o ensaio lhe custa!..
A luz a deslumbra!... receia cahir!...
Mas torna-se firme, ousada robusta,
Se uma ave mais forte a anima a seguir!

Assim eu mesquinho, com tremulos passos
Do seio materno com penas sahi!...
Um Genio me brada: «Contempla os espaços
E o palco demanda! — teus glorias alli!»

Idéa sublime na mente me adeja!
Das Artes a c'rôa desejo colher!
Mas temo os espinhos, se mão bemfazeja
Os passos incertos não vem proteger!

Demando os auxilios de mão protectora,
Que o publico estende ao Genio infantil;
A mão que os instintos lhe augmenta, vigora,
E a fronte lhe adorna co'a rosa d'Abril!

Oh! não me recuses, ó patria briosa,
A flôr da esperança dos annos na flôr!
Qual aguia não vôo á esphera assombrosa!..
Do sol busco — um raio! — um tenue fulgor!

Não tento qual cedro augusto
Alterosa fronte alçar;
Só pertendo, humilde arbusto,
Em teu seio vicejar;

Gosem os réis da poesia
C'rôas de immenso valor!
Eu só quero a sympathia
De irmãos a quem tenho amor!

Patria minha!... não recuses
Um filho teu amparar!
Vê que as Artes são as luzes
Com que te has-de alumiar!

Mas... oppressa.. consternada,
Curvas a altiva cerviz?...
Porque suspiras magoada,
Oh patria minha infeliz?!

Lembras antigas proezas
Do teu povo portuguez?
Recordas tantas grandezas!
Thesouros que já não vês?

Que te importam bens perdidos,
Se tens o favor de Deus?!
Se inda tens filhos queridos,
Tão briosos, pois são teus!

Tens nas artes os thesouros;
Tens a gloria nacional!
Reagi! dize aos vindouros:
«Inda vive Portugal!»

E não te offusque a ventura
Das nações que vês fulgir;
Aurora de luz mais pura
Dar-te-ha risonho porvir.

Ostentem nações vaidosas
As grandezas que em si teem;
Essas ditas tão famosas
Não as invejo a ninguem.

Cinja o Italico seus louros;
Seus lumes gose o Francez;
Vale mais que esses thesouros
— Ser Artista, e Portuguez! —

D. A. G. PUSICH.

CONSTANÇA.

Drama original em 3 actos.

(Continuação)

SCENA III.

CONSTANÇA E D. EUGENIO.

D. Eugenio.

Sempre Ernestina! (*á parte*).

Constança.

O que tem primo, parece-me pensativo?

D. Eugenio.

E não terei rasão? Ah! minha prima, quem me dera fazer-lhe sentir um

momento, um só momento este mal que me opprime! Então saberia dar valor ao que sinto, e eu seria mais feliz.

Constança. (sorrindo).

Seria mais feliz vendo-me soffrer! É tão forte a sua amizade que deseja partilhar comigo as suas dores!....

D. Eugenio.

Era restituir-lhe o que me deu!.... Ah! Constança!.... Eu não sei calar por mais tempo o que sinto! Ha tres annos gemo victima silenciosa!.... Não posso mais! Constança! amo-te.., adoro-te... Ês o meu primeiro amor, e serás o ultimo. Sim!.... ou hei-de alcançar a tua mão, ou....

Constança.

Vejo que está graecjando; vamos ao lanche.

D Eugenio. (segurando-lhe a mão).

Não, Constança! Eu não hirei d'aqui sem que decidas do meu destino. Profere a sentença.... A vida, ou a morte!.... Lembra-te do martyrio que hei soffrido, vendo-te nos braços de outro! Os condemnados no inferno por certo não soffrem mais do que eu soffri vendo-te..... adorando-te, e sabendo que pertencias a outro! Era meu parente, e tu viste-o primeiro que me visses!... amaste-o... foste sua consorte! Respeitei esses vinculos sagrados! não pude ser indifferente poram ao seu vil procedimento para comtigo. Quem teve a felicidade de possuir uma joia tão preciosa devia idolatral-a; mas não era D. Rogero quem te podia apreciar! O homem dado ás paixões mais abjectas não era capaz de sentir a nobre paixão do amor puro verdadeiro! Amou os teus encantos com um amor sensual; Amou teus bens para lhe sustentarem novas paixões; não amou as tuas virtudes! Tu o sabes, e Deus soube que elle não te merecia; que outro era digno da ventura que elle indevidamente possuia.... Deus permittiu que em seus proprios erros achasse a punição.

Constança.

Ah! D. Eugenio! Recorde que falla de um seu parente! Accate os mortos!...

D. Eugenio.

Por ser meu parente adorar-lhe os defeitos!.... por ter morrido está justificado! Morto de uma embriaguez!.. A morte mais vergonhosa! E heide accatal-o! Constança, Constança! ainda o amas!

Constança.

Respeito as suas cinzas, e não ouso tachar de crimes defeitos da mocidade mal dirigida. Era meu marido, e pai de minha filha.

D. Eugenio.

Deixemos de fallar em quem morreu, e fallemos de quem vive; veremos se tens tanta compaixão. Constança, amas-me?

Constança.

Oh! meu primo, que pergunta! Não sabe que o estimo deveras!

D. Eugenio.

Eu quero o teu amor, não quero a tua amisade; pertendo a tua mão; conheces que a minha posição não é das peiores; não estou no caso em que estava meu primo, que sem ter meios quiz cazar comtigo para te desgraçar.

Constança.

Fallemos de quem vive; deixemos em paz os mortos.

D. Eugenio.

Tens razão, fallemos de quem vive. Serás minha, Constança?.... dize ..... dize que sim, e eu vou cuidar na conclusão do nosso casamento.

Constança.

E minha filha? Dar padrasto a minha filha!

D. Eugenio.

Dar-lhe um pai que saberá cumprir melhor o seu dever, do que aquelle que lhe deu o ser.

Constança.

Basta, D. Eugenio! *(com gravidade).*

D. Eugenio.

Quizera esquecer-me d'elle, mas tua

filha m'o representa a cada instante! Constança decide, tua filha fica a educar-se n'um collegio aqui em Lisboa, não lhe faltará cousa alguma; e nós iremos para a nossa casa de Villa Viçosa.

Constança.

Separar-me de minha filha!.. Jámais. Não, D. Eugenio. Agradeço a sua escolha mas nao acceito a sua proposta.

D. Eugenio.

Recusa!?....

Constança.

Recuso.

D. Eugenio.

Veja o qua faz!

Constança.

Tenho decidido.

D. Eugenio.

Invariavelmente?

Constança.

Invariavelmente.

D. Eugenio.

Adeus!... (*sáe arrebatado e com gesto ameaçador*).

SCENA IV.

CONSTANÇA SÓ.

Meu Deus!... e pensa que o não amo! quanto me custa vel-o assim padecer! Ah! filhos, filhos!... quanto deveis a uma extremosa mãe! quanto me deves innocente Ernestina! Eu te sacrefiquei liberdade, fortuna, o descanço de toda a minha vida, e hoje o meu coração! Oh! se tu não foras, D. Eugenio seria o objecto de todos os meus disvellos!.... mas tu!.... tu Ernestina, és a parte mais cara do meu coração! és minha filha; e este amor é mais intimo; é mais puro!.... (*Pensa um instante.*) Que fará!.... que pensará elle!.... Sinto-me agoniada. (*Assenta-se em um assento do jardim olhando attenta para os amores eternos.*)

Parece que me estala o coração no peito! Jesus! dá-me forças para resistir a um combate de affectos superiores ás forças de uma fraca mulher que tanto já tem soffrido! falta-me o animo!.... careço de um conforto!.... de quem me ajude a vencer o proprio coração..... este inimigo maior da minha felicidade! (*ergue-se*) Ernestina, Ernestina (*chama*) vem, preciso ver-te, beijar-te. Camila (*chama encaminhando-se para o fundo*). Camila, traze a minha filha.

SCENA V.

ERNESTINA, CAMILLA, E A DITA.

Ernestina (*correndo a abraçar-se á Mãe.*)

Mamãa.

Constança.

Minha filha!... minha Ernestina (*Beijando-a com ternura.*) Oh! quanto estes innocentes carinhos suavisam a aspresa de minhas ancias!

Camilla.

Pobre senhora!.... quem me déra poder tirar-lhe metade das suas afflições, que de boa vontade as recebia!

Constança.

O que dizes! Deus te livre de sentir metade do que sinto! Oh! Deus te livre! se soubesses o que pedias não me querias dar tamanha prova de amizade!

Camilla.

Ha dois annos que a sirvo, desde que V. Ex.ª enviuvou, e ainda não me animei a perguntar-lhe uma só cousa ácerca dos motivos da sua afflição; e parece-me que tem outros além da saudade de seu marido!.... mas veja minha senhora, as penas communicadas são aliviadas; eu julgo ter mostrado em dois annos que mereço a sua confiança. Desejava que depositasse no meu coração os seus segredos, e então conheceria que não tem no Mundo uma amiga como eu! ainda que pertenço a uma classa inferior não troco os meus sentimentos pelos de alguma de alta Jerarchia.

Constança.

Nacer n'um Palacio, ou n'uma choupana pouco importa. O merito é que nos

faz grandes: este depende unicamente de nós, não é obra do acaso, mas um presente do céo que está ao nosso alcance poder conservar; é a só grandeza que os homens não podem aniquilar:

Camilla.

E' que V. Ex.ª não tem soberba do seu nascimento porque tem juizo; mas a gente vê cousas por este mundo!....

Constança.

São mizerias de que devemos ter dó. (*Toca a sineta*) Vai lanchar com tua tia, e Bernardino, que eu nada quero.

SCENA VI.

BERNARDINO, E AS MESMAS.

Bernardino.

A Senhora Custodia disse-me que viesse chamar a V. Ex.ª que o lanche está na Mesa. Tambem não está má expressão! Dizer eu lauchára é o mesmo que chamar-me embarcação. Na Azia ha uma especie de pequenos Botes a que se chama Lanchára; e aqui tambem as lanchas! Emfim galanterias modernas. E meu amo?....

Constança.

Retirou-se haverá meia hora.

Bernardino.

Deus me dê paciencia com tal senhor! Alguma zanguinha. Aquelle meu amo tem particulas electricas no seu machinismo! Todo elle é genio! V. Ex.ª não vê! O nome o diz — Eu-genio! — Elle, que eu ca sou um cordeiro.

Camila.

Quem gabará a noiva, vm. não deixa o seu credito por mãos alheias. Ande venha tomar alguma cousa que a senhora manda.

Bernardino.

Nada. Muito obrigado a S. Ex.ª vou-me para casa sra. Camelinha.

Camila.

Camelinho me parece vm.!

Bernardino.

Nada, nada, eu cá sou Camelão que é fazenda mais grossa. Aos pés de V. Ex.ª (*Sae apressado.*)

(*Continúa.*) D. A. G. PUSICH.

CHARADA.

DEDICADA AO EX.mo SR. CONDE DE SALDANHA.

(*Por ser uma cousa de que elle muito gosta.*)

Sou de um paiz muito ameno
Junto de lá me hão de ver:
Dando principio ao veneno
Que um sabio não quiz temer. — 1

E' de estrellas mil bordado
O meu sublime Docel;
O meu solo alcatifado
Mal finge humano pincel — 2

TODO.

Sou dos velhos o cuidado;
Mas nem só delles.... emfim....
A moços tenho agradado
Que muito gostam de mim.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

ANNUNCIO.

J. R. de Figueiredo professor de Logica e elementos de Fysica, lecciona as ditas materias por methodo muito facil, quem o pertender dirija-se ao collegio Polythechnico na Rua dos Corrieiro n. 122 proximo a S. Nicoláu. NB. Aos discipulos das ditas materias, ensina Desenho — Gratis.

Explicação da charada do n.º antecedente — *Martello* —

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 21 — SETEMBRO 1.° — 1853.

BISSAU.

—

Partiu para Bissau o vapor Mindello condusindo alguma tropa com a qual se pertende conter os gentios que atacaram nossas posseções n'aquelle ponto. Sentimos ter de lamentar a sorte d'aquelles que para lá foram; e de ver tambem verificado um prognostico feito por nós, quando victima da ambição de barbaros estrangeiros o benemerito Coronel Joaquim Antonio de Mattos (nosso presadissimo e sempre chorado cunhado) terminou seus dias! A este caso lastimoso e nunca visto em Portugal não se dêo a devida importancia porque Mattos não tinha já parentes poderosos, e seus assacinos eram muito poderosos!.. Não se deo a devida publicação porque nós ainda não tinha-mos um jornal, nem as relações que temos, hoje no mundo litterario; e todavia é tempo agora de renovar a memoria de tão infeliz acontecimento, e dos serviços d'aquelle honrado portuguez digno de melhor sorte.

Joaquim Antonio de Mattos era muito rico, e muito respeitado dos gentios; possuia além de sua grande fortuna como negociante duas Ilhas na costa de Guiné, a Ilha dos Papagaios, e a Ilha das Galinhas; nesta ultima firmou elle a sua residencia depois de ter servido muitos annos como Governador de Bissau, e como Perfeito, nomeado pelo sr. D. Pedro Duque de Bragança: mandou muitos navios seus com excellentes madeiras que offereceu a nossos Arcenaes para construcção de navios de guerra: offereceu ao Governo de Portugal as duas Ilhas que elle com o seu dinheiro comprára ao gentio; e por isso foi nomeado senhor Donatario; e teve outras merces honorificas, prestou muitos outros serviços que longas paginas seriam precisas para os relatar; e nunca durante sua vida os gentios nos encomodaram; porque apenas se lembravam de cortar a passagem do rio logo Mattos aparecia, e conseguia d'elles tudo quanto queria; de modo que em paz conservámos nossas possessões em Bissau, e Cacheu, enriquecidas aquellas Praças com seu constante; commercio; e relações, amigas com os Reis gentios, que intitulavam Mattos, seu primo.

Em 1842 apareceu um vapôr de guerra nas costas de Guiné; dirigindo-se á Ilha das Galinhas; arvorou bandeira ingleza, e ao anoitecer desembarcou a sua tripulação armada; saquiou a casa de Mattos, e toda a povoação (que éram familias antes escravos de Mattos a quem el-

le déra liberdade) lançaram fogo ás cazas, e roubaram uma filha bastarda que Mattos teve antes de cazar com D. Maria do Carmo Pusich, nossa presadissima, e já fallecida irmãa; porém a virtuosa menina, Maria Julia, não podendo livrar-se de outro modo rasgou seus vestidos e fugio aos seus algozes, que disparando-lhe dois tiros nas costas a mataram! Seu infeliz Pae estava em Bissau, aonde fora tratar alguns negocios; voltando com a noticia fatal desta catastrophe, depressa finalisou seus dias, que tão ditosos correram, e tão desastrosamente acabaram!

O Ex.^{mo} Sr. General Fontes Pereira de Mello que então governava a Provincia de Cabo-Verde; participou este caso, e pedio providencias; o Ex.^{mo} sr. Sá Nogueira, Deputado por Cabo-Verde, por varias vezes bradou contra um tal procedimento coberto com a bandeira ingleza, e reclamou providencias; mas nem uma só apareceu; e uma pedra sepulchral escondeu com o cadaver do honrado Mattos a lembrança de seus relevantes serviços, e de tão grande insulto feito a Portugal! Passados annos alguem pertendeo que em cortes se fallasse nisso... fomos nós, entregando a um grande orador a ultima carta que pouco antes de espirar nos escreveo nosso cunhado narrando todo aquelle acontecimento, e as oppressões que soffria dos inglezes, não podendo navegar seus navios com o comercio de sera, marfim, azeite &c. que não fossem tomados com o pretexto de se julgarem negreiros &c. Esse Deputado e Conselheiro a quem nos dirigimos disse-nos que; o Governo tinha officiado a inglaterra pedindo uma satisfação, e que de inglaterra lhe responderam que o comandante do vapor fora processado e sentenciado á morte; mas que fugira para os Estados Unidos!.... Se isto foi ou não foi assim á alma lhe preste; mas nós nunca acreditamos que se pedisse uma satisfação a estrangeiros; basta que elles exijam de nós avultadas sommas, e nos amiassem com esquadras, quando provocados por elles nos lembramos, com alguma leve mostra, de que temos Réis, temos brios e ainda não estamos riscados do cathalogo das nações.

Pelo modo porém com que o Governo procedeo á cerca do insulto feito a uma Ilha e a subditos Portuguezes parece-nos ter havido uma imperdoavel fraqueza.

E nós que em nosso cunhado, e verdadeiro amigo perdemos um segundo pae, que na falta do que nos deo o ser, na perda de nossa fortuna era o nosso unico amparo, como recordaremos este infortunio?.. Com lagrimas de sangue; e coração de christãa.

Combater gentios não é combater gente civilisada; a guerra é com brutos, e em terras que senão conhecem; os nossos tem contra si, o clima, as traições e astucias dos gentios, que não pouparam siladas, a falta de viveres, e sufficientes munições de guerra, a distancia da corte que lhes envie soccorros visto que não temos em Cabo-Verde nem um só navio de guerra ás ordens d'aquelle Governo; como teve nosso presadissimo pae, quando governou aquella provincia; pois foi uma das primeiras providencias que elle reclamou, e lhe foi concedido o brigue Reino-Unido, comandante o conde de Baurepaire, hoje grande do imperio do Brazil. (a) Finalmente muitas difficuldades e perigos tem de affrontar; entretanto Deus protege os fieis; e esperamos que se digne valer aos nossos e dar sempre a victoria ás nossas bandeiras.

D. A. G. PUSICH.

(a) Muita satisfação temos em saber que aquelle cavalheiro tão distincto em nascimento e qualidades moraes, hoje se acha ligado á nossa familia pela união de sua filha com um proximo, e presadissimo nosso parente o sr. José Maria Pinto Peixoto; união que veio firmar antigos laços de verdadeira amisade.

UM BRADO EM FAVOR DA HUMANIDADE.

A ignorancia e o barbarismo desposaram-se : os vicios, e as atrocidades foram seus filhos, e por longo tempo opprimiram a terra ; mas veio a civilisação desafrontar a humanidade, e quebrar-lhe os grilhões do mais vergonhoso captiveiro. A illustração, e philantropia deram-se as mãos, e extendendo o seu imperio tem milhorado a sorte dos mais fracos, a quem o poder da força brutal esmagava. E com tudo ainda nos paizes mais civilisados, vemos de quando em quando apparecer alguns crimes que desdoiram a sociedade onde se praticam. E' mister pois que elles sejam conhecidos para serem banidos.

De muitos brados que houvimos vamos hoje repetir um brado em favor da humanidade, a fim de que chegando aos ouvidos das authoridades se remedeem os males de que alguns infelizes se queixam.

A' cerca do hospital dos alienados temos ouvido tantas cousas desagradaveis que algumas custa-nos acreditar. Mas como se hão de justificar aquelles contra quem se clama (se poderem justificar-se) não vendo um testemunho desses clamores ? julgamos pois fazer um obsequio aos accusados offerecendo-lhes occasião de se justificarem, ou de se emendarem; e um importante serviço á sociedade, e á humanidade publicando os factos de que temos noticia.

Consta-nos que entre alguns desgraçados que se têem encerrado em Rilhafolles como alienados, alguns lá estão que nunca mereceram para lá entrar ; e entre esses existe D. Costodia, filha de um Negociante ; a qual tendo uma grande fortuna foi enviada para Rilhafolles por seu pai, só com o fim de impedir um casamento que ella tentava fazer ; tendo alliaz consentido em que ella tivesse muitas leviandades que elle devia corrigir, como pae ; mas que não obstou.... e só sim quer impedir o casamento por interesses particulares !.... e conserva-se aquella infeliz incommunicavel para que não se observe o estado da sua rasão !

Consta-nos mais que do hospital dos doidos poseram em liberdade um homem que por ahi anda fazendo toda a qualidade de loucura, causando temor a quem transita as ruas da cidade.

Consta-nos mais que no mesmo hospital só querem doidos que tenham meios de fortuna, e que os pobres são logo postos na rua !....

Estimaremos conhecer que tão horrorosas accusações são falsas, e para isso as publicamos afim que as authoridades se informem, e procedam como exige o bem da justiça e da humanidade.

Agora outro caso recente, e do qual temos provas.

Uma sra. muito rica, já viuva, foi considerada por louca, sem o ser, privada de sua grande fortuna, e reduzida a viver com escassos meios; porque seus parentes a fazem passar por louca, e tomarão posse de seus bens !.... Esta sra. requereu em juizo que se julgasse a sua causa ; pedio ser examinada por dois Facultativos de grande credito ; e segue uma acção contra seus parentes.

Em seguida publicamos o attestado dos Facultativos, que nos merecem o melhor conceito ; e por elle se verá a que ponto de crueldade a ambição leva os homens. Aos srs. Juizes que hão de julgar o processo imploramos toda a precisa attenção em caso de tamanha responsabilidade, e esperamos ter de louvar a sua rectidão.

Certificamos que a sra. D. Margarida Isabel Morelles Entillac, moradora na rua da Procissão (ao Collegio dos Nobres) n.° 61, não soffre *alienação mental*. Pro-

cedemos a varias perguntas, ás quaes respondeu coherentemente, e concluimos existir nesta senhora a rasão intacta. Foi esta mesma senhora, que por varias vezes temos observado, quem exigio de nós este certificado! Estranhamos sobre maneira que se tenha esta senhora por alienada, e ao mesmo tempo quem assim pensa d'ella a auctorise a reger-se por si com os pequenos meios! como em boa moral social e domestica se poderá olhar bem semelhante contradicção? Ou ella tem ou não tem a rasão de si; se a tem porque a privam de reger sua fortuna? se a não tem porque a entregam desalmadamente á sua infeliz sorte; privando-a de reger seus bens, e concedendo-lhe mesquinhos meios para se reger e viver! Quem não tem a rasão perfeita não pode reger-se; logo em boa moral domestica e social deviam tratal-a com caridade Evangelica.

Juramos em boa fé o que acima escrevemos para que os tribunaes hajam de resolver esta questão como exige a santidade da sua missão na sociedade em que vivemos. Lisboa 24 de Agosto de 1853. (Assignados dois Facultativos.)

A UMA EXTREMOSA E INCONSOLAVEL JOVEN VIUVA.

A Flor pendida.

Linda flor, que venturosa
Te ostentavas tão viçosa
No matutino frescor!...
Tão pura, tão engraçada,
Parecias destinada
Aos altares do Senhor!

Um zephiro te afagava,
E no teu seio gosava
Delicias de um casto ardor!
Sorriam-te a noite e o dia;
Comtigo o prazer sorria;
Era tudo em ti fulgor!

Mas ai!... tufão improviso
Te converte o paraizo
Em negro abysmo de horror!...
O teu zephiro adorado
Foi, de repente, elevado
Ao seio do Creador!...

E só por Deus te deixára,
Quem a ti só consagrára
Sua vida, e seu amor!
Miseranda!.. succumbiste!..
Em deserto escuro e triste
Vaes perdendo brilho e a côr!

E's qual pendida saudade
No exilio, na soledade
Do sepulchro aterrador!
Oh! não!.. ergue-te animosa!..
Um dia verás, ditosa,
Lá no ceo o teu amor.

E has-de sobranceira entanto
Vicejar, com esse pranto
Da aurora em seu puro alvor!
Ha-de esse fogo abrazar-te,
Que o sol amigo reparte
Comtigo, mimosa flor:

E da vida no deserto
Sentirás, de ti bem perto,
Um gemer de intensa dôr!...
E' a viuva rolinha,
Que vai deplorar, mesquinha,
Da morte o fatal rigor:

E verás n'esse êrmo agreste
Pousado além n'um cypreste,
Da noite o meigo cantor;
Carpindo a fiel consorte,
Que lhe arrancou dura morte,
Ou mão d'impio caçador:

E no murmurio das agoas,
E no som de eternas magoas
Do mocho presagiador;
E dos eccos no gemido:
E no tremendo estampido
Do trovão assustador:

Tudo verás egualar-te!...
Ha-de tudo acompanhar-te
No exilio consumidor!...
Ah! deixa... deixa essas trevas!..
Sim!... que do abysmo te elevas
Ao seio do Creador!

Faze alegrar as campinas...
Reanima essas boninas
Que vivem co'o teu vigor!...
Sorri, que a tormenta acalmas!..
Torna a paz que a tantas almas
Roubou tua immensa dôr.

D. A. G. PUSICH.

SONETO.

(OFFERECIDO E DEDICADO Á EX.ma SR.a ...)

Deixa o mundo loquaz nutrir vinganças;
O mundo é illusão triste, mentida:
Que é a terra, nos crimes immergida,
Senão louco phantasma de mudanças!?

Medonho turbilhão de vãs esp'ranças,
Imagem de sinistra, acerba vida,
Eis a scena, e só delle, abastecida
De insidias, maldições, crueis lembranças...

Deixa o mundo, donzella, e tão sómente
Se queres fruir encantos d'harmonia,
Perfumes divinaes celestemente,

Vôa ao Claustro, e risonha d'alma envia
Canticos ao Senhor — virtude ingente —
No regaço da paz e da alegria.

26 de Dezembro de 1852.

ALMEIDA BLANCO.

CONSTANÇA.

Drama original em 3 actos.

(*Continuação*).

SCENA VII.

CONSTANÇA, CAMILA, E ERNESTINA.

Camila.

Parece doido! Sobre os degrãos quatro, a quatro! (*olhando para o lado por onde Bernardino saiu.*)

Constança.

Coitado! é muito amigo de seu amo, e tem rasão; naceo-lhe em casa, filho de um criado antigo de seus pais; foram educados juntos, e D. Eugenio estima-o como irmão. Bernardino tem muito boas qualidades.

Camila.

Ora minha sra! E' diamante que ficou em bruto! V. Ex.a não vê aquelle modo de se expressar!....

Constança.

A culpa não é delle; os nossos fidalgos pecam algum tanto no gosto de terem creados sem a precisa instrucção, para lhes servirem de divertimento; mas essa falta é suprida por muitas qualidades boas que Bernardino tem; é muito fiel e amigo de seu amo.

Camila.

Tambem a minha sra. não lhe hade ter inveja, não sendo a sua menina quando souber dar valor ao sentimento; V. Ex.a nunca terá quem a estime tanto como eu; isso posso jurar pelas almas de meus pais, que é para mim a cousa mais sagrada.

Constança.

Até por essa razão te estimo: quem não ama seus pais, não póde amar pessoa alguma. Camila, preciso fallar de mim!.... preciso que algum coração se compadeça de mim. (*chora*)

Camila.

Minha querida sra. venha primeiro tomar alguma cousa; vejo-a tão abatida! (*enternecida*).

Constança.

Nada quero senão desafogar a minha dôr. Assenta-te (*Faz Camila assentar-se a seu lado.*)

Camila.

Que bondade minha sra.! não abusarei (*Assenta-se.*)

Constança.

Meu pae era um rico proprietario do reino; Senhor de muitas terras na Provincia do Minho, aonde nascêra; e residia na corte como um independente capitalista: vivendo não só dos rendimentos da sua lavoura; mas tambem d'outros bens que possuia aqui em Lisboa; e suas immediações. Acções do Banco, inscripções da Junta do Credito Publico; de casas, quintas &c. Eu filha unica, havendo perdido na infancia a minha querida mãe, quando completei os 15 annos da minha idade, quiz meu pae casar-me com um rico senhor de casa, tambem do Minho, recusei o casamento por não gostar do noivo.

Camila.

A fallar a verdade, os casamentos contra a propria vontade não prestam.

Constança.

Assim é, mas o coração tambem se engana. E' uma sorte.

Camila.

E' uma sorte, e bem arriscada!.... Continue minha senhora.

Constança.

Foi nesta occasião que me vio aquelle que foi meu marido, fidalgo, mas com poucos meios, pois era filho segundo. Agradou-me, porém meu pai não consentio neste casamento, e para lhe obedecer tambem recusei.

Camila.

Fez muito bem; primeiro estava seu pae.

Constança.

Obedeci porque o meu coração ainda era livre.

Camila.

Não me disse que lhe agradava?

Constança.

Disse; mas agradar-me, não era captivar-me, era uma ligeira inclinação; e eu estava na aurora de meus annos, quando o coração sente que precisa amar; e comtudo não era aquelle ainda o objecto que o devia preencher!... oh! talvez não o encontre na terra! Camila, custa-me dizer-te uma verdade..... mas é umaverdade; a unica circumstancia que justifica a minha união com D. Rogero! E tu deves sabel-o para evitar iguaes desgraças!.... Uma pobre mulher está cercada de tantos perigos, que só a mão de Deus póde salval-a, dando-lhe força ao coração, e luz ao entendimento para triumphar dos esforços da immoralidade!..

Camila.

Se o nosso juiso é tão fraco, o nosso coração ainda mais! E elles abusam....

Constança.

Abusam aquelles para quem a virtude não é mais que uma palavra; os que não reconhecem este principio de Direito natural. — Não faças aos outros o que não quizeras te fizessem — nem se lembram da pena de talião.

Camila.

Tambem é celebre! Tenho reparado n'isso: por exemplo, um homem casado namora a mulher de outro; logo vem outro namora-lhe a sua. Mas diga minha sra., que desgraça lhe acconteceu?

Constança.

D. Rogero vendo que não me podia conseguir com a facilidade, e brevidade que desejava, recorreo a meios de engano: seduzio a creada que me tinha a seu cargo, e obteve entrar em minha casa em occasião que meu pae estava no campo. Desde esse instante fatal eu me decidi a casar com D. Rogero.

Camila.

Ai! — creada! que mulher tão má aquella que a sacrificou! Minha rica menina, Nossa Senhora me conserve o juiso, que a mim nenhum demonio me ha de tentar. (*ergue-se, vai beijar Ernestina, que se diverte com as flores e um viveiro, e torna a assentar-se*). E seu pae que fez elle?

Constança.

O que fez! vendeu todos os seus bens, dando-me a parte que me pertencia; e retirou-se para Italia aonde se estabeleceo; nem quiz mais saber de mim.

Camila.

Oh! cruel! Nem depois de nascer a netinha! E' quando se costumam fazer as pazes.

Constança.

Pois nem assim; nem terminada com a morte de meu marido a causa do seu resentimento; nem o meu arrependimento, e mil cartas que lhe tenho enviado. Oh! meu pae é inflexivel!

SCENA VIII.

BERNARDINO, E AS MESMAS.

Bernardino.

Minha senhora que desgraça!.... pelo

amor de Deus acuda, venha despedir-se de meu amo....

Constança.

De seu amo! como! para onde vai elle?

Bernardino.

Para o outro mundo por sua causa.

Constança.

Para o outro mundo! que quer isso dizer?

Camila.

Quererá dizer, que vai para a America.

Bernardino.

Ensine o Padre Nosso ao vigario: isso é novo mundo, não é outro mundo.

Constança.

Explique-se homem; que quer vossê dizer?

Bernardino.

Que tomou uma doze de resalgar ou arsenico, e lá está nas ancias da morte pedindo que a quer ver, e declarar-lhe uma cousa.

Constança.

Oh! meu Deus!... E' possivel!...

Camila.

O que diz, senhor Bernardino!....

Bernardino.

E' como digo. Aviem, que eu vou chamar o sacramento. Por este não esperava elle! Contava com o setimo, e sae-lhe o quinto! Ah! Mundo, Mundo. (*querendo partir*).

Constança.

Bernardino vá soccorrel-o.... que delirio!... Camila... Ernestina... acompanhem-me... Ah! meu querido primo. (*Suffocada em lagrimas: Ernestina a abraça, Camila e Bernardino a seguem.*

FIM DO 1.° ACTO.

(*Continua.*) D. A. G. PUSICH.

INFLUENCIA DAS MULHERES NAS SOCIEDADES MODERNAS.

(*Continuado do n.° 19.*)

A historia faz mensão de uma época, em que o imperio da mulher se distingue sobremaneira: — a época da galanteria e do espirito cavalheiresco da idade média; o tempo do reinado da formosura e do amor, da constancia e heroicidade nos grandes affectos, em que se combatia e disputava pela mulher como uma prenda inapreciavel, que seria a recompensa do valor, e da generosidade. Como se concebe essa protecção e amparo da belleza, sem mais recurso que a sua ternura, nem outro apoio que a sua innocencia? Porque ia o guerreiro coberto de sangue depor aos pés da sua querida os tropheos da victoria? Quem é esta rainha que alcança um tão universal acatamento, precisamente em uma época de violencia, em que a sociedade luctava com ardor por conquistar uma forma, se cabe dizel-o assim, da vida social? Porque razão o caudilho, terrivel na peleja, defende a creatura debil, e de leão e bravo volve docil e prompto aos rogos e insinuação da beldade, que lhe implora, ou ordena? Todas estas circumstancias revelam sufficientemente que a mulher na epoca passada exercêo um predominio maravilhoso sobre o homem que concorreu a adoçar seus costumes guerreiros com rasgos de generosidade, que sempre vangloriava; que infundio aos homens valor nos trances perigosos arriscados; e emfim que contribuio da maneira porque naquella epoca podia contribuir, para o melhoramento d'elles nessa fraccionada e torbulenta sociedade. Ora bem, esse affecto do coração, meia existencia do homem, porque não havia de ser considerado nos tempos modernos e excessivamente? N'uma época em que os homens se deixam enlevar com facilidade do brilho das theorias, naturalmente haviam de brotar systemas em que a mulher apparecesse altamente soberana; e assim o *sansionismo* clamava por uma mais ampla emancipação da mulher. E sem duvida na mulher livre acha-se mais desgraçada a sorte da beldade; é porém indu-

bitavel que ha quem clame no meio da sua exaltação, que se lhe concedam os mesmos direitos, e gerarchia que aos homens, e a quem seguramente não desagradaria ver um congresso de bellas decidindo a sorte d'uma nação, misturando-se a seu turno nas fileiras das cidadãs. Não levamos até esse extremo nosso delirio; queremos que pezem sobre nós os actos todos de vigor, que a conveniencia do paiz reclame, mas sem negar á mulher a capacidade de que é susceptivel.

Em consequencia podemos assegurar, attento o progresso racional das nossas sociedades, que a mulher está destinada a ver augmentar-se de dia em dia o influxo do seu magnetismo, e a força do seu poder, se, tendo por modelo a virtude que é o atributo mais digno de apreço aos olhos do homem, procurar embellecer suas graças naturaes com a urbanidade e delicadeza de uma culta sociedade, com o attractivo e encanto das artes, e até com o cultivo das sciencias, se o permittirem os seus encargos e situação, então a sua posição social se deverá elevar com vantagem, e não é possivel prever a transcendencia de um successo tão benefico para a humanidade e para a conveniencia dos povos. E' inutil advertir que o impulso e boa direcção d'esta empreza depende particularmente do zelo e estimulo que empregar o homem, como o mais interessado em seus bons resultados. *C. de M. e Brito.*

Lisboa 15 de Julho de 1853.

ILHA DA MADEIRA.

—

Da Madeira continuam tristissimas noticias; além da secca da uva, a emigração que despovoa os campos torna-se cada vez mais espantosa. Nos paizes estrangeiros tem-se promovido algumas consideraveis subscripções, em favor d'aquelles infelices: no Brazil, somma já a muitos contos de réis; assim como dos Estados-Unidos lhes tem sido enviadas avultadas sommas em dinheiro, e em viveres; até em Argel um general francez deu um baile cujo producto foram 300$000 rs., que se enviaram para a Madeira: finalmente em todas as terras se tem dado publicas demonstrações de compaixão, e interesse pelos madeirenses; e por que rasão não vemos em Portugal abrir-se uma subscripção, darem-se bailes, fazerem-se beneficios em theatros, bazares, etc. etc., como vemos todos os dias para mil cousas menos importantes? Em 1845 houve na Ilha de Santo Antão de Cabo-Verde, uma inundação que arrazou os campos e demoliu os edificios, promoveu-se em Portugal, uma subscripção, e aquelle povo foi soccorrido. Aqui temos tantos cavalheiros ricos do paiz, e outros que tem vindo do Brazil; entre elles esse cavalheiro que nos consta ter dado tão grandes sommas nos bazares do Passeio Publico; não deixariam por certo de concorrer para uma acção de tão nobre philantropia; assim como todos aquelles que se presam de ser humanos.

O sr. Ayres de Sá Nogueira, cavalheiro distincto e benemerito, fez uma generosa proposta á Camara Municipal de Lisboa em favor dos Madeirenses; consta-nos que não fôra approvada!!.. Tudo assim anda!.. O mesmo sr. tem remettido á sua custa varias plantas uteis para a agricultura daquella Ilha: louvâmos o seu nobre patriotismo, e beneficencia, quanto lamentâmos aquelles que não o sabem imitar.

Infeliz Madeira, tão digna de melhor sorte!... Possam nossos brados chegar aos ouvidos de Deus, e que em breve te seja restituida a tua antiga prosperidade. Assim ardentemente desejamos por dever e simpathia. D. A. G. PUSICH.

Explicação da Charada do numero antecedente — *Simonte.* —

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 22 — SETEMBRO 15 — 1853.

AS IRMÃS DA CARIDADE.

Em o n.° 20 desta folha dissemos alguma cousa ácerca das vantagens que á sociedade offerece a Santa instituição das Irmãs da Caridade, tão desconhecida ainda neste paiz; alguma cousa diremos agora para provar que o pequeno estabelecimento de Irmãs da Caridade que temos em Lisboa não está inteiramente conforme com a sua instituição.

O fim principal a que se destinam, e para que foram creadas as Irmãs da Caridade é — tratar os enfermos — e como podem essas infelizes creaturas perder noites á cabeceira dos doentes, cuidar n'elles como caridosas enfermeiras, e dirigir-lhes palavras, de fé e religiosa conformidade; se ellas gastam a propria existencia em continuos jejuns, e rigorosissimas penitencias, enfraquecendo por tal modo o corpo e o espirito, que só por milagre da infinita Misericordia de Deus poderão bem desempenhar a sua missão! Sacrificios taes excedem os preceitos divinos, e por isso não podem ser do agrado de Deus, pois tendem á destruição da propria vida cuja conservação o Senhor nos ordena; e causa damno ao proximo, privando-o dos soccorros de que a humanidade afflicta carece, e que mal podem ser administrados por quem todos os dias consome em sacrificios as forças vitaes, que tão precizas são a quem tem de as empregar em auxilio dos enfermos!

A confissão e communhão todos os dias purifica a alma; porém a caridade tambem a purifica; e quando para acudir a um doente deixasse de se confessar um dia a Irmã da Caridade, que fosse chamada com urgencia, Deus não a olharia com menos agrado.

Temos uma crença tão intima, temos tão arraigada n'alma a Santa Religião do Cruxificado, que todos os esforços da impiedade não podem fazer-nos vacillar; (disto provas temos dado, e não pequenas....) mas quizeramos que esta Religião a mais pura, a mais santa, e a unica verdadeira porque é obra de Deus e não dos homens, fosse compreendida por todo o Universo; mas infelizmente ainda a ignoram até muitos que a seguem. E d'essa fatal ignorancia quantos damnos tem resultado ao mundo!.. Mas ao menos aquelles que tem de ser mestres estudem-a primeiro, estudem até compreendel-a, antes de passarem a ensinal-a; que assim fizeram os Apostolos sendo primeiro Discipulos.

Sabemos tambem que se tem tirado algumas Irmãs da Caridade para diversos pontos, fazendo grande falta na Capital, porque são muito poucas as que temos, e de que vivirão as infelizes?.. de esmollas como já aqui precisam para sustentar a mesquinha existencia?.. Parece-nos que este estabelecimento carece de grande attenção. Não conhecemos o Reverendo Padre que actualmente o dirige, e estamos convencidas que hade ser de muita virtude, aliás não teria sido collocado naquelle emprego; mas talvez idade, molestias, ou falta de prepenção para encargos tão difficeis, o impossibilitem de realizar seus bons desejos; porque não basta ser bom para saber bem dirigir os outros. Conheciamos porém o Ill.mo Sr. Manuel Joaquim Bandeira Emaus, que antes dirigia aquelle estabelecimento, e sentimos que, talvez por seus muitos afazeres, não continuasse, pois o Sr. Emaus, além de ser um de nossos mais dignos Ecclesiasticos, é um dos homens de maior instrucção que temos; une o saber á christandade; conhece em toda a extenção a caridade evangelica, porém tendo a seu cargo não só as obrigações de Prior de uma grande Freguezia (a de S. José), mas tambem a direcção de seis estabelecimentos de amparo e educação, por isso não poderá accumular mais trabalhos. Damos os parabens áquelles estabelecimentos que estão sugeitos á sua sabia direcção; e louvamos tão acertada nomeação.

Desejamos pois que as Irmãs da Caridade, em Portugal, sejam como nos outros paizes onde tão sublime instituição prospera; que aquelles que as dirigem as instruam de todos os seus deveres, e além da caridade christã que é sua primeira obrigação, estimariamos vel-as applicar-se a alguns conhecimentos fizicos, para serem perfeitas enfermeiras; que para este fim se lhes facultem os estudos convenientes, e se destinem sufficientes meios á sua decente sustentação.

D. A. G. PUSICH.

O MOCHO.

Vem, ó Mocho desditoso,
Vem teus gemidos erguer;
O crepusculo saudoso
Vae sua luz esconder.

Tu, que em noite escura ou bella,
Vens continuo suspirar,
Pousado além na capella
Do Conde do Lumiar!....

Porque vens, porque motivo
Teus fados carpir alli?....
Acaso sabes que vive,
Como tu, gemendo aqui?....

Mas ai!... deixaste a capella!...
Quem foi que te afugentou?
Vens pousar n'uma janella
Do triste albergue em que estou!

Sim!... eu sei que me procuras!
O infortunio attracção tem!...
Tem sympathias, doçuras,
E seus prestigios tambem!...

Oh! vem, que não me intimidas
Com teus gemidos fataes!...
O Author de todas as vidas
Deu-te um ser entre os mortaes.

O teu piar é o teu canto;
Não me faz estremecer;
Mas dizem outros que é pranto
Que vens á morte off'recer:

Que o teu piar vaticina
Ou morte, ou destruição:
Tambem dizem que por sina
Vens gemer na solidão.

O tempo quanto varia
Nos humanos o pensar?!
Já nos templos, algum dia,
Te fizeram respeitar!

A memoria só conserva
Do mundo te engrandecer:
Eras a ave de Minerva,
A divisa do saber!

E mais conforme esta idéa
Me parece co'a razão!

De noite o Mocho vagueia,
Vela o sabio na soidão.

E eu digo que a natureza
Fez-te assim porque Deus quiz,
Que é tua uzual tristeza
Das mais aves o matiz:

E's o escuro da pintura
Que faz as côres brilhar;
E' da noite a sombra escura
Que os astros faz scintillar.

Vem, companheiro das trevas,
Vem, meus tristes ais ouvir!
E vê se um suspiro levas
Onde é teu fado carpir!...

Ao sempiterno repouso
Da fadiga dos mortaes...
Lá de meu peito saudoso
Repete os sentidos ais!...

E se um gemer de agonia
D'um sepulchro então surgir,
Vem trazer-m'o!... Adeus, é dia...
Nas brenhas vai-te sumir. (1)

D. A. G. PUSICH.

CONSTANÇA.

Drama original em 3 actos.

(Continuação).

ACTO II.

Sala em casa de Constança.

SCENA I.

CONSTANÇA, TRAZENDO UMA CARTA FECHADA E DEPOIS CAMILA.

Constança.

Pobre D. Eugenio! (*toca a campainha.*)

Camila.

Senhora. Manda alguma cousa?

Constança.

Chama Bernardino; quero entregar-lhe esta carta; e tu vê se podes alcançar d'elle alguma noticia mais particular de D. Eugenio. Camila, aquellas expressões vagas que lhe ouvi, cortadas pelas terriveis ancias que o veneno lhe causou, fizeram-me tremer! que me faria elle, para me pedir perdão, manifestando um remorso tão pungente!

Camila.

Alguma vingançasinha: alguma travessura propria dos vinte annos.

Constança.

Vê se Bernardino te diz alguma cousa. Chama-o, que eu disfarço, indo passear com Ernestina ao jardim.

Camila, (chamando.)

Senhor Bernardino, oiça cá.

SCENA II.

BERNARDINO E AS MESMAS.

Bernardino.

A's ordens de V. Ex.ª

Constança.

Faça favor de entregar esta carta a seu amo. (*dá-lhe a carta.*)

Bernardino.

E' resposta da que eu trouxe. Ora V. Ex.ª hade perdoar a minha confiança, mas eu já vi meu amo á morte por causa d'essas brincadeiras.... não estou para tornar a andar em papos de aranha á cata do Medico, e de contra venenos. Sabe Deus a ruina que lá lhe ficou por dentro! irá esta carta levar-lhe alguma consolação, ou augmentar-lhe as penas?

Constança.

Não vae affligil-o, Adeus. (*quer partir.*)

---

(1) Notamos uma fatal coincidencia. Na mesma noite em que fizemos estes versinhos a um mocho, que por costume ia todas as noites piar junto á capella do Conde de Lumiar, nosso vizinho, e que n'esta noite viéra repentino pousar sobre a nossa janella, foi na Ilha da Madeira assassinado o infeliz De Lapierre, joven da nossa amizade. Eis ahi uma d'aquellas coincidencias naturaes, que muitas vezes nos animos fracos, ou atormentados pelo infortunio, se converte em supersticiosos agouros.

Bernardino.

É verdade.... esquecia-me.... e os amores eternos; estão bons? Pediu-me tanto que o informasse....

Constança, (rindo).

Estão de perfeita saude, (*sahe*).

SCENA III.

CAMILA, E BERNARDINO.

Camila.

Olhe lá senhor Bernardino, vm. promete dizer-me uma coisa?

Bernardino.

Se eu souber!....

Camila.

Sabe, sabe; ora diga-me o que seria que seu amo fez á minha senhora, para lhe pedir tantos perdões, quando ella o foi vêr, pensando que elle morria?

Bernardino.

Eu sei cá!.... formalidades do estylo. Não sabe o que são namorados que por qualquer bagatella fazem um espalha-facto!

Camila.

Sim, tudo para nos illudir, abusando da nossa boa fé, e natural compaixão de que somos dotadas! são boas rezes, não tem duvida! sabem levar-nos fingindo paixões que não são capazes de nutrir; despertando sentimentos que não sabem apreciar!

Bernardino.

É lá!.... isso é de mais!.... agora fingir que me mato para vêr se vivo, e se alcanço o que desejo; isso póde ser; e ainda assim não é um crime, é uma industria.

Camila.

Intendo. O veneno foi agua do pote.

Bernardino.

Nada, nada; alguma coisa mais do que mistura salina; e menos que trez grãos de Tartaro emetico.

Camila.

E aquelle somno, que parecia o da morte?

Bernardino.

Qualquer doze de Laudano; vulgo, opio.

Camila.

Opio nos deu elle! E vm. sr. hipocrita a mortificar a minha ama! é um bom sujeito! ápre! fiem-se lá em algum! O que não queima, mascarra, sáfa!.... que tal é vm. tambem!

Bernardino.

Sou um creado como se quer. E de mais eu tenho os meus motivos.... vm. bem sabe.

Camila.

Eu!?....

Bernardino.

Faça-se de novas. Vm. não conhece nos olhos quem tem desejos?

Camila.

Pois está neste estado! é mais um fenomeno dos nossos dias!

Bernardino.

Não zombe comigo; deixemo-nos de formalidades. Quero cazar com vm. senhora Camila.

Camila.

Tambem é amante?

Bernardino.

Quem!.... eu amante!.... Deus me livre de semelhante praga! trazer eu cá dentro das minhas pobres entranhas chammas, vulcões, inferno! como elles mesmos dizem, eu podia com semelhante peso!

Camila.

E então quer cazar? no tempo em que os homens com a tal vertigem politica não querem senão Bernardas!

Bernardino.

Pois eu não gosto de Bernardas, gosto de Camilas.

Camila.

Ora um rapaz de vinte annos não quer andar á moda.

Bernardino.

Porque, já não é moda cazar?

Camila.

Não senhor, a moda agora é ser homem politico.

Bernardino.

Que vantagem d'ahi me resulta? algum balasio?

Camila.

Qual balasio! esses não penetram os peitos de aço fino, faça-se vm. celebre nas eleições, a favor do partido que estiver de cima, e lá lhe chegará a sua vez de Deputado.

Bernardino.

Deputado esta figurinha!

Camila.

D'essa massa é que muitos se fazem; e de mais, pode assentar-se no banco dos mudos, que fica rico sem trabalhar.

Bernardino.

E como heide votar, sendo creado de servir, e com vinte annos de idade?

Camila.

Resolva-se, que o mais tudo se remedeia.

Bernardino.

Deixemo-nos d'essas trapalhadas; a moda que me agrada é a das conveniencias, isso lá sim, e como vm. é uma rapariga séria, e governada, faz-me conta, sou candidato á sua mão. Essas paixões amorosas são romanticas; nada de poesia; todo eu sou proza, e muito grosso para taes finuras.

Camila.

E eu muito fina para taes grosserias.

Bernardino.

Aspira a algum deputado?

Camila.

Não seria a primeira da minha classe, mas nem a elles, nem a vm.

Bernardino.

Tambem vou despedido? aprendeu com sua ama?

Camila.

Olhe não se envenene.

Bernardino.

Se eu fôra doido! Não me dá a pancada para vomitorios; eu cá, pão pão, queijo queijo; se sirbo sirbo, se não bolto, e bôme, que isto é que é saber fallar e não ser... com sua licença, besta. Assim dizia o Maloio, e eu repito. Fique-se com Deus. (*vai-se*).

SCENA IV.

CAMILA, CONSTANÇA, ERNESTINA.

Camila.

Forte alarve!

Constança.

Então o que te disse?

Camila.

Muitas asneiras, e concluio que, o sr. D. Eugenio quando tomou o veneno, foi mais com tenção de viver, que de morrer.

Constança.

Como póde isto ser! Não viste o estado em que o Medico o declarou, e ha dois mezes que não sae de casa pelo abatimento em que se acha.

Camila.

Todas essas cousas se fazem, minha senhora, entretanto ha desculpa attendendo a que são com um fim licito.

Constança. (*fica pensativa.*)

Oh! minha Ernestina! tu sim, tu é que não me enganas porque és innocente! (*abraça e beija a filha.*)

Camila.

Todos esses enganos descobre elle mesmo em cazando, que é todo o seu fim, e a senhora que hade fazer!

Constança.

Eu cazar! não, por certo. A minha filha é os meus amores, não lhe darei rival.

Camila.

Determina alguma cousa?

Constança.

Nada, Camila, podes retirar-te: Ernestina, vamos á lição. (*Camila vae a sahir, batem á porta*).

Camila.

Quem é?

D. Eugenio (de fóra).

Sou eu, abre. (*Camila abre a porta, e depois de entrar D. Eugenio, sáe*).

SCENA V.

D. EUGENIO, CONSTANÇA, E ERNESTINA.

D. Eugenio.

Será possivel, querida prima, que eu torne a estes lugares! A sua carta deu-me forças; deu-me vida.

Constança,

Estimo que ella tivesse a propriedade de um contra veneno, (*sorrindo*) assente-se. (*assenta-se*).

D. Eugenio.

Se eu não tivesse provas do quanto a magoou o meu padecimento; esse riso mortificar-me-hia.

Constança.

Magoou, sim, porque a minha natural sinceridade me fez acreditar quasi impossivel um fingimento em casos sérios.

D. Eugenio.

Fingimento! o que diz, Constança! pois duvída ainda do meu amor! Não foram bastantes as provas que dei! quer outras!.... Oh! não as exigirá debalde!

Constança.

Estou certa que não se hade matar.

D. Eugenio.

Não! quem m'o hade impedir quando a vida se me torne insuportavel?

Constança.

O primo D. Eugenio não quer mal ao seu corpo.

D. Eugenio.

Isto é de mais! cruel!... permitte que venha vêl-a para me assassinar! Ah! Constança! o teu rigor já me fez criminoso!.... Perdão, perdão, e em nome de Deus te pesso que não continues! (*ajoelha, pega na mão de Constança que beija com transporte*).

Constança (erguendo-se).

Senhor D. Eugenio! não vê minha filha presente?....

D. Eugenio.

Não vejo senão Constança, ella, só ella me poderá conter. Dize serás minha!

Constança.

Não.

D. Eugenio (apertando a mão ao peito com transporte).

Oh! minha adorada Constança, não queiras que me rásgue o peito a mão que pode fazer-me ditoso! pelas felicidades de tua filha, cede!....

Constança.

Dae-me forças, meu Deus! (*comsigo*) D. Eugenio... deixe-me, não o posso attender, (*sente-se rodar uma carruagem que pára, e batem á porta*).

Uma carruagem! quem será! não espero ninguem, e eu vivo tão retirada!... vejamos quem é (*vae para o fundo*).

SCENA VI.

CAMILA E OS MESMOS.

Camila.

Um cavalleiro idoso pertende fallar a V. Ex.ª

Constança.

Manda-o entrar, quem será? (*Camila parte*). Sinto-me arrefecer.... o menor acontecimento me sobresalta!

D. Eugenio.

Ah! infeliz Constança! (*á parte*).

Constança.

Que tem primo! emudeceu, e descorou!

D. Eugenio.

A prima sabe a causa.

SCENA VII.

THOMAZ DE ALMEIDA, CAMILA, E OS MESMOS.

Constança.

Desejo saber qnem.... ah! eu sonho

ou vélo !.... meu adorado pae.... (*lança-se aos pés de Thomaz beijando-lhe a mão*).

Thomaz, (*com severidade*).

Ergue-te. Aonde está minha Neta.

Constança, (*apresentando a filha*).

Aqui está. Ernestina, minha filha, beija a mão a teu Avô; é este o meu querido pae em quem tantas vezes te hei fallado. (*Ernestina beija a mão ao Avô*).

Thomaz.

Infeliz! és uma innocente; não deves soffrer o castigo de alhêas culpas.

Constança.

Ah! meu pae! ellas estão assás espiadas; e o ceu quiz que as minhas lagrimas merecessem o seu perdão....

Thomaz.

O meu perdão!... jámais o terás, filha amaldiçoada! (*com ira!*)

D. Eugenio.

Senhor!....

Thomaz.

O que pertende?

D. Eugenio.

Não soffrerei que na minha presença ultrage sua filha.

Thomaz.

E quem é o senhor que se atreve a fallar-me assim?

Constança.

D. Eugenio, meu pae tem sagrados direitos sobre mim; eu conheço que mereci a sua cólera.

Thomaz.

D. Eugenio!.. entendo!.. não me enganaram. Foste má filha, e peior mãe! Embora, acaba de te perder, mas não desgraçarás esta infeliz. Venho expressamente a Lisboa para conduzir comigo minha neta, que será a herdeira dos meus bens e senhora da minha casa. Hoje deve accompanhar-me para Italia.

Constança.

Chegou hoje, meu pae, e já quer partir.

Thomaz.

Cheguei hontem, e partirei hoje no vapor inglez, que entre duas horas deve erguer ferro. Um dia me parece um seculo na terra amaldiçoada aonde soffri a maior das desgraças! Apromptem esta innocente, basta que leve o seu fato de uso. D'aqui a uma hora virei buscal-a.

Constança.

E eu senhor?....

Thomaz.

Tu!.... Ficarás em Lisboa, livre de pensões.

Constança.

Separar-me de minha filha.... oh! é arrancar-me o coração em vida! Meu pae tenha compaixão de mim.... (*chora*).

D. Eugenio. (*comovido*).

E sou a causa da sua dor! (*á parte*).

Camila (*chorando*).

Quem poderá valer-lhe! (*á parte*).

Thomaz.

Conheces o meu caracter! Agora, ou nunca. Tu não a seguirás; vê se queres rematar tuas loucuras sacrificando tua filha. (*sahe*).

(*Continua.*) D. A. G. PUSICH.

EMBORAS A PORTUGAL.

(*Livres de todo o pensamento politico.*)

O Ex.mo Sr. Frederico Guilherme Pereira da Silva, acaba de ser nomeado Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça: esta escolha é acertadissima, e muito louvavel; é uma grande aquizição; por quanto este cavalheiro tem merecido sempre as maiores sympathias por suas qualidades moraes, e pelo exemplar comportamento com que tem desempenhado todos os empregos de que tem sido encarregado: independente por sua posição e fortuna, só o seu patriotismo o decide a aceitar tão espinhoso encargo, que esperamos exerça com rectidão, e virtudes christãas que tanto o ennobrecem. Nós

que de perto conhecemos o seu relevante merito, damos os parabens á nação; e tambem particularmente os dirigimos a sua Ex.ma virtuosa consorte (que ha muito prezamos) por ver coroada a gloria de seu esposo, com a geral satisfação do publico, e subido a uma altura onde melhor pode honrar a religião, e ser util á sua patria. Rogamos a Deus que se Digne permittir que em paz o deixem exercer o seu ministerio.

D. A. G. PUSICH.

PENSAMENTOS MORAES.

—

Recompensar a virtude é animal-a, é despertar os homens a pratical-a. (*Stael.*)

—

O amor filial é uma pequena parte, que pagamos do que devemos a nossos pais. (*Mme Voiart.*)

—

Os homens illustrados são contemporaneos dos seculos futuros por seus pensamentos. (*Stael*)

—

Gozar é felicidade; fazer gozar é virtude. (*Fenelon.*)

—

A ignorancia só conhece o direito da força; e por isso a ferocidade lhe é propria. (*Guizot.*)

—

A gratidão é rara, porque offende o amor proprio. Ella recorda de continuo a superioridade, que adquiriu o bemfeitor. (*Lepage.*)

EXPEDIENTE.

—

Achando-se no prélo a Biographia do Ex.mo General A. Pusich, pedimos a todos os srs. assignantes desta folha, que tambem o são da Biographia, e ainda não tiverem remettido os prospectos com a sua assignatura, queiram entregal-os ao distribuidor d'esta folha, a fim de sabermos quaes são os nomes que devemos publicar, como promette o mesmo prospecto.

CHARADA.

—

Sou senhor de Tunes — 1
Ninguem foi mais pobre — 1
Todo.
Sou mimo d'amor,
Se d'alma sou nobre.

C. DE M. E BRITO.

ANNUNCIOS.

—

ALMANACH
DE
LEMBRANÇAS
PARA 1851,

Ornado com 112 *gravuras, por*
ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO.

O nome do auctor assáz recommenda esta obra; com tudo accrescentaremos que este anno além da noticia interessante com que illustra as paginas do seu Almanach, offerece uma bella exposição de poesias, e lindas variedades que instruem, divertem, e moralisam.

J. R. de Figueiredo, professor de Logica e elementos de Fysica, lecciono as ditas materias por methodo muito facil, quem o pertender, dirija-se ao collegio Polythechnico na rua dos Corrieiros n.° 122, proximo a S. Nicoláu.

NB. Aos discipulos das ditas materias, ensina Dezenho, *gratis*.

Typographia na rua da Condessa n.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 23 — OUTUBRO 1.° — 1853.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Um dos principaes e mais importantes objectos de que se deve occupar a imprensa periodica, é — a instrucção publica — é esta uma das mais sagradas obrigações que tem contrahido com a sua patria todo aquelle que tomou a seu cargo a espinhosa missão do escriptor publico — jornalista; — deve elle de continuo chamar a attenção do governo, em favor da instrucção publica; unico meio de civilisar os povos. Nós, pouco podemos, porque a nossa penna é fraca, em uma terra onde se negam as devidas considerações ao sexo a que infelizmente pertencemos; entretanto não obstante esses barbaros preconceitos, que deslustrando os homens, degradáram as mulheres, reduzindo-as a prestar-se tão sómente a ser esposas e mães, ou não prestarem para mais cousa alguma, e por conseguinte a tornarem-se pesadas, e muito pesadas, á sociedade que as soffre sem a precisa instrucção que as habilite a servir dignamente a sua patria; nós, auxiliadas unicamente por Deos, temos podido vencer todos esses prejuisos, e atravez inumeras difficuldades, offerecer á terra onde vivemos, alguns serviços, que ahi estão patentes, e de cuja importancia o publico sensato ajuisará; pois legâmos aos homens illustrados, que nos sobreviverem, o encargo de se lembrarem de nós, se não quizerem esquecer-se de si....

Entre outros serviços que temos tido a gloria de prestar a Portugal, parece-nos que a parte que tomámos em favor do methodo repentino do sr. Castilho merece alguma consideração.

Quando em Agosto de 1849 creámos a *Assembléa Litteraria*, jornal que levantou o estandarte da liberdade intelectual do sexo feminino, invocámos o nome illustre do sr. Castilho para nos auxiliar. Em Outubro de 1850, tivemos a satisfação de receber uma obsequiosa carta de s. ex.ª enviando-nos o seu methodo de leitura repentina: a carta do nosso immortal poeta é padrão de gloria com que elle se dignou coroar nossos trabalhos, e destinguir o nosso jornal consagrado á illustração das damas: o seu methodo é um riquissimo dom que o seu genio sublime offertou especialmente ás damas, como educadoras do genero humano: esta carta que mencionamos não deve sepultar-se no pó sumida no archivo de preciosidades litterarias, com que alguns illustres cavalheiros teem animado nosso fraquissimo talento: esta carta devia apa-

recer á luz para animar aquellas que nos succederem; e para mostrar aos presentes e vindouros que, se todos os homens grandes deste paiz pensassem como Castilho, este paiz brilharia como as nações mais illustradas; e se os governos até ao presente não tem devidamente apreciado nossas fadigas; Castilho soube coroal-as com a sua opprovação que para nós é um thesouro, um titulo o mais precioso. No seguinte numero publicaremos pois o artigo que menciona e commenta as grandes vantagens do excellente methodo da leitura repentina. A modestia, mal intendida talvez, tem-nos obrigado a omittir tantos honrosos louvores, tantos documentos que provariam o valor de nossos trabalhos; e quasi vamos tendo remorsos d'essa omissão; porque ao queixarem-se os vindoiros da sorte a que nos tem abondonado aquelles que nos deviam proteger; ao contar a historia que fomos felizes em quanto não aparecemos no mundo litterario; e depois disso nem ao menos o que é nosso e nossos pais nos deixaram podémos ter para viver, crear e educar dignamente nossos filhos já nobres por nascimento!.. e! que de um palacio possamos a viver n'uma choupana, onde no meio dos mais penosos serviços domesticos cercada de filhos innocentes de quem somos o unico amparo, com o coração turturado de angustias, o corpo exausto de forças pelo cançasso, os olhos quase sem luz e inundados em pranto, aproveitava-mos os unicos instantes que nos deixávam nossas fadigas, e nossos filhos para escrever nossos pensamentos em honra de Religião, da moral, e da publica instrucção: quando o anathema dos vindouros, e de nossos filhos e netos, cahir sobre aquelles que deixáram o infortunio roubar ao tempo os direitos de nos conduzir á sepultura sem que tivessem sabido aproveitar nossos serviços; então devem ser exceptuados, devem ser collocados em uma pagina honrosa, e escriptos com letras de oiro os nomes d'aquelles que poderam espalhar flores no tormentoso caminho que temos de atravessar com a pesada cruz de nossos infortunios! Sim!.... A nossos filhos ficará a gloria de publicar esses nomes, e nós com a mais respeitosa consideração, e a mais fiel gratidão os saberemos conservar sempre em nossa memoria, e em nosso coração.

Por algum tempo nos achámos sós em campo com o sr. Castilho, e os Michaelenses: não sabemos que genio máu entorpecia os homens! O sr. Castilho abriu um curso, e mostrou na pratica a excellencia do seu methodo.

Sua Magestade Imperial a Duqueza de Bragança deu mais um publico testemunho do seu juizo superior, e beneficas intensões a favor deste povo mandando adoptar o methodo repentino em todos os azylos de infancia desvalida: A sra. D. Maria José Canuto, mestra regia, e litterata cujo nome é assás conhecido, esperava anciosa, poder manifestar seus desejos, de ensinar pelo methodo repentino, que ella já tinha proposto rogando ao conselho superior de instrucção publica permissão para o adoptar; mas não tendo tido resposta alguma, decidiu-se por tanto a ensinar seus discipulos pelo methodo de Castilho; e escudada com o exemplo sublime da virtuosa Imperatriz, aboliu o antigo methodo; em de 16 de Julho de 1852 foi enaugurado na sua escóla o methodo repentino, que tem exercitado com os mais felizes resultados, resistindo com animo veromil, a calumnias, e até ameaças.

Na Revolução de Setembro d'este anno foi publicado o requerimento que a mesma sra. dirigio a Sua Magestade a Rainha pelo conselho superior de instrução publica; louvor á mulher que para ser util á sua patria não recua na pre-

zença dos maiores obstaculos. A sra. Canuto ainda que aparecsse depois de nós não vio menor a sua gloria; antes correu maiores perigos; porque nós ousámos aparecer em campo tomando a iniciativa e affrontando a ira dos que moveram perseguição injusta, e miseravel, ao genio superior que se desvelava para fazer o mais importante serviço á sua patria; a sra. Canuto se expoz a perder o unico pão que tem ganho com suas honrosas fadigas, pois estava em certa dependencia que nós não tinhamos.

Folgamos em saber que o sr. Castilho não esquece os nomes dos seus mais corajosos combatentes; e por serem nomes de duas mulheres não deixam por isso de merecer sua especial consideração, de que não cessa de dar provas que animem cada vez mais esses corações a seguil-o, e ajudal-o a plantar essa arvore preciosa, e fertil de instrucção, cujos fructos maravilhosos devem sustentar a gloria nacional. O sr. Castilho confia tanto no saber da sra. Canuto que lhe entregou seus dois filhinhos mais novos, um menino, e uma menina, que na mais tenra idade já desenvolvem um talento prodigioso, onde se admira um raio da luz brilhante que nelles reflecte. Quanto a nós saberemos mostrar que sempre reconhecidas ao genio superior que nos arrancou ás trevas de um melancolico retiro, para nos elevar ao mundo litterario, não nos arrependemos de ter pugnado a seu lado, com o valor que o seu saber, e a justiça da sua causa nos transmittiram.

Mme. Andrade tambem com louvavel zelo adoptou no seu collegio a leitura repentina; e muitos cavalheiros auxiliaram o sr. Castilho, como verdadeiros amigos d'elle, e da nação, honra lhes seja feita; assim como ao governo que acaba de se mostrar justo e sabio mandando adoptar em todo este Reino o methodo repentino. que em breve será — *Universal* — o receio de perdermos o sr. Castilho, que projectava auzentar-se para o Brazil, fez quebrar o poderoso incanto que manietava os homens! Agora já os homens conhecem que não convém a Portugal perder Castilho, que elle é um genio sublime que outras nações apreciariam; que é indispensavel á gloria litteraria deste paiz; e que tem as sympathias de seus compatriotas, pois a dôr de o perdermos assaz poude manifestal-as.

O Governo foi justo não consentiu que o herdeiro da gloria de Camões herdasse a sua infeliz sorte.

Rogamos a todas as senhoras, que estejam no caso de poder ensinar, coadjuvem o sr. Castilho; e nos excedam em prestimo, já que não podem exceder-nos em desejos; um estimulo de gloria nacional anime todos os corações a seguir aquelle que valente general caminha por cima de tantos abrolhos e precipicios levando erguido o estandarte luminoso da civilisação; os homens encoragem o sexo que enfraqueceram! E nós?... nós que nos sentimos com as forças vitaes quasi extinctas á força de fadigas e desgostos que nos tem apressado o termo da existencia; acompanhal-o-hemos em quanto elle caminhar; em quanto nos restar um alento vital; e com a mesma entrepidez com que aparecemos em campo sobranceira aos estorvos que homens temeram, despresando as frageis barreiras de pó que se erguiam gigantescas tentando offuscar a gloria do sr. Castilho, e roubar a luz ao povo; caminharemos, talvez com mais ardor, e mais denodo sem temer nem a injustiça, nem o odio, nem a vingança dos homens, por isso mesmo que perto divisamos o tumulo e a eternidade; por isso mesmo que nada eeperamos do mundo, tendo vivido, e trabalhado para os outros e não para nós, caminharemos com a verda-

de e a rasão, sem ambições de premios, porque essas honras estão reservadas ás nossas cinzas.... então os homens não duvidaram coroar de louros a fronte inanimada; e sobre o cadaver espargindo flores esconderão as lagrimas que não tenham secado nas mortas faces.

(Continúa) D. A. G. PUSICH.

COMMUNICADO.

No dia 10 de Setembro, na rua de S. José, passava um creado, conduzindo um burrinho, mas um homem a cavallo a todo o gallope, atropelou o desgraçado, ficando muitissimo maltratado, pois tal foi a informação do Pharmaceutico da dita rua n.° 88: o sr. Galdino, procurador andou a tirar os indicios da pessoa que lhe tinha maltratado o seu creado, mas ninguem o poude informar; dirigiu-se á sentinella de Santa Marta, e esta respondeu que o tinha mandado parar, mas que elle não fizera caso, e continuára correndo. Eis-aqui está pois como estamos em Portugal; deixando-se commetter toda a casta de barbarismo. Eis-aqui como aquella sentinella cumpriu com seu restricto dever; se ella se postasse de baioneta callada, diante do cavallo, talvez não acontecesse em Lisboa, tanta desgraça; nem uma pessoa teve a coragem de apitar contra aquelle infame, que tambem deitou ao chão um homem do bando; e assim poderia ir continuando novos infortunios. Tambem na rua das Pretas um dia destes pisaram uma vendedeira, que a infeliz creatura ficou a bem dizer morta; estas cousas sentimol-as porque acontessem a nossos semelhantes, e nossos corações não são de ferro ou bronze para deixarmos de sentir cousas que nos atterram; ao boleiro nada lhe importou, porque desapareceu como um raio. Tambem aconteceu na mesma rua, o Omnibus esbarrar com um carrinho em que hia o sr. Bergara, e todos estes acontecimentos são causados da falta de providencias; de maneira que a rua de S. José, e a rua das Pretas, estão imsuportaveis; e quasi todos os dias estão a acontecer estas desgraças só provinientes da falta de policia que ha; tambem com toda a certeza sabemos, que foi atropelado, por uma personagem moradora na travessa do....., um jardineiro, da caza do sr. Conde de Lumiar; e que o resultado foi morrer!.... E com uma penção á viuva do desgraçado!..... Isto foi em paga da morte.... tudo se callou e a justiça faria vista grossa, a semelhante caso?.... Nem que a morte se pague com penções! se por acaso uma pessoa pobre roubar um vintem para comer; por que tambem lhes tenham roubado!.... cahe-lhe logo tudo em cima.... E porque!.... porque não é figurão?.... de maneira que em Portugal com estes abusos, quem tiver dinheiro fará o que quizer, ... porque não é punido. Para que são estas multas e contribuições? é para o bem do publico, e qual é o bem que o publico tem... é ser pisado. O sr. Galdino, protesta contra este acontecimento, e continúa com suas informações, até encontrar pessoa que lhe diga quem é o tal atropellador, que impossebilita os transitantes de passarem por certas ruas. Pedimos encarecidamente a Camara Municipal que dê providencias e rigorosas, a fim que todos os dias não estejamos a ver estes dolorozos espectaculos; tudo isto se afirma com testemunhas. F. SILVA E SERRA.

POESIAS.

AO GLORIOZO ARCHANJO SAM MIGUEL,

ORAÇÃO.

Sam Miguel! Anjo guerreiro
Das celestes Legiões!
Da-nos da graça o conforto

Em nossas tribulações!
Sam Miguel benigno attende
As nossas deprecações

Com a espada luminosa,
De reflexo divinal,
Venceste a horrivel cohorte
De Lucifer infernal
Sam Miguel! serás agora
Defensor de Portugal.

Peste, fome, guerra, crimes
São flagellos infernaes;
Eil-os vem bramindo irados
Contra os mizeros mortaes
Sam Miguel! envia á terra
Teus auxilios divinaes.

Olha os filhos deste Reino,
Tão protegido por Deus;
As preces, o incenso, as flores
Levando aos altares teus:
Sam Miguel! ouve propicio
Os ardentes votos seus.

Qual te fugio mutilado
A torpe infernal dragão;
Fuja a teus radiantes lumes
Dos vicios a multidão.
Sam Miguel! traze a virtude
Por teu mais nobre esquadrão.

Atêa nos luzos peitos
D'alta fé suave ardor:
Aviva a luz da esperança
E da caridade o amor.
Sam Miguel! Ergue o estandarte.
Da crença do Redemptor.

Em 29 de Setembro de 1853.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

PARABENS

DEDICADOS A MINHA PREZADA IRMÃA
D. M. I. F. S. SERRA.

EM SEU NATALICIO.

Lá vem despontar a aurora!
Lá vem o dia a surgir
Dia 26 de Julho
Que vem ameno sorrir.

O sol seus dourados raios
Vem dardejar com fulgor;
Trinam lindas avesinhas
Seus cantos são de louvor.

Não sei que diz este dia
Não é um dia vulgar....
Ah!... já sei.... prazer virtude
Vem este dia c'roar.

Os anginhos já descantam
Este dia lá no ceo!
Qual tenra flor, meiga virgem
Hoje no mundo appareceu.

Os parabens pois recebe
De irmão que te sabe amar;
Acolhe meus sentimentos
Que mais não posso offertar.

Se eu thezouros possuisse
Com desvello fraternal
De per'las mil cingiria
Tua fronte verginal:

De safiras e diamantes
De joias orientaes,
Mas que digo?.. da virtude
Os thesouros valem mais!....

E esses dons tão preciosos
Te concede a mão de Deos;
Guarda-os pois, e venturosos
Correram os annos teus.

F. S. E SERRA.

CONSTANÇA.

Drama original em 3 actos.

(*Continuação.*)

SCENA VIII.

CONSTANÇA, ERNESTINA, D. EUGENIO, E CAMILA.

Constança.

Oh! minha Erneslina! é possivel que eu te deixe!.... que me separe da parte mais cara do meu coração! da minha fiel companheira! minha unica alegria! (*chorando abraçada á filha.*)

D. Eugenio.

Não posso vel-a padecer (*comsigo*). Constança não resisto á tua dôr! Tua filha não hirá com teu pae, ella ficará comtigo, e a minha fortuna será d'ambas.

Constança.

Retire-se.... retire-se homem cruel!

não me atormente mais. Cumprio-se o seu desejo de me ver separada de minha filha, mas não se lembrou que perdido o objecto principal de nossas affeições, o mundo a nossos olhos não é mais que um deserto! Vem tarde a sua generosa offerta, não a acceito; não serei sua, nem mais me verá. Tenho ainda um coração capaz de sacrificar-se á ventura de minha filha. Faça favor de me deixar livremente entregue aos affectos de mãi, os unicos a que serão consagrados os dias que restarem á minha triste existencia.

D. Eugenio.

Eu seria imprudente se ousasse oppôr uma só reflexão ao seu justo sentimento. Entretanto conte comigo. Adeus minha prima, adeus Ernestina.

Constança.

Adeus. (*D. Eugenio parte.*)

SCENA IX.

CONSTANÇA, ERNESTINA, E CAMILA.

Camila.

Então a nossa menina hade deixar sua mãe!?

Constança.

Sim, Camila, é forçoso que a deixe para ser feliz! Um genio máu persegue a minha vida, e Ernestina a meu lado participaria de meus infortunios. Eis aqui uma consequencia mais do meu primeiro erro! Um abysmo acarreta a outro abysmo! é forçoso.... é forçoso sim, que vá com seu Avô; sou eu quem unicamente soffre, pouco importa; morrerei sem a terrivel idéa de a deixar só, exposta aos perigos do mundo; morrerei sem esta lembrança cruel, embora me sufoque a saudade, a que de certo não resistirei!

Camila.

Pois deixe-a ficar! Deus é pae dos orphãos, peior é perder sua mãe, o que seria d'ella, e de mim! (*chora.*)

Constança.

Pobre Camila! de que lhe vale uma infeliz mãe! vai... vai cuidar nos teus arranjos da viagem. (*Camila e Ernestina sahem.*)

SCENA X.

Constança só. (*vendo um relogio.*)

Nove horas e meia! Senhor (*ajoelha defronte d'um Oratorio*) Misericordia! Daeme forças para resistir ao maior dos trances. Ah! quem não sendo mãe, e mãe extremosa, (*ergue-se*) poderá jámais sentir dôr igual a esta que me despedaça as entranhas! D'aqui a momentos deixarei de ser mãe!... Nunca mais ouvirei chamarme este doce nome aquella bocca pura, adorada!... Perderei para sempre a unica suave compensação de todas as minhas penas! Ernestina, minha querida Ernestina, permitta o céo que não sintas jámais a saudade maternal! Oh! flagello superior a todos os flagellos que turturam o coração!.... (*Assenta-se na maior agitação; depois ergue-se sobresaltada ouvindo tocar as* 10 *horas.*)

Ah! sôa a hora do meu supplicio!.... Deus de Misericordia fortalecei-me.

SCENA XI.

CAMILA, TRAZENDO PELA MÃO ERNESTINA JÁ PROMPTA PARA SAIR.

Camila.

Nunca pensei que me havia de separar da minha querida senhora!....nunca!... Vou para lhe obedecer; para lhe poupar um cuidado mais, para morrer junto da minha menina. Minha tia fica no meu lugar. Nossa Senhora permitta que ella saiba merecer a ama que eu perco (*chorando*).

Constança, (*forcejando por conter as lagrimas.*

Adeus minha Camila.... Sê amiga de minha filha como o tens sido minha! não a abandones!.. não lhe falles em mim!..

é preciso que se esqueça de mim para ser feliz! diverte-a.

Oh! estes primeiros dias hão de custar-lhe muito! se não a acompanhasses estranharia mais; estalaria talvez de saudade o seu innocente e sensivel coraçãosinho (*chora*). Ah! que o lance de uma despedida não é menos solemne, menos custoso que o da morte! Camila, escreve-me sempre.. dá-me continuas, e circumstanciadas novas de minha filha. O senhor compence a tua virtude. (*Escondendo as lagrimas, e suffocada em soluços.*)

Thomaz (gritando de fóra).

Ainda se não acabaram as despedidas?

Constança.

Meu pae não me quer vêr?....

Camila.

Não senhora.

Constança.

Paciencia, paciencia.... esgote-se este calix de amargura até ás ultimas fezes. Ernestina.... Oh! Deus! (*suffocada em soluços*).

Camila.

Menina, beije a mão, e o rosto da sua Mamã, abrace-a que vamos passear e ver um Navio muito bonito! Ah! minha rica senhora!.... (*beija a mão a Constança e esta a abraça ternamente.*)

Ernestina.

Mamã adeus.... adeus minha mamãa. (*Beijando a mão o rosto e abraçando Constança.*)

Constança, (abraçando com transporte, e beijando a filha suffocada em lagrimas.)

Adeus minha adorada filha; Ernestina.. meu anjo, meu idolo, minha vida.. adeus eu te abençôo (*Camila sáe precipitadamente com Ernestina, Constança cáe desfalecida n'uma cadeira ou sufá. Roda a carruagem*)

SCENA XII.

CUSTODIA SOCCORRENDO CONSTANÇA, E A MESMA.

Custodia.

Valha-nos Deus!.... Minha senhora, tenha animo... Nossa senhora lhe dê forças para resistir a este golpe!

Constança.

Deixa-me só, só com Deus, e com a minha dôr!

Custodia.

Coitado de quem tem filhos! Era bom que as raparigas pozessem os olhos neste exemplo!.... Bem fiz eu que não quiz casar. (*afasta-se e fica escondida no fundo.*)

Constança.

Meu Deus, meu Deus, fazei-a feliz!... Oh! o meu coração!..... (*apertando com violencia o peito.*) Ernestina.... luz de meus dias... (*chorando.*)

Sente-se um tiro; Constança ergue-se em sobresalto, chega a uma janella, recua horrorisada e quase em desespero, apertando ambas as mãos, brada:

Mar cruel que me roubas a minha filha! (*Cáe n'uma cadeira, Custodia a soccorre.*)

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III.

(TEM DECORRIDO DEZ ANNOS.)

Sala magnifica em casa de Thomaz d'Almeida; em Liorne.

SCENA I.

THOMAZ, E ESTEVÃO.

Thomaz.

Então essa creada não apparece!

Estevão.

Sim senhor, ahi está uma que me parece hade servir, ella é já idosa porém bem disposta.

Thomaz.

Tem abonação?

Estevão.

Muito boa; se V. S.ª a quer vêr.. visto que é o dono da casa.....

Thomaz.

O que a menina fizer está bem feito; entretanto é muito creança pode enganar-se; chama a creada, quero vel-a; bem vês que vae dar-se o baile, é preciso quem tome conta na casa.

Estevão.

Sim senhor, mas em ultimo caso, creados tem V. S.ª muitos para o servir, e Camila que ficasse guardando a casa.

Thomaz.

Quem ouviria Ernestina! A sua maior amiga, e inseparavel companheira, d'esde a infancia! Nada, nada; e de mais quero que a pobre rapariga se divirta, anda muito triste, e abatida desde que tivemos noticia da morte de minha filha.... Desgraçada! nem posso repetir o nome de filha! (*comsigo*).

Estevão.

Bom. Para isso a mulher é excellente, porque é velha, e socegada, bem entendido, que algumas ha mais estonteadas que as raparigas. (*sahe.*)

SCENA II.

Thomaz só.

Em vão busco todos os divertimentos para sepultar a lembrança, ou antes o remorso que me opprime! Oh! que tormento é o remorso! E' um punhal atravessado nas entranhas! E' um Fantasma que nos perségue continuamente, e cujos brados horriveis nos dispertam do somno mais profundo! que nos assusta, e perturba no meio dos maiores regosijos! que nos abate no auge da maior grandeza; nos abysma, e torna insuportaveis a nós mesmos! Uma enfermidade mortal; a maior das desgraças não cufraquece tanto! Atterrada, inconsolavel, e nunca satisfeita perde-se a alma, n'um laberintho de inuteis contradictorios desejos; inuteis distracções! Quizera evitar este cruel perseguidor! Porém como fugir á propria conciencia!... Como ensurdecêr ás vozes do coração.... da natureza!... O anathema do céo pesa sobre a cerviz d'a quelle que não sabe sêr pae!... que esquecêo, e calcou as leis mais santas!... O ferrête da ignominia lhe escurece a fronte!.. Oh! o meu capricho, o meu capricho!.. A minha cegueira! Constança!.. Filha infeliz! acabaste victima do meu rigor paternal!... (*Com intima afflicção, assenta-se n'uma cadeira.*)

(*Continúa.*)

D. A. G. PUSICH.

Custa-nos sempre muito o sermos obrigadas a publicar alguma noticia que directa ou indirectamente fira alguem; mas o dever de quem escreve para moralisar, e corrigir abusos, a caridade exige que se publiquem certas noticias que requerem providencias em favor da humanidade; e por isso não nos escusámos á publicação do artigo do sr. Serra; entretanto, bem informada podemos assegurar que, esse lastimoso caso do jardineiro foi um d'aquelles desastres que não se podem prever; em que só os irracionaes tiveram culpa; mas não o boleiro, nem a pessoa que elle conduzia; e a quem tal desastre magoou extremamente. Isto é facto, assim como certo que devem haver providencias, á cerca dos atropelamentos que se observam todos os dias por improdencia, despreso ás leis, ou falta de juizo dos atropeladores, correndo grande risco não só creanças e velhos, mas ate os mais attentos como rehontes.

Agora recebemos uma noticia que não podemos deixar em silencio! Um soldado da primeira companhia de veteranos foi por intrigas levado á força, como pobre para o Azylo da Mendicidade: o homem roga que o deixem sair pois é soldado, e tem de que viver, exigem-lhe porém dez mil reis para o deixarem sahir! Este homem chama-se Jose Thomaz, temos documentos e testemunhas deste facto assás escandaloso, e estranho em terras civilisadas; pedimos ás authoridades providencias sobre taes abusos. Ainda ha pouco nos contaram que levaram presas algumas mulheres casadas com uns pescadores, os quaes irados as foram reclamar! E gemem na indigencia outros que desejam recolher-se ao azylo, e não o conseguem sem empenho!

D. A. G. PUSICH.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 24 — OUTUBRO 15 — 1853.

METHODO PORTUGUEZ — CASTILHO.

Promettemos em o nosso numero antecedente reproduzir nesta folha o artigo que na *Assembléa Litteraria*, dedicámos á — Leitura Repentina — methodo excellente, em que o sr. Castilho, nosso insigne poeta e sabio, offerecêo um efficaz auxilio á instrucção dos povos. Ahi vae, pois, esse artigo tal qual o escrevemos, quando apenas tinhamos tido o primeiro opusculo desta obra: ás idéas de então acrescentaremos aquellas que nos trouxeram a prática e o estudo deste methodo, tanto mais grandioso no seu aperfeiçoamento. Seguindo a ordem precisa, irá em primeiro logar o que dissemos ha quatro annos; e temos depois, visto e estudado.

LEITURA REPENTINA.

« É este o titulo da mais proveitosa obra que o engenho humano podia offerecer á nossa terra! O methodo mais efficaz, e mais facil de ministrar a instrucção primaria a um povo que tanto está soffrendo por falta de instrucção!... É ministrar-lhe o pão intellectual, é uma acção de beneficencia publica a mais nobre, a mais util.

« Não é só necessario, não é só conveniente alimentar o corpo; é indispensavel ao bem-estar de todos, o sustentar-se o espirito que nas trevas da ignorancia se definha, embrutece, e arruina!... Dar luz ao entendimento para que este veja, e reconheça as suas conveniencias — os seus deveres — instruir, e moralisar os povos — eis o maior serviço que se pratíca em honra da Sociedade.

« Mas, Portugal que no progresso da illustração move apenas os passos infantís, quando as outras Nações da Europa caminham com passos de gigante, como, e quando venceria a longa, difficil marcha, e tocaria a meta do aperfeiçoamento seguindo lentamente a estrada que nossos antepassados lhe ensinaram?! Para poder collocar-se em poucos annos ao nivel das Nações cultas, devia engenho superior formar um atalho facil de transitar.

« Eis o que o sr. Antonio Feliciano de Castilho imaginou! Eis o que teve a fortuna de realisar na publicação do seu opusculo — Leitura Repentina. Alli podem as creanças com rapido progresso aprender a lêr, e contar sem despezas, e sem mestres. As mães; irmãs, parentes, e qualquer senhora que se interesse pelos innocentes a seu cargo, os podem ensinar e em poucos annos terão estes meninos de agradecer-lhes o maior dos beneficios,

reconhecendo que não só curaram na conservação de seus corpos, mas tambem de suas almas, habilitando-os a fazer na sociedade uma figura decente, podendo aspirar á gloria de um nome que os ignorantes jámais podem alcançar. E as meninas?... E' em respeito a estas que esta obra mais utilisa. Ao publicar este jornal consagrado á illustração do sexo feminil, baseámos n'um axioma o nosso discurso preliminar.

« Dissemos que — a mulher é a primeira educadora, a que fórma, a que domina o coração do homem — por isso a illustração é prerogativa do sexo feminino.

« Assás descorremos sobre as consequencias fataes da falta d'instrucção em nossas damas, demonstrámos as immensas vantagens que resulta da illustração do sexo que tanto influe na sociedade, porque directa, ou indirectamente são as mulheres que movem as acções dos homens (geralmente fallando) negal-o fóra um sophisma inadmissivel, um absurdo intoleravel.

« Devem pois os homens solicitar, e promover a instrucção d'aquellas a quem tem sujeitos os seus destinos.... A mesma naturesa está mostrando em toda a evidencia esta verdade! O homem nasce da mulher — no seio da mulher se alimenta, e cria. — Nos seus primeiros annos é a mulher o seu guarda, e o seu guia — logo depois é a sua inseparavel companheira, a senhora do seu coração e do seu nome, porque infelizmente entende a sociedade, que as acções da esposa, ou mãe, de pouco juiso, deslustram o nome do marido e dos filhos, e as más acções do marido, ou dos filhos não deshonram a mulher discreta. Todas essas razões comprovam que, assim como o homem recebe da mulher a vida, os cuidados da infancia, e os destinos do seu nome; é da mulher que o espirito do homem deve receber os primeiros raios de luz.

« Mas como ha de alguem dar o que não tem?

« Dir-nos hão. E' certo, que não póde dar luz, quem não tem luz, e por isso mesmo é que estamos tanto ás escuras; por isso mesmo rogâmos aos homens que tenham dó de si, que façam instruir as presentes, para que os futuros possam ser illustrados e felices.

« Não se fiem só nos milagres da naturesa; ella nem sempre está disposta a favorecer o homem; é mister auxilial-a.

« Temos tido, e temos grandes genios na nossa terra; mais teriamos se a educação nos franqueasse os thesouros da sciencia. O homem para ser sabio em nossa terra, tem de trabalhar muito mais do que em outros paizes, onde a civilisação estende o seu imperio; aqui é só o genio, sem algum outro auxilio; sem outro estimulo, quem anima o homem a demandar o seu glorioso provir. As difficuldades que elle tem a vencer augmentam o seu triumpho, sem duvida, porém não honram o paiz a que elle pertence; e por tanto trabalhemos todos em honra da nossa Patria. Sabemos que o genio superior é um dom do ceo, que a arte deve auxiliar; por isso não queremos dizer que sejam todos sabios: suba cada qual até onde poder subir — mas cooperemos todos para a nossa mutua felicidade. Se não tivermos uma nação illustrada, tenhamos ao menos uma nação civilisada.

« Folgâmos ao ver que não confiámos em vão, quando nos primeiros numeros d'este jornal invocámos o nome do nosso illustre Poeta em auxilio d'esta Crusada. A Leitura Repentina é um reforço providente que nos facilita a mais ardua empresa; é um plano engenhoso que devemos pôr em execução para vencermos a forte barreira que nos difficulta a marcha. Nós lhe agradecemos de coração este efficaz auxilio.

« Concorrâmos todos para que este livrinho se espalhe em todos os collegios de instrucção primaria, em todas as casas, todas as aldêas e lugares do reino; recommendemos a todos que o lêam, e cada uma de suas paginas valerá um thesouro, doado á mais pobre nação!

« O nome do sr. Castilho é quanto basta a tornar esta obra recommendavel, e tecer-lhe os mais altos louvores, bem o sabemos, e todavia como usamos sempre dar a rasão do que dizemos, por isso não deixaremos agora de observar o que entendemos sobre a utilidade d'este novo methodo de Leitura, tão facil de ensinar como de comprehender.

« O costume de ensinar ás creanças, o *ramerram* do alphabeto seguido como até ao presente se pratica, é atrasador; assim como o dos taes riscos e ligações em que se despende immenso tempo sem adiantamento algum. A maior parte das creanças sabe de cór, e cantando o alphabeto, mas se alguem lhes mostrar em qualquer livro, soltas ou unidas a outras, as mesmas letras, que em ordem alphabetica decoráram, não as conhecem já! O modo porque geralmente os ensinam a soletrar é o mais repugnante, e desharmonioso! Todos estes defeitos emenda o novo methodo de — Leitura Repentina. Quanto aos taes riscos e ligações, parece-nos que tambem se deviam abolir (nós nunca os fizemos, e escrevemos.) A mão que se avesa a riscar, e ligar, tarde sabe formar uma letra. Nem nos convence o dizer-se que este uso é para firmar a mão do discipulo, e habitual-a a pegar da penna. Parece-nos que melhor iriam habituando o discipulo a imitar as letras até formal-as com perfeição; adiantariam mais, porque ao mesmo tempo que aprendem a escrever, vão conhecendo cada vez mais as letras; vantagem que de certo não encontram nos riscos que se não podem lêr.

« A Leitura Repentina é o methodo que mais de prompto póde habilitar êste povo á civilisação de que tanto carecemos; e julgâmos que não deve servir só ás creanças, mas tambem aos adultos, e principalmente a tantas mulheres, que sem saber conhecer nem sequer uma letra, chegam a ser mãis, e confia-se-lhes a administração de casa, e a educação de filhos!

« O sr. Castilho, com este seu trabalho litterario, não prova só a elevação do seu sublime engenho; a sua profunda erudição; prova igualmente que possue uma alma dedicada toda inteira ao bem da humanidade — á prosperidade e gloria do seu paiz?

« O sr. Castilho prova na sua philantropia theorica, e praticamente; as escólas que fundou na Ilha de S. Miguel a attestam; attesta-a o Collegio do Portico nesta capital:

« O sr. Castilho fez á publicação deste excellente methodo de Leitura Repentina, um grande serviço ás sciencias, ás artes, á moral, á civilisação, isto é inegavel:

« O sr. Castilho.... para que dizer mais, se em tres palavras explicâmos tudo!.... E' sabio, é poeta, e é pae!....

« Honra lhe seja feita; e nós lhe pedimos acceite nossos ingenuos protestos de eterna gratidão, e especial veneração. »

D. A. G. PUSICH.

Recebemos o seguinte artigo do sr. L. P. Borges, o qual muito agradecemos pelo que nos respeita; e nos apressâmos a publicaal-o, para que se vá conhecendo que não clamam no deserto aquelles que erguem a voz em favor da publica instrucção: o talento do sr. Borges reflecte em seus pensamentos escriptos, com todo o ardor e singeleza proprios de um genio que só com suas forças busca elevar-se; que elle prosiga honrando a briosa classe a que pertence, e que não desanime em presença dos maiores obstaculos que sempre se opõem ás grandes

invocações, e que juntos marchamos elevando aos povos elementos de sua prosperidade. Eis o nosso desejo, eis o nosso dever.

D. A. G. PUSICH.

LEITURA REPENTINA.

«É este o titulo da mais proveitosa obra que o engenho humano podia offerecer á nossa terra» são palavras da sra. D. Antonia Pusich, na Assembléa Litteraria n.º 39, de 19 de Outubro de 1850, nós as repetimos cheios d'ardor e enthusiasmo, nós de todo o nosso coração, desejamos, que Portugal todo as repita, convencidos da verdade que ellas contém. Desmezurado arrojo parecerá talvez erguermos a nossa tão debil voz para rectificar esta asserção, tão reconhecida por verdadeira; mas não é para provar aos olhos da intelligencia, a superioridade, a excellencia, as vantagens da leitura repentina; assás está tudo provado; nem era a nossa tão humilde opinião que já mais serviria de apoio n'obra sublime, do sr. Antonio Feliciano de Castilho, nem á asserção da sra. D. Antonia Pusich, longe de nós a redicula pertenção de nos constituirmos advogados desta cauza temos sufficiente prodencia para não sermos tão pedantes, todavia tres razões, a nosso pensar poderozas, nos impelem a escrevermos estas pobres reflexões.

Ainda que bisonha recruta, estamos alistados debaixo do Estandarte, que o sr. Castilho, possuido do mais nobre patriotismo, da mais ardente caridade, da mais viva devoção, arvorou: foi-nos confiada a defeza d'um ponto, (a direcção de uma escóla de leitura repentina) e o general perdoará ao recruta, que na occasião do combate levantar a voz, uma vez que seja para incutir valor e brios nos seus camaradas; confiado pois na bondade do general, o recruta ergue a sua voz.

Tres razões, dissemos nós, impelem a escrever. Eil-as:

É a primeira a gratidão, manifestal-a é um dever sagrado para nós, para todos que se interessam pela civilisação do paiz, para todos que comprehendem quanto a leitura repentina nella vae influir: nós que nos interessamos pela civilisação, nós que comprehendemos a influencia de tão proveitosa obra, cumpramos pois um dever sagrado; tributando neste pobre artigo sincera e respeitosamente a devida gratidão ao genio civilisador, que a creou.

E' a segunda, o desejarmos que de todo desappareçam os prejuizos, que por desgraça nossa, ainda por ahi correm a respeito das palmas e da musica. Das massas populares não poucas vezes tem dependido a sorte dos monarchas, o destino das nações. A leitura repentina é uma sorte, um destino resplandecente, que a Portugal se aponta, é por consequencia das massas populares que elle tambem deve depender. Que se convença o povo primeiro da utilidade que lhe resulta, e da necessidade que tem de saber lêr, depois da facilidade e da eficacia do methodo Castilho, que se convença, dissemos, que se convença repetimos; porque elle ainda não está convencido, forçoso é pois convencel-o, e para o conseguir é preciso exortal-o, é preciso que todos levantem a sua voz para lhes bradar «marchar á conquista da luz do saber» é precizo que todos fallem ao povo em abono do methodo, para que o povo o abrace, porque é ao povo que elle aproveita, porque é o povo que hade contribuir para o fazer prosperar. Avante, avante pois, povo portuguez! correi ás escólas de leitura repentina, despi-vos de prejuizos, ávante, que, «o dia esplendido e magnifico da civilisação» raiará entre nós, se da vossa parte houver fé, e preseverança.

E' a terceira, darmos conta da nos-

fome em toda a terra. José que a tinha previsto, havia mandado metter nos celleiros do rei a quinta parte de todo o grão, que produziu a terra do Egypto; e assim salvou o reino de Faráo de tão terrivel flagello; a cujo reino fora gente de todas as partes comprar trigo, fazendo parte dos concorrentes os filhos de Jacob.

Tendo José reconhecido seus irmãos, lhes mandou dar o trigo que precisavam e juntamente com o dinheiro que traziam para o comprar: e fez com que elles lhe trouxessem toda a sua familia, que era em numero de setenta pessoas; e não se envergonhando de que seu pai e irmãos fossem pastores, os appresentou a Faráo, e deste lhes alcançou o fertil paiz de Gessen, em que Jacob ainda viveu 17 annos, adoptando antes da sua morte os dois filhos de José, Manassés, e Efraim. E José, filho obediente e irmão generoso e caritativo, pagou a seus irmãos uma divida de sangue, que lhes devia, enchendo-os cada vez mais de novas graças: quando, sendo ministro absoluto, em logar da caridade, podia empregar a vingança, castigando-os.

Jesus Christo, sendo o santo exemplo de todas as virtudes, não podia deixar de o ser daquella, pela qual amamos a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo, como a nós mesmos.

Como elle ninguem neste mundo comprehendeu a caridade, e a sanctificou com o exemplo.

Dizia Jesus Christo: « Com a medida que medirdes aos mais vos medirão a vós, e ainda se vos accrescentará. »

E era o Filho do Homem, o que tinha vindo em nome do Senhor, que exemplificava a caridade; já ensinando na synagoga a verdadeira doutrina ao povo; já prégando em toda a terra de Galilea o complemento da antiga lei, e derramando a luz do Evangelho por todas as gentes; já curando os leprosos, os possêssos, e os paralyticos; e já dando vista aos cegos, tanto dos olhos, como d'alma.

De todas as virtudes altas por excellencia, a caridade é sem duvida a mais sublime; porque em quanto a fé e a esperança tanto nos aproveitam pela graça em que vivemos com o Altissimo, a caridade eleva neste e no mundo eterno a quem a pratica, e aproveita ao proximo em que ella se emprega.

A recompensa que o ceu nos promette por esta virtude, o exemplo da caridade de José, e de Jesus Christo, e a verdadeira gloria e prazer que nos resulta das acções boas que praticamos, nos aconselham pois, a que sejâmos caritativos com os nossos iguaes.

Finalmente, quem souber ser modesto comsigo, obediente e humilde com os superiores, e caritativo com os iguaes, tem completamente comprehendido e exercido toda a *civilidade christã*.

E. da V.

O REGEDOR DE PAROCHIA.

Comedia original em 1 acto.

(Conclusão.)

Eu não sou de difficil contento, entretanto não posso chamar aquillo representar! affora o sr. Cezar, e a sr.ª Barral, foi uma cousa deploravel! de mais a mais apresentou-se uma creaturinha de Deus que falava como machinalmente, que parecia uma estatua descahida, e que teve a pretenção de cantar, justa em qualquer outra pessoa, mas n'ella! não seriamos tão severos se não soubessemos que foi contra a vontade da authora que a tal lesminha entrou na sua peça. Ora, diga-se por uma vez, é preciso que os srs. empresarios entendam que se devem limitar a dar leis em tudo menos em cousas que tem relação com a litteratura: ninguem melhor do que o auctor póde distribuir a sua peça, porque ninguem póde comprecnder melhor quem melhor lhe póde executar o seu pensamento: é tempo de cada um conhecer o logar que lhe compete, e de não sahir d'elle; a imprensa deve ser sempre um juiz severo quando é preciso sel-o, não provoquem, se não querem expor-se.

O Regedor de Parochia, é uma engraçada comedia de costumes, e a sr.ª D. An-

tonia Pusich póde gloriar-se de que soube tirar todo o partido possivel do enredo em que baseou a sua peça; a comedia é condusida até ao fim com interesse, e as situações graduam-se a ponto da ultima ser altamente comica; a musica é bonita, tem alguma novidade, mas tem tambem alguns defeitos, o côro final, por exemplo, é immensamente longo, e a interrupção das gargalhadas, que uma vez teria graça perde o espirito, e aborrece repetido tres vezes.

O Regedor de Parochia, tem typos bem desenhados: o marujo está como convinha, e falla a linguagem que lhe é propria; a Castanheira está tambem um typo fiel, e do Regedor ha tambem mais d'um original!

A sr.ª D. Antonia Pussich deve continuar a abraçar este novo genero a que se dedicou, e o exemplo de madame Dudevant (George Sand), deve dar-lhe valor, e animal-a na carreira da poesia dramatica.

Julio Cezar Machado.

Somos em extremo reconhecidas aos louvores que o sr. J. C Machado nos prodigalisa, e que temos a conciencia de não merecer por tão insignificante obra; e bem assim agradecemos infinitamente ao nosso collega redactor da Lei, quanto ao que nos diz respeito, a bondade que teve de publicar este mesmo artigo: foi um antidoto contra o veneno que *alguem* tentou derramar sobre a nossa innocente comedia! Mas como ella tem avultado tanto aos olhos do Conservatorio que lhe dá as honras de uma temivel influencia, e não sabemos onde irá parar esta questão do Regedor, por isso cumpre-nos dar uma satisfação ao publico, e a nós mesma, uma noticia exacta e verdadeira de um facto bem estranho em uma nação que se diz livre, e civilisada!

O Regedor de Parochia, farça original em um acto, foi composta por nós n'um d'esses momentos em que o espirito cançado de serias, e ás vezes dolorosas refleções busca uma innocente e proveitosa distracção, ensaia-mos uma risada, quizemos escrever uma obra nacional, quizemos punir com o ridiculo tantas ridiculas paixões que infestão a sociedade.

Em 1849 vimos representar no Gymnazio a linda opera, *Qual dos dois?* dos nossos distinctos litteratos os srs. Silva Leal, e Midozi, afligio-nos porem a sorte que deram ao infeliz estudante joven, e solteiro; promettemos então aos illustres authores vingar o estudante, n'aquelle palco, e quizemos ser mais justos castigando os desvarios de um casado ideso, que se esquece de seus deveres perante as leis divinas e humanas; quizemos castigar tantos abusos de authoridade que temos visto, e vemos por esse mundo; intitula-mos o nosso *heroe*, Um Regedor de Parochia, demos-lhe o nome de André que nos pareceu não existir em nenhum dos nossos regedores. Não foi á scena no Gymnazio, para onde a escrevemos, porque a parte que destinavamos para a sr.ª Rozalina foi dada a sr.ª Paula Meri, e para não promover questão entre as artistas, retiramos a comedia; estivemos algum tempo na Madeira onde ensaiamos o Regedor em casa amiga; e só ha tres mezes a demos para se representar no theatro dos Condes, a pedido do actor Cezar, que desejavamos fazer conhecido, e que tinha no Regedor uma parte da qual poderia tirar partido, como aconteceu; e no dia seguinte ao do seu beneficio, estava escripturado para o Gymnazio; tivemos por fim o fazer bem, e não, o affrontar pessoa alguma; pensamos mais alto, não temos armas offensivas, só temos as defensivas, mas essas terriveis; mais de uma vez pela imprensa o temos dito, mais de uma vez o temos provado com factos evidentes.

Temos em resumo contado a historia da origem do nosso Regedor, daremos depois noticia de seus destinos. Entendemos que esta comedia era a peor cousa que tinhamos escripto; quem pensaria que havia de fazer tanto barulho tres annos depois de licenciada! E se isto foi sendo mal representada o que faria se fosse bem!

Antes de passar á analise do panico terror que a pobresinha farça infundio em pobrissimas almas, diremos que mais indulgentes que o sr. J. C. Machado não enten-

Não vês que o teu sustento, o teu vestido, a tua casa e a tua segurança, os commodos e os prazeres da vida, todas estas vantagens tu as deves ao soccorro dos outros? que, se não vivesses em sociedade, tu não as gozarias?

Eis a razão porque deves ser o amigo do genero humano, e te convem conciliar a amizade de todos os homens. Assim como é proprio da rosa exhalar suaves perfumes, assim é proprio do homem fazer naturalmente boas acções; e não só proprio, mas até de obrigação; porque todos nós estamos em divida para com a sociedade, e devemos conseguintemente mostrar-nos gratos para com ella.

Mas desgraçado d'aquelle, que multiplica as suas riquezas, e que só conhece a satisfação de as possuir! que oppríme o pobre, e não faz caso do suor de seu rosto!

Os males de seu irmão não o inquietam; elle vê com indifferença as lagrimas do orfão, e cerra os ouvidos aos gemidos da viuva!

A cubiça das riquezas empedernio o seu coração; e a angustia mais acerba não é capaz de fazer-lhe impressão!

Mas a maldição o persegue, e anda continuamente cheio de sustos; os remorsos do seu espirito são mil vezes mais terriveis, do que as miserias da pobreza; sofrego de desejos, elle vive em continuos tormentos; e em si mesmo vinga os desgraçados das injustiças que tem commettido contra elles. (*Continúa.*)

CUSTODIO DE MORAES E BRITO.

Nem só aos grandes da terra se devem saudosas recordações! Áquelles que, nascendo em berço humilde, se elevaram ao Ceo por suas virtudes: dêmos tambem uma saudade — uma lagrima!..

Eis a rasão poderosa porque publicando o seguinte artigo do nosso amigo e poeta sr. Estacio da Veiga, o acompanhamos sentindo a morte da infeliz donzella Maria das Dores Baião, fallecida no dia 11 do corrente, sem que tivessem podido salvar-lhe a vida, todo o disvello que empregaram para esse fim, sua virtuosa Madrinha a Ex.ma Sra. D. Maria Filippes Martins, e suas amigas que, posto pertencerem a classes que a sociedade não confunde; todavia souberam apreciar devidamente na pobre donzella a virtude que tanto faz lembrar aquelles que o mundo não considera, e esquece!

Louvamos os nobres sentimentos do sr. Estacio; e com elle supplicamos a Deus que se Digne Conceder o eterno descanço á alma da virtuosa Maria das Dores, que em paga de nossa lembrança ore por nós tambem.

D. A. G. PUSICH.

NECROLOGIO.

Virgem do Senhor, o teu espirito, o explendor das tuas virtudes já hoje poisam cheios de graças nos seios do Eterno!

O que ainda hontem era vida e esperança, hoje é tão sómente o desengano formal de todas as aspirações terrenas!

Nas primeiras auroras da tua innocente existencia, como florinha embalada pelas brisas da manhã, curta foi a tua duração: tu passaste neste azylo de humanos peregrinos, onde ainda assim reina a vaidade, a soberba, o orgulho, fazendo sempre com que tua alma de anjo aspirasse o suave perfume de todas as virtude christãs. Foste pois, em quanto estes bellos sentimentos couberam em teu coração, a mais pura donzella, hoje és cadaver gelado que se precipita na soidão dos que misturados já são com o pó dos tumulos, e sobre tudo um espirito que a mansão dos anjos acaba de glorificar como entrado no infinito paraizo dos Céos?

E tu és nos céos um anjo entre os anjos, porque tambem havias sido na terra uma virgem entre todas as virgens!

Repouza pois, Maria, alma angelica, nesse reino da bemaventurança eterna, a que te chamára o auctor d'essa luz divina que te alumiou, guiando teus firmes passos, na primavera dos teus verdes annos; não pése a teu espirito o haver deixado neste mundo as sinceras affeições que porventura soubeste merecer; não te pése de já não poderes ser, no meio da tua virtuosa pobreza, o exemplo de todas as virtudes!

Tu, flor mimosa, não podias mais viver no terreno agreste e árido em que a custo medraste, o sol dos estios tinha já crestado tuas delicadas pétalas, e a desabrida estação do outono te fez cair mirrada como as folhas das arvores!

Ainda assim tu, Maria, não feneceste de todo; a magoada memoria que nos cá deixaste, e uma immarcessivel saudade que em nosso peito plantou a mão da mais sincera amizade, significam ainda para nós uma parte preciosa da tua breve existencia.

Lá nessas regiões divinas, onde subiu a essencia do teu ser, onde a paz e gloria tem fundado o seu imperio, tu cercada das opulencias desse imperio, contemplarás, circumdada de espiritos, a passagem dos seculos, como o nauta nas alturas do oceano contempla a estrella d'alva e o céo onde ella assoma, e como o humilde pastor em sua choça contempla o desabrochar da madrugada matisando pelo reflexo dos seus rubins os coruchéos dos montes, e o campanario da ermida que ao longe alveja o verdor das campinas.

Embora já pois hoje não sejas mais que uma angelica esseucia pelo céo aspirada, a memoria de tuas virtudes será immortal como a pureza desse teu espirito, que tão cedo foi receber as bençãos do seu creador!

.....

Maria, roga a Deos por todos aquelles que no meio da tua pobreza souberam sempre apreciar as tuas virtudes, e te acolheram com as melhores provas de uma santa amisade; que, se tuas innocentes preces se fizerem ouvir nesse paraizo, que tua alma perpetuamente habitará os espinhos que a pesada mão do infortunio collocou sobre a nossa cabeça, um a um ficarão para sempre embotados, porque as preces de um anjo como tu, Maria, serão pois nosso allivio salvação, e gloria!

Novembro 7 de 1853.

E. DA V.

EXPEDIENTE.

Os srs. assignantes de Provincia que nos quizerem continuar a auxiliar, terão a bondade de remetter pelo correio o importe de suas assignaturas, pelo tempo que subscreverem, contando mais com o porte do correio que é por conta dos srs. assignantes: aos que assim não fizerem deixaremos de mandar a folha; tomando o silencio por despedida.

CHARADA.

Sou um logar respeitavel; — 1
Adjectivo de belleza. — 2

Olhado com reflexão
Meu aspecto faz tristeza.

ERRATA. — Na 2.ª columna, pag. 2, do n.º 25 — e derramando as immensas gra as — lêa-se — e derramar as immensas graças.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 7.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja de sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua do Telhal n.º 7, 1.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 2 — DEZEMBRO 1.º 1853.



Lá se descerram as portas do enluctado palacio!.... Lá entram grandes do reino, e povo a formar o funebre cortejo!.... O mesto som de lugubres gemidos, e dolorosos suspiros lá se ouvem de mistura com as vozes dos ministros do Senhor, que em devoto officio acompanham o Cadaver da Augusta Rainha, a Senhora D. Maria da Gloria; que ainda ha seis dias cheia de vida e explendor subiu aquellas escadas, e hoje, encerrada n'um caixão as desce para nunca mais as subir!....

Oh! quanto é duro o lance de uma eterna despedida!.. — *Nunca mais tornarei a ver-te neste mundo!.. Nunca mais te ouvirei!.. Uma eternidade vae erguer-se entre nós, barreira invencivel!.. Adeus!.. adeus para sempre!..*

Estas palavras de pungentissima angustia são as que forçosamente echoam no intimo do coração d'aquelles que soffrem a perda irreparavel de um ente que formava a parte principal da sua existencia!... E' a alma que se divide!.. é o sol de nossos dias que some sua luz no infinito; e nos deixa vagar nas trevas de um ermo horroroso; porque o mundo a nossos olhos se converte n'um deserto abominavel, quando perdemos o objecto mais caro á nossa alma!.... A morte sentimol-a no coração — os vivos para nós são mortos — tudo quanto nos rodea e sorria outr'ora, hoje vemos converter-se em funestas imagens de tristeza que nos ferem com os aguçados espinhos de uma perpetua saudade; e mortos para o mundo só vivemos para sentir, e soffrer!.... Fatal destino que temos de cumprir sobre a terra!.... Mas.... Religião Sacro-Santa e pura!... Tu vens piedosa em auxilio do abatido espirito que se difinha nas garras da afflicção!.. Tu nos confortas, e apontas a celeste região onde resplandecem as palmas do martyrio, e as coroas de gloria! Alli vemos o unico ponto onde nos podemos reunir, para nunca mais nos dividirmos d'aquelles a quem tanto adorámos; e esta grata esperança nos mostra vivendo ainda e sempre unidos a nós em espirito esses objectos que a morte nos ar-

rancou !.. O balsamo precioso da razão, derramado pela Religião sobre as feridas do nosso peito, modifica o excesso de uma dor insoportavel que se converte em suave tristeza ; que nos torna mais sensiveis, e mais virtuosos do que eramos antes !...

Sim !.. porque o coração que soffre sente os males alheios como os seus proprios ; e sabe dar infinito valor á virtude que nos eleva a essa mansão de gloria onde contemplamos o termo de nossas maguas, e a nossa eterna felicidade. Quanto é pois admiravel o nosso bom Deus que mesmo no desterro a que o peccado nos condemnou, vem Benigno trazer-nos em suas Mizericordias tantos bens !

Assim não pensa o desgraçado atheu, ou materialista, vendo aniquilar-se para sempre ante seus miseraveis olhos o corpo e o espirito de quem elle amou !.. vendo apagado em sua incredula e rude alma essa brilhante luz da mais consoladora esperança ; e sentindo-se queimar pelo devorante fogo do desespero, sem que o puro orvalho dos Ceus desça a suavisar os ardores que o consomem !.. Sem que o Facho divino acêzo pela Mão de Deus o guie nas sombras de uma noite immensa que o circunda ; e o conduza aos umbraes da Eternidade, livre do terreno labirintho ! Mizeros humanos que erraes á beira do maior precipicio ! O Altissimo brade a vossos ouvidos como bradou a Paulo no dezerto ; e essa divina voz penetre profundamente em vossos corações de ferro abrazados nas chammas infernaes !....

Que pensamentos de Religião ; que sentimento de magua se apoderaram da nossa mente, e do nosso coração ao ver o funeral da Rainha !.. Nem uma só idéa politica manchou a pureza do nosso pensar, e do nosso sentir !.. Nem uma só veio perturbar-nos !.. Era a Rainha infeliz, a Esposa desvelada e honesta, a Mãe extremosa e exemplar, a martyr virtuosa que viamos conduzir ao sepulchro !.. E chorámos, chorámos deveras !..

Tambem perdemos mãe, pae, consorte, filhos, e irmãos ; por isso tambem chorámos com lagrimas de coração aquelles que a perdiam !

Militares, Empregados Publicos, e Povo, distincto em classes, caminhava lentamente formando allas ; cento e nove seges (contando seges, carruagens, e o explendido coche do Ex.^{mo} Marquez de Vallada) precediam os coches Reaes : seguiam-se em coches os Empregados maiores da Caza Real ; e logo a poz estes os trez coches pertencentes ao Real cadaver ; em o ultimo hia o corpo da Augusta finada, seguido de tropas a cavallo. Nas ruas os soldados formando allas se conservavam como estatuas, em cujos semblantes a dor se lia por distinctos caracteres ; mas não percisaram mover-se para conter o povo ; porque o mais respeitoso silencio reinava na capital ; todos como suffocados, e confusos pareciam prostrar-se ante o Eterno, e apoderados de um santo, e profundo temor ao ver executar-se o Decreto fatal !

Sentimos que neste paiz estejam as idéas tão pouco desenvolvidas na maior parte das Damas que não se tivessem lembrado de concorrer a accompanhar ao jazigo de nossos Reis uma senhora por tantos titulos digna dos nossos respeitos ! A Esposa, e a Mãe que deixava ás Esposas e Mães os mais proveitosos exemplos ! Lembrá-mos nós este dever, e parece-nos que muito honroso e louvavel seria que uma alla de Sr.^{as} acompanhasse o corpo da Excelsa finada ; mas que !.. nós só contavamos com pequenissimo numero de sr.^{as}, (era uma destas a sr.^{a} Canuto); descontentes com indiscretas escuzas, não estava-mos no caso de andar batendo de porta em porta para nos dizerem o que já tinha-mos ouvi-

do; nem havia-mos procurar Sr.as que por sua idade, ou padecimento não podiam caminhar tão longo espaço; ainda que muito desejassem honrar aquelle acto, e cumprir um religioso dever; tivemos pois de nos concentrar em caza, e lamentar sinceramente a falta de resolução de um sexo tão amavel, e digno das maiores attenções, a quem os sabios desejam emancipar, e collocar no alto lugar que lhes pertence de primeiras educadoras do genero humano, aquellas que mais devem civilisar a terra; e honrar o ceu. Lá chegarám nossos netos a esse progresso de illustração que apenas começa o dispontar no mundo, e hade estender seus raios ao nosso Portugal.

Um caso notavel occorreo na occasião em que o funéreo cortejo se aproximava da Igreja de S. Vicente, onde hia depositar-se o Regio Cadaver. Proximo ao Arsenal Real do Exercito apareceo uma pomba, que voava junto ao coche em que hia a coroa Real, pousou sobre ella, e acompanhou o corpo até entrar na Igreja, desaparecendo rapida aos olhos que attentos a observaram!

A este successo junte-se uma noticia que vamos dar; e é verdadeira; sabida geralmente no Brazil, e aqui por pessoas que então lá estiveram.

Sua Masgestade Imperial a Imperatriz, Mãi da Senhora D. Maria Segunda, teve alguns movitos antes de concebida esta Senhora; e sentindo-se gravida, soffreu grande susto, descendo com seo Augusto Esposo a calçada da Gloria, no Rio de Janeiro, pois os cavallos do carrinho, ou carruagem que os conduzia espantaram-se; e Suas Magestades salvaram-se quasi por milagre! Aquella virtuosa Senhora prometteo então entregar seu filho a Nossa Senhora, e se fosse menina dar-lhe o nome de Maria da Gloria: nasceu com effeito a infante, e quando foi baptisar-se, entrou uma pombinha no Templo, e foi pousar aos pés de uma Cruz! O Imperador a mandou cuidadosamente apanhar, e conservou-se a Pombinha no Paço, tratada com o maior disvello durante mais de cinco annos, que a Pombinha viveo.

A noticia da promessa feita pela Imperatriz, sabemos nós com certeza; pois além das relações que nos ligavam ao Paço, occorreo que o honrado Capellão de nossa caza, o virtuoso sr. Fr. José Rebello, (a) (que ainda vive) foi o mesmo que a Imperatriz escolheu para seu diguo confessor. Não obstante nossa tenra edade então, lembra-nos perfeitamente isto, que nossos adorados pais, e o nosso Santo amigo Fr. José, nos repetiam. O caso da Pombinha foi-nos contado por pessoas fidedignas.

Altos são os Juizos de Deos, ao qual devemos sogeitar as fraquissimas luzes da nossa humilde razão; porque insondaveis são os arcanos divinos; e em todas as causas, em todos os effeitos devemos adorar e respeitar a causa das causas. O Supremo Auctor de quanto existe, que por modos tantos em diversas formas se patentea e faz lembrar Seu immenso poder, e infinita bondade para com seus filhos.

Depois dos officios divinos, e ceremonias do estillo foi collocado o caixão em uma capella da mesma igreja de S. Vicente, porque em consequencia de ser muito volumoso não poude entrar a porta do jazigo Real: o nobre Duque da Terceira, acompanhou o Regio Cadaver, como Duque parente e Estribeiro-Mór, e o Duque de Saldanha Mordomo-Mór, conduzio as chaves que cerravam para sempre aos olhos do Universo os restos mortaes da extincta Rainha!

Que o Todo Poderoso descance em paz

(a) O nosso amigo sr. Padre José Rebello é parente do nosso illustre litterato o Ill.mo sr. Luiz Antonio Rebello da Silva, genio sublime que tanto honra as patrias letras.

o seu Espirito, e lhe conceda a gloria eterna; e dê a precisa conformidade a seus Augustos Esposo, Filhos, e parentes — a quem acompanhamos neste lance tão fatal e doloroso.

Não podemos deixar de louvar nesta occasião o nobre proceder, e cavalheirismo com que se portaram os nossos illustres collegas Redactores da Nação; nem menos esperavamos de seus elevados sentimentos. Praza ao ceu que este honroso passo não esqueça jámais áquelles que regerem os destinos d'esta Nação.

Estimámos que a Regencia tocasse ao sr. D. Fernando, tão cavalheiro, tão bom para com todos, e tão identificado com os Portuguezes. Pae extremoso não deixará de zelar a gloria de seu Augusto Filho; amigo do povo não deixará de captivar cada vez mais as simpathias d'este povo; e não esquecerá as provas que acabam de confirmar a excellencia deste povo. Lembrai-as, Senhor!.. Lembrai-as sempre; sede sempre o amigo d'este povo; tratai-o como amigo, que é vosso:

E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo Rei se de tal gente.
CAMÕES.

D. A. G. PUSICH.

SARAU FUNEBRE.

Sabbado 26 de Novembro, proximo findo, houve uma funebre reunião a que o sr. Castilho convidou todas as pessoas que honram o seu curso normal, e a muitos poetas distinctos, para solemnisar aquella noite de luto, consagrada á memoria de Sua Magestade a Rainha fallescida; era a homenagem mais livre, e mais honrosa! Era um dever que o coração do verdadeiro christão se compraz de cumprir, porque nem o vil interesse, nem a desprezivel adulação moviam o culto respeitoso que se hia tributar á Augusta Finada.

Pelas sete horas da noite abrio o sr. Castilho a sessão com um eloquente discurso ácerca do sagrado objecto d'aquella reunião; desculpando-se por não ter podido apreuzentar alguma obra sua poetica sobre tão alto assumpto; porque seus afazeres, e falta de tempo não lh'o haviam permittido; o que porém não deixaria de fazer mais tarde: logo em seguida o sr. Dr. Lima Leitão recitou uma grande poesia sua, onde o seu profundo saber, e o seu pesar altamente se manifestavam; (esta poesia vae ser publicada no Esculapio); depois do sr. Lima Leitão coube-nos a honra de recitar-mos a poesia que neste n.º publicamos; seguiram-se uma bella poesia da sr.ª Silva Canuto, e outra da sr.ª Collaço Chiappe. O sr. Alexandre Magno de Castilho leu por parte do nosso eximio poeta e amigo o Ex.mo sr. João de Lemos Castello Branco, a sua poesia á morte da Rainha; poesia tão rica de sentimento, e de eloquencia! O nosso amigo, e distincto poeta sr. Mendes Leal, José, recitou igualmente uma sua bellissima poesia; e seu irmão sr. Mendes Leal, Antonio, recitou com muito sentimento uma producção poetica do sr. Coelho Furtado acompanhada ao pianno. Os sr.s Lobato Pires, João de Aboim, José da Silva Avelino, Quebedo, e Urbano recitáram bonitas producções suas; e o jovem poeta sr. Julio de Castilho, filho do nosso eximio vate, com toda a força de um grande genio que já não cabe em seu pequeno corpo, contando apenas 13 annos de idade, recitou uma sua poesia que admirou a todos; e a todos encantou o bello da execução! O genio superior está alli! não se pode já duvidar! É um astro que disponta no horisonte, e breve estenderá seus raios, e brilhará no mundo litterario. Muitos distinctos poetas estavam presen-

tes mas não leram seus versos porque os espiritos opprimidos careciam de algum descanço ; e assim o sr. Castilho terminou o sarau, seriam dez horas.

D. A. G. PUSICH.



A Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II, e a seus Augustos Filhos,

EM SAUDOSA MEMORIA DE

SUA MAGESTADE A RAINHA SEMHORA

D. MARIA SEGUNDA.

HOMENAGEM.

Silencio!.. escuridão no espaço imperam!
Onde se occulta o sol?!
O Tejo taciturno! os ventos dormem!
Não canta o rouxinol!

Que dia melancolico! da morte
Retrata a fea côr!
Lizia aguarda solemne, respeitosa
A voz do Creador!

E a poderosa voz brada terrivel!
E' decreto fatal!
Faz lembrar aos mortaes quem E', quem sómos!
Prostra-te Portugal!

Adora o Eterno Ser; oh não olvides
Seu immenso poder!
Não o olvides, que sabe n'um instante
Aniquilar-te o ser!

A omnipotencia do saber, da força
E' Elle, o nosso Deus!
E' Elle quem do cahos fez o mundo
E os habitantes seus:

E' Elle quem te erguêo o cólo altivo,
Fez-te a gloria surrir!
E' Elle quem te abate a fronte oppressa
E promette um provir!

E' Elle quem humilha aos poderosos
A orgulhosa cerviz!
Quem dispersa as phalanges, quebra as lanças
De seus contrarios vis!

Quem dos sabios illustra o nascimento,
A' mente lhes dá luz!
E aos justos convertendo a morte em vida,
Quem á gloria os conduz.

Mortaes! hoje o Senhor nos patentea
Signaes do seu poder!
Em horrivel abalo não sentisteis
A terra estremecer?!

Não escutaes no espaço a artilheria
Som funesto echoar?!
E unisono clamor erguendo aos ares
Os sinos a dobrar?!

Em funeral as armas!.. tudo inspira
Respeitoso temor...
A tropa em alas! e em devoto officio
Ministros do Senhor!

Ah! vede-a alli! dos luzos a Rainha
Sem vida immovel jaz!
Morreo porque foi mãe! vôou tão cedo..
A' gloria, á eterna paz!

Qual rosa na primavera
A existencia terminou;
Do rosal onde vivera
Improvisa a desfolhou
Tempestade, que tão fera
Estes prados enluctou!

Repentina tempestade
Que a morte soprando vem!
Ah! suspende! tem piedade
Da mãe, do filho tambem!
Porém, oh! fatalidade!
Juntos morrem, filho, e mãe!

E o consorte carinhoso
Abraçado aos filhos seus,
Como fica, ai desditoso!
Que lance fatal, meu Deus!
Da terra vendo saudoso
A esposa voar aos Ceus!

Real consorte! o teu pranto
E' pranto de immensa dôr!
E' tão nobre, vale tanto
Que a virgem Mãe do Senhor
Vem enxugar com seu Manto
Essas lagrimas de amor!

Vem dizer-te que Maria
Gosa ventura immortal!
Que no Empyreo tem valia
Outra c'roa, mais real:
Fernando! em tua agonia
Escuta a voz divinal!

Levanta a fronte abatida
Augusto Senhor, e vê
A nação entrestecida
Que em tuas virtudes crê;
E na lyra enternecida
Sympathias d'alma lê.

Mas ai! que misto de confusas vozes!
Que estrepito, meu Deus!
Caminha o funeral... e vão com elle
Os pensamentos meus!

Ao som funereo de sentida marcha,
Ao troar do canhão,
De pomposo edificio a porta se abre!
Que recebe? um caixão!

Um tumulo, uma c'roa, um sceptro d'oiro,
Prantos de intima dôr;
E um cadaver!.. é tudo quanto resta
Do mais alto explendor!

Grandeza de fortuna em Regio Manto,
Quanto o mundo acatou;
Quanto a terra conceda, á terra volve!
Ao nada alfim tornou!

Ao nada o que é do nada! eis a infalivel
Tremenda eterna lei,
Que o universo abrangendo iguala a choça
Ao Palacio do Rei!

Estes restos mortaes que a nossos olhos
Vão esconder-se além,
Em cinzas representam a grandeza
Que o mundo em si mantem!

Mundo!.. que espinhos ornam essas flôres
Que em teu solo contens!
De ephemero clarão prestigios doiras,
E real nada tens!..

Nada tens, porque mesmo essas virtudes,
Raras no seio teu,
São Estrellas que as trevas illuminam
Para gloria do Ceu!

E essa luz apenas dura
Qual reflexo divinal,
Que d'entre a verde espessura
Manda ás aguas de christal,
Surrindo brilhante e pura
Do sol a face immortal!

Que importam aureo deadema,
E o sceptro que vês luzir,
Se essa c'roa é triste emblema
De espinhos que hão-de pungir!
Quem ha que o sceptro não tema
Quando o peso lhe sentir?

E deslumbrados os olhos,
O fascinado mortal,
No mar não conhece escolhos,
Não presente o vendaval,
Nem sobre a terra os abrolhos
Ferindo a planta real!

Mas santa philosophia
Aclara a mente ao Christão,
Rasga a venda que escondia
Os folgores da rasão;
E faz ver em claro dia
O mundo — todo illusão. —

Vede-a!... Estatua magestosa
Ostenta excelso esplendor;
Mas já não é fresca rosa
Toda vida, toda amor!
Su' alma sim, que ditosa
Vive junto ao Creador.

De lá contempla os espaços
Onde falços bens gosou:
Ondé a uniram santos laços
A'quelles que tanto amou:
Luz á mente... força aos passos...
P'ra todos a Deus rogou.

Regio consorte!... Prole de Maria,
Que assim nos consternaes!..
Do oppresso coração, d'alma saudosa
Soltae o pranto, os ais!

Dor concentrada, angustia Magestosa
Manda um suspiro ao Ceu:
Que lá o acolhe a esphera luminosa
Envolta em negro veu:

Lá no seio feliz da Eternidade
Um ecco formará,
E attravessando os seculos futuros
Aos vindouros dirá:

«Symbolisão meus ais angustiados
«Saudade perenal:
«Honrae á que nos Ceus descança e vive
«Em jubilo eternal.»

Lisboa 19 de Novembro de 1853.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

15 DE NOVEMBRO DE 1853.

Pela encosta do Libano, rugindo,
O nóto furioso
Passou um dia arremessando á terra
O cedro mais frondoso !..
A. HERCULANO.

Que fizeste anjo da morte ?
Qual a sorte
Que sem dó nos preparas-te ?..
Usurpaste o nosso bem,
Nossa mãe,
Nossa mãe, que nos roubaste !

Que fizeste anjo terrivel ?
Impossivel
E' causar-nos maior mal !..
Privaste o Rei, que delinha
Da Rainha,
Da Rainha a Portugal !

Que fizeste anjo da morte ?
Que te importe
Não parece o golpe novo !..
Tu, que os orfãos nos deixaste
Não pensaste
Não pensaste a dor de um povo !..

Que fizeste anjo cruel ?
Em tropel
Derramaste sem piedade,
Sobre o peito dos Filhinhos,
Os espinhos
Os espinhos da saudade !

Que fizeste anjo da morte ?
Dura sorte
Tu nos das hoje a penar !..
Olha o povo, olha os luzos
Tão confusos,
Tão confusos a chorar !..

Sceptro e c'roa tu partiste
E não viste
Que teu golpe nos privava,
Da virtude que em Maria
Resplandia
Resplandia e nos guiava !..

Que fizeste... Ah !.. Mas não !..
Deos ! Perdão !
Cede o passo a mente á dor !..
— Mysterio que não abranjo !.. —
Foste o anjo
Foste o anjo do Senhor !..

Ante a Cruz, povo prostrado
Desolado,
Chorae pranto sem igual !
Pela mãe, carpi ancioso
Desditoso
Desditoso Portugal ! ! ...

CLAUDIO DE CHABY.

Mais um cypreste no campo dos mortos !.. Mais um pranto doloroso dê a sincera amizade á memoria de um bom christão, um filho carinhoso, esposo e pae desvellado, honrado Portuguez e nobre cavalheiro ! É o Ex.mo Conde de Tavarede aquelle a quem prantiamos ! Na edade jovenil rico de fortuna e de virtudes desce á sepultura ; deixando inconsolavel sua adoravel e virtuosa consorte, e dois innocentes orfãos entregues aos cuidados dos Ex.mos Duque, e Duqueza de Saldanha, que em seus braços paternaes recebem a cara filha, e os gentis netinhos, e em seus consternados peitos recolhem seus prantos de verdadeiro amor, misturadas com suas lagrimas saudosas ; sim ; porque no Conde de Tavarede haviam encontrado todas as qualidades que podiam felicitar sua filha, creada com tanto amor, e educada com tanto disvello.

Nobre Duque de Saldanha ! Nobre Duqueza ! Condeça viuva, innocentes orfãos, e parentes do fallescido Conde de Tavarede, recebei tambem este pranto com que vos acompanho na vossa dor.. accolhei-o, pois é sincero, e nascido de pura amizade ! O Senhor tenha em sua Divina Prezença a alma que acaba de separar-se da terra para se ligar ao Ceu !.. e vos conceda a precisa conformidade, que achareis na Santa Religião que exemplarmente professaes.

O Ex.mo Conde de Tavarede fallesceo no dia 25 de Novembro ultimo pelo meio dia ; sepultou-se no dia 27, acompanhado por numeroso concurso de pessoas de todas as classes, e partidos ; e o Con-

de Tavarede merecia estas honras, porque foi sempre bom, sempre cavalheiro para com todos! Louvamos muito aquelles que reprezentando os partidos da opposição souberam ser cavalheiros, bons amigos, e bons christãos; mostrando por tal modo que o pensar politico é uma crença sugeita a deveres superiores de que o christão, o homem de sentimentos nobres não póde nem sabe desligar-se.

O verdadeiro amigo do Conde de Tavarede, e nosso benemerito amigo o Ex.mo sr. José Jacintho Tavares digno Prior da Freguezia de Santa Izabel, que foi quem ligou o Conde á gentil filha do Ex.mo Duque de Saldanha, teve de cumprir a dolorosa missão de ver espirar o seu amigo, e acompanhal-o á derradeira morada, em quanto com devotas preces guiava o espirito christão á celeste Mansão do Creador!

Ás lagrimas que se derramam pelo Conde de Tavarede unam-se aquellas que nos merece outro honradissimo Fidalgo Portuguez, e excellente christão!.. O Ex.mo Conde de Mesquitella (D. Luiz) que tambem acaba de existir para este mundo de penas, e sobe á Patria Celestial onde o Altissimo premêa aquelle que por todos os modos soube honrar na terra as leis do Ceu! Nós sentimos de coração esta morte não por elle que terminou o seu desterro, mas por aquelles filhos extremosos, parentes e amigos, que em quanto viverem hão de choral-o! O Conde de Mesquitella foi um de nossos antigos Fidalgos que honrava a sua Jerarchia; e que muito se distinguio cumprindo as leis da caridade, e honrando o culto divino. Em seus filhos deixa aproveitados os exemplos das mais sublimes virtudes. D. A. G. PUSICH.

A BENEFICENCIA.

(*Continuação.*)

Pelo contrario o homem, que possue sentimentos de caridade, recebeo do Ceo um favor da mais alta distincção.

Assim como uma abundante fonte, cujas agoas vão regar os campos a uma grande distancia; assim o bom coração d'este homem se manifesta por acções, cujas saudaveis influencias se espalham por todo o genero humano.

Elle se congratula da sua riqueza, por que ella lhe fornece os meios de fazer bem.

As miserias e as afflicções dos homens excitam a sua compaixão; elle se esforça por alliviar-lhes o peso das suas desgraças, e o gosto da execução o recompensa dos seus trabalhos.

Elle auxilia o merito; elle anima a industria, e a sua mão liberal contribue para que se realisem os projectos uteis.

Elle emprehende grandes obras; forma novos planos; emprega o lavrador; anima as artes, e se esforça por enriquecer a sua patria.

As riquezas não tem alterado as disposições beneficas do seu coração; motivo porque elle faz gosto em ser rico, e porque goza de uma alegria pura no meio da abundancia.

O seu interior está cheio de tranquillidade; e elle se enche de jubilo, quando vê a prosperidade, e felicidade do seu proximo.

Elle comprehende todos os homens na extensão do seu amor; o objecto dos seus votos é a commum felicidade, e a nobreza do seu coração o excita a fazer todos os esforços por concorrer para ella da sua parte.

Seguindo assim as maximas do Divino Mestre, goza durante a vida da paz e alegria d'espirito; seu nome é acompanhado de bençãos e louvores; e depois da morte grangea a Salvação Eterna, felicidade, para que todos fomos creados.

Lisboa 10 de Novembro de 1853.

CUSTODIO DE MORAES E BRITO.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 7.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja de sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua do Telhal n.º 7, 1.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 3 — DEZEMBRO 15 1853.

O HEROISMO DE UM AFRICANO SUBDITO PORTUGUEZ NASCIDO NO ARCHIPELAGO DE CABO VERDE.

Simão !... Nobre africano !... Ainda hontem o teu nome era obscuro, e ignorado ! hoje é conhecido, e respeitado !

Ainda hontem eras um pobre marinheiro, hoje és um heroe ! Sim, porque o sentimento mais sublime da humanidade estava concentrado em tua alma, e Deus quiz patential-os no meio das tormentas, porque é nos grandes conflictos que se conhecem as grandes almas, e Deus quiz annunciar-te á voz do trovão, porque só á voz potente que amiaça destruição acordam os humanos do profundo somno do esquecimento ; e te faz respeitar dos elementos para que os homens te respeitem ; e te offerece como exemplo de heroismo para que te imitem.

Oh !.. mas não te ensoberbeçam os louvores, as riquezas, os premios que o mundo te deu.. não ; porque a Deus, e só a Deus deves tudo ; e humilhado, e reconhecido ante o Altissimo agradece-lhe os prodigios do teu valor, e os sentimentos da tua alma ; porque Deus lança mão da mais humilde e pequena creatura para mostrar o seu immenso poder.

É pobre, é esquecida a nossa terra, mas tu, illustre africano, vaes engrandecel-a com o teu nome que não pode já deixar de resplandecer na historia ; nem a tua fronte deixará secar os viçosos louros que a cingem, ganhos com o teu coração de heroe ! Tu, verdadeiro heroe, não sacrificaste vidas á tua ambição, sacrificaste a tua vida para salvar tantas victimas que vias perecer ; e nem esperavas recompensas do mundo, porque ao afrontar as iradas ondas não vias o mundo ; vias a furia dos elementos, as trevas da morte, e a luz do ceu que te guiava ! Não sentias animarte o dezejo de titulos ou condecorações, sentias a caridade que te inflammava o peito, e fortalecia os braços ! Tinhas n'alma a virtude, não tinhas o egoismo ! Que esses heroes de sangue e destroços baixem os olhos e respeitosos te saudem ! Que se curvem humilhados em tua prezença e reconheçam quanto és superior a elles !.. A elles os prantos, as maldições das victimas ; a ti os hymnos de louvor, as bençãos do ceu, e da terra ! Eterna gratidão te consagre a humanidade ; e folga, e continua a ser bom, que nem a mais leve sombra eclipsará os lumes da tua gloria ; e em quanto atravez o branco das faces dos algozes da

humanidade ressuma o sangue das victimas, e aparece a alma negra do egoismo e oppressa com o peso dos remorsos ; o escuro do teu rosto deixa brilhar ainda mais o explendor da tua nobre acção, e a condura da tua alma ! Que o Senhor derrame sobre teus dias a sua divina benção ; e tu de tão longe ouve a voz de teus patricios, e recebe estes louvores ; estes puros sentimentos que te consagra uma tua patricia ; a filha d'aquelle homem que a nossa terra africana tanto amou ; e que tendo a satisfação de bem governal-a alcançou a gloria de lhe chamares pae ! É pois um meu irmão !.. Sim, quero repetil-o ! És meu patricio. Parabens ó Insolanos ; Parabens Portugal ; honra e premêa aquelle que as outras nações sabem apreciar, e honrar.

O sr. João Antonio Leite, assaz conhecido por sua probidade e patrioticos sentimentos, foi a primeira pessoa que nos enviou a agradavel noticia que publicamos, com a sua carta. O sr. Leite, afilhado de nosso adorado pae, vio-nos nascer na mesma Ilha onde elle teve o berço, em Cabo-Verde ; o tratamento de irmãos foi adoptado entre nós, e tem sido invariavelmente conservado com a pura amizade que ligou nossas familias.

De tantos ditosos companheiros de infancia existimos apenas quatro, nós em Portugal, dois em Cabo-Verde : irmãos no amor tambem o somos no regosijo que sentimos ao ver engrandecido um patricio nosso ! Que nos importam as diferenças de cor, e nascimento ? Que valem essas quimeras aos olhos da razão ! Para nós vale tudo, a alma nobre do valente africano que vio os primeiros raios de luz no sol que esclareceo nossos primeiros dias ; embora nossos pais não fossem africanos ; embora o valente Simão nascesse em uma pobre cabana, e nós em ricas sallas ; temos iguaes sentimentos, e muito nos presamos de o estimar como nosso bom patricio. D. A. G. PUSICH.

CARTA DO SR. JOÃO ANTONIO LEITE, DIRIGIDA Á REDACTORA.

Minha Presadissima Irmã.

Imagine qual é o prazer com que lhe escrevo remettendo-lhe o jornal onde vem uma noticia que nos deve causar o maior enthusiasmo ! Sem duvida, eu o sinto, ao pensar que um patricio nosso poude tanto distinguir-se em uma acção tão nobre, tão digna da mais alta recompensa, e eterno louvor. Peço-lhe minha querida irmã, que publique no seu acreditado jornal esta noticia, e os sentimentos que nos inflamam ao ver por tal modo engrandecido o nome de um nosso patricio. Muito bem o conheço ; é nascido na Ilha da Boa-Vista ; e permitta Deus que o governo de Portugal premée justamente este heroe, que de certo digno se tornou deste honroso titulo quando esquecendo-se de si mesmo só teve em vistas salvar os seus semilhantes ! Muito estimaria eu que esta minha carta apparecesse não só na illustre *Beneficencia*, mas tambem nos outros jornaes desta corte, Porto, e Madeira ; para dar toda a publicidade a esta nova ; e aos sentimentos com que sabemos apreciar o homem que tanto honra a terra que nos deo o berço. E como sei que minha irmã quererá dizer mais alguma cousa a este respeito, deixo á sua poetica penna, e profundo saber o expressar os nossos sentimentos que de certo são edenticos ; e tão puros quanto o é a sincera amizade que nos liga, e com a qual sou, e serei sempre seu irmão e verdadeiro amigo JOÃO ANTONIO LEITE.

Lê-se na *Imprensa e Lei* :

« Por correspondencias particulares que recebemos do Rio de Janeiro, consta-nos que no mez de Outubro ultimo foram muito frequentes os temporaes e naufragios na costa do sul da capital do imperio. Contam-se muitas victimas destes sinistros. Alguns casos, diz-se, que foram acompanhados de circunstancias horrorosas.

« Lamentando a sorte de tantos infelizes, apraz-nos consignar aqui um testemunho de admiração á coragem e dedicação verdadeiramente heroica de um subdito portuguez, ao qual devem a vida treze passageiros do vapor brasileiro, a *Pernambucana*.

« Deixemos fallar o nosso correspondente, e da sua carta copiamos o seguinte periodo :

« Quero dar-lhe algumas noticias por importantes que são : o mez passado houve na costa do sul do Rio de Janeiro tão grande temporal, que deo lugar a muitos transtornos e

alguns naufragios, cujos tristisimos espectaculos só foram presenceados, os mais delles, pelos elementos e pelas victimas; porém o do vapor brasileiro, *Pernambucana*, que naufragou, indo para o Rio Grande do sul, a 3 leguas do Cabo de Santa Martha, ainda com a providencia de ser a 10 ou 12 braças de uma praia, foi horrivel: o quadro pintam-o com as mais negras cores. Os passageiros e tripulação eram em numero de 100 pessoas, 42 das quaes pereceram, depois de prolongada lucta; e das que se salvaram, 13 devem a vida a um intrepido marinheiro do mesmo vapor, preto livre, natural de Cabo Verde, por nome Simão, que estando já na praia por treze vezes affrontou as vagas, e por conseguinte a morte, indo ao lugar do perigo e conduzindo para a praia aquellas afflictissimas almas, que ainda sobre partes do vapor invocavam a Divina Misericordia, sendo uma dellas um pobre cego!

« Este intrepido marinheiro, dotado de um coração hondoso e sensivel, não podia ser surdo ás supplicas que lhe faziam, e sobre tudo ás de uma mãe desditosa, tambem naufraga, e que sem duvida elle salvára, que prostrada e agarrada aos joelhos lhe pedia: — salvae os meus dois filhos! — Dizem que era admiravel ver como elle consolava a todos, e por fim, já exhausto de forças, deitava-se na praia e esfregava-se na areia como para recobral-as, até que conseguiu concluir tão honrosa como difficil tarefa.

« Este heroe, assim lhe chamam, que já foi á presença do imperador; que já recebeu uma medalha de distincção; que se tem promovido uma subscripção na praça do commercio, que monta já a alguns contos de reis, legou por este facto o seu nome á posteridade; e o governo brasileiro achou-o tão digno disso, que vae mandar tirar-lhe o busto e collocal-o na praça do commercio, e os inglezes vão mandar o seu retrato para Inglaterra! Este homem que tem sido por este modo cumulado de honras e dinheiro, sendo subdito de S. M. F., não merecerá que o governo portuguez o contemple?

POESIA.

A' EX.ma SR.a CONDESSA DE TAVAREDE.

EM MEMORIA DE SEU EX.mo CONSORTE.

CANTO FUNEBRE.

Em frio jazigo, que os vivos aterra,
A morte dormia aos pés de uma Cruz!
Ai somno de instantes! eis se ergue da terra.
A' voz poderosa que ás trevas deu luz!

As azas desprende, no espaço voando
Cortejo de sombras comsigo levou;
De nuvem funesta o sol ofuscando
Ao dia os encantos, e os lumes roubou.

E' rapido o vôo!.. mas vae abatendo
E desce a um terreno de immensa extenção;
Mortiferas plantas alli vão crescendo;
Mil craneos alvejam dispersos no chão.

Um throno se eleva; n'um triste recanto,
Que tem negra nuvem por negro docel;
E' de ossos formado; tem hymnos de pranto,
A foice por sceptro; sob'rano cruel:

E' quasi infinito da morte o recinto!
De ossadas sem conto valados lá tem,
E tem de cypreste falaz labyrintho
Do qual os segredos não sabe ninguem:

Lá do anjo terrivel clarim pavoroso
Soou no deserto, medonho lugar;
Milhões de figuras de aspecto horroroso.
Eis vem presurosas a morte cercar.

Lá vem negra peste, e a guerra ferina
A fome temivel, doenças fataes,
Dezastres sem conto, de face maligna,
E d'alma os algozes, tormentos moraes:

Attenta revista sinistras fileiras,
Numéras phalanges; dispõem generaes;
Tremulam nos ares as negras bandeiras
Que tem por divisa da morte os signaes:

E a um leve aceno da morte
Do trovão se ouve o bramir!..
Lá parte o exercito forte
O fero mando a cumprir!..

Qual foi elle?.. o mando horrivel?..
Qual foi elle?.. o tempo o diz?..
Dil-o o pranto que sensivel
Corre as faces do infeliz!..

Dil-o o mundo, que deplora
Tantos males que em si tem;
E tantas victimas chora
Que a morte roubar-lhe vem!..

Tantos reinos invadindo
Lá vae a guerra feroz;
E a voraz peste investindo
A terra com furia atroz!..

Lá vem devorante fome
Tantos povos assolar; . .
Tantas grandezas consome;
Tantas flores vae secar:

E os desastres rigorosos;
E esses tormentos moraes;
Lá se espalham sanguinosos
Contra os miseros mortaes.

Alto se erguem, fulminando
Raios que a morte lhes dêo! . .
Quantas victimas deixando
Tropheus a vida perdêo! . .

Os flagelos que desfecham
Golpes na fronte ao mortal;
Seus estragos tambem deixam
No solo de Portugal! . .

Ai que vidas preciosas! . .
Ai que prantos arrancou! . .
Que estrellas tão luminosas
Da morte a sombra eclipsou.

Tambem tu, nobre Condessa,
Na geral consternação;
Sentes em tu'alma oppressa
Das trevas a solidão! . .

E' noite fatal, aquella
Que circundar-te assim quiz!
Onde os lumes, linda estrella,
Somem teus olhos gentis! . .

Teus olhos . . . agora em pranto
Inundados, inda assim,
Deixam ver celeste incanto! . .
Lagrimas de um cherubim! . .

Perdeste o consorte, que tanto querias,
E foi de teus dias o fulgido sol;
Mas olha os filhinhos! . . lá tens alegrias,
E em sua existencia da aurora o arrebol:

Nos tenros anjinhos, que ao seio creaste,
Verás as virtudes do pae reviver,
Unidas aos dotes divinos que herdastes.
Pois Deos quiz tu'alma de graças encher.

E Deus n'essa noite de immensa agonia
Te manda o conforto de luz divinal!
Não vês tantos astros! . . da virgem Maria
Os prantos reflectem, e a dôr maternal.

As lagrimas puras que d'alma nasceram
São lumes que brilham nos Ceos e no altar;
São flores que aos justos as c'roas teceram
E brotam sorrisos de eterno gosar.

Nas horas mysteriosas
Do silencio e acerba dor,
Lembra as horas amargosas
Da virgem mãe do Senhor! . .

Com teu pranto doloroso
Rega os pés da excelsa Cruz;
E ao chorar o extincto esposo
Chora a morte de Jesus.

Sentirás coarte n'alma
Um balsamo salutar;
Na tormenta é doce calma
Co' a Mãe do Eterno chorar.

Esse pranto que derramas
Vae ser pranto divinal,
Vae dar glorias a quem ama
Na Patria Celestial.

Ergue a fronte! .. olha os parentes,
Os amigos teus leaes,
Banhar com prantos ardentes
Na tumba, os restos mortaes:

E em quanto vae lusa historia
Pagina honrosa escrever;
De Tavarede á memoria
Quero este Canto offrecer.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

A carta que em seguida publicamos do sr. Serra é digna da attenção de Sua Magestade Regente, e do Ministerio: o povo soffre, e cala, porque não é povo inglez; é povo portuguez; o preço dos cereaes augmenta sem percisão: as vellas com que os pobres, e em geral aquelles que não sendo pobres não são ricos, se alumiam augmentaram de preço extremamente porque um tal negociante de *sebo* andou pedindo que lhe vendessem a elle exclusivamente, dando mais que os outros etc.

Agora até a carne de porco; as batatas, e tudo, tudo finalmente! .. O povo está contente com todos os governos quando não soffre fome, nem oppressões: porém quando um destes flagelos

apparece começa por mal dizer quem os governa.

Eis a verdade que não devemos calar porque advogamos a causa dos infelices, e dezejamos que o governo mostre que é sabio, e bom, dando promptas providencias, como pode, para conservar a paz neste formoso paiz; lembrando que a fome lança no desespero ainda os povos mais pacificos e obedientes.

D. A. G. PUSICH.

CORRESPONDENCIAS.

Ill.ma Ex.ma Sr.a

E' com profundo reconhecimento que agradeço a V. Ex.ª a distinção com que me honra prestando-me as columnas do acreditado Jornal em que V. Ex.ª é a sabia Redactora, gratidão esta que será eterna.

A questão sobre que vou dizer duas palavras, é um pouco espinhosa: mas a causa que advogo merece do governo promptas providencias, a causa é do povo sobre o alto preço que geralmente tem todos os generos. Os monopolistas tem ganho grandes sommas, indicando escacez d'este ou d'aquelle genero; quando felizmente ha abundancia; vendo-se o povo na extrema necessidade de passar mui pobremente; quando outr'ora com metade do que hoje se gasta passava bem; e o povo em geral para não perecer de indigencia vai-se empenhando, e vendendo até o vestuario, camas etc. ganho a custo de noutes perdidas, e seu suor derramando. E tudo para que?..... Para os millionarios augmentarem seus fundos, com as lagrimas dos desditosos. Mas se infelizmente este meu brado não for escutado pelos sabios sustentaculos da Regencia, milhares de victimas verse-hão forçadas a mendigar uma esmolla, para escapar ao horrivel flagello, que de perto nos ameaça.

A confiança que geralmente se deposita no novo governo, faz-me esperar a protecção d'este em beneficio d'esta infeliz nação.

Limitando-me ao que tenho dito peço o auxilio de V. Ex.ª permittindo-me que me assigne

De V. Ex.ª

Seu constante Leitor

ANTONIO FERREIRA DA SILVA SERRA.

CARTA A' REDACTORA DA — BENEFICENCIA.

Ex.ma Sr.a Sei que me tem accusado de esquecido ou perguiçoso e todavia nem era possivel esquecer-me do meu dever, nem ser remisso em acceitar a honra de colaborar o jornal que V. Ex.ª tão dignamente redige. Estreei-me nas columnas d'um seu jornal, e o ter depois escripto para a *Revista do Meio Dia*, *Semana*, *e Lei*, não me faz esquecer que debutei na *Assembléa Litteraria*, unico que n'esse tempo teve a franqueza briosa de me abrir os braços a mim desconhecido, e inesperiente. Lançado aos dezeseis annos na vida agitada das letras, achei-me só no meu caminho, sem um guia sequer! não conquistei terreno fazendo da satira arma para abater barreiras, como Aretino; nem me servi da lisonja para adquirir simpathias, como Phidias. Tinha deante de mim um futuro nebulosissimo, mas estando na epocha dourada dos dezeseis annos, tendo uns tão desmesurados desejos como tinha, fiz da vontade e do tempo duas armas poderosas, e decidi-me ao combate.

Não terei a vaidade de dizer que venci, mas não tenho modestia sufficiente para que deixe de confessar que espero não perder. São longos estes combates, e ha apenas dois annos que estou em campo. Digo dois annos porque com quanto em vesperas dos meus quinze, eu tivesse tido a má lembrança de escrever uma comedia, que os actores tiveram o mau gosto de representar, e que o publico teve a benevolencia de applau-

dir, não conto a comedia como acceitavel, nem esse successo como merecido; provo-o em ter impresso em volumes todas as obras que tenho escripto e nunca ter feito publicar *as calças de lista*. Dei cabida a este exordio apenas para lembrar a V. Ex.ª que em todas as suas publicações tenho tido a honra de ser um dos colaboradores mais assiduos, ainda que o mais inferior de todos. Na *Beneficencia* mesmo, consulte V. Ex.ª o 1.º n.º e lá achará o meu nome assignando a 1.ª parte d'um longo artigo de critica litteraria, que tambem teve depois saida em folhetim no jornal *a Lei*.

Para o seu jornal, minha sr.ª é preciso um certo cuidado, e escolha nos artigos que se lhe enviarem; é um jornal religioso, e que tem por assignantes os melhores nomes d'este paiz; por isso tenho hesitado quando algumas vezes me tem accomettido o desejo de lhe escrever alguma cousa. Rir-se-ha V. Ex.ª se eu usar d'esta frase — houve tempo em que fiz versos?! — pois não tem cabida a zombaria. Ainda que estou na edade das mais fogosas paixões, eu sinto-as mas não sei cantal-as; na epocha das mais juvenis esperanças accalento-as mas não sei rimal-as.

Admiro, e respeito essas constituições grandiosas que acham lenitivo para immensas maguas, e consollo para pesares tremendos no dessabor calculado de algumas endechas de metreficação obrigada! os poetas são devéras quasi incompreensiveis, e todavia eu tenho pena de não ser poeta, porque são elles no meu conceito as mais nobres, e generosas almas que existem.

Não direi, Deus me deffenda, que já fui poeta, nem acredito nos poetas que deixam de o ser e não morrem; saindo das proporções vulgares do homem, não creio que o fogo, que Deus lhe accendeu na mente, tenha o poder de se apagar, sem que na ultima flamma redusa a cinzas o todo que o continha. Todavia o que eu já tive e não tenho agora, é tempo para fazer versos. Sabe V. Ex.ª perfeitamente que constituindo-me operario litterario, só me dediquei ao genero que me daria proveito. Entre nós, é difficil um poeta conseguir que o leiam, e ainda mais, que lhe comprem as obras. É destino amargo de muito livro de poesias viver, e entrevecer, e apparecer roído dos ratos, na estante carunchosa de algum comprador de alfarrabios, que começa por não saber o que compra, e acaba por ignorar o que vende.

É por isso que eu tenho escripto e publicado algumas comedias, e alguns romances, e ha dois annos que ninguem vê versos meus, assim como estava capaz de jurar que nunca hade tornar a vêr, mas como o mundo dá muita volta!....

Já V. Ex.ª vê por isto que me dispenso a mim proprio de lhe enviar alguma poesia, ou mesmo alguns versos (nem sempre são sinonimos.) Em quanto aos artigos que mais importam ao seu jornal, que são por certo os religiosos, sei tão pouco escrever n'esse genero, que me não aventuro a perder ou ganhar. Parece-me todavia que enviando-lhe essas reflexões sobre a utilidade da obra que vae publicar-se — *Vida dos Santos* — eu sirvo senão o jornal de V. Ex.ª ao menos o interesse publico, recomendando uma obra tão util, como estimavel. Permitta V. Ex.ª que eu ainda uma vez me confesse, e me assigne

De V. Ex.ª respeitoso creado

JULIO CESAR MACHADO.

VIDA DOS SANTOS.

É n'esta epocha de litteratura facil que a boa litteratura se apresenta mais difficil. Todos escrevem presentemente; é quasi verdade; mas é mais custoso fa-

zer o que todos fazem, que o que ninguem faz. Annuncia-se um romance historico, ou contemporaneo, fundado em Santos Portuguezes, ou em sentimentos, e paixões proprias do clima de que gosamos, concebido, e escripto por um Portuguez: ninguem assigna, porque ninguem quer lêr. Se ao contrario versa o annuncio sobre a publicação d'alguma novella franceza, que a maior das vezes é chocha na concepção, insignificante no original, e insoffrivel na tradução, todos assignam, porque todos querem lêr. É difficil n'este estado das cousas haver o empenho brioso de escrever, e publicar uma obra boa, e util. Quando se apresente uma tão nobre tentativa, indisculpavel seria se a imprensa deixasse passar desapercebida, e désse mais uma prova de descuido, e mau gosto.

A vida dos Santos acha-se escripta em todas as lingoas, excepto na nossa! desconhecemos a historia desses homens que se elevaram acima das proporções vulgares, e entre as quaes se encontra modelos de poesia, e de crença, de amor, e de martyrio.

Ha mais magestade, e grandesa n'aquelles vultos reaes, do que nas mais excellentes ficções de heroes de novella, e romance. Que maior poeta do que Santo Agostinho? onde encontraes uma obra escripta com mais sentimento, e verdade, com mais poesia e inspiração do que as suas immortaes *confissões*, ? Acresce á importancia da obra, a importante penna de que ella sae. É trabalho sisudo, e valioso, que não podia encontrar melhor interpretre. Nós cumprimos um dever em a recommendar, o publico ganha muito em a possuir.

JULIO CESAR MACHADO.

THEATROS NACIONAES.

Os theatros principiam a trabalhar; e nós com pouco animo de os frequentar; já porque as alegrias não são nenhumas n'um tempo de luto, já porque a invernosa estação não é a mais propria a convidar a passeios nocturnos quem soffre uma larangique, ou talvez uma constipação entretida ha annos. Não assistiremos pois á primeira representação no theatro de D. Maria, depois da sua nova organisação, porque hiremos ao sarau do sr. Castilho, onde temos de cumprir a promessa de recitar uma poesia em memoria do Ex.^{mo} Conde de Tavarede (é a que neste numero publicamos) ouvimos porém dizer que a noite estará tumultuosa; mais um motivo de não desejarmos hir ao theatro, porque não gostâmos de barulhos: se continuarmos a ter o nosso antigo lugar de redactora que sempre nos foi dado n'aquelles e outros theatros, hiremos ter o gosto de ouvir a nossa eximia actriz sr.ª Emilia das Neves, que ha muito não vemos em scena; e então diremos alguma cousa do que virmos e ouvirmos.

Os theatros particulares andão em moda; e com rasão. E' louvavel o empenho com que tantos jovens artistas, commerciantes, e empregados se desvelam em offerecer gratuitamente as suas representações dramaticas; empregando o pouco tempo que lhes resta de seus afazeres em proveitosos estudos, e uteis exercicios; e applicando o seu dinheiro em divertimentos licitos que distrahindo a mocidade a afasta de perigosas decipações, e do ruinoso caminho da immoralidade a que o ocio, e a ignorancia conduz o homem enexperiente.

Os theatros particulares são a nosso ver, uma escola de moral, e instrucção, onde se desenvolvem os talentos, por meio de um passatempo honesto que nenhum damno pode causar á sociedade. Os theatros particulares são civilisadores; por todas estas rasões devem ser animados, pois é um gosto que não prejudica.

Temos visto alguns theatros particulares; e assistido a algumas representações que muito nos tem agradado; confessamos ingenuamente que temos encontrado em alguns jovens actores de theatros particulares muito mais habilidade do que em alguns actores de theatros publicos.

Um dos theatros que vimos é o do Aljube; dirigido por uma sociedade escolhida de pessoas de reconhecida probidade, e intelligencia. Aquelle theatro está no melhor gosto, na melhor ordem que se pode imaginar; é pequeno, porém muito commodamente organisado: a sua entrada é decorada com emblemas proprios ao fim a que se preparou aquelle edificio: as sr^as^ tem o seu toilette ornado com a maior decencia, e bom gosto; e tem uma galeria só destinada ás sr.^as^; a platea é pequena, mas commodamente organisada com assentos numerados; a caixa do theatro é pequena, mas novas todas as vistas, assim como o panno etc.; a musica é sempre boa, porque os srs. professores de musica concorrem a honrar aquella digna sociedade; e quando lá estivemos vimos os melhores musicos do theatro de D. Maria, os quaes tocaram perfeitamente peças de excellente escolha.

O espectaculo era bom. Foi á scena a primeira estreia dramatiça do sr. José da Silva Avelino, joven commerciante de muito merito, já por seus talentos e applicação litteraria, já por suas brilhantes qualidades moraes. Era o drama intitulado *A Marqueza de Bella-Flor*, extrahido do romance de D. Wenseslau Ayguals d'Izco — *A Marqueza de Bella-Flor ou o Menino engeitado.* —

O sr. Avelino foi muito feliz, muito applaudido, e mereceu o enthusiasmo de seus compatriotas. A peça correu perfeitamente; os actores eram bons, e sobremaneira se distinguiram os srs. Luiz Vieira da Silva (Marquez de Bella-Flor) joven commerciante de muito merecimento; e os srs. José Severo da Silva Nunes (Padre Claudio); Vicente Xavier d'Almeida Pinto (Ancelmo); e José Maria Henriques Bessas (Negro Thomaz). Todos os mais foram bem, mas eram partes menos importantes, por isso não tiveram occasião de se distinguir mais.

Foi tambem á scena um lindo entre-acto do sr. Julio Cezar Machado, onde o Periquito e a Arara são objecto d'aquella interessante scena. Rematou o divertimento uma bonita farça.

Damos sinceros parabens á Sociedade, e em especial aos autores e actores que mais se distinguem, e tanto honram a sua patria.

No theatro dos Inglezinhos tambem vimos representar alguns jovens de merecimento, entre os quaes distinguimos o sr. Gentil, que muito bem desempenhou o papel de Duque no drama — *A nodoa de sangue.*

Aconselhamos a que não desanimem os nossos jovens artistas; e antes continuem a combinar seus afazeres com divertimentos tão uteis, e louvaveis; tendo, como tem sabido ter, todo o escrupulo na escolha de suas peças; no que de certo excedem muito aos theatros publicos, onde até ao presente muito pouco se tem attendido á escolha das peças na parte moral; e por isso os resultados são maus, como temos visto, e vemos.... porque o povo portuguez na maioria presa a moral, e respeita-a como a Religião de seus paes.

D. A. G. PUSICH.

PENSAMENTOS MORAES.

—

A esperança é uma agradavel prespectiva, que esconde o termo da viagem.

(*Arlincourt.*)

—

Os invejosos mais sentem os bens alheios, que os males proprios. (*Roquete.*)

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL DEDICADO Á ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta, n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 4. — DEZEMBRO, 15 — 1852.

A FÉ.

Tudo que pedirdes com fé, haveis de conseguir.
J. C. (segundo S. Matheus — cap. 21, § 22.)

FÉ! — excelsa virtude theologal, que elevas té ao throno do altissimo as fracas e humildes preces do espirito humano; — que ali as fazes escutar piedoso ao rei dos reis; — e que ali, em summa, *tudo* nos fazes impetrar da sua omnipotencia infinda, quando ardente inspiras as nossas orações — salve! mil vezes salve!.....

.....

O que é o homem que te despreza?!... — Um *ente*, que te não comprehende!.. — Um *louco*, que ufanamente se denomina *sceptico*; porque a sua *loucura* lhe faz accreditar — que ao passo que curvar a fronte ante o teu poder supremo, necessaria e indubitavelmente terá de *confessar a si mesmo* a extrema fraqueza dos seus recursos!... — Um *louco* cujo orgulho lhe não permitte que o supplantem, — porque o homem *com fé* é nimiamente mais poderoso, do que o homem *sem ella*; — que intenta descrever-te um phantasma, a quem a sua *sciencia* (diz elle) já lhe permittira descortinar, — e que te vota ao despreso, porque assim o reputa inevitavel á ostentação do seu orgulho! — O' orgulho do homem, orgulho do homem, quantos males nos accarretas?! — Quantas vezes nos tornamos desgraçados nesta mansão de desgostos, a que chamam *mundo*, mais pelo poderio incalculavel que sobre nós exerces, do que pela natural successão dos factos?! Insaciavel e fatal paixão que não contente muitas vezes de nos tornar *ridiculos* aos olhos da sociedade!... ainda pertendes arrancar-nos do peito as piedosas crenças que a luz da fé nos imprimira ali!.. — só porque essas crenças, — só porque essa ineffavel virtude combate arca a arca com o teu *desprezivel* poder, — e volte sempre da arêna mais triumphante e gloriosa do que entrára na liça!!.....

Descrêes, homem orgulhoso, porque *a fé* abate o teu orgulho! — porque *a fé*, quanto mais ardente te animar, — tanto mais ha de evidenciar-te o poder *infindo* da divindade, — e a insufficiencia *infinita* da *materia*, de que te reputas *unicamente* formado!!.,

A fé intimamente ligada com *a esperança* é, em todas as fazes da vida do homem verdadeiramente *crente* — o unico lenitivo, que lhe dulcifica os innumeros pesares, que lhe innastram a existencia!

O homem incompletamente feliz em qualquer posição, por mais brilhante que seja, a que se ache elevado, — circumdado sempre de alternados dissabores; — depois de ter esgotado lenta e pausadamente a taça dos prazeres da vida, conhece, mau grádo seu, — que o complemento *de todos* os seus desejos não é bastante para o saciar *de todo*

de uma aspiração indefinivel que o oprime!... de um anhelo inqualificavel que a tortura!... e do qual elle não pode *humanamente* libertar-se! — Aspiração e anhelo inqualificavel, que o immortal Visconde d'Almeida Garrett conceitúa (1)..... «Indistinctas, mas seguras

Reminiscencias da perdida patria,
E saudades de voltar a ella» —

Mas para que o homem possa com menos amargura supportar este — *vago desejo de outra vida mais ditosa* — como tambem o classifica o mesmo distincto escriptor — ¿ o que é mister senão a fé?!.....

Se em vez, porém, de attentarmos ao homem opulento, ou nobremente elevado, — lançarmos a vista para aquelle, ou aquelles de quem a fortuna escarnece e a quem a patria olvida, onde poderemos encontrar argumentos, com que possamos attenuar-lhes os continuos soffrimentos que os dilaceram, —senão nos mananciaes inesgotaveis *da fé*?!.. — *A fé* é a vida espiritual do homem! — porque o homem, como sensatamente escreveu Lamartine — deixando de *crer*, deixou de existir! (2)

«L'homme cessa de croire: il cessa d'exister.»

Digam-nos embora *os scepticos*, que estas verdades tão palpaveis — não passam de *utopias*; — que nós firmemente convictos da excellencia destes principios lhes responderemos: — com a nossa *fé* havemos de levar ao cabo o caminho da vida, sem que a desesperação se atreva a cortar-nos o passo! — Com a nossa crença havemos de morrer tranquillos, — porque embora a morte nos vá privar de um só golpe d'alguns gozos materiaes desta vida de desditas, — vai todavia abrir-nos com o passamento um futuro sem comparação mais ditoso do que o presente que abandonamos — *todo lucro e prantas*; — apenas esmaltado por momentos de um ou outro prazer ephemero! — vai finalmente dar-nos entrada guiados pela *fé*, — nessa mansão divinal, onde os nossos soffrimentos, terrestres e já findos, vão tornar-se em gosos celestes e infindos; — para desta arte se premiarem as acções virtuosas que houvermos praticado!... Em quanto *vós*, sabios *scepticos*, perdendo com a morte *tudo* que constituia a vossa ventura, — que consolação podereis encontrar nesses momentos solemnes?!... — A idéa, só a idéa da immediata corrupção dessa *materia* que tanto amaveis e.... nada mais! — Idéa que se vos hade antolhar feia e negra, como feia e negra é a vossa descrença!...

Quereis então reabraçar os principios que escarnecestes? —

Talvez!.... e não sereis o primeiro exemplo: — o regicida, D. Martim Merino, é o ultimo de que temos noticia!... Mas cautella! — que pode a morte não vos dar tempo! E nesse caso, sede prudentes: — *créde* em quanto podeis, e vivereis quando o desejardes!.... *Bemaventurados os que não viram, e creram*: — disse Jesus Christo. (3).....

Salve, pois, *ó fé* sublime e augusta virtude, que confortas o desditoso! — e que dás vida ao morto! — mas vida que não fenece... vida sem soffrimentos... vida, em summa, de *sempiterna* filicidade!!.. — salve, mil vezes salve!

M. D. Santos.

(1) Catão = Tragedia: acto 5.º scena 2.ª
(2) Dieu = Med. 28.

(3) Evangelho de J. C. segundo S. João. Cap. 20, § 29.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

DA INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Um bom systema de instrucção primaria, é, um dos elementos essenciaes para a boa ordem social: porque a instrucção primaria infunde no homem logo na sua infancia, os deveres que tem a cumprir para com Deus, com os homens e comsigo mesmo; os quaes deveres, são a base fundamental da ordem social. E temos nós um bom systema de instrucção primaria? Não. Para termos um bom systema de instrucção primaria, é necessario: 1.º estabelecer por lei, que em todas as aulas de instrucção primaria, pagas pelo Estado ou pelos municipios,

e mesmo as particulares, sejam instruidos os alumnos nas seguintes disciplinas, ler, escrever, contabilidade, doutrina christãa principios de moral, civilidade, Novo Testamento, principios de corographia e historia patria, desenho linear, Gramatica Portugueza, Constituição do Estado, Codigo Judicial e Administrativo: 2.º que todos os paes, mães, ou tutores, sejam obrigados a mandarem seus filhos ou pupilos, a frequentarem qualquer aula de instrucção primaria, onde recebam a devida instrucção das mencionadas disciplinas: 3.º estabelecer aulas de instrucção primaria em todas as parochias da Monarchia Portugueza: 4.º estabelecer aos professores ordenados sufficientes, para poderem viver com a decencia propria d'um homem, que se dedica a uma profissão tão importante para a sociedade em geral e particular, e não se verem obrigados a distrairem-se das obrigações do seu magisterio, para procurarem por outros meios o necessario para a vida: 5.º os alumnos muito pobres não pagarem essa cóta mensal, que exigem os professores de instrucção primaria pagos pelo Estado, e os alumnos filhos de paes que tenham meios para pagar, pagarem uma pensão mensal: 6.º serem obrigados os professores a ensinarem a Doutrina Christãa, pelo Cathecismo de Montplier, ou do sr. Padre Amado; e não por uma muito resumida cartilha que hoje se usa na maior parte dos collegios e aulas de instrucção primaria, a qual, não é sufficiente para instruir qualquer christão nos dogmas e maximas da Religião: pois a instrucção religiosa é, a mais essensial de todas para a boa ordem social, porque a Religião domina a consciencia.

Com um tal systema de instrucção primaria, teriamos um povo muito civilisado, conhecedor dos seus deveres religiosos, politicos e civis, e por consequencia, mais amador da virtude, e mais inimigo do crime.

J. R. de Figueiredo.

A poesia — Ama a Deus — é de uma jovem sr.ª que apenas conta 16 annos de idade. Em seus primeiros versos tivemos a fortuna de ver o nosso nome, quando ainda não a conhecia-mos nem de vista; foi sua innocente mão que nos ornou a fronte de uma preciosa corôa; que sensivel quiz enxugar os prantos da saudade que nos opprimia ao deixar a terra onde a infancia ditosa nos sorrio, e que encerra as cinzas adoradas de tantos entes tão caros á nossa alma Ao embrarcar-mos para a formosa Madeira recebemos uma despedida em verso, composição da sr. D. M. R. C. Chiapp; e desde logo notrimos a bem fundada esperança de a ver-mos um dia aparecer brilhante no mundo poetico!

O genio estava alli com as mais bellas disposições; éra mister animal-o. A poesia que lhe dedicámos, escripta a bordo do Brigue Galgo, e publicada no — Estudo — Jornal Madeirense, hade ser conhecida por nossos leitores em um dos numeros desta folha, e ver-se-ha como a nossa jovem poetisa soube merecer a intima confiança que depositamos no seu talento; assim como hoje merece a nossa intima amizade, por seus bons sentimentos Privada de seus paes, desde a infancia, ella tem sabido aproveitar a educação, e o exemplo de uma virtuosa familia verdadeiramente christãa com a qual vive recatada — feliz — e adorada. A religião, a ingenuidade de uma alma nobre reflectem em suas mimosas producções; O Altissimo a proteja, conforte, e guie nesta espinhosa, e gloriosa vereda, e tere-mos uma penna fiel que auxeliando-nos em vida com seus escriptos em honra de Deus e da moral, nos consagre na morte uma saudosa recordação que honre nossa memoria; teremos um coração de irmãa que misture uma lagrima sentida com os prantos da orphandade de nossos queridos filhos.

E' notavel uma coincidencia! Depois de termos já na imprensa a compor esta poesia — Ama a Deus — recebemos o Christianismo n.º 46 — jornal distincto da cidade do Porto para a qual nos honramos collaborar, e vemos alli uma poesia composta pela sr.ª D. M. A. de Castilho Falcão Religiosa Urselina de Coimbra, cujo sentir é identico ao da poesia que publicamos! A divina Providencia inspirou estas duas al-

mas que ao mesmo tempo, no mesmo sentir escreverão para o mesmo fim; e sem se conhecerem! Muito bella achamos tambem a poesia da sr.ª Castilho Falcão, e muito ficamos estimando a autora, não só pelo talento que manifesta, mas tambem, e ainda mais, por suas crenças.

D. A. G. Pusich.

AMA A DEUS.

Gloria a Deus entre os fumos do incenso,
Entre os gratos perfumes da flor,
Gloria a Deus porque é bom, porque é immenso
Gloria a Deus entre os cantos d'amor.

J. DE LEMOS.

Salve, Senhor magestoso,
Perdoa humilde cantar,
Escuta, Deus carinhoso,
Meu pobre e fragil trovar,
São cantos de firme crença,
Cantos d'alma que só pensa
No seu Deus... Senhor, em ti...
Que no berço inda dormindo
Sonhei-te p'ra mim sorrindo,
Amei-te apenas nasci.

—

Amei-te, depois crescida
Minh'alma a crença arreigou,
Heide amar sempre na vida
Ao Deus que a terra creou,
Que a amar-te a terra m'ensina,
Ama a Deus, diz a bonina,
Diz a rosa o gyrasol,
Dil-o a roxa violeta
A doida da borboleta,
O mimoso rouxinol.

—

Ama a Deus, diz-me no prado
O grilo alegre a cantar,
Diz-mo o zephiro encantado,
Diz-mo a ovelhinha a balar,
Ama a Deus, me diz a olaya
Ama ao teu Deus, diz a fáya
Diz-mo tambem o jasmim,
Dizem-mo os prantos d'aurora,
Dizem-mo as folhas d'amora,
Diz mo copado alecrim.

Ama a Deus, diz a rolinha
Nos tristes gemidos seus,
O murmurar da fontinha
Diz me tambem, ama a Deus,
Diz-mo a ramagem da selva,
Diz-mo a verdejante relva,
Diz-mo da rosa o matiz,
Diz mo o cervo na ramada,
Diz-mo, n'um ramo pousada
A cantar a chamariz.

—

Ama a Deus, diz o tomilho,
Diz-mo a candida cecem,
Ama a Deus, diz o junquilho,
Dil-o a baunilha tambem,
Ama a Deus, me diz o lyrio,
Me diz a flor do martyrio,
Diz-me a brisa a suspirar,
Diz-mo a papoula encarnada,
A madre-silva dourada,
O pintacilgo a cantar.

—

Ama a Deus, me diz a estrella
No firmamento a lusir,
Tão fulgurante, tão bella,
Quer a nossa alma attrahir
Ama a Deus, me diz a lua,
Na grata magia sua,
No seu tão meigo brilhar,
Que não ha nada mais lindo
Que ver estrellas sorrindo
A' palidez do luar.

—

Ama a Deus, me diz a féra,
Diz mo sanhudo leão,
Ama a Deus, me diz a hera
Diz-mo tremendo trovão,
Diz-mo o relampago forte,
O raio que traz a morte,
A tempestade a bramir,
Diz-mo a vaga encapelada
Quando bramindo irritada
Pertende o nauta engolir.

—

Ama a Deus, diz a conchinha
Diz-mo da salve o ramal,
Diz-mo no prado a florinha
Diz-mo a fonte de crystal,
Dizem na força do estio
As mansas aguas do rio,

Nessa estação de calor
Ama a Deus, me diz o brejo
E tudo que em torno vejo
Diz-me assim, ama ao Senhor.

—

Ama a Deus, diz a gingeira
Mostrando o fructo gentil,
Dil-o alegre a larangeira
Ostentando ar senhoril.
Ama a Deus, diz o carvalho
Dil-o tambem o orvalho
O alcantil a regar,
Diz-mo alegre na campina
Encantadora bonina,
Tudo ensina a Deus amar.

—

Tudo na terra m'inspira
Que eleve a mente até Deus,
Que vibre na pobre lyra
Os justos canticos seus,
Mas se tu, Senhor me deixas,
Formar só estas endeixas,
Dignas de ti não serão,
Que ainda que a fé não falte,
Não será canto que exalte
O author da creação.

Lisboa 13 d'agosto, 1852.

D. Maria Rita Colaço Chiappe.

Não havendo já nem um só exemplar do poema — Olinda ou a Abbadia de Cumnor-Place — do qual podessemos dispor, nos resolvemos a publical-o nesta folha, annuindo gostosamente ao pedido de muitos de nossos assignantes que o não lêram, e em vão o tem buscado. Agradecemos infinitamente o interesse com que esta obra é procurada, não por seu merito litterario, longe estamos de nos vangloriar, mas sim por sua moralidade, que lhe grangeou tantas simpathias, e a protecção especial de Sua Magestade o Senhor D. Fernando, e do Em.mo Sr. Cardeal Patriarcha.

OLINDA,

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 1.º

De degouts en degouts il va trainer sa vie.
VICTOR HUGO. Ode au Vallon de Cherizy.

Da França abandonando os patrios lares,
Eduardo infeliz, misero amante,
Carpindo extincta a bella, e amada esposa,
Fugia á vista, á compaixão fugia
Dos amigos fieis, e dos parentes:
Os logares fugia que ditoso
O viram, junto da leal consorte,
Gosar o premio da paixão mais pura
Campos que amor de flores esmaltava,
Jardins, onde a celeste voz de Olinda,
O meigo rouxinol acompanhando,
Era do trovador do amante esposo
Divina inspiração, magico enleio!
Sitio feliz, que viste ante os altares
Firmado o laço eterno, e sacro santo
Que amor tecêra a dois fieis amantes:
Campo, que aos olhos de chorar cançados,
Imagens de terror hoje off'recendo,
Em vez de festival, brilhante ornato,
Mostraes a naturesa envolta em lucto,
Na perda de uma esposa idolatrada,
Morta na primavera de seus dias,
Qual tenra flor que desabrocha, e morre
A' furia de tormenta inesperada! (na
Campos d'amor que a morte horriveis tor-
Para sempre Eduardo vae deixar-vos!
Quer dar o ultimo adeus á esposa cara,
Mas não pode; que o corpo inanimado
Jaz do castello em subterraneo asylo,
Consagrado aos avós da meiga Olinda:
Adolpho as chaves guarda, e nem consente
Que Eduardo alli desça. Era alta noite
Quando illudindo os servos, e os parentes,
Saiu do Alcaçar: do pomar ao muro
Deu ternas despedidas: e ao saudoso
Olmeiro: e ao claro rio: mas temendo
Que podesse alguem vir ao seu alcance,
A pressa o passo, entranha-se no bosque.
Sentindo as forças já de todo exaustas,
Que o debil corpo supportar não pode
Longa fadiga, senta se arquejando,

Na mente opressa a historia revolvendo
Do seu amor, de suas desventuras
Chora, geme, suspira e sem alento
Sobre um partido tronco a fronte inclina.
Acode aos olhos bemfazejo somno!..
Somno que o abandonou desde que a morte
A esposa lhe arrancou dos ternos braços
Em sonho encantador se lhe offerece
Olinda, ás vistas d'alma, tão formosa,
Tão meiga, tão gentil como era em vida;
Mas n'um profundo carcere encerrada!
Dos olhos de um azul celeste, puro
Sobre o nevado peito cair via
De amargo pranto innumeras correntes:
Semelhantes aos fios do oiro mais fino
Via os lindos cabellos esparzidos
Dar-lhe um novo realce, um novo encanto
Quaes robins vio seus labios; mas não pode
Ver alvejar os christalinos dentes
Que um sorriso mostrava, e o pranto es-
Elle força a prisão abraça Olinda, (conde
Seu pranto enxuga, e nos mimosos braços
Repousar imagina! ai triste! ao menos,
O preciso descanço a um sonho deves!
E que mais é que um sonho a humana vida!

(*Continúa.*)

D. A. G. Pusich.

As boas acções toda a publicidade, para que o exemplo sirva de nobre estimulo ás almas bem formadas. A Associação consoladora dos Afflictos tem merecido a cooperação de muitos cavalheiros distinctos; já auxeliando-a com avultados donativos, e já com uma cotta mensal, ou com os mais importantes serviços. Os sr.ˢ José Maria do Cazal Ribeiro, José Izidoro Guedes, e outros illustres cavalheiros, um dos quaes reside em Londres, é este o sr. Custodio Pereira de Carvalho, e o sr. Padre José Ilsley, tem-se destinguido com acções proprias de seus elevados sentimentos de verdadeira christandade, generosamente concorrendo para o augmento deste pio estabelecimento, offertando concideraveis somas em dinheiro, ou roupas; e bem assim algumas sr.ˢˢ Associadas pagando em dobro a cota a que as associadas se obrigam, e dando voluntariamente alguns donativos; devem os infelices muitissimo ás Ex.ᵐᵃˢ Sr.ˢˢ D. Maria Henriqueta do Cazal Ribeiro e D. Marianna Carolina Gomes Ribeiro, as sr.ˢˢ Chamiços, e outras; e as Ex.ᵐᵃˢ Sr.ˢˢ que compoem a Direcção os maiores serviços. Em seguida publicamos os nomes dos illustres assignantes do album da Prezidente, que concorrem todos os mezes com a quantia de 480 rs. em beneficio dos pobres; e vão igualmente os nomes dos srs. Facultativos, e Fermaceuticos que se dignam com louvavel zelo, e caridade exemplar, tratar os doentes, e fornecer-lhes os remedios precisos. E' sem duvida este uma virtude que eleva á mais brilhante altura aquelles que a praticam sem constrangimento, e sem vaidade! sem vaidade porque longe, e bem longe estavam de pensar qne nos lembraria erigir-lhes um Padrão fiel, onde indeleveis seus nomes fossem gravados nas columnas d'um jornal consagrado a publica beneficencia. Só o bom christão pode ser um verdadeiro philantropo, só o bom christão pode ser um verdadeiro heroe, por que este prefere antes regar seus louros com suas proprias lagrimas, do que manchal-os com o sangue, ou o pranto de seus iguaes.

Nomes dos senhores subscriptores do album da Presidente.

O Em.ᵐᵒ Sr. Cardeal Patriarcha.
Os Ex.ᵐᵒˢ Sr.ˢ
Arcebispo de Berito.
Arcebispo de Palmira.
Barão d'Alcochete, Leão.
Antonio Maria Fontes Pereira de Mello.
Francisco José da Costa Lobo.
Visconde d'Almeido Garrett.
Visconde da Junqueira.
Conde da Murça.
Conde Auditor da Nunciatura.
D. João de Mello.
D. João d'Almeida.
Visconde da Junqueira.
Marquez de Penalva.
Marquez de Pallavicino.
Barão de Roboredo.
José Francisco de Sant'Anna e Vasconcellos.
Manuel de Campos Pereira.
J. M. de Mendia.

Joaquim Pereira da Costa.
Narciso de Freitas Guimarães.
José Antonio de Azevedo Lemos.
Antonio Venancio David.
Francisco Ferrari Junior.

—

Nomee dos srs. facultativos que prestam seus serviços gratuitos ás familias soccorridas pela Associação Consoladora dos Afflictos.

Dr. Manuel Maria Rodrigues de Bastos.
Dr. Coetano Maria Ferreira da Silva Beirão
Dr. Francisco Antonio Barral.
Dr. Bernardino Antonio Gomes.
O Conselheiro Francisco Ignacio dos Santos Cruz.
Dr. José Vicente Barbosa du Bucage.
Dr. João Antonio Brignoli.
Dr. Luiz Brignoli Junior.
Dr. Thomaz de Carvalho.
O Cirurgião-Medico, Francisco Antonio Namorado.
O Cirurgião approvado em medicina, A. C. Belem.
O Cirurgião, Gonçalo Antonio da Costa Caldas.
José Maria Frazão.
Antonio José da Silva Ferreira.
Miguel Januario Fernandes Branco.

—

Nomes dos srs. pharmaceuticos que subscreveram com algumas quantias em remedios, para os enfermos soccorridos pela mesma Associação.

Antonio de Carvalho.
João Manuel Lopes Belem.
José Maria Barral.
Antonio Ignacio de Avellar.
Antonio Feliciano Alves de Azevedo.
Miguel Archanjo de Abreu.
José Ferreira da Silva.
José Mendes d'Assumpção.
Joaquim Ferreira Norberto.
Sebastião Athanasio Estanislau da Silva.
Henrique José de Sousa Telles.
Manuel José Rodrigues Barreiro.

Extrahimos do *Christianismo* as seguintes noticias.

EUROPA. — ROMA — S. Santidade Pio IX acaba de dirigir uma carta authografa a Luiz Napoleão, na qual permanecendo estranho á politica, lhe dirige cordeaes cumprimentos pelos eminentes serviços que elle tem prestado á religião, e espressa os seus ardentes desejos pela felicidade e união da França. Esta carta muito deve concorrer para promover a causa sagrada da religião catholica em França, e por toda a parte.

SARDENHA — O rei escreveu a S. Santidade depois de haver tido uma conferencia com o arcebispo de Genova Monsenhor de Charvaz, seu preceptor. Espera-se que não tarde a renovação das relações, e a restituição dos bispos banidos ás suas dioczes, attendendo a que se muda o ministerio por causa da sua direcção dos negocios religiosos, ou para melhor dizer da perseguição que soffria a religião catholica.

INGLATERRA. — *Galles* — A igreja de Pantasaph, na sua origem foi destinada ao culto protestante, e pela conversão dos seus fundadores, Lord e Lady Fieldeng passou para o culto catholico. Ha 3 annos que lhe lançou a primeira pedra o bispo protestante de S. Asaph, acompanhado de 60 membros do seu clero, e por uma das maravilhosas mudanças que só Deus pode prever, acaba de ser aberta a igreja pelo bispo catholico de Shrewsbuiy, assistido por uns 40 membros do seu clero secular e regular. Assistiram muitas pessoas notaveis, sendo grande o concurso de fieis de todas as classes.

SUECIA — Pela primeira vez, depois da reforma, e no mez de setembro prégou o R. Wackerbath, um sermão catholico, em Stockholmo, capital d'aquelle reino immoralissimo, e verdadeiramente protestante. E' um pequeno passo no verdadeiro caminho, e devido á influencia de L. Napoleão, que é primo da mulher do rei Oscar.

A marcha — Sympathia — cujo prospecto publicamos é composição de um jovem que desejando consagrar seus dias ao serviço de Deus, honrando o nosso clero, vae na idade de 21 annos prestando importantes

serviços á sociedade, instruindo a infancia — na cidade de Aveiro, — cumprindo com um dos mais santos preceitos da nossa Religião a caridade lembrou-se offerecer o producto desta composição em beneficio de uma infeliz sr.ª recolhida n'um convento, a quem a adversidade persegue. Por todas estas razões torna-se esta obra muito recommendavel.

A SYMPATHIA

MARCHA PARA PIANO

Pelo Padre José Joaquim de Carvalho e Goes;

Publicada em beneficio de certa pessoa indigente.

PREÇO 100 RS.

A caridade é por certo uma sublime virtude: e nunca nos podemos negar a exercel-a, quando a isso somos convidados.

Está por tanto dada a rasão, porque publicâmos = *A SYMPATHIA* =; esperando o auxilio do publico, que com a sua assignatura pratica duas acções igualmente louvaveis, e generosas = dar impulso á litteratura, e soccorrer a necessidade. = *José Joaquim de Carvalho e Goes.*

Assigna-se em Lisboa, no armazem de Musica do sr. Figueiredo, rua nova do Carmo n.º 7 K: no Porto, na redacção do *Christianismo*, rua dos Lavadouros n.º 24; em Coimbra, em casa do sr. Adriano Ferreira de Mariz, rua do Quebra Costas n.º 19; e em Aveiro, em casa do auctor.

NOMES DAS Ex.mas Sr.as ASSIGNANTES DESTE JORNAL.

	EXEMP.
D. Anna de Sousa Holestins e Vasc.os	1
D. Anna Felicia de Sande Almeida e Bourbon	1
D. Anastacia da Luz Godinho Tavares	1
D. Antonia Maria José de Madre de Deus Ribeiro	1
Baroneza de Almeirim	1
Baroneza da Folgosa	1
Condessa da Ribeira Grande	1
Condessa da Ponte, D. Maria Thereza	1
Condessa da Anadia	3
Condessa das Antas	1
D. Candida Reis da Silva Pereira	1
D. Carolina Amalia Soares de Lima e Bastos	1
Duqueza de Palmella	1
D. Emilia de Campos Sampayo	1
Henriqueta de Azevedo	1
D. Ignez Thereza de Mello Brayner	1
M.me Kesser	1
D. Izabel Maria Tavares	1
Marqueza das Minas	1
Marqueza de Penalva	1
D. Maria Antonia de Noronha	1
D. Maria Adelaide Ferreira Martins	1
D. Maria Bazeliça de Passos	1
D. Maria Emilia Braamcamp	1
D. Maria Henriqueta do Casal Ribeiro	1
D. Maria José da Costa Pimentel Lobo	1
D. Maria Izabel da Costa Freire Cabral	1
D. Mathilde de Licor Ferreira Pestana	1
D. Maria Miclina Pereira Pinto	1
D. Maria do Patrocinio Vieira de Abreu	1

(*Continúa.*)

CHARADA.

Jámais esta a sorte foi
Dos valentes Luzitanos
Quando hiam guerrear
Infieis Mahometanos. } 1

A' frente dessas Christãas
Falanges conquistadoras
Premiaram seu denodo
Tornando-as dominadoras } 2

Quando antiga Luzitania
Aos Mouros se conquistou
Meu engenho portuguez
Sempre muito os ajudou.

A. A. A. A.

IMPRENSA NA PRAÇA DE D. PEDRO N.º 100.

A BENEFICENCIA.

JORNAL DEDICADO Á ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 5. — JANEIRO, 1.° — 1853.

O NATAL, E O CHRISTIANISMO.

—

Uma a uma eram contadas pelos senhores na terra as cabeças de seus escravos! Um a um eram contados no céo pelo Senhor dos Senhores os gemidos dos opprimidos, e os crimes dos oppressores! Mizera Judea, vergava ao peso de seus erros, sob o ferreo jugo de Herodes! Insana! E não sabias erguer altiva o colo, e sacudir os grilhões! Mas lá do alto dos céos está o Pae da humanidade que vela por seus filhos afflictos! que vem salvar os bons, dar força aos fracos, e punir os malvados!.. Respira oh! mundo! A hora é chegada!.. Essa hora de Redempção, essa hora tão grata aos bons, quão terrivel aos máos!

A um só Nome a luz apparecerá, as trevas fugirão; a um só Nome as victimas exultarão, e os algozes tremerão! Os humildes serão exaltados, e os soberbos humilhados!

A cidade de Bethlem obscura, e triste foi o horisonte de gloria que vio os primeiros raios da luz immensa immortal que abrange o céo, e a terra. Já o povo corria atterrado a cumprir o edicto do seu despota; e nem pousada encontrar podem dois pregrinos que humildes vão acoitar-se no presepe junto ao gado! Eram Maria, e José, descendentes do Rei David, mas eram pobres, e a negra ambição do oiro damnava os homens! não houve pois quem os attendesse, quem os compadecesse, quem os recolhesse! E era inverno; a neve pratiava os campos, a noite 24 de dezembro, envolta em seu longo escuro manto recamado de estrellas volteava o universo!.. Eis toca em meio o seu gyro, e repentino som disperta os viventes! E' o cantico dos anjos que resôa nos espaços, entoando, *gloria a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens! Paz e gloria*, repetem os angulos da terra, e os ecos vão dizendo aos seculos porvir. Os sinos desprendem um som divino festival, as aves deixando seus ninhos vem trinar as mais suaves canções, os cordeirinhos dançáo, as feras cessão de os perseguir! Os pastores deixam suas choças, e em danças innocentes ao som de agrestes instrumentos correm a Bethlem, os Reis Magos deixam seus palacios e guiados de uma estrella chegam a Bethlem, e se prostram ante o Filho da Virgem Maria, recem-nascido no presepe! E' o Rei dos Reis, o Senhor dos ceus e da terra que alli vão adorar, e offertar-lhe em respeitosa homenagem insenso, mirra, e oiro; porém o Senhor que baixando das alturas não busca aureo docel, nem brocados em berço magestoso, mas sim as innocentes palhinhas onde seu divino corpo descance, acolhe as offrendas reaes, como tambem aquellas que em signal de adoração, e respeito lhe tributão os pobres.

Os prodigios revelam a vinda do Messias, os golpes da tyrania redobrão, e o sangue innocente em jorros se derrama! Mas esse sangue de milhares de innocentes immolados ao furor dos impios farizeus, e esse divino sangue que depois o mesmo Christo nos deu na Cruz, era precizo para lavar a mancha de tantos crimes, era precizo ao baptismo do genero humano!

Salve Natal do Christo! Salve!

Cumpriram-se as prophecias. O Christo nasceu, viveu, e morreu por nós!

A lei divina que nos doou é a mais santa, a mais conforme ao nosso coração! Essa crença bazeada no mais sagrado principio do

direito natural muitos a combateram, poucos a comprecenderam; mas esses poucos que eram discipulos de Jesus Christo bastaram a levar as mais intimas convicções a todas as consiencias: Os mesmos que abominavão a lei santa que se oppunha a seus vicios, e condemnava seus crimes, esses mesmos reconheceram a infalibelidade das palavras de Christo; e outros que sacrilegos em nome do mesmo Christo assolaram os povos, conheceram quão poderosa era essa crença, que tentaram sophismar. Ai cégos!

A sciencia do bem é luz que dimana do céu, e vem alumiar a terra mostrando aos homens os precipicios de que devem fugir, e a estrada que os hade conduzir ao ponto de salvação foi esta a que o Christo vos trouxe, e vos pregou!

A sciencia do mal é faisca infernal que cega, queima, e destroe! Foi esta com que tantos inimigos do christianismo tentaram desfazer a sublime obra do Redemptor, tornando odiosas suas doutrinas, e regando com sangue humano a arvore da cruz!

Os tempos correram, e Deus envia novos milagres ao mundo! Cairam os adversarios da lei do crucificado! Cessaram as perseguições dos imperadores, cessou o martyrio dos fieis, e tambem dos infieis, nessas crusadas de sangue, n'esses massacres do dia de S. Bartholomeu, e outros; nas fogueiras, nas torturas com que em nome de Deus se flagelaram os homens; os homens que todos eram seus filhos! E qual foi o resultado? Sangue por sangue! Porque um abysmo acarreta a outro abysmo! as continuas revoluções que desmoralisaram o mundo, e attentaram contra os altares, essas mesmas revoluções que o inferno exallou, foram precizas, porque *Deus escreve direito por linhas tortas*. Deus não consentiu que impunemente a hypocrezia vistisse o manto augusto da religião para dominar, e arruinar o mundo; a sua queda foi tremenda, foi decretada por Deus. Excessos de fanatismo deviam tambem cessar, por que elle tentava converter em romance a historia sagrada, e a luz em trevas. O fanatismo damnoso enxerto que faria degenerar o mais precioso fructo caminhava par a par com a impiedade, por diverso caminho, mas ambos ao mesmo fim — a destruição, o damno da sociedade. — Veio tambem por castigo vertiginoso contagio grassando na sociedade, minando seus alicerces, e quebrados todos os elos da cadêa que liga os homens a deveres reciprocos, com o nome augusto liberdade perder-se-hiam na torrente devastadora de licenciosa desmoralisação, se a mão Omnipotente não os contivesse á beira do precipicio; e a voz divina lhes não bradasse como a Paulo. São tristes as recordações d'esses tempos de perseguição, mas ellas são precizas.

Que horrivel quadro se offerece a nossas vistas lembrando os tempos em que a nossa religião era escarnecida, insultados e até assacinados os ministros de Deus, e desacatadas as mesmas imagens sagradas! Os thronos vilipendiados, os fieis apontados a dedo como loucos, e como taes entregues ao despreso, e á publica irrisão. O materialismo, e a impiedade se deram as mãos; e se foi triste ver perseguir os homens, é mais triste ver perseguir a Deus! Pois Deus dando o seu sangue por nós, não quer que se derrame o nosso sangue; se manda aos homens que se amem uns aos outros, e punio aquelles que sophismaram a sua lei, tambem pune severamente aquelles que a esqueceram, e ultrajaram. A peste a, fome, e a guerro appareceram!..

A liberdade é um dom supremo que Deus concedeu ao homem, unida ao saber, não deve profanar-se, nem em seu nome desacatar-se o ser divino que a outorgou á custa de seu proprio sangue. Era mister instruir os povos para que elles não abusassem, e não convertessem a liberdade em licença, eis o que faltou; e amarga experiencia nos mostrou quanto a ignorancia é fatal á sociedade, quanto a instrucção é indespensavel ao bem estar dos povos. Instruí-los no conhecimento da religião que professamos é o mais sagrado dever que os governos da terra, e os missionarios do céu tem a cumprir. Por missionarios do céo não entendemos só os sacerdotes, mas tambem os genios de letras que se dedicão a instruir, e moralisar os povos em honra de Deus, e do progresso da verdadeira civilisação.

Mas já do alto do seu throno o todo Poderoso nos envia um reflexo de luz que nos vem trazer a paz! A illustração desponta! Os homens canção na sua desordenada carreira, e o arrependimento vem com a experiencia.

Já sobre as ruinas do templo derrocado se ergue triunfante o estandarte da Cruz. Poucas são as nações que não abração o christianismo, e nenhuma o persegue.

A regeneração catholica raiou n'um horisonte de paz; alguns annos mais, e a Cruz terá com seus braços abarcado o universo.

E nós fazendo votos pelo triumpho da religião catholica dizemos do intimo de nossa alma.

Gloria a Deus nas alturas,
E paz na terra aos homens.

D. A. G. Pusich.

O NATAL.

Oh! Reis ajoelhai! Correi Pastores!
Eis a Prole do Eterno! Eis o Messias!
BOCAGE.

AMOR COM AMOR SE PAGA.

Já de flores viçosas se esmalta
A campina que o gêlo cobrio!
O cordeiro nos prados já salta!
Que é do inverno tão triste? e tão frio?!

Que é do horror? que é da morte apparente
Em que oppressa jazeste Bethlem!
Linda Aurora assomou tão lusente
Quanto a noite lustrosa tambem!

O profundo silencio das trévas
Se converte em cantares!... Oh! luz
Que da noite no seio te elevas!...
Não és Sol... nem Estrella!.. E's JESUS!

E's o Filho do Eterno! O Messias,
Que da Virgem mimosa nasceo!
Eis cumpridas ficis prophecias!..
Nos abysmos o Monstro gemeo!

E os tyrannos da terra se exaltam
Transportados em negro furor!
De innocentes as vidas assaltam
Corre o sangue co'o pranto!.. que dor!

Oh! martyrio sublime! que as portas
Do ceo abre! Innocencia feliz!
Esses golpes crueis que supportas
Lá redobram do algoz na cerviz!

Em palhinhas... o Infante adorado,
Ante o qual se ajoelham os Reis!?..
Dos Pastores nos hymnos louvado,
O que á terra vem dar sacras leis!

Salve! Noite que as trévas doiraste,
Mais brilhante que um dia de Abril!
Quadra egreste, invernosa, accataste
De JESUS o corpinho gentil!..

Natureza, respeitaste
Da natureza o Senhor!
E os humanos ultrajaram
O seu Deos, e Salvador!

O que p'ra felicitar-nos
N'um Presepio quiz nascer;
O que para libertar-nos
Quiz n'um supplicio morrer!

Eis a Cruz junto ao Presepio!..
Eis a Cruz onde espirou!
Olhai ficis... dessas chagas
Quanto sangue derramou!

Essa Cruz, aquelle sangue
São a voz do Redemptor,
Que nos brada a cada instante
—Pagai amor com amor!—

D. A. G. PUSICH.

O CHRISTIANISMO.

As nuvens acclaram á voz de Isaias!
A luz apparece de immenso fulgor!
E os eccos repetem: «E' vindo o Messias!
O Deus verdadeiro é Deus Redemptor!

Os sceptros vacillam nas mãos dos tyrannos
Que o sangue innocente fizeram correr!...
Martyrio solemne! revela os arcanos
Do grande futuro que a terra ha-de vêr!

Aos golpes que vibram os impios tremeram!
Tremeram, que os sentem no peito soar
A' voz dos remorsos, que n'alma accenderam
As chammas do inferno que os vai devorar!

Ai tristes!... que vale tremendo attentado,
Frenetico esforço de humano poder
Do céu contra as forças? que vale ao malvado
Cavar os abysmos, se alli vai per'cer?

Lá sobre as ruinas do Templo abatido
Da Cruz o estandarte sublime se ergue;
Em balde os insanos a tem perseguido,
Que sempre a victoria trofeus lhe offrecen.

Baqueia confusa Babel alterosa;
Os muros cahiram da altiva Sião;
Cahiu Babilonia, e Roma famosa;
Só firme se ostenta da Cruz o pendão.

Quem do nada fez o mundo,
Tão luminoso, e fecundo;
E a tantos seres deu ser;
Foi o Mesmo que humanado,
Para vencer o peccado
A um Presepio quiz descer:

Quem veio dar luz á terra,
Quem os abusos desterra,

Supremo Legislador,
Que nos deu a Lei mais pura,
Onde alto saber fulgura;
A Lei de paz, e de amor:

Quem dissipando os enganos,
Ferreo sceptro aos inhumanos
Fez cahir das impias mãos:
Quem nos diz á consciencia,
« Longe as traições, e a violencia;
Quem nos brada: « Sois irmãos! »

Vêde mortaes, o Deus Forte
Que na dextra empunha a morte
Bradando á voz do trovão;
E' o Mesmo, que vestido
De humano pó veio ungido
Trazer-nos a salvação.

Olhai! da Cruz o estandarte
Triunfante em toda a parte
Tantos povos resgatar,
Onde fallazes doutrinas
Tantas nações em ruinas
Pertenderam sepultar!

Abraçai o Christianismo!
Combatei o barbarismo!
Segui a Cruz, não temaes!
Polo Christo pelejemos;
Com elle triunfaremos!
E' nossa a gloria, ó mortaes!

D. A. G. Pusich.

OLINDA,

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 1.°

(Continuação.)

De nobre sangue Olinda origem tinha;
Gentil, discreta, affavel, innocente,
Só tres lustros de idade contaria,
Quando viu Eduardo a vez primeira
Uma tarde do outono passeando
Não longe do Castello que habitava:
Era um logar ameno, onde cercado
D'alto arvoredo serpeava um Rio:
Foi co'a sua Isabel, Aia presada,
Na limpida corrente recrear-se.
Eduardo alli fôra [illegible] ido
Pelo desejo de banhar as faces,
Afogueadas com o ardor da calma,
E da fadiga; pois que o dia inteiro
Andou girando os campos, demandando
Os arcanos sondar da natureza;
Que admirá-la, estuda-la é seu deleite!
Contava lustros tres, e mais tres annos;
Era gentil, e tinha um nobre aspecto,
Melancolico olhar, e interessante!
Distincto em nascimento, mas privado
Dos bens da vã fortuna, despresava
Fantasticas riquezas, possuindo
D'altas virtudes o thesouro immenso!
De sã philosophia revestido
Evita a sociedade; entregue aos livros,
Entregue á solidão, seus verdes annos
Passa ditoso, estranho ao sentimento
Que aos jovens corações rouba o descanço!
Mas ai! findou da liberdade o praso!
Vaes perder n'um momento a paz suave!
Outra vida te espera, e tão diversa!
Vês Olinda; e qual raio fulminante
Seu rosto encantador póde abrazar-te
O livre coração!.. ah! já não livre,
Mas escravo de amor, subjeito a Olinda!
Ella egual sensação sentindo ao vêl-o,
Co'o fino branco véo esconde as faces
Onde ostenta o pudor virgineas rosas,
No candôr da innocencia inda mais vivas!
Retira-se ao Castello de improviso!..
Nota Isabel a estranha cortezia
Com que fugiu do Cavalheiro á vista!
Eduardo a seguio arrebatado
De um poder, um encanto irresistivel,
Que antes nunca sentiu! Eis de continuo
Seus passeios alli são dirigidos;
Olinda o vê; e em breve os dois amantes,
Em doce intelligencia, a amor procuram
Terna correspondencia; era uma pedra
Que junto ao muro do Pomar de Olinda
Guardava seus escriptos, qual zelosa
Campa, que restos guarda preciosos!
Alta noite, Eduardo conduzia
Suas cartas fieis á pedra amiga;
Ao raiar da manhã se erguia Olinda
A buscal-as, e dar prompta resposta.

Olinda, que na infancia a Mãi perdendo,
De Isabel aos cuidados fôra entregue,
Inseparavel da Aia vigilante,
Te no mesmo aposento ambas dormiam:
De Olinda um movimento, uma palavra,
Um olhar, um sorrir, qualquer desgosto
Nota Isabel; e a causa inquire attenta.
Por isso dos passeios de Eduardo

O motivo conhece; e bem depressa
Do segredo de Olinda está senhora.
Não podendo sair sósinha Olinda,
Lhe pede que a acompanhe, que deseja
O ar matutino respirar no campo.
Observa-lhe a aia o aproximar-se ao muro
Com tão grande interesse, e vezes tantas!..
Notou-lhe que de noite não dormia
Desde que vira aquelle Cavalheiro...
Que de dia, fugindo á companhia,
Andava suspirando, e pensativa!...
Uma noite fingiu que adormecêra,
Para ver em que Olinda se entretinha.
Viu-a ler um papel (no seio occulto),
Beijal-o, suspirar, chorar sobre elle!
Pergunta-lhe Isabel porque chorava?
Que papel era aquelle?.. Olinda treme...
Fria, convulsa, em lagrimas banhada,
Contou-lhe, como póde, o seu segredo.
Compadece-a Isabel, mas não consente
Que alimente a paixão: não torna ao sitio
Onde Eduardo as cartas lhe deixava.
Em profunda, fatal melancolia
Cáe Olinda; adoece. O Conde Ernesto,
Seu desvelado Pai, guerreiro antigo,
Nobre, opulento, altivo, só conhece
No animo sup'rior uma fraqueza!..
O amor da sua Olinda, unico fructo
De uma união que amor, que os céos formaram
E a morte dissolveu!.. que inda lhe é cara!
Da Escocia origem afastada tinha;
Era por isso em França conhecida
Por d'Ernesto de Escocia esta familia.
O Conde Ernesto vê da cara filha
Nas faces virginaes a côr extincta!..
Extincta a animação dos lindos olhos!
Como a esposa perdeu, teme perdel-a!
Do mal indaga a causa, e a causa ignora!..
Recorre á Medicina; e os professores
Distracção aconselham; manda o Conde
A Isabel, que não poupe algum desvelo,
A ver se o mal se atalha em quanto é tempo!..
Ah! cégo! foste amante, e não conheces
Os effeitos de amor; que amor te céga,
Pais o amor paternal tambem nos venda!
Isabel vê que vencer já não póde
A tristeza de Olinda; em fim consente
Que dirija ao pomar os seus passeios.
Lá mil queixas encontra, mil receios
Que lhe expressa Eduardo pela falta
Da terna habitual correspondencia.
Recobra Olinda as côres, a saude,
E alegre o Conde ordena mil festejos.

Nunca a aurora assomou um anno inteiro
Que attento já não visse ao seu regresso
De Olinda o rosto, mais gentil que o d'ella!
Na invernosa estação, por entre os gêlos,
Sem temer o rigor do vento, ou chuva,
Olinda ia ao pomar: baldados foram
De Isabel os esforços p'ra contêl-a!
Um anno completaram, suffocados
Os desejos de amor, que amor augmenta!
Mas já nos corações dos dois amantes
Tanto avulta de amor a ardente chamma,
Que ás vozes da razão já se não domam!
Obstac'los não conhecem, não supportam
Outra lei que não seja a lei que os une,
A lei da natureza, a lei mais forte!..

(Continúa.)

D. A. G. Pusich.

Vão vae neste numero um artigo do sr. Santos — A Esperança — em seguimento do seu importante artigo — A Fé — por entrar de permeio a Festa do Santissimo Natal, a qual desejavamos solemnisar, com alguma especialidade, quanto podessem nossas debeis luzes. No seguinte numero esperamos que o sr. Santos nos permitta o publicar — A Esperança, e logo depois, A Charidade, e reservamos para então o dizer alguma cousa ácêrca do auctor de tão bellos escriptos.

D. A. G. Pusich.

Publicamos em seguida dois Decretos em que S. M. houve por bem condecorar com a ordem de Torre e Espada a Antonio Francisco Rebello, primeiro Patrão da bomba n.º 21 desta capital, e a João Baptista Libanio, Cabo de esquadra graduado da sexta comp.ª da Guarda Municipal de Lisboa, elevando á classe de Cavalleiros aquelles que na pratica de uma nobre acção já se haviam constituido mais nobres do que muitos que o são por nascimento, e que em casos de taes conflictos se conservariam, quiçá, mudos e quedos espectadores, e dariam, se tanto, apenas um ai de compaixão ás victimas que viam perecer, em quanto estes guiados somente pelo impulso de seus bons sentimentos de humanidade se arrojaram corajosos, um ao furor das chamas, outro ás iras do mar, para salvarem com evidente risco das suas as vidas de seus semelhantes, e pessoas que elles nem conheciam! Sam estas por certo as acções mais dignas de galardão, por que não as movêo a ambição, nem a esperança de premios que não antevêram, nem são dictados por outro sentir que não seja o da sublime caridade! Homens taes são os soldados do Christo que obedecem ás vozes de Deus seguindo as da propria conciencia! Louvor aos

entrepidos condecorados: Louver tambem ao Ministro que neste exemplo honrando a moral honra um acto da sua admenistração, que não se pode tornar suspeito em sentido algum. Para tão honrosas acções, só premios honrosos — O ouro embrutece a alma; nem ha ouro que pague a honra ou a vida de um homem!

Dezeja-mos sinceramente que o premio concedido a estes dois homens do povo seja um estimulo de gloria que difundindo os brios, e o sentimento de pura philantropia, do centro das massas obscuras erga heroes que se façam celebres; não pela destruição, mas sim pelo bem da humanidade.

O sr. Conde do Sobral mandou chamar o agraciado Antonio Francisco Rebello e lhe offerecêo um lindo habito de Torre e Espada: conhece-mos que o sr. Conde do Sobral é um cavalheiro digno em tudo deste honroso titulo, e por sua benevolencia muito se distingue, e merece as geraes simpathias. Por esta occasião lhe offerecemos tambem os mais ingenuos, e devidos louvores, pois se aos grandes cumpre dar bons exemplos, e animar os pequenos, ao escriptor imparcial cumpre deprimir o vicio, e enthronisar a virtude.

D. A. G. Pasich.

—

Attendendo ao valioso e ariscado serviço que o primeiro Patrão da bomba n.º 21 desta capital, Antonio Francisco Rebello, prestou no incendio acontecido em a noite de quatorze para quinze de novembro ultimo na rua da Rosa das Partilhas, conseguindo por sua intrepidez e decisão salvar a vida de uma das moradoras do predio incendiado, que no meio de grande perigo bradava por soccoro, e livrando tambem das chammas importantes objetos que entregou á competente authoridade administrativa; e querendo Eu galardoar condignamente estes assignalados actos de coragem, humanidade e devoção civica: Hei por bem, annuindo á representação da Camara municipal de Lisboa, fazer mercê ao mencionado Antonio Francisco Rebello de o nomear cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor lealdade e merito. O Ministro e Secretario de estado dos negocios do reino assim o tenha intendido e faça executar. Paço das necessidades, em nove de Dezembro de mil oitocentos cincoenta e dois — RAINHA — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*

—

Sendo-me presente que o cabo de esquadra graduado da sexta companhia da Guarda municipal de Lisboa, João Baptista Libanio, por um generoso impulso de humanidade, se lançou intrepidamente ao Tejo, em Belem, no dia onze do corrente mez com immenso risco de vida, para salvar como com effeito salvou uma infeliz mulher que alli se havia precipitado, achando-se as agoas do rio naquella occasião grandemente agitadas; e Querendo Eu galardoar condignamente este acto singular de coragem e devoção civica: Hei por bem Fazer Mercê ao mencionado João Baptista Libanio, de o nomear Cavalleiro da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valor Lealdade e Merito. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino assim o tenha intendido e faça executar. Paço das Necessidades, em quinze de Dezembro de mil oitocentos cincoenta e dois. — RAINHA. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*

—

Não podemos deixar de condescender na publicação da carta do sr. J. C. Machado; pois ella diz respeito a um artigo nosso publicado no 3.º numero desta folha; o que porém não fazemos é publicar algumas expressões da mesma carta que poderiam ferir alguem; pois inda que a mais grave responsabilidade fosse do actor, tambem sobre nós pesaria o faltar-mos a um de nossos inabalaveis principios, assás declardo no manifesto que offerece-mos ao publico no 1.º numero deste jornal; diatribes não se combinam com o espirito d'esta folha. Quanto ao que nos toca sobre a questam de actores Portuguezes e Estrangeiros, sostente embora o nosso joven litterato a sua opinião, que nós permanecemos firmes em nosso pensar; quanto porém á qualificação dos nomes, diremos que não tivemos em vista qualificar o merito, mas tão somente lembrar alguns nomes, calando outros, para não ter de escrever uma carta de nomes; não dezeja-mos abusar da paciencia de nossas illustres assignantes, que estimaram antes ler alguma cousa mais suave que uma questam de nomes; Não haverá por certo quem faça mais justiça do que nós aos talentos litterarios do nosso poeta o sr. Mendes Leal, mais de uma vez os temos louvado com expecialidade; mas por isso não deixariamos de respeitar o merito do sr. Costa e Silva, posto que só o conhecemos por seus escriptos, e de o ter visto uma só vez, em quanto que o sr. Mendes Leal consideramos como amigo.

Se tivessemos podido mencionar todos os genios noveis que honram as patrias letras, não collocaria-mos em um dos mais distinctos lugares o sr. José Maria do Cazal Ribeiro? Não diz o sr. Machado que poucas palavras immortalisam os homens? não bastaria a immortali-

sar o sr. Cazal Ribeiro a poesia que elle dedicou á saudosa memoria de seu pae? E os srs. Augusto Lima, Pereira da Cunha, Cordeiro, Camillo Castello Branco, Palmeirim e tantos outros não occupariam distinctos lugares na lista dos nossos jovens poetas? Por certo, mas não era admissivel n'um artigo, onde apenas citava-mos para exemplo alguns nomes, escrever tantos que enchessem todas as columnas de um jornal, e não bastariam estas. Mesmo dos poetas antigos alguns não citamos, dignos tambem de eterna memoria.

D. A. G. Pusich.

Minha senhora. — Acabo de lêr o 2.º numero do seu excellente jornal, e encontrei um artigo em que V. Ex.ª me fazia a honra de se occupar de mim: o meu artigo sobre o Regedor de Parochia, publicado no seu jornal, e a que o nosso bom amigo o Ill.mo Sr. Mendes Leal deu cabida n'um folhetim da *Lei*, teve mais alguem, sem ser V. Ex.ª, que se occupou d'elle na imprensa, era, me parece, n'um folhetim de não sei que.... jornal que um improvisado Aristharcho insonso, e....., quiz, á queima roupa, negar os meus argumentos, sem empregar argumentos; não vinha assignado, e mesmo que viesse, eu não lhe saberia dizer quem era o critico e cego! V. Ex.ª deve saber que ha obras de que se não decóra o titulo, e auctores a quem se não aprende o nome, o folhetim e o auctor do folhetim pertenciam a este ramo, fallei d'elle, do que não valia a pena se não fosse para fazer perceber a V. Ex.ª que se eu lhe não respondi ao tal Aristarcho..., foi porque entendi que não merecia as honras da resposta, quando acabei de lêr o folhetim já me não lembrava do que elle tinha dito, quando larguei o jornal não me lembrava nem de que o tinha lido: se não respondi já a V. Ex.ª, foi por que apenas agora tive occasião de lêr o 2.º numero da Beneficencia, e V. Ex.ª estou certo que me faz á justiça de acreditar que eu conheço bem o respeito que lhe devo, e que lhe teria ha mais tempo respondido, se ha mais tempo tivesse lido o seu artigo. Diz-me V. Ex.ª que o desejo de ver a minha patria acima das nações mais illustradas transportão o meu pensamento a uma tão incomensuravel altura que figurando-se-me este paiz mais pobre do que é, me não deixão ouvir as vozes da patria de Camões, que agradecendo-me o meu enthusiasmo pelas gloriosas cinzas do seu filho dilecto me diz «além de Camões ainda teem apparecido aqui genios admiraveis!» Tenho dezesete annos, estou ainda na idade das illusões, em que se olham as cousas atravez do prisma dourado da fantesia, e entretanto eu apesar de amar muito a minha terra, não me cego, e se lhe admiro as vantagens, tambem lhe reconheço os defeitos: não a ouço agradecer-me, o meu enthusiasmo por Camões, diz bem V. Ex.ª, julgo-a mesmo tão incapaz de me agradecer isso amim, quanto lhe foi ingrata a elle! Portugal foi um grande paiz guerreiro, hoje nem essa qualidade tem já, e adormeceu indolente, n'um somno de preguiça, d'ignominia, e de opprobrio. Portugal é Camões, ora se não fosse Camões o que seria Portugal?!

A lista dos poetas de quantos paizes illustrados tem o mundo é maior do que a nossa em numero, mas não é mais nobre, diz V. Ex.ª, peço-lhe licença para confessar que não penso assim, para teimar na minha opinião: pois Corte Real pode nivelar litterariamente a Voltaire, Pereira a Addisson, Brandão a Milton, Bacelar a Corneille, Lobo a Schiller, Felinto Elisio a Pope, Gil Vicente a Shakespeare, Pereira de Castro a Racine, Fonseca Soares a Ossian, Menezes a Crebillon, Mascaranhas a Goethe, Macedos a Burodaloue ou a Massillon, Dinis a Beaumarchais, Garção a Paruy, Bocage a Moliere, Malhão a Dante? diz V. Ex.ª que os nossos não são tão illustres por que não escreveram tanto, em consequencia da pouca protecção que entre nós se dá ás letras, mas se eram homens tão notaveis, esse pouco que escreveram porque não foram obras notaveis? não é por se ter escripto muito que se liga á historia literaria d'um paiz o nome d'um escriptor, Milton escreveu o seu poema *The paridil lort*, e o nome de Milton, é uma das glorias da Inglaterra: Voltaire não é Voltaire por ter escripto em todos os generos, é Voltaire por que escreveu o Diccionario da Academia, a Zaira, a Henriqueida, e mais uma o duas obras de grande merito. Os grandes homens constitue-os ás vezes uma frase, André Chanier não é tão notavel pelas suas poesias, como pela ode não terminada escripta na prisão, e momentos antes de ir para o cadafalso, é ainda mais notavel por aquella exclamação expontanea, quando avistou o logar do supplicio, batendo na fronte com desalento «*Et pourtant j'avais la quelque chose!*

Diz depois V. Ex.ª como para me desculpar que eu só falei dos poetas antigos, ou alias teria dito — Garrett, Castilho, Herculano, Costa e Silva, Mendes Leal, João de Lemos, e outros, pareceu-me haver na disposição d'estes nomes uma certa graduação em que eu teria ainda divergido de V. Ex.ª, eu como poeta não collocaria o sr. Costa e Silva antes do sr. Men-

des Leal: respeito o sr. Costa e Silva como sabio, não o admiro como poeta. o que V. Ex.ª e todos hão-de conhecer é que sou franco.

Diz V. Ex.ª que alguns genios nascentes promettem a Portugal um futuro, em quanto a isso permitta V. Ex.ª que aos seus votos, se juntem os de quem se confeça.

De V. Ex.ª Muito respeitador, e creado.

Julio Cezar Machado.

REAL THEATRO DE S. CARLOS.

Diz-se que vão ensaiar —*La Gazza Ladra*— sempre bella, e estimada opera do immortal Rossini; mas estamos em vesperas do Carnaval, e parece-nos que a *Pega Ladra*, era mais propria para depois. Lá saberão melhor o que fazem do que nós o que dizemos; e sempre grato nos ha de ser o ouvir a illustre cantora Rossi Caccia, que tantos triumphos, e tantas affeições ganhou neste paiz, que sempre justo, e hospitaleiro saberá appreciar o merito desta insigne artista, e coroal-o de novos louros.

NOMES DOS SENHORES ASSIGNANTES DESTE JORNAL.

(Continuação.)

Os Ex.mos e Ill.mos Srs.

João Antonio de Azevedo Lemos	—1	exmp.
Cazemiro Maria Parrela	—1	«
Diogo José de Oliveira Silva Carneiro	—1	«
João da Costa Carvalho	—1	«
Caetano Maria Beirão	—1	«
Francisco Antonio Marques Giraldes Barba	—1	«
Antonio Thomaz de Almeida e Silva	—1	«
José Evaristo Ferreira	—1	«
Manoel Joaquim Bandeira Emaus	—1	«
José Jacintho Tavares	—1	«
Manoel José Pereira	—1	«
Fernando José de Santa Rita	—1	«
Maxemino Abranches	—1	«
Luciano Thomaz de Faria Aguiar	—1	«
Ernesto de Faria	—1	«
João Augusto Zuzarte	—1	«
José Luiz de Carvalho	—1	«
Miguel José Alves Freineda	—1	«
Joaquim José da Costa	—1	«
João Baptista de Seixas	—1	«
Pedro José da Silva Leitão	—1	«
Joaquim Antonio dos Santos Teix.ª	—1	«
Antonio Venancio David	—1	«
Antonio Joaquim de Sousa Freitas Junior	—1	«
Antonio Gomes do Valle	—1	«
Jacomo de Freitas	—1	«

(Continua.)

EXPEDIENTE.

Os srs. assignantes deste jornal em Aveiro faram o favor de entregar o importe de suas assignaturas ao Ill.mo sr. Padre José Joaquim de Carvalho Goes, que se offereceo com a melhor vontade a ser alli o nosso correspondente, depois de nos ter já coadjuvado generosamente com o bom auxilio de algumas assignaturas. O mesmo sr. terá a bondade de nos remeter pelo seguro do Correio esse importe, e lhe enviaremos os competentes Recibos depois de saber-mos por quanto tempo são as assignaturas.

O mesmo se entende com os srs. assignantes em Elvas, sendo alli nosso correspondente o Ill.mo sr. Domingos Antonio Lizo, que tem a bondade de nos auxeliar em nossos trabalhos, concorrendo com os mais nobres dezejos para o justo fim a que nos propomos.

Aos nossos illustres assignantes no Alem-Tejo, e Aveiro, que tanto se distinguem em proteger esta empreza, assim como a nossos benignos correspondentes protestamos nosso cordeal reconhecimento. Em Niza, Alpalhão e Campo-Maior é nosso correspondente João Antonio Pusich, e muito folgamos sabendo que um filho que a Divina Providencia nos deo, se tem desvelado em propagar a noticia da existencia, e vantagens da Associação Consoladora dos Afflictos, e os escriptos que em honra de Deus e da moral dezejariamos levar, se possivel fosse, até aos ultimos confins da terra. A este filho e a todos os mais que o senhor nos confiou enviamos nossa maternal benção, e roga-mos a Deus que lhes infunda sempre sentimentos de verdadeira caridade, que são os que mais devem illustrar o homem.

D. A. G. Pusich.

Explicação da charada do n.º antecedente

MACHINAS.

IMPRENSA NA PRAÇA DE D. PEDRO N.º 100.

A BENEFICENCIA.

JORNAL DEDICADO Á ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8, e nas mais do costume.

N.º 6. — JANEIRO, 15 — 1853.

Em consequencia de ter adoecido o nosso amigo e illustre collaborador o sr. M. D. dos Santos, não vae ainda neste numero — A Esperança — como haviamos annunciado no antecedente; e passamos a dizer alguma cousa ácerca dos Dias de Natal e Reis, no seguinte artigo que repentinamente fizemos, quando já composto quase todo o jornal só esperavamos o artigo do sr. Santos, e recebemos em logar delle a noticia da sua molestia, que por duplicada rasão sentimos.

O NATAL E OS REIS.

Não existe paiz algum Christão que não solemnise os Dias do Natal do Redemptor, e dos Santos Reis; O nosso Reino, denominado com muita rasão o Fidelissimo, é um d'aquelles que mais se distingue nestas sagradas devoções. E' notavel porém que seja Lisboa, a capital deste Reino tão favorecido por Deus, onde menos se festejam estes Dias de tanto regosijo para todos os fieis! Nas Provincias todo o povo se esmera por offerecer ao Altissimo em seu humilde culto as mais evidentes provas de pura devoção; a alegria é tão sincera quanto é profundo o respeito que dedicam a Deus! Os Presepios alumiados conforme as posses dos devotos, e adornados com escolhidos enfeites de variado gosto; as danças, toques e cantos innocentes que difundem o jubilo mais santo nos corações jovenis, augmentam o amor que se deve arreigar na mocidade para com Deus; as orações, e mesmo o costume das bellas conçoadas animam tambem os velhos, e assim moços e velhos amam e desejam a vinda destes Dias, em que sómente lembrados de Deus se esqueçam dos trabalhos e desgostos do mundo; pois a alma só entregue a Deus é que está satisfeita! e qual será o divertimento profano que possa extasiar e preencher a alma de um jubilo completo? Nenhum! Mais ou menos todos nos deixam o aborrecimento, ou o arrependimento em triste resultado. O Todo Poderoso accolhe nossas alegrias como accolhe tambem ás nossas magoas, com tanto que risos ou prantos sejam consagrados á virtude; ou em canticos devotos, ou resando na Igreja, e nos Oratorios o Senhor estima a memoria e o louvor que tributamos áquelle a quem tudo devemos. Na Ilha da Madeira onde se crê a Religião Catholica mais abatida, em consequencia das predicas do inglez protestante que alli teutou semear seus errados principios, nessa Ilha vimos o Santo Natal festejado com edificante devoção, e conhecemos que as pregações do protestante doutor se influiram nos animos rudes, e maus foram repulsadas vigorosamente por aquelles que possuem maiorou menor grau de intelligencia e civilisação por quanto as confissões, as missas que ao toque da arvorada se costumam dizer, e a que chamam vulgarmente Missas do parto, que precedem á grande Missa do Gállo; e tantas outras devoções a que o povo corre voluntariamente; e tambem nas suas continuas e devotas romarias, mostram bem claro que a sua crença é sempre a mesma. E' bello o ver naquella formosa Ilha em todas as casas, desde o mais rico palacio até á mais pobre choupana, a perfeição com que se armam Presepios, que alli chamam *Lapinhas*, onde alguns por certo são dignos de admiração pelo gosto e ma-

gnificencia que nelles resplandece! Um destes é na illustre casa de Carvalhaes, hoje pertencente á Ex.ma sr.a D. Theresa Botelho, e seu digno filho e Ex.mo sr. D. Antonio da Camara.

No Alem-Tejo, assistimos tambem a esta solemne festividade e muito gostamos de ver a ardente devoção com que os grandes e pequenos festejam o Natal do Redemptor, e o Dia dos Santos Reis! Os magnificos Presepios, e os descantes populares dedicados ao Deus nado, e até a profusão dos excellentes mimosos doces com que fazem as conçoadas, em tudo finalmente sustentam antigos costumes que muito honram aquelles que os não tem deixado por quimericas enovações.

Em todas as outras provincias do reino, consta-nos igualmente que se veneram com muita especialidade estes Dias de tão gratas recordações, que os fieis celebram, e nos quaes em sociedade os christãos devem concorrer ao mesmo fim, porque as obrigações são as mesmas para todos.

Quem dirá que até o pobre Archipelago de Cabo-Verde sabe dar exemplos de devoção nestes dias? Sim, porque a falta de riquezas não tolhe o sentir; e este sentir para com Deus se manifesta do modo ainda o mais simples; Deus lê nos corações, e acolhe a boa vontade; seja qual fôr a forma exterior de que ella se revista. No Archipelago dos Açores tambem se festejam estes dias com a maior devoção, e magnificencia, assim como em todas as outras terras que pertencem ao nosso Reino, inda nas mais pequenas Villas, e Aldeas; o que nos convence de que apesar de tantas revoluções, e tantos escriptos Ecenciosos que tendem á desmoralisação publica, sempre os portuguezes tem conservado arraigadas no intimo de seus corações as crenças de seus pais; e se na capital menos que em outros lugares se veneram estes santos costumes, é porque no meio da confusão das Babilonias mais livremente se desenvolvem os vicios; e todavia não cessa a Igreja de chamar seus filhos, engrandecendo suas solemnidades, que de dia em dia se offerecem mais ricas, não obstante a falta de meios da nação em geral; pois que o disvello de nossos benemeritos Prelados, e da maior parte dos srs, Parrochos, é edificante exemplo que deve mover o povo á pratica das mais santas devoções; mas, como temos dito mais de uma vez em nossos humildes escriptos, a nossa Religião é fundada no amor de Deus e dos homens; deve empregar os meios do raciocinio para se acreditar, e não os da força porque esta vence mas não convence. Não está só ao alcance das authoridades Ecclesiasticas os meios precisos que se devem empregar para conseguir o mais justo fim; as authoridades civis cumpre coadjuvar a Igreja, facultando e animando por todos os modos a instrucção publica, sendo a primeira de todas as obrigações o estudo da Doutrina christãa, o perfeito conhecimento dos Dogmas sagrados da nossa Religião. Paes, e Mães, vós todos os chefes de familia em geral, auxiliae, as authoridades Ecclesiasticas, e civis no louvavel empenho de instruir, e moralisar os povos, e quem assim o fizer não só faz um importante serviço a Deus, como tambem á sociedade de que todos fazemos parte.

Reis da terra favorecei a instrucção Religiosa dos povos que regeis, e lembrai-vos que sem Religião não pode haver moral, sem moral não ha ordem, sem ordem não ha governo; e mal pode conhecer seus deveres para com os homens aquelle que os desconhece para com Deus: mal póde respeitar as leis humanas quem despresa as Divinas.

Povos, e Reis, louvem' e adorem para sempre o senhor como os Anjos e louvam, e adoram no céo, como os povos e os Reis o adoraram em Bethlem.

D. A. G. Pusich.

CANTICO AOS SANTOS REIS.

Despertai Reis do Oriente!
Despertai!... Vêde essa luz!
E' luz pura de uma Estrella
Que vos guia a ver JESUS!

Essa Estrella tão brilhante
Reflecte luz immortal,
Que dos Céos desceo á terra!...
Teve em Bethlem seu Natal!

Oiro fino, incenso, e mirra
Santos Reis Magos levai
Ao Rei dos Reis!... humilhados
Santos Reis ajoelhai!

N'um Presepio humilde, e pobre
Dos Céos, e terra o Senhor!...
Logo depois n'um supplicio
Do Universo o Redemptor!!

Baixou a viver na terra!...
Ergueo-se a morrer na Cruz!
Humanos, essa humildade
Quantas grandezas traduz!

Meus Santos Reis Magos
Erguei-vos, correi!...
Que é vindo o Messias
A Herodes dizei!..;

A luz dessa Estrella
Vos guia a Bethlem!
Assim nossas almas
Dirija tambem!

Pastores, Serranos
Haveis de encontrar;
Ireis todos juntos
Jesus adorar:

Que a Virgem Sob'rana,
Que o Menino Deus,
Vos querem unidos;
Que sois todos seus:

E querem ligados
Os povos. e os Reis.
Qual Christo co'os doze
A quem deu as leis.

Pois entre os Apost'los
Se um Judas houver;
Far-se-ha conhecido...
Punil-o é mister.

Louvai Reis da terra,
Louvai o Senhor;
Segui seus exemplos;
Exemplos de amor.

D. A. G. Pusich.

CANTO VAGO.

Mentida imagem de ventura immensa
Mundo, se chama, que o mortal seduz,
E' turba falsa que a maldade incensa
Fatal engodo que a soffrer conduz.

Reina a maldade n'um erguido throno,
Insenso colhe da lisonja vã;
Dorme a justiça n'um profundo somno
Reina a soberba, da maldade irmã.

Os negros vicios, da maldade em volta
Cortejo triste, que a perversa vem;
Inutil grito que a innocencia solta,
O falso mundo despresado tem.

Meiga virtude despresando algozes,
Tão abatida, já rojando o chão,
Debalde clama com sentidas vozes,
O mundo falso não a attende, não.

Té do poeta que em segredo canta
Amores meigos que o mesquinho tem
Os castos lyrios d'esperança tanta
O mundo infame desfolhar-lhe vem.

Lethal veneno que a virtude empesta
Mata-lhe n'alma tão sentido amor,
Arido sopro que a florinha cresta
Murcha-lhe as palmas i'nda ha pouco era flor.

As alvas rosas que no brando peito
Entre saudade e malmequer creou,
Murcharam todas... ao soffrer affeito
Triste e mesquinho p'ra chorar ficou.

Pobre do bardo que em chorar sentido
A' fria lousa vai seu canto dar
Sob o cypreste que campeia erguido
Cedendo ao fado vai gemer.., chorar...

Em vão na lyra, que mimosa chora,
O pobre bardo a seus irmãos bradou,
Surdos lhe foram... á soidão implora
Brando consolo que um irmão negou!

Mundo!... que é mundo? é uma sombra vaga
Mentida imagem de prazer só é...
Um vil tyranno que a injustiça afaga,
Um monstro infame que assassina a fé!

Com vãas promessas de ventura immensa
O fragil peito do mortal seduz...
E a lassa turba que a maldade insensa
O triste bardo p'ra morrer conduz!

Maria Rita Colaço Chiappe.

OLINDA.

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 1.º

(Continuação.)

Uma noite de agosto, eram dez horas,
Abrasado em amor, impaciente,
Foi Eduardo ao sitio onde sohia
Deixar as cartas á adorada amante.

Mostrava a lua em meio a argentea face;
Nocturna brisa despertando apenas
Do proximo arvoredo as folhas move:
Tudo em silencio jaz! Via Eduardo
Do espaçoso pomar o muro antigo
Protector da fiel correspondencia;
O muro contemplando assim dizia:
« Barreira, a meu desejo insupportavel,
« Contra assaltos de amor embalde erguida!..
« Propicia a meus amores, bem poderas
« A habitação de Olinda franquear-me!
« Alli da sua voz um som divino,
« Um osculo de amor ardente, e casto,
« Meu debil peito ancioso animaria,
« Que victima de amor, e de saudade,
« Em pranto suffocado a vida perde,
« Bem como a planta que do sol privada
« Na gelada estação succumbe, e morre!
« Onde amor póde haver mais desgraçado?
« Onde egual soffrimento, onde se encontra?
« N'um olhar fugiitivo, em frias lettras
« Nutrir-se uma paixão ha tantos tempos,
« Ninguem o acreditára; e eu o supporto!
« De frieza talvez me accusa Olinda,
« Quando me prende só cruel receio
« De expôl-a ás iras do orgulhoso Conde...
« Mas póde a noite amiga proteger-nos,
« E em segredo guardar minha ventura...
« Ousemos esperar.... pedir a Olinda
« Uma graça a que tenho jús sagrado!...
« Mas se ella recusar!... se ella se offende!....
« Se julga um attentado imperdoavel! »
Em tanta confusão de idéas tantas,
Envolto o terno amante não conhece
Que a noite foge, e o plano aéreo fica!
Em tanto Olinda, no Castello, anciosa
Da manhã suspirava o albor primeiro:
Via em profundo somno submergida
A idosa amiga, que acordar não ousa;
E resolve ir sósinhá; já do peito,
Timido outr'ora, amor lhe espanca o medo!
Sem ruido abre a porta, e subtilmente
Se dirige ao pomar... Oh! vista! oh! lance!
Ao ver o amante, quer fugir, não póde,
Que amor lhe impede a fuga!... immovel fica!
Sente Eduardo alguem! os olhos volve...
Encara Olinda!... um anjo elle a imagina
Do Ceo descido a proteger-lhe o intento!
Mas vê que é já manhã; e reconhece
Da encantadora Olinda o lindo rosto!
De paixão transportado, e de ternura,
Elle corre, e se prostra aos pés da amante,
Chorando de prazer, e de ternura!..
Beija-lhe as mãos de neve; e pouco a pouco
Recobrando o valor, com ousadia
Já se ergue; e quer nos braços apertal-a!...
Ella treme, receia, esfria, córa,
Quer fallar, mas a voz nos labios morre!
O susto, a honestidade, o amor, o espanto
Combatem n'alma da gentil Donzella!
As forças já lhe faltam! já nem sabe
Mover um passo! encosta-se no tronco
De um curvo olmeiro, que marcava a estrada,
E que piedoso encosto offerecia.

Mas em quanto no campo os dois amantes
Esta scena de encantos representam,
No castello Isabel em sobresalto
Desperta, olha, e não vêndo a sua Olinda
Vae á porta!.. cerrada a encontra apenas!...
Corre afflicta ao salão, quer ir á estrada,
Encontra o Conde! Elle maravilhado
De a ver tão cedo alli, pergunta a causa?
Ella mentir não ousa, nem se anima
A dizer a verdade; o Conde afflicto
Pergunta pela filha? Isabel chora!
O Conde desespera; e que declare
Lhe ordena, e sem demora, este mysterio!
Tremendo a Aia lhe diz, que por costume
Logo ao amanhecer, co'a sua Olinda
Ia dar um passeio além no campo;
Mas hoje despertou mais tarde um pouco,
E não vendo a menina alli viera,
Lembrada que era o dia anniversario
Da morte da Condessa; e que teria
Ido c'o Pai ao tumulo materno
Ao funebre, annual, devoto officio!...
O Conde pasma! em vez de ir á Capella
Subito ao campo os passos encaminha:
Isabel o acompanha: ao sitio chegam
Onde Olinda apoiada está n'um tronco,
E a seus pés de joelhos Eduardo
De mil beijos cobrindo as mãos mimosas.
Crer o que vê mal póde o honrado Conde!
« Olinda! oh! Ceos! exclama: oh! temerario!
« Que assim meu sangue, minha honra ultrajas!
« Dize quem és, que as leis de Cavalheiro,
« Vil seductor, por certo não professas! »
A filha vendo o pai perde os sentidos;
Isabel a sustenta carinhosa.
Das expressões de Ernesto resentido
O joven se levanta, e lhe responde:
« Não sou vil seductor, sou Cavalleiro
« Tão nobre como vós, mas não sou rico;
« Respeito, adoro Olinda, ousando apenas
« Meus affectos por letras declarar-lhe.
« Um acaso, Senhor, nos fez culpaveis
« A vossos olhos; perdoae o excesso
« De uma ardente paixão, mas virtuosa!
« Applacae-vos, e ouvi-me... « em vão o intentas,
« Torna Ernesto » oh! malvado! as armas busca!
« Vingança quero! quero ver teu sangue
« Regar este logar da minha affronta!
« Lavrar a mancha que em meu nome lanças! »

Quiz debalde Eduardo persuadil-o.
Do Conde alguns creados estranhando
A imorpvisa sortida de seu amo,
O seguiram de longe! e vendo o caso
Se aproximam: Ernesto lhes ordena
Que ao Castello conduzam a menina
Que inda em desmaio jaz; e as armas tragam.
N'um delirio de amor tenta Eduardo
Seguir Olinda; irado o Conde grita:
« Vae as armas tomar, aqui te espero!..
« Antes da noite d'este infausto dia
« Ha de um de nós cobrir a noite eterna!
« Talvez me aguarde a esposa n'este horrivel
« Dia de immensa dôr, fatal desgraça
« Em que a perdi! e a gloria tambem perco
« Maior do meu brasão! A cara filha,
« Que innocente adorei, culpada odeio!
« Oh! venha a morte, venha! esconda a terra
« Minha fronte abatida envergonhada
« Que altiva, honrada ergui! que um vil abate,
« Porque sou Pai, e Olinda era innocente!..
« Mas antes de eu morrer, quem quer que sejas,
« D'este braço, que os annos enfraquecem,
« Os golpes soffrerás; a honra os vigora. »

Vendo Eduardo que escusar não póde
O duello fatal, emfim promette
Breve tornar co'as armas exigidas.
Assim cumpre; e encontrou o Conde armado.
Gigantesca figura, airosa fronte,
De honra, e de raiva fulminando os olhos,
Inda apezar dos annos manifesta
Guerreira condição, guerreiro aspecto!
Cheio de amor, de enthusiasmo cheio,
Desejará Eduardo em tal momento
Não ver no Conde o pai da amante cara!
Mas esta idéa seu ardor modera,
E o dicide a humilhar-se ao seu contrario!
A Ernesto se aproxima, e assim lhe falla:
« Para satisfazer-te, illustre Conde,
« Armado me apresento, mas não penses
« Que para te offender a minha espada
« Seus golpes descarregue: és pai de Olinda
« Aquella a quem adoro mais que a vida!
« Digna-te pois ouvir-me alguns instantes
« Sou nobre qual tu és, préso a virtude;
« Porém da vã fortuna os bens me faltam:
« Não me animei por este só motivo
« A supplicar-te a mão da bella Olinda:
« Se este amor que me abraza em tanto excesso
« Suppre a teu ver os dons da varia sorte,
« Ouve da natureza a voz sagrada,
« Que em meu favor te brada! ah! tu não podes
« Um esposo encontrar que adore Olinda
« Com tanto ardor como eu! decide, oh! Conde,
« Da sorte de teus filhos, que esta espada
« Rendo a teus pés qual filho obediente,
« Que dos erros de amor perdão te implora. »
A's vozes do mancebo absorto Ernesto,
Sente as iras fugir da alma paterna!
Recorda quanto amou; e reconhece
A voz de amor, nas vozes de Eduardo!
No peito generoso não consente
Uma acção de vileza qual seria
Um rendido calcar; ama a virtude,
Ama Olinda; e um estimulo mais forte
A favor de Eduardo ora o decide!..
O ver que tem virtude e não fortuna!
« Pois bem (Ernesto diz) eu te perdôo;
« Vem comigo ao Castello; Olinda é tua. »
Transportado a seus pés cáe Eduardo,
Cheio de gratidão, e de alegria;
E ambos vão ao Castello, onde em delirios,
Em lagrimas banhada a meiga Olinda,
Pelo pai, pelo amante, aos Ceos orava;
Perdão supplica ao pai, ajoelhando:
Elle a abraça, e Eduardo lhe apresenta
Como consorte já. Em breves dias
Dispostos os festejos se efectua
Tão ditosa união, tão suspirada!
Foi o appluso geral; sómente Adolfo,
Do Conde unico irmão, tentou debalde
Disfarçar seu desgosto. O Conde Ernesto
Gostoso contemplava a cada instante
De Eduardo as virtudes, e a ternura
Com que adorava Olinda: assim ditosos
Passaram mezes seis: sentia Olinda
Pullular-lhe no seio um innocente,
Fructo de tanto amor! Com esta nova
De Olinda o pai, e o esposo exp'rimentaram
O jubilo maior. Novos festejos
Toda a Aldêa alegraram por tres dias.
Mas ah! tanto prazer durar não póde!
No dia derradeiro d'estas festas,
Que Adolfo satisfeito dirigia,
No fim da tarde manifesta Olinda
Uma agonia extrema; e sem accordo
De improviso caiu: acodem todos;
Alli se achava o medico, e observando
Os symptomas do mal, declara ao Conde
Que é repentina morte inevitavel!
Abraçado á consorte o terno amante
De dôr perde os sentidos; junto á filha
Quer o conde acabar; á força o levam
Os servos, e os amigos cuidadosos.
Isabel, vendo inuteis seus esforços
Por chamar á existencia a ama querida,
Cáe tambem n'um profundo abatimento.
A pompa funeral ordena Adolfo,
E na Capella depozita o corpo;
Do Conde, e de Eduardo esconde as chaves
A fim de prevenir algum transporte.
Foi em tanta afflicção que o triste esposo
Privado da consorte idolatrada,

Que era dos dias seus o sol mais puro,
A vida aborrecendo, a morte busca
Longe d'aquelles que o viver lhe alongam.
Quer aos homens fugir, fugir ao mundo,
E em penosa solidão findar seus dias!
(Continua.) *D. A. G. Pusich.*

O NATAL.

O Natal, é, uma das principaes festas do Christianismo: porque n'este dia celebra a Egreja, o anniversario do nascimento do Redemptor dos homens. Na verdade este glorioso dia deve encher de jubilo os corações de todos os christãos, porque este dia recorda-nos a grandeza do amor de Deus para com os miseros humanos.

Quam admiravel é a misericordia de Deus! Fazer que a segunda Pessoa da Trindade Santissima, Deus egual á Primeira e Terceira, em essencia e attributos; assumisse a misera natureza humana, nascesse n'um pobre e misero presepio, passasse uma vida pobre, humilde, e cheia de privações e trabalhos, e ultimamente passasse por uma paixão cheia de injurias, de tormentos horrorosos, e morresse sobre uma cruz, que n'aquelle tempo era a morte mais affrontoza! E para que fim foram tantos sacrificios! Para resgatar e salvar os ingratos humanos, que apezar de Deus humanado, ter-lhe dado tantas provas de amor, ter-lhe ensinado as maximas mais sanctas, com exemplos e palavras; elles só lhes correspondem com offensas!

E será possivel que homens que se dizem christãos, vivam tão apartados dos exemplos e maximas de Jesus Christo Redemptor e Mestre dos homens?!

Que similhança tem a vida dos christãos, com a vida de Jesus Christo??

Jesus Christo desde o seu nascimento nos deu os exemplos mais evidentes da humildade; já nascendo n'um pobre e humilde presepio, sendo as primeiras pessoas que o vieram adorar uns pobres e humildes pastores, escolheu para seus apostolos, uns pobres e humildes pescadores, aos quaes, na noute da grande cêa, humildemente lavou os pés, durante o curso da sua prégação ensinou os homens a amarem a Deus sobre todas as cousas, e aos outros homens como a si mesmos, e tratou egualmente ricos e pobres, porém mostrando sempre mais affeição aos pobres, pregou o amor á pobreza, e desprezo ás riquezas e vaidades mundanas.

E quam differente é a vida dos christãos, dos exemplos e maximas de Jesus Christo!

Nos christãos dos nossos dias, só conhecemos esquecimento de Deus, desprezo dos seus mandamentos, e da sua Egreja, orgulho, ambição, avareza, amor do luxo, e desprezo de seus similhantes.

Desgraçado será eternamente todo o ente humano, que amar e prezar, o que, Jesus Christo desprezou.

J. R. de Figueiredo.

JENNY.

ROMANCE ORIGINAL.

Hildegarda era uma joven orphã que vivia com sua tia n'uma bella casa situada n'uma das mais formosas ruas de Lisboa.

Entre as amigas que a rodeavam havia uma a quem Hildegarda se ligára pelos laças da mais pura e sincera amisade. Um dia a senhora Valdez tia de Hildegarda, disse a esta que a amisade entre ella e Jenny deveria acabar, pois que tendo esta fugido com um jovem, e tendo-se casado sem o consentimento de sua mãe, achavam-se por isso interrompidas as relações amistosas que entre Jenny e a familia de Hildegarda haviam existido outr'ora.

Hildegarda sentiu immenso a perda da

sua amiga, e mil vezes pediu a sua tia para que intercedesse com D. Leonor, mãe de Jenny, a fim de que perdoasse a sua filha, porém a senhora Valdez, muito severa de principios, jámais deixava sem uma aspera reprehenção a piedosa rogativa da bondosa Hildegarda.

Eram passados dez mezes, cellebrava-se um casamento na Igreja de S. Paulo de Lisboa, a joven noiva palida e interessante, vestida toda de branco, parecia uma estatua de alabastro que derrubada do pedestal viera collocar-se no meio da Igreja: o brilho de seus negros e encantadores olhos, o azeviche de suas lustrosas tranças, o garbo de seu delicado talhe, a branca fronte cingida de flores de larangeira, davam á jovem noiva uma apparencia diaphana, e ao contemplal-a talvez que s'imaginasse que era um anjo que rasgando as azulladas abobedas viera pousar-se no recinto sagrado do santuario do Senhor.

Era Hildegarda que n'aquelle momento abrio os seus labios soltando a palavra sacramental pela qual consentia em ligar sua existencia ao homem que soubera captivar seu coração.

Gabriel esvelto jovem era o homem ditoso que ia possuir, aquelle thesouro apreciavel de virtude e belleza

Poucos dias depois do seu casamento havia Hildegarda indagado onde morava Jenny, e obtendo de seu esposo a permissão de visitar a sua antiga amiga ella se dirigio acompanhada d'um velho creado a habitação de Jenny.

N'uma das mais estreitas e enlameadas ruas de Lisboa subiu Hildegarda uma escada pessima, até chegar á velha e suja porta d'uma agua furtada; bateu; um homem coberto de velhos trapos veio abrir a porta, tinha pintados no rosto a devassidão e o vicio.

— Quem sois vós que vindes interromper o socego dos infelizes? perguntou elle com voz alterada.

— Oh! diz Hildegarda, eu não venho interromper a paz dos infelizes, venho, se me é possivel, dar-lhes uma consolação!

Ao accabar estas ultimas palavras, um debil grito veio ferir-lhe os ouvidos, e o seu nome custosamente pronunciado por uma voz enfraquecida, mas muito cara ao seu coração, fez com que ella empurrando o homem que tão incivilmente a recebera se precipitasse atravez de um cumprido e escuro corredor, e entrando n'um pequeno aposento á esquerda foi obrigada a contemplar uma scena bem tocante para o seu coração tão cheio de sensibilidade.

Jenny esfarrapada, palida, e com os olhos inchados de chorar estava deitada sobre uma velha e podre enxerga, dos labios roxos e secos murmurava convulsas palavras sem nexo, onde se distinguiam confusamente os nomes de mãe, d'esposo, e de Hildegarda; chegada quasi ao termo da sua gravidez a desgraçada jazia sem soccorros, e sem uma alma caridosa que viesse adoçar o calix d'amargura que lhe fora appresentado pela propria mão do esposo, que pouco tempo depois do seu casamento se havia entregado a toda a qualidade de vicios; e vendo a miseria a que estavam reduzidos, elle, e sua esposa, accusava continuamente esta, chamando-lhe a causadora da sua desgraça, e ameaçando-a com abandonal-a se a infeliz victima ousasse proferir um só queixume.

Ao ouvir a voz de Hildegarda, Jenny havia soltado um grito, porém não tinha inteiramente reconhecido a sua amiga; e quando esta entrou no immundo aposento onde ella se achava havia já voltado á sua triste insensibilidade.

Immovel, com os braços cruzados sobre o peito, e os olhos banhados de lagrimas, comtemplava Hildegarda a triste situação da desgraçada Jenny; via aquelles olhos, que outr'ora a encaravam tão

maviosos, agora vermelhos, pisados, se volviam d'um para outro lado sem reconhecer os objectos onde se fixavam, os labios onde n'outros tempos pousava sempre um sorriso de bonança agora sorriam com uma horrivel contracção, e quando se abriam era para soltar entre convulsas vozes uma Oração ao ceo, um grito supplicante que demandava as bençãos maternaes, os carinhos do esposo, e a meiga consolação da carinhosa amiga; mas quando ella accordava da sua lethargia, e via que o ceo não escutava seu angustiado gemido, que a mãe agravada não queria perdoar á desditosa filha os erros de um momento, que a boa Hildegarda estava longe d'ella, e que o esposo, esse em que ella fundara as risonhas e fagueiras esperanças d'um porvir de rosas, esse que ella julgará o seu anjo na terra, era o algoz cruento que lhe ia cravando no peito o agudo espinho de cruentas maguas; ella pedia a Deus que findando tão mesquinha e pesada existencia viesse pôr termo a seus penosos males.

Hildegarda depois de longo tempo de dolorosa contemplação d'aquelle quadro de horror, ajoelhou sobre a palha ao lado da infeliz, e appertando-a em seus braços, bradou: Jenny!

A desgraçada ao ouvir este grito levantou a cabeça que tinha inclinada sobre o peito, e fixou a sua amiga com um olhar inquieto e desvairado que manifestava seu completo delirio, depois de alguns instantes reunindo suas idéas poude reconhecel-a.

— Hildegarda! . . . brada ella com voz mais animada, porém a violencia da comoção que recebera foi demasiado forte; ella cahiu desmaiada sobre a apodrecida enxerga.

Felizmente o medico que Hildegarda mandára chamar havia poucos momentos, chegara n'aquelle instante; prestou todos os soccorros possiveis á infeliz, que emfim recobrou os sentidos, porém o seu estado perigoso fazia receiar muito pela sua existencia. *(Continua.)*

MARIA RITA COLAÇO CHIAPPE.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA,

Sahiram do Prélo as primeiras folhas do Romance, Miguel ou o Piccinino, composição de George Sand.

E' uma traducção nova, emprendida por uma sociedade de Artistas Portuguezes dignos da protecção publica, a qual em seu favor pedimos, sendo, como nos affirma o traductor, esta uma obra onde se não admira só o engenho da illustre escriptora, mas tambem se gosa o suave perfume da moral.

NOMES DOS SENHORES ASSIGNANTES DESTE JORNAL.

(Continuação.)

Os Ex.mos e Ill.mos Sr.s	
Arcebispo de Palmira	1 exemp.
Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão	1 «
Francisco Ignacio dos Santos Cruz	1 «
Dr. Antonio Alberto d'Assis Sá Chaves	1 «
Dr. Nilo	1 «
Estevão Geremias de Mascaranhas	1 «
Jose Bernardino Frazão	1 «
José Antonio d'Almeida	1 «
Joaquim José de Sousa Rodrigues	1 «
Agostinho Candido de Faria Neves	1 «
José Carlos da Costa	1 «
Justino Augusto Teixeira	1 «
Bento José Gomes de Brito	1 «
João de Brito	1 «
Thomaz Rofino Monteiro	1 «
Caetano Augusto da Silva Mendes Leal	1 «
Filippe Maria Ribeiro	1 «
Jorge Lima	1 «
Antonio Gil	1 «

(Continua)

ERRATA — Do numero antecedente na poezia, — O Christianismo, Em lugar de — Da Cruz o Estandarte sublime se ergue — Lea-se — Da Cruz o Estandarte sublime se ergueu.

IMPRENSA NO FOLHETO N.º 100.

A BENEFICENCIA.

JORNAL DEDICADO Á ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8, e nas mais do costume.

N.º 3. — FEVEREIRO, 1.º — 1853.

O CARNAVAL.

Tres dias antes da sagrada quarentena tem o povo licença para se divirtir; são os tres dias denominados do carnaval, vulgo entrudo. E' justo, é até conveniente que o povo se divirta; mas sejam os seus divertimentos licitos; e não se abuse d'essa licença comettendo excessos que pareçam accessos de loucura. Em todos os paizes civilisados é o carnaval um tempo de regosijo popular, em danças, mascaradas, e mil outros entretenimentos variados; na Italia os vimos nós, que decerto em paiz algum será o carnaval festejado com mais gosto, variedade, e riquesa; os ricos e os pobres, os grandes e os pequenos em perfeita harmonia se reunem a um divertimento universal; mas o nosso Portugal, com pena o disemos, não parece uma nação civilisada no modo porque se festeja o carnaval! perece uma nação de costumes barbaros! O povo se desemfrea; não contempla pessoa alguma; não respeita as leis, e parece possuido de um loco frenezim! A aluvião de cacos, ovos, laranjas e tremossos, são os confeitos, e as flores com que mimoseam as mascaras, ou os pacificos caminhantes, parodiando por tal modo as nações cultas da Europa! é a tremenda artilharia com que atacam, seja quem for; velhos, creanças e sr.as tudo está sojeito ao despotismo popular, porque nestes dias os rapazes são os que mais imperam. Todos os annos acontecem desgraças no entrudo; mortes, ferimentos, cabeças quebradas, olhos vasados, e desordens. As mais indecentes palavras soam por toda a parte; sendo como galanteria o encherem as proprias bocas das mais torpes immundices! será isto civilisação? As pessoas sisudas que precisam saír a cuidar em seus negocios, receiam ir á rua temendo os insultos, e tratos infernaes que se offerecem por cumprimento a quem passa; ou atirando com agua, panellas, fogareiros quebrados; ou enchendo o fato de pós de todas as qualidades más que se podem enventar para encomodar o corpo humano; ferruge de chaminé, ortigas, e quantas judiarias ha tudo se emprega nestes dias em que, os inglezes com rasão disem, que os portuguezes endoidecem! Os mesmos irracionaes soffrem torturas dos rapazes no entrudo. As pinturas desonestas que se aprezentam á venda são repugnantes aos olhos da moral, e bons costumes que devem reinar n'uma terra christã, e civilisada! Não seria melhor que em vez de taes indecencias, e brutalidades se distrahisse o povo como em outros paizes, com mu-

sica, baile de mascaras, e tudo quanto possa entreter os animos sem offender a moral?

Não seria melhor ensinar o povo a gostar de divertimentos finos, onde o espirito se recreia sem fazer mal aos outros? Quizera-mos ver imitar nisto as nações estranhas, que em tudo o mais se tem arremedado, porém se por mau fado nosso temos visto deixar muitos de nossos bons costumes, por estranhos e peiores, vemos no carnaval que os portuguezes são sempre portuguezes.

Até o nascente imperio do Brazil nos ensina o gosto e a delicadesa nas fulias do carnaval. As bonitas laranjas, limões, e mais fructas de cêra transparentes, e de côres, cheias de agua de cheiro, substituem as pucaras, e tigelas de agua suja com que se usa em Lisboa perfumar os caminhantes, e as visitas, que se recebem, e dispedem com murros, empurrões e descomposturas! Os Brazileiros corrigiram taes abusos alli entroduzidos pelos portuguezes, e estabeleceram novos usos, entretendo-se com innocentes jogos, danças, musicas e mascaras etc.

Na cidade do Porto, consta-nos que já não se concentem os divertimentos barbaros que ainda se usam em Lisboa, a capital do Reino de Portugal! A rasão é mui simples: os Portuenses teem mais civilisação porque teem mais instrucção.

Clamaremos no deserto? talvez não, porque todas as pessoas sensatas conhecem que deve haver uma reforma nas festas do carnaval usadas até hoje em Lisboa, e em quasi todo este Reino. Que o povo se divirta, mas que se divirta em termos; que as Authoridades velem sobre taes divertimentos para coibir os excessos, e prevenir os resultados fataes de taes excessos; e que se mantenha emfim a ordem precisa em tudo.

Fazemos votos para que este carnaval passe feliz; e não haja nem uma só victima, como tem havido todos os annos, em risos da alegria tem soccedido os prantos da compaixão,

D. A. G. Pusich.

OLINDA.

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 2.º

Lá dobra vezes tres da Aldêa a campa!
Lá chama aerea voz alguem! tres vezes!
Dos Pacos de Cumnor envolta ás Torres
Bateu o negro Corvo as azas negras.
DE MICKLE.
Balada, ou Elegia. — Cumnor-Hall.

(Continuação.)

Já no horisonte erguendo a face pura
Candida Aurora as trevas afugenta!
Já de ouro, e de rubins fulgentes raios
Despede o Sol; e as plantas vivifica.
As innocentes Aves despertando
Os ninhos deixam; vem saudar o dia,
Ternas canções alegres entoando.
Acorda a naturesa! e o triste amante
Dorme profundo somno! eis de improviso
Ao som de humana voz desperta, e olhando
Vê junto a si um homem venerando,
Longa a barba, o cabello encanecido,
Rustico em trage, em frase Cavalleiro.
« Quem és, diz Eduardo, e que pertendes?
« Quem és, que perturbar vens meu descanço?
« Se és vivo foge. se és phantasma fica,
« Que eu só das sombras quero a companhia.
« Quero aos vivos fugir, viver co'os mortos! »
« Socega-te, mancebo desgraçado!
Diz o bom ancião: « Se é tua sorte
« Os vivos detestar, de mim nao fujas,
« Que á morte mais que á vida já pertenço.
« Vem ver meu pobre albergue, e n'elle a ima-
« Verás da sepultura. » Ao triste jovem (gem
Pega do braço; e a custo o vae levando.
Passaram todo o bosque; junto a um monte
Um pequeno casal se divisava;
A' entrada um cedro tinha; parecia
Uma Ermida em deserto. Sobre a porta
Via-se triumfante a Cruz de Christo,
E em mármore gravada esta legenda:
— Quem por Deus foge ao mundo, sonão vive —
— Tem do Senhor a excelsa companhia. —
Toda esta habitação era uma sala,

E um pequeno aposento, onde uma cama
Tinha o Ermita: na sala entrando apenas
Sobre um Altar se via uma caveira:
N'ella attenta Eduardo, e diz ao velho,
Com voz terrivel pela dôr cortada:
«Ah! bom velho! eis a vista que me é grata!
« O desengano este é do mundo insano!
« Do mundo que abomino, e fugir quero!
« Oh! quem me dera já ver-me finado
« A ponto de egualar esta caveira!
« Meu triste corpo então já não soffrêra,
« E minh'alma talvez fôra ditosa
« Na doce companhia idolatrada
« Da esposa que perdi, que extincta adoro!»
Da afflicção de Eduardo condoido
O bom velho o conforta, e lhe offerece
O preciso alimento, que a uma Aldêa
Costumava ir buscar, d'alli não longe.
Recusou-o Eduardo, e o Monge o exhorta
Com palavras de fé, que o persuadem.
Pedindo-lhe attenção, conta-lhe o velho
Que elle era inglez, Religioso antigo
Catholico Romano; e que aborrido
Das leis modernas; e em geral do mundo,
Buscára a solidão n'aquelles ermos,
Mandando construir uma choupana,
Que no inverno da vida o recolhesse;
Que não tinha parentes, nem amigos,
Além de algum viandante desgraçado.
Ricardo se chamava o Solitario.
E proseguiu: que usando levantar-se
Ao raiar da manhãa, humildemente
Ao Supremo Senhor de quanto existe
Erguendo o pensamento, e as mortaes vistas,
Demandava os logares mais desertos;
E hoje, por certo occulto sentimento,
Que elle mesmo estranhára, conduzido
Só por seu coração foi ver o bosque
Onde estava Eduardo, e o julgou morto
Por lhe sentir a fronte, e as mãos geladas;
E por isso o chamou. Mais animado
O mancebo lhe conta seus desgostos,
Dizendo, que buscava n'um deserto
A vida terminar sem ver um vivo,
Que por ser vivo a si mesmo s'odiava
Pede lhe conte historias d'algum morto,
E por piedade em vivos não fallasse!

Conhecendo o ancião ser imprudente
No auge maior de dôr todo o conselho,
Tentou na mesma dôr achar-lhe o alivio.
A historia lhe contou de um negro Espectro,
Que na Inglaterra apparecer sohia
N'uma antiga Abbadia, hoje deserta,
Dos Monges de Abington retiro outr'ora,
N'um bosque em Cumnor-Place edificada,
Isabel a doara a um seu valido:
D'este a infeliz consorte assassinada
Foi n'aquelle solar: o algoz malvado
N'uma prisão tambem perdeu a vida,
No cruel desese por de um herege.
E' fama, que, em soando a meia noite
Té ao nascer da Aurora, alli se escutam
Estrondo horrivel, funebres gemidos.
Grassando o espanto, e o terror na Aldêa,
Todo aquelle arredor despovoaram.
Inda não se animou algum vivente
A sondar este arcano, que bem póde
Ser vão pavor de um morto; e que dos vivos
Aquelles paços o delicto escondam!
Ou de falsa moeda fabricantes,
Ou de ladrões quadrilha alli se abriguem;
Porém, seja o que for, ha tantos annos,
Sem faltar noite alguma, ás mesmas horas,
Apparece o phantasma; ora girando
Sobre os muros do Alcaçar; sobre as torres;
Ora descendo ao bosque, e aos subterraneos,
Pois quando geme faz tremer a terra!
Será do Ceo talvez a alta justiça,
Que nesta apparição se manifesta!
Tal discorria ó velho; e a estranha nova
Interessa Eduardo: elle decide
Dos paços de Cumnor ir ver o Espectro.
Da arriscada intenção quer âfastal-o
O devoto ancião, mas vendo inuteis
Suas ponderações, e seus esforços,
Ao peito de Eduardo um lenho sacro,
E outras reliquias santas pendurando,
Lhe diz: « Vae triste, inconsid'rado joven,
« Que ousas de um reprovado aproximar-te!
« Contra as forças do inferno um Deus te escude,
« Que eu por ti fico orando até que voltes.
« Quem nunca a historia horrivel te contára,
« Que esta dura afflicão me pouparias!
« Fatal noite! fatal condescendencia!»
Eduardo agradece o acolhimento
E as bondade do Monge, a quem promette
Voltar em breve. A noite negrejando
Co'as sombras o universo inda envolvia,
Quando abraçando o amigo, o infeliz joven,
Da virtude, e da paz deixou o asylo.

Noite e dia caminha, té que chega
Ao ponto onde o embarcar é indispensavel:
Passa emfim á Inglaterra; e a estrada segue
Que mais breve o conduz a Cumnor-Place.

(Continúa.) *D. A. G. Pusich.*

A CAPTIVA.

Genie, ange sans aile
Dont les pleurs font pleurer! . .
A Lamartine

Por que choras ó donzella,
Por que gemes sem parar,
Tu, que és tão linda, tão bella,
Como um astro a fulgurar,
Não chores, bella captiva,
Recobra a purpura viva
De teu rosto virginal;
Esquece a patria mesquinha,
Aqui serás a rainha
Sobre um throno de coral.

Terás palacios formados
De prata, d'ouro e marfim,
Terás jardins encantados,
Tão longos, que não tem fim,
Terás a seda, o veludo
Terás frouxel, terás tudo
Quanto me queiras pedir,
Mas em troca um teu sorriso;
Dar-me-has, meu paraiso;
Has-de, Elvira, aqui sorrir.

Donzella, não me respondes
Não queres dar-me esse amor,
Dize, sim, por que t'escondes,
E foges do teu senhor?
Dize o que queres, são rosas
Feitas de pedras formosas
E das per'las de Ceilão?
Ou são ricos diamantes
Ou valiosos brilhantes
Desta c'roa de Sultão?

Eu tudo posso alcançar-te
Que tenho immenso poder;
Quero a meu lado guardar-te,
Donzella, que és meu praser;
Amo-te sim que és formosa
Do haremo, mais linda rosa,
De tão formoso matiz;
Heide essa fronte cingir-te
Da c'roa, e hasde sorrir-te
A' vista dos seus rubis.

Dize, mulher por que insistes
Em negar-me um teu sorrir?
Por que teus olhos estão tristes,
Por que te vejo carpir.
Dize, dize, quanto sentes,
Que esses teus choros vehementes
Um mysterio occultarão . . .
Dize, mas sabe, captiva
Que morta sejas, ou viva,
Não heide adorar-te em vão.

—Mouro cruel, não receio
Essa ameaça que tens,
Não sabes tu por que anceio,
Por que choro em teus harens?
E' por que, jovem donzella
Na minha terra tão bella,
Tinha crença, e tinha amor.
E aqui, mouro odioso,
Neste palacio orgulhoso
Só tenho um calix de dor.

Agora, á patria roubada,
Que soffrer não é o meu,
Por teus labios profanada
Vou perder candido véu,
Que m'importam teus favores,
Se na patria, meus amores
Eu malfadada deixei . . .
Nada m'importa, africano,
Teu amor, que ledo engano
Jámais nesta alma abriguei.

Sou tua escrava, maldito,
Esp'ranças não devo ter,
Captiva tua, repito,
Que te não heide temer,
Embora fique perdida
Qual debil cecem pendida
Qual astro perdendo a luz;
Eu só quizera deixar-te
Ir lá na patria olvidar-te,
E morrer aos pés da cruz.

D. Maria Rita Colaço Chiappe.

A pedido do nosso illustre correspondente em Aveiro publicamos as seguintes Decimas, que por sua moral são dignas de publicação; e muito estimariamos conhecer o nome da auctora, pois que desde já por seus bons sentimentos merece a nossa estima, e consideração.

Horrendo abysmo, e aleivoso
O mundo se me figura;
óS dentro de uma clausura
Ha socego, paz e gôzo.
Feiz, mil vezes ditoso,

Quem com vallor singular
Foge ao procelloso mar,
Dos seus fingidos encantos,
E ante os altares sanctos
Passa o tempo a orar.

O Deos do céo creador,
Amante da castidade,
Dá a eterna felicidade,
A quem lhe consagra amor:
Vinde todos com fervor
Reverentes ante o altar,
Divino auxilio implorar
Em obsequio dos mundanos,
Que cégos em seos enganos
Passam o tempo sem orar.

JENNY.

ROMANCE ORIGINAL.

(Conclusão.)

Eram cinco horas da manhã; Hildegarda velára junto ao leito de Jenny; esta parecia mais aliviada; tomando a mão da sua amiga entre as suas, lhe disse:

Hildegarda, dez mezes de soffrimentos, dez mezes de lagrimas e desesperação, são as delicias que encontrei no meu casamento, Alberto, esse homem que era a luz dos meus olhos, a vida da minha vida, o sol da minha existencia; depois de me seduzir com as brilhantes promessas d'uma fortuna immensa d'um futuro de rosas; depois de me obrigar a abandonar a casa materna, onde tão feliz havia sido na minha infancia, depois que lhe sacrefiquei todos os sentimentos do meu coração, agora me attormenta continuamente transformando-se aquelle anjo de paz dos primeiros dias da minha união, em demonio furioso que me despedaça continuamente os seios d'alma.

Ah! misera de mim... que abandonei a casa feliz onde vi sorrir em torno do meu berço a ternura maternal e não morri eu de vergonha ao deixar a minha boa e querida mãe?

Agora eis-me aqui no leito da morte privada das bençãos da mãe que ultrajei e a quem abandonei; ai! agora ella não me quererá perdoar; será debalde que eu tentarei abrandar sua cólera justamente levantada contra mim. Oh! mas se ella soubesse o que eu tenho soffrido, se houvesse quem podesse fielmente informal-a de quão duramente tenho expiado os erros d'um momento; se ella ouvisse os longos suspiros que tenho exhalado regando de cupiosas e amargas lagrimas este seio onde pollula o innocente fructo d'um malfadado amor, ai! se ella soubesse tudo isto, o seu coração maternal não resistiria a tanto soffrer; ella por certo me perdoaria, e se eu oblivesse o seu perdão ao menos morreria; (porque eu não posso sobreviver a tantas angustias) morreria em socego deixando o meu filho nos braços da minha boa e adorada mãe!

Hildegarda procurava consolar a sua amiga com a esperança de que sua mãe havia de perdoar-lhe, e a pobre Jenny ao ouvir tão doces expressões como um suave balsamo que correndo de uma mão bemfaseja vinha refrescar as chagas moraes que a miseria, a colera de sua mãe, e a ignobil villesa de seu marido haviam aberto no intimo de seu coração, emballada por esse lisongeiro raio de esperança que assomára á sua imaginação Jenny adormeceu.

Era no mez de dezembro, a chuva cahia em grossas gotas demoradas, de um ceo todo negro, e alagava as ruas de Lisboa, que envolvida em um funebre e triste manto de carregadas nuvens parecia annunciar ao moribundo seus ultimos momentos.

Uma seje rodava apressada pelas calçadas de uma rua quasi deserta; parou diante de uma casa magnifica; uma senhora muito joven vestida toda de preto apeou-se e sem se fazer annunciar entrou no primeiro andar e dirigiu-se a um quarto onde trabalhava uma senhora de uns 40 e tantos annos. Hildegarda que o leitor sem

duvida conhecerá, dirijiu-se a esta sra. que a recebeu com um affecto cordialissimo.

— Querida Hildegarda, diz ella com esta chuva vindes procurar-me?!

Uma necessidade, diz Hildegarda, na qual só vós podeis valer-me, é a que me obriga a procurar-vos; ah! por ella eu atravessaria gostosa um abysmo de fogo: quanto mais que nada disso é preciso.

E' grande o negocio, continua ella erguendo-se de sophá onde se tinha lançado para repousar um momento, tracta-se de salvar da morte uma desgraçada que prestes a dar á luz um innocente pede os necessarios soccorros, esses lhe asseguro eu, porém pede outros que só vós lhos podereis conceder; é Jenny, senhora, que dentro em poucos momentos vai ser mãe, e entre amargos soluços pede uma avó para seu filho; a vossa desditosa filha tem expiado asperamente os erros momentaneos que a levaram á ultima desgraça, 10 mezes de soffrimentos ao lado de um homem embrutecido pelo vicio e pela miseria, privada das bençãos maternaes, e das consolações da amisade ella já mereceu a compaixão do ceu, e sereis vós por mais tempo insensivel ás vozes da naturesa? recusar-vos-heis a perdoar ao fructo das vossas entranhas? negareis os braços e os carinhos d'avó ao innocente neto, que estendendo os tenros bracinhos soltará dos mimosos labios um debil murmurio, pedindo compaixão para a victima infeliz das seducções do mundo? Jenny foi culpavel, é verdade, porém os soffrimentos riscaram seus erros do livro do eterno; este já lhe perdoou e vós não sereis menos piedosa do que elle. Oh! vinde vinde abraçar vossa filha, lançar-lhe a benção, e devolvel-a á vida!...

Quando Hildegarda acabou de fallar, D. Leonor estava descorada, e cahindo de joelhos, aos pés da joven sra. exclamou. E' neste momento que reconheço o mal que tenho causado! Jenny! minha Jenny! oh! o meu arrependimento talvez seja tardio, talvez que a victima infeliz a quem tenho negado as consolações maternaes, que em continuadas cartas me implorava, neste momento expira agonisando e clamando por sua mãe... oh! que não possamos salvar-lhe a existencia possam os labios da mãe receber a alma da filha n'um derradeiro suspiro?....

Eram 8 horas da manhã quando Hildegarda e D. Leonor chegaram á mansão da desgraça. D. Leonor ao subir a ingrime escada soluçava amargamente; chegam, batem, uma visinha veio abrir; tinha pintada na sua phisionomia a desconsolação; ouvem-se debeis gemidos, e um vago chorar de criança; Hildegarda entrou no quarto onde estava a enferma.

Sobre um pequeno leito repousava a moribunda Jenny, uma innocente, linda como um anjo, estava deitada sobre seu peito, ella a estreitava convulsamente contra o seu coração.

Hildegarda aproximou-se, Jenny ao vel-a reanimou-se um pouco, e sentando-se no leito, disse:

— Emfim, no meio de tantas desventuras, concedeu-me Deus a consolação de appertar contra meu peito o fructo de meu seio, e deu-me uma protectora para esta innocente — Oh! sim, tu que foste amiga constante da pobre Jenny, serás a protectora desvellada de sua infeliz filha.

Hildegarda, é o nome que no leito da morte, ponho á desditosa creatura que dentro em pouco, gemerá na infeliz orphandade.

— Não se tracta de morrer! bradou D. Leonor entrando rapidamente no quarto de sua filha, tracta-se de viver, de conservar teus dias para tua pobre mãe!

« Oh! minha mãe! minha mãe! » bradou Jenny tentando erguer-se, este violento esforço, fez-lhe uma terrivel dor, que lhe causou por alguns momentos a perca dos sentidos, porém recobrado o uso delles, ella ouviu tranquilamente a pobre mãe, que confessando a injusta que fora

em negar-lhe a sua benção lhe pedia agora em lagrimas o seu perdão.

Jenny dirigiu-se a sua mãe. « E' agora que todo o soffrer, todas as angustias de 10 mezes de tormentos, se riscaram da minha imaginação, é agora, que me vejo rodeada dos ternos carinhos da mãe, e da amiga, que eu desejava viver, porém já não é possivel eu vou deixar para sempre esta vida, no momento em que as nuvens tormentosas que se haviam montoado no horisonte da minha existencia se tinham desvanecido deixando de novo divisar a estrella fulgurante da minha felicidade, essa estrella que ainda me sorri no derradeiro momento da vida, na hora tremenda em que minha alma vae abandonar este involucro mortal, dá-me a meiga esperança de que a minha filha entregue aos vossos cuidados, ó minha terna mãe, e aos teus minha boa Hildegarda será feliz. — Adeus que eu sinto extinguirem-se rapidamente meus alentos vitaes, dizei a Alberto que.. eu.. lhe perdôo.. e vós minha..mãe mi.. nha Hildegar..da..per... do... ai... me...

E nesta derradeira supplica de perdão a desditosa Jenny terminou seus dias voando a martyrisada alma ao seio do eterno.

No outro dia os jornaes da capital annunciavam que um homem se havia suicidado com um tiro de pistola, era Alberto que cheio de remorsos ao saber a morte da resignada quanto infeliz esposa havia no meio da desesperação posto um termo a seus odiosos dias.

Hildegarda levou D. Leonor para a sua companhia, onde procurava fazer-lhe esquecer a morte da desgraçada filha, mas ella não poude resistir a seus agros pesares, e no fim de 15 dias foi reunir-se a Jenny na paz das campas.

Hildegarda e Gabriel viveram amando-se ternamente um ao outro e educando a pequena Hildegarda com uma ternura verdadeiramente paternal.

D. Maria Rita Colaço Chiappe.

Recebemos dois fulminantes artigos um do sr. Andrade, outro do sr. Sousa Menezes ácerca do theatro de D. Maria, e da porodia— O theatro e seus misterios. Sentimos não poder publicar neste numero os mesmos artigos conforme seus autores pedem; por se achar já composta a folha. Não duvidaremos porém dar-lhes a exigida publicação se seus autores tiverem a condescendencia de retirar algumas expressões que por demaziado offensivas não podem ter entrada em um jornal que representa a caridade; pois ainda que devemos (como diz um dos mencionados artigos) consentir em que se cumpram duas obras de misericordia, *castigando os que erram e ensinando os ignorantes*, devem taes artigos os de misericordia, ser cumpridos com mais caridade do que aquella que se emprega contra o theatro, e o author da peça; e não julguem S. S. ou Ex.as que seja outra a causa, como querem dizer em seus artigos; porque nós protegemos os artistas em geral, e em geral a mocidade estudiosa; somos indulgentes para com os defeitos de todos em geral, mas não os louvamos nem deffendemos: e é esta a rasão porque não deixaremos de cumentar os referidos artigos; depois de lhes dar publicação, no caso acima dito; desejando nós sempre evitar questões que em vez de illustrar deslustram.

NOMES DOS SENHORES ASSIGNANTES DESTE JORNAL.

(Continuação.)

Os Ex.mos e Ill.mos Sr.s

Visconde da Ponte da Barca	1	exemp.
Barão de Almeida	1	»
Padre José Ilesley	1	»
Prior do Soccorro	1	»
Prior da Magdalena	1	»
Raimundo Francisco Ferreira	1	»
Manoel Antonio de Oliveira	1	»
Germano Victorino Xavier de Magalhães	1	»
J. G. Guerra	1	»
Eusebio Pedro do Prado	1	»
Antonio Simões de Oliveira	1	»
Pedro José Alves	1	»
Antonio Pedro Correa de Oliveira	1	»
Joaquim Felizardo da Cunha Ozorio	2	»
Joaquim José da Gama Lobo	1	»
José Nunes da Silva	1	»
Manoel Joaquim da Costa	1	»

Pois de vêr o horrivel caso
Lhe tremia o coração!
Rompia por entre as turbas
C'o as vestes ensanguentadas:
Mas é detido... escoltado,
Das guardas alli postadas,
« Sou innocente!... — dizia —
Deixai-me por compaixão! »

« Sou innocente!.,. Eu vos juro! »
Mas não era acreditado;
Eis da multidão no centro
Improviso se ergue um brado!..
Era uma dama!... exclamava —
Justiça!... Reparação!... —
E' do punhal a legenda!
Eu sou... eu sou a culpada!...
Roubou-me a gloria... matei-o,
Curvo-me ás leis resignada.
Julgado em fim o processo
El-Rei concede o perdão...

(*Continúa*). D. A. G. PUSICH.

Theatro de D. Fernando.

Em 21 de Julho abrio-se o theatro de D. Fernando sob a protecção do sr. Antonio Pedro Barreto de Saldanha. Este cavalheiro benemerito e tão conhecido como estimado geralmente dos portuguezes, escolheu muito bem a noite para a primeira representação; foi a do dia anniversario natalicio da Augusta Princesa Senhora D. Maria Anna. O delicado pensamento do sr. Saldanha foi porem compreendido, e recompensado por Sua Magestade o Regente, que muito de proposito veio de Cintra assistir áquelle acto, não obstante o terem ido os ministros a despacho (em dia de gala!...) e ter de jantar em Cintra com sua Augusta Filha. É esta uma acção de cavalheirismo que muito honra o Rei que sabe ser grato aos obsequios voluntarios dos subditos, mas que tambem dá grande satisfação a quem recebe taes honras porque entendemos ainda o que ouvimos desde a infancia.:

Quando um sob'rano acceita, então premea.

A companhia do theatro de D. Fernando é composta de alguns actores e actrizes do theatro da rua dos condes; ganharam muito em estar n'um theatro onde as pessoas reaes e distinctas os conhecem, e sabemos que o senhor D. Fernando gostou de ouvil-os.

Em outro numero diremos alguma coisa sobre a companhia, e mencionaremos os actores e as actrizes que mais se distinguem.

—

Theatro da Rua dos Condes.

Continua a sociedade artistica do theatro da rua dos condes a empregar seus possiveis esforços para sustentar aquella empresa. Louva-mos a coragem de nossos artistas, e sentimos que a falta de damas não lhes permitta levar a effeito seus bons dezejos; reste-lhes porem a consolação de vêr que o publico sabe conhecer que a culpa não é dos artistas, mas sim do Governo que tendo um Conservatorio onde se despendem avultadas sommas, não tem uma aula de declamação onde aprendam convenientemente aquellas que dezejam dedicar-se ao theatro: de que resulta o que vê-mos!... E peior verão os que nos sobreviverem, pois caidas na edade as poucas actrizes boas que temos, não apparecerá quem lhes succeda! Se isto assim continuar, terão os homens de tornar aos tempos antigos, e reprezentar de mulheres. Deus melhore o porvir a todos.

D. A. G. PUSICH.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 38 — SETEMBRO 1 — 1855.

SOBRE AS FESTAS
DA DEFINIÇÃO DOGMATICA
NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

NARRAÇÃO — APPRECIAÇÃO DAS MESMAS.

IX.

« A emoção, que no peito excitava' não... a ninguem será dado descrevel-a !... »

Expressando-me assim no fecho do Artigo anterior, queria fallar da Procissão das meninas do Templo da Freguezia da Conceição para o da Conceição Velha. Vinham caminhando a duas e duas, precedidas d'um elegante estandarte de grodnaple azul, orlado de franjas, que sustentava em suas mãos innocentes aquella, que pouco antes fôra digna de abrigar pela vez primeira em seu seio o Deus de magestade immensa, que os Ceus e a terra não podem comprehender. Nesse estandarte via-se bordado o signal da Redempção: a divina palavra — Charidade — o topetava e cingia. Concorriam a tornar mais solemne o sequito — a Irmandade do Sacramento da Freguezia mencionada, e bem assim seu Prior benemerito com varios outros Ecclesiasticos, que se lhe uniram no empenho de o tornarem mais pomposo e respeitavel, tornando-o d'est'arte mais — muito mais surprehendente e tocante.

O povo precipitava-se em chusmas nas ruas da Procissão: a multidão era innumeravel. A impressão, que causava, era profunda, como será duradora. Em muitos olhos borbulhavam lagrimas; e de bastantes ellas correram em fio a banharem as faces copiosamente.

Pela ordem, porque vieram, foram entrando na Egreja, onde a Festa tinha de se celebrar. Cantando — o Tantum ergo — adoraram prostradas o Rei dos Reis no Sacramento Augustissimo; e se collocaram no Cruzeiro, em frente todas da Capella e Altar-Mór. Vestidas singela; mas decente, mas modestamente, alli estavam d'esta forma para patentearem junto á sua Protectora Excelsa, e perante o mundo o jubilo que lhes transbordava de seus

corações juvenis pelos trophéos da Mãi Purissima, alcançados sobre a malicia da serpente maldicta, cuja baba damnada nem de leve a tocára em sua animação gloriosa.

Um véu de bobinet, um vestido de chita azul com ramos brancos (cores da Conceição) uma saia de baetilha, um par de meias, um par de çapatos, um lencinho de assuar, um rozario de continhas brancas, pendente do pescoço, uma vella de cera e um ramalhete de flores: eis aqui o trajo proporcionado pelo producto das esmolas, que o bondoso Missionario póde haver dos Fieis, avidos sempre e cada vez mais de o escutarem.

A verdade que prézo sobre modo, como devo, me leva a declarar que — os çapatos, a vella e as flores foram dadiva da Irmandade illustre, que acompanhara as meninas no seu transito, em testimunho de gratidão pelo desinteresse não commum, que com a mesma uzara na sua Festa, dias antes, por identico motivo o sr. padre Beirão.

Pelos onze horas e meia cantou-se Tercia; e seria meio dia começou a Missa. Cantou-se a do sr. Antonio Leal. Magistralmente composta, perfeitamente bem desempenhada, recreando os ouvidos e a coração com arrobadoras melodias, o seu — Crucifixus — no credo é sobre tudo sublime de propriedade, de belleza e de sentimento. Nada se póde imaginar de melhor effeito.

Foi Orador ao Evangelho o rv.º sr. padre Carlos Rademâker. O padre Rademaker é, hoje, um ornamento digno do nosso Pulpito: ainda em outro qualquer tempo seria recommendavel. Em seus discursos a dicção uza ser clara; os termos proprios; a phrase correcta; o estylo elegante — e por vezes muitissimo colorido, bellissimamente figurado. A oração, que recita, não é uma manta de retalhos sem connexão, sem ordem; o que tão frequentemente está por ahi acontecendo. Logica, coherente, ligada, tem um alvo unico a que mira. E' a proposição, que estabelece em harmonia com o seu assumpto: — proposição, que desinvolve com intelligencia; que demonstra com superabundancia de argumentos; que conduz á conclusão com finura e tino. E', sem contraversia, é já um dos poucos — nimiamente poucos Oradores Sagrados, que Lisboa conta de presente: e sendo, segundo é, mui joven ainda, se se applicar deveras ao Ministerio da palavra, faz conceber assás fundadas esperanças de que chegará a ser um Pregador consummado. De quatro ou cinco vezes, que tive a satisfação de o ouvir, logo da primeira fui levado a formar d'elle o conceito que acabo de exprimir. Nas outras duas ou tres seguintes não o desmereceu de certo.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

NATIVIDADE

DA SANTISSIMA VIRGEM MÃI DE DEUS.

Todos os anniversarios natalicios se festejam! E por que não se hade festejar o anniversario natalicio da Rainha dos ceus e da terra! A Mãe do Redemptor do Mundo!... Como se admitte esta falta indesculpavel em uma nação catholica, fidellissima! como se combina isto com a pompa e magnificencia com que se aclama em todo o orbe christão dogma de fé o mysterio da Immaculada Conceição de Maria Santissima, e não se festeja, não se guarda o dia santissimo do nascimento de Maria!!...

Reis e povos da terra ajoelhae!... Adorae, venerae, respeitae este dia! sem elle não tereis a vossa redempção! A que foi concebida, nascêo e o natal da gloriosissima Virgem foi o dia em que raiou no horisonte o sol brilhantissimo da nossa liberdade e salvação. Os povos que solemnisam o natal do Filho, não devem deixar esquecido o natal da Mãi.

Deus de misericordia! compadecei-vos de nós que humildes e respeitosos lembramos, e veneramos este dia; e compadecei-vos tambem d'aquelles que o esquecem, por que se esquecem de si!

Virgem Mãi do Eterno, estrella que alumiaes o ceu e a terra, enviai um reflexo luminoso á mente dos que regem esta nação de que sois Padroeira; e fazei que se lembrem de vós para que vos lembreis d'elles; e os ampareis.

Fieis portuguezes, uni-vos em espirito, e guardando em vossas almas, e em vossas casas este santissimo dia, repeti como nós do mais intimo do coração repetimos: Bemdito e louvado seja o Santissimo Nascimento de Maria a Mãi de Deus. Por todos os seculos. Amen.

D. A. G. PUSICH.

COMMUNICADO.

(*Continuação*).

O uso das letras era muito raro entre o povo, e poucos homens havia que soubessem lêr. Santo Ireneo attesta que «em seu tempo Egrejas havia que não tinham a escriptura santa, e que no entretanto conservavam uma fé pura por tradicção.

Antes da invenção da imprensa os exemplares da bihlia eram muito raros e muito caros; e deixaria Deus o homem sem a sua regra de fé pelo espaço de mil e quatrocentos annos, á espera daquella descoberta?!...

Mais: o folheto depois de nos dizer que S. Magestade a Rainha por portaria de 17 de Outubro de 1842 ordenára que as biblias fossem distribuidas aos pobres, exclama: «Pais e mães seguireis os conselhos dos inimigos da Biblia, ou o conselho da Rainha, do Patriarcha, de S. Paulo, de S. Pedro, de Christo, e de Deus?»

Dando de mão ao ridiculo absurdo de confundir em materia de religião a auctoridade da Rainha, de S. Paulo, de Christo, e de Deus, lhe diremos que não somos inimigos da Biblia, mas dos seus adulteradores e dos seus falsos interpretes.

Inimigos d'ella sois vós, que a atassalhaes, que a mutilaes, que a roubais traiçoeiramente, omittindo livros inteiros, taes como os de Tobias, Judith, Sabedoria, Ecclesiastico, Profecia de Baruch e Machabeos! Quem vos auctorisou a regeitar estes livros?

Não se conclua do que levamos dito que os catholicos não amam a escriptura; não: é essa uma imputação falsa que lhes fazem os protestantes.

Ha por ventura alguma outra Egreja que colloque mais alto a auctoridade das Escripturas? A Egreja catholica não só ama a Escriptura, mas tem-se constantemente mostrado zelosa da sua auctoridade, tem derramado o sangue de seus martyres para conservar o precioso deposito dos Livros Sanctos.

Foi a Egreja catholica donde vós apostatastes quem colligio os diversos escriptos dos auctores inspirados: foi ella que antes da invenção da imprensa empregou milhares d'homens a copiar a biblia: foi ella que prescreveu seu estudo nas communidades re-

ligiosas, nas universidades e nas escholas.

Antes que existisse alguma versão protestante da biblia, já d'ella existiam innumeraveis, não só manuscriptas mas impressas pelos catholicos, publicadas nesse curto espaço de tempo que mediou entre o descobrimento da imprensa e a origem do protestantismo.

Quando em 409, os barbaros invadiram a Europa, espalhando por toda a parte a desolação e o exterminio, quem foi que conservou fielmente o precioso deposito das verdades reveladas, e ainda toda a litteratura profana, senão os mosteiros erectos pela piedade christãa, senão a religião do Deus tres vezes santo, n'uma palavra, se não o catholicismo!?

Mas, snr. Miller, dizei-nos; quem sois, donde vindes, para onde ides, que quereis?

Deixastes a vossa antiga profissão de fazer remedios, pela de um mau curandeiro; e agora quereis trocar esta pela de missionario protestante.

Quem vos deu a aucthoridade de vos intrometterdes com o ensino religioso n'um paiz que tem, e sempre teve a ventura de viver no seio da religião catholica e apostolica romana?

Quem vos deu a vós tal poder, a vós que apenas sois um hospede e subdito estrangeiro? Como podeis vós de quem ninguem confiaria o seu corpo para lhe tratardes da saude, porque lh'a deteriorarias, instruir-nos em materias religiosas, em que sois completamente ignorante?

Não séria melhor que vos occupasseis dos objectos da vossa profissão, que estudasseis medecina em que sois tão infesado e pequenino, e vos deixasseis de pretenções a proselytismo que nunca haveis de conseguir?

Snr. Miller, desenganai-vos. A Egreja catholica hade permanecer firme e inabalavel até á consumação dos seculos, a despeito dos vossos insultos e da vossa furia miseravel, porque é o proprio Salvador que nos diz: que — as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

Accreditai finalmente que as envenenadas esmolas que ha pouco distribuistes não nos illudem, e ficai certo que, a não ser a vossa infame covardia em nos insultar na vespera da vossa partida, vos haviamos de dar uma lição severa e que por longo tempo vos havia de ficar impressa na memoria.

Funchal, etc. UM PADRE CATHOLICO.

PROGRAMMA

Para a exposição das prendas que constituem a rifa que hade fazer-se a favor da Santa Casa da Misericordia de Bragança.

Formada que seja a exposição das prendas com que varias senhoras concorreram para d'ellas se fazer uma rifa em beneficio do Hospital da Misericordia d'esta Cidade, se dará principio a ella da maneira seguinte, no jardim do batalhão de caçadores n.º 3.

1. — Ás dez horas da manhã do dia dezignado para o primeiro da exposição, a meza da Santa Caza da Misericordia previamente convidada esperará ao cimo da escada do lado da entrada a Commissão Directora da rifa e as mais senhoras e cavalheiros que forem convidados pela dita Commissão para os differentes cargos; e acompanhalos-ha, até á caza da exposição e depois da commissão directora tomar os seus logares, a exm.ª prezidente

declarrará aberta a exposição, e convidará todas as senhoras e cavalheiros a que tomem os seus, e a meza da Misericordia acompanha-los-ha, até aos logares que lhes forem dezignados pelos directores vice-secretarios.

2. — A' hora indicada no art. 1.º duas senhoras e um cavalheiro previamente convidados pela commissão directora, venderão as senhas d'entrada, em uma barraca que para este fim se mandará fazer.

3. — Seis cavalheiros convidados pela commissão directora, serão emcarregados d'accompanharem as senhoras á caza da exposição, e nesta haverá mais dois encarregados de não deixarem entrar alli maior numero de pessoas, do que as que poderem estar com comodidade.

4. — A commissão directora prezidirá á exposição e serão convidados quatro cavalheiros para as acompanharem.

5. — Os objectos que formam a exposição, serão collocados do melhor modo possivel, e terão na retaguarda do mostrador, o nome e rezidencia das senhoras, ou cavalheiros que os deram.

6. — A exposição das prendas durará quatro dias consecutivos, se o tempo o permittir, sendo o ultimo entrada geral.

7. — Para cada um dos dias da exposição se nomearão novas commissões, tanto de senhoras como de cavalheiros, excepto a commissão directora.

8. — Tanto a commissão directora como as mais senhoras e cavalheiros que forem convidados para alguma commissão uzarão do seguinte distinctivo — senhoras um laço de fita branca com pontas cahidas no pulso do braço direito, cavalheiros, o mesmo laço na caza superior da banda esquerda da cazaca.

9. — Quando qualquer senhora ou cavalheiro, percize ou queira sair da commissão de que se encarregou, fará convidar por um dos directores, vice secretarios, uma senhora ou cavalheiro da sua amizade para ir substituir.

10 — A commissão dirigir-se-ha por um officio a todas as pessoas que tenham de tomar parte em alguma commissão.

11. — A commissão dirigir-se-ha ao commandante do batalhão de caçadores rogando-lhe a graça de mandar para o jardim a muzica do mesmo batalhão, nos dias da exposição.

12. — No caramanchão do lado da entrada haverá doce e refrescos vendidos por duas meninas e um cavalheiro.

13. — No outro caramanchão do lado da sahida, estará uma commissão composta de trez meninas e uma senhora que terão a seu cargo a venda dos bilhetes para a rifa.

14. — O custo das senhas d'entrada será para senhoras 20 reis — Homens 40 reis — meninos e meninas 10 reis, e os bilhetes para a rifa é de 100 reis, e estes serão carimbados com as armas da Santa Caza da Misericordia.

15. — O numero de bilhetes de que se hade compor a rifa será mencionado nos mesmos bilhetes, e o dos premios será mencionado na lista dos mesmos, sendo o valor destes a quantia de 450$000 reis.

16. — Tanto na caza da exposição como nos caramanchões haverá listas impressas contendo a numeração e designação dos premios.

17. — Todas as senhoras e cavalheiros convidados para alguma commissão assim como a commissão directora reunirão em caza da exm.ª prezidenta á hora que lhes for dezignada no officio de convite, afim de

accompanharem para o local da exposição.

18. — Os directores da exposição e rifa serão o vice secretario da 1.ª secretaria José Antonio Garcia de Lima e o da 2.ª secretaria D. José d'Almeida Mello e Castro.

19. — Ultimada a exposição todas as prendas serão tornadas a levar para caza da exm.ª D. A. A. M. d'A. P. e dar-se-ha principio á extracção dos premios, da maneira seguinte.

20. — O dia para começar a extracção dos premios será designado pela commissão directora, e tornar-se-ha publico por annuncios e pelos periodicos do Porto; a mesma commissão directora prezidirá a este acto.

21. — Os numeros dos bilhetes e os dos premios serão examinados pelo illm.º Administrador do Concelho e este e o seu secretario serão convidados pela commissão directora para assistirem á extracção dos premios.

22. — Mandar-se-hão fazer duas urnas tapadas, só com um buraco por onde possa caber a mão d'um menino de 6 a oito annos de idade; e uma servirá para os numeros dos bilhetes, e a outra para os dos premios e brancos.

23. — Para cada um dos dias da extracção dos premios em quanto durar, a commissão convidará por via d'um dos vice secretarios directores, dois meninos e nenhum delles poderá ser dos do dia antecedente, não devendo ter d'idade mais de 6 a 8 annos.

24. — A commissão convidará por officio dois secretarios e dois escrutinadores, e quatro substitutos, os primeiros terão a seu cargo a formação das listas dos premios o segundos o lerem os numeros que os meninos lhes entregarem.

25. — A extracção dos premios será publica no local da exposição e se o tempo o não permittir a commissão directora fará procurar uma caza propria para o fim, e aonde possa ir quem interessar, e de maneira que a extracção dos numeros não soffra intervallo algum de dia ou dias.

26. — A extracção começará ás dez horas da manhãa e fechar-se-ha á hora que a exm.ª presidenta o determine, e então meter-se-hão as duas urnas depois de lacradas e selladas com o sello da Sancta Caza da Misericordia, em uma caixa com trez chaves, esta será lacrada e sellada, e depois as chaves entregar-se-hão uma á 1.ª secretaria, outra á 2.ª, outra á Thezoureira, e esta entrega será feita pela exm.ª Prezidente.

27. — No dia seguinte ás mesmas 10 horas quebrar-se-hão os sellos e continuará a extracção, até que a exm.ª presidente a mande fechar, seguir-se-ha o mesmo que no 1.º dia, e assim até ao fim.

28. — Ultimada a extracção far-se-ha logo imprimir a lista dos premios, que se tornará publica nas cazas de negocio aonde estiveram os bilhetes á venda, e a commissão remeterá uma a todas as pessoas, que passaram, ou ficaram de vinte bilhetes para cima.

29. — O prazo para entrega dos premios é de trez mezes, findos os quaes, os premios que não tiverem sido requezitados, serão entregues ao Provedor de Misericordia em meza.

30. — Os premios que sahirem ás pessoas de fóra da cidade serão entregues em qualquer dia que os reclamem, e os que sairem ás da cidade, só serão entregues ás quartas feiras e sabbados.

31. — Para ser entregue o premio é preciso com antecedencia ser o numero do bilhete premiado confrontado

com o talão no mesmo numero, e depois de se conhecer a legalidade do bilhete a exm.ª prezidente porá no v.º do mesmo bilhete — entregue o premio n.º — e depois falo-ha sellar com as armas da Santa Casa da Misericordia, e para isto tudo se levar a effeito um dos vice secretarios estará em casa da exm.ª prezidenta ás segundas e quartas feiras desde as 10 horas da manhãa até ao meio dia, e em casa da exm.ª D. A. A. M. P. ás quartas e sabbados á mesma hora para fazer a dita entrega.

Continua.

THEATROS.

O Gymnasio tornou a vêr honrar-lhe o palco o nosso benemerito autor e actor, o sr. Braz Martins; regressando do Porto, onde colheu as mais brilhantes corôas, e obteve merecidos applausos e enthusiasmo nas representações do seu bellissimo drama — *O Thaumaturgo.* — Em outro numero trataremos este assumpto.

D. Fernando.

O *Laço de Fitas* é, a nosso vêr, a melhor peça que tem ido no theatro de D. Fernando, até porque as damas d'aquelle theatro (á excepção da sr.ª Elisiaria) vão melhor vestidas de homem, como succede ás sr.ªs Anna Cardoso e Maria do Céo nesta peça, em que muito bem desempenham seus papeis; e a sr.ª Fialho tambem, no *Perdão d'Acto*, tendo-se identificado tanto com aquella farça que parece quasi esquecida de ser mulher. Entretanto como não hade agradar um eterno perdão que não seja do Eterno, aconselhamos a joven actriz a desenvolver o seu espirito em papeis dados ao seu sexo, onde os sentimentos e paixões serias interessem o publico sensato, pois só elle lhe póde dar nome. As palmas e pateadas de capricho não estabelecem nem fazem perder creditos.

A sr.ª Eliziaria é, sem a menor duvida, a primeira dama do theatro de D. Fernando (sem offendermos o merito artistico da sr.ª Cardoso) porque sua figura, edade, phisionomia agradavel, e as excellentes lições do theatro de D. Maria, a fazem ser a primeira em D. Fernando.

Muito mal estamos de actrizes, poucas são as que se possam chamar boas! Ainda tornamos ao que dissemos no antecedente numero, caidas na edade as que temos, vistam-se os homens de saias, que não teem outro remedio, aliás imitem os autores o sr. Amorim no seu *Guiji*, ou *fóra de scena* mulheres moças. Sejam todas Barbaras, e ainda assim terão nome e gloria.

Quanto aos actores do theatro de D. Fernando, os srs. Brêa, Rodrigues, Faria, e Rolão esforçam-se por agradar; e não lhes negamos mais ou menos habilidade; porém o sr. Santos leva a palma. Tem muito genio, e tem instrucção.

Rua dos Condes.

A *Romã Encantada* continua a encantar; é por certo uma bonita peça, onde resplandece a luz de um genio bom que a escreveu; bom nas propensões litterarias, e bom nos sentimentos moraes que o animam. O sr. Pessoa foi muito feliz na sua composição, e o publico sabe devidamente aprecial-a. O desempenho é o melhor que se podia esperar. O sr. Simões é o sustentaculo maior d'aquelle theatro, é um actor de ge-

nio e extrema habilidade, unindo a estas qualidades superiores todos os brios de um grande artista. E' digno dos mais altos louvores, e de toda a protecção. A sua intelligencia, a voz, a figura, a idade, tudo o favorece, e imitando um grande modêlo (o sr. Theodorico) vae como elle conquistando muitas e boas sympathias.

Os srs. Rosa Mattos, Florindo, Joaquim Bento, Pinto de Campos e Faria, são actores de muita habilidade com estudo, em annos jovenis, e animados dos mais nobres sentimentos de trabalharem como artistas, agradando ao publico, engrandecer-se-hão honrando a sua patria. O aldeão e a preta da *Romã Encantada* tocam o sublime no desempenho de seus papeis. O scenario é bello, e as mutações de scena muito bem operadas.

As damas deste theatro são como as de D. Fernando: animadas dos melhores desejos, mas privadas da instrucção indispensavel a qualquer actriz que estima distinguir-se, e agradar ao publico. Comtudo suppomos que tendo mais alguma pratica, bons ensaios, e estudo, virão algumas a merecer justos applausos, pois mostram já muita habilidade. D'estas nomearemos as que vimos executar melhor alguns papeis — as sr.as Seabra, Cordal, e Maria Emilia; mas é preciso não puchar muito pela voz da sr.a Cordal, que podendo ser uma dama ingenua, escusa ser uma pessima cantora. deixem o canto para a sr.a Felicidade Perpetua e outras.

Das tres dançarinas da Romã encantada, a sr.a Carolina é a que merece justas palmas.

Vimos a subida de um balão; é bonita e engenhosa.

Tambem *A' procura d'um tenor* é engraçada comedia, e estimamos vêr que a Sociedade do Theatro dos Condes vai-se distinguindo afastando do palco peças immoraes e grosseiras, e da platea os barulhos; sendo certo que estas duas circumstancias tem concorrido muito para attrahir a este theatro pessoas distinctas e serias que d'alli fugiam. O theatro da rua dos condes por sua localidade, e antigos prestigios, tem grandes sympathias; e hoje em protegel-o ha um certo espirito de nacionalidade, e generosidade que anima o nosso publico, sempre decidido a valer áquelles que parecem abandonados dos grandes e poderosos!... Então os menos poderosos, os que parecem fracos e pequenos, sabem ser fortes unindo-se estreitamente para acudir áquelles que invocam e merecem o auxilio publico. Longo vai já este artigo, e não o podemos tornar maior, attentas as urgencias que reclamam os espaços desta folha; mas se ella tem por titulo e divisa — A BENEFICENCIA — não podemos deixar de prestar os possiveis serviços aos nossos artistas, de todas as classes, e por isso tornaremos a este assumpto, porque é necessario que a verdade chegue aos ouvidos dos que podem e devem remediar e terminar, os males que soffre este nação, ou alguns de seus membros. Não nos movem rediculas predilecções, ou *quezilias*, move-nos o dezejo de fazer o bem que podermos áquelles a quem o nosso pequeno auxilio para prestar.

D. A. G. PUSICH.

A GRINALDA

Continua-se a publicar no Porto o interessante jornal — A Grinalda — suas lindas e variadas flores ornando o solo onde vicejam honram a cultura de tão mimosas producções.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.° 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 39 — SETEMBRO 15 — 1855.

SOBRE AS FESTAS DA DEFINIÇÃO DOGMATICA NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

NARRAÇÃO — APPRECIAÇÃO DAS MESMAS.

IX.

Pelo que já disse do padre Rademaker, como orador evangelico, conhece-se assás o conceito vantajoso, que d'elle fórmo — olhando-o por similhante lado. E' isto verdade; mas tambem o é que um tal conceito, assim vantajoso — sinto dizel-o — com quanto continue a mantel-o, não foi confirmado nesta occasião, e todavia sempre muito esperei que o seria. Não faltam de tal esperança, de que todo estava cheio, testimunhas insuspeitas. Interrogado por ellas, affianceilhes de prompto um desempenho brilhante.

Estabeleceu tres proposições para demonstrar. Primeira: — que a definição do dogma da CONCEIÇÃO SEM MANCHA foi justa. Foi opportuna, segunda. Terceira e ultima, que era necessaria.

Ou eu me engano desmedidamente, ou o Padre Rademaker satisfez pouco á demonstração promettida no terceiro ponto principalmente, e mais bastante mais no primeiro esteve bem longe, creio eu, de assentar premissas assás seguras — e as sufficientes, d'onde podessem sahir em conclusão aquellas suas proposições. Não o achei aqui assim solido e vigoroso, conforme o podia... o devia ser. Talvez esteja em erro; é mesmo muito possivel. Escrevo, no entanto, o que penso; e alem d'isso, o que ouvi não menos declarar a varios.

Ha ainda outra especie, que me não foi dado observar sem extranheza. Sua senhoria, alto e bom som, affirmou que o que ia demonstrar não era para o seu auditorio: — esse era todo christão e devoto de Maria; era para os impios e descridos. De duas uma. Ou os *impios descrentes* (palavras formaes do Padre Rademaker) estavam lá para o attender, ou não. Se estavam bem: mas neste caso o auditorio não era todo — como dizia. Se não estavam, a que vinha alli a demonstração?...

Fallar, falla-se aos presentes: escrever é que é para os auzentes. Na supposição segunda, o que fazia era sem fructo, sem proveito. Era mais: era açoitar o ar; attacar pelas costas. Por isso desagradou-me immenso declaração similhante.

Intendia eu não haver inconveniente algum em que a demonstração a fazer fosse para os ouvintes. Crentes, como eram, serviria ella para os elucidar sobre os fundamentos da sua fé: — serviria para lha tornar racional, na linguagem do Apostolo: — serviria ainda para lhes ensinar o que conviria responder ás invectivas dos máus que lha quizessem combatter. A grande maioria d'elles de certo — infallivelmente não o sabiam. Se os incredulos asseveram que: — a definição de que se trata, fôra injusta, inopportuna, desnecessaria, — logico é, util é, preciso é que todos os Fieis conheçam — o porque foi justa; porque foi opportuna; porque necessaria. Nestes termos, todos, estavam habilitados para os confundir.

Remattando: o Padre Rademaker não se deve dizer que desempenhou de todo mal sua missão: illudiu, com tudo, um pouco minha espectativa. Não foi o que elle póde ser.

A' Missa assistiu n'uma cadeira, convenientemente collocada ao lado do Altar-Mór da parte do Evangelho, o exm.° e rvm.° sr. Bispo Resignatario d'Angola, Commissario Geral da Bulla da Santa Cruzada.

Apenas ella terminado havia, as meninas, como processionalmente tinham vindo, assim sahiram para casa d'um devoto que charitativamente se offerecêra para lhes dar de jantar. Foi este farto, segundo me informam. As Senhoras da caza fizeram o serviço á meza das meninas, acção edificativa e mui louvavel.

Depois do jantar tornaram de novo ao Templo a dar graças a Deus e á Virgem pura pelos bens, que por um impulso todo do Ceu lhes tinham sido feitos; e porque não era possivel — era mesmo cruel, conservar por mais tempo n'uma subjeição penosa, e posição incommoda pela enchente de povo, que nelle se apinhava — não era possivel, e até era cruel, conservar alli as creancinhas — muitas d'ellas de tres e qnatro annos, o Padre Beirão, entregando-as á seus Pais e suas Mãis, as fez retirar. Mostra em tudo sua sollicitude e cuidado pelos innocentes.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

INSTRUCÇÃO PASTORAL

D. Manoel Martins Manso por Mercê de Deus, e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Funchal, Ilha da Madeira, Porto Santo e Arguim, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, etc.

Aos que a presente virem saude e paz em o Senhor.

Não satisfeito o homem inimigo com ter semeado, ha annos, n'este Bispado a zizania do erro e da mentira, continua a empregar todos os meios ao seu alcance para tornal-a fecunda e productiva, e lançando agora mão do dr. Miller, medico estrangeiro, para servir de novo agente da propaganda heretica; é mister, amados irmãos, prevenir-vos contra a sua linguagem ardilosa e fallaz.

O primeiro passo, que elle deu em publico, depois de receber as instrucções de seu cunhado o dr. Kalley, foi espalhar entre varias pessoas os seus impressos sobre materias religiosas; e alguns acompanhados de dinheiro, com o fim de seduzir os fieis incautos, apartal-os do gremio da Santa

Egreja, e attrahil-os ao proselitismo da seita Kallysta, que tantos males tem acarretado sobre os madeirenses. Estes impressos, que á primeira vista parece não respirarem senão aquella prudencia e simplicidade, que o Salvador recommendou a seus Discipulos; são tanto mais suspeitos e perigosos, quanto o seu auctor prodigo em louvores da Biblia, pretende servir-se d'ella, como de taça d'ouro, para nos propinar o veneno da heresia. Com tudo a indignação com que justamente foram repellidos os mesmos impressos, e com especialidade aquelles que o auctor teve a impudencia de enviar a alguns reverendos Ecclesiasticos, causou-nos a maior satisfação, na esperança de que estas novas tentativas hão-de ficar de todo malogradas.

As penas temporaes, que no Juiso secular vão ser impostas ao dito Miller; os esforços do Rvd.º Clero em combater com denodo os erros d'estes hereges; e os religiosos sentimentos de devoção e piedade, que animam os nossos amados diocesanos, para frequentarem as casas da oração, ouvirem a palavra Divina, e concorrerem zelosos a celebrar com a maior pompa e magnificencia o Culto de Deus e dos seus Santos; são outros tantos penhores seguros, que Nos afiançam da sua parte uma firme e constante opposição a este mal contagioso, com que se pretende inficionar o Corpo mystico da Egreja. Entretanto, como os inimigos nos rodeiam, é indispensavel, amados irmãos, para evitar qualquer surpresa, estar sempre attentos e vigilantes. resistindo-lhe fortes na Fé; e sobre tudo, para alcançar d'elles uma completa victoria, implorar com humildade e confiança o poderosissimo soccorro da Santissima Virgem Maria; a qual tendo por si só debellado as outras heresias em todo o mundo, hade tambem supplantar esta, que lhe nega o devido culto e veneração.

Queixa-se o fautor da heresia no seu ultimo manuscripto, de que a sua insinuação, aliás cheia de brandura e affabilidade, fosse tão acremente rebatida na Imprensa por um Padre Catholico. Mas se elle estudasse a Biblia tanto, quanto aconselha; n'ella veria justificada a acrimonia da refutação; pois quando o lobo apparece para acometter o rebanho, tem os pastores, que servem de sentinellas, obrigação de gritar-lhe (1): e se elle, por matreiro, se não retira; cada vez devem levantar mais a voz, e usar, de todos os meios ainda que sejam desabridos para o afugentar; porque o lobo, por mais que queira contrafazer-se em mostrar afagos e meiguices, nunca perde a sua natural fereza — *lupus etiam cum blandit, odit.*

Diz mais o auctor no mesmo manuscripto « que elle se animou a offerecer os seus impressos a varias pessoas, e até aos clerigos, com algumas limitadas observações, tendentes a demonstrar a obrigação que temos de estudar as Escripturas Sagradas; e o beneficio, que nos resulta da sua leitura. » Com effeito é para maravilhar, que um dr. leigo, cuja missão desconhecemos, e demais a mais inimigo declarado da Egreja, viesse dar-nos esta instrucção, sem outro motivo mais que o seu zelo farizaico pela salvação das almas! Quem ignora que o desejo da Egreja é, que os christãos leiam frequentes vezes a Sagrada Escriptura com respeito, humildade, e docilida-

(1) Isaias, cap. 56, v. 10., cap. 58. v. 1.º e cap. 52.º v. 6.º Act. cap. 20. v. 27. e seguintes. Ep. ad Hebr. cap. 13 v. 9.º e 17 — ipsi enim pervigilant quasi rationem pro animabus vestris reddituri.

de; aproveitando-se do que entenderem, crendo religiosamente o que não comprehenderem, e sujeitando-se em tudo ao Juiso da mesma Egreja? E quem duvida que o fim d'esta leitura, é para os mesmos christãos alimentarem a sua piedade, consolarem-se com as Santas verdades que lerem, e fazerem d'ellas applicação em toda a occasião pratica que se offerecer?

Continua.

FESTAS REAES.

Lisboa se enfeita de pomposas galas para festejar a entrada de um novo reinado! Reaes pavilhões se levantam; arvoram-se bandeiras e galhardetes, ornam-se as janellas dos tribunaes com as armas das diversas camaras do reino fidelissimo; ordenam-se mil festejos e fogos de artificio n'um combate naval, ridicula parodia, em que José Osti será o almirante dos restos da nossa derrotada armada!... Mundo, mundo, o que és tu?... Um campo onde reina a confusão em tudo!... Aqui o riso, além o pranto!... aqui a pompa, além a miseria!... E' justo, é um dever, saudar com festivas demonstrações o joven Monarcha esperançoso que vem tomar posse do governo deste paiz; mas fazendo justiça a seus altos conhecimentos e a suas virtudes christãas, quizeramos que a camara municipal solemnisasse, perpetuasse a memoria do reinado que festeja, com menos apparencia e mais realidades!... Com algum monumento de gloria e caridade, que seria de satisfação ao rei, e utilidade ao publico! Um rei sabio e virtuoso estima as demonstrações, mas presa muito mais o sentimento. Louvores ao alto pensamento da briosa e honrada corporação commercial, que vae erigir um padrão eterno da mais santa caridade. Um asylo á desvalida innocencia; um santuario de piedosa beneficencia onde incessantemente de geração em geração hãode soar os louvores, as bençãos, as orações pelos bemfeitores, e pelo real objecto em honra do qual se erigio tão gloriosa, e eterna memoria! As luminosas, phosphoricas magnificencias sumir-se-hão no esquecimento, como essas faiscas electricas no espaço, mas o asylo de caridade ostentar-se-ha permanente e brilhante como a luz celeste da caridade que o alumia! Por hoje concluimos dando os parabens a Sua Magestade o Senhor D. Fernando por ter a fortuna de vêr o fim da sua regencia decorrido em paz, tendo mais uma prova incontestavel do respeito e affeições com que este povo reconhecido soube corresponder á sua affabilidade e cavalheirismo para com todos. Não é estranha esta nossa linguagem; é a da verdade, despegada de todas as quimeras do mundo; é a mesma com que nos expressámos quando nem se sonhava que o Senhor D. Fernando fosse Regente; antes que outras vozes erguessem hymnos ao Rei Regente!... Calámos durante a regencia nossa debil voz, mas de novo a erguemos em honra da verdade; em testimunho da alta consideração que temos consagrado, e consagraremos sempre áquelle que tem sabido ser amigo deste povo tão bom, tão digno de ser amado, e bem governado.

No seguinte numero daremos noticia das acções de exemplar beneficencia exercidas pelos exm.os Caixas Geraes Contractadores do Tabaco.

D. A. G. PUSICH.

12 D'AGOSTO.

Em quanto mil e mil no largo mundo
Dormem em paz sorrindo, eu vélo e penso,
E julgo ouvir as preces por finados,
E ver a tumba e o fumegar do incenso.
Alexandre Herculano.

Está soando a ultima hora deste dia! — E dos meus enchutos olhos nem se quer uma lagrima brobotou ainda. — E com tudo este dia envolve para mim mui tristes lembranças

Qual é maior, a dor que penetrando no coração faz derramar lagrimas que suavizam e quazi consolão, ou aquella que imbuindo-se como agudo punhal, se calla n'alma tolhendo todas as faculdades e de que o sorrir contrafeito e desbotado se vai perder nos beiços lividos do descrente? — É esta — de certo que o é — e agora, com a mão esquerda insensivelmente apoiada sobre o coração eu lhe estou sentindo os effeitos — pobre coração parece querer-se subtrahir ás agudas punhaladas que o lacéram. — E' mui grande esta dor — é que uma a uma as cordas mais sensiveis d'alma eu estou sentindo estallar.

Meu Deus que vida esta que euvivo!

Como o Christo caminho ao Golgotha, é pezada, bem pezada esta cruz, oxalá que ella aproveite a alguem, o coração martyrizado, a alma angustiada o corpo é automato que segue immovel os impulços do dever... se dever é tambem em determinados cazos martyrisar.

Vou seguindo via opposta aos meus pensares d'outr'hora, aos meus constantes dezejos aos dourados sonhos d'infancia.

Dobre-se o corpo, subjugue-se a alma, e diga-se aos desejos e paixões mais santas; emudecei, acima de tudo está o dever.

Que noute esta tão linda! Como a lua se ostenta brilhante no firmamento rodeada de mil e mil pontos luminozos? — Que prateados raios d'ella partem! e depois de terem atravessado esse espaço infinito que de nós dista, veem, parecem enviados por Deus, junto com suave briza rociar-me as faces inspirando poesia que unicamente sente quem tem dor como eu a sinto, funda bem funda n'alma fazer-me quazi insensivel aos meigos quadros da natureza, mesmo quando mais risonha, se ostenta fagueira.

E'-me impossivel sentir o frescor da briza.

Não posso da lua admirar-lhe o brilho.

Antes queria do dezembro as noutes sem fim, quando de chuva as torrentes cáem, quando a lua se não mostra, e o ceu do mais lindo azul se tem tornado em escuro cinzento, quando o relampago fende as nuvens, e depois ao longe medonho rugido semelha de féras, rouco estrondo que nos faz estremecer, assimilhando o bramo da panthera, e o rugido do tigre. — Qnando o sudueste rijo, bem rijo sopra fazendo curvar o carvalho annozo, e agitando gigantesco pinheiro, sibilla qual devoradora vibora nos dezertos palmares da Azia. Apraz-me antes ouvir o mocho com seu piar suturno do que a melodia do rouxinol que mais me enlucta a alma, fazendo-me recordar as venturas passadas e os momentos em que eu risonho e contente, no primeiro sorrir da vida, brincava no prado e na campina com os companheiros d'infancia. — Gostava antes d'uma dessas noutes em que a natureza entra em convulção e o Senhor parece querer acabar a sua obra;—então não tenho o horrivel pensamento das comparações, não digo, aqui dor e tristeza, alem festa e alegria!! — Sabeis porque é isto oh! vós que estas linhas tendes lido?

Dizei-me nunca passaste uma noute á cabeceira do leito do ente mais querido do vosso coração? — Nunca com anxiedade cruel contas-te avidamente as suas pulsações? — Nunca com a vossa cabeça debruçada sobre um rosto onde se estampa o soffrimento causado por aguda doença prescrutas-te com avidez os estragos que essa molestia ia fazendo no objecto dos teus cuidados? — Oh se isto nunca te aconteceu tu que és feliz aproveita essa quadra da vida que te sorri fagueira que lá vem o futuro, sim o futuro, pois quem ha que tenha vivido sem que euexoravel foice lhe não tenha arrancado dos braços carinhoza mãi desvellado pai ou terno irmão ou amigo — Repito oh! tu que lês estas linhas vê que são apenas reflecções de 18 annos, é que aquelle que as escreveu levou 18 annos a reflectir, dezoito annos a padecer, dezoito annos a ver em oscillações sobre a campa as mais sagradas paixões da alma.

Alem das portas d'um cemiterio, n'uma taboa cravada no chão se lê! Aos 12 d'Agosto de 1853 falleceu.... não mais, a alma despedaçada não pode, — é a dor em demasia para continuar.

Novas flores lancei hoje sobre a terra que te cobre. — Pelas nuvens e pelas brizas, por meio da minh'alma e do meu pensamento, eu te envio as que agora bemditas lagrimas vem a meus olhos, e ellas te dirão em quem penso, com quem sonho, e a quem adoro ainda — e se como eu creio tu meu pai neste momento podes ver melhor do que eu proprio o que nesta terra se passa de certo não te terei esquecido e então tu estarás satisfeito com tanta gratidão, esta tão solemne palavra faz-me sempre que escrevo derramar-lhe lagrimas, sagrado tributo que constantemente guardarei para aquelle que do ceu me abençoa inda nest'hora.

Parte-se o coração, quando se pensa que se não pode jámais ser apertado nos braços d'aquelle ente que tanta amizade, e tanta gratidão nos merece... que não possa eu para sempre, ir para junto d'essa cruz que me indica a ultima morada do corpo, derramando lagrimas que purificão, dão suave consciencia, e até talvez resignação?... Erão estes os meus mais intimos pensamentos, erão estes os segredos que a ninguem confiaria, quando o tanger lugubre, do sino do relogio da Bemposta, me veio despertar da dor em que estava immerso, annunciando-me trez horas da madrugada!... e quando tudo jazia ainda tranquillo no regaço extenso do somno, descançando nesta hora das fadigas do trabalho; eu vellava, chorando amargamente, ao despertar rapido e continuo de cada instante desta noite!... E foi então, quazi pelos derradeiros momentos, que, não podendo resistir por mais tempo, aquella dor pungente, que os mais agudos espinhos, da saudade e da paixão, me impremião, ao cravarem-se-me no mais fundo da alma; me senti em delirios de angustia, descer ao mysterioso abrigo do somno, onde o Senhor concede se folgue das agitações e martyrios, d'uma vida proceloza e espuria.

S. Lazaro. Agosto de 1855.

JOÃO GUILHERME TEIXEIRA.

Pedimos ao illustre autor deste artigo o favor de mandar declarar a esta redacção a sua morada, para lhe ser enviada esta folha gratis, pois muito presamos a collaboração de quem tanto se distingue em genio, estudo, e moralidade, que reflectem nos seus bellos escriptos, repassados de suave melancolia, ricos de inspirações do mais nobre sentir. *A Redactora.*

PROGRAMMA

Para a exposição das prendas que constituem a rifa que hade fazer-se a favor da Santa Casa da Misericordia de Bragança.

(Conclusão).

32. — A commissão directora em agradecimento a todas as senhoras que concorrerão para este fim com as suas prendas, resolveo que do producto da riffa se extraisse uma quantia que não fosse nem mais de doze nem meuos de dez moedas, e esta quantia fosse distribuida pelos pobres recolhidos da cidade, sendo metade para a freguezia da sé e metade para a de sancta Maria, esta esmola será distribuida pela commissão directora, acompanhada dos parochos respectivos, dos dois vice secretarios directores, e do provedor e mais dois irmãos da Sancta Casa da Misericordia, e a esmola será dada segundo a informação do parocho da freguezia.

33. — A commissão fará publicar pelos periodicos do Porto as contas da sua gerencia.

34. — Logo que o senhor H. J. F. de L. encarregado pela thesouraria da commissão directora para a representar na recepção dos dinheiros, officiar á exm.ª presidente que se acha concluida a cobrança do producto dos bilhetes, a mesma exm.ª presidente, officiará ao provedor da Sancta Casa da Misericordia, designando-lhe dia e hora em que deve fazer reunir a Meza, para ser entregue ao thesoureiro da mesma Sancta Casa, o producto liquido da Riffa, devendo este passar um recibo que será assignado pela meza toda e publicado nos periodicos; e esta entrega será feita pelos dois vice-secretarios e pelo thesoureiro.

A commissão espera que o provedor e mais mezarios, deiem a melhor applicação ao producto da Riffa applicando-o para allivio da pobreza que taes são as ideas da commissão directora.

Salla das sessões da commissão em Bragança aos 2 de julho de 1855.

O vice secretario da 1.ª secretaria — José Antonio Garcia de Lima.

O vice secretario da 2.ª secretaria — D. José d'Almeida Mello e Castro.

Approvado pela commissão directora em sessão de 11 de julho de 1855.

A presidente — Baroneza de Sancta Barbora.

A 1.ª secretaria — D. Augusta da Fonseca e Souza.

A 2.ª secretaria — D. Ernestina Miranda d'Almeida Pimentel.

A thesoureira — D. Claudina Augusta Campos Garcia.

Relação das illm.as e exm.as sr.as que concorreram com prendas para d'ellas se fazer uma Rifa a favor do Hospital da Misericordia desta Cidade.

D. Maria José d'Almeida Mello e Castro. — Lisboa.

D. Maria José Cabral Quadros Correia Bacellar. — Lisboa.

D. Maria Joanna Saldanha Daum. — Lisboa.

D. Maria d'Almeida. — Lisboa.

D. Maria Ignez d'Almeida Mello e Castro. — Lisboa.

D. Maria Luiza Tavares d'Almeida. — Lisboa.

D. Maria Guilhermina d'Almeida. — Lisboa.

Baroneza de Santa Barbora — Bragança.

D. Augusta da Fonseca e Souza e suas exm.as manas. — Bragança.

D. Ernestina de Miranda d'Almeida Pimentel. — Bragança.

D. Claudina de Campos Garcia. — Bragança.

D. Antonia Agostinha de Miranda d'Almeida Pimentel. — Bragança.

D. Josefa Thomazia Pereira Pavão. — Coelhozo.

D. Maria Rita da Silva — Mirandella.
D. Maria Libania Pereira de Souza. — Castellãos.
D. Fabia Emilia de Miranda. — Castellãos.
D. Maria Eduardo Ferreira Lima. — Bragança.
D. Maria Leopoldina Ferreira Sousa Colaço. — Bragança.
D. Maria Fortunata Ferreira Lima. — Lisboa.
D. Angelica Felizarda de Castro Franco. — Bragança.
D. Maria Ignacia Garcia de Lima. — Bragança.
D. Agueda Julia da Conceição Garcia de Lima. — Bragança.
D. Roza Dias de Castro. — Bragança.
D. Roza de Sá Pellão. — Bragança.
D. Mathilde de Sá Pimentel. — Bragança.
D. Justina Ermelinda Ramires Lobo. — Bragança.
D. Balbina Eugenia Mendes Pereira. — Bragança.
D. Candida Augusta de Sousa. — Bragança.
D. Angelica Pastor Ramires. — Bragança.
D. Maria Albina Dias de Lima. — Bragança.
D. Angelica Lopes da Silva. — Bragança.
D. Maria da Cruz Souza. — Bragança.
D. Maria Julia de Barros. — Bragança.
D. Maria Angelina Pinto de Oliveira. — Bragança.

Continua.

RECORDAÇÕES

OFFERECIDAS Á EXM.ª SR.ª D. EMILIA CARLOTA DE FREITAS, EM O DIA ANNIVERSARIO DE SEU NASCIMENTO, 22 DE FEVEREIRO.

Bella Emilia, que nasceste
Neste dia am que eu nasci,
Escuta os votos sinceros
Que ao céo dirijo por ti.

No dia do nascimento
Se nos quiz iguaes fazer,
Na sorte que me persegue,
Diversas nos faça ser!

Assim como os dias meus,
São de lucto, e de amargura
Teus bellos dias nascentes
Sejão de paz e ventura.

Os dignos pais, que tiveram
A dita de dar-te o ser,
Na virtude, e descripção
Te vejam sempre crescer:

A prole tua, querida,
Em doce serenidade,
Nunca os revezes suporte
Da dura infelicidade.

Eis oh! bella, os sentimentos
Que animam meu coração,
Um tributo merecido
A' virtude, e gratidão.

Nada exijo em recompensa
De ser tua adoradora,
Se não que dos meus ciprestes (1)
Tu sejas a protectora.

São filhos dos meus desvelos
Plantados por minha mão;
Sua vista em ti desperte
A minha recordação!

Praza ao céo, que á sombra d'elles
Possas mil vezes dizer,
« Vossa antiga possessôra »
« Soube a amizade manter. »

E que seus fructos colhendo,
Por mil annos de ventura,
De mim memoria conserves
Inda alem da sepultura.

Por sua muito affeiçoada devedora e amiga

D. M. M. STOCKLER.

(1) Dois ciprestes que plantei na Quinta da Bella Vista, quando esta foi de meu presadissimo pai o exm.º barão da Villa da Praia; cuja quinta pertence hoje aos pais da exm.ª D. Emilia Freitas.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 40 — OUTUBRO 1 — 1855.

MANIFESTO

A SUA MAGESTADE O SENHOR

D. PEDRO V.

Senhor! Com o mais profundo acatamento saudamos a Vossa Magestade!

E' neste dia em que Vossa Magestade sobe ao throno de Portugal, que os escriptores publicos independentes de toda a politica, e só interessados no bem estar do paiz, devem solemnemente cumprir um de seus mais sagrados encargos — manifestar ao Rei o verdadeiro estado em que se acha a nação de que Elle se constitue chefe. Sem os adornos de lustrosas galas, que essas já de ha muito deposemos aos pés da Cruz, lá onde repousam as honradas cinzas de um martyr glorioso, um pai que adoramos!... com o manto da caridade, e a voz da verdade, apparecemos em vossa augusta presença, condusida pelo dever que Deus nos impoem animada pelo amor que temos a esta nação!

Digne-se Vossa Magestade attender o nosso humilde e respeitoso discurso pobre de eloquencia, rico de verdade, essa que os bons reis presam porque não querem ser enganados.

Senhor! Nós victima das infelices guerras civis que flagelando este reino demoliram tantas grandesas nacionaes, reduziram á cinzas tantas fortunas ligitamamente adqueridas, arrancaram distincções e mercez justamente concedidas; Não erguemos uma queixa uma supplica em favor de nossa familia em particular!... Apontando ao longe o grandioso quadro de nossos infortunios, contamos que a mente excelsa e clara de um Rei justo não deixará de observar de mais perto essa triste mas fiel pintura, gloria do passado, desdoiro do presente, espanto do porvir; e fará que o seu nome se ostente aos vindouros qual bonançosa estrella em procelosa noute!

E' por esta nação em geral que invocamos o alto favor da sua real clemencia, a grandeza maior dos reis! A maior ventura de Vossa Magestade não é ter nascido para reinar; é ter nascido de pais tão bons, tão extremosos, que souberam formar-lhe o co-

ram, envoltas no manto augusto da magestade, todas as virtudes com que o Senhor distingue os espiritos bemaventurados que envia a alumiar a terra e gosar na sempiterna gloria a corôa sem espinhos que só Deus póde outhorgar aos escolhidos seus.

D. A. G. Pusich.

O CONSERVATORIO DE LISBOA.

Trez annos tem decorrido sem que a nossa penna tivesse dedicado alguns traços ao Conservatorio, que tão amplo assumpto deo á Assembléa Litteraria. Entendemos dever deixar em paz esses srs. que tanto haviamos mortificado com as nossas verdades, mas que tão generosos eram que até nos deram as honras de par do reino, pois ao chegarmos á porta do Conservatorio tocava-se a sineta para annunciar a nossa chegada, e recolhiam-se ás sellas dos Caetanos os padres mestres que passeavam nos corredores a conversar; em quanto os discipulos se entretinham com o estudo! Ora que mal fizemos nós em nos calar por tanto tempo! e como não havia de ser assim, se tantas cousas importantes, e mais importantes mil vezes que um Conservatorio que nada val, chamava nossas attenções? Bem quizemos nós fazer que o Conservatorio valesse tanto que podesse dar gloria a esta briosa terra, mas que? os louvores agradaram-lhe, mas não os moveram a merecel-os, e as verdades amargaram-lhe a ponto que o odio que se infundio em certas almas espuma ainda o veneno infernal com que tenta incommodar quem lhes não dá a menor importancia, e só sente remorsos da importancia que se lhe deo; por que os genios poeticos tem na sua imaginação um Microscopio benigno que ás vezes fazendo ver um athmo insignificante nos faz nutrir a idéa de o engrandecer, e elevar ás Regiões Celestes; mas com a mesma facilidade se lhe reconhece a insignificancia, e se deixa precipitar nos abysmos, a quem não pode agregar-se aos ceus. Por certo desejámos, e desejámos muito, e muito diligenciámos o engrandecimento do Conservatorio, e os serviços que lhe prestamos foram bem conhecidos; mas por que não marchamos senão com a verdade a par, era mister para tornar o Conservatorio digno de uma nação illustrada fazer que se separasse o oiro das fezes. Entendemos que era falta do governo que se esquecera d'aquelle estabelecimento desde que o nosso immortal poeta o Ex.^{mo} Visconde de Almeida Garrett deixára de governar o Conservatorio, e hoje, sem todavia livrar o governo da responsabilidade, entendemos que se deve fazer o que judiciosamente disse em côrtes um distincto orador, e litterato = o melhor é intaipar a pedra e cal aquelle edificio = e não era isso das peiores medidas, por que nós não precisamos de tal Conservatorio que nada faz, e o estado poupava grande somma que despende com tantos empregados inuteis. Vamos ao caso que nos obriga a empunhar de novo a penna para cumprir a obra de misericordia que muito nos custa = castigar os que erram = porque srs. lá dos Caetanos se vos julgaes juises nossos reprovando (o que ainda não aconteceo) demorando (isso tambem não) ou suspendendo depois de licenciada (isso sim senhores) alguma peça nossa, nós tambem somos vossos juises, e juises mais fortes; porque contra vós temos a verdade e o governo a quem pedimos, e havemos recorrer sempre que nos façaes injustiça; e temos a imprensa auctoridade suprema que só a despresa quem não tem vergonha.

Que nos importam as guardas que chamardes, como já fizesteis, para vos segurarem as portas? que nos importam vossas intrigas se temos a força da rasão, e a preciza coragem para desmascarar todo aquelle que se disfarçar para nos offender? Olhae sede mais prudentes, deixai-

nos em paz servindo a Deus e á patria com os nossos escriptos moraes, e christãos, e não nos provoqueis, nem desperteis uma questão que vos deshonrou, e deshonrará eternamente, e se a nossa prudencia vos parece indolencia, ou medo, enganai-vos porque a actividade sobra-nos, e medo não o conhecemos em nós, só sim nos nescios, nos traidores, e nas creanças.

Quiz o Conservatorio vingar-se de lhe termos descuberto uma trapassa em 1850, isto é, de termos sabido que um professor ahi no Conservatorio recebia um ordenado por duas folhas!... Recusou-nos a certidão que lhe pedimos da portaria que mencionava a tal respeito as precizas ordens, e o que aconteceo? tivemos essa certidão pela secretaria do reino, e os jornaes publicaram a questão, que debalde tentaram sophismar, e reduzimos a dizer a verdade pela imprensa ao mesmo que arvoraram chefe da guerrilha dos Caetanos. Vejam a *Nação* de 2 de Agosto, e 21 de Setembro de 1850, *Patriota* de 5 de Agosto e 21 de Setembro, *Revolução* de 8 de Agosto e 21 de Septembro do mesmo anno e Assembléa Litteraria n.os, 32, 34 e 37, alli se vê a exacta noticia do principio e fim de uma questão que nunca mais nos lembrou mas que o Conservatorio não esqueceo, pois quer agora accordal-a! Quer vingar-se, suspendendo acentosamente a representação de uma peça que licenciou em 1849 (a questão foi em 1850...) quer vingar-se licenciando uma peça onde apparece a sr.a que se diz Redactora! Ora nem ao menos se lembrou o Conservatorio que haviam mais duas sras. que tinham sido Redactoras, uma da Abelha, outra do Muzeu Pitoresco, as quaes posto que acompanhadas de outros Redactores deixariam de ser Redactoras Litteratas e poetizas? O escrevermos sem auxilio de algum cavalheiro, não nos dá o privilegio esclusivo de sermos as unicas, pois todos os jornaes quase, tem mais de um Redactor, e todos se intitulam Redactores, portanto o conservatorio se nos queria brindar devia ter ordenado que déssem á Redactora o nome da que julgaram ridicularisar! Deviam ter cortado as expressões que tocam mais de perto outra sra. assaz respeitavel, deviam ter mandado forjar outro enredo; em que apparecessem quatro Muzicos guiados pelo compaço de um chapelinho de sol a uma Administração; uma corporação empenhar-se para não aparecer tal acontecimento em publica audiencia e alli lerem-se preciosos documentos da *virtude*, e *honradez* d'uma authoridade, e o Burlesco copiar as caricaturas que Odaguerreotypo representaria: devia emfim mostrar o terror, a cobardia, filhos do crime, e prostrados a pedir Misericordia os fanfarrões que sabem insultar, e fugir! Ora pois, o artigo que por dever somos obrigadas a publicar diz que é Mme. Andrade a dema parodiada na Peça. —O theatro e seus Mysterios—porque tem algumas relações com a mesma sra., mas nós (posto que houvesse ainda outra Redactora alem de Mme. Andrade) e não termos nem oculos — nem luneta — nem sobrinha e questões ou desgostos por isso, nem rugas — nem desmaios, nem trage de côr alegre, e finalmente posto não ter o enredo da peça, nem a figura, que alli representa uma Litterata no Porto, relação alguma com a nossa pessoa, ou circunstancia alguma da nossa vida, com tudo levanta-mos a luva só pela circunstancia de sermos Redactora, e Litterata (no que temos a maior gloria) ou por nós, ou por Mme. Andrade, ou por outra qualquer sra. que se presume offendida, estamos em campo e dirigimos ao Governo, e ás competentes authoridades nossas supplicas para que providenciando sobre taes abusos previna as consequencias das desordens que o Conservatorio promove.

Quanto ao author da Peça sentimos que tivesse feito a vontade a seus inimi-

gos, quanto sentimos que as obras que não lhe publicamos fossem vistas por quem abusasse da sua; e nossa sinceridade. Declaramos porém que nem de vista conhecemos o auctor da parodia, e se o elogiámos é porque uma producção que nos enviou e que publicámos na Assembléa Litteraria — A Virgem e o Anjo — nos pareceu filha de um talento não vulgar, que merecia ser cultivado e animado, sentimos ver-nos obrigadas a combate-lo hoje tomando a defeza de uma dama offendida por elle, estimando poder conhecer que são os seus inimigos que dão um sentido opposto á sua obra, que bem pode ser antes uma improdencia do que um atrevimento. Até mesmo os grandes genios tem momentos de delirio em sua escaldada fantezia; e por isso ingenuamente confessamos que estamos prepensas a perdoar ou desculpar o autor, mas não ao Conservatorio que para corrigir faltas, ou enfrear excessos é que está dirigindo nossos destinos litterarios!

Parece-nos que não podemos estar em peiores mãos.

(*Continúa.*) *D. A. G. Pusich.*

Ill.^ma^ *e Ex.*^ma^ *Sr.*ª

Agradeço muito a V. Ex.ª o não ter dado publicação no numero 7 do seu acreditado Jornal ao artigo que dirigi a V. Ex.ª rogando-lhe se dignasse publical-o, cujo artigo dizia respeito ao theatro de D. Maria 2.ª, e á Parodia — O theatro e seus misterios — agradeço a prudencia com que V. Ex.ª pertendeu modificar a aspereza de algumas expressões do mesmo artigo, pois que tudo isto dêo lugar a que agora, obedecendo as terminantes e judiciosas ordens de V. Ex.ª retirando aquellas expressões que poderão desagradar ao bom coração de V. Ex.ª, eu tenha novos motivos de censura contra o tal theatro! Seja pois este artigo o que eu rogo a V. Ex.ª se digne mandar publicar nas brilhantes columnas da Beneficencia, por ser um jornal que é lido por Suas Magestades, e pelos Ministros da Corôa a quem cumpre providenciar sobre os abusos de que nos queixamos; e V. Ex.ª cumprirá duas obras de Misericordia fazendo que se castiguem os que erram, e se ensinem os ignorantes obrigados a entrar no recinto que as leis da moral, e da civilisação lhes prescreve.

O theatro de D. Maria 2.ª em vez de ser um theatro normal — uma escóla de moral, e bons costumes é uma escóla de perdição para a mocidade; destroe em vez de instruir. Alli despresam-se as obras dramaticas moraes de autores conhecidos, as quaes morrem abafadas na poeira d'aquelle archivo, se seus autores não as sacrificam vendendo-as por uma ninharia a algum dos comicos Directores do theatro; e preferem-se ou pecimas traducções, ou obras insipidas; recheadas de mil deffeitos e immoralidades, e até de imperdoaveis erros de grammatica; o que bem mostra que ou o Conservatorio dorme, ou quer desacreditar aquelle theatro, e o Governo, promovendo tambem desordens e resentimentos expondo á scena nomes, e pessoas conhecidas, desvirtuando circunstancias da vida publica ou particular de cada um! As expressões que se deixam ouvir n'aquelle theatro e que o Conservatorio authorisa licenciando-as é um escandalo a que se deve pôr termo, aliás não se queixem as authoridades dos excessos que virem commettidos no theatro, onde se insultam pessoas, e se calcam leis, e redicularisam authoridades; e se no theatro se não respeitam as leis, nem as pessoas, tem cada qual o direito de se fazer respeitar. Desejam porém as pessoas sensatas que taes desordens se previnam, e obstenha seus funestos resultados.

O theatro e seus mysterios é um apontoado de sandices sem pés nem cabeça, sem nexo algum, é finalmente uma obra

immoralissima que desacredita o Conservatorio que a licenciou, o theatro que a representa, e a policia que a consente; e desacreditaria o autor se alguem lhe desse importancia; mas elle tanto conhece a sua insignificancia que não apparece com o seu nome, e busca o auxilio das peças de musica italiana conhecidas, e boas, para cobrir seus innumeros deffeitos. É imperdoavel que a Inspecção Geral dos theatros que tão escrupulosa se tem mostrado com alguns dignos auctores em não lhes consentir uma ou outra palavra, um ou outro nome que lhe parecem alusões a alguem, deixasse redicularisar em scena pessoas conhecidas e que deviam considerar com mais attenções; como por exemplo o sr. Mariano Cabral, litterato e bibliotecario mór da Ilha de S. Miguel apparecendo na parodia o theatro e seus misterios com o mesmo nome, a mesma figura; o mesmo trage o mesmo emprego; e esmerando-se o actor que o representa, o sr. Moreira, a imitar todas as suas maneiras! E logo uma sr.ª que figura uma idade madura, e se diz Redactora do Musêo Enciclopedico e Mestra de Meninas, usando oculos e luneta, vestido e chaile á imitação de Mme. Andrade, tendo uma sobrinha e desgostos por causa della e um desmaio em casa de um poeta!! Circunstancias que bem ás claras deixam vêr que se refere a essa distincta escriptora, Redactora da Abelha, e que hoje presta um importante serviço ao paiz ensinando Meninas! Entretanto essas circunstancias estão alteradas, porque Mme. Andrade nunca teve questões em Theatros italianos, ou portuguez; nunca pertendeu obrigar sua sobrinha a casar com esse tal *joven de Alvejantes barbas* e que aparece com ellas pretas! e esse desmaio que teve, e a casa do poeta onde o teve merecem respeito; e não a critica ridicula de quem talvez a faço por não ter sido admittido, ou considerado n'essa illustre casa senão como quem é, e não mais... merecem a alta consideração de todos os cavalheiros; e só não lh'as tributa quem não o é nem em nascimento, nem em acções. O auctor da parodia fez naturalmente como os rapazes mal educados que se vingam fazendo caretas, ou dando pedradas a quem os despreza. Taes producções mostram a indole, e a instrucção de seus authores.

Peço a V. Ex.ª desculpa de tocar n'um assumpto que não lhe agradará, porque V. Ex.ª tem sido acerrima protectora do theatro de D. Maria, e do autor da Parodia, engrandecendo o seu *talento*, e louvores que levando ás nuvens o pobre moço o fizeram deslembrar com a luz dos Astros, e precipitar-se na terra onde tentando ser o Molier portuguez caío no lodaçal mais desprezivel, e foi elle a maior caricatura da sua parodia!

V. Ex.ª receará publicar estas expressões por demasiado fortes? mas eu espero não merecer menos do que o autor da parodia em questão, que na chamada poesia — O Adeus — publicada na Assembléa Litteraria n.º 6 diz:

= O' Lizia, ó Patria muito amada
Pelos crueis filhos tens ensanguentada =

Um verso tem nove syllabas, outro doze... mas isso é o mesmo; parecem-se com as outras obras que lhe teem succedido. Sei que este jovem está bemquisto para com V. Ex.ª, e tanto que lhe dêo a consideração de fazer que apparecesse pela primeira vez o seu nome na Assembléa Litteraria, (jornal que V. Ex.ª creou e sabiamente redigiu) publicando e emendando-lhe alguns versinhos, e deixando de publicar outros... sim... parece-me que até uns diziam no fim:

= Dentro deste triste feretro
Aqui jaz dois amantes desgraçados =

E o autor todas as noites ao deitar-se estuda gramatica..... Mas tornemos á primeira poesia — O Adeus. — A's expressões — *crueis filhos tens* acrescente-

se uma nota que diz: — guerra civil de 1847.

As minhas palavras eram fortes, não duvido, mas não atacantes, eram em defeza de pessoas offendidas, e indefezas, uma por ausente, outra por seu sexo, e palavras da tal chamada poesia atacam, offendem os portuguezes em geral! Perdoe-me V. Ex.ª, isto não é um resentimento, conheço que a Assembléa Litteraria era a chamada, ou reunião dos talentos, o campo onde se exercitavam na lide litteraria, e que a Beneficencia recusando polemicas, e asperesas, cumpre o seu programma; e nisto como em tudo o mais é digna V. Ex.ª dos mais altos louvores.

Asseguram-me que uma sr.ª que aparece na Parodia o theatro e seus misterios tendo alli o nome de Adelina é a mesma chorada Adelle da poesia o Adeus, assim como um tenor de S. Carlos, e outras pessoas com quem o autor da Parodia se indispoz — faltou lembrar-se de uma sr.ª que foi rica, e hoje faz renda.... então havia tambem aparecer o marido com as barbas . . . alvejantes . . . ou . . . Os actores as poriam como lhes aprovesse. Entre tanto isso pouco importava ao publico, que não conhece tão altas personagens que só por tão rasteiras obras se podem fazer conhecidas; o que reprova o bom senso é que se não respeite um empregado, e litterato, que tem só contra si (aos olhos do autor da Parodia) o não ter lovado em seus Folhetins, e mais grosseiro, e escandaloso é redicularisal-o desafial-o estando ausente, e não se podendo desafrontar, (só assim o podia insultar) e tambem a uma virtuosa sr.ª talvez só pelo crime de ser Professora da arte em que o autor da parodia é aprendiz.

A' Parodia o theatro e seus misterios acrescentou o theatro de D. Maria nestes ultimos dias os Mosqueteiros = A vida do Martins = As Raridades.

Os Mosqueteiros comedia pecimamente tradusida e immoral, onde as ironias em despreso da nossa Religião e da dignidade de um cardeal, e os mais licenciosos equivocos são o ornamento d'aquella peça. Veja-se nas Raridades atacada a Camara Municipal, e os serviços de um cavalheiro distincto, e probo, redicularisados n'aquella comedia, quando o corcovado canta a aria á cerca do Passeio Publico! Notem-se as expressões alegoricas, mas picantes, das outras personagens, e ver-se-ha que alguem mais é offendido. Será isto conforme ás leis? E queixam se os srs. que dirigem aquelle theatro de que SS. Magestades, a corte, e mais pessoas distinctas não frequentem o theatro de D. Maria? Hade uma Rainha, seus Augustos Esposo e Filhos — hão-de as familias honradas ir ouvir tão immoraes representações? Um theatro que se abrio com uma peça immoral, e se compraz de offerecer ao publico taes miserias o que deve esperar? Será assim que se atraem enchentes, ou inimigos? E' para isso que o Governo dá um avultado subsidio a esse theatro, e que o ensaiador, e Director tem a gratificação de 48$000 rs. por mez alem do seu vencimento? E saiba o publico que o honrado Fiscal do theatro está sopeado, que só nada pode fazer, e que desgraçadamente são os Actores Directores os senhores absolutos d'aquella casa. Lea o Governo os diversos artigos que de ha muito tem escripto a Revista Universal — Lea o que escreveo o nosso eximio litterato o sr. F. Palha, e o que tantos jornaes tem dito, e nomeando homens independentes, e de reconhecida probidade para examinar as peças que se insaiam, ponha um termo a taes abusos, prohibindo as peças immoraes, os ataques directos, e insultos a pessoas conhecidas; e previna as desordens que taes insultos podem occasionar.

Sejam nossas vozes ouvidas pelas authoridades justas e providentes, e possam merecer que V. Ex.ª lhes dê um ecco benigno em seu illustre jornal, acreditando que sou com a mais alta consideração.

Lisboa 11 de Fevereiro de 1853.

De V. Ex.ª

Attento admirador e Cr.º

Souza Menezes.

Á MEMORIA

DO

ILL.mo e EX.mo MARQUEZ DOS SOUDOS

É noite! — o sol declinando
Vai os cyprestes dourando,
Vai a campa alumiar;
Eu caminho ao cemiterio,
Vou á mansão do mysterio
Sobre o ferétro chorar.

Só vejo o cypreste erguido,
Frondoso roble pendido,
Vejo o curvado chorão;
Piso a terra dos finados,
Piso os goivos desbotados
Já murchos, soltos no chão.

Não vejo as rosas floridas,
Só vejo asceceno pendidas
Sobre a mansão do mortal;
Enluctada a naturesa
Sómente falla em tristeza
Neste lugar sepulchral.

É tarde! — além vem a lua
Já mostrando a face nua,
Vem além meigo luar;
Na campa frigida e muda,
Que o anjo da morte escuda,
Vou triste pranto soltar.

E na lyra que geme enluctada
Pranteando um illustre ancião,
Eu direi que a virtude c'roada
Foi gosar do melhor galardão.

Lá no ceo, alta patria divina
T'esperavam, oh nobre marquez!
Uma voz imponente, e argentina
Lá bradou pelo bom portuguez.

Já findaste uma nobre carreira,
Foste á patria constante e leal,
Foste honrado e fiel á bandeira
Que de glorias encheu Portugal.

A consorte no lucto, nos prantos,
Chora o esposo que o ceo lhe roubou,
É a ella que off'reço estes cantos,
Mais aos orphãos que a sorte deixou.

Tuas cinzas no pó envolvidas
Não escutam d'amigos a voz,
Mas endeixas que ao ceo vão erguidas
Já lá voam d'um córte veloz.

Nobre, Soudos, na patria dos anjos
Possas tu este canto escutar,
Mas o som de mil harpas d'archanjos
Hade o pranto ao ouvido embargar.

Já o sol a luz tão bella
Occultou — lá surge a estrella,
Já de todo escureceu
Sómente a lua formosa;
Brilha, rainha orgulhosa,
Na face limpa do ceo.

Aves tristes apparecem,
Com seu voar m'intristecem,
Vejo-as longe a esvoaçar;
Seu gemido além retumba
Responde o ecco da tumba
Ao seu medonho piar.

Curvo a fronte á campa fria,
Onde jaz uma alegria,
Onde uma esp'rança accabou;

Beijo a cruz no chão erguida,
Curvo-me crente e rendida
Ante a cruz que se arvorou.

Deixo este lugar de prantos
Onde soltei estes cantos,
Esta funebre canção;
Mas no lugar da verdade
Fui plantar uma saudade,
Que é filha do coração.

D. Maria Rita Colaço Chiappe.

A LYRA HOJE COM TREZ CORDAS,

Seis cordas teve n'outr'ora,
A minha lyra infeliz;
Hoje das que ella vibrar
Em que angustias me prediz,
Só trez sons posso tirar
Só trez sons a Lyra diz.

Na primeira inda tem força,
Vibrava p'ra o Redemptor!
Não estalou sempre forte,
Diz-me fé, crê no Senhor:
Das outras mudou-se a sorte,
Mas á n'esta igual ardor.

A segunda é p'ra saudade,
Saudade dos que per'ceram,
Dos que lá, á fria estancia,
Os restos mortaes já deram,
Dos meus amigos da infancia
Que cedo as vidas perderam!!!

Um era pae respeitavel;
Não morreo d'ancianidade;
Victima d'uma prisão,
Foi martyr da Liberdade!
Deixou-nos sem protecção
Pobresinhos n'orfandade.

E outro era o irmão querido!..
Cala-te Lyra não mais!
Sangue a chaga triste chora!
Estala meu peito em ais!!
Patria, Patria abrasadora;
Guarda os seus restos mortais.

Estalou quebrou-te a corda
Da péste a cruenta sorte,
Já não desfére harmonia
Essa corda outr'ora forte,
Desprende em sons d'agonia
Funéreo canto de morte.

Oh! morte, a terceira é tua!
Desfére um son hoje teu,
Vibra morte, em vez d'esp'rança;
Em lugar de amor é ceo!!
A Patria não; lá descança
Um triste irmão qu'era meu.

Patria! p'ra mim, já morreste!
Nem posso Brazil ouvir;
Que do afflicto coração
Vem de novo a chaga abrir;
Roubastes-me ingrata o irmão
Nunca mais heide sorrir!!

Irmão por amor; por sangue
Pobre irmão na sorte igual!
Em paz, descança no ceo;
Foi teu destino fatal!!..
Amei-te qual filho meu,
Perdi-te! que eras mortal....

D. Antonia Luiza Cabral e Teive.

ERRATAS DO N.º ANTECEDENTE.

No Poema — Olinda ou Abbadia de Cumnor-Place. — Canto 2.º, Verso 94, onde está — No cruel desese por de um herege. — Lêase — No cruel desespero de um herege.

Na poesia — A Captiva — onde se lê — Do horem mais linda rosa — Lea-se — Do harem mais linda rosa.

Explicação da charada do n.º antecedente

ERARIO.

IMPRENSA NO ROCIO N.º 100.

A BENEFICENCIA.

JORNAL DEDICADO Á ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 9. — MARÇO 1.° — 1853.

PENSAMENTOS MORAES.

CHRISTIANISMO.

Sem religião não ha moral, sem moral não póde existir a sociedade; a religião é pois a base fundamental da sociedade. A religião é conveniente e indispensavel á ordem social. E que religião offerece aos homens as vantagens do christianismo? essa crença revelada pelos maiores prodigios, confirmada pela evidencia dos factos, e que todas as consciencias reconhecem pela unica verdadeira religião emanada do ceu — A lei de Christo, fundada no amor de Deus, e do proximo, não impõe nem um só preceito que repugne aos sentimentos da alma, não quer senão o nosso bem. Manda que se ame a Deus sobre todas as cousas, porque o reconhecimento para com o Autor supremo de todos os seres, a gratidão, o amor que lhe tributamos como devida homenagem, o cumprimento d'esse primeiro e mais sagrado dever, nos habilita a prática de todos os outros deveres; sendo certo que nos ensina a sermos gratos e humildes; pois sendo a ingratidão e a soberba irmãs gemias nascidas do peccado de Lucifer, amando nós a Deus sobre todas as cousas, fugimos a essa tentação infernal que damna as almas, e as separa eternamente da seu Creador e Bemfeitor. O cumprimento fiel da primeira obrigação — amar a Deus sobre todas as cousas — nos facilita o exercicio de todas as outras obrigações, e nos conduz, na carreira vital, pelo caminho da virtude á sempiterna gloria.

Amar ao proximo como a nós mesmo — é um artigo baseado no direito natural, não faças aos outros o mal que não queres que te façam. Meditemos nos mandamentos da lei de Deus e conheceremos que todos os seus artigos são os mais santos, os mais justos.

E porque se tem revoltado tantos homens contra as sagradas doutrinas de Christo? É porque ellas condemnam os crimes dos homens, e os homens prevertidos e fascinados não podendo negar a excellencia da lei Divina, e a existencia de seu Author, buscam no sophisma e na perseguição os unicos recursos que a maldade lhes dicta!

Ai cegos!.. Ai miseraveis!.. quanto maior é o combate, maior é o triumpho!

Negam os impios que o Christo fosse Deus, e os factos desmentem o sacrilegio, a voz dos milagres o aclama — Deus no ceu e na terra — e a despeito dos esforços da impiedade a heresia se confun-

de em seus proprios argumentos e se prostra e anniquila ante a verdade.

«O Christo foi um Sabio, um Propheta» dizem os hereges; e o Christo morreu na cruz suportando tantos tormentos que um só d'elles bastaria a fazer succumbir o corpo mais robusto, e o espirito mais intrepido e valeroso! O Christo soffreo e morreo para salvação do genero humano!

Considere-se que no tempo em que nasceo Jesus-Christo a ignorancia e o barbarismo imperavam: considere-se que nascido apenas innumeros milagres se manifestaram revelando em Christo o Deus humanado — o prophetisado Messias: considere-se que ainda Menino Jesus-Christo já ensinava e orava sustentando entre os doutores o saber, a elloquencia que os homens os mais doutos não poderam igualar, e Christo contava apenas doze annos de idade!

Qual foi a universidade onde Elle aprendeu, qual foi o Professor de Christo? Deus!... É a unica resposta. E logo depois Christo, que não teve quem o instruisse, foi Mestre, e ensinando a seus discipulos a lei santa, Elle a mandou propagar ordenando aos Apostolos seus discipulos que a fossem prégar no Universo! Christo instituio o baptismo; Christo authorisou os Apostolos a perdoar os peccados na terra, e esses peccados seriam perdoados no ceu, e instituio o Sacramento da Eucaristia na cêa que deo a seus discipulos na vespora da sua morte. (1) Foi nesta solemne despedida que o Senhor deo aos homens a maior prova do seu amor e unindo-se intimamente a elles os elevou á maior grandeza! Doou-lhes o seu corpo e o seu sangue, humilhou-se a lavar-lhes os pés ensinando-lhes a ser humildes, e deo-lhes o osculo de paz!..

A luz das luzes veio dar luz á terra, firmando em sua divina lei a felicidade dos homens, e subindo á cruz se deixou sacrificar legando-lhes immensas provas do seu affecto; e entre estas uma das maiores honras com que os quiz engrandecer foi no momento de espirar declaral-os filhos da Virgem Maria, Sua Mãe Santissima!

Christo nasceo, viveo, e morreo por nós, e regou com seu sangue a Arvore da Redempção que arraigou no Universo.

Sabios da terra! qual de vós seria capaz (mesmo no seculo da illustração) de organisar um codigo tão sublime como esse que Jesus-Christo doou á Igreja Catholica? Qual de vós para salvar os vossos similhantes, se offereceria ás injurias, aos tratos e á morte affrontosa que Jesus-Christo soffreo por nós? E qual de vós alcançaria 1833 annos de sympathias, respeito, adoração, enthusiasmo universal, e glorioso triumpho como alcança Jesus-Christo? Nenhum de vós, porque nenhum de vós é Deus. *D. A. G. Pusich.*

(Continúa.)

(1) Evang. Joan cap. XIII. — Luc. cap. XXII. — Marc. cap. XVI. — Math. cap. XXVI.

A morte cumprindo os decretos Divinos envia mais um anjo ao Senhor! Caío a flor inda em botão que na aurora da existencia desabroxava cheia de vida, e de esperanças!

O Ex.^{mo} Sr. Estevão Francisco Soares da Silva de Mello Breyner, filho primogenito do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conde de Mello, pereceo victima d'um tipho que em poucos dias o arrancou para sempre aos braços de seus carinhosos paes, contando apenas onze annos e cinco mezes de idade!

Nós acompanhamos sinceramente os Ex.^{mos} irmãos, parentes, e amigos em seu justo sentimento, mas á inconsolavel e extremosa mãe, é a quem especialmente nos dirigimos, sentindo, e avaliando muito de coração a sua irreparavel, e profundissima dôr.

A religião derrame sobre a ferida de seu peito maternal o balsamo vivificante da conformidade que só Deus nos póde conceder em lances tão fataes; e seja o nosso

pesar acceito por S. Ex.ª a quem tributamos nossas considerações não só por antigas relações de amisade entre nossas familias, mas tambem por ser distincta socia da Associação, á qual dedicamos esta folha.

D. A. G. Pusich.

DEUS!

O sol escondendo seu rosto no occaso
Um quadro formoso sublime ostentou!
Serão essas cores nascidas do acaso?!
Seus raios tão vivos o acaso formou?!

Atheu deploravel! vaes vendo, e descrendo!
As obras que admiras são obras de um Deus!
Negando a evidencia confunde-te vendo
Os Astros brilhando suspensos nos Ceus!

Contempla o crepusc'lo, verás que poesia
A'mente se off'rece na luz que se esvàe!
Escuta nas trevas a doce harmonia
De um som que os ouvidos, e as almas atrahe?

E' tenra Avezinha que a noite sauda,
E a Lua, as Estrellas que vem fulgurar:
Não ouves na Lousa tão fria, tão muda
As Aves da morte saudosas piar?

E já no horizonte da candida Aurora
Não ves a luz, pura no lindo verniz
Que as cores lhe aviva, que as faces lhe córa
E ao manto de nuvens lhe doira o matiz?

Alados cantores não ves n'um raminho
Ao dia que nasce canções off'recer?
Não ves Aguia attiva deixando seu ninho
Ao sol que disponta seus vôos erguer?

Os Montes, os Valles, e os longos espaços
Do vasto Occeano que as ribas contém;
Os Rios que estendem na terra seus braços,
E o manso Regato contempla tambem!

Admira essas arv'res na agreste espessura,
E aquellas que os fructos mimosos nos dão?
A flor que perfuma da brisa a frescura,
A planta que humilde viceja no chão.

Ao longe a porcella raivosa bramindo
Que o raio annuncia na voz do trovão?
E logo uma Estrella propicia fulgindo
Trazer-nos de esp'rança benigno clarão?

O mar despedindo montanhas de neve
Grimpando parece co' a terra investir!
E além do seu leito passar não se atreve
Que as leis imutaveis não sabe infringir,

Só tu desgraçado vagando perdido
No immenso deserto não ouves a voz.
Que sôa terrivel! descrente sentido!
Não caias no abysmo do crime feroz!

Em teu precipicio já proximo á beira
Tens inda o soccorro de Mão Paternal!
Oh! não lhe resistas, que em tua cegueira
E' Deus quem te accode no instante final!

Ao sol, ás Estrellas, á Lua alvejante,
A todos os seres pergunta, e hasde ouvir
A voz que em seu gyro perfeito, constante
O globo terrestre nos vem repetir:

Tão grandes prodigios fieis adoremos
O Autor se revella!.. Prostrai-vos atheus;
E um Ecco divino em nós escutemos!...
Nossa alma nos brada mil vezes por Deus!

Natureza tu revellas
O supremo Creador,
Nas tuas obras tão bellas,
No teu solo encantador!

Ao Senhor a fronte inclinas
Declinando amigo sol;
E sogeito ás leis Divinas
Te ergues radiante Farol!

Meigo Rouxinol que ás trevas
Vens o silencio quebrar,
No canto que aos Ceus elevas
Sabes o Senhor louvar!

Astros puros quem nos ares
Assim vos pode soster?
A Mão potente que os mares
E os tufões sabe conter!

Noite, quem sombras te envia?
Aurora, quem luz te dá?
Respondem a noite, e o dia
E' a Mão de Jehová!

Horrivel trovão, quem deixa
Teu estampido echoar?
A Mão que o raio desfecha
Para se fazer lembrar!

Ai! tristes de vós descrentes
Que o ser divino olvidaes!
Tristes de vós que imprudentes
Aos abysmos caminhaes!

Ultrajaes a Divindade
Porque infringis suas leis!
E zombaes da Eternidade
Porque infieis a temeis!

Mas ai, na angustia da morte
Sentireis vosso descrer!...
O que em culpas for mais forte
Será mais fraco em morrer!

Tremereis ao ver chegada
Ess' hora de perdição,
Em que a Mão do Eterno alçada
Vos fulmine a maldição!

Antes d'essa hora tremenda
Vossa ruina evitae!
Deus espera a vossa emenda!
Se é Juiz, tambem é Pae.

Vede o crime em seus caminhos
Tantas flores espargir,
Cobrindo agudos espinhos
Que alli vos hão de pungir.

Por nossos irmãos oremos
Que errantes, perdidos vão,
E p'ra todos imploremos
A luz divina o perdão.

Nos ceos os Anjos entoem,
Os divinos cantos seus!
E na terra os sons echoem
—Gloria eterna! Gloria a Deus!

D. A. G. Pusich.

OLINDA,

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 2.º

(Continuação.)

N'um outeiro agradavel situada
E' de Cumnor a Aldêa; perto d'esta
Um espaçoso, denso bosque existe
D'altos muros cercado, e junto d'elle
A soberba mansão edificáda,
Cinco milhas de Oxford talvez distante.
Avistando Eduardo aquelle ponto,
Sentindo o debil corpo fatigado
De jornada tão longa, e tão penosa,
Resolve repousar alguns instantes
No Urso Negro, estalagem muito antiga
Em Cumnor, e mais que outras frequentada:
Alli se apéa, e sóbe; alli descança,
Esperando que chegue o fim da tarde;
Mas se á fadiga o debil corpo cede,
Cada vez mais o espirito se exalta!
Não póde soccegar! horas eternas
Lhe parecem as horas que decorrem!
Do dia o termo anhella, desejando
Entrar no bosque só quando anoiteça,
Occulto aos olhos de qualquer vivente
A fim que o intento alguem lhe não perturbe;
E quer novas ouvir do Espectro negro,
Para se dirigir mais instruido.
Forçando o coração, que só deseja
No proprio mal achar o linitivo,
(Pois no peito opprimida a magoa cresce)
Senta-se o triste junto de um viandante,
E pergunta se era esta aquella Aldêa
Visinho á qual, dizia o povo rude,
Sohia apparecer um negro vulto,
Que um phantasma se crê? E' diz-lhe o estranho
Com quem fallava, mas não se acredite,
« Que um vão terror, uma illusão do povo
« Seja aquella visão; posso affirmar-vos
« Ser verdadeira a apparição do Espectro;
« E vou contar-vos o que me succede.
« Chegando eu de Abington, ha poucos dias,
« A tratar de negocios, por acaso
« Aqui dizer ouvi, que em Cumnor-Place
« Não habitava alguem, e ha tantos annos
« Uma casa de campo muito boa
« Se achava pelo dono abandonada;
« Que a dava a quem ousasse ir habital-a,
« E apesar da pobreza desta Aldêa,
« Ninguem acceitar quer tal beneficio,
« Com susto do phantasma, cujos gritos
« De noite horrivelmente a casa atrôam!
« Tive por fabulosa esta noticia;
« E tendo aqui de estar inda alguns dias,
« Para mais não gastar nas estalagens,
« Dispuz-me ir habitar aquella casa
« Emprestaram-me um leito: rem receio
« Fui la ficar a noite d'antes de hontem.
« Julguei superstição, julguei loucura
« Acreditar na apparição dos mortos;
« E assim quando em tal sombra me fallavam,
« Zombava, ria, avisos desprezando.
« Deitei-me pois, a luz deixando acceza;
« Nada ouvi; té que o sino toca as doze!..
« Referil-o, ai! senhor, inda mal posso!
« Os cabellos, as carnes se arripiam!
« Os gemidos, o estrondo eram tão fortes,
« Que as paredes, os tectos abalavam!
« Tremia a casa, e a cama de tal sorte,
« Que um terremoto horrivel parecia!

« Levantei-me, e confesso que assustado ;
« Mas vendo mais e mais crescer o estrondo,
« Uma janella abri ! eis de repente
« Ante meus olhos mil faiscas vejo
« Que pareciam horridos coriscos !
« Cuidei que me cegavam ! ser prudente
« Pareceu-me o sahir, antes que visse
« Arder, ou sobre mim cahir a casa !
« Sahi ; passando ao longo da tapada,
« Não me atrevendo a olhar, e meio morto,
« Cheguei a esta estalagem onde estamos. »
Um d'est'arte fallava ; e outro viandante
Casos iguaes contava acontecidos.
Assim por modos tantos escutando
Novas aterradoras do phantasma,
Pergunta a causa porque não se animam
A sombra interrogar ? todos respondem :
« Porque o amor natural da propria vida
« Nos impede fazel-o, pois tem certo
« Morrer cedo o que falla com phantasmas. »

Os excessos de amor, ou de infortunio,
A rasão aos mortaes perturbam tanto ;
Que as victimas de amor, ou da desgraça,
Facilmente acreditam n'um agouro ;
Qualquer preoccupação do vulgo insano,
Um sonho, uma chimera agita os tristes !
Eduardo, que outr'ora possuia
Um pensar livre, uma rasão sublime,
Hoje abatido pela desventura,
De uma paixão funesta dominado,
Off'rece em si fatal metamorphose !
Dos sabios que estudou, conceitos puros
De todo esquece ; e ao vulgo errante e nescio
Presta séria attenção, crédito presta !
« Alfim, comsigo diz, chegaste, oh ! hora !
« Hora final de meus cançados dias !
« Ha de o meu corpo em breve achar descanço ;
« Ha de alma ser feliz de Olinda á vista ! »

Assim gostoso vae ; e sem receio
Entra o alcaçar medonho ! Era já noite.
A montões de ruinas reduzida
Vê do antigo solar a maior parte ;
Mas pela construcção forte, admiravel,
Vê a outra parte resistir ao tempo !
Vae penetrando o bosque abandonado :
Partidos os carvalhos, e confusas
As arvores annosas se entrelaçam ;
Como temendo do hospede nocturno
As iras infernaes ! Soprava o vento :
A lua tenue luz offerecia,
Que entrar não ousa na espantosa selva !
Meia noite soou ! hora tremenda !
Tremenda, horrivel ao mortal ditoso,
Mas grata ao infeliz ! da Aldêa o sino
Annuncia da noite em meio o giro !
Estalam de improviso as grandes portas,
Como da artilheria o som mais forte,
Cujos ecos retumbam na Abbadia !
Horroroso clarão assoma, e foge,
Como a luz de um relampago, e após d'este.
Rugido escuta, estranho, pavoroso,
Semelhante ao rumor do pégo irado
Quando assalta um rochedo ; e ao mesmo tempo
Uivos de cão sinistro ! estoura o bosque,
E horrendo quadro a natureza off'rece !
Mas com tudo Eduardo não se assusta,
Que tormenta maior brada em seu peito !
Sentindo junto a si tremer a terra,
Vê do bosque sahir fumaça espessa,
Que uma nuvem parece opaca e feia,
E qual negra columna erguer-se aos ares !
Tudo annuncia do phantasma a vinda !
Nota Eduardo a nuvem, e divisa
De um gigante a figura ; e assim lhe falla :
« Oh ! tu, sombra infeliz perturbadora
« Do socego dos vivos ! porque fado
« Foges á paz, ao somno do sepulchro,
« E nesta horrenda solidão vagueas ?
« Dize, em nome do Altissimo t'o ordeno !
« Quem és ? declara a causa que te obriga
« Estar n'um mundo que te não pertence ? »
Abrindo a bocca enorme, qual fornalha,
Ardentes labaredas despedindo,
N'um som, que estremecer fez a espessura
De um suspiro lethal acompanhado,
Assim responde o Espectro tenebroso :

ESPECTRO.

« Renovando funesta memoria. (1)
« Vou contar-te meus erros fataes !
« Minha historia infeliz, negra historia
« Bem sabida já é dos mortaes.

« Fui Leicester, o Conde famoso,
« Que já leis á Britania dictou ;
« Vago errante neste ermo horroroso,
« Onde um crime, o maior se attentou !

« Gerei n'alma um algoz que me opprime,
« Que é do inferno o tormento peior ;
« O remorso, que filho é do crime,
« E' do crime o castigo maior !

« A' ambição immolei a virtude,
« Quebrantei conjugal união ;
« D'uma c'roa, que os nescios illude,
« A esperança me foi perdição !

(1) Inventei uma simples e triste musica, para entoar este canto de Leicester : quando me for possivel publical-a-hei em separado.

« Da consorte a gentil formosura,
« Seus extremos por mim, sua dôr,
« Os gemidos de uma alma tão pura,
« Não venceram meu cégo furor.

« Esse cóllo mimoso, e divino,
« Esse peito que amor abrasou,
« Por meu mando cruento, ferino,
« D'impio algóz ferrea mão profanou!

«Foi d'amor premio a morte, oh! violencia!
« Assassino da mesma que amei!
« Mas de um Deus protector da innocencia
« Bem depressa o poder divisei!

« Ante os olhos que o vicio vendava,
« Vã grandeza brilhou mais que amor;
« Eis o Ceo, que meus crimes notava,
« Troca em lucto da purpura a côr!

« De Isabel de Inglaterra o valido,
« Que do sceptro aspirava o brasão,
« Vê que em breve (castigo devido)
« Regio agrado se torna aversão!

« De reinar já perdida a esperança,
« Ao remorso em vão tento fugir;
« Nos altares firmei alliança,
« Que tambem quiz em breve extinguir.

« Em bebida fatal disfarçada,
« Prompta morte á Condessa off'reci;
« Mas por mão, que do Ceo foi guiada,
« O veneno enganado bebi!

« Vem do crime, oh! tremendo castigo
« Tal peçonha meu corpo damnar;
« Que vedado me foi o jazigo,
« Nem a terra me quiz devorar!

« Condemnado ao supplicio do inferno,
« Quando o mundo cessar de existir;
« Condemnar-me tambem quiz o Eterno
« Para aos vivos de exemplo servir!

« Tu, que choras, mortal, soffre e espera
« Junto á esposa um destino feliz;
« Pois tua alma innocente não gera
« Negra serpe que o inferno só quiz:

« Negra serpe, traição venenosa,
« Tanto n'alma deixei avultar,
« Que de Amelia gentil, virtuosa,
« Para sempre me soube afastar.

« Oh! Amelia, consorte querida!
« Quem podera tornar a nascer!
« Mas é sorte desta alma perdida
« Não te ver, nem deixar de soffrer!

« Té que chegue do grão julgamento
« Esse dia tremendo, fatal!
« Se ouvirá meu continuo lamento,
« Onde déste o suspiro final! »

N'isto um profundo, lugubre gemido
Solta o Espectro infernal! estrondo horrivel
Faz a terra tremer! toldam-se os ares,
Rolando nuvens de sanguinea chamma
Em que arde o bosque, ora tornado inferno!
Attonito escutando a voz terrivel,
Não se assusta Eduardo, mas receia
Alli permanecer: um condemnado,
Um inferno o circundam! esta idéa
E' funesta ao Christão! rapido os passos
Quer mover, e não pode!... mortal gelo
Do sangue o giro lhe impediu nas veias!
Cáe sem accôrdo o miserando joven,
E o phantasma cruel desapparece!

Tornado a si do subito desmaio,
Suspira o desgraçado, a custo se ergue;
E tentado sahir d'aquelle abysmo,
Se entranha mais e mais na escura selva!
Ouve do Rouxinol o doce canto,
Os échos infernaes vencer tentando,
Que inda do reprovado os ais repetem!

Já filha da manhã, suave brisa
Destroe o effeito do tartareo incendio;
E benefica a mente refrescando,
De vida um sôpro communica ao triste!
Errando aqui, alli, já Eduardo
O dia vê luzir por entre os ramos!
De incerta luz guiado em fim consegue
Libertar-se do estygio labyrintho
De um sinistro, horroroso pezadêlo
Como acordando afflicto, espavorido,
Restituido á vida, á luz, ao senso,
Aterrado, convulso, os lares deixa,
Onde a morte, onde o crime unidos morâm!
Do negro Espectro pavoroso asylo,
Os paços de Cumnor, terrestre inferno!

FIM DO CANTO II.

(Continúa.) *D. A. G. Punich.*

A DONZELLA DO RIBA-TEJO.

I.

N'um dos mais pintorescos lugares do Riba-Tejo, n'uma casinha de modesta apparencia, habitava uma familia, que n'outro tempo gosara de todo o explendor da nobresa e do valimento, porém que vi-

clima das guerras civís que tem assolado o malfadado Portugal, se achava redusida á mais baixa posição, as pessoas que a compunham eram: a viuva de um antigo official, sua filha e uma criada.

Perdendo seu esposo pouco tempo depois do nascimento de sua filha, a senhora Villar, educára esta no mais austero recolhimento, receiando para ella os perigos que a sociedade encerra. Antonia tinha quinze annos, a naturesa havia-a dotado com liberalidade, sua tez d'uma brancura extraordinaria misturada com uma leve tintura de rosa, causava um effeito encantador. Seus grandes olhos castanhos tinham uma expressão toda divina, os cabellos loiros e anellados, a bocca pequena e rosada, o talhe esbelto e delicado, e sobretudo sua alma bem formada, tornavam-na um composto de graças e de virtudes. Na aurora da vida, nem ainda um ligeiro sonho lhe havia indicado a necessidade de amar. Antonia não sabia o que era amor! Vivendo sempre ao lado de sua mãe sem jámais frequentar a sociedade, ella amava a solidão; e longas horas vagava sósinha no pequeno jardim que possuiam, occupando-se no cuidado das flores, eram estas seu unico enlevo, com seus desvellos, Antonia procurava pagar-lhes o praser que lhe causavam quando as via desabroxar tão castas e tão lindas.

Pobre virgem, gosa, gosa esses furtivos momentos de felicidade, a estação dos amores vem perto, então as flores murcharão, porque a mão que solicita as cuidava já não procurará refrescal-as com a agua da lympida fonte, não curará de misturar o jasmim á cecem e ao lyrio, e de enlaçar a verde e florida murta á branca e virginal roseira.

Muitas vezes ía Antonia com sua mãe passear ás margens do Tejo, era alli que passava os momentos mais felizes, sentada á beira do rio, com os olhos na rápida corrente de suas crystalinas aguas a donzella s'emballava n'um innocente sonho, e quantas vezes pousando a fronte d'anjo no regaço de sua extremosa mãe, ella se abandonava a um pensamento celeste.

E á noute, nessas noutes mimosas que tanto brilham no nosso Portugal, quando o astro da saudade estendendo o prateado lençol sobre a magnifica Lisboa, o firmamento brilha com esses milhares de palhetas d'oiro que tanto n'elle scintilam. Antonia, sentada n'um banco de relva que ella mesma formára no seu pequeno jardim, contemplava as bellesas da natureza, sorria ao ver as florinhas pendidas, ao balouçar das ramas com a aragem da noute, sentir a brisa suspirando entre a folhagem das arvores, seu coração innocente palpitava de praser ao ouvir o trinar das avesinhas que em torno d'ella adejavam, então sentada elegantemente sobre o leito de molle verdura Antonia adormecia, os loiros cabellos ondulavam á vontade do zephiro, os olhos cerrados, os labios de coral pareciam um pequeno botão de vermelha rosa, um sorriso ligeiro dava-lhe um encanto irresistivel; nesse momento Antonia era o anjo da innocencia; a relva accurvava-se humilde sob o peso do seu delicado corpo e ufanava-se de sentil-o, a larangeira fazia pender seus ramos para colherem seus dourados fructos um sopro d'aquella respiração de virgem, emfim as flores pareciam querer desprender-se das hastes para formar uma coroa que cingisse aquella fronte tão pura, e um colar a aquelle colo de neve.

Feliz donzella, que socegada passavas, a vida tão cheia d'encantos, não queiras que um sonho d'amor venha pousar sobre a tua fronte! (*Continúa.*)

D. Maria Rita Colaço Chiappe.

HISTORIA NATURAL.

DEFINIÇÕES GERAES.

Historia Natural —é a sciencia, que tracta dos tres *Reinos da Natureza.*

Os tres reinos da natureza são :

O Reino Animal, o Reino Vegetal, e o Reino Mineral.

O Reino Animal, comprehende todos os animaes desde o homem, até o verme mais infimo : o *Reino Animal*, divide-se em *Animal Racional, e Animal Irracional : o Animal Racional*, comprehende os *entes humanos* de ambos os sexos : o *Animal Irracional*, todos os outros animaes.

O Reino Vegetal, comprehende todas as *arvores, arbutos e plantas.*

O Reino Mineral, comprehende os *metaes, pedras* e todas as especies de *mineraes.*

Os Reinos Animal e Vegetal, constitue — *o Reino Organico* — *o Reino Mineral*, constitue — *o Reino Inorganico.*

O estudo do Reino Animal, constitue— *a Sciencia da Zoologia.*

O estudo do Reino Vegetal, constitue— *a Sciencia da Botanica.*

O estudo do Reino Mineral, constitue— *a Sciencia da Mineralogia.*

(*Continúa.*) *J, R. de Figueiredo.*

AVIZO

Desejando os Editores do lindo romance de George Sand = *Miguel ou o Piccinino* = fazer um apuramento geral de todos os seus assignantes, para se poder levar a distribuição com toda a regularidade, pedimos a todos os illustres subscriptores deste jornal, que receberam as primeiras folhas, de reclamarem ao distribuidor as segundas. D. A. G. PUSICH.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

PUBLICAÇÃO UTIL.

O *Publicador Lisbonense* offerece o seu Programma na rua de S. Francisco N.º 19. É de grande utilidade para todas as pessoas que por falta de meios, ou de relações não podem lêr jornaes onde colham as noticias mais importantes de interesse publico ou particular, do Commercio, Estabelecimentos, Compras, Vendas, Emprestimos, Dependencias, que por tal meio se offerece, facilitam além destas noticias a vantagem de annuncios gratis em beneficio desta população. E' fiscal e socio do *Publicador* o sr. José Maria da Silva Nogueira, que ha muitos annos conhecemos, e que se desvelará por cumprir este encargo de beneficencia com o zelo que é proprio de sua reconhecida probidade.

REVISTA DO GLOBO.

PUBLICA-SE uma vez em cada mez, custando para os srs. assignantes 100 rs. pagos no acto da entrega de cada numero.

Annuncios cada linha 20 rs. São gratis os annuncios, unicamente para os collaboradores, correspondentes e assignantes do jornal.

Publicou-se o primeiro numero, que traz, além d'uma capa cheia de annuncios os seguintes artigos :

Introducção. — Necrologio de S. A. I. a sr. D. Maria Amelia de Bragança Leuchtenberg, Filha Voltaica por A. — Nouvelle — Une ame sensible por Mme Amélie de Savigny — Critica litteraria do drama do Sr. Francisco Gomes d'Amorim, por J. C. Machado. — Despedida de Mme Castellan, por Estacio da Veiga. — Hamet e Sara, canto africano pelo mesmo. — Aos srs. Assignantes.

Vende-se este numero avulso por 120 rs. nas lojas dos srs. Langlet, rua nova do Almada n.º 74 — Lavado, rua Augusta n.º 8 — Silva ao Rocio — Silva Junior, rua do Ouro n.º 109 e J. C. d'Oliveira, rua do Poço dos Negros n.º 83 e 85, onde tambem se assigna para este e seguintes numeros.

ERRATAS DO N.º ANTECEDENTE.

Na poesia, A' memoraria do Ex.mo Marquez de Soudos, onde se lê : Só vejo asceceno pendidas, deve lêr-se : Só vejo as cecens pendidas.

Na correspondencia do sr. Sousa Menezes, pag. 5.ª onde se lê : De quem talvez a faço, deve lêr-se : De quem talvez a faça etc.

Na mesma pag. onde se lê : Pelos crueis filhos tens ensanguentada, deve lêr-se : Pelos crueis filhos teus ensanguentado.

IMPRENSA NO ROCIO N.º 100.

A BENEFICENCIA.

JORNAL DEDICADO Á ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 10. — MARÇO 15 — 1853.

PENSAMENTOS MORAES.

—

O CHRISTIANISMO E SUAS MISSÕES.

(Continuação.)

Qual será o motivo porque essas malditas seitas que tentam perder o mundo na torrente devastadora da immoralidade, não enviam seus missionarios a prégar pelo universo, e só sim enviam seus escriptos perniciosos, ou cautelosos agentes a seduzir os enexpertos e ignorantes, ou a atrahir os mal intencionados, ferindo nas trevas como vís salteadores? É porque elles, possuidos do mais sordido egoismo, não se querem expor aos trabalhos, desgostos, ou perigos de tal encargo, e querem a salvo do seu corpo maquinar a ruina dos mais; e é porque elles sentem no intimo de sua consciencia a voz potente do remorso que os condemna; voz a que em vão fecham os ouvidos da alma, engolfando-se nas illusões da vida temporal! Se é certo que estão convencidos da bondade de suas doutrinas, porque não formam exercitos missionarios que tentem propagar seus errados principios? e porque buscam esses barbaros abafar no sangue das victimas fieis a voz da verdade Evangelica, a qual no meio dos maiores perigos e tormentos, se ergue triumphante, e se deixa ouvir clara e forte, sahindo de peitos enfraquecidos e quase extinctos por continuos jejuns, vigilias, e innumeros soffrimentos a que se expõem os missionarios de Christo; e essa voz, que é a do Evangelho, achando ecco em todas as almas, é acreditada, é repetida em todo o mundo! Se não é a verdade que os missionarios fieis proclamam porque temem essas missões? Porque os martyrisam com tractos infernaes que inventam para os flagelar e desesperar? Admirae impios o animo com que as victimas christãs chegam ao supplicio! Sua coragem sobrenatural tem mil vezes feito estremecer o algoz que ao executar a sentença cruel sente as chammas do remorso devoraremlhe as entranhas.

Que força tem a nossa religião! Que força infunde nas almas ainda as mais fracas! Que luz tão clara e tão suave transmitte a todas as intelligencias!

Qual seria o premio dado pelos homens que podesse animar alguem a supportar as provas mais custosas, as fezes do calix da amargura que os hereges obrigam os christãos a esgotar! Os frios, as chuvas, o calor, a sede, a fome, dormir sobre as pedras, e sem uma gruta que os abrigue no rigor das estações, affrontando

a ferocidade dos tigres ao atravessarem os desertos mais timidos, e as iras dos impios em terras inhospitaleiras; e por fim exhallarem os ultimos suspiros ás mãos de sanguinolentos verdugos, com a constancia que faltaria a um Catão se tão negros tractos soffresse!

E porque impavido e resignado, sofre tanto o christão? E' porque o christão verdadeiro é o verdadeiro heroe. Despido de todas as ambições terrenas elle aspira á gloria dos ceus; elle se eleva muito acima das creaturas no momento em que fixando os olhos em Deus deposita em suas Divinas mãos todas as suas esperanças, todo o seu porvir, e só em Deus e tudo em Deus confia! Elle entrega aos homens a vida e a alma ao seu Creador!

Qual será a razão porque as outras crenças não operam taes prodigios? A causa é bem clara! É porque essas crenças erronias são obra dos homens, e o christianismo é obra de Deus.

Estudem os sabios muito embora, semeem todas as flores da eloquencia, e d'ellas brotarão abrolhos se os seus pensamentos não se elevarem ao Ceu! Debalde os homens poderosos para firmarem a propria felicidade empregarão toda a força de seus braços; elles cavarão a sua ruina se não consagrarem a Deus seus dias e o seu coração; elles vivirão em guerra com o genero humano, e comsigo mesmo, e morrerão cobertos de remorsos e maldições; em quanto o christão, sofrendo resignado todos os revezes, reconhecerá nos trabalhos e angustias da vida a sua cruz de salvação, e vendo além da morte a sua maior gloria, espera a morte sem susto, vive pobre, e morre feliz com as bençãos de Deus, e dos homens; quer viver e morrer por Deus, como Christo viveo e morreu por nós!

(Continua.) *D. A. G. Pusich.*

O CONSERVATORIO DE LISBOA.

INSPECÇÃO GERAL DOS THEATROS.

No 8.° numero deste jornal publicamos uma correspondencia á cerca do Conservatorio de Lisboa, e theatro de D. Maria; e alguma cousa dissemos sobre o Conservatorio: promettemos continuar por que muito ainda nos restava dizer; mas outros assumptos mais dignos da nossa consideração tem reclamado os espaços desta folha, porém hoje não podemos deixar de diser algumas palavras mais para provar a que ponto chegão as imperdoaveis faltas commettidas por uma Inspecção que tem a seu cargo uma grande responsabelidade. Culpou o sr. Sousa e Menezes o theatro de D. Maria; e nós nos queixamos do Conservatorio e da inspecção Geral dos theatros. Os theatros tem obrigação de levar á scena as peças taes quaes seus autores as escreveram, e o Conservatorio licenciou; mas o Conservatorio é que deve respeitar as leis, e as conveniencias sociaes — a Inspecção Geral dos theatros é que deve corrigir as faltas cometidas pelos autores ou pelos theatros, sostentar a ordem nos theatros, e não authorisar insultos, ou roubos como autorisa com o seu tacito consentimento. Nós acabamos de soffrer uma injustiça e arbitrariedade da Inspecção Geral dos theatros; e um roubo feito publicamente por uma empreza, e tolerado ou licenciado pela Inspecção Geral dos theatros. A Inspecção Geral dos theatros manda suspender, sem causa justificada, a nossa Farça—O Regedor de Parochia—peça licenciada pelo Conservatorio; e a Inspecção Geral dos theatros consente que a mesma peça vá em outros theatros *menos no da Rua dos Condes*!.... E a Inspecção Geral dos theatros consente que no *mesmo theatro da rua dos Condes* aonde foi pro-

hibida aquella peça apareçam em scena palavras da mesma peça em peça estranha, sem consentimento da autora? Então a Inspecção Geral dos theatros vio ou não vio o Regedor de Parochia? Prohibio ou não prohibio a sua representação? Quem deo licença á impreza da rua dos Condes para levar na Castanheira as scenas do Regedor, os versos cantados na Farça o Regedor, versos de nossa composição original? E a Inspecção Geral dos theatros que suspendeo a Peça Regedor de Parochia não conheceo essas scenas, esses versos que prohibio n'uma, e consentio n'outra? Então mostra que só os prohibio por ver alli o nosso nome! Ora sr.ª Inspecção, se algum dos seus empregados, ou se todos elles, não gostam que sejamos autora, fiquem-se com essa zanguinha, porque já não pode haver força que nos arranque essse titulo que tanto nos tem custado, e que sem humano auxilio, sem protecção alguma podémos conseguir; e tanto que por peiores que sejam nossas obras o que todos reconhecem é — que são originaes, que sam nossas; nem imitamos, nem traduzimos—e por isso mesmo acostumadas a usar só do que é nosso, não queremos o que é dos outros; mas tambem não toleramos que nos roubem o que é nosso. Por tanto; em face do publico, e perante as authoridades, protestamos contra essa uzurpação de uma propriedade nossa litteraria, consentida pela Inspecção Geral dos theatros, que consentio, ou não prohibio que em nome estranho fosse á scena uma obra nossa já conhecida da Inspecção, e tão conhecida que a prohibirão arbitrariamente!!! E aos srs. Imprezarios declaramos que se continuarem a levar á scena obras nossas em nome de outrem, usaremos de nossos direitos para os obrigar a respeitar as leis. Pedimos ao Ex.mo sr. Ministro do Reino providencias á cerca do que acabamos de expor.

Por esta occasião declaramos que a Authoridade competente nos assegurou que a nossa Farça — O Regedor de Parochia estava livre e desembaraçada por ordem superior. Agradecemos esta providencia e folgamos em ver feita justiça a quem tem rasão de se queixar.

Esperamos tambem que a mesma authoridade attenda as queixas de todos aquelles que se acham offendidos em publico nos cartazes, o que equivale a um bibello de infamia; e que de uma vez se façam entrar no recintho prescripto pelas leis aquelles que excederem as suas atribuições.

D. A. G. Pusich.

POESIAS.

—

PSALMO Á PAIXÃO DO SENHOR.

Cet arbre, abri des nations,
Où le vieil univers vint suspendre sa chaine
Sera justifie par la science humaine.
Ainsi que le soleil par ses propres rayons.

J. Reboul.

Céos! que terrivel quadro hoje apresenta
A oppressa natureza
Onde estão Primavera as graças tuas
Quem te offusca a belleza?

Que sol, que ingrato sol te seca as flores!
O sol!.. (que estranho caso!)
Elle?... se erguido apenas, já seus raios
Precipitou no occazo!

O sol não: foi a horrivel tempestade,
Que os demonios sopraram!
Delictos infernaes, oh! natureza
Tuas leis transtornaram!

Porém tu mesmo o dizes suspirando!
Tua dor nos accusa!
Choras pranto de sangue, e a nosso crime.
Não concedes escusa!

Com véo de lucto a face nos escondes?..
Que trevas! que tormento!

Onde o teu manto azul, onde os teus lumes
Sumiste, oh! firmamento!

Quer tragar-nos o mar! O Céo fulmina!...
Oh tremendo conflicto!
A terra treme, a nossos pés abrindo
Um abysmo infinito!

E os demonios sorrindo nos esperam!...
E' o castigo evidente!
Devóra o coração, queima as entranhas,
Remorso, o mais pungente!

Por nossas culpas, tu, o author da vida,
N'um supplicio pereces!
Morres Deos! .... mas tu morres perdoando!
Que exemplo nos offreces!

Do infernal captiveiro tu piedoso
O mundo resgataste!
Ah! paguem nossas lagrimas o sangue
Que na cruz derramaste!

Oh! morte que nos déste a eterna vida!
Tua efficaz memoria,
Da vencida serpente o cólo aterre,
De Christo exalta a gloria.

D. A. G. Pusich.

OLINDA,

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 3.°

(Continuação.)

Quantos males comsigo arrasta o crime!
BOCAGE.

Voltando á habitação do bom Ricardo,
Demanda a estrada o consternado joven,
E de Cumnor os paços abandona;
Levando n'alma o horror, a magoa, o espanto,
Socios funestos, companhia infausta
Da saudade, do amor, e da tristeza
Que no affligido peito lhe habitavam!
O passo apressa, e breve se desvia
Do sitio que avistar anhellou tanto!
Oh! fatal condição da humanidade,
Que nunca satisfeita a alma se encontra!
Que a mudar do mortal os sentimentos
Um sonho basta! por qualquer motivo
O que mais desejou, mais aborrece!
Mas não ligeira causa infunde ao triste
O duro effeito do arrependimento!

Submerso em pensamentos caminhava,
E comsigo dizia: «Oh! imprudente,
«Temerario que eu fui! que novos males,
«Que novas dôres preparar-me pude!
«Não tinha eu já motivos que bastassem
«A tornar-me a existencia insupportavel?
«Quando buscar os Ceos eu só devia,
«Onde mora a virtude, e existe Olinda,
«Busco os infernos, os demonios busco!
«Ah! levemos esta alma seqoiosa,
«Crestada na infernal, ardente chama,
«D'alta Religião á fonte pura!
«Possa de um santo amigo a companhia
«Digno tornar-me de avistar Olinda!»
Tão cruentos escrupulos combatem
Do Francez virtuoso a consciencia!
Já da noite ao crepusculo caminha:
Já mal a estrada vê, quando improviso
Um grito sente! horror lhe inspira ouvil-o!
Julga a infernal visão que o vem seguindo!...
Pára! escuta!... percebe alguem clamando
Soccorro ao Ceo com voz intercadente!
Não póde ouvir gemer um desgraçado
Sem lhe prestar auxilio! as vozes segue,
Desviadas da estrada, e vê dois vultos,
Um baquear na terra, outro tentado
Acabar o infeliz, que em vão forceja
Por desviar os golpes do assassino!
«Malvado!...» grita o joven caminhante,
«Deixa o mesquinho ou morre!» e nisto avança:
«Mas vendo-o foge o algoz espavorido.
Já da lua ao clarão nota Eduardo
A victima infeliz nadando em sangue!
Forceja por vedal-o, mas embalde,
Que em jorros derramado a terra inunda,
E do afflicto mancebo as vestes tinge.
E' deserto o logar: um só vivente
Não apparece alli, que auxilio preste,
Em tal consternação, em tal perigo!

Assim a noite passa, e quando as sombras
Vão fugindo, ao sentir da Aurora a vinda,
A' luz primeira, que nos Ceos assôma,
Reconhece Eduardo o rosto exangue
Do triste que nos braços sustentava!...
«E' Adolpho! é Adolpho! o tio de Olinda!
«E' de Olinda este sangue que se perde,
«E a terra absorve!.. Adolpho, que motivo
«Aqui vos conduziu?» diz Eduardo.
Adolpho erguendo as moribundas vistas
Um profundo suspiro arranca d'alma;
E encarando Eduardo, lhe declara,
(Com voz agonizante, e quasi extincta)
Que em seguimento seu deixára França;

E que de um salteador acommettido,
Na mão do algoz, que a vida lhe roubava,
Movido da ambição, via a justiça
Infallivel de um Deus Omnipotente,
Que em seus arcanos sabio, incomprehensivel,
Para punir os máus, dos máus se serve....

Assim dizendo, cáe no abatimento,
Que Eduardo julgou ser mortal somno!
N'isto alguem se aproxima!... eram soldados
Que de um destacamento recolhiam!
Homem morto na estrada!... alguns gritando.
Sobre o triste Eduardo se arremessam!
Como assassino o prendem; nem lhe attendem
Sua defleza inutil, e decidem
A' povoação mais proxima leval-os.
Conduzindo em custodia o triste joven,
De Cumnor ás justiças o entregaram.
O preso á auctoridade se apresenta:
Era um juiz sem lei, juiz de Aldêa,
Que nem de seus deveres sabe a norma.
N'um tom de sup'rior impõe silencio
Ao pobre preso, que debalde intenta
Expôr suas razões, sua innocencia!
A' prisão se recolhe, escura' e fria,
Que amigo sol não doura! alli sômente
Via seu carrancudo carcereiro,
Cruel por natureza, e sem principios,
Com gestos, e expressões sempre attacantes,
Ao maior desespero transportal-o!

Dois mezes se passaram, sem que o triste
Noite, ou dia, encontrasse algum conforto!
Uma só providencia não lhe enviam!
Nem sabe o fim de Adolpho, nem o dia
Em que ouvido será, será julgado!
Mas todo entregue á dôr mais penetrante
(Cuja sombra lhe encobre o mal presente)
Só despertava ao som da voz agreste
Do seu cruento guarda; a si tornando
Do profundo lethargo da agonia,
Na presença do algoz vendo o supplicio.
Tal fatigado o mestre viandante,
De um precipicio á beira adormecendo,
Desperta ao som de horrisona procella,
De um relampago á luz assustadora
Contemplando os abysmos que o circundam!
Do feroz carcereiro a odiosa vista
Já supportar não póde o desditoso!
Se um nobre que é tyranno se não soffre
Quem soffrer poderá um vil tyranno!
Tem balizas tambem a paciencia,
Limites a virtude, e inda o heroismo!..
Na mór consternação, do soffrimento
Toca a méta o infeliz! já desespera;
Já na mente mil planos revolvendo,
N'um finalmente assenta! arduo!.. infallivel!..
Resolve terminar seu captiveiro,
Sua injusta prisão quebrar á força!...
A' força de seu braço, já que a sorte
Cruel, injusta, manda que entre ferros
A' virtude, a innocencia atropelladas,
Gemam curvadas da maldade ao pezo!
« Terá meu braço mais poder que a sorte!
(Diz comsigo Eduardo) « inuteis ferros,
« Do temor, ou da esp'rança respeitados!
« De vós zomba o mortal desesperado;
« O que em preço nenhum já tendo a vida,
« Encara a morte como um fim pe'seciso,
« De acerbos males termo desejado!
« Eu, que livre nasci! que vivi livre!
« Que as leis da sociedade respeitando,
« De despotas jámais sujeito ao jugo,
« Preso, só por amor, fui á consorte!
« Neste curto recinto hoje encerrado
« Sem crime; e de um malvado supportando,
« De um abjecto ignorante, o ferreo mando!
« Quanto indigna é de mim esta vileza!..
« Não abate a desgraça um nobre peito!... »
Taes pensamentos lhe accenderam n'alma
O fogo juvenil, que a desventura
Tinha abafado, mas não tinha extincto!
Firme no seu projecto espera a noite:
Esta emfim se aproxima, e o carcereiro
A luz inda não traz, como é costume!
« Como as horas se arrastam vagarosas!
« Que tardança cruel! todas as noites,
« Opposto ao meu desejo, vem tão cedo!
« Hoje que o quero ver, hoje é que tarda!
« Espirito infernal! alma damnada,
« Que em me contrariar te esmeras tanto!
« Minha colera augmenta, se é possivel!...
« Fazes bem.. tarda mais.. has-de amargal-o! »

Assim dizia, quando repentino
Sente um grande alarido, e aberta a porta,
Entra o guarda co'a luz; e vem com elle
Um joven que o sustinha pelo braço.
Berrando o carcereiro começava
A insultar Eduardo: este o segura;
Nem teme o companheiro, e enfurecido
Por terra o lança! « ai! grita o miseravel,
« Perdão! perdão, meu nobre Cavalleiro!.. »
(O traidor, o cruel, sempre é cobarde!)
Quer defendel-o o joven, mas temendo
Do furor de Eduardo algum transporte,
Lhe diz! « Senhor, deixai-o por piedade!
« Está da embriaguez apoderado;
« Já por isso o segui; ás vossas ordens
« A cumprir me offereço: perdoai-lhe. »
Eduardo escutando-o lhe responde:
« Pois bem: se és menos vil, se mais prudente
« Do que este miseravel; fecha a porta;
« Deixa-o dentro ficar: segue meus passos. »
A' proposta annuindo, a porta fecham;

E saindo Eduardo as chaves leva,
E o capote, e o chapéo do carcereiro.
Conseguindo illudir o sentinella,
Saem da aldêa. Ao joven que o seguia:
« Quem és? » diz Eduardo; e elle responde:
« Jones me chamo, filho da desgraça,
« Mas não do crime: em Londres fui nascido
« De uma nobre familia perseguida,
« Por affecta ao partido de Maria,
« Legitima Rainha. Meu pai morto (tincta
« A's mãos de um protestante, e em breve ex-
« Toda a minha familia; desterrada
« Só ficou minha mãi, que fugitiva
« Vagou de terra em terra; e nessa Aldêa,
« Onde preso estiveste, fallecendo
« Me deixou sem fortuna, e sem abrigo!
« A irmã do carcereiro, em cuja casa
« Minha mãi se abrigára, condoida
« Da orphandade infeliz em que me via,
« Me creou como filho: ella morrendo,
« Para casa passei do carcereiro,
« Que sobrinho me chama, e como escravo
« Me tem sempre tractado! que desprezos,
« Que insultos lhe soffri! ah! Cavalheiro,
« Não me desampareis! se torno á Aldêa,
« Triste de mim, acabarei meus dias
« A's mãos d'aquelle algoz!..» Não te abandono,
« Não! mancebo infeliz! torna Eduardo,
« Seremos na desgraça inseparaveis!
« Dos viventes fugindo á companhia,
« Na dôr não quiz jámais um companheiro;
« Porém a gratidão, teus infortunios,
« Os direitos te alcançam mais sagrados
« A' minha compaixão, á minha estima.
« Vamos mudar de trage; algum dinheiro
« Inda me resta: á povoação mais perto
« Apressemos o passo. Uma pergunta
« Tenho a fazer-te: aquelle Cavalheiro,
« Que ferido encontrei, é morto, ou vivo?»
« Vive, Jones lhe diz, mas soffre muito:
« Sanaram-se as feridas, porém de uma
« Mui difficil se torna o curativo;
« E' na cabeça o golpe, e tão profundo,
« Que d'elle escapara só por milagre.»
Assim juntos marchavam, procurando
Não a estrada real, mas os atalhos.

(Continua) *D. A. G. Pusich,*

A DONZELLA DO RIBA-TEJO.

I.

(Continuação)

Assim corria socegada e tranquilla a existencia de Antonia, quando um incidente desagradavel veio interromper tão doce felicidade.

A senhora Villar caíu gravemente enferma, sua filha, desanimada, velava á cabeceira do leito da enferma, procurando por meio de suas caricias aliviar-lhe os soffrimentos.

Sem relações algumas, só, com uma criada tão inesperiente como ella, Antonia não sabia que fazer — lembrou-se finalmente de que na casa contigua á sua habitava um joven medico francez, ella se resolveu a recorrer a elle para salvar a preciosa existencia de sua querida mãe.

Mr. Emile la Roche aceitou com alegria o encargo de tractar da senhora Villar, curava-a com o maior disvello, e felizmente dentro em pouco a doente se achava em disposição de dar alguns passeios no jardim acompanhada de Antonia, e de Mr. la Roch; que se havia tornado o amigo da familia; pouco tempo depois estava completamente restabelecida a enferma.

A existencia da senhora Villar tornou-se pacifica e feliz como d'antes, mas a de sua filha tinha mudado inteiramente. Antonia já não era a mesma, não era a donzella feliz, aquella menina cheia de saude e de contentamento: palida como uma estatua d'alabastro, seus grandes olhos castanhos tinham perdido seu mimoso brilho, amortecidos, rodeados de um circulo negro, patenteavam bem o soffrimento do coração; raras vezes desponlava a seus descorados labios uma expressão de sorriso; seu corpo esvelto fa-se tornando debil e fraco; séria e reflexiva nos seus passeios á margem do tejo, já não brincava como d'antes, já não corria ao longo da praia soltando brados de jubilo, agora vagarosa e pensativa passava melancholica com os olhos sempre fixos na corrente do magestoso rio, ou cravados tristemente nas arêas da praia.

A senhora Villar estranhava a tristeza da pobre Antonia, porém timida como sua filha, ella não se atrevia a interrogal-a.

Um dia estava Antonia bordando ao lado de sua mãe, já não lhe fallava como d'antes, das flores mimosas que ella tanto estimava, nem de seus romanticos passeios, silenciosa e triste, procurava occultar duas grossas lagrimas que de momento a momento rolavam sobre suas faces, a senhora Villar observou aquellas lagrimas, venceu a sua irresolução, e interrogou-a.

— Antonia tu choras, qual a tua dor?

— Eu chorar minha mãe? respondeu a donzella com voz tão tremula e mal segura, que bem mostrava a agitação que lhe causára aquella pregunta.

— Sim tu choras. Antonia, inda ha pouco duas grossas lagrimas cahiram sobre o teu bordado, tu soffres... não me occultes nada, onde acharás tu um coração melhor do que o meu para depositar todos os teus pesares... que tens minha filha?... que quer dizer essa tristesa que sempre te accompanha?... por que foges sempre de mim, e solitaria te abandonas talvez a uma illusão perigosa? — Ah! Antonia, Antonia! se amas tua mãe tanto quanto ella te ama não recuses tornal-a a depositaria fiel de teus segredos...

A donzella por unica resposta ergueu-se da cadeira onde estava sentada, veio ajoelhar ao lado de sua mãe e imprimindo-lhe na face mil beijos de ternura procurava por meio de suas caricias illudir sua mãi, e fazer, com que ella olvidasse a necessidade d'uma resposta, mas a sr.ª Villar não se satisfez com isto, e afastando brandamente sua filha lhe dirigiu de novo a mesma pregunta.

Antonia, tremula, apenas ousava respirar, ia a balbusiar uma timida desculpa, quando a criada entrou annunciando Mr. de la Roche.

(*Continúa.*)

D. Maria Rita Colaço Chiappe.

Recebemos com a maior satisfação os numeros 1 a 10 do 2.º vol. do *Estudo*, jornal litterario da cidade do Funchal, redigido por alguns jovens litteratos madeirenses, dignos do mais alto louvor pelo ardente zelo com que se empenham em sustentar uma empresa litteraria, luctando com as maiores difficuldades. Tivémos a ventura de estar na formosa Ilha da Madeira, terra que será sempre para nós das mais gratas recordações; collaboramos quanto nossas fracas luzes permitiram para aquelle jornal, e de perto conhecemos os geuios talentosos que alli escrevem, e por certo nos merecem o melhor conceito Muito de coração agradecemos aos nossos jovens collegas a delicada offerta, e a memoria que de nós conservam, a qual retribui-mos com sincera affeição, e eterna lembrança das obsequiosas destincções com que nos hospedaram; e essa grata recordação vivirá em nossa alma unida á saudade que trouxemos do mais lindo jardim que a Mão de Deus formou!

AVISO.

Constando-nos que se tem vendido alguns retratos com o nome da Redactora deste jornal, não tendo o retrato semelhança alguma com o original, não podémos deixar de reclamar o nosso nome como propriedade usurpada: foi-nos entregue com a maior exactidão a porção dos mesmos retratos que ainda restava em poder de quem os comprou em boa fé; e conhecemos que a ignorancia ou a necessidade originara aquelle engano. Occultamos o nome de quem vendeo os retratos porque respeitamos os mortos, e os infelices.

Agradecemos infinitamente a todas as pessoas que concorreram a comprar os mesmos retratos, por ser esta mais uma

prova da affeição com que esta generosa nação paga nossas sympathias, e nossos trabalhos. Em troca de cada exemplar falsificado que se nos apresentar, promettemos dar gratuitamente um dos verdadeiro logo que se publiquem.

EXPEDIENTE.

Não tendo nós recebido noticias algumas do nosso correspondente em Elvas, desde que no 1.º numero deste jornal pedimos aos srs. assignantes em Elvas que se dignassem mandar-lhe entregar o importe de suas assignaturas; e receando com rasão, que encommodos de saude do nosso correspondente o tenham obrigado ao silencio; rogamos aos srs. assignantes em Elvas o obsequio de mandar pelo correio o importe das assignaturas que deverem; que se não tiverem sido entregues ao sr. Lizo, nosso correspondente, são contadas desde o 1.º até a este 10.º numero; e os srs. que não responderem a este aviso remettendo suas assignaturas, farão o favor de reinviar os numeros que lhes temos remettido, ou declarar se já pagaram; pois sustentando nós todo o trabalho da redacção de um periodico de Beneficencia sem lucro algum, não podemos prescindir das assignaturas precisas ao costeamento de um jornal que dá tantos exemplares gratuitamente aos pobres.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

—

MARIA OU A SYBERIANNA.

ROMANCE ORIGINAL

Por D. Maria Rita Colaço Chiappe.

Assigna-se na loja de João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8, na Imprensa da rua da Condessa n.º 3. Publica-se em cadernetas de 16 paginas: preço de cada caderneta, no acto da entrega, 30 rs., avulso 40 rs. e o volume 240 rs.

Toda a pessoa que alcançar 6 assignaturas terá um exemplar gratis.

—

Este romance torna-se recommendavel por motivos que devem ser attendidos: 1.º é moral, 2.º é original, 3.º é escripto por uma joven senhora de merito, que encetando a carreira litteraria implora a protecção de seus compatriotas, e mais pessoas benemeritas para a animarem a seguir uma tão espinhosa, quanto gloriosa carreira. Contamos que suas esperanças não serão malogradas. O Altissimo dirija seus pensamentos, afim de que possa merecer a consideração publica, e um nome digno de ser elevado á luminosa esphera onde só podem collocar-se os escriptores moraes.

D. A. G. Pusich.

CHARADA.

De morgado sou a terça — 1
Do melhor dom sou privado — 2

TODO.

Não tenho pennas nem cauda
Meu voar é desregrado. (*Anonimo.*)

Á ULTIMA HORA.

Acabamos de ler o Gil Vicente n.º 12, e alli vemos um artigo ácerca do Conservatorio que merece toda a consideração! Lembrem-se os artigos de Kontesk publicados na Revista Universal em 1849 — Leam-se as queixas de tantos autores dramaticos, leam-se tantos jornaes que tem clamado e clamam contra taes abusos, e mostre o governo que é justo, e que não quer sepultar as artes e as sciencias no cahos do chamado Conservatorio de Lisboa, tornado corral de cabras, e capoeira de galinhas.

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL DEDICADO Á ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes: 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 11 — ABRIL 1.° — 1853.

A Semana Santa em Lisboa no anno de 1853.

A Semana Santa é o tempo em que a Igreja solemnisa com mais especialidade a Sagrada Paixão, Morte e Ressurreição do Redemptor. Estes dias são aquelles em que os fieis contrictos vão, com devotas orações, honrar a memoria do sublime sacrificio em que Deus se immolou pela salvação dos homens! Pagar com o nosso amor a divida do immenso amor que Lhe devemos; e com lagrimas de intima dor e arrependimento, regar os pés da cruz onde Christo derramou por nós o Seu preciosissimo sangue!

Parece impossivel que hajam homens de coração tão duro que não se enterneçam á vista dos padecimentos de Christo! Que não sintam echoar-lhes no peito os sons lastimosos das sagradas lamentações; e não se curvem ante os altares penetrados do mais santo respeito! E qual será o coração de mulher que não sinta a mais viva comoção, a angustia mais pungente ao ouvir aquellas palavras sacro-santas — *Vede se ha dôr igual á minha* — e não chore com a Virgem Nossa Senhora as dores que Ella soffreu, e a sua Soledade na morte de seu Bemdicto Filho?!

Mas ai! do mundo, que por desgraça nossa, apresenta féras em trage humano, que envergonhariam as mesmas féras se estas possuissem o dom do entendimento!

E é no seculo das *luzes* que apparecem os entes mais despresiveis imitando os algozes de Christo no escarneo, e insolencias praticadas ante os altares sacro-santos, em menoscabo não só das leis Divinas, mas até das humanas; perturbando as ceremonias santas da Igreja, e estorvando as orações dos fieis? Em que paiz ainda o mais barbaro, se vio jámais em tempo de paz, commetter tão negro attentado? Qual será a mesquita dos mouros onde se consentisse uma irreverencia, um motim que interrompesse o culto que elles tributam a Mafoma; ou mesmo entre os judeos, onde se tem visto outros judeos perturbarem as suas sinagogas? Pois admire-se e horrorise-se todo o Christão ao saber que em Lisboa, capiial do reino fidelissimo, na Igreja de S. Domingos, freguezia de Santa Justa, em Sexta Feira de Paixão, se offereceo em espectaculo aos fieis o mais atroz attentado! Alguns individuos forçando a entrada do templo pertendendo occupar os logares que estavam destinados a diversas pessoas, fizeram tamanha desordem que não bastando os soldados que se achavam a guardar o Igreja, foram obrigados os mi-

nistros do altar a cessar seus officios e mandaram-se fechar as portas do templo para escapar ao furor desatinado dos que alli se atreveram a commetter taes excessos! As mulheres e crianças pisadas, mal podiam escapar-se fugindo, e algumas salvas pelos musicos que as levantavam ao coreto: algumas pessoas, apoderadas de susto, chegaram a saltar tão proximo dos altares que as luzes caíam, e só por milagre não houve um incendio! .. Os bancos saltavam, os gritos de soccorro atroavam as abobedas do templo de Deus, e os morras chegaram a ouvir-se no recintho sagrado onde o maior criminoso seria invíolavel se alli se houvesse refugiado!.. Affirmam-nos que até houve sangue derramado na Igreja!

Por modos differentes se tem contado este caso; uns dizendo que a Irmandade de Santa Justa, na silecção dos lugares, occasionou rivalidades que deram occasião a tal desordem; outros affirmam que uns individuos militares foram os amotinadores querendo entrar por força, e espancando os soldados; porque pertendiam passar aos lugares que se tinham destinado ás senhoras.

Se a Irmandade foi injusta, afastando da Igreja as pessoas que íam alli por devoção adorar o Senhor, cabe á mesma Irmandade uma grande responsabilidade; mas essa injustiça ou exurbitancia de atribuição não desculpa aquelles que praticaram o insulto á Casa de Deus. Se algum dos irmãos, ou se todos elles offenderam alguem, tinham contra elles cá fóra mil meios de se desafrontar, mas respeitassem a Casa de Deus. Por todos os modos pois com que se encare este facto não haverá juizo bom e imparcial que deixe de condemnar os amotinadores sacrilegos que ousaram aproximar-se do altar para fazer desordens. E' um desacato que depõem muito contra os que o prepetraram, fosse qual fosse a causa.

Consta-nos que na Irmandade de Santa Justa algumas cousas se tem praticado que não justificam o bom senso de seus authores, convertendo em theatro o templo de Deus! Um caso houve alli, segundo nos contam, que faz rir ao descrente, e magôa e escandalisa o christão; e foi a idéa de porem junto á Cruz um repucho! Esta idéa dizem-nos que foi do sr. Antonio dos Santos Monteiro.....

O sr. Monteiro conhecemos nós porque foi o ultimo serventuario de um officio cuja propriedade foi nossa; mas se esta idéa do repucho foi sua, póde junta-la ás outras com que julga ter-se engrandecido e só se tem abatido. (1)

Dizem-nos que alguns srs. influentes n'essa Irmandade destinaram lugares privilegiados, excluindo o povo: outros dizem que só separaram lugares para os irmãos, para senhoras em corpo, e senhoras de capote. O que sabemos de certo é que o Reverendo Parocho só teve em vistas a separação dos sexos afim de evitar continuos escandalos que se tem alli praticado, e cujos escandalos devem cessar, aliás as pessoas honestas affastar-se-hão de taes Igrejas onde as boas mães não devem levar suas filhas!... E' odioso aos olhos de todas as pessoas honradas, seja qual for a lei que professem, o ver praticar indecencias em qualquer lugar; e quanto mais se torna imperdoavel que se pratiquem na Igreja?

Vejam o exemplo dos protestantes! O respeito, a submissão, o silencio que reina em suas Igrejas? Que fariam os inglezes a quem ousasse praticar em suas Igrejas o crime que se commetteu em S. Domingos? Em Londres vimos a Igreja Catholica, alli tambem ha lugares fecha-

(1) O comendador Francisco Henriques Teixeira, tenente coronel e 1.º ajudante de pessoa que teve o senhor D. Miguel de Bragança desde 1823, foi o ultimo proprietario do officio de escrivão da receita da ciza das carnes e seu ultimo serventuario Antonio dos Santos Monteiro então voluntario urbano, e hoje deputado em cortes!...

dos para uma ou outra familia; e pagam-se estes lugares, mas não ha quem ouse invadil-os. Aqui todos querem participar das festividades santas, indo muitas pessoas para se divertirem, e não para resarem; vão muitas até para perturbarem a devoção dos mais; e poucos são aquelles que querem concorrer com esmollas que são para sustentação do culto Divino! querem gastar em theatros, bailes, enfeites e orgias, mas se lhes pedem para a Igreja, respondem mal, e querem que a Igreja lhes franqueie gratuitamente tudo sem que elles se lembrem que não póde haver festividade sem despesa, que o culto Divino exige maior despeza para se elevar acima de tudo; e que a Igreja não tem os meios precisos a taes despezas, se os fieis não concorrerem com seus donativos. Então não será uma injustiça o criminarem que se peça para um fim tão justo, quando hoje se pede livremente até para a publicação de obras, que nada aproveitam a Deus nem aos homens? Só se chora o que se dá á Igreja? Pois se querem que a Igreja os contemple como filhos é mister se portem como filhos respeitosos e amantes.

Ainda referiremos uma circunstancia mais, que assás comprova a má tenção com que algumas pessoas buscam o templo de Deus para o ridicularisarem.

Haviam individuos que durante os officios da Semana Santa na Igreja de S. Domingos davam palmas, e outros pateada e assubios!.. Haviam mulheres que com oculo de theatro olhavam e escarneciam até dos ministros do Altar!.. Athmos vís, porção de corrupta materia que ao menor golpe de adversidade se aniquila! Faisca infernal de momentanea luz que se apaga ao mais leve sopro do vento, mostram claramente a sua estupidez, desconhecendo o Author Supremo de todos os seres; e não conhecem que perdida a honestidade, o mais bello ornamento que aformosea a mulher, não são mais que entes desprezíveis aos olhos de todos, até mesmo d'aquelles que os buscam, porque os querem escarnecer, e desgraçar!..

Eis pois um triste resumo do facto mais escandaloso que até ao presente se tem visto em terra de christãos; e a respeito do qual imploramos a attensão das authoridades civís, e ecclesiasticas, para obstarem a continuação de tão criminosos excessos; porque se não se corrigirem respeitando a casa de Deus, não respeitarão os paços reaes, não respeitarão nossas casas honradas; e se os srs. ministros da corôa não olharam seriamente para estes casos, e não cuidaram em sustentar o decoro do Templo, como poderão esperar que em suas cazas, ou secretarias estéjam seguros? Quem não respeita, nem teme a Deus, não respeita nem teme os homens. Temos um Patriarcha sabio, virtuoso, e prodente; é mister porêm que o governo o auxelie: e contamos que examinados estes factos com toda a circunspecção se providencei o que for de justiça.

Podemos assegurar mais um facto que presenciá-mos. Domingo de Paschoa á tarde girava um bando de homens que pareciam embriagados, trazendo atraz de si alguns rapazes, e cantando com a musica do Bemdicto palavras profanas, parodiando o acompanhamento do SS. Sacramento a casa dos Infermos; e os rapazes cantando, de modo que chegaram á janella algumas pessoas para adorar o Santissimo, pensando que era o Sacramento que hia a algum doente!

Combinem-se todas estas irreverencias que a nosso ver não são méras coecidencias, mas sim proposito firme de abalar, ou insultar a Religião, e insobordinar o povo rompendo a unica barreira que ainda o contem nos lemites da rasão. Pedimos á Policia que seja mais vigilante....

Em todas as outras Igrejas correo a Semana Santa com a maior devoção e ordem, tendo-se festejado os dias mais solemnes com toda a magnificencia; e des-

velando-se nossos dignos Parochos, e as Irmandades respectivas para sostentar o culto divino com a maior decencia; para o que muitas pessoas devotas concorreram com seus donativos. Tivemos bons oradores restando-nos a magoa de ter-nos faltado os nossos distinctos oradores os srs. Oliveira, e Beneficiado Cenaculo, cujos sermões tanto edificavam! E nós precisamos que o Pulpito não esteja deserto.

Em seguida publica-mos um artigo de um joven que por sua moral nos merece grande conceito, somos catholicos; sostentamos um jornal religioso. não podemos deixar de invocar providencias em favor da Igreja que as reclama e do povo fiel que as implora.

D. A. G. Pusich.

A SEMANA SANTA NA FREGUEZIA DE SANTA JUSTA.

Não podemos ficar silenciosos sempre que vemos praticarem-se vergonhosos abusos no sagrado Templo de Deus. A Igreja de S. Domingos na proxima passada sexta feira de Paixão, offereceu um triste espectaculo em menos cabo da Divindade, e infracção das leis da nossa Igreja. A igualdade e o amor do proximo é sem duvida um dos mais nobres preceitos da Religião de Jesus Christo; porém os *irmãos* da freguezia de Santa Justa entenderam o contrario. Fizeram mesquinhas e rediculas selecções: elles occupavam um logar, os afilhados outro, as senhoras outro, as mulheres de capote outro, e aos demais que não tinham conhecimento com algum dos irmãos, era-lhe vedada a passagem para além d'uma bancada, que se achava pouco mais ou menos a um terço da Igreja. Além disto haviam bilhetes por meio dos quaes se comprava a distincta honra de vestir a capa encarnada. Finalmente a Igreja achava-se constituida em acampamento militar, e em presença de tão bellica prespectiva pareceo-nos ver os fariseus guardando cuidadosamente o corpo de Jesus Christo. Nós somos pela ordem; entretanto não quizeramos que se practicassem abusos de tal qualidade, que põem em rediculo o que temos de mais respeitavel, de mais sagrado. Nas demais Igrejas não se encontravam destes absurdos, e a ordem e a decencia foram escrupolosamente guardadas. Com vergonha nossa vemo-nos obrigados a invocar o exemplo dos extrangeiros, e, o que ainda é mais, o exemplo dos nossos irmãos dessidentes em religião! Grande lastima é que do Templo do Senhor se faça theatro, ou ainda peor.... Desejamos pois que os *irmãos* da freguezia, a que nos referimos, não caiam para o anno em similhantes miserias. Poupem-nos por favor um espectaculo tão irrisorio e deploravel; e lembrem-se que as ordens despotas e mesquinhas trazem sempre comsigo a insurreição e o escandalo. Se acaso se acham sequiosos de mando e de influencia, vejam se podem ser alcaides, e não se cubram com uma capa, que elles devem ser os primeiros a tornar respeitavel. bem longe de á sombra della mandarem barbaridades, que, ao mesmo tempo que promovem o escandalo, causam espanto a estrangeiros, e vergonha a verdadeiros christãos zelosos do decoro que a cousas tão sagradas se deve guardar.

J. DA S. AVELINO.

PAIXÃO! MORTE! RESSURREIÇÃO!

Destinado a morrer para salvar-nos
Do infernal captiveiro,
Astro dos astros em Bethem raiaste
Christo, Deus verdadeiro.

Na terra onde nasceste á paixão tua
Senhor principio déste;
Cresceste, e a lei divina proclamando
Ira insane te investe!

Os tyrannos da terra em vão te buscam!
Mas sôa a hora terrivel!
Hora escripta por ti ao teu supplicio
Senhor!... Deus invensivel!

E te deixas vencer, o osculo impuro
De Judas sopportado;
Discipulo venal que assim se perde
Por oiro a alma trocando!

Jesus, meu bom Jesus! tu vês a morte
Por homens merecida;
E a soffrel-a te off'reces resignado!
Oh! final despedida!

Sacro penhor deixas-te á humanidade
De teu amor Paterno,
Teu corpo, e sangue teu, na ceia extrema
Que déste, Pae Superno!

Assim purificando os peccadores
Te entranhas-te nas almas,
Assim deixando a terra nos entregas
De teu martirio as palmas.

Ao Pae celestial oraste no horto,
Depois da sacra-ceia,
Com tanto ardor que teu suor divino
A terra purpurea.

Sangue adorado, percursor d'aquelle
Que no Golgotha déste!
De impios Judeus te cerca escuro bando;
Tu meu Deus os soffreste!

Tu meu Deus que podéras n'um instante
No abysmo confundil-os;
Prisões, tractos, injurias tolerando
Não quizeste impedil-os!

De mil tormentos suportando o peso
Até a cruz supportas;
E o supplicio affrontoso conduzindo
Saes de Sião as portas.

Ao supplicio Jesus se encaminha,
E na turba que insana o vae ver;
Como geme innocente rolinha,
Voz diviua se escuta gemer.

E' a Virgem, a Mãe dolorosa,
Que ao encontro do filho voou!
E' seu rosto gentil fresca rosa,
Que um orvalho nocturno aljofrou!

Lá se avistam! que dôr! que amargura,
Póde a dôr desta mãe igualar:
Sangue e pranto correndo á mistura,
Vão a terra culpada innundar!

Outro pranto! outros ais redobrados!..
São as filhas da triste Sião!
«Sobre vós, sobre os filhos culpados.
Diz Jesus, pranteaei, por mim não.

Eis o Golgotha! oh! monte Sagrado,
Onde vaes expirar, meu Jesus!
O teu corpo divino, chagado,
Se levanta pregado na Cruz!

Essa c'rôa, que soffres, é emblema
Que aos monarchas do mundo faz vêr
Os espinhos do regio diadema,
Quanto custa o seu pêso suster.

Sêde tens, e os algozes tyrannos
Fél amargo em vez de agua te dão!
Tudo soffres a bem dos humanos!
Oh! tormentos! Oh! Cruz! oh! paixão!

Expirando por nós, Deus piedoso,
A Maria por filhos nos dás;
Esse calix bebendo amargoso,
Teu espirito exhalas em paz!

Contra os vivos os mortos se ergueram!
Negra sombra o universo enluctou!
As entranhas da terra gemeram!
Foi nessa hora, que um Deus expirou!

Prantêemos, ficis, recordando,
Quanto Christo por nós padeceu!
Nossa dôr, nosso pranto offertando
Ao Senhor que o seu sangue nos deu.

Nossas almas sepulchro sagrado
Nós devemos a Deus preparar:
E por mirra o seu corpo adorado
Da virtude o perfume offertar.

Virgem pura! na tua saudade,
Da soidão no cruel amargor
Ouve, acolhe a fiel christandade,
Que te chora, e acompanha na dôr.

O mundo nas trévas:
Na dôr, na agonia!
Morreu a alegria!
Jesus expirou!...

Já frio, sem vida,
Seu corpo adorado
De pranto banhado
A' terra baixou!

Silencio! que vejo!..
Que luz portentosa!...
Da campa ditosa
Um astro se ergueu!

Oh! terra alleluia!
Jesus resuscita!
Oh! morte bemdicta,
Que a vida nos deu!

D. A. G, Pusich.

OLINDA,

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 3.°

(Continuação.)

Já do horisonte as argentinas portas
Abre lucida Aurora, quando ao longe
Uma casa avistaram: fatigados
Os nossos dois viandantes a demandam.
Era de um Lord a antiga residencia,
Mas hoje entregue só a alguns creados;
Pediram que os deixassem por momentos
A' sombra repousar. Alli tiveram
Sincero acolhimento, conseguindo
Em trage differente algum disfarce
Alli dormem, e ao despontar o dia,
Gratos se despediram da familia
Que os hospedou sincera, e generosa.
Sem cessar caminhando, junto á noite
Uma estalagem buscam retirada:
Fugindo á companhia, procuraram
Afastado aposento. Recolhidos
Estavam no seu quarto, eis bate á porta
O dono da estalagem assustado,
Dizendo que appareçam, que os procuram
Em nome da justiça, que os persegue!
O alarme sôa, os hospedes acodem,
Acodem os serventes: os dois jovens
Iam para sair, quando um paisano
Seguido de soldados os segura,
Gritando: «estou vingado!.. ah! desgraçados.
« O ultrage pagareis que me fizestes! »
Era este o carcereiro enfurecido!..
Ao vêl-o se indignou tanto Eduardo,
E de si o afastou com tal violencia,
Que estendido o deixou cair na sala.
A' quéda repentina e inesperada
Se ouvem na multidão mil gargalhadas.
Acceso em raiva exclama o carcereiro:
« Agarrem, prendam o francez malvado;
« Que para o vagabundo companheiro
« Bastam-me os braços, basta-me o cajado! »
« Esse tempo acabou (replica Jones)
« Viste do panno a amostra; e se quizeres
« Mais algumas lições de picaria,
« Atreve-te a tocar-me! » E' tal o estrondo,
Tamanha a confusão, e a gritaria,
Que ninguem se entendia na estalagem,
Nova Babel, ou casa dos orates!
Da multidão no centro eis apparece
Um Lord encanecido, e respeitavel;
E exclama: « que desordem! que imprudencia!
« Soldados, applacae este tumulto!
« Bom estalajadeiro, não vos lembra
« Que um doente em perigo aqui descança? »

Taes vozes despresando o carcereiro,
Continúa a gritar: « oh! lá, soldados,
« Atem-lhe as mãos, que assim entrou na Aldêa
« Por ter ferido Adolpho lá na estrada. »
Isto escutando o idoso Cavalheiro,
Corre a Eduardo, e brada: « oh! não se prenda!
« Elle innocente está! elle é meu filho! »
No peito de Eduardo succedendo
A's iras a surpresa, olhos fixando
No seu libertador, exclama, « Ernesto!
Ernesto! oh! pai de Olinda! oh! pai querido?
Nos braços apertando-o com ternura,
Pede lhe conte como alli viera?
Contendo a multidão geral espanto,
Em todos o desejo se declara
De ouvir dos dois a interessante historia.
Pede o estalajadeiro que se assentem;
Bom vinho vai buscar: « Bebei, soldados,
« Bebei, amigos meus; nesta estalagem
« Não quer Deus que succeda algum desastre:
« Esta aventura attentos escutemos. »

Sem distinguir pessoas, nem logares,
(Que todos eguaes são n'uma estalagem)
Assentaram-se; e o mesmo carcereiro.
Do baque inesperado inda queixoso,
Presta espantoso, curioso ouvido.
O conde principia por contar-lhes,
Que fallecendo a esposa de Eduardo,
Este deixára França, e em seguimento
Adolpho, seu irmão, que ora ferido
No póximo aposento jaz dormindo.
Que ha dias pela posta recebêra
Uma carta de Adolpho, e os caracteres
Mal pôde conhecer! elle dizia
Que seguindo Eduardo, accommettido
Fôra de um malfeitor; e o triste moço,
Que da morte o salvou, foi por desgraça
Como assassino preso, e conduzido
A' Aldêa de Cumnor, onde jaziam,
Um preso, outro ferido gravemente,
Sem esp'rança de vida; que por isso
Em publico, solemne juramento
O declara innocente: que na Aldêa
Tratam só de o curar, mas não de ouvil-o.
« Que a escrever-me (prosegue o Conde Ernesto)
« O move a consciencia, diz Adolpho.

« Recommenda que as chaves da capella
« Peça a Justino, seu creado antigo;
« E que eu desça á capella implora anciosо;
« Perdão pede a Eduardo, a mim, a Olinda!..
« Mandei chamar Justino; (continúa)
« Mas não appareceu: recommendadas
« Deixo a Isabel as chaves da capella;
« A familia, o castello, ermo saudoso.
« Para valer aos dois, sem perder tempo,
« Monto a cavallo, e o meu fiel Henrique,
« O filho de Isabel, este que vedes.
« Chego a Cumnor: a Aldêa alvoraçava
« Do prisioneiro a fuga; busco Adolpho,
« Muito peior está! foi-lhe damnosa
« Da escripta a applicação: vi-lhe as feridas,
« O conheci que alli não se curava;
« Que de sabios doutores carecia:
« Em Oxford os teremos: foi forçoso
« Sair d'aquella Aldêa sem recursos.
« Trouxemos o infeliz com tal desvêlo,
« Que na jornada exp'rimentou melhora.
« Chegámos inda ha pouco... » Isto dizendo
Pareceu-lhe escutar um ai de Adolpho!...
Vae vêl-o: este pergunta o succedido,
Que parte ouviu, e ignora o mais: Ernesto
Diz que alli com seu filho se encontrára.
« Eduardo! oh! meu Deus! (esclama Adolpho)
« De quantos soffrimentos eu sou causa!
« Ah! chama-o, caro irmão! revellar quero
« Um segredo fatal! deixar o mundo
« Após do seu perdão... do teu!.. oh! quanto
« Custa ao malvado abandonar a terra!
« A terra que o soffreu! que viu seus crimes!
« Quanto a morte é cruel ao delinquente!
« Quanto é fatal da Eternidade a idéa
« A'quelle que a esqueceu!... » tal se carpia,
Tal o misero Adolpho se condemna;
Com voz agonizante, em seu auxilio,
Do Senhor invocando a alta piedade!
Vem Eduardo, e toda a companhia
Que Adolpho quer presente; um Sacerdote
Pede lhe tragam; este alli se encontra;
Que junto ao leito se aproxima, e o escuta.
Soltando um ai profundo Adolpho clama:
« Eduardo, perdão! perdão, Ernesto!
« Eu morro... da ambição victima triste....
« D'ambição que damnando est'alma cega,
« Me fez verdugo do meu proprio sangue...
« Calcando as santas leis da natureza,
« Algôz me fez da candida innocencia! »

Como pôde cantou, que em grande magoa
O submergiu de Olinda o casamento;
Pois tinha projectado ser um dia
De tantos bens o herdeiro: quando sôube
Que Olinda in ser mãi, o Doutor chama,
Medico da familia, e lhe declara
Seu pezar, seus intentos; seduzindo-o
Com promessas e davidas, consegue
Que uma bebida preparasse a Olinda,
Onde apparente morte ella encontrasse:
De Justino, e do Medico ajudado,
Transportando á capella a pobre Olinda,
A fez depositar como defunta:
Alta noite á capella os tres desceram,
E a triste conduzindo ao quarto escuro,
Que subterraneo, mais remoto fica,
Alli presa a conservam; dando apenas
O preciso alimento: e vendo Adolpho
Ausentar-se Eduardo, quiz seguil-o
Para tirar-lhe a vida; não podendo
Ver o amor com que Ernesto o distinguia;
Que na falta de Olinda o nomeára
Da maior parte de seus bens o herdeiro.
O acaso o conduziu ao casal santo,
Onde contou Ricardo, que Eduardo,
Possuido de amor, e de tristeza,
De Cumnor fôra ver o espectro negro:
Que voando a Cumnor, fôra assaltado
Adolpho de um ladrão; e soccorrido
Pelo mesmo Eduardo!...» Oh! Ceo! que escuto!
(Grita absorto Eduardo) « isto é delirio!... »
« Não é delirio (torna Adolpho): Ah! corre
« Vae dos ferros livrar a triste esposa,
« Restituir-lhe a luz de que é tão digna!
« Perdão!... perdão!... meu crime foi tão negro,
« Quão tremendo e terrivel meu castigo!... »

Ira, amor, compaixão se apoderaram
De Eduardo infeliz! desatinado
Corre a empunhar um ferro... mas reflecte
Que o auctor de tantos males jaz sem forças,
Jaz sem vida talvez!... oh! não se engana,
Que apenas terminada a negra historia,
Os moribundos olhos fecha, e expira!

Sôlta do fragil peito a alma contricta,
Ernesto, que o escutou, pasmado, e immovel,
D'alma paterna exhalla um ai pungente!
Não ousa maldizer o irmão sem vida,
Que é dever santo respeitar os mortos;
E já punido está!.. O Eterno ordena
Evidente castigo ao crime occulto!..
Nem quiz um Deus que tal delicto fosse
A' vingança dos homens commettido!
Protector da virtude, e da innocencia,
Em seu favor ergue o divino escudo,
E do impio na cerviz desfecha o raio!
Opprimida innocencia! em vão não gemes!
Sobem ao Céo teus écos! são contados
Por Deus os teus lamentos! a hora sôa
Decretada ao castigo!... eia! respira,
Oppressa consternada humanidade!
O Céo não deixa sem castigo o vicio,
Nem a virtude sem brilhante c'rôa!

FIM DO CANTO III.

D. A. G. Punch.

THEATRO DE D. MARIA II.

Foi á scena O Conde Hermann, Drama em 5 actos de A. Dumas. E' um bello Drama, parecido em algumas situações com Branca de Vintemile. O sr. Rosa no papel do Protagonista orna de um novo explendor a sua corôa de eximio actor. o sr. Rosa tem já o seu credito tão estabelecido que não carece louvores para se fazer conhecido; mas nós em dizer a verdade folgamos sempre de tributar justiça ao merito. Custa-nos porém a ver o fim desgraçado que o auctor da peça deo ao homem de tão grande virtude.

Todos desempenharam bem os seus papeis; mas parece-nos que Maria e o seu amante deverião aproximar-se do conde no momento de perceberem que elle ia morrer, porque Maria não devia ter deixado de observar o copo em que deitaria o veneno. Devia o conde Hermann ter na queda encontrado os braços d'aquelles a quem sacrificava a propria vida, e não cair em tanto desamparo. O sr. D. Ferreira tem muito merecimento, convem aproveital-o em bons papeis.

Louvamos que o theatro normal vá offerecendo ao publico representações dramaticas. E' nos bons dramas que se instrue, e moralisa o povo; embora ao ouvil-os boceje, e adormeça a estupidez, as pessoas sensatas hão de sempre aprecial-os.

EPITAFIO NA SEPULTURA D'UM SCEPTICO.

(*Traduc. de Parny.*)

Aqui jaz quem em duvidas vivera,
Que até nos Ceos a Deos poz em problema;
Duvidou de si mesmo por systhema,
Té que de duvidar se aborrecera.
Para o reino, que infunde horror profundo,
Partio hontem de cá, quasi á noitinha,
Com a idéa de ver, se no outro mundo,
Se tirava das duvidas, que tinha!

C. de M. e Brito.

Ámanhã 20 do corrente é o ultimo sarau-artistico do nosso immortal poeta o sr. Antonio Feleciano de Castilho, que se ausenta para a côrte do Rio de Janeiro. Nós que por nossa vida trabalhosa, e pela distancia que separa nossas habitações, não temos podido nunca assistir a essas tão licitas, quanto proveitosas e agradaveis reuniões, iremos comprir nossos deveres fazendo nossas despedidas de verdadeira amisade ao genio sublime a quem tributamos as mais altas considerações, e que desejariamos para gloria de Portugal, que tivesse obtido na sua patria mais digna recompensa de seus grandes serviços.

Agradecemos um interessante artigo que nos offerece o sr. C. de Moraes Brito, joven que nos seus escriptos revela sentimentos tão nobres quão dificeis de encontrar nesta época em que a desmoralisação graçando nos corações jovenis perturba, e desordena intelligencias que podendo ser tão uteis á sociedade, se tornam prejudiciaes.

No seguinte numero publicaremos o referido artigo, o que neste não fazemos por estar já composto quasi todo o jornal. Por esta mesma rasão não publicamos as poesias hespanholas que recebemos e agradecemos, as quaes ficam para serem publicadas nos proximos numeros que a este se seguirem.

EXPEDIENTE.

Recebemos carta do nosso correspondente em Elvas, e as assignaturas com que o mesmo sr. e outros srs. assignantes n'aquella praça teem a bondade de nos auxiliar para a sustentação desta folha, o que muito cordealmente agradecemos, assim como deveras sentimos os encomodos de saude do nosso correspondente e anhellamos o seu completo restabelecimento.

Explicação da charada do n.° antecedente = MORCEGO. =

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL DEDICADO Á ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes: 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 9, e nas mais do costume.

N.° 12 — ABRIL 15 — 1853.

Com o mais profundo reconhecimento beijamos a Augusta Mão de S. M. I. A Imperatriz Viuva Duqueza de Bragança pela benevolencia com que se dignou acolher, e apreciar as ingenuas expressões do nosso humilde artigo, na occasião da infausta Morte de Sua Augusta Filha, de eterna e saudosa memoria. As benignas expressões de S. M. I. de tão longe, e em tanta angustia dirigidas a uma tão pequena creatura, só grande no sentir, e na gratidão, é para nós uma graça do mais alto valor, porque sabemos avaliar a occasião em que foi concedida. Entregue á mais intima dôr, ainda sua alma virtuosa e sublime sabe attender, e presar os sentimentos de quem devéras chora suas magoas; é este mais um exemplo, mais uma prova de virtude e Magnanimidade Real d'aquella Augusta Senhora tão digna de respeito, amor, e admiração; devida homenagem que lhe consagra esta Nação, sem excepções de partido, e que nós sinceramente lhe tributamos unida á mais fiel gratidão, e respeitosa sympathia. *D. A. G. Pusich.*

PENSAMENTOS D'UM CHRISTÃO.

Que pesado e negro véo se desenrola tão repentino sobre a terra, deixando tudo nas mais densas trevas involvido?!...

Que medonho estampido è este, que, repercutindo-se de val em val, reboa pela amplidão do espaço?!..

Estranho e temeroso espectaculo!..

O rei dos astros escondeo a fronte nas nuvens, e uma pavorosa escuridão substituio a luz do dia!

A terra estremece violentamente, e os montes se fendem por terriveis convulsões abalados!

Das negras nuvens, que aglomeradas se chocam, desprendem-se grossas torrentes de agoa, e o Cedron entumecido e arrebatado se arroja pelos campos, e parece pertender escalar as montanhas!

O tufão rebrame impetuoso, e na sua rapida passagem tudo derruba, tudo destroe!

Lá estala o raio, e o fugaz relampago, lambendo a superficie da terra, parece querer abrasal-a!

Lá ribomba o trovão, lá echôa o som ao longe... mui ao longe, lá se foi perder a ultima vibração na immensidade do vacuo!

Os elementos agitados e confundidos lutam entre si, bramindo furiosos; e, em vista de tamanho horror, dir-se-hia que a natureza estava prestes a succumbir, curvada sob o peso de um cataclysmo universal!

Mas que vejo?!.. Rasga-se o véo do Templo... as lousas quebram-se.. e as carcomidas ossadas dos cadaveres de mil annos alvejam por entre as luctuosas trevas, que involvem o mundo inteiro!....

Deos de misericordia!.. Deos de piedade!.. suspendei o vosso braço vingador, poupae-nos á vossa ira... attendei, a supplica de vosso sacrosancto filho, que ha pouco ainda, do alto da cruz implorava o perdão para seus proprios algozes!..

Perdoae-nos, perdoae-nos; porque não soubemos o que obrámos... Eis-nos prostrados por terra... O suppliciado do Golgotha era o verdadeiro Messias, era o filho de Deus, era o Redemptor do mundo, era o Martyr da humanidade!...

.....

.....

Eis realisado o que os prophetas e as sybilas vaticinaram! Eis o genero humano resgatado da culpa original! Eis a cruz, outr'ora supplicio infame, tornada o emblema de uma religião sublime, que se funda na fé, esperança, e charidade! Finalmente, eis os homens em contacto com o Céo!

Mas a que preço?!..

A preço de sangue, do filho de Deos.. a preço da vida do Christo, d'aquelle que doctrinou e sustentou o povo no deserto, que o curou das enfermidades do corpo, e que com mais empenho pertendeo cural-o das enfermidades da alma!....

Ingratos!.. E como podestes esquecer que foi elle quem vos trouxe a nossa emancipação, quem vos fez colher as delicias da liberdade, quem vos ensinou a amar-vos uns aos outros como irmãos, quem finalmente vos dictou as maximas de uma moral a mais sancta a mais sublime, roborisada e exemplificada pelos seus actos, todos filhos da mais acrisolada abnegação e virtude?!..

Treme, ó impia Jerusalem, treme do futuro castigo! Castigo ingente e temeroso!....

Insensata, não procures illudir-te! A voz da consciencia soa mais alto que esses gritos rouquenhos e freneticos, que soltas delirante no meio de infames orgias!

Baldados esforços!... Ás admoestações do propheta tu respondes com imprecações e blasfemias; e entretanto vais correndo a passos agigantados para o abysmo horrendo, que te ha de engulir!...

Exulta, soberba delinquente, exulta desgrenhada e doudejante em tuas criminosas e torpes festas!..

Putrido cadaver de vicios e paixões roido, alardea essas galas, que a pudridão te encobrem!....

Da tremenda punição futura não cuidosa cospe na face do Eterno tua ostentosa opulencia, tuas nefandas torpezas, teus aboninaveis vicios, teus execrandos delictos!...

Ai! de ti, cidade orgulhosa e maldita, ai! de ti... Os tempos se aproximam... O braço do homem, guiado por Deos, te derrubará por terra... tudo se fará ruinas... não ficará pedra sobre pedra... e tua raça amaldiçoada vagará errante pelo mundo!...

.....

.....

E tudo se realisou!.. A justiça de Deos estendeu-se sobre a cidade maldita; d'ella só resta hoje a memoria!...

Os filhos dos deicidas perpassam pela terra acossados; e tão humildes, tão curvados, que os julgaria os proprios algozes do Messias, do Filho de Deos!...

Mas lá está o Golgotha, lá está o theatro dos respeitaveis mysterios da redempção! Foi alli que o Deos Vivo remio a especie humana; foi alli que elle espirou pregado na cruz, na cruz que se tornou em symbolo da nossa religião!..

Salvé! sacrosanto lenho da cruz! Salvé medianeira entre os homens e Deos! O teu culto durará em quanto o mundo existir; e tempos virão, em que tu não serás o emblema de uma religião, mas sim o emblema do mundo inteiro!

Prostremo-nos por terra; e, rojando a fronte no pó, adoremos o sagrado lenho, aonde expirou o Messias, o Redemptor do mundo, o Homem-Deos, o Christo!...

Lisboa 31 de Março de 1853.

CUSTODIO DE MORAES E BRITO.

UMA ACÇÃO DIGNA DO MAIS ALTO LOUVOR!

Fallecendo nestes ultimos dias um homem residente na freguezia de S. Nicolau, deixou tres filhas na mais deploravel miseria; contando a mais velha 29 annos de idade, e as outras uma 12, outra 10 annos. O Reverendo Prior da freguezia de S. Nicolau conhecia por alguns precedentes a enexactidão, ou antes immoralidade com que aquelle homem se comportava com sua familia, pois tendo-lhe fugido de casa, á força de máus tratamentos, uma filha, teve o Reverendo Parocho de a baptisar e casar ao mesmo tempo! Á vista pois deste acontecimento, e das noticias que giravam do modo porque eram tractados 18 filhos de que tal homem foi pae, chegando a dizer-se que elle não só não mandou nunca chamar um facultativo para curar seus filhos em suas enfermidades, mas até ao vel-os em agonia lhes terminava os dias mais depressa deitando-lhes aguardente de prova pela boca! (Não podia tal crueldade ser praticada senão por quem juntasse á impiedade, a paixão pelo mais torpe dos vicios!.. a embriaguez!..) foi o Reverendo Prior de S. Nicolau a casa do referido homem quando soube que elle estava a morrer; e depois de cumprir todos os deveres de um digno Pastor, desvelando-se por chamar ao arrependimento nos ultimos instantes da vida aquella ovelha desgarrada e perdida; o instou a declarar se suas tres filhas estavam baptisadas. A muito custo declarou o moribundo que a mais velha estava baptisada na freguezia de Santa Ingracia (o que era verdade); e as duas que não eram baptisadas! — A filha mais velha que para salvar sua honra havia fugido para casa de sua irmã casada (de quem acima fallámos) declarou que nunca se havia confessado, porque seu pae não a deixava, nem tinha que vestir para ir á Igreja; o que acontecia ás mais novas, que estavam envolvidas nos mais pobres andrajos. O Reverendo Prior noticiou este facto ao Ill.mo Presidente da Irmandade do Santissimo Sacramento, e Caridade, da freguezia de S. Nicolau; e este que é o Ill.mo sr. José Bernardino Frazão, digno chefe da 5.ª Repartição do Governo Civil desta côrte, se dedicou á pratica da mais nobre acção. Reunindo a Meza dirigio aos illustres irmãos um discurso tão cheio de eloquencia e sentimento, que as lagrimas correram dos olhos de todos,; e apresentando-lhes o saco das esmolas da mesma Igreja lhes lembrou os titulos sublimes d'aquella Irmandade!

O sr. Frazão foi inspirado por Deos n'aquelle momento, porque suas palavras eram as expressões dos mais elevados sentimentos de charidade, e amor de Deos! Todos os irmãos que se achavam presentes concorreram com sua esmola em favor d'aquellas infelizes, que se mandaram vestir, e no Domingo 3 do corrente mez teve logar a Sacro-Santa ceremonia da Comunhão da donzella de 29 annos, e do baptismo das outras suas irmãs, sendo o sr. Frazão padrinho d'uma dellas. A mais velha continua a ficar com sua irmã, que não a quiz deixar; e as duas mais novas entraram no Asylo de Mendicidade, em deposito, até que o Governo as recolha em algum pio estabelecimento.

E' sempre para nós da maior satisfação o termos que dirigir louvores por acções de tão subido preço! São d'aquelles exemplos de caridade e religião que desejavamos ver praticar a pessoas que figuram nos mais altos empregos; sim, porque o povo os imitaria, e seria feliz quem vivesse em uma nação moralisada, e quem a governasse.

Honra seja feita ao Reverendo Prior

da freguezia de S. Nicolau, á Irmandade e ao Ilm.º sr. José Bernardino Frazão que neste importante negocio tomou a parte principal. Ha annos conhecemos e estimamos o sr. Frazão pelo seu reconhecido merito; mas hoje fica-nos merecendo muito maior e justissima consideração e amisade; pois nós não despresando pessoa alguma, só dedicamos a nossa estima a quem por bons sentimentos a mereça.

D. A. G. PUSICH.

ULTIMO SARÁU ARTISTICO.

Assistimos ao ultimo saráu artistico do nosso eximio poeta o Ex.mo sr. Antonio Feliciano de Castilho. Esteve brilhante aquella reunião onde a verdadeira estima pelo sr. Castilho, onde o sentimento nacional em favor do merito se revelaram na maior evidencia! Distinctos talentos lhe tributaram suas despedidas saudosas, ornando com as flores da poesia a sua passagem; mas nós ainda esperamos, e não esperamos em vão, que essas flores recolhidas por elle, hão de vicejar brilhantes nessa coroa tão nobre, tão merecida, que lhe adorna a fronte. Alguma noticia temos de que talvez o governo arranque á historia destes dias uma pagina escura e bem triste.. que recordaria aos vindouros os ultimos dias de Camões, de Bocage, de Francisco Manoel.. que sabemos nós até de Affonso d'Albuquerque, de tantos grandes e... ai do coração que o repete!... tambem do illustre pae que tivemos, que vimos acabar a gloriosa existencia victima do mais cruel desgosto! É para que se não diga que em Portugal só os nacionaes de elevado merito são mal recompensados ou despresados; e general Pusich era estrangeiro de nação — portuguez de coração! e qual foi o premio dado aos relevantes serviços d'aquelle homem que a este paiz entregou seus dias, seu braço, seus talentos, sua fortuna e seus filhos!.. qual foi o premio?.. A sua Biographia o dirá, que ainda que escripta com o sangue de nossas vêas, porque sangue chora o coração que a dicta, ella apparecerá um dia, e não tardará esse dia (1).

O sr. Castilho terá a gloria de ser o primeiro homem superior que cinja em Portugal uma coroa de louros e rosas, e não de louros e espinhos, como aos outros se tem dado; e parece que nisto os portuguezes — os governos portuguezes — (seja-nos perdoada a expressão desagradavel, mas verdadeira) não tem mostrado ser christãos, mas sim pharizeus, pois o merito tem sido a precisa habilitação para o martyrio, os espinhos, e a cruz!.... A razão é clara. É a inveja de uns, e a demasiada facilidade, ou natural propensão da maior parte dos que mandam em dar ouvidos a mesquinhas intrigas, que ante o genio superior são barreiras de pó. É tempo de conhecerem-se as conveniencias publicas, e de nos deixarmos de miserias. O genio superior não se humilha a ridiculas justificações que envergonham quem as faz, e quem as exige. O tempo é quem o justifica, se não forem os presentes, serão os vindouros, se não for a sua patria será — o Universo.

Louvamos a nobre e delicada acção de Sua Magestade o Senhor D. Fernando, offerecendo ao nosso illustre poeta uma riquissima caixa de oiro lavrada em bonito gosto, com quatro preciosos solitarios, e no centro sobre esmalte negro a primeira letra do nome de Sua Magestade um — F. — todo formado de excellentes brilhantes. O Principe Real tambem lhe offertou outra rica e mimosa caixa de oiro, com um bello camafeu. São memorias dignas de eterno apreço e reconhecimento, pela grandeza do pensamento que taes joias ou antes monumentos representam. O Senhor D. Fernando tem sabido com sua natural

(1) S. M. I. a Senhora Imperatriz Viuva Duqueza de Bragança, é distincta assignante da Biographia do general Pusich; e tambem S. Magestade o Senhor D. Fernando.

bondade e cavalheirismo ganhar muitas sympathias.

Taes titulos são muito superiores áquelles que devem merecer publicos respeitos, mas que jámais alcançam publicas sympathias se não forem illustrados com os esplendores da munificencia que distingue os bons Reis. Simpathisamos com o sr. D. Fernando já porque nós gostamos de Reis, e já porque o reconhecemos benigno, e dotado de excellentes maneiras, que não podem deixar de conquistar sympathias; mas temos jus a exigir que nossos louvores não sejam suspeitos, por isso francamente lh'os tributaremos sempre, porque é ao merito sómente que os tributamos, e este merito é tanto mais digno de louvor quanto mais elevada a pessoa que dá o exemplo, e que não se deixa deslumbrar pelos raios dos esplendores que o cercam, pois sabe reconhecer e apreciar o merito d'aquelles que o mundo collocou abaixo do throno.

Em seguida publicamos a nossa Poesia.

AO ILL.mo EX.mo SR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO NA SUA PARTIDA PARA O RIO DE JANEIRO EM 1853.

UMA SAUDADE.

Eil-o amigos fieis!.. vêde em Castilho
Renascido Camões!
Vae além do Equador levar seu brilho
A estranhas regiões!

Vae demandar abrigo hospitaleiro
Em remoto paiz!..
Vae reflectir no solo Brazileiro
Luz que a Patria não quiz!..

A Patria!.. oh! não, que a Patria innunde o rosto
Em pranto maternal!
Da inveja o negro genio á gloria opposto
Opprime Portugal.

Nem lhe deixa cingir louros brotados
Dos mais nobres tropheus!..
Que o Ceo lhe concedêo; que são plantados
Por mãos dos filhos seus.

Patria, Mãe infeliz, ai não te basta
A dôr de teu soffrer?
Inda aos olhos do mundo vil madrasta
Te fazem parecer!...

Mas hão de as vozes de intima saudade
No espaço retumbar,
E teus gemidos o ecco da verdade
Aos vindoiros levar.

Vae Poeta, affronta os mares;
Abandona os patrios lares
Que a tua mente illustrou:
Salva esse dom precioso
Que a Mão de Deus poderoso
Ao teu saber confiou.

Nas lagrimas de amargura
Não afogues a luz pura
D'esse divino pharol.
Dos filhos teus á existencia,
N'essa aurora de innocencia
Vae dar sublime arrebol.

E faze sorrir a sorte
Da terna mãe, da consorte,
N'essas flores que lhe daz.
São aquellas que tivera
Quando meiga Primavera
Contaste em suave paz.

Esses viçosos amores
Sejam celestes cantores
De uma estação toda luz.
Sejam Anjos que te escudem,
Na senda vital te ajudem
Cyrineos da tua cruz.

Navegando em mar de escolhos,
Ou caminhando entre abrolhos
Irás dár ao gremio teu.
Hoje aclara um novo mundo!..
Sim, que o teu saber profundo
Não é da terra, é do ceo.

Nem recintho haja na terra
Ao genio, que só se encerra
No seio do Creador.
Momentaneo occaso buscas...
Se deixando a Patria a offuscas
Dar-lhe-has mais nobre esplendor.

Virá teu nome na historia
Astro radiante de gloria
Suas paginas doirar.
Ergue ao Tejo o final canto
Luso cisne e accolhe o pranto
De quem te sabe chorar.

De quem soube apreciarte,
De quem viva em qualquer parte
Não te ha de olvidar jamais;
E saudosa te offerece
Esta flôr que reverdece
Com lagrimas fraternaes.

D. A. G. Parish.

OLINDA,

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 4.º

(Continuação.)

Quand on pleure avec toi, l'infortune a des char-
Le douleur son plaisir. (mes,
J. Reboul.

A scena que se passa na estalagem;
A confissão de Adolpho, a morte d'elle;
De Ernesto, e de Eduardo a dôr vehemente;
Assombro, horror, consternação diffundem
Nos que o lance fatal testemunharam!
Té mesmo o carcereiro inexoravel,
Talvez em vida sua a vez primeira,
Sensivel se mostrou á dôr alheia!
Não por se enternecer a estranhos males,
Que o pranto não commove um rude peito;
Mas por ver do malvado o fim tremendo!
Do castigo o espectaculo terrivel,
Da justiça divina as leis o assustam!
Ah! se o temor não contivesse os impios,
Quantos Neros, oh! mundo, apresentáras!

Pela declaração do extincto Adolpho,
Livre Eduardo, quer na mesma noite
Seguir jornada... mas não tem cavallo;
E não soffrendo amor qualquer demora,
A pé tenta emprehender tão longa marcha!
Ernesto então lhe diz: «Ambos iremos;
«No meu ginete eu vou, tu no de Henrique,
«E os dois mancebos seguirão na posta,
«Depois que o funeral cumprido seja
«Do malfadado Adolpho.» A Henrique ordena
Que em pompa illustre sepultar o faça,
Pois tem de nobre Cavalleiro as honras.
Tanto, oh! virtude, és superior, és bella,
Quanto a maldade abjecta, detestavel!
Oh! quanto um do outro dois irmãos differem!
Um transgredindo as leis da humanidade,
Sacrifica á ambição a natureza!
A'quelle que lhe abriu mortal ferida
O outro perdôa, honrando-lhe o sepulchro!

Partiram, pois, logo ao raiar da Aurora,
Que a noite decorreu sem ser sentida.
Um instante não perdem, não descançam;
E os ginetes já quasi que succumbem
A marcha tão violenta. Ao longo passam
Do casal de Ricardo; este os conhece,
E os chama, e faz signal para esperarem...
Mas em vão!.. no galope continuam,
Té perderem de vista o asylo santo.
Ao castello emfim chegam! que alegria
Sente a familia vendo seus senhores!
Mas a triste Isabel desfeita em pranto
Lança-se aos pés de Ernesto, este lhe pede
As chaves da capella: «Não se encontram,
«Nem Justino apparece; e o mais notavel
«E' que uma destas noites, inda tremo,
Diz Isabel, senhor ao repetil-o!
«Bateu á porta um homem declarando
«Trazer-vos uma carta! perguntei-lhe
«De quem era mas elle não m'o disse,
«E entregando-a, oh! meu Deos, desappareceu!..
«A' luz vou ver a carta!.. ah! vêde a letra!.
«Comigo a trago... é tal qual a de Olinda!..»
Era de Olinda! Ernesto a lê... que sorte!
«Não está na capella: ah! diz Ernesto,
«D'ella me desvi, quando a buscava!»

Impaciente já tinha Eduardo
A' capella descido; arromba a porta,
Mas Olinda não vê!.. já corrompido
Vê por terra o cadaver de Justino!
Sabia que outra porta occulta havia,
Que subterranea uma saida tinha...
Vae observal-a!.. vê que aberta estava!
Reconhece que Olinda se evadira!..
«Ceos! onde iria a triste, inexp'riente
«Dos caminhos, e debil, temorosa!..
«Succumbiu á fadiga, ao susto, á magoa!»
Disse; e desesperado ia buscal-a,
Sem saber onde, ou como! o Conde o chama;
Mostra-lhe a carta em que dizia Olinda,
Que morte repentina accommettéra
O vil Justino, quando na capella
Um dia entrára a dar-lhe os alimentos:
Que ella saira pela occulta porta;
E perdendo o caminho do castello,
De Ricardo foi ter ao casal santo,
Onde sabendo de Eduardo o intento,
E que Adolpho o seguia, a desgraçada
Para salvar da morte o esposo caro,
A' Inglaterra passava; e a Cumnor-Place
Seus passos dirigia, protestando
Aos braços paternaes voltar em breve,
Se o Céo lhe conservar o esposo, e a vida!
«Oh! desesperação!» brada Eduardo,
A' estrada que deixou veloz tornando.
Ernesto o segue: ambos não correm, voam!
No casal de Ricardo em breve pousam.

Perguntam por Olinda, e o santo monge
Lhes conta, que a infeliz lhe apparecera
Demandando o castello; e novas tendo
De Eduardo, e de Adolpho, declarára
Ser forçoso evitar um assassino;
Que a Cumnor passaria: não podendo
Ricardo desvial-a d'este intento
Não quiz deixal-a ir só: acompanhou-a
A Calais: por fortuna alli se achava
Uma Franceza, que perdendo o esposo,
Ia á Inglaterra, onde a chamava o filho.
A esta boa mulher entrega Olinda,
Recommendando-a como filha sua:
Deu-lhe para a jornada algum dinheiro,
E se tivesse mais, mais lhe daria.

Gratos os Cavalleiros pertenderam
Deixar-lhe a somma que doára a Olinda;
Elle recusa: não carece de ouro...
«Para o que hei de gastar tenho bastante,
«Diz Ricardo» a carreira é terminada,
«Os vossos infortunios a apressaram!..
«Com saudosas, amigas despedidas
«Breve nos ha de unir a Eternidade!..»
Com saudosas, amigas despedidas
Se ausentam de Ricardo os caminhantes.
Andam sem descançar: a Londres chegam,
Onde (lhes disse o velho) residia
Negociante, o filho da viuva.
Tinha morrido ha pouco (lhes disseram)
E a mãi deixado Londres. Perguntaram
Em todas as estradas, e estalagens,
Novas de Olinda, em vão pedidas sempre!
Jones, e Henrique no caminho encontram;
Nem estes a avistaram! breve, afflicta
Foi a jornada. A Cumnor-Place chegam.
(Continúa.) *D. A. G. Pusich.*

A MINHA ULTIMA VONTADE.

Pourquoi gémis tu sans cesse,
O mon ame, réponds moi!
D'on vient ce poids de tristesse
Qui pèse aujourd' hui sur toi?
LAMARTINE.

Aonde levas os passos,
Alma triste, e malfadada;
Queres que escolha inda viva,
Minha lugubre morada?!

Queres sim, lá vou da morte,
A fria estancia rever;
A ver s'ao menos na loisa,
Poderei em paz jazer!!

Não cubicei essas ruas,
De gigantes, mausoléos;
Nem a rica, architectura,
Sobre o nada, erguida aos ceos;
Não lhe invejei a belleza.
D'essa soberba vaidade,
Que até se eleva, nas campas;
Affrontando a eternidade!

Não, não quero ali a campa,
Quero leve a sepultura;
Tão leve, quanto pesada,
Foi-me a vida, sem ventura;

Não quero, que uma só pedra;
Pése, sobre a ossada minha,
Não s'esmigalhe o cadaver,
Como a existencia mesquinha.

Quero ir n'um pobre esquife;
Em negro crépe envolvida,
Horroroso, e feio; o enterro
Que se harmonise, co'a vida;

Quero sim, ninguem s'opponha,
A' derradeira vontade;
D'uma infeliz que só julga,
Achar paz na eternidade:

Heide mostrar meus desejos,
Té na extrema convulsão,
Se na garganta, o estertor;
Me não prender a expressão;

Heide dizer, quero pobre,
A campa, na solidade,
Não quero, que lá m'assustem;
As vozes da humanidade.

Longe dos vivos, bem longe;
O meu asylo final!
Tão solitario, e medonho;
Que o não pise um só mortal!!..

Ponham-me o triste cadaver,
N'um canto, do cemiterio;
Sobre a campa, duas cruses;
Que aos vivos, digam— mysterio...
D. Antonia Luiza Cabral e Teive.

A DONZELLA DO RIBA-TEJO.

I.

(Continuação)

Ainda Antonia estava ajoelhada ao lado de sua mãe, quando Mr. la Rocha entrou na sala, á vista do grupo interessante que formavam a mãe e a filha o joven francez recua comovido. Antonia ergueu-se rapidamente e um vivo colorido tingia de purpura suas palidas fa-

ces, em extremo perturbada apenas dirigiu uma ligeira saudação ao attencioso mancebo que solicito a cumprimentava.

Mr. de la Roche já ha muito tempo experimentava pela sua joven visinha um terno sentimento, que elle pertendia suffocar á vista da innocencia de Antonia, Emile só via nella um anjo a quem rendesse o seu culto, e não uma mulher a quem votasse o seu amor.

A chegada do mancebo veio tornar a donzella ainda mais triste e pensativa, as faces ora palidas ora de um vivo escarlate mostravam bem a agitação da sua alma, Emile da sua parte, soffria igual alteração o sr. Villar soube comprehendel-os, e desde então ficou senhora do segredo de sua filha Antonia amava, e a sua tristeza, a sua melancolia eram effeitos deste amor.

Mr. de la Roche convidou as duas sr.as para irem passear a uma quinta proxima, onde o luxo e a arte faziam sobresair as bellesas da naturesa. Antonia nunca lá tinha ido; a novidade produziu nella uma alegria extrema, corria e brincava tão alegre, que parecia que olvidando seus pesares havia voltado aos mimosos tempos da idade infantil.

Á noute quando se retiravam, dirigiu-se M. la Roche a uma rozeira que ostentava orgulhosa a verde folhagem, e colhendo a unica rosa que nella havia e que ainda ha pouco desabroxara a offereceu a Antonia. Ella estremeceu, havia neste offerecimento não sei que de significativo, aquella rosa de candida alvura tinha alguma cousa de symbolica aceitou a rosa e guardou-a no seio.

As duas sr.as despediram-se do mancebo; este lançou para Antonia um olhar tão expressivo, e cheio de tanto fogo, que a pobre menina não poude responder aos cumprimentos de despedida que elle lhe dirigia.

Ao chegar a casa foi seu primeiro cuidado colocar dentro de um copo com agua a rosa branca que Mr. la Roche lhe offerecera Antonia deitou-se, porém não poude dormir, um pensamento que ainda não tinha passado pela sua mente veio assaltal-a; que queria dizer aquella rosa? que significaria aquelle olhar tão expressivo de Mr. de la Roche? o seu coração bem lh'o dizia, porém a timida virgem na sua candura e innocencia jamais havia sonhado em amores, desconhecia-lhe os sympthomas, amava sem saber que amava, soffria todos os crueis effeitos d'esse sentimento despota sem lhe conhecer a verdadeira causa, n'uma palavra Antonia sentia por Mr. de la Roche um sentimento que ella não podia comprehender, e que jámais declarára a si mesma.

Cançada de pensar, cedeu emfim á influencia do somno; dormia porém não era com aquella placidez d'outr'ora, um sonho vagava na sua mente, mas não era aquelle sonhar d'anjo, aquellas illusões d'oiro que tanto a lisongeavam na idade infantil! era um sonho terrivel; accorda espavorida e saltando do leito, prostra-se em oração ante um crucifixo que pendia da cabeceira; a aurora veio ainda encontral-a ajoelhada ante a veneranda imagem. Antonia envergonhou-se de acreditar em sonhos, ergueu-se e foi para o jardim. (*Continúa.*)

D. Maria Rita Lobo Chiappe.

EXPEDIENTE.

Recebemos e muito agradecemos ao Ill.mo sr. Chaby a sua poesia — Palmella —a qual não vae já neste numero porque assumptos que não deviamos deixar esquecidos reclamaram estes limitados espaços. No seguinte numero daremos publicação a essa producção onde o genio e o estudo não se deixam esconder.

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes: 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 13 — MAIO 1.° — 1853.

A ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS.

A Direcção da Associação Consoladora dos Afflictos, que foi nomeada no anno proximo findo, apresentou o seu Relatorio á Assemblea geral da mesma Associação em 28 de Março ultimo; mostrando ser a receita de 3:865$350 rs. e a despesa 2:770$660 rs. entrando nesta a compra de 7 inscripções no valor nominal de 1:900$000 rs. com o juro de cinco por cento 1:826$100 rs. de esmolas destribuidas no decurso de um anno, e 159$935 rs. pela importancia dos vencimentos pagos ás empregadas da Associação. Contem o mesmo Relatorio uma relação de 289 sr.as associadas que pagam mensalmente em dinheiro sonante as suas quotas, sendo 279 a 480 rs. e 4 a 960 rs. além de 200 sr.as associadas que pagam em prendas, e outras sr.as que estão fora da capital.

Mostra mais que a Associação socorre 61 familias pobres, sendo as mezadas com que as soccorre de 4:800 rs. as maiores, e de 1:200 rs. as menores. Durante o anno findo teve a Associação avultados auxilios. S. Magestade a Rainha deo-lhes 100$000 rs.: a sr.a D. Margarida Amalia Esteves Freire deo 1000$000 rs. dos legados que deixou seu marido: do Brazil tiveram um bom donativo por intervenção da sr.a D. Maria Ricci de Almeida e Castro, e tambem um donativo consideravel da sociedade Apolinea Lisbonense; e do Barão de Bulhão: tiveram 400$000 rs. do producto de 200 exemplares do Romance as Castellans de Roussillon, e das prendas das socias filhas-familia, vendidas nos bazares da illuminação do Passeio publico; e 5 libras que para 5 esmolas designadas entregou a Ex.ma sr.a D. Maria Henriqueta do Cazal Ribeiro; e outros auxilios entre os quaes foram 200$000 rs. dados pela commissão encarregada de promover subscripções para festejar o regresso de SS. Magestades e Altesas á capital, cuja quantia foi dada para se destribuir em esmolas; e por isso foram soccorridas mais 45 familias pobres, além das 61 que a Associação proteje, com soccorros mensaes.

Mostra mais o dito Relatorio ter já a Associação um fundo em inscripções, e dinheiro a vencer juros: que se despediram muitas sr.as associadas, queixando-se algumas de que a Direcção não attendesse as pretenções dos seus pobres; a Direcção alega em sua defesa que em quanto não se augmentarem os fundos da Associação não pode augmentar o numero das familias soccorridas. A Direcção declara

ter comprado inscripções, e posto dinheiro a juros para augmento dos fundos que desejavam empregar na compra de uma casa propria de que a *Associação tanto carece para se fazer conhecida e lhe dar a garantia da estabelidade.* Estamos tão convencidas das religiosas virtudes que enobrecem as almas das Ex.mas sr.as que resolveram a compra das inscripções, e que em vez de distribuirem essas quantias em soccorro dos indigentes as tem destinado para compra de uma casa, que, acreditamos será para beneficiar os mesmos pobres instituindo algum hospital, ou Azylo de infancia desvalida; o que será tão agradavel aos olhos de Deus, quanto são as esmollas que enxugam as lagrimas da indigencia.

A Ex.ma sr.a D. Maria Miclina Pereira Pinto pedio a sua demissão do lugar de Presidente, que exerceu cinco annos com o maior zelo e exemplar caridade; reservando para si a gloria de ser a instituidora de tão pio estabelecimento. Foi eleita Presidente a Ex.ma sr.a Condessa do Rio Maior, senhora de reconhecido merito virtude, e instrucção; é de esperar que empregará todo o desvello em prestar seus serviços á Associação, e aos pobres em geral.

A sr. D. Maria Isabel da Costa Freire Cabral, filha do Ex.mo sr. conselheiro Manoel Cipriano da Costa, pedío tambem a sua demissão do emprego de Cobradora mór; foi substituida por Mme. Cahen.

Observámos no Relatorio um paragrapho que nos diz respeito, onde a Direcção declara que acceitou a dedicação do jornal a Beneficencia mas que nada tem com a sua redacção, fazendo ver que a Associação não despende cousa alguma com esta folha. Agradecemos esta declaração feita em particular ás sr.as associadas mas para o publico não apreeisamos; o nosso caracter desinteressado, e genio independente é assaz conhececido, e graças a Deus, o publico faz-nos justiça; e sabe que a nossa penna não se vende; recebe do publico as assignaturas indespensaveis á sustentação de nossas empresas litterarias, e nós da-mos-lhe em troca nossos serviços em nossos escriptos; mas nunca recebemos, nem receberemos jámais salario algum, porque desejamos ser livres escrevendo só o que nos dictarem a nossa consiencia, e a nossa rasão, que não se alumia com luz estranha, nem se deslumbra com o brilho das riquesas, que já possuimos, e que a philosophia adquerida com os infortunios nos ensina a desprezar quando a ellas não se juntam os thesouros da virtude. Esta linguagem não agrada aos soberbos, mas agrada aos chistãos, porque é a da verdade, e o nosso Deus, e nosso Mestre a ensinou; e nós conta-mos que dizendo a verdade não desagradaremos nunca ás pessoas sensatas e virtuosas, a cujo numero pertencem as illustres Damas da Associação Consoladora dos Afflictos.

Será porém conveniente que nos expliquemos de maneira que não haja quem se persuada que este jornal é pago pela Associação.

Quizemos offerecer o nosso contingente á Associação Consoladora dos Afflictos, dedicando-lhe um jornal que a fizesse mais conhecida, porque infelizmente neste paiz os serviços prestados pelo nosso sexo não são noticiados nem louvados por penna veronil, e a prova é que só a Assembléa Litteraria só a Beneficencia derão noticia e louvor a esta nobre e util instituição. Ao merito artistico de uma eximia actriz, cantora, sobram enthusiasmos porque adoça os ouvidos, e encanta o coração com o som de seductoras harmonias, mas a quem enxugando as lagrimas dos infelizes faz ouvir a voz de Deus na voz da caridade, quem é que tece corôas? A religião; e foi ella quem nos persuadio a crear um Jornal Religioso, e por conseguinte Caridoso; e o offerecessemos á

Associação Consoladora dos Afflictos, por ser uma Associação de Beneficencia, e composta de sr.as Tivemos em vistas favorecer a humanidade opprimida, e cumprir as obras de Mizericordia insinando os ignorantes, e consolando os tristes; offerecendo os lucros desta folha, salvas as despezas da sua publicação, em favor dos desvalidos que a Associação Soccorre. Este pensamento foi approvado por cavalheiros da mais alta consideração. Propuzémos o nosso plano á Direcção, e lhe pedimos que se dignasse tomar conta de alguns Prospectos, e alcançar de pessoas suas amigas uma assignatura, por cada socia, e assignarem as que quizessem; seria um rendimento não pequeno, e o nosso trabalho era gratuito, assim como dariamos em favor dos pobres todas as assignaturas que podessemos deligenciar.

A Ex.ma Presidente reunio a Direcção, e teve a bondade de nos escrever a seguinte carta:

« Ex.ma Sr.a: Não respondi mais prom-
« ptamente á sua carta de 17 do corren-
« te por ser preciso consultar a Direcção;
« hoje teve logar a sessão da mesma, e
« sendo-lhe appresentada a dita carta, to-
« das ficaram certas dos seus bons desejos
« a respeito da nossa Associação; mas pa-
« rece-nos mais conveniente não importu-
« nar mais as senhoras associadas com es-
« molas, visto já estarem sobrecarregadas
« com o que dão mensalmente: e quanto
« á sua idéa de publicar o seu jornal co-
« mo sendo d'Associação, não estamos re-
« solvidas por agora a que a dita Associa-
« ção tenha um Periodico seu; porém se
« tem desejos de lho offerecer ou dedicar,
« isso aceitamos com muito gosto, certas
« em que os seus artigos serão sempre
« muito religiosos; e temos tambem ver-
« dadeiros desejos de que dessa medida
« possa tirar todo o auxilio para alivio de
« sua familia. Como estavamos só trez,
« trez só é que assignamos o seu prospe-
« cto; mas enviamos-lhe esse Relatorio
« que contém a lista das associadas, po-
« dendo como cousa sua, e não nossa,
« dirigir-se áquellas que quizer, e as mo-
« radas as pode saber da cobradora-mór,
« que assiste na rua do Sol ao Rato n.º
« 36. A mesma lhe póde dizer quaes des-
« sas já não são socias, e as que de no-
« vo tem entrado, que ainda se não acham
« nessa lista. E' o que me cumpre dizer-
« lhe, e a Direcção resolveu. Lisboa 30
« d'Agosto de 1852. — De v. ex.a muito
« veneradora *D. Maria Miclina Pereira*
« *Pinto*, Presidente d'Associação Consola-
« dora dos Afflictos.»

A nossa resposta foi publica no primeiro numero desta folha.

Em consequencia da carta de s. ex.a, procurámos a recebedora-mór, e lhe pedimos nos dissesse a morada de algumas sr.as que não conheciamos, e que talvez quizessem assignar esta obra; estavam alli presentes duas senhoras que disseram ser cobradoras da Associação, e se offereceram com a melhor vontade a levar os prospectos; no que entenderam não só cumprir um dever de caridade auxiliando a publicação de uma folha de beneficencia e religião, mas servir a Associação que esta folha hia fazer conhecida em todo o mundo; e que não póde já deixar de ser um monumento erigido á sua memoria. Não poderam porém essas duas senhoras alcançar-nos mais de trez ou quatro assignantes, porque nós pedimos que não continuassem, pois contavamos algumas boas assignaturas, e Sua Magestade o Senhor D. Fernando se dignou proteger esta folha, como tem protegido voluntaria e generosamente todas as nossas emprezas litterarias; não continuaram a mostrar os prospectos nem por tal serviço, que nunca podia ser do desagrado da Associação, porque era em honra da Beneficencia, e Religião que professam, receberam paga alguma, que não

quizeram, nem mesmo a de um exemplar por cada seis assignaturas como se usa sempre dar.

Nós muito gratas somos a essa prova de bondade e delicadeza, posto que de tal não nos resultasse a menor vantagem ou auxilio. Essas sras. que assim nos obsequiaram disseram que se chamavam uma D. Joanna, outra D. Adelaide.

Declaramos mais que da Associação contamos apenas dez assignaturas; porque outras sr.as que pertencem á Associação, e são nossas assignantes, não assignaram por lhes ser dedicado o jornal, mas sim porque protegem de ha muito as nossas obras, e são nossas amigas.

Sentimos ter occupado tanto espaço, e abusado da pociencia de nossos leitores com explicações escusadas ao publico, mas que o nosso dever ordena depois de vermos pelo Relatorio que todas as sr.as associadas não estão em dia com esta folha, que dedicamos á Associação Consoladora dos Affiictos por ser uma instituição de beneficencia, e religião; mas para que não hajam mais equivocos que firam nossos melindres em pontos para nós muito sagrados, declaramos que sem retirarmos a nossa dedicação á Associação Consoladora dos Afflictos, a quem prestaremos sempre nossos fracos serviços, e os espaços limitados desta folha, substituiremos o distico da dedicação por outro mais grato ao coração de nossas illustres damas que compõem a Associação Consoladora dos Afflictos, e de todas as outras damas, e em geral de todos aquelles que professam e amam a religião e o saber; e assim o devemos fazer porque temos a fortuna de contar na honrosa lista de nossos assignantes as mais illustres notabilidades, e muitos dos nossos distinctos eclesiasticos que desejam proteger a fragil penna feminil, que, animada por Deus ousa erguer o Estandarte da Cruz, e girar o globo litterario offerecendo o pequeno contingente de suas fraquissimas luzes Aquelle que lh'as doou, e á terra onde vive desde a infancia, e espera morrer como christã.

D. A. G. PUSICH.

O INCENSO DA POESIA AO SANTO ESPIRITO.

Oh! tu que infundes co'a sciencia a graça,
Alma dos Ceus, Espirito Divino!
D'esse Throno de luz, onde fulguras
Baixa á terra n'um vôo repentino!

Os alados cantores que te cercam,
A gloria, os lumes da celeste esfera,
Deixa um momento, deixa; á terra volve
Onde um quadro sublime hoje te espera!

Sobre as ruinas de teu sacro templo
Verás de Christo a cruz de novo erguida.
Vencedora brilhando em todo o mundo,
Fenix das proprias cinzas renascida.

Verás em Portugal o anjo das trevas,
Depois de haver discordias acendido,
Mergulhar-se no pego de seus erros,
Luctando em balde, e breve submergido.

I.

E verás a harpa escolhida,
Que a David outr'ora déste,
Em lyras mil repartida,
N'um som unico, celeste,
Teu Nome e Gloria louvando,
Paz á terra proclamando:

Em nobre exercito unidos
Verás os validos teus;
Altos festejos devidos
Consagrarem-te, meu Deus!
Sacros hymnos entoando
Teus altares rodeando:

Sustenta á illustre fileira
Liras em lugar de espadas:
Tem de loiro, e de oliveira
Airosas frontes c'roadas.
A eternidade encarando
Vão entrepidos marchando.

Nivea Pombinha, que beija
O simo da Excelsa Cruz,
De graça raios dardeja,
Da Bandeira onde reluz;
E por onde vae passando
Corações vae conquistando.

Eis as fallanges eleitas
A quem as armas doaste ?
Senhor augmenta essas forças
Que em teu serviço creaste !

E a mim que tambem milito
Na tropa tua escolhida,
Dá-me a gloria de servir-te,
E depois... tira-me a vida.

D. A. G Pusich.

PALMELLA.

.....
Ma la gloria non vedo,
Non vedo il lauro, e il ferro ond'eran carchi
I nostri padri antichi.

LEOPARDI.

.....
Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da gloria lusitana. . . .

GARRETT. — CAMÕES.

I.

Antiga Palmella mui nobre e formosa
De campos cercada, soberb'a fulgir !
Cercada de valles, campina viçoza,
Dos cerros, das serras, ao longe a surgir !

Vês Cintra frondosa que avistas de um lado
E a velha Lisboa que o tejo retrata,
Do outro, vês campos banhados do Sado,
E as ondas do mar — escumas de prata !

Vês copas ondeantes d'extensos pomares
Orlando Setubal de verdes folhagens,
De flores mimozas, fragrancia dos ares
Que pairam serenos do Sado nas margens !

Tens vasto horizonte, que altiva dominas,
Encanto dos olhos, da alma surpreza !
Tens amplo castello, que em nobres ruinas
Cupûla soberbo tão rica belleza !

Tu fallas com vozes qu'importam arcanos
Dos Celtas remotos, dos Sarrios d'alem,
Fallando dos povos antigos romanos,
Dos Gôdos, das turbas dos Moiros tambem !

De amores, saudades e ledas venturas,
Lembranças encerras das gentes passadas ;
De magoas, de penas, de amargas tristuras;
Das guerras outr'ora aqui pelejadas !

Das lutas sangrentas dos tempos modernos,
Combates d'agora, crueis, fratricidas !..
Vestigios conservas, quaes lavas d'infernos
Campinas deixando queimadas, perdidas!..

.....
.....
.....
.....

Antiga Palmella gentil e formosa !
Do vate mesquinho que te ousa cantar,
Aqui, sobranceiro á veiga frondosa
Mui nobre Palmella, recebe o saudar !

II.

Que de scenas tão brilhantes,
Que de lutas tão travadas,
Pela patria, pela fé,
Aqui já foram passadas !

As trombetas e atabales
Dando os toques de rebates,
O tinir de ferreas lanças
Nos recontros, nos combates.

Nas ameias vigilante
Atalaia sarraceno,
Dilatando ao longe a vista
Pelo campo nazareno ;

Vendo a susto os homens d'armas,
Os bésteiros os piões,
Aguerridos cavalleiros
Circumdando os seus pendões.

O relincho alto e soberbo
Dos ginetes na campanha,
O roçar das cotas d'armas
Pelas rochas na montanha.

O esculca com prudencia
Pelo solo distendido,
Escutando cautelozo
O rumor apercebido.

O embotar de feros golpes
Sobre arnezes relusentes,
E os alfanges scintilando
Entre escudos de valentes.

As quadrilhas em as roldas,
Alta noite, sem luar,
Pelo campo divagando
Passo a passo a p'rescrutar,

Os apestos temerosos
Para assaltos tão renhidos,
Capacetes e turbantes
Na peleja confundidos.

As terriveis manganellas
Vomitando scorpiões,
Ferreos globos sussurrantes
Infernaes crueis tições!

Muitos bravos já sem vida
Das muralhas despenhados,
Arquejantes e mal f'ridos
Sobre a terra outros prostrados.

O bradar enfurecido
Na peleja, no lidar,
E na torre de menagem
O crescente a fluctuar!

— Tuas muralhas teus campos
Já sentiram já olharam
Estes sons estas vizões
Que ha tanto tempo passaram!

—Já o sangue dos christãos,
D'outras éras destemidos,
Burbulhou correu aqui
Entre o sangue dos descridos!

— Té que emfim nobre Palmella
Tu que os viste pelejar,
Tambem com assombro os viste
Sobre os moiros triumfar!

— E para sempre banidos
Estandartes mauritanos,
Nos teus muros arvorada
Santa cruz dos lusitanos!

Que de scenas tão brilhantes
Que de lutas tão travadas,
Pela patria, pela fé,
Aqui já foram passadas!

III.

De Affonso santo rei dos portuguezes,
Distincto monumento e grandioso
D'altos feitos e de inclitas victorias!
De Dom Sancho a mui qu'rida, a predilecta
D'esse rei Dom Diniz do povo amado!
Como hoje tão mesquinha te contemplo!..
Oppresso o coração e contristado,
Eu vejo o povo teu, feliz outr'ora,
Hoje pobre, tão raro e desvalido!
E as lembranças dos tempos que passaram
Desprezadas, mal qu'ridas, quasi extinctas!..
O musgo, o cardo, as heras crescem livres
Nos plainos do castello, e nas muralhas
Onde urdem seus agoiros e se acoutam
Tristes aves, da noite piadoras!
São ruinas d'aspecto lastimoso
As abobadas, e as gothicas columnas,
Paredes e altares sacrosantos,
Do antigo sanctuario venerando,
Que á virgem mãe de Deos era votado;
Onde entre os odoriferos perfumes
Os canticos dos anjos já vibraram!
O asylo d'essa ordem tão illustre
De virtude, valor e de nobreza,
— Que ostenta por devisa nobre espada —
Nas guerras mauritanas tão famosa,
E na paz, destes reinos ornamento,
De Castella oriunda, e Lusa toda
Pelo rei Dom Diniz — o pai da patria —
Ainda hoje veneravel permanece,
Mas, por mãos impias d'homens derrotado
Por incuria, descuido e por maldade!..
O templo do Senhor jaz profanado!
Levantadas as lousas dos sepulchros,
E os despojos que a terra bem guardava
Na paz da sepultura perturbados!
Valiozos ornamentos, e das artes
Trabalhos primorozos d'alto preço
Hão cahido a pedaços!.. hão cahido
Por mãos destruidoras arrancados!..
Devassado o jazigo foi do mestre
E os ossos carcomidos que continha
Pelo solo dispersos impiamente!..

.....

.....

Como tu, ó Palmella e teu castello,
Jazem outros mui nobres monumentos
Da altisona gloria portugueza!
Como tu, jaz o nosso Portugal
Em triste abatimento .. semimorto!...

.....

E é das luzes, acaso o seculo este?
Luzes baças que assim nos illuminam
São mentira, ludibrio são... vergonha!...

Palmella 25 de Outubro de 1852

C. DE CHANY.

OLINDA,

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 4.º

(Continuação.)

Olinda em tanto pela vez primeira
Passando o mar entrava o grão Tamisa,

E na opulenta Babylonia Londres
Com a boa Maria desembarca.
A grandeza, o explendor desta cidade
Aos olhos da infeliz gratos não foram!
Um ente desgraçado ama o deserto,
Detesta a confusão, detesta o lustre!..
A viuva lhe mostra as variedades,
Magnificas grandezas de uma côrte,
Onde as artes reluzem á porfia.
Distrair tenta Olinda; e esta repete:
« Ah! quanto é mais brilhante o meu castello!
« Quanto é mais bella a minha amada França!
« Quão mais ditosa a paz d'aquelles campos,
« Do que este labyrintho illuminado! »
A misera viuva em fim demanda
A casa, e o filho... o filho já não vive!..
Dias ha que expirou! Subita morte
Na praça teve! ao golpe inesperado,
Em lagrimas desfeita a mãi saudosa,
Deixa a casa, e acompanha a triste amiga,
Que em tal estado viajar não deve
Sem uma companhia, pois se achava
A ponto de ser mãi Tremendo Olinda
Encontrar-se na estrada com Adolpho,
Pediu que em estalgem não pousassem;
Que sós, n'uma caleça, não seguissem
A estrada mais seguida; pois tem certo
Encontrar na Abbadia o seu consorte;

Desgraçada! era tal o teu estado,
Que a mesma luz do dia te assustava!
A' vista de um vivente estremeccias,
Como julgando estar inda encerrada,
Tremendo sempre á vista dos algozes!
Vivendo desde a infancia recolhida,
Além dos lares seus não conhecia
Outro mundo, outra gente alem da sua;
E depois que a ambição quiz sepultal-a
No carcere, ou jazigo da capella,
A mesma luz estranha, e as sombras ama!
Quanto póde o costume! aquellas sombras
Que outr'ora aborreceste hoje te agradam!
A's trevas do sepulchro te avezaste!..
Sem forças caminhavas, e já perto
Do alcaçar suspirado, foi tão viva,
Tão grande a sensação d'aquella vista,
Não por temer o Espectro, que não temes,
Mas a idéa de ver o esposo caro,
Que extincta já te crê... esta lembrança,
Este prazer te agita, e sobresalta;
E tanto em ti produz estranho effeito,
Que se á dôr mais cruenta resististe,
A' idéa de um prazer hoje succumbes!
I'a a entrar na Abbadia, eis repentinas,
Pungentes dôres assaltando Olinda,
Os passos lhe impediram!.. corre afflicta
Maria a soccorrel-a; e vae com ella
A' casa que mais proxima encontraram.
Ninguem morava alli! pede a Guilherme,
Um lavrador inglez, que as chaves tinha,
Soccorro, compaixão... um leito ao menos!...
Elle dá quanto póde. Em breves horas
Uma infante gentil ao mundo veio!
Mas tal o abatimento era de Olinda.
Que áquelle transe resistir não pôde!
Um habil professor de Medicina
Declarou que a infeliz viver não póde.
Combatia co'a morte a natureza,
E o coração de Olinda, desejando
Não acabar sem avistar o esposo!
Aos peitos seus creando a cara filha,
Já tão enfraquecida se sentia,
Que julgava expirar a cada instante!
Nas faces, nas mãosinhas imprimindo
Mil beijos ardentissimos, que a morte
Não póde arrefecer! de pranto banha
Seu rosto, e diz com voz que os ais cortavam:
« Oh! filha innocentinha! oh! cara filha!
« Fructo do amor mais puro, e desgraçado!
« Não foi para nascer nesta choupana,
« Não foi para ser orphã desvalida,
« Em terra estranha um pobre berço achando,
« Que tanto desejei tua existencia!
« A terna mãi perdendo, tu me egualas!
« Mas não vê teu natal um pai querido,
« Nem te ampara nos braços extremosos,
« Contra os revezes da fortuna escaça!
« Sem pai, sem mãi, ficas em terra alheia.....
« Mas, ai! que digo! um Deus Omnipotente
« N'um presepio não teve o nascimento?
« Elle foi que o escolheu, dando um exemplo
« De humildade, e despêgo de grandezas!
« Deus!.. tu vês a minh'alma, e bem conheces
« Que d'esses falsos bens não choro a perda!..
« Não me ensoberbeci co'a posse d'elles;
« Presando-os só para valer aos tristes.
« Sinto a perda de um pai, e de um consorte..
« Um pai amigo, um tão leal esposo!
« Porém, louvor ao Ceo! em tanta magoa
« Tens a minha Isabel, na boa amiga
« Que Deus te destinou, unico abrigo!
« Tens a amisade, oh! filha idolatrada!..
« Em seus braços te entrego. » E nisto Olinda,
A Maria entregando a tenra infante,
Lhe brada: « Em vez do filho que perdestes
« Tens Ernestina! ah! por piedade, amiga,
« Busca-lhe o pai; e se este não achares,
« Escreve a seu avô; tu vae com ella..
« Salva-lhe a vida!.. póde ser que a sorte
« No mundo tenha mais feliz que a minha!
« Protector da innocencia, e da orphandade,
« Um Deus defenderá sua existencia! »

Ao pranto, ás expressões da triste dama,
Sente Maria o coração rasgar-se!
Sem remedio conhece a enfermidade!

Desvelada enfermeira em vão se esforça
Por suavisar-lhe o mal! não tanto as dôres
Do corpo sente, quanto as dôres d'alma
A miseranda Olinda! ella supplica
Um confessor: sente faltar-lhe a força,
Que o espirito carece no tremendo
Transito certo d'esta vida á eterna!
De culpas que não tem, não tem remorsos;
Mas teme o coração!.. ama Eduardo
Com tal excesso, que soffrer não póde
A idéa de o perder, perdendo a vida!

Tanto a alma lhe combatem seus affectos,
Que abatida adormece alguns instantes,
Ou pensa adormecer! viu — a Maria
Abrindo os olhos, e co'as mãos cruzadas,
Tentando ajoelhar-se! crê delirio
Da febre occasionado. Olinda via,
Cingindo um manto azul, e vestes rôxas,
Apparecer-lhe a Virgem Mãi do Eterno!
No rosto divinal lhe resplandece
Um celeste fulgor prodigioso!..
De odoriferas flores o perfume
Se esparziu no apozento, e foi sabido,
Que até bem claro viu mesmo a viuva,
Luzir na habitação luz repentina;
E um precioso arôma diffundir-se
Em toda a casa, que pensar não sabe
D'onde vem! o que seja!.. O côro alado
Dos cantores angelicos cercava
A Purissima Virgem, que na fronte
C'rôa ostenta de lucidas estrellas!
A voz divina erguendo assim dizia:
« Filha, nas minha dôres companheira!
« Vem na gloria tambem acompanhar-me.
« Choraste o pranto meu! teu pranto enxugo.
« De meu filho escolhida, vem ditosa
« O descanço gosar na Eternidade! »

A celeste visão desapparece!..
N'um divinal transporte Olinda fica!..
Fé, amor, gratidão, alta esperança
Lhe brilham n'alma pura, e venturosa,
Que solta já se crê do terreo globo,
Voando além da luminosa esphera,
Junto ao seu Creador ir collocar-se!
Maria a vê sorrir e no semblante
Surgirem do prazer a cor, e o brilho!
N'um extase a contempla, ou n'um delirio,
Manda chamar o medico, e procura
Um sabio confessor: este se encontra.
Vem ambos. Diz o medico: » Oh! que assombro
« Repentina melhora em tal estado!
« Nem da saude é esta a despedida!
« Um prodigio parece!.. não tem febre,
« De dôres não se queixa, antes se mostra
« Tranquilla, satisfeita, mas não falla!

Chega-se o confessor de Olinda ao leito,
E a contempla, e interroga? ella parece
Despertar de um lethargo ás vozes d'elle!
« Ah! quem me falla? diz, eu vivo ainda
« N'este mundo infeliz! mundo de horrores? »
Escuta-a o confessor, conforta, absolve,
Bem que de um cherubim a alma encontrasse.

(Continua.)

D. A. G. Pusich.

NOTICIA.

Consta-nos que a 17 d'abril proximo findo, apareceu na estrada de Monte-Mór o Novo, o corpo d'um joven assassinado com muitas facadas!.... Soubé-se que o matára um malvado que já tinha feito onze mortes, e ainda livre está continuando a ser algoz da humanidade! Não nos queixamos do governo, pois sabemos que S. Ex.ª o Ministro do Reino acaba ultimamente de expedir energicas ordens sobre abusos e opressões de que nos queixamos, praticados por uma d'essas authoridades de Provincia a que se chama Juiz ordinario; mas o governo não póde advinhar, é preciso que taes noticias cheguem ao seu conhecimento; e eis o que não acontece, pois alguns dos senhores ordinarios Juizes e seus *companheiros* obstam ás vezes que cheguem muitas noticias ao conhecimento não só do Governo mas até dos Governadores Civis, e é para as villas e aldêas do Reino, que imploramos toda a escolha nas authoridades pequenas, afim de impedir que se façam grandes na tyrannia.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

REVISTA DO GLOBO.

Vende-se e assigna-se na rua da Condessa n.º 3, 2.º andar, e na rua Augusta n.º 8. — Preço 100 rs.

Publicou-se o n.º 2.

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes: 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 14 — MAIO 15 — 1853.



Em 11 do corrente entrou a Foz do Tejo o vapor « Duque de Saldanha » conduzindo S. M. I. a Imperatriz Viuva Duqueza de Bragança, e o Corpo enanime de Sua Augusta Filha a Princeza Dona Maria Amelia de Bragança. SS. MM. e muitas outras pessoas foram cumprir seus deveres para com a inconsolavel Senhora, que inseparavel de sua adorada Filha, não quiz deixal-a ficar sem a sua companhia em quanto não fosse repousar junto de seus Augustos Pai e Avós. Na manhã do dia 12 desembarcaram pois, a Imperatriz e sua Augusta Filha, a primeira cedendo a justas reflexões, proprias de seu juizo superior e verdadeira Religião, despedindo-se do seu precioso thesouro que sempre desvellada guardára em vida, e ainda tres mezes e oito dias depois que a morte lh'o arrancou, partiu para palacio com SS. MM. e AA.; e a segunda para S. Vicente de Fóra! Nós a acompanhamos com as nossas lagrimas sinceras; e levando nossas innocentes filhas, fomos cumprir uma deveção que o coração de mãi nos exigia. A dôr foi geral, quanto geral a affeição que a Imperatriz sabe merecer a este povo! Todas as lojas da capital se fecharam durante esse dia, e todo o povo correu a tributar seus prantos e suas orações á Princeza que sempre virtuosa e afavel para com todos, não deixou coração algum ferido com o seu desagrado, mas sim com os espinhos da mais dura saudade! Quanto póde a virtude! S. M. a Imperatriz chegou á maior altura de gloria que no mundo se póde conseguir! a certeza de não ter nem um só inimigo, antes sim milhares de corações que a venerem e chorem com ella a sua immensa dôr! Este povo não é ingrato sabe conhecer o bem, e o mal que lhe fazem, e sabe apreciar o agrado, e as virtudes reaes. Eis ahi uma prova authentica, e voluntaria! Louvor á briosa nação que assim procede, porque á virtude devem tributar-se todas as honras, e todas as sympathias.

Louvamos os srs. logistas que unanime e voluntariamente fechando suas lojas foram em luto rigoroso acompanhar

aquella augusta e funebre ceremonia; assim como uma grande porção de povo que assistio não por mera curiosidade, mas por sincera devoção. A entrada do templo foi franca, e guardou-se a melhor ordem: honra seja feita ao nosso Em.mo Patriarcha: a guarda da igreja foi encarregada aos archeiros, e não á tropa, acreditamos ser este um dos poderosos motivos de se ter conservado tão perfeito socego em uma tão numerosa e demorada reunião de gente de todas as classes. Já se vê que não é o povo quem motiva as desordens, mas sim a imprudencia dos soldados, algum mal intencionado que se misture com o povo, e a má disposição, e preferencias de lugares que só devem admittir-se para separar os dois sexos, e não misturar senhoras de boa educação com pessoas selvagens. Finalmente o som de funebres descargas, e o sentido tanger dos sinos annunciou que os restos mortaes da Excelsa Princeza entravam o jazigo de nossos reis! Lá junto a seu Augusto Pai foi collocada, e dorme o seu corpo um somno perpetuo, em quanto sua ditosa alma vella no Ceu orando ao Altissimo por sua extremosa Mãi, por seus parentes, e por toda esta nação, onde vivêo, e onde sua grata e saudosa memoria vivirá eternamente.

Augusta Imperatriz! nós que livres de todo o espirito de interesse, lisonja, ou partido, sentimos por Vossa Magestade Imperial a mais pura affeição que suas exemplares virtudes tem arreigado em nosso coração; nós que apreciamos o elevado merito da Princeza que devéras choramos, offerecemos a V. M. I. quanto podemos offerecer, um tributo respeitoso da nossa dedicação, homenagem devida á Excelsa virtude. Damos, Senhora, o que só o coração póde dar!... A expressão d'uma alma que só diz o que sente — um canto funebre de intima dor; um fiel monumento consagrado á memoria de Vossa Augusta Filha, e da Vossa pungentissima saudade. Digne-se V. M. I. accolhel-o, pois é sincero este culto; sincera a nossa dor.

A' Memoria de Sua Alteza Imperial A Princeza D. Maria Amelia de Bragança, fallescida na cidade do Funchal em 4 de Fevereiro de 1853.

MONUMENTO DE AMOR E SAUDADE.

Silencio!.... ouvi mortaes o som terrivel
Que no espaço echoou!
O Anjo da morte ergueu a voz terrivel,
E a terra suspirou!

Clarim funesto ao mundo a hora annuncia
De crepusc'lo fatal!....
Surge a aurora carpindo, e entrega ao dia
O crepe funeral!

Sua face de luz não apparece
Com propicio fulgor!....
Em vez das alvas perolas off'rece
Prantos de intensa dôr!

Oh! sol!.... que negro quadro de amargura
Vem teus raios doirar!....
Lá jaz entregue á morte a formusura
Que ao nada vae tornar!

Real Donzella dorme alli profundo
Somno de eterna paz!
As riquezas do ceu, aos bens do mundo
Reunidas verás:

As grandezas da terra perecendo
Entre nuvens de pó....
Os dotes divinaes resplandecendo
Atravez tanto dó!....

Mais que as joias reaes do aureo diadema,
Anjo celestial!
Te luz na fronte da pureza o emblema!
A c'roa virginal!

A palma que nas mãos nevadas leva
Quanto viçosa está!....
Vale mais que mil sceptros, pois se eleva
Ao Throno de Jehova!

Tenra flor!.... eras brilho, encanto e vida
Do mais rico vergel!....
Improviso te assalta enfurecida
Tempestade cruel!....

Aos prantos da manhã desabrochaste
Mimosa e tão feliz!
Aos prantos da manhã pendeste d'haste,
Que o ceu p'ra si te quiz!

Já não és flor, és estrella,
Astro de luz divinal!
Brilhas tão pura, tão bella
Na espherá celestial!

Nesse orbe não tens declive,
Nem eclipse aos lumes teus;
Não tens nuvens, que lá vive
Eterna a gloria de Deus!

Ah! se aqui volveste os olhos
Ao triste que te invocou;
E salvaste dos abrolhos
A quem para ti caminhou;

De lá tambem nos envia
Um reflexo dessa luz,
Que dá forças na agonia;
Que suavisa o peso á cruz!....

Se nossas dores não sentes
Pois não podes dor sentir:
Ouves as preces ardentes
E os ais de acerbo pungir;

Ouves!.... e ves esses prantos
O teu sepulchro regar;
E escutas maguados cantos
Que a dôr te sabe offertar.

Sejam prantos o sustento
Da saudade perenal;
Os cantos ao sentimento
Ergam padrão immortal.

E um eco da nossa edade
As dos vindouros dirá:
« De quem lus na eternidade
« A memoria inda aqui'stá! »

Mas já no horisonte de nuvens c'roado
O rei dos planetas a face occultou!
E a noite cingindo seu manto enluctado
No augusto silencio a dor acatou!

Calaram-se os sinos, nem da artelharia
Já sôa o tremendo, infausto rumor;
As aves nocturnas em tanta agonia
Só gemem, não soltam medonho clamor!

A flor do oceano, das Ilhas princeza, (1)
Seus montes, seus valles de luto cobriu;

(1) Ilha da Madeira.

Um brado levanta nos ais da tristeza,
E o mundo em clamores o som repetiu.

Em quanto na terra se escutam lamentos,
E dobram os sinos, e troa o canhão;
O som de mil vozes, de mil instrumentos
Os Anjos desprendem na etherea mansão.

Os coros divinos entoam louvores
Ao Rei das alturas, á gloria sem fim,
E Deus em seu throno de eternos fulgores
O espirito acolhe do seu cherubim.

Mas ai!.. só perfumes, e preces, e flores
A quem no céu vive se deve off'recer;
As lagrimas tristes pertencem ás dores
Da mãe que deplora cruel padecer!

Augusta Senhora!.. a dôr que te opprime
E' dôr magestosa, é dôr sem igual!
Que só com suspiros com pranto se exprime
A angustia mais forte!.. soffrer maternal.

A luz de teus olhos, o sol de teus dias
Doirar-te a existencia já triste não ves!..
Em tudo, que outr'ora sorrindo só vias,
O nome adorado chorando hoje lês!..

E em lance o mais duro tu'alma tão pura
Adora os misterios, e as leis do senhor;
Unindo-te á virgem na immensa amargura
Da morte afrontosa de um Deus Redemptor.

A c'roa sublime tem duros espinhos;
A palma dos justos é peso de cruz:
Abrolhos são flores nos asp'ros caminhos
Que as almas em penas á gloria conduz.

Da filha que adoras não choras a sorte,
Mas choras a auzencia do teu maior bem,
E em tua saudade tão crua, tão forte!
Lembrança de um povo magoar-te inda vem!

A joia mais linda que o tumulo encerra
Guardavas a gloria do teu Portugal!..
Mas Deus não consente que seja na terra
C'roada uma fronte de ser divinal!

Contempla o teu anjo no sollio estrellado
Orar pela heroica, saudosa nação,
Dizer com ternura — que ao povo magoado
Conserves teus dias, e a tua affeição.—

Ah! sim!.. e nas horas que a dôr só respira,
Que os ais no infinito se deixam ouvir;
Accolhe este pranto de mãe que suspira;
Que sente ós teus males.. que os sabe sentir.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

SAUDADES

Á MEMORIA

De S. A. I. a Senhora D. Maria Amelia.

Armas em funeral! Rolae tambores!
Rufae lugubremente,
Soltae da guerra, ó bronzes troadores
O gemido fremente!

M. L.

Que vejo, patria minha, assombro e luto
E saudoso dobrar!
Jámais o choro teu verei enxuto,
Has-de sempre chorar?

Que tens, ó Lusitania, porque choras
Em triste funeral?
Ai! porque estremeces e descoras
Meu nobre Portugal!

E além, nos lugares consagrados,
Nos templos do Senhor,
Porque elevas ao ceo tão tristes brados
De tanta angustia e dor?

Ah! ja sei Portugal, tudo comprehendo
Uno meu choro ao teu
A princeza gentil, triste soffrendo,
Tão nova... além morreu!

A rosa juvenil, fresca donzella,
Submergiu-se no pó,
Saudade que nos mata aqui sem ella
Nos resta agora só!

Virgem tão meiga, em casto véo envolta
Quiz subir até Deus.
Junto ao throno do eterno um canto solta
Que echoa pélos céos!

E os anjos o repetem porque é bello
Da virgem o cantar!
E do cantico seu alto modéllo
Querem elles tomar!

Tão nova, flor viçosa, além repousa,
Na mansão sepulchral,
Chorem, chorem irmãos... na fria lousa
Pranteia Portugal!...

Lisboa 15 de Fevereiro de 1853.

D. Maria Rita Colaço Chiappe.

OLINDA,

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 4.º

(Continuação.)

Era Romano o bom Religioso,
Vindo alli com o fim de ver o Espectro;
Que assim lhe supplicára uma familia
De um Catholico inglez, inda parente
Da misera Condessa assassinada:
Desejavam saber se era o phantasma
Da infeliz, que talvez alli vagasse
Para revellação de algum segredo,
Ou por fim aos mortaes incompr'hensivel:
Ou que fosse do barbaro assassino
A sombra atterradora, e condemnada!..
Qualquer que fosse a causa, pertendiam
De Cumnor afastar aquelle Espectro,
E a idéa sepultar do horrivel caso!
« Quando cheguei aqui, dizia o padre,
(A Olinda, que animada, e attenta o ouvia)
« Disseram-me que um joven lhe fallára;
« E que era de Leicester o phantasma. »
« Ah! sabeis, clama Olinda, o nome d'elle?»
« Eduardo se chama » o padre torna.
« Eduardo! ai de mim! o meu consorte!
« E que lhe succedeu? » ella pergunta.
« Para França tornou, tranquillizai-vos, »
Diz o Religioso, procurando
Desviar d'este objecto o seu discurso.

Pede a Olinda lhe diga se devota
Dos Mysterios das dôres de Maria
Fôra sempre, ou sómente no infortunio?
« Sempre » responde; e lhe contou que Adolpho
N'uma casa de mortos a encerrára:
Que despertando viu-se amortalhada
Co'as vestes nupciaes, e só clamava:
« Sepultaram-me viva! por fortuna
« No tumulo meu corpo não fecharam!
« O officio funeral viram fazer-me,
« E viva me hão de achar!.. tive um desmaio,
« Ao que entendo, e apressaram-se a enterrar-me,
« Para afastar do pai, e do consorte,
« Uma vista, que tanto os affligira!
« Ah! tristes! como estaes n'este momento!
« Assim dizia, quando abrir-se a porta
« Senti; e manso, manso entrar Adolpho.
« Meu tio, não tenhaes medo, aproximai-vos,
« E tirai-me d'aqui, pois estou viva!
« Este logar inda me não pertence!..

« Adolpho me encarou, repete Olinda,
« E diz: Sim, te pertence, pois quizeste
« A tua perdição no teu consorcio!
« Tu abriste a teus pés a sepultura.
« Onde morta estarias, se não fosse
« Cruel a idéa de verter meu sangue!
« Mas aqui vivirás, té que a fortuna
« O dominio me dê d'este castello:
« Teu pai já velho está; e os teus amores
« Assás a triste vida lhe encurtaram!
« Pouco póde viver; e esse demonio
« Que te tentou a ponto de perder-te,
« Longo tempo não ha de atormentar-me!,.
« Então verás a luz, oh! desgraçada!..
« Mas conforma-te agora ao teu destino,
« Se não quizeres aggravar teus males!
« Disse-me que mudasse de vestidos,
« Que não podia ver-me com aquelles...
« Outros novos me deu: deu-me alguns livros,
« Para me distrair. Todos os dias
« O preciso alimento ia levar-me.
« Meu pranto, minha dôr não se descreve!
« Imaginai-a só!.. já transportada
« A um cruel desespêro; já cahida
« Em triste abatimento: os dias passam;
« Eu sem forças me sinto, e julgo em breve
« A vida terminar! então me occorre
« Que a alma em perigo está no desespero!
« Que um ente vive em mim!., da vida sua
« Responsavel me torna a lei divina!
« A assassina vou ser de um innocente
« Que é meu filho!,. ai de mim! e sem hap-
« Expol-o a perecer!.. esta lembrança (tismo!)
« De horror me fêz tremer! só me aconselho!
« Alguem não tenho alli que me conforte,
« E só Deus, que nos segue a toda a parte,
« De joelhos ao Ceo clamo soccorro!
« Oro á Virgem Suprema!. derramar-se
« Um balsamo efficaz sinto em minh'alma!
« Mais alentada, vou abrir um livro,
« E encontro a devoção das Sete Dôres
« Da Virgem Mãi de Deus! lendo-a gostosa,
« Era todos os dias meu emprego
« Rezar, e decorar os seus Mysterios;
« E com tão vivo ardor os contemplava,
« Que dos olhos caindo o pranto em rios,
« Té algumas canções póde inspirar-me,
« A Déus, e á Virgem Pura consagradas! »

Absorto o confessor escuta Olinda,
E lhe pede repita, se é possivel,
O canto divinal! Senta-se a enferma,
E com voz clara, e doce, em sons divinos,
Qual cysne agonizante ergue sonoro
O canto derradeita: ou semelhante
A um Anjo que da terra ao ceo se eleva,
De um Deus cantando a gloria e a omnipotencia,
Tal o divino psalmo entôa Olinda.

PSALMO.

Ergue um Deus potente brado!
Foge, oh! chaos, mundo apparece!
Fulge, oh! sol, a terra aquece,
E mil sêres faz viver!

Ao terrestre paraizo
Elegendo um habitante,
O Supremo Fabricante
Foste, Deus, do humano ser!

Eis a inveja venenosa
Nos abysmos derramada,
Domina intenção damnada,
Que a terra tenta perder.

Sobre a oppressa humanidade
Desfecha voraz procella;
Mas do ceo propicia Estrella
Vem Maria apparecer!

Tuas lagrimas e dôres,
Vendo a cruz sublime erguida,
De teu filho o sangue, e a vida
Nos fizeram reviver!

Por uma angustia mil glorias
Destinas aos peccadores,
Que pranteam tuas dôres,
E soffrem com teu soffrer!

Maria, e o confessor arrebatados
O hymno celeste escutam: e a doçura,
A harmonia da voz que Olinda solta,
Já não parece humana, mas divina!
Digna de entrar dos Serafins no côro!

FIM DO CANTO IV.

D. A. G. Pasich.

A BONZELLA DO RIBA-TEJO.

(Continuação)

A manhã era amena, o campo offerecia a mais formosa prespectiva, os passarinhos trinavam adejando nas ramas, as borboletas voavam como loucas d uma para outra flor, o rouxinol soltando seu melodioso canto parecia festejar na solidão das ramagens a chegada do dia, as flores desabroxadas havia ponco tempo abriam o mimoso calix

para receberem nelle o orvalho matutino exhalavam um delicioso perfume que embalsemava os ares, o ceo azullado; matisado de purpura e oiro suspirava amor e poesia — Antonia jamais tinha visto uma manhã tão linda, tocada da magnitude dos objectos que a cercavam ella ergueu seu pensamento ao auctor do universo e ch ia de respeito ajoelhando sobre a relva dirigia ao ceo um fervoroso louvor, — ah! que naquelle momento Antonia estava sublime, era a poesia personificada! quem a visse pálida, vestida toda de branco, com a loira madeixa solta pelas costas, os olhos fixos na azullada abobeda, e as mãos sobre o coração, diria que era um anjo, que terminando algum decreto do Eterno cá na terra, ia naquelle momento elevar-se ás regiões eternas.

Ainda bem Antonia não tinha acabado sua curta, mas fervorosa, oração, quando Mr. de la Roche comovido se lhe apresentou; o mancebo tinha visto Antonia desde o seu jardim, e ao vel-a ajoelhar com aquella expressão de candura celeste, não poude resistir á sua impetuosidade, e saltando o muro que o separava d'ella, vinha a seus pés talvez fazer-lhe uma declaração.

Antonia sobresaltada com a repentina apparição de Mr. la Roche pertendia retirar-se porém Emile arrojando-se a seus pés exclamou. « Ah! Antonia! no momento em que ia a vossos pés fazer a mais solemne confissão, assim pertendeis abandonar-me?! que podeis vós receiar de quem tanto vos ama? — sou eu por acaso algum malfeitor? não sou eu o amigo de vossa mãe e o vosso?....

A maneira supplicante com que Emile pronunciou estas palavras, acabou de comover a donzella, as expressões do joven francez tinham para ella um encanto irresistivel.

Parou entre uma pequena mata de verdes murtas e com o rosto voltado para Emile fixou n'elle os olhos com tanta ternura que completamente o allucinou; seguiu-se depois uma confissão mutua d'um sentimento puro e apaixonado que as murtas ouviram, as flores presenciaram e as brisas repetiram; pouco depois Emile retirou se.

Antonia foi para o seu quarto, desde aquelle momento ella se considerava feliz, amava, e tinha a certeza de ser amada com igual ardor, por esse motivo a alegria appareceu outra vez desenhada nas suas feições angelicaes, um vivo carmim veio substituir a palidez das suas faces, seu corpo tinha recobrado a agilidade, seus olhos brilhavam de novo com a maga expressão da felicidade, o sorriso brincava continuamente nos seus labios, n uma palavra, Antonia, tinha voltado á vida mas já não era aquella menina innocente que experimentava um sentimento que não podia comprehender, era a virgem apaixonada em cujo coração ardia uma paixão sem limites

A sra. Villar via com alegria, a subita mudança de sua querida filha; e o prazer de a ver de novo entregue a seus divertimentos campestres lhe fazia olvidar o cuidado de inquirir a sua verdadeira causa

M. de la Roche continuou a ser tão attencioso e polido para com a sra. Villar como rendido e desvellado para com a sua filha, assim a feliz Antonia continuava entregando-se alegre e prasenteira á doce e maga esperança que começava a doirar-lhe o horisonte da existencia: mas uma cousa a fazia receiar. M. de la Roche jamais lhe fallara no seu hymeneu, jamais lhe dissera uma palavra acerca d'essa união tão doce, apenas lhe fallava no presente sem jamais curar do futuro, Antonia resolveu fallar-lhe n'isso.

Uma tarde de verão passeavam no jardim os dois amantes; estavam sós, graças á boa fé da sra. Villar Emile dizia a sua querida mil expressões de ternura, a que ella correspondia com aquelle olhar terno e mavioso que tanto o arrebatava. Antonia sentou-se e convidando o apaixonado mancebo a fazer o mesmo, lhe disse com toda a formalidade. Emile, de ha muito tempo me jurastes um amor eterno, juramento que mutuamente fizemos quando o ceo cheio de brilho e de magestade parecia abençoar nossas palavras; longo tempo tem decorrido desde essa epocha feliz, e até agora nem uma palavra me tendes dito ácerca da nossa futura união; pensais acaso que minha mãe ignorara sempre o nosso amor? ah! Emi-

le, tarde ou cédo ella o virá a saber: assim pois se me estimais, se me quereis com esse delirio que patenteais não demoreis por mais tempo a nossa mutua felicidade

M. de la Roche desde que Antonia começára a fallar tinha-se tornado pallido como um defuncto: e quando ella concluiu, a sua agitação era tal que apenas podia respirar; finalmente dominando a sua emoção, ergueu se, e olhando desvairadamente para a sua amante bradou:

Antonia, agora conheço que o amor que tenho alimentado á tanto tempo não tem sido mais do que uma illusão funesta! ousei sonhar a ventura d'um amor tão ideal, todo celeste, e vejo que infelizmente m'enganei. Oh! Antonia, vós não comprehendestes o meu amor, portanto elle deve acabar; neste momento só nos resta o lamentar a perda infeliz de tão magas esperanças....

Ainda o som de suas ultimas palavras vibrava nos ares, quando M. de la Roche se afastou bruscamente sem mesmo olhar para a donzella que ferida d'um repentino desmaio não deu pela sua retirada.

(Continúa.)

D. M. E. C. CHIAPPE.

Em 2 do corrente pelas onze horas da noite espalhou-se um alarme na rua de S. José, 8 gritos de soccorro soaram de uma casa fronteira ao quartel general da 1.ª Divisão; acudiram os srs, officiaes ajudantes de ordens; e soldados; acharam com effeito um homem arrombando as portas do quintal d'essa casa; foi preso, e conduzido ao quartel da ordem como ladrão; e o desgraçado ia em sapatos de orello. Momentos depois appareceu alli outro homem perguntando pelo preso; mas como disse que era seu companheiro ficou-o alli acompanhando; no dia seguinte foram á Boa-hora, e de lá em boa-hora soltos! Que havia de ser? eram dois homens ricos, embriagados por officio e systema, que morando na rua Occidental do Passeio n.º 3, se divertiram em saltar quintaes, e arrombar portas, inquietando todo um bairro, que assustado cria haver alli uma quadrilha de ladrões! Nós presenciamos o caso de uma casa amiga que sendo na mesma escada onde moram os taes individuos démos graças a Deus de não terem subido ao segundo andar onde estavamos em vez de descer aos quintaes onde desceram; estas scenas são repetidas todas as noites, e até de dia; e temendo as despezas, e trabalho que dão os requerimentos para casos taes duas familias honestas compostas de senhoras, não tem reclamado ás auctoridades providencias; mas justo nos parecia que depois do facto que mencionamos não ficassem impunes taes excessos de desmoralisação. Se são só embriagados que se emendem; e não amotinem a visinhança, nem façam desordens, se são doidos tambem lá está o hospital de Rilhafolles.

A' policia que deve saber tudo cumpre o providenciar estes casos, e a nós relatal-os, por que desejamos ordem.

D. A. G. FUSICH.

Do *Christianismo* transcrevemos o seguinte artigo funebre do nosso correspondente em Aveiro.

Dies mei sicut umbra declinaverunti, et ego sicut fœnum arui; tu autem, Domine, in æternum permanes.

Psalm. 101.

E' do seio da doença, do centro da enfermidade, d'um leito circundado das sombras da morte, que outr'ora retenia este oraculo, pronunciado por um santo Propheta e grande Rei.

Oraculo universal, que se estende a todas as classes e jerarchias; que se cumpre tanto no monarcha revestido da purpura, como no pobre gemendo na miseria e na indigencia; tanto no ancião vexado pela decrepitude, como no joven radiante na flor de seus annos!

Oraculo humilhante, de que a naturesa pasma; a quem a humanidade teme, e para dissimular o qual emprega meios o esfaimado orgulho!!!

Oraculo terrivel, representado incessantemente em nossos espiritos, e gravado sobre todos os objectos, que nos rodeião!!!

O lugubre tanger do bronze annunciou hoje no mosteiro de Jesus d'Aveiro, que a morte roubara áquella casa mais uma filha, ás religiosas mais uma irmã, aos infelizes mais uma protectora, aos tristes mais um refugio, e á religião mais um ente em todos os titulos respeitavel.

Foi esta a ex.ma sr.ª D. Anna Antonia de Souza Girão!..... ....

Tal perda é certamente mui lamentavel. As virtudes, de que era dotada, a pungente e inconsolavel dor, em que deixou suas companheiras, e principalmente a falta, que occasiona á benemerita communidade, que em ser-

viço só conta oito religiosas, e *essas doentes*, são motivos assás fortes.

Que sua alma gose no Ceo o repouso devido ao seu merecimento; que suas irmãas se revistam de coragem e magnanimidade para supportarem os grandiosos e frequentes dissabores; e que estas nossas linhas sejam consideradas, como homenagem de respeito e saudade á illustre finada, são os ardentes desejos, que reconcentramos, e os perennes votos, que fazemos.

Aveiro 29 de Março de 1853.

CARVALHO E GOES.

NOMES DOS SENHORES ASSIGNANTES DESTE JORNAL.

(Continuação.)

Os Ex.mos e Ill.mos Sr.s

José Silvestre Ribeiro, um exemplar.
Luiz Antonio Cabral Mesquita de Almeida, id.
D. Luiz de Alencastre, id.
José Izidoro Guedes, id.
Diogo Antonio Palmeiro Pinto, id.
Antonio Emilio Brandão, id.
João de Mello Lacerda, id.
Beneficiado Carlos do Cenaculo, id.
Prior do Sacramento, id.
Prior de Santa Justa, id.
Prior da Encarnação, id.
Dr. João Zagallo, id.
Dr. Antero Augusto Tavares Vidal, id.
Dr. José Pereira Cortez, id.
João Antonio Leite, id.
João José da Assumpção, id.
João Evangelista Caldeira Durão, id.
Antonio Xavier Abelho, id.
José Alves, id.
Domingos Antonio Lizo, id.
Verissimo João Baptista, id.
Cerillo Manoel de Carvalho, id.
José Joaquim Vasques, id.
Mathias Augusto Valladares Serra, id.
Manoel Francisco Pataca, id.
João Francisco Cavaco, id.
Francisco Marques da Silva, id
Francisco Joaquim Tavares, id.
Manoel Francisco Rebollo, id.
Manoel Henrique de Menezes Feio, id.
Joaquim Antonio Lopes, id.
Manoel Francisco da Conceição, id.
Manoel Joaquim da Costa, id.
João Victorino Nogueira, id.
João José de Souza e Silva, id.
Antonio Freire de Andrade, id.
Duarte Christovão Valladares Serra, id.

(Continua.)

CHARADA.

Synonimo son de pena — 1
Synonimo son de ser — 2
Todo.
Minha primeira mereço
Por andar a padecer.

ANONIMO.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

Publicou-se a SYMPATHIA, marcha para piano pelo padre José Joaquim de Carvalho e Goes. O producto desta publicação *deductis expensis* é para beneficiar certa pessoa, que geme na indigencia.

Acha-se á venda em Lisboa na redacção da *Beneficencia*, rua do Telhal n.º 7, 1.º andar: no Porto, na redacção do *Christianismo*, rua dos Lavadouros n.º 52: em Coimbra, na rua de Quebra-costas n.º 19: em Aveiro, em casa do auctor, rua das Arribas de Santo Antonio n.º 19.

Preço 100 rs.

REVISTA DO GLOBO.

Publica-se uma vez em cada mez: preço para os srs. assignantes 100 réis, pagos no acto da entrega de cada numero.

Publicou-se o 2.º n.º

Vende-se e assigna-se na loja do sr. Silva ao Rocio, e Silva Junior, rua do Ouro n.º 109, Lavado rua Augusta n.º 8, Langlet, rua nova do Almada n.º 74, e na de J. C. de Oliveira, rua do Poço dos Negros n.º 85 e 86.

MIGUEL OU O PICCININO.

Romance por George Sand.

Publicaram-se as folhas 9 e 10.

Vende-se e assigna-se na Praça de D. Pedro n. 100, rua Augusta n. 1 e 8.

Preço por folha avulso 15 rs. Por assignatura 10 rs.

Imprensa na rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes: 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 15 — JUNHO 1 — 1853.

O SANTO ESPIRITO E O CORPO DE DEUS!

E' fraquissima a nossa rasão, são limitadissimos os espaços desta folha para descorrer-mos sobre assumptos tão grandiosos quaes são as Festividades do Santo Espirito e o Corpus Christi! Nossas luses são mui debeis para alumiar esse quadro, o mais sublime, em que a Igreja Catholica alcança o seu maior triumpho!

Mas essa obra é divina, e não carece de humano pincel para aformoseal-a! Esse radiante painel que se patentea com a propria luz dos seus explendores só exige o nosso culto — a nossa admiração — o nosso respeito, e a nossa adoração! E' Deus o Autor Supremo de todos os seres quem alli se deixa ver! E' Deus o unico sol que alli resplandece e illumina a sua grande obra!.... É Deus que em Espirito e corpo vem honrar na terra aquelles que abraçam a Divina Lei do Crucificado Redemptor do mundo e Senhor dos ceus e da terra! As obras de Deus não precisam ser demonstradas por nós quando tão claras se manifestam; mas as luses de nosso humilde entendimento são aquellas com que devemos ante os altares santos mostrar a nossa devoção, offerecendo por este modo uma prova de que somos christãos. Adoremos pois os sagrados Misterios em que o ser Divino désce das alturas do seu Throno de immensa gloria para honrar a humanidade. E' o Pai que vem abençoar seus filhos! Salve povo catholico! Deus é comtigo! Salve Religião santa e pura tu és a unica verdadeira, és a obra de Deus! .... E's a Redempção do mundo! Que o universo inteiro te siga, e o universo inteiro será feliz! E nós prostrados rendamos ao Senhor mil graças por nos haver feito nascer no gremio da sua santa Egreja; roguemos-lhe que se digne conceder a todas as intelligencias um reflexo da luz divina de Sua Graça, afim de que a voz dos sabios Apostolos se escute em toda a terra, e a terra seja salva dos abysmos da ignorancia e da immoralidade. E nós Senhor, seguindo a crença de nossos pais, mostrando a nossos filhos, e ao mundo, a senda dos Vossos Passos, com a cruz caminharemos ao calvario, e abraçada á cruz vos entregaremos em nosso derradeiro suspiro a nossa alma, christãa.

D. A. G. PUSICH.

O PENTECOSTES.

Chama-se « Pentecostes » o dia quinquagesimo depois da Pescoa. Esta pala-

vra *Pentecostes* quer dizer *quinquagesimo dia*. N'este dia celebra a Egreja a memoria da descida do Espirito Santo sobre os Apostolos. Esta festividade celebra-se com muita solemnidade, porque neste dia consumáram-se todos os Mysterios de Jesus Christo, e foi o complemento da sua grande obra; isto é, o estabelecimento da sua Egreja, a qual, durará até á consumação dos seculos, apesar de todos os esforços de satanaz, dos impios, dos idolatras, dos judeus, dos herejes, e scismaticos.

E será possivel encontrar nos annaes da historia do mundo, um successo tão prodigioso como o estabelecimento da Egreja de Jesus Christo?!

Não de certo.

Quem pensaria que doze pobres, rudes e ignorantes pescadores, haviam com as suas pregações converter um sem numero de judeus, e samaritanos, á Religião de Jesus Christo?

E que estes mesmos homens sem estudos, sem dinheiro, e sem protecção alguma, dispersos por toda a terra, haviam de distruir a idolatria a qual era pro'egida e sustentada pelos potentados, grandes, e sabios.

Estes homens, que pouco antes viviam retirados, e cheios do maior temor, apresentarem-se na presença dos potentados, os mais tyrannos, revestidos do maior zelo pela Religião de Jesus Christo, pregando contra a idolatria, e soffrerem com a maior constancia os martyrios mais crueis!

Quem pensaria, que uns homens pertencentes a uma classe tão rustica, veriam confundidos, e prostrados a seus pés, tantos homens que gozavam da maior importancia social, uns pela sua auctoridade, outros pela sua sciencia!

Oh! quanto foi maravilhosa a obra do estabelecimento da Religião de Jesus Christo! Uma Religião até áquelle tempo desconhecida, toda opposta aos desejos mais lizongeiros dos humanos, que córta as paixões pela sua raiz, que ensina a desprezar as grandezas, e riquezas da terra, e fazer sacrificio da propria rasão; e esta Religião substituir outras religiões accommodadas aos desejos e paixões humanas!

E por acaso será a Religião de Jesus Christo obra humana? Não de certo.

E para prova disto recorramos á historia da Egreja. A Egreja de Jesus Christo existe ha dezenove seculos, conservando sempre puro o sagrado deposito dos Dogmas e maximas da sua Religião, apesar das mais crueis perseguições dos potentados, das subtilezas dos impios, herejes, e sesmaticos, os mais sabios; o seu imperio cada vez se estende mais por toda a terra; em todas as epocas se tem visto espantosas couversões dos seus maiores inimigos.

Confundam-se os impios á vista d'uma obra tão admiravel!

J. R. de Figueiredo.

Em seguida publicamos um artigo do sr. Avelino ácerca da Pastoral em que sua Eminencia ordena que se fechem as lojas em dias santificados, guardando-os, como é dever de todo o povo christão. O sr. Avelino prevenio as nossas intenções, pois dezejavamos descorrer largamente sobre esta providencia tão justo quanto indispensavel. Estimamos porém que os incredulos vejam que não são sómente aquelles que em politica pensam como nós os que approvam esta salutar medida; é um joven de idéas *liberaes* quem escreve, não póde ser suspeito; sim, porque estas são as idéas de todo o christão sensato que sabe comprehender a verdadeira Religião e as conveniencias sociaes. Quando se trata de Deus o pensamento humano deve ser um só em todas as intelligencias, não nos importa que em politica pense cada qual como quizer; chamem-nos embora *Realistas, ou Jesuitas,*

ou o que quizerem ; mas nós asseguramos que tambem somos livres, porque somos christãas ; somos toierantes porque somos christãas ; e se todos os homens de idéas mais *livres* que as nossas fossem christãos nós não teriamos de nos contar em o numero das victimas d'essas virtiginosas idéas, que em resultado produziram todas estas indispensaveis providencias que os governos hãode necessariamente auxiliar pondo os diques a torrente devastadora que em sua impetuosidade demolindo o edificio social arrasta vencidos e vencedores; mas se por desgraça temos visto commeçarem alguns homens a mostrarem-se liberaes, e sabios despresando, e até perseguindo a Religião ; devem os governos liberaes e sabios ser hoje os mesmos que protejam essa Religião abatida, e a façam triumphar, promovendo por tal modo não só a moral publica, e a ordem social, nas até a sua propria conservação, porque sem o respeito devido a Deus, sem Religião, não ha moral, não ha governo algum na terra, e ai d'aquelles que quizerem governar um povo desmoralisado.

Entendemos pois que a Pastoral do nosso bom Patriarcha é justissima, e precisamente deve ser abraçada por todos os portuguezes que sempre como bons christãos se distinguiram entre todas as nações civilisadas. Temos seis dias na semana para nós, demos um por tantos que nos concedeo aquelle a quem os devemos : e unamo-nos todos como bons irmãos em redor de nossa Mãe a Igreja Catholica e não desamparemos o nosso bom Pastor, que busca salvar-nos guiando-nos pelo melhor caminho. O triumfo da nossa Religião é o triumfo da moral, é a prosperidade nacional, porque ella une e felecita. esta familia dispersa quaes desgarradas vezes que hiriam parar ás garras de ferozes tigres se não lhes accudisse um sabio e indulgente Pastor com o auxilio efficaz da Religião. Que o Altissimo inspire e illumine os nossos Eclesiasticos, o governo, e povo. Eis os nossos mais ardentes votos em favor desta nação que presamos como nossa.

D. A. G. PUSICH.

A PASTORAL DO EM.^mo^ PATRIARCHA.

Vimos publicada no Diario do Governo a Pastoral do Eminentissimo Cardeal Patriarcha recommendando a observancia da guarda dos dias sanctificados. Sobre maneira nos congratulamos com as providencias de sua Eminencia, e fazemos os mais ardentes votos para que acabem por uma vez os escandalosos abusos até agora practicados.

É com a mais profunda magoa que temos presenciado que alguns commerciantes se não tenham resolvido a fechar os seus estabelecimentos, chegando a dizer que o não farão, sem que a isso sejam obrigados por uma lei civil ! Na verdade lastimamos que certas classes, que deviam timbrar em se mostrarem civilisadas e moralisadas, desçam indignamente até tão baixo.

De alguns sabemos nós, que, arrastados por um cego e mal entendido zelo patriotico e liberal, julgam descobrir na Pastoral de sua eminencia, apoiada pelo Governo, tendencias jesuiticas e absolutas.... Socegai, Catões, socegai, Brutos, (sem calembourg) ; a liberdade por isso não periga ; pelo contrario sem moralidade e Religião a liberdade será licença, será anarchia. Para exemplo basta a fatal epocha de 1793 !

Pela nossa parte declaramos que somos liberaes, na essencia ; porém somos tambem religiosos na essencia, porque entendemos que sem Religião não póde haver moralidade, e que sem haver moralidade não pode existir nem dominar na sociedade senão o vicio e o crime. Sabei mais que sem um regimen religioso não póde obter-se um regimen civil perfeito; porque a impiedade não é fatal só para a vida futu-

ra, é-o tambem para a vida presente. E aonde iria ter a sociedade, se um sentimento religioso, se um respeito a Deus não refreasse o impeto ás deprevadas paixões? Este respeito com a Divindade é pois necessario, é indispensavel para a conservação e bom andamento da sociedade, e ás classes mais illustradas cumpre dar o exemplo.

Cremos além disto que a liberdade europea não periga com o fechamento das lojas, que o equilibrio da Europa não deixará por isso de sustentar-se, que o artista por ser obrigado a cumprir os Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, não deixará de ser liberal, se por ventura o fôr, julgamos pelo contrario que quanto mais os povos modelarem as suas acções pelas maximas do Evangelho, tanto mais elles se aproximaram da verdadeira e bem entendida liberdade. Repetimos pois que a Pastoral a nosso vêr não contém fim algum sinistro, ao passo que, reprimindo os abusos introduzidos n'algumas classes, procura dar ao povo a moralidade e civilisação de que tanto carece.

Sua Eminencia declara na Pastoral que esta providencia lhe era de ha muito reclamada por immensos cidadãos; e nós avançamos a dizer que ella está no espirito de todas as classes, tanto commerciaes, como laboriosas; e se por ventura se torna necessaria alguma ordem civil, ou postura municipal, é porque através da boa sociedade sempre apparecem alguns espiritos mesquinhos e ignorantes; e para que estes não abusem é que se carece da intervenção da força. Deus tambem manda ensinar os ignorantes, e castigar os que erram.

Concluimos por pedir o cumprimento da Pastoral, rogando igualmente aos menos submissos que lancem um golpe de vista sobre o que se passa em Inglaterra, Inglaterra, que por isso mesmo que respeita a Divindade cumprindo restrictamente os deveres que a religião lhe impõe, é uma nação das mais moralisadas, e a mais liberal do mundo. Quanto mais não seja, haja vergonha de nem ao menos imitarmos os nossos irmãos dessidentes em religião, quando deveriamos excedel-os, já que a nossa religião por verdadeira e divina, excede á delles falsa e quasi humana!

J. S. Acelino.

CORPUS CHRISTI.

HUMILDE CANTICO DE FESTA.

Que espledores de gloria! que ventura
O Eterno Ser á humanidade offerece!
Consagrando-se a nós um Deus piedoso
Do Empyrio á terra desce!

De uma só côr o espaço luminoso!
Mais puro o Sol com o seu real diadema!
Salve! Mundo feliz! throno do Eterno;
Hoje és do ceu emblema;

Do seu auctor á vinda, como grata
De flores mil se enfeita a primavera!
Calam-se os ventos! a mais leve sombra
Não mancha a asul esfera!

E só da artilharia o som tremendo,
Reboa pelo ar salvas festivas;
Nuvens de fumo, que ligeiras rolam,
Assomam fugitivas!

Quaes os anjos no ceo, na terra os vates
Ao Senhor formam côro tão festivo,
Que se a inveja outra vez nos ceus entrasse
Este fôra o motivo!

Mas que som! as alturas nos respondem
Nossos hymnos fieis acompanhando!...
Querem tambem as aves imitar-nos
A' porfia trinando!...

Monstro, infernal que imperas nos abysmos!
Preso ao throno onde bramas furioso,
Tu, misero! tu só, gosar não podes
Este quadro assombroso!

Tu misero! tu só, a longos tragos
Da pestelente inveja o fel bebendo,
Recordas a ventura dos humanos
Em remorsos ardendo!

As cadeias remordes que te esmagam,
E ao ferreo sceptro em braza os pulsos ligam:
Mas inuteis esforços! São eternas!
E a quedar-te hoje obrigam!

Nem penses, quando livre surgir possas,
Ser qual foste o flagelo dos viventes!
O teu cofre de astucias jaz exhausto!
Todas foram patentes!

Onde te conduzir teu negro intento
Sempre estorvo has-de achar, e não diverso;
Verás da cruz os braços estendidos
Abarcar o universo!

Da terra expulso, buscarás forçado
Um abrigo no báratro profundo,
Onde as revoluções hão-de opprimir-te
Que accendeste no mundo!

Hão-de assaltar-te os que illudir podeste,
E arrastar-te aos tormentos seus eternos;
No emtanto exultaremos sobranceiros
As' traições dos infernos.

Por tantos dias de amargura, e pranto
Brilhe um dia que toda a luz encerra!
Louvores ao Senhor que nos concede
Paz e gloria na terra!

D. A. G. Pusich.

LA MUERTE Y LA VIDA EN EL CEMENTERIO DE LOS PLAZERES.

MUERTE.

» Deten aqui, o mortal, la planta osada;
Yo el cementerio de Plazeres soi:
Las grandezas del mundo aqui son nada,
Las bellezas de ayer cenizas oy.

Contempla esos soberbios mausoleos,
Que el vivo orgullo al muerto lebantó;
Cuan locos son y vanos sus deseos,»
Desnivelando lo que igualo yo!

VIDA.

» Tu no puedes, o muerte, la memoria
Matar de heroe, que triunfo de ti;
Ni del marmol riscar ni de la historia
Su claro nombre, que ha gravado alli.

La fama de sus echos generosos
Al traves de los siglos volará,
De boca en boca volaram gloriosos,
Y tu poder alli no alcanzará. »

Carcajada infernal soltó la muerte,
Sus mal seguros dientes rechinó,
Y, al tiempo senalando, d'esta suerte
La temblorosa vida amenazó:

MUERTE.

» Mezquina flor, que naces con el alba,
Y mueres de la tarde en el frescor,
Quien de mi golpe tan fatal se salva
Podra escapar al tiempo destructor?...

Obeliscas, pirámides, estatuas,
Inscripciones efimeras, que son?
Mira un momento esas quimeras fatuas,
Que van ser de ruinas un monton! »

VIDA.

» En buena hora pereça el monumento,
Letra, y estatuas; mas la fama no:
Y asta exhalar el postrimer aliento
A esa dicha, a esa gloria aspiro yo. »

MUERTE.

» Pues no lo alcanzarás... yo te confundo
En el abismo de la eternidad,
Y en ese olvido universal profundo
Aprende el santo dogma de igualdad.

Grandes, pequenos, siervos, y senores,
Depuesta ya la mascara mortal,
Iguales son, no ai chicos ni mayores,
Como en ese teatro mundanal. »

Diso: y con brazo descarnado y frio
Frenetica a la vida se lanzó;
Esta resiste con denuedo y brio,
Y horrible lucha entre ambas se empeno.

Yesto viendo, gritó el Omnipotente:
» Muerte implacable puedes del mortal
» Quitar vida y fortuna solamente,
» Que su renombre y gloria es inmortal. »

D. FRANCISCO ANON DE LA PAZ.

Muito cordealmente agradecemos os louvores que nos prodigalisa o sr. J. E. d'Almeida Blanco na sua carta de 18 de Maio ultimo, a qual não publicamos por que não nos devemos vangloriar com os elogios que julgamos superiores ao nosso merito, o qual consiste só em nos-

sos bons dezejos. Com a maior satisfação damos porém a devida publicação ao hymno que o sr. Blanco dedica á nobre Associação Consoladora dos Afflictos, e que já foi publicado na Illustração. Muito louvavel é por certo o sentimento religioso que reflecte nestes versos, e que muito dezejamos acompanhe todos os talentos juvenis.

HYMNO.

A CARIDADE.

Dedicado á philantropica Associação Consoladora dos Afflictos.

Entre os votos, e prantos ardentes,
A indigencia, sorrindo, bemdiz,
Ergue aos Ceus as humildes, e crentes,
Sanctas preces o pobre feliz.

E' virtude; a christã caridade,
Que resplande com fulgido ardor,
E' dos Ceus a suprema vontade,
E' de Deus um preceito d'amor.

O consolo do misero pobre,
No regaço d'acerba afflicção,
Tem um nome gentil, e mui nobre,
Glorioso com justa razão:

E' virtude; a christã caridade,
Que resplande com fulgido ardor,
E' dos Ceus a suprema vontade,
E' de Deus um preceito d'amor.

Quem revella o dictame sagrado
Que rebrilha no lenho da Cruz?
Quem nos diz «eis aqui ultimado
» O dever que extremoso reluz?»

E' virtude; a christã caridade,
Que resplande com fulgido ardor,
E' dos Ceus a suprema vontade,
E' de Deus um preceito d'amor.

O que vive na triste indigencia,
Recebendo conforto ao pesar,
Reconquista suave existencia,
Vê seus dias, tristonhos, dourar.

E' virtude; a christã caridade,
Que resplande com fulgido ardor,
E' dos Ceus a suprema vontade,
E' de Deus um preceito d'amor.

A's mil bençãos, que brotam bem d'alma,
O que vemos crescer, e florir?
Pensamento sublime, uma palma;
Gloria immensa, um celeste porvir!

E' virtude; a christã caridade,
Que resplande com fulgido ardor,
E' dos Ceus a suprema vontade,
E' de Deus um preceito d'amor.

Assim é! — A doctrina divina,
Tão ingenua, prescripta por Deus,
Abraçada á virtude que ensina,
Tem o premio no throno dos Ceus.

E' virtude; a christã caridade,
Que resplande com fulgido ardor,
E' dos Ceus a suprema vontade,
E' de Deus um preceito d'amor.

J. H. D'ALMEIDA BLANCO.

OLINDA,

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 5.º

Non e ver che sia la morte
Il pegior de tutti i mali;
E' un solievo dei mortali
Che son stanchi di penar.

METASTAZIO.

O consternado pai, e o triste esposo
Afflittos, diligentes perguntavam
Por Olinda, no entanto, em toda a Aldêa.
Ninguem noticias dá; que por cautella
Tinha a infeliz mudado o proprio nome;
Temendo sempre Adolpho. Só lhes resta
Ver a Abbadia: para lá caminham.

Oh! quanto é forte amor! esse Eduardo
Que de horror, e de escrupulos vencido,
Não ha muito este sitio detestando,
D'elle fugindo o inferno o contemplava;
Qual Orphêo demandando a cara esposa,
Vae buscar Eduardo a sua Olinda!
Nem teme o condemnado, nem o inferno!

De um valente guerreiro, o Conde Ernesto
Tinha a coragem; affrontava a morte
A sangue frio: armou-se de uma espada,
Não para o negro Espectro que não vive;
Mas para algum vivente que á mistura
Co'a sombra habitar possa na Abbadia.

A' grão mansão chegando, o Conde, e o genro,
Impavidos entraram, mas os outros,
Jones, e Henrique, um passo não moverão
Sentimento não ha que os vença a tanto
Nem amor, nem espirito guerreiro,
Contra o infernal espirito os accende!..
Gelado o sangue tem! de pedra estatuas
Parecem, collocados junto aos flancos
Do portão da Abbadia! Não percebem,
O Conde, e o filho, a falta dos dois jovens;
Só pensando em Olinda o bosque gyram;
Em claro dia o correm, mas sem fructo!
Aos salões dirigindo então seus passos,
Notam dos dois a falta, pois precisam
Todas as salas ver. « Onde se escondem
« Estes cobardes vis? dizia o Conde,
« Ou se perderam penetrando o bosque,
« Ou, mais certo, com susto nem entraram! »

Abrio o Conde acaso uma janella,
Que sobre a estrada sita a entrada via
Do grão solar: abrindo-a fez estrondo,
Que os fechos eram de grandeza rara,
E ha muito que ninguem ousava abril-a.
Despertando ao ruido os dois mancebos,
Que de medo os sentidos prezos tinham,
Olham!.. um vulto assoma; não conhecem
O Conde, nem se lembrão que elle seja!..
Cada qual solta hum grito! um cáe por terra,
Outro foge voando!.. Ernesto exclama:
« Que valentes guerreiros!.. desgraçados!
« E' causa do terror vossa ignorancia!
« Bem semelhnte é á terra inculta, agreste,
« Que abrolhos só produz, e abjectas plantas,
« O espirito sem luz! oh! quantos males,
« A falta de instrucção causa aos humanos! »

Pesquizarão debalde: ao bosque tornam;
E iam para sair, quando Eduardo,
Da inutil diligencia fatigado,
O animo perde, e as forças; desmaiando
A vez segunda, cáe no mesmo sitio!
Tinham n'este momento os dois mancebos
Conseguido, a bom custo, um levantar-se,
Outro voltar da fuga; receiosos
De desgostar seus amos; forsejavam
Por entrar o portão; quando escutaram
A voz do Conde, e afflicto o conheceram!
« Ah! meu Deus! que faremos! foi o Espectro
« Que os viu, e accommetteu!.. dizião ambos.
« Se eu na varanda o vi!.. figura enorme!..
« Mas vamos acudir a nossos amos!..

« Deus nos dê forças!.. Sempre quatro somos
« Contra um só!.. (um discorre, e outro repete)
« Um só!.. porem com forças de defunto!..
« Quem se atreve a brigar com os phantasmas!..
« Não lembra isto a niguem!.. só um delirio!
« Só uma tentação, trouxe esta idéa! »

Assim fallavam, duvidando sempre
Qual primeiro ha de entrar: nas cortezias
O Conde ainda os chou: de raiva cheio
Gritou: « Fracos! seguime! » Entram tremendo.
Sem distinguir caminho, e tão chegados
A Ernesto vão, que este lhes brada: « Agora
« Afastae-vos de mim, como ainda ha pouco. »
Mostrou-lhes Eduardo, foi com elles.
Nos braços o conduzem; apressados
Gaminham sem sentir que levam carga!..
Que o não deixem cair, a todo o instante
Clamava o Conde: em fim ao portão chegam
Sairam mais depressa do que entraram!..

Acaso um homem passa... este é Guilherme!
Elle os conduz a uma pequena casa,
Que mais proxima está d'este dominio.
« Havia muito a abandonou seu dono,
Diz o bom lavrador ao Conde Ernesto,
« Do vizinho nocturno temeroso.
« Ha pouco as chaves dei, por caridade,
« A uma gente estrangeira, « A' porta batem.
Uma dama apparece em luto envolta,
Nos braços sustentando uma creança
Recem-nascido. Ao vêl-os a senhora
Parece estremecer!.. O Conde roga
Por graça, que o doente alli consintam:
Este apenas entrou, a si tornando,
A terna infante vê!.. um sentimento
De ternura, qual nunca exp'rimentára,
As lagrimas lhe arranca! Elle suspira,
E exclama: « Oh! Deus! onde me transportaram!
« Sonho, ou vêlo! inda existo, ou já minh'alma
« Subiu aos Ceos! fechei meus tristes olhos
Vendo o inferno, e os abri d'um Anjo á vista! »
As ultimas palavras acabava,
Quando se ouve uma voz, já quasi extincta,
Soltar um debil grito! a voz conhecem!..
« E' ella brandam Eduardo, e o Conde.
« Olinda!.. ah onde estás?.. « A casa correm:
Que triste quadro, oh Deus! n'um leito avistam
Uma joven senhora moribunda!..
E' Olinda! em que estado! Ella abre os olhos
Inundados em pranto; e tenta erguer-se,
Mas não pode, que as forças e abandonam;
Beija a mão paternal; beija o consorte;
Mortal gêlo seus labios endorece...,
A custo os abre, e diz agonizando:
« Adeus pai... adeus filha... adeus consorte...

« Adoradas porções d'esta alma afflicta,
« E' forçoso acabar!.. adeus, amiga....
Lembrou-se de Isabel; de Henrique, e todos,
De todos se despede, e continúa;
Abençoando a filha; « Oh! Eduardo!
« Se triste a vida foi, se foi tão breve,
« Ditosa Eternidade nos espera! »
Uma das mãos cerrava a mão d'Ernesto.
A outra a mão d'Eduardo: ao peito as leva;
E aperta com ternura! aos Ceos erguendo
Uma vista final, expira Olinda!..
Eduardo não chora! . immovel, frio,
Elle a vê acabar! um ai não solta!..
Eduardo a contempla, n'um transporte,
De Olinda o gentil corpo inanimado
Cerra nos braços com violencia tanta,
Que não mais o largou! vão arrancal-o
Dos braços da consorte... jaz sem vida
O misero Eduardo!.. suffocado
De dôr profunda terminou seus dias!
Dôr muda, dôr enxuta, dor, terrivel,
Quem nunca teus effeitos conhecera!..
Lagrimas ternas, lagrimas preciosas,
Contra os males que o espirito combatem
Da natureza providente auxilio,
De oppressos corações sois desafogo!

Duas vezes foi sorte que sentisses,
Oh! trisre Conde, a morte de uma filha!
Prestes a succumbir, no heroico peito
Reune o infeliz pai as forças todas
Que a razão lhe concede! Ao fiel Jones,
E á viuva encarrega do cuidado
De concervar com balsamos os corpos,
Té que ordem tenham para o seu transporte
Que determina com lustrosa pompa.
A netinha infiliz nos braços toma,
E a marcha segue para o seu dominio:
Segue-o Henrique: a jornada é tormentosa,
E demorada assás: de instante a instante
Parando a alimentar a tenra infante;
Todo o desvelo cuidadoso emprega.
Nutrindo-a com substancias, e bom leite:
Sustento que não supre o precioso
Do seio maternal doce alimento,
E o suave calor da mãi querida,
Que faz crescer, e vigorar o filho.

Caminha o afflicto Conde, e de Inglaterra,
Que tão fatal lhe foi, deixando o reino,
Desembarca em Calais: alli da filha
As memoras mais vivas se apresentam.
« Ella d'aqui partiu! Calais tu foste
« A ultima terra que ella viu de França!
Comsigo diz, e consternado marcha.
Ao passar junto-á casa de Ricardo
Quiz Ernesto sauda-o, mas observa
Que tem fechado a porta; a Henrique ordena
Va saber novas d'elle: abrir-se a porta
Sente Henrique, e não vê alguem que a abrisse
De musica ouve um som harmonioso;
Sente de flôres precioso aróma!
Fechada estava a casa, e parecia
Entorno illuminada; e não vê luzes!
Co'a vista a casa corre.. vê no leito
O dictoso ancião morto, ou dormindo...
Um fulgor lhe reflecte do semblante! (ma)
Henrique acena a Ernesto; este entra, e excla-
« Ah! cumpriu-se do santo a prophecia!
e Que em breve a Eternidade vos unia
« Ao filho meu disseste oh! santo amigo!
« Possa Ernesto egualmente acompanhar-vos! »
Oraram de joelhos na presença
Do bemaventurado a quem o Eterno
De graça luz confere em vida, e morte!
Deixando o asylo santo continuam
Seu caminho ao castello, onde em fim chegam.
Toda a familia ao seu encontro corre,
Em soluços, em pranto, pois divisam
Do seu senhor no rosto impressa a magoa!
E Isabel!.. ah! quem descrever podera
Da misera Isabel a dôr, o estado!
Prostra-se aos pés do conde; este lhe entrega
A innocente netinha: « Eis o que resta,
(Diz) « da gentil Olinda! em nome d'ella
« Eu t'a entrego, Isabel, na mesma idade
« Em que Olinda entreguei ao teu cuidado,
« Orphã tambem he mãi! que em quanto eu viva
« Um extremoso pai terás ao menos,
« Filha infeliz! de tanto amor nascida! »
Vês, oh! pobre Isabel, de Olinda a imagem
Na formosa Ernestina! ella te afaga,
Ella te olha sorrindo; e tu a abraças!..
A Deus imploras, e á celeste Olinda.
Em lance tão cruel prompto soccorro!..
Constancia ao coração, forças ao corpo!

(Continúa.) *D. A. G. Pasich.*

CHARADA.

Sempre a mim foi inclinada
Certa deusa dos pagãos, — 2
E quando sou verdadeira
Agrado ao Deus dos christãos. — 1

TODO.

Quanto mais victimas faço
Tanto mais alegre passo.

Anonimo.

Explicação da charada do numero antecedente. — Doente. —

Imprensa na rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 16 — JUNHO 15 — 1853.

A PASTORAL DO NOSSO EMINENTISSIMO PATRIARCHA.

Aonde estamos nós, em Portugal, ou em Gniné?! entre christãos civilisados, ou entre barbaros gentios?! A Pastoral do Em.^mo Patriarcha, recommendando a observancia de um dos Mandamentos da Lei de Deus — a guarda dos dias santificados — essa Pastoral onde reflecte a bondade, e a confiança de um pai extremoso para com seus filhos, tem por ventura sido obedecida por todos os habitantes desta côrte? Tem sido obedecida sim, pela maior parte dos habitantes fieis, mas ousam desobedecer alguns illudidos que esquecidos de si, esquecem o que devem ao Chefe da Egreja.... fazem mais!.... esquecem o que devem a Deus! E sonha alguem que pode rebelar-se contra as ordens do Prelado, e que o Governo se conservará mudo espectador de tão escandaloso abuso, mostrando temer impavesados *Catões*, ou menos considerar a authoridade Ecclesiastica? Quanto se enganam os que assim pensam! Qualquer que seja a politica de um governo, hade elle forçosamente corrigir os excessos ha tanto supportados, hade auxiliar a Egreja, ou hade perder-se.

Homens de letras que censuraes a Pastoral de S. Em.^a, destruí, se podeis, essa Lei Suprema escripta, artigo por artigo, em vossos proprios corações; mostrae os inconvenientes que á sociedade resultam do cumprimento de um dos artigos da mesma Lei; artigo que abraçais para vós e quereis que os outros desprezem!.... que abraçaes porque não trabalhaes em dias santos; passeaos, e até hides á missa, embora sem devoção sanctificada, e quereis que os logistas conservem abertas suas lojas, ás vossas ordens, porque *podeis perder um lenço* e não achareis quem vos empreste outro!.... Convencei-nos com argumentos mais fortes, não sophismeis com rasões de *lana caprina*.

E vós avarentos egoistas que obrigaes os operarios a trabalhar ao Domingo, e não lhes darieis que fazer na semana se vos não obedecessem matando-se para vos enriquecer!.... despensae os vossos operarios, e hide trabalhar em seu lugar, convencer-nos-heis de que amaes o trabalho continuo. E vós que macaqueaes o que vedes, sem todavia seguir os bons modêlos, porque a vossa ignorancia vos illude na escolha, e não conheceis por isso as vossas conveniencias, nem os enganos que vos tecem; lembrai-vos que esses que vos animam á desobediencia

não vos tem salvado, nem hão de salvar das penas da lei, se um dia o Governo acordar, como deve, d'esse lethargo em que jaz submergido ha tantos annos, deixando que a Egreja perseguida, desobedecida, não tenha nas authoridades civis o auxilio necessario para se fazer acatar e obedecer, quando para bem da sociedade assim for preciso.

Quando dizemos Governo, já se vê que não nos referimos só á presente administração, que a respeito de Religião entrou em melhor tempo que as passadas, pois como os excessos de immoralidade cansão depressa aquelles que a seguem, e os resultados tem sido funestos, já a Europa tem entrado no verdadeiro conhecimento de que a falta de Religião é a ruina das nações; e já os povos estão cansados de ver e soffrer tanta impiedade; referimo-nos aos Governos em geral, sem nos importar a politica de nenhum d'elles; e por isso francamente diremos que já em 1845 o Governo de Portugal começou a lembrar-se do que devia á Egreja, e do que mais convinha ao mesmo Governo para agradar aos povos; mas a politica, sopro infernal, apagou e tem apagado na mente dos Ministros o melhor pensamento; e por isso elles mesmos tem soffrido a pena do abandono a que tem condemnado os povos não curando de sua instrucção e moralisação.

Sabemos que em geral os srs. logistas e proprietarios estimam a Pastoral, e com a melhor vontade obedeceram a um preceito santo e justo, seguido por todas as nações cultas; honra seja feita á briosa classe commercial, e aos dignos proprietarios; sabemos que poucos são aquelles que deixam de obedecer, e alguns só o fazem temendo perder a venda de suas mercadorias se em Domingo não as exporem ao publico, porque no sabbado recebem sua feria as classes laboriosas etc. — mas a estes ponderamos nós que essas mesmas pessoas que compram no Domingo, comprarão no sabbado; e mais facilmente porque admittido o abuso muitos trabalham tambem ao Domingo; e se tanto for preciso requeiram á Camara Municipal que lhes consinta o ter as lojas abertas no sabbado até á meia noite; venderão todos sem se prejudicarem uns aos outros, como acontece fechando uns as lojas, e abrindo-as outros. Essas excepções de modo algum se devem admittir.

Observe-se uma prova das boas disposições d'este povo, e um castigo da avareza. As lojas que se abrem ao Domingo, contra as determinações da Pastoral, estão ás moscas; porque os fieis por dever não as buscam; e os infieis porque applicam o seu dinheiro (e até o alheio) ás orgias, e a mil distracções profanas.

Aos bons louvores, e aos illudidos applicamos as tres primeiras obras de Misericordia, no espiritual; sentindo não poder ter por momentos a authoridade de castigar esses senhores amigos do trabalho alheio, e não fariamos mais do que obrigal-os a trabalhar nos dias santos, e collocal-os no logar d'esses a que chamam *perguiçosos*, e mandam trabalhar. Se assim acontecesse veriam como elles invocariam a Pastoral de S. Em.ª, como a intitulariam providente, justa e santa. E era uma caridade bem entendida; trabalhassem nos dias santos já que descançam nos dias de trabalho; e deixassem aos que toda a semana se afadigam um dia de repouso.

Nós estamos em campo, e nem pela fraqueza do nosso sexo, nem pela escacez de nossos conhecimentos receamos o combate, porque a causa é justa, seguimol-a de coração, e Deus nos fortalecerá, ao passo que enfraquecerá aquelles que perseguem a Sua Santissima Lei, mas que todavia não querem outra para suas mulheres ou filhos, embora por espirito de contradicção, ou por fins par-

ticulares se mostrem rebeldes á Egreja; pois de outro modo não calcariam aos pés o mais santo principio de direito natural.

Esperamos que todos os homens de saber e bons sentimentos abracem a causa da Egreja; que o exemplo dos bons ensine os ignorantes e corrija os máus; e que o Governo empregue os meios convenientes para que, sem oppressão, mas com a lei, se faça cumprir a Pastoral de S. Em.ª; e mostre aos descrentes que a Religião do Crucificado é a Religião que o Governo de Portugal professa; e que elle não tem medo, nem desleixo, nem favorece caprichos ou escandalosos abusos. Se assim não fizer perder-se-ha na ruina de uma nação inteira.

Mas nós confiâmos no saber e boas intenções dos Ministros, na boa indule do povo portuguez, e mais do que em tudo na misericordia de Deus.

D. A. G. PUSICH.

Quando vimos publicada no Diario do Governo a Pastoral do Em.mo Cardeal Patriarcha, precedida de um officio do ministro do reino participando ao mesmo Em.mo Sr. que S. M. se havia congratulado com tão justa providencia, julgamos que os abusos, até então introduzidos n'algumas classes, cessariam para sempre.

Folgamos muito com ver que a maior parte dos donos de estabelecimentos publicos se tinham prestado de bom grado a cumprir este justo preceito da lei de Deos, e chegamos a crer que em breve os mais remissos não teriam duvida.

Foi porém uma illusão filha dos nossos bons desejos, e inspirada pelo respeito, que tributamos a Deus e á moralidade. Foi infelizmente uma illusão ephemera; porque logo no domingo seguinte tivemos o desgosto de ver abertas quasi todas as lojas, effeito das malevolas insinuações, com que os mal intencionados excitaram a sordida cubiça d'alguns logistas mesquinhos e despresadores da religião e da moralidade publica.

Um tal abuso é altamente prenecioso porque promove o escandalo, dá máu exemplo, e colloca os mais n'uma penosa alternativa ou abrir as lojas despresando o preceito de Deos e da Igreja, ou cumpril-o soffrendo em resultado grave detrimento nos seus interesses.

Torna-se portanto indispensavel o auxilio das leis civis, a fim de que o mais pequeno abuso se não manifeste. Cumpre ao Governo dar as providencias necessarias para que se cumpra o preceito, sem que por isso seja alguem lesado nos seus interesses. A missão da Igreja é zelar o cumprimento das leis devinas; o dever do Governo é velar pela utilidade de todos em geral e de cada um em particular. Sejam todos obrigados a fechar as lojas, e deste modo teremos prehenchido os dois fins desejados; isto é cumpre-se o preceito divino, quando mais não seja ostensivamente, o que ao menos evita o escandalo e o máu exemplo, e ninguem fica prejudicado nos seus interesses, porque é uma medida geral, que de maneira alguma altera o equilibrio.

A pesar de sermos apologistas da moderação e da prudencia, conhecemos comtudo que ellas, assim como tudo, teem seus limites. Somos pois de opinião que o Governo tem marchado n'este assumpto com prudencia demasiada, e por isso ineficaz. Por tanto muito approvariamos que o Governo se mostrasse mais energico, e decedido, a providenciar efficazmente sobre a extirpação dos abusos em questão perseguindo os infractores da lei com multas, que revertam em beneficio de algum estabelecimento pio e de reconhecida utilidade publica sendo d'este modo castigados com justiça e moralidade.

Confiamos na sensatez do Governo; e por isso esperamos ver em pratica as providencias que desejamos, declarando que jamais perderemos de vista um objecto, que julgamos justo, moral e civilisador, e que nos deve superior respeito.

J. A.

O DECALOGO.

Chama-se « Decalogo » os dez Mandamentos, que Deus gravou nos corações dos homens no principio do mundo.

Estes *dez Mandamentos* contém tudo, que os homens foram obrigados a cumprir em todos os tempos a respeito de Deus, e de seus similhantes.

A obrigação da observancia dos Mandamentos de Deus, continúa, e continuará até á consumação dos seculos. Porque Jesus Christo disse, se alguem quizer chegar á vida eterna, hade observar os Mandamentos.

Basta violar gravemente um só Mandamento, para ser condemnado ás penas eternas.

Estes dez Mandamentos da Lei de Deus tem por fim, o amarmos a Deus sobre todas as cousas, como nosso Creador, e Senhor absoluto de todas as cousas, e aos nossos similhantes como a nós mesmos, por amor de Deus; porque todos somos creaturas e filhos de Deus, descendentes de Adão e Eva, e creados para o mesmo fim, isto é, para gozarmos da gloria eterna.

Os tres primeiros Mandamentos, contém as nossas obrigações a respeito de Deus; e os outros sete, a respeito do nosso proximo.

No primeiro Mandamento nos ordena Deus: que o amemos sobre todas as cousas, e só a Elle sirvamos e adoremos, como Creador e Senhor absoluto de todas as cousas.

No segundo: que não juremos falso, e sem causa legitima, que não perjuremos, nem profanemos Seu Nome de maneira alguma.

No terceiro: que guardemos os Dias do Senhor, isto é, os Domingos, e Festas de Guarda.

Oh! e quanto está generalisada entre nós, a falta de observancia d'este Mandamento!

Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha de Lisboa, já publicou uma Pastoral, exortando da maneira a mais benigna a todos os seus subditos, a santificarem os Dias de Guarda, da maneira que são santificados n'outras dioceses catholicas.

Sua Magestade a Rainha, ordenou por meio d'uma Portaria, que os governadores civís, e auctoridades suas subalternas, fizessem cumprir as disposições da Pastoral de Sua Eminencia.

O nosso Dignissimo Patriarcha, cumpriu o dever de Prelado e Pastor d'este Patriarchado, e administrações annexas.

Sua Magestade a Rainha, cumpriu com o dever de Soberana Catholica: porque os soberanos catholicos, são obrigados em consciencia, a fazer observar as Leis de Deus e da Egreja.

Sua Magestade a Rainha, em conformidade das disposições da Lei Fundamental do Estado, jurou manter a Religião Catholica Apostolica Romana: jámais se poderia manter esta Religião, consentindo que os escandalosos com os seus máus exemplos, pervertessem os outros; e fizessem pouco a pouco esquecer os preceitos d'esta Religião.

Mas infelizmente os escandalosos continuam abusar, mofando da Pastoral de Sua Eminencia, e da Portaria de Sua Magestade.

E' necessario que o Governo faça cumprir a Portaria de Sua Magestade; porque ha muitissimas pessoas, tanto das classes commerciaes, como das classes operarias, que desejam cumprir com o preceito de Deus e da Egreja, e desejam

que haja uma providencia das auctoridades, que obrigue a todas a guardarem os Dias Santificados: porque não é justo que as pessoas que respeitam a Religião do Estado, e a querem observar, soffram prejuizo nos seus interesses, por causa d'aquelles que não a querem seguir ou observar.

J. B. DE FIGUEIREDO.

CANTICO

DE AMOR E DEVOÇÃO AO GLORIOSO SANTO ANTONIO.

A mão que o mundo rege omnipotente
Os Euros infreando
Aos zephiros consente
Folgar hoje na terra em leve bando!
Dá mais perfume ás flores,
Aos campos mais cantores!

Dá mais graça, mais lustre á primavera
Do pego doma as iras!
De rosas, myrtho, d'hera
Infeitam vates as acordes lyras;
E a gloria de Lisboa
O universo apregoa!

A noite! como vem pura, e serena
Grata sombra trazer-nos!....
Que briza tão amena!....
E a lua? triumphante vem trazer-nos
Seu regaço de estrellas
E reluzir com ellas!

Nem já da torre na elevada grimpa
Ave agoureira pousa:
De vis insectos limpa
No cemiterio alveja fria lousa;
E o que dorme lá dentro,
Dorme da paz no centro!

Nasce o lyrio no deserto,
Céo aberto
Aos mortaes parece a terra;
Nem da serra
Desce o lobo carniceiro,
E o cordeiro
Vaga os prados docemente
Tão contente!
Os humanos encantados
Assombrados,
Contemplando o espaço aério,
Tal mysterio
Adoravam; eis brilhante
Triumphante
D'esse nuvem luminosa
Que ditosa
Traz no seio luz divina!
Lá se inclina
A uma casa juncto á Sé!
De quem é?!

Era de Antonio, o virtuoso, o Sancto,
A simgela escolhida habitação!
O prodigio diviuo elle adorava
Com sublime humildade, e devoção!

Eis a Antonio, cercado de explendores,
D'esse gentil Menino!... e era Jesus!
Jesus, que assim na terra acha o repouso
De acerbas ancias que soffreu na Cruz!

Quanto o mundo te deve, que de novo,
O rosto brilhar vio do Redemptor
Quanto a terra te deve onde ostentaste
Da virtude sublime o alto valor!

Um só não ha dos angulos da terra
Onde não viva o santo nome teu!
Foram tuas virtudes, teus milagres,
Monumentos de gloria e honra do ceu.

Throno do Salvador foram teus braços!
Um throno te offertamos nós tambem
Em nossos corações, e em recompensa
Teu auxillo efficaz trazer-nos vem!....

Lá d'essa altura donde a nós baixaste
Astro divino, onde lusindo estás,
Proteje a Patria tua, e lhe consegue
A graça do Senhor, em doce paz.

Qual novo maná celeste
Se derrame sobre a terra,
Uma porção das virtudes
Que de Antonio o peito incerra!

E brotará no universo
O fructo da fé mais pura;
Partilharam os humanos,
Do ceo, na terra, a ventura!

D. A. G. PUSICH.

OLINDA,

OU A ABBADIA DE CUMNOR-PLACE.

POEMA ORIGINAL EM 5 CANTOS.

CANTO 5.º

Pede Ernesto ao Governo, e este lhe outorga

Agraça de levar ao seu jazigo
O corpo de Ricardo: assim ordena
A Jones, que ao passar tambem o traga.
Um caixão rico, tochas, e creados
Manda ao santo casal. Jones em tanto,
Do Governo Britano obtem licença
De poder transportar os dois finados.
Em pompa funeral, acompanhada
De musica escolhida, os dois amantes,
N'um só caixão, onde ambos bem cabiam!
A terra deixam que ultima avistaram!
Em lagrimas banhada segue o enterro
A viuva infeliz; soffrer não pode
Avista de Inglaterra, e o separar-se
Para sempre da amavel companheira:
Com ella vae tambem; deseja ao menos
Ser em terra de França sepultada;
E os dias terminar junto a Ernestina.
Qual soube em vida acompanhar Olinda,
Quer morta acompanhal-a. A Aldêa deixa
Que o mais cruel desgosto lhe recorda.

Do caso lastimoso já na aldêa
A noticia grassava; o povo corre
A ver o funeral; nem já receia
De Cumnor o phantasma; e aos dois consortes
Amargo pranto a compaixão tributa.
Geral consternação se manifesta!
Muitos dos habitantes acompanham
A marcha funeral: de terra em terra
O sequito se augmenta; uns curiosos,
Outros por devoção. I'am patentes
Dos dois leaes consortes os semblantes;
Dois Anjos abraçados pareciam!
No lindo rosto da innocente Olinda
Da morte os damnos não se divisavam!
Era uma divindade que dormia,
A' imagem semelhante de uma santa.
O explendor de tão rara formosura
Assombro, devoção inspira em todos;
De maneira que ao ver a comitiva
Dir-se hia=é procissão=em vez de enterro!
Passando ao casal santo de Ricardo
Vão receber o corpo: o povo observa
Os prodigios que alli se manifestam!
Crescendo a devoção, muitos Inglezes
Catholicos Romanos se fizeram.

Os salões do castello, em tanto armados
Com ricos pannos de veludo negro,
Bordados de ouro fino, e guarnecidos
De larga, preciosa franja em torno.
Fechadas as janellas se illumina
Com luzes mil este funereo quadro.
Duas capellas tinha este castello;
Uma onde as Missas, e as funções divinas
Ao povo expostas solemniza a casa;
E outra que é subterranea, destinada
A funebres Officios dos defuntos
Da familia de Ernesto, que o jazigo
Tem proximo á capella: esta sómente
Se abre quando fallece algum parente,
Ou para renovar a luz continua
De duas grandes lampadas de prata,
Que uma alumia o Altar, outra os finados.
Justino se offereceu áquelle emprego,
Que aos outros servos não causando inveja,
Antes o estimam; porque mais ou menos
A vista de um jazigo inspira aos vivos
Receio, compaixão, pavor, tristeza.
Justino (era de Adolpho o confidente)
Não presta aos vivos, não receia os mortos:
Vil egoismo embrutecendo-lhe a alma
Da humanidade o sentimento abafa!
Trocando este por ouro a consciencia,
Foi da infeliz Olinda o carcereiro:
Quando levava ás lampadas o azeite,
Chorar ouvindo a triste prisioneira,
Murmurava enfadado, repetindo:
« Ouro não ha que pague o sacrificio
« De ouvir lamentações continuadas. »
Mas Deus punindo o barbaro avarento,
De Olinda á vista o fez cair sem vida,
De repentino mal accommettido.
Foi então que a infeliz pôde escapar-se
Por uma porta que sahia ao bosque,
Da qual sómente pôde achar a chave:
Era a porta por onde entrava Adolpho,
Por não causar suspeitas no castello;
E por ser junto ao carcere de Olinda,
Que mais distante do castello estava,
E mais proximo ao bosque, onde sahida
Lhe dava uma casinha solitaria,
Ha muito inhabilitada: então contaram,
Que uns pastores de gado um dia ouviram
Gemidos subterraneos; e apóz d'estes
Uma sumida voz cantar ás vezes.
Isto sabido, menos frequentado
Desd'então foi do bosque aquelle sitio,
Escuro, e triste: a voz era de Olinda.

Do jazigo a capella, que inda ha pouco,
A porta abriu no funeral de Olinda,
Segunda vez se expõe ao mesmo officio!
A arte, e a magnificencia a dôr contrastam!
A musica é sublime, e apropriada
A' triste ceremonia: em torno accezas
Em grandes castiçaes mil tochas ardem:
No meio da capella collocadas
Estão tres ricas essas: os amigos,
E os creados, em lucto rigoroso,
Formam do Conde o funebre cortejo.

No enluctado castello assim aguardam
O regresso fatal da extincta herdeira!
Eis ao longe se escuta um som funereo

De musica, e tambores!.. ah! são elles!..
Clamam todos, e em lagrimas banhados
Pegando em tochas, o amo afflicto seguem,
Que ao encontro da filha idolatrada,
Tremulos passos arrastando a custo,
Vae receber a filha, o genro, o amigo,
Hospedes tão queridos, tão chorados!
Oh! vista! oh! sentimento! ao ver Olinda
As lagrimas conter não póde o Conde!
Aos heroes não pertence um'alma estoica,
Nem a constancia é socia da fereza!
Entrando ao som de uma sentida marcha,
Nas essas todas tres são collocados;
E depois das exequias do costume,
Descem a um só jazigo os dois amantes,
E junto d'elles fica o bom Ricardo.
As ultimas bençãos, o osculo extremo
Dirige o Conde á filha; e para sempre
Aos olhos paternaes de pranto cheios
Esconde a sepultura o corpo amado!
Então foi, que de todo a natureza
Vence a philosophia! O Conde treme;
E ao ver fechar-se o tumulo, desmaia!
Morto o julgaram! Ceos, que desventura!
Exclamam todos, e o sustém nos braços.
Isabel a bem custo conduzindo
A innocente orphãsinha que alli fôra,
Cumprindo antigo rito, aos pais queridos
Beijar as frias mãos! Oh! duro lance!
Isabel, que em soluços suffocada,
De lagrimas banhando o corpo a Olinda,
Notava a tenra filha acarinhal-a,
Acarinhar o pai; e no semblante
Da innocente assomar a dôr, e o pranto;
Sente do Conde a quéda . em seu soccorro
Corre a triste Isabel.. faz conduzil-o
Ao leito e providencias mil ordenna;
Que a virtude, que os Ceos lhe prestam forças!
Respira o Conde!.. junto a si contempla
A formosa Ernestina. «Ah! diz, foi sorte
«Soffrer est'alma os golpes mais cruentos!
«Perder a esposa, e a filha; e a ter-me preso
«Ao mundo que aborreco, me ficasse
«Em Olinda a consorte, em ti a filha! (tam
«Dai-me oh! Deus! dai-me as forças que me fal-
«Que o pezo é grande dos desgostos, e annos.»
Ernestina crescia em gentileza
Igual á mãi, e na indole ditosa:
Com tal extremo ella adorova o Conde,
Que este amor suavisava a dôr ao triste.
Mas veio a morte em fim, morte de justo,
Suave, branda, unil-o á cara filha.
Ernestina o chorou co'a dor mais forte!
N'um sup'rior jazigo collocado
Foi junto a Olinda, onde um sepulchro simples
Para si preparou; tambem aos annos
Isabel succumbiu: chora-a Ernestina,
E um jazigo lhe presta na capella.

Maria, Henrique, Jones, distinguidos
Viveram no castello; onde Ernestina,
Como filhos seus subditos amando,
Foi de toda a familia idolatrada.
Retirada viveu no seu dominio,
Fugindo á sociedade, a amor fugindo,
Virgem se conservou; tendo presentes
Os amores, e o fim da mãi querida.
Em favor das familias desvalidas
Repartindo seus bens, solemnisava
Com devoto, annual, pomposo officio
Da catastrophe horrivel a memoria!
E á virtude seus dias consagrando
Longos annos viveu: findou com ella
Dos Ernestos de Escocia o ultimo ramo.

FIM DO CANTO V. E ULTIMO.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

A DONZELLA DO RIBA-TEJO.

(Continuação)

Tornando a si, Antonia retirou-se para o seu quarto tão abatida que apenas podia mover-se, ardendo em febre passou toda a noite, sem que pudesse conciliar o somno, no outro dia apenas se ergueu dirigiu-se ao jardim, havia dado alguns passos quando um papel dobrado se lhe offerece á vista entre a verde folhagem d'um rosal. Antonia, receiando algum novo desgosto, não queria ler o papel que conservava dobrado entre suas tremulas mãos, porém cedendo emfim a um natural sentimento de curiosidade abriu e lêo:

ANTONIA.

«Excitado, sem patria e sem familia, vim accolher-me ás terras do bello Portugal esperando encontrar aqui o socego e a ventura troquei o tumultuar da bella e populosa Pariz, pela melancolica belleza da poetica Lisboa; só, e feliz, vivia no meio das bellezas campestres, quando tive a felicidade d'encontrar-vos; cego pelos explendores da vossa formusura, julguei-vos um anjo que vinha sarar as feridas que as saudades da patria causavam no meu coração; amei-vos, Antonia, com tanta paixão quanta um homem pó-

de sentir por vossa causa olvidei tudo— patria—parentes — amigos.. até Deus... o proprio Deus, eu olvidei, na mesquinha illusão que me cegava !.... abusei da bondade do Eterno, desprezei seus decretos — profanei as suas leis a ponto de arriscar-me a infringir os juramentos que já proferira aos pés dos altares ! — sim. Antonia, eu fui culpado; havendo já ligado a minha existencia a uma outra, que apesar de não ser por mim amada, tem sobre a minha pessoa um direito sagrado, eu não deveria ter abusado da vossa candura; e podereis vós perdoar-me ?!

« Eu parto hoje mesmo deixo para sempre o lugar querido onde ousei conceber tão bellas mas loucas esperanças; perdoai-me, anjo de bondade, esquecei aquelle que longe de vós vai expiar por um eterno remorso a culpa de que os vossos encantos foram a causa — mas ah ! o meu soffrer não será de longa duração, longe de vós a vida me será odiosa, será para mim um espantoso ermo, onde vivirei sem esperanças nem futuro; — espero que não resistirei, que breve acabará tão doloroso supplicio — e acreditae, Antonia, que o derradeiro suspiro desta alma, que é toda vossa, será enviado ás margens do Tejo, onde existe o anjo de innocencia, cuja imagem me acompanhará á eternidade. » — *Emile la Roche.*

(Continúa.)

D. Maria Rita Colaço Chiappe.

THEATRO DE D. MARIA.

A Direcção do theatro de D. Maria offereceo ao publico um Drama em 5 actos, intitulado — O Palhaço — é de author francez, tradusido pelo sr. Corrêa actor do referido theatro. O Palhaço, é moral, e modificada um tanto alguma asperesa da critica, tirado algum equivoco menos desculpaveis n'um drama serio, do que n'uma comedia, e tendo o traductor tido tempo de corrigir alguns leves defeitos na linguagem, parece-nos que o palhaço merece as honras de um bom drama. A execução foi a melhor; todos os actores desempenharam muito bem os seus papeis; mas o sr. Epifanio sobre maneira se destingue na parte principal, Guilherme o Palhaço, a sr.ª Soller igualmente arrebata o espectador mostrando ao vivo os nobres sentimentos de mãi, e esposa extremosa; coube-lhe o papel de Magdalena, a esposa do Palhaço, mas filha de uma illustre casa. A sr.ª Maria da Gloria ganha uma coroa de novo gosto; porque sem temer baixar aos exercicios do *Palhacito*, sobe muito de merito mostrando uma naturalidade e bom desempenho que decerto muito a favorecem; e tanto maior é o seu merecimento quanto mais viva nos mostra a idéa de que Henrique o filho do Palhaço e de Magdalena, e Maria a filha de outra Magdalena, a esposa de D. João de Portugal no drama Fr. Luiz de Sousa, são a mesma actriz !

O sr. Theodorico é o Duque de Montbazau, avô de Magdalena; desempenha a sua parte com aquelle ingenho que lhe tem grangeado o titulo de um dos nossos primeiros actores; tanto no serio como no jocoso; tocando-lhe desta vez um papel onde os affectos bons e máus se debatem; o orgulho, a má edução de um grande, e a nobresa d'alma de um bom pae. Nos lances de maior interesse em que os srs. Epifanio, Theodorico e as sras. Soller e Maria da Gloria se destinguem mais, só diremos por ultimo que são d'aquelles em que o actor não finge que sente, mas sabe sentir.

Finalmente o Palhaço agradou; e já a Direcção vê que o publico não aprecia só operas comicas, ama os bons dramas, e elles são precisos á civilisação do paiz.

D. A. G. PUSICH.

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, Dx Ax Gz PUSICH.

Publica-se duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8, e nas mais do costume.

N.º 17 — JULHO 1.º — 1853.

Ao Governo de Portugal e ao Parlamento, sobre o lastimoso estado em que actualmente se acha a Ilha da Madeira.

—

A Beneficencia, Jornal Religioso e Litterario, não póde prescindir do cumprimento de sagrados deveres que lhe impõe, a charidade e a gratidão: a charidade porque vemos os nossos irmãos opprimidos com o peso da adversidade; a gratidão porque vemos em consternação aquelles que tão hospitaleiros e attenciosos nos accolheram e distinguiram!

A ilha da Madeira é hoje o objecto que nos decide a dirigir ao Governo de Portugal e ao Parlamento uma supplica fervorosa em favor d'aquella formosa e infeliz terra.... d'aquelles habitantes por tantas razões dignos das maiores contemplações!

Senhores! deixae um instante as vossas contendas politicas! univos para attender os brados, as supplicas e as desgraças de um povo que pertence ao Reino cujos destinos regeis!.. Soccorrei a humanidade oppressa e consternada!.. Salvae dos horrores da fome tantos subditos portuguezes; e salvae a vossa propria reputação que um criminoso olvido mancharia; não esqueçaes a ilha da Madeira! não esqueçaes que as acções de beneficencia e patriotismo são aquellas que mais vos podem engrandecer e segurar.

Senhores! a imprensa é o orgão da voz popular, é o ecco universal. A imprensa brada em favor d'aquelle povo afflicto; e a nação aguarda com a maior attenção as vossas promptas e eficazes providencias.

De todas as partes tem sido enviados soccorros aos habitantes da Madeira, até as pobres ilhas de Cabo-Verde mandaram já uma prova de sua gratidão soccorrendo na afflição aquelles que ná afflição lhes valeram; mas todos esses soccorros não bastam!.. o mal é grave, o remedio deve ser grande. Este remedio só o póde applicar o nosso Governo com as mais energicas e promptas medidas em favor daquelles habitantes, para os salvar do flagello da fome, infalivel consequencia da molestia que tem atacado a uva, unico ramo de commercio d'aquella ilha; e tambem para obstar á emigração de tanta gente seduzida por falsas promessas de estrangeiros, que para povoar e fertilisar suas collonias, despovoam as nossas, lançando os grilhões áquelles infelizes que para fugir á fome correm á escravidão, e á morte! È horrivel o vêr tornarem-se desertos os lindos e fertilissimos campos da Madeira, onde esses braços que nos arrancam podiam ser uteis a si, e á nação

em geral, fazendo prosperar a agricultura e as artes; mas em quanto um terreno tão favorecido pela natureza, vegeta inculto, e abandonado, esses desgraçados homens que vão para Dimerare e outras terras estranhas, trabalhando como escravos para ter um escasso e pessimo alimento, ou morrem de fadiga e doença (depois de soffrerem os mais barbaros tratamentos, e até castigos) ou voltam alguns miseraveis com a saude perdida; sem forças já para trabalhar, e trazendo a um clima tão doce e salutar, as mais perigosas infermidades! Aboliu-se a escravatura negra, e consente-se a branca! Será possivel que um Governo humano, intelligente e portuguez continue a tolerar tamanho ultrage feito ás mais sagradas leis divinas e humanas? feito á sua propria dignidade?

Esperâmos que o Governo e o Parlamento olhe seriamente para o que acabamos de expor, que é uma repetição do que por tantas vezes tem escripto nossos contemporaneos Madeirenses, e mesmo alguns da Côrte; é a verdade que repetimos.

Contamos com o Governo e o Parlamento, onde estão homens beneficos e illustrados que saberão empregar meios efficazes de acudir quanto antes á Madeira; sabemos que o Exm.º Sr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro tem orado muito, e mui sabiamente em favor d'aquella terra, que S. Ex.ª governou com tanto amor, e sabedoria; e nós imploramos ao Governo e ao Parlamento que o attenda pois é uma de nossas illustrações litterarias, e tem muito conhecimento pratico daquella ilha.

Estimaremos ver em casos taes, e em todos, que os Governos não sacrifiquem povos a caprichos politicos, despresando os bons serviços e o merito, só porque elles apareçam do lado opposto á sua politica; da mesma sorte que desejamos ver auxiliado o Governo por todos os que se acham na opposição, quando o bem dos povos reclamar essa indispensavel união.

A nossa linguagem não é suspeita, bem o sabeis, é aquella que o Redemptor ensinou, e nem usamos outra, porque a nossa missão é muito superior á politica, em cujo campo, julgando poder ser uteis a este paiz, já peleijamos com valor, e nos afastamos não vencidas, mas convencidas de que só Deus é Justo e Infalliivel, e que a outro mais sublime exercito pertencemos.

Grandes são as intelligencias que podem hoje prestar seus desvellos á ilha da Madeira; e por isso não apontamos as medidas que nos parecem mais convenientes; mas uma idéa unica temos que não vemos nas diversas que se tem expendido; é que vencido o obstaculo da falta de braços, o que facilmente se providenciará, impedindo a emigração; parece-nos que não será indiscreta. E' favorecer em grande escala a cultura da cana do assucar que produz vigorosa como em parte alguma do Brazil ou Africa, temos visto; e que se colhe todos os annos: é mandar o Governo estabelecer uma fabrica sua de assucar; e talvez a Madeira em breve florescesse; como floresceu já (chegou a render mais de meio milhão) todos imitariam o Governo. Quando ninguem quer ser o primeiro seja o Governo braço forte quem dê o impulso. A cana do assucar offerece as seguintes vantagens. o assucar, o mel e a aguardente; e em quanto se estabelecem as fabricas, e se cultivam as canas, mande o Governo outras providencias que de prompto acudam á urgente necessidade de sustento áquelle povo; e que não deixem parar o pagamento aos empregados e mais classes do Estado que vencem por aquelle cofre; pois essa falta seria uma duplicada calamidade.

Existe no Governo um Ministro que teve o seu berço na ilha da Madeira, o sr. Visconde d'Atouguia; devemos esperar que S. Ex.ª seja um dos que mais se interesse e trabalhe em favor da sua patria, pois o contrario não o honraria. Que fal-

ta fazem agora á ilha da Madeira esses seis contos que se deram ao inglez protestante em paga dos vidros que se lhe quebraram quando elle andou prégando e aconselhando o povo Madeirense a mudar de Religião!!?

Em quanto neste Reino se pagarem com oiro os insultos que os estrangeiros fizerem ás nossas leis, teremos de ver não só emigrações e escravidões, mas até vergonhosas lições.

Agradecendo cordealmente a confiança que os Madeirenses depositam em nossos bons desejos, passamos a levar ao conhecimento do Governo as supplicas daquelle povo, dirigidas ao Governo por meio da imprensa, enviando a um de nossos contemporaneos-politicos o artigo que nos remetem para ser transcripto em uma das folhas mais conhecidas, e não podendo deixar de nos interessarmos vivamente por essa lindissima terra (á qual em signal de nossa gratidão e simpathia démos um filho nosso muito querido (1), e que bem deveras desejamos a saiba honrar com seus bons serviços) elevamos bem alto a nossa debil voz e imploramos ao Governo e ao Parlamento providencias, compaixão, prompto soccorro á ilha mais linda que Portugal possue, á sua primeira descoberta!.. áquella que em seu solo delicioso, em seus perfumados ares, em suas puras e cristalinas aguas offerece a saude e a vida!

Fechamos pois este artigo com a epigraphe do *Progressista* que recebemos da Madeira, e que nos versos do nosso immortal Camões expressa o estado, a agonia daquelle povo.

(1) Miguel Pusich Henriques Teixeira, filho da Redactora, perdendo dois bons officios (de um dos quaes foi serventuario o sr. Antonio dos Santos Monteiro) e uma Commenda rendosa, conta hoje 20 annos de idade, e está servindo na Alfandega do Funchal.

APPELLO A PORTUGAL!

« Rompe toda a tardança, acode cedo
« A' miseranda gente.....
« Se esse gesto que mostras claro e ledo
« De pae o verdadeiro amor assella,
« Acude e corre pae, que se não corres
« Póde ser que não aches quem soccorres. »

Camões.

São estes os clamores dos afflictos Madeirenses! nós os repetimos com a mais pungente magoa, implorando em seu favor a Misericordia de Deus, e a justiça dos homens.

D. A. G. PUSICH.

Não obstante o doloroso estado em que se acha a Madeira, sabemos por noticia communicada a esta Redacção que o Ex.^mo^ Sr. Conde de Tavarede e sua Ex.^ma^ consorte foram alli obsequiados com todas as attenções devidas ao merito e nascimento de SS. Ex.^as^ — Eis a noticia que nos enviam para ser publicado nesta folha.

—

O Ex.^mo^ Sr. Commendador João José Bettencourt, um dos mais distinctos cavalheiros da Ilha da Madeira, deu um sumptuoso baile no dia 26 de maio ultimo, em obsequio aos Ex.^mos^ Conde e Condeça de Tavarede residentes actualmente naquella Ilha.

Este baile um dos mais explendidos que se tem dado na Ilha foi perfeitamente dirigido, as sallas onde se ostentava o maior luxo e elegancia admiravam pelo seu extremo brilhantismo; numerosa foi a concurrencia de pessoas de ambos os sexos terminando a funcção quasi ao amanhecer.

A TORRE DO FATO.

LENDA POPULAR.

Quando o ser campião da lei de Christo
Era dos Cavalleiros lei sagrada;
Quando a fidelidade entre os amantes
Era inviolavel, era respeitada;

D. Jorge, flor dos lusos combatentes,
Que exaltava co' o mérito a nobreza;
A Maria se uniu co' os sanctos laços
Distincta em sangue, em mérito, e belleza,

Foi dever o partir, voar ao campo,
Onde iam pleitear-se a cruz e a lua:
Parte, mas a seu tio entregue deixa
O seu thesoiro e honra, a esposa sua.

Saudades sós lá na Africa o devoram!
Mas eis chega uma carta! exulta.... ai triste!
Illudindo a D. Cosme a esposa infame
Co' um amante é fugida: em França existe.

Esta séta de dôr trespassa o peito
Onde africanas sétas resvalaram!
Era em Tanger a guerra: e terminada
Os lusos combatentes regressaram.

No campo vencedor, no amor vencido,
O applauso, a côrte, o mundo o desesperam,
Foge e corre a Bemfica a sepultar-se
Na solidão co' as penas que o laceram.

Chega a noite feliz! a flor das noites,
Noite de S. João! Quantas fogueiras
A dizer, tu ri, quantos descantes
A fallar de formosas feiticeiras!

Folgam todos! só tu mísero esposo
Não tens quem ames, não conheces riso!
A ventura dos mais teu mal redobra!
Vês inferno onde os mais teem paraíso.

Corria voz então, que d'uma dama
O fantasma infeliz cantar se ouvia
Depois da meia noite: n'um palacio
Onde ha muito habitar ninguem queria:

Diz-se a antiga mansão — Torre do Fato —
Jaz sumida em logar triste, e deserto;
Não longe de Bemfica: aves da morte
Lá teem n'um bosque domicilio certo.

Sente estalar-lhe o coração no peito;
O pobre louco desvairado evita
Os échos do folgar, anhella, busca
Da cantôra da torre a sombra afflicta!

» E' visinha, como eu é desditosa!
Ah! podesse eu tambem, vagar com ella...
Comsigo diz: chegou, a voz escuta,
Que estes versos descanta a uma janella.

» Noite de amor, e feitiços
» Para todos os viventes!
» Oh! como outr'ora sorrias
» Nos meus jogos innocentes!

» Oh! noite! ao menos levasses
» Em tuas azas meu canto,
» Aos ouvidos de um ingrato,
» Que não sabe ouvir meu pranto!

» De prazeres rodeado
» Talvez! talvez que n'est'hora
» Nem pela idéa te passem!
» Tristesas de quem te adora.

» Que mal te fiz? qual meu crime?
» O ser constante, e extremosa?
» Se a lealdade é delicto.
» Mata-me; sou criminosa!

» Tira-me a vida que é tua
» Mas não te affastes de mim!
» Dá-me o soltal-a em teus labios.....
» Não me abandones assim!

» Curtir, curtir innocente
» Desterro e prisão tão crua!
» S. João! pae da verdade
» Me valha que a noite é sua!

» Ah! D. Jorge! se vencendo
» Estas sombras, este horror,
» Meus lamentos escutasses!.....
» Ver podésses minha dôr!.....

» Teu peito alfim condoido
» Um suspiro me daria!...
» Um só!... um só me bastava
» Feliz com elle morria! »

Ao dizer isto um desatado pranto
Lhe afoga o resto da sentida falla,
D. Jorge o sente: é luz do raio; vira-a ..
Salta, investe furioso, entrou na sala.

Um vulto femenil em vestes negras
Por terra avista... já lá rompe o dia...
Reconhece... E' possivel!... presa! viva! ..
Fiel!.,. e sua!... a candida Maria!

Qual do rigor do sol pendida e murcha
Aos prantos da manhã revive a roza,
Tal aos beijos, ás lagrimas do esposo
Torna Maria á vida a ter ditosa.

D. Cosme o velho astuto urdira tudo;
Elle com mutuo engano os separava;
Elle escrava a retinha; elle jurára
Ou cedo ou tarde, triumfar da escrava.

Zombou o céo dos seus desejos impios;
Foge atterrado: o bello par de novo
Entra em Bemfica; o jubilio, que os enche
Dobra na festa os jubilos do povo.

Vem da fonte alegre bando,
Trazem flóridos palmitos;
Nata, queijos, alvos pombos,
Os cordeiros mais bonitos,
Os fructos mais esquesitos.

Gratos ao povo os consortes
Aos festeiros se juntaram;
E em memoria do prodigio
Um altar edificaram
Que a S. João consagraram.

D. A. G. PUSICH.

DIA 29 DE JUNHO.

N'este dia celebra a Egreja a festa de S. Pedro, Principe dos Apostolos e Vigario de Christo na terra.

É um dogma de Fé, que Jesus-Christo, é a Cabeça da Egreja: mas como Jesus-Chsisto depois de acabar a sua missão na terra, havia de retirar-se para a Gloria Celeste, necessariamente havia de deixar na terra, um Chefe, uma Cabeça visivel, que presidisse á sua Egreja.

A Egreja é, a Sociedade dos Fieis unidos pela profissão d'uma mesma Fé, e pela participação dos mesmos Sacramentos.

Ora não ha sociedade alguma sem chefe. O contrario disto, repugna á boa rasão. Se os homens sendo imperfeitos nas suas obras, têem conhecido esta necessidade em todos os tempos; como não havia de conhecel-a Jesus-Christo, que é Deus, e como tal, infinitamente sabio, perfeito e providente.

Tendo Jesus-Christo de retirar-se visivelmente da companhia dos homens, tornava-se invisivel, por consequencia, ficava sendo Cabeça invisivel da Egreja: e como havia de remediar tão grande falta? Estabelecendo, como estabeleceu, uma Cabeça visivel para a sua Egreja, que fizesse as suas vezes.

E quem escolheu Jesus-Christo, para Cabeça visivel da sua Egreja? A S. Pedro — n'estas solemnes palavras:

Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja: eu te darei as chaves do Reino do Céu.

Apascentai os meus cordeiros, apascentai as minhas ovelhas.

Pelo que a vós respeita, depois da vossa conversão confirmai a vossos irmãos.

É uma verdade historica, que S. Pedro ultimamente estabeleceu a sua Cadeira Pontifical em Roma, e que morreu n'aquella cidade.

Sendo S. Pedro, como foi, escolhido por Jesus-Christo para Chefe visivel da sua Egreja, segue-se, que os seus successores, succedem no caracter, na authoridade, na preeminencia e na jurisdicção a elle.

Porque os bispos d'uma sé, não só succedem no caracter, mas tambem na authoridade, preeminencia e jurisdicção de seus predecessores. Logo o Papa é a Cabeça visivel da Egreja de Jesus-Christo. E não sendo assim, como havia a Egreja, que é, *a Sociedade dos Fieis unidos pela profissão d'uma mesma Fé, e pela participação dos mesmos Sacramentos:* ter um Chefe visivel até á consummação dos seculos! Não tendo chefe, era um corpo sem cabeça, era uma sociedade desunida, e por consequencia, sujeita á dissolução.

J. R. DE FIGUEIREDO.

Influencia das mulheres nas sociedades modernas.

O traductor consagra este seu pequeno trabalho ao sexo femenino como testemunho da consideração que elle lhe merece.

—

Em todas as épocas da historia, em que a civilisação tem desenvolvido sua apreciavel e benefica influencia, vemos tambem elevar-se a importancia da mulher de uma maneira analoga e gradual. Nos tempos em que só dominava a força, entre os povos selvagens e guerreiros, a mulher, considerada como o emblema da transmissão da raça humana, assimilhava-se aos instrumentos de caça ou de pesca collocados na cabana, uteis só no momento em que a necessidade estimula o homem ao trabalho. Com taes épo-

ens a importancia da mulher decáe consideravelmente. Reduzida á maior servidão, afadiga-se de continuo no preparo das viandas e na alimentação de seus filhos, que é o complemento das leis ou instinctos, que a natureza tem prescripto aos animaes.

O homem, rei da cabana, olha com desprezo a importancia da mulher, que não sabe ou não póde procurar o sustento por meio da força, a força que é a virtude eminente do selvagem, do homem que habituado a uma vida errante e nómada, fortificada pelos habitos agrestes e ferozes da caça, da guerra e da rapina, não cura de affagos nem caricias, não vê na mulher, sua companheira, senão uma escrava adquirida pela sorte, como um dos escassos moveis de que necessita o seu aduar. Deste modo a situação da mulher é triste, ainda que não identica ou egual á do escravo reduzido á servidão, porque a mulher foi destinada pelo Creador para andar na vida como unida a seu similhante; e a pezar da altivez e arrogancia do homem elle lhe entrega seu coração, que um poder infinito enche de amor.

Mas passemos esta epoca rude e agreste para entrar n'uma sociedade mais adiantada, e á proporção veremos o ascendente que vae adquirindo a mulher, já representando um papel interessante na historia, já cultivando a poesia e as sciencias, já finalmente exercendo um poder soberano sobre o homem entre o seio dos prazeres de uma sociedade livre pelo attractivo encantador da belleza, ou d'essas graças flexiveis e delicadas, com que Deus dotou a mulher para melhor fascinar a inclinação do homem. Todavia o reinado da formosura, de que a nossa condicção não prescinde absolutamente, não é o que hade augmentar a influencia da mulher em as nossas sociedades: ella cultiva hoje com maior desvelo a ternura, esse attributo divino da belleza donde brota incessante uma torrente de caridade e de amor infinito, que realça sobre maneira a beldade, cultiva todas as suas disposições moraes, tanto por meio das sciencias e artes, como pela religião e exemplos virtuosos, pelo estimulo de apparecer uma excellente mãe de familia, que fixe os olhares da juventude, attenta ao porvir e aos cuidados da sua posteridade.

O christianismo, que veio regenerar o mundo, não podia deixar de attender a essa metade da nossa existencia que se chama — mulher — mil vezes objecto de nossas delicias, e algumas tambem de nossas amarguras. A mulher christã liga-se com vinculos sagrados ao cumprimento das leis da natureza, moralisa-se, e adquire mais independencia e liberdade. O homem, a seu turno, emancipa a mulher d'aquelle antigo jugo, com que a opprimia nos tempos de incivilisação, eleva-a e concentra-a em seu coração, de modo que sendo a seus olhos mais digna, mais nobres e dignas se apresentam as suas relações á vista do mundo.

O christianismo prégando aos homens o amor, a fraternidade e o alivio dos males que affligem a nossa especie, por virtude da caridade, combateu a todo o transe o predominio da força bruta, a escravidão e a dureza d'alma, e deste modo preparava o campo ás influencias beneficas, que emfim derramou em a nossa sociedade; porque obrigando o homem a ser bom em nome de Deus, elle em seguida o foi por interesse, e aqui vemos a filosofia nascendo da religião.

(Continúa.)

C. DE M. E BRITO.

A DONZELLA DO RIBA-TEJO.

(Continuação.)

Ah! que não sentiria Antonia n'aquelle momento em que um golpe mil vezes mais

terrivél que o da morte vinha feril-a no intimo da sua alma? que sem rasão não lhe causaria o ver desfolhada n'um instante a candida rosa da sua juvenil esperança? occultou a carta no seio e pertendia retirar-se para casa, porém enfraquecida de tantas aflições a infeliz Antonia cahiu sem accordo junto á roseira que acolhera em suas folhas a triste despedida de Mr. la Roche.

A sra. Villar, que tendo notado a ausencia de sua filha andava procurando-a, veio neste momento ao jardim; á vista da pobre menina que jazia sem accordo, a triste mãe soltou um grito de dôr em que se revelavam todas as angustias de seu coração maternal; ajudada da criada conduziu a desmaiada filha para casa, e lançando-a no leito, procurava fazer-lhe recobrar os sentidos.

Quinze dias luctou Antonia, entre a vida e a morte, presa de uma febre ardente ella delirava, porém no meio do seu delirio jámais lhe escapou uma palavra acerca de Mr. la Roche; emfim chegou a levantar-se, mas pálida e desfinhada parecia a imagem do soffrimento; sahiu a dar alguns passeios, porém seus passos mal seguros fraqueavam a todo o instante; assim continuou por algum tempo até que de novo cahiu de cama; a desolada mãe debalde procurava alivial-a; os padecimentos augmentavam rapidamente, e o medico, que a sra. Villar consultou, disse que Antonia morria victima de um pesar violento que por certo ella occultava no coração.

Uma noute, velava a sra. Villar, á cabeceira d'aquelle leito de dor; Antonia parecia estar socegada, e um leve somno viéra fechar-lhe as arrouxadas palpebras; a lua penetrando atravéz das vidraças vinha reflectir seus palidos raios sobre o macerado rosto da enferma, ah! quem divisaria n'aquelle desbotado rosto aquella menina tão bella e tão feliz no começo da nossa historia!

Antonia acordou, parecia estar tranquilla pela primeira vez, depois da partida d'Emile; ella parecia estar um pouco soccegada; um ligeiro sorriso assomou a seus roixos e frios labios e aquelle semblante em que estavam impressos a dor e o soffrimento, pareceu animado d'uma expressão divina; chamou por sua mãe, e tomando as mãos della entre as suas humidas e ardentes pela febre que a devorava:

— Minha mãe, minha terna e carinhosa mãe, diz ella com voz sumida e fraca, eu vou bem depressa morrer, não vos abandoneis a um pesar inutil, eu deixo um mundo onde só poderia encontrar angustias e pesares, eu deixo uma vida de penas, uma estrada de lagrimas e desesperação, um caminho de espinhos onde raras vezes s'encontra uma flor, e troco tudo isto pela felicidade dos anjos, não choreis minha mãe cobrai animo.... depois pediu umas thesouras e colhendo as loiras e anneladas madeixas que fluctuavam sobre as almofadas, as cortou e dando-as a sua mãe que se desfazia em lagrimas, continuou:

— Eis aqui o unico enfeite, a unica prenda que no mundo me restava!.... eil-o ahi, eu vol-o offereço, guardai essas madeixas que outr'ora tanto appreciei... possam ellas fazer-vos sempre lembrar a vossa malfadada.... An...to...ni...a...

Ainda pronunciou algumas palavras quasi ininteligiveis, e pousando a gelada fronte nos braços da afflicta mãe; cravou n'ella os olhos, sorriu-se, e n'aquelle sorriso de ternura e resignação voou a alma ditosa a unir-se ao Creador.

.....

.....

.....

Mais um ser angelico remontára seu vôo até ao celeste empyreo.

(*Continúa.*)

D. Maria Rita Colaço Chiappe.

THEATRO DE D. MARIA.

HAYDÉE.

Subio á scena a opera — Haydée — palavras do sr. Luiz Filippe Leite, musica de Mme. Cazella. O enredo é conhecido e extrahido do Romance — Monte-Christo. E' a mesma opera que se representou já no Porto, com infausto resultado; mas que na Madeira foi applaudida. Mme. Cazella esmerando-se por livrar a sua obra de todos os defeitos que occasionaram a sua quéda; aperfeiçoando-a quanto lhe permittio o seu engenho artistico, dedicou-a a S. Magestade o Senhor D. Fernando; e teve a fortuna de ver coroadas suas bem fundadas esperanças. Muitas pessoas notaram que fosse dedicada ao Senhor D. Fernando uma peça já representada — cahida — e cujo enredo mostra como traidor, e malvado um grande que tem o nome de Fernando! Nós somos mais indulgentes; e crêmos que Mme. Cazella ignorava talvez esta circumstancia, pois não compoz as palavras mas sim a musica, e é esta que ella dedica a um Rei artista, accolhendo-se á sombra de sua real protecção, esperando que os portuguezes recebessem benignamente a sua peça, conhecendo quanto elles amam, e respeitam os seus Principes. Louvamos pois o pensamento de Mme. Cazella, até porque se combina com um pensamento igual que tivémos, posto que em obra toda nossa, e por isso a podemos eleger mais analoga ao objecto superior a quem a dedicámos; o que não poude fazer Mme. Cazella que tinha de sujeitar-se a compôr musica para a poesia que lhe deram quando Mme. Cazella não pensava ter de a dedicar a El-Rei para salval-a de novo naufragio que o primeiro lhe fez temer.

A execução correo perfeitamente; Figuravam Mme. Cazella (Haydée) o sr. Morley (Monte-Cbristo) e o sr. Celestino (Fernando o Conde de Morcerf) Mme. Cazella distinguiu-se não só como autora da musica mas tambem pelo canto e bello vestuario, o sr. Morley jovem tenor cantou muito bem, e admirou que, não estando acostumado a cantar em theatros publicos, tivesse tanta presença de espirito, e tanto fizesse brilhar a sua boa e harmoniosa voz. O sr. Celestino é tão conhecido, e apreciado, que só diremos, para lhe fazer justiça, que vae cada vez melhor; e por certo o seu talento artistico não é inferior ao de muitos primeiros cantores Italianos que de aqui têem levado as mais preciosas coroas; porém o nosso Portugal ainda que muito o applauda, e lhe é affeiçoado, todavia deve muito ao seu merito superior. Os coros foram bem e a musica dirigida pelo sr. Cazella fez o seu dever. Os cantores mais de uma vez sahiram chamados pelo publico, para receber os devidos applausos e a autora obteve no geral acolhimento dos Lisbonenses, o premio de suas fadigas, sendo tão forte o seu regosijo que na primeira noite ao sahir fóra do panno quando a chamavam cahio com um desmaio. Mme. Cazella deve animar-se com este primeiro passo, deve cultivar, e engrandecer o engenho artistico; e colherá as flores, e as palmas que esta arte sublime concede áquelles que a sabem e podem seguir.

ERRATAS DO NUMERO 14.

N.°	*Pag.*	*Col.*	*Lin.*	*Erros*	*Emendas*
14	2	2	13	terrivel	temivel
	4	4	16	Portugai	Portugal
	7	1	46	Occidental	Oriental

EXPLICAÇÃO DA CHARADA DO NUMERO ANTECEDENTE.

— Caçador. —

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes: 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 18 — JULHO 15 — 1853.

CLAMORES NO DESERTO.

Vox clamantis in deserto. — dizem os experientes das cousas deste mundo áquelles que se afadigam pelo bem publico, e clamam pela ordem e conservação da sociedade!

Embora! No deserto clamou tambem o Baptista, e sua potente voz foi ouvida no mais alto dos Thronos, os potentados a temeram, e por isso lhe deceparam a cabeça; os eccos ainda vem repetil-a, passados tantos seculos, e ella soando terrivel irá de geração em geração levar a verdade aos ultimos habitantes da terra!

No deserto, muitos clamores se tem erguido ao Ceu, que por Deus contados, annos depois, tem baixado aos ouvidos dos homens, e todo o mundo os tem attendido! Que importa que o sopro ingrato de tempestuosas paixões afaste dos presentes o som de nossas vozes, se os vindouros hão de ouvil-as, e o tempo justifical-as? Se todos os escriptores publicos, se os missionarios todos, escrevessem, e prégassem para os presentes tão sómente, mal das gerações futuras, que jazeriam em perpetua ignorancia.

O escriptor que se dedica a instruir e moralisar os povos, tem um futuro de immensa gloria! E' como os Santos a quem só como taes o mundo os considera depois de mortos; e porque a peste do egoismo não deve contaminal-os, elles hãode precorrer em vida os longos espaços que a Mão do Altissimo lhes facultou, e em sua gloriosa carreira deixarão ás idades por vir marcadas as pisadas que devem seguir. De instante a instante que barreiras vemos levantar ao genio para empedir-lhe os vôos!.. mas elle navega em mar de escolhos, caminha por entre abrolhos, remonta seus vôos á eminencia dos astros, e esses terrenos obstaculos não são mais do que um incentivo, que augmenta seus desejos e seus triumphos!

Em todos os tempos temos visto homens poderosos governando a terra, pertenderem subjugar o espirito com a força brutal; mas qual tem sido o resultado? Responda a historia antiga e moderna; respondam os factos ainda os mais recentes!.. E todavia, os golpes do despotismo não são mais crueis do que os da hypocrisia; o despotismo declarando guerra combate francamente com arma poderosa; a hypocrisia cobarde e vilmente emprega todos os recursos de maliciosa traição, para lançar os grilhões áquelles que ella tem embalado no regaço da paz! E' mister, pois, que o genio velle sempre, tanto na guerra como na paz; porque não tem só que lu-

ctar com a ignorancia, mas tambem com o egoismo illustrado! A ignorancia é facil de vencer, porque semelhante á sombra, foge aos primeiros raios de luz; mas o egoismo vae com astucioso engano exaurindo as forças ao genio, dificultando a instrucção publica, derramando um geral descontentamento que paralise o giro litterario; atrahindo alguns com premios; proscrevendo e reduzindo á miseria outros; e finalmente desanimando com a falta de protecção ás letras, das quaes hade nascer o imperio da intelligencia. E com tudo, os governos illustrados devem lembrar-se que por meio da illustração é que se erguem, e que a illustração os pode sustentar, ou derribar. Isto é claro; a experiencia tem mostrado que um governo decreta a sua quéda no momento em que persegue a justa liberdade do pensamento; mas assim mesmo não vemos ainda garantida esta liberdade com uma decidida protecção dos governos em favor da litteratura moral, em favor da instrucção dos povos; por isso o escriptor desinteressado não pode deixar de lamentar esta falta, que tantos males causa á sociedade; considera-se só em campo decidido a pelejar contra os abusos, defendendo a lei contra os infractores da lei; defendendo a humanidade contra os opressores da humanidade!... E Deus?.. Deus o escudará!

Assim iremos nós preenchendo nossos dias, sem vacillar, talvez porque a sociedade nega ao sexo a que pertencemos os empregos, as condecorações, e até as considerações, que offerece aos homens!... mas se nos recusa as vantagens, não pode roubar-nos a gloria tanto maior quanto desinteressada; e livres de taes *tentações* poderemos ainda mais alto erguer um clamor, embora no deserto, que os echos de um deserto tambem tem vozes.

(*Continúa.*) D. A. G. PUSICH.

A SAUDE PUBLICA.

Não bastam os curtos espaços de uma folha litteraria a noticiar tudo quanto se passa n'um reino; e nem ao menos em uma capital. Nós que não temos pessoa alguma que nos auxilie em nossos trabalhos, que não temos um agente que ande pesquisando as novidades do dia; que não frequentamos cafés nem companhias; nem por isso deixamos de saber muitas novidades, sem nada perguntarmos! E do muito que sabemos, que vemos, ou ouvimos, nem tudo dizemos porque nem tudo nos parece digno de noticiar-se ao publico; e nem tudo pode aparecer n'um jornal Religioso que é lido pelas principaes pessoas d'este reino, e por familias honestas. Mas se não referimos immoralidades de que a decencia se resente, não podemos calar aquelles abusos que se praticam em damno da humanidade. Por isso diremos hoje alguma cousa ácerca da saude publica; implorando ás authoridades superiores, que mandem providenciar tudo quanto se torna indispensavel a este importante objecto; attendendo a que, da falta de aceio nas casas, provém muitas doenças que se desenvolvem com os calores do estio.

Um caso testemunhamos bem triste! Rebentou um cano em uma propriedade na rua do Telhal; o senhorio não poude concertal-o porque tinha penhorado o rendimento da propriedade por dividas á Fazenda Nacional; requeremos ao Juiz de Direito (o sr. Ferreira Lima). Mandou ouvir o senhorio, juntar aos autos &c.; isso era um processo demorado, e o caso exigia prompta providencia; recorremos ao Administrador do Conselho, para que procedesse a uma vistoria, e por parte da saude publica providenciasse, pois nós nos offereciamos a fazer a despeza, com tanto que nos authorizassem a isso, e a levassem em conta da renda, que por ordem judicial estava embargada; acreditamos que o sr. Lima não poupou diligencia alguma da sua parte, mas que encontrára algum obstaculo que retardasse

esta providencia; o mal augmentava a ponto que ameaçava uma epidemia; tivemos de pedir ao senhorio que dirigisse esses trabalhos, e fomos nós que pagamos toda a despeza desta obra. Não foi tanto a tempo que não adoecessem quasi todos os moradores deste predio; sendo atacadas com mais força as creanças, com bexigas, gasticas, escarlatinas e alguns com umas taes manchas roxas, das quaes resultou a morte de duas innocentes; uma de tres annos, e outra de dezoito mezes, fallescidas, a primeira a 8, e a segunda a 12 do corrente, (eram netas do senhorio) e a nossa familia, sempre muito saudavel, adoeceu toda; mormente o mais pequenino de nossos filhos, que tendo quasi 7 annos de idade, nunca teve nem uma só doença, e tinha uma robustez admiravel. É inegavel que todas estas doenças foram desenvolvidas d'esse gaz acido sulfydrico que os innocentes respiraram, e a que a fraqueza de seus orgãos não poude resistir.

A Camara Municipal tem cuidado no aformoseamento das praças, e passeios; tem mandado limpar as ruas, mas esqueceo o asseio principal, e indispensavel á saude publica; é o encanamento geral das aguas que levassem uma porção a lavar os canos das casas, e estes que tivessem de espaço a espaço depositos que em tempo determinado fossem mandados limpar por conta da camara; assim evitava-se o que de continuo está a acontecer, que é rebentarem os canos mal construidos; de sorte que Lisboa era mais saudavel quando as ruas eram menos limpas; porque parece que só tiveram em vistas uma agradavel prespectiva, uma riqueza aparente, embora na realidade seja tudo uma deploravel miseria.

O deposito do gaz existe dentro da capital, em lugar abafadiço (porque melhor não podia ser para commodidade dos estrangeiros que tem o desembarque á porta) poderá deixar de ser prejudicial á saude publica a exhallação d'aquelle cheiro de que se recentem todos os viventes que tem olphato?

E' muito agradavel a vista de bem calçadas e bem alinhadas ruas e praças; de grandiosos edificios, e de formosos passeios, e estes ultimos até são precisos e indispensaveis; mas o aceio da cidade e das casas em geral é a primeira cousa de que se não pode prescindir. Em Lisboa existem ruas, becos e casas tão immundas que só isto bastaria a empestar a cidade toda, se Deus por sua infinita Misericordia não valesse a estes habitantes. Dir-nos-hão, que por ahi tem aparecido repetidas posturas da Camara Municipal, recommendando expressamente o aceio das ruas, sagões etc. E nós perguntamos de que valem essas posturas no interno das cazas se mesmo no externo são desobedecidas? Tem a camara por ventura sido authorisada a mandar empregados seus examinar os sagões e quintaes? Não; pois isso não era *violar a propriedade alheia*, era cumprir um dever sagrado, era conservar a todos a melhor propriedade, que é a saude. E que essas multas não fiquem in nomine.

Temos tocado um ponto melindroso demais, porque muitos cavalheiros approvaram esta nossa resolução; outros não gostaram desta nossa franqueza; e quereriam antes que fossemos cuidar nas agulhas; mas nós sem faltar a todos esses cuidados de mulher; e mais ainda, porque tambem somos o homem da nossa casa, sem esquecer todos os disvellos de uma extremosa mãe que se tem morto para dar vida a seus filhos, e não póde vel-os padecer, morrer talvez, por culpas alheas, não deixaremos de dizer o que entendemos, e como entendermos, e de ser uteis á sociedade tanto quanto o podemos ser.

A verdade é que este clima está mudo a ponto que parece estarmos em Africa, usando-se do quinino, para evi-

tar sezões, e aparecendo até molestias não conhecidas neste, outr'ora, deliciosissimo solo. Devem haver uma ou mais causas que produzam taes effeitos; examinem-se com attenção, evitem-se com promptidão; e para este fim sejam a Camara Municipal, e os srs. Administradores munidos de mais força e auctoridade; o que se torna já indispensavel n'uma cidade onde ha tanta gente rebelde que despresando as Pastoraes do Prelado e as Portarias de S. Magestade, não hão de respeitar as posturas, nem as ordens da Camara, ou authoridades civis, quando n'esses desconheçam a força necessaria para fazer entrar em seus deveres, respeitando as leis, aquelles que as menoscabam por ignorantes, ou maus.

Conhecemos que existem na Camara Municipal cavalheiros de grande merito, e conhecimentos; assim como temos muito bons Administradores de Conselho; e alguns delles que tem prestado relevantes serviços; mas o que precisamos é que de mais alto baixem as providencias, que dêem mais força á Camara e aos srs. Administradores, a fim de que se não vejam no conflicto de mandar e serem desobedecidos.

D. A. G. PUSICH.

A verdadeira amisade, a justa consideração que nos merece o Ex.^{mo} sr. Arcebispo de Palmira, por tantas rasões digno da geral estima e respeito dos portuguezes, nos decidiu a publicar a poesia que tivemos a satisfação de recitar no dia da inauguração do seu Retrato; dedicado a S. Ex.^{a} por seus presadissimos Irmãos, e a que nós em familia tivemos a honra de assistir para collocar junto áquelle precioso Monumento de amor fraternal a seguinte inscripção.

—

AO EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SR. ARCEBISPO DE PALMIRA, NA INAUGURAÇÃO DO SEU RETRATO, QUE LHE CONSAGRARAM SEUS MUITO PRESADOS IRMÃOS NO DIA 3 DE JULHO DE 1853.

INSCRIPÇÃO.

Saber, gloria, celeste virtude,
Vejo eximio pincel retratar!..
Minha mente a sonhar não se illude!..
Vejo d'alma os thesouros pintar!

Vejo alli, n'um só quadro brilhante
Mil ethereas porções reunir;
E um só todo assomar triumfante
Qual estrella benigna a sorrir!

Eil-a a imagem fiel d'esse composto!
Neste painel reluz!..
Attentos contemplae aquelle rosto!
Que virtudes traduz!

Na fronte excelsa o genio luminoso
Retratado se vê!
Nos olhos, no sorriso magestoso
A bondade se lê!

Que nobre coração! que amor exprime
D'alta Religião!
Beneficencia alli, rasão sublime
Gravou do eterno a Mão:

A luz do Ceu reflecte no semblante
Dos validos de Deus;
Qual ao genio transmitte radiante
Porção de lumes seus.

Graças, louvor, ao ser Omnipotente
Que assim nos quer valer,
Que nos envia auxilio providente,
Quem nos possa regêr:

Quem na senda espinhosa d'esta vida
Nos alenta e conduz;
Nos ampara, e nos leva na partida
Aos braços de Jesus.

Salve egregio Palmira! o teu retrato
E de gloria immortal
Monumento fiel, que sempre grato
Guardará Portugal!

Qual na Azia, de teus feitos a memoria
Hade eterna brilhar,
Qual em paginas de oiro a luza Historia
Teu nome hade gravar.

E viverá como as gigantes Palmas
Das heroicas acções
Onde ganhaste á cruz conversas almas
Futuras gerações!

E nas vozes ficis dos innocentes
De quem és protector,
Subiram teus louvores eminentes
A' Mansão do Senhor!

As virtudes de Irmãos tão queridos
Te erigiram sublime Padrão;
De louvores que a ti são devidos
Indelevel te offereço a inscripção.

Sim!.. os versos que ousei dedicarte
Sobranceiros ao tempo hão de ser;
Porque a Lyra que soube cantar-te
E' do ceu, já não póde morrer.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

AMOR E GRATIDÃO

DEDICADA AO PROTECTOR DA MINHA INFANCIA O ILL.mo SR. BARNABÉ MARTINS PANCORVO.

Orphã sem pai, sem mãe, na senda escura
Do mundo prevertido,
Das paternaes caricias a doçura
Ai de mim! não gosava... inda innocente
Eu era qual na vaga altipotente
Fraco baixel perdido.

No crepusc'lo da vida sem apoio
Tão bebil creancinha;
Era a flor mergulhada n'um arroio,
Que os viços lhe roubou.. qual branca rosa
Que o sol crestou na sesta calorosa;
Tal era a sorte minha.

Neste mundo não tinha um doce abrigo
A' mesquinha existencia;
Orphã, e abandonada, sem amigo
Que ainda infante minha vida amasse;
Falta de um protector que me zelasse
Ao sahir da innocencia.

Tudo em ti encontrei... abriste os braços
Ao infantil vagido,
No teu seio abrigada ternos laços,
De amisade formaste assim hondoso,
Foste o meu paotector pae carinhoso
De um ente desvalido.

Meus inda incertos passos amparaste
Na carreira da vida,
Das virtudes a senda me apontaste
Virtuoso ancião; tua alma terna
Na orphã que adoptou revê eterna
A gloria sua erguida.

Graças meu protector, meu pae segundo,
Bradarei respeitosa,
Nos cantos meus entoarei no mundo
Tua acção immortal; e estes meus cantos
Misturados irão dos ternos prantos
De filha carinhosa.

Querido protector, Deus te abençoe
Dando-te o galardão,
Este cantico meu no espaço echoe,
E emquanto não vais aos ceus amenos
Dos labios meus escutarás ao menos
— Amor e gratidão. —

Lisboa 11 de Junho de 1853.

D. MARIA RITA COLLAÇO CHIAPPE.

A DONZELLA DO RIBA-TEJO.

(Continuação)

Sete annos haviam passado, a casa de Antonia já não parecia a mesma, arruinada e desmantelada mostrava que os seus habitadores pouco caso faziam d'ella; as roseiras e as murtas tinham desaparecido, mil plantas silvestres as substituiam, os passarinhos já não trinavam n'aquelle lugar, mas haviam cedido o pouso o notivagos e agoureiros mochos. Uma mulher, velha, com os alvos cabellos eriçados passeava apressada pelo jardim e de quando em quando parava cantando em lugubre toada:

A minha filha tão linda
Vida da minha alegria,
Era tão bella innocente
Tinha um rosto de magia!

Amou com firme candura,
Oh! amou que eu bem o sei,
Ella nãe queria dizel-o,
Porém eu... adivinhei.

Antoninha, que era um anjo,
Aos anjos su'alma ergueu,

Repousa o corpo na terra;
Adeus, Antonia... morreu.

E acabando, soltava uma louca risada, esta velha era a sra. Villar — a desgraçada inconsolavel pela morte de sua querida filha não tinha podido resistir a tão doloroso golpe, havia enlouquecido.

.....

.....

Era pela manhã d'estas manhãs amenas da bella Lisboa, um homem que mostrava ter uns 40 annos, caminhava apressado pela estrada que conduzia á habitação da sra. Villar, apesar da palidez que se divisava no seu macerado semblante, uma expressão de satisfação estava espalhada pelas suas feições, este homem era M. de la Roche, que no fim de sete annos de separação das terras da sua amada, voltava livre, a depositar a seus pés os juramentos, que outr'ora fizera tão estouvadamente; mas que terrivel golpe se lhe prepara, que dôr não ferirá o intimo d'alma d'aquelle desgraçado ao saber, que aquella que espera encontrar cheia de vida nutrindo-se talvez com as recordações do seu amor, jaz inanimada n'um sombrio athaude.

Desde a sua partida elle jámais obtivéra uma noticia de Antonia; achando-se compromettido na guerra civil que tem enluctado o bello solo da França, M de la Roche se havia refugiado em Portugal; exasperado com seus infelizes amores, deixou Lisboa e regressou á patria, onde procurou um asylo onde podesse viver em segurança porém a desgraça que obstinada o seguia sempre, fez com que o seu abrigo fosse descuberto e o malfadado la Roche foi preso e durante sete annos jazeu incomunicavel e por isso apesar d'elle ter encarregado o digno Parocho da freguezia de Antonia, para lhe dar noticias da familia Villar foram baldadas as cartas que o dito Parocho lhe escreveu noticiando-lhe o fallecimento da desditosa donzella.

Ao sahir da prisão Emile soube que estava viuvo — foi então que elle voltou á vida — foi desde esse momento que elle tornou a apreciar a existencia — que alegria não sentiria elle ao deixar a patria para voar aos braços da unica mulher que amáva? — que emoção não lhe causaria ao chegar a Lisboa — ao sulcar as crystalinas aguas do Tejo, tantas vezes contempladas outr'ora ao lado da sua amada? — que não sentiria emfim ao desembarcar, ao pisar a mesma terra que pisava o anjo de seus sonhos, o idolo de seus pensamentos...

Chegando á porta da habitação achou-a aberta entrou, e ao ver o desarranjo do jardim, sentiu um triste e secreto precentimento, quiz recuar, porém tomou animo, e deu mais alguns passos, quando encarou com a sra. Villar, á vista das feições desfiguradas da desgraçada sra., M. de la Roche, não poude conter um grito de angustia — ella fugiu espavorida repetindo a sua canção favorita.

.....

Então é que M. de la Roche conheceu toda a verdade toda a realidade daquelle quadro de dôr, então conheceu o que tinha feito, quantos males tinha causado sua insensata paixão. — Antonia morrêra victima da infelicidade do seu amor e sua desditosa mãe havia enlouquecido. — Emile abandonou desesperado aquella morada de pesar cujas atrozes lembranças lhe redobravam o remorso, e lhe dilaceravam o coração.

Dirigiu-se a casa do Parocho, seu amigo, o qual vendo-o tão triste debalde tentou distrahil-o, apesar d'ignorar a causa verdadeira de tão intensa dôr.

.....

.....

Era quasi noite, quando Emile se dirigiu ao cemiterio, para dar um derradeiro adeus ás cinzas daquella que elle jámais deixára de amar, e que morrera por sua causa; apenas elle pisára o funereo solo do recinto da morte, que um tremor frio per-

correndo por todos seus membros parecia annunciar-lhe seu proximo fim, elle caminhava com passo incerto e tremulo, procurando o tumulo da sua querida, quando ao virar d'uma daquellas longas e funebres ruas de enfileiradas cruzes, elle encontrou uma pedra lisa, sem ornatos nem enfeites, apenas tinha gravado na superficie — Antonia — uma roseira estava plantada ao lado da campa, e a palida belleza de suas alvas e virgineas rosas indicavam que a innocencia alli repousava — Era aquelle o tumulo querido que elle procurava — era alli que repousavam as cinzas idolatradas da unica mulher que elle soubera amar.

M. de la Roche ajoelhou, junto á pedra e apoiando nella sua gelada fronte parecia insensivel a quanto o rodeiava — embora o sol havia-se sepultado no seu occaso; embora um ceu tempestuoso e carregado ameaçava uma horrivel tormenta — embora o vento suprando fortemente fizesse quasi abalar os annosos cyprestes que sombreavam aquelle lugar de morte—embora o lugubre aspecto de amontoados ossos fizesse tremer todo o mortal ousado que alli se aproximasse — Emile nada lhe importava? — ah! que não, que n'aquelle momento o sol ou as trevas, a lua ou a carregada nuvem, a tempestade ou a bonança, a cidade ou o cemiterio, a vida ou a morte, tudo para elle era o mesmo. — a final sahiu do estado lethargico em que jazera e ergueu a fronte. —

— Antonia, exclamou elle entre soluços, o céo bem me tem castigado — longe de ti expiei durante sete annos de atroses remorsos a culpa de que minha fraqueza e teus encantos foram a causa — Deus alfim concedeu-me a liberdade, tornou-me viuvo — cheio de alegria e de esperanças eu vinha agora a teus pés certo de que não me terias esquecido, depositar os antigos juramentos, julgava que a expiação de meus crimes era terminada, que sete annos de soffrimento tinham remido a minha culpa — mas enganei-me — o calix de meu longo martirio ainda não estava esgotado — o mais amargo de suas fezes ainda me restava, é aqui neste lugar da morte que eu heide libal-o. —

Oh! Antonia! Antonia! eu fui o barbaro assassino d'essa vida que eu quereria conservar á custa da minha... e heide eu gosar por mais tempo desta existencia que odeio, ainda o ceo me reservará para novas angustias?

Ah! não, eu o sinto, o frio da morte me entorpece os membros, o sangue se gella nas veias, eu vou seguir-te, Antonia, e já que a desgraça e o inferno nos desuniu na terra, a gloria e a ventura nos uniram no ceo.

Emile calou-se e abraçando estreitamente a pedra avára que encerrava os inanimados restos da idolatrada amante, exhalou o derradeiro sopro de vida votado ao seu primeiro amor.

.....
.....
.....
.....

Aprendam neste exemplo os corações que incautamente se deixam arrastar pela corrente impetuosa de vãos delirios sem saberem se o objecto a quem dedicam essa paixão é completamente livre; e aprendam tambem aquelles que ligados por um laço sagrado a outro objecto expõe o seu coração ao abalo das paixões sem reflectirem nas funestas consequencias de uma culpa inadvertida.

D. Maria Rita Colaço Chiappe.

EXPEDIENTE.

Recebemos um exemplar da Beneficencia n.° 16, que Madame Kesser nos enviou com algumas observações escriptas pela mesma senhora, na dita folha, ácerca da religião dos protestantes.

É um titulo que muito apreciamos, e que fica no escriptorio desta redacção.

como padrão de eterna memoria; é um tropheu de gloria que alcançámos; pois nos revela o effeito que produzem os artigos d'esta folha no animo de nossos irmãos dissidentes em religião. Rogamos á mesma senhora que tenha a bondade de nos mandar dizer se essas notas ou observações, devem ser publicadas, ou se nos foram enviadas tão sómente para enriquecer o nosso archivo. Se até á publicação do n.º 19 não tivermos resposta alguma, entenderemos que o silencio é um tacito consentimento que nos authorisa á publicação dessas notas, sobre as quaes muito estimaremos descorrer; agradecendo infinitamente a s. ex.ª a obsequiosa offrenda do dito exemplar, que generosamente pagou, para nos recambiar enriquecido com suas *amaveis* lettras; e fertil assumpto a longas e para nós gloriosas disserções.

D. A. G. PUSICH.

AOS SRS. ASSIGNANTES DAS PROVINCIAS

Em consequencia da ultima reforma do Correio Geral, abulindo a lei que exemptava de porte os jornaes Religiosos e Litterarios: e tendo agora que ser pago esse porte, declaramos aos srs. assignantes das Provincias que de ora á vante a assignatura das Provincias compreenderá a paga do porte por conta dos srs. assignantes, pagas adiantadas; por isso que a Redacção tendo de pagar as despezas da imprensa, papel e distribuição, não pode adiantar tantos 5 rs quantas as folhas que tem de remetter, nem devem os srs. assignantes pagar o dobro indo ellas por pagar

---

ERRATAS DO NUMERO 15.

N.º	*Pag.*	*Col.*	*Lin.*	*Erros*	*Emendas*
15	5	1	44	lebanto	levantó
«	«	«	37	o	ó
«	«	«	50	o	ó
«	«	2	13	obeliscas	obeliscos
15	5	2	20	pereça	perezca
«	«	«	22	Y asta	Ybasta
«	«	«	«	a esa	á esa
«	«	«	37	Digo	Dijo
«	«	«	42	yesto	yhesto

ANNUNCIO.

Modas em lindas obras de cabello, Calçada dos Paulistas n.º 41, 2. andar.

Cordões lizos, elasticos e arrendados, com passadeiras de ouro ou do mesmo cabello, aneis com dois corações unidos, alfinetes de peito, cruzes, cadeias de relojo com chapa e argolas de ouro, brincos e colares de contas arrendados ou lizos, de muitos feitios, fitas lizas e lavradas, pulseiras de contas ou fingindo uma cobra, com a cabeça de ouro ou do mesmo cabello; ou lizas, arrendadas e de muitos feitios com feixos de ouro, ou do mesmo cabello, enfeites para medalhas, flôres de varias qualidades, e infinitas variedades de enfeites, tudo fabricado com o cabello que trouxerem as possoas que fizerem as encommendas, no mais sublime apuro, gosto moderno, preços fixos, e de uma extraordinaria baratesa.

CHARADA.

Deve assim viver o sabio
Que este viver lhe convem — 1
Assim diz quem vio n'um livro
Traços da penna d'alguem — 1
Assim fazem os que estimam
Emitar a Deus tambem. — 1

TODO.

Amam-me os sabios e os mochos,
O rouxinol e o christão;
A's vozes do sentimento,
Surdos meus echos não são.

D. A. G. PUSICH.

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 19 — AGOSTO 1.° — 1853.

Com o mais respeitoso e cordial reconhecimento agradecemos a Sua Magestade Imperial a Imperatriz Viuva, Duqueza de Bragança, a mercê com que se Digna honrar este jornal concedendo-lhe a sua benigna protecção, e assignatura; e submissa beijamos a Augusta Benefica Mão que sábia e virtuosa se disvella em sustentar e auxiliar a Religião, a moral, e a verdadeira civilisação.

D. A. G. PUSICH.

O Padroado do Oriente.

A questão do Padroado no Oriente foi publicada e agravada na Camara dos srs. Deputados, na sessão de 20 de Julho proximo findo. Os jornaes politicos tem-se occupado deste importante assumpto, discorrendo cada qual conforme as suas crenças, e todas as pessoas que não olham com estouvada indifferença uma questão da maior transcendencia, esperam anciosas o exito deste negocio, que interessa o futuro deseanço de uma nação inteira. Não pode uma folha Religiosa deixar de lamentar a situação em que nos vemos; todavia com a prudencia que deve guiar o escriptor que segue a causa de Deus, e não dos homens, aguardamos o procedimento dos Ministros da corôa, que esperamos seja rasoavel, e que em paz se termine este negocio; pois o contrario seria uma calamidade a mais fatal! Os horrores d'um scisma fulminariam as maiores desgraças sobre este reino; e aquelles que o promovessem teriam de responder a Deus, e ao mundo pelos damnos causados a este paiz, que sempre tem sido tão obediente e respeitoso para com o chefe da Egreja, e a Santa Religião de seus Avós. Manoel Fernandes Thomaz com toda a sua politica ultra-liberal, disse no congresso de 1820 — que, se quizessem o povo portuguez socegado não lhe tocassem na Religião, etc. — Esse homem cujo saber não se pode contestar, já previa os resultados de tentativas que haviam trazer comsigo os mais tristes resultados. Temos visto a maior tolerancia em admittir neste reino predicas protestantes, e agora tanta exaltação da parte de alguns srs. Deputados contra as disposições do Chefe visivel da Egreja a quem estamos sugeitos! Isto é deploravel!

O Dr. Kaley, Medico protestante, appareceu na Ilha da Madeira, começou por curar os povos gratuitamente, e depois de afagal-os com uma aparente caridade, principiou a sua missão, reunindo em sua casa o povo, lendo-lhe pri-

meiro doutrinas boas, e logo que julgou ter ganho ascendente sobre essa pobre gente, deitou os bracinhos de fora e abertamente contra o Summo Pontifice atacando a nossa crença, nomeando Bispos, Vigarios etc. e um d'estes foi um tal individuo chamado Arcenio, que Dr. Kaley nomeou Bispo da Trindade; e para que fim ?.. escutae. Mandou ir á Madeira uma Galera ingleza, e fez embarcar o seu Bispo Arcenio (que lá morreo) com um grande numero de gente dizendo que fosse pregar, e civilisar aquellas terras; mas o que elle quiz foi povoa-las! Seduzio mais de trez mil pessoas; as Freguezias de S. Antonio da serra, S. Roque, S. Amaro, eram suas; as familias em desordem, o marido separava-se da mulher, os filhos abandonavam e insultavam os pais, as mulheres que o seguiam tambem deixavam seus maridos e pais, outras voltavam de casa do Doutor para a sua casa quebravam os Santos, outros lh'os enviavam a elle para os mandar queimar, e finalmente semeou a maior discordia na Ilha da Madeira. Alguns fieis cançados de soffrer tão inaudito insulto foram surprihender uma grande reunião que elle annunciou, e teve lugar nas casas onde ultimamente esteve a nossa virtuosa, e amada Imperatriz. O Governador parecia proteger o protestante, ou pelo menos temel-o; e mandou defender-lhe a porta com soldados dizia elle que, para evitar desordens.. Mas os soldados de nada valeram porque os nossos fieis Madeirenses romperam por entre os Guardas e entrando a casa espancaram os que alli se achavam, tirando os caixotes de livros prohibidos que o inglez tinha, e lançando-lhes fogo (1) Não sofreo o inglez outra perca; e teve de fugir saltando telhados quasi nu e descalso, e vistindo-se depois com fatos de mulher, e metido em uma rede embarcou. Um dos honrados Catholicos que o espancou foi o infeliz Carlos Telles de Menezes, irmão do benemerito actual Director da Alfandega do Funchal; era um nobre em nascimento e sentimentos; defendeo a causa da sua religião, e o decoro da sua patria, e qual foi a sua sorte? Pasmai!.. foi preso, processado, e condenado pelo juiz de Direito Coelho, que era sogro do apostata Arcenio; e foi acabar seus dias cortido de angustias, victima sacrificada pelos protestantes, ou seus amigos! Quem é que paga a vida d'este portuguez? ninguem, Deus o terá recumpensado no Céo; mas Dr. Kaley exigio por indemnização dos livros queimados, ou algum vidro quebrado, de casa que não era sua, muitos contos de réis; e o nosso Governo, ou a Camara, consta-nos ter-lhe mandado dár seis contos de réis, que agora nos affirmam elle não acceitára por não bastarem a satisfazer suas ambições. Este caso occorrêo em 1846, a 1847.

Tanta indulgencia com Dr. Kaley (e com outros aqui mais perto) e tão exaltado patriotismo, tanta independencia com Sua Santidade!.... Não entendemos. Só diremos agora que, excitar um resentimento que póde ter funestas consequencias não é prodencia; perdoem-nos os srs. que assim praticaram. N'estas coisas de Religião quer-se tacto mais fino do que em politica; os maiores politicos ás vezes deitam esses negocios a perder com os ardores de suas idéas. De um choque electrico rebenta o raio. Essas exaltações não podem remediar os males

(1) No meio daquella desordem houve uma vista curiosa. Uma mulher idosa levando alguns empurrões sahiu bailando, tocando com os dedos as castanholas, e com os braços erguidos gritando «são flores» e os homens repetiam o mesmo quando levavam algum murro; porque Dr. Kaley lhes dizia que os máus tratos que sofressem por sua causa eram flores que Deus sobre elles derrama-a para os salvar!...

que podem causar; e mais tarde veremos quem se engana, se aquelles que se deslumbram com os raios de suas grandes luzes, se a pobre cabeça que apenas tem o auxilio de uma rasão vulgar, e bons desejos, sem pretenções nem ambições.

Jesus Christo vellando pela sua grande obra tenha Mizericordia de todos, até d'aquelles que pertendem no mundo erguer-lhe um novo Calvario. Por nossa parte não desanimaremos jámais, porque a fé vigora nossas crenças, e conhecemos que depois da Paixão vem a Aleluia. Nossos Reis ainda são Fidelissimos, e Fidelissimo é este povo que Deus não abandonará.

D. A. G. PUSICH.

A SUA MAGESTADE IMPERIAL A IMPERATRIZ VIUVA DUQUEZA DE BRAGANÇA, NO DIA 31 DE JULHO DE 1853, SEU NATALICIO.

HOMENAGEM.

Se outr'ora entre galas de purpura e d'oiro
Brilhante este Dia sem nuvens raiou;
Trazendo uma c'roa de rosas e loiro,
Que regio Deadema sublime adornou;

E agora se envolto n'um véo luctuoso
Escuro e preste na fronte sostem;
Se prantos aljofram seu rosto saudozo
Que turvo horisonte mostrar hoje vem:

Mortaes deploremos a dor que motiva
Funesta mudança!.... é dor sem igual!
A luz que fulgia tão linda, tão viva
Eclipsa co'a sombra mais triste e fatal!

E' sombra de morte, que esconde uma Filha
Tão pura, e mimosa qual Anjo do Ceu;
Sem ella esta Aurora aos olhos não brilha
Da Mãe que saudosa seus risos perdeu.

Agora as saudades, as candidas rosas,
E lagrimas ternas convem offertar;
Que os hymnos iriam e as galas vistosas
Acerbas memorias, talvez agravar.

Os hymnos e as galas além nas alturas
Augmentam a gloria da virgem feliz,
Que em jubilo immenso de eternas venturas
A Mãe virtuosa sauda e bem diz.

Augusta senhora! se o mundo te off'rece
A' vista um sepulchro, a angustia, a soidão;
No ceu te festeja quem lá resplandece,
E vem afagar-te, celeste visão.

A Excelsa Princeza, que Filha adorada
Tiveste na terra, no ceu inda tens,
Vellando em teus dias, teu Anjo da Guarda
Te segue, e dedica — leaes parabens.

Se de teus annos o Dia
Viste o mundo festejar,
Lá no ceu com alegria
Se ouve teu Nome entoar;

São de Amelia os puros cantos;
Tem divina inspiração;
Hoje na terra só prantos,
Te mostram nossa affeição:

Onde ha lucto não ha galas;
Onde ha dor não ha prazer;
Digna-te pois minhas fallas
E o meu sentir accolher.

E' culto de lealdade
Gratidão, respeito, amor,
Um martyrio.. uma saudade....
Emblemas da tua dor.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

Muito agradecemos a poesia o — Lavrador — que em seguida publicamos; não temos a satisfação de conhecer pessoalmente sem autor, mas pelo talento que seus versos revellam muito o apreciamos, e offerecemos as collumnas desta folha a todas as suas producções que assim como esta esperamos honrem a moral.

O LAVRADOR.

Já tenho a fronte crestada
Do rigor das estações:
Minha mão 'stá calejada,
Da charrua e da enxada,
Da roçadoira e podões.

Tenho a barba encanecida;
Mas tenho força e vigor:

E' trabalhosa esta vida;
Mas a saude perdida,
Oh! não tem o Lavrador.

Que não vive nas orgias,
Que não o rala a ambição,
Que ao tocar ave-marias,
Tranquilo todos os dias
Se recolhe o aldeão.

E' estranho a essa intriga,
Que a Corte sabe tecer;
E não supporta a fadiga
Das paixões, em cruel briga,
Que faz a muitos gemer.

Não habita ricas salas,
Nem tem lustres de crystal;
Não veste pomposas galas;
Mas sabe e quer despresal-as
Pela paz do seu casal.

Não tem sofás estufados
De fino, e rico setim:
Seus tectos não são doirados,
Nem seus pratos fabricados,
Em Cantão, ou em Pekin.

Mas sentado em tosco pinho,
Mui descançado em seu lar,
Vê fiar a esposa o linho,
Vê brincar tenro filhinho;
Gosa ventura sem par.

Não vê ante si curvado
O servil adulador;
Mas vive mui descançado,
Não teme ser enganado,
Pois não é grande Senhor.

Mas que digo, tenho errado,
Sou nobre, sou Lavrador!...
Abre a terra, ó meu arado!
Fucha, valente, meu gado,
Fucha, á voz do teu pastor!

P'ra ganhar uma victoria,
Marcha sedento de gloria,
O guerreiro a combater;
Com pelouros e metralhas,
Vá demolindo muralhas,
Ponha cidades a arder.

Eu encostado á rabiça,
Sem de glorias ter cubiça,
Irei alegre a cantar:
Abrindo os regos na terra,
Pastando o gado na serra,
Heide os Povos sustentar.

S. P. BORGES.

O Drama Constança que foi representado no Theatro do Gymnasio em Setembro de 1849, alcançou-nos tão sublime triumpho que nos anima a offerecel-o ao publico, em signal da nossa gratidão; pois que tendo merecido, alem de um applauso geral, as honras de ser por todos os nossos contemporaneos immortalisado na imprensa, e chegando um delles a consideral-o como um compendio de moral que o Governo devera premiar mandando que fosse lido nos collegios de educação; nós esperamos que nos seja acceito hoje este offerecimento á nação, que tanto prezamos e tanto nos tem captivado com sua benevolencia. Este Drama foi feito em dois dias, podemos afirmal-o até com testemunhas; por isso hão de forçosamente encontrar-se n'elle alguns defeitos que tivessem escapado no palco; em que por certo faria muito melhor effeito, porque a musica, o baile de Mascaras, o talento e graça do sr. Taborda, fizeram crescer em merito esta peça, onde por nossa parte só aparece a força do amor maternal; e a moral com que desejamos dar algum valor a nossos escriptos, e merecer a estima, e indulgencia d'aquelles que amo como irmãos e compatriotas. Pedimos por tanto desculpa de qualquer erro; esperando ainda poder publicar a — Conquista de Tunes — que talvez nos dê maior gloria; o que faremos naturalmente porque tendo escripto alguns Dramas e Comedias, e todos originaes, nossos theatros não buscam as peças originaes Portuguezas, e preferem a estas as traducções de todo o genero; e assim os auctores que não souberem mendigar protecção para ver uma peça sua em scena, porque entendam não dever baixar da sua dignidade litteraria, terão de as dar ao prélo para não ver as suas producções, e a sua gloria, morreram afogadas em poeira, ou desfeitas pela traça. E será a im-

prensa o unico meio de justificar, que em Portugal temos Autores Dramaticos mas não temos theatros que estimem peças originaes.

CONSTANÇA

Drama original em 3 actos.

Representado no Theatro do Gymnasio em 1849.

DEDICADO Á NAÇÃO PORTUGUEZA

Por sua Auctora

D. Antonia Gertrudes Pusich.

PERSONAGENS.

Constança — viuva
Ernestina — sua filha
Camilla — sua creada
Custodia — dita
Thomaz de Almeida - Pae de Constança
D. Eugenio — Fidalgo Portuguez
Bernardino — seu creado
Estevão — criado de Thomaz de Almeida
Creados, convidados de ambos os sexos, Mascaras

O 1.º e 2.º Actos é em Lisboa e o 3.º em Liorne — 1838 a 84..

ACTO I.

Jardim em casa de Constança.

SCENA I.

D. EUGENIO, E BERNARDINO.

D. Eugenio (observando um vaso de flores).

Que viçosos estão!.. É este o vaso de amores eternos que dei a Constança! Não ha duvida. Estão muito estimados. Assim o fora aquelle cujos sentimentos elles representam.

Bernardino.

Ella estima o original mais que o retrato.

D. Eugenio.

Como te enganas! A filha é o seu desvello, e não é possivel que aquelle coração todo entregue á ternura maternal dê lugar a outro sentimento. Oh! aquella creança rouba-me a minha felicidade; rouba-me o amor de Constança! E todavia eu amo-a, porque é meiga, innocente e muito minha amiga.

Bernardino.

Deixe-se de imaginações. A pobre creança! E' a menina mais linda e interessante que eu conheço.

D. Eugenio.

Sim; mas é ella quem rivalisa o meu amor; por isso convem buscar os meios de a separar de sua mãe.

Bernardino.

Veja em que lenços se mete. Não lhe acho muito geito á sua tentativa. O plano é muito arriscado, e sem resultado certo; emfim um plano mesmo de rapaz namorado, que sempre anda erguendo castellos no ar.

D. Eugenio.

Oh! sim; tu é que és um famoso engenheiro; os teus planos são mais solidos, meu grande general de pé cheio, e cabeça ôca.

Bernardino.

Antes assim do que trazel-a carregada de planos aérios, que me podiam causar, nada menos, que uma hydropesia de ar na cabeça.

D. Eugenio.

Olha, Bernardino, o inferno dos sabios é a companhia dos ignorantes; mas o viver com um ignorante que tem fumos de sabio, é peior inferno.

Bernardino.

Pois então pertencerei ao limbo; não importa, eu aborreço extremos. Antes ser meio sabio do que asneirão inteiro. Fique-se lá com a sua extremada sabença que não sei de que lhe serve; é theoria sem pratica, e cá nestas cousas a pratica vale tudo.

D. Eugenio.

Que sublime elocução!

Bernardino.

Será o que V. Ex.ª quizer; mas em quebrando a cabeça na sua carreira de

extremadas paixões, não venha ter com o charlatão que o cure.

D. Eugenio.

Fallas assim porque não sentes o amor que me abrasa por Constança.

Bernardino.

Nem Deus tal permitta, que eu morra queimado em vida, ou tenha a sorte de pintasilgo em mãos de rapazes.

D. Eugenio (rindo).

Que triste comparação!

Bernardino.

Pois não é disparatada, não senhor. Os rapazes cegam os pobres passarinhos com um prego em braza, para se divertirem a ouvil-os cantar de noite como de dia, o amor dizem que é rapaz, dizem, que eu cá nunca o vi, nem senti: e é tambem por ser rapaz que elle se diverte em marcar os seus escravos cegando-lhes os olhos do entendimento.... Ahi tem a sua senhora (*Mostrando Constança que entra*).

SCENA II.

CONSTANÇA E OS MESMOS.

D. Eugenio (apertando-lhe a mão).

Querida prima....

Constança.

Agora mesmo disse-me Ernestina que o vira no jardim. Chegou ha muito?

D. Eugenio.

Sempre Ernestina (*á parte*). Não, minha prima, cheguei ha poucos momentos: desci ao jardim para não encommodal-a, por me parecer que estava ainda recolhida. Entretinha-me a ver os meus amores eternos. (*Faz signal a Bernardino que se retire.*)

Bernardino.

Já o encommoda um terceiro (*á parte*) Então se V. Ex.ª dá licença retiro-me. (*a D. Eugenio*) O ramalhete lá o dei á senhora Camilla.

Constança.

Jesus!.. nem ainda lhe agradeci! Desculpe-me, primo, não foi por falta de attenção; mas surprendeu-me a noticia de estar aqui. Não o esperava ainda; pensei que Bernardino viera só.

D. Eugenio.

Precedeu-me: não pude deixar de o seguir; invejei a sua sorte; e ainda mais, a do ramalhete de flores que logo ao amanhecer colhi no meu jardim.

Constança.

São muito lindas e raras; mas diga-me, não achou maior porção de martyrios para guarnecel-o?

D. Eugenio.

São o emblema de um soffrimento occulto.

Bernardino.

V. Ex.ª despacha-me? (*a D. Eugenio*) Ora eu aqui feito pau de cabelleira. (*á parte*).

Constança.

Se o primo dá licença estimarei que fique para servir o lanche.

D. Eugenio.

A prima é quem manda o amo e o criado.

Bernardino.

Ainda mais o amo (*á parte*).

Constança.

Obrigadissima (*a D. Eugenio*). Olhe, Bernardino, diga a Camilla que entretenha a menina, e não a deixe descer ao jardim: o ar está frio, receio que lhe faça mal. Não parece este um dia de primavera; em aquecendo mais o sol, virá dar um giro em minha companhia. Quando estiver prompto o lanche, toquem a campainha.

Bernardino.

Será obedecida, minha senhora (*parte*).

(*Continúa.*) D. A. G. PUSICH.

INFLUENCIA DAS MULHERES NAS SOCIEDADES MODERNAS.

A mulher no christianismo cresceo em moralidade, em poder e em dignidade; da classe de serva passou a ser senhora e companheira; romperam-se os la-

ços da degradante dependencia, e estreitarem-se mais os da intima amizade e amor: desde então ennobrecco-se a instituição do matrimonio, tendo já um fim mais elevado e grandioso. Oh! que grandeza ha n'esse laço indissoluvel que formam dous seres, que se encontram no mundo, para sobrelevar os tormentos da vida, e participar das alegrias do coração; porque já nada é individual, tem-se reconcentrado duas vidas n'uma sem deixarem de ser duas existencias, e vivem não só para si, vivem para a honra, vivem para a gloria. Esta companheira da vida, com quem se reparte o sustento, que mitiga os desgostos e afflicções do espirito, que applica aos labios o balsamo no accesso da febre, e cheia de sollicitude, anciosa, espreita os momentos de procurar o teu descanço, e de vencer tuas dores á força de disvellos, esta companheira angelica devemo-la ao christianismo. Substitui outros principios ás suas indestructiveis doutrinas, e vereis converter-se a sociedade conjugal n'um foco de corrupção, de immoralidade e de crimes. Nem o brilho do talento, nem a posse de riquezas, nem o luxo e esplendor das artes, nem ainda mesmo a encantadora prespectiva da formosura indemnisariam jamais da perda d'aquelle amor, que o christianismo prescreve aos seus fieis como corôa e centro de todas as virtudes domesticas e até sociaes. Sem este amor fundado na virtude e abnegação a sociedade conjugal seria um labirinto funesto cercado de espinhos, que magoariam o coração e atormentariam a alma.

Temos indicado de que maneira o christianismo ha exercido a sua influencia sobre o homem, porem não nos temos demorado a examinar de que modo a mulher tem contribuido para a civilisação do mesmo homem; comtudo não é necessario mais do que abrir os olhos para observar as causas d'este feito, que aqui apontamos.

Já considerámos o homem independente e livre de toda a obrigação para com a mulher; agora contemplemo-lo ligado com o vinculo do matrimonio, onde sempre se verá a mulher exercendo sua grande influencia; porque ella é para o marido um talisman, a estrella do seu rumo, o complemento da sua esperança, e domina por uma attracção invencivel, quando é dotada de formosura e de um conjuncto de graças, que chega a enlouquecer os animos capazes de impressionar-se profunda e exaltadamente. N'esta época podemos dizer que a mulher desperta no homem um excesso de força e vigor, que ha de servir-lhe utilmente na carreira da vida, porque aviva e patentea as paixões, tão necessarias para dar impulso a esta massa material, rebelde muitas vezes ás frias determinações do espirito; e como a posse da mulher seja um dos impulsos naturaes do homem, reflexiona que para conseguir este objecto precisa não só cumprir com os deveres que a sociedade conjugal lhe impõe, como tambem torna-se mui digno do galardão e recompensa da que ama; por isso não só trabalha, como se moralisa. Mas não se limita a isto unicamente o seu influxo; é ás vezes mais directo. Essa ternura infinita, essa delicadesa de expressão, essa carinhosa unção do sentimento imprime-se fortemente sobre o grosseiro, desdenhoso e aspero exterior do homem que volve a seu lado mais affavel e terno, não respirando já aquellas idéas de vingança, de ira, ou de colera que albergava contra seus similhantes, porque o impedem os rogos da belleza, as lagrimas da esposa, e talvez o fructo do seu amor.

Se houvessemos de citar exemplos e descrever o que se passa á nossa vista nas choupanas e nas aldeias, diria-

mos que a importancia ou influencia da mulher é assim muito mais sensivel, porque nada ha mais frequente do que ver a mulher cheia de virtudes e de pobreza, ao passo que no homem se devisa uma tendencia para dissipar o que á força de suores vae reunindo, e que sem a previsão e conselhos da mulher se gastaria n'um dia, ou n'uma hora. Este é um caso que qualquer poderá observar entre os povos aonde a corrupção e o luxo não tem fixado o seu imperio, e nas classes aonde a educação não ha penetrado como fôra para desejar.

Não é o essencial explicar as razões que tem podido contribuir para este successo, basta-nos indicar este trecho em comprovação da verdade que tratamos de demonstrar; que é — a influencia da mulher na civilisação humana — e tudo isto sem recorrermos á intervenção do affecto materno, á alimentação, a toda a ternura que uma mãe sabe derramar sobre a vida de seu filho, nem ao grande papel para que Deus a tem destinado n'esta sociedade, e que inspirou a *Aimé-Martin* as eloquentes paginas do seu livro sobre a civilisação da mulher, porque seguramente no seio da familia ha um vasto theatro aonde a mãe, a esposa, a irmã e a filha, que se acham ligadas por um vinculo de sangue, exercem poderoso influxo no porvir da sociedade; ha aqui sem duvida um braço divino, que tem estreitamente unido e harmonisado os affectos d'estes seres queridos, porque successivamente se vão dilatando as relações pela amisade, gratidão, e outros meios que a providencia tem decretado para o augmento e consolidação da sociedade; pois bem n'essa sociedade que nasce do centro da familia, a mulher tem uma esphera tão dilatada que não póde deixar de ser mui importante a sua influencia; e esta é a verdade.

(*Continúa.*)

C. DE M. E BRITO.

THEATRO DE D. MARIA.

Hontem 31 de Julho tornou á scena o grande Drama « *A Profecia* » do nosso illustre poeta o Ex.mo D. José de Almada. Graças a Deus que ao menos no palco o publico vê o triumpho da Religião do Crucificado. Tres pegas onde a moral brilha, e se patenteiam, os horrores do crime, e o castigo que lhes envia a justiça Divina, são proveitosos e agradam sempre e até os actores devem estimal-as porque alli muito mais resplandece o seu merito artistico. O sr. Epifanio em cada recita ganha uma nova corôa. A sra. Soller, o sr. Theodorico, igualmente muito se distinguem. Sentimos não ter podido ver todo o espectaculo porque o estado da nossa saude nos prohibio mas protestamos que nunca por vontade nossa deixaremos de ver a Prophecia.

Tivemos a satisfação de pessoalmente conhecer o nosso correspondente em Aveiro, o sr. Padre José Joaquim de Carvalho e Goes.

Sentimos amargamente, que uma subita doença, que o accommetteu lhe dessipasse a resolução d'ir para o collegio do Bombarral, para ser mestre, do qual havia sido chamado, e onde podia prestar bastantes serviços á causa das missões.

O nosso correspondente sahio desta cidade no dia 19 de Julho, no vapor Vesuvio.

Não podemos deixar de felicitar os Aveirenses por gosarem novamente um patricio, que tanto prezam.

CHARADA.

Do mundo sou uma parte — 1
Nobre appellido tambem sou — 2
Todo. Em suas mãos me susteve
Quem a Christo maltratou.

M. A. V. SERRA.

Explicação da charada do n. antecedente: — *Solidão.*

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez; preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 20 — AGOSTO 15 — 1853.

AS IRMÃS DA CARIDADE.

Temos com a maior satisfação o artigo de fundo do nosso contemporaneo, *O Christianismo*, de 18 de Junho ultimo, escripto pelo sr. J. M. Lopes da Silva Rebello; em favor da sublime instituição das Irmãs da Caridade; e não podemos deixar de formar nas columnas deste jornal um echo fiel a seu justo brado; que deve repetir-se em todo o Uniterso. Ha muito que desejamos tractar circunstanciadamente d'este estabelecimento que é util e honroso á sociedade; e guardavamos uma pagina da *Beneficencia* a este importantissimo assumpto; mas nunca poderia ser por nós tractado com tanto saber como aquelle que o nosso contemporaneo emprega para mover os animos bons a uma resolução a mais nobre e precisa ao bem da sociedade.

Acreditamos que bons e maus conhecem as vantagens que offerece ao mundo a instituição de S. Vicente de Paula, que tantos serviços tem feito á humanidade; mas infelizmente neste nosso paiz tarde, e mui tarde se imitam as boas acções dos estrangeiros, que alias nos apressamos a arremedar em tudo quanto é mau, ou menos preciso. Em Lisboa existe um pequeno hospicio de Irmãs da Caridade, mas qual é a sua sorte? soffrerem as mais duras privações, e até hoje nenhumas considerações, porque se fossem lembradas e protegidas ter-se-hia engrandecido o Estabelecimento, e augmentado o numero das Irmãs da Caridade contariam os desgraçados com os soccorros e o tractamento nas enfermidades e na indigencia.

Quantas pessoas morrem por falta de bom tratamento e cuidado em suas doenças; quantas privadas até das consolações que só da Religião podem receber! E porque? porque ou não tem familia e meios de se tractarem, ou muitas vezes tem familiá que não sabe empregar os meios precisos, e assim perecem tantas pessoas que a Caridade salvaria da morte, ou quando não podesse tanto, procuraria suavisar-lhes os ultimos instantes de uma vida temporal conduzindo ao transito fatal á vida eterna essas almas que terminassem a sua peregrinação! Mizera humanidade! Vaes gastando a existencia consumida em fadigas e desgosto, ou estragada em delirios e desordenadas paixões; e não medes o curto espaço que dista do berço á sepultura! Cada instante que passa não vês que leva comsigo uma faisca do

teu fogo vital?... que bem cedo se enfraquecerão teus membros, e n'um abatimento mortal cahirás no leito e logo depois no sepulchro! As dores do corpo, a desesperação da alma quem modificará? A Religião, a Caridade — e a Religião e a Caridade scintilam nessas devotas creaturas que inspiradas por Deus vivem só para gloria de Deus, e proveito do proximo! Essas para quem o vendaval é briza, os abrolhos são flores, e o relampago é um pharol, quando é mister afrontar os mais arduos perigos para voar em soccorro da humanidade opprimida; tendo por unica recompensa de seus serviços a eterna salvação!

Quizeramos ver auxiliada por todos os poderosos da terra esta grande instituição; que nossos dignos Ecclesiasticos a promovam, que o povo a conheça: quizeramos vêr em todos os estabelecimentos pios empregadas as Irmãs da Caridade; poupando tantos braços de homens que podendo ser uteis na agricultura, commercio, letras ou armas, occupam lugares que não sabem desempenhar com o zelo, a Caridade, e o desinteresse que anima aquellas que servem por dedicação, e não por precisão, ou interesse.

Quizeramos por isso que se lhes destinassem meios bastantes á sua decente sustentação e independencia: e que todas as damas illustres déssem o exemplo mostrando que preferem o honesto manto da Caridade a todos esses vãos ornamentos que o luxo inventa para fascinar os olhos, e damnar as almas. Que tambem fosse moda a Caridade, e aquelles que só para imitar os grandes a seguissem, bem depressa aprenderiam a seguil-a do coração.

O guerreiro ferido na batalha encontrará na Caridade um balsamo vivificador: o enfermo no hospital encontrará na piedosa enfermeira o alivio de seus padecimentos; a mãe, que no leito da morte se vê cercada de innocentes filhos que não sabem, nem podem valer-lhe, será soccorrida por mãos piedosas que virão suavisar seus males, e amparar seus filhos: e finalmente o pobre que em sumida e misera habitação vai findar seus dias atormentado o corpo com privações, e a alma sem consolações, terá tudo quanto for preciso ao descanço do corpo, e á felicidade da alma!

Todos estes bens encontrámos no santo instituto das Irmãs da Caridade; não devemos espaçar por mais tempo esta providencia que chama nossas attenções, e merece que empreguemos para conseguil-a todas as nossas forças; e nos unamos todos para ver estabelecida em todas as nossas Provincias, e augmentada na côrte esta instituição a mais util, a mais santa que se conhece e que eleva a mulher a sustentar com animo varonil as mais sublimes virtudes christãs.

O Ceu acolha nossos votos, e a terra attenda os nossos brados.

(*Continúa.*)

D. A. G. PUSICH.

SANTIFICAÇÃO DOS DOMINGOS E DIAS SANCTOS.

No n.° 16 deste jornal, fizemos algumas reflexões sobre o grande abuso, que á entre nós, a respeito da observancia dos Domingos e dias Sanctificados; e sobre a obrigação e necessidade do poder temporal, fazer cumprir as disposições da Pastoral de S. Eminencia.

Agora com o mais profundo respeito fazemos as seguintes reflexões, para que os Domingos e dias Sanctificados, sejam guardados e sanctificados como convém para gloria de Deus, de sua Sancta Religião, e proveito espiritual, e tambem temporal dos fieis.

A lei religiosa, que em todos os tempos tem prohibido os trabalhos servis, negocios e transações commerciaes nos dias sanctificados, tem por fim, os

fieis estarem livres de todos os cuidados da vida temporal, para poderem sanctificar estes dias, como convém, isto é assistirem com a devida devoção ao Sacrosanto Sacrificio da Missa, e empregarem o mais tempo, em exercicios de Religião e piedade, e instruirem-se nas materias religiosas; porque a instrucção religiosa é, a mais proveitosa e saudavel não só para a vida futura, mas tambem para a presente, e boa ordem social.

Ora observadas pontualmente as disposições da Pastoral de S. Eminencia, ficam os fieis livres de todos os cuidados humanos; mas apezar disso, como pódem sanctificar dividamente estes sanctos dias?

As Igrejas apenas estão abertas durante as horas das Missas, além das Missas celebradas pelos Parochos e os outros Sacerdotes, geralmente não á mais practicas religiosas, e principalmente fóra de Lisboa; a maior parte da gente não possue a sagrada escriptura, e outros livros religiosos e edeficantes, para se applicarem n'estes sanctos dias á leitura e instracção religiosa; entre as classes baixas, e mui principalmente fóra de Lisboa, uma grande parte de gente não sabe ler: pois como hão de empregar sanctamente o tempo nos dias sanctificados? Perguntam muitas pessoas.

Á vista d'isto, seria muito util para o bem espiritual, e tambem temporal dos fieis, que os veneraveis Prelados, se dignem ordenar, que as Igrejas estejam abertas de tarde nos dias sanctificados afim dos fieis, concorrerem lá para orarem, e não se entregarem aos vicios e crimes, e os reverendos Parochos serem obrigados a fazerem de tarde explicação da sagrada Escriptura e Doutrina Christãa ao povo, (pois o nosso povo está muito falto de instrucção religiosa) e os reverendos Parochos, que por suas molestias ou avançada edade não poderem encarreguem d'esta sancta Missão a outro sacerdote instruido e virtuoso.

J. B. DE FIGUEIREDO.

O MERITO, E A PERSEGUIÇÃO.

Mais um facto escandaloso! mais uma injustiça registada na imprensa em desdouro d'este paiz!

O sr. Domingos José de Azevedo Bobonne, mandador graduado da officina de ferraria do Arcenal de Marinha, artista de grande merito, foi premiado com a medalha de presença diploma, e relatorio do jury, na grande Exposição de Industria Universal em Londres; em attenção a varios objectos de sua arte e invenção, que alli appareceram; e pelos quaes alcançou os louvores de Suas Magestades a Rainha de Inglaterra, El-Rei Carlos Alberto; e tambem da Rainha de Portugal, em portaria de 6 de Julho deste corrente anno (assignada pelo Ex.mo Ministro Fontes Fereira de Mello.)

Seu louvor no livro da Fxposição vem a folhas 401 A.

O merito deste artista era já tão conhecido em Portugal que Sua Magestade, lhe havia concedido, além do seu vencimento, a gratificação de 500 rs. diarios, isto em Março de 1851; e sendo-lhe esta suspendida em 30 de Julho do mesmo anno por disposições geraes, foi-lhe dado o vencimento de 800 rs. diarios em portaria de 24 de Janeiro de 1852, declarando a mesma portaria que era concedida esta mercê em attenção ao seu reconhecido mérito pelas differentes obras de sua invenção que tem desempenhado com grande utilidade para o serviço.

Ora vejamos qual foi o abraço fraternal que este distincto artista recebeu de seus compatriotas ao verem coroado o seu merito pelo Jury da Esposição de Londres, e pela Rainha de Portugal. E'

com bastante repugnancia que o dizemos, porém é a verdade que affirmamos. Recebe não só repetidos insultos no Arsenal de Marinha, mas até na imprensa!

(Vide *Revolução de Septembro* n. 3403, de 10 de Agosto de 1851!!)

E' um anonymo que alli escreve pertendendo roubar ao Sr. Bobonne a gloria e a honra, e o Sr. Bobonne pode muito bem desafrontar-se; mas é triste a idéa que se une a uma tal humilhação! Pois um homem de reconhecido merito hade ser attacado traiçoeiramente por algum ridiculo invejoso, e hade soffrer que seu nome seja denegrido, sem poder descubrir o seu adversario, porque a imprensa o cobre com um sygilo, ou hade ser obrigado um pobre artista a gastar o que apenas chega á sostentação de sua familia para chamar ao jury o jornal, onde vem estampada a sua deshonra, na mais torpe calumnia! Isto é barbaro, e todavia é certo. O Sr. Bobonne pedio na Redacção da *Revolução*; o nome do seu accusador, foi-lhe negado, mas tendo rasões de saber quem elle é, procede judicialmente, esperamos que o Sr. Juiz a quem se acha commettido este negocio julgue com a brevidade, e rectidão, que taes casos exigem.

Nós lamentamos devéras taes acontecimentos! Quizeramos que os devidos louvores nas folhas portuguezas animassem o artista que se distingue; e não que o deprimissem calumnias e diatribes em nossas folhas quando os estrangeiros publicamente o honram com justos louvores; sentimos vivamente o atraso de civilisação desta nação, pois uma das maiores provas de ignorancia que embrutece os animos, e ofusca as idéas, é a inveja que nasce em tantas almas e as move a perseguir o merito, em vez do nobre estimulo que disperta as ambições de gloria, o desejo de imitar, e até exceder, aquelles que se elevam por seus merecimentos; mas sentir-se engrandecer com a grandeza da sua patria, amar seus irmãos que a illustrão, querer brilhar com elles, estes sentimentos só os tem almas illustradas, e boas; em quanto as rudes, e más se consomem corrompidas pelo veneno da inveja. Contamos que o nosso Collega, Redactor da *Revolução de Septembro*, dará toda a satisfação ao artista offendido, publicando em sua defeza o que elle artista lhe apresentar; e julgamos que lhe fará justiça, porque o seu agressor só apresenta expressões que atacam não só o artista, mas aquelles que tem premiado cá, e lá, o seu merito, em quanto o calumniado offerece documentos os mais honrosos em seu favor.

Consta-nos mais, que o referido artista se acha suspenso de seu emprego no Arsenal de Marinha, porque tendo soffrido repetidos insultos, que não se providenciaram, foi por ultimo provocado por certo operario a ponto que no maior auge de afflição, o Sr. Bobonne, para se livrar de quem o insultava, disse que — o declarava suspenso por ordem do Ex.mo Ministro da Marinha — parece que devia ter dito á ordem do Sr. Inspector; mas sabemos que desta falta proveniente da sua perturbação pedira perdão ao Sr. Inspector; e que se lhe formou conselho etc. Esperamos que o conselho proceda com a imparcialidade propria da honradez dos cavalheiros que o compõem; e que S. Ex.a o Sr. Ministro da Marinha, providencei como é de esperar de seus conhecimentos; descobrindo a verdadeira causa que move essa perseguição contra o pobre artista, combinado o insulto no Arsenal, com o ataque na imprensa, e mais circunstancias que tornam este caso mais grave do que talvez se pense.

No seguinte numero diremos quaes

foram os objectos premiados na Exposição de Londres, assim como daremos noticia de alguns outros que o mesmo Sr. Bobonne fez e que foram vistos por Suas Magestades, e muito louvados por El-Rei, a quem o artista foi apresentado pelo Ministro de Marinha, e pelo Inspector do Arsenal, como author de todas essas obras.

D. A. G. PUSICH.

UM ARTISTA PORTUGUEZ.

A tenra avesinha do ninho se afasta,
Apenas os vôos errante sustém!...
Dos céus a iminencia, a terra tão vasta,
Admira!... e de vêl-as nem animo tem!

Dos vôos primeiros o ensaio lhe custa!..
A luz a deslumbra!... receia cahir!...
Mas torna-se firme, ousada robusta,
Se uma ave mais forte a anima a seguir!

Assim eu mesquinho, com tremulos passos
Do seio materno com penas sahi!...
Um Genio me brada: «Contempla os espaços
E o palco demanda! — teus glorias alli!»

Idéa sublime na mente me adeja!
Das Artes a c'rôa desejo colher!
Mas temo os espinhos, se mão bemfazeja
Os passos incertos não vem proteger!

Demando os auxilios de mão protectora,
Que o publico estende ao Genio infantil;
A mão que os instintos lhe augmenta, vigora,
E a fronte lhe adorna co'a rosa d'Abril!

Oh! não me recuses, ó patria briosa,
A flôr da esperança dos annos na flôr!
Qual aguia não vôo á esphera assombrosa!..
Do sol busco — um raio! — um tenue fulgor!

Não tento qual cedro augusto
Alterosa fronte alçar;
Só pertendo, humilde arbusto,
Em teu seio vicejar;

Gosem os réis da poesia
C'rôas de immenso valor!
Eu só quero a sympathia
De irmãos a quem tenho amor!

Patria minha!... não recuses
Um filho teu amparar!
Vê que as Artes são as luzes
Com que te has-de alumiar!

Mas... oppressa.. consternada,
Curvas a altiva cerviz?...
Porque suspiras magoada,
Oh patria minha infeliz?!

Lembras antigas proezas
Do teu povo portuguez?
Recordas tantas grandezas!
Thesouros que já não vês?

Que te importam bens perdidos,
Se tens o favor de Deus?!
Se inda tens filhos queridos,
Tão briosos, pois são teus!

Tens nas artes os thesouros;
Tens a gloria nacional!
Reagi! dize aos vindouros:
«Inda vive Portugal!»

E não te offusque a ventura
Das nações que vês fulgir;
Aurora de luz mais pura
Dar-te-ha risonho porvir.

Ostentem nações vaidosas
As grandezas que em si teem;
Essas ditas tão famosas
Não as invejo a ninguem.

Cinja o Italico seus louros;
Seus lumes gose o Francez;
Vale mais que esses thesouros
— Ser Artista, e Portuguez! —

D. A. G. PUSICH.

CONSTANÇA.

Drama original em 3 actos.

(Continuação)

SCENA III.

CONSTANÇA E D. EUGENIO.

D. Eugenio.

Sempre Ernestina! (*á parte*).

Constança.

O que tem primo, parece-me pensativo?

D. Eugenio.

E não terei rasão? Ah! minha prima, quem me dera fazer-lhe sentir um

momento, um só momento este mal que me opprime! Então saberia dar valor ao que sinto, e eu seria mais feliz.

Constança. (sorrindo).

Seria mais feliz vendo-me soffrer! É tão forte a sua amizade que deseja partilhar comigo as suas dores!....

D. Eugenio.

Era restituir-lhe o que me deu!.... Ah! Constança!.... Eu não sei calar por mais tempo o que sinto! Ha tres annos gemo victima silenciosa!.... Não posso mais! Constança! amo-te.., adoro-te... Ês o meu primeiro amor, e serás o ultimo. Sim!.... ou hei-de alcançar a tua mão, ou....

Constança.

Vejo que está graecjando; vamos ao lanche.

D Eugenio. (segurando-lhe a mão).

Não, Constança! Eu não hirei d'aqui sem que decidas do meu destino. Profere a sentença.... A vida, ou a morte!.... Lembra-te do martyrio que hei soffrido, vendo-te nos braços de outro! Os condemnados no inferno por certo não soffrem mais do que eu soffri vendo-te..... adorando-te, e sabendo que pertencias a outro! Era meu parente, e tu viste-o primeiro que me visses!... amaste-o... foste sua consorte! Respeitei esses vinculos sagrados! não pude ser indifferente poram ao seu vil procedimento para comtigo. Quem teve a felicidade de possuir uma joia tão preciosa devia idolatral-a; mas não era D. Rogero quem te podia apreciar! O homem dado ás paixões mais abjectas não era capaz de sentir a nobre paixão do amor puro verdadeiro! Amou os teus encantos com um amor sensual; Amou teus bens para lhe sustentarem novas paixões; não amou as tuas virtudes! Tu o sabes, e Deus soube que elle não te merecia; que outro era digno da ventura que elle indevidamente possuia.... Deus permittiu que em seus proprios erros achasse a punição.

Constança.

Ah! D. Eugenio! Recorde que falla de um seu parente! Accate os mortos!...

D. Eugenio.

Por ser meu parente adorar-lhe os defeitos!.... por ter morrido está justificado! Morto de uma embriaguez!.. A morte mais vergonhosa! E heide accatal-o! Constança, Constança! ainda o amas!

Constança.

Respeito as suas cinzas, e não ouso tachar de crimes defeitos da mocidade mal dirigida. Era meu marido, e pai de minha filha.

D. Eugenio.

Deixemos de fallar em quem morreu, e fallemos de quem vive; veremos se tens tanta compaixão. Constança, amas-me?

Constança.

Oh! meu primo, que pergunta! Não sabe que o estimo deveras!

D. Eugenio.

Eu quero o teu amor, não quero a tua amisade; pertendo a tua mão; conheces que a minha posição não é das peiores; não estou no caso em que estava meu primo, que sem ter meios quiz cazar comtigo para te desgraçar.

Constança.

Fallemos de quem vive; deixemos em paz os mortos.

D. Eugenio.

Tens razão, fallemos de quem vive. Serás minha, Constança?.... dize ..... dize que sim, e eu vou cuidar na conclusão do nosso casamento.

Constança.

E minha filha? Dar padrasto a minha filha!

D. Eugenio.

Dar-lhe um pai que saberá cumprir melhor o seu dever, do que aquelle que lhe deu o ser.

Constança.

Basta, D. Eugenio! *(com gravidade).*

D. Eugenio.

Quizera esquecer-me d'elle, mas tua

filha m'o representa a cada instante! Constança decide, tua filha fica a educar-se n'um collegio aqui em Lisboa, não lhe faltará cousa alguma; e nós iremos para a nossa casa de Villa Viçosa.

Constança.

Separar-me de minha filha!.. Jámais. Não, D. Eugenio. Agradeço a sua escolha mas nao acceito a sua proposta.

D. Eugenio.

Recusa!?....

Constança.

Recuso.

D. Eugenio.

Veja o qua faz!

Constança.

Tenho decidido.

D. Eugenio.

Invariavelmente?

Constança.

Invariavelmente.

D. Eugenio.

Adeus!... (*sáe arrebatado e com gesto ameaçador*).

SCENA IV.

CONSTANÇA SÓ.

Meu Deus!... e pensa que o não amo! quanto me custa vel-o assim padecer! Ah! filhos, filhos!... quanto deveis a uma extremosa mãe! quanto me deves innocente Ernestina! Eu te sacrefiquei liberdade, fortuna, o descanço de toda a minha vida, e hoje o meu coração! Oh! se tu não foras, D. Eugenio seria o objecto de todos os meus disvellos!.... mas tu!.... tu Ernestina, és a parte mais cara do meu coração! és minha filha; e este amor é mais intimo; é mais puro!.... (*Pensa um instante.*) Que fará!.... que pensará elle!.... Sinto-me agoniada. (*Assenta-se em um assento do jardim olhando attenta para os amores eternos.*)

Parece que me estala o coração no peito! Jesus! dá-me forças para resistir a um combate de affectos superiores ás forças de uma fraca mulher que tanto já tem soffrido! falta-me o animo!.... careço de um conforto!.... de quem me ajude a vencer o proprio coração..... este inimigo maior da minha felicidade! (*ergue-se*) Ernestina, Ernestina (*chama*) vem, preciso ver-te, beijar-te. Camila (*chama encaminhando-se para o fundo*). Camila, traze a minha filha.

SCENA V.

ERNESTINA, CAMILLA, E A DITA.

Ernestina (*correndo a abraçar-se á Mãe.*)

Mamãa.

Constança.

Minha filha!... minha Ernestina (*Beijando-a com ternura.*) Oh! quanto estes innocentes carinhos suavisam a aspresa de minhas ancias!

Camilla.

Pobre senhora!.... quem me déra poder tirar-lhe metade das suas afflições, que de boa vontade as recebia!

Constança.

O que dizes! Deus te livre de sentir metade do que sinto! Oh! Deus te livre! se soubesses o que pedias não me querias dar tamanha prova de amizade!

Camilla.

Ha dois annos que a sirvo, desde que V. Ex.ª enviuvou, e ainda não me animei a perguntar-lhe uma só cousa ácerca dos motivos da sua afflição; e parece-me que tem outros além da saudade de seu marido!.... mas veja minha senhora, as penas communicadas são aliviadas; eu julgo ter mostrado em dois annos que mereço a sua confiança. Desejava que depositasse no meu coração os seus segredos, e então conheceria que não tem no Mundo uma amiga como eu! ainda que pertenço a uma classa inferior não troco os meus sentimentos pelos de alguma de alta Jerarchia.

Constança.

Nacer n'um Palacio, ou n'uma choupana pouco importa. O merito é que nos

faz grandes: este depende unicamente de nós, não é obra do acaso, mas um presente do céo que está ao nosso alcance poder conservar; é a só grandeza que os homens não podem aniquilar:

Camilla.

E' que V. Ex.ª não tem soberba do seu nascimento porque tem juizo; mas a gente vê cousas por este mundo!....

Constança.

São mizerias de que devemos ter dó. (*Toca a sineta*) Vai lanchar com tua tia, e Bernardino, que eu nada quero.

SCENA VI.

BERNARDINO, E AS MESMAS.

Bernardino.

A Senhora Custodia disse-me que viesse chamar a V. Ex.ª que o lanche está na Mesa. Tambem não está má expressão! Dizer eu lauchára é o mesmo que chamar-me embarcação. Na Azia ha uma especie de pequenos Botes a que se chama Lanchára; e aqui tambem as lanchas! Emfim galanterias modernas. E meu amo?....

Constança.

Retirou-se haverá meia hora.

Bernardino.

Deus me dê paciencia com tal senhor! Alguma zanguinha. Aquelle meu amo tem particulas electricas no seu machinismo! Todo elle é genio! V. Ex.ª não vê! O nome o diz — Eu-genio! — Elle, que eu ca sou um cordeiro.

Camila.

Quem gabará a noiva, vm. não deixa o seu credito por mãos alheias. Ande venha tomar alguma cousa que a senhora manda.

Bernardino.

Nada. Muito obrigado a S. Ex.ª vou-me para casa sra. Camelinha.

Camila.

Camelinho me parece vm.!

Bernardino.

Nada, nada, eu cá sou Camelão que é fazenda mais grossa. Aos pés de V. Ex.ª (*Sae apressado.*)

(*Continúa.*) D. A. G. PUSICH.

CHARADA.

DEDICADA AO EX.mo SR. CONDE DE SALDANHA.

(*Por ser uma cousa de que elle muito gosta.*)

Sou de um paiz muito ameno
Junto de lá me hão de ver:
Dando principio ao veneno
Que um sabio não quiz temer. — 1

E' de estrellas mil bordado
O meu sublime Docel;
O meu solo alcatifado
Mal finge humano pincel — 2

TODO.

Sou dos velhos o cuidado;
Mas nem só delles.... emfim....
A moços tenho agradado
Que muito gostam de mim.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

ANNUNCIO.

J. R. de Figueiredo professor de Logica e elementos de Fysica, lecciona as ditas materias por methodo muito facil, quem o pertender dirija-se ao collegio Polythechnico na Rua dos Corrieiro n. 122 proximo a S. Nicoláu. NB. Aos discipulos das ditas materias, ensina Desenho — Gratis.

Explicação da charada do n.º antecedente — *Martello* —

IMPRENSA NA RUA DA CONDESSA N.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 21 — SETEMBRO 1.° — 1853.

BISSAU.

—

Partiu para Bissau o vapor Mindello condusindo alguma tropa com a qual se pertende conter os gentios que atacaram nossas posseções n'aquelle ponto. Sentimos ter de lamentar a sorte d'aquelles que para lá foram; e de ver tambem verificado um prognostico feito por nós, quando victima da ambição de barbaros estrangeiros o benemerito Coronel Joaquim Antonio de Mattos (nosso presadissimo e sempre chorado cunhado) terminou seus dias! A este caso lastimoso e nunca visto em Portugal não se dêo a devida importancia porque Mattos não tinha já parentes poderosos, e seus assacinos eram muito poderosos!.. Não se deo a devida publicação porque nós ainda não tinha-mos um jornal, nem as relações que temos, hoje no mundo litterario; e todavia é tempo agora de renovar a memoria de tão infeliz acontecimento, e dos serviços d'aquelle honrado portuguez digno de melhor sorte.

Joaquim Antonio de Mattos era muito rico, e muito respeitado dos gentios; possuia além de sua grande fortuna como negociante duas Ilhas na costa de Guiné, a Ilha dos Papagaios, e a Ilha das Galinhas; nesta ultima firmou elle a sua residencia depois de ter servido muitos annos como Governador de Bissau, e como Perfeito, nomeado pelo sr. D. Pedro Duque de Bragança: mandou muitos navios seus com excellentes madeiras que offereceu a nossos Arcenaes para construcção de navios de guerra: offereceu ao Governo de Portugal as duas Ilhas que elle com o seu dinheiro comprára ao gentio; e por isso foi nomeado senhor Donatario; e teve outras merces honorificas, prestou muitos outros serviços que longas paginas seriam precisas para os relatar; e nunca durante sua vida os gentios nos encomodaram; porque apenas se lembravam de cortar a passagem do rio logo Mattos aparecia, e conseguia d'elles tudo quanto queria; de modo que em paz conservámos nossas possessões em Bissau, e Cacheu, enriquecidas aquellas Praças com seu constante; commercio; e relações, amigas com os Reis gentios, que intitulavam Mattos, seu primo.

Em 1842 apareceu um vapôr de guerra nas costas de Guiné; dirigindo-se á Ilha das Galinhas; arvorou bandeira ingleza, e ao anoitecer desembarcou a sua tripulação armada; saquiou a casa de Mattos, e toda a povoação (que éram familias antes escravos de Mattos a quem el-

le déra liberdade) lançaram fogo ás cazas, e roubaram uma filha bastarda que Mattos teve antes de cazar com D. Maria do Carmo Pusich, nossa presadissima, e já fallecida irmãa; porém a virtuosa menina, Maria Julia, não podendo livrar-se de outro modo rasgou seus vestidos e fugio aos seus algozes, que disparando-lhe dois tiros nas costas a mataram! Seu infeliz Pae estava em Bissau, aonde fora tratar alguns negocios; voltando com a noticia fatal desta catastrophe, depressa finalisou seus dias, que tão ditosos correram, e tão desastrosamente acabaram!

O Ex.^{mo} Sr. General Fontes Pereira de Mello que então governava a Provincia de Cabo-Verde; participou este caso, e pedio providencias; o Ex.^{mo} sr. Sá Nogueira, Deputado por Cabo-Verde, por varias vezes bradou contra um tal procedimento coberto com a bandeira ingleza, e reclamou providencias; mas nem uma só apareceu; e uma pedra sepulchral escondeu com o cadaver do honrado Mattos a lembrança de seus relevantes serviços, e de tão grande insulto feito a Portugal! Passados annos alguem pertendeo que em cortes se fallasse nisso... fomos nós, entregando a um grande orador a ultima carta que pouco antes de espirar nos escreveo nosso cunhado narrando todo aquelle acontecimento, e as oppressões que soffria dos inglezes, não podendo navegar seus navios com o comercio de sera, marfim, azeite &c. que não fossem tomados com o pretexto de se julgarem negreiros &c. Esse Deputado e Conselheiro a quem nos dirigimos disse-nos que; o Governo tinha officiado a inglaterra pedindo uma satisfação, e que de inglaterra lhe responderam que o comandante do vapor fora processado e sentenciado á morte; mas que fugira para os Estados Unidos!.... Se isto foi ou não foi assim á alma lhe preste; mas nós nunca acreditamos que se pedisse uma satisfação a estrangeiros; basta que elles exijam de nós avultadas sommas, e nos amiassem com esquadras, quando provocados por elles nos lembramos, com alguma leve mostra, de que temos Réis, temos brios e ainda não estamos riscados do cathalogo das nações.

Pelo modo porém com que o Governo procedeo á cerca do insulto feito a uma Ilha e a subditos Portuguezes parece-nos ter havido uma imperdoavel fraqueza.

E nós que em nosso cunhado, e verdadeiro amigo perdemos um segundo pae, que na falta do que nos deo o ser, na perda de nossa fortuna era o nosso unico amparo, como recordaremos este infortunio?.. Com lagrimas de sangue; e coração de christãa.

Combater gentios não é combater gente civilisada; a guerra é com brutos, e em terras que senão conhecem; os nossos tem contra si, o clima, as traições e astucias dos gentios, que não pouparam siladas, a falta de viveres, e sufficientes munições de guerra, a distancia da corte que lhes envie soccorros visto que não temos em Cabo-Verde nem um só navio de guerra ás ordens d'aquelle Governo; como teve nosso presadissimo pae, quando governou aquella provincia; pois foi uma das primeiras providencias que elle reclamou, e lhe foi concedido o brigue Reino-Unido, comandante o conde de Baurepaire, hoje grande do imperio do Brazil. (a) Finalmente muitas difficuldades e perigos tem de affrontar; entretanto Deus protege os fieis; e esperamos que se digne valer aos nossos e dar sempre a victoria ás nossas bandeiras.

D. A. G. PUSICH.

(a) Muita satisfação temos em saber que aquelle cavalheiro tão distincto em nascimento e qualidades moraes, hoje se acha ligado á nossa familia pela união de sua filha com um proximo, e presadissimo nosso parente o sr. José Maria Pinto Peixoto; união que veio firmar antigos laços de verdadeira amisade.

UM BRADO EM FAVOR DA HUMANIDADE.

A ignorancia e o barbarismo desposaram-se : os vicios, e as atrocidades foram seus filhos, e por longo tempo opprimiram a terra ; mas veio a civilisação desafrontar a humanidade, e quebrar-lhe os grilhões do mais vergonhoso captiveiro. A illustração, e philantropia deram-se as mãos, e extendendo o seu imperio tem milhorado a sorte dos mais fracos, a quem o poder da força brutal esmagava. E com tudo ainda nos paizes mais civilisados, vemos de quando em quando apparecer alguns crimes que desdoiram a sociedade onde se praticam. E' mister pois que elles sejam conhecidos para serem banidos.

De muitos brados que houvimos vamos hoje repetir um brado em favor da humanidade, a fim de que chegando aos ouvidos das authoridades se remedeem os males de que alguns infelizes se queixam.

A' cerca do hospital dos alienados temos ouvido tantas cousas desagradaveis que algumas custa-nos acreditar. Mas como se hão de justificar aquelles contra quem se clama (se poderem justificar-se) não vendo um testemunho desses clamores ? julgamos pois fazer um obsequio aos accusados offerecendo-lhes occasião de se justificarem, ou de se emendarem; e um importante serviço á sociedade, e á humanidade publicando os factos de que temos noticia.

Consta-nos que entre alguns desgraçados que se têem encerrado em Rilhafolles como alienados, alguns lá estão que nunca mereceram para lá entrar ; e entre esses existe D. Costodia, filha de um Negociante ; a qual tendo uma grande fortuna foi enviada para Rilhafolles por seu pai, só com o fim de impedir um casamento que ella tentava fazer ; tendo alliaz consentido em que ella tivesse muitas leviandades que elle devia corrigir, como pae ; mas que não obstou.... e só sim quer impedir o casamento por interesses particulares !.... e conserva-se aquella infeliz incommunicavel para que não se observe o estado da sua rasão !

Consta-nos mais que do hospital dos doidos poseram em liberdade um homem que por ahi anda fazendo toda a qualidade de loucura, causando temor a quem transita as ruas da cidade.

Consta-nos mais que no mesmo hospital só querem doidos que tenham meios de fortuna, e que os pobres são logo postos na rua !....

Estimaremos conhecer que tão horrorosas accusações são falsas, e para isso as publicamos afim que as authoridades se informem, e procedam como exige o bem da justiça e da humanidade.

Agora outro caso recente, e do qual temos provas.

Uma sra. muito rica, já viuva, foi considerada por louca, sem o ser, privada de sua grande fortuna, e reduzida a viver com escassos meios; porque seus parentes a fazem passar por louca, e tomarão posse de seus bens !.... Esta sra. requereu em juizo que se julgasse a sua causa ; pedio ser examinada por dois Facultativos de grande credito ; e segue uma acção contra seus parentes.

Em seguida publicamos o attestado dos Facultativos, que nos merecem o melhor conceito ; e por elle se verá a que ponto de crueldade a ambição leva os homens. Aos srs. Juizes que hão de julgar o processo imploramos toda a precisa attenção em caso de tamanha responsabilidade, e esperamos ter de louvar a sua rectidão.

Certificamos que a sra. D. Margarida Isabel Morelles Entillac, moradora na rua da Procissão (ao Collegio dos Nobres) n.° 61, não soffre *alienação mental*. Pro-

cedemos a varias perguntas, ás quaes respondeu coherentemente, e concluimos existir nesta senhora a rasão intacta. Foi esta mesma senhora, que por varias vezes temos observado, quem exigio de nós este certificado! Estranhamos sobre maneira que se tenha esta senhora por alienada, e ao mesmo tempo quem assim pensa d'ella a auctorise a reger-se por si com os pequenos meios! como em boa moral social e domestica se poderá olhar bem semelhante contradicção? Ou ella tem ou não tem a rasão de si; se a tem porque a privam de reger sua fortuna? se a não tem porque a entregam desalmadamente á sua infeliz sorte; privando-a de reger seus bens, e concedendo-lhe mesquinhos meios para se reger e viver! Quem não tem a rasão perfeita não pode reger-se; logo em boa moral domestica e social deviam tratal-a com caridade Evangelica.

Juramos em boa fé o que acima escrevemos para que os tribunaes hajam de resolver esta questão como exige a santidade da sua missão na sociedade em que vivemos. Lisboa 24 de Agosto de 1853. (Assignados dois Facultativos.)

A UMA EXTREMOSA E INCONSOLAVEL JOVEN VIUVA.

A Flor pendida.

Linda flor, que venturosa
Te ostentavas tão viçosa
No matutino frescor!...
Tão pura, tão engraçada,
Parecias destinada
Aos altares do Senhor!

Um zephiro te afagava,
E no teu seio gosava
Delicias de um casto ardor!
Sorriam-te a noite e o dia;
Comtigo o prazer sorria;
Era tudo em ti fulgor!

Mas ai!... tufão improviso
Te converte o paraizo
Em negro abysmo de horror!...
O teu zephiro adorado
Foi, de repente, elevado
Ao seio do Creador!...

E só por Deus te deixára,
Quem a ti só consagrára
Sua vida, e seu amor!
Miseranda!.. succumbiste!..
Em deserto escuro e triste
Vaes perdendo brilho e a côr!

E's qual pendida saudade
No exilio, na soledade
Do sepulchro aterrador!
Oh! não!.. ergue-te animosa!..
Um dia verás, ditosa,
Lá no ceo o teu amor.

E has-de sobranceira entanto
Vicejar, com esse pranto
Da aurora em seu puro alvor!
Ha-de esse fogo abrazar-te,
Que o sol amigo reparte
Comtigo, mimosa flor:

E da vida no deserto
Sentirás, de ti bem perto,
Um gemer de intensa dôr!...
E' a viuva rolinha,
Que vai deplorar, mesquinha,
Da morte o fatal rigor:

E verás n'esse êrmo agreste
Pousado além n'um cypreste,
Da noite o meigo cantor;
Carpindo a fiel consorte,
Que lhe arrancou dura morte,
Ou mão d'impio caçador:

E no murmurio das agoas,
E no som de eternas magoas
Do mocho presagiador;
E dos eccos no gemido:
E no tremendo estampido
Do trovão assustador:

Tudo verás egualar-te!...
Ha-de tudo acompanhar-te
No exilio consumidor!...
Ah! deixa... deixa essas trevas!..
Sim!... que do abysmo te elevas
Ao seio do Creador!

Faze alegrar as campinas...
Reanima essas boninas
Que vivem co'o teu vigor!...
Sorri, que a tormenta acalmas!..
Torna a paz que a tantas almas
Roubou tua immensa dôr.

D. A. G. PUSICH.

SONETO.

(OFFERECIDO E DEDICADO Á EX.ma SR.a ...)

Deixa o mundo loquaz nutrir vinganças;
O mundo é illusão triste, mentida:
Que é a terra, nos crimes immergida,
Senão louco phantasma de mudanças!?

Medonho turbilhão de vãs esp'ranças,
Imagem de sinistra, acerba vida,
Eis a scena, e só delle, abastecida
De insidias, maldições, crueis lembranças...

Deixa o mundo, donzella, e tão sómente
Se queres fruir encantos d'harmonia,
Perfumes divinaes celestemente,

Vôa ao Claustro, e risonha d'alma envia
Canticos ao Senhor — virtude ingente —
No regaço da paz e da alegria.

26 de Dezembro de 1852.

ALMEIDA BLANCO.

CONSTANÇA.

Drama original em 3 actos.

(*Continuação*).

SCENA VII.

CONSTANÇA, CAMILA, E ERNESTINA.

Camila.

Parece doido! Sobre os degrãos quatro, a quatro! (*olhando para o lado por onde Bernardino saiu.*)

Constança.

Coitado! é muito amigo de seu amo, e tem rasão; naceo-lhe em casa, filho de um criado antigo de seus pais; foram educados juntos, e D. Eugenio estima-o como irmão. Bernardino tem muito boas qualidades.

Camila.

Ora minha sra! E' diamante que ficou em bruto! V. Ex.a não vê aquelle modo de se expressar!....

Constança.

A culpa não é delle; os nossos fidalgos pecam algum tanto no gosto de terem creados sem a precisa instrucção, para lhes servirem de divertimento; mas essa falta é suprida por muitas qualidades boas que Bernardino tem; é muito fiel e amigo de seu amo.

Camila.

Tambem a minha sra. não lhe hade ter inveja, não sendo a sua menina quando souber dar valor ao sentimento; V. Ex.a nunca terá quem a estime tanto como eu; isso posso jurar pelas almas de meus pais, que é para mim a cousa mais sagrada.

Constança.

Até por essa razão te estimo: quem não ama seus pais, não póde amar pessoa alguma. Camila, preciso fallar de mim!.... preciso que algum coração se compadeça de mim. (*chora*)

Camila.

Minha querida sra. venha primeiro tomar alguma cousa; vejo-a tão abatida! (*enternecida*).

Constança.

Nada quero senão desafogar a minha dôr. Assenta-te (*Faz Camila assentar-se a seu lado.*)

Camila.

Que bondade minha sra.! não abusarei (*Assenta-se.*)

Constança.

Meu pae era um rico proprietario do reino; Senhor de muitas terras na Provincia do Minho, aonde nascêra; e residia na corte como um independente capitalista: vivendo não só dos rendimentos da sua lavoura; mas tambem d'outros bens que possuia aqui em Lisboa; e suas immediações. Acções do Banco, inscripções da Junta do Credito Publico; de casas, quintas &c. Eu filha unica, havendo perdido na infancia a minha querida mãe, quando completei os 15 annos da minha idade, quiz meu pae casar-me com um rico senhor de casa, tambem do Minho, recusei o casamento por não gostar do noivo.

Camila.

A fallar a verdade, os casamentos contra a propria vontade não prestam.

Constança.

Assim é, mas o coração tambem se engana. E' uma sorte.

Camila.

E' uma sorte, e bem arriscada!.... Continue minha senhora.

Constança.

Foi nesta occasião que me vio aquelle que foi meu marido, fidalgo, mas com poucos meios, pois era filho segundo. Agradou-me, porém meu pai não consentio neste casamento, e para lhe obedecer tambem recusei.

Camila.

Fez muito bem; primeiro estava seu pae.

Constança.

Obedeci porque o meu coração ainda era livre.

Camila.

Não me disse que lhe agradava?

Constança.

Disse; mas agradar-me, não era captivar-me, era uma ligeira inclinação; e eu estava na aurora de meus annos, quando o coração sente que precisa amar; e comtudo não era aquelle ainda o objecto que o devia preencher!... oh! talvez não o encontre na terra! Camila, custa-me dizer-te uma verdade..... mas é umaverdade; a unica circumstancia que justifica a minha união com D. Rogero! E tu deves sabel-o para evitar iguaes desgraças!.... Uma pobre mulher está cercada de tantos perigos, que só a mão de Deus póde salval-a, dando-lhe força ao coração, e luz ao entendimento para triumphar dos esforços da immoralidade!..

Camila.

Se o nosso juiso é tão fraco, o nosso coração ainda mais! E elles abusam....

Constança.

Abusam aquelles para quem a virtude não é mais que uma palavra; os que não reconhecem este principio de Direito natural. — Não faças aos outros o que não quizeras te fizessem — nem se lembram da pena de talião.

Camila.

Tambem é celebre! Tenho reparado n'isso: por exemplo, um homem casado namora a mulher de outro; logo vem outro namora-lhe a sua. Mas diga minha sra., que desgraça lhe acconteceu?

Constança.

D. Rogero vendo que não me podia conseguir com a facilidade, e brevidade que desejava, recorreo a meios de engano: seduzio a creada que me tinha a seu cargo, e obteve entrar em minha casa em occasião que meu pae estava no campo. Desde esse instante fatal eu me decidi a casar com D. Rogero.

Camila.

Ai! — creada! que mulher tão má aquella que a sacrificou! Minha rica menina, Nossa Senhora me conserve o juiso, que a mim nenhum demonio me ha de tentar. (*ergue-se, vai beijar Ernestina, que se diverte com as flores e um viveiro, e torna a assentar-se*). E seu pae que fez elle?

Constança.

O que fez! vendeu todos os seus bens, dando-me a parte que me pertencia; e retirou-se para Italia aonde se estabeleceo; nem quiz mais saber de mim.

Camila.

Oh! cruel! Nem depois de nascer a netinha! E' quando se costumam fazer as pazes.

Constança.

Pois nem assim; nem terminada com a morte de meu marido a causa do seu resentimento; nem o meu arrependimento, e mil cartas que lhe tenho enviado. Oh! meu pae é inflexivel!

SCENA VIII.

BERNARDINO, E AS MESMAS.

Bernardino.

Minha senhora que desgraça!.... pelo

amor de Deus acuda, venha despedir-se de meu amo....

Constança.

De seu amo! como! para onde vai elle?

Bernardino.

Para o outro mundo por sua causa.

Constança.

Para o outro mundo! que quer isso dizer?

Camila.

Quererá dizer, que vai para a America.

Bernardino.

Ensine o Padre Nosso ao vigario: isso é novo mundo, não é outro mundo.

Constança.

Explique-se homem; que quer vossê dizer?

Bernardino.

Que tomou uma doze de resalgar ou arsenico, e lá está nas ancias da morte pedindo que a quer ver, e declarar-lhe uma cousa.

Constança.

Oh! meu Deus!... E' possivel!...

Camila.

O que diz, senhor Bernardino!....

Bernardino.

E' como digo. Aviem, que eu vou chamar o sacramento. Por este não esperava elle! Contava com o setimo, e sae-lhe o quinto! Ah! Mundo, Mundo. (*querendo partir*).

Constança.

Bernardino vá soccorrel-o.... que delirio!... Camila... Ernestina... acompanhem-me... Ah! meu querido primo. (*Suffocada em lagrimas: Ernestina a abraça, Camila e Bernardino a seguem.*

FIM DO 1.° ACTO.

(*Continua.*) D. A. G. PUSICH.

INFLUENCIA DAS MULHERES NAS SOCIEDADES MODERNAS.

(*Continuado do n.° 19.*)

A historia faz mensão de uma época, em que o imperio da mulher se distingue sobremaneira: — a época da galanteria e do espirito cavalheiresco da idade média; o tempo do reinado da formosura e do amor, da constancia e heroicidade nos grandes affectos, em que se combatia e disputava pela mulher como uma prenda inapreciavel, que seria a recompensa do valor, e da generosidade. Como se concebe essa protecção e amparo da belleza, sem mais recurso que a sua ternura, nem outro apoio que a sua innocencia? Porque ia o guerreiro coberto de sangue depor aos pés da sua querida os tropheos da victoria? Quem é esta rainha que alcança um tão universal acatamento, precisamente em uma época de violencia, em que a sociedade luctava com ardor por conquistar uma forma, se cabe dizel-o assim, da vida social? Porque razão o caudilho, terrivel na peleja, defende a creatura debil, e de leão e bravo volve docil e prompto aos rogos e insinuação da beldade, que lhe implora, ou ordena? Todas estas circumstancias revelam sufficientemente que a mulher na epoca passada exercêo um predominio maravilhoso sobre o homem que concorreu a adoçar seus costumes guerreiros com rasgos de generosidade, que sempre vangloriava; que infundio aos homens valor nos trances perigosos arriscados; e emfim que contribuio da maneira porque naquella epoca podia contribuir, para o melhoramento d'elles nessa fraccionada e torbulenta sociedade. Ora bem, esse affecto do coração, meia existencia do homem, porque não havia de ser considerado nos tempos modernos e excessivamente? N'uma época em que os homens se deixam enlevar com facilidade do brilho das theorias, naturalmente haviam de brotar systemas em que a mulher apparecesse altamente soberana; e assim o *sansionismo* clamava por uma mais ampla emancipação da mulher. E sem duvida na mulher livre acha-se mais desgraçada a sorte da beldade; é porém indu-

bitavel que ha quem clame no meio da sua exaltação, que se lhe concedam os mesmos direitos, e gerarchia que aos homens, e a quem seguramente não desagradaria ver um congresso de bellas decidindo a sorte d'uma nação, misturando-se a seu turno nas fileiras das cidadãs. Não levamos até esse extremo nosso delirio; queremos que pezem sobre nós os actos todos de vigor, que a conveniencia do paiz reclame, mas sem negar á mulher a capacidade de que é susceptivel.

Em consequencia podemos assegurar, attento o progresso racional das nossas sociedades, que a mulher está destinada a ver augmentar-se de dia em dia o influxo do seu magnetismo, e a força do seu poder, se, tendo por modelo a virtude que é o atributo mais digno de apreço aos olhos do homem, procurar embellecer suas graças naturaes com a urbanidade e delicadeza de uma culta sociedade, com o attractivo e encanto das artes, e até com o cultivo das sciencias, se o permittirem os seus encargos e situação, então a sua posição social se deverá elevar com vantagem, e não é possivel prever a transcendencia de um successo tão benefico para a humanidade e para a conveniencia dos povos. E' inutil advertir que o impulso e boa direcção d'esta empreza depende particularmente do zelo e estimulo que empregar o homem, como o mais interessado em seus bons resultados. *C. de M. e Brito.*

Lisboa 15 de Julho de 1853.

ILHA DA MADEIRA.

—

Da Madeira continuam tristissimas noticias; além da secca da uva, a emigração que despovoa os campos torna-se cada vez mais espantosa. Nos paizes estrangeiros tem-se promovido algumas consideraveis subscripções, em favor d'aquelles infelices: no Brazil, somma já a muitos contos de réis; assim como dos Estados-Unidos lhes tem sido enviadas avultadas sommas em dinheiro, e em viveres; até em Argel um general francez deu um baile cujo producto foram 300$000 rs., que se enviaram para a Madeira: finalmente em todas as terras se tem dado publicas demonstrações de compaixão, e interesse pelos madeirenses; e por que rasão não vemos em Portugal abrir-se uma subscripção, darem-se bailes, fazerem-se beneficios em theatros, bazares, etc. etc., como vemos todos os dias para mil cousas menos importantes? Em 1845 houve na Ilha de Santo Antão de Cabo-Verde, uma inundação que arrazou os campos e demoliu os edificios, promoveu-se em Portugal, uma subscripção, e aquelle povo foi soccorrido. Aqui temos tantos cavalheiros ricos do paiz, e outros que tem vindo do Brazil; entre elles esse cavalheiro que nos consta ter dado tão grandes sommas nos bazares do Passeio Publico; não deixariam por certo de concorrer para uma acção de tão nobre philantropia; assim como todos aquelles que se presam de ser humanos.

O sr. Ayres de Sá Nogueira, cavalheiro distincto e benemerito, fez uma generosa proposta á Camara Municipal de Lisboa em favor dos Madeirenses; consta-nos que não fôra approvada!!.. Tudo assim anda!.. O mesmo sr. tem remettido á sua custa varias plantas uteis para a agricultura daquella Ilha: louvâmos o seu nobre patriotismo, e beneficencia, quanto lamentâmos aquelles que não o sabem imitar.

Infeliz Madeira, tão digna de melhor sorte!... Possam nossos brados chegar aos ouvidos de Deus, e que em breve te seja restituida a tua antiga prosperidade. Assim ardentemente desejamos por dever e simpathia. D. A. G. PUSICH.

Explicação da Charada do numero antecedente — *Simonte.* —

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 22 — SETEMBRO 15 — 1853.

AS IRMÃS DA CARIDADE.

Em o n.° 20 desta folha dissemos alguma cousa ácerca das vantagens que á sociedade offerece a Santa instituição das Irmãs da Caridade, tão desconhecida ainda neste paiz; alguma cousa diremos agora para provar que o pequeno estabelecimento de Irmãs da Caridade que temos em Lisboa não está inteiramente conforme com a sua instituição.

O fim principal a que se destinam, e para que foram creadas as Irmãs da Caridade é — tratar os enfermos — e como podem essas infelizes creaturas perder noites á cabeceira dos doentes, cuidar n'elles como caridosas enfermeiras, e dirigir-lhes palavras, de fé e religiosa conformidade; se ellas gastam a propria existencia em continuos jejuns, e rigorosissimas penitencias, enfraquecendo por tal modo o corpo e o espirito, que só por milagre da infinita Misericordia de Deus poderão bem desempenhar a sua missão! Sacrificios taes excedem os preceitos divinos, e por isso não podem ser do agrado de Deus, pois tendem á destruição da propria vida cuja conservação o Senhor nos ordena; e causa damno ao proximo, privando-o dos soccorros de que a humanidade afflicta carece, e que mal podem ser administrados por quem todos os dias consome em sacrificios as forças vitaes, que tão precizas são a quem tem de as empregar em auxilio dos enfermos!

A confissão e communhão todos os dias purifica a alma; porém a caridade tambem a purifica; e quando para acudir a um doente deixasse de se confessar um dia a Irmã da Caridade, que fosse chamada com urgencia, Deus não a olharia com menos agrado.

Temos uma crença tão intima, temos tão arraigada n'alma a Santa Religião do Cruxificado, que todos os esforços da impiedade não podem fazer-nos vacillar; (disto provas temos dado, e não pequenas....) mas quizeramos que esta Religião a mais pura, a mais santa, e a unica verdadeira porque é obra de Deus e não dos homens, fosse compreendida por todo o Universo; mas infelizmente ainda a ignoram até muitos que a seguem. E d'essa fatal ignorancia quantos damnos tem resultado ao mundo!.. Mas ao menos aquelles que tem de ser mestres estudem-a primeiro, estudem até compreendel-a, antes de passarem a ensinal-a; que assim fizeram os Apostolos sendo primeiro Discipulos.

Sabemos tambem que se tem tirado algumas Irmãs da Caridade para diversos pontos, fazendo grande falta na Capital, porque são muito poucas as que temos, e de que vivirão as infelizes?.. de esmollas como já aqui precisam para sustentar a mesquinha existencia?.. Parece-nos que este estabelecimento carece de grande attenção. Não conhecemos o Reverendo Padre que actualmente o dirige, e estamos convencidas que hade ser de muita virtude, aliás não teria sido collocado naquelle emprego; mas talvez idade, molestias, ou falta de prepenção para encargos tão difficeis, o impossibilitem de realizar seus bons desejos; porque não basta ser bom para saber bem dirigir os outros. Conheciamos porém o Ill.mo Sr. Manuel Joaquim Bandeira Emaus, que antes dirigia aquelle estabelecimento, e sentimos que, talvez por seus muitos afazeres, não continuasse, pois o Sr. Emaus, além de ser um de nossos mais dignos Ecclesiasticos, é um dos homens de maior instrucção que temos; une o saber á christandade; conhece em toda a extenção a caridade evangelica, porém tendo a seu cargo não só as obrigações de Prior de uma grande Freguezia (a de S. José), mas tambem a direcção de seis estabelecimentos de amparo e educação, por isso não poderá accumular mais trabalhos. Damos os parabens áquelles estabelecimentos que estão sugeitos á sua sabia direcção; e louvamos tão acertada nomeação.

Desejamos pois que as Irmãs da Caridade, em Portugal, sejam como nos outros paizes onde tão sublime instituição prospera; que aquelles que as dirigem as instruam de todos os seus deveres, e além da caridade christã que é sua primeira obrigação, estimariamos vel-as applicar-se a alguns conhecimentos fizicos, para serem perfeitas enfermeiras; que para este fim se lhes facultem os estudos convenientes, e se destinem sufficientes meios á sua decente sustentação.

D. A. G. PUSICH.

O MOCHO.

Vem, ó Mocho desditoso,
Vem teus gemidos erguer;
O crepusculo saudoso
Vae sua luz esconder.

Tu, que em noite escura ou bella,
Vens continuo suspirar,
Pousado além na capella
Do Conde do Lumiar!....

Porque vens, porque motivo
Teus fados carpir alli?....
Acaso sabes que vive,
Como tu, gemendo aqui?....

Mas ai!... deixaste a capella!...
Quem foi que te afugentou?
Vens pousar n'uma janella
Do triste albergue em que estou!

Sim!... eu sei que me procuras!
O infortunio attracção tem!...
Tem sympathias, doçuras,
E seus prestigios tambem!...

Oh! vem, que não me intimidas
Com teus gemidos fataes!...
O Author de todas as vidas
Deu-te um ser entre os mortaes.

O teu piar é o teu canto;
Não me faz estremecer;
Mas dizem outros que é pranto
Que vens á morte off'recer:

Que o teu piar vaticina
Ou morte, ou destruição:
Tambem dizem que por sina
Vens gemer na solidão.

O tempo quanto varia
Nos humanos o pensar?!
Já nos templos, algum dia,
Te fizeram respeitar!

A memoria só conserva
Do mundo te engrandecer:
Eras a ave de Minerva,
A divisa do saber!

E mais conforme esta idéa
Me parece co'a razão!

De noite o Mocho vagueia,
Vela o sabio na soidão.

E eu digo que a natureza
Fez-te assim porque Deus quiz,
Que é tua uzual tristeza
Das mais aves o matiz:

E's o escuro da pintura
Que faz as côres brilhar;
E' da noite a sombra escura
Que os astros faz scintillar.

Vem, companheiro das trevas,
Vem, meus tristes ais ouvir!
E vê se um suspiro levas
Onde é teu fado carpir!...

Ao sempiterno repouso
Da fadiga dos mortaes...
Lá de meu peito saudoso
Repete os sentidos ais!...

E se um gemer de agonia
D'um sepulchro então surgir,
Vem trazer-m'o!... Adeus, é dia...
Nas brenhas vai-te sumir. (1)

D. A. G. PUSICH.

CONSTANÇA.

Drama original em 3 actos.

(Continuação).

ACTO II.

Sala em casa de Constança.

SCENA I.

CONSTANÇA, TRAZENDO UMA CARTA FECHADA E DEPOIS CAMILA.

Constança.

Pobre D. Eugenio! (*toca a campainha.*)

Camila.

Senhora. Manda alguma cousa?

Constança.

Chama Bernardino; quero entregar-lhe esta carta; e tu vê se podes alcançar d'elle alguma noticia mais particular de D. Eugenio. Camila, aquellas expressões vagas que lhe ouvi, cortadas pelas terriveis ancias que o veneno lhe causou, fizeram-me tremer! que me faria elle, para me pedir perdão, manifestando um remorso tão pungente!

Camila.

Alguma vingançasinha: alguma travessura propria dos vinte annos.

Constança.

Vê se Bernardino te diz alguma cousa. Chama-o, que eu disfarço, indo passear com Ernestina ao jardim.

Camila, (chamando.)

Senhor Bernardino, oiça cá.

SCENA II.

BERNARDINO E AS MESMAS.

Bernardino.

A's ordens de V. Ex.ª

Constança.

Faça favor de entregar esta carta a seu amo. (*dá-lhe a carta.*)

Bernardino.

E' resposta da que eu trouxe. Ora V. Ex.ª hade perdoar a minha confiança, mas eu já vi meu amo á morte por causa d'essas brincadeiras.... não estou para tornar a andar em papos de aranha á cata do Medico, e de contra venenos. Sabe Deus a ruina que lá lhe ficou por dentro! irá esta carta levar-lhe alguma consolação, ou augmentar-lhe as penas?

Constança.

Não vae affligil-o, Adeus. (*quer partir.*)

---

(1) Notamos uma fatal coincidencia. Na mesma noite em que fizemos estes versinhos a um mocho, que por costume ia todas as noites piar junto á capella do Conde de Lumiar, nosso vizinho, e que n'esta noite viéra repentino pousar sobre a nossa janella, foi na Ilha da Madeira assassinado o infeliz De Lapierre, joven da nossa amizade. Eis ahi uma d'aquellas coincidencias naturaes, que muitas vezes nos animos fracos, ou atormentados pelo infortunio, se converte em supersticiosos agouros.

Bernardino.

É verdade.... esquecia-me.... e os amores eternos; estão bons? Pediu-me tanto que o informasse....

Constança, (rindo).

Estão de perfeita saude, (*sahe*).

SCENA III.

CAMILA, E BERNARDINO.

Camila.

Olhe lá senhor Bernardino, vm. promete dizer-me uma coisa?

Bernardino.

Se eu souber!....

Camila.

Sabe, sabe; ora diga-me o que seria que seu amo fez á minha senhora, para lhe pedir tantos perdões, quando ella o foi vêr, pensando que elle morria?

Bernardino.

Eu sei cá!.... formalidades do estylo. Não sabe o que são namorados que por qualquer bagatella fazem um espalha-facto!

Camila.

Sim, tudo para nos illudir, abusando da nossa boa fé, e natural compaixão de que somos dotadas! são boas rezes, não tem duvida! sabem levar-nos fingindo paixões que não são capazes de nutrir; despertando sentimentos que não sabem apreciar!

Bernardino.

É lá!.... isso é de mais!.... agora fingir que me mato para vêr se vivo, e se alcanço o que desejo; isso póde ser; e ainda assim não é um crime, é uma industria.

Camila.

Intendo. O veneno foi agua do pote.

Bernardino.

Nada, nada; alguma coisa mais do que mistura salina; e menos que trez grãos de Tartaro emetico.

Camila.

E aquelle somno, que parecia o da morte?

Bernardino.

Qualquer doze de Laudano; vulgo, opio.

Camila.

Opio nos deu elle! E vm. sr. hipocrita a mortificar a minha ama! é um bom sujeito! ápre! fiem-se lá em algum! O que não queima, mascarra, sáfa!.... que tal é vm. tambem!

Bernardino.

Sou um creado como se quer. E de mais eu tenho os meus motivos.... vm. bem sabe.

Camila.

Eu!?....

Bernardino.

Faça-se de novas. Vm. não conhece nos olhos quem tem desejos?

Camila.

Pois está neste estado! é mais um fenomeno dos nossos dias!

Bernardino.

Não zombe comigo; deixemo-nos de formalidades. Quero cazar com vm. senhora Camila.

Camila.

Tambem é amante?

Bernardino.

Quem!.... eu amante!.... Deus me livre de semelhante praga! trazer eu cá dentro das minhas pobres entranhas chammas, vulcões, inferno! como elles mesmos dizem, eu podia com semelhante peso!

Camila.

E então quer cazar? no tempo em que os homens com a tal vertigem politica não querem senão Bernardas!

Bernardino.

Pois eu não gosto de Bernardas, gosto de Camilas.

Camila.

Ora um rapaz de vinte annos não quer andar á moda.

Bernardino.

Porque, já não é moda cazar?

Camila.

Não senhor, a moda agora é ser homem politico.

Bernardino.

Que vantagem d'ahi me resulta? algum balasio?

Camila.

Qual balasio! esses não penetram os peitos de aço fino, faça-se vm. celebre nas eleições, a favor do partido que estiver de cima, e lá lhe chegará a sua vez de Deputado.

Bernardino.

Deputado esta figurinha!

Camila.

D'essa massa é que muitos se fazem; e de mais, pode assentar-se no banco dos mudos, que fica rico sem trabalhar.

Bernardino.

E como heide votar, sendo creado de servir, e com vinte annos de idade?

Camila.

Resolva-se, que o mais tudo se remedeia.

Bernardino.

Deixemo-nos d'essas trapalhadas; a moda que me agrada é a das conveniencias, isso lá sim, e como vm. é uma rapariga séria, e governada, faz-me conta, sou candidato á sua mão. Essas paixões amorosas são romanticas; nada de poesia; todo eu sou proza, e muito grosso para taes finuras.

Camila.

E eu muito fina para taes grosserias.

Bernardino.

Aspira a algum deputado?

Camila.

Não seria a primeira da minha classe, mas nem a elles, nem a vm.

Bernardino.

Tambem vou despedido? aprendeu com sua ama?

Camila.

Olhe não se envenene.

Bernardino.

Se eu fôra doido! Não me dá a pancada para vomitorios; eu cá, pão pão, queijo queijo; se sirbo sirbo, se não bolto, e bôme, que isto é que é saber fallar e não ser... com sua licença, besta. Assim dizia o Maloio, e eu repito. Fique-se com Deus. (*vai-se*).

SCENA IV.

CAMILA, CONSTANÇA, ERNESTINA.

Camila.

Forte alarve!

Constança.

Então o que te disse?

Camila.

Muitas asneiras, e concluio que, o sr. D. Eugenio quando tomou o veneno, foi mais com tenção de viver, que de morrer.

Constança.

Como póde isto ser! Não viste o estado em que o Medico o declarou, e ha dois mezes que não sae de casa pelo abatimento em que se acha.

Camila.

Todas essas cousas se fazem, minha senhora, entretanto ha desculpa attendendo a que são com um fim licito.

Constança. (*fica pensativa.*)

Oh! minha Ernestina! tu sim, tu é que não me enganas porque és innocente! (*abraça e beija a filha.*)

Camila.

Todos esses enganos descobre elle mesmo em cazando, que é todo o seu fim, e a senhora que hade fazer!

Constança.

Eu cazar! não, por certo. A minha filha é os meus amores, não lhe darei rival.

Camila.

Determina alguma cousa?

Constança.

Nada, Camila, podes retirar-te: Ernestina, vamos á lição. (*Camila vae a sahir, batem á porta*).

Camila.

Quem é?

D. Eugenio (de fóra).

Sou eu, abre. (*Camila abre a porta, e depois de entrar D. Eugenio, sáe*).

SCENA V.

D. EUGENIO, CONSTANÇA, E ERNESTINA.

D. Eugenio.

Será possivel, querida prima, que eu torne a estes lugares! A sua carta deu-me forças; deu-me vida.

Constança,

Estimo que ella tivesse a propriedade de um contra veneno, (*sorrindo*) assente-se. (*assenta-se*).

D. Eugenio.

Se eu não tivesse provas do quanto a magoou o meu padecimento; esse riso mortificar-me-hia.

Constança.

Magoou, sim, porque a minha natural sinceridade me fez acreditar quasi impossivel um fingimento em casos sérios.

D. Eugenio.

Fingimento! o que diz, Constança! pois duvída ainda do meu amor! Não foram bastantes as provas que dei! quer outras!.... Oh! não as exigirá debalde!

Constança.

Estou certa que não se hade matar.

D. Eugenio.

Não! quem m'o hade impedir quando a vida se me torne insuportavel?

Constança.

O primo D. Eugenio não quer mal ao seu corpo.

D. Eugenio.

Isto é de mais! cruel!... permitte que venha vêl-a para me assassinar! Ah! Constança! o teu rigor já me fez criminoso!.... Perdão, perdão, e em nome de Deus te pesso que não continues! (*ajoelha, pega na mão de Constança que beija com transporte*).

Constança (erguendo-se).

Senhor D. Eugenio! não vê minha filha presente?....

D. Eugenio.

Não vejo senão Constança, ella, só ella me poderá conter. Dize serás minha!

Constança.

Não.

D. Eugenio (apertando a mão ao peito com transporte).

Oh! minha adorada Constança, não queiras que me rásgue o peito a mão que pode fazer-me ditoso! pelas felicidades de tua filha, cede!....

Constança.

Dae-me forças, meu Deus! (*comsigo*) D. Eugenio... deixe-me, não o posso attender, (*sente-se rodar uma carruagem que pára, e batem á porta*).

Uma carruagem! quem será! não espero ninguem, e eu vivo tão retirada!... vejamos quem é (*vae para o fundo*).

SCENA VI.

CAMILA E OS MESMOS.

Camila.

Um cavalleiro idoso pertende fallar a V. Ex.ª

Constança.

Manda-o entrar, quem será? (*Camila parte*). Sinto-me arrefecer.... o menor acontecimento me sobresalta!

D. Eugenio.

Ah! infeliz Constança! (*á parte*).

Constança.

Que tem primo! emudeceu, e descorou!

D. Eugenio.

A prima sabe a causa.

SCENA VII.

THOMAZ DE ALMEIDA, CAMILA, E OS MESMOS.

Constança.

Desejo saber qnem.... ah! eu sonho

ou vélo !.... meu adorado pae.... (*lança-se aos pés de Thomaz beijando-lhe a mão*).

Thomaz, (*com severidade*).

Ergue-te. Aonde está minha Neta.

Constança, (*apresentando a filha*).

Aqui está. Ernestina, minha filha, beija a mão a teu Avô; é este o meu querido pae em quem tantas vezes te hei fallado. (*Ernestina beija a mão ao Avô*).

Thomaz.

Infeliz! és uma innocente; não deves soffrer o castigo de alhêas culpas.

Constança.

Ah! meu pae! ellas estão assás espiadas; e o ceu quiz que as minhas lagrimas merecessem o seu perdão....

Thomaz.

O meu perdão!... jámais o terás, filha amaldiçoada! (*com ira!*)

D. Eugenio.

Senhor!....

Thomaz.

O que pertende?

D. Eugenio.

Não soffrerei que na minha presença ultrage sua filha.

Thomaz.

E quem é o senhor que se atreve a fallar-me assim?

Constança.

D. Eugenio, meu pae tem sagrados direitos sobre mim; eu conheço que mereci a sua cólera.

Thomaz.

D. Eugenio!.. entendo!.. não me enganaram. Foste má filha, e peior mãe! Embora, acaba de te perder, mas não desgraçarás esta infeliz. Venho expressamente a Lisboa para conduzir comigo minha neta, que será a herdeira dos meus bens e senhora da minha casa. Hoje deve accompanhar-me para Italia.

Constança.

Chegou hoje, meu pae, e já quer partir.

Thomaz.

Cheguei hontem, e partirei hoje no vapor inglez, que entre duas horas deve erguer ferro. Um dia me parece um seculo na terra amaldiçoada aonde soffri a maior das desgraças! Apromptem esta innocente, basta que leve o seu fato de uso. D'aqui a uma hora virei buscal-a.

Constança.

E eu senhor?....

Thomaz.

Tu!.... Ficarás em Lisboa, livre de pensões.

Constança.

Separar-me de minha filha.... oh! é arrancar-me o coração em vida! Meu pae tenha compaixão de mim.... (*chora*).

D. Eugenio. (*comovido*).

E sou a causa da sua dor! (*á parte*).

Camila (*chorando*).

Quem poderá valer-lhe! (*á parte*).

Thomaz.

Conheces o meu caracter! Agora, ou nunca. Tu não a seguirás; vê se queres rematar tuas loucuras sacrificando tua filha. (*sahe*).

(*Continua.*) D. A. G. PUSICH.

EMBORAS A PORTUGAL.

(*Livres de todo o pensamento politico.*)

O Ex.mo Sr. Frederico Guilherme Pereira da Silva, acaba de ser nomeado Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça: esta escolha é acertadissima, e muito louvavel; é uma grande aquizição; por quanto este cavalheiro tem merecido sempre as maiores sympathias por suas qualidades moraes, e pelo exemplar comportamento com que tem desempenhado todos os empregos de que tem sido encarregado: independente por sua posição e fortuna, só o seu patriotismo o decide a aceitar tão espinhoso encargo, que esperamos exerça com rectidão, e virtudes christãas que tanto o ennobrecem. Nós

que de perto conhecemos o seu relevante merito, damos os parabens á nação; e tambem particularmente os dirigimos a sua Ex.ma virtuosa consorte (que ha muito prezamos) por ver coroada a gloria de seu esposo, com a geral satisfação do publico, e subido a uma altura onde melhor pode honrar a religião, e ser util á sua patria. Rogamos a Deus que se Digne permittir que em paz o deixem exercer o seu ministerio.

D. A. G. PUSICH.

PENSAMENTOS MORAES.

—

Recompensar a virtude é animal-a, é despertar os homens a pratical-a. (*Stael.*)

—

O amor filial é uma pequena parte, que pagamos do que devemos a nossos pais. (*Mme Voiart.*)

—

Os homens illustrados são contemporaneos dos seculos futuros por seus pensamentos. (*Stael*)

—

Gozar é felicidade; fazer gozar é virtude. (*Fenelon.*)

—

A ignorancia só conhece o direito da força; e por isso a ferocidade lhe é propria. (*Guizot.*)

—

A gratidão é rara, porque offende o amor proprio. Ella recorda de continuo a superioridade, que adquiriu o bemfeitor. (*Lepage.*)

EXPEDIENTE.

—

Achando-se no prélo a Biographia do Ex.mo General A. Pusich, pedimos a todos os srs. assignantes desta folha, que tambem o são da Biographia, e ainda não tiverem remettido os prospectos com a sua assignatura, queiram entregal-os ao distribuidor d'esta folha, a fim de sabermos quaes são os nomes que devemos publicar, como promette o mesmo prospecto.

CHARADA.

—

Sou senhor de Tunes — 1
Ninguem foi mais pobre — 1
Todo.
Sou mimo d'amor,
Se d'alma sou nobre.

C. DE M. E BRITO.

ANNUNCIOS.

—

ALMANACH
DE
LEMBRANÇAS
PARA 1851,

Ornado com 112 *gravuras, por*
ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO.

O nome do auctor assáz recommenda esta obra; com tudo accrescentaremos que este anno além da noticia interessante com que illustra as paginas do seu Almanach, offerece uma bella exposição de poesias, e lindas variedades que instruem, divertem, e moralisam.

J. R. de Figueiredo, professor de Logica e elementos de Fysica, lecciono as ditas materias por methodo muito facil, quem o pertender, dirija-se ao collegio Polythechnico na rua dos Corrieiros n.° 122, proximo a S. Nicoláu.

NB. Aos discipulos das ditas materias, ensina Dezenho, *gratis*.

Typographia na rua da Condessa n.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 23 — OUTUBRO 1.° — 1853.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Um dos principaes e mais importantes objectos de que se deve occupar a imprensa periodica, é — a instrucção publica — é esta uma das mais sagradas obrigações que tem contrahido com a sua patria todo aquelle que tomou a seu cargo a espinhosa missão do escriptor publico — jornalista; — deve elle de continuo chamar a attenção do governo, em favor da instrucção publica; unico meio de civilisar os povos. Nós, pouco podemos, porque a nossa penna é fraca, em uma terra onde se negam as devidas considerações ao sexo a que infelizmente pertencemos; entretanto não obstante esses barbaros preconceitos, que deslustrando os homens, degradáram as mulheres, reduzindo-as a prestar-se tão sómente a ser esposas e mães, ou não prestarem para mais cousa alguma, e por conseguinte a tornarem-se pesadas, e muito pesadas, á sociedade que as soffre sem a precisa instrucção que as habilite a servir dignamente a sua patria; nós, auxiliadas unicamente por Deos, temos podido vencer todos esses prejuisos, e atravez inumeras difficuldades, offerecer á terra onde vivemos, alguns serviços, que ahi estão patentes, e de cuja importancia o publico sensato ajuisará; pois legâmos aos homens illustrados, que nos sobreviverem, o encargo de se lembrarem de nós, se não quizerem esquecer-se de si....

Entre outros serviços que temos tido a gloria de prestar a Portugal, parece-nos que a parte que tomámos em favor do methodo repentino do sr. Castilho merece alguma consideração.

Quando em Agosto de 1849 creámos a *Assembléa Litteraria*, jornal que levantou o estandarte da liberdade intelectual do sexo feminino, invocámos o nome illustre do sr. Castilho para nos auxiliar. Em Outubro de 1850, tivemos a satisfação de receber uma obsequiosa carta de s. ex.ª enviando-nos o seu methodo de leitura repentina: a carta do nosso immortal poeta é padrão de gloria com que elle se dignou coroar nossos trabalhos, e destinguir o nosso jornal consagrado á illustração das damas: o seu methodo é um riquissimo dom que o seu genio sublime offertou especialmente ás damas, como educadoras do genero humano: esta carta que mencionamos não deve sepultar-se no pó sumida no archivo de preciosidades litterarias, com que alguns illustres cavalheiros teem animado nosso fraquissimo talento: esta carta devia apa-

recer á luz para animar aquellas que nos succederem; e para mostrar aos presentes e vindouros que, se todos os homens grandes deste paiz pensassem como Castilho, este paiz brilharia como as nações mais illustradas; e se os governos até ao presente não tem devidamente apreciado nossas fadigas; Castilho soube coroal-as com a sua opprovação que para nós é um thesouro, um titulo o mais precioso. No seguinte numero publicaremos pois o artigo que menciona e commenta as grandes vantagens do excellente methodo da leitura repentina. A modestia, mal intendida talvez, tem-nos obrigado a omittir tantos honrosos louvores, tantos documentos que provariam o valor de nossos trabalhos; e quasi vamos tendo remorsos d'essa omissão; porque ao queixarem-se os vindoiros da sorte a que nos tem abondonado aquelles que nos deviam proteger; ao contar a historia que fomos felizes em quanto não aparecemos no mundo litterario; e depois disso nem ao menos o que é nosso e nossos pais nos deixaram podémos ter para viver, crear e educar dignamente nossos filhos já nobres por nascimento!.. e! que de um palacio possamos a viver n'uma choupana, onde no meio dos mais penosos serviços domesticos cercada de filhos innocentes de quem somos o unico amparo, com o coração turturado de angustias, o corpo exausto de forças pelo cançasso, os olhos quase sem luz e inundados em pranto, aproveitava-mos os unicos instantes que nos deixávam nossas fadigas, e nossos filhos para escrever nossos pensamentos em honra de Religião, da moral, e da publica instrucção: quando o anathema dos vindouros, e de nossos filhos e netos, cahir sobre aquelles que deixáram o infortunio roubar ao tempo os direitos de nos conduzir á sepultura sem que tivessem sabido aproveitar nossos serviços; então devem ser exceptuados, devem ser collocados em uma pagina honrosa, e escriptos com letras de oiro os nomes d'aquelles que poderam espalhar flores no tormentoso caminho que temos de atravessar com a pesada cruz de nossos infortunios! Sim!.... A nossos filhos ficará a gloria de publicar esses nomes, e nós com a mais respeitosa consideração, e a mais fiel gratidão os saberemos conservar sempre em nossa memoria, e em nosso coração.

Por algum tempo nos achámos sós em campo com o sr. Castilho, e os Michaelenses: não sabemos que genio máu entorpecia os homens! O sr. Castilho abriu um curso, e mostrou na pratica a excellencia do seu methodo.

Sua Magestade Imperial a Duqueza de Bragança deu mais um publico testemunho do seu juizo superior, e beneficas intensões a favor deste povo mandando adoptar o methodo repentino em todos os azylos de infancia desvalida: A sra. D. Maria José Canuto, mestra regia, e litterata cujo nome é assás conhecido, esperava anciosa, poder manifestar seus desejos, de ensinar pelo methodo repentino, que ella já tinha proposto rogando ao conselho superior de instrucção publica permissão para o adoptar; mas não tendo tido resposta alguma, decidiu-se por tanto a ensinar seus discipulos pelo methodo de Castilho; e escudada com o exemplo sublime da virtuosa Imperatriz, aboliu o antigo methodo; em de 16 de Julho de 1852 foi enaugurado na sua escóla o methodo repentino, que tem exercitado com os mais felizes resultados, resistindo com animo veromil, a calumnias, e até ameaças.

Na Revolução de Setembro d'este anno foi publicado o requerimento que a mesma sra. dirigio a Sua Magestade a Rainha pelo conselho superior de instrução publica; louvor á mulher que para ser util á sua patria não recua na pre-

zença dos maiores obstaculos. A sra. Canuto ainda que aparecsse depois de nós não vio menor a sua gloria; antes correu maiores perigos; porque nós ousámos aparecer em campo tomando a iniciativa e affrontando a ira dos que moveram perseguição injusta, e miseravel, ao genio superior que se desvelava para fazer o mais importante serviço á sua patria; a sra. Canuto se expoz a perder o unico pão que tem ganho com suas honrosas fadigas, pois estava em certa dependencia que nós não tinhamos.

Folgamos em saber que o sr. Castilho não esquece os nomes dos seus mais corajosos combatentes; e por serem nomes de duas mulheres não deixam por isso de merecer sua especial consideração, de que não cessa de dar provas que animem cada vez mais esses corações a seguil-o, e ajudal-o a plantar essa arvore preciosa, e fertil de instrucção, cujos fructos maravilhosos devem sustentar a gloria nacional. O sr. Castilho confia tanto no saber da sra. Canuto que lhe entregou seus dois filhinhos mais novos, um menino, e uma menina, que na mais tenra idade já desenvolvem um talento prodigioso, onde se admira um raio da luz brilhante que nelles reflecte. Quanto a nós saberemos mostrar que sempre reconhecidas ao genio superior que nos arrancou ás trevas de um melancolico retiro, para nos elevar ao mundo litterario, não nos arrependemos de ter pugnado a seu lado, com o valor que o seu saber, e a justiça da sua causa nos transmittiram.

Mme. Andrade tambem com louvavel zelo adoptou no seu collegio a leitura repentina; e muitos cavalheiros auxiliaram o sr. Castilho, como verdadeiros amigos d'elle, e da nação, honra lhes seja feita; assim como ao governo que acaba de se mostrar justo e sabio mandando adoptar em todo este Reino o methodo repentino. que em breve será — *Universal* — o receio de perdermos o sr. Castilho, que projectava auzentar-se para o Brazil, fez quebrar o poderoso incanto que manietava os homens! Agora já os homens conhecem que não convém a Portugal perder Castilho, que elle é um genio sublime que outras nações apreciariam; que é indispensavel á gloria litteraria deste paiz; e que tem as sympathias de seus compatriotas, pois a dôr de o perdermos assaz poude manifestal-as.

O Governo foi justo não consentiu que o herdeiro da gloria de Camões herdasse a sua infeliz sorte.

Rogamos a todas as senhoras, que estejam no caso de poder ensinar, coadjuvem o sr. Castilho; e nos excedam em prestimo, já que não podem exceder-nos em desejos; um estimulo de gloria nacional anime todos os corações a seguir aquelle que valente general caminha por cima de tantos abrolhos e precipicios levando erguido o estandarte luminoso da civilisação; os homens encoragem o sexo que enfraqueceram! E nós?... nós que nos sentimos com as forças vitaes quasi extinctas á força de fadigas e desgostos que nos tem apressado o termo da existencia; acompanhal-o-hemos em quanto elle caminhar; em quanto nos restar um alento vital; e com a mesma entrepidez com que aparecemos em campo sobranceira aos estorvos que homens temeram, despresando as frageis barreiras de pó que se erguiam gigantescas tentando offuscar a gloria do sr. Castilho, e roubar a luz ao povo; caminharemos, talvez com mais ardor, e mais denodo sem temer nem a injustiça, nem o odio, nem a vingança dos homens, por isso mesmo que perto divisamos o tumulo e a eternidade; por isso mesmo que nada eeperamos do mundo, tendo vivido, e trabalhado para os outros e não para nós, caminharemos com a verda-

de e a rasão, sem ambições de premios, porque essas honras estão reservadas ás nossas cinzas.... então os homens não duvidaram coroar de louros a fronte inanimada; e sobre o cadaver espargindo flores esconderão as lagrimas que não tenham secado nas mortas faces.

(Continúa) D. A. G. PUSICH.

COMMUNICADO.

No dia 10 de Setembro, na rua de S. José, passava um creado, conduzindo um burrinho, mas um homem a cavallo a todo o gallope, atropelou o desgraçado, ficando muitissimo maltratado, pois tal foi a informação do Pharmaceutico da dita rua n.° 88: o sr. Galdino, procurador andou a tirar os indicios da pessoa que lhe tinha maltratado o seu creado, mas ninguem o poude informar; dirigiu-se á sentinella de Santa Marta, e esta respondeu que o tinha mandado parar, mas que elle não fizera caso, e continuára correndo. Eis-aqui está pois como estamos em Portugal; deixando-se commetter toda a casta de barbarismo. Eis-aqui como aquella sentinella cumpriu com seu restricto dever; se ella se postasse de baioneta callada, diante do cavallo, talvez não acontecesse em Lisboa, tanta desgraça; nem uma pessoa teve a coragem de apitar contra aquelle infame, que tambem deitou ao chão um homem do bando; e assim poderia ir continuando novos infortunios. Tambem na rua das Pretas um dia destes pisaram uma vendedeira, que a infeliz creatura ficou a bem dizer morta; estas cousas sentimol-as porque acontessem a nossos semelhantes, e nossos corações não são de ferro ou bronze para deixarmos de sentir cousas que nos atterram; ao boleiro nada lhe importou, porque desapareceu como um raio. Tambem aconteceu na mesma rua, o Omnibus esbarrar com um carrinho em que hia o sr. Bergara, e todos estes acontecimentos são causados da falta de providencias; de maneira que a rua de S. José, e a rua das Pretas, estão imsuportaveis; e quasi todos os dias estão a acontecer estas desgraças só provinientes da falta de policia que ha; tambem com toda a certeza sabemos, que foi atropelado, por uma personagem moradora na travessa do....., um jardineiro, da caza do sr. Conde de Lumiar; e que o resultado foi morrer!.... E com uma penção á viuva do desgraçado!..... Isto foi em paga da morte.... tudo se callou e a justiça faria vista grossa, a semelhante caso?.... Nem que a morte se pague com penções! se por acaso uma pessoa pobre roubar um vintem para comer; por que tambem lhes tenham roubado!.... cahe-lhe logo tudo em cima.... E porque!.... porque não é figurão?.... de maneira que em Portugal com estes abusos, quem tiver dinheiro fará o que quizer, ... porque não é punido. Para que são estas multas e contribuições? é para o bem do publico, e qual é o bem que o publico tem... é ser pisado. O sr. Galdino, protesta contra este acontecimento, e continúa com suas informações, até encontrar pessoa que lhe diga quem é o tal atropellador, que impossebilita os transitantes de passarem por certas ruas. Pedimos encarecidamente a Camara Municipal que dê providencias e rigorosas, a fim que todos os dias não estejamos a ver estes dolorozos espectaculos; tudo isto se afirma com testemunhas. F. SILVA E SERRA.

POESIAS.

AO GLORIOZO ARCHANJO SAM MIGUEL,

ORAÇÃO.

Sam Miguel! Anjo guerreiro
Das celestes Legiões!
Da-nos da graça o conforto

Em nossas tribulações!
Sam Miguel benigno attende
As nossas deprecações

Com a espada luminosa,
De reflexo divinal,
Venceste a horrivel cohorte
De Lucifer infernal
Sam Miguel! serás agora
Defensor de Portugal.

Peste, fome, guerra, crimes
São flagellos infernaes;
Eil-os vem bramindo irados
Contra os mizeros mortaes
Sam Miguel! envia á terra
Teus auxilios divinaes.

Olha os filhos deste Reino,
Tão protegido por Deus;
As preces, o incenso, as flores
Levando aos altares teus:
Sam Miguel! ouve propicio
Os ardentes votos seus.

Qual te fugio mutilado
A torpe infernal dragão;
Fuja a teus radiantes lumes
Dos vicios a multidão.
Sam Miguel! traze a virtude
Por teu mais nobre esquadrão.

Atêa nos luzos peitos
D'alta fé suave ardor:
Aviva a luz da esperança
E da caridade o amor.
Sam Miguel! Ergue o estandarte.
Da crença do Redemptor.

Em 29 de Setembro de 1853.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

PARABENS

DEDICADOS A MINHA PREZADA IRMÃA
D. M. I. F. S. SERRA.

EM SEU NATALICIO.

Lá vem despontar a aurora!
Lá vem o dia a surgir
Dia 26 de Julho
Que vem ameno sorrir.

O sol seus dourados raios
Vem dardejar com fulgor;
Trinam lindas avesinhas
Seus cantos são de louvor.

Não sei que diz este dia
Não é um dia vulgar....
Ah!... já sei.... prazer virtude
Vem este dia c'roar.

Os anginhos já descantam
Este dia lá no ceo!
Qual tenra flor, meiga virgem
Hoje no mundo appareceu.

Os parabens pois recebe
De irmão que te sabe amar;
Acolhe meus sentimentos
Que mais não posso offertar.

Se eu thezouros possuisse
Com desvello fraternal
De per'las mil cingiria
Tua fronte verginal:

De safiras e diamantes
De joias orientaes,
Mas que digo?.. da virtude
Os thesouros valem mais!....

E esses dons tão preciosos
Te concede a mão de Deos;
Guarda-os pois, e venturosos
Correram os annos teus.

F. S. E SERRA.

CONSTANÇA.

Drama original em 3 actos.

(*Continuação.*)

SCENA VIII.

CONSTANÇA, ERNESTINA, D. EUGENIO, E CAMILA.

Constança.

Oh! minha Erneslina! é possivel que eu te deixe!.... que me separe da parte mais cara do meu coração! da minha fiel companheira! minha unica alegria! (*chorando abraçada á filha.*)

D. Eugenio.

Não posso vel-a padecer (*comsigo*). Constança não resisto á tua dôr! Tua filha não hirá com teu pae, ella ficará comtigo, e a minha fortuna será d'ambas.

Constança.

Retire-se.... retire-se homem cruel!

não me atormente mais. Cumprio-se o seu desejo de me ver separada de minha filha, mas não se lembrou que perdido o objecto principal de nossas affeições, o mundo a nossos olhos não é mais que um deserto! Vem tarde a sua generosa offerta, não a acceito; não serei sua, nem mais me verá. Tenho ainda um coração capaz de sacrificar-se á ventura de minha filha. Faça favor de me deixar livremente entregue aos affectos de mãi, os unicos a que serão consagrados os dias que restarem á minha triste existencia.

D. Eugenio.

Eu seria imprudente se ousasse oppôr uma só reflexão ao seu justo sentimento. Entretanto conte comigo. Adeus minha prima, adeus Ernestina.

Constança.

Adeus. (*D. Eugenio parte.*)

SCENA IX.

CONSTANÇA, ERNESTINA, E CAMILA.

Camila.

Então a nossa menina hade deixar sua mãe!?

Constança.

Sim, Camila, é forçoso que a deixe para ser feliz! Um genio máu persegue a minha vida, e Ernestina a meu lado participaria de meus infortunios. Eis aqui uma consequencia mais do meu primeiro erro! Um abysmo acarreta a outro abysmo! é forçoso.... é forçoso sim, que vá com seu Avô; sou eu quem unicamente soffre, pouco importa; morrerei sem a terrivel idéa de a deixar só, exposta aos perigos do mundo; morrerei sem esta lembrança cruel, embora me sufoque a saudade, a que de certo não resistirei!

Camila.

Pois deixe-a ficar! Deus é pae dos orphãos, peior é perder sua mãe, o que seria d'ella, e de mim! (*chora.*)

Constança.

Pobre Camila! de que lhe vale uma infeliz mãe! vai... vai cuidar nos teus arranjos da viagem. (*Camila e Ernestina sahem.*)

SCENA X.

Constança só. (*vendo um relogio.*)

Nove horas e meia! Senhor (*ajoelha defronte d'um Oratorio*) Misericordia! Daeme forças para resistir ao maior dos trances. Ah! quem não sendo mãe, e mãe extremosa, (*ergue-se*) poderá jámais sentir dôr igual a esta que me despedaça as entranhas! D'aqui a momentos deixarei de ser mãe!... Nunca mais ouvirei chamarme este doce nome aquella bocca pura, adorada!... Perderei para sempre a unica suave compensação de todas as minhas penas! Ernestina, minha querida Ernestina, permitta o céo que não sintas jámais a saudade maternal! Oh! flagello superior a todos os flagellos que turturam o coração!.... (*Assenta-se na maior agitação; depois ergue-se sobresaltada ouvindo tocar as* 10 *horas.*)

Ah! sôa a hora do meu supplicio!.... Deus de Misericordia fortalecei-me.

SCENA XI.

CAMILA, TRAZENDO PELA MÃO ERNESTINA JÁ PROMPTA PARA SAIR.

Camila.

Nunca pensei que me havia de separar da minha querida senhora!....nunca!... Vou para lhe obedecer; para lhe poupar um cuidado mais, para morrer junto da minha menina. Minha tia fica no meu lugar. Nossa Senhora permitta que ella saiba merecer a ama que eu perco (*chorando*).

Constança, (*forcejando por conter as lagrimas.*

Adeus minha Camila.... Sê amiga de minha filha como o tens sido minha! não a abandones!.. não lhe falles em mim!..

é preciso que se esqueça de mim para ser feliz! diverte-a.

Oh! estes primeiros dias hão de custar-lhe muito! se não a acompanhasses estranharia mais; estalaria talvez de saudade o seu innocente e sensivel coraçãosinho (*chora*). Ah! que o lance de uma despedida não é menos solemne, menos custoso que o da morte! Camila, escreve-me sempre.. dá-me continuas, e circumstanciadas novas de minha filha. O senhor compence a tua virtude. (*Escondendo as lagrimas, e suffocada em soluços.*)

Thomaz (gritando de fóra).

Ainda se não acabaram as despedidas?

Constança.

Meu pae não me quer vêr?....

Camila.

Não senhora.

Constança.

Paciencia, paciencia.... esgote-se este calix de amargura até ás ultimas fezes. Ernestina.... Oh! Deus! (*suffocada em soluços*).

Camila.

Menina, beije a mão, e o rosto da sua Mamã, abrace-a que vamos passear e ver um Navio muito bonito! Ah! minha rica senhora!.... (*beija a mão a Constança e esta a abraça ternamente.*)

Ernestina.

Mamã adeus.... adeus minha mamãa. (*Beijando a mão o rosto e abraçando Constança.*)

Constança, (abraçando com transporte, e beijando a filha suffocada em lagrimas.)

Adeus minha adorada filha; Ernestina.. meu anjo, meu idolo, minha vida.. adeus eu te abençôo (*Camila sáe precipitadamente com Ernestina, Constança cáe desfalecida n'uma cadeira ou sufá. Roda a carruagem*)

SCENA XII.

CUSTODIA SOCCORRENDO CONSTANÇA, E A MESMA.

Custodia.

Valha-nos Deus!.... Minha senhora, tenha animo... Nossa senhora lhe dê forças para resistir a este golpe!

Constança.

Deixa-me só, só com Deus, e com a minha dôr!

Custodia.

Coitado de quem tem filhos! Era bom que as raparigas pozessem os olhos neste exemplo!.... Bem fiz eu que não quiz casar. (*afasta-se e fica escondida no fundo.*)

Constança.

Meu Deus, meu Deus, fazei-a feliz!... Oh! o meu coração!..... (*apertando com violencia o peito.*) Ernestina.... luz de meus dias... (*chorando.*)

Sente-se um tiro; Constança ergue-se em sobresalto, chega a uma janella, recua horrorisada e quase em desespero, apertando ambas as mãos, brada:

Mar cruel que me roubas a minha filha! (*Cáe n'uma cadeira, Custodia a soccorre.*)

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III.

(TEM DECORRIDO DEZ ANNOS.)

Sala magnifica em casa de Thomaz d'Almeida; em Liorne.

SCENA I.

THOMAZ, E ESTEVÃO.

Thomaz.

Então essa creada não apparece!

Estevão.

Sim senhor, ahi está uma que me parece hade servir, ella é já idosa porém bem disposta.

Thomaz.

Tem abonação?

Estevão.

Muito boa; se V. S.ª a quer vêr.. visto que é o dono da casa.....

Thomaz.

O que a menina fizer está bem feito; entretanto é muito creança pode enganar-se; chama a creada, quero vel-a; bem vês que vae dar-se o baile, é preciso quem tome conta na casa.

Estevão.

Sim senhor, mas em ultimo caso, creados tem V. S.ª muitos para o servir, e Camila que ficasse guardando a casa.

Thomaz.

Quem ouviria Ernestina! A sua maior amiga, e inseparavel companheira, d'esde a infancia! Nada, nada; e de mais quero que a pobre rapariga se divirta, anda muito triste, e abatida desde que tivemos noticia da morte de minha filha.... Desgraçada! nem posso repetir o nome de filha! (*comsigo*).

Estevão.

Bom. Para isso a mulher é excellente, porque é velha, e socegada, bem entendido, que algumas ha mais estonteadas que as raparigas. (*sahe.*)

SCENA II.

Thomaz só.

Em vão busco todos os divertimentos para sepultar a lembrança, ou antes o remorso que me opprime! Oh! que tormento é o remorso! E' um punhal atravessado nas entranhas! E' um Fantasma que nos perségue continuamente, e cujos brados horriveis nos dispertam do somno mais profundo! que nos assusta, e perturba no meio dos maiores regosijos! que nos abate no auge da maior grandeza; nos abysma, e torna insuportaveis a nós mesmos! Uma enfermidade mortal; a maior das desgraças não cufraquece tanto! Atterrada, inconsolavel, e nunca satisfeita perde-se a alma, n'um laberintho de inuteis contradictorios desejos; inuteis distracções! Quizera evitar este cruel perseguidor! Porém como fugir á propria conciencia!... Como ensurdecêr ás vozes do coração.... da natureza!... O anathema do céo pesa sobre a cerviz d'a quelle que não sabe sêr pae!... que esquecêo, e calcou as leis mais santas!... O ferrête da ignominia lhe escurece a fronte!.. Oh! o meu capricho, o meu capricho!.. A minha cegueira! Constança!.. Filha infeliz! acabaste victima do meu rigor paternal!... (*Com intima afflicção, assenta-se n'uma cadeira.*)

(*Continúa.*)

D. A. G. PUSICH.

Custa-nos sempre muito o sermos obrigadas a publicar alguma noticia que directa ou indirectamente fira alguem; mas o dever de quem escreve para moralisar, e corrigir abusos, a caridade exige que se publiquem certas noticias que requerem providencias em favor da humanidade; e por isso não nos escusámos á publicação do artigo do sr. Serra; entretanto, bem informada podemos assegurar que, esse lastimoso caso do jardineiro foi um d'aquelles desastres que não se podem prever; em que só os irracionaes tiveram culpa; mas não o boleiro, nem a pessoa que elle conduzia; e a quem tal desastre magoou extremamente. Isto é facto, assim como certo que devem haver providencias, á cerca dos atropelamentos que se observam todos os dias por improdencia, despreso ás leis, ou falta de juizo dos atropeladores, correndo grande risco não só creanças e velhos, mas ate os mais attentos como rehontes.

Agora recebemos uma noticia que não podemos deixar em silencio! Um soldado da primeira companhia de veteranos foi por intrigas levado á força, como pobre para o Azylo da Mendicidade: o homem roga que o deixem sair pois é soldado, e tem de que viver, exigem-lhe porém dez mil reis para o deixarem sahir! Este homem chama-se Jose Thomaz, temos documentos e testemunhas deste facto assás escandaloso, e estranho em terras civilisadas; pedimos ás authoridades providencias sobre taes abusos. Ainda ha pouco nos contaram que levaram presas algumas mulheres casadas com uns pescadores, os quaes irados as foram reclamar! E gemem na indigencia outros que desejam recolher-se ao azylo, e não o conseguem sem empenho!

D. A. G. PUSICH.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes; 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 24 — OUTUBRO 15 — 1853.

METHODO PORTUGUEZ — CASTILHO.

Promettemos em o nosso numero antecedente reproduzir nesta folha o artigo que na *Assembléa Litteraria*, dedicámos á — Leitura Repentina — methodo excellente, em que o sr. Castilho, nosso insigne poeta e sabio, offerecêo um efficaz auxilio á instrucção dos povos. Ahi vae, pois, esse artigo tal qual o escrevemos, quando apenas tinhamos tido o primeiro opusculo desta obra: ás idéas de então acrescentaremos aquellas que nos trouxeram a prática e o estudo deste methodo, tanto mais grandioso no seu aperfeiçoamento. Seguindo a ordem precisa, irá em primeiro logar o que dissemos ha quatro annos; e temos depois, visto e estudado.

LEITURA REPENTINA.

« É este o titulo da mais proveitosa obra que o engenho humano podia offerecer á nossa terra! O methodo mais efficaz, e mais facil de ministrar a instrucção primaria a um povo que tanto está soffrendo por falta de instrucção!... É ministrar-lhe o pão intellectual, é uma acção de beneficencia publica a mais nobre, a mais util.

« Não é só necessario, não é só conveniente alimentar o corpo; é indispensavel ao bem-estar de todos, o sustentar-se o espirito que nas trevas da ignorancia se definha, embrutece, e arruina!... Dar luz ao entendimento para que este veja, e reconheça as suas conveniencias — os seus deveres — instruir, e moralisar os povos — eis o maior serviço que se pratíca em honra da Sociedade.

« Mas, Portugal que no progresso da illustração move apenas os passos infantís, quando as outras Nações da Europa caminham com passos de gigante, como, e quando venceria a longa, difficil marcha, e tocaria a meta do aperfeiçoamento seguindo lentamente a estrada que nossos antepassados lhe ensinaram?! Para poder collocar-se em poucos annos ao nivel das Nações cultas, devia engenho superior formar um atalho facil de transitar.

« Eis o que o sr. Antonio Feliciano de Castilho imaginou! Eis o que teve a fortuna de realisar na publicação do seu opusculo — Leitura Repentina. Alli podem as creanças com rapido progresso aprender a lêr, e contar sem despezas, e sem mestres. As mães; irmãs, parentes, e qualquer senhora que se interesse pelos innocentes a seu cargo, os podem ensinar e em poucos annos terão estes meninos de agradecer-lhes o maior dos beneficios,

reconhecendo que não só curaram na conservação de seus corpos, mas tambem de suas almas, habilitando-os a fazer na sociedade uma figura decente, podendo aspirar á gloria de um nome que os ignorantes jámais podem alcançar. E as meninas?... E' em respeito a estas que esta obra mais utilisa. Ao publicar este jornal consagrado á illustração do sexo feminil, baseámos n'um axioma o nosso discurso preliminar.

« Dissemos que — a mulher é a primeira educadora, a que fórma, a que domina o coração do homem — por isso a illustração é prerogativa do sexo feminino.

« Assás descorremos sobre as consequencias fataes da falta d'instrucção em nossas damas, demonstrámos as immensas vantagens que resulta da illustração do sexo que tanto influe na sociedade, porque directa, ou indirectamente são as mulheres que movem as acções dos homens (geralmente fallando) negal-o fóra um sophisma inadmissivel, um absurdo intoleravel.

« Devem pois os homens solicitar, e promover a instrucção d'aquellas a quem tem sujeitos os seus destinos.... A mesma naturesa está mostrando em toda a evidencia esta verdade! O homem nasce da mulher — no seio da mulher se alimenta, e cria. — Nos seus primeiros annos é a mulher o seu guarda, e o seu guia — logo depois é a sua inseparavel companheira, a senhora do seu coração e do seu nome, porque infelizmente entende a sociedade, que as acções da esposa, ou mãe, de pouco juiso, deslustram o nome do marido e dos filhos, e as más acções do marido, ou dos filhos não deshonram a mulher discreta. Todas essas razões comprovam que, assim como o homem recebe da mulher a vida, os cuidados da infancia, e os destinos do seu nome; é da mulher que o espirito do homem deve receber os primeiros raios de luz.

« Mas como ha de alguem dar o que não tem?

« Dir-nos hão. E' certo, que não póde dar luz, quem não tem luz, e por isso mesmo é que estamos tanto ás escuras; por isso mesmo rogâmos aos homens que tenham dó de si, que façam instruir as presentes, para que os futuros possam ser illustrados e felices.

« Não se fiem só nos milagres da naturesa; ella nem sempre está disposta a favorecer o homem; é mister auxilial-a.

« Temos tido, e temos grandes genios na nossa terra; mais teriamos se a educação nos franqueasse os thesouros da sciencia. O homem para ser sabio em nossa terra, tem de trabalhar muito mais do que em outros paizes, onde a civilisação estende o seu imperio; aqui é só o genio, sem algum outro auxilio; sem outro estimulo, quem anima o homem a demandar o seu glorioso provir. As difficuldades que elle tem a vencer augmentam o seu triumpho, sem duvida, porém não honram o paiz a que elle pertence; e por tanto trabalhemos todos em honra da nossa Patria. Sabemos que o genio superior é um dom do ceo, que a arte deve auxiliar; por isso não queremos dizer que sejam todos sabios: suba cada qual até onde poder subir — mas cooperemos todos para a nossa mutua felicidade. Se não tivermos uma nação illustrada, tenhamos ao menos uma nação civilisada.

« Folgâmos ao ver que não confiámos em vão, quando nos primeiros numeros d'este jornal invocámos o nome do nosso illustre Poeta em auxilio d'esta Crusada. A Leitura Repentina é um reforço providente que nos facilita a mais ardua empresa; é um plano engenhoso que devemos pôr em execução para vencermos a forte barreira que nos difficulta a marcha. Nós lhe agradecemos de coração este efficaz auxilio.

« Concorrâmos todos para que este livrinho se espalhe em todos os collegios de instrucção primaria, em todas as casas, todas as aldêas e lugares do reino; recommendemos a todos que o lêam, e cada uma de suas paginas valerá um thesouro, doado á mais pobre nação!

« O nome do sr. Castilho é quanto basta a tornar esta obra recommendavel, e tecer-lhe os mais altos louvores, bem o sabemos, e todavia como usamos sempre dar a rasão do que dizemos, por isso não deixaremos agora de observar o que entendemos sobre a utilidade d'este novo methodo de Leitura, tão facil de ensinar como de comprehender.

« O costume de ensinar ás creanças, o *ramerram* do alphabeto seguido como até ao presente se pratica, é atrasador; assim como o dos taes riscos e ligações em que se despende immenso tempo sem adiantamento algum. A maior parte das creanças sabe de cór, e cantando o alphabeto, mas se alguem lhes mostrar em qualquer livro, soltas ou unidas a outras, as mesmas letras, que em ordem alphabetica decoráram, não as conhecem já! O modo porque geralmente os ensinam a soletrar é o mais repugnante, e desharmonioso! Todos estes defeitos emenda o novo methodo de — Leitura Repentina. Quanto aos taes riscos e ligações, parece-nos que tambem se deviam abolir (nós nunca os fizemos, e escrevemos.) A mão que se avesa a riscar, e ligar, tarde sabe formar uma letra. Nem nos convence o dizer-se que este uso é para firmar a mão do discipulo, e habitual-a a pegar da penna. Parece-nos que melhor iriam habituando o discipulo a imitar as letras até formal-as com perfeição; adiantariam mais, porque ao mesmo tempo que aprendem a escrever, vão conhecendo cada vez mais as letras; vantagem que de certo não encontram nos riscos que se não podem lêr.

« A Leitura Repentina é o methodo que mais de prompto póde habilitar êste povo á civilisação de que tanto carecemos; e julgâmos que não deve servir só ás creanças, mas tambem aos adultos, e principalmente a tantas mulheres, que sem saber conhecer nem sequer uma letra, chegam a ser mãis, e confia-se-lhes a administração de casa, e a educação de filhos!

« O sr. Castilho, com este seu trabalho litterario, não prova só a elevação do seu sublime engenho; a sua profunda erudição; prova igualmente que possue uma alma dedicada toda inteira ao bem da humanidade — á prosperidade e gloria do seu paiz?

« O sr. Castilho prova na sua philantropia theorica, e praticamente; as escólas que fundou na Ilha de S. Miguel a attestam; attesta-a o Collegio do Portico nesta capital:

« O sr. Castilho fez á publicação deste excellente methodo de Leitura Repentina, um grande serviço ás sciencias, ás artes, á moral, á civilisação, isto é inegavel:

« O sr. Castilho.... para que dizer mais, se em tres palavras explicâmos tudo!.... E' sabio, é poeta, e é pae!....

« Honra lhe seja feita; e nós lhe pedimos acceite nossos ingenuos protestos de eterna gratidão, e especial veneração. »

D. A. G. PUSICH.

Recebemos o seguinte artigo do sr. L. P. Borges, o qual muito agradecemos pelo que nos respeita; e nos apressâmos a publicaal-o, para que se vá conhecendo que não clamam no deserto aquelles que erguem a voz em favor da publica instrucção: o talento do sr. Borges reflecte em seus pensamentos escriptos, com todo o ardor e singeleza proprios de um genio que só com suas forças busca elevar-se; que elle prosiga honrando a briosa classe a que pertence, e que não desanime em presença dos maiores obstaculos que sempre se opõem ás grandes

invocações, e que juntos marchamos elevando aos povos elementos de sua prosperidade. Eis o nosso desejo, eis o nosso dever.

D. A. G. PUSICH.

LEITURA REPENTINA.

«É este o titulo da mais proveitosa obra que o engenho humano podia offerecer á nossa terra» são palavras da sra. D. Antonia Pusich, na Assembléa Litteraria n.º 39, de 19 de Outubro de 1850, nós as repetimos cheios d'ardor e enthusiasmo, nós de todo o nosso coração, desejamos, que Portugal todo as repita, convencidos da verdade que ellas contém. Desmezurado arrojo parecerá talvez erguermos a nossa tão debil voz para rectificar esta asserção, tão reconhecida por verdadeira; mas não é para provar aos olhos da intelligencia, a superioridade, a excellencia, as vantagens da leitura repentina; assás está tudo provado; nem era a nossa tão humilde opinião que já mais serviria de apoio n'obra sublime, do sr. Antonio Feliciano de Castilho, nem á asserção da sra. D. Antonia Pusich, longe de nós a redicula pertenção de nos constituirmos advogados desta cauza temos sufficiente prodencia para não sermos tão pedantes, todavia tres razões, a nosso pensar poderozas, nos impelem a escrevermos estas pobres reflexões.

Ainda que bisonha recruta, estamos alistados debaixo do Estandarte, que o sr. Castilho, possuido do mais nobre patriotismo, da mais ardente caridade, da mais viva devoção, arvorou: foi-nos confiada a defeza d'um ponto, (a direcção de uma escóla de leitura repentina) e o general perdoará ao recruta, que na occasião do combate levantar a voz, uma vez que seja para incutir valor e brios nos seus camaradas; confiado pois na bondade do general, o recruta ergue a sua voz.

Tres razões, dissemos nós, impelem a escrever. Eil-as:

É a primeira a gratidão, manifestal-a é um dever sagrado para nós, para todos que se interessam pela civilisação do paiz, para todos que comprehendem quanto a leitura repentina nella vae influir: nós que nos interessamos pela civilisação, nós que comprehendemos a influencia de tão proveitosa obra, cumpramos pois um dever sagrado; tributando neste pobre artigo sincera e respeitosamente a devida gratidão ao genio civilisador, que a creou.

E' a segunda, o desejarmos que de todo desappareçam os prejuizos, que por desgraça nossa, ainda por ahi correm a respeito das palmas e da musica. Das massas populares não poucas vezes tem dependido a sorte dos monarchas, o destino das nações. A leitura repentina é uma sorte, um destino resplandecente, que a Portugal se aponta, é por consequencia das massas populares que elle tambem deve depender. Que se convença o povo primeiro da utilidade que lhe resulta, e da necessidade que tem de saber lêr, depois da facilidade e da eficacia do methodo Castilho, que se convença, dissemos, que se convença repetimos; porque elle ainda não está convencido, forçoso é pois convencel-o, e para o conseguir é preciso exortal-o, é preciso que todos levantem a sua voz para lhes bradar «marchar á conquista da luz do saber» é precizo que todos fallem ao povo em abono do methodo, para que o povo o abrace, porque é ao povo que elle aproveita, porque é o povo que hade contribuir para o fazer prosperar. Avante, avante pois, povo portuguez! correi ás escólas de leitura repentina, despi-vos de prejuizos, ávante, que, «o dia esplendido e magnifico da civilisação» raiará entre nós, se da vossa parte houver fé, e preseverança.

E' a terceira, darmos conta da nos-

sa missão, fallarmos dos graves obstaculos, e terriveis espinhos que n'ella encontramos. Regemos a escóla do Regimento d'Infanteria n.º 16 (a que pertenço) desde o 1.º de Abril do corrente anno, e os resultados colhidos tem sido tão contrarios aos nossos desejos, tão contrarios aos que se deviam esperar de uma escóla de leitura repentina, que vergonha será patenteal-os, mas.... milagres não são para os humanos: o methodo Castilho com quanto seja facilimo, milagroso não é. Os alumnos da referida escóla, tem a guarda o piquete, a faxina, o plantão, que os faz passar seis e oito dias sem irem á escóla, além disso tem, alguns tambem, o peor de tudo, a falta de fé e de vontade, mas já as primeiras faltas não são pequeno obstaculo, para um systema simultario, é obstaculo que nos tem forçado a repetirmos uma lição vinte e mais vezes, que se poderia aprender em tres ou quatro! Todavia consta-nos que alguem não pesando isto, com a devida reflexão, e madureza, pertende ou reprovar o methodo, ou o mestre, ou ambas as cousas, apello para.... infelizmente só posso apellar para um discipulo, um sobrinho do meu commandante, o ex.^{mo} sr. José Maria Taborda, que tenho a honra de ensinar, este menino tem aproveitado bem o tempo consagrado ao estudo e elle me salvará do furor daquelles, que injustamente me arguirem, d'aquelles que pertenderem fazer cahir no charlatanismo a nós, e *á obra mais proveitosa que o engenho humano podia offerecer á nossa terra.*

LUIZ PAULINO BORGES,
2.º Sargento do Reg. 16.

CONSTANÇA.

Drama original em 3 actos.

(*Continuação.*)

SCENA III.

CONSTANÇA VESTIDA SIMPLESMENTE A TEZ QUEIMADA, OS CABELLOS BRANCOS, E AS FEIÇÕES ALTERADAS PELO SOFFRIMENTO. ESTEVÃO, E O PRECEDENTE.

Estevão.

Eil-a aqui meu amo. (*Constança faz uma cortezia.*)

Thomaz.

Salve-a Deus. Como se chama?

Constança.

Julia.

Thomaz.

Todas as vozes se assemelham á d'aquella infeliz, por meu castigo. (*á parte.*) A sua idade? (*a Constança.*)

Constança.

Quarenta, e cinco annos.

Thomaz.

Estado?

Constança.

Viuva.

Thomaz.

Tem filhos?

Constança.

Tive uma filha... perdi-a.

Thomaz.

Como?

Constança.

Morrêu. (*chora.*)

Thomaz.

Máu, máu, é o que não me serve. Ouça cá, vm. parece-me uma boa creatura; tendo abonação ficará; tomando conta de minha casa; mas com a condição de não chorar diante de mim, nem da menina; ella perdeo sua mãe falecida ha tres annos: não quero avivar lembranças que a morteficam, e quando se não pode já remediar cousa alguma.

Constança.

Bemdito Sejaes, Deus justo! (*comsigo.*)

Disfarçarei a minha dôr (*a Thomaz.*) abafa-la-hei para não o desgostar.

Thomaz.

A pobre!... Tambem soffre como eu! (*á parte.*) Quem é o seu abonador? (*a Constança.*)

Constança.

O sr. Billiote, chefe de policia dos estrangeiros.

Thomaz.

Oh! o sr. Billiote é um cavalheiro dos mais honrados, que eu conheço. Muito bem, muito bem.

Constança.

E' o homem a quem se pode justamente chamar bemfasejo: os seus nobres sentimentos, a sua compaixão pelos infelices, o interesse com que toma a seu cargo a causa dos desvalidos, honram a humanidade!

Thomaz.

Que reprehenção a meus crimes! (*á parte,*) Dê cá o attestado. (*a Constança que lhe dá um papel.*) Então vm. não é Italiana? (*levanta-se depois de lêr o attestado.*)

Constança.

Não senhor; nasci em Portugal, e vim pequenina para Liorne.

Thomaz.

E' circumstancia que desejava não tivesse.

Constança.

Tenho muita gloria em pertencer a uma nação tão briosa.

Thomaz.

Eu tambem muito me glorio de ser portuguez; mas quizera poder-me esquecer de Portugal pelos desgostos que alli passei; se vm. neste ponto me tivesse enganado, ter-me-hia feito um favor.

Constança.

Por motivo algum negarei a minha patria.

Thomaz.

Outra reprehenção! (*á parte*). Louvo o seu pensar mas falle em Portugal o menos que podér. (*a Constança*) Estevão, chama a menina. (*Estevão parte*) Se minha neta se agradar de vm. ficará hoje mesmo, querendo. Consenti n'um baile de mascaras esta noite, e preciso quem tome a seu cargo a vigilancia da casa. Quanto pertende vencer de ordenado!

Constança.

Muito feliz me considero em ter o abrigo de uma casa tão boa. O preciso sustento, nada mais pertendo.

SCENA IV.

ERNESTINA, CAMILA, ESTEVÃO, E OS MESMOS.

Constança.

E' ella!... dai-me coragem meu Deus! (*comsigo*).

Ernestina.

Caro papá que determina?.... Quem é esta senhora?

Thomaz.

A serva que deve tomar conta desta casa se te agradar.

Ernestina.

Agráda-me muito, sim senhor, como se chama?

Thomaz.

Julia.

Ernestina.

Julia! Que nome tão bonito! até gosto do seu nome. Que idade tem?

Thomaz.

Quarenta e cinco annos.

Ernestina.

Se a minha mamãa vivesse teria, hoje trinta e tres! (*entristece*).

Thomaz.

Mudemos de çonversa. Se é moça não me convém, se tem mais idade lembra-se.... do que não se póde lembrar....

Ernestina.

Do que não me póde, nem deve esquecer. (*chora*).

Constança.

Ah! filha!.... (*á parte muito commovida.*)

Thomaz.

Basta Ernestina!.... esqueces que me affliges?....

Ernestina.

Perdão meu Papá; eu fallo de outra cousa. Parece ter menos idade; tem o rosto ainda tão liso, e fresco! Só o cabello....

Camila.

Os cabellos não decidem nada; agora os moços tem os cabellos brancos, e os velhos pretos!... E'para andar o mundo ás véssas em tudo.

Ernestina.

Tomára ouvir-lhe a voz! (*baixo a Camila.*)

Camila.

E vm. gosta da menina tanto quanto ella de vm.?

Constança.

Se gosto! Assim Deus gostasse de mim!

Ernestina.

Que voz tão meiga! (*baixo a Camila.*)

Thomaz.

Que fineza! Ora fiquem tratando de apromptar tudo, que a noite está proxima. (*vai-se*).

SCENA V.

CONSTANÇA, ERNESTINA, CAMILA E ESTEVÃO.

Ernestina.

Olha Camila, arranjem vossês tudo, que eu vou com esta senhora vestir-me no meu quarto.

Constança.

Chame-me sua creada, minha querida menina, dê-me um tu, que é o que me pertence.

Ernestina.

Não tenho geito de tratar por tu uma pessoa mais velha do que eu. Vamos.

Camila.

Olhem a minha menina como vae contente sem mim! Queira Deus que não deixe os amores antigos pelos novos!

Constança.

Estes são mais velhos....

Ernestina.

Não tenhas ciumes, que isso já se não usa.

(*Parte rindo em companhia de Constança*).

SCENA VI.

CAMILA E ESTEVÃO.

Camila.

Tem graça a pobre mulher.

Estevão.

A menina gosta d'ella.

Camila.

Tambem eu, mas não quero dizer o motivo!...

Estevão.

A mim pode dizer-me que sei guardar segredo.

Camila.

Tem a voz, e as feições alguma cousa parecidas com as da minha querida ama! coitadinha! que fim tão desastroso teve! morreu com saudades de sua filha! Nunca eu a deixasse, parecia que me advinhava o coração! Esta idéa faz que eu não tenha desejo algum de me divirtir!

Estevão.

Altos juizos de Deus. Ouça cá outro segredo. Vieram de Lisboa dois homens amo, e creado, que me pediram muito os introduzisse no baile das mascaras, pediram-me de modo que não pude dizer que não. Ahi bem vê que não ha perigo algum; mas o que é preciso é não dizer nada ao patrão; sabe a raiva que elle tem aos portuguezes, e a Portugal.

Camila.

Tambem é boa! Se Portugal tem culpa dos seus erros! Pois sim, deixe-os entrar e mostre-me quaes são; que muito estimo vêr, e obsequiar os meus patricios. Ah! minha patria! Ah! minha senhora! (*suspira*).

Esterão.

Nada de relações. Deixa-me ir acender as luzes. (*Toca a sineta.*) Valha-me Christo! já lá vem gente.

SCENA VII.

THOMAZ DE ALMEIDA ENTRA COM ALGUNS CONVIDADOS E CREADOS COM LUZES QUE SE COLLOCAM EM DIVERSAS MEZAS. CAMILLA SAE.

Thomaz.

É um bello divertimento o carnaval na Italia.

Um convidado.

No seu paiz não se divertem com as Mascaras?

Thomaz.

No meu paiz... tambem, tambem, mas sem gosto, nem delicadeza. Esmeram-se na variedade, e numero dos disfarces, porém que disfarces!.... É repugnante a vista das Mascaras dos defuntos, chagados, Frades, Freiras, Pensionistas do Estado, Mendigos miseraveis, contrastando o luxo aziatico das outras mascaras!

Outro convidado.

Será uma nação pouco civilisada ainda em costumes; e todavia o vosso Portugal tem dado o berço a genios superiores.

Thomaz.

Sem duvida; e quanto mais superiores mais perseguidos, e desgraçados; por isso retrogradamos nas trevas da ignorancia, em quanto vós outros marchaes no progresso da illustração.... Ahi vem as mascaras.

(*A musica annuncia a aproximação do baile.*)

(*Continúa*). D. A. G. PUSICH.

Á ULLIMA HORA.

Recebemos, e agradecemos, a attenciosa carta do Ill.mo sr. Peregrino José Monteiro, Director do Azylo da Mendicidade, o qual na qualidade de Director do mesmo Azylo, e com a auctorisação da administração que actualmente rege aquelle pio estabelecimento, deseja que publiquemos o que se passou ácerca de José Thomaz, soldado da 1.ª companhia de veteranos, entrado no Azylo da Mendicidade; e sendo o nosso intento esclarecer sempre a verdade dos factos que se apontam dignos de publicidade, a fim de que se faça justiça a quem a tiver, porque com tudo isso nós só temos o interesse do bem publico, vamos publicar o que nos refere o sr. Director com a mesma franqueza com que publicámos o que se disse a tal respeito em o n.º 23 desta folha:

Tendo sido encontrado pelo Ill.mo sr. Desembargador Sampayo, adjunto do Ex.mo Provedor do Azylo, no dia 3 de Agosto ultimo, junto á porta da freguezia de S. José, a pedir esmolla de rastos o aleijado José Thomaz, e tendo o respectivo regedor informado que este individuo era costumado a esmollar diariamente naquelle mesmo sitio, foi por esta razão mandado capturar logo e conduzir ao Azylo aonde todavia tem tido um comportamento muito regular, e de certo já teria sahido se por ventura tivesse apresentado um fiador idoneo e capaz, para não tornar a pedir esmolla nas ruas desta cidade.

Eis o que nos diz o sr. Director, e nós acreditamos que na melhor fé acceitaram o soldado, ignorando que era soldado, aliás parece-nos que teria havido a devida attenção com a auctoridade militar, que manda nos soldados; parece-nos que o Azylo é um recolhimento do mendigo, que não tem de que viver, nem casa onde se recolher, e não quartel de soldados, que por vicio pedem, parece-nos que o sr. Regedor iria melhor se officiasse á auctoridade apontando o soldado como pedinte a fim de que a mesma auctoridade providenciasse; parece-nos que nunca a tal ponto se deve atacar a auctoridade militar que em taes casos pode um dia mostrar seus direitos, e quem lhos negará?!

Entendemos que nem as auctoridades militares mandam no Azylo da Mendicidade, nem as auctoridades do Azylo mandam nos soldados. Eis o que entendemos, e o motivo porque publicámos este facto, foi porque a nós é que foi entregue a queixa do infeliz soldado, a qual hoje mesmo entregaremos á competente auctoridade para mostrar que este jornal tem por diviza a verdade que é a diviza dos christãos, e de quem presa o seu nome, nem de outro modo temos firmado o nosso.

Falta-nos espaço e ainda nos resta que dizer, por isso para o numero seguinte continuaremos. D. A. G. PUSICH.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: preço 40 rs. para os srs. assignantes: 50 rs. avulso. Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, e nas mais do costume.

N.° 25 — NOVEMBRO 1.° — 1853.

METHODO PORTUGUEZ CASTILHO.

Se em 1850 lendo o opusculo — Leitura Repentina — já o achámos bom, agora depois de o ver aperfeiçoado e augmentado por seu illustre auctor o achamos excellente; e na pratica deste engenhoso methodo ainda melhor se conhecem as vantagens que offerece.

A quem lendo o Methodo Castilho o quizer contrariar, seja porque motivo for, dizemos que, assista á pratica d'elle e falle depois; que certamente se arrependerá de qualquer desfavoravel idéa que houver feito; e se for pessoa de boa consciencia repettirá o que dizemos — é excellente. —

As pessoas que lidam com as creanças, e as que as estudam conhecem facilmente o seguinte: as creanças gostam de tudo quanto é cantado, contado e pintado; por isso de prompto compreendem este ensino, que se lhes torna suave, e agradavel; com o qual divertindo-se aprendem, livres do pesado, e monotono ensino a que eram obrigados, e que mais das vezes aprendiam por força e não por vontade; acontece com este novo methodo que as creanças gostam de o decorar, e repetir, sem o menor enfado, pois estão sempre dispostas a cantar, e ver pinturas e ao mesmo tempo que aprendem a ler com perfeição, ficam sabendo escrever e contar correctamente.

O Methodo Castilho é de facil compreenção, é agradavel, e offerece os melhores resultados que de prompto se reconhecem.

Quem duvidar vá assistir ao ensino, e será convencido.

O Senhor abençôe os trabalhos que vão começar com o curso normal de leitura e escripta; e bem de coração desejamos vêr coadjovada por todas as pessoas sensatas esta illustre crusada que será de eterna, e gloriosa memoria.

D. A. G. PUSICH.

AVISO.

Commissão geral de Instrucção Primaria.

As pessoas que até ao dia 3 de Novembro se não acharem inscriptas para o curso normal de leitura e escripta que se tem annunciado, não poderão já inscrever-se.

Pessoas não inscriptas, ou que, sendo inscriptas não frequentem o curso, não serão admittidas aos serões artisticos dos sabbados. Exceptuam-se os poetas, muzicos, recitadores, ou leitores extremados; aos quaes todos, não só se dará

bilhete dezejando-o elles, mas poderá até offerecer-se.

A cada redacção de jornal se enviará um bilhete perpetuo.

Os bilhetes dão-se desde o dia 31 de Outubro até ao dia 3 de Novembro, ás 3 horas da tarde, no Becco do Norte á Lapa n.° 3. Nenhum bilhete será valido sem que a pessoa a quem elle pertença lhe haja inscripto nas costas, e de seu proprio punho, a assignatura.

Portador de bilhete falço ou alheio será inevitavelmente expulso, apenas descuberto; e a pessoa que cedesse o seu bilhete a outra perderia todo o direito a entrar.

O tempo do estudo não será menos de hora e meia por noite; podendo algumas vezes prolongar-se, se a maioria assim o approvar.

Os exercicios de cada noite serão divididos em duas partes: 1.° theoria e pratica do methodo Portuguez Castilho: 2.° palestras scientificas e litterarias sobre assumptos uteis e curiosos designados na vespera.

Estas palestras serão o desenvolvimento do que se acha proposto no methodo Portuguez Castilho, desde pag. 35, até pag. 46.

Podem tomar parte activa nas palestras, as pessoas de reconhecidas habilitações scientificas e litterarias que o dezejem.

Os discursos pronunciados nas palestras serão logo alli tomados por tachigraphos, revistos e retocados depois por seus auctores, serão publicados n'um volume por A. F. de Castilho, sobre o titulo de — Miscelania Incyclopedica, para uso dos Mestres e Discipulos das Escollas primarias.

Lisboa 3 ce Outnbro de 1853.

A IGREJA CATHOLICA APOSTOLICA ROMANA.

A Egreja Catholica Apostolica Romana — é a Sociedade de todos os fiéis dispersos por todo o Orbe terrestre, sem distincção de nação, de partido politico, de jerarchia ou classe, de sexo e edade; unidos todos pela mesma Fé, e pela participação dos mesmos Sacramentos, e sujeitos em tudo o que pertence ao espiritual ao Papa, Bispo de Roma, successor de S. Pedro, o qual, foi o primeiro Cheffe da Egreja, e Vigario de Jesus Christo, por authoridade do mesmo Senhor, nestas solemnes palavras: *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edeficarei a minha Egreja: ee te darei as chaves do Reino do Ceu: tudo o que ligares na terra, será ligado no Ceu: e tudo o que desatares na terra, será desatado no Ceu: apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas*; por consequencia, os Papas são os Chefes visiveis da Egreja de Jesus Christo, e seus Vigarios na terra; porque os Bispos de qualquer Sé, succedem na dignidade e authoridade de seus predecessores.

Oh! quanto é augusta e sublime a dignidade e authoridade do Papado!

Qual é o imperador, rei, principe ou chefe de estado, que recebesse a sua authoridade directa e expressamente do proprio Deus?

Qual d'elles têem uma authoridade, que se possa comparar com a do Papa?

Qual d'elles têem authoridade de reter ou absolver todo o genero de peccados?

Qual d'elles têem authoridade de excummungar, (isto é, expulsar fóra da Sociedade Catholida, para ser tratado como pagão) aos filhos da Egreja, que se tornarem dignos de tão terrivel pena, por seus crimes?!.

Qual d'elles têem authoridade de abrir os thesouros espirituaes da Egreja, e derramando as immensas graças que elles contém, por todo o Orbe Catholico?

Qual d'elles tem a prerogativa de tudo o que ligar na terra, ser ligado no

Ceu; e tudo o que desatar na terra, ser desatado no Ceu?!

Oh! quanto é grande e sublime a authoridade do Papa!

Oh! quanto é digno de respeito veneração e acatamento o Personagem que se acha revestido d'uma authoridade tão sublime, não só dos Pastores e Clero Catholico; mas tambem de todos os povos, governantes e soberanos Catholicos os quaes, no que pertence ao espiritual, são seus subditos.

J. B. DE FIGUEIREDO.

A SUA MAGESTADE ELREI O SR. D. FERNANDO EM 29 DE OUTUBRO DE 1853.

UMA LEMBRANÇA EM HOMENAGEM.

Salva mar, salva castello,
Que é o Natalicio Dia
Vinte e nove de Outubro!
Salve tudo em alegria.

Minha nobre Luzitania
Ergue altiva o teu louvor,
E deixa-me por lembrança
Hoje plantar uma flor.

O sol raiando tão lindo
Vem Magestoso assomando
Candida Pomba innocente
C'roa d'oiro vae levando.

E sobre o Docel adeja!
As azas bate contente,
Ao som de grata harmonia,
Que ouve entoar docemente.

Minha voz singela e fraca
Tambem ousa um som erguer
Mostrando meu sentimento
Unido ao geral prazer.

As salvas ao meio dia
Parabens soltam bradando!
=E' o dia anniversario
Do nosso Rei Dom Fernando =

E' o genio que sublime
Nasceo em Berço Real
E' o Rei Artista e sabio
Que sabe honrar Portugal.

Graças, Deus Omnipotente
Salve! Nação Portugueza,
Viva em paz, o Rei, o amigo,
O genio d'alta nobreza.

FRANCISCO JOZE FERREIRA DA SILVA E SERRA.

CONSTANÇA.

Drama original em 3 actos.

(*Continuação.*)

SCENA VIII.

Ernestina ricamente vestida. Mascaras de ambos os sexos, vestidas para dançar. D. Eugenio mascarado, magnificamente vestido; e Bernardino tambem mascarado, em trage menos elegante. Thomaz, Ernestina, e os convidados, homens e senhoras se assentam: as mascaras dançam.

Thomaz.

Assentem-se senhores mascaras, e cante-se alguma cousa. (*as mascaras se assentam, e D. Eugenio fica ao lado de Ernestina, falla-lhe baixo, e ella responde.*)

Ernestina.

Alguma chacara portugueza.

Thomaz.

Nada, nada. Musica italiana que é a rainha das musicas. Alguma aria, duetto, tercetto, quintetto; o que lhes parecer, mas tudo italiano.

Bernardino.

Que diabo diz aquelle mono? Para os quintos te mandára eu, renegado infernal. (*á parte.*)

(*D. Eugenio canta a cavatina de Agnesi — Come la nebia al vento —; Ernestina o acompanha, ou alguma das outras mascaras, ou convidados, no caso de não cantar a dama que fizer o papel de Ernestina.*)

Thomaz.

Senhores.... senhores.... pesso-lhes que não continuem.... são cantigas muito sentimentaes, improprias deste dia.

Bernardino.

Pois então lá vae uma bem alegre.

(*Bernardino canta alguma cantiga popular portugueza*). (*)

Ernestina.

Muito bem, muito bem.

Todos.

Bravo, bravo, o Portuguez.

Thomaz.

Estou sobre espinhos. (*á parte*) Senhores dansem uma Polka, ou qualquer outra cousa; e vamos tomar um copo de agua.

Bernardino.

De neve é melhor para lhe apagar o fogo dos infernos que o está queimando em vida. (*á parte*)

Constança. (*escondida com uma das portas deixa apenas vêr-se.*

Meu pobre pae! (*á parte.*).

(*As mascaras dansam, e depois retiram-se todos, menos D. Eugenio, e Bernardino que vão deixando-se ficar. Os creados levam quase todas as luzes.*)

SCENA IX.

D. EUGENIO, BERNARDINO, E CONSTANÇA ESCONDIDA. A SCENA ESTA' ESCURA.

D. Eugenio.

Ah! Bernardino, realisa-se a minha desgraça!... Perguntei a Ernestina por sua mãe, disse-me que ha tres annos morrêra!.. E fui eu o seu assassino! Oh! aquella carta, aquella carta, anonima infernal! nunca eu a mandára a seu pae!

(*) O sr. Taborda cantou uma linda canção popular, musica do sr. Cazemiro, letra do sr. Mendes Leal (José), nosso illustre poeta: começava assim:

Sou birrento, sou teimoso;
Ninguem me vence a teimar;
Fui soldado só por teima
Por teima quiz guerrear:

Troava o canhão....
Não mente o rifão;
Agoa mole em pedra dura
Tanto bate até que fura.

E foi muitas vezes chamado o sr. Taborda para repetir esta canção, que desempenhou com a graça e engenho que lhe são naturaes.

Bernardino.

Agora caldas.

D. Eugenio.

Se eu me contentasse de lhe mandar dizer que tomasse conta de sua neta!... Mas assegurar-lhe que a pobre Constança vivia comigo!.... Foi atroz! manchar a sua memoria!

Constança.

Horror! (*tapando o rosto.*)

Bernardino.

E agora de que lhe serve o arrependimento? Eu bem lhe predice tudo; mas V. Ex.ª não attendia mais que a sua paixão; deixou-a correr ás redeas soltas. Eis-ahi o prazer da vingança, eis a sua consequencia.

D. Eugenio.

Não foi vingança. Julguei separando-a de sua filha, tornar aquelle coração livre para se entregar todo a mim; julguei que fazendo crêr ao Pae a intimidade de nossas relações o obrigasse mais depressa a ír buscar a neta; e Constança a casar comigo, para evitar um discredito.

Bernardino.

Tapar a boca ao mundo!.. veja lá quantas bocas elle tem, e quantas rolhas eram precisas!.. Mas o que eu quizera perguntar a V. Ex.ª, é o que viemos fazer á Italia? Ver um baile de mascaras, e hir d'aqui a toque de caixa, com alguma republica, assim como em França já appareceu; e o senhor D. Eugenio ter de esconder o dom, e os pergaminhos. (*rindo muito*).

D. Eugenio.

Rí quando eu choro! Nunca sopuz ser exacta a noticia da morte de Constança; entendi que aproveitando a minha ida a Villa Viçosa, fizesse divulgar esta noticia, para que de todo eu perdesse as esperanças; ou que Thomaz a rogos da neta mandasse buscar a filha: e quando nada d'isso fosse, Ernestina saberia a sorte de sua mãe. Infeliz mulher!. não me perdoarás o meu fatal delirio?..

Bernardino.

E' boa mania de amantes! Até com as sombras discorrem! Tudo n'elles é imaginação! pois eu gosto mais de realidades; e chamem-me nescio! Ainda não vi uma paixão mais cega! ha dez annos que não vê a amada, e ainda é amante.

D. Eugenio.

Miseravel que não sabes apreciar o sentimento! Este não é o amor que outr'ora tive a Constança; aquelle era louco, desesperado; este é o amor da virtude, o respeito. Oh! sim, aquella mulher era um ente divino! Nenhum mortal a merecia! (*passeando como insensato*).

SCENA X.

ESTEVÃO APRESSADO, E OS DITOS.

Estevão.

Meu amo sente a sua falta, cavalheiro. Peço que venha tomar alguma cousa, e não me commetta, (*a D. Eugenio*). Cá o senhor, (*a Bernardino*). Deixe-se ficar para logo cear com a familia. O amo está meio desconfiado por aquella modinha portugueza tão bem pronunciada: a creada da menina quer perguntar noticias de Lisboa, que a essa contei o segredo.

Bernardino.

E' a minha Camilinha. Tenho a dar novas muito recentes, fresquinhas!.. Houve um pronunciamento, um portocolo.... quinzenas .... anda lá tudo á quinzena, até as arvores do passeio publico, até as casacas, até as notas!.. tudo; tudo, por planos de economia!!..

D. Eugenio.

Um sacrificio mais! (*parte com Estevão.*)

SCENA XI.

CONSTANÇA E BERNARDINO.

Constança.

Bernardino....

Bernardino.

Que é lá isso!.... Olá!.... faça alto!.... cruzes santo nome de Jesus!

Constança.

Não fujas....

Bernardino.

Abrenuncio! vae descançar em paz! E' ella tal e qual!.... Ainda traz cal nos cabellos! (*querendo esconder-se*).

Constança.

Ouves....

Bernardino.

E dá-lhe!.... vá ter com quem a matou... que eu.... cá nunca lhe fiz mal... (*tenta fugir, Constança o segura*).

Constança.

Bernardino....

Bernardino.

Ai!.... ai!.... ai!.... (*cáe no tablado, Constança sentindo alguem torna a esconder-se*).

SCENA XII.

D. EUGENIO E BERNARDINO.

D. Eugenio.

Bernardino, que tens, não me ouves?...

Bernardino (*tapando o rosto com as mãos.*)

Em nome do Eterno, deixe-me, que estou morto, vá ter com os vivos....

E. Eugenio.

Abre os olhos miseravel, sou eu, D. Eugenio, quem te falla.

Bernardino (*ergue-se dando um ai muito rijo*).

Ai! graças ao Altissimo! vamos deste inferno....

D. Eugenio.

O que te aconteceu.

Bernardino.

O fantasma da sua.... não a quero nomear, póde aparecer.

D. Eugenio.

Constança!.... enlouqueceste!....

Bernardino.

Oh! Senhor!.... Deixe em paz os mortos.... agora é que eu acabo de crer.... Deixe-me ir.... (*querendo partir*).

D. Eugenio.

Não irás sem me dizer tudo.

Bernardino.

Ora que culpa tenho eu cá!.... Olhe senhor, ella sempre tinha uma cabeça! nem a morte lhe comeu os miolos!... Ainda se lembra do meu nome!....

D. Eugenio.

Fallou-te!.... Era a sua voz!....

Bernardino.

Essa pergunta não parece sua! pois a voz dos defuntos conhece-se! Elles em morrendo são todos um.

D. Eugenio.

Mas o que te disse.... (*impaciente.*)

Bernardino.

Eu sei cá!.... chamou-me com uma voz sepulchral que mal se entendia.... Lá a mandei ter com v. ex.ª

D. Eugenio.

Para que lado foi?

Bernardino.

Havia ir por onde veio... Por alli... (*apontando a porta por onde sahio.*) Tomára que me deixasse.

D. Eugenio.

Ou tu enlouqueces-te, ou zombas comigo, vamos vêr.

(*D. Eugenio, váe á porta aonde está Constança; esta sáe ao encontro, D. Eugenio recúa.*)

SCENA XIII.

CONSTANÇA E OS MESMOS.

Constança.

Recúa!....

D. Eugenio.

Quem és tu!.... mulher.... As tuas feições!.... Ah! falla!.... a tua voz! mas essas cans!....

Constança.

São filhas do infortunio, effeito da tua crueldade.

D. Eugenio.

Constança!.... Anjo de virtude!.... Perdão.... (*ajoelha*).

Bernardino.

Assim o quer, assim o tenha. (*foge a esconder-se no fundo*).

SCENA XIV.

ERNESTINA, CAMILA, E OS MESMOS.

Ernestina.

Minha Julia.... que é o que vejo.... O mascara portuguez de joelhos!

D. Eugenio (*erguendo-se*).

E' D. Eugenio.

Camila (*horrorisada*).

O senhor D. Eugenio!.... o auctor da morte da minha infeliz ama!....

Ernestina.

D. Eugenio!....

D. Eugenio.

O auctor da morte de Constança não; mas de seus padecimentos sim. Ella não morreu.

Ernestina, e Camila.

Não morreu!..

D. Eugenio.

Não.

SCENA XV.

THOMAZ DE ALMEIDA, ESTEVÃO COM LUZES, E OS MESMOS.

Thomaz.

Que vejo?!. Minha neta, e vocês aqui sós com um desconhecido! E o sr. queira retirar-se já que não sabe tratar comgente.

D. Eugenio.

Senhor Almeida, eu sou D. Eugenio.

Thomaz. (*irado*).

D. Eugenio! Dá cá as minhas pistolas, Estevão. O senhor se não é tão cubarde, quanto é vil, saia a campo, eu o desafio. Seductor de minha filha!... malvado que me reduzio a ser tyranno do meu sangue!! (*tremulo de colera*).

D. Eugenio.

Senhor!..

Thomaz.

Um perfido, um infame. (*quer atirar-se a elle, Constança o segura*).

Constança.

Não se hão-de bater.

Thomaz.

Quem m'o póde impedir?!.

Constança.

Sua filha.

Thomaz.

Minha filha!

Constança.

Sim; eu querido pae, a sua filha, a sua Constança. Perdão piedade. (*lançando-se aos pé de Thomaz*).

Thomaz.

Constança!.... tu!.... meu Deus!.. explica-te!..

Ernestina.

Minha mãe!

Camila.

A minha senhora!

Constança.

Sim; não pude resistir á saudade. Vim para Liorne apenas tive meios de me transportar, fazendo girar a noticia da minha morte, para mais facilmente entrar n'esta casa; o que só hoje pude conseguir.

Ernestina. (*abraçando a mãe*).

E' possivel!.. minha adorada mãe!

Camila. (*abraça os joelhos de Constança, e esta abraça ambas*).

Minha senhora!.. E até agora aonde tem vivido?

Constança.

Em casa da honradissima familia de Billiote, aliás teria perecido victima da indigencia.

Thomaz. (*que se tem conservado immovel*).

Constança, Constança! Póde a tua virtude exceder á minha crueldade! Perdôa... perdôa ao teu verdugo, que de pae nem ousa proferir o nome!

(*Chorando e soluçando, abraçado á filha*).

Constança.

Meu pae, meu pae! Não se afflija! Este abraço paternal corôa meus soffrimentos, merecidos porque desobedeci a meu pae!

D. Eugenio.

E a mim, Constança, não me perdôas?

Constança.

Perdô-o, de todo o meu coração; e desejo premiar os seus sentimentos para comigo; causa de seus excessos, e da nossa mutua felicidade.

D. Eugenio.

A sua mão?

Constança.

A mão de minha filha, se ella não repugnar, e meu pae o consentir.

Todos.

Oh! heroismo!

Constança.

Meu pae será o meu companheiro, nem o meu coração póde sentir outro amor, que não seja o de filha, e o de mãe.

Thomaz.

E tornaremos para a nossa cara patria.

Todos.

Sim, tornaremos, tornaremos.

(*Bernardino que se tem conservado em observação, no fundo da scena, aproxima-se de um salto, e afectando voz de papagaio*).

Bernardino.

Para Portugal.

FIM DO DRAMA.

ASYLO DA MENDICIDADE.

(Continuação)

Por falta de espaço não concluimos, no antecedente numero desta folha, o que tinhamos a dizer, ácerca do Azylo da Mendicidade.

Agora o faremos em poucas palavras porque nem temos tempo nem espaço.

Entendemos prestar um serviço ás authoridades sempre que publicamos abusos cometidos, para que assim lhes conste o que ignoram, e que por outro modo não devemos declarar, sendo nosso systema e nosso costume o viver em perfeita harmonia com todas as authoridades, evitamos quanto podemos algumas publicações que menos exactas, nos parecem, e podiam de algum modo ferir pessoas que estimavamos antes

auxiliar. Eis a causa porque usando a prudencia devida em taes casos não temos publicado artigos que se nos tem remettido contra abusos commettidos no Azylo de Mendicidade, e só publicámos aquella noticia do veterano conduzido alli por força, porque na verdade era uma injustiça manifesta que devia chegar aos ouvidos do Ill.mo sr. Sampayo, para se remediar como fosse de justiça, e esperamos da sua exactidão, e probidade, da qual jámais duvidámos.

Diz o sr. Director, e nós acreditamos, que é falsa a noticia de haverem sido conduzidas á força para o Azylo as taes mulheres dos pescadores, mas o certo é não haver para com todos os pobres a exactidão que houve com o veterano, julgando-se um mendigo, e conduzindo-o para o Azylo só por constar que pedia esmola n'um sitio certo, pois ahi andam por essas ruas tantos pobres a pedir em lugares certos, e alguns encommodando o coração e os ouvidos de quem passa, ou entra n'uma loja, cantando, berrando, desmoralisando-se até creanças pedindo por officio, mas não se recolhem nem estes, nem outros que dezejam recolher-se e não o conseguem sem grandes empenhos.

Os artigos a que acima nos referimos não são contra o Ill.mo sr. Sampayo, nem contra o sr. Director, mas sim contra outra pessoa que se diz é o comprador do Azylo, o que parece cuidar menos no bem estar dos pobres do que no seu proprio....

Confiamos tanto na exemplar beneficencia, e rectidão do ex.mo Provedor, hoje auzente, e na probidade dos outros srs. que mandam nesse pio estabelecimento, que esperamos ver corrigido qualquer abuso que possa ter perturbado, por momentos, a boa ordem que deve reinar em tudo, e mormente onde a caridade estende á pobreza a benefica mão. Que o Azylo da Mendicidade seja um certo amparo dos desvalidos, que se não deixe enriquecer pessoa alguma á custa dos pobres, que seu parco alimento seja o melhor, e comprado onde mais convenha ao bem dos pobres; que no aceio das camas, e roupas haja todo o cuidado, e que finalmente alli se recolham sómente os pobres desamparados mas não quem tem 60 réis diarios para comer, e um quartel onde se recolher.

Estas verdades não podem, desagradar ás authoridades justas, e estas contem sempre com a nossa melhor vontade e respeitosa consideração.

D. A. G. PUSICH.

NOMES DOS ILLUSTRES ASSIGNANTES DESTA FOLHA.

Sua Magestade A Imperatriz Viuva Duqueza de Bragança.
A ex.ma sra. D. Gertrudes Maxima Garcez Barreto. 1 exemplar.
O Ill.mo sr. Alexandre Magno de Castilho. Idem.
D. Antonio Fernandes Leite de Souza, Prior da freguezia de Santo Estevão. Idem.
O Padre, Jeronimo Antonio Souza da Piedade, Prior da freguezia de S. Thomé. Idem.
Joaquim Salles Caldeira. Idem.
Antonio Maria Marques. Idem.
Domingos Cazaes. Idem.
Claudio Bernardo Pereira de Chaby. Idem.
Antonio Cardozo Salema. Idem.
Antonio Ferreira da Silva e Serra. Idem.
João Joré Borla. Idem.

Explicação da charada do n.º 22.

— *Beijo.* —

FIM DA 1.ª SERIE.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, Dª A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso . ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 7.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja de sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua do Telhal n.º 7, 1.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 1 — NOVEMBRO 15 — 1853.



Um emblema funeral se patenteia ao abrir-se a segunda serie desta folha! Um novo emblema de morte que a amizade nos offereceo á biographia de um pae adorado o Exm.º Sr. A. Pusich, é o mesmo que se manifesta quando commemoramos o infausto fallecimento de Sua Magestade a Rainha! E' uma coincidencia que a nossos olhos mostra que, a morte iguala os humanos, e a Santa Religião os une, fossem quaes fossem os seus destinos sobre a terra! E nós que ao ver tão respeitaveis quadros conservamos a alma de Christãa; despresando, quanto devemos, as humanas paixões que redusem os hnmanos a esquecer-se do que devem a Deus, a seus semelhantes, e a si mesmos; deploramos cordealmente a morte de uma joven Rainha, arrancada na primavera de seus dias a seu carinhoso consorte, e a seus innocentes filhinhos, que amou com tanto extremo!

A Senhora D. Maria da Gloria Rainha de Portugal já não existe! No lance terrivel de um tormentoso parto espirou pelas onze horas e meia da manhã deste dia 15 de Novembro!

O sentimento de magoa e de respeito que reina hoje na capital deixa ver em toda a evidencia quanto esta nação acata os Principes, e que todos os partidos se unem quando se trata de cumprir deveres tão sagrados! O lucto voluntario, uma silenciosa tristeza impressa em todos os semblantes, provam a moralidade deste excellente povo! Os mesmos a quem na infeliz divisão de partidos coube em partilha o infortunio, esses mesmos choram devéras a Augusta finada! E quem póde conservar o rosto enxuto ao ver uma Rainha na flôr dos annos mais vigorosos separando-se para sempre de tudo quanto mais amava na terra; perecer victima do mais doloroso maryirio!

Augusta Senhora! Nós que sempre vos respeitámos; porém que nunca em vida vos offertá-mos os despresiveis incensos da lisonja; nós hoje com sinceras lagrimas, Senhora, offerecemos á vossa memoria o culto mais respeitoso de uma dor verdadeira.

Quanto esta morte mais sensivel se

torna a um coração de mãe que o sabe sêr ! Sua Magestade, A Rainha, perdeo a vida tão cedo porque foi mãe ! — e mãe exemplar que póde servir de modelo ás boas mães no amor, e desvello com que soube educar seus filhos, assim d'elles sentio dividir-se, dividindo-se-lhe as entranhas maternaes ! Oh ! dôr !.. quanto nós a sabemos sentir !

O infurtunio attrahe sympatias ; por isso, não deixaremos de notar em duas palavras, as angustias que ofuscaram o explendôr que cercava a Senhora D. Maria II.

Na mais tenra infancia teve a desdita de perder sua Augusta, e Virtuosa Mãe ; logo depois condusida a reinos estrangeiros, teve de ver preceder ao seu Reinado, uma guerra infeliz de irmãos ; e subindo ao Throno, seu Real Coração não podia deixar de soffrer á vista do contraste que se offerecia a seus olhos ! de um lado as alegrias, e ventura dos vencedores, do outro as lagrimas, as desgraças das familias orphãos dos vencidos !. E os mesmos vencidos, que todos eram portuguezes ! Logo depois a morte veio arrancar-lhe seu Augusto Pae; e apoz d'elle seu primeiro Real Consorte ; seguio-se a morte de seus filhos e da nossa adoravel Princeza D. Maria Amelia.

A todos estes golpes juntem-se os sustos, e as magoas de repetidas contendas de irmãos no mesmo partido liberal, que tanto affligiram seu Regio Coração ! Era porém feliz, e muito feliz, na sua união conjugal com El-Rei o Senhor D. Fernando, Principe dotado das mais bellas virtudes, esposo, e pae extremoso, que formava as delicias maiores da sua existencia ! Era feliz, e muito feliz com seus innocentes filhos tão respeitosos para com seus paes, e tão admiraveis por seu talento, e boa indole ! E é destes adorados objectos que a Rainha se aparta para sempre !

Quem deixará de prantial-a, e de regar com suas lagrimas a saudade que o Consorte, os caros Filhos, e a nação em geral, vão plantar junto ao Tumulo da Senhora D. Maria Segunda. !

Augusto Rei, Viuvo inconsolavel ! Reaes Filhos que lamentaes a perda irreparavel da Augusta Soberanna, dignai-vos accolher em prova da mais pura, respeitosa homenagem o profundo sentimento com que a humilde escriptora vos acompanha em vosso justissimo pesar.

D. A. G. PUSICH.

CURSO NORMAL DE LEITURA E ESCRIPTA.

Em a noite de 8 do corrente, resolvidas todas as dificuldades que se apresentaram ácerca do lugar onde se realisaria o curso normal de leitura e escripta pelo methodo portuguez Castilho ; teve lugar a primeira sessão. Foi solemne aquella inauguração, a que assistiram muitas pessoas distinctas de ambos os sexos ; e a muzica da sociedade Minerva compareceo a festejar tão patriotica empreza.

O sr. Castilho orou com o profundo saber, e elegancia de estillo com que tem a fortuna de persuadir os mais incredulos, e atrahir tantas simpathias ao seu methodo de ensino.

N'um momento de pausa pedimos licença para dizer duas palavras e mostrámos que, ao apparecer em Portugal a leitura repentina, quando a imprensa muda e indiferente se conservou, nós tomamos a iniciativa a favor d'este methodo, e bem alto erguemos a voz no jornal creado por nós — A Assembléa Litteraria n.º 39. — Dissemos que nos julgava-mos portanto com direito a se nos conceder que a nossa apresentação n'aquelle lugar fosse distinguida com alguma solemnidade ; e portanto pedia-mos

que nos fosse permittido o dirigir-mos algumas palavras ao nosso poeta, e mestre, e aos portuguezes em geral; e essas palavras seriam em verso, por ser linguagem que nos é natural. Não obstante o ter-se determinado que não houvessem poesias aquella noite, o sr. Castilho, e todo o audictorio, com a maior bondade consentiram e mostraram estimar a nossa resolução.

A poesia que se segue é a que recitámos, e muito de coração agradecemos os amigos applausos com que foi acolhida e coroada.

Sabbado 11 do corrente esteve brilhante o sarau; poetas, poetisas, e o nosso eximio Castilho recitaram bellas poesias que por falta de espaço hoje não designamos; porém basta dizer que a sala retumbava com as palmas, e os bravos.

Nas palestras litterarias e scientificas o sr. José Maria Grande com sua reconhecida erudicção discorrêo sobre as arvores; tomando a letra A. O seu brilhante discurso encantou os ouvintes; e rogamos a S. Ex.ª a continuação do seu auxilio; com o qual temos rasão de contar, conhecendo o quanto S. Ex.ª se tem empenhado em favor do progresso d'este excellente methodo.

O sr. Dr. Lima Leitão dignou-se honrar com sua presença e coadjuvação a nossa gloriosa crusada: tomou a letra B para discorrer sobre o Boi; sinceramente agradecemos ao nosso distincto sabio, tão nobre resolução, e esperamos continue com o seu profundo saber a animar as nossas palestras que tanto instruem e recream.

A infausta morte de Sua Magestade a Rainha, envolvendo em luto este Reino, enterrompeo alguns dias o curso normal; e por essa rasão o sr. Lima Leitão não compareceo quando se esperava. Sabbado 26 do corrente, haverá por convite do Ex.mo sr. Castilho, uma reunião onde os poetas que frequentam aquelle curso devem recitar suas poesias em respeitosa homenagem á Augusta Finada. Lá hiremos erigir em sua memoria humilde monumento, e render os devidos cultos á sua alma; assim como a sua Magestade o Sr. D. Fernando Regente, e a seus Augustos Filhos.

No seguinte numero daremos noticia desta noite solemne e funebre, e publicaremos a nossa poesia.

D. A. G. PUSICH.

POESIA.

AO ILL.mo E EX.mo SR. ANTONIO FELECIANNO DE CASTILHO.

Em 3 de Novembro de 1853.

OBLAÇÃO.

A saudade (a)fraterna que viste
Inda á pouco plantar minha dôr;
Esse pranto sincero que triste
Regar poude em abril essa flor:

Hoje vê que saudade mimosa
Vae brotando esperança e prazer!..
E do pranto de irmã lastimosa
Manda o Ceu a alegria nascer!..

Não quiz Deus que da patria hoje ausente
Escutasses de irmãos ternos ais!..
De Camões herda a gloria imminente
Mas o exilio!...os destinos!.. jamais

Oh! jamais!.. pois a luz que esplandece
No horisonte da luza Nação,
E' a lei que o Senhor nos offrece
N'alta crença que diz — Redempção! —

E' a luz que o Universo illumina,
E nos mostra ditoso porvir;
O Saber — luz eterna e devina
Que do Ceu hade as portas abrir!

Portuguezes! vencei a distancia
Que separa os mortaes d'essa luz!
Vencei trevas da vil ignorancia;
Santo exemplo segui de Jasus!

(a) Refiro-me á Poezia que dediquei ao nosso Eximio Poeta e Sabio, quando em Abril d'este anno S. Ex.ª pertendeo auzentar-se para o Brazil: a Poezia entitula-se — uma saudade. (Vide n.º 12 deste jornal).

Sim!.. formemos a illustre fileira
Que por armas vae ter a instrucção;
E' seu campo a moral; e a Bandeira
E' da cruz o sublime Pendão.

Genaral? Eil-o aqui! é Castilho
Nosso chefe que as armas nos dá!..
Sim! marchemos... sigamos seu brilho!
Elle a estrada fiel marcará.

Salve luza Nação gloriosa
O saber vae teus dias doirar!
Portugal ergue a fronte briosa
Que de luz se hade em breve cr'oar!

As' falanges da luz hoje venho
Vate humilde alistar-me tambem,
Que se força não tem fraco engenho,
Essa força o vontade em si tem.

Meu sepulchro n'um campo de gloria,
E' um cypreste que vae florecer,
Vereis luzos: dirá minha historia
=Foi christã, pelejou té morrer.=

Vate Eximio! recebe estas flores
Que a sincera affeição te vae dar;
Pois nasceram de prantos e dores;
E só d'alma podiam brotar.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

CARTA DA REDACTORA DIRIGIDA AO ILL.mo SR. ANTONIO MARIA DOS SANTOS BRILHANTE.

Ill.mo, presadissimo collega redactor, e amigo Brilhante.

Eu faltaria a um dever sagrado, qual é o da gratidão, se não désse um publico testemunho do meu reconhecimento para com v. s.ª, pelos favores que lhe devo!.. favores que de certo não ha peso de oiro que os pague, mas ha sentimento que os possa assaz compensar! É uma sincera affeição — uma verdadeira amisade — que nasce e não morre nas almas que não se deixam contaminar pelo vicio da ingratidão.

Eu soffri, soffri muito, e calava o meu padecer; não me animava a queixar-me; e me deixava morrer sem os soccorros da medicina, temendo seus rasultados; e receando encomodar meus bons amigos, que aliaz voariam a prestar-me seus auxilios; eu o sei, porque, dotados dos mais nobres sentimentos de philantropia tem-me offerecido bastantes provas da sua sincera estima: estes são os illustres cavalheiros srs. Francisco Maria da Silva Torres, Antonio Joaquim de Sousa Freitas Junior, e Antonio Venancio David — que de ha muito préso. Viameus innocentes filhos em redor de mim chorando a minha proxima falta, que de instante a instante esperavam; e luctando entre mil pensamentos eu me resolvi a tratar-me com a medecina domestica de Raspail; quando o acaso.... não!... não foi o acaso!.. foi Deus! me condusio á botica do sr. Carvalho, rua dos Fanqueiros, a buscar uma excellente gelêa peitoral de sua invenção, que alli se vende: V. s.ª vio-me... e ouvio-me!.. O interesse de coração, e o disvello com que se dedicou a tractar-me patenteáram o mais alto pensamento de humanidade, que unicamente o moveo a soster com o seu saber a mãe extremosa que hia deixar quatro innocentes creanças orphãos, sem outro amparo no mundo.... uma pessoa que v. s.ª julgava util á sociedade, e que em fim tinha, como qualquer outro ente racional, direitos á sua caridade; e v. s.ª dando-me a mão amiga poude salvar-me á beira da sepultura! (E nem quizeste receber uma leve demonstração do meu agradecimento, alma franca e generosa!) Hoje, graças ao Creador uma luz de esperança começa a luzir-me nas trevas do sepulchro, e da Eternidade, que se abria para receber a minha alma, eu creio ver a Mão Omnipotente acenar á morte para que espere, e suspenda na ampulheta fatal a hora tremenda que hia soar terminando a minha existencia! Alguns dias!.... alguns mezes! alguns annos talvez me sejam ainda

concedidos.... mas estes..... a Deus — a meus filhos — a Portugal — e á gratidão para com meus verdadeiros amigos! Terá v. s.ª de partilhar em meus sentimentos um consideravel quinhão; e.... posso dizel-o, sem recear louca censura do mundo insano; porque superior a todas essas terrenas quimeras nunca duvidei dizer o que sentia porque nunca tive de me envergonhar do que sentia; mas agora com razão mais forte ouso afirmar que — não é só a gratidão, é tambem intima sympathia que me decide a dedicar-lhe uma eterna memoria; sympathia que só a virtude inspira e se funda no merito. Desde os mais verdes annos alcançei um nome que tendo-me custado grandes e innumeros sacrificios, soube tornar-me inacessivel aos golpes da malidicencia; convencida de que o nome só se adquire pelas proprias acções, e pelas proprias acções se perde; tive sempre o maior cuidado na escolha de minhas acções, e de meus sentimentos: a posição que occupo na sociedade junto aos homens, auctorisa-me a dizer com toda a franqueza o que sinto em favor de qualquer cavalheiro, sem que esses elogios se tornem suspeitos, em sentido algum; junte-se a tudo isto que, os meus annos devem ser contados por meus infortunios e amargra experiencia como se contam os serviços da Africa — em dobro — e assim é uma *velha* (mas não tonta) quem falla, e uma velha sem pertenções de rapariga.... portanto, nem o publico nem os melindres de v. s.ª se resentiram dos louvores que lhe consagro, filhos da verdade; e eu escrupulisaria se antes da minha morte não deixasse estas verdades registradas onde a historia as possa conhecer.

Direi pois o que a consciencia me dicta pelo que tenho attentamente observado. — Ditosa humanidade se todos os que professam a sua arte professassem a sua philantropia, e seus brios; ditosa humanidade se todos os medicos se desvelassem pelos enfermos como v. s.ª se disvella. — A sua franqueza, o seu saber, hão de forçosamente acarretar-lhe inimigos; mas esses que só podem ser invejosos da sua gloria, hão-de respeital-o; porque o merito cria emulos, a virtude torna o homem superior, e invensivel. V s.ª esmera-se por afastar do seu nome ainda a mais leve sombra que o possa deslustrar, e tendo uma exemplar mocidade terá uma velhice honrosa, porque nenhum precedente o ha-de envergonhar! Com a fronte erguida caminha entre precípicios, e os abrolhos d'essa espinhosa dificil vereda não lhe ferem as plantas! sóbe os degraus do capitolio onde a sciencia o deve coroar, e seus passos não vacilam, porque sua alma está illesa! Bemdito seja o senhor que assim protege os seus vallídos, pois de certo o são aquelles que verdadeiros amigos da humanidade se dedicam ao bem do proximo, e se desligam de tudo quanto na terra os possa desviar da estrada que elle, Divino Mestre, lhes marcou. Eis o que sinto, e o que penso a seu respeito; e nem incenso o orgulho, quando assim discorro; dou sim ao merito o devido louvor; faço-lhe justiça.

O seu espirito superior não carece de quem o anime; em si tem a força necessaria para triunfar dos estorvos que de continuo se levantam para empedir ao genio os seus voôs; mas quando aborrido com a injustiça do mundo, possa desejar uma voz amiga que falle ao seu coração, e o acompanhe nos aridos desertos da vida; n'essas horas tão solemnes em que o espirito mais se eleva ao ceo demandando um reflexo puro da verdade que Deus ensinou aos homens, e os homens menos presam, hão-de então, qual perfumada brisa, voltear em sua fronte, soar a seus ouvidos, e imprimir-se em seu pensamento estas vozes que uma sincera amiga deixou na terra para

que os echos da verdade as repitam aos presentes, e vindouros.

Que o todo Poderoso conserve sua preciosa vida, e o proteja sempre; e acredite que onde quer que eu existir saberei ser com a maior consideração

De V. S.ª

Ill.mo sr. Antonio Maria dos Santos Brilhante.

Amiga Veneradora e obrigada,

D. A. G. PUSICH.

Lisboa, 7 de Novembro de 1853.

P. S. Depois de ter escripto esta, recebo com a maior satisfação o seu retrato que prezo como lembrança de um amigo que por dever e sympathia me é tão caro; unido a um distincto ornamento da nossa litteratura, o nosso illustre e sabio sr. Lima Leitão, é fiel monumento que recorda a união de dois genios que honram Portugal. Este exemplar que a sua amizade me offerece vae ser collocado no meu Gabinete de litteratura, junto a outros retratos que me acompanham neste retiro. Louvo, meu amigo, o animo com que sobranceiro a humanas considerações, rendendo culto ao merito e não á fortuna, collocou á sua direita o seu respeitavel Mestre!.. O joven dotado das mais excellentes virtudes moraes não podia ser, discipulo ingrato, nem desapreciar o talento. Esta sua lembrança merece a approvação de todas as pessoas sensatas, e desinteressadas; e neste numero conte com esta que o sabe cordealmente amar como irmãa e sincera amiga. D. A. G. PUSICH.

A BENEFICENCIA.

A esmola é a oração por excellencia.

(MASSILON).

Assim como a risonha primavera enfeita e adorna a terra de elegantes e mimosas florzinhas; assim como os almos calores do estio fazem amadurecer as searas; assim a beneficencia tambem espalha a consolação e a alegria por entre os miseros filhos do infortunio.

Aquelle que se compadece dos males de outro torna-se digno de que todos se interessem nos seus; mas o homem sem compaixão nada merece, ou antes, merece a execração universal.

As lagrimas do homem beneficente e compadecido são mais suaves, do que o orvalho que se derrama no coração da primavera; e o unico bem que não póde ser-lhe roubado é o prazer de haver praticado uma boa acção.

Não sejas pois surdo aos gritos do indigente, nem sejas insensivel ás desgraças da innocencia.

Quando o orfão te implorar soccorro; quando a viuva, secumbindo ao peso da adversidade, com lagrimas de dor invocar a tua beneficencia, compadece-te da sua afflição e miseria, estende mão bemfazeja áquelles que não tem quem os soccorra.

Quando vires aquelles a quem faltam vestidos para cobrir-se, cujos membros tremem de frio, e que até lhes falta onde repousem a sua cabeça, que o teu coração se abra; que as tuas entranhas se comovam em favor seu; que elles achem debaixo das azas da tua caridade um retiro, que os defenda da morte, afim de que a tua alma viva.

Em quanto geme o enfermo prostrado sobre um leito de soffrimento; em quanto o pobre estendido sobre immundas palhas, debilitado pela oppressão da miseria; em quanto o velho enfraquecido pelas enfermidades, que seus longos annos lhe acarretam, te lançam os seus moribundos olhos para solicitar o teu soccorro, como pódes tu, sem attender ás suas necessidades, sem alguma sensibilidade para com as desgraças, viver entre delicias, apurar as tuas commodidades, e entregar-te aos excessos da dissipação?

Não vês que o teu sustento, o teu vestido, a tua casa e a tua segurança, os commodos e os prazeres da vida, todas estas vantagens tu as deves ao soccorro dos outros? que, se não vivesses em sociedade, tu não as gozarias?

Eis a razão porque deves ser o amigo do genero humano, e te convem conciliar a amizade de todos os homens. Assim como é proprio da rosa exhalar suaves perfumes, assim é proprio do homem fazer naturalmente boas acções; e não só proprio, mas até de obrigação; porque todos nós estamos em divida para com a sociedade, e devemos conseguintemente mostrar-nos gratos para com ella.

Mas desgraçado d'aquelle, que multiplica as suas riquezas, e que só conhece a satisfação de as possuir! que oppríme o pobre, e não faz caso do suor de seu rosto!

Os males de seu irmão não o inquietam; elle vê com indifferença as lagrimas do orfão, e cerra os ouvidos aos gemidos da viuva!

A cubiça das riquezas empedernio o seu coração; e a angustia mais acerba não é capaz de fazer-lhe impressão!

Mas a maldição o persegue, e anda continuamente cheio de sustos; os remorsos do seu espirito são mil vezes mais terriveis, do que as miserias da pobreza; sofrego de desejos, elle vive em continuos tormentos; e em si mesmo vinga os desgraçados das injustiças que tem commettido contra elles. (*Continúa.*)

CUSTODIO DE MORAES E BRITO.

Nem só aos grandes da terra se devem saudosas recordações! Áquelles que, nascendo em berço humilde, se elevaram ao Ceo por suas virtudes: dêmos tambem uma saudade — uma lagrima!..

Eis a rasão poderosa porque publicando o seguinte artigo do nosso amigo e poeta sr. Estacio da Veiga, o acompanhamos sentindo a morte da infeliz donzella Maria das Dores Baião, fallecida no dia 11 do corrente, sem que tivessem podido salvar-lhe a vida, todo o disvello que empregaram para esse fim, sua virtuosa Madrinha a Ex.ma Sra. D. Maria Filippes Martins, e suas amigas que, posto pertencerem a classes que a sociedade não confunde; todavia souberam apreciar devidamente na pobre donzella a virtude que tanto faz lembrar aquelles que o mundo não considera, e esquece!

Louvamos os nobres sentimentos do sr. Estacio; e com elle supplicamos a Deus que se Digne Conceder o eterno descanço á alma da virtuosa Maria das Dores, que em paga de nossa lembrança ore por nós tambem.

D. A. G. PUSICH.

NECROLOGIO.

Virgem do Senhor, o teu espirito, o explendor das tuas virtudes já hoje poisam cheios de graças nos seios do Eterno!

O que ainda hontem era vida e esperança, hoje é tão sómente o desengano formal de todas as aspirações terrenas!

Nas primeiras auroras da tua innocente existencia, como florinha embalada pelas brisas da manhã, curta foi a tua duração: tu passaste neste azylo de humanos peregrinos, onde ainda assim reina a vaidade, a soberba, o orgulho, fazendo sempre com que tua alma de anjo aspirasse o suave perfume de todas as virtude christãs. Foste pois, em quanto estes bellos sentimentos couberam em teu coração, a mais pura donzella, hoje és cadaver gelado que se precipita na soidão dos que misturados já são com o pó dos tumulos, e sobre tudo um espirito que a mansão dos anjos acaba de glorificar como entrado no infinito paraizo dos Céos?

E tu és nos céos um anjo entre os anjos, porque tambem havias sido na terra uma virgem entre todas as virgens!

Repouza pois, Maria, alma angelica, nesse reino da bemaventurança eterna, a que te chamára o auctor d'essa luz divina que te alumiou, guiando teus firmes passos, na primavera dos teus verdes annos; não pése a teu espirito o haver deixado neste mundo as sinceras affeições que porventura soubeste merecer; não te pése de já não poderes ser, no meio da tua virtuosa pobreza, o exemplo de todas as virtudes!

Tu, flor mimosa, não podias mais viver no terreno agreste e árido em que a custo medraste, o sol dos estios tinha já crestado tuas delicadas pétalas, e a desabrida estação do outono te fez cair mirrada como as folhas das arvores!

Ainda assim tu, Maria, não feneceste de todo; a magoada memoria que nos cá deixaste, e uma immarcessivel saudade que em nosso peito plantou a mão da mais sincera amizade, significam ainda para nós uma parte preciosa da tua breve existencia.

Lá nessas regiões divinas, onde subiu a essencia do teu ser, onde a paz e gloria tem fundado o seu imperio, tu cercada das opulencias desse imperio, contemplarás, circumdada de espiritos, a passagem dos seculos, como o nauta nas alturas do oceano contempla a estrella d'alva e o céo onde ella assoma, e como o humilde pastor em sua choça contempla o desabrochar da madrugada matisando pelo reflexo dos seus rubins os coruchéos dos montes, e o campanario da ermida que ao longe alveja o verdor das campinas.

Embora já pois hoje não sejas mais que uma angelica esseucia pelo céo aspirada, a memoria de tuas virtudes será immortal como a pureza desse teu espirito, que tão cedo foi receber as bençãos do seu creador!

.....

Maria, roga a Deos por todos aquelles que no meio da tua pobreza souberam sempre apreciar as tuas virtudes, e te acolheram com as melhores provas de uma santa amisade; que, se tuas innocentes preces se fizerem ouvir nesse paraizo, que tua alma perpetuamente habitará os espinhos que a pesada mão do infortunio collocou sobre a nossa cabeça, um a um ficarão para sempre embotados, porque as preces de um anjo como tu, Maria, serão pois nosso allivio salvação, e gloria!

Novembro 7 de 1853.

E. DA V.

EXPEDIENTE.

Os srs. assignantes de Provincia que nos quizerem continuar a auxiliar, terão a bondade de remetter pelo correio o importe de suas assignaturas, pelo tempo que subscreverem, contando mais com o porte do correio que é por conta dos srs. assignantes: aos que assim não fizerem deixaremos de mandar a folha; tomando o silencio por despedida.

CHARADA.

Sou um logar respeitavel; — 1
Adjectivo de belleza. — 2

Olhado com reflexão
Meu aspecto faz tristeza.

ERRATA. — Na 2.ª columna, pag. 2, do n.º 25 — e derramando as immensas gra as — lêa-se — e derramar as immensas graças.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 7.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja de sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua do Telhal n.º 7, 1.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 2 — DEZEMBRO 1.º 1853.



Lá se descerram as portas do enluctado palacio!.... Lá entram grandes do reino, e povo a formar o funebre cortejo!.... O mesto som de lugubres gemidos, e dolorosos suspiros lá se ouvem de mistura com as vozes dos ministros do Senhor, que em devoto officio acompanham o Cadaver da Augusta Rainha, a Senhora D. Maria da Gloria; que ainda ha seis dias cheia de vida e explendor subiu aquellas escadas, e hoje, encerrada n'um caixão as desce para nunca mais as subir!....

Oh! quanto é duro o lance de uma eterna despedida!.. — *Nunca mais tornarei a ver-te neste mundo!.. Nunca mais te ouvirei!.. Uma eternidade vae erguer-se entre nós, barreira invencivel!.. Adeus!.. adeus para sempre!..*

Estas palavras de pungentissima angustia são as que forçosamente echoam no intimo do coração d'aquelles que soffrem a perda irreparavel de um ente que formava a parte principal da sua existencia!... E' a alma que se divide!.. é o sol de nossos dias que some sua luz no infinito; e nos deixa vagar nas trevas de um ermo horroroso; porque o mundo a nossos olhos se converte n'um deserto abominavel, quando perdemos o objecto mais caro á nossa alma!.... A morte sentimol-a no coração — os vivos para nós são mortos — tudo quanto nos rodea e sorria outr'ora, hoje vemos converter-se em funestas imagens de tristeza que nos ferem com os aguçados espinhos de uma perpetua saudade; e mortos para o mundo só vivemos para sentir, e soffrer!.... Fatal destino que temos de cumprir sobre a terra!.... Mas.... Religião Sacro-Santa e pura!... Tu vens piedosa em auxilio do abatido espirito que se difinha nas garras da afflicção!.. Tu nos confortas, e apontas a celeste região onde resplandecem as palmas do martyrio, e as coroas de gloria! Alli vemos o unico ponto onde nos podemos reunir, para nunca mais nos dividirmos d'aquelles a quem tanto adorámos; e esta grata esperança nos mostra vivendo ainda e sempre unidos a nós em espirito esses objectos que a morte nos ar-

rancou !.. O balsamo precioso da razão, derramado pela Religião sobre as feridas do nosso peito, modifica o excesso de uma dor insoportavel que se converte em suave tristeza ; que nos torna mais sensiveis, e mais virtuosos do que eramos antes !...

Sim !.. porque o coração que soffre sente os males alheios como os seus proprios ; e sabe dar infinito valor á virtude que nos eleva a essa mansão de gloria onde contemplamos o termo de nossas maguas, e a nossa eterna felicidade. Quanto é pois admiravel o nosso bom Deus que mesmo no desterro a que o peccado nos condemnou, vem Benigno trazer-nos em suas Mizericordias tantos bens !

Assim não pensa o desgraçado atheu, ou materialista, vendo aniquilar-se para sempre ante seus miseraveis olhos o corpo e o espirito de quem elle amou !.. vendo apagado em sua incredula e rude alma essa brilhante luz da mais consoladora esperança ; e sentindo-se queimar pelo devorante fogo do desespero, sem que o puro orvalho dos Ceus desça a suavisar os ardores que o consomem !.. Sem que o Facho divino acêzo pela Mão de Deus o guie nas sombras de uma noite immensa que o circunda ; e o conduza aos umbraes da Eternidade, livre do terreno labirintho ! Mizeros humanos que erraes á beira do maior precipicio ! O Altissimo brade a vossos ouvidos como bradou a Paulo no dezerto ; e essa divina voz penetre profundamente em vossos corações de ferro abrazados nas chammas infernaes !....

Que pensamentos de Religião ; que sentimento de magua se apoderaram da nossa mente, e do nosso coração ao ver o funeral da Rainha !.. Nem uma só idéa politica manchou a pureza do nosso pensar, e do nosso sentir !.. Nem uma só veio perturbar-nos !.. Era a Rainha infeliz, a Esposa desvelada e honesta, a Mãe extremosa e exemplar, a martyr virtuosa que viamos conduzir ao sepulchro !.. E chorámos, chorámos deveras !..

Tambem perdemos mãe, pae, consorte, filhos, e irmãos ; por isso tambem chorámos com lagrimas de coração aquelles que a perdiam !

Militares, Empregados Publicos, e Povo, distincto em classes, caminhava lentamente formando allas ; cento e nove seges (contando seges, carruagens, e o explendido coche do Ex.^{mo} Marquez de Vallada) precediam os coches Reaes : seguiam-se em coches os Empregados maiores da Caza Real ; e logo a poz estes os trez coches pertencentes ao Real cadaver ; em o ultimo hia o corpo da Augusta finada, seguido de tropas a cavallo. Nas ruas os soldados formando allas se conservavam como estatuas, em cujos semblantes a dor se lia por distinctos caracteres ; mas não percisaram mover-se para conter o povo ; porque o mais respeitoso silencio reinava na capital ; todos como suffocados, e confusos pareciam prostrar-se ante o Eterno, e apoderados de um santo, e profundo temor ao ver executar-se o Decreto fatal !

Sentimos que neste paiz estejam as idéas tão pouco desenvolvidas na maior parte das Damas que não se tivessem lembrado de concorrer a accompanhar ao jazigo de nossos Reis uma senhora por tantos titulos digna dos nossos respeitos ! A Esposa, e a Mãe que deixava ás Esposas e Mães os mais proveitosos exemplos ! Lembrá-mos nós este dever, e parece-nos que muito honroso e louvavel seria que uma alla de Sr.^{as} acompanhasse o corpo da Excelsa finada ; mas que !.. nós só contavamos com pequenissimo numero de sr.^{as}, (era uma destas a sr.^{a} Canuto); descontentes com indiscretas escuzas, não estava-mos no caso de andar batendo de porta em porta para nos dizerem o que já tinha-mos ouvi-

do; nem havia-mos procurar Sr.as que por sua idade, ou padecimento não podiam caminhar tão longo espaço; ainda que muito desejassem honrar aquelle acto, e cumprir um religioso dever; tivemos pois de nos concentrar em caza, e lamentar sinceramente a falta de resolução de um sexo tão amavel, e digno das maiores attenções, a quem os sabios desejam emancipar, e collocar no alto lugar que lhes pertence de primeiras educadoras do genero humano, aquellas que mais devem civilisar a terra; e honrar o ceu. Lá chegarám nossos netos a esse progresso de illustração que apenas começa o dispontar no mundo, e hade estender seus raios ao nosso Portugal.

Um caso notavel occorreo na occasião em que o funéreo cortejo se aproximava da Igreja de S. Vicente, onde hia depositar-se o Regio Cadaver. Proximo ao Arsenal Real do Exercito apareceo uma pomba, que voava junto ao coche em que hia a coroa Real, pousou sobre ella, e acompanhou o corpo até entrar na Igreja, desaparecendo rapida aos olhos que attentos a observaram!

A este successo junte-se uma noticia que vamos dar; e é verdadeira; sabida geralmente no Brazil, e aqui por pessoas que então lá estiveram.

Sua Masgestade Imperial a Imperatriz, Mãi da Senhora D. Maria Segunda, teve alguns movitos antes de concebida esta Senhora; e sentindo-se gravida, soffreu grande susto, descendo com seo Augusto Esposo a calçada da Gloria, no Rio de Janeiro, pois os cavallos do carrinho, ou carruagem que os conduzia espantaram-se; e Suas Magestades salvaram-se quasi por milagre! Aquella virtuosa Senhora prometteo então entregar seu filho a Nossa Senhora, e se fosse menina dar-lhe o nome de Maria da Gloria: nasceu com effeito a infante, e quando foi baptisar-se, entrou uma pombinha no Templo, e foi pousar aos pés de uma Cruz! O Imperador a mandou cuidadosamente apanhar, e conservou-se a Pombinha no Paço, tratada com o maior disvello durante mais de cinco annos, que a Pombinha viveo.

A noticia da promessa feita pela Imperatriz, sabemos nós com certeza; pois além das relações que nos ligavam ao Paço, occorreo que o honrado Capellão de nossa caza, o virtuoso sr. Fr. José Rebello, (a) (que ainda vive) foi o mesmo que a Imperatriz escolheu para seu diguo confessor. Não obstante nossa tenra edade então, lembra-nos perfeitamente isto, que nossos adorados pais, e o nosso Santo amigo Fr. José, nos repetiam. O caso da Pombinha foi-nos contado por pessoas fidedignas.

Altos são os Juizos de Deos, ao qual devemos sogeitar as fraquissimas luzes da nossa humilde razão; porque insondaveis são os arcanos divinos; e em todas as causas, em todos os effeitos devemos adorar e respeitar a causa das causas. O Supremo Auctor de quanto existe, que por modos tantos em diversas formas se patentea e faz lembrar Seu immenso poder, e infinita bondade para com seus filhos.

Depois dos officios divinos, e ceremonias do estillo foi collocado o caixão em uma capella da mesma igreja de S. Vicente, porque em consequencia de ser muito volumoso não poude entrar a porta do jazigo Real: o nobre Duque da Terceira, acompanhou o Regio Cadaver, como Duque parente e Estribeiro-Mór, e o Duque de Saldanha Mordomo-Mór, conduzio as chaves que cerravam para sempre aos olhos do Universo os restos mortaes da extincta Rainha!

Que o Todo Poderoso descance em paz

(a) O nosso amigo sr. Padre José Rebello é parente do nosso illustre litterato o Ill.mo sr. Luiz Antonio Rebello da Silva, genio sublime que tanto honra as patrias letras.

o seu Espirito, e lhe conceda a gloria eterna; e dê a precisa conformidade a seus Augustos Esposo, Filhos, e parentes — a quem acompanhamos neste lance tão fatal e doloroso.

Não podemos deixar de louvar nesta occasião o nobre proceder, e cavalheirismo com que se portaram os nossos illustres collegas Redactores da Nação; nem menos esperavamos de seus elevados sentimentos. Praza ao ceu que este honroso passo não esqueça jámais áquelles que regerem os destinos d'esta Nação.

Estimámos que a Regencia tocasse ao sr. D. Fernando, tão cavalheiro, tão bom para com todos, e tão identificado com os Portuguezes. Pae extremoso não deixará de zelar a gloria de seu Augusto Filho; amigo do povo não deixará de captivar cada vez mais as simpathias d'este povo; e não esquecerá as provas que acabam de confirmar a excellencia deste povo. Lembrai-as, Senhor!.. Lembrai-as sempre; sede sempre o amigo d'este povo; tratai-o como amigo, que é vosso:

E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo Rei se de tal gente.
CAMÕES.

D. A. G. PUSICH.

SARAU FUNEBRE.

Sabbado 26 de Novembro, proximo findo, houve uma funebre reunião a que o sr. Castilho convidou todas as pessoas que honram o seu curso normal, e a muitos poetas distinctos, para solemnisar aquella noite de luto, consagrada á memoria de Sua Magestade a Rainha fallescida; era a homenagem mais livre, e mais honrosa! Era um dever que o coração do verdadeiro christão se compraz de cumprir, porque nem o vil interesse, nem a desprezivel adulação moviam o culto respeitoso que se hia tributar á Augusta Finada.

Pelas sete horas da noite abrio o sr. Castilho a sessão com um eloquente discurso ácerca do sagrado objecto d'aquella reunião; desculpando-se por não ter podido apreuzentar alguma obra sua poetica sobre tão alto assumpto; porque seus afazeres, e falta de tempo não lh'o haviam permittido; o que porém não deixaria de fazer mais tarde: logo em seguida o sr. Dr. Lima Leitão recitou uma grande poesia sua, onde o seu profundo saber, e o seu pesar altamente se manifestavam; (esta poesia vae ser publicada no Esculapio); depois do sr. Lima Leitão coube-nos a honra de recitar-mos a poesia que neste n.º publicamos; seguiram-se uma bella poesia da sr.ª Silva Canuto, e outra da sr.ª Collaço Chiappe. O sr. Alexandre Magno de Castilho leu por parte do nosso eximio poeta e amigo o Ex.mo sr. João de Lemos Castello Branco, a sua poesia á morte da Rainha; poesia tão rica de sentimento, e de eloquencia! O nosso amigo, e distincto poeta sr. Mendes Leal, José, recitou igualmente uma sua bellissima poesia; e seu irmão sr. Mendes Leal, Antonio, recitou com muito sentimento uma producção poetica do sr. Coelho Furtado acompanhada ao pianno. Os sr.s Lobato Pires, João de Aboim, José da Silva Avelino, Quebedo, e Urbano recitáram bonitas producções suas; e o jovem poeta sr. Julio de Castilho, filho do nosso eximio vate, com toda a força de um grande genio que já não cabe em seu pequeno corpo, contando apenas 13 annos de idade, recitou uma sua poesia que admirou a todos; e a todos encantou o bello da execução! O genio superior está alli! não se pode já duvidar! É um astro que disponta no horisonte, e breve estenderá seus raios, e brilhará no mundo litterario. Muitos distinctos poetas estavam presen-

tes mas não leram seus versos porque os espiritos opprimidos careciam de algum descanço ; e assim o sr. Castilho terminou o sarau, seriam dez horas.

D. A. G. PUSICH.



A Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II, e a seus Augustos Filhos,

EM SAUDOSA MEMORIA DE

SUA MAGESTADE A RAINHA SEMHORA

D. MARIA SEGUNDA.

HOMENAGEM.

Silencio!.. escuridão no espaço imperam!
Onde se occulta o sol?!
O Tejo taciturno! os ventos dormem!
Não canta o rouxinol!

Que dia melancolico! da morte
Retrata a fea côr!
Lizia aguarda solemne, respeitosa
A voz do Creador!

E a poderosa voz brada terrivel!
E' decreto fatal!
Faz lembrar aos mortaes quem E', quem sómos!
Prostra-te Portugal!

Adora o Eterno Ser; oh não olvides
Seu immenso poder!
Não o olvides, que sabe n'um instante
Aniquilar-te o ser!

A omnipotencia do saber, da força
E' Elle, o nosso Deus!
E' Elle quem do cahos fez o mundo
E os habitantes seus:

E' Elle quem te erguêo o cólo altivo,
Fez-te a gloria surrir!
E' Elle quem te abate a fronte oppressa
E promette um provir!

E' Elle quem humilha aos poderosos
A orgulhosa cerviz!
Quem dispersa as phalanges, quebra as lanças
De seus contrarios vis!

Quem dos sabios illustra o nascimento,
A' mente lhes dá luz!
E aos justos convertendo a morte em vida,
Quem á gloria os conduz.

Mortaes! hoje o Senhor nos patentea
Signaes do seu poder!
Em horrivel abalo não sentisteis
A terra estremecer?!

Não escutaes no espaço a artilheria
Som funesto echoar?!
E unisono clamor erguendo aos ares
Os sinos a dobrar?!

Em funeral as armas!.. tudo inspira
Respeitoso temor...
A tropa em alas! e em devoto officio
Ministros do Senhor!

Ah! vede-a alli! dos luzos a Rainha
Sem vida immovel jaz!
Morreo porque foi mãe! vôou tão cedo..
A' gloria, á eterna paz!

Qual rosa na primavera
A existencia terminou;
Do rosal onde vivera
Improvisa a desfolhou
Tempestade, que tão fera
Estes prados enluctou!

Repentina tempestade
Que a morte soprando vem!
Ah! suspende! tem piedade
Da mãe, do filho tambem!
Porém, oh! fatalidade!
Juntos morrem, filho, e mãe!

E o consorte carinhoso
Abraçado aos filhos seus,
Como fica, ai desditoso!
Que lance fatal, meu Deus!
Da terra vendo saudoso
A esposa voar aos Ceus!

Real consorte! o teu pranto
E' pranto de immensa dôr!
E' tão nobre, vale tanto
Que a virgem Mãe do Senhor
Vem enxugar com seu Manto
Essas lagrimas de amor!

Vem dizer-te que Maria
Gosa ventura immortal!
Que no Empyreo tem valia
Outra c'roa, mais real:
Fernando! em tua agonia
Escuta a voz divinal!

Levanta a fronte abatida
Augusto Senhor, e vê
A nação entrestecida
Que em tuas virtudes crê;
E na lyra enternecida
Sympathias d'alma lê.

Mas ai! que misto de confusas vozes!
Que estrepito, meu Deus!
Caminha o funeral... e vão com elle
Os pensamentos meus!

Ao som funereo de sentida marcha,
Ao troar do canhão,
De pomposo edificio a porta se abre!
Que recebe? um caixão!

Um tumulo, uma c'roa, um sceptro d'oiro,
Prantos de intima dôr;
E um cadaver!.. é tudo quanto resta
Do mais alto explendor!

Grandeza de fortuna em Regio Manto,
Quanto o mundo acatou;
Quanto a terra conceda, á terra volve!
Ao nada alfim tornou!

Ao nada o que é do nada! eis a infalivel
Tremenda eterna lei,
Que o universo abrangendo iguala a choça
Ao Palacio do Rei!

Estes restos mortaes que a nossos olhos
Vão esconder-se além,
Em cinzas representam a grandeza
Que o mundo em si mantem!

Mundo!.. que espinhos ornam essas flôres
Que em teu solo contens!
De ephemero clarão prestigios doiras,
E real nada tens!..

Nada tens, porque mesmo essas virtudes,
Raras no seio teu,
São Estrellas que as trevas illuminam
Para gloria do Ceu!

E essa luz apenas dura
Qual reflexo divinal,
Que d'entre a verde espessura
Manda ás aguas de christal,
Surrindo brilhante e pura
Do sol a face immortal!

Que importam aureo deadema,
E o sceptro que vês luzir,
Se essa c'roa é triste emblema
De espinhos que hão-de pungir!
Quem ha que o sceptro não tema
Quando o peso lhe sentir?

E deslumbrados os olhos,
O fascinado mortal,
No mar não conhece escolhos,
Não presente o vendaval,
Nem sobre a terra os abrolhos
Ferindo a planta real!

Mas santa philosophia
Aclara a mente ao Christão,
Rasga a venda que escondia
Os folgores da rasão;
E faz ver em claro dia
O mundo — todo illusão. —

Vede-a!... Estatua magestosa
Ostenta excelso esplendor;
Mas já não é fresca rosa
Toda vida, toda amor!
Su' alma sim, que ditosa
Vive junto ao Creador.

De lá contempla os espaços
Onde falços bens gosou:
Ondé a uniram santos laços
A'quelles que tanto amou:
Luz á mente... força aos passos...
P'ra todos a Deus rogou.

Regio consorte!... Prole de Maria,
Que assim nos consternaes!..
Do oppresso coração, d'alma saudosa
Soltae o pranto, os ais!

Dor concentrada, angustia Magestosa
Manda um suspiro ao Ceu:
Que lá o acolhe a esphera luminosa
Envolta em negro veu:

Lá no seio feliz da Eternidade
Um ecco formará,
E attravessando os seculos futuros
Aos vindouros dirá:

«Symbolisão meus ais angustiados
«Saudade perenal:
«Honrae á que nos Ceus descança e vive
«Em jubilo eternal.»

Lisboa 19 de Novembro de 1853.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

15 DE NOVEMBRO DE 1853.

Pela encosta do Libano, rugindo,
O nóto furioso
Passou um dia arremessando á terra
O cedro mais frondoso !..
A. HERCULANO.

Que fizeste anjo da morte ?
Qual a sorte
Que sem dó nos preparas-te ?..
Usurpaste o nosso bem,
Nossa mãe,
Nossa mãe, que nos roubaste !

Que fizeste anjo terrivel ?
Impossivel
E' causar-nos maior mal !..
Privaste o Rei, que delinha
Da Rainha,
Da Rainha a Portugal !

Que fizeste anjo da morte ?
Que te importe
Não parece o golpe novo !..
Tu, que os orfãos nos deixaste
Não pensaste
Não pensaste a dor de um povo !..

Que fizeste anjo cruel ?
Em tropel
Derramaste sem piedade,
Sobre o peito dos Filhinhos,
Os espinhos
Os espinhos da saudade !

Que fizeste anjo da morte ?
Dura sorte
Tu nos das hoje a penar !..
Olha o povo, olha os luzos
Tão confusos,
Tão confusos a chorar !..

Sceptro e c'roa tu partiste
E não viste
Que teu golpe nos privava,
Da virtude que em Maria
Resplandia
Resplandia e nos guiava !..

Que fizeste... Ah !.. Mas não !..
Deos ! Perdão !
Cede o passo a mente á dor !..
— Mysterio que não abranjo !.. —
Foste o anjo
Foste o anjo do Senhor !..

Ante a Cruz, povo prostrado
Desolado,
Chorae pranto sem igual !
Pela mãe, carpi ancioso
Desditoso
Desditoso Portugal ! ! ...

CLAUDIO DE CHABY.

Mais um cypreste no campo dos mortos !.. Mais um pranto doloroso dê a sincera amizade á memoria de um bom christão, um filho carinhoso, esposo e pae desvellado, honrado Portuguez e nobre cavalheiro ! É o Ex.mo Conde de Tavarede aquelle a quem prantiamos ! Na edade jovenil rico de fortuna e de virtudes desce á sepultura ; deixando inconsolavel sua adoravel e virtuosa consorte, e dois innocentes orfãos entregues aos cuidados dos Ex.mos Duque, e Duqueza de Saldanha, que em seus braços paternaes recebem a cara filha, e os gentis netinhos, e em seus consternados peitos recolhem seus prantos de verdadeiro amor, misturadas com suas lagrimas saudosas ; sim ; porque no Conde de Tavarede haviam encontrado todas as qualidades que podiam felicitar sua filha, creada com tanto amor, e educada com tanto disvello.

Nobre Duque de Saldanha ! Nobre Duqueza ! Condeça viuva, innocentes orfãos, e parentes do fallescido Conde de Tavarede, recebei tambem este pranto com que vos acompanho na vossa dor.. accolhei-o, pois é sincero, e nascido de pura amizade ! O Senhor tenha em sua Divina Prezença a alma que acaba de separar-se da terra para se ligar ao Ceu !.. e vos conceda a precisa conformidade, que achareis na Santa Religião que exemplarmente professaes.

O Ex.mo Conde de Tavarede fallesceo no dia 25 de Novembro ultimo pelo meio dia ; sepultou-se no dia 27, acompanhado por numeroso concurso de pessoas de todas as classes, e partidos ; e o Con-

de Tavarede merecia estas honras, porque foi sempre bom, sempre cavalheiro para com todos! Louvamos muito aquelles que reprezentando os partidos da opposição souberam ser cavalheiros, bons amigos, e bons christãos; mostrando por tal modo que o pensar politico é uma crença sugeita a deveres superiores de que o christão, o homem de sentimentos nobres não póde nem sabe desligar-se.

O verdadeiro amigo do Conde de Tavarede, e nosso benemerito amigo o Ex.mo sr. José Jacintho Tavares digno Prior da Freguezia de Santa Izabel, que foi quem ligou o Conde á gentil filha do Ex.mo Duque de Saldanha, teve de cumprir a dolorosa missão de ver espirar o seu amigo, e acompanhal-o á derradeira morada, em quanto com devotas preces guiava o espirito christão á celeste Mansão do Creador!

Ás lagrimas que se derramam pelo Conde de Tavarede unam-se aquellas que nos merece outro honradissimo Fidalgo Portuguez, e excellente christão!.. O Ex.mo Conde de Mesquitella (D. Luiz) que tambem acaba de existir para este mundo de penas, e sobe á Patria Celestial onde o Altissimo premêa aquelle que por todos os modos soube honrar na terra as leis do Ceu! Nós sentimos de coração esta morte não por elle que terminou o seu desterro, mas por aquelles filhos extremosos, parentes e amigos, que em quanto viverem hão de choral-o! O Conde de Mesquitella foi um de nossos antigos Fidalgos que honrava a sua Jerarchia; e que muito se distinguio cumprindo as leis da caridade, e honrando o culto divino. Em seus filhos deixa aproveitados os exemplos das mais sublimes virtudes. D. A. G. PUSICH.

A BENEFICENCIA.

(*Continuação.*)

Pelo contrario o homem, que possue sentimentos de caridade, recebeo do Ceo um favor da mais alta distincção.

Assim como uma abundante fonte, cujas agoas vão regar os campos a uma grande distancia; assim o bom coração d'este homem se manifesta por acções, cujas saudaveis influencias se espalham por todo o genero humano.

Elle se congratula da sua riqueza, por que ella lhe fornece os meios de fazer bem.

As miserias e as afflicções dos homens excitam a sua compaixão; elle se esforça por alliviar-lhes o peso das suas desgraças, e o gosto da execução o recompensa dos seus trabalhos.

Elle auxilia o merito; elle anima a industria, e a sua mão liberal contribue para que se realisem os projectos uteis.

Elle emprehende grandes obras; forma novos planos; emprega o lavrador; anima as artes, e se esforça por enriquecer a sua patria.

As riquezas não tem alterado as disposições beneficas do seu coração; motivo porque elle faz gosto em ser rico, e porque goza de uma alegria pura no meio da abundancia.

O seu interior está cheio de tranquillidade; e elle se enche de jubilo, quando vê a prosperidade, e felicidade do seu proximo.

Elle comprehende todos os homens na extensão do seu amor; o objecto dos seus votos é a commum felicidade, e a nobreza do seu coração o excita a fazer todos os esforços por concorrer para ella da sua parte.

Seguindo assim as maximas do Divino Mestre, goza durante a vida da paz e alegria d'espirito; seu nome é acompanhado de bençãos e louvores; e depois da morte grangea a Salvação Eterna, felicidade, para que todos fomos creados.

Lisboa 10 de Novembro de 1853.

CUSTODIO DE MORAES E BRITO.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 7.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja de sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua do Telhal n.º 7, 1.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 3 — DEZEMBRO 15 1853.

O HEROISMO DE UM AFRICANO SUBDITO PORTUGUEZ NASCIDO NO ARCHIPELAGO DE CABO VERDE.

Simão !... Nobre africano !... Ainda hontem o teu nome era obscuro, e ignorado ! hoje é conhecido, e respeitado !

Ainda hontem eras um pobre marinheiro, hoje és um heroe ! Sim, porque o sentimento mais sublime da humanidade estava concentrado em tua alma, e Deus quiz patential-os no meio das tormentas, porque é nos grandes conflictos que se conhecem as grandes almas, e Deus quiz annunciar-te á voz do trovão, porque só á voz potente que amiaça destruição acordam os humanos do profundo somno do esquecimento ; e te faz respeitar dos elementos para que os homens te respeitem ; e te offerece como exemplo de heroismo para que te imitem.

Oh !.. mas não te ensoberbeçam os louvores, as riquezas, os premios que o mundo te deu.. não ; porque a Deus, e só a Deus deves tudo ; e humilhado, e reconhecido ante o Altissimo agradece-lhe os prodigios do teu valor, e os sentimentos da tua alma ; porque Deus lança mão da mais humilde e pequena creatura para mostrar o seu immenso poder.

É pobre, é esquecida a nossa terra, mas tu, illustre africano, vaes engrandecel-a com o teu nome que não pode já deixar de resplandecer na historia ; nem a tua fronte deixará secar os viçosos louros que a cingem, ganhos com o teu coração de heroe ! Tu, verdadeiro heroe, não sacrificaste vidas á tua ambição, sacrificaste a tua vida para salvar tantas victimas que vias perecer ; e nem esperavas recompensas do mundo, porque ao afrontar as iradas ondas não vias o mundo ; vias a furia dos elementos, as trevas da morte, e a luz do ceu que te guiava ! Não sentias animarte o dezejo de titulos ou condecorações, sentias a caridade que te inflammava o peito, e fortalecia os braços ! Tinhas n'alma a virtude, não tinhas o egoismo ! Que esses heroes de sangue e destroços baixem os olhos e respeitosos te saudem ! Que se curvem humilhados em tua prezença e reconheçam quanto és superior a elles !.. A elles os prantos, as maldições das victimas ; a ti os hymnos de louvor, as bençãos do ceu, e da terra ! Eterna gratidão te consagre a humanidade ; e folga, e continua a ser bom, que nem a mais leve sombra eclipsará os lumes da tua gloria ; e em quanto atravez o branco das faces dos algozes da

humanidade ressuma o sangue das victimas, e aparece a alma negra do egoismo e oppressa com o peso dos remorsos ; o escuro do teu rosto deixa brilhar ainda mais o explendor da tua nobre acção, e a condura da tua alma ! Que o Senhor derrame sobre teus dias a sua divina benção ; e tu de tão longe ouve a voz de teus patricios, e recebe estes louvores ; estes puros sentimentos que te consagra uma tua patricia ; a filha d'aquelle homem que a nossa terra africana tanto amou ; e que tendo a satisfação de bem governal-a alcançou a gloria de lhe chamares pae ! É pois um meu irmão !.. Sim, quero repetil-o ! És meu patricio. Parabens ó Insolanos ; Parabens Portugal ; honra e premêa aquelle que as outras nações sabem apreciar, e honrar.

O sr. João Antonio Leite, assaz conhecido por sua probidade e patrioticos sentimentos, foi a primeira pessoa que nos enviou a agradavel noticia que publicamos, com a sua carta. O sr. Leite, afilhado de nosso adorado pae, vio-nos nascer na mesma Ilha onde elle teve o berço, em Cabo-Verde ; o tratamento de irmãos foi adoptado entre nós, e tem sido invariavelmente conservado com a pura amizade que ligou nossas familias.

De tantos ditosos companheiros de infancia existimos apenas quatro, nós em Portugal, dois em Cabo-Verde : irmãos no amor tambem o somos no regosijo que sentimos ao ver engrandecido um patricio nosso ! Que nos importam as diferenças de cor, e nascimento ? Que valem essas quimeras aos olhos da razão ! Para nós vale tudo, a alma nobre do valente africano que vio os primeiros raios de luz no sol que esclareceo nossos primeiros dias ; embora nossos pais não fossem africanos ; embora o valente Simão nascesse em uma pobre cabana, e nós em ricas sallas ; temos iguaes sentimentos, e muito nos presamos de o estimar como nosso bom patricio. D. A. G. PUSICH.

CARTA DO SR. JOÃO ANTONIO LEITE, DIRIGIDA Á REDACTORA.

Minha Presadissima Irmã.

Imagine qual é o prazer com que lhe escrevo remettendo-lhe o jornal onde vem uma noticia que nos deve causar o maior enthusiasmo ! Sem duvida, eu o sinto, ao pensar que um patricio nosso poude tanto distinguir-se em uma acção tão nobre, tão digna da mais alta recompensa, e eterno louvor. Peço-lhe minha querida irmã, que publique no seu acreditado jornal esta noticia, e os sentimentos que nos inflamam ao ver por tal modo engrandecido o nome de um nosso patricio. Muito bem o conheço ; é nascido na Ilha da Boa-Vista ; e permitta Deus que o governo de Portugal premée justamente este heroe, que de certo digno se tornou deste honroso titulo quando esquecendo-se de si mesmo só teve em vistas salvar os seus semilhantes ! Muito estimaria eu que esta minha carta apparecesse não só na illustre *Beneficencia*, mas tambem nos outros jornaes desta corte, Porto, e Madeira ; para dar toda a publicidade a esta nova ; e aos sentimentos com que sabemos apreciar o homem que tanto honra a terra que nos deo o berço. E como sei que minha irmã quererá dizer mais alguma cousa a este respeito, deixo á sua poetica penna, e profundo saber o expressar os nossos sentimentos que de certo são edenticos ; e tão puros quanto o é a sincera amizade que nos liga, e com a qual sou, e serei sempre seu irmão e verdadeiro amigo JOÃO ANTONIO LEITE.

Lê-se na *Imprensa e Lei* :

« Por correspondencias particulares que recebemos do Rio de Janeiro, consta-nos que no mez de Outubro ultimo foram muito frequentes os temporaes e naufragios na costa do sul da capital do imperio. Contam-se muitas victimas destes sinistros. Alguns casos, diz-se, que foram acompanhados de circunstancias horrorosas.

« Lamentando a sorte de tantos infelizes, apraz-nos consignar aqui um testemunho de admiração á coragem e dedicação verdadeiramente heroica de um subdito portuguez, ao qual devem a vida treze passageiros do vapor brasileiro, a *Pernambucana*.

« Deixemos fallar o nosso correspondente, e da sua carta copiamos o seguinte periodo :

« Quero dar-lhe algumas noticias por importantes que são : o mez passado houve na costa do sul do Rio de Janeiro tão grande temporal, que deo lugar a muitos transtornos e

alguns naufragios, cujos tristisimos espectaculos só foram presenceados, os mais delles, pelos elementos e pelas victimas; porém o do vapor brasileiro, *Pernambucana*, que naufragou, indo para o Rio Grande do sul, a 3 leguas do Cabo de Santa Martha, ainda com a providencia de ser a 10 ou 12 braças de uma praia, foi horrivel: o quadro pintam-o com as mais negras cores. Os passageiros e tripulação eram em numero de 100 pessoas, 42 das quaes pereceram, depois de prolongada lucta; e das que se salvaram, 13 devem a vida a um intrepido marinheiro do mesmo vapor, preto livre, natural de Cabo Verde, por nome Simão, que estando já na praia por treze vezes affrontou as vagas, e por conseguinte a morte, indo ao lugar do perigo e conduzindo para a praia aquellas afflictissimas almas, que ainda sobre partes do vapor invocavam a Divina Misericordia, sendo uma dellas um pobre cego!

« Este intrepido marinheiro, dotado de um coração hondoso e sensivel, não podia ser surdo ás supplicas que lhe faziam, e sobre tudo ás de uma mãe desditosa, tambem naufraga, e que sem duvida elle salvára, que prostrada e agarrada aos joelhos lhe pedia: — salvae os meus dois filhos! — Dizem que era admiravel ver como elle consolava a todos, e por fim, já exhausto de forças, deitava-se na praia e esfregava-se na areia como para recobral-as, até que conseguiu concluir tão honrosa como difficil tarefa.

« Este heroe, assim lhe chamam, que já foi á presença do imperador; que já recebeu uma medalha de distincção; que se tem promovido uma subscripção na praça do commercio, que monta já a alguns contos de reis, legou por este facto o seu nome á posteridade; e o governo brasileiro achou-o tão digno disso, que vae mandar tirar-lhe o busto e collocal-o na praça do commercio, e os inglezes vão mandar o seu retrato para Inglaterra! Este homem que tem sido por este modo cumulado de honras e dinheiro, sendo subdito de S. M. F., não merecerá que o governo portuguez o contemple?

POESIA.

A' EX.ma SR.a CONDESSA DE TAVAREDE.

EM MEMORIA DE SEU EX.mo CONSORTE.

CANTO FUNEBRE.

Em frio jazigo, que os vivos aterra,
A morte dormia aos pés de uma Cruz!
Ai somno de instantes! eis se ergue da terra.
A' voz poderosa que ás trevas deu luz!

As azas desprende, no espaço voando
Cortejo de sombras comsigo levou;
De nuvem funesta o sol ofuscando
Ao dia os encantos, e os lumes roubou.

E' rapido o vôo!.. mas vae abatendo
E desce a um terreno de immensa extenção;
Mortiferas plantas alli vão crescendo;
Mil craneos alvejam dispersos no chão.

Um throno se eleva; n'um triste recanto,
Que tem negra nuvem por negro docel;
E' de ossos formado; tem hymnos de pranto,
A foice por sceptro; sob'rano cruel:

E' quasi infinito da morte o recinto!
De ossadas sem conto valados lá tem,
E tem de cypreste falaz labyrintho
Do qual os segredos não sabe ninguem:

Lá do anjo terrivel clarim pavoroso
Soou no deserto, medonho lugar;
Milhões de figuras de aspecto horroroso.
Eis vem presurosas a morte cercar.

Lá vem negra peste, e a guerra ferina
A fome temivel, doenças fataes,
Dezastres sem conto, de face maligna,
E d'alma os algozes, tormentos moraes:

Attenta revista sinistras fileiras,
Numéras phalanges; dispõem generaes;
Tremulam nos ares as negras bandeiras
Que tem por divisa da morte os signaes:

E a um leve aceno da morte
Do trovão se ouve o bramir!..
Lá parte o exercito forte
O fero mando a cumprir!..

Qual foi elle?.. o mando horrivel?..
Qual foi elle?.. o tempo o diz?..
Dil-o o pranto que sensivel
Corre as faces do infeliz!..

Dil-o o mundo, que deplora
Tantos males que em si tem;
E tantas victimas chora
Que a morte roubar-lhe vem!..

Tantos reinos invadindo
Lá vae a guerra feroz;
E a voraz peste investindo
A terra com furia atroz!..

Lá vem devorante fome
Tantos povos assolar; . .
Tantas grandezas consome;
Tantas flores vae secar:

E os desastres rigorosos;
E esses tormentos moraes;
Lá se espalham sanguinosos
Contra os miseros mortaes.

Alto se erguem, fulminando
Raios que a morte lhes dêo! . .
Quantas victimas deixando
Tropheus a vida perdêo! . .

Os flagelos que desfecham
Golpes na fronte ao mortal;
Seus estragos tambem deixam
No solo de Portugal! . .

Ai que vidas preciosas! . .
Ai que prantos arrancou! . .
Que estrellas tão luminosas
Da morte a sombra eclipsou.

Tambem tu, nobre Condessa,
Na geral consternação;
Sentes em tu'alma oppressa
Das trevas a solidão! . .

E' noite fatal, aquella
Que circundar-te assim quiz!
Onde os lumes, linda estrella,
Somem teus olhos gentis! . .

Teus olhos . . . agora em pranto
Inundados, inda assim,
Deixam ver celeste incanto! . .
Lagrimas de um cherubim! . .

Perdeste o consorte, que tanto querias,
E foi de teus dias o fulgido sol;
Mas olha os filhinhos! . . lá tens alegrias,
E em sua existencia da aurora o arrebol:

Nos tenros anjinhos, que ao seio creaste,
Verás as virtudes do pae reviver,
Unidas aos dotes divinos que herdastes.
Pois Deos quiz tu'alma de graças encher.

E Deus n'essa noite de immensa agonia
Te manda o conforto de luz divinal!
Não vês tantos astros! . . da virgem Maria
Os prantos reflectem, e a dôr maternal.

As lagrimas puras que d'alma nasceram
São lumes que brilham nos Ceos e no altar;
São flores que aos justos as c'roas teceram
E brotam sorrisos de eterno gosar.

Nas horas mysteriosas
Do silencio e acerba dor,
Lembra as horas amargosas
Da virgem mãe do Senhor! . .

Com teu pranto doloroso
Rega os pés da excelsa Cruz;
E ao chorar o extincto esposo
Chora a morte de Jesus.

Sentirás coarte n'alma
Um balsamo salutar;
Na tormenta é doce calma
Co' a Mãe do Eterno chorar.

Esse pranto que derramas
Vae ser pranto divinal,
Vae dar glorias a quem ama
Na Patria Celestial.

Ergue a fronte! .. olha os parentes,
Os amigos teus leaes,
Banhar com prantos ardentes
Na tumba, os restos mortaes:

E em quanto vae lusa historia
Pagina honrosa escrever;
De Tavarede á memoria
Quero este Canto offrecer.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

A carta que em seguida publicamos do sr. Serra é digna da attenção de Sua Magestade Regente, e do Ministerio: o povo soffre, e cala, porque não é povo inglez; é povo portuguez; o preço dos cereaes augmenta sem percisão: as vellas com que os pobres, e em geral aquelles que não sendo pobres não são ricos, se alumiam augmentaram de preço extremamente porque um tal negociante de *sebo* andou pedindo que lhe vendessem a elle exclusivamente, dando mais que os outros etc.

Agora até a carne de porco; as batatas, e tudo, tudo finalmente! .. O povo está contente com todos os governos quando não soffre fome, nem oppressões: porém quando um destes flagelos

apparece começa por mal dizer quem os governa.

Eis a verdade que não devemos calar porque advogamos a causa dos infelices, e dezejamos que o governo mostre que é sabio, e bom, dando promptas providencias, como pode, para conservar a paz neste formoso paiz; lembrando que a fome lança no desespero ainda os povos mais pacificos e obedientes.

D. A. G. PUSICH.

CORRESPONDENCIAS.

Ill.ma Ex.ma Sr.a

E' com profundo reconhecimento que agradeço a V. Ex.ª a distinção com que me honra prestando-me as columnas do acreditado Jornal em que V. Ex.ª é a sabia Redactora, gratidão esta que será eterna.

A questão sobre que vou dizer duas palavras, é um pouco espinhosa: mas a causa que advogo merece do governo promptas providencias, a causa é do povo sobre o alto preço que geralmente tem todos os generos. Os monopolistas tem ganho grandes sommas, indicando escacez d'este ou d'aquelle genero; quando felizmente ha abundancia; vendo-se o povo na extrema necessidade de passar mui pobremente; quando outr'ora com metade do que hoje se gasta passava bem; e o povo em geral para não perecer de indigencia vai-se empenhando, e vendendo até o vestuario, camas etc. ganho a custo de noutes perdidas, e seu suor derramando. E tudo para que?..... Para os millionarios augmentarem seus fundos, com as lagrimas dos desditosos. Mas se infelizmente este meu brado não for escutado pelos sabios sustentaculos da Regencia, milhares de victimas verse-hão forçadas a mendigar uma esmolla, para escapar ao horrivel flagello, que de perto nos ameaça.

A confiança que geralmente se deposita no novo governo, faz-me esperar a protecção d'este em beneficio d'esta infeliz nação.

Limitando-me ao que tenho dito peço o auxilio de V. Ex.ª permittindo-me que me assigne

De V. Ex.ª

Seu constante Leitor

ANTONIO FERREIRA DA SILVA SERRA.

CARTA A' REDACTORA DA — BENEFICENCIA.

Ex.ma Sr.a Sei que me tem accusado de esquecido ou perguiçoso e todavia nem era possivel esquecer-me do meu dever, nem ser remisso em acceitar a honra de colaborar o jornal que V. Ex.ª tão dignamente redige. Estreei-me nas columnas d'um seu jornal, e o ter depois escripto para a *Revista do Meio Dia*, *Semana*, *e Lei*, não me faz esquecer que debutei na *Assembléa Litteraria*, unico que n'esse tempo teve a franqueza briosa de me abrir os braços a mim desconhecido, e inesperiente. Lançado aos dezeseis annos na vida agitada das letras, achei-me só no meu caminho, sem um guia sequer! não conquistei terreno fazendo da satira arma para abater barreiras, como Aretino; nem me servi da lisonja para adquirir simpathias, como Phidias. Tinha deante de mim um futuro nebulosissimo, mas estando na epocha dourada dos dezeseis annos, tendo uns tão desmesurados desejos como tinha, fiz da vontade e do tempo duas armas poderosas, e decidi-me ao combate.

Não terei a vaidade de dizer que venci, mas não tenho modestia sufficiente para que deixe de confessar que espero não perder. São longos estes combates, e ha apenas dois annos que estou em campo. Digo dois annos porque com quanto em vesperas dos meus quinze, eu tivesse tido a má lembrança de escrever uma comedia, que os actores tiveram o mau gosto de representar, e que o publico teve a benevolencia de applau-

dir, não conto a comedia como acceitavel, nem esse successo como merecido; provo-o em ter impresso em volumes todas as obras que tenho escripto e nunca ter feito publicar *as calças de lista*. Dei cabida a este exordio apenas para lembrar a V. Ex.ª que em todas as suas publicações tenho tido a honra de ser um dos colaboradores mais assiduos, ainda que o mais inferior de todos. Na *Beneficencia* mesmo, consulte V. Ex.ª o 1.º n.º e lá achará o meu nome assignando a 1.ª parte d'um longo artigo de critica litteraria, que tambem teve depois saida em folhetim no jornal *a Lei*.

Para o seu jornal, minha sr.ª é preciso um certo cuidado, e escolha nos artigos que se lhe enviarem; é um jornal religioso, e que tem por assignantes os melhores nomes d'este paiz; por isso tenho hesitado quando algumas vezes me tem accomettido o desejo de lhe escrever alguma cousa. Rir-se-ha V. Ex.ª se eu usar d'esta frase — houve tempo em que fiz versos?! — pois não tem cabida a zombaria. Ainda que estou na edade das mais fogosas paixões, eu sinto-as mas não sei cantal-as; na epocha das mais juvenis esperanças accalento-as mas não sei rimal-as.

Admiro, e respeito essas constituições grandiosas que acham lenitivo para immensas maguas, e consollo para pesares tremendos no dessabor calculado de algumas endechas de metreficação obrigada! os poetas são devéras quasi incompreensiveis, e todavia eu tenho pena de não ser poeta, porque são elles no meu conceito as mais nobres, e generosas almas que existem.

Não direi, Deus me deffenda, que já fui poeta, nem acredito nos poetas que deixam de o ser e não morrem; saindo das proporções vulgares do homem, não creio que o fogo, que Deus lhe accendeu na mente, tenha o poder de se apagar, sem que na ultima flamma redusa a cinzas o todo que o continha. Todavia o que eu já tive e não tenho agora, é tempo para fazer versos. Sabe V. Ex.ª perfeitamente que constituindo-me operario litterario, só me dediquei ao genero que me daria proveito. Entre nós, é difficil um poeta conseguir que o leiam, e ainda mais, que lhe comprem as obras. É destino amargo de muito livro de poesias viver, e entrevecer, e apparecer roído dos ratos, na estante carunchosa de algum comprador de alfarrabios, que começa por não saber o que compra, e acaba por ignorar o que vende.

É por isso que eu tenho escripto e publicado algumas comedias, e alguns romances, e ha dois annos que ninguem vê versos meus, assim como estava capaz de jurar que nunca hade tornar a vêr, mas como o mundo dá muita volta!....

Já V. Ex.ª vê por isto que me dispenso a mim proprio de lhe enviar alguma poesia, ou mesmo alguns versos (nem sempre são sinonimos.) Em quanto aos artigos que mais importam ao seu jornal, que são por certo os religiosos, sei tão pouco escrever n'esse genero, que me não aventuro a perder ou ganhar. Parece-me todavia que enviando-lhe essas reflexões sobre a utilidade da obra que vae publicar-se — *Vida dos Santos* — eu sirvo senão o jornal de V. Ex.ª ao menos o interesse publico, recomendando uma obra tão util, como estimavel. Permitta V. Ex.ª que eu ainda uma vez me confesse, e me assigne

De V. Ex.ª respeitoso creado

JULIO CESAR MACHADO.

VIDA DOS SANTOS.

É n'esta epocha de litteratura facil que a boa litteratura se apresenta mais difficil. Todos escrevem presentemente; é quasi verdade; mas é mais custoso fa-

zer o que todos fazem, que o que ninguem faz. Annuncia-se um romance historico, ou contemporaneo, fundado em Santos Portuguezes, ou em sentimentos, e paixões proprias do clima de que gosamos, concebido, e escripto por um Portuguez: ninguem assigna, porque ninguem quer lêr. Se ao contrario versa o annuncio sobre a publicação d'alguma novella franceza, que a maior das vezes é chocha na concepção, insignificante no original, e insoffrivel na tradução, todos assignam, porque todos querem lêr. É difficil n'este estado das cousas haver o empenho brioso de escrever, e publicar uma obra boa, e util. Quando se apresente uma tão nobre tentativa, indisculpavel seria se a imprensa deixasse passar desapercebida, e désse mais uma prova de descuido, e mau gosto.

A vida dos Santos acha-se escripta em todas as lingoas, excepto na nossa! desconhecemos a historia desses homens que se elevaram acima das proporções vulgares, e entre as quaes se encontra modelos de poesia, e de crença, de amor, e de martyrio.

Ha mais magestade, e grandesa n'aquelles vultos reaes, do que nas mais excellentes ficções de heroes de novella, e romance. Que maior poeta do que Santo Agostinho? onde encontraes uma obra escripta com mais sentimento, e verdade, com mais poesia e inspiração do que as suas immortaes *confissões*, ? Acresce á importancia da obra, a importante penna de que ella sae. É trabalho sisudo, e valioso, que não podia encontrar melhor interpretre. Nós cumprimos um dever em a recommendar, o publico ganha muito em a possuir.

JULIO CESAR MACHADO.

THEATROS NACIONAES.

Os theatros principiam a trabalhar; e nós com pouco animo de os frequentar; já porque as alegrias não são nenhumas n'um tempo de luto, já porque a invernosa estação não é a mais propria a convidar a passeios nocturnos quem soffre uma larangique, ou talvez uma constipação entretida ha annos. Não assistiremos pois á primeira representação no theatro de D. Maria, depois da sua nova organisação, porque hiremos ao sarau do sr. Castilho, onde temos de cumprir a promessa de recitar uma poesia em memoria do Ex.^{mo} Conde de Tavarede (é a que neste numero publicamos) ouvimos porém dizer que a noite estará tumultuosa; mais um motivo de não desejarmos hir ao theatro, porque não gostâmos de barulhos: se continuarmos a ter o nosso antigo lugar de redactora que sempre nos foi dado n'aquelles e outros theatros, hiremos ter o gosto de ouvir a nossa eximia actriz sr.ª Emilia das Neves, que ha muito não vemos em scena; e então diremos alguma cousa do que virmos e ouvirmos.

Os theatros particulares andão em moda; e com rasão. E' louvavel o empenho com que tantos jovens artistas, commerciantes, e empregados se desvelam em offerecer gratuitamente as suas representações dramaticas; empregando o pouco tempo que lhes resta de seus afazeres em proveitosos estudos, e uteis exercicios; e applicando o seu dinheiro em divertimentos licitos que distrahindo a mocidade a afasta de perigosas decipações, e do ruinoso caminho da immoralidade a que o ocio, e a ignorancia conduz o homem enexperiente.

Os theatros particulares são a nosso ver, uma escola de moral, e instrucção, onde se desenvolvem os talentos, por meio de um passatempo honesto que nenhum damno pode causar á sociedade. Os theatros particulares são civilisadores; por todas estas rasões devem ser animados, pois é um gosto que não prejudica.

Temos visto alguns theatros particulares; e assistido a algumas representações que muito nos tem agradado; confessamos ingenuamente que temos encontrado em alguns jovens actores de theatros particulares muito mais habilidade do que em alguns actores de theatros publicos.

Um dos theatros que vimos é o do Aljube; dirigido por uma sociedade escolhida de pessoas de reconhecida probidade, e intelligencia. Aquelle theatro está no melhor gosto, na melhor ordem que se pode imaginar; é pequeno, porém muito commodamente organisado: a sua entrada é decorada com emblemas proprios ao fim a que se preparou aquelle edificio: as sr^as^ tem o seu toilette ornado com a maior decencia, e bom gosto; e tem uma galeria só destinada ás sr.^as^; a platea é pequena, mas commodamente organisada com assentos numerados; a caixa do theatro é pequena, mas novas todas as vistas, assim como o panno etc.; a musica é sempre boa, porque os srs. professores de musica concorrem a honrar aquella digna sociedade; e quando lá estivemos vimos os melhores musicos do theatro de D. Maria, os quaes tocaram perfeitamente peças de excellente escolha.

O espectaculo era bom. Foi á scena a primeira estreia dramatiça do sr. José da Silva Avelino, joven commerciante de muito merito, já por seus talentos e applicação litteraria, já por suas brilhantes qualidades moraes. Era o drama intitulado *A Marqueza de Bella-Flor*, extrahido do romance de D. Wenseslau Ayguals d'Izco — *A Marqueza de Bella-Flor ou o Menino engeitado.* —

O sr. Avelino foi muito feliz, muito applaudido, e mereceu o enthusiasmo de seus compatriotas. A peça correu perfeitamente; os actores eram bons, e sobremaneira se distinguiram os srs. Luiz Vieira da Silva (Marquez de Bella-Flor) joven commerciante de muito merecimento; e os srs. José Severo da Silva Nunes (Padre Claudio); Vicente Xavier d'Almeida Pinto (Ancelmo); e José Maria Henriques Bessas (Negro Thomaz). Todos os mais foram bem, mas eram partes menos importantes, por isso não tiveram occasião de se distinguir mais.

Foi tambem á scena um lindo entre-acto do sr. Julio Cezar Machado, onde o Periquito e a Arara são objecto d'aquella interessante scena. Rematou o divertimento uma bonita farça.

Damos sinceros parabens á Sociedade, e em especial aos autores e actores que mais se distinguem, e tanto honram a sua patria.

No theatro dos Inglezinhos tambem vimos representar alguns jovens de merecimento, entre os quaes distinguimos o sr. Gentil, que muito bem desempenhou o papel de Duque no drama — *A nodoa de sangue.*

Aconselhamos a que não desanimem os nossos jovens artistas; e antes continuem a combinar seus afazeres com divertimentos tão uteis, e louvaveis; tendo, como tem sabido ter, todo o escrupulo na escolha de suas peças; no que de certo excedem muito aos theatros publicos, onde até ao presente muito pouco se tem attendido á escolha das peças na parte moral; e por isso os resultados são maus, como temos visto, e vemos.... porque o povo portuguez na maioria presa a moral, e respeita-a como a Religião de seus paes.

D. A. G. PUSICH.

PENSAMENTOS MORAES.

—

A esperança é uma agradavel prespectiva, que esconde o termo da viagem.

(*Arlincourt.*)

—

Os invejosos mais sentem os bens alheios, que os males proprios. (*Roquete.*)

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso . ... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja de sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S José n.º 135, 2.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 4 — JANEIRO 1.º — 1854.

O NATAL DO REDEMPTOR.

—

E' tão grande este Dia, é de tanta gloria para os fieis, que nos parece melhor solemnisal-o em verso, do que descrevel-o em prosa; por ser a poesia a linguagem do Céu. Comemoramos pois o Santo Natal do Redemptor, consagrando-lhe nossas humildes Orações; rogando ao Senhor que derrame sobre a terra suas piedosas Graças para que todos os povos abraçando a Santa Lei do Crucificado, possam colher o precioso fructo da Arvore Sagrada que o Christo planton no mundo, e regou com Seu purissimo Sangue; e com as lagrimas pungentes de Sua Mãe Santissima.

Na supplica ao Altissimo pedimos que nos livre dos flagellos da peste, fome, guerra, e herezias, porque firmemente cremos que este ultimo flagelo chama os outros!..

Embora da nossa crença riam os miseros incredulos; nós lamentamos a sua cegueira; e damos graças a Deus por pensarmos como pensamos; e sentirmos como sentimos.

Sempre que os homens se esquecem de Deus, Elle se faz lembrar á voz temivel dos castigos!.... e aquelles que zombam da Sua Divina Lei são os mais fracos no meio do perigo, porque encaram a morte como a sua total aniquilação, ou como o Anjo terrivel que lhes abre as portas do inferno! Sim porque na hora extrema apparecem todos os desenganos do mundo, e o maior incredulo treme d'essa Eternidade — d'esse Deus de que descréo. Que de todos o Senhor se compadeça!.... Que a todos illumine; e recorramos á oração que unicamente pode consolar-nos, fortalecer nos, e suavisar-nos as angustias da vida, e os tormentos da morte.

D. A. G. PUSICH.

POESIAS.

—

O PRESEPIO E A CRUZ.

Que medonha e fria noite
Cobre a confusa Bethlem!
Não ha lugar onde accoite
O par que entrando alli vem?!

E' Maria, a Virgem Santa;
Com Ella vem S. José!
Na cidade a gente é tanta!..
Quem ha que asylo lhes dê?

Nem uma casa se offrece!..
Ninguem hospedal-os quer!
Eis um cantinho apparece...
Alli se vão recolher.

E' no recanto de um muro ;
Não tem porta, não tem lar ;
Eis começa o immenso escuro
Com a neve a branquear.

Era o Dezembro avançando :
Vinte e quatro já findou ! . . .
A noite em meio tocando
Repentina se aclarou ! . . .

São luzes mil que apparecem !
E já tocam sinos mil ! . .
Jelados campos florecem ! . . .
Dezembro parece Abril !

Tudo qnanto era tristeza ,
Em prazer se converteu !
Exultando a natureza
Brada — *O Messias Nasceu* ! —

E uma Estrella já descobre
O Corpinho de Jesus ! . .
N'um Presepio humilde, e pobre
Dando á terra immensa luz ! . .

A' vóz de um Anjo accordando
Vinde Pastores, correi ! . .
Dos Réis da terra impio mando
Revoga dos Céus o Rei !

E' Rei dos Céus, e da terra :
De quanto existe, é Senhor !
Vem dár Lei que os maus atterra ;
E' do Mundo Redemptor !

E — Gloria a Deus nas Alturas
Dizem Anjos a Cantar ! . .
— Aos homens paz, e ventura —
Se ouve no espaço echoar !!

Accordae, Reis do Oriente,
Brilhante Estrella segui ! . .
A adorar o Omnipotente,
Com vosso Estado parti.

Levae mirra, levae oiro,
Insenso puro levae ;
Offertae vosso thesoiro
Ao Rei dos Reis ; ajoelhae !

Vede que é vindo o Messias ! . .
Saudae o Senhor dos Céus ! . .
Das sagradas Prophecias
Romperam-se os densos Véus !

Mas ai ! . . que vozes pungentes ! . .
Que sôm de triste gemer ? . .
O sangue dos innocentes
No seio das mães correr ! ! ! . .

Victimas puras ! . . que importa
O martirio que soffreis ;
Se do Céu vos abre a porta
A' gloria que recebeis ! . .

Se aquelle sangue, se as dores,
E se o pranto maternal,
Fasem brotar lindas flôres
No jardim Celestial ? . .

E em quanto jubilo eterno
Gosaes na etherea Mansão ;
Vossos Algozes no inferno
Tem do crime a punição !

Os altos misterios fieis adoremos ! . .
Aqui um Presepio ! . . Além uma Cruz ! . .
No Berço a humildade ! . . Fieis contemplemos !
No Lenho as grandezas que o sangue traduz !

Nascendo entre o povo, sem fausto, ou riqueza,
De excelsa virtude o exemplo nos dá !
Faz ver que no meio de summa pobreza
Só d'alma a nobresa, nobresa nos dá !

Aquelle que injusto despresa o mendigo,
Por não lhe ver galas, nem oiro gastar ;
Observe uma campa ; e um nobre jazigo ;
E veja se pode tal pompa invejar !

Na lage, que simples de relva se cobre,
Não pésa dos homens fatal maldição ;
Que Deus não recusa honrar o que é pobre;
E' Lei de igualdade a lei do Christão !

A Lei que nos mostra nas palhas deitado
O Rei do Universo, dos Céus alto Rei ! . .
Depois . . . lá se eleva no Lenho Sagrado
Com seu proprio sangue firmando essa Lei !

Nasceo entre o povo ! . . morreo pelo povo ! !
Mostrou que dos homens foi Rei, e foi Pae .
Do immenso heroismo o exemplo foi novo !.
Monarchas e povos ! . . O Christo emitae ! . .

Salve Dia luminoso !
Vem ao mundo recordar
Esse dom tão precioso
Que Deus á terra quiz dar !

E deixa ver aos humanos,
De teu sol á immensa luz,
Os preceitos soberanos
Com sangue escriptos na Cruz !

Foi a vós d'alta verdade
Que no Golgotha Soou !
Foi a nossa liberdade
Que o Redemptor Decretou !

Foi a Lei do Christianismo
Que A Mão do Eterno escreveu!
Foi o Santo Cathecismo,
O Baptismo que nos deu!

Em torno á Cruz, reverentes
Unidas fieis nações,
Erguei suplicas ardentes
Em devotas oblações:

Da peste, da fome, e guerra,
Das herezias tambem;
Salva, O' Deus, defende a terra!..:
Dá-nos paz, e gloria Amem.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

A SUA MAGESTADE A RAINHA.

SONETO.

Lá vôa para os Céos A Magestade
Filha Augusta d'um Pai tão cuidadoso!
Q'antes de reunir-s' ao Deos Poderoso!
Lhe deixou Aureo Throno por herdade.

Supplica Terno Esposo á Divindade
Se remova suffragio tão lutoso;
Ternos filhos n'um pranto doloroso
Exclamam, Oh! meu Deos! Oh! piedade!..

Ver a Mãi que de estrella nos servia
Beijar-nos por eterna despedida
Já quasi na mortifera agonia....

Ver o Luso c'oa fronte decahida,
Ver o pranto em torrentes n'este dia,
E' penetrante dor, é morte em vida!..»

M. G. DA SILVA.
Aspirante a Official de Granadeiros da Rainha.

BOAS FESTAS

AO NOVO QUE HADE SER VELHO.

Um anno que finda qual noite da vida
Lá vae no infenito seu rosto sumir;
E' flôr que nas eras jazendo pendida,
Só pode á memoria seu calix abrir.

Um anno que surge qual dia sáudoso,
Lá vem com seus raios as campas doirar;
E ao som de funesto clarim tenebroso
Aos tristes viventes a morte lembrar!...

Lembrar o que somos!... dizer que o prezente
A' pouco futuro, passado será!...
Que o ledo sorriso, que o pranto pungente
São flores, e espinhos que o tempo nos dá.

Mortaes!.. ao passado votemos saudade;
Bençãos ao presente, que possa fulgir;
Por Deus protegido co'a luz da verdade;
E assim tambem damos esp'rança ao provir.

1.° de Janeiro de 1854.

D. A. G. Pusich.

CURSO NORMAL DE LEITURA REPENTINA.

Sabemos que se nota o não termos continuado a frequentar o curso normal de leitura repentina; dando a nossa auzencia causa a varias conjecturas umas mais, outras menos acertadas, e outras destituidas de todo o fundamento. Agradecendo a todas as pessoas que tem notado a nossa falta, por vêr-mos que se lembram de nós; declaramos sinceramente que a causa principal tem sido o receio de nos espor-mos ao rigor da estação invernosa; noites chuvosas, e frias para quem está convalescente, poderiam causar uma recahida fatal; o nosso facultativo, e bom amigo, o sr. Brilhante, sem ser-anti-Castilho, prohibe-nos expressamente essas noitadas; e nós gratas ao seu disvello, tambem o temos por nós, e por nossos filhos; e se de algum proveito somos ao paiz, este ganha mais em deixar-mos de assistir ao curso normal; buscando conservar os dias que desejamos empregar em utilidade publica. E todavia não deixaremos de ser francas confessando que — as coisas não correram alli como dezejava-mos e esperava-mos; não por culpa do sr. Castilho; fazemos justiça a suas boas intensões; mas por occorencias que desagradaram ás pessoas sisudas que tem um nome, e o querem salvar do ridiculo: nem só nós temos deixado de subir ao estrado, outras pessoas de nomes assas conhecidos e respeitados deixaram de o frequentar; quizéra-mos vêl-o mais res-

peitado, e mais respeitado o genio superior que alli prezide.. Aquelle é um lugar de instrucção, e não um theatro onde a gente nova se vá divertir, e chamar troças ; e nem se culpem só os troçadores ; elles tiveram assumpto ; não lh'o déssem. As cousas serias são sempre respeitadas por todos ; mas quando se passa do sublime ao rediculo, não ha obrigação de se respeitar o rediculo ; e em taes casos as pessoas serias, que sempre se destinguem afastando-se da confusão, deixam de aparecer até que se restabeleça a ordem. Felizmente esta recomeça, porque o sr. Castilho ainda que tarde, conhecêo as causas que se deviam evitar ; e agora não ha rasão de queixa.

Tambem não gostámos de vêr asperamente reprehendido um jovem poeta por haver alli recitado uns versos—O soldado portuguez da junta do Porto—e serem antes e depois admittidas outras poesias politicas de outras cores ! Nós não tomamos o partido da politica do jovem — nunca foi nossa — tomamos o partido da rasão. Aprova-mos que de um lugar onde só deve reinar a harmonia fosse escluida a politica ; germen de dissenções ; mas não admittimos excessões. Ou todos poderem francamente expender suas opiniões como o poderiam fazer na imprensa, ou ninguem deveria ser consentido. Pedimos perdão desta nossa franqueza, mas não sabemos faltar á verdade.

Tambem não approva-mos que n'uma eschola onde especialmente se trata de aperfeiçoar, e ensinar a lingua portugueza, se admitta uma alluvião de poesias estrangeiras, recitadas por gente portugueza que parece envergonhar-se de fallar portuguez, ou que entende ostentar mais talento fallando outra lingua !.. Mais rasão tinha-mos nós duvidando recitar versos em portuguez, porque a nossa pronuncia não é portugueza ; e sendo-nos muito mais facil o recitar poesias Francezas, e principalmente italianas ; nunca o fizémos ; seria por não as termos ?.. podiamos recitalas nossas, e muito nossas, porque não chamamos nosso senão ao que é nosso, sem emprestimo, nem auxilio alheio, que nunca tivemos; e hoje despensamos.. Notamos mais negarem-se bilhetes a pessoas as mais distinctas (até a illustres titulares;) pessoas que hiam honrar aquella salla e darem-se a pessoas que só vão divertir-se, e atrahir zombarias !..

Parece-nos que, Os Redactores, Os litteratos conhecidos ; as notabilidades em fim não deviam precisar bilhete ; deviam ter entrada franca e nunca soffrerem as faltas de consideração que se tem praticado ; e de que nós, com pena, somos testemunhas. Eis-ahi as cousas que nos tem desgostado, e que sinceramente declaramos para que ninguem fique em duvida sobre a nossa oppinião ácerca do que se tem visto na salla do curso, e que tantas censuras por ahi tem causado ; e algumas com muita rasão. Lamenta-mos porem a situação do sr. Castilho, porque sabemos que deveras o tem affligido certas occorrencias, quaze inevitaveis em grandes reuniões n'um paiz ainda pouco civilisado.

Quanto ao methodo ainda somos da mesma oppinião que eramos quando elle appareceo ; e só acresentaremos que, para ser perfeito deve ser modificado em alguns pontos, como já tivemos a franqueza de dizer publicamente ao sr. Castilho ; e estamos prompta a explicar, quando nos queiram attender.

O methodo é bom ; os resultados são excellentes ; mas precisa ser corrigido por seu autor : fazel-o menos poetico — mais portuguez — mas portuguez em tempo de paz. O barulho faz mal á cabeça do mestre, que nem sempre é rapaz forte, e pode prejudicar até a saude dos meninos ; alem do pecimo costume de gritar que lhes fica entranhado nos cascos. Emfim o sr. Castilho é tão sabio, e com tanto disvello se dedica a felicitar este paiz concorrendo com suas luzes para o bem estar d'este povo

tão falto de instrucção; que elle mesmo sr. Castilho, convida a todas as pessoas que tenham que observar alguma coisa no seu methodo para o auxiliarem com suas ideas; porque summa perfeição só Deus, só Deus é immenso.

Trata-se do futuro de uma nação; deve haver toda a circunspeção, e todo o escrupulo para que a geração futura não se queixe de nós.

Concluiremos pedindo ao sr. Castilho que releve a franqueza com que escrevemos, estimando-a mais como uma prova de amizade sincera que lhe tributamos; e com a qual tanto de coração temos dezecado vêl-o triunfante, e feliz como por seus talentos e serviços merece. A verdadeira amizade não sabe adular; e o nosso caracter não nos consentiria o descer tão baixo; nem o sr. Castilho teria gloria alguma em vêr louvado o seu merito; e o seu methodo por quem louva tudo sem reflexão.

Desde que o methodo *Castilho* apareceo em Portugal temos tomado uma parte activa, activissima no seu progresso; ainda não desanimámos; porem é mister que ao paiz, e á nossa conciencia respondamos com todo o escrupulo; e primeiro que a amizade estão — a conciencia, e o paiz. —

Continuaremos.

D. A. G. PUSICH.

Offerecemos ao publico a primeira producção do sr. D. Francisco de Salles Junior, jovem estudante que dá grandes esperanças pelo talento que manifesta, e com o qual muito se tem distinguido em seus estudos; o assumpto é um dos melhores que podia escolher.

Tivemos a satisfação de ver debutar na *Assembléa Litteraria* (jornal creado por nós) os nossos jovens litteratos — Julio Cezar Machado, e Antonio Mendes Lea! — aparecendo nas columnas d'aquella folha os primeiros raios das luzes que felizmente vemos engrandecidas; permitta o Ceu que d'aqui a poucos annos possamos dizer o mesmo do sr. D. Francisco; e agora nada mais observaremos em seu favor, porque a experiencia nos tem mostrado que os louvores prematuros muitas vezes em lugar de animarem a mocidade a grandes e uteis emprezas, só servem de lisongearem a vaidade propria dos verdes annos, e deslumbrados crendo subir ás nuvens se precipitão nos abismos; por isso menos prodigas entendemos que maior serviço lhes fazemos convidando-os a aparecer, quando lhes descobrimos talento; mas a aparecer com a modestia devida; brilhante ornamento da mocidade; conveniente aos homens; e indespensavel ás Damas.

D. A. G. PUSICH.

Á EX^ma SR.^a D. A. G. PUSICH.

É sem duvida de muita importancia a tarefa que vou incetar; mas animado por V. Ex.^a direi o que sinto e entendo sobre o amor Filial; cometterei erros; mas por isso me submetto humildemente ás emendas de V. Ex.^a Aos meus benignos leitores só terei que pedir perdão da minha audacia; mas tambem lhes peço não só attendam á minha pouca idade; mas tambem, que a isto me levou o dezejo de condescender com a vontade d'uma pessoa tão respeitavel pelo seu saber.

A empreza é grande! torno a repetir, mas espero que Deos N. S. não deixará de me prestar o seu auxilio e benevolos soccorros!

—

AMOR FILIAL.

Ha um tributo a que todos devem satisfazer, e este é o de gratidão e amor Filial; sem elle a sociedade não pode existir, porque da falta d'amor para com

os paes provem necessariamente a maldade e esta é, como uma doença, tão epidemica que um máo exemplo abre o caminho para mil. A maior felecidade de que gosa a humanidade, o maior allivio que temos em todas as nossas angustias, é a presença de dois entes que partilham comnosco os nossos pezares, porque é innegavel que um pae não é insensivel á desgraça de um filho. Ora se estes dois entes são a nossa unica consolação, não é a estes que nós devemos todos os nossos sacrificios, toda a nossa gratidão, e todo o nosso amor? Que felicidade não é a d'aquelle que conhece e ama seus paes!.. Ha desvellos, carinhos, que egualem os de um pae ou uma mãe? Se reflectimos um momento quanta gratidão, e amor lhes devemos? A uma mãe pelos seus desvellos, a um pae porque nos corrige. Este ainda que mais severo, além de ser aquelle que nos déo a existencia, é-nos muito necessario, porque nos impõe castigos que devemos reputar beneficios, porque sem elles seriamos insupportaveis; o castigo é um beneficio na idade em que as nossas faculdades entellectuaes não estão bastante desenvolvidas; mas chegada que seja a idade da convicção, só ella nos deve levar a cumprir os nossos deveres, é só ella porque o medo do castigo, quando a nossa razão está desenvolvida, não produz o resultado que a convicção produz. Uma mãe, como um ente mais timido e mais sensivel, teme que seus filhos, em quanto tenros não possão resistir aos meios de correcção: nós, á semelhança dos vegetaes, temos necessidade de um cultivador, este cultivador é o pae que deve cuidar em não deixar os filhos á lei da natureza. Esta aspereza que nós julgamos falta d'amor, é uma grande prova d'elle, e é um dever que a moral impõe aos paes, nem serem demasiado indulgentes, nem severos de mais, porque trilhar caminho medio é o mais seguro, disse Ovidio, *medio tutissimus ibis*. Desde a minha tenra infancia ouço dizer que — *pequenino se torce o pepino* — pois se se não imprime no coração das crianças o amor filial, é possivel que ellas cheguem algum dia a occupar um logar decente na sociedade? Se não se ama aquelle a quem devemos tudo o que gosamos, como se hãode amar os outros a quem muito menos beneficios devemos? Nós devemos tanto amor e respeito a um pae como a Deos, porque um pae é um enviado de Deos para nos corrigir e inspirar bons sentimentos, e se somos surdos á voz d'um pae podemos esperar algum beneficio da mão de Deos? Amando e sendo gratos aos beneficios de nossos paes, satisfazemos dois preceitos: o de amor para com aquelles que nos deram o ser, e o de obediencia para com Deus.

Ainda que não devessemos a nossos paes o que devemos, era muito bastante o ser um preceito que Deos nos impoem para nós o cumprirmos; mas desgraçado d'aquelle que tem faltado a estes deveres, e que *com justo motivo* recebeo a maldição de seu pae!!.. Embora as leis humanas não castiguem infelizmente a ingratidão, lá está a Mão de Deos que vigia sobre nós! Infelizmente neste seculo em que a immoralidade tem chegado ao seu maior auge, tem havido exemplos de ingratidão e de crimes ainda mais horrendos! E não tem Portugal uma lei severa que os castigue! Portugal tem sido victima de extremos, já castigando faltas que todos commettem, e faltas de que nem, ás vezes, se tinha uma prova. Ia jazer para a Inquesição qualquer, só porque outrem mal intencionado lhe levantára uma calumnia! já deixando passear livremente faccinorosos como hoje acontece, não dando um castigo severo a essa mulher, que, só com horror nos podemos lembrar, esse monstro que chegou a tirar a vida a sua mãe!....

Ah! Portugal! Deos afaste de ti a impunidade! ella bem tristes resultados tem dado! Fazei ó Christãos ardentes votos para que a nossa sorte melhore; eu tambem os farei para que jámais perca estes sentimentos. Talvez não agrade a todos esta linguagem, o que algum tanto me desgosta: antes quereriam um engraçado romance; mas eu não tenho habilitações para isso, portanto deixo-o para os jovens litteratos, pois não o sou; mas estudo e estudarei para ser algum dia util á minha patria, se Deos m'o permittir.

Foi escripto em 1 d'Outubro de 1853.

D. FRANCISCO DE SALLES.

THEATRO PARTICULAR.

A sociedade do theatro dos Anjos, denominada — *Os verdadeiros amigos da scena Portugueza* — déram a sua recita em as noites de 24, e 26 de Dezembro ultimo; levando á scena um Drama original Portuguez em cinco actos intitulado — *A vespora de um dezafio, ou a Regencia de D. João 1.º* — Tão excellente producção honra muito o seu auctor. Aquella representação foi explendida. O sr. Antonio Januario Correa (Padre Ancelmo) dezempenhou o seu papel com aquella gravidade, e scientifico talento que tanto o distinguem; elle não carece de meus elogios, porque muitas pessoas o conhecem; e todos sabem quem é o sr. Correa, e qual o seu saber na arte Dramatica; dezeseis annos havia passado sem aparecer em scena; e todavia aparece agora com a maior presença de espirito; e com a mesma arte que outr'ora tanto o distinguio; desempenhou um papel assáz importante. Não devemos negar-lhe um louvor que lhe é devido; e que na imprensa apareçam os louros, as palmas, o triunfo que recebeo de seus amigos e compatriotas.

O sr. José Costa (Capitão Gomes) desempenhou com toda a força um optimo papel: foi muito aplaudido, porque muito bem compriendêo a sua parte, principalmente no lance do delirio.

O sr. Francisco Costa (D. João 1.º Regente) e o sr. Ganhado (Capitão D. Pedro) assim como os srs. Sebastião, e Alfredo (soldados portuguezes) tambem mostraram sua grande habelidade sobre o palco.

A sr.ª Vinhaes (Beatriz) reprezentou o seu papel perfeitamente:

O sr. Cruz (Prior da ordem de S. Domingos) respeitavel por seu magisterio, mas falsario, e de maus intentos, executou muito bem a sua parte.

Todos os outros actores foram muito bem.

A dor, a oppressão, todos os affectos brilharam no palco ostentados por tão nobres artistas.

Terminou o espectaculo uma linda farça em um acto, intitulada — *O pastel do meu amigo* —

O sr. Porfirio (Pasteleiro) e o sr. Sebastião (Galam) e o sr. Ganhado (Barbeiro) assim como a sr.ª Vinhaes, mostraram que na Farça, assim como no Drama, sabiam desempenhar seus papeis; merecendo ser chamados fora com os maiores aplausos.

Parabens illustre ensaiador (sr. Correa) que podeste fazer brilhar em scena quanto ha de bello, e grande!

Julgo prestar um serviço á sociedade fazendo constar pela imprensa o merito destes artistas; e conheço que os theatros particulares servem de grande utilidade á mocidade; porque se instruem, e moralisam, aproveitando por tal modo o tempo que perderiam arruinando-se a si e a suas familias, em criminosas distracções, jogos, e mil tentações que cercam a mocidade n'uma capital onde ha tantos ociosos; e tanta gente perdida que busca perder os mais.

Sou rapaz, sou artista, preso a moral que desejo invariavelmente seguir; por isso serei sempre um apologista de tudo

quanto concorrer para o bem da sociedade; e graças a Deus que assim me faz pensar.

Os bons pais não devem privar seus filhos do licito divertimento dos theatros particulares que os desviam de grandes perigos: As auctoridades devem consentil-os, o publico deve estimal-os; e a imprensa favorecêlos.

FRANCISCO JOSÉ FERREIRA DA SILVA SERRA.

FESTA DE N. S. DA CONCEIÇÃO NA FREGUEZIA DE S. JOSÉ.

Foi solemnisada a Festa de N. S da Conceição na Freguezia de S. José com a maior pompa; conservando-se o respeito devido ao Templo do Senhor; e a ordem que sempre tem reinado nesta Egreja; honra seja feita ao benemerito Prior, o sr. Dezembargador Emaus que tão sabia, e dignamente prezide áquellas Funcções; e que ainda mesmo com sacreficio de sua saude não falta jámais ao cumprimento dos deveres de um Parocho exemplar.

As authoridades que alli influem tambem se disvelam por conservar toda a decencia e harmonia; e a prova tivemos nós na Semana Santa ultima, pois havendo tantos perturbadores em algumas Egrejas; nesta reinou o mais profundo socego e acatamento. Sentimos saber; pela carta que se segue que a'guns cabos de policia excederam suas atribuições: não continuaram; e é esta uma d'aquellas faltas que muito faceis são de remediar até para isto precisamos a civilisação do povo: Se a houvesse já os cabos, e o povo não tinham questões em lugares sagrados.

Pouco a pouco hirão conhecendo que a Casa de Deus é o lugar mais respeitavel; e que em Prezença de Deus os homens não devem ser descortezes uns para os outros; devem lembrar-se que Deus Manda que se amem como irmãos.

D. A. G. PUSICH.

—

A Festa de Nossa Senhora da Conceição foi em Lisboa festejada com uma pompa inaudita propria da verdadeira Religião que domina os Portuguezes, reinando no semblante de todos uma alegria excessiva, e com muita especialidade na Freguezia de S. José, aonde se festejou com bastante enthusiasmo, graças aos Parochianos em geral, pelo bem que contribuiram para um culto tão sagrado, todavia o que é digno da maior censura foi a policia que houve na referida Igreja feita pelos cabos de policia que pelas suas incivis maneiras com que trataram os Parochianos fizeram suscitar varias questões, chegando a sua temeridade a ponto de ameaçarem alguem de expulsarem do templo, sem que aliás houvessem poderosos motivos, que a um tão extraordinario ponto conduzissem os cabos. Tal insulto feito a um homem já com bastantes cans. não se pode sofismar para se dizer que este perturbava a tranquilidade só unicamente feito voluntariamente para excitar.

Ora um cabo de segurança publica fallando conscenciosamente não passa de um paisano, para que hão de pois tornarem-se celebres?.... Um conselho de *amigo tratem-se como são, e não aspirem ao que nunca podem chegar.*

Toma a responsabilidade

ANTONIO FERREIRA DA SILVA SERRA.

EXPEDIENTE.

AOS SENHORES ASSIGNANTES DESTA FOLHA.

Publicámos o Drama original— *Constança* — producção nossa, applicando o seu producto a uma acção de beneficencia em favor da educação de uma menina. As illustres Damas, e Cavalheiros que se dignarem auxiliar-nos, podem dirigir suas assignaturas ao escriptorio da *Beneficencia*, rua de S. José n.º 135; ou na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8, onde se acham os folhetos desta obra. — Preço 240 cada exemplar.

D. A. G. PUSICH.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. C. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n. 8.
Rua de S. José n.º 135, 2.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 5 — JANEIRO 15 — 1854.

PREMIOS AO MERITO.

Com a maior satisfação publicamos a agradavel noticia de ter sido contemplado em Portugal o valente Africano Simão, que salvou no Brazil tantas vidas, prestes a succumbir n'um horrivel naufragio; como já circunstanciadamente noticiamos (Vide o 3.º n.º da 2.ª série deste jornal).

Sua Magestade Fidelissima Houve por bem conceder-lhe a medalha de oiro do *Merito e Philantropia*, foi a primeira que se dêo depois da sua creação; mais um padrão de duplicada gloria para o nosso heroe!

A sociedade humanitaria, no Porto, distingui-o com outra nobre condecoração, medalha de oiro *primeira classe*.

Estes distinctivos devidos áquelle que expõem seus dias para salvar a humanidade afflicta, moralisam os povos, e são um incentivo que move o homem a imitar os grandes exemplos; são justa recompensa de feitos que se não pagam com oiro, como se pagam as traições, e se compram os Judas; são finalmente eternos monumentos de gloriosa memoria para quem merece taes honras, e para quem as outorga.

D. A. C. PUSICH.

HOSPITAL DE S. JOSÉ.

Sua Magestade, El-Rei o Senhor D. Fernando, foi vesitar o hospital de S. José; examinou attentamente todo aquelle estabelecimento, observou as camas, o comer, vinho, e todo o tratamento que se dava aos doentes. Muito bem parece que o chefe da Nação veja com seus proprios olhos todos os estabelecimentos publicos: pois além de animar com sua Real Presença aquelles que bem servem, obriga a servir bem os que mal servem. Os empregados do Hospital de S. José estão no primeiro caso: consta-nos que são exactissimos no cumprimento de seus deveres; entretanto a Presença de Sua Magestade, e seus Augustos Filhos, foi muito util, dando grande satisfação aos empregados que regem aquelle estabelecimento, e que muito estimaram que Sua Magestade tivesse perfeito conhecimento de seus serviços; e os doentes tiveram a consolação de vêr que o seu Rei olha por elles.

Se hoje só dirigissemos louvores ao Senhor D. Fernando, poderia alguem supôr que os dirigiamos ao Regente, protector de nossos escriptos; ainda assim era uma grande injustiça o tachar de lisonjeira quem só ama, e usa a ver-

dade; mas nós louvamos agora as boas intenções, as virtudes deste Principe tão cavalheiro, como temos feito desde que temos de perto observado suas qualidades superiores: temos por elle verdadeira sympathia, somos gratas ás bondades com que se digna distinguir-nos, mas presando a verdade, e zelando o nosso nome, respeitamos a alta missão que exercemos; não lhe tributaria-mos pois tantos louvores se o considerassemos só como Rei; como Rei somente havia ter nossos respeitos; porém não lhe dariamos a alta affeição que nos merece, e que só a bondade conquista. Quando um chefe de estado assenta o seu mando em tão solidas bases, ainda que deixe de ser chefe de estado não deixa de reinar no coração do povo; e é o povo o melhor amigo que um Rei pode ter. Que Deus o illumine, e a seus Ministros, para que se não tivermos riquezas, tenhamos ao menos paz, e um governo justo (voto sem *politica*.)

D. A. G. PUSICH.

CURSO NORMAL DE LEITURA REPENTINA.

A noite de hontem (14) foi a que solemnisou o encerramento do curso Normal de Leitura Repentina: o sarau esteve brilhante. O sr. Castilho começou por dirigir um enteressante discurso de despedida a todos que assistiram áquelle curso, e sinceros agradecimentos a quem o coadjuvou; assiu como se mostrou penalisado por não terem todas as cousas corrido em tanta ordem como elle dezejava, por que nas grandes reuniões é quase impossivel evitarem-se algumas *sensaborias* (até no parlamento as vemos, e é a casa legislativa) entretanto é inegavel que á excepção de pequenos incidentes, que se evitaram, tudo foi feito com muita decencia; e aproveitamento. Em dois mezes que durou o curso normal, teve o sr. Castilho a fortuna de habilitar muitas pessoas de ambos os sexos a serem bons professores: mais uma prova de bondade do methodo, por que não só as creanças o compriendem de prompto; mas ainda as pessoas acostumadas ao antigo, muito facilmente o aprendem, e preferem.

A sr.ª Silva Canuto subio ao estrado, juntamamente com uma commissão composta de sr.ªs, e depois de ler um eloquente e belissimo discurso, producção de seu superior talento, offereceu ao Sr. Castilho, uma medalha de ouro, e outra ao sr. Luiz Felippe Leite; em nome de todas as pessoas que frequentaram aquelle curso; e em memoria de seu reconhecimento para com o genio sublime que tanto se afadigou, e desvelou n'aquelle ensino tão util ao paiz; e em agradecimento ao sr. Leite que especialmente o coadjuvou em tão honrosos trabalhos. Offereceu mais ao sr. Casiilho um precioso quadro com o retrato d'elle, obra sua de agulha bordado em seda, e o cabello era bordado a fio de cabello feito com primoroso engenho: acompanhou estes apreciaveis dons uma corôa de perpetuas. Os justos aplausos coroaram o pensamento da sr.ª Canuto. Em seguida coube-nos o dirigir-mos ao sr, Castilho um publico testemunho da nossa amizade; os versos que em seguida publica-mos; porque a poesia d'alma é um padrão de eterna memoria para quem a sabe compriender.

As mostras de gratidão do Sr. Castilho, e do sr. Leite para com seus amigos foram sublimes no sentido que revelavam suas poucas palavras, cortadas pela mais grata emução. A força do sentimento que prende o coração, prende tambem a voz nos labios; e então uma palavra a custo pronunciada por quem tão facilmente pronuncia as mais eloquentes orações, vale tudo.

Sensibilisou-se o sr. Castilho com esta prova de affeição, e reconhecimento de quem sabe pagar ao seu merito o devido tributo!.... Oh! sim, que os genios superiores sabem apreciar tanto as finesas, quanto resentir-se dos não merecidos ultrages!.... E todavia o genio superior ha de sempre soffrer perseguição; por isso deve ser tambem superior perdoando as injurias, porque aquelles que lh'as fazem não o conhecem. Custa-nos muito ver perseguido o merito, seja em quem fôr; mas custa-nos ainda mais quando vemos que se persegue de um modo improprio a uma nação civilisada um homem que é na verdade um d'aquelles phenomenos em que a Omnipotencia Divina se patentea! Um homem privado de vista subir ao mais alto gráo das sciencias! Um sabio sem fortuna, cheio de filhos, e desgostos, dedicar-se a ser util á sua patria podendo ser feliz em terra alhêa, e ser perseguido?!! Não podemos deixar de sinceramente deplorar o estado em que vemos o pobre Portugal!... mas o tempo, e o sr. Castilho podem convencer os incredulos, a converter em amigos os que parecem inimigos. Quizera-mos ver uma critica seria ao methodo repentino, porque as boas obras estão sogeitas á critica; mas o dizer-se mal sem dizer de que, e porque, não é rasão, é absurdo, e em vez de fazer mal, faz bem a qualquer obra, sendo certo que ninguem pode ser juiz em causa de que não tem conhecimento.

Nós não nos conformamos com a exagerada pronuncia das gothoracs, e do S, nem com a musica apressada nas regras; nem com o bater muito forte das palmas, nem com outras pequenissimas cousas que nos parecem melhores ditas com menos força, mas temos a franqueza de o dizer; e isso são coisas taes que não alteram o methodo; estimavamos que as pessoas mais intelligentes do que nós, que censuram o methodo, o discutissem para que se aperfeiçoasse uma obra nacional; pois é isso mesmo que seu auctor tanto e tão francamente pedio.

Dissemos em o n.° passado que nos parecia que ás creanças podia prejudicar o costume de gritar; sendo certo que a geração prezente não é em geral dotada de muita robustez; e podia cançar-lhe o peito. O sr. Dr. Ogando assegura que não; e diz que antes fortalece os orgãos que se exercitam: não diremos que estamos convencida, entretanto sogeitamos o nosso fraco parecer á intilligencia de um professor; comtudo, admittido que não faça mal aos discipulos, entendemos que póde encommodar a cabeça do mestre, que nem sempre será moço e forte. Eis ahi uma cousa que o mestre póde fazer sem que o auctor o declare; porque de quem ensina tambem depende muito o bom resultado do methodo; para que seja praticado segundo as circunstancias, sem que porém se alterem os pontos esseuciaes. Estamos no caso de um bom drama que deve ser executado por bons actores; e o bom gosto é que faz sobresahir as boas obras.

Todas as pessoas que frequentaram o Curso Normal tem saudades d'aquellas noites de instrucção em que o espirito se recreava utilmente; em que não só se colhiam os fructos do insino de leitura, e grammatica, mas as lições de moral — Religião, — Sciencias, e artes, que illustraram aquelle curso nos brilhantes discursos de tantos cavalheiros distinctos por seu saber; e alguns de nome já muito conhecido e respeitado.

Sabemos que o sr. Castilho incançavel no empenho de illustrar o paiz, pedio ao governo que lhe franqueasse a sala, e as luzes por mais dois mezes para ensinar poesia, e declamação; o

governo concedia um mez, que elle não julgou suficiente a estudo tão melindroso. A mocidade talentosa perdeo muito com esta recusa, por que na verdade os nossos jovens poetas, geralmente fallando, e, alguma poetisa que por ahi apareça, não poderão passar de trovadores, por não terem uma escola onde aprender a arte, que tanto aperfeiçoa o talento; pois nem a todos concede o Ceu a gloria de ouvir dizer-lhe um genio elevadissimo o que humilde vate escutou:

Nem d'arte, nem d'engenho necessitas,
A engenho e arte superior nasceste.... (*)

Temos hoje escripto muito sobre a Leitura Repentina, e seu illustre auctor; agora resta-nos dirigir ao sr. Leite os mais sinceros parabens pela sua bem merecida condecoração; pois que augmentou o merito de seus talentos e excelentes qulidades moraes, o nobre empenho com que tem corajosa e sabiamente acompanhado o sr. Castilho; é justo que o que tem participado de suas fadigas participe da sua gloria, e colha um ramo de seus louros quem lh'os ajudou a plantar.

D. A. G. PUSICH.

(*) A modestia, ou antes a precisa reflexão, obriga-nos ás vezes a occultar preciosidades que possuimos, e que pelo muito que valem não devem apparecer! .. Fôra o mesmo que bordar de ôuro e brilhantes o singelo manto do Peregrino!....

Neste caso está o pobre *poeta ou poetisa* que não se resolve a patentiar a mão generosa que tão gloriosamente quiz adornar-lhe a fronte com o mais nobre laurel! Que os lumes d'essa gloria vão reiar no sepulcro; e reflectindo sobre os inanimados restos offereçam um contraste notavel... mostrem a morte apontando as florecentes corôas de loiro, rosas, martyrios, e saudades, e revelando os misterios da poesia, diga tudo esta legenda:
Na vida espinhos, e na morte flores!

AO EX.mo SR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

No encerramento do Curso Normal de Leitura Repentina.

MEMORIA.

Salve! genio sublime, que soubeste
Com provida intenção,
Trocar em loiro a c'róa de cypreste
A' vate em afflicção;

E do Universo á voz, a que fugia,
Disseste, «Ella aqui está!....»
Pude arrancal-a ás sombras da agonia!...
Accolhe-a; é tua já!...

E' nossa.» E desprendeste os sons á lyra
Que so vibravam dôr!
Já da Patria aos laureis ufana aspira;
Já tem vida e fulgôr!

Já tenta o genio as azas despregando
Os Astros demandar;
E espinhosas veredas affrontando
Com tigo caminhar!

Só c'a rasão que lhe reflecte n'alma
Quer teu brilho seguir:
Plantar tambem a grandiosa Palma
Que hade erguer-se ao porvir!

Mas ai!... nesses dezertos, que de abrolhos
Havemos de soffrer!...
No mar que atravessar-nos, que de escolhos
Teremos a vencer!...

Porém firmes a voz nunca escutemos
Da lisonja servil;
Sempre a verdade; e impavidos marchemos
Com alma varonil!

Nossos nomes jámais separe a inveja;
Nossas almas jámais
Em discordia fatal o mundo veja!
Sempre, sempre liaes!

De amigos ajudado, sente ao menos
Suave o peso á Cruz!
Prosegue!... dá-nos dias mais amenos
De esperança e de luz!

Prosegue!... que o teu norte seja a gloria,
Seja o bem do pais!

Prosegue que o Senhor dáte a victoria
E a nação te bem diz!

A ti genio, sublime sempre os passos
De perto seguirei:
Da amizade fiel antigos laços
Sempre respeitarei:

E quando já vencida a longa estrada
Repousares em paz;
A' sombra de teus loiros recostada,
Comtigo me verás.

D. A. G. PUSICH.

A carta do sr. Brilhante, que publicamos hoje é mais um documento que attesta a sua intelligencia e probidade; nós a apreciamos tanto quanto ao seu auctor; pois que alli vemos em toda a luz os sentimentos honrados, a dignidade do caracter, e o genio em tudo superior de um joven que affrontando as mais arduas difficuldades entrou na sociedade, e triumphante a saudou; offerecendo-lhe as luzes de seus conhecimentos, os serviços mais importantes em bem da humanidade; e doou á sua patria mais um nome glorioso, que sem mancha hade luzir; e sem a maldição das victimas.

E' certo que temos um coração naturalmente grato, e por isso nunca deixariamos de agradecer publicamente o beneficio que recebemos do sr. Brilhante restituindo-nos com seus disvelos a perdida saude; mas contentarnos-hia-mos em manifestar o nosso reconhecimento e a idea que formava-mos do seu saber, porém não teriamos a imprudencia de dizer nem uma só palavra ácerca de suas qualidades moraes; porque o senhor Brilhante podia ser um excellente facultativo, mas um máu homem; como facultativo estimariamos o seu proveitoso saber: como homem immoral affastal-o-hia-mos da nossa confiança; dar-lhe-hia-mos louvor e gratidão, mas nunca a nossa amizade, senão tivessemos conhecido perfeitamente as bellas e honradas qualidades do sr. Brilhante, que francamente admittimos como um bom amigo nosso, e consideramos digno da estima de todas as familias honradas, porque elle sabe conhecer quanto é melindrosa e sublime a sua missão.

Temos uma penna que tem por divisa a verdade — temos um caracter que não sabe adular, mas que não sabe negar *o seu a seu dono*. O sr. Brilhante é um joven na flor *brilhante* de sua carreira; conhecemos que tem contrarios como os tem todos aquelles que se distinguem da marcha ordinaria e sobem a uma esphera superior — éra um dever que tinha-mos a cumprir para com o sr. Brilhante, e para com o publico; para com o paiz, para com a nossa propria consciencia; é um juizo que offerecemos á historia d'um nome já conhecido no mundo scientifico e litterario, e nós estamos no caso de o podermos fazer.

E' bastante miseravel, o rediculo meio de combater o merito pertendendo desacreditar o homem, porque não podem affrontar o sabio, aproveitando a ignorancia que infilizmente reina em grande parte desta nação para apontar ás familias como perigoso o joven que sendo sisudo não é impostor nem hypocrita, porém franco e leal não estuda os meios de enganar pessoa alguma com aparencias de probidade, ou santidade com que temos visto illudir, e desgraçar familias! A honradez do sr. Brilhante é filha do seu brioso caracter; e quem tem juizo, quem tem brios sabe ser homem de bem.

E' deploravel a estupidez de alguns chefes de familia temendo que o facultativo moço e bem parecido vá curar os seus doentes!.. Não era máu o privilegio que se dava aos feios, e velhos, se esse preconceito se generalisasse! E que tristissima idea taes pessoas dão de

suas familias! Bem novo, e muito bem parecido era (como inda é) o nosso presadissimo amigo sr. Antonio Joaquim de Freitas Junior, e nós, ainda nova, sempre o tivemos por nosso facultativo, e o recebiamos no seio da nossa familia como a um amigo intimo, de quem só as circumstancias de nos havermos retirado de Portugal, e dos bairros onde visinhos viviamos, nos afastaram de ser sua doente, pois a philantropia do sr. Brilhante lhe poupou este encommodo e mortificação; mas na memoria temos bem viva a lembrança dos disvellos com que tratou a nossa familia em perigosas doenças; e não esqueceremos jámais que, a nossa filha mais velha nascendo moribunda, e no estado em que todos lhe julgavam impossivel a vida, ao sr. Freitas, depois de Deus, devemos a sua quaze ressurreição, assim como a salvação da vida de nosso filho Miguel. Receiaremos louvál-o-amál-o cordealmente porque é moço e de bella presença?

Receámos tributar ao sr. Antonio Venancio David nossos louvores e verdadeira amizade tendo-nos salvado de um repentino ataque de sofucação de sangue, em 1850, porque aos moços e bonitos não se deve dar nem amizade, nem louvor? Oh! miseria das miserias! pois saibam que houve quem nos dissesse que, o sr. Brilhante era um excellente Facultativo, mas era moço, bem parecido e seria prudente mandar-lhe antes a nossa carta particularmente! .... Foi-nos tal conselho um motivo de riso! e promettemos levar o nome do sr. Brilhante mais longe, com uma fiel noticia do favor que nos fez restituindo-nos a saude; éra uma divida que tinhamos a pagar. — A Beneficencia — já não existiria se não existsse o sr. Brilhante, ou quem como elle soubesse desvelar-se por nos salvar a vida. — Do sr. Brilhante pois devem as paginas da Beneficencia occupar-se especialmente — Agradecemos a sua carta na parte que nos diz respeito; assim como o dar-nos a satisfação de renovar os louvores ao merito de quem sabe honrar a benemerita classe a que pertence, e a terra que lhe deo o berço.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

ILL.ma E EX.ma SRA. D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

Sobresaltou-me a carta com que v. ex.ª se dignou honrar-me no n.º 1, 15 de Novembro de 1852, do seu jornal = A Beneficencia =; porque, quando me empenhei em tratar com desvelo e conhecimentos que possuo a mãe de familias, cercada de cinco filhos, subjugada aos damnos d'um *catharro vesicular suffucante*, molestia que nem todos os praticos sabem tratar, e poucas vezes conhecer, só tive em vista o interesse da salvação de uma senhora, que tanto honra o seu sexo pela sua illustração fóra do commum, e nada mais.

Não sou daquelles homens que quer elevar-se pela publicação das suas acções phylantropicas, nem exijo que a minha grandeza d'alma se queira ensoberbecer por tal modo; basta que a sociedade e seus membros recebam de mim o que eu forçosamente devo fazer de bem, e possa distinguir as boas acções das más: não despreso com tudo a espontaneidade de qualquer acto significativo com que qualquer pessoa queira recompensar os meus cuidados, e neste sentido olhei a carta de v. ex.ª, e como tal a tomo na devida consideração.

Toca v. ex.ª outros assumptos, que revelam estar orientada em alguns factos da minha carreira publica; assim como apanhou bem a intenção com que mandei tirar á minha direita o retrato do meu ex-lente e amigo o sr. Dr. Lima Leitão.

Nestes dois assumptos, visto que

delles por incidente tratou, permitta-me v. ex.ª algumas reflexões:

Aos 17 annos de idade comecei por disputar esta carreira a que me dediquei, tendo-se-me embaraçado, privadamente, o mais possivel o seu andamento escolar. Na escóla consegui tudo sem o mais leve vislumbre de patronato (cousa que detesto): entrei depois na sociedade, e tenho seguido pausadamente um rumo totalmente diverso daquelle que a minha classe tinha adoptado como mais proficuo aos seus interesses; puz de parte a sordidez da rotina; fundei a minha carreira no merito provado; tenho estudado com afan a litteratura medica, tentando comparar epochas remotas com a epocha actual da sciencia; liguei-me para esta ardua tarefa com o nosso illustre medico e litterato o sr. Dr. Lima Leitão (pois devia ligar-me aos tolos?); creámos um jornal — O Esculapio — que conta cinco annos de vida, e que por *fas* ou *nefas* tem feito sahir a classe do lethargo em que jazia.

A sociedade lisbonense, todo o reino de Portugal e estrangeiros conhecem os nossos trabalhos; e é delles, e não de alguma outra cousa mais, que tem vindo a minha feliz carreira, conquistada e disputada *totis viribus*.

As familias de bem com quem estou relaccionado em Lisboa, que me tem honrado com a sua confiança, e que me recebem na sua casa desde 1845, epocha em que comecei a exercer a clinica e aqui estabeci residencia, aonde tenho curado com esmero doenças, que outros, variados, não curaram, das quaes eu poderei fazer o catalogo se alguem o pedir, tem olhado de perto o modo circunspecto com que tenho guardado as conveniencias de medico e de homem que sabe *respeitar as sagradas leis da honra das familias e social* (venha o 1.º facto d'um abuso commettido).

São estas familias, que eu venero, que tem gratificado os meus assiduos trabalhos, e com taes gratificações tenho sustentado o orgulho proprio do homem de bem, o qual assenta nestas bazes.

No seculo passado dizia um homem celebre o seguinte:

L'estime de soi-même est le pluz grand mobile des ames fières.... et dont la tyrannie voudrait étuffer la voix.

J. J. Rousseau.

Lorsque l'homme est assuré qu'il a fait le bien, sa conscience ne lui offre que des sentimeus agréables qu' on désigne sous les noms *d'estime de soi*, de complaisance, de contentemento intérieur, de fierté.

Politiq. naturel.

Cette estime de soi-même, qui donne des ailes á la vertu, l'éléve avec force au-dessus de tous les obstacles.

Vieland, tom. 3.º de l'Hist. *d'Angleterre.*

Cette ardeur pour l'estime est naturellement proportionnée á l'etendue des talens; et un grande élevation dans l' espirit et dans le coeur porte á rechercher des témoignages de son excellence dans le jugemente des hommes des tous les lieux et des tous les siécles.

Theor. des Sent.

C'est de l'estime de soi-même que naissent les grands sacrifices.

F. du Pub.

Seguindo á risca estas maximas, o meu paiz tem-me garantido luminosamente os meus esforços, aliás teria abandonado a minha patria, abençoando-a como o cidadão de Sparta quando lhe disseram que tinha sido excluido dos 300 que deviam compôr o senado — felecito a minha patria por ter trezentas intelligencias snperiores á minha — retirava-me della para evitar, ainda moço, o desgosto de semelhante abandono.

E' um facto innegavel: a sociedade, sem eu mendigar emprego algum, sem vender a minha consciencia ao gover-

no desta ou daquella facção, sem precisar enganar ou calotear pessoa alguma, têem-me gratificado o meu trabalho por tal forma, que eu vivo tranquilo e contente, e bem digo d'ella.

A classe medica tem abrigado com o seu auxilio a minha penna. O Esculapio dispende annualmente 300$000 rs. os assignantes são da classe, e dos que estão espalhados pelo reino; tem filiações nos reinos estrangeiros logo a classe não hostilisa a missão e a carreira que abri com assiduo e arduo trabalho nocturno, aproveitando n'elle as horas vagas. Não succede assim á *Gazeta Medica de Lisboa*, que é publicada á custa do Governo! Poderá porventura a redacção criticar o seu bemfeitor?

A minha mocidade, sem mancha, cheia de dedicação, escorada nestas bazes, tem excitado a inveja dos facultativos pobres de espirito, para os quaes eu olho sobranceiro, visto que tenho dó dos miseraveis.

Calco aos pés todas as ignomias com que á surdina tem querido abalar a minha probidade no gremio das familias honestas; desprezo sobre-maneira as esnogras creadas para semelhante fim, e sou superior á crusada das cartas annonymas, que circulam por ahi vergonhosamente, parando algumas dellas em meu poder..... São estas as armas de que se serve a escoria despresivel d'uma classe.

A estes tufões, que são a peste da sociedade, canto eu o hymno dos confessores de que falla Papon na historia da peste, que começava por estas palavras — *sobrius, castus et quietus*, e com este hymno julgo eu abrigar-me da peste.

A sobriedade mantem a vida e a decencia; a castidade, sem ser a de P. S. Bruno, que jazia sempre de cócaras, mantem o respeito e a confiança, é a advertencia de S. Paulo — quando não sejas casto, sejas cauto — que pode segurar o medico de cahir nos laços e precepicios urdidos pelo bello sexo; a quietação para poder olhar com paciencia as fraquezas do nosso proximo.

E' assim que eu encaro a liga dos facultativos dotados das qualificações de curandeiros de causticos ás ordens dos medicos .... e para mais nada servem.

A estes senhores, que se louvam em grupos poderia eu dizer como o nosso bom. Filinto.....

> ... O animal long orelhudo
> Tambem se ufana do primor, e gala
> Dos zurros, que tão guado garganteia,
> Mirando os Circunstantes.
> Liv. 4.º ed. de Paris pag. 97.

Tive grande prazer quando no seu P. S. vi comprehendida a minha ingenua intenção, e foi nesse sentido que mandei tirar os retratos dos dois collaboradores do Esculapio, dos quaes v. ex.ª foi contemplada com um exemplar. Eu agradeço tudo que se contem na sua judiciosa carta; porém esta ultima parte foi para mim um monumento prestado ao talento e ás lettras d'um decano da medicina portugueza, honrado por todos os centros illustrados dos estrangeiros, e aqui abocanhado dezalmadamente pela turba dos ignorantes.

Esta carta vai longa, e eu não quero cansar a paciencia e bondade de v. ex.ª, aliás faria uma leve digressão sobre a alta missão que está representando como escriptora, porém a excepção que v. ex.ª representa entre o seu sexo é a verdadeira corôa de louro com que se pode ennobrecer uma senhora, que entra denodada na republica das lettras, e prova ás outras nações que nós tambem possuimos senhoras que podem hombrear com Mmes. Stael, e Dacier.

Creia v. ex.ª na consideração que lhe tributa o seu Attencioso servo

ANTONIO MARIA DOS SANTOS BRILHANTE.

S. C. Rua da Prata n.º 33.

15 de Dezembro de 1853.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S. José n.º 135, 2.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 6 — FEVEREIRO 1 — 1854.

A SUA MAGESTADE IMPERIAL A IMPERATRIZ VIUVA DUQUEZA DE BRAGANÇA.

—

Augusta Senhora! O dia 4 de Fevereiro se aproxima!.. Esse dia tão fatal á terra, e tão grato ao ceu!.. Esse dia que ao dispontar feriu com a mais aguda penetrante seta de insuportavel saudade o materno virtuoso coração de Vossa Magestade Imperial, arrancando a seus disvellos a sua unica, idolatrada filha, e inseparavel companheira, a gentil excelsa princeza Senhora D. Maria Amelia, que deixando em prantos a terra, voou ao ceu anjo ditoso; exaltando a gloria do Eterno Creador que no seio divino acolhe o espirito bemaventurado, creado para dar luz á terra, e viver no ceu!.. O dia 4 de Fevereiro torna Senhora, com sua amortecida luz a alumiar o saudoso Portugal!..

Prestes vae soar essa hora tremenda em que a morte mostra ao mundo os despojos mortaes... em que o Altissimo abençoa mais um cherubin no ceu!... em que a memoria cruel do mais doloroso lance vae de novo rasgar no materno peito de Vossa Magestade Imperial a profunda inda aberta ferida, e cravar com mais força em sua Augusta Fronte a pungente coroa de agudos espinhos, n'essa hora de angustia desce do alto dos ceus ao regio apozento de Vossa Magestade Imperial um anjo! Vem coroado de candidas rosas, e sostem na destra uma luminosa palma que entrega a Vossa Magestade Imperial; e beijando-lhe a Augusta Fronte; e a Regia Mão, a afaga, comforta, e bemdiz!... Depois, torna a voar aos ares, e vae sumir-se nos astros!.. Esse anjo, Senhora, que a mente poetica e christã deixa ver, é a Augusta Filha de Vossa Magestade!.. É a nossa adoravel princeza, que em espirito incessantemente acompanha a Vossa Magestade Imperial e hade confortal-a, enviada por Deus. Que tambem vele por esta nação; e ore por nós que tanto a amamos, e choramos.

O dia 4 de Fevereiro não podia esquecer-nos, porque sinceramente amamos, respeitamos, e somos grata a Vossa Magestade. Este dia completa o primeiro anno do falecimento da Excelsa Filha de Vossa Magestade; e este dia vem achar Portugal em duplicada magua, e doloroso lucto!.. Antes de um anno as duas reaes irmãas Filhas do Augusto Imperador Duque de Bragança lá foram reunir-se no ceu! A Rainha de

Portugal Senhora D. Maria da Gloria seguiu bem depressa o anjo que Deus lhe deu por irmaã!.. Que o Senhor a faça participar da immensa gloria, e que a filha extremosa, a virgem pura virtuosa, se abrace á cara irmaã, esposa e mãe exemplar; e ambas juntas ao Pae querido gosem o sempiterno descanço.

Senhora! Digne-se Vossa Magestade Imperial acceitar com estas ingenuas expressões os protestos da mais respeitosa sympathia, e fiel gratidão que tributamos a Vossa Magestade Imperial.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

A SUA MAGESTADE ELREI O SR. D. FERNANDO.

—

Senhor! Mais um golpe veio maguar o Real coração de V. Magestade, tão profundamente ferido! ..... Mais uma saudade plantada junto a um cypreste vae ser com lagrimas regada! ... Essas lagrimas são de V. Magestade na infausta morte de sua presadissima Avó. E quem amando a V. Magestade, e sabendo justamente apreciar suas virtudes poderá deixar de misturar seus prantos aos prantos de V. Magestade sentindo vivamente seus pesares!

Nós cordealmente lamentamos que um desgosto mais afflija sua alma tão boa, e tão angustiada! Nos imploramos ao altissimo que afaste com piedosa mão as trevas que enluctar possam os preciosos dias de V. Magestade, e lhe conceda a precisa conformidade, e as maiores venturas; unido aos innocentes anjos, seus Augustos Filhos, cujos carinhos suavisaram o peso d'essa cruz de soffrimentos, e as dores d'essa corôa de espinhos que Deus envia aos monarchas para que o immitem na terra; e no meio de suas maiores penas deve lembrar-se que o povo carece de seus cuidados; sente as magoas do seu chefe; sente mesmo ainda mais sympathias por aquelle que tem a alma torturada de angustias; roga por elle a Deus, e contando sempre com a sua bondade e amor por esta nação diz como dizemos:

Levanta a fronte abatida
Augusto Senhor, e vê
A nação intrestecida
Que em tuas virtudes crê;
E nà voz enternecida
Sympathias d'alma — lê —

D. A. G. PUSICH.

POESIA.

—

O MEZ DE FEVEREIRO.

CANÇÃO MYSTERIOSA.

Que misterio incompriensivel
Tem Fev'reiro os dias teus!
Ah! tu foste o que terrivel
Marcaste os destinos meus!

Meus destinos!.. que tirannos
Elles foram!... quantos ais
Sofuquei em tantos annos
Que soffri penas mortaes!..

A minha infancia corria
Tão venturosa a sorrir;
Ante si os campos via
Na primavera a florir!...

Mas ai!... Sopro repentino
Do negro abysmo se ergueu!...
Tolda o fulgor matutino;
E nas trevas me involveu!

Apenas desabrochava
Minha existencia em botão,
Eil-a que na hastea murchava
Aos assaltos de um tufão!...

Pendia triste florinha
Sem abrir, e sem secar!...
Occulta força a detinha
Sem jámais se desfolhar!...

Era Deus Omnipotente
Quem lhe dava tal vigor!
Nem a feriu raio ardente
Precipitado em furor!

O mar bramiu furioso,
Irado a terra investiu;
Um phantasma sanguinoso
D'entre os tumulos surgiu!..

Era o phantasma da guerra
Aterrando Portugal;
E derrama sobre a terra
Sangue... pranto fraternal!..

A flôr de meus verdes annos
Poude então desabrochar!
Mas a guerra com seus damnos
O tronco veio secear!...

No solo cahida, ai triste,
Sem amparo, fiquei só!
Mas o auctor de quanto existe
De meus dias teve dó!

Já sem pae, e sem consorte,
Abraçada aos filhos meus,
Sorri do rigor da sorte;
Chorei comtigo, meu Deus!

Chorei lagrimas de filha,
De mãe, de esposa, e de irmã;
Que esse pranto não humilha;
Nem a dôr d'alma christã;

E não chorei vãas grandezas
Que lá perdidas se vão;
Des-te-me, em vez das riquezas
Os thesouros da rasão.

Riquezas que são de fumo,
Pois se evaporam assim!
Vou seguir diverso rumo:
Buscar bens que não tem fim.

Mas ah! que atormenta acalma;
Despontar vejo uma luz!...
Já colho a viçosa palma
Que plantei aos pés da Cruz!

Já renasce o gelado Fev'reiro,
Mez que os dias em flôr me enluctou!
Que me trouxe infeliz captiveiro;
Pae, e irmãa, a meus braços roubou!

Mas Fev'reiro não vem fulminante
Qual outr'ora me soube investir!
Sua face raiou mais brilhante!...
Já Fev'reiro me poude sorrir!...

Já Fev'reiro me trouxe uma estrella,
Já Fev'reiro me trouxe uma flôr!
E ao reflexo da lua tão bella
Já diviso da noite o cantor.

Sinto os pulsos magoados ainda,
Vejo ainda os signaes dos grilhões;
E a saudade no peito não finda;
Que essa dôr tem agudos farpões:

Mas não sinto rugir a tórmenta,
Nem escuto da guerra o bramir;
Meiga esp'rança me afaga, e aprezenta,
Ledos sonhos no eterno dormir!

Ah! Fev'reiro!... quem hoje poderá
Do porvir um misterio sondar!...
Oh! talvez em teus dias nascera
Quem a morte me saiba chorar!

D. A. G. PUSICH.

O Ex.mo sr. Antonio José d'Avila recebeu na Belgica um diploma da Academia das sciencias nomeando seu socio ao sr. Dr. Lima Leitão: ao chegar a esta côrte o sr. Avila teve o cavalheirismo de ir em pessoa levar ao sr. Lima Leitão este honroso documento do seu saber, procurando-o para este fim em sua casa. Eis ahi um acto que parecendo muito simples é de grande consideração, e honra tanto aquelle que o exerce como aquelle que recebe tão alta distinção! Neste paiz onde os grandes se persuadem fazerem-se pequenos distinguindo o merito, e fogem da pobre choupana do sabio honrado, temendo que o mundo insensato censure a auctoridade superior que suba as escadas onde o gaz não dá luz (porque luz maior brilha no seu gabinete) e parecem desprezar a morada singela que não lhes oferece os ricos sofas, onde sentar-se; mas onde a pobresa honrada é o mais precioso thesouro dos ceus, aqui onde aquelles que honram a patria com suas luzes são confundidos com os ignorantes, e com os mendigos ás portas dos palacios, espancados e injuriados pelos creados, que só reconhecem merito e nobresa no trage!.. Emfim é no ainda pouco illustrado Portugal que o sr. Avila, ministro d'estado honorario, tão dis-

lineto por seus profundos conhecimentos, quanto por sua alta representação, busca o escriptorio do sr. dr. Lima Leitão com mais prazer do que buscaria um palacio!.. Sim, porque foi levar ao verdadeiro merito uma corôa.

Louvamos muito esta acção; e damos os parabens ao sr. dr. Lima Leitão por todas estas distincções, que assaz compensam as fadigas e desgostos da vida.

Nos paizes onde a intelligencia impera, os genios superiores distinguidos por Deus, são altamente considerados pelos grandes da terra! Luiz Filippe era um rei, e era um sabio: Luiz Filippe foi visitar a uma agua-furtada em Pariz, o nosso erudito Silvestre Pinheiro. Quanto é nobre esta acção!.. Quanto é digno de louvor o grande que assim se eleva!

Lamartine escreveu a J. Reboul com as maiores attenções e louvores, e pediu a A. Dumas, que em seu nome o fosse visitar a Nimes; convidal-o a ir escrever e brilhar em Pariz! E quem era Reboul?... Um padeiro — mas um poeta! E Reboul seguia uma politica opposta ás idéas liberaes de França, então — que importa?! Era um genio da poesia — e são os genios que illustram as nações, como os astros alumiam a terra; Mas Reboul conservando a independencia natural ao genio pensador foi grato, mas não aceitou as honras que se lhe offereciam. Parece que o mêdo atterra aquelles que ambicionando honras, titulos e dinheiro, receiam ver considerados os sabios tanto quanto se devem considerar!.. Que miseria!.. que cegueira!.. Guardem os ambiciosos essas vãas grandezas, e esse oiro; e aprendam a conhecer que o verdadeiro sabio despreza tudo quanto o pode prender e avil-tar: que ama o retiro, aborrece as mesquinhas intrigas da côrte; e não sabe adular; quer o que lhe pertence — nada mais — porque nem por lhe negarem justiça no mundo o sabio deixa de ser sabio, e ser superior!

Aquelle que sendo sabio se deixa illudir com essas vãas grandezas de terra, aberrou; e nem pode longo tempo conservar-se em uma falsa posição.

Sabemos que o governo acaba de mandar imprimir uma memoria do sr. dr. Lima Leitão: muito estimamos, que o governo mostre que é sabio, presando os bons serviços de quem honra a sua patria com suas sciencias; encanecendo em longas vigilias; gastando a propria vida no retiro em arduas e continuas fadigas; não para obter louros regados com o sangue e pranto que seus escriptos fizessem derramar; não para alcançar titulos vãos, e riquezas compradas com o sacrificio até da propria consciencia.... mas sim para civilisar, illustrar, felicitar a terra, que sem luz jazeria no cahos.

Este nosso pequeno discurso refere-se ao estado geral desta nação; onde a civilisação começa apenas a dispontar n'um horisonte quasi sempre enevoado com as sombras de contendas internas; mas é justo que digamos, o que muitas vezes temos dito: Temos a fortuna de ver no Regente um Rei apreciador dos talentos: e muito civilisado; habilitando seus filhos a emital-o com a exemplar educação que lhes promove: temos em muitas notabilidades honrosas excepções: porém caminhamos vagarosos ao ponto do verdadeiro aperfeiçoamento.

Em seguida vai a carta que a Academia Imperial de Medecina em Pariz dirigiu ao sr. dr. Lima Leitão: ácerca da Memoria que mencionámos.

D. A. G. PUSICH.

=

« Académie Impérial de Médicine. Paris, le 11 décembre 1853. — Le Secrétaire perpétuel de l'Académie A Monsieur le Docteur Antoine Joseph de Lima Leitão á Lisbonne. Monsieur et tres ho-

noré confrére, l'Académie a reçu l'ouvrage que voux avez bien volu lui adresser, intilulé: — Memoria sobre a applicação do acido arsenico —. J'ai l'honneur de vous offrir ses remerciments. Cet ouvrage a été déposé dans la Bibliotheque de l'Académie.

Agréez, Monsieur, l'assurance de ma considération tres distinguée —. A. Dubois. »

NOBRE EXEMPLO DE FILANTROPIA.

—

Tinha-mos na imprensa já compostos todos os artigos que deviam preencher as paginas deste n.° quando recebemos pelo correio o communicado que em seguida publicamos. Não podemos resistir ao desejo que nos infundio a leitura de uma noticia tão agradavel! Fizemos retirar um artigo sobre theatro, para incerir este que é tambem sobre um theatro! mas que theatro!... E' este onde aparece uma acção tão bella tão superior onde a beneficencia tão alto resplandece!... E' um pensamento superior que honra a quem o nutrio, e se torna digno do maior elogio! Mas quando referimos um feito de tanta valia, penalisa-nos o não podermos publicar os nomes honrados d'aquelles que o praticaram! Para que a benefica acção fosse completa cala os nomes, e o proprio nome, aquelle cuja mão escreve tão enteressante artigo!

Exultamos de prazer ao contemplar neste procedimento espontaneo, os nobres sentimentos de filantropia, a civilisação do povo de Monte-Mór o Novo! com elles já não podemos deixar de sympathisar, porque sympathisamos com o merito.

Se aos illustre cavalheiros e artistas de Monte-Mor o Novo cumpre occultar, por modestia, os seus nomes; a nós cumpre indagal-os; e tendo quem nessa briosa terra nos informe com exactidão; esperamos em breve dar a nossos leitores a satisfação de os conhecer; porque devemos patentear os exemplos que anhelamos ver emitados.

Agradecemos cordealmente a honrosa destincção que nos fasem na escolha das paginas da Beneficencia, promptas sempre a acceitar tudo quanto for em honra de Deus, da moral e instrucção publica, e a mostrar que sabe apreciar a devisa que tomou; e que sinceramente desejamos continuar a merecer a boa opinião, e estima com que o publico moralisado corôa nossas fadigas; e nossos sentimentos.

D. A. G. PUSICH.

COMMUNICADO.

—

A despeito do odio figadal, que o nosso seculo manifesta contra o despotismo, impera no coração dos homens com seu pesado sceptro de ferro um despota terrivel, que não vê sangue nem lagrimas, que não ouve queixas nem gemidos, que é sego e surdo, porque na sua corôa maldita está escripta esta horrivel legenda para eterna vergonha: — *a humanidade sou eu.*

Fallamos desse suberbo authocrata que do alto do seu throno apaga os sentimentos mais nobres, petrefica o coração mais puro, e abre a porta ás immoralidades mais hediondas; fallamos desse Nero da nossa sociedade, que por uma prodigiosa força pucha para si todo o bem, que póde, e nem se quer se lembra dos malles alheios; *falamos do egoismo.*

Mas por isso mesmo que vemos na sociedade esse veneno, que ella bebe a longos tragos, e que saboreia, é que não podemos resistir ao desejo de levantar a nossa debil voz a pró d'um exemplo de philantropia, que revela que

em nossa terra não está de todo extincto o amor do proximo, nem, por consequencia, quebrada essa mola das grandes acções e da verdadeira virtude.

A sociedade dramatica dos artistas desta villa já credora de grandes encomios por se ter constituido, conservado e aperfeiçoado, colheu um louro mais com a idéa, que teve eminentemente philantropica, e, por tanto, civilisadora, de dar duas recitas a beneficio dos presos nas noites de 13 e 14 de Dezembro proximo findo. Como se não fosse já bello e sublime vêr o artista depôr á noite os pesados instrumentos do trabalho do dia, limpar o suor que em grossas bagas lhe cahe pelas faces, pagar-se de todo o seu penoso afam estreitando contra o peito sua mulher e seus filhos, e ir depois cultivar com proveito, e com sacrificio da sua pequena bolça a arte dramatica no canto do extincto convento (de S. João de Deus.) E como dizemos, se este proceder do artista não fosse já bello e sublime; elle foi mais além: olhou para os desgraçados que encerra uma horrivel cadêa; gotejou-lhes sangue o coração ao vel-os tiritar de frio e fome; comprehendeu que o criminoso não deixa de ser homem ainda no alto do cadafalso, onde, por via de regra, o arrastou uma organisação social monstruosa; e disse: — já que a sociedade trata estes desgraçados com um desprezo criminoso, demos-lhe uma lição de caridade christã. E esta voz do artista, porque era inspirada pelo amor do proximo, pela religião mais pura, porque era justa e santa; foi repercutir no peito de todos os habitantes de Monte-Mór, pobres e ricos, e todos elles, pobres e ricos, cooperaram para tão bella obra.

Com effeito; não foi só o pobre que respondeu ao artista; vimos, ao contrario, que todos de bom grado lançaram a sua pedra, grande ou pequena, n'aquelle edificio de beneficencia, e vimos concorrer ao theatro n'aquellas noites as principaes familias desta villa. Não era um simples divertimento, era um vasto campo de meditações. Ahi o artista mostrava a civilisação do seculo pela escolha de suas distracções, pelo fim que as animava, e pelos laços que estreitava entre a velha e soberba (a) aristocracia e a nova e louçã democracia. Senhoras e cavalheiros respeitaveis pelo seu nascimento, porque [de virtudes é acompanhado, tinham corrido á voz do artista.

Entre outros beneficios, que d'ali resultaram para os infelices presos, consta-nos que um d'elles é não estarem já quasi nús, mas resguardados do rigor da estação tanto quanto possivel foi.

Honra, pois, á sociedade dramatica-artista, e honra aos habitantes de Monte-Mór o Novo, que tão brilhante exemplo patentearam de verdadeira caridade.

E nós, que não queremos que a posteridade encontre unicamente nas paginas da nossa historia nodoas de sangue, de barbaridade, e (para fallar a verdade) de não pequena estupidez ainda, não podemos deixar de registar este facto para d'alguma maneira contrabalançar esses estandartes d'immoralidade e ignorancia, que por ahi se desenrolam.

Monte-Mór o Novo, Janeiro de 1854.

MAIS UM ESCANDALO! MAIS UM BRADO EM FAVOR DE PORTUGAL.

—

A immoralidade vae grassando até nos campos onde outr'ora reinava sómente a innocencia, e o amor do trabalho. — Hoje a maldade e o ocio geram mil

(a) Pedimos desculpa ao auctor de ter trucado uma palavra sem alterar o sentido, porque algum melindre nos obrigou a tomar essa liberdade, para evitar injustas interpretações.

(*Nota da Redactora.*)

crimes que desenfreados correm, e hão de atropelar-nos, e abysmar-nos, se aquelles que tem a força de os reprimir não tiveram compaixão deste reino e de si mesmos! Rogamos ás authoridades que empreguem toda a sua força e vigilancia para rebater o inimigo maior da sociedade, e por conseguinte das mesmas authoridades, essa venenosa serpente que se arrasta minando as entranhas da terra gera os vicios e crimes os mais atrozes, com elles vae demolir, o grande edificio social!

E' a immoralidade!

Não ha throno seguro. Não ha força nas authoridades!

Não ha ordem social não havendo moral nos povos!

Nós detestamos a barbaridade dos castigos, mas detestamos ainda mais os crimes, e amarga experiencia nos tem mostrado que a impunidade tem authorisado muitos crimes: moralisando o povo evitem-se os crimes; porém dado o caso de apparecerem é mister punil-os para que os exemplos de correção poupem victimas: soffra um (embora o coração humano gema, porque deve gemer vendo padecer alguem) soffra um para não soffrerem muitos.

Temos filhos, temos-lhe dado educação e exemplos de religiosa moral; rogamos a Deus que lhes dê juizo e virtudes, adoramos nossos filhos, e por elles temos feito os maiores sacrificios, (o que é assaz publico) se algum delles cair em uma leve falta, dar-lhe-hemos a mão para que se levante; pediremos para elles a protecção dos homens e os auxilios de Deus; e para que sejam bons empregaremos todos os esforços do nosso coração e da nossa intelligencia, mas se, por desgraça, e eterno pesar nosso, algum aberrasse da educação que lhe démos, e commettesse um crime (de que o Altissimo os defenda, e nos poupe essa eterna e insuportavel dôr) não o contemplariamos já como filho.... deploral-o-hiamos como a um misero criminoso mas como tal o deixariamos entregue ás justiças da terra, e supplicariamos a infinita Misericordia do ceu em seu favor!.. porque a um criminoso devemos chorar, porém não podemos amar. E se assim pensamos ácerca de nossos filhos, como poderemos ver com indifferença os crimes que por ahi giram livremente, e que podem com seu alito pestiforo envenenar os filhos que tanto nos tem custado a crear, e educar; e acreditando nós que toda a nossa coragem não bastaria a dar-nos força para resistir ao golpe que nos trespaçaria se vissemos esse venenoso contagio tocar algum de nossos filhos!... Paes extremosos, que o sois, oh! vós que reinaes, e tendes a auctoridade em vossas mãos!.. Poupae-nos, e poupai-vos mil desgraças; velae attentamente em favor da moral publica. Que se instruam e moralisem os povos, e assim evitar-se-hão os crimes; porém commettidos estes punam-se com a espada tremenda da justiça; mas que essa espada não fira só os pequenos!.. que os innocentes não se confundam com os culpados, nem se confundam os erros com os crimes; que essa Deusa esteja com os olhos sem venda..... e as authoridades façam respeitar a religião de nossos pais, essa religião suprema que ensina o homem a amar o seu proximo como a si mesmo; e mostra as penas eternas aos malvados; e a gloria perenal aos bons. Temos descorrido, e ainda não contamos o caso que moveo estas nossas reflexões; é elle o seguinte.

Duas mulheres dos lugares de Val das Cruzes e Reboleira, invejosas do bom comportamento, e dos meios que Deus e o trabalho honroso concedem a uma donzella da freguezia de Bemfica, querendo introduzir em sua casa a inquietação, e a dôr que nunca affligiram essa honrada familia; e infamal-a publi-

camente; espalharam contra a infeliz rapariga a mais atroz aleivosia, inventando e fazendo publicar por todos aquelles logares que a sobredita rapariga tinha relações ilicitas com seu proprio irmão, o qual vive n'uma quinta que tem separado de sua familia, e a irmãa vive só com sua mãe viuva honesta, e já no ultimo quartel da vida! ... Imagine-se a dôr immensa que domina as infelizes! Para essa boa gente foi tal desgosto um raio que improviso lhe cahio em casa e as fulminou; o pobre moço foge á casa materna e chora em desespero, porque não sabe rir á vista de taes horrores, como o faria algum desmoralisado do seculo XIX. A donzella parece uma victima que arrastam innocente ao sacrificio, e chora, que suas lagrimas, e sua dor enternecêriam o coração de uma fera... Mas a consternada mãe é aquella que mais nos comove!... Na idade de 70 annos tendo-se desvelado por crear seus filhos com honra, e religião, vel-os todos bons, e felizes; e quando proxima a gosar o descanço eterno, esperava receber das mãos amigos de seus filhos as flores que plantou, é ferida por máus eniquas e estranhas com aguçados espinhos!.. Oh! que nem já nos campos se póde viver em paz, porque a ignorancia e a immoralidade se deram as mãos! Afastai-as, homens do poder, afastai-as para bem longe do nosso Portugal.

Este caso está afecto ao juizo criminal do 3.º districto; o juiz é o ill^mo sr. dr. camilo José de Govea; natural da Madeira; temos d'este cavalheiro as melhores informações dadas por pessoas fidedignas; e temos a voz publica aclamando a sua intelligencia superior exemplar probidade, e inabalavel rectidão. São estes os homens de que o governo deve lançar mão para se segurar manter a ordem social, e restabelecer o imperio das leis. Não receamos que deixe de haver um exemplo que ensine os perversos a respeitar a honra das familias; e que malidicencia comece a ser corrigida, pois ella vaga livremente atacando os obejectos mais respeitaveis; e assassinando reputações!

Isso é horrivel e imperdoavel em um paiz christão e civilisado! Se a malidicencia podesse destruir nomes, a inveja teria contra o merito uma arma poderosa; e quem lidaria por adequerir um bom nome? Quem notriria o amor de gloria?

Lidc-mos todos sim, por derribar essas barreiras de pó que se desfasem ao mais leve sopro de virtude; e que o heroismo confunde nos abysmos; que o amor da virtude se enflame em nossas almas cada vez mais; e marchemos invariaveis nestes dictames:

Só as proprias acções dão nome, e só d'ellas depende a boa ou má reputação.

A malidicencia em vez de abater exalta o merito, porque manifesta a inveja.

Seus golpes resvalão no peito que a virtude escudo. D. A. G. PUSICH.

PENSAMENTOS MORAES.

—

O mau olhar patentea o mau estado d'alma.

—

Um aspecto carrancudo e feroz é quasi sempre — a mascara doirada da mais pobre realidade.

—

O inferno dos sabios na terra é a companhia dos ignorantes.

—

O espirito humano sem instrucção torna-se cruel e brutal; ou paralitico sem acção propria; segundo o temperamento da creatura.

D. A. G. PUSICH.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, Dª Aª Gª PUSICHª

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S José n.º 135, 2.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 7 — MARÇO 5 — 1854.

ASYLOS DE MENDICIDADE, E INFANCIA DESVALIDA.

—

Desde que as infelizes contendas civis desuniram a familia portugueza, são incalculaveis os males que tem opprimido esta nação; outr'ora tão rica, tão fiel, e tão briosa! .... Exaustas as forças phisicas e moraes; até se exhauriram as riquezas maiores que possuiamos — a nacionalidade — a independencia de um caracter que tornava proverbial o brio portuguez! .... A Santa Religião do Crucificado, aquella que moveo os portuguezes ás mais sublimes emprezas, e tornando-os superiores a todas as nações, não pelo numero, mas pelo valor, lhes concedéo os mais gloriosos triumphos; e os fez senhores das melhores posseções em mar e terra; essa Religião Sagrada que nossos antepassados nos ensinaram a amar e respeitar, foi o primeiro dever que se esquecéo, e calcou! .... O simulacro da Fé, que representava a primeira virtude christãa foi derribada — arrastada — calcada — escarnecida!.... As imagens venerandas dos Santos, foram tiradas dos Altares, com a mais criminosa irreverencia, e conduzidas em carros; para lugares onde sumidas á luz do dia não fossem veneradas; não tivessem nem se quer uma oração dos fieis! (1) nos altares desertos, a custo, se aproximava um Ministro do Senhor, temendo ser insultado pela turba insana que entendia ser livre quem era irreligioso e immoral! .... e chegava a tal excesso a virtiginosa cegueira, que pensava ostentar talento, ou prestar grandes serviços á causa da liberdade aquelle que mais in-

(1) Infelizmente prezenciámos alguns casos assaz horrorosos!.... Vimos em algum edificio que foi Convento, partidas a machado imagens de Santos!.... Vimos; e em vão os tentámos salvar de tão inaudito attentado!.... E aos poderosos que se assenhoreavam d'esses bens, e consentiam taes insultos, vaticinámos breve, e máu fim!.... Assim aconteceo; pois nenhum d'esses homens vive já!.... Morreram depois de soffrer o que a pobreza honrada não soffre!.... O oiro não lhes poude comprar a saude, nem a vida; e nós de quem não ouviram as vozes, porque não tinham ecco em sua alma as vozes da Religião.... nós opprimidas então com o peso das maiores desditas, e perseguições injustas; ainda vivemos para rogar a Deus que lhes perdoe, e a todos que assim procederam; e que tenha Misericordia de suas Almas: e só para servir de exemplo registâmos nesta folha factos que desejára-mos esquecer, porém que é forçoso lembrar para não se continuarem a praticar, pois que a justiça divina quando vem tarde, vem tremenda!.... e é infalivel!....

sultava, e escarnecia a Religião, e os fieis; de sorte que o fanatismo que tinha causado grandes males, foi excedido pela libertinagem, e impiedade .... A's fogueiras substituiram-se os incendios — aos cacetes e forcas os punhaes, e o veneno! .... Ai! que época de infortunio e horrores foi aquella em que a nossa mocidade dispontou!.... O odio fraternal foi o resultado da incredulidade; e calcado este santo preceito da nossa Religião, o qual sem o primeiro não podia subsistir, porque *o máu filho não póde ser bom irmão*, quebraram-se os elos da cadêa social, e começando pelo throno, acabando na mais pobre choça, todos tem vivamente, e muito perto, sentido os flagelos que a immoralidade acarretou sobre nós!.... Quando no meio dos maiores desvarios os homens tem uma crença religiosa, que os faça temer a justiça divina, os crimes apparecem; mas apparecem como nuvem negra em Ceu bonançoso e claro; mas quando os homens se esquecem de Deus, os crimes se estendem na sociedade como negro pesado véu, onde a virtude só apparece lucida estrella em noite de tormenta!.... Em tal estado os homens não temem as justiças da terra, porque não temem a do Ceu; não respeitam o Rei da terra, porque não respeitam o Rei da terra e dos Ceus; não conhecem outra lei além da propria brutal vontade que nelles impera! Era mister que os homens de Estado antes de intentar proclamar n'um paiz a liberdade, e essas leis mais favoraveis aos povos do que aos Reis, instruissem e moralisassem primeiro esses povos onde hiam derramar novas doutrinas, e lhes ensinassem o verdadeiro sentido d'essa palavra tão santa, escripta no grande livro da Natureza — erguida no sublime Estandarte da Cruz — escripta com o sangue do Redemptor!.... Era mister que a sua Bandeira fosse esse Divino Estandarte, e que aquelles que pertendiam ser amados, e respeitados pelos povos a quem davam a liberdade, mostrassem que amavam e respeitavam Aquelle que trouxe ao Universo a liberdade!.... Porém os grandes confiáram de mais na boa indole do povo: onde não ha instrucção a boa indole fica em bruto como o diamante que não é lapidado, e os bons que existem n'um paiz não podem reprimir os máus, que ainda em pequeno numero fazem muito mal; e arruinam os povos, como a ovelha doente perde um rebanho. Era pois necessario que os mesmos que soltáram o Leão o prendessem; era mister que a experiencia do que soffriam, e viam soffrer, mostrasse aos governos que o povo sem Religião, sem moral, sem instrucção, não póde ser livre. A Religião, a moral, a instrucção foram por tanto as armas poderosas que se tomáram para rebater os crimes que breve reinariam em Portugal, e o abysmariam, se os deixassem por mais tempo correr ás redêas soltas. Graças ao Altissimo, já vemos os fieis frequentar a Egreja, os Ministros do altar erguerem seus volos, e honrarem o culto divino com fervor, veneradas as Imagens dos Santos, e novas Imagens collocadas nos Altares com solemne festividade, onde o Rei, os Principes, os ministros da corôa, e todos os grandes assistem, dando o primeiro exemplo; e já os incrédulos abatem a odiosa cerviz em presença dos fieis!.... Oh! sim, porque o crime tem feito aborrecer o crime! São ainda muitos os horrores que apparecem, porque de repente não se póde atalhar o mal que repentino, atacando a sociedade, tantos males causou; mas já vemos o povo horrorisar-se desses males; abominar o malvado, e apoderados de um nobre sentimento de compaixão pelas victimas, irar-se contra o algoz; já vemos as auctoridades dar protecção aos bons, princi-

piando a punir os crimes, (inda que a custo) mas não estamos ainda livres; porque a maldade ainda tem, ou parece ter mais força do que as leis.

Ora no meio de tantos damnos causados pelas revoluções politicas, e internas; vêmos a Mão de Deus guiando os homens, compensar tantos infortunios, com a organisação de alguns estabelecimentos uteis; e de honrosa memoria; e com o melhoramento de outros que a piedade erigiu em favor da humanidade! O Asylo da Mendicidade, e os Asylos de Infancia desvalida, são monumentos respeitaveis da mais alta beneficencia! Estas obras são immortaes, e immortalisam seus instituidores.... O Asylo de Mendicidade esteve muitos tempos em um estado quasi paralitico, depois da falta do seu instituidor; mas actualmente, podemos afirmal-o, honra aquelles que dirigem aquelle estabelecimento. Quando o Reverendo Sr. Padre Angelo era Director do Asylo de Mendicidade nesta côrte, fomos áquelle estabelecimento, e gostámos de vêr o aceio, e a ordem em que estava; posto que ainda não estivesse completo de tudo quanto carecia: passado tempos foram-se pouco a pouco esquecendo do Asylo, e este esquecimento nos obrigou a escrever muito na Assembléa Litteraria, jornal creado e redigido por nós; e fomos muito auxiliadas com os bellos artigos do Sr. Lobato Quinteiro a favor da Beneficencia Publica; tendo nossos artigos dado lugar a que o Ex.mo Sr. José Jacintho Tavares nos dirigisse uma carta (vide n.º 23 da Assembléa Litteraria, 1.ª Serie, 19 de Janeiro de 1850).

Decorreu algum tempo, e desappareceo felizmente esse imperdoavel somno que se apoderava das notabilidades do paiz; e lhes fazia esquecer de um dever tão sagrado, qual era o de cuidar na Beneficencia Publica!.... O Ex.mo Sr. José Izidoro Guedes, e outros illustres e benemeritos cavalheiros, olharam attentamente para o Asylo de Mendicidade; e elle reagio!.... elle se ergueu do profundo lethargo em que o sepultáram — o seu melhoramento é visivel: seus rendimentos tem augmentado; e está quasi tocando o fim para que foi creado. Tem recolhido grande numero de Mendigos; e póde ter porporções para mais; oxalá que as auctoridades tambem o auxeliem, pois da mizeria que ainda se offerece como triste espectaculo nas ruas da capital, não tem culpa os que regem aquelle Asylo: á policia cumpre vigiar, e evitar esse descredito a um governo civilisado; vêr ainda em todas as ruas, ás portas de todas as lojas os pobres encommodando, e enternecendo o coração de quem anda na rua ou entra nas lojas a comprar o que precisa; é repugnante á boa moral, e até as lojas perdem, porque muitas vezes teme-se entrar alli pela concorrencia de pobres, que perseguem os compradores: — por isso dizemos que— ainda não se chegou ao fim desta grande empreza. *Continúa*

D. A. G. PUSICH.



NECROLOGIO.

Um justo deixou a terra, e foi gosar na eterna bemaventurança o premio de suas exemplares virtudes!... O Ex.mo conde de Barbacena fallecéo pelas 2 horas menos 1 quarto da manhã do dia 11 do corrente mez!... Quando a procissão dos Passos recolhia á Graça, o espirito feliz do virtuoso ancião estava a deixar a terra onde tantos exemplos deixou de virtude!... onde tantos beneficios derramou, com piedosa mão, enxugando as lagrimas dos

infelizes!... A irmandade do Senhor Jesus dos Passos da Graça, foi buscar o cadaver de seu benemerito irmão; e acompanhado das irmandades do Santissimo, e de Nossa Senhora do Rosario, ás quaes o illustre finado pertencia, foi depositar-se na Igreja da Graça, onde os irmãos, e um grande numero de pessoas que o acompanharam ergueram ao Altissimo as mais fervorosas orações acompanhando os officios divinos pela alma que subia á presença do Creador, deixando neste valle de lagrimas eterna e gloriosa a sua memoria.

O partido liberal tem distinctas notabilidades; tem cavalheiros de muito merito; e o partido liberal mesmo confessa o merito superior do fallecido conde de Barbacena. A familia portugueza dividiu-se, infelizmente, em partidos na contenda civil ácerca da legitimidade dos princepes que aspiravam ao throno de Portugal: aquelles que só por convicção seguiram um partido, são sempre dignos de contemplação, e nunca se podem julgar criminosos; aquelles que excederam commettendo atrocidades, ou desacreditando com seus maus procedimentos o partido a que pertenciam devem ser despresados não só dos contrarios, mas dos mesmos a que se uniram; e quasi sempre taes homens não tem convicções, tem ambições; por tanto o homem honrado seja de que partido fôr, hade ser sempre honrado, e deve ser estimado não só dos seus correlegionarios, mas tambem dos seus contrarios politicos: e eis o porque o conde de Barbacena é geralmente chorado. Era distincto chefe do partido realista; honrou o partido a que pertencia; e honrou a briosa carreira militar com serviços relevantes, á patria, tendo servido distinctamente na guerra peninsular, onde foi ferido gravemente: honrou a patria com o seu grande saber; e honrou-a com suas virtudes. Foi bom portuguez, e bom christão!... Teve muitos bens da fortuna, e com tudo soffreu muitos desgostos, e muitos pela injustiça dos homens que só julgam por aparencias aquelles que não podem conhecer!... Todavia não foi para com elle injusto o partido realista illustrado, pois que o ellegeu para seu chefe, como tal o respeitou, e lhe tributou as honras, e as lagrimas devidas á sua memoria.

A Beneficencia não podia deixar de consagrar as honras funebres á memoria do conde de Barbacena, por tantos titulos digno de nossa estima, e consideração; já por suas virtudes, já por ser um dos mais antigos amigos de nossa casa, e nosso companheiro nos penosos trabalhos da infeliz guerra civil; que assim como elle vimos terminar-se recolhidos na praça de Elvas onde lamentava-mos bem de coração as desgraças de Portugal. Era tambem assignante desta folha.

Comtudo não é esta ultima falta a que sentimos!... D'elle só temos o nome em letras que prezamos como perciosidade, e a saudade que regamos com sinceras lagrimas de amizade!... O governo mandou os regimentos de 2.ª brigada, e os coches de Estado ao funeral do illustre conde, honrando-o na entrada de sua ultima habitação, onde seus restos mortaes desceram a gosar o somno eterno dos justos, em simples jazigo, segundo ordenam suas disposições testamentarias, em que aparecem com todo o fulgor divino as virtudes christãas d'aquelle virtuoso varão! O Todo Poderoso lhe conceda o premio d'essas virtudes que florecem no tumulo, e brilham no Ceu onde o crêmos, e lhe pedimos ore por nós, e pela paz, e prosperidade deste reino.

D. A. G. PUSICH.



AO NOSSO REDEMPTOR, POR OCCASIÃO DA PROCISSÃO DOS PAÇOS EM 1854.

PSALMO.

—

Oh! meu Deus! Por esses Passos
Que moves levando a Cruz,
Faze que eu vença os espaços
Que me separam da Luz!...

Essa Luz que fulgurante
Reflete dos olhos Teus;
E ao triste que vaga errante
Leva aos Teus Braços, meu Deus!

Essa immensa claridade
Manda ao cego que descrê:
Mostra-lhe a eterna verdade
Que em Teu Codigo se lê!

E a nós que te acompanhamos
Em Teus Passos, Redemptor!...
De todos que adoramos,
Misericordia Senhor!

Da peste, da fome, e guerra,
Das herezias tambem,
Salva ó Deus, defende a terra;
Dá-nos paz e gloria. Amem.

Ao Calvario caminhemos,
Caminhemos junto á Cruz;
A Virgem acompanhemos,
Acompanhe-nos Jesus (a)

D. A. G. PUSICH.

(a) Querendo cantar se, hade no fim de cada estrophe repetir-se esta ultima.

A SUA ALTEZA A SERENISSIMA SENHORA INFANTA D. ANTONIA.

No seu faustissimo Natalicio 17 de Fevereiro de 1854.

UMA FLOR.

—

Musa!... suspende os sons angustiados
De funebre tanger!...
Manda aos Eccos. em vez de tristes brados.
As vozes de prazer!

Surgindo o Aurora que celeste incanto
Hoje trazer nos vem!
Tem deadema de luz, e regio manto
De oiro e purpura tem;

Tem brilhantes, sophiras preciosas,
Perolas e rubins;
Lirios, Violetas perfumadas rosas,
E candidos jasmins:

Os cravos, os martirios. a saudade!...
Quanto a terra produz
De mais rico, mais bello; e suavidade
Da briza que seduz!

Tem Aves entoando na ramagem
Hymno celestial...
Brando mar: e brincando a fresca aragem.
C'o as aguas de cristal

As flores qne possue grata offerece.
Aos validos de Deus...
Aos filhos da poesia, onde aparece
Um reflexo dos Ceus!...

Rosas, Lirios, e mirtho, entrelaçados
Aos vates offertou...
Vamos, qne d'esses dons apreciados
Uma flor me tocou!

Tocou-me esta saudade, a mais viçosa!...
Tão cheia de expressão
E de mago sentir!... não tem a rosa
Tão meiga inspiração!

Minha flor, vou faser-te afortunada
Neste dia felis!
Vou unir-te a uma flor desabroxada
No mais nobre pais!

E'flor inda em botão!... oh! como erguida
Formosa olhando o Ceu
Contempla absorta aquella Flor querida
Que Deus por Mãe lhe deu!...

E que d'hastea pendera inda tão bella!...
Era rosa de Abril!
Um tufão a arrancou, levou com ella
Balãosinho gentil!...

Mas á queda fatal um Anjo veio.
De improviso acudir;
E já da Eternidade eil-os no seio
Revivendo a sorrir!...

Musa... Musa que fazes!.. no teu canto
Um gemido se ouvia!...
Ah!. perdoa Princesa este meu pranto
Que em tu'Alma cahiu!..

Perdoa, sim; magoarte não intento!
Gosa sempre feliz
Dias amenos de contentamento
Pois que o Ceu te bemdiz!

Vae crescendo em virtude e gentileza
Flôr da terra, e do Ceu
Linda Estrella. .: Vem dar brilho e grandeza
Ao nome que é ja teu...

Antonia!.. E' o nome que dizia entr'ora
Desventura, soffrer;
Foi-te dádo!.. Eil-o que ditoso agora
Diz gloria — diz prazer...

Diz que é Nome de um Anjo de candura
Joia de Portugal:
Oh! possas dár á vate sem ventura
Memoria perenal!..

E ao Pae, a quem tributo respeitosa
Gratidão, puro amor;
Recorda a que depoem hoje gostosa
A teus pés uma Flor,

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

Á MINHA PRESADISSIMA AMIGA, A ILL.ma E EXM.a SRA. D. MARIA AUGUSTA DE ABREU BARROS E VASCONCELLOS.

No anniversario natalicio do seu Filho o Ill.mo Sr. José Augusto de Abreu Sacotto Galache, 8 de Março de 1851.

RECORDAÇÕES DE AMIZADE.

Depoem essa crôa de escuro cypreste,
Depoem esse tucto, e o triste cantar,
Oh! musa saudosa; de galas te veste
Que vem uma aurora formosa raiar!

Observa!... Eil a assoma! lá fulge divino!
Tem fertil regaço de perolas mil!
Aljofra a viçosa florente campina;
Pratea das roxas o agreste alcantil;

E meiga vem dar-me tambem um suspiro
Nas azas da brisa suave que tem;
Aqui onde vivo, tranquilo retiro,
Os prantos que esconde vem dar-me tambem.

Da brisa o suspiro é puro, e divino;
E' sopro que á mente o ceu enviou:
Balsamico pranto o albor matutino
No peito ulcerado benigno coou.

E logo em triumpho, de raios c'rôado
O sol aparece, doirando o matiz
Dos montes e vales, da selva e do prado,
E a todos os seres dár vida feliz.

Mas eil-o-se occulta!... O quadro é sublime
Que o sol offerece no seu declinar!...
Misterios revela, prodigios exprime;
Seus lumes nos podem a mente aclarar.

A linda saphira, a roxa ametista,
Topasios, brilhantes, corados rubins
Em oiro engastados, não valem á vista
Das côres e brilho do sol em seus fins.

E a tarde? Serena desprende uma aragem
Que as aguas afaga, e as flores ergueu;
Cantor emplumado na verde ramagem
Incanta os ouvidos; e magico Orpheu.

Ah! sim, o crepusc'lo saudoso é já vindo!
O lento reflexo da luz que se esvae
Nos diz suspirando, que o dia é já findo:
Ess'hora é solemne!.... Ess'hora me atrae!

Ess'hora nos chama, sim musa querida.
Sim, vamos c'o as sombras cantar ou gemer,
E longe essas galas; não posso fingida
Com risos forçados a dor esconder.

Leve aragem que suspira
Ja vem dizer-me, que alli
Onde atinei esta Lyra
O prazer hoje sorri:

Vem dizer-me que essas flôres
Dos campos que tanto amei;
E os canticos de louvores
Que á amizade consagrei.

Inda vivem! renovada
A memoria sempre frui
Uma dita que é passada,
E o tempo não restitue.

Que inda vive essa amizade
Pois n'alma raizes tem;
Mas vive junto á saudade
De um passado que não vem.

Leve aragem, d'estas flôres
O perfume divinal,
Leva ao sitio onde os amores
Virem de Augusto o Natal.

E depois, ao Ceu voando
Em tuas azas conduz,
Os votos que prantiando
Hoje leve aos pés da Cruz.

Esse, que nascido apenas
Em meus braços recebi,
Oh! seja isempto das penas
Para que infeliz nasci.

A terna Mãe, os parentes,
Os amigos com prazer,
Possam gratos e contentes
Está aurora bem dizer.

E sempre, sempre este Dia,
Hade o meu nome lembrar;
Embora na campa fria
Vão meus restos descançar.

Hade lembrar o meu canto
Convertido em tristes ais:
Saudades que rega o pranto
São flôres, e valem mais,

Cante em luctо sempre triste
Quem p'ra ser triste nasceu;
Quem p'ra chorar inda existe,
Quem p'ra á alegria morreu.

Cante embora a linda aurora,
E as vivas côres do Sol;
Mas cante-as somente agora
Quando canta o Rouxinol.

O silencio principia
No findar da confusão;
Minha musa, um brado envia
Nos ecos da solidão.

Meigo cantor, que magoado
Queres meus ais repetir!...
Escuta... vae apressado
Meu pensamento seguir.

Demanda os campos da Estrella,
Busca frondoso jardim;
N'um ramo da olaia bella
Ergue teus cantos assim:

Augusta! — Venho trazerte
Um sentimento, uma voz;
Venho um suspiro off'recerte,
Recebe-o, se estás a sós...

Eilo aqui... ninguem o veja,
Esconde-o no seio teu!...
Jámais o descubra a inveja
De quem do sentir descreu.

Possa á tu'alma sómente
Segredar esta affeição!...
Sentil-a-has bem vehemente
Não te engana o coração!...

Pergunta-lhe, quem te envia
O suspiro que te dei!...
Dirt-á foi por sympathia
A amiga que mais amei!

S'inda a ama não perguntes,
Póde ser que diga — não!...
Essa magua não ajuntes
Á maguas que eternas são!...

Não, Augusta! é impossivel!...
Não a podes esquecer!...
Nem ella sabe insensivel
Deixar de firme te ser!

A auzencia?!... que importa a auzencia
Posto que seja cruel?!...
Sempre encontra resistencia
No coração que é fiel.

Meu Rouxinol continúa,
Compriendeste o meu sentir,
Tenta ao reflexo da lua
O seu rosto descubrir.

Vê se nos olhos em tanto
Uma lagrima assomou!...
Vem trazer-ma, que esse pranto
Mil saudades me custou. (a)

D. A. G. PUSICH.

(a) Nossa amizade conta 29 annos de existencia e viverá uma eternidade.

A morte acaba de roubar a muito presada Avó do Senhor D. Fernando.

Mais um golpe fatal para esse coração não bastava ainda á pouco ter perdido a mais cara e adorada de todas as esposas, mas tambem ter de passar por este tão doloroso lance; todos estes desgostos são superiores ás suas forças; Esses corações ainda de fresco tão maguados por tão pungente dôr, é agora que no meio de uma existencia ainda eclipssada, vem mais um negro véo, juntamente cobrir o sol que havia doirado essa vida tão feliz, no meio de todos os prazeres e delicias, que cercaram o Senhor D Fernando, e seus Augustos Filhos; e agora, a escuridão, as dores, as saudades, as lembranças.

Ainda que a Avó do Senhor D. Fernando, não era uma princeza portugueza, o povo jámais esquece taes deveres, por que sabe sentir as dores do seu Rei, e respeitar aquelles que haviam contribuido para a existencia, d'aquelle que o povo portuguez ama como pae! amaio-o vós como filho! e se algum dia precisardes achar-vos-heis com o povo.

Oxalá que estas expreções sejam acolhidas por vós Senhor! unidas com os laços das simpathias, que nos tende merecido. Se o povo em geral pensasse como nós, acompanhariam os tres mezes do doloroso luto que foi determinado á corte, por que as cousas que se fazem de propria vontade, são as de agradecer, e ha geralmente de quem as recebe uma gratidão indissoluvel, porém as cousas obrigativas, essas não são de agradecer.

O Senhor D. Fernando é virtuoso, generoso, benefico, protector das classes laboriosas, justiceiro, e relegioso. Que dotes tão essenciaes para um Regente. O povo é pasifico, moral, amigo do seu Rei, mas é pobre. Mas que importa?.... as boas qualidades provalecem a tudo.

Suas Magestades e Altezes têem soffrido muito, todos estes desgostos, tem torturado cruelmente seus corações. E o povo tambem sabe sentir, e avaliar estes desgostos uns após outros.

Que de espinhos não têem cingido a crôa e o sceptro. Esta memoria fatal, hirá de geração em geração, e jámais sera esquecida em a nação portugueza.

O Senhor D. Fernando colhe estes martyrios, caminha sobre estes abrolhos; e lá no céo, júnto ao anjo que tanto amou, terá um paraiso eterno; a verdadeira gloria é só lá, e só lá serão compensadas as virtudes, e os soffrimentos d'aquelles que têem por trophéu n'esta vida, os martyrios, e os espinhos, e são estes que hão-de elevar os bons ao reino do céo. Lá então só brilharã felicidade; trocar-se-hão as crôas de espinhos em crôas de rosas, e os martyrios em prazeres, e gemidos d'esta vida serão trocado por hymnos de gloria, acompanhados dos chorobins que conduzirão á morada celeste, os que na vida colheram as crôas do martyrio.

F. JOSÉ FERREIRA DA SILVA SERRA

EXPEDIENBE.

Tendo-se, por complicados trabalhos da imprensa, demorado a composição deste n.º entendemos que depois de taes atrazos, um ponto é o expediente melhor: pôr em dia o jornal; e contamos com a benigna approvação de nossos assignantes, que nada perdem com isso. Vae por tanto dactada de 15 de Março, em vez de 15 de Feyereiro; porque tambem alguns accontecimentos extraordinarios reclamando nossas attenções nos decidiram a fazer esta pequena alteração.

Imp. na Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. C. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S. José n.º 135, 2.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 8 — ABRIL 1 — 1854.

ASYLOS DE MENDICIDADE, E INFANCIA DESVALIDA.

(*Continuado do n.º antecedente.*)

Alguns artigos recebemos contra o Asylo; duvidámos da exactidão das noticias que nos davam, e não os publicámos: depois occorreu o caso da prisão do veterano, recolhido no Asylo; não podémos deixar de o publicar, porque nos procuraram para este fim, e nos encarregaram de um requerimento do mesmo veterano; cujo requerimento entregámos á auctoridade competente, para desencargo de nossa consciencia, e démos noticia do acontecimento; pedindo ás auctoridades do Asylo esclarecimentos: foram-nos dados; e publicados por nós nesta folha. Ainda bemdizemos este incidente, que nos deu lugar a conhecer mais de perto algumas circumstancias a favor de quem dirige aquelle Asylo. O sr. Peregrino José Montez digno director do Asylo de Mendicidade, teve o cavalheirismo de nos escrever ácerca dos assumptos de que tratavamos nesta folha, relativo ao Asylo de Mendicidade, e convidou-nos a hir com os nossos proprios olhos verificar o que só por informações não podiamos saber com exactidão: e que fossemos em dia e hora que nos parecesse melhor: com effeito somos testemunha fiel da excellente ordem em que está aquelle estabelecimento. Tinham-nos dito que nas roupas das camas, e nos alimentos não havia a precisa attenção; e nós vimos o contrario; camas muito asseadas, bom comer, tinham arroz e grão muito bem feito, e gorazes que haviam recebido de esmola, e havia carne para os doentes, etc. Tem alfaiates, costureiras, e os pobres trabalham em utilidade propria; tendo o seu jardim, e sua horta em bom arranjo. Acreditamos que se melhor passadio não tem, é porque não tem ainda meios para mais; porém gosam alli os pobres os beneficios da caridade que não podem ter cá fóra, e desgraçadamente ainda tão util estabelecimento tem inimigos; o que não é de estranhar, porque os espiritos de contradicção murmuram sempre de tudo que não podem imitar.

Oxalá que o edificio fosse maior; e que ao privarem o estado de tão bellos edificios que a troco de papeis se venderam (e que bem pode antes dizer-se foram queimados) se lembrassem as passadas Administrações d'esse objecto importantissimo á civilisação do paiz mas como para o passado não ha remedio; busquemos todos os meios de repara-

essa grande falta, e esperamos que todos os cavalheiros que tomaram a seu cargo tão philantropica empresa, se disvelem por conseguir que se realise em toda a plenitude um pensamento de tão alta beneficencia quanto civilisador.

Temos já em algumas Provincias do Reino azylos de beneficencia; e com especialidade conhecemos o Azylo de Mendicidade na Ilha da Madeira; no qual os infelizes não pódem jámais deixar de erguer fervorosas orações ao Creador, e bemdizer os seus maiores bemfeitores; principalmente o exm.° sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro que tão dignamente governou aquella terra; onde seus altos serviços ficaram immortalisados em monumentos do seu saber, da sua phitantropia, e nos corações d'aquelles habitantes onde elle hade sempre imperar; porque o imperio mais seguro é o que se firma nas solidas bazes de acções que seguram o verdadeiro amor dos povos.

Da mesma sorte louvamos o grande pensamento que poude crear os Asylos da Infancia desvalida; á augusta virtuosa Imperatriz Viuva Duqueza de Bragança, e Sua Excelsa Filha, a Princeza Senhora D. Maria Amelia, Anjo de virtude que Deus a si chamou, cabe a maior gloria, por esta obra tão proveitosa, e benefica. Os innocentes que privados dos meios necessarios á sua subsistencia, cresciam como a planta selvagem que vive na terra sem prestimo algum; esses infelizes que muitas vezes poderiam vir a ser nocivos á mesma terra onde nasceram; porque a miseria, e falta de instrucção os levaria á immoralidade: essas creanças encontram nos Azylos de Beneficencia o pão, a educação, e o vistuario; porque Sua Magestade Imperial incessantemente olha por esses innocentes de quem é piedosa Mãe: e muitas senhoras virtuosas empregam seus disvelos em favor d'estes pobresinhos: assim como os illustres cavalheiros que compõe uma commissão de Beneficencia, destinada a promover os interesses dos Azylos da Infancia desvalida, que são auxiliados por quasi todos os srs. logistas, empregados publicos, e muitas pessoas caridosas, que satisfeitas concorrem para o augmento, e conservação de tão uteis estabelecimentos; entre os quaes distinguiremos especialmente os Azylos de Infancia desvalida da rua dos Calafates — da Lapa — e de S. Thomé; — pois de perto conhecemos quanto suas dignas Inspectoras, regentes, e ajudantes se desvelam por cumprir seus deveres; e estamos convencida de que as Sras. regentes dos outros Azylos igualmente cumprem suas obrigações, e merecem os mesmos elogios; porém não temos perfeito conhecimento de outros, e por isso nos referimos áquelles, que observámos, onde o tratamento e instrucção das creanças, onde o aceio e ordem que alli se observa são publicos testemunhos do merecimento de quem rege aquellas cazas.

Longo foi este artigo, e ainda nos restava que dizer, porém ultimal-o-hemos rogando a Deus que derrame sobre este reino suas piedosas bençãos, pois ainda que nos contamos em o numero das victimas destas ultimas contendas civis; e já não póde humana força dar-nos o bem de que nos privaram; comtudo bemdizemos o Senhor que nos deo em troca d'esses falços bens do mundo a philosophia christãa, que nos faz conformar com a nossa sorte, estimando que o povo se instrua e moralise, e muito feliz nos julgaremos se podermos com os nossos pequenos serviços concorrer para esta gloriosa empreza.

D. A. G. PUSICH.

CABO-VERDE.

Sendo procuradas as reflexões que publicámos em 1849 ácerca da plantação

e commercio da Purgueira nas ilhas de Cabo-Verde; e não havendo já nenhum exemplar de que possamos dispor; para satisfazer ao empenho de algumas pessoas de grande consideração, que estimam ter informações exactas a tal respeito, nos resolvemos transcrever nesta folha aquelle pequeno esboço, que poderá servir de algum auxilio aos illustres cavalheiros que tentando a mais nobre e philantropica empresa buscam salvar da miseria aquelles povos.

Quanto nos apraz o ver que vão reviver as ideias de nosso adorado pae, que tanto se desvelou para engrandecer aquellas ilhas, as quaes tão uteis podiam ser a Portugal, e tão pobres estão pelo abandono a que tem sido condemnadas, por effeito das continuas revoluções politicas! Aos primeiros reflexos de paz que assomam neste horisonte; agora que os homens, cançados de soffrer e ver soffrer, tratam de se unir para emendar os erros passados; e acalmadas as paixões desorganisadoras, em cujo estado violento não era possivel existir longo tempo, sem que os resultados fossem a ruina total da sociedade; hoje que a rasão vem com a experiencia mostrar aos homens as suas conveniencias e estreitar os laços de fraternidade que a politica exaltada (de todas as cores) havia desatado; prasa aos ceus que possam tambem lembrar-se das nossas terras ultramarinas; e entre estas contemplar o archipelago de Cabo-Verde. Iremos dando tambem o nosso pequeno contingente; tratando de varios pontos igualmente interessantes áquellas ilhas; que poderão servir de melhor guia, do que as theorias dos livros francezes que por ahi possam apparecer; pois temos a fonte preciosa de donde tem nascido todas essas cousas que giram escriptas depois de 1803. Em casos taes a pratica tem mil vezes desmentido as melhores theorias; e nessas memorias escriptas em 1803 apparecem theoria e pratica intimamente ligadas á mais decidida, e ardente vontade de quem estudando profundamente os mares e terras d'aquelle archipelago tanto se empenhou em o fazer prosperar.

Além das ideias que podermos colher das memorias de exm.° sr. A. Pusich; recorreremos a informações exactas de pessoas conhecedoras d'aquellas paragens; e juntaremos tudo isto ao que tambem nossos olhos viram e nossa razão observou, sem que nos servissem de embargo os nossos tenros annos, então; porque sempre pensámos, e desde mui tenra idade desejamos estudar e aproveitar as lições uteis que o grande livro da natureza nos offerece em todas as suas paginas.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

—

Á MINHA PATRIA.

Le Champ nourrit l'Etat.
Virgile.

Depois de tantos annos de abandono e esquecimento, o Archipelago de Cabo-Verde alcança a dita de ser attendido, de ser lembrado! E foi esse mísero povo abandonado e esquecido, quem se fez attender, quem se fez lembrar!... Foram as proprias desgraças que illustraram e animaram esse pacifico e innocente povo, e o deliberaram a eleger um representante que fosse digno da sua confiança! Graças ao nobre patriotismo do sr. Antonio de Fontes Pereira de Mello, Deputado d'aquellas Ilhas! Já no Parlamento sôa uma voz sábia e intelligente, deixando ouvir o nome d'aquella terra, que dir-se-hia — ha muito nos não pertence! — ...

Com o mais vivo interesse temos ouvido o sr. Fontes advogar a causa d'aquelles povos; com o mais vivo interesse!... quem poderá duvidar?!.. Os relevantes serviços, a affeição que meu

presadissimo falescido pae o Exm.° General Pusich consagrou áquella Provincia; o amor que todos temos á terra que nos vio nascer, a gratidão a estima que aquella gente dedicou a meu pae, que tambem chamavam seu; tudo, tudo me dicide a interessar-me pela felicidade da minha terra. Seja-me pois permittido que animada por tão justos sentimentos, e pela confiança que o sr. Fontes nos merece, eu lhe supplique se digne juntar ás sábias e beneficas idéas que tem expendido em favor da Provincia de Cabo-Verde, mais uma lembrança, um serviço que seria assaz proveitoso áquelles povos. E' ácerca da cultura e exportação da Purgueira; sobre cujo assumpto copio o seguinte §. das Memorias que meu pae offereceo á Nação Portugueza em 1803, com o titulo de—Ensaio Phisico Politico das Ilhas de Cabo-Verde;—o qual foi benignamente accolhido e premiado pela Real Sociedade Geographica Maritima (honra esta que elle agradecêo com um novo testemunho do seu affecto por esta briosa nação, publicando outras Memorias Hydrographicas, das mesmas Ilhas para uso dos navegantes etc.)

§.° 130.

« Disse que nestas Ilhas existe uma Arvore silvestre chamada Purgueira, e de cujo fructo (que se parece com uma nós verde) se extrahe um excellente azeite, de que se servem estes habitantes tanto para as luzes, como para o Sabão. Esta vegeta e prospera por toda a extenção das Ilhas, e não exige outro trabalho que plantar uma estaca, em Junho, ou um grão da sua semente em Agosto para immediatamente vegetar e crescer com pasmosa rapidez: A sua propagação seria de muita utilidade; porem ninguem n'isto pensa, nem se dedica! Hum só dia cada anno bastaria que se dedicassem a esta geral plantação, ou sementeira, que em poucos annos se veriam estas Ilhas cobertas desta Arvore que não só dá o azeite com o seu fructo, mas tambem com *a sua casca e madeira do tronco* dá uma boa cinza para sabão e para a tinta azul ferrete, e a sua raiz e summo tinge, e faz uma côr amarelo escuro. De todos os productos d'estas Ilhas que tratei neste capitulo, e §.°, e que poderiam sair por exportação sem fazer ao necessario das Ilhas, falta, fiz um Mappa, que offereço aqui annexo. Elle foi por mim exactamente calculado, e por elle se conhecerá a perda que se causa tanto a este povo, como ao Estado em se deixar em estas Ilhas no estado de decadencia em que se acham; e de se não cuidar no seu melhoramento e cultivo de varios fructos, que podem entrar em commercio, para com elle sairem estes povos do estado de miseria em que vivem, e gemem. »

A's observações que os conhecimentos e longa pratica d'aquellas Ilhas, dictaram a meu pae, em tempos em que eu não existia no mundo, hoje inspirada pelos mesmos sentimentos de estima por aquelle povo, por aquella terra aonde vi raiar o primeiro de meus dias; desejando prestar-lhes algum serviço, quiz unir um pensamento meu; e as idéas de pessoa assaz accreditada. Vai publicada no fim uma carta que recebi do illm.° sr. João Antonio Leite, em resposta a outra que lhe dirigi pedindo-lhe informações que intendi precisas para esclarecer alguns pontos, e basear o meu discurso em informações exactas de pessoa insuspeita, já pela conhecida probidade que o destingue, já pela sua posição independente, profundos conhecimentos da terra do seu berço, á qual tantos serviços tem feito; e já pela verdade com que um amigo que me vio nascer (e a quem desde a minha infancia considero como irmão) não podia deixar de me fallar.

A' vista do que deixam vêr as observações de meu pai, e as informações do do sr. Leite; estou convencida que só a cultura, e exportação da Purgueira poderá felicitar as Ilhas de Cabo Verde; o calculo menos favoravel daria um resultado assaz vantajoso. Suponhamos, pelo menos, por mil fogos mil pipas de azeite, e estas a vinte mil rs.. eram vinte contos de réis: trezentos trinta e tres mil trezentos e trinta réis por pessoa; e é sabido que se vendem por trinta e dois mil réis aos Americanos; e poder-se-hão vender a quarenta mil rs.

Aqui em Lisboa mr. Bournet fabrica o azeite para a illuminação da cidade, mandando vir de Cabo Verde a semente da Purgueira.

Porque razão não se fará áquella nossa provincia um beneficio, que a pode enriquecer, outorgando-se e animando o livre commercio de tão util producto que a mesma natureza com pródiga mão doou áquella terra? Salvar do abismo da indigencia nossos irmãos d'alem mar, mostrar-lhes que as beneficas intensões de Sua Magestade abrangem não só o terreno que pisa, mas todo aquelle que lhe está sugeito, e que tem iguaes direitos á sua Real contemplação, será o cumprimento de um dos mais gratos deveres; será uma gloria para o governo justo, e providente que o aprovar; para o nobre deputado que dignamente promove os interesses de seus constituintes; para o parlamento, e para a nação em geral.

Lisboa 27 de Março de 1819.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

Muito estimo ter occasião de concorrer por algum modo para a felicidade da nossa terra, e por isso em extremo reconhecido á lembrança que teve de me consultar, preferindo a tantas outras as minhas informações, protesto não desmerecer a sua confiança, e direi com a verdade propria do meu caracter, quanto entendo ácerca do importantissimo assumpto da sua carta; e oxalá possam estes meus peqnenos, mas sinceros esclarecimentos ser attendidos. e seremos felices vendo prosperar a terra que nos dêo o berço, e que não pode deixar de nos ser cara; e já que não posso fazer-lhe outro algum beneficio, indicarei os meios que me parecem poderão servir de utilidade futura. Sou velho, sou natural daquellas Ilhas, tendo concorrido, assim como toda a minha familia, com todas as nossas forças, ainda que pequenas, para o melhoramento do nosso paiz, em termos em mira outra alguma recompensa além do vivo desejo de vermos feliz a nossa terra! Desta verdade V. Ex.ª minha cara irmã, e patricia é testemunha, por mil vezes a ter ouvido da bocca de sen honrado pae, e meu presadissimo padrinho, já que a sua tenra idade lhe não permittia n'aquelle tempo a séria reflexão que hoje tanto a honra, e move a interessar-se a bem da nossa patria.

Tenho ouvido alguns Senhores Deputados fallarem sobre a agricultura do café de Cabo-Verde, e eu afianço que posto seja o melhor que conheço, nunca passará de bôas amostras, nem a urzela, nem o algodão, podem fazer a felicidade d'aquellas ilhas; serão boas amostras, mas nunca para exportaç'o em grande quantidade. Para maior conhecimento seu, vou narrar-lhe, minha irmãa, a origem do café em Cabo-Verde.

Minha avó D. Margarida Maria Leite mandando buscar ás Westinges uma porção de café, achou um fructo em casca; semeou-o no seu jardim; vegetou um arbusto, e este pela primeira vez não produziu mais que dois fructos, isto foi no anno de 1791. mandou minha avó estes fructos a D. F. Christovão de Sam Boa Ventura, então Bispo de Cabo-Verde, para os ver, e tornar-lhos a remetter: fez nova sementeira,

e assim se foi propagando o café em Cabo-Verde; cuja plantação muitos annos depois, seu pae, e meu padrinho tanto animou. A minha familia tem sido como a acarretadora formiga ácerca de levar para a nossa terra tudo quanto para o futuro podesse ser util áquelles povos. Quantas vezes nossos amigos gracejando nos tem dito que quando qualquer de nós vae para as ilhas, leva uma fragata carregada de arvores, e plantas! como ultimamente aconteceu, quando foi meu primo, no navio do senhor D. Pedro, de nação hespanhola, a quem tributo elogios, porque sendo unido á minha patria, só por haver alli casado, hoje o considero como verdadeiro nacional, porque elle procura os meios de ver prosperar aquelle paiz, levando de varias partes animaes, plantas, sementes, etc., e este é que tem concorrido (ainda que ha pouco tempo) para muitos melhoramentos. A minha familia tem introduzido nas ilhas, vaccas turinas, e burros hespanhoes, a cana de Caena, e varios outros objectos, só com o fim de ver feliz a nossa terra; pois com ufania o digo, nenhum outro interesse a isso nos move se não o amor da patria.

A coxonilha, que o exm.º visconde de Sá da Bandeira mandou para Cabo-Verde, fui eu que a salvei; indo nosso mano Theofilo José Dias n'aquelle tempo para a ilha de S. Thiago, pedi-lhe que trouxesse algumas folhas de cato com os insectos; trouxe-me duas folhas com esmero n'elles: e no fim de um anno estava já propagada em a nossa ilha de S. Nicolau.

Se quizer aproveitar estas miudezas faça o que entender; não esquecendo tratar mais seriamente a respeito da purgueira, unico genero que tambem a meu ver pode fellicitar a nossa provincia. Pode minha irmã francamente assegurar que só a exportaçãs do azeite de purgueira convem ao commercio, e á prosperidade das ilhas, e que favorece-lo será salvar aquella terra, sendo certo o lucro de vinte a trinta mil reis, e mais, por cada pipa. O café não produz senão junto ás ribeiras. e a purgueira produz até nas montanhas, e sem trabalho, servindo para azeite, para sabão. e para duas qualidades de tinta, azul ferrete, e amarello escuro, depois de queimado o seu tronco, ou os seus ramos, que servem como lenha, cuja cinza tanto proveito dá. As memorias do padrinho explicam tudo isto; e quando eu possa tambem dar mais explicações, muito me obrigará ouvindo-me, assim como infinitamente me obriga dando-me occasião de prestar nestas informações um serviço á nossa cara patria, que permitta Deus seja objecto da attenção das cortes e do governo etc. (a)

Lisboa 20 de Março de 1849.

Assignado

João Antonio Leite.

SEPTENARIO DE NOSSA SANHORA DAS DORES. NA IGREJA DO REAL CONVENTO DA PRINCEZA SANTA JOANNA.

Hoje, 1.º de Abril, comessa o septenario das Dores da Santissima Virgem Mãi de Deus na Igreja do Real Convento da Princeza Santa Joanna. Esta festividade é digna das maiores attenções, pelo objecto divino á qual é consagrada; e pelo modo porque é feita O Reverendo Padre Sr. José Maria Coe-

(a) O tempo tem justificado a idea que em 1849 expendemos em honra do merito elevadissimo do Exm.º Sr. Fontes; hoje ministro da Corôa; o paiz não podera nunca esquecer quanto deve a seus profundos conhecimentos, á sua exemplar energia, coragem, e inabalavel firmeza, e o seu nome não póde já deixar de lusir nas mais brilhantes paginas da historia.

(Isto não é politica, é verdade.)

A Redactora.

lho benemerito Ministro dos Altares; e sabio Director do collegio de instrucção de Meninos, sito na rua do Passadiço Freguezia do Santissimo Coração de Jesus, intitulado — *Collegio de Nossa Senhora das Dores* — e os Alumnos do mesmo collegio, são aquelles que offerecem á Santissima Virgem este culto, e fervorosas orações em memoria das Dores de Nossa Senhora; e acções de Graças pelas Mercez que a mesma Senhora se digna conceder áquelle Collegio, implorando-lhe continue a favorecel-o com o seu divino Amparo e Patrocino. A Festividade é solemne e aparatosa; assistem os Alumnos todos em corporação; e muitas pessoas da maior consideração concorrem; e devem concorrer todos aquelles que alli possam ir, para cumprirem um religioso dever tão grato a Deus; e observarem um exemplo dos mais louvaveis, qual é o que dá o illustre Director do collegio de Nossa Senhora das Dores; incansavel no disvelo que emprega offerecendo á nação, em seus Descipulos, homens que possam ser uteis á patria com o seu saber; e honral-a com sua moral. Em tempo devido noticiaremos circunstanciadamente esta solemne festividade; e diremos alguma coisa mais ácerca do collegio, que mencionamos.

—

O Septenario principia ás 5 horas da tarde.

As Matinas ás 8 horas da noite.

A Missa ao meio dia.

D. A. G. PUSICH.

NECROLOGIO.

A virtude onde estiver, hade sempre merecer a nossa homenagem; no tumulo embora se esconda o peito onde teve um altar sublime! no tumulo sim, vamos hoje offertar-lhe os puros incensos que lhe são devidos, porque ella está alli! e alli não cabe a lisonja vil!... alli só a verdade impera; e á vista da morte emudecem as insanas paixões terrenas. Ella está alli!... Olhae no tumulo a virtude, como ella se eleva magestosa, e d'entre as sombras, e os horrores que a circundam, se ostenta luminoso pharol dos tumulos, que ao mesto viandante guia os incertos passos, e mostra o termo de suas fadigas... o lugar do seu descanço!...

Ella está alli!... no tumulo!... escondida para sempre aos olhos de quem mais a amava!... roubada para sempre áquelles que a admiravam, e bemdiziam!...

A esposa virtuosa; a mãe carinhosa e exemplar; a desvellada e incançavel protectora da innocencia desvalida já não existe na terra!... A Exm.ª Snr.ª D. Maria Leocadia Fernandes de Barros Gomes, esposa do Illm.º Snr. Dr. Bernardino Antonio Gomes, falleceu em a noite de 10 de Março ultimo, pelas 10 horas da noite, contando apenas trinta e quatro annos de idade! Todos os recursos da medicina; todos os disvelos de seu digno consorte não poderão salvar sua preciosa existencia; era forçoso cumprir-se o decreto fatal! É gloriosa, mas breve a missão celestial! A carreira vital é tão cheia de espinhos que o Senhor não concente vel-os longo tempo ferir a fronte que Elle quer cingir de luminosa coroa!... Elle não quer que longo tempo ande peregrinando na terra quem deve acompanhal-o no ceu; e esse penoso soffrer no mundo material toca a todos que teem alma virtuosa; porque se não soffrem por si, tem de soffrer pelos outros. Os males alheios commoveram tão profundamente a illustre dama de quem tratamos, que para os minorar empregando todos os seus cuidados; ella se esquecia de seus padecimentos phisicos; e hia ella mesma levar soccorros aos indigentes; sendo a

caridade uma das mais bellas virtudes que a distinguiram. Pertencia á associação consoladora dos affiictos, de que foi socia; e era incansavel protectora dos asylos de beneficencia da infancia desvalida; sendo inspectora do asylo da rua dos Calafates; onde tantos e tão relevantes serviços fez que mereceu um subido e bem merecido elogio de Sua Magestade Imperial, a virtuosa Augusta Imperatriz, que de sua propria letra deixou no livro das visitas ao mesmo asylo esse honroso monumento, que recordará sempre áquella casa a fatal perda de sua digna bemfeitora.

Depois de sua morte o sr. Dr. Bernardino teve a generosidade de enviar á sociedade das casas de asylo da infancia desvalida a quantia de um conto de réis em inscripções; acompanhada de uma carta em que diz, que em um apontamento de lembranças que sua esposa lhe deixara, vio que a mesma snr.ª manifestara o desejo de fazer uma esmola ás casas de asylo de primeira infancia desvalida: que não indicara quantia para esta esmola; só exprimia que fosse o equivalente de maior despesa com o seu enterro, que recommendava aliás fosse feito muito modestamente: seu digno consorte cumpriu a ultima vontade de sua virtuosa esposa com louvavel zelo, filantropia, e generosidade, proprias de uma alma christã, e bem formada. A sociedade agradeceu esta generosa offerta; e mandou celebrar missa e responso por alma da sr.ª D. Maria Leocadia, o que teve lugar na egreja do Sacramento; onde o benemerito Prior cumpriu estes deveres tão sagrados; e o reverendo thesoureiro da mesma egreja; o sr. Padre José de Santo Antonio e Silva subindo ao pulpito em um breve, mas eloquente discurso, considerou as virtudes da illustre finada; terminando estes devotos officios com as mais sinceras lagrimas de saudade, reconhecimento e admiração, de todos que alli se achavam, e que eram algumas 300 senhoras, e 90 a 100 creanças do asylo da rua dos Calafates com a sua bandeira coberta de crepe funebre; e muitos cavalheiros distinctos; entre os quaes se distinguiam um cunhado da finada, e seus dois filhos; a quem deixou o legado precioso de uma educação exemplar, e a eterna memoria e exemplos de suas virtudes, superiores a todos os bens de fortuna que possam ter. Um numeroso concurso de pobres foi soccorrido pelos illustres parentes da defunta.

Quanto acabamos de dizer, é quanto o nosso coração somente nos pede que digamos porque é a verdade a unica luz que buscamos para nos guiar a penna quando escrevemos dos vivos; e para nos esclarecer a mente quando entre as sombras da morte buscamos a virtude para acatal-a, e offerecer-lhe uma corôa de perpetuas, candidas rosas, e saudades; no culto sincero que lhe dedicamos. Sempre livre e desinteressadamente, pois nunca pedimos, nunca recebemos nem o mais leve obsequio d'aquella a quem honramos na morte, respeitamos, porém nunca encommendamos em vida; hoje sim!.... hoje lhe rogamos que ore por nós a Deus. E a seu saudoso consorte, filhos, e parentes acompanhamos em sua justissima dor. Boa esposa! boa mãe! boa christã!.... descança em paz, e gosa feliz os lumes da sempiterna gloria.

Lisboa, 20 de Março de 1854.

D. A. G. PUSICH.



Typ. rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S. José n.º 135, 2.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 9 — ABRIL 15 — 1854.

A SEMANA SANTA DE 1854 — EM LISBOA.

O povo portuguez christão por excellencia, e por excellencia bom, soube mostrar nesta magnifica solemnidade da Semana Santa que é ainda o mesmo povo de Affonso Henriques — que é ainda esse povo de heroes que á sombra do Estandarte sublime da Cruz tantos louros plantaram e viram florecer, coroando os mais gloriosos triunfos! Os desvarios que desgraçadamente poderam transtornar as cerimonias na Freguezia de Santa Justa, o anno passado, e as consequencias, desagradaveis a todos, serviram de util correcção áquelles que mais por falta de reflexão, do que de religião, podessem continuar a perturbar com suas improdencias a devoção dos fieis. Foi guardado em todos os Templos o respeito devido ao Altissimo; foi observada a melhor ordem; e não temos noticia nem d'um só acto que a perturbasse. Na Egreja de Santa Justa não houve festa de Semana Santa por estarem concluindo obras na mesma Egreja; ou fosse esta a causa, ou outra, parece-nos rasoavel que ao menos este anno se conservasse encerrado o Templo, nesses dias, onde a memoria d'um desacato affligisse o povo, ou suscitasse novas desintelligencias entre os irmãos, e os perturbadores da ordem. Em todas as outras Egrejas esteve brilhante esta Festividade, a maior dos christãos; pois ella lhes recorda a sua redempção comprada com os innumeros tormentos, e preciosissimo sangue do Homem Deus — Creador e Salvador do Mundo!

Honra seja feita a nossos dignos ecclesiasticos; e ás Irmandades de todas as Freguezias, que se esmeráram em promover o culto divino, e infundir no povo o amor, e respeito devido á Santa Religião que professamos; sustentando no Sacrosanto Pendão da Cruz a nobre divisa do povo *Fidelissimo*.

Quizera-mos ter assistido a todas as ceremonias Santas em todas as Egrejas, mas isso era impossivel; e assim concorrendo com o nosso pequenissimo contingente em favor da nossa Freguezia — a de S. José — fomos ás Necessidades domingo de Ramos e quarta feira de Trévas; e nos outros dias desta Semana Santa estivemos em S. José; por isso diremos alguma cousa destas duas Egrejas.

Domingo de Ramos estavam Suas Magestades e Altezas presentes ao Officio Divino; e El-Rei o Senhor D. Fernando, com seus Augustos Filhos o Senhor D.

Pedro, e o Senhor D. Luiz, accompanhou a Procissão até fóra da porta da Egreja, com o sequito do costume; hiam tambem os Ex.mos Srs. Duque da Terceira, Conde de Linhares, e Barão de Rilves. Quarta feira de Trévas tambem Suas Magestades e Altezas foram á Sua Real Tribuna cumprir os sagrados deveres de bons christãos, offerecendo ao povo o exemplo mais edificante! O respeito, a attenção, a especial devoção com que os principes e princezas se conservaram adorando o Todo Poderoso, honram a memoria de Sua Excelsa Mãi, honram a seu Augusto Pae; e essa brilhante luz que vem de tão alto reflecte no povo e alumia os espaços que elles principes tem de atravessar; e que sendo esclarecido com o facho celeste da Religião, e guiados pela Mão de Deus, não hão-de precitar-se como aquelles que cégos se desviam da Luz divina e sem ensinarem aos povos a amar e respeitar o Rei Supremo, querem ser temidos na terra, e não amados!

Quando o povo reconhece nos principes tão bons principios não pode deixar de os estimar, e respeitar; e eis o como se pode segurar a verdadeira affeição dos povos; — com exemplos de virtude. — Muito estimámos ter esta occasião de poder-mos observar de perto, e fazer justiça á exemplarissima educação que distingue estes principes; porque não sabemos adular, mas não sabemos negar louvor a quem o merece; e alto bradamos — *não louvamos a Magestade, louvamos a virtude* — A musica, a as vozes eram de excellente escolha; e as cerimonias foram cumpridas como o exigia o divino objecto a que se consagravam. As Magestades Divina, e humana estavam alli presentes; e um respeitoso silencio patentiava as mais bellas intenções do povo que ainda reconhece — Deus — e Rei.

Na freguezia de S. José esteve luzida a Semana Santa. De muito longe vieram pessoas destinctas assistir a esta grande festividade, e merecia ser presenciada por todas as pessoas de bom gosto. Pena temos de ser tão pequena a Igreja, para o numeroso concurso que atrahem suas festividades tão edificantes, e pomposas. O sr. Saraiva, regedor desta freguezia, e procurador da Irmandade tem feito grandes serviços á Igreja; solicito em procurar todos os meios de sustentar o culto divino com a maior decencia, elle tem conseguido com suas bellas maneiras elevar as festividades ao sublime; á sua influencia, á sua incansavel actividade, muito deve esta freguezia; e muito digno de elogio é o empregado civil que auxiliando a Igreja dá exemplos de Religião; porque são os exemplos das auctoridades que podem firmar as crenças, que tantas virtiginosas revoluções tem abalado. O Exm.º Monsenhor José Maria da Cunha Grã e Attaide é o presidente da Irmandade; e o Illm.º sr. Desembargador Emaus o Prior desta freguezia: estes nomes traduzem o merito elevadissimo destes dois illustres ecclessiasticos, que em saber e virtude tanto se distinguem, e honram a sua classe respeitavel.

Ao pulpito subiram sabios oradores: as pessoas mais distinctas da freguezia concorreram com os possiveis meios; e estas e o povo com suas orações, em honra da Religião Catholica.

Não deixaremos de notar uma circumstancia attendivel em favor desta freguezia. As festas religiosas correm todas com o mais profundo respeito, e quietação; todas as pessoas que buscam esta Igreja reconhecem isto mesmo; e temos observado que os jovens desta freguezia honram suas familias, pelo comportamento sisudo que tem; pelo respeito que sabem guardar no Templo, fazendo-se assim respeitar, e estimar das pessoas sensatas; e mostrando que tem

uiso, boa educaç`o, e bons sentimentos. Eis uma verdade que nos apraz confessar; tanto quanto nos penalisou o termos sido, por dever nosso, constrangida a lamentar publicamente as faltas de Religião e civilisação que occassionáram as imprudencias cometidas na freguezia de Santa Justa, o anno passado, por alguns inconsiderados moços. Louvor pois damos geralmente aos jovens da freguezia de S. José.

A's damas e cavalheiros que se prestaram a exaltar com suas harmonias a gloria de Deus, muito agradecemos em nome de todos os habitantes desta freguezia a sua dedicação, e bondade; e nossos corações, como nossos ouvidos atrahidos do som de suas vozes, nos fizeram sentir quanto uma boa musica augmenta a devoção; e quanto uma voz suave faz lembrar o Ceu, e os Cherubins!

Cantaram as sras. — Freire — Falcão — Magalhães — Reis — Virginia — Maria Carlota.

As vozes eram claras, muito entoadas; e a sra. Freire cantou perfeitamente um solo onde sustentou uma voz não vulgar: e estamos convencida de que vencido algum receio proprio de sras. honestas e não affeitas a cantar em publico, brilhariam em dobro n'esta arte onde já tanto se distinguem, e onde os seres humanos se divinisam.

Cantaram os illustres cavalheiros que mencionamos:

Cantores a solo.

1.° Tenor — o sr. Morley.
2.° O sr. Liberato Godinho Ribeiro.
3.° O Exm.° Conde de Linhares, D. Rodrigo.
4.° O sr. Dr. João Pereira.
5.° O sr. Silvestre Carlos Pereira.

Coros.

Os srs. D. Pedro Barreto — Reis — Alberto da Conceição — Fontes — Silva — Rego — e Antonio Manoel.

O sr. Morley pareceu-nos um Anjo a cantar no coro celestial! A sua voz é clara, forte e harmoniosa; e tem um decidido gosto pela musica divina, ao mesmo tempo que o estilo é theatral italiano: brilhou nos seus solos, e lamentações, brilhou nos coros; brilhou até na boa vontade com que se promptificou a honrar as divinas festividades tanto na Magdalena, como em S. José; Deus lhe dêo forças; e o mesmo Senhor permitta que elle encontre neste paiz a devida corôa do seu merito, sem que preciso lhe seja o ir demandal-a a outras Regiões, pois nos consta que pertende ausentar-se; e isto seria mais uma perda consideravel para este paiz, que produz genios superiores para florecerem nas outras nações! Será tempo de apreciarmos os dons que Deus nos confere. O sr. Liberato Ribeiro é um bom tenor; e cantou muito bem a solo. O Exm.° conde de Linhares, D. Rodrigo, cantou com tanta arte, e melodia que até na musica fez resplandecer o seu elevado talento, distincto assás pelos estudos mais scientificos, e offereceo mais uma prova evidente dos sentimentos religiosos que augmentam o seu merito superior. O sr. Doctor Pereira é um cantor que professa a arte e o bom gosto; é baritono e executou com felecidade o seu solo.

O sr. Silvestre Carlos Pereira, jovem não versado em cantar no publico, animado por seus nobres desejos de concorrer para o justo fim de tornar aquella festividade digna do sacrosanto objecto que se commemorava, decidiu-se a cantar um solo; e cantou-o com feliz resultado. Sua voz de baixo profundo merece ser cultivada, e dirigida pelos preceitos da arte.

Os coros foram muito bem; e entre os cavalheiros que alli cantaram conhecemos o sr. Fontes, empregado no correio, que tem uma boa voz de baixo profundo. Estimaria-mos que a arte aperfeiçoasse e fi-

zesse conhecidos tantos talentos occultos.

Resta-nos dizer alguma cousa ácerca da musica, e dos professores que a executaram.

A musica é do nosso eximio professor, maestro e director sr. Joaquim Cazemiro, Junior. E' uma de suas mais bellas composições! Dizendo isto, temos feito o maior elogio a esta producção do seu raro engenho; tão conhecido, e apreciado.

A orchestra era composta de professores da irmandade de Santa Cecilia; coadjuvada por alguns curiosos. Dos professores era 1.° rebeca o sr. José Maria Christiano; e entre os curiosos distinguiram-se o sr. Guedes de Quinhones, no solo de corne-inglez — Caetano da Silva Mendes Leal, no de flauta — e o professor Angelo Carrero, no de rebeca.

A musica foi perfeitamente executada, e os cantores estavam muito bem ensaiados.

Sentiu-se muito a falta de voz do sr. Cazemiro, que tão harmoniosa soava outr'ora nestas solemnidades; alguem não lhe quer perdoar esse roubo feito a nossos ouvidos, e dizem-uos que o citemos para uma restituição, em outro qualquer dia em que não tenha de dirigir a musica; rasão que apresentámos para o desculpar.

Esperâmos que aoceitos os protestos de reconhecimento de todos os fieis da freguezia de S. José, não deixem de continuar a coadjuvar para o anno futuro aos que viverem: assim acontecerá, por que os sentimentos bons não morrem nas almas boas.

Alleluia.

D. A. G. PUSICH.

FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES, NA EGREJA DO REAL CONVENTO DA PRINCEZA SANTA JOANNA.

No dia 7 do corrente Abril celebrou-se, na Egreja do Real Convento da Princeza Santa Joanna a festividade com que o *Collegio de Nossa Senhora das Dores* solemnisa os Santos Misterios das Dores de Maria Santissima. Em a noite de 6 começaram as matinas ás 8 horas, e findaram ás 11 — a musica foi muito boa, e bem executada; a ordem e decencia do Templo não podiam exceder-se: No dia da festividade o mesmo se observou; e a musica foi dirigida pelo sr. Pinto, professor de assás reconhecido merito. Os meninos com seu illustre Director e Mestres, hiam todos em forma com suas medalhas ao peito; e assentados em bancos estiveram com o mais respeitoso silencio e devoção colhendo os grandissimos beneficios que sobre elles derramava tão edificante exemplo.

O prégador foi o M. R. sr. Antonio José Lopes: pregou com devino enthusiasmo; pregou muito a proposito d'aquelle dia; e dirigiu sabiamente o seu discurso ácerca do collegio que solemnisava aquella festividade: os Meninos o escutavam attentamente; e todos os ouvintes se enterneceram, e o applaudiram no intimo de suas almas. Nós fizemos parte desse devoto concurso; e recebemos o bem dessas orações que alli se fesam.

O Collegio de Nossa Senhora das Dores existe ha 19 annos — foi erigido em 5 de Junho de 1835: tem d'alli sahido distinctos discipulos; e alguns d'elles já são Ministros dos Altares honrando com seu saber, e bons sentimentos a Santa Religião do Crucificado — a Patria — Seus Pais — e seu digno Director: outros estão para entrar no Sacerdocio; e conta um grande numero de Alumnos; sendo a maior parte d'elles ensinados gratuitamente. O Illm.° Sr. Padre José Maria Coelho distincto por tantos titulos, é-o ainda mais por sua exemplar caridade!

Os meninos pobres de todas as Freguezias tem cabida no seu collegio; com braços paternaes recebe todos aquelles que o procuram; e com generosa providente mão lhes dá o pão entelectual (e a muitos o sustento e vestuario do corpo).

Quanto é digno do mais alto louvor um tal procedimento! Quanto é digno de respeito, amor, e consideração um tão benemerito cavalheiro e Ministro do Senhor! E' geralmente acatado, e estimado o Sr. Padre José Maria por todas as pessoas que tem a fortuna de o conhecer; e nós expecialmente lhe consagramos a mais subida estima e alta consideração.

A Missa foi celebrada pelo mesmo illustre Sacerdote: na sua respeitavel phisionomia resplandecia uma luz divina que atrahia a devoção; um misto da mais seria dignidade; e sincera afabilidade destinguem aquelle semblante, onde assoma com a mais nobre franqueza uma alma das mais bem formadas que o Senhor creou para honrar a terra, e o Céo.

Findos na Egreja os devotos exercicios, outra excellente devoção occupou aquelle espirito superior! O jantar que elle ministrou a sete pobres.

Os Alumnos e muitas pessoas tiveram medalhas, registos e folhetos de orações que distribuio gratuitamente. A' tarde ultimou com a memoria da 7.ª Dôr; e assim vimos, e podemos dar noticia de uma das mais edificantes devoções que existe no mundo.

Os Pregadores durante o Septenario foram:

1.ª Dôr — O M. R. Sr. Raimundo dos Anjos Beirão.
2.ª Dôr — O M. R. Sr. Carlos João Rademaker.
3.ª Dôr — O M. R. Sr. Dezembargador e Prior de S. Julião.
4.ª Dôr — O M. R. Sr. Beneficiado Carlos do Cenaculo.
5.ª Dôr — O M. R. Sr. Thesoureiro da Egreja do Sacramento.
6.ª Dôr — O M. R. Sr. Antonio José Lopes.

Dia de Festa da Manhã:

O M. R. Sr. Antonio José Lopes.

7.ª Dôr — O M. R. Sr. Dezembargador e Prior de S. Julião.

Pregaram com muita erudição, e divino ardor.

Em Roma acaba de se formar uma nova instituição de grande proveito á terra em honra de Deus; é a Legião de Nossa Senhora da Conceição: o Collegio de Nossa Senhora das Dores toma igualmente esta divisa sublime accolhendo-se á Sombra Divina desta arvore potentosa que tão preciosos fructos offerece em beneficio da humanidade; e adorando os Sagrados Misterios das Dores de Maria Santissima; adora o Misterio da sua Conceição, porque a Conceição e as Dores da Virgem são misterios que seguindo diversos pontos vão intimamente ligar-se ao mesmo ser — vão abraçar-se á Cruz da Redempção. A Bandeira sublime é a mesma. Que a Virgem Mãe de Deus se Digne continuar a favorecer os seus devotos com o seu Patrocinio, e Amparo, como até ao prezente.

Em seguida publica-mos a poesia que offerecemos, e o sr. Padre José Maria mandou imprimir, e distribuio com outros premios. D. A. G. PUSICH.

Á PURISSIMA VIRGEM NOSSA SENHORA DAS DORES.

Cantico Devoto.

Ao supplicio caminhemos,
Caminhemos junto á Cruz:
A Virgem acompanhemos,
Acompanhemos Jesus.

Eis o Golgotha elevado!
Sangue e pranto unidos já

Banham o Lenho sagrado
Onde o Justo erguido 'stá!..

Com o Sangue precioso
Escreveu eternas Leis...
Um supplicio tormentoso
E' throno do Rei dos reis!

E de lá mesmo em tormentos
Concede á terra mil bens!
Terra!.. que monstros cruentos
Em teu seio inda mantens.

Malditos do Ceo, e terra,
Deicidas infiéis!
Para vós o abysmo encerra
Os castigos mais crueis.

E poderam dar a morte
A quem a vida lhes deu!...
De Maria a angustia forte
As féras não commoveu!...

Oh! que não, pois os malvados
São peiores que leões!...
Mais que tigres são damnados,
Tem de gêlo os corações!

Corações que são de gêlo
Hão de chammas aquecer:
E em sempiterno flagello
Dôr immensa conhecer.

Soltai, mortaes com ternura
Pranto d'alma, intimos ais;
Choremos da Virgem pura
As Sete Dôres mortaes.

Que essas Dôres valem tanto!
Valem tudo ante o Senhor!
Quem chorar aquelle pranto
Tem de Deos o eterno amor.

Junto á Cruz, que suavidade
Encontramos na oração!
Vêde alli uma saudade!...
Vêde alli uma inscripção!

« Esta, que vês, flôr mimosa,
« Foi lagrima divinal:
« Hoje Estrella a mais formosa
« Na esphera celestial.

« Estrella que os passos guia
« A quem seus lumes pediu:
« Aqui da Virgem Maria
« Uma lagrima cahiu!

« Chorai, chorai, peccadores,
« Vossas culpas, sua dôr:
« Tereis de Deos os favores
« Tereis da Virgem o amor.

Soltai, mortaes, com ternura
Pranto d'alma, intimos ais;
Choremos da Virgem pura
As Sete Dôres mortaes.

D. A. G. PUSICH.

PSALMO.

Foi por qui tout est transporté,
Esperance que fortifie,
Charité qui réconcilie
La richesse et la pauvreté
Alors la croix verra, sous son ombre bénie,
Mourir toute récolte, et toute tyrannie!
J. RENOUL.

E' possivel, Senhor, que de teu sangue
O preço não bastasse a libertar-nos!
E' possivel que, apoz do teu supplicio,
Torne o monstro infernal a agrilhoar-nos!

Meu Deus! por que misterio não suspendes
A torrente fatal de nossos damnos!
Sem ti, deixando o Mundo de ser Mundo,
A raça extinguir queres dos humanos!

Não nos deixes meu Deus!... nem abandones
Os filhos teus em mizera orfandade!
A sentença terrivel não profiras!...
Detêm as iras tuas, por piedade!

Na cerviz innocente oh! não desfeixes
O raio vingador que os maus aterra!
Teus olhos paternaes compadecido
Vólve, volve, bom Deus, á lusa terra!

No meio d'esse pégo tormentoso
Onde as paixões, fervendo, o abysmo cavam,
Onde, entre si torvados elementos
Virtiginosa, horrivel guerra travam:

Vê levantar sereno a fronte heroica
O nobre Portugal, fiel, brioso!
Na Bandeira ostentando a sacra insignia
Que déste a Affonso, o Rei victorioso!

Fiel á tua lei, e a seus Monarchas.
(E estes d'alta virtude exemplos dando)
Inda é a mesma que amas-te, a Nação forte
Que ás mais nações inveja irá causando!

Mas para que entre nós brotar não possa
O germen venenoso da discordia,
Teu Braço Omnipotente nos escude;
Do teu povo, Senhor misericordia!

E tu que a teus pés prostrados
Vez os astros luminosos,
Virgem Mãi une a teus prantos,
Nossos prantos dolorosos!

Por essas dôres, oh! Virgem,
Que soffreu tu'alma pura,
La no Golgotha affrontoso,
Nesse trance de amargura.

Pelo sangue precioso,
Pela triste soledade,
Ora ao filho teu querido
Em favor da humanidade!

1848. D. A. G. PUSICH.

CRITICA LITTERARIA.

Chamam-se agora obras d'arte a coisas de que a maior parte das vezes não só não se pode tirar uma conclusão civilisadora, e logica, mas que quasi sempre nem se quer satisfazem ás boas leis do senso commum!

O nosso theatro que, honra lhe seja feita, tem uma particular tendencia para lançar mão do que não presta, e rejeitar o que é bom, tem muita culpa n'esta deploravel comedia da arte entre nós, que é comedia mais desenxabida ainda do que as que elles representam. A scena torna-se dominio exclusivo de alguns apadrinhados rabiscadores, que compoem e traduzem, sem saber nem traduzir, nem pensar!

Isto de se dizer que as intelligencias são em todos iguaes, ou é um grande absurdo, ou só pode explicar-se por estarem mal empregadas. Pode ser que qualquer poeta do Jardim Litterario tenha tanto talento como o sr. Garrett, o que eu sempre duvidarei, mas nesse caso haverá a differença das vocações: o sr. Garrett ter nascido para as lettras, e o outro para algum officio em que poderia ser notavel, e que preferio o de litterato para o que Deus lhe não deu geito. Só por erro de applicação é que se podem desculpar certas teimas de fazer dramas quem nem se quer sabe o que é theatro. E depois, em quanto se preferir obras de entrecho complicado, e de monstruosas combinações, a peças em que haja alguma cousa mais importante a aprender do que se foi o tyranno que matou o galã, ou o galã que matou o tyranno, nem haverá arte dramatica no nosso paiz, nem se dará impulso a composições meditadas, sãs, e profiouas.

A moral é como o juizo, mais raro do que se pensa! chamam-se ás vezes obras moraes ao que devia chamar-sa obras insipidas, e desta confusão pouco airosa não resulta senão o haver já certa opinião antecipada, e contraria ao que se diz peça moral. O publico diz, e diz bem, se moralidade quer dizer insipidez, preferimos menos moral e mais talento. Eu sou da mesma opinião. Não sei que proveito se tire de escutar a representação da *virtuosa portugueza*! só se é vantagem comprar bilhete para dormir! dormir por dinheiro!

Prevenindo já com isto o meu conceito que se possa fazer quando eu lhes disser que vou occupar-me d'uma peça moral, é de suppor que percebam que esta é moral sem ser inspirada, o que é menos difficil do que alguns pensam, e mais raro do que outros cuidam!

Quando o theatro de D. Maria II começar a dar a preferencia a originaes sobre traducções, é de crer que appareçam na scena portugueza composições em que aproveite a arte, o gosto, e a nacionalidade. Querer fazer viver a scena de entrechos banaes, costumes es-

trangeiros, e estillo detestavel, é uma pretenção alem de reprehensivel, criminosa! Importa-nos, e deve importar-nos mais scenas moldadas pelas que teem frequentemente logar n'este paiz, costumes novos e conhecidos, do que sentimentos e paixões que não existem sob este luxuoso e apreciavel clima, e typos que teem tanto para nós de desconhecidos como de pouco estimaveis. Não queremos ver scenas entre *lorettes*, *claguenos*, *bohemiens*, porque entre nós não ha bohemiens, nem claguenos, nem lorettes, menos imitação, e mais verdade de costumes, e caracteres! menos pretenção, mais simplicidade, e mais naturesa! haja o drama contemporaneo, mas queremos vêr alli cousas da nossa terra, queremos conhecer-nos no espelho, ha figuras sufficientes no quadro, não é preciso ir buscar mais a regiões estranhas! por uma vez esta deploravel e vergonhosa escravidão, a modelos que nem modelos são! quando se quizer imitar busque-se boas fontes! não faltam obras de que se possa tirar um partido vantajoso moldando-se-lhe as formas ás da arte moderna! haja na idéa capital d'uma peça alguma cousa mais util e menos tratada do que as interminaveis infidelidades conjugaes! e se querem occupar-se por força d'esse gasto assumpto apresemtem-nos agora os rediculos do amante, poisque já estamos fartos dos rediculos do marido!

E' tempo de vermos em scena alguma cousa em que a moral aproveite, e os costumes lucrem. Não queiramos limitar-nos a obras estereis, no fim das quaes tem logar a pergunta — *Qu'est-ce-que celà prouve?*

Um theatro, por menos importante que seja uma nação, não póde, não deve vievr de vaudevilles, e melodramas.

As tentativas não são mais que a escada que conduza ao sitio que se ambiciona; não parem nos primeiros degraus. Se o *Fr. Luiz de Souza* não deu interesses, se o *Moliere* não levou gente ao theatro, contentem-se de vêr que essas duas peças alcançaram creditos ao theatro que as representou. Tentem ainda, deem-nos o *Viriato*, a *Inauguração da Estatua Equestre*, o *Pedro*, o *Festim de Balhasar*. Semeem, se querem colher. Com a *Profecia* colherão porque semearão.

O theatro do Gymnasio, que não passa d'um theatro de segunda ordem tem sido o que mais originaes tem apresentado. Lembre-se do — *Quem porfia mata caça*, da *Constaaça*, do *Bernardo como ha muitos*, do *Ensaio da Norma*, do *Não foi ao jardim?* da *Fabia*. &c. &c.

E' do drama em tres actos, *Constança*, que vamos occupar-nos, encarando-o como obra litteraria, e como obra dramatica, como livro, e como peça de theatro, como composição para se lêr, e como composição para se representar.

(*Continua.*)

JULIO CEZAR MACHADO.

EXPEDIENTE.

Tendo o sr. Borba, distribuidor deste jornal, soffrido um atropelamento de que lhe resultou o ficar muito maltratado pelo cavallo que o pisou, e impossibilitado de continuar com os trabalhos de tantas distribuições que tinha a seu cargo; e que por seus antigos padecimentos phisicos já muito lhe custavam a vencer, fica sendo de ora ávante distribuidor desta folha o sr. Manoel d'Assumpção.

Erratas consideraveis.

No n.º 7 deste jornal, em vez de 5 de Março, lêa-se — 15 de Março.

No n.º 8 — Necrologio — ultima pagina, em vez de — encomendamos — lêa-se — encommodamos.

Typ. rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, Dª A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S José n.º 135, 2.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 10 — MAIO 1.º — 1858.

MAIS UM TROPHEU Á SANTA RELIGIÃO DO CRUXIFICADO.

—

Em Santarem, terra de antigas e heroicas recordações, foi ultimamente baptisado com solemne pompa um descrente, é natural de Tunes; estava no Seminario de Santarem como empregado: tinha sido aqui na corte cathequisado pelo Reverendo Padre Confessor do Desagravo; e concluio esta gloriosa empresa o Vice-Reitor do Collegio em Santarem: é um joven de 22 annos de idade; falla Arabe e Inglez: O Em.º Sr. Cardeal Patriarcha, Suas Magestades o Senhor D. Fernando, e o Senhor D. Pedro foram assistir a esta Augusta Cerimonia; e Sua Alteza Real o Senhor Infante D. Luiz foi o Padrinho. E' edificante e louvavel este exemplo de Religião que Sua Eminencia e Suas Magestades, e Alteza offereceram neste passo tão acertado, mostrando ao povo que sabem respeitar a Santa Lei que juraram manter. A satisfação com que o nosso Infante D. Luiz se promptificou a tocar por Padrinho do converso, augmenta o numero das sympathias que elle, como seu Augusto Irmão, teem sabido conquistar por sua indole ditosa e brilhante educação. Tunes, onde o nome de um Infante Portugez D. Luiz existe na voz eterna das mais gloriosas tradicções, ouvirá com respeito a nova de ter um Infante D. Luiz, herdeiro do nome e dos talentos do primeiro, começando a distinguir-se levando em triumfo aos braços da Cruz uma alma por tropheu, mostrando sempre as Sagradas Quinas e o Evangelho vencedores da Lua e do Alcorão.

Não é a politica, não é a lisonja, abjectos sentimentos, que nos movem a penna quando assim descorremos; aborrecida estamos assaz dos excessos com que a politica, de todas as cores, tem affligido o mundo; aborrecemos sempre a lisonja que não se combina com o espirito poetico—filosophico—e christão que nos anima a affrontar todas essas barreiras de pó, e sem temer os espinhos desta dificil vereda caminhar ao ponto onde vêmos entre nuvens resplandecer os lumes da verdadeira civilisação. Quando se trata da causa de Deus, esquecem-se as causas dos homens, esquecemo-nos de nós mesmos; á rasão devemos sacrificar nossos *caprichos*, e unidos todos em torno á Cruz do nosso Redemptor depôr a seus pés todos os odios; porque o odio não é rasão. Muito é de estimar que o Seminario co-

messe a ter os seus cathecumenos — Deus envie a Luz de sua immensa Graça a todos aquelles que desconhecem a sua divina Lei; e inspire a mente de nossos Eclesiasticos para que saibam como bons pastores chamar ao rebanho tantas ovelhas desgarradas que perdidas erram por este mundo; e desejaria-mos que pondo de parte suas questões politicas, reservadas só para o campo da politica, se unissem todos os Principes e todos os povos christãos na lide gloriosa da Regeneração christãa! Mas... nossos desejos, que Deus sabe quanto são puros, não bastam!.. Só ao poder supremo é dado este milagre. Entretanto julgamos cumprir nossos deveres levantando canticos de louvores quando vemos uma alma entrar no gremio da Religião Catholica, e preparar-se para seguir o caminho que hade conduzir-nos á eterna bemaventurança.

D. A. G. PUSICH.

A PASCOA.

A palavra *Pascoa* quer dizer *passagem*.

N'este dia celebra a Egreja a memoria da Ressurreição de Jesus Christo, isto é, a sua passagem da morte para a vida, por meio da reunião da Sua Alma a Seu Corpo; passagem, por meio da qual, triunfou Jesus Christo do demonio, destruindo o seu imperio, e nos livrou da sua escravidão, salvou-nos da morte eterna, e nos abriu as portas do Céu; n'este dia completou-se a obra da nossa redempção e reconciliação com Deus: por estas rasões, a *Festa da Pascoa*, deve ser celebrada com toda a solemnidade e pura alegria; n'este glorioso Dia, devemos estar possuidos do maior reconhecimento, pelo grande e incomparavel beneficio, que recebemos de Jesus Christo nosso Redemptor. Jesus Christo, que é, a Segunda Pessoa da Trindade Divina, egual á Primeira e Terceira em essencia e attributos, se dignou unicamente por nosso amor, assumir á Sua Divindade, a fragil natureza humana, sujeitando-se a todas as mizerias humanas, excepto o peccado; nascendo n'um pobre e humilde presepio, na estação mais fria, e na hora mais incommoda, rodeado de privações, e isto para dar exemplo aos humanos, a desprezarem as grandezas, riquezas, e vans commodidades; porque o amor d'estas cousas tem sido, e será sempre, a causa da perdição dos homens: depois de ter vivido pobremente por espaço de trinta annos, sujeito á Santissima Virgem Maria Sua Mãi, e a S. José Casto Espozo da mesma Virgem; principiou a Sua Missão, depois ter jejuado quarenta dias e quarenta noites no deserto, passando todo este tempo em Oração; para ensinar-nos, que o retiro, jejum e oração, são as armas indespensaveis, para vencermos os inimigos da nossa salvação, que são: *o mundo, o demonio, e a carne:* fez a Sua Missão, não só com palavras, mas tambem com o mais rigoroso exemplo, vivendo sempre com a maior pobreza, não tendo, como Elle mesmo disse, em que descançasse a Sua Cabeça, vivendo sempre com perfeita desafeição, a toda a sensualidade, soberba, e curiosidade; soffria a fome e sede, e comia só por necessidade, o que lhe appresentavam; nas suas viagens se alojava na casa de quem queria exercer a hospitalidade a seu respeito; tratava egualmente ricos e pobres, mostrando com tudo mais affecto aos pobres; prégou a Moral mais pura e santa, que se conhece sobre a terra, ensinando os homens a amar a Deus sobre todas as cousas, e aos outros homens, como a si proprios, por que todos são creados por Deus para o mesmo fim, isto é, para gozarem a Deus por toda a eternidade, se o merecerem pelas suas

boas obras, e são descendentes de Adam e Eva.

Depois de tantos trabalhos e incommodos, foi entregue por um de seus apostolos, para soffrer a paixão mais dolorosa, e ser crucificado entre dous malfeitores!!!

E tantos tormentos e insultos soffreu Jesus Christo por amor dos homens, e elles só correspondem com offensas, ingratidões, e blasfemias!!!

Oh! miseros humanos! Como agradeceis tão grande e incomparavel beneficio?! Como vos mostrais gratos a tanta fineza d'amor?!

Desejando, procurando, amando, tudo quanto Jesus Christo nosso Deus, nosso verdadeiro Senhor, nosso Redemptor, nosso Mestre, nosso Modêlo, abborreceu o desprezou!!!

Desgraçado será eternamente, todo o ente humano, que amar, e procurar, o que Jesus Christo desprezou.

J. B. FIGUEIREDO.

EDUCAÇÃO E INSTRUCÇÃO MILITAR.

—

Trata-se no Parlamento a grande questão de instrucção publica; baze sobre a qual deve firmar-se a civilisação deste paiz. E' um futuro luminoso que se prepara a esta nação; são os seus destinos que se descutem; devem os srs. Depupados afastar para longe de si todas as sombras de indesposições policas devem unir-se intima e conscienciosamente para prestar o mais importante serviço ao povo que lhes confiou seus poderes. Assim o esperamos, porque existem alli homens de reconhecido merito e saber; e porque nenhum d'elles pode ganhar perdendo o paiz: nenhum governo, seja qual for a sua politica pode estimar que a nação se perca nos horrores da ignorancia e desmoralisação; pois em taes casos não poderão mandar, porque não terão quem lhes obedeça.

Temos descorrido bastante, desde que escrevemos em publico, sobre este importantissimo ramo; e hoje aguardando o resultado desta questão geral; lembrarnos-he-mos em particular dos nossos jovens militares, que por tantas rasões nos interessam. Não temos nenhum filho servindo a nação nesta brilhante carreira; mas um pequenino que apenas conta 7 para 8 annos em cuja educação nos desvelaremos tanto quanto o permittirem nossas pequenissimas forças; poderá, talvez, inclinar-se ás armas; e quizera-mos que ao menos achasse na sua patria os meios de a servir dignamente. Além desta circunstancia que nos move o coração materno, existe o interesse pelo bem publico, e por uma classe a que pertencemos como filha e viuva de honrados militares. Todas estas rasões nos decidem pois a erguer nossas vozes em favor de nossos jovens militares; e se elles hoje não brilharem por feitos assignalados em guerra, que Deus afaste de nós, brilhem por suas luzes, brilhem por sua conducta moral; e não á maneira do raio que incendêa e deixa a destruição por onde passa.

Existe impresso um livro com o titulo de = *Idéas sobre a Reorganisação do Real Collegio Militar* = foi publicado ha pouco; e é seu illustre auctor o benemerito Marechal de Campo Exm.° Sr. Evaristo José Ferreira. Comentar-mos esta obra na parte scientifica e militar seria um inqualificavel atrevimento; porque esse juiso está muito acima do nosso alcance; mas dizer algumas palavras sobre pontos de educação parece-nos que nos será permittido; e por isso limitar-nos-he-mos em siguificar o quanto deveras estimamos, e louvamos que se dê começo a uma obra importantissima; e a nossa rasão

nos mostra nestas *Idéas* um grande serviço que o illustre Marechal faz á sua patria, concorrendo com o seu contingente para o aperfeiçoamento de um estabelecimento onde se deve crear e engradecer a nobre classe dos defensores da patria.

Os nossos antepassados não curavam na instrucção dos militares; mas cuidavam na sua moralisação; e a esta se devem os triunfos, as gloris que tão decantadas voão de seculo em seculo, de geração em geração; porque os homens a quem se entregavam armas e poder teriam assolado a terra se não os contivesse o santo respeito a Deus, e ao soberano; pois a sua immoralidade os levaria a cometer os maiores excessos; e a sua ignorancia os emdusiria ao pricipicio: em vez de honrosas tradições; em vez de gloriosas conquistas ter-nos-hião deixado paginas de sangue na historia, e montões de ruinas á patria. Prezentemente os governos tem olhado mais para a instrucção militar; mas tem esquecido muito a educação religiosa e moral: devem ligar-se estreitamente estas partes essenciaes se querem um todo perfeito.

Na obra do Exm.° Marechal Evaristo José Ferreira encontramos além de altos conhecimentos de Pedagogia e Didactica, —nobre patriotismo, e um espirito paternal e filosophico. Encontramos recommendada especialmente a educação religiosa e moral tão justamente aplicada que nos parecem excellentes suas ideas neste ponto; e dezejará-mos que fossem consideradas aproveitadas, e imitadas: dezejará-mos que os srs. Generaes que em tempo de paz vivem descançados, e que tem ao seu alcance outros recursos de que são privados os srs. officiaes de menor patente; já porque não tem descanço e servem nas suas occupações Regimentaes; já porque não podem possuir tantos conhecimentos theoricos e praticos como os Generaes, nem se lhes permittiria uma liberdade ampla que a idade, e o posto garantem; dezejará-mos pois que outros srs. officiaes Generaes competentemente habilitados apresentassem tambem suas ideas sobre um novo e perfeito regulamento que constituisse o collegio militar um estabelecimento digno de uma nação culta.

Nossos bons desejos são o unico e sincero contingente que de todo o coração lhes offerecemos.

D. A. G. PUSICH.

POESIA

Ao Ill.^mo Sr. Doutor Bernardino Antonio Gomes; por occasião da infausta morte de sua virtuosa consorte a Ex.^ma Sr.^a D. Maria Leocadia Fernandes de Barros Gomes.

DEDICAÇÃO.

Ao pranto saudoso que triste derramas,
Um pranto sincero vou triste juntar!
Eu choro, eu amo; tu choras, tu amas!
A morte nos poude na dor egualar!

Os falsos incantos não busco do mundo:
Mas busco das Campas a horrivel soidão!
O peito que soffre tormento profundo,
A tudo que é triste consagra affeição!

Angustias, saudades, nasceram n'esta alma!..
As dores alheias são minhas tambem!...
Com lagrimas puras reguemos a palma
Que um nobre martirio plantar hoje vem.

Vreeje essa palma; veeeje a saudade,
E de ambas a esp'rança feliz brotará!..
O sol d'alta crença — a Fé — a verdade —
Promette que as almas fieis unirá.

E em tanto que a vida no exilio se passa,
A Deus imploremos as forças, e a luz.
Qual sonho a existencia em breve esvoaça
Mas a alma se eleva nos braços da Cruz.

Ai! quantos gemidos aos teus se juntaram!
Recobra os alentos, recorda que és pae;
Accolhe meus prantos, pois d'alma brotaram;
São teus os lamentos que a lyra hoje estrae.

D. A. G. PUSICH.

A' Ex.ma Sr.a D. Maria Leocadia Fernandes de Barros Gomes, fallescida em 10 de Março de 1854.

UM CANTO POR MEMORIA.

Já na immensa extenção dos horisontes
O dia se escondeo!
Já de sombras c'roando altivos montes
A noite apareceo!

Do crepuscolo a luz agonisante
De todo se extinguio;
E ao dizer-me — um adeus — que sôpro amante
Na mente me infundio!

Que saudade meu Deus!.. que pensamento
Ess' hora me deixou!..
Ao vêl-a assim findar, que sentimento
Em minh'alma coôu!

Que celeste poesia, que ternura,
Que magica affeição
Sente o mortal, que no extasis procura
Os ecos da soidão!

O cypreste que funebre campêa
Vou buscar... beijo a Cruz!..
Saudo as alvas lousas que pratêa
Da lua a tenue luz.

Que profundo temor, santo respeito
Inspira este logar!
Que devoção!.. que amor me abrange o peito
Que saudade sem par!

Lembrança do passado e do infinito!
E's um lume do Ceu
Que vens queimar ante o mortal contricto
Das illusões o veu!

Serás o meu pharol neste ermo triste
Onde agora estou só...
Só com Deus!.. neste azylo aonde existe
Minh'alma unida ao pó!..

Unida ao pó; que o pó já foi vivente,
E inda o vejo luzir
Qual as arêas de óiro que a torrente
Conseguiu descobrir.

Qual a faisca electrica do raio
Que na terra caiu!....
Mas neste attentas vistas não distraio...
Foi raio.... destruio.

Quero ver, meditar no pó Erilhante
Que em si thesouros tem;
Que a terra enriqueceo; que foi prestante:
Esse pó... Eil-o... além!..

Além!.. n'aquelle tumulo!.. vejámos!...
Lá dorme um Cherubim!..
Quantas flores o adornam!.. quantos ramos
De mirtho e de alecrim!

Alli dorme a virtude o somno augusto
De sempiterna paz!
Eis a imag m de um ente que foi justo:
N'este sepulchro jaz.

Eil-a cadaver frio!.. a virtuosa
Esposa... mãe... christã!..
Broton divina flor, viu-a ditosa
Primavera louçã...

Viu-a tambem morrer, na primavera
Da edade juvenil!
O solo onde viveu se cobre de hera
E de saudades mil.

Quantos prantos regando aquellas flores,
Quantos ais, quanto amor;
Quantas bençãos, meu Deus!.. quantos lou-
Se misturam co' a dor! (vores

Se ella foi bemfaseja!.. se á indigencia!
Certo an paro off'receu!
Se a desvalida candida innocencia
Nos braços accolheu!

Se com piedosa mão sentido pranto
Ao misero enxugou:
Se da Beneficencia o excelso manto
Por divisa tomou!

E qual Anjo do Ceu alumiando
Deste deserto o horror,
As trevas infernaes afogentando
Seguia o Redemptor!

Atravessou no mundo esses caminhos
De enganosa atracção:
Co' a virtude marchou por entre espinhos
A' Gloria! á salvação!..

Venturosa que foste, pois na terra
Tua missão findou!
Mas n'essa fria lage que te encerra
O teu nome ficou!

Ficou tua memoria luminosa
No mundo que te viu,
Que te admirou, Maria virtuosa;
E em lucto se vestiu:

Nos ternos corações dos que te adoram
Sempre viva estarás:
Nos filhos teus que alta virtude herdaram,
No esposo vivirás:

E vivirás tambem neste meu canto
Que podeste inspirar
Ah! possas lá nos Ceus o triste pranto
Em jubilos trocar.

D. A. G. PUSICH.

CRITICA LITTERARIA.

(*Continuação.*)

CONSTANÇA, DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS.

Constança não é bem um drama. São scenas intimas, e de superior sentimento, que nos provam com finura, e como que religiosa suavidade que o amor de mãe, é a mais elevada, a mais grandiosa, a mais sublime, a mais profunda de todas as affeições.

E deveras, quando a alma chagada por decepções e martyrios, desenganada dos sonhos do amor, e como envergonhada da sua antiga credulidade, ou mais envergonhada ainda do seu actual sceptiçismo, presenceia o espectaculo magestoso d'uma affeição sem calculo, e se extasia perante a lucta tremenda de um amor desmesurado, é preciso que essa affeição que o faz palpitar ainda, seja a unica de que raras vezes se descrê, a unica que não deixa pesares, mas saudades, de que não ficam estragos, mas recordações, a amisade de pae, ou mãe!

E eis a unica amisade que eu julgo verdadeira. Já li algures que a amisade é uma cousa tão ligeira que o olhar gracioso de um principe, ou o sorriso de uma mulher formosa, a podem transtornar. E' quasi verdade. O amor é menos nobre, talvez, mas é mais real. A nossa demasiada vaidade é que nos faz arguilos! não nos queixemos do abandono de uma mulher que nos amou! se o amor fosse eterno, seria como todas as cousas de longa duração, fastidioso, e semsabor. Se nos largam, é porque nos escolheram; se já nos não amam, é por que já nos amaram! prefiro um amor que já não existe, a um amor que não existe ainda.

Se, como disse alguem, as nobres affeições teem a superior qualidade de, depois de as ter experimentado, restar ainda o recordarmo-nos d'ellas, contentemo-nos com a sorte das cousas, e quando mesmo uma mulher nos odeie, lembremo-nos sempre que ha ainda no odio alguma porção de amor.

Não creio que se aprenda muito no theatro. De ordinario não ha lá quem ensine, e poucos teem desejo de ir lá aprender. Se o drama é historico, a historia é a verdade, e de ordinario a verdade é simples, a simplicidade na scena agrada, e interessa pouco. Se o drama é intimo, se ha alli a estudar alguma questão humanitaria, e civilisadora, o espectador cança no meio da empresa, e decide a questão retirando-se cheio de somno, e resolvido a lá não tornar tão cedo. Se o drama é uma d'estas semsaborias amorosas que se terminam por um feliz consorcio, o auditorio sente-se movido, e pede o author. O publico tem uma decidida tendencia para estudar onde não ha nada a aprender.

N'este estado de cousas é infructifera tentativa querer pôr no palco uma lição de moral, ou uma bem encarada questão sobre sentimentos, e paixões. Quanto mais fino fôr o quadro, menos agradará.

Não sei, todavia, explicar em que feliz maré se achava a boa gente d'esta terra, quando applaudio o drama *Constança*. E, inquestionavelmente foi um verdadeiro e merecido triunfo o que alcançou a auctora nas representações consecutivas que teve a sua peça. E depois, quem não aprecia mais esses triunfos

que foram espontaneos, e até populares; do que os louros pouco viçosos, com que os criticos de folhetim, presenteam um auctor em honra a uma peça, que o resto da população não poude soffrer!

Constança — não é bem um drama, repito. E' uma lição, é um compendio, é um livro de moral. Leião-no as maes que hãode alli encontrar a reproducção dos mais sublimes sentimentos do amor maternal, leião-no as donzellas, e aprendão n'aquelle quadro o melhor futuro da mulher; sêr boa mãi.

Como obra litteraria, ja fica dito o que ella é, quando se refutar ser um drama. Diremos alguma cousa sobre o estylo, e sobre os caracteres.

Se a primeira das artes, é a arte de agradar, o drama *Constança* está perfeitamente escripto. Ha pontos em que só um implacavel censor depois de

Tres vezes lhe cahirem
Os oculos do nariz!

concluiria por desejar que a fraze fosse mais acabada; e a dicção de mais elevada finura, todavia está tão natural o dialogo, é tão familiar a maneira porque se expressam todos os personagens, que eu cuido ser esse o mais proprio estillo para uma obra em que ha mais para se attender á idéa, que á fórma.

Dos caracteres direi que são verosimeis; que é esta sempre a melhor qualidade, que podem ter. O Bernardino é um bem continuado typo aos *Crispins* da comedia antiga. Constança, sobre todos, é um caracter superiormente traçado. Quem não quizera ter essa mulher sublimemente angelica, por mãi, por esposa, ... por amante! Essa mulher que sacrifica o seu amor por um homem, ao seu amor por uma creança; que deixa as paixões de mulher, para attender á paixão de mãi.

Confessemos que é verdadeira a expressão de Nodier n'um dos seus cantos — Il y a femme, et femme! e diga-se, por amor da verdade, que as *Constanças*, bem raras, fazem alguma differença das vossas senhoras do grande mundo, que julgam como a maior sciencia humana o *savoir vivre*, e que immolam tudo, e todos, a um dito espirituoso, assim como tudo esquecem por um baile fastuoso, ou por um *crochet* elegante. Eva foi uma arvore que produzio fructos diversos na forma, e no gosto.

JULIO CEZAR MACHADO,

NOCROLOGIO.

A morte acaba de roubar aos braços de uma extremosa filha, uma virtuosa mãi: A Exm.ª Sr.ª D. Maria Augusta de Calheiros e Menezes expirou em 26 de Março ás 9 horas e dez minutos da noite: Confessou-se, Sacramentou-se, e ungiu-se, depois de ter cumprido tão religiosos deveres, seu espirito, e seu coração, estavam tranquillos; o balsamo Sagrado, adoçou esses instantes que ainda lhe restavam de existencia; uma grande somnolencia serrou suas palpebras; os tres derradeiros suspiros mostraram que aquelle ente humano, ia cessar de viver. Sua infeliz filha, a Exm.ª Sr.ª D. Maria Rita da Cunha, Souto-Maior, Corrêa de Mello e Menezes chora inconsolavel, a perda de sua boa e virtuosa mãi. Sim! porque suas virtudes eram exemplares, com especialidade a de beneficencia! Sua alma Santa, porificada de qualquer peccado, voou ao paraizo eterno, onde só os bons podem existir. Sim! porque n'esta vida passageira, é onde soffrem aquelles, que estão destinados a gosar a graça de Deos! Mas lá no ceo, tem logar, onde armoniosamente os Choribins em clara luz, descantam a celeste morada, destribuindo as mais viçosas corôas!..

Descança em paz, alma pura e vir-

tuosa! Deos te chamou para gozares no reino eterno, essa ventura sem par! La só o merecimento!.. as virtudes!... a filantropia de uma nobre alma como a tua!.. La só a realidade! La não tem valor o ouro, esse abjecto metal, que só na escuridão da terra pode brilhar! La reina igualdade, e aquella deliciosa gloria é vedada aquelles que não sabem comprir os mandados de Deos!

Da Exm.ª finada, a mais viva memoria nos ficou; juntamente com os exemplos d'esses dons tão preciosos! Que saudosas recordações temos d'esse tempo, em que ella cheia de vida transmettia a nossas ideias ainda mui juvenies, os mais santos conselhos!

Só um coração maternal como o d'ella, poderia exprimir os affectos de uma boa e extremosa mãi! Depois tomando-nos por a mão, conduzia-nos em redor do seu jardim, cercado de alfazema, rozeiras, e violetas, e alli nos colhia por sua propria mão algumas florinhas; e muitas vezes nós lhes fugiamos para correr-mos estouvadamente atraz de alguma innocente Burbeleta, que voava socegada, ou pousando em alguma planta; oh! e quantas cousas como estas, nos offerecem a mais triste e dolorosa recordação! Estas vivas lembranças, jámais se nos poderão riscar da imaginação!

E o que nos resta agora della?.... n'um jazigo seus restos mortaes!.. E permitta Deos, que no socego das trevas, ahi vá ecoar o pranto verdadeiro, que me deslacera a alma!

E vós filha virtuosa e enconsolavel, lembrai-vos que Deos é justo; e chamou-a á sua divina abitação, para primiar suas virtudes! Demais sei que o vosso coração já não poderá ter consolo, porque perdesteis tudo n'esta vida, não tendes pae, nem irmãos, era aquelle ente a luz que vos guiava!

Vosso coração sómente dedicado ao amor filial, não tinha outro prazer. Ella gosa agora a bemaventurança eterna, junta ao Creador.

E enchogai essas lagrimas de puro sentimento que tanta honra dão, ao coração sencivel, e afflicto de uma filha, que sabe chorar sua mãi! Deos vos enchogará esse amargo pranto, e vos confortará com a sua infenita misericordia.

A amisade que lhe consagrava desde a infancia, confere-me o direito de tributar as mais sinceras lagrimas, á memoria da virtuosa finada, e sentir vivamente as vossas penas.

F. J. F. DA S. E SERRA.



ANNUNCIO.

Quem precisar d'um sujeito com as habilitações proprias para dar lições do curso d'instrucção primaria, e dezenho liniar, pode dirigir-se á loja do sr. Corrêa, rua nova da Palma n.º 56, ou na botica do sr. Francisco Antonio Roza; defronte da travessa das Monicas.

EXPEDIENTE.

Recebemos um artigo intitulado *A Caridade dos Ricos*, pedimos ao seu auctor queira ter a bondade de supprimir os nomes conhecidos, alli censurados; pois de outro modo não o publicaremos; porque no campo da Beneficencia não se consentem armas offensivas.

Typographia rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. C. POSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S. José n.º 135, 2.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 11 — MAIO 15 — 1854.

UMA TARDE EM MAGDALUM

Lenda Christãa.

—

Com este titulo é publicada uma enteressante obra versão do Castelhano pelo sr. Claudio de Chaby, joven de grande merito que une a um talento superior, assidua applicação ás letras, e as mais bellas qualidades de alma. O sr. Chaby honra por seus conhecimentos e religiosa moral a classe briosa a que pertence: — á militar. — Intimamente convencida desta verdade temos muita satisfação em publical-a, e dizer que a sua obra merece ser lida, e não poderá deixar de agradar a todas aquellas pessoas que amam e conhecem o bello; e o util, que alli se acham perfeitamente ligados com tanto gosto, e engenho.

Somos contraria ás traducções, que por esse mundo litterario lisbonense errando avultam; porque a maior parte d'ellas deshonra este paiz, deixando vêr ás outras nações cultas, que — os portuguezes não só não inventam, mas nem ao menos sabêm imitar! — E esta injustiça que se faz a Portugal é devida a quem por força quer figurar na classe das letras sem conhecer o que são letras; e sem terem conhecimento perfeito, grammatical de ambas as linguas, sem ter poesia alguma n'alma; sem ter logica, e finalmente sem ter as precisas habilitações se atrevem a traduzir desentoada e descompassadamente obras muitas vezes delicadas, que ficam estropiadas na versão a ponto de parecerem más! Ora isto é tão reprensivel que os mesmos autores tem milhares de resões de querelar de quem assassina suas producções. Condenamos pois as más traducções que nos desacreditam, e preferimos um mau original a taes chamadas versões, que são horriveis transformações; porém uma boa versão uma copia fiel de sublime pintura quem não apreciará? Tendo nós alguns genios superiores e creadores entendemos que devemos antes crear do que imitar; mas tendo tão raros traductores de merito entendemos que vale muitissimo uma exacta e escolhida traducção. — *Uma tarde em Magdalum* — está no honroso numero das excepções que entre a aluvião de pecimas traducções, se distinguem como o cisne se distingue entre os Gansos.

Apareceram em todas as Eras genios elevados; a civilisação caminhando com os tempos têem augmentado o numero

dos sabios; e animados com a liberdade da imprensa comessaram a manifestar-se muitos talentos occultos; mas esta aparição luminosa bem depressa tem sido eclipsada com sombras de atrevida ignorancia, introdusindo-se a mania de escrever em cabeças que não sabem descorrer! Não conhecem que o talento superior é um dom que Deos confere a poucos, e por isso é apreciado, e que terá sempre a preferencia como o diamante a têm sobre as outras pedras falsas ou verdadeiras, que por apparecerem em maior quantidade e com brilho menor, não poderão já mais igualar estas preciosidades com que o Ceu enriquece a terra. Não conhecem a tristissima figura que fazer!.... Não se conhecem por que não tem olhos no entendimento, para se observarem; e pensam que basta escrever — seja o que for — para ser litterato. Não conhecem que a poesia tem muitas difficuldades e invensiveis para quem não nasceu poeta; e que se esta como a musica tem compasso e harmonias, a prosa tambem tem sons mais ou menos fortes, mais ou menos gratos aos ouvidos; tem as suas harmonias, tem o seu compasso; e que uma prosa insonsa e desentoada é a linguagem dos demonios. Conheça-se no publico um nome é quanto basta; embora se conheça para se despresar!.. Ora isto é lamentavel; e deploramos tanto estas miserias, quanto reprovamos aquelles que tendo genio e bons desejos não se applicam, e não se habilitam a figurar mais ou menos honrando as patrias letras; estes devem ser animados, e auxeliados por quem os possa guiar; e dar-lhe a mão para subirem. Os defeitos de um original perdoem-se, mas os de uma traducção não se soffrem; cada um pode fazer o que quizer do que for seu mas do que é alheio é um roubo.

O sr. Chaby além de perfeitissimamente copiar o lindo quadro que elegeu, fez um serviço á moral publica; porque a conversão de Santa Maria Magdalena é o melhor espelho que se pode offerecer ás nossas jovens patricias: alli bebe-se como por incanto um balsamo vivificante que sanando as feridas d'alma lhe restitue a vista e a verdadeira felecidade que é — a paz interna, a intima satisfação da propria conciencia — Respira-se um perfume tão suave tão celeste que o espirito comessa a detestar os falsos incantos com que o mundo enlêa os humanos, e os afasta do seu unico centro; onde apagada a sede consumidora das mundanas paixões nada mais quer, porque está satisfeito! E como se entende que, no meio dos maiores deleites inventados pelos materialistas, a alma se sinta inquieta; desejando cada vez mais; e por fins cançada enjoa e detesta esses prazeres, esse luxo, essa opolencia que encobrem as miserias da vida, e a consomem no delirio e freneticos dezejos; como no auge maior das riquezas, grandezas, e distracções o homem se enfada comsigo mesmo; nunca está bem com os outros; e porque no soffrimento, na indigencia, sente-se o espirito contente, engrandecido, bem comsigo, bem com todos, ama, e busca esse viver de penas como um viver de gloria?! Se a nossa Religião não explicasse este prodigio quem o compreenderia! Uma só palavra de Christo póde mais que todas as palavras dos homens! Magdalena ouve-a da boca de um herege, e nem assim perde a força essa voz que tem ecco em todas as conciencias! Magdalena sente-a coarlhe no mais intimo da alma; e nem o bolicio do festim, nem todos esses vãos esplendores e incantos perigosos poderam impedir que ella voasse para quem a chamava! Altos são os designios da providencia divina; e bem certo é que — Deus escreve direito por linhas tortas.

Os pais, os maridos, os irmãos; e até os amantes sensatos, devem dar a ler ás suas filhas, esposas, irmãas e amantes esta obra enteressante e proveitosa; porque a nenhum homem de juiso convém a mulher que se deixa fascinar pelos atractivos do luxo e dos prazeres que forçam e arruina — Casas — Corpos — e almas.

Eis ahi fiel e francamente expressadas as impressões que sentimos ao ler — *Uma tarde em Magdalum* — Não é um juiso que fazemos da obra, é uma justa idéa que offerecemos deste util, e bem executado trabalho.

D. A. G. PUSICH.

POEZIAS.

—

PRECES OU CANTICO DEVOTO DEDICADO AOS FIEIS PORTUGUEZES.

E approvado pelo E.mo e R.mo Sr.

CARDEAL PATRIARCHA.

Rolando em nuvens de fogo
Desce o raio vingador:
E' o raio que despede
A justa Mão do Senhor!

A dextra que poderosa
Do cáhos o Mundo ergueu!
E que ás Estações, aos Astros,
As leis immutaveis deu!

Essa Mão que sobre a terra
Tantos dons já derramou!
Essa Mão, que dos abysmos,
Piedosa nos libertou.

Hoje erguida!... fulminante!...
Ai! quem a suspenderá?
Graça para os delinquentes,
Meu Deos! quem alcançará?

Quem? se Tu que p'ra salvar-nos
Teu sangue déste na Cruz,
Nossas preces não ouvires,
Amantissimo Jesus!

Dos homens a iniquidade
Tua colera ateou!
Dos tres flagellos da terra
A horrivel marcha apressou.

Negra peste assustadora,
Mirrada fome lethal,
E a guerra sanguinolenta
Tornando-se universal!...

Bramindo, sobre os humanos
Se arremesssam com furor!...
Mas qual vem dourando as trevas
Reluzir vivo fulgor.

Que Estrella! que Astro Divino'
Singular fulge no Ceo!
Seu raro explendor affasta
Da tromenta o denso véo!

De esperança um raio puro
Propicia trazer-nos vem!
Lá se ergue! e do Omnipotente
Paira no seio tambem!

A seu chegar que perfume!
Que harmonia! que prazer!
Do Senhor nos Ceos parece
A Ascenção tornar-se a vér.

E o rosto irado serenas,
Meu Deos! Supremo Juiz!
Graça p'ra nós te supplica
Maria, a Estrella! feliz!

A que por Mãi Tu nos déste,
Quando expiraste na Cruz!
A que Mãi tambem foi tua,
Amantissimo Jesus!

A Estrella que nos conforta,
E nos guia na afflicção!
Que efficaz, benigna implora
De nossa culpa o perdão!

—

SUPPLICA.

Senhor! Tu que nas alturás
Reinas n'um Throno de Amor

Onde tudo é paz, e gloria!...
Misericordia, Senhor.

Tu no Ceo, na terra imperas!
E do mundo és Salvador!
Salva os fieis que te imploram
Misericordia, Senhor

Pela Hostia sacrosanta,
Que nos doou teu amor;
Pelo sangue teu divino,
Misericordia, Senhor.

Por essa C'rôa d'espinhos,
Por esse Calix de dôr,
Pelas Chagas do teu peito,
Misericordia, Senhor

Pelos tormentos, e affrontas
Que soffreste, oh! Redemptor!
Nossas supplicas attende!
Misericordia, Senhor!

Por essa tremenda hora
De agonia, e acerba dôr,
Em que na Cruz expirastes,
Misericordia, Senhor!

Pelas angustias da Virgem,
Por seu pranto, e seu amor,
Ouve, oh! Christo, as preces nossas!
Misericordia, Senhor.

Peste, fome, dura guerra,
Que nos bradam em redor,
Senhor! d'este Reino affasta!
Misericordia, Senhor.

D' este Reino inda a Bandeira
Ostenta sacro penhor!
Foi divisa que nos déste,
Misericordia, Senhor

E' divisa que recorda
Tua morte, oh! Creador!
São as tuas cinco Chagas,
Misericordia, Senhor.

São o Escudo que nos livra
De tanto mal! tanto horror!
Por nós, por todos roguemos
Misericordia, Senhor!

E em sons divinos se exalte
O Teu Nome, oh! Redemptor
Gloria nos Ceos! paz na terra!
Misericordia, Senhor.

D. A. G. PUSICH.

O PASSEIO AO JARDIM DA ESTRELLA.
DEDICADO AO MEU AMIGO

O Ill.mo Sr. José Maria de Santos Marques.

—

Eu vou lembrar um domingo,
Um passeio que ajustei,
Em o novo da Estrella
Onde uma tarde passei.

Cobriam aquelle sollo
As rosas, e flores mil!
Arvores, e trepadeiras,
Estava tudo gentil!

Agua pura cristallina
N'aquelles lagos corria!
Os cisnes, e os peixinhos,
Era tudo em harmonia!

Nos ramos os passarinhos,
Em tão suave cantar!
Os banquinhos de cortiça
Convidam a descançar.

Não esqueçam os de ferro
Que tambem alli estão!..
E por não serem campestres
Já não teem acceitação.

N'uma baixa, uns penedos,
Agua d'elles a cahir!
As ortences, e mais flores,
Em cavernas a florir!

Já no occaso o sol baixava,
Era o seu rosto sem véo!
Sobresahia em tal quadro
Lindo asul d'um claro ceo!

Oh! e quem tal retratára?!
Nem o mais habil pintor!
Eu n'estes versos singellos
Cantarei tanto primor?!

Eu exercendo a pintura
Tal não posso copiar!..
Deixo palheta e pinceis,
A lyra tento afinar!

E vibrando sons vehementes
Neste tão vasto jardim!..
No ceo ouvir me parece....
As vozes d'um Cherubim!..

Uma estrella fulgarante
No Ceu já vejo Surgir!
De todas a mais formosa
Bem se póde destinguir!...

No centro de taes delicias
Tudo desappareceu!...
A' terra volvendo as vistas,
Se enlutou o pençar meu!...

Vi d'um lado um cemiterio!
Vi de outro, um Hospital!
Do outro, um templo que recorda
Grandesas de Portugal!...

O jardim já era escuro!
Causava immenso pavor!...
No cemiterio se ouviu
Um gemido assustador!

Era o Mocho *a ave nocturna*
Que piava sem cessar!...
Algum ente desditoso
Ia da vida privar.

Das torres d'antiga Estrella,
Um som despertar-me veio!..
Deram não sei quantas horas,
Fechou-se logo — *O Passeio*!..

F. J. F. DA S. E SERRA.

Pedimos ao Sr. Serra desculpa de não termos dado publicação ao seu seguinte artigo em tempo competente, por não termos tido lugar em consequencia de outros assumptos de que não deviamos prescindir terem occupado os limitados espaços desta folha; entretanto como os bons exemplos devem patentiar-se, entendemos que inda que tarde vae sempre em boa hora.

—

EXEMPLO DE BENEFICENCIA.

A virtude de beneficencia a onde se achar, ade resplandecer com o maior louvor, nas collumnas d'este jornal, que exerce este titulo em favor da caridade; que é o maior serviço que um bom christão, na terra pode fazer.

Na Irmandade do Senhor Jesus da Salvação e Paz, em Quinta Feira Santa; celebrou-se uma festividade, digna de servir de exemplo, para todas as igreijas que festejam a semana Santa; e que infelizmente gastam grossas sommasde dinheiro sem que todavia sejam empregadas, em servir de beneficio aos necessitados.

A commissão de Beneficencia, do Senhor Jesus da Salvação e Paz, e Senhora das Dores; composta unicamente de seis pessoas; deram um bodo a 60 pobres; do seguinte. — Um arratel de arroz, outro ditto de Bacalhão, um salamim de Grão, outro de Feijão, um pão; e em dinheiro quatro vintens. — Esta esmolla bastava para aquelles mendigos n'aquelle dia, não parcerem de fome!... elles contentes bem diziam as mãos bemfasejas, que lhes aviam proporcionadoa quella esmola, e agradecendo a Deus, voavam a suas casas a soccorrer os seus filhinhos, seus paes enfermos, ou seus irmãos cegos. Oh! e quanto isto é bello e maravilhoso!... Quanto é nobre ao vermos a miseria, e conforme as nossas farças, suster que um grupo de infelizes, n'um dia tão sagrado, de tanto respeito, não padecessem fome! desta palavra que só de prenuncial-a faz horror!

O exemplo de alta philantropia que estes senhores acabaram de dar, é uma prova de que ainda á em portugal, corações caritativos; e que a elevada beneficencia ainda eziste, e que ainda podemos dizer: — amemo-nos uns aos outros. — Oxalá que esta acção fosse imitada nas mais igreijas, onde só querem uzar de representação: olhae bem para este exemplo, e vêde quanto é mais suave os pinhores que atráe a beneficencia feita de livre vontade: o soccorro prestado aos necessitados, será sempre louvado, e grato a Deus; cheio de bençõe e louvores.

Tambem na ditta Irmandade, se festejou o Lava Pés, em seguida ao bodo; feitas as despezas, unicamente por o Ill.mo Sr. Francisco de Paula Marques: estando a Irmida armada simples, mas muito decentemente: seguio-se a ceremonia, sendo escolhidos os irmãos pobres da Irmandade, que receberam cada um; um bilhete para o bodo, uma toalha; e em dinheiro doze vintens.

Honra seja feita a este illustre cavalheiro, que tão destintamente quiz ornar a festividade.

Dois altares estavam bastantemente allumiados, principalmente o da Senhora das Dores.

Ao ver tanta magnificencia, tanta caridade, não pude deixar de em publico fazer sciente, qual foi a beneficencia que estes senhores empregaram: os maiores louvores não bastam para os distinguir. Que possam elles sempre assim continuar, praticando tão nobres, como destinctas acções; e que Deus os anime, e os ajude.

F. J. F. DA S. E SERRA.

Recebe-mos o seguinte artigo de um joven nosso vizinho; e não o podémos publicar antes por falta de espaço; o que fazemos ogora, não porque seja preciso noticiar-se as publicações de que trata, pois as auctoridades tem providenciado judiciosamente, prohibindo taes folhas como abuso de liberdade de imprensa; mas parece-nos dever dár publicação a estas poucas linhas para mostrar os bons sentimentos de quem as escreve, fazendo justiça á mocidade prezente que na verdade não approvou taes excesos, no que déram uma prova de conservarem no fundo de suas almas um principio de moralidade: entretanto, sem que já mais se possa entender que pertende-mos desculpar os Redactores dos Jornaes condemnados, porque não podemos desculpar faltas de semelhante naturesa n'um paiz civilisado, ou que pelo menos trabalha para o ser; dirêmos que, se mais apreço se désse ás obras moraes, não appareceriam taes escriptos; sendo certo que — todas as pessoas que não são más gostam de bons escriptos, mas poucas os favorecem; em quanto os escriptos immoraes dão interesse a quem os publica porque os vende bem!... Será bom que os grandes deste paiz olhem seriamente para isto; e se lembrem que devem animar os bons, senão quizerem que os maus os encomodem.

A REDACTORA.

COMMUNICADO.

Estando-se imprimindo n'esta Capital alguns Jornaes que por sua natureza, e objectos de que tratam se tornam assaz rediculos; não posso portanto deixar de tratar deste assumpto.

Temos presentemente — *A Pandiga* — Ora já se vê que os artigos de que trata este Jornal, devem condizer com o seu titulo.

Que Religião, que Moral, que Instrução, pode dar leitura semilhante? Que proveito tira a mocidade destes Jornaes? Riem-se das babozeiras que veem impressas n'aquelle papel? Não, porque o seculo prezente não é o 15.°.

A'lem d'estes temos o — *Janota Critico* — um pouco mais supportavel, mas quazi em identicas circunstancias.

Ainda, bem que a mocidade portugueza dá quazi nenhum apreço a estas leituras, o que se prova pela decadencia de teas Jornaes.

Toma a responsabelidade.

V. FERREIRA CHAVES.

MAIS DOIS ANJOS NO CEU!

No dia 30 de Abril deste anno voou ao Ceu o espirito ditoso de um cheru-

bim, que sob as formas humanas habitou este valle de lagrimas para difundir a preciosa luz das mais brilhantes virtudes em que Deus a distinguio! Era este Anjo a Ill.ma e Ex.ma S.a D. Maria da Gloria de Sá Pereira de Menezes, filha do Ex.mo Sr. Conde de Anadia Visconde de Alverca Senhor da nobilissima casa dos Paes de Mangualde: e da Ex.ma Sr.a Condessa da Anadia, D. Maria Luiza, Senhora da muito distincta casa dos Sás Pereiras de Condeixa. Na edade de 27 annos deixou a terra, e foi gozar na eterna bemaventurança a coroa virginal, e o premio que o Senhor lhe preparou. Logo depois outro Anjo de virtudes a seguio como anhellante da gloria que a primeira hia fruir! — No dia 4 de Maio deste anno foi igualmente habitar a morada dos Anjos a virtuosa filha dos Ex.mos Senhores Duque e Duqueza de Cadaval, á cerca da qual o seguinte necrologio diz com verdade e saber todas as noticias mais importantes.

Nós rogamos aos Ex.mos Paes, Avó, e parentes da primeira, e á Ex.ma Sr.a Duqueza Mãi da segunda, assim como a sua Exm.a irmã, e parentes acceitem os puros sentimentos de verdadeira magua com que sinceramente os acompanhamos em sua justisssima saudade.

D. A. G. PUSICH.

NECROLOGIO.

Tout vient de Dieu; tout retourne à Dieu....

Similhante á ligeira nuvem, que passa desapercebida e se dessipa ao rijo sopro do vendaval, ou á mimosa flor que apenas nasce e logo fenece; assim foge com rapidez o curto periodo da nossa infeliz existencia, e a morte nunca vem tarde cobrar o geral tributo imposto á fragil humanidade como justa punição do primeiro crime prepetrado no Eden formoso!

Mas ha seres privilegiados, que vivem álem da campa, e que por haverem legado á sociedade o brilhante exemplo de suas insignes virtudes, tem incontestavel direito á veneração publica: porém, para estes modelos poderem ser imitados, convem que seus illustres nomes não fiquem occultos, e que as suas bellas acções sejam transmittidas ás gerações futuras:

E' esta a nobre missão que vamos cumprir, dominados da mais intima dôr, sem o menor receio de faltar á verdade nem á justiça, e conscios da escacez de nosso engenho para uma empreza de tanta gravidade.

Em 14 de Novembro de 1828 nasceu, em Pedrouços, a Ex.ma Sr.a *D. Carlota Caetano Alvares Pereira de Mello*, que foi o 5.º fructo do enlace conjugal do 6.º Duque de Cadaval — D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello — com a Ex.ma Sr.a D. Maria Domingas de Bragança de Souza e Ligne, e reunindo á educação religiosa e propria da sua elevada gerarchia, as eminentes qualidades de seus esclarecidos progenitores, herdou tambem o mais precioso timbre desta nobilissima familia, bem conhecida e muito respeitada pela sua constante Fé e ardente Caridade.

Mal soltava ainda os seus vacillantes passos neste mundo de illusões, quando começou a sentir logo os fataes effeitos da adversidade, e que foram o presagia dos maiores revezes que a aguardavam mais tarde! Na idade, propicia aos praseres innocentes, e que parece isenta das magoas que tras o decurso da vida, mas dotada já de uma reflexão prematura, foi ferido seu sensivel coração com o mais penetrante golpe pela infausta perda de seu muito amado e virtuoso pai, acontecida em París a 14 de Fevereiro de 1837, e á qual se seguiu com breves intervalos os finamentos de suas tres queridas irmãs e inse-

paraveis companheiras da sua infancia.

Com uma compleição delicada, e sendo affectada por tão acerbos e continuos pesares, que trocaram em agudos espinhos as flôres que lhe promettia o explendor do seu berço, a sua saude tornou-se cada vez mais precaria, e causou sérios cuidados a sua boa e extremosa mãi. — Passando á Italia, regressou depois a Portugal em 22 de Setembro de 1850, mas não encontrou nos ares patrios os alivios que esperava, e a Ex.ma Duqueza, sempre solicita em minorar os padecimentos de sua presada filha, a acompanhou para a Ilha da Madeira em 14 de Dezembro de 1851. Porém a illustre enferma não achou tambem melhoras naquelle ameno clima, nem em Sevilha, assim como em Cadiz para onde havia fixado ultimamente a sua residencia, e o progresso de seu melindroso estado trouxe um funesto resultado....

Tantos sacrificios empregados pelo amor materno foram frustrados, e não poderam conseguir a conservação de uma vida tão dilatada em soffrimento, como diminuta em annos, e longa em perfeições! A Ex.ma Sr.a *D. Carlota* encarou a morte como ella é para o verdadeiro Christão, recebeu com edificante piedade os sacramentos da Egreja no dia 22 do mez passado, e esperou com a serenidade de uma alma pura que soasse a sua derradeira hora para ir gosar da eterna paz! Os poucos momentos que o seu penoso soffrer lhe concedia, foram occupados nas orações, e em animar sua consternada mãi com as expressões de candura que lhe dictava a sua natural affabilidade! Esta scena tão tocante, quanto afflictiva, não a podemos descrever, porque não ha frases que a façam sentir devidamente, e só a saberão apreciar os corações maternos....

Por um desses insondaveis mysterios de Providencia, que nos é vedado investigar, e só nos cumpre respeitar; exhalou aquella *Senhora* o seu ultimo suspiro em 4 do corrente, n'um paiz estrangeiro, como succedera tambem a seus respeitaveis avô, paí, e irmãas; e seu espirito angelico foi tomar no Ceu o logar que o Senhor já lhe tinha reservado entre os seus escolhidos, e adornar-se com a gloriosa corôa que havia merecido por suas distinctas virtudes.

Tal é a nossa firme crença: e lamentamos, quanto em nós cabe, a pungente dor de uma angustiada mãi, que per tantas vezes tem provado a amarga taça das tribulações, e cuja resignação, que é a coragem do justo, lhe tem grangeado a palma do martyrio. Porque, sem ferro nem fogo, é martyr quem pela sua paciencia nos tormentos da vida, sabe conservar completa conformidade com as divinas vontades, e segue os preceitos da Religião Santa que professamos.

Confiamos pois que a Ex.ma Duqueza continuará a achar no suave jugo do Christianismo o conforto de que carece neste novo e doloroso transe, e que lhe hade servir de linitivo e ditosa recordação de haver criado Anjos, que a terra era indigna de possuir mais tempo, e que Deos chamou tão cedo para o seu lado! — Esta consolação, filha da fé, não é como o esquecimento, que provêm do egoismo; o qual não póde imperar sobre um Ente bem formado, e cujos elevados sentimentos a constituem oornamento do seu sexo e da nobreza lusitana.

Tendo traçado, com mão tremula, estas poucas linhas nas paginas deste pio e accreditado jornal, damos por concluido o nosso imperfeito quadro, digno de mais destro pincel, e que dedicamos á Memoria da Ex.ma finada, como uma leal demonstração da nossa respeitosa saudade e profundo acatamento. — O seu mais eloquente elogio, são as distinctas virtudes que a adornavam, e a sua lembrança hade ser eterna. PAIVA.

Typ. rua da Cordessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S. José n.º 135, 2.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 12 — JUNHO 1.º — 1854.

VIAGEM DE SUAS MAGESTADE E ALTEZA.

—

No dia 28 do Maio proximo findo pelas 10 horas e meia da manhãa embarcaram Sua Magestade o Senhor D. Pedro, e Sua Alteza o Senhor D. Luiz, para seguirem viagem a inglaterra, e outros paizes que pertendem conhecer. Seu Augusto pae os acompanhou até ao *botafora*: e os Ministros da Corôa e um numeroso concurso de pessoas distinctas acompanharam os principes que saudosos iam deixar Portugal para colher sublime instrucção no conhecimento de usos, costumes, e leis das nações mais cultas da Europa; e unindo á theoria a pratica, habilitarem-se a merecer o amor da terra onde tiverem de viver. É uma auzencia de poucos mezes; mas de menos que fosse, não podia ser indifferente ao coração de um pae extremoso que pela primeira vez sente dividirem-se de seus braços dois carinhosos filhos, que formam as delicias de sua existencia; e que ao abraçal-os na despedida, seus maguados olhos contemplaram o espaço immenso do vasto mar que os hia separar!.. cada momento que decorre depois deste ultimo adeus vem trazer-nos um pensamento de intima dolorosa saudade! O lenho cortando as Ondas corta-nos o coração com a lembrança do que nos leva!...

É sempre triste, sempre solemne; um acto de separação ainda que seja por motivo justo, e proveitoso; e só uma alma de bronze poderá deixar de o sellar com lagrimas de saudade! Era pois este quadro enteressante ao coração que sabe sentir; era magestoso, mas doloroso! Os olhares de ternura que reciprocamente se encontravam dos saudosos pae e filhos; misturando-se com a natural afabilidade com que usam afagar o povo, offereciam um contraste sublime; e seus affectos, debuxados em seus rostos, tradusiam o mais nobre sentir que se infundia nas almas dos que insensiveis não sabem conservar-se como estatuas de pedra á vista dos combates do coração com o dever.

Nós que desde a perda infeliz de nossos queridos e bons pais não conhecemos o que é verdadeira alegria; e que evitando todas as occasiões de regosijo, aborrecendo as galas que mentindo cobririam as angustias que nos enluctam o coração; nós que só concorremos a solemnisar actos funebres, ou tristes; não faltámos a prestar as homenagens devidas aos Principes a quem devemos

tanto, no agrado com que se tem dignado distinguir-nos; sendo este voluntario sentir de suas almas a maior mercê com que de certo nos podem honrar e que tem mais força do que todas as estudadas, ou aconselhadas considerações com que nos quizessem prender. Sim!.. a nossa rasão, o nosso dever, o nosso coração que não sabe ser ingrato, nos levou a sair de casa para unidas ao povo assistir ao embarque dos Principes; e com effeito fomos; porem o animo hia-nos faltando ao ver na passagem as lagrimas copiosas e sentidas da virtuosa Duquesa da Terceira que tambem via seu digno consorte partir; e depois a vista de Suas Magestades e Alteza; acabou de nos comover a ponto, que impossivel nos éra proseguir, nem demorar-nos a ver um quadro tão tocante ao coração de mãe, que o sabe sêr! O Ex.mo Barão de Sarmento vio-nos, e nos disse adeus!.. e as despedidas que lhe dirigi-mos foram já tão afflictivas que nos retirámos para nosso humilde quartel, sem ter força de ver uma separação que nos sensibilisou tanto, recordando-nos o que soffremos ha dois annos e meio, quando ausentando-nos da Ilha da Madeira alli nos separamos de um filho muito amado!

Innocentes jovens!.. conhecesteis pela vez primeira o que era dor quando a morte vos arrancou vossa carinhosa Mãi!.. Conheceis o que é saudade e exilio ao deixares Pai irmãos e Patria!.. O primeiro dia de vossa viagem é o primeiro dia de encommodo que soffreis, passando de um Palacio Real a um navio, onde embora se estudem mil commodidades, é sempre um navio, uma casa que voga sobre as ondas, cujo rodar não é o de um coche. Joven Rei! Já o Sceptro começa a pesarte na dextra!.. Já a corôa principia a brotar espinhos!... Que o Senhor torne menos duros esses emblemas de gloria e martyrio; que pelos teus ligeiros encommodos, por tuas afflicções d'alma, avalies os imensos dolorosos trabalhos e privações dos subditos infelices; e minorando seus males; e merecendo por tuas virtudes as affeições do povo que regeres, encontres no mesmo povo os cyrineos da tua Cruz — os teus amigos — a tua felecidade, que só as armas poderosas de tuas virtudes, e intelligencia poderão firmar.

Ao chegar-mos a casa a primeira coisa que se nos apresontou foi uma carta fechada que disseram tinha sido enviada pelo Ex.mo Sr. Ministro de Marinha; ao abril-a vemos dois bilhetes de convite para acompanhar Suas Magestades e Altezas ao seu *bota fora!*.. Qual foi a nossa pena imagine-se!... A casa tem duas portas; nós sahiamos a do quintal, por uma rua, quando por outra entrou pela principal a carta!.. Foi esta uma lembrança que nos penhorou em extremo, porque além da consideração com que se dignou S. Ex.a distinguir-nos, mostrou que soube comprender o nosso verdadeiro sentir; e satisfazia por tal modo um desejo que não manifestaria-mos porque em casos taes estimamos, agradecemos o sermos lembrada, mas não usamos fazer-nos lembrar. Gostando nós de nos unir ao povo em actos publicos, todavia eranos grato e acceitariamos estas distinções, se a sorte não nos tivesse afastado de as receber a tempo; e damos esta satisfação publica para que se faça justiça a nossas intensões; e não se estranhe que tendo bilhetes estivessemos vendo o embarque e não prestassemos de perto as honrosas homenagens e saudosas despedidas a dois Principes que já em sua tenra idade nos conhecem e distinguem; ao saudoso Pae que benigno e coustante sempre nos tem honrado com sua estima, e protegido em nossa difficil carreira, acompanhando-nos

e suavisando-nos o peso da Cruz que levamos ao nosso Calvario.

Ainda que pouco já teremos que andar, porque sentimos que de dia em dia nos vae fugindo a vida a passos de gigante, com tudo estas honras com que se coroam nossos pequenos serviços, e grandissimos desejos; são flores que se espalham na espinhosa vereda, e nos suavisam a aspresa do caminho que ainda temos de atravessar; é uma luz confortadora de esperança que nos deixa vêr entre as sombras de um futuro não remoto, que depois de nossa morte não será esquecido o nosso nome, e nossos innocentes orfãos serão attendidos; e não podemos deixar de tributar affeição, e reconhecimento áquelles que nesta esperança nos animam a entrar sem pesar a porta sepulchral que nos franquea a eternidade onde esperamos que as Misericordias de Deos nos compensem todas as angustias e trabalhos de uma vida, que seria mais longa, e mais util, se ha mais tempo tivessem podido conhecer, e fazer justiça a nossos bons desejos. Entretanto caminharemos em quanto um sopro de vida nos restar; e faremos por cumprir nossa missão sem merecer jámais o odio de pessoa alguma; nem o anathema das gerações futuras, mas sim as lagrimas, as bençãos que até ao derradeiro suspiro consagraremos á humanidade.

Este artigo é escripto no auge maior de um longo padecer que se originou de fadigas e desgostos; por isso temendo, e não sabendo quando chegará a hora tremenda que pode soar cedo ou tarde, nos detivemos a dizer alguma cousa mais de nós.

Pedimos perdão se abusamos da paciencia de nossos leitores; assim como pedimos a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando se digne acceitar os sentimentos com que o acompanhamos em seus desgostos; e desejamos que breve seu paterno coração exulte ao tornar a abraçar seus Augustos Filhos, que o Altissimo acompanhe e defenda de todos os perigos.

D. A. G. PUSICH.

FESTEVIDADES A SANTO ANTONIO.

Grandes preparativos annunciam nas festas de Santo Antonio a constante devoção do povo portuguez, que, sempre fiel á sua crença, tem honrado o culto do glorioso Santo Patricio nosso, e modello sublime das mais Santas virtudes!

Em todas as freguezias mais ou menos se festeja este Santo; fasendo-lhe a sua Trezena em muitas Egrejas, Capelas, e Oratorios particulares, e destinam-se tambem alguns socorros aos pobres. Na Freguezia de S. José com especialidade se solemnisa a festividade de Santo Antonio; começando hoje a sua Trezena de musica nova e instrumental, cantada por eximios professores; e por senhoras curiosas que por obsequio se offereceram a cantar: no dia da Festa haverá Missa, e Sermão; sendo os Oradores benemeritos Sacerdotes de reconhecida intelligencia; e a musica tanto da Trezena como da Missa é nova, original do sr. Cazemiro; que nesta composição augmenta as honras devidas ao seu genio, pois é uma feliz producção de seu raro talento. Distribuir-se-hão igualmente algumas esmolas aos pobres da Freguezia. Folgamos com estas mostras de Religião, porque animado pelos fieis o culto divino, conseguiremos profundar nos corações vacilantes as raizes da fé que o vendaval maldito das revoluções havia quasi de todo arrancado.

São dignos de louvor os cavalheiros que assim trabalham por moralisar a sua Patria, exaltando a Santa Religião

do Cruxificado, unica lei que pode unir e felicitar os homens.

D. A. G. PUSICH.

THEATRO DE S. CARLOS.

CONCERTO MUSICAL.

—

A 14 do corrente mez terá lugar no Salão do theatro de S. Carlos um grande concerto de musica em beneficio do sr. Guilherme Ruben Morley, joven artista, que pertende ausentar-se de Portugal, para demandar em paiz estranho melhor fortuna do que aquella que tem tido na terra onde achou o berço!

O sr. Morley é filho de um honrado, e bem conhecido inglez; mas nascendo em Portugal tem considerado como sua Patria este paiz; afastando-se de uma brilhante carreira que seu bom pae lhe destinou, seguio como por instincto a musica, sentindo que uma força irresistivel o atrahia a estudar as harmonias, e exercer uma profissão tão apreciada, mas tão pouco vantajosa aos Portuguezes!....

Sua voz forte, e bella é de 1.º tenor, já conhecida nas Egrejas, nas Academias e no theatro de D. Maria, onde tem cantado por obsequio: deseja seguir a carreira que seu genio escolheu; mas vendo que se lhe appresentam grandes difficuldades de poder ser feliz em Portugal, onde só se apreciam os cantores que vem de estranhas regiões, decidiu ausentar-se para reinos estrangeiros, onde seu genio seja accolhido como sempre em nações cultas se accolhe o merito; ou fique lá gosando o fructo de suas fadigas, ou voltando a Portugal encontre mais acolhimento e fortuna por ter hido a outras terras purificar-se do peccado original, que as aguas de Portugal não podem lavar!... E' forte infelecidade!... Será eterno o anathema que a ignorancia fulminou contra o genio em um paiz de tantos genios!.... Nem a civilisação que desponta pode ainda vencer as trevas que nos cercam; pois ainda não vemos animadas com premios as artes, e as sciencias; não vemos que o Parlamento decrete a independencia dos genios superiores; não vemos que os Governos solecitem os meios de firmar com essa independencia a gloria de Portugal! Quererão que elle brilhe sem os lumes das sciencias e das artes?... Seria pertender que o dia fosse claro sem sol; e a noite desse luz sem estrellas. Por ora temos visto premeados aquelles que se distinguem por este ou aquelle systema politico; mas aquelles que se distinguem por seu merito litterario ou artistico o que tem?.. Desgostos, miseria, abandono, e por muito favor — *louvores por sustento!* — Se isto não é assim, podimos um exemplo que nos convença; pois além de 500$000 réis decretados para um monomento ao nosso Eximio Filinto Elyzio; nada mais vemos; e a este dá-se-lhe casa grande depois de morte!.. Isto quanto ás letras; e quanto ao merito artistico?... A sr.ª Emilia das Neves, agora!...

Eis a sorte de Portugal. Admira como não emigrem todos os genios superiores; muitos isso tem feito; e a maioria não o faz ou por que lhes faltam os meios, ou por que tem suas familias que os prendem; ou tambem por que amando a sua Patria com o ardor de quem sabe sentir, não tem animo de a deixar; e antes querem matar-se lidando por vencer todas essas difficuldades que lhes empedem um luminoso progresso; e assim dever ás forças da intelligencia o seu futuro; a independencia nacional — a gloria da sua Patria, para que devem constantes e incansaveis trabalho, pois se não se derem as mãos, não vemos geito de conseguir taes milagres.

Não podemos ser indulgentes quando consideramos esta questão!.. Toca-nos muito de perto; mas como temos a certeza de que alguem um dia se occupará de nós (quando já não precisar-mos senão orações) occupar-nos-he-mos de nossos irmãos; e com essa fraternidade que liga os genios, advogaremos sempre corajosamente esta causa. Confiando, todavia, nos conhecimentos e boas intenções dos que mandão, roga-mos que não curem só nos meios de sustentar a politica; e grandezas nacionaes de aparencias luminosas; cuidem tambem nos meios de firmar a indedendencia d'aquelles genios aquem Deus conferio a luz com que se hade alumiar esse dificil caminho que os grandes tem de atravessar — attendão, protejam os artistas Portuguezes; pois todos fazemos parte deste grande todo. Se assim acontecer serão louvados pelas estranhas nações — abençoados pela posteridade — tem o reconhecimento dos prezentes, o culto dos vindouros, — e nossa debil vóz ainda que soando proxima á sepultura erguerá um hymno de louvor áquelles que regendo os destinos deste paiz souberem prestar decidida protecção ao merito — pois assim moralisam o Paiz, e honram a Deus.

Tornando ao Sr. *Marley*; estimaremos que seja feliz na sua viagem; mas não podemos deixar de sentir a magua de um velho honrado pae que á beira do sepulcro abençoa o seu unico filho, e o vê dizer-lhe um adeus, que pode ser o derradeiro!..

Contamos que todos os Portuguezes e mais pessoas que sabem conhecer os nobres sentimentos de beneficencia, concorram a favorecer o seu beneficio; a que os mais poderosos não faltarão, por que entre estes existem — cavalheiros de reconhecido merito.

Aos illustres assignantes desta folha recommendamos este artista digno de melhor sorte; que ao menos leve comsigo o que só podemos offerecer-lhe — uma lembrança de nossos bons dezejos.

O referido concerto será executado pelos melhores professores que estiverem na corte.

D. A. G. PUSICH.

EDIFICANTE EXEMPLO DE RELIGIÃO.

—

Solemnisou-se no dia 29 de Maio, no Convento das Religiozas do Salvador, uma festividade, em que o Muito Reverendo Padre Raimundo dos Anjos Beirão, mostrou até aonde se estendia a sua muita Caridade, e Religião.

Este dignissimo Ministro do Senhor, principiou uma Missão, n'aquelle Convento, no 1.° de Maio do corrente anno (a qual durou até o fim do mesmo mez) no domingo 28, se celebrou o muito Religioso acto da — *Communhão dos Meninos* — ministrada pelo mesmo Reverendo Padre.

Todas as meninas que n'aquelle dia Commungarão, forão vestidas com o producto das esmollas obtidas pelo mesmo Sacerdote, as quaes pedia no acto em que exercia a sua Sagrada Missão. Viase gente de todas as classes concorrerem áquelle acto, o pobre, o rico, o nobre, o plebeu, hião humildemente beijar a mão do Caridoso Sacerdote.

No dia 29, seguio-se a — Communhão das pessoas que fizerão Confissão Geral, (éram mais de 146 pessoas) e nesse mesmo dia, o Muito Reverendo Padre destribuio esmolla remediável a 300 pobres, tambem esmollas obtidas pelo mesmo.

N'outro qualquer artigo trataremos mais circunstanciadamente as virtudes do digno Sacerdote.

Lisboa 30 de Maio de 1854.

V. FERREIRA CHAVES.

POESIA

Por occasião da lamentavel morte do Illm.° Sr. Antonio Izidoro de Moraes Ancora, fallecido no dia 26 de Abril de 1854.

SONETO.

Respeitavel Mortal, sêr mais que humano!
Astro brilhante, para o Ceo voaste!
Tu a honrá, a virtude sublimaste,
Corajoso encarando o Fado insano!....

No rigor do destino mais tirano
De seres sempre firme te ufanaste!
Impavido, immotavel, triunfaste
Do detestavel erro, atroz engano!!..

Foste amigo fiel, irmão amante,
Das letras amador, do pobre abrigo,
Na fé, no amor, a Deos sempre constante.

O' quanto é pouco o que de ti eu digo!
Alegre, affavel, meigo, interessante,
Quem no mundo igualar pode comtigo?!

POR D. M. I. M. S.

Tendo sido procurados os numeros da *Assemblea Litteraria*, onde vem publicado um Romance nosso intitulado — Dois Mysterios — e não os havendo, nem podendo nós dispor das collecções que temos, porque são apenas aquellas que em memoria nossa podemos deixar a nossos filhos, nos resolvemos a reimprimir o dito Romance nesta folha; acrescentando-lhe mais algumas circunstancias sobre os ultimos dias de Edgard.

DOIS MYSTERIOS.

ROMANCE.

O canto nocturno.

A sombra amena de uma noite de outono do anno de 1835 abrangia a nobre e opulenta cidade de Lisboa. O ceo offerecia a nossos olhos o quadro maravilhoso da immensidade pos planetas, e estrellas fixas que douram seu lustroso manto azul! Uma suave brisa agitava brandamente os arvoredos, e extrahia das flores o precioso arôma com que perfumava a terra! Nem uma nuvem offusca o firmamento!

O sino do Convento Novo do SS. Coração de Jesus annuncia aos mortaes que a noite ha tocado em meio do seu gyro!

O ruido das seges, o trotar dos cavallos cessou! Cessou tambem a funebre vista dos finados cujos restos vão descançar no campo dos Prazeres, e que de continuo entristecem aquelles logares, levando aos vivo, a memoria fatal do seu inevitavel termo! Só de quando em quando as aves nocturnas cruzando o cemiterio dos inglezes, a grimpa das torres, e as ruinas do zimborio do Convento, com seus descompassados pios despertavam os échos da solidão!.... Mas não eram só os échos funebres das aves da morte que interrompiam aquelle magestoso silencio! Um som menos rouco, um som triste, mas tão pungente, e interessante parecia commover os rochedos!.. Os échos o repetiam claro, intelligivel quanto ás vozes, quanto ao sentir mysterioso!.. Eu o ouvi, e o interesse que em minha alma despertou moveu o ardente desejo de sondar um arcano talvez impenetravel!

A voz de uma infeliz mulher se ouvia interrompida por intimos ais!

Entoava uma canção harmoniosa onde a paixão respirava com toda a sua força!

A pequena distancia da praça do Convento Novo do SS. Coraçgo de Jesus, (vulgo largo da Estrella) era situada uma simples casa cuja apparencia não chamava a attenção do caminhante, mas onde a imaginação do poeta attentára se antever podesse o quadro interessante que alli se offerecia!

Uma fraca luz tremulando deixava perceber atravez de uma janella meia aberta a cantora nocturna, e mysteriosa.

Era uma senhora ainda joven, ao que

parecia, de fórma regular, cujas feições não pude differençar; mas de côr alva, e cabellos pretos,

Assentada junto de uma banca aonde tinha um tinteiro, papeis, e alguns livros, ella reclinava a face consternada em uma das mãos, e cantava com musica sentimental os versos que pude decorar, porque mais de uma vez os ouvi, pronunciados com a verdadeira expressão do amor, e da afflicção! Eil-os:

Quando no roxo horisonte
Nivea aurora despontar,
E o meigo canto das aves
Do somno te despertar;
Lembra-te que á mesma hora
Pensa em ti quem mais te adora!

Quando a planicie gyrares,
Quando subires ao monte,
Essa brisa que sentires
Volticar-te a airosa fronte,
Vae levar-te um pensamento,
Despertar-te um sentimento!

Quando o perfume gosares
D'esse espinhoso rosal,
No botão que desabroxa
Vê retratado o meu mal!..
Um sentimento a florir....
Os receios a pungir!..

E quando mais pensativo
Buscares a solidão,
Quando ás alturas levares
A voz, a imaginação;
Lá no espaço has de encontrar
Meu pensamento a gyrar!

O canto que aos ceos ergueres,
Que os Anjos hão de escutar;
Inda que a amor não totares,
Ha de sempre amor soar....
Guarda então viva lembrança
De quem te ama, e sem esp'rança!...

Sem esp'rança, e sem ventura!..
Que em silencio ha de carpir
Um amor, o amor mais puro
Que o mortal póde sentir!
Triste amor que só respira
Quando geme ao som da lyra!

Quem será a desgraçada, e extraordinaria mulher que assim canta, que assim ama?! Quem será o objecto de tão singular paixão! Ainda ha uma que sacrifique o coração a um dever! E que dever poderá subjugar a força de um amor tão poderoso qual em seus versos descanta! Nada sei; e a minha curiosidade pela primeira vez se desenvolveu. Protestei indagar quem era a infeliz que habitava aquella casa.

Seus olhos se inundaram de lagrimas que não vi correr, mas que vi enxugar.

A aurora assumava no horisonte pura, e risonha. Os innocentes passarinhos já saíam de seus ninhss trinando saudações ao dia, quando a triste Dama se apercebeu que a noite em suas sombras deixava de a proteger; que forçoso era suffocar no peito a sua magoa, o seu amor que só ás trevas confiava, e que as trevas me revelaram!

Erguen-se, fechou a janella, e eu tomando bem sentido na casa, me retirei dizendo a sós: Quem será o objecto de suas affeições? Conhecel-o-hei? Talvez!..

(*Continua.*) D. A. G. PUSICH.

ESCRIPTORES MODERNOS DE PORTUGAL.

—

Francisco Palha.

Se a poesia mudou um pouco da sua antiga face, os poetas, affirmo eu que mudaram completamente. Em que epocha, a não sêr nesta em que por desgraça, ou engano, viemos ao Mundo, se levaria a excentricidade a ponto de ver ser valentimentalista, e auctor comico dos de mais pronunciada veia para o disparate theatral!

Que! dizia-me certo dia uma senhora de muito e finissimo espirito, — pois a imaginação é tão elastica que permitta por semelhante maneira que abusem da sua natural flexibilidade, ainda mesmo correndo risco de ser taxada de voluvel! pois o poeta que em sentidas

endexas, e ideas atterradoras solta estas palavras de pungente amargura n'uma das suas poesias *na sua ponte de finados*

E um apoz outro parando os finados
Da fria garganta soltavam a voz,
Malditos os vivos que foram amados
Por nós lá no Mundo, amaldiçoados,
Que assim tão depressa se esquecem de nós!

é o mesmo que concebe a *Fabia* esclamando estupidamente

Quem com abobra mata
Com pepino morre?

Ó revoltante elasticidade dos talentos! como hade o *pio leitor* enternecer-se, e verter copioso pranto ao ler a *Flor dos tumulos*, se no melhor da leitura o filho mais novo, ou filha mais velha cantarollarem desafinadamente o

Se eu ficasse nesta terra
Dava parte aos regedores

da chistosa parodia, á Lucia de Lamermoor, e elle se lembrar que o auctor da poesia, é o auctor da parodia, e que quem compoz a *ponte de finados*, compoz tambem o *Andador das Almas*!

Os poetas mudaram completamente. André Chenier morreu martir das suas crenças, e longe de lançar mão, como vingança, do improperio, e da injuria, elle apenas esclamou saudosamente, « *E' pourtant j'avais lá quelque chose!* » Chatterton vendeu o seu corpo, Gilbert espirou sem ter nunca deixado de ser por um momento poeta da mais fina esphera, e não consta que não só estes, mas Millevoge que se finou gasto pelos amores, e pelos excessos, mas Delille, que nunca se afastou do seu genero polido, e frio senão para tradusir aos 60 annos o soberbo poema *Paradis lort*, mas Benardin de Sant Pierre um dos mais apreciaveis escriptores do fim do seculo passado, e que nunca saiu da sua idea fixa, achar a Providencia na naturesa, assim, como Bornet a tinha achado na historia, mas mil outros ainda, não consta, que puderem nunca sair do seu genero, e ser-lhe bem acceita a tentativa.

Entre os escriptores modernos de Portugal, o sr. F. Palha é um dos de menos vulto como poeta, mas um dos mais populares como auctor dramatico. *A Fabia* representada ao som não interrompido de applausos espontaneos tanto no theatro academico, em Coimbra, como em Lisboa no do Gymnasio, e nas provincias executada por actores — saltibancos, foi quem fez mais conhecido o nome já apreciado mas ainda não popular, do auctor das *Doidices Dramaticas*, obra que tem a valiosa qualidade para captar as simpathias dos homens de bom gosto, de não ter agradado ao nosso publico.

A *Fabia* é uma tragedia burlesca, em que o uniço fim do auctor, e o unico fito dos actores, foi fazer rir o auditorio. O Imperador montado n'um burro recebendo os vivas do povo Romano, e as visagens engraçadas de um actor cuja morte foi deveras para lamentar, o sr. Moniz, podia por si só incumbir-se de chamar concurrencia ao Gymnasio, se de mais a mais não houvesse uma geral unidade no bom desempenho d'aquella parodia ao genero de Senecca, que tinha talvez menos respeito ás regras do que as tragedias do sr. Aragão, mas que por certo nos devertio muito mais.

(*Continúa.*)

JULIO CEZAR MACHADO.

ANNUNCIO.

—

Nesta Typographia precisa-se d'um Compositor para trabalhar em obras.

Typ. rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S. José n.º 135, 2.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 13 — JUNHO 15 — 1854.

CORPUS CHRISTI — SANTO ANTONIO.

—

As duas grandiosas Festividades — Corpus Christi — e Santo Antonio — Solemnisaram-se quasi ao mesmo tempo este anno; e ambas com a maior devoção em Lisboa. Um fiel combatente da Santa Lei do Cruxificado, o sr. J. R. de Figueiredo, que tem com seus religiosos serviços acompanhado a nossa pacifica e beneficente crusada, encarregou-se de escrever sobre a sublime instituição do Augusto Sacramento que se venera especialmente na Festavidade de Corpus Christi; por isso, acatando e adorando tão altos Mysterios, passamos a dar contas das festas ao glorioso Santo Antonio, que se fizeram com tanto esmero, e ardor, que parece ter-se augmentado nos fieis portuguezes o amor e enthusiasmo pelo seu bemaventurado Patricio. Em toda a Cidade ouveram mostras de tão justa devoção; mas permitta-se-nos que especialisemos a Freguezia de S. José, onde alguns cavalheiros de grande merito se desvelaram por offerecer ao povo a mais completa festividade em louvor de Santo Antonio. A trezena foi lindissima: estava ricamente armada e alumiada a Egreja; e enfeitados os altares de bonitas e variadas flores; cantaram eximios professores, entre os quaes se distinguio por sua excellente voz o sr. G. Morley, que brilhando em tudo, se ostentou mais livremente no *Pater nostre*, e no solo do *Responso*. — Os srs. José Nicolau — Antonio Bento — e Rorique, tambem cantaram muito bem, e o sr. Cazimiro ajudou-os muito, cantando, ao mesmo tempo que dirigia a muzica! Foi esta uma de suas mais felices composições; de fino gosto, rica de harmonias, e magestade: uma tal musica é um duplicado serviço que se faz a Deos; pois não só concorre para que o louvemos em canticos devotos, mas tambem sabe defundir nas almas ardente enthusiasmo, transportando-as ao magico som de Celestes harmonias, que parecem ligar a creatura ao Creador!

Estas devoções são por certo muito uteis, porque mostram exemplos idificantes, e augmentam o gosto, o amor por esta Religião; pois é inegavel que sendo a musica do Ceu, opera prodigios na terra: A Missa da Festa foi tambem nova; e toda a musica bellissima.

Entre os doutos Oradores que a esta função Augusta concorreram, ostentaram os mais sublimes discursos os

nossos eruditos e benemeritos Ecclesiasticos srs. Beirão — Cenaculo — e o sr. Prior de S. Sebastião.

Instituio-se uma confraria para animar e promover o Culto a Santo Antonio; é este um serviço assaz louvavel; feito á nossa Religião, e a Portugal onde a memoria do nosso heroe e Santo Antonio deve perpetuar-se; e se tão acatado, querido, e louvado é nas estranhas nações, quanto mais adorado, e respeitado Elle deve ser na terra onde nasceu! Tem concorrido muitas pessoas devotas a fazer parte desta confraria de Santo Antonio de Lisboa, na Freguezia de S. José; que do Pulpito foi recommendada, e nós unindo a nossa debil voz á sabia voz dos oradores, pedimos a todas as pessoas que lerem este jornal, sejam devotas de Santo Antonio, e concorram para o progressivo desenvolvimento da ardente devoção com que o Povo Catholico o venera.

Tivemos a lembrança de offerecer ao nosso glorioso Santo, uns versos que lhe haviamos consagrado, e que se distribuiram no dia da sua Festa, concorrendo os fieis com muitas esmolas; esses versos vão como supplemento desta folha offerecidos aos illustres Assignantes.

D. A. G. PUSICH.

A FESTA DO CORPO DE DEUS.

—

A Egreja instituio esta Festa, para oppôr-se ao erro dos que se attrevêram a negar a existencia real e verdadeira de Jesus Christo, na Sagrada Eucharistia: rasão, porque esta Festa, é celebrada com tanta pompa, magnificencia e regozijo, em todo o Orbe Catholico.

A Egreja n'esta festa, celebra o triunpho de Jesus Christo Sacramentado, sobre os adversarios de tão Augusto Mysterio, por meio do qual, a Egreja se nutre; fortifica e aperfeiçôa.

A Egreja sempre creu, ensinou, que no Augusto Sacramento da Santa Eucharistia, depois da Consagração do pão, e vinho, toda a substancia do pão, se converte na substancia do Corpo de Jesus Christo, e toda a substancia do vinho, se converte na substancia do Sangue de Jesus Christo.

Mas desgraçadamente desde longo tempo, tem apparecido incredulos, que se tem atrevido a asseverar não só em particular mas até em publico que Jesus Christo não existe real e perfeitamente na Sagrada Eucharistia!!!

E haverá uma cegueira de entendimento egual a esta?!!!

Pois se Jesus Christo disse expressamente a seus apostolos, na noite da grande Cêa, vespera da sua Paixão, tomando do Pão: *Tomai, e comei; este é o meu Corpo, que será entregue por vós: fazei isto em minha memoria*: depois tomou o calix, e disse: *Bebei todos d'elle, porque este é o meu Sangue, o Sangue da nova alliança, que será derramado por vós, e por muitos em remissão dos peccados: fazei isto em minha memoria.*

Pois sendo Jesus Christo não só Homem, mas tambem Deus, como, pela Fé Catholica, não podemos duvidar; devemos accreditar fielmente nas suas palavras; porque Deus não póde mentir.

Deus é um Ente infinitamente bom, sabio, poderoso, justo e verdadeiro; e sem estes attributos em gráu infinito, isto é, sem limites, não seria Deus.

Mas alguns impios, dizem: a crença do Mysterio da Eucharistia, repugna ás apparencias que appresentam o pão e o vinho, aos nossos sentidos, e ás leis da natureza!

Callae-vos miseros insensatos! Pois Deus é obrigado a explicar-vos o seus

Mysterios!? Accreditai submissamente; pois Elle assim o ordena: Deus não nos obriga a comprehender os Mysterios, nem a rasão humana é capaz de comprehendel-os, porque de contrario não seriam Mysterios.

Insensatos! Lembrai-vos que Deus, é, infinitamente sabio e poderoso, Senhor e Author de toda a natureza, e como tal, pode mudar as leis da natureza como quizer. E quantos mystérios não encontrais na ordem da natureza, que já mais podeis explicar com verdade? E sobre os quaes, só podeis fazer pomposas explicações, buscadas em simples hypotheses!?

J. R. DE FIGUEIREDO.

NOTICIAS DA ILHA DA MADEIRA.

Tristes continuam a ser as novas que temos da Madeira! Eis as ultimas noticias.

« Isto por aqui vae muito mal, todo o comer se vae pondo muito caro: o milho está a 600 rs. o alqueire; o trigo a 1000 rs.; e assim tudo o mais em proporção. Vinhos este anno não ha; porque a *mangra* continua; as vinhas vão-se secando, e em poucos annos ficamos sem vinho: Por aqui está agora muito mau de viver; tudo é caro, e o negocio não dá para nada; porque faltando o vinho acabou-se o commercio da Ilha: muita gente tem sahido desta Ilha para o Brazil, America e Demerara; e este anno já tem sahido para sima de 300 pessoas para estas terras, e continuam a sahir; porque como aqui não ha ganhos, elles coitados querem procurar fortuna em terras estrangeiras; pois os lavradores aqui estão largando as suas propriedades, para sahirem e embarcarem, para outras terras: ha Freguezias dos campos que estão quazi dezertas: a Cidade está coberta de pobres dos campos, que estão fugindo para a Cidade para lhes darem alguma cousa para não morrerem de fome! Causa dó vel-os! Todas estas desgraças causadas pela falta de vinhos! etc.

Estas deploraveis novas são-nos enviadas por pessoa fidedigna, e de representação publica. Sentimos no intimo do coração as calamidades de uma terra que nos é bem cara; e digna das maiores attenções, que em seu favor imploramos; para que se, não se poder terminar aquelle flagelo; consiga-se ao menos modifical-o com todos os soccorros possiveis. Assim o esperamos, pois a Madeira tem aqui na corte excellentes Procuradores, e protectores; tem as maiores simpathias n'um grande numero de pessoas influentes; e os portuguezes tem muitos brios e muita caridade, geralmente fallando.

Em uma carta de nosso filho Miguel Pusich Henriques Teixeira, lemos a noticia de um grande incendio que soffreu um navio inglez, que ardeo; salvando-se porem todas as pessoas; e nos diz o seguinte:

« O bom capitão Avelar trabalhou muito; fez prodigios de valor; e hia perdendo a vida, porque se expoz a grande perigo; hia ficando debaixo de um mastro que abateu; foi elle que muito concorrêo para se apagar o fogo, e salvarem-se tantas vidas! »

O sr. Avelar é o honrado e intelligente capitão do Brigue Galgo; é tão conhecido, e estimado, que para lhe tecer o mais alto elogio basta citar o seu nome; ao qual estão ligadas a honra, a probidade, a philantropia, do caracter o mais sisudo n'um homem de poucas palavras, e grandes obras — poucas aparencias e muitas realidades. Nada mais diremos porque receamos encommodar a sua natural modestia; mas justiça não se deve negar; nem tirar

ao publico uma occasião de ver, e estimar acções que tão nobremente se praticam em honra da humanidade, e da nossa terra.

D. A. G. PUSICH

AMOR, E SAUDADE!

—

Oh! minha Pacheco! Minha amiga, minha parente, Anjo de candura, compendio formoso das mais bellas virtudes Christãas!... Como escrever o teu nome!... Como descrever tuas virtudes!.. Como recordar a tua morte sem que uma torrente de sentidas lagrimas me ofusque a luz dos olhos, sem que a dor mais intima e verdadeira me opprima e despedace o Coração!...

Já não vives na terra, virtuosa creatura!... Já não podes escutar minhas vozes, nem vêr o meu pranto; mas lá, n'essa luminosa morada, no coro dos Cherubins, a que tua Alma pertencia, vives dictosa, ouves as vozes dos que te amam e choram — ves a nossa pungentissima dôr, e oras ao Senhor por nós!...

Fatal condição da humanidade!.. Ter de sentir-se a alma dividir dos que mais ama!... Ter de vel-os partir uns apoz outros e não os poder esquecer! Ai!.. Se os que morrem podessem levar comsigo as memorias do que nos foram!.. Se a foice, que torna insensiveis os corpos dos que vão, tornasse insensiveis as almas dos que ficam!.. Se, assim como perdemos os objectos de nossas sympathias, podessemos perder nossas affeições!.. Se a memoria da passada felicidade com elles dormisse na Sepultura!... Oh! que a morte não teria horrores!.... Seria uma hora feliz, que soava como a primeira de nossa maior ventura, porque nos hia conduzir ao nosso maior bem, ao fim para que nascemos, á eterna felicidade! Mas vêr fugir-nos tantos entes que adoramos; vêr desfolharem-se as flores da existencia, e ficarem os espinhos da saudade cravados no coração, para torturar-nos a vida, e tornar cada vez mais insupportavel o seu peso! Eis a maior das desgraças, que nos trouxe o peccado original, que, fazendo-nos sogeitos á morte, nos torna tão dolorosa a existencia e tão difficil o caminho da salvação.

Deus Omnipotente valei-nos a todos; dae-nos forças e conformidade, pois sem vós não pode haver nem uma, nem outra d'estas armas poderosas que rebatem os acerbos golpes do infortunio!... Dae-me tambem forças para dizer, em poucas palavras, o muito que eu teria a contar da breve existencia de um Anjo, que mandaste á terra para honrar o Vosso Nome Santissimo, e para fazer conhecer as virtudes mais sublimes — esse Anjo a quem me ligaste com os estreitos laços da mais sincera amisade e parentesco!.. Graças meu Deus, pois que me uniste a quem pode rogar-vos por mim!...

Choramos a morte da Ex.ma Sr.a D. Maria Margarida Pacheco de Albuquerque Stochler, neta do nosso respeitavel amigo e parente, o sabio Tenente General Barão de Villa da Praia, Francisco de Borja Garção Stochler. Era filha de João Pacheco de Albuquerque Azeredo e Mello; e de D. Anna Margarida de Mendonça Stochler: nasceo a 28 de Março de 1817 — Cazou a 21 de Novembro de 1844 com o Sr. Francisco Augusto de Paiva Vasconcellos Magalhães Bernardes. Perdeu sua Mãe a 3 de Septembro de 1824, a qual, assim como ella, morreu sobre parto, ao quarto filho que deixou recem-nascido. Era dotada de uma alma generosa e compadecida, exactissima no comprimento de todos os seus deveres, e desde a infancia manifestou sempre em gráu sublime as duas mais bellas virtudes que podem adornar o seu sexo — a honestidade, e

a caridade — Era formosa e izempta dos ridiculos prejuisos da vaedade; sabia ser amiga verdadeira, e a gratidão era uma de suas mais excellentes prerogativas. No estado de cazada, foi esposa exemplar, excellente senhora de casa, Mãe extremosa, e tão desvelada por seus filhos, que, tendo abundantes meios para fazel-os crear por amas, quiz voluntariamente nutril-os a seus peitos! Teve quatro filhos, sendo a primeira uma menina. Espirou oito horas depois de nascido seu ultimo filho, pela maneira seguinte:

No dia 27 de Março, tendo acabado de jantar com bom apetite, e tarde como costumava, sentiu-se accomettida das dores do parto, e poucas horas depois deu á luz um perfeito menino; como porém o trabalho do parto lhe alterasse o estomago, sobrevieram-lhe vomitos e com a violencia d'estes uma emorragia, que entre poucas horas a fez espirar exangue, no dia 28 de Março, pelas 4 horas e meia da manhãa, — dia de seus annos!..

Recebeu todos os Sacramentos da confissão, comunhão, e extrema unção — Seu marido não se poupou a procurar-lhe todos os soccorros, que estavam ao seu alcance, e não a desamparou nem mesmo depois de morta, até ao momento em que foi condusida á sepultura, tendo-lhe feito o funeral com a maior decencia; e verdadeiramente se acha penalisado pela perda de uma tão virtuosa esposa. A filhinha mais velha conta de idade 7 a 8 annos; idade em que a illustre finada perdeu sua mãe!... (Notam-se nesta morte algumas interessantes coincidencias)!... A innocente menina tem um juiso superior a seus annos; sentio tanto a morte de sua mãe, que, por espaço de 15 dias, não se lhe conservava o alimento no estomago, e deu grande cuidado a seu pae; ainda hoje ella faz as mais tocantes reflexões sobre a perda de sua querida mãe; e derrama lagrimas, que excitam a mais viva commoção. Seu estremoso irmão, suas tias! todos os parentes, e amigos, em cujo saudoso numero nos contamos, tem vivamente sentido este golpe inesperado, que apenas agora podemos ter animo de noticiar, estimando poder nas columnas deste jornal, que tem perdeviza o nome de uma das mais preciosas virtudes que a illustre finada presou, deixar com o seu nome adorado, eternisada a memoria de Amor, e Saudade, que tributamos ás cinzas d'aquella a quem tão ligada fomos em vida, e que em morte não podemos esquecer!

Jaz em Santarem, o seu corpo!... Sua Alma vive eternamente no Ceu!

Eis ahi em seguimento a esta resumida esposição uns saudosos versos de sua Tia, a nossa amiga e parente de quem se verá o nome no fim da mesma poesia.

D. A. G. PUGICH.

POESIAS.

Por occasião da impervista morte da minha maior amiga e sobrinha D. M. M. P. de A. S. fallecida no dia 23 de Março de 1851, anniversario do seu nascimento.

Perdi-te, ai de mim perdi-te!
Não é da mente illusão!....
Dor amarga, inextinguivel,
Me atravessa o coração!

Este golpe inesperado, (a)
Que antes em sonhos soffri,
Ao vêl-o realisado
Partir minha alma senti!

Não choro a perda excessiva
De teus beneficios charos,
Choro aquella que continha
No peito dotes tão raros!

(a) Na noite de 30 para 31 de Março, sonhei que minha sobrinha havia fallecido de parto.

Choro a amiga verdadeira,
Perda a todas superior,
A amiga a quem me ligavam
Laços de sangue, e de amor!

Aquella que em tenra infancia
A meu lado contemplei,
E a quem, com materno affecto,
Meus cuidados dediquei!

Aquella que tantas vezes
Meu triste pranto enchugou!....
Que o rigor da sorte minha
Sempre adoçar procurou!

Aquella que compassiva
Alentava o meu sentir!....
Que era um Astro bemfasejo
Que raiava ao meu porvir.....

Choro dos tenros filhinhos
A orphandade permatura!....
Choro o não poder prestar-lhes
Os disvelos da ternura!

Choro o esposo malfadado,
Que a dôce posse perdeu
De um Anjo que sobre a terra,
Por consorte, o Ceo lhe deu!!

Choro o triste irmão querido,
Que tão ternamente a amou,
Com o tormento luctando
Que, qual raio, o fulminou!

Ah! quantos, quantos deploram
A tua perda fatal!....
Mas em quanto afflictos gemem,
Tu gozas Gloria immortal!

Alma formoza, alma pura,
Que tão cedo ao Ceo voaste!
Implora a Deos pelos tristes,
Que assim na terra deixaste!

Lá, por nós, tu lhe offerece
Nossos prantos — nossa dôr
Supplica-Lhe nos Conceda
Supportal-a com valor!

E quando da existencia
O termo nos Decretar,
Como tu, vamos comtigo
Dessa Gloria partilhar!

Por M. M. Stockler em 1851.

RECORDAÇÕES E SOFFRIMENTO.

. . . o mundo escarnece quem
triste cantar.

J. H. Almeida Blanco.

O' mundo, não queiras que abafe no peito
As maguas, que has feito minha alma soffrer.
O' mundo, não queiras d'insano alcunhar-me,
Ah! deixa queixar-me; bem livre gemer.

Não creias loucura cantar dissabores,
Terriveis horrores da feia traição:
Soltar deixa, ó mundo, na lyra singella,
Da vida á procella, magoada canção.

Que a vida, sim, é procella
Que finda na campa só.
Em vão se espera bonança:
A bonança é negro pó!....

E' procella onde revive,
Ai revive!... que penar!
Mil vezes o navegante,
P'ra de novo naufragar.

Só quando na campa coitado repousa,
Depois de mil vezes já ter naufragado,
Encontra a bonança debaixo da lousa,
Encontra a bonança depois de finado.

Não queiras pois, minha lyra,
Teus tristes sons abafar:
Do mundo olvida o motejo,
Triste canta o meu penar.

Que importa que o mundo ria,
Com riso insano e atroz,
Que importa que te escarneça!
Ergue, ó lyra, a tua voz.

Dize ao mundo, com voz firme,
Tudo, tudo que me opprime,
Que gemo oppresso de dôr;
Dize sim não tenhas medo,
Oh! revela-lhe o segredo
Do teu pobre trovador.

E conta-lhe a minha vida,
Desde essa quadra já ida,
Que mais não hade voltar:
Do tempo dos meus brinquedos
A' sombra dos arvoredos;
Conta sim, sem hesitar.

Revella a viva saudade,
Que eu tenho d'aquella idade,
Do sino do meu logar,

E d'um sino, que eu ouvia,
Depois de findar o dia,
Lá muito longe, soar;

Quando em noites mui serenas,
Formosas, bellas, amenas,
Do luar á meiga luz,
Eu mui attento contava
As horas, que elle marcava:
— Era o sino de Queluz. —

Ai então a minha mente
Sonhava mui docemente;
Pois era tão infantil!..
Não previa o desalento,
Que me dá o soffrimento,
— As maguas a mil e mil.

Ai então tudo eram sonhos,
Fagueiros ledos, risonhos,
Que bem os devo esquecer,
P'ra não ser mais torturado,
Hoje, que vivo accordado,
Hoje, que vivo a soffrer.

Soffrer!.. e sempre, a toda a hora, e tanto!
Ingratidão, perfidia, affrontas mesmo!
Não ter um peito só que o meu intenda,
Nem mão d'amigo que me enchugue o pranto,
Nem mesmo liberdade em derramal-o!
Arguido de cobarde, ou mentecapto,
Vêr labios a sorrirem, desdenhosos,
Se, pungido de dôr, me cahe na face
Uma lagrima só!.....

Soffrer, sempre soffrer; mesquinha sorte!
Missão maldita sobre a terra cumpro,
Não mais, não mais viver, só quero a campa
Livra-me, ó Deos, do peso d'esta vida;
A agonia da morte é pouco, é nada,
Tua misericordia é sempre immensa.

L. PAULINO BORGES.

DOIS MYSTERIOS.

ROMANCE.

(*Continuação*)

Cheguei a casa: poucas horas pude ter de descanço, que o meu espirito velava pensando na cantora mysteriosa, que na vespera havia tão singularmente attraído a minha attenção. Pelas seis horas da tarde sahi, e fui ao sitio da Estrella. Aquella terrivel calçada, que antes me havia custado tanto a subir, não me assustou! Passei junto ao logar onde vi, e ouvi aquella infeliz creatura que tanto me interessava já! Parecia que as mais intimas relações de amizade nos ligavam ha muito! Quanto póde a compaixão em almas sensiveis!

Guardando um inviolavel segredo ácerca do motivo da minha curiosidade, pretextei um negocio para indagar quem era aquella senhora.

Havia no principio do largo da Estrella uma casa ou taberna de um homem chamado Pedro, mesmo defronte do Hospital Militar. Alli passei, e vendo Anacleta á porta (era a mulher de Pedro) perguntei-lhei se me sabia dar noticias de uma senhora que havia mudado a sua residencia, segundo me affirmavam, para aquella casa que estava situada no logar mais solitario da travessa do SS. Coração de Jesus, a que vulgarmente se chama do Sarmento?

— Sim, senhora, disse Anacleta, para alli se mudou este semestre uma senhora viuva, com seus dois filhinhos: é estrangeira, e bem se vê, pelo animo que teve de ir habitar uma casa que ha tantos annos tem estado entregue aos ratos!

— E porque? — perguntei.

— Porque dizem que apparecem lá cousas más.

— Como se chama a senhora?

— Ninguem sabe, nem mesmo o cabo de segurança sabe dizer-nos o seu nome, que é muito esquisito. Não se visita com pessoa alguma do sitio; mas vão lá ás vezes algumas senhoras, e homens visital-a.

É quanto pude colher de minhas indagações, nas quaes em balde prosegui, pois nada mais pude alcançar; e nem ver aquella mulher senão raras vezes por dentro da janella, ora com uma creança nos braços, ora com outra pela mão; porém apenas percebia que a observa-

va alguem, tinha o cuidado de o evitar.

Alguns passos dei por alli a ver se o acaso me deparava quem me informasse com mais exactidão, e tudo foi em vão.

Chegado que foi o dia 25 de Novembro, vi escriptos nas casas!... Esperei ainda os fins de Dezembro para ver se via sair os trastes, e se seguia os fretes; porém tinha mais a fazer, e tornava-se impraticavel o andar todos os dias caminho da Estrella, cuja calçada seria bastante a fazer-me adquirir uma tisica em castigo da minha curiosidade.

Quando pouco antes do Natal fui á Estrella, vi fechadas as janellas!... Esmoreceu-me o coração!... Inquiri a causa, e soube que a viuva se havia retirado d'aquelles logares!

— Para onde?

— Embarcou para Inglaterra!

Vão lá buscar agulha em celeiro!..

Indaguei quem haviam sido os passageiros que foram para Inglaterra, mostraram-me a lista; mas como eu ignorava o nome da nossa heroina, fiquei como dantes!

Em tempos mais felices tinha eu residido na freguezia de Santa Isabel, e um honrado galego, por nome Agostinho, foi muitos annos o meu aguadeiro. Procurei o bom velho, que havia militado na guerra da Peninsula, e tinha um juizo claro. Pedi-lhe se informasse de seus companheiros quem teria conduzido a bagagem d'aquella senhora para bordo, e se sabiam para que navio?

Não poupou deligencias o pobre Agostinho, e passados dias veio dizer-me que os trastes haviam ido para casa de um bolaxeiro á rua do Arsenal, e explicou-me quem era; mas ainda alli não me deram novas da tal senhora, e o bolaxeiro negou que tivessem taes moveis ido para sua casa.

Entendi melhor não proseguir em taes indagações, até porque me tinha dito alguem que motivos politicos obrigaram aquella senhora a evadir-se; e um gallego dissera a Agostinho que ella partira para Genova! Entendam lá este enredo! Pareceu-me prudente abandonar tão difficil empreza, que me ia fazendo uma terrivel confusão no cerebro, ouvindo de *cada cabeça sua sentença*, e tornando-se já muito notavel a minha curiosidade...

Deixal-a! E' mais um mysterio que a meus fracos olhos occulta uma interessante realidade! Não hei de por isso maldizer a Providencia, que talvez me poupasse a dôr de ver penar uma infeliz sem lhe poder valer. Imaginei que a ausencia seria causa da tristeza d'aquella mulher!... Imaginei tudo, e nunca mais me esqueceu!

Volveram tempos, e sempre que eu passava pela Estrella se renovava o desejo de saber antes de morrer quem era a desconhecida. Aonde estará ella? Se terá ido ver o seu amante?... O seu marido hoje talvez?... Oh! sim! Ella estará mais feliz.

Com estas gratas idéas procurava eu afastar um pensamento que me affligia, e desgostos tinha eu de sobra... Assim um anno decorreu. Outra aventura!...

(*Continúa.*)

D. A. G. PUSICH.

ANNUNCIO.

Na Praça de D. Pedro n.° 100 se diz onde se tomam dois aprendizes typographicos, preferindo-se os que tiverem já pratica da arte, aos quaes se lhes fazem bons interesses.

Typ. rua da Condessa n.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S. José n.º 135, 2.º andar
E em todas as lojas do costume.

N.º 14 — JULHO 1.º — 1854.

DEOS.

.... Atheo, entra no templo;
Não temas esse Deos, que os labios negam,
E o coração confessa ...
(*Harpa do Crente.*)

Il donne aux fleurs leur aimable peinture:
Il fait naitre et mûrir les fruits,
Et leur dispense avec mesure
Et la chaleur des jours et la fraicheur des
(*Andre Chénier.*) nuits.

Feliz aquelle, que, perdendo na tempestade da vida um coração ulcerado, salvou para Deos uma alma immaculada.
(*Massilon.*)

Não ha mais que um só Deos, e Auctor, o Creador, o Governador do mundo, Omnipotente, Eterno, Incomprehensivel.

É elle que prescreve os limites ao oceano, e que diz á tempestade — cala-te!

E elle que abala a terra, e logo as nações tremem.

É elle que acende os relampagos, vibra os raios, e confunde os maos.

É elle que por um só aceno cria novos mundos; é elle qne com uma só palavra os faz reduzir ao nada.

« Reverencía a Magestade do Omnipotente, e não provoques a sua colera, se temes a tua destruição. »

Sentado sobre o seu Throno, só o sopro da sua boca espalha a vida por toda a parte.

A ordem, a graça, e a belleza partem das suas mãos.

Brilha a sabedoria em todas as suas obras, mas a intelligencia humana é incapaz de a penetrar.

A sombra da sciencia passa no espirito do homem assim como um sonho; seus olhos nada mais lhe mostram senão trevas; elle discorre, e se perde no meio dos seus raciocinios.

Mas a sabedoria de Deos é como a luz do ceo: elle não raciocina, o seu entendimento é a fonte da verdade.

A justiça e a Clemencia esperam as suas ordens, sentado nos degraos do seu Throno; o amor e benevolencia são os raios da sua eterna gloria.

Quem ha similhante ao Senhor em magestade! quem haverá que dispute o poder com o Omnipotente! Ha por ventura alguem que o iguale em sabedoria, ha por ventura quem se lhe compare em bondade!

« Escuta pois a sua voz, porque elle te falla pacificamente; e aquelle que receber as suas instrucções terá certo o repouso da sua alma. »

A Providencia de Deus se estende sobre todas as suas obras; elle dirige, e governa todas as cousas com uma sabedoria infinita.

Elle se faz conduzir sobre as azas dos ventos, e executa sua benefica vontade por todas as regiões do espaço illimitado.

Elle estabelece leis para o governo do mundo; elle as varía maravilhosamente para todos os entes; e cada um d'elles por sua natureza se conforma á vontade do Senhor.

O Senhor é o Deos forte das sciencias, e a sua intelligencia é infinita. Os segredos do futuro sempre lhe são presentes.

Os pensamentos do teu coração lhe são patentes, elle conhece as tuas determinações, ainda antes da execução.

Para a Presciencia de Deos nada ha de contingente; para a sua Providencia nada ha de accidental.

Excede todas as comprehensões o modo como elle conhece todas as cousas. E' admiravel em todas as suas deliberações; os seus conselhos são impenetraveis.

« Rende pois homenagem á sabedoria do Dominador do universo; prosta-te em sua presença com aquelle respeito, humildade e obediencia, que lhe pertencem. »

O Senhor é benefico; elle creou o mundo por um principio de bondade.

As creaturas, obra das suas mãos, publicam as suas Liberalidades.

Se levantamos os olhos para os ceos, elles patenteam a sua gloria; se os abaixamos para a terra, nós a vemos cheia dos seus beneficios. Os montes e os valles cantam, e patenteiam o seu jubilo. Nos campos, nos rios e nos bosques resoa o ecco dos seus louvores.

Mas tu, ó homem, elle te distinguio do resto das creaturas, creando-te superior a todas ellas, e conservando-te no meio das suas misericordias de geração em geração.

As faculdades do teu entendimento são dons da sua bondade. Elle te dotou de razão, para poderes manter o teu imperio sobre as outras creaturas; elle te dotou da faculdade de fallar, para te aperfeiçoares na sociedade com teus semilhantes; elle te deo um espirito susceptivel de meditação, a fim de te elevares á contemplação dos seus attributos, e obrigar-te a adoral-o.

Nas leis que elle te prescreveo, para por ellas regulares a tua vida, ajustou com tanta bondade o teu dever á tua natureza, que a obdiencia, e a execução dos seus preceitos fasem a tua felicidade.

« Louva a sua liberalidade por canticos de graças, medita em silencio as maravilhas do seu amor. Que o teu coração trasborde de reconhecimento pelas suas mercês; que a tua lingoa publique os seus louvores; que as acções da tua vida mostrem o quanto amas a sua lei. »

O Senhor é recto e justo; elle julgará o mundo com justiça e rectidão.

As suas leis são estabelecidas sobre a bondade e a clemencia: mas deixará elle de punir os transgressores?

Não penses, homem audacioso, que o braço do Senhor, por differir a tua punição, se tenha enfraquecido; nem tão pouco te lisonjeis com a esperança de que elle tolere as tuas desordens.

A sua vista penetra os segredos de todos os corações; elle não attende á apparencia das pessoas.

Despida a alma dos seus mortaes despojos, os grandes, os pequenos, os ricos, os pobres, os sabios, os ignorantes, receberão todos por sentença do seu Juiz commum a justa, eterna retribuição das suas obras.

Os maos serão então surprehendidos de espanto, e de horror; mas o coração dos justos se encherá de jubilo, e louvará os juisos do Senhor.

« Teme a Deos durante o curso de teus dias; não te desvies dos caminhos que elle mesmo abriu, e te indicou. Que a prudencia te aconselhe; que a temperança te contenha; que a justiça te guie; que a caridade inflame teu cora-

ção; que o reconhecimento para com o Ceo alimente tua piedade. A pratica d'estas virtudes fará tua felicidade na tua condição presente; e ella te condusirá á morada da eterna ventura no Reino da Gloria.

Azueira 20 de Junho de 1851.

CUSTODIO DE MORAES E BRITO.

A FESTA DE S. PEDRO.

—

No dia 29 de Junho, celebra a Egreja a Festa de S. Pedro, Principe dos Apostolos, Vigario de Jesus Christo na terra, e Chefe visivel da sua Egreja.

Em Roma celebra-se a Festa de S. Pedro, com a maior pompa e magnificencia, e em todas as Sés da Egreja Catholica, é celebrada com muita solemnidade; porque todos os Bispos Catholicos, reconhecem a S. Pedro, Vigario de Jesus Christo, e Chefe visivel da Egreja.

E' um dogma de Fé que Jesus Christo é o Chefe da Egreja: mas como Jesus Christo depois de completar a sua Missão sobre a terra, havia de retirar-se visivelmente da terra, por meio da Sua Ascenção, necessariamente havia de estabelecer um chefe visivel para governar a sua Egreja.

E quem foi o escolhido para tão Augusta Dignidade? O Apostolo S. Pedro — n'estas solemnes palavras — *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. Eu te darei as Chaves do Reino dos Céus: e tudo que atáres sobre a terra, será atado no Céu; e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado no Ceu.*

Apascentai os meus cordeiros, apascentai as minhas ovelhas. Pelo que a vós respeita, depois da vossa conversão confirmai a vossos irmãos.

Mas S. Pedro necessariamente havia de pagar o tributo, que todos os miseros humanos hão-de satisfazer, isto é, a terrivel pena da morte; por consequencia ficava a Egreja sem Chefe visivel para a dirigir e governar.

E qual seria o remedio para tão grande mal?

Ficar transmittida a authoridade de S. Pedro a todos os seus sucessores, isto é, a todos os Bispos de Roma, porque S. Pedro foi o primeiro Bispo de Roma; e os Bispos de qualquer Sé, succedem não só no caracter, mas na authoridade, preeminencia, e jurisdicção de seus predecessores.

E' uma verdade historica que S. Pedro estabeleceu ultimamente a Cadeira do seu Pontificado em Roma, e que morreu n'esta cidade.

Logo os Papas, isto é, os Bispos de Roma, são successores de S. Pedro, e como taes, revestidos do mesmo caracter, authoridade, jurisdicção e preeminencia. Esta doutrina foi sempre reconhecida pela Egreja, e ha-de ser até a consummação dos seculos. Por consequencia, todo o individuo, que não reconhecer, o Papa na qualidade de Vigario de Jesus Christo na terra, Chefe visivel da Sua Egreja, está desligado da unidade Catholica; e como tal sugeito a perder-se eternamente, porque fóra da Barca de Pedro não ha salvação.

J. B. DE FIGUEIREDO.

ACÇÃO DIGNA DE LOUVOR.

—

Com grande jubilo publicamos mais um acto de piedade, que honra o seculo actual, arguido de corrupto, e que hade ser avaliado pela posteridade com a devida justiça.

Consta-nos por pessoa de todo o credito, que se verificou em 25 do mez passado uma sumptuosa festividade de-

dicada a Nossa Senhora da Conceição pela sua Irmandade, erecta na Ermida de Nossa Senhora das Dôres, e cita na rua do Patrocinio. — Esta linda Egreja estava ornada com muito primôr, e alumiada com profusão: officiou o Rev.mo Prior de Santa Isabel, e do alto da cadeira da verdade, os dignos Sacerdotes, os Srs. *Lopes e Carvalho* (um pela manhã e outro de tarde), com o seu reconhecido merito oratorio, proferiram brilhantes discursos analogos a este sagrado assumpto. A bella musica, vocal e instrumental, foi habilmente executada por insignes artistas d'esta capital, e dos que tem adquirido uma justa reputação.

Distribuiram-se cem esmolas, em especie e 120 réis, a igual numero de indigentes de ambos os sexos; e no dia seguinte foram condusidos pelos respectivos Mesarios outros tantos pobres (alguns cegos e invalidos) a uma extensa mesa, collocada no largo do Monteiro, para gosarem do abundante jantar, que generosamente lhes offertou o Sr. Commendador *João Maria de Figueiredo*, Juiz da referida Irmandade, e que tambem tomou parte neste festim fraternal e christão. — Presidiu a esta acção solemne e edificante o Reverendo Cura d'aquella Freguezia, por impedimento legal do respeitavel Parocho, e tendo previamente abençoado a refeição, entoou no fim d'ella as usuaes orações com todos os commensaes.

Pelo preceito evangelico, que adoramos, devem-se occultar os beneficios prestados aos nossos similhantes desvalidos; mas ha casos em que é permittida a sua publicação para promover os sentimentos de caridade, como resumo do amor do proximo, e um dos mais preciosos fructos da arvore da Cruz.

Aquelle illustre cavalheiro, que não temos a satisfação de conhecer, mas que respeitamos por haver substituido o *fogo artificial*, que devia arder no mencionado local, tanto pelo rasgo de humanidade que fica consignado neste bem conceituado jornal; como por ter nesse mesmo dia administrado soccorros pecuniarios a diversas pessoas necessitadas, e prestado a sua baixella e prata para maior explendor d'aquelle caritativo banquete: praticou igualmente a sublime virtude da humilidade, que nos legou o Divino Mestre — quando (concluida a ultima cêa em que nos deixou a mais veneranda prova do seu excessivo amor) se prostrou perante esses obscuros pescadores de Galilea, e que foram depois de illuminados, á excepção do discipulo traidor, os primeiros martyres e pregadores da sua sacro-santa doutrina em todos os angulos da terra.

Realmente são magestosos os quadros que a nossa religião nos apresenta, porém nenhum é mais magnifico e tocante, do que quando contemplamos o homem abastado repartindo os bens, que a Providencia lhe concedeu, com seus irmãos infelises e impossibilitados!.... E a recompensa destinada por Deos ao homem bemfasejo, é um brasão de maior valia do que todos os titulos de nobreza que a vaidade humana inventou para distincção das classes sociaes!

Sem espirito de adulação, porque detestamos tão ignobil procedimento, mas dominados pela justiça, que a cada um pertence, não podemos recusar os nossos louvores a todos os Parochianos que contribuiram com os seus donativos para estes religiosos cultos; assim como aos dignissimos Juiz, Procurador, e mais Irmãos d'aquella veneravel corporação pelo seu zelo e devoção. — Porque, se hoje merecem as sympatias dos contemporaneos, a sua acção beneficente hade ser imitada pelas gerações futuras, e a sua memoria permanecerá nas mais remotas eras.

Durante os tres dias de arrayal, tocou a banda marcial de Infanteria N.° 10 muito bôas e escolhidas peças de musica; e não foi alterado o socego publico, como é frequente nas reuniões, populares, o que se deveu mais á natural boa indole do nosso povo, e ao seu estado de civilisação, do que ás medidas de prevenção que se tinham adoptado.

Registando nestas paginas um facto, que a mão do tempo não póde riscar, e que deve ser lido com respeito pelos vindouros; cumprimos o desejo que nos anima de concorrer com o nosso limitado contingente para a nobre empresa, em que estão empenhados os mais d'estros operarios, e na qual occupa distincto logar a sabia e illustre Redactora deste Jornal tão util á instrucção moral do nosso paiz. PAIVA.

AO VALLE FORMOSO.

O ADEUS, E O JURAMENTO.

—

Adeus, e para sempre, ó Valle ameno,
Valle Formoso, adeus!
A deixar de te vêr hoje condemno
Os tristes olhos meus.

Adeus cedros annosos, meus cipreste
E meu caramanchão;
Adeus brisa fagueira que podeste
Dar vida ao coração!

Adeus ó perfumadas Larangeiras,
Lindos Maracujás;
Goiabeiras, Pitangas Bananeiras
Saboroso Ananáz.

Cristalina levada, quem podéra
Ver-te ainda correr,
Onde continua meiga Primavera
Faz mil flores crescer!

Quem podera inda ver esse horisonte
De ouro, azul, e rubins,
Quando a candida aurora adorna a fronte
De rosas e jasmins!

Quem podéra escutar a voz maviosa
De implumado cantor,
Entoando em canção armoniosa
Hymnos ao Creador!...

Ver esconder-se o Sol tão magestoso
No horisonte sem fim,
Ver a lua co'o manto luminoso
E o sceptro de marfim:

Ver milhares de Estrellas scintilantes,
Sem nuvens a fulguir:
E o rouco som das vagas inconstantes
Nos rochedos ouvir!

Da saudade escutar eco maguado
Que geme na soidão,
Suspirando esconder seu triste brado
Dos ares na amplidão!

Ah! quem podéra ver em doce calma
Um ente repousar!...
E na fronte imprimir-lhe um beijo d'alma!
Beijo de amor sem pár!...

Da noite no silencio, ah! quem podéra,
Qual sonho aparecer,
Meu filho, e meu amigo!.. quem me déra,
Ver-te e depois morrer!... (a)

Mas não posso, que espaços infinitos
Me separam de ti!...
E' força que meus dias tão afflictos
Se terminem aqui!

Aqui, longe de ti mãe extremosa
Sinto a vida fugir!...
Nem volverei á terra preciosa.
Que leda vi sorrir.

Sim, que entreguei meus dias, minha sorte
Adeus, a Portugal!...
Mas que voz!... Escutemos!... Que transporte,
Oh! que sôm Divinal!..

Voz.

«Quando lá na Patria tua
«Esta noite te lembrar,
«Considera que joraste
«A nossos braços voltar.

«Essa jura tão solemne
«Prestada á Santa Amizade,
«Por ti nos fica em refens
«Ao pé da nossa Saudade.

(a) Meu filho Miguel Pusich Henriques Teixeira.

« Parte sim mas pressurosa
« Vem a jura resgatar,
« Extinguindo esta saudade
« Que nos fica em teu lugar. » (b)

Amizade fiel reconheço
Tua voz, que em meu peito ecoou!
Nem da jura solemne me esqueço,
Que a Saudade com pranto a sellou!

Ao deixarte Madeira querida
Um protesto a amizade exigio
E foi d'alma a promessa nascida,
Quando a boca jurou não mentio.

Não mentio, que prezente ó Madeira
Em meus sonhos te vejo sorrir,
Mas acordo... eis erguida a barreira
Que meus votos não deixa cumprir.

Manda o Ceu, manda a Patria que eu lide
Nas fileiras de Gloria, e de Luz,
E ao repouso que só me convide
Lousa humilde ao abrigo da Cruz.

Porem triste, na marcha violenta
Cança o corpo, que o espirito não!
Alta Fé, sol da vida, me alenta,
Luz-me a Esp'rança divino clarão!

Fé, Esp'rança, e esse amor Caridade
Astros puros de brilho immortal,
Vem mostrar-me, funesta verdade,
Breve o termo á carreira vital!

Mas se a hora fatal derradeira
Não sôar sem cumprir votos meus,
Heide ver-te formosa Madeira,
Ou dizer-te morrendo um adeus!

Valle ameno! inda espero avistar-te,
Teu perfume inda quero aspirar,
Juramento!.. não sei olvidarte!
Irás n'alma, se a vida faltar.

D. G. A. PESICH.

(b) Na vespera da minha partida da Madeira, estando em uma brilhante reunião em casa do Sr. Francisco Dias, foram cantados estes versos repentinamente feitos, pelo o Sr. Augusto Escorcio, depois de terem exigido que eu promettesse voltar á Madeira; o que, fiz, reconhecida a tantos excessos de bondade, mas fazendo esse protesto declarei — *se tão somente de mim dependesse o tornar*. Foi condicional, porque antevi as mil dificuldades que me empediriam realisar este dezejo d'alma; porem não perco ainda a esperança de o cumprir mais tarde, e manifestar assim o meu reconhecimento.

DOIS MYSTERIOS.

(*Continuação*)

UM PASSEIO A CHELLAS.

Uma brilhante manhã despontava prometendo um dia formoso! Era nos principios de Agosto de 1836. Aproveitei esta linda manhã para dar um passeio a casa de Francisco Dias, fazendeiro muito honrado, que outr'ora foi meu caseiro na quinta de Santa Catharina em Chellas; e era mesmo por esses sitios que elle habitava hoje em fazenda sua, rendeiro das commendadeiras de Santos. Quiz depois de tantos annos ir ver aquelle ameno valle de tão gratas e saudosas recordações!..

Ao passar a Fundição vi um joven de interessante aspecto; muito claro, olhos castanhos, cabellos louros, barba loura crescida, que lhe embellesava muitu a physionomia meiga e delicada, mas muito melancolica. Era elle de estatura regular. Estava assentado em um dos assentos de pedra, e olhava tristemente para o mar, sustendo a fronte com uma das mãos. Parecia engolfado em seus pensamentos; e quando passei junto d'elle, á voz de um de meus filhinhos que me acompanhava, volveu machinalmente as vistas, fixou-as em mim, soltou um ai que exprimia a dôr, e a surpresa, ergueu-se, e depois de reconhecer o seu engano caíu sobre o assento de pedra confuso, abatido, e na maior consternação!

Poude a compaixão mais do que a civilidade, e do que outras considerações proprias do meu sexo, e sem me lembrar mesmo que iria vexar quem buscava occultar a sua dôr, me aproximei do joveu, e lhe perguntei se sentia algum encommodo, e se lhe podiamos ser uteis?

— Muito obrigado — respondeu perturbadissimo — desculpe-me v. ex.ª, nada preciso....

Ainda uma vez eu, e meus filhos lhe perguntámos se queria tomar alguma cousa, e lhe offereci o meu fraco prestimo; mas observei que afastava de mim as vistas, e que a nossa presença o constrangia; por isso continuámos o nosso transito.

Meu Deus, dizia eu comigo, será possivel que a desventura me atráia! Parece que a força occulta de um encanto me conduz aos logares aonde mais um infeliz junte as suas ás minhas dôres e torne infinito o meu padecimento! Este joven soffre muito! a perda de uma boa mãe, de uma esposa, ou de um filho, é causa da sua affiicção! Elle estremeceu ao ver-nos!.. ou a minha presença, ou a de meus filhos o commoveu!.. Sem dúvida!..

Mais um mysterio! Mais um cuidado!..

O coração verdadeiramente sensivel sente os males alheios como os seus proprios!..

O gôsto com que eu tinha saído para vêr uma familia que eu estimava, e que ha annos não via, desappareceu! E outras tantas idéas differentes, e dolorosas se accumularam para me envenenar o dia! A' proporção que eu me aproximova da estrada dos logares tantas vezes por mim frequentados em companhia de meus adorados paes, e irmãos, pesada mão de gêlo parecia comprimir-me o coração!.. Nunca tal passeio me lembrasse! Tentei distrahir amarguras, e fui buscar novas amarguras!

Chegámos finalmente a casa do honrado Francisco Dias, e ao entrar na horta a primeira pessoa quo vi foi a boa Anna sua mulher, a qual havendo-nos logo reconhecido, correu com os braços abertos, e ergueu-me ao ar com um abraço de verdadeira amizade, e saudade! Gritou pelos filhos, pelo marido, pelas filhas, e a alegria d'aquella boa gente ao vêr-nos suavisou a minha mortificação.

Anna estava na melhor disposição; tinha quarenta e tantos annos, e parecia uma rapariga! corada, robusta, os cabellos todos pretos, os dentes muito alvos; finalmente o mesmo trabalho a vigora.

Desviemo-nos um instante do assumpto principal d'este Romance; refresquemos um pouco as idéas cançadas de soffrer e de vêr soffrer dois infelizes, e digamos alguma coisa ácerca d'esta familia, e do campo.

Anna ergue-se de madrugada, vai á Praça da Figueira conduzir o jumento com hortaliça, e outros fructos da sua fazenda, lavrada por seu marido, e por seus filhos; volta para casa ás 8 ou 9 horas da manhã; cuida em arranjar o jantar para sua familia, e depois de arranjada a sua casa, vai colher a hortaliça que no dia seguinte ha-de levar á Praça; laval-a no tanque, e se preciso é, toma da saxola e vae regar a horta! (isto é verdade pura, não é invenção).

Suas filhas umas lavam, outras cozem e engomam, para casa e para fóra, cuidam em seus irmãos mais pequenos, e gozam todos a mais perfeita saude. O seu comportamento é exemplar.

No campo, no campo se encontram mulheres dignas de todo o louvor! E não se pense que são menos illustradas que as da côrte, ao contrario, como o luxo e a janella não lhes occupa o tempo ellas estimam aproveitar as poucas horas que tem livres em lêr; e seus livros são sempre de moral, e religião, são antigos, mas não lhes escaldam o cerebro, nem envenenam o coração!.... Poucas raparigas do campo hoje não sabem lêr. Suas mães cuidam muito na sua educação, mandando-as á mestra,

que em todos os districtos ha alguma (assim fossem ellas mais illustradas).

Os filhus ajudam o pae nos trabalhos da agricultura, e por isso, por mais filhos que tenham, nenhum se lhes torna pesado; são tantos braços que Deus lhes dá para augmentar o producto da sua lavoura.

Os divertimentos do campo são os mais innocentes; um arraial, uma funcção de igreja; eis tudo para a mocidade do campo, e tudo isto é depois de feitas as suas obrigações domesticas. Um vestido de chita, ou de lã, um lenço de seda, ou de algodão de côr, eis todo o enfeite de uma camponeza. Se tem meios empregam o dinheiro em oiro para ornarem seus collos, e suas orelhas, e não o consomem em trapos e modas que a todo o instante devoram tudo quanto os paes, e maridos possam ganhar; e é este flagello a causa da perdição de tantas casas, e de tantas raparigas!..

Anna se apressou a aprromptar-nos um excellente jantar campestre. A' tarde fomos todos passeiar á horta. Fez-nos o pobre Francisco derramar copiosas lagrimas ao mostrar-nos ainda as pequenas aboboras genovezas em fórma de garrafas, cuja semente meu pae mandára vir de Genova; e outros fructos esquisitos que elle ainda conservava em memoria de seu antigo amo. A gratidão d'aquella familia pelos beneficios que recebeu de meus paes, é mais um direito que tem adquirido á minha estima. João, José, Francisco, Maria, e Joanna, me cercavem, e exultavam de alegria. Meus filhos estavam contentissimos.

Levaram-nos á abogaria: Francisco tirou uma das melhores vaccas, e della nos deu leite espumando. Foi o que me agradou; o que me suavisou a agonia que me queimava o peito!

Deixemos em paz essa boa familia gozar as delicias do campo: deixemos os arvoredos a cuja sombra a nossa imaginação repousou; e tornemos ao vasto campo dos acontecimentos extraordinarios! *(Continúa.)*

D. A. C. PUSICH

ANNUNCIOS.

—

Na sacristia da Parrochia de S. Mamede se vendem, em beneficio das obras da mesma Igreja, as duas excellentes producções — Motivos de amar a Deos, traducção d'uma 2.ª Edicção Romana; e Visitas ao Santissimo Sacramento, escriptas e compostas por Santo Affonso de Liguari. Estes excellentes livrinhos foram offerecidos por um digno e sisudo Presbytero para auxilio do acabamento da Igreja de S. Mamede.

—

INDUSTRIA E COMMERCIO.

Exposição Universal: Londres 1851. — *Obreias transparentes preparadas sob a direcção de Pedro Ferreira Roberto, Pharmaceutico em Lisboa: Largo do Calhariz n.º* 12.

Estas obreias são preferiveis ás inglezas, entre nós usadas. Pela sua tenuidade, meia onça d'ellas contém mais 360 do que igual pêso d'aquellas, o que as torna comparativamente mais baratas. Humedecida bem uma d'estas obreias, a carta em que ella for empregada não póde ser aberta sem deixar vestigios d'isso. A humidade atmosferica não tem influencia sobre ellas, nem a traça as damnifica ou dilacera, como acontece ás inglezas.

Tambem as ha de uma só côr, e de todos os tamanhos e feitios. Aprompta-se qualquer encommenda para commercio, em maior ou menor escala.

Uma caixa com meia onça d'estas obreias custa 50 réis.

Typ. rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca a rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S José n.º 135, 2.º andar
E em todas as lojas do costume.

N.º 15 — JULHO 15 — 1854.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

A instrucção publica é um objecto importantissimo que reclama todas as nossas attenções, e offerece vastissimo assumpto aos mais serios e profundos discursos. Pennas mais habeis que a nossa devem escrever — os sabios devem orar — e o povo deve erguer as mãos ao Ceu, e a voz aos homens do poder, implorando o maior bem que se póde conceder a um povo — a sua instrucção! — Que Portugal veja em fim uma providente e benefica mão abrir-lhe as portas a um grande futuro!... á sua felicidade!... Sem instrucção não póde haver moral; não ha ordem, não ha prosperidade. O povo ignora os meios de ser bom; e não sabe procurar o caminho de sua felicidade; nunca será independente; e hade sempre gemer pupilo das nações mais illustradas; da mesma sorte que um rico perdulario sem juiso, sem conhecimentos, é sempre governado por outros que em juiso e instrucção lhe são superiores, e no centro das maiores riquezas, é infeliz e dependente. Tal é a sorte de uma nação rude; e não julgamos disparatada a comparação; pois é bem certo que o homem que não sabe governar uma casa, mal pode governar um Reino, assim o que succede em uma casa, succede em uma nação.

Se o Parlamento, se o Governo trabalham de coração pelo bem deste paiz, eis a occasião de o mostrar; de nos convencer!... Cuidem na instrucção publica — empreguem todos os seus exforços; destinem os meios — firmem as Escholas convidem a coadjuval-os todos aquelles que estiverem competentemente habilitados a ensinar o povo, ou a concorrer por algum modo para tão justa e grandiosa empresa.

Os Caminhos de Ferro — as navegações e fabricas a vapor — as mil invenções modernas que admiramos, filhas do estudo e da civilisação, não podem trazer a prosperidade a este paiz, se primeiro não o instruirem no conhecimento de todas essas e outras cousas. A facilidade do commercio, as relações intimas que estreitar com os povos mais instruidos servir-lhe podem de ruina; por que ignorante dos meios de conseguir o seu bem estar, verá aquelles que estão mais illustrados ganhar-lhe muitas vantagens; ficando sempre de melhor partido, e podendo usar dos recursos que lhes faculta a sua instrucção, que lhes revela segredos vedados á ignorancia; que lhes faz descobrir as invenções mais ra-

ras, buscar o seu aperfeiçoamento, alcançar thesouros escondidos, que só aos lumes da intelligencia se patenteam! e o povo ignorante, abrirá as portas de sua casa a quem venha enriquecer-se á sua custa. Homens do poder! não vos enfadeis com a humilde Redactora da *Beneficencia*!... Pouco tempo lidará neste campo; mas ao retirar-se a descançar aos pés da Cruz, cujos braços se abrem para nos receber, não quizeramos levar o tremendo peso de tão grande responsabilidade, qual seria o de sacrificar a nossa consciencia a terrenas considerações. Deus — a Verdade — o Paiz — eis os pontos a que se dirigem nossas vistas e nossos passos! Deus — a Verdade — o Paiz — devem ser-vos tão caros que estimeis todos os serviços que se lhes prestarem. Conhecemos que é muito difficil a obra de uma regeneração; mas tambem conhecemos que tem sagrada obrigação de valer ao paiz quem tomou sobre seus ombros tão pesada Cruz! A vossa missão é pois a mais custosa; porém, cumprida, será a mais gloriosa!

Sem trahir nossas crenças, e nossos deveres, deixêmos o campo da politica, para combater na lide honrosa da Regeneração Christã, que é muito superior á politica, mas neste campo temos por dever auxiliar-vos em tudo que for para bem da humanidade; e vós deveis attender-nos, receber com aggrado os serviços que se fazem a este povo, e considerar amigos aquelles que os prestam, pois vos auxiliam trabalhando por facilitar o caminho que tendes de atravessar, e vão gratuitamente levar o seu contingente nas luzes que possuem: embora, como as nossas, sejam mui fracas, sempre alumiam, porque vem do Ceu, não são faiscas infernaes que incendeam, e destroem.

Servimos a Deus, e a Portugal sem uma só esperança de premio neste mundo! Não vendemos a nossa penna. Todos nos fazem a justiça de acreditar-nos; fazemos ainda maior sacrificio do que o de nossos trabalhos; despendemos com a publicação de nossas obras, que não tem o bello da arte, mas tem o util da moral. Poucos, e os melhores assignantes temos, não bastão; porém não sabemos mendigar beneficio, quando nós é que o fazemos, e estimamos empregar em utilidade publica o que não sabemos gastar nas mizerias do luxo. A isto junte-se que pertencemos a um sexo, que neste paiz, não tem consideração alguma especial, o que é mais uma prova da falta de civilisação: já se vê, pois, claramente que não trabalhamos para nós, mas sim para os outros; por isso temos juz a ser attendida. Ouvi-nos pois; não queremos ser eleita directora de algum collegio!! gratuitamente nos offerecemos quando entendemos poder ser util: não rogámos porque não o deviamos fazer. Conhecemos a nossa posição. Não julgaram dever acceitar, ou esqueceram um sincero e philantropico offerecimento, em que teve grande parte o nosso immortal poeta, e sabio amigo o sr. Antonio Feliciano de Castilho, que tanto se tem desvelado a favor da instrucção deste povo; elle nos animou; porém não nos roubemos por modestia a gloria de assegurar que o pensamento foi nosso, e por nós unicamente imaginado e escripto o plano que entregámos nas mãos do Regente para a fundação de um collegio ou azylo em favor dos innocentes, e mestres desvalidos, onde a directora e professores serviriam gratuitamente, sem que o Estado tivesse que despender cousa alguma, além da mercê de destinar casa em um edificio publico; e dar os utensilios que eram cousa mui pequena, dezejavamos — nós que ainda temos filhos e educar — tomar a nosso cuidado os alheios e consagrar-lhes o resto de nossos dias! Não buscavamos o melhor divertimento, ou descanço! Hoje, porém, precisamos

descançar; mas não pertendemos que, em pacifico retiro, nos prepareis um leito de rosas, onde nossos fatigados membros repousem, no fim de tão penosa jornada.

A Deus pertence, e não aos homens, premiar nossas intenções, e nossos serviços — á Posteridade julgal-os — a voz cumpre acceital-os e acreditar-nos.

Cuidae, Senhores, na instrucção deste povo; olhae que um governo illustrado não pode ser apreciado por uma nação inculta; olhae que ás Sciencias deve preceder a instrucção primaria; que uma planta mimosa não pode vicejar em terreno selvagem e pedregoso, sem degenerar, e perder suas bellezas naturaes; attendei a que temos muitos sabios e poucas escolas; animae os professores, persuadi e ordenae ao povo que frequente as escolas; estabelecei um methodo unico e proveitoso, qne nos livre da confusão e apathia em que estão os rudimentos; aperfeiçoae as Sciencias; premeae os que se distinguirem, attendei á moral publica, fazendo que todos os estudos tenham por baze a Santa Religião do Cruxificado — e relevae a franqueza com que nos derigimos a vós, sem vãs formalidades de estudada cortezia; mas com a linguagem do coração, e da verdade; estimae a confiança que ainda temos em vossas boas intenções, aliás ao povo e não a vós, dirigiriamos a nossa palavra.

Sabemos que o professorado vae unir-se em assosiação; honra seja feita a quem teve este grande pensamento, e a todos que o coadjuvarem. Uma associação tal deve dar corpo e alma a uma classe tão distincta, da qual nascem todos os explendores do Paiz. O Divino Espirito abençoe seus trabalhos, dirija seus pensamentos, anime suas palavras, fortaleça seus Corações; e forme em todo este Reino um ecco fiel, que de geração em geração leve o brado universal a favor da instrucção publica.

E' nobre a missão de ensinar o povo; o Christo a tomou sobre seus ombros antes de sustentar a Cruz — Elle a transmitio a seus Discipulos: imitae o nosso Mestre, oh! vós que sois Christãos, e amigos da humanidade! formae uma Sociedade digna de uma nação Christã, que deve ser civilisada — instrui o povo — illustrae-o, moralisae-o, e em cada homem do povo tereis um amigo.

Esperâmos que o Governo dê toda a protecção ao professorado; e olhe seriamente para a instrucção do povo; porque o Governo é sabio e conhece que são tantos os damnos acorretados pela politica ao mundo, que é mister compensal-os com muitos beneficios; aliás tempo virá em que o povo fuja dos homens politicos, ou os persiga como aos Lobos. Hoje todos conhecem que a politica perdeo os seus prestigios, findou a sua epocha; e que a verdadeira politica de um governo illustrado é promover o bem-estar da nação, firmar-se com as simpathias do povo, ganhas com bôas obras; e estreitar os laços de fraternidade, que as infelices contendas de irmãos tanto afrouxaram.

A Beneficencia offerece suas paginas á nova Assosiação fraternal do Professorado, que breve esperamos ver organisada; e promettemos coadjuval-a com as nossas pequenas forças, em quanto a saude e a vida nos forem concecidas por Deus.

(*Continúa.*) D. A. G. PUSICH.

O PROFESSORADO.

—

O Professorado — é uma das classes mais importantes da sociedade, porque exerce a elevada missão de instruir o genero humano.

O Professorado divide-se em tres cathegorias — de Instrução primaria, Instrucção secundaria, e Instrucção superior.

O Professorado de Instrucção primaria propaga na sociedade os conhecimentos indispensaveis a todos os entes humanos, sem excepção de sexo, jerarchia ou classe: taes são — a leitura, escripta, contabilidade, Doutrina Religiosa, principios de moral e civilidade, e elementos de Grammatica.

O Professorado de Instrucção secundaria — prepara os individuos, que se dedicam ás profissões mais importantes da sociedade e do Estado: taes são — o Sacerdocio, a Diplomacia, a Magistratura, a Marinha, a Engenharia, a Advocacia, a Medicina e Cirurgia, a Agricultura e Commercio — instruindo os individuos, que se dedicam ás mencionadas profissões, nos conhecimentos litterarios e scientificos, que lhes são necessarios, para cursarem com vantagem as faculdades a que se dedicam.

O Professorado de Instrucção superior — fórma os individuos, que se dedicam ás profissões mais importantes da sociedade e do Estado, nas sciencias que lhes são necessarias.

A' vista do exposto e innegavel, que o Professorado exerce na sociedade uma das missões mais importantes.

Logo os individuos que o exercem, tanto publicos como particulares, porque todos convergem ao mesmo fim, tal é, o de instruirem o genero humano; são dignos de muita consideração; tanto da parte do Governo como dos particulares, em proporção da cathegoria do Professorado a que pertencem.

J. R. de Figueiredo.

A' memoria d'um sabio!

Quizeramos consagrar o devido culto á memoria do Sr. José Maria da Costa e Silva; mas entendemos que vale muito mais do que todas as homenagens que em prosa ou verso podessemos dedicar ao seu talento superior, o artigo que o Sr. Dr. Lima Leitão escreveo em honra do benemerito portuguez, que por sua erudição ha-de ser sempre acatado, estimado — e será eternamente lembrado. Da Imprensa e Lei, transcrevemos pois as elloquentes palavras do seu amigo, e admirador: é uma pagina de oiro que á Historia de Portugal offerece um sabio, em memoria d'outro sabio.

—

A' memoria de José Maria da Costa e Silva: uma respeitosa saudade do seu amigo e admirador o Dr. Lima Leitão.

A Camara Municipal de Lisboa possuia na pessoa do seu escrivão, José Maria da Costa e Silva, que acaba de morrer subitamente, e que meia duzia dos seus amigos demos hoje á sepultura, a mais alta summidade das letras portuguezas em tudo que respeita á poesia no seculo actual. Como os factos são as provas por excellencia, deve dizer-se em vista d'elles que temos tido n'este ponto maiores genios, gostos mais apurados; mas erudição tão vasta, variedade de conhecimentos tão profunda, não.

Muito grandes são os serviços que elle fez ao espirito humano n'este paiz: a correnteza, a propriedade da linguagem muito lhe devem: o que sabemos methodicamente da historia d'esta ordem de letras, é d'elle; e foi pena que a morte não o deixasse ultimal-a.

Quando os nomes de ridiculos verbos de encher, vistos por todas essas classes do estado, não mais lembrarem, nem se quer para a censura ou para o despreso, o respeitavel nome de José Maria da Costa e Silva ha-de ser pro-

nunciado com gratidão e saudade, e então e para sempre

.....em quanto as letras
Tiverem amadores,

por todos os portuguezes em cujo coração pulsar o esclarecido amor das letras patrias.

Pertencia á escola classica, isto é, á escola de Homero, de Virgilio, de Camões, de Milton, de Voltaire; mas não desdenhava do que ha de bom na pertendida escola romantica, que em rigor não é mais do que um certo assombreado da primitiva escola, verdadeiras variações, mais ou menos felizes, que ultimamente se lhe tem ido addicionando, e cuja comparativa apreciação pertence á justiça imparcial do futuro.

Fazendo honra a si, e á civilisação de Lisboa, a camara municipal d'esta capital, desempenharia um acto de generoso patriotismo, e de animação civilisadora, que redundaria em credito da nação, se ella tomasse a iniciativa para que a desolada viuva e os dois tenros filhos d'este seu singular escrivão sejam sustentados, em termos habeis, a expensas da mesma camara.

Lisboa 26 de Abril de 1854.

DR. LIMA LEITÃO.

(*Imprensa e Lei, de 28 d'Abril*, 1854.)

ILHA DA MADEIRA.

A molestia da uva torna a graçar na Ilha da Madeira! o vinho era o unico recurso que tinham os habitantes d'aquella terra; com aquelle commercio ricos e pobres adquiriam os meios precisos á sua subsistencia; os ricos teem perdido muito, mas podem ainda viver lançando mão de outros negocios; porém, os pobres, teem chegado á mais deploravel miseria, a ponto de morrerem de fome!

Acaba de chegar a Lisboa grande numero de madeirenses de ambos os sexos, emigram da sua terra natal, e opprimidos com a pobresa, recorrem ao governo de Lisboa, afim de lhe proporcionar os meios de aqui se empregarem.

Fomos pessoalmente ao navio que os conduziu, e lá observámos o mais doloroso e tocante quadro; as mulheres com os rostos cadavericos e os cabellos cahidos pelas costas, pareciam as figuras da morte: os homens palidos, olhavam com amargura para suas mulheres, que acarinhavam os infelizes filhinhos, que andavam nús: em todos aquelles olhares, nos semblantes dos innocentes, estava estampada a miseria e horrivel soffrimento daquella gente, que apressados fogem da sua bella terra tão formosa, para escaparem aos flagellos que os ameaçavam: os miserandos humildemente se queixam da falta de providencias!!....

O governo deve ser incansavel em arranjar estes infelizes; pois que nos trabalhos dos Caminhos de Ferro os podem muito bem empregar; para as mulheres e crianças ha proprios lugares, no Contracto do Tabaco.

Ás senhoras e cavalheiros de caridade desta corte, cumpre a missão generosa de effectuarem um Basar, n'um logar publico ou particular, e o producto seja applicado para vestir essa gente que acaba de chegar na maior miseria.

São portuguezes!.... sejam pois os mesmos portuguezes, que soccorram os pobres filhos da bella Madeira, d'esta terra que offerece mil encantos, a melhor das Ilhas de Portugal!.... Suas forças se lhe vão extinguindo! pobre Madeira! como querem acabar-te o ser! Tu, qual a flor na primavera, com teu perfume alentaste tantos corações sem vida, e tantas almas sem esperanças!.. Quantas rosas no teu solo divinal deixaste florescer quando ellas esperavam

ir secar-se na terra á mais leve aragem?!

Pobre Madeira!....

Ainda alguem te pode salvar?!.... Sim, pode; assim o queiram os que regem os destinos da nação portugueza! o governo pode ainda salvar a Ilha formosa!... pode salvar os seus habitantes!...

Porém, como?

Parece-nos, por informações de pessoa intelligente e conhecedora desta Ilha que mandando o governo estabelecer na Ilha uma fabrica de assucar; todos os que estivessem em melhores circunstancias seguiriam o exemplo. — Animar as obras publicas das levadas, que devem conduzir agua e fertilisar o terreno que a não tem. — Livre o tabaco, e entrada dos cereaes etc. Obstar a emigração, porém dar pão aos pobres, que fogem para demandarem o sustento preciso.

Assim salvava-se o povo, a Ilha; e o olho vivo que está á lerta sobre a Ilha ficava logrado!....

O Asylo da Mendicidade, tem sufficientes rendimentos; o Hospital tambem; appliquem-se alguns productos a estes necessitados: quem mais souber avaliar o que é a miseria levada a este grão; e quem melhor alma tiver mais prompto será em soccorrer estes infelizes.

O governo não deve consentir no embarque de trigo, de azeite, e de vinho para fóra, pois que os inglezes tem feito grandes interesses, ganhando avultadas sommas, da maneira seguinte: compram grande quantidade de trigo, sahem com elle, e quando a nação está necessitada, é ao inglez que se compra o farinha, vendendo-o este com demasiado ganho: isto é máo ao povo, á nação, e optimo ao inglez!!....

A causa do povo, e o bem da nação parece-me que são objectos attendiveis para o governo tomar em consideração. Felizmente existem em Portugal dignos cavalheiros que orem em favor da Madeira. O sr. Ministro da Marinha é Madeirense, o sr. Pestana, e José Silvestre Ribeiro, são igualmente interessados no bem estar d'aquelle povo que lhes merece tantas sympathias, os jornaes tem escripto, e esta folha é um d'elles — está aberta uma subscripção, e consta-nos que o sr. Ministro da Fazenda propõem medidas a favor d'aquella terra; todas estas circunstancias nos animam a esperar que a sua penosa situação melhore.

Ficamos pois esperando, que o governo mostre o seu saber, cumprindo tudo quanto for justo.

A's pessoas de caridade não cessamos de rogar tudo quanto for a bem dos infelizes Madeirenses, que dignos são da maior beneficencia.

Na terra só podemos dar agradecimentos, mas lá no ceo está quem recompense os beneficios que os bons praticam; pois que de maneira nenhuma se podem esquecer no reino dos justos.

Francisco José Ferreira da Silva Serra.

UMA TARDE EM MAGDALUM.

LENDA CHRISTÃ.

VERSÃO DO CASTELHANO, POR C. DE CHABY.

Irmãos na crença — e amigos velhos

A irreligião, a descrença, tem-se ultimamente patenteado no nosso paiz com uma *audacia* espantosa! Mas felizmente, fortes barreiras se tem opposto ao progresso de tão horrivel desgraça; o apêgo ás coisas religiosas (não fanatismo), tambem se tem patenteado com um esforço sublime! A prova evidente do qué asseveramos, ahi está (felizmente) demoustrada; bem patente, no bello livro que acaba de publicar o nosso respeitavel amigo, o sr. C. Chaby: *Uma Tarde em Magdalum*; não é só uma obra religiosa, ella é composta e traduzida

Por genios, n'ella revela-se bem o crêr, o sentir, do nosso distincto amigo; especialmente no prologo (original), que é a bem dizer, outra obra; bello modo na verdade, de previnir o leitor da Lenda magestosa, amigavel, e *santamente*, como o faz o sr. Chaby, no seu verdadeiro prologo: assim gostamos de vêr prologos, que tão rica e engenhosamente sabem dizer do que tratam, e a que veem! ainda achamos diminuto aquelle do nosso amigo.

Uma Tarde em Magdalum é uma bella publicação, já pelo edificante objecto, já pelo original e delicado gosto e esmero que o sr. Chaby teve na impressão de sua obra: é uma edição realmente christã: optimo papel, bello typo, primorosas gravuras, nitida impressão, formato muito adequado a objectos tão sagrados, nada fica a desejar. Vê-se bem que o nosso amigo é um habil escriptor, e que comprehende perfeitamente a nobre missão, que tão illustremente encetou. Agradecemos do coração ao nosso sincero amigo Chaby o bellissimo presente da sua Lenda, que teve a bondade de nos offerecer. Louvores a uma tão digna publicação, não haverá pessoa tão falta de tento, que os taxe de mal cabidos e pelo contrario de nimios. Mas estas apoucadas linhas não são louveres (nem eu sou tão pedante, que me considere digno de dar louvores, ou cousa semelhante), este juizosinho, se assim se lhe póde chamar, é apenas um tributo de amisade ao meu amigo, e de veneração á nossa tão suave religião, que parece estar *moribunda*, mas que não hade perecer em quanto viverem homens da tempera do meu amigo Chaby, e de outras notabilidades religiosas, entre as quaes e n'um dos mais distinctos logares peço licença de citar o nome da illustre Redactora deste jornal.

Em quanto existirem Christãos verdadeiros, e estes hão de existir em quanto existir ceu e terra!... a estes intimamente ligado tem a honra de considerar-se o humilde auctor deste mesquinho mas leal tributo.

Lisboa 14 de Junho de 1854.

M. de Torres Mangas.

DOIS MYSTERIOS.

(*Continuação*)

A's quatro horas da tarde fui vêr as minhas Freiras de Chellas, amigas antigas, e verdadeiras; e alli n'aquellas grades lembrar mais ao vivo as tardes venturosas em que ao lado de meus virtuosos paes, eu e minhas duas irmãs tantas vezes entoámos canticos divinos de que as nossas religiosas tanto gostavam!

Bati na roda, e ao ouvir-me a voz, a madre rodeira exultou de alegria, e foi correndo buscar a chave da grade de cima, e mandar parte á prioreza. Subimos, e o jubilo d'aquellas boas almas ao vêr-nos, se diffundiu no meu coração. Depois de ter visto as minhas amigas todas, e soffrido o desgosto de saber que duas haviam morrido; e havendo as nossas Freiras brindado de excellentes dôces os meus pequeninos, e derramado lagrimas á memoria da minha querida mãe, nos despedimos, vindo todas abraçar-nos á portaria.

Vi aberta a porta da Egreja; entrei a fazer oração por alma de minha virtuosa mãe, áquellas mesmas imagens a que outr'ora implorei pela sua preciosa vida, tão cedo cortada!

A igreja parecia deserta; mas observei que a um canto do altar dos Santos Martyres estava uma senhora vestida de lucto, com duas crianças a seu lado: estava em profunda meditação. Os meus filhinhos e os d'ella travaram logo amisade, e eu depois que orei ao Santissimo, fui ajoelhar tambem junto da senhora, e orar aos Santos Martyres.

Ao erguer-me saudou-me a senhora e eu lhe correspondi. Saímos juntas, e juntas andámos até á quinta de N. Senhora da Conceição.

Pediu-me ella que descançasse, pois estava ali a tomar ares. Era tarde, porém, uma irresistivel simpathia me decidiu a subir, para conversar com uma pessoa cuja presença melancolica, e affavel mostrava uma alma consternada, e franca.

Pagou-me na mesma maeda, pois disse-me, com a maior candura, que depois de uma longa serie de infortunios, era a primeira vez que o seu coração sentia prazer ao vêr uma creatura!..

Havia perdido seu marido na tomada de Bilbáu, ficaram-lhe dois filhos; era orfã, e filha de um italiano!..

— Seu marido era Christino, ou Carlista? perguntei eu.

— Era Miguelista — (respondeu-me). Perdida a sua causa pela convenção de Evora-Monte, tomou as armas a favor de D. Carlos, pugnando pelos mesmos principios de legitimidade.

Que coincidencias!.. Que similhantes eram nossos destinos!...

Perguntou a minha morada; disse-lhe que estava por dias morando ao Paraiso, mas que breve iria para as minhas casas á Estrella.

— A' Estrella!.. exclamou, como se um raio a fulminára!.. — Sitio onde jurei não tornar!.. Um desgosto de morte alli me envenenou para sempre a existencia!... Mas a amisade vencerá esta repugnancia!... Eu irei, sim, eu irei!.. Eu preciso uma amiga para não seccumbir; e esta é Deos quem m'a deparou; é o meu coração quem a escolhe!..

— Meu Deos, bradei, foi preciso achar um anjo no vosso templo á tarde, para sentir suavisadas as terriveis impressões do dia.

— Que lhe aconteceu?

— Vi logo ao amanhecer um pobre rapaz encostado á beira do mar, que parecia estalar de afflicção!..,

— Que feições tinha?

— Bastante delicadas; claro, louro, olhos castanhos....

— Claro, louro, olhos castanhos?! Estava de luto?

— Não me pareceu, se bem que não fiz reparo senão á sua tristeza que me impressionou.

— Estava muito triste?

— Muitissimo; e ainda ficou mais ao vêr-nos passar; sobresaltou-se....

— Será elle?... ter-lhe-ha morrido a....

Quem?.... lhe perguntei

— Nada.... é uma lembrança erquisita.... e mudou de conversa.

Pediu-me muito que ficasse com ella aquella noite; não me era possivel; mas prometti ali voltar brevemente.

Sahi, e fui para casa de Francisco; mandei alugar uma sege a Santa Apolonia, e regressei para Lisboa, levando um romance na imaginação.

Quando Irminia (este era o nome da viuva) me disse que havia tido um grande infortunio na Estrella, um raio de luz illuminou as minhas idéas!.... As suas mysteriosas palavras ácerca do cavalheiro ainda mais confirmaram as minhas suspeitas não infundadas!.. A cantora da Estrella appareceu como n'um sonho á minha imaginação. Será ella?.. Seu rosto... seu trage... os meninos,.. a sua mysterlosa tristeza!.. tudo me faz erêr na realidade de minhas suspeitas. E' bem que eu possa distrair meus desgostos pensando nos alheios! Renovaram-se as lembranças da cantôra; e não sei porque me dizia o coração, que o joven que vi tão triste, era o seu amante!.. Será elle casado?.. Que fatalidade!...

(*Continúa.*) D. A. G. PUSICH.

Typ. Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso . ... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S. José n.º 135, 2.º andar
E em todas as lojas do costume.

N.º 16 — AGOSTO 1 — 1854.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

—

ASSOCIAÇÃO DO PROFESSORADO.

Effectuou-se, como esperava-mos, uma reunião do Professorado, a convite do Centro Promotor do Melhoramento das Classes Laboriosas. Formaram-se os estatutos, e principiaram a discutir-se. Poucos ainda são os srs. professores que se tem apresentado a tomar parte n'aquella honrosa Associação que é muito util, e precisa; porem não estranhamos que poucos apareçam; porque nem todos lêem os jornaes; e não foi annunciada essa reunião em todas as folhas; o que esperamos se faça d'ora ávante, para que chegue ao conhecimento de todos. Um digno cavalheiro de honrosa classe militar fez uma proposta muito cevilisadora; é a de se admittirem as sr.as como associadas. Sem duvida os direitos são iguaes; as sr.as são as educadoras do genero humano; aquellas que desde o nascimento dos homens velam incessantes pela sua conservação, formam e dominam-lhes os corações, e effectivamente são as suas fieis companheiras; partilhão seus trabalhos, devem partilhar da sua gloria e de seus triunfos; e elles devem animal-as; e dar-lhes toda a consideração; por dever, por gratidão; e até por interesse proprio, afim de que ellas possam melhor instruir e guiar na infancia a seus filhos; e entregal-os a seus mestres com principios da mais fina educação moral.

Temos por tantas vezes descorrido neste isteressante assumpto, que entendemos escusado repetir as rasões que temos expendido, e nos sobram em favor do sexo a que pertencemos, e do qual advogamos a justa causa. Contamos que todos os srs. que pertencem á Associação do Professorado anuam á proposta do digno militar e augmentando a sua Associação a enobreçam, e illustrem, fazendo vêr que Portugal é uma nação civilisada, e caminha ao progresso da illustração, como aquellas nações cultas que para tantas cousas nos servem de exemplo!.. Imitem-se tambem na consideração que se dá ás damas; despertando-lhes os nobres sentimentos de gloria, e amor de patria que as deve animar a entregar-se mais ao estudo de conhecimentos uteis, do que ás banalidades do toucador; que se disvelem mais por agradar com as bellesas do espirito, do que do corpo que se aniquilla como a flor da Primavera; e finalmente que entregues a

seus cuidados domesticos saibam conhecer que uma de suas mais bellas prerogativas é a de educadoras do genero humano. Para que as vindouras assim pensem, é mister considerar as prezentes: para que as discipulas aproveitem é preciso honrar as mestras dando-lhes na sociedade o lugar a que tem direitos encontestaveis. O homem que as quizer escluir desses direitos sociaes não passa de um selvagem; fuja da sociedade, e vá habitar com as féras e os gentios nas brenhas do mais arido sertão! deixe que os homens illustrados formem a sociedade, não tente ofuscar com suas sombras os raios do sol que disponta; que o não pode eclipsar já nem toda a ignorancia junta com seus tenebrosos exercitos; por que temos á frente o Estandarte da Cruz que afugenta os demonios.

Homens civilisados! Vós tendes coração porque tendes instrução; calcae vãos preconceitos de moiriscos avós; abrandae com a civilisação a aspresa de algumas almas ignorantes — dae-lhes por caridade um reflexo de luz — mostrae-lhes as suas convenienecias e quanto ganhão com a civilisação do sexo femenino — afagae os brios ás damas apreciando-lhe as suas virtudes; distingui-as collocando-as a vosso lado; não sejaes invejosos, nem usurpeis o que justamente lhes pertence; e se quereis o seu amor, dae-lhes a vossa consideração. Ganhareis assim muita gloria, e poupareis muito dinheiro; tereis dias de prazer; e o Altissimo abençoará a vossa posteridade.

Tambem esperamos que as damas que houverem de pertencer á nova Associação auxeliem tão nobre empresa.

Temos já uma illustre Associação filantropica de sr.ªs, este grande pensamento foi de uma sr.ª, a Ex.ma Sr.ª D. Maria Miclina Pereira Pinto, seria uma vergonha para o Professorado se excluisse as sr.ªs que tão dignamente consagram seus dias ao honroso emprego do magisterio.

Rogamos ao sr. Castilho (Antonio) nosso eximio poeta e sabio, que não deixe de aparecer e dar alma a esta illustre Associação, que tanto pode concorrer para o brilhante futuro deste paiz, se todos aquelles que a compozerem se unirem levando em vistas mais o amor da Patria, do que o amor proprio; mais o interesse publico do que o particular.

A Associação do Professorado não deve ter por unico fim as suas conveniencias; deve solicita, lembrar-se que tem a seu cargo a instrucção publica; e por conseguinte procurar todos os melhoramentos que estiverem ao alcance das forças de seus conhecimentos, ou de suas vozes orando ao governo e ao parlamento pela causa da instrucção, e civilisação deste povo. E as bençãos da nação recompensem tão valiosos serviços que Deos hade auxiliar porque é sabio e justo.

D. A. G. PUSICH.

A' MEMORIA D'UM ILLUSTRE ARTISTA.

Não deixaria a Beneficencia de offerecer á Posteridade em suas paginas um triste monumento á memoria do eximio Artista, que infelizmente pereceo victima da mais negra adversidade! Temos por vezes mandado compor um artigo publicado na Imprensa e Lei á memoria do infeliz João Macphail, illustre Pintor que em funesto delirio terminou seus dias a 12 de Abril deste anno; só hoje porém conseguimos tirar aos vivos um cantinho para o dar a um morto, digno das considerações, e compaixão dos prezentes e vindouros!

Morto na primavera da vida! e morto por suas mãos!.. Um homem dotado

de grande merito ; e opprimido pela adversidade, não pode ser esquecido ; e ha-de sempre ser chorado por todos aquelles que sabem apreciar o merito e sentir como suas as alheias desgraças.

O artigo que transcrevemos é escripto com tanto saber, e tão profundo sentimento, que não receamos enganar-nos julgando conhececer a pena que o escreveu ; e o coração que o dictou !.. Circunstancias alli apparecem mencionadas que avivando a lembrança do que mais de uma vez ouvimos a um intimo amigo do infeliz Macphail, e a elle mesmo, nos revelam o nome que a modestia occultou ; e que nós não duvidamos publicar — Brilhante !

O Sr. Brilhante éra muito amigo de Macphail, e contado pelo mesmo artista sabemos quantas provas lhe déra de sua estima ; e por outras pessoas sabemos quanto a sua amizade e philantropia fizeram em honra de sua memoria. Este artigo é o padrão eterno que o Sr. Brilhante consagra ao merito e á amizade.

Não podemos deixar de louvar este acto ; e porque nos custe que a modestia roube á luz nomes honrados pelos factos ; transcrevendo o artigo nos aventuramos a declarar o nome do author que a nossa rasão descubrio ; e não entende dever calar.

Temos a accrescentar uma circunstancia que só nós podemos referir. O sr. Macphail tinha sido quem executou a copia fiel do retrato de meu presadissimo pae : tempos se passaram sem que tornassemos a ver o artista ; quando começaram as noites do curso de Leitura repentina methodo portuguez Castilho ; procurou-nos Macphail para nos pedir que lhes obtivessemos um bilhete de entrada : mostrou grande empenho em ver os progressos do methodo ; e manifestam desejos de retratar o sr. Castilho, este deu-nos um bilhete para Macphail que não faltou nem uma só noite ao curso, e findo este procurou-nos instando-nos a consentir-mos em que nos retratasse, dizendo que *dezejava deixar o nosso retrato*, feito por elle ; e como possuido profundamente de algum sentimento fatal, nos repetia que a vida éra para elle um peso insuportavel, que neste paiz despresavam-se os genios de merecimento, e se lançavam á mizeria e dependencia etc. Dizia que o seu desejo éra que ouvissemos algumas circunstancias da sua triste vida, nós que sabia-mos sentir, e lamentar os males alheios ! que precisava que alguem soubesse alguma coisa do muito que elle soffria ; porque a sua existencia breve ia findar !.. Entendemos prudente não avivar-lhe as maguas com a narração de alguns padecimentos moraes ; e porque não tivessemos tempo de o ouvir, por nossos afazeres, e pessoas que nos procuravam e interrompiam taes discursos ; nunca se reasilou a confidencia que o desgraçado tanto anciava deixar entregue a um coração sensivel ! Quando ouvimos a voz fatal da sua morte, lembraram-nos com muita pena, suas palavras e tivemos intimo pesar de não o ter ouvido !.. Quem sabe se elle carecia do conforto auxiliar de um bom conselho !.. Quem sabe se teria aproveitado o nosso, e se o teriamos desviado da mais funesta das tentações !.... o suicidio !.... Pobre Macphail ! Perdoa-nos o não termos accertado com os meios de minorar tuas angustias !

Não cerrámos ouvidos a teus ais ! elles ecoaram em nossa alma que deveras compadecia a tua tristesa ; mas pensamos mal querendo distrahil-a ! Oh ! que a dor intima não deve abafar-se ! Deixal-a respirar e voar aos Céos evaporada em ais ; e sepultar-se na terra desfeita em lagrimas ; antes do que essa dor profunde suas raizes ; ou sufocada estala no

peito que a encerra, e nos sepulte ou lance ao desespero!

Recebe nossas lagrimas, e sinceras orações que pela tua alma enviamos a Deus, implorando o que depois de tudo perderes no mundo, só, e ainda, te resta — e é tudo! — As mizericordias do Altissimo. D. A. G. PUSICH.

Á MEMORIA DO SR. JOÃO MACPHAIL.

No dia 12 de Abril pelas sete horas da manhã, o sr. João Macphail poz termo á sua existencia, deitando-se d'um terceiro andar abaixo para a rua dos Retrozeiros. Este suicidio julga-se motivado por desgostos domesticos aos quaes o infeliz mancebo não pôde ser superior!

O sr. Macphail era filho d'um official inglez, que esteve aqui ao serviço de Portugal, e de uma senhora portugueza, residente em Estremoz. Depois de ter feito alguns estudos preparatorios, dedicaram-o á vida commercial, sem ter para ella vocação alguma em breve manifestou a mais decedida repugnancia, e principiou a querer seguir a cirurgia estudando no hospital de Estremoz. N'esta terra, porém, era-lhe impossivel seguir esta carreira com aquelle desenvolvimento, e perfeição, a que os progressos da sciencia a tem hoje levado, e como não tivesse meios para o poder effectuar em Lisboa, desistiu egualmente de umá profissão para que mostrava alguma tendencia.

No entretanto principiou a mostrar algum gosto e vocação pelo estudo das bellas-artes. O seu primeiro trabalho n'este genero foi a copia de um quadro de Nossa Senhora do Convento dos Congregados, cuja execução denunciou no sr. Macphail uma disposição decidida para pintura.

Os habitantes de Estremoz tomando em consideração a conducta irreprehensivel do joven artista, estabeleceram-lhe uma mesada, com a qual veio em 1839 para Lisboa, encetando curso da academia de bellas-artes

Mas esta philantropica acção, antes mesmo de ter decorrido um anno, acabou!... ficando aquelle mancebo exposto ás difficuldades que cercam um individuo honesto longe de sua terra e da familia!...

Taes acções tão incompletas, mais tarde penalisaram o coração de um homem de bem, sobretudo quando d'ellas se intentara tirar motivo para o ludibriar!

Estes successos encontrando no sr. Macphail algumas disposições hypocondriacas, tornaram-o mais melancolico e sombrio. Nas provicias julga-se que quem vem para Lisboa tem tudo. Enganam-se. As grandes difficuldades crescem na razão das exigencias: e uma capital é sempre uma fonte de exigencias a muitas das quaes não se póde faltar.

Junto com os trabalhos academicos começou o sr. Macphail os trabalhos lythographicos, principiando pelos *costumes portuguezes* trabalhos ainda imperfeitos, pagos pelo sr. Bordalo, livreiro, cuja empresa lhe pertence, e dos quais o sr. Macphail tirou os primeiros recursos para sua existencia depois que alguns dos habitantes de Estremoz lhe suspenderam a mesada

N'este conflicto de luta moral com as necessidades impreteriveis de uma existencia sem meios seguros, não desesperando nunca da sorte, appareceu um antigo amigo de seu pae, que participou para Inglaterra qual era o estado d'este filho, aqui residente. Seu pae quando soube não levou a bem a carreira que o mancebo tinha abraçado; porque intendia elle que seu filho ou devia ser um genio, para brilhar aos olhos do mundo, ou então teria de jazer na mediocridade.

Apesar d'isto mandou-lhe dar algum

dinheiro por mão do sr. Ocheffe, negociante em Lisboa. Mais tarde estes recursos cessaram, ignorando o sr. Macphail a causa.

Assim concluiu o sr. João Macphail a sua carreira academica.

Mais tarde occorrencias houve entre pae e filho, as quaes occultou a seus amigos, porque a nobreza da sua alma lhe fazia guardar a devida moralidade em taes e tão melindrosos casos, que por certo mais concorreram para exacerbar o seu caracter já de si excessivamente taciturno e apprehensivo.

O sr. João Macphail era consultado com fruto nas theorias da sua arte. Era um dos primeiros lythographos. Na pintura deixou alguns trabalhos, nos quaes se divisa o rigor dos preceitos apar dos resultados do estudo.

Este moço era um filho das reformas de 1836.

O sr. Macphail, na edade de 35 annos, suicidou-se no goso pleno das suas faculdadas mentaes. Respeitava escrupulosamente a opinião que d'elle faria o publico. A sua morte não foi prompta, e apparecendo-lhe um padre nos lances da extrema agonia, pediu-lhe para que o confessasse e absolvesse.

Foi christão na morte, assim como fôra probo e honesto na vida.

Seus amigos fizeram-lhe o enterro, para evitar que fosse á valla!...

Tributaram este testemunho ao artista honrado, que sabia honrar a amisade tornando-se credor d'ella.

Traçámos estas poucas linhas á sua memoria, para — ao menos — evitar o vergonhoso silencio, com que tem sido esquecidos outros artistas de talento, victimas do abandono das artes entre nós.

O sr. Monteiro, lente da escola polytechina, filho da academia de bellas artes de Lisboa, um talento provado, morreu esquecido como se fôra uma nullidade.

A grandeza, que só provém dos dotes superiores, concedidos por Deus, passa desapercebida! O dinheiro, que empresta um brilho falso, mas que nada tem que ver apar do fulgor da verdadeira intelligencia, esse proclama-se e exalta-se!

A sociedade é assim!

Paz ás cinzas do sr. Macphail, já que a sua vida foi attribulada e angustiosa. Os SEUS AMIGOS

(Imprensa e Lei, 9 de Maio de 1854).

ESCRIPTORES MODERNOS DE PORTUGAL.

—

FRANCISCO PALHA.

(Continuação.)

O volume de poesias do Sr. F. Palha contém, sem duvida, algumas de merecimento. Vê-se alli que o auctor não é um grande poeta, mas percebe-se destinctamente que é um bonito talento. Em trovas populares, ninguem, a meu vêr, lhe leva a palma. Os rimancetos da *Infante de Castella*, *Dona Guiomar*, e, sobretudo, a *Apposta do rei*, são modêlos na singeleza, correcção, e mimos. Das poesias varias a que o povo mais conhece é — *A minha patria* —, a que mais me agrada é a que leva por titulo — *Comprae. A minha patria* — não me parece notavel pela forma, nem lhe encontramos novidade na idéa. É ainda um louvor aos heroes portuguezes, e um rimado elogio ás bellesas d'este paiz; depois de mil comprimentos graciosos, o auctor termina chamando-lhe *espectro*, epitheto que não nos parece extremamente lisongeiro.

Oh! deixa de ser espectro!
Patria toma o teu sceptro,
E tornarás a reinar!

O que deu mais importancia a esta poesia, foi o sabor nacional que se lhe encontra, e a occasião opportuna em que appareceu. Era n'aquella epocha briosa

em que dois actores, ambos de merito e subido engenho, se occupavão de popularisar de sobre o palco algumas composições dos melhores poetas, que pudessem facilmente prestar-se á declamação. Foi o tempo do *Veterano*, *Gomes Freire*, *Ave Cesar*, e *Lua de Londres* a mais mimosa, e sentida de todas, porventura. Era uma especie de certame poetico a quem mais diria sobre homens, e cousas d'esta terra. Veio então — *A minha patria*, e o povo que tinha escutado com frieza a *Lua de Londres*, applaudio esta com louvor. Houve alguma injustiça na aproximação d'estas duas obras. Entre uma obra poetica do mais alto valor, e uma poesia em que só era para attender a alguns bonitos impetos que traduzião juventude, e fervor enthusiastico, devia o publico fazer sentir a distancia que existia, e que deu provas de não avaliar. O Sr. F. Palha, como moço de tino, acreditamos que hade ser da nossa opinião.

Talento original, e excentrico, no disparate, genero mais difficil do que pensão os homens sisudos, e os membros da Academia Real das Sciencias, ninguem póde competir com elle. No *Andador das Almas*, que será tudo menos traducção, e que affoitamente se poderá apresentar como obra sua, dá evidentes prova d'um admiravel engenho.

Os que não sabem o que é escrever e que nunca lerem o *Sacristão de São Lourenço*, dizem que o *Andador* é a traducção fiel d'esta obra. Outros, em ar de obra de Misericordia, condescendem a chamar-lhe imitação — Os caturras litterarios sentenceião — a de plagiato, o que não deve ser de pêso na balança dos bons juizos, se nos lembrarmos que esta mania de chamar ladrões, encapotadamente a todos os escriptores de talento, é velha, e teimosa. Segundo Bavio e Mevio Virgilio, foi plagiario de Homero, o que não impede que outros ainda mais adiantados affiancem que Homero foi plagiario de Orpheu e Linno, e que eu piamente acredite que até estes dois apresentaram como suas, algumas producções poeticas de nosso pae Adão.

A meu vêr, o *Andador das Almas*, é uma peça do Sr. F. Palha. Se não me tivessem prevenido, e eu a escutasse, gritaria logo que era obra sua. O seu estilo chistoso não se confunde, e só o desconhece quem não nasceu para cavar n'este terreno. O que eu juro é que tomára o auctor do *Sacristão*, ter metade da graça do auctor do *Andador*.

N'uma pequena comedia com que o publico nem teve tempo de tomar conhecimento, e que era pura composição do Sr. F. Palha, provou o auctor que tanto prima nas galas do dialogo, como é inferior no plano d'este genero de obras, a que vulgarmente se chama *enredo*. Chamava-se a peça — *O Mano Gaspar, e o mano Aniceto*, e consistia n'um dialogo expressamente escripto para as tendencias do caracter de dois bons actores, os Srs. Pereira e Moniz.

O publico teve juiso em não fazer caso d'ella, porque se repara, tinhamos tormenta. *Atraz d'uma mulher*, e *Doidices Dramaticas*, são duas obras que armão á gargalhada. A ultima tem espirito porque é uma parodia ao melodrama, á tragedia, e á opera escripta, com veia, e bom humor. A outra pertence ao numero das Mil e uma *bambochatas* litterarias em que abunda o theatro Hespanhol.

Aquelle saboroso peccado mortal a que se chama preguiça é, aqui para nós, um altar a que o nosso author sacrifica de muito bom grado. Se assim não fosse, elle acharia no seu talento variado e original recursos para obras muito Portuguezas, e muito valiosas. Todavia esperemos que accorde por uma vez, e que reconheça que a fertilidade é uma bo-

nita virtude nas mulheres, e nos poetas. JULIO CESAR MACHADO.

Amor e Saudade.

Minha alma afflicta vagueia
Em torno de teu Jazigo!
O meu coração que é teu
No Tumulo está comtigo!

Eu te amei! inda mais te amo
Depois a gelada morte!
Em vão tentou dividir-nos;
Venceu amor, que é mais forte!!

Morte cruel, não podeste
Desatar tão fortes laços!
Inda em meus sonhos o vejo,
Inda o aperto em meus braços!

E' eterna indissoluvel
Nossa constante união!
Inda vive, inda respira
No meu, o seu coração.

Este amor que é sem igual!
Tão casto, puro, innocente!
Nutrido pela saudade
Durara eternamente!

D. M. I. M. S.

THEATRO DO GYMNASIO.

Neste theatro vai á scena em fins do corrente, uma peça de grande apparato em 3 actos, musica do sr. Casemiro, intitulada — *Principio, meio e fim do mundo* — original do nosso jovem litterato sr. Julio Cezar Machado. O seu nome recordando o seu merito litterario em tão verdes annos, recommenda assás esta obra a seus bons compatriotas, que não deixarão de accolhêl-o com a benevolencia com que sempre tem distinguido este jovem, que por tantos titulos merece as nossas considerações e sincera estima.

De todo o coração desejamos ver coroada mais uma producção de um talento que se tem elevado e engrandecido luctando com as maiores difficuldades, e por isso mais digno das affeições da patria que elle honra com seus talentos e assidua applicação.

D. A. G. PUSICH.

DOIS MYSTERIOS.

(Continuação)

—

REVELAÇÃO DO PRIMEIRO MYSTERIO.

Mudei com effeito a minha residencia temporaria do Paraizo, para a minha choupana da Estrella, e já não desistia eu do empenho de ir a Chellas ver a minha nova amiga: não me foi preciso, que no dia 8 de Agosto, em que por antigo costume se faz em Chellas uma solemne procissão dos Santos Martyres, veio a minha criada logo ao amanhecer annunciar-me a visita de uma Senhora, vestida de preto, com dois meninos. Corri a ella!... Um reciproco abraço, um transporte de verdadeiro jubilo exprimiu a igualdade de nossas affeições!

— Será possivel que eu tenha uma amiga? disse a infeliz Irminia, derramando muitas lagrimas, e unindo-me ao seu peito, cuja visivel agitação manifestava a horrivel tormenta que elle encerrava!

— Sim, de certo a encontrará em mim! — respondi, conduzindo-a a almoçar comigo; nem consenti que me deixasse aquelle dia. As creanças foram passear com a creada, e nós ficámos a conversar. Ao passar uma sala da qual se avistava a casa solitaria onde ouvi cantar a mysteriosa canção nocturna, disse eu a Irminia: — Vê aquella casinha?... é poetica...

— Poetica, respondeu Irminia descorando!... Como?...

— Testemunhei elli um caso que muito deveras me enterneceu!...

— Alli!... torna ella estremecendo... quando?... o que viu?...

— Uma joven Senhora derramando bastantes lagrimas, uma noite depois da meia noite, em que eu vinha de casa de umas minhas parentas que assistiam á Lapa.

— Conhece-a?

— Não, mas fiquei desde logo estimando-a porque era infeliz!.... Soffria tanto, e tanto sentia quanto deixam ver uns versos que ella entoou com musica a mais sentimental; e que eu decorei, e escrevi: — são assim....

Repeti os versos; mas não os pude acabar, que Irminia suffocada em lagrimas lançou-se ao meu pescoço, e exclamou!...

— Por isso Deos m'a deparou!.. por isso o meu Coração a amou tanto!.... E' a Senhora do meu fatal segredo!.... Mas ah! nunca me pergunte o seu nome!. é um mysterio que jurei levar á sepultura!

—Socegue, minha querida amiga, que não o exigirei.

Cuidei de a distrahir, tirando-a da janella, e descendo com ella ao quintal. Contou-me que tendo visto um joven das mais bellas qualidades moraes, o seu coração se sentiu captivar; pouco a pouco pelas virtudes d'aquella alma que Deos havia formado tão pura, mas não para ella!.. Que attendendo ao seu estado de viuva ainda recente, e mesmo prendendo-a certas considerações proprias da dignidade do nosso sexo, se exforçou por occultar nas fórmas de uma sincera amizade a paixão que a seu pezar a dominava: que lhe parecia conhecer naquelle interessante joven uma estima particular por ella; mas não amor. Se o tivesse quem lhe impediria o declaral-o? a elle.... um homem a quem não é desairoso, como é a uma senhora, o dar a conhecer que ama, antes de saber com certeza que é amada? e ainda assim feliz da que pode occultar ao menos metade do amor que tiver por qualquer homem!

— A's vezes, lhe disse eu, o mesmo amor quando é verdadeiro infunde esta irresolução pelo temor de um desprezo.... pela idéa de ser mal interpretado o seu sentimento.... e até porque o homem quanto mais ama uma senhora, mais a sabe respeitar.

— Oh! replicou Irminia, se assim fôra!.. mas não!.. Eu vivia feliz, nutrindo a lisongeira esperança de um futuro incerto e ditoso!... Eu o via... eu não era amada, pelo menos não sabia se o era, e podia esperar sêl-o ainda!.. Eu o via... eu o podia amar sem remorsos!.. Eu o amava!.. ah! sim!.. eu o adorava!.. De improviso um raio desfechou sobre a minha fronte, e o meu coração!.. feriu-me!.. reduziu a cinzas todas as minhas esperanças!..

O acaso me fez saber que se dizia que elle amava outra! Se amou, como creio, minha boa amiga, pode julgar do effeito que esta nova produziu em mim!.. Estremeci!.. e todavia não acreditei!.. Pareceu-me ser uma das muitas invenções d'aquelles que se divertem fallando das pessoas que melhor se comportam; aquelle joven tinha uma conducta excellente; a inveja perseguil-o-hia.

Dias se passaram, e nas minhas tristes meditações, em horas em que todos descansavam, e que só a minha dôr velava, é que ouviu aquelles versos!... Quem me diria que n'um deserto só frequentado dos mochos, e das corujas, á noite, e em horas taes, me ouviria uma pessoa que um anno depois havia ser a unica depositaria do meu segredo!...

— Do seu segredo não; da metade do seu segredo, lhe tornei. Irminia suspirou, e me disse:

— O seu nome!.. sim... o seu nome é tudo... mas esse nunca... nem aos échos o tenho dito com receio de que o repitam!.. Não é um nome criminoso, bem sei; mas eu não posso proferil-o!.. Não devo!..

(*Continúa.*)

D. A. G. F.

Typ. Rua da Condessa n.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n. 8.
Rua de S. José n.º 135, 2.º andar
E em todas as lojas do costume.

N.º 13 — AGOSTO 15 — 1854.

RELIGIÃO — MORAL PUBLICA.

—

Do alto do monte Sinay baixaram á terra os primeiros lumes da civilisação. Nas Tabuas da Lei dadas a Moisés, e por este apresentadas ao povo, já Deus mandava instruir os homens nos mais Santos principios de Religião e de moral; foram os Mandamentos da Lei Divina a baze fundamental da sociedade que o Altissimo ordenou aos humanos; depois veio o Christo proclamar essa Lei Santissima; erguer na Dextra Omnipotente o Estandarte da liberdade mais pura, firmal-a com sua palavra, e seu preciosissimo Sangue! Não houve sabio algum, não existiu na terra jámais um heroe, que antes do Christo, ousasse afrontar a colera dos potentados, fallando-lhes a linguagem da verdade com que o Redemptor fallou aos Reis da terra, fazendo-lhes abalar o sceptro nas mãos crueis, e vacilar a coroa na orgulhosa fronte! Ensinando a acatar os bons, ensinou a ter força de coração para não temer os maus.

A ignorancia, e a tyrannia sacrificaram o homem Deus, que descêra dos Ceus Astro o mais fulgente a illuminar a terra! Cruxificaram-no; porém o seu exemplo ficou venerado no mundo, e suas palavras transmittidas a seus Discipulos foram repetidas por todos os ecos de geração em geração, e a lei do Cruxificado formou seu imperio na terra! Os homens porém abusaram; e com enxertos damnosos quizeram destruir o delicioso fructo da Arvore da Redempção!

O fanatismo armou crusadas de sangue, ergueu fogueiras; flagelou com horriveis tratos a humanidade; e a Lei de paz e amor, converteu-se em tyrannica lei de — *Crê, ou morre* — ! porque o egoismo, a crueldade, a hypocrisia, a ambição; essas paixões vis que degradam a humanidade; e que o Christo combateu se vistiram com o manto Augusto da Religião para dominar o Universo! Era forçoso que o raio fulminasse os oppressores da humanidade.

Consentio o Senhor que do inferno rebentasse um vulcão e incendiasse o Globo! Subterraneo trovão estalou, e a impiedade levantou o seu throno de horrores!... Excedeu a hypocrisia, e a superstição; juncou os campos de cadaveres, e inundou-os de sangue humano! Soltou os diques ás paixões, e tentou armar nova coorte de espiritos infernaes contra a Omnipoiencia Divina!

Os seculos horrorisados terminâram o seu gyro, e esconderam na Eternida-

de as faces banhadas em sangue e pranto! O Eterno os viu!.. ouvio os lamentos da opprimida virtude; condoeu-se da terra, e dos habitantes seus, porque ella era obra sua; e elles eram seus filhos! Suspendeu-se o castigo merecido por tantos excessos commettidos!.. De entre as sombras da ignorancia e do barbarismo, da impiedade e dissolução, eil-o radiante e puro disponta o Astro luminoso e bemfeitor doirando as trevas que enlutavam o mundo! Callou-se a horrivel tempestade.... um reflexo da luz immensa do Ceu veio alumiar a terra; dimanou dos seios do Eterno a illustração! ... Mas os homens fascinados não conheceram o brilhante Planeta; e o julgaram facho infernal! Uns evitavam seus lumes como perigosas faiscas; outros apoderados de frenetico desatino e vertiginosa furia, se arrojavam a menoscabar as Leis Divinas e humanas; e entenderam que ser illustrado, e ser livre era ser perverso e insolente; era não conhecer, não respeitar o Author Supremo; não obedecer ás authoridades da terra!.. Era não ter lei nem rei!.. Não temer a Eternidade... não crer, não esperar!.. O septicismo ia crescendo, alimentado pela materialidade!....

Soou a voz — Liberdade — mas foi profanada! Roubaram-lhe a excellencia do grande principio.

Finalmente foram imitados pelos enexpertos que se deixam seduzir da novidade. O bons porém conservaram-se bons; e os fascinados cançaram na violenta carreira das paixões, vendo-se perdidos em tenebroso labirintho, ou na confusa Babel, começaram a aborrecer a immoralidade; e em seus labios soou o nome de Deus! Luz brilhante lhe vai pouco a pouco illustrando a mente e os guia ao caminho da Religião e da moral, onde o Astro da civilisação se ostenta puro e luminoso como a face Divina!

Foi o Seculo 19, felizmente para nós, que tocando em meio o seu giro sente enxugarem-se as lagrimas de sangue que lhe caião no seio; e vê brilhar uma luz de consoladora esperança!.. Ainda soffre mas já espera!.. Ainda vê trevas, mas já conhece por onde hão de marchar as idades futuras?..

Louvores ao Altissimo!..

Salve Astro Divino da illustração que vens civilisar os povos, e apertar os laços fraternaes que devem unir a humanidade com vinculo Sagrado! *Amai-vos uns aos outros* — Palavras santissimas soae em todos os ouvidos, ecoae em todos os corações, e os odios, as invejas, as vinganças, as ambições, as crueldades, e a ignorancia, fugiram a sumir-se nos profundos abysmos da culpa, e deixaram livre o mundo respirar.

Aqui em Portugal temos observado um prodigio evidentissimo. Pedimos desculpa da nossa franqueza a todos os que tem regido este paiz nas épocas difíceis das virtiginosas influencias; mas nós escrevemos para o publico, para moralisar, e não para adular. Até ao presente os governos não tem cuidado nos meios de moralisar o povo, porque a politica tem occupado o seu precioso tempo; mas o povo é que de persi vae-se moralisando: vae comessando a detestar os excessos da libertinagem, vae entrando no caminho de seus deveres; Os governos ou não quizeram, ou não poderam contêl-os; mas o povo tem-se corregido. Hoje vê-mos nas Egrejas correrem um grande numero de fieis a dar exemplos de Religião, e o povo os acata, e óra com devoção. Ve-mos até nos theatros pateárem-se as peças immoraes, que o Conservatorio tem a indiscripção de licenciar, e as auctoridades a indulgencia de tolerar... Vemos aquellas que offerecem exemplos edificantes, onde a religião, a moral, as mais santas virtudes resplandecem, em-

bora sem os pomposos ornamentos da eloquencia; flores com que tantas vezes se cobrem venenosos os espinhos da immoralidade; vemos essas peças moraes acolhidas, applaudidas com o mais vivo enthusiasmo! Vede no theatro de D. Maria a Prophecia; vede agora no Gymnasio a Vida de Santo Antonio drama original em trez actos e quatro quados, com o titulo de — *Gabriel e Lusbel ou o Thaumaturgo* — vereis de todas as partes do Reino acudir povo a applaudil-o; vêlo-heis representado mezes successivos sem jámais infastiar; vereis seu auctor, o sr. Braz Martins, ganhando o triumpho que a obra mais rica de arte e de poesia não lhe alcançára. É Deus quem lhe dá essa corôa sublime; é um modelo de virtudes; um Santo um heroe Portuguez que lhe entrega de seus loiros um ramo; é o povo christão por excellencia quem lhe offerece as palmas.

Que quer dizer tudo isto? Que todos os esforços da impiedade não bastáram a desarreigar dos corações Portuguezes a Fé — a crença de seus Pais!.. Que o povo Portuguez é fidelissimo, é Christão, e por isso malgrado todo o escandalo que tem prezenciado; apezar do olvido a que tem sido comdemnado, hade entrar no caminho da sua verdadeira civilisação; e o governo que quizer ser estimado e bem quisto hade primeiro que tudo acatar, e fazer acatar a pura e suave religião do Cruxificado — hade cuidar seriamente na instruação, e moralidade Publica. E por tal modo terão as auctoridades o respeito e amor do povo; e as benções do Ceu.

D. A. G. FUSICH.

FESTA A SANTO ANTONIO.

No dia 16 de Julho preterito, celebrou-se uma festividade a este santo, n'uma das sallas do Ex.^{mo} sr. conde de Redondo, auxiliada em parte, pelo mesmo Ex.^{mo} sr. a qual foi celebrada da maneira seguinte:

No dia acima indicado, pelas quatro horas da tarde, se reuniram os festeiros dos quaes eram todos meninos, e coadjuvados pelos meninos de S. Nicoláu, cantaram umas solemnes e completas vesperas; em seguida o menino Pereira, da idade de treze annos, recitou uma pratica, não deixando nada a desejar, finda esta se fez uma procissão pelo jardim, recolhida que foi subio, pela segunda vez, á cadeira da verdade o exemplar Minorista.

Antonio Joaquim Abranches, contando apenas quinze annos, e com o sangue frio necessario, recitou um lindissimo Panigirico, o qual já pelas maneiras de quem o expressava, e já pela consideração, que o mesmo dava ao logar em que se achava, se retirou, deixando todos maravilhados, de que em idade tão tenra, podesse expressar-se de maneira tão sublime.

Vistosa quadratura composta pelos meninos de S. Nicolau, de que eram regentes principaes, os srs. Ferreira, e Bissone, (ambos minoristas da mesma Igreja) entoou-se o solemne Te Deum Laudamus, com que findou esta brilhante funcção.

Reinou durante este acto o mais profundo socego; graças ás providencias dadas pelo muito reverendo padre Filippe, e sr. Antonio Cazemiro, e sr. Jozé Joaquim, o qual muito trabalhou para que houvesse socego.

Dignaram-se honrar este acto, os excellentissimos sr. conde do Redondo, e sua ex.^{ma} familia, e muitas mais illustres pessoas desta côrte. O benemerito Parocho da freguezia de S. Nicoláu, coadjuvou muito esta festividade preparando a collegiada, e promptificando tudo quanto estava ao seu alcance para honrar um acto de tanta Religião.

VERISSIMO FERREIRA CHAVES.

A TARDE E O PASSEIO AO CAMPO.

(Meditação.)

Caminhava a tarde 14 de Dezembro de 1853, eu estava triste, e tudo me aborrecia; custava-me a respirar o ar corrompido da cidade: sahi de casa sem destino, para ver se me entretinha alguma cousa, e desviava da melancolia de que estava possuido: reflecti se me devia dirigir ao campo, ou á cidade onde continuamente se encontra o fausto, o luxo, e aonde a gente segue o seu caminho sempre acanhado, e distraindo nossas vistas para essas immensas lojas de modas, onde brilham os setins, os veludos, e outros milhares de objectos que a nosso ver pouco valor tem! mas não; quiz antes dirigir meu passeio ao campo, no logar onde só se encontra a verdadeira liberdade, e o ar mais puro que respirar se pode, e recreando nossos olhos á vista de um tão bello panorama! Quanta poesia não encerrão estes lugares? que maravilhas, que delicioso socego!

Prosegui meu caminho, e com a ideia sempre occupada em diversas cousas: achando-me já em adiantado caminho, sahi as portas da cidade.

Ninguem pode imaginar o que logo senti n'alma! o ar mais suave! as vistas dirigiam-se para as terras lavradas de novo! para as plantas viçosas! e para todas as delicias que no campo se encontram! alli!.... alli só se poderá sentir um verdadeiro amor!.... eu contemplava com o coração tranquillo o que acabava de ver!

A athmosphera estava carregada, e a tarde era sombria! porém o sol raiava entre algumas nuvens escuras, e de vez em quando mostrava o seu doirado explendor! um negrão divisei que vinha fortemente caminhando do Sul! avancei ainda alguma cousa, e achei-me na quinta das Águias! Deitei um olhar para o mar, estava bastantemente agitado, bramia com todo o seu furor! e nem um barco divisei!.. temer-se-iam talvez?!.. quem sabe?!....

Quando volvi a vista novamente para a terra, vi o negrume bem perto! e nem se quer pensei em me retirar: vi a serra de Cintra, altiva e bella... mas a nevoa transparente me impedio que melhor apreciasse aquelles montes, onde eu na minha infancia tantas vezes corri!.....

Um tufão rogindo com furor, me veio despertar das meditações que me occupavam a mente! uma grossa chuva cahio fortemente! abri o meu guarda-chuva, era impossivel contello, porque o vento ferozmente vinha retinir, e parecia levantar-me ao ar. As aves atemorisadas desappareceram! apenas um pombo a muito custo, esvoaçava para o seu casal!

Um relampago allumiou estes sitios! um raio zunindo com furia veio cair vinte passos distante de mim!

Contricto ajoelhei, e pedi misericordia a Deus! depois levantei-me lentamente, julguei não ver ninguem; porém os homens que trabalhavam no campo nem isto os impedio! — trabalhavam... trabalhavam no meio d'uma tempestade temivel!.... nem a chuva os fez cessar, ella para elles, era nada!.... Suas enchadas continuavam cavando, e outros occupavam-se da limpesa das oliveiras.

E eu tremi... tremi... e procurava guardar-me da chuva... mas era em vão no meio do campo não achei abrigo, e elles expostos ao que a sorte lhes destinasse!

Quantos aristocratas na côrte apanhando uma pequena molha ficam do cama e abatidos??.... e os trabalhadores apanhando de pé firme aquella immensa chuva, se encontram de perfeita saude, e uma robustez admiravel!?....

Nestes espaços tenebrosos só se sentiriam os malhos... e se encontrariam nas differentes classes, honrados e incansaveis homens trabalhando.

Quantos não aborrecem, e odeiam as classes dos pobres artistas, e trabalhadores?!... quantos não os lançam ao despreso, como se elles não fossem homens de tanta utilidade á nação?!...

O homem que proporciona todas as commodidades da vida ao rico... e todos os regalos que se teem podido inventar... para aquelles que soberbamente os despresam!...

E se não fossem as classes laboriosas, seria o rico que poria em pratica as ideias sublimes e proveitosas dos outros homens?!... não; então já vemos quanto os homens que trabalham, seja qual fôr a sua occupação, mais ou menos grosseira, se nos tornam precisos.

Se elles algum dia cessassem de trabalhar, obrigariam aos ricos a fazer esses trabalhos laboriosos ...elles que escarneciam o executor...que o tratavam com impio orgulho!..então conheceriam quanto é bem ganho o jornal a custo do suor derramado sobre o rosto amargurado, que só sórri quando se encontra á noite, tempo de seu descanço, nos braços da meiga esposa, e rodeado dos tenros filhinhos!·· São estes os maiores prazeres que teem; elles não ambicionam o fausto e luxo... usam decentes trajos, e não o que a muitos é improprio!...

Que importa que esses homens opulentos e cheios de vaidade, lancem o o ferrete do desprezo sobre o homem do povo.

Miseraveis que nem o socego lhes concedem... não se recordam que os podem fazer cahir n'esse horrivel scepticismo... e perderem talvez as crenças de seus avós!.. Ignoram que o despreso os podia impelir para os abysmos e que podiam atravessar essas difficultosas barreiras, e livrarem-se do jugo que os opprime?!...

Mas não; elles são bons por sua natureza... sabem tratar como bagatella as injurias dos egoistas!..

O pão do artista, é um pão abençoado por Deus! por elle que tambem trabalhou e creou o mundo, e as delicias que gozamos... elle abençôa para sempre o homem que come o pão pelo trabalho, á custa d'essa repetida lida e repelle para sempre o homem que escarnece, e pouco caso faz do artista, do homem que deve ter toda a acceitação na sociedade, do homem que lhes cobre suas carnes, que o preserva do frio, que lhe proporciona um sumptuoso palacio, onde se recolhem das crueis tempestades, e aonde existe um socego delicioso, onde recream a vista com bellas pinturas, onde se assentam ociosamente em cadeiras ricamente estufadas, delicias que não tem fim senão com a morte, e antes desta, muitas vezes com a doença que o ocio com praseres originou. Estes que assim praticam escarnecem os exemplos de Deus!

Aos homens a quem elles devem o seu bem estar, serão aquelles que devam desprezar?! e se agastam de acompanhar com elles, como se o artista não fôra um seu igual! ou mais ainda, porque nós presentemente vamos encontrar homens no trabalho, gente illustre e de alto nascimento!!.

E o rico, homem que a sua fortuna muitas vezes adquirida por meios illicitos! homens que de seu nascimento nada foram, e agora veem-se elevados pelo acaso, á aristocracia, tudo para elles é zêro, porque são ricos!...

Os que de seu nascimento foram alguma cousa, e por se verem em tristes circunstancias, porque a nossa infeliz patria não offerece vantagens... lanção mão do trabalho, e depois bem dizem para sempre a Deus de lhe haver

dado o sublime pensamento, de se aplicarem a este, ou aquelle ramo de industria; e o pão para elles, é o mais saboroso que em toda a sua vida haviam comido!

Trabalhai amigos!... Trabalhai irmãos!... trabalhai... trabalhai, que a divina providencia vem em auxilio das differentes classes, derramar esse bem celeste, que dimana dos céos!... e consolai-vos que entre ricos e poderosos, ainda que poucos, achareis homens que não se envergonham de vos chamar e considerar irmãos! consolai-vos, e esperai que a civilisação abragendo a terra, hade unir o rico ao pobre, e estreitar os laços da fraternidade com que Deus quer ligada a humanidade!...

Eis o que pencei durante o passeio; a tempestade cessou, já não chôvia, o Arco Ires apareceu atravez do horisonte momentaneamente! o nevoeiro passou, o sol tornou a raiar com todo o seu magestoso fulgor! as aves que ao chover desappareceram, agora estendiam seus vôos e entoando com alegria seus canticos, eram celestes orpheos!.... comtemplei um pouco esta scena, e regressei a casa, pensando quanto é bello o campo! alli, no meio de todos estes casos, eu estava satisfeito, e gosava prazeres que nem sei explicar!...

Este quadro de momento faz lembrar aos christãos quem somos sobre a terra... e qual é o poder, e a justiceira mão de Deus! E quanto em todas as suas obras o devemos adorar!!...

F. J. F. DA S. E SERRA.

THEATRO DA RUA DOS CONDES.

Com effeito nada ha que cause mais tedio, que a *Granja Feliz* no theatro da Rua dos Condes; se bem que os actores se exforcem para poder engrandecer, o que a pena do original não poude elevar: confessando ingenuamente que tambem os actores, com especialidade uma actriz que canta desentoadamente, e sem graça, umas quadras, podem executar mais; além de que para isso, o theatro da Rua dos Condes, nunca é possivel representar cousa que geito tenha, por quanto os sabios e mui distinctos membros da commissão, não admittem que subam ao palco senão as traducções, e originaes que friamente estes compõem; pois tiveram o arrojo de despresar duas peças, producções do sr. Estacio da Veiga, e Serra, jovens de merecimento, e de instrucção, sendo já suas peças approvadas, e elogiadas por pessoas de conhecidas forças, tanto litterarias, como poeticas.

E como podia a commissão julgar taes peças, se elles não estavam em tal caso?!....

As pessoas de talento teem abandonado este theatro; notámos que o joven Julio Cesar Machado tenha deixado de dar suas peças... talvez seja para não as ver lançadas nos abismos!....

Tiveram a ousadia de usurpar um acto da peça da sr.ª Pusich, intitulada *Vingança por vingança*, a qual foi retirada do theatro por mandado da auctora; e depois appareceu em scena o *Maestro e seu gallego!..*

A sr.ª Pusich, tem dado muito ao diabo por amor de Deus, e se quiserem, ella ainda pode fazer algumas dessas esmollas: aplicamos aqui um verso do sr. Dr. Lima Leitão dedicado á sr.ª Pusich.

> Muitas vezes espalrece
> Um genio affeito a grandezas,
> Quando lê, quando analisa
> D'um fraco genio as pobrezas.

A sr.ª Pusich tem dó das fraquesas desses litteratinhos que por ahi abundam ás redeas soltas!....

A direcção deve escolher para a commissão, pessoas desenteressadas e de

conhecimentos litterarios; porque o theatro é sustentado pelo o publico, que hade patear até verem em scena peças bôas, e não aquellas bagatelas que a ignobil commissão compõem a torto e a direito.

O *Doente por Conveniencia*, é uma peça sem sabor, sem enredo, em fim não sabemos quem é o auctor: talvez algum da commissão, as peças de fóra são regeitadas, e perfere-se a estas, vergonhosamente uma traducção do sr. Santos, ex-empregado do Real Collegio Militar, que sem o mais simples conhecimento litterario, ou poetico, aspira a fazer subir ao palco a sua traducção, (coadjuvada com a poesia do sr. Silveira Lopes, intitulada, O *Fradinho da mão forada.*) Que progresso!... felizmente o publico, é demasiadamente benefico, pois taes Peças nem ao menos as elevão á honra de as patearem, pois é todavia certo, que n'uma das preteritas noutes, certo individuo cançado de vêr tanta sensaboria, pateou enthusiasticamente a *Granja;* porem foi esperado pelo Director do theatro, que se orgulhou de ser major, não sei de que corpo, e se precipitou sobre o individuo, afim de o insultar, o qual inesperadamente poude bem pouco retribuir. Eis como está a liberdade do expectador supplantada!... porque geralmente se o expectaculo que desagrada, resta-nos o direito de reprovar. E como?... esperando propicia occasião, o que se praticou, e não era este o recurso que competia ao Director, mas em fim desculpamos, porque a inexperiencia é sempre digna de ser perdoada. Aconselhamos ao auctor da *Granja*, que a retire de scena, para evitar que se dê mais publicidade, a quem compoz o que summamente tem desagradado, e os demais membros da commissão sejam mais estudiosos, cultivem-se mais, porque bem sabem que não são ao presente arvores, que dêem bom fructo; e quiçá d'aqui a algum tempo, talvez conquistem o que por ora inspira indulgencia.

ANTONIO FERREIRA DA SILVA.

DOIS MYSTERIOS.

(*Continuação*)

Tentei affastar Irmina d'aquelle sitio, e das recordações que tanto a affligiam. Peguei-lhe em uma das mãos; estava tremula, e de gêlo!.. Pedi-lhe que reservasse para mais tarde a triste narração, a sua dôr era mui recente, o mais ligeiro toque faria resaltar o sangue sobre as feridas do seu coração, que o tempo e a razão sanariam.

— Impossivel!.. disse-me ella — Impossivel!... Oh! nem o tempo, nem a razão... só a morte!

— Vamos tocar alguma cousa no piano, para distraír esta lembrança; lhe tornei.

— A musica!.. Meu Deos!.. A musica aviva ainda mais a minha saudade!.. requinta a minha dôr; apura todos os meus sentimentos. Os seus sons trazem á minha alma a imagem do anjo que perdi, e que malgrado todos os esforços não posso esquecer... mas tambem não posso lembrar sem crime!..

— Como senhora?!.. repeti a Irminia, isto parece uma contradicção! Se elle é como diz, um anjo, será crime lembrar-se d'elle?

— Sim, é um anjo em corpo e alma; e com tudo eu não devo amal-o com o ardor com que o amo!.. Lei tremenda reprova este amor..

— Entendo é casado!.. E não o sabia?

— Adivinhou, minha querida. Apenas me constou esta desgraça fugi d'estes sitios; fiz correr a noticia da minha ída para fóra do reino; e sepultei-me no valle de Chellas, aonde vivo, só para meus filhos, e para todas as tardes

ir diante dos altares pedir a Deos se digne terminar a minha dôr... o meu amor... ou a minha vida!.. Orar por meus filhos, e por elle que é um anjo! que não tem culpa do meu delirio... que elle nunca promoveu...

— Basta... lhe disse eu, não continue, que me despedaça o coração!

Nossas lagrimas se confundiram; fomos para o meu quarto; e em quanto nossos filhos gozavam o somno da innocencia, velavamos recordando todas as nossas desditas; contei-lhe tambem a minha vida, a ver se comparando os seus com os meus infortunios se julgava menos infeliz!..

Quem sabe, lhe dizia eu, se aquella triste noticia foi exacta? Convem informar-se bem; eu não me attrevo a profundar o seu segredo: mas se me considerasse digna depositaria, eu lhe protesto que iria demandar as mais exactas informações. Irminia me respondeu que muito grata era á minha compaixão; mas que seria profundar-lhe mais a chaga confirmando a noticia, e accrescentando outras circumstancias que acabariam de a matar. Assegurou-me que a pessoa que lhe déra a nova fatal, conhecia muito de perto aquelle joven; que era muito verdadeira, e que nem sonhava a inclinação que ella lhe tinha.

— Não posso duvidar!.. dizia a triste suffocada em lagrimas.

Conheci que era impossivel distrail-a na Estrella. Desde a madrugada que se erguia, até alta noite, seus passos se moviam sem ella querer, para a sala, da qual via a sua antiga casa; e seus olhos a observavam com intima saudade!..

Pediu-me que a tratasse por tu, e que fosse estar com ella uns dias em Chellas; pois eu bem sabia o motivo porque ella só a furto vinha á cidade. —

— Sei, dizia ella, que se elle souber que eu estou em Lisboa, voará a ver-me; ignora os meus sentimentos, ou não lhe conhece toda a extensão; e elle parecia considerar-me mui-to; mas ai! poderia eu vêl-o sem me traír!..... sem morrer!..... Vendo a jóia que eu perdi, e outra possue! não!..... esta prova ó terrivel! é superior ás minhas forças. Deixa-me, em quanto posso, conservar o meu nome sem mancha. A minha tristeza tem desculpa; o mundo entende-a por outro modo... chorar a perda de um marido, ainda que fosse máu, é uma virtude; chorar a perda de um amante, ainda que fosse um anjo, seria um crime!.. E de mais, elle não me pertence!.. Elle não me ama!.. Seria o maior abatimento mostrar paixão por quem não se importa do meu amor, porque tem consagrado a outra o seu coração a sua existencia!..

Era tão pungente a afflicção de Irminia; que eu mesma tratei de retiral-a da Estrella para não mais alli tornar; e decidi em attenção a ella mudar a minha residencia. Disse-lhe que, tambem a vista d'aquelles sitios me affligia, recordando perdas para mim as mais consideraveis; ambas fomos procurar casas proximo a chellas. Achei umas boas, e deixando Irminia em sua casa, fui ajustar com o senhorio a renda. Irminia não queria que pessoa alguma a visse, e por isso não era possivel morarmos juntas; no dia que ella vinha passar comigo dava eu ordem á criada de dizer a quem me procurasse, que eu não estava em casa!

(*Continúa*) D. A. G. PUSICH.

PUBLICAÇÃO LITERARIA.

Sahiu em folheto a comédia original — *o perdão d'acto*, estrêa do senhor Affonso de Lima, moço intiligente, modesto, e conscencioso. E' uma peça de costumes escholasticos, traçado n'um estilo ligeiro, espirituoso, e fino Recommendamos esta publicação, que é no seu genero uma obra notavel, e damos ao author os parabens d'amigo, e os louvores de leitor. J. C. MACHADO.

Typ. Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S. José n.º 135, 2.º andar
E em todas as lojas do costume.

N.º 18 — SEPTEMBRO 1 — 1854.

FESTIVIDADE RELIGIOSA EM CINTRA.

O seguinte artigo do Sr. Paiva, Cavalheiro de nossa antiga amisade, e de reconhecido merito superior: occupará as primeiras paginas d'esta folha, tanto pelo bem escripto e religiosa moral, como pelos bem merecidos elogios que tributa ás virtudes do nobre Conde de Penamacôr, a quem deveras estimamos, e respeitamos, como digno herdeiro do nosso immortal D. João de Castro, e como um dos mais brilhantes ornamentos da antiga Fidalguia, que deve servir de modelo aos presentes, se quizerem como elle tornar-se dignos das mais altas considerações do povo, que tendo perdido antigos prestigios de respeito, e amor aos grandes, hoje só pode amar e acatar a virtude d'estes, em todo o tempo apreciaveis, e agora mais do que nunca, por isso que titulos ha muitos, e virtudes poucas.—No meio de tantos divertimentos profanos, que ás vezer tanto prejudicam, aparecer uma Festividade santa n'um retiro de tão sublimes recordações, é um contraste digno das mais serias reflexões! E' um acto de Religião que honrando a memoria do passado, honra o prezente, e o porvir.

D. A. G. PUSICH.

O CONVENTO DA CRUZ EM CINTRA

« Em graves reflexões a mente absorve
« O que contempla este retiro santo:
(*Visita ao Convento dos Capuchos da Serra de Cintra em* 1841. — *C. J. Caldeira*)

Sendo envolvido este modesto Hospicio na extincção geral dos conventos d'este reino, foi ha poucos annos restituido ao Ex.mo sr. Conde de Penamacor, como digno herdeiro do Heroe que o fundou, e mandado renovar por elle sem mudança da sua antiga e austera estructura. — Practicando igual acto de devoção e generosidade com a sua capella em Bemfica, como já fizemos constar pela imprensa, para evitar tambem a ruina de outro piedoso monumento de honrosa recordação. — Esperamos que os illustres successores do nobre Conde seguindo tão louvavel exemplo, hão-de manter intacto este precioso legado da viva fé e abnegação de um portuguez benemerito e amante da sua patria.

Domingo, 13 do mez findo, foram os moradores do sitio de Penedo e seus arredores em romaria ao SENHOR DOS PASSOS, que se venera n'uma das capellas d'aquelle humilde convento, para lhe

tributar seus religiosos cultos, e lá tornou a soar a voz dos Sacerdotes, depois que os eccos da Serra de Cintra cesssaram de repetir as preces dos cenobitas, e que o pranto dos penitentes deixou de regar o seu solo...

Celebrou-se missa solemne, acompanhada a orgão pelo mesmo illustre Conde, que concorreu para o maior explendor d'esta festa, e cujas apreciaveis qualidades são notorias e superiores a todo o elogio. — Occupou a tribuna evangelica o Reverendo senhor padre Joaquim de Santa Rosa de Lima Cordeiro, por annuir ás instancias dos mais influentes festeiros, e proferiu um eloquente discurso em primoroso estilo provando que o peccado do primeiro homem fôra a causa da morte do FILHO DE DEOS, mas que nós lhe podiamos alliviar o pezo da sua cruz com o arrependimento e diminuição dos nossos crimes, e concluiu implorando ao OMNIPOTENTE a graça de se compadecer dos miseros lavradores opprimidos pelo flagello que tem soffrido o ramo da maior riquesa agricola d'este paiz. — Descrevendo a origem do edificante Asylo, erigido pela piedade do invicto D. João de Castro, fez ver que se lhe fosse concedido volver da mansão dos justos, n'essa hora solemne, e penetrar n'aquelle sagrado recinto, a sua dôr, pela ausencia dos monges que o deviam habitar, seria mitigada com a presença da multidão de fieis que n'este momento rodeavam com jubilo christão o Estandarte da Redempção humana, que elle mandára arvorar por seu Filho sobre um penedo da sua aprasivel Cintra, ha quasi tres seculos, e diante do qual muitos poderosos se humilharam e deposeram o seu orgulho. — Acreditamos, piamente, que, á vista d'este quadro pathetico, a alma do inclito Fundador havia regressar satisfeita para a companhia do seu Creador.

A' tarde voltou o mesmo cirio para a Ermida do Penedo, aonde prégou o referido Ecclesiastico, em acção de graças, assim como convidou os seus ouvintes á pratica das virtudes, e aos exercicios da penitencia para applacar os castigos de DEOS, que afligem actualmente a maxima parte do globo, e que parecem suspensos sobre a nossa abençoada terra, como um aviso celeste para nos lembrar o cumprimento dos nossos deveres, e a obrigação de supplicarmos a sua infinita clemencia.

Seja-nos permittido referir tambem, por esta occasião, que no dia da ASSUMPÇÃO DE NOSSA SENHORA, se verificou igualmente na Parrochial Igreja da mesma invocação em Collares, a sua festividade com toda a pompa pela respectiva Irmandade de que é Juiz o Ex.mo Marquez de Valada, e distribuio-se por caridade um bodo aos pobres. — O insigne orador, já mencionado, mostrou n'este sermão quanto era conveniente recorrer á valiosa protecção da SANTISSIMA VIRGEM, como o meio mais efficaz para obtermos a divina misericordia, e alcançar a gloria eterna.

Tão sublimes discursos, pronunciados em frases correctas, e das quaes apresentamos alguns dos pontos cardeaes; produziram no auditorio a grata impressão, que sempre inspira a doutrina santa do Christianismo, e foram ouvidos com a attenção devida ao distincto Orador que tem adquirido uma inquestionavel reputação na sua longa e brilhante carreira apostolar.

Consignando n'esta Folha estas acções religiosas, que nos foram reveladas por pessoa fidedigna, não temos a intenção de offender com o nosso louvor a quem detesta a lisonja, mas unicamente pedir a sua imitação e sollicitar a veneração da posteridade.

PAIVA.

UMA SAUDADE.

Já lá vae esse tempo saudoso,
Que aos deleites da paz m'entregava;
Minha vida, era um puro repouso,
Oh! que tempos que então eu passava.

Tinha amor, ai! tão puro e singelo,
Qual dos campos o amor pode ser;
Oh! que tempo! que tempo tão bello!
Que fagueiro, que lindo viver!

Foste tu minha terra bem q'rida,
Que esse tempo então viste raiar;
Como te heide esquecer eu em vida,
Se tudo isto me vens recordar?!...

Esquecer, o teu solo tão bello,
Esquecer, minha terra natal;
Isso nunca!... Eu por ti, me desvello
E me ufano porque és — Portugal —

Tu me lembras do tempo passado
Os folguedos que então eu gosei.
Ja se foi esse tempo dourado,
Ja mudou... eu porém não mudei.

Taes lembranças que existem comigo
Servem só d'augmentar a saudade;
Viver quero e morrer só comtigo,
E' bem santa esta minha voutade...

Mas debalde... esse tempo passou
De que serve existir a lembrança?
Se tudo isso d'então se mudou;
Nem ao menos existe a esperança?!...

De que serve por tanto lembrar
O que existe na minha memoria,
Se eu ao menos não posso cantar
Cara patria esse amor, essa gloria!

E' agora que eu bem desejava
Ser um vate, — um Luiz de Camões,
Ter a lyra que o Tano vibrava
Para erguer mui *sentidas* canções.

Se tudo isto possuisse eu agora
Cantaria com zelo e constancia,
A ti patria querida, que outr'ora
Embalaste o meu berço d'infancia.

Contra ti, é myster que hoje grite,
Pois dominas meu negro viver;
Mas a sorte é que assim o permitte,
Eu não posso de ti maldizer...

Foste tu, que meus passos marcaste
Para auzente de ti me esquecer,
Foste tu, que então me olvidaste,
E que eu amo e heide amar té morrer!...

Era eu joven, bem joven ainda,
Longo trilho já tinha a seguir;
E os folgores da idade mais linda
Desde então nunca os pude nutrir!...

Pelo trilho que a sorte marcava
Como o nauta eu então naveguei:
N'um baixel onde os mares cortava,
Nunca patria de ti me olvidei!...

Tu querias que então n'outras plagas
Fosse longe de ti perecer!...
Ou tragado no mar pelas vagas,
Sem sequer um — adeos — te dizer!...

Patria! patria! tu es sabedora,
Que eu te adoro com pura affeição:
Que por ti dava a vida n'esta hora,
Como a dava nos tempos d'então!

Patria! patria adorada, és tão bella
Que és o id'lo do pobre cantor:
E's do ceu amais nitida estrella,
Não te esqueço, — consagro-te amor.

Eu quisera em sublime canção
O teu nome poder bem cantar:
Pois a patria do meu coração,
Não merece um mesquinho trovar:

Patria! aceita esta viva saudade
Do meu peito que tanto te quer,
— Puros votos, sincera amisade: —
E' penhor que vim hoje offerecer!

Santarem 16 de Janeiro de 1854.

J. A. Carvalho Junior.

A' IMAGEM DE JEZUS CRUXIFICADO.

Este Sol que me allumia,
Essas fiôres tão mimosas,
Estas fructas saborosas
Nada disto, nada é meu!

Esse mar que tanto admiro!
Essa azulada extenção,
Nem mesmo este coração
Obra só do teu Poder,

Nem as brilhantes estrêllas,
Nem as arvores frondozas,
Nem grandezas sumptuosas,
Nada disso nada he meu!

Nem este côrpo que habito
Nem o adorno que me véste,
Nem esta alma que me déste
Nem mesmo a saûde é minha!

Mas O' tu, que ante mim vêjo
Pendente da dura Cruz!
Caro amôr dôce Jezus,
Ah! tu sim, tu só és meu!

Tu senhor que me creaste,
Que tão fortemente fálas!
Que o meu peito todo abálas,
E's tu só, és tu que és meu!

Este sêr que só dimana
Do teu ser puro immortal,
Que ama o bem, detesta o mal,
E' só teu e não é meu!

Vem a mim O' Deos amante
Conduze-me entre teus braços
Convensão-me eternos laços,
Que eu sou tua, e tu és meu!

D. M. I. M. S.

Ao Ill.mo Ex.mo Sr. João Soares Ferreira de Albergaria, meu presadissimo compadre.

MEMORIA.

Heroe acclame embora a humanidade
Ao seu duro oppressor;
Que não pode levar-lhe á Eternidade
Um só hymno d'amor!

Tintos de sangue os loiros da victoria
Vão-lhe a fronte manchar!..
Por tropheu tem ruinas; e por gloria
Destruindo reinar!

Tem nos imperios que a seu mando acquista
Servos; amigos não!
Ganha a força contrarios, não conquista
Nem um só coração!

Tu vences mais, illustre Albergaria,
Do que em batalhas mil,
C'o a virtude vencendo a sympathia,
Calcas o orgulho vil!

Se em marmorio padrão me é vedado
Aos vindoiros teu Busto mostrar;
E se em pagina de oiro gravado
O teu nome não posso guardar;

Hão de os laços de eterna amisade
O teu nome a meus cantos unir;
E as memorias de tua bondade
Indeleveis nest'alma existir.

D. A. G. PUSICH.

CARTA Á REDACTORA DA BENEFICENCIA.

—

Ordenou-me v. ex.ª que lêsse o seu artigo sobre instrucção publica, que é não só uma prova do zelo incansavel do seu amor pelas letras, mais um testemunho verdadeiro, e obvio, do triste remanso que reina por este paiz, em tudo que olha a sciencias, e artes!

Li-o. Nem deixára de o fazer, sendo eu um dos mais declarados admiradores do seu talento, que pela varonil saliencia em que prima, é mais uma prova da verdade imponente d'aquelle soberbo dito de madame de Stael a Napoleão, no banho. — « O genio não tem sexo! »

Pois que v. ex.ª deseja que eu diga alguma cousa sobre esse ramo da civilisação, de que muito se tem escripto, e a que muito pouco se ha attendido, para não repetir as suas opiniões, em que aliaz eu perfeitamente concordo, permitta-me v. ex.ª que eu levante o véu á questão de outro ponto de vista, talvez menos discutido, mas não menos importante.

Em materia de instrucção publica, cuido que não basta facilitar os rudimentos, mas que é de grande utilidade promover os meios de a augmentar, encorporar, e robustecer! O governo de-

veria crear uns logares na *Bibliotheca Publica* expressamente para os moços escriptores praticarem, e se amestrarem no exercicio, e trato usual da litteratura do seu paiz, primeiro, e nas litteraturas estranhas, depois.

Isto seria um pouco mais airoso e proprio, do que enviar os poetas, e bons talentos d'esta terra para uma má secretaria a fazerem extractos, e copias.

Alexandre Herculano — é um grande homem de letras, mas possue todas as commodidades que possão estar em relação com o mister de escriptor. Nas luctas ingloria dos que faseres de empregado publico, não se desenvolvem os talentos, nem brilham capacidades! Temos provas indubitaveis, no nosso paiz, d'esta verdade triste, e deslustrosa!

Se Mendes Leal, que está hoje quasi cego, e que nem já pode escrever, achando-se reduzido á cruel necessidade de dictar, tivesse uma pensão do governo, nós teriamos nos inexgotaveis recursos da sua imaginação scintillante, maior probabilidade de gloria para esta terra, do que deixando entregue ás questões diarias e infructiferas da politica, um dos primeiros talentos de Portugal, que precisa do jornalismo para viver!

Haja um impulso brioso! é tempo dos governos olharem em materia de premios e recompensas, a alguma cousa mais util do que um vulgar habito de Christo, ou algum titulo de barão! Não estender a mão aos talentos que começam, é crueldade. Esquecer-se dos talentos provados e uteis, é ingratidão!

Eis, minha senhora, o que eu entendo a este respeito. Não considere esta carta senão um ligeiro additamento ao seu artigo, e concorde que n'um paiz em que se dão pensões a tantas classes, não seria desarrasoado estabelecel-as aos bons escriptores, que precisem d'ellas para se entregarem com vontade, e tempo, aos vagarosos trabalhos litterarios.

Teriamos obras mais meditadas, e em vez de volumes possuiriamos livros.

Disponha minha senhora, de quem se confessa

Seu admirador e creado
JULIO CESAR MACHADO.

DOIS MYSTERIOS.

REVELA-SE PARTE DO SEGUNDO MYSTERIO.

(*Continuação*)

Ainda estava eu na Estrella quando um dia pela manhã, era o dia 11 de Agosto, fui ouvir Missa ao Convento Novo do SS. Coração de Jesus, e vi junto á Capella de Nossa Senhora da Soledade um homem ainda muito novo, que me pareceu o vivo retrato do cavalheiro desconhecido que eu havia encontrado á Fundição n'um dos primeiros dias d'este mez! Estava elle, como então, submerso n'um mar tempestuoso, de tristes pensamentos, cuja força parecia opprimil-o tanto, que apoiava a fronte na sua bengala como para sustentar o enorme peso de suas idéas! Muito de proposito me ajoelhei ao pé d'elle; mas apenas percebeo uma mulher aproximar-se a elle, affastou-se sem me encarar. Observei-o, e reconheci ser o mesmo que eu imaginava. Resta informar-me do seu nome... quem m'o dirá?...

Acabou-se a Missa, e vi sahir da sacristia um Padre, homem respeitavel, que eu desde a minha infancia conhecia: dirigio-se ao mancebo, e apertou-lhe a mão com muita intimidade!... Aproveitei a occasião para sahir, e o Padre, cumprimentando-me, disse ao cavalheiro quem eu era. O joven perturbou-se, córou, e dirigio-me uma attenciosa cortezia. Perguntou-lhe o Padre senão me conhecia?

— De nome, sim, senhor; respondeu-lhe; e eu lhe disse:

— Tambem de vista, mas não se lembra por certo... eu já o vi um dia á Fundição...

— Ah! tornou elle como para atalhar a explicação; é verdade!... um raio de luz me aclara as idéas!.... e nós tres sahimos. Offereci ao bom Padre, e ao cavalheiro o descançarem na minha choupana, e instei para que subissem; que o almoço estava á nossa espera, e eu tinha uma linda poesia para mostrar ao sr. Padre; este acceitou o convite porque muito gostava das minhas poesias, e instou com o seu amigo Edgard (era o nome do joven) para que subisse; de modo que todos os esforços do infeliz não bastaram a escusal-o, e elle não tinha forças para luctar com teimosos; mas a minha teima não era sem fundamento... Eu estava no empenho de sondar mysterios que não me pertenciam, mas em que o meu coração havia tomado grande parte..... Offereci-lhe d'almoçar; Edgard não quiz.

— Anda muito triste ha tempos o meu amigo, disse o Padre, estranho-o muito: homem vossê estará namorado?!...

— Namorado!... disse-lhe eu; então este senhor não é casado?!...

— Casado!.., torna o Padre, só se é ha dias; nunca lhe conheci esposa, nem amores; vive só, isolado, e ha tempos insoportavel, que até dos amigos foge!... Não quer senão conversar com defuntos, com os livros, bem entendido; é bom estudar, mas nem tanto que se mate, e se torne arisco. — Em summa como não quer almoçar, eu de boa vontade acceito o favor; não uso já cerimonias, que esta amisade não é de dois dias; conheci cá a nossa poetisa ainda a brincar com as bonecas. — O Padre, sempre muito divertido, foi almoçar, e eu chegando-me á janella disse ao joven:

— Este sitio é de tristes recordações! Além dos meus desgostos tenho um motivo alheio, mas que não é para mim hoje estranho! Vê! v. s.ª aquella casa?

— Qual?!... Acode sobresaltado Edgard.

— Aquella proxima á travessa do Pinheiro, respondi.

— Aquella?!...

— Sim, Senhor; uma noite ouvi alli, era meia noite, uma voz angelica entoar estes versos: é a poesia que eu queria mostrar.

— Oh! deixe-m'a vêr!... bradou transportado.

Fui buscar os versos que elle devorou com a vista, tremulo, e na maior agitação.

— Oh! que tem v. s.ª?... lhe perguntei. Está exactamente como n'aquella manhã em que o vi á Fundição!... Parece-me que um mysterio se envolve em tudo isto!

— Oh! um mysterio, sim, exclama o triste mancebo, mas um mysterio que nem a morte revelará!...

— V. S.ª de certo conhecia aquella senhora? disse eu a Edgard.

— Não... mas... não sei... não me pergunte coisa alguma, eu lhe supplico... não lhe poderei dizer a verdade...

A estas ultimas palavras de Edgard chegou o Padre que tinha finalisado o seu almoço.

— Ora ahi estão os poetas juntos!... disse o bom ancião, porém arrenego da poesia que faz chorar! Parece-me que o meu Edgard está commovido bastante? Deixe-me vêr estes versos, se é que não são tão funebres que tambem me enterneçam, farto de encommendar defuntos estou eu. V. Ex.ª gosta muito de poesias tristes. Dê cá...

Tentou ver os versos, mas Edgard disse-lhe:

— Não lh'os dou sem os copiar primeiro; temo que me fique com elles.

Forte ambição... faça o que quizer, eu sempre os heide ver... tornou o Padre sem grande pena, e começou a entreter-se conversando com as creanças em coisas treviaes, porque, dizia elle, bem sabia que os poetas não gostavam que lhes interrompessem as suas sessões; e não queria incorrer no desagrado poetico.

V. Ex.ª permitte que eu leve estes versos para os copiar, disse-me Edgard, que tinha os admans da mais fina educação, e eu prometto restituil-os amanhã, se me der licença.

— Sim, senhor, lhe respondi; e Edgard, sentindo-se muito agoniado do interior, despedio-se, e o Padre retirou-se com elle, mas tomaram para differentes lados. Observei que Edgard foi pela travessa do SS. Coração de Jesus, e ao chegar junto á casa que foi de Irminia parou, e esteve immovel como uma estatua, até que o ruido de uma carruagem o despertou do seu espasmo, e obrigou a caminhar. Mas caminharia como um somnambulo?...

— Tenho uma grande noticia que dar á minha Irminia! dizia eu commigo. Este joven conhece-a, e a meu ver ama-a!... e pelos dados que tenho não receio muito enganar-me suppondo que é o mesmo que ella ama; porém ahi vejo uma só differença, e é a de este ser solteiro!... Emfim verei se descubro este segredo.

REVELA-SE PARTE DO SEGUNDO MYSTERIO.

No dia seguinte á tarde veio Edgard, e trouxe-me não só os versos de Irminia, mas tambem outros em resposta, que me pedio os cantasse ao Pianno, com uma linda e sentimental Musica, a qual tambem me entregou. Escusei-me dizendo-lhe que desde o fallecimento de meu marido eu não cantava, nem tocava; e pedi-lhe cantasse elle: assim o fez; e admirei a sua voz, estillo, e perfeição com que manejava o Pianno; não poude todavia ultimar o canto... ergueo-se com a voz suffocada, e os olhos inundados em lagrimas, que em balde tentou esconder, mas que se detinham como geladas nas palpebras! e lhe roubavam a luz!... Oh! essas lagrimas commovem ainda mais do que aquellas que se deixam livremente cair!... E' um esforço sobrenatural, é um combate de affectos, são as lagrimas do coração que transbordando no peito assomam aos olhos, e a que a razão não permitte venham publicar o que se passa no intimo d'alma! — Senhor, disse eu a Edgard, muito me enterneceo a sua sorte! Se eu podesse remediar alguma coisa!... A's vezes!... quem sabe!... a amisade, a compaixão podem muito; e eu sou amiga de todos os infelizes.

— E' em vão, respondeo-me, ninguem me póde valer!!

— Dê-me esses versos, lhe tornei, e pesso-lhe que vá ver-me a Chellas, pois mudo-me para lá, e nos Domingos é bello ir passear áquellas hortas.

— Prometto ir; é V. Ex.ª a unica pessoa com quem me apraz fallar, porque não crimina a minha tristeza!

— Oh! antes desejava poder-lha dissipar! Deos sabe quanto me compadeço da sua situação! Leio o que se passa dentro do seu peito, ignorando a causa que os effeitos denunciam!... V. S.ª ama; e ou a morte lhe rouba a sua querida...

— Ah! Deos me livre exclama Edgard, antes eu seja victima de meus sentimentos!

—Então, lhe disse eu, foi-lhe ingrata?

— Não, porque nem ella sabe o que eu soffro!...

E' original! pois ama com tal excésso, e não o diz á pessoa que adora!?

— Deveres ha tão sagrados, que vale mais morrer do que infringil-os; tornou tristemente Edgard.

— E' casada ?...

— Ah ! por Deos ! não fallemos mais n'isso ! E' idéa que me matta !... E erguendo-se comesou como insensato a passear pela sala.

Infeliz Joven que dó me fez ! Que dois mysterios tão celebres ! Irminia ama um casado, Edgard ama tambem uma casada ! Irminia ama, e o seu querido tambem o ignora ! Ha uma aventura igual ! Façamos que estes dois entes tão extraordinarios, tão parecidos se encontrem ; deve ser isto curioso ! Talvez a igualdade de seus destinos os una, e se amem ! Já não imagino ser Irminia a amada de Edgard porque elle ama uma senhora casada, e Irminia é viuva ; nem Edgard tambem é o amado de Irminia : ella ama um casado e este é solteiro ; mas são ambos tão parecidos em sua sorte que decerto hão de estimar-se, resta ver o modo de vencer Irminia a apparecer.

Assim discorria eu só commigo em quanto Edgard passeava como meditando tristes projectos ; decidi-me a interrompel-o, e pedi-lhe que no Domingo seguinte viesse ainda á Estrella ; assim me prometteo, e retirou-se. Foi então que pude ler os versos que Edgard fez, e que não poude acabar de cantar : são os seguintes.

Se ao raiar manhãa saudosa
Teus prantos aos seus misturas ;
Quando a voz harmoniosa
Te echôa lá nas alturas ;
Lembra-te que á mesma hora,
Pensa em ti quem mais te adora !

Innocente passarinho
Qus sentires revoar ,
Que pousando n'um raminho
Quer teu canto acompanhar ;
Vai levar-te um pensamento...
Despertar-te um sentimento !...

Vê na flor que linda, e pura
Desabroxou tão querida,
Que dos sûes a sanha escura
Tem já no solo pendida ;
Um sentimento a florir,
Os receios o pungir.

Se além de espaço infinito
Por me fugir te ausentares,
E de innocente proscrito
As memorias evitares ;
Lá no espaço hasde encontrar
Meu pensamento a girar.

Por encanto indifinivel
Hão de unir-se os pensamentos,
Qual por força irresistivel
Se ligam os sentimentos.
Guarda então viva lembrança
De quem te ama, e sem esp'rança !

De quem vive em noite immensa,
Sem o luzir d'essa Estrella,
Que de amor em recompensa
Deo-lhe a sorte de perdel-a !
Triste amor que só respira
Quando geme ao som da Lyra !

Quem não diria que estes versos eram consagrados a Irminia !... que eram resposta aos que ella composera !

(*Continúa*). D. A. G. PUSICH.

PENSAMENTO MORAL.

Um grande genio cahido na adversidade, é semelhante ao sol que declina : esconde-se no presente e brilha no porvir.

D. A. G. PUSICH.

DITO ENGRAÇADO E ESPIRITUOSO.

Um cavalheiro assistindo aos concertos da *Floresta Egypcia*, disse a um amigo : « Não ha concertos mais baratos !... 60 réis !...Tenho uns tacões que me custaram mais.

Typ. Rua da Condessa n.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso . ... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.° 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8.
Rua de S José n.° 135, 2.° andar
E em todas as lojas do costume.

N.° 19 — SEPTEMBRO 15 — 1854.

UMA BOA ACÇÃO

QUE MERECE RECOMPENSA.

Em 28 do mez de Agosto ultimo, pelas 6 horas da manhã, largava da Ponte dos vapôres nesta capital, um vapor que infelizmente bateu com a prôa sobre um bote que passava na mesma occasião levando 7 pessoas; o bote começou logo a encher-se de agua, e bem depreça virou! As gentes que ia dentro, e que afflictas gritavam, soccorro, naufragáram; e hiam perecer victimas das ondas, quando um joven logista que ia tomar banho, outro cavalheiro que n'outro bote se dirigia ao mesmo fim, e um barco de Cacilhas, acudiram a soccorrer os infelizes: foi o jovem logista o primeiro que salvou duas sr.as, e logo depois o dito cavalheiro: e o barqueiro de Cacilhas, que muito se distinguio. Quando já tinham salvado seis pessoas, bradou um cavalheiro, que tambem se havia salvado, por sua querida filha que não apparecia; a custo se conseguio endireitar o bote, e se encontrou a infeliz menina quasi moribunda! Era esta familia do sr. Angelo Filippe Bessone, Major Inspector de Revistas, morador na Rua Nova da Alegria n.° 4, 4.° andar. O joven logista é o sr. José da silva Avelino, caixeiro da loja do sr. Silva, a loge nova sita ao Pote das Almas, principio da Travessa de S. Nicolau defronte da Boa Hora. Isto é um facto que esperavamos noticiar com os justos louvores ao valor, e nobres sentimentos de humanidade dos que exposeram a propria vida para salvar a de seus semelhantes; unindo a estes louvores aquelles que mereciam as auctoridades que solicitas premeassem tão nobre acção, como fizeram em Dezembro de 1852 quando Antonio Francisco Rebello 1.° Patrão da Bomba n.° 21 desta corte salvou uma infeliz mulher do incendio que houve n'um Predio na Rua da Rosa em a noite de 14 para 15 de Novembro de 1852, e a João Baptista Libanio, que se lançou ao Tejo em Belem no dia 11 de Dezembro po mesmo anno de 1852, salvando uma pobre mulher que alli se havia precipitado. Em o n.° 5 da 1.ª Serie deste Jornal publicamos estas noticias, em os Decretos em que sua Magestade se Dignou conceder a estes valentes homens a mercê da ordem de Torre e Espada. Não é menor a devoção civica, e a entrepidez d'aquelles que salvaram a familia do sr. Bessone; mas porque fata-

lidade as auctoridades ignoram este caso?! Assim o cremos, pois se o não ignorassem não deixariam de o recompensar, dispertando-o com o estimulo, o amor de gloria áquelles que menos decididos possam achar-se prezentes a taes conflictos; e galardeando o verdadeiro merito. Julgando pois que por falta de exacto conhecimento dos nomes das pessoas que prestaram á humanidade tão importante serviço é que não tem apparecido uma prova authentica de que as auctoridades ainda presam estes actos de valor e *devoção civica*, da mesma sorte que os apreciáram segundo afirmam os citados Decretos em 1852, nos deliberamos hoje a lembrar este acontecimento nomeando as pessoas cujos nomes conhecemos a fim de que o Governo, e a Sociedade Humanitaria do Porto, colhendo as precisas informações dos que foram salvados, e salvadores, mostrem que em balde não se creáram as medalhas do *Merito e Philantropia*; nem a Sociedade Humanitaria sabe despresar noticias e acções tão importantes; e que sabem estimar os bons serviços feitos á humanidade, e promover a moralidade publica; pois se os maus devem ser punidos, os bons devem ser premeados. Assim se moralisam, e civilisam os povos; e se acreditam as auctoridades.

D. A. G. PUSICH.

ILHA DA MADEIRA.

Não podemos deixar em silencio as noticias que recebemos da infeliz Ilha da Madeira, porque deveras nos interessamos por aquella terra, e seus habitantes; e dezejamos que o Governo dê em seu favor as providencias devidas; e quando o não faça, não nos fique o remorço de termos deixado de advogar causa tão justa!..

Transcrevemos algumas das muitas queixas que se dirijem pela falta de providencias; porem ao mesmo tempo diremos que nos asseguram aqui, pessoas fidedignas, que o sr. Fontes Pereira de Mello trata séria e eficazmente dos meios de soccorrer aquelles povos, quanto estiver ao seu alcance. Deus permita que assim seja.

Da nossa parte alem de clamarmos em favor d'aquella Ilha, sempre com o maior interesse, acabamos de offerecer um publico testimunho, livrando o cofre do Funchal do encargo de nos pagar os nossos vencimentos que tinhamos por lá; pedimos, e temos já a transferencia para esta Côrte, em quanto aqui estivermos; pois em consciencia entendemos barbaro estar o pobre Funchal dando sommas que se despendem aqui, tendo precisão de dinheiro para aquelles que se o recebem lá, tambem lá o empregam em beneficio d'aquella infeliz terra. Não fizemos mais do que o nosso dever — estimaremos que nos imitem as pessoas que estão nas mesmas circumstancias; e que se não querem, ou não podem viver no Funchal; não devem querer o dinheiro do Funchal; nem concorrer para o seu mal. Em todos os casos a Philantropia deve justificar-se com factos, e não com palavras.

D. A. G. PUSICH.

« Com muito prazer recebi os jornaes que V. Ex.ª teve a bondade de mandar-me, e cumpre-me, minha senhora, agradecer-lhe a sua attenção, e a deliciosa sensação porque passei, — pois me julgava já no olvido de V. Ex.ª.

A poesia — *O Adeus e o juramento* — é bella, e repassada de sentimento, e bem mostra a bondade d'alma, e reconhecido merito da authora. — Confesso-lhe, minha senhora, que ao lêr a sua poesia, não pude deixar de comover-me, e sentir uma saudade franca por quem

em versos tão mimosos canta saudosa a pobre e infeliz Madeira, que já não teem que offerecer ao estrangeiro mais do que a suavidade do seu clima, e campos quasi dezertos. — Creia-me minha senhora que isto em mim é sincero, porque não me fadando Deos com o *dom* de chorar por tudo, — todavia não pude fugir á impressão que a sua tão linda poesia me causou; — senti uma saudade sincera por V. Ex.ª, que outr'ora me offereceo a sua amizade e protecção.

Sendo Madeirense não posso deixar de agradecer ao cavalheiro colaborador do jornal que V. Ex.ª redige, o belo artigo sobre a Madeira; podesse quem nos pode salvar escutar o sr. Serra, mas minha senhora, a esperança morreu-nos no coração, — o governo engeitou-nos, — só nos resta luctar com os horrores da fome....perdão minha senhora; dizem que as *estupadas* estão prohibidas, e eu hia infringindo essa lei que nos *salva dos sermões de lagrimas, etc.* »

—

« A pobreza desta Ilha, cada vez vai a mais, pela falta de dinheiro, e das uvas, que este anno nem vindima houve, a ponto que as terras estão desertas de vinha. A falta do encanamento das aguas, faz com que nada possa produzir; o Governo mandou para aqui um credito de vinte contos de réis para obras publicas, e de que serve isto, sem haver dinheiro nos cofres!

O Governador Civil Passos pedio ao Governo algum dinheiro para os trabalhos publicos de emprestimo, nada conseguio, por ora, os trabalhadores pobres, esperavam ganhar para comer, com os trabalhos publicos; como estes se não fazem, porque não á dinheiro nos cofres, estão morrendo á fome, e desejando embarcar para terras estrangeiras, como está acontecendo, que estão sahindo navios carregados de gente, e assim vejo que tudo quanto é trabalhador, quer sahir para o Brazil, e Demerara, que rara é a semana que não saia algum navio carregado de gente.

A Ilha está promettendo grande desgraça de fome; o comer muito caro; dinheiro neuhum, commercio muito menos, e estamos todos com muito más esperanças, Deos nos valha e ponha termo á desgraça desta Ilha.

O que tem valido a algum proprietario é a cultura da cana do assucar, porém faltam-nos as aguas para a rega d'ellas, não se pode cuidar no encanamento dellas por falta de dinheiro, que se houvesse meios de aproveitar as aguas, ainda a Madeira pode ser — com certeza — feliz.

Aqui fico desejando-lhe a melhor saude e felicidades em tudo, e a toda a sua familia, e para nada me poupo no serviço de V. Ex.ª. etc. »

DOS PECCADOS CAPITAES.

Peccado — é uma transgressão da Lei de Deus, ou das Leis humanas.

A Lei de Deus divide-se em *antiga e nova*.

Lei antiga, é a Lei que Deus deu antigamente aos Judeos, por Moysés.

Lei nova, é a lei que foi estabelecida por Jesus Christo.

As leis humanas dividem-se em Ecclesiastica e civil.

Lei Ecclesiastica é feita pela Ereja.

Lei civil tem por authores os legisladores ou Principes temporaes.

Ora a transgressão das Leis da Egreja é peccaminosa, por que Jesus Christo ordenou, que obedecessemos á Sua Egreja como a Elle proprio; e tambem é peccaminosa a transgressão das Leis civis, quando não ordenam alguma cousa injusta, ou opposta ás Leis de Deus e da Egreja, porque primeiro que tudo, devemos obedecer ás Authoridades

Superiores, que são — Deus e a sua Egreja.

Peccados capitaes — são os septe principaes peccados, a que se reduzem todos os peccados que se commettem. Vulgarmente chamam aos peccados capitaes — peccados mortaes — mas este modo de fallar não é exacto: por que muitas vezes pecca-se por meio d'elles mortalmente, e outras venialmente.

Pecca-se mortalmente, quando se commettem em malteria grave, e com perfeita deliberação; peccasse venialmente quando se commettem em materia leve, ou com imperfeito consentimento.

Os peccados capitaes são os seguintes — soberba, avareza, luxuria, ira, gula, inveja e preguiça.

DA SOBERBA.

A soberba — é um amor desordenado de si mesmo, e da sua propria excellencia, o qual, faz que em logar de buscarmos a Deus, e referir-lhe todas as cousas, attribuimos tudo a nós mesmos: diz Santo Agostinho.

« A soberba é o primeiro, o maior, : o mais perigoso de todos os peccados; porque a soberba, foi o peccado que perdeu eternamente uma grande parte dos Espiritos Angelicos, e foi o peccado, pelo qual, os nossos primeiros paes se desgraçáram, e á toda a sua posteridade, foi o peccado origem de todas as desgraças, e miserias, a que estam sugeitos os humanos: a soberba é o peccado que mais directamente offende a Deus; e todos os outros são concequencia d'elle: a soberba é o peccado mais perigoso, por que se introduz ainda mesmo nas virtudes, e quando a soberba domina um coração, é ordinariamente signal de reprovação eterna.

(*Continúa*)

J. B. DE FIGUEIREDO.

MYSTERIOS DA POESIA.

(AO ILL.^mo SNR.....)

Um segredo, bem occulto,
Eu li em teu coração!....
E' segredo.... eu o sepulto
Nos archivos da rasão...

Sim, eu vi... eu vi tu'alma
Em teus olhos assomar,
Quando em apparente calma
Parecias repousar!....

Sim, eu vi cruenta lucta
De mil affectos pungir
Teu peito, que não enlucta
Negra sombra do porvir!...

Tu soffres... mas tens esp'rança!...
O teu divino pharol,
Mostra suave bonança
De teus dias no arrebol.

Não assim lês em minh'alma
Que julgas comprehender,
Quando a vês colhendo a palma
Do martyrio e do saber!...

Tem no sentir o martyrio,
Na poesia o galardão!...
Ah! sim!.. mas não é delirio
De ardente imaginação.

O coração do poeta
Não cessa de palpitar;
Sua mente de propheta
Arcanos ousa sondar!...

Se vaga em sonhos doirados
Por essa esphera ideal,
Nem acorda a injustos brados
Do mundo material:

E' porque a luz que o illumina
Não é da terra, é do ceo;
E' uma chamma divina
Envolta em corporeo véo.

Mas já que pude os arcanos
Sondar do teu coração,
Vou dar-te alguns desenganos
Como prova de affeição.

Vou mostrar-te que te illude
Teu microscopio infiel!...
Não pintes um quadro rude
Com sublimado pincel.

Do poeta o sentimento
Não segue o trilho uzual;
Não quer falso lusimento;
Nem sentir material;

O poeta n'alma encerra
Thesouros que deve a Deus;
Seu corpo vive na terra,
Seu pensamento nos ceus.

Se um misterio consideras
Affeições que n'alma tem,
Não as julgues vãas quimeras;
Não são das que vão, e vem.

Poeta não creias que seja sómente
Aquelle que sabe palavras rimar;
Poeta é quem sente; quem sabe é profeta,
E tem por destinos — a gloria — o penar.

Sentir de poeta, é nobre, sublime,
Remonta seus vôos das nuvens álem;
Um astro brilhante na mente lhe imprime
Influxo divino que só dos ceos vem:

Precorre os espaço de luz infinita;
Os lumes o encantam de mago fulgir;
Adora os mysterios que a Dextra Bemdita
Envolve nas sombras de immenso porvir.

Mas ai!.. se p'rá terra seus vôos inclina
No abysmo das trevas o genio se crê!..
O vil egoismo, a inveja maligna,
E a torpe ignorancia, em torno, só vê!..

Ideias mesquinhas rojando por terra,
Pertendem erguer-se barreiras de pó!..
O vicio reinando virtudes desterra
E o genio exilado se crê viver só!

Porém qual n'um ermo sósinho o viandante,
Sentia nos ares bramir o trovão,
E avista uma estrella sorrindo brilhante
De meiga bonança trazer lhe um clarão;

Assim o poeta vivendo saudoso
Da luz d'esses astros que o viram nascer;
Se encontra outro genio de brilho ditoso
Já sente su'alma nos ceos reviver.

Sympathico affecto, que nasce e não morre,
Os liga, os eleva, e á vida os conduz;
Mas vida é de gloria, que impavida corre,
Vencendo os phantasmas que fogem da luz.

Um puro sentir profundo
Une dois genios iguaes,
Que sabem cumprir no mundo
Os preceitos divinaes.

Santo amor!.. fraternidade
Que os homens deve ligar!
E's grata realidade
Nos genios de egual pensar!

Oh! não és amor profano;
E's affecto divinal!..
Não te nutres d'esse engano
Que é d'alma illusão fatal!

E's o amor que Deus ordena,
E's a união mais feliz,
Que a rasão jámais condemna,
Que Deus approva e bemdiz.

Outubro de 1853 D. A. G. PUSICH.

DOIS MYSTERIOS.

AINDA O SEGUNDO MYSTERIO,

(Continuação)

Escrevi a Irminia pedindo-lhe que viesse ver-me Domingo, que eu tinha a contar-lhe uma grande aventura: não faltou; e eu contei-lhe parte do que se havia passado, mas occultei-lhe a circunstancia dos versos, e o nome do Cavalheiro, porque o meu desejo era surprehendel-a.

Irminia pareceu-me sobresaltada; e pedio-me que, sem dizer que ella estava alli, lhe mostrasse aquelle joven, ainda que...

— E' solteiro... entendo... lhe disse eu.

— E' verdade... não pode ser elle!... tornou Irminia, como perdendo a esperança que havia assomado em sua alma ao ouvir-me referir o que passára com Edgard.

Veio finalmente Edgard, e eu fui recebel-o á sala, deixando Irminia no meu Escriptorio. Depois de breves cumprimentos pedi a Edgard cantasse ao piano a modinha mysteriosa: condescendeo; porem ao entoar os ultimos versos, um baque estrondoso nos fez correr ao Escriptorio, e me fez reconhecer a minha

imprudencia! Era a infeliz Irminia cahida no chão palida, fria, e sem acordo!...

— E' ella!... gritou Edgard fóra de si, erguendo-a, apertando-a nos braços com transporte, e cobrindo-lhe as mãos com ardentissimos beijos, e lagrimas!... Já não se detinham ellas nos olhos!... Já livre o coração as deixava correr pelas faces, sem o receio de trair o seu segredo! Oh! n'um lance d'estes qual seria o coração que podesse occultar o seu sentimento? seria um coração de féra, mas não d'amante!

— Ah! por compaixão!... clamava Edgard, salve-ma!... algum espirito que a faça recobrar os sentidos!

Mandei á botica buscar um anti-spasmodico, e ajudando Edgard a collocal-a em uma marquesa, desapertei-lhe os vestidos, que pouco justos estavam, pois Irminia era mui simples em seu vestuario, e não gostava de opprimir o corpo só para agradar aos olhos dos outros; porque, dizia ella, opprimir o espirito para agradar a Deos é uma virtude; mas opprimir o corpo só para agradar aos homens é uma loucura imperdoavel.

Irminia tornou a si possados alguns momentos, e apenas abrio os olhos o primeiro objecto que vio foi Edgard!

— E' elle!... meu Deos!... disse escondendo as faces com as mãos.

Revelou-se o mysterio, disse eu commigo, são elles que se amam! Porém como é isto de serem casados? outro mysterio, e assim sempre dois mysterios tenho a penetrar! —

Perguntei a Irminia como estava? Disse-me que se sentia melhor; e lidando por disfarçar a sua comoção, assentou-se na marquesa, e voltando-se para Edgard lhe disse: —

— Como é possivel que nos tornassemos a ver n'este sitio? Edgard lhe contou que um feliz acaso lhe porporcionou a fortuna de me conhecer, e de a ver; e perguntou-lhe quando tinha chegado de fóra?

— Ah! senhor, lhe respondeu Irminia, motivo occulto, e poderoso me obrigou a esconder-me em Chellas.

— Em Chellas!... Oh! o meu coração advinhava, que só para alli me guiava... Mas esse motivo terminou? replica Edgard.

Não..... respondeu Irminia, e ao mesmo tempo lhe perguntou como estava sua Esposa.

— Minha Esposa!... torna-lhe Edgard surprehendido. Não está má pergunta! já esta senhora me disse o mesmo! Oh! eu não a tenho, nunca a tive, e não sei se merecerei a Deos esta ventura... talvez não...

— Será certo!... exclama Irminia reanimando-se, pois saiba que me asseguraram que v. s.ª era casado. —

— Infames!..... se eu soubesse quem tal inventou!.... Ah!.... disse Edgard transportado, e segurando-lhe uma das mãos que unia ao peito com a maior ternura; já sabe o que eu sinto!... em vão tentei disfarçar... sabe tudo!... revelou o meu fatal segredo!... oh! diga-me tambem se foi esta a causa que a obrigou a affastar-se d'aqui?

— Sim!

— Que infortunio! Um anno de tormentos infernaes por causa de algum malvado que tinha em vistas apartal-a de mim!

— Elle não sonhava o que eu sentia; nem é pessoa que se importasse de mim.

Travava-se este dialogo entre os dois amantes; e eu conheci que da parte de Edgard estava o mysterio revelado: foi uma intriga; mas Irminia era viuva, Edgard nada lhe disse em que mostrasse estar igualmente enganado; e todavia elle me disse que a sua amada era casada! Que significa isto? o tempo o dirá, que eu já não estou para me impacientar com mysterios que se vão multiplicando; e dois mysterios sabe Deos quantos mysterios desenvolverão!

Já se vê que os motivos de Irminia se esconder cessaram, e em vez de eu ir para Chellas foi ella que veio habitar á Estrella, mas não já na mesma casa poetica, porque estava arruinada pelo tempo, e abandono a que um terror panico do povo a condemnára. Todas as pessoas da amizade de Irminia começaram a visital-a, eu ia frequentes vezes a sua casa; e ella vinha tambem á minha; mas observei que uma profunda tristeza a dominava; e era das mais funestas!... era concentrada no íntimo do peito, e o esforço que a triste fazia por mostrar a todos um semblante agradavel, augmentava o seu tormento! Receei que sem desafogo este sentimento a abafasse, ou rebentando improviso como um vulcão occasionasse graves estragos! Resolvi por tanto interrogal-a, e confidencialmente lhe pedi que me dissesse a causa da sua mortificação, pois era sem dúvida estranho que tendo encontrado o seu amante fiel, constante, e livre, ella vivesse tão opprimida!

— Sim minha querida, respondeo-me Irminia; vivo triste, e se não fôra conhecer a falta que faço a meus filhos, desejára antes morrer, do que viver assim!... Que alegria posso eu ter, vendo que Edgard mostra adorar-me, e que me foge!...

— Foge!... Que diabrura é esta? Será fado máo de fugirem um do outro? Este amor é que eu não comprehendo! —

Pois assim acontece. Rarissimas vezes vem ver-me; e por momentos. Escreve-me as cartas mais apaixonadas, porém em todas ellas, em todas as suas expressões ainda assôma um mysterio!... Conheço que elle evita a minha presença!.., É que de certo elle está casado clandestinamente!.... Se o não fôra quem lhe obstaria o firmar a nossa união!

Pobre Irminia!... tens razão; deves tentar os meios de descubrir a verdade... — mas como?... Pedir-lhe que venha fallar-te, e confessar-lhe tu mesmo todos os teus receios ... exigir que te declare a verdade, ou que te deixe...

— Ah! tu fallas bem!... disse-me Irminia interrompendo-me; discorres assim por que não sentes o que eu sinto!.. Se eu me convencer um dia que Edgard me foge por que não me ama... acredita que terei animo de tudo isto, e mais ainda!... Se me convencer que elle ama outra!... oh! então, minha amiga, não terei só animo de o deixar,... aborrecel-o-hei... mas elle quer-me persuadir que me adora!... repete em suas cartas que sou eu unicamente a senhora absoluta do seu coração!... diz mais... diz que outro laço estranho a mim não lhe prende o coração! Oh!... mas póde prender-lhe as acções!... Affirma de contínuo que me idolatra... que sou eu quem *dirige seus pensamentos, e commanda sua vontade*; e com tudo isto foge da minha vista!... pois não terei animo de lhe fallar, mas heide-lhe escrever. Assim o fez, mas Edgard respondeo-lhe sempre mysterioso. Foi todavia a casa d'ella, um ou dois dias depois d'esta ultima carta.

(*Continúa*) D. A. G. PUSICH.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

Recebemos um folheto intitulado — *Clementina ou Recordações da Madeira* — por D. Mathilde L. P. Coelho. Não diremos que esta obra é um Romance escripto com os primores da arte; mas o que de certo não lhe podem negar é o merecimento superior dos nobres sentimentos de sua auctora, tão vivamente desenhado no amor que sabe consagrar á sua Patria, a formosa Ilha da Madeira, *Flor do Occeano*, como geralmente lhe chamam; e nós a intitulámos — *A Princeza das Ilhas* — A Ex.ma Sr.a D. Mathilde teve uma educação muito fina,

como se dá ás sr.as na Madeira; tem muita instrucção, e talento; e se tivesse mais alguma pratica, e se quizesse entregar seriamente aos trabalhos litterarios, honraria as Patrias letras com producções mimosas, onde as virtudes que a adornam reflectiriam com vivo esplendor; mas o que podem as damas escrever n'uma terra onde os homens se esquecem até de si mesmo??!... Aquella que ainda offerece a este paiz alguma producção do seu talento, faz um importante serviço, porque escreve livre de toda a idéa de interesse, ou ambição de louvor, e só por affeição á terra onde nasceo. Louvores, sim, a todas as Sr.as que luctando com tão grandes obstaculos ousam aparecer neste espaço tenebroso, e como lucidas estrellas resplandecem atravez das sombras que o escurecem!

Esses escriptos raros, que apparecem nesta malfadada terra, são flores preciosas que brotam n'um deserto; sem que mão de intilligente cultor as faça vegetar e crescer! O caminhante deve pois admiral-os como obra só do Céo; e devem até ser collocadas nos alteres aos pés do Creador taes flores que os homens não sabem apreciar. Nós caminhamos por esses espinhosos desertos, por isso ao ver taes producções da natureza, sem o auxilio da arte, não podemos deixar de as afagar, e estimar.

Conhecemos a Ex.ma Sr.a. D. Mathilde L. Pestana Coelho; e até lhe merecemos a distinção de nos intitular Mãe, quando estivemos na Madeira; conhecemos pois o seu merecimento, e bem que distantes hoje, sempre comservamos por ella os mesmos sentimentos de amizade, e consideração, quaes então lhe consagrámos. Praza ao Altissimo que tambem nos encontremos como companheiras nesses espinhosos caminhos, que tão poucas atravessamos em busca dos luminosos raios da luz dos quaes em vão nos teem pertendido afastar! Porem caminhemos, que na estrada encontraremos guia!.. Nem todos os homens são invejosos da nossa gloria; nem todos inimigos da sua Patria! Temos genios sublimes que nos animam a seguir; e temos Deos que nos inspira, e fortalece! A'vante companheiras! ávante!

—

Tambem recebemos uma obra intitulada — *O Juramento* — Drama em 9 Quadros, redusido pelo o sr. Claudino Augusto Cezar Garcia, joven natural de Bragança, muito applicado ás letras. Vê-se nesta obra o talento, e bons desejos do auctor; mais um genio que se esconde e rouba ás Patrias letras, porque sem pratica não se pode escrever bem; e sem protecção não se pode apparecer e brilhar! Protecção!.. quem a dá?!.. Os que mandam ainda não pensaram nisso.

Ainda em o n.º antecedente deste jornal publicámos a este respeito uma carta do nosso joven litterato sr. Julio Cezar Machado. Vejão-se as mil provas d'aquellas verdades demonstradas na maior evidencia.

Sabemos que os habitantes de Bragança accolheram, e estimaram a obra do sr. Claudino; e por tal forma que ao menos não perdêo o seu tempo, nem o seu dinheiro; e ganhou um nome que tem obrigação de sostentar. Honra seja feita aos Bragantinos que tão civilisados se mostraram. Este bom accolhimento na sua terra, deve animar o auctor, a escrever mais; visto que tão habilmente se ensaiou. Depois que veio á capital, e vio os theatros, contamos que hade escrever mais conforme ao gosto moderno, que talvez condemne por extensas algumas fallas da peça do sr. Claudino; mas isso mesmo prova que o auctor não é preguiçoso. As obras grandes podem cortar-se; porem as pequenas nem sempre se podem engrandecer.

D. A. G. PUSICH.

Typ. Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso . ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S José n.º 135, 2.º andar
E em todas as lojas do costume.

N.º 20 — OUTUBRO 1 — 1854.

REGRESSO DE SUA MAGESTADE E ALTEZA.

O dia 15 de Septembro assomava no horisonte, e o som festival da artilheria annunciava a Portugal o regresso de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, e de seu Augusto Irmão o Senhor Infante D. Luiz. A cidade estava ornada com magestoso explendor, para o desembarque real, que se effectuou no 17. A grande Praça do Commercio estava enfeitada com arcos, tropheus, e no centro um pavilhão real, onde Suas Magestades e Altezas deviam descançar e receber o cortejo. Era magnifica aquella vista; mas para nós que temos visto outros muitos festejos reaes, e acclamações, não foi novo, nem de admirar; até porque notamos no pavilhão real um defeito que assás contrastava toda aquella magnificencia; — eram as cortinas de panninho, e não de seda ou damasco. Não costumamos censurar, por isso passamos ávante; mas tocamos apenas este ponto porque não temos olhos que facilmente se fasçinem com os lusimentos e apparencias; quando vemos um objecto brilhar, queremos observar se o seu brilho é real, ou dementidas aparencias; para nós — nem tudo que luz é ouro. — Detiveram-se nossas vistas, sim, mas foi na liga dos tropheus!.. Ai! com que sublimes emoções vimos unidas as Bandeiras dos antigos Regimentos com as modernas!.. Essa união fraternal que alli apparecia nas Bandeiras quizeramos vel-a nos corações de todos os Portuguezes! Oh! então o regosijo seria completo para o coração do Rei que tivesse de reinar no povo onde as discordias civís não perturbassem a união, a paz, e a prosperidade! Não quizeramos que revivessem o antigo esplendor, as riquezas do paiz — não, que essas evaporaram-se como o fumo de um incendio que a cinzas as reduzio; — já não podem voltar; — quizeramos, sim, que ressuscitassem a antiga lealdade dos Portuguezes, e o amôr por seus Monarchas — o valôr, os brios que tanto distinguiram os nossos antigos heroes; quizeramos vêr a illustração moderna abraçar-se a esses monumentos de eterna gloria nacional, e por tal modo engrandecer esta nação, e felicitar o Rei, que por seu chefe escolhessem, embora sua homenagem fosse despida dos excessos de vassallagem, e adorações que só a Deus pertencem, mas um verdadeiro amôr, uma fiel adhesão, pelo seu reino a união de irmãos — os brios de Portuguezes — eis o que estimava-

mos ver, mas, oh! minha imaginação! minha poesia, para que buscas reanimar mortas cinzas, erguer um cadaver que jaz sepultado em ruinas!... isso pertence aos milagres da Omnipotencia Divina illuminando a mente dos humanos; a ti cumpre volver as vistas ao Ceo, e implorar-lhe a sua infinita Misericordia em favor deste reino, e de todos os seus habitantes, porque todos são nossos irmãos.

Jovens Rei e Infante, nós vos felicitamos no vosso regresso a este reino, e vos pedimos que sejaes sempre amigos deste povo, que é bom, excellente, e muito infeliz!... Lembrai-vos de proteger as classes abatidas, — os artistas que trabalham, e a custo de seu suor adquirem um pão que não basta ao seu sustento, pois que seus trabalhos não são devidamente apreciados. — Os genios de letras que encanecem e gastam a vida em continuas vigilias, e não veem por fructo de suas fadigas senão uma prematura morte depois de cançada e tormentosa vida; fadados a alumiar o futuro e engrandecer os vindoiros descem ao tumulo torturados de angustias; e á luz Divina que os alumia mostram em suas palidas faces uma lagrima de dôr, que é um testimunho solemne levando á posteridade terrivel accusação contra os presentes, e estes serão julgados como agora são os passados pelas injustiças feitas a Camões, Francisco Manoel, e outros! Erguei, Senhores essas classes illustradas por Deus, e que os homens, de menos saber, invejosos querem submergir no pó extinguindo-lhes as vidas, á força de privações!... Que o merito seja por vós attendido, e premiado, e não só os serviços politicos, porque esses muitas vezes affastam do Rei a affeição, a lealdade dos povos, accusando enchem a terra de sangue e pranto, e erguem ao Rei um throno vacillante sobre montões de ruinas!

Buscai com a rectidão e beneficencia, buscai com as poderosas armas de vossas virtudes vencer as sympathias de toda a nação, e só assim podereis ser felizes, tereis o culto, a verdadeira homenagem do povo, as benções do Ceo; e descançareis as Almas de Vosso Augusto Avô, e Excelsa Mãi. Louvamos que fosse o vosso primeiro cuidado o vel-a; sim, mostrasteis que sabias ser filhos amantes, respeitosos, e gratos! Uma extremosa e virtuosa mãi tem juz sagrado ao amôr, e eterna gratidão de seus filhos! Quanto fizeres em honra da sua Memoria, honra a Vossa! Louvamos que desseis o exemplo de ficar sujeito a uma quarentena imposta a todos que veem dos portos contaminados da peste; para que o povo cumpra as leis, é mister que o Rei saiba dar o primeiro exemplo, e será logo imitado: honra vos seja feita, e a quem assim vos tem instruido, e guiado.

Augustos Senhores, Pai, e Filhos! Dignai-vos accolher meus sinceros parabens, e tambem esta linguagem de verdade, de quem não sabe adular, e merece o vosso benigno accolhimento, porque não quer enganar-vos, juncando de flores a estrada espinhosa que tendes de atravessar; quer mostrar-vos esses agudos espinhos, para que d'elles affasteis Vossas Regias plantas. E respeitosa vos saúda. D. A. G. PUSICH.

CARTA Á REDACTORA.

Ex.ma Sr.a

Teve V.a Ex.a a bondade de me honrar, pedindo-me alguns artigos para o jornal, que com tanta distincção redige. Prometti, e até hoje tenho faltado. Agora, livre de trabalhos, que muito me subcarregavam, venho desempenhar-me, offerecendo a V.a Ex.a uma parte delles. O titulo que lhe dou de *apontamentos*, modesto como é, é tam-

bem rigorosamente verdadeiro; basta olhar para o manuscripto e reconhecer-se que é um primeiro borrão. Outro melhor direito porem tem o pobresito ao nome com que o baptizei, e que ao mesmo tempo me desculpará — é que elle é a collecção do que achei disperso sobre este pouco cultivado ramo da Historia Litteraria, na fugitiva leitura, que tive que fazer de alguns livros, em um estudo, cujas condições eram não a perfeição, mas a rapidez.

« Porque pois se arrisca a uma publicação, cuja responsabilidade previamente renuncia? » — Parece-me que V.ª Ex.ª me está perguntando. — A minha resposta é simples. Eu poderia escolher outro dos meus poucos escriptos; mas este, como primeiro neste ramo em Portugal, me parece que será util áquelles que, como eu, se acharem nas difficeis circumstancias de falta de livros complectos sobre o assumpto, e do tempo necessario para um estudo serio e profundo.

E de mais não tenho eu entre mim e a publicidade o intilligentissimo veto da Redacção da Benificencia?

Sou

De V.ª Ex.ª

etc.

* * *

APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DA HISTORIOGRAPHIA E HISTORIA DA GEOGRAPHIA E CHRONOLOGIA.

A Historia, a Geographia e a Chronologia, uma ministrando o facto, outra o logar, e a terceira o tempo, formam entre si um todo homogeneo e scientifico. O estudo da Historia, não só a geral, mas a especial, é util a todos os conhecimentos humanos. Isolae as sciencias da sua Historia, e o seu estado em qualquer epocha ficar-vos-ha inexplicavel, como um prodigio; miope e desconexo, como um acaso no vacuo indeterminado do tempo. Tirae-nos a Historia, e isto que vemos, que palpamos, e que somos será para nós um sonho, ainda que magnifico; um caprixo immenso e insondavel, como o seu auctor. A Historia não é um mero grupo de factos e de exemplos, para lição do futuro; — a Historia é a deducção dos grandes principios, que regem a humanidade, feita pela Providencia a travez dos seculos; a Histhoria é a sciencia das sciencias. — A Geographia e a Chronologia, alem das suas spheras especiaes e importantes, que as constituem sobre si mesmas, são, por assim dizer, tambem os membros e orgãos da Historia, sem quaes ella ficaria manca e cega, sem theatro e sem duração, sem vulto e sem physiognomia, confusa como o caos, obscura como o abysmo.

A unidade destes tres ramos, nascidos de um mesmo tronco, demonstrou-se a par da sua utilidade; e uma e outra importa como corallario a conveniencia de tractar parallelamente a Historia de todos elles. Com effeito, como isolar a Historia da Geographia Mathematica da da Chronologia, quando ambas são uma commum dependencia de Astronomia? Como separar a Historia da Geographia Phisica e Politica da Historia Geral, de que aquella principalmente é uma abstracção? — A Geographia é a synthese dos conhecimentos humanos, respectivos ao globo que habitamos. — Alem de que, se a Historia nos mostra por factos a coadjuvação reciproca destes trez ramos, apartal-os não será faltar á Historia? O que seria a Historia do triunvirato, se se separassem a de Cezar, Crasso e Pompeo? — Faltando deste modo aos successos, divorciando-os por assim dizer, as mais bellas phases da existencia da especie humana se amesquinham, abafa-nos o miopismo litterario aonde poderiamos respirar largos horisontes, arrolamos factos desconexos aonde se ostentam as magestades da harmonia; só vemos o homem aonde está Deos.

Tractaremos pois conjunctamente a Historiographia, a Historia da Geographia e Chronologia, dividindo-as em tres partes distinctas: — Tempos antigos — idade media — e tempos modernos. (*Continúa*).

DOIS MYSTERIOS.

A PROSA DO AMOR.

(Continuação.)

Pareceo-me que Irminia estava mais

contente depois que vira Edgard; mas passados alguns dias veio procurar-me, pedindo-me que lhe vallesse com o meu conselho de amiga; vi que estava realmente afflicta! e fui com ella passear ao quintal: assentámo-nos á sombra do nosso bosquesinho de baunilhas, e rosas, e lhe pedi que sem reserva me contasse as suas penas.

— Sem reserva!... elle usa muito desta expressão, disse Irminia suspirando, e todavia elle é quem não sabe ser sincero! Antes me désse logo um desengano mortal; era um golpe que terminaria de uma vez o meu amor, ou a minha vida; mas este mysterio mata-me a fogo lento; é a peor das mortes, o peor dos tormentos este receio em que vivo!... Olha minha amiga, Edgard esteve comigo; pareceo-me tão meigo, tão apaixonado como nunca o vi! Não tive animo de o acusar da sua ausencia!... dois dias depois escreveo-me a carta mais apaixonada; aqui a tens olha bem como principia!...

Ditas estas palavras tirou Irminia da sua carteira uma carta que logo em começo dizia assim.

« Uma eternidade me pareceu o dia de hontem porque longe estava daquella que é o unico idolo do meu coracão, todavia é forçoso guardar as importunas considerações da sociedade » (aqui lhe referia os motivos que obstavam o ir vel-a, e participava que tinha de prisidir a uma reunião, mas que depois das duas horas desse mesmo dia voaria a vel-a) em um dos paragrafos da mesma carta dizia: « a razão esse meu valente baluarte jaz de todo aniquillado! » passadas mais algumas linhas tornava « em fim a minha ultima resolução está tomada!... sou teu!... só peço que jámais o vencedor abuse da fraqueza do vencido. » etc.

Parece que Edgard evitava a tua presença disse eu a Irminia, porque luctava ainda por vencer o amor que lhe inspiraste!...

— É certo, replicou Irminia; pois admira ainda outra coisa. Sabe que foi verme, que me deo as mais evidentes provas de affecto; quasi todos os dias ia estar algumas horas em minha companhia, e parecia não ter forças para se separar de mim!... jurava não poder viver já sem me ver, sem estar commigo a todo o instante!... A sua candura, a sua meiguice, a sua delicadeza encantavam-me! Protestava a cada momento a sua inteira sujeição á minha vontade, de que eu jámais abusaria, mas eu ambicionava tanto a posse daquelle coração, que te confesso que me senti orgulhosa do meu poder! Fantastico poder! Eu sonhava ser a mais adorada, a mais ditosa das mulheres! Credula que eu fui!... mas para que te heide referir circumstancias que ati pouco, ou nada interessam, e que por minha desgraça estão gravadas no intimo do meu coração! Oh! as expressões que elle me dirigia!... o seu amor... o seu enthusiasmo, foram a minha fidelidade; são hoje o meu supplicio!

— É impossivel!... exclamei com a maior surpreza; tão poucos dias durou depois de feliz, de correspondido, um amor que permaneceo puro extremoso quando infeliz, quando não correspondido?!... Por Deus Irminia explica-te, quero ainda aprender a conhecer o coração do homem, não para fugir a algum Edgard, não os temo; mas para escrever alguma coisa com perfeito conhecimento de causa... para ver se tantos exemplos aproveitam ao nosso infeliz sexo; e se consigo salvar algumas victimas, que atrahidas qual por encanto seguem o seu algoz como se fôra o Anjo da sua guarda! Ah! minha Irminia, acabo de crer, não ha que fiar em apparencias!... Se o teu Edgard é máo, terei de desconfiar de todos os homens

do mundo; porque até a mim me pareceo elle um Santo! Dize-me que te aconteceo; não vamos a julgar só por suspeitas, já vêz que te enganaste pensando mal do infeliz...

— E agora enganar-me-hei talvez pensando bem, tornou ella, escuta. — Edgard tinha-me dito que iria ver-me hontem; eu estava com umas dores de cabeça tão violentas, que entendi melhor escrever-lhe, e transferir para outro dia a nossa entrevista. — Respondeo-me do modo que verás nesta outra carta!... Ah!... combina-a com a que ainda á pouco lêste!... vê o que eu poderei pensar. Vê se é este o mesmo homem a escrever... a sentir... em tão poucos dias que mudança!

Com effeito Irminia tinha razão; era uma carta bem diversa da que eu acabára de ler! em vez de lhe parecer uma eternidade de angustias os dias em que não a via, elle buscava essa eternidade como unico meio de escapar a um mal que elle não declarava!... Dizia-lhe que não podia ir vel-a no dia que lhe indicava; dizia-lhe que nesse dia partia para o campo; e lá se conservaria dois mezes!... e ultimava nestes termos: = « necessito descançar; e quem sabe se um terrivel desgosto me lançará no descanso dos tumulos?!... é uma pagina que só o futuro hade abrir; nella está escripto o destino do teu sincero amante — *Edgard*. —

Sincero!... mui pouca sinceridade respira esta carta; e comtudo o que ella deixa ver é uma desesperação concentrada!... mas tu que fizeste Irminia?

— Escrevi-lhe logo, tornou ella, pedi-lhe que fosse vêr-me antes de ir para o campo; escrevi-lhe com muita paixão, expliquei o motivo de haver transferido a nossa entrevista, e por fim mostrei que desconfiava do seu amor...

— E que fez elle?... Voou a ver-te, a tranquilisar-te, assegurando-te a sua fidelidade? a sua inteira sujeição á tua vontade, que unicamente commandavas?... mostrar o cuidado que lhe merecia a tua saude?...

— Nada disso, minha amiga, escreveu-me antes de partir hoje, esta carta protestando o seu eterno, e verdadeiro amor, jurando ser eu a unica pessoa que elle adorava, e a quem estava ligado; promette voltar a vêr-me!.. e dá-me os epithetos de cruel, mil vezes cruel!... injusta!.. asperrimo coração!.. Oh! a mim!.. a mim asperrimo coração!.. Eu que tantas provas lhe tenho dado de uma cega paixão!..

— Eis o teu mal, disse eu a Irminia, perdôa, mas attende, não ha homem algum que tenha a generosidade de não abusar da paixão de uma mulher; em quanto duvidam do seu amor, ou quando receiam perdel-o, buscam desvelados os meios de o segurar... mas certos que estejam do seu triumpho!.. Oh! fazem-se logo muito graves!.. e ainda isto não é o pior!.. se elles só se tornassem graves!.. mas é que até toda a sua delicadeza usada antes se converte em aspereza, para não dizer outra coisa... todo o seu extremo se converte em desprezo e...

— Pelo amor de Deos, bradou Irminia, não prosigas, pois eu heide acreditar que a moral está perdida n'um sexo que deve aliás dar-nos o exemplo!.. guiar-nos... proteger-nos... Oh e se todas as mulheres pensassem como tu?!...

— Não teriam nenhum homem por amante, lhe respondi interrompendo-a, mas todos por muito bons, muito honrados amigos.

— Mas tu amaste, e prova que te ligaste aos laços conjugaes, tornou Irminia.

— Ahi vens tu com o estrebilho usado já de longos tempos por todas as candidatas ao Santo Matrimonio! Pois res-

pondo-te, com toda a franqueza que o ter casado uma, ou vinte vêzes, se possivel fosse, não prova que amei; entretanto não quero negar isso; antes direi para dar mais força ao meu discurso que é essa mais uma razão de me ser permittido o discorrer em tal assumpto; sendo certo que ninguem póde ser mestre, sem primeiro ser discipulo; e neste caso tenho-te grande vantagem porque aproveitei as lições que tu esqueceste!... Por isso eu góso o premio da liberdade, e tu o castigo da escravidão!

— Tu livre!... me disse Irminia, tu que és escrava desses mesmos laços!... Os teus filhos!..

— Os meus filhos sim, porque são innocentes; porque precisam de mim; porque me adoram acima de todos os seres da terra! Acredita Irminia, eu quero voluntaria escravisar-me; eu não consentirei jámais que me escravisem '... Quero escravisar-me por quem mereça o meu amor, jámais por quem me desprese!.. Bem vês que esse abatimento degrada qualquer senhora; e que homem de bem quererá amar uma senhora que se deixa aviltar!.. Nunca será homem de bem o que pertender humilhar a sua amante, ou a sua consorte. Eu no teu caso havia de esperar que Edgard me désse uma satisfação do seu procedimento: que elle faltou a todos os deveres do amor, e até das attenções que lhe merecias, é bem conhecido; todavia ignoramos se uma razão occulta... uma nova intriga talvez... um ciume desesperado... é só a meu vêr o que o poderá desculpar; inda assim adverte que elles muitas vezes para encobrirem suas faltas usam da capa do ciume... recorrem a uma fantastica suspeita... elles que não dão licença a mulher alguma para ter ciumes... querem a todo o instante martyrisar-nos affectando indiscretos zelos... mas não é zelo... é... nem eu sei o que!.. é até fazerem mão conceito da senhora que escolheram... a falta de inteira confiança na pessoa que se estima, é terrivel flagello!... mas elles querem uma lei para si, outra para vós... Dize por exemplo a Edgard que desconfias que elle ama outra; e verás como desespera; ao passo que elle quererá lhe soffras paciente as suas injustas suspeitas.

— Então bradou Irminia, é a lei do escravo, e do senhor? Pois não; esperarei a sua justificação, que a meu vêr já não pode reparar o mal que elle fez com este passo a si mesmo... Sim, por que ainda que o meu coração o queira absolver, a minha razão o crimina! Uma senhora de bons sentimentos quer antes perdoar ao seu amante uma injustiça, do que soffrer uma desattenção! De hora em diante já não acreditarei em todas as palavras de Edgard; e confesso-te que antes quizera perder o seu amor, do que a boa oppinião que delle tenho formado; foi nesta oppinião que se baseou o meu amor; perdida esta boa oppinião o amor não póde sustentar-se; ha-de forçosamente cahir!... Será tal a minha desgraça que eu me tivesse illudido tanto!.. Senhor, aclarai-me a verdade!..

Vi Irminia tão consternada que tratei de a distrahir; mas em vão! Retirou-se, pedindo-me que a fosse vêr, pois sentia-se muito doente; e com effeito assustou-me a palidez do seu rosto; um marmore não era mais frio que suas faces, e suas mãos! Recommendei meus filhos á minha fiel creada, e acompanhei Irminia a sua casa, fazendo que logo se recolhesse ao seu quarto, e obrigando-a a tomar chá bem quente a vêr se não succumbia ao frio mortal que parecia ter-lhe gelado o sangue!.. Não a deixei aquella noite; mas a infeliz passou cruelmente, e apezar disso no dia seguinte ergueo-se; ao assentar-se a escrever algumas linhas deixou cahir a cabeça sobre a meza; estava ardendo em febre!..

(*Continúa.*) D. A. G. PUSICH.

PUBLICAÇÃO UTILISSIMA.

AVISO AO POVO

Relativamente á Cholera-Morbo

POR

JOSÉ ROMÃO RODRIGUES NILO.

Com este titulo se publicou uma interessante obra do nosso erudicto e experiente Medico o Ill.mo Sr. Dr. Nilo, offerecendo ao publico mais uma prova, a assás evidente, da sua philantropia, e amôr por esta nação; assim como de seus nobres sentimentos de humanidade e beneficencia para com os desvalidos, offertando a sua obra, gratuitamente a todos os Collegios ou Casas d'Asylo da Infancia Desvalida de Lisboa e suburbios — como se ve do aviso que em seguida publicamos; e que é um monumento de gloria ao seu nome, já muito illustre, conhecido, e respeitado não só neste paiz, que tanto lhe deve, mas em todo o mundo, porque o merito superior não brilha só onde apparece; estende a sua fama a todo o globo, como o sol que nasce e leva seus brilhantes raios a abranger o universo — o sabio, porém, brilha mais, porque é astro que não declina jámais, nem a morte se póde chamar o seu occaso, porque volvendo ao tumulo, é que os nomes illustres pelo saber tem mais brilhante explendor, o culto universal, a sua eternidade! As sombras da inveja que tentam eclipsar a vida, não podem penetrar á sepultura de um sabio, onde immortal preside a divina luz que o esclareceu em vida, e alumia na morte o seu nome eternisando a sua memoria. Temos a maior satisfação em considerar o Sr. Dr. Nilo como um dos mais antigos e bons amigos de nosso adorado pai! Sempre o temos presado, e respeitado muito; e até lhe devemos o favor de ter sempre auxiliado com sua assignatura as nossas empresas litterarias, porque o Sr. Dr. Nilo concorre sempre a auxiliar as empresas de beneficencia; hoje é com immenso prazer que o vemos apparecer a prestar-nos seus valiosos, e importantissimos serviços, em uma crise em que o flagello universal da peste de tão perto nos ameaça, e cerca! Este livro do Sr. Dr. Nilo deve ser estudado, e acolhido no mais alto preço, como um auxilio que o Céo nos envia para nos animar, a encarar sem susto o inimigo, de que Deus com prodigio tão claro até ao presente se tem dignado livrar-nos; e por este beneficio devemos prostrados render graças ao Altissimo, e prevenidos com o conselho dos sabios, evitar quanto esteja ao nosso alcance, que o inimigo da humanidade se apodere de nós. Seguir o conselho dos sabios — ter boa vida — confiar em Deus. — E seremos salvos.

D. A. G. PUSICH.

AVISO DE INTERESSE PUBLICO.

O Dr. Nilo previne os Srs. Directores, e as Sr.as Directoras dos Collegios ou Casas d'Asylo da INFANCIA DESVALIDA, de Lisboa, e suburbios, que quizerem um exemplar do AVISO AO POVO, relativamente á *Cholera-morbo*, o mandem buscar a casa do auctor, Praça de D. Pedro n.º 83 — e pede o favor de mandarem *por escripto*, os seus nomes, e os dos locaes dos Collegios, a fim de evitar que alguem, que possa comprar a obra, aproveite deste aviso para a obter gratis. — Os Srs. Directores, e S.as Directoras, depois da leitura do AVISO AO POVO, ficarão sabendo como hão-de supprir a falta de medico n'um ataque de *Cholera*, e como hão-de acudir, em todas as occasiões, a alguem da sua familia que, repentinamente, seja atacado, *a deshoras*, por algum symptoma analogo aos descriptos na dita obra. — E devem considerar os conselhos hy-

gienicos alli exarados, como *regras uteis* para conservar a saude, não só em tempo de epidemicas, mas em todos os tempos.

THEATRO DE D. MARIA II.

Hontem 30 de Septembro foram á scena duas lindas peças novas originaes portuguezes: era o beneficio do nosso eximio Actor o Sr. Theodorico; o qual deixando livre a vontade de seus amigos, e de todo o publico em geral, não os obrigando com o offerecimento de bilhetes a acceital-os, entregou-se á generalidade de todos os seus compatriotas, em quem sempre tem achado o mais benigno acolhimento; é a justiça que fazemos ao seu merito, se porém neste ponto o beneficiado se entregou, e sujeitou á discripção do publico, na escolha das peças quiz fazer a sua vontade. — É um motivo mais para estimarmos este ensigne Actor, e bom portuguez. — *O Homem de Oiro* — do Sr. Mendes Leal (José) e — *Nem Russo nem Turco* — do Sr. Cascaes; são muito bem escriptas; e de excellente moral; porque se uma, premeando a virtude castiga o crime; a outra, exaltando o nome portuguez, pune com o ridiculo a mania d'aquelles que se enthusiasmam com as questões estranhas, antes que de perto nos toquem. Em quanto nos deixam, deixemol-os e oremos a Deus por nós e por elles; porém, não busquemos dar que fazer ao Sr. Dr. Polido, e aos infermeiros de Rilhafoles, contando, as bravuras da Russia e de Turquia, os assaltos de Sebastopol, as Naus escolhos, os magicos mergulhadores; e finalmente, entrodusindo nas escaldadas phantezias os ardores da Turquia, e os gelos da Russia. O Sr. Cascaes foi muito feliz nesta sua composição, como em todos os outros; e nos justos applausos que mereceu, foi manifestado o espirito nacional que anima este povo. Nós tambem concorremos a offertar justos laureis ao beneficiado: pois entre as poesias que se espalharam, uma foi nossa. O concurso foi grande, e o beneficiado chamado com enthusiasmo, assim como o Sr. Tasso, que brilhou em ambas as peças, e com especialidade na comedia — *Nem Russo nem Turco* — onde com a maior naturalidade, e perfeição, desempenhou um papel assás difficil. Todos os mais actores executaram muito bem as suas partes, deixando ver que, ainda que raros, temos actores capazes de bem desempenhar as peças escriptas em verso.

D. A. G. PUSICH.

Expediente.

Recebemos algumas poesias dedicadas a Sua Magestade o Senhor Dom Pedro V, as quaes publicaremos em o numero seguinte, e não vão neste, porque ao recebel as estavam já compostos todos os artigos que deviam preencher este numero.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

Com a maior brevidade vai sahir á luz, a primeira folha de Rollan o Pé-De-Ferro, bello romance de Paulo Feval. Formará um unico volume em oitavo, ornado com estampas lithographadas por qualquer dos melhores desenhadores da capital.

Cada semana se distribuirão duas folhas de oito paginas, sendo o preço de cada uma 10 réis.

Parece-nos que por tão diminuto preço ninguem deixará de possuir uma boa obra.

A cada um dos senhores assignantes, se offerece (*gratis*) uma bellissima estampa. — Quem adquirir 4 assignaturas realisaveis terá direito a um exemplar gratis. Os sollicitadores podem pedir os competentes prospectos nas lojas do costume, onde depois os deverão entregar com os seus nomes e moradas, para lhes ser enviado o devido exemplar.

Assigna-se nas lojas do costume.

Typ. Rua da Condessa n.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso . ... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.º 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua de S José n.º 135, 2.º andar
E em todas as lojas do costume.

N.º 21 — OUTUBRO 15 — 1854.

SANTA THEREZA DE JESUS.

No dia 15 de Outubro solemnisa a Igreja Catholica uma festividade em memoria da gloriosa Santa Thereza de Jesus, Virgem devotissima de Jesus, que abandonando as illusões do mundo foi no Santuario do Claustro prestar os mais altos serviços á Santa Religião do Crucificado; mas desse mesmo retiro onde consagrou seus preciosos dias a Deus, os esplendores de suas iminentes virtudes reflectiram sobre a terra que encheo de graças e beneficios. Foi Santa Thereza de Jesus a fundadora de muitas ordens religiosas, e vestindo o manto de Religiosa Carmelita, foi mais util ao mundo do que se outro estado elegesse, pois os cuidados e disvellos no cumprimento dos deveres de esposa e mãi, desvial-a-hiam, talvez, de poder entregar-se toda ao ceu, e á caridade para com o seu proximo em geral, deixando tantos Monumentos que foram utilissimos aos povos, pois deram abrigo, sustento e instrucção a muitos; e ainda hoje a despeito dos incendios revolucionarios, existem alguns Conventos onde as virtudes de Thereza, e os cultos que lhe são devidos, apparecem com o mais vivo fulgor; e os Governos, ainda os mais livres, tem respeitado esses Templos sagrados. Não quiz Santa Thereza ser consorte de um mortal, e mãi de alguns viventes; foi esposa de Jesus — foi mãi universal, honrou o Ceo, honrou a humanidade. Aquella que Deus tanto amou, e a quem se dignou conferir o poder de exercer tantos prodigios em vida, hoje do alto dos Ceus onde reluz astro luminoso e sem nuvens junto ao Solio Divino, ouve nossas humildes deprecações, acolhe o puro incenso que lhe offerecemos, e roga por nós ao Senhor! Thereza! Virgem Sábia e Gloriosa! protege os teus devotos, e o teu Portugal! Desvia deste Reino fidelissimo o espirito maligno das trevas da ignorancia, da impiedade e discordia; dessa Patria Celestial, a que teu Espirito pertence vella sobre a Patria infeliz onde o teu Corpo teve o Berço e a Tumba; e acende em todos os corações esse fogo divino do santo amor que te abrazou; illustra com teus lumes a mente dos mortaes; salva a terra dos flagellos da peste, fome, guerra, e herezias; ora por todos os fieis, e a nós que nestas debeis vozes desejamos dedicar-te um culto de veneração, respeito, amor, e devoção, dá forças para suportar o peso de nossa cruz; soccorre-nos em todas as angustias da vi-

da; faze que triumphemos dos revezes terrenos; e d'entre as tortuosas veredas do espinhoso deserto onde transitamos, guia, com piedosa Mão, nossos passos incertos, e conduz-nos á brilhante altura, onde seguros repousemos de nossas fadigas. D. A. G. PUSICH.

Temos a satisfação de publicar a continuação de uma excellente obra com que nos mimoseou um Cavalheiro de grande merito; restando-nos porém a magua de occultarmos o seu nome, porque assim o exige sua modestia, excessiva talvez, quando por tal modo recusa os louvores que lhe são devidos, por este serviço prestado a um paiz = onde por falta de meios fallece a instrucção. Nós lhe agradecemos o obsequio de adornar esta folha com uma sua producção muito apreciavel; e para que a nossos leitores não se occulte mais do que o nome, diremos que — o Auctor é um distincto Cavalheiro que por sua instrucção honra a sua Patria e a Classe illustre a que perience: quanto a seus conhecimentos a obra os revela.

(A REDACTORA.)

APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DA HISTORIOGRAPHIA, HISTORIA DA GEOGRAPHIA DA CHRONOLOGIA.

PARTE PRIMEIRA.

TEMPOS ANTIGOS.

Capitulo I.

CHALDEUS, — EGYPCIOS — E PHINICOS.

Artigo unico. — Ensaios.

A Astronomia, base da Geographia e da Chronologia, é o primeiro raio de luz scientifica, que começa a desenhar-se no duvidoso crepusculo dos tempos fabulosos. Naquella sciencia disputam anterioridade os Chaldeus e os Egypcios. Entre os primeiros — *Jupiter Belus*, no qual depois Semiramis levantou um templo, que era simultaneamente um magnifico observatorio, e *Zoroastro*; — entre os segundos *Osiris*, *Nilus e Actis*, filho do sol, eram considerados os inventores das sciencias astronomicas. Quem póde em tamanha antiguidade averiguar aonde está a verdade? Que importa essa questão, em que todos talvez tem razão, contribuindo cada um antes do outro com seus diversos elementos, que o genio synthetico dos Gregos depois encorporou em sciencia?

Como quer que seja, o poder de Babylonia decahio: e do deserto, a que o seu territorio ficou reduzido, as suas sciencias se refugiaram no Egypto, refundindo-se as de um nas do outro povo.

Dos Babylonios permanece a observação do eclypse da lua, que é a primeira conhecida, feita em 720 ant. de J. C.; o polo, ou instrumento de mostrar a hora do dia; e o gnomo, ou instrumento de mostrar a extensão das sombras, que Herodoto diz herdados pelos Gregos dos Chaldeus: — e dos Egypcios resta a invensão do zodiaco, sendo os nomes das constelações os de divindades suas; o conhecimento da redondeza da terra; o seu movimento proprio, base depois do systema de Copernico; a pluralidade dos mundos, opinião abraçada pelos pythagoricos, etc. Taes são, pelo que nos interessa agora, os conhecimentos, que Diogenes Laercio, Diodoro de Sicilia, e Macrobio, cerca de 400 ant. de J. C., attribuem a este povo. O que não tem duvida é que as suas celebres pyramides, orientadas de maneira que olham com cada uma das suas faces aos quatro pontos cardeas, attestam os seus progressos astronomicos.

Ao par seguiu a Chronologia. O anno começou lunar entre os Babylonios, e entre os Egypcios passou a ser solar, até que, em 746 ant. de J. C., no tempo de Nabuchodonosor, aquelles adoptaram um anno á semelhança do destes, cuja Chronologia civil foi a que prevaleceu na antiguidade. O anno egypcio era de 365d, faltando-lhe assim cerca de um quarto de dia, para igualar-se com o verdadeiro. Conheceram

os Chaldeus, ou os Egypcios esta differença? — Parece que ambos: porque ambos tinham periodos, destinados a supprir esta falta, tal como o chamado o sothiaco, dos egypcios, pelo qual, decorridos 1460 an., se accrescentava um anno, — producto de $1460 \times 6^{h.} = 365^{d.}$

Com quanto porém houvessem chegado os Egypcios a um tal estado, Strabão, visitando o Egypto no tempo de Augusto, não só achou os seus sacerdotes ignorantes destas sciencias, mas escarnecendo do celebre astronomo Charemon!

A Geographia deve os seus primeiros progressos aos Phenicios, povo que talvez seria o mais illustre da antiguidade, se não levasse o seu egoismo mercantil a ponto de defraudar as suas proprias descortas. Em quanto as demais nações limitavam os seus conhecimentos geographicos a uma parte do mediterraneo e da Asia menor, os Phenicios, já em caravanas, já nos seus navios, quasi redondos e chatos, hiam no Oriente ás Indias: na Europa, desde Cadiz, seu principal estabelecimento, até ás Hespanhas, em busca de metaes; e ás Ilhas Britanicas a trazer o ambar amarello e o estanho, chegando mesmo á Prussia e a toda a parte, aonde podiam ir costeando; na Africa, muitos geographos marcam as suas viagens desde Sofala até as Ilhas Canarias, conservadas nas tradições da antiguidade com a designação de Afortunadas; e Miot, ainda em 1830, defendeu, como verdadeira, a sua expedição em volta deste continente, equipada por Nechao, sahindo pelo canal do Egypto e golfo arabico, e vindo entrar pelas Columnas de Hercules, firmado justamente na razão que Herodoto tem de duvidar — o terem visto o sol á sua direita. Cantu chega mesmo a achar afinidade não só entre os hyeroglyphicos americanos e phenicios, mas até entre as tradições dos dois povos, suppondo assim remotas relações perdidas.

A conjectura de Cantu, póde como tal admittir-se, allia-se mesmo com a ideia da Altlantide, como nos primeiros tempos da descoberta da America muitos lhe chamaram, por exemplo Sanson nas suas cartas. Mas a opinião de Miot é insustentavel como ponto historico. O dito do sól se achar á direita dos navegantes tem uma facil explicação conforme o systema de Homero, que resume os da maior antiguidade: pois que, quem suppõe que o Sol só gira sobre a sua cabeça, de nascente a poente, figura forçosamente que lhe ha de ficar á direita, se caminhar para o Sul. A ficção homerica basta para esta invenção, bem semelhante a est'outra da sementeira de trigo feita pelos suppostos navegadores periodicamente, quando as estações deviam ser oppostas. Depois, a construcção dos navios: o breve espaço de dois annos, em que Herodoto diz concluida a expedição; a continuação dos systemas absurdos de cosmographia a respeito do mundo em geral, e da Africa em especial, que uma tal descoberta tornava impossiveis; o esquecimento daquella nas prias ideias geographicas do mesmo Herodoto, que a conta; a raridade e assombro a respeito de outras expedições, que nada são em relação desta; tudo nos convence de que quando muito foi um projecto malogrado. No entretanto, ficção ou não — é possivel que esta noticia, a das ilhas Afortunadas, e a talvez mais remota da Altlantide fossem os primeiros indicios a convidarem os navegadores do seculo 15.° Um incendio nasce ás vezes de uma faisca.

É SONHO A VIDA!

La vita humana è mare
Torbido, procelloso;
Si trova sol riposo
Nell'a tomba!...
(Nell' opera Agneze.)

E que mais é que um sonho a humana vida!
(Olinda ou Abbadia do Cumnor-Place.)
(Poema da Author.)

Humana vida não és mais que um sonho
De vãos prazeres, de tormento e dor,
Que o riso esconde, no porvir medonho,
Deixando espinhos, e roubando a flôr.

Humana vida, perigoso abysmo
Que a mil abysmos o mortal conduz!
Em teus escolhos de fallaz deismo,
Um guia vemos .. um pharol — Jesus! —

Que valem risos, e que valem prantos
Enleios d'alma, desventuras mil,
Se o sonho em sombras nos desfaz encantos
Ao ver a aurora lucida gentil!

Celeste aurora, dessipando as trevas
Do Eterno Seio traze a immensa luz!
Acorda alegre, quando a face elevas,
O que te aguarda recostado á Cruz.

D. A. G. PUSICH.

A S. M. EL-REI

O SENHOR DOM PEDRO V.

EM SEU ANNIVERSARIO NATALICIO, 16 DE SETEMBRO DE 1854.

RECORDAÇÃO.

Com doirado horisonte de galas
Vejo a aurora no ceo despontar!
Essas pompas lá vem exaltal-as
Um suave, e divino trinar!

Avesinhas no espaço cantando
Annunciam de Pedro o Natal!
E os anjinhos em nuvens rolando
Do ceo descem ao seu Portugal!

De jasmins e de loiro teceram
Uma c'roa brotando a florir!
Sua Fronte Real guarneceram
Bafejando seu manso dormir!

E em redor desse leito de rosas
Parabens lhe quizeram render!
Lindas azas bateram airosas,
Ao ceo vôam, cantando em prazer!...

Mas nem só das immensas alturas
Este dia saudar divisei!..
Lindas flores abriram mui puras.
Em grinaldas cercavam o Rei!...

Innocentes, e niveos pombinhos,
Offer'tando celeste louvor!
De oliveira viçosos raminhos
Veem trazer-lhe de paz em penhor!....

Mas da lyra que é rude, eu quizera,
Estes annos poder descantar!...
O desejo, meus votos fizera
P'ra extrair um sublime trovar.

Joven Rei!.. são mui pobres, conheces...
Estes cantos que a lyra vibrou!
Joven Rei!... eu bem sei, não mereces
Simples versos que um fraco dictou.

Dá-me esp'ranças a tua bondade,
E ouso assim demandar teu perdão.
N'estes versos te off'rece a verdade,
Uma próva de eterna affeição!...

Salve oh! Rei! que no throno tão novo'
Saberás governar Portugal!
Com talento regendo este povo,
O teu nome verás immortal!

Um risonho porvir sem abrolhos,
Ao presente brilhar, tu, já vez!
Olharás sobranceiro os escolhos,
Sendo um Rei! um heróe portuguez!...

FRANCISCO FERREIRA SERRA.

CULTO AO MERITO SUPERIOR.

Portugal não tem sido engrandecido por seus habitantes, por que os governos teem cuidado muito pouco na sua instrucção, e aperfeiçoamento das artes. E' o nosso paiz quasi esquecido das mais nações, poucos e raros são os homens notaveis que lhe tenham dado fama; e essas glorias, são qual um sonho ligeiro, rodeiado de fagueiras illosões, que passa apressado por a imaginação preoccupada do soffrer!

Felizmente chegámos a uma época em que se olha mais sob estes objectos, mas assim mesmo não é tanto, quanto merece uma nação que apresenta excellentes, e incançaveis genios, tanto de letras, como de artes; e se estes mais não podem fazer, é por que lhes faltam os recursos, e por que os abandonam!...

Finalisaram as obras da igreja de S. Julião, executadas por artistas Portuguezes. O tecto d'este edificio foi pintado (no que toca a figura) por o Sr. Joaquim Rafael, lente da Academia das Bellas Artes de Lisboa, que apesar de adiantada idade, e a custar-lhe a andar por insertos andames, se esmerou no

seu trabalho, que tem sido visto, e elogiado por pessoas entendedoras. Alli brilha o merito do habil artista, a facilidade de seus pinceis e o primor da arte'

O nome d'este insigne professor, é já assaz conhecido, tanto n'esta cidade, como na do Porto, onde os melhores tectos de igrejas, e varios edificios, são de sua execução.

A concorrencia de pessoas a ver a magnificencia da pintura, tem sido grande; mas o artista só tem recebido louvores pessoaes.

Havendo tanto escriptor em Portugal, nenhum tentou pegar na penna, a fim de fazer constar o merecimento de um artista portuguez!... Temos rasão para admirar os estrangeiros... nas suas obras litterarias, ainda as mais diminutas; tratam de as dispor, ornando-as com o merito dos artistas que teem feito as glorias dos seus paizes. Em Portugal não é isto uso! pensa-se em acestar a luneta ás senhoras que passeiam, para observarem se vão mal, ou bem vestidas, ou saboriar algum charuto de havano, no Suisse, ou Marrare, presenciar os bailes, e sondar-lhe os mysterios, ir á Floresta Egypcia ver a montanha Russa; Jardim Chinez, etc. Vem a mente do escriptor aquecida por diversas lembranças, chega a casa, toma tinta, penna e papel, e descorre sob este, ou aquelle objecto que mais lhe agradou; e em quanto que o laborioso artista, trabalha para deixar á posteridade admiraveis obras, para gloria da sua nação, é esquecido!...

E' bem triste e lastimavel este abandono, não tendo o pobre artista protecções nem interesses n'este malfadado paiz, devia o escriptor lembrallos, immortalisando Portugal! Não tem o artista mais que os braços já cançados por continua lida, e irresistivel força de vontade, em quanto que Deusa lhes não termina a existencia, o Mundo lhe não offerece uns palmos de fria terra, onde seu po vá reduzir-se a pó, acabando com elle um nome que deveria ser notavel!...

Quem falou do insigne e infeliz Macphail?... Um amigo na Imprensa e Lei, e a Beneficencia!... Ninguem mais levantou a voz em sua memoria!!!...

Ah! patria ingrata, que deixaste morrer de fome, depois d'uma vida atormentada, Camões, Tasso, e Bocage!...

E' isto que tem feito precipitar nos abismos, os desejos de grandes genios que iam principiar.

Os governos teem sido descuidados em animar artes, e letras, pois temos disso demasiadas provas. O Sr. José Rodrigues, discipulo que foi da Academia das Bellas Artes de Lisboa, desempenhou no seu concurso de pintura, um quadro sublime, que foi premiado com a medalha de Ouro, e que é sem duvida o melhor dos premiados que lá existe. Na exposição preterita da Academia, apresentou optimos trabalhos, com especialidade o d'um pobre, que agradou muito a S. M. o Senhor D. Fernando, e o qual lhe foi offerecido por o joven artista, e que em retribuição S. M. lhe fez presente de um par de botões de brilhantes, para camisa. Isto mostra que o Senhor D. Fernando, é um grande apreciador das artes, animando por este modo louvavel os artistas. Mas ao Governo cumpria o dever de enviar este moço de tanta habilidade, e que se distinguiu dos mais, para Italia, que é o paiz onde se aprende o aperfeiçoamento das artes, a fim de se amestrar; e depois, nós teriamos nelle os recursos precisos; em Portugal ha genios, mas faltam-lhes a cultivação; e será assim, desta maneira, que poderemos possuir homens notaveis, como em pintores: Rafael d'Urbino, Miguel Angelo, Leonardo, Corregio, Dominiquem, Tintoretto, Carachi, Rubens, Murillo, etc. Como musicos: Rossini, Bellini Donizetti

Verdi, etc. Em litteratos: Arioste, Horacio, Voltaire, Addisson, Corneille, Crébillon, Moliére, Milton, Calderon, Lopo da Veiga, Moreto, Tirso de Mollina, Guillen de Castro, etc., etc. (*Continua*).

FRANCISCO FERREIRA SERRA.

DOIS MYSTERIOS.

PLENA REVELAÇÃO DO SEGUNDO MYSTERIO.

(*Continuação*)

Deixemos a triste Irminia entregue aos mais terriveis combates do amor com o orgulho, sentimento nato com os genios superiores, e que prodigiosamente equilibrava a excessiva bondade de coração de que Irminia era dotada: prompta sempre a perdoar a todos; a disfarçar qualquer falta contra ella commettida, como não perdoaria ao seu amante que adorava mais que a propria vida, se essas faltas de lembrança... de attenção, (indisculpaveis no amor) não lhe despertassem n'alma aquelle sentimento que em vão o amor pertendia suffocar! Irminia sabia dar o mais subido valor a qualquer demonstração do affecto de Edgard; e é por isso mesmo que ella sabia intimamente sentir ainda a mais leve offensa; e como diz Bocage — A *frouxidão no amor é uma offensa* — Irminia desesperava de ver a frieza com que o seu amante se portou! Deixal-a doente, e cercada de mil cuidados, e suspeitas!... augmentar-lhas sem receio de a desgostar!... de aggravar o seu padecimento fisico!... elle que antes tão desvelado, e solicito era em demandar noticias da sua saude; em se affligir com o mais leve incommodo de Irminia; já póde estar sem a ver... sem saber d'ella!... já não receia affligil-a! Oh! se os homens conhecessem o coração da mulher, nunca se exporiam á decisão de taes combates!... Eu não sei qual será mais culpado aos olhos da mulher de sentimentos elevados; se aquelle que tem commettido um excesso no amor, ainda que d'ahi lhe resulte graves damnos; se aquelle que esquece das attenções devidas á sua amante! parece-me que é esta a falta que não se perdoa, porque é falta de amor; pois quando pretendem não commettem jámais essas desattenções!... Excessos de amor perdoam-se facilmente... mas faltas de amor.. isso é mais custoso!... E faltas commettidas por quem tanto pensa; e é naturalmente attencioso; tão polido, e tão reflectido!... Eis os dolorosos pensamentos de Irminia!... Deixal-a-hemos velando as noites, amargando os dias, anhelando mesmo a morte para terminar tão ardua lucta, fazendo mil projectos cujo resultado era uns destruirem os outros; escrevendo muitas cartas, e rasgando-as logo... emfim deixemos entregue á desesperação esta victima do capricho, da inconstancia, ou da crueldade do seu amante!... O maior favor que lhe podemos fazer, julgando-o com excessiva indulgencia, é suppol-o alucinado de fantasticos ciumes; ou inexperiente no verdadeiro methodo de firmar o amor de uma senhora briosa!.. Seja o que for; o tempo o absolverá, ou condemnará; nós por agora não lhe podemos perdoar as dores que faz soffrer a uma infeliz que o ama, e que merecia toda a sua contemplação!... Vamos informar o leitor de um novo personagem que vem apparecer em scena quando a ausencia de Edgard tem estimulado o amor proprio de Irminia, e ferido gravemente o seu coração!... E' um ente misterioso, apaixonado por Irminia, desesperado por saber que ella ama outro, que elle pensa conhecer, mas não conhece. Fazendo as maiores finezas, os maiores sacrificios por ella, usando as mais estudadas attenções!... E Irminia insensivel a este, como a todos os mais; e Irminia fiel a um ingrato repulsa o affecto deste joven que, perdida já toda a esperança de obter o amor de Irminia, vai valer-se de uma

amiga della para advogar a sua causa... occultar porém o seu nome que só revelará no momento em que podér ser apresentado a Irminia!... Ah! Edgard!... Olha o castigo da tua imprudencia!... Contempla o raio vingador perpendicular sobre a tua cabeça prestes a desfechar!... Se estás innocente Mão poderosa de Deos o desvie... se culpado cáia sobre a tua cervis... perece... e comtigo possam perecer todos os ingratos!... A morte é a devida punição dos ingratos e traidores... nenhum devia existir senão nos infernos!

Mas triste condição do amor em peito generoso!... Irminia sente um desejo de se desaffrontar, de se vingar mesmo da ingratidão, ou injustiça do seu amante; desejára perder-lhe o amor... deixal-o... ella que não quer ver um amor sublime tornado causa ordinaria!... ella que não sabe amar, que não quer ser amada senão com um amor poetico!... no momento de ter em suas mãos a vingança treme e se horrorisa!.. Ah! meu Edgard!.. clama ella ao receber uma apaixonadissima carta do Joven mysterioso, terei eu animo de ler... de tocar com as minhas mãos as letras de outro homem que pertende roubar o coração que é só teu! Nunca!.. não terei animo de me vingar de um modo tão vil! tão indigno de mim! Reagiste amor!...

Fechando a carta entregou-a á criada, dizendo que a désse a quem fosse buscar-lhe resposta da mesma carta. Assim acconteceu; mas nem por isso o joven esmoreceu!... Era incansavel em seus desvelos por mover ao menos a curiosidade de Irminia! parece que muito de proposito estudára aquelle mysterio para acender no coração da mulher extraordinaria o desejo de conhecer o ente que a amava, que a pretendia alcançar por modo tão extraordinario!... Os outros fazem-se conhecidos pessoalmente antes de fazer conhecer o seu amor; este quer primeiro ser conhecido, ser amado pelos seus sentimentos, do que pela sua pessoa!... Parece confiar muito nas virtudes de Irminia que prefere as qualidades moraes ás fisicas!... e não conhece que estas mesmas virtudes a defenderão de atraiçoar o seu amado? Confiará este homem talvez demasiadamente em si?... Oh! mas elle não quererá permanecer sempre occulto... Só conhecido por seus escriptos, por seus excessos... revelar-se-ha um dia!... e que verás tu, Irminia, um Anjo, ou um Demonio?!... Um Demonio já o considera Irminia, porque vem perturbar uma união tão santa! perturbar!... e porque?!... nem elle, nem o universo inteiro seria bastante a perturbar a nossa união, se Edgard me fizesse justiça..... amando-me como eu o amo!... Oh! as forças todas do Mundo, ou do inferno jámais me fariam vacilar!... Eis-ahi como discorria Irminia, e com estas idéas ia desapparecendo o seu resentimento contra o seu amado Edgard; que ella não podia ver attacado sem deffendel-o com todas as suas forças! E todavia não sirva de regra este proceder, este sentir de Irminia! Nós aconselhamos a todos os homens que desejam conservar illesa a fidelidade de suas amantes, ou esposas, que não lhes dêem jámais occasião de reconhecer que outro homem as estima, as acata, as considera mais do que o seu amante, ou o seu marido! É certo que uma senhora virtuosa resiste a todas essas provas; mas tambem é certo que o coração feminino resente-se muito de qualquer offensa; e não se deve confiar tanto na generosidade de um ente offendido... Nem é prudencia exporem a pessoa que amam, nem é nobreza o reduzirem-se ao estado de carecerem da indulgencia das suas queridas... Nem todas tem a coragem, as idéas... o coração de Irminia. Ir-

minia firme como um rochedo repellio as ondas que assaltavam a sua constancia; e fiel ao seu Edgard esperou o seu regresso a Lisboa, o qual se verificou depois de tres dias contados do dia da sua partida.

Ao chegar Edgard soube que Irminia estivera doente; teve uma agonia extrema, e voára a vel-a, se lh'o permittissem suas forças prostradas com a violencia daquelle golpe! Poude comtudo traçar algumas linhas, e prevenir Irminia da sua visita; sentio-se reviver a infeliz ao ler a carta de Edgard!... Era Edgard todo amor... todo poesia!... Elle voou a vel-a... não poude conter a sua emoção; e foi então que Irminia conheceu visivelmente que terrivel desconfiança ralava o coração do seu amante... que desesperado fôra entranhar-se no campo, e comtudo o amor, a saudade o trouxeram para junto da sua Irminia, que elle imaginava no gôso de mil distracções, e encontra succumbida ao golpe da sua ausencia! O amor por excessivo causa graves damnos por não haver conhecimento perfeito, do caracter da pessoa que se ama; e porque julgam (com razão) tão imminente a felicidade de uma verdadeira união, e igualdade de sentimentos, que sempre receiam o peior. Unidos intimamente pelos laços da mais forte sympathia, Edgard, e Irminia eram um só ente. Edgard mostrou o desejo de terminar de uma vez todas as suas inquietações; e dirigio a Irminia estas palavras —

— Irminia... basta que me assegures que és livre... eu creio mais nas tuas palavras, do que em quantas certidões me possam apresentar: alguem me disse que teu marido existia...

— Meu Deus, exclama Irminia, é possivel!... e quem ousou dizer-te essa falsidade?

— O Major*** torna Edgard.

— Elle!... e foi elle tambem quem me disse que tu eras casado! elle que me trouxe... espera. Ditas estas palavras correo a uma gaveta, e pesquisando-a em vão, bradou:

— Roubaram-m'a!... a certidão de obito de meu marido, que o Major me trouxe de Hespanha!... Eu a tinha aqui nesta carteira, e elle o sabia!... Oh! Edgard, juro-te que é verdade; juro-te que sou livre, se é que uma certidão passada com toda a legalidade; se é que todas as noticias não mentem... Agora sim, é que eu receio que um fatal enredo tente separar-nos!... Será esse Major que se interesse pelo mysterioso mancebo!...

— Quem?!... pergunta Edgard convulso.

— Um, torna Irminia, que incessantemente me está mortificando com cartas que nem já leio, e só enganada as recebo.

— Ah! compreendo tudo, minha Irminia! São os mesmos que me tem feito imaginar que tu não eras a mesma Irminia!... que me fizeram pensar que me escreveras aquella carta transferindo a nossa entrevista por quereres evitar a minha presença para estares em outra companhia!... perdôa!... perdôa!.. perdôa a minha allucinação!... nunca mais te deixarei só exposta á mais astuta seducção! nunca mais terão occasião de fazer que duvidemos um do outro! Termine-se de uma vez todas as suas pertenções, e os nossos receios. Seremos tão ligados um ao outro que nem a morte nos ha de separar.

— Era o motivo porque fugias de mim, Anjo de virtude!... disse Irminia, n'um transporte de alegria que não pôde conter, julgavas-me preza a outros laços!... Não sou senão tua... tua unicamente serei até ao derradeiro suspiro! Maldito seja quem pertender separar-nos. (*Continúa*).

D. A. G. PUSICH.

Typ. Rua da Condessa n.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua de S. José n.° 135.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8.
Rua de S. José n.° 135, 2.° andar
E em todas as lojas do costume.

N.° 22 — NOVEMBRO 1 — 1854.

MISSÕES DE CARIDADE.

Occultar as boas acções de que temos noticia, calar os louvores devidos a quem os pratica, seria faltarmos a um dos mais Sagrados deveres que temos contraído para com o publico desde que apparecemos no campo da imprensa offerecendo em honra da moral e verdadeira civilisação dos povos o nosso pequeno contingente, — a nossa debil penna, e fortissimos desejos de concorrer para a gloriosa empresa da exaltação da Santa Lei do Crucificado, e para o bem da Sociedade em que vivemos; por quanto a manifestação dos bons exemplos é um estimulo que disperta as virtudes nos corações humanos, e anima a seguir, e freqnentar esse deserto que o peccado encheu de abrolhos, e a Santa Religião de paz e amor, junca de flores, brotando ao sopro divino, e vecejando orvalhados com as preciosas lagrimas da Caridade Celestial! ..... Este deserto é a terra! ..... Os abrolhos são os vicios e crimes; as flores mimosas e bellas são as virtudes que Deus faz baixar dos Ceos e infunde nas almas bem aventuradas, que Elle Senhor Supremo — tem ellegido, para gloria sua, e nosso bem. Diremos pois agora algumas palavras ácerca do edificante exemplo que um varão verdadeiramente apostolico, um christão por excellencia, acaba de offerecer ao nosso Portugal, erguendo a sabia voz no Pulpito, persuadindo, e rogando que o acompanhem e auxiliem na benefica empresa que encetou; e descendo dessa Cadeira sublime de verdade, vai elle mesmo dar o primeiro exemplo da mais santa das virtudes! — Vai pedir aos fieis, ás almas bemfazejas o cumprimento de um dos mais santos preceitos da nossa Lei em proveito do nosso proximo! Pede que se compadeçam das innocentes crianças que gemem na indigencia privados do sustento, do vestuario, e da educação! Obtem muitas esmolas, veste muitos innocentes, reparando-os contra os rigores da estação invernosa, á qual muitos tem succumbido; e por este meio concorre para a educação de tantos meninos, que por não terem que vistir não podem aproveitar o grande bem do amparo que lhes concede a alta beneficencia do Maternal Coração da Virtuosa Imperatriz Viuva Duqueza de Bragança, e tantas pessoas Virtuosas que sustentam os Asylos de Infancia Desvalida onde ainda que depois sejam vestidos alli, é mister porém entrar

em a primeira vez, ao menos, com o fato que tiverem em casa de seus pais, mãis, ou parentes; e quantos ha que não tem nem se quer com que se cobrir á noute, nem cama, nem luz?! — Como hão de vestir seus filhos?! — Como hão de mandal-os ás Escolas Regias aprender? Como habilitar-se a ser util um dia á Sociedade que os despresa e abandona!... Como viver em fim! Do alto do Throno — do centro do bulicio da côrte — na confusão e explendor dos palacios não entram os profundos gemidos das agonisantes victimas da indigencia; porém elles por mais sumidos que sejam se deixam ouvir do christão, e a voz do cristão acho um ecco potente nesses mesmos logares onde os lumes da magnificencia não deslombram os olhos da virtude, nem o estrondo dos festins abafa a voz da humanidade nos corações daquelles que embora se vistam das mais ricas alfaias, sabem apreciar os andrajos da pobresa, miseravel prisão de um espirito muitas vezes mais grande, mais nobre, mais luminoso que todos esses metheoros que alumiam a terra por instantes, e somem-se na perpetua escuridão dos tumulos! Porém, como hão de os principes, e os grandes saber que existem, e aonde, esses infelizes oppressos pela adversidade, se elles não podem, nem ousam, nem os deixam aproximar aos palacios, e erguer um ai que se deixe ouvir por quem lhes póde valer, e com uma só palavra salvar dos horrores da miseria? Quem se atreverá a dirigir uma supplica ao Rei, aos potentados na terra?! quem se animará a levar a seus ouvidos distrahidos com o som de harmonisos concertos, e a seus corações ingolfados nos prazeres, e delicias das humanas grandezas, um funebre gemer de agonia?! ... um sentimento de compaixão e tristeza, sem temer o desagrado, a reprehenção, o castigo? Quem? o christão! O christão que não sabe enganar o rei, porque o rei perante a Lei Divina é um seu igual; e sem faltar ao devido respeito á Magestade, ousa erguer bem alto sua voz, e é attendido, porque entre os reis, porque entre os grandes, existem igualmente bons christãos — existem virtudes de que temos exemplos admiraveis. Á voz do christão accodem os grandes, deixam as illusões da terra, buscam as realidades do Ceo; e estendendo piedosa Mão suavisa os males dos indigentes, e assim exaltam o seu poder. A piedade dos Reaes Corações, e de tantas illustres Damas e Cavalheiros, que por sua moral, e pura Religião honram este paiz, inquire onde vivem os tristes expostos á miseria; mas nem sempre sabem a verdade! ... Muitas vezes figura-se pobre quem o não é... pedisse para pão uma esmola que se vai gastar em objectos de luxo... finalmente, apparece quem menos precisa, e morre á mingua quem não tem animo, nem força, nem protecção! — Ai, quantas vezes temos conhecido o que acabamos de referir? ... E quem ousará dirigir a benefica mão que se estende para dar soccorro a quem o precisa? O Missionario Caridoso que alli somente ergue um brado, e com a palavra de Deus nos labios, e a caridade na alma vôa a implorar — *soccorro para os innocentes desvalidos que são nossos irmãos, e filhos de Deus!* É o nosso eximio Orador, e exemplar Ministro dos Altares, o Sr. Raymundo José Beirão, aquelle que tendo dado principio a suas Missões de Caridade nesta côrte, já tem conseguido vestir muitos pobresinhos de algumas Freguezias, tendo dois Hospicios seus, onde se recolhem, educam as infelizes orfãs e desvalidas que buscam abrigar-se á sombra benefica de sua Caridade. Honra seja feita ao distincto Ecclesiastico, e o povo tem admirado seus passos, e escutado sua voz com o maior interesse e enthusiasmo, buscando muitas

pessoas de todas as classes, *até militares*, acompanhal-o e coadjuval-o.

Não podemos deixar de notar uma circumstancia, é, que dois irmãos brilham ao mesmo tempo alumiando este paiz onde nasceram. — O Sr. Beirão digno Ecclesiastico, e seu irmão o Sr. Dr. Beirão Medico de grande fama, e profundo saber; ambos desvellados no bem da humanidade; um busca salvar as almas, o outro as vidas! — Se a primeira missão é mais gloriosa, a segunda não é menos louvavel, e grata aos olhos de Deus, quando é praticada por quem sabe exercer as virtudes christãos que distinguem o nobre Dr. Beirão.

A caridade inobrece o homem, e por isso, em todas as profissões; em todas as classe — todos os tempos, e todas as circumstancias, esta sublime virtude é o pharol brilhante que deve guiar-nos á immortalidade.

D. A. G. PUSICH.

O DOMINGO.

Este dia que Deus instituiu e reservou para o seu culto, ou melhor para acceitar os devidos tributos da nossa gratidão, e tambem consagrado ao repouso das fadigas que resultam das variadas condições sociaes; porque o Supremo Creador, depois de concluir a portentosa machina do universo, descançou no setimo dia, e o consagrou um dos preceitos gravados por seu proprio Dedo nas Taboas da Lei, que na serie dos tempos havia de dictar ao chefe, por Elle predestinado para reger o seu povo escolhido. Mais tarde foi consignada a mesma doutrina no sublime codigo das nações, sellado com o precioso sangue do seu Divino Autuor na montanha do Sacrificio, e constitue o terceiro mandamento da Religião consoladora, que existe ha dezenove seculos, triumphante de seus adversarios, e que permanecerá sempre radiante até ao despontar da ultima aurora.

Temos notado, com muita magoa, que nesta cidade se não cumpre fielmente aquelle sagrado dever. A Authoridade Superior Ecclesiastica, zelosa em desempenhar a sua elevada missão, já adoptou medidas dictadas por sua prudencia para obstar ao escandaloso abuso de certos trabalhos nos dias solemnes: mas como foram ellas observadas!... A digna Redactora da *Beneficencia*, pela sua constancia e zelo incansavel em promover o desenvolvimento do progresso religioso, entregou ao Ex.mo Ministro do Reino uma petição assignada por muitas pessoas respeitaveis: e qual foi o seu deferimento?... Depois dirigiram varios cidadãos conspicuos uma representação á Camara dos Srs. Deputados reclamando providencias contra um abuso tão prejudicial ao homem, como á Sociedade: e que resultou?.. Um distincto Escriptor deste paiz, que nos honra com sua amisade, tem publicado optimos artigos em defesa d'esta santa causa, e refutado com sua habitual energia as opiniões contrarias. — Infelizmente todas essas diligencias para obter o util e desejado fim, não tiveram ainda resultado, e a transgressão da lei religiosa e civil continúa na mesma escala que dantes, com grande prejuiso da alma e do corpo dos infractores.

Ha com tudo um facto notavel, e altamente esperançoso. Os Compositores dos Jornaes politicos desta capital solicitaram das respectivas redacções — que as folhas das Segundas feiras se imprimissem nos Sabbados, e fossem publicadas aos Domingos para descançarem nestes dias. — A maioria dos illustres Redactores annuiu á sua justa pretenção para lhes facilitar o descanço neste e nos mais dias santificados, e

esta alteração começou a verificar-se em 23 de Julho preterito. Folgamos de ver aquelles operarios, e tambem os Srs. Redactores, darem assim uma manifestação expontanea dos seus puros sentimentos de piedade, porque prova que não erramos quando intendemos que o honroso mister da Imprensa é instruir e moralisar, e anima-nos a esperar que, movidas por um tão nobre exemplo, as outras classes laboriosas hão de breve procurar seguirem o passo que a devoção destes seus irmãos lhes abriu.

Por esta occasião tomamos a liberdade de lembrar, a quem competir, quanto seria a conveniencia de transferir a distribuição dos *periodicos* para os dias immediatos aos que são dedicados ao culto; com isto não ficariam prejudicados seus assignantes, e o publico utilisaria com este exemplo de alta moralidade ao presenciar que as necessidades espirituaes dos distribuidores não eram menos attendidas e consideradas que as dos Typographos; e que o seu maior desvalimento não auctorisava a que fossem privados d'assistir á celebração dos officios divinos, que de ordinario tem logar ás horas empregadas nessa tarefa. — Confiando na benevolencia dos cavalheiros que estão nas circumstancias de influir na acceitação desta nossa idéa, esperamos que ella seja attendida de futuro, e que opportunamente será levado a effeito.

Quanto ao assumpto principal deste humilde discurso, apenas accrescentamos — que os sectarios das differentes crenças guardam o *Dia do Senhor* com fidelidade, e na Inglaterra, que ouvimos invocar como modelo das nações civilisadas, e norma de varias praticas para auctorisal-as, é sabido quanto os dissidentes da Igreja Romana são rigorosos na observancia do *Damingo*, e que mesmo a bordo dos navios de guerra e mercantes não alteram esse louvavel exercicio do dever religioso. — Com relação ao que fica exposto citamos o facto seguinte, que nos foi narrado por um antigo amigo, e merecedor de todo o credito: « Um proprietario portuguez convidou um negociante inglez, *protestante* para ir jantar um Domingo na sua quinta ao sul do Tejo; porém elle recusou este convite por escrupulo de concorrer para o trabalho dos remeiros em seu serviço, e foi visital-o com a consciencia tranquilla n'outro dia da semana. » Este e outros exemplos de igual natureza, que podiamos addusir, devem fazer córar muitos catholicos nossos patricios; mas ficamos aqui por que não temos intenção de causar desgostos, e a nossa intima convicção é que a familia portugueza quer conservar sem macula o titulo de *fidelissima*, que com tanta justiça lhe concedeu o chefe visivel da Egreja universal.

Concluiremos annunciando, com o maior prazer, aos nossos leitores a proxima publicação do Semanario denominado: — O Domingo — *Revista Ecclesiastica e Litteraria* — collaborado por habeis pennas bem conhecidas dos Christãos, e que promette no seu programma que a caridade, essa mais bella virtude do Christianismo, ha de ser sempre o seu Mentor. (*).

Damos sinceros parabens a todos os nossos collegas pela bôa vinda desses

---

(*) Sairá todos os Sabbados, e sendo Dia Santo, na Sexta feira antecedente uma folha de 8 paginas em formato de quarto ordinario. Assigna-se por anno (52 numeros) 1$000 réis; por seis mezes (26 numeros) 560 réis; e por trimestre (13 numeros) 300 réis. A esta quantia accresce, para as Provincias, o importe das estampilhas 5 réis por cada numero. — As assignaturas começam somente nos dias 1 e 15 de cada mez.

novos Athletas, dominados da mesma unidade de pensamento, e anciosos aguardamos a sua apparição. Contamos com a efficaz coadjuvação de suas eminentes luses na propagação dos sãos principios com que devemos felicitar a nossa terra e contribuir para a verdadeira illustração moral do povo. — O devastado campo, cuja cultura encetou com tanto desvelo e perseverança a nobre Proprietaria desta Folha, transformou-se n'um ameno jardim, que já produz mimosas flôres do Ceu, e a suave brisa levará o aroma salutar da caridade christan ás mais remotas gerações. A sua modestia não poderá tolher que o seu Nome seja repetido com affeição pelos presentes, e venerado pela posteridade agradecida: a nós, fracos de recursos, mas fortalecidos por viva fé e firme esperança, só nos resta applaudir a victoria desta lucta de amôr, e acolher-nos á sombra benefica do glorioso pendão da Cruz que vemos hasteado. — É este o unico premio, e a gloria que anhelâmos, pela minima parte que nos possa caber nesta magnifica e santa empresa.

PAIVA.

APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DA HISTORIOGRAPHIA, HISTORIA DA GEOGRAPHIA E DA CHRONOLOGIA.

(*Continuado do n.º* 21.)

De tanto explendor decahem os Phenicios em uma total ruina; o egoismo achou-se só: e no momento em que Alexandre entrava em Tyro, capital deste povo, como em uma cidade sem defensores, as conquistas da industria phenicia, rebeldes sem ingratidão, saccudiam tambem o jugo dos senhores dos mares na antiguidade. Então o conquistador transportou para Alexandria os archivos de Tyro, e tornou mais accessivel aos Gregos o poderem utilisar-se dos trabalhos e estudos dos Phenicios.

Eis em resumo uma noticia dos conhecimentos geographicos e chronologicos dos povos que precederem os Gregos. A sua Historiographia é nenhuma: Homero e Herodoto, foram os que nos deram as primeiras noções a respeito destes povos. A Historia esperava pela arte da escripta, para sair das regiões da fabula e da tradição: esperava que a sociedade se emancipasse de uma theocracia, cujo dogma era o fatalismo cego, sob a influencia do qual ella apenas poderia ser considerada o monotono registo de factos automaticos; por isso apenas apparece em germen na sphera superior das divindades, unicos entes privilegiados, em que a antiguidade mythica reconheceu o livre arbitrio.

E' do meio de um firmamento, povoado de *Druses*, e de muitos mundos, povoados de entes sobrenaturaes, que nesta nossa zona, habitada pelos homens, em um canto do Universo, nós veremos erguer-se essa prodigiosa Grecia, vasto laboratorio, em que se conglobam quasi todas as sciencias e systemas, que, desde então até hoje, os sabios tem estudado, e desenvolvido.

Capitulo II.

GREGOS.

Artigo I. — Historiographia.

As sciencias e as artes na Grecia tiveram todas o mesmo berço e origem: vasadas de principio na fórma mythologica, seguiram depois as opiniões e tradições epicas, até que, desde de Solon, no periodo aureo, quasi todas, e notavelmente a Historia, chegaram ao maior gráu de perfeição, em que a antiguidade as conheceu. A Geographia e a Chronologia porém, só depois das expedições de Alexandre, que por assim dizer juntou em Alexandria todos os conhecimentos astronomicos e geographicos do mundo, é que assumem o seu maior explendor.

Na época mythica, toda a illustração grega pende da lyra de Orpheo: a cosmogonia e a theogonia incluiam em si todas as tradições, toda a vontade, todas as es-

peranças helenicas. Para um povo com um passado de hontem, toda a historia se refunde nos mythos da sua origem. — Mas foi Orpheo um homem, uma escola, ou uma civilisação? Foi um individuo, que hoje nos representa um seculo, ou um seculo symbolisado em um homem? Que genios esses os da antiguidade, cuja acção a posteridade confunde com a de uma geração inteira!

As noticias dos tempos heroicos vem todas como outros tantos torpheos de gloria, collocar-se em roda do nome de Homero, a respeito do qual se renova a mesma questão de Orpheo. — Se por um lado a unidade, que se acha nos dois poemas de Homero, parecem dizer serem obra de um individuo unico, por outro o ser cada um dos seus livros ou raptodias, obra de discipulos de uma mesma escóla e sobre o mesmo assumpto, — as successivas reformas, que estes poemas soffreram, desde Solon até os *diecacias*, assis explicam essa unidade, mais como obra de toda a litterattura grega, do que de um só dos seus genios. — E não será por ventura essa unidade mesma que resista a fazer-nos acreditar, que dois poemas, tão extensos, saissem de uma só cabeça, antes da invenção da arte da escripta? — Aos poemas de Homero, ainda que na sua origem se queiram considerar fructos de um só homem, quem poderá contestar o concurso dos seculos posteriores? Camões está a tres seculos de nós, e as duas primeiras edições das Lusiadas, que se fizeram, sob as suas vistas, são as mais raras, mas são das peiores. — A antiguidade prende todos os seus grandes factos a nomes de individuos. Reduziremos a civilisação dos tempos primitivos a meras individualidades? — O desenvolvimento gradual é uma lei da especie humana. Quebral-a-hia Deos, nos seculos mais proximos da creação? (*Continúa*) ...

CULTO AO MERITO SUPERIOR.

(*Continuação*)

Nunca Portugal hade apresentar o seu brazão illustrado por nomes de homens tão sabios. Podia muito bem fazel-o, se os que teem regido seus destinos, favorecessem os talentos que teem havido; mas abandonal-os como a Constantino, que se vio obrigado a deixar a patria que lhe tinha dado o berço, e procurar n'outras terras quem lhes podesse dar protecção!

Foi a Paris que se dirigio, e aonde achou acolhimento; e hoje é o melhor florista da Europa, pela fórma, gosto, e perfeição. Na exposição universal de Londres, apresentou excellentes obras, foi premiado por SS. MM. a Rainha de Inglaterra, e pelo Rei da Sardenha, e infinitamente elogiado. E qual foi o premio que recebeu de Portugal? o esquecimento!... Oh! vergonha!...

Foi um artista nobre de nascimento, que se vio na ultima necessidade, arrenegando a sua patria, para não ficar sepultado em pó, morrendo esquecido!

Não é a Portugal que deve pertencer o nome illustre de sabio artista, mas sim á França, que lhe deu abrigo! Não te é permittida esta vangloria, porque exilaste o artista, tornando-o estrangeiro! que esta vergonha te sirva de emenda para não abandonares os filhos teus!... Oh! mas se fosse só este o abandonado podiamos sepôr uma falta perdoavel: mas se depois disto vemos que Bobonne, o author de differentes objectos uteis de serralheria na mesma exposição, foi premiado pelos mesmos Reis, e pela Rainha de Portugal, com uma gratificação diaria: isto promoveu inveja, e o pobre artista vio-se injuriado anonymamente pela imprensa, e até provocado por um seu subordinado, que o tentava perder: assim mesmo foi privado do seu ordenado, porque era empregado no Arsenal; e a vil inveja fez passar o honrado artista alguns trabalhos, e esta, como outras cousas, desgostam, e fazem aborrecer e detestar as artes, e o paiz. Não é só favorecel-as com o premio d'uma

medalha de prata, ou ouro, é tambem proporcionar-lhe os meios, a fim de poderem continuar com vontade, e engrandecel-as.

Bem me custa, mas é forçoso accusar Portugal pelo desleixo em que tem deixado o importantissimo ramo da illustração, que torna a notabilidade de um formoso paiz.

Ninguem se occupou em fallar da obra que o Sr. Joaquim Rafael tão perfeitamente concluio! era o merito do artista que ia perecer victima de abandono, sem que ao menos alguem ousasse patentea-lo na imprensa, eternisando-o.

Mas eu não posso deixar de o fazer conhecendo que era uma gloria devida ao eximio artista portuguez, merecedor de melhor sorte; e hoje em publico dou-lhe os parabens e os louvores, pelo bem que desempenhou tão primoroso trabalho, que por todos os motivos se torna digno dos mais sinceros, e bem tecidos elogios.

FRANCISCO FERREIRA SERRA.

DOIS MYSTERIOS.

O CASAMENTO, E A MORTALHA NO CEO SE TALHA.

(*Continuação*).

Lembremos o honrado Sacerdote que encontrámos na Igreja do Convento do SS. Coração de Jesus; e que nos fez conhecer Edgard: era o Padre J... A elle se dirigio o apaixonado Joven, e lhe rogou se encarregasse dos papeis para o seu casamento com Irminia, de modo que se effectuasse quanto antes a sua união, e sem estrondo: assim o cumprio o seu bom amigo, e passados poucos dias Edgard foi vêr a sua amante, e lhe pedio que elegesse o dia em que deveriam solemnisar ante os Altares a sua união: este dia foi aprasado... chegou emfim! A aurora não despontou risonha!... Era no começo da invernosa estação. Os dois fieis amantes se dirigiram á Igreja. Incomprehensivel commoção que se apoderou de Irminia, parecia agourar-lhe grande infortunio!.. Ao aproximar-se a hora da cerimonia ecclesiastica, um negro presagio lhe abafou o coracão! Sentio um doloroso gemido que se lhe afigurou sahir de uma sepultura junto á qual ella havia ajoelhado!... Soou finalmente a hora tremenda em que a voz do Sacerdote liga para sempre na terra os destinos de dois entes!... Ah! se elles se amam como estes, dictoso laço; podesse a morte jámais cortal-o;... mas se ao contrario só humanas considerações aconselham, obrigam a um acto em que primeiro o coração deve ser ouvido!... que triste... que insuportavel prisão!... È um sacrificio que Deos não acceita, não approva, não abençoa!... Mas Edgard, e Irminia se adoravam.... elles iam ser felizes podendo pertencer um ao outro sem incorrerem na censura dos homens.... sem que o Mundo condenasse uma affeição, que Deos já havia santificado! Suas mãos estavam já unidas, e as ultimas palavras do Ministro do Altar iam proferir-se, quando um homem desesperado rompe por entre os dois amantes, separa-lhes as mãos, e brada — Esta senhora não é livre como crê; seu marido vive ainda. —

Ao echo destas horriveis palavras; a este acto de desesperação succedeo um silencio profundo! Todos os espectadores pareciam assombrados de um raio!... E Edgard, e Irminia como ficaram?!... Poude elle resistir olhando indignado para o homem que acabava de cortar-lhe a felicidade maior, unica da sua vida; e desejára naquelle momento arrancar-lhe o coração da mesma sorte que el-

le lhe havia arrancado a mão de Irminia!... Porém será ver lade?... Ella não será livre! E estas idéas continham os transportes do seu furor; porém a desgraçada Irminia reconhecendo o seu perseguidor perdeo a voz, e o movimento; e momentos depois baqueou sobre o degrão de um Altar; fria como um cadaver! E era um cadaver que dois pertendiam!... Edgard a erguia em seus braços, ao mesmo tempo que o seu adversario tentava tambem erguel-a do chão. Oh! nunca... nunca! brada Edgard, não concentirei que outras mãos toquem o seu corpo! Affaste-se, ou... E sacudindo-o com força pedio a um soldado que alli se achava, fosse logo, logo buscar-lhe uma sege. O Padre para evitar algum desgosto maior chamou o accusador á Sacristia; e alli escutou, e escreveo quanto elle lhe declarou. Entretanto chegára a sege, e Edgard agradeceado ao soldado, e tomando o seu nome, lhe pedio o fosse procurar a casa de Irminia, que lhe indicou. Ajudado pelo mesmo soldado, e mais pessoas que alli acudiram, collocou Irminia na sege, e elle entrando tambem a susteve nos braços, e fechou as cortinas, dirigindo-se a sege a casa da sua querida... alli estavam os amigos e os filhinhos da infeliz esperando os noivos para os receberem espalhando sobre suas frontes, e na sua passagem as flores que haviam colhido!... Qual a nossa admiração ao vêr approximar-se a sege com as cortinas fechadas!...

Para não fazer tão publico o acto do seu casamento, em attenção a ser Irminia viuva muito recente, os dois amantes haviam ido a pé, como se fossem a um passeio da manhã; e por testemunhas escolhêra Edgard dois amigos seus, que não o abandonaram; e chegára logo depois um delles, trazendo um bom facultativo; em quanto o outro entrando na sacristia inqueria os motivos do impedimento que houve; afim de vêr se eram justificados.

O facultivo examinando o pulso da infeliz, e depois de inuteis esforços para lhe restituir os sentidos, tirou do estojo a lanceta dizendo — uma sangria já — Meu Deos!... estará morta! brada Edgard; — Não, porém muito perigosa, torna o doutor; e sangrou Irminia no braço esquerdo: custou muito a sahir o sangue, e apesar de mui dilatada a sangria, permaneceo Irminia ainda immovel. Pela noite adiante proferio algumas palavras truncadas: no dia seguinte a apparição de um delirio complecto annunciou um estado que nos fez tremer. Não conhecia pessoa alguma; seus olhos espantados pareciam procurar alguma cousa que não podia ver; e de quando em quando horrorisados se fechavam como para evitar a vista de um fantasma em que muito a miudo fallava; apertando as mãos com tanta força que parecia quebrarem-se!... Chamava os filhos; o pai, a mãi; e o seu... Anjo da guarda; repetindo, — não quero dizer o teu nome, que o fantasma póde ouvir, e arrancar-me a tua mão!... — Nisto se afogava em lagrimas!... A febre augmentava cada vez mais. Passados cinco dias um abatimento mortal succedeo á alienação; não via, não fallava, não sabemos se sentia!...

O seu afflictissimo Edgard chamando o auxilio de todas as forças da sua razão para não succumbir á dôr, em quanto a sua amante carecesse de seus desvelos; não a abandonava nem um momento, mas triste! Este mesmo esforço da razão e do amôr te vão aniquilando a saude! (*Continúa*).

PENSAMENTO MORAL.

O talento sem instrucção, é um baixel sem leme que vaga errante n'um espaço immenso, onde forçosamente hade naufragar, senão tiver quem o salve.

D. A. G. PUSICH.

Typ. Rua da Condessa n.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso . ... 50 »
A correspondencia deve ser franca a rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 23 — NOVEMBRO 15 — 1854.



Um emblema de morte foi a chave que abriu a segunda série deste jornal; um emblema de morte vai cerrar este anno fatal de mortes, que se todas quantas houveram mais notaveis fossem publicadas por esta folha, em sua segunda série bem podéra intitular-se — *O Necrologio!* — Foi a infausta morte de Sua Magestade a Rainha que deu principio a esta série de Necrologias: succederam-lhe outras que não podiamos guardar no silencio dos tumulos, sem infringirmos as santas leis do dever, e de amisade; e todavia não enluctamos as columnas da *Beneficencia* tanto quanto se enluctou o nosso coração, nem prantiámos publicamente algumas pessoas que muito considerámos, e que cessaram de viver no decurso deste anno, porque entendemos não dever levar a nossos sensiveis leitores tão repetidas maguas.

Este dia seria sempre lembrado por nós com tristeza, porque não sabemos esquecer a homenagem devida á virtude da Augusta Finada, e ás considerações respeitosas para com seus Augustos Esposo, Filhos, e Parentes. Tencionavamos fechar este anno com a chave de um Tumulo Real; mas estavamos bem longe de pensar que teriamos de encerral-o com duas chaves tão preciosas! Uma do Tumulo da Senhora D. Maria II., outra do Tumulo do nosso presadissimo e bom amigo o Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo de Palmira, fallecido pelas 3 horas da manhã do dia 8 deste infausto mez! É tão recente a nossa intima dôr, que não podemos ainda neste numero consagrar a memoria do illustre Prelado as saudosas recordações, e as lagrimas da amisade unidas ao justo louvor que merecem as eminentes virtudes, que nos fizeram amal-o em vida, e choral-o na morte. Para que o pensamento possa voar livre é mister que a dôr desabafada em ais lhe deixe desempedido o espaço que tem de precorrer. Esta dôr que não morre nas almas bem formadas, mas que a fé,

e a esperança modificam ; e que o tempo voando suavisa aproximando-nos cada vez mais aos objectos que temos na eternidade ; a dôr que ao acommetter-nos quer sufocar-nos, e abysmar-nos, torna-se inspiradora, e nos eleva ás celestes regiões dos espiritos bem aventurados, onde nos mostra as almas que presamos, unidas ao Creador, gosando eternamente, orando por nós, e convidando-nos a acompanhal-as, e merecer aquella sempiterna ventura! Então despegados da terra, este montão de pó e ruinas, que nos prende com frageis laços, e nos enleia os sentidos com os sonhos mais enganosos ; então sim, que nossas almas demandando o Ceo reconhecem que é lá, o unico ponto do eterno repouso, e nunca interrompida felicidade! Quando pois a nossa afflicção nos permittir escrever com mais algum desafogo, levantaremos um fiel Monumento de saudade á memoria do virtuoso Arcebispo ; mostrando aos vindouros que — se o seculo desenove teve impios, tambem teve bons christãos; se teve ingratos, maldizentes, e invejosos inimigos do merito superior, teve tambem pennas leaes a si, e aos outros, pois não duvidaram registar no grande livro dos tempos, um nome honroso por feitos e virtudes que a inveja não póde contrastar, porque os factos não se desmentem com palavras.

Aos Augustos, Esposo, Filhos, e Parentes de Sua Magestade a Rainha, renovamos nossos protestos dos mais puros sentimentos de pesamos neste dia de luto e magua.

Aos extremosos dignos Irmãos do Ex.mo e Rev.mo Arcebispo de Palmira rogamos acceitem este signal de nossa verdadeira amizade ; tão verdadeira quanto elles sabem que é, pois não receamos que nos façam a injustiça de duvidar de nossos sentimentos e expressões, que só d'alma costumamos soltar ; e esperamos em breve podermos offerecer-lhes mais uma prova da sinceridade com que sempre estimamos seu virtuoso Irmão ; e da gratidão e lembrança eterna com que pagamos as puras affeições, e bondades com que se dignou distinguir-nos.

O Senhor conceda o eterno descanço ás almas dos seus fieis.

D. A. G. PUSICH.

COLLECTOR D'ASYLO

DE

INFANCIA DESVALIDA.

Os desejos que algumas pobres mãis de familia teem, de dar a seus innocentes filhinhos, que á mingua d'instrucção, vivem na indigencia (digamos assim) do espirito e do corpo, não podem infelizmente ser preenchidos (bem a meu pesar o tenho reconhecido), por se ignorar ainda, que existem *seis Asylos da Infancia Desvalida*, ou quaes os meios que devem ser empregados para que tão util e philantropica instituição aproveite a quem della carece. — A quem se interessa pela instrucção do Povo, pelo bem da Sociedade, assás deve magoar aquella ignorancia ; e para que todos contribuam para dissipal-a, dando ao Povo pleno conhecimento do beneficio de que tão utilmente se póde aproveitar, faço de todo o coração votos ao Ceo. — Animado, pois, destes desejos, e confiado em que a dignissima Redactora da *Beneficencia*, a Sr.ª D. Antonia Gertrudes Pusich, lhe dê publicidade, escrevo este pequeno artigo, que será um breve, mas verdadeira exposição do que são os *Asylos d'Infancia Desvalida*, para que estou sufficientemente habilitado,

por hâver frequentado dois dos ditos Asylos.

Detesto a lisonja e a hypocrisia; só costúmo escrever e fallar *verdade*: — eis-o que pratico —

A VERDADE.

Dos Collegios que tenho mais conhecimento, são: — De Nossa Senhora da Lapa, e de Santa Quiteria. — Em quanto ao primeiro, em que o frequentei durante o período de um anno, adquirí cabal conhecimento do disvélo, caridade, e amôr, com que as Professoras, as Sr.as D. Maria da Piedade Castro, e D. Henriqueta Carolina Castro, Sr.as adornadas das mais bellas virtudes, e de reconhecido merito, tractam os Asylados: — alli, ensinam a lêr, escrever, contar, doutrina christã; ás Asyladas ensinam-lhe tambem a cozer, marcar, etc., etc.; isto, sob um excellente methodo e bôa ordem; — todos estes ensinos são determinados por horas; — o jantar tambem é a uma hora certa; depois que os Asylados acabam de jantar, tem meia hora de recreio — no jardim, quintal, ou cêrca, (conforme a localidade do Collegio) em companhia de uma das Sr.as Professoras. — Em quanto ao jantar, é variado, umas vezes legume com hortaliça — outras, vacca, etc., etc.; porém, comida bem temperada; algumas occasiões succedeu achar-me á hora do jantar, provar do mesmo, e na realidade, achar uma bôa comida. — Um dia, pela uma hora da tarde, achava-me no Collegio, e uma das Sr.as Professoras, pedio-me, que tomasse lição a uma das Asyladas, que tinha apenas uns cinco mezes de admittida no Collegio, admirado fiquei á vista do bem que a dita Asylada se desinvolveu; nessa mesma occasião se achava a Sr.a Directora, e partilhando comigo da admiração, pedio á Sr.a Professora, que tomasse apontamento daquella Asylada, a fim de a premiar.

Já por estas *verdades* que acabo de patentear, podeis vós, mãis de familia, conhecer o quanto é vantajoso metter vossos filhos nestes Collegios: por consequencia, abraçai o meu conselho, que é para bem vosso e de vossos filhos;.... lembrai-vos, que podeis ser para o futuro arguidas por elles (e com justa razão) se os deixardes ficar ignorantes!...

Em quanto ao Collegio de Santa Quiteria, direi — que as Professoras, as Sr.as D. Carlota Francisca Pimenta Gouvêa e D. Maria d'Annunciação Pimenta Gouvêa (Sr.as tambem de muito merito e capacidade), seguem exactamente a mesma ordem que no Collegio de Nossa Senhora da Lapa; e estou bem ao facto, que em todos os mais *Collegios d'Asylo de Infancia* se pratica o mesmo systema, determinado por um Regulamento.

Mãis de familia, os passos que vós tendes a dar, para admittir vossos filhos, é — pedir ao Parocho da vossa Freguezia (pelo Amôr de Deus) certidão d'idade, e no verso da mesma, o Parocho passa attestado de pobreza, e conjunctamente certidão de vaccina, passada por qualquer Sr. Facultativo, tambem pelo Amôr de Deus; levai-as ao Collegio que esteja situado na vossa Freguezia (ou a um outro, por isso que, a Lei o permitte); elles serão admittidos; e com isto, daes uma próva a vossos filhos, e ao mundo, que sois bôas mãis.

Tambem vos peço, e vos aconselho, que lhes ensineis, ao recolher, a erguer as mãos ao Ceo, pedindo com devoção ao Altissimo, para que avivente por dilatados annos a SUA MAGESTADE IMPERIAL A SENHORA DUQUEZA DE BRAGANÇA, benigna protectora *da Infancia Desvalida*.

Joaquim José Franco.

APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DA HISTORIOGRAPHIA, HISTORIA DA GEOGRAPHIA E DA CHRONOLOGIA.

(*Continuado do n.º 22*).

Os poemas de Homero e os dos seus emulos e imitadores, os *Cyclicos* e *Homerides* são o primeiro germen da Historia, que só mais tarde se desenvolve, em tempos mais tranquillos e gloriosos, durante os quaes nem as paixões vivas do dia apaguem em uns o amor das tradições, nem em outros o da verdade, e quando, por uma coincidencia providencial, já não bastando a memoria, a escripta se inventa. Nós, que collocamos a Fabula no frontespicio da Historia, não podemos negar á epopeia a gloria de ser a sua primeira pagina — Quem no rapto de Helena apenas vir o futil nó de um poema, sobre uma guerra phantastica, não nota mais do que a apparencia das cousas. A guerra de Troya é o primeiro episodio desse grande drama, que na meia-idade se renovou pelas cruzadas, e que agora se reproduz diante dos nossos olhos, — a posse do oriente, — futil sim nos seus pretextos, mas sempre collossal nos seus commettimentos.

Cadmo, o introductor da calygraphia na Grecia e *Hecateu*, depois o chefe da escola dos logographos, ambos de Mileto, abrem o periodo aureo. Elles foram quem primeiro reduziram a tradição a escripto e a libertaram da forma mnemotecnica do metro, começando por simples *Listas genealogicas e Chronicas* das fundações das cidades, obras de que só resta a memoria.

Herodoto, de Halicarnasso na Caria, 1484 annos ant. de J. C. aproveitando-se de todos estes trabalhos e das noticias, que colheu nas suas longas viagens, escreveu a sua *Historia Grega*, cujo nó é a victoria dos Gregos sobre os Persas, a que prende como episodios as *noticias historicas do Egypto, Phenicios, Chaldeos etc.* Desapaixonado, a ponto de esquecer a sua individualidade pelo seu assumpto, fiel e ingenuo no bem e no mal, é Herodoto um escriptor precioso, como o unico do tempo, e sel-o-hia tambem como modelo dos historiadores no genero objectivo, se se affasta-se do gosto epico, se não intertecesse o maravilhoso, que aliás muitas vezes estrema do verdadeiro, nem deduzisse a sua narração, por uma forma mais interessante, porem menos natural, do que a historica. Foi assim que Herodoto associou as honras incompativeis de historiador e de poeta. Os seus contemporaneos designaram cada um dos seus nove livros pelos nomes de cada uma das nove Musas; a posteridade deu-lhe justamente o titulo de pae da Historia Profana.

Thucidides e *Xenophonte*, do seculo 5.º para o 4.º antes de J. C., ambos athenienses, ambos generaes destinctos, ambos proscriptos por uma patria ingrata, foram os aperfeiçoadores da empresa de Herodoto. Estes é que, em estilo verdadeiramente historico, escreveram as chronicas do seu tempo, durante as suas proscripções: Thucidides a *Historia da guerra do Peloponeso*, que deixou incompleta, mas escripta com critica, nexo, e vigor, singularizando-se nos discursos, que depois Titio Livio imitou: — Xenophonte *a Helenica*, ou *Historia grega*, em continuação da de Thucidides, até a batalha de Mantineia, que é mais um esboço do que uma obra, e para mais interpulada: — *a Anabasis*, em que inclue *as Expedições de Cyro* contra Artaxerxes, e a *Retirada dos dez mil*, obra que se distingue pela sua clareza e solemnidade epica; — e a *Cyropedia*, romance-historico-politico, no genero Telemaco. — O genio é muitas vezes na adversidade, que obtem o seu maior renome; estes foi no homisio, que ganharam a immortalidade!

A epocha Alexandrina, perdida a liberdade grega, foi fatal para a Historia, levando-a com todas as Bellas-Lettras para o gosto decadente e corrompido da declamação e panegirico banal. Apezar disso ainda appareceram historiadores illustres:

Polibio de Megalopolis, soldado e politico notavel, que introduziu pela sua *Historia Universal* o pragmatismo, ou escola de bons politicos, e se affastou da forma declamatoria;

Plutarcho, que escreveu com elegancia, mas não sem total isempção das maculas lit-

terarias do seu tempo, as 46 *Vidas dos Homens Illustres*;

Diodoro de Argyrio, na Sicilia, que compoz a *Bibliotheca Universal*, na qual, em 40 livros, historia com clareza arida, desde os tempos remotos, até as guerras de Cezar nas Gallias;

Dionizio de Halicarnasso, que, nas suas *Antiguidades Romanas*, tambem não escapou aos defeitos da sua epocha.

Basta; este nome grego e este titulo romano por si sós mostram-nos que, assim como a nacionalidade da Grecia, a sua litteratura já então era uma simples serva, posto que ainda formosa, dos conquistadores do Tibre. Acabou a Historia da Grecia pagãa.

Eusebio bispo de Cezarea, na Palestina, ja depois de Constantino, escreveu *A Historia Ecclesiastica*, em grego Mas o que significa isto? Um annuncio da nova idade litteraria, a christãa; é uma cruz sobre um grande sepulcro, esse signal de redempção que, desde o martyr do Grigotha até Chateaubriand, tem sido sempre o marco miliario entre as grandes catastrophes e as grandes esperanças.

(Continúa).

* * *

SONETO.

Existe Deos, o diz, bramindo a vaga,
E as estrellas tambem no firmamento,
Do centro da atracção o lusimento,
Que dos sec'los o andar jámais apaga.

A nuvem carregada, que divaga,
Agitada no espaço ao rijo vento,
Da terra o inalteravel movimento,
O raio abrasador, que tudo estraga.

Dizem-no altivo, mar serra elevada,
Dos fructos, a abundancia, e a excellencia
A floresta sombria, inhabitada

Intima voz me falla á consciencia!...
E alta crença no peito bem gravada
Me revela do Eterno a Omnipotencia.

L. Paulino Borges.

DOIS MYSTERIOS.

DOIS ANNOS DE TREVAS.

Uma noute em que Irminia deixou-nos perceber que estava em estado de vêr, e ouvir alguma cousa, o medico mandou que a sacramentassem, desejando aproveitar aquelles momentos de crise para preparar-lhe a alma, que as esperanças da vida lhe fam esvaecendo de dia, em dia: julgou prudente affastar Edgard, e para esse fim pedio que chamassem o honrado padre J... que veio immediatamente. Ao vel-o Edgard se afflgio muito, como receioso que alguma noticia peior lhe agravasse a sua justissima dôr; assim acconteceo. O padre J... contou-lhe que o impedimento fôra justificado, mostrando-se com testimunhas fidedignas, e mais prôvas, que Irminia era ainda casada, e tanto que o mesmo seu marido foi quem lhes dividio as mãos...

— Meu Deos! esclamou, Edgard, suffocado em lagrimas, então já não me resta nem uma unica esperança! Até aqui animava-me a esperança de a vêr melhorar com os meus desvélos! agora, ainda que ella resista á cruel enfermidade terei de sucumbir á dôr, á desesperação de a vêr nos braços de outro!... Oh! nunca!... nunca meu Deos, permitti antes que ella morra; e eu seguil-a-hei!...

— E' seu marido, disse o padre interrompendo-o.

— E' um homem, torna-lhe Edgard, que me importa se é ou não seu marido? E' um homem... um demonio que me rouba a posse de um coração que era meu todo inteiro!... Ah! isto é mais que morrer!... Oh! minha Irminia.

Ditas estas palavras, correu como fôra de si, para o leito de Irminia, a qual reconhecendo-o, estendeu a mão, dizendo com voz fraquissima estas palavras (que

mal se podiam perceber, mas que Edgard distinguio perfeitamente) meu Edgard...

— Teu!... Sim, brada Edgard, teu sempre... e apertando-a nos braços com um frenetico transporte, caío sem forças e sem accôrdo. No mesmo instante solta Irminia um grito, o primeiro som de voz claro que se lhe ouvio depois de 8 dias, e ficou prostrada no estado espasmodico em que a tivemos; e pareceu-nos impossivel agora restituil-a á vida! O bom do padre J..., aproveitando este incidente, conduziu o seu amigo em uma sege onde viera; levou-o para sua casa; e alli o tractou desveladamente.

Entretanto Irminia tornando a si, perguntou logo por Edgard; disseram-lhe que estava repousando depois do desmaio que teve, e que precisava tractar-se... é justo, disse ella, tenham com elle todo o cuidado... Ah! que não possa eu ser a sua enfermeira!...

Pareceu animar-se com este desejo. O medico fallou-lhe nos sacramentos, que ella com muita satisfação esperou, entregando-se nas mãos de Deos, e implorando á Virgem N. S. das Dôres que, ou lhe désse vida para viver feliz com Edgard, ou a chamasse desta vida de tormentos para o eterno descanço. Recebeu os Sacramentos com a mais fervorosa devoção; chamou seus filhos que abraçou, e abençoou, recommendando-os sempre ás suas verdadeiras amigas, para que na sua falta lhes servissem de mãis. Assombrou-nos o animo com que Irminia se assentára na cama para receber o Santissimo; e entendemos ser o que vulgarmente se chama *visita de saude*.

Notámos um caso digno de attenção. Entre as pessoas que acompanharam o Santissimo, vinha um joven alto, e de boa presença, que ao encarar Irminia se disfez em lagrimas dando mostras da mais intima commoção! — Um só dia não passava sem que o mesmo joven viesse duas, ou tres vezes perguntar pelo estado da saude de Irminia; sem dizer jámais o seu nome.

Irminia era naturalmente muito robusta, e muito nervosa; a sua robustez, e a sua ardente imaginação a auxiliaram; de modo que em poucos dias sentio-se com animo de se erguer da cama; perguntava por Edgard, e nós lhe respondiamos que estava em casa do seu amigo o padre J... tractando da sua saude, e que ía melhor.

Por estes tempos recebeu Irminia uma visita de grande consideração, era o Marquez de**** que vinha annunciar-lhe que seu marido estava diligenciando tirar-lhe seus filhos, e conduzil-os comsigo para Gibraltar, aonde residia.

— Meu marido!..., ah! triste de mim!... agora me lembra!... e julguei eu que era effeito de um delirio na minha doença! mas foi a verdade!... Eu o vi, eu o reconheci, naquelle dia fatal que devia fazer-me a mais feliz das creaturas, e em que me pareceu ouvir um gemido erguer-se do fundo de uma sepultura, e era um espectro que interpoz barreira invensivel entre dois entes que Deos creou um para o outro!... Onde está elle?... meu marido...

— Em casa do Major*** diz o Marquez, descance, porém, que não lhe levará seus filhos... V. Ex.ª tem um bom protector... o tempo lho revelará; fique pois prevenida para não ceder ás instancias delle, pois só pertende illudil-a, por fins sinistros a que o levaram as suas más intenções, e os conselhos de um preverso...

— Enlouqueço, brada Irminia... Senhor... como tudo isso acontece!... pois eu não tive em minha mão uma certidão d'obito que me deu o Major... e meu marido apparece vivo!... Ah! bem persago foi o coração do Edgard!... Pois attenda a minha firme resolução...

Ainda que meu marido tivesse as melhores intenções a meu respeito, ou não tornaria para sua companhia... porque senhor Marquez, nunca o amei, elle foi um verdugo que me flagellou a existencia em quanto estive com elle, e nunca eu disse isto a ninguem!... respeitei a sua memoria quando julguei que Deos me havia resgatado do meu doloroso captiveiro! Abondonou-me com dois innocentes seus filhos, e nunca procurou saber de nós; e pertendia que eu com taes motivos, e crendo-o morto, não amasse, não estimasse ligar-me eternamente a um anjo de virtudes!... Não tornarei a vêr Edgard, paciencia!... mas não posso já perder-lhe o amôr!... nunca serei de outro!... Um convento me esconderá como um sepulchro aos olhos do Universo!...

Chorava e soluçava a ponto que o Marquez julgou prudente retirar-se, e lhe pediu que tranquilisasse o seu espirito, que talvez ainda fosse feliz.

Era com effeito o marido de Irminia, que não morreo no campo, mas fôra para o Brasil aonde esteve um anno, e regressou a Gibraltar sem nunca se lembrar de sua esposa, nem de seus filhos. O Major valendose da confusão do combate na quéda de Bilbáu, e sabendo que o marido de Irminia fôra para o Brasil, com tenções de não tornar á Patria, fez acreditar que um dos mortos no combate era o esposo de Irminia, enganando a todos a semelhança que havia entre este, e um morto que se achava despojado de seus uniformes; e por que todos, mênos o Major, ignoravam a deserção d'aquelle official, marido de Irminia. E qual era o motivo d'esta estrategia? Uma concentrada paixão que o Major nutria por Irminia, e que voltando a Portugal esperava ver coroada offerecendo-lhe a mão de esposo; que de outro modo a virtude de Irminia destruira todas as suas tentativas. Vio frustrada esta esperança pela paixão de Irminia por Edgard, que elle Major conheceo logo em principio, porque aos vigilantes olhos do ciume não valem disfarces; tramou em vão para desunir aquelles corações; e sabendo que o marido de Irminia se achava em Gibraltar, tendo até mudado o nome, escreveo-lhe, dando-lhe parte que sua esposa estava vivendo com Edgard, e que fazendo-o passar por morto ia desposar-se. O marido de Irminia por naturesa propenso ao mal, e que só para lhe destruir alguma felicidade se lembrava d'ella, e fazia valer os seus direitos de marido, esquecendo aliás os deveres; veio logo a Lisboa, e esteve em casa do Major até ao momento de separar os dois amantes no acto da sua união; porém nada mais quiz senão levar seus filhos, para desgraçal-os tambem com a pessima educação que teriam á vista do exemplo da conducta irregular de seu pai: eram os conselhos do Major que assanharam ainda mais a sua má indole, pois não podendo de outro modo, o Major o buscava como instrumento da sua vingança. Inuteis foram os esforços do marido de Irminia para arrancar-lhe os filhos, e chamal-a á sua companhia. — Inuteis tambem as diligencias de Irminia para entrar em um convento, deixando seus filhos a meus cuidados, e do honrado padre J... As authoridades não consentiram. Uma occulta, e poderosa mão protegia Irminia sem que ella podesse conhecer quem era o seu protector.

Bem depressa enfadado de requerer em vão, e contente com o mal que fez, o marido de Irminia tornou para Gibraltar, abandonando inteiramente seus projectos ácerca da esposa, e dos filhos; e ella entretanto o que faria? chorava noute e dia a sua situação, privada de ver, e até de ter noticias de Edgard, que lhe asseguravam todos,

e o mesmo padre J.... que se havia retirado para longe de Lisboa. — Sem me escrever!... dizia ella, sem dizer-me uma deos!... ah! Edgard pensará que o illudi!... que fui uma perversa, elle que só ama a virtude! Deos de immensa justiça, e misericordia, compadecei-vos de mim... justificai-me!... Devo esquecer-me delle como amante; conformar-me-hei com a sua indifferença; mas que pense mal de mim é atroz!...

Na mais profunda melancolia a infeliz sentia fugir a vida, ignorando a sorte de Edgard! Se não fosse o amor por seus filhos, e o cuidado na sua educação, teria sucumbido á sua dôr, e insuportavel saudade; mas era mãi; esta missão de que Deos a encarregára era tão sagrada!... devia cumprir-se fielmente para merecer que Deos lhe valesse!... Conhecia a extensão de seus deveres, e suas esperanças por Edgard haviam sido cortadas pela raiz!...

— Não tenho já que espeaar do amôr de Edgard, mas quizera antes da minha morte saber que elle é feliz, e que não me aborrece!... que soubesse toda a verdade!... Repetia a sós de contínuo estas expressões; e tornando a concentrar-se na quinta da Conceição na estrada de Chellas, separada de toda a sociedade, além de seus filhos (que até eu por circumstancias imperiosas tive de me ausentar deste Reino, via a minha infeliz amiga, privada de todo o conforto acelerar-se pelos pesares a carreira de seus dias, sem que no espaço de dois annos tivesse um só motivo de alegria, uma só noticia de Edgard! Estava já reduzida a um estado de abatimento em todas as suas feições, outr'ora tão animadas, que só despertava compaixão, aquella cujo espirito inspirava tão vivas sympathias!... Oh! quem nunca o deixára anniquilar vencido pela força de um sentimento que nascendo é facil de subjugar, mas que avultando se torna superior a todas as forças da razão que não soube prevenir-lhe o excesso!

(*Continúa*).

D. A. G. PUSICH.

PENSAMENTO MORAL.

O saber sem virtude, é uma lavareda que encendeia e destroe; o saber unido á virtude, é uma luz do Ceo que alumia a terra, e dissipa as trevas do erro, e da ignorancia. A sociedade deve evitar o mau, e apreciar o bom.

D. A. G. PUSICH.

EXPEDIENTE.

Aos Srs. Moreira de Sá, J. J. da Silva, J. G. Teixeira, A. L. Barreto, e F. F. Serra, agradecemos as producções que nos offerecem, e promettemos publical-as ainda nesta 2.ª Serie, que não podemos terminar senão com o fim do anno, por desejarmos ultimar algumas publicações já começadas: todas as outras obras que nos sejam remettidas ficarão para a 3.ª Serie, porque temos reservado os pequenos espaços que nos restam, a objectos que merecem a nossa mais alta consideração.

D. A. G. PUSICH.

Publicou-se o novo compendio da Historia de Portugal, em forma de dialogo, para uso dos meninos que frequentam as aulas.

Coordenado por Antonio Francisco Moreira de Sá. Approvado pelo Conselho Superior d'Instrucção Publica. Segunda edição, vende-se nas lojas do costume.

Typ. Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, Dª Aª Gª PUSICHª

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.
E em todas as lojas do costume.

N.º 24 — DEZEMBRO 1 — 1854.

RECORDAÇÕES SAUDOSAS.

HOMENAGEM Á VIRTUDE.

O mez de Dezembro por tantos titulos grande, signalado pela Mão do Altissimo com os milagres da Immaculada Conceição da Purissima Virgem Maria, e do Natal de seu Santissimo Filho Nosso Deus Jesus Christo; é por isso o maior dos mezes. Muitos Santos (entre estes Santa Barbara) nasceram neste glorioso mez; assim como tantos homens illustres. Parece que o Senhor confere graças especiaes aos que nascem neste ditoso mez, em que dispontou o Astro Divino da nossa Redempção (*).

Tambem o 1.º de Dezembro abrio o livro dos destinos da existencia de um Anjo que Deus creou para sua eterna gloria. Neste dia nasceu a Princeza D. Maria Amelia, que tantas affeições conquistou com suas virtudes, e que voando ao Ceo deixou na terra as mais saudosas recordações!

Este jornal protegido pela Augusta Mãi daquelle Anjo; este Jornal que á sua memoria ergueu saudoso Monumento, não podia esquecer um de seus mais sagrados deveres — prestar homenagem á virtude. —

Á Augusta Mãi da Excelsa Finada, á sua inseparavel companheira, maior amiga, e guia fiel, que na breve carreira vital a conduzio pelo caminho das mais santas virtudes; unico marcado com os passos do Senhor, e que nos leva á eterna bemaventurança: á Augusta Virtuosa Imperatriz offertamos pois neste dia que de tanto jubilio foi á sua Alma, e hoje é da mais viva saudade, uma prova das sinceras affeições, do profundo respeito que lhe tributamos; porque muito o nosso coração tem sympathisado com seus affectos e saudades maternaes, porque é um dos objectos respeitaveis que a nossos olhos a Divina Providencia offerece digno das mais altas considerações; pelas virtudes que lhe alcançam a homenagem do coração, essa que o poder da força não conquista jámais.

Não frequentamos os Paços Reaes; não desejamos ser confundida, e menos

(*) Neste mez nasceu meu presadissimo pai, e o ultimo filho que tive, ao qual dei o nome de seu respeitavel Avô: e que permitta Deus elle saiba merecer.

considerada do que devemos ser neste paiz, onde nem todos os creados das portas dos Paços de nossos Reis, tem a precisa civilisação. Fugimos sempre dos logares onde não encontramos o acolhimento devido a quem por si, alguma consideração merece; porém, devemos confessar que, não é este o motivo porque não procuramos a satisfação de vêr, e beijar a Mão da Imperatriz em seu Palacio Imperial, pois alli até o mais infimo de seus creados é civil, é attencioso, e sabe por tal modo respeitar, e fazer que se ame, e respeite a Magestade que alli reside, não affastam de si jámais os que merecem ser attendidos. Basta avistar aquelle Paço, entrar aquellas portas, subir os degraus daquellas escadas, pisar aquellas salas, para sentir-se o coração apoderado de um respeitoso e grato sentimento, que só a virtude inspira; e conhecer-se que tudo alli respira grandesa — virtude — illustração — que tudo alli é magestoso e santo; e essas mesmas considerações dadas a quem as conhece e merece, impõem o dever sagrado de não se abusar jámais daquellas bondades, e alta delicadesa que em Sua Magestade Imperial revelam a Alma por excellencia virtuosa, a educação mais illustrada, um juiso superior, uma dignidade respeitavel, que atrahem as sympathias, o culto, o enthusiasmo! Não é por tanto o receio de nos expormos a algum choque melindroso que despertasse o orgulho poetico, a causa que nos prende os passos, pois que estes movem-se veloses sempre que o dever exige que voemos a procurar noticias da interessante saude de Sua Magestade Imperial, como se move a nossa pena para acompanhal-a em suas saudosas recordações; prende-nos sim o receio de encommodal-a, perturbando-a em seu augusto, e silencioso retiro, esse que mais engrandece a Sua Magestade Imperial mostrando ao mundo bem claramente que a virtuosa Imperatriz não quer viver para amar, e gosar as grandesas réaes, e os thesouros que possue; mas vive só para cumprir a Vontade Divina do Omnipotente, e para ser util áquelles que mais carecem do benigno amparo de Sua Magestade Imperial — que não tem a sua alma presa na terra, teem-na ligada intimamente ao Ceo! E' precioso o tempo que Deos se digna conceder-lhe para os mais santos empregos: prende-nos sim a consideração de que devemos respeitar igualmente a sua concentrada saudade que reclama — solidão e desafogo — que precisa desabafar em lagrimas de filha, esposa, mãi, e irmã a dôr immensa que aliás abafaria o coração por maior que fosse a sua coragem, a sua resignação, porque o coração heroico e de christão não é de pedra! Respeitamos essa angustia incompreensivel a quem não a sentio jámais, porém que infelizmente sabemos avaliar, e sentir.

Eis-ahi pois a causa mais forte que nos impede o demandarmos a satisfação de beijar a Augusta Mão de tão respeitavel Senhora; juntando a este motivo tão poderoso a falta de tempo, vendo correr nossos dias cheios de fadigas, já domesticas sendo unico amparo de quatro innocentes que nos cercam, e um ausente; já em nossos trabalhos litterarios, e mil vezes tendo de sentir os alheios sobrecarregar-nos a pesada cruz de nossos padecimentos, n'um estado de saude assás melindroso, porque não somos de ferro, nem na alma, nem no corpo.

Contando que a Augusta Imperatriz nos releve benignamente a falta de cumprimento de um tal ou qual dever de formalidades da côrte, que nossa posição actual não nos permitte escrupulosamente seguir; vamos por este modo significar a Sua Magestade Imperial quanto sentimos; e implorar-lhe neste

dia de graças, que se digne acceitar uma innocente lembrança de quem não sabe esquecer nem este dia, nem as maguas, e virtudes de Sua Magestade Imperial. — Em memoria deste dia depomos nas Regias Mãos da saudosa Mãi uma Flôr nascida no Funchal, quando na mesma cidade falleceu a Augusta Princeza; transportada a esta côrte quando veio o Real Cadaver; e vingando neste Solo de Portugal a custo de nossos disvelos, offeresse o primeiro botão hoje dia anniversario do nascimento da Senhora Princeza D. Maria Amelia! — *Manhã de Paschoa* — é o nome dessa linda Flôr Madeirense! — E' a manhã que resurge sorrindo na Eternidade! Esta Flôr dizendo-nos o que se passa lá no Ceu — Esta Flôr que em si reune tanta poesia, tão notaveis coincidencias, pertence unicamente a Sua Magestade Imperial — e é uma extremosá mãi quem lh'a dedica. Foram ditosos os destinos desta innocente producção da natureza.

Que lá nos Ceos onde em jubilos eternos vê brilhar esta aurora, o Anjo protetor que invocamos velando pelos preciosos dias de Sua Virtuosa Mãi, ore por esta nação, por todos nós, e accolha esta nossa pura devoção; e a Augusta Imperatriz digne-se acreditar que são tão sinceros nossos votos e sentimentos, quanto é puro o objecto a que os consagramos.

D. A. G. PUSICH.

NECROLOGIA.

Amizade fiel! Suspende por alguns momentos as lagrimas que derramas sobre a fria lage onde repousa o cadaver do amigo verdadeiro! Deixa voar livre o pensamento á eterna morada dos justos; e demandando espaços infinitos pairar junto áquelle Espirito bem fadado, que elevando-se ao supremo Creador cessou de existir neste desterro infeliz, onde saudosa gemes e pranteas! Deixa que minha alma vá receber um reflexo da luz divina que tanto me fulgio na terra; e possa transmittir aos vindoiros, em caracteres indeleveis o Nome honroso que merece uma pagina de oiro na historia dos homens illustres por feitos, e virtudes eminentes? Não temas as negras sombras da inveja maligna; esse monstro infernal que impera nos abysmos, cercado de trevas, e horrores! A' voz potente da singela verdade emudecerá o sinistro bramir das furias que não encontrando na terra nem um só echo irão precipitar-se nos infernos; e as chammas que exhalaram, tentando crestar os louros de sublime virtude, dispersas com o supro dos tempos concentrar-se-hão nas entranhas de fogo que as notriram; em quanto a luz dos Ceus clara e sempiterna propicia allumiará esse Monumento de saudade que vais erigir ao Merito superior em honra de Deus e da Patria.

É a necrologia do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo de Palmira, que vamos escrever; nem outra penna consideramos com direitos mais sagrados, com deveres mais santos que os nossos! Não por que nos deixasse thesouros a que o mundo vão chama — *fortuna* — Essa pertence a seus herdeiros; nem seria o oiro, que sempre temos despresado, o vil incentivo que nos animasse a uma empresa tão difficil, para a qual só a amizade, e o reconhecimento nos dão força porque muito lhe queriamos, e muito lhe devemos A s puras affeições com que tanto nos distinguiu; essas pagámos nós com iguaes sentimentos, e lagrimas da mais viva saudade; mas o alto conceito que de nós se dignou formar, deixando-nos o precioso legado das mais honrosas corôas com que benigno premiou os pequenos serviços que nossos

ardentissimos dezejos tem podido offertar á santa Religião de que elle foi um dos mais distinctos sustentaculos, e á sua Patria que tanto honrou; nos impoem a obrigação de sustentar esses louros; collocal-os junto ao seu tumulo — regal-os com lagrimas de verdadeira gratidão; e honrar a Memoria d'aquelle que nos legou esses valiosos thesouros, mil vezes mais preciosos que todo o ouro do mundo, porque são eternos, e gloriosos. Agora que não existe já o virtuoso Arcebispo de Palmira, é que nos ufanamos de declarar que — por sua propria letra deixou em honra do nosso nome os mais nobres Padrões de gloria, que não podem acabar, por que existem intimamente ligados á historia de sua gloriosa vida, onde no meio das acções mais nobres, e patrioticas, brilha como divino pharol guiando seus passos, a caridade mais pura. Ah! quantas vezes aquelle virtuoso Prelado nos ajudou a salvar a vida, e a honra de familias desvalidas, exercendo acções de caridade a custo de tantas fadigas, e despesas, de que para nós só colhiamos em resultado a satisfação da propria consciencia! Parecia-nos quasi impossivel o que vamos neste seculo! Um Principe da Egreja, um homem subido a tão alto lugar, tão beneficente que se esquecia de si para valer aos outros considerando como filhos, e irmãos os entes mais desvalidos, mais esquecidos pelo mundo; porém que Deus queria nos lembrassemos d'elles! Conhecemos quanto nos estimou; porém sua Alma ditosa, e seus illustres, dignos irmãos por testimunha invocamos do nosso desinteresse! Mas para que fallar de nós, se d'elle queremos tractar? De nós julgue o mundo sensato, e a Posteridade com o testimunho dos factos — e só tocamos de passagem este ponto, porque nem todos podem conhecer o nosso caracter quanto conhecem o nosso nome; e é assás melindroso o encargo de escrever em louvor de quem morreu deixando uma grande fortuna; parece-nos que deveriamos uma reparação á nossa memoria se neste proemio omittissimos esta ingenua declaração que torna insuspeita a fiel narração dos factos que em resumo passamos a noticiar. (*Continúa*).

D. A. G. PUSICH.

ODE SAPHICA.

A NATUREZA.

Quanto é grande o poder do meu Deos!
A. HERCULANO.

Louvor a Deos por nos dar prazer!
— J. PIRES — Tu folgas! —

Que lindo quadro tão formoso ameno,
Meus olhos veem na extenção immensa?!..
Fulgura o sol com deslumbrante fogo,
Que diz: « olhai-me! »

Nos campos verdes vecejando lindos
Olhai as flores matizando os prados!
Olhai! o chão com tão formosas per'las
'Stá reluzindo!!...

Olhai as arvores tão frondosas — verdes,
Olhai os fructos sazonados — bellos!!...
Louvai a Deos, que nos doou a vida
Para gosarmos!...

Vede a regato, n'um correr brandinho
Regando os campos no passar ligeiro!!...
Olhai! as aves já deixando os ninhos,
Vão adejando!!..

Olhai a lympha como corre pura,
Tão transparente — como vem fugindo,
Pelos oiteiros serpeando leve,
E buli,osa!...

Olhai as rochas — tão erguidas — altas,
Que altivas mostram o seu cume erguido:
Olhai, em baixo, as pedregosas faldas
A sustental-as?!...

Olhai os antros, tão medonhos, tristes,
Que Deos cavou nesses rochedos fundos!...
E admirou o seu poder infindo!!...
Nas suas obras!!...

Que lindo quadro—tão formoso—meigo!!...
Oh! tão brilhante, que eu diviso em volta?!...
Louvor a Deos, ao que é Senhor do mundo,
E fez o homem!!...

Louvor a Deos, que nos doou a terra,
Que nos deu vida, que nos deu sentidos,
Porque elle é bom, porque é immenso, e Santo,
E Omnipotente?!!...

Louvor a Deos: porque creou o homem,
Porque lhe deu um pensamento vivo!
Porque lhe deu conhecimentos fundos
Da sua vida!!...

5 de Novembro de 1854.

Alexandre Luiz Barreto.

O PODER DE UM DRAMA.

FRAGMENTO.

1.ª PARTE.

OS CONSELHOS D'UMA BÔA AMIGA.

> La femme, quand le caprice la domine, méprise les plus salutaires conseils!...

N'uma dessas tardes do principio do Outono, tão fagueiras e suaves, lindas e encantadoras, e quando o som argentino do sino da torre do convento do Coração de Jesus acabava de annunciar cinco horas, — achava-se n'um dos quartos d'uma casa no sitio de **, uma interessante joven, sentada junto de uma mesa, tendo reclinado sobre sua nivia mão o seu rosto, que, não obstante achar-se nesse momento cheio de palidez, bem mostrava quanto era gentil. Dos seus olhos pendiam duas lagrimas, que pouco depois deslisaram pelas faces, dando logar ás mais que lhe succediam; lagrimas de certo provenientes da sensação penivel que soffria no intimo d'alma, resultante, sem dúvida, da leitura d'um livro em folio que tinha diante de si, aberto na ultima pagina, sobre a qual pairavam ainda seus olhares com tanta ternura e interesse... com tanta mágoa e sentimento, que, ao vel-a assim, dir-se-ía ser uma Virgem do Senhor.

Este quadro tão tocante e sublime, se fôra visto por Camões, Donizetti, e Raphael, de certo lhes proporcionaria assumpto para uma das suas melhores composições.

Passados alguns segundos a nossa joven deixou cair insensivelmente sobre a mesa essa mão que pouco antes lhe apoiava a fronte; depois levando o lenço aos olhos enxugou o pranto que lhe umedecera as lindas faces, e deixou escapar de seus labios as seguintes palavras: — Oh! muito faz soffrer o amôr!

Foi então que a porta do seu quarto se abriu de par em par, dando entrada a outra joven não menos bella, que correndo velozmente se lançou nos braços da sua amiga dizendo com transporte: — Ah! minha querida L... tinha tantas saudades tuas! Mas agora que te vejo estão saciadas. Pedi á minha ** para me acompanhar, e eis-me gosando da tua presença. Mas o que significa essa tristeza que deviso em ti?

— É o effeito da leitura deste livro, Não pude deixar de me compungir ao lêr parte da historia dos amores de um homem que conheço, e a quem uma mulher sem piedade tornou desgraçado. Não era a mim que competia este sentimento, porém sim a essa mulher; mas, em quanto o seu amante soffre, a infiel folga, ri, e em breve....

— Em breve o que?

— Vai desposar outro, quebrando assim os juramentos que fizera....

— A quem minha querida?

— Ao auctor deste drama (respondeu L.. mostrando o livro que tinha sobre a mesa, e accrescentando): — Aqui tens... vê com os teus proprios olhos.

M.. lançou mão do livro, abriu com resolução, e ao ver o nome do auctor, empallideceu, e como horrorisada exclamou: — Elle?! Mas repentinamente fez apparecer em seus labios um sorriso e disse: — Que miseria!!...

L.., ao ouvir similhantes palavras estremeceu, e não pôde deixar de dirigir a M.. um desses olhares que taciturnamente exprimem o que se passa no intimo d'alma.

— « Elle!... sempre elle!... » repetiu M.., collocando o livro na mesa, mostrando querer desembaraçar-se d'um objecto que lhe causava tedio e rancor.

— Sim, é elle, esse mesmo que tu amaste quasi no espaço de quatro annos e a quem no delirio do amor disseste — *que jámais serias d'outrem, e que sem elle a morte seria para ti um bem emanado do ceu!* Sim, é esse mesmo, que te ama com tanto fervor quanto o coração de um homem póde amar, e a quem tu não só odeias, mas até calumniaste.

O rubor assumiu então ás mimosas faces de M..; o seu peito arfava com violencia: inda assim seus labios expressaram: — Quanto és injusta, minha L..! É verdade que amei J.. com bastante extremo, e amal-o-ía inda hoje se o não tivera reconhecido, bem a meu pesar, indigno desse affecto que lhe dedicava.

— Não acabes... não queiras na minha presença continuar a menoscabar um homem que todo o seu defeito consiste em te amar ainda... a ti! que lhe foste tão ingrata, e que para mais completa ser a tua crueldade vais dar a outro o nome de esposo!

— Sim, vou desposar um homem que não amo, e despresei aquelle a quem adorava. — E para que?... com que fim?

M.. olhou attentamente para L.., e deixando devisar em seus labios um desses sorrisos só proprios de uma filha de Satanaz, disse: — Estou no principio do estio da vida, e é preciso não deixar findar o Outono sem eu ser desposada; aliás chegará o Inverno, e verei murchar para sempre a esperança de gosar *as vantagens* do hymineu. — Mas dando a mão de esposa a J.. não só vias os teus desejos realisados, como até o tornavas feliz.

— Oh! isso nunca! o desejo de exacerbar sua dor é que me faz anhelar a realisação do meu consorcio com outrem: quero que J.. me veja nos braços do seu rival!... eu folgo com o seu penar!»

Porém ao dizer isto, M... apresentava nos gestos o contrario do que acabava de expressar: conhecia-se perfeitamente que não dizia o que sentia. Foi por isso que L... apenas lhe respondeu: — Pensa como te approuver! Este drama (continuou abrindo o livro) vai ámanhã para o theatro; talvez em breve seja representado, e mais de uma lagrima umedecerão as faces daquelles que presenceiarem estas scenas; em quanto tu, que és origem de algumas dellas, te conservas indifferente, sem que ao menos se devise em teu rosto um signal de sensibilidade!

— Pois bem, irei tambem ver representar esse drama... chorarei então!... que mais queres?... — E tinhas animo para isso M...? Oh! que pensar de mulher! Tu não hasde ir!... que diriam de ti?... basta que o desgraçado J... e eu saibamos onde chega a tua ingratidão! Agora, se queres ouvir, aqui, o que de certo deves saber, presta-me attenção.

M... empallideceu... seu peito batia

apressadamente: dir-se-hia ao vel-a ser o réo diante do juiz, esperando ouvir a sentença de morte.

L... começou a leitura do drama ...

.....

.....

(Continua).

J. J. DA SILVA.

DOIS MYSTERIOS.

A DISPETO DELLA NEBIA IL SOL RILUCE (1).

Tendo estado em Inglaterra, França, e Italia, regressei em fim a Portugal. Chegando a Lisboa, não obstante as atribulações que então me opprimiam, um de meus primeiros cuidados foi procurar Irminia. Encontrei-a... mas como!... Dez mezes haviam decorrido apenas, e seu rosto parecia ter visto passar dez invernos! Quanto póde o desgosto! Perguntei-lhe por Edgard; um não sei acompanhado de uma torrente de lagrimas foi a sua unica resposta! Arrependi-me de haver magoado as feridas do seu coração, e cuidei em distrail-a contando-lhe alguma cousa do muito que eu tinha visto, e soffrido!... Esta narração talvez fosse um interessante episodio; mas é circumstancia que pertencendo á historia da minha vida, se torna estranha aos amores de Irminia, assumpto deste Romance; e por tanto delles unicamente vou dar noticias ao leitor.

Ás dez horas da manhã de um dos primeiros dias do mez de Fevereiro do anno de 1839, (2) uma carruagem parou á porta da Quinta de Nossa Senhora da Conceição. «Quem será?» disse Irminia sobresaltada, e como despertando seu espirito do mortal somno em que seus desgostos a haviam sepultado. — «Quem se lembra que vivo ainda!» Um occulto presentimento lhe chamou á vida todos os sentidos; mandou saber quem era. Um cavalheiro se apeou, dizendo que precisava muito fallar-lhe; entrou, e logo reconhecemos n'um joven de 24 a 25 annos, aquelle que tantas lagrimas derramou quando Irminia se sacramentou!

— Senhora, disse o mancebo, lembra-se de umas cartas, uns versos que n'outro tempo recebeo de um joven mysterioso que a adorava; e pertendia o seu amor?... que protestou revelar o seu nome quando tivesse a ventura de ser admittido á presença de V. Ex.ª pois eil-o... sou eu Augusto...

— O Senhor?!... brada Irmina erguendo-se, e que pertende de mim?!

— A sua amisade, e que acceite das minhas mãos a sua maior felicidade.... o seu resgate... seja eu o primeiro a annunciar-lhe que está livre...

— Eu livre!... como assim!...

— Eis-ahi a verdadeira certidão de obito de seu marido, morto em Gibraltar de uma apoplexia fulminante, não é esta certidão igual á que o Major lhe enviou, e que lhe roubou para não se

---

(1) Nas minhas viagens a Italia vi esta legenda no frontespicio de uma pequena estalagem de campo, não longe de Florença.

(2) Um anno depois da morte de meu adorado pae, o qual tendo regressado da quinta da Torre do Fato, onde soffremos o terrivel golpe de ver espirar minha adorada mãi; foi exalar o seu ultimo suspiro na sua casa do largo da Estrella, onde falleceu repentinamente victima de um cruel desgosto, que a inveja de alguns homens lhe causou; e a que o seu virtuoso coração atormentado já com a saudade da esposa; e sua avançada edade, não lhe permittiram resistir!... A sua biographia escripta por mim, noticia estes infelizes acontecimentos que então me enluctavam a existencia; e com tudo não esqueci a amizade!

descobrir a sua maldade. Esta é legal, como se ve, reconhecida pelas nossas authoridades.

— Meu Deos! .... será crivel! ..... exclamou Irminia derramando porém algumas lagrimas sobre a sorte de seu marido.

E v. ex.ª como ainda se interessa pelo destino de uma infeliz tão proxima ao tumulo!

— Agora é que a minha affeição é verdadeira, pura, desinteressada! Outr'ora era um amor desordenado, uma louca pertenção; a sua virtude, o seu amor por Edgard confundiram-me; enterneceu-me o seu soffrimento! Eu me envergonhei de haver por algum modo pertendido perturbar a sua união!... Sinto converter-se em sentimentos mais nobres todo o meu amor: amizade, compaixão, o intimo desejo de a ver feliz, eis os sentimentos que de ha muito me animam por v. ex.ª Eu tambem quiz ser heroe; a virtude de v. ex.ª foi um estimulo que me fez seguir o caminho da honra. Observei todos os passos de seu marido; empenhei em favor de v. ex.ª todas as authoridades, e meus parentes, dos quaes um aqui veio offerecer-lhe seus serviços, o Marquez***. Nunca mais descancei! Apenas seu marido se retirou para Gibraltar escrevi ao Consul portuguez que me désse continuas novas daquelle homem; e eis a carta delle que acabo de receber, e a certidão. Assim podêsse eu entregar-lhe a mão que outr'ora desejei anniquilar!...

— Ah! quanta virtude!... aonde estará elle! A esta pergunta de Irminia o joven baixou os olhos tristemente.

— Morreria elle, meu Deos! brada Irminia. Ah! por compaixão alma sensivel, e virtuosa, tire-me desta incerteza fatal. O que é feito de Edgard?... casou?... morreo?...

— Não, senhora; enlouqueceo — responde Augusto.

A estas palavras Irminia se lançou aos pés de Augusto implorando-lhe a conduzisse ao seu amante — Ah! porque me esconderam esta desgraça!... ter-se-hia evitado talvez!

Ergueo-se o mancebo, e tomando-a pelo braço a conduzio á Quinta de Santa Catharina, mesmo defronte da Quinta onde Irminia habitava!

Quando convalescente, e pouco antes de perder o uso da razão, quiz Edgard escolher aquella habitação, lembrando-se talvez que a sua amante voltaria a residir na Quinta da Conceição!... e não o enganou o coração! Poucos dias depois d'alli estar começou a scismar, tendo perdido o somno e a vontade de comer; evitando toda e qualquer companhia, que parecia aborrecer; buscando a solidão, e terminando emfim em loucura formal que em breve se tornou furiosa! O seu honrado amigo o Padre J.... não o quiz abandonar, nem consentio que o tirassem do logar que Edgard elegêra. Mandou buscar dois habeis enfermeiros; mas era impossivel conservar-o solto; de modo que foi preciso mandar pôr grades de ferro na sala onde o desgraçado presistia.

Assim encarcerado o foi encontrar Irminia! duvidaram permittir-lhe a entrada; mas ella, e Augusto pediram tanto ao Padre J.... que este consentio finalmente que Irminia entrasse, ficando todos prevenidos para soccorrel-a quando necessario fosse. D. A. G. PUSIGH. (*Continúa*).

DITO ENGRAÇADO, E A TEMPO.

Uma destas noites estando o Ex.mo Sr. Fontes na Secretaria das Obras Publicas, entrou alli um cavalheiro muito alto, barba crescida (como usavam nossos antigos valentes militares) e ía aproximar-se á porta do Gabinete do Ministro, eis prompto apparece o Correio de S. Ex.ª (era o Sr. Campos) e bradou *Alto!* — *Ako sou eu!* — respondeu o cavalheiro.

D. A. G. PUSIGH.

Typ. Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, Dr. Ar. Gr. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 25 — DEZEMBRO 15 — 1854.

EM SAUDOSA MEMORIA

DO

ILL.mo E EX.mo SR. ANTONIO PUSICH

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1854.

Um brado a Portugal! — Um canto á Eternidade.

Surge ó dia' ... Recorda essa gloria
D'esse tempo feliz que passou!
Vem um canto inspirar á memoria
Do que tanto as virtudes honrou!

Do que em terra nascendo estrangeira
Qual bom filho esta Patria elegeu;
E das Quinas a Excelsa Bandeira
Com saber e valôr defendeu!

Defendeu com sublime virtude
De que exemplos bem raros se lê;
Á ambição que os humanos illude,
Sua gloria eclipsar não se vê.

Foi valente, fiel, justiçoso,
Bemfazejo, brioso, christão!
E no mando foi pai extremoso,
Foi leal sempre ao Rei, e á Nação!

Monumentos erguidos tão nobres
De serviços tão grandes olhai!
Portugal! ... porque as faces encobres
E a meus brados respondes um ai?!...

Ai de ti, Portugal, que esqueceste
N'um delirio fatal tanto amor!...
Ai de ti Portugal que perdeste
Um heroe, um fiel defensor!

Ai de ti, que em teu solo abrigaste
Negra inveja serpente infernal;
O dever, a virtude olvidaste;
E não viste a ambição desleal!

Consentiste que astuto egoismo
Fosse a c'rôa de espinhos cravar,
N'alva fronte onde só do heroismo,
Do saber, viste os louros brilhar!

Essa dôr magestosa que viste
A virtude no peito abafar;
E esses ais tão sentidos que ouviste
Nos lamentos dos filhos soar...

Portugal, Portugal, porque sorte
Não levaste aos ouvidos reaes!...
E mais surdo, mais duro que a morte
Não sentiste essa dôr, esses ais!...

Inda mais... esqueceste a memoria
D'esse Nome, e do caso infeliz!...
Oh! mas não!.. Vê no Templo da Gloria
Levantada essa honrada cerviz!...

Vê que o sopro maligno da inveja
Não lhe murcha na tumba os laureis;
E de martyr a palma viceja;
E lá surgem da historia os pinceis!

D'entre as campas lá se ergue gemendo !...
Um vivente !... uma sombra... quiçá !...
E vai pagina illustre offrecendo,
Ao porvir, que o passado lhe dá.

Vai montões de ruinas calcando,
D'esses bens que na terra gosou ;
Vai a gloria maior demandando
D'esse Nome que o Ceo lhe outorgou.

O que valem do mundo as riquezas,
As grandesas da terra o que são ? !
Edificios que o tempo despresa ;
Metheoros de incerto clarão.

E só d'alma a virtude é sagrada ;
É grandesa de brilho eternal,
Por seus lumes divinos guiada
Te saudo, meu bom Portugal !

Submergida na angustia pungente
Longo tempo entre as sombras gemi ;
Mas a dor... mas o Ceu providente
Dão-me forças ! ... Comtigo eis-me aqui !...

Eis-nos todos na arena sublime
D'esse campo onde o Ceu me conduz ;
E na mente, que a dôr inda opprime,
Um reflexo divino reluz !

As Falanges Excelsas procuro
Onde se ergue de Christo o Pendão !
Ser da Cruz combatente alli juro !...
Alli tens Portugal meu perdão !

Alli onde a vingança não cabe,
As offensas não vivem tambem ;
E se a filha esquecer-se não sabe,
A christã perdoar hoje vem.

Sim perdoa, que assim resignado
O valente guerreiro espirou ;
E de Christo c'o o Lenho abraçado,
Aos algozes crueis perdoou !

Esse amor que tão puro extremoso
Te guardou o que vive no Ceu ;
Em memoria do pai virtuoso
Eu te dou esse amor, hoje meu.

Pai querido !... perdoa os lamentos
Que saudosos te vão procurar,
Onde só perennaes lusimentos,
Harmonias te estão a cercar !

Este dia p'ra ti é de gloria,
Porque vives na gloria eternal !...
Mas p'ra mim de saudosa memoria
Que suspiro em teu dia Natal !

E não beijo essa dextra adorada
Que meus dias de benções cobriu ! ...
E não vejo essa fronte nevada,
Nem os lumes, que a morte extinguiu !

Que um deserto de abrolhos plantado
Este mundo contemplo sem ti !...
Deixa, deixa que eu chore o passado,
Pois com elle meus risos perdi !

Da celeste Mansão luminosa
Tu recolhe meu triste clamor ;
E contempla a saudade mimosa
Que viceja co' os prantos do amor.

Este pranto que as faces me innunda
Move pranto sincero, leal ;
Com pesar, com saudade profunda
Tambem chora por ti Portugal !

Chorai almas sensiveis meu pranto !...
Duras rochas meus brados ouvi !...
Vossos echos aprendam meu canto,
Monumento que á magua erigi.

Não descanto os laureis da victoria ;
Presto cultos devidos a um Pai ;
Portuguezes !... honrai-lhe a memoria ;
E os destinos da filha chorai.

D. ANTONIO GERTRUDES PUSICH.





HONRAS Á MEMORIA

DO

ILL.mo E EX.mo SR.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

UM LAUREL.

Caio o Cedro altivo que famoso
Erguia a fronte ás nuvens magestoso!
Bramio feroz horrivel tempestade!...
Retumba a quêda além na Eternidade!
A terra treme, e chora agonisante;
Um astro appareceu de luz radiante;
E nos ais que o mundo exhala em seu destino,
Responde o Ceu vibrando um som divino!...

Leve aragem voando fagueira
Vem das faces o pranto seccar!...
E' dos Ceus a feliz mensageira
Que a existencia nos torna a lembrar.

Portuguezes!... surgi do lethargo!
Vossos peitos são nobres, leaes!
Cesse o vosso carpir tão amargo;
Dai ao Ceu o louvor, não os ais.

Esse corpo que o tumulo encerra,
Tem repouso no eterno dormir;
Mas ao nome que vive na terra
Monumentos deveis erigir.

Mais um astro o Universo allumia!
Mais um throno se eleva ao saber!
Portugal!... déste o berço á poesia,
Já não pódes no olvido morrer!

O Cisne pertuguez ao Ceu voando
Eil-o o canto final sublime alçando!
O genio da harmonia eil-o sorrindo!...
Aos pés da Cruz, tão só, alli dormindo!

Garrett! Aos teus laureis tropheus da vida
Na morte uniste a Cr'ôa mais subida;
Mostrando que do Eterno dimanava
O lume creador que em ti brilhava!

Com a mente de propheta
Do saber tocaste a méta;
Na harmonia foste um Rei:
Mas heroe no extremo dia
Foi maior tua poesia
De Christão cumprindo a lei.

Alcançaras a memoria,
Não tiveras alta gloria
Senão foras bom christão:
Teu louvor soltára os prantos
De mil peitos; mas de quantos
Te levára a maldição!

Animou-te o sol da vida,
Alta Fé esclarecida
Da esp'rança brota a flôr!
Eras astro, declinaste,
E mais claro despontaste
Na Mansão do Creador.

Esse resto a campa encerra!
O que é terra era da terra;
Volve ao Ceu o que é do Ceu.
Ao bramir vorás procella
Resurgio brilhante estrella
E nos guia — o Nome teu! —

Callou-se a tempestade!... agora os prantos
Vão regar-lhe no tumulo as saudades!
Silencio!... entremos o recinto augusto!..
Saudemos essas campas, respeitemos
Desses restos mortaes o somno eterno;
E esses da morte sentinellas firmes
Alto! não bradam, nem *alerta* dizem!
Temos livre a passage... ó Musa! vamos,
Demandemos do vate a sepultura,
Olha o Poeta-Rei!... prestá-lhe os cultos,
Prostradas ante a Cruz por elle oremos
Um Laurel por memoria alli deixemos.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

NECROLOGIA.

(Continuação do n.° 24).

D. José Maria da Silva Torres, nasceu na Cidade do Porto, n'um local de-

nominado — *A Porta d'Oliveira*, Freguezia de Nossa Senhora da Victoria — em o dia 14 de Outubro de 1800, e foi com os seus pais para a Villa de Caminha tendo pouco mais de 4 annos de idade. Desde a mais tenra idade foi manifesta a sua vocação pela vida Ecclesiastica — os seus divertimentos infantis eram todos dedicados ao culto divino; em seu jardim hia com seus irmãos construir capellinhas, e queria sempre figurar como Padre, já pregando, já entoando canticos divinos, que seus extremosos irmãos acompanhavam.

Crescendo com seus annos a sua vocação religiosa, e o seu talento, conseguio satisfazer seus ardentissimos desejos de consagrar seus dias a Deus; entrou na Congregação de S. Bento, aos 16 annos de idade, por protecção do Ex.mo Sr. S. Luiz (que depois foi nosso Patriarcha, e o Sagrou Arcebispo na sua Capella em S. Vicente de Fóra) tendo merecido as maiores distincções daquelle Sabio que tanto apreciava, e protegia os talentos. De entre 16 condiscipulos que teve no collegio de Rendufe, coube-lhe a honra de ser o unico escolhido para frequentar as aulas de Theologia, em que teve o gráu de Doctor, na Universidade, a despendio da Congregação a que pertencia.

Aqui fielmente copiamos as Decadas notaveis da sua vida, as quaes deixou escriptas de seu proprio punho pela fórma seguinte:

« Decadas notaveis da minha vida.

« Aos 14 annos de idade fiz exame de latim para frequentar Philosofia.
« Aos 24 annos, entrei para a Universidade.
« Aos 34 ditos para o Professorado Academico.
« Aos 44 ditos para o Arcebispado de Gôa.
« Aos 54 ditos para.....»

Notamos que no fim da ultima reticencia está um signal de tinta negra!

Tambem da propria letra do virtuoso Prelado copiamos o seguinte:

« Singularidades do dia 27.

« Em 27 de Janeiro de 43 — Regia nomeação para Gôa.
« Em 27 de Março de 49 — Primeira vista de terra portugueza.
« Em 27 de Março de 51 — Remessa Official das Bullas da Coadjotoria de Braga.
« Em 27 de Março de 54 — Carta Regia ao Cabido de Braga mandando registrar as Bullas da Coadjotoria « Successão. »

Confirmado Coadjuctor e futuro Successor da Igreja Bracarense, em Consistorio de 17 de Fevereiro de 1851, encontra-se nas Bullas de Confirmação assignadas por sua Santidade, a seguinte honrosissima expressão — *Demum ad Te consideratis grandium virtutum meritis quibus personam tuam illarum Largitor Altissimus multipliciter insignivit.* —

Não é possivel que a Prelado algum a Santa Sé faça maiores elogios; e note-se que este elogio é tanto mais valioso, quanto é certo que elle se faz ao Prelado que defendeu a todo o custo, e com valor o Padroado Real Portuguez na Asia!

Os seus actos como Prelado já pela maior parte são do dominio publico, pois se acham consignados pela imprensa no Boletim do Governo do Estado da India.

As suas visitas pastoraes, os regulamentos dos Seminarios de Gôa, a creação de um Collegio para meninos orfãos em Gôa; a exemplar conducta, e grande instrucção a que por suas sabias medidas foi elevado o Clero Goano, são factos já bem conhecidos na India

e na Europa. Converteu á Fé Cristã muitos idolatras, e por tal modo entregou ao Christianismo tantas gerações futuras.

Como Provedor da Santa Casa da Misericordia nesta côrte, prestou os mais relevantes serviços á humanidade; e nesta gloriosa missão muito o auxiliaram seus amigos e bons portuguezes, de quem passamos a publicar os nomes, e são:

Os Ex.mos Srs. Conselheiros José Maximo de Castro Neto Leite de Vasconcellos, Francisco de Assiz Bastos. Fernando de Magalhães Avellar. Este ultimo acceitou o ser adjunto da Meza *só unicamente* por consideração para com o Ex.mo Arcebispo e Provedor; e pedio a sua demissão logo que soube com certesa que a morte do seu amigo estava proxima. Este respeitavel e honrado Dezembargador do Tribunal do Comercio, é Sobrinho do Sabio Ex.mo Bispo do Porto, o fallecido Sr. D. João de Magalhães; e foi este Prelado (notavel coincidencia) quem conferio a ordem de subdeacono ao Ex.mo Sr. D. José Maria da Silva Torres.

A construcção da casa dos banhos de todas as qualidades, tão necessaria n'uma Capital como Lisboa, e onde *os pobres deviam ser admittidos gratuitamente*; e d'onde deve provir uma grande receita para a Santa Casa da Mizericordia, pelas modicas quantias que os ricos devem pagar, este utilissimo e caridoso estabelecimento é obra do virtuoso Arcebispo, especulada pelo honrado Dezembargador da Relação o mencionado Sr. Neto Laite de Vasconcellos.

Além do pagamento em dia a todas as amas e empregados da Santa Casa (cousa não acontecida ha muitos annos) a nomeação de um vesitador de toda a confiança para observar enesperadamente o tractamento das creanças, a gratificação ás amas que mandassem as creanças ou á escola ou aprender algum officio, a nomeação de maior numero de facultativos, que podessem tractar os espostos desciminados pelos bairros mais distantes, o systema disciplinario sobre a conducta das espostas adultas, que estavam a servir; o trabalho, a que forão destinadas em proveito da Santa Casa, quando recolhidas na mesma Santa Casa ou por isolentes para com as amas a quem servião, ou por ociosas; o plano finalmente de uma officina de tecelão, de fiação etc., etc. para os expostos e espostas, que não quizessem servir (além das escolas, já estabelecidas na Santa Casa, e das officinas de alfaiatas e sapateiras); são obra do virtuoso Arcebispo de Palmira.

A actividade na cobrança das enormes dividas, os regulamentos para os differentes estabelecimentos da Santa Casa, a mudança de invalidos para o actualmente muito aceado collegio dos Clerigos pobres; e um immenso numero de consultas e representações, que elle, por entermedio do Conselho Geral de Beneficencia, enviou ao Governo, onde se achão; são actos que levão á maior evidencia o genio activo, intelligente, e beneficente do Virtuoso Arcebispo de Palmira. (*). *(Continúa)*.

D. A. G. PUSICH.

AS BELLEZAS

DO

MOSTEIRO DE LORVÃO.

O Mosteiro de Lorvão situado a duas leguas de Coimbra, n'um profundissimo vale, rodeado de altas montanhas, foi um dos pri-

---

(*) Tudo quanto referimos hade *em tempo opportuno* apparecer documentado.

meiros, senão o primeiro Mosteiro, que se fundou em Portugal, pertencente aos Monges negros da Ordem Benedictina: destes passou para as Religiosas de Cister, que ainda hoje alli se conservam em grande numero; e que sendo outr'ora muito ricas, agora se acham redusidas á mais deploravel indigencia; recebendo apenas uma pequena prestação paga pelo Governo, depois de terriveis atrasos nesse mesmo pagamento que em differentes épocas tem sido interrompido. Aquelles que mandaram coustruir o Mosteiro de Lorvão á simelhança de um magestoso mausuleo n'aquella cova onde sepultaram vivas tantas virgens consagradas a Deus, deram-lhes os precisos meios de subsistirem inteiramente separadas do resto dos viventes; mas estes que d'ellas não se esqueceram para lhes mandar tirar os rendimentos de que viviam, não as deviam esquecer para lhes proporcionar os meios indispensaveis á sua conservação. Não foi somente a extincção dos dizimos a causa da pobreza d'aquellas infelises Religiosas, mas tambem concorreu para a sua decadencia a má administração de seus procuradores os Frades Bernardos. Foi-lhes mandado fazer um sequestro em seus bens, e era o Sr. Dr. Paredes quem recebeu essa ordem do Governo. Consta-nos que sem faltar a seus deveres de bom Juiz, adoçou quanto poude aquella execução: e em quanto foi Governador Civil de Coimbra, de 1848, a 1849, mandou pagar sempre ás Religiosas de Lorvão as suas prestações. Honra lhe seja feita. A *Nação* tem advogado a causa d'estas victimas resignadas, e conseguio por esse meio alguns soccorros ás mesmas Sr.as, que se confessam infinitamente reconhecidas á Caridade de nossos illustres collegas. Almas bem fazejas não deixam de lhes valer com alguma esmola; porém não basta isso ás tristes que gemem entre ferros, e sepultadas em vida!

Os Srs. Commendador Francisco Maria da Silva Torres, e seu Irmão o Sr. Lino José da Silva Torres, cumprindo as ultimas vontades de seu Ex.mo Irmão, o Sr. Arcebispo de Palmira, destinaram ás religiosas de Lorvão 50:000 réis de esmola para suavisar seus padecimentos. E' este um acto de beneficencia que merece os mais justos louvores: e não contentes com isso recommendam sempre que podem — *As pobres Religiosas de Lorvão.* —

Existem na riquissima Egreja d'aquelle Mosteiro o Corpo da Infanta Santa Sancha Irmã de Santa Thereza, que jaz no Convento de Cellas em Coimbra; e de Santa Mafalda, que se acha no Convento de Arouca. Estas tres Santas eram filhas de El-Rei D. Sancho I.

Tambem nós erguemos um brado em favor — *das pobres Religiosas de Lorvão* — rogamos por ellas ás almas piedosas que estão em circumstancias de lhes poder valer; e esperamos que Suas Magestades e Altezas, por sua alta munificencia, e em honra da Santa Princesa que alli descança os seus restos mortaes, se lembrem *das pobres Religiosas de Lorvão*, e sejam soccorridas não só com esmolas, porém com sabias providencias do Governo em favor d'aquellas victimas innocentes e opprimidos, cujos profundos lamentos são tão fortes que o Ceu os attende condoido, e os envia a serem repetidos pelo Echo Universal — a imprensa. — Continuaremos.

D. A. G. PUSICH.

ORTHOPEDIA.

Recebemos a seguinte noticia:

« O Sr. Brilhante tendo estudado a Orthopedia, encontrou nos ultimos trabalhos feitos em Pariz a descripção de uma machina engenhosa, com a qual se podem curar os rachiticos, vulgo corcundas. Quando elle se occupava desta feliz idéa, com o fim de curar e endireitar a columna vertebral de uma menina que elle tracta desde o seu nascimento, filha do Sr. Antonio de Oliveira Guimarães, corretor muito conhecido; o Sr. José Ennes, negociante, contou ao Sr. Brilhante o estado de uma sobrinha sua, neta do Sr. Visconde da

Horta, a qual se acha com a mesma doença; e sabendo então dos trabalhos feitos, correu logo a casa de seu irmão e o convenceu da necessidade de mandar vir a machina, esta veio, tendo tido á sua obtenção obstaculos de differente natureza, sendo o mais grave a opposição dos collegas Srs. Doutores Pulido e Magalhães Coutinho, que tendo julgado incuravel a menina, offereceram mil receios ao que não conheciam.

Chegando a machina foi posta pelo Sr. Brilhante, porque seus collegas referidos não a poderam acertar. O Sr. Ennes observando a destresa e singeleza com que a machina foi posta, disse ao Sr. Brilhante — V. parece estar já habituado a pôr destas machinas — ao que o Sr. Brilhante respondeu — *quando a cabeça sabe o que faz, a mão a acompanha.*

Consta mais que o Sr. Brilhante já encontrou tres artistas, que estão fazendo outra machina igual para tractar a menina para quem elle de preferencia tinha estudado pausadamente a questão, etc. »

E' novo, inteiramente novo este estudo em Portugal; não consta que tenha apparecido senão agora; e por isso cabe a gloria ao Sr. Brilhante; e não seriamos nós que lh'a roubassemos, antes é sempre com a maior satisfação que publicamos os devidos louvores áquelles que se distinguem por seus talentos, e buscam o aperfeiçoamento n'um paiz onde os genios apparecem quasi sempre combatidos pela adversidade, e prosperam sem protecção, o que é mais um milagre da Providencia Divina.

Temos conhecido que o Sr. Brilhante não é de apparencias, nem de impostura: ama a verdadeira sciencia, ama a realidade; talvez a sua linguagem pareça aspera, e cheia de fogo, por que é a linguagem da verdade sem *enfeites nem rebuço* — e elle está novo. Cremos que todos os seus compatriotas sensactos, e seus collegas illustrados fazem-lhe justiça. — Nós gostamos d'elle porque *não dá pilulas douradas;* — e, não deixariamos de publicar esta noticia — porque é um grande serviço feito á humanidade procurar o remedio a uma doença que muitas vezes é proveniente da falta de amor, e vigilancia das mães, ou amas, que tendo a seu cargo a creação, e tractamento das creanças não evitam quanto passam as quedas - perigosas; e tendo já o mundo tanta gente com os espiritos fracos, e tortos, ao menos tenham os corpos direitos e sãos; e esta noticia foi-nos transmittida por uma Senhora; não deixariamos de usar para com ella todas as deferencias devidas especialmente ás senhoras. —

Resta-nos pedir desculpa aos srs., cujos nomes escrevemos referindo fielmente o que nos communicáram, não o que vimos — e offerecemos a suas S.as as columnas desta folha para qualquer observação, ou explicação que possam ter a fazer sobre esta noticia; assim como a offerecemos tambem ao Sr. Brilhante, e a todos aquelles que nos termos do nosso Programma queiram illustrar este jornal com seus conhecimentos, ou beneficiar a humanidade com publicações uteis.

D. A. G. PUSICH.

DOIS MYSTERIOS.

(*Continuação*).

Estava o infeliz escrevendo na parede uns versos; o semblante abatido, e magoado; os olhos espantados; a côr pálida, os cabellos em desordem, e o vestuario rasgado!... Irminia correo a elle gritando — Edgard, oh! meu Edgard.. abraçando-o desfeita em lagrimas. Cul-

param todos o imprudente transporte do amôr de Irminia, receiando que Edgard se enfurecesse, e tivesse a pobre sr.ª de pagar caro a sua confiança; mas o que aconteceu? O enfermo ao ouvir aquella voz, larga o lapis, volta o rosto, encara attento para Irminia, e brada com toda a força da sua voz — Irminia!... E apertando-a nos braços caiu suffocado sobre a marqueza em que dormia, cobrindo-se de um suor frio, e quasi sem alento. Acudiram-lhe com espiritos que lhe animassem os sentidos; e logo que tornou a si, todos se retiraram, menos Irminia.

Edgard olha em roda de si, e diz:

— Irminia, Irminia!... És tu, ou a tua visão, Anjo adorado!...

— Sou eu, respondeo-lhe ella; a tua amante... a tua Esposa...

— Esposa!... ah!.. diz Edgard soltando um horrivel grito de desesperação, e elle? aquelle Dragão infernal que te arrancou de meus braços?... deixaste-o para me acompanhar aqui na sepultura? Sim, deixa-os viver lá no Mundo, e nós aqui no tumulo eternamente unidos!... Agora venha elle... venham todos os exercitos da Russia .. não conseguirão dividir-nos!... Acabadas estas palavras unindo-a ao seio cobria-lhe as mãos e as faces de ardentissimos beijos.

Irminia então lhe pedio que a attendesse; e elle a escutou como se estivesse em perfeito juizo.

Disse-lhe Irminia que ella era já livre; e que elle d'alli havia sahir para sua companhia, para nunca mais se separarem.

— Sim, sim, responde Edgard erguendo-se, tomando-a pelo braço, e tentando sair sem chapeo, Irminia lhe ponderou que precisava licença do Medico.

— Licença! ..... para que? para ir com minha Esposa!..., Ora esta?... dizendo isto pertendia sair do quarto. Augusto apparecen com os enfermeiros. Edgard enfureceo-se ao vêr Augusto, fazendo gestos de desesperação, porém socegou quando Irminia lhe disse que fôra elle quem alli a trouxera. O Padre J... estava satisfeitissimo, e todos esperando que Edgard recobrasse a razão, esperavam anciosos o dia seguinte para consultar o Medico. Irminia passou a noute junto ao seu amante, e este em tal placidez que até os enfermeiros, a quem ella brindou com alguns pintos, foram dormir descançados.

Ao amanhecer vieram saber do doente, e trazer-lhe um caldo. Edgard tinha dormido algumas horas, e acordado com as feições mais ao natural.

Augusto, o Padre J... e o Medico entraram; Edgard ao vel-os se perturbou, e segurou Irminia; esta porém o tranquilisou dizendo que eram amigos. O Medico examinando o doente conheceo que dava toda a esperança de melhora, e consentio em que fosse com a sua amante que era de certo o melhor enfermeiro, e a unica medicina para tal enfermidade. Irminia pedio a todos que apparecessem; e grata se despedio levando para sua casa o seu doente que em pouco tempo se achou inteiramente bom, e crendo um sonho tudo quanto soffreu! Foi preciso comtudo um tractamento muito delicado para vencer a extrema debilidade em que estava; mas felizmente Deus permittio que os desvelos de Irminia restituissem ao seu amante o que o seu amor lhe havia roubado! A razão! o maior bem que possuimos na terra! (*Continúa*).

D. A. G. PUSICH.

Expediente.

Em consequencia de impreteriveis occorrencias, continua a 2.ª serie deste Jornal até concluir as publicações começadas.

Typ. Rua da Condessa n.º 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 26 — JANEIRO 1 — 1855.

AS CRÈCHES

ou

PRESEPIOS.

No Almanak Popular de 1852, vem um mui interessante e judicioso artigo do Sr. J. M. Nogueira, sobre esta tão util instituição — *As Crèches* — que pela maneira como tal assumpto está alli tractado, quasi que mui pouco se póde dizer, a não ser o nenhum caso que de tal se fez, e a culpavel negligencia dos que tambem podiam influir para organisar esse pio estabelecimento.

Diremos alguma cousa, para ser entendido dos leitores, o que são — *As Crèches* — e o incalculavel proveito que d'ahi resulta á sociedade.

Assim como a caridade tem estabelecido os hospitaes para os doentes, asylos para os indigentes, e misericordias para aquelles infelizes, a quem os pais engeitam e esquecem: assim tambem deve haver um recurso a esses infantes, que soffrem muitas vezes na casa paterna ou as privações, que a escacez dos meios de seus pais lhes fazem passar, ou os defeitos fisicos, que por falta de recursos se inveterão no corpo dos innocentes, tornando-os rachiticos, e inuteis a si, e á sociedade; — é pois explicado « a *Crèche* actualmente um estabelecimento com differentes salas guarnecidas de berços, aonde as mulheres casadas, pobres, bem procedidas, e que « trabalham fóra da sua casa, vão depositar os filhinhos, mediante uma pequena retribuição diaria. Habitar, por « motivos de indigencio, em casa insalubre, e ter o marido ou os filhos doentes, dá á mãi o direito de depositar « um ou dois na *Crècha*, com tanto que « elles não padeçam alguma enfermidade « contagiosa, e não tenham mais de dois « annos de idade, porque em passando « de 24 mezes é no asylo que se póde « reclamar a sua admissão. As *Crèches*, « em geral, só estão abertas de dia para « quem vive do trabalho quotidiano, o « meio de o procurar e executar, livre « dos cuidados da creação dos filhos. « Durante o dia, na hora da folga, a « mãi vai á *Crèche* lactal-os, e á noite « leva-os para casa. »

Já se vê quão vantajosos são taes estabelecimentos. E qual será o motivo porque este bom paiz não tem ainda, ao menos, em Lisboa, ensaiado este systema? Segundo parece, não seria das

cousas mais dispendiosas o estabelecer nos bairros mais indigentes da cidade uma — *Crèche*; — *porque* a grande difficuldade está, em que alguem, — desses que possuem a mais sublime das virtudes a caridade, — dê impulso, e lance por assim dizer o alicerce a tão util estabelecimento.

Cremos, que sendo elles dirigidos pela mór parte por senhoras, e reunindo ellas, dos encantos do sexo, amabilidade de maneiras, aquella devota caridade, que tão notaveis as tem tornado; e sendo este um dos paizes, onde, para acções caritativas, de tão boamente se prestam, quem duvidará do prospero resultado?

A *Crèche* proporciona aos pobres innocentes alli recolhidos, o agasalho que as mãis lhes não podem prestar, — depois, — na continuação da vida embebendo-se nos bons principios, podem tornar-se uteis a si, e ao mesmo estabelecimento que os criou.

A maior parte da vadiagem, que infestão as cidades, e as mais povoações, sahem da infima classe, por falta de meios, ou de illustração; — porque em quanto seus pais buscão, pelo trabalho o pão diario, esquecem a devida educação, a seus filhos, — elles sahem para á rua, e ahi com a propensão d'adquirirem o mal, — sahem perfeitos libertinos, e não poucas vezes offendem a Sociedade, — tendo por tal um fim, que enchem de pezar os corações de seus pais.

A grande utilidade que a *Crèche* tem de dar lugar, que a mãi, livre dos cuidados da luctação, possa buscar meios de viver, — accresce, que sendo esse estabelecimento, bem dirigido possa o infante depois dos 21 mezes passar a outro recinto, onde lhe seja ministrado, com cuidado que taes idades merecem, aquelle comer sustancial, saudavel, que lhe é proprio; depois crescendo, e dando-se, provadamente a mesma difficuldade no pai e mãi de precisar da protecção, da *Crèche*, — continua, mas ahi a par do sustento quotidiano, recebe os primeiros preparos da cultivação do espirito, — o seu baptismo litterario, — e quem sabe que genios superiores d'ahi podem sahir?... Talvez que se da classe, menos abastada, se se tivessem cultivado no principio, aquelles que se destinão a um rude officio, — fossem ornatos dos seus paizes, e excedessem a esses que ao nascer se veem rodeados dos atavios da grandeza, — não se julgue hyperbalica esta ideia porque milhares de exemplos na historia o attestam.

Ha no bello artigo do sr. Nogueira, um periodo, que pela excellencia do assumpto, não posso deixar de transcrever textetualmente.

« No seu desinvolvimento futuro, a « *Crèche* não se limitará a duas ou tres « salas providas de berços com aclanta- « deiras, singela e graciosamente vesti- « das d'azul e branco; a duas outras sa- « las adereçadas d'imagens e quadros, e « preparadas para as innocentes diver- « sões dos pequeninos. O orgão para « as orações da manhã e da tarde, « o jardimzinho, e viveiro d'aves can- « tantes, e outros meios engenhosos « e efficazes de familiarisar o ouvi- « do e os olhos dos interessantes mo- « radores da *Crèche* com as harmo- « nias das côres e dos sons, não bas- « tam. Ha-de se attender, ao Estado in- « teressa em que a educação e a ins- « trucção faça rebustos, probos, laborio- « sos e intelligentes todos seus filhos. « São estas vantagens que a *Crèche* « conseguirá, quando a caridade, pelos « sublimes preceitos da religião, e a phi- « losophia e a politica, pelas christia- « nissimas aspirações da liberdade, fise- « rem couvergir os seus esforços para « o estabelecimento d'um systema com- « pleto d'educação e instrucção verda- « deiramente popular. »

« A *Crèche*, para corresponder aos

« seus destinados humanitarios, ha de « offerecer ao orphão desamparado e ás « crianças a quem a indigencia dér iguaes « direitos, depois do berço, a escóla ma- « ternal; depois, a instrucção primaria; « depois, a escóla profissional; depois, « a officina da industria, ou as geiras « de terra, como estimulo e como re- « compensa do trabalho moralisador e « salutar da lavoura. »

Pouco mais se pode dizer, ou de tão bem se disserta; a voz da rasão e da verdade brada mais alta que quanto se possa expender; — todavia, é um dever humanitario reclamar protecção para os infelizes, que tem direito a esperar de nós, como irmãos, — a mais sublime das virtudes que Deus estabelleceu, — a *Caridade!*

M. DE SÁ.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1854.

RELIGIOSAS DE LISBOA.

Regia este reino com admiravel prudencia e sabedoria a Senhora D. Catharina, durante a menoridade de seu neto El-Rei D. Sebastião, quando em 1561 e fundou nesta cidade e real mosteiro das Religiosas terceiras da veneravel ordem seraphica, situado no districto da antiga freguesia da Pena, e que tomou o augusto Nome da preclarissima Avó do nosso Salvador. Passado algum tempo congregaram-se muitos christãos de ambos os sexos, sendo incluidas neste numero as mesmas religiosas, e formaram alli uma Irmandade com a devota invocação de — Escravos do Santissimo Sacramento e Irmãos da Gloriosa Senhora Santa Anna. — A reconhecida piedade de nossos excelsos Monarcas, auxiliou sempre esta instituição catholica, declarando-se de seus protectores perpetuos com a sua costumada liberalidade, e desde então se distinguiu aquella associação pelo honroso titulo de Real Irmandade.

A actual Mesa, dominada por sentimentos eguaes aos que animaram as precedentes, foi fiel executora da sua religiosa missão, e provou evidentemente quanto desejava continuar um culto tão louvavel e que conta quasi tres seculos de duração. Sem outros rendimentos senão as esmolas dos devotos, applicadas á festividade da sua milagrosa Padroeira, combateu varias difficuldades para realisar seu nobre intento; porque aquelles recursos diminuiram, contra a generosa vontade dos concorrentes, ligados a outros encargos, e por vivermos na época em que se pede a todos e para tudo. — Mas, felizmente, aquella conspicua corporação conseguiu solemnisar com a possivel pompa e maior decencia o jubiloso Anniversario da prodigiosa Santa que foi o modêlo das filhas, o typo das esposas, e o exemplar das mães!

Em 21 de Julho ultimo começou a sua Novena por musica de capella, composta e offerecida ás referidas Religiosas pelo eximio professor Frei José Marques de Santa Rita e Silva, fallecido a 5 de Fevereiro de 1837; de quem existem distinctos discipulos, que honram hoje sua memoria, e que são mestres dessa arte celeste. As praticas foram acceitas, gratuitamente, pelos insignes Oradores evangelicos « os Srs. João Candido de Carvalho, que recitou a 1.ª, 5.ª e 7.ª; José de Santo Antonio e Silva, a 2.ª e 4.ª, Raymundo dos Anjos Beirão, a 3.ª, e 9.ª; e Joaquim de Santa Rosa de Lima Cordeiro, a 6.ª « Pertencia a 8.ª pratica ao Reverendissimo Francisco Nunes da Piedade, mas um repentino incommodo da sua saude privou o auditorio de ouvir este digno Sacerdote e respeitavel ancião. — Celebrou-se a Festa, no dia proprio com escolhida musica vocal e instrumental; prégou de manhã

o Sr. José de Santo Antonio, á tarde o Sr. Santa Rosa de Lima, e seus brilhantes discursos mereceram justos applausos. Findou a magnifica solemnidade, que acabamos de descrever, contando-se o *Te-Deum* em acção de graças, e em todo este periodo se manteve no Templo a bôa ordem que lhe é devida.

Esteve patente, na respectiva casa do despacho, um cofre para receber os donativos dos fieis, e destinados ao jantar das Religiosas deste Convento no Dia do seu orago. Esta piedosa lembrança, suscitada no anno anterior pela ardente caridade de um dos illustres Mesarios, que ainda exerce o mesmo cargo, produsiu proficuos resultados; e se a modestia deste cavalheiro nos prohibe citar seu nome, é um dever de justiça registar o facto para satisfação de nossos benevolos leitores, e despertar a sua imitação nas almas beneficas da nossa terra. — A benemerita Irmandade contribuio tambem com os seus soccorros para augmentar, o valôr d'aquella obra de misericordia, tão util e meritoria, e que está em pratica desde o fatal momento que a horrivel miseria penetrou no sagrado e pacifico asylo destas Esposas do Cordeiro Immaculado....

Lamentamos profundamente a cruel e triste sorte d'esta veneranda porção da sociedade, que succumbe resignada n'uma clausura, e a quem seu delicado sexo, longa idade, e rigoroso estado impossibilitam de recorrer á proteeção publica. São notorias as privações que soffre a maioria das nossas religiosas, sem ampáro, e ás quaes falta até o lenitivo que se não nega ao mendigo; porque este tem a liberdade de manifestar ao viandante a sua desgraça, alcança commover um coração sencivel, e póde obter o abolo para comprar o amargo pão da indigencia em tróca do parco alimento que já lhe não é permittido adquirir com o fructo do seu trabalho....

Á vista desta pintura, singela e exacta cumpre-nos pedir á Imprensa politica que preste sua valiosa coadjuvação a favôr das Religiosas portuguesas, e se digne unir seu clamôr energico e influente ao nosso debil brado para que o Governo e o Parlamento adoptem as providencias urgentes, que reclama este grave objecto, e que devem melhorar a lastimosa situação d'aquellas infelises empregadas em orar ao ETERNO pelas prosperidades da patria.

Escrevemos este artigo quando se aproximava o encerramento das Côrtes, porém julgámos conveniente adiar a sua publicação para mais opportuna occasião, e agora confiamos que na sua breve reunião se occuparão deste importante negocio com a circumspecção de que são dotadas. Sentimos que a morte roubasse á Camara hereditaria uma das suas illustrações, cuja perda recente assás deplora a litteratura nacional, e que havia já levantado sua voz eloquente e christã em defesa da justa causa por nós advogada: mas nutrimos a grata esperança de que esta resolução hade ser em harmonia com a opinião cordata do paiz, e conforme os sinceros desejos que ousámos expôr com a nossa usual franquesa.

PAIVA.

NECROLOGIA.

(Continuação dos N.os 24 e 25).

O homem subido a grandes empregos tem de soffrer muito, se é recto e bem-fazejo. Exercendo justiça não pode ser bom para todos, porque infelizmente nem todos são bons. Hade cumprir as leis com a exactidão de um homem em quem o Governo, e a Nação depositaram a sua inteira confiança; hade exterminar os abusos, reprimir os excessos,

punir os crimes, e estabelecer a ordem. Eis-ahi a combatel-o com as armas ignobeis da traição e da malidecencia os descontentes cujos vicios ou interesses se resentem das sabias medidas de uma boa administração. Por outro lado a inveja e a ambição dos que aspiram mandar e adquirir fortuna elevando-se aos lugares de que não conhecem a tremenda responsabilidade, formam outro exercito de espiritos diabolicos a fazer guerra mordaz e traiçoeira contra a virtude, aproveitando a ignorancia de muitos para espalhar nos ares o veneno, que de outro modo não podem introduzir, nos corações dos inexperientes ou desassisados; pensando por tal modo manchar os nomes honrosos, as reputações adquiridas com os maiores sacrificios, e as mais gloriosas acções! O Ex.mo Arcebispo de Palmira não podia ser isempto d'estes combates que a maldade e ignorancia (socias ou irmãs) movem contra o merito superior; por isso julgamos dever em honra de sua memoria, e da verdade, esclarecer um ponto em que muitas pessoas tem estado illudidas; parecendo-nos dever lamentar que essas pessoas ignorem as leis do paiz em que vivem, e não escrupulisem de accreditar voserias loucas, e pestiferas, que só deviam merecer despreso.

A emancipação das expostas tem sido o *cavallo de batalha* dos inimigos da gloria do Arcebispo de Palmira! É necessario pois que nos demoremos um pouco sobre este ponto, a fim que os maldizentes que de um argueiro fazem um cavalleiro para engrandecer o pó, e de um cavalleiro querem fazer um argueiro para deprimir a grandesa, não pensem que receamos tocar este periodo, e que deixamos livre o campo a juisos temerarios indiscretos. Quando nos resolvemos a advogar uma causa é sempre com a firme convicção de que é justa! nem marchamos em terreno que não conhecemos, nem empunhamos armas que não sabemos manejar. Diremos pois alguma cousa ácêrca dessa emancipação; e teremos a satisfação de vêr desapparecer vencidos, ou convencidos todos aquelles que tem ousado affrontar a memoria de um virtuoso Prelado! Oh! desgraçados! todas essas falsidades augmentam a gloria do illustre varão, mostrando que reccorre á mentira quem na verdade não pode achar os recursos.

O Arauto publicou um artigo, o anno passado, sobre esta questão, que levou á maior evidencia. A imprensa não culpou o Provedor que executou a lei, porque a imprensa é redigida por homens illustrados que sabem conhecer os poderes e os deveres; (*) só os insensatos, estupidos, ou maldisentes é que ignoram, ou fingem ignorar que o Provedor da Santa Casa da Misericordia (e até por desgraça o Prelado maior) é sujeito ao Governo; de quem recebe as ordens que deve rigorosamente cumprir, ou demitir-se, e expor-se ás consequencias de taes conflictos: que o Provedor da Santa Casa, nem o mesmo Governo, fazem as leis, mas sim as Cortes onde existe o poder legislativo; e que alli não se forjou essa lei, nem o Governo consentiria

---

(*) A *Nação* desaprovou a emancipação das expostas, mas fez uma opposição judiciosa, declarando todavia que — *estimaca* ter de modificar o seu juiso e appreciação, á vista de esclarecimentos que effectivamente se lhe deu, emparte. Não combateu o Provedor da Santa Casa — combateu a medida, advogou a causa da moral publica: e tanto se prova isto que no mesmo Jornal appareceu a Necrologia do sr. Arcebispo de Palmira, assignado pelo sr. Bruschi (um de seus illustres Redactores) e alli se lhe fazem as honras devidas, com a maior franquesa e cavalheirismo! Não nos referimos pois á opposição dos Jornaes, mas sim ás invenções malignas dos *Zoilos*.

que arbitrariamente o Provedor a fizesse reviver. Os motivos por que o Marquez de Pombal a fez, e aquelles porque se mandou agora executar são publicos, e não pertencem a esta narração, por isso limitar-nos-hemos em declarar, que: existe uma lei do Marquez de Pombal ordenando a emancipação das expostas aos 20 annos; esta lei foi mandada executar pelo Governo da Rainha: a Mesa da Santa Casa devi-a cumprir, aliás era transgressora; cumprio-a, mas como? suavisando-a o mais possivel. Nenhuma exposta foi emancipada antes dos 24 annos. Muitas já tinham 30, e outras 40 annos! A Mesa não emancipou *as invalidas de qualquer edade*. Para as solteiras formosas proposeram-se dotes afim de facilitar os casamentos. O proprio Arcebispo foi á officina do sr. Collares pedir-lhe que promovesse o Casamento e alguns officiaes artistas de reconhecida probidade com as expostas mediante o dote. (O respeitavel artista sr. Collares é uma fiel testimunha que invocamos). O visitador estava encarregado da mesma diligencia. Ás que não eram formosas só se lhes dava a emancipação *depois de se lhes ter arranjado uma casa honesta e affiançada*, onde servissem sem perigo de corrupção. Note-se que só uma das emancipadas se desmoralisou, ou antes continuou a desmoralisação em que se havia lançado, e pela qual tantas correcções soffreu.

Eis como se comportou o Ex.^mo^ Arcebispo de Palmira na emancipação das expostas. Eis desmentidas com factos tão miseraveis invectivas.

Observámos que as expostas contando com o azilo na Santa Casa, tornavam-se occiosas, insolentes e por qualquer motivo se despendiam das casas onde serviam, accumulando-se em numero enorme na Santa Casa, consumindo, e despendendo na occiosidade o que devia applicar-se á creação e educação dos innocentinhos! D'aqui vinha a falta de pagamento ás amas, e o horroroso quadro de mortes que desappareceu *com o pagamento em dia*, como se tem visto nos mappas publicados, (dos quaes conservamos um original que o Ex.^mo^ Arcebispo teve a bondade de entregar-nos).

Na Casa Pia, e em todos os estabelecimentos de orphãos e expostas, se lhes dá saida por ser impossivel a qualquer Estabelecimento ter a seu cargo tanta gente accumulada; e não approvamos que se entregue ao mundo abandonadas tantas donzelas que não tem o abrigo de uma casa decente; e entendemos que o governo deva attender a isto dando providencias que só elle tem a seu alcance, para evitar a miseria, e desmoralisação social, amparando essas infelises em lugares onde possam ter meios de subsistencia, sendo igualmente uteis á sociedade com seu trabalho, por que favorecer a occiosidade é um peccado; mas póde combinar-se o trabalho, com a honestidade. Para isso tem casas bem grandes nos conventos, tem meios e tem homens competentes para os indicar — Deus lhes conceda a boa vontade, mas que não fique tudo só em bons dezejos; é mister deligencia, porque as urgencias são muitas, e grande parte da sociedade reclama a attenção do Governo; promptas e sabias medidas, por que as consequencias dêsse abandono são funestas a tódos que compoem esta sociedade em que vivemos. Porém só da Santa Casa da Misericordia é que se falla para inventar o que só existiu nas cabeças que assim descorreram! Eis o que notamos — quiseramos que não se exagerasse, que não se mentisse, mas que dizendo a verdade louvassem o Prelado que sem deixar de cumprir a lei adoçou-a, e deo abrigo e protecção ás infelizes, que não ficaram desemparadas: mas sim nas suas casas com seus maridos, algumas, e ou-

tras em casas honestas a servir. Quizera-mos que, advogados dos menores, promovessem por todos os modos a moral publica, auxiliando o Governo, e as authoridades apontando-lhes os meios mais convenientes para alcançar tão justo fim. Então seria sincera a sua compaixão; que se essa que mostram pelas expostas de 20 annos se estendesse aos innocentes recem-nascidos a Santa Casa não precisaria emancipar as expostas, porque o numero de expostos seria menor!... Não appareceriam tantos infelises condemnados pelas culpas de seus pais, ao despreso e abandono d'estes!

Já se vê que não louvamos essa lei; justificamos a memoria do illustre Prelado; que não merecia ter nem um só adversario, por que elle não o foi nem mesmo d'aquelles que mais tentaram ferir o seu bom coração!... Deus perdoe a todos que o affligiram, e lhe fizeram injustiça; pois sua alma virtuosa já lhes tem perdoado no Ceu, como perdoou na terra a todos que o tivessem mal julgado.

(*Continua*).

D. A. G. PUSICH.

LAMENTOS DA AMIZADE.

Em quanto que o mundo estupido e insano, ri e folga, uma alma de nobres sentimentos vôa a região celeste, aonde a confusão dos esplendores da terra, e a voz dos praseres não póde ter écco.

Francisco José Corrêa, com 21 annos de idade, largou a terra no mesmo dia em que um sabio deixava a sua patria que tanto descantou, deixando ficar seu nome gravado em nossos corações, que nem o tempo, consumidor de todas as cousas, o poderá fazer esquecido; mas sim pelo contrario, repetirá com mais enthusiasmo: — Camões, Garrett, e a posteridade admirará e escutará ainda mais que os presentes, estes nomes que de muitos ainda são ignorados.

Francisco José Corrêa, era um moço dotado de excellentes qualidades; passou os dias que Deus lhe concedeo no estudo da musica, perdeu muitas noites a fazer algumas composições, conforme as suas forças; trabalhou sem cessar para conseguir um nome, na arte a que se applicára; mas sua vida foi curta, terminando com ella seus férvidos desejos. E quem sabe se a sua existencia fosse mais dilatada, o seu nome resplandeceria na sua patria, com as glorias que talvez anelhasse?!

N'um paiz aonde o genio tem de luctar com tantas difficuldades, e aonde o estudo se qualifica uma necessidade, obrigado por o abandono a expôr a sua vida no centro de continuas fadigas; hade o genio forçosamente perder-se; succumbe n'estas lidas a uma tisica, ou a outra qualquer doença; some-se um genio, perdendo-se um talento. Não são só os trabalhos d'um estudo, são tambem os de adquirirem os meios para o continuarem.

A campa encerrou seu corpo, é occulto a nossos olhos; a campa encerrou tambem um genio que brotando n'um labermtho de espinhos, desabrochou... feneceu!...

Conseguio ganhar a medalha de ouro no REAL CONSERVATORIO, e poucos mezes depois, principiou a gosar o somno eterno.

Não quiz Deus que elle deixasse a terra, sem que seu merito de alguma maneira fosse compensado: foi a gloria que teve, as glorias do nosso paiz; essas que o mundo consome, e não deixa um unico vestigio!

Já como meu collega que foi, já como meu amigo, não posso deixar de exalar um pranto de verdadeiro sentimento que me punge a alma, conservando eter-

na a sua memoria. E já que de nenhuma maneira lhe póde salvar a vida, quero salvar seu nome do horrivel esquecimento, gravando-o nas paginas d'este jornal, que levará aos vindouros, o triste brado que solta o seculo dezanove, deixando perecer na obscuridade tantos genios exaustos de forças.

Aqui, só se rende a homenagem despida da lisonja, a quem de direito lhe pertence, e não á nobresa sem virtude.

O Ceo é cheio de clemencia; não choro lá seus destinos, por que esse paraiso de gloria, — é dos bons!

FRANCISCO FERREIRA SERRA.

ENSINO DE DOUTRINA CHRISTÃ.

Temos por noticia que o M. R. P. Sr. José de Sousa Amado, com ardente zelo e caridade Evangelica, vai todos os domingos de tarde ensinar Doutrina Christã, na Igreja do Convento do SS. Sacramento, aos alumnos dos Collegios da Cova da Moura, e outro daquellas immediações, e a todos os meninos, e mais pessôas que alli compareçam a aproveitar aquella indispensavel e utilissima lição.

Digno do mais subido louvor, felicitamos o Ministro dos Altares que assim comprehenda, e sabe cumprir a sagrada missão de que está encarregado, e Christo lhe ordenou nas palavras transmettidos por seus Apostolos, onde mandou que — *pregassem e propagassem a lei Divina.*

A falta de instrucção e conhecimento da Religião que professamos, é causa de grandes males na sociedade, e já que infelizmente nem todos os chefes de familias ensinam seus filhos, ou porque não querem, ou porque não podem ou porque não sabem (pois tambem não os ensinaram) já que não temos ainda tantas escólas regias quantos o povo carece; tenhamos dignos Ecclesiasticos que promovam a instrucção e moralisação do paiz, e cuidem solicitos nos meios de profundar mais, e mais as nossas crenças, arraigando com a palavra, e com o exemplo a arvore preciosa que o Redemptor plantou, e regou de seu Santissimo Sangue, e da qual a humanidade deve colher os fructos salutares.

O Sr. Padre Amado dá os Cathecismos com que os rapazes aprendem, e soffre com exemplar paciencia aquelles que não tendo a precisa educação não sabem guardar a devida ordem; mas o beneficente Ecclesiastico tem conseguido com methodo, prudencia e caridade, atrair um grande numero de gente que alli concorre a ouvil-o, e aprender.

Sabemos que outros benemeritos Ecclesiasticos praticam a mesma obra de misericordia e divino preceito; esperamos saber os nomes para os noticiarmos, pois devem ser conhecidos e respeitados. Contamos vêr na proxima quaresma, em todas as Freguezias, o mesmo edificante exemplo, que deve produzir o melhor effeito na boa indole da mocidade portugueza.

D. A. G. PUSICH.

ACÇÃO DE BENEFICENCIA — DITO CONCEITUOSO.

A Ex.ma Sr.a Condessa da Anadia, D. Maria Luiza, com sua ardente caridade, foi um dia soccorrer uma infeliz Sr.a, nobre por nascimento e virtudes, e hoje orfã desvalida, que geme n'um leito de dôres ha 14 annos; para chegar á habitação da enferma, subio S. Ex.a uma grande calçada, e ao entrar o quarto da sua soccorrida, disse-lhe a virtuosa fidalga « Ah! minha querida, isto é subir ao Ceo. » Este é o caminho « Respondeu a doente á sua bemfeitora. »

D. A. G. PUSICH.

Typ. Rua da Condessa n.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 27 — JANEIRO 15 — 1855.

A IMMACULADA

CONCEIÇÃO DE MARIA!

A voz potente soou no vaticano; e todos os eccos do mundo catholico repetem com jubilo, e enthusiasmo — *A Immaculada Conceição de Maria é Dogma de Fé!*

E quem ousará negal-o?!.... Quem ousará oppor-se ao Decreto do Summo Pontifice, sem pensar sem temer as consequencias de tão funesto delirio?!

Não será por certo o povo portuguez que deixará de cumprir o seu primeiro dever. A nação Fidelissima não consentirá jámais que se attente contra a Divindade de sua Padroeira, que se calquem as crenças Divinas que jurou sustentar. Os homens illustrados, ainda aquelles que por sua desgraça nutrem outras idéas, não se atreveram a affrontar os perigos a que sua imprudencia os expoem tentando sacrificar uma nação inteira!

Não obstante os boatos que actualmente giram, e inquietam os animos fieis, esperamos que Portugal será isempto do flagelo da heresia, como tem sido liberto por Deus, dos terriveis damnos da peste, fome e guerra, que de tão perto o tem cercado.

Se porém tivermos de passar por mais esta prova tremenda, não será no começo da tarde de nossos dias, que uma sombra sequer de duvida escureça o brilho da luz que nos tem allumiado desde o despontar da aurora de nossa existencia. Fieis, inabalaveis, aguardamos o resultado d'esta importantissima questão, que parece agitar vivamente a imprensa; — illustres e valentes campeões empunham as armas a favor de nossas crenças: nós tambem que ha tantos annos militamos na sublime crusada conservando-nos álerta saberemos apparecer ao primeiro clangôr das trombetas; nem póde haver a menor duvida sobre o nosso proceder futuro que o presente e passado abonam.

Com a franquesa e lealdade que sempre temos usado para com amigos, e contrarios, declaramos solemnemente que: — somos e seremos até ao derradeiro instante de nossa vida fiel á Santa Religião Catholica Apostolica Romana — cremos intimamente, e defenderemos com todas as nossas forças, os Dogmas Sagrados da Santa Religião que professamos. Se apparecerem incredulos que tentem derribar nossas crenças Religiosas,

saberemos offerecer nosso pequeno contingente, em defesa da nossa Religião, e mostrar por todos os modos que — *a força maior está na vontade.*

Esta folha é Religiosa — a questão (se ainda a pode haver) é de Religião; entendemos que nos pertence; todavia se o Governo julgar que devemos guardar silencio neste ponto pedimos que o declare a esta Redacção, pois a Redactora da Beneficencia obedecerá; mas a christã demandará outro espaço maior, onde livremente possa pelejar, sem que a politica entre nesta nossa resolução; sem trahir jámais nossas crenças politicas, abafando-as no peito, protestamos que nesta gloriosa lide entraremos só com as vistas e o coração em Deus.

D. A. G. PUSICH.

NECROLOGIA.

(Continuação dos N.os 24, 25 e 26).

Além de muitas obras uteis e grandes melhoramentos na Misericordia, o Ex.mo Arcebispo de Palmira conseguio augmentar os rendimentos da Santa Casa, como já dissemos no numero 24 desta folha; e deixou todos os pagamentos em dia; servindo gratuitamente, por que seus ordenados como Provedor da Santa Casa nunca os recebeu; foram todos applicados em beneficio de Estabelecimentos de Beneficencia, e legados pios, como depois mostraremos.

E' de justiça que digamos que assim como teve invejosos, ou inimigos da sua gloria, teve bons amigos, homens de merito superior, e zelosos do seu nome e do bem publico, os quaes muito o auxiliaram, como dissemos, e já nomeamos alguns illustres Cavalheiros, dignos da mais alta consideração; e como hoje ainda lembramos a Santa Casa, não deixaremos em olvido o nome do Sr. Luiz de Paula Bastos, digno Director da Santa Casa, o que sabemos que muito se desvelou por ajudar o Ex.mo Provedor a estabelecer a boa organisação daquelle piedoso Estabelecimento, onde só devem ser empregados homens de saber, e bom coração. E' justo que todos aquelles que souberam aprecial-o em vida, e mostrar que eram seus amigos e bons portuguezes, vão colher junto ao seu tumulo um ramo desses louros que lhe ajudaram a plantar.

Commissario geral da bulla da Santa Cruzada, o Ex.mo Arcebispo de Palmira foi incansavel no exercicio e desempenho das obrigações a seu cargo; e fez mais ainda; pois até as bulas novas, o modêlo dos mappas para a fiscalisação, e os planos para contabilidade, tudo foi obra de sua propria mão; e com a exactidão e zelo que distinguiam o seu caracter foi prompto nas remessas importantes que enviou aos differentes Seminarios de quasi todas as Dioceses do Reino, além de outras sommas enviadas para reconstrucção de Igrejas pobres, ou arruinadas De muito lhe serviam nestas honrosas fadigas a actividade, e intelligencia do Ex.mo Conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, e o illustre Mestre Escóla da Patriarchal Sr. Dezembargador Carlos Christovão Genues Pereira, e sem que nos prenda o receio de affligir a modestia do Commendador Secretario geral da Bulla (porque a verdade está primeiro que todas as considerações do mundo) collocaremos o nome do Ex.mo Sr. Francisco Maria da Silva Torres, intimamente ligado ao dos benemeritos amigos do fallecido Arcebispo, que tanto com elle se desvelaram para conseguir os fins de tão justa lida; pois sabemos quanto este Cavalheiro trabalha solicito em seu honroso emprego.

O Ex.mo finado foi um dos fundado-

res do Asylo de Infancia Desvalida em Coimbra.

Desejariamos poder em resumo descrever todas as acções de beneficencia exercidas pelo Sr. Arcebispo de Palmira; porém, são tantas, e algumas revestidas de circumstancias tão especiaes, que não é esta Necrologia, escripta nos limitados espaços de um pequeno jornal, que póde narrar tantas virtudes, e feitos de tanta gloria; a sua biographia hade apparecer um dia, e lá devem patentear-se em todo o explendor e a luz da verdade os feitos que immortalisam a sua memoria, e engrandecem o seu nome, que as honras dadas pelos homens não poderiam levantar do pó, se o Altissimo o não distinguisse com tão elevada gloria.

De sua exemplar caridade quantas fieis testimunhas poderiamos offerecer!..... Quantos nomes poderiamos citar de pessoas fidedignas a quem a desgraça opprimio, e a sua caridade valeu!...

Tambem nossa debil voz levou ao seu beneficente coração os gemidos da oprimida innocencia, e elle voava a salvar o infante abandonado por seu pai; e ajudar-nos a soccorrer a viuva curvada ao peso dos annos e da miseria!... O pai honrado e vexado pelo infortunio, vio sua honra e seu nome afrontados recorreu a nossos bons desejos; nós implorámos em favor do infeliz a protecção de algumas auctoridades; e encontrámos no Arcebispo de Palmira (já no leito da morte) a prompta solicitude em se interessar pelo homem probo a quem a immoralidade, e astucia de um genro feriram mortalmente (1).

E não olhava elle a partidos; superior a essas cousas terrenas sua alma se ligava ao Ceo, e seguia os preceitos divinos amando e valendo a todos; e nestes factos que levemente apontamos tivemos próvas do que affirmamos; pois se o primeiro era liberal, o segundo era um honrado official da Convenção de Evora-Monte.

Bom filho soube amar seus virtuosos pais com o maior extremo, assim como a seus desvellados e saudosos irmãos de quem foi o maior amigo, e tão intimamente ligados foram pelos laços do sangue quanto pelos da mais pura amizade, sem que jámais esta fosse interrompida, pois unidos em vida com fraternidade, testaram de commum accordo reunir suas cinzas e as de seus pais n'um só jazigo, em Caminha; mandando alli construir uma capella, e um hospital para pobres.

Respeitava tanto o merito, quanto a amizade e a gratidão. Tivemos disto uma prova que em honra sua referiremos. No dia 3 de Julho de 1853, enaugurou-se o Retrato do Ex.mo Arcebispo de Palmira, que seus bons irmãos lhe dedicaram; (é um riquissimo quadro a oleo, onde a arte ostenta seus primores.)

---

(1) Se a honra das familias não impozesse o silencio, mostrariamos a que ponto chega a immoralidade de alguns homens, e quanto algumas auctoridades carecem de mais força, e melhor vontade para corrigir os males, e evitar os crimes, promovendo a moral publica. Este caso foi acontecido a 5 leguas distante de Lisboa, e o opressor, e delinquente é um empregado de justiça!.....

Fomos nós que unicamente nos expozemos ás consequencias da vingança de um máo homem; e levamos as providencias que se poderam alcançar mediante a protecção do fallecida Arcebispo. Deos approvou nossos sentimentos, pois ao regressarmos a Lisboa encontramos na estrada uma linda imagem de N. S. do Auxilio, de um modo singular. Sobre este feliz encontro daremos uma noticia circumstanciada, quando nos for possivel. O Sr. F. F. Serra testemunhou este caso.

S. Ex.ª dignou-se convidar-nos com toda a nossa innocente familia, para que assistissemos áquella solemnidade como parentes seus mais proximos, que assim nos honrou sempre. Então mostrou-nos os retratos de seus irmãos queridos, e de pessoas que elle mais considerava, e disse-nos que — faltava-lhe um — que tinha o maior empenho de o possuir, pois éra um Cavalheiro a quem muito devia, e muito amava por suas excellentes qualidades; que sería o maior favor que lhe podiamos fazer se lhe dissessemos onde, e como poderia obter aquelle retrato — era do Ex.mo S. Falcão! — Muito estimamos ver que o virtuoso Arcebispo amava tanto um cavalheiro que nós tambem muito presamos, que merece nossas mais altas considerações, e a nossa eterna gratidão — era tambem a gratidão que o movia ao dezejo de possuir aquelle retrato, pois o Ex.mo Sr. Falcão sendo Ministro da Marinha foi quem o despachou para Goa!

Diremos agora como o nosso Bocage.

« Quem presa a gratidão não presa o vicio. »

Não quiz o Altissimo que seus dias fossem de longa duração na terra! Quiz eleval-o ás maiores dignidades, e depois que alumiando este espaço com seus lumes, plantou as mais gloriosas palmas, ergueo seus vôos ao Ceu onde o chamava o Creador, para descançar de suas fadigas, e receber o premio de suas virtudes.

Findou sua gloriosa Missão, mas não findou sua gloria que perpetuou o seu Nome!

Uma doença fatal repentinamente o accometteu quando gosava uma saude, uma robustez que não enculcavam o menor sofrimento fizico, porém tinha — o moral! Subido a tão alto lugar, e tão espinhoso os abrolhos haviam forçosamente ferir suas plantas — os espinhos deste valle de lagrimas entranhando-se em seus laureis tocaram sua fronte gloriosa; e nem podia um justo deixar de seguir a senda marcada com os passos do Senhor, e regada com seu precioso sangue, — porque o Christo ao deixar-se coroar de agudos espinhos, ao abraçar a cruz mostrou que —

A Cr'oa sublime tem duros espinhos,
E' palma dos justos o peso da cruz.
Abrolhos são flores nos aspr'os caminhos
Que as almas em penas á gloria conduz. (2).

As febres da Asia enfraqueceram-lhe uma entranha (o figado) alguma causa moral agravou seus padecimentos e o condusiram á sepultura contando 54 annos de edade. Antes de começar o seu tractamento, e sentindo apenas uma leve indisposição, vendo que seu irmão o Dr. Francisco Maria entendia que devia tractar-se, quiz antes de tudo confessar-se e receber o Santissimo Sacramento da Eucharistia, dizendo — Primeiro a alma, depois o corpo. — Foi o Muito Rve.^do Padre Rocha digno prior de Santa Justa quem o confessou; e este sabio e virtuoso Ecclesiastico testemunhou o estado feliz d'aquella Alma toda entregue ao seu Creador; os discursos que fez sobre a caridade, o modo de applicar a esmola, e finalmente a devoção, o ardor o transporte divinal de seu espirito ao receber o Senhor!.... Dir-se-hia que abandonando o corpo foi esperar o Santissimo, e regressou á corporea prisão para receber o see Divino Hospede!

Tal foi o estado de sua fisionomia, antes de Sacramentado que parecia não pertencer já a este mundo, concervando-se immovel, apertando fortemente a cruz

---

(2) Estes versos são meus; pertencem á poesia que dediquei a Sua Magestade A Imperatriz quando morreu Sua Augusta Filha. A Poesia intitula-se — *Monumento de amor e saudade.*

em suas mãos; e só os olhos eram vivos mas estaticos! Tal foi a mudança rapida de morte á vida logo que recebeo o Santissimo Sacramento! A animação, o jubilo, a fé, a esperança douraram seus ultimos preciosos instantes! Parecia, e de certo, estava inspirado!

Ás lagrrimas de seus queridos irmãos, amigos, creados, e mais pessoas, elle respondia com um sorriso Celestial, com palavras de Religião que iam qual balsamo vivificante suavisar o excesso de uma dor insuportavel, e levar ás almas a precisa conformidade! Não esquecendo as pessoas que mais amava, e de quem era amado, recomendou especialmente a seus irmãos aquelles entes que mais dignos considerou de suas ultimas lembranças! A religião, a caridade, o saber acompanharam seus derradeiros pensamentos.

Pelas 3 horas da manhã do dia 8 de Novembro de 1851 sua alma soltou o vôo extremo e foi renir-se ao Supremo Creador.

Foram religiosamente cumpridas suas ultimas vontades! Louvor aos illustres Cavalheiros que tão nobre e generosamente sabem honrar a memoria de seu Ex.mo Irmão, e mostrar que são seus irmãos até nas virtudes, por que aquellas trez almas formavam uma só.

Penna insuspeita se prepara para em tempo opportuno honrar a memoria do virtuoso Prelado compilando tudo o que ha de mais notavel na sua vida, em relação a esses actos tão illustres como proprios de um prelado e de um portuguez. Existem apontamentos assás importantes escriptos pelo proprio punho do Ex.mo Arcebispo.

No seguinte numero daremos noticia do grande funeral, e uma Relação dos legados satisfeitos pelos Ex.mos Irmãos do virtuoso Prelado, e que elle verbalmente lhes ordenára distribuissem do subsidio que o mesmo Exmo Arcebispo tinha vencido como provedor da Santa Casa da Mizericordia de Lisboa, e que nunca recebeu, nem quiz para si, mas sim para estabelecimentos, e actos de Beneficencia. A poesia fechará esta Necrologia, e assim como em vida gravámos uma incripção junto ao seu retrato, conservando indeleveis as honras mais subidas, e as bondades com que então se dignou distinguir-nos, iremos erigir á sua memoria um Monumento de perpetua Saudade, e derramar sobre suas cinzas respeitaveis as lagrimas puras da mais fiel amizade.

(*Continúa*)

D. A. G. PUSICH.

A...

TEIMASTE! ao baile esta noute
Irás já, mas já sem mim!
E se entre as festas ruidosas
Saudades tiveres d'aqui,
Tarde é já: oh! mas, ao menos,
Chora, pensa, e dize assim:
« Nunca mais, matei o encanto:
Do que neste mundo havia
De maior, e de mais santo!
Desfolhei, de flor em flor,
A c'rôa que elle formára
Das gallas do nosso amôr!
Ai! adeus! que amor aquelle,
Qu'illusões, e que ciumes!
E ainda o clarão dos lumes
D'esse frenetico affecto
Me abrasa o pensar inquieto
De remorsos e queixumes!
Vejo-o nas sombras longicuas
De um sonhar vago, e incerto!
E quanto mais longe o julgo,
Mais delle me sinto perto!
Vejo-o nas agoas dormentes
Inda a fallar-me d'amôr,
E nas vagas doudejantes,
Vejo-o entregue á raiva, e á dôr!
Depois, ao clarão da lua,

N'aquellas noutes formosas
Em que nasce o amôr co'as rosas,
Se fito as vistas no espaço,
Cuido, em luminoso traço,
Soletrar o nome d'elle!
Depois se a tormenta se ergue
E algum raio ao longe cae,
Na chamma cuido que vae
O resto do seu amôr!
Depois, nas horas solemnes
Que ás vezes cortam a vida,
Quando alguma esp'rança q'rida
Se desfolha, e a leva o vento:
Quando nossa mãi nos morre:
Quando nosso irmão se ausenta,
E que a saudade rebenta
Na alma, de noute e dia,
Vejo morta, extincta, e fria,
Aquella fronte, que outr'ora
Era a rival scintillante
Do sol, da luz, da alegria!»

JULIO CEZAR MACHADO.

Apontamentos para Historiographia Historia da Geographia e da Chronologia.

ARTIGO II.

HISTORIA DA GEOGRAPHIA.

Abrindo a Historia da Geographia Grega, é o nome de *Hesiodo* o que primeiro naturalmente nos occorre, com quanto seja muito posterior a Orpheo, e mesmo a Homero; porque na sua *Theogonia e Cosmogonia*, nos dá mais extensamente noticia das fabulas e mythos gregos, communs á sua Geographia e Chronologia. *Uranus*, rei dos Atlantes, que regulou o anno e cujo nome foi depois dado ao firmamento; *Atlas*, seu filho, inventor da sphera, transformado nessa cordilheira da Africa, uma das bases da aboboda celeste; e *Hercules*, o herdeiro dos seus segredos astronomicos, e cujos trabalhos parecem significar a grande catastrophe, origem do Mediterraneo, são os principaes vultos mythologicos nos quaes apparecem as primeiras ideias da Chronologia, Cartographia e Geographia. *Hercules* para os Gregos foi o inventor da Astronomia. Fantastica ou não, não ousamos nós omittir de todo esta noticia; porque os mythos parecem á primeira vista occultar-nos uma civilisação perdida na nuvem dos tempos; parecem ser os palidos luares de um progresso admiravel, que o baço reverbero de milhares de gerações incultas só nos deixa chegar a travez de uma rudesa pythuresca, que a ignorancia transformou em crenças religiosas, e a inspiração, depois revestiu de poesia.

Não fallaremos de Orpheo; o poema sobre os *Argonautas*, por alguns a elle attribuido tudo indica ser obra dos Alexandrinos. A expedição mesma não póde a critica deixar de conciderál-a ou como uma mera invenção poetica, ou como tendo seguido um caminho muito diverso do que os poetas delemniam, entrando pelo mar Negro e voltando em roda da Asia, pelo supposto Phasise mar de Saturno. A' proporção que os conhecimentos se dilatavam, a derrota dos Argonautas tomava nova direcção em busca de uma possibilidade, que nunca encontrou. Hoje que temos um continente compacto diante de uma lenda grega ainda exitaremos em proscrevel-a?

De Homero em diante até Cosmas, o ultimo Geographo grego, a Historia da Geographia divide-se em duas partes distinctissimas: — uma verdadeira, abrangendo os estreitos limites dos conhecimentos que os Gregos tinham da superficie do nosso globo — outra que começa fantastica, comprehendendo a cosmographia e as mais estravagantes supposições, a respeito das regiões desconhecidas, consequencias naturaes da viva imaginação e ignorancia em que os Gregos estavam a respeito da terra.

As noticias geographicas dos tempos heroicos é nos *poemas de Homero* que se acham: A Asia e a Europa eram as duas unicas partes do mundo: naquella o mar Negro, o Paiz dos Ethiopes, a Phenicia, e algumas pequenas ideias do Egypto e Libia, consideradas como regiões da Asia: nesta Corfu, as Columnas d'Hercules, Sicilia, (não chegando mesmo a conhecer o Rheno),

e a Grecia, Epiro, Atica, e Ilhas do Archipelago, das quaes os conhecimentos eram os que somente tinham certos: eis o estreito horisonte a que se estendia a Geographia homerica, fora do qual principalmente na alta Asia, eram os *paizes phantasticos*.

Herodoto de Halicarnasso, e talvez negociante naquella cidade commercial, presentindo apenas os erros cosmographicos do seu tempo pela sua propria experiencia, adianta-se não pouco á Geographia dos tempos heroicos, assim como, se avantajou na Historia. Na Europa alem da Grecia, Epiro, Macedonia, Thracia até o Danubio e Dnieper, conhecia o Adriatico, a Tyrrenia, a Iberia e o Tartessus Guadalquiquivir já fóra das Columnas de Hercules; tem noticia dos Celtas e dos Ligurios; conta que o ambar vem dos extremos da Europa, e dá noticia das Regiões do Pruth (Parata, no seu tempo). — Na Asia, sabe que o mar Caspio é um lago; coloca os Persas junto do mar meridional, ou Erithreu: para o norte os Medos, e mais alem os Cholchidos, que chegam ao mar austral, aonde despeja o supposto Phasis. — A Africa já nos olhos de Herodoto é uma terceira parte do mundo, na qual, alem do Egypto, que viajou, dá noticia do deserto, ao occidente delle os Garamantes e Atlantes, que risidem junto do Atlas, adiante do qual só suppõe dezertos.

Hanuon, almirante chartaginez, tentando uma viagem em volta da Africa, chega apenas ás Canarias; pelo menos os Gregos tiveram noticia deste caso por uma traducção de uma lapida, que se conta ter o heroe gravado em memoria da empreza. Se foi verdadeira, nem por isso a sciencia della tirou resultados, nem as fabulas nesta parte decahiram.

Sylax, de Cariande na Caia, contemporaneo da guerra do Peloponeso, ou por viagens, que emprehendeu, ou por noticia de viagens, de outros, que aproveitou, escreveu largamente sobre Geographia mas apenas resta o que diz respeito ás Costas da Palus-Meotida, Ponto Euxino, Archipelago, Adriatico, todo o Mediterraneo com as costas da Africa occidental até a ilha Cernea, «alem da qual, diz elle, o mar não é navegavel, por causa das espeças ervas que o cobrem» isto é, o mar de Sargaço, ao sul das Canarias; e as costas occidentaes do Mediterraneo, aonde entre outras cidades conhece Marselha, a principal; é tambem o primeiro que falla em Roma; mas, como os seus predecessores, exagera a extensão da Sicilia, e os perigos do seu estreito. Parece porem que tanto o Poriplo (viagem) de *Hanuon* como o do *Silax* foram pouco conhecidos; porque os outros geographos posteriores são menos exactos, e ao mesmo tempo de grande credito e voga.

Pytheias, Marselhez, um pouco anterior a Alexandre, preferiu tomar para o norte, e foi por Albion, Thulé, e Scandinavia, até o mar Baltico. Deste Periplo apenas restam cabeças de materia, que produzem com tudo um todo homogeneo. Malte-Brus contra Strabão e Gosselin, toma esta viagem por verdadeira, fazendo-lhe desapparecer os absurdos, que lhes introduziu o erro de a calcularem por estadios de duas diversas especies. Strabão, desconhecendo o norte europeo, tinha razão; mas não assim os modernos: por incrivel que tal viagem pareça, o conformar-se com a verdade não garantirá a sua realidade?

(*Continúa*).

...

O PODER DE UM DRAMA.

FRAGMENTO.

(*Continuação do n.º 24*).

2.ª PARTE.

OS REMORSOS.

Les remords nous amaigrissent lentement, et terminent par nous conduire à la sépulture!....

(*Continuação*).

Acabava de soar uma hora da noute..... d'uma dessas noutes tempestuosas, que ás vezes nos offerece o outom-

no, em que se acham quasi desertas todas as ruas da cidade. Não obstante o relampejar continuado, o estampido do trovão, perdendo-se no espaço, a chuva caindo em torrentes, — um homem, que apenas contaria vinte e sete annos de idade, caminhava apressado por uma das ruas de Lisboa. Sem duvida algum motivo importante o obrigava a transitar a taes horas, exposto a um tão rigoroso temporal. Quem podesse contemplar-lhe o rosto, não só divisaria nas suas feições signaes de uma dôr, que se havia perpetuado em seu coração, mas igualmente estampado o receio e a timidez: seu peito arfava descompaçadamente.

Em quanto se passava o que acabamos de descrever, uma scena assás sentimental tinha logar no sitio de**. N'um quarto elegantemente mobilado, e apenas esclarecido por uma fraca luz exhalada d'um candelabro, — viam-se duas jovens, uma sentada, triste e pensativa; a outra, que apenas teria vinte e seis primaveras de idade, deitada sobre um leito; seus olhos côr do veu da noute, d'antes resplandecentes, cheios de vida, agora achavam-se encovados e quasi que devisando-se nelles a morte! seus cabellos pretos e finos caíam ao abandono sobre o travesseiro! suas faces outr'ora asselinadas, e disputando primasia ás rosas, estavam neste momento desfiguradas! seus labios sempre tão rubicundos, tinham perdido a côr! ..... finalmente seu delicado corpo quasi que estava inerte!

A joven que estava sentada levantou-se e dirigiu-se para o leito em que jasia a infeliz; esta sentindo passos abriu os amortecidos olhos, e ao ver L.. exclamou: — Julgava que fosse elle!

L... apertando nas suas uma das mãos da sua amiga, lhe disse: — Socega, elle não póde tardar; é bastante cavalheiro, ama-te ainda, e não deixará por tanto, de cumprir os desejos daquella a quem jurou sempre adorar. — Se J..... não vier, se eu não poder despedir-me delle, (disse M... suffocada em pranto) oh! então a minha morte será bem dolorosa! — Não augmentes a tua dor com essas idéas! J.... virá, eu t'o asseguro: se não fôr hoje, será ámanhã. — Amanhã? (atalhou M... immersa na mais profunda dor) ámanhã! — já não existirei! Não ouves o estrondo do trovão?... Não ves a noute como se conserva tenebrosa? tudo isto me presagia o meu prematuro fim! Eu mereço a morte... desejo-a do intimo d'alma; mas quizera antes della chegar, fallar ao meu querido J.... » E levantando os olhos ao Ceu, pedio a Deus lhe satisfizesse esta derradeira vontade.

L... affastou-se do leito, e dirigiu-se para um dos lados do quarto, como procurando algum objecto que desejava encontrar; mas o fim principal era querer, sem ser vista de M...., enxugar duas lagrimas que lhe borbulhavam nos olhos.

M... chamou para junto de si a sua amiga, e lhe disse: — Ha um mez que estive em tua casa, e que me leste esse drama escripto com ternura, verdade, e paixão; e bem digo o Ceu por me haver deparado o instante de ouvir tal leitura que me fez entrar no caminho do dever e da gratidão. Desde logo aborreci o mundo sempre enganador e cruel, e comecei a dedicar a minha vida a Deus, a J... e a ti. — E foi desde o dia immediato que não mais te achaste com forças de te levantares desse leito! — Do qual não sairei com vida: d'aqui conduzir-me-hão ao sepulchro!

(Continúa).

J. J. DA SILVA.

TYP. RUA DA CONDESSA N.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 28 — FEVEREIRO 1 — 1855.

FESTA DE N. SENHORA DAS DORES

NO REAL MOSTEIRO DE SANTA JOANNA.

No dia 24 de Março proximo, começa o Septenario das Dores da Virgem Mãi de Deos, no Real Mosteiro da Princeza Santa Joanna; e no dia 30 haverá uma pomposa festividade, como todos os annos costuma haver, a qual é feita á custa do Ill.mo Director, e Alumnos do Collegio de Nossa Senhora das Dores da Freguezia do Santissimo Coração de Jesus; auxiliada pelos fieis que tem a ventura de conhecer as vantagens que resultam á sociedade destes exemplos religiosos, que moralisam a mocidade, fazendo que desde os mais tenros annos aprendem a amar e respeitar o Author Supremo que lhes doou a vida e o entendimento. Devemos todos concorrer, e imitar o ardente zelo, a edificante devoção do Sr. Padre José Maria Coelho, e rogar a Deos nos conserve a preciosa vida de tão digno Ministro dos Altares. Damos os parabens a seus alumnos, e nos congratulamos com os pais e mãis dos mesmos, e com esta nação, pelos bens que nossos filhos recebem, da instrucção e moral que lhes offerece a sábia direcção de um exemplar benefico Professor, e amante pai.

D. A. G. PUSICH.

Á IMPERATRIZ VIUVA

DUQUEZA DE BRAGANÇA.

LEMBRANÇAS DE FEVEREIRO.

Vem Fev'reiro desabrido
O horisonte escurecer;
E aos peitos que tens ferido
Novos golpes off'recer!

Olha em feridos recentes
Sangue puro a gotejar!....
Queres vel-o hoje em torrentes
O coração inundar?!

Queres co'a sombra da morte
Que te encobre a palidez,
Enegrecer mais a sorte
Deste solo portuguez?!

Ai não ves que soffre tanto!
Que tanto soffrido tem?!....
Ai quantos em luto e pranto
Teu regresso infausto veem!

Se em teus dias começaste
Penas tantas aos mortaes,
E da terra ao Ceo levaste
Seres tantos divinaes:

Cantem-te n'essas alturas
Os coros de eterna luz;
Não quem busca as supulturas
E suspira junto á Cruz.

Que lembranças!... Que saudade,
Vem minha dor agravar!....
Foge a noite, e a claridade
Já começa a dispontar...

Foi agora!.... Sim n'est'hora
Que da terra se ausentou
Esse por quem choro agora
E que a vida me doou!

Senhora!... tu que saudosa
Velas n'est'hora infeliz,
Carpindo a filha mimosa,
Flôr das flores mais gentis;

Se ao jasigo os passos levas
Olha que não estás só;
Pois no silencio das trevas
Beijo comtigo esse pó!....

Só na dor te igualo a sorte
Que tambem filhos perdi,
Pai e mãi, irmãos consorte,
Em meus braços morrer vi!

Vi fugir da vida as flores,
Os espinhos vi crescer;
Neste deserto de horrores
Onde vivo a padecer!...

Por entre sombras vagando
Só diviso ao longe a luz,
Calco abrolhos demandando
O repouso aos Pés da Cruz.

Alli desponta essa aurora
De immortal vivo esplendor;
Que dá risos ao que chora,
Prazeres ao que tem dor.

Ao reflexo luminoso
Desse divino pharol,
Olha um rosto mais formoso,
Mais fulgurante que o Sol!...

E' Maria dolorosa
Virgem sob'rana dos Ceus;
Chorando a morte afrontosa
De Seu Filho e nosso Deus.

C'o a virgem Mãe suspiremos
Abraçando a Excelsa Cruz;
Nossas dores ajuntemos
Aos tormentos de Jesus.

No silencio, no retiro,
Nas horas da solidão,
A virgem com um suspiro
Findará nossa afflição.

Senhora!... o teu solio juncado já viste
De rosas e mirthos no seio do amôr;
Mas hoje o universo te off'rece, êrmo triste,
Em vêz d'essas flores — espinhos e dôr!

As rosas levoa-as a brisa ligeira
A' C'roa de um Anjo que vive no Ceu
Mas tens a saudade!... fiel companheira
Que em peito sensivel jámais feneceu.

Além no horisonte, luzindo uma Estrella,
Divisa entre sombras propicia a sorrir!...
De fé e de esperança misterios revela,
E ao triste promete — ditoso provir. —

Porvir é de gloria, de immensa ventura
Que Deus nos destina portanto soffrer;
Sem cruz sem espinhos, ninguem sobe a altura
Que o sangeu do Christo nos faz merecer.

Choremos que é sorte! louvemos o Eterno!
Quem geme sem culpas eleito é dos Ceus.
Agora concede que ao throno Superno
Meus votos se elevem unidos aos teus.

Fugindo aos prazeres, ao fausto, á riqueza,
Qual ave das campas anhelo a solidão;
E se hoje ati vôo só busco a tristeza,
Só busco as virtudes do teu Coração.

E tu que não amas os risos fingidos,
Que sabia despresas lisonja falaz;
Á voz da verdade, aos mistos gemidos
Abrigo em teu peito benigna darás.

Embora no mundo ess'arte se estude
Que sabe entre pompas vencer, agradar:
Minh'alma não pode senão á virtude
Sincera homenagem amor — Consagrar.

D. A. G. PUSICH.

NECROLOGIA.

(*Continuado*).

O funeral do Ex.mo Arcepispo de Palmira foi tão pomposo quanto catholico. Além de dois coches da Casa Real e immenso numero de pessoas de todas as jerarquias e opiniões politicas a formar-lhe o funebre acompanhamento, estavam no Alto de S. João 50 pobres do Azillo da Mendicidade a cada um dos quaes como esmola particular se deu uma vela de cêra de arratel; e ao sair o cadaver do seu Palacio em Santo Estevam, déram-se esmolas de 50 réis a mais de 400 pobres. O corpo hia em 3 caixões, sendo um de zinco; as chaves foram entregues ao Ex.mo Sr. Ministro d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça: as argolas do caixão principal sostinhão-as os Ex.mos Internuncio Apostolico, Bispo Resignatario de Angola, D. Prior de Guimarens; o Mestre Escola da Sé Patriarchal; e os Ex.mos Pares do Reino Srs. Rodrigo da Fonseca Magalhães (Ministro e secretario de Estado dos Negocios do Reino, Conde da Ponte (Governador Civil de Cisboa) Visconde de Balsemão; e o Presidente da Relação Ex.mo Sr. Sequeira Pinto.

Foi condusido ao cimiterio do Alto de S. João, onde se depositou no Jasigo do illustre cavalheiro o beneficente Sr. Joaquim Pereira da Costa, Presidente da Direcção do Banco de Portugal; para d'alli ser transportado a um Jazigo que se vai construir em Caminha. para n'elle descançarem juntamente os restos mortaes de seus mais proximos parentes.

Teve muitas missas repartidas por Padres dos mais pobres além das Missas que por espaço de 3 dias se disseram na Mizericordia. Em todos os conventos que foram soccorridos com esmolas por seu fallecimento, tem-se orado pela alma do Virtuoso Prelado, que de todos os bons tem sido chorado.

O Altissimo lhe conceda a Paz Eterna livre d'este infeliz desterro, e queira aquelle espirito caridoso que tanto nos amou na terra, orar por nós no ceu, assim como por todos os seus parentes e amigos, e tambem por seus injustos contrarios; e por toda esta Nação que elle tanto honrou e presou. Assim o cremos; e esta fé unida á suave esperança de uma perpetua reunião, anima os corações fieis que não sabem ser ingratos, nem esquecer na morte aquelles que tanto amaram em vida.

Passamos a publicar as esmolas principaes que se distribuiram por Estabelecimentos pios, e conventos pobres; e no seguinte numero levará a poesia as lagrimas da saudade e as corôas devidas ao tumulo do amigo verdadeiro que perdemos na terra e ganhamos no Ceu.

D. A. G. PUSICH.

Relação dos Legados actualmente satisfeitos pelos Irmãos do finado Ex.mo Sr. Arcebispo de Palmira e que este verbalmente lhes ordenára a distribuição do subsidio que o mesmo Ex.mo Prelado,

---

(*) A Princeza D. Maria Amelia, e meu presadissimo Pai, nasceram em dezembro; e fallesceram em Fevereiro. Meu Pai ás 3 horas a Princesa ás 4 da manhã dos dias 4 e 7.

que Santa gloria haja, tinha vencido como Provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

A saber:

Para o Asylo de Mendicidade de Lisboa.....	100$000
Para a Associação Consoladora dos Afflictos.....	24$000
Para as Religiosas do Real Convento do Desagravo do Santissimo Sacramento de Lisboa.....	12$000
Para as Religiosas do Real Convento da Madre de Deos de Lisboa.....	12$000
Para as Religiosas do Convento do Senhor Jesus Rei Salvador, de Lisboa.....	24$000
Para o Asylo de Infancia Desvalida de Coimbra de que foi um dos seus fundadores o mesmo Ex.mo Prelado..	50$000
Para a sua Sociedade Humanitaria do Porto.....	50$000
Para as Religiosas do Convento do Sulvador de Braga	50$000
Para as Religiosas do Convento de Lorvão de Coimbra.....	50$000
Para o Asylo d'Infancia desvalida de Vianna do Castello.....	50$000
Para o Hospital de Nossa Senhora da Caridade de Vianna do Castello.....	24$000
Para o Hospital da Misericordia de Caminha do Minho..	50$000
Para a Camara Municipal da mesma Villa para ser applicado a obras pias a cargo da mesma Camara.....	50$000
Além do dote a Tres donsellas orfãs de Pai e mãe e inteiramente desvalidos a 100$000 réis cada uma no Brazil.....	300$000
E mais de 100 missas etc.,	etc.

ORTHOPEDIA.

Em o numero 24 desta folha, publicámos uma noticia á cerca da descoberta de uma engenhosa machina para curar os rachiticos; e offerecemos as columnas deste jornal aos Srs. Facultativos que estavam ao facto d'este negocio, para nos darem os precisos esclarecimentos que tanto enteressam o bem da humanidade. Recebemos uma carta do Sr. Dr. Brilhante, a qual passamos a publicar; e depois diremos algumas palavras sobre a mesma.

CARTA DO SR. BRILHANTE.

Ill.ma e Ex.ma Sr.a D. A. G. Pusich.

Ao lêr o numero 25 do jornal — A BENEFICENCIA, datada de 15 de dezembro de 1854, encontrei a noticia d'um trabalho communicado a V. Ex.a por uma senhora, o qual tem por fundamento dois factos occorridos nesta capital em duas meninas rachiticas, que pertendo tractar e curar pelos meios conhecidos na sciencia como meios profícuos em taes casos. Estes factos são verdadeiros. Com elles occuparei algumas horas, em tempo, para formular uma memoria, que naturalmente verá a luz do dia.

Não sei se da parte dos meus collegas houve alguma opposição, pois se a houve ella caducou com as provas irrecusaveis.

Mas o collega ou collegas que aconselharem um doente a ir tractar-se em Paris, conselho que de nota GRANDESA, declarar-se-hão incompetentes, por tal conselho, para curarem aqui essa doença. Ainda mais, se estes collegas em

consulta forem vencidos, declarando a maioria a incurabilidade do doente, segue-se que nenhuma consciencia tinham do bom resultado do seu conselho, e segue-se igualmente que quer n'um quer n'outro caso houve leviandade, isto é, mandou para Pariz e logo depois concordou em não mandar!!

Postos de parte estes conselheiros por incapazes (cuja incapacidade provaram exuberantemente de si mesmo), aquelle pratico que depois d'isto desse um plano scientifico, proficuo, e que nem obrigasse um pai a largar os seus lares, nem a deixar sua filha torta (corcunda), devia ser mal visto dos primitivos oraculos, que, julgando-se no pinaculo da sciencia, tinham cahido dessa quimeria crença, dando elles mesmos as provas!

Como entre nós a sciencia se avalia pelas exterioridades, ainda assim estou certo que, tendo levado á evidencia as pantufices dos antagonistas, de modo algum elles perderão os eu bom nome! Nesta parte concordamos com o illustre Gall, que diz assim: Il faut avouer que l'homme dans plusieurs des movements les plus importants de sa vie, est soumis á l'impire d'un destin qui, tantôt le fixe contre un rocher comme un coquillage inerte, tantôt l'élévé en tourbillon comme de la poussiér. (Origine des qualités moralles, page 249, tome 1.°)

Si volet fortuna, de rhetore, consul.

Quando a fortuna protege, o mestre de rhetorica pode subir á dignidade de consul.

Dit: le chemin qui conduit aux honneurs, est soumis au pouvoir de ces divinités que les hommes ont élévées sur les ruines de leur liberté...

Quid istut sibi cult?

Que quer isto dizer?

V. Ex.ª na qualidade de senhora dotada de espirito e penetração, pode avaliar a falta de claresa desta epistola, que afastada da especialidade em questão, tracta somente do assumpto em geral, ficando aos interessados a appropriação destas poucas reflexões.

É certo que eu respeito a sapiencia dos meus collegas, principalmente dos que estudam com particularidade a loucura, estudo este que os hade tornar insignes; mas sempre que possa, tractarei de provar-lhe por estes e outros factos até que ponto poderão ser verdadeiros antagonistas. É facil figurar entre os loucos, difficil figurar entre os ajuisados. A vontade, a graduação, o tempo, estes tres chavões, poderão um dia aclarar as nullidades do seculo.

Não sei se é ou não é novo este estudo em Portugal; porém posso afiançar a V. Ex.ª que estes estudos não os sabem os lentes da Escola Medico-Cirurgica, e muito menos os facultativos do Hospital de S. José. Estes estudos como muitos outros não podem ser feitos em miseraveis, necessitam meios pecunearios um pouco elevados; a escola não os tem, o hospital não tracta disto.

A imprensa, quasi com a velocidade do raio, communica a todos os recantos do mundo as descobertas scientificas, e estas não podem ser apanhadas nos saraos, só sim podem ser apanhadas pelos estudiosos. E os capitaes para os livros?

Afianço igualmente a V. Ex.ª que ha os tres artistas encarregados de fazer a segunda aparelho orthopedico; e que o segundo facto hade ser autenticado por certo numero de facultativos, para assim evitar as duvidas indecentes, offerecidas pelos ignorantes aos factos scientificos, que por mais de uma vez tenho revelado, colhidos na minha pratica.

Eis aqui o que por agora posso revelar com verdade.

Creia V. Ex.ª nas severas attenções

e respeitos que tributa ao seu talento e elevados conhecimentos o seu

Attencioso Servo

Antonio Maria dos Santos Brilhante.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1855.

A emulação é uma paixão nobre, um incentivo proveitoso ao progresso das artes e sciencias. Os homens de genio são sempre ardentes em suas palavras como em seus pensamentos; e quando por qualquer modo é ferido o seu natural orgulho, seu resentimento é como a faisca despedida n'um choque electrico. Assim vemos na carta que acima publicamos, ao julgar-se o seu auctor contrariado por algum de seus collegas, mas essas discussões tornam-se vantajosas á sciencia e ao paiz, dando lugar a que se pense e medicte n'um ou mais estudos menos conhecidos, ou não conhecidos aqui; revelam capacidades; e dão a certeza de que — *sem irem aprender a Pariz* — podem os homens de talento applicar-se ás sciencias, e colher os melhores resultados; porque Pariz não é *a fonte dos milagres — a california das sciencias* — esses prodigios existem nas luzes que tem Pariz e outras nações cultas onde se desenvolvem os talentos accolhidos, e protegidos pelos Governos; esses esplendores reflectem dos livros onde os sabios deixaram os raios immortaes de seus lumes; os quaes venham de qualquer ponto do Globo, podem e devem alumiar o Universo, sempre que o genio erguendo seus vôos vá demandar esses reflexos onde estiverem; e elles estão nos livros não estão no terreno, como prerogativa de algum.

Os nossos sabios não precisaram ir a Pariz buscar sua instrucção, Filinto Elizio, Silvestre Pinheiro, são nomes bem conhecidos e gloriosos!... Estes leváram á França os esplendores que lhes déo Portugal... seus genios eminentes: O Ex.mo Visconde de Santarem levou igualmente para Pariz os profundos conhecimentos que allí o fazem brilhar dando a maior gloria ao nome portuguez!... Só uma ridicula moda estrangeirando tudo (até as palavras) parece querer perpetuar uma dependencia vergonhosa; uma falta de brios e patriotismo, que não se combinam com o caracter portuguez livre — brioso — independente!

Respeitemos as nações illustradas; façamos o que ellas fazem de bom; façamos ainda mais se podermos; leve-nos a isso o brio nacional em que nação alguma nos escede — não queiramos degradar-nos.

A carta do Sr. Brilhante despertou-nos as idéas que acabamos de espender. Lendo um periodo em que se refere a *um conselho de se ir curar a Pariz uma doença incuravel* (1) não podemos resistir ao dezejo de pegar da penna e entregar ao prelo estas sinceras reflexões! Nós que tão cordealmente presamos como nossa esta abençoada terra; nós estrangeira de sangue portugueza de coração, sentindo vivamente não ter nascido neste precioso torrão, que poucos hoje sabem apreciar, lamentamos, e custa-nos a crer, que entre os portuguezes existem portuguezes (degenerados) que entendam que só indo beber as aguas da *Hipocrene Pariz* se podem colher os verdadeiros conhecimentos!...

---

(1) O sr. Faustino da Gama, soffrendo uma perigosa enfermidade, foi tratar-se a Pariz; mas não tendo lá encontrado na Medicina exacto conhecimento da sua doença, regressando a Portugal obteve do seu Me-

Os Cisnes portugueses não careceram, para se imortalisarem lavarem-se nas douradas aguas do sena. (2) O Tejo formoso e ameno tem aguas cristalinas e preciosas, para quem as sabe conhecer....

Perdoe-nos o sr. Brilhante, mas nós estamos a sangue frio na questão de tal machina, (3) e cremos que alguma *agulha ferrugeata* busca inquietal-o, e perturbar-lhe a satisfação da sua descoberta, fazendo pensar que alguns de seus collegrs tentára dificultar-lhe os passos!.. Não cremos que homens instruidos, para sepultar a gloria de um collega, um compatriota, queiram roubar á sua Patria, e á sua classe uma vantagem! essa persiguição era ignobil; porem quando fosse verdadeira, fôra um triunfo o mais completo para aquelle que só, e combatido, pode engrandecer-se, honrar a sua Patria, e distincta classe a que pertence. De qualquer sorte lhe dâmos os parabens; e esperando que tambem os outros srs., que tiveram noticia do caso em questão, nos dêem alguns esclarecimentos a tal respeito, buscare-mos nós ir ver a machina que se está fazendo, e depois do que observar-mos darêmos noticia fiel a nossos illustres leitores.

D. A. G. PUSICH.

---

dico assistente, que descobrisse a molestia e lh'a curasse radicalmente; o que pelo mesmo sr. Faustino da Gama foi publicado na imprensa. O Ex.^{mo} Duque de Palmella foi a Pariz e voltou com a mesma doença de que morreu; e muitos outros exemplos que escusamos citar comprovam assás que — as aguas do Sena não são as aguas do Jordão.

(2) Dizemos — *doiradas aguas do Sena*, — porque indo a Pariz notâmos que aquelle rio não tem aguas cristalinas; mas sim turvas e de uma cor amarelada: por isso poetisando as dizemos *aguas de oiro*: não porque as prezemos como taes; pois tendo estado em todas essas grandes capitaes da Europa só as citamos para na comparação engrandecer Portugal: nem trouxemos de lá o que d'aqui não tivessemos levado.

(3) A machina para indireitar corcovas não podia aparecer em melhor tempo!... A molestia parece ter-se esteudido a algumas cabeças feminis... e peitos varonis .. (Vide os chapeus da ultima moda nas sr.^{as} e a elevação dos peitos ou *estomagos* dos homens!) Seria bom que apparecesse um remecio efficaz para taes defeitos externos, que parecem indicarem algum defeito interno. (Isto é brinco, para desviar um instante o espirito do arido terreno d'esta questão, não é critica, pois não gostamos de censurar, ande cada um como quizer, que nós só de passagem notamos quimeras.)

Apontamentos para Historiographia Historia da Geographia e da Chronologia.

ARTIGO II.

HISTORIA DA GEOGRAPHIA.

(Continuação).

Todas estas obras eram dos Gregos da Asia das industriosas cidades da Jonia, Dorica, e Eolix aonde o gosto pela sciencia se desenvolvem mais energicamente: com tudo os homens mais distinctos da Grecia propriamente tal opreciavam este genero de estudos. Vejamos

Xenophone, que deveu aos seus conhecimentos geographicos a sua gloriosa retirada, deu pela narração della conhecimento aos Gregos dos territorios por onde passou, hoje o Hurdotan e a Armenia.

Aristoteles, de Stagira na Macedonia (380 ant.). peripathetico, foi o primeiro dos philosophos que se afastou das ideias homericas, e tomou o caminho experimental: reconheceu a forma spherica da terra na sua justa proporção, pela observação das estrellas; porem suppor que a Hespanha não distava muito das Indias, pensamento que depois Colombo seguio. O seu mappa-mundi limita-se ao Oriente no Indus ao Occidente

no Tartessus, ou Guadalquibir, ao norte nos montes Ripheus, e ao sul na Libia, que termina por um grande rio, o Lenegal no sentir dos modernos: do norte da Europa só confusamente conhece até os Alpes e Ilhas Albion e Jerne. Em quasi todas as suas obras nos dá Aristoteles noticias geographicas, especialmente no seu *Mundo*, aonde expõe o seu systema cosmographico, de que tractaremos. Aristoteles feixa a epocha aurea, porque n'ella se educou: e abre a alexandrina, porque n'ella muito, influio, já por si proprio, já por seus discipulos, dos quaes Alexandre foi o principal.

Dicearco, um delles compondo uma discripção da Grecia, de que apenas restam interessantes fragmentos, foi o primeiro a dar o exemplo para trabalhos semelhantes, buscando determinar os logares situados sob o parallelo de Rhodes.

Mas *Alexandre o Grande*, levou até as margens da Hyphasis o amor dos conhecimentos que seu mestre lhe inspirou. Com effeito, as suas expedições fizeram uma revolução na geographia, assim como em todas as sciencias naturaes Alexandre não só levava comsigo habeis geographos, que traçavam as marchas do exercito, mas incumbia aos seus generaes o apontarem tudo que achassem importantes, ao que accresceram os escriptos dos archivos de Babylonia, e Tyro, transportados para Alexandria, e a mais facil lição das observações astronomicas e nauticas dos Chaldeos e Phenicios, quando até então os geographos gregos carecião de taes bases para os seus systemas Sansão, no seu grande mappa po imperio e expedição de Alexandre Magno mostra que o seu poder se estendeu desde a Grecia e Libia até o Indo, comprehendendo a Asia Inferior, a Syria, Armenia, as regiões entre o Mar Caspio e o Euphrates, e a Asia superior até o Rio Jaxartes (confluente do Mar Caspio, ao leste), quasi em recta em direcção do Caucasus, tendo por limite ao sul o Golfo Persico e o Oceano Judico.

Nearcho, almirante de Alexandre (331 ant.) é o que mais se distingue no seu Periplo da exploração que foi mandado fazer ás costas meridionaes da Asia, desde a embocadura do Indus até o Euphrates.

Os generaes de Alexandre, tornados reis depois da sua morte, continuaram a sua obra, e notavelmente *Seleuco Nicanor*, penetrando até Ganges;

Os *Reis gregos do Egypto* abrindo pelos portos de Berinice e Myos-hormos, no golfo arabico, um commercio directo com as costas occidentaes da India e com Trapobana (Ceilão);

Ptolomeu Philadelfo, o principal fundador deste commercio, enviando á India geographos para descrever o paiz.

Thymosthenes, no reinado deste, compoz o *Portulan* ou descripção de todos os postos, e uma obra sobre a medida da terra.

Apollodro Periegetes, isto é, que viagou o mundo (272 ant.), escrevendo a respeito das emprezas commerciaes ao interior da Asia, por meio de caravanas, transporte principal do commercio, antigo, ao qual a navegação apenas era um adjutorio secundario, por demorada e perigosa, contribuindo indirectamente para os progressos geographicos. As caravanas tomavam diversas direcções, pelo que na antiguidade o interior da Asia, se não fosse mais conhecido do que hoje o é, por certo o não foi menos; porem o transito mais seguido era pelo norte da Persia e Bactriana, penetrando os negociantes por um lado até Paliboltra e descendo o Ganges, — e pelo outro, costeando os montes Emaur e Belur, e subindo provavelmente á Serica, que comprehendia, o Thibet, uma parte da pequena Bukaria, a Cachemira e os valles aonde nascem o Indo e o Ganges. — Mas as obras de Apolodoro perderam-se, e este caminho foi por muito tempo ignorado dos escriptores geographos.

Euclides (300 ant.), em quanto todos estes conhecimentos praticos se amontoavam, dotado do maior genio mathematico da antiguidade, reduz em Alexandria a Geometria a um corpo scientifico, lançando assim as bases sem as quaes a Geographia nunca poderia vir a ser uma sciencia.

(Continúa).

TYP. RUA DA CONDESSA N.° 3.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA. D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 29 — FEVEREIRO 15 — 1855.

FABRICA DE SEDAS EM BARCARENA.

Ha muito ouvimos fallar da celebre questam da Fabrica de Sedas em Barcarena, e da intriga que tem por fim a destruição d'aquelle estabelecimento nacional, tão util e vantajoso ao progresso da industria; e lêmos o interessante artigo da Revolução de Setembro de 5 de Maio de 1854, onde mais claramente se desenvolve esta contenda. Temos desejado consagrar alguns espaços da nossa folha a uma questam que envolve o enteresse publico; mas aguardava-mos o tempo oportuno e algumas informações exactas que deligencia-mos para conhecer perfeitamente o terreno em que nos propunhamos entrar. Já bem conhecedora do facto estava-mos, quando recebemos a attenciosa carta do snr. Sales, que passamos a publicar, e que muito lhe agradecemos, tanto pelas obrigantes expressões que nos dirige, como por nos offerecer mais uma occasião de poder-mos prestar o nosso contingente em favor d'uma causa justa, nacional, e de beneficencia; e offerecemos a S. S.ª as columnas deste Jornal, visto que o assumpto entra nos limites donosso programma.

Por falta de espaço não publicamos hoje a memoria que o Sr. Sales nos remetteo com a sua Carta; mas promettemos dál-a com o numero seguinte; e depois diremos o que sincera, e imparcialmente entendermos.

D. A. G. PUSICH.

Illm.ª e Exm.ª Snr.ª D. Antonia Gertrudes Pusich.

Constando-me que o falecido Pai de V. Ex.ª, tambem prestara serviços ao paiz, em relação aos aperfeiçoamentos das manufacturas em Seda, circunstancia esta que teria feito com que V. Ex.ª tivesse, desde os seus primeiros annos, obtido conhecimento das grandes vantagens que a Italia tira d'esta producção; e como collaboradora da *Revista Universal Lisbonense*, que tambem me prestou sempre uma energica aprovação e coadjuvação ás minhas deligencias em promover os interesses da nação pelo desenvolvimento de tão importante industria; talvez que sem que

eu o saiba, já seja devedor a V. Ex.ª d'algum favor, pelo que tivesse escripto, no qual cazo fica V. Ex.ª desde já contemplada nos publicos agradecimentos que, pela memoria inclusa, dirijo a todas as pessoas que me teem dado superabundantes provas de desejarem ver triumphar a justiça, e qne com ella se proteja a industria, meios estes que todos sabem serem dos que mais concorrem para felecitar as naçoens.

Sabendo agora que V. Ex.ª é a Redactora, proprietaria e fundadora de um jornal que intitulou « A Beneficencia » julgo ser esta uma circunstancia assás poderoza para poder esperar da parte de V. Ex.ª a competente coadjuvação para desfiar uma urdideira de intriga (quando eu o julgar conveniente) com a qual, não só se tem constantemente estorvado a vereficação do Contracto feito com o Governo, como ultimamente tem a mesma intriga levado a animozidade ao ponto de pertender a aniquilação da nova fabrica, no seculo 19. Isto succede, e depois que varias administrações. e n'ellas as do Exm.º Marechal Duque de Saldanha reconheceram os serviços que por estes trabalhos tenho prestado á nação, e depois de terem os productos, creados e promptificados em Barcarena, merecido a geral aprovação e consideração tanto dos Consumidores, como nas exposiçoens nacionaes, e não menos na de Londres onde foi receber a confirmação de sua perfeição. Vê-se pois quão poderozas são as razoens para que os ministros da Coroa prestem á nova fabrica a protecção que por tantas circunstancias lhe é devida, e se mostrem perante a nação, devidamente superiores ás mizerias e falsos pretextos com que as authoridades subalternas, e mui subalternas, hostelizão a nova fabrica.

Persisto pois na confiança de que o Governo hade de per si pôr termo, a estes veziveis e innegaveis males, collocando (como lhe foi requerido) a nova fabrica debaixo da immediata atribuição do novo ministerio espreçamente creado para proteger a industria, que no ramo da Seda tem d'aprezentar rapidos progressos, tirados que sejão as peias com que lhe teem obstado. Confio repito na sensatez e conhecimentos da actual administração, que tudo hade remediar, e pôr as duas fabricas no conveniente andamento: por isso apenas me lemito por ora a publicar o que possa servir ao esclarecimento á verdade, por ser esta a que hade destruir as falsas informaçoens e arteiros planos com os quaes se tem julgado poder enganar o Governo, e por isso irei apenas levantando pouco a pouco o veo, até que essa verdade ganhe o devido ascendente, e por isso rogo a V. Ex.ª se digne dar publicidade a esta primeira Carta, e memoria que a acompanha, na qual procuro fazer conhecer a verdadeira situação do Exm.º Snr. Barão de Monte Pedral n'esta pendencia, afim de que possa pensar a tempo nas consequencias e concorrer a que quanto antes se veja a fabrica da Seda tratando em socego do seu desenvolvimento.

Se como é de esperar da benegnidade de V. Ex.ª, e das vantagens que a esta tão justa cauza pode proporcionar a sua habil penna, e da consideração que lhe hade merecer o grande numero de pessoas que neste ramo d'industria se empregão, e com expecialidade do sexo que menos trabalhos encontra, o que tudo se torna um acto de verdadeira beneficencia,

espero que V. Ex.ª julgará minha sollicitação analoga ao titulo que escolheu para a sua folha, e que por ella prestará o auxilio que roga respeitosamente quem é

Lisboa, etc.

De V. Ex.ª

Mt.º Att.º Vnr.º

Antonio Pedro de Sales.

NECROLOGIA

DO EXM.º E RM.º SNR.

ARCEBISPO DE PALMIRA.

(*Conclusão*).

Para mostrar em tudo quanto o Exm.º e Rm.º Snr. Arcebispo de Palmira (que Deus em Santa Gloria Tem) foi honrado em vida e morte por todas as mais distinctas classes, e illustres Cavalheiros d'esta Corte, em seguida transcrevemos copias fieis das expressões do sentimento que, durante a enfermidade do virtuoso Prelado acompanhou a Administração da Santa Casa, e o Conselho de Beneficencia Presidido pelo nosso Emn.º Patriarcha; acrescentando que além destas demonstrações por escripto, offereceram um publico testemunho da mais alta consideração que lhe tributavam o grande numero de pessoas de todas as jerarchias, e opiniões politicas, as quaes iam todos os dias procurar noticias do Prelado enfermo, e acompanhando-o em vida com seus disvelos, cuidados, e interesse por sua saude, o tem sabido chorar na morte.

DA ADMINISTRAÇÃO DA SANTA CASA DA MISERICORDIA.

A Administração da Santa Casa da Misericordia, em solemne testemunho da alta consideração, profundo respeito, e sincero affecto, que consagra ao Exm.º e Revm.º Snr. Arcebispo de Palmira, Dignissimo Provedor da mesma Santa Casa, o qual, por suas notorias virtudes, com tanto zelo se tem esmerado em promover o bem estar do mesmo Pio Estabelecimente: ordena que na Capella da mesma Santa Casa, e nas do Hospital dos Expostos, Recolhimento das Orfãs, e Asilo dos Invalidos, em communidade, se dirijam orações ao Todo Poderoso pelo prompto restabelecimento do mesmo Exm.º e Revm.º Prelado accommettido de grave molestia; e esta Ordem será immediatamente communicada aos Regentes dos Respectivos Estabelecimentos, para sua immediata execução. Meza em Sessão de 16 de Outubro de 1854. — (Assignados) — Fernando de Magalhães e Avilar — Adjunto — Francisco d'Assis Basto — Adjunto.

DO CONSELHO DE BENEFICENCIA.

O Conselho de Beneficencia a que hontem presidi, manifestou o mais vivo sentimento pela doença do seu dignissimo Membro o Exm.º e Rm.º Snr. Arbebispo de Palmira: e deseja d'ir em corpo vesitar Sua Ex.ª, mas ponderando-se, que isso seria inconveniente a Sua Ex.ª encarregou-me de expressar-lhe seus sentimentos e fervorosos votos pelas melhoras e completo restabelecimento de Sua Exª a quem Guarde por muitos e felizzes annos como deseja e lhe roga o seu antigo e constante Amigo. — Assignado — G. Cardeal Patriarcha. — S. Vicente 19 de Outubro de 1854.

Aos Exm.os Snr.s Commendador Francisco Maria da Silva Torres, e Lino José da Silva Torres, dedicamos a poesia que publicamos em honra da Memoria de seu virtuoso Irmão e nosso verdadeiro amigo; offerecendo por este modo ás cinzas do Exm.o Arcebispo o culto devido ao merito, as lagrimas sinceras da amizade, e a seus dignos irmãos (que tambem como nossos presamos) um publico testemunho de cordial estima, e alta consideração que lhes consagra-mos.

HONRAS Á SAUDOSA MEMORIA DO EXM.O E RM.O SNR. D. JOSÉ MARIA TORRES, ARCEBISPO DE PALMIRA, FALLECIDO EM LISBOA A 8 DE NOVEMBRO DE 1854.

MEMORIA SEPULCHRAL.

« Quand on aspire à l'immortalité, c'est une grande avance que d'être Chretien. »
CHATEAUBRIAND.

Que tristeza meu Deus, abrange a terra,
Que som fatal de logubre tanger!
Pomposo Mausoleu já se descerra!..,
Ceus!... quem vai receber!...

Be grande as honras ultimas ao nobre
Sabio, justo Ministro do Senhor;
E para sempre a sepultura cobre
Os restos de um Maior!

Sentido pranto as faces deslisando
Os ais mistura ao funebre troar!...
Mas ah!... que voz pungente vae bradando
Os eccos dispertar!...

Acordar a amizade que suspira
Submersa no lethargo da afflicção!
N'um gemido acordar-lhe os sons á Lyra;
Dar-lhe á dor amplidão!...

Dever sagrado!... a tua voz escuto!...
E' voz do Ceu, que sinto repetir
Nos eccos da minh'alma envolta em lucto,
E na mente a carpir!

Modera' acerba angustia que me opprime,
Dá-me forças ao peito, á razão luz;
De sãa verdade as leis na idea imprime;
Tu me alenta, e conduz.

Comtigo eleva ao Tribunal Snpremo
D'alta Posteridade a minha voz!
Pois da inveja mordás risos não tem
Nem seu juiso atroz.

Um canto á sepultura honra os viventes;
Um louvor á virtude honra a moral.
Ao merito levemos reverentes
A cr'oa perennal.

O dever, a rasão dão força immensa;
A verdade é dos Ceus vivo pharol.
Marchemos affrontando a sombra densa
Que ousa eclipsar o sol.

Elevemos a voz á Eternidade
No profundo gemer do coração;
Um fiel Monumento de saudade
Erga a pura affeição!

Ao seculo se estende o mais distante,
Ás mais remotas plagas d'alem-mar;
E um louvor no Oriente hade incessante
Meu brado acompanhar.

Na voz dos innocentes, e conversos;
Nas lagrimas fieis de intima dor;
Nos ais que pelos ares vem dispersos
Unir-se ao meu clamor!...

A Fama em seu clarim vae proclamando
O Nome que bem alto já se ergueu;
E triste a minha musa suspirando
Diz — *Palmira morreu!* —

Morreu!... cruel verdade tormentosa!
Morreu o sabio, e justo, o bom christão
Nunca mais o verei! ó dolorosa
Fatal recordação!

Nunca mais ouvirei aquelles sabios
Dictames de virtude, e n'um sorrir
Assomando a bondade nos seus labios
Animar, persuadir!...

Nunca mais ao mizerrimo indigente
A dextra bemfazeja estenderás;
Nem a opprimida victima innocente
Piedoso salvarás!

Meu Deus, que proferi!... delirio horrivel
Vem ofuscar-me os lumes da rasão!..
Vives Palmira, á nossa dor sensivel;
Não te perdemos, não!

Uma vida sem morte, sem procella,
Aguarda aos que sus'em o pêso á Cruz!
No horisonte da fé benigna Estrella
Dá-nos de esp'rança a luz.

Viveremos sem ti, neste deserto,
Em continua saudade esp'rança e dôr,
Demandando esse Reino onde bem perto
Sejâmos do Senhor.

Atravessando os êrmos da extstencia,
Por entre abrolhos, precipicios mil;
Verêmos dispontar n'essa eminencia
O mais formoso Abril.

Velando entanto estás por quem te chora;
Por nós, e pela Patria orando a Deus!.,
Oh! deixa á amiga que presaste outr'ora
Honrar os Manos teus!

Doar te em vez das cr'oas que lhe deste,
Os prantos, as saudades, os laureis;
Que viveram á sombra de um Cypreste
Monumentos fieis.

Os seculos passando á Eternidade
Respeitosos teu Nome saudarão;
Sentinela da morte hade a amizade
Guardar esta inscripção:

« Teve um astro na terra o seu declive,
« Resurgindo na gloria perennal,
« Mortaes, honremos ao que nos Ceus vive:
« E' Palmira immortal!

D. A. G. PUSICH.

O SNR. DR. LIMA LEITÃO.

Uma dolorosa enfermidade accometteu o Snr. Dr. Lima Leitão. Constanos porem que se acha melhor de seus padecimentos; e segundo o prognostico do seu amigo e assistente snr. Brilhante, espera-se que se restabeleça completamente, depois do uso dos banhos das Caldas da Rainha. Sentimos que a doença não respeite os sabios cuja existencia é tão precisa, e proveitosa á sociedade; mas quasi sempre as fadigas do espirito gastam a vida aos que velam esclarecendo a Patria com suas luzes; ao passo que tantos entes inuteis, pesados á sociedade, e insoportaveis até a si mesmos, avultam como as arvores selvagens infructiferas, ou as plantas venenosas; seres daninhos, infestos, que Deus concente na terra para tormento d'aquelles que nesta vida tem o seu purgatorio! E com tudo, se os estupidos e maus não gastam as molas do entendimento a pensar, tambem a morte vinga cedo ou tarde o espirito; e quasi sempre morrem esmagados com o peso d'aquella massa bruta; ou em completa e repentina dissolução de uma arruinada machina.

Notamos na doença do Snr. Dr. Lima Leitão uma circunstancia que deve honrar muito o seu discipulo o snr. Brilhante. É que o sabio Professor tem confiado só delle o inteiro tratamento da sua molestia; e dos seus clientes.

Qual será a rasão?!...

ILHA DA MADEIRA.

Continuam os flagelos da miseria na infeliz Madeira. A *Nação* tem corajosamente advogado a causa d'aquelle povo desgraçado; e tem sido nobremente coadjuvada pelos jornaes da opposição, que todos pedem ao Governo energicas providencias em auxilio d'aquella pobre terra, victima das maiores calamidades, perdida a cultura das vinhas, unico ramo de seu commercio.

Nós tambem temos feito quanto estava ao nosso fraquissimo alcance, em favor dos habitantes da Madeira; e ainda hoje vamos offerecer-lhes

uma prova mais, de nossas affeições, e da nossa compaixão, demandando mais um meio de vêr melhorar os seus destinos, e a nossos illustres collegas damos uma occasião de prestar importantes serviços aos pobres Madeirenses.

Chamamos a attenção da imprensa sobre a administração de justiça no Funchal; e principalmente sobre a Administração do Concelho, e uma tal policia composta de homens da mais baixa condição, vencendo 150 rs. fracos, e pagos com muito atraso, e tendo por chefe o Administrador Dr. Tarquinio Torcato Tasso Taco!

Consta-nos que a tal policia commette excessos imperdoaveis, vexando e opprimindo o povo, que enfraquecido e naturalmente manso, não ousa queixar-se, e dizem mais que o snr. Tarquinio é uma parodia do Romano, sem temer que no meio de um povo fraco appareça um *Bruto*! Se é exacto o que ouvimos, devem estas noticias ter a maior publicidade; visto qne não ha outro modo seguro de fazer levar ao conhecimento do Governo a verdade, porque o povo opprimido curva atterrado a cerviz ao despotico jugo que se lhe impoem, e temendo ser ainda mais esmagado estaria prompto até a fazer como uma velha Romana que pedia a Deus pela vida de Nero, temendo que lhe succedesse outro peior!!! Nem a ignorancia do povo que se opprime (e que por ignorante se deixa opprimir) descobre os recursos necessarios á sua salvação. É pena que o honrâdo ancião o snr. Valentim de Mendonça fosse substituido por um *Tarquinio*, que se tudo quanto dizem é verdade, não podia melhor desempenhar o nome!

E que a politica seja a causa de taes desordens! Que os Governos não se queiram persuadir que devem *joeirar*; lançar mão dos homens bons e intelligentes para servir a nação, sem se importar da sua politica; sendo certo que os homens probos não envergonham jámais a sua Patria, não enganam o Governo, pois quando acceitam os lugares não sabem atraiçoar quem lhos confia: e seria a maneira de diminuir os inimigos que as más autoridades alcançam ao Governo (a par de immensas maldições que são os seus hymnos) e de poupar-se o mesmo Governo ao continuo trabalho de remediar os damnos causados por uma pecima administração. Tambem nos dizem que o bom Governador o snr. Passos, aborrecido de queixas, e sabendo dos escandalos praticados pela sobredita policia, requerera a sua dissolução, e que em lugar d'ella se organisasse a Guarda Municipal. Se assim é, parece-nos que seria um meio de reprimir os excessos. e levar alguma tranquilidade ao seio d'aquella pobre gente.

Estimaremos que o snr. Tarquinio e seus companheiros se justifiquem plenamente, e não nos levem a mal esta publicação, que estando elles innocentes lhes offerece meio de se justificarem; estando culpados o de se corregirem; porqne não estamos em tempo de soffrer *Tarquinos*. Se o povo enfraquecido e oppresso não pode queixar-se, o ecco universal da imprensa repete bem alto os mais sumidos ais, e quando não consiga que os Governos os attenda, consegue desmascarar os hypocritas, e patentiar em toda a luz as acções mais tyrannicas e occultas, entregando ao tremendo juiso do publico, e da Posteridade os infractores das mais sagradas Leis divinas e humanas.

Por agora calamos alguma coisa mais seria, porque ainda não dâmos credito a tudo, assim como não dé-

mos a uma noticia que ha tempo nos deram sobre os agentes da *escravatura* branca onde apparecia um nome bem chegadinho ao snr. Tarquinio sabemos que em uma terra pequena inventa-se muita cousa, e por isso mesmo contentando-nos de usar a *caridade* de avisar a imprensa e o Governo chamando sua attenção em favor de um povo já muito desgraçado; avisamos o snr. Torquinio, para que saiba que está em vistas, e que alguns boatos o accusam de excessos commettidos na sua autoridade, intrigas &c. &c. Nem deve levar a mal que se prefira o bem estar de um povo ao bem estar de um ou alguns homens. Sentiremos incorrer no seu desagrado; porem não temêmos a sua alçada... Isto não é politica é franqueza, beneficencia, e desejos de ver moralisados, bem regidos, e bem tratados os povos, gosando paz, e liberdade n'um paiz que se chama livre. Lembra-nos agora um conto. Dizem por ahi que indo o Dr. Tarquinio requerer o lugar de Administrador do Conselho do Funchal, o Exm.º Ministro do Reino quezilando com aquelle todo lhe perguntou:

— Como se chama?

— Tarquinio, respondeu o pretendente.

— Tarquinio!... E' nome historico, tornou o Ministro.

— Pois V. Ex.ª admira-se! tenho uma irmã Lucrecia.

— Lucrecia!... E quem é o *Bruto* da sua familia? disse o espirituoso Ministro, que talvez não fosse compreendido...

Tomem nota nossos collegas sobre a noticia, qne escrupulisava-mos de não publicar. Informem-se, que nós fazemos o mesmo, e tornaremos ao campo, ou para desmintir as vozerias ou para confirmal-as com factos provados, e informações, fidedignas, porque a respeito da Madeira estamos á lerta por muitas e justas rasões.

No seguinte numero transcreveremos o que já no anno passado a imprensa da Madeira disse contra o Administrador Tarquinio e a sua *gente armada*.

D. A. G. PUSICH.

O PODER DE UM DRAMA.

FRAGMENTO.

Continuado do n.º 27.

Ouviram-se então passos na casa contigna; M** estremeceu, seus olhos pareceram reanimar-se; suas faces acarminaram-se um pouco, e deixou ouvir, inda que a custo, está exclamação: — Agora é elle!... não me engano!... Vai ver minha querida.

No momento em que L... se dirigia para a porta, esta se abriu mui subtilmente, deixando ver um mancebo vestido de preto. Era o mesmo que ha pouco caminhava apressadamente, exposto ao rigor do tempo. Sua estatura era mediana, seu rosto sympathico, se bem que nelle se devisasse extrema magresa, e uma palidez, que inda mais saliente se tornava em consequencia da comprida barba que trazia. J... por quem M... esperava, deu dois passos no quarto, olhou para o lado em que se achava a infeliz, e depois fitando os olhos em L... proferiu cheio de desesperação e dor: — Que venho eu aqui fazer?

M..., ao ouvil-o, arrebatada, fóra de si, exclamou: — Não tenhas horror de me ver! Fui ingrata, sim, eu

o confesso! — Não só te despresei, mas até ia ligar-me a outro. Oh! perdôa-me tanta ingratidão!... perdôa-me o mal que te hei causado, e vem a meus braços. Quero exhalar a vida junto de ti. » E fazendo um esforço sobre si mesma, conseguio sentar-se, inda que a muito custo. J... correndo para a desgraçada, a estreitou em seus braços; e o pranto de ambos, confundiu-se n'um só. L,,, unica testimunha d'esta scena tão pathetica, chorava tambem.

Depois de um pequeno silencio, J., sentindo M... reclinar sobre seu hombro a desfallecida fronte, affastoulhe das maceradas faces os cabellos caidos em desalinhos, e ainda umidos das lagrimas que seus olhos verteram, e disse-lhe com ternura e sentimento: — Quando cheguei a casa entregaram-me uma carta; abria, estava assignada por tua... — Ao ver que reclamavas a minha presença, corri... voei a cumprir o teu dezejo. Era isto que eu te havia jurado na ultima vez que te fallei; ha dez mezes!.. dez mezes, que teem parecido dez seculos de soffrimento! Eu sempre esperei ver chegar o momento em que a minha innocencia fosse por ti reconhecida, e que me concedesses novamente o teu affecto; mas não quizera alcançal-o á custa do estado em que te vejo. Oh! maldicto seja o instante em que escrevi aquelle drama, origem de todo o teu penar. Vivias feliz antes de o ler; agora estàs soffrendo: ias em breve ser desposada... repousar com outro no thalamo conjugal; agora existes n'esse leito de amargura. Eu quizera antes todos os soffrimentos que tenho experimentado... quizera a continuação do teu despreso... findar a vida, em fim, vendo-te ditosa, do que sentir no peito a dor que me dilacera a alma, ao presenceiar os estragos d'essa mágoa, que te definha lentamente.

— Os remorsos do que hei praticado, teem-me perseguido noite e dia, e vão terminar por me conduzir á sepultura. Sim, a minha morte é inevitavel, e inda que me fosse permettido evital-a para gosar as galas d'esse hymeneu, que ha um mez me fascinava, nao o faria; eu t'o juro meu J... Neste mesmo soffrimento que me cerca, encontro a minha felicidade, por isso que, despresando tal consorcio, te vejo junto de mim, disposto, sem duvida, a concederes-me o teu perdão, sem o qual meu passamento seria bem terrivel. » Ao findar estas palavras, via-se correr de seus olhos copioso pranto.

— Para que choras tanto? Não estou eu aqui a teu lado, terno, carinhoso como d'antes era, como sempre o tenho sido, e continuarei a ser?... Queres que eu te dè o meu perdão?! mas de que?... eu nunca te julguei culpada; inda mesmo quando a agonia me suffocava a rasão, nunca te arguia, mas sim te lamentava; pois estava certo, que se não fossem esses anjos de satanaz *tuas amigas* com quem estavas em contacto, e a quem obedecias cegamente, como esperando delles a tua ventura, eu não teria visto o meu amor despresado; eu bem sei avaliar quanto é difficil ser Christão entre atheus. » J... ao dizer isto, collocava uma das suas mãos sobre o coração de M..., como querendo contar-lhe as pulsações.

(*Continúa*).

J. J. da Silva.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL:
Rua dos Calafates N.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. C. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 30 — MARÇO 1 — 1855.

SOBRE AS FESTAS
DA DEFINIÇÃO DOGMATICA
NA
CONCEIÇÃO VELHA.

Considerações Geraes.

I.

O Povo Portuguez é, como nenhum outro, um Povo eminentemente religioso.

Eu, que por mil razões me glorio de lhe pertencer, ufano-me, outrosim, sempre que se me proporciona occasião adequada de proclamar bem alto esta recommendavel verdade, que sobre modo o exalça; mais que muito o esclarece; o honra e o engrandece por uma maneira brilhante. Sempre que o ensejo se offerece, approveito-o com avidez.

Em todas as epochas da sua portentosa existencia elle tem appresentado, sem quebra, provas innumeras — testemunhos irrecusaveis da pureza e constancia de seus sentimentos a pró da Religião Sacro-Sancta do Crucificado: nem mesmo nestes máus tempos, em que por fatalidade vivemos; nem mesmo em dias assim libertinos e licenciosos — a despeito de todos os esforços d'uma requintada impiedade que se não rebuça em seus attaques, e se arrója com descaro ás mais audaciosas tentativas, a que não sabe pôr termo; nem mesmo então, o repitto com prazer, sua crença robusta ha podido ser aballada: ha desfallecido sua fé!...

Digo-o, felizmente, sem o menor receio de ser desmentido. Que sou exacto ahi está a historia para o testeficar: — no que affirmo com referencia a eras, que ja lá vão ha muito, a historia toda d'essas eras remotas; no que avanço em relação aos tempos tenebrosos, que vamos atravessando, a historia contemporanêa que a ninguem é dado desconhecer: — historia que, fallando-nos primeiro aos olhos que aos ouvidos; mostrando-nos seus factos antes de nol-os descrever, está superior — mui superior a qualquer contradicção. Uma e outra vêem em meu abono. Não as temo, não. Muito ao revéz, longe de as evitar, invoco-as.

Se isto assim se passa, não é me-

nos certo, egualmente, que um dos objectos que interessa mais ao vivo a piedade d'esta Nação religiosissima, é o culto e devoção ardente dos Portuguezes para com Maria — a Mãi da Graça, a sempre Virgem.

Do começo da Monarchia ao momento actual, Maria ha sido invocada, reverenceada, festejada, glorificada com fervor distincto, com exmero assas notavel. Pela vasta extensão d'este Reino e seus dominios dilatados, que os teve — e preciosos, em todas as partes do Mundo conhecido, se lhe dedicam templos; se lhe consagram capellas; se lhe erigem altares; se lhe criam irmandades; se lhe instituem confrarias; se lhe rendem adorações sinceras; se lhe fazem votos repettidos, offertas grandiosas, promessas variadas e sem numero, romarias sem conto, solemnidades brilhantes.

É a Maria — e nomeadamente a Maria concebida em graça, a Maria Immaculada em sua Conceição bemdicta, a Maria isempta do Original peccado desde o instante primeiro do seu ser privilegiado e magestoso, que tanto como nós, e por ventura ainda mais do que nós, nossos antepassados em todo o logar e sempre acataram reverentes; tributaram, de coração e alma, christãos — fervorosos cultos.

Supplicada por elles e por nós em todas as suas invocações augustas, todos os seus mysterios altissimos são por nós celebrados: todas as suas prerogativas insignes por nós são acreditadas: da mesma sorte que são, publicamente e com empenho, por todos nós exalçadas suas preexcellencias sem eguaes, suas graças, seus favores, suas mercês.

Entretanto, nenhuma d'aquellas invocações venerandas; nenhuma d'aquellas preexcellencias sublimes; nenhuma d'estas graças e favores, que tão maravilhosamente revestem a Maria na sua dignidade soberana de Mãi do Homem-Deus; nenhuma — oh!.. nenhuma nos merece mais attenção e respeito; nenhuma ha que seja mais cara á fé e á religião dos Portuguezes do que a da — conceição immaculada — da Virgem preclara e bemditosa, que em seu seio casto concebeu Jesus.

Tanto isto assim é — que o nosso Portugal, nisto afortunado por certo, tem a Maria, pura de toda a mancha, por sua Padroeira gloriosa.

Tanto isto assim é — que uma Ordem militar entre nós se instituiu em honra e em testemunho de sua Conceição Sanctissima.

Tanto isto assim é — que nossa Universidade famosa se obriga por juramento a sempre deffender, sustentar sempre, esta doutrina querida.

Tanto isto assim é — que muitas corporações entre nós se votavam d'alma, até ao derramamento do sangue todo de todos os seus filhos; até a sellarem denodada, corajosamente com a morte, á deffeza constante d'esta immunidade, assombrosa e unica, que a nenhuma outra *mera* creatura havia jámais sido concedida.

Tanto, alfim, tanto isto assim é — que a Conceição sem mancha de Maria, na qualidade apenas de *pia crença*, conforme a Egreja até ha pouco a propunha só, fazia ainda agora nesse estado, do mesmo modo por que o fizera sempre, as delicias dos Portuguezes.

O promettido é devido: dil-o o rifão vulgar. Prometti serem pequenos estes meus artigos: capricho de cumprir minha palavra.

Estudadamente trabalho por occupar o menos logar possivel nas co-

lumnas d'este Jornal primoroso; pois que conheço demasiado que não lhe ha-de fallecer materia — e materia relevante, preciosa, com que ellas sejam preenchidas: e escrupuliso roubar-lhes muito de espaço, que lhe deve pertencer. Longe tem de me levar, póde ser, ainda o complexo de minhas reflexões no sentido, em que ia discurrendo. Callando-as agora, não renuncio a fazel-as. Deixal-as-hei reservadas para o artigo seguinte. Á medida que me forem occorrendo, alli, ao espirito, as expenderei com franqueza.

Continuarei lá.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

EXCESSIVA MODESTIA PARECE HYPOCRISIA.

O illustre auctor do artigo supra teve a bondade de nos dirigir uma honrosissima Carta, que julgamos não dever collocar antes, mas sim, depois do referido artigo. Houve um tempo em que entendê-mos dever occultar os laureis que por mãos generosas nos foram offerecidos; e preciosas joias guardamos em nosso humilde archivo; destinando-as a alumiar vivos e mortos como luminosos pharoes, ou resplandecentes Estrellas (contraste sublime da grandeza sem luz !..) que devem guiar, e animar aquellas que houverem de seguir o nosso exemplo. Hoje que a edade das illusões passou; e que o desengano começam a alvorecer-nos e enfeitando nossa fronte brilhantes fios de argento vem atar nossos verdes louros colhidos nos dezertos da vida; não receamos já que os homens injustos nos suponham pertenções que nunca tivemos; e por isso não duvidamos, já, levar aos vindouros os nomes de muitos homens illustres (e alguns tem figurado e figuram no mundo literario e politico) coroando nossos bons desejos. Obedecemos, por tanto, ao Illm.º Snr. P. Almeida, publicando o seu tão alto favor, que infinitamente agradecemos.

D. A. G. PUSICH.

Illm.ª e Exm.ª Snr.ª

O Jornal, que V. Ex.ª tão habil como dignamente redige, por um duplo motivo faz honra, e grande, á Imprensa Periodica Portugueza: — pelo bello espirito, que preside á sua redacção, não menos que pela pessoa estimavel, que a tem a cargo.

A Beneficencia funda-se radicalmente na charidade; e ou por esta se intenda o amor de Deus sobre tudo, ou o amor do proximo egual ao de nós mesmos, ou e com mais propriedade um e outro — o de Deus ligado, inseparavel do do proximo: em qualquer dos casos, o eixo, sobre que ella gira, é sem duvida o melhor possivel. Toda se estriba e apoia na mais solida das virtudes.

A pessoa é uma Senhora distincta por posição e nascimento: immenso apreciavel por seus nobres sentimentos, politicos e religiosos; por suas qualidades eminentes, sociaes e domesticas; por seus dotes, não vulgares, physicos e moraes: notada com vantagem por seus conhecimentos vastos; por seu estro poetico, sua imaginação fecunda: respeitada dentro e fóra do Paiz por suas producções litterarias, em proza e verso de subido merito, que a illustram, e nos enobrecem.

Sem a menor duvida, uma Senhora assim, que já é rara — muito rara em qualquer parte, e em qualquer tempo é um *prodigio* no nosso Portugal: — um *portento* em nossos dias de frivolidade e desatino !...

Associar-se, nestes termos, por qualquer maneira a uma empreza d'estas — não ouso dizer na qualidade de co-redactor, na de correspondente apenas, será sempre uma gloria ingente para quem for tão venturoso que o consiga. Eu vou tental-o, rogando a V. Ex.ª haja por bem receber e inserir no seu prestante Jornal uma serie

de pequenos artigos (quando digo que serão *pequenos*, é porque o hão-de ser) que desejo sejão publicados — e na BENEFICENCIA de preferencia, relativos ás festas que na Egreja, denominada geralmente a CONCREIÇÃO VELHA, têem de ser celebradas nos dias 28 e 29 do proximo Abril pelo faustoso motivo da *definição dogmatica* d'esta a mais querida para nós das prerogativas da Virgem.

Dos artigos indicados é o que remetto, o primeiro.

Tão insigne favor concedido, faltarão expressões para o agradecer; mas não peito para o sentir, voz para o confessar ao de V. Ex.ª

Admirador profundo e dedicado

Lisboa etc.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

Memoria e agradecimento a alguns senhores Redactores de Jornaes e mais pessoas que se interessaram na questão da Fabrica de Sedas em Barcarena.

Snr. Redactor.

Aproveito esta occasião de renovar os agradecimentos a V. pela coadjuvação prestada pelo seu jornal á defeza da justiça, e dos interesses publicos, e de novo solicito a continuação de igual favor para que bem conhecida fique esta pendencia, e quanto é imcompetente a perseguição expressamente promovida por algumas authoridades, para malograrem as minhas deligencias em promover o desenvolvimento da Seda, sem atenderem as vantagens que proveem á Nação, nem a ter eu sido o primeiro emprehendedor que a isto se propoz, com as vistas de que não só a sua perfeição egualasse á que na avultada quantia de quasi 300:000$000 rs. comprão annualmente os fabricantes nacionaes aos estrangeiros para o seu trabalho, se não tambem para dotar o paiz com um excesso de producção, que o habelite a exportar achando venda certa em outros mercados. D'este modo a nação alcançaria todos os annos um importantissimo valor, com o qual fariamos face ás desvantagens que a Balança Commercial apresenta nas nossas transacçoens com algumas nações. E se a tão pozetivas vantagens acrescermos as que proveem da sustentação de indeterminado numero de pessoas, com expecialidade de sexo femenino, (que todos directa ou indirectamente concorrem para os rendimentos do Thezouro) e as não menos favoraveis circunstancias do bem que em nosso Solo se dão as amoreiras, e do muito que a benignidade do clima favorece a creação dos bichos, é evidentissimo que se Portugal não colhe do ramo da Seda todas as vantagens que tão avultado producto lhe proporciona, provem unicamente da falta de consideração que se tem tido para com os verdadeiros interesses da nação, esquecendo completamente os Governos a recommendação que lhes derigio o Corpo Legislativo, quando em 1835, lhe remeteo a representação dos interessados no ramo da Seda, nos termos seguintes — A Commissão não pode deichar de reconhecer que sendo o Solo e clima de Portugal iminentemente favoraveis á producção da seda, deve toda a industria que tiver por objecto o fabrico e commercio das Sedas merecer da parte do governo toda a protecção que fôr compativel com os solidos principios porque se deve reger uma bem entendida e illustrada administração. — É pois pela execução deste parecer, e não por outro totalmente oposto, que a actual administração pode promover os interesses da nação, e dar aos interessados no ramo da Seda a certeza de que finalmente

chegou a epoca da regeneração, a esta até agora despresada e perseguida industria.

Tambem aproveito esta occasião para agradecer publicamente ao não pequeno numero de pessoas que me teem dado provas de desejarem ver triumphar a justa cauza que advogo, prestando-me não só valioza cooperação no descortinamento da verdade, para que a intriga, e com ella as falsas informações, não precepitem o Governo em um injustificavel erro administrativo, como por desejarem ver a prosperidade da nação, pelo dezenvolvimento das fabricas, que são sem o menor equivoco um dos poderosos meios para o conseguir. Nesta tão briosa coadjuvação tem tomado tambem parte algumas Exm.as Snr.as por saberem sem duvida apreciar as vantagens que a produção da seda tem de proporcionar ao sexo femenino, e como acabo de saber que a Exm.a Snr.a D. Antonia Gertrudes Pusich, publica uma folha, heide deregir-me a S. Ex.a e rogar, que pela sua tão illustrada pena queira igualmente coadjuvar esta justa cauza.

E' porem do meu rigorozo dever não deixar nunca na menor duvida a completa força da minha justiça, afim de que o publico, e as mui respeitaveis pessoas que me honrão com a sua amizade, e confiança em minhas alegaçoens, e bem assim as que se teem dignado prestarme coadjuvação em uma pendencia pela qual teem demonstrado simpathia, não possão duvidar nem por um só instante da verdade de minhas afirmativas. Sou por isso constrangido aprouvar não ser exacta a baze estabelecida pelo Exm.o Snr. Barão de Monte Pedral, nas respostas que tem dado, e que escreveu em uma das memorias que lhe foram entregues, por estar tambem sem a menor duvida na atribuição de S. Ex.a o remediar os erros e abuzos praticados por seus subordinados para com a fabrica de Seda em Barcarena, cauzando por isso grande surpreza a que S. Ex.a certefica nos termos seguintes — O B. de M. Pedral nada apoia contra o favor do Sr. Salles. O negocio a que este Snr. allude, está afecto ao Poder judicial, e o Barão não figura nem a pode figurar n'elle. Inutil é por tanto o incomodo que o Snr. Salles tem de se valler das pessoas da amisade do Barão para elle entervir no que não está ao seu alcance. — S. Ex.a por certo que não reflectio quando tal escreveo, na opposição da sua afirmativa com a exactidão dos factos.

É verdade que S. Ex.a, por um informe que assignou, confirmou ao Governo a possibilidade da conservação da fabrica da Seda em Barcarena, ligando-se assim aos pareceres das procuradorias Geraes da Coroa e Fazenda, que aconselhavão a Sua Magestade a conveniencia da conservação da nova fabrica para ir progredindo em seus trabalhos; se porem S. Ex.a entende que por este facto salva a sua responsabilidade pela injusta perseguição ao novo estabelecimento, induzido por falças alegaçoens dos seus subordinados, está de certo em erro. Diz S. Ex.a não estar ao seu alcance pôr-lhe cobro, mas não trata de destruir as demonstraçoens que em publico aparecem fazendo recahir sobre S. Ex.a o odioso da injusta perseguição a um estabelecimento de reconhecida vantagem para o paiz, que suposto seja bem sabido d'onde e para que fim se promove a intriga, a ella deve S. Ex.a mostrar-se superior, tanto pela sua posição, como pela propria reputação, para não aparecer nesta pendencia,

como desprezador da verdade, da justiça e dos verdadeiros interesses nacionaes, que lucrão mais em ter fabricas para trabalho, do que em se aplicarem taes terrenos a danças e folias dadas por quem para isso ambeciona taes terrenos; bem como para os disfructar em prejuizo vizivel dos rendimentos do estado. Para que os ensaios da polvora possão continuar a ser executados, não é preciso o som da muzica, que dezempenhão os operarios da mesma fabrica da polvora (isto em completa opposição com os deveres de qualquer media-na administração) sendo talvez esta a unica circunstancia que poderia allegar-se em justificação da exigencia para se fazerem os referidos ensaios da polvora nos terrenos pertencentes á nova fabrica de Seda, cazo se provasse por pessoas competentes, que o armonioso dos instrumentos, auxiliados pela especialidade do local para o bom effeito dos sons, influia no alcance da dicta polvora, e que esta forçosamente enfraqueceria faltando-lhe tão especial auxilio.

O que bem se pode inferir da resposta do Exm.º Snr. Barão de Monte Pedral, e da afirmativa dada na Secretaria da Guerra pelo Exm.º Snr. Accacio, é que se reconhece o erro da perseguição ao estabelecimento, e que já ninguem ambeciona a gloria de tal procedimento.

Julgo ser sufficiente o que (por ora) fica relatado para a apreciação da verdade sobre o que tem occorrido, sendo para lamentar que o prudente e amigavel conselho dado pela redacção da *Revolução de Setembro* sobre a conveniente fórma de se pôr termo a esta tão dezagradavel pendencia, ainda se não efectuasse, para se fazer justiça, e evitar que ao publico chegue o conhecimento de miserias que forçosamente haõde envergonhar alguem.

Antonio Pedro de Sales.

ILHA DA MADEIRA.

Continuamos, a cumprir um dos principaes deveres do christão « a caridade para com o nosso proximo » buscando salvar os innocentes opprimidos injusta e cruelmente; e para isso é forçoso tambem cumprir uma das primeiras obras de mizericordia — castigar os que erram:

Folga a Justiça, e geme a natureza!

Obrigada por deveres que temos contraído para com Deus, e o mundo, chama-mos em favor da Ilha da Madeira as attenções da imprensa e do Governo, para se informarem se eram exactas ou falsas umas tristissimas noticias que nos communicaram á cerca das crueldades, e escandalos commettidos por homens que se acham servindo sob o mando do Administrador do Concelho do Funchal. Agora temos já autenticadas algumas provas, e tambem noticias mais circunstanciadas que nos confirmam as que menos exactas julgámos. Sào pequenos os espaços desta folha para os muitos e importantes objectos que reclamam nossas attenções; por isso não podemos hoje noticiar tudo quanto sabemos; basta porem ditar dois ou trez casos, e principiaremos por advogar a causa das pobresinhas creanças, porque nos lembram as palavras de Christo: *mais valêra que com uma mó ao pescoço se afogasse aquelle que offendesse estas Creanças que em mim crêem. Não os desprezeis que os Anjos os guardam*, &c.

Dizem que a palmatoria se mandou retirar das Administrações?!.. E porque motivo corre uma voz que

accusa o snr. Tarquinio de mandar dar palmatoadas aos rapazes que cantavam no Funchal a modinha popular

Onde está a laranginha:
Onde está?! na tua mão?

O Snr. Administrador gosta só de ouvir gemer, e chorar? Que mal lhe fazem os coitadinhos em distrair a fome cantando *a laranginha*?! E' porque ahi na Madeira puzeram ao Snr. Tarquinio o alcunha de Laranginha? — Ora será possivel que S. S.ª seja tão *pequenino, e veja tão pouco*?! Que faria o Snr. Tarquinio se ouvisse o que uma destas noites nós ouvimos, estando já recolhidos, e nos movêo a curiosidade de ir á janella (o que não usâmos) a voz de um homem que entoava com a tal musica da Laranginha a seguinte canção:

« Una equivoca figura
« Dicedè Tarquinio Taco!..
« Ancor piu... Torcato Tasso!..
« Non si ridano.. oh! per baco!..
« Questo é quello potentasso! »

Valha-nos Deus!.. o homem zangou-se de ouvir alguma risada, cessou de cantar; o ultimo verso já foi recitado, e desapareceu, subindo a Rua do Telhal. Iria dar que fazer ao Snr. Dr. Polido; e se não foi, não tardará a divertil-o com as suas cantigas. Teria fugido o pobre homem da Madeira? Seria Madeirense receiôso de cantar em portuguez com essa musica? Pobre tonto aqui não se temem esses *Tarquinios*!

Isto parece uma invenção poetica!.. Quereria-mos tambem nós descançar no arido caminho, e entretermos contemplando um cardo no deserto que precorremos!.. Talvez; não seria um crime de *lesabicha*; temos obrigação da agradar a nossos bons leitores; e não maguar sempre os sensiveis corações de nossas adoraveis leitoras: — o riso tambem é necessario á vida. Não documentamos esta noticia das palmatuadas, porque os rapazes não forão authoadas, foram agarrados, e castigados á maneira dos *Turcos*! Mas de outras noticias offerecemos ao publico transcriptas de um jornal Madeirense algumas noticias; e não as copiamos na sua integra por dois motivos: um por não termos sufficiente espaço de que possamos dispor; outro porque os mesmos artigos envolvem algumas expressões politicas, e mais assumptos que não podem ter cabida n'uma folha onde não entra politica de côr alguma; e por isso não pode ser suspeita de parcialidade. Diz a Ordem já em 3 de Junho de 1854:

« Que o Snr. Tarquinio com a sua policia tem flagelado os Funchalenses; a ponto de mandar até perturbar uma festevidade Religiosa — *Da véra Cruz* — maltratando-se o povo, rasgando-se pendões, dando pancadas em homens, mulheres, e creanças; prendendo-os, e metendo muitos na cadeia, por que resistiram aos insultos da sua gente perturbadora da ordem!.. etc. Refere-se a outros excessos; e scenas *burlescas* (a Ordem é que o diz) do antipathico snr. Tarquinio: e conta mais que s. s.ª occupando-se em ninharias, improprias de uma authoridade, concente as maiores immoralidades nas ruas e Praças do Funchal, etc. » (por decencia não as publicamos).

A ordem tambem nos offerece um communicado bem curioso; mostrando que o snr. Tarquinio tendo parte em uma quinta na Freguezia do Monte, e dezejando aformozeal-a dando-lhe aparencias de um predio nobre, e fazendo-lhe espaçosos passeios concebeu no seu Gabinete um plano de ataque á propriedade alheia. Manoel Gomes Vieira, da Freguezia do Monte,

visinho do snr. Tarquinio, possuia um pedaço de terra contigua ao predio do Administrador; e vendo que os trabalhadores iam entrando em propriedade sua, adverti-os que não transposessem os limites que estavam designados pelo marco; nem fizessem obra alguma sobre terra sua, sob pena de soffrerem algum incommodo: os homens reconheceram o direito de Manoel Vieira, suspenderam o trabalho, e deram parte do occorrido ao Administrador, que levou muito a mal que elles cedessem á advertencia de um *pé rapado*, poz o preceito de obedecerem aos mandados da authoridade, e despedi-os do trabalho fazendo-os substituir por trabalhadores da Cidade.

N'um bello dia aprezentando-se s. s.ª acompanhado de dois officiaes de policia, e com ar e tom magistral, ordenou aos trabalhadores que proseguissem a obra começada, pois estava alli como homem de lei, e como authoridade para sustentar o seu direito!... Com effeito arrancou-se o marco, invadiu-se a propriedade alhêa e continuou-se o passeio por cima da terra do *villão*:

Manoel Gomes Vieira apenas teve noticia deste facto revoltante, apresentou-se ao snr. Administrador do Conselho, fazendo-lhe ver o escandalo que estava praticando; foi desatendido, e até maltratado. Forçoso foi recorrer á justiça e com effeito o snr. Dr. Mexia cujos actos publicos são bem conhecidos como um magistrado probo. e justiceiro, amigo de acabar contendas apresentou-se no local designado acompanhado dos respectivos officiaes para proceder ao auto de corpo de delicto. O honrado e integro Juiz, tentou primeiro uma composisão entre as partes, mas nada conseguio do snr. Tarquinio. Procedeu-se pois ao corpo de delicto; inquirindo-se para isso as necessarias testemunhas, que todas disseram existir alli um marco, que fôra arrancado pelos trabalhadores do snr. Tarquinio; que todos deposeram a verdade, dizendo que a terra tomada pelo snr. Administrador do Conselho era propriedade do queixoso!..

Vendo o *nobre* adversario do *villão* que a sua posição se ia agravando cada vez mais, vendo o *douto magistrado policial* que de forma alguma se podia subtrair á pena da lei, começou a dar indicios de froqueza, fazendo chegar ao conhecimento do queixoso a maneira de se acabar a questão amigavelmente, dando a entender ao Snr. Dr. Mexia que estava pelo que s. s.ª decidisse.

O pae do Administrador compareceu como encarregado de negocios, e foi quem propoz, como cavalheiro, acabar-se a contenda, obrigando-se a pagar todas as custas e despezas; e a dar ao queixoso um pedaço de terra em outro sitio, em lugar do que lhe fora tomado. Concluindo a ceremonia com uma d'aquellas declarações solemnes que tanto o caracterisam; dizendo ao snr. Mexia *que seu filho não era capaz de roubár a terra ao villão, porque a educação que tinha dado a seu filho não era de esperar coisas desta natureza. etc.*»

Ora ahi está um facto assás agravante! Nem o comentâmos; publical-o é bastante a justificar a verdade com que pedimos a nossos illustres collegas e ao Governo attenção sobre a pobre Madeira, para que não soffra alem da fome esses flagelos peiores. (Continuar-se-ha, se continuarem).

D. A. G. PUSICH.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL:
Rua dos Calafates N.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 31 — MARÇO 15 — 1855.

FESTIVIDADES RELIGIOSAS

PELA DIFINIÇÃO DOGMATICA DA CONCEIÇÃO.

Grandes são os preparativos em Lisboa, Porto, e nas Provincias deste Reino Fidelissimo, para solemnisar as devidas acções de Graças ao Altissimo pela Difinição Dogmatica da Conceição da Sanctissima Virgem Mãe de Deus! Mais uma vez o povo Portugnez mostra em toda a evidencia que sabe ainda conservar arreigadas, e respeitar as crenças de seus pais! que o nome portuguez traduz tudo quanto ha de mais santo, mais nobre em uma nação catholica por excellencia, briosa por condição! Para não sofrermos flagelos maiores do que os que nos tem opprimido nas contendas civis, queira Deus que os governos se convençam desta verdade incontestavel, e não appareça algum a quem o demonio tente para ter mais uma tremenda prova!...

Annunciou-se uma voluntaria subscripção, — o povo corre á porfia — grandes e pequenos levam o seu contingente e de todas as cores politicas os bons se distinguem unindo-se para o mais justo fim; sustentando suas crenças Religiosas e sua dignidade nacional. Para solemnisar as Festas annunciadas pela Nação, escolheu-se a Egreja de S. Nicolau; e graças ao Todo Poderoso que o Rd.º Parocho d'aquella Freguezia, se acha livre da perigosa enfermidade que padeceu, e pela qual tanto cuidado, e tantas mortificações tivemos todos os que sabemos apreciar os bons Pastores; e por isso mesmo que não são hoje muitos, conhecemos a falta que fazem a seus Rebanhos.

Esperamos que tudo irá bem, como dezejamos, e que os incredulos se abstenham de seus criminosos excessos que estamos sempre promptos com toda a coragem de christãos e portuguezes a repelir.

No seguinte numero esperamos offerecer a nossos illustres assignantes a continuação dos interessantes artigos do benemerito Snr. P. Rodrigo Antonio de Almeida, que por seus conhecimentos, e exemplar christandade honra a nobre classe a que pertence.

D. A. G. PUSICH.

CARTA DAS RELIGIOSAS DE LORVÃO.

Illm.os e Exm.os Snrs. Commendador Francisco Maria da Silva Torres e Lino José Pereira da Silva Torres. — As pungentes e dolorosas expressões, que V. Ex.as com o seu Irmão o muito illustre snr. Lino José Pereira da Silva Torres se dignaram communicar-me e a todas as mais Religiosas deste malfadado Mosteiro em data de 8 do corrente mez e anno, bastante indicam as amarguras atormentadoras, com que ainda ambos se acham magoados pela morte prematura do muito virtuoso e charo Irmão de V. Ex.as o digno Arcebispo de Palmira que Deos haja em Gloria! Sim Exm.os Snrs; a exposição tanto logubre como tocante, que V. Ex.as por sua bondade acabam de nos relatar aviventa e redobra o grande sentimento, que nós todas experimentamos na occasião primeira, em que nos chegou aquella infausta noticia. Acabou, é verdade, os seus dias aquelle venerando Prelado ainda na sua meia idade, e por isso tanto mais é sensivel a sua morte. Mas que differença Exm,os Snrs. entre aquella morte prevenida e soccorrida e a morte lenta das Religiosas de Lorvão victimas das maiores privações, que tem soffrido por dias, por mezes, e por annos? Uma morte disprevenida, disprovida de todos os soccorros é bastante capaz para fazer cahir n'uma horrivel desesperação! Por tanto Srs. haja resignação, haja conforto. Estas virtudes, que V. Ex.as tanto nos aconselham para soffrermos as nossas calamidades, tambem nós agora as recommendamos a V. Ex.as É verdade que os sentimentos da natureza e do sangue são muito custosos d'esquecer; mas se V. Ex.as com a morte do Exm.o Arcebispo de Palmira perderam um verdadeiro amigo e Irmão pelo sangue, nós as Religiosas de Lorvão perdemos tambem um nosso Irmão como filho, que foi da nossa Congregação Benedictina; perdemos um bemfeitor, que tantas vezes fallava aos seus muito queridos Irmãos da nossa disgraça e miserias; aqui devem V. Ex.as fallar por nós como testimunhas e interpetres das suas pessimas intenções e vontade qnando poucos dias antes da sua morte dectarou os seus desejos de legar uma esmola «ás pobres Religiosas do Mosteiro de Lorvão que muitas vezes e n'um tempo em que ellas não careciam d'esmolas, ouviram delle a palavra Divina pronunciada na Cadeira da verdade» Á vista disto seremos nós tão insensatas para não lamentar tambem a morte atrevida, que nos roubou na occasião do nosso maior apuro um Irmão bemfeitor prestes a lembrar-se de nós ainda nos ultimos periodos de sua vida para sermos soccorridas? Choremos pois todos uma perda tão grande, e unidas em espirito juntemos os nossos lamentos, aos tristes ais de V. Ex.as, e partilhemos todos a mesma desventura.

Sendo pois V. Ex.as os fieis executores dos muitos pios e caridosos desejos para serem esmoladas *as pobres Religiosas de Lorvão* e tendo já determinado e assignado ambos a quantia de cincoenta mil reis (50$rs) metal sonante d'esmola para ser repartida pelas Religiosas necessitadas deste Mosteiro, era uma outra esmola, que V. Ex.as faziam, se ahi mesmo se dignassem mandar aquella quantia a qualquer pessoa que fosse da escolha e agrado de V. Ex.as, ou então pedir esse obsequio á Exm.a Snr.a Condessa d'Anadia, tambem nossa bemfeitora, para ella muito por caridade a mandar receber em Coim-

bra ou na sua quinta da Varzea ou em Santa Anna da mesma Cidade passando-se-lhe o competente recibo á pessoa, que fizer a entrega.

Resta-nos ainda significar a V. Ex.ª os nossos cordiaes sentimentos de gratidão para com o nosso sempre chorado bemfeitor o inclito Prelado Arcebispo de Palmira, que Deus tenha em Gloria, e para com V. Ex.ª pelo muito, que partilham nas nossas privações e pela efficacia, com que se prestam tão excrupulosamente na execução da piedosa vontade d'aquelle santo Prelado; e para que o publico milhormente conheça os nossos deveres sagrados de gratidão seria muito da nossa approvação e da nossa vontade (sendo tambem da de V. Ex.ª) se por ventura estas nossas declarações, que acabamos d'apresentar neste communicado, fossem á imprensa, e publicadas no muito acreditado e religioso Periodico dessa Capital (Nação), que já por tantas vezes tem advogado, assim como outros, a nossa justissima causa, resultando d'aqui o termos sido soccorridas por algumas pessoas piedosas, ás quaes igualmente por esta occasião lhes repetimos os nossos devidos agradecimentos; e por esta maneira e com o edificante exemplo do nosso digno Irmão e bemfeitor o virtuoso Arcebispo de Palmira póde ser, que ainda algumas outras almas caritativas se dispertem ainda por mais alguma vez com a sua bemdita esmola para *as pobres Religiosas de Lorvão que em outro tempo não careciam d'esmolas* e hoje tanto d'ellas precisam. E sendo assim ouvidas e attendidas as nossas lamentações prostradas aos Pés do Nosso Divino Esposo e Pai de infinita misericordia e consolação, continuaremos em nossas humildes orações a rogar-Lhe pelo descanço eterno d'aquelle e de todos os mais nossos bemfeitores, que a exemplo delle se tenham condoido *das pobres Religiosas de Lorvão.* Deus guarde a preciosa vida de V. Ex.ª, de quem temos a honra de nos assignar neste Mosteiro de Lorvão aos 15 de Janeiro de 1855. — Muito att.ª veneradoras respeitadoras e obrigadissimas — Em nome das mais Religiosas deste Mosteiro — Maria Rita de Bourbon, D. Abbadeça.

Ao Illm.º Snr. Francisco Maria Bordalo.

RECORDAÇÕES DE MACAU

Tuas cartas, meu Bordalo,
E os formosos versos teus,
Acordaram-me alguns cantos!...
Não suaves.,. porem meus.

Sete mil foram as leguas
Do teu passeio a Macau!
Se todas por terra andasse
O giro não fôra mau!

Saudoso o Tejo deixaste
E os campos de Portugal:
Sulcaste o bravo occeano
Sem temer o vendaval:

Foste do Mediterranêo
Decantadas Ilhas vêr;
E proseguiste ao levante;
Foste á Alexandria ter:

Do mudado Egypto viste
As pyramides em pé:
Que memorias tão famosas
Respeitoso o tempo vê.

E sobranceira ás edades
A Columna de Pompeu;
Junto della agrilhoado
Chora um povo o fado seu!...

Lá se atravessam desertos...
Eis os muros de Suez;
O mar Erithreu cortando
Distante o Synai já vez.

Meca recorda altas glorias
Adem, e Socotorá,
Dessas eras que famosas
A Portugal foram já!

Viste os vergeis perfumados,
A espessura de Ceylão;
A suave sincapura,
Com os jardins de Pinão;

Viste o povo sem cultura
Socumbido ao jugo inglez!...
Quão diverso foi outr'ora
Sob o mando portuguez!...

Desse quadro afasta as vistas,
Demanda o ardente calor!
Da vasta China contempla
Esse quadro multicor!

Olha as perolas mimosas
De Hong-Kong, Macau, Cantão;
E lamenta aquelle odioso
Comercio de impia traição!

Pobres Chins! nem só vós outros
Suportaes enganos mil!...
Nós aqui tambem soffremos
Da ambição o trato vil!

Vate, Amigo! do que viste
Invejo uma coisa só!...
Um bocadinho de terra
Mais fina que oiro em pó!

Esse logar memoravel
Onde a historia se escreveu,
Dos grandes feitos do Gama,
Onde Adamastor gemeu;

Onde Ignez linda saudosa
Inda se ouve suspirar,
Nos eccos tristes que aos vivos
Querem seus prantos lembrar!...

Aquelle genio sublime
Que Deus de gloria croou;
Que das ondas respeitado
N'uma rocha abrigo achou:

O Rei dos vates que tanto
Engrandeceu Portugal,
Que premio teve da Patria?
— *A miseria no hospital!!!*...

Ai que idéa tormentosa,
Que fatal recordação!
Vou terminar n'um pedido
A pobresinha canção.

Já que aos lares teus voltaste
Não os queiras mais deixar;
Porem se outra vez tentares
Da China ás plagas voltar;

Mostra-me então n'um prezente
Que não te olvidas de mim;
Quero joia preciosa
Mais que o brilhante ou rubin.

Traze-me, sim, por memoria
Das longicuas regiões,
Uma pedrinha da gruta
Do nosso immortal Camões.

D. A. G. PUSICH.

DEPOIS DO THEATRO.

(a M. B S.)

Pois dize que é que sentiste
Quando finda a peça, viste
Cair vagaroso o panno?!
Viveste acaso um momento
No suave e doce engano
De que todo aquelle amor
Que era o primeiro elemento
D'aquelle drama int'ressante,
Perdesse a *verdade* e a *côr*
Durando mais que um instante
Como os amores da vida?!
Seria um deffeito, q'rida!

No mundo, theatro enorme
Um sentimento que accorda
Instantes depois já dorme
E apenas a phantasia
Em sonhos, de noute e dia,
A vida matisa, e borda!
Querias que generoso
Depois da *quebra* saber
Da casa da namorada
Teimasse o galan brioso
Em por esposa só ter,
Pobre já e sem herança
Aquella em quem via a esp'rança
De uma riquesa doirada?
Ai! louquinha idolatrada,
N'aquella preversidade
O galan não era um homem,
Era toda a humanidade!
Embora depois retomem
Os brios d'alma e nobresa,
Pergunta a altivos senhores,
Ai! pergunta se a belesa
Tinha a seus olhos valores
Que excusassem a riquesa?
Tudo accaso não convida
Ao luxo, á opulencia, ao fausto
Qne é a poesia da vida
E a realidade do bello?!
Por ventura um peito exausto
D'um forte, e constante anhello
De te possuir, a ti,
Vendo-te esbelta e elegante
Não lhe agradas mais assim,
Do que estando vacilante
Na tua sorte, em teu fim!
Hade um tempo ainda chegar
Em que vejas sem o veu
Que a illusão sabe formar
Este mundo que ainda agora
Achas lindo como o Ceu!
Lembra-te depois embora
Da tua infancia gentil,
Mas a vida apenas tem
Como o anno, um só Abril.

JULIO CESAR MACHADO.

COMMUNICADO.

—

QUE SIGNIFICAÇÃO TEM O TITULO

DE

Medico-Cirurgião?

As reformas do nosso paiz, ainda as mais bem fundadas, não podem de modo algum preencher o alcance do legislador; porque, submettidas a leis anteriores, ficam imperfeitas, ou não podem dar as consequencias praticas, que a sociedade tanto reclama.

O governo civil de Lisboa foi, naturalmente, a auctoridade e repartição d'onde sahiu a estatistica dos facultativos que exercem a arte de curar em Lisboa; e, sendo assim, segue-se que nas repartições do estado confundem tudo, e julgam todos os individuos pelo nome de classe! Nesta repartição, visto que não ha classeficadas as habilitações academicas dos individuos que exercem a arte de curar, devem saber que semelhante falta e omissão é damnosa não só aos cargos publicos, como tambem aos facultativos em particular. Por exemplo: ninguem pode confundir o mestre de primeiras letras com o mestre de rethorica; assim tambem ninguem poderá confuudir um cirurgião ministrante com um medico-cirurgião, o primeiro teve um curso academico difficientissimo, o seguudo teve um curso academico muito completo. Logo a sociedade pelo nome de cirurgião ou medico não poderá conhecer a superioridade de conhecimentos de cada um. O governo civil de Lisboa, ou o Conselho de saude publica do reino, devem reformar a base em que até agora tem fundado a classeficação dos individuos que exercem a arte de curar em Lisboa.

Como esclarecimento a esta questão offereço-lhe a copia d'uma carta dirigida ao author do Almanach de Portugal, da qual se verá a justiça desta importante questão. A carta é como se segue:

Illm.° e Exm.° Snr. Luiz Travassos Valdez. — O Almanach de Portugal para o anno de 1855, obra muito util e interessante no seu genero, do qual V. Ex.ª é author, traz a lista dos individuos que exercem a arte de curar em Lisboa. N'ella adoptou V. Ex.ª a divisão *fossil* (permitta-me a expressão) em dous grupos, medicos e cirurgiões, apparecendo o meu nome na lista dos segundos (vid. pag. 178)!

Pondero a V. Ex.ª as minhas duvidas, que tomará na devida consideração, visto que são fundadas nas leis destes reinos:

Antes da apparição do Alvará com força de lei de 25 de Junho de 1825, haviam no hospital de S. José umas cadeiras, a que chamavam de cirurgia, de modo que, salvas honrosas excepções, os cirurgiões deste tempo obedeciam ao mandato dos medicos; porque para pouco mais serviam do que para exercer a *cirurgia ministrante*.

Este alvará, pois, reformou o estudo amorfo d'então, e organisou uma eschola com o titulo de Eschola Real de Cirurgia de Lisboa, titulo que continuou a ter até á apparição do Decreto de 29 de Novembro de 1836, que reorganisou essa mesma eschola com o titulo de Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, titulo este que representa uma instrucção mais vasta, e que póe os discipulos muito mais superiores em instrucção do que alguns lentes, que, sem lhe irrogar injuria, não possuem tantos e tão variados conhecimentos. Logo, d'aqui concluirá V. Ex.ª que na classe dos cirurgiões ha tres subdivisões, cirurgiões simples até 1825; cirurgiões medicos desde 25 até 1836; medicos cirurgiões de 1836 para cá.

Reclamo eu este ultimo titulo academico, garantido pelo Decreto de 29 de Novembro de 1836: 1.° porque é este o titulo da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa, aonde eu fui educado; 2.° porque felizmente escapei á inqualificavel graça dos perdões d'acto, graça com que muitas nullidades alcançáram cartas ou titulos academicos! 3.° porque esta epocha da minha educação representa um valioso progresso em bem da sociedade, progresso este que é um verdadeiro renascimento das excellentes maximas que nos legou Hyppocrates no seu immortal escripto — *de arte*: 4.° porque sou mais exigente destas considerações, que representam uma conquista nas sciencias do que seria com as condecorações com que neste paiz vejo certos individuos ensoberbecidos! 5.° porque um medico, como eu, que em caso urgente sangra o seu doente, e faz todas as operações de immediato auxilio, sem recorrer por inepta pantufice ao valimento alheio, correndo por isto a vida do doente risco, está acima d'aquelle que manda fazer o que não sabe executar em caso de urgente necessidade; 6.° porque esta minha exigencia é fundada em factos autenticos do meu exercicio clinico; pois é de notoriedade que eu exerço com mais proficuidade a medicina do que o ramo sanguinario das grandes operações; e sabe-se igualmente que eu trato e tenho tratado o snr. Dr. Lima Leitão, assim como alguns dos seus clientes.

Em conclusão: Como V. Ex.ª não poderá fazer uma estatistica tão exacta, que represente as qualificações academicas de qualquer individuo,

qualificações estas que devem reflectir no horisonte futuro da carreira de qualquer medico na sociedade, peço que retire o meu nome do Almanach, ou que a querer alli conserval-o o faça na qualidade de Medico-Cirurgião, para cujo fim, ou fará uma classe á parte, ou o classeficará entre os medicos.

P. S. Tendo eu agenciado a questão dos gráos academicos para as escholas de Lisboa e Porto, e querendo-os eu para todos os filhos, indistinctamente, antigos e modernos, alguem haverá que queira julgar esta carta contradictoria com a medida geral; porem eu ainda sustento o mesmo principio da medida geral, visto estar convencido de que o merecimento é individual, e á medida só servir para acabar por uma vez com rivalidades mesquinhas, mais damnosas á sociedade do que á classe medica.

Creia V. Ex.ª na particular estima e consideração, que lhe tributa o seu attencioso servo — *Antonio Maria dos Santos Brilhante.* — S. C. Rua dos Correeiros (vulgo Travessa da Palha, n.º 55, 2.º andar. Lisboa 6 de Abril de 1855.

O PODER DE UM DRAMA.

FRAGMENTO.

Conclusão.

M... conhecendo o intuito de J... lhe disse com voz debil: — Inda batte!... mas em breve deixará de o fazer: escuta-me pois em quanto é tempo. » E affastando a cabeça do hombro de J..., a encostou sobre o leito, dizendo: — Estou assim milhor! Quero nos poucos momentos que ainda me restam de vida poder contemplar as tuas feições queridas... regosijar-me com esse teu olhar tão penetrante e terno... tão expressivo e cheio d'amor. Sim, eu amei-te quanto é permittido a uma mulher amar, e foi invocando Deus, com viva crença, que te jurei fidelidade! Depois do Omnipotente eras tu quem eu adorava no mundo e para quem só queria viver, porem Satanaz invejoso da minha felicidade, e querendo tornar-me culpada, deparou-me falsas amigas para consumar seus desejos. Foram ellas que me induziram a despresar-te... que me prepararam esse hymineu de que ia sendo victima... que me fizeram olvidar do Ser Supremo!.. finalmente, eram ellas que prestes me iam lançar no abysmo, se não fossem os conselhos de uma boa amiga, e a leitura do teu drama. — Sim (repetio M.., já quasi desfallecida) os conselhos de boa amiga, sempre tua defensora: essa amiga eil'a, — é a minha querida L..., que ha quinze dias me não tem desamparado um só momento. — que tem velado junto a meu leito com tanto extremo e cuidado, que eu não sei como patentear-lhe o meu reconhecimento. »

Aqui M... fez uma pequena pausa para readquirir novas forças, e depois continuou: — Mas não obstante haver-te deixado, meu querido J... cada vez que te encontrava... que meus olhos te viam... sentia no peito tão forte sensação que me parecia ver renascido o tempo passado. Porém essas *amigas*, que muitas vezes me acompanhavam, e a quem eu julgava sinceras, quando presenceiavam a minha commoção, zombavam de mim, empregavam novos alvitres, forjavam novas intrigas, e continuavam a dominar-me como se eu fôra

sua escrava! » Ao findar estas palavras, sua voz estava quasi extincta.. seus olhos fecharam-se.. sua cabeça pendeu insensivelmente sobre o peito. L.. correu então apressadamente para junto de M.., e J.. unindo-a a seu peito, a reclinou novamente sobre seu hombro. Foi então que a infeliz abriu os olhos e com a voz quasi moribunda, disse: — A morte está proxima !.. não pode tardar ! . Oh ! quanto sou venturosa tendo neste momento junto de mim todos a quem adoro. Nesta pequena Cruz, que ha um mez tenho pendente sobre o peito, existe o Redemptor a quem offendi, quebrando os juramentos que fizera em seu nome !... vejo egualmente não só o meu extremoso J.., a quem desprezei, mas tambem a minha querida amiga, para quem olhava com indifferença pelos conselhos que me dava !... Todos tres aqui na minha hora extrema !... que mais posso eu ambicionar ? O Creador, sem duvida, já me perdoou; a minha amiga tambem, só faltas tu meu J... Oh ! não recuzes dar o teu perdão a uma desgraçada !... esquece a minha ingratidão, o meu desamor, a minha infidelidade !

— Oh ! sim, tudo olvido, tudo perdô-o ! (disse J .. derramando amargo pranto).

— As tuas palavras acabam de me dar o paraiso !.. Ah ! é chegado o momento final !... sinto o sangue gelar-se-me nas veias, a respiração faltar ! » Assim dizendo, levou a cruz aos labios, beijou-a com viva fé ; depois apertou a mão da sua amiga, nniu a sua fronte á de J.., e deixou ouvir quasi imperceptivelmente estas ultimas palavras : — Adeus minha bo..a ami. ga ! ade..us meu J.. adeus ! Se não fui tua esposa na ter...ra, sel'o-hei no Ceu !

Os olhos fecharam-se, seus labios tornaram-se lividos : M . tinha exhalado a vida !

A tempestade cessava.. a noite havia-se tornado serenna e bella ! ! !

Outubro, 31, 1854. J. J. DA SILVA.

—

O auctor deste fragmento é um joven que muita prepenção e gosto manifesta para seguir a brilhante carreira das letras, e nós o aconselhamos a que não esmoreça á vista da falta de protecção que tem neste paiz os genios de letras, não deixe por isso de voar, se sentir que tem azas, as forças ganhal-as-ha com a vontade ; e espaços não lhe hãode faltar. Se não temos oiro que forme a independencia do escriptor, temos a glori' e o genio que nos torna independentes e superiores ás maç's brutas que tentam esmagar-nos, e que se evaporam desfeitas em fumo ! — Siga os bons modêlos, despreze os maus, estude e terá um nome na posteridade.

Com muito prazer accolhemos, e publicamos seus primeiros ensaios ; para todas as obras que possam conformar-se com o titulo d'esta folha, offerece-mos ao Snr. Silva alguns espaços, assim como démos na Assembléa Litteraria, a outros genios nascentes que estão já hoje figurando no mundo litterario, e os offerecemos sempre á mocidade talentosa que deseja honrar a sua Patria e servil-a empunhando a penna, que prevalecerá sempre á espada, porque esta corta, a outra engrandece.

O fragmento do Sr. Silva tem alguma coisa de verdadeiro, nós o sabemos ; e não duvidámos publical-o porque não offende a moral, antes offerece uma grande moralidade, no exemplo da punição que Deus envia á traição, leviandade, e ambição, que tanto deslustra, e redicularisa algumas pessoas de um sexo onde só devem apparecer bellezas e perfeições na alma, como geralmente a natureza lhes concedeu nos corpos.

Em outro numero publicaremos uma obra do Sr. Silva ; é poetica, e apropriada á Estação *Primavera* ; e estimaremos que ella produza mil flores mimosas com que possâmos tecer lhe uma coroa entrelaçada de louro. D. A. G. PUSICH.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 32 — ABRIL 15 — 1855.

SOBRE AS FESTAS
DA DEFINIÇÃO DOGMATICA
NA EGREJA DA CONCEÇÃO VELHA.

CONSIDERAÇÕES GERAES.

II.

E' mister não perder de vista o meu Artigo precedente, que veiu á luz no *Numero* 30 da BENEFICENCIA.

Leêm-se alli verdades singellas; mas rigorosas: — verdades, que testimunham assás nossa nunca desmentida veneração especial pela VIRGEM IMMACULADA: — verdades, que pôem demasiado a claro o profundo convencimento, em que estavamos os Portuguezes, de que tal devia ser — se não por natureza, por privilegio... e forçoso... e necessario — aquella, que saûdada pelo Anjo *a cheia de graça*, isto é no intender de Origenes — *feita, concebida em graça* — vinha ser a Arca da alliança; a Estrella da manhã; o Templo do Deus vivo; o Sacrario do Espirito Sancto; a Perdilecta do Altissimo. Vinha dar ao mundo em lucto o Salvador promittido.

Em face d'ellas facil será a qualquer imaginar com que arrebatamento!... Com que enthusiasmo!!... Com que transportes de alegria não seria acolhida neste Paiz *Fidelissimo* a definição solemne, com que a Sancta Egreja Universal (a dispersa é tão infallivel, como a congregada. A uma e a outra está affiançada nas Escripturas a assistencia da divina inspiração. A uma e a outra Christo disse: — *Eu estarei comvosco até á consummação dos seculos.* —) com que a Sancta Egreja Universal — sem duvida, pela voz de seu Chefe visivel sobre a terra, e pelo voto geral — quasi unanime, dos legitimos Prelados de todo o Catholicismo, declarou *Artigo e Dogma da Fé* a pureza absoluta da Mãi de Deus desde o instante primeiro do seu ser!!!... Collocou na cathegoria — inseriu, contou no numero das verdades innegaveis da Religião do Filho de Maria, e doctrina consoladôra, e para nós tão cara, da CONCEIÇÃO IMMACULADA!!!...

Embora apparecessem espiritos tres-loucados, poucos — mui poucos

por fortuna, que pertendessem attentar contra definição assim respeitavel, por tal modo augusta. — Embora, empregando-se em *alguma das nossas Folhas Periodicas* uma linguagem insolente e impia: não se correndo de uzar — lá — termos por egual torpes e indecentes; termos reveladores — ou de incredulidade estreme, ou de refalsado Jansenismo, se ostentasse menos-cabar decisão tão veneranda; se achincalhasse a Assemblea magestosa, que a discutiu, fundamentou *antes*, que accorde a abraçou *depois*; se invectivasse o Pontifice Soberano, que a annunciou; se cobrisse de nojentos insultos os que pugnavam — por um lado, pela respeitabelidade do Dogma; por outro, pelo decoro e attenções devidas á Assemblea dos Bispos, á Sagrada Pessôa do Successor de Pedro. — Embora, com magôa bastante o digo, embora tivessemos de passar, aqui, por essa vergonha e dezár, a nova da *definição mencionada* vôou d'uma extremidade á outra de Portugal entre applausos ingentes: foi por todo elle recebida com acatamento profundo.

Para logo este acatamento e aquelles applausos serião traduzidos em publicas — bem publicas demonstrações, se não sobreviessem obstaculos — e por motivos frivolos em extremo; erronêos talvez... de certo na latitude que se lhes quiz dar — não surgissem obstaculos similhantes, d'onde menos se podiam.... se deviam esperar.

De prompto numerosas, brilhantes, apparatosas, e todavia devotas, edificantes festividades religiosas se terião generalisado por toda a superficie do Reino, se... quem o acreditaria? — se o Governo, por mais de quatro mezes, não se lhes tivesse opposto, retardando por tanto tempo a publicaçao official no seu *Diario* da Bulla Pontificia: prohibindo-as mesmo expressamente antes de ser feita essa publicação alli.

Ha do que affirmo, no sentido da espontaneedade e promptidão de festejos innumeraveis, provas a não mais; e os factos actuaes eloquentemente o annunciam — confirmam-o com energia e vigôr.

No momento, em que similhante publicação se fez, e tão dolorosa prohibição se retirou, pomposas festas se começaram a planear, como que á porfia, qual mais surprehendente — qual mais grandiosa e bella, em honra do Dogma definido, em obsequio á decisão *inspirada*.

Não quero fallar de todas: nem isso podia ser pelo modo e no terreno, em que intento marchar. Isso dava materia para sobre uns outros volumes, Não cabia nas columnas de qualquer Jornal, fosse, por ventura, de dimensões gigantescas. Quero, só e apenas, traçar um ligeiro esbôço da que ha-de ter logar na Capella Real, que foi dos Cavalleiros da Ordem de Christo, erecta juncto á Ribeira velha, e que é vulgarmente conhecida pelo nome de Conceição Velha.

Só e apenas me proponho fazer, se breve e concisa, critica, reflexionada descripção da Festividade esplendorosa, que nos dias 28 e 29 de Abril se deverá celebrar naquelle Templo magestosamente em cordeal tributo de louvôr a Maria sempre sem macula e pura sempre; em justa acção de graças a Jesus que, *um e o mesmo com o Pai*, com elle a preserverára *ab æterno* da feia nodôa do delicto de origem, por todos nós contrahida na prevericação do primeiro homem.

Só e apenas me dedico a tornar, quanto possivel, vulgarisada a noticia de solemnidade tão apparatosa:

— solemnidade, ao que me consta, verdadeiramente edificante: — solemnidade, sem controversia, delineada no mais perfeito espirito do Christianismo e sua Egreja, como ellas o devem ser: — solemnidade mais de que digna de elogiar-se, mais, muito mais digna de imitar se: — solemnidade, em que sobresairão, eu o sei, demasiado distinctos com o amôr de Deus o amôr da Virgem e o amôr do proximo: — solemnidade, que prenderá em laço estreito o culto do Senhor Altissimo, e a *beneficencia* para com a infancia indigente, para com o pobre e o desvalido: — e solemnidade, toda devida ao zelo e aos esforços do muito exemplar Vigario da referida Capella, e ás esmolas espontaneamente e mui gostosamente dadas por varios Fieis, devotos extremosos da Senhora em todas as preeminencias, que a exornam sobre modo; mórmente, porem, em sua Conceição Purissima.

N'um outro Artigo me desempenharei d'esta satisfatoria tarefa. Antes, todavia, revela tocar algumas especies — dar certas noticias, que tenho por interessantes.

Aquellas e estas, por isso, a precederão nos suguintes numeros.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

A CONCEIÇÃO,

E A VIRGINDADE DA SS. VIRGEM.

A Conceição, e a Virgindade da SS. Virgem Maria, Mãi de Jesus Christo, Deus e juntamente Homem — são dois Mysterios de Fé; mas distinctos. Temos visto muitas pessoas, que se prezam de serem catholicas, confundirem estes dois Mysterios: e dizerem os maiores absurdos, relativamente á convocação dos Bispos de todo Orbe Catholico, feita pelo SS. Padre Pio IX chefe visivel da Igreja de Jesus Christo, e Vigario do mesmo Senhor sobre a terra; para a difinição e decisão do Mysterio da Immaculada Conceição da SS. Virgem, como Dogma de Fé, e não só temos ouvido taes absurdos, a gente rustica, mas até a pessoas de classes graves: isto prova evidentemente, quão grande é a ignorancia, em Religião, no nosso tempo, n'este Paiz, A Conceição da SS. Virgem Maria, teve logar, quando foi concebida no ventre de Santa Anna; cuja festevidade celebra a Igreja no dia 8 de dezembro; e celebra o nascimento da mesma Senhora, no dia 8 de setembro; completando-se neste dia, justamente nove mezes; tempo que ordinariamente andam as crianças no ventre de suas mãis.

O Mysterio da Virgindade da Mãi de Jesus Christo, é Dogma de Fé, desde o principio da Igreja; e a mesma Igreja, sempre condemnou como herejes, todos os que se tem attrevido, a negar a Virgindade da Mãi de Jesus Christo.

Pelo Dogma da Virgindade da Mãi de Jesus Christo, cremos que esta Senhora era Virgem, quando concebeu em seu ventre a Jesus Christo, por obra e graça do Erpirito, ficando sempre Virgem, não só antes do parto, mas até depois do parto, perpetuamente. E na verdade é, um grande erro, duvidarmos da realidade d'este Mysterio: 1.° porque a Igreja sempre assim o ensinou, á qual, Jesus Christo deu o poder da difinição dos Dogmas de Fé, e prometteu que nunca cairia em erro: 2.° porque a Deus ente todo poderoso e omnisciente, nada é impossivel.

Pelo Dogma da Conceição da SS. Virgem, cremos que esta Senhora, foi concebida em estado de graça, que nem um só momento esteve sujeita á macula, como estão todos os entes humanos; os quaes, todos são reus do peccado original desde que são concebidos, e nascem reus do mesmo peccado, e só pelo Sacramento do Baptismo é, que ficam livres d'esta mancha. Porem o Mysterio da Immaculada Conceição da SS Virgem Maria, só é Dogma de Fé, depois que foi decretado do alto da Cadeira de S. Pedro, pelo SS. Padre Pio IX, successor de S. Pedro, e como tal, Chefe visivel da Igreja, e Vigario de Jesus Christo; na presença de mais de duzentos bispos de todo o Orbe catholico: antes d'este solemne acto, era só de Fé pia: mas a opinião mais geral, sempre foi, que a SS. Virgem foi concebida em graça, que nem um só momento esteve sujeita ao Decreto Divino, a que todos os descendentes de Adão, estão sujeitos de serem concebidos em peccado original, isto é, serem reus do peccado de Adão e Eva, desde que são concebidos no ventre de suas mãis, e nascerem reus do mesmo peccado, e por consequencia, sujeitos a perderem-se eternamente, se não forem lavádos d'esta mancha, pela graça do baptismo. Mas apezar do Mysterio da Immaculada Conceição, ser só de Fé pia, haviam corporações muito respeitaveis pela sua piedade, e sciencia, que acreditavam n'este Mysterio, com fé tão viva, como nos outros Mysterios, já difinidos Dogmas; e jurávam defender este Mysterio, como uma verdade de Fé Divina. Ora todos os argumentos que appresentavam os mais sabios defensores da Immaculada Conceição da SS. Virgem, eram tão fortes e racionaes, que deixavam convencidos a todos os catholicos piedosos: e depois das solemnes palavras do Concilio geral de Trento; que não era de intensão sua, incluir a SS. Virgem Maria, no decreto do peccado original: só faltava difinir-se a Immaculada Conceição da SS. Virgem Maria, Dogma de Fé.

Hoje que este Mysterio já está decretado Dogma de Fé, já não deve entrar em discussão; já não são necessarios argumentos para nos convencer d'esta verdade; é crer fielmente, porque assim está decretado pela Authoridade competente

J. R. de Figueiredo.

FRAGMENTOS D'UM PENSAMENTO.

Que noutes estas meu Deos! Que noutes estas assim tão mal passadas! Que dor no coração! Que tristeza n'alma! — Pobre de mim louca criança que ainda sou? Eu cria na amizade! Eu cria ainda neste sentimento, santo, nobre, e justo, — fazia d'elle o meu thesouro — Eu acreditava que os homens podessem nutrir esta paixão nobre! — O cair d'um corpo na terra — o cerrar d'uma lousa, o cravar d'uma cruz, trouxe-me o desengano. Ai de mim, tardio que elle foi! — Embora, debalde mil vezes eu digo aos ventos do Sul — ás brizas do Norte meu Pai, meu Pai, as brizas murmuram, e passam — E, eu só neste mundo vou arrostando o rizo dos homens — Assim se passa a vida — Aqui um tronco que abate alem embrião que lhe succede — e assim as gerações vem successivamente passando umas apoz outras, mais vestigios seus deixando que ingratidão, e maldade, — Não são es-

tas palavras filhas d'uma falsa poesia — O scepticismo verdadeiro aquelle que nasce d'alma tenho-o eu — Tenho-o por que penei muito, porque tive muitas horas de insonia, e lá quando a natureza e os homens descançando repousam em paz, eu só acurvado a muita dor com o coração replecto de tristeza, contei as largas horas da noute, a pensar, a pensar. — Tormento d'imaginação que é o pensar! — Foi nessas noutes, nestas horas passadas com o melhor dos Pais, mais santo dos homens, e melhor dos amigos; mergulhado em immensa agonia que eu adquiri desenganos — O mundo, o mundo — Receptaculo das mais vis paixões! — Os homens barateiam a amizade — as mulheres mercadejam e agiotam o amor. — Meu Deus que mundo este? — É o mesmo em que Diogenes viveu. — Por noutes d'agosto quando a lua se ostenta no Ceu em todo o seu esplendor uma lagrima de saudade vem rolar-me pelo rosto — ao mesmo tempo uma fagueira briza vem rociar-me as faces abrazadoras, como querendo apagar o fogo que as escalda — Que me importa que a natureza se mostre risonha e bella se tudo que me cerca punge meu coração mostrando só tristeza e dôr! — É que neste dia, eu no seio da felicidade domestica tinha outr'ora ao meu lado um braço erguido, ainda que á beira do sepulchro, me amparava do tufão da sorte. É que neste dia, faz hoje um anno, talvez a estas mesmas horas esse braço deixou de existir.

12 d'Agosto de 1854.

J. G. Teixeira.

POESIA.

—

LAMENTOS

Offerecida á Ex.ma Snr.a D. Antonia Gertrudes Pusich.

. . . . . .

E a minha alma vazia de esp'rança
No limiar do porvir se assentou!

Meus pulmões arquejaram com ancia
Buscando ar na amplidão do futuro,
E sómente encontraram por trevas
De sepulchros um halito impuro!

A. Hercelano. — *A Felicidade*

Como as ondas, que apoz a tempestade
Vem mansinhas bater junto das praias
Do vasto mar;
Assim meu coração de magoas morto,
Morto, - bem morto - desprezando encantos
Morreu p'ra amar!

Já cessou de brilhar dentro em meu peito
Da fervida paixão dos meus affectos
Fugaz clarão!
Hoje, insensivel, já me foge a vida,
— Vai a correr n'um turbilhão de penas
Do coração!

A voz formosa d'um celeste archanjo,
Dos Ceus descido a abrandar no mundo
Com seu cantar
Forte soffrer, que me abrazava o peito,
Essa mesmo cessou de consolar-me
No meu penar!

Hoje já frio; — vem oração mesquinha,
Que elevo a Deus para pedir-lhe a morte,
— Nem essa vem
Affagar neste meu peito a lembrança
Do soffrimento, e desfazer, com ella,
Fel, que contem!

Magas delicias, que sonhei infante,
Cheias das illusões, que esta alma tinha
De puro amor,
Fugiram todas, e deixaram — cardos,
Que crescêram — soberbos destruindo
A nova flor!

Esp'rança ardente, que em meus sonhos vinha
Encher de gosos meu viver no mundo,
Via fugir!
Hoje — só tenho, entre tormentos d'alma,
Desejo ardente de ir nas campas ermas
A sós carpir!

Oh! vem, ó parca, vem roubar aos homens
Este cadaver; vae leval-o as campas
A descançar!

Que não é justo, que entre os vivos passe
Funérea sombra, que o folgar do mundo
Venha enluctar!

Oh! vem, ó morte, com a foice réspida
Findar os dias do soffrer insano
Do meu viver!
Vem já depressa; vem livrar minha alma
Deste meu corpo, que em soffrer hediondo
Me faz morrrer!

. . . . . .
. . . . . .

E quem vê o meu rosto tão despido
De tristeza, não pensa nos tormentos
Do peito meu!
É porque as dores, que se occultam intimas
Não as divizam essas homens perfidos
Com o olhar seu!

É porque os olhos já choraram prantos...
Tantos, — que consumiram já as lagrimas
Do meu carpir!
Agora... só me resta a dor profunda
Reconcentrada n'alma; que a dos olhos
— Via extinguir!

Hoje, só morte... do terror encantos
Podem findar deste meu peito livido
Penar atroz!
Rogo debalde com sorriso gelido,
Que venha breve esse momento, em que oiça
Da morte a voz!

. . . . . .
. . . . . .

Rogo debalde... — mas as minhas preces
— Não m'as attende Deus!
Embora... esperarei o termo dado
Aos soffrimentos meus!

22 de Março de 1855.

A. de Barreto.

A PRIMAVERA.

Oh! que encantos, que amor, que bellesa
Tem o campo em tão linda estação!
Dessas galas, adornos, riquesa
Verdes prados se ornam então!

Como é bello ver bellas florinhas
Quando a aurora começa a apparecer;
Espalhando nas teuras folhinhas
Essas per'las que as fazem viver!

Que poesia, que magico encanto
Eu no peito já sinto brotar,
Quando escuto das aves o canto
Que vem meigas a aurora saudar!

Quando o sol com seus raios brilhantes
As campinas começa a dourar,
E nas aguas que alvejam distantes
Que a donzella se mira a folgar.

Que desvio que eu acho — que encanto
Resguardado dos raios do sol,
Na soidão a ouvir esses cantos
Do plumoso cantor — rouxinol!

Da singela pastora innocente
Tambem amo o suave trovar,
Quando meiga, gentil e contente
Seu rebanho conduz a pastar.

Que alegria em mim causa o folguedo
Do cordeiro mansinho a brincar,
Sobre a relva correndo sem medo
As boninas ligeiro a calcar!

Que prazer a fogaz burboleta
Me revela no prado a adejar,
Fervorosa amimando a violeta
Despresando-a depois de a gosar.

E as vergonteas que brotam singellas
Matisadas p'la mão do Senhor,
Quaes as virgens tão puras, tão bellas
Na innocencia, noviço e frescor.

Esse astro de luz fulgurante
Sua fronte escondendo gentil,
Mostra á linda pastora o instante
De seu gado guiar ao redil.

Do ribeiro o murmurio sentindo
Só desperta, em minh'alma prazer,
Inda mais, brando zephiro ouvindo
Sem cessar as folhinhas bater.

D'aldeãsinhas a fonte cercada
Quadro fórma garboso gentil;
A fontinha tornando encantada
Da innocencia e de graça infantil.

Da fontinha se ausentam levando
Os seus cant'ros que vem d'encher;
Nos olhares seus lindos pairando,
Os amores, delicias, prazer.

E caminham a passos ligeiros
Sempre alegres, folgando a surrir:
Quando unidas a amantes fagueiros
Como é doce suas fallas ouvir!

Que lindesa — que doce magia
Tem a lua no ceu a brilhar
Que deleite — que pura alegria
Nos envia esse luz a raiar.

Oh! que aroma tão puro, tão bello
Que as florinhas estão a exhalar!
E uma brisa subtil a fazello
Junto a mim docemente girar!

Quando a lua no ceu entre estrellas
Vai brilhando constante a fulgir,
Assemelha-se a lampadas bellas
No Sacrario de Deus a luzir.

Só no campo mui livre se gosa
Um ar puro ambriente d'amor;
E na quadra florida e formosa
Se nos mostra o poder do Senhor!

Oh! que dias que noites formosas
Que fagueiras no campo a gosar!
Só no campo essas horas gostosas
Na florida estação sei passar.

Oh! que encantos, que amor, que bellesa
Tem o campo em tão linda estação!
Suas galas — adornos — riqueza
São do bardo a suave canção.

J. J. da Silva.

GEMIDOS

SOBRE UMA SEPULTURA NO CEMITERIO DOS PRAZERES N.° 200.

—

POESIA.

De lagrimas um mar banha esta Campa!
Jaz aqui dos mortaes o mais sentido,
O mais digno de amar-se, o mais querido!

De continuo aqui véla um Coração
De quem metade já a terra cobre,
E que só vida encontra
Onde a vida termina, onde ella morre!

Inteira já'não é sua existencia!
E só metade vive n'aperencia!
De amargura, e de dôr
Secumbe á força de saudade, e amôr!

Uma força mais que humana
Ambos iguaes nos creou,
Transpondo as leis da Natura,
De dois um só ser formou.

Isto fez para ligar-nos
Lá na eterna habitação,
Que á terra não pertencia
Nossa tão casta união.

Quantas vezes com ternura
Para o Céo eu te apontava;
Outras tantas, tua voz
Meiga do Céo me falava!

Lá na morada Celeste
Recordas o nome meu:
Eu saudoza cá na terra
Mil vezes repito o teu!

Cara parte de mim mesma!
Tu ahi gozas ventura!
Embora eu afflicta gêma
Sobre a tua sepultura!

Em findando a triste prova
A que inda está condemnada,
Feliz irá ser com tigo
Para sempre a tua amada!

Sim caro Irmão, doce Amigo
Nós iremos, n'um só ser,
Louvar, amar para sempre
O Deos de imenso Poder!

Com ardor inextinguivel,
Iremos amar-nos, sim
Junto a Deos, na Patria nossa,
E com ternura sem fim!

Terno, purissimo affecto
Ardente, constante amor,
Sustenta-se alem da morte,
De pranto, saudade e dôr.

D. M. J. M. S.

NECROLOGIO.

Mais um espirito celeste que tinha baixado á terra para exemplo de eminentes virtudes, ergueu seus vôos á divina mansão dos Justos, e repousando junto ao seu Creador, gosa o premio sublime que o Senhor nas Alturas destina áquelles que souberem cumprir e honrar suas Leis!

No dia 10 de Fevereiro proximo findo fallescêo a virtuosa Abbadessa do Convento da Esperança, a Madre D. Elena Thomazia da Cruz. Exemplar em todos os actos de sua vida Religiosa, era um perfeito modelo de caridade; amparo dos indigentes a

quem incessantemente soccorria tanto dentro do sagrado recintho onde retirada vivia entregue a Deus, como tambem valia a todos que não encontrando no mundo a devida compaixão, iam emploral-a, em sua benefica alma; que recolhia e enxugava o pranto dos infelizes. Gosou no Claustro a mais vigorosa saude, não obstante continuas penitencias, jejuns e voluntarias mortificações com que ella procurava ter uma cruz, para acompanhar o nosso Redemptor! Que differença destes sublimes sentimentos áquelles das que sacreficam a saude e a vida ás illusões do mundo! E o Senhor coroando suas virtudes accolheu benigno esses sacrificios, concedêo-lhe longos annos de vida, e uma robustez pasmosa, pois até ao fim de sua vida, quando já finda a carreira os passos enfraqueciam pelo cançaço e peso de annos, ainda assim desempenhando todas as suas obrigações era efectiva cantora no côro, onde se recente assaz a falta d'aquella angelica voz! A Communidade sentio amargamente a morte de sua virtuosa Prelada; e o seu benemerito capelão o snr. Padre José Monteiro Roque, que tambem vivamente lamenta este golpe que soffreram, nos pede em nome de todos que a souberam apreciar, enviemos á Posteridade uma prova de seus puros sentimentos, e nestas columnas estampemos o nome da que deixando de viver na terra, existe ditosa no Ceu, orando pelas suas irmãas, por todos que ainda gemem neste vale de lagrimas, e tambem por nós que muito deveras deploramos a falta d'essa luz que reflectindo dos Ceus ajudava a vencer as trevas da existencia.

Offerecemos á nobre communidade nossos sinceros sentimentos com que acompanhamos a sua dor; e á memoria da illustre Prelada um testemunho de veneração e respeito. O Altissimo lhe conceda eterno descanço entre os resplendores da Luz perpetua. Amen.

D. A. G. PUSICH.

Offerecimento ao Illm.º Snr. Dr. Alexandre Magno de Castilho, para as curiosidades do seu Almanach

Tarquinio, Torcato, Tasso Taco.
Matusio, Matoso, Mattos, da Matta.
Pietro, Paula, Parutto. Prote, Prudente, Providente, Produce, Palma, Per, Patria, Plantando, Palma.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

A GRINALDA

JORNAL POETICO.

REDACTORES — NOGUEIRA LIMA. — J. M. B CARNEIRO.

Publicaram-se os 2 primeiros numeros deste jornal, contendo poesias dos Snr. Alexandre Braga, F. X. de Novaes, Henrique Augusto, Augusto Luso, A. Corrêa, J. M. B. Carneiro, e Nogueira Lima

Assigna-se no Porto, no escriptorio da Redacção, rua das Flores n.º 92. 1.º andar. — Preço: Por anno, ou 12 numeros 800 rs. Provincias, franco de porte 860 rs.

ANNUNCIO.

O inventor em Paris de lavar luvas de pelica de todas as cores, annuncia ao publico que continua n'esta util invenção, por o commodo preço de 60 rs. o par. e para tingir 80 rs. — Travessa nova de Jesus n.º 17, 1.º andar, ao Poço Novo.

EXPEDIENTE.

Por motivos poderosos que tem reclamado as attenções da Redactora, não poude este numero sahir no 1.º do corrente mez; e tambem o n.º 33 só poderá ser publicado a 15 de maio proximo futuro.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. C. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 33 — MAIO 15 — 1855.

SOBRE AS FESTAS
DA DEFINIÇÃO DOGMATICA
NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

ESPECIES HISTORICAS.

III.

A Capella Real, que foi em Lisboa dos Cavalleiros de Thomar, *vulgo* denominada — a Egreja da Conceição Velha, remonta-se em sua primeira reedificação e sua primeira consagração para o culto catholico a uma epocha das mais importantes de Portugal; — o reinado do sr. D. Manoel, o Venturoso: e a vinda para alli dos Freires da ordem militar de Christo, ha para cima de tres seculos e meio, vai prender com um feito memorado, que mais honra e vantagens, renome e gloria, preponderancia e riqueza trouxe aos Portuguezes; — a descoberta da India por Vasco da Gama, navegador insigne — depois conde da Vidigueira, Almirante celebre, Viso-Rei famoso.

Apoz annos sobre annos de tentativas e esforços não descontinuados, Bartholomeu Dias já houvera conseguido montar, e passar bastante alem do formidavel Cabo Tormentoso. Esta façanha abria de par em par as portas do Oriente, e mettendo-nos no caminho devido, affiançava desde então, levar-nos direitos aos mares e ao descobrimento das Indias.

Fôra este, por ventura, o sonho dourado do inclito Infante D. Henrique, fôra este, sem questão, o empenho que mais ardentemente tivera o peito o Rei D. João segundo nos quatorze annos de seu governo glorioso. Neste sentido, habil e politico o Principe Perfeito trocára ao Promontorio medonho o nome de Cabo das tormentas, que aterrorizava, no de Cabo da bôa Esperança; — por que por tal guiza, longe de descorçôar, encorajava em muito os mareantes; — porque promettia immenso na consequeção da grande empreza; porque alfim dava, de feito, as maiores esperanças de seu exito feliz aos que, assiduos, de futuro proseguissem nella.

D. Manoel, herdeiro do throno de D. João, foi tambem o herdeiro de seu

ardôr pelo descobrimento das terras do Indo e Ganges que, pouco mais ou menos, em 85 annos de presistentes, successivas diligencias havia custado trabalhos enormissimos, fadigas espantosas, perigos indeziveis, despezas immensas, gastos fabulosos.

Para o obter, lá invia nova expedição, commandada por um homem, de quem muito se espera. Vasco da Gama parte a 2 de Julho (1) de 1479 do surgidouro do Rastêllo em Belem, Capitão Mór das quatro vellas, que se mandavam a tal fim.

Já dobra de novamente o temerosa cabo. — Já da costa oriental da Africa atravessa o vasto golpho para a contra-costa da Asia. — Já por entre mil vicissitudes, inexplicaveis riscos, apôrta a Calicut. — Já a obra colossal de tanto custo, de desvellos tantos, está concluida. — Já volta a trazer as alegres novas ao Rei ditoso, que por ellas mais que muito suspirava. — Já entra pelo meio de estrondosas salvas, de phrenetico enthuziasmo, a barra de Lisboa o Immortal Vasco, e a 29 d'Agosto do anno de 1499 dá venturosamente fundo em seu porto magnifico.

De prompto D. Manoel, que se era o Afortunado, era por egual d'animo religioso e grato, se preoccupa todo do pio empenho de edificar áquella, que é Mãi de Deus, com a invocação de Sancta Maria de Belem, um Templo monumentuoso, levantado no proprio local do antigo Heremiterio da Senhora do Rastêllo: — levantado, sim, em prova do reconhecimento de sua alma por mercê tamanha: — levantado em testimunho, explicito por extremo, de seu coração devoto para com Maria, a Estrella do mar; a cujo favor insigne elle contava dever beneficio tão assignalado.

Como o successo correspondêra ao desejo: a realização corresponde ao plano. Dá-se começo aos trabalhos necessarios. Onde era a humilda Ermida eleva-se a Fabrica estupenda, primôr d'arte, de magestade e de grandeza, que alli se admira: á Capella acanhada succede com o tempo o Templo e o Mosteiro sumptuosissimos, que outhorgára aos Filhos de Hieronimo.

Era então mister attender e dar destino aos Freires, que lá occupavam a caza demolida. Foi o que fez. Designou-lhes com uma generosidade verdadeiramente real a Egreja de N. S. da Conceição; antiga Synagoga, que fizéra já d'antes reedificar; que mandára purificar; e que, christão de veras, concedêra para o culto do Catholicismo, expurgada das impuridades do Judaismo odioso. Pomposa e bella, atravessa d'est'arte o longo periodo de 256 annos.

Ultrapassei, talvez, já os limites, que me prescrevi na confecção d'estes Artigos. Por aqui me fico: e continuarei, ainda, o mesmo assumpto no numero do BENEFICENCIA, que se seguir.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida

(1) Nesta e noutras datas não falta variedade em nossa historia. Com quanto isso cause alguma confusão e embaraço, não intendo ser agora a occasião, nem o logar de deslindar taes coisas. Aqui vou-me cingindo a *Damião de Goes*. Para o meu intento é o que me basta.

ILHAS DE CABO VERDE.

Temos a gloria de receber uma prova mais da affeição e lembrança que merecemos ás illustres damas que houram a Provincia de Cabo-Verde; e a quem desde a infancia consagramos a mais pura amizade. Re-

cebemos uma attenciosissima e obrigante carta da exm.ª sr.ª D. Gertrudes Maria Ferreira Martins, em data de 9 de Janeiro ultimo em que nos patentêa o regosijo e enthusiasmo de nosssa amadas patricias, ao vêr que em Portugal aparece offerecendo serviços á Religião, moral, e instrucção dos povos, e figurando no mundo litterario aquella que posto nascesse de povo estrangeiro, teve o berço em uma das Ilhas de Cabo-Verde !... As expressões de que a nossa presadissima amiga reverte a sua interessante missiva, são de maneira tão obrigantes, afogam tanto o nosso orgulho poetico, exaltam tanto o nosso pequenissimo prestimo, que nos confundem e penhoram em extremo; porem tolhem-nos de transcrever a sua carta, porque os louvores com que se digna coroar-nos são por certo muito exagerados, e suspeitos por isso que a amizade, e seus nobres desejos os dictaram ! E todavia é este mais um incentivo que nos move a seguir-mos intrepidos a marcha dificil que emprehendemos, dictoso por ter merecido que mãos delicadas e amigas tentem suavisar-nos o aspero caminho, derramando sobre nossa fronte e em nossos passos tantas flores que vicejaram eternas em nossa humilde campo, enfeitando os pés da cruz junto á qual em breve repousaremos livres das fadigas de uma vida que só o berço e a tumba nos ornou de flores.

O nosso agradecimento é tão sincero, quanto verdadeiro o dezejo de podermos ser uteis á terra onde nascêmos, e que nosso adorado pae com tanto amor governou, por isso offerecêmos as columnas da Beneficencia, e tudo quanto esteja ao nosso fraquissimo alcance, em proveito e honra d'essas Ilhas; e de seus pacificos habitantes; e á nossa amiga enviamos um cordial abraço, acompanhado das mais saudosas e gratas lembranças que lhe pedimos transmitta a todos as nossas patricias que tanto nos obsequeiam.

Julga-mos dever informar o publico, e dar uma breve noticia a nossos assignantes de algumas circumstancias que tornam mais digna de consideração a exm.ª sr.ª D. Gertrudes Martins e sua familia. É esta sr.ª filha do exm.º Conselheiro Manoel Antonio Martins; homem de genio verdadeiramente emprehendedor, que teria chegado a gosar as maiores honras, se as obras que elle offereceu em beneficio publico e do Estado nas Ilhas de Cabo-Verde fossem feitas em paiz onde os serviços nacionaes se recompensassem melhor, do que os pessoaes...

O sr. Manoel Antonio Martins entre outras offereceu quatro obras que bastam a eternisar e honrar a sua memoria; e são ellas as seguintes:

1.ª — O encanamento das aguas de Mont'agarro na Villa da Praia da Ilha de S. Thiago de Cabo-Verde; obra de salubridade publica; e utilidade ao commercio das Ilhas, pois a certeza de encontrar alli boa agua atrahe immensos navios. Tem de comprimento uma legua.

2.ª — O forte Duque de Bragança da Ilha da Boa-Vista, feito, e montado de artilheria grossa, tudo á custa do sr. Manoel Antonio Martins; é a unica defeza que aprezenta essa Ilha.

3.ª — O caminho subterraneo (*a*) da Salina da *Pedra de lume* (*b*) na Ilha do Sal, obra gigantesca em relação aos recursos da mesma Ilha; tem para mais de 50 braças de com-

(*a*) A que se chama em inglez thonel.
(*b*) É uma roxa assim chamada na Ilha do Sal.

primento, e altura e largura sufficiente para todo o transito mesmo material de uma saleria, atravez um alto monte.

4.ª O caminho de ferro na Ilha do Sal, em 1836, primeiro que se fez em terra de Portugal. Ha annos de carregarem 70 navios; dando á Alfandega o rendimento de seis aoito contos de reis; e empregando seis centos individuos que vivem dessa industria.

A Ilha do Sal era deserta, não tinha nem um só habitante; e os navios outr'ora só conheciam pelos mapas, ou avistando-a ao longe, a sua existencia; hoje é habitada, e offerece muitas vantagens ao commercio, e industria d'aquelles povos.

Estimamos ter occasião de estampar nas columnas do nosso jornal e offerecer á posteridade o nome de aquelle que nos vio nascer, e apesar de todos os manejos com que a intriga em damno das pobres Ilhas de Cabo-Verde, tentou desunir nossos pais (que alliás sempre unidos e em tempo de paz, teriam feito a felicidade d'aquelles povos) foi em todos os tempos nosso amigo, por isso honrando as suas cinzas, lhe offerecemos este ingenuo tributo de verdadeira amizade.

D. A. G. PUSICH.

VÃO ACABAR OS CORCUNDAS.

Lê-se na *Revista Economica* o seguinte:

Damos em seguida os documentos relativos a uma tentativa feita ha pouco tempo pelo sr. Brilhante para curar uma criança rachitica. O sr. Brilhante parece ser o inrroductor do aparelho, que ainda cá não era conhecido, e merece por tanto os maiores louvores pelo zelo e aptidão que mostra no desempenho das funcções da sua carreira.

A criança, em quem se fez a experiencia, cresceu logo em altura, apenas lhe foi applicado o apparelho. Daremos conta do resultado, e então fallaremos mais largamente deste objecto.

DOCUMENTOS PARA A HISTORIA DA ORTHOPEDIA EM PORTUGAL.

Illm.º am.º e collega. — Fica V. S.ª por mim avisado para officiosamente comparecer em casa do sr. Antonio d'Oliveira Guimarães, morador na rua do Alecrim, n.º 13, 3.º andar, esquina para o Caes do Sodré, no Domingo 1.º d'Abril do corrente anno, ao meio dia.

Este favor é feito a mim, e tem por fim autenticar um facto medico, e a direcção de uma tentativa orthopedica.

Creia V. S.ª na estima do seu amigo, collega e respeitador (1) — Antonio Maria dos Santos Brilhante. — S. C. 29 de Março de 1855.

SEGUNDO FACTO E SEGUNDA TENTATIVA ORTHOPEDICA.

Observação clinica, e tentativa orthopedica, colhida na pratica civil por Antonio Maria dos Santos Brilhante, Medico Cirurgião pela Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa.

A sr.ª D. Olympia Adelina do Carmo Guimarães, filha do sr. Antonio d'Oliveira Guimarães, morador na rua do Alecrim, n.º 13, 3.º andar, tem 10 para 11 annos de annos de idade, e desde os tres primeiros annos começou a manifestar o rechitismo lateral esquerdo, tornando-se cada vez mais pronunciado, desenhando a co-

lumna vertebral uma curva com a convexidade para o lado esquerdo, e a concavidade para o direito, a espadua esquerda aproximada do collo, a direita, descahida para baixo e affastan-do-se de collo. O osso externo nas suas adherencias as cartilagens costaes direitas, como que curvado em angulo, sobresahe para a parte anterior e esquerda do thorax.

Tendo percorrido os archivos da medicina portugueza, não achei nada que me guiasse nesta transcendente questão, qual é a cura dos rachiticos. Recorri aos livros dos estrangeiros, e nelles encontrei diversos methodos gymnasticos, e leitos de força, representando cada cousa um systema mais ou menos proficuo. Achei nestes dois systemas inconvenientes invenciveis; porque não podia eu instituir um estabelecimento gymnastico, nem dou bastante fé aos leitos de força, que parecem mais um supplicio do que um meio curativo.

No *Boletim de Medicina, Cyrurgia e Pharmacia de Madrid*, de 20 de novembro de 1853, vem o desenho de um apparelho orthopedico, que applicado aos rachiticos póde apresentar e harmonisar os dois systemas, sem fazer recear os inconvenientes de um ou de outro systema, e foi deste modêlo que nasceu a proposta da minha tentativa, unica, creio eu, que se tem feito em Portugal, aliás não haveria entre nós tanta gente corcunda (rachitica).

Tendo o sr. Guimarães confiado aos meus cuidados a direcção medica de sua familia, isto é, tendo-me honrado com a sua confiança, e escrupulisando eu em lhe deixar a sua filha no estado em que tantas outras se acham por incuria; lembrei-lhe a necessidade de tentar a applicação de um apparelho orthopedico, apparelho dispendioso, que tem por fim evitar que a menina fique corcunda. O sr. Guimarães respondeu: « Custe o que custar: uma vez que é possivel a cura com a applicação bem dirigida de um tal apparelho, ponha-se em pratica. Se falhar a tentativa, não me ficam remorsos de deixar de valer a minha filha. » Authorisou-me a fazer tudo que fosse necessario para se realisar a tentativa.

O sr. Antonio Polycarpo, com officina de instrumentos de cirurgia na travessa de S. Nicolau n.º 43 a 47, foi quem desempenhou o trabalho na conformidade do modêlo e medidas fornecidas por mim. O sr. Antonio Laureanno, selleiro, organisou os estofos. O sr. Stellpflug fez uma facha elastica, trabalho este que é o do menos alcance e difficuldade.

Pedi licença ao sr. Guimarães para me deixar revestir este facto da maior autenticidade: e com a sua concessão convidei os meus collegas abaixo assignados, que officiosamente se prestarem a vêr a menina, o estado della, o apparelho orthopedico a sua applicação por mim feita e por mim dirigida. O sr. Guimarães por esta concessão comprehendeu que della resultará um grande bem para a sociedade. Não quer fazer deste facto um mysterio jesuitico, nem julgou o seu medico capaz de lhe revelar cousa alguma, que lhe podesse levemente ferir o decoro honroso, que um medico sempre tributa aos seus clientes, ou as familias que nelle depositam a sua confiança (2). Lisboa, 1 de Abril de 1855. — *Antonio Maria dos Santos Brilhante.* — S. C. Rua dos Corrieiros (vulgo travessa da Palha) n. 55, 2.º andar.

(*Continúa*).

MAGOAS E FLORES.

Magoas e Flores. — E' um livrinho que contem 39 poesias precedidas de um interessante prologo; seus distinctos autores são os Srs. Claudio de Chaby, e João Antonio de Souza Junior; Dizemos um interessante prologo porque este se afasta da muito usada e já fastidiosa rutina dos extensissimos prologos recheados de notas, que não offerecendo novidade alguma, afastam do livro os olhos do cançado leitor que perdida a paciencia foge-lhe o desejo de ler o resto, que devia ser o todo! Os autores das *Magoas e flores*, não querem fazer valer a sua obra pelo tamanho do livro, numero de poesias, ou pomposo frontespicio de longas epigraphes onde os nomes grandes parecem escudar as pequenas obras!... *Escrever muito não é escrever bem.* Se elles podem apparecer sem receio porque hãode invocar sombras para lhe dár sombra?... Se elles podem crear por que hãode imitar? *Magoas e Flores* — Se algum escrupuloso censor disser que não vos adornaes com todos os primores da arte, este mesmo severo juiz não poderá negar que possuis toda a riqueza do genio, essa luz que alumia a singela cabana, como o sumptuoso palacio.

Conhecemos de perto ambos estes cavalheiros cultores do poetico jardim onde *Magoas e Flores* surgem na primavera da existencia, como um quadro hrilhante da natureza mostrando o escuro das magoas que enluctam a vida, realçando as vivas cores dessas mimosas flores que nascem do coração; e recebem do céu o suavissimo perfume da moralidade.

Nos versos do sr. Chaby reflectem as mais bellas virtudes d'alma — os sentimentos mais nobres de um guerreiro christão; não é desses que se assemelham ao raio destruidor — o sr. de Chaby honra a sua patria com seus talentos; honra a humanidade com seus sentimentos. Não mencionamos as suas poesias que mais agradam porque não queremos offender as outras.

Quanto ao sr. Sousa Junior, diremos que seu genio de fogo, carecia de profundos estudos, ou na falta destes (que esta infeliz terra não sabe proporcionar á mocidade talentosa) carecia d'essa profunda magoa, d'esse amor sem esperança no mundo, que modificasse o seu ardor, que lhe reprimisse os impetos, que elevasse a Deus os seus pensamentos, que o conduzisse aos tumulos, á solidão, e alli lhe offerecessem as mais doces inspirações! oh! que o sentimento, o infortunio, a dôr, são auxiliares da poesia! Que formam o coração, que aperfeiçoam o genio! Sem duvida. Outr'ora conhecemos o sr, Sousa alegre, folgasão, escrevendo o que não sentia zombando dos amores, das saudades, das lagrimas! — Hoje! infeliz amante! saudoso consorte, pae extremoso! soffreste o golpe terrivel que te prostrou na terra para te elevar aos ceus! Agora sim é que deves escrever e procurar em Deus, de quem unicamente dimana essa luz omnipotente que reflecte na mente do poeta, demandar na poesia o conforto de tuas magoas. Pela mesma razão porque não especialisamos as poesias do sr. Chaby, não diremos quaes são as melhores do sr. Sousa; o publico intelligente ajuisará; todavia notaremos uma coisa, que não ousaremos chamar *falta* mas excessiva modestia. O sr. Sousa não declara o nome da donzella a quem dedica os seus versos — *N'um album*! — Não é essa poesia digna

do objecto que a inspirou? E' sim. Mas por ser sua sobrinha deve occultar-lhe o nome quando lhe canta os dotes? Pois nós o revelaremos: E' a Illm.ª Sr.ª D. Emilia Lopes. O solitario tambem nos merece uma excepção, pois foi feita essa poesia a pedido nosso (Vide a nossa Assembléa Litteraria n.º 38, 5 de outubro de 1850).

Desassombrados entrae o mundo litterario, illustres cantores das *Magoas e Flores*; distincto accolhimento, distincto lugar alli vos aguarda! alli na luminosa esphera não se escuta o rouco e descompassado grasnar dos *corvos*, mas ouve-se, e applaude-se o som claro e trinar harmonioso do rouxinol.

Parabens! cantae *Magoas*, e sereis ouvidos — cantae *Flores*, e com ellas ornareis os altares de Deus, e da Patria, e seja a legenda singela com que entreis no gremio da poesia — *Magoas e Flores*. — D. A. G. PUSICH.

DOIS MISTERIOS.

(*Continuação*).

Perseguida innocencia em vão não gemes!
Sóbem ao céo teus ecos, são contados
Por Deus os teus lamentos! a hora vêa
Decretada ao castigo!... eia! respira
Oppressa, consternada humanidade!
O céo não deixa sem castigo o vicio,
Nem a virtude sem brilhante c'roa.

Olinda, ou a Abbadia de Cumaer-Place.
Poema da mesma auctora.

Em quanto Irminia solicita buscava os meios de restabelecer a saude do seu amante; o Padre J... e Augusto cuidavam em firmar a sua tão suspirada quanto contrariada união; tudo em fim se venceo, e o Todo Poderoso permittio que o dia 21 de setembro de 1839, raiando puro e sereno visse coroada a felicidade d'aquelles dois extremosos amantes, eternisado com o laço conjugal aquelle do mais ardente, e casto amor que ha muito ligára suas almas.

A gratidão dos dois consortes para com o Padre J.. e Augusto era infinita, e a cada instante se manifestava; porém Augusto receiava ainda o quer que fosse!... e não se enganava!...

Uma noite de lindissimo luar estavam os quatro amigos passeando no jardim, o Padre J... com Augusto um tanto desviados de Edgard e Irminia, que se haviam afastado para junto de um arvoredo contiguo ao quintal de uma casa desabitada, conversavam em voz alta; nem uma brisa agitava as folhas, quando de improviso sentiram moverem-se as ramagens do bosque! Subito receio se apossou do coração de Irminia, e a decidio a voltar apressada com Edegard para junto de seus amigos; eis que um tiro rebenta no ar com um grande fracasso, e pareceo-lhes sentir um baque na terra! Traição!... gritaram todos!... Acode gente, mas nada se encontra no jardim! Edgard e Augusto saltam ao proximo quintal, e notam estendido no chão um homem nadando em sangue, com uma espingarda a seu lado!... O homem não fallava, mas revolvia-se na terra como tentando erguer-se! Aos gritos de soccorro vem mais gente com archotes; observa-se a espingarda, era de dois canos; estava rebentada! É um malfeitor bradaram os soldados; e mais pessoas que alli se achavam... E' o major!... grita Augusto!... Com effeito era o major que tendo-se introduzido naquella casa aguardava a occasião de matar os dois consortes, quando os visse a geito; de muito carregada rebentou a arma, e o monstro, foi a victima e o algoz! Antes de expirar confessou

toda a sua perversidade; pedio, e obteve o perdão dos virtuosos amantes; delles teve os ultimos soccorros, e as honras funeraes! Eis como o céu pune o malvado, e premêa a virtude!

(Continúa).

D. A. G. PUSICH.

LAGRIMAS.

A MINHA MÃE.

De essas terras ainda vêr
A minh'alma esp'rança tem:
Deixar p'ra sempre a cidade
E matar esta saudade
Nos braços de minha mãe.
Depois, viver como outr'ora,
Quando eu era inda pequeno,
N'aquelle sonhar amêno
De paz, e não de victorias,
Que até hoje não sonhei!
Por aqui buscando glorias,
Saudades só encontrei.
Chegue o dia,! chegue a hora,
E o instante de eu partir,
O meu peito já deplora
Illusões que ouzei nutrir!
Eu bem sei que mil talentos
Se hão perdido n'este trilho
E é louca esp'rança, illusoria,
Querer vêr como uma gloria
Terna mãe chorar seu filho!
Mal sabia, ai! mal sonhava
Quando eu vinha na falua
Que para sempre me apartava
Da minha terra, e da sua!
E que no mundo isolado
Sem norte, sem pae, sem tino
Com uma *penna* eu quereria
Vencer a sorte e o destino!
Vae-te, oh! vae-te loira esp'rança,
Tão bella, quanto fallaz:
Já mesmo não sou capaz
De inda crer no brilho teu:
Foge, estrella enganadôra
Que promettes nome e gloria,
E reservas a victoria
Á pedra do mausoleu!
Chegue o dia, ai! chegue a hora
E o instante de eu partir
Já cuido vêr-me em *Durruivos*,
E minha mãe cuido ouvir!
Quem me déra, ah! quem me déra,
Já n'essa casa appar'cer;
Mas de ahi feliz viver
A minh'alma esp'rança tem:
Deixar para sempre a cidade,
E matar esta saudade
Nos braços de minha mãe.

JULIO CEZAR MACHADO.

NOVIDADE.

Dizem que o Administrador do Conselho do Funchal, Dr. Tarquinio, vae para França!!... A Exposição Universal resplandecerá mais com a vista d'aquella celebridade!!... Damos os parabens aos Madeirenses.

ANNUNCIO.

O inventor em Paris de lavar luvas de pelica de todas as cores, annuncia ao publico que continua n'esta util invenção, por o commodo preço de 60 rs. o par, e para tingir 80 rs. — Travessa nova de Jesus n.º 17, 1.º andar, ao Poço Novo.

ERRATAS.

Em o n.º 30, pag. 3.ª artigo da Redactora, onde diz: e que o desengano, leia-se — e que os desenganos etc. —

Importante. — Em o n.º 31, pag. 2, carta das Religiosas de Lorvão, onde diz: pessimas intenções, deve ler-se — piissimas intenções.

Na poesia *Lamentos* publicada no n.º 32 deste jornal, no verso 19, onde se lê: vem, leia-se — nem — no verso 22, onde se lê: affagar, leia-se — apagar — no verso 43, onde se lê: réspide, leia-se — rispida. —

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. C. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 34 — JUNHO 1 — 1855.

SOBRE AS FESTAS DA DEFINIÇÃO DOGMATICA NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

ESPECIES HISTORICAS.

IV.

Viram-se as vicessitudes do Templo, hoje denominado — A CONCEIÇÃO VELHA, desde o feliz reinado do grande Rei o senhor D. Manoel, até ao anno fatal de 1755. Veja-se, agora, qual fosse sua sorte em novembro de anno tão horrivelmente famoso; e bem assim os destinos de sua nova existencia desde lá aos nossos dias.

Nada no mundo deve reputar-se perduravel. Pelo anno de 1755, de memoria infausta, a Capital vê-se arrazada, quasi, por uma catastrophe medonha. Horrivel terremoto faz d'ella um monte de ruinas; e o incendio fatal, que se lhe seguiu, acabando o que o primeiro principiára, termina pela reduzir a um mar de cinzas.

Á desgraça geral não escapou, por isso, a Egreja antiga da CONCEIÇÃO VELHA. O terremoto póde dizer-se que a respeitou: com elle pouco padeceu. Não assim com o fogo, que a devorou pouco menos que completamente.

Accudiu aqui, tão breve lhe coube no possivel, El-Rei o senhor D. José. No sitio (assevera-o o erudito padre João Baptista de Castro no seu mappa de Portugal) no sitio, em que se achava a capella mór mandou erigir uma barraca para os Freires rezarem, e o corpo da Egreja, que dera ordem para se demolir na parte, que sobrerestára á destruição das chamas, foi reconstruido pela maneira, porque hoje se observa em harmonia com o plano da nova edificação da Cidade.

A Real Capella da Conceição, que foi dos Freires de Thomar, cheia de luz e vasta, conforme é hoje, torna-se por muitos titulos uma das Egrejas mais celebres de Lisboa: — celebre por sua remotissima origem e serviço primitivo: — celebre por sua reedificação e destinação piedosa; obra do Rei D. Manoel, como já disse, e o attestam, ainda, as duas espheras armilares, meio-relevadas, que corôam os louvores, os arrendados, as figuras de sua fachada principal, proprias do

estylo da Architectura d'aquelles tempos, muito de proposito conservada e approveitada para indicar a mão, á qual deveu essa reedificação primeira: — celebre por suas recordações historicas: — celebre pelos estragos, que alli causára o fogo da terrivel calamidade de 1755, como pela solidez assombrosa e inaballavel de sua Torre, que nada gemeu, em nada se desmentiu — apezar dos violentos repellões, porque fôra sacudida; — e celebre, a par da magnificencia, pela grandeza e primôr, com que ultimamente foi reconstruida em seguimento ao desastre cruel, que arrojou esta Cidade, desde largos tempos famosissima, aos abysmos da desolação e da morte.

Ha nesta Egreja notavel por motivos tantos, quantos acabam de enumerar-se, e outros, ha nella uma Imagem Veneranda, que muitos — *por tradição* — seguida entre os proprios Freires, aos quaes a Casa pertencêra, acreditam ser a antiquissima da Virgem do Rastêllo. Acha-se no primeiro altar da banda da Epistola, fronteiro ao do Sacramento. Nelle se vê exposta esta Imagem — em verdade veneravel. É de tamanho regular, toda de pedra: está assentada n'uma cadeira de madeira dourada: tem o Menino deitado no regaço: infunde respeito profundissimo.

O auctor do Sanctuario Mariano no Tom. 1.º tit. 15, e Jorge Cardoso no Agiologio Lusitano, Tom. 2.º pag. mihi, 666, pertendem que a verdadeira Senhora do Rastêllo está em um altar e capella, sua propria, da parte da Epistola, parallela com a da Senhora de Belem, no soberbo Mosteiro dos Jeronimos.

Não falta ainda quem queira, como o mesmo Auctor do Sanctuario declara, que nem esta o é, mas sim e apenas a Imagem da Mãi de Deus, mandada de Roma a ElRei D. Manoel pelo Papa Julio 2.º

Seja o que fôr a similhante respeito, muitissimo difficil, se não impossivel hoje de dicidir, o que me consta com inteira certeza é — datar de tamanha antiguidade a Imagem da Virgem existente na Conceição Velha que, ao limpar-se o altar, de continuo se tira quantidade de miudos fragmentos debaixo da cadeira, em que descança, estalados pela acção do larguissimo tempo de duração, que tem ido attacando a pedra, de que é formada.

Tal é o Templo da Conceição Velha; cujas Festas em acção de graças pela decisão dogmatica da Immunidade de Maria da sombra, a mais leve, da culpa de Origem me propuz descrever.

Ir-me-hei acercando do intentado assumpto.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

LOUVEMOS

O SENHOR DE TODAS AS GRAÇAS.

O dia 11 de maio proximo findo, foi de verdadeira satisfação para os fieis portuguezes. O emm.º sr. cardeal patriarcha chegou a esta capital de volta da sua gloriosa missão ao Vaticano: as honrosas distincções que recebeo de Sua Santidade valem mais que todos os titulos da terra porque são divisas de altas virtudes christãs que o céo corôa, e só a virtude as merece.

Todas as igrejas annunciaram o regresso de s. em.ª com repiques e luminarias. Felecitamos o nosso em.º prelado, e felecitamos esta nação fidelissima, dando mil graças ao Altis-

simo por nos restituir o nosso bom pastor que sabe como pae amar o seu rebanho.

Por largos, dictosos annos o Omnipotente lhe conserve a preciosa vida para gloria e paz da santa igreja catholica, e nosso amparo.

D. A. G. PUSICH.

VÃO ACABAR OS CORCUNDAS.

(*Continuação*).

« Nós abaixo assignados, tendo examinado a menina doente, D. Olympia Adelina do Carmo Guimarães, verificámos que não tinha outro padecimento, senão o rachitismo descripto pelo nosso collega, o Illm.º Sr. Brilhante. Em casa do Sr. Antonio d'Oliveira Guimarães, 1 de Abril de 1855. — Antonio José dos Santos, Alexandre José da Silva Campos, João Gregorio Rodrigues, Antonio José Pires da Costa, Joaquim José Rodrigues da Camara, Francisco José da Cunha Vianna, Frederico Augusto da Silva. » Como testimunha de facto, José Ennes, negociante. A. O. Guimarães, pai da menina.

No dia 31 de Março do corrente anno, teve logar a reunião de todos os productos artisticos, que devem ir de Portugal para a exposição universal de Paris, na sala do Arsenal de Marinha, onde ElRei Regente, alguns membros do Corpo Diplomatico, da Camara Municipal de Lisboa, e da Commissão encarregada da remessa, compareceram para verem esses objectos. O sr. Antonio Polycarpo pediu a concessão de apresentar o apparelho orthopedico, que lhe foi concedida: apresentou-o; e pela novidade attrahiu a attenção de todos.

Uma observação se fez antes da applicação do apparelho; consistio esta em medir a altura da menina antes da applicação do apparelho, e medindo-se depois delle applicado, achou-se a differença de uma pollegada para mais em altura, facto este presenceado por todos (3).

Roga-se aos jornaes que julgarem este facto de alcance social, hajam de lhe dar a maior publicidade.

NOTAS.

(1) Esta carta foi a circular do convite. Por ella se vê que eu tenho em consideração os meus collegas, e em tanta que os chamo para analysarem os meus trabalhos, o que prova a minha boa fé. Se a tentativa foi má elles o dirão...

(2) A publicidade deste facto vae de encontro á doutrina sustentada do alto da cadeira, e em um dos seus escriptos, pelo digno cathedratico da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa, o Sr. Doutor Francisco Antonio Barral. E das duas uma, ou eu prevarico o segilo medico!!! ou o digno lente confunde a especie, quando na sua *Noticia sobre o Clima do Funchal*, a pag. 199 diz! « Fazer servir as historias das molestias á instrucção geral e ao progresso da sciencia é um bem; mas é preciso que os grandes deveres da profissão sejam guardados, e que as susceptibilidades e interesse dos doentes e familias sejam attendidos. Publicar a historia das molestias sem o nome do doente não é precaução bastante em uma cidade pequena, para que todos, e até o proprio doente, não reconheçam o seu caso, se a narração é fiel. » A pag. 222 repete: « Entretanto mesmo a respeito daquelles doentes de que poderiamos dar uma historia extensa e

talvez interessante *(para que dal-a não sendo interessante?)*, ju'gamos dever attender ás considerações já mencionadas, e só dizemos o que nos pareceu, que discretamente se poderia publicar.»

Aos leitores fica o dever de avaliar qual de nós sustenta o erro, e como elle póde ser fatal á sociedade, tanto mais quanto elle é inculido á mocidade, que sempre está disposta a receber o — *magister dixit.*

Qual das duas doutrinas é conveniente ao bem publico, a minha que póde guiar outros praticos em bem dos factos subsequentes, ou a do digno lente que só fica gravada no silencio dos tumulos? E nesta parte haverá a revelação do segilo medico? Leitores, se a honra do medico no exercio de seus deveres se póde avaliar por palavras *dubias* e *mysticas* o digno lente é honradissimo no exercicio dos seus deveres; porém se esta honra está na clareza e verdade da discripção dos factos, reclamo para mim esta honra, que do coração abraço. Meditem os imparciaes nesta doutrina: eu não quero fugir do campo da honra, nem consinto que se me negue o que tanto me tem custado a conquistar.

(3) A menina até hoje 23 de Abril tem supportado bem o apparelho. Apenas nos tres ou quatro primeiros dias teve a agitação que taes apparelhos costumam causar. Ella hoje tem 20 linhas de altura; a curvatura menos sensivel; tem nutrido, e começa já os exercicios do pianno. Logo o apparelho permitte a sequencia da educação, tratando-se ao mesmo tempo.

Brilhante.

FABRICA DE SEDAS EM BARCARENA.

Exm.ª Sr.ª Redactora.

Tendo-se desprezado até hoje o prudente e adequado conselho, que, com conhecimento da questão e dos locaes em Barcarena, indicou a redacção da *Revolução de Setembro* apontando a mais conveniente forma de se pôr termo a competencia entre fabricas e estabelecimentos que nunca deveriam ter feito nascer taes pleitos, é consequencia infalivel de uma deliberação que decida as dificuldades e defina a situação respectiva, que no desenlace deste complicado trama, terei de revellar verdades que de certo, e não por culpa minha, hão de amargar a alguem. Obrigado pelo constante plano, empregado na destruição do meu estabelecimento a recorrer ao valioso apoio da imprensa, caminho seguro para conseguir o apuramento da verdade. e por ella o triumpho difinitivo da justiça e dos verdadeiros interesses da nação, que sem a menor duvida não podia ter dado mais conveniente aplicação áquelles terrenos do que effectuando a cessão que d'elles fez para especial applicação da producção da seda, cujos bons resultados teem sido apreciados e elogiados, por diversas administrações, sendo bem notorio que para tanto se conseguir teem sido grandes os sacreficios do emprehendedor.

Decedido por mui ponderozas razões a tornar publicos todos os expedientes que premeditadamente se teem posto em pratica para estorvar e destruir a fabrica de seda, rogo a V. Ex.ª a continuação do favor que me tem mostrado na certeza de que advoga os interesses do paiz innegaveis perante a importancia desta producção. Nestas circunstancias pois

rogo a V. Ex.ª a insersão da incluza carta que derigi ao Exm.º Sr. Barão de Monte Pedral, o qual ainda ouso esperar que se empenhará em concorrer para que as duas fabricas progridam em seus trabalhos, com socego e avanços, e boa vezinhança, que por todas as razões se deve dar e evitar o muito que ha a publicar sobre actos que de certo cabem pouco aos seus authores. É evidente que quem assim aviza seus inimigos não tem prazer em os hostelizar, e que só pretende que o deixem trabalhar em socego e ao abrigo de todo o accinte.

Pelo favor com que conta antecipa os seus agradecimentos quem é

De V. Ex.ª

Mt.º Att.º Vnr.º

Antonio Pedro de Salles.

Illm.º e Exm.º Sr. — Se os transtornos que sofrem os estabelecimentos fabris na suspenção dos seus trabalhos, podessem depois ser facilmente compensados, por certo que pararia nos meus trabalhos até ver cumprida, a promessa do exm.º sr. Fontes que como ministro encarregado da protecção á industria tem de ir a Barcarena e de figurar indispensavelmente na defeza e conservação da nova fabrica da seda, tanto pelo respeito devido a um contracto feito em nome de S. Magestade, como porque da inteira execução do mesmo contracto resultam ao paiz superiores vantagens.

Chegada pois a epoca da creação dos bichos da seda, e não convindo malograr as grandes vantagens que já possuimos de apurar a mais escolha da semente, e desenvolver o perfeito cazulo que produz a melhor seda (vantagens estas que só podem ser devidamente apreciadas pelos peritos) vou dar principio á creação d'este anno em Barcarena, e já em maior escala, aproveitando as plantações alli vereficadas para este fim, e tanto pelo augmento de creação que successivamente se vai proporcionando, como por experiencias que convem fazer, alem da creação feita na Fonte Caiada, aluguei no sobredo debaixo caza para as efectuar, vista a falta de armazem, inutil para a Fabrica da polvora, que ha muito se me deveria ter entregue.

Convindo que os exemplos que dou, por meio de taes creações, para animar e convencer a novos emprehendedores, se tornam uteis por seus resultados é preciso promover todos os meios de os conseguirem, e por esta circumstancias tomo a liberdade de recordar a V. Ex.ª os termos em que concordamos, quando exegio de mim e me declarou que consideraria como obsequio directamente feito a V. Ex.ª aprestar consentimento a que no alto dos meus terrenos ou permitisse a formação de uma carreira e colocação de uma lage para baze de um morteiro destinado ás experiencias da polvora, propondo-me a troca por outros terrenos á minha escolha; ou diminuição de renda, ou a compensação que me podesse convir, na certeza de que a não querer a continuação, logo que eu o exigisse immediatamente terminarião ali taes ensaios; V. Ex.ª não só hade estar bem certo dos termos em que prestei a anuencia, se não tambem n'esse sentido expediu as ordens ao seu subordinado designando o alto dos meus terrenos (local que pelo proprio sr. Casemiro José de Carvalho me foi indicado ser o exegido) e afiançando-me que não sofreria transtorno porque tudo me seria

indemnizado, no caso imprevisto de qualquer destruição no amoreiral que eu certefiquei a V. Ex.ª projectava plantar naquelles terrenos, logo que o governo terminasse esta pendencia. Quanto á differença pela falta de produção n'aquelle espaço, combinamos, em concordar depois de eu bem poder apreciar a natureza do encamado e privação na cultura do terreno, (no caso, repito, de eu acceder á continuação): e mui explicitamente declarei a V. Ex.ª que tanto por não ser contradictorio com os meus principios de julgar que a prosperidade hade vir no paiz pelos trabalhos das fabricas e que por isso se lhe não deviam crear extorvos, como por obsequio a V. Ex.ª eu annuia debaixo dos termos que me propoz. Tambem devo recordar a V. Ex.ª outra clausula que segundo declarei deveria ser facilmente cumprida porque sem a certeza do seu cumprimento eu não podia annuir á exigencia de V. Ex.ª Esta clausula foi que durante o tempo das creações se não effectuariam os ensaios da polvora, pelo muito que taes estrondos prejudicavam a creação dos bichos; V. Ex.ª deu-me a certeza que se efectuaria tal clausula, o resultado foi não só darem-se os tiros como talvez premeditadamente escolher o administrador da fabrica de polvora em Barcarena a época da creação dos bichos da seda para mandar acender os fogões do asphalto perto da casa da creação, e conseguir pelos sabidos effeitos do fumo e terrivel cheiro, a completa suffocação e a morte de toda a creação segundo me avizou a mulher que d'ella estava encarregada; Estes effeitos fui eu mesmo verifical-a. Estas occorrencias não podem estar em esquecimento, praticadas contra os meus direitos.

Sem alterar em cousa alguma o que concordei com V. Ex.ª, apezar de se me fazer o contrario, dou parte a V. Ex.ª que hoje 16 do corrente principia na Fabrica da Fonte Caiada a creação dos bichos da seda, e que não podendo por titulo algum haver alli os ensaios da polvora, nem esta ser depois da creação feita senão no local pedido e combinado (o do alto dos terrenos) vou mandar semear o terreno que contra a minha anuencia foi occupado alterando-se a minha concessão. A par das ordens que a este respeito V. Ex.ª mandar para Barcarena rogo se sirva de ordenar tambem que se não repita o irritante e iniquo expediente de destruir a creação dos bichos por meio do asphalto ou outra similhante lembrança.

Quanto aos ensaios de polvora, os terrenos de Caxias, verificados pela medição, eram sufficientes para todas as exigencias de taes trabalhos. Aproveitando-os ficaria em paz a creação dos bichos, e eu poderia por este lembrado continuar as minhas experiencias. Lembrando a V. Ex.ª este meio, procuro facilitar todas as difficuldades reaes ou pretentadas. — Sou de V. Ex.ª mt.º att.º vnr.º — Antonio Pedro de Salles. — Illm.º e Exm.º Snr. Barão de Monte Pedral, inspector do arsenal do exercito.

EPIGRAMA ENIGMATICO.

Se vires empavesado
Um Judas por Deus marcado
Em tamanho e coração;
Torcendo as leis a seu geito
Fazer torto o que é direito
Com fumos de sabichão:

Se vires outro *varrido*
De quem o Doctor Polido
Só devêra ser Juiz:

Todo em fumaças ardendo,
Ser Herodes pertendendo
C'o as cangalhas no nariz:

E corridos, fustigados,
A' força das leis curvados
Os vires tremer depois;
Vae ao Funchal e pergunta;
Quatorze letras ajunta;
Dir-te-hão os nomes dos dois.

D. A. G. PUSICH.

DOIS MISTERIOS.

(*Continuação*).

A morte do major causou terrivel sensação no espirito de Edgard, ainda convalescente; olhava-a como um castigo da providencia divina; e posto que em si não encontrasse as culpas que n'aquelle miseravel criminoso Deus punio com exemplo tremendo, todavia sentia perturbar-se-lhe a razão com a idéa de ter elle Edgard amado a mesma Irminia antes que ella fosse livre!... não o sabia... é verdade... mas soube-o e continuou a amal-o, e queria a todo o custo arrancal-a ao seu marido! — Pobre Edgard! Taes pensamentos o assaltavam de noite em seus sonhos, e em suas vigilias, parecendo-lhe ver uma sombra que o perseguia tentando apartal-o de Irminia!

De dia sempre as mesmas funestas imagens o accometiam, e roubavam a felicidade que junto á cara esposa gosara! Triste, pensativo, ninguem o via procurar a conversação com os amigos; e a custo respondia e contrafazia o riso para disfarçar seus pesares.

Chegou finalmente um dia em que perdida quasi de todo a rasão elle só ergueu do leito, onde sua esposa descançava tendo ella passado uma noite cruel a chorar, e a orar, por não atinar com a causa da repentina mudança de Edgard; e fingindo-se mais animado vistiu-se, foi passear ao jardim, abriu a porta do mesmo que ia dar á estrada; e desappareceo!.... Irminia apenas sentio levantar-se Edgard tambem se ergueu, e vistindo-se ápressa foi observar o esposo, sem elle a presentir; vendo-o sair disse a um creado que o acompanhasse, mas este voltando lhe assegurou não ter podido alcançal-o porem que era natural ter hido no Omnibos que partia quando elle saiu em seguimento de seu amo.

(*Continúa*).

FALTA DE POLICIA.

Um destes dias, ia-mos para o escriptorio do escrivão o sr. Maciel, por negocio que nos interessava, e ao passar o largo de S. Domingos ouvimos chorar, e em altos gritos um rapasinho pedir soccorro. Fomos interrogal-o, o pobresinho chorava cada vez mais; e custou-nos a perceber que se queixava de lhe terem roubado um burro; e que lhe deram pancadas; dizia mais, que sua mãe estava na praça da figueira, e era padeira em Bemfica, etc. O infeliz estava maltratado com o rosto e as mãos feridas, como de alguma queda, chuvia bastante, ajuntou-se povo; mas não apareceo nem um cabo de segurança, e os soldados que passavam ou se riam, ou diziam que não tinham ordens; tivemos que recolher o rapasinho na loja do sr. Azevedo, largo de S. Domingos. Pedimos a uns rapazes do povo que chamasse algum cabo de policia; foi chamar um e este respondeu que fosse-mos lá, porque elle não podia deixar a sua loge!

Resolvemos levar a criança ao governo civil, e dár parte do acontecido, quando appareceu um joven cavalheiro assás conhecido; é o sr. Eduardo José dos Santos, filho do nosso eximio artista o sr. Manoel Innocencio dos Santos; só elle teve a coragem, e nobre caridade de conduzir o rapaz, que tremia, e muito custou a levar. Passava-mos a praça de D. Pedro, quando o pequenito vendo um homem correr montado n'um burro, gritou, *que era o seu burro*. Então o sr. Eduardo, e outros srs. que passavam obrigaram o homem a apiar-se; sem que se visse uma só alma *policial*, accudir em soccorro de quem o invocava, foi o povo quem restituio o burro a seus donos!...

Assim no *deserto do Rocio* de Lisboa se junta povo, se pede soccorro, em altas vozes! e a policia?... muda, queda, recolhida por causa da chuva, e descauçadas em suas casas, aquelles que devem soccorrer o povo que os sustenta!... Na freguezia de S. José, não receâmos que aconteçam destes escandalos; por que o regedor não dorme, nem deixa dormir os cabos quando é mister velar.

D. A. G. PUSICH.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

A GRINALDA

JORNAL POETICO.

REDACTORES — NOGUEIRA LIMA. — J. M. B. CARNEIRO.

Publicaram-se os 2 primeiros numeros deste jornal, contendo poesias dos Snr. Alexandre Braga, F. X. de Novaes, Henrique Augusto, Augusto Luso, A. Corrêa, J. M. B. Carneiro, e Nogueira Lima.

Assigna se no Porto, no escriptorio da Redacção, rua das Flores n.° 92, 1.° andar. — Preço: Por anno, ou 12 numeros 800 rs. Provincias, franco de porte 860 rs.

EXPEDIENTE.

Pessoa que sem authorisação nossa, julgando obsequiar-nos, reveu as provas do artigo *Cabo Verde* do n.° 33 desta folha, deixou escapar erros consideraveis. Pedimos a nossos indulgentes leitores desculpem estas faltas, que não podémos prevenir, pois conhecendo quanto é difícil semelhante encargo, não encarregamos pessoa alguma d'essa tarefa, que peza sobre nossa responsabilidade; mas quem poderia imaginar que alguem se aventurasse a tal? Não admira isso, quando vêmos com pertenções a lugares de mestres, aquelles que ainda não aprenderam!...

ERRATAS.

Pag 1. 1.ª col. lin. 12, feito memorado, deve ser — feito memorando.

Na 2.ª col. lin. 11 e 12, Infante D. Henrique, fôra este, deve ser — Infante D. Henrique. Fôra este etc.

Na mesma col. lin. 13 e 14, tivera o peito etc. deve ser — tivera a peito.

No mesmo artigo — *Sobre as Festas da definição dogmatica* — acham se ainda outros erros, mas de mui pequena monta.

Pag. 3, lin. 6, nossa, leia-se — nossas.

Pag. 3, lin. 10 e 11, nascesse de povo, leia se — descende de pae.

Pag. 3, lin. 14, reverte, leia-se — reveste.

Pag. 3, lin. 16, afogam, leia-se — afagam.

Pag. 3, lin. 27, intropido, leia-se — intrepida.

Pag. 3, lin. 28, dictoso, leia-se — dictosa.

Pag. 3, lin. 34, Campo, leia-se — Campa.

Pag. 3, 1.ª nota, thonnel, leia-se — tunnel.

Pag. 4, lin. 3, Saleria, leia-se — Salina.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.° 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. C. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 35 — JUNHO 15 — 1855.

SOBRE AS FESTAS
DA DEFINIÇÃO DOGMATICA
NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

NOTICIAS PRECEDENTES.

V.

Tão breve ao actual benemerito Vigario da Conceição Velha, o rv.º senhor padre Luiz Antonio Alves, constou que no Vaticano, pelo orgão do nosso SS. Padre Pio IX, havia sido declarada a definição dogmatica da Conceição Immaculada de Maria no dia 8 de dezembro no anno proximo passado: — para logo que teve conhecimento d'este facto memoravel, seu animo sinceramente devoto, profunda — vivamente impressionado por esta manifestação infallivel d'uma das mais preeminentes prerogativas da Virgem, foi instantaneamente movido a solemnisar naquella sua egreja — se não com a grandeza devida, pelo modo possivel, a mesma definição — tanto ha suspirada.

A este fim não poupou deligencias: não se esquivou a fadigas: não olhou a incommodos. Tudo por tão transcendente motivo se se lhe antolhava facil, alem de suave; — doce tanto, quanto aprazivel, quanto jubiloso.

Fallou a uns; escreveu a outros; persuadio bastantes a que se associassem ao seu tão louvavel pensamento: cooperando, todos e cada um, com a quantidade que quizessem ou podessem offertar — como esmola voluntaria.

Em obzequio á verdade, em louvor bem merecido dos Fieis que concorreram, diga-se todavia, aqui e desde já; — não foi mister grande affan para os convencer. Achou corações e animos nobremente dispostos. Por felizes se davam todos uma vez que lhes fosse permittido contribuir, d'est'arte, para a justa celebração d'um successo, que anhelavam tão do fundo d'alma.

Houve mais. Muitos, que não chegaram a ser convidados, correram elles proprios, sollicitos, pressurosos, a offerecerem-se com desvellado interesse para tomarem parte em obra, que se era meritoria em si — e o é em demasia; era não menos grata para elles — mais que muito cara a seus sentimentos christãos.

D'immensas partes lhe vieram affluindo espontaneos donativos; e tantos, e taes, e tão diligentes se apresentaram elles, que de prompto se viu habilitado a emprehender com bom exito a empreza, em que se empenhava com incendio ardôr.

No meio de seus arranjos uma pe nivel difficuldade lhe tolhe os passos. Quando avançava com ardimento, forçoso lhe foi o parar. A licença, dada pelo Exm.º Sr. Arche-Bispo de Mytelene, Vigario Geral do Patriarchado, para se festejar na Egreja Parochial dos Anjos a definição do dogma da Conceição Immaculada, foi revogada — — com surpreza extrema — pelo mesmo Senhor por ordem terminante e expressa do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos.

Desde aquelle ponto todas as festas, por similhante motivo projectadas, houveram de se suspender. Todos sobre-estiveram neste negocio; e com elles, por maior que fosse o seu pezar, o digno Vigario da Conceição Velha — á espera da occasião opportuna, do tempo conveniente.

Esse tempo chegou, emfim. Começava do dia 16 de abril por diante. O governo tinha determinado solemnizar, então, na Cathedral a definição dogmatica da — Conceição sem mancha. Tarde embora, depois d'elle, que se não quiz afadigar com tal objecto, a todos era licito fazel-o tambem.

Assim livre de prohibições que foram recebidas com amargura geral, e geral queixume; observadas á risca disposições, que a muitos pareceram odiosas; que bastantes tacharam de violentas; que não poucos acoimaram de injustas; que alguns até stygmatizaram energicamente, appellidando-as de anti-catholicas, encarando-as como attentatorias da liberdade do culto dominante, das isempções e direitos da Egreja: os dias 28 e 29 d'Abril preterito foram destinados para as Festas no Templo da Conceição Velha.

Alguma coisa mais — e não pouco, nem pouco importante, na verdade, me cumpre dizer a tal respeito antes de entrar na exposição, bem como na appreciação d'estas Festas memoraveis. Reservo-me para o artigo seguinte. Alli expenderei o que me resta ainda a noticiar precedentemente.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

DIA 13 DE MAIO DE 1855.

Verificou-se hoje a solemne festividade da Preclarissima Rainha dos Martyres, na magnifica egreja da sua distincta invocação, com o apparato do costume, e a regularidade inalteravel de todos os officios religiosos celebrados nesta primordial freguezia de Lisboa.

Tributamos, como catholico, a devida veneração áquelle famoso templo, por ser o glorioso padrão de mais uma victoria que os fieis soldados da cruz ganharam aos sectarios do Islam: e, como lisbonense, respeitamos tambem essa *memoria* historica da conquista desta leal cidade aos mouros, pelo invicto fundador da monarchia portugueza, em 21 de outubro de 1147.

Orou o *M. R. Sr. Beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão*, a quem tivemos a honra de ouvir pela terceira vez, e que continuou a merecer a justa admiração do seu intelligente auditorio. — Seria insuspeito qualquer elogio tecido a tão douto orador, se elle ainda carecesse augmentar a sua superior reputação, porque todos reconhecem a inimitavel pureza do seu delicado estilo, e mais dotes naturaes com que o Espirito de Deus adornou em alto gráo a este digno interprete das verdades da nossa salvação.

Temos fundada esperança de que o eximio pregador, que nos concede raras occasiões de o escutar nesta capital, permittirá que se imprima um discurso de tanta eloquencia e poesia para proveitosa lição das pessoas que não tiveram ingresso neste dia naquelle augusto templo; e desde já nos congratulamos com os nossos amados patricios pela acquisição desta preciosa obra que deve enriquecer os archivos da litteratura patria.

Dedicamos nossos humildes louvores ao respeitavel Pastor desta illustre parochia, assim como á real irmandade do Santissimo, de que são juizes natos os nossos Soberanos, e á sua insigne collegiada, composta dos capellães instituidos por especial devoção de alguns particulares, pela sua exacta observancia do rito sagrado e rigorosa decencia no exercicio das suas funcções.

Julgamos inutil accrescentar outras reflexões ácerca da actual egreja, que substituiu a que fôra edificada no mesmo solo tinto com o sangue dos nobres defensores da Fé, mas que foi depois demolida por essa fatal catastrophe, de infausta lembrança, e que hade completar um seculo no 1.º de novembro proximo. — Confiamos em que a Clemencia Divina nos preserve da repetição desta calamidade, e dos mais flagellos da sua recta justiça, para ventura de todas as nações.

Paiva.

O GENIO TEM POR PATRIA O UNIVERSO.

Com o maior prazer transcrevemos de um folheto impresso na Italia, a primeira publicação litteraria de nosso presadissimo sobrinho Francisco de Borja Garção Stochler. Este nome recorda uma das glorias de portugal, um de nossos maiores sabios que tanto honrou com seus profundos conhecimentos as armas e as letras; e com sua constante lealdade o throno e a sua patria; deixando no mundo eterna e saudosa memoria. Era elle o exm.º sr. Francisco de Borja Garção Stochler tenente general e barão da Villa da Praia.

Seu primeiro neto, herdeiro do seu nome e de seus talentos, é o auctor da poesia que transcrevemos; é nosso muito amado sobrinho; hoje segundo tenente dos exercitos do rei de Sardenha. O assumpto desta primeira producção de um genio ao ensaiar seus vôos revela as mais bellas qualidades de uma alma pura, reconhecida, e grande! Julgamos dever explicar os motivos porque nosso querido sobrinho está servindo n'um paiz estrangeiro.

Na idade de dois annos começou a conhecer o infortunio, seguindo com seus pais a sorte e os encommodos da guerra. Pela convenção d'Evora Monte voltou a Lisboa, e nos braços de seus avós maternos (meus presadissimos pais) encontrou o amparo da sua infancia; porem de tanto amor e disvello o privou a morte, roubando-

nós aquelles dois entes adorados que eram de toda a nossa familia os unicos esteios. Seu bom pae, e nosso muito presado conhado o sr. Antonio Nicolau de Moura Stochler existia então na italia (para onde o levaram as perseguições politicas nos tempos da maior effervescencia), sabendo da morte de nossos pais mandou buscar seus dois filhos, e uma filha que tem; e o piedoso Rei, o magnanimo Carlos Alberto accolheo á sombra de sua augusta protecção, estes innocentes exilados a quem a sua patria recusava o sustento e a educação!... (oh! dôr) Em um collegio tiveram na Sardenha uma educação religiosa, moral, scientifica, e nobre! depois honrados com as maiores distincções passaram a servir o seu excelso protector, e honrar a sua patria adoptiva. Já como valentes e sabios militares eil-os na idade mais tenra apparecem brilhando na italia; aquellas estrellas que deveriam lusir neste Ceu de Portugal!... aquellas plantas mimosas que adornariam este solo onde nasceram, e que desarraigadas pela furia dos tufões, condusidos pela torrente impetuosa das revoluções politicas a estranhas plagas, alli transplantadas florescem produzindo já preciosos fructos! Quantas glorias tem roubado a Portugal a infeliz guerra de irmãos! Quantas vantagens tem dado a outras nações! A generosidade do immortal Carlos Alberto deve córar as faces d'aquelles que tentaram com os meios vis da perseguição aniquillar familias grandes que nunca podem ser pequenas; por que ainda que de uma grande arvore não restasse mais que um ramo, este bastaria a fazer conhecer o tronco a que pertencia. As pedras de um grande edeficio distinguem-se bem.

Permitta Deus que cesse um dia o anathema que os homens injustos lançaram sobre tantas familias sacrificando a seus caprichos até os innocentes!

Consta-nos que breve irá occupar uma cadeira scientifica na italia.

Contando 20 annos de idade um seu tio e nosso presadissimo irmão João Antonio Pusich, foi lente de Mathematica: este perecêo victima de uma revolução, governando Benguella em 1823; era capitão do real corpo dos engenheiros, e falleceo com 26 annos menos um mez. Seus talentos existem em alguns escriptos, e na memoria dos sabios que o conheceram e ainda vivem. O Altissimo conceda sorte mais feliz ao sobrinho: e assim o esperamos, pois está n'um paiz onde se aprecia, e premea o saber.

Temos ainda uma satisfação!... o primeiro leite que alimentou o joven poeta *luso-italiano* fomos nós que lh'o demos!... Portanto não o estimamos só como sobrinho, mas sim como filho o sabemos amar; e enviando-lhe de tão longe nossas bençãos e agradecimentos lhe pedi-mos que não se esqueça de nós — e que reconhecido aos beneficios do rei e da nação que o accolheram, não deixe todavia de honrar com uma saudade a terra do seu berço; e como irmãos amar os portuguezes.

Em conclusão. Pedimos que se compare a sorte deste, com a de muitos outros que perdendo sem culpas, toda a sua fortuna e mercês herdadas, ficaram em Portugal supportando os maiores infortunios, e hoje servem com zelo fidelidade, e intelligencia o paiz onde nasceram seus avós e pais se distinguiram! Por exemplo, nossos filhos!... Para elles, para toda a mocidade portugueza imploramos ao novo Chefe do Estado em honra de Portugal um futuro luminoso que emendando o passado possa dar glorias ao prezente.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

IN MORTE DEL CAVALIERE

CESARE SALUZZO DI MONESIGLIO

CANTICA DI FRANCESCO STOCKLER.

—

A ROBERTO SALUZZO DI MONESIGLIO

LUOGOTENENTE GENERALE GRAN CORDONE DELL'ORDINE DEI SS. MAURIZIO E LAZARO DECORATO DELLA MEDAGLIA MAURIZIANA ECC.

ECCELLENZA

La fama che la vostra casa onora,
Grida i signori, e grida la contrada,
Si che ne sa chi non vi fu ancora.
Dante Purg. VIII.

Corre oggi un anno che la morte rapiva all'E. V. un illustre Fratello, ed a me un generoso benefattore. Il mio cuore s'innondó di tristeza all'infausta notizia, e per eccesso di dolore, tacque in allora. Quindi solamente quattro mesi dopo al funesto avvenimento, io componeva questi pochi versi, chi oso presentare all'E V., como pegno della grata, e rispettosa affezione che professai sempre al preclaro Estincto, di cui serbo nel cuore viva, ed eterna memoria.

Non mi muove brama di lode, intendo adempire a un dovere: e se l'E. V, si dignerà gradire l'umile dono, saranno paghi i miei voti.

So che parlando del Cav. CESARE, ritocco una piaga non ancora rimarginata nel cuore di V. E., ma valga a scemarle il cordoglio da cui giustamente é compresa, il pensare che la morte non fa che un lieve insulto alla vita dei grandi. La fama ne tramanda col nome le glorie ai posteri, perchè vedano in essi segnata la via della virtú, e dell'onore. E la Famiglia de' MARCHESI DI SALLUZO é tale, che ad ogni passo, nelle storie militari e civili del Piemonte, si vede ricordata per tratti di giustizia, di generosità, e di valore, non inferiori a quelli degli antichi Greci e Romani.

Voglia il Cielo lungamente conservare l'E. V, all'amore di tutti i buoni e leali Piemontesi, come ardentemente desidera chi con inalterabile rispetto e devozione, si dichiara

Dell' E. V.

Vercelli 6 Ottobre 1854.

Umilissimo Servo

F. STOCKLER

S.° Tenente nel 2.° Regg.° di Savoia.

—

CANTICA.

I.

Passa la turba per le vie confusa
Dopo al disastro a cui, per far riparo,
Sollecita reccossi e fu delusa;

E qual va solo, e qual va d'altro a paro,
Finchè, dinanzi dal paterno tetto,
Lascia i compagni, e fa lo stuol piú raro:

Tal d'una casa coll'affanno in petto
Di Monesiglio numerosa gente
Viene col volto dalle man sorretto.

Ancora i tocchi della squilla sente,
Che lamentan di CESARE la morte,
Ritoccando la piaga ond'è dolente.

Incontra il mesto padre in sulle porte
Piangendo i figli che, privi d'aiuto.
Vede rimasti in miseranda sorte.

Tace il picchiar de' fabbri usato, e muto
L'agricoltor la marra, e 'l campo oblia;
Nessun cura dell' arte ond' è vissuto.

Quindi sol cupo un lamentar s'udia
Di voci, di singulti, e di preghiere,
Che poi sul labbro in un sospir moria.

Sale intanto lo Spirto all' alte sfere
Sfolgorante di luce, e in dolce canto
Accompagnato da celeste schiere,

Che concordi dicevan come santo
Fosse vissuto, e qual lasciava in terra
Di sua memoria celebrato vanto.

Cantavan come, da colui che in guerra
Affrontò tutt' Europa, e fé' l' insulto
Alla giogoia che l' Italia serra,

Fosse chiamato a far surgere il culto
Gentile delle lettere, che stava
Fra il trambusto dell'armi ancor sepulto. (2)

Cantavan come poscia Ei vigilava
Sulle novelle rigogliose piante,
Da cui gloria la patria s' aspettava; (3)

E come dopo che fur l'arme infrante
Del gran Genio di guerra, nel conflitto
Che a deporlo dal soglio fu bastante,

Tornato Emanuêle in suo diritto,
Co'Grandi eletti al Consiglio del regno,
Cesare anch'esso si vedeva scritto. (4)

Cantavan come quindi Egli fu degno
Che lo chiamasse 'l novo re Felice,
Della speme dell'armi per sostegno. (5)

O Cesar, come te dicean felice,
Perchè donasti a due Prenci più tardi
Quel che donar non puó madre, o nutrice! (6)

Mira Vittorio, e Ferdinando ai guardi
Tutti d' Europa, già degni mostrarsi
Dell' alto canto degli antichi bardi!

Mentre per l' aere i dolci suoni sparsi
Andavan delle angeliche sostanze,
Ecco più festa dal cielo calarsi.

Mille discendon fulgide sembianze,
Movendo in rota gaudiose, e blande,
Come suol farsi quaggiuso per danze;

E miste colle prime, duo ghirlande
Fanno dintorno dall' alma devota,
Tutta rapita in quel tripudio grande:

Cosi fermate l' una, e l' altra rota,
Sciolser un inno all' Increato Aspetto,
Di tal dolcezza che qui non si nota.

Poi, come tacque il canto benedetto,
Quattro si mosser delle luci sante,
Più risplendenti, verso 'l novo Eletto.

Eran di sua famiglia illustri piante;
Alessandro, ed Annibale, e Diodata,
E quel che cadde a Grenoble davante (7).

Con lor levossi quell' alma beata
Al gaudio eterno, ed all' Eterna vista,
Che solo a quegli eternamente è data,
Che meritando quaggiuso lacquista.

II.

Ma perchè goda dell' eterna pace
Già l' almo Spirto, il mio pensier non vede
Se non la spoglia che qui fredda giace;

E debol troppo la mia lira cede,
Sotto l'Immenso pondo del dolore,
Si che con pena il mio canto procede.

Poco per padre si sente maggiore
Lo grave affano, che si l' alma opprime,
Che ormai ogni altro fia di quel minore.

Ei non è più! — Oh tra le glorie prime
Tu sei d' Italia, e tue virtudi molte
Canterà miglior musa in scelte rime!

Ma chi potrà, pur con parole sciolte,
Narrare altrui quanti la Tua man pia
Sollevava infelici, e quante volte?

Taccia d' altri la mesta fantasia,
Dica di Te, chi fu da Te protetto,
Segua l'esemplo della voce mia.

Quando, fanciullo ancora, al Tuo cospetto
Venni col genitor la prima volta,
Come nell' alma Tu infondei rispetto!

Se non che tosto sulle labbra sciolta
Si dolcemente la parola uscìo,
Che mai dalla memoria non fia tolta.

O figlio, mi dicesti, o figlio mio,
A questa tua seconda patria brama
Tutto quel ben che tanto i' le desio.

In me confida ognora, e sempre m' ama,
Segui costante di virtù la via,
Non ti scordar di me, padre mi chiama!

Qual si fe' allora quell' anima pia,
Segnata in fronte di pietoso zelo,
Non può ritrar terrena fantasia.

Le sante luci sollevava al cielo,
Poi si chinando mi porgea la gota,
Che giace fredda ormai per mortal gelo.

O Santo, o Divo Spirto, della rota
Celestial rivolgi ancora il guardo,
E sovvienti di un' alma a Te devota.

Reverente mi par che ognor ti guardo
Ad incontrarmi, affettuoso e pronto,
Movendo il passo onestamente tardo.

Oh soavi momenti! ancor vi conto
Con tenerezza, com amor, con duolo.
E lagrimando or tanta gioia sconto.

Nel lagrimar non son però io solo,
Chè molti conoscesti, e più ti amâro;
Si che de' mesti è numeroso stuolo.

La rimembranza del Tuo nome caro,
Di dolore invincibile ed etroce,
Innonda l'alma in un torrente amaro;

E soggiacendo alla gravosa croce,
Chi nella bara col pensier Ti mira,
Sente per mezzo al cuor cupa una voce,

« Che va dicendo all'anima: sospira! »

NOTE.

(1) Il Cav. Cesare di Saluzzo moriva il giorno 6 dell'ottobre del 1853 nel suo Castello di Monsiglio.

(2) Ricostituita l'Accademia delle Scienze in Torino sotto la presidenza di Napoleone Bonaparte, fu nominato il Cav. Cesare a Segretario perpetuo della Classe delle lettere.

(3) Fu nominato dallo stesso Napoleone Ispettore degli Studi nell' Accademia Imperiale Universitaria.

(4) Sedette Segretario del Consiglio de' Ministri di Vittorio Emanuele I.

(5) Nel 1828 dal Re Carlo Felice ebbe affidato il comando generale della R. Accademia militare, che sotto di lui salì in fama del primo Collegio militare d'Italia.

(6) Nessuno ignora che il Cav. Cesare ebbe l'onore di essere chiamato al santo e geloso ufficio di presiedire all' educazione dei figli del Re Carlo Alberto, e con quali cure Egli sostenesse il difficile incarico, ne fan fede le parole che vuolsi dicesse la Regina Maria Teresa; aver, cioè, esso governato i suoi figli, non solamente come un padre, ma ancora con l'affetto di una madre

(7) I nomi di Alessandro, di Annibale, e della Diodata Saluzzo, son troppo noti al Piemonte perchè io ne faccia parola. L'altro fratello è Federico Saluzzo, che all'età di circa vent'anni, cadde combattendo sotto le mura di Grenoble nel 1815.

Vercelli. Tip. e Lit. Degaudenzi. 1854.

SONETO

No dia 26 d'Abril, anniversario do fallecimento do Ilm.º Sr. Antonio Izidoro de Moraes Ancora, dia de eterna saudade.

O' Moraes immortal! Heroe christão!
Meus suspiros saudozos, o meu pranto,
Recebe envoltos neste triste canto
Lá na tua celeste habitação!

Se teu sensivel meigo coração
Envolve a terra em luctuozo manto,
A essa alma sublime, que amo tanto,
Comove minha dor, minha afflicção!

Minha, e tua existencia, a campa cobre!
Eu da vida perdi tuda a doçura,
Desde que mais não vi, teu gesto nobre!

Eras amado, oh! Deos com que ternura!
Beneficente liberal ao pobre,
Poste dos dias meus gloria e ventura!

D. M. J. M. S.

DOIS MYSTERIOS.

(Continuação).

Afflicta Irminia correo ao gabinete de Edgard, e alli sobre a meza em que elle escrevia encontrou uma carta para ella, nos termos seguintes:

« Irminia. Retiro-me de Lisboa, pois assim é preciso. Não quer Deus que vivamos unidos! É forçoso obedecer aos decretos divinos. Teus filhos merecem todos os teus disvelos — não os abandones — ai de mim!... não me busques. Sê feliz, que eu vou procurar n'um ermo a espiação de minhas culpas!... Eu vivirei isolado, sem que ligação alguma possa prender-me; verdade è que pouco vivirei; pois a incuravel doença que em mim se manifesta, dentro em pouco fará com que o meu espirito abandonando a materia, suba aos pés do creador para receber o castigo que bem merece, pelos grandes pecados que ha cometido neste val de lagrimas; deste modo tambem os teus dezejos ficarão preen-

chidos; um riso sardonico, em lugar de lagrimas de compaixão, serão a unica recompensa que a minha memoria poderá esperar. Nem um só passo consinto que se dê para que saibas onde vou residir; *é mister que o tempo se meta de premeio; pode ser que elle faça esquecer as dores das feridas que talvez fechará!* Não me aborreças... adorei-te... respeitei-te oh! tanto!... Deus o sabe; e tu acredita-me nesta hora extrema... por que sinceramente o mereço. — Se assim o não queres, manda-me por um assassino atravessar o peito... ou a tua mão sustenha um ferro com que mates o coração que outr'ora afagaste,.. eu te perdo-o o homicidio que praticares... não fujo como um cobarde, tomal-o-hei como um castigo do céu.

Adeus!... até um dia... ainda nesta vida.., ou... até á eternidade... »

« O infeliz Edgard »

Como ficaria a desgraçada lendo esta carta! Lêo-a convulsa, fria como um cadaver; porem não perdeu o valor. Maudou chamar o P. J... Augusto, e quiz ver-me. Não poude occultar a sua consternação, e com todo o segredo nos pedio, chorando, que procurassemos Edgard; mas que não o conduzissemos para casa contra sua vontade, pois respeitava os segredos do seu coração, que depois uma união tão desejada, e tantos sacrificios, se afastava d'ella. Não obstante os protestos de Edgard, o ciume envenenou seus dias. Tudo fizemos por distrail-a de sua fatal desconfiança, mas em vão.

(*Continúa*). D. A. G. PUSICH.

MARIA

OU VINTE ANNOS DEPOIS.

Com este titulo apparece á luz do mundo litterario o primeiro drama do sr. José Joaquim da Silva, joven portuguez que busca honrar a sua patria com sua assidua applicação ás letras, de que vae gradualmente offerecendo os felizes resullados. E' este cavalheiro o auctor do Fragmento *O Poder de um Drama*, e da poesia *A Primavera* publicadas nesta folha. O sr. Silva brilha por sua modestia, e reflexão, surgindo com um reflexo no horisonte, e pouco a pouco mostrando os raios de luz com que a suprema luz se dignou esclarecer-lhe a mente. E' um bello contraste da audacia de alguns infelices mancebos que na idade em que devem applicar-se aos estudos onde possam encontrar gloria, e proveito, perdem ambos estes bens, e deslumbrádos com os esplendores da luz dos astros que veem fulgir nas alturas, querem novos *Pheethontes* subir ás espheras luminosas, e guiando o carro do sol, se abrazam e caem na perpetua confusão das trevas, por que a despeito de seus esforços, a posteridade vingando a razão e a natureza, deixal-os-ha perdidos nas ruinas que o tempo calca, e consome. Tanto lamentamos esses, quanto louvamos aquelles que na primavera dos annos estudam muito, para no estio da vida colher os preciosos fructos de suas fadigas; pois só assim podem ganhar nome honroso. No seguinte numero diremos duas palavras ácerca de *Maria ou viute annos depois.*

D. A. G. PUSICH.

ERRATA.

No n.º 34 pag. 1, col. 2.ª linha 29 onde se lê os louvores, hade lêr-se — os lavores.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. C. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 36 — JULHO 15 — 1855.

SOBRE AS FESTAS
DA DEFINIÇÃO DOGMATICA
NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

NOTICIAS PRECEDENTES.

VI.

As Festas, solemnissimamente celebradas em os dias 28 e 29 d'Abril passado no Templo magestoso da — Conceição Velha: Festas, nas quaes verdadeiramente reinou o zelo pela honra de Deus; o empenho pela gloria de Maria, Pura e Sancta; e a charidade para com o proximo: estas Festas grandiosas — exemplares, foram precedidas de nove dias de Missões na mesma Egreja. O padre Raymundo dos Anjos Beirão foi o Missionario: elle procurou dispor condignamente seus ouvintes — attentos, constantes, fervorosos, para bem assistir, e terem parte convenientemente nos actos do mais puro culto religioso, que se preparavam para engrandecer a Mãi de Deus e a Mãi dos homens pela declaração do dogma adoravel de sua Conceição sem Macula.

Com exmerado acerto e vantajoso proveito se escolheu para assumpto por tal arte importante o padre Beirão. Góza d'uma aurêa popular — merecida?... Immerecida?... No todo?... Em parte?... Nestas questões não entrarei aqui. — Góza d'uma aurea popular, como nenhum outro: e isto attrahiu ao Templo innumeravel gente em todos os dias, em que se continuaram as Missões — apezar da hora e de serem dias de trabalho. Tem uma disposição particular para missionar — mais do que, talvez, para qualquer outro genero de Orações; e proveiu d'aqui em grande copia o fructo, que se appettecia.

Louvo, pois, o sr. Padre Vigario pela lembrança, e pela escolha. Se a lembrança foi bella: a escolha não o foi sômenos.

As Missões eram feitas pelas cinco horas da tarde pelo espaço, quasi sempre, de para mais — muito mais de uma hora. Com quanto tivessem de ser á hora indicada, e que o programma da Festa, publicamente affixado,

marcava formalmente, no primeiro dia com tudo, logo ás tres, o povo affluia já por um modo assombroso. O concurso chegou a ser tão extraordinario que o Templo, não obstante a sua amplidão, não bastou para o receber todo. Egreja, choro, sacristia e as demais dependencias, encheu-se tudo; e ainda assim muitas pessoas foram constrangidas a retirarem-se desconsoladas. Esta scena, maravilhosa e chocante, repettiu-se do principio ao fim das Missões. Como fôra no primeiro dia, por identico modo se continuou em todos.

A Missão, é claro, tinha por objecto preparar para a Festa ventura; e preparando-nos convenientemente tornar-nos dignos de a celebrar por um modo acceite a Deus e á Virgem, agradavel ao Filho e á Mãi: — pela fuga da culpa, detestação do peccado, purificação da alma, pureza de consciencia, practica da virtude, emenda da vida, reforma dos costumes. Diga-se d'uma vez, pela graça recebida na Penitencia, accrescentada na Communhão Eucharistica.

E este fructo — graças ao Senhor!.. foi copioso. Testimunha: as muitissimas pessoas, que se confessaram e commungaram no decurso da Missão. Testimunha: os centenares d'ellas, que na communhão geral na manhã do dia 29 vieram á Mesa Sancta, e — o que é o principal, se os exteriores pódem alguma coisa fazer descortinar das disposições interiores, vieram contrictas, humilhadas, arrependidas, como deviam vir, como bons christãos.

No primeiro dia da Missão e no começo da primeira annunciou, desde logo, o charidoso Missionario que no fim de cada uma elle proprio pediria esmola no sancto intuito de vestir, com o que obtivesse assim, doze meninas, filhas de familias honestas e necessitadas. Por tal guiza adornadas viriam assistir á Festa da Senhora, e engrandecel-a.

— E' para ellas que eu peço, que não para mim. Eu de nada preciso; nada quero: — exclamou o Padre Beirão.

Não era necessario que sua senhoria o dissesse: sem o dizer todos d'isso estavam compenetrados. A alma desinteressada, o espirito beneficiente e esmoler do digno sacerdote a ninguem ha que seja occulto. Quando factos sem conto o não attestassem — como attestam; quando mil linguas, na força e na plenitude de seu reconhecimento, o não apregoassem — conforme o apregoam; alto — bem alto falla o Estabelecimento piedoso, que fundou e que rege em Aldêa Gallega ao sul do Tejo. Provas d'estas vallem muito, convencem todos.

Seus ouvintes fizeram justiça a suas intenções rectas, e as secundaram. Todos os nove dias recolheu donativos quantiosos; e tanto o foram elles que o habilitaram a estender até SETENTA creanças desvalidas o beneficio, que a principio destinára só para doze!... Fez isto; e com o resto do producto de seu peditorio, que edificava, pôde ainda dar um segundo bôdo, na tarde do dia da grande Festividade, a CEM adultos indigentes!!...

Não me olvidarei de especializar estas duas notabilissimas circumstancias no seu proprio logar.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

A ASCENÇÃO.

Esta festividade, é uma das mais solemnes da egreja; porque n'este dia, descançou Jesus Christo de todos os trabalhos e fadigas, a que

voluntariamente se dedicou para salvação dos miseros humanos; para ir por toda a eternidade gozar á dextra de seu Eterno Pai, d'essa eterna gloria, que lhe pertence como Deus e Salvador de todo o genero humano. N'este glorioso dia, fez Jesus Christo a sua entrada triunfante no ceu, acompanhado das almas dos santos, que existiam no Limbo, dos quaes, alguns esperavam por este felicissimo dia, ha muitos seculos.

Oh! quam grande deve ser a alegria dos christãos n'este glorioso dia! Oh! quanto devemos ser gratos a Jesus Christo pelo incomparavel beneficio, que recebemos da sua infinita misericordia! Jesus Christo, que é a Segunda Pessoa da Trindade Divina, egual á Primeira e Terceira em essencia e attributos, se dignou para nos remir da culpa original, e adquirir-nos a Gloria Celeste, assumir á sua Divindade, a fragil natureza humana, sujeitando-se a todas as miserias humanas, excepto o peccado; nasceu n'um pobre e humilde presepio, na estação mais fria, á hora mais incommoda, rodeado de privações, vivendo sempre pobre, e isto, para ensinar aos humanos a desprezarem as grandezas, riquezas e vaidades humanas, porque o amor destas cousas, tem sido e será sempre a causa da perdição dos homens, e de todas as desordens deste mundo. Depois de ter vivido por espaço de trinta annos sujeito á Santissima Virgem Maria, Sua Mãi, pela natureza humana; e a S. José casto Esposo da mesma Virgem, e isto, para nos ensinar a obediencia ás leis; fez a sua missão pregando a moral mais pura e santa, que se conhece sobre a terra, e isto acompanhado de mil incommodos e privações; chegando até, a ser insultado com as expressões mais calumniosas; foi ultimamente entregue por um dos seus discipulos, para soffrer a paixão mais dolorosa, e ser crucificado entre dous malfeitores! E tantos incommodos, e tormentos, soffreu Jesus Christo por amor dos miseros pecadores!! A tantos trabalhos, fadigas e privações, se sujeitou para lhes ensinar o caminho do céu!!!

Oh! e como agradecem elles tão grande e imcomparavel beneficio!! com offensas e ingratidões: calcando aos pés os preceitos de seus santos mandamentos, e da sua santa egreja, desprezando as maximas evangelicas, vivendo no esquecimento da salvação eterna, e entregues aos caducos e transitorios prazeres d'esta vida. E será possivel com um tal modo de viver; ter parte no triunfo de Jesus Christo?! Não de certo.

Quem quizer ter parte na Gloria Celeste, é necessario imitar a Jesus Christo na terra; tomando parte na sua cruz, desprezando as corruptas maximas do mundo, e vivendo pelas do evangelho; finalmente viver possuido da virtude da caridade, isto é, preferir Deus a todas as cousas, e não querer para os outros homens, o que não querermos para nós, e valer-lhes nas suas tribulações. Porque será desgraçado eternamente, todo o homem que procurar e amar, o que Jesus Christo desprezou. Pois neste dia devemos adorar a Jesus Christo no Céo, como nosso Mediador e supremo Sacerdote, elevar nossos corações ao Céu, e consideral-o como nossa patria; e devemos considerar este mundo, como logar de desterro, e de crimes.

J. R. DE FIGUEIREDO.

Transcrevemos da *Ordem* Jornal Madeirense o seguinte.

« Abaixo publicamos com summo prazer um commnnicado que nos foi enviado, no qual se demonstra a insolencia com que um subdito britannico se atreve a infringir as leis do paiz, leis que elle devêra respeitar, se tivesse ao menos as principaes, as mais triviaes noções de urbanidade e delicadesa.

E' um facto revoltante pelo insulto, altamente reprehensivo e digno de severo e exemplar castigo, por criminoso.

O sr. dr. Miller abusou infame e vergonhosamente da hospitalidade que sempre tem achado entre nós. Teve o arrojo, o inqualificavel atrevimento de remetter em sobrescripto cerrado a todos os parochos, e alguns outros sacerdotes, exemplares de *extractos da biblia*, que já foram condemnados pelos srs. bispos D. Januario Vicente Camacho, e D. José Xavier da Cerveira e Sousa, por serem excerptos de biblias protestantes como taes interpoladas, e por isso mesmo falsas.

Tambem nos dizem que o propagandista levára o seu desaforo até se dirigir directamente ao proprio prelado, enviando-lhe do mesmo modo um exemplar, e igualmente os enviára para algumas escólas, offerecendo a cada alumno um tostão.

Dourou deste modo a pilula, para mais facilmente propinar o veneno.

Não podemos por tanto deixar de sobre facto de tamanha importancia chamar a attenção das authoridades competentes, quaes são o excellentissimo prelado, o sr. governador civil, e o sr. commissario dos estudos.

Esperamos que sejam dadas as providencias, para que de futuro se não repitam taes insultos á religião e seus ministros, ás authoridades e ás leis do paiz. — Não devemos consentir que venha um lobo carniceiro devorar impunemente as ovelhas do rebanho do Senhor. »

(*Segue o Communicado*).

HONRA AO MERECIMENTO.

Acabámos de ler, com a attenção devida, o luminoso discurso mistico proferido na capella real do Paço das necessidades, em sexta feira santa do presente anno, e dedicado a El-rei o Senor D. Pedro V pelo M. R. Sr. Fr. Joaquim de Santa Rosa de Lima Cordeiro, pregador regio e examinador synodal do patriarchado. Não intentamos fazer a analyse deste erudito sermão, porque seria incompetente a nossa critica, depois d'aquelle Principe sabio e virtuoso ter apreciado o seu justo merito ; e levando o mesmo insigne orador evangelico á dignidade de conego honorario da antiga Sé archipiscopal Eborense ; e esta recompensa espontanea, assás honrosa para o illustre agraciado, é tambem o seu mais significativo e auctorisado elogio.

Devemos só recommendar ao publico a leitura desta preciosa oração edificante, que já está impressa, e na qual seu eximio auctor offerece á nossa meditação, o quadro perfeito da suprema conformidade com que a Innocente victima do peccado universal soffreu o mais cruel supplicio para nos libertar de um captiveiro eterno.

E temos bastante praser em consignar, neste *Jornal Religioso*, o novo triumpho oratorio, que acaba de obter aquelle distincto ornamento do pulpito, e da veneranda ordem dos pregadores ; e que deve unicamente á sua reconhecida probidade, como eminentes luzes, os nobres cargos que hoje exerce, e que mereceu a insignia da ordem militar de Christo por seu ar-

dente zelo no serviço da Egreja e do Estado.

Digne-se, pois, o douto orador sagrado relevar tambem estas poucas linhas, traçadas pela nossa humilde penna, e acceital-as como um singelo tributo, imparcial, da alta consideração que lhe consagramos.

PAIVA.

UM AZYLADO

E o mendigo d'aldea, o velho cego
. . . . . .
Achou a paz.
SANT'ANNA E VASCONCELLOS.

Pelo pezo dos annos abatido
Caminha pelo mundo velho crente,
Ao viandante que o despreza, implora
Uma esmolia p'ra pão humildemente

Com o pranto nos olhos e dor n'alma
Hoje o pobre lamenta o seu viver;
O dia vai crescendo, chega a noute
E ninguem o mendigo escutar quer.

De farrapos coberto a custo vive
Mas vive sem esp'rança — vive morto!
Sobre o bordão o corpo tem dobrado;
Não encontra se quer um só conforto!

Os seus tremulos passos encaminha
Para a choça mesquinha que hoje herdou
As Trindades tangeu ao longe o sino
E o velho reverente ajoelhou.

A Deus uma oração fervente envia
Para que lhe acabasse o padecer,
Que olhasse compassivo a sua sorte
Que termo lhe puzesse a tal soffrer.

As lagrimas corriam de seus olhos
Das palavras a par que elle soltava,
Já suas fracas pernas vacilavam
E seu cançado peito lhe arquejava.

Curvado pelos annos pela fome
O mendigo caminha — Oh! Deus do Ceu!
Ouvi-lhe as suas vozes! dai-lhe allivio!...
Minorai-lhe o soffrer oh! senhor meu!...

E na aurora seguinte do outro dia
Do velho estava a dor já consolada,
Pois um homem de bem dos qu'inda existem
Lhe tinha n'um asylo dado entrada.

Ao por do sol então d'ahi por diante
Agradecia a Deus tamanho bem,
Orando com fervor, por si, — por todas —
Mesmo até pelos maus que o mundo tem.

O premio, o Ceu ha dado a quem tal obra
Eregio sobre a terra. — O Santo Azylo
Aprovado por Deus, homens não podem
Sem maldição mer'cerem, extinguil-o?!!..

JOÃO GUILHERME TEIXEIRA.

DOIS MYSTERIOS.

(*Continuação*).

As maiores diligencias se empregaram pela policia secreta, para se saber onde estava Edgard, até que em fim Augusto pode conhecer a sua morada. Era na Penha de França n'um lugar o mais retirado. Augusto e o P. J... foram visital-o. Estava elle em uma pequena casa, com uma cama, duas cadeiras, e uma banquinha onde escrevia; nem um creado. Enfureceu-se ao ver os dois; e lhes disse: Traio-me Irminia; recomendei-lhe que não me buscasse, que me desculpasse para com meus amigos — fez o contrario — pois bem, sabei que já não a quero ver; que dezejo me deixeis só, e se teimais em me querer levar para casa de Irminia fugirei de Portugal, desquitar-me-hei. Hide, hide, estou bem acompanhado. E dizendo isto bruscamente despedio os dois bons amigos que attonitos ficaram sem saber o que fariam, nem o que pensariam de tal procedimento! Retiráram-se, deixando um homem honrado que habitava n'aquellas proximidades encarregado de observar Edgard, e todos os dias hia Augusto

saber novas d'elle, sem se animar a dizer a Irminia o que passára com Edgard, e só lhe participou que elle vivia. Nestes lanses de duvida estava a infeliz Irminia, quando pelo correio recebeo uma carta de Edgard em que lhe dizia que «*elle era feliz longe d'ella; que não o procurasse, que se esquecesse d'elle, que elle faria o mesmo, que esta era a sua ultima vontade ferrea e inabalavel.*» Irminia desesperou. Pedio a todos os seus amigos que não proferissem mais o nome deEdgard; e determinava-se a remeter lhe todos os seus moveis, pois dinheiro tinha-o elle comsigo levado; eis que batem á porta; era um official de justiça com uma ordem superior exigindo a mobilia de Edgard, mencionada em uma relação feita do proprio punho d'elle. Tudo foi entregue; e nem uma lagrima arrancou a ingratidão áquella a quem o amor tantas merecêo! Augusto e o P. J... estavam pasmados á vista do atroz procedimento de Edgard, e da coragem de Irminia!

Alguns dias depois d'esta ultima scena, pedio-me Irminia que fizesse uma poesia sobre o Romance de seus amores com Edgard. Quiz satisfazer o seu pedido e porque eu estava desesperada com o proceder de Edgard, e dezejava que Irminia esquecesse um amor tão desgraçado, foram os versos que lhe dediquei os seguintes: (1).

IRMINIA E EDGARD.

DEDICADA A' MINHA AMIGA A EX.ma SR.a D...

Sonha o guerreiro batalhas
Onde possa triumphar;
Sonha o nauta o porto amigo
Onde feliz ancorar.

O lavrador co'as searas:
O cego sonha co'a luz:
O viandante com a estrada
Que ao seu destino o conduz:

Co'a liberdade o mesquinho
Que geme em dura galé:
O doente co'a saude:
O pescador co'a maré:

Sonham todos o que pensam;
O que desejam tambem;
Por isso o poeta sonha
Anjos que a terra não tem!

Assim tu soffrendo Irminia
Das angustias o amargor;
Irminia... tambem sonhaste
Sonhos do mais fino amor!...

Um microscopio tiveste
Na tua imaginação!...
Um athmo engrandeceste!...
Viste o sol na escuridão!...

Sonhaste as flores mais bellas
N'um vasto campo a sorrir!...
Em vez de flores abrolhos
As plantas te iam ferir!...

Irminia respira!.. contempla o horisonte!
Ergueu-se uma aurora de brilho sem par!...
Vem c'roa sublime cingir-te na fronte
Em vez dos espinhos que ousaste adorar!...

A luz vem trazer-te!.. que luz tão fulgente..
Que luz percursora de immenso fulgor!..
Observa-lhe os raios!.. misterio eminente!..
Reflectem a gloria, o jubilo, o amor!

N'aquella montanha, que as nuvens tocando
A vista descobre do Tejo inda alem,
Ah!... vê negro vulto sem tino galgando
Que susto o domina!.. persegue-o alguem!?

Qual ave nocturna que o dia surpreende,
Ou sombra que errante da louza saío,
Aos vivos fugindo sumir-se pertende,
Na brenha mais triste que o sol jámais vio.

(1) Esta poesia, e outra que em seguida se verá, foram publicadas muito depois destes acontecimentos, no primeiro jornal litterario que fundei em 1849 — A Assembléa Litteraria. — Vid. n.os 36 e 37 da 1.a serie.

Reconhece aquelle espectro !..
A visão dos sonhos teus !..
Esse Edgard tão querido
Que na terra crêste um Deus !

E elle sim, não duvides !..
Era um phantasma, não mais !..
E esses lumes que lhe vias
Eram chammas infernaes !..

Amou-te, e com seus extremos
Aos abismos te arrastou !..
Era um demonio humanado ;
Anjo mau que te enganou !

Tinha a masc'ra da virtude !..
A masc'ra viste-a cair !..
Benigno um Deus quiz salvar-te !
Quer-te ao ceu restituir.

Teme Edgard a propria sombra !..
E tem razão de a temer !..
Quem o persegue ?.. o remorso
Em que está continuo a arder !

O hypocrita ó minha Irminia !
Da humanidade é labéo !
Sem a vil hypocrisia
Maldição da terra e ceo !

Na tua longa cegueira
Deste-lhe alma e coração ;
Agora da-lhe o desprezo,
A vingança... a maldição.

Concentrada ira o consome !..
Inutil é seu furor ;
Insana *ferrea vontade*
E' sujeita ao Creador.

(*Continúa*). D. A. G. PUSICH.

A FLOR DO GUADIANNA.

I.

O CHAMAMENTO.

Voga, barqueiro, voga : leva-me rio acima, tira-me do meio destas alcantiladas montanhas onde tudo é repugnante, onde tudo respira um halito abrazador, onde nada ha que se admire porque tudo aqui é insignificante, triste, e taciturno ; quero transpor os limites destas terras sertanejas onde não ha se quer um ente que abrigue em seu peito sentimentos generosos...

— Calla, blasphemo !... me disse o barqueiro largando subito das mãos os remos, e lançando sobre mim um olhar ameaçador...

E houve um momento de silencio... daquelle silencio lugubre cuja terribilidade não pode descrever-se com as palavras de young, nem mesmo com os pinceis de Rembront...

— Rio acima, barqueiro, vamos ; serás tu o ente cofre e sacrario desses sentimentos generosos ? eram estas as palavras com que lhe repliquei meio encostado á popa do misero baixel, e pertendendo descortinar por entre a escuridão de uma noite medonha os restos vetustos da gigantesca torre que me trazia então á memoria a lembrança de uma grande cobardia, e de uma atroz infamia decantada como uma sublime virtude, e como uma excelsa victoria...

O barqueiro soltou um desses rugidos similhantes áquelles que solta quando é atacado no covil o leão da Mauritania : seus olhos scintillavam por entre a escuridão como o fulgor, nas noites do estio, de duas estrellas luminosas.

Com impassibilidade eu affrontei ainda o mudo furor do barqueiro em quem bem divisava, lá por dentro, um combate violento entre o seu orgulho por mim conculcado, e entre os deveres que lhe incumbia a sua nobre missão.

E eu escarnecia e ludibriava esse combate, folgava e applaudia-o como

os antigos Romanos folgavam e applaudiam os repugnantes espectaculos das victimas lançadas ás feras no circo, e no corro.

É porque a natureza humana participa do máo e do torpe: folga e ri quaudo deve chorar: escarnece e ludibria quando deve respeitar. E' por que taes loucuras e taes crimes são a consequencia infallivel da maldição do homem, que o senhor lhe fulminou ao expulsal-o do Eden depois da consumação de um grande delicto, que tornou despresivel e miseravel a descendencia de Adão.

Então eu ouvi das bandas da charneca os sons de uma ballata, mais sublime e mais pathetica que essas composições plangentes do real Propheta, choradas ao som do psalterio, da cithara e do orgão.

Era a ballata do corthumo.

Aos sons desta ballata eu estremeci como se houvesse escutado a voz do juiso final no valle de Josaphat e evocar-me do sepulchro. Absorto na mais profunda meditação disse então ao barqueiro: conduze-me onde te approuver, eu tinha ouvido a ballata do corthumo.

Era o signal do chamamento.

F. R. DA PAZ FURTADO.

Continua.

DECLARAÇÃO DA REDACTORA.

E' mister pôr em dia a Beneficencia, que em suas publicações se acha atrazada um pouco não por culpa nossa, mas sim pelo *descanço* dos compositores da primeira imprensa onde esteve. Resolvemos pois vencer o tempo, dando sómente um numero ao Julho, outro ao Agosto. As assignaturas são quasi todas pagas á vista; por isso ficamos em dia tambem com a maioria dos illustres assignantes; e os srs. que pagam por semestre ou anno, terão mais alguns numeros, findo que seja o prazo de suas assignaturas. Contamos que esta medida mereça a approvação de nossos benignos assignantes que tão nobre e corojosamente nos tem auxiliado esta dificil empreza *desde o seu começo.*

O tempo de importantes novidades vai marcar uma epoca a Portugal!... vão abrir-se as portas de um futuro!... Não ficaremos á retaguarda quando os nossos contemporaneos marcharem!

Ávante collegas!... contae-nos em linha. Este combatente não deixa as snas fileiras senão por morte. Na solemne abertura de um reinado serei com vosco no campo da gloria!...

D. A. G. PUSICH.

ERRATA.

No n.º 35 pag. 2, col. 1.ª linha 16 onde se lê incendio, hade lêr-se — incendido.

EXPEDIENTE.

De Coimbra recebemos e agradecemos infenitamente o 6.º n.º do *Instituto* Jornal scientifico e litterario; um dos raros periodicos publicados neste cantinho do mundo litterario, que dão honra e proveito ao paiz onde se escrevem. Consta-nos que breve muito breve apparecerá outro scientifico denominado *Agulha*. Em boa hora Deus o traga.

Desculpe-nos o sr. J. J. da Silva não nos occuparmos hoje com o seu drama, como promettemos; faltão-nos espaços; mas em outro n.º diremos duas palavras a este respeito.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 37 — AGOSTO 15 — 1855.

SOBRE AS FESTAS
DA DEFINIÇÃO DOGMATICA
NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

NARRAÇÃO — APPRECIAÇÃO DAS MESMAS.

VII.

Parecerá tempo, em verdade, de se chegar sem mais delongas á descripção das magnificas Festas na Egreja do Conceição Velha.

Teve começo a grande Festividade no dia 28 pela tarde. A's quatro horas cantaram-se Vesperas solemnes: depois Completas, em seguida missão, e por ultimo Matinas e Laudes da Conceição da Virgem. Em todos estes actos no choro a Quadratura foi numerosa e escolhida.

Vesperas e Matinas foram executadas por musica vocal e instrumental. Os dois primeiros Psalmos das Vesperas eram trabalho do nosso distincto compositor — Marcos de Portugal: os tres ultimos do senhor Jordani.

Achei a musica das Vesperas alegre e summamente festival, como convinha ao motivo prazenteiro da Solemnidade, e aos sentimentos jubilosos, que possuiam, em grau subido, todos os corações. Era em acção de graças, e ninguem as dá se não satisfeito; enthusiasmado mesmo, se o objecto, porque as rende, é grandioso em excesso. O merencorio, o cabiscahido não as dá: não tem de que.

As Matinas, que se cantaram, pertenciam ainda á penna e ao genio do afamado Portugal. Abundantes de harmonias encantadoras, por mais que se cantem — ouçam-se as vezes que se ouvirem, ellas agradam sempre. Quanto mais se repettem, mais se deseja que sejam repettidas. E' que o seu gosto é muito; seu merecimento real.

A reposição do Sacramento, que havia sido exposto no Throno, farto de luzes e de flores, antes de Vesperas á adoração dos Fieis, terminou os festejos d'esta tarde devota.

Alfim appareceu o tão suspirado dia 29: — dia de gloria insigne para a Senhora; de suprema galla para seus

servos fervorosos. Eram cinco horas da madrugada, ou pouco mais, e já muitas pessoas piedosas se apressavam a vir receber no tribunal augusto da Penitencia a estóla de candura e graça, com a qual revestidos anceavam passar aquelle dia sanctificado.

Soavam, apenas, as oito horas, e a communhão geral começou. Perto de trezentas pessoas, asseverou desde o pulpito o sr. Padre Beirão, perto de trezentas pessoas se alimentaram nella com o Pão dos Anjos. Foi isto sendo dada a communhão tão cedo; se as diversas particularidades da Festa o permittissem, e aquella tivesse lugar algumas horas mais tarde, os que se chegassem ao banquete eucharistico — não seriam centenas, contar-se-hiam aos milhares. Apoz a communhão houve a exposição outra vez do Sacramento.

O bôdo, que no annuncio da Festa fôra promettido, e que tinha de reprezentar nella uma parte das principaes, foi então distribuido. Marcára-se ao principio o numero de — cem — pobres; a affluencia, porem, recrescente das offertas, que se succediam á profia quasi, pôz o respeitavel Vigario da Caza, com summa alegria de sua alma bemfazeja pôl-o nos termos de o poder tornar extensivo a mais — vinte e oito. Deu-se-lhes para cada um, um pão d'arratel, um arratel d'arroz, e 120 em dinheiro.

Tenho de me transportar, agora, a novo theatro dos triumphos da Religião e da charidade sancta neste dia para d'ahi magestosamente voltar ao mesmo ponto, d'onde parto. Levo-vos em espirito ao primoroso Templo da Freguezia da Conceição em Lisboa; de lá regressaremos acompanhando, em espirito tambem, um prestito edificativo e tocante, que por entre alas de numerosa turba marcha a passo lento com universal admiração, e não menos universal approvação, marcha a recolher-se a este, de que vou tractando.

Alli o Padre Beirão disse Missa rezada, com acompanhamento d'orgão, ás setenta meninas que vestira com as esmólas dos Fieis. Finda ella, benzeu outros tantos rozarios, que successivamente foi deitando ao pescoço de cada uma — como remate da obra de christã beneficencia, que podéra realizar em seu favor. A' Missa uma das meninas commungou pela primeira vez. Coroava-lhe, por isso, a fronte angelica uma bella grinalda de flores viçosas.

Seguiu-se, em continente, um acto indezivelmente sentimental — internecedor a não mais: um acto de sublime apparato religioso, que enlevava ao mesmo tempo que compungia a todos. A emoção, que no peito excitava, não.... a ninguem será dado descrevel-a!!...

Não cabe aqui a menção especificada d'elle. Irá em outro numero.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

REGRESSO DE SS. MAGESTADE E ALTEZA.

As torres e o castello annunciaram no dia 13 do corrente o regresso dos Principes que pela seguuda vez deixando os Paços em que nasceram, foram visitar as principaes cidades da Europa, e assistir á Exposição Universal em Paris. Depois de terem recebido as maiores honras e distincções em todos os paizes onde aportaram, volvem ao triste Portugal, que os recebe como áquelles que vio nascer e crescer em seu seio, e que não o tem offendido! mas essa alegria é como aquella de uma boa mãe cheia de pa-

decimentos, que vê regressar a seus braços alguns filhos; que sente muito, porem faltam-lhe as forças para dizer e mostrar o que sente! e no seu magestoso silencio parece expressar — *Filhos!.. melhorae se podeis, os meus soffrimentos! dai-me as forças que me faltam!* — Possam as boas intenções do novo Monarcha, seus conhecimentos, a experiencia que foi colher em suas viagens, aproveitar a esta pobre e fidelissima nação! Nós assim o desejamos de todo o coração; e felicitando os Augustos recemchegados; os Excelsos Pae e irmãos; pelo feliz regresso de SS. Magestade e Alteza, esperamos em breve levar ao joven rei as vozes respeitosas de verdadeira christaã.

D. A. G. PUSICH.

SUPPLICA

AO EMINENTISSIMO SENHOR CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA, E AO GOVERNO.

Com o mais profundo respeito imploramos ao Emm.º Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa se digne mandar que nesta capital, se façam preces ao Altissimo para que o Senhor afaste deste Reino e de suas Ilhas o flagello da epidemia, que opprime a cidade do Porto, e outras terras. Conhecemos o povo portuguez catholico por excellencia: elle não se aterra com esta providencia; aterra-se com a idéa de que as authoridades governativas mostram confiar mais em suas *sabias medidas sanitarias*, do que na Infinita misericordia do nosso bom Deus, prompto sempre a ouvir os peccadores contrictos!

Na seca das uvas, laranjas, e outros vegetaes; na guerra assoladora de tantos povos; e nas epidemias reinantes, manifesta-se a justiça divina desfechando tremendos golpes sobre as nações onde a Santa Lei do Crucificado tem sido gravemente offendida. Os protestantes aproveitam a occasião afflictiva para semear em Lisboa e no Funchal suas doutrinas; e os catholicos portuguezes não vêem que as providencias do governo correspondam ás urgencias da situação em que se acham estes povos! Seja pois da Egreja que os fieis recebam todas as consolações, uma luz de esperança brilhe animando aquelles que em Deus esperam; e alumie os que cegos caminham com passos errantes ao precipicio.

Em 1849, quando se dizia que o governo prohibia as preces, S. Em.ª concedeu-nos licença para publicarmos as que fizemos, em verso, e offerecemos ao povo, e houveram procissões de penitencia. Agora o flagelo brada com voz terrivel e mais perto do que então!... Piedade! Piedade deste povo! em nome delle pedimos ao Governo e a S. Em.ª!

Que as portas dos Templos se abram aos fieis, e as Preces levadas ao Throno Celeste da Magestade Suprema, confortando os animos oppressos, mostre que em Deus confia, quem a Deus recorre.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

PROCISSÃO DE PENITENCIA.

A Imagem de Nossa Senhora da Penha de França sahio em procissão no dia 11 do corrente Agosto, e ficando na egreja de Santo Antonio da Sé até á tarde do dia 12, tornou para a sua egreja da Penha de França, levando

um sem numero de povo de ambos os sexos, e differentes jerarchias. Honra seja feita á devota irmandade e mais pessoas que diligenciaram, e conseguiram levar a effeito este acto de Religião, no conflicto em que nos achamos em que só a divina clemencia nos pode valer, livrando-nos do castigo que péza sobre nós.

Não. usamos dizer uma coisa e fazer outra, por isso fomos tambem com as nossas filhas e o menor filho que temos, acompanhar a Procissão até á Penha de França, podemos assegurar o que vimos; e foi, o maior socego, a maior devoção reinar em um immenso concurso de povo de todas as classes, respeitando a Rainha dos Ceus e da terra, sem que os soldados precisassam lembrar ao povo o seu dever! Já se ve que o rigor não persuade, antes desespera; e que aquellas maneiras orgulhosas e rudes que se empregam com o povo em solemnidades onde elle pode e deve comparecer, occasionam as desordens que infelizmente por tantas vezes temos visto; afastando-se do Rei Supremo o seu povo com a mesma arrogancia e egoismo com que o costumam afastar dos Reis da terra e que por isso tanto se tem indisposto o povo com os Reis, vendo o povo que o tratam como inimigo ou escravo d'aquelles a quem elle sostenta com seus trabalhos, e á custa do seu proprio sangue! Neste ponto nos lembra uma das grandes maximas do nosso benemerito e erudito sr. Monte Verde, um de seus proveitosos e sabios conselhos:

«Temei aquelle que vos teme.»

Por isso os reis que se fazem temer e não amar, devem temer o povo; mas o Rei dos reis, o amigo maior, e pai da humanidade não quer que de si afastem os seus filhos, bem ou mal vestidos, que importa isso? Se os não veste quem tem vestidos para dar, deixarão os infelices de concorrer a orar, adorar a Deus, e renderlhe as graças e homenagem devidas? Os que vestem galas é que devem envergonhar-se tendo mais do que precisam senão repartirem esses bens de que são depositarios com seus irmãos pobres.

Finalmente ahi temos uma prova mais dos sentimentos de Religião deste povo; áquelles a quem cumpre fazel-a observar é que se deve pedir toda a prudencia e docilidade que Jesus Christo praticou e recomendou.

A força vence não convence, ganha inimigos, não ganha corações.

D. A. G. PUSICH.

NECROLOGIO.

A virtuosa Duqueza de Saldanha finalisou a carreira de sua existencia vital! Foi o dia 13 de agosto aquelle em que a poderosa Mão do Senhor lhe marcou o termo! Já não vive para o mundo, mas vive eternamente para Deus! Já não gosa instantes de regosijo que na terra lhe esvoaçavam como sonhos doirados, porem já não soffre os agudos espinhos que se escondem nas flores desta vida transitoria, nem sente os receios e as magoas pungirlhe o coração! Ditosa a crêmos na eterna Bemaventurança recebendo a corôa de muitas e grandes virtudes que a adornaram. Boa christãa, esposa fiel, mãe extremosa, amiga verdadeira, cumprio rigorosomente os deveres do seu estado, sem que a soberba já mais tivesse ofuscado o bri-

lho de suas virtudes ainda no centro da maior grandeza a que Deus e os homens a elevaram. Deixando as mais acerbas saudades nos corações de seu desvelado consorte, amantes filhos, leaes amigos, e reconhecidos parentes, não deixou nem uma só idéa de resentimento contra si, aquella alma sensivel que fazendo o bem que poude, não fez mal a pessoa alguma! Nós tambem a conhecemos, tambem a soubemos amar, e grata ás affeições com que sempre nos distinguio chorâmos deveras com aquelles que a choram, como com ella chorámos em suas amarguras; sem termos jámais buscado gosar nem um só reflexo da luz do explendor que a cercava! Foi o nosso coração que só na angustia a acompanhou, e só na angustia hoje sinceramente acompanha seu esposo, seus filhos, parentes e amigos.

Não levamos ao seu tumulo os incensos da lisonja despresivel; não podemos aspirar seus venenosos perfumes, levamos-lhe uma saudade regada com o pranto da amizade, ajoelhando ante a cruz do nosso Redemptor, levamos ao Ceu uma ardente oração implorando a paz eterna para seu espirito, e a precisa resignação aos que lhe sobrevivem.

O Altissimo conceda á sua serva em vez dos falsos explendores que nesta vida gosou, immensos explendores de luz perpetua na sempre eterna gloria onde os justos repousam. Amen.

D. A. G. PUSICH.

Recebemos uma obrigante carta da exm.ª sr.ª baroneza de Santa Barbara, e juntamente o programma da exposição e rifa que se hade fazer a beneficio do Hospital da Misericordia em Bragança; e tambem os nomes das exm.as srs.as que benevolas concorrem com seus donativos para aquella obra de grande utilidade, e da mais alta beneficencia. A exm.ª sr.ª baroneza de Santa Barbara é a dignissima Prezidente da Commissão Directora, composta de senhoras que honrando a sua patria com seus serviços em favor das classes desvalidas, exaltam o sexo a que pertencem levando a palma em acções de beneficencia muito superiores áquellas que os homens geralmente praticam ou por obrigações anexas a seus cargos, ou com a esperança de empregos e condecorações a que as Damas não podem aspirar neste paiz. Sejam pois dadas as preferencias ao sexo educador e cevilisador do genero humano; e concorrendo todas as senhoras com o que poderem para a beneficencia publica; imitem os cavalheiros este edificante exemplo; auxeliem as emprezas dignas da sua coadjuvação; e que tanto moralisam os povos.

No seguinte numero esperámos publicar o programma e os nomes das benignas concorrentes; e entretanto a nossas illustres e presadissimas assignantes (que principiando por Sua Magestade a virtuosa Imperatriz, são das mais nobres em jerarchia e sentimentos) da-mos hoje com a noticia do sublime quadro que as senhoras Bragantinas expoem á caridade publica, mais uma occasião de exercerem suas virtudes christãas em fovor da afflicta humanidade.

E nós agradecemos cordealmente á exm.ª sr.ª baroneza de Santa Barbara a honra de eleger esta folha para tão justa e util publicação; podendo s. ex.ª e as mais senhoras contar com as paginas deste jornal, e nossos bons dezejos para tudo quanto julgarem conveniente.

D. A. G. PUSICH.

COMMUNICADO.

Ainda no meio do desassocego e tribulações em que nos teem lançado as questões economicas e financeiras, que agitam o paiz, eis surge o dr. Miller, como anjo das trevas, a atormentar-nos, a roubar-nos a unica paz que possuiamos, a de nossa crença religiosa.

O dr. Miller parece querer renovar entre nós as ominosas scenas a que em 1846 dera logar o dr. Kalley, seu cunhado.... Talvez que hoje lhe não possamos dar indemnisações!!!....

O dr. Kalley começou a sua propaganda por dar aos pobres e incautos milho e remedios em troco de suas consciencias: porem este vai mais longe: o seu descaro toca o zenith de nossa prudencia. Atreve-se a insultar o exm.º prelado e todo o clero desta cidade, e por consequencia a religião do paiz, offerecendo-lhes hontem 14 do corrente, alguns extractos da biblia gafos de incorrecções e erros typographicos, e um folheto impresso em 1844, cujo titulo diz: *O que é a biblia? E quem deve ler a biblia?*

Podiamos rebater os velhos e sediços ataques do novo apostolo do erro, com a mesma estrategia de que elle se serviu, remettendo-lhe tambem o *Imparcial* daquella época, onde se lhe respondeu cabal e satisfactoriamente a estes miseraveis despojos do seu precursor, de que elle, como seu herdeiro, se serve agora.

Porem não vale a pena darmo-nos ao trabalho de procurar aquelles periodicos; encarregamo-nos de, por nós, e fundados em boa authoridade, dar uma lição ao insolente filho de Albion.

Podiamos igualmente fazer uma analyse circunstanciada e reflectida dos seus rachyticos folhetos; mas com que utilidade? Para que envolvermo-nos em questões scientificas com quem é inteiramente hospede na materia?

No entretanto far-lhe-he-mos algumas observações.

O *folhetinho* por s. s.ª remettido, depois de nos impingir a pagina 2, em aleijado portuguez, que para conseguirmos a vida eterna, é mister de necessidade a biblia, diz: *Tendes uma cópia deste precioso livro? Acaso o lêdes todos os dias? Se não tendes, deveis comprar uma immediatamente...*

Acha então o sr. Miller que cada um a sós com a sua biblia mutilada, lendo-a, ás vezes soletrando-a, e não a entendendo, nem tendo quem lh'a explique, tem cumprido todos os deveres de bom christão, consegue desta arte a vida eterna?!

Ora escute. Não é verdade que S. Matheus só oito annos depois da ressurreição de Christo escrevêra o seu Evangelho? que S. Marcos só o fizera depois de 16 annos, S. Lucas depois de 20 annos, e S. João só pelos fins do primeiro seculo? Pois ignora isto ainda?!

Segundo a doutrina do *charidoso apostolo* segue-se que todos os fieis até aquella época foram condemnados ás chammas eternas, porque ainda não havia biblias, e a doutrina era toda oral e tradicional,

O mesmo Jesu Christo depois de ter dito a seus discipulos — « como meu pai me enviou, assim eu vos envio a vós, » ordena-lhes qne ensinem a todas as nações, e não lhes manda escrever cousa alguma; nem Elle proprio escreveu a sua doutrina.

Entre os seus apostolos ha pelo menos seis que nada escreveram, nem ordenaram aos fieis a quem prégavam que procurassem os escriptos dos outros apostolos.

Alem disso um apostolo que pre-

gava na Persia, nas Indias, na Italia, na Hespanha, não podia ter á mão os escriptos feitos no Egypto na Palestina ou em outro ponto da Asia Menor; nem, quando tal concedessemos, poderia ter, attenta a grande difficuldade da copia então, exemplares sufficientes para distribuir por todos os membros das sociedades christans que formava.

Continua.

DOIS MYSTERIOS.

(Continuação).

A razão é o pharol da vida, perdida essa luz o naufragio é certo.
(Pensamentos moraes da auctora).

Os versos que dediquei a Irminia produziram maravilhoso effeito em seu animo. Parecia mais alegre, porem não resignada, com tudo antes assim irada com a ingratidão do seu amante, do que abatida, e aniquillada como a vimos á força da sua dor. Que variantes offerece o amor, em quantas formas se disfarça para illudir inflamar,e dominar o coração!... Irminia sopunha ter vencido a paixão que nutria por Edgard, sonhava aborrecel-o!...

Quinze dias depois da apparição da minha poesia *Irminia e Edgard*, contou-me Irminia que sonhára com Edgard, mas que o via muribundo, e não se enternecêra, pois ella mesma o matara pelo crime de a abandonar, depois de ter-lhe roubado a gloria maior de seus dias — a paz de sua alma! E quiz outra poesia neste sentido. Foi quasi improviso. Eil-a:

JUSTIÇA!!... REPARAÇÃO!!...

OU 21 DE SEPTEMBRO.

« Já venturoso, e ameno despontando.
« Foste um dia de amor!...

« Hoje!.. pallido, e funebre assomando
« E's um dia de horror!...

« O sol esconde a luz!... turvada a esphera
« Anuncia o trovão,
« O raio vingador que uma hora espera
« D'alta reparação!...

« Sim!.. essa hora fatal, hora de morte
« Em breve hade soar,
« E a voz «Reparação» Voz justa e forte
« O espaço hade bradar!

« Hade teu negro manto ensanguentado
« Um cadaver cobrir!
« O delicto nas trevas consumado
« Hade o Céo descobrir!

Em vinte e um de septembro,
Logo ao despontar da aurora,
Uma voz assim bradava;
De quem era?.. inda se ignora!.
Piava o moucho agoureiro!...
Uivava sinistro cão!...
Eis cavalheiros, e damas,
As ruas atravessando
Da cidade de Lisboa,
Em grupo vão-se juntando:
A que ver?.. banhado em sangue
Cair um corpo no chão!

E' de um joven cavalheiro!...
O semblante era ferino!...
Tinha no peito cravado
Um punhal de aço o mais fino!...
(A mão que alli o cravára
Tinha forças de Samsão!)
Soltava o gemido extremo!...
Interrogam-no... está mudo...
Do seio o punhal arrancam!..
O punhal explica tudo!...
Vê-se no ferro gravada
Uma tremenda inscripção!

Saltava o sangue em torrentes,
E tão longe que o vestido
Tingio de um pobre mancebo
Que fugia espavorido;

Pois de vêr o horrivel caso
Lhe tremia o coração!
Rompia por entre as turbas
C'o as vestes ensanguentadas:
Mas é detido... escoltado,
Das guardas alli postadas,
« Sou innocente!... — dizia —
Deixai-me por compaixão! »

« Sou innocente!.,. Eu vos juro! »
Mas não era acreditado;
Eis da multidão no centro
Improviso se ergue um brado!..
Era uma dama!... exclamava —
Justiça!... Reparação!... —
E' do punhal a legenda!
Eu sou... eu sou a culpada!...
Roubou-me a gloria... matei-o,
Curvo-me ás leis resignada.
Julgado em fim o processo
El-Rei concede o perdão...

(*Continúa*). D. A. G. PUSICH.

Theatro de D. Fernando.

Em 21 de Julho abrio-se o theatro de D. Fernando sob a protecção do sr. Antonio Pedro Barreto de Saldanha. Este cavalheiro benemerito e tão conhecido como estimado geralmente dos portuguezes, escolheu muito bem a noite para a primeira representação; foi a do dia anniversario natalicio da Augusta Princesa Senhora D. Maria Anna. O delicado pensamento do sr. Saldanha foi porem compreendido, e recompensado por Sua Magestade o Regente, que muito de proposito veio de Cintra assistir áquelle acto, não obstante o terem ido os ministros a despacho (em dia de gala!...) e ter de jantar em Cintra com sua Augusta Filha. É esta uma acção de cavalheirismo que muito honra o Rei que sabe ser grato aos obsequios voluntarios dos subditos, mas que tambem dá grande satisfação a quem recebe taes honras porque entendemos ainda o que ouvimos desde a infancia.:

Quando um sob'rano acceita, então premea.

A companhia do theatro de D. Fernando é composta de alguns actores e actrizes do theatro da rua dos condes; ganharam muito em estar n'um theatro onde as pessoas reaes e distinctas os conhecem, e sabemos que o senhor D. Fernando gostou de ouvil-os.

Em outro numero diremos alguma coisa sobre a companhia, e mencionaremos os actores e as actrizes que mais se distinguem.

—

Theatro da Rua dos Condes.

Continua a sociedade artistica do theatro da rua dos condes a empregar seus possiveis esforços para sustentar aquella empresa. Louva-mos a coragem de nossos artistas, e sentimos que a falta de damas não lhes permitta levar a effeito seus bons dezejos; reste-lhes porem a consolação de vêr que o publico sabe conhecer que a culpa não é dos artistas, mas sim do Governo que tendo um Conservatorio onde se despendem avultadas sommas, não tem uma aula de declamação onde aprendam convenientemente aquellas que dezejam dedicar-se ao theatro: de que resulta o que vê-mos!... E peior verão os que nos sobreviverem, pois caidas na edade as poucas actrizes boas que temos, não apparecerá quem lhes succeda! Se isto assim continuar, terão os homens de tornar aos tempos antigos, e reprezentar de mulheres. Deus melhore o porvir a todos.

D. A. G. PUSICH.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO.

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 38 — SETEMBRO 1 — 1855.

SOBRE AS FESTAS
DA DEFINIÇÃO DOGMATICA
NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

NARRAÇÃO — APPRECIAÇÃO DAS MESMAS.

IX.

« A emoção, que no peito excitava' não... a ninguem será dado descrevel-a !... »

Expressando-me assim no fecho do Artigo anterior, queria fallar da Procissão das meninas do Templo da Freguezia da Conceição para o da Conceição Velha. Vinham caminhando a duas e duas, precedidas d'um elegante estandarte de grodnaple azul, orlado de franjas, que sustentava em suas mãos innocentes aquella, que pouco antes fôra digna de abrigar pela vez primeira em seu seio o Deus de magestade immensa, que os Ceus e a terra não podem comprehender. Nesse estandarte via-se bordado o signal da Redempção: a divina palavra — Charidade — o topetava e cingia. Concorriam a tornar mais solemne o sequito — a Irmandade do Sacramento da Freguezia mencionada, e bem assim seu Prior benemerito com varios outros Ecclesiasticos, que se lhe uniram no empenho de o tornarem mais pomposo e respeitavel, tornando-o d'est'arte mais — muito mais surprehendente e tocante.

O povo precipitava-se em chusmas nas ruas da Procissão: a multidão era innumeravel. A impressão, que causava, era profunda, como será duradora. Em muitos olhos borbulhavam lagrimas; e de bastantes ellas correram em fio a banharem as faces copiosamente.

Pela ordem, porque vieram, foram entrando na Egreja, onde a Festa tinha de se celebrar. Cantando — o Tantum ergo — adoraram prostradas o Rei dos Reis no Sacramento Augustissimo; e se collocaram no Cruzeiro, em frente todas da Capella e Altar-Mór. Vestidas singela; mas decente, mas modestamente, alli estavam d'esta forma para patentearem junto á sua Protectora Excelsa, e perante o mundo o jubilo que lhes transbordava de seus

corações juvenis pelos trophéos da Mãi Purissima, alcançados sobre a malicia da serpente maldicta, cuja baba damnada nem de leve a tocára em sua animação gloriosa.

Um véu de bobinet, um vestido de chita azul com ramos brancos (cores da Conceição) uma saia de baetilha, um par de meias, um par de çapatos, um lencinho de assuar, um rozario de continhas brancas, pendente do pescoço, uma vella de cera e um ramalhete de flores: eis aqui o trajo proporcionado pelo producto das esmolas, que o bondoso Missionario póde haver dos Fieis, avidos sempre e cada vez mais de o escutarem.

A verdade que prézo sobre modo, como devo, me leva a declarar que — os çapatos, a vella e as flores foram dadiva da Irmandade illustre, que acompanhara as meninas no seu transito, em testimunho de gratidão pelo desinteresse não commum, que com a mesma uzara na sua Festa, dias antes, por identico motivo o sr. padre Beirão.

Pelos onze horas e meia cantou-se Tercia; e seria meio dia começou a Missa. Cantou-se a do sr. Antonio Leal. Magistralmente composta, perfeitamente bem desempenhada, recreando os ouvidos e a coração com arrobadoras melodias, o seu — Crucifixus — no credo é sobre tudo sublime de propriedade, de belleza e de sentimento. Nada se póde imaginar de melhor effeito.

Foi Orador ao Evangelho o rv.º sr. padre Carlos Rademâker. O padre Rademaker é, hoje, um ornamento digno do nosso Pulpito: ainda em outro qualquer tempo seria recommendavel. Em seus discursos a dicção uza ser clara; os termos proprios; a phrase correcta; o estylo elegante — e por vezes muitissimo colorido, bellissimamente figurado. A oração, que recita, não é uma manta de retalhos sem connexão, sem ordem; o que tão frequentemente está por ahi acontecendo. Logica, coherente, ligada, tem um alvo unico a que mira. E' a proposição, que estabelece em harmonia com o seu assumpto: — proposição, que desinvolve com intelligencia; que demonstra com superabundancia de argumentos; que conduz á conclusão com finura e tino. E', sem contraversia, é já um dos poucos — nimiamente poucos Oradores Sagrados, que Lisboa conta de presente: e sendo, segundo é, mui joven ainda, se se applicar deveras ao Ministerio da palavra, faz conceber assás fundadas esperanças de que chegará a ser um Pregador consummado. De quatro ou cinco vezes, que tive a satisfação de o ouvir, logo da primeira fui levado a formar d'elle o conceito que acabo de exprimir. Nas outras duas ou tres seguintes não o desmereceu de certo.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

NATIVIDADE

DA SANTISSIMA VIRGEM MÃI DE DEUS.

Todos os anniversarios natalicios se festejam! E por que não se hade festejar o anniversario natalicio da Rainha dos ceus e da terra! A Mãe do Redemptor do Mundo!... Como se admitte esta falta indesculpavel em uma nação catholica, fidellissima! como se combina isto com a pompa e magnificencia com que se aclama em todo o orbe christão dogma de fé o mysterio da Immaculada Conceição de Maria Santissima, e não se festeja, não se guarda o dia santissimo do nascimento de Maria!!...

Reis e povos da terra ajoelhae!... Adorae, venerae, respeitae este dia! sem elle não tereis a vossa redempção! A que foi concebida, nascêo e o natal da gloriosissima Virgem foi o dia em que raiou no horisonte o sol brilhantissimo da nossa liberdade e salvação. Os povos que solemnisam o natal do Filho, não devem deixar esquecido o natal da Mãi.

Deus de misericordia! compadecei-vos de nós que humildes e respeitosos lembramos, e veneramos este dia; e compadecei-vos tambem d'aquelles que o esquecem, por que se esquecem de si!

Virgem Mãi do Eterno, estrella que alumiaes o ceu e a terra, enviai um reflexo luminoso á mente dos que regem esta nação de que sois Padroeira; e fazei que se lembrem de vós para que vos lembreis d'elles; e os ampareis.

Fieis portuguezes, uni-vos em espirito, e guardando em vossas almas, e em vossas casas este santissimo dia, repeti como nós do mais intimo do coração repetimos: Bemdito e louvado seja o Santissimo Nascimento de Maria a Mãi de Deus. Por todos os seculos. Amen.

D. A. G. PUSICH.

COMMUNICADO.

(*Continuação*).

O uso das letras era muito raro entre o povo, e poucos homens havia que soubessem lêr. Santo Ireneo attesta que «em seu tempo Egrejas havia que não tinham a escriptura santa, e que no entretanto conservavam uma fé pura por tradicção.

Antes da invenção da imprensa os exemplares da bihlia eram muito raros e muito caros; e deixaria Deus o homem sem a sua regra de fé pelo espaço de mil e quatrocentos annos, á espera daquella descoberta?!...

Mais: o folheto depois de nos dizer que S. Magestade a Rainha por portaria de 17 de Outubro de 1842 ordenára que as biblias fossem distribuidas aos pobres, exclama: «Pais e mães seguireis os conselhos dos inimigos da Biblia, ou o conselho da Rainha, do Patriarcha, de S. Paulo, de S. Pedro, de Christo, e de Deus?»

Dando de mão ao ridiculo absurdo de confundir em materia de religião a auctoridade da Rainha, de S. Paulo, de Christo, e de Deus, lhe diremos que não somos inimigos da Biblia, mas dos seus adulteradores e dos seus falsos interpretes.

Inimigos d'ella sois vós, que a atassalhaes, que a mutilaes, que a roubais traiçoeiramente, omittindo livros inteiros, taes como os de Tobias, Judith, Sabedoria, Ecclesiastico, Profecia de Baruch e Machabeos! Quem vos auctorisou a regeitar estes livros?

Não se conclua do que levamos dito que os catholicos não amam a escriptura; não: é essa uma imputação falsa que lhes fazem os protestantes.

Ha por ventura alguma outra Egreja que colloque mais alto a auctoridade das Escripturas? A Egreja catholica não só ama a Escriptura, mas tem-se constantemente mostrado zelosa da sua auctoridade, tem derramado o sangue de seus martyres para conservar o precioso deposito dos Livros Sanctos.

Foi a Egreja catholica donde vós apostatastes quem colligio os diversos escriptos dos auctores inspirados: foi ella que antes da invenção da imprensa empregou milhares d'homens a copiar a biblia: foi ella que prescreveu seu estudo nas communidades re-

ligiosas, nas universidades e nas escholas.

Antes que existisse alguma versão protestante da biblia, já d'ella existiam innumeraveis, não só manuscriptas mas impressas pelos catholicos, publicadas nesse curto espaço de tempo que mediou entre o descobrimento da imprensa e a origem do protestantismo.

Quando em 409, os barbaros invadiram a Europa, espalhando por toda a parte a desolação e o exterminio, quem foi que conservou fielmente o precioso deposito das verdades reveladas, e ainda toda a litteratura profana, senão os mosteiros erectos pela piedade christãa, senão a religião do Deus tres vezes santo, n'uma palavra, se não o catholicismo!?

Mas, snr. Miller, dizei-nos; quem sois, donde vindes, para onde ides, que quereis?

Deixastes a vossa antiga profissão de fazer remedios, pela de um mau curandeiro; e agora quereis trocar esta pela de missionario protestante.

Quem vos deu a aucthoridade de vos intrometterdes com o ensino religioso n'um paiz que tem, e sempre teve a ventura de viver no seio da religião catholica e apostolica romana?

Quem vos deu a vós tal poder, a vós que apenas sois um hospede e subdito estrangeiro? Como podeis vós de quem ninguem confiaria o seu corpo para lhe tratardes da saude, porque lh'a deteriorarias, instruir-nos em materias religiosas, em que sois completamente ignorante?

Não séria melhor que vos occupasseis dos objectos da vossa profissão, que estudasseis medecina em que sois tão infesado e pequenino, e vos deixasseis de pretenções a proselytismo que nunca haveis de conseguir?

Snr. Miller, desenganai-vos. A Egreja catholica hade permanecer firme e inabalavel até á consumação dos seculos, a despeito dos vossos insultos e da vossa furia miseravel, porque é o proprio Salvador que nos diz: que — as portas do inferno não prevalecerão contra ella.

Accreditai finalmente que as envenenadas esmolas que ha pouco distribuistes não nos illudem, e ficai certo que, a não ser a vossa infame covardia em nos insultar na vespera da vossa partida, vos haviamos de dar uma lição severa e que por longo tempo vos havia de ficar impressa na memoria.

Funchal, etc. UM PADRE CATHOLICO.

PROGRAMMA

Para a exposição das prendas que constituem a rifa que hade fazer-se a favor da Santa Casa da Misericordia de Bragança.

Formada que seja a exposição das prendas com que varias senhoras concorreram para d'ellas se fazer uma rifa em beneficio do Hospital da Misericordia d'esta Cidade, se dará principio a ella da maneira seguinte, no jardim do batalhão de caçadores n.º 3.

1. — Ás dez horas da manhã do dia dezignado para o primeiro da exposição, a meza da Santa Caza da Misericordia previamente convidada esperará ao cimo da escada do lado da entrada a Commissão Directora da rifa e as mais senhoras e cavalheiros que forem convidados pela dita Commissão para os differentes cargos; e acompanhalos-ha, até á caza da exposição e depois da commissão directora tomar os seus logares, a exm.ª prezidente

declarrará aberta a exposição, e convidará todas as senhoras e cavalheiros a que tomem os seus, e a meza da Misericordia acompanha-los-ha, até aos logares que lhes forem dezignados pelos directores vice-secretarios.

2. — A' hora indicada no art. 1.º duas senhoras e um cavalheiro previamente convidados pela commissão directora, venderão as senhas d'entrada, em uma barraca que para este fim se mandará fazer.

3. — Seis cavalheiros convidados pela commissão directora, serão emcarregados d'accompanharem as senhoras á caza da exposição, e nesta haverá mais dois encarregados de não deixarem entrar alli maior numero de pessoas, do que as que poderem estar com comodidade.

4. — A commissão directora prezidirá á exposição e serão convidados quatro cavalheiros para as acompanharem.

5. — Os objectos que formam a exposição, serão collocados do melhor modo possivel, e terão na retaguarda do mostrador, o nome e rezidencia das senhoras, ou cavalheiros que os deram.

6. — A exposição das prendas durará quatro dias consecutivos, se o tempo o permittir, sendo o ultimo entrada geral.

7. — Para cada um dos dias da exposição se nomearão novas commissões, tanto de senhoras como de cavalheiros, excepto a commissão directora.

8. — Tanto a commissão directora como as mais senhoras e cavalheiros que forem convidados para alguma commissão uzarão do seguinte distinctivo — senhoras um laço de fita branca com pontas cahidas no pulso do braço direito, cavalheiros, o mesmo laço na caza superior da banda esquerda da cazaca.

9. — Quando qualquer senhora ou cavalheiro, percize ou queira sair da commissão de que se encarregou, fará convidar por um dos directores, vice secretarios, uma senhora ou cavalheiro da sua amizade para ir substituir.

10 — A commissão dirigir-se-ha por um officio a todas as pessoas que tenham de tomar parte em alguma commissão.

11. — A commissão dirigir-se-ha ao commandante do batalhão de caçadores rogando-lhe a graça de mandar para o jardim a muzica do mesmo batalhão, nos dias da exposição.

12. — No caramanchão do lado da entrada haverá doce e refrescos vendidos por duas meninas e um cavalheiro.

13. — No outro caramanchão do lado da sahida, estará uma commissão composta de trez meninas e uma senhora que terão a seu cargo a venda dos bilhetes para a rifa.

14. — O custo das senhas d'entrada será para senhoras 20 reis — Homens 40 reis — meninos e meninas 10 reis, e os bilhetes para a rifa é de 100 reis, e estes serão carimbados com as armas da Santa Caza da Misericordia.

15. — O numero de bilhetes de que se hade compor a rifa será mencionado nos mesmos bilhetes, e o dos premios será mencionado na lista dos mesmos, sendo o valor destes a quantia de 450$000 reis.

16. — Tanto na caza da exposição como nos caramanchões haverá listas impressas contendo a numeração e designação dos premios.

17. — Todas as senhoras e cavalheiros convidados para alguma commissão assim como a commissão directora reunirão em caza da exm.ª prezidenta á hora que lhes for dezignada no officio de convite, afim de

accompanharem para o local da exposição.

18. — Os directores da exposição e rifa serão o vice secretario da 1.ª secretaria José Antonio Garcia de Lima e o da 2.ª secretaria D. José d'Almeida Mello e Castro.

19. — Ultimada a exposição todas as prendas serão tornadas a levar para caza da exm.ª D. A. A. M. d'A. P. e dar-se-ha principio á extracção dos premios, da maneira seguinte.

20. — O dia para começar a extracção dos premios será designado pela commissão directora, e tornar-se-ha publico por annuncios e pelos periodicos do Porto; a mesma commissão directora prezidirá a este acto.

21. — Os numeros dos bilhetes e os dos premios serão examinados pelo illm.º Administrador do Concelho e este e o seu secretario serão convidados pela commissão directora para assistirem á extracção dos premios.

22. — Mandar-se-hão fazer duas urnas tapadas, só com um buraco por onde possa caber a mão d'um menino de 6 a oito annos de idade; e uma servirá para os numeros dos bilhetes, e a outra para os dos premios e brancos.

23. — Para cada um dos dias da extracção dos premios em quanto durar, a commissão convidará por via d'um dos vice secretarios directores, dois meninos e nenhum delles poderá ser dos do dia antecedente, não devendo ter d'idade mais de 6 a 8 annos.

24. — A commissão convidará por officio dois secretarios e dois escrutinadores, e quatro substitutos, os primeiros terão a seu cargo a formação das listas dos premios o segundos o lerem os numeros que os meninos lhes entregarem.

25. — A extracção dos premios será publica no local da exposição e se o tempo o não permittir a commissão directora fará procurar uma caza propria para o fim, e aonde possa ir quem interessar, e de maneira que a extracção dos numeros não soffra intervallo algum de dia ou dias.

26. — A extracção começará ás dez horas da manhãa e fechar-se-ha á hora que a exm.ª presidenta o determine, e então meter-se-hão as duas urnas depois de lacradas e selladas com o sello da Sancta Caza da Misericordia, em uma caixa com trez chaves, esta será lacrada e sellada, e depois as chaves entregar-se-hão uma á 1.ª secretaria, outra á 2.ª, outra á Thezoureira, e esta entrega será feita pela exm.ª Prezidente.

27. — No dia seguinte ás mesmas 10 horas quebrar-se-hão os sellos e continuará a extracção, até que a exm.ª presidente a mande fechar, seguir-se-ha o mesmo que no 1.º dia, e assim até ao fim.

28. — Ultimada a extracção far-se-ha logo imprimir a lista dos premios, que se tornará publica nas cazas de negocio aonde estiveram os bilhetes á venda, e a commissão remeterá uma a todas as pessoas, que passaram, ou ficaram de vinte bilhetes para cima.

29. — O prazo para entrega dos premios é de trez mezes, findos os quaes, os premios que não tiverem sido requezitados, serão entregues ao Provedor de Misericordia em meza.

30. — Os premios que sahirem ás pessoas de fóra da cidade serão entregues em qualquer dia que os reclamem, e os que sairem ás da cidade, só serão entregues ás quartas feiras e sabbados.

31. — Para ser entregue o premio é preciso com antecedencia ser o numero do bilhete premiado confrontado

com o talão no mesmo numero, e depois de se conhecer a legalidade do bilhete a exm.ª prezidente porá no v.º do mesmo bilhete — entregue o premio n.º — e depois falo-ha sellar com as armas da Santa Casa da Misericordia, e para isto tudo se levar a effeito um dos vice secretarios estará em casa da exm.ª prezidenta ás segundas e quartas feiras desde as 10 horas da manhãa até ao meio dia, e em casa da exm.ª D. A. A. M. P. ás quartas e sabbados á mesma hora para fazer a dita entrega.

Continua.

THEATROS.

O Gymnasio tornou a vêr honrar-lhe o palco o nosso benemerito autor e actor, o sr. Braz Martins; regressando do Porto, onde colheu as mais brilhantes corôas, e obteve merecidos applausos e enthusiasmo nas representações do seu bellissimo drama — *O Thaumaturgo.* — Em outro numero trataremos este assumpto.

D. Fernando.

O *Laço de Fitas* é, a nosso vêr, a melhor peça que tem ido no theatro de D. Fernando, até porque as damas d'aquelle theatro (á excepção da sr.ª Elisiaria) vão melhor vestidas de homem, como succede ás sr.ªs Anna Cardoso e Maria do Céo nesta peça, em que muito bem desempenham seus papeis; e a sr.ª Fialho tambem, no *Perdão d'Acto*, tendo-se identificado tanto com aquella farça que parece quasi esquecida de ser mulher. Entretanto como não hade agradar um eterno perdão que não seja do Eterno, aconselhamos a joven actriz a desenvolver o seu espirito em papeis dados ao seu sexo, onde os sentimentos e paixões serias interessem o publico sensato, pois só elle lhe póde dar nome. As palmas e pateadas de capricho não estabelecem nem fazem perder creditos.

A sr.ª Eliziaria é, sem a menor duvida, a primeira dama do theatro de D. Fernando (sem offendermos o merito artistico da sr.ª Cardoso) porque sua figura, edade, phisionomia agradavel, e as excellentes lições do theatro de D. Maria, a fazem ser a primeira em D. Fernando.

Muito mal estamos de actrizes, poucas são as que se possam chamar boas! Ainda tornamos ao que dissemos no antecedente numero, caidas na edade as que temos, vistam-se os homens de saias, que não teem outro remedio, aliás imitem os autores o sr. Amorim no seu *Guiji*, ou *fóra de scena* mulheres moças. Sejam todas Barbaras, e ainda assim terão nome e gloria.

Quanto aos actores do theatro de D. Fernando, os srs. Brêa, Rodrigues, Faria, e Rolão esforçam-se por agradar; e não lhes negamos mais ou menos habilidade; porém o sr. Santos leva a palma. Tem muito genio, e tem instrucção.

Rua dos Condes.

A *Romã Encantada* continua a encantar; é por certo uma bonita peça, onde resplandece a luz de um genio bom que a escreveu; bom nas propensões litterarias, e bom nos sentimentos moraes que o animam. O sr. Pessoa foi muito feliz na sua composição, e o publico sabe devidamente aprecial-a. O desempenho é o melhor que se podia esperar. O sr. Simões é o sustentaculo maior d'aquelle theatro, é um actor de ge-

nio e extrema habilidade, unindo a estas qualidades superiores todos os brios de um grande artista. E' digno dos mais altos louvores, e de toda a protecção. A sua intelligencia, a voz, a figura, a idade, tudo o favorece, e imitando um grande modêlo (o sr. Theodorico) vae como elle conquistando muitas e boas sympathias.

Os srs. Rosa Mattos, Florindo, Joaquim Bento, Pinto de Campos e Faria, são actores de muita habilidade com estudo, em annos jovenis, e animados dos mais nobres sentimentos de trabalharem como artistas, agradando ao publico, engrandecer-se-hão honrando a sua patria. O aldeão e a preta da *Romã Encantada* tocam o sublime no desempenho de seus papeis. O scenario é bello, e as mutações de scena muito bem operadas.

As damas deste theatro são como as de D. Fernando: animadas dos melhores desejos, mas privadas da instrucção indispensavel a qualquer actriz que estima distinguir-se, e agradar ao publico. Comtudo suppomos que tendo mais alguma pratica, bons ensaios, e estudo, virão algumas a merecer justos applausos, pois mostram já muita habilidade. D'estas nomearemos as que vimos executar melhor alguns papeis — as sr.as Seabra, Cordal, e Maria Emilia; mas é preciso não puchar muito pela voz da sr.a Cordal, que podendo ser uma dama ingenua, escusa ser uma pessima cantora. deixem o canto para a sr.a Felicidade Perpetua e outras.

Das tres dançarinas da Romã encantada, a sr.a Carolina é a que merece justas palmas.

Vimos a subida de um balão; é bonita e engenhosa.

Tambem *A' procura d'um tenor* é engraçada comedia, e estimamos vêr que a Sociedade do Theatro dos Condes vai-se distinguindo afastando do palco peças immoraes e grosseiras, e da platea os barulhos; sendo certo que estas duas circumstancias tem concorrido muito para attrahir a este theatro pessoas distinctas e serias que d'alli fugiam. O theatro da rua dos condes por sua localidade, e antigos prestigios, tem grandes sympathias; e hoje em protegel-o ha um certo espirito de nacionalidade, e generosidade que anima o nosso publico, sempre decidido a valer áquelles que parecem abandonados dos grandes e poderosos!... Então os menos poderosos, os que parecem fracos e pequenos, sabem ser fortes unindo-se estreitamente para acudir áquelles que invocam e merecem o auxilio publico. Longo vai já este artigo, e não o podemos tornar maior, attentas as urgencias que reclamam os espaços desta folha; mas se ella tem por titulo e divisa — A BENEFICENCIA — não podemos deixar de prestar os possiveis serviços aos nossos artistas, de todas as classes, e por isso tornaremos a este assumpto, porque é necessario que a verdade chegue aos ouvidos dos que podem e devem remediar e terminar, os males que soffre este nação, ou alguns de seus membros. Não nos movem rediculas predilecções, ou *quezilias*, move-nos o dezejo de fazer o bem que podermos áquelles a quem o nosso pequeno auxilio para prestar.

D. A. G. PUSICH.

A GRINALDA

Continua-se a publicar no Porto o interessante jornal — A Grinalda — suas lindas e variadas flores ornando o solo onde vicejam honram a cultura de tão mimosas producções.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.° 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 39 — SETEMBRO 15 — 1855.

SOBRE AS FESTAS DA DEFINIÇÃO DOGMATICA NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

NARRAÇÃO — APPRECIAÇÃO DAS MESMAS.

IX.

Pelo que já disse do padre Rademaker, como orador evangelico, conhece-se assás o conceito vantajoso, que d'elle fórmo — olhando-o por similhante lado. E' isto verdade; mas tambem o é que um tal conceito, assim vantajoso — sinto dizel-o — com quanto continue a mantel-o, não foi confirmado nesta occasião, e todavia sempre muito esperei que o seria. Não faltam de tal esperança, de que todo estava cheio, testimunhas insuspeitas. Interrogado por ellas, affianceilhes de prompto um desempenho brilhante.

Estabeleceu tres proposições para demonstrar. Primeira: — que a definição do dogma da CONCEIÇÃO SEM MANCHA foi justa. Foi opportuna, segunda. Terceira e ultima, que era necessaria.

Ou eu me engano desmedidamente, ou o Padre Rademaker satisfez pouco á demonstração promettida no terceiro ponto principalmente, e mais bastante mais no primeiro esteve bem longe, creio eu, de assentar premissas assás seguras — e as sufficientes, d'onde podessem sahir em conclusão aquellas suas proposições. Não o achei aqui assim solido e vigoroso, conforme o podia... o devia ser. Talvez esteja em erro; é mesmo muito possivel. Escrevo, no entanto, o que penso; e alem d'isso, o que ouvi não menos declarar a varios.

Ha ainda outra especie, que me não foi dado observar sem extranheza. Sua senhoria, alto e bom som, affirmou que o que ia demonstrar não era para o seu auditorio: — esse era todo christão e devoto de Maria; era para os impios e descridos. De duas uma. Ou os *impios descrentes* (palavras formaes do Padre Rademaker) estavam lá para o attender, ou não. Se estavam bem: mas neste caso o auditorio não era todo — como dizia. Se não estavam, a que vinha alli a demonstração?...

Fallar, falla-se aos presentes: escrever é que é para os auzentes. Na supposição segunda, o que fazia era sem fructo, sem proveito. Era mais: era açoitar o ar; attacar pelas costas. Por isso desagradou-me immenso declaração similhante.

Intendia eu não haver inconveniente algum em que a demonstração a fazer fosse para os ouvintes. Crentes, como eram, serviria ella para os elucidar sobre os fundamentos da sua fé: — serviria para lha tornar racional, na linguagem do Apostolo: — serviria ainda para lhes ensinar o que conviria responder ás invectivas dos máus que lha quizessem combatter. A grande maioria d'elles de certo — infallivelmente não o sabiam. Se os incredulos asseveram que: — a definição de que se trata, fôra injusta, inopportuna, desnecessaria, — logico é, util é, preciso é que todos os Fieis conheçam — o porque foi justa; porque foi opportuna; porque necessaria. Nestes termos, todos, estavam habilitados para os confundir.

Remattando: o Padre Rademaker não se deve dizer que desempenhou de todo mal sua missão: illudiu, com tudo, um pouco minha espectativa. Não foi o que elle póde ser.

A' Missa assistiu n'uma cadeira, convenientemente collocada ao lado do Altar-Mór da parte do Evangelho, o exm.° e rvm.° sr. Bispo Resignatario d'Angola, Commissario Geral da Bulla da Santa Cruzada.

Apenas ella terminado havia, as meninas, como processionalmente tinham vindo, assim sahiram para casa d'um devoto que charitativamente se offerecêra para lhes dar de jantar. Foi este farto, segundo me informam. As Senhoras da caza fizeram o serviço á meza das meninas, acção edificativa e mui louvavel.

Depois do jantar tornaram de novo ao Templo a dar graças a Deus e á Virgem pura pelos bens, que por um impulso todo do Ceu lhes tinham sido feitos; e porque não era possivel — era mesmo cruel, conservar por mais tempo n'uma subjeição penosa, e posição incommoda pela enchente de povo, que nelle se apinhava — não era possivel, e até era cruel, conservar alli as creancinhas — muitas d'ellas de tres e qnatro annos, o Padre Beirão, entregando-as á seus Pais e suas Mãis, as fez retirar. Mostra em tudo sua sollicitude e cuidado pelos innocentes.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

INSTRUCÇÃO PASTORAL

D. Manoel Martins Manso por Mercê de Deus, e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Funchal, Ilha da Madeira, Porto Santo e Arguim, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, etc.

Aos que a presente virem saude e paz em o Senhor.

Não satisfeito o homem inimigo com ter semeado, ha annos, n'este Bispado a zizania do erro e da mentira, continua a empregar todos os meios ao seu alcance para tornal-a fecunda e productiva, e lançando agora mão do dr. Miller, medico estrangeiro, para servir de novo agente da propaganda heretica; é mister, amados irmãos, prevenir-vos contra a sua linguagem ardilosa e fallaz.

O primeiro passo, que elle deu em publico, depois de receber as instrucções de seu cunhado o dr. Kalley, foi espalhar entre varias pessoas os seus impressos sobre materias religiosas; e alguns acompanhados de dinheiro, com o fim de seduzir os fieis incautos, apartal-os do gremio da Santa

Egreja, e attrahil-os ao proselitismo da seita Kallysta, que tantos males tem acarretado sobre os madeirenses. Estes impressos, que á primeira vista parece não respirarem senão aquella prudencia e simplicidade, que o Salvador recommendou a seus Discipulos; são tanto mais suspeitos e perigosos, quanto o seu auctor prodigo em louvores da Biblia, pretende servir-se d'ella, como de taça d'ouro, para nos propinar o veneno da heresia. Com tudo a indignação com que justamente foram repellidos os mesmos impressos, e com especialidade aquelles que o auctor teve a impudencia de enviar a alguns reverendos Ecclesiasticos, causou-nos a maior satisfação, na esperança de que estas novas tentativas hão-de ficar de todo malogradas.

As penas temporaes, que no Juiso secular vão ser impostas ao dito Miller; os esforços do Rvd.º Clero em combater com denodo os erros d'estes hereges; e os religiosos sentimentos de devoção e piedade, que animam os nossos amados diocesanos, para frequentarem as casas da oração, ouvirem a palavra Divina, e concorrerem zelosos a celebrar com a maior pompa e magnificencia o Culto de Deus e dos seus Santos; são outros tantos penhores seguros, que Nos afiançam da sua parte uma firme e constante opposição a este mal contagioso, com que se pretende inficionar o Corpo mystico da Egreja. Entretanto, como os inimigos nos rodeiam, é indispensavel, amados irmãos, para evitar qualquer surpresa, estar sempre attentos e vigilantes. resistindo-lhe fortes na Fé; e sobre tudo, para alcançar d'elles uma completa victoria, implorar com humildade e confiança o poderosissimo soccorro da Santissima Virgem Maria; a qual tendo por si só debellado as outras heresias em todo o mundo, hade tambem supplantar esta, que lhe nega o devido culto e veneração.

Queixa-se o fautor da heresia no seu ultimo manuscripto, de que a sua insinuação, aliás cheia de brandura e affabilidade, fosse tão acremente rebatida na Imprensa por um Padre Catholico. Mas se elle estudasse a Biblia tanto, quanto aconselha; n'ella veria justificada a acrimonia da refutação; pois quando o lobo apparece para acometter o rebanho, tem os pastores, que servem de sentinellas, obrigação de gritar-lhe (1): e se elle, por matreiro, se não retira; cada vez devem levantar mais a voz, e usar, de todos os meios ainda que sejam desabridos para o afugentar; porque o lobo, por mais que queira contrafazer-se em mostrar afagos e meiguices, nunca perde a sua natural fereza — *lupus etiam cum blandit, odit.*

Diz mais o auctor no mesmo manuscripto « que elle se animou a offerecer os seus impressos a varias pessoas, e até aos clerigos, com algumas limitadas observações, tendentes a demonstrar a obrigação que temos de estudar as Escripturas Sagradas; e o beneficio, que nos resulta da sua leitura. » Com effeito é para maravilhar, que um dr. leigo, cuja missão desconhecemos, e demais a mais inimigo declarado da Egreja, viesse dar-nos esta instrucção, sem outro motivo mais que o seu zelo farizaico pela salvação das almas! Quem ignora que o desejo da Egreja é, que os christãos leiam frequentes vezes a Sagrada Escriptura com respeito, humildade, e docilida-

(1) Isaias, cap. 56, v. 10., cap. 58. v. 1.º e cap. 52.º v. 6.º Act. cap. 20. v. 27. e seguintes. Ep. ad Hebr. cap. 13 v. 9.º e 17 — ipsi enim pervigilant quasi rationem pro animabus vestris reddituri.

de; aproveitando-se do que entenderem, crendo religiosamente o que não comprehenderem, e sujeitando-se em tudo ao Juiso da mesma Egreja? E quem duvida que o fim d'esta leitura, é para os mesmos christãos alimentarem a sua piedade, consolarem-se com as Santas verdades que lerem, e fazerem d'ellas applicação em toda a occasião pratica que se offerecer?

Continua.

FESTAS REAES.

Lisboa se enfeita de pomposas galas para festejar a entrada de um novo reinado! Reaes pavilhões se levantam; arvoram-se bandeiras e galhardetes, ornam-se as janellas dos tribunaes com as armas das diversas camaras do reino fidelissimo; ordenam-se mil festejos e fogos de artificio n'um combate naval, ridicula parodia, em que José Osti será o almirante dos restos da nossa derrotada armada!... Mundo, mundo, o que és tu?... Um campo onde reina a confusão em tudo!... Aqui o riso, além o pranto!... aqui a pompa, além a miseria!... E' justo, é um dever, saudar com festivas demonstrações o joven Monarcha esperançoso que vem tomar posse do governo deste paiz; mas fazendo justiça a seus altos conhecimentos e a suas virtudes christãas, quizeramos que a camara municipal solemnisasse, perpetuasse a memoria do reinado que festeja, com menos apparencia e mais realidades!... Com algum monumento de gloria e caridade, que seria de satisfação ao rei, e utilidade ao publico! Um rei sabio e virtuoso estima as demonstrações, mas presa muito mais o sentimento. Louvores ao alto pensamento da briosa e honrada corporação commercial, que vae erigir um padrão eterno da mais santa caridade. Um asylo á desvalida innocencia; um santuario de piedosa beneficencia onde incessantemente de geração em geração hãode soar os louvores, as bençãos, as orações pelos bemfeitores, e pelo real objecto em honra do qual se erigio tão gloriosa, e eterna memoria! As luminosas, phosphoricas magnificencias sumir-se-hão no esquecimento, como essas faiscas electricas no espaço, mas o asylo de caridade ostentar-se-ha permanente e brilhante como a luz celeste da caridade que o alumia! Por hoje concluimos dando os parabens a Sua Magestade o Senhor D. Fernando por ter a fortuna de vêr o fim da sua regencia decorrido em paz, tendo mais uma prova incontestavel do respeito e affeições com que este povo reconhecido soube corresponder á sua affabilidade e cavalheirismo para com todos. Não é estranha esta nossa linguagem; é a da verdade, despegada de todas as quimeras do mundo; é a mesma com que nos expressámos quando nem se sonhava que o Senhor D. Fernando fosse Regente; antes que outras vozes erguessem hymnos ao Rei Regente!... Calámos durante a regencia nossa debil voz, mas de novo a erguemos em honra da verdade; em testimunho da alta consideração que temos consagrado, e consagraremos sempre áquelle que tem sabido ser amigo deste povo tão bom, tão digno de ser amado, e bem governado.

No seguinte numero daremos noticia das acções de exemplar beneficencia exercidas pelos exm.os Caixas Geraes Contractadores do Tabaco.

D. A. G. PUSICH.

12 D'AGOSTO.

Em quanto mil e mil no largo mundo
Dormem em paz sorrindo, eu vélo e penso,
E julgo ouvir as preces por finados,
E ver a tumba e o fumegar do incenso.
Alexandre Herculano.

Está soando a ultima hora deste dia! — E dos meus enchutos olhos nem se quer uma lagrima brobotou ainda. — E com tudo este dia envolve para mim mui tristes lembranças

Qual é maior, a dor que penetrando no coração faz derramar lagrimas que suavizam e quazi consolão, ou aquella que imbuindo-se como agudo punhal, se calla n'alma tolhendo todas as faculdades e de que o sorrir contrafeito e desbotado se vai perder nos beiços lividos do descrente? — É esta — de certo que o é — e agora, com a mão esquerda insensivelmente apoiada sobre o coração eu lhe estou sentindo os effeitos — pobre coração parece querer-se subtrahir ás agudas punhaladas que o lacéram. — E' mui grande esta dor — é que uma a uma as cordas mais sensiveis d'alma eu estou sentindo estallar.

Meu Deus que vida esta que euvivo!

Como o Christo caminho ao Golgotha, é pezada, bem pezada esta cruz, oxalá que ella aproveite a alguem, o coração martyrizado, a alma angustiada o corpo é automato que segue immovel os impulços do dever... se dever é tambem em determinados cazos martyrisar.

Vou seguindo via opposta aos meus pensares d'outr'hora, aos meus constantes dezejos aos dourados sonhos d'infancia.

Dobre-se o corpo, subjugue-se a alma, e diga-se aos desejos e paixões mais santas; emudecei, acima de tudo está o dever.

Que noute esta tão linda! Como a lua se ostenta brilhante no firmamento rodeada de mil e mil pontos luminozos? — Que prateados raios d'ella partem! e depois de terem atravessado esse espaço infinito que de nós dista, veem, parecem enviados por Deus, junto com suave briza rociar-me as faces inspirando poesia que unicamente sente quem tem dor como eu a sinto, funda bem funda n'alma fazer-me quazi insensivel aos meigos quadros da natureza, mesmo quando mais risonha, se ostenta fagueira.

E'-me impossivel sentir o frescor da briza.

Não posso da lua admirar-lhe o brilho.

Antes queria do dezembro as noutes sem fim, quando de chuva as torrentes cáem, quando a lua se não mostra, e o ceu do mais lindo azul se tem tornado em escuro cinzento, quando o relampago fende as nuvens, e depois ao longe medonho rugido semelha de féras, rouco estrondo que nos faz estremecer, assimilhando o bramo da panthera, e o rugido do tigre. — Qnando o sudueste rijo, bem rijo sopra fazendo curvar o carvalho annozo, e agitando gigantesco pinheiro, sibilla qual devoradora vibora nos dezertos palmares da Azia. Apraz-me antes ouvir o mocho com seu piar suturno do que a melodia do rouxinol que mais me enlucta a alma, fazendo-me recordar as venturas passadas e os momentos em que eu risonho e contente, no primeiro sorrir da vida, brincava no prado e na campina com os companheiros d'infancia. — Gostava antes d'uma dessas noutes em que a natureza entra em convulção e o Senhor parece querer acabar a sua obra;—então não tenho o horrivel pensamento das comparações, não digo, aqui dor e tristeza, alem festa e alegria!! — Sabeis porque é isto oh! vós que estas linhas tendes lido?

Dizei-me nunca passaste uma noute á cabeceira do leito do ente mais querido do vosso coração? — Nunca com anxiedade cruel contas-te avidamente as suas pulsações? — Nunca com a vossa cabeça debruçada sobre um rosto onde se estampa o soffrimento causado por aguda doença prescrutas-te com avidez os estragos que essa molestia ia fazendo no objecto dos teus cuidados? — Oh se isto nunca te aconteceu tu que és feliz aproveita essa quadra da vida que te sorri fagueira que lá vem o futuro, sim o futuro, pois quem ha que tenha vivido sem que euexoravel foice lhe não tenha arrancado dos braços carinhoza mãi desvellado pai ou terno irmão ou amigo — Repito oh! tu que lês estas linhas vê que são apenas reflecções de 18 annos, é que aquelle que as escreveu levou 18 annos a reflectir, dezoito annos a padecer, dezoito annos a ver em oscillações sobre a campa as mais sagradas paixões da alma.

Alem das portas d'um cemiterio, n'uma taboa cravada no chão se lê! Aos 12 d'Agosto de 1853 falleceu.... não mais, a alma despedaçada não pode, — é a dor em demasia para continuar.

Novas flores lancei hoje sobre a terra que te cobre. — Pelas nuvens e pelas brizas, por meio da minh'alma e do meu pensamento, eu te envio as que agora bemditas lagrimas vem a meus olhos, e ellas te dirão em quem penso, com quem sonho, e a quem adoro ainda — e se como eu creio tu meu pai neste momento podes ver melhor do que eu proprio o que nesta terra se passa de certo não te terei esquecido e então tu estarás satisfeito com tanta gratidão, esta tão solemne palavra faz-me sempre que escrevo derramar-lhe lagrimas, sagrado tributo que constantemente guardarei para aquelle que do ceu me abençoa inda nest'hora.

Parte-se o coração, quando se pensa que se não pode jámais ser apertado nos braços d'aquelle ente que tanta amizade, e tanta gratidão nos merece... que não possa eu para sempre, ir para junto d'essa cruz que me indica a ultima morada do corpo, derramando lagrimas que purificão, dão suave consciencia, e até talvez resignação?... Erão estes os meus mais intimos pensamentos, erão estes os segredos que a ninguem confiaria, quando o tanger lugubre, do sino do relogio da Bemposta, me veio despertar da dor em que estava immerso, annunciando-me trez horas da madrugada!... e quando tudo jazia ainda tranquillo no regaço extenso do somno, descançando nesta hora das fadigas do trabalho; eu vellava, chorando amargamente, ao despertar rapido e continuo de cada instante desta noite!... E foi então, quazi pelos derradeiros momentos, que, não podendo resistir por mais tempo, aquella dor pungente, que os mais agudos espinhos, da saudade e da paixão, me impremião, ao cravarem-se-me no mais fundo da alma; me senti em delirios de angustia, descer ao mysterioso abrigo do somno, onde o Senhor concede se folgue das agitações e martyrios, d'uma vida proceloza e espuria.

S. Lazaro. Agosto de 1855.

JOÃO GUILHERME TEIXEIRA.

Pedimos ao illustre autor deste artigo o favor de mandar declarar a esta redacção a sua morada, para lhe ser enviada esta folha gratis, pois muito presamos a collaboração de quem tanto se distingue em genio, estudo, e moralidade, que reflectem nos seus bellos escriptos, repassados de suave melancolia, ricos de inspirações do mais nobre sentir. *A Redactora.*

PROGRAMMA

Para a exposição das prendas que constituem a rifa que hade fazer-se a favor da Santa Casa da Misericordia de Bragança.

(Conclusão).

32. — A commissão directora em agradecimento a todas as senhoras que concorrerão para este fim com as suas prendas, resolveo que do producto da riffa se extraisse uma quantia que não fosse nem mais de doze nem meuos de dez moedas, e esta quantia fosse distribuida pelos pobres recolhidos da cidade, sendo metade para a freguezia da sé e metade para a de sancta Maria, esta esmola será distribuida pela commissão directora, acompanhada dos parochos respectivos, dos dois vice secretarios directores, e do provedor e mais dois irmãos da Sancta Casa da Misericordia, e a esmola será dada segundo a informação do parocho da freguezia.

33. — A commissão fará publicar pelos periodicos do Porto as contas da sua gerencia.

34. — Logo que o senhor H. J. F. de L. encarregado pela thesouraria da commissão directora para a representar na recepção dos dinheiros, officiar á exm.ª presidente que se acha concluida a cobrança do producto dos bilhetes, a mesma exm.ª presidente, officiará ao provedor da Sancta Casa da Misericordia, designando-lhe dia e hora em que deve fazer reunir a Meza, para ser entregue ao thesoureiro da mesma Sancta Casa, o producto liquido da Riffa, devendo este passar um recibo que será assignado pela meza toda e publicado nos periodicos; e esta entrega será feita pelos dois vice-secretarios e pelo thesoureiro.

A commissão espera que o provedor e mais mezarios, deiem a melhor applicação ao producto da Riffa applicando-o para allivio da pobreza que taes são as ideas da commissão directora.

Salla das sessões da commissão em Bragança aos 2 de julho de 1855.

O vice secretario da 1.ª secretaria — José Antonio Garcia de Lima.

O vice secretario da 2.ª secretaria — D. José d'Almeida Mello e Castro.

Approvado pela commissão directora em sessão de 11 de julho de 1855.

A presidente — Baroneza de Sancta Barbora.

A 1.ª secretaria — D. Augusta da Fonseca e Souza.

A 2.ª secretaria — D. Ernestina Miranda d'Almeida Pimentel.

A thesoureira — D. Claudina Augusta Campos Garcia.

Relação das illm.as e exm.as sr.as que concorreram com prendas para d'ellas se fazer uma Rifa a favor do Hospital da Misericordia desta Cidade.

D. Maria José d'Almeida Mello e Castro. — Lisboa.

D. Maria José Cabral Quadros Correia Bacellar. — Lisboa.

D. Maria Joanna Saldanha Daum. — Lisboa.

D. Maria d'Almeida. — Lisboa.

D. Maria Ignez d'Almeida Mello e Castro. — Lisboa.

D. Maria Luiza Tavares d'Almeida. — Lisboa.

D. Maria Guilhermina d'Almeida. — Lisboa.

Baroneza de Santa Barbora — Bragança.

D. Augusta da Fonseca e Souza e suas exm.as manas. — Bragança.

D. Ernestina de Miranda d'Almeida Pimentel. — Bragança.

D. Claudina de Campos Garcia. — Bragança.

D. Antonia Agostinha de Miranda d'Almeida Pimentel. — Bragança.

D. Josefa Thomazia Pereira Pavão. — Coelhozo.

D. Maria Rita da Silva — Mirandella.
D. Maria Libania Pereira de Souza. — Castellãos.
D. Fabia Emilia de Miranda. — Castellãos.
D. Maria Eduardo Ferreira Lima. — Bragança.
D. Maria Leopoldina Ferreira Sousa Colaço. — Bragança.
D. Maria Fortunata Ferreira Lima. — Lisboa.
D. Angelica Felizarda de Castro Franco. — Bragança.
D. Maria Ignacia Garcia de Lima. — Bragança.
D. Agueda Julia da Conceição Garcia de Lima. — Bragança.
D. Roza Dias de Castro. — Bragança.
D. Roza de Sá Pellão. — Bragança.
D. Mathilde de Sá Pimentel. — Bragança.
D. Justina Ermelinda Ramires Lobo. — Bragança.
D. Balbina Eugenia Mendes Pereira. — Bragança.
D. Candida Augusta de Sousa. — Bragança.
D. Angelica Pastor Ramires. — Bragança.
D. Maria Albina Dias de Lima. — Bragança.
D. Angelica Lopes da Silva. — Bragança.
D. Maria da Cruz Souza. — Bragança.
D. Maria Julia de Barros. — Bragança.
D. Maria Angelina Pinto de Oliveira. — Bragança.

Continua.

RECORDAÇÕES

OFFERECIDAS Á EXM.ª SR.ª D. EMILIA CARLOTA DE FREITAS, EM O DIA ANNIVERSARIO DE SEU NASCIMENTO, 22 DE FEVEREIRO.

Bella Emilia, que nasceste
Neste dia am que eu nasci,
Escuta os votos sinceros
Que ao céo dirijo por ti.

No dia do nascimento
Se nos quiz iguaes fazer,
Na sorte que me persegue,
Diversas nos faça ser!

Assim como os dias meus,
São de lucto, e de amargura
Teus bellos dias nascentes
Sejão de paz e ventura.

Os dignos pais, que tiveram
A dita de dar-te o ser,
Na virtude, e descripção
Te vejam sempre crescer:

A prole tua, querida,
Em doce serenidade,
Nunca os revezes suporte
Da dura infelicidade.

Eis oh! bella, os sentimentos
Que animam meu coração,
Um tributo merecido
A' virtude, e gratidão.

Nada exijo em recompensa
De ser tua adoradora,
Se não que dos meus ciprestes (1)
Tu sejas a protectora.

São filhos dos meus desvelos
Plantados por minha mão;
Sua vista em ti desperte
A minha recordação!

Praza ao céo, que á sombra d'elles
Possas mil vezes dizer,
« Vossa antiga possessôra »
« Soube a amizade manter. »

E que seus fructos colhendo,
Por mil annos de ventura,
De mim memoria conserves
Inda alem da sepultura.

Por sua muito affeiçoada devedora e amiga

D. M. M. STOCKLER.

(1) Dois ciprestes que plantei na Quinta da Bella Vista, quando esta foi de meu presadissimo pai o exm.º barão da Villa da Praia; cuja quinta pertence hoje aos pais da exm.ª D. Emilia Freitas.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 40 — OUTUBRO 1 — 1855.

MANIFESTO

A SUA MAGESTADE O SENHOR

D. PEDRO V.

Senhor! Com o mais profundo acatamento saudamos a Vossa Magestade!

E' neste dia em que Vossa Magestade sobe ao throno de Portugal, que os escriptores publicos independentes de toda a politica, e só interessados no bem estar do paiz, devem solemnemente cumprir um de seus mais sagrados encargos — manifestar ao Rei o verdadeiro estado em que se acha a nação de que Elle se constitue chefe. Sem os adornos de lustrosas galas, que essas já de ha muito deposemos aos pés da Cruz, lá onde repousam as honradas cinzas de um martyr glorioso, um pai que adoramos!... com o manto da caridade, e a voz da verdade, apparecemos em vossa augusta presença, condusida pelo dever que Deus nos impoem animada pelo amor que temos a esta nação!

Digne-se Vossa Magestade attender o nosso humilde e respeitoso discurso pobre de eloquencia, rico de verdade, essa que os bons reis presam porque não querem ser enganados.

Senhor! Nós victima das infelices guerras civis que flagelando este reino demoliram tantas grandesas nacionaes, reduziram á cinzas tantas fortunas ligitamamente adqueridas, arrancaram distincções e mercez justamente concedidas; Não erguemos uma queixa uma supplica em favor de nossa familia em particular!... Apontando ao longe o grandioso quadro de nossos infortunios, contamos que a mente excelsa e clara de um Rei justo não deixará de observar de mais perto essa triste mas fiel pintura, gloria do passado, desdoiro do presente, espanto do porvir; e fará que o seu nome se ostente aos vindouros qual bonançosa estrella em procelosa noute!

E' por esta nação em geral que invocamos o alto favor da sua real clemencia, a grandeza maior dos reis! A maior ventura de Vossa Magestade não é ter nascido para reinar; é ter nascido de pais tão bons, tão extremosos, que souberam formar-lhe o co-

ração, guiar-lhe os passos infantis na gloriosa estrada que do berço conduz á eternidade, esclarecendo-lhe a rasão com o facho luminoso da virtude, destinando-lhe por mestres homens exemplares em saber e christandade!... Parabens senhor!

Confiamos que Vossa Magestade sostentará inabalavel e fará respeitar a Santa Religião Catholica Apostolica Romana, essa que nos feitos mais gloriosos tantas victorias, tanto renome, tanta prosperidade alcançou a Portugal!... Que fulge em nossas bandeiras, que juraes manter, e que é a baze fundamental da melhor sociedade — o grande principio da liberdade mais santa, a unica verdadeira civilisação; Lei suprema irrevogavel da qual dependem as leis humanas que nunca serão cumpridas se a primeira não for observada:

Confiamos que Vossa Magestade fará que nesta fidelissima terra se tornem a guardar e solemnisar os dias natalicios da Santissima Virgem Mãi de Deus e Padroeira deste Reino; e de seu esposo S. José. Então com maior prazer este povo hade festejar tambem o natal do rei que lhe restitue suas tão caras devoções:

Confiamos que a instrucção e moralidade publica, esquecidas em parte pelos governos, hãode merecer-vos as mais serias attenções, pois de uma educação moral e bem dirigida estão pendentes a felecidade dos povos, e a segurança dos thronos:

Que as sciencias, as artes, o commercio a agricultura, e todos os elementos de prosperidade nacional serão por Vossa Magestade altamente protegidos, e engrandecidos:

Que os escriptos de publica utilidade pela moral e instrucção que difundem no povo; que não juncam a terra de cadaveres das victimas illudidas por doutrinas revolucionarias; não a regam de sangue e pranto, nem armam com o ferro fratercida os braços que a deviam fertilisar; antes a cultivam de uteis robustas plantas, que brotaram preciosos fructos; adornam de viçosas flores os altares de Deus e da Patria, animam o povo a empregar seus braços em proveito da sociedade, e seu espirito em honra de Deus. Para estes que ainda moços encanecem, e gastam a vida em continuas vigilias litterarias, para estes Senhor a vossa expecial consideração, porque a merecem, porque alumiam os tenebrosos espaços, as espinhosas veredas que tendes de atravessar; e vos ajudarão a firmar a paz e gloria deste Reino!... E são estes os que menos tem obtido!... Nem uma leve recompensa que os colloque em situação menos difficil; pois tem de afrontar as mais arduas contrariedades, escrever no meio do maior desasocego, e torturados corpo e espirito por mil desgostos, até privações domesticas, e por fins a coroa dos genios dada pelos governos tem sido, até agora, de espinhos! Em vez de protegel-os de aplainar-lhes a carreira que seguem, e suavizar-lhes o tranzito penoso, para que não cancem não socumbam ao peso da enorme cruz, negam-lhes até justiça, apreçam-lhes a marcha vital fazendo-os cair no tumulo sem uma consolação, depois de martyrisados!... Os premios onde estão elles que movam a mocidade a applicar-se instruindo e moralisando o povo?.. mas os obstaculos erguidos pela mão que devia poderosa derribar os que empedissem um progresso util, eil-os patentes na decadencia das letras, na falta de convites do governo que animem os escriptores a escrever bem, na confusão que se admite de bons e maus escriptos, sem que uma lei proteja uns

e condemne outros; tolerancia que parece ter por fins converter a litteratura em confusa Babel, redicularisando o que uma nação culta pode ter de mais nobre!

Nem se quer os escriptos uteis hoje se podem livremente espalhar nas Provincias do reino onde os povos tanto carecem de instrucção!... Antes da regeneração ao menos eram francos de porte os jornaes de instrucção e moral, hoje até estes se confundem com os politicos, que sempre pagaram o porte no correio; e tem de augmentar o preço de suas obras que por isso perdem extracção, ou deixar de escrever para não soffrerem prejuisos com que não devem nem podem luctar. Até os escriptores dramaticos se querem dar hoje uma peça ao theatro de D. Maria, inspeccionado por conta do estado, hâode pagar uma tacha pecuniaria para a censura de suas obras, fiquem ou não approvadas!!!... Quantos ha que escrevem possuindo os thesouros do genio, e privados no mundo até do mais necessario á vida!... E será este o meio de premear seus trabalhos e bons dezejos, ou de aggravar sua posição, e afastar, desanimar as mais santas prepenções?... o resultado porem não é talvez como só algum barbaro pode pertender no mundo civilisado; soffucar o genio prender-lhe os vôos! não, porque o verdadeiro genio vôa por cima de todos os obstaculos terrenos, vence-os e se eleva sobranceiro a todas as adversidades triumphando da materia; o resultado é escrever-se sempre; e em outros theatros de sociedades nacionaes que promovem as artes. os auctores são accolhidos, estimados, e premeados do publico, e nem se estranhe que muitas vezes os escriptores em suas obras vinguem afrontas que recebem d'aquelles que os deviam proteger... não se pode esperar que se diga bem de quem faz mal; fora um absurdo. Parece-nos que esse tributo lançado aos escriptos de instrucção, tanto no porte do correio, como no theatro chamado normal, é opposto ao progresso das patrias letras, á moral publica, aos interesses do paiz, é desairoso ao governo! Repetimos ainda, que a politica não entra nem com o mais leve traço neste pequeno esboço — quando tratamos do bem publico em geral, sabemos fazer algum sacrificio a nossas crenças politicas, que as temos muito intimas, muito arraigadas; não é o sacrificio de mudar as ideas que se apagaram com o sôpro da morte; é sim o sacrificio de concentral-as na alma, entendendo que podendo ser uteis a este paiz offertando-lhe o nosso pequenissimo contingente em honra da instrucção e moral dos povos, escusamos concorrer para a sua total destruição, com essa nenhuma politica prospera e todos perdem tudo. Claro temos já por vezes, e em solemnes combates manifestado a nossa politica, mas só no campo da politica, mas sempre Deus, Patria, Rei; hoje, e sempre, alheia a odios que não podemos, nem queremos nutrir, tendo amigos verdadeiros que muito presamos em todos os partidos, nossa linguagem é insuspeita, franca, leal independente como o nosso caracter e posição litteraria. A regeneração trouxe a vida ás classes inactivas, e outras do estado, com o louvavel e indispensavel pagamento em dia, e a protecção que tem dado a alguns interesses materiaes; mas trouxe tributos ás letras, olvido, á moral e outros males que não esperava-mos porque muito se prometteu, muito crêmos, e pouco vêmos, por isso descrêmos tambem destes, como de outros promettidos melhoramentos!

Confiamos que Vossa Magestade, mais forte que seus ministros mande mais do que elles; que em audiencia attenda os subditos que precisem ser ouvidos do Rei; e ordene a seus ministros que attendam, oiçam *os verdadeiros pretendentes*, em dias certos, e *sem fallencia*, que deem prompto despacho, e não empatem mezes e annos até as mais justas pretenções, como acontece em algumas repartições; o que nos parece proveniente da acumulação de pastas; porque o melhor ministro não faz milagres.

Ainda nos restam, Senhor tres classes de infelices por quem implorar á Augusta clemencia de Vossa Magestade, são: as familias pobres, recolhidas, sem protecção nem amparo! A viuva infeliz, o velho honrado, as orfãas desvalidas, sepultadas em vida em miseras espeluncas, sem pão, sem cama, sem vestidos, sem forças nem resolução de apparecer a pedir um soccorro, pois não estão acostumados a pedir como aquelles que andam pelas ruas, e para quem se abrem as portas dos Azylos de Beneficencia, não ousam aproximar-se dos palacios de quem pode valer-lhes porque até alli são espancados por creados incivis, ou deshumanos que julgam fazer bom serviço a seus amos, e não conhecem o mal que fazem aos tristes, aos nomes de seus amos e á propria consciencia!

A alta piedade das virtuosas Imperatriz e Infanta D. Izabel Maria, de Vossas Magestades, de tantas almas bemfazejas, e da illustre Associação consoladora dos afflictos, por certo ampara, sostenta, salva dos horrores da indigencia muitas familias honestas e recolhidas, porem outras ainda gemem, por não bastarem os soccorros para tamanha escala. A's auctoridades cumpre vigiar sobre os destinos d'esses desgraçados, e ao governo soccorrel-os; que mandem conhecer, por empregados intelligentes, zelosos e caridosos todas as familias que residem nas differentes freguezias do reino, quaes os meios de que vivem, com provas autenticas da verdade, porque muitas medidas policiaes são illudidas, e outras esquecidas, ou cumpridas para se preencher méras formalidades. Havendo escrupulosa e vigilante policia nos bairros evitar-se-hão não só a miseria, mas a desmoralisação de todo o genero, e até os crimes. As diminutas instituições de beneficencia, os trabalhos industriaes tem diminuido a miseria. Cumpre extinguil-a.

Nem uma lei provideuciou ainda a sorte de outros infelices dignos de expecial attenção. Estes são os innocentes nascidos, e creados por mãis extremosas, e abandonados por pais desmoralisados e crueis! Filhos de legitimos matrimonios quantos ha por ahi sem amparo, sem protecção! nem os estabelecimentos pios lhes franqueam a entrada, pois que para serem alli admittidos precisam mostrar que são orphãos, sendo mais infelices que orphãos, pois não podem herdar o que por ventura seus pais tenham, nem possuem meios de reclamar á justiça os alimentos que um pai lhes nega! e não encontram um azylo onde tenham o sustento e a educação. Attendel-os, amparal-os seria um acto de exemplar caridade, e alta justiça que até serviria de correcção a tantos pais desmoralisados que em menoscabo das leis mais santas abandonam seus ligitimos filhos, impunemente, e os entregam á miseria, e á desmoralisação! Os filhos iligitimos tem a Santa Casa da Misericordia; mas os ligitimos abandonados dos pais não nos consta que tenham um amparo.

Terminamos esta humilde representação, invocando a alta munificencia de Vossa Magestade em favor dos con-

ventos das Religiosas pobres, que podem ainda ser muito uteis á sociedade no seu pacifico e santo recinto, onde consagradas a Deus eduquem uma grande parte de meninas que, ou ficando no retiro do mundo, ou tornando á sociedade para ser boas esposas, boas mãis, boas educadoras, honrassem o ceu e a terra.

Os conventos das Religiosas desta corte e provincias estão em grande parte no estado da mais lamentavel penuria, e entre estas *as pobres Religiosas de Lorvão*! Para todos imploramos, e esperamos a alta munificencia de Vossa magestade.

Ainda um brado Senhor! é este em favor de nossas possessões ultramarinas, expecialmente das Ilhas da Madeira, e de Cabo Verde.

Digne-se Vossa Magestade de relevar todas as faltas da nossa ingenua exposição, e acolher benigno esta confiança esta esperança que depositamos nas virtudes e illustração de Vossa Magestade, e lhe offerecemos como sincera homenagem.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

Temos a satisfação de cumprir uma honrosa missão de que fomos encarregada, levando ao conhecimento de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, o seguinte requerimento de um cavalheiro natural da Vidigueira.

SENHOR.

Ante vossa Magestade vem o mais humilde de seus subditos a pedir a solução de uma divida — um monumento — de que esta terra é devedora paro com os restos mortaes de Dom Vasco da Gama!

A memoria de Newton, e de Nelson, Senhor é transmittida na Gram-Bretanha ás gerações futuras em incomsumptos padrões: as cinzas de D. Vasco da Gama jazem olvidadas em pobre e mesquinha sepultura no solitario presbiterio onde a mão impia dos homens profanou a paz dos tumulos.

A Providencia, Senhor, deu-nos um rei amante da justiça, da virtude e da illustração. O virtuoso Principe que felizmente rege os destinos desta Nação, pasmo e admiração das cortes mais cultas de certo tomará na sua elevada consideração o voto ardente daquelles que nutrem sentimentos de respeito e devoção pelo seu Rei, e por esta terra de tão grandiosas recordações, e que imploram á Providencia que conserve a preciosa vida de Vossa Magestade, e de toda a Real Familia por dilatadissimos annos como os bons portuguezes desejam, e hão mister.

Beija a mão a Vossa Magestade, Senhor, o mais humilde subdito
Lisboa 23 de Setembro de 1855.

Francisco Raphael da Paz Furtado.

ITALIA.

Recebemos alguns jornaes da italia entre os quaes um de Novara denominado *Agogna* honra em suas publicações litterarias o nome de nosso presadissimo sobrinho Francisco de Borja Garção Stockler, nome illustre que recordámos aos portuguezes em o n.° 35 desta nossa folha, e 2.ª serie, dando noticia das circumstancias mais notaveis do seu injusto exilio, e progressos scientificos na Italia onde na infancia o accolheo benignamente o magnanimo Carlos Alberto. Agora temos a satisfação de annunciar confirmada a esperança que então nutria-

mos de vel-o justamente recompensado por seus talentos raros em tão verdes annos! Está pois nomeado pelo rei da Sardenha, professor de arithemetica e desenho no mesmo collegio militar em que foi educado no Piemonte.

A carta que elle nos escreve ao receber o n.º da Beneficencia onde publicámos a sua primeira producção litteraria consagrada á memoria do seu illustre mestre o cavalheiro Cesar Saluzzo di Monesiglio, um dos cavalheiros mais illustres e mais distinctos por nascimento, altos conhecimentos empregos e honrosos feitos, e que merecêo as honras de ser encarregado da educação dos principes filhos do grande Carlos Alberto. A carta do nosso querido sobrinho merece que a façamos ver por nossos leitores, e ella será mais um documento autentico dos sentimentos nobres do coração portuguez, que no exilio, como na prosperidade sabe amar e ser fiel á terra do seu berço! será mais uma razão que mostra em toda a luz quantas intelligencias que muito honrariam este paiz brilham em terra alheia arrancadas quaes tenras plantas do seu solo pela furia dos vendaveis politicos!

Neste n.º não temos espaços onde inserir outras obras do nosso sobrinho que se teem publicado na Italia, porem não devemos deixar de lhe consagrar uma columna para a publicação do soneto que em seguida transcrevemos e tradusimos; dictado pelo mais nobre sentir. Eil-o

ALLA GENTILISSIMA FAMIGLIA N. N.

UN ADIO

DI FRANCESCO STOCKLER.

SONETO.

Mutto e commosso lascia il pellegrino
Gli amate focolari e'l suol natio,
E sente lungamente nel cammino
La punta d'accerbissimo desio:

Io pur lasciai la patria in sul mattino
D'ella mia vita, e di quel primo addio
Il duro peso porterommi insino
All'anclito estremo del cuor mio.

Il dolce ciel d'italia, e le cortesi
Acoglienze di tante anime belle,
Mi fer men gravi dell'isiglio, i pesi;

E il vostro nome fra queste gentili
Segnai cosi, che mai non si cancella.
Per aure licte, o per bufere ostili.

Novara 8 aprile 1855.

—

TRADUCÇÃO.

SONETO.

Silencioso e mesto o peregrino
Os caros lares deixa onde ha nascido,
Doloroso sentir, pezar ferino
O afflicto coração lhe tem pungido:

Tal a patria deixei, no matutino
Fresco albor da existencia; e condoido
No meu primeiro adeus vi meu destino
Que ao ser o padecer tem sempre unido

Da italia o ameno ceu, o accolhimento
De um clima hospitaleiro, e almas briosas,
Do exilio me adoçaram os tormentos;

Entre os bons, ó familia generosa,
Vosso nome gravei n'um monumeato;
A idade o observa, e acata respeitosa.(1)

(1) Parece-nos que o auctor não reprovará a nossa amiga traducção; não mudámos o sentido do original, posto que por diverso modo expressado. A idade compreende os tempos, as estações e suas influencias. E' mui difficil de imitar a suavidade, a harmoniosa doçura do verso italiano.

EXEMPLAR BENEFICENCIA.

Os Exm.os caixas geraes contractadores do tabaco e sabão, em honra do solemne dia da acclamação do sr. D. Pedro V, mandaram dar para esmolas aos pobres das differentes freguezias desta capital a quantia de quatro contos de reis em metal, e perdoaram a todos os prezos que se achavam compromettidos pelo crime, ou accusação de contrabando. Temos a satisfação de haver por algum modo concorrido para esta ultima e sublime acção da maior beneficencia, pois nos tinhamos dirigido por escripto, como redactora da Beneficencia, a supplicar a SS. Ex.as o perdão de dois infelices madeirenses que estavam presos no Funchal, e se lembraram do nosso pequenissimo valimento, só grande nos bons desejos de prestarem nossos serviços e rogos em favor dos mais desvalidos. Remetemos os requerimentos d'aquelles pobres que de proposito guardamos algum tempo aguardando este dia; e unindo aos seus os nossos rogos, temos o jubilo de ver as nossa bem fundada confiança nas beneficas virtudes e no cavalheirismo dos Exm.os caixas, verificada, muito alem do que esperavamos, pois não se contentando suas almas nobres e generosas de perdoar a dois, perdoaram a todos! Louvores mil a quem sabe compreender e sentir a verdadeira grandesa, e que não pode rir quando os outros choram! Quanto mais gratos são estes festejos onde a beneficencia impera, aos olhos de Deus, do Rei, e do Universo, do que essas tumultuosas aparencias em cuja luminosa superficie tantas miserias se escondem!... Em quanto o estrondo festival o som dos tambores e mil instrumentos, o rodar dos coches; trotar de cavallos, e estalar dos foguetes abafam os gemidos de tantas victimas da indigencia, uma voz divina sôa aos ouvidos dos infelices — é um Anjo que desce dos Ceus, é a charidade pura qne os convido a entoar hymnos de reconhecimento a Deus que inspira tantas almas boas!... E o banquete dos pobres é presidido pelos Anjos que mais alto levam as bençãos que os pobres erguem por seus bemfeitores, e são levados ao ceu, e confirmadas por Deus! Estes sim é que são os verdadeiros festejos de bons christãos, portuguezes n'alma, e nas acções, homens illustrados e indepentes, por isso mais dignos de louvor publico, e da expecial consideração do Rei.

D. A. G. PUSICH.

Exm.a Sr.a Redactor. — Os libellos que me foram movidos e a causa que lhes deu assumpto são factos já do dominio publico.

Em quanto não faço uma descripção circumstanciada de todo o occorrido com as suas causaes, e as competentes demonstrações, digne-se V. acceitar e inserir o conciso protesto, que junto envio, como coisa que toca de perto os interesses nacionaes.

O meu silencio nesta occasião podia parecer uma acquiescencia impossivel no caso em que me acho. Maior desenvolvimento e completas explicações eram tambem impraticaveis de momento. Terei de ser mais explicito ainda, mas por ora adestrinjo-me ao essencial perante uma resolução, que fere a um tempo os meus direitos e a economia do paiz. — De V. , etc. *Antonio Pedro de Salles.* — Lisboa, 31 d'agosto de 1855.

Antonio Pedro de Salles, tendo sido

obrigado a despejar os terrenos sitos em Barcarena, que, por contracto solemne com o governo de s. m. no anno de 1838, lhe haviam sido cedidos para nelles organisar uma fabrica de fiação de seda, tratando assim de desenvolver e aperfeiçoar este importante ramo d'industria nacional, vem por esta forma protestar perante a nação, em quanto o não faz perante o soberano, contra este acto, que não só o ataca nos seus interesses, inutilisando-lhe muito dispendio e muita fadiga, mas ataca os interesses da nação, deitando o arbitrio á raiz de uma industria que já nos seus primeiros ensaios merecera especial e honrosa mensão na grande exposição de Londres. Uma serie d'astuciosos manejos, de informações inexactas e de iniquos ardis, tudo com o fim de baldar a completa sessão dos terrenos contractados, e todas as disposições superiores promoveram a decisão de que o referido Antonio Pedro de Salles é finalmente victima.

Reservando-se demonstrar uma por uma, todas as singularidades deste notavel processo, e bem assim reservando-se todos os direitos que derivam da sua posição, Antonio Pedro de Salles continuará a pugnar por esses direitos e pelos interesses da industria nacional, diante de todo o poder equitavel pelo intermedio da administração, e diante do paiz inteiro pelo recurso da imprensa.

A historia descarnada de factos provará de que lado está a razão, quem exprime a verdade, e quem merece a justiça. A pertinente applicação das leis ao caso de que se trata, demonstrava que não está elle subordinado ás ordinarias formulas forenses que se lhe quizerem inflingir. — Lisboa, 31 d'agosto de 1855. — *Antonio Pedro de Salles.*

A AGULHA MEDICA.

Com o maior prazer vêmos o primeiro numero da *Agulha Medica*, jornal scientifico e litterario creado e redegido pelo sr. dr. Antonio Maria dos Santos Brilhante. Folgamos que o nosso presadissimo collega e amigo torne a honrar a sua patria com suas publicações scientificas, duplicando a sua lida e multiplicando os seus honrosos serviços. A sua habil penna, assim como o seu elevado pensamento não tem já mais descançado; nós o sabemos sempre estudando, sempre alcançando novos conhecimentos, realisando utilissimas descobertas, e dando provas bem claras, incontestaveis de que muito de coração ama este paiz, e se applica ás sciencias, porque a um e outro dá proveito e gloria. O seu Manifesto a El-Rei é escripto com a seria reflexão, a franqueza, e o ardor naturaes ao seu caracter: dicta-o uma intelligencia clara, e a experiencia de poucos annos colhida em grandes lições; é aquecido com o amor da patria que tanto o tem animado e anima a seguir sua honrosa carreira sobranceiro a todos os obstaculos. Nós nos congratulamos com seus triumphos.

EXPEDIENTE.

Ás sr.as a quem promettemos não deixar em silencio o facto occorrido em 18 do mez proximo findo sobre os bilhetes passados pela reparação das obras publicas. pedimos desculpa de não cumprir hoje o nosso dever e seu pedido, attendendo á falta de espaço; o que faremos no seguinte numero, e pode ser que então bem informada de todas as circumstancias que occasionaram aquelle transtorno possamos não só satisfazer os desejos de quem tão boamente confia em nossos sentimentos como fazer justiça a quem a tiver.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 41 — OUTUBRO 15 — 1855.

SOBRE AS FESTA
DA DEFINIÇÃO DOGMATICA
NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

NARRAÇÃO — APPRECIAÇÃO DAS MESMAS.

X.

Aos cultos grandiosos e devotos da manhã, que ficam relatados em parte do artigo 7.º e nos dois seguintes: aos cultos piedosissimos da manhã. como dizia, no fausto dia 29 d'abril preterito, seguiu-se a funcção da tarde não menos pomposa, não menos bella.

A's tres horas e meia repartiu-se um segundo bôdo a — *cem* necessitados, constante d'um pão d'arratel, meio arratel d'arroz, e 60 rs. em dinheiro. Este é aquelle bôdo, em que já fallei, devido á avultada quantia que o padre Beirão tirou nas tardes das suas Missões: resultado consolador do seu pedido e diligencias em alivio da miseria.

Não quadrará a pécha de exagerado ao dizer-se — que Sua Sanctidade ennobreceu tão memoranda Festividade na pessoa do seu representante nesta corte. Seriam quatro horas, o Exm.º sr. Inter-Nuncio Apostolico chegou. Impressionado pelas noticias, que de antemão já havia tido sobre festa assim estrondosa, dignára-se mandar, mui espontaneamente, certificar que não lhe sendo possivel ir de manhã celebrar a Missa, de tarde iria, elle proprio deitar de pontifical ao povo a benção do Sacramento.

Disse e fel-o.

Immediatamente que Sua Ex.ª esteve presente, subiu ao pulpito o sr. padre Beirão.

Expenderei tudo o que sinto?... E porque não?... Timbro em ser franco e sincero. Sêl-o-hei, outro-sim, agora.

O sr. padre Beirão, quando tem aprofundado o seu assumpto; — quando está d'elle bem possuido; — quando um enthusiasmo desmesurado, que com frequencia o arrebata violentamente, o deixa ser senhor de si, senhor de suas ideas, senhor dos seus conceitos, senhor — sobre tudo e mais do que tudo — das expressões adequadas

para manifestar com precisão estes e aquellas; — quando assim se acha, o padre Beirão eleva-se até onde muitos dos nossos pregadores actuaes não podem remontar-se, poucos o acompanham, nenhum é de vôo assás robusto para o exceder, No caso dito é aprazivel ouvil-o: — grandioso nos pensamentos, arrojado nas imagens, energico nos termos, surprehendente na phrase, que lhe sahe fluente — arrebatadora. Costuma, quando de todo ao facto do seu objecto, costuma appresentar-se elegante, vehemente, d'estylo brilhante, poetico ás vezes. Muitas e muitas vezes isto se pode asseverar d'elle com verdade, — pena é que se não possa sempre aventar outro tanto.

De presente, a materia bem — muito bem, eu o sei, cuidadosamente a tinha elle estudado. Prova: a Oração por elle oito dias antes recitada na festa, tambem brilhante, feita pelo mesmo motivo na Egreja da mui antiga freguezia da Conceição d'esta cidade. Se em alguma occasião foi já mais — primoroso em palavras e em ideas: — se já mais foi em seus discursos cheio de gallas e de belleza; abundante em conceitos fortes, apropriados, dignos do seu mister evangelico — se foi alguma vez farto em figuras; copioso em argumentos; concludente: — se algum dia ostentou não conhecer só, haver esgotado a fundo o assumpto, de que se encarregára; foi sem duvida na oração alludida. Não sou eu quem o diz: dil-o uma voz unanime, uma approvação commum, um assentimento geral.

Alli, a dar-se-lhe credito, houve isto tudo, e houve ainda mais. Alli, ao passo que fallava uma applicação cuidadosa — um exame profundo do seu alto assumpto, fallava alli, não menos, a alma extasiada: fallava o convencimento arreigado, fallava uma devoção terna — extremecida pelas prerogativas da Virgem — mórmente pela pureza sem mancha de Maria immaculada.

Não andou tanto assim no Sermão, que lhe escutei na grande festa da Conceição Velha. O excesso de enthusiasmo, que já mencionei; — esse excesso que em não poucas occasiões o perdomina e transtorna: — esse excesso, a par da commoção e alvoroço que se sentira logo no principiar... antes de principiar até do seu discurso, devido — não ao povo que estava na Igreja: esse estava do modo o mais composto e decente: mas ao tropel de gente, que se queria lançar por todas as partes de chôfre dentro do Templo para o ouvir; — uma e outra d'estas causas, diga-se sem rebuço, uma e outra tanto ou quanto o prejudicaram, *então* no desempenho do seu transcendente ministerio.

Assim mesmo agradou — e agradou bastante. Teve rasgos acredores de subida estima. O que é certo é que para a maxima parte dos seus auditores, é elle sempre verdadeiramente um enlevo. Nem admira; porque a entranhada convicção, que brilha em tudo que lhes diz, e a cordialidade, com que lhes falla, lhes encanta os animos.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

INSTRUCÇÃO PASTORAL.

(*Continuação*).

Agora desejavamos saber se os Kallystas fazem a leitura da Biblia com estas disposições? E qual é a razão porque, collocando elles todo o seu forte no estudo da Biblia, despresam na pratica as suas mais importantes verdades? Ou porque, fingindo elles ata-

car a revelação divina, recusam acreditar os dogmas, a que não podem attingir com a sua orgulhosa razão?

Nada mais claro na Biblia, do que a necessidade do Sacramento do Baptismo para a salvação de todo o homem (2); e entretanto vemos os Kallystas com despreso da mesma Biblia subtrahirem seus innocentes filhinhos a esta regeneração espiritual; tornando-se por isso responsaveis pela sua eterna condemnação. Com igual clareza se mostra na Biblia a instituição e necessidade do sacramento da penitencia para todos aquelles, que tiverem perdido a graça baptismal (3), e com tudo não se pejam estes sectarios de tratar com o maior desdem esta segunda taboa de salvação depois do naufragio, recusando confessar os seus peccados ao sacerdote com o pretesto de que só Deus pode perdoal-os; e sem attenderem a que o perdão dado pelo sacerdote não é por virtude propria d'elle, mas sim de Jesus Christo de quem é ministro; pois como diz S. Paciano — *quod per suos sacerdotes facit Christus, sua potestas est.*

Com a mesma insolencia regeitam o Sacramento da Eucharistia, porque apesar da Biblia declarar, que elle foi instituido pelo Salvador; e que temos obrigação de recebel-o (4), com tudo a sua razão lhes diz que o pão não pode ser mudado em corpo de Jesus Christo! E não devemos admirar-nos, se elles tambem negarem a existencia d'este mundo visivel, em que habitam; porque, sem embargo da Biblia dizer que elle foi creado do nada, talvez a sua razão, parecendo-lhe isso impossivel, queira vir com contraditas. Pois devem saber, que se a Palavra Divina teve força e virtude para dar o ser ao que não existia — *ipse dixit et facta sunt*; menos difficuldade pode ter em mudar uma substancia n'outra, como fez Jesus Christo nas bodas de Caná, convertendo a agoa em vinho; e como praticou na Noite da Cea, transubstanciando o pão no seu Corpo, e dando poder aos sacerdotes, para que usando da mesma Palavra Divina fizessem o mesmo em sua memoria, a fim de permanecer comnosco até á consummação dos seculos.

Todos os outros Sacramentos, não obstante a Biblia mostrar a sua instituição Divina; bem como a sua necessidade ou utilidade, são regeitados por esta seita. E em taes termos, de que servirá aos Kallystas estudarem a Biblia, se elles não duvidam postergal-a nos seus mais Santos Dogmas? Estão persuadidos de que, apesar da sua pertinacia em atropellar as verdades da Fé, a qual é o principio da Salvação do homem; uma vez que invoquem o Espirito Santo na occasião da leitura da Biblia, hão de receber luzes para entendel-a; e nada mais é necessario para tranquillisar a sua consciencia. Insensatos! São desgraçadas victimas da illusão que o demonio lhes suggeriu. Elles abandonaram a Esposa de Jesus Christo, que pelo Baptismo os havia alistado no Livro da vida como filhos de Deus e herdeiros do seu reino, escolheram outra guia e outro caminho que lhes foi indicado pelos Profetas de Baal, são os seus soldados assallariados, e podem todo o dia bradar de rijo por elle; mas invocar o Espirito da Verdade para servir de patrono do erro e da mentira, é a maior offensa, que pode fazer-se á Divindade.

---

(2) Joan. cap. 3.º v. 5.º — nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto, non potest introire in regnum Dei.

(3) Math. cap. 18 v. 18. Joan. cap. 20 v. 23.

(4) Math. cap. 26 v. 26. Luc. cap. 22. v. 19. Joan. cap. 6. v. 52 e 54.

Tal é o delirio, em que os precipitou o seu orgulho; querendo desvanecer-se com o pensamento de sabios, se tornaram estultos (5); e juntando talvez a corrupção do coração á cegueira do espirito, longe de se prenderem á clarissima luz da Fé (6); tiveram estes novos Marcionitas a temeraria ousadia de alterar o Evangelho para amoldal-o ás suas loucas opiniões (7). Deus por sua infinita misericordia se digne dissipar as trevas do entendimento a estas ovelhas perdidas; afim de que reconhecendo o seu extravio, bem como a contradicção manifesta em que se acham de desmentirem na pratica as suas leituras biblicas que assoalham, mas que tornam a sua religião um fantasma; renunciem a todos os seus erros, a par da sua má fé; e contrictos e humilhados venham lançar-se nos braços da nossa carinhosa Mãe Commum, que terá o maior prazer em recebel-os. Devendo ficar por uma vez desenganados, de que na interpretação da Biblia a assistencia do Espirito Santo sómente foi promettida á Igreja, para declarar e explicar as eternas verdades de que é fiel depositaria.

Regeitando esta seita os templos e os altares, os Sacramentos e os sacrificios, os ritos e ceremonias Sagradas, e toda a exterioridade do culto, estamos vendo, que, ou ella não quer religião alguma, ou, o que é quasi o mesmo, quer uma religião puramente espiritual; dizendo que a sincera piedade reside no coração, e como este só de Deus é conhecido, basta dirigir a Elle por um simples acto de entendimento. Se a seita assim pensa; cumpre-nos esclarecel-a.

Continua.

(5) Ep. ad Rom. cap. 1.º v. 21 e 22.
(6) Psalm. 92. v. 7 — Testimonia tua credibilia facta sunt nimis.
(7) Tertullian. contr. Marcion. Livro 4.º cap. 1.º — Evangelium interpolando suum fecit.

A FLOR DO GUADIANNA.

O CHAMAMENTO.

(Continuação do n.º 36.)

A ballata do carthamo era uma queixa repassada de angustia e dôr: era o arrulho da innocente rola nos campos da saudade recordando-se do ninho, dos filhinhos, e do amante: era o ecco melancolico que vinha ferir o espaço: era o requebro amoroso que parecia agitar o velho castello que no decurso de tantos seculos — mudo e impassivel — tinha presenciado tantos crimes e tantas virtudes, tanta dedicação, e tantas infamias: era um gemido intimo similhante áquelles murmurios da natureza que não se exprimem: era uma oração que obsecrava a Divindade para que de um coração afflicto tivesse compaixão.

E essa ballata compellia-me a ultrapassar a montanha dos cedros; porque com a mão sobre a cruz, e sobre um ramo de carthamo, na presença do mesmo barqueiro, eu tinha promettido accudir ao chamamento quando ouvisse a ballata precedida das palavras — virtude, constancia, e carthamo.

O barqueiro lançou-me na margem esquerda do rio, junto ás ruinas de um subterraneo, em cujo adito bruxelava uma tenue luz que allumiava

o sacrosanto emblema da nossa redempção no plintho da qual via-se um viçoso ramo de carthamo.

E seria esta cruz alli collocada para recordação do meu juramento, ou seria o indicio de algum horrendo crime prepetrado por algum fratricida em que tanto abunda a geraração humana?...

Fosse o que fosse, eu prostreime ante a cruz a quem adorei, lembrandome que ella mitiga as nossas dores, e minora os nossos trabalhos; dirigilhe uma fervorosa e muda oração, cheia de esperança e consolação, porque ella nos traz á memoria o estupendo successo prova de um amor ineffavel com que o Christo sacrificando-se pelo genero humano remido com o seu sangue, radiou assim no mundo essa lei sancta de liberdade e fraternidade, que o hypocrita detesta, que o impio abomina e que o vendilhão escarnece olvidando-se do flagellante azurrague do Senhor...

Alli ratifiquei o meu juramento de passar por todas as provas, e de ser mudo perante os misterios que me iam ser revelados: alli fiz um novo protesto de não publicar a ballata que me chamava, e que não devia ser ouvida pelos profanos...

Do subterraneo sahiu uma voz sepulchral que bradou:

— Braqueiro á outra banda!...

O barqueiro pegou-me na mão, levantou-me de junto da cruz; apanhou o misterioso ramo que beijou, e collocou junto ao coração: arphava-lhe o peito, e de seus olhos cahiu uma lagrima sobre a minha mão que me escaldou. Conduziu-me de novo ao baixel, que fendeu o rio com direcção á margem opposta. Alli junto de um penedo estava um negro encostado a uma clava, a quem o barqueiro entregou o ramo, e disse:

— Fernando conduze-o á montanha.

O negro começou a caminhar por uma senda tortuosa.

Eu seguia-o mudo e impassivel.

O barqueiro immovel na riba murmurava;

Oh! accudiu ao chamamento!...

Continua.

F. R. da Paz Furtado.

AINDA O FOGO DE JOSÉ OSTI!...

Todo sos jornaes da capital tocam o fogo! tambem nós não obstante a nossa devida moderação em castigar, devemos cumprir o nosso dever, que tambem caridade é ensinar ignorantes e castigar os que erram. Pouco diremos, porque bastante já se tem dito, mas ainda manifestaremos publica e solemnemente quanto sentimos, lamentàmos, e reprovámos o pensamento e a execução — forão iguaes. — Ignoramos nem queremos saber, de quem foi a primeira idea mas em verdade foi miseravel! Parodiar um dos mais glosiosos feitos da nossa historia, subjeitar uma Nau, fosse o que fosse, que se distingue com o iliustre nome de D. Vasco de Gama, subjeital-a ás ordens á direcção de José Osti!!!... Accordar na memoria dos portuguezes o que fomos e a que estamos rêdusidos! E queixam-se de José Osti! A execuçao devia corresponder ao pensamenio. Não quiz Deus que se alumiasse com pequena luz quadro tão grande. Melhor fora que o cantassem em verso, ou prosa, do que espol-o a um jogo ou brinco de creanças em que nos esfoguetearam os ouvidos, e atormentaram a paciencia. Mas José Osti era estrangeiro, não se attendia a que não tinha perfeito conhecimento d'aquelle facto, que um *faz fosphoros*

não havia executar com perfeição um combate naval, e que elle não era um guerreiro afamado, era um bom fogueteiro. E o péior é que todos corremos aos foguetes! E' com isso que ardemos tambem, porque não tendo por costume nem systhema esse defeito dos que não reflectem, rindo quando ouvimos contar a historia do homem das botas de cortiça, caímos no logro de ir ver, esperando ter de louvar José Osti, e condemnar o plano, mas em vez de uma grande miseria temos apenas que noticiar uma pequena miseria, porque passou-se quasi toda involta em trevas a tomada de Arzila! O que diria no fundo de seu coração o Rei illustrado que acabava de ver quanto ha de sublime nas cortes mais illustradas da Europa! Não entristeçaes, senhor, os portuguezes inda são nobres, inda tem a maior grandeza, os brios nacionaes que a mais leve faisca disperta, porque os tem abafados, cobertos pelas cinzas revolucionarias nas ruinas da sua antiga e pasmosa grandeza! Ainda podem reagir e ser grandes em fortuna, como ainda o são em nome, e gloriosas recordações.

D. A. G. PUSICH.

UM PEDIDO QUE SE NÃO PODE NEGAR.

Senhoras a quem muito consideramos pedem-nos uma publicação em desafronta de uma... não sabemos como designar o caso, se como desatenção, se como irreflexão ou esquecimento, vem a dar na mesma, que tudo é desatenção, e senhoras não as admittem, nem desculpam em cavalheiros, ellas tem o seu jornal, a sua defensora, convem desafrontal-as. E' o caso.

Para a noite do fogo artificial por occasião da acclamação de El-Rei, deram-se bilhetes de differentes repartições para as senhoras poderem disfructar aquella vista e projectado combate naval, que acabamos de mencionar no antecedente artigo. Tambem da repartição das obras publicas se distribuiram bilhetes aos empregados, precedendo a competente licença do exm.º sr. visconde da Luz, para se abrir uma communicação com o terrasso, e passaram-se os bilhetes assignados pelo sr. conselheiro Ernesto de Faria, mas qual o espanto, a surpreza, e mesmo a zanguinha de tantas senhoras a quem alguns cavalheiros offereceram os bilhetes, chegando ás portas da secretaria das obras publicas e achando-as fechadas! Pergunta-se a causa — dizem que por ordem do exm.º ministro se fecharam as portas!

Ora esta!... Parece assim uma especie de peça de carnaval, impropria de um dia tão solemne como o de uma acclamação. Seja o que fôr, alli nos achámos por sina que nos leva sem querermos, a presenciar todas as *celebridades*. Nós hiamos, segundo as honras que nos concedem, a um lugar que o exm.º inspector do arsenal real da marinha teve a bondade de nos destinar; mas ao ver tão desagradavel scena, voltamos para outro logar com algumas senhoras acompanhadas por cavalheiros distinctos, que nos deixaram á entrada de uma tribuna onde estava o exm.º sr. brigadeiro Fava, a quem nos dirigimos, e nelle encontramos sempre o mesmo cavalheiro civil, illustrado, extremamente attencioso para com senhoras que mereciam ser attendidas, e que souberam apreciar a sua delicadeza. Collocadas em excellentes logares, algumas senhoras não sentiram a falta de logares nas obras publicas, mas sim a

das attenções devidas. Nós não podemos atribuir este incidente senão a algum equivoco do guarda da porta, aliás homem muito honrado, porque sabemos quanto são de cavalheiros attenciosos e pulidos os exm.os ministro Fontes, visconde da Luz, e Ernesto de Faria, e nem temos tido occasião de nos informar-mos ainda de qual foi a verdadeira causa deste imprevisto acontecimento. Entre tanto as inpressões desagradaveis que elle occasionou devem desvanecer-se nas almas generosas e boas que não sabem reservar quezilias, mas sim perdoar faltas, quaesquer que fossem as que em dia de tanto regosijo foram perturbar a paz e alegria de seus espiritos; mas nós julgamos ainda isso um triumpho, uma palma concedida ás damas, collocando-as na posição superior de ter que perdoar a uns, e louvar outro com os mais sinceros ellogios: Este é o exm.° sr. Fava, a quem tributamos nossa amizade ha muitos annos, e hoje, e sempre as nossas considerações e louvores.

D. A. G. PUSICH.

QUADRO SACRO.

Conselho e sentenças pronunciadas pelos perfidos judeus contra Nosso Senhor Jesus Christo Redemptor do mundo.

Eis o titulo magestoso da obra mais primorosa que sahio dos prelos lithographicos de Portugal; sublime pelo assumpto, e pela execução artistica. Um quadro representando o julgamento de Christo Nosso Redemptor, devia ser desenhado com a maior perfeição e esmero; eis o que vemos no quadro magnifico; o qual merecendo os maiores elogios da imprensa periodica, o accolhimento e enthusiasmo do publico, honra o artista que tão habilmente desempenhou aquelle desenho; e honra quem teve a lembrança de publicar em Portugal tão grandiosa obra. Louvamos o alto pensamento e louvamos a execução.

O sr. Deziderio Marques Leão possuia uma preciosidade lithographica do seculo passado, e conseguio offerecel-a aos portuguezes, confiando ao sr. L. Maurim o original que foi copiado e engrandecido com engenho e arte. A concorrencia das assignaturas foi numerosissima, e extrahidos rapidamente milhares de exemplares, teve o edictor de proceder a segunda edicção que ao presente se publica em Lisboa, com o mesmo feliz resultado da primeira, por que os portuguezes são por excellencia christãos; e o Quadro Sacro é um monumento de religiosa piedade que attrahe todas as attenções, e todos os corações não corrompidos do maligno contagio da immoralidade e herezia.

E' um serviço importante que se fez á moral publica é uma historia sagrada para todas as intelligencias; é representar ao vivo esse tremendo julgamento do Salvador; accordando a nossa compaixão por sens injustissimos tormentos, e o nosso amor. a nossa gratidão recordando o quanto o Senhor por nós padeceu, qnanto lhe devemos, e qual o exemplo qne nos offereceu; a Lei Divina que nos legou, proveitosa lição! o Altissimo premeie aquelles que enriqueceram Portugal com esse precioso thesouro, e todos os que por algum modo concorreram e concorrem para que se espalhe no reino fidelissimo tão proveitosa obra.

Depois da recommendação de todos os nossos collegas, não carecem da nossa; porem nós não podemos deixar de offerecer estes sinceros louvores como justa coroa do verdadeiro merito.

D. A. G. PUSICH.

A PATRIA.

Nova illustre e utilissima publicação — *A Patria* — Jornal distincto apparece honrando o tribunal da imprensa como advogado independente do paiz, e não como defensor de algum partido politico. O saber, a independencia do caracter, os brios portuguezes que tanto enobrecem os seus illustres redactores, reflectem n'aquella folha, escripta por mãos de mestres.

Aqui não tecemos um louvor a quem não os precisa, nem deseja, posto que esses louvores sendo uma justa homenagem ao merito superior, devem acceital-os porque lhes pertencem, o nosso fim é saudar a nova apparição d'esses genios sublimes no campo do jornalismo; assomando com uma gloriosa divisa — *A Patria*! — Seus nomes! Não precisamos dizel-os, elles se revelam nas suas obras. Esse monumento de luz que os genios da litteratura erigem a Portugal no começo de um novo reinado, honra o monarcha o paiz e os auctores da obra magestosa.

Mais uma prova do estado de decadencia das letras em Portugal, nos offerece esta publicação que para se realisar foi preciso o generoso auxilio de nossos irmãos brizileiros! A estes cabem os maiores elogios, os maiores agradecimentos da imprensa de Portugal: e deve esta grandiosa e philantropica acção servir de estimulo aos portuguezes para concorrerem a imitar tão nobre exemplo, cumprindo aliás um dever sagrado, qual é o de sostentar as emprezas de utilidade e gloria a esta nossa terra tão escaça de meios, tão rica de genios!... Escaça de meios porque os partidos politicos tem exhaurido os cofres, diminuido as forças, dividido a nação, abafado os brios; e causado mil damnos que experimentamos, e que a illustração tracta com energia de remediar. Graças ao Altissimo que a terrivel influencia da politica devastadora vae desapparecendo; e Deus afaste de nós e de todo o mundo civilisado a cholera politica, como a cholera morbus. Hoje aproveitando a melhor educação e o melhor exemplo de um pae extremoso, e verdadeiro amigo dos portuguezes, seja a politica illustradora aquella que mereça as attenções do illustrado monarcha, a paz, a união entre os portuguezes que foram tão exemplares, tão fortes, e ditosos quando unidos!... Eis a politica do novo Jornal — *A Patria* — a instrucção — a moralidade — a paz, — a união — a prosperidade — a gloria desta naçao, fulgem no seu programma! Lêde este; lêde a saudação ao rei, a voz da *Patria* ao povo portuguez, apreciareis a excellente obra pela excellencia dos principios que ella difunde.

Por esta occasião saudando a *Patria* dâmos cordeaes parabens ao rei, a esta nação, e os mais sinceros e devidos agradecimentos aos illustres brazileiros que sempre benevolos e promtos escutando a voz dos portuguezes, concorrendo a suavisar todos os males que os opprimem, como ainda ha pouco fizeram na sua exemplar beneficencia em favor dos habitantes da nossa ilha da Madeira; e em outros muitos casos; agora, como sempre, sollicitos se empenham em proteger a cultura das letras; animando com o seu auxilio as emprezas gloriosas que mais podem honrar, e engrandecer Portugal.

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:

Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:

Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 12 — NOVEMBRO 1 — 1855.

GLORIA A DEOS, PAZ Á TERRA.

Eis o brado que do intimo do coração erguemos hoje, ao ver completado o triennio desta humilde folha que fundámos, e temos redigido em honra de Deos e proveito do proximo; porque o nosso tem sido unicamente a satisfação de ter podido prestar algum pequeno serviço á Santa Religião que professamos, e á terra em que vivemos e que tão devéras presamos. Com que sacrificios se escreve neste paiz e se consegue sustentar e acreditar uma folha, sabe-o quem entra nesta espinhosa carreira, sabe-o quem conhece o atrazo das letras em Portugal, e a falta de protecção que desanima tantos genios ao ensaiar os primeiros vôos errantes; e muitos se perdem na escuridão, prejudicando a nação, porque esses que deixam de escrever tomam outro meio de vida, ás vezes fatal á patria que não soube aproveitar as boas prepenções de seus filhos.

Vencer ou morrer foi sempre a nossa legenda nos combates: por isso, e mais do que tudo por que Deos nos tem valido e os bons nos tem comprehendido; com este segundo jornal que temos creado, alcançamos a convicção de que as obras escriptas com boas intenções, e reflexão, os jornaes que souberem collocar se em segura posição, hão de vigorar e pelo menos contar um triennio; já não morre moço o que acabar depois de tres annos; leva a palma do martirio, e a corôa do triumpho.

Com estas expressões não queremos louvar nossas fadigas, queremos animar os que desanimam, ou os que nos succederem; queremos sim mostrar que a protecção não falta a qnem busca merecel-a.

Nesta occasião rendendo mil graças a Deos por se ter dignado conceder-nos vida, forças e luz; dirigimos os nossos cordeaes agradecimentos aos illustres protectores e assignantes desta folha, que por sua benevolencia, e ardentes desejos de promover o culto divino, a moral e instrucção dos povos, tem concorrido

com seu generoso auxilio para a conservação desta empreza, depositando em nós sua benigna confiança, que julgamos não ter desmerecido; quanto á vontade tem ella sido, é, e será sempre a de acertar; se as luzes do entendimento não nos esclarecem tanto quanto desejamos, seremos desculpada, e quando senão premeie com a approvação o talento, premei-se a boa vontade, e os esforços que se empregam para conseguir justos fins.

Longa tem sido a segunda serie deste jornal; e nem a podemos ainda hoje concluir, porque a afluencia de imprevistas occorrencias attendiveis, interrompendo a continuação de algumas obras começadas nesta serie, e que devem com ella ser concluidas, fazem que se prolongue por mais algum tempo.

Se a morte não terminar nossa carreira litteraria, se as forças não se extinguirem de todo, continuaremos a empregar o resto de nossos dias nesta honrosa lide; contando com o favor de todos aqnelles que desde o principio nos tem animosamente coadjuvado.

No fim desta serie teremos a satisfação de publicar os nomes distinctos de nossos assignantes; não contaremos centenares, alli não avultará a quantidade, mas sim a qualidade. Poucos, e os melhores. O que hade mais respeitavel, os que mais representam na sociedade, temol-os nós, quem os quizer merecer, concorra com o seu contingente para a grande obra da verdadeira civilisação que é O Christianismo, difunda nos povos suas doutrinas e o suave perfume da moral, busque a luz que alumia e não queima; chegue-se ao bons e será d'elles; não entre no campo do raciocinio sem raciocinio, não queira ser genio se não tiver genio, e nem busque a luminosa carreira das letras como um *modo de vida*, que será o modo de se perder, encare-a só como sagrada missão, glorioso apostolado; trabalhe pelo bem dos outros, e não para si. Deus a sua luz, a rasão, o seu norte, e uma eternidade de gloria toda a sua ambição.

Assim intendemos sempre dever marchar, e sem guia humano temos podido atravessar estes ermos cheios de abrolhos, mas graças a Deus, e a esta nação briosa por excellencia, graças aos bons de todas as classes e partidos, que para nós não conhecem essas differenças, como nós não as conhecemos para os estimar e louvar; escrevemos, e sem nos prendermos a terrenas considerações, deixam livres nossos vôos, e nos animam com a sua confiança!... é esta, depois do favor de Deos, que nos tem feito e fará prescindir ate de nossos proprios interesses, deixando de os demandar onde os temos em terra estranha, para consagrar a esta que é nossa, o nosso amor, nossos filnos, a nossa penna, e a propria existencia.

D. A. G. PUSICH.

A SUA MAGESTADE O SENHOR D. FERNANDO 2.º NO FAUSTISSIMO DIA DO SEU NATALICIO, — 29 DE OUTUBRO DE 1855.

SAUDAÇÃO E LOUVOR.

Onde quer que eu viver com fama e gloria
Levarei teus louvores na memoria.
(Camões).

Salve Fernando! A aurora que dictosa
Em Teu Natal raiou,
De ha muito, sempre grata, luminosa
Aos olhos meus brilhou!

De ha muito, vate humilde, em verso rude
Pintei quadro immortal!...
Teu Nome, como exemplo off'recer pude
Ao nobre Portugal:

Mostrei que, o Macedonio conquistando
Foi grande; e tu maior!...
Elle imperou, nações escravisando;
Tu reinas por amor:

Um povo livre te respeita e adora,
Que o sabes, merecer,
Bemfeitor, pae, amigo, exulta agora!
E' teu, sempre o hade ser!

E's nosso; e tua a patria que adoptaste,
Dizel-o é justo, oh! sim!
Nas geraes simpathias que inspiraste
Terás gloria sem fim.

Anjo no coração, sabio entre os sabios,
Ao teu dever fiel,
Fiel a Deos e ás leis; nunca teus labios
Palavras tem de fel!

Dos tristes portuguezes lamentando
A discordia infeliz,
Igual no amor com todos; vaes doando
Venturas ao paiz.

Louvor te cabe, que a missão podeste
De amigo e pae cumprir!
Na excelsa educação que aos filhos deste
Douraste o seu porvir.

Louvor te cabe, porque da sciencia,
Das artes protector,
A agricultura presas; e á indigencia
Ampára o teu favor;

Louvor te cabe, n'esse monumento
De Cintra perfeição!
Onde braços animas c'o o sustento;
E dás lustre á nação;

Louvor te cabe na instrucção do povo;
No mando teu de paz:
Nos louros mil que por systhema novo
Sem mancha fruiras!

E mais alto louvor inda te cabe
Na historia das nações!..
Hade o Teu Nome honrar, quem honrar sabe
As cinzas de *Camões!*

D. ANTONIA GERTRUDES PUSICH.

Sr.ª redactora.

Pela presente circular me dirijo hoje a todos os dignos representantes da imprensa periodica da capital, pedindo-lhes a sua cooperação, para mais certo e rapido desenvolvimento da Instrucção Primaria.

Cinco annos de provas numerosas e incontrariaveis tornam já inconcussa a superioridade do methodo portuguez; superioridade que mesmo á priori se descobriria a qualquer espirito pensador. O que a theoria annunciava, confirmou-o a experiencia: o methodo Portuguez é um progresso, é uma facilitação para todos os progressos; é o vapor e a eletricidade para a communicação dos intendimentos; é a luz para todos, de todo o tempo invocada pelos corações justos, exegida pelo espirito do Christianismo, requerida pelos philosophos, suspirada instintivamente até pelas populações mais ignorantes e silvestres; e com todas estas excellencias, e com tantas outras, moraes e sociaes que a recommendam, esta não direi reforma de ensino, mas primeira plantação de verdadeiro ensino, não pede ao Estado rios de ouro, como essencialmente o necessitam quasi todos os outros beneficios. Se se não dá gratuita, como a luz do Céo, é pelo menos, certo que induz em menores despezas de numerario, de trabalho e de tempo, que o illusorio ensino, a que é vergonha que ainda hoje, esteja disputando a primazia,

Se exceptuarmos a resistencia da inercia, a guerra surda de mal intendidos interesses particulares, e as chocarrices irrespondiveis de maledicos de profissão, o methodo por-

tuguez não avista um unico adversario; se um ou outro apareceram a principio no campo da discussão, em breve e com grande credito seu desestiram da contenda.

E' já quasi a paz, mas não é ainda a posse, o usofructo, o direito de cultivar e beneficiar em grande, como o interesse geral o exigia. O methodo portuguez corre a segunda phase da sua existencia, como innovação e innovação util, fora perseguido, está sendo tolerado; para que passe d'este segundo e ignominioso periodo ao terceiro e ultimo, que lhe hade coroar o martyrio com a canonisação, é que eu hoje recorro mais instantemente á força moral, na carencia em que laboro, de forças directas, energicas e mais rapidas,

E' para isso que sollicito os Reis, as Princezas, e os grandes a irem reconhecer por si mesmos as escholas novas, e averiguada a bondade dellas, a darem testemunho do seu convencimento, fundando e mantendo outras similhantes, apoz os chefes vão sempre as turbas, que ainda não apprenderam a marchar sós: é para isso tambem que eu supplico ás altas corporações scientificas á Academia Real das Sciencias, e á Sociedade das Sciencias Medicas, que estudem o methodo na theoria e na pratica; que o julguem imparcialmente em todas as suas relações, physicas, intellectuaes, moraes, sociaes; é para isso que já por duas vezes implorei ambas as casas do Parlamento nomeassem Commissões de inquerito, que as houvesse de illustrar n'um assumpto tão da sua competencia legislativa, e de todos os pontos politicos o mais politico; é ainda para isso que eu convido a Associação dos Professores, como de peritos, a darem voto franco e livre na questão; e as mais Sociedades promotoras de melhoramentos, e que tem experimentado o ensino racional e humano em escholas suas, a apresentarem perante o publico os factos e em face d'elles, as suas convicções; é finalmente para isso, que ouso contar Senhores Redactores, aqui não direi, com a vossa benevolencia de amigos para comigo; mas com a vossa consciencia de influidores e guias da opinião, com o vosso zelo de patriotas e liberaes.

Onde ha ahi força moral verdadeiramente ampla, arrebatadora, irresistivel sem a grande publicidade? A grande publicidade depende de vós.

Ouso portanto, esperal-a para os documentos solemnes que vos eu enviar comprovativos da utilidade do methodo portuguez.

Mais alguma consa pertendo, a tanto me auctorisa o vosso caracter, que em logar de vos limitardes a publicar testemunhos de opiniões alheias em materias de tanta monta, e em que vós mesmos podeis tambem sentenciar, vos habiliteis por exame vosso, proprio e pessoal, n'umas e outras escholas, para sahirdes da turba dos espectadores indifferentes; e vos collocardes do lado em, que vejaes a superioridade da razão.

Da vossa extremada cortezia fio que não só admitireis desde já esta carta nas vossas paginas, mas que n'uma ou duas linhas me affianceis ambos os favores, o da publicação dos documentos, e o de intrardes activamente na questão.

A' imprensa periodica do restante do Reino sem distincção de parcialidades, e sem attenção a precedentes, peço igualmente, e em nome do publico interesse, os mesmos ser-

viços. A ella como a vós, já d'aqui os agradeço cordealmente.

Tenho a honra de ser, senhora redactora do jornal a *Beneficencia*, vosso respeitoso venerador e servo.

Lisboa vinte e nove d'Outubro de mil oitocentos e cincoenta e cinco.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Em resposta á precedente honrosissima carta, dizemos; ao nosso prezadissimo amigo, e exm.º sr. Antonio Feleciano de Castilho, que póde s. ex.ª dispor das paginas da *Beneficencia*; e contar com a nossa constante coadjuvação; nem julgamos precisa esta declaração para quem sabe fazer justiça ao nosso caracter; todavia é mister que publicamente se manifestem as opiniões, e se conheçam de que lado estão os amigos, e de qual os adversarios, se ainda os póde haver como raras excepções entre os homens illustrados; que mesmo em tal caso terão o heroismo de depor as armas convencidos com as provas. *Ver e crer*, mas vejam e deixem ver, pois embaraçar o progresso de uma empreza não acredita os que mostrando-se contrarios não combatem no campo do raciocinio e da legalidade.

Falta-nos hoje espaço para melhor expendermos as nossas rasões, fracas, ou não, ellas são nossas; não deixaremos de proseguir, nem deixará de apparecer agora ao brado forte da intelligencia, vivendo ainda, aquella que foi a primeira a pedir um methodo novo e facil, aquella que ao apparecer o methodo portuguez tomou a iniciativa e o auxiliou, só por muito tempo, na imprensa, e sempre ao lado do illustre autor tem comparecido em todas as occasiões solemnes, e solemnemente protestado a sua coadjuvação, e dedicando a s. ex.ª as collumnas da *Assembléa Litteraria* — e da *Benificencia*.

Convencida ainda, e cada vez mais pelas provas, assim como soubemos ser o primeiro, e decidido combatente, quando preseguido, seremos hoje em seu julgamento no tribunal da imprensa, um dos mais fieis advogados do — *methodo portuguez* Castilho:

E quando já vencida a longa estrada
Repousares em paz,
A' sombra de teus louros recostada
Comtigo me verás.

(Benificencia n.º 5 2.ª serie).

D. A G. PUSICH.

A VERDADE SEMPRE.

Não devem passar desapercebidos certos acontecimentos cuja publicação é um dever do escriptor publico desligado das prisões de partidos, e que só tem por fim a ordem, o bem do paiz. Um destes casos que se pertendem abafar no silencio das trevas, para não apparecerem á luz da sociedade cercados de horrores alguns sêres que só querem figurar com os esplendores de terrenas grandezas e enganosa *philantropia*; e porque não agrada a muitos que se dê grande importancia ás acções nobres, e aos triumphos de algum *pequeno*; é justamente o que vamos referir, em poucas palavras, com verdade e sem po-

litica, mas sim usando a cautela de occultar os nomes dos que possam neste drama representar papeis odiosos; e sómente faremos apparecer á scena aquelles que desejamos corôar de justos applausos. Assim entendemos cumprir a espinhosa missão de quem escreve para moralisar, e deve por isso castigar o vicio, exaltar a virtude, levar ao conhecimento dos que mandam, e dos que obedecem os exemplos que possam aproveitar-se, para que uns ponham termo a injustiças e perseguições iniquas, e outros não desanimem no meio dos trabalhos de vida, certos de que seguindo o caminho da virtude, soffrendo com paciencia, e esperando em Deos, hão de triumphar cedo ou tarde, e supplantar a intriga e a preponderancia. Eis o que succedêo ao sr. Antonio Vidal Salgado.

Servindo como empregado publico intelligente, e exemplar, foi perseguido a ponto de lhe tirarem seus empregos, seu nome, e de o obrigarem a tomar de uma enxada para lavrar a terra, e ganhar o sustento a sua infeliz consorte, e seis filhinhos; ajudado por sua esposa que mondava a erva com dois filhinhos que tambem se esforçavam, empregando seus tenros braços nos mais rigorosos trabalhos do campo!..

Os tempos virtiginosos déram logar a tão injusta perseguição. O sr. Salgado no exercicio de seus deveres fôra prender um sr. barão; a este faltou um rico relogio na occasião de sua prisão, e logo sem o menor escrupulo infamaram o digno empregado publicando os jornaes do partido do barão, que o dito empregado roubára o relogio!... Attenção. O relogio pesou na consciencia de quem o roubou (que era correligionario e amigo do barão, e de muitos alli encontrados que se evadiram, só aquelle ficou no gabinete do barão) e indo confessar-se, appareceu lançando-se aos pés do genro do barão, com as mãos postas e nellas pendurado o relogio, confessou o roubo para que restituido o relogio a seu dono, este restituisse o credito ao calumniado; qual!.... Muitos tempos depois deste facto, é que o infeliz refugiado em casa de um honrado lavrador, onde trabalhava como dissemos, soube do occorrido, e exigiu que se publicasse n'um jornal a verdade, para desafrontar o seu nome; isto se fez; mas não sem espirito de partido, onde só a religião, e a honra deviam apparecer; por quanto ao declarar-se que o sr. Vidal não fôra o culpado nem por modo algum tivesse parte no roubo; dizia-se que fôra prender o barão por se ter *offerecido para o agarrar*!..

Restituido o nome, faltava-lhe o pão que lhe haviam tirado; agora elle o roubado! Emfim, á custa dos maiores sacrificios veio a Lisboa e aqui se achava com sua familia! Nós o vimos no corredor das côrtes! que dó tivemos da sua tristissima situação!.. Requereu em vão muitos mezes, venceu o ser proposto em primeiro logar pelo benemerito procurador da corôa para seu amanoense, por que no sr. Vidal concorriam todas as habilitações que lhe davam a preferencia; e um magistrado recto, inabalavel no cumprimento da justiça, como é o exm.º sr. Ottelini, por certo nao cedia aos grandissimos empenhos que se oppunham á nomeação o sr. Vidal.

Em quanto se debatiam os direitos da força, e a força dos direitos, o sr. Vidal triste victima da preponderancia e odios politicos, gemia na indigencia, e finava-se, despedaçado

em sete partes o coração!.. A esposa virtuosa e seis innocentes filhinhos socumbiam opprimidos pela mizeria!...

Imagine-se o estado destes infelizes, sem cama, sem roupas, e sem pão!... A sua desgraça foi notoria, e eis a beneficencia de tantas almas boas a soccorrel-os!

Foram os seus bemfeitores Sua Magestade o sr. D. Fernando, o exm.° sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, algumas outras pessoas a quem recorreu no seu infortunio, e um grande numero de pessoas de todas as côres politicas em Castello Branco; mas o que mais se distinguiu neste caso, é dever e estimamos dizel-o, foi o sobredito sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, ministro do reino, tomando tanto a peito este negocio, que não só com avultadas sommas soccorreu aquella familia desvalida, mas tambem resistindo a todos os empenhos attendeu só a rasão, a justiça, a humanidade; e venceu que no dia 10 do mez proximo findo sahisse despachado o sr. Vidal para o logar proposto, e com o mais honroso decreto de Sua Magestade.

A honra, a intelligencia, a justiça, a humanidade triumpharam! Graças devem render ao Altissimo; e nós com muito prazer, em honra da verdade, publicando este facto, dirigimos os mais justos e cordeaes parabens ao vencedor; e os maiores elogios a todos que se empenharam em favorecer a causa desta opprimida familia; principalmente o sr. ministro do reino, a quem tributamos nossa amizade ha 27 annos (livre de toda a politica) e hoje com mais satisfação, os nossos louvores.

D. A. G. PUSICH.

DOIS MYSTERIOS.

(Continuação do n.° 37.)

Se os primeiros versos opperaram algum prodigio no coração de Irminia, os segundos conseguiram mais em Edgard.

Os loucos e os amantes são assim na maior parte; nem o amor desordenado é menos que uma loncura. A's vezes aquelle que não cede aos maiores excessos de ternura, move-se ao mais leve aceno de desesperação, ou despreso de suas amantes; parece que tem por gosto fazel-as ultrapassar os limites do soffrimento.., (outro indicio de loucura). Edgard conhecia a que excessos poderia condusir o amor e o decoro offendidos; e temeu os resultados, nem poude resistir á idéa de ser aborrecido ou despresado de Irminia; elle que lhe fugia em quanto a crêo amante extremosa! — Parece que o espirito deabolico de contradicção se entroduz na mente dos taes sujeitinhos!

Não me arrependo de ter pintado um crime para conseguir uma reconciliação tão justa.

Foi um aviso que aproveitou a quem o comprehendeu.

Os meus versos foram ter ás mãos de Edgard; leu-os e precipitadamente saiu de sua casa, dirigindo-se aos logares onde vivia Irminia. Eram 5 horas da tarde do dia 21 de Fevereiro de 1840, a noite começava a surgir tempestuosa, o relampago de instante a instante rasgava o negro manto de espessas nuvens que se aglomeravam no horisonte, e o sul com furioso impulso abalava as arvores, e assanhava os mares. Junto ao aposento de Irminia um mocho piava, e seus descompassados sons opprimiam-lhe o

coração, que batendo ancioso parecia annunciar-lhe alguma estranha nova! Um gemido se ouviu proximo ao portão da quinta; e logo bateram tres pancadas, iguaes áquellas com que Edgard costumava annunciar-se. Um grito de Irminia chamou a nossa attenção; fomos todos — Irminia, eu e os inseparaveis amigos á porta; ao abril-a vimos o desgraçado Edgard caido por terra que parecia moribundo. « Oh! o meu sonho » bradou Irminia, o meu sonho!... Edgard meu Deus está morto!...

Conduzimos o infeliz ao leito nupcial; onde lhe prestámos todos os soccorros. Tornou a si do desmaio, mas não dêo signaes de juizo, conhecemos que estava alienado; e com a maior cautella se chamou o medico para lhe ministrar os remedios convenientes. As primeiras palavras que Edgard proferiu foram estas: Irminia, minha querida, não me odeis, não queiras matar-me, eu amo-te, muito, muito, mas teu marido, esse phantasma, persegue-me, e Deus não quer a nosso união!...

— Socega meu amigo, o amor, o ciume fizeram-me desesperar, perdoa, disse Irminia abraçando-o, porque me fugiste?

— Por causa d'elle, não o vês? oh! Irminia elle é muito cruel! esse fantasma o que tem com os vivos?.. o que tem comtigo?... tu... és minha não és d'elle, dize não é assim?... e Deus quer que nos amemos?

— Sim meu Edgard, Deus quer que eu seja tua, só tua, respondeu a pobre Irminia soluçando.

Não chores, estou tranquillo, és minha, e eu sempre fui teu, só teu sempre o serei, abraça-me, deixa que elle nos veja unidos, e fuja... abraça-me. Não me abandones Irminia, sê minha amiga, muito.. muito... sempre.

Assim Edgard luctava com o amor, e os receios.

Alguns mezes teve ainda muito ditosos na companhia da sua amante; mas tornou a sentir-se mal, e um dia melhor, outro peior, foi vivendo até que extinctas de todo as forças, caiu n'um total desfalecimento. A febre o devorava, o fastio o consomia, e em poucos mezes socumbiu á força de sua ardente imaginação, e de sua excessiva paixão! Morrêo na flor dos annos, quando mais dictoso podia viver!

« Foram-lhe algozes
Os seus extremos:
Mortaes amemos,
Mas não assim. »

(BOCAGE.)

Continua.

D. A. C. PUSICH.

EXPEDIENTE.

Pedimos desculpa ao nosso illustre correspondente de Bragança, o illm.º sr. Claudino Augusto Cesar Garcia, por não termos ainda publicado a discripção das festas reaes que tiveram logar naquella cidade; o qne faremos com a possivel brevidade, conforme os limitados espaços desta folha.

Recebemos e agradecemos cordealmente o n.º 21 do novo jornal Portuense — *Pedro Quinto*. — Desejamos que o seu magestoso titulo seja o pharol que benefico e luminoso guie as patrioticas intenções de seus illustres redactores.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na lojá do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 43 — NOVEMBRO 15 — 1855.



O dia 15 de Novembro desponta no horisonte funebre e melancolico! O rouco som da artilheria acordando so portuguezes vae rasgar em tantos corações profundas feridas que a Mão de Deus suavisa derramando o balsamo precioso dos Ceus; porém que o tempo não poderá sanar!

Honras fataes! O troar do canhão, o dobrar dos sinos, repercutindo no mais intimo do peito, alli encontram seus éccos!... E desses éccos repetidos lamentos, ais concentrados se despedem e sobem á eternidade, onde o Altissimo os recolhe no seu Divino Seio Paternal!... Vamos!... que tambem a morte nos enluctou! Sim, vamos cumprir um dever sagrado, renovar a expressão de verdadeiro sentimento, aos contristados esposo, filhos e parentes da Augusta Finada! Jámais nos prazeres e galas, sempre na angustia e no lucto encontrar-nos-hão! Porque soffremos, sentimos suas dôres, choramos seus prantos, e oramos com fé, com esperança e com amor!...

A Suas Magestades e Altezas acompanhamos devéras na solemne e tristissima recordação deste dia; e em respeitosa homenagem á virtuosa Rainha, vamos consagrar nossas orações á sua alma, porque as oblações na morte valem mais que os maiores louvores na vida.

Em paz eterna o Senhor lhe conceda os infinitos bens de perpetua gloria.

TRISTE RECORDAÇÃO.

Mais uma saudosa recordação!.. Ainda mais orações e lagrimas sobre um sepulchro!... O dia 8 deste infausto mez não raiou brilhante a nossos olhos! Eram 3 horas da manhã e em nosso coração um profundo sentir annunciava a hora fatal e o dia

em que na terra perdemos um verdadeiro amigo, e alcançamos no céo um protector!

O dia 8 do corrente marcou o primeiro anno depois do fallecimento do exm.º arcebispo de Palmira D. José Maria Torres; por isso em memoria desse dia, offertamos a seus bons e saudosos irmãos os protestos de nossos sentimentos, e constante amizade; juntamos ás suas, nossas lagrimas e ardentes orações, crendo e esperando que o todo Poderoso conceda á alma do virtuoso prelado o descanço inperturbavel, os jubilos e a gloria da eterna bemaventurança.

SAUDADE!...

Oh! que saudade tão intima, tão verdadeira esta que vamos collocar sobre um dos mais cáros, mais respeitaves sepulchros! O nosso coração não tem forças de expressar tudo quanto sente!... A nossa dor não permitte livre espaço ao entendimento para que possa voar ás regiões da poesia, e bem alto cantar virtudes, feitos sublimes que enobrecem a terra, deixando nos vestigios da maior grandesa, marcados os passos mais seguros, o trilho mais honroso que a humanidade póde seguir para brilhar na terra e no ceu; convertido o pó em areas de oiro, e o espirito em luminosa estrella; eternisando a memoria de um nome glorioso; resplandecem nas alturas como os raios que despende um brilhante planeta! Ai dos que te perderam!.. ai de nós, que nem sequer podemos nesta hora solemne de angustia vibrar as cordas da lyra para te enviar um sôm!... Desses que na terra ouvias, e te eram gratos! Prende-os a magua acerba e recente que nos fére o peito! As cordas do coração vibram com maior vehemencia; e são nossos ais os mestos sons que desprende e a ti vôam! Escuta-os!... recebe-os, ora por nós e pelos teus ao Supremo Creador, que a si te chamou para augmentar a gloria do seu reino com mais um justo. E a terra que deixaste sente a tua auzencia, como a auzencia de uma luz que lhe doirava as trevas! Oh! saudade!.. Quem te faz nascer em nosso coração? E' o nobre e virtuoso conde de Villa Real! Quem vae depositar-te em seu tumulo? A amizade mais fiel, e verdadeira!

Viceja sim, viceja nesse logar de morte, esse campo da igualdade ultima habitação dos despojos mortaes, que vaes acompanhar! crescerás e te reproduzirás no peito onde nasceste, e onde ficaram profundas tuas raizes!

Lagrimas da amizade regae esta saudade, e juntae-vos em copiosa torrente áquellas dolorosas lagrimas que derramam os filhos, os parentes, os amigos mais queridos e mais extremosos do fallecido conde!

O seu grande nome traduz seu preclarissimo nascimento, e preclarissimas virtudes, traduz o merito mais elevado; a fama o apregoa e encherá com sens justos louveres o universo; os presentes o respeitam, os vindouros hão-de acatal-o e veneral-o! Nós só podemos choral-o, amal-o ainda! amal-o sempre, e consagrar-lhe com esta saudade um eterno monumento da mais grata memoria.

Alma illustre e virtuosa! recebe nossos puros sentimentos, e em paga delles, em troca destas lagrimas, desta saudade que te offerecemos, como prova de nossas antigas affeições, dá-nos a tua protecção. Ora

por nós a Deus quando orares por teus filhos.

A's exm.as senhoras, e ao exm.o sr. filhas e filho do exm.o sr. conde de Villa Real, assim como a todos os seus parentes, sinceramente acompanhamos em sua justissima dôr, que tambem é nossa.

Em o n.o 37 desta folha (2.a serie). implorámos ao governo e a S. Em.a as Preces ao Altissimo, para que se dignasse afastar deste reino e suas ilhas o flagello da peste: ao governo e a S. Em.a em nome deste povo, agora que se ordenaram, agradecemos esta prova publica de devoção que tanto anima e consola os animos abatidos e aterrados que tremendo com o receio de ver mais terriveis os golpes da justiça divina cairem sobre a terra, onde os templos se fechavam na maior das calamidades, hoje recorrendo a Deus, e vendo que as authoridades dão o exemplo, confiam que o Senhor ouvindo piedoso as unanimes supplicas desta nação, suspenda esses justos castigos, derrame sobre os fieis as inexgotaveis torrentes de sua Misericordia, e cesse o flagelo.

AMEN.

REPRESENTAÇÃO E SUPPLICA.

A Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, e aos exm.os presidente do conselho de ministros, e ministro e secretario de estado interino dos negocios da fazenda, imploramos se dignem prestar benigna attenção á humilde exposição que em seguida publicamos, e terminando a causa de nossa justissima queixa façam que triumphe a justiça e a beneficencia.

Tendo empregado todos os possiveis meios para conseguir o pagamento de uma divida sagrada, não podémos jámais obter nem sequer que o ministro da fazenda visse os papeis relativos á nossa pertenção, tendo-nos aliás promettido mandar pagar essa *divida* logo que soube ser um deposito sagrado, pois foi dinheiro nosso entrado nos cofres do estado em Cabo Verde, e pelo mesmo estado acceitas duas letras da junta de fazenda da sobredita provincia, respectivas a esse dinheiro.

Temos requerido esse pagamento ha vinte annos, para mais!... Sempre nos diziam — *que tinha-mos rasão, que era uma divida sagrada, que por força se havia de pagar, que da sua parte fariam quanto estivesse ao seu alcance, pois era de maior justiça esse pagamento, porém que as cortes não tinham ainda decretado somma alguma para satisfazer taes encargos, etc.* Assim esperámos, e até um dos herdeiros morreu, sem ver tal pagamento. Nós sahimos de Portugal já por duas vezes; corremos Europa e parte da Africa, e voltando nada encontrámos feito, além de uma ordem para se entregarem as letras no thesouro, pois se ia tractar do seu pagamento! Isto foi em 1842.

Depois da regeneração e voltando nós da Madeira requeremos de novo, sabendo que outras dividas e algumas menos sagradas se haviam pago; alcancámos em resultado uma ordem em que o sr. Fontes mandava tomar conhecimento do negocio, dizendo ao tribunal das contas (onde se sopunha estarem as letras pela extincção da commissão liquidataria do thesouro publico), que Sua Magestade querendo deferir a nossa supplica ordenava que

o tribunal das contas informasse sobre as mesmas letras, caso ahi estivessem. Tres annos, para mais, esteve este officio sumido nos archivos do tribunal das contas, sem resposta!... Tendo outros afazeres, tendo adoecido á força do cançaço, sol e chuva, e não querendo perder o pouco juizo qûe temos perguntando em vão pelas letras encantadas, que nem no thesouro, nem no tribunal das contas appareciam; entendemos dever descançar da fadiga de tantas escadas, que nos iam matando; essas e outras fadigas foram causa da perigosa doença de que, abaixo de Deus, o sr. dr. Brilhante nos salvou (1). Passados tres annos e meio, e vendo ante nossos olhos novas causas que nos obrigavam a implorar ao governo aquella quantia que nos pertence, e se tornava precisa até á mais urgente necessidade de salvar a vida de um dos herdeiros que se achava em gravissimo perigo, e que ainda soffre muito! (2) (de nós não tractamos); deligenciamos por nossos verdadeiros amigos a apparição das letras, e alfim conseguimos este prodigio!... Appareceram no tribunal das contas; que informou haverá nove mezes (pouco mais ou menos) fallámos ao ministro, este deu-nos sua palavra de pagar, e nos auctorisou a dizer da sua parte ao sr. conselheiro Rosa que lhe apresentasse os papeis sobre tal negocio; assim o fizemos, porém o sr. Rosa disse que bem conhecia a nossa justiça, mas que não podia ir demandar o despacho do ministro sem que o ministro o chamasse, que na primeira occasião apresentaria os papeis. Pareceu-nos isso de razão e esperámos, sempre em vão!... Alguem nos disse que o sr. Rosa era quem demorava o despacho; que parecia não nos ser affeiçoado... (isso foi engano). Alguem nos disse que elle amava a poesia, e entendemos dever dirigir-lhe um memorial em verso. Nada alcançamos; nem a prosa, nem o verso tiveram força de fazer caminhar as letras, posto serem leves como o papel. Isto nos tempos do gaz e do vapor é de estranhar!...

Seja qual fôr a causa deste empate, a verdade é que somos victimas do esquecimento ou dos complicados afazeres do ministro, sendo este um dos mais sagrados, pois é pagar divida, desencarregar o estado, e valer a uma familia a quem tiraram o maior de sua fortuna e reduziram a ser grande só em nome e sentimentos!!...

Quando temos uma lei de liberdade ampla que nos concede o podermos pela imprensa communicar nossos pensamentos, art. 145.º da carta constitucional, § 3.º Quando a mesma lei garante a divida publica e os direitos de queixa representação ou petição. Veja-se o mesmo art., §§ 22.º e 23.º; quando as côrtes decretaram meios ao governo para taes pagamentos, e que o governo os tem feito a outras pessoas; calar-mos nossas queixas e supplicas fôra ate um crime de que seriamos responsavel perante Deus pelos prejuizos que por tal silencio causassemos a nossos filhos.

Agora senhores: eis bem claro á luz da imprensa, aos olhos do rei, do presidente do conselho de ministros, e do ministro interino da fazenda, patente a justa pertenção abafada nas trevas do esquecimento, sumida n'uma pasta de gabinete!... Eis patentes os

(1) V. *Benificencia* n.º 1, 2.ª serie.

(2) Este herdeiro, assás conhecido, teria soccumbido á doença e falta de recursos, se não fosse a generosidade de um dos mais honrados portuguezes, o sr. José Pereira Guimarães, dono da hospedaria Portuense. Facto bem notorio, e notavel, pois succede isto a um militar que serviu honrosos empregos em Azia e Africa onde em serviço do estado perdeu a sua saude!...

soffrimentos dos credores do estado, e bem alto em toda a publicidade levadas ao throno suas queixas e supplicas! A isso nos obrigaram; muito tempo avisámos e mostrámos a resolução em que estavamos se por mais tempo desattendessem nossa justiça e aggravsssem nossos padecimentos. Assim o quizeram, cumpra-se. (3)

El-rei, o presidente do conselho de ministros sr. duque de Saldanha, e o ministro interino sr. Frederico Guilherme da Silva Pereira, ignoram inteiramente este facto; leval-o ao seu conhecimento por este meio, patentear-lhes nossa dolorosa posição, erguer as mais respeitosas supplicas, implorar o prompto pagamento dessa divida, agora nesta occasião de geral calamidade; hoje dia sagrado e sempre lembrado a Suas Magestades e Altezas e aos portuguezes, em honra da memoria da Augusta Soberana, da nação, do seu actual chefe, dos mesmos ministros da corôa, e da caridade que lhes aponta as victimas innocentes de tão injustas demoras e deshumano olvido, imploramos um prompto, decisivo, favoravel despacho, e sem offender o ministro ausente cujas intenções benevolas conhecemos, porém que não crêmos santo para no meio de tão grandes responsabilidades e com duas pastas defficeis lembrar-se de tudo e de todos; confiamos que por meio de um publico memorial seja melhor conhecida a nossa causa, providenciadas rectas medidas, emendado o erro, feita a justiça, e por todos ouvida a nossa respeitosa representação e justissima supplica.

Lisboa 15 de novembro de 1855.

(3) Eis uma prova do que dissemos em o nosso manifesto a El-rei. V. *Beneficencia* n.º 40 — 2.ª série. Outras muitas poderiamos apresentar, mas por hoje basta.

AO EXM.º SR. CONSELHEIRO ROSA, SOBRE AS LETRAS DE CABO-VERDE QUE O ESTADO DEVE AOS HERDEIROS DO EXM.º SR. ANTONIO PUSICH.

MEMORIA.

Quatro lustros e dois annos
Dariam mil desenganos
Até ao mesmo *Jacob*:
Mas quem no Ceu tem esp'rança
Soffre os males da tardança
Com paciencia de Job.

A ti coração de santo
A triste que soffre ha tanto
Um favor implorar vem:
Passados erros emenda,
Dize ao ministro que attenda
A rasão de quem a tem.

Essas letras malfadadas
Já pelos filhos herdadas
Teram de aos netos passar!?
Fôra inaudita desgraça!
Seria a herança da traça
Que as havia desfructar.

Dá um golpe de estadista!
Do ministro off'rece á vista
Os encantados papeis.
Conta o caso em termos claros;
Que a pintal-o... é dos mais raros;
Não acharias pinceis!!!...

Tens saber, tens energia!
Porém quero a sympathia
Do teu nobre coração.
Que pela tua amizade,
Eu não déra só metade,
Déra todo o meu quinhão.

Sim, daria a um desgraçado
Mas não deixaria o estado
Gosar o que não é seu.
E' um exemplo escandaloso!
Deve ser escrupuloso
Cumprindo as leis, quem as deu.

Desisti da paciencia,
Porque tenho a consciencia
De que Deus não manda tal
Ver serviços esquecidos,
Ver nossos bens estorquidos
Tendo leis em Portugal?!

Nada disso, ávante, andêmos;
Pelo estado começemos,
Reclamando o que lá tem:
Não larguemos o thesouro,
Contemos esse desdoiro
Ao Rei, á imprensa tambem.

A tudo estou resolvida;
Que peno á muito opprimida,
E sempre esperando em vão;
Doces promessas ouvindo,
Que o tempo vae desmentindo;
Obras sim, palavras não.

Fizeram-me assim descrente
Promessas de tanta gente
Que illude sem reflectir!
E não se lembram que um dia
Do vil somno de apathia
Hão de as forças reagir!

Abusar não é bem feito!
E' um terrivel defeito.
Da ignorancia ou do rigor.
Nem a ignorancia é já moda,
Nem da tyrannia roda
O carro conquistador.

Mas a esperança não perde
Das letras do Cabo Verde
Quem tudo confia em Deus;
E que animada hoje implora
A um Rei sabio, vença agora
O rigor dos fados meus.

D. A. G. PUSICH.

MENEMONICA.

Domingo 4 do corrente mez tiveram logar no salão do theatro de D. Maria, os ensaios do Systhema menemonico do Illm.° sr. Dr. Aragão. Assistiram muitas pessoas illustres, e entre estas se distinguiu uma de nossas mais altas notabilidades scientificas, o exm.° sr. José Maria Grande.

Versaram os ensaios sobre os seguintes pontos: — *Historia* — *Geographia* — *Botanica* — *Phisiologia* — *Mineralogia* — *Astronomia*.

Não temos por costume exagerar, nem adular. Muito respeitamos o talento superior, mas nem por isso curvamos o joelho, a um sabio por maior que seja, nem cremos cegamente em tudo que elle diz; esta homenagem é devida sómente a Deos. Curvamos a fronte reverente ante o merito elevado, e lhe tributamos nossa admiração e justos louvores: porém não admittimos a pessoa alguma a authoridade absoluta de nos impor a lei de — *crêr cégamente* — em tudo que nos dizem, e os outros querem fazer-nos crer—*por força*.—Nada; não reconhecemos os direitos da força contra a intelligencia por isso queremos *ver e crêr*, como S. Thomé. A nossa fragil rasão quer penetrar os mais altos mysterios da sciencia, é um atrevimento, dirão muitos, deixal-os pensar assim, mas esta é a verdade, e se não o conseguir-mos por falta de grandes forças intelectuaes, resta-nos a grande força da vontade; e esta ás vezes consegue milagres. Deus pode mais que os homens, isto é inegavel, e todavia os homens ousaram pertender levar seus conhecimentos ás mais altas regiões celestes; e se tudo não alcançam ao menos conseguem alguma cousa de extraordinario. Não entendemos pois offender os grandes sabios imitindo nossa humilde opinião sobre suas obras; se é um atrevimento releve-se este arrojo, esta liberdade poetica.

Diremos pois alguma palavra ácerda do systema menemonico do sr. dr. Aragão. Não o comentaremos miudamente, mas francamente manifestaremos o nosso humilde parecer; como já publicamente fizemos na occasião em que presenciamos os ensaios; e tivemos a satisfação de ver muitas pessoas eruditas de nossa opinião.

Rendemos sincera homenagem aos conhecimentos profundos do sr. Aragão, admiramos os resultados felecissimos daquelle ensino; e estamos in-

timamente convencida de que é um importantissimo serviço feito ás sciencias, prestando-lhes um poderoso auxilio, para que estendam o seu luminoso imperio a todas as intelligencias e edades; para que facilitem o seu curso, para que obtenham um progresso rapido, prosperem e se sustentem nos dominios da intelligencia. E' um novo prodigio da illustração.

Nos tempos das navegações a vapor e dos telegraphos electricos, não podiam nem deviam os genios altivos deixar de procurar os mais efficazes meios de obter a mais prompta civilisação dos povos.

O exm.º sr. José Maria Grande, honrando cada vez mais o seu profundo saber, tambem rendeu homenagem ao sr. Aragão, e approvou a sua obra: declarando porém que a menemonica não éra a sciencia; era um grande auxilio da sciencia.

No mesmo sentido fallou o sr. commendador Tavares, prior da freguezia de Santa Izabel, (este sr. aconselha sempre moderação nos vôos do genio) e outro cavalheiro distincto das Ilhas dos Açôres.

Será tempo emfim de cessarem as injustas perseguições que um genio máo tem movido contra os homens de talento superior; se elles tem alguma qualidade que desagrade ou não convenha, comparem esse defeito com tudo o mais que tenham de util e bom, e vendo que a sociedade ganha, e a humanidade folga acolhendo-se no seu gremio esses genios beneficentes e illustradores, procurem os que mandam, os meios de conseguir os melhores fins, evitando as causas dos excessos que desagradam. Estes excessos são filhos do genio; o genio tem fogo e luz como o sol: resalta e despede ardentes faiscas, e lança de si esses raios e particulas ardentes que o céo lhe dêo como qualidade esce ncial e propria; e os effeitos são os mesmos do grande fogo que se pertende apagar com uma pequena porção de agua, ou no qual se lança polvora. Exigir moderação nos grandes genios contrariados fora um absurdo, um impossivel, cessaria de ser genio o que tivesse moderação em casos de grande conflicto. Protejam-lhes os vôos, mostrem-lhes o campo onde convem que se demorem, e deixem-lhes livre o espaço, que elles não excederão; tem brios de sobra para serem generosos, e gratos; sabem tambem sacrificar-se, e muito, aos deveres que a sociedade ou a politica dos governos impoem á intelligencia.

Temos ouvido barbaridades até proferidas por homens civilisados, que nos espantam, e fazem cada vez lamentar mais a cegueira de alguns poderosos!.. Poderosos porque tem riquezas ou grandesas sociaes. Fracos, fraquissimos, pobrissimos de rasão!.. Querem que os espiritos fadados, illuminados por Deos soffram todas as mizerias da ignorancia, e se sugeitem a ser cumprimidos no mais estreito recinto, curvados á vontade ou capricho dos que Deus fez nascer mais ricos do mundo, mais pobres do céo, e não querem soffrer cousa alguma a esses entes cuja natureza é de fogo!.. E' marcharem sempre em opposição com a natureza. Para modificar a luz desse gaz da intelligencia, movam o registro com prodencia, e terão luz proveitosa. Não desprezem a luz de que tanto carecem, e sem a qual perder-se-hiam nas trevas. Deixemos de parte essas utopias politicas do sr. Aragão, elle mesmo de ha muito desistiu dellas; e lembral-as para contrariar o homem de merito é ignobil, é até ridiculo, despresivel

e barbaro. Aproveite-se o seu talento, e seus conhecimentos que são profundos. e proficuos. Dêem-lhe os meios necessarios á indespensavel subsistencia, sua e de uma numerosa familia de que é chefe, colloque-se no logar que lhe compete, e não o constranjam a tomar uma posição que é contraria ao seu genio; um logar que só o amor de esposo e pae, só a precisão o fariam exercer, sabe Deus com que torturas da alma! sabe-o Deos, e deve imaginal-o quem aprecia taes sacreficios. Quem assim procede melhor se concentrará e sustentará no logar conveniente a elle e á sociedade. Por tal modo com o triumpho da intelligencia, triumpha o poder que souber aproveitar os bons talentos, triumpha a mais alta beneficencia, felicitando uma numerosa familia, cuja sorte mesquinha é o maior flagello daquelle bom marido e extremoso pae! sim que o soffrimento dos innocentes filhos reduz ao maior abatimento, e transporta ao maior desespero aquelles que sabem ser paes!.. Tocamos um ponto que em extremo nos sensibilisa; porque devéras sabemos o que é esse terno e doloroso sentir, essa agonia mais cruel do que a morte!...

Estimaremos que Suas Magestades, os ministros da corôa, e todos os homens illustrados, vejam os ensaios da menemonica do sr. Aragão, e não deixarão de protegel-a, reconhecendo quanto é proveitosa.

Entre os meninos que ensaiaram os estudos da menemonica, admiramos um de 8 annos, uma menina de 5 annos (filha do sr. Aragão) e um que tinha de ensino apenas um mez! A promptidão e facilidade nas respostas, o animo inperturbavel e a naturalidade que poderam conservar no meio de um numeroso e respeitavel audictorio, são admiraveis, não alcançára essas vantagens o maior talento, maduro, no curto espaço de um mez de qualquer estudo sem as prodigiosas formas da menemonica marcarem os meios de chegar a esse fim.

Eis o nosso insignificante contingente de observações sobre o sr. Aragão e a sua menemonica, eis a nossa homenagem á verdade e ao talento superior.

Se os sabios as julgarem insuficientes, não as julgarão indesculpaveis; reconhecemos que á vista de tantos astros, somos apenas um *metheoro.* (Lá nos custa a comparação, lá quer erguer-se o orgulho poetico: a poesia não deve aqui entrar, só a verdade, e a verdade manda que em assumptos, não de poesia mas de sciencias profundas nos consideremos um lume aerio e de nenhum apreço.) Desejamos comtudo aprender, se não sabemos assás comprehender, sabemos ao menos estimar e admirar tudo que é digno de estima e admiração.

Temos cumprido o que promettemos ao sr. Aragão, e que elle mostrou tanto desejar, a nossa opinião franca e imparcial. Grata ao favor que nos faz estimando o nosso fraquissimo parecer, o offerecemos ao publico; e ao illustre auctor nossos louvores e sinceros parabens.

EXPEDIENTE.

Recebemos e agradecemos infinitamente a excellente folha Açoriana *Lycêu*, sobre a qual diremos duas palavras no seguinte numero.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

PROPRIETARIA E REDACTORA, D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 41 — DEZEMBRO 1 — 1855.

SOBRE AS FESTAS
DA DEFINIÇÃO DOGMATICA
NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

NARRAÇÃO — APPRECIAÇÃO DAS MESMAS.

(Continuado do n.º 41).

Antes de concluir direi ainda duas palavras ácerca da armação do Templo. Era muita; em partes bastante rica; de bastante gosto: e tal que no Altar-Mór, no cruzeiro, e no corpo da Egreja uma pollegada nem se quer se via de parede. Disputavam alli a palma a copia, a decencia, a elegancia. Com o exmero corria parrelhas o brilho e o aceio.

Podia ser superior em riqueza, não ha duvida; e em outras Egrejas todos confessam que o foi. Fazendo-se no entanto, o que se fez, andou-se com extremado acerto. Desde que mesmo nesta parte, se attendeu ao strictamente necessario para o decóro da Festa sem prejudicar em nada sua conveniente magnificencia, foi uma lembrança feliz — foi um pensamento sancto e christão, o cortar alli por demasias para mais se approveitar noutra parte, em vantagem do pobre e do indigente: — do pobre e do indigente, a cujo auxilio e soccorro se mirava com charitativa, desvellada solicitude. Isto não podia deixar de ser grato — e muito áquella que se compraz de ser — A CONSOLAÇÃO DOS AFFLICTOS.

Assim intendo eu bem as Festas da religião. Assim as aprovo, recommendo, insto por ellas, peço com vivo empenho que se amiúdem — se multipliquem. Estas nada têem por certo, nada de commum com bastantes... muitas por desgraça que por ahi nos escandelisam, em vez de nos edificarem; vilipendeiam, em logar de honrarem os actos religiosos. São repassados d'um espirito reprovavel. Nada ha nellas de Deos: tudo do mundo. De longe consideradas — bem de longe, avulta para logo por uma maneira, que chega a indignar, a philaucia, a vaidade, a ostentação, a impostura, a paixão de figurar, o desejo de se divertir, outros mais sentimentos improprios — viciosos,

que as inspiraram *primeiro*, e presidem *depois* ao seu desempenho na caza do Senhor, que se não respeita em contrario, por tal guiza se escarnece e insulta.

Por que ella foi como foi; — porque nella houve tudo o que devia haver, e segundo convinha a todos os respeitos que houvesse; é por isso que a Festividade da Conceição velha foi e continua a ser uma Festa — *modêlo*: — uma Festa, que quatro ou cinco Parochias da capital — sou d'isso informado — vam empenhar-se em imitar tão de perto, quanto lhes seja possivel. Conta-se entre ellas a Freguezia de *S. José* — pelos esforços e diligencias da respeitabilissima Irmandade do Santissimo da mesma Freguezia, Louvores lhe sejam!...

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

NOVENA DA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM S. JÔSÉ.

Todos os annos na freguezia de S. José se tem feito a novena e festa da Senhora da Conceição com o maior gosto e explendor. Este anno, o primeiro depois da solemne difinição do dogma da Conceição, não se podia fazer novena por falta de meios; pois sendo quasi todas as solemnidades celebradas com o auxilio dos fieis parochianos, acabando estes de concorrer para os sinos que vão collocar-se na igreja de S. José, para os quaes nos consta que tambem o estado concorreu; e que eram bem precisos tendo igualmente que dar o auxilio costumado para a Semana Santa, e receando sobrecarregar os devotos. dicidiram os srs. mesarios que não houvesse a novena e só sim a festa. Os corações devotos de Maria Santissima estremeceram e se maguaram com esta nova; eis que repentinamente na tarde de 29 do proximo passado mez de Novembro, os sinos da freguezia de S. José repicando, annunciam a novena de Nossa Senhora da Conceição! E' impossivel descrever-se o regosijo e a devoção com que se recebeu esta certeza tão grata a todos que sabem ser fieis á Santa Religião que em todos os tempos tanto ha distinguido os portuguezes!

Vamos a explicar este prodigio.

Os srs. professores de musica e pregadores que sempre tem sido convidados para solemnisar estas funcções em S. José, sabendo que por falta de dinheiro não se fazia a novena, e que os srs. professores de musica da irmandade de Santa Izabel se decidiam a tocar e cantar nesta festa gratuitamente, foram ter com os srs, mesarios, e quizeram ter a preferencia tocando e cantando gratuitamente, visto que sempre pagos tem elles alli concorrido, e não os de Santa Izabel. Foi um nobre estimulo, uma grandiosa acção, que o mundo louva, e o céu recompensa.

A novena começou (musica do sr. Cazimiro) e segue com a maior decencia, gosto, e boa ordem. O concurso dos fieis é numerosissimo: as esmolas avultam, e todos como á porfia buscam seguir tão edificante exemplo.

Honra seja feita ás pessoas que mais influiram nesta devota resolução, e aos srs. pregadores, e professores de ambas as irmandades, assim como aos fieis concorrntes que por tal modo cumprem um dever sagrado na justa homenagem que em nossas orações se dedica á Virgem Mãi de Deus, e padroeira deste reino.

Acceitem a gretidão dos devotos

de Maria Santissima da freguezia de S. José dos quaes nos presamos pertencer ao honroso numero.

D. A. G. PUSICH.

A' Imperatriz viuva Duqueza de Braganca, no sempre lembrado, Excelso dia 1.° de Dezembro, anniversario natalicio de Sua Augusta Filha a Princeza D. Maria Amelia.

HYMNO.

Qual dos Ceus divinal harmonia,
Sobre a terra derrama o Senhor!
Escutai ó mortaes! ... que alegria!
E' um canto suave de amor.

Escutai! ... os Anjinhos entoam
O louvor á virtude, ao saber!
Suas vozes no espaço ressoam!
Que prodigio! ... que mago prazer!

Escutai louvor devido
A quem o tem merecido.

« Lá de um throno sublimado,
« De estrellas alcatifado,
« Onde reina Jehová;
« Sobre fronte magestosa,
« Desce cr'oa luminosa
« Que illesa se ostentará.

« Salve Amelia! Deus clemente.
« A teu merito eminente
« Premio sublime outorgou;
« A tua alma em amargura
« Brotou flor mimosa e pura
« Que o Senhor abençoou.

« Extincto choraste o esposo;
« E ao teu carpir tão saudoso
« Dôr, e gloria, vês juntar!
« Vês a cara, Augusta Filha
« Nas alturas onde brilha
« Nova luz á terra dar!

« A Ti que os prantos maguados
« Enxugas aos desgraçados
« Emitando o Creador;
« C'roa brilhante destina
« A Providencia Divina
« Em solio de alto explendor.

« Hade perenne memoria
« Com letras de ouro na historia
« Teu Nome Augusto escrever;
« E nas vozes de quem te ama
« Eternos padrões a fama
« Hade ao teu merito erguer.

« Salve Amelia! que dictosa
« E's a Estrella mais formosa
« Que em Baviera assomou!
« E's a Sob'rana adoravel
« Que um imperio inabalavel
« Nos lusos peitos firmou. »

Escutai louvor devido
A quem o tem merecido.

A's Harpas Divinas, meu pobre alaude,
Aos cantos ethereos meu canto, unirei.
Queimemos incensos á excelsa virtude;
Que á purpura, ao oiro, queimal-os não sei.

A Mãe do Messias acolhe os pastores
Que vão no Prezepe seus dons consagrar;
Tambem tu benigna recebe os louvores
Que pura homenagem te vem dedicar. (a)

D. A. G. PUSICH.

UMA VISITA AOS PRAZERES.

Ao Ill^mo^ Sr. V. J. B. por occasião do fallescimento de sua virtuosa mãi.

Do crepusculo apagou-se
A tenue saudosa luz:
A tempestade calou-se!..
Vamos orar junto á Cruz!..

Que noite!.. não vês a lua
Pratiando o quieto mar?
Deixe-mos na praia nua
Alvas ondas a brincar:

Deixe-mos esses passeios
Illuminados a gaz;
Va-mos buscar os enleios
Da solidão e da paz.

Va-mos, que a noite se avança!..
Quanto é grata es'hora a Deus!
Quem O busca jámais cança,
Jámais erra os passos seus.

(a) Esta poesia com pequenas alterações se acha desenhada á penna pelo insigne artista o sr. Godinho, em um quadro que S. Magestade Imperial comserva em Memoria de Sua virtuosa e Augusta Filha.

Ao longe fica a cidade,
E o rumôr da confusão:
Aqui só á Eternidade
Se ergue a voz em oração !..

Caminhe-mos !.. que socego !..
Que silencio reina aqui !..
Nem se move o arvoredo !...
Meiga briza dorme alli !..

Que magia, que perfume,
Tens ó noite no teu véo ? !
Da poesia dão-te o lume
Aureas estrellas do ceu.

O recinthó magestoso
Eil-o, alfim appareceu !..
Ao nosso clamor ancioso,
Um gemido respondeu !..

Entre-mos... é franca a entrada
Aos que soffrendo aqui vem !..
Quem ao ver-nos assim brada ? !..
Quem geme e suspira álem ? !..

Ai que sons tão comprimidos !..
São os ais de acerba dor !..
São viventes opprimidos
Orando ao Ceu com fervor ? !...

E' de humanas creaturas ?..
E' dos finados a voz ? !..
Sentinela ás sepulturas
Não diviso !.. esta-mos sós.

Guarda é só do Cimiterio
Ave nocturna infeliz !..
Seu piar no espaço aério
— *A' lerta mortaes* — nos diz.

Orê-mos... Aqui repousa,
Terno amigo... amado pai !..
Oh ! meus prantos, nesta lousa
Tristes saudades regae !..

Mai !.. irmãos !.. filha !.. n'est'hora
Tambem lagrimas vos dou !
Onde jazeis vão agora
Os ais que est'alma exhalou !

Oh ! correi, correi meus prantos
Mais jazigos a innundar !..
Filho !.. irmãs... esposo !.. ai quantos
Tenho aqui de prantiar !...

Já teus passos tambem sigo !..
Vou meus ais aos teus unir
Terno filho, bom amigo,
Tua dor quero sentir.

Quero chorar sobre a campa
Que amiga mãe te escondeu !..
Lá o orgulho não se estampa,
Nem a vaidade se ergueu !..

Qual á virtude e á saudade
Se erige humilde padrão,
A' verdadeira amizade
Consagro ingenua oblação.

Porem, do Sino lá sôa
A vóz que os vivos chamou !..
A mente que em sonhos vôa,
Da aurora ao brilho pousou.

Em paz os mortos deixemos ;
E em quanto o ceu nos dá luz,
Por elles, por nós orê-mos,
Prostrados — aos Pés da Cruz . —

D. A. G. PUSICH.

ADEOS.

Nous etions heureux
Et pleins de fortune
N'avions pas la crainte
D'avoir pein'aucune.
Lat. Eleg. C. 2.º

. . . . . .
. . . . . .

Mas sobre as velhas muralhas
Da minha terra natal,
Veio pouzar carrancudo
Genio agoureiro do mal ;

Bateu as azas medonhas,
Ergueu um vôo veloz,
E fallou desta maneira
Com bizonha e rouca voz :

« Esses dois Anjos na terra,
« Essa mercê do Senhor,
« Que tinheis ha mais d'um anno
« Sem julgar do seu valor ;

« Vão fugir-vos, vão deixar-vos...
« N'outras terras vão pairar...
« A ventura, que tivestes...
« Outra gente vai gozar...

— Dice o terrivel Arauto —
Fendendo o ar pressurozo,
Lá iria a outras plagas
Dar annuncio mais gostozo.

Mas ond'ides, Avezinhas ?
Tão azinhas ?

Não se vos dá o carpir,
De corações tão saudozos,
Maviozos,
Sem esp'rança no provir?! ..

Oh! Nunca os vossos encantos,
Que são tantos. . . . . .
Nos deslumbrassem a nós;
Não restava em nossos peitos,
Tão desfeitos,
Saudades tantas de vós:

Antes aqui não viesseis;
Nunca desseis
Tanto brilho á nossa terra....
Pois quem nunca vos não vira,
Não sentira,
A dôr que a saudade encerra.

Não seria tanta a magua,
Nesta fragua,
Neste adeos sentimental,
Despedido qual a seta,
Tem a meta
Só no fim de Portugal.

Lá em frente a Badajóz,
Ides vós
Outras gentes deslumbrar;
Bem como auroras brilhantes
Fulgurantes,
N'outros corações raiar.

Adeos rizonhas Deidades...
Dignas de mil orações...
Em sinceros corações...
Deixaes pungentes saudades...

Nunca a menor desventura,
Perturbe o vosso viver;
Jámais conheçaes na vida
Senão ledice e prazer.

Nunca chegue ás vossas frontes
A aragem do dissabor;
Todo o mundo vos tributo
Affeição, respeito, amor....

Adeos, formozas Deidades....
São as nossas ovações....
Ter sinceros corações....
Soffrer pungentes saudades...

Peniche, 30 de outubro de 1855.
José Candido Duarte da Silva.

A MINHA IRMÃA.

IMPROVISO NA MORTE DE MEU PAE.

Cahiu!... Já não vive o cedro,
Que nos abrigava em flor!
Que importa, se a alma não morre
Revive aos Pés do Senhor!

Fugiu-nos!... Só a Saudade
Do seu amor nos ficou!
Que valem prantos agora,
Quando Elle aos ceus se elevou!

E' um anjo de menos na terra
Pelos filhos a orar lá nos ceus!
Minha irmãa!.. oh! enxuga o teu pranto!
Nossos rogos unamos aos Seus!

E prostrados, cahidos por terra
Só por Ella deve-mos chorar!
E' o amparo que resta aos filhinhos,
Nossa mãe, que deve-mos amar!...

5 de Outubro de 1855.

A. L. Barreto.

A 5 de Outubro deste anno fallescêo o sr. Manoel José Barreto, um dos mais honrados portuguezes, residente na Freguezia de Santa Izabel. Nascêu a 12 de Maio de 1809 — e servio desde 1827 o emprego de 1.º official Diplomatico do Real Archivo da Torre do Tombo, com muito zelo, fidelidade, e intilligencia. Bom christão, esposo e pae exemplar, exactissimo no cumprimento de suas obrigações para com Deus, e a sociedade, merecêo a estima e concideração de todas as pessoas que o conheceram: e desta verdade offerecemos o testimunho de todos os cavalheiros que mais figuram na Freguezia onde elle viveu e morrêu; os empregados da repartição onde servio por espaço de 28 annos; e todos aquelles que em diferentes assosiações de beneficencia o tiveram por socio. Deixou sua viuva inconsolavel e 5 filhos menores sem fortuna, porque o homem honrado em Portugal, embora proprietario como era o sr. Barreto, se exerce empregos publicos, raras vezes augmenta seus bens, antes é certo perdel-os, e morrer pobre.

Qual será a consideração com que o Governo olhorá para os filhos deste fiel servidor?.. a costumada?!!...

Ao menos attendam a seu filho mais velho, moço de 16 annos de edade, e

talentoso, que protegido, guiado, pode, e deve honrar um dia a sua Patria, e amparar sua mãi e suas irmãns. Nós cordealmente dezeja-mos que os cavalheiros que distinguiram sempre com a sua amizade o pae, hoje afaguem, protejam esta planta nova e pendida ao rijo sopro do vendaval, que pode abysmal-o ou arremessal-a a estranhas plagas! Abandonal-o em sua dolorosa orphandade seria mais uma barbaridade,—mais um desdouro para o nosso paiz onde a mocidade não encontrando guia e protecção, se perde no labirintho das paixões nesta confusa Babilonia de distracções (Lisboa) immersa na corrente devastadora da immoralidade; ou obrigada por falta de meios busca no ruidoso campo da politica a indespensavel subsistencia desafrontando o genio ultrajado; ou se arroja aos mares demandando em terra alheia um abrigo, por que na sua patria não o encontrou no infortunio e na Orphandade !..

Pouco, ou nada pode-mos: entretanto não olvidare-mos jámais o pedido que nos fez o sr. Barreto, pae, apprezentando-nos seu filho para auxiliarmos com o nosso conselho de mãi e amiga os vôos do seu genio que surgia ardente. Temos fielmente correspondido a esta confiança que em nossos sentimentos depositou o coração paternal; e praza ao ceu que nossos pareceres aproveitem, como esperamos; porque temos sempre o maior prazer em apontar á enexperiente mocidade, essa luminosa estrada que melhor nos conduz á eternidade. É quanto está ao nosso alcanse; e tambem rogâ-mos ao Altissimo que descançando em gloria a alma do esposo e pai, se digne amparar e proteger sua viuva e filhos.

A singela e sentimental poesia — *A minha irmãa* — é do joven poeta filho do fallescido Monoel José Barreto.

D. A. G. PUSICH.

O DIA 6 DE NOVEMBRO DE 1855.

Que me serve agora a vida,
Tão pobre e tão desvalida,
. . . . . não é meu?...
De que me serve a lembrança
Se já não tenho esperança
. . . . . morreu?!...
F. G. Amorim.

O relogio da Sé acabava de annunciar aos habitantes de Lisboa a segunda hora deste dia.

Mais um corpo descia á campa — Menos um bom na terra — mais uma santa no Céo — mais dous orphãos no mundo.

Só dous entes repassados pela mais acerba dôr, velavam chorando amargamente! — Tudo o mais jazia em silencio. —

Esses dous entes, era eu e um irmão amigo e estremoso, que acabavamos de perder a melhor e mais terna das mães!!...

Que dôres estas meu Deus!—Porque tão horriveis e insupportaveis soffrimentos me não tendes feito passar, Senhor?? —

Será a expiação das minhas culpas?..... mas, quaes são ellas, meu Deus? para que a sua punição começasse tão cedo, e seja tão longa e agravada?... Quantos não ha no mundo mais criminosos, que cheios de venturas, inda tem a seu lado um terno Pai, uma carinhosa mãe, um sem numero de desvelados parentes ou amigos!!

Assim como a gloria é para o grande, e só o trabalho e a fadiga para o pequeno; assim no mundo, são as alegrias e os prazeres para uns, e só tristezas e dôres para outros? — Um irmão e uma irmã deixarão a vida inda

eu criança... muito criança... mas mesmo assim chorei-lhes a morte.. chorei-lh'a sim, porque não lamentava os anjos que iam para o Céo, e sim os amigos que perdia para o futuro.

Depois foram indo os parentes pouco a pouco — a idade augmentava, e com ella a dôr se tornava tambem mais longa... Depois um bom amigo .. nesse mesmo anno um pai estremoso!! E hoje Senhor!!!... e hoje poucos dias depois de dous annos, me arrancas-te dos braços a mais terna e carinhosa das mães. Só me resta um irmão... mas um irmão que não tem patria... um irmão que a sua terra é o mar... o seu tecto o firmamento.... o seu berço as ondas. . . . . .

Porque é Senhor. que eu menos criminoso que muitos outros, não gózo o que elles gozam, e sôffro o que elles não soffrem ?.. Porque é que tendo visto a morte ao pé de mim.. á cabeceira do leito.. tendo-a visto por tantas vezes armada pela vossa mão, rasgar-me o peito arrancando-me dos braços as puras affeições da alma!! Para que me não apontas-te Senhor, para que fosse a sua primeira victima ??!!.. Não o quizeste assim.. Seja feita a vossa vontade.. Mas dai-me forças para arrastar com os desgostos.. para olvidar as banalidades do mundo.. para não fazer caso dos homens.. dos homens que me despresam e abandonam porque não tenho ouro para os saciar!!! e só honra para lhes mostrar bem clara a sua malvadez.

Dai-me forças emfim Senhor, para vos poder resar, alguns Padres-nossos por alma de meus pais!

Lisboa 11 de novembro de 1855.

Rua da Prata n.° 199 — 4.° andar.

J. G. Teixeira.

Duas palavras sobre o Systema Mnêmonicco do Ill^mo Sr. Doutor Aragão.

Assistimos a um dos ensaios scientificos, que o nosso prezadissimo amigo e collega o sr. Doutor Aragão, fez na aula de outro nosso amigo e collega o sr. Hentze, na rua de Santo Antonio — no sitio da Estrella.

O ensaio foi sobre as sciencias de Astronomia, Geographia, Historia, Mineralogia, Botanica, e Chymica: os ensaiados foram os meninos, Judicibus, Rolim, Franco, Villar, Fonseca, e Roza; dos ensaiados os de maior edade, teriam doze annos, entre elles havia um, que apenas teria sette a outo annos: os mencionados meninos responderam ás perguntas, que lhes foram feitas sobre as ditas sciencias, com mais promptidão e exactidão, que poderião responder os Professores das mesmas sciencias.

Alguns dos expectadores fizeram varias perguntas aos ensaiados, sobre as materias ensaiadas; ás quaes responderam com tal precizão, que deixaram admirados os expectadores.

Este ensaio nos convenceu dos maravilhosos resultados do Systema Menemonico do sr. Dor. Aragão. Nós já adoptámos as formullas menemonicas do dito sr. ás sciencias de Astronomia e Geographia, as quaes cultivamos e leccionamos ha muitos annos; e por experiencia propria conhecemos, que os resultados são muito vantajosos.

O sr. Dor. Aragão com o dito systema, presta um relevante serviço ás sciencias, ás letras, e á sociedade; mas apezar d'isto, tem sido victima dos mais odiosos improperios!!! Mas cremos que as calumnias que se tem lançado sobre o sr. Aragão, umas são filhas do ciume que róe as entranhas de

seus adversarios, e outras da ignorancia dos vantajosos resultados do dito systema: qualquer que seja a causa de tão barbaro procedimento, elle não é proprio de pessoas illustradas e sensatas, mas é altamente digno da mais severa censura.

Declaramos solemnemente, que não foi o espirito de parcialidade, quem nos obrigou a pegar na penna para tributarmos estes imperfeitos encomios ao sr. dor. Aragão; pois detestamos do fundo do nosso coração tão odioso proceder; mas só foi o nobre sentimento que sempre nos tem dominado, de rendermos os devidos elogios ao merito.

J. R. de Figueiredo.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

LYCEO.

Com este novo titulo se publica um excellente jornal na cidade de Angra do Heroismo — Ilha Terceira — capital do nosso Archipelago dos Açôres. E' seu illustre fundador e redactor o illm.º senhor doutor Antonio Moniz Barreto Corte Real, bacharel formado na faculdade de canones pela Universidade de Coimbra, professor e reitor do Lyceo Nacional, e commissario dos estudos no districto de Angra do Heroismo.

Recebemos esta illustre folha até 15 de outubro deste corrente anno, e agradecemos cordealmente ao seu distincto redactor o obsequio desta apreciavel remessa.

Se os espaços deste numero não estivessem preenchidos por tantas cousas precisas, dariamos noticias mais circumstanciadas deste periodico, e copiando alguns traços luminosos da penna que o escreve, mostrariamos quanto é util, civilisadora, illustradora, e gloriosa aquella empresa, que tanto honra o seu auctor, quanto ennobrece a terra, onde ella florece, e onde produzirá os mais preciosos frutos em proveito da estudiosa mocidade Angrense que deve colhe-los, e apreciar o digno cultor.

Dedicamos ingenuos parabens á mocidade Angrense, e nos congratulâmos com o nosso illustrissimo collega, que poude com tanta snperioridade realisar o seu plano tão esforçado, tão dificultado, e tão victoriosamente levado a effeito.

Assim quizeramos que fossem todos os que entram na grande crusada civilisadora — de outro modo escusam ter pertenções ao que não podem ser; pois não basta o saber — é indispensavel a coragem, a firmeza, a independencia de caracter, e muitas outras qualidades superiores que nem todos tem, porque nem todos são o que desejam ser, nem Deus confere a todos os mesmos dons.

— —

A PATRIA.

Publica-se diariamente de ora ávante excepto nos dia Santificados, ou seguintes a estes.

Assigna-se no escriptorio provisorio do mesmo jornal, rua do Loureto, n.º 53, 2.º andar, onde se recebe a correspondencia *franca de porte.*

Graade em suas dimensões e tarefas como o *Times*, adoptou a mesma politica excepcional daquella folha ingleza. Deus a inspire e abençoe.

— —

AGULHA MEDICA.

Tem publicado os seus primeiros numeros, contendo importantes artigos scientificos. Os ultimos trazem algumas variedades curiosas e fulminantes.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.º 113.

A BENEFICENCIA.

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

PROPRIETARIA E REDACTORA; D. A. G. PUSICH.

PREÇOS:
Para os srs. assignantes.. 40 rs.
Avulso ..... 50 »
A correspondencia deve ser franca á rua do Telhal n.º 20.

2.ª SÉRIE.

VENDE-SE:
Na loja do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.
Escriptorio da Redacção, Rua do Telhal n.º 20, 1.º andar.

N.º 45 — DEZEMBRO 15 — 1855.

SOBRE AS FESTAS
DA DEFINIÇÃO DOGMATICA
NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

NARRAÇÃO — APPRECIAÇÃO DAS MESMAS.

(Conclusão.)

Mas quem o diria?!... Quem o pensaria se quer?!.. Uma Festa d'esta ordem não escapou a invectivas!!!.. Não esteve a coberto dos ridiculos attaques — da sandice, ou da libertinagem despeitadas!!!...

A pretexto de tres letras iniciaes, postas no frontispicio do Templo para servirem na illuminação da noite, e que queriam significar — Nossa Senhora da Conceição — cae-se bruscamente sobre os devotos que promoveram a Festa; alcunhando-os de — *divertidos carólas* —: ao passo que se accrescenta para os apodar — *que o caróla é, em regra, um homem de mau gosto e pouco senso commum* —. *Toda a gente se ria*, lá se lê tambem, *porem ao mesmo tempo censurava acremente.*

Este parto de nojenta maledicencia é tão miseravel — tão pequenino em si e tão desprezivel, quando lembra que não lhe escapou *um accessorio mais que secundario* no meio de tanta coisa respeitavel que engrandeceu a Festa, que seria mister — ou rebaixar-se qualquer immenso para o tomar em conta: ou elevál-o (não o merece; nem o farei) elevál-o á altura, que o tornasse digno de attenção, para lhe dar a honra d'uma resposta.

Entretanto, se elle a não chega a valer; presta-se ás mil maravilhas a um desfructe sem igual. Verdade: verdade. E' delicioso este *fazedor* de reparos!.. *Toda a gente ria*: diz elle. Toda a gente!!!.. Com effeito, já é!!!... Ainda ninguem levou mais ávante a hyperbolle.

Não querem vêr toda a gente — *toda*!... (Note-se bem. Isto não é responder ao reparo. A ser merecedor de resposta, era mui differente. Isto é avultar-lhe a *preciosidade*: nada mais.) Não querem vêr toda a gente — *toda*!.. excitada pela novidade maxima de que sobre a porta da Capella, que foi em Lisboa dos Freires de Thomar, se acha-

vam tres letras iniciaes, que indicavam—Nossa Senhora da Conceição—: toda a gente, maravilhada de tal, e recusando-se a acredital-o, a vir passar em continencia por diante d'ellas?!.. Não querem vêr, outro-sim, a paciencia do pobre homem — que nem ao menos se quer têm os fóros d'uma *inicial* — não o querem ver de pé firme, olho *vigilante*, a espreitar os mais minuciosos trejeitos de quem passava: —se ria; se chorava; se ia serio?... E sempre de orelha longa a escutar continuas censuras, murmurações sem conto?...

D'estas miserias é que cabe bem perguntar: —*risum teneatis, amici?*!..

Meu caro: perdôe desmentil-o. Ou ninguem de tal se ria: ou se ria alguem, não era — não toda a gente. Havia de ser, apenas, um ou outro d'esses genios—*illuminados* (ás avessas) que chamam *carolice* a tudo, quanto é interesse pela Igreja:—que riem, mófam de tudo, que é religioso. As letras, que tiveram a infelicidade de incorrer no seu desagrado, coitadas d'ellas!... são innocentes e inoffensivas. Não merecem — nem que se riam d'ellas, nem que se lhes queira mal, e as praguejem. Para que é pois, tanta celeuma?!... Para que gritar — *alerta* á auctoridade ecclesiastica, e não sei mesmo, se á civil?!.. Menos furia: meu Senhôr.

Todavia, a despeito dos vociferadores *commerciaes* — com magôa até d'elles, affouto-me a emittir, sem hesitar, a minha opinião e parecer sobre o *todo* da funcção grandiosa, que na Igreja dicta teve logar pelo motivo de celebrar-se a *definição dogmatica* da Conceição de Maria Immaculada. Vista em globo, como considerada em cada uma das suas partes, ella sobre-sae a todas, de que tenho noticia, feitas entre nós para similhante fim: — e sobre-sae grandemente pelo seu esplendor, pela sua magnificencia, pela sua pompa; e muito mais do que isto, e principalmente ainda — pelo cunho manifesto de solida piedade e do mais bem intendido espirito de Religião, que é toda amor de Deus e charidade do proximo, com que brilhou por um modo insigne.

Com isto não quero inculcar que nas outras o não houve: quero fazer fortemente sentir que esta por tal lado distinguiu-se — primou como nenhuma.

Fechará este meu, tal ou qual, trabalho uma noticia sobre-maneira grata, valiosa mais que muito. Os devotos da Senhora tomaram a peito o perlongar por mais trinta dias os seus cultos á Virgem Sancta — a sempre pura.

Alguns dos mais ardentes e fervorosos se reuniram; e reunidos accordaram entre si solemnizar na mesma Igreja da Conceição Velha o mez, denominado — de Maria. Assim o estão fazendo com sermão todas as tardes por differentes Pregadores:—um d'elles o incançavel tanto, quanto exemplar e charidoso Padre Beirão. Devota Festa está delineada para acabal-o. Não faltem a um e á outra, sempre que possam, os filhos verdadeiros d'esta Mai tão boa.

Lisboa. 3 de Maio de 1855.

P. Rodrigo Antonio d'Almeida.

FESTA DA CONCEIÇÃO EM S. JOSÉ.

Com a maior decencia e delicado gosto se poude celebrar na Egreja de S. José a Festa *prodigiosa* de Nossa

Senhora da Conceição. Prodijiosa até pelo modo espontaneo, gratuito, unanime, com que os srs. Pregadores, Professores de Musica, e devotos parochianos concorreram a celebral-a.

A musica bellissima do sr. Cazimiro agrada sempre; e nesta festividade teve uma inspiração divina; pois é musica tão fina, tão suave e harmoniosa que extazia—enthusiasma; e se é possivel augmenta a devoção. A musica boa concorre muito para a grandesa e perfeição das festividades Religiosas.

Os srs. professores cantaram e tocaram o melhor possivel: o sr. Celestino tambem cantou em alguns dias da Novena; este é tão apreciado e conhecido que inuteis se tornam já repetidos louvores; outros srs. tambem que alli se distinguiram não carecem de nós para os fazer-mos conhecidos, quando o seu merito os tem já acreditado; mas não pode-mos prescindir de um dezejo santo e justo, qual é distinguir-mos dois meninos, um dos quaes apenas contará 9 a 10 annos de edade; é este Augusto de Araujo; e outro pouco mais velho, cujo nome ignoramos.

Cantaram como dois cherubins as glorias Virgem Mãi de Deus; fazendo que os habitantes deste valle de lagrimas se lembrassem do Ceu, onde parecia estar quem os ouvia! Aquella que invocaram nos seus cantos celestiaes os proteja sempre, lhes dê forças e ventura para proseguir a carreira que tem já honrado na aurora de sua existencia, na qual desabroxam as primeiras flores que devem dar principio ás brilhantes corôas com que um dia cingiram suas frontes. Somos nós que lhes offerece-mos essas flores, merecidas já na sua infancia. Quando a edade cresça — quando já não estiver na terra quem lhas dedicou, lembem-se ao vel-as, de quem tão sinceramente lh'as entrega em suas mãos infantis para que estas os animem a merecer outras; lembrem-se e roguem então a Deus por nós, por seus pais, e por aquelle que lhes ensinou a cultivar o vasto campo onde se colhem essas preciosas flores. Ao sr. Benevente cabe esta gloria.

Os illustres oradores em cada dia da Novena pediram uma Ave Maria pelo nosso benemerito Eclesiastico sr. Beirão; que se achava perigosamente enfermo. O sentimento da magoa foi tão profundo e geral, quanto intima verdadeira a satisfação que temos com a noticia do seu restabelecimento! Sempre assim o esperá-mos, confiando em Deus, e Nossa Senhora, que sabem quanto a iminente caridade d'aquelle Apostolo é precisa em proveito do mundo, e gloria do Ceu. Graças ao Altissimo.

D. A. C. PUSICH.

INSTROCÇÃO PASTURAL.

(Conclusão.)

Que a essencia e perfeição do Culto Divino consiste em adorar a Deus em espirito e verdade, ninguem duvida (8): e este é o culto perfeito, que os justos dão a Deus no Ceu. Mas querer limitar o culto da Divindade n'este mundo ás unicas adoraçoes interiores do homem viador; é, não só anniquilar o mesmo culto, mas até desconhecer a naturesa do homem, que sendo creatura deve tributar ao Creador a homenagem de todo o seu sêr, assim do espirito, como do corpo.

Em quanto peregrinamos na terra não somos puras intelligencias, independentes das coisas sensiveis, e vivendo somente de ideias abstractas, ou enlevados em extasis: temos um corpo, e orgãos de que nos servimos

para o exercicio das nossas faculdades intellectuaes e moraes: e ha tam intima ligação entre os affectos da nossa alma, e a manifestação dos mesmos, que não é possivel ao homem, depois de estar vivamente penetrado d'algum sentimento, deixar de exprimil-o no exterior. As pessoas, que ardentemente se amam, dão a conhecer por palavras e por acções a sua reciproca amisade; a que se compadece do indigente, mostra a sua commiseração na esmola que lhe dá; o filho obediente faz vêr, pelo modo d'obrar, a sua ternura e piedade filial; todos os subditos testimunham por signaes sensiveis as consideração e respeito que devem a seus superiores; e somente quando se tracta de dar a Deus as adorações e homenagens que lhe são devidas havemos de prescindir do nosso corpo como estranho? Ou antes não será justo fazel-o servir ao culto do seu Creador por esses actos externos e sensiveis, os unicos de que é capaz?

O Mesmo Jesus Christo, querendo santificar-nos, e vendo que a nossa alma depois do peccado se acha de tal modo dependente dos sentidos, que para se elevar a Deus tem necessidade de ser ajudada e sustentada por alguma coisa que os toque; se dignou acommodar á nossa natureza, estabelecendo certos signaes sensiveis, os quaes servissem como de canaes para por elles nos communicar a sua graça. Esta verdade é tam clara, que basta consultarmos o que se passa dentro de nós mesmos, para conhecer que a nossa imaginação é mui fraca, mui inconstante, e facil em divagar; e se não fôr fixada e coadjuvada por praticas exteriores, bem depressa este culto de pensamento ficaria reduzido a algumas ideias metafisicas sobre a Divindade, que nem regulariam os affectos, nem os costumes. A piedade iria enfraquecendo; e a Religião, depois de perder o seu ascendente sobre os espiritos, egualmente se iria tornando estranha á conducta dos homens, e quasi desapparecendo da sua lembrança. Talvez seja este o fim premeditado pelos chefes da seita: mas estão enganados, porque os seus planos hão-de ficar baldados, assim como ficaram os dos hereges que os precederam; e a Igreja segundo as promessas do Salvador, que é fiel em compril-as, ha-de existir visivel até ao fim do mundo (9).

Não venham por conseguinte os Kallystas fascinar-nos com os seus erros d'uma religião chimerica; até mesmo negando ás Sagradas Imagens o culto e veneração, que lhes é devida; como faziam os hereges Iconoclastas á tantos annos condemnados pela Igreja. A mesma lei que nos manda crêr do coração, nos obriga a confessar de bocca: feito a Deus aquelle primeiro sacrificio, que é o mais custoso; não ha dificuldade alguma em lhe prestar o segundo por meio do culto externo; para dar honra e gloria ao Mesmo Senhor, a quem pertencemos; para mostrar que só Elle merece as nossas adorações; testimunhar-lhe publicamente o nosso reconhecimento e gratidão pelos beneficios recebidos; reparar os escandalos que houvermos causado; edificar nossos irmãos com o bom exemplo, consolando os justos, animando os fracos á virtude e confundindo os impios: e em fim porque este culto externo, sendo a viva expressão da nossa crença, é tam necessario para conservar a Religião, dar-lhe corpo, e tornal-a sensivel e po-

(8) Joan. cap. 4.º v. 23, e 24.
(9) Math. c. 28 v. 19, e 20.

pular; como a Religião é necessaria para conservar a Moral.

Esta será registada na Nossa Camara, e em todas as freguezias do Bispado depois de publicada pelos Reverendos Parochos á Estação da Missa Conventual d'um Domingo ou dia Santo; e affixada nos logares do estillo. Dada no Funchal, sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armar aos 7 de Julho de 1855.

Lugar ✠ do Sello.

Manoel Bispo do Funchal.

——

REPREZENTAÇÃO E PETIÇÃO.

Em conformidade do Artigo 145 *da Carta Constitucional* — §. 28. —

A carestia dos viveres augmenta; e o dinheiro diminue uma crize fatal!... Imploramos ao Governo promptas, energicas providencias em favor do povo que já comessa a soffrer os rigores da fome, cuja negra bandeira é a mais terrivel que se arvora n'um exercito respeitavel que só se move á força da rasão maior; e só combate no campo do desespero. Espera-mos que se attendam os brados da imprensa — ecco da voz popular; avisa-mos a tempo — implora-mos providencias. — E' a causa de nossos irmãos, e a nossa propria causa que advoga-mos. Compaixão do povo Portuguez, que não tem culpa do que fazem as nações no Oriente; que tem riquezas e o preciso sostento no seu solo abençoado por Deus — que tem leis, um Governo, e mais que tudo — tem direito a sua propria conservação.

(Continuaremos).

DOIS MISTERIOS.

(Conculsão.)

A infeliz Irminia, que de balde empregou os maiores disvelos para salvar a vida de seu consorte, resistio á sua pungentissima dor; erguendo as vistas ao Ceu, e baixando-as a seus innocentes filhos, que choravam abraçados a ella, implorando-lhe que tivesse d'elles compaixão! Oh! amor de mãe!.. Oh! filhos!.. Sois os mais fortes grilhões que prendem á terra a mulher que sabe compriender e respeitar os sentimentos e deveres maternaes! E tu Santa Religião, és o balsamo vivificante das mais profundas feridas do coração! E's a doce esperança que nos conforta e salva dos abysmos da desesperação; a luminosa Estrella que nos esclarece a mente, dessipando as trevas que a circundam; guias os paços incertos no tenebroso exilio em que vivê-mos; e ajudando-nos a vencer os espaços que nos separão da Patria Celestial, nos eleva ao Seio da infinita Bem aventurança, onde unidos aos caros objectos que na terra chora-mos, louvê-mos eternamente O Senhor nas Alturas!

A triste Irminia sobreviveu ao seu Edgard por ser christãa!.. Retirou-se ao campo; e longe do bolicio da corte, vive toda entregue a Deus, á instrucção de seus filhos, e aos exercicios da mais nobre caridade. Alli, ao raiar da manhãa, (essa hora para ella de tão saudosas recordações!..) ao declinar da tarde, ao nascer da noite; vai prostrar-se ante uma Cruz, e uma divina Imagem de Nossa Senhora das Dores; óra por seus pais, irmãos, e maridos!.. Ora por todos aquelles que muito amou, e em ge-

ral por todos os defuntos; é tambem pelos vivos, entre os quaes ainda conserva sinceras e justas affeicções; depois, mais animada com a oração, desce ao seu poetico jardim; onde tambem, quiz ter um bosque de *baunilhas e rosas*, em memória de seus desdictosos amores! Em cada flôr que desabroxa e morre, vê os destinos do seu infeliz amor!.. Sente um ecco da solidão acompanhar seus ais, e condusil-os a Deus!.. A tempestade bramindo, o estampido medonho do trovão; o raio queimando o escuro manto de nuvens que envolve o firmamento: o astro bonançoso que repentino fulge no horisonte e dessipa a tormenta; o magico trinar das avesinhas saudando a aurora no seu despontar, ou despedindo-se do sol em seu occaso; o mimoso rouxinol entoando o canto harmonioso ás poeticas horas do crepusculo; e o Moucho agreste soltando ás trevas melancolico lamento; finalmente em toda a natureza, vestindo galas, ou trajando lucto, admira a Omnipotente Mão do Supremo Creador; tudo lhe brada entorno, tudo lhe diz á mente e ao coração — *Deus*!.. — Tranquila esperando o termo de uma cançada existencia, vê no seu futuro a sua felecidade; essa que só o christão desfructa.

Irminia perdendo aquelle que foi para ella um idolo, considera essa perda um justo castigo do Ceu, pois não devia amar com tanto excesso que esse amor a fisesse crer encontrar na terra o paraiso. Irminia é dictosa no centro de seus desgostos; pois conformando-se com os Decretos Divinos, ama o seu retiro, a sua pacifica solidão. Se não gosa uma realidade na companhia do seu Edgard, vê-o no Ceu; cuida que elle a acompanha com as vistas d'alma; que a escuta, e orando por ella espera a hora em que ella terminando sua carreira vital, seja com elle perpetuamente feliz!

Estas gratas imagens serão phantasticas?!.. Não. Mas que o fossem não atormentão a alma nem requeimam o cerebro.

Que preferencias gosa o que em Deus crê, e só d'Elle tudo espera! Os abrolhos da vida convertem-se em flores; atormenta em bonança: o sôpro ardente do suão não lhe escalda a fronte socegada e pura como os pensamentos que alli vagueam; mas é de continuo afagada com os adejos suaves de perfumada brisa. Espectros ediondos da espantosa galeria de Eugenio Sue, não lhe enegressem nem aterram os sonhos; mas sim os illumina e encanta o quadro sublime das celestes imagens de Chateaubriand.

Este romance é bazeado em acontecimentos historicos adornados com algumas vareações de poesia... Os personagens são quaze todos verdadeiros; e vivem alguns nos mesmos sitios, e com os mesmos nomes com que neste romance figuram. Quanto a Irminia e Edgard.... se estes nomes lhes pertencem pelo Baptismo da Egreja, ou pelo Crisma poetico,.. respeitando as conveniencias sociaes ficaram sendo sempre — *Dois Misterios.*

D. Antonia Gertrudes Pusich.

AGRADECIMENTOS.

Aos illustres Redactores do — *Pedro Quinto*, agradece-mos infinitamente o rasgo de cavalheirismo com que apparecem advogando a nossa justissima causa á cerca das letras de Cabo-Verde que ha mais de vinte annos o Estado nos deve. Não sere-mos já mais ingratos nem esquecerê-mos uma tão nobre acção de verdadeiros

patriotas, e cavalheiros. Temos a satisfação de vêr justificada a nossa respeitosa suplica, por todos aquelles que sabem amar a justiça; e mesmo não ha uma só pessoa que não estranhe e condemne tão inaudito procedimento do Governo. O mesmo Ex.mo Duque de Saldanha acaba de offerecer-nos uma prova de sua nobreza e boa fé dizendo ao ouvir ler a nossa reprezentação — *que tinha-mos rasão e justiça; e que sentia não ser este negocio de sua competencia; mas que veria o que se podia fazer;* entregou a nossa folha a seu sobrinho o sr. D. Antonio de Almeida, recomendando-lhe que levasse para o seu quarto (do Marechal) os papeis *para os ler mais detidamente* Nós não gosta-mos de encommodar os Ministros (nem pessoa alguma) por isso esperamos a vinda do sr. Ministro da Fazenda, vere-mos o que se faz; e visto a generosidade com que a patriotica folha se enteressa nesta questam, promettemos enviar a nossos illustres collegas todas as noticias das occorrencias que forem apparecendo em resultado da nossa reprezentação. Esperamos que o sr. Fontes nem faltará á justiça, por que é recto — nem á sua palavra, por que é cavalheiro, nem á amizade que ha muitos annos liga nossas familias por que nos o cremos ingrato; e depois de esta no dominio da imprensa essa questam não será preciso que o sr. conselheiro Roza se lembre de apprezentar ao Ministro os taes papeis; que o Ministro em regressando da sua viagem dê ao negocio das letras movimento — a *vapôr* antes que se evaporem as vidas dos atormentados credores. Hoja tambem nas secretarias *caminho de ferro* para taes justas pertenções.

O ALMADENSE.

Almada tem o seu Jornal. Damos-lhe os parabens. *O Almadense* é redigido por dois cavalheiros distinctos e muito instruidos; os Ill.mos sr.es Nicolau de Brito, e Eduardo Tavares. É louvavel e patriotico o empenho de concorrerem com o seu valioso contingente para a grande obra da civilisação. Os illustres collegas estão no caso de ser uteis porque *sabem escrever*. Deus a inspire e guie a sua habil penna, para que a luz que refletir seja não só bella, mas proveitosa á instrucção e á moral dos povos.

BOA NOVA

AOS DEVOTOS DO CORAÇÃO SANCTISSIMO DE MARIA IMMACULADA

Pelo Padre Rodrigo Antonio d'Almeida.

Este folheto comprehende tudo, quanto se passou desde o principio da Aggregação dos Escravos do Coração da Virgem na Capella Real da Conceição Velha, até á sua confirmação pela Auctoridade Apostolica do Nosso Sanctissimo Padre Pio IX e filiação na Grande Pia União Romana. Acha-se no mesmo o Summario das immensas e importamtes indulgencias a esta, como áquella, comcedidas; e outro-sim, a explicação do Summario dicto na sua applicação aos Aggregados de Lisboa.

Vende-se nas lojas dos srs. Brabo, rua do Ouro n.º 212; Lavado, rua Augusta, n.º 8; e tambem na sachristia da Igreja da Conceição Velha — Preço 50 rs.

VARIEDADES.

Inconvenientes da mada.

Os homens começaram a usar mantas e chailes: as senhoras cazacos, jalecos, etc. Os homens usaram colarinhos á *mamãa*, fitas e mantinhas

em vez de lenço ou gravata: as senhoras tambem usaram e usam os punhos e colarinhos de homem, gravatas, botoens, peitilhos etc. Os homens trazendo sapatos de polimento com laço, e as meias de seda abertas; desafiaram as damas a usar botinhas de elastico, fechadas e com salto: os homens agora usam o cabello crescido, apartado ao meio da cabeça como senhoras, e as senhoras ao lado, como os homens antes usavam, e como ainda usam os que não querem ridicularisar-se com trevialidades.

Preveni-mos os homens que tomem cuidado em si!.. Dezeja-mos, e muito devéras trabalha-mos para que as damas tenham todas as considerações e privilegios sociaes que lhes são devidos; mas não se revolucione o mundo a ponto de sair a machina social de seus eixos, que os homens se convertam em mulheres e as mulheres em homens!.. fôra uma fatal metamorphose *macacal*, pois só tem origem nas quimericas emitações; seria melhor que os homens déssem ás Mulheres exemplos de moral e instrucção, e não de modas e galanteios... Seria melhor que todas as damas quizessem ter cabeças de homem (verdadeiros homens) por dentro e não por fóra; e d'elles só imitassem o saber, e as boas acções coadjuvando-os em tudo que se possa combinar com os deveres enherentes ao seu sexo — estado — e edade. Assim o fazem muitas virtuosas senhoras; modelos que se devem seguir; e que ainda por fortuna de todos nós sostentam o equilibrio social, mas contra os abusos é mister clamar, aliás vere-mos mascaras todo o anno...: As cores — as flores — as bengalas—as chibatas — as barbas e bigodes — até chapeus e *bonets*, em diversas epochas tem symbolisado e creado partidos; muitas vezes fataes aos povos e aos reis!...

Quizera-mos que a illustração extinguisse todos os erros, que os homens soubessem ser homens; e cada qual sostentasse a sua dignidade; distinctivos, usos e costumes nacionaes.

PENSAMENTOS MORAIS.

Os louvores anticipados fazem mal aquem os recebe; pois collocam o elogiado na dificil posição de um devedor que tem de pagar escrupulosamente um espontaneo e generoso emprestimo cuja epotheca é o seu nome.

A critica sisuda instrue — a mordaz destróe.

O ridiculo é sempre ridiculo.

Tres são asorigens da malidicencia: a inveja, a má educação; a má indole.

Quem não dá importancia ao bom não se tem em conta de bom.

Quem se quer elevar deprimindo os outros, humilha-se.

O intrigante é um malfeitor cobarde, que só nas trevas accomete, incendeia, mata, e foge.

A luz da sabedoria deslumbra os ignorantes, assusta os tyrannos, encomoda os charlatães: alumina os altares—esclarece os thronos,—dá vida ás nações.

D. A. G. PUSICH.

EXPEDIENTE.

Aos srs. J. E. Cordeiro de Almeida, e A. Lobo Alcoforado, pedi-mos desculpa de não termos ainda publicado seus artigos, que muito agradece-mos; e dare-mos a nossos leitores logo que tenha-mos disponiveis alguns espaços desta folha.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.
Rua dos Calafates n.° 113.

1858 — 1 DE NOVEMBRO — NUMERO 1

A CRUZADA

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

Proprietaria e redactora — D. A. G. Pusich

A PORTUGAL

A Cruzada, jornal religioso e litterario, demanda um cantinho no vastissimo campo das gloriosas lides! E' limitadissimo o contingente de suas luzes, mas seus desejos são grandes; — acceitae-os.

A sua bandeira é o Estandarte da Cruz: sua divisa nos combates, sempre a mesma — *vencer, ou morrer.*

Dois annos e meio teem decorrido, desde que suspendendo os trabalhos de jornalista, nos ausentámos d'esta querida terra, e do grande mundo litterario, para nos concentrarmos em laborioso retiro, cumprindo os encargos de outra missão, tambem grande — tambem sagrada.

Deveres de filha, de irmã, de mãe, chamaram nossas mais serias attenções, reclamaram nossos desvellos; e desgostos imprevistos assás torturaram o nosso espirito!... Dois annos de captiveiro foram para nós aquelles em que ás magoas do coração nenhum linitivo buscámos, distrahindo a imaginação e soltando-lhe livres os vôos na amplidão que tantos espaços abrange! E' que tinhamos de atravessar mais um ermo espinhoso, para de novo entrarmos na arena luminosa, e tomarmos o nosso posto. Mais um triumpho nos espera, o ultimo, talvez!... ou viçoso laurel cingirá nossa fronte, ou a gloriosa palma do martyrio engrandecerá a nossa humilde sepultura.

Sigâmos o Redemptor, levemos a pesada Cruz; o Calvario — eil-o erguido!... Phariseus e falsos prophetas não faltarão. A prova é tremenda!... Embora; cumpra-se a missão que voluntariamente nos impuzémos, sustentemos a santa Lei do Christianismo, que nos deu a liberdade; honremos a nossa patria.

Não cessemos de trabalhar pela instrucção do povo, previdencia efficaz contra todos os assaltos.

Neste paiz exhausto de protecções, onde os que mandam não teem curado da instrucção do povo tanto quanto devem, e podem; aqui, onde sciencias e artes brotam e prosperam milagrosamente, como em deserto sólo arvore proveitosa, nascida em terreno precioso mas sem cultor; é mister que o povo se associe buscando na propria civilisação a sua independencia.

Temos a consciencia de haver concorrido com todas as forças da melhor vontade para a grandiosa empreza em que superiores intelligencias tanto se teem empenhado (e sem auxilio estranho) *a instrucção, e moralisação dos povos.* Damos o testimunho fiel desta nação, e de nossos escriptos ha 16 annos. Seis dramas — quatro comedias — um poemetto — um romance — varias producções em verso e prosa (tudo original) impressas avulso e em diversos jornaes — tres periodicos fundados e redigidos por nós — temos outras obras inedictas e a biographia de nosso virtuoso pae, que, apesar de todos os obstaculos terrenos, ha de em breve apparecer (1).

A Crusada seja pois uma prova mais que atteste nossos bons desejos; prasá ao Céo que sejam comprehendidas as nossas intenções, e os erros do intendimento merecerão indulgencia.

Envolta em luto; o coração pungido por acerbas dores, pranteando tantos entes queridos ultimamente arrancados pela morte aos nossos braços; e soffrendo bastante o corpo e a alma, é preciso sentir muito amor por esta patria, para deixarmos de pensar em nós, e, sacrificando até interessos de familia, comparecermos a tomar parte em seus pesares e suas lidas... nem podiamos ser indifferentes a quanto lhe diz respeito. Sempre que entendermos que Portugal póde precisar do amor de seus filhos, ver-nos-hão a seu lado até onde nossas forças chegarem, nos empenharemos na lucta, seja qual for a sorte!

Não contámos com a vida, que sentimos fugir;

(1) Em 1844 escrevemos o nosso drama — Julia — Foi lido então pelo benemerito commendador padre José Jacintho Tavares, pela nossa illustrada artista sr.ª Tallassi; e démos noticia d'elle á nossa insigne artista sr.ª E. das Neves. Pouco depois foi lido tambem pelo nossu amigo e illustre collega Bordalo.

Mencionámos estas coisas para conhecimento dos estrangeiros que possam ler esta folha: para as portuguezas não é preciso lembral-as, e demais, o dia de uma inauguração é sempre solemne e cada qual deve aparecer com todas as suas distincções...

mas, em quanto esta durar, mostraremos que não recuámos na presença das hostes mais poderosas.

Deixando nossas lucubrações, ultimo testimunho do nosso amor por este paiz, e por nossos filhos; deixando tudo quanto nos afastava das lides jornalisticas, dedicâmos esta folha á nação portugueza.

A's damas offerecemos as columnas d'este jornal, e aos cavalheiros, que, por seus talentos e illustração, honram a nossa terra, pedimos tambem que nos auxiliem com a sua erudita collaboração.

A Cruzada não desmentirá o firme proposito que temos adoptado, conforme com os deveres da boa educação,: não admittirá injurias nem provocações, ignobil recurso da ignorancia ou descortezia. Respeitando as conveniencias sociaes: respeitaremos a situação dificil em que um passo inconsiderado collocou o paiz, e manifestando nossas opiniões, ou idéas, com a franqueza, já bem conhecida, do nosso caracter, saberemos respeitar as alheias; não havemos transpor as balisas marcadas pelas leis que nos regem, e garantem nossos direitos.

Religião — moral — instrucção — eis os direitos que sustentâmos e defendemos, com as armas do raciocinio.

A poesia — o romance — qualquer obra de litteratura amena, chronica, annuncios etc. preencherão os espaços de remanso, ou folguedo; que nas campanhas tambem os ha.

D. Antonia Gertrudes Pusich.

Com a seguinte poesia, que mandámos imprimir avulso, e distribuimos gratis, saudámos sua Magestade a rainha D. Estephania ao aportar a este reino. Transcrevemol-a nesta folha, e note-se que o pedido que então lhe dirigimos, e hoje renovamos, foi unicamente — *a instrucção do povo.*

HOMENAGEM

Quando em sons festivaes, pomposas galas,
Portugal Te sauda reverente;
Permitte que por Teu fausto consorcio
A Patria congratule — e Te saude!
E' solemne a homenagem que Te off'reço,
Por que é sincera, voluntaria e livre!
Impondo treguas a penosas lides,
Acudo ás vozes do geral contento
Que o espaço atrôa festejando a vinda
De uma Rainha, um Anjo de virtude!
Galas não visto, qual vesti outr'óra,
Da Sob'rana ao cortejo não pertenço;
E ao Anjo de bondade vou curvar-me!
Salve, Estefania!.. a fronte laureada,
Embora tinta em sangue dos espinhos,
(De lusos vates a divisa infausta-)
Ante a virtude respeitosa inclino;
E a homenagem Te offerto de meus votos;
De minhas affeições, puros incensos.
O Omnipotente Ser, que os astros, rege,
Rege a terra e os destinos dos humanos.
O berço, a vida, a tumba — estão marcados,
Por Mão do Creador suprema e sabia!
A Mão do Creador fadou Teus dias!
De bençãos mil cobriu Teu nascimento;
E no crescer dos annos mil virtudes,
Co' as luzes da razão aprimoradas,
Do manto Regio Te fizeram digna!
Parabens! Fulge a aurora de Teus dias!
Por consorte — um Rei sabio, virtuoso;
Por subditos — nação a mais briosa
E a mais fiel; se não inda a mais culta!
Mas Tu podes, Senhora, engrandecel-a!..
Eis dos encargos Teus o mais brilhante!..
Eis o teu capitolio!.. Eil-o o triumpho!
Volve as vistas!.. observa tantos entes
Sedentos de saber!.., abram-se as fontes,
Que a [illegible] saciar lhes podem!
Tu, virtuosa e sabia, Tu Rainha,
De um Monarcha illustrado Esposa chara,
Protege aquelles que saber anhelam,
E do saber carecem, por que á Patria
Possam servir, e honrar o Soberano
Teu Regio Esposo começou a empreza!..
Tu, Senhora, prosegue-a corajosa!..
Elle é Pae. Tu sê Mae beneficente!
Não te imploro por mim!.. trilhei caminho
Que o genio me apontou; e, só no mundo,
Luctei c'a tempestade em mar de escolhos;
Atravessei desertos espinhosos;
Cumpri alta missão!.. julguei cumpril-a!..
Julguei descanço ter proximo á campa;
Enganei-me!.. esta cruz, a cujo peso
Sinto estalar-me o coração no peito,
E o sangue em jorros misturar-se aos prantos,
Regando a terra que ha de sepultar-me;
Esta cruz... oh!.. não podes arrancar-m'a;
E' força que se cumpra!.. mas!.. quem sabe!..
Quem sabe se este dia, que aos teus dias
Descerra alto porvir, co' a chave d'oiro,
Signalado será por meus destinos!!.
Quem sabe!.. espesso véo cobre o mysterio!..
Sondar arcanos do porvir, quem ousa?!...
E o meu porvir, senhora, que Te importa?
Seja qual for, só compaixão Te inspire.
Não te invoco por mim, nem por meus filhos;
Invoco, pela Patria que Te adopta,
Alta beneficencia, e regio amparo.
Nada mais posso que pedir!.. lembral-a
No meio das angustias que me ancêam,
E' muito amor por ella; e mais ainda
E' grande confiança em Ti, Rainha!
Ah! perdôa, se em dia jubilôso,
Cingindo escuro manto, me aproximo
Ante o regio esplendor que Te circumda!
Qual sombra triste que entre os vivos passa
E pede uma oração, taes meus lamentos
Percorrem junto aos cantos e harmonias.
Mas não tenho outra vóz; e esta vem d'alma!
Os dias Teus mais puros, luminosos,
Hoje surgem, Rainha!.. o Céo Te escuda,
E de flôres Te junca o Solio Augusto!..
— *Qual esposa serás* Mãe venturosa!... —
Esta vóz é do Céo, e o Céo não mente!..
Ao Nome Teu de Portugal a historia
Padrões ha de erigir de eterna gloria!

D. Antonia Gertrudes Pusich.

PARABENS AO SR. D. FERNANDO

Rei!... Amigo!... Senhor!.. Tens mil festejos,
Pomposas galas, florescente c'rôa
E o magestoso som da artilharia
O Teu feliz Natal solemnisando!
Tens hymnos marciaes, tens o cortejo
Dos grandes que Te cercam, e Te buscam!...
Tens os incensos perfumando altares
Que o amor, a verdade, não frequentam
Rei, Amigo, Senhor, essa homenagem
E' devida ao Teu ser, á Magestade,
Mas tem maior Teu merito sublime!
Sim!... D'entre esse bulicio attende um brado
Que mais alto inda sôa do que as salvas.

Vicente de Paulo, que tantos serviços tem feito á humanidade; mas infelizmente neste nosso paiz tarde, e mui tarde, se imitam as boas acções dos estrangeiros, que, aliás, nos apressâmos a arrèmedar em tudo quanto é mau, ou menos preciso. Em Lisboa existe um pequeno hospicio de Irmãs da Caridade; mas qual é a sua sorte? soffrerem as mais duras privações, e até hoje nenhumas considerações, porque, se fossem lembradas e protegidas, ter-se-hia engrandecido o estabelecimento; e augmentado o numero das Irmãs da Caridade contariam os desgraçados com os soccorros e o tratamento nas enfermidades e na indigencia.

Quantas pessoas morrem, por falta de bom tratamento e cuidado em suas doenças; quantas, privadas até das consolações que só da religião podem receber! E porque? porque ou não têem familia e meios de se tratarem, ou muitas vezes têem familia que não sabe empregar os meios precisos, e assim perecem tantas pessoas que a Caridade salvaria da morte, ou, quando não podesse tanto, procuraria suavisar-lhes os ultimos instantes de uma vida temporal conduzindo no transito fatal á vida eterna essas almas que terminassem a sua peregrinação! Mizera humanidade! Vaes gastando a existencia consumida em fadigas e desgosto, ou estragada em delirios e desordenadas paixões; e não medes o curto espaço que dista do berço á sepultura! Cada instante que passa não vês que leva comsigo uma faisca do teu fogo vital?... que bem cedo se enfraquecerão teus membros, e n'um abatimento mortal cahirás no leito e logo depois no sepulchro?! As dores do corpo, a desesperação da alma quem as modificará? A Religião, a Caridade — e a religião e a caridade scintilam nessas devotas creaturas que, inspiradas por Deus, vivem só para gloria de Deus e proveito do proximo! essas para quem o vendaval é briza, os abrolhos são flores, e o relampago é um pharol, quando é mister affrontar os mais arduos perigos para voar em soccorro da humanidade opprimida, tendo por unica recompensa de seus serviços a eterna salvação.

Quizeramos ver auxiliada por todos os poderosos da terra esta grande instituição; que nossos dignos ecclesiasticos a promovam, que o povo a conheça; quizeramos ver em todos os estabelecimentos pios empregadas as Irmãs da Caridade, poupando tantos braços de homens que, podendo ser uteis na agricultura, commercio, lettras ou armas, occupam logares que não sabem desempenhar com o zelo, a Caridade, e o desinteresse que animam aquellas que servem por dedicação, e não por precisão, ou interesse.

Quizeramos por isso que se lhes destinassem meios bastantes á sua decente sustentação e independencia, e que todas as damas illustres désem o exemplo mostrando que preferem o honesto manto da Caridade a todos esses vãos ornamentos que o luxo inventa para fascinar os olhos, e damnar as almas. Que tambem fosse moda a Caridade, e aquelles que só para imitar os grandes a seguissem, bem depressa aprendèriam a seguil-a do coração.

O guerreiro ferido na batalha encontrará na Caridade um balsamo vivificador, o enfermo no hospital encontrará na piedosa enfermeira o alivio de seus padecimentos; a mãe que, no leito da morte se vê cercada de innocentes filhos, que não sabem, nem podem valer-lhe, será soccorrida por mãos piedosas, que virão suavisar seus males e amparar seus filhos; e finalmente o pobre que em sumida e misera habitação vae findar seus dias atormentado o corpo com privações, e a alma sem consolações, terá tudo quanto for preciso ao descanço do corpo, e á felicidade da alma!

Todos estes bens encontrâmos no santo instituto das Irmãs da Caridade; não devemos espaçar por mais tempo esta providencia, que chama nossas attenções, e merece que empreguemos para conseguil-a todas as nossas forças, e nos unâmos todos para ver estabelecida em todas as nossas provincias, e augmentada na côrte esta instituição, a mais util, a mais santa que se conhece e que eleva a mulher a sustentar com animo varonil as mais sublimes virtudes christãs.

O Ceu acolha nossos votos, e a terra attenda os nossos brados.»

(Beneficencia n.° 20, de 15 de agosto de 1853.)

(Continúa.)

D. A. G. Pusich.

AGRADECIMENTO

Aos nossos illustres collegas agradecemos cordalimente o cavalheirismo com que teem recommendado esta folha; e á Sr.ª Dine o seu artigo, que será publicado no seguinte numero; e pedimos á mesma Sr.ª desculpa de não ir neste, por estarem preenchidas as columnas do jornal, ao tempo que tivemos a satisfação de poder contar com a collaboração de uma dama que, por sua esclarecida razão e patrioticos sentimentos, honra Portugal, mas posto que julguemos justo o seu resentimento, pedimos licença para modificar algumas phrases por não ser esta folha politica.

NOTICIARIO

29 de outubro. — Anniversario natalicio d'El-Rei D. Fernando, do principe que, ao occupar o throno de Portugal, ao passar á vida de *particular*; que já *ambicionava*, foi sempre o mesmo homem — vivendo entre o povo, affavel para todos, captivando quantos teem a honra de fallar-lhe, protegendo os desgraçados, animando os artistas — emfim avassalando o coração dos povos da pátria que adoptára.

Eis por quê hoje o regosijo é geral.

O beija-mão esteve concorridissimo...

E comtudo essa prova é nada em proporção do que

poderia ser, se não fossem os privilegiados a classe unica a que é permittido aproximar se da magestade, nestes dias tão solemnes.

Mas a população de Lisboa, apesar do caracter pouco expansivo que nos distingue, vinga-se d'esse exclusivo. Nos theatros uma extraordinaria concurrencia attesta o regosijo publico.

Em S. CARLOS, houve uma enchente extraordinaria. SS. MM. estiveram até ao fim do espectaculo — *Traviata* pela 1.ª vez, e o baile *Zephyro e Flora*.

No ROCIO (theatro normal) grande concurrencia. — *Caridade na sombra*, bello drama, na verdade, cheio de moralidade e proprio, pelo seu titulo e pelo enredo, que lhe corresponde, para o espectaculo d'este dia; mas já está bastante visto.

RUA DOS CONDES — récita gratuita.

VARIEDADES — uma concurrencia extraordinaria. Não tendo a direcção podido conseguir dar n'este dia a nova magica, esforçou-se com tudo para distinguir-se neste dia de festejos ao soberano, que lhe concedeu, com seu subsidio, um auxilio valioso e, com a sua presença, animação áquella empresa nascente.

E nós que, aos 17 annos, dissemos

Fernando é nosso Rei protector nosso,
Ás artes, ás sciencias dando apreço.

é com indisivel prazer que registâmos estes factos, mal ousando memorar estes festejos em homenagem

Ao principe soberano
Que é nas artes tambem Rei.

Patriotismo. — No salão do theatro de D. Maria 2.ª houve hontem a reunião annunciada para tratar da fundação de novas escólas para a educação popular; mas escólas portuguezas, e em tudo á portugueza.

N'aquelle magestoso salão via-se a maioria dos nossos jornalistas, e homens de todas as idades, jerarchias e partidos, reunidos com aquelle intuito altamente nacional, congratularem mutuamente para se encontrarem na estrada do verdadeiro progresso e da independencia, que nunca poderam nem poderão existir e perdurar, sem base — a ILLUSTRAÇÃO.

Aquella reunião tomou um caracter, assumiu um aspecto, ante o qual por certo se curvaria respeitoso todo aquelle que sabe comprehender o que é o amor da patria, o brio d'ma nação, o espirito d'um povo ennobrecido por gloriosas tradicções de cavalheirosa valentia, como quando

C'os nossos fica a palma da victoria
E as damas vencedoras e com gloria.
(CAMÕES, C. 6.º — E. 42.)

As damas inglezas, offendidas por seus compatriotas, recorreram aos portuguezes, e nelles encontraram estrenuos defensores do poder dos seus encantos.

Como, pois, seria possivel olharem os portuguezes d'hoje com indifferença a humilhação das damas portuguezas — as nossas educadoras — sem reagir contra uma tão pretenciosa e tresloucada ousadia?

Bem haja aquelle de quem partiu o pensamento inicial d'aquella reunião. Viram-no coroado d'um brilhante resultado.

Uma grande concurrencia affluiu ao salão, reinando sempre a maior ordem.

O sr. Tullio (secretario) apresentando os estatutos da Associação promotora da educação popular, que já tem duas escólas estabelecidas, e é lembrada para nucleo da projectada empresa, deu provas de que a nossa instrucção cada vez se vae desenvolvendo mais, e que agora se tende á união de todos os esforços, para desenvolver a instrucção do povo.

O sr. Marreca, expandindo com enthusiasmo proprio, não da sua idade mas de juventude, o amor da patria que lhe vigora o coração, apresentou um vivificante appello patriotico.

O sr. Guimarães apresentou umas bases para o desenvolvimento do pensamento original d'aquella reunião. E' um trabalho que não poderá deixar de ser considerado quando se trate de tornar este grande pensamento um facto para o paiz.

O sr. Sant'Anna e Vasconcellos usou tambem da palavra para apresentar suas judiciosas reflexões.

O sr. Aires de Sá, irmão do nosso ministro da marinha, entrou no positivo — tratou de meios. Apoiado. Acreditâmos que os capitalistas não se recusarão a ajudar esta empreza tão patriotica.

A sr.ª D. Marianna da Fonseca Dine, authora dos artigos do *Portuguez* e *Federação*, apresentou a sua felicitação por escripto mostrando que aquelle passo não ficára desapercebido para as damas portuguezas.

O sr. A. Herculano com a sua voz authorisada descerrou os arcanos da historia, e traçou, com mão de mestre, o caracter dos portuguezes, a rigidez dos seus principios, as vantagens das suas instituições... a belleza da sua moral pura, e do seu proceder, mais honesto e mais cauto do que o d'aquelles que pretendem ensinal-os.

Demonstrou além d'isto que não tinhamos necessidade de quem viesse doutrinar-nos porque pelo passado e pelo presente temos nós os portuguezes bastante para ensinar...

O sr. Vieira da Silva mostrou quanto póde a nossa juventude quando a anima o amor da patria, a dedicação ao trabalho.

O sr. coronel G. Le Covreux mostrou que o seu sangue de portuguez lhe fazia ainda palpitar um coração joven nos estimulos, no vigor e na dedicação ao rei e á patria.

A sr.ª D. Antonia Pusich, redactora d'esta folha, lembrando a offerta que por duas vezes fizera a differentes ministerios para fundar e dirigir gratuitamente uma caza de ensino — offerta que renovou — e felicitando a patria *que parecia reviver*, demonstrou que ainda ha portuguezas corajosas e patriotas, capazes de dedicarem á patria, em proveito da géração nascente, os seus estudos e seus teres.

E finalmente o sr. conego Alves Martins prestando-se a presidir áquella reunião, provou: como deputado, que os eleitos do povo não desdenham vir ao seio d'elle para animal-o, quando reunido para um fim tão patriotico e, como sacerdote, que no clero portuguez ha membros illustrados, e dotados d'um verdadeiro espirito d'ordem e conciliação; não precisando nós de padres estrangeiros que, com a *pretenção de civilisar-nos*, não vêem apresentar-nos exemplos de moralidade publica.

Apresentou-se finalmente uma lista para a grande commissão provisoria — folgámos d'ouvir alguns nomes, e intendemos que no dia da eleição da commissão definitiva algumas modificações se hão de apresentar.

Educação popular. — A Associação promotora da educação popular, que está definitivamente constituida, e já tem feito bastante a favor da instrucção, vencendo mil obstaculos, terá na sexta-feira proxima, ás 8 horas da noite, uma reunião geral no salão do theatro de D. Maria para tratar assumptos importantes.

E' de esperar que a concurrencia seja grande.

Para o seguinte numero informaremos do que alli se passar.

A.

EXPEDIENTE

A publicação será quinzenal

Assigna-se: no escriptorio da redacção, rua Formosa n.º 6 — 1.º andar, e nas livrarias dos srs. Lavado, rua Augusta; Robin e Ferin, rua nova do Almada; Silva, Rocio; Centro Commercial, Chiado; Baptista, aos Paulistas.

PREÇO

Para os srs. assignantes cada numero 40 réis avulso 50 rs.

LISBOA: — IMPRENSA UNIÃO-TYPOGRAPHICA
Rua dos Calafates, 113

1858 15 DE NOVEMBRO NUMERO 2

A CRUZADA

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

Proprietaria e redactora — D. A. G. Pusch



SAUDOSA RECORDAÇÃO

Cinco annos ha que Portugal se vestiu de luto; e toda esta briosa, fidelissima nação com intimo pezar chorou a morte da rainha virtuosa, a esposa, e mãe exemplar, a senhora D. Maria II!

Cinco annos ha, que sua fronte augusta, livre do espinhoso diadema, repousa no tumulo; e sua alma excelsa gosa a brilhante corôa com que o Altissimo premêa a virtude no seio da eterna paz!

O tempo não consome dôr sincera; por isso, tributando lagrimas e orações á memoria da augusta finada, acompanhâmos com este povo contristado, os reaes consorte, filhos, e parentes, em seu justissimo desgosto, neste dia de saudosa recordação.

IRMÃS DA CARIDADE

Viviamos em paz desde as ultimas contendas de irmãos terminadas ha sete annos, como terminaram todas as outras que menos fataes e duradouras seriam se nos deixassem a sós questionar; porque o negocio era o mais simples... *questão de nomes*... e estas contendas de familia sempre se aggravam com a intervenção dos estranhos.

Viviamos em paz, e o genio mau, que persegue os bons, invejoso da nossa felicidade, fez rebentar do abysmo uma lava infernal, e cobriu a terra de luto!...

A *cholera morbus* — *a febre amarella*, foram as electricas porções d'aquelle diabolico vulcão; e a nossa fé redobrou!!... com a vista e o coração em Deus implorámos a sua misericordia infinita. Soccorrendo nossos irmãos enfermos, unindo-nos com o mais estreito abraço de fraternidade e prestando os maiores serviços da caridade mais pura aos pobres e aos afflictos — o rei e o povo, o rico e o pobre, eram todos irmãos, porque todos eram christãos e portuguezes!!... Quem poderá recordar aquelle tempo, e não sentir os olhos inundarem-se de pranto, e o coração inflammar-se do mais nobre enthusiasmo?!... prazo votado ás victimas dos terriveis flagellos, enthusiasmo pela nação a que temos a gloria de pertencer!

Quadro sublime de religião e caridade!... nenhuma nação das mis cultas póde apresentar-te ao universo com tão vivas côres!... nenhuma!... E' que Deus Sabio «comprehensivel em Seus Designios,» consentiu que sobre nós desfechassem as iras infernaes para nos fazer triumphar com maior gloria, no meio dos mais duros combates!

O Altissimo viu nossas preces; e o flagello cessou, a horrida tempestade calou-se, purificaram-se os ares! sol com seus luminosos raios veiu dissipar as trevas, e fertilisar a terra! nós, offertando acções de graças ao Eterno, entoámos o — *Te Deum Laudamus!*»

Viviamos em paz!... Descançando apenas de nossas fadigas, pousávamos á sombra dos cypreste, onde plantavos uma saudade regada com piedosas lagrimas de amor e compaixão por nossos irmãos que viam alli o somno extremo. Não dormia, porém, genio destruidor!... não, que elle só de sangue e pranto se nutre!...

A' peste succede a guerra! tremenda voz echoou nos infernos; e, por modo astucioso, eis derramada em Portugal a pessonha fatal!... o germem da discordia eil-o apparece, e toma fórmas da virtude que mais resplandeceu neste reino a — *Caridade*.

Pobres irmãs!... filhas do céo!... virgens innocentes mal pensastes que serieis o instrumento com o inimigo da paz nos tentou perturbar!... não, pois vós jámais se erguerão nossos clamores; vós tendes feito altos serviços á humanidade, nós

os confessamos (Vide a Beneficencia n.º 46 — 2.ª serie) quando fostes á *Criméa*; sim por que foi um triumpho para o christianismo a vossa entrada em terras infieis — alli careciam de luz os mahometanos, e de caridade os feridos; mas nós não precisâmos de vós; e todavia de vós não nos queixamos; fostes chamadas, voastes a cumprir a vossa missão — confiastes em quem vos chamou — não sois culpadas; nós vos lamentamos e respeitamos porém sustentâmos a dignidade da nossa patria como vós sustentarieis a da vossa. A nossa contenda não é, pois, contra as *Irmãs da Caridade*; é contra a sua desnecessaria e inconveniente introducção neste reino; contra as idéas antipatrioticas e offensivas.

Estamos, pois, na deffensiva; e, lançando mão dos factos como arma poderosa da verdade, que os contrarios não podem impugnar, entramos na questão.

Em 1853, invocámos em favor das Irmãs da Caridade *portuguezas*, as attenções do governo e de todo o paiz; — implorámos compaixão aos grandes e poderosos da terra, para aquellas victimas resignadas, como haviamos pedido já por mais de uma vez, em 1849 a 1850, pelas religiosas que n'este reino gemem encarceradas e esquecidas!... Erguem-se os santuarios como respeitosos mauzoleus, que tantos despojos encerram; e os vivos que, por divertimento ou devoção, passeiam os cimiterios dedicando aos mortos as lagrimas, as flôres, as lapides sepulchraes, e mil outras demonstrações de affecto, acatamento e saudade, percorrem as ruas, as praças, as cidades, as villas, onde a seus olhos se offerecem tantos monumentos grandiosos destinados á clausura das virgens consagradas aos altares, e indifferentes passam e não se lembram de quem soffre alli o mais custoso martyrio!

A' excepção de poucas almas caridosas, quem vae levar ás pobres freirinhas os precisos soccorros?... Ninguem!... nem os governos que decretaram a queda ou abolição dos conventos providenciaram ainda com efficacia e caridade sobre os destinos das pobres religiosas, que podiam e desejavam ser uteis á sociedade, honrando e servindo a Deus como Elle ordemna e nós havemos mister! Deplorando os destinos d'essas martyres, accusando o criminoso olvido a que as teem condemnado, não temos de sentir o remorso opprimir-nos a consciencia, porque fizemos quanto estava ao nosso alcance! Bradámos a todos os ouvidos, e até dirigimos ao rei um manifesto lhe supplicámos seu alto favor em beneficio dos desvalidos, e das religiosas pobres sendo pelas de Lorvão os nossos ultimos rogos. Ai d'ellas... que os nossos desejos eram fortes, e a nossa voz mui fraca para ser ouvida!... Justo é confessar porém, que não aconteceu assim quando foi ministro dos ecclesiasticos o sr. Felix Pereira de Magalhães, por quanto foram promptas as providencias que pedimos ácerca dos conventos de St.ª Martha e St.ª Joanna (Vide Assembléa Litteraria n.ºs 37, 38 e 40 da 1.ª serie).

Em o numero antecedente d'esta folha transcrevemos o primeiro artigo da Beneficencia n.º 20 — 1.ª serie; e hoje continuâmos com o segundo artigo sobre o mesmo assumpto; servindo estes documentos, e outros que a seu tempo e em ordem apresentarêmos, de baze ao nosso rasteiro, debil discurso quanto ás formulas — alto, robusto, quanto á essencia.

D. A. G. Pusich.

Em o n.º 20 d'esta folha dissemos alguma cousa ácerca das vantagens que á sociedade offerece a santa instituição das Irmãs da Caridade, tão desconhecida ainda n'este paiz; alguma cousa diremos agora para provar que o pequeno estabelecimento de Irmãs da Caridade que temos em Lisboa não está inteiramente conforme com a sua instituição.

O fim principal a que se destinam, e para que foram creadas as Irmãs da Caridade é — tratar os enfermos — e como podem essas infelizes creaturas perder noites á cabeceira dos doentes, cuidar n'elles como caridosas enfermeiras, e dirigir-lhes palavras de fé e religiosa conformidade, se ellas gastam a propria existencia em continuos jejuns, e rigorosissimas penitencias, enfraquecendo por tal modo o corpo e o espirito, que só por milagre da infinita misericordia de Deus poderão bem desempenhar a sua missão! Sacrificios taes excedem os preceitos divinos, e por isso não podem ser do agrado de Deus, pois tendem á destruição da propria vida cuja conservação o Senhor nos ordena; e causa damno ao proximo, privando-o dos soccorros de que a humanidade afflicta carece, e que mal podem ser administrados por quem todos os dias consome em sacrificios as forças vitaes, que tão precizas são a quem tem de as empregar em auxilio dos enfermos!

A confissão e communhão todos os dias purifica a alma; porém a caridade tambem a purifica; e quando para acudir a um doente deixasse de se confessar um dia a Irmã da Caridade, que fosse chamada com urgencia, Deus não a olharia com menos agrado.

Temos uma crença tão intima, temos tão arraigada n'alma a Santa Religião do Cruxificado, que todos os esforços da impiedade não podem fazer-nos vacillar; (disto provas temos dado, e não pequenas....) mas quizeramos que esta Religião a mais pura, a mais santa, e a unica verdadeira, porque é obra de Deus e não dos homens, fosse comprehendida por todo o Universo; porém infelizmente ainda a ignoram até muitos que a seguem. E d'essa fatal ignorancia quantos damnos tem resultado ao mundo!... Mas ao menos aquelles que tem de ser mestres estudem-a primeiro, estudem até comprehendel-a, antes de passarem á ensinal-a; que assim fizeram os Apostolos sendo primeiro Discipulos.

Sabemos tambem que se tem tirado algumas Irmãs da Caridade para diversos pontos, fazendo grande falta na capital, porque são muito poucas as que temos, e de que vivirão as infelizes?... de esmollas como já aqui precisam para sustentar a mesquinha existencia?... Parece-nos que este estabelecimento carece de grande attenção. Não conhecemos o reverendo padre que actualmente o dirige, e estamos convencidas que ha de ser de muita virtude, aliás não teria sido collocado naquelle emprego; mas talvez idade, molestias, ou falta de propenção para encargos tão difficeis, o impossibilitem de realizar seus bons desejos; porque não basta ser bom para saber bem dirigir os outros. Conheciamos porém o ill.mo sr. Manuel Joaquim Bandeira Emaus, que antes dirigia aquelle estabelecimento, e sentimos que, talvez por seus muitos afazeres, não continuasse, pois o sr. Emaus, além de ser um de nossos mais dignos ecclesiasticos, é um dos homens de maior instrucção que temos; une o saber á christandade; conhece em toda a extensão a caridade evangelica, porém tendo a seu cargo não só as obrigações de prior de uma grande freguezia (a de S. José), mas tambem a direcção de seis estabelecimentos de amparo e educação, por isso não poderá accummular mais trabalhos. Damos os parabens áquelles estabelecimentos que estão sujeitos á sua sabia direcção; e louvamos tão acertada nomeação.

Desejamos pois que as Irmãs da Caridade, em Portugal, sejam como nos outros paizes onde tão sublime instituição prospera; que aquelles que as dirigem as instruam de todos os seus deveres, e além da caridade christã que é sua primeira obrigação, estimariamos vel-as applicar-se a alguns conhecimentos physicos, para serem perfeitas enfermeiras; que para este fim se lhes faleutem os estudos convenientes, e se destinem sufficientes meios á sua decente sustentação.

(Beneficencia n.° 22 1.ª serie.)

D. A. G. Pusich.

D. VASCO DA GAMA

Dedicando sinceros e justos louvores á Camara Municipal de Lisboa, pela proposta do sr. J. de O. Pimentel, seu digno prezidente, ácêrca de um *Campo Elysio*, destinado ás cinzas dos homens illustres da nossa terra; lembrou-nos accrescentar aos nomes *de Camões, Garrett, Fylinto e Silvestre Pinheiro*, mencionados no acreditado jornal *Rei e Ordem*, o de *D. Vasco da Gama*, para com elle tambem se inaugurar aquelle sagrado recinto; e promettemos transcrever nesta folha um requerimento que por nosso intermedio foi enviado a el-rei, e publicado na *beneficencia*. Eil-o:

« Senhor! Ante Vossa Magestade vem o mais humilde de seus subditos a pedir a solução de uma divida, um monumento, de que esta terra é devedora para com os restos mortaes de D. Vasco da Gama!

A memoria de Newton, e de Nelson, Senhor, é transmittida na Gram-Bretanha ás gerações futuras em inconsumptos padrões: as cinzas de D. Vasco da Gama, jazem olvidadas em pobre e mesquinha sepultura, no solitario presbiterio onde a mão impia dos homens profanou a paz dos tumulos.

A Providencia, Senhor, deu-nos um Rei amante da justiça, da verdade e da illustração. O virtuoso Principe que felizmente rege os destinos desta Nação, pasmo e admiração das côrtes mais cultas, de certo tomará na sua elevada consideração o voto ardente d'aquelles que nutrem sentimentos de respeito e devoção pelo seu Rei e por esta terra de tão grandiosas recordações; que imploram á Providencia que conserve a preciosa vida de Vossa Magestade, e de toda a real familia, por dilatissimos annos, como os bons portuguezes desejam e hão mister.

Beija a mão de Vossa Magestade, Senhor, o mais humilde subdito.

Lisboa 23 de setembro de 1855.

(Assignado) Francisco Raphael da Paz Furtado. »

Sua Magestade não desattendeu, nem esqueceu, por certo, esta supplica tão patriotica, mas infelizmente as coisas tem corrido de maneira que D. Vasco da Gama não tem um monumento destinado a guardar seus ossos!... Parece impossivel!... Aquelle heroe a quem tanto á Patria deve! que basta proferir o seu nome para que seus feitos immortaes revivam na memoria dos homens!... .. que basta lançarmos as vistas ao longo d'esses mares, ou d'esses mappas; — eleval-as ao palacio do nosso Rei D. Fernando em Cintra, ... tantos padrões gloriosos, e indeleveis da patria gloriada, para que sua memoria seja acatada, não só pelos portuguezes, mas tambem pelos estrangeiros, porque todos o admiram! Onde estão ellas, essas venerandas reliquias?!!... Onde?!!... Oh! vergonha!....

Que sejam trasladados quanto antes, e um nobre pensamento mostre á posteridade unidos na terra, como estão na eternidade o heroe e o seu cantor!....

D. A. G. Pusich.

A' Saudosa Memoria de minha irmã, D. Anna Izabel Pusich Stockler (1), fallecida em 5 de setembro de 1857 do terrivel flagello que opprimiu Lisboa.

ULTIMO ADEUS FRATERNAL

Dir parea « s'apre il ciel iovado in pace. »

Torquato Tasso (Jerus.).

Dormes querida irmã, somno profundo,
Serena a fronte, dormes e sorris!...
Dorme, dorme, que os vendavaes do mundo
Não vem quebrar o somno teu feliz!

(1) Aliás baroneza da Villa da Praia, se infelizes contendas civis não tivessem trocado um titulo por um exilio!...

As vigilias não mais, nem mais os prantos
Hão de cançar magoando os olhos teus!...
D'esses, que possuias mil encantos,
Vivem sómente os que sagraste a Deus!

Niveas mãos delicadas, que souberam
Tão doces harmonias extrahir!...
De marmore parecem!... mas poderam
Os sons deixar nos ôcos do sentir!...

Não ouves, minha irmã?... não me respondes?...
Não te movem meus prantos fraternaes?...
Espirito onde estás?... onde te escondes?...
Vagas nas regiões celestiaes?!...

Não despertas jámais do mundo ás vozes,
De ventura falaz rota a illusão!..
Os sonhos teus fugiram-te velozes!...
Mas... acordas no céo!.. não dormes... não!...

Não dormes!... o cadaver desce ao nada!...
Era porção terrena, e terra é já!...
Teu desterro findou!... na patria amada
Livre tu' alma venturosa está!

Lá vês, ouves, e sentes, mas não temes
Das tempestades o feroz bramir!...
A's dôres dó passado alli não gemes;
Gloria e luz, teu prezente, é teu porvir!...

No mar tempestuoso d'esta vida
Luctaste, quando misero baixel;
E succumbiste á furia desabrida
De improviso tufão, onda cruel!...

Foi duro, mas foi rapido esse transe!...
Nas trevas do naufragio, em tanto horror,
Um pensamento só doirou-te o lance?...
Tiveste a luz!... tiveste o salvador!...

A luminosa estrolla foi Maria!...
A mão que te amparou foi de Jesus!...
Invocaste-os nas sombras da agonia,
Depozeste a seus pés a enorme cruz!... (2)

Agora, oh! sim!... respira, exulta e gosa!...
Mas não te esqueça quem deixaste aqui
Em mais longo soffrer — irmã saudosa!...
Ora por mim, quanto roguei por ti!..,

Adeus!... vae descançar, irmã querida!
Sóme no occaso da existencia a luz:
Que mais viva renasce n'outra vida
Onde é estrella Maria — o sól Jesus!

D. A. G. Pusich.

(2) Nos ultimos instantes de vida pediu uma oração e dizendo — Vamos — n'um sorriso espirou! Era o sórriso celestial de religiosa conformidade no martyrio.

SONHO

—

Sonhei que a sombra invocava
Do grande Pedro immortal,
E pelo seu Portugal
D'esta sorte lhe bradava:

«Ergue oh! sombra gloriosa
O teu braço desarmado!
De Portugal malfadado,
Pune a sorte desastrosa!

Olha tantos liberaes
Os teus decretos rasgando!
E do povo espesinhando
Os direitos nacionaes!...

Vem vel-os!... ao portuguez
Odio votando o mais forte!...
Salva, a despeito da morte,
O triste povo, outra vez!...

Tira a pressão do estrangeiro
Na tua patria offendida!
Disperta sombra querida,
Do teu somno derradeiro!

Pedro Quarto, eia, não durmas,
Dos mortos deixa a mansão;
Não durmas, que esta nação,
No mesmo somno sepultas!

Este é o mesmo Portugal
De Affonso o Conquistador,
Temos brios, e ainda amor
A' nossa terra natal!...

Eis que o phantasma real
Da campa fria se ergueu
E pelas ruas correu
Do seu velho portugal!!...

Aos regios paços chegou,
E pela esposa adorada
A sua voz tão maguada
Distinctamente bradou!...

.....
.....
.....
.....

.....
.....
.....
.....

(1)

Oh! que é mais forte a saudade
Dos mortos na sepultura!...
Aos vivos foge — não dura
A lembrança da amizade!

Frades! frades estrangeiros,
Querem hoje os liberaes,
Que para os bens nacionaes
Foram no voto os primeiros?!...

Não tiveram caridade
Para manter a existencia,
A'quelles que á indigencia
Condemnaram sem piedade!...

E ver aqui as francezas
Como irmãs da caridade!
Quando achei tal bondade
Nas almas das portuguezas!..

E nisto não fallou mais!...
O palacio precorrende,
Nas mãos o rosto escondendo,
Parece-lhe ouviram ais!!

(1) Contando com o parentesco e amisade que nos liga á auctora destes versos, aproveitando a liberdade que nos tem franqueado: suprimos duas estrophes porque se referiam á assignatura de S. Magestade Imperial, a quem dedicamos sincera affeição, respeito e gratidão, por isso sempre que possamos, sem trair nossos deveres para com o paiz, nos desviaremos d'este ponto assás melindroso (Nota da redactora).

Assim lá vae caminhando
Para a mansão sepulchral
O nobre espectro real ;
Julgam todos, vae orando !..

Acordei... irmãos valor !
Resignados esperae,
Que por nós orando vae,
Dom Pedro o Libertador. (2)

D. Antonia Luiza Cabral e Teive.

Diz-se vulgarmente que Deus escreve direito por linhas tortas.

A verdade d'esta maxima está na importação das irmãs da caridade !

Quando se faria justiça a essas senhoras que estavam habilitadas para ensinar, e que foram desconsideradas e despedidas dos collegios em que eram mestras ; quando olhariam os pais com attenção para a necessidade de mandar instruir suas filhas ; e quando se levantaria uma voz geral para promover a instrucção, e fazer-nos sair da apathia em que viviamos, se não fosse o insulto escandaloso que nos fizeram, apresentando-nos as irmãs francezas como modelos ?

Muitas vezes, de grandes males, resultam grandes bens. E' este um d'esses casos, se as mulheres portuguezas quizerem aproveitar a occasião que se lhes offerece.

Não basta só que os homens nos defendam e elogiem ; é preciso que as mulheres mostrem com factos que elles dizem a verdade, e que as portuguezas não são tão estupidas como as proclamaram.

A exm.ª sr.ª D. Antonia Pusich arvorou o seu estandarte — *A Cruzada* — O pensamento é nobre, é sublime ! Todas as senhoras, verdadeiramente portuguezas, deverão alistar-se sob esta bandeira, lembrando-se de que a união faz a força, e que, reunindo-se uma ou outra vez, e discutindo as verdadeiras bases da educação, poderão não só ser uteis a si, mostrando que a mulher não é fraca por lhe faltar a intelligencia, mas sim por lhe faltar a instrucção ; mas até contribuir poderosamente para que, fortificada a mocidade com solidos principios, fiquem as gérações futuras inexpugnaveis aos tramas jesuiticos, que, para attingir o seu fim, se têem servido quasi sempre dos espiritos fracos e da pouca illustração do povo.

As professoras andaram mal em se não apresentarem nesta questão, reclamando os seus direitos ; não foi de certo por falta de razão, nem de talento que o não fizeram ; mas sim por uma mal entendida modestia. E' preciso que se convençam de que, assim como a demasiada prudencia degenera em covardia, da mesma sorte a modestia levada a excesso póde degenerar em pusilanimidade.

O governo, querendo fazer a justiça devida, lavrou o decreto de 3 de setembro, e depois a portaria de 10 do mesmo mez em que nomeou uma commissão para estudar a questão, e em que ordenou a retirada das irmãs francezas do ensino publico : foi uma reparação tardia, e insufficiente, com a qual as professoras se não devem dar por satisfeitas ; a reparação é preciso que seja, se não superior, ao menos egual ao insulto.

E' preciso que assentem, por uma vez, no que é religião, e o que deve constituir as bases da educação ; qual será mais util ao progresso ; se dar á infancia mestras que saibam o que é sociedade, e que por conseguinte lhes ensinem as maximas do Legislador Sublime. — Dae a Deus o que é de Deus, e a Cezar o que é de Cezar — ou mulheres hypocritas, e fanatisadas pelos confessores que lhes imbuem uma religião erronea, e maximas contrarias á liberdade do paiz. E' preciso que o governo empregue a sua attenção sobre um assumpto de tanta importancia, e que elaborem uma lei clara : desta fórma, as mestras ou regentes, saberão as habilitações que precisam, e as condições a que têem de satisfazer ; o que evitará a repetição das scenas ridiculas que se têem passado, como o despedir dos collegios senhoras, umas porque vestiam na moda, e outras por ninharias ainda mais irrisorias. As professoras precisam garantias, para poder conservar a sua dignidade ; precisam pois uma lei clara, que lhes conceda o direito de se defenderem quando forem accusadas ; e que não possam ser despedidas sem serem ouvidas, julgadas, e provados os seus crimes ou defeitos.

Marianna Candida da Fonseca Dinne.

---

(2) A auctora destes versos é uma sr.ª liberal das mais exaltadas ; filha do tenente coronel do real corpo de engenheiros Diogo de Teive Cabral e Vasconcellos o qual tendo soffrido uma longa prisão no tempo do sr. D. Miguel de Bragança, aggravados por tal motivo os seus padecimentos morreu pouco depois de restituido á liberdade, mas sua viuva ainda está esperando pela pensão que lhe compete.

A EXISTENCIA

(*Continuação.*)

Detestando a fraqueza individual, que o obrigava á dependencia, em breve o homem prezou demasiadamente a força, tornando-se por abuso d'ella infractor do mutuo auxilio.

Alliados contra o forte os fracos que elle despojára, acharam por arma o ardil, e eil-os por isso ainda infractores do mutuo auxilio.

Sempiternos combates entre o ardil e a força acarretaram a necessidade d'estipendiar quem os julgasse ; d'est'arte privado de occuppar-se na propria sustentação,

Eis o primeiro homem ocioso por necessidade ; eis o primeiro magistrado, na pessoa do qual a instrucção (1), a justiça e a incorruptibilidade foram indispensaveis.

Dos estipendios, a necessidade de tributos e de dinheiro publico, e de quem, egualmente estipendiado, o administre.

(1) Erudimini qui judicatis terram. Psal. 2.º 10.

Complicada a ordem social e os deveres de cada homem, muitos e miudos preceitos se tornaram necessarios: nasceu pois a *Jurisprudencia*.

Considerado o temor um degráu para o respeito, deu-se aos legisladores exclusivamente a força; e eis a sociedade sem meios de cohibir um legislador, quando ambicioso e unico forte no mundo; experimentando as terriveis consequencias d'um formidavel dilema; e, ou pela anarchia ou pela tyrannia, conduzida á escravidão!

Fortes pelo numero e pela união os escravisados em breve reagiram appellando para a extensão da terra, e d'ahi colonias, cidades, legislações e imperios surgiram diversos, dissidentes e inimigos, espalhados por toda a face da terra!

Mas o dilema terrivel, qual a sombra segue o corpo, tal seguiu elle até aos confins da terra todo a reunião de homens, como seguirá toda a sociedade até ás regiões do possivel.

Assim pois por toda a parte se espalharam as dissidencias, e se multiplicaram as desgraças.

Creando em cada commodo uma garantia d'estabilidade, o homem civilisado achou difficil a emigração, e, impossibilitado de reagir; curvou submisso a cerviz perante os tyrannos da terra.

Mas a razão e a consciencia — essas duas altivas princezas, que, como acastelladas residem no corpo humano, livres por essencia, incoagiveis por natureza, revoltaram-se contra a injustiça, fazendo entrever aos homens, já então pela desgraça poetas, mais justo do que o presente, um mundo futuro, conquistavel pela morte, e presidido por Deus.

Voar d'este valle de lagrimas a essa mansão de pureza; eis pois o sonho ardente do escravo civilisado.

Desde então precisou morrer e... matou-se: Eis o SUICIDIO.

Que fica pois sendo a morte na opinião do suicida?

A porta d'uma jaula, suppomos nós.

Mas... que fica sendo o suicidio aos olhos da razão?

Uma defecção á natureza, asseverâmos nós.

Passâmos a demonstral-o.

(*Continúa.*)

A. ALCOFORADO.

A PRIMEIRA LAGRIMA.

(*Traduzido de Lamartine*)

«.... Baume d'une blessure, rosée d'un cœur, parmis d'une fleur sépulcrale. Il n'y manquait que le nom de Graziella. Je l'y encadrerais dans une strophe, s'il y avait ici — bas un cristal assez pur pour renfermer cette larme, ce souvenir, ce nom.!»

(*Confidences*).

Na sonóra plaga onde o mar de Sorrento róla suas azuladas ondas, e beija o fragil tronco da laranjeira, que enebria o ambiente com seu aroma; jaz, mesmo junto ao tortuoso caminho, sob a odorifera sébe, uma pedra mesquinha, estreita, indifrente aos distraídos passos do estrangeiro.

Do triste goivo a viçosa haste occulta um nome; nome, pelo echo inda não repetido! A's vezes, porém, o viandante pára, lendo a idade e data ahi recordadas, separando a custo o elevado musgo da campa; e sentindo de seus olhos as lagrimas correr, diz: «Tinha dezeseis annos!... quão cedo a fouce da morte ceifou esta flôr!»

.....

Mas porque recordar o passado? Deixêmos ao vento os seus gemidos; e o murmurar ás vagas; volvei, sim, volvei oh meus tristes pensamentos! Meditar quero e não chorar!

.....

«Dezeseis annos!» Sim dezeseis annos! e nunca um' rosto mais bello brilhou n'essa feliz quadra da vida; e jámais a doçura deste voluptuoso clima, animou olhar mais ardente! Eu só a vejo, tal como o pensamento, n'alma onde nada morre, tão viva a deixou. Viva! como n'essa hora em que, seus olhos sobre os meus, começando sobre as tranquillas aguas, nossas primeiras palavras, os negros cabellos soltos á viração da tarde, a sombra da vela oscillante sobre as coloridas faces; attenta escutava o canto melancolico do nocturno pescador. Da pura brisa aspirando a frescura, ella me mostrava lá no céo a Lua, como uma flôr da noute, de que o brilhante alvôr, se reproduz nas argenteas ondas; e me dizia: «Porque tudo é tão formoso nos céos e em mim? Nunca esses diaphanos campos semeados de tantas chamas; nunca essas arêas d'ouro onde vão expirar as vagas, esses montes de que as cristas se perdem no longiquo horisonte, esses golfos coroados pela viçosa folhagem de silenciosos bosques, essas mil luzes na costa distante, essas harmonias sobre o mar; nunca, digo eu, sim nunca como esta noute as imaginei tão bellas! Em meu coração algum astro formoso, por ventura raiou? E tu, ingrato, dizme; a estas noutes tão bellas, sem mim as da tua patria te similharião?» — Depois volvendo a sua mãe, junto de nós sentada, um triste olhar, reclinava-lhe no cóllo a encantadora fronte.

.....

Mas porque recordar o passado? Deixêmos ao vento os seus gemidos, e o murmurar ás vagas; volvei, sim volvei oh meus tristes pensamentos! Meditar quero e não chorar!

.....

Como o seu olhar era puro e os seus labios virginaes! Como seus olhos inundávam os meus de ventura! — O bello lago de Némi, que jámais zephyro ondéa, tem menos transparencia e limpidez! — Dest'alma os pensamentos, ind'antes de formados, ao rosto volviam; suas palpebras nunca, sobre seus olhos baixos, occultavam essas vistas tão cheias d'innocencia e pudôr; os pesares inda não tinham sulcado esta fronte, tudo folgava na doude-

jante virgem: e esse terno sorriso, que mais tarde sobre a bocca com tristeza expira, em seus labios entre-abertos, de continuo pendente estava — como o puro iris sobre o scintillante horisonte! — Nem uma sombra se crusava n'este rosto angelical — qual ether sem nuvens que o fulgurante raio fende! — Seus passos languidos, pausados, indicisos, fluctuavam como a vaga livre onde a luz oscilla; ou ligeiros voavam sem na terra pousar, e a voz argentina — é echo limpido e puro da alma infantil — harmonia d'aquella alma onde tudo parecia cantar — arrebatava até o ambiente que a sentia elevar-se!

.....

Mas porque recordar o passado? Deixae ao vento os seus gemidos, e o murmurar ás vagas; volvei, sim volvei, oh meus tristes pensamentos! Meditar quero e não chorar!

.....

Minha imagem em seu coração se gravou primeiro, como nos olhos que se abrem, da manhã a luz; nada mais vio apoz esse dia; na hora em que amou, o seu universo foi o amor! Confundia-me com a sua propria existencia, via tudo em minh'alma, e eu fazia parte desse mundo encantado, que tanto atrahia suas vistas! — da felicidade da terra e da esp'ança dos céos!... — Já não pensava no tempo, na distancia; o momento só, absorvia todo o seu viver, junto de mim seu coração não tinha saudades, uma noute d'esses bellos dias era todo o futuro! Confiava na doce natureza que alegre nos sorria, na oração pura que despunha, com o pensamento cheio de ventura e não d'angustias, sobre o altar que ella tanto gostava de ornar com suas flôres: e conduzindo-me pela mão té ao portico do Templo, como innocente infante eu a seguia, e sua voz me dizia de mansinho: « Ora commigo! pois não comprehendo o céo mesmo sem ti! »

.....

Mas porque recordar o passado? Deixae ao vento os seus gemidos, e o murmurar ás vagas; volvei, sim volvei, oh meus tristes pensamentos! Meditar quero e não chorar!

.....

Imaginae em seu leito as aguas de uma viva nascente rodearem, como um lago, as estreitas margens que as contém, asues e argenteas, ao abrigo do vento que rapido corre, e do raio ardente que as podia seccar! — Um alvo cysne mollemente balouçado sobre a limpida corrente, mergulhando seu cóllo que reveste a mais fina penugem, orna sem o manchar o liquido espelho; ahi se reclina ao brando zephyro, á hora sublime do crepusculo: mas se, tomando o vôo para novas nascentes, bate as trémulas ondas com suas humidas asas; o céo se offusca no seio da cristalina agua que se turva; a plumagem em abundantes flócos ahi cahe e a mancha; como se o voraz abutre, inimigo da sua raça, tivera sobre o liquido elemento tentado dár-lhe a morte; e o azul brilhante d'esse lago encantado, já não é mais do que uma onda obscura onde a arêa subio!

Assim, quando eu parti, tudo vibrou n'essa alma; o raio extinguiu-se, e a sua muribunda chamma subio ao céo para não mais voltar. Ella não esperava um segundo futuro, não decahio da duvida na esp'rança, e não disputou sua vida ao soffrimento; bebeu d'um só trago a taça da dôr; na primeira lagrima affogou seu coração! E como a ave, menos pura e menos formosa do que ella; que, ao aproximar da noute, para repousar, se acouta sob a asa: ella se concentrou n'um mudo desespero, e adormeceu tambem, mas ai! mui antes da noute!...

.....

Mas porque recordar o passado? Deixêmos ao vento os seus gemidos, e o murmurar ás vagas; volvei, sim volvei, oh meus tristes pensamentos! Meditar quero e não chorar!

.....

Quinze annos ha já que descança sob a fria terra, e o pranto não rega o seu derradeiro asylo; o rapido olvido — segundo lençol do finado — d'herva cobrio o trilho que á sua campa condusia; ninguem visita já essa lousa, ninguem ahi pensa... ninguem ahi chora!... eu só; quando, revolvendo a corrente de meus dias passados, medito no intimo do coração, n'aquelles que a morte roubou, e com os olhos fitos sobre tão charas recordações, chóro no meu céo tantas estrellas extinctas! Ella foi a primeira; e a sua doce lúz, d'um raio piedoso e triste illumina meu coração ainda!

.....

Mas porque recordar o passado? Deixae ao vento os seus gemidos, e o murmurar ás vagas; volvei, sim volvei, oh meus tristes pensamentos! meditar quero e não chorar!

.....

Um arbusto espinhoso de pálida verdura, é o simples monumento que lhe elevou a natureza; batido pelo vento do mar, pelo sol calcinado, como um pesar funebre arreigado ao coração, elle vive no rochedo sem lhe fazer sombra: o pó do caminho alveja sua triste folhagem; arrasta-se junto da terra, onde seus ramos pendentes de continuo são cortados pelo cabrito silvestre; uma flôr, na primavera, como um flóco de neve ahi se suspende um dia ou dois; mas o vento que a assalta, a desfolha antes que tenha expandido o seu perfume — como a vida antes que tenha encantado o coração! — Uma ave de ternura e melancolia ahi pousa para cantar, sobre a debil haste que dóbra! Oh! diz, flôr que a vida fez tão cedo murchar, não ha uma terra onde tudo reflorece?

.....

Volvei, volvei horas passadas! vossas tristes recordações me ajudão a suspirar! ide onde vae

minh'alma? ide, oh meu pensamento?.. O coração estala... quero chorar!!

***

NOTICIARIO

Ao collega da Revolução de Setembro: — E' bastante para agradecer o ter o collega noticiado o apparecimento da *Cruzada*, manifestando tão bons desejos sobre a chegada á Palestina com innumeros *legionarios*. Acceitando, pois, o agradecimento permitta dizer-lhe:

Quanto á *Cruzada* — seja ou não limitada a quantidade dos *legionarios*, mas abone-os a qualidade; que esta modesta cruzada chegará, como firmemente espera, á sua Palestina, apezar dos ventos contrarios.

P'ra conhecer portuguezes
E' tental-os com revezes.

disse o nosso Palmeirim em um d'aquelles rasgos patrioticos que o caracterizam. E por si o collega sabe quanto vale uma vontade firme, quando, só, tem podido neste campo mais do que muitos *leginarios*.

Agora quanto ao noticiario da *Cruzada*, se, como acreditâmos, desejava auxiliar esta empreza, era mais prudente não publicar nosso nome — é elle assás humilde e desconhecido, porque não costumâmos avental-o ao mundo, advertindo que, se firmámos o noticiario com uma das nossas iniciaes, foi porque, em uma das noticias, se fallava na sr.ª que redige esta folha, a quem não podêmos — bem o sabe o collega — recusar nosso fraco auxilio, apezar de para estes commettimentos nos reconhecermos o mais incompetentes pela tristissima convicção de que a boça *noticiaristica*, se existe é em nós emperceptivel (como bem se podia ajuisar pelos resultados).

Entretanto não julgue o collega que, por esta fórma, queremos declinar a responsabilidade do que escrevemos.

Ja em 1852 — na Justiça — dissemos o que se segue:

« Continuaremos a guardar o *incognito*, como no nosso folhetim antecedentemente, não para nos tornarmos irresponsaveis pelo que escrevemos; mas tão sómente porque, conscio do pouco que sabemos, é sempre com receio que emittimos as nossas ideas. »

E este será o nosso credo em quanto andarmos por cá por estes mundos estranhos para nós, e tão estranhos como a Lua o havia de ser para os que lá foram.

E é verdade nestes mundos já não ha sol — aquelle *astro* rei, centro luminoso, que a todos dava calor e luz eclipsou-se. Em fim Tulio abdicou — o systema desorganisou-se: são tempos calamitosos... falta-nos o grande mestre — fatalidade! A.

COLLEGIO 1.º DE AGOSTO. — Honras ao digno director, aos professores e aos bons alumnos do collegio 1.º de Agosto, estabelecido na rua de St.º Antonio á Estrella n.º 29, pelos vantajosos resultados que tem colhido de seus louvaveis esforços: eis os nomes dos alumnos approvados no lycêo e escola polytechnica em outubro de 1858.

No lycêo foram approvados em instrucção primaria. Alfredo Carlos d'Azevedo Basto 12 annos. Camillo José dos Santos Junior 12 annos. Augusto Heliodoro Soares 8 annos. Frederico Augusto Ferreira Barboza 14 annos. Joaquim Mendes de Passos 13 annos. José Ferreira Alvito Junior 17 annos. Julio Heliodoro Soares 10 annos. Manuel Teixeira Basto 13 annos. Na Polytechnica foi approvado José Placido da Silva Villar 14 annos em desenho linear.

O Director
A. J. B. Hentze.

Ainda esperâmos com a maior satisfação mencionar outro nome de um seu alumno que apenas conta 8 para 9 annos, e tendo tido gosto de o ver e ouvir, com admiravel progresso em seus estudos.

E' certo que a natureza o dotou do grande talento e feliz memoria; mas tambem sabemos que muito para o seu aproveitamento tem concorrido a boa direcção do collegio.

Este menino é Antonio Carlos do Valle.

(*A Redactora.*)

TREMOR. — Eis uma descripção. Repousando ainda na cama, e portanto impossibilitado d'evitar a acção das ruinas que o terremoto podesse fazer, puchâmos pelo relogio para apreciar a duração do abalo. Eis os resultados que obtivemos. — O relogio marcava 7.h — 28' — e de 6 a 9." — ao principio do tremôr. Então, primeiro debeis e depois crescentes e repetidos abalos se fizeram sentir sempre na mesma direcção S. SE. a N. NO. quando afinal — cerca de 15." a 18." depois se sentiu um forte impulso seguido, com intervallo de 4.", de outro mais forte, continuando depois com a mesma intensidade impulsos mais frequentes durando 16" a 18."

Cêrca de 5' depois ainda as casas cambaleavam, mas cremol-o resultado da violencia do ultimo impulso.

Somma dos impulsos fracos..... 7 a 8.
» dos impulsos fórtes..... 12.

Não podemos bem atinar com a direcção do ultimo impulso forte, pareceu-nos porém que não era a mesma.

A. L. ALCOFORADO.

Esta noticia é dada pelo sr. A. L. Alcoforado. Quem de perto conhecer este cavalheiro, fará de certo a justiça de o accreditar; e não admirará que o seu inalteravel *sangue frio*, natural ou systematico, tocando ás vezes o ostoicismo, lhe consentisse, no meio do geral terror, observar o que os mais sentiram!... E todavia confessâmos que se por systema elle adoptou uma tal phylosophia, n'isso prova o seu talento, reconhecendo o methodo melhor de encarar o mundo — Tambem na probidade — é inabalavel!...

(*A Redactora.*)

BOA NOVA A NOSSOS LEITORES

Do terceiro numero desta folha em diante, offerecere-mos a nossos leitores um bello folhetim theatral, escripto em italiano, para mais grata variedade, e instrucção em uma lingua tão suave e harmoniosa; e por termos correspondencia com alguns jornaes estrangeiros dos mais acreditados, dos quaes tanscreveremos tambem as noticias que forem mais interessantes: o nome do folhetim se revelará para o seguinte numero: foi uma excellente aquisição, por quanto á sua instrucção reune o ser muito cavalheiro e por sua delicadeza mui competente para escrever n'um jornal de senhoras.

EXPEDIENTE

A publicação será quinzenal

Assigna-se: no escriptorio da redacção, rua Formosa n.º 6 — 1.º andar, e nas livrarias dos srs. Lavado, rua Augusta; Robin e Ferin, rua nova do Almada; Silva, Rocio; Centro Commercial, Chiado; Baptista, aos Paulistas.

PREÇO

Para os srs. assignantes cada numero 40 réis avulso 50 rs.

LISBOA: — IMPRENSA UNIÃO-TYPOGRAPHICA

Rua dos Calafates, 113

1858 15 DE DEZEMBRO NUMERO 5

A CRUZADA

JORNAL RELIGIOSO E LITTERARIO

Proprietaria e redactora — D. A. G. Pusich

IRMÃS DA CARIDADE

Desde que o tremendo impulso das revoluções politicas, e o terrivel sôpro do vendaval das adversidades accordou, e accendeu o fogo do genio que o Altissimo nos concedeu e a educação havia abafado; até hoje são passados desaseis annos, que ousando empunhar a penna, já no campo da politica, já no da litteratura, não temos escripto *uma só palavra* que ainda levemente se podesse julgar em menoscabo da santa religião que professamos, e do paiz a que pertencemos. Desafiamos quem diga o contrario e não receamos que levantem a luva para o provar; como nós a erguemos para desaffrontar a dignidade nacional tão offendida na actualidade por alguns estrangeirados ou illudidos e tão cavalheirosamente sustentada por verdadeiros portuguezes!...

Este precedente garante a nossa posição.

Ao abrigo de qualquer suspeita desfavoravel, podemos pois entrar na lucta, com a franqueza, verdade e independencia, que nos tem caracterisado sempre, e, esperamos em Deus, ha de acompanhar-nos até ao derradeiro alento vital!

Transcrevendo nos dois primeiros numeros desta folha os artigos que publicamos em jornal nosso — *A Beneficencia* — no anno de 1853, authenticamos nossos serviços e sentimentos em favor das *irmãs de caridade*, anhellando ver engrandecido em Portugal aquelle util estabelecimento, augmentando-se o numero das nossas irmãs, firmando-se-lhes decente sustentação, e collocando a dirigil-as um geral virtuoso e sabio, como por exemplo démos o nosso illustre desembargador Emaús, que tiraram d'aquelle merecido logar para o fazerem substituir por outro religioso menos competente, por quanto pelo seu fanatismo immolava á força de abstinencia, jejuns, e penitencias aquellas victimas resignadas!... (seria isto comprehender a pura, salutar, e benefica religião do Cruxificado?!...)

Para augmentar o numero das irmãs de caridade, aqui, não precisavamos de estrangeiras, tinhamos em Portugal muitas mulheres devotas que o quereriam ser, se vissem que podiam servir a Deus e, uteis ao proximo, encontrar na congregação de S. Vicente de Paula um refugio santo conforme em tudo o alto pensamento do fundador, que não outhorgou á França o privilegio exclusivo de arrogar-se os direitos de centro de estabilidade.

Para dirigir as nossas *irmãs de caridade* não careciamos de padres estrangeiros; tinhamos em Portugal dignos ecclesiasticos que soubessem comprehender os deveres, as conveniencias, e finalmente aquella instituição em toda a sua plenitude, tão bem como elles, senão melhor, attendendo a que eram nacionaes e por isso mais habilitados a conhecer as necessidades, a indole, os costumes do povo, circunstancias muito, e sempre attendiveis.

Para ensinar as creanças portuguezas não necessitamos de estrangeiras, temos em Portugal muitas senhoras que sabem tanto ou mais do que essas que de fóra vieram, ignorantes da nossa lingua, de nossos costumes, e sem previamente se haverem habilitado n'um concurso, seguindo as praticas do paiz para onde vinham, e a cujas leis deviam ficar sujeitas pelo facto de serem mestras:

Para nos instruir na religião de nossos paes, e no cumprimento de nossos deveres sociaes, menos podiam crer-se competentes as irmãs da caridade francezas, e os padres lazaristas; por quanto esta nação fidelissima desde os primeiros tempos da fundação da sua monarchia, tem visto as épocas mais calamitosas, turbulentas ou revolucionarias; e os seculos passando a tem saudado, e admirado a sua inabalavel fidelidade e adhesão á santa lei do Cruxificado, e a nossos monarchas; em quanto essa França *modelo* derribava as imagens sagradas, profanando os altares, guilhotinando os seus ministros, decapitando reis!!!... Portugal não imitou, as atrocidades deste paiz que mencionámos por exemplo, com factos historicos, por que para exemplo nos foi offerecido; nem imitará jámais nação alguma que aberrando de seus bons principios, calque suas mais santas crenças.

Sem descer ás personalidades, sem rancores de partido, e guardando as devidas conveniencias, assentaremos a nossa questão nestes quatro pontos cardiaes.

D. A. G. Pusich.

CONGRATULAÇÃO PATRIOTICA

Eis aqui a mulher superior como sabe apreciar, engrandecer, e coroar os bons desejos de uma sua compatriota! Occultar uma das maiores distincções que podia galardoar nossos pequenos serviços, fôra modestia, mas fôra privar o publico de um exemplo tão nobre que deve causar orgulho a esta nação, vendo como se congratulam, e abraçam, as damas portuguezas quando se trata de honrar a sua patria!

A sr.ª Canuto, nossa illustre poetisa, e eximia professora tem ganho um nome glorioso por seus talentos como escriptora, e por seus relevantes serviços no ensino publico, dedicando seus dias á instrucção da infancia desvalida, e tambem de pessoas de maior edade, sem outra recompensa álem d'aquella que resulta a uma alma generosa de suas boas acções: tem sentido as dôres, da espinhosa missão, e superiores a suas fadigas no cumprimento do nobre encargo que exerce, só o podem ser a sua coragem, e a gloria do seu triumpho!...

Vejam os incredulos se Portugal tem ou não mulheres capazes de ensinar não só as creanças em Portugal, mas ainda as que pretenderem ser mestras! e animando suas compatriotas a proseguir na mais difficil carreira?

Abraçando grata e cordialmente a nossa amiga pedimos licença para transcrever o mimoso periodo da carta que teve a bondade de nos dirigir ultimamente; e uma breve noticia do muito que lhe deve este paiz. (*A Redactora.*)

§ «Felicito-a pelo apparecimento da sua *Cruzada*, que se ostenta altiva e bella, como as matronas da antiga religião Druidica, como as primeiras matronas do christianismo!

Toda a utilidade d'essa publicação é para o publico; para vós só ficam os incommodos, e os cuidados que esses trabalhos trazem comsigo. Entretanto, no fim está a gloria; as homenagens; o campo Elysio.»

Relatorio da mestra regia das Mercês, a s. ex.ª o sr. commissario do governo, pelo methodo portuguez, no reino e ilhas.

Illm.º e exm.º sr.

Outra vez convoca v. ex.ª em torno de si os professores do seu methodo de ensino. Que posso eu dizer, em favor d'esse evangelho de civilisação, que melhor o não hajam dito mais atilados escriptores? Que vale o meu testimunho, perante o testimunho authentico e solemne, de tantos professores de Portugal e Brazil, decididos e illustrados apostolos do ensino philosophico e humanitario de v. ex.ª?

Todavia, v. ex.ª ordena.

Resumirei, pois, em rapida collecção de apontamentos, o que póde e o que vale o methodo de v. ex.ª

Oito annos de aturada practica, a aprovação regia, descendo, como uma corôa, sobre meus pobres serviços, e o diploma que, com o grau de sua examinadora, me conferiu o nobre conselho de direcção das casas de asylo da infancia desvalida; tudo me auctorisa a conservar o meu posto junto «á bandeira da regeneração escolar.»

Officios dirigidos a Sua Magestade Fidelissima, pelo conselho superior de instrucção publica.

(EXCERPTOS)

30 de setembro de 1851

... O sr. dr. Antonio Feliciano de Castilho..... está professando o seu novo methodo de ensino repentino. Nas minhas raras visitas á sua escóla, tenho notado, com enthusiasmo, o pasmoso desenvolvimento das intelligencias infantis, que alli se cultivam. E uma bem fundada emulação me faz desejar ardentemente que Vossa Magestade, pelo conselho superior de instrucção publica, e para credito de seu governo, haja por bem dirigir em publica utilidade os talentos e as felizes disposições deste habil perceptor encarregando-o da educação dos professores contemporaneos, e generalisando a adopção de um methodo de ensino, que tão proficuo se apresenta.

30 de setembro de 1852

Em meu officio do anno proximo passado tive a honra de lembrar a Vossa Magestade, por este superior conselho, o fundador da leitura repentina, dr. Antonio Feliciano de Castilho, como exemplar dos professores: e expressei um voto ardente para que o governo de Vossa Magestade houvesse por bem submetter a este habil perceptor a educação dos professores contemporaneos, a fim de se generalisar o methodo por elle inventado.

Este voto foi, talvez unicamente meu; e por isso muito humilde para ser attendido por Vossa Magestade.

Entretanto, Sua Magestade Imperial, a Senhora Duqueza de Bragança, acaba de justificar a minha espontanea e sincera declaração, mandando admittir o methodo de ensino repentino em todos os asylos de infancia desvalida. O nobre e illustrado exemplo de Sua Magestade Imperial, pareceu-me que podia ser tomado como uma permissão official, e a datar de 15 de julho proximo preterito em diante, aboli o antigo systema, e instaurei o novo do sr. Castilho.

O resultado, Senhora, tem excedido minha expectativa: no espaço de dois mezes e meio aqui tenho creanças, de 4 a 6 annos de edade, conhecendo perfeitamente as lettras com todos os seus valores simplices e compostos, a numeração e pontuação, lendo e escrevendo qualquer palavra facil que se lhes propõe na pedra!

Assim, Senhora, espero que a minha resolução mereça a approvação de Vossa Magestade, pelo conselho superior de instrucção publica, etc.

24 de setembro de 1857,

Senhor!.. ... O funccionario publico, conscio dos seus deveres, e que por elles se tem sacrificado, falla sempre verdade ao Chefe do Estado.

O extenso panorama de um mappa de duzentos e onze nomes deve parecer mui lisongeiro ao nobre conselho superior de instrucção publica.....

A' minha escóla... affluiam alumnos de ambos os sexos das freguezias circumvisinhas — S. Mamede, S. José, Encarnação, Santa Catharina, Santos, Lapa e Santa Isabel. Rapazes de 9 a 10 annos de edade, vinham, das escólas masculinas para esta, colhêr aqui a instrucção que além nunca se lhes deparára!

O credito da escóla crescia de dia em dia; as entradas eram continuas; e eu, pobre mulher, com uma ajudante movel, e mal estipendiada, não podia reger cento e tantas creanças, cuja maioria trazia a educação das infimas classes, turbulenta e pessima!

E um dia toda a secção masculina foi despedida! As mães tentaram demover-me: algumas o conseguiram, apresentando-se munidas com cartas de recommendação, a que não podia esquivar-me:

Que importa que o governo de Vossa Magestade tenha ramificado o ensino primario, creando novas cadeiras? Em quanto essa creação assentar sobre as bases fracas e viciosas que existem, nada mais se haverá feito que ramificar os ergástulos para mestres e discipulos!

Operam-se revoluções admiraveis em toda a superficie do globo; aperfeiçoam-se as artes e as sciencias; e o ensino primario, e a sorte de seus professores, estaciona!...

Os altos poderes do Estado teem dormido o somno da inercia sobre os verdadeiros interesses da instrucção primaria!

Que Vossa Magestade, pelo conselho superior de instrucção publica, se digne desterrar para longe de nós esse somno funebre, que inutilisa a dedicação dos professores, e a intelligencia dos pobres:

Deus guarde a Vossa Magestade, aula regia das Mercês, em 24 de setembro de 1857.

A mestra regia

Maria José da Silva Canuto.

INSTRUCÇÃO POPULAR

A Associação Promotora da educação popular teve uma reunião geral no salão do theatro de D. Maria II — a 5 do mez de novembro proximo findo. Todos os jornaes publicaram noticias do que alli se passou; e não nos consta que houvesse um só que referisse um caso digno de attenção, em todo o tempo, e muito mais agora em que não se podem relevar omissões que tendam a escurecer por qualquer forma o merito de alguma dama portugueza! Dizendo o sr. Castilho que o pensamento d'aquella Associação não era seu, mas sim dos srs. Mendes e Silveira Lopes, *que foram os fundadores*, custou-nos tanto ver que nem um só dos membros d'aquella Associação levantou a voz para, honrando a memoria d'uma sr.ª portugueza, dar a cada um o que lhe pertence, que ao descer da galeria onde estavamos, e encontrando o sr. P.e Sargedas, lhe pedimos que se reparasse aquella falta, ao que elle promptamente annuiu, pedindo a palavra, e declarando que o alto pensamento d'aquella instituição foi da esposa do sr. Mendes, a qual morrendo deixou os fundos e os encargos a seu marido para a organisação das escólas de ensino popular. Era uma sr.ª portugueza, dotada de brilhantes virtudes, de tão grande caridade e patriotismo, que merece os louvores e eterno reconhecimento deste povo.

As portuguezas quando não têm instrucção tem desejos de a haver e transmittil-a. O sr. Mendes, Silveira Lopes, o sr. prior Tavares, e outros cavalheiros ampliando aquella idéa engrandeceram e consolidaram a associação, dando-lhe maior vulto, atrahindo notabilidades a associar-se: não sabemos se assim fleava comprehendido o pensamento da fundadora, que talvez quizesse que homens do povo, honrados, ricos e intelligentes, que os ha, fossem preferidos para compôr a direcção; entretanto o sr. Castilho tão popular, como sempre se mostrou, foi uma excellente escolha para presidente; e o nobre duque de Saldanha que tambem se tem popularisado em differentes épocas, foi uma das melhores acquisições d'aquella Associação, pois não consentirá que em tempo algum ella se *aristocratize*, e possa perder as sympathias do povo.

Quanto ao sr. prior Tavares, cabe-lhe o mais alto louvor, e depois da fundadora e de seu honrado marido, é a elle que pertence a gloria maior pelo que tem feito em favor d'aquella Associação, aproveitando a sua justa influencia na sua freguezia, e na estima das altas personagens que protegem a Associação, para prestar um serviço dos maiores, e o mais preciso á esta nação, qual é a instrucção do povo.

Pareceu-nos muito bem que o sr. Mendes declarasse que a Associação não se creou para o *methodo portuguez repentino*, mas que este se adoptára como de mais prompto resultado: entretanto que podiam ensinar por outro e ficava livre a escolha; para se conhecerem as preferencias é preciso estabelecerem-se as comparações; e como o nosso fim é instruir, ensine cada qual pelo melhor modo que sonber.

Tambem estimamos ver que o sr. Mendes se lembrou de fundar um collegio para instrucção de meninas, e deixe á terra do seu berço (Aldegalega) um legado tão util. Honra lhe seja feita.

O sr. A. R. Sampayo tambem propoz uma medida, que a nosso ver é muito conveniente ao povo e á Associação, e é a de serem mandados alguns alumnos para differentes escólas, pagos pela Associação, por isso que este processo é mais facil e menos despendioso, do que a creação de novas casas de ensino onde pelo menos se despendem 300:000 rs. annuaes.

O sr. J. F. Rodrigues advogando a causa das damas portuguezas; disse mais que tendo o governo uma escóla normal com a qual despendia conservando-a fechada (!...) porque razão a Associação não requeria ao governo que mandasse abrir essa escóla?

O sr. Luiz Filippe Leite pediu a palavra e sobre este e outros assumptos discorreu com o seu juizo prudencial de modo que a todos agradou por suas maneiras delicadas, não servindo pessoas, mas sim o paiz.

O sr. Tullio com o seu reconhecido talento orou sobre diversos pontos, usaram da palavra outros srs.; porém desenvolveu-se tamanha confusão que a sessão levantou ficando muitos projectos adiados.

Actualmente estão nomeadas quatro commissões nos differentes districtos; e como se trata de mandar alumnos para diversos collegios, pedimos licença para observar o seguinte:

A sr.ª D. Maria José da Silva Canuto — mestra regia que reune á sua exemplar moralidade grande instrucção e superior talento, deve ser a primeira a quem se convide para acceitar no seu estabelecimento algumas meninas, pagas pela Associação, e contâmos que esta sr.ª que tão grandiosos serviços já tem prestado á sua patria, posto que esteja fatigadissima de tão arduo emprego que tão desveladamente exerce, e deva estar desgostosa da ingratidão com que até ao presente se tem correspondido aos mais louvaveis esforços, em que o physico e moral tanto soffreu; não deixará de se promptificar a este importante serviço feito ás suas compatriotas, e esperamos que a patria não lhe será ingrata!...

Para ensinar com o methodo antigo, conhecemos outras sr.as de merito, e dignas de toda a contemplação, de quem daremos noticia quando convier.

POESIA

A MINHA TRANÇA

Minha trança tão querida
Quando foste guarnecida
Por joias de alto valor!
Longa, subtil, aloirada,
Foste em versos descantada,
Formaste grilhões de amor!

Hoje aos golpes da tesoura
Cahiste, não já tão loura
Que a edade te escureceu;
E á mistura entrelaçados
Alguns fios prateados;
Que a magoa os encaneceu:

Vae gosar maior ventura
Do que essa vã que fulgura,
Luz de ephemero clarão:
Teus grilhões verdadeiros,
Que os outros são passageiros
Duram só uma estação.

Vae no peito de meus filhos
Ostentar mais puros brilhos,
Mais ditosa apparecer:
Vae recordar santos laços,
Das minhas filhas nos braços;
Seu nobre adorno vae ser.

Vae descançar pois em breve
Hão de brancos como a neve
Os teus filhos assomar.
Já argentinos e ufanos
No tempo em que os soberanos,
Vem á prata o valor dar.

Eil-os já!... os meus cabellos,
Póde a angustia convertel-os
Em alva côr de cristal!
Methamorphose ou portento,
De sublime sentimento,
Da ternura maternal!

Vi gemer filho querido; (1)
Já da morte o braço erguido
Sobre a innocente cerviz!...
Do meu sentir á violencia
Ia fugir-me a existencia,
Mas o Céo valer-me quiz!

Graças, meu Deus, que me ouviste
N'essas horas em que triste
A' tua Cruz me abracei;
E lembrei nos meus clamores
Da Mãe Tua acerbas dores
A que minha dor ligúei!

Meus filhos! ah! possa eu vêl-os,
Que esses nevados cabellos
Hão de ser tropheus da Cruz!
Não os trouxeram os annos,
Porém sim os desenganos
Que nos vem mostrar a luz.

Aos filhos a trança escura
Creada em tanta ventura
E cortada em tanta dôr!
E' memoria desses prantos,
Fadigas, disvellos tantos
Que dei ao materno amor.

E a Ti, meu Deus, pois quizeste
Inspirar-me ardor celeste,
Meu porvir pertencerá;
Sem nuvens erguida a fronte,
Possa encarar o horisonte
Onde a aurora alvejará.

Que essa luz já me alvorece
N'esta fronte, e reverdece
Estes louros que são Teus.
Uma voz!... oh! suavidade,
Brada além na eternidade,
Serve a patria!... adora a Deus.»

D. A. G. PUSICH.

(1) O meu filho mais novo, Antonio Pusich (hoje alumno do real collegio militar) cahiu de uma janella, altura de segundo andar, e sobre terra calçada, em dia de S. Bartholomeu 1851, escapou milagrosamente, ficando sem lesão alguma, e continuou a gosar perfeita saude; é dotado de admiravel robustez. O menino tornando a si da queda fez um voto ao Senhor dos Passos (devoção sua especial) e eu a Nossa Senhora das Dôres. Com este incidente soffri um choque tão violento, que á força de terriveis dores de cabeça embranqueceram parte dos meus cabellos, repentinamente. Foi então que cortei a minha trança, e fiz estes versos.

A EXISTENCIA

(*Continuação*)

Desde que o mutuo auxilio se tornou axioma fundamental, mais não póde o homem, sem directa offensa do genero humano, *destruir* ou *deixar de produzir* alguma coisa.

Taes casos, desde demasiado longe talvez, os precaveram as antigas legislações, e, ainda por suspeita em qualquer d'elles incurso, foi o homem declarado réo d'um crime social.

Assim a má construcção d'uma casa, a liberdade d'um touro etc. foram entre os hebreus — crimes capitaes. (1) O desabamento d'uma casa, ou a marrada d'um touro podiam *destruir* a vida de um ou muitos homens.

O ocioso foi entre os egypcios punido pela morte — o celibatario era infame entre os hebreus e em Sparta: — porque um é outro *deixavam de produzir*.

Ré de qualquer crime capital não morria, em quanto gravida, a mulher no Egypto — essa morte *destruia* a futura existencia d'um homem.

A mendicidade era infame em Roma — o mendigo *deixava de produzir*, etc.

Todas as legislações podéramos citar, seria não acabar o fazel-o.

Eis pois todos os seculos, todas as nações e todos os codigos (2) olhae-os... stygmatizam os delictos de *destruição* e *improducção* como crimes de *lesa sociedade*.

De que maneira esperaes que elles olhem o rebelde, réo d'esses crimes de *lesa sociedade* — o SUICIDA?.. Ides sabel-o.

Folheae o Codigo Egypcio... O filho do suicida não podia mostrar a sepultura nem o cadaver de seu pae: o corpo do suicida pertencia á exemplificação publica. Privado da mão direita lá fôra arrastado pelas ruas de transito publico, e o mar lhe servíra de sepultura! Assim o obrigava a lei a ser util á sociedade destinando-o a pasto dos peixes que deviam servir á sustentação dos homens.

Vede o Codigo Spartiata. — *Os homens pertencem á républica*, vos diz elle no começo. E não seria esta maxima aqui exarada para impedir que se julgasse o homem propriedade de si mesmo? Fundamentadamente o suppomos,

Mas é aqui dispensavel a auctoridade onde basta a razão.

Por Deus impellido para a existencia pelo facto da creação, o homem, parece que influenciado o espirito pela inercia da materia, tendeu necessariamente á conservação.

Fôra-lhe na creação ordenada a existencia, e, por esse facto, entre vida e morte prohibida a opção.

E o homem, o homem primitivo, comprehendeu este preceito da lei natural; recebeu a vida como estado necessario, e empenhou-se em conserval-a. Reconhecendo-se fraco para o conseguir, associou-se.

Mais tarde quando para conservar a sua vida aggredio a dos outros, monopolysando para si todas as commodidades; o tyranno ouviu implorante ou reagente a voz dos despojados, e respondeu-lhe com o abandono, fuga ou muitas vezes o desprezo!!!

Desde então o homem, quando despojado e desprezado por um tyranno em resposta á genuflexão recebeu um sarcasmo; mais não concebeu *mutuo auxilio* e *amor do proximo* praticaveis no mundo — e eil-o que, transviada a razão, — mediu pelo tyranno a sociedade, e foi ingrato — receando sarcasmos, recusou pedir e foi orgulhoso — abandonando a sociedade, recusou auxilial-a e foi avaro — e, desobedecendo a si, á creação e a Deus, foi rebelde: e — eis o suicida, réo de *lesa humanidade*, *lesa divindade* e *lesa sociedade*, de *destruição improducção* e *rebellião* conjuctamente culpado, marcando no seu delicto a meta da criminalidade imaginavel!!!...

Quão fallivel é a razão humana!!!...

A. L. ALCOFORADO.

(*Continúa.*)

(1) Vid. Ces. Cantu — Hist. Univ. — Tom. 1 — Jos. — Antiq. Judaiq. etc.

(2) Lata e eruditamente vem a este respeito tratadas as legislações antigas, por mr. de Pastoret — Hist. de la legislation, por Ces. Cantu — Hist. Univ., por Voltaire — Philos. de l'Hist., por Larch. — Supplem. à la Philos. de l'Hist. etc.

Folgamos ao vêr que o sr. José Julio de Carvalho, filho de um honrado portuguez, joven de 18 annos, sabe aproveitar o talento de que é dotado reunindo a suas bellas qualidades moraes o gosto pelas lettras. Este primeiro ensaio parece-nos de feliz agouro; deve ser animado; e ter coragem para proseguir.

A'quelle que emprehende a espinhosa mas brilhante peregrinação litteraria é preciso muito valor; mas não deve recuar ante os innumeros *terrenos* obstaculos que se lhe oppõem, por quanto:

A maneira de os vencermos
E' sempre seguir — seguir.

(*A Redactora.*)

HOMEM

Le sage est celui qui examine, et qui juge.
(LINNÉ)

Entrando no mar procelloso que se denomina *mundo*, achas-te immediatamente cercado pela maior parte de hypocritas e falsos amigos, que te arrastarão por seus perniciosos conselhos, á estrada do vicio, se não seguires os que a tua sãa razão te sugerir, e aquelles que os bons amigos te apontarem. Os máos evitar-te-hão que caminhes pela senda da virtude que te conduziria ao fim a que te propozeste logo que vieste habitar o mesmo mundo.

O fim a que te propozeste foi admirar e contemplar a natureza; porém não com aquella curiosidade louca, com que a maior parte de teus irmãos a contemplam e observam: uns, não tendo mais intelligencia do que para procurar as com-



